O Evangelho de Sri Ramakrishna

Mahendranath Gupta

•

Swami Nikhilananda

•

Tradução: Leda Marina Bevilacqua Leal

O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por M. (Mahendranath Gupta)
(Um discípulo direto de Sri Ramakrishna)

Introdução Biográfica e Tradução para o Inglês
De Swami Nikhilananda

Sumário

0 Prefácio **1**

0.1 Referências e Agradecimentos 2

I Introdução à Vida de Sri Ramakrishna **5**

1 Vida da Infância ao Sacerdócio **7**

1.1 Nascimento 7

1.2 Infância 8

1.3 Ida a Calcutá 9

1.4 Educação para Ganhar o Pão 9

1.5 Templo de Kali em Dakshineswar 11

1.5.1 Shiva 11

1.5.2 Radhakanta 12

1.5.3 Kali 12

1.6 Sacerdote Sri Ramakrishna 13

2 Ramakrishna Se Realiza no Hinduísmo **15**

2.1 Primeira Visão de Kali 15

2.2 Experiências Místicas Arrebatadoras 16

2.3 Religião na Família de Ramakrishna e Haladhari 18

2.3.1 O Plano para o Casamento de Ramakrishna 18

2.4 Hindus Reconhecem a Espiritualidade de Ramakrishna 19

2.5 Guru Brahmani e o Tantra 21

2.6 Disciplinas Vaishnavas com Brahmani 22

2.7 O Monge Devoto de Rama 24

2.8 A Comunhão com Radha e Krishna 24

2.9 Filosofia Vedanta Não-Dualista 25

2.9.1 Totapuri e a Unidade com Brahman 26

2.9.2 Totapuri se “Rende” à Mãe Divina 29

3 Ramakrishna e os Múltiplos Caminhos para Deus **31**

3.1 Companhia dos Santos e Devotos . . . 31
3.2 Islamismo . . . 32
3.3 Cristianismo . . . 32
3.4 Atitudes em Relação a Diferentes Religiões . . . 33
3.5 Peregrinação nos Lugares Sagrados da Índia . . . 33
3.6 Relacionamento com a Esposa Sarada Devi . . . 34
3.7 O "Ego Maduro" de Ramakrishna . . . 35
3.8 Resumo das Experiências Espirituais do Mestre . . . 36

4 Devotos, Discípulos e Aprendizes de Ramakrishna **39**

4.1 Movimento Brahmo Samaj . . . 39
4.1.1 Arya Samaj . . . 40
4.2 Keshab Chandra Sen . . . 41
4.3 Outros Chefes Brahmos . . . 41
4.4 O Anelo do Mestre para Ter seus Próprios Devotos . . . 43
4.5 Método de Ensino do Mestre . . . 44
4.6 Devotos Chefes de Família . . . 44
4.7 Futuros Monges . . . 45
4.7.1 Ram e Manomohan . . . 45
4.7.2 Surendra . . . 45
4.7.3 Kedar . . . 46
4.7.4 Harish . . . 46
4.7.5 Bhavanath . . . 46
4.7.6 Balaram Bose . . . 46
4.7.7 Mahendra ou M. . . . 47
4.7.8 Nag Mahashay . . . 47
4.7.9 Girish Ghosh . . . 47
4.7.10 Purna . . . 48
4.7.11 Mahimacharan e Pratap Hazra . . . 49
4.8 Alguns Homens Importantes . . . 49
4.9 Kristodas Pal e a Questão da Renúncia . . . 50
4.10 Discípulos Monásticos . . . 50
4.10.1 Latu . . . 51
4.10.2 Rakhal . . . 51
4.10.3 Gopal Mais Velho . . . 51
4.10.4 Narendra . . . 52

4.10.5 Tarak . . . 55
4.10.6 Baburam . . . 55
4.10.7 Niranjan . . . 55
4.10.8 Jogindra . . . 56
4.10.9 Sashi e Sarat . . . 56
4.10.10 Harinath . . . 56
4.10.11 Gangadhar . . . 57
4.10.12 Hariprasanna . . . 57
4.10.13 Kali . . . 57
4.10.14 Subodh . . . 57
4.10.15 Sarada . . . 58
4.11 Devotas . . . 58
4.11.1 Gopal Ma . . . 58

5 Os Últimos Anos de Ramakrishna **61**
5.1 As Confraternizações dos Devotos com o Mestre . . . 61
5.2 O Acidente com o Braço do Mestre . . . 61
5.3 Começo da Doença na Garganta . . . 62
5.4 Os Cuidados com a Saúde em Syampukur . . . 62
5.5 Últimos Dias em Cossipore . . . 64
5.6 Mahasamadhi e o Falecimento do Corpo . . . 66

II Introdução aos Ensinamentos de Sri Ramakrishna **69**

6 Primeiros Encontros de M. com Ramakrishna **71**
6.1 Primeiro Encontro . . . 71
6.1.1 O Templo aonde Vivia Ramakrishna . . . 71
6.1.2 Atenção Dividida Entre Interior e Exterior . . . 72
6.2 Segunda Visita de M. a Sri Ramakrishna . . . 72
6.2.1 Deus Com Forma ou Sem Forma? . . . 74
6.2.2 Como Podemos Fixar Nossas Mentes em Deus? . . . 75
6.2.3 É Possível Ver Deus? . . . 76
6.3 Terceira Visita de M. ao Mestre . . . 76
6.3.1 Deus Mora em Todos . . . 77
6.3.2 Devemos Ficar Quietos Diante da Maldade? . . . 78
6.3.3 Quatro Categorias de Seres Humanos . . . 79
6.3.4 A Fé Salvadora . . . 79

6.3.5 Mente e Devoção em Narendra (Vivekananda) 80
6.4 A Quarta Visita do Discípulo ao Mestre 82

7 Na Companhia dos Devotos **85**

8 Visita a Vidyasagar **91**

9 Conselho aos Chefes de Família **101**

10 O Mestre e Keshab **119**
10.1 Cronologia da Vida de Sri Ramakrishna 128

Capítulo 0

Prefácio

O *The Gospel of Sri Ramakrishna* é a tradução para o inglês do Sri Sri Ramakrishna Kathamrita, as conversas de Sri Ramakrishna com seus discípulos, devotos e visitantes, registradas por Mahendranath Gupta, que escreveu o livro sob o pseudônimo de "M". As conversas em bengali compreendem cinco volumes, o primeiro dos quais foi publicado em 1897 e o último, um pouco depois da morte de M., em 1932. O Sri Ramakrishna Math de Madras publicou em dois volumes, uma tradução para o inglês de capítulos selecionados da monumental obra em bengali. Consultei todos enquanto preparava minha tradução.

M., um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna, esteve presente em todas as conversas registradas no corpo principal do livro e anotou-as em seu diário. Essas anotações possuem, portanto, o valor semelhante a um texto taquigráfico. No Apêndice A encontram-se diversas conversas que ocorreram durante a ausência de M., mas ele as recebeu de primeira mão das pessoas que delas participaram. As conversas trarão à mente do leitor, um quadro íntimo da vida rica em acontecimentos do Mestre, de março de 1882 a 24 de abril de 1886, apenas alguns meses antes de seu falecimento. Neste período esteve em contato principalmente com bengalis de educação inglesa e dentre eles, escolheu os discípulos que iriam propagar sua mensagem e com eles dividiu suas ricas experiências espirituais.

Fiz uma tradução literal, omitindo somente algumas páginas sem interesse para os leitores de língua inglesa. Muitas vezes a beleza literária foi sacrificada em favor da tradução literal. Nenhuma tradução pode fazer completamente justiça ao original e esta dificuldade muito é sentida no presente trabalho, cujo conteúdo tem uma natureza mística profunda e descreve as experiências interiores de um grande vidente. A linguagem humana é um veículo inadequado para expressar a percepção além dos sentidos. Sri Ramakrishna foi quase um iletrado. Jamais revestiu seus pensamentos numa linguagem formal. Suas palavras procuravam transmitir sua realização direta da Verdade. Sua linguagem não passava de um dialeto de aldeões. Aí reside seu encanto. A fim de explicar aos seus ouvintes uma filosofia complicada, como Cristo antes dele, costumava recorrer a parábolas simples e ilustrações tiradas de sua observação da vida diária em sua volta.

O leitor encontrará mencionadas nesta obra, muitas visões e experiências que saem da ciência física e até da psicologia. Com o desenvolvimento do conhecimento moderno, a linha divisória entre o natural e o sobrenatural está em constante mudança. As verdadeiras experiências místicas não são atualmente menos suspeitas do que há meio século atrás. As palavras de Sri Ramakrishna já exerceram uma influência tremenda em sua terra natal. Sábios da Europa encontraram em suas palavras o som da verdade universal, mas estas palavras não eram o produto de cogitação intelectual; tinham raiz na experiência diária. Por conseguinte, para os estudantes de religião, psicologia e ciência física, as experiências do Mestre possuem um valor imenso para a compreensão dos fenômenos religiosos em geral. Sri Ramakrishna foi sem dúvida, o Hindu dos Hindus, mas suas experiências transcenderam os limites dos dogmas e credos do hinduísmo. Os místicos de outras religiões que não sejam o hinduísmo, encontrarão nelas, a corroboração das experiências de seus próprios profetas e

videntes. Isto é muito importante hoje em dia, para o ressurgimento de valores religiosos. O leitor céptico poderá deixar de lado as experiências sobrenaturais; entretanto encontrará no livro, material suficiente para levá-lo a um estudo sério e resolver muitos de seus problemas espirituais.

Há repetições dos ensinamentos e parábolas no livro. Mantive-as de propósito. Possuem seu encanto e utilidade, repetidas como se estivessem em diferentes contextos. A repetição é inevitável numa obra desta natureza. Em primeiro lugar, aspirantes diversos vêm a um Mestre para questões de natureza semelhante; por conseguinte, as respostas terão um padrão mais ou menos idêntico. Além disso, os Mestres religiosos de todos os tempos e regiões vêm tentando, por meio da repetição, martelar as verdades no solo árido da recalcitrante mente humana. Finalmente, a repetição não parece tediosa quando as idéias repetidas são queridas para o coração do homem.

Achei necessário escrever uma introdução bastante extensa para o livro. Nela dei a biografia do Mestre, descrições das pessoas que estiveram em contato com ele, explicações curtas dos diversos sistemas do pensamento religioso ligados à vida de Sri Ramakrishna e outros assuntos relevantes que espero, tornarão o leitor mais capacitado para compreender e apreciar o conteúdo incomum deste livro. É particularmente importante que o leitor ocidental, não familiarizado com o pensamento hindu, lesse primeiramente a introdução, a fim de que possa aproveitar em toda plenitude essas conversas. Muitas palavras e nomes indianos foram mantidos no texto, por falta de equivalentes ingleses adequados. Seu significado é dado ou no Glossário ou nas notas ao pé das páginas. O Glossário também dá explicações de numerosas expressões não familiares aos leitores ocidentais.

0.1 Referências e Agradecimentos

Na Introdução tirei bastante material da Vida de Sri Ramakrishna publicada pelo Advaita Ashrama, Mayavati, Índia. Também consultei o excelente artigo sobre Sri Ramakrishna de Swami Nirvedananda, no volume II da Herança Cultural da Índia.

O livro contém muitas canções entoadas pelo Mestre ou pelos devotos. Elas dão uma feição importante da tradição espiritual de Bengala e foram em sua maioria, escritas por homens com experiência mística.

Agradeço ao Sr. John Moffitt Jr. que deu a esses cânticos a forma aqui reproduzida.

Na preparação deste manuscrito recebi ajuda incansável de vários amigos. A Sta. Margaret Woodrow Wilson e Sr. Joseph Campbell trabalharam bastante na edição de minha tradução. Sta. Elizabeth Davidson datilografou mais de uma vez todo o manuscrito e prestou valiosa ajuda em muitos aspectos. O Sr. Aldous Huxley deixou-me uma dívida de gratidão por ter escrito a Apresentação. Agradeço sinceramente a todos.

No firmamento espiritual, Sri Ramakrishna é um crescente ímpar. Ao longo dos cem anos desde seu nascimento e cinquenta de sua morte, sua mensagem espalhou-se por terra e mar. Romain Rolland descreveu-o como aquele que preenche as aspirações de trezentos milhões de hindus nos últimos dois mil anos. Mahatma Gandhi escreveu: "Sua vida nos permite ver Deus face a face. ... Ramakrishna foi a encarnação viva da divindade." Vem sendo reconhecido como um companheiro de Krishna, Buda e Cristo.

A vida e os ensinamentos de Sri Ramakrishna dão nova orientação ao pensamento dos desnacionalizados hindus para os ideais espirituais de seus ancestrais. Na última parte do século XIX desempenhou o papel venerável de Salvador da Religião Eterna dos Hindus. Seus ensinamentos tiveram um importante papel na liberalização do pensamento dos pundits ortodoxos e ermitões. Mesmo agora são a força silenciosa que está moldando o destino espiritual da Índia. Seu grande discípulo, **Swami Vivekananda, foi o primeiro missionário hindu a pregar a mensagem da cultura indiana para as mentes esclarecidas da Europa e da América**. A consequência completa da

obra de Swami Vivekananda ainda está no recôndito do futuro.

Possa essa tradução do primeiro livro deste gênero na história religiosa do mundo, ser o registro das palavras diretas de um profeta e ajudar a afligida humanidade a se aproximar de Verdade Eterna da vida e a remover discórdias e lutas entre as diferentes crenças! Possa ele permitir aos que buscam a Verdade, apreender as leis sutis do campo sobrenatural e estender diante da visão limitada do homem o alicerce espiritual do universo, a unidade da existência e a divindade da alma!

Swami Nikhilananda

New York
Aniversário de Sri Ramakrishna
Fevereiro de 1942

Parte I

Introdução à Vida de Sri Ramakrishna

Capítulo 1

Vida da Infância ao Sacerdócio

1.1 Nascimento

SRI RAMAKRISHNA, o homem-Deus da Índia moderna, nasceu em Kamarpukur. Este vilarejo, no Distrito de Hooghly, conservou ao longo do século passado, a simplicidade das áreas rurais de Bengala. Situado longe da estrada-de-ferro, manteve-se intocado pelo encanto da cidade. Possuía campos de arroz, palmeiras altas, banianos reais, alguns lagos e dois crematórios. Ao sul do vilarejo, um rio corria lentamente. Um pomar de mangas, doado por um grande proprietário da vizinhança para uso público, era frequentado pelos meninos em seus folguedos. Uma estrada atravessava-o até o grande templo de Jagannath em Puri e os aldeões, em sua maioria fazendeiros e artesãos, ajudavam muitos homens santos e peregrinos que por ali passavam. A monotonia da vida rural era quebrada pelos alegres festivais, observância dos dias sagrados, cantos religiosos e outros prazeres inocentes.

A respeito de seus pais, Sri Ramakrishna uma vez disse: "Minha mãe foi a personificação da retidão e doçura. Não conhecia muito a respeito do mundo; inocente na arte do fingimento, dizia o que lhe passava pela cabeça. As pessoas amavam-na por seu coração aberto. Meu pai, um Brahmin ortodoxo, jamais aceitou presentes dos shudras. Passava a maior parte de seu tempo em adoração e meditação, repetindo o nome de Deus e cantando Suas glórias. Sempre que em suas práticas diárias invocava a deusa Gayatri, seu peito inchava e lágrimas escorriam das faces. Gastava as horas livres fazendo grinaldas para a Divindade Familiar, Raghuvir." Khudiram Chattopadhyaya e Chandra Devi, pais de Sri Ramakrishna, casaram-se em 1799. Naquela época Khudiram estava vivendo na vila ancestral de Dereypore, não longe de Kamarpukur. Seu primeiro filho, Ramkumar, nasceu em 1805, e sua primeira filha, Katyayani, em 1810. Em 1814, o proprietário da terra mandou que Khudiram prestasse falso testemunho no tribunal contra um vizinho. Ao recusar-se fazê-lo, o senhor moveu uma ação contra ele e tirou-lhe a propriedade ancestral. Assim desprovido chegou, a convite de outro proprietário, à pacata vila de Kamarpukur, onde lhe foi dada uma casa e mais ou menos um acre de terra fértil. As colheitas da pequena propriedade bastavam para atender às necessidades da família. Ali viveu na simplicidade, dignidade e contentamento.

Dez anos depois de sua chegada a Kamarpukur, Khudiram fez uma peregrinação a pé até Rameswar, na extremidade sul da Índia. Dois anos depois nasceu seu segundo filho, a quem chamou Rameswar. Novamente em 1835, com a idade de sessenta anos, fez outra peregrinação, desta vez, a Gaya. Ali, desde tempos bem antigos, os indianos vêm dos quatro cantos da Índia, a fim de cumprir suas obrigações com seus ancestrais, oferecendo-lhes comida e bebida nos sagrados pés de Vishnu. Nesse lugar sagrado, Khudiram teve um sonho, em que Vishnu prometeu-lhe nascer como seu filho. Chandra Devi, também, defronte ao templo de Shiva em Kamarpukur, teve uma visão em que lhe foi mostrado o nascimento da criança divina. Quando regressou, o marido encontrou-a grávida.

Foi no dia 18 de fevereiro de 1836 que a criança, mais tarde conhecida como Ramakrishna, nasceu.

Em memória ao sonho de Gaya, foi-lhe dado o nome de Gadadhar, o "Condutor da Clava", um epíteto de Vishnu. Três anos depois nasceu uma irmãzinha.

1.2 Infância

Gadadhar cresceu um menino saudável e irrequieto, apreciador de brincadeiras e traquinices. Era inteligente e precoce, dotado de uma memória prodigiosa. No colo de seu pai aprendeu de cor o nome de todos seus ancestrais e os hinos dos deuses e deusas e na escola do vilarejo, a ler e escrever. Sua maior alegria, contudo, era ouvir histórias da mitologia hindu e dos épicos que depois repetia de cor, para grande alegria dos aldeões. Divertia-se pintando: havia aprendido a arte de esculpir imagens dos deuses e deusas com os oleiros, mas sua grande aversão era a matemática.

Com a idade de seis anos Gadadhar teve seu primeiro êxtase espiritual. Um dia em junho ou julho, quando estava andando por um estreito caminho nas plantações de arroz, comendo arroz empapado que levava numa cesta, olhou para o céu e viu uma linda e escura nuvem de tempestade. Enquanto ela se espalhava, envolvendo rapidamente todo o céu, surgiu uma revoada de grous brancos como a neve. A beleza do contraste encantou o menino. Caiu no chão, inconsciente, e o arroz espalhou-se por todos os lados. Alguns aldeões encontraram e levaram-no para casa, em seus braços. Gadadhar disse mais tarde que enquanto estivera naquele estado, experimentara uma alegria indescritível.

Gadadhar tinha sete anos quando seu pai morreu. Esse acontecimento marcou-lhe profundamente. Pela primeira vez o menino compreendeu que tudo nesse mundo é transitório. Sem ser visto pelos outros, começou a fugir para o pomar de mangas ou para um dos crematórios, onde passava horas absorto em seus pensamentos. Tornou-se também, mais prestativo com a mãe, no desempenho das tarefas domésticas. Começou a ler e ouvir mais as histórias religiosas relatadas nos Puranas. Passou a se interessar pelos monges errantes e peregrinos piedosos que paravam em Kamarpukur a caminho de Puri. Esses santos, guardiões da herança espiritual da Índia e testemunhas vivas do ideal de renúncia do mundo e do amor absorvente de Deus, entretinham o menino com suas histórias dos épicos hindus, dos santos e profetas e também, suas próprias aventuras. Ele, de sua parte, buscava água e comida e servia-os de diversas maneiras. Ao mesmo tempo, observava-os na meditação e no seu culto.

Com a idade de nove anos, Gadadhar foi investido com o cordão sagrado. Essa cerimônia conferiu-lhe os privilégios de sua estirpe brahmin, incluindo o culto da Divindade Familiar, Raghuvir, e lhe impôs as muitas disciplinas estritas de uma vida de brahmin. Durante a cerimônia de investidura chocou seus familiares ao aceitar a comida feita por sua ama, uma Shudra. Seu pai jamais teria sonhado em fazer tal coisa, mas de brincadeira, Gadadhar uma vez havia prometido a essa senhora, que comeria sua comida e agora estava cumprindo a palavra empenhada. Ela possuía piedade, sinceridade religiosa e isso era mais importante para o menino, do que as convenções sociais.

Agora foi permitido a Gadadhar fazer o culto de Raghuvir. Começou assim, seu primeiro treino na meditação. Doou tanto o coração e a alma a esse culto, que a imagem de pedra logo lhe pareceu como sendo o Senhor do Universo vivo. Sua tendência a se perder em contemplação foi notada pela primeira vez nessa época. Atrás de sua despreocupação infantil, notava-se o aprofundamento de sua natureza espiritual.

Por esta época, na noite do Shivaratri, consagrada ao culto de Shiva, foi organizada uma apresentação dramática. O ator principal, que deveria fazer o papel de Shiva, adoeceu subitamente e convenceram Gadadhar a ficar em seu lugar. Enquanto os amigos o estavam vestindo para o papel de Shiva, espalhando cinzas em todo o corpo, desfazendo as mechas de cabelo, colocando um tridente em sua mão e um rosário de contas de rudraksha no pescoço - o menino parecia estar fora de sua consciência. Aproximou-se do palco com passos lentos e medidos, amparado por seus amigos. Parecia a imagem viva de Shiva. A platéia aplaudiu ruidosamente aquilo que parecia ser seu dom de artista,

mas logo descobriu-se que ele estava realmente perdido na meditação. O rosto estava radiante e lágrimas escorriam pelas faces. Estava fora do mundo exterior. O efeito dessa cena na platéia foi tremendo. As pessoas sentiam-se abençoadas como se fosse a visão do Próprio Shiva. A apresentação teve de ser interrompida e o menino permaneceu naquele estado até a manhã seguinte.

O próprio Gadadhar organizou então, uma companhia dramática com seus jovens amigos. O palco foi montado no pomar de mangas. Os enredos foram selecionados das histórias do Ramayana e do Mahabharata. Gadadhar conhecia de cor quase todos os papéis, tendo-os ouvido de atores profissionais. Seu tema favorito foi o episódio de Vrindavan da vida de Krishna descrevendo as maravilhosas histórias de amor de Krishna, das leiteiras e dos pastores. Gadadhar assumia os papéis tanto de Radha como o de Krishna e muitas vezes perdia-se no papel que representava. Sua graça feminina natural dava mais força ao efeito dramático. O pomar de mangas ressoava com o kirtan alto dos meninos. Perdido na música e na diversão, Gadadhar tornou-se indiferente à rotina da escola.

Em 1849 Ramkumar, o filho mais velho, foi a Calcutá a fim de melhorar a situação financeira da família. Gadadhar estava no limiar da juventude. Havia se tornado o predileto das mulheres da vila. Adoravam ouvi-lo falar, cantar ou recitar trechos dos livros sagrados. Divertiam-se com seu jeito de imitar vozes. O instinto natural delas reconhecia a pureza inata e inocência desse menino de pele clara, cabelo ondulado, olhos brilhantes, rosto sorridente e graciosidade inesgotável. As mulheres mais velhas e piedosas consideravam-no como Gopala, o Menino Krishna, e as mais jovens viam-no como o jovem Krishna de Vrindavan. Ele próprio idealizava tanto o amor das gopis por Krishna, que às vezes desejava nascer de novo como mulher, se pudesse fazê-lo, a fim de amar Sri Krishna com todo seu coração e alma.

1.3 Ida a Calcutá

Com a idade de dezesseis anos Gadadhar foi chamado por seu irmão mais velho, Ramkumar, para Calcutá a fim de ajudá-lo no seu trabalho de sacerdote. Ramkumar havia aberto uma academia de sânscrito para complementar sua renda e era sua intenção, fazer com que gradualmente a cabeça de seu irmão se voltasse para os estudos. Gadadhar aplicou-se de corpo alma a essa nova obrigação como sacerdote de algumas famílias de Calcutá. Seu culto era muito diferente daquele dos sacerdotes profissionais. Passava horas enfeitando as imagens e cantando hinos e canções devocionais; executava com amor os outros deveres de seu trabalho. As pessoas ficavam, impressionadas com seu fervor, mas ele continuava dando pouca atenção aos seus estudos.

A princípio Ramkumar não se opôs ao temperamento de seu irmão. Queria que Gadadhar se familiarizasse com as condições de vida da cidade, mas um dia decidiu adverti-lo sobre sua indiferença ao mundo. Afinal de contas, num futuro próximo, Gadadhar deveria, como chefe de família, ganhar a vida por meio dos deveres brâmanes e isso requeria um conhecimento profundo da lei hindu, astrologia e assuntos correlatos. Gentilmente repreendeu Gadadhar e pediu-lhe que prestasse atenção aos seus estudos, mas o rapaz respondeu-lhe com espírito: "Irmão, o que vou fazer com uma simples educação para ganhar pão? É melhor que eu consiga sabedoria que iluminará meu coração e me dará felicidade para sempre."

1.4 Educação para Ganhar o Pão

O anseio interior da alma indiana encontrou expressão nessas palavras apaixonadas do jovem Gadadhar. O que seus olhos não sofisticados viram em torno de si em Calcutá, naquela época a metrópole da Índia e o centro da moderna cultura e conhecimento? Ganância e luxúria dominavam as mais altas camadas da sociedade e as práticas religiosas esporádicas eram apenas exteriores, que a

alma há muito tempo havia abandonado. Gadadhar jamais havia visto algo semelhante em Kamarpukur, entre os aldeões simples e piedosos. Os sadhus e monges errantes a quem havia servido em sua meninice, haviam-lhe revelado uma Índia totalmente diferente. Ele havia ficado impressionado com a devoção e pureza, o autocontrole e a renúncia deles. Havia aprendido com eles e com sua própria intuição, que o ideal de vida como tinha sido ensinado pelos sábios na Índia, era a realização de Deus.

Quando Ramkumar repreendeu Gadadhar por negligenciar uma "educação para ganhar pão", a voz interna do menino recordou-lhe que o legado de seus ancestrais - o legado de Rama, Krishna, Buda, Shankara, Ramanuja, Chaitanya - não era segurança no mundo, mas o Conhecimento de Deus. Esses sábios eram os verdadeiros representantes da sociedade hindu. Cada um deles estava sentado, por assim dizer, na crista da onda que se seguiu a cada depressão sucessiva no curso tumultuado da vida nacional indiana. Tudo demonstrava que a corrente de vida da Índia é a espiritualidade. Essa verdade foi revelada a Gadadhar por aquela visão interior que esquadrinhava o passado e o futuro numa só varredura, não afetada pelas barreiras de tempo e espaço. Mas ele não conhecia a mudança profunda que havia ocorrido no seu país nos últimos cem anos.

A sociedade indiana do século XVIII havia passado por um período de decadência. Foi o crepúsculo do domínio muçulmano. Havia anarquia e confusão em todas as esferas. Práticas supersticiosas dominavam a vida religiosa. Ritos e rituais passavam por espiritualidade. Sacerdotes gananciosos tornaram-se guardiões do céu. A verdadeira filosofia foi suplantada pelas opiniões dogmáticas. Os pundits deliciavam-se com polêmicas vãs.

Em 1757 os comerciantes ingleses lançaram os fundamentos do domínio inglês na Índia. Gradualmente o Governo foi sistematizado e a falta de leis suprimida. Os indianos estavam muito impressionados com o poder militar e a sagacidade política dos novos governantes. Atrás dos comerciantes vieram os educadores ingleses, os reformadores sociais e os missionários cristãos - todos sustentando uma cultura completamente alienada à mente indiana. Em diferentes partes do país foram construídas instituições educacionais e igrejas cristãs. Foi oferecido aos jovens indianos o inebriante vinho da cultura ocidental do último século XVIII e recém XIX, que beberam em largos tragos.

O primeiro efeito dessa corrente nos indianos educados, foi apagar de sua memória, as crenças há muito consagradas e as tradições da sociedade indiana. Chegaram a crer que não havia qualquer Verdade transcendental. O mundo dos sentidos é tudo o que existe. Deus e a religião eram ilusões da mente inculta. O verdadeiro conhecimento só poderia vir da análise da natureza. Então ateísmo e agnosticismo tornaram-se moda. Os jovens da Índia, que estudaram em escolas inglesas, deleitavam-se maldosamente em quebrar abertamente os costumes e tradições de sua sociedade. Demoliriam o sistema de castas e removeriam as leis discriminatórias a respeito de comida. A reforma social, a expansão da educação secular, o casamento de viúvas, abolição do casamento entre crianças - consideravam tais pontos, a panacéia para a condição degenerada da sociedade indiana.

Os missionários cristãos deram o toque final no processo de transformação. Ridicularizaram como relíquias de uma época bárbara, as imagens e rituais da religião hindu. Tentaram persuadir a Índia que os ensinamentos de seus santos e profetas eram a causa de sua queda, que seus Vedas, Puranas e outras escrituras estavam cheias de superstição. O cristianismo, sustentavam, havia dado à raça branca, posição e poder nesse mundo e certeza de felicidade no próximo; por conseguinte, o cristianismo era a melhor de todas as religiões. Muitos jovens indianos inteligentes converteram-se. O homem da rua ficou confuso. A maioria das pessoas tornou-se materialista. Todas as pessoas que moravam perto de Calcutá ou outras muito ligadas à cultura ocidental, mesmo aquelas fiéis às tradições ortodoxas da sociedade indiana, ficaram contagiadas pelas novas incertezas e crenças.

A alma da Índia, contudo, tinha que renascer através de um despertar espiritual. Ouvimos o primeiro grito para tal renascimento na primeira réplica do jovem Gadadhar: "Irmão, o que farei com uma simples educação para ganhar o pão?"

Ramkumar mal podia compreender a importância da resposta de seu jovem irmão. Descreveu com cores brilhantes a vida feliz e fácil dos letrados na sociedade de Calcutá. Gadadhar, entretanto, sentiu intuitivamente que os eruditos, usando suas próprias ilustrações, eram como abutres, voando alto com as asas de seu intelecto sem inspiração, com os olhos fixos no esconderijo da ganância e luxúria. Por isso manteve-se firme e Ramkumar teve de ceder.

1.5 Templo de Kali em Dakshineswar

Naquela época morava em Calcutá uma rica viúva chamada Rani Rasmani, pertencente à casta dos shudras, muito conhecida em muitos lugares não só por sua habilidade nos negócios, coragem e inteligência, mas também, pela magnanimidade de seu coração, piedade e devoção a Deus. Era assistida no gerenciamento de sua grande fortuna pelo genro, Mathur Babu.

Em 1847 Rani comprou vinte acres em Dakshineswar, um vilarejo a mais ou menos quatro milhas ao norte de Calcutá, onde construiu diversos templos. Seu Ishta ou Ideal Escolhido, era a Mãe Divina Kali.

O templo principal erguia-se diretamente na margem leste do Ganges. As partes norte e leste do terreno contém um pomar, jardins e dois pequenos reservatórios. A parte sul é revestida de cerâmica e argamassa. O visitante que chega de barco, sobe os degraus do imponente ghat de banho que leva ao chandni, um terraço coberto, sendo que em cada lado, ergue-se uma fileira de seis templos de Shiva. A leste do terraço e dos templos de Shiva há um pátio largo, pavimentado e retangular, nos sentidos norte e sul. Dois templos erguem-se no centro desse pátio, sendo o mais largo deles, para o sul e com frente para o sul, dedicado a Kali e o menor, em frente ao Ganges, para Radhakanta, quer dizer, Krishna, o consorte de Radha. Nove cúpulas com torres elevam-se acima do templo de Kali e em frente, ergue-se o natmandir bem espaçoso ou vestíbulo de música, cujo terraço é sustentado por imponentes pilares. Nos cantos noroeste e sudeste do conjunto de templos há dois nahabats, ou torres de música, dos quais ouve-se música em horas diferentes do dia, especialmente na aurora, meio-dia e pôr do sol, quando o culto é feito nos templos. Três lados do pátio pavimentado - com exceção do lado oeste - são formados por cozinhas, dispensas, salas de jantar quartos para o pessoal da administração e convidados. O aposento na parte noroeste, depois do último templo de Shiva, possui um interesse especial para nós, porque ali, Sri Ramakrishna passou boa parte de sua vida. Na parte oeste desse quarto há um pórtico semicircular dando para o rio. Defronte do pórtico estende-se um caminho, no sentido norte-sul e além desse caminho, está um grande jardim e abaixo, o Ganges. O pomar, em direção norte dos edifícios contém o Panchavati, o baniano e a árvore bel que estão associados às práticas espirituais de Sri Ramakrishna. Fora e ao norte do conjunto de templos está o kuthi ou "bungallow", utilizado pelos familiares da Rani Rasmani quando visitavam a templo. No norte do templo, separado por um muro alto, está um depósito de pólvora pertencente ao Governo inglês.

1.5.1 Shiva

Nos doze templos de Shiva estão instalados os emblemas do Grande Deus da Renúncia nos seus vários aspectos, adorado diariamente com ritos apropriados, Shiva requer poucos artigos para seu culto. Flores brancas e folhas de bel e um pouco de água do Ganges oferecidos com devoção são suficientes para satisfazer a Divindade benigna e conseguir a graça da liberação.

1.5.2 Radhakanta

O templo de Radhakanta, também conhecido como o templo de Vishnu, contém as imagens de Radha e Krishna, o símbolo da união com Deus através do amor extático. As duas imagens estão em cima de um pedestal direcionado para o oeste. O chão é de mármore. Do teto do pórtico dependuram-se candelabros cobertos por um pano vermelho para protegê-los da poeira. Biombos de lona protegem as imagens dos raios do sol que se põe. Junto à soleira do santuário interior há um pequeno recipiente de latão com água benta. Com muito respeito, alguns visitantes devotos bebem algumas gotas.

1.5.3 Kali

O templo principal é dedicado a Kali, a Mãe Divina, aqui cultuada como Bhavatarini, a Salvadora do Universo. O chão do templo é também de mármore. A imagem de basalto da Mãe, vestida com um deslumbrante brocado de ouro, ergue-se sobre uma imagem de mármore branco do corpo deitado de seu Consorte Divino, Shiva, o símbolo do Absoluto. Aos pés da Deusa há, entre outros ornamentos, pulseiras de ouro para os tornozelos. Seus braços estão enfeitados com jóias de ouro. Usa colares de ouro e pérolas, uma grinalda dourada de cabeças humanas e um cinto de braços humanos. Possui coroa de ouro, brincos de ouro e um anel de ouro com uma pérola no nariz. Tem quatro braços. A mão esquerda mais baixa segura uma cabeça humana quebrada e a mais alta, um sabre manchado de sangue. A mão direita distribui graças a Seus filhos; a outra, retira seu medo. A majestade de Sua postura dificilmente pode ser descrita. Combina o terror da destruição com a segurança da ternura maternal porque Ela é o Poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonia gloriosa dos pares de opostos. Ela lida com a morte uma vez que cria e preserva. Possui três olhos, o terceiro sendo o símbolo da Sabedoria Divina. Atemoriza os maus, mas concede amor aos devotos.

Todo o mundo simbólico está representado no templo - a Trindade da Mãe Natureza (Kali), o Absoluto (Shiva) e o Amor (Radhakanta), o arco ligando céu e terra. A terrível Deusa do Tantra, o Tocador de Flauta que encanta a alma, mencionado no Bhagavata e o Absoluto absorto em Si mesmo dos Vedas moram juntos, criando a maior síntese das religiões. Todos os aspectos da Realidade são representados ali, mas desse chefe de família divino, Kali é o centro, a Senhora absoluta. Ela é Prakriti, a Procriadora, a Natureza, a Destruidora, a Criadora. Não, Ela é qualquer coisa maior e mais profunda para aqueles que têm olhos para ver. Ela é a Mãe Universal, "minha Mãe" como Sri Ramakrishna costumava dizer, a Toda Poderosa, que Se revela a Seus filhos sob aspectos diferentes e Encarnações Divinas, o Deus Visível, que conduz o eleito até a Realidade Invisível; e se Lhe agradar, Ela retira o último traço de ego dos seres criados e funde-os na consciência do Absoluto, o Deus indiferenciado. Por Sua graça, "o ego finito se perde no ilimitável Ego - Atman - Brahman".

Rani Rasmani gastou uma fortuna na construção do templo e uma outra para a cerimônia de consagração, que teve lugar em 31 de maio de 1855.

Sri Ramakrishna - daqui por diante chamaremos Gadadhar por esse nome que nos é familiar - veio ao templo com seu irmão mais velho, Ramkumar, nomeado sacerdote do templo de Kali. Sri Ramakrishna a princípio não aprovou o trabalho de Ramkumar para a shudra Rasmani. O exemplo do pai ortodoxo ainda estava vivo em sua mente. Fez, também, objeção ao fato de se comer as oferendas cozidas do templo, uma vez que, de acordo com o costume ortodoxo hindu, essa comida só pode ser oferecida à Divindade na casa de um brahmin. Mas a santa atmosfera do templo, a solidão do bosque vizinho, o cuidado carinhoso de seu irmão, o respeito demonstrado pela Rani Rasmani e Mathur Babu por ele, a presença viva da Deusa Kali e acima de tudo, a proximidade do Ganges sagrado, ao qual Sri Ramakrishna sempre teve o mais elevado respeito, gradualmente desfizeram sua desaprovação e ele começou a se sentir em casa.

Dentro de pouco tempo, Sri Ramakrishna atraiu a atenção de Mathur Babu que, impressionado com o fervor religioso do jovem, desejava que ele participasse do culto do templo de Kali. Sri Rama-

krishna, contudo, adorava a liberdade e era indiferente a qualquer carreira mundana. A profissão de sacerdote num templo construído por uma mulher rica não dizia nada à sua mente. Além do mais, hesitava assumir a responsabilidade dos enfeites e jóias do templo. Mathur teve que esperar por uma ocasião mais propícia.

Por essa época chegou a Dakshineswar um jovem de dezesseis anos, destinado a desempenhar um papel importante na vida de Sri Ramakrishna. Hriday, seu sobrinho distante , era natural de Sihar, um vilarejo não longe de Kamarpukur e que tinha sido seu amigo de infância. Inteligente, excepcionalmente enérgico e dotado de grande presença de espírito, agia como veremos mais tarde, como uma sombra em torno de seu tio e estava sempre pronto a ajudá-lo, mesmo com sacrifício de seu bem-estar pessoal. Estava destinado a ser uma testemunha muda de muitas das experiências espirituais de Sri Ramakrishna e que tomou conta de seu corpo nos dias tempestuosos de sua prática espiritual. Hriday veio a Dakshineswar à procura de trabalho e Sri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo.

Incapaz de resistir à persuasão de Mathur Babu, Sri Ramakrishna por fim entrou para o serviço do templo, sob a condição de que Hriday o assistisse. Sua primeira obrigação foi vestir e enfeitar a imagem de Kali. Um dia um dos sacerdotes do templo de Radhakanta deixou cair acidentalmente a imagem de Krishna no chão, quebrando uma das pernas. Os pundits aconselharam a Rani a instalar uma nova estátua, visto que a adoração de uma imagem com a perna quebrada era contra as prescrições das escrituras. A Rani, entretanto, gostava muito dessa estátua e pediu a opinião de Sri Ramakrishna. Em estado abstraído, ele disse: "Essa solução é ridícula. Se um genro da Rani quebrar a perna ela iria se desfazer dele e pôr um outro em seu lugar? Ela não providenciaria tratamento para ele? Por que não faz o mesmo nesse caso? Que a imagem seja consertada e adorada como antes". Foi uma solução simples e direta, aceita pela Rani. O próprio Sri Ramakrishna consertou-a. O sacerdote foi dispensado por seu descuido e a pedido sincero de Mathur Babu, Sri Ramakrishna aceitou o cargo de sacerdote no templo de Radhakanta.

1.6 Sacerdote Sri Ramakrishna

Nascido de uma família ortodoxa, Sri Ramakrishna conhecia as formalidades do culto, seus ritos e os rituais. Os inúmeros deuses e deusas da religião hindu constituem os aspectos humanos do indescritível e incompreensível Espírito, concebido pela mente humana finita. Eles compreendem e apreciam o amor humano e a emoção, ajudam os homens a realizarem seus seculares ideais espirituais e por fim, tornam os homens capazes de atingir liberação das misérias da vida fenomenal. A Fonte da luz, inteligência, sabedoria e força é somente o Uno de onde provém a satisfação do desejo. Contudo, enquanto o homem estiver ligado pelas limitações humanas, só poderá adorar Deus através de formas humanas. Por conseguinte, o hinduísmo manda que o devoto considere Deus como o pai ideal, a mãe ideal, o marido ideal, o filho ideal ou o amigo ideal. Mas o nome finalmente conduz ao Sem nome, a forma ao Sem forma, a palavra ao Silêncio, a emoção à serena realização da Paz na Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Os deuses gradualmente fundem-se num só Deus, mas até que essa realização seja alcançada, o devoto não pode dissociar os fatores humanos de seu culto. Portanto, a Divindade é banhada, vestida e enfeitada com ornamentos. É alimentada e posta para dormir. É propiciada com hinos, canções e orações. Há ritos apropriados ligados a essas funções. Por exemplo, a fim de assegurar para si mesmo pureza externa, o sacerdote banha-se na água santificada e coloca roupa apropriada. Purifica a mente e os órgãos dos sentidos através de meditações próprias. Dá força ao local de culto contra as forças do mal desenhando em volta círculos de fogo e água. Desperta os diferentes centros espirituais do corpo e invoca o Espírito Supremo no seu coração. Então transfere o Espírito Supremo para a imagem diante dele e adora a imagem, deixando de considerá-la argila ou pedra, mas a encarnação do Espírito, palpitante de Vida e Consciência. Depois do culto o Espírito Supremo é chamado da imagem para Seu verdadeiro santuário, o coração do sacerdote. O verdadeiro devoto conhece o absurdo de adorar a Realidade Transcendental com

objetos materiais - vestindo Aquele que permeia todo o universo e o além, colocando num pedestal Aquele que não pode ser limitado pelo espaço, alimentando Aquele que é desencarnado e incorpóreo, cantando diante d'Ele cuja glória a música das esferas tenta em vão proclamar. Mas através desses ritos o devoto aspira ir em última instância, além dos ritos, formas e nomes, palavras e oração e realizar Deus como Consciência que Tudo penetra.

Os sacerdotes hindus estão amplamente familiarizados com os ritos do culto, mas somente alguns são conscientes de seu significado subjacente. Movimentam as mãos e os membros mecanicamente, obedecendo ao pé da letra as escrituras e repetem os mantras sagrados como papagaios. Mas desde o começo, o significado interior desses ritos foi revelado a Sri Ramakrishna. Assim que se sentava diante da imagem, uma estranha transformação operava-se em sua mente. Enquanto dava andamento às cerimônias prescritas, na verdade encontrava-se circundado por uma muralha de fogo protegendo-o e o lugar do culto, contra as vibrações não espirituais, ou sentia a subida mística da Kundalini através dos diferentes centros do corpo. O brilho do seu corpo, sua profunda absorção, a intensa atmosfera do templo impressionavam àqueles que o viam adorar a Divindade.

Ramkumar desejava que Sri Ramakrishna aprendesse os rituais intrincados do culto de Kali. A fim de se tornar sacerdote de Kali, a pessoa tem que passar por uma iniciação especial, dada por um guru qualificado e para Sri Ramakrishna foi encontrado um brahmin competente. Logo que o brahmin pronunciou a palavra sagrada em seus ouvidos, Sri Ramakrishna, tomado de emoção, emitiu um grito e mergulhou em concentração profunda.

Mathur implorou a Sri Ramakrishna para tomar conta do culto do templo de Kali. O jovem sacerdote alegou incompetência e ignorância no que se refere às escrituras. Mathur insistiu que devoção e sinceridade eram mais do que suficientes para compensar qualquer falta de conhecimento formal e fazer a Mãe Divina manifestar-Se através da imagem. Por fim Sri Ramakrishna teve de ceder ao pedido de Mathur. Tornou-se sacerdote de Kali.

Em 1856 Ramkumar deu seu último suspiro. Sri Ramakrishna já havia presenciado mais de uma morte na família. Veio a compreender quão transitória é a vida na terra. Quanto mais convencido estava da transitoriedade das coisas do mundo, mais ansioso ficava para realizar Deus, a Fonte da Imortalidade.

Capítulo 2

Ramakrishna Se Realiza no Hinduísmo

2.1 Primeira Visão de Kali

Realmente logo descobriu que estranha Deusa havia escolhido para servir. Gradualmente tornou-se enredado pela teia de Sua presença que tudo permeia. Para o ignorante, Ela é, sem dúvida, a imagem de destruição; mas ele encontrou n'Ela a mãe benigna e generosa. Seu pescoço está envolvido por uma grinalda de cabeças e Sua cintura por um cinturão de braços humanos e duas de Suas mãos seguram armas mortais; Seu olhar lança uma faísca de fogo, mas estranhamente, Ramakrishna sentiu em Seu alento, o toque suave de amor terno e viu n'Ela a Semente da Imortalidade. Ela está de pé no peito de Seu Consorte, Shiva; é porque Ela é Shakti, o Poder inseparável do Absoluto. É cercada por chacais e outras criaturas terríveis, frequentadoras dos crematórios. Mas a Realidade Suprema não está acima de santidade e iniquidade? Parece cambalear sob a magia do vinho. Mas quem teria criado este mundo louco a não ser sob a influência da embriaguez divina? Ela é o símbolo mais alto de todas as forças da natureza, a síntese de suas contradições, o Divino Supremo na forma de mulher. Agora Ela tornou-Se para Sri Ramakrishna a única Realidade e o mundo tornou-se uma sombra sem substância. Em Sua adoração ele despejou toda sua alma. Para ele, Ela tornou-Se o portal transparente para o santuário da Realidade Inefável.

O culto no templo intensificou a ânsia de Sri Ramakrishna de ter a visão viva da Mãe do Universo. Começou a gastar em meditação, o tempo não empregado no serviço do templo e por isso, escolheu um lugar extremamente solitário. Ao norte dos templos havia uma floresta densa, cheia de arbustos e plantas espinhosas. Utilizada anteriormente como cemitério, era evitada pelas pessoas mesmo durante o dia, com medo dos espíritos. Ali Sri Ramakrishna começou a passar a noite toda em meditação, voltando só de manhã com os olhos inchados como se tivesse chorado muito. Enquanto meditava, tirava as roupas e o cordão de brahmin. Explicando esta estranha conduta, uma vez disse a Hriday: "Você não sabe que quando uma pessoa pensa em Deus, deve se libertar de todos os laços? Desde o nosso nascimento temos oito grilhões: ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e tribulações. O cordão sagrado lembra-me de que sou um brahmin e portanto, superior a todos. Ao chamar a Mãe, uma pessoa tem que pôr de lado todas essas idéias." Hriday pensou que seu tio ficara louco.

Como o amor por Deus aprofundou-se, começou a se esquecer ou a deixar de lado as formalidades do culto. Sentado diante da estátua, passava horas entoando canções devocionais de grandes devotos da Mãe, como Kamalakanta e Ramprasad. Essas canções rapsódicas, descrevendo a visão direta de Deus, apenas intensificaram o anseio de Sri Ramakrishna. Ele sentiu a angústia de uma criança separada da mãe. Às vezes, em agonia, esfregava o rosto contra chão e chorava tão amargamente que as pessoas, pensando que ele havia perdido sua mãe terrena, simpatizavam com seu sofrimento. Às vezes, nos momentos de ceticismo, chorava: "És Tu real, Mãe, ou tudo isso é ficção - mera poesia sem qualquer realidade? Se Tu existes, por que não Te vejo? É a religião uma mera fantasia e Tu és

apenas uma ficção da imaginação do homem?" Às vezes sentava-se no tapete de meditação durante duas horas como um objeto inerte. Começou a se comportar de maneira anormal, na maioria das vezes inconsciente do mundo. Quase desistiu de comer e o sono também o abandonou.

Não teve, porém, de esperar muito tempo. Assim descreveu sua primeira visão da Mãe: "Senti como se meu coração tivesse sido torcido como uma toalha úmida. Fui tomado de um grande desassossego e medo de que não seria de meu destino realizá-La nessa vida. Não podia suportar mais a separação d'Ela. A vida pareceu-me sem valor para ser vivida. Subitamente meu olhar caiu na espada que estava no templo da Mãe. Estava determinado a pôr um fim em minha vida. Quando pulei como um louco e apanhei-a, subitamente a Mãe abençoada revelou-Se. Os edifícios, com suas diversas partes, o templo e tudo o mais desapareceu de minha vista, não deixando qualquer traço e em seu lugar, vi um Oceano de Consciência sem limite, infinito, brilhante. Até onde os olhos podiam ver, as grandes vagas brilhantes empurravam-me de todos os lados com um barulho terrível, para me engolir! Estava arquejando. Fui tomado pela investida e perdi a consciência. O que estava acontecendo no mundo exterior, eu não sabia; mas dentro de mim havia uma corrente firme de forte felicidade, completamente nova e senti a presença da Mãe Divina." Em seus lábios ao voltar à consciência do mundo, estava a palavra "Mãe".

2.2 Experiências Místicas Arrebatadoras

Entretanto isso fora apenas o prenúncio da intensa experiência que estava para vir. O primeiro vislumbre da Mãe Divina tornou-o ainda mais ansioso por Sua visão ininterrupta. Queria vê-La durante a meditação e com os olhos abertos, mas a Mãe começou a brincar um jogo intrigante de esconde-esconde com ele, intensificando tanto sua alegria como seu sofrimento. Chorando amargamente nos momentos de separação d'Ela, entrava em transe e então encontrava-A em pé diante dele, sorrindo, falando, consolando, fazendo-o recuperar a alegria e instruindo-o. Durante este período de prática espiritual teve muitas experiências fora do comum. Quando sentava-se para meditar, ouvia estranhos estalos nas juntas das pernas, como se alguém as tivesse fechando, uma após a outra para mantê-lo imóvel e no fim de sua meditação ouvia novamente os mesmos sons, desta vez soltando-as para deixá-lo livre para que ele se movimentasse. Via faíscas como se um bando de pirilampos voassem defronte de seus olhos, ou um mar de neblina profunda em torno dele com ondas luminosas de prata derretida. Novamente, de um mar de neblina translúcida, via a Mãe levantando-Se, primeiro os pés, depois a cintura, o corpo, o rosto, a cabeça e finalmente, Ela toda; sentindo Sua respiração e ouvindo Sua voz. Ao fazer o culto no templo, às vezes tornava-se exaltado, outras vezes ficava imóvel como pedra, ou quase desmaiava de emoção excessiva. Muitas de suas atitudes, contrárias à toda tradição, pareciam sacrílegas às pessoas. Apanhava uma flor e tocava-a na sua própria cabeça, corpo e pés e então oferecia-a à Deusa. Ou, como um bêbado, cambaleava até o trono da Mãe, tocava Seu queixo, mostrando desta maneira sua afeição por Ela e falava, ria e dançava. Ou pegava uma porção de comida do prato e punha em Sua boca, implorando-lhe que comesse e não ficava satisfeito até que se convencesse de que Ela realmente havia comido. Depois de ter ido dormir à noite, do seu quarto, ouvia-A subir ao andar de cima do templo com passos leves como os de uma menina feliz com Suas pulseiras de tornozelo tilintando. Depois A descobria de pé, com os cabelos esvoaçantes. Sua forma negra mostrando sua silhueta contra o céu da noite, olhando para o Ganges ou para as luzes distantes de Calcutá.

Naturalmente os funcionários do templo tomaram-no por louco. Aqueles que o queriam bem levaram-no a médicos competentes; mas nenhum remédio pôde curar sua doença. Por diversas vezes ele mesmo duvidara de sua sanidade, pois vinha navegando num mar sem qualquer guia terreno para orientá-lo. Seu único porto seguro era a Própria Mãe Divina. Orava a Ela: "Não sei o que são essas coisas. Sou ignorante no conhecimento de mantras e das escrituras. Ensina-me, Mãe, como realizar-Te. Quem mais pode ajudar-me? Não és Tu meu único refúgio e guia?" E a presença protetora

da Mãe jamais lhe falhou em sua tristeza ou dúvida. Mesmo aqueles que criticavam sua conduta, estavam bastante impressionados com sua pureza, inocência, veracidade, integridade e santidade. Em sua presença sentiam uma influência elevada.

Diz-se que samadhi ou transe apenas abre o portal do campo espiritual. Sri Ramakrishna sentiu um imenso desejo de desfrutar Deus de diversas maneiras. Para sua meditação construiu um lugar na parte norte, onde havia um bosque. Com a ajuda de Hriday plantou cinco árvores sagradas. O lugar, conhecido como Panchavati, tornou-se o cenário de muitas de suas visões.

Como o seu estado espiritual aprofundava-se, sentia-se cada vez mais um filho da Divina Mãe. Aprendeu a submeter-se à Sua vontade e a se deixar dirigir por Ela.

"Ó Mãe", orava continuamente, "Refugiei-me em Ti. Ensina-me o que fazer e o que dizer. Teu desejo é o que prevalece em todos os lugares e é para o bem de Teus filhos. Une minha vontade à Tua e faz-me Teu instrumento."

Suas visões tornaram-se mais profundas e mais íntimas. Não mais necessitava de meditar para ver a Mãe Divina. Mesmo enquanto mantinha consciência do mundo exterior, via-A tão palpável como os templos, as árvores, o rio e as pessoas ao seu redor.

Numa ocasião Mathur Babu sorrateiramente entrou no templo para observar sua adoração. Ficou profundamente comovido com a devoção e a sinceridade do jovem sacerdote. Compreendeu que Sri Ramakrishna havia transformado a imagem de pedra na Deusa viva.

Um dia Sri Ramakrishna alimentou o gato com a comida que ia ser oferecida a Kali. Tal coisa foi demais para o administrador do templo, que se considerava responsável pelo modo correto com que o culto era conduzido. Relatou a Mathur Babu o comportamento insano de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna descreveu o incidente: "A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali que Ela havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava tomado pela Consciência. A imagem era a Consciência, o altar era a Consciência, os vasos de água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era Consciência - tudo era Consciência. Vi que tudo no aposento estava embebido, por assim dizer, em Felicidade - a Felicidade de Deus. Vi um homem mau defronte ao Templo de Kali, mas nele vi também, o poder da Mãe Divina vibrando. É por isso que alimentei um gato com a comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Percebi claramente que tudo isso era a Mãe Divina - mesmo o gato. O administrador do templo escreveu para Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o gato com a oferenda destinada para a Mãe Divina. Mathur Babu, contudo, teve uma visão interna de meu estado mental. Escreveu de volta para o administrador: 'Deixe-o fazer o que quiser. Não deve lhe dizer nada'."

Uma das doenças que afligiu Sri Ramakrishna por essa época, foi uma sensação de queimadura em seu corpo e ele curou-se graças à uma estranha visão. Durante o culto do templo, seguindo as prescrições das escrituras, imaginou a presença do "pecador" dentro de si mesmo e a destruição desse "pecador". Um dia estava meditando no Panchavati quando viu sair de si mesmo um homem de olhos vermelhos, de pele negra, cambaleando como um bêbado. Logo saiu dele uma outra pessoa, de rosto sereno, vestindo a roupa ocre de um sannyasin e levando em sua mão um tridente. A segunda pessoa atacou a primeira e matou-a com o tridente. Daí em diante Sri Ramakrishna ficou livre de sua dor.

Por esta época começou a adorar Deus assumindo a atitude de um servo em relação a seu amo. Imitou o estado de Hanuman, o macaco chefe do Ramayana, o servo ideal de Rama e modelo tradicional para esta forma de devoção que destrói o ego. Quando meditava em Hanuman seus movimentos e modo de viver começaram a se parecer com os de um macaco. Seus olhos tornaram-se inquietos. Vivia de frutos e raízes. Com a roupa amarrada em torno da cintura, uma parte dela caindo em forma de cauda, pulava de um lugar para outro em vez de andar. Depois de um certo tempo foi abençoado com a visão de Sita, a divina consorte de Rama, que entrou em seu corpo, desaparecendo dali com as palavras: "Eu lhe concedo meu sorriso".

Mathur tinha fé na sinceridade do fervor espiritual de Sri Ramakrishna, mas agora havia começado a duvidar de sua sanidade mental. Ele o havia visto pular como um macaco. Um dia quando a Rani Rasmani estava ouvindo Sri Ramakrishna cantar no templo, o jovem sacerdote abruptamente virou-se e esbofeteou-a. Aparentemente ouvindo a canção, na realidade estava pensando no caso judicial em que estava empenhada. Ela aceitou o castigo como tivesse sido a Própria Mãe Divina que o havia imposto, mas Mathur estava desolado. Pediu a Sri Ramakrishna para manter seus sentimentos sob controle e obedecer às convenções da sociedade. O Próprio Deus, argumentou, segue leis. Deus, por exemplo, jamais permitiu que flores de duas cores diferentes nascessem no mesmo pé. No dia seguinte Sri Ramakrishna presenteou Mathur Babu com duas flores de hibisco que haviam crescido no mesmo galho, uma vermelha e outra branca.

Mathur e a Rani Rasmani começaram a atribuir o desajuste mental de Sri Ramakrishna, pelo menos em parte, à sua observância de uma rígida continência. Pensando que uma vida natural relaxaria a tensão de seus nervos, engendraram um plano com duas mulheres de má fama, mas logo que as mulheres entraram em seu quarto, Sri Ramakrishna viu nelas a manifestação da Mãe do Universo e entrou em samadhi, pronunciando o Seu nome.

2.3 Religião na Família de Ramakrishna e Haladhari

Em 1858 chegou a Dakshineswar um primo de Sri Ramakrishna, de nome Haladhari, que deveria ficar ali durante oito anos. Devido ao estado especial de espírito de Sri Ramakrishna, Mathur nomeou-o, sacerdote do templo de Kali. Possuía um caráter controvertido, sendo versado nas palavras das escrituras, mas não muito consciente de seu conteúdo. Gostava de participar de pesadas discussões teológicas e devido à sua própria erudição, começou a avaliar a de Sri Ramakrishna. Sendo um brahmin ortodoxo, desaprovava completamente as ações não ortodoxas de seu primo, mas não deixava de ficar impressionado pela pureza de vida, amor extático e ânsia de realização de Sri Ramakrishna.

Um dia Haladhari aborreceu Sri Ramakrishna com a afirmação de que Deus é incompreensível para a mente humana. Sri Ramakrishna descreveu o grande momento de dúvida, quando cogitou se suas visões o haviam de fato iludido: "Soluçando orei à Mãe, 'Tens Tu coragem de me enganar dessa maneira porque sou um idiota?' Lágrimas escorriam de meus olhos. Pouco depois vi uma quantidade de neblina saindo do chão e enchendo o espaço diante de mim. No meio apareceu um rosto com barba, calmo, altamente expressivo e louro. Fixando o olhar em mim, disse solenemente, 'Permaneça em bhavamukha, no limiar da consciência relativa'. Repetiu três vezes e então, gentilmente desapareceu na neblina, que se dissolveu. Essa visão tranquilizou-me."

Um relatório deturpado sobre a doença debilitante de Sri Ramakrishna, indiferença com a vida mundana e vários atos anormais chegaram até Kamarpukur e encheram de angústia o coração de sua pobre mãe. Depois de repetidos pedidos dela, voltou para sua vila a fim de mudar de ares. Seus amigos de infância, contudo, não o interessavam mais. Uma febre divina o consumia. Passava uma grande parte do dia e da noite num dos campos de cremação, em meditação. O lugar lembrava-lhe a transitoriedade do corpo humano, das esperanças humanas e suas realizações. Isso também lhe lembrava Kali, a Deusa da destruição.

2.3.1 O Plano para o Casamento de Ramakrishna

Em alguns meses, porém, sua saúde apresentou melhora e ele recuperou até um certo ponto, o humor e a alegria. Sua feliz mãe ficou encorajada, pensando que seria uma boa época para arranjar-lhe um casamento. O rapaz tinha então, vinte e três anos. Uma esposa o traria de volta à terra. Ficou maravilhada quando seu filho recebeu bem sua sugestão. Talvez ele visse aí o dedo de Deus.

Saradamani, uma menininha de cinco anos, morava no vilarejo vizinho de Jayrambati. Mesmo

com essa idade orava a Deus, para que Ele tornasse seu caráter imaculado como uma flor branca. Olhando para a lua cheia, dizia: 'Ó Deus, há lugares sombrios mesmo na lua, mas faça com que meu caráter seja sem mancha.' Foi ela a escolhida para ser a noiva de Sri Ramakrishna.

A cerimônia de casamento foi devidamente realizada. Tal casamento precoce na Índia, tem a natureza de um contrato, sendo consumado somente quando a menina atinge a puberdade. Nesse caso, porém, o casamento manteve-se sempre sem ser consumado. Sri Ramakrishna ficou em Kamarpukur mais ou menos um ano e meio e então, retornou a Dakshineswar.

Mal havia atravessado a soleira do templo de Kali quando encontrou-se de novo no mesmo redemoinho. A loucura reapareceu dez vezes mais intensa. A mesma meditação e oração, os mesmos estados extáticos, a mesma sensação de queimadura, o mesmo choro, a mesma falta de sono, a mesma indiferença com o corpo e o mundo exterior, o mesmo delírio divino. Submeteu-se a novas disciplinas para erradicar a ganância e a luxúria, os dois grandes impedimentos para o progresso espiritual. Com uma rupia em uma das mãos e um torrão de terra na mão, refletiu sobre o valor comparativo dessas duas para a realização de Deus e achando que ambas eram igualmente sem valor, jogou-as com igual indiferença no Ganges. Olhava as mulheres como manifestações da Mãe Divina. Jamais nem mesmo em sonhos sentiu o impulso do sexo. Para erradicar da mente a idéia da superioridade de casta, limpou a casa de um pária com o cabelo longo e desalinhado. Ao sentar-se para meditar, os pássaros pousavam em sua cabeça e bicavam o cabelo à procura de grãos de comida. Cobras rastejavam em seu corpo e nenhum dos dois tomava conhecimento um do outro. O sono também o deixou. Dia e noite visões passavam na sua frente. Viu o sannyasin que matara anteriormente, o "pecado", saindo de novo do seu corpo, ameaçando-o com o tridente e ordenando-lhe que se concentrasse em Deus. Ou o mesmo sannyasin visitava lugares distantes, seguindo um caminho luminoso e trazendo-lhe notícias sobre o que estava acontecendo lá. Sri Ramakrishna costumava dizer, mais tarde, que no caso de um aspirante adiantado, a própria mente torna-se o guru, vivendo e movendo-se como um ser encarnado.

Rani Rasmani, a fundadora do templo, morreu em 1861. Depois de sua morte, seu genro Mathur tornou-se o único administrador da propriedade. Ele colocou-se e os seus recursos à disposição de Sri Ramakrishna e começou a cuidar de seu conforto físico. Sri Ramakrishna mais tarde referiu-se a ele como um dos seus cinco "provedores de necessidades", escolhidos pela Mãe Divina. Sempre que um desejo aparecia em sua mente, Mathur o satisfazia sem hesitação.

2.4 Hindus Reconhecem a Espiritualidade de Ramakrishna

Por essa época chegou a Dakshineswar, uma brahmin ortodoxa que veio a desempenhar um importante papel no desabrochar espiritual de Sri Ramakrishna. Nascida em Bengala Oriental, era adepta dos métodos tântrico e vaishnava de adoração. Passava um pouco dos cinquenta anos, era bela e estava vestida com a roupa ocre de uma monja. Seus únicos bens eram alguns livros e duas peças de roupa.

Sri Ramakrishna recebeu a visitante com grande respeito, descreveu-lhe suas experiências e visões e contou-lhe que as pessoas as consideravam sintomas de loucura. Ela ouviu-o com muita atenção e disse-lhe: "Meu filho, todas as pessoas neste mundo são loucas. Algumas são loucas por dinheiro, outras pelo conforto, algumas por nome e fama; e você, por Deus". Ela assegurou-lhe que ele estava passando pela experiência espiritual quase desconhecida, descrita nas escrituras como mahabhava, o êxtase mais exaltado do amor divino. Contou-lhe que esta exaltação extrema foi descrita como se manifestando por dezenove sintomas físicos, incluindo lágrimas, tremor no corpo, arrepio, perspiração e uma sensação de queimadura. As escrituras bhakti, declarou ela, haviam relatado somente dois exemplos dessa experiência, a de Sri Radha e a de Sri Chaitanya.

Logo um relacionamento terno estabeleceu-se entre Sri Ramakrishna e a Brahmani, ela olhando-o como o Menino Krishna, e ele, como sua mãe. Dia após dia ela observava seus êxtases durante o kirtan

e a meditação, seu samadhi, sua ânsia louca e reconheceu nele o poder de transmitir espiritualidade para os outros. Chegou à conclusão de que tais coisas não eram possíveis para um devoto comum, nem mesmo para uma alma altamente desenvolvida. Somente uma Encarnação de Deus seria capaz de tais manifestações espirituais. Proclamou abertamente que Sri Ramakrishna, como Sri Chaitanya, era uma Encarnação Divina.

Quando Sri Ramakrishna contou a Mathur o que a Brahmani dissera a seu respeito, Mathur balançou a cabeça em dúvida, pois relutava aceitá-lo como uma Encarnação de Deus, um Avatar comparável a Rama, Krishna, Buda e Chaitanya, embora admitisse a extraordinária espiritualidade de Sri Ramakrishna. Por isso a Brahmani pediu a Mathur para marcar uma conferência de eruditos que discutiriam o assunto com ela. Ele concordou e o encontro foi marcado. Teria lugar no natmandir, defronte ao templo de Kali.

Dois famosos pundits da época foram convidados: Vaishnanavcharan, o chefe da sociedade vaishnava e Gauri. O primeiro a chegar foi Vaishnavcharan, com um grupo de eruditos e devotos. A Brahmani, como uma mãe orgulhosa, expôs seu ponto de vista diante dele e defendeu-o fazendo citações das escrituras. Enquanto os pundits discutiam a profunda questão teológica, Sri Ramakrishna, perfeitamente indiferente a tudo o que se passava a seu redor, sentou-se no meio deles como uma criança, absorto em seus próprios pensamentos, às vezes sorrindo, às vezes mastigando um pouco de especiarias de um saquinho, ou então, dizendo a Vaishnavcharan, tocando-o de leve: "Veja, às vezes me sinto assim, também". Por fim, Vaishnavcharan levantou-se e declarou-se completamente de acordo com o ponto de vista da Brahmani. Declarou que Sri Ramakrishna havia indubitavelmente experimentado mahabhava e que isso era um sinal certo de uma manifestação rara de Deus no homem. As pessoas que haviam se aglomerado ali, sobretudo os funcionários do templo, estavam abismados. Sri Ramakrishna disse a Mathur como um menino, "Imagine, ele também diz isso. Fico contente em saber que afinal, não se trata de uma doença".

Quando dias mais tarde chegou o pundit Gauri, foi feita uma nova reunião e ele concordou com o ponto de vista da Brahmani e Vaishnavcharan. Ao comentário de Sri Ramakrishna que Vaishnavcharan o tinha declarado um Avatar, Gauri respondeu: "Foi tudo o que ele disse a seu respeito? Então disse pouco. Estou totalmente convencido de que você é aquela Mina de Poder Espiritual, da qual somente uma pequena fração desce à terra de tempos em tempos, na forma de uma Encarnação".

"Ah!", disse Sri Ramakrishna com um sorriso, "o senhor foi além de Vaishnavcharan nesse assunto. O que o senhor encontrou em mim que o faz pensar assim?"

Gauri respondeu: "Sinto em meu coração e tenho as escrituras do meu lado. Estou pronto a provar isso a qualquer um que me desafiar".

"Bem", disse Sri Ramakrishna, "é o senhor quem me diz isso, mas acredite-me, não sei nada a esse respeito". Assim o sacerdote insano foi, pelo veredicto de grandes eruditos da época, declarado uma Encarnação Divina. Suas visões não eram o resultado do desarranjo de seu cérebro; possuíam precedentes na história espiritual. E como o conhecimento desse fato afetou o próprio Sri Ramakrishna? Permaneceu como a simples criança da Mãe que havia sido desde o primeiro dia de vida. Anos mais tarde, quando dois dos seus discípulos chefes de família abertamente referiram-se a ele como uma Encarnação de Deus e isso lhe foi contado, disse com um toque de sarcasmo: "Pensam que eles vão acrescentar alguma coisa à minha glória por causa disso? Um deles é ator no palco e o outro, médico. O que conhecem a respeito de Encarnações? Ora, há anos, pundits como Gauri e Vaishnavcharan declararam-me um Avatar, mas isto não ocasionou qualquer mudança em minha mente".

2.5 Guru Brahmani e o Tantra

Sri Ramakrishna foi um estudante a vida toda. Muitas vezes costumava citar um provérbio a seus discípulos: "Amigos, quanto mais vivo, mais aprendo". Quando a agitação criada pela declaração da Brahmani terminou, ele se propôs a praticar as disciplinas espirituais de acordo com os métodos tradicionais postulados pelas escrituras Tantras e Vaishnava. Até aquele momento havia seguido seu ideal espiritual, segundo as inclinações de sua própria mente e coração. Agora aceitava a Brahmani como guru e pôs os pés nas estradas tradicionais.

De acordo com o tantrismo, a Realidade Suprema é Chit ou Consciência, que é idêntica a Sat ou Ser, e Ananda ou Bem-aventurança. Essa Realidade Suprema, Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos é idêntica à Realidade pregada nos Vedas e o homem é idêntico a essa Realidade, mas sob influência de maya ou ilusão, esqueceu-se da verdadeira natureza. Toma como real um mundo meramente aparente de sujeito e objeto e esse erro é causa de escravidão e sofrimentos. A meta da disciplina espiritual é redescobrir sua identidade com a Realidade divina.

Para se alcançar essa meta, a Vedanta prescreve um método negativo austero de discriminação e renúncia, que pode ser seguido somente por alguns indivíduos dotados de aguda inteligência e força de vontade inabalável, mas os Tantras levam em consideração a fraqueza natural dos seres humanos, seus apetites inferiores e seu amor pelo concreto. Combina filosofia com rituais, meditação com cerimônias, renúncia com prazer. O propósito subjacente é treinar gradualmente o aspirante a meditar em sua identidade com a Realidade Suprema.

A média dos homens deseja desfrutar os objetos materiais. Os Tantras permitem que eles os desfrutem, mas ao mesmo tempo, descubra neles a presença de Deus. Ritos místicos são prescritos pelos quais, lentamente, os objetos dos sentidos são espiritualizados e a atração dos sentidos transforma-se em amor a Deus. Assim os "grilhões" de um homem transformam-se em "libertadores". O próprio veneno que mata, transforma-se em elixir da vida. A renúncia exterior não é necessária. Assim o objetivo dos Tantras é sublimar bhoga ou gozo em yoga, ou união com a Consciência, porque, de acordo com essa filosofia, o mundo com todas as suas manifestações, nada mais é do que o jogo de Shiva e Shakti, o Absoluto e Seu Poder inescrutável.

As disciplinas dos Tantras são graduadas a fim de atender a aspirantes de todos os níveis. São prescritos exercícios para as pessoas com características "animal", "heróica" e "divina". Alguns dos ritos requerem a presença de membros do sexo oposto. Aqui o aspirante aprende a considerar a mulher como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe do universo. A verdadeira base dos Tantras é a Maternidade de Deus e a glorificação da mulher. Cada parte do corpo da mulher deve ser olhada como a Divindade Encarnada. A ajuda de um guru qualificado é absolutamente necessária. Um devoto desprevenido pode perder o pé no chão e cair num buraco de depravação.

Segundo os Tantras, Shakti é a força criativa do universo. Shiva, o Absoluto, é mais ou menos o princípio passivo. Além disso, Shakti é tão inseparável de Shiva como o poder de queimar o é do próprio fogo. Shakti, o Poder Criativo, contém em Seu ventre o universo e por conseguinte, é a Mãe Divina. Todas as mulheres são Seus símbolos. Kali é uma de Suas diversas formas. A meditação em Kali, o Poder criativo, é a disciplina central dos Tantras. Enquanto medita, o aspirante em primeiro lugar olha-se uno com o Absoluto e então, pensa que dessa Consciência Impessoal emergem duas entidades, a saber, seu próprio eu e a forma viva da Deusa. Então projeta a Deusa na imagem tangível defronte dele e adora-a como a Mãe Divina.

Sri Ramakrishna propôs-se praticar as disciplinas dos Tantras e sob o comando da Própria Mãe Divina, aceitou a Brahmani como guru. Executou cerimônias profundas e delicadas no Panchavati e sob a árvore bel, na extremidade norte do conjunto e templos. Praticou todas as disciplinas dos sessenta e quatro livros principais dos Tantras e não levou mais do que três dias para alcançar o resultado prometido em qualquer um deles. Depois de fazer alguns ritos preliminares era tomado por um estranho fervor divino e entrava em samadhi onde a mente permanecia em estado de exaltação.

O mal deixou de existir para ele. A palavra "carnal" perdeu seu significado. O mundo inteiro e tudo nele contido, parecia-lhe a lila, o esporte de Shiva e Shakti. Via em todos os lugares manifestar-se o poder e a beleza da Mãe; o mundo todo, animado e inanimado, parecia-lhe permeado de Chit, Consciência e por Ananda, felicidade.

Numa visão a Causa Suprema do universo apareceu-lhe como um triângulo luminoso amplo, dando nascimento a cada momento, a um número infinito de mundos. Ouviu o Anahata Sabda, o grande som Om, do qual os inúmeros sons do universo são somente ecos. Obteve os oito poderes sobrenaturais da yoga que torna o homem quase onipotente, mas rejeitou-os como sem qualquer valor para o Espírito. Teve a visão da divina Maya, o inescrutável Poder de Deus, pelo qual o universo é criado e sustentado e no qual é finalmente, absorvido. Nessa visão viu uma mulher de extraordinária beleza, a ponto de ser mãe, saindo do Ganges e aproximando-se lentamente do Panchavati. Em seguida deu à luz a uma criança e começou a amamentá-la com ternura. Um instante depois assumiu um aspecto terrível, pegando a criança com suas presas horríveis e esmagando-a. Engolindo-a, entrou novamente nas águas do Ganges.

A experiência mais notável neste período foi, porém, o despertar da Shakti Kundalini, o "Poder da Serpente". Na verdade ele viu o Poder, primeiramente adormecido no final de sua coluna espinal, despertando e subindo pelo canal místico do Sushumna, através de seus seis centros ou lótus até o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, no topo da cabeça. Além disso viu que, à medida que a Kundalini subia, os diferentes lótus floresciam. Esse fenômeno foi acompanhado de visões e transes. Mais tarde descreveu a seus discípulos e devotos, os vários movimentos da Kundalini: de peixe, de pássaro, de macaco etc. O despertar da Kundalini é o começo da consciência espiritual e sua união com Shiva no Sahasrara, terminando em samadhi, é a consumação das disciplinas tântricas.

Por esta época foi-lhe revelado que, breve, muitos devotos procurariam sua orientação.

2.6 Disciplinas Vaishnavas com Brahmani

Depois de terminar a sadhana tântrica, Sri Ramakrishna seguiu a Brahmani nas disciplinas dos Vaishnavismo. Os vaishnavas são adoradores de Vishnu, "O que tudo permeia", o Deus Supremo, que é também conhecido como Hari e Narayana. Das diversas Encarnações de Vishnu, as duas que têm um número maior de seguidores são Rama e Krishna.

Vaishnavismo é exclusivamente a religião de bhakti. Bhakti é o intenso amor a Deus, apego exclusivo a Ele: possui a natureza de bem-aventurança e concede a seu amante, imortalidade e liberação. Deus, segundo o Vaishnavismo, não pode ser realizado pela lógica e pela razão e sem bhakti, todas as penas, austeridades e ritos são fúteis. O homem não pode realizar Deus somente pelo esforço próprio. Para a visão de Deus, Sua graça é absolutamente necessária e essa graça é sentida somente pelo coração puro. A mente deve ser purificada pela bhakti. A mente pura então, permanece para sempre imersa no êxtase da visão de Deus. É o cultivo desse amor divino a principal preocupação da religião vaishnava.

Há três espécies de devoção formal: tamásica, rajásica e sattvica. Se uma pessoa, enquanto estiver mostrando devoção a Deus, é atuada por malevolência, arrogância, ciúme ou raiva, sua devoção é tamásica, uma vez que está sob influência de tamas, qualidade da inércia. Se adorar Deus por desejo de fama ou riqueza, ou por qualquer outra ambição mundana, sua devoção é rajásica, visto que é influenciada por rajas, a qualidade da atividade. Se uma pessoa, porém, ama a Deus sem qualquer pensamento de ganho material, se cumpre as obrigações só para agradar a Deus e mantém para com todas as criaturas a atitude de amizade então, sua devoção é chamada sattvica, porque está sob a influência de sattva, a qualidade da harmonia. A devoção mais elevada, contudo, transcende os três gunas ou qualidades, sendo uma espontânea, ininterrupta inclinação da mente em direção a Deus, a Alma Interior de todos os seres e aflora, no coração do verdadeiro devoto, logo que ele ouve o nome

de Deus ou menção de Seus atributos. Um devoto que possui esse amor não aceitaria a felicidade do céu mesmo se ela lhe fosse oferecida. Seu único desejo é amar Deus sob todas as condições - no prazer e na dor, na vida e na morte, na honra e na desonra, na prosperidade e na adversidade.

Há dois estágios de bhakti. O primeiro é conhecido como vaidhi-bhakti ou amor de Deus qualificado pelas prescrições das escrituras. Para os devotos desse estágio, são prescritos cultos regulares e metódicos, hinos, orações, repetições de nome de Deus e canto de Suas glórias. A bhakti inferior ao longo do tempo amadurece em para-bhakti ou devoção suprema, conhecida, também, como prema, a mais intensa forma de amor divino.

O Amor Divino é um fim em si mesmo. Existe potencialmente em todos os corações, mas no caso de pessoas apegadas, é mal dirigido para os objetos do mundo.

A fim de desenvolver o amor do devoto por Deus, o Vaishnavismo humaniza Deus. Deus deve ser olhado como Pai do devoto, seu Mestre, Amigo, Filho, Marido ou Amante, cada um desses relacionamentos, que se sucedem, representam uma intensificação do amor. Essas bhavas ou atitudes em relação a Deus são conhecidas como santa, dasya, sakhya, vatsalya e madhur. Os rishis dos Vedas, Hanuman, os pastores de Vrindavan, a mãe de Rama, Kausalya e Radhika, a bem-amada de Krishna, foram respectivamente os exemplos mais perfeitos dessas formas. Na escala ascendente, as glórias de Deus são gradualmente esquecidas e o devoto realiza cada vez mais a intimidade da comunhão divina. Finalmente olha-se como a amante do seu Bem-Amado e nenhuma barreira artificial permanece para separá-lo do seu Ideal. Nenhuma obrigação social ou moral pode ligar à terra seu espírito elevado. Experimenta união perfeita com Deus. Ao contrário do vedantista, que luta para transcender todas as variedades do relacionamento sujeito-objeto, um devoto do caminho vaishnava quer reter tanto sua própria individualidade como a personalidade de Deus. Para ele, Deus não é um Intangível Absoluto, mas o Purushottama, a Pessoa Suprema.

Ao praticar a disciplina da madhur bhava, o devoto masculino muitas vezes olha-se como uma mulher, a fim de desenvolver a mais intensa forma de amor por Sri Krishna, o único Purusha ou homem do universo.

Assumir a atitude do sexo oposto tem um significado psicológico profundo. Sabe-se por experiência comum, que uma idéia pode ser cultivada a um grau tão intenso, que qualquer idéia que lhe é estranha será expulsa da mente. Essa peculiaridade da mente pode ser utilizada para a subjugação dos desejos inferiores e desenvolvimento da natureza espiritual. Agora, a idéia de que é a base de todos os desejos e paixões num homem é a convicção de sua associação indissolúvel com um corpo masculino. Se puder convencer-se completamente de que é mulher, poderá livrar-se dos desejos peculiares ao corpo masculino. Assim também, a idéia de que é mulher pode por sua vez, fazê-lo virar-se para uma outra também forte, a saber, que não é nem homem nem mulher mas o Espírito Impessoal. Só o Espírito Impessoal pode desfrutar da comunhão com Deus. Daí a mais alta realização do vaishnava leva próximo à experiência transcendental do vedantista.

Uma bela expressão do culto vaishnava de Deus através do amor pode ser encontrada no episódio de Vrindavan do Bhagavata. As gopis, ou pastoras de Vrindavan, olhavam Krishna de seis anos como seu Bem-Amado. Não procuravam qualquer ganho pessoal ou felicidade desse amor. Entregaram a Krishna seus corpos, mentes e almas. De todas as Gopis, Radhika ou Radha, devido ao seu intenso amor por Ele, foi a mais próxima de Krishna. Ela manifestou mahabhava e uniu-se ao seu Bem-Amado. Essa união representa, numa linguagem sensual, uma experiência além dos sentidos.

Sri Chaitanya, também conhecido como Gauranga, Gora ou Nimai, nasceu em Bengala em 1485 e foi considerado uma Encarnação de Deus. É um grande profeta da religião vaishnava. Chaitanya declarou que cantar o nome de Deus é a disciplina espiritual mais eficaz para o Kaliyuga.

Sri Ramakrishna, como o macaco Hanuman, já havia adorado Deus como seu Senhor. Devido à sua devoção a Kali, cultivou Deus como Mãe. Agora ia praticar os outros relacionamentos prescritos pelas escrituras vaishnavas.

2.7 O Monge Devoto de Rama

Mais ou menos no ano de 1864, chegou a Dakshineswar, um monge errante vaishnava, Jatadhari, cujo Ideal Divino era Rama. Sempre levava consigo uma pequena imagem de metal da Divindade que ele chamava pelo nome carinhoso de Ramlala, o Menino Rama. A essa pequena imagem dedicava uma afeição terna semelhante àquela que Kausalya tinha pelo seu divino Filho, Rama. Como resultado de prática espiritual de toda uma vida, ele realmente havia encontrado na imagem de metal a presença de seu Ideal. Ramlala já não era para ele uma imagem de metal, mas o Deus vivo. Dedicava-se a acariciar Rama, alimentar Rama, brincar com Rama, levar Rama para passear e dar banho em Rama. Julgava que a imagem respondia a seu amor.

Sri Ramakrishna, muito impressionado com sua devoção, pediu a Jatadhari para passar alguns dias em Dakshineswar. Logo Ramlala também tornou-se o companheiro favorito de Sri Ramakrishna. Mais tarde descreveu para seus devotos, como a pequena imagem dançava graciosamente diante dele, pulava nas suas costas, insistia para que ele o tomasse em seus braços, corria pelos campos no sol, apanhava flores nos arbustos e pregava peças como um menino travesso. Um relacionamento muito terno despontou entre ele e Ramlala, por quem sentia um amor de mãe.

Um dia Jatadhari pediu que Sri Ramakrishna ficasse com a imagem e disse-lhe adeus com os olhos cheios de lágrimas. Declarou que Ramlala havia atendido à sua prece mais íntima e que agora, não necessitava mais de culto formal. Uns dias mais tarde, Sri Ramakrishna foi abençoado, através de Ramlala, com a visão de Ramachandra, quando realizou que o Rama do Ramayana, o filho de Dasaratha, permeia todo o universo, como Espírito e Consciência; que Ele é seu Criador, Preservador e Destruidor; que, sob um outro aspecto, Ele é o Brahman transcendental sem forma, atributo ou nome.

Enquanto adorava Ramlala como o Menino Divino, o coração de Sri Ramakrishna tornou-se cheio de ternura maternal e começou a se olhar como uma mulher. A fala e gestos mudaram. Começou a se mover livremente com as mulheres da família de Mathur, que agora, olhavam-no como uma pessoa de seu sexo. Nessa época, adorou a Mãe Divina como Sua companheira e serva.

2.8 A Comunhão com Radha e Krishna

Sri Ramakrishna agora dedicou-se a escalar as mais inacessíveis e vertiginosas alturas do culto dualístico, isto é, a completa união com Sri Krishna como Bem-Amado. Considerava-se uma gopi de Vrindavan, louca de amor por seu divino Amado. A seu pedido, Mathur providenciou roupa de mulher e jóias. Nessa busca de amor, esquecia-se de comer e beber. Dia e noite chorava amargamente. A ânsia transformou-se num louco arrebatamento, porque o divino Krishna começou a fazer com ele os velhos truques com os quais brincava com as gopis. Amolava e caçoava, de vez em quando revelando-Se, mas sempre mantendo-Se à distância. A angústia de Sri Ramakrishna trouxe de volta os antigos sintomas físicos: a sensação de queimadura, sangue saindo dos poros, afrouxamento das juntas e parada das funções fisiológicas.

As escrituras vaishnavas aconselham uma pessoa a propiciar Radha para obter a graça de realizar Krishna. Assim a torturada alma agora dirigiu sua oração para ela. Em pouco tempo desfrutou a abençoada visão. Viu e sentiu a figura de Radha desaparecendo dentro do próprio corpo.

Mais tarde, disse: "É impossível descrever a beleza celestial e suavidade de Radha. Sua própria aparência mostrou que ela tinha se esquecido completamente no seu apego apaixonado por Krishna. Sua pele era amarelo claro".

Agora uno com Radha, manifestou seu grande amor extático, o mahabhava, que encontra nela a mais plena expressão. Mais tarde Sri Ramakrishna disse: "A manifestação numa pessoa dos dezenove

tipos diferentes de emoção por Deus é chamado, nos livros bhakti, mahabhava. Uma pessoa comum leva uma vida inteira para expressar somente um único deles, mas nesse corpo (referindo-se ao seu) houve uma completa manifestação de todos os dezenove".

O amor de Radha é precursor da visão resplandecente de Sri Krishna e Sri Ramakrishna logo experimentou aquela visão. A forma encantadora de Krishna apareceu-lhe e fundiu-se em sua pessoa. Tornou-se Krishna: esqueceu-se totalmente de sua própria individualidade e do mundo; via Krishna em si mesmo e no universo. Assim atingiu a realização total da adoração do Deus Pessoal. Bebeu da Fonte da Bem-aventurança Imortal. A agonia de seu coração desapareceu para sempre. Realizou Amrita, Imortalidade, além da sombra da morte.

Um dia, ouvindo recitar o Bhagavata na varanda do templo de Radhakanta, sentiu-se em estado divino e viu a forma encantadora de Krishna. Viu os luminosos raios saindo dos Pés de Lótus de Krishna sob a forma de uma corda grossa que primeiro tocou o Bhagavata e em seguida, seu peito, unindo todos os três - Deus, a escritura e o devoto. "Depois dessa visão", costumava dizer, "Cheguei a compreender que Bhagavan, Bhakta e Bhagavata - Deus, Devoto e Escritura - são na realidade um e o mesmo".

2.9 Filosofia Vedanta Não-Dualista

A Brahmani era a instrutora entusiasta e observadora atônita de Sri Ramakrishna, em seu progresso espiritual. Tornara-se orgulhosa das realizações do seu discípulo sem par. O próprio aluno não tinha permissão de descansar; seu destino o empurrava para frente. Sua Mãe Divina não lhe permitiu descanso até que ele tivesse deixado para trás o campo da dualidade com suas visões, experiências e sonhos extáticos. Mas para a nova subida, os antigos guias não eram suficientes. A Brahmani, de quem havia dependido durante três anos, viu seu filho escapar-lhe, para seguir o comando de um mestre de força masculina, de aparência rígida, físico curtido e de voz viril. O novo guru era um monge errante, o robusto Totapuri, a quem Sri Ramakrishna aprendeu a se dirigir afetuosamente como Nangta, o "Desnudo", devido à sua total renúncia de todos os objetos da terra e apegos, incluindo mesmo uma peça de roupa.

Tota Puri era adepto de uma filosofia nova para Sri Ramakrishna, a filosofia Vedanta não-dualista, cujas conclusões Totapuri experimentara em sua própria vida. Esse antigo sistema hindu designa a Realidade Suprema de Brahman, também descrita como Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Brahman é a única Existência Real. N'Ela não há tempo, nem espaço, nem causalidade, nem multiplicidade, mas devido à maya, Seu poder inescrutável, tempo, espaço e causalidade são criados e o Uno parece dividir-se em muitos. O Eterno Espírito aparece como uma multiplicidade de indivíduos com forma e sujeito às condições de tempo. O Imortal torna-se vítima de nascimento e morte. O Imutável sofre mudança. A Pura Alma sem pecado, hipnotizada por Sua própria maya, experimenta as alegrias do céu e dores do inferno, mas essas experiências, baseadas na dualidade da relação sujeito-objeto, são irreais. Mesmo a visão de um Deus Pessoal é, em termos finais, uma experiência tão ilusória, quanto a de qualquer outro objeto. O homem atinge sua liberação, por conseguinte, rasgando o véu de maya e redescobrindo sua total identidade com Brahman. Conhecendo-se como uno com o Espírito Universal, realiza a Paz inefável. Só então vai além da ficção do nascimento e morte; aí, então, torna-se imortal. Essa é a meta suprema de todas as religiões - despertar a alma, hipnotizada por sua própria ignorância.

O caminho da disciplina vedantista é o caminho da negação, "neti" no qual, por estrênua determinação, tudo o que é irreal é ao mesmo tempo, negado e renunciado. É o caminho da Jnana, o método direto de realizar o Absoluto. Depois de negar tudo o que é relativo, incluindo a discriminação do próprio ego, o aspirante funde-se com o Uno sem Segundo, na Bem-aventurança do nirvikalpa samadhi, onde o sujeito e o objeto são igualmente dissolvidos. A alma vai além do domínio

do pensamento. O domínio da dualidade é transcendido. Maya é deixada para trás com todas as suas mudanças e modificações. O Homem Real coloca-se acima das ilusões de criação, preservação e destruição. Uma avalanche de Bem-aventurança indescritível varre todas as idéias relativas de dor e prazer, bem e mal. Brilha então no coração, a glória do Brahman Eterno. Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Conhecedor, conhecimento e conhecido dissolvem-se no Oceano de uma Consciência eterna; amor, amante e bem-amado fundem-se no ilimitado Mar de Felicidade suprema; nascimento, crescimento e morte desaparecem na Existência infinita. Todas as dúvidas e receios são dominados; as oscilações da mente param; a força das ações passadas exaurem-se. Quebrando a viga mestra do tabernáculo onde a alma construiu sua morada durante incontáveis anos, acalmando o corpo, silenciando a mente, destruindo o ego, a doce alegria de Brahman emerge nesse estado além dos sentidos. O espaço desaparece no nada, o tempo é tragado na eternidade e causação torna-se um sonho do passado. Ah! Quem pode descrever o que a alma sente em comunhão com o Ser?

Mesmo quando um homem desce dessa altura vertiginosa, está desprovido das idéias de "eu" e "meu"; olha para o corpo como mera sombra, um envoltório exterior que abriga a alma. Não habita no passado, não pensa no futuro e olha com indiferença o presente. Observa tudo no mundo com olhos de igualdade; já não mais é tocado pela variedade infinita de fenômenos; não mais reage ao prazer e à dor. Permanece inalterado se seu corpo é adorado pelos bons ou atormentado pelos maus, porque compreende que é somente Brahman o único que Se manifesta através de tudo. O impacto de tal experiência devasta o corpo e a mente. A Consciência torna-se ofuscada, por assim dizer, pelo excesso de Luz. Nos livros de Vedanta está escrito que, depois da experiência do Nirvikalpa samadhi o corpo cai como uma folha seca. Somente aqueles que nasceram com uma missão especial para o mundo, podem voltar dessa altura para os vales da vida normal. Vivem e movem-se no mundo para o bem da humanidade. Estão investidos por um poder espiritual supremo. Uma glória divina brilha através deles.

2.9.1 Totapuri e a Unidade com Brahman

Totapuri chegou ao templo de Dakshineswar no final de 1864. Nascido talvez no Punjab, dirigia um mosteiro naquela província da Índia e dizia-se líder de setecentos sannyasins. Treinado desde a juventude nas disciplinas da Vedanta Advaita, considerava o mundo uma ilusão. Os deuses e deusas do culto dualista eram para ele meras fantasias de mentes iludidas. Orações, cerimônias, ritos e rituais nada tinham a ver com a verdadeira religião e a isso ele era totalmente indiferente. Com grande esforço e inquebrantável força de vontade, havia se liberado do apego aos objetos dos sentidos do mundo relativo. Durante quarenta anos havia praticado austeras disciplinas às margens do Narmada sagrado e finalmente, realizou sua identidade com o Absoluto. Daí em diante vagou pelo mundo como uma alma sem grilhões, um leão livre da jaula. Vestido com uma tanga, passava os dias ao relento, quer sob tempestade ou sol, alimentando o corpo com magra porção de esmolas. Estivera visitando o estuário do Ganges. Em sua viagem de volta pelo rio sagrado, guiado pela Inescrutável Vontade Divina, parou em Dakshineswar.

Totapuri, vendo de relance que Sri Ramakrishna estava preparado para ser um estudante de Vedanta, convidou-o para ser iniciado nos seus mistérios. Com a autorização da Mãe Divina, Sri Ramakrishna concordou com o pedido, mas Totapuri explicou que somente um sannyasin poderia receber os ensinamentos da Vedanta. Sri Ramakrishna concordou em renunciar ao mundo, mas com a condição de que a cerimônia de sua iniciação na ordem monástica fosse realizada em segredo, para não melindrar os sentimentos de sua velha mãe, que vivia com ele em Dakshineswar.

No dia marcado, bem cedo pela manhã, uma fogueira foi acesa no Panchavati. Totapuri e Sri Ramakrishna sentaram-se diante dela. A chama iluminava seus rostos. "Ramakrishna era um pequeno homem moreno com uma barba curta e lindos olhos, profundos olhos negros, cheios de luz, obliquamente colocados e levemente velados, jamais totalmente abertos, mas que viam semicerrados

à distância, tanto externa como internamente. A boca estava aberta com os dentes brancos com um sorriso encantador, ao mesmo tempo carinhoso e brincalhão. De estatura mediana, franzino ao ponto de ser emaciado e extremamente delicado. Seu temperamento era muito sensível, uma vez que era suscetível a todos os ventos de alegria e tristeza, tantos morais quanto físicos. Era realmente o reflexo vivo de tudo o que acontecia diante do espelho de seus olhos, um espelho de duas faces, virado tanto para dentro como para fora . Diante dele, o outro erguia-se como uma rocha. Era muito alto e robusto, um forte e resistente carvalho. Sua constituição e mente eram de ferro. Era o forte líder dos homens".

Na chama flamejante em sua frente, Sri Ramakrishna executou os rituais para destruir o apego aos parentes, amigos, corpo, mente, órgãos dos sentidos, ego e o mundo. A chama crepitante absorvia tudo, tornando o iniciado livre e puro. O cordão sagrado e o tufo de cabelo foram atirados ao fogo, completando sua separação de casta, sexo e sociedade. Por último queimou naquele fogo, com tudo o que é sagrado, como testemunha, o desejo de gozo neste e no outro mundo, Pronunciou os mantras sagrados confirmando segurança e intrepidez a todos os seres, que eram, apenas manifestações do seu próprio Ser. Uma vez terminados os ritos, o discípulo recebeu do guru a tanga e a roupa ocre, emblemas de sua nova vida.

O mestre e o discípulo retiraram-se para o aposento de meditação, próximo dali. Totapuri começou a transmitir a Sri Ramakrishna, as grandes verdades da Vedanta. "Brahman", disse, "é a única Realidade, sempre puro, sempre iluminado, sempre livre, além dos limites de tempo, espaço e causação. Embora aparentemente separado por nomes e formas, pelo poder inescrutável de maya, a feiticeira que torna o impossível, possível, Brahman é realmente Uno e indivisível. Quando um aspirante se funde na beatitude do samadhi, não percebe tempo e espaço, ou nome e forma, os filhos de maya. Tudo o que estiver dentro do domínio de maya é irreal. Renuncie a eles. Destrua a prisão de nome e forma e saia fora dela com a força de um leão. Mergulhe fundo à procura do Ser e realiza-O pelo samadhi. Verá o mundo de nome e forma esvanecer-se no vazio e o insignificante ego dissolver-se na Consciência de Brahman. Realizará sua identidade com Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos". Citando os Upanishads, Totapuri disse: "É vazio o conhecimento pelo qual uma pessoa vê, ouve ou conhece uma outra pessoa. O que é superficial é sem valor, jamais pode trazer felicidade verdadeira, mas o Conhecimento pelo qual uma pessoa não vê a outra, não ouve a outra ou não conhece a outra, que está além da dualidade, é grande e por meio desse Conhecimento, uma pessoa atinge Bem-aventurança Infinita. Como pode a mente e os sentidos apreender Aquele que brilha no coração de todos como o Sujeito Eterno?"

Totapuri pediu ao discípulo para retirar a mente de todos os objetos do mundo relativo, incluindo deuses e deusas e concentrar-se no Absoluto. A tarefa, contudo, não era fácil, mesmo para Sri Ramakrishna. Achou impossível levar a mente além de Kali, a Mãe Divina do Universo. "Depois da iniciação", Sri Ramakrishna disse certa vez, descrevendo o acontecimento: "Nangta começou a me ensinar as diversas conclusões da Vedanta Advaita e pediu-me para retirar completamente a mente de todos os objetos e mergulhar no Atman. Apesar de todos os esforços, não pude de jeito algum cruzar o campo de nome e forma e trazer a mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade de retirar a mente de todos os objetos do mundo, mas a radiante e bastante familiar figura da Mãe Bem-aventurada, a Encarnação da essência da Pura Consciência, aparecia diante de mim como uma realidade viva. Seu sorriso sedutor impedia-me de atravessar o Grande Além. Repetidas vezes tentei, mas Ela interpunha-se em meu caminho toda vez. Desesperado, disse a Nangta: 'Não há esperança. Não posso elevar minha mente ao estado incondicional e ficar frente a frente com o Atman.' Ele ficou exaltado e asperamente disse: 'O que? Você não pode fazer isso? Mas tem que fazê-lo.' Olhou em volta. Encontrando um pedaço de vidro, pegou-o e espetou-o entre minhas sobrancelhas. 'Concentre a mente neste ponto!' trovejou. Com uma determinação férrea, sentei de novo para meditar. Assim que a forma graciosa da Mãe Divina apareceu diante de mim, usei a discriminação com uma espada e com ela, A parti em dois. A última barreira caiu. Meu espírito imediatamente elevou-se além do plano relativo e perdi-me em samadhi." Sri Ramakrishna permaneceu completamente absorvido em

samadhi durante três dias. "Será verdade?" Totapuri gritou atônito. "Será possível que ele tenha conseguido num único dia o que levei quarenta anos de prática estrênua para alcançar? Grande Deus! Foi simplesmente um milagre!" Com a ajuda de Totapuri, a mente de Sri Ramakrishna finalmente desceu ao plano relativo.

Totapuri, um monge do tipo mais ortodoxo, jamais ficava num lugar por mais de três dias. Permaneceu, porém, onze meses em Dakshineswar. Também ele tinha algo a aprender.

Totapuri não fazia idéia das lutas do homem comum nas malhas da paixão e do desejo. Tendo mantido durante toda sua vida a pureza de uma criança, ria com a idéia de um homem ser derrotado pelos sentidos. Estava convencido de que o mundo era maya e que bastava somente tomar conhecimento disso, para que ele desaparecesse para sempre. Nascido não dualista, não acreditava no Deus Pessoal. Não tinha fé no aspecto terrível de Kali, muito menos no Seu aspecto benigno. Música e o cantar do santo nome de Deus eram, para ele, apenas um amontoado de tolices. Ridicularizava o gasto de emoção durante o culto do Deus Pessoal.

Sri Ramakrishna, por outro lado, embora completamente consciente, como o seu guru, que o mundo é uma aparência ilusória, em vez de menosprezar maya, como um monista ortodoxo, reconhecia sua força na vida relativa. Era todo amor e reverência por maya, percebendo nela uma expressão majestosa e misteriosa da Divindade. Para ele maya em si mesma era Deus, uma vez que tudo era Deus. Era uma das faces de Brahman. O que havia realizado nas alturas do plano transcendental, também encontrou aqui embaixo, em todos os lugares em sua volta, sob a misteriosa roupagem de nomes e formas. Essa roupagem era um envoltório perfeitamente transparente, através do qual reconhecia a glória da Imanência Divina. Maya, o poderoso tecelão dessa vestimenta, não é outro senão Kali, a Mãe Divina. Ela é a Energia Divina Primordial, Shakti e não pode ser separada do Supremo Brahman, como o poder de queimar não pode ser separado do fogo. Ela projeta o mundo e ao mesmo tempo o retira. Ela o tece como a aranha tece a teia. Ela é a Mãe do Universo, idêntica a Brahman da Vedanta e do Atman da Yoga. Como um eterno Legislador, Ela faz e desfaz as leis; é devido à Sua vontade imperiosa que o Karma produz seu fruto. Enreda os homens com ilusão e novamente os alivia da escravidão com um olhar de Seus olhos benignos. Ela é a suprema Senhora do espetáculo cósmico e todos os objetos, animados e inanimados dançam à Sua vontade. Mesmo aqueles que realizam o Absoluto no Nirvikalpa samadhi estão sob a Sua jurisdição, enquanto ainda viverem no plano relativo.

Assim, depois do Nirvikalpa samadhi, Sri Ramakrishna realizou maya num aspecto totalmente novo. O aspecto escravizador de Kali desapareceu de sua visão. Ela não mais obscureceu seu entendimento. O mundo tornou-se a gloriosa Manifestação da Mãe Divina. Maya tornou-se Brahman. O Próprio Transcendental surgiu do Imanente. Sri Ramakrishna descobriu que maya opera no mundo relativo de duas maneiras, que ele denominou "avidyamaya" e "vidyamaya". Avidyamaya representa as forças negras da criação: desejos sensuais, paixões más, ganância, luxúria, crueldade etc. Sustenta o mundo nos planos inferiores. É responsável pela roda de nascimento e morte do homem. Deve ser combatida e conquistada, mas vidyamaya é a força mais elevada da criação: as virtudes espirituais, as qualidades de iluminação, bondade, pureza, amor, devoção.

Vidyamaya eleva o homem aos planos mais elevados de consciência. Com a ajuda de vidyamaya o devoto se livra de avidyamaya: torna-se então, mayatita, livre de maya. Os dois aspectos de maya são as duas forças da criação, os dois poderes de Kali; Ela está além de ambos. Ela é como o sol, trazendo a existência e brilhando através e atrás das nuvens de formas e cores diferen-tes, conjurando formas maravilhosas no céu azul do outono.

A Mãe Divina pediu a Sri Ramakrishna para não se perder no Absoluto sem forma, mas para permanecer em bhavamukha, o limiar da consciência relativa, a linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Ele tinha que ficar no "sexto centro" do Tantra de onde podia ver não só a glória do sétimo mas também, as divinas manifestações da Kundalini nos centros inferiores. Gentilmente oscilava para frente e para trás, atravessando a linha divisória. Devoção extática à Mãe Divina alternava-se com

a serena absorção no Oceano de Unidade Absoluta. Assim encurtou a distância entre os aspectos Pessoal e Impessoal, o imanente e o transcendente da Realidade. Essa é uma experiência única em toda a história espiritual já relatada no mundo.

2.9.2 Totapuri se "Rende" à Mãe Divina

Com Sri Ramakrishna, Totapuri aprendeu o significado de Kali, o Grande Fato do mundo relativo e de maya, Seu indescritível Poder.

Um dia, quando guru e discípulo estavam ocupados numa animada discussão sobre vedanta, um empregado do templo chegou e apanhou um pedaço de carvão do fogo sagrado que tinha sido aceso pelo grande asceta. Queria acender o seu fumo. Totapuri ficou furioso a ponto de quase bater no homem. Sri Ramakrishna caiu na gargalhada. "Que vergonha!", gritou. "Você está explicando a realidade de Brahman e o caráter ilusório do mundo e, contudo, esqueceu-se de si mesmo e quase bateu num homem, num acesso de raiva. O poder de maya é realmente inescrutável!" Totapuri ficou embaraçado.

Por esta época Totapuri repentinamente sofreu um severo ataque de disenteria. Devido a essa doença, viu-se impossibilitado de meditar. Uma noite a dor tornou-se insuportável. Não mais podia concentrar-se em Brahman. O corpo interpunha-se no caminho. Sentiu-se frustrado por esse estado de dependência. Alma livre, não se preocupava de forma alguma com o corpo. Então decidiu afogar-se no Ganges. Por conseguinte, dirigiu-se para o rio. Mas, ah! Ele caminha até a outra margem. Não há água suficiente no Ganges? Em pé, estupefato, na outra margem, olhou para trás. As árvores, os templos, as casas mostravam-se como silhuetas contra o céu. Subitamente, num instante deslumbrante, vê em todos os lados, a presença da Mãe Divina. Ela está em tudo. Ela é tudo. Ela está na água; Ela está na terra, Ela é o corpo; Ela é a mente; Ela é a dor; Ela é o conforto; Ela é o Conhecimento; Ela é a ignorância; Ela é a vida; Ela é a morte; Ela é tudo o que uma pessoa vê, ouve ou imagina. Ela muda "sim" em "não", e "não" em "sim". Sem Sua graça nenhum ser encarnado pode ir além do Seu domínio. O homem não tem livre arbítrio. Não é nem livre para morrer, entretanto, além do corpo e da mente Ela reside no seu aspecto Transcendental Absoluto. Ela é o Brahman que Totapuri vinha adorando durante toda a vida.

Totapuri voltou para Dakshineswar e gastou as últimas horas da madrugada meditando na Mãe Divina. De manhã foi ao templo de Kali com Sri Ramakrishna e prosternou-se ante a imagem da Mãe. Compreendeu agora porque havia passado onze meses em Dakshineswar. Despedindo-se do discípulo, seguiu seu caminho, iluminado.

Mais tarde Sri Ramakrishna descreveu a importância das lições de Totapuri. "Quando penso no Ser Supremo como inativo - nem criando, nem preservando, nem destruindo - chamou-O Brahman ou Purusha, o Deus Impessoal. Quando penso n'Ele como ativo - criando, preservando e destruindo - chamou-O Shakti ou Maya ou Prakriti, o Deus Pessoal. A distinção entre eles, contudo, não significa diferença. O pessoal e o Impessoal são a mesma coisa, como o leite e sua brancura, o diamante e seu brilho, a cobra e seu movimento sinuoso. É impossível conceber um sem o outro. A Mãe Divina e Brahman são um".

Depois da partida de Totapuri, Sri Ramakrishna permaneceu durante seis meses num estado de identidade absoluta com Brahman. "Durante seis meses seguidos", disse ele, "permaneci naquele estado do qual homens comuns não podem jamais voltar; geralmente o corpo cai, depois de três semanas como uma folha seca. Não era consciente do dia e da noite. As moscas entravam em minha boca e narinas, como ocorre com um cadáver, mas eu não as sentia. Meu cabelo ficou emaranhado com a poeira".

Seu corpo não teria sobrevivido se não fosse a atenção dedicada de um monge que estava em Dakshineswar naquela época e que por qualquer motivo compreendeu que para o bem da humanidade,

o corpo de Sri Ramakrishna deveria ser preservado. Tentou por diversas maneiras, mesmo usando a violência física, trazer de volta a alma fugitiva para a prisão do corpo e nos fugazes momentos de lucidez, punha um pouco de comida na boca de Sri Ramakrishna. Por fim Sri Ramakrishna recebeu ordem da Mãe Divina para permanecer no limite da consciência relativa. Em seguida foi acometido por um sério ataque de disenteria. Dia e noite a dor torturou-o e a mente gradualmente desceu ao plano físico.

Capítulo 3

Ramakrishna e os Múltiplos Caminhos para Deus

3.1 Companhia dos Santos e Devotos

Daquele momento em diante Sri Ramakrishna começou a procurar a companhia dos devotos e homens santos. Havia atravessado a tormenta e exaustão das disciplinas e visões. Agora realizara calma interna dando a impressão aos outros de que era um homem normal, mas ele não podia suportar a companhia de pessoas do mundo ou escutar suas conversas. Felizmente a atmosfera santificada de Dakshineswar e a generosidade de Mathur atraíam monges e santos de todas as partes do país. Sadhus de todas as denominações - monistas e dualistas - vaishnavas, vedantistas, shaktas e adoradores de Rama - acorriam para lá em número crescente.

Ascetas e visionários vinham pedir conselho a Sri Ramakrishna. Os vaishnavas haviam vindo durante sua sadhana vaishnava e os tântricos enquanto praticava as disciplinas dos Tantras. Os vedantistas começaram a chegar depois da partida de Totapuri. No quarto de Sri Ramakrishna, que estava então de cama com disenteria, os vedantistas empenhavam-se em discussões sobre as escrituras e esquecendo o próprio sofrimento físico, resolvia suas dúvidas, referindo-se diretamente às suas próprias experiências. Muitos de seus visitantes eram pessoas espiritualizadas autênticas, pilares invisíveis do hinduísmo e suas vidas espirituais foram aceleradas numa grande medida pelo sábio de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, por sua vez, aprendeu com eles as histórias concernentes às maneiras e conduta dos homens santos, que ele posteriormente contava a seus devotos e discípulos. A seu pedido Mathur dava-lhe grandes quantidades de alimentos, roupas etc., que eram assim, distribuídos entre os monges errantes.

Sri Ramakrishna não havia lido, contudo, era dotado de um conhecimento enciclopédico a respeito das religiões e filosofias. Havia adquirido tal conhecimento com inúmeros homens santos e eruditos, com quem estivera em contato. Possuía um poder único de assimilação; através da meditação havia feito desse conhecimento uma parte do seu ser. Uma vez sendo interpelado por um discípulo sobre a origem de seu aparente e inesgotável conhecimento, respondeu: "Eu não li, mas ouvi os eruditos. Fiz uma grinalda de seus conhecimentos e colocando-a em torno do meu pescoço ofereci-a aos pés da Mãe."

Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando a flor desabrocha as abelhas vêm apanhar o mel por sua própria iniciativa. Agora muitas almas começaram a vir a Dakshineswar para satisfazerem sua fome espiritual. Ele, o devoto e aspirante, tornara-se o Mestre. Gauri, o grande erudito que tinha sido um dos primeiros a proclamar Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, visitou o Mestre em 1870 e com as bênçãos do Mestre, renunciou ao mundo. Narayan Shastri, um outro grande pundit, que havia dominado os seis sistemas da filosofia hindu e a quem foi oferecido um posto lucrativo pelo

Maharaja de Jaipur, ao ver o Mestre, reconheceu-o como aquele que havia realizado em vida os ideais que ele mesmo só havia encontrado em livros. Sri Ramakrishna iniciou Narayan Shastri, a seu pedido sincero, na vida de sannyas. Pundit Padmalochan, o pundit da corte do Maharaja de Burdwan, muito conhecido por sua erudição tanto na Vedanta como no sistema Nyaya de filosofia, aceitou o Mestre como uma Encarnação de Deus. Krishnakishore, um erudito vedantista, tornou-se devoto do Mestre. Chegou então, Viswanath Upadhyaya, que seria seu devoto favorito. Sri Ramakrishna sempre se dirigiu a ele como "Capitão". Era um alto funcionário do rei do Nepal e havia recebido o título de Coronel em reconhecimento ao seu mérito. Um estudioso do Gita, do Bhagavata e da filosofia Vedanta, diariamente fazia o culto de sua Divindade Escolhida com muita devoção. "Li os Vedas e as outras escrituras", disse ele: "Também tive a oportunidade de conhecer muitos monges bons e devotos em diferentes lugares, mas é na presença de Sri Ramakrishna que meus anseios espirituais concretizam-se. Para mim ele parece ser a personificação das verdades das escrituras."

O Conhecimento de Brahman no nirvikalpa samadhi havia convencido Sri Ramakrishna de que os deuses das diferentes religiões são apenas muitas das interpretações do Absoluto e que a Realidade Suprema jamais pode ser expressa pela língua humana. Compreendeu que todas as religiões conduzem os devotos por diferentes caminhos para uma e mesma meta. Agora tornou-se ansioso para conhecer algumas religiões estrangeiras, porque para ele, entendimento significava uma experiência verdadeira.

3.2 Islamismo

No fim de 1866 começou a praticar as disciplinas do islamismo. Sob a direção do seu guru muçulmano, dedicou-se à sua nova sadhana. Vestiu-se como um muçulmano e repetia o nome de Alá. Suas orações correspondiam às devoções islâmicas, esqueceu-se dos deuses e deusas hindus - mesmo de Kali - e desistiu de visitar os templos. Passou a morar nos arredores do templo. Depois de três dias viu uma figura radiante, talvez Maomé, que se aproximou gentilmente dele e finalmente perdeu-se em Sri Ramakrishna. Assim realizou o Deus muçulmano. Em seguida, entrou em comunhão com Brahman. O poderoso rio do islamismo também levou-o de volta para o Oceano do Absoluto.

3.3 Cristianismo

Oito anos depois, num domingo de 1874, Sri Ramakrishna foi tomado por um irresistível desejo de aprender a verdade da religião cristã. Começou a ouvir os ensinamentos da Bíblia por Sambhu Charan Mallick, um senhor de Calcutá e devoto do Mestre. Sri Ramakrishna ficou fascinado com a vida e ensinamentos de Jesus.

Um dia estava sentado na sala de visitas da chácara de Jadu Mallick em Dakshineswar, quando seus olhos bateram numa pintura da Madonna e o Menino. Olhando fixamente para ela, gradualmente foi sendo tomado por uma emoção divina. As pessoas da pintura ganharam vida e os raios de luz que saíam delas entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte do que a visão de Maomé. Com angústia, gritou: "Ó Mãe! O que Tu estás fazendo comigo?" E, atravessando as barreiras de credo e religião, entrou num novo campo de êxtase. Cristo possuiu sua alma. Durante três dias não pôs os pés no templo de Kali. No quarto dia à tarde, enquanto andava no Panchavati viu caminhando em sua direção, uma pessoa com lindos olhos grandes, rosto sereno e pele clara. Quando os dois se olharam, uma voz saiu do fundo da alma de Sri Ramakrishna:

"Contempla o Cristo que derramou o sangue do Seu coração para a redenção do homem, que suportou um mar de angústia por amor aos homens. É Ele, o Yogi Mestre, que está em eterna união com Deus. É Jesus, o Encarnado Amor." O Filho do Homem abraçou o Filho da Divina Mãe e fundiu-se nele. Sri Ramakrishna realizou sua identidade com Cristo, como já tinha realizado

sua identidade com Kali, Rama, Hanuman, Radha, Krishna, Brahman e Maomé. O Mestre entrou em samadhi e comungou com Brahman com atributos. Assim experimentou a verdade de que o Cristianismo, também, é um caminho que conduz à Consciência de Deus. Até o último momento de sua vida, acreditou que Cristo era uma Encarnação de Deus. Cristo para ele não era, contudo, a única Encarnação; houve outras - Buda, por exemplo, e Krishna.

3.4 Atitudes em Relação a Diferentes Religiões

Sri Ramakrishna aceitava a divindade de Buda e costumava assinalar a semelhança dos seus ensinamentos com aqueles dos Upanishads. Mostrava, também, grande respeito pelos Tirthankaras, que fundaram o Jainismo e pelos dez Gurus do Sikhismo, mas não se referia a eles como Encarnações divinas. Ouviu-se que ele teria dito que os Gurus do Sikhismo haviam sido encarnações do rei Janaka da Índia antiga. Tinha em seu quarto em Dakshineswar, uma pequena estátua do Tirthankara Mahavira e um quadro de Cristo, diante dos quais queimava incenso de manhã e à noite.

Sem ser formalmente iniciado em suas doutrinas, Sri Ramakrishna realizou assim, os ideais de outras religiões, além do hinduísmo. Ele não necessitava seguir qualquer doutrina. Todas as barreiras eram removidas pelo seu amor arrebatador a Deus. Tornou-se, então, um Mestre das várias religiões do mundo, "Pratiquei", disse ele, "Todas as religiões - hinduísmo, islamismo, cristianismo - e segui, também, os caminhos das diferentes seitas hindus. Constatei que se trata do mesmo Deus para quem todos dirigem seus passos, embora seguindo caminhos diferentes. Devem tentar todos os credos e trilhar todos os diferentes caminhos uma vez. Para qualquer lugar que olho vejo homens brigando em nome da religião - hindus, maometanos, brahmos, vaishnavas e assim por diante. Mas eles jamais pensam que Aquele que é chamado Krishna é, também, chamado Shiva e leva o nome de Energia Primordial, Jesus, Alá também - o mesmo Rama com mil nomes. Um lago tem mil ghats. Num os hindus apanham água em seus potes e chamam-na 'jal'; num outro, os muçulmanos apanham água em bolsas de couro e chamam-na 'pani'; num terceiro os cristãos chamam-na 'water'. Podemos imaginar que não se trata de 'jal', mas apenas 'pani' ou 'water'? Que ridículo! A substância é Una sob diferentes nomes e todos procuram a mesma substância; apenas clima, temperamento e nome criam diferenças. Deixe cada um seguir seu próprio caminho. Se ele sincera e ardentemente deseja conhecer Deus, paz para ele! Certamente O realizará."

Em 1867 Sri Ramakrishna voltou para Kamarpukur para se recuperar das consequências das austeridades. A paz do campo, os amigos simples e ingênuos de sua meninice e o ar puro fizeram-lhe muito bem. Os aldeões ficaram felizes em terem de volta seu brincalhão, franco, esperto, bondoso e veraz Gadadhar, embora não lhes tivesse escapado a grande mudança que lhe ocorrera nesses anos em Calcutá. Sua esposa, Sarada Devi, agora com quatorze anos, logo chegou a Kamarpukur. Seu desenvolvimento espiritual era muito além de sua idade e ela foi capaz de compreender de imediato, o estado de espírito do seu marido. Ficou ansiosa para aprender com ele a respeito de Deus e morar com ele como sua ajudante. O Mestre recebeu-a com alegria tanto como sua discípula, como sua companheira espiritual. Referindo-se às suas experiências nesses poucos dias, ela uma vez disse: "Costumava sentir sempre como se um pote cheio de felicidade tivesse sido colocado no meu coração. A alegria foi indescritível."

3.5 Peregrinação nos Lugares Sagrados da Índia

No dia 27 de janeiro de 1868, Mathur Babu com uma comitiva de cento e vinte e cinco pessoas saiu em peregrinação até os sagrados lugares do norte da Índia. Em Vadyanath no Behar, quando o Mestre viu os habitantes de um vilarejo reduzidos pela pobreza e inanição, a meros esqueletos, pediu a seu rico protetor para alimentá-los e dar-lhes uma peça de roupa, Mathur objetou a fazer tal gasto extra.

O Mestre declarou amargamente que não iria a Benares, mas que viveria entre os pobres e dividiria com eles suas misérias. Chegou a deixar Mathur e sentou-se com os aldeões. Então Mathur teve que ceder. Em outra ocasião, dois anos depois, Sri Ramakrishna mostrou um sentimento semelhante pelos pobres e necessitados. Acompanhou Mathur numa visita a uma das propriedades deste último, por ocasião da coleta de impostos. Durante dois anos as colheitas haviam sido ruins e os arrendatários estavam num estado de extrema pobreza. O Mestre desejava que Mathur perdoasse os impostos, ajudasse-os e ainda desse ao povo faminto, uma festa suntuosa. Quando Mathur reclamou, o Mestre disse: "Você é apenas o administrador da Mãe Divina. Eles são arrendatários da Mãe. Você deve gastar o dinheiro da Mãe. Estão sofrendo, como pode se recusar a ajudá-los? Você deve ajudá-los." Novamente Mathur teve de ceder. A simpatia de Sri Ramakrishna pelos pobres nascia do fato dele ver Deus em todas as criaturas. Seu sentimento não era igual ao do humanista ou filantropo. Para ele o serviço do homem era o mesmo que adoração a Deus.

A comitiva chegou a Benares de barco, pelo Ganges. Quando os olhos de Sri Ramakrishna caíram nessa cidade de Shiva, onde estão acumulados há séculos, a devoção e piedade de adoradores sem conta, viu que ela era feita de ouro, como as escrituras declaram. Ficou visivelmente emocionado. Durante sua estada na cidade, tratava qualquer grão de terra com o maior respeito. No ghat de Manikarnika, o grande crematório da cidade, realmente viu Shiva com o corpo coberto de cinzas, o cabelo dourado emaranhado, aproximando-se serenamente de cada pira funerária e soprando nos ouvidos dos cadáveres o mantra de liberação; depois a Mãe Divina removendo dos mortos seus grilhões. Assim compreendeu o significado da assertiva espiritual de que qualquer um que morra em Benares, salva-se pela graça de Shiva. Visitou Trailanga Swami, o célebre monge, quem ele mais tarde declarou ser um autêntico paramahamsa, verdadeira imagem de Shiva.

Sri Ramakrishna visitou Allahabad, na confluência do Ganges e Jamuna e em seguida, Vrindavan e Mathura, cidade enfeitiçada pelas lendas, canções e dramas a respeito de Krishna e das gopis. Ali teve numerosas visões e o coração transbordou de emoção divina. Chamou e disse: "Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Tu estás ausente." Visitou a grande santa, Gangamayi, considerada pelos devotos vaishnavas, a encarnação de uma companheira íntima de Radha. Tinha sessenta anos e frequentemente entrava em transe. Referia-se a Sri Ramakrishna como uma encarnação de Radha. Com muita dificuldade conseguiu-se persuadi-lo a deixá-la.

Na viagem de volta, Mathur queria visitar Gaya, mas Sri Ramakrishna recusou-se ir. Lembrou-se da visão de seu pai antes do seu nascimento e sentiu que no templo de Vishnu ficaria para sempre absorvido em Deus. Mathur, satisfazendo o desejo do Mestre, voltou com a comitiva para Calcutá.

O Mestre trouxe de Vrindavan um punhado de terra. Parte dela espalhou no Panchavati; o resto enterrou numa pequena cabana onde praticava meditação. "Agora este lugar", disse, "é tão sagrado quanto Vrindavan".

Em 1870 o Mestre foi em peregrinação a Nadia, cidade natal de Sri Chaitanya. Assim que o barco aproximou-se da margem de areia perto de Nadia, Sri Ramakrishna teve a visão dos "dois irmãos", Sri Chaitanya e seu companheiro, Nityanananda, "brilhantes como ouro derretido", e com auréolas, correndo para saudá-lo com as mãos levantadas. "Aí vêm eles! Aí vêm eles!" gritou. Entrando em seu corpo, caiu em transe profundo.

3.6 Relacionamento com a Esposa Sarada Devi

Em 1872 Sarada Devi fez sua primeira visita ao marido em Dakshineswar. Quatro anos antes ela o tinha visto em Kamarpukur e provado o gosto da felicidade de sua companhia divina. Desde então tornou-se ainda mais gentil, terna, introspectiva, séria e altruísta. Havia ouvido muitos boatos sobre a insanidade de seu marido. As pessoas apiedavam-se dela nessa infelicidade. Quanto mais pensava, mais sentia que seu dever era estar com ele, dando-lhe na medida do possível, seu serviço de esposa

dedicada. Estava agora com dezoito anos.

Acompanhada do pai, chegou a Dakshineswar, depois de percorrer a pé uma distância de oitenta milhas. Havia tido um ataque de febre durante o caminho. Quando chegou ao templo, o Mestre disse tristemente: "Ah! Você chegou tarde demais. Meu Mathur já não está aqui para cuidar de você". Mathur havia morrido no ano anterior.

O Mestre incumbiu-se da tarefa de instruir sua jovem esposa e isso incluía tudo, desde os serviços de casa até o Conhecimento de Brahman. Ensinou-a a enfeitar um lampião, como se comportar diante das pessoas de acordo com seus diferentes temperamentos e como se conduzir diante dos visitantes. Instruiu-a nos mistérios da vida espiritual - oração, meditação, japa, contemplação profunda e samadhi. A primeira lição que Sarada Devi recebeu foi: "Deus é o Bem-Amado de todos, assim como a lua é a cara a qualquer criança. Todas as pessoas têm o mesmo direito de orar a Ele. Por Sua graça Ele Se revela a todos que O chamam. Você também O verá se apenas orar por Ele".

Totapuri sabendo do seu casamento, comentou uma vez: "O que importa? Somente aquele que está firmemente estabelecido no Conhecimento de Brahman pode manter seu espírito de discriminação e renúncia, mesmo vivendo com sua esposa. Só atingiu a iluminação suprema aquele que pode olhar um homem ou uma mulher como iguais a Brahman. Um homem com a idéia de sexo na cabeça pode ser um bom aspirante, mas ainda está longe da meta." Sri Ramakrishna e sua esposa viviam juntos em Dakshineswar, mas suas mentes pairavam sempre acima do plano do mundo. Alguns meses depois da chegada de Sarada Devi, Sri Ramakrishna arranjou num dia auspicioso, um culto especial para Kali, a Mãe Divina. Em vez da imagem da Divindade, colocou em seu lugar, uma imagem viva, a própria Sarada Devi. O adorador e a adorada entraram em samadhi profundo e no plano transcendental, suas almas uniram-se. Depois de várias horas, Sri Ramakrishna desceu ao plano relativo, cantou um hino à Grande Deusa e entregou aos pés da própria imagem viva, ele próprio, seu rosário e o fruto da sadhana de toda a vida. Tal cerimônia é conhecida nos Tantras como Shorashi Puja, a "Adoração da Mulher". Sri Ramakrishna compreendeu o significado da grande declaração dos Upanishads: "Ó Senhor, Tu és a mulher, Tu és o homem; Tu és o menino, Tu és a menina; Tu és o velho, trôpego em suas muletas. Tu permeias o universo nas suas múltiplas formas."

Ao casar-se, Sri Ramakrishna mostrou o grande valor do casamento na evolução espiritual do homem e ao tomar votos monásticos, demonstrou a necessidade imperativa do autocontrole, pureza e continência, na realização de Deus. Com seu relacionamento único com a esposa, provou que marido e mulher podem viver juntos como companheiros espirituais. Assim, sua vida é a sínteses das duas maneiras de vida: como chefe de família e como monge.

3.7 O "Ego Maduro" de Ramakrishna

No Nirvikalpa samadhi Sri Ramakrishna havia realizado que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Ao manter a mente durante seis meses no plano de Brahman não-dual, havia atingido o estado de vijnani, o conhecedor da Verdade, num sentido muito especial e rico, aquele que vê Brahman não apenas em si e no Absoluto transcendental, mas em tudo no mundo. Nesse estado de vijnani, às vezes alheio à consciência do corpo, ele se olhava como uno com Brahman; às vezes, consciente do mundo dual, olhava-se como um devoto de Deus, servo ou filho. A fim de tornar o Mestre capaz de trabalhar para o bem-estar da humanidade, a Mãe Divina manteve nele um traço de ego, que descreveu - segundo seu estado - como o "ego do conhecimento" o "ego da devoção", o "ego de um filho", ou o "ego de um servo". Em qualquer um desses casos, esse ego do Mestre, consumido pelo fogo do Conhecimento de Brahman, era apenas aparente, como uma corda queimada. Muitas vezes referia-se a esse ego como o "ego maduro" em contraste com o ego de uma alma apegada, que descrevia como ego "não maduro" ou "verde". O ego de uma alma apegada identifica-se com o corpo, parentes, posses e o mundo, mas o "ego maduro", iluminado pelo Conhecimento Divino, reconhece

que o corpo, parentes, posses e o mundo são irreais e estabelece uma relação de amor somente com Deus. Através do seu "ego maduro", Sri Ramakrishna lidava com o mundo e com a esposa. Um dia, enquanto massageava seus pés, Sarada Devi perguntou ao Mestre: "O que você pensa de mim?" Logo veio a resposta: "A Mãe que é adorada no templo é a que deu nascimento ao meu corpo e que está agora morando no nahabat e é Ela que também está massageando meus pés nesse momento. Na verdade, sempre considerei você a personificação da Bem-aventurada Mãe Kali."

Sarada Devi na companhia do marido, teve raras experiências espirituais. Dizia: "Não tenho palavras para descrever minha maravilhosa exaltação de espírito quando o observava nos seus diferentes estados. Sob divina emoção, ele às vezes falava de assuntos incompreensíveis, às vezes ria, às vezes chorava e às vezes tornava-se imóvel em samadhi. Isso continuava pela noite adentro. Havia uma tal extraordinária presença divina nele que, de vez em quando tremia de medo e admiração, pensando como a noite passaria. Meses passaram-se assim. Um dia descobriu que eu tinha que ficar acordada a noite inteira porque, durante meu sono, ele talvez entrasse em samadhi - isso poderia acontecer a qualquer momento e assim, pediu-me para dormir no nahabat."

3.8 Resumo das Experiências Espirituais do Mestre

Chegava agora o fim da sadhana de Sri Ramakrishna, o período de sua disciplina espiritual. Como consequência de suas experiências além dos sentidos, chegou a certas conclusões concernentes a si mesmo e à espiritualidade em geral. Suas conclusões sobre si mesmo podem ser resumidas assim:

Primeiro, era uma Encarnação de Deus, uma pessoa especialmente comissionada, cujas experiências espirituais eram para o bem da humanidade. Enquanto uma pessoa comum leva uma vida inteira para realizar um ou dois aspectos de Deus, ele em poucos anos, realizou-O em todos Seus aspectos.

Segundo, sempre soube que tinha sido uma alma livre, que as diversas disciplinas pelas quais havia passado, realmente não eram necessárias para sua própria liberação, mas somente para o benefício dos outros. As palavras liberação e escravidão não eram aplicáveis a ele. Enquanto houver seres que se considerem apegados, Deus tem que vir à terra como uma Encarnação, para libertá-los dessa escravidão, como um magistrado tem que visitar um lugar de seu distrito em que haja problemas.

Terceiro, suas previsões sobre a época de sua morte concretizaram-se completamente.

Sobre espiritualidade em geral, foram as seguintes suas conclusões:

Primeiro, estava firmemente convencido de que todas as religiões são verdadeiras, de que todo sistema de doutrina representa um caminho para Deus. Seguira todos os principais caminhos e todos levaram-no ao mesmo objetivo. Foi o primeiro profeta religioso registrado pela história, a pregar a harmonia das religiões.

Segundo, percebeu que os três grandes sistemas de pensamento conhecidos como Dualismo, Não-dualismo Qualificado e Absoluto Não-dualismo - Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita - representam os três estágios do progresso do homem em direção à Realidade Suprema. Não se contradiziam, mas se complementavam e ajustavam-se aos diferentes temperamentos. Para o homem comum, com grande apego aos sentidos, a forma dualista de religião, prescrevendo uma certa quantidade de apoio material, como música e outros símbolos, é útil. Um homem que já realizou Deus transcende a idéia dos deveres mundanos, mas o mortal comum executa seus deveres, lutando para ser desapegado e entregar os resultados a Deus. A mente pode compreender e descrever a o pensamento e a experiência até o Vishishtadvaita, mas não além. A Advaita, a última palavra em experiência espiritual, é qualquer coisa a ser sentida em samadhi, porque transcende a mente e a fala. Do ponto de vista mais elevado, o Absoluto e Sua manifestação são igualmente reais - o Nome do Senhor, Sua Morada e o Próprio Deus são da mesma Essência espiritual. Tudo é Espírito, a diferença está somente na forma.

Terceiro, Sri Ramakrishna realizou o desejo da Mãe Divina de que através dele, Ela fundaria uma

nova Ordem, formada por aqueles que manteriam de pé as doutrinas ilustradas em sua vida.

Quarto, sua vida espiritual dizia-lhe que aqueles estavam em sua última encarnação nesse plano mortal de existência e aqueles que haviam chamado sinceramente pelo Senhor uma vez apenas durante sus vidas, deveriam vir a ele.

Nessa época Sri Ramakrishna sofreu várias perdas de pessoas que lhe eram caras. A primeira foi a morte de um sobrinho, chamado Akshay. Depois da morte do jovem, Sri Ramakrishna disse: "Akshay morreu diante de meus olhos, mas isso não me afetou em nada. Fiquei assistindo e observei como um homem morre. Era como uma espada sendo tirada da bainha. Diverti-me com a cena, ria, cantava e dançava. Retiraram o corpo e cremaram-no. No dia seguinte fui ali (apontando para a varanda sudeste de seu quarto), senti uma dor aguda pela perda de Akshay, como se alguém estivesse torcendo meu coração como uma toalha úmida. Fiquei admirado com isso e pensei que a Mãe estivesse me dando uma lição. Eu não estava preocupado nem mesmo com o próprio corpo - muito menos com a do meu parente, mas se tal era a minha dor com a perda de um sobrinho, como não seria a dos chefes de família com a perda de seus próximos e queridos entes!" Em 1871 Mathur morreu e cinco anos mais tarde, Sambhu Mallick - que depois da morte de Mathur havia assumido as despesas do Mestre. Em 1873 morreu seu irmão mais velho, Rameswar e em 1876, sua amada mãe. Essas perdas tiveram um impacto no terno coração humano de Sri Ramakrishna, embora tivesse realizado a imortalidade da alma e a ilusão do nascimento e morte.

Em março de 1875, mais ou menos um ano antes da morte da mãe, o Mestre conheceu Keshab Chandra Sen. O encontro foi um acontecimento importante tanto para Sri Ramakrishna como para Keshab. Naquele momento, pela primeira vez, o Mestre entrou em contato com um digno representante da Índia moderna.

Capítulo 4

Devotos, Discípulos e Aprendizes de Ramakrishna

4.1 Movimento Brahmo Samaj

Keshab foi o líder do Brahmo Samaj, um dos dois grandes movimentos que, na última metade do século XIX, desempenhou um importante papel no renascimento da Índia. O fundador do movimento Brahmo foi o grande Raja Rammohan Roy (1774-1833). Embora tenha nascido numa família brahmin ortodoxa, Rammohan Roy demonstrava uma grande simpatia pelo islamismo e pelo cristianismo. Foi ao Tibé à procura dos mistérios budistas. Extraiu do cristianismo o sistema ético, mas rejeitou a divindade de Cristo, da mesma maneira que havia negado as Encarnações Hindus. O islamismo influenciou-o bastante na formulação de suas doutrinas monoteístas, mas ele sempre voltava para os Vedas a fim de obter inspiração espiritual. O Brahmo Samaj, que havia fundado em 1828, era dedicado ao "culto e adoração do Eterno, Insondável, Ser Imutável, que é o Autor e Preservador do Universo". Era aberto a todos sem distinção de cor, casta, nação ou religião.

O verdadeiro organizador do Samaj foi Devendranath Tagore (1817-1905), pai do poeta Rabindranath. Sua beleza física e espiritual, seu porte aristocrático, agudo intelecto e sensibilidade poética tornaram-no o líder mais notável dos intelectuais bengalis. Esses dirigiam-se a ele com o epíteto respeitoso de Maharshi, o "Grande Vidente". O Maharshi era um grande erudito sânscrito e, ao contrário de Raja Rammohan Roy, tirava inspiração inteiramente dos Upanishads. Foi um inimigo implacável do culto à imagem e também, lutou para deter a infiltração das idéias cristãs no Samaj. Deu ao movimento sua fé e ritual. Sob sua influência, o Brahmo Samaj professou Um Ser Supremo Auto-existente, que havia criado o universo do nada, o Deus da Verdade, Sabedoria Infinita, Bondade e Poder, o Eterno e Onipotente, o Uno sem Segundo. Os homens devem amá-Lo e fazer Sua vontade, acreditar n'Ele e adorá-Lo e assim, merecer a salvação no mundo vindouro.

Sem dúvida alguma, o líder mais capaz do movimento Brahmo foi Keshab Chandra Sen (1838-1884). Ao contrário de Raja Rammohan Roy e Devendranath Tagore, Keshab nasceu numa família bengali de classe média e tinha sido educado numa escola inglesa. Não conhecia sânscrito e logo afastou-se da religião hindu popular. Já em tenra idade havia ficado fascinado por Cristo e afirmava ter experimentado a graça especial de João Batista, Cristo e São Paulo. Quando lutou para introduzir Cristo no Brahmo Samaj, a ruptura tornou-se inevitável com Devendranath. Em 1868 Keshab rompeu com o chefe mais antigo e fundou o Brahmo Samaj da Índia, sendo que Devendranath manteve-se à frente da organização inicial, agora chamada Adi Samaj.

Keshab possuía uma natureza complexa. Quando passava por uma grande crise moral, ficava a maior parte do tempo na solidão e sentia ouvir a voz de Deus. Quando um novo culto devocional era introduzido no Brahmo Samaj, passava horas cantando o kirtan com seus membros. Visitou a

Inglaterra em 1870 e impressionou o povo inglês com sua voz musical, seu inglês simples e seu fervor espiritual. Foi recebido pela rainha Victoria.

Voltando à Índia, fundou centros do Brahmo Samaj em várias partes do país. Como professor de religiões comparativas de uma universidade européia, começou a descobrir, por ocasião de seu primeiro contato com Sri Ramakrishna, a harmonia das religiões. Começou a olhar com simpatia os deuses e deusas hindus, explicando-os de uma maneira liberal. Além disso acreditava que havia sido chamado por Deus para dar ao mundo uma lei recentemente revelada por Ele, a Nova Revelação, o Navavidhan.

Em 1878 houve uma cisão no Samaj de Keshab. Alguns membros influentes acusaram-no de infringir os princípios do Brahmo Samaj, ao casar sua filha com um homem rico, antes dela atingir a idade própria para tal, aprovada pelo Samaj. Esse grupo desligou-se e estabeleceu o Sadharan Brahmo Samaj, ficando Keshab como chefe remanescente do Navavidhan. Keshab agora começou a ser atraído cada vez mais para o ideal de Cristo, apesar de, sob a influência de Sri Ramakrishna, sua devoção à Mãe Divina tivesse se aprofundado. Sua oscilação mental entre Cristo e a Mãe Divina do hinduísmo não encontrava uma posição de equilíbrio. Em Bengala e outros lugares da Índia, o movimento Brahmo assumiu a forma de cristianismo unitarista, escarnecendo dos rituais hindus e pregando a cruzada contra o culto das imagens. Sob a influência da cultura ocidental, declarava a supremacia da razão, advogava os ideais da Revolução Francesa, abolia o sistema de castas entre seus membros, lutava pela emancipação das mulheres, agitada pela abolição do casamento precoce, permitia o casamento das viúvas e encorajava os vários movimentos educacionais e de reforma social. O efeito imediato do movimento Brahmo em Bengala foi o confronto com as atividades proselitistas dos missionários cristãos. Também levantou a cultura indiana aos olhos dos seus senhores ingleses, mas tratava-se de um fermento religioso intelectual e eclético, nascido da necessidade do momento. Ao contrário do hinduísmo, não havia surgido das profundas experiências interiores de sábios e profetas. Sua influência estava confiada a praticamente poucos homens e mulheres intelectuais do país e a vasta massa dos indianos ficou de fora. Monotonamente tocava apenas uma nota só da rica escala musical da Religião Eterna dos indianos.

4.1.1 Arya Samaj

Um outro movimento que teve importante papel na renovação religiosa da Índia, foi o Arya Samaj. O Brahmo Samaj, movimento essencialmente de compromisso com a cultura européia, admitiu tacitamente a superioridade do ocidente, mas o fundador era um combativo sannyasin hindu que havia aceitado o desafio do islamismo e cristianismo e havia decidido combater todas as influências estrangeiras na Índia. Swami Dayananda (1824-1883) lançou esse movimento em Bombaim em 1875 e logo sua influência fez-se sentir em toda a Índia ocidental. O Swami foi um grande erudito dos Vedas, que ele explicava, eram monoteístas. Era contra o culto das imagens e restabeleceu os ritos sacrificais védicos antigos. De acordo com ele, os Vedas eram a última autoridade em matéria de religião e ele aceitava cada palavra como sendo literalmente verdadeira. O Arya Samaj tornou-se um baluarte contra a usurpação do islamismo e cristianismo e seu sabor ortodoxo tocou muitas mentes indianas. Liderou também muitos movimentos de reforma social. O sistema de castas tornou-se um alvo de seu ataque. As mulheres foram liberadas de muitas de suas limitações sociais. A educação recebeu um grande impulso. Iniciou uma campanha contra o casamento entre crianças, defendendo um novo matrimônio para as viúvas. Sua maior influência foi no Punjab, campo de batalha das culturas hindu e islâmica. Uma nova atitude combativa foi introduzida na adormecida sociedade indiana. Ao contrário do Brahmo Samaj, a influência do Arya Samaj não se limitou aos intelectuais. Era uma força que se disseminava entre as massas. Era um movimento dogmático, intolerante com aqueles que discordassem de seus pontos de vista e dava ênfase apenas a um caminho, o caminho do Arya Samaj, para a realização da Verdade. Sri Ramakrishna encontrou Swami Dayananda quando este último visitou Bengala.

4.2 Keshab Chandra Sen

Keshab Chandra Sen e Sri Ramakrishna encontraram-se pela primeira vez na chácara de Jayagopal em Belgharia, umas poucas milhas de Dakshineswar, onde o grande líder Brahmo estava hospedado com alguns discípulos. Em muitos pontos ambos eram pólos opostos, embora uma atração irresistível interna os havia feito amigos íntimos. O Mestre havia realizado Deus como Espírito Puro e Consciência, mas também acreditava nas diversas formas de Deus. Keshab, por sua vez, considerava o culto à imagem, idolatria e dava explicações alegóricas das divindades hindus. Keshab era um orador e escritor de livros e artigos de revistas; Sri Ramakrishna tinha aversão a conferências e com dificuldade sabia escrever o nome. A fama de Keshab havia se espalhado por toda a parte, chegando mesmo às distantes praias da Inglaterra; o Mestre ainda levava uma vida reclusa no vilarejo de Dakshineswar. Keshab dava ênfase às reformas sociais para que fosse conseguida a regeneração da Índia; para Sri Ramakrishna a realização de Deus era a única meta da vida.

Keshab considerava-se um discípulo de Cristo, mas aceitava com reservas, os sacramentos cristãos e a Trindade; Sri Ramakrishna era um simples filho de Kali, a Mãe Divina, embora ele também, de uma forma diferente, aceitasse a divindade de Cristo. Keshab era um chefe de família e interessava-se pelo bem-estar de seus filhos, enquanto que Sri Ramakrishna era um Paramahamsa, completamente indiferente à vida do mundo.

Contudo, uma vez que o relacionamento havia amadurecido em amizade, Sri Ramakrishna e Keshab nutriam um pelo outro um sentimento cordial e de respeito. Anos mais tarde, com a notícia da morte de Keshab, o Mestre sentiu como se o corpo estivesse paralisado. Os conceitos de Keshab sobre a harmonia das religiões e o caráter maternal de Deus aprofundaram-se e enriqueceram-se com seu contato com Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna, vestido com um 'dhoti' de franja vermelha, com cada ponta atirada displicentemente por cima do ombro esquerdo, chegou à chácara de Jayagopal acompanhado de Hriday. Ninguém notou a presença do modesto visitante. Por fim, o Mestre disse a Keshab: "Disseram-me que o senhor viu Deus; por isso vim ouvi-lo falar sobre Ele". Seguiu-se um diálogo maravilhoso. O Mestre entoou uma emocionante canção sobre Kali e por fim, entrou em samadhi. Quando Hriday murmurou o sagrado "Om" em seu ouvido, gradualmente voltou à consciência do mundo, o rosto ainda irradiando um brilho divino. Keshab e seus seguidores estavam extasiados. O contraste entre Sri Ramakrishna e os devotos Brahmos era muito interessante. Ali sentou-se aquele homem pequeno, magro e extremamente delicado. Os olhos possuíam luz interior. Um bom humor brilhava em seus olhos e um sorriso permanecia no canto da boca. Falava bengali popular com uma leve e deliciosa gagueira e suas palavras faziam as pessoas ficarem maravilhadas pela riqueza da experiência espiritual, seu conteúdo inesgotável de comparações e metáforas, seu poder de observação, seu humor brilhante e sutil, sua universalidade maravilhosa, seu fluxo incessante de sabedoria. À sua volta estavam os homens sofisticados de Bengala, os melhores produtos da educação ocidental, com Keshab, o ídolo da jovem Bengala, como seu chefe.

A sinceridade de Keshab foi suficiente para Sri Ramakrishna. Daí por diante os dois passaram a se ver frequentemente, tanto em Daksineswar como no templo Brahmo Samaj. Sempre que o Mestre encontrava-se no templo por ocasião do serviço divino, Keshab chamava-o para falar à congregação. Keshab, por sua vez, visitava o santo, oferecendo-lhe flores e frutas.

4.3 Outros Chefes Brahmos

Gradualmente os outros dirigentes Brahmos começaram a sentir a influência de Sri Ramakrishna. Eram, porém, admiradores críticos do Mestre. Desaprovavam particularmente sua renúncia ascética e a condenação de "mulher e ouro". Julgavam-no de acordo com seus próprios ideais de vida como

chefes de família. Alguns não compreendiam seu samadhi e descreviam-no como uma doença nervosa. Contudo não podiam resistir à sua personalidade magnética.

Entre os chefes Brahmos que conheciam intimamente o Mestre, estavam Pratap Chandra Mazumdar, Vijaykrishna Goswami, Trailokyanath Sannyal e Shivanath Shastri.

Um dia Shivanath ficou bastante impressionado com a absoluta simplicidade do Mestre e sua aversão ao elogio. Estava sentado com Sri Ramakrishna no quarto desse último, quando chegaram vários homens ricos de Calcutá. O Mestre deixou o aposento por alguns minutos. Nesse ínterim Hriday, seu sobrinho, começou a descrever seu samadhi aos visitantes. As últimas palavras foram ouvidas pelo Mestre ao entrar no quarto.

Disse a Hriday: "Que pessoas de espírito mesquinho você deve ser, para me enaltecer dessa maneira, perante esses homens ricos! Você deve ter visto seu vestuário caro e suas correntes e relógios de ouro e o objetivo deles é tirar quanto dinheiro puder. O que me importa o que eles pensam a meu respeito? (Virando para os senhores). Não, meus amigos, o que ele lhe disse a meu respeito não é verdade. Não foi o amor de Deus que me fez ficar absorvido n'Ele e indiferente ao mundo exterior. Positivamente fiquei louco durante um certo tempo. Os sadhus que frequentavam esse templo haviam-me mandado praticar muitas coisas. Tentei segui-los e a consequência foi que minhas austeridades levaram-me à insanidade." Essa é uma citação de um dos livros de Shivanath. Ele levou as palavras do Mestre ao pé da letra, sem atinar sua importância verdadeira.

Shivanath criticava veementemente o Mestre pela sua atitude fora do comum em relação à esposa. Escreveu: "Ramakrishna estava praticamente separado da esposa que morava em seu vilarejo natal. Um dia em que eu estava comentando com alguns amigos a respeito da virtual viuvez de sua esposa, ele me chamou para um canto e murmurou no meu ouvido: 'Por que você se queixa? Não é mais possível; está tudo morto e desaparecido.' Outro dia como eu estivesse investindo contra essa parte do seu ensinamento e também, dizendo que nosso programa de trabalho no Brahmo Samaj inclui mulheres, que a nossa é uma religião social e doméstica e que desejamos dar educação e liberdade social para as mulheres, o santo ficou muito exaltado, como era seu jeito quando qualquer coisa contra sua convicção estabelecida era discutida - um traço que gostamos muito nele - exclamou: 'Vá, seu tolo, e enterre-se no buraco que suas mulheres cavarão para você.' Então olhou para mim e disse: 'O que um jardineiro faz com um brotinho? Não põe uma cerca para protegê-lo das cabras e do gado? E quando a plantinha tiver crescido e se transformado numa árvore e não mais puder ser pisoteada pelo gado, não retira a cerca e deixa-a crescer livremente?' Respondi: 'Sim, esse é o costume dos jardineiros.' Então observou: 'Faça o mesmo com sua vida espiritual: torne-se forte, completamente adulto e então poderá procurá-las.' A que respondi: 'Não concordo com o senhor, dizendo que o trabalho das mulheres é como o do gado, destrutivo; são nossas associadas e ajudantes nas lutas espirituais e progresso social' - um ponto de vista com o qual ele não podia concordar e demonstrou sua reprovação, sacudindo a cabeça. Referindo-se à hora avançada, jocosamente comentou: 'É hora do senhor ir embora; tome cuidado, não se atrase, caso contrário, 'sua mulher não permitirá sua entrada no quarto.' Isso provocou uma risada calorosa."

Pratap Chandra Mazumdar, braço direito de Keshab e pregador perfeito do Brahmo na Europa e América, criticava amargamente Sri Ramakrishna pelo uso de uma linguagem inculta e também, pela atitude em relação à esposa. Não podia, porém, escapar da magia da personalidade do Mestre. Num artigo a respeito de Sri Ramakrishna, Pratap escreveu no Theistic Quarterly Review: "O que há de comum entre nós? Eu, um homem à maneira européia, civilizado, autocentrado, um tanto céptico, um pretenso racionalizador educado, um discriminador, e ele, um devoto hindu, pobre, iletrado, impolido, meio idólatra, sem amigos? Por que haveria eu de me sentar longas horas para ouvi-lo, eu que ouvi Disraeli e Fawcett, Stanley e Max Müller e todo um vasto conjunto de eruditos e divinos? ...Não sou eu somente, mas dúzias de pessoas como eu, que fazem a mesma coisa. ...Ele adora Shiva, adora Kali, adora Rama, adora Krishna e é um confirmado defensor das doutrinas vedantistas. ...É um idólatra, contudo, um fiel e maior meditante nas perfeição do Uno Sem Forma, Absoluto,

Divindade Infinita. ... Sua religião é o êxtase, seu culto significa visão interior transcendental, sua natureza inteira queima dia e noite com um fogo permanente e febre de uma estranha fé e sentimento ... Enquanto ele estiver conosco com alegria, sentaremos aos seus pés a fim de aprender os preceitos sublimes de pureza, não mundanismo, espiritualidade e inebriação no amor de Deus ... Ele, pela bhakti infantil, pelas suas fortes concepções da Maternidade, ajudou-nos a descobrir isto (Deus como nossa Mãe), de forma fascinante ... Ao nos associarmos com ele, aprendemos a compreender melhor os atributos divinos disseminados entre trezentos e trinta milhões de divindades da Índia mitológica, os deuses dos Puranas."

Os dirigentes Brahmos receberam muita inspiração pelo seu contato com Sri Ramakrishna. Isto alargou seus pontos de vista religiosos e inflamou nos seus corações o anelo pela realização de Deus; fê-los compreender e apreciar os rituais e os símbolos da religião hindu, convencendo-os da manifestação de Deus em diversas formas e aprofundou seus pensamentos sobre a harmonia das religiões. O Mestre, também, estava impressionado com a sinceridade de muitos devotos Brahmos. Falou-lhes sobre suas próprias realizações e explicou-lhes a essência de seus ensinamentos, tais como a necessidade de renúncia, sinceridade em seguir seu próprio curso de disciplina, fé em Deus, execução dos deveres pessoais sem pensar nos resultados e discriminação entre o Real e o irreal.

O contato com bengalis educados e progressistas abriram os olhos de Sri Ramakrishna para um novo campo de pensamento. Nascido e criado num simples vilarejo, sem educação formal e recebendo ensinamentos de santos ortodoxos da Índia, sobre a vida religiosa, não tinha tido oportunidade de estudar a influência do modernismo no pensamento e na vida dos hindus. Não havia podido estimar com precisão o impacto da educação ocidental na cultura indiana. Era o Hindu dos hindus, sendo a renúncia para ele, o único meio para a realização de Deus na vida. Dos Brahmos aprendeu que a nova geração da Índia havia firmado um compromisso entre Deus e o mundo. Os jovens educados sentiam mais a influência dos filósofos ocidentais do que seus próprios profetas. Sri Ramakrishna, porém, não desanimou, porque via nisso, também, a mão de Deus. Embora tivesse exposto aos Brahmos todas suas idéias a respeito de Deus e das disciplinas religiosas austeras, contudo, fazia-os aceitar de seus ensinamentos, apenas o que convinha aos seus gostos e temperamentos.

4.4 O Anelo do Mestre para Ter seus Próprios Devotos

O contato com os Brahmos aumentou o desejo de Sri Ramakrishna de encontrar aspirantes capazes de seguir seus ensinamentos na forma mais pura. "Não havia limite", declarou ele certa vez, para o anelo que eu sentia naquela época. Durante o dia, de uma certa maneira, conseguia controlá-lo. A conversa das pessoas de mentalidade mundana me irritava e esperava com ansiedade, o dia em que meus próprios amados companheiros chegariam. Esperava encontrar consolo, conversando com eles e contando-lhes minhas próprias realizações. Qualquer pequeno incidente fazia-me lembrar deles e pensamentos sobre eles tomavam-me totalmente. Já estava mesmo planejado o que diria a um ou daria a outro etc. Ao terminar o dia, não podia mais controlar meus sentimentos. O pensamento de que mais um dia havia se passado e eles não haviam chegado, oprimia-me. Quando, durante o serviço da tarde, os templos soavam com o tocar dos sinos e conchas, eu subia ao terraço do kuthi no jardim, contorcendo-me de angústia no coração e gritava com o máximo e minha voz: 'Venham, meus filhos! Ó, onde estão vocês? Não suporto viver sem vocês.' Jamais uma mãe ansiou tão intensamente para ver o filho, nem um amigo pelos seus companheiros, nem um amante por sua amada, como eu por eles. Ó, foi indescritível! Um pouco depois desse período de ânsia, os devotos começaram a chegar.

Em 1879 alguns artigos esporádicos sobre Sri Ramakrishna escritos pelos Brahmos, em revista Brahmo, começaram a atrair os futuros discípulos entre os intelectuais bengalis da classe média e continuaram a chegar até 1884. Outros, entretanto, vieram, sentindo o poder sutil de sua atração. Era uma multidão sempre mutável de pessoas de todas as classes e credos: Hindus e Brahmos, vaishnavas e shaktas, letrados com diploma universitário e os incultos, velhos e jovens, maharajas e

mendigos, jornalistas e artistas, pundits e devotos, filósofos e pessoas de mentalidade mundana, jnanis e yogis, homens de ação e homens de fé, mulheres virtuosas e prostitutas, empregados em escritório e desocupados, filantropos e buscadores, dramaturgos e bêbados, construtores e demolidores. Deu-lhes tudo, sem distinção, tirando do seu ilimitado estoque de realização. Ninguém saía de mãos vazias. Ensinava-lhes a sabedoria elevada da Vedanta e o amor abrasador dos Puranas. Das vinte e quatro horas, falava sem descanso ou pausa, vinte. Dava a todos sua simpatia e iluminação e tocava-os com aquele estranho poder da alma que não podia senão derreter até os mais empedernidos. E as pessoas o compreendiam de acordo com seu poder de entendimento.

4.5 Método de Ensino do Mestre

Ele, contudo, permaneceu como sempre, um instrumento dedicado nas mãos de Deus, o filho da Divina Mãe, totalmente intocado pela idéia de ser um mestre. Costumava dizer que três idéias - a de que era um guru, um pai e um mestre - espetavam sua pele como se fosse espinhos. Foi um instrutor extraordinário. Atingia os corações de seus discípulos mais por sua influência sutil do que por ações ou palavras. Jamais proclamou-se o fundador de uma religião ou organizador de uma seita. Foi, porém, um dínamo religioso. Foi o contestador de todas as religiões e credos. Era um jardineiro experiente, que prepara o solo e remove as ervas daninhas, sabendo que as plantas vão crescer devido ao poder inerente das sementes, dando a cada uma, flores e frutos apropriados. Jamais impôs suas idéias a ninguém. Compreendia as limitações das pessoas e trabalhava em cima do princípio segundo o qual, o que é bom para um pode ser mau para o outro. Possuía o poder incomum de conhecer as mentes dos devotos, mesmo suas almas mais recônditas à primeira vista. Aceitava os discípulos tendo pleno conhecimento de suas tendências passadas e possibilidades futuras. A vida de uma pessoa maldosa não o assustava, nem os melindres religiosos faziam com que alguém subisse em sua estima. Via em tudo o dedo infalível da Mãe Divina. Até a luz que desvia, era para ele a luz que vinha de Deus.

Para aqueles que se tornaram seus discípulos íntimos, o Mestre era um amigo, companheiro e parceiro de folguedos. Até mesmo as durezas das disciplinas religiosas ficavam leves ante sua presença. Os devotos ficavam tão inebriados de pura alegria na sua companhia, que não tinham tempo para perguntar se ele era uma Encarnação, uma alma perfeita ou um yogi. Sua simples presença era um ensinamento; as palavras eram supérfluas. Nos últimos anos os discípulos perceberam que enquanto estavam com ele, olhavam-no como um camarada, mas em seguida tremiam em pensar em suas frivolidades na presença de uma pessoa tão grande. Tinham a prova convincente de que o Mestre podia, por um simples desejo, acender em seus corações, o amor de Deus e conceder-lhe Sua visão.

Através de suas brincadeiras e pilhérias, sua alegria e frivolidade, sempre mantinha diante deles o ideal luminoso da consciência de Deus e do caminho da renúncia. Prescrevia subidas íngremes ou suaves de acordo com a capacidade do escalador. Não permitia qualquer concessão aos princípios básicos da pureza. Um aspirante tinha que conservar o corpo, mente, sentidos e alma sem mácula; tinha que ter um amor sincero por Deus e um sempre crescente espírito de anelo por Deus. Todo restante seria feito pela Mãe.

Havia dois tipos de discípulos: os chefes de família e os jovens, sendo que alguns deles vieram a ser mais tarde, monges. Havia também, um grupo pequeno de devotas.

4.6 Devotos Chefes de Família

Para os chefes de família, Sri Ramakrishna não prescrevia o árduo caminho da renúncia total. Queria que cumprissem suas obrigações para com suas famílias. Sua renúncia tinha que ser mental. A vida

espiritual não podia ser obtida fugindo-se das responsabilidades. Um casal deveria viver como irmãos depois do nascimento de um ou dois filhos, dedicando todo o seu tempo a conversas espirituais e contemplação. Encorajava os chefes de família, dizendo-lhes que suas vidas eram de uma certa maneira mais fácil do que a de um monge, pois, era vantajoso combater o inimigo de dentro de uma fortaleza do que em campo aberto. Insistia, entretanto, em sua retirada para a solidão de vez em quando, para fortalecer a devoção e fé em Deus, através da prece, japa e meditação. Prescrevia-lhe a companhia de sadhus. Pedia-lhes para fazerem seus deveres mundanos utilizando uma das mãos, enquanto segurava Deus com a outra e orassem a Deus, de tal forma que ao final, pudessem segurá-Lo com ambas as mãos. Desencorajava tanto nos chefes de família como nos jovens solteiros, qualquer tibieza em suas lutas espirituais. Não lhes pedia que seguissem indiscriminadamente o ideal de não-resistência, o que em termos finais, transforma um incauto num covarde.

4.7 Futuros Monges

Para os jovens destinados a serem monges, contudo, sugeria que trilhassem o áspero caminho da renúncia tanto externa como interna. Deviam fazer voto de continência absoluta e abster-se todo pensamento de ganância e luxúria. Pela prática da continência, os aspirantes desenvolvem um nervo sutil através do qual compreendem os mistérios mais profundos de Deus. Para eles autocontrole é final, imperativo e absoluto. Os sannyasins são instrutores de homens e suas vidas deviam estar completamente livres de mácula. Não devem nem mesmo olhar para uma figura que possa despertar suas paixões ocultas. O Mestre selecionou seus futuros monges entre jovens não tocados por "mulher e ouro" e moldáveis a ponto de se adaptarem ao modelo espiritual. Quando os ensinava o caminho da renúncia e discriminação não permitia que os chefes de família ficassem por perto.

4.7.1 Ram e Manomohan

Os dois primeiros chefes de família que chegaram a Dakshineswar foram Ramchandra Dutta e Manomohan Mitra. Praticante de medicina e química, Ram era céptico a respeito de Deus e religião e jamais havia experimentado paz de espírito. Desejava uma prova tangível da existência de Deus. O Mestre disse-lhe: "Deus realmente existe. Você não vê as estrelas durante o dia, mas isso não significa que elas não existam. Há manteiga no leite, mas pode alguém vê-la simplesmente olhando para o leite? A fim de obtê-la, uma pessoa deve bater o leite num lugar quieto e frio. Você não pode realizar Deus por um simples desejo; deve passar por algumas disciplinas mentais." Gradualmente o Mestre despertou a espiritualidade de Ram e este tornou-se um dos seus principais discípulos leigos. Foi Ram quem apresentou Narendranath a Sri Ramakrishna. Narendra era parente de Ram.

Manomohan no início teve de enfrentar uma considerável oposição de sua esposa e outros parentes, que se ressentiam de suas visitas a Dakshineswar, mas por fim o amor desinteressado do Mestre triunfou sobre a afeição mundana. Foi Manomohan quem trouxe Rakhal para o Mestre.

4.7.2 Surendra

Suresh Mitra, um amado discípulo a quem o Mestre dirigia-se como Surendra, recebeu uma educação inglesa e exercia um importante cargo numa firma inglesa. Como muitos outros jovens educados do seu tempo, orgulhava-se de seu ateísmo e levava a vida de um boêmio. Era chegado à bebida. Tinha uma idéia exagerada sobre o livre arbítrio do homem. Vítima de uma depressão nervosa foi levado a Sri Ramakrishna por Ramchandra Dutta. Ao ouvir o Mestre pedindo a um discípulo que praticasse a virtude de entregar-se a Deus, ficou impressionado. Embora tivesse tentado dali para frente agir dessa maneira, foi incapaz de largar suas antigas associações e bebida. Um dia o Mestre disse em sua

presença: "Bem, quando uma pessoa vai a um lugar indesejável, por que ela não leva a Mãe Divina consigo?" E para o próprio Surendra, Sri Ramakrishna disse: "Por que você não bebe vinho como vinho consagrado? Ofereça-o à Kali e depois, tome-o como prasad, como vinho consagrado, mas veja que não fique embriagado; não deve cambalear, nem os pensamentos devem vagar. No princípio sentirá uma agitação comum, mas logo experimentará exaltação espiritual."

Gradualmente sua vida inteira modificou-se. O Mestre designou-o como um daqueles comissionados pela Mãe Divina, para bancar a maior parte de suas despesas. A bolsa de Surendra estava sempre aberta para o conforto do Mestre.

4.7.3 Kedar

Kedarnath Chatterji era dotado de temperamento espiritual e havia tentado vários caminhos religiosos, alguns não muito recomendáveis. Ao encontrar o Mestre em Dakshineswar, compreendeu o verdadeiro significado da religião. Dizia-se que o Mestre, cansado de dar instrução aos devotos que vinham a ele em grande número para orientação, havia uma vez orado à Deusa Kali: "Mãe, estou cansado de falar às pessoas. Por favor, dê poder a Kedar, Girish, Ram, Vijay e Mahendra para que eles dêem a elas a instrução preliminar, de forma que um pouco de ensinamento meu seja suficiente." Ele estava, contudo, atento ao apego que Kedar há muito tempo sentia pelas coisas do mundo e muitas vezes o havia prevenido contra isso.

4.7.4 Harish

Harish, um jovem rico, renunciou à sua família e refugiou-se no Mestre, que o amava por sua sinceridade, vontade firme e natureza calma. Passava o tempo em oração e meditação, fazendo-se surdo aos rogos e ameaças de seus parentes. Referindo-se à sua paz de espírito imperturbável, o Mestre dizia: "Homens verdadeiros estão mortos para o mundo, embora vivos. Olhe para Harish. Ele é um exemplo." Quando o Mestre lhe pediu para que fosse um pouco mais delicado com sua esposa, Harish disse-lhe: "O senhor deve me desculpar nesse ponto. Esse não é o lugar para mostrar gentileza. Se eu for simpático com ela, há a possibilidade de me esquecer do ideal e ser enredado pelo mundo."

4.7.5 Bhavanath

Bhavanath Chatterji visitou o Mestre quando ainda era adolescente. Seus pais e parentes consideravam Sri Ramakrishna insano e fizeram o possível para impedir que ele se tornasse íntimo do Mestre. O rapaz, porém, era muito obstinado e muitas vezes passou as noites em Dakshineswar. Era fortemente ligado a Narendra e o Mestre incentivava essa amizade. A sua simples visão muitas vezes ocasionava emoção espiritual em Sri Ramakrishna.

4.7.6 Balaram Bose

Balaram Bose vinha de uma rica família vaishnava. Desde a juventude mostrou um temperamento religioso profundo e dedicava o tempo à meditação, oração e estudo das escrituras. Tinha ficado muito impressionado com o Mestre desde o seu primeiro encontro. Perguntou a Sri Ramakrishna se Deus realmente existia e se o homem poderia realizá-Lo. O Mestre disse: "Deus revela-Se ao devoto que O considera como o seu mais íntimo e querido. Pelo fato de que você não tenha recebido resposta à sua oração uma vez, não deve concluir que Ele não existe. Ore a Deus, pense n'Ele como sendo mais importante do que seu próprio eu. Ele é muito apegado a Seus devotos, aproxima-Se de uma pessoa antes mesmo que ela O procure. Não há ninguém mais íntimo e querido do que

Deus." Balaram jamais havia ouvido falar de Deus com palavras tão cheias de força; cada uma delas parecia-lhe verdadeira. Sob a influência do Mestre, passou por cima das convenções do ritual vaishnava e tornou-se um dos mais queridos discípulos. O Mestre dormia em sua casa, sempre que passava a noite em Calcutá.

4.7.7 Mahendra ou M.

Mahendranath Gupta, mais conhecido como "M.", chegou a Dakshineswar, em março de 1882. Pertencia ao Brahmo Samaj e era diretor do High School de Vidyasagarr em Syambazar, em Calcutá. À primeira vista o Mestre reconheceu nele um dos seus discípulos "marcados". Mahendra relatou em seu diário, as conversas de Sri Ramakrishna com os devotos. Essas são as primeiras palavras diretamente registradas, na história espiritual do mundo, de um homem reconhecido como pertencente à classe de um Buda e Cristo. O presente volume é uma tradução desse diário. Mahendra foi um instrumento, através de seus contatos pessoais, na disseminação da mensagem do Mestre entre muitas almas jovens e aspirantes.

4.7.8 Nag Mahashay

Durgacharan Nag, também conhecido como Nag Mahashay, foi o chefe de família ideal entre os discípulos leigos de Sri Ramakrishna. Foi a personificação do ideal de vida do Mestre, não tocado pelo mundanismo. Apesar de ter intenso desejo de se tornar um sannyasin, Sri Ramakrishna pediu-lhe para viver no mundo com espírito de monge e o discípulo de fato levou em frente tal prescrição. Nasceu de uma família pobre e mesmo em sua meninice muitas vezes sacrificou tudo para diminuir os sofrimentos dos necessitados. Casou-se com tenra idade e, depois da morte da esposa, casou-se pela segunda vez, obedecendo ordem de seu pai. Mas um dia disse a ela: "O amor a nível físico não dura. É realmente abençoado aquele que pode dar seu amor a Deus com todo seu coração. Mesmo um pequeno apego ao corpo dura muitos nascimentos. Por conseguinte, não fique apegado a essa gaiola de ossos e carne. Refugie-se aos pés da Mãe e só pense n'Ela. Assim sua vida aqui e depois, será enobrecida." O Mestre referia-se a ele como uma "luz ardente". Acatava cada palavra de Sri Ramakrishna como uma verdade incontestável. Um dia ouviu o Mestre dizer que era difícil para médicos, advogados e corretores fazerem muito progresso na espiritualidade. Dos médicos dizia, "Se a mente agarra-se às pequenas gotas de remédios, como pode conceber o Infinito?" Isso foi o fim da carreira médica de Durgacharan que jogou sua caixa de remédios no Ganges. Sri Ramakrishna assegurou-lhe que não lhe faltaria comida simples e roupas. Ordenou-lhe que servisse os santos. Quando ele lhe perguntou onde encontraria santos de verdade, o Mestre respondeu-lhe que os próprios sadhus procurariam sua companhia. Nenhum sannyasin poderia ter vivido uma vida tão austera como Durgacharan.

4.7.9 Girish Ghosh

Girish Chandra Ghosh nasceu um rebelde contra Deus, um céptico, um boêmio, um bêbado. Foi o maior ator dramático bengali de seu tempo, o pai do moderno teatro bengali. Como outros jovens, absorveu todos os vícios do Ocidente. Havia entrado numa vida de dissipação e estava convencido de que a religião era apenas uma fraude. Justificava a filosofia materialista como aquela que permitia a uma pessoa pelo menos, gozar um pouco a vida. Uma série de reveses abalaram-no e ele ficou ansioso para solucionar o enigma da vida. Havia ouvido falar que na vida espiritual, a ajuda de um guru era imperativa e que o guru deveria ser olhado como o Próprio Deus. Girish, contudo, estava bastante impregnado da natureza humana para ver perfeição num homem. Seu primeiro encontro com Sri Ramakrishna não o impressionou. Voltou para casa com tivesse visto uma aberração num circo porque o Mestre, em estado semiconsciente, havia perguntado se era noite, apesar de todos os

lampiões estarem acesos no quarto. Seus caminhos, porém, cruzaram-se muitas vezes e Girish não pôde evitar encontros posteriores. O Mestre assistiu a uma apresentação de Girish no Star Theatre. Dessa vez, também, Girish não achou nada de extraordinário nele. Um dia, porém, por acaso Girish viu o Mestre dançando e cantando com os devotos. Sentiu o contágio e quis juntar-se a eles, mas controlou-se com medo do ridículo. Outro dia Sri Ramakrishna já estava prestes a dar-lhe instrução espiritual, quando Girish disse: "Não quero ouvir instruções. Eu mesmo escrevi minhas instruções. De nada servem. Por favor, ajude-me de uma maneira mais palpável, se puder." Isso agradou ao Mestre que pediu a Girish para cultivar a fé.

À medida que o tempo passava, Girish começou a aprender que o guru é aquele que silenciosamente faz desabrochar a vida interior do discípulo. Tornou-se um devoto firme do Mestre. Muitas vezes enchia o Mestre de insultos, bebia em sua presença e tomava liberdades que chocavam os outros devotos, mas o Mestre sabia que no fundo do coração, Girish era terno, fiel e sincero. Não permitiu que Girish abandonasse o teatro e quando um devoto pediu-lhe para lhe falar para deixar de beber, severamente respondeu-lhe: "Isso não é da sua conta. Aquele que assumiu a responsabilidade dele, olhará por ele. Girish é um devoto do tipo heróico. Digo-lhe, a bebida não o afetará." O Mestre sabia que simples palavras não levam um homem a largar hábitos profundamente enraizados, mas que a influência silenciosa do amor operava milagres. Por conseguinte, jamais pediu-lhe para largar o álcool, o que teve como resultado, o fato de Girish por fim, abandonar esse hábito. Sri Ramakrishna fortalecera a resolução de Girish ao permitir que ele sentisse que era absolutamente livre.

Um dia Girish sentiu-se deprimido pelo fato de não se sentir capaz de se submeter a qualquer rotina de disciplina espiritual. Em estado exaltado, o Mestre disse-lhe: "Está bem, dê-me sua procuração. Daqui para frente assumo suas responsabilidades. Você não tem que fazer nada." Girish deu um suspiro de alívio. Sentia-se feliz em pensar que Sri Ramakrishna havia assumido suas responsabilidades espirituais. O pobre Girish, porém, não havia compreendido que ele também, de sua parte, tinha que desistir de sua liberdade e tornar-se uma marionete nas mãos de Sri Ramakrishna. O Mestre começou a discipliná-lo de acordo com sua nova atitude. Um dia Girish disse a respeito de um assunto banal, "Sim, farei isso", "Não, não", o Mestre corrigiu-o: "Você não deve falar dessa maneira egoísta. Deve dizer, 'Se Deus quiser, farei isso' ". Girish compreendeu. Daí por diante esforçou-se para abandonar toda idéia de responsabilidade pessoal e entregar-se à Vontade Divina. Sua mente começou a morar constantemente em Sri Ramakrishna. Essa meditação inconsciente ao longo do tempo, purificou seu espírito turbulento.

Os devotos chefes de família geralmente visitavam Sri Ramakrishna nos domingos à tarde e nos feriados. Assim uma camaradagem fraternal gradualmente formou-se e o Mestre encorajava esse sentimento fraternal. De vez em quando aceitava um convite para ir à casa de um devoto, para o que outros devotos eram também convidados. Organizavam um kirtan e passavam horas dançando e entoando músicas devocionais. O Mestre entrava em transe ou abria o coração em narrações religiosas e contava suas próprias experiências espirituais. Muitas pessoas que não podiam ir a Dakshineswar participavam desses encontros e sentiam-se abençoados. Tal evento finalizava com uma festa suntuosa.

Era, contudo, na companhia de jovens devotos, almas puras ainda não maculadas pelo mundanismo, que Sri Ramakrishna experimentava a maior alegria. Entre os jovens que mais tarde abraçaram a vida familiar, encontravam-se Narayan. Paltu, o jovem Naren, Tejchandra e Purna. Visitavam, às vezes, o Mestre com forte oposição de suas famílias.

4.7.10 Purna

Purna era um rapazinho de treze anos que Sri Ramakrishna descrevia como um Isvarakoti, uma alma nascida com qualidades espirituais especiais. O Mestre dizia que Purna era o último do grupo de brilhantes devotos que uma vez vira em transe e que viriam a ele para receber iluminação espiritual.

Purna disse a Sri Ramakrishna, em seu segundo encontro, "O senhor é o Próprio Deus encarnado em carne e sangue." Tais palavras vindas de um simples jovem, mostravam de que estofo ele era constituído.

4.7.11 Mahimacharan e Pratap Hazra

Mahimacharan e Pratap eram dois devotos que se sobressaíam por suas pretensões e manias. O Mestre, entretanto, mostrou-lhes seu amor infatigável e doçura, embora ele estivesse ciente de suas limitações.

Mahimacharan Chakvararty havia encontrado o Mestre muito antes da chegada dos outros discípulos. Ele havia tido a intenção de levar uma vida espiritual, mas um forte desejo de conquistar nome e fama constituía sua fraqueza. Afirmava ter sido iniciado por Tota Puri e costumava dizer que seguia o caminho do conhecimento segundo as instruções de seu guru. Possuía uma grande biblioteca de livros em inglês e sânscrito. Embora fingisse ter lido todos, a maior parte das páginas não haviam sido cortadas. O Mestre conhecia todas as suas limitações, embora apreciasse ouvi-lo citar os Vedas e outras escrituras. Sempre mandou que Mahima meditasse no significado dos textos das escrituras e praticasse disciplina espiritual.

Pratap Hazra, um senhor de meia idade, era natural de um vilarejo perto de Kamarpukur. Não era completamente indiferente aos sentimentos religiosos. Num impulso de momento havia abandonado sua casa, mãe idosa, esposa e filhos para se refugiar no templo de Dakshineswar, aonde tinha a intenção de levar uma vida espiritual. Adorava discutir e o Mestre muitas vezes citava-o como um exemplo de argumentação estéril. Era extremamente crítico em relação aos outros e vangloriava-se de seu próprio adiantamento espiritual. Era malicioso e muitas vezes procurou perturbar as mentes dos jovens discípulos do Mestre, criticando-os por sua vida feliz e alegre e mandando que eles dedicassem seu tempo à meditação. O Mestre de modo provocante, comparava Hazra a Jatila e Kutila, as duas mulheres que sempre criavam aborrecimentos a Krishna em seu relacionamento com as gopis e dizia que Hazra vivia em Dakshineswar para "engrossar o caldo", acrescentando complicações.

4.8 Alguns Homens Importantes

Sri Ramakrishna também relacionou-se com muitas pessoas dotadas de erudição e riqueza que as faziam ser respeitadas em todos os lugares. Poucos anos antes, havia encontrado Devendranath Tagore, famoso em toda Bengala, por sua riqueza, erudição, caráter santo e posição social. O Mestre, contudo, achou-o decepcionante, porque embora Sri Ramakrishna estivesse esperando encontrar um santo com renúncia completa do mundo, Devendrananth combinava sua santidade com uma vida de prazer. Sri Ramakrishna conheceu o grande poeta Michael Madhusudan, que havia aderido ao cristianismo "por bem do seu estômago". A ele o Mestre não pôde dar instrução porque a Mãe Divina "prendeu sua língua". Além deles, conheceu Maharaja Jatindra Mohan Tagore, um aristocrata de Bengala; Kristodas Pal, editor, reformador social e patriota; Iswar Vidyasagar, notável filantropo e educador; Pundit Shashadhar, grande expoente da ortodoxia hindu; Aswini Kumar Dutta, mestre, moralista e líder do nacionalismo indiano e Bankim Chatterji, magistrado, novelista, ensaísta e um dos criadores da prosa bengali moderna. Sri Ramakrishna não era homem de se deslumbrar pela aparência externa, glória ou eloquência. Um pundit sem discriminação era olhado por ele como uma simples palha. Buscava nos corações das pessoas, a luz de Deus e faltando isso, nada tinha a ver com eles.

4.9 Kristodas Pal e a Questão da Renúncia

O europeizado Kristodas Pal não apreciava a ênfase dada por Sri Ramakrishna à renúncia e dizia: "Senhor, essa tendência à renúncia quase arruinou o país. É por esta razão que a Índia é hoje em dia uma nação subjugada. Fazer o bem às pessoas, trazer educação à porta do ignorante e sobretudo, melhorar as condições materiais do país - esse é o nosso dever agora. O grito de religião e renúncia iriam, ao contrário, enfraquecer-nos. O senhor deveria aconselhar os jovens de Bengala a lançarem-se somente em atos que elevem o espírito o país." Sri Ramakrishna lançou um olhar perscrutador e não encontrou luz divina dentro dele. "O senhor, homem de pouco entendimento!" disse Sri Ramakrishna asperamente. "Ousa desprezar com esses termos, renúncia e piedade, que nossas escrituras descrevem como as maiores de todas as virtudes. Depois de ter lido duas páginas em inglês, pensa que chegou a conhecer o mundo! Parece pensar que é onisciente. Bem, já viu esses pequenos caranguejos que nascem no Ganges assim que as chuvas começam? Nesse imenso universo você é ainda mais insignificante do que uma dessas pequenas criaturas. Como ousa falar de ajudar o mundo? O Senhor olhará por isso. Você não possui poder para fazer isso." Depois de uma pausa, o Mestre continuou:

"Pode explicar-me como pode trabalhar pelos outros? Sei o que quer dizer por ajudá-los. Alimentar um certo número de pessoas, tratá-las quando estiverem doentes, construir estradas ou cavar um poço - não é tudo isso? Esses são atos bons, sem dúvida, mas como são insignificantes em comparação com a vastidão do universo! Qual a distância que um homem pode avançar nessa linha? Quantas pessoas você pode salvar da fome? A malária destruiu uma vila inteira; o que você pode fazer para cessar o seu assalto? Só Deus cuida do mundo. Que o homem primeiro O realize. Que o homem primeiro consiga a autoridade de Deus e seja dotado de Sua força somente então, pode ele pensar em fazer bem aos outros. Um homem deve primeiro ser destituído de todo egoísmo. Só assim a Bem-aventurada Mãe lhe pedirá para trabalhar pelo mundo." Sri Ramakrishna desacreditava na filantropia que pretendia ser considerada caridade. Prevenia às pessoas contra ela. Via na maioria dos atos filantrópicos apenas o egoísmo, vaidade, desejo de glória, um estéril passatempo para matar o tédio da vida ou uma tentativa de aliviar uma consciência culpada. Caridade verdadeira, ensinava, é o resultado do amor a Deus - serviço à humanidade, com espírito de adoração.

4.10 Discípulos Monásticos

Os discípulos que o Mestre treinou para a vida monástica foram os seguintes:

- Narendranath Dutta (Swami Vivekananda)
- Rakhal Chandra Ghosh (Swami Brahmananda)
- Gopal Sur (Swami Advaitananda)
- Baburam Ghosh (Swami Premananda)
- Taraknath Ghoshal (Swami Shivananda)
- Jogindranath Choudhury (Swami Jogananda)
- Sashibhushan Chakravarty (Swami Ramakrish-nananda)
- Saratchandra Chakravarty (Swami Saradananda)
- Latu (Swami Adbhutananda)

- Nitya Niranjan Sen (Swami Niranjanananda)
- Kaliprasad Chandra (Swami Abhedananda)
- Harinath Chattopadhyaya (Swami Turiyananda)
- Sarada Prasanna (Swami Trigunatitananda)
- Gangadhar Ghatak (Swami Akhandananda)
- Subodh Ghosh (Swami Subodhananda)
- Hariprasanna Chatterji (Swami Vijnanananda)

4.10.1 Latu

O primeiro desses jovens que chegou para o Mestre foi Latu. Nascido de pais desconhecidos em Belur, veio a Calcutá à procura de trabalho e foi empregado por Ramchandra Dutta como ajudante dos serviços domésticos. Tomando conhecimento da santidade de Sri Ramakrishna, visitou o Mestre em Dakshineswar e ficou profundamente tocado por sua cordialidade. Quando estava de saída, o Mestre pediu-lhe que aceitasse algum dinheiro para voltar para casa de barco ou de carruagem, mas Latu declarou que tinha uns trocados que fez tilintar em seu bolso. Sri Ramakrishna mais tarde pediu a Ram para permitir a Latu ficar com ele permanentemente. Sob a orientação de Sri Ramakrishna, Latu fez grande progresso na meditação e foi abençoado com êxtases, mas todos os esforços do Mestre para lhe dar uma educação rudimentar foram em vão. Latu era um amante do kirtan e outras canções devocionais, mas permaneceu iletrado toda sua vida.

4.10.2 Rakhal

Mesmo antes da chegada de Rakhal a Dakshineswar, o Mestre havia tido visões dele como seu filho espiritual e como companheiro de Krishna em Vrindavan. Rakhal nasceu numa família rica. Na infância apresentou maravilhosos traços espirituais e costumava brincar de adorar deuses e deusas. Na adolescência casou-se com uma irmã de Manomohan Mitra, de quem ouviu falar do Mestre, pela primeira vez. Seu pai fez objeção à sua associação com Sri Ramakrishna, mas depois ficou mais tranquilo ao saber que muitas pessoas importantes visitavam Dakshineswar. O relacionamento entre o Mestre e seu amado discípulo era o de mãe e filho. Sri Ramakrishna permitia a Rakhal muitas liberdades negadas aos outros, mas não hesitava em castigar seu menino por suas ações erradas. Uma vez Rakhal sentiu um ciúme infantil porque achava que outros rapazes estavam recebendo afeição do Mestre, mas logo superou esse sentimento e compreendeu que seu guru era o Guru de todo o universo. O Mestre preocupou-se quando soube de seu casamento, mas ficou aliviado ao saber que a esposa era uma alma espiritualizada e que não seria entrave ao seu progresso.

4.10.3 Gopal Mais Velho

Gopal Sur de Sinthi veio para Dakshineswar já numa idade avançada e por isso foi chamado Gopal Mais Velho. Havia perdido a esposa e o Mestre consolou-o na sua tristeza. Logo renunciou ao mundo e dedicou-se integralmente à meditação e à oração. Alguns anos mais tarde Gopal doou ao Mestre as roupas ocres com as quais esse último iniciou muitos dos seus discípulos na vida monástica.

4.10.4 Narendra

A fim de espalhar sua mensagem pelos quatro cantos da terra, Sri Ramakrishna necessitava de um forte instrumento. Com o corpo delicado e pernas frágeis, não tinha condição de fazer viagens a grandes distâncias. Esse instrumento foi encontrado em Narendranath Dutta, seu querido Naren, mais tarde conhecido mundialmente como Swami Vivekananda. Mesmo antes de encontrá-lo, o Mestre o havia visto numa visão como um sábio, absorvido na meditação do Absoluto e que havia concordado, a pedido de Sri Ramakrishna em tomar um corpo humano para ajudá-lo em seu trabalho.

Narendranath nasceu em Calcutá no dia 12 de janeiro de 1863, de uma família aristocrática kayastha. Sua mãe vivia mergulhada nos épicos hindus e seu pai, um grande promotor da Alta Corte de Calcutá, era agnóstico a respeito de religião, um amigo dos pobres, um zombador das convenções sociais. Mesmo em sua meninice e juventude, Narendra possuía grande coragem física e presença de espírito, imaginação viva, profundo poder de pensamento, inteligência aguda, memória extraordinária, amor pela verdade, paixão pela pureza, espírito de independência e coração terno. Músico exímio, também possuía bons conhecimentos em física, astronomia, matemática, filosofia, história e literatura. Ao crescer tornou-se um rapaz muito bonito. Mesmo quando criança praticava meditação e apresentava um grande poder de concentração. Embora livre e apaixonado em palavra e ação, tomou o voto de austera castidade religiosa e jamais permitiu que o fogo da pureza fosse extinto pela mais tênue mácula do corpo ou da alma.

Como havia lido na universidade os filósofos ocidentais racionalistas do século XX, sua fé infantil em Deus e na religião ficou abalada. Não acreditava na religião por mera fé; desejava demonstração sobre a existência de Deus, mas logo sua natureza apaixonada, insatisfeita com uma mera abstração, necessitava de um apoio concreto para suas horas de tentação. Desejava um poder externo, um guru que, encarnando a perfeição, acalmaria a agitação de sua alma. Atraído pela personalidade magnética de Keshab, juntou-se ao Brahmo Samaj e tornou-se cantor no coro, mas no Samaj não encontrou o guru que podia dizer que havia visto Deus.

Em estado de conflito mental e tortura d'alma, Narendra veio para Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Tinha então dezoito anos de idade e estava no secundário há dois anos. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna acompanhado de alguns amigos inconsequentes. A pedido de Sri Ramakrishna cantou algumas canções, despejando nelas toda sua alma e o Mestre entrou em samadhi. Alguns minutos mais tarde, Sri Ramakrishna subitamente levantou-se, pegou Narendra pela mão e levou-o até a varanda com telas, de seu quarto, ao norte. Estavam sós. Dirigindo-se a Narendra de forma terna, como se fossem amigos há muito tempo, o Mestre disse-lhe: "Ah! Você chegou muito tarde. Por que foi tão indelicado comigo a fim de me fazer esperar todos esses dias? Meus ouvidos estão cansados de ouvir palavras fúteis dos homens do mundo. Ó, como venho ansiando despejar todo meu espírito no coração de alguém capaz de receber minha mensagem!" Assim falava, soluçando o tempo todo. Então, de pé defronte de Narendra, com as mãos postas, dirigiu-se ao jovem como Narayana, nascido na terra a fim de remover a miséria da humanidade. Segurando a mão de Narendra, pediu-lhe para voltar sozinho e brevemente. Narendra estava estarrecido, "O que é isso que vim ver?" disse para si mesmo. "Ele deve estar completamente louco. Qual a razão disso, eu que sou filho de Viswanath Dutta. Como ousa falar comigo dessa maneira?"

Quando voltaram para o aposento e Narendra ouviu o Mestre falando com os outros, ficou surpreendido em encontrar em suas palavras, uma lógica interior, uma sinceridade admirável e uma prova convincente de sua espiritualidade. Em resposta à pergunta de Narendra, "Senhor, já viu Deus?" O Mestre disse: "Sim, Vi-O e de forma mais tangível do que vejo você. Falei-Lhe de forma mais íntima do que aquela que estou falando com você." Continuando o Mestre disse: "Mas, meu filho, quem quer ver Deus? As pessoas choram jarros de lágrimas por dinheiro, esposa e filhos, mas se chorassem por Deus, somente por um dia, certamente O veria." Narendra estava extasiado. Não poderia duvidar dessas palavras. Era a primeira vez que ouvia um homem dizer que havia visto Deus. Mas ele não podia conciliar essas palavras do Mestre, com a cena que ocorrera na varanda apenas alguns minutos

atrás. Concluiu que Sri Ramakrishna era um monomaníaco e voltou para casa ainda mais confuso.

Durante sua segunda visita, que ocorreu um mês mais tarde, subitamente, a um toque do Mestre, Narendra sentiu-se tomado e viu as paredes do quarto e tudo em volta rodando e desaparecendo. "O que o senhor está fazendo comigo?" gritou aterrorizado. "Tenho pai e mãe em casa." Vi seu próprio ego e todo o mundo quase que tragado pelo vazio sem nome. Com uma risada, o Mestre facilmente o fez voltar ao seu estado normal.

Narendra pensou que estivesse sido hipnotizado, mas não pôde compreender como um monomaníaco poderia ter lançado encantamento na mente de uma pessoa forte como ele. Voltou para casa ainda mais confuso do que nunca e resolveu que dali para frente, ficaria em guarda contra aquele estranho homem.

Em sua terceira visita Narendra não se saiu melhor. Dessa vez, ao toque do Mestre, perdeu completamente a consciência. Enquanto ainda estava naquele estado, Sri Ramakrishna perguntou-lhe a respeito de seus antecedentes espirituais e origem, sua missão neste mundo e a duração de sua vida mortal. As respostas confirmaram o que o Mestre sabia e havia deduzido. Entre outras coisas veio a saber que Narendra era um sábio que havia atingido a perfeição e que, no dia em que conhecesse sua verdadeira natureza, abandonaria o corpo através da yoga, por um ato de vontade.

Uns poucos encontros a mais removeram completamente da mente de Narendra os últimos traços de que Sri Ramakrishna pudesse ser um monomaníaco ou um hipnotizador hábil. Sua integridade, pureza, renúncia e ausência de egoísmo eram inquestionáveis, mas Narendra não podia aceitar um homem, um mortal imperfeito, como seu guru. Como membro do Brahmo Samaj, não podia aceitar que um intermediário humano fosse necessário entre o homem e Deus. Além do mais, abertamente ria das visões de Sri Ramakrishna, considerando-as alucinações. No fundo do coração, porém, nutria um grande amor pelo Mestre.

Sri Ramakrishna estava grato à Mãe Divina por lhe ter enviado alguém que duvidava de suas realizações. Muitas vezes pedia a Narendra para testá-lo como os cambistas testam suas moedas. Ele ria da crítica mordaz de Narendra sobre suas experiências espirituais e samadhi. Quando as palavras sarcásticas de Narendra magoavam-no, a Própria Mãe Divina consolava-o, dizendo: "Por que você dá ouvidos a ele? Em poucos dias ele vai acreditar em cada uma das suas palavras." Mal podia aguentar as ausências de Narendra. Muitas vezes chorou amargamente para vê-lo. Às vezes Narendra achava que o amor do Mestre era constrangedor e um dia repreendeu-o asperamente, advertindo-o de que tal amor o levaria ao nível de seu objeto. O Mestre ficou amargurado e orou à Mãe Divina. Disse a Narendra: "Seu patife, não vou ouvi-lo nunca mais. A Mãe diz que o amo porque vejo Deus em você e que no dia em que eu não vir Deus em você, não poderei suportar sua presença."

O Mestre queria transmitir para Narendra os ensinamentos da filosofia da Vedanta não-dualista. Narendra, porém, devido à sua educação Brahmo, achava uma blasfêmia considerar um homem uno com seu Criador.

Um dia no templo, rindo, disse a um amigo: "Que bobagem! Esse suco é Deus! Essa xícara é Deus! Tudo o que vejo é Deus! E nós, também, somos Deus! Nada pode ser mais absurdo." Sri Ramakrishna saiu do aposento e gentilmente tocou-o. Fascinado, imediatamente percebeu que tudo no mundo era realmente Deus.

Um novo universo abriu-se em sua volta. Voltando para casa num estado de torpor, aí também viu que a comida, o prato, o que comia, as pessoas em sua volta, era tudo Deus. Quando andava pela rua, viu que as carruagens, os cavalos, as pessoas, os edifícios eram todos Brahman. Mal pôde executar suas obrigações do dia. Seus pais, preocupados com ele, julgaram-no doente. Quando a intensidade da experiência diminuiu um pouco, viu o mundo como um sonho. Andando na praça pública, batia com a cabeça contra as grades de ferro a fim de constatar se eram reais. Levou vários dias até que recobrasse seu eu normal. Havia tido o vislumbre das grandes experiências ainda por

ocorrerem e compreendeu que as palavras da Vedanta eram verdadeiras.

No começo de 1884 o pai de Narendra morreu subitamente de um ataque de coração, deixando a família na mais extrema miséria. Havia seis ou sete bocas para comer em casa. Credores batiam à porta. Parentes que antes aceitavam a bondade ilimitada de seu pai, agora tornaram-se inimigos, alguns deles mesmo entraram na justiça para tirar de Narendra a casa ancestral. Agora faminto e descalço, Narendra procurou um emprego, mas sem sucesso. Começou a duvidar se em algum lugar desse mundo havia uma tal coisa como simpatia desinteressada. Duas mulheres ricas fizeram-lhe propostas indecorosas, prometendo-lhe livrá-lo de sua desgraça, mas ele as rejeitou com desprezo.

Narendra começou a falar de sua dúvida sobre a verdadeira existência de Deus. Seus amigos pensaram que ele havia se tornado ateu e impiedosamente fizeram comentários aduzindo motivos escusos para sua descrença. Mesmo alguns discípulos do Mestre acreditaram em parte e Narendra disse-lhes diretamente que, somente um covarde acreditaria em Deus por medo do sofrimento ou do inferno. Ficou, porém, amargurado ao pensar que Sri Ramakrishna também pudesse acreditar em tais rumores falsos. Seu orgulho revoltou-se. Disse para si mesmo: "O que importa? Se o bom nome de um homem repousa em fundamentos tão fracos, não me importo." Mais tarde, porém, veio a saber com admiração, que o Mestre jamais perdera a fé nele. A um discípulo que se queixou da degradação de Narendra, Sri Ramakrishna respondeu: "Cale-se, seu tolo! A Mãe disse-me que jamais poderá ser assim. Não vou mais olhar para você, se continuar a falar dessa maneira." Chegou a hora em que o infortúnio de Narendra atingiu seu clímax. Tinha passado o dia todo sem comida. Como estava voltando para casa ao anoitecer, mal podia levantar as pernas cansadas. Sentou-se defronte a uma casa, exausto, tão fraco que nem podia pensar. A mente começou a divagar. Subitamente o poder divino levantou o véu que envolvia sua alma. Havia encontrado a solução para o problema da coexistência da justiça divina e miséria, a presença do sofrimento da criação de uma Providência Bem-aventurada. Sentiu o corpo reanimado, a alma banhada em paz e dormiu serenamente.

Narendra então compreendeu que tinha uma missão espiritual a cumprir. Resolveu renunciar ao mundo, como seu avô havia feito e foi ter com Sri Ramakrishna para receber sua bênção. Mas mesmo antes de falar, o Mestre já sabia o que ele tinha em mente e chorou amargamente ao pensamento de separação. "Sei que você não pode levar uma vida mundana", disse ele, "mas por minha causa, viva no mundo enquanto eu viver".

Um dia, pouco tempo depois, Narendra pediu a Sri Ramakrishna que orasse à Mãe Divina para remover sua pobreza. Sri Ramakrishna mandou que ele pedisse pessoalmente à Ela, uma vez que Ela certamente o atenderia. Narendra entrou no santuário de Kali. Assim que ficou de pé diante da imagem, viu-A como uma Deusa viva, pronta para lhe conceder sabedoria e liberação. Incapaz de lhe pedir pequenas coisas mundanas, apenas orou por conhecimento e renúncia, amor e liberação. O Mestre censurou-o por ter deixado de pedir à Mãe Divina que removesse sua pobreza e enviou-o de volta ao templo, mas Narendra novamente na presença da Mãe esqueceu-se do motivo de sua ida. Pela terceira vez foi ao templo, a pedido do Mestre e por três vezes regressou, tendo esquecido na presença da Mãe, porque havia ido. Estava conjeturando a respeito, quando subitamente brilhou em sua mente que tudo era obra de Sri Ramakrishna; agora pediu ao próprio Mestre para remover sua pobreza e foi-lhe prometido que sua família não mais teria falta de comida e roupa simples.

Essa foi uma experiência rica e marcante para Narendra, que lhe ensinou que Shakti, o Poder Divino, não pode ser ignorado no mundo e que no plano relativo a necessidade de se adorar um Deus Pessoal é imperativa. Sri Ramakrishna não se continha de alegria por essa conversão. No dia seguinte, quase se sentando no colo de Narendra, disse a um devoto, apontando primeiro para si mesmo e em seguida, para Narendra: "Vejo que sou este e também esse. De fato não sinto qualquer diferença. Uma vara flutuando no Ganges parece dividir a água, mas na realidade, a água é uma. Compreende? Bem, tudo é a Mãe, não é?" Anos mais tarde, Narendra diria: "Sri Ramakrishna foi a única pessoa que conheci que acreditou em mim integralmente, o tempo todo. Até minha mãe e meus irmãos não agiram assim. Foi sua crença inabalável e seu amor por mim que me fizeram ficar

ligado a ele para sempre. Só ele sabia amar. As pessoas do mundo somente dão um espetáculo de amor com intuitos egoístas."

4.10.5 Tarak

Outros que estavam destinados a se tornarem discípulos monásticos, vieram para Dakshineswar. Taraknath Ghoshal havia sentido desde a meninice, o nobre desejo de realizar Deus. Keshab e o Brahmo Samaj atraíram-no, mas não satisfizeram seus anseios. Em 1882 encontrou pela primeira vez o Mestre na casa de Ramchandra e ficou impressionado ao ouvi-lo falar de samadhi, um assunto que sempre havia fascinado sua mente.

Naquela tarde realmente viu uma manifestação do estado de consciência além dos sentidos do Mestre. Tarak tornou-se um visitante assíduo de Dakshineswar e recebeu a graça do Mestre com abundância. O jovem rapaz muitas vezes sentiu fervor extático durante a meditação. Também chorava profundamente enquanto meditava em Deus. Sri Ramakrishna disse-lhe: "Deus dá Sua graça àqueles que podem chorar por Ele. Lágrimas derramadas por Deus apagam os pecados das encarnações anteriores."

4.10.6 Baburam

Baburam Ghosh veio para Dakshineswar acompanhado por Rakhal, seu colega de colégio. O Mestre, como acontecia muitas vezes, examinou a fisionomia do rapaz e ficou satisfeito com sua espiritualidade latente.

Com a idade de oito anos, Baburam pensou em levar uma vida de renúncia, na companhia de um monge, numa cabana isolada da curiosidade pública por um espesso muro de árvores. A simples visão do Panchavati despertou em seu coração aquele sonho de menino. Baburam era terno de corpo e alma. O Mestre costumava dizer que ele era puro até o fundo de seus ossos. Um dia Hazra, com seu costumeiro jeito maldoso, aconselhou Baburam e alguns outros jovens, a pedir a Sri Ramakrishna alguns poderes espirituais e não desperdiçar suas vidas em simples brincadeiras. O Mestre pressentindo a malícia, chamou Baburam à parte e disse-lhe: "O que você pode me pedir? Tudo o que possuo já não é seu? Sim, tudo o que adquiri em forma de realização é para o bem de todos vocês. Deixe de lado, portanto, a idéia de pedir, que afasta criando distância. Ao contrário, realize sua afinidade comigo e ganhe a chave de todos os tesouros."

4.10.7 Niranjan

Nitya Niranjan Ghosh foi um discípulo do tipo heróico. Chegou ao Mestre quando tinha dezoito anos. Era um médium de um grupo de espíritas. Durante sua primeira visita o Mestre disse-lhe: "Meu filho, se você pensar o tempo todo em fantasmas, você se tornará um fantasma e se você pensar em Deus, se tornará Deus. Agora, das duas atitudes, qual a que você prefere?" Niranjan cortou todas as suas relações com os espíritas. Durante sua segunda visita o Mestre abraçou-o e disse afetuosamente: "Niranjan, meu rapaz, os dias estão se esvaindo. Quando você vai realizar Deus? Sua vida terá sido em vão, se você não O realizar. Quando vai devotar a mente totalmente a Deus?" Niranjan estava surpreso com a grande ansiedade do Mestre pelo seu bem-estar espiritual. Era um jovem dotado de qualidades espirituais fora do comum. Sentia desdêm pelos prazeres do mundo e era completamente puro como uma criança. Tinha, porém, um temperamento violento. Um dia quando ia a Dakshineswar de barco, alguns passageiros começaram a falar mal do Mestre. Como não ligassem para seu protesto, Niranjan começou a balançar o bote, ameaçando afundá-lo na correnteza. Isso fez calar os ofensores. Ao contar ao Mestre o incidente, este recriminou sua inabilidade em controlar a

raiva.

4.10.8 Jogindra

Jogindranath, ao contrário, era gentil ao extremo. Um dia, sob circunstâncias semelhantes àquelas que provocaram a ira de Niranjan, controlou a raiva e ficou em paz, ao invés de ameaçar os ofensores de Sri Ramakrishna. O Mestre, tomando conhecimento de sua conduta, recriminou-o profundamente. Assim a falta de um foi considerada virtude para o outro. O guru estava tentando desenvolver no primeiro, tranquilidade e no segundo, ânimo. O objetivo desse treino era construir através de um reconhecimento tático das necessidades de cada caso, o caráter do devoto.

Jogindranath vinha de uma família brahmin aristocrática de Dakshineswar. Seu pai e parentes compartilhavam da crença popular sobre a santidade de Sri Ramakrishna. Desde a mais tenra idade, o rapaz desenvolveu tendências religiosas, gastando duas ou três horas em meditação e seu encontro com Sri Ramakrishna aprofundou seu desejo de realizar Deus. Tinha um verdadeiro horror ao casamento, mas a pedido insistente da mãe, teve de ceder e então, pensou que seu futuro espiritual havia ficado comprometido. Por conseguinte, manteve-se afastado do Mestre.

Sri Ramakrishna utilizou um estratagema para trazer Jogindra de volta para ele. Assim que o discípulo entrou no quarto, o Mestre precipitou-se ao encontro do jovem. Segurando a mão do discípulo, disse: "O que tem que você se casou? Não sou eu também, casado? De que ter medo?" Mostrando seu peito: "Se esse (referindo-se a si próprio) está de acordo, então mesmo cem mil casamentos não podem lhe fazer mal. Se desejar levar uma vida de chefe de família, traga sua esposa um dia aqui e farei com que ela se torne uma verdadeira companheira no seu progresso espiritual. Mas se quiser levar uma vida monástica, então tirarei seu apego ao mundo." Jogin ficou emudecido com essas palavras. Recebeu nova força e seu espírito de renúncia foi restabelecido.

4.10.9 Sashi e Sarat

Sashi e Sarat eram dois primos que vinham de uma piedosa família de Calcutá. Desde tenra idade haviam se juntado ao Brahmo Samaj e tinham estado sob a influência de Keshab Sen. O Mestre lhes havia dito no primeiro encontro: "Se os tijolos e azulejos forem queimados depois que a marca de fábrica tiver sido estampada, a marca ficará ali para sempre. De maneira semelhante o homem deve estar marcado por Deus antes de entrar no mundo. Então ele não se apegará ao mundanismo." Como estivesse completamente consciente do curso de suas vidas, pediu-lhes para não se casarem. O Mestre perguntou a Sashi se ele acreditava em Deus com forma ou em Deus sem forma. Sashi respondeu que nem mesmo tinha certeza da existência de Deus; assim não poderia falar nem de uma coisa nem de outra. Essa resposta franca agradou muito ao Mestre.

A alma de Sarat ansiava pela realização completa de Deus. Quando o Mestre lhe perguntou se havia uma forma particular de Deus que ele desejasse ver, o rapaz disse que gostaria de ver Deus em todos os seres vivos do mundo, "Mas", o Mestre objetou, "essa é a última palavra em realização. Não pode tê-la logo no começo". Sarat ponderou calmamente, "Não ficarei satisfeito com nada inferior a este estado. Caminharei ao longo de todo o caminho até que atinja esse estado abençoado." Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito.

4.10.10 Harinath

Harinath tinha levado a vida austera de um brahmachari desde a tenra juventude - banhando-se no Ganges todos os dias, cozinhando a própria comida, andando antes do sol nascer e recitando o Gita de cor antes de se levantar. Encontrou no Mestre a encarnação das verdades da Vedanta. Aspirando ser

um seguidor do asceta Shankara, alimentava um grande ódio pelas mulheres. Um dia disse ao Mestre que não permitia que nem mesmo meninas pequenas se aproximassem dele. O Mestre o repreendeu e disse: "Você está falando como um tolo. Por que odeia as mulheres? Elas são as manifestações da Mãe Divina. Olhe-as como sua própria mãe e assim, jamais sentirá sua influência má. Quanto mais você as odiar, mais cairá nas suas armadilhas." Hari mais tarde disse que essas palavras mudaram radicalmente sua atitude em relação às mulheres.

O Mestre conhecia a paixão de Hari pela Vedanta, mas não queria que nenhum de seus discípulos se tornasse um asceta seco ou um mero traça de livro. Pediu a Hari para praticar a Vedanta na vida diária, renunciando ao irreal e seguindo o Real. "Mas não é fácil", disse Sri Ramakrishna, "realizar o caráter ilusório do mundo. Apenas o estudo não adianta muito. É necessária a graça de Deus. Mero esforço pessoal é fútil. Afinal de contas, o homem é uma pequena criatura, de poderes muito limitados, mas ele pode atingir o impossível se orar a Deus pedindo Sua graça". O Mestre então entoou uma canção em louvor à graça. Hari ficou muito comovido, com lágrimas nos olhos. Mais tarde Hari conseguiu atingir uma síntese maravilhosa dos ideais do Deus Pessoal e da Verdade Impessoal.

4.10.11 Gangadhar

Gangadhar, amigo de Harinath, também levou uma vida estrita de brahmacharya, alimentando-se de comida vegetariana, feita por suas próprias mãos e dedicando-se ao estudo das escrituras. Encontrou o Mestre em 1884 e logo tornou-se membro de seu círculo íntimo. O Mestre elogiava seus hábitos ascetas e atribuía-os a disciplinas espirituais em vidas passadas. Gangadhar tornou-se um companheiro íntimo de Narendra.

4.10.12 Hariprasanna

Hariprasanna, um estudante secundário, visitou o Mestre na companhia de seus amigos Sashi e Sarat. Sri Ramakrishna concedeu-lhe grande privilégio, iniciando-o na vida espiritual. Enquanto viveu, Hariprasanna lembrou-se e conservou o conselho drástico do Mestre: "Mesmo se uma mulher for pura como ouro e rolar no chão por amor a Deus, é sempre perigoso para um monge, olhar para ela."

4.10.13 Kali

Kaliprasad visitou o Mestre no final de 1883 dado à prática da meditação e do estudo das escrituras. Kali era particularmente interessado em yoga. Sentindo a necessidade de um guru na vida espiritual, veio ao Mestre e foi aceito como discípulo. O jovem possuía uma mentalidade racional e muitas vezes sentia-se céptico a respeito do Deus Pessoal. O Mestre lhe disse: "Suas dúvidas logo desaparecerão. Outros também passaram por esse estado mental. Olhe para Naren. Agora chora ao ouvir o nome de Radha e Krishna." Kali começou a ter visões de deuses e deusas. Logo elas desapareceram e, em meditação, começou a experimentar a vastidão infinita e outros atributos do Brahman Impessoal.

4.10.14 Subodh

Subodh visitou o Mestre em 1885. Já no primeiro encontro, Sri Ramakrishna disse-lhe: "Você será bem sucedido. A Mãe diz isso. Aqueles que Elas nos envia, certamente alcançarão a espiritualidade." No segundo encontro o Mestre escreveu algo na língua de Subodh, tocou seu corpo desde o umbigo até a garganta e disse: "Desperta, Mãe! Desperta!" Pediu ao rapaz para meditar. Imediatamente a

espiritualidade latente de Subodh foi despertada. Sentiu uma corrente percorrendo a coluna espinal até o cérebro. A alegria encheu sua alma.

4.10.15 Sarada

Mais um jovem rapaz, de nome Sarada Prasanna, completa o pequeno grupo de discípulos do Mestre que mais tarde abraçaram a vida de monge errante. A exceção do velho Gopal, todos eram adolescentes ou um pouco mais. Vinham de famílias bengalis de classe média e a maioria era estudante da escola primária e secundária.

Seus pais e familiares haviam planejado para eles carreiras brilhantes no mundo. Vieram a Sri Ramakrishna com os corpos puros, mentes vigorosas e almas não contaminadas. Todos haviam nascido com atributos espirituais fora do comum. Sri Ramakrishna aceitou-os à primeira vista, como seus filhos, parentes, amigos e companheiros. Seu toque mágico fê-los desabrochar e mais tarde cada um, conforme sua possibilidade, refletiu a vida do Mestre, tornando-os portadores de sua mensagem, por terra e mar.

4.11 Devotas

Com as devotas, Sri Ramakrishna estabeleceu um relacionamento muito terno. Ele próprio personificava os traços suaves de uma mulher; estava estabelecido no mais elevado plano da Verdade, onde não há o menor traço de sexo e sua pureza inata despertava apenas a emoção mais nobre, igualmente nos homens e nas mulheres. Suas devotas muitas vezes disseram: "Raramente olhávamos Sri Ramakrishna como pertencente ao sexo masculino. Nós o considerávamos como uma de nós. Jamais nos sentíamos constrangidas em sua presença. Era o nosso melhor confidente." Elas amavam-no como seu filho, seu amigo e seu mestre. Na disciplina espiritual aconselhava-as a renunciar à luxúria e à ganância e especialmente prevenia-as contra as artimanhas dos homens.

4.11.1 Gopal Ma

Nenhuma devota do Mestre igualou-se em riqueza de devoção e experiências espirituais à Aghoremani Devi, uma brahmin ortodoxa. Tendo ficado viúva em tenra idade, dedicou-se totalmente às atividades espirituais.

Gopala, o Menino Krishna, era seu Ideal Escolhido, a quem adorava segundo a atitude vatsalya da religião vaishnava, olhando-O como seu próprio filho. Através d'Ele realizou o amor maternal, cozinhando para Ele, alimentando-O, banhando-O e colocando-O para dormir. Essa doce intimidade valeu-lhe o apelido de Gopala Ma ou Mãe de Gopala. Durante quarenta anos viveu às margens do Ganges, num cômodo pequeno e desnudo, tendo como companheiros somente uma velha cópia do Ramayana e um saquinho contendo seu rosário. Com a idade de sessenta anos, em 1884, visitou Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Na segunda visita, assim que o Mestre a viu, disse: "Ó você veio! Dê-me alguma coisa para comer." Hesitando, deu-lhe alguns doces que havia comprado para ele no caminho. O Mestre comeu-os com satisfação e pediu-lhe que trouxesse "curries" simples ou doces preparados por ela mesma. Gopal Ma achou-o um monge estranho porque, ao invés de lhe falar de Deus, sempre lhe pedia comida. Não queria visitá-lo de novo, mas uma força irresistível trouxe-a ao templo. Trouxe alguns "curries" que ela mesmo havia cozinhado.

Um ano mais tarde, bem cedo, às três horas, Gopal Ma estava prestes a terminar suas devoções diárias, quando viu, estarrecida, Sri Ramakrishna, sentado à sua esquerda, com a mão direita fechada, como a imagem de Gopala. Ficou maravilhada e segurou a mão, quando então a imagem desapareceu

e em seu lugar, chegou o verdadeiro Gopala, seu Ideal Escolhido. Gritou de alegria. Gopala pediu-lhe manteiga. Ela desculpou-se por sua pobreza e deu-Lhe alguns doces secos de coco. Gopala sentou-se em seu colo, tirou seu rosário, pulou em seus ombros e andou por todo o quarto. Ao raiar o dia, apressou-se a ir a Dakshineswar, como uma louca.

Naturalmente Gopala foi com ela, descansando Sua cabeça em seu ombro. Ela via claramente Seus rosados pés dependurados em seu peito. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna. O Mestre havia entrado em samadhi. Como uma criança, sentou-se em seu colo e começou a alimentá-lo com manteiga, creme e outras guloseimas.

Depois de um certo tempo, ele recobrou a consciência e voltou para a cama. A mente da Mãe de Gopala, contudo, ainda estava vagando em outro plano. Estava imersa em felicidade. Via Gopala entrando incessantemente no corpo do Mestre e novamente saindo dele. Ao voltar para sua cabana, ainda em estado de deslumbramento, Gopala acompanhou-a.

Ela passou dois meses em comunhão ininterrupta com Deus e o Menino Gopala jamais a abandonou nem por um momento. Então a intensidade de sua visão foi diminuindo; se assim não tivesse ocorrido, seu corpo não teria resistido. O Mestre falou de forma muito elevada a respeito de sua condição exaltada e disse que tal visão de Deus era uma coisa rara para mortais comuns. O Mestre, que era brincalhão, confrontou o crítico Narendranath com aquela mulher de mentalidade simples. Duas pessoas não poderiam apresentar um contraste tão grande. O Mestre conhecia o desprezo arrogante de Narendra por todas as visões e pediu à velha senhora para contar a Narendra, suas experiências. Hesitante, contou-lhe sua história. De vez em quando interrompia sua conversa maternal para perguntar a Narendra: "Meu filho sou uma pobre mulher ignorante. Nada sei. Você é tão instruído. Agora, diga-me se essas visões de Gopala são verdadeiras." À medida que Narendra ouvia a história, ficava profundamente comovido. Disse: "Sim, Mãe, são verdadeiras." Por trás de seu cinismo, Narendra também possuía um coração cheio de ternura e amor.

Capítulo 5

Os Últimos Anos de Ramakrishna

5.1 As Confraternizações dos Devotos com o Mestre

Em 1881 Hriday foi despedido do serviço do templo de Kali, devido a uma indiscrição e foi proibido de voltar ao templo. De uma certa maneira a mão da Mãe Divina foi vista mesmo nesse acontecimento. Tendo tomado conta de Sri Ramakrishna, durante seus tormentosos dias de disciplina espiritual, Hriday naturalmente passou a se considerar o único guardião de seu tio. Ninguém podia aproximar-se do Mestre, sem seu conhecimento. Ficava muito ciumento se Sri Ramakrishna prestasse atenção a qualquer outra pessoa. O afastamento de Hriday tornou possível aos verdadeiros devotos do Mestre, aproximarem-se livremente e viverem com ele no templo.

Nos fins de semana, os chefes de família aliviados de suas obrigações de trabalho, visitavam o Mestre. Os encontros nas tardes de domingo tinham o sabor de pequenos festivais. Eram frequentemente oferecidos lanches. De vez em quando músicos profissionais entoavam cânticos devocionais. O Mestre e os devotos cantavam e dançavam. Sri Ramakrishna muitas vezes entrava em estado extático. A feliz lembrança desses domingos permanecia por longo tempo na memória dos devotos. Aqueles a quem o Mestre desejava dar instrução especial, mandava que o procurassem nas terças-feiras e sábados. Esses dias eram particularmente auspiciosos para o culto de Kali.

Os jovens discípulos destinados a serem monges eram convidados por Sri Ramakrishna nos fins de semana, quando então, os chefes de família não estavam presentes. O treinamento de chefes de família e dos futuros monges tinha que seguir linhas completamente diferentes. Uma vez que M. geralmente visitava o Mestre nos fins de semana, o Evangelho de Sri Ramakrishna não faz muita menção aos futuros discípulos monásticos.

Finalmente houve um grupo de discípulos afortunados, chefes de família, assim como jovens, que tiveram o privilégio de passar as noites com o Mestre. Viam-no acordar cedo e andar de um lado para o outro no quarto, cantando com voz doce e conversando afetuosamente com a Mãe.

5.2 O Acidente com o Braço do Mestre

Um dia, em janeiro de 1884, o Mestre dirigia-se ao bosque de pinheiros, quando entrou em transe. Estava sozinho. Não havia ninguém para segurá-lo nem guiar seus passos. Caiu e deslocou um dos ossos de seu braço. Esse acidente teve uma influência importante em sua mente, cuja inclinação natural era pairar acima da consciência do corpo. A dor aguda do braço forçou sua mente a permanecer na consciência do corpo e do mundo exterior, mas mesmo nisso viu um propósito divino porque, com a mente obrigada a ficar no plano físico, compreendeu mais do que nunca que era um instrumento nas mãos da Mãe Divina, que tinha uma missão a cumprir através do corpo e da mente.

Descobriu também, que no mundo fenomenal, Deus manifesta-Se de uma maneira inescrutável por meio de diversos seres humanos, tanto bons como maus. Assim referia-se a Deus sob o disfarce de mau, Deus sob o disfarce de piedoso, Deus sob o disfarce de hipócrita, Deus sob o disfarce de licencioso. Começou a sentir uma alegria especial observando o jogo divino no mundo relativo. Às vezes o relacionamento humano com Deus parecia-lhe mais atraente do que o Conhecimento de Brahman que tudo apaga. Muitas vezes orava: "Mãe, não me tornes inconsciente através do Conhecimento de Brahman. Não me dês Brahmajnana, Mãe. Não sou Teu filho e naturalmente, tímido? Necessito de minha Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman. Dá esse Conhecimento àqueles que o desejem." Orava também: "Ó Mãe, deixa-me ficar em contato com os homens! Não me tornes um asceta seco. Desejo gozar Teu jogo no mundo." Ele era capaz de apreciar essa experiência divina muito rica e gozar o amor de Deus em companhia de Seus devotos porque sua mente, em consequência do acidente com o braço, foi obrigada a descer à consciência do corpo. Assim também zombava das pessoas que o proclamavam uma Encarnação Divina, apontando para o braço quebrado e dizendo: "Você já ouviu falar que Deus tivesse quebrado o braço?" A cura do braço levou mais ou menos cinco meses.

5.3 Começo da Doença na Garganta

Em abril de 1885 a garganta do Mestre ficou inflamada. Conversas prolongadas ou absorção em samadhi, fazendo o sangue fluir para a garganta, agravava a dor. Contudo quando o festival anual vaishnava foi celebrado em Panihati, Sri Ramakrishna compareceu, apesar do conselho médico. Com um grupo de discípulos, desgastou-se na música, dança e êxtase. A doença piorou e foi diagnosticada como "dor de garganta do pregador". O paciente foi advertido contra conversa e êxtases. Embora seguisse as recomendações médicas, no que dizia respeito a remédios e dieta, não podia controlar os transes, nem se afastar dos que procuravam o consolo de seus conselhos. Às vezes, como uma criança zangada, queixava-se à Mãe sobre a multidão de pessoas que não lhe davam descanso dia e noite. Ouviam-no dizer a Ela: "Por que trazes aqui tanta gente sem valor, que é como leite diluído em cinco vezes a mesma medida de água? Meus olhos estão quase destruídos, tentando soprar o fogo para secar a água. Minha saúde acabou. Está além de minhas forças. Fazes Tu mesma se quiseres que isso seja feito. Este (apontando para seu próprio corpo) é somente um tambor furado e se Tu continuares a bater nele dia e noite, quanto tempo durará?"

Seu grande coração jamais mandou alguém embora. Dizia: "Que eu seja condenado a nascer muitas vezes, mesmo sob a forma de um cachorro se servir de ajuda a uma simples alma." Aguentava a dor, cantando alegremente. "Que o corpo se preocupe com a doença, mas Tu, Ó mente, mora para sempre na Felicidade de Deus!"

Uma noite teve uma hemorragia na garganta. O médico diagnosticou a doença, como câncer. Narendra foi o primeiro a levar aos discípulos essa notícia arrasadora. Em três dias o Mestre foi removido para Calcutá a fim de ter melhor atendimento. Ficou na casa de Balaram uma semana até que foi encontrado um lugar mais adequado em Syampukur, na parte norte de Calcutá. Durante essa semana dedicou-se praticamente sem descanso, à instrução daqueles discípulos queridos que não podiam visitá-lo com mais frequência em Dakshineswar. Palestras fluíam de sua boca e muitas vezes entrava em samadhi. Dr. Mahendra Sarkar, o famoso médico homeopata de Calcutá, foi convidado a assumir o tratamento.

5.4 Os Cuidados com a Saúde em Syampukur

No começo de 1885, Sri Ramakrishna foi removido para Syampukur. Ali Narendra organizou os jovens discípulos para que o Mestre fosse atendido dia e noite. No início esconderam a doença

do Mestre e de suas famílas, mas quando ela se agravou, permaneceram com ele, praticamente o tempo todo, pondo de lado as objeções de seus parentes e dedicando-se de todo o coração, a tratar de seu querido guru. Esses jovens, sob os olhares atentos do Mestre e sob a direção de Narendra, tornaram-se antaranga bhaktas, devotos do círculo íntimo de Sri Ramakrishna. Tiveram o privilégio de testemunhar muitas manifestações dos poderes divinos do Mestre. Narendra recebeu instruções concernentes à propagação de sua mensagem após sua morte.

A Santa Mãe - assim ficou Sarada Devi afetuosamente conhecida pelos devotos de Sri Ramakrishna - foi trazida de Dakshineswar, a fim de cuidar da cozinha e preparar a dieta especial do paciente. Sendo o lugar de dimensões extremamente limitadas, teve de se adaptar ao exíguo espaço disponível. Às três horas da manhã terminava o banho no Ganges e ia para um lugar pequeno, coberto, no terraço, onde passava o dia inteiro, cozinhando e orando. Depois das onze da noite, quando os visitantes iam embora, descia para um pequeno quarto no primeiro andar, a fim de desfrutar algumas poucas horas de sono. Assim ela passou três meses, trabalhando duro, dormindo pouco e orando incessantemente pela recuperação do Mestre.

Em Syampukur os devotos levavam uma vida intensa. O atendimento ao Mestre era em si mesmo, uma forma de disciplina espiritual. Sua mente elevava-se constantemente a um plano exaltado de consciência. De vez em quando eles eram contagiados pelo seu fervor espiritual. Procuravam adivinhar o significado dessa doença do Mestre, a quem a maioria deles havia aceito como uma Encarnação Divina. Um grupo, encabeçado por Girish, com seu profundo otimismo e grande poder de imaginação, acreditava que a doença era um mero pretexto para servir a um propósito mais profundo. O Mestre havia desejado a doença a fim de manter os devotos unidos e promover solidariedade entre eles. Logo que esse propósito fosse alcançado, ele se livraria da doença. Um segundo grupo pensava que a Mãe Divina em cujas mãos o Mestre era um instrumento, havia ocasionado essa doença para servir Seus misteriosos propósitos. Os jovens racionalistas, liderados por Narendra, porém, recusavam-se a atribuir uma causa sobrenatural a um fenômeno natural. Acreditavam que o corpo do Mestre, uma coisa material, estava sujeito, como todas as outras coisas materiais, às leis físicas. Crescimento, desenvolvimento, decadência e morte eram leis da natureza às quais o corpo do Mestre só poderia estar sujeito. Embora possuindo pontos de vista diferentes, todos acreditavam que somente a ele deveriam recorrer para atingir a meta espiritual.

Apesar dos esforços do médico e das orações e cuidados dos devotos, a doença rapidamente progrediu. A dor às vezes parecia insuportável. O Mestre vivia apenas de alimentação líquida e seu frágil corpo estava se tornando um simples esqueleto. O rosto, contudo, estava sempre irradiando alegria e continuava dando as boas vindas aos visitantes que acudiam em multidão, para receberem suas bênçãos. Quando alguns devotos zelosos quiseram manter os visitantes afastados, foram advertidos por Girish: "Vocês não podem conseguir isso; ele nasceu com essa finalidade - sacrificar-se para a redenção dos outros."

Quanto mais o corpo era consumido pela doença, mais ele se tornava a morada do Espírito Divino. Através de sua transparência os deuses e deusas começaram a brilhar com uma luminosidade crescente. No dia do Kali Puja, os devotos viram claramente nele, a manifestação da Mãe Divina.

Por esta época, notou-se que alguns devotos faziam uma descontrolada exibição de suas emoções. Um certo número deles, particularmente entre os chefes de família, começaram a cultivar, embora a princípio inconscientemente a arte de derramar lágrimas, sacudir o corpo, contorcer o rosto, entrar em transe, tentando dessa maneira, imitar o Mestre. Abertamente começaram a declarar Sri Ramakrishna, uma Encarnação Divina e a se olharem como seus escolhidos, que poderiam negligenciar suas disciplinas espirituais impunemente. Os olhos penetrantes de Narendra compreenderam a situação. Descobriu que algumas dessas manifestações exteriores haviam sido cuidadosamente ensaiadas em casa, enquanto que outras, eram expressões de má nutrição, fraqueza mental ou debilidade nervosa. Desmascarou duramente os devotos que fingiam ter visões e pediu a todos para desenvolver um espírito religioso saudável. Narendra entoava canções inspiradoras para os devotos jovens, lia com

eles a Imitação de Cristo e o Gita e colocou à sua frente, os ideais positivos de espiritualidade.

5.5 Últimos Dias em Cossipore

Quando a doença de Sri Ramakrishna mostrou sinais de agravamento, os devotos, seguindo o conselho do Dr. Sarkar, alugaram uma espaçosa chácara em Cossipore, subúrbio ao norte de Calcutá. O Mestre foi removido para esse lugar, no dia 11 de dezembro de 1885.

Foi em Cossipore que a cortina caiu nas variadas atividades da vida do Mestre no plano físico. Sua alma ainda ia demorar oito meses no corpo. Foi o período de uma grande Paixão, uma crucificação constante do corpo e a revelação triunfante da Alma. Aqui se pode ver o lado humano e divino do Mestre, passando e tornando a passar pela fina linha divisória. Cada minuto desses oito meses foram tomados por uma suavidade do coração e uma maravilhosa elevação do espírito. Cada palavra que pronunciava estava cheia de simpatia e sublimidade.

O grupo levou apenas alguns dias para se ajustar ao novo ambiente. A Santa Mãe, ajudada pela sobrinha de Sri Ramakrishna, Lakshmi Devi e algumas devotas, encarregaram-se da comida do Mestre e de seus atendentes. Espontaneamente, Surendra cobria a maior parte das despesas e os outros chefes de família contribuíam de acordo com seus meios. Doze discípulos eram atendentes constantes do Mestre: Narendra, Rakhal, Baburam, Niranjan, Jogin, Latu, Tarak, Gopal mais velho, Kali, Sashi, Sarat e o jovem Gopal, Sarada, Harish, Hari, Gangadhar e Tulasi visitavam o Mestre de vez em quando e praticavam sadhana em suas casas. Narendra, preparando-se para os exames de Direito, trouxe seus livros para a chácara a fim de continuar a estudar nos poucos momentos livres. Encorajou seus discípulos irmãos a intensificar a meditação, estudo das escrituras e outras disciplinas espirituais. Todos esqueceram-se de seus parentes e obrigações mundanas.

Entre os atendentes, Sashi era a personificação do serviço. Não praticava meditação, japa ou qualquer outra disciplina seguida pelos seus devotos irmãos. Estava convencido de que o serviço ao guru era sua única religião. Esquecia-se de comer, descansar e estava sempre à cabeceira do Mestre.

O pundit Shashadhar um dia sugeriu ao Mestre que deveria curar sua doença, concentrando a mente na garganta, uma vez que as escrituras declaravam que os yogis tinham o poder de se curarem dessa maneira. O Mestre repreendeu o pundit: "Como um erudito como você, faz uma tal proposta!" disse, "Como posso retirar minha mente dos Pés de Lótus de Deus e colocá-la nessa gaiola sem valor de carne e sangue?" "Pelo menos pelo nosso bem", imploraram Narendra e outros discípulos. "Mas", respondeu Sri Ramakrishna. "Pensam vocês que estou gostando desse sofrimento? Desejo recuperar-me, mas isso depende da Mãe."

Narendra: "Então por favor, ore a Ela. Ela deverá escutá-lo."

Mestre: "Mas não posso rezar pelo corpo."

Narendra: "Mas o senhor tem que fazer isso, pelo menos para nós."

Mestre: "Muito bem, vou tentar."

Algumas horas mais tarde, o Mestre disse a Narendra: "Falei com Ela: 'Mãe, não posso engolir por causa da dor. Faz com que eu coma um pouco.' Ela apontou para todos vocês e disse:: 'O que? Tu estás comendo suficiente através de todas essas bocas. Não é assim?' Fiquei envergonhado e não pude pronunciar uma palavra." Isso pôs por terra todas as esperanças dos devotos da recuperação do Mestre.

"Tornarei tudo público antes de ir embora", o Mestre dissera algum tempo antes. No dia 1 de janeiro de 1886 sentiu-se melhor e desceu ao jardim para um pequeno passeio. Eram aproximadamente três horas da tarde. Uns trinta discípulos leigos estavam no hall ou sentados sob as árvores. Sri Ramakrishna disse a Girish: "Bem, Girish o que você vê em mim, que o faz proclamar-me diante

de todo o mundo uma Encarnação de Deus?" Girish não era homem para ser tomado de surpresa. Ajoelhou-se ante o Mestre e disse de mãos postas: "O que pode uma pessoa insignificante como eu falar a respeito do Uno cujas glórias sábios como Vyasa e Valmiki não puderam medir?" O Mestre ficou profundamente comovido. Disse: "O que mais posso dizer? Abençôo a todos vocês. Sejam iluminados!" Entrou em estado espiritual. Ouvindo essas palavras, os devotos, um a um, foram tomados pela emoção. Precipitaram-se para ele e caíram a seus pés. Ele os tocou, cada um recebeu a bênção que necessitava. Ao toque do Mestre, cada um, experimentou uma felicidade inefável. Alguns riam, outros choravam, outros sentavam-se para meditar, outros oravam. Uns viram luz, alguns tiveram a visão de seus Ideais Escolhidos e alguns sentiram dentro de seus corpos, a precipitação da força espiritual.

Narendra, consumido por uma febre terrível de realização, queixou-se ao Mestre que todos os outros haviam conseguido paz e que somente ele, não havia ficado satisfeito. O Mestre perguntou-lhe o que queria. Narendra pediu-lhe samadhi, para que pudesse esquecer o mundo por três ou quatro dias. "Você é um tolo", o Mestre retrucou. "Há um estado ainda mais alto do que esse. Não é você quem canta, 'Tudo o que existe és Tu?' Primeiramente acerte o seu relógio familiar e depois, venha para mim. Você experimentará um estado ainda mais elevado do que o samadhi."

O Mestre não escondia o fato de que desejava fazer de Narendra o seu herdeiro espiritual. Narendra deveria continuar a obra depois da morte de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna disse-lhe: "Deixo esses jovens a seu cargo. Veja que desenvolvam a espiritualidade e não voltem para casa." Um dia pediu aos rapazes, que estavam se preparando para a vida monástica, para mendigar comida de porta em porta, sem pensamento de casta. Obedeceram à ordem do Mestre e saíram com as tigelas de pedinte. Poucos dias mais tarde deu a roupa ocre de sannyasin a cada um deles, incluindo Girish, que se tornara incomparável em seu espírito de renúncia. Assim o próprio Mestre lançou as fundações da Ordem Ramakrishna de Monges.

Sri Ramakrishna piorava dia a dia. Sua dieta foi reduzida ao mínimo e achava quase impossível engolir. Murmurou para M.:

"Estou aguentando tudo isso com alegria, porque do contrário, vocês todos estariam chorando. Se vocês todos dizem que é melhor que o corpo se vá a sofrer essa tortura, estou pronto." Na manhã seguinte disse a seus discípulos deprimidos, sentados ao lado da cama. "Vocês sabem o que vejo? Vejo que só Deus tornou-Se tudo. Os homens e animais são somente estruturas cobertas de pele e é Ele quem está movendo-se através de suas cabeças e membros. Vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou o cadafalso, o carrasco e a vítima para o sacrifício." Desmaiou de emoção. Retornando à consciência parcial disse: "Agora não tenho dor. Estou muito bem." Olhando para Latu disse: "Aí está Latu descansando a cabeça na palma de sua mão. Para mim é o Senhor quem está sentado nessa postura."

As palavras foram doces e tocantes. Como se fosse uma mãe, gentilmente acariciava Narendra e Rakhal. Disse num sussurro a M.:

"Tivesse esse corpo tido permissão para durar um pouco mais, muitas almas teriam sido iluminadas." Parou por um momento e então, disse: "Mas a Mãe ordenou outra coisa. Ela vai me levar senão, achando-me ingênuo e tolo, as pessoas tirariam vantagem de mim e me persuadiriam a lhes doar os raros dons da espiritualidade." Poucos minutos depois, tocando o peito disse: "Aqui há dois seres. Um deles é Ela e o outro, Seu devoto. Foi esse último que quebrou o braço e é ele quem, de novo, está agora doente. Vocês me compreendem?" Depois de uma pausa, acrescentou: "Ó! A quem vou contar tudo isso? Quem vai me compreender?" "A dor", consolou-os de novo, "é inevitável enquanto houver corpo. O Senhor toma um corpo, para o bem de Seus devotos".

Não se sabe, contudo, se a alma do Mestre realmente estava torturada por essa doença cruciante. Pelo menos nos seus momentos de exaltação espiritual - que tornaram quase constantes nos últimos dias de sua vida na terra - perdeu completamente a consciência do corpo, da doença e do sofrimento.

Um dos seus atendentes disse mais tarde: Enquanto Sri Ramakrishna esteve doente, nunca realmente sofreu dor. Muitas vezes disse:

"Ó mente! Esqueça o corpo, esqueça a doença e permaneça mergulhada em Bem-aventurança.' Não, ele na verdade não sofreu realmente. Houve momentos em que esteve num estado em que o enlevo da alegria se manifestava claramente em seu corpo. Mesmo quando não podia falar, de qualquer maneira fazia-nos saber que não havia sofrimento e este fato era claramente evidente para todos nós que o observávamos. As pessoas que não o compreendiam pensavam que seu sofrimento era muito grande. Que alegria espiritual nos transmitiu naquela época! Poderia tal coisa ser possível se ele estivesse sofrendo fisicamente? Foi nesse período que nos ensinou novamente estas verdades: 'Brahman está sempre desapegado. Os três gunas estão n'Ele, mas Ele não é afetado por eles, assim como o vento carrega o cheiro, mas permanece sem cheiro.' Brahman é o Ser Infinito, Sabedoria Infinita, Bem-aventurança Infinita. N'Ele não existe desilusão, miséria, doença, nem morte, nem crescimento, nem decadência.' 'O Ser Transcendental e o ser inferior são um e o mesmo. Há uma Existência Absoluta'."

A Santa Mãe secretamente foi ao templo de Shiva do outro lado do Ganges, para interceder ante a Divindade, pela recuperação do Mestre. Numa revelação foi-lhe dito que se preparasse para o final inevitável.

Um dia, quando Narendra estava no andar térreo, meditando, o Mestre estava deitado, acordado, em sua cama, no andar de cima. Nas profundezas de sua meditação, Narendra sentiu como se um lampião estivesse queimando na parte de trás de sua cabeça. Subitamente perdeu a consciência. Era a experiência tão ansiada do Nirvikalpa Samadhi que tudo apaga, quando a alma encarnada realiza sua unidade com o Absoluto. Depois de muito tempo recobrou a consciência parcial, mas ficou incapaz de encontrar o corpo, só podia ver a cabeça.

"Onde está meu corpo?" gritou. Gopal mais velho entrou no quarto e disse, "Ora, está aqui, Naren!" Mas Narendra não podia encontrá-la. Gopal, assustado, correu para cima, até o Mestre. Sri Ramakrishna apenas disse: "Deixe-o ficar desse jeito durante um certo tempo. Ele já me importunou bastante."

Depois de outro longo período, Narendra recobrou totalmente a consciência. Banhado em paz, foi ao Mestre que disse: "Agora a Mãe mostrou-lhe tudo, mas esta revelação ficará trancada e guardarei a chave comigo. Quando você tiver feito o trabalho da Mãe, encontrará o tesouro novamente."

Alguns dias mais tarde, estando Narendra sozinho com o Mestre, Sri Ramakrishna olhou para ele e entrou em samadhi. Narendra sentiu a penetração de uma força sutil e perdeu a consciência exterior. Retomando ao seu estado normal, encontrou o Mestre chorando.

Sri Ramakrishna disse-lhe: "Hoje dei-lhe tudo de mim e agora, sou apenas um pobre faquir, não possuindo nada mais. Com esse poder, você fará um bem imenso ao mundo e somente quando ele estiver pronto, você voltará." Dali em diante o Mestre viveu no discípulo.

A dúvida, contudo, custa a morrer. Depois de um ou dois dias, Narendra disse para si mesmo: "Se em meio de uma terrível dor física, ele declarar sua Divindade, só então, o aceitarei como uma Encarnação Divina." Estava sozinho ao lado da cama do Mestre. Foi um pensamento passageiro, mas o Mestre sorriu. Juntando a força que lhe sobrava, disse-lhe claramente: "Aquele que foi Rama e Krishna é agora, nesse corpo, Ramakrishna - mas não no seu sentido vedantista." Narendra foi tomado de vergonha.

5.6 Mahasamadhi e o Falecimento do Corpo

Domingo, 15 de agosto de 1886. O pulso do Mestre tornou-se irregular. Os devotos estavam de pé, junto à cama. Ao entardecer, Sri Ramakrishna teve dificuldade de respirar. Pouco tempo depois

queixou-se de fome. Um pouco de comida líquida foi colocada em sua boca: uma parte foi engolida e o restante escorreu pelo queixo. Dois atendentes começaram a abaná-lo. Imediatamente entrou em samadhi de um tipo incomum. O corpo tornou-se rígido. Sashi começou a chorar, mas depois da meia-noite, o Mestre reviveu. Estava agora com muita fome e serviu-se de uma tigela de mingau. Disse que estava suficientemente forte de novo. Sentou-se em cima de cinco ou seis travesseiros, escorados pelo corpo de Sashi que o abanava. Narendra colocou os pés no seu colo e começou a massageá-los. Repetidamente, o Mestre disse-lhe, "Tome conta desses rapazes." Então pediu para se deitar. Por três vezes, num tom ritmado, chamou pelo nome de Kali, a Bem-amada de sua vida e voltou-se a se deitar. Dois minutos depois de uma hora, ouviu-se um som baixo, vindo da garganta e ele tombou para um lado. Um arrepio cobriu seu corpo. O cabelo ficou em pé, os olhos fixaram-se na ponta do nariz. O rosto iluminou-se com um sorriso. O êxtase final começou. Era o mahasamadhi, total absorção, do qual a mente jamais volta. Narendra, incapaz de suportar, desceu as escadas correndo.

Dr. Sarkar chegou ao meio-dia seguinte e declarou que a vida havia ido embora há mais de meia hora. Às cinco horas o corpo do Mestre foi trazido para baixo, colocado numa padiola, vestido com roupa ocre e enfeitado com pasta de sândalo e flores. Formou-se uma procissão. Os transeuntes choravam enquanto o corpo era levado para o crematório, no Ghat de Baranagore, no Ganges. Quando os devotos estavam voltando para a chácara, carregando a urna com as cinzas sagradas, uma resignação calma desceu sobre suas almas e eles gritaram: "Salve o Guru!"

A Santa Mãe estava chorando no quarto, não pelo marido, mas porque sentia que a Mãe Kali a havia abandonado. Quando estava a ponto de colocar os símbolos de um viúva indiana, num momento de revelação, ouviu as palavras de fé, "Apenas passei de um cômodo para o outro."

Parte II

Introdução aos Ensinamentos de Sri Ramakrishna

Capítulo 6

Primeiros Encontros de M. com Ramakrishna

Março, 1882

6.1 Primeiro Encontro

Foi num domingo de primavera, alguns dias depois do aniversário de Sri Ramakrishna, que M. encontrou-o pela primeira vez. Sri Ramakrishna morava no Kalibari, templo de Mãe Kali, às margens do Ganges, em Dakshineswar.

M., estando de folga nos domingos, fora visitar com seu amigo Sidhu, diversos jardins em Baranagore. Quando estavam passeando no de Prasanna Bannerji, Sidhu disse-lhe: "Há um lugar encantador às margens do Ganges, onde vive um Paramahamsa. Você quer ir lá?" M. concordou e dirigiram-se imediatamente para o templo de Dakshineswar. Chegaram ao portão principal ao entardecer, foram diretamente para os aposentos de Sri Ramakrishna, onde o encontraram sentado num divã de madeira, olhando para o leste. Sorrindo, falava de Deus. O quarto estava cheio, todos sentados no chão, bebendo suas palavras, em silêncio profundo.

M. de pé, ficou mudo, observando. Era como ele estivesse no ponto de encontro de todos os lugares santos e como se o próprio Shukadeva estivesse falando de Deus, ou como se Sri Chaitanya estivesse cantando o nome e as glórias do Senhor em Puri, com Ramananda, Swarup e outros devotos.

Sri Ramakrishna disse: "Se ao ouvirem o nome de Hari ou Rama, seus olhos se encherem de lágrimas ou seu cabelo ficar de pé, podem estar certo de que não precisam mais praticar exercícios devocionais tais como o sandhya. Somente então podem renunciar aos rituais, ou melhor, os rituais cairão por si mesmos. Só será necessário repetir o nome de Rama ou Hari, ou simplesmente, Om." Continuando disse: "O sandhya funde-se no Gayatri e o Gayatri no Om."

M. olhou para os lados e maravilhado, disse para si mesmo: "Que lindo lugar! Que homem encantador! Como são lindas as suas palavras! Não pretendo sair daqui." Após alguns minutos pensou: "Deixe-me conhecer o lugar primeiro; depois volto e me sento."

6.1.1 O Templo aonde Vivia Ramakrishna

Quando deixou o quarto com Sidhu, ouviu a suave música do gongo, do tambor e dos pratos que vinha do culto da tarde no templo. Ouviu também, a música que vinha do nahabat no fundo do jardim. Os sons cruzavam o Ganges, flutuando e perdendo-se à distância. Um vento suave de verão soprava, carregado com o perfume das flores; a lua acabava de aparecer. Era como se a natureza,

juntamente com o homem estivessem se preparando para o culto da tarde. M. e Sidhu visitaram os doze templos de Shiva, o de Radhakanta e o de Bhavatarini. E à medida que M. assistia ao serviço diante das imagens, seu coração enchia-se de alegria. Quando voltaram ao quarto de Sri Ramakrishna, os dois amigos conversaram. Sidhu explicou que o templo tinha sido construído por Rani Rasmani, que Deus era adorado ali, diariamente, na forma de Kali, Krishna e Shiva, e que no interior, era oferecida comida aos sadhus e mendigos. Quando chegaram de novo na porta do quarto de Sri Ramakrishna encontraram-na fechada e Brinde, a empregada, estava no lado de fora. M. que possuía boas maneiras inglesas, jamais entraria num quarto sem permissão, perguntou: "Está aí o santo?"

Brinde respondeu: "Sim, ele está."

M.: "Há quanto tempo ele vive aqui?"

Brinde: "Ó! Ele vive aqui há muito tempo."

M.: "Ele lê muitos livros?"

Brinde: "Livros? Ó não! Estão todos na ponta de sua língua."

M. havia terminado seus estudos na universidade. Admirou-se muito em saber que Sri Ramakrishna não lia livros.

M.: "Talvez seja a hora de sua adoração da tarde. Podemos entrar? Pode-lhe dizer que estamos ansiosos para vê-lo?"

Brinde: "Entrem, rapazes. Entrem e sentem-se!"

6.1.2 Atenção Dividida Entre Interior e Exterior

Entrando no aposento, encontraram Sri Ramakrishna sentado, sozinho, no divã de madeira. O incenso tinha acabado de queimar e todas as portas estavam fechadas. Ao entrar, M. de mãos postas, saudou o Mestre. Então a seu aceno, sentaram-se no chão. Sri Ramakrishna perguntou-lhes: "Onde vocês moram? Qual a sua profissão? Por que vieram a Baranagore?" M. respondeu às perguntas, mas reparou que de vez em quando, o Mestre parecia ausente. Mais tarde soube que aquele estado chamava-se bhava, êxtase. É como o pescador, sentado com seu caniço; o peixe vem e morde a isca; e a bóia começa a balançar; o pescador fica alerta e segura a vara e observa a bóia firme e atentamente; não fala com ninguém. Tal era o estado mental de Sri Ramakrishna. Mais tarde M. ouviu e ele mesmo observou, que Sri Ramakrishna ficava muitas vezes neste estado depois do entardecer, às vezes tornava-se totalmente inconsciente do mundo exterior.

M.: "Talvez o senhor deseje fazer sua adoração da tarde. Neste caso, podemos ir embora?"

Sri Ramakrishna (ainda em êxtase): "Não - Adoração da tarde? Não é exatamente isso."

Depois de algum tempo, M. saudou o Mestre e saiu: 'Volte'- disse Sri Ramakrishna.

Durante o trajeto de volta para casa, M. começou a conjeturar: "Quem é esse homem de olhar sereno, que me está atraindo para ele? É possível que um homem seja grande, sem ser erudito? Como isso é maravilhoso! Gostaria de tornar a vê-lo. Ele mesmo me disse: 'Volte!' Irei amanhã ou depois."

6.2 Segunda Visita de M. a Sri Ramakrishna

A segunda visita de M. a Sri Ramakrishna deu-se na varanda sudeste, às oito horas da manhã. O Mestre estava prestes a fazer a barba e o barbeiro acabara de chegar. Como a estação fria ainda

permanecia, tinha posto um xale de lã com franja vermelha. Vendo M., o Mestre falou: "Então você veio. É bom. Sente-se aqui!" Sorria e gaguejava um pouco enquanto falava.

Sri Ramakrishna (a M.): "Onde você mora?"

M.: "Em Calcutá, senhor."

Sri Ramakrishna: "Onde você está hospedado aqui?"

M.: "Estou em Baranagore, na casa de minha irmã mais velha, casa de Ishan Kaviraj."

Sri Ramakrishna: "Ó na casa de Ishan? Bem, como vai Keshab? Ele estava muito doente."

M.: "É verdade, também ouvi dizer isso, mas agora, acredito que esteja bem."

Sri Ramakrishna: "Fiz uma promessa de oferecer a Mãe coco verde com açúcar se ele ficasse curado. Às vezes, de madrugada, eu acordava e chorava diante d'Ela: 'Mãe, por favor, devolva a saúde a Keshab. Se ele morrer, com quem vou conversar, quando for a Calcutá?' E foi então que resolvi oferecer-Lhe coco verde com açúcar. Diga-me, você conhece um certo Sr. Cook, que chegou a Calcutá? É verdade que está dando conferências? Certa vez Keshab levou-me num passeio de barco e este Sr. Cook também estava lá."

M.: "Sim, ouvi algo sobre isso, mas nunca fui às suas palestras. Não sei muito a seu respeito."

Sri Ramakrishna: "O irmão de Pratap veio aqui. Ficou alguns dias, estava desempregado e queria morar aqui. Soube que havia deixado a esposa e os filhos com o sogro. Ele tem uma grande prole." Então o repreendi. Imagine! É pai de tantas crianças! Será que os vizinhos vão educá-las e dar-lhes de comer? Nem tem vergonha de deixar que outros os sustentem e também, de tê-los largado na casa do sogro. Repreendi-o duramente e mandei que procurasse um trabalho. Por isso está querendo ir embora.

"Você é casado?"

M.: "Sim, senhor, sou."

Sri Ramakrishna (estremecendo): "Ó Ramlal! Ele é casado!"

Como se fosse culpado de uma grande falta, M. ficou imóvel, olhando para o chão. Pensou, "Será uma coisa má ser casado?"

O Mestre continuou: "Você tem filhos?"

Desta vez M. pôde escutar as batidas do seu coração. Sussurrou com a voz trêmula: "Sim, senhor, tenho filhos."

Tristemente, Sri Ramakrishna disse: "Ai meu Deus! Ele tem até filhos!"

Com tal censura, M. ficou sem fala. Seu orgulho havia recebido um golpe. Depois de alguns minutos, Sri Ramakrishna olhou-o com bondade e disse afetuosamente, "Você tem bons sinais. Conheço-os, olhando a testa, os olhos etc. de uma pessoa. Diga-me, que tipo de pessoa é sua esposa? É espiritualizada ou está sob o poder de avidya?"

M.: "Ela é boa, mas creio que é ignorante."

Mestre (com visível desagrado): "E você é um homem de conhecimento!"

M. tinha ainda que aprender a diferença entre conhecimento e ignorância. Até aquele dia, seu conceito era que só se adquiria conhecimentos através dos livros e nos colégios. Mais tarde veio abandonar essa falsa concepção. Aprendeu que conhecer Deus é conhecimento e não O conhecer é ignorância. Quando Sri Ramakrishna exclamou: "E você é um homem de conhecimento!" o ego de M. ficou novamente terrivelmente chocado.

6.2.1 Deus Com Forma ou Sem Forma?

Mestre: "Bem, você acredita em Deus com forma ou sem forma?"

M. bastante surpreso, disse a si mesmo: "Como pode alguém acreditar em Deus sem forma quando acredita em Deus com forma? E se alguém acredita em Deus sem forma, pode acreditar que Deus tenha forma? Podem essas duas idéias contraditórias serem verdadeiras ao mesmo tempo? Pode um líquido branco como o leite, ser preto?"

M.: "Senhor, gosto de pensar em Deus sem forma".

Mestre: "Muito bem. É suficiente ter fé em qualquer um desses aspectos. Você acredita em Deus sem forma, está muito bem, mas jamais pense que só isso seja verdadeiro e tudo o mais falso. Lembre-se de que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma, mas fique firme em sua convicção".

A afirmação de que ambos são verdadeiros surpreendeu M. Jamais havia aprendido esse conceito nos livros. Assim seu ego recebeu um terceiro golpe, mas desde que ele não havia sido esmagado, tornou a fazer novas perguntas ao Mestre.

M.: "Senhor, suponha que alguém acredite em Deus com forma. Certamente Ele não é uma imagem de barro."

Mestre (interrompendo): "Mas por que de barro? É uma imagem do Espírito."

M. mal podia compreender o significado da expressão "imagem do Espírito". "Mas senhor", disse ao Mestre, "deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro, que ela não é Deus e que, adorando-a, devem ter Deus em mente e não, a imagem de argila. Não se deve adorar a argila".

Mestre (bruscamente): "Trata-se de uma mania de vocês, pessoas de Calcutá, dar palestras para trazer luz aos outros - Ninguém jamais pensa como conseguir luz para si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros? Aquele que é o Senhor do universo ensinará cada um. Somente Ele que criou esse universo nos ensina; Aquele que fez o sol e a lua, homens, animais e todos os outros seres; Aquele que provê meios para seu sustento, que deu pais aos filhos e dotou-os de amor para poder educá-los. O Senhor fez tantas coisas - Ele não mostrará às pessoas a maneira de adorá-Lo? Se precisarem de ensinamentos, Ele será o Mestre. Ele é o nosso Guia Interno."

"Suponhamos que haja um erro na maneira de adorar a imagem de barro. Por acaso não sabe Deus que é através dessa imagem somente que Ele está sendo invocado? Ele aceitará tal adoração. Por que ter dor de cabeça por causa desse fato? É melhor você procurar adquirir conhecimento e devoção."

A essa altura dos acontecimentos, M. sentiu que seu ego estava completamente esmagado. Disse para si mesmo: "Sim, ele falou a verdade. Que necessidade tenho de ensinar os outros? Já conheço Deus? Será que realmente O amo? 'A minha cama é estreita para mim e estou convidando um amigo para compartilhá-la comigo!' Não sei nada a respeito de Deus e estou tentando ensinar os outros. Que vergonha! Que tolo sou! Isto não é matemática ou história ou literatura, que alguém possa ensinar aos outros. Não, isto é o profundo mistério de Deus. O que ele me diz, toca-me."

Esta foi a primeira argumentação com o Mestre e felizmente, a última.

Mestre: "Você estava falando de adorar a imagem de barro. Mesmo que ela seja de barro, há necessidade de adoração. O Próprio Deus estabeleceu diversos tipos de adoração. Aquele que é o Senhor do universo, planejou todas essas formas para atender às pessoas nos diversos estágios de desenvolvimento. A mãe faz diferentes pratos a fim de atender ao estômago de seus diferentes filhos. Suponha-mos que ela tenha cinco filhos. Se há peixe, prepara vários cardápios como pilau, escabeche, peixe frito e assim por diante, para satisfazer aos diferentes gostos de seus filhos e condições de digestão."

"Você me compreende?"

6.2.2 Como Podemos Fixar Nossas Mentes em Deus?

M. (humildemente): "Sim, senhor. Como podemos fixar nossas mentes em Deus?"

Mestre: "Repita o nome de Deus e cante Suas glórias e mantenha a companhia dos santos; de vez em quando, visite os devotos de Deus e homens santos. A mente não pode ficar estabelecida em Deus se estiver mergulhada dia e noite no mundanismo, nos deveres e responsabilidades do mundo; é necessário ficar de vez em quando em solidão e pensar em Deus. Fixar a mente em Deus é muito difícil no começo, a menos que se pratique a meditação em solidão. Quando uma árvore ainda é pequena, é necessário protegê-la com uma cerca. Caso contrário, pode ser destruída pelo gado. Para meditar, deve-se interiorizar a mente ou retirar-se para um lugar isolado ou uma floresta. Deve sempre discriminar entre o Real e o irreal. Só Deus é Real, a Substância Eterna, tudo o mais, irreal, quer dizer, transitório. Assim discriminando, a pessoa tira os objetos transitórios da mente."

M. (humildemente): "Como devemos viver no mundo?"

Mestre: "Cumpra seus deveres mas mantenha a mente em Deus. Viva com todos - esposa, filhos, pai e mãe - e sirva-os. Trate-os como se fossem muito queridos, mas saiba no fundo do seu coração, que eles não lhe pertencem."

"Uma empregada da casa de um homem rico faz todos os serviços da casa, mas seus pensamentos estão voltados para sua casa na terra natal. Cria os filhos do patrão como se fossem os seus próprios. Chega mesmo a referir-se a eles como 'meu Rama' ou 'meu Hari', mas em sua mente sabe que eles não lhe pertencem."

"A tartaruga movimenta-se na água, mas onde estão seus pensamentos? Nas margens, onde estão enterrados os seus ovos. Faça seus deveres do mundo, mas mantenha o pensamento em Deus."

"Se você entrar no mundo, sem antes ter cultivado o amor de Deus, se enredará cada vez mais. Será subjugado pelos perigos, tristezas e tribulações. Quanto mais pensar nas coisas do mundo, mais se apegará a elas."

"Primeiro esfregue as mãos com óleo e em seguida, quebre a jaca para abri-la, do contrário, ficarão sujas com o leite pegajoso. Primeiro obtenha o óleo do amor divino e depois, mãos à obra com os deveres do mundo."

"Mas uma pessoa deve se retirar para a solidão a fim de conseguir esse amor divino. Para se fazer manteiga do leite, é necessário que ele seja guardado em separado para que forme o coalho. Caso contrário o leite não se transformará em coalho. Depois deve deixar todas as outras obrigações, sentar-se num lugar sossegado e bater a manteiga. Só assim terá a manteiga."

"Além do mais, meditando em Deus na solidão, a mente adquire conhecimento, desapego e devoção. Mas a mesma mente desce se ficar presa às coisas do mundo. No mundo só há um pensamento: 'mulher e ouro' ".

"O mundo é a água e a mente, o leite. Se derramar leite na água, eles se transformam num só; não poderá encontrar o leite nunca mais. Mas transforme esse leite em coalho e o bata até virar manteiga. Então quando a manteiga é colocada na água, flutua. Pratique disciplina espiritual na solidão e obtenha a manteiga do conhecimento e amor. Mesmo que ponha a manteiga na água do mundo, as duas não se misturarão. A manteiga flutuará."

"A par disso, praticar discriminação sobre 'mulher e ouro', considerando-se que são transitórios, Deus é a única Substância Eterna. O que o homem obtém com dinheiro? Comida, roupa e casa - nada mais. Você não pode realizar Deus com sua ajuda. Por conseguinte, o dinheiro jamais poderá ser a meta da vida. Esse é o processo da discriminação. Compreende?"

M.: "Sim, senhor. Recentemente li uma peça em sânscrito chamada Prabodha Chandrodaya, que trata da discriminação."

Mestre: "Sim, da discriminação a respeito dos objetos. Pense - o que há no dinheiro ou num corpo bonito? Discrimine e verá que o mesmo corpo de uma linda mulher é formada de ossos, carne, gordura e outras coisas desagradáveis. Por que um homem deveria abandonar Deus e dirigir a atenção para essas coisas? Por que um homem deveria esquecer Deus por causa delas?"

6.2.3 É Possível Ver Deus?

M.: "É possível ver Deus?"

Mestre: "Sim, certamente. Ficando em solidão de vez em quando, repetindo seu nome, cantando Suas glórias e discriminando entre o Real e o irreal - esses são os meios para vê-Lo."

M.: "Sob que condições uma pessoa vê Deus?"

Mestre: "Chore por Deus com o coração cheio de intensa ânsia e certamente irá vê-Lo. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por esposa e filhos. Nadam em lágrimas por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Chore por Ele do fundo do seu coração."

O Mestre cantou:

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!
Como pode Ela manter-Se afastada de você?
Como pode Shyama ficar afastada?
Como pode sua mãe Kali ficar longe?
Ó mente, se você for sincera, traga-Lhe uma oferenda
De folhas de bel e flores de hibisco
Coloque a Seus pés sua oferenda
E misture nela a pasta perfumada de sândalo do Amor.

Continuando disse: "A ânsia é a aurora rosada. Depois dela, nasce o sol. O intenso anelo é seguido pela visão de Deus."

"Deus revela-Se ao devoto que se sente chamado para Ele pela força combinada de três atrações: a atração pelos bens materiais que o homem possui do mundo, a que uma criança sente por sua mãe e a que um marido sente por sua esposa. Se alguém se sentir atraído para Deus pela força combinada dessas três atrações então, através dela, pode alcançá-Lo."

"A questão é amar a Deus da mesma maneira que a mãe ama seu filho, a esposa, seu marido e o homem do mundo, o dinheiro. Junte essas três forças de amor, esses três poderes de atração e os dê a Deus. Então certamente O verá."

"É necessário orar a Ele com o coração ansioso. O gatinho só sabe chamar a mãe chorando: 'Miau, miau!' Fica feliz onde ela o coloca. E a gata o põe, ora na cozinha, ora no chão e às vezes, na cama. Quando o filhote sente um desconforto, apenas chora 'Miau, miau!'. É tudo o que sabe dizer, mas ao ouvir seu choro, a mãe onde quer que esteja, vem correndo em sua direção."

6.3 Terceira Visita de M. ao Mestre

Foi num domingo à tarde que M. fez a terceira visita ao Mestre. Estava tremendamente impressionado com as duas primeiras visitas que fizera àquele homem maravilhoso. Vivia pensando constantemente no Mestre e na maneira simples de exprimir as verdades profundas da vida espiritual. Jamais havia encontrado antes alguém parecido.

Sri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O aposento estava cheio de devotos que haviam se aproveitado do fato de ser feriado para ir vê-lo. M. ainda não estava familiarizado com os demais devotos, de modo que se sentou no canto. O Mestre sorria enquanto falava com eles.

Dirigia-se de forma especial para um jovem de dezenove anos chamado Narendranath que ainda era estudante e frequentava o Sadharan Brahmo Samaj. Seus olhos eram brilhantes, suas palavras cheias de força e tinha o olhar de um amante de Deus.

M. percebeu que a conversa era sobre os homens do mundo que desprezavam aqueles que aspiram às coisas espirituais. O Mestre falava sobre o grande número de pessoas desse tipo que há no mundo e da maneira como lidar com elas.

Mestre (a Narendra): "Como você se sente a esse respeito? As pessoas do mundo dizem tudo a respeito das pessoas espiritualizadas. Mas olhe aqui! Quando um elefante anda na rua, muitos cachorros e outros animais pequenos podem latir e gritar para ele, mas o elefante nem olha para trás para vê-los. Se alguém fala mal de você, o que pensa dela?"

Narendra: "Penso que são cachorros latindo para mim."

6.3.1 Deus Mora em Todos

Mestre (sorrindo): "Ó não! Não deve ir tão longe, meu filho! (Risada geral). Deus mora em todos, mas você só deve se tornar íntimo das pessoas boas; deve manter-se afastado daquelas de mente perversa. Deus está até mesmo num tigre, mas ninguém vai abraçar o tigre por causa disso. (Risada). Pode-se contestar: 'Por que fugir do tigre, que é também, uma manifestação de Deus?' A resposta é o seguinte: 'Aqueles que mandam fugir são, também, manifestações de Deus - por que não dar ouvidos a eles?' "

"Deixe-me contar uma história. Numa floresta vivia um homem santo que tinha muitos discípulos. Um dia ensinou-lhes a ver Deus em todas as criaturas e, sabendo disso, curvarem-se diante de todas elas. Um discípulo foi à floresta pegar lenha para o fogo do sacrifício. De repente ouviu um grito: 'Saiam do caminho! Um elefante louco está se aproximando!' Todos, menos o discípulo, correram. Ele imaginou que o elefante era também Deus, mas sob outra forma. Por que haveria de fugir dele? Ficou quieto, curvou-se ante o animal e começou a cantar em seu louvor. O mahut do elefante gritava: 'Fuja! Fuja!', mas o discípulo não se mexia. O animal pegou-o com sua tromba, jogou-o para um lado e seguiu seu caminho. Ferido e contundido, ficou inconsciente no chão. Sabendo o ocorrido, o Mestre e seus discípulos vieram e levaram-no para a cabana. Com a ajuda de alguns medicamentos, logo recuperou a consciência. Alguém perguntou-lhe: 'Você sabia que o elefante estava vindo. Por que não saiu do lugar?' 'Mas', disse ele, 'o nosso Mestre disse-nos que o Próprio Deus toma todas essas formas, tanto de animais como de homens. Por isso, pensando que se tratava apenas do Deus elefante que estava vindo, não corri.' A isso retrucou o Mestre: 'Sim, meu filho, é verdade que era Deus que estava chegando; mas o Deus mahut proibiu você de ficar ali. Já que todos são manifestações de Deus, por que não acreditou nas palavras do mahut? Você deveria ter atendido às palavras do Deus mahut'." (Risada geral).

"Está escrito nas escrituras que a água é uma forma de Deus, porém há água própria para o culto, para lavar o rosto e outra para lavar pratos ou roupa suja. Este último tipo não pode ser empregado para beber ou com propósito religioso. Assim também Deus inegavelmente mora no coração de todos - santos ou pecadores, corretos ou ímpios, mas o homem não deve se relacionar com os pecadores, maus e impuros. Não deve ter intimidade com eles. Com algumas pessoas, pode trocar algumas palavras, mas com outras, não deve nem fazer isso. Deve-se manter afastado delas".

6.3.2 Devemos Ficar Quietos Diante da Maldade?

Um devoto: "Senhor, se um homem estiver a ponto de fazer mal a alguém ou realmente o faz, devemos ficar quietos?"

Mestre: "Uma pessoa que vive em sociedade deveria criar a impressão de muita força, a fim de se proteger contra aqueles de mente perversa, mas não deve ferir ninguém antecipando um mal que eles poderiam lhe fazer."

"Ouçam uma história. Alguns jovens pastores tinham o hábito de levar suas vacas para um campo onde vivia uma serpente terrivelmente venenosa. Todas as pessoas viviam alertas com medo dela. Um dia, um brahmachari estava passando pelo campo. Os rapazes correram para ele e disseram-lhe: 'Santo homem, por favor não vá por esse caminho. Uma cobra venenosa vive ali.' 'O que tem isso demais, meus filhos?' disse o brahmachari. 'Não tenho medo de cobra. Conheço alguns mantras.' Assim falando, continuou seu caminho em direção ao campo, mas os pastores com medo, não o acompanharam. Nesse ínterim a serpente dirigiu-se para ele rapidamente, com o capuz erguido. Assim que ela chegou, recitou um mantra e a cobra deitou-se a seus pés como se fosse uma minhoca. O brahmachari disse: 'Olhe aqui. Por que você vive fazendo mal aos outros? Venha, vou lhe dar uma palavra sagrada. Repetindo-a aprenderá a amar a Deus. Por fim O realizará e dessa maneira se libertará de sua natureza violenta.' Assim falando, ensinou-lhe uma palavra sagrada e iniciou-a na vida espiritual. A serpente curvou-se ante seu mestre e disse: 'Reverenciado senhor, como vou fazer a prática espiritual?' 'Repita a palavra sagrada', disse o mestre, 'e não faça mal a ninguém'. Como já estava de saída, o brahmachari disse: 'Eu a verei de novo'."

"Passaram-se alguns dias e os pastores notaram que a serpente não mordia mais. Jogaram muitas pedras nela, mas mesmo assim ela não demonstrou raiva; comportava-se como se fosse uma minhoca. Um dia um dos rapazes aproximou-se, segurou-a pela cauda, rodopiou-a no ar, lançou-a contra o chão várias vezes e jogou-a longe. A serpente vomitou sangue e ficou inconsciente. Estava zonza. Não podia se mover. Então julgando-a morta, os rapazes foram embora."

"Tarde da noite a serpente recobrou os sentidos. Lentamente e com muita dificuldade, conseguiu arrastar-se até a sua toca; seus ossos estavam quebrados e mal podia se mexer. Passaram-se muitos dias. A serpente transformou-se num esqueleto coberto de pele. De vez em quando, à noite, saía para procurar alimento. Com medo dos rapazes não saía do buraco durante o dia. Desde que recebera a palavra sagrada do mestre tinha deixado de fazer mal aos outros. Mantinha-se viva graças a detritos, folhas e frutos que caíam das árvores."

"Mais ou menos um ano depois, o brahmachari voltou e perguntou pela cobra. Os pastores disseram que estava morta. Não pôde acreditar neles. Sabia que ela não morreria antes de ter colhido o fruto da palavra sagrada com a qual havia sido iniciada. Saiu procurando-a aqui e acolá, chamando-a pelo nome que lhe havia dado. Ouvindo a voz do mestre, a serpente saiu da toca e curvou-se com muita reverência diante dele. 'Como vai você?' perguntou-lhe o brahmachari. 'Estou bem, senhor' respondeu a serpente. 'Mas', perguntou o mestre, 'por que você está tão magra?' A cobra respondeu: 'Reverenciado mestre, o senhor mandou que eu não fizesse mal a ninguém. Por isso tenho vivido somente de folhas e frutos. Talvez seja por esta razão que eu tenha ficado mais magra'."

"A cobra havia desenvolvido a qualidade de sattva; não podia ficar com raiva de ninguém. Esquecera-se completamente de que os pastores quase a haviam matado."

"O brahmachari disse: 'Não pode ter sido uma simples falta de comida que a reduziu a este estado. Deve haver uma outra razão. Pense um pouco.' Então a serpente lembrou-se de que os rapazes a haviam atirado ao chão. Disse: 'Sim, reverenciado mestre, agora me lembro. Os rapazes um dia me jogaram violentamente contra o chão. Afinal de contas, são ignorantes. Não compreenderam a grande mudança que se operou em minha mente. Como poderiam saber que eu não ia mais morder

nem fazer mal a ninguém?' O brahmachari exclamou: 'Que vergonha! Você é uma boba! Não sabe proteger-se. Eu lhe mandei que não mordesse, mas não, que silvasse. Por que não os atemorizou com seu silvo?' "

"Você deve, portanto, silvar para as pessoas más. Deve assustá-las, senão elas lhe farão mal. Jamais injete veneno nelas. Ninguém deve fazer mal aos outros. Na criação de Deus há uma variedade de coisas: homens, animais, árvores, plantas. Entre os animais, há alguns bons, outros maus. Há animais ferozes como o tigre. Algumas árvores dão frutos doces como o néctar, outros dão frutos venenosos. Da mesma maneira, entre os seres humanos, há bons e maus, santos e pecadores. Há alguns que são devotados a Deus e outros apegados ao mundo."

6.3.3 Quatro Categorias de Seres Humanos

"Os homens podem ser divididos em quatro categorias; aqueles presos pelos grilhões do mundo, os que buscam a liberação, os liberados e os sempre livres."

"Entre os sempre livres encontramos sábios como Narada. Vivem no mundo para o bem dos outros, a fim de ensinar a verdade espiritual."

"Aqueles que estão apegados estão mergulhados no mundanismo e esquecem-se de Deus. Nem por engano pensam nele."

"Os que buscam a liberação querem livrar-se do apego ao mundo. Alguns conseguem, outros não. As almas liberadas como sadhus e mahatmas, não são tragadas pelo mundo, por 'mulher e ouro'. Suas mentes estão livres de mundanismo. Além disso vivem em constante meditação aos Pés de Lótus do Senhor."

"Suponhamos que uma rede seja lançada ao lago para apanhar peixes. Alguns são tão espertos que jamais são apanhados. São como os sempre livres, mas a maioria é apanhada. Alguns tentam sair e neste caso, são como os que buscam a liberação. Mas nem todos os peixes que lutam, conseguem. Poucos pulam fora da rede, e fazem um grande barulho quando caem na água. Então o pescador grita: 'Olhe! Lá vai um grande!' Mas a maioria dos que caem na rede não pode escapar, nem faz qualquer esforço para tal. Ao contrário, escondem-se na lama, com a malha da rede em suas bocas e ali ficam quietos, pensando: 'Não temos nada a temer agora, estamos seguros aqui'. Os pobres peixes não sabem que o pescador os vai tirar da rede. São como os homens ligados ao mundo."

"As almas apegadas estão presas pelos grilhões de 'mulher e ouro'. Estão com os pés e as mãos atadas. Pensando que 'mulher e ouro' os tornarão felizes e lhes proporcionarão segurança, não compreendem que isso os levará à ruína. Quando um homem assim apegado ao mundo está para morrer, sua esposa lhe pergunta: 'Você se vai. O que você fez por mim?' Assim também, seu apego às coisas do mundo é tal que, quando vê a lamparina queimando fortemente, diz: 'Diminua a luz. Está gastando muito óleo.' E ele está em seu leito de morte!"

"As almas apegadas jamais pensam em Deus. Quando têm um tempo livre, gastam-no com tagarelices e conversas tolas, ou então, em algum trabalho sem proveito. Se perguntarmos a uma delas a razão, responde: 'Ó não posso ficar parado, estou fazendo uma cerca.' Quando não têm nada para fazer, talvez comecem a jogar cartas".

Havia um profundo silêncio no aposento.

6.3.4 A Fé Salvadora

Um devoto: "Senhor, não há salvação para essa pessoa do mundo?"

Mestre: "Certamente que há. De tempos em tempos, deve viver na companhia dos homens santos

e retirar-se para a solidão, a fim de meditar em Deus. Além do mais, deve praticar discriminação e orar: 'Dá-me fé e devoção.' Quando conseguiu ter fé, já alcançou tudo. Não há nada maior do que a fé."

(A Kedar): "Você já deve ter ouvido falar a respeito do poder tremendo da fé. Está escrito nos Puranas que Rama, que era o Próprio Deus - a Encarnação do Brahman Absoluto - teve que construir uma ponte para atravessar o mar até o Ceilão. Mas Hanuman, tendo fé no nome de Rama, abriu o mar e atravessou-o num pulo e alcançou o outro lado. Não teve necessidade de ponte. (Todos riem)."

"Uma vez um homem estava prestes a atravessar o mar. Bibhishana escreveu o nome de Rama numa folha, amarrou-a na ponta da roupa do homem e disse-lhe: 'Não tenha medo. Tenha fé e ande sobre a água. Mas olhe aqui - no momento em que perder a fé, se afogará'. O homem começou a andar com facilidade sobre a superfície da água. De repente teve um imenso desejo de ver o que estava amarrado em sua roupa. Abriu o papel e apenas viu uma folha com o nome de Rama escrito. 'O que é isto?' pensou - 'Apenas o nome de Rama!' Assim que a dúvida entrou em sua mente, afundou."

"Se um homem tem fé em Deus, mesmo que tenha cometido o mais hediondo crime - tal como matar uma vaca, um brahmin ou uma mulher - certamente se salvará pela força de sua fé. Basta apenas que diga a Deus: 'Ó Senhor! Não cometerei mais essa ação', e não necessitará ter medo."

Quando acabou de dizer isso, o Mestre começou a cantar:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha liberação.
Por mais pecador que eu tenha sido?
Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer.
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.
Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;
Pois pelo poder de Teu doce nome
Minha alma pecadora ainda pode aspirar
Possuir até o estado de Brahman.

6.3.5 Mente e Devoção em Narendra (Vivekananda)

Apontando para Narendra, o Mestre disse: "Vocês todos estão vendo esse rapaz. Aqui ele se comporta dessa maneira. Um menino travesso parece muito educado quando se encontra na presença do pai, mas torna-se outra pessoa quando brinca no chandni. Narendra e pessoas de seu tipo pertencem à classe dos sempre livres. Jamais se deixam enredar pelo mundo. Quando crescem um pouco sentem o despertar da consciência interior e dirigem-se diretamente para Deus. Vêm ao mundo somente para ensinar os outros. Jamais se importam com coisa alguma do mundo. Nunca ficam apegados a 'mulher e ouro'."

"Os Vedas falam do homa. Essa ave mora bem alto, no céu e lá coloca os ovos. Logo que o ovo é posto, começa a cair, mas como está muito alto, o ovo continua sua queda por vários dias. À medida que cai, o ovo é chocado até que o filhote nasce. Quando a avezinha sai da casca, os olhos se abrem e as asas crescem. Compreende então, que está caindo e que ficará reduzida a pedaços se tocar o solo. Dá um arranque para cima em direção à sua mãe no céu."

Nesse ponto da conversa, Narendra saiu do quarto. Kedar, Prankrishna, M. e outros permaneceram.

Mestre: "Veja, Narendra é superior a todos quando canta, toca instrumentos, estuda e tudo o mais. Outro dia teve uma discussão com Kedar e arrasou seus argumentos." (Risada geral).

(A M.): "Há algum livro sobre a razão, em inglês?"

M.: "Sim. Chama-se Lógica."

Mestre: "Diga-me do que se trata."

M. estava um pouco envergonhado. Disse: "Uma parte do livro trata de dedução, partindo-se do geral para o particular. Exemplo: Todos os homens são mortais. Os intelectuais são homens. Logo todo intelectual é mortal. Uma outra trata com o método de raciocinar, partindo-se do particular para o geral. Exemplo: Esse corvo é preto. Aquele corvo é preto. Os corvos que vemos em todos os lugares são pretos. Logo, todos os corvos são pretos. Mas pode ocorrer um erro na conclusão feita dessa maneira, porque poderá existir um corvo branco em alguma parte do mundo. Uma outra ilustração: Se há chuva, há ou já houve nuvens. Em consequência, a chuva vem das nuvens. Ainda um outro exemplo: Esse homem tem trinta e dois dentes. Aquele homem tem trinta e dois dentes. Todos os homens que vemos têm trinta e dois dentes. Portanto, todos os homens têm trinta e dois dentes. A lógica inglesa trabalha com tais deduções e induções."

Sri Ramakrishna mal ouvia essas palavras. Enquanto escutava, sua mente tornou-se ausente. Por conseguinte, a conversa não foi além.

Quando a reunião acabou, os devotos foram passear no jardim do templo. M. dirigiu-se ao Panchavati. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Depois de algum tempo voltou para o aposento do Mestre. Ali, na pequena varanda norte, presenciou uma cena maravilhosa.

Sri Ramakrishna estava em pé cercado por alguns devotos e Narendra cantava. M. jamais vira uma pessoa cantar de forma tão suave, a não ser o Mestre. Quando olhou para Sri Ramakrishna, ficou deslumbrado, porque o Mestre estava imóvel, com os olhos fixos. Parecia que nem respirava. Um devoto disse a M. que o Mestre estava em samadhi. M. jamais vira nem ouvira falar de tal coisa. Tomado de encantamento pensava:

"Será possível para um homem estar tão alheio ao mundo exterior e com a consciência em Deus? Quão profunda deve ser sua fé e sua devoção para fazê-lo atingir esse estado!"

Narendra cantava:

Medite, Ó mente, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito, por todos os tempo
Como é inigualável a Luz que brilha n'Ele!
Como enfeitiça a alma a Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos!
Cada vez mais maravilhado no seu amor recém-florido,
Que envergonha o esplendor de milhões de luas.
Como relâmpago brilha a glória de Sua forma.
Eriçando os cabelos de pura alegria.

O Mestre estremeceu quando esse último verso foi cantado. O cabelo ficou de pé e lágrimas de felicidade escorriam de suas faces. De vez em quando os lábios entreabriam um sorriso. Estaria vendo a inigualável beleza de Deus "que envergonha o esplendor de milhões de luas?" Seria isso a visão de Deus, a Essência do Espírito? Quantas austeridades e disciplinas, quanta fé e devoção são necessárias para se ter essa visão!

A canção continuou:

Adore Seus pés no lótus de seu coração:
Com a mente serena e os olhos radiantes,
Com amor celestial, contemple essa visão incomparável.

De novo aquele sorriso encantador. O corpo imóvel como antes, os olhos semicerrados, como que contemplando uma estranha visão interior.

A canção terminou. Narendra cantou as últimas linhas:

Apanhada na magia do êxtase do Seu amor.
Mergulhe para sempre, Ó mente,
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O samadhi e a divina bem-aventurança que havia presenciado deixaram uma impressão indelével na mente de M. Voltou para casa profundamente tocado. De vez em quando podia ouvir dentro de si, o eco daqueles versos que inebriavam a alma.

Mergulhe para sempre, Ó mente
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

6.4 A Quarta Visita do Discípulo ao Mestre

O dia seguinte foi de novo, dia de folga para M. Chegou a Dakshineswar às três horas da tarde. Sri Ramakrishna estava em seu quarto: Narendra, Bhavamath e alguns devotos estavam sentados numa esteira. Eram todos jovens de dezenove e vinte anos. Sentado no divã pequeno, Sri Ramakrishna conversava com eles, sorrindo.

Assim que entrou no aposento, o Mestre riu e disse para os rapazes: "Aí está! Ele veio de novo." Todos riram. M. inclinou-se profundamente e sentou-se. Antes saudava o Mestre com as mãos postas, como uma pessoa de educação inglesa, mas naquele dia, aprendeu a se prosternar a seus pés à moda hindu ortodoxa.

Logo em seguida o Mestre explicou a causa daquela risada para os devotos. Disse: "Certa vez um homem deu ao pavão uma pílula de ópio às quatro horas da tarde. No dia seguinte, exatamente na mesma hora, o pavão voltou. Sentira a intoxicação da droga e voltava na hora certa para tomar uma outra dose." (Todos riem).

M. achou essa ilustração muito adequada. Mesmo em casa não podia tirar Sri Ramakrishna de seu pensamento, nem por um momento. Sua mente estava permanentemente em Dakshineswar e contava os minutos para lá voltar.

Nesse meio tempo, o Mestre divertia-se com os rapazes, tratando-os como se fossem seus amigos íntimos. Risadas hilariantes enchiam o quarto como se fosse um mercado de felicidade. Essa cena foi uma revelação para M. Pensou: "Ontem não o vi inebriado por Deus? Não estava ele nadando no Oceano de Amor Divino? - uma cena que nunca vi antes? E hoje, essa mesma pessoa comporta-se como se fosse um homem comum! Não foi ele quem me censurou no primeiro dia de minha chegada aqui? Não foi ele quem me advertiu, 'Não é você um homem de conhecimento?' Não foi ele quem me disse que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma? Não foi ele quem me disse que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório? Não foi ele quem me aconselhou a viver no mundo de forma desapegada, como uma empregada na casa de um homem rico?" Sri Ramakrishna estava se divertindo muito com os jovens devotos: de vez em quando olhava de relance para M. Havia reparado que M. permanecia em silêncio. O Mestre disse a Ramlal: "Veja, ele já é um pouco avançado em idade e por conseguinte, um tanto sério. Senta-se quieto enquanto os demais jovens ficam alegres." M. estava com aproximadamente vinte e oito anos de idade.

O assunto desviou-se para Hanuman, cuja fotografia encontrava-se na parede do quarto do Mestre.

Sri Ramakrishna disse: "Imaginem só o estado mental de Hanuman. Não se importava com dinheiro, honra, comodidades ou qualquer outra coisa. Ansiava somente por Deus. Enquanto corria

com a arma celestial que tinha sido escondida no pilar de cristal, Mandodari começou a tentá-lo com várias frutas para que ele descesse e deixasse cair a arma. Mas ele não podia ser enganado assim tão facilmente. Em resposta às persuasões de Mandodari, entoou a seguinte canção:"

"Tenho necessidade de fruta?
Já tenho a Fruta que torna esta vida
Realmente proveitosa. Dentro do meu coração
A Árvore de Rama cresce.
Dando a salvação como fruto.
Debaixo da Árvore que satisfaz todos os Desejos,
De Rama, sento-me à vontade
Colhendo qualquer fruto que deseje,
Mas se você falar de fruta -
Pedinte não sou de frutas comuns.
Veja, vou
Deixar uma fruta amarga para você."

Enquanto cantava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. De novo os olhos semicerrados e o corpo imóvel, tal qual vemos em sua fotografia. Apenas há um minuto atrás, os devotos alegravam-se em sua companhia. Agora, todos os olhares voltavam-se para ele. Assim, pela segunda vez, M. via o Mestre em samadhi.

Depois de muito tempo, o Mestre voltou à consciência normal. O rosto brilhava com um sorriso e o corpo estava relaxado; os sentidos começaram a funcionar normalmente. Derramava lágrimas de felicidade enquanto repetia o santo nome de Rama. M. duvidava se esse verdadeiro santo era a mesma pessoa que há minutos antes, havia se comportado como um menino de circo.

O Mestre disse a Narendra e a M.: "Gostaria de ouvir vocês perguntarem e responderem em inglês." Ambos riram mas continuaram a falar em sua língua mãe. Era impossível para M. falar mais alguma coisa diante do Mestre. Embora Sri Ramakrishna insistisse, não falaram inglês.

Às cinco horas da tarde todos os devotos, exceto Narendra e M., despediram-se do Mestre. M. passeava no jardim do templo. Inesperadamente encontrou o Mestre conversando com Narendra na borda do lago de gansos. Sri Ramakrishna dizia a Narendra: "Olhe. Venha aqui mais vezes. Você é um recém-chegado. No início as pessoas se visitam mais vezes como no caso de um homem enamorado e sua amada (Narendra e M. riram). Venha por favor, sim?"

Narendra, membro do Brahmo Samaj, era muito cioso do cumprimento de suas promessas. Disse, com um sorriso: "Sim, senhor, vou fazer o possível."

Quando regressavam para o quarto, disse Sri Ramakrishna a M.: "Quando os camponeses vão ao mercado a fim de comprar gado para seus arados, sabem distinguir os bons dos maus pelo simples toque em suas caudas. Quando são tocados, uns simplesmente deitam-se humildemente no chão. Os camponeses consideram-nos sem força e os rejeitam. Escolhem somente os que dão um salto e reagem quando suas caudas são tocadas. Narendra é um boi desse último tipo. Está cheio de força interior." O Mestre sorria enquanto dizia essas palavras e continuou: "Há algumas pessoas que não têm determinação de espécie alguma. São como arroz tostado mergulhado no leite - mole e empapado, sem qualquer força interior!"

Era o entardecer. O Mestre meditava em Deus. Disse a M.: "Vá falar com Narendra. Depois diga-me o que você pensa dele."

O culto vespertino havia terminado nos templos. M. encontrou Narendra nas margens do Ganges e começaram a conversar. Narendra falou a respeito de seus estudos na universidade, do fato de ser membro do Brahmo Samaj etc.

Já era tarde e hora de M. voltar para casa, mas como não estava com vontade, foi procurar Sri Ramakrishna. Estava fascinado pelo canto do Mestre e desejava ouvir mais uma vez. Por fim encontrou o Mestre andando de um lado para o outro no natmandir, defronte ao templo de Kali. Uma lamparina queimava em ambos os lados da imagem da Mãe Divina. Essa única lamparina, no natmandir tão grande, misturava a luz e a escuridão numa espécie de crepúsculo místico, no qual a figura do Mestre podia ser vista de uma forma velada.

M. havia ficado encantado com a música suave do Mestre. Com voz hesitante, perguntou-lhe se ainda cantaria naquela noite. "Não, essa noite não", disse Sri Ramakrishna, depois de pensar um pouco. Então como se lembrando de alguma coisa, acrescentou: "Logo irei à casa de Balaram Bose em Calcutá. Vá lá e você me ouvirá cantar." M. concordou em ir.

Mestre: "Você conhece Balaram Bose?"

M.: "Não, senhor."

Mestre: "Ele mora em Bosepara."

M.: "Sim, senhor, vou encontrá-lo."

Sri Ramakrishna andava de um lado para o outro com M. no vestíbulo e disse-lhe: "Deixe-me perguntar-lhe: o que você pensa de mim?"

M. permaneceu em silêncio. Novamente Sri Ramakrishna perguntou: "O que você pensa de mim? Quantas annas de conhecimento de Deus eu tenho?"

M.: "Não compreendo o que quer dizer com 'annas', mas de uma coisa estou certo: jamais vi tanto conhecimento, amor extático, fé em Deus, renúncia e universalidade em qualquer outro lugar."

O Mestre riu.

M. curvou-se profundamente ante ele e despediu-se. Já estava no portão principal do templo, quando subitamente, lembrou-se de algo e voltou para falar com Sri Ramakrishna, que ainda se encontrava no natmandir. Sob a luz fraca o Mestre, sozinho, andava de um lado para outro, regozijando-se no Ser - como o leão que vive e perambula sozinho pela floresta.

Num encantamento silencioso, M. examinava atentamente aquela grande alma.

Mestre (a M.): "O que o fez voltar?"

M.: "Talvez a casa que o senhor me pediu para ir, pertença a um importante homem rico. Pode ser que não me deixem entrar. Penso que é melhor não ir. Prefiro encontrá-lo aqui."

Mestre: "Ó não! Por que você pensaria assim? Apenas mencione o meu nome. Diga que você quer me ver e alguém o conduzirá a mim."

M. acenou com a cabeça e depois de saudar o Mestre, foi embora.

Capítulo 7

Na Companhia dos Devotos

11 de março de 1882

MAIS OU MENOS ÀS OITO HORAS da manhã, Sri Ramakrishna, como havia sido planejado, foi para a casa de Balaram Bose em Calcutá. Era o dia da Dolayatra. Ram, Manomohan, Rakhal , Nityagopal e outros foram com ele. M., convidado pelo Mestre, também foi.

Os devotos e o Mestre cantaram e dançaram em estado de fervor divino. Vários deles entraram em êxtase. O peito de Nityagopal encheu-se de emoção e Rakhal caiu no chão em êxtase, completamente inconsciente do mundo. O Mestre pôs a mão no peito de Rakhal e disse: "Paz. Fique tranquilo." Essa foi a primeira experiência de êxtase de Rakhal. Vivia com o pai em Calcutá e de vez em quando visitava o Mestre em Dakshineswar. Por esta época havia estudado durante certo tempo na escola de Vidyasagar, em Syampukur. Quando a música terminou, os devotos sentaram-se para comer. Balaram ficou de pé humildemente como se fosse um empregado. Ninguém o tomaria como o dono da casa. M. ainda era um estranho para os devotos, tendo conhecido somente Narendra em Dakshineswar.

Alguns dias depois M. visitou o Mestre em Dakshineswar. Eram entre quatro e cinco horas da tarde. O Mestre e ele estavam sentados nos degraus que levavam aos templos de Shiva. Olhando para o templo de Radhakanta do outro lado do pátio, o Mestre entrou em êxtase.

Desde a demissão de seu sobrinho Hriday do templo, Sri Ramakrishna estava sem atendente. Devido aos seus constantes estados espirituais, mal podia tomar conta de si. A falta de uma pessoa para ajudá-lo, causava-lhe grande inconveniência.

Sri Ramakrishna conversava com Kali, a Mãe Divina do universo. Disse: "Mãe, todo mundo diz: 'Só meu relógio está certo'. Os cristãos, os brahmins, os hinduístas, os maometantos, todos dizem: 'Só a minha religião é a verdadeira'. Mas Mãe, o fato é que o relógio de ninguém está certo. Quem pode realmente entender-Te? Mas se um homem ora a Ti com o coração ansioso, pode alcançar-Te, por Tua graça, por qualquer caminho. Mãe, um dia mostra-me como os cristãos oram a Ti em suas igrejas. Mas Mãe, o que dirão as pessoas se eu entrar em suas igrejas? Tu achas que criarão caso? Ou que não me permitirão mais entrar no templo de Kali? Mostra-me, então, como é o culto dos católicos, visto da porta da igreja."

Outro dia, o Mestre estava sentado no divã pequeno, no seu quarto, com o costumeiro semblante radiante. M. chegou com seu amigo Kalikrishna, que não sabia para onde o seu amigo o estava conduzindo. M. dissera-lhe: "Se você quer ver um local onde se vendem bebidas alcoólicas, venha comigo. Lá verá um grande jarro com vinho". M. contou isso para Sri Ramakrishna que riu muito. O Mestre disse: "A felicidade do culto e a comunhão com Deus é o verdadeiro vinho, o vinho do amor extasiante. A meta da vida humana é amar Deus. Bhakti é a única coisa essencial. Conhecer Deus através da jnana e raciocínio é extremamente difícil". O Mestre cantou:

Quem existe que pode compreender o que a Mãe Kali é?
Mesmo os seis darsanas não têm poder para revelá-La. ...

O Mestre disse de novo: "A única meta da vida é cultivar o amor a Deus, o mesmo amor que as ordenhadoras, as leiteiras e os pastores de Vrindavan sentiam por Krishna. Quando Krishna foi embora para Mathura, os pastores perambulavam chorando amargamente sua separação d'Ele."

Dizendo isso, o Mestre cantou com os olhos voltados para cima:

Há pouco vi um jovem pastor
Com um bezerrinho nos braços.
Ali ficou de pé, segurando em uma das mãos
O galho de uma árvore nova.
"Onde estás Tu, Irmão Kanai?" gritou:
Mas mal podia pronunciar "Kanai":
"Ka" era o máximo que podia dizer.
Lamentou: "Onde estás Tu, Irmão?"
E os olhos encheram-se de lágrimas.

Ao ouvir esta canção do Mestre, cheia de amor, os olhos de M. encheram-se de lágrimas.

2 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de estar da casa de Keshab Chandra Sen em Calcutá; eram cinco horas da tarde. Quando Keshab foi informado da chegada do Mestre, veio para a sala de visitas, pronto para sair, pois ia visitar um amigo doente. Agora havia cancelado seus planos. O Mestre disse-lhe: "Você tem tantas coisas para atender. Além disso ainda tem que editar um jornal. Não tem tempo para vir a Dakshineswar, por isso, vim vê-lo. Ao saber de sua doença, prometi coco verde e açúcar à Mãe Divina para seu restabelecimento. Disse-Lhe: 'Mãe, se alguma coisa acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá?' "

Sri Ramakrishna falou com Pratap e outros devotos Brahmos. M. sentou-se perto deles. Apontando para ele, o Mestre disse a Keshab: "Pergunte-lhe, por favor, porque não veio mais a Dakshineswar. Várias vezes me tem dito que não é apegado à esposa e aos filhos." M. havia visitado o Mestre durante um mês e sua ausência durante um certo tempo havia induzido a essa observação. Sri Ramakrishna havia pedido para lhe escrever, caso demorasse a visitá-lo.

O Pundit Samadhyayi estava presente. Os devotos Brahmos apresentaram-no a Sri Ramakrishna, como sendo um erudito bem versado nos Vedas e outras escrituras. O Mestre disse: "Sim, posso ver o seu interior através dos seus olhos, da mesma maneira como uma pessoa pode ver os objetos dentro de um aposento, através da porta de vidro."

Trailokya cantou. Subitamente o Mestre pôs-se de pé e entrou em samadhi, repetindo o nome da Mãe.

Descendo um pouco até o plano da consciência dos sentidos, dançou e cantou:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-aventurança Eterna.
Quando digo o nome de minha Mãe Kali:
Ele intoxica de tal modo a minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!
Primeiro meu Guru me dá melado para fazer o Vinho;
Meu anseio é o fermento para transformá-lo.
O Conhecimento, que faz o Vinho, prepara-o para mim, então:
E quando está pronto, minha mente absorve-o da garrafa do mantra.

Tomando o nome da Mãe para torná-lo puro.
Beba este Vinho, diz Ramprasad, e os quatro frutos da vida serão seus.

O Mestre olhou para Keshab com doçura, como se Keshab lhe fosse muito íntimo. Temia que Keshab pudesse vir a ser de outrem, quer dizer, se tornasse um homem do mundo. Olhando-o o Mestre continuou a cantar:

Temos medo de falar, no entanto, tememos ficar quietos;
Nossas mentes, Ó Radha, mal acreditam que estamos a ponto de te perder.
Vamos contar-te o segredo que conhecemos
O segredo pelo qual nós e os outros, com nossa ajuda.
Passamos por muitos momentos de perigo.
Agora tudo depende de ti.

Citando a última parte da canção, disse a Keshab: "Isto é, renuncie a tudo e invoque Deus. Só Ele é Real, tudo o mais ilusório. Sem a realização de Deus, tudo é fútil. Este é o grande segredo."

O Mestre sentou-se novamente e começou a conversar com os devotos. Por um certo tempo, escutou um recital de piano, apreciando-o como se fosse uma criança. Foi, então, para os aposentos internos, onde lhe serviram refrescos e as senhoras o saudaram.

No momento em que o Mestre deixou a casa de Keshab, os devotos Brahmos acompanharam-no respeitosamente até a carruagem.

Domingo, 9 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado com os devotos na sala de visitas de Prankrishna Mukherji em Calcutá; era entre uma e duas horas da tarde. Como o Coronel Viswanath morava nas proximidades, o Mestre pretendia visitá-lo antes de ir ver Keshab no Lily Cottage. Vários vizinhos e outros amigos de Prankrishna tinham sido convidados para conhecer Sri Ramakrishna. Estavam todos ansiosos para ouvir suas palavras.

Mestre: "Deus e Sua glória. Este universo é Sua glória. As pessoas vêem Sua glória e esquecem-se de tudo. Não procuram Deus, cuja glória é este mundo. Todos procuram desfrutar de 'mulher e ouro'. Mas há muita miséria e dor nisso. Este mundo é como o redemoinho de Visalakshi . Uma vez que um bote caia ali, não há mais esperança de ser resgatado. Assim também o mundo é como um arbusto espinhoso; mal você se liberta de um espinho e já se vê às voltas com um outro. Uma vez que se entre num labirinto, é muito difícil sair. Vivendo no mundo, fica-se, por assim dizer, machucado."

Um devoto: "Então qual é o caminho, senhor?"

Mestre: "Oração e a companhia dos homens santos. Não se pode ficar bom de uma doença sem a ajuda de um médico. Não é suficiente ficar na companhia de pessoas religiosas somente por um dia. Deve-se procurá-las constantemente, porque a doença tornou-se crônica. Também não se pode interpretar o pulso corretamente se não viver com um médico. Estando com ele constantemente, uma pessoa aprende a diferenciar a pulsação da fleuma, da pulsação da bile."

Devoto: "Qual a vantagem da companhia santa?"

Mestre: "Ela leva à ânsia de Deus, ao amor de Deus. Nada se consegue na vida espiritual sem ânsia. Vivendo-se constantemente na companhia de homens santos, a alma torna-se inquieta por Deus. Essa ânsia é como aquela sensação experimentada pela mente de um homem que tem um doente na família. Sua mente está em desassossego constante, pensando como a pessoa vai ser curada. Ou então, uma pessoa deveria sentir uma ânsia por Deus, como aquela do homem que perdeu seu emprego e peregrina de escritório em escritório à procura de trabalho. Se é recusado num lugar por falta de vaga, volta de novo, no dia seguinte e pergunta: 'Há vaga hoje?' "

"Há uma outra maneira: orar sinceramente a Deus. Deus é nosso muito íntimo. Deveríamos dizer a Ele: 'Ó Deus, qual é a Tua natureza? Revela-Te a mim. Tu deves revelar-Te a mim; para que outra coisa me criaste?' Alguns devotos sikhs, uma vez me disseram: 'Deus é pleno de misericórdia.' Disse-lhes: 'Mas por que chamá-Lo de misericordioso? Ele é o nosso Criador. Por que devemos ficar maravilhados se Ele é bondoso? Os pais criam os filhos. Chamamos a isso um ato de bondade? Eles têm obrigação de agirem assim.' Por conseguinte, temos que forçar nossos pedidos a Deus. Ele é o nosso Pai e Mãe, não é? Se um filho pede sua parte na herança e deixa de comer e beber a fim de reforçar seu pedido, os pais entregam-lhe sua parte três anos antes do tempo legal. Ou então, quando uma criança pede uns trocados à sua mãe e diz repetidamente: 'Mãe, dê-me um dinheiro. Peço-lhe de joelho!'- a mãe, sentindo a sinceridade e incapaz de resistir por mais tempo, dá-lhe o dinheiro que ela está lhe pedindo."

"Há uma outra vantagem que advém da companhia dos santos. Ajuda a cultivar a discriminação entre o Real e o irreal. Só Deus é o Real, quer dizer, a Substância Eterna, e o mundo é irreal, isto é, transitório. Assim que uma pessoa sentir que a mente está se dirigindo para o irreal, deverá aplicar a discriminação. Tão logo o elefante estica a trompa para pegar um galho de tanchagem do jardim do vizinho, recebe um golpe de chuço de ferro do condutor."

Um vizinho: "Por que uma pessoa possui tendências para o pecado?"

Mestre: "Na criação de Deus há todo o tipo de coisas. Ele criou homens bons e maus. É Ele quem nos dá boas e más tendências."

Vizinho: "Neste caso, não somos responsáveis pelas nossas ações pecaminosas, somos?"

Mestre: "Todo pecado tem seu próprio resultado. É a lei de Deus. Você queimará a língua se mastigar pimenta, não é? Na juventude Mathur levou uma vida de dissipação: Daí sofrer tantas doenças antes de morrer."

"Pode-se não compreender isso na juventude. Examinei a fornalha da cozinha do templo de Kali quando a lenha estava queimando. No começo a madeira molhada queima bem. Não parece conter tanta umidade, mas quando está suficientemente queimada, toda umidade corre para um lugar só. Finalmente a água sai do combustível e apaga o fogo."

"Deve-se, portanto, tomar cuidado com a raiva, paixão e ganância. Lembre-se, por exemplo, do caso de Hanuman. Num acesso de raiva pôs fogo em todo Ceilão. Depois lembrou-se de que Sita estava morando numa floresta de asokas. Começou então, a tremer com medo que o fogo a atingisse."

Vizinho: "Por que Deus criou pessoas más?"

Mestre: "É a Sua vontade, Seu jogo. Em sua maya há avidya, bem como vidya. A escuridão é necessária. Ela também exalta a glória da luz. Não há dúvida que a raiva, luxúria e ganância são más. Por que então Deus as criou? A fim de criar santos. Um homem torna-se santo ao dominar seus sentidos. Há alguma coisa impossível para um homem que dominou as paixões? Pode até realizar Deus, por Sua graça. Além disso veja como todo Seu jogo de criação perpetua-se através da luxúria."

"Pessoas más também são necessárias. Uma vez os arrendatários de uma propriedade tornaram-se insubordinados. O dono teve de enviar Golak Choudhury, um bandido. Foi um administrador tão duro que os arrendatários tremiam à simples menção do nome."

"Há necessidade de tudo. Um dia Sita disse para seu marido: 'Rama, seria grandioso se todas as casas de Ayodhya fossem uma mansão! Encontro tantas casas velhas e dilapidadas'. 'Mas, minha querida', disse Rama, 'se todas as casas fossem bonitas, o que fariam os pedreiros?' (Risada). Deus criou todos os tipos de coisas. Criou árvores boas, plantas venenosas, bem como ervas daninhas. Entre os animais há bons, maus, de todos os tipos - tigres, leões, cobras e assim por diante."

Vizinho: "Senhor, é possível se realizar Deus quando se leva a vida de um chefe de família?"

Mestre: "Certamente, mas como acabei de falar, deve-se viver na companhia santa e orar inces-

santemente. Deve-se chorar por Deus. Quando as impurezas da mente são lavadas assim, Deus é realizado. A mente é como uma agulha coberta de lama e Deus é como um ímã. A agulha não pode ficar presa no magneto, a não ser que esteja limpa da lama. As lágrimas lavam a lama, que nada mais é do que a luxúria, raiva, ganância e outras tendências más, bem como a inclinação para os prazeres do mundo. Logo que a lama for lavada, o ímã atrai a agulha, quer dizer, a pessoa realiza Deus. Somente os puros de coração vêem Deus. Um paciente com febre tem excesso de líquido em seu organismo. A não ser que seja removido, o que o quinino pode fazer por ele?"

"Por que uma pessoa não pode realizar Deus enquanto viver no mundo? Mas, como já disse, deve-se viver em companhia santa, orar a Deus, chorar por Sua graça e de vez em quando, ficar só. A não ser que as plantas sejam no início protegidas com uma cerca , serão destruídas pelo gado."

Vizinho: "Então os chefes de família, também, terão a visão de Deus, não é?"

Mestre: "Certamente todas as pessoas serão liberadas, mas a pessoa deverá seguir as instruções do guru: se desviar-se do caminho, sofrerá por voltar a andar nas passadas já dadas. Leva muito tempo para se conseguir a liberação. Um homem pode não conseguir numa vida, talvez tenha que realizar depois de muitos nascimentos. Sábios como Janaka cumpriram as obrigações do mundo. Executava–as, tendo Deus na mente, como as dançarinas que equilibram jarros ou bandejas nas cabeças, enquanto dançam. Já viram como as mulheres do noroeste da Índia andam, conversam e riem enquanto carregam os jarros de água na cabeça?"

Vizinho: "O senhor acabou de referir-se às instruções do guru. Como o encontrarei?"

Mestre: "Nem todos podem ter um guru. Uma tora larga de madeira flutua na água e pode carregar animais, mas um pedaço de pau afunda, se uma pessoa senta-se nele e então, afoga-se. Por isso e Deus sempre Se encarna como o Guru para ensinar a humanidade. Só Satchidananda é o Guru."

"O que é o Conhecimento? E qual é a natureza do ego? 'Só Deus é Aquele que faz e ninguém mais' - isso é conhecimento. Não sou eu quem faz: sou um simples instrumento em Suas mãos. Por conseguinte, digo: 'Ó Mãe, Tu és o Condutor, eu sou a carruagem. Eu me movo da maneira como Tu me fazes mover. Faço o que me mandas fazer. Falo aquilo que me fazes falar. Não eu, não eu, mas Tu, mas Tu'."

Da casa de Prankrishna, o Mestre foi para a do Coronel Viswanath e dali, para o Lily Cottage.

Capítulo 8

Visita a Vidyasagar

5 de agosto de 1882

O PUNDIT ISWAR CHANDRA VIDYASAGAR nasceu no vilarejo de Beersingh, não longe de Kamarpukur, cidade natal de Sri Ramakrishna. Era conhecido por ser um grande erudito, educador, escritor e filantropo. Um dos criadores do bengali moderno, era também, bem versado na gramática e poesia sânscritas. Sua generosidade fez com que seu nome se tornasse familiar entre seus compatriotas, sendo a maior parte de sua renda distribuída entre viúvas, órfãos estudantes pobres e outras pessoas necessitadas. Sua compaixão não se limitava apenas aos seres humanos: deixou de beber leite durante anos para que os bezerrinhos não ficassem sem ele e também, não guiava carruagem com medo de machucar os cavalos. Era homem de espírito indomável, o que foi comprovado quando abandonou a posição lucrativa de reitor da Faculdade de Sânscrito de Calcutá, por causa de desavenças com as autoridades. Seu afeto pela mãe era especialmente profundo. Um dia, na falta de barco, atravessou um rio impetuoso - com risco da própria vida, para atender ao desejo de sua mãe, dele estar presente no casamento do irmão. Toda sua vida foi de uma grande simplicidade. O título Vidyasagar, que significava "Oceano de Cultura" foi-lhe dado em reconhecimento à sua vasta erudição.

Sri Ramakrishna há muito tempo, desejava visitar Iswar Chandra Vidyasagar. Sabendo que M. era professor na escola de Vidyasagar, o Mestre perguntou-lhe, "Você pode levar-me até Vidyasagar? Gostaria muito de conhecê-lo." M. falou com Ishar Chandra a respeito do desejo de Sri Ramakrishna e o pundit concordou que M. levasse o Mestre num sábado, às quatro horas da tarde. Apenas perguntou a M. que tipo de paramahamsa o Mestre era: "Ele usa roupa ocre?" M. responde: "Não, senhor. É uma pessoa fora do comum. Usa roupa com franja vermelha e chinelos polidos. Mora num quarto no templo da Rani Rasmani. Em seu quarto há um divã com colchão e mosquiteiro. Não apresenta qualquer sinal exterior de santidade, mas a única coisa que conhece é Deus. Pensa n'Ele dia e noite."

Na tarde de 5 de agosto, o Mestre deixou Dakshineswar numa carruagem de aluguel, acompanhado de Bhavanath, M. e Hazra. Vidyasagar vivia em Badurbagan, no centro de Calcutá, mais ou menos a seis kilômetros de Dakshineswar. Durante a viagem conversou com seus companheiros, mas quando a carruagem aproximou-se da casa de Vidyasagar, seu estado subitamente mudou e foi tomado pelo êxtase divino. Não tendo percebido isso, M. mostrou a chácara onde Raja Rammohan Roy vivera. O Mestre mostrou-se aborrecido e disse: "Não estou preocupado com essas coisas agora." Estava entrando em êxtase.

A carruagem parou defronte da casa de Vidyasagar. O Mestre desceu, sustentado por M. e entraram. No pátio havia muitas plantas com flores. Ao entrar o Mestre disse a M., como uma criança, mostrando o botão da camisa: "Minha camisa está desabotoada. Será que isso vai ofender Vidyasagar?" "Ó não!" disse M. "Não se preocupe com isso. Nada que venha do senhor será ofensivo.

O senhor não tem que abotoar a camisa". Aceitou o que M. lhe disse, como se fosse uma criança.

Vidyasagar tinha mais ou menos sessenta e dois anos, dezesseis ou dezessete a mais do que o Mestre. Vivia numa casa de dois andares, em estilo inglês, com um lindo gramado e cercado de um muro alto. Depois de subir as escadas para o segundo andar, Sri Ramakrishna e os devotos entraram numa sala onde Vidyasagar estava sentado num canto ao fundo, em frente de uma mesa, olhando para eles. No lado direito da mesa havia um banco. Alguns amigos ocupavam cadeiras nos outros dois lados.

Vidyasagar levantou-se para receber o Mestre. Sri Ramakrishna ficou em pé diante do banco, com uma das mãos na mesa. Fitava Vidyasagar como se já se conhecessem anteriormente e sorria em estado extático. Assim permaneceu de pé por alguns minutos. De vez em quando, a fim de trazer a mente ao estado de consciência normal, dizia: "Vou beber um pouco de água."

Nesse meio tempo, os jovens da família e alguns amigos e parentes de Vidyasagar haviam se reunido em volta deles. Sri Ramakrishna, ainda em êxtase, sentou-se no banco. Um jovem de dezessete ou dezoito anos, que tinha ido pedir a Vidyasagar ajuda financeira para sua educação, estava sentado aí. O Mestre sentou-se à pouca distância do rapaz, dizendo em estado abstrato: "Mãe, esse jovem está muito apegado ao mundo. Pertence ao Teu campo de ignorância."

Vidyasagar pediu a alguém para trazer água e perguntou a M. se o Mestre também não desejava comer alguns doces. Uma vez que M. não havia se oposto, o próprio Vidyasagar foi para o interior da casa e trouxe os doces, que foram colocados em frente do Mestre. Bhavanath e Hazra também se serviram. Quando foram oferecidos a M., Vidyasagar disse: "Ó! Ele é como um membro da família. Não temos que nos preocupar com ele." Com referência a um jovem devoto, o Mestre disse a Vidyasagar: "É um jovem muito bom e muito firme internamente. É como o rio Phalgu. A superfície está coberta de areia, mas se cavar, encontrará água embaixo."

Depois de comer alguns doces, o Mestre com um sorriso, começou a conversar com Vidyasagar. Nesse ínterim, o aposento ficou cheio de gente, alguns de pé, outros sentados.

Mestre: "Ah! Hoje, afinal, vim ao oceano. Até agora havia visto canais, pântanos ou no máximo, um rio. Mas hoje, estou face a face com o sagar, o oceano." (Todos riem).

Vidyasagar: (sorrindo) "Então leve um pouco de água salgada." (Risada).

Mestre: "Ó não! Por que água salgada? O senhor não é um oceano de ignorância, mas vidya, conhecimento. O senhor é um oceano de leite condensado." (Todos riem).

Vidyasagar: "Bem, o senhor pode colocar isso dessa maneira."

O pundit ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse: "Suas ações são inspiradas por sattva. Embora rajásicas, sofrem influência de sattva. A compaixão nasce de sattva. Apesar do trabalho para o bem dos outros pertença a rajas, contudo, tal rajas tem como base, sattva e não é prejudicial. Shuka e outros sábios cultivaram a compaixão a fim de dar instrução religiosa às pessoas e ensiná-las a respeito de Deus. O senhor distribui comida e conhecimento. Isto é muito bom. Se tais atividades são feitas desinteressadamente, levam a Deus, mas a maior parte dos homens trabalham por prestígio ou mérito. Suas atividades são egoístas. Além disso, o senhor já é um siddha."

Vidyasagar: "Como é isso, senhor?"

Mestre (rindo): "Quando as batatas e outros vegetais estão bem cozidos, ficam mais macios e tenros. O senhor tem uma natureza tão tenra! É tão misericordioso!" (Risada).

Vidyasagar (rindo): "Mas quando a pasta de sementes de kala ferve torna-se bem dura."

Mestre: "Mas o senhor não pertence a essa classe. Meros pundits são como uma fruta doente que se torna dura e não amadurece. Tal fruta não possui o frescor de uma verde, nem o sabor de uma madura. Os urubus voam muito alto no céu, mas os olhos estão na carniça aqui embaixo. Os intelectuais são considerados sábios, mas encontram-se apegados a 'mulher e ouro'. Como os urubus,

estão à procura de carniça. São apegados ao mundo da ignorância. Compaixão, amor a Deus e renúncia são as glórias do verdadeiro conhecimento." Vidyasagar ouviu essas palavras em silêncio. Os outros também olhavam para o Mestre, atentos a cada palavra que ele pronunciava.

Vidyasagar era muito reticente em dar instrução religiosa aos outros. Havia estudado filosofia hindu. Certa vez quando M. lhe perguntou sua opinião a respeito, disse: "Creio que os filósofos esqueceram-se de explicar o que ia em suas mentes." Mas no seu quotidiano fazia todos os rituais da religião hindu e usava o sagrado cordão de brahmin. Sobre Deus uma vez declarou: "É realmente impossível conhecê-Lo. Qual deve ser então, o nosso dever? Parece-me que devemos viver de tal maneira que, se os outros seguirem o nosso exemplo, essa terra seria um paraíso. Todo o mundo deveria esforçar-se para fazer bem ao mundo."

A conversa de Sri Ramakrishna versou sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: "Brahman está além de vidya e avidya, conhecimento e ignorância. Está além de maya, a ilusão da dualidade."

"O mundo consiste da dualidade de conhecimento e ignorância. Contém conhecimento e devoção, mas também, apego a 'mulher e ouro'; honradez e iniquidade; bem e mal porém, Brahman não está apegado a nada. O bem e o mal afetam somente o Jiva, a alma individual, assim como ocorre com a retidão e a iniquidade, mas Brahman não é afetado por elas."

"Um homem pode ler o Bhagavata à luz de um lampião e outro pode cometer uma falsificação sob essa mesma luz, mas o lampião não é afetado. O sol derrama sua luz para os bons e para os maus."

"Vocês podem perguntar, 'Como então, se explica a miséria, o pecado e a infelicidade?' A resposta é que esses aplicam-se apenas ao Jiva. Brahman mantém-se intocado por eles. Há veneno na cobra; emboras as pessoas possam morrer ao serem mordidas por ela, ela mesma não é afetada pelo veneno."

"O que Brahman é, não pode ser descrito. Todas as coisas do mundo - os Vedas, os Puranas, os Tantras, os seis sistemas filosóficos - foram todos maculados, como a comida que foi tocada pela língua, porque foram lidos e pronunciados pela língua. Somente uma coisa não foi maculada dessa maneira e esta é Brahman. Nunca ninguém foi capaz de dizer o que Brahman é."

Vidyasagar (aos amigos): "Ó! Trata-se de uma afirmação importante. Hoje aprendi algo novo."

Mestre: "Um homem tinha dois filhos. O pai mandou-os para um preceptor a fim de aprenderem o Conhecimento de Brahman. Depois de alguns anos voltaram da casa do preceptor e curvaram-se ante o pai. Querendo medir a profundidade do conhecimento deles a respeito de Brahman, perguntou em primeiro lugar, ao mais velho, 'Meu filho', disse, 'Você estudou todas as escrituras. Diga-me agora, qual é a natureza de Brahman?" O rapaz começou a explicar Brahman, recitando diversos versos dos Vedas. O pai não disse nada. Então fez ao menor, a mesma pergunta, mas o rapaz ficou em silêncio e manteve os olhos baixos. Nenhuma palavra saiu de seus lábios. O pai ficou satisfeito e disse-lhe: "Meu filho, você entendeu um pouco de Brahman. O que Ele é não pode ser expresso por palavras."

"Os homens frequentemente pensam que entenderam Brahman em toda a plenitude. Uma vez, uma formiga foi até um monte de açúcar. Um grão foi o suficiente para encher seu estômago. Pegando mais um grão com a boca, foi para casa. A caminho pensou: 'Na próxima vez trarei o monte todo.' É desse modo que as mentes pouco profundas pensam. Desconhecem que Brahman está além das palavras e pensamentos. Por maior que um homem seja, quanto poderá conhecer de Brahman? Shukadeva e outros sábios como ele, podem ter sido grandes formigas, mas mesmo eles não poderiam ter carregado mais do que oito ou dez grãos de açúcar!"

"Pelo que foi dito nos Vedas e Puranas, sabe como isso é? Suponhamos que um homem tenha visto o oceano e alguém lhe pergunte: 'Bem, como é o oceano?' O primeiro homem abre a boca o mais que pode e responde: 'Que vista! Que tremendas ondas e barulho!' A descrição de Brahman nos livros sagrados é assim. Está descrito nos Vedas que Brahman é da natureza de Bem-aventurança - Ele é Satchidananda."

"Shuka e outros sábios chegaram até a praia do Oceano de Brahman, viram e tocaram a água. Mas segundo uma escola de pensamento, jamais mergulharam. Aqueles que o fazem não retornam ao mundo."

"Em samadhi uma pessoa atinge o Conhecimento de Brahman - realiza-O. Nesse estado o raciocínio pára completamente e a pessoa torna-se muda. Não tem o poder de descrever a natureza de Brahman."

"Uma vez uma boneca de sal quis conhecer a profundidade do oceano. (Todos riem). Queria contar para os outros quão profunda era a água, mas tal jamais pôde ser feito pois, assim que entrou n'água, derreteu-se. Agora, quem estava lá para dizer qual a profundidade do oceano?"

Um devoto: "Suponhamos que uma pessoa alcance o Conhecimento de Brahman em samadhi. Ele não vai falar mais?"

Mestre: "Shankaracharya reteve o 'ego do conhecimento' para ensinar os outros. Depois da visão de Brahman, a pessoa torna-se silenciosa. Raciocina sobre Ele, somente enquanto não O realiza. Se você aquecer manteiga na frigideira no fogão, ela faz um chiado enquanto a água que contém não se evaporar. Quando não houver mais qualquer água a manteiga clarificada pára de chiar. Se puser esta mesma manteiga num bolo cru, chiará novamente, mas assim que o bolo ficar cozido, todos os sons desaparecem. Assim também, um homem estabelecido em samadhi desce ao plano relativo de consciência a fim de ensinar e então, fala de Deus."

"Uma abelha zumbe enquanto não estiver pousada numa flor. Torna-se silenciosa no momento que começa a sugar o mel, mas, às vezes, intoxicada pelo mel, zumbe de novo."

"Um jarro vazio faz um barulho borbulhante quando é mergulhado na água. Ao se encher torna-se silencioso (todos riem). Mas se a água for despejada num outro jarro, pode-se ouvir o barulho de novo (risada)."

Os rishis da antiguidade atingiram o Conhecimento de Brahman. Ninguém pode alcançar esse estado enquanto houver o menor traço de mundanismo. Como os rishis trabalharam duro! Bem cedo saíam e passavam o dia inteiro sozinhos, meditando em Brahman. À noite voltavam e alimentavam-se de um pouco de frutas e raízes. Mantinham as mentes longe dos objetos da vista, audição e tato e das outras coisas do mundo material. Assim conseguiram realizar Brahman como sua própria consciência interna.

"Mas no Kaliyuga, o homem sendo totalmente dependente do alimento para viver, não pode afastar totalmente a idéia de que é corpo. Nesse estado mental, não é próprio que diga 'Eu sou Ele'. Quando uma pessoa faz todo o tipo de trabalho mundano, não deve dizer 'Eu sou Brahman'. Os que não podem desapegar-se das coisas do mundo, que não podem tirar a idéia do 'eu', deveriam dizer: 'Sou o servo de Deus; sou Seu devoto'. Pode-se, também, realizar Deus pelo caminho da devoção."

"O jnani abandona a identificação com as coisas do mundo, discriminando 'Isto não, isto não'. Só então, pode realizar Brahman. É como subir até o terraço de uma casa, deixando atrás de si os degraus, um após o outro, mas o vijnani, que está mais próximo de Brahman, realiza algo mais. Realiza que os degraus são do mesmo material que o terraço: tijolos, cal, pó de tijolo. Que o que é realizado intuitivamente como Brahman, pelo processo de eliminação 'Isto não, isto não', parece, ter-se tornado o universo com todos os seres vivos. O vijnani vê que a Realidade que é nirguna, sem atributos, é também, saguna com atributos."

"Um homem não pode viver muito tempo no terraço. Desce de novo. Aqueles que realizam Brahman em samadhi também descem e percebem que é Brahman que havia se tornado o universo e os seres vivos. Na escala musical há as notas as, re, ga, ma, pa, dha e ni , mas ninguém pode manter a voz no ni por muito tempo. O ego não desaparece completamente. O homem descendo do samadhi percebe que é Brahman que Se tornou o ego, o universo e todos os seres vivos. Isto é vijnana."

"O caminho do Conhecimento conduz à Verdade, como o caminho que combina conhecimento e

amor. O caminho do amor também conduz a essa meta. O caminho do amor é tão verdadeiro quanto o do conhecimento. Todos os caminhos no final, conduzem à mesma Verdade, mas enquanto Deus mantiver o sentimento de ego em nós, é mais fácil seguir o caminho do amor."

"O vijnani vê que Brahman é imutável e sem ação, como o Monte Sumeru. Esse universo é formado dos três gunas - sattva, rajas e tamas. Estão em Brahman, mas Brahman é desapegado."

"O vijnani posteriormente vê que o que é Brahman é o Bhagavan, o Deus Pessoal. Quem está além dos três gunas é o Bhagavan, com Seus seis poderes sobrenaturais. Os seres vivos, o universo, a mente, inteligência, amor, renúncia, conhecimento - todos são manifestações do Seu poder. (Com uma risada). Se um aristocrata não tem casa nem propriedade, ou se for forçado a vendê-las, as pessoas não o chamam mais de aristocrata. (Todos riem). Deus possui os seis poderes sobrenaturais. Se Ele não fosse, quem Lhe obedeceria? (Todos riem)."

"Veja como é pitoresco esse mundo! Quantas coisas há! O sol, a lua e as estrelas, e que variedade de seres vivos! - grandes e pequenos, bons e maus, fortes e fracos - alguns dotados de muito poder, outros de menos." Vidyasagar: "Ele dotou uns de mais poder do que outros?"

Mestre: "Como Espírito que Tudo penetra, Ele existe em todos os seres, mesmo numa formiga, mas as manifestações de Seu Poder são diferentes em diferentes seres, do contrário, como poderia uma só pessoa pôr para correr dez, enquanto que uma outra não pode enfrentar nem mesmo uma? Por que todas as pessoas respeitam o senhor? Por acaso o senhor desenvolveu um par de chifres? (Risada). O senhor tem mais compaixão e cultura. Por conseguinte, as pessoas vêm lhe prestar respeito e honra. Não concorda comigo?"

Vidyasagar sorriu.

O Mestre continuou: "Não há nada na mera erudição. O objetivo do estudo é encontrar meios de conhecer Deus e realizá-Lo. Um santo possuía um livro. Ao lhe perguntarem o que continha, abriu-o e mostrou que em todas as páginas estavam escritas somente as palavras 'Om Rama' e nada mais."

"Qual o significado do Gita? É o que você encontra repetindo a palavra dez vezes. Torna-se 'tagi,' o que significa uma pessoa que renunciou tudo por Deus. E a lição que o Gita nos dá é a seguinte: 'Ó homem, renuncie a tudo e procure somente Deus.' Quer uma pessoa seja um monge ou um chefe de família, deve tirar todo apego de sua mente."

"Chaitanyadeva foi em peregrinação pelo sul da Índia. Um dia viu um homem lendo o Gita. Um outro sentado, a pouca distância, ouvia e chorava. Os olhos estavam cheios d'água. Chaitanyadeva perguntou-lhe: 'Você compreende tudo isso?' O homem disse: 'Não, santo homem. Não compreendo uma só palavra do texto.' 'Então, por que está chorando?' perguntou-lhe Chaitanya. O devoto disse: 'Vejo o carro de Arjuna diante de mim. Vejo Krishna e Arjuna sentados diante dele, conversando. Vejo e choro!' "

"Por que um vijnani tem atitude de amor em relação a Deus? A resposta é que a 'consciência do eu' permanece. Desaparece sem dúvida, em estado de samadhi, mas volta. No caso de pessoas comuns, o 'eu' jamais desaparece. Pode-se cortar a árvore 'aswattha', mas no dia seguinte, ela brota novamente. (Todos riem)."

"Mesmo depois de se ter atingido o Conhecimento, essa 'consciência do eu' volta, não se sabe de onde. Você sonha com um tigre. Então, acorda, mas o coração continua palpitando forte! Todo sofrimento é devido ao 'eu'. A vaca grita 'Hamba!' que significa 'eu'. É por isso que ela sofre tanto. Está presa ao arado e é obrigada a trabalhar sob sol e chuva. Então pode ser morta pelo açougueiro. Do couro são feitos sapatos e também, tambores, que são batidos sem piedade. (Risada). Mesmo assim continua não escapando do sofrimento. Finalmente são feitas cordas de suas vísceras para os arcos usados na cardagem do algodão. Já não mais diz 'Hamba! Hamba!', 'eu! eu!' mas 'Tuhu! Tuhu!' 'Tu! Tu'. Então os sofrimentos terminam. 'Senhor, sou Teu servo. Tu és o Amo; sou o filho. Tu és a Mãe'."

"Certa vez Rama perguntou a Hanuman: 'Como é que você me vê?' Hanuman responde: 'Rama, enquanto tenho o sentimento de 'eu', vejo que Tu és o todo e eu, a parte; Tu és o Amo e eu, o servo, mas quando, Ó Rama, tenho o conhecimento da Verdade, realizo que Tu és eu e eu, sou Tu'."

"O relacionamento entre amo e servo é o correto. Já que esse 'eu' deve permanecer, deixe que o patife seja o servo do Senhor."

"'Eu' e 'meu' - esses constituem ignorância. 'Minha casa', 'minha riqueza', 'minha cultura', 'minhas posses' - a atitude que faz uma pessoa dizer tais coisas vem da ignorância. Ao contrário, a atitude que nasce do Conhecimento é: 'Ó Deus, Tu és o Amo e todas essas coisas Te pertencem: casa, família, filhos, empregados, amigos, são Teus'."

"Deve-se constantemente lembrar-se da morte. Nada sobreviverá à morte. Nascemos para cumprir certas obrigações, como as pessoas que vêm a Calcutá a negócios. Se um visitante vai ao jardim de um homem rico, o administrador diz-lhe, 'Esse é o nosso jardim. Esse é o nosso lago etc.' Se o mesmo, porém, for demitido por alguma falta, não leva consigo nem um cesto feito de madeira de mangueira. Ele o apanha secretamente com o porteiro. (Risada)."

"Deus ri em duas ocasiões. Primeiro quando um médico diz à mãe de um paciente, 'Não fique preocupada, mãe: certamente vou curar seu filho.' Deus ri, dizendo para Si mesmo, 'Vou tirar-lhe a vida e este homem diz que o salvará!' O médico pensa que é o mestre, esquecendo-se que Deus é o Mestre. Deus ri de novo, quando dois irmãos dividem a propriedade com uma corda, um dizendo para o outro, 'Esse lado é meu e aquele é seu.' Ri e diz para Si mesmo: 'O universo todo me pertence, mas eles dizem que o possuem este ou aquele pedaço.' Pode alguém conhecer Deus pelo raciocínio? Seja Seu servo, entregue-se a Ele e ore."

(A Vidyasagar com um sorriso): "Bem, qual é a sua atitude?"

Vidyasagar (sorrindo): "Algum dia lhe confidenciarei". (Todos riem).

Mestre (rindo): "Deus não pode ser realizado pelo mero raciocínio intelectual."

Intoxicado pelo amor divino, o Mestre cantou:

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-La.
É Ela, dizem as escrituras, que é o Ser Interno
Do Yogi, que descobre no Ser toda sua alegria;
Ela que, por Sua própria doce vontade, habita em cada ser vivo.
O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe;
Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é? No Muladhara
O yogi medita n'Ela e no Sahasrara;
Quem a não ser Shiva mostra como Ela é realmente?
No agreste do lótus Ela, brinca com Seu Par, o Cisne.
Quando alguém aspira entendê-La, Ramprasad deve sorrir:
Pretender conhecê-La, diz ele, é bem risível.
Como imaginar que alguém possa atravessar a nado o oceano infinito.
Enquanto minha mente compreendia, Ó, meu coração não:
Embora sendo um anão, ela todavia, esforça-se para se tornar um cativo da lua.

Continuando o Mestre disse: "Vocês repararam?"

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe:
Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é?

De novo o poeta diz:

Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-Las.
Ela não pode ser realizada pela simples erudição.

"Deve-se ter fé e amor. Deixe-me dizer como a fé é poderosa. Um homem ia atravessar o mar do Ceilão à Índia. Bibhishana disse-lhe: 'Pregue isso na dobra da roupa e atravessará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre as águas, mas não o examine, senão afundará.' O homem estava andando facilmente sobre a água - tal a força de sua fé - quando, no meio do caminho, pensou: 'Que coisa maravilhosa foi essa que Bibhishana me deu, que posso andar mesmo sobre as águas?' Desamarrou o embrulho e viu somente, uma folha de papel com o nome de Rama escrito. 'Ó! Apenas isso!' pensou e imediatamente afundou."

"Uma lenda diz que Hanuman atravessou o mar num pulo, pela força de sua fé no nome de Rama, mas o Próprio Rama teve que construir uma ponte."

"Se um homem tem fé em Deus, não precisa ter medo, mesmo que tenha cometido pecado - sim, o mais hediondo pecado."

Então Sri Ramakrishna cantou, glorificando o poder da fé:

Se eu apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha Liberação
Por mais pecador que eu tenha sido?

O Mestre continuou: "Fé e devoção. Pode-se realizar Deus com facilidade, através da devoção. Ele é realizado através do êxtase do amor."

Com essas palavras, o Mestre cantou de novo:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?
Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.
Ele é realizado através do amor extasiante, como pode você pensar n'Ele sem isso?
Somente pela afirmação, jamais pela negação, você pode conhecê-Lo.
Nem através dos Vedas, nem dos Tantras, nem dos seis darsanas.
É somente no elixir do amor que Ele Se delicia, Ó mente!:
Mora nas profundezas do corpo, na Alegria Duradoura.
E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis praticam yoga através dos tempos;
Quando o amor acorda, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Si.
É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo, aqui no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, advinha o que é esse Ser!.

Enquanto cantava, o Mestre entrou em samadhi. Estava sentado no banco, olhando para o oeste, as palmas das mãos juntas, o corpo ereto e imóvel. Todos olhavam para ele com muita expectativa. Vidyasagar, também, estava sem fala e não podia tirar os olhos do Mestre.

Depois de transcorrido algum tempo, Sri Ramakrishna começou a mostrar sinais de retornar ao seu estado normal. Respirou profundamente e disse com um sorriso: "Os meios de realizar Deus são o êxtase do amor e da devoção - quer dizer, devemos amar Deus, Aquele que é Brahman é, também, a Mãe".

É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo aqui, no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, advinhe o que é esse Ser!

"Ramprasad pede à mente somente que descubra qual a natureza de Deus. Deseja que seja entendido que é o que é chamado Brahman nos Vedas, é chamado por ele, Mãe. Aquele que não tem atributos, também os tem Aquele Brahman é também, Shakti. Quando é considerado Inativo Ele é chamado Brahman e quando é considerado como Criador, Preservador e Destruidor, Ele é chamado de Energia Primordial ou Kali."

"Brahman e Shakti são idênticos como o fogo e seu poder de queimar. Quando falamos de fogo, automaticamente significamos também, seu poder de queimar e por sua vez, o poder do fogo de queimar implica no próprio fogo. Se aceitamos um, temos que aceitar o outro."

"Somente Brahman é chamado Mãe. Isto porque a mãe é objeto de grande amor. Uma pessoa pode realizar Deus, apenas pelo amor. O êxtase de sentimento, a devoção, o amor e fé - são os meios. Ouçam essa canção:"

Como é a meditação de um homem, assim é seu sentimento de amor;
Como é o sentimento de amor, assim é o que ele ganha
Se no Lago de Néctar dos pés da Mãe Kali
Minha mente fica imersa.
De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"O que é necessário é a absorção em Deus - amando-O intensamente. O 'Lago de Néctar' é o Lago da Imortalidade. Um homem submergindo nele, não morre mas torna-se imortal. Algumas pessoas acham que se alguém pensar muito em Deus, a mente se desequilibra, mas isso não é verdade. Deus é o Lago de Néctar, o Oceano da Imortalidade. É chamado de 'Imortal' nos Vedas. Mergulhando n'Ele, uma pessoa não morre, mas na verdade, transcende a morte."

De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"Se uma pessoa chega a amar a Deus, não tem que se preocupar muito com essas coisas. Necessita-se de um leque apenas enquanto não houver brisa. Esse leque pode ser deixado de lado, assim que a brisa do sul soprar. Portanto, qual a necessidade de um leque?"

(A Vidyasagar): "As atividades em que o senhor está empenhado, são muito boas. É muito bom que o senhor possa fazê-las de forma desinteressada, renunciando ao egoísmo, deixando de lado a idéia de que é aquele que faz. Através dessa ação, uma pessoa desenvolve amor e devoção a Deus e por fim, O realiza."

"Quanto mais você amar a Deus, menos estará inclinado à ação. Quando a nora está esperando um bebê, sua sogra lhe dá menos trabalho. À medida que o tempo passa, ela lhe dá cada vez menos trabalho. Quando está próxima a época do parto, não lhe é permitido fazer nada, porque tal coisa poderia causar algum mal à criança ou dificuldades na hora do nascimento."

"Através dessas atividades filantrópicas o senhor, na realidade, está fazendo bem a si próprio. Se puder fazer de forma desinteressada, sua mente se tornará pura e desenvolverá amor por Deus. Assim que tiver esse amor, O realizará."

"O homem na verdade não pode ajudar o mundo. Só Deus pode fazê-lo - Aquele que criou o sol e a lua, que pôs amor no coração de seus pais, dotou as almas nobres de compaixão e os santos e devotos com amor divino. O homem que fizer algum trabalho para os outros sem interesse pessoal, estará realmente fazendo bem a si mesmo."

"Há ouro enterrado em seu coração, mas o senhor não está consciente desse fato. Está coberto por uma fina camada de argila. Assim que estiver consciente desse fato, todas as outras atividades diminuirão. Depois do nascimento da criança, a nora só se ocupa dela. Tudo o que ela faz, é apenas para a criança. Sua sogra não lhe deixa fazer qualquer serviço doméstico."

"Vá em frente. Um lenhador entrou numa floresta para cortar lenha. Um brahmachari disse-lhe: 'Vá em frente'. Obedeceu à prescrição e descobriu algumas árvores de sândalo. Depois de alguns dias refletiu: 'O santo mandou-me ir em frente. Não me disse para parar aqui.' Então continuou seu caminho e descobriu uma mina de prata, mais longe ainda e descobriu uma mina de ouro e em seguida, minas de diamantes e de pedras preciosas. Com isso tornou-se um homem imensamente rico."

"Pelo serviço desinteressado o amor de Deus cresce no coração. Então por Sua graça, uma pessoa realiza-O ao longo do tempo. Deus pode ser visto. Podemos conversar com Ele da mesma maneira que estou conversando com vocês."

Numa admiração silenciosa todos ouviam as palavras do Mestre. Parecia-lhes que a Própria Deusa da Sabedoria, sentada na língua de Sri Ramakrishna, pronunciava essas palavras não somente para Vidyasagar, mas para toda a humanidade, para seu próprio bem.

Eram nove horas da noite. O Mestre estava de saída.

Mestre (a Vidyasagar com um sorriso): "As palavras que disse são realmente supérfluas. O senhor sabe de tudo isso, simplesmente não está consciente. Há inúmeras pedras no cofre de Varuna, mas ele mesmo não está consciente disso."

Vidyasagar (com um sorriso): "O senhor pode dizer o que quiser."

Mestre (sorrindo): "Ó sim. Há muitas pessoas ricas que não conhecem o nome de todos os seus servos, nem conhecem todas as coisas preciosas que estão em suas próprias casas." (Todos riem).

Todos estavam maravilhados com a conversa do Mestre. De novo dirigindo-se a Vidyasagar, disse sorrindo: "Por favor vá ao templo - quero dizer, ao jardim da Rasmani. É um lugar encantador."

Vidyasagar: "Ó sim, certamente que irei. O senhor foi tão gentil em vir me visitar, por que não retribuirei essa visita?"

Mestre: "Visitar-me? Jamais pense em tal coisa!"

Vidyasagar: "Por que, senhor? Por que diz isso? Posso pedir-lhe que me explique?"

Mestre (sorrindo): "O senhor vê, somos como pequenos barcos de pesca. (Todos sorriram). Podemos navegar em pequenos canais e águas rasas e também, em grandes rios, mas o senhor é um navio. Poderá encalhar no caminho!" (Todos riem).

Vidyasagar ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse com uma risada: "Mas mesmo um navio pode ir lá nesta estação."

Vidyasagar (sorrindo): "Sim, é a estação das monções." (Todos riem).

M. disse para si mesmo: "É realmente a estação das monções do despertar do amor. Em tais ocasiões não se liga para prestígio e formalidades."

Sri Ramakrishna despediu-se de Vidyasagar que, juntamente com seus amigos, acompanharam-no até o portão principal, iluminando o caminho com uma vela acesa na mão. Antes de sair do aposento, o Mestre orou pelo bem-estar da família, entrando em êxtase à medida que orava.

Assim o Mestre e seus devotos chegaram ao portão e viram algo inesperado que os deixou imóveis. Um senhor barbudo de pele clara, aparentando mais ou menos trinta e seis anos, estava defronte deles. Usava roupas à moda bengali, mas tinha um turbante branco dos Sikhs. Logo que viu o Mestre, prosternou-se a seus pés com turbante e tudo.

Quando se levantou, o Mestre disse: "Quem é? Balaram? Por que chegou tão tarde?"

Balaram: "Estou esperando aqui há muito tempo, senhor."

Mestre: "Por que o senhor não entrou?"

Balaram: "Todos estavam atentos. Não quis perturbar."

O Mestre entrou na carruagem com seus companheiros.

Vidyasagar (a M. baixinho): "Devo pagar a carruagem?"

M.: "Ó não, não se preocupe. Já está tudo pago."

Vidyasagar e seus amigos curvaram-se ante Sri Ramakrishna e a carruagem partiu para Dakshineswar, mas o pequeno grupo com o venerável Vidyasagar à frente, segurando a vela, permaneceu no portão, olhando para o Mestre até que a carruagem perdeu-se de vista.

Capítulo 9

Conselho aos Chefes de Família

13 de agosto de 1882

O MESTRE ESTAVA CONVERSANDO com Kedar e outros devotos em seu aposento. Kedar era um funcionário do Governo e havia passado muitos anos em Dacca, Bengala oriental, onde tornou-se amigo de Vijay Goswami. Os dois passavam grande parte do tempo juntos, falando sobre Sri Ramakrishna e suas experiências espirituais. Kedar já fora membro do Brahmo Samaj. Seguia o caminho de Bhakti. Conversar sobre assuntos espirituais sempre lhe trazia lágrimas aos olhos.

Eram cinco horas da tarde, Kedar estava muito feliz naquele dia, tendo organizado um festival religioso para Sri Ramakrishna. Um cantor foi contratado por Ram e o dia inteiro foi passado com muita alegria.

O Mestre explicou aos devotos o segredo da comunhão com Deus.

Mestre: "Com a realização de Satchidananda entra-se em samadhi. Então os deveres caem. Suponhamos que eu esteja falando sobre o ostad e ele apareça. Qual a necessidade de se continuar a falar dele? Por quanto tempo a abelha zumbe? Até que pose numa flor. Não é para um sadhaka, renunciar aos deveres. Deve cumprir seus deveres tais como adoração, japa, meditação, oração e peregrinação."

"Quando virem uma pessoa ainda empenhada em raciocinar, mesmo depois de realizar Deus, podem compará-la a uma abelha que zumbe um pouco, após ter sugado o mel de uma flor."

O Mestre estava gostando muito da música do ostad. Disse-lhe: "Há uma manifestação especial do poder de Deus, num homem que possui certos dotes especiais, como habilidade em música."

Músico: "Qual o caminho para se realizar Deus?"

Mestre: "Bhakti é essencial. Certamente Deus existe em todas as criaturas. Quem então é um devoto? Aquele cuja mente mora em Deus. Isso, entretanto, não é possível enquanto houver egoísmo e vaidade. A água da graça de Deus não pode permanecer no alto do morro do egoísmo. Sou uma simples máquina."

(A Kedar e outros devotos): "Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Todas as religiões são verdadeiras. A coisa mais importante é atingir o terraço. Pode-se chegar lá por degraus de pedra ou de madeira, de bambu ou mesmo, por uma corda. Pode-se, também, subir por uma vara de bambu."

"Pode-se dizer que há muitos erros e superstições em outras religiões. Eu responderia: Suponhamos que haja. Todas as religiões têm seus erros. Cada um pensa que só o seu relógio dá a hora certa. É suficiente ter anseio por Deus. Basta amá-Lo e sentir-se atraído por Ele. Não sabem que Deus é o Guia Interno? Ele vê o anelo de nosso coração e a ânsia de nossa alma. Suponhamos que um homem tenha vários filhos. Os mais velhos podem chamá-lo 'Baba' ou 'Papa', mas os muito

pequenos podem, no máximo, chamá-lo 'Ba' ou 'Pa'. Agora, o pai vai ficar zangado com aqueles que não podem chamá-lo de forma correta? O pai sabe que eles também o estão chamando, somente não têm a capacidade de pronunciar seu nome direito. Todos os filhos são iguais para o pai. Assim também, os devotos chamam somente Deus, embora por diferentes nomes. Chamam somente uma Pessoa. Deus é Uno, mas Seus nomes são vários."

Quinta-feira, 24 de agosto de 1882

Sri Ramakrishna conversava com Hazra na longa varanda noroeste de seu quarto, quando M. chegou e saudou-o com reverência.

Mestre: "Gostaria de visitar Iswar Chandra Vidyasagar mais algumas vezes. O pintor primeiro desenha os contornos e somente depois, coloca os detalhes e cores à sua vontade. O escultor primeiro faz a imagem de barro, em seguida o molde, dá uma mão de cal e por fim, uma pintura com pincel. Todos esses passos têm que ser dados sucessivamente. Vidyasagar está completamente pronto, mas seu interior está coberto por uma fina camada. Agora ocupa-se em fazer boas ações, mas ignora o que tem em seu interior. O ouro está escondido dentro dele. Deus mora dentro de nós. Se alguém sabe disso, sente o desejo de abandonar todas as atividades e apenas orar a Deus com alma anelante."

O Mestre falava com M., ora em pé, ora passeando de um lado para o outro, na grande varanda.

Mestre: "Necessitamos de um pouco de disciplina espiritual para conhecermos o que há dentro de nós."

M.: "É necessário praticar-se disciplinas a vida inteira?"

Mestre: "Não, mas é imprescindível fazê-lo no começo. Depois disso não é mais necessário trabalhar-se muito. O timoneiro de pé segura o leme com firmeza, quando o barco passa através de grandes ondas, tempestades, ventos fortes ou pelas curvas de um rio. Quando um barco passa pelas curvas e o timoneiro sente um vento favorável, senta-se confortavelmente e apenas toca no timão. Em seguida abre as velas e prepara-se para fumar. Assim também, o aspirante goza de paz e calma depois de ter passado pelas ondas e tempestades de 'mulher e ouro'."

"Alguns nascem com as características de um yogi, mas eles também têm que ter cuidado. É somente 'mulher e ouro' o grande obstáculo; fazem-nos desviar do caminho da yoga e joga-nos no mundanismo. Talvez tenham algum desejo de prazer. Depois de satisfazerem seu desejo, direcionam novamente suas mentes para Deus e assim, recuperam seu estado mental anterior, pronto para a prática da yoga."

"Já viu uma armadilha para peixe chamada 'satkakal'?"

M.: "Não senhor, nunca vi."

Mestre: "É usada em nossa parte do país. Uma das extremidades da vara de bambu é presa no chão e a outra é curvada, onde se coloca um gancho. Deste final de vara, uma linha com um anzol fica dependurada sobre a água, a isca presa no anzol. Quando o peixe abocanha a isca, subitamente o bambu dá um salto e retoma sua posição ereta."

"Assim também, tome por exemplo os pratos de uma balança. Se um peso é colocado num dos lados, a agulha mais baixa se desloca da mais alta. A agulha mais baixa é a mente e a mais alta, Deus. O encontro das duas é Yoga."

"A não ser que a mente se torne estável, não pode haver yoga. É o vento do mundanismo que sempre perturba a mente, semelhante à chama de uma vela. Quando a chama está imóvel, diz-se que uma pessoa atingiu yoga, Somente 'mulher e ouro' são obstáculos à yoga. Analise sempre o que você vê. O que há no corpo de uma mulher? Apenas sangue, carne, entranhas e coisas semelhantes. Por que deveria uma pessoa de amar tal corpo?"

"Às vezes eu tinha o hábito de assumir um estado rajásico a fim de praticar renúncia. Um dia tive o desejo de vestir uma roupa bordada em ouro, um anel no dedo e fumar um longo cachimbo. Mathur Babu providenciou todas essas coisas para mim. Usei a roupa bordada em ouro e disse para mim mesmo, depois de um certo tempo. 'Mente! É isso que é chamada uma roupa bordada em ouro'. Então me desfiz dela. Não podia suportá-la mais. Novamente disse a mim mesmo: 'Mente! Isto chama-se xale, isto é anel e isto, fumar um longo cachimbo.' Desfiz-me dessas coisas de uma vez por todas e nunca mais o desejo de desfrutá-las surgiu em minha mente."

Era o entardecer. O Mestre e M. permaneceram de pé, conversando sozinhos perto da porta, na varanda sudeste.

Mestre (a M.): "A mente do yogi está sempre absorta no Ser. Pode-se reconhecer tal homem, simplesmente olhando para ele. Seus olhos estão muito abertos, sem alvo certo, tal qual o olhar de uma mãe passarinho chocando os ovos. A mente inteira está dirigida para os ovos e há um olhar vago nos olhos. Pode mostrar-me um quadro como esse?"

M.: "Vou tentar obter."

Como a noite estava chegando, os templos foram iluminados. Sri Ramakrishna estava sentado em seu divã pequeno, meditando na Mãe Divina. Passou a cantar os nomes de Deus. Queimou-se incenso no aposento onde um lampião a óleo fora aceso. Os sons das conchas e gongos flutuavam no ar, quando o culto começou no templo de Kali. O luar inundava. O Mestre novamente dirigiu-se a M.

Mestre: "Cumpra todas as suas obrigações de forma desinteressada. O trabalho que Vidyasagar realiza é muito bom. Procure sempre cumprir seus deveres, sem desejar qualquer resultado."

M.: "Sim, senhor. Posso saber se uma pessoa pode realizar Deus enquanto leva a cabo seus deveres? Podem 'Rama' e 'desejo' coexistirem? Outro dia li num verso hindi: 'Onde está Rama, não pode haver qualquer desejo; onde está o desejo, Rama não pode estar'."

Mestre: "Todos, sem exceção, fazem um trabalho. Mesmo cantar o nome e as glórias do Senhor é trabalho; também, é a meditação não-dualista 'Eu sou Ele'. Respirar é uma atividade. Não há como renunciar completamente à ação e portanto, faça seu trabalho, mas entregue os frutos a Deus."

M.: "Senhor, posso me esforçar para ganhar mais dinheiro?"

Mestre: "É permitida tal coisa a fim de manter uma família religiosa. Pode-se aumentar a renda familiar, mas de forma honesta. A meta da vida não é ganhar dinheiro, mas servir a Deus. O dinheiro não é prejudicial se for dedicado ao serviço de Deus."

M.: "Por quanto tempo um homem tem obrigações com esposa e filhos?"

Mestre: "Enquanto tiverem necessidade de comida e roupa, mas uma pessoa não tem responsabilidade em relação a um filho, quando este estiver em condições de se manter. Quando a avezinha já tiver condições de encontrar seu próprio alimento, a mãe a bica se ela lhe pedir comida."

M.: "Por quanto tempo deve uma pessoa cumprir seus deveres?"

Mestre: "As flores caem quando a fruta aparece. Não se tem que cumprir qualquer dever, depois de ter alcançado Deus, nem sentir-se inclinado a fazê-lo."

"Se um bêbado bebe muito, não pode controlar sua consciência. Se tomar apenas dois ou três copos, pode continuar seu trabalho. À medida que se aproxima cada vez mais de Deus, Ele irá reduzindo pouco a pouco suas atividades. Não tenha medo."

"Termine os poucos deveres que tem em mãos e terá paz. Quando a dona de casa vai tomar banho, depois de ter acabado de cozinhar e fazer os outros serviços domésticos, por mais que alguém grite por ela, não voltará ao trabalho."

M.: "Senhor, o que significa realizar Deus? O que quer dizer visão de Deus? Como alcançá-la?"

Mestre: "De acordo com os vaishnavas, os aspirantes e os videntes de Deus estão divididos em diferentes grupos. Esses são o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas pôs o pé no caminho é chamado pravartaka. É chamado de sadhaka quando já há algum tempo vem praticando disciplinas espirituais como adoração, japa e meditação e cantando o nome e as glórias de Deus. Chama-se siddha aquele que sabe, por experiência interna, que Deus existe. A Vedanta faz uma analogia para explicar tal fato. O dono de uma casa está dormindo num quarto escuro e uma pessoa tateia para encontrá-lo. Toca no divã e diz: 'Não, não é ele'. Toca na janela e diz, 'Não, não é ele'. Toca na porta e diz, 'Não, não é ele'. Tal processo é chamado na Vedanta 'Neti, neti', 'Isto não, isto não'. Por fim toca o corpo do dono da casa e exclama, 'Aqui está!'. Em outras palavras, está consciente da 'existência' do senhor. Encontrou-o, mas ainda não o conhece intimamente."

"Há um outro tipo, conhecido como siddha do siddha, o 'supremamente perfeito'. É bem diferente quando uma pessoa fala ao dono da casa intimamente, quando conhece Deus com muita intimidade através do amor e da devoção. Um siddha atingiu Deus sem qualquer dúvida, mas o 'supremamente perfeito' conhece Deus intimamente."

"Para se realizar Deus, deve-se adotar uma dessas atitudes: santa, dasya, sakhya, vatsalya ou madhur."

"Santa é a atitude serena. Os rishis de outrora tiveram essa atitude em relação a Deus. Não almejavam qualquer gozo material. É como a devoção exclusiva da esposa para seu marido. Ela sabe que seu marido é a personificação do amor e beleza, um verdadeiro Madan."

"Dasya é a atitude do servo para com seu senhor. Hanuman tinha essa atitude com relação a Rama. Sentia a força de um leão quando trabalhava para Rama. Uma esposa também tem essa atitude. Serve seu marido com todo o coração e alma. Uma mãe também tem um pouco dessa atitude, como Yashoda teve com Krishna."

"Sakhya, atitude de amizade. Os amigos dizem uns para os outros: 'Venham aqui e sentem-se perto de mim', Sridama e outros amigos às vezes alimentavam Krishna com fruta que já haviam provado e às vezes, pulavam em Seus ombros."

"Vatsalya, a atitude de uma mãe em relação a seu filho. Tal era a atitude de Yasoda para com Krishna. A esposa, também, tem um pouco desse sentimento. Alimenta seu marido com seu próprio sangue de vida, por assim dizer; a mãe só fica satisfeita quando a criança comeu a quantidade que seu coração pede. Yashoda perambulava com manteiga na mão, para alimentar Krishna."

"Madhur, a atitude da mulher para seu amante. Radha tinha essa atitude em relação a Krishna. A esposa sente-se assim, por seu marido. Essa atitude inclui todas as outras quatro."

M.: "Quando uma pessoa vê Deus, ela O vê com esses olhos?"

Mestre: "Deus não pode ser visto com esses olhos físicos. Ao longo da disciplina espiritual adquire-se o 'corpo do amor', dotado de 'olhos do amor', 'ouvidos do amor', etc. Vê-se Deus com esses 'olhos do amor'. Ouve Deus com 'ouvidos do amor'. Tem-se mesmo um órgão sexual feito do amor."

Ao ouvir essas palavras, M. caiu na gargalhada. O Mestre, porém, sem se aborrecer continuou: "Com esse 'corpo do amor' a alma comunga com Deus."

M. tornou-se novamente sério.

Mestre: "Mas isso só é possível com um amor intenso por Deus. Uma pessoa vê somente Deus em todos os lugares, quando O ama intensamente. É o mesmo que uma pessoa com icterícia, que vê tudo amarelo. Sente então; 'Sou realmente Ele'."

"Um bêbado, profundamente embriagado, diz, 'Sou realmente Kali!' As gopis intoxicadas de amor, exclamam, 'Realmente sou Krishna!' "

"Quem pensa em Deus dia e noite, O vê em todos os lugares, é como um homem que fica vendo

chamas em todos os lados, depois de ter olhado fixamente para uma, durante algum tempo."

"Mas aquela não é uma chama real", um pensamento passou rápido pela mente de M.

Sri Ramakrishna, que podia ler os pensamentos mais recônditos de uma pessoa, disse: "Não se perde a consciência se pensar n'Ele que é todo Espírito, toda Consciência. Shivanath certa vez comentou que pensar muito em Deus perturba o cérebro. Eu, porém, disse-lhe: 'Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente quando pensa na Consciência?' "

M.: "Sim, senhor, compreendo. Não é como pensar num objeto irreal. Como pode um homem perder sua inteligência se fixa sempre a mente n'Ele cuja natureza verdadeira é inteligência eterna?"

Mestre (com alegria): "É pela graça de Deus que se compreende isso. As dúvidas da mente não desaparecerão sem Sua graça. As dúvidas não desaparecem sem a Auto-realização."

"Mas uma pessoa nada tem a temer, se recebeu a graça de Deus. É fácil uma criança tropeçar quando segura a mão de seu pai, mas não há esse perigo se é o pai quem segura sua mão. Um homem nada mais tem a sofrer, se Deus remove todas as dúvidas, por Sua graça e revela-Se a ele. Tal graça, porém, só desce sobre ele depois de ter orado com intenso anseio do coração e praticado disciplinas espirituais. A mãe sente pena de seu filho quando o vê correndo de um lado para o outro, já sem fôlego. Ela vinha se escondendo, mas agora, aparece diante da criança."

"Mas por que Deus nos faz correr de um lado para o outro?" pensou M.

Imediatamente Sri Ramakrishna disse: "É Sua vontade que corramos um pouco. É um grande divertimento. Deus criou o mundo como se fosse um grande espetáculo. Isto é chamado Mahamaya, a Grande Ilusão. Por conseguinte, devemos refugiar-nos na Mãe Divina, o Próprio Poder Cósmico. É Ela quem nos prendeu nos grilhões da ilusão. A realização de Deus só é possível depois que essas cadeias forem cortadas."

O Mestre continuou: "Uma pessoa deve propiciar a Mãe Divina, a Energia Primordial, para obter a graça de Deus. O Próprio Deus é Mahamaya que engana o mundo com Sua ilusão e confere a magia da criação, preservação e destruição. Ela estendeu esse véu de ignorância diante de nossos olhos. Só podemos penetrar na câmara interior, se Ela nos deixar passar pela porta. Vivendo no exterior, apenas vemos os objetos exteriores e não, o Ser Eterno, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. É por isso que se diz nos Puranas, que as divindades como Brahman pediam à Mahamaya, a destruição dos demônios como Madhu e Kaitabha."

"Somente Shakti é a raiz do universo. Essa Energia primordial tem dois aspectos: vidya e avidya. Avidya ilude. Avidya proclama 'mulher e ouro' que encanta a todos. Vidya promove devoção, gentileza, sabedoria e amor que levam a Deus. Essa Avidya deve ser propiciada e esse é o propósito dos ritos do culto de Shakti."

"O devoto toma diversas atitudes perante Shakti, a fim de propiciá-La; a atitude de uma empregada, de 'herói' ou de filho. A atitude de 'herói' é para agradá-La do mesmo modo que um homem agrada a mulher durante o ato sexual."

"A adoração à Shakti é extremamente difícil. Não é brincadeira. Passei dois anos como serva e companheira da Mãe Divina, mas a minha atitude foi sempre a de um menino em relação à sua mãe. Olho os seios de qualquer mulher como os de minha própria mãe."

"Todas as mulheres são a verdadeira imagem de Shakti. No noroeste da Índia, a noiva segura uma faca por ocasião da cerimônia de casamento: em Bengala, um quebra-nozes. O significado disso é que, o noivo com a ajuda da noiva, que é a personificação do Poder Divino, cortará os laços da ilusão. Essa é a atitude de 'herói'. Jamais adorei a Mãe Divina dessa maneira. Minha atitude foi sempre a de um filho para com sua Mãe."

"A noiva é realmente a própria personificação de Shakti. Você já notou que durante a cerimônia de casamento, o noivo senta-se atrás como um idiota? Mas a noiva - ela fica em tanta evidência!"

"Depois de alcançar Deus, esquecese de Seu esplendor externo, as glórias de Sua criação. Não se pensa mais nas glórias de Deus, depois de tê-Lo visto. Um devoto depois de submerso na Bem-aventurança Divina, não mais cogita das coisas externas. Quando vejo Narendra não preciso perguntar-lhe: 'Qual é o seu nome? Onde você mora?' Há razão para tais perguntas? Um homem, uma vez, perguntou a Hanuman em que dia da quinzena estavam. 'Irmão', disse Hanuman, 'Não sei nada a respeito dos dias da semana, ou da quinzena ou da posição das estrelas. Só penso em Rama!"

16 de outubro de 1882

Era uma segunda-feira, poucos dias antes do Durga Puja, festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna estava muito feliz, porque Narendra estava com ele. Narendra havia trazido ao templo, dois ou três jovens membros do Brahmo Samaj. Além deles, Rakhal, Hazra e M. estavam com o Mestre.

Narendra tomou sua refeição do meio-dia com Sri Ramakrishna. Em seguida, uma cama improvisada foi arrumada no chão do quarto do Mestre, para os discípulos descansarem um pouco. Uma esteira foi estendida, sobre a qual colocaram um acolchoado coberto por um lençol branco. Algumas almofadas e travesseiros completavam essa cama simples. Como uma criança, o Mestre sentou-se perto de Narendranath na cama. Conversava com os devotos com muita alegria. Um sorriso radiante iluminava seu rosto e com os olhos fixos em Narendra, dava-lhes vários ensinamentos espirituais, entremeando-os com incidentes de sua própria vida.

Mestre: "Depois de ter experimentado samadhi, minha mente ansiou intensamente para ouvir falar somente de Deus. Eu sempre procurava lugares onde estavam lendo ou explicando os livros sagrados, tais como o Bhagavata, o Mahabharata e o Adhyatma Ramayana."

"Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Uma vez, enquanto estava em Vrindavan, sentiu sede e foi até um poço. Perto, viu um homem. Ao lhe pedir que pegasse um pouco de água, o homem disse-lhe: 'Pertenço a uma casta inferior. O senhor é um brahmin. Como posso apanhar água para o senhor?' Krishnakishore respondeu-lhe: 'Toma o nome de Shiva, repetindo o Seu santo nome, você se tornará puro'. O homem de casta inferior fez o que ele lhe mandara e Krishnakishore, um brahmin ortodoxo, bebeu a água. Que tremenda fé!"

"Um dia um santo chegou às margens do Ganges e passou a viver perto do ghat de banho de Ariadaha, não longe de Dakshineswar. Pensamos fazer-lhe uma visita. Disse a Haladhari: 'Krishnakishore e eu vamos ver um santo. Você quer vir conosco?' Haladhari respondeu: 'Qual a vantagem de se ver um simples corpo humano, que não é superior a uma 'jaula de argila'? Haladhari era um estudante do Gita e da filosofia Vedanta e por conseguinte, considerava o santo como uma simples 'jaula de argila'. Repeti o comentário a Krishnakishore que, com muita raiva, disse: 'Como Haladhari foi imprudente em fazer tal comentário! Como pode ele ridicularizar como uma 'jaula de argila' o corpo de um homem que pensa constantemente em Deus, que medita em Rama e que a tudo renunciou por amor ao Senhor? Ele não sabe que um homem assim é a personificação do Espírito? Ficou tão chocado com o comentário de Haladhari que passou a lhe virar o rosto sempre que o encontrava no templo e deixou de lhe dirigir a palavra."

"Uma vez Krishnakishore perguntou-me: 'Por que o senhor deixou de lado o cordão sagrado?' Naqueles dias da visão de Deus, sentia-me como se estivesse no meio da grande tempestade de Ashwin e que tudo havia desaparecido de mim. Não sobrou qualquer traço de minha antiga personalidade. Perdi toda consciência do mundo, mal podia ficar vestido, para não falar do cordão sagrado! Disse a Krishnakishore: 'Ah! Você me compreenderá se um dia ficar intoxicado por Deus, como eu estava'."

"E de fato isto chegou a acontecer. Ele também passou por um estado de intoxicação de Deus, quando apenas repetia a palavra Om e trancava-se em seu quarto. Seus parentes pensaram que estivesse ficando realmente louco e chamaram um médico. Ram Kaviraj de Natagore veio vê-lo.

Krishnakishore disse-lhe: 'Cure minha doença se isso lhe agrada, mas não o meu Om.' (Todos riem)."

"Um dia fui visitá-lo e encontrei-o muito pensativo. Quando lhe perguntei o motivo, respondeu: 'O coletor de impostos esteve aqui. Ameaçou-me carregar meus copos, jarras e outros utensílios de latão, se eu não pagar o imposto. Por isso estou muito preocupado'. Disse-lhe: 'Mas por que haveria você de se preocupar? Deixe-o levar os potes e as panelas, deixe-o mesmo prender seu corpo. O que isso lhe poderá afetar? Sua natureza é a de Kha!' (Narendra e os outros riem). Costumava dizer-me que era o Espírito que Tudo penetra, como o céu. Tinha tirado essa idéia do Adhyatma Ramayana. Eu costumava implicar com ele, de vez em quando, chamando-o de 'Kha'. Portanto, disse-lhe aquele dia, com um sorriso: 'Você é Kha. Os impostos não podem afetá-lo!' "

"Naquele estado de intoxicação divina, eu costumava dizer a todos, o que pensava. Não respeitava ninguém. Mesmo a homens de posição social importante, não tinha medo de falar a verdade."

"Um dia Jatindra foi à chácara de Jadu Mallick. Eu também estava lá e perguntei-lhe: 'Qual é o dever de um homem? Não é nosso dever pensar em Deus?' Jatindra respondeu: 'Somos homens do mundo. Como nos é possível atingir a liberação? Mesmo o rei Yudhisthira teve que passar pela experiência da visão do inferno.' Isto me deixou muito zangado. Disse-lhe: 'Que tipo de homem é o senhor? De todos os acidentes da vida de Yudhisthira, o senhor só se recorda do incidente do inferno. Não se lembra de sua veracidade, sua tolerância, sua paciência, sua discriminação, seu desapego e sua devoção a Deus'. Já estava a ponto de dizer muitas coisas quando Hriday fez-me calar. Logo em seguida Jatindra saiu, alegando que tinha um outro compromisso para atender."

"Muitos dias depois fui com o Capitão ver Raja Sourindra Tagore. Assim que o vi, disse-lhe: 'Não posso dirigir-me ao senhor como 'Raja' ou qualquer outro título, porque estaria mentindo.' Conversamos alguns minutos, mas nossa conversa foi constantemente interrompida pelas visitas de europeus e outros. Homem de temperamento rajásico, Sourindra ocupava-se naturalmente com muitas coisas. Jatindra, seu irmão mais velho, foi informado de minha chegada, mas ele mandou dizer que estava com dor de garganta e não poderia ver-me."

"Um dia, naquele estado de intoxicação divina, fui ao ghat de banho no Ganges, em Baranagore. Lá vi Jaya Mukherji repetindo o nome de Deus, mas sua mente estava distante. Subi e dei-lhe duas bofetadas nas faces."

"Outra vez Rani Rasmani estava passando uns tempos no templo. Veio até o altar da Mãe Divina, como fazia frequentemente, enquanto eu celebrava o culto de Kali e pediu-me para entoar uma ou duas canções. Enquanto cantava, percebi que ela estava arrumando as flores para o culto com a mente distraída. Imediatamente esbofeteei-a. Ela ficou bastante embaraçada e sentou-se com as mãos postas."

"Alarmado com meu estado mental, disse a meu primo Haladhari. 'Veja minha natureza! Como posso livrar-me dela?' Após orar, com fervor, à Mãe Divina, consegui acabar com esse hábito."

"Quando alguém se encontra em tal estado mental só sente prazer em conversas a respeito de Deus. Costumava chorar quando ouvia as pessoas falarem de coisas mundanas. Quando acompanhei Mathur Babu numa peregrinação, passamos alguns dias em Benares, na casa de Raja Babu. Um dia eu estava sentado na sala com Mathur Babu, Raja Babu e outros. Ouvindo-os falar sobre diversos assuntos mundanos, tais como perdas financeiras etc., chorei amargamente e disse à Mãe Divina: 'Mãe, onde Tu me trouxeste? Estava muito melhor no templo de Dakshineswar. Aqui estou num lugar em que tenho ouvir a respeito de 'mulher e ouro', mas em Dakshineswar poderia evitar isso'."

O Mestre pediu aos devotos, sobretudo a Narendra, Latu , M., Hazra e Priya, amigo Brahmo de Narendra, estavam presentes. O canto foi acompanhado pelo tambor.

Medite, Ó mente minha, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito por todos os tempos.

Como é inigualável a Luz que brilha n'Ele
Como enfeitiça a alma, Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos! ...
Depois dessa canção, Narendra cantou:
Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais interior do meu coração?
Quando mergulharei, afinal, sempre contemplando-O?
No Oceano de Alegria?
Senhor, como Sabedoria Infinita, Tu entrarás em minha alma
E minha mente inquieta, tornada sem fala por Tua visão.
Encontrará um refugio em Teus pés.
No firmamento do meu coração, Tu surgirás
Como Imortalidade Bem-aventurada.
E como, quando o chakora contempla a lua que surge.
Brinca de um lado para o outro, por simples alegria.
Assim, também, ficarei cheio de felicidade celestial
Quando Tu apareceres para mim.
Tu, Uno sem segundo, todo Paz, Rei dos Reis!
Em Teus amados pés renunciarei minha vida
E assim finalmente, atingirei a meta da vida:
Gozarei a felicidade do céu ainda aqui na terra!
Onde mais é concedido um favor tão raro?
Então verei Tua glória, pura e imaculada
Como a escuridão foge da luz, assim, meus piores pecados
Abandonam-me com a aproximação de Tua aurora
Acende em mim, Ó Senhor, o fogo ardente da fé
A fim de ser a minha estrela guia
Ó Socorro dos fracos, concede meu único desejo!
Então banharei tanto o dia como a noite
Na felicidade ilimitada do Teu amor, me esquecerei totalmente
Ó Senhor, ao alcançar-Te.

Narendra cantou novamente:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus
Até que no Teu coração o néctar transborda
Bebe-o incessantemente e divida-o com todos!
Se algum dia Teu coração secar queimado pelas chamas
Do desejo humano, canta o doce nome de Deus.
E o amor celestial umidecerá tua alma árida.
Fique certa, Ó mente, de que jamais te esquecerás de cantar
O Teu santo nome quando olhar o teu rosto,
Chama-O, teu Pai Misericordioso:
Com o trovão de Seu nome, quebra as cadeias do pecado!
Venha, vamos satisfazer os desejos de nossos corações
Bebendo inteiramente da Alegria Duradoura,
Tornada una com Ele no puro êxtase do amor.

Agora Narendra e os devotos começaram a cantar o kirtan acompanhados pelo tambor e pelos pratos.

Andavam em volta do Mestre cantando:

Mergulhe para sempre, Ó mente
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

Em seguida cantaram:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais íntimo do meu coração? ...

Por fim o próprio Narendra estava tocando os tambores e cantou com o Mestre, cheio de alegria:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus ...

Quando a música acabou, Sri Ramakrishna abraçou Narendra por um longo tempo e disse: "Você nos fez muito felizes hoje." A comporta do coração do Mestre estava tão aberta aquela noite, que mal podia se conter de alegria. Eram oito horas da noite. Intoxicado pelo amor divino, caminhava de um lado para o outro, ao longo da varanda norte de seu aposento. De vez em quando podia-se ouvi-lo, conversando com a Mãe Divina.

Subitamente disse com a voz exaltada: "O que Tu podes me fazer?" Estava ele dando a entender que maya não tinha poder sobre ele, uma vez que possuía a Mãe Divina como seu suporte?

Narendra, M. e Priya iam passar a noite no templo. Isto alegrou muito o Mestre, sobretudo porque Narendra cantaria com ele. A Santa Mãe , que estava morando no nahabat, havia preparado a ceia. Surendra pagava a maior parte das despesas do Mestre. A refeição estava pronta e os pratos tinham sido colocados na varanda sudeste do aposento do Mestre.

Perto da porta leste de seu quarto, Narendra e outros devotos conversavam.

Narendra: "O que você pensa dos jovens de hoje?"

M.: "Não são ruins mas não recebem qualquer instrução religiosa."

Narendra: "Mas segundo minha experiência, creio que vão por um mal caminho. Fumam, mantém conversas frívolas, são afetados, preguiçosos e outras coisas parecidas. São até vistos frequentando lugares questionáveis."

M.: "Não notei essas coisas nos nossos dias de estudante."

Narendra: "Talvez você não tenha se misturado com os estudantes intimamente. Vios conversando com pessoas de caráter imoral. Talvez sejam íntimos deles."

M.: "É muito estranho."

Narendra: "Soube, também, que muitos adquirem maus hábitos. Gostaria que os responsáveis e as autoridades ficassem atentas a essas coisas."

"Estavam assim conversando, quando Sri Ramakrishna, aproximando-se, perguntou-lhes com um sorriso":

"Bem, de que estão falando?"

Narendra: "Estava perguntando a M. a respeito dos jovens nas escolas. A conduta deles hoje em dia não é o que deveria ser."

O Mestre fez uma expressão grave e disse a M. um tanto seriamente: "Esse tipo de conversa não é boa. Não é bom que se fale de outra coisa que não seja Deus. Você é o mais velho e inteligente. Não deveria tê-los encorajado a falar desses assuntos."

Narendra tinha mais ou menos dezenove anos e M., vinte e oito. Assim repreendido, M. sentiu-se constrangido e os outros permaneceram em silêncio.

Enquanto os devotos comiam, Sri Ramakrishna em pé, observava-os com grande alegria. Naquela noite a felicidade do Mestre era muito grande.

Depois de comerem, os devotos foram descansar na esteira estendida no chão do quarto do Mestre.

Começaram a conversar com ele. Parecia mesmo um mercado de felicidade. O Mestre pediu a Narendra para cantar a canção que começasse com o verso: "No firmamento da Sabedoria, a lua do Amor está surgindo cheia."

Narendra cantou e os outros devotos tocaram tambores e pratos:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!
De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua;
Seu Amigo, o Senhor misericordioso, alegremente brinca com eles.
Olhem! As portas do paraíso estão de par em par abertas.
O suave vento da primavera do Novo Dia levanta ondas refrescantes de alegria.
Gentilmente carrega para a terra a fragrância do Amor de Deus.
Até que todos os yogis embriagados de felicidade, estejam mergulhados em êxtase.
No mar do mundo desabrocha o lótus do Novo Dia
E aí a Mãe sentia-se entronada em majestade venturosa.
Vejam como as abelhas estão loucas de alegria, sorvendo pouco a pouco o néctar ali!
Contemplem a face radiante da Mãe, que tanto encanta o coração
E cativa o universo! Em Seus Pés de Lótus
Bandos de homens santos extasiados dançam alegremente.
Que encanto incomparável é o d'Ela! Que felicidade infinita!
Invade o coração quando Ela aparece! Ó irmãos, diz Premdas:
Humildemente lhes imploro a cada um, cantem a canção da Mãe!

Sri Ramakrishna cantou e dançou com os devotos que dançaram à sua volta.

Quando a canção acabou o Mestre começou a andar de lá para cá, na varanda nordeste onde Hazra estava sentado com M. O Mestre sentou-se e perguntou a um devoto: "Você sonha sempre?"

Devoto: "Sim, senhor. Outro dia tive um sonho estranho. Vi o mundo inteiro envolvido em água. Havia água por todos os lados. Somente alguns barcos podiam ser vistos, mas de repente, imensas ondas apareceram e afundaram-nos. Estava a ponto de embarcar com algumas pessoas, quando vi um brahmin andando sobre as águas. Perguntei-lhe: 'Como pode o senhor caminhar sobre as águas?' O brahmin respondeu-me com um sorriso: 'Ó, não há qualquer dificuldade. Há uma ponte debaixo d'água.' Disse-lhe: 'Onde o senhor vai?' 'A Bhawanipur, a cidade da Mãe Divina', respondeu. 'Espere um pouco', gritei, 'Vou lhe acompanhar'."

Mestre: "Ó, estou muito impressionado, ouvindo essa história."

Devoto: "O brahmin disse: 'Estou com pressa. Você ainda terá um certo tempo para sair do barco. Adeus. Lembre-se desse caminho e siga-me num outro barco'."

Mestre: "Ó! Meu cabelo está de pé! Por favor seja iniciado por um guru o mais breve possível."

Um pouco depois da meia-noite, Narendra e outros devotos foram se deitar no quarto do Mestre.

Ao amanhecer alguns devotos levantaram-se e viram o Mestre nu como uma criança, andando de um lado para o outro no quarto, repetindo os nomes de vários deuses e deusas. Sua voz era doce como néctar. Ora olhava para o Ganges, ora parava em frente dos quadros e curvava-se diante deles, cantando o tempo todo, os seus santos nomes, com voz suave. Cantou: "Veda, Puranas, Tantras, Gita, Gayatri, Bhagavata, Bhakta, Bhagavan."

Referindo-se ao Gita, repetiu inúmeras vezes: "Tagi, tagi, tagi" e de vez em quando dizia: "Ó

Mãe, Tu és realmente Brahman e Tu és realmente Shakti. Tu és Purusha e Tu és Prakriti. Tu és Virat. Tu és o Absoluto e Tu Te manifestas como o Relativo. Tu és realmente os vinte e quatro princípios cósmicos."

Nesse meio tempo, o serviço já tinha começado nos templos de Kali e Radhakanta. Sons das conchas acústicas e pratos pairavam no ar. Os devotos saíram do quarto e viram os sacerdotes e empregados apanhando flores no jardim para o culto nos templos. Do nahabat flutuava a suave melodia dos instrumentos musicais, apropriados para aquela hora da manhã.

Narendra e outros devotos terminaram suas obrigações da manhã e vieram até o Mestre. Com um doce sorriso nos lábios, Sri Ramakrishna estava de pé na varanda nordeste, perto de seu quarto.

Narendra: "Vimos vários sannyasis pertencentes à seita de Nanak no Panchavati."

Mestre: "Sim, chegaram ontem. (A Narendra): Gostaria que todos se sentassem, na esteira."

Quando assim o fizeram, o Mestre olhou-os com alegria. Começou, então, a conversar. Narendra perguntou a respeito de disciplina espiritual.

Mestre: "Bhakti, o amor de Deus, é a essência de toda a disciplina. Pelo amor, uma pessoa adquire renúncia e discriminação de forma natural."

Narendra: "Não é verdade que os Tantras prescrevem disciplina espiritual na companhia de mulher?"

Mestre: "Isso não é desejável. É um caminho muito difícil e muitas vezes ocasiona a queda do aspirante. Há três tipos de disciplinas. Podemos considerar a mulher como sua amante. Ou considerar-se sua serva ou seu filho. Olho a mulher como minha mãe. Ver-se como serva é bom também; mas é extremamente difícil praticar disciplina espiritual olhando a mulher como amante. Considerar-se seu filho é uma atitude muito pura." Os sannyasis pertencentes à seita de Nanak entraram no aposento e saudaram o Mestre, dizendo: "Namo Narayanaya". Sri Ramakrishna pediu que se sentassem.

Mestre: "Nada é impossível para Deus. Ninguém pode descrever Sua natureza por meio de palavras. Tudo é possível para Ele. Num certo lugar viviam dois yogis que praticavam disciplinas espirituais. Um dia o sábio Narada passou por ali. Percebendo quem ele era, um dos yogis disse-lhe: 'O senhor acabou de estar com o Próprio Deus. O que Ele está fazendo agora?' Narada responde: 'Ora, eu O vi passar e tornar a passar camelos e elefantes pelo buraco de uma agulha.' A isso o yogi disse: 'O que há de extraordinário nisso? Tudo é possível para Deus.' Mas o outro yogi disse: 'O que? Fazer elefantes passar pelo buraco de uma agulha? Será isso possível acontecer alguma vez? O senhor jamais esteve na casa de Deus'."

Às nove horas da manhã, quando o Mestre ainda estava em seu quarto, Manomohan chegou de Konnagar com alguns membros de sua família. Às perguntas gentis de Sri Ramakrishna, Manomohan explicou que os estava levando para Calcutá. O Mestre disse: "Hoje é o primeiro dia do mês bengali, auspicioso para se fazer uma viagem. Espero que tudo venha a correr bem com vocês." Com um sorriso, começou a falar de outros assuntos.

Quando Narendra e seus amigos voltaram do seu banho no Ganges, o Mestre falou-lhes francamente: "Vão meditar no Panchavati, debaixo do baniano. Querem algo para se sentarem?"

Mais ou menos às dez e meia Narendra e seus amigos Brahmos estavam meditando no Panchavati. Depois de algum tempo, Sri Ramakrishna chegou, M. também estava presente.

O Mestre disse aos devotos Brahmos: "Na meditação a pessoa deve permanecer absorvida em Deus. Se ficar flutuando na superfície da água, pode alguém alcançar as pedras preciosas que jazem no fundo do mar?"

Em seguida cantou:

Tomando o nome de Kali, mergulhe profundamente, Ó mente,

Nas profundezas insondáveis do coração,
Onde muitas pedras preciosas jazem escondidas.
Mas jamais acreditem que o fundo do oceano está sem pedras
Se nas primeiras vezes que mergulharem, fracassarem
Com firme resolução e autocontrole
Mergulhe fundo e abre teu caminho em direção ao reino da Mãe Kali.
Nas profundezas do oceano da Sabedoria celestial estão
As maravilhosas pérolas da Paz, Ó mente;
E você mesma pode juntá-las.
Se apenas tiver amor puro e seguir as prescrições das escrituras.
Dentro dessas profundezas do oceano também
Seis crocodilos espreitam - luxúria, raiva e os outros -
Nadando de um lado para o outro em busca de presa.
Envolva-os com o açafrão da discriminação.
Seu cheiro a protegerá de suas armadilhas
No oceano jazem
Inúmeras pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, diz Ramprasad, e apanhe montões delas ali!

Narendra e seus amigos desceram da plataforma elevada do Panchavati e ficaram em pé junto do Mestre, que voltou para seu quarto com eles. O Mestre continuou: "Quando vocês mergulham no oceano, podem ser atacados pelos crocodilos. Não os tocarão se estiverem com o corpo untado com açafrão. Sem dúvida há seis jacarés - luxúria, raiva, avareza etc. - dentro de vocês, nas 'profundezas insondáveis do coração', mas protejam-se com o açafrão da discriminação e renúncia e eles não o tocarão."

"O que vocês podem alcançar com simples conferências e erudição, sem discriminação e desapego? Só Deus é real e tudo o mais irreal. Só Deus é substância e tudo o mais é não-entidade. Isto é discriminação."

"Em primeiro lugar entronize Deus no santuário de seu coração e em seguida, façam conferências, se assim o desejarem. Como a simples repetição de 'Brahma' lhes trará proveito se não forem dotados de discriminação e desapego? É o mesmo que o som vazio de uma concha."

"Vivia numa vila, um jovem chamado Padmalochan. Era chamado de 'Podo', para abreviar. Neste vilarejo havia um templo bastante dilapidado. Não tinha em seu interior qualquer imagem de Deus; ashwattha e outras plantas cresciam pelas ruínas das paredes. Morcegos viviam em seu interior e o chão estava coberto de poeira e fezes. Os aldeões haviam deixado de visitar o templo. Um dia, depois do entardecer, ouviram o som de uma concha, vindo daquela direção. Pensaram que provavelmente alguém houvesse instalado uma imagem no altar e estivesse fazendo o culto vespertino. Uma das pessoas abriu devagarinho a porta e viu Padmalochan em pé, num dos cantos, soprando a concha. Não havia qualquer imagem no altar; o templo não tinha sido varrido nem lavado. Havia lixo e sujeira por todos os lados. Gritou, então, para Podo":

Você não instalou qualquer imagem aqui.

No santuário, Ó tolo!

Soprando a concha, você simplesmente provoca

Confusão ainda maior.

Dia e noite onze morcegos

Gritam ali incessantemente. ...

"Não adianta simplesmente fazer barulho, se desejar entronizar a Divindade no altar do coração, se desejar realizar Deus. Em primeiro lugar purifique a mente. Deus toma assento no coração puro.

Ninguém pode colocar uma imagem sagrada num templo onde há sujeira de morcegos por toda a parte. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco da ação, cinco da percepção e a mente."

"Em primeiro lugar invoque a Divindade, em seguida faça conferências se o seu coração assim o pedir. Antes de tudo mergulhe fundo. Mergulhe até o fundo e apanhe as pedras preciosas. Poderá, então, fazer outras coisas. Ninguém, porém, deseja mergulhar. As pessoas são sem disciplina espiritual e oração, sem renúncia e desapego. Aprendem algumas palavras e já querem dar conferências. É difícil ensinar os outros. Só quem tem autorização de Deus, depois de realizá-Lo, está habilitada a fazê-lo."

Assim conversando, o Mestre chegou até o canto da varanda. M. estava de pé, junto dele. Sri Ramakrishna havia repetido várias vezes que Deus não pode ser realizado sem discriminação e renúncia. Isso fez M. ficar extremamente preocupado. Era um jovem de vinte e oito anos, casado, educado numa universidade à moda ocidental. Tendo senso de dever, perguntou a si mesmo: "Discriminação e desapego significam abandonar 'mulher e ouro'?" Estava mesmo desorientado, sem saber o que fazer.

M. (ao Mestre): "O que deve uma pessoa fazer se a esposa um dia lhe diz: 'Você está me negligenciando. Vou me matar?' "

Mestre (em tom sério): "Abandone essa esposa se ela constituir obstáculo à sua evolução espiritual. Deixe-a cometer suicídio ou qualquer outra coisa que queira. A esposa é um entrave na vida espiritual do marido, se não for espiritualizada."

Mergulhando em profunda reflexão, M. permaneceu encostado contra a parede. Narendra e outros devotos ficaram em silêncio por alguns minutos. O Mestre trocou muitas palavras com eles e subitamente, chegando perto de M., sussurrou-lhe no ouvido: "Mas se o homem tem amor sincero por Deus, então, tudo ficará sob seu controle - o rei, as pessoas más e a esposa. O amor sincero por Deus da parte do marido por fim, levará a esposa à vida espiritual. Se o marido é bom, então, pela graça de Deus, a esposa também, poderá seguir seu exemplo."

Isto teve efeito tranquilizante na mente perturbada de M. Todo o tempo havia pensado: "Que ela se suicide. O que posso fazer?"

M. (ao Mestre): "Esse mundo é certamente um lugar terrível."

Mestre (aos devotos): "É por isso que Chaitanya disse a seu companheiro Nityananda: 'Ouça, irmão, não há esperança de salvação para os que têm mente mundana'."

Numa outra ocasião o Mestre havia dito a M. particularmente: "Sim, não há esperança para um homem do mundo se ele não é sinceramente devotado a Deus, mas não tem nada a temer se ficar no mundo depois de realizar Deus. Também não há necessidade de temer o que quer que seja do mundo, se alcançar devoção sincera praticando disciplina espiritual de vez em quando na solidão. Chaitanya teve diversos devotos chefes de família, porém, o eram apenas no nome, uma vez que viviam desapegados do mundo."

Era meio-dia. O culto havia terminado e a oferenda de comida já havia sido preparada no templo. As portas do templo foram fechadas. Sri Ramakrishna sentou-se para almoçar e Narendra e outros devotos compartilharam das oferendas no templo.

Domingo, 22 de outubro de 1882

Era o dia de Vijaya, o último dia da celebração da adoração de Durga, quando a imagem de argila é imersa nas águas de um lago ou rio.

Mais ou menos às nove horas da manhã, M. estava sentado no chão do quarto do Mestre em Dakshineswar, perto de Sri Ramakrishna, que estava reclinado no divã pequeno. Rakhal estava,

morando com o Mestre e Narendra e Bhavanath visitavam-no frequentemente. Baburam o havia visto apenas uma ou duas vezes.

Mestre: "Você teve dia de folga durante o Durga Puja?"

M.: "Sim, senhor. Fui à casa de Keshab diariamente durante os primeiros três dias de adoração."

Mestre: "Foi mesmo?"

M.: "Lá ouvi uma interpretação muito interessante do Durga Puja."

Mestre: "Conte-me tudo a esse respeito, por favor."

M.: "Keshab Sen fazia orações diárias de manhã em sua casa, que terminavam às dez ou onze horas. Durante essas orações, explicava o significado intrínseco do Durga Puja. Disse que se alguém pudesse realizar a Mãe Divina, isto é, pudesse instalar a Mãe Durga no santuário de seu coração, então, Lakshmi, Saraswati, Kartika e Ganesha chegariam por si mesmos. Lakshmi significa riqueza, Saraswati, conhecimento, Kartika, força e Ganesha, sucesso. Realizando a Mãe Divina no coração, obtém-se tudo isso sem esforço algum."

Sri Ramakrishna ouviu a descrição, perguntando a M. de vez em quando, a respeito das orações dirigidas por Keshab. Por fim disse-lhe: "Não vá lá e aqui. Venha somente aqui. Aqueles que pertencem ao círculo íntimo de meus devotos vêm somente aqui. Rapazes como Narendra, Bhavanath e Rakhal são meus discípulos muito íntimos. Não devem ser considerados com pouco caso. Alimente-os um dia desses. O que pensa de Narendra?"

M.: "Tenho-o em grande consideração, senhor."

Mestre: "Você já observou suas muitas virtudes? Não é apenas bem versado em música, canto e instrumento, mas também, muito letrado. Além disso, controlou suas paixões e diz que vai levar vida de celibato. É devotado a Deus desde tenra idade."

"Como está você com sua meditação no momento? Qual o aspeto de Deus que atrai sua mente - com forma ou sem forma?"

M.: "Senhor, agora não posso fixar minha mente em Deus com forma. Por outro lado, não posso me concentrar firmemente em Deus sem forma."

Mestre: "Agora você vê que a mente não pode se fixar, de súbito, no aspecto sem forma de Deus. É mais conveniente pensar em Deus com forma nos primeiros estágios."

M.: "O senhor quer dizer que se deve meditar sobre as imagens de argila?"

Mestre: "Por que de argila? Essas imagens são a personificação da Consciência."

M.: "Mesmo assim há de se pensar nas mãos, pés e outras partes do corpo. Também compreendo que a mente só pode estar concentrada se meditar, no começo, em Deus com forma. O senhor mesmo me disse isso. Deus pode facilmente assumir formas diferentes. Pode-se meditar na forma de sua própria mãe?"

Mestre: "Sim, a mãe deveria ser adorada. Ela é realmente, a personificação de Brahman."

M. sentou-se em silêncio. Depois de alguns minutos, perguntou ao Mestre: "O que uma pessoa sente quando pensa em Deus sem forma? Não é possível descrever isso?" Depois de pensar por algum tempo, o Mestre disse: "Você quer saber como é?" Ficou em silêncio por um momento e disse algumas palavras a M. a respeito de suas experiências por ocasião de sua visão de Deus com e sem forma.

Mestre: "Veja, deve-se praticar disciplinas espirituais para compreender isso corretamente. Suponhamos que haja tesouros num aposento. Se desejar vê-los e apanhá-los, deve se dar ao trabalho de buscar a chave e abrir a porta. Em seguida, apanhar o tesouro, mas suponhamos que o aposento esteja fechado e, do lado de fora, você diga a si mesmo: 'Abri a porta. Quebrei a fechadura. Agora

peguei o tesouro.' Pensando dessa maneira em frente à porta, não conseguirá nada."

"Você tem que praticar disciplina."

"Os jnanis pensam em Deus sem forma. Não aceitam a Encarnação Divina. Em louvor a Sri Krishna, Arjuna disse: 'Tu és Brahman Absoluto.' Sri Krishna respondeu, 'Siga-me e verá se Eu sou ou não, Brahman Absoluto.' Assim falando, Sri Krishna levou Arjuna a um lugar e perguntou o que ele estava vendo. 'Vejo uma grande árvore,' disse Arjuna, 'e nela vejo frutos pendurados como cachos de amoras.' Então Krishna disse a Arjuna: 'Chegue mais perto e verá que não são cachos de amoras, mas cachos de inúmeros Krishnas como Eu, pendendo da árvore.' Em outras palavras, um sem número de Encarnações Divinas aparecem e desaparecem na árvore do Brahman Absoluto."

"Karvidas tinha uma forte inclinação para Deus sem forma. À simples menção do nome de Krishna, dizia: 'Por que devo adorá-Lo? As gopis batiam palmas enquanto Ele dançava como um macaco. (Com um sorriso). Mas aceito Deus com forma quando estou na companhia de pessoas que acreditam nesse ideal e também, concordo com aqueles que crêem em Deus sem forma'."

M. (sorrindo): "O senhor é tão infinito quanto Aquele de quem estamos falando. Na verdade ninguém pode sondar sua profundidade."

Mestre (sorrindo): "Ah! Vejo que você descobriu isto. Vou dizer-lhe uma coisa. Deve-se seguir diversos caminhos. Deve-se praticar cada credo durante um certo tempo. No jogo de sattrancha uma peça não pode atingir o quadrado do centro enquanto não tiver completado o círculo, mas uma vez no quadrado, não pode ser tomada por qualquer outra peça."

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Há duas classes de yogis: os vahudakas e kutichakas. Os vahudakas peregrinam visitando diversos lugares santificados e ainda não encontraram paz de espírito. Os kutichakas, porém, tendo já visitado todos os lugares sagrados, acalmaram suas mentes. Sentindo-se serenos e em paz, instalam-se num lugar e não mais se mudam dali. Nesse lugar são felizes: não sentem necessidade de ir a qualquer outro lugar, são felizes. Se um deles alguma vez visitar um lugar de peregrinação, será somente com o propósito de obter nova inspiração."

"Tive de praticar cada religião, durante certo tempo: hinduísmo, islamismo, cristianismo. Além disso segui o caminho dos shaktas, vaishnavas e vedantistas. Realizei que há apenas um Deus, em direção ao qual todos estão se dirigindo: mas os caminhos são diferentes."

"Ao visitar os lugares santificados, às vezes eu sofria muita agonia. Uma vez fui com Mathur à casa de Raja Babu em Benares. Lá só se falava de assuntos mundanos - dinheiro, propriedade e coisas assim. Comecei a chorar, dizendo à Mãe Divina: 'Mãe! Aonde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar.' Em Allahabad vi as mesmas coisas que já tinha visto em outros lugares os mesmos lagos, a mesma grama, as mesmas árvores, as mesmas folhas de tamarindo."

"Mas sem dúvida nenhuma, uma pessoa encontra inspiração em lugares sagrados. Acompanhei Mathur Babu em Vrindavan. Hriday e as senhoras da família de Mathur faziam parte de nosso grupo. Mal vi o Ghat de Kaliyadaman, fui tomado por uma emoção divina. Fiquei completamente deslumbrado. Hriday costumava me banhar ali, como se eu fosse uma criancinha."

"Ao entardecer eu caminhava às margens do Jamuna, quando o rebanho de vacas voltava do pasto ao longo das margens arenosas. À simples visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna passou de relance pela minha mente. Corria, gritando como um louco: 'Ó, onde está Krishna? Onde está o meu Krishna?' "

"Fui para Syamakunda e Radhakunda num palanquim e saí para visitar o sagrado Monte Govardhan. À vista dele, fui tomado por uma emoção divina e corri até o cume. Perdi completamente a consciência do mundo em minha volta. Os habitantes do lugar ajudaram-me a descer. A caminho dos lagos sagrados de Syamakunda e Radhakunda, vi os campos, as árvores, os arbustos, os pássaros

e os veados, e então, entrei em êxtase, com as roupas molhadas pelas lágrimas. Disse: 'Ó Krishna! Tudo aqui está como era nos tempos antigos. Só Tu estás ausente.' Sentado no interior do palanquim, perdi a fala. Hriday seguia o palanquim. Havia pedido aos condutores que tivessem cuidado comigo."

"Gangamayi tornou-se muito amiga minha em Vrindavan. Era uma velha senhora que vivia sozinha numa cabana perto de Nidhuvan. Referindo-se à minha condição espiritual e êxtase, disse: 'Ele é realmente, a Encarnação de Radha.' Chamava-me 'Dulali'. Quando estava com ela, costumava esquecer-se de comer, beber, tomar banho e nem tinha qualquer pensamento de voltar para casa. Alguns dias Hriday costumava-me trazer comida de casa e alimentar-me. Gangamayi também me servia comida feita por suas próprias mãos."

"Gangamayi costumava ter transes. Nessas ocasiões uma grande multidão costumava vir vê-la. Um dia, em êxtase, pulou nos ombros de Hriday."

"Eu não queria deixá-la e voltar para Calcutá. Tudo foi arranjado para que eu ficasse. Eu comeria arroz cozido duas vezes e nossas camas ficariam em cada canto da cabana. Quando tudo já estava pronto, Hriday disse: 'O senhor tem um estômago muito fraco. Quem cuidará do senhor?' 'Ora', disse Gangamayi. 'Eu cuidarei dele. Serei sua atendente.' Como Hriday me puxasse de um lado e ela do outro, lembrei-me de minha mãe que estava vivendo sozinha no nahabat do templo. Achei que era impossível para mim, ficar longe dela e disse para Gangamayi: 'Não, tenho que ir. Gostei muito da atmosfera de Vrindavan'."

Mais ou menos às onze horas da manhã, o Mestre tomou sua refeição do que havia sido oferecido no templo de Kali. Depois da sesta, continuou a conversar com os devotos. De vez em quando repetia a palavra sagrada "Om" ou os sagrados nomes das divindades.

Depois do pôr do sol foi feito o culto da tarde, nos templos. Uma vez que se tratava do dia de Vijaya, os devotos saudaram primeiro a Mãe Divina e depois, tomaram a poeira dos pés do Mestre.

Terça-feira, 24 de outubro de 1882

Eram três ou quatro horas da tarde. O Mestre estava de pé perto da estante onde guardava a comida, quando Balaram e M. chegaram de Calcutá e saudaram-no. Sri Ramakrishna disse-lhes, com um sorriso: "Ia pegar uns doces da prateleira, mas assim que pus minha mão neles, uma lagartixa caiu em cima de mim. Imediatamente tirei a mão.(Todos riem)."

"Ó sim! Devemos prestar atenção a todas essas coisas. Vejam, Rakhal está doente, meus membros doem também. Sabem qual é a causa? Hoje de manhã quando me levantei da cama, vi uma pessoa por quem tomei por Rakhal. (Todos riem). Ó sim! A aparência física deve ser analisada. Outro dia Narendra trouxe um dos seus amigos, um homem com apenas um olho sadio, embora o outro não estivesse totalmente cego. Disse a mi mesmo: 'O que é esse problema que Narendra trouxe com ele?' "

"Uma pessoa vem aqui, mas não posso comer o que ela traz. Trabalha num escritório, ganhando um salário de vinte rupias e outras vinte, fazendo falsificações. Não posso pronunciar uma só palavra em sua presença, porque diz mentiras. Às vezes fica aqui durante dois ou três dias sem ir trabalhar. Sabe qual é a razão? É para que eu o recomende a alguém para que consiga emprego em algum lugar."

"Balaram é de uma família de devotos vaishnavas. Seu pai, agora já velho, é um devoto piedoso. Tem um tufo de cabelos na cabeça, um rosário de contas de tulsi no pescoço e uma corrente de contas na mão. Passa o tempo repetindo o nome de Deus. Tem propriedades em Orissa e construiu templos para RadhaKrishna em Kothar, Vrindavan e outros lugares, e também, casas de hóspedes."

(A Balaram): "Outro dia veio aqui um homem que, entendi, é escravo daquela megera que é sua esposa. Por que uma pessoa não vê Deus? Por causa da barreira de 'mulher e ouro'. Como foi

leviano ao dizer, no outro dia: 'Um paramahamsa veio ver meu pai que lhe deu galinha ao curry para comer!' "

"No meu atual estado mental, só posso tomar um pouco de sopa de peixe se tiver sido previamente oferecida à Mãe Divina. Não posso comer carne de espécie alguma, mesmo que tenha sido oferecida à Mãe Divina, mas a provo com a ponta do meu dedo, com medo d'Ela ficar zangada. (Risada)."

"Bem, podem explicar esse meu estado mental? Certa vez eu estava ido de Burdwan para Kamarpukur, num carro de boi, quando desabou uma violenta tempestade. Algumas pessoas juntaram-se perto do carro. Meus companheiros disseram que se tratava de assaltantes. Comecei a repetir os nomes de Deus, às vezes o de Kali, outras, o de Rama ou Hanuman. O que acha disso?"

Estava o Mestre querendo dizer que Deus é um só, mas é chamado de maneira diferente pelas diversas seitas?

Mestre (a Balaram): "Maya é apenas 'mulher e ouro'. Um homem que vive nesse meio, aos poucos perde a consciência espiritual. Pensa que tudo está bem com ele. Um catador de lixo leva uma vasilha na cabeça e ao longo do tempo, perde a repulsa. Uma pessoa gradualmente adquire amor a Deus pela prática de cantar Seu santo nome e Suas glórias. (A M.): Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome de Deus. Como diz o ditado: 'Uma pessoa não será bem sucedida enquanto tiver uma dessas três coisas: vergonha, ódio e medo'."

"Em Kamarpukur cantam o kirtan muito bem, com acompanhamento de tambores."

(A Balaram): "Já instalaram alguma imagem em Vrindavan?"

Balaram: "Sim, senhor. Temos um bosque onde Krishna é adorado."

Mestre: "Estive em Vrindavan. O bosque de Nidhu é realmente muito lindo."

Capítulo 10

O Mestre e Keshab

27 de outubro de 1882

ERA UMA SEXTA-FEIRA, dia do Lashmi Puja. Keshab Chandra Sen havia organizado uma viagem de barco pelo Ganges, para Sri Ramakrishna.

Mais ou menos às quatro horas da tarde, o barco com Keshab e seus seguidores Brahmos, ancorou junto à margem do templo de Kali em Dakshineswar. Os passageiros viram à sua frente, o ghat de banho e o chandni. À sua esquerda, no conjunto de templos, erguiam-se seis templos de Shiva e à sua direita, outros seis templos de Shiva. A torre branca do templo de Kali, o topo das árvores do Panchavati e a silhueta dos pinheiros sobressaíam contra o céu azul de outono. Os jardins entre os dois nahabats estavam cheios de flores perfumadas e ao longo das margens do Ganges, havia fileiras de plantas floridas. O céu azul refletia-se nas águas marrons do Ganges sagrado, associado com as mais antigas tradições da civilização ariana. O mundo exterior parecia suave e sereno e os corações dos devotos Brahmos estavam cheios de paz.

Sri Ramakrishna, em seu quarto, conversava com Vijay e Haralal. Entraram alguns discípulos de Keshab.

Inclinando-se diante do Mestre, disseram-lhe: "Senhor, o barco chegou. Keshab Babu pediu-nos para que o levássemos até lá." Um pequeno bote já estava pronto para conduzi-lo até o barco. Mal entrou na embarcação, perdeu a consciência exterior em samadhi. Vijay estava com ele.

Entre os passageiros estava M. Assim que o bote aproximou-se, todos correram para a grade de ferro a fim de ver Sri Ramakrishna. Keshab estava ansioso para levá-lo a bordo em segurança. Com muita dificuldade o Mestre voltou à consciência do mundo e foi levado para uma cabine. Ainda em estado abstrato, andou mecanicamente, apoiado num devoto. Keshab e outros inclinaram-se, mas ele não estava consciente da presença deles. Dentro da cabine havia algumas cadeiras e uma mesa. Fizeram-no sentar numa delas e Keshab e Vijay em outras duas. Alguns devotos estavam sentados, a maioria no chão, enquanto os outros permaneciam em pé, do lado de fora, olhando pelas janelas e portas. Sri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo, completamente inconsciente do mundo exterior.

Como a cabine estivesse muito abafada, devido à presença de muita gente, Keshab abriu as janelas. Estava constrangido com a presença de Vijay, uma vez que havia discordado sobre certos princípios do Brahmo Samaj e Vijay havia se separado da organização de Keshab, juntando-se a uma outra sociedade.

Os devotos Brahmos olhavam atentamente para o Mestre. Gradualmente voltou à consciência dos sentidos, mas a intoxicação divina ainda persistia. Dizia a si mesmo, num sussurro: "Mãe, por que Tu me trouxeste aqui? Eles estão cercados e presos. Posso libertá-los?" Será que o Mestre achava que as pessoas ali reunidas estavam fechadas dentro das paredes da prisão do mundo? Será que sua

desesperança fez o Mestre dizer essas palavras à Mãe Divina?

Sri Ramakrishna foi gradualmente voltando à consciência do mundo exterior. Nilmadhav de Ghazipur e um devoto Brahmo conversavam sobre Pavhari Baba. Outro devoto Brahmo disse ao Mestre: "Senhor, esses senhores visitaram Pavhari Baba que vive em Ghazipur. É um santo como o senhor." O Mestre mal podia falar, apenas sorria. O devoto continuou: "Senhor, Pavhari Baba mantém uma fotografia do senhor no quarto dele." Apontando para o corpo, o Mestre disse com um sorriso: "Apenas uma fronha."

O Mestre continuou: "Mas não se deve esquecer que o coração do devoto é a morada de Deus. Ele habita, sem dúvida, em todos os seres, mas Se manifesta de forma especial no coração do devoto. Um senhor de grandes terras pode, de vez em quando, visitar todos os lugares de sua imensa propriedade, mas dizem que geralmente só é encontrado numa determinada sala de sua casa. O coração do devoto é a sala de Deus."

"Aquele que é chamado de Braman pelos jnanis, é conhecido como Atman pelos yogis e Bhagavan pelos bhaktas. O mesmo Brahmin é chamado de sacerdote quando faz o culto no templo e de cozinheiro, quando prepara suas refeições. O jnani, trilhando o caminho do Conhecimento, sempre discrimina sobre a Realidade, dizendo: 'Isto não, isto não.' Brahman não é nem 'isso' , nem 'aquilo'. Ele não é nem o universo, nem os seres humanos. Discriminando dessa maneira a mente torna-se estável. Logo ela desaparece e o aspirante entra em samadhi. Esse é o Conhecimento de Brahman. É a certeza firme do jnani de que, somente Brahman é real e o mundo ilusório. Todos esses nomes e formas são ilusórios como um sonho. O que Brahman é, não pode ser descrito. Não se pode nem mesmo dizer que Brahman é uma Pessoa. É essa a opinião dos jnanis, seguidores da filosofia Vedanta."

"Mas os bhaktas aceitam todos os estados de consciência. Consideram o estado de vigília como real, também. Não consideram o mundo ilusório, como um sonho. Dizem que o mundo é uma manifestação do poder e da glória de Deus. Deus criou tudo - céu, estrelas, lua, sol, montanhas, oceanos, homens e animais. Tudo isso constitui Sua glória. Está dentro de nós, em nossos corações. Também, Ele está no exterior. Os devotos mais adiantados dizem que Ele Próprio tornou-se tudo isso - os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. O devoto de Deus quer comer açúcar e não, tornar-se açúcar. (Todos riem)."

"Sabem como o amante de Deus se sente? Sua atitude é: 'Ó Deus, Tu és o Amo, eu sou Teu servo. Tu és as Mãe, eu sou Teu filho.' Ou então: 'Tu és Pai e Mãe. Tu és o Todo, eu sou a parte.' Ele não gosta de dizer: 'Eu sou Brahman'."

"O yogi quer realizar o Paramatman, a Alma Suprema. Seu ideal é a união da alma individual com a Alma Suprema. Retira a mente dos objetos dos sentidos e procura concentrar-se no Paramatman. Por conseguinte, no primeiro estágio de sua disciplina espiritual, retira-se para um lugar isolado com atenção concentrada, pratica meditação numa postura estável."

"Mas a Realidade é una e a mesma. A diferença está apenas no nome. Aquele que é Brahman é, na verdade, Atman, e também, Bhagavan. É Brahman para os seguidores do caminho do Conhecimento, Paramatman para os yogis e Bhagavan, para os amantes de Deus."

O barco navegava para Calcutá, mas os passageiros com os olhos fixos no Mestre e com os ouvidos nas suas palavras impregnadas de néctar divino, estavam inconscientes de todo movimento. Dakshineswar com seus templos e jardins, havia ficado para trás. Os remos batiam nas águas do Ganges, criando um som murmurante, mas os devotos estavam indiferentes a tudo isso. Encantados, olhavam para o grande yogi, a face iluminada por um sorriso divino, o semblante irradiando amor, os olhos brilhando de alegria - um homem que a tudo renunciara por Deus e que não conhecia nada a não ser Deus. Incessantes palavras de sabedoria fluíam de seus lábios.

Mestre: "Os jnanis, que seguem a filosofia não-dualista da Vedanta, dizem que os atos de criação, preservação e destruição, o próprio universo e todos os seres vivos, são manifestações de Shakti, o

Poder Divino. Se discriminarmos, veremos que tudo isso é ilusório como um sonho. Só Brahman é a Realidade, tudo o mais é irreal. Mesmo a Própria Shakti não tem substância, como um sonho."

"Mas embora vocês discriminem toda a vida, a não ser que estejam estabelecidos em samadhi, não poderão ir além da jurisdição de Shakti, mesmo que digam: 'Estou meditando' ou 'Estou contemplando', ainda assim, estariam no domínio de Shakti, dentro de Seu Poder."

"Assim Brahman e Shakti são idênticos. Se aceitarem um, têm que aceitar o outro. É como o fogo e seu poder de queimar. Se virem o fogo, têm que reconhecer também, seu poder de queimar. Não podem pensar em fogo, sem seu poder de queimar, nem podem pensar no poder de queimar, sem o fogo. Não se pode conceber os raios de sol sem o sol, nem se pode conceber o sol sem os raios."

"Como é o leite? Ó, vocês dizem que é algo branco. Não podem pensar em leite sem sua brancura e também, pensar na brancura sem pensar no leite."

"Assim, não se pode pensar em Brahman sem Shakti, ou em Shakti sem Brahman. Não se pode pensar no Absoluto sem o Relativo, ou no Relativo sem o Absoluto."

"O Poder Primordial está sempre em ação . Está sempre criando, preservando e destruindo, como um jogo. Este Poder é chamado Kali. Kali é na verdade, Brahman e Brahman é de fato, Kali. É uma e mesma Realidade. Quando pensamos n'Ela como inativa, quer dizer, não engajada na criação, preservação e destruição, A chamamos Brahman, mas quando Ela está ocupada nessas atividades, A chamamos Kali ou Shakti. A Realidade é uma e a mesma: a diferença está em nome e forma."

"É como a água, chamada em diferentes línguas por nomes diferentes, como 'jali', 'pani' e assim por diante. Há três ou quatro ghats no lago. Os hindus bebem água num lugar, chamam-na 'jal'. Os muçulmanos num outro lugar, chamam-na 'pani'. E os ingleses num terceiro lugar, 'water'. Os três nomes denotam uma e mesma coisa, a diferença está somente no nome. De algum modo, alguns dirigem-se à Realidade como 'Alá', alguns como 'Deus', alguns como 'Brahman' ou 'Kali', e outros por nomes como 'Rama', 'Jesus', 'Durga', 'Hari'."

Keshab (sorrindo): "Descreve-nos, senhor, de quantas maneiras Kali, a Mãe Divina, brinca neste mundo."

Mestre (com um sorriso): "Ó, Ela brinca de diferentes modos. É somente Ela que é conhecida como Maha-Kali, Nitya-Kali, Shmasana-Kali, Raksha Kali e Shyama-Kali. Maha-Kali e Nitya-Kali estão mencionadas na filosofia tântrica. Quando não existia nem criação, nem o sol, a lua, os planetas e a terra e quando a escuridão estava envolta na escuridão, então a Mãe, a Sem Forma, Maha-Kali, o Grande Poder, era una com Maha-Kali, a Absoluta."

"Shyama-Kali tem um aspecto um tanto terno e é adorada pelos chefes de família hindus. É doadora de Graças e Dissipadora do medo. O povo adora Raksha-Kali, a Protetora, quando ocorrem epidemias, fome, terremotos, seca e enchente. Shmasana-Kali é a Encarnação do poder de destruição. Habita nos crematórios, cercada de cadáveres, chacais e terríveis espíritos femininos. Da boca sai um fluxo de sangue, em Seu pescoço está dependurado um colar de cabeças humanas e em Sua cintura, um cinto feito de mãos humanas."

"Depois da destruição do universo, no final de um grande ciclo, a Mãe Divina armazena as sementes para a próxima criação. Ela é como a senhora mais velha de uma casa, que tem um pote onde guarda os diferentes utensílios para o uso doméstico. (Todos riem)."

"Ó sim! As donas de casa têm jarros como esses, onde guardam 'espuma do mar' , pílulas azuis, sementes de pepino, de moranga e de cabaça etc. Elas as tiram quando têm necessidade. Assim também, depois da destruição do universo, minha Mãe Divina, a Encarnação de Brahman, guarda as sementes para a próxima criação. Depois da criação, o Poder Primordial mora no próprio universo. Traz à existência esse mundo fenomenal e o penetra. Nos Vedas a criação está ligada à aranha e sua teia. A aranha produz a teia de si mesma e permanece nela. Deus é quem contém o universo e ao mesmo tempo, O que está contido nele."

"É Kali, minha Mãe Divina, negra? Ela parece negra porque está sendo vista à distância, mas quando intimamente conhecida, Ela não o é mais. O céu parece ser azul ao longe, mas se for visto de perto, vemos que não tem cor. A água do oceano é azul à distância, mas quando chegamos perto e a pegamos, vemos que é incolor."

O Mestre, intoxicado pelo amor divino, cantou:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
Desnuda da cor mais negra,
Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre continuou: "Escravidão e Liberação são ambas de Sua construção. Por Sua maya, as pessoas mundanas ficam enredadas em 'mulher e ouro', mas por Sua graça atingem a liberação. Ela é chamada a Salvadora, Aquela que remove a escravidão que prende uma pessoa ao mundo."

Em seguida, o Mestre cantou a seguinte canção , com sua voz melodiosa.

No movimentado mercado do mundo, Ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes.
Alto, voam ao sabor do vento da esperança, presas pela linha de Maya.
Suas estruturas são esqueletos humanos, sus velas são feitas dos três gunas.
Mas todo seu trabalho curioso é meramente para ornamento.
Mas no barbante das pipas. Tu passaste pasta de manja do mundanismo.
A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.
Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres;
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!
Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente
Levados para o infinito, atravessando o mar do mundo.

O Mestre disse: "A Mãe Divina é sempre brincalhona e esportiva. Este universo é o Seu jogo. Tem vontade própria e deve ter sempre Sua própria diretriz. Está plena de felicidade. Dá liberação a um em cem mil."

Um devoto Brahmo: "Mas senhor, se Ela quisesse, poderia dar liberação a todos. Por que então, Ela nos mantém ligados ao mundo?"

Mestre: "É Sua vontade. Quer continuar brincando com os seres criados. No jogo de esconde-esconde aquele que está correndo pára, quando os jogadores tocam a 'vovó'. Se todos a tocarem como poderá o jogo continuar? Isso a desagrada. Seu prazer é o de continuar o jogo. Daí o poeta dizer:"

Entre cem mil papagaios, somente um ou dois no máximo, ficam livres;
Então Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

"É como se a Mãe Divina dissesse à mente humana, confidencialmente, com um piscar de olhos: 'Vá e goze o mundo.' Como pode alguém censurar a mente? A mente só pode se desapegar do mundanismo se, por Sua Graça, Ela a faz voltar para Si mesmo. Só então, ela se torna um devoto aos pés de Lótus da Mãe Divina'." Então Sri Ramakrishna, tomando sobre si, por assim dizer, as agonias de todos os chefes de família, cantou queixando-se à Mãe Divina.

Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige o meu coração:
Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,
Haja assalto em minha casa.
Muitas e muitas vezes prometo chamar-Te.

Mas quando a hora da oração chega, eu me esqueço;
Agora vejo que tudo é Tua mágica.
Como Tu nada deste, assim Tu recebeste, nada.
Devo eu ser censurado por isso, Ó Mãe? Se Tu tivesses dado
Com certeza Tu terias recebido
Das Tuas próprias dádivas, eu teria dado a Ti.
Glória e vergonha, amargura e doçura são apenas Tuas:
Esse mundo nada mais é do que Teu jogo.
Por que então, Ó Abençoada, Tu provocas tanta comoção nele?
Ramprasad diz: Tu me deste essa mente.
E com olhar sabedor,
Tu mandas, ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.
E assim vagueio abandonado por Tua criação,
Afugentado pelo olhar mau de alguém
Tomando o amargo pelo doce.
O irreal pelo Real.

O Mestre continuou: "Os homens estão iludidos por Sua maya e apegaram-se ao mundo."

Diz Ramprasad: "Tu me deste essa mente."
E com um olhar sabedor.
Tu mandas ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.

Devoto Brahmo: "Senhor, não podemos realizar Deus sem renúncia completa?"

Mestre (com uma risada): "Claro que podem! Por que deveriam renunciar a tudo? Estão bem como estão, seguindo o caminho do meio - como o melado, parte sólido, parte líquido. Conhecem o jogo de cartas 'nax' ? Tendo obtido o número máximo, fico fora do jogo. Não posso mais me divertir. Vocês, contudo, são muito espertos. Alguns conseguiram dez pontos, outros seis e uns, cinco. Vocês conseguiram o número correto: portanto, não estão fora como eu. O jogo continua. Ora, essa é boa! (Todos riem)."

"Conto-lhes a verdade: não há nada de errado com vocês, pelo fato de estarem no mundo, mas devem dirigir a mente para Deus, senão, não serão bem sucedidos. Façam seu dever com uma mão e com a outra, segurem Deus. Quando o trabalho estiver terminado, segurem Deus com ambas as mãos."

"Tudo é questão de mente. Escravidão e liberação estão somente na mente. A mente tomará a cor com a qual a tingirem. É como as roupas brancas que acabaram de chegar da lavanderia. Se as mergulharem em tintura vermelha, ficarão vermelhas. Se mergulharem em tinta azul ou verde, ficarão azuis ou verdes. Tomarão somente a cor da tintura na qual as mergulharem, qualquer que seja. Já repararam que se lerem um pouco em inglês, logo começarão a dizer palavras inglesas: 'Foot fut it mit?' Então calçam botas e assobiam uma melodia e assim por diante. Tudo vai junto ou, se um erudito estuda sânscrito, imediatamente vai começar a recitar versos sânscritos. Se se relacionarem com más companhias, começarão a falar e pensar como seus amigos. Por outro lado, quando estiverem em companhia dos devotos, apenas falarão e pensarão em Deus."

"A mente é tudo. O homem de um lado, tem a esposa e de outro, a filha. Mostra afeição por ambas, de modo diferente, mas a mente é uma e a mesma."

"Escravidão está na mente e liberação, também. Um homem é livre, se pensar livremente: 'Sou uma alma livre. Como posso ficar ligado, quer more na floresta ou no mundo? Sou filho de Deus, Rei dos Reis. Quem pode me prender?' Se for mordido por uma cobra um homem pode libertar-se do seu veneno dizendo enfaticamente: 'Não há veneno em mim'. Do mesmo modo, repetindo com resolução e determinação, 'Não sou ligado, sou livre', uma pessoa torna-se realmente livre."

"Uma vez uma pessoa deu-me um livro dos cristãos e pedi-lhe que o lesse para mim. Só falava de pecado. (A Keshab). Pecado é também a única coisa que se ouve falar no seu Brahmo Samaj. O pecador que diz constantemente, 'Estou ligado, estou ligado', só consegue mesmo é estar ligado. Aquele que diz, dia e noite, 'Sou um pecador, sou um pecador', realmente torna-se um pecador."

"Uma pessoa deve ter uma fé tão ardente em Deus, que possa dizer: 'O que? Tenho repetido o nome de Deus e o pecado ainda pode permanecer em mim? Como posso ser ainda um pecador? Como posso estar apegado?' "

"Se um homem repete o nome de Deus, seu corpo, mente e tudo o mais tornam-se puros. Por que razão uma pessoa deveria falar só de pecado e de inferno e de coisas assim? Diga pelo menos uma vez: 'Ó Senhor, sem dúvida fiz coisas erradas, mas não as repetirei'. Tenha fé em Seu nome."

"Sri Ramakrishna tornou-se intoxicado pelo amor divino e cantou":

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga.
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha liberação,
Por mais pecador que eu tenha sido ...

Então disse: "À minha Mãe Divina orava apenas por puro amor. Ofereci flores aos Seus Pés de Lótus e orei a Ela: 'Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu Conhecimento, aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu dharma, aqui está Teu adharma. Toma-os ambos, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti'."

(Aos devotos Brahmos): "Ouçam agora uma canção de Ramprasad":

"Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.
E ali embaixo Ela colhe os quatros frutos da vida.
De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.
Traz apenas o Desapego no seu caminho para a Árvore,
E pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade.
Quando você vai aprender a permanecer, Ó mente na morada da Bem-aventurança
Com Pureza e Corrupção de cada lado?
Só quando você tiver encontrado a maneira de
Manter essas esposas em harmonia sob o mesmo teto,
Você verá a incomparável forma da Mãe Shyama.
Afugente instantaneamente de sua vida, seus pais, o Ego e a Ignorância.
Se a ilusão puxá-lo para sua toca.
Corajosamente agarre-se à pilastra da Paciência.
Amarre ao poste da Despreocupação, as cabras do vício e virtude,
Matando-as com a espada do Conhecimento, se elas se rebelarem.
Mantenha à distância os filhos da Mundanismo, sua primeira esposa.
E, se não atenderem, afogue-os no mar da Sabedoria.
Diz Ramprasad: Se você fizer o que digo
Pode apresentar com bom resultado, Ó mente, ao Rei da Morte.
Ficarei bem satisfeito com você e a chamarei de minha querida."

Por que não se é capaz de realizar Deus nesse mundo? O Rei Janaka teve tal realização. Ramprasad descreveu o mundo como uma simples 'estrutura de ilusão', mas amando os pés sagrados de Deus, então -

Este mundo é mesmo uma mansão de alegria.
Aqui posso comer, beber e ficar feliz.
O poder de Janaka era incomparável
O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?
Gozando tanto um, quanto o outro.
Que bebeu leite de uma xícara cheia até a borda!

(Todos riem)

"Mas não se pode ser um Rei Janaka de uma hora para outra. Janaka, no início, praticou na solidão muitas austeridades."

"Mesmo que se viva no mudo, deve-se ficar na solidão de vez em quando. Será de grande ajuda a um homem, afastar-se da família, morar sozinho e chorar por Deus, mesmo por três dias. Se pensar em Deus um dia somente, em solidão, quando tiver tempo livre, isso também lhe fará bem. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por sua esposa e filhos. Mas quem chora por Deus? De vez em quando deve-se retirar para a solidão e praticar disciplina espiritual a fim de realizar Deus. Vivendo no mundo e sufocado pelos seus inúmeros deveres, o aspirante, no primeiro estágio de sua vida espiritual, encontra muitos obstáculos no caminho da concentração. Quando as árvores da calçada são ainda novas, têm que ser cercadas, do contrário, serão destruídas pelo gado. A cerca é necessária enquanto a árvore for pequena, mas pode ser retirada, quando o tronco estiver grosso e forte. Então a árvore não será danificada, mesmo que um elefante seja amarrado a ela. A doença do mundanismo é semelhante à febre tifóide. No quarto desse tipo de paciente, há um grande jarro d'água e outro, de gostosos pickles. Se desejar curá-lo deve removê-lo desse aposento. O homem do mundo é como esse paciente de febre tifóide. Os diversos objetos de prazer são o grande jarro d'água e o desejo de gozá-los é a sua sede. O simples pensamento dos pickles dá água na boca; você não tem que trazê-los para perto. Ele já está cercado por eles. A companhia de mulher é o pickles. Daí ser necessário o tratamento na solidão."

"Pode-se voltar ao mundo depois de se ter atingido discriminação e desapego. No oceano do mundo há seis crocodilos: luxúria, raiva etc. Não há nada a temer se passar açafrão no corpo antes de entrar na água. Discriminação e desapego são o açafrão. Discriminação é o conhecimento do que é real e o que é irreal. É a realização de que só Deus é a real e eterna Substância e que tudo o mais é irreal, transitório, impermanente. Deve-se cultivar intenso fervor por Deus. Deve-se sentir amor por Ele e ser atraído para Ele. As gopis de Vrindavan sentiram a atração de Krishna. Deixe-me cantar uma canção para vocês":

"Escuta! A flauta ressoou lá no bosque.
Devo voar para lá porque Krishna espera na estrada.
Digam amigas, vocês vêm ou não?
Para vocês, o meu Krishna é somente um nome vazio
Para mim. Ele é a angústia do meu coração.
Vocês ouvem as notas de Sua flauta, somente com seus ouvidos,
Mas Ó, eu as ouço no fundo de minha alma.
Escuto Sua flauta chamando: 'Radha, venha'!
Sem você o bosque está despojado de encanto."

O Mestre cantou com lágrimas nos olhos e disse a Keshab e outros devotos Brahmos: "Não importa se aceitem ou não, Radha e Krishna, mas por favor, aceitem a atração que um sentia pelo outro. Tentem criar em seu coração o mesmo desejo ardente por Deus. Anelo é tudo o que vocês necessitam para realizá-Lo." Gradualmente a maré baixa começou. O barco aumentou a velocidade até Calcutá. Passaram sob a Ponte Howrath e avistaram o Jardim Botânico. Pediram ao capitão para ir um pouco mais rio abaixo. Os passageiros estavam encantados com as palavras do Mestre e a maioria tinha perdido a noção do tempo e de quanto haviam navegado.

Keshab começou a servir arroz empapado e coco raspado. Os convidados puseram a comida nas dobras da roupa e logo começaram a comer. Todos estavam muito felizes. O Mestre observou, entretanto, que Keshab e Vijay estavam constrangidos e ficou ansioso para reconciliá-los.

Mestre (a Keshab): "Olhe. Ali está Vijay. Sua briga parece-se com a de Shiva e Rama. Shiva foi o guru de Rama. Apesar de brigarem, logo fizeram as pazes, mas as caretas dos fantasmas, seguidores de Shiva e os sons incompreensíveis dos macacos, seguidores de Rama, não terminaram (Gargalhada). Essas brigas têm lugar, mesmo entre os próprios parentes e amigos íntimos. Rama não lutou contra seus próprios filhos, Lava e Kusa? Assim também, vocês devem ter notado como a mãe e sua filha, morando juntas e tendo o mesmo objetivo espiritual, observam jejum em separado nas terças-feiras, cada uma com sua própria crença, como se o bem-estar de uma, nada tivesse a ver com o da outra. Mas o que beneficia uma, beneficia a outra. Assim também, vocês têm uma sociedade religiosa e Vijay pensa que deve ter a sua, também. (Risada). Penso que tudo isso é necessário. Enquanto Sri Krishna, Ele mesmo um Deus Encarnado, brincava com as gopis em Vrindavan, pessoas criadoras de problemas como Jatila e Kutila apareciam em cena. Podem perguntar o porquê disso. A resposta é que um jogo não pode se desenvolver sem pessoas criadoras de problemas. (Todos riem). Não há graça sem Jatila e Kutila. (Gargalhada)."

"Ramanuja postulou a doutrina do Não-dualismo Qualificado. Mas seu Guru era um puro não-dualista. Estavam em desacordo um com o outro e refutavam mutuamente seus argumentos. É o que sempre acontece. Para o mestre, porém, o discípulo é muito íntimo."

Todos desfrutavam a companhia e as palavras do Mestre.

Mestre (a Keshab): "Você não estuda a natureza das pessoas antes de torná-las seus discípulos e por isso, elas se afastam de você."

"Todas as pessoas são semelhantes, mas suas naturezas são diferentes. Algumas têm sattva em excesso, outras muito rajas e ainda outras, um excesso de tamas. Já reparou que os bolos conhecidos como puli têm a mesma aparência, mas são feitos de ingredientes muito diferentes. Uns têm leite condensado, outros coco e outros, somente sementes de kalai fervidas. (Todos riem)."

"Sabem qual é a minha atitude? Da minha parte como, bebo e vivo feliz. O resto a Mãe Divina conhece. Na verdade há três palavras que me incomodam: 'guru', 'mestre' e 'pai'."

"Há somente um Guru, que é Satchidananda. Só ele é o Instrutor. Minha atitude em relação a Deus é a de um filho para com a mãe. Podemos conseguir milhões de gurus humanos. Todos querem ser instrutores, mas quem quer ser discípulo?"

"É extremamente difícil ensinar os outros. Um homem só pode ensinar se Deus Se revela a Ele e lhe dá a ordem. Narada, Shukadeva e sábios como eles receberam tal autorização de Deus e Shankara também a teve. A não ser que Deus ordene, quem ouvirá suas palavras?"

"Sabe como as pessoas de Calcutá ficam agitadas com tanta facilidade? O leite sobe e ferve enquanto existir fogo debaixo dele. Apague o fogo e tudo ficará parado. As pessoas de Calcutá gostam de sensações. Podemos vê-las cavando um poço num certo lugar. Dizem que querem água, mas se encontram uma pedra desistem; recomeçam a cavar em outro lugar. Aí talvez encontrem areia; desistem de novo. Recomeçam então, num terceiro lugar e assim vai. Isso, porém, não aconteceria se um homem apenas imaginar que tem o mandato de Deus."

"Deus revela-Se a uma pessoa e fala. Só então ela pode receber Seu comando. Quão poderosas são as palavras de tal mestre! Podem remover montanhas. Mas, simples conferências? O povo as ouvirá por alguns dias e as esquecerá logo. Nunca agirá somente por simples palavras."

"Em Kamarpukur há um pequeno lago chamado Haldarpukur. Certas pessoas costumavam sujar as margens todos os dias. Outras iam de manhã para se banharem, xingavam essas pessoas em voz alta, e na manhã seguinte, encontravam a mesma situação. O aborrecimento não tinha fim. (Todos riem). Os aldeões do local, por fim, informaram as autoridades. Um policial foi avisado e colocou um

aviso, na margem, dizendo: 'Proibido causar aborrecimentos'. Isto bastou para que os transgressores parassem imediatamente. (Todos riem)."

"Para ensinar alguém, deve-se ter autorização, senão, ensinar torna-se um engodo. Um homem que, por sua vez, é um ignorante, começa a ensinar os outros - como um cego guiando um outro cego! Em vez de fazer o bem, esse ensinamento é prejudicial. Depois da realização de Deus, obtém-se a visão interior. Só então, poderá diagnosticar uma doença espiritual e dar instrução."

"Sem a delegação de Deus, um homem torna-se iludido. Diz para si mesmo: 'Estou ensinando às pessoas.' Essa vaidade advém da ignorância, pois somente uma pessoa ignorante pensa que é ela quem faz. Um homem realmente libera-se em vida, se sentir: 'Deus é O que faz. Só Ele está fazendo tudo. Eu não faço nada.' Os sofrimentos e preocupações do homem surgem unicamente do pensamento persistente de que é ele quem faz."

"Vocês falam de fazer bem para o mundo. É o mundo uma coisa pequena? E, quem são vocês, digam-me, para fazerem bem ao mundo? Primeiro realizem Deus, vejam-n'O por meio de disciplina espiritual. Se Ele lhes conferir poder, então podem fazer bem aos outros, do contrário, não."

Um devoto Brahmo: "Devemos, senhor, abandonar nossas atividades até que realizemos Deus?"

Mestre: "Não. Por que deveriam? Devem-se empenhar em tais atividades como contemplação, cantar Suas glórias e outras devoções diárias."

Brahmo: "E nossos deveres mundanos - deveres ligados a ganhar dinheiro e assim por diante?"

Mestre: "Sim, pode fazê-las, também, desde que necessitem delas para viver. Ao mesmo tempo devem orar a Deus na solidão, com lágrimas nos olhos a fim de que possam executar aquelas obrigações de uma forma desinteressada. Devem dizer-Lhe: 'Ó Deus, diminui minhas obrigações do mundo cada vez mais, senão, Ó Senhor, acho que Te esquecerei, envolvido em tantas atividades. Posso pensar que estou fazendo um trabalho desinteressado, mas no final, acaba sendo egoísta.' Pessoas que dão muitas esmolas ou distribuem comida para os pobres, caem vítimas do desejo de nome e fama."

"Sambhu Mallick uma vez falou em construir hospitais, dispensários e escolas, estradas, reservatórios públicos etc. Eu lhe disse: 'Não se desvie de seu caminho para cuidar desses trabalhos. Execute apenas aqueles que se apresentam e que são de muita necessidade - execute-os com desapego.' Não é bom ficar envolvido em muitas atividades. Isso pode fazer com que se esqueça de Deus. Vindo ao templo de Kalighat alguns talvez gastem todo o seu tempo dando esmolas aos pobres. Não têm tempo para ver a Mãe no santuário interior. (Risada). Em primeiro lugar, faça tudo para conseguir ver a Mãe Divina, mesmo que tenha que abrir caminho entre a multidão. Então, pode ou não dar esmolas, como quiser. Você pode dar aos pobres o quanto satisfaça o seu coração, se assim sentir vontade. O trabalho é somente um meio de realização de Deus. Por conseguinte, disse a Sambhu: 'Suponha que Deus apareça diante de você; então Lhe pediria para construir hospitais e ambulatórios para você?' (Risada). Um amante de Deus jamais diz isso, mas sim: 'Ó Senhor, dá-me um lugar nos Teus Pés de Lótus. Mantenha-me sempre em Tua companhia. Dá-me sincero e puro amor por Ti'."

"Karmayoga é na verdade, muito dura. No Kaliyuga é extremamente difícil fazer os rituais prescritos nas escrituras. A vida de um homem está hoje em dia, centrada somente na comida. Ele não pode executar muitos ritos, conforme as escrituras. Suponhamos que uma pessoa esteja com febre. Se for tentada uma cura demorada, com remédios antiquados, demorará muito e sua vida pode acabar-se. Não aguenta a espera. Hoje em dia a mistura drástica 'D.Gupta' é a indicada. No Kaliyuga o melhor remédio é a Bhakti Yoga, o caminho da devoção - cantar as glórias do Senhor e a oração. Só o caminho da devoção é a religião para esta época."

(Aos devotos Brahmos): "O seu, também, é o caminho da devoção. São realmente abençoados porque cantam o nome de Hari e as glórias da Mãe Divina. Gostei de sua atitude. Não dizem que o mundo é um sonho como os não-dualistas. Vocês não são Brahmajnanis como eles: são

bhaktas, amantes de Deus. Que vocês O considerem uma Pessoa, também é bom. Vocês são devotos. Certamente O realizarão se O chamarem com sinceridade e dedicação."

O barco ancorou em Kayalaghat e os passageiros prepararam-se para desembarcar. Quando saíram, viram que a lua cheia já havia surgido. As árvores, os edifícios e os barcos do Ganges estavam banhados pelo suave luar. Chamaram uma carruagem para o Mestre e M. e alguns devotos entraram. O Mestre perguntou por Keshab que chegou perguntando sobre as medidas tomadas para o regresso do Mestre a Dakshineswar. Em seguida inclinou-se profundamente e despediu-se de Sri Ramakrishna.

A carruagem atravessou o bairro europeu da cidade. O Mestre apreciou as belas mansões em ambos os lados da rua, muito bem iluminadas. Subitamente disse: "Estou com sede. O que se pode fazer?" Nandalal, sobrinho de Keshab, parou a carruagem defronte ao India Club e subiu para pedir água. Conseguiu e o Mestre perguntou se o copo havia sido bem lavado. Assegurando-se que isso havia sido feito, bebeu a água.

Enquanto a carruagem andava, o Mestre pôs a cabeça para fora, olhando com uma alegria infantil, as pessoas, os veículos, os cavalos e as ruas, tudo inundado pelo luar. De vez em quando ouvia as senhoras européias cantando ao piano. O Mestre estava muito feliz.

A carruagem chegou à casa de Surendra Mitra, um grande devoto do Mestre, a quem ele afetuosamente, chamava Surendra. Não estava em casa.

As pessoas da casa abriram uma das salas no andar térreo para o Mestre e sua comitiva. A carruagem tinha que ser paga. Se Surendra estivesse lá, certamente o faria. O Mestre disse a um dos devotos: "Por que não pede às senhoras da casa para pagar? Elas certamente sabem que Surendra nos visita em Dakshineswar. Não sou um estranho para elas." (Todos riem).

Foram buscar Narendra que vivia nessa parte da cidade. Nesse meio tempo Sri Ramakrishna e os devotos foram convidados para ir à sala de visitas no andar de cima. O chão estava coberto por um tapete e um lençol branco. Algumas almofadas estavam espalhadas. Na parede havia um quadro a óleo especialmente pintado para Surendra, em que Sri Ramakrishna mostrava a Keshab a harmonia entre o cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo e outras religiões. Vendo o quadro Keshab havia dito, certa ocasião: "Abençoado seja a pessoa que teve a idéia de pintá-lo."

Sri Ramakrishna conversava alegremente com os devotos, quando Narendra chegou. Isto fez o Mestre ficar duplamente feliz. Disse ao jovem discípulo: "Hoje fizemos uma viagem de barco com Keshab. Vijay e outros devotos Brahmos estavam presentes. (Mostrando M.). Pergunte a ele o que eu disse a Keshab e Vijay sobre a mãe e a filha fazendo jejum na terça-feira, cada uma por sua conta, embora o bem-estar de uma fosse o bem-estar de outra. Disse, também, a Keshab que, encrenqueiros como Jatila e Kutila eram necessários para dar sabor ao jogo. (A M.). Não é verdade?"

M.: "Sim, senhor, foi assim."

Era tarde. Surendra ainda não havia retornado. O Mestre tinha que voltar ao templo e chegou uma carruagem para levá-lo. M. e Narendra saudaram-no e despediram-se. A carruagem de Sri Ramakrishna partiu para Dakshineswar, percorrendo as ruas iluminadas pelo luar.

10.1 Cronologia da Vida de Sri Ramakrishna

1775 Nascimento de Khudiram.

1791 Nascimento de Chandra Devi.

1805 Nascimento de Ramkumar.

1814 Khudiram estabelece-se em Kamarpukur.

1826 Nascimento de Rameswar.

1835 Peregrinação de Khudiram a Gaya.

1836 Nascimento de Sri Ramakrishna, 18 de fevereiro, mais ou menos às 5:15 da manhã.

1843 Morte de Khudiram.

1845 Cerimônia do cordão sagrado de Sri Ramakrishna.

1850 Ramkumar abre sua escola em Calcutá.

1852 Sri Ramakrishna vem para Calcutá.

1853 Nascimento da Santa Mãe, 22 de dezembro.

1855 Fundado o templo de Kali em Dakshineswar. Hriday em Dakshineswar. Sri Ramakrishna é nomeado sacerdote do templo de Vishnu e em seguida, do templo de Kali.

1856 Morte de Ramkumar. Realização de Deus e o primeiro estado de intoxicação divina de Sri Ramakrishna.

1857 Tratamento de Sri Ramakrishna sob a orientação de Gangaprasad.

1858 Haladhari torna-se sacerdote em Dakshineswar. Sri Ramakrishna vai para Kamarpukur.

1859 Casamento de Sri Ramakrishna.

1860 Volta a Dakshineswar. Visão de Mathur.

1861 Morte da Rani Rasmani. Encontro com Brahmani. Prática tântrica sob a orientação da Brahmani. Loucura divina pela segunda vez.

1863 Fim da prática tântrica. Encontro com o Pundit Padmalochan. Chandra Devi vem viver em Dakshineswar.

1864 Prática de Sri Ramakrishna do vatsalya bhava sob a orientação de Jatadhari. Prática do madhur bhava. Iniciação em sannyas por Tota Puri.

1865 Akshay substitui Haladhari. Totapuri deixa Dakshineswar.

1866 Sri Ramakrishna no plano advaita durante seis meses. Doença. Prática do islamismo.

1867 Sri Ramakrishna em Kamarpukur. A partida da Brahmani.

1868 Peregrinação. Encontro com Gangama.

1870 Peregrinação com Mathur. Sri Ramakrishna no Colootola Harisabha. Visita a Kalna e Navadvip.

1871 Morte de Mathur.

1872 Primeira visita da Santa Mãe a Dakshineswar. O Shodasi Puja.

1873 Morte de Rameswar.

1874 A Santa Mãe de novo em Dakshineswar.

1875 A primeira visita de Sri Ramakrishna a Keshab Chandra Sen.

1876 Morte de Chandra Devi.

1877-78 Relacionamento com Keshab. Terceira visita da Santa Mãe a Dakshineswar.

1879 Começa a chegada dos discípulos.

1880 Última visita a Kamarpukur. Encontro com Rakhal e Narendranath.

1881 Demissão de Hriday. Encontro com Rakhal e Narendranath.

1882 Visita ao Pundit Vidyasagar. A Santa Mãe novamente em Dakshineswar.

1884 Morte de Keshab. Encontro com Pundit Shashadhar. Gopal Ma. A Santa mãe vem viver definitivamente em Dakshineswar.

1885 Última visita a Panihati. Doença e mudança para Syampukur. Ligação com Dr. Sarkar. Mudança para Cossipore.

1886 Tratamento em Cossipore. Organização dos discípulos. Mahasamadhi. 16 de agosto, dois minutos depois de uma hora da manhã.

O Evangelho de Sri Ramakrishna

Por

M. (Mahendranath Gupta)
(*Um discípulo direto de Sri Ramakrishna*)

Original em Bengali

Traduzido para o inglês por
Swami Nikhilananda

Traduzido do inglês por
Leda Marina Bevilacqua Leal

2000

"Translated from *The Gospel of Sri Ramakrishna*, as translated into English by Swami Nikhilananda and published by the Ramakrishna-Vivekananda Center of New York. U. S. Copyright, 1942, Swami Nikhilananda."

O Evangelho de Sri Ramakrishna é uma tradução literal para o português da edição de 1979 do *The Gospel of Sri Ramakrishna,* traduzido do bengali pelo Ramakrishna-Vivekananda Center de New York, U. S. Copyright 1942, Swami Nikhilananda.

A presente tradução foi feita com autorização formal do Ramakrishna-Vivekananda Center of New York, a quem agradecemos a oportunidade de tornar acessível a todos os leitores da língua portuguesa, essa obra monumental, que retrata a mensagem espiritual desse grande Ser que em vida, foi a Encarnação do Puro Amor e Pura Espiritualidade.

Leda

Todos os direitos reservados.

Segunda edição revisada

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO …. 07
PREFÁCIO …. 08
INTRODUÇÃO …. 10
MANTRA PARA LEITURA DO EVANGELHO.... 57

CAPÍTULO 1 – MESTRE E DISCÍPULO …. 58
CAPÍTULO 2 – NA COMPANHIA DOS DEVOTOS …. 69
CAPÍTULO 3 – VISITA A VIDYASAGAR …. 73
CAPÍTULO 4 – CONSELHO AOS CHEFES DE FAMÍLIA …. 81
CAPÍTULO 5 – O MESTRE E KESHAB …. 95
CAPÍTULO 6 – O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (I) …. 104
CAPÍTULO 7 – O MESTRE E VIJAY GOSWAMI …. 117
CAPÍTULO 8 - COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO MESTRE EM DAKSHINESWAR …. 129
CAPÍTULO 9 – CONSELHO AOS BRAHMOS …. 140
CAPÍTULO 10 – O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (II) …. 152
CAPÍTULO 11 – COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR (I) …. 163
CAPÍTULO 12 – O FESTIVAL EM PANIHATI.... 179
CAPÍTULO 13 – O MESTRE E M. …. 193
CAPÍTULO 14 – INSTRUÇÃO AOS VAISHNAVAS E BRAHMOS …. 207
CAPÍTULO 15 – ÚLTIMA VISITA A KESHAB …. 223
CAPÍTULO 16 – COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR (II) …. 231
CAPÍTULO 17 – M. EM DAKSHINESWAR (I) …. 245
CAPÍTULO 18 – M. EM DAKSHINESWAR (II) …. 258
CAPÍTULO 19 – O MESTRE E O BRAÇO QUEBRADO …. 272
CAPÍTULO 20 – REGRAS PARA CHEFES DE FAMÍLIA E MONGES …. 285
CAPÍTULO 21 – UM DIA EM DAKSHINESWAR …. 296
CAPÍTULO 22 – CONSELHO A UM ATOR …. 305
CAPÍTULO 23 – FESTIVAL NA CASA DE SURENDRA …. 317
CAPÍTULO 24 – PUNDIT SHASHADHAR …. 329
CAPÍTULO 25 – CONSELHO AO PUNDIT SHASHADHAR …. 337
CAPÍTULO 26 – FESTIVAL NA CASA DE ADHAR 357

CAPÍTULO 27 – EM DAKSHINESWAR …. 368
CAPÍTULO 28 – NO STAR THEATRE (I) …. 384
CAPÍTULO 29 – FESTIVAL DE DURGA PUJA …. 404
CAPÍTULO 30 – O MESTRE EM VÁRIOS ESTADOS …. 420
CAPÍTULO 31 – CONSELHO A ISHAN …. 438
CAPÍTULO 32 – VISITA AO SINTHI BRAHMO SAMAJ …. 454
CAPÍTULO 33 – COM VÁRIOS DEVOTOS …. 470
CAPÍTULO 34 – BANKIM CHANDRA …. 487
CAPÍTULO 35 – NO STAR THEATRE (II) …. 495
CAPÍTULO 36 – O ANIVERSÁRIO DO MESTRE …. 506
CAPÍTULO 37 – MESTRE E NARENDRA …. 519
CAPÍTULO 38 – COM OS DEVOTOS EM CALCUTÁ …. 532
CAPÍTULO 39 – REMINISCÊNCIAS DO MESTRE …. 546
CAPÍTULO 40 – O MESTRE NAS CASAS DE BALARAM E GIRISH …. 560
CAPÍTULO 41 – NA CASA DE RAM …. 574
CAPÍTULO 42 – FESTIVAL DO CARRO NA CASA DE BALARAM …. 588
CAPÍTULO 43 – VISITA À CASA DE NANDA BOSE …. 603
CAPÍTULO 44 – O MESTRE FALA DE SI MESMO E DE SUAS EXPERIÊNCIAS.... 612
CAPÍTULO 45 – SRI RAMAKRISHNA EM SHYAMPUKUR …. 628
CAPÍTULO 46 – O MESTRE E O DR. SARKAR …. 643
CAPÍTULO 47 – O MESTRE TREINANDO SEUS DISCÍPULOS …. 657
CAPÍTULO 48 – NA COMPANHIA DE DEVOTOS EM SHYAMPUKUR …. 673
CAPÍTULO 49 – O MESTRE EM COSSIPORE …. 689
CAPÍTULO 50 – O MESTRE E BUDA …. 700
CAPÍTULO 51 – O AMOR DO MESTRE POR SEUS DEVOTOS …. 710
CAPÍTULO 52 – DEPOIS DO PASSAMENTO …. 718
APÊNDICE A – COM KESHAB EM DAKSHINESWAR …. 741
APÊNDICE B – CARTA DE ASWINI KUMAR DUTTA À M. …. 749
GLOSSÁRIO …. 754

APRESENTAÇÃO

NA HISTÓRIA DAS ARTES, o aparecimento de um gênio é um acontecimento muito raro. Mais raros, entretanto, são os relatores e historiadores competentes desse gênio. O mundo tem tido muitas centenas de poetas e filósofos admiráveis, mas dessas centenas somente alguns tiveram a sorte de atrair um Boswell ou um Eckermann.

Quando abandonamos o campo da arte para o da religião, a escassez de escritores competentes é ainda mais fortemente marcante. Pouco conhecemos do quotidiano dos grandes santos e contemplativos, sendo que na maioria dos casos, nada sabemos. Muitos, é verdade, deixaram sua doutrina escrita, mas poucos, como Sto. Agostinho, Suso e Sta. Teresa deixaram autobiografias do maior valor. Todo escrito doutrinário é, contudo, de uma certa maneira, formal e impessoal, enquanto que o autobiógrafo tende a omitir aquilo que olha como assuntos triviais e sofre a desvantagem posterior de ser incapaz de dizer como ele lida com as pessoas e de que maneira isto afeta suas vidas. Além disso, a maioria dos santos não deixaram nem escritos, nem retratos seus e para conhecermos de suas vidas, caráter e ensinamentos, somos forçados a confiar na palavra de seus discípulos que, na maioria das vezes, provaram ser singularmente incompetentes como repórteres e biógrafos. Daí o interesse especial ligado a esta narração detalhada da vida diária e conversas de Sri Ramakrishna.

"M"., como o autor modestamente intitulava-se, era especialmente qualificado para esta tarefa. Ao amor reverente pelo seu Mestre, ao conhecimento profundo e experimental dos ensinamentos do Mestre, acrescentou uma memória prodigiosa dos pequenos acontecimentos quotidianos e um feliz dom para relatá-los de maneira interessante e realista. Fazendo bom proveito de seus dons naturais e das circunstâncias nas quais se encontrava, "M". produziu um livro ímpar, até onde vai meu conhecimento, na literatura da hagiografia. Nenhum outro santo teve um Boswell tão capaz e incansável. Jamais os pequenos acontecimentos da vida diária de um contemplativo foram retratados com tal riqueza de detalhes íntimos. Jamais as afirmações casuais e espontâneas de um grande instrutor religioso foram escritas com tanta fidelidade minuciosa. Para os leitores ocidentais, é verdade, essa fidelidade e riqueza de detalhes podem parecer um pouco em desarmonia, pois os modelos sociais, religiosos e intelectuais nos quais Sri Ramakrishna moldou seu pensamento e expressou seus sentimentos, eram inteiramente hindus, mas depois das primeiras surpresas e espantos, começamos a encontrar algo estimulante e instrutivo a respeito dessa própria estranheza e, a nossos olhos, a excentricidade do homem nos é revelada na narrativa de "M". O que um filósofo escolástico chamaria de "acidentes" da vida de Ramakrishna, foram essencialmente hindus e por conseguinte, no que diz respeito ao Ocidente, não familiares e difíceis de serem compreendidos; na sua "essência" contudo, era intensamente mística e portanto, universal. Ler completamente estas conversas nas quais a doutrina mística alterna-se com uma espécie inusitada de humor e onde discussões sobre os aspectos mais estranhos da mitologia hindu, dá lugar às afirmações mais profundas e sutis sobre a natureza da Realidade Suprema, é em si mesmo uma lição liberal de humildade, tolerância e cautela no julgamento. Temos de ser gratos ao tradutor por sua excelente tradução de um livro tão singular e agradável, como um documento biográfico, mas ao mesmo tempo, tão precioso pelo que nos ensina sobre a vida do espírito.

Aldous Huxley

PREFÁCIO

O *The Gospel of Sri Ramakrishna* é a tradução para o inglês do *Sri Sri Ramakrishna Kathamrita*, as conversas de Sri Ramakrishna com seus discípulos, devotos e visitantes, registradas por Mahendranath Gupta, que escreveu o livro sob o pseudônimo de "M". As conversas em bengali compreendem cinco volumes, o primeiro dos quais foi publicado em 1897 e o último, um pouco depois da morte de M., em 1932. O Sri Ramakrishna Math de Madras publicou em dois volumes, uma tradução para o inglês de capítulos selecionados da monumental obra em bengali. Consultei todos enquanto preparava minha tradução.

M., um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna, esteve presente em todas as conversas registradas no corpo principal do livro e anotou-as em seu diário. Essas anotações possuem, portanto, o valor semelhante a um texto taquigráfico. No Apêndice A encontram-se diversas conversas que ocorreram durante a ausência de M., mas ele as recebeu de primeira mão das pessoas que delas participaram. As conversas trarão à mente do leitor, um quadro íntimo da vida rica em acontecimentos do Mestre, de março de 1882 a 24 de abril de 1886, apenas alguns meses antes de seu falecimento. Neste período esteve em contato principalmente com bengalis de educação inglesa e dentre eles, escolheu os discípulos que iriam propagar sua mensagem e com eles dividiu suas ricas experiências espirituais.

Fiz uma tradução literal, omitindo somente algumas páginas sem interesse para os leitores de língua inglesa. Muitas vezes a beleza literária foi sacrificada em favor da tradução literal. Nenhuma tradução pode fazer completamente justiça ao original e esta dificuldade muito é sentida no presente trabalho, cujo conteúdo tem uma natureza mística profunda e descreve as experiências interiores de um grande vidente. A linguagem humana é um veículo inadequado para expressar a percepção além dos sentidos. Sri Ramakrishna foi quase um iletrado. Jamais revestiu seus pensamentos numa linguagem formal. Suas palavras procuravam transmitir sua realização direta da Verdade. Sua linguagem não passava de um dialeto de aldeões. Aí reside seu encanto. A fim de explicar aos seus ouvintes uma filosofia complicada, como Cristo antes dele, costumava recorrer a parábolas simples e ilustrações tiradas de sua observação da vida diária em sua volta.

O leitor encontrará mencionadas nesta obra, muitas visões e experiências que saem da ciência física e até da psicologia. Com o desenvolvimento do conhecimento moderno, a linha divisória entre o natural e o sobrenatural está em constante mudança. As verdadeiras experiências místicas não são atualmente menos suspeitas do que há meio século atrás. As palavras de Sri Ramakrishna já exerceram uma influência tremenda em sua terra natal. Sábios da Europa encontraram em suas palavras o som da verdade universal, mas estas palavras não eram o produto de cogitação intelectual; tinham raiz na experiência diária. Por conseguinte, para os estudantes de religião, psicologia e ciência física, as experiências do Mestre possuem um valor imenso para a compreensão dos fenômenos religiosos em geral. Sri Ramakrishna foi sem dúvida, o Hindu dos Hindus, mas suas experiências transcenderam os limites dos dogmas e credos do hinduísmo. Os místicos de outras religiões que não sejam o hinduísmo, encontrarão nelas, a corroboração das experiências de seus próprios profetas e videntes. Isto é muito importante hoje em dia, para o ressurgimento de valores religiosos. O leitor céptico poderá deixar de lado as experiências sobrenaturais; entretanto encontrará no livro, material suficiente para levá-lo a um estudo sério e resolver muitos de seus problemas espirituais.

Há repetições dos ensinamentos e parábolas no livro. Mantive-as de propósito. Possuem seu encanto e utilidade, repetidas como se estivessem em diferentes contextos. A repetição é inevitável numa obra desta natureza. Em primeiro lugar, aspirantes diversos vêm a um Mestre para questões de natureza semelhante; por conseguinte, as respostas terão um padrão mais ou menos idêntico. Além disso, os Mestres religiosos de todos os tempos e regiões vêm tentando, por meio da repetição, martelar as verdades no solo árido da recalcitrante mente humana. Finalmente, a repetição não parece tediosa quando as idéias repetidas são queridas para o coração do homem.

Achei necessário escrever uma introdução bastante extensa para o livro. Nela dei a biografia do Mestre, descrições das pessoas que estiveram em contato com ele, explicações curtas dos diversos sistemas do pensamento religioso ligados à vida de Sri Ramakrishna e outros assuntos relevantes que espero, tornarão o leitor mais capacitado para compreender e apreciar o conteúdo incomum deste livro. É particularmente importante que o leitor ocidental, não familiarizado com o pensamento hindu, lesse

primeiramente a introdução, a fim de que possa aproveitar em toda plenitude essas conversas. Muitas palavras e nomes indianos foram mantidos no texto, por falta de equivalentes ingleses adequados. Seu significado é dado ou no Glossário ou nas notas ao pé das páginas. O Glossário também dá explicações de numerosas expressões não familiares aos leitores ocidentais.

Na Introdução tirei bastante material da *Vida de Sri Ramakrishna* publicada pelo Advaita Ashrama, Mayavati, Índia. Também consultei o excelente artigo sobre Sri Ramakrishna de Swami Nirvedananda, no volume II da *Herança Cultural da Índia.*

O livro contém muitas canções entoadas pelo Mestre ou pelos devotos. Elas dão uma feição importante da tradição espiritual de Bengala e foram em sua maioria, escritas por homens com experiência mística. Agradeço ao Sr. John Moffitt Jr. que deu a esses cânticos a forma aqui reproduzida.

Na preparação deste manuscrito recebi ajuda incansável de vários amigos. A Sta. Margaret Woodrow Wilson e Sr. Joseph Campbell trabalharam bastante na edição de minha tradução. Sta. Elizabeth Davidson datilografou mais de uma vez todo o manuscrito e prestou valiosa ajuda em muitos aspectos. O Sr. Aldous Huxley deixou-me uma dívida de gratidão por ter escrito a Apresentação. Agradeço sinceramente a todos.

No firmamento espiritual, Sri Ramakrishna é um crescente ímpar. Ao longo dos cem anos desde seu nascimento e cinqüenta de sua morte, sua mensagem espalhou-se por terra e mar. Romain Rolland descreveu-o como aquele que preenche as aspirações de trezentos milhões de hindus nos últimos dois mil anos. Mahatma Gandhi escreveu: "Sua vida nos permite ver Deus face a face. ... Ramakrishna foi a encarnação viva da divindade." Vem sendo reconhecido como um companheiro de Krishna, Buda e Cristo.

A vida e os ensinamentos de Sri Ramakrishna dão nova orientação ao pensamento dos desnacionalizados hindus para os ideais espirituais de seus ancestrais. Na última parte do século XIX desempenhou o papel venerável de Salvador da Religião Eterna dos Hindus. Seus ensinamentos tiveram um importante papel na liberalização do pensamento dos pundits ortodoxos e ermitões. Mesmo agora são a força silenciosa que está moldando o destino espiritual da Índia. Seu grande discípulo, Swami Vivekananda, foi o primeiro missionário hindu a pregar a mensagem da cultura indiana para as mentes esclarecidas da Europa e da América. A conseqüência completa da obra de Swami Vivekananda ainda está no recôndito do futuro.

Possa essa tradução do primeiro livro deste gênero na história religiosa do mundo, ser o registro das palavras diretas de um profeta e ajudar a afligida humanidade a se aproximar de Verdade Eterna da vida e a remover discórdias e lutas entre as diferentes crenças! Possa ele permitir aos que buscam a Verdade, apreender as leis sutis do campo sobrenatural e estender diante da visão limitada do homem o alicerce espiritual do universo, a unidade da existência e a divindade da alma!

Nikhilananda

New York
Aniversário de Sri Ramakrishna
Fevereiro de 1942

INTRODUÇÃO

Swami Nikhilananda

SRI RAMAKRISHNA, o homem-Deus da Índia moderna, nasceu em Kamarpukur. Este vilarejo, no Distrito de Hooghly, conservou ao longo do século passado, a simplicidade das áreas rurais de Bengala. Situado longe da estrada-de-ferro, manteve-se intocado pelo encanto da cidade. Possuía campos de arroz, palmeiras altas, banianos reais, alguns lagos e dois crematórios. Ao sul do vilarejo, um rio corria lentamente. Um pomar de mangas, doado por um grande proprietário da vizinhança para uso público, era freqüentado pelos meninos em seus folguedos. Uma estrada atravessava-o até o grande templo de Jagannath em Puri e os aldeões, em sua maioria fazendeiros e artesãos, ajudavam muitos homens santos e peregrinos que por ali passavam. A monotonia da vida rural era quebrada pelos alegres festivais, observância dos dias sagrados, cantos religiosos e outros prazeres inocentes.

A respeito de seus pais, Sri Ramakrishna uma vez disse: "Minha mãe foi a personificação da retidão e doçura. Não conhecia muito a respeito do mundo; inocente na arte do fingimento, dizia o que lhe passava pela cabeça. As pessoas amavam-na por seu coração aberto. Meu pai, um Brahmin ortodoxo, jamais aceitou presentes dos shudras. Passava a maior parte de seu tempo em adoração e meditação, repetindo o nome de Deus e cantando Suas glórias. Sempre que em suas práticas diárias invocava a deusa Gayatri, seu peito inchava e lágrimas escorriam das faces. Gastava as horas livres fazendo grinaldas para a Divindade Familiar, Raghuvir."

Khudiram Chattopadhyaya e Chandra Devi, pais de Sri Ramakrishna, casaram-se em 1799. Naquela época Khudiram estava vivendo na vila ancestral de Dereypore, não longe de Kamarpukur. Seu primeiro filho, Ramkumar, nasceu em 1805, e sua primeira filha, Katyayani, em 1810. Em 1814, o proprietário da terra mandou que Khudiram prestasse falso testemunho no tribunal contra um vizinho. Ao recusar-se fazê-lo, o senhor moveu uma ação contra ele e tirou-lhe a propriedade ancestral. Assim desprovido chegou, a convite de outro proprietário, à pacata vila de Kamarpukur, onde lhe foi dada uma casa e mais ou menos um acre de terra fértil. As colheitas da pequena propriedade bastavam para atender às necessidades da família. Ali viveu na simplicidade, dignidade e contentamento.

Dez anos depois de sua chegada a Kamarpukur, Khudiram fez uma peregrinação a pé até Rameswar, na extremidade sul da Índia. Dois anos depois nasceu seu segundo filho, a quem chamou Rameswar. Novamente em 1835, com a idade de sessenta anos, fez outra peregrinação, desta vez, a Gaya. Ali, desde tempos bem antigos, os indianos vêm dos quatro cantos da Índia, a fim de cumprir suas obrigações com seus ancestrais, oferecendo-lhes comida e bebida nos sagrados pés de Vishnu. Nesse lugar sagrado, Khudiram teve um sonho, em que Vishnu prometeu-lhe nascer como seu filho. Chandra Devi, também, defronte ao templo de Shiva em Kamarpukur, teve uma visão em que lhe foi mostrado o nascimento da criança divina. Quando regressou, o marido encontrou-a grávida.

Foi no dia 18 de fevereiro de 1836 que a criança, mais tarde conhecida como Ramakrishna, nasceu. Em memória ao sonho de Gaya, foi-lhe dado o nome de Gadadhar, o "Condutor da Clava", um epíteto de Vishnu. Três anos depois nasceu uma irmãzinha.

INFÂNCIA

Gadadhar cresceu um menino saudável e irrequieto, apreciador de brincadeiras e traquinices. Era inteligente e precoce, dotado de uma memória prodigiosa. No colo de seu pai aprendeu de cor o nome de todos seus ancestrais e os hinos dos deuses e deusas e na escola do vilarejo, a ler e escrever. Sua maior alegria, contudo, era ouvir histórias da mitologia hindu e dos épicos que depois repetia de cor, para grande alegria dos aldeões. Divertia-se pintando: havia aprendido a arte de esculpir imagens dos deuses e deusas com os oleiros, mas sua grande aversão era a matemática.

Com a idade de seis anos Gadadhar teve seu primeiro êxtase espiritual. Um dia em junho ou julho, quando estava andando por um estreito caminho nas plantações de arroz, comendo arroz empapado que levava numa cesta, olhou para o céu e viu uma linda e escura nuvem de tempestade. Enquanto ela

se espalhava, envolvendo rapidamente todo o céu, surgiu uma revoada de grous brancos como a neve. A beleza do contraste encantou o menino. Caiu no chão, inconsciente, e o arroz espalhou-se por todos os lados. Alguns aldeões encontraram e levaram-no para casa, em seus braços. Gadadhar disse mais tarde que enquanto estivera naquele estado, experimentara uma alegria indescritível.

Gadadhar tinha sete anos quando seu pai morreu. Esse acontecimento marcou-lhe profundamente. Pela primeira vez o menino compreendeu que tudo nesse mundo é transitório. Sem ser visto pelos outros, começou a fugir para o pomar de mangas ou para um dos crematórios, onde passava horas absorto em seus pensamentos. Tornou-se também, mais prestativo com a mãe, no desempenho das tarefas domésticas. Começou a ler e ouvir mais as histórias religiosas relatadas nos Puranas. Passou a se interessar pelos monges errantes e peregrinos piedosos que paravam em Kamarpukur a caminho de Puri. Esses santos, guardiões da herança espiritual da Índia e testemunhas vivas do ideal de renúncia do mundo e do amor absorvente de Deus, entretinham o menino com suas histórias dos épicos hindus, dos santos e profetas e também, suas próprias aventuras. Ele, de sua parte, buscava água e comida e servia-os de diversas maneiras. Ao mesmo tempo, observava-os na meditação e no seu culto.

Com a idade de nove anos, Gadadhar foi investido com o cordão sagrado. Essa cerimônia conferiu-lhe os privilégios de sua estirpe brahmin, incluindo o culto da Divindade Familiar, Raghuvir, e lhe impôs as muitas disciplinas estritas de uma vida de brahmin. Durante a cerimônia de investidura chocou seus familiares ao aceitar a comida feita por sua ama, uma Shudra. Seu pai jamais teria sonhado em fazer tal coisa, mas de brincadeira, Gadadhar uma vez havia prometido a essa senhora, que comeria sua comida e agora estava cumprindo a palavra empenhada. Ela possuía piedade, sinceridade religiosa e isso era mais importante para o menino, do que as convenções sociais.

Agora foi permitido a Gadadhar fazer o culto de Raghuvir. Começou assim, seu primeiro treino na meditação. Doou tanto o coração e a alma a esse culto, que a imagem de pedra logo lhe pareceu como sendo o Senhor do Universo vivo. Sua tendência a se perder em contemplação foi notada pela primeira vez nessa época. Atrás de sua despreocupação infantil, notava-se o aprofundamento de sua natureza espiritual.

Por esta época, na noite do Shivaratri, consagrada ao culto de Shiva, foi organizada uma apresentação dramática. O ator principal, que deveria fazer o papel de Shiva, adoeceu subitamente e convenceram Gadadhar a ficar em seu lugar. Enquanto os amigos o estavam vestindo para o papel de Shiva, espalhando cinzas em todo o corpo, desfazendo as mechas de cabelo, colocando um tridente em sua mão e um rosário de contas de rudraksha no pescoço - o menino parecia estar fora de sua consciência. Aproximou-se do palco com passos lentos e medidos, amparado por seus amigos. Parecia a imagem viva de Shiva. A platéia aplaudiu ruidosamente aquilo que parecia ser seu dom de artista, mas logo descobriu-se que ele estava realmente perdido na meditação. O rosto estava radiante e lágrimas escorriam pelas faces. Estava fora do mundo exterior. O efeito dessa cena na platéia foi tremendo. As pessoas sentiam-se abençoadas como se fosse a visão do Próprio Shiva. A apresentação teve de ser interrompida e o menino permaneceu naquele estado até a manhã seguinte.

O próprio Gadadhar organizou então, uma companhia dramática com seus jovens amigos. O palco foi montado no pomar de mangas. Os enredos foram selecionados das histórias do *Ramayana* e do *Mahabharata.* Gadadhar conhecia de cor quase todos os papéis, tendo-os ouvido de atores profissionais. Seu tema favorito foi o episódio de Vrindavan da vida de Krishna descrevendo as maravilhosas histórias de amor de Krishna, das leiteiras e dos pastores. Gadadhar assumia os papéis tanto de Radha como o de Krishna e muitas vezes perdia-se no papel que representava. Sua graça feminina natural dava mais força ao efeito dramático. O pomar de mangas ressoava com o kirtan alto dos meninos. Perdido na música e na diversão, Gadadhar tornou-se indiferente à rotina da escola

Em 1849 Ramkumar, o filho mais velho, foi a Calcutá a fim de melhorar a situação financeira da família.

Gadadhar estava no limiar da juventude. Havia se tornado o predileto das mulheres da vila. Adoravam ouvi-lo falar, cantar ou recitar trechos dos livros sagrados. Divertiam-se com seu jeito de imitar vozes. O instinto natural delas reconhecia a pureza inata e inocência desse menino de pele clara, cabelo ondulado, olhos brilhantes, rosto sorridente e graciosidade inesgotável. As mulheres mais velhas e piedosas consideravam-no como Gopala, o Menino Krishna, e as mais jovens viam-no como o jovem Krishna de Vrindavan. Ele próprio idealizava tanto o amor das gopis por Krishna, que às vezes desejava nascer de novo como mulher, se pudesse fazê-lo, a fim de amar Sri Krishna com todo seu coração e alma.

IDA A CALCUTÁ

Com a idade de dezesseis anos Gadadhar foi chamado por seu irmão mais velho, Ramkumar, para Calcutá a fim de ajudá-lo no seu trabalho de sacerdote. Ramkumar havia aberto uma academia de sânscrito para complementar sua renda e era sua intenção, fazer com que gradualmente a cabeça de seu irmão se voltasse para os estudos. Gadadhar aplicou-se de corpo alma a essa nova obrigação como sacerdote de algumas famílias de Calcutá. Seu culto era muito diferente daquele dos sacerdotes profissionais. Passava horas enfeitando as imagens e cantando hinos e canções devocionais; executava com amor os outros deveres de seu trabalho. As pessoas ficavam, impressionadas com seu fervor, mas ele continuava dando pouca atenção aos seus estudos.

A princípio Ramkumar não se opôs ao temperamento de seu irmão. Queria que Gadadhar se familiarizasse com as condições de vida da cidade, mas um dia decidiu adverti-lo sobre sua indiferença ao mundo. Afinal de contas, num futuro próximo, Gadadhar deveria, como chefe de família, ganhar a vida por meio dos deveres brâmanes e isso requeria um conhecimento profundo da lei hindu, astrologia e assuntos correlatos. Gentilmente repreendeu Gadadhar e pediu-lhe que prestasse atenção aos seus estudos, mas o rapaz respondeu-lhe com espírito: "Irmão, o que vou fazer com uma simples educação para ganhar pão? É melhor que eu consiga sabedoria que iluminará meu coração e me dará felicidade para sempre."

EDUCAÇÃO PARA GANHAR O PÃO

O anseio interior da alma indiana encontrou expressão nessas palavras apaixonadas do jovem Gadadhar. O que seus olhos não sofisticados viram em torno de si em Calcutá, naquela época a metrópole da Índia e o centro da moderna cultura e conhecimento? Ganância e luxúria dominavam as mais altas camadas da sociedade e as práticas religiosas esporádicas eram apenas exteriores, que a alma há muito tempo havia abandonado. Gadadhar jamais havia visto algo semelhante em Kamarpukur, entre os aldeões simples e piedosos. Os sadhus e monges errantes a quem havia servido em sua meninice, haviam-lhe revelado uma Índia totalmente diferente. Ele havia ficado impressionado com a devoção e pureza, o autocontrole e a renúncia deles. Havia aprendido com eles e com sua própria intuição, que o ideal de vida como tinha sido ensinado pelos sábios na Índia, era a realização de Deus.

Quando Ramkumar repreendeu Gadadhar por negligenciar uma "educação para ganhar pão", a voz interna do menino recordou-lhe que o legado de seus ancestrais – o legado de Rama, Krishna, Buda, Shankara, Ramanuja, Chaitanya – não era segurança no mundo, mas o Conhecimento de Deus. Esses sábios eram os verdadeiros representantes da sociedade hindu. Cada um deles estava sentado, por assim dizer, na crista da onda que se seguiu a cada depressão sucessiva no curso tumultuado da vida nacional indiana. Tudo demonstrava que a corrente de vida da Índia é a espiritualidade. Essa verdade foi revelada a Gadadhar por aquela visão interior que esquadrinhava o passado e o futuro numa só varredura, não afetada pelas barreiras de tempo e espaço. Mas ele não conhecia a mudança profunda que havia ocorrido no seu país nos últimos cem anos.

A sociedade indiana do século XVIII havia passado por um período de decadência. Foi o crepúsculo do domínio muçulmano. Havia anarquia e confusão em todas as esferas. Práticas supersticiosas dominavam a vida religiosa. Ritos e rituais passavam por espiritualidade. Sacerdotes gananciosos tornaram-se guardiões do céu. A verdadeira filosofia foi suplantada pelas opiniões dogmáticas. Os pundits deliciavam-se com polêmicas vãs.

Em 1757 os comerciantes ingleses lançaram os fundamentos do domínio inglês na Índia. Gradualmente o Governo foi sistematizado e a falta de leis suprimida. Os indianos estavam muito impressionados com o poder militar e a sagacidade política dos novos governantes. Atrás dos comerciantes vieram os educadores ingleses, os reformadores sociais e os missionários cristãos – todos sustentando uma cultura completamente alienada à mente indiana. Em diferentes partes do país foram construídas instituições educacionais e igrejas cristãs. Foi oferecido aos jovens indianos o inebriante vinho da cultura ocidental do último século XVIII e recém XIX, que beberam em largos tragos.

O primeiro efeito dessa corrente nos indianos educados, foi apagar de sua memória, as crenças há muito consagradas e as tradições da sociedade indiana. Chegaram a crer que não havia qualquer Verdade transcendental. O mundo dos sentidos é tudo o que existe. Deus e a religião eram ilusões da mente inculta. O verdadeiro conhecimento só poderia vir da análise da natureza. Então ateísmo e agnosticismo tornaram-se moda. Os jovens da Índia, que estudaram em escolas inglesas, deleitavam-se mal-

dosamente em quebrar abertamente os costumes e tradições de sua sociedade. Demoliriam o sistema de castas e removeriam as leis discriminatórias a respeito de comida. A reforma social, a expansão da educação secular, o casamento de viúvas, abolição do casamento entre crianças – consideravam tais pontos, a panacéia para a condição degenerada da sociedade indiana.

Os missionários cristãos deram o toque final no processo de transformação. Ridicularizaram como relíquias de uma época bárbara, as imagens e rituais da religião hindu. Tentaram persuadir a Índia que os ensinamentos de seus santos e profetas eram a causa de sua queda, que seus Vedas, Puranas e outras escrituras estavam cheias de superstição. O cristianismo, sustentavam, havia dado à raça branca, posição e poder nesse mundo e certeza de felicidade no próximo; por conseguinte, o cristianismo era a melhor de todas as religiões. Muitos jovens indianos inteligentes converteram-se. O homem da rua ficou confuso. A maioria das pessoas tornou-se materialista. Todas as pessoas que moravam perto de Calcutá ou outras muito ligadas à cultura ocidental, mesmo aquelas fiéis às tradições ortodoxas da sociedade indiana, ficaram contagiadas pelas novas incertezas e crenças.

A alma da Índia, contudo, tinha que renascer através de um despertar espiritual. Ouvimos o primeiro grito para tal renascimento na primeira réplica do jovem Gadadhar: "Irmão, o que farei com uma simples educação para ganhar o pão?"

Ramkumar mal podia compreender a importância da resposta de seu jovem irmão. Descreveu com cores brilhantes a vida feliz e fácil dos letrados na sociedade de Calcutá. Gadadhar, entretanto, sentiu intuitivamente que os eruditos, usando suas próprias ilustrações, eram como abutres, voando alto com as asas de seu intelecto sem inspiração, com os olhos fixos no esconderijo da ganância e luxúria. Por isso manteve-se firme e Ramkumar teve de ceder.

TEMPLO DE KALI EM DAKSHINESWAR

Naquela época morava em Calcutá uma rica viúva chamada Rani Rasmani, pertencente à casta dos shudras, muito conhecida em muitos lugares não só por sua habilidade nos negócios, coragem e inteligência, mas também, pela magnanimidade de seu coração, piedade e devoção a Deus. Era assistida no gerenciamento de sua grande fortuna pelo genro, Mathur Babu.

Em 1847 Rani comprou vinte acres em Dakshineswar, um vilarejo a mais ou menos quatro milhas ao norte de Calcutá, onde construiu diversos templos. Seu Ishta ou Ideal Escolhido, era a Mãe Divina Kali.

O templo principal erguia-se diretamente na margem leste do Ganges. As partes norte e leste do terreno contém um pomar, jardins e dois pequenos reservatórios. A parte sul é revestida de cerâmica e argamassa. O visitante que chega de barco, sobe os degraus do imponente ghat de banho que leva ao chandni, um terraço coberto, sendo que em cada lado, ergue-se uma fileira de seis templos de Shiva. A leste do terraço e dos templos de Shiva há um pátio largo, pavimentado e retangular, nos sentidos norte e sul. Dois templos erguem-se no centro desse pátio, sendo o mais largo deles, para o sul e com frente para o sul, dedicado a Kali e o menor, em frente ao Ganges, para Radhakanta, quer dizer, Krishna, o consorte de Radha. Nove cúpulas com torres elevam-se acima do templo de Kali e em frente, ergue-se o natmandir bem espaçoso ou vestíbulo de música, cujo terraço é sustentado por imponentes pilares. Nos cantos noroeste e sudeste do conjunto de templos há dois nahabats, ou torres de música, dos quais ouve-se música em horas diferentes do dia, especialmente na aurora, meio-dia e pôr do sol, quando o culto é feito nos templos. Três lados do pátio pavimentado – com exceção do lado oeste – são formados por cozinhas, dispensas, salas de jantar quartos para o pessoal da administração e convidados. O aposento na parte noroeste, depois do último templo de Shiva, possui um interesse especial para nós, porque ali, Sri Ramakrishna passou boa parte de sua vida. Na parte oeste desse quarto há um pórtico semicircular dando para o rio. Defronte do pórtico estende-se um caminho, no sentido norte-sul e além desse caminho, está um grande jardim e abaixo, o Ganges. O pomar, em direção norte dos edifícios contém o Panchavati, o baniano e a árvore bel que estão associados às práticas espirituais de Sri Ramakrishna. Fora e ao norte do conjunto de templos está o kuthi ou "bungallow", utilizado pelos familiares da Rani Rasmani quando visitavam a templo. No norte do templo, separado por um muro alto, está um depósito de pólvora pertencente ao Governo inglês.

SHIVA

Nos doze templos de Shiva estão instalados os emblemas do Grande Deus da Renúncia nos seus vários aspectos, adorado diariamente com ritos apropriados, Shiva requer poucos artigos para seu culto. Flores brancas e folhas de bel e um pouco de água do Ganges oferecidos com devoção são suficientes para satisfazer a Divindade benigna e conseguir a graça da liberação.

RADHAKANTA

O templo de Radhakanta, também conhecido como o templo de Vishnu, contém as imagens de Radha e Krishna, o símbolo da união com Deus através do amor extático. As duas imagens estão em cima de um pedestal direcionado para o oeste. O chão é de mármore. Do teto do pórtico dependuram-se candelabros cobertos por um pano vermelho para protegê-los da poeira. Biombos de lona protegem as imagens dos raios do sol que se põe. Junto à soleira do santuário interior há um pequeno recipiente de latão com água benta. Com muito respeito, alguns visitantes devotos bebem algumas gotas.

KALI

O templo principal é dedicado a Kali, a Mãe Divina, aqui cultuada como Bhavatarini, a Salvadora do Universo. O chão do templo é também de mármore. A imagem de basalto da Mãe, vestida com um deslumbrante brocado de ouro, ergue-se sobre uma imagem de mármore branco do corpo deitado de seu Consorte Divino, Shiva, o símbolo do Absoluto. Aos pés da Deusa há, entre outros ornamentos, pulseiras de ouro para os tornozelos. Seus braços estão enfeitados com jóias de ouro. Usa colares de ouro e pérolas, uma grinalda dourada de cabeças humanas e um cinto de braços humanos. Possui coroa de ouro, brincos de ouro e um anel de ouro com uma pérola no nariz. Tem quatro braços. A mão esquerda mais baixa segura uma cabeça humana quebrada e a mais alta, um sabre manchado de sangue. A mão direita distribui graças a Seus filhos; a outra, retira seu medo. A majestade de Sua postura dificilmente pode ser descrita. Combina o terror da destruição com a segurança da ternura maternal porque Ela é o Poder Cósmico, a totalidade do universo, a harmonia gloriosa dos pares de opostos. Ela lida com a morte uma vez que cria e preserva. Possui três olhos, o terceiro sendo o símbolo da Sabedoria Divina. Atemoriza os maus, mas concede amor aos devotos.

Todo o mundo simbólico está representado no templo – a Trindade da Mãe Natureza (Kali), o Absoluto (Shiva) e o Amor (Radhakanta), o arco ligando céu e terra. A terrível Deusa do Tantra, o Tocador de Flauta que encanta a alma, mencionado no *Bhagavata* e o Absoluto absorto em Si mesmo dos Vedas moram juntos, criando a maior síntese das religiões. Todos os aspectos da Realidade são representados ali, mas desse chefe de família divino, Kali é o centro, a Senhora absoluta. Ela é Prakriti, a Procriadora, a Natureza, a Destruidora, a Criadora. Não, Ela é qualquer coisa maior e mais profunda para aqueles que têm olhos para ver. Ela é a Mãe Universal, "minha Mãe" como Sri Ramakrishna costumava dizer, a Toda Poderosa, que Se revela a Seus filhos sob aspectos diferentes e Encarnações Divinas, o Deus Visível, que conduz o eleito até a Realidade Invisível; e se Lhe agradar, Ela retira o último traço de ego dos seres criados e funde-os na consciência do Absoluto, o Deus indiferenciado. Por Sua graça, "o ego finito se perde no ilimitável Ego – Atman – Brahman."[1]

Rani Rasmani gastou uma fortuna na construção do templo e uma outra para a cerimônia de consagração, que teve lugar em 31 de maio de 1855.

Sri Ramakrishna – daqui por diante chamaremos Gadadhar por esse nome que nos é familiar[2] - veio ao templo com seu irmão mais velho, Ramkumar, nomeado sacerdote do templo de Kali. Sri Ramakrishna a princípio não aprovou o trabalho de Ramkumar para a shudra Rasmani. O exemplo do pai ortodoxo ainda estava vivo em sua mente. Fez, também, objeção ao fato de se comer as oferendas cozidas do templo, uma vez que, de acordo com o costume ortodoxo hindu, essa comida só pode ser oferecida à Divindade na casa de um brahmin. Mas a santa atmosfera do templo, a solidão do bosque vizinho, o cuidado carinhoso de seu irmão, o respeito demonstrado pela Rani Rasmani e Mathur Babu por ele, a presença viva da Deusa Kali e acima de tudo, a proximidade do Ganges sagrado, ao qual Sri Ramakrishna sempre teve o mais elevado respeito, gradualmente desfizeram sua desaprovação e ele começou a se sentir em casa.

---

[1] Romain Rolland, "Profetas da Nova Índia", pág. 11.

[2] Não há qualquer informação sobre a origem de seu nome. Muito provavelmente foi dado por Mathur Babu, como Ramlal, sobrinho de Sri Ramakrishna, disse, citando a autoridade de seu próprio tio.

Dentro de pouco tempo, Sri Ramakrishna atraiu a atenção de Mathur Babu que, impressionado com o fervor religioso do jovem, desejava que ele participasse do culto do templo de Kali. Sri Ramakrishna, contudo, adorava a liberdade e era indiferente a qualquer carreira mundana. A profissão de sacerdote num templo construído por uma mulher rica não dizia nada à sua mente. Além do mais, hesitava assumir a responsabilidade dos enfeites e jóias do templo. Mathur teve que esperar por uma ocasião mais propícia.

Por essa época chegou a Dakshineswar um jovem de dezesseis anos, destinado a desempenhar um papel importante na vida de Sri Ramakrishna. Hriday, seu sobrinho distante[3], era natural de Sihar, um vilarejo não longe de Kamarpukur e que tinha sido seu amigo de infância. Inteligente, excepcionalmente enérgico e dotado de grande presença de espírito, agia como veremos mais tarde, como uma sombra em torno de seu tio e estava sempre pronto a ajudá-lo, mesmo com sacrifício de seu bem-estar pessoal. Estava destinado a ser uma testemunha muda de muitas das experiências espirituais de Sri Ramakrishna e que tomou conta de seu corpo nos dias tempestuosos de sua prática espiritual. Hriday veio a Dakshineswar à procura de trabalho e Sri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo.

Incapaz de resistir à persuasão de Mathur Babu, Sri Ramakrishna por fim entrou para o serviço do templo, sob a condição de que Hriday o assistisse. Sua primeira obrigação foi vestir e enfeitar a imagem de Kali.

Um dia um dos sacerdotes do templo de Radhakanta deixou cair acidentalmente a imagem de Krishna no chão, quebrando uma das pernas. Os pundits aconselharam a Rani a instalar uma nova estátua, visto que a adoração de uma imagem com a perna quebrada era contra as prescrições das escrituras. A Rani, entretanto, gostava muito dessa estátua e pediu a opinião de Sri Ramakrishna. Em estado abstraído, ele disse: "Essa solução é ridícula. Se um genro da Rani quebrar a perna ela iria se desfazer dele e pôr um outro em seu lugar? Ela não providenciaria tratamento para ele? Por que não faz o mesmo nesse caso? Que a imagem seja consertada e adorada como antes." Foi uma solução simples e direta, aceita pela Rani. O próprio Sri Ramakrishna consertou-a. O sacerdote foi dispensado por seu descuido e a pedido sincero de Mathur Babu, Sri Ramakrishna aceitou o cargo de sacerdote no templo de Radhakanta.

SRI RAMAKRISHNA SACERDOTE

Nascido de uma família ortodoxa, Sri Ramakrishna conhecia as formalidades do culto, seus ritos e os rituais. Os inúmeros deuses e deusas da religião hindu constituem os aspectos humanos do indescritível e incompreensível Espírito, concebido pela mente humana finita. Eles compreendem e apreciam o amor humano e a emoção, ajudam os homens a realizarem seus seculares ideais espirituais e por fim, tornam os homens capazes de atingir liberação das misérias da vida fenomenal. A Fonte da luz, inteligência, sabedoria e força é somente o Uno de onde provém a satisfação do desejo. Contudo, enquanto o homem estiver ligado pelas limitações humanas, só poderá adorar Deus através de formas humanas. Por conseguinte, o hinduísmo manda que o devoto considere Deus como o pai ideal, a mãe ideal, o marido ideal, o filho ideal ou o amigo ideal. Mas o nome finalmente conduz ao Sem nome, a forma ao Sem forma, a palavra ao Silêncio, a emoção à serena realização da Paz na Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Os deuses gradualmente fundem-se num só Deus, mas até que essa realização seja alcançada, o devoto não pode dissociar os fatores humanos de seu culto. Portanto, a Divindade é banhada, vestida e enfeitada com ornamentos. É alimentada e posta para dormir. É propiciada com hinos, canções e orações. Há ritos apropriados ligados a essas funções. Por exemplo, a fim de assegurar para si mesmo pureza externa, o sacerdote banha-se na água santificada e coloca roupa apropriada. Purifica a mente e os órgãos dos sentidos através de meditações próprias. Dá força ao local de culto contra as forças do mal desenhando em volta círculos de fogo e água. Desperta os diferentes centros espirituais do corpo e invoca o Espírito Supremo no seu coração. Então transfere o Espírito Supremo para a imagem diante dele e adora a imagem, deixando de considerá-la argila ou pedra, mas a encarnação do Espírito, palpitante de Vida e Consciência. Depois do culto o Espírito Supremo é chamado da imagem para Seu verdadeiro santuário, o coração do sacerdote. O verdadeiro devoto conhece o absurdo de adorar a Realidade Transcendental com objetos materiais – vestindo Aquele que permeia todo o universo e o além, colocando num pedestal Aquele que não pode ser limitado pelo espaço, alimentando Aquele que é desencarnado e incorpóreo, cantando diante d'Ele cuja glória a músi-

[3] A mãe de Hriday era a filha da tia de Sri Ramakrishna (irmã de Khudiram). Esse grau de parentesco é chamado em Bengala, sobrinho distante.

ca das esferas tenta em vão proclamar. Mas através desses ritos o devoto aspira ir em última instância, além dos ritos, formas e nomes, palavras e oração e realizar Deus como Consciência que Tudo penetra.

Os sacerdotes hindus estão amplamente familiarizados com os ritos do culto, mas somente alguns são conscientes de seu significado subjacente. Movimentam as mãos e os membros mecanicamente, obedecendo ao pé da letra as escrituras e repetem os mantras sagrados como papagaios. Mas desde o começo, o significado interior desses ritos foi revelado a Sri Ramakrishna. Assim que se sentava diante da imagem, uma estranha transformação operava-se em sua mente. Enquanto dava andamento às cerimônias prescritas, na verdade encontrava-se circundado por uma muralha de fogo protegendo-o e o lugar do culto, contra as vibrações não espirituais, ou sentia a subida mística da Kundalini através dos diferentes centros do corpo. O brilho do seu corpo, sua profunda absorção, a intensa atmosfera do templo impressionavam àqueles que o viam adorar a Divindade.

Ramkumar desejava que Sri Ramakrishna aprendesse os rituais intrincados do culto de Kali. A fim de se tornar sacerdote de Kali, a pessoa tem que passar por uma iniciação especial, dada por um guru qualificado e para Sri Ramakrishna foi encontrado um brahmin competente. Logo que o brahmin pronunciou a palavra sagrada em seus ouvidos, Sri Ramakrishna, tomado de emoção, emitiu um grito e mergulhou em concentração profunda.

Mathur implorou a Sri Ramakrishna para tomar conta do culto do templo de Kali. O jovem sacerdote alegou incompetência e ignorância no que se refere às escrituras. Mathur insistiu que devoção e sinceridade eram mais do que suficientes para compensar qualquer falta de conhecimento formal e fazer a Mãe Divina manifestar-Se através da imagem. Por fim Sri Ramakrishna teve de ceder ao pedido de Mathur. Tornou-se sacerdote de Kali.

Em 1856 Ramkumar deu seu último suspiro. Sri Ramakrishna já havia presenciado mais de uma morte na família. Veio a compreender quão transitória é a vida na terra. Quanto mais convencido estava da transitoriedade das coisas do mundo, mais ansioso ficava para realizar Deus, a Fonte da Imortalidade.

PRIMEIRA VISÃO DE KALI

Realmente logo descobriu que estranha Deusa havia escolhido para servir. Gradualmente tornou-se enredado pela teia de Sua presença que tudo permeia. Para o ignorante, Ela é, sem dúvida, a imagem de destruição; mas ele encontrou n'Ela a mãe benigna e generosa. Seu pescoço está envolvido por uma grinalda de cabeças e Sua cintura por um cinturão de braços humanos e duas de Suas mãos seguram armas mortais; Seu olhar lança uma faísca de fogo, mas estranhamente, Ramakrishna sentiu em Seu alento, o toque suave de amor terno e viu n'Ela a Semente da Imortalidade. Ela está de pé no peito de Seu Consorte, Shiva; é porque Ela é Shakti, o Poder inseparável do Absoluto. É cercada por chacais e outras criaturas terríveis, freqüentadoras dos crematórios. Mas a Realidade Suprema não está acima de santidade e iniqüidade? Parece cambalear sob a magia do vinho. Mas quem teria criado este mundo louco a não ser sob a influência da embriaguez divina? Ela é o símbolo mais alto de todas as forças da natureza, a síntese de suas contradições, o Divino Supremo na forma de mulher. Agora Ela tornou-Se para Sri Ramakrishna a única Realidade e o mundo tornou-se uma sombra sem substância. Em Sua adoração ele despejou toda sua alma. Para ele, Ela tornou-Se o portal transparente para o santuário da Realidade Inefável.

O culto no templo intensificou a ânsia de Sri Ramakrishna de ter a visão viva da Mãe do Universo. Começou a gastar em meditação, o tempo não empregado no serviço do templo e por isso, escolheu um lugar extremamente solitário. Ao norte dos templos havia uma floresta densa, cheia de arbustos e plantas espinhosas. Utilizada anteriormente como cemitério, era evitada pelas pessoas mesmo durante o dia, com medo dos espíritos. Ali Sri Ramakrishna começou a passar a noite toda em meditação, voltando só de manhã com os olhos inchados como se tivesse chorado muito. Enquanto meditava, tirava as roupas e o cordão de brahmin. Explicando esta estranha conduta, uma vez disse a Hriday: "Você não sabe que quando uma pessoa pensa em Deus, deve se libertar de todos os laços? Desde o nosso nascimento temos oito grilhões: ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e tribulações. O cordão sagrado lembra-me de que sou um brahmin e portanto, superior a todos. Ao chamar a Mãe, uma pessoa tem que pôr de lado todas essas idéias." Hriday pensou que seu tio ficara louco.

Como o amor por Deus aprofundou-se, começou a se esquecer ou a deixar de lado as formalidades do culto. Sentado diante da estátua, passava horas entoando canções devocionais de grandes devotos da Mãe, como Kamalakanta e Ramprasad. Essas canções rapsódicas, descrevendo a visão direta de Deus, apenas intensificaram o anseio de Sri Ramakrishna. Ele sentiu a angústia de uma criança separada da mãe. Às vezes, em agonia, esfregava o rosto contra chão e chorava tão amargamente que as pessoas, pensando que ele havia perdido sua mãe terrena, simpatizavam com seu sofrimento. Às vezes, nos momentos de ceticismo, chorava: "És Tu real, Mãe, ou tudo isso é ficção – mera poesia sem qualquer realidade? Se Tu existes, por que não Te vejo? É a religião uma mera fantasia e Tu és apenas uma ficção da imaginação do homem?" Às vezes sentava-se no tapete de meditação durante duas horas como um objeto inerte. Começou a se comportar de maneira anormal, na maioria das vezes inconsciente do mundo. Quase desistiu de comer e o sono também o abandonou.

Não teve, porém, de esperar muito tempo. Assim descreveu sua primeira visão da Mãe: "Senti como se meu coração tivesse sido torcido como uma toalha úmida. Fui tomado de um grande desassossego e medo de que não seria de meu destino realizá-La nessa vida. Não podia suportar mais a separação d'Ela. A vida pareceu-me sem valor para ser vivida. Subitamente meu olhar caiu na espada que estava no templo da Mãe. Estava determinado a pôr um fim em minha vida. Quando pulei como um louco e apanhei-a, subitamente a Mãe abençoada revelou-Se. Os edifícios, com suas diversas partes, o templo e tudo o mais desapareceu de minha vista, não deixando qualquer traço e em seu lugar, vi um Oceano de Consciência sem limite, infinito, brilhante. Até onde os olhos podiam ver, as grandes vagas brilhantes empurravam-me de todos os lados com um barulho terrível, para me engolir! Estava arquejando. Fui tomado pela investida e perdi a consciência. O que estava acontecendo no mundo exterior, eu não sabia; mas dentro de mim havia uma corrente firme de forte felicidade, completamente nova e senti a presença da Mãe Divina." Em seus lábios ao voltar à consciência do mundo, estava a palavra "Mãe".

ESTADO DE INTOXICAÇÃO DIVINA

Entretanto isso fora apenas o prenúncio da intensa experiência que estava para vir. O primeiro vislumbre da Mãe Divina tornou-o ainda mais ansioso por Sua visão ininterrupta. Queria vê-La durante a meditação e com os olhos abertos, mas a Mãe começou a brincar um jogo intrigante de esconde-esconde com ele, intensificando tanto sua alegria como seu sofrimento. Chorando amargamente nos momentos de separação d'Ela, entrava em transe e então encontrava-A em pé diante dele, sorrindo, falando, consolando, fazendo-o recuperar a alegria e instruindo-o. Durante este período de prática espiritual teve muitas experiências fora do comum. Quando sentava-se para meditar, ouvia estranhos estalos nas juntas das pernas, como se alguém as tivesse fechando, uma após a outra para mantê-lo imóvel e no fim de sua meditação ouvia novamente os mesmos sons, desta vez soltando-as para deixá-lo livre para que ele se movimentasse. Via faíscas como se um bando de pirilampos voassem defronte de seus olhos, ou um mar de neblina profunda em torno dele com ondas luminosas de prata derretida. Novamente, de um mar de neblina translúcida, via a Mãe levantando-Se, primeiro os pés, depois a cintura, o corpo, o rosto, a cabeça e finalmente, Ela toda; sentindo Sua respiração e ouvindo Sua voz. Ao fazer o culto no templo, às vezes tornava-se exaltado, outras vezes ficava imóvel como pedra, ou quase desmaiava de emoção excessiva. Muitas de suas atitudes, contrárias à toda tradição, pareciam sacrílegas às pessoas. Apanhava uma flor e tocava-a na sua própria cabeça, corpo e pés e então oferecia-a à Deusa. Ou, como um bêbado, cambaleava até o trono da Mãe, tocava Seu queixo, mostrando desta maneira sua afeição por Ela e falava, ria e dançava. Ou pegava uma porção de comida do prato e punha em Sua boca, implorando-lhe que comesse e não ficava satisfeito até que se convencesse de que Ela realmente havia comido. Depois de ter ido dormir à noite, do seu quarto, ouvia-A subir ao andar de cima do templo com passos leves como os de uma menina feliz com Suas pulseiras de tornozelo tilintando. Depois A descobria de pé, com os cabelos esvoaçantes. Sua forma negra mostrando sua silhueta contra o céu da noite, olhando para o Ganges ou para as luzes distantes de Calcutá.

Naturalmente os funcionários do templo tomaram-no por louco. Aqueles que o queriam bem levaram-no a médicos competentes; mas nenhum remédio pôde curar sua doença. Por diversas vezes ele mesmo duvidara de sua sanidade, pois vinha navegando num mar sem qualquer guia terreno para orientá-lo. Seu único porto seguro era a Própria Mãe Divina. Orava a Ela: "Não sei o que são essas coisas. Sou ignorante no conhecimento de mantras e das escrituras. Ensina-me, Mãe, como realizar-Te. Quem mais pode ajudar-me? Não és Tu meu único refúgio e guia?" E a presença protetora da Mãe ja-

mais lhe falhou em sua tristeza ou dúvida. Mesmo aqueles que criticavam sua conduta, estavam bastante impressionados com sua pureza, inocência, veracidade, integridade e santidade. Em sua presença sentiam uma influência elevada.

Diz-se que samadhi ou transe apenas abre o portal do campo espiritual. Sri Ramakrishna sentiu um imenso desejo de desfrutar Deus de diversas maneiras. Para sua meditação construiu um lugar na parte norte, onde havia um bosque. Com a ajuda de Hriday plantou cinco árvores sagradas. O lugar, conhecido como Panchavati, tornou-se o cenário de muitas de suas visões.

Como o seu estado espiritual aprofundava-se, sentia-se cada vez mais um filho da Divina Mãe. Aprendeu a submeter-se à Sua vontade e a se deixar dirigir por Ela.

"Ó Mãe", orava continuamente, "Refugiei-me em Ti. Ensina-me o que fazer e o que dizer. Teu desejo é o que prevalece em todos os lugares e é para o bem de Teus filhos. Une minha vontade à Tua e faz-me Teu instrumento."

Suas visões tornaram-se mais profundas e mais íntimas. Não mais necessitava de meditar para ver a Mãe Divina. Mesmo enquanto mantinha consciência do mundo exterior, via-A tão palpável como os templos, as árvores, o rio e as pessoas ao seu redor.

Numa ocasião Mathur Babu sorrateiramente entrou no templo para observar sua adoração. Ficou profundamente comovido com a devoção e a sinceridade do jovem sacerdote. Compreendeu que Sri Ramakrishna havia transformado a imagem de pedra na Deusa viva.

Um dia Sri Ramakrishna alimentou o gato com a comida que ia ser oferecida a Kali. Tal coisa foi demais para o administrador do templo, que se considerava responsável pelo modo correto com que o culto era conduzido. Relatou a Mathur Babu o comportamento insano de Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna descreveu o incidente: "A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali que Ela havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava tomado pela Consciência. A imagem era a Consciência, o altar era a Consciência, os vasos de água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era Consciência – tudo era Consciência. Vi que tudo no aposento estava embebido, por assim dizer, em Felicidade– a Felicidade de Deus. Vi um homem mau defronte ao Templo de Kali, mas nele vi também, o poder da Mãe Divina vibrando. É por isso que alimentei um gato com a comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Percebi claramente que tudo isso era a Mãe Divina – mesmo o gato. O administrador do templo escreveu para Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o gato com a oferenda destinada para a Mãe Divina. Mathur Babu, contudo, teve uma visão interna de meu estado mental. Escreveu de volta para o administrador: 'Deixe-o fazer o que quiser. Não deve lhe dizer nada'."

Uma das doenças que afligiu Sri Ramakrishna por essa época, foi uma sensação de queimadura em seu corpo e ele curou-se graças à uma estranha visão. Durante o culto do templo, seguindo as prescrições das escrituras, imaginou a presença do "pecador" dentro de si mesmo e a destruição desse "pecador". Um dia estava meditando no Panchavati quando viu sair de si mesmo um homem de olhos vermelhos, de pele negra, cambaleando como um bêbado. Logo saiu dele uma outra pessoa, de rosto sereno, vestindo a roupa ocre de um sannyasin e levando em sua mão um tridente. A segunda pessoa atacou a primeira e matou-a com o tridente. Daí em diante Sri Ramakrishna ficou livre de sua dor.

Por esta época começou a adorar Deus assumindo a atitude de um servo em relação a seu amo. Imitou o estado de Hanuman, o macaco chefe do *Ramayana*, o servo ideal de Rama e modelo tradicional para esta forma de devoção que destrói o ego. Quando meditava em Hanuman seus movimentos e modo de viver começaram a se parecer com os de um macaco. Seus olhos tornaram-se inquietos. Vivia de frutos e raízes. Com a roupa amarrada em torno da cintura, uma parte dela caindo em forma de cauda, pulava de um lugar para outro em vez de andar. Depois de um certo tempo foi abençoado com a visão de Sita, a divina consorte de Rama, que entrou em seu corpo, desaparecendo dali com as palavras: "Eu lhe concedo meu sorriso".

Mathur tinha fé na sinceridade do fervor espiritual de Sri Ramakrishna, mas agora havia começado a duvidar de sua sanidade mental. Ele o havia visto pular como um macaco. Um dia quando a Rani Rasmani estava ouvindo Sri Ramakrishna cantar no templo, o jovem sacerdote abruptamente virou-se e esbofeteou-a. Aparentemente ouvindo a canção, na realidade estava pensando no caso judicial em que estava empenhada. Ela aceitou o castigo como tivesse sido a Própria Mãe Divina que o havia imposto, mas Mathur estava desolado. Pediu a Sri Ramakrishna para manter seus sentimentos sob controle e obedecer às convenções da sociedade. O Próprio Deus, argumentou, segue leis. Deus, por exemplo, jamais permitiu que flores de duas cores diferentes nascessem no mesmo pé. No dia seguinte

Sri Ramakrishna presenteou Mathur Babu com duas flores de hibisco que haviam crescido no mesmo galho, uma vermelha e outra branca.

Mathur e a Rani Rasmani começaram a atribuir o desajuste mental de Sri Ramakrishna pelo menos em parte, à sua observância de uma rígida continência. pensando que uma vida natural relaxaria a tensão de seus nervos, engendraram um plano com duas mulheres de má fama, mas logo que as mulheres entraram em seu quarto, Sri Ramakrishna viu nelas a manifestação da Mãe do Universo e entrou em samadhi, pronunciando o Seu nome.

HALADHARI

Em 1858 chegou a Dakshineswar um primo de Sri Ramakrishna, de nome Haladhari, que deveria ficar ali durante oito anos. Devido ao estado especial de espírito de Sri Ramakrishna, Mathur nomeou-o, sacerdote do templo de Kali. Possuía um caráter controvertido, sendo versado nas palavras das escrituras, mas não muito consciente de seu conteúdo. Gostava de participar de pesadas discussões teológicas e devido à sua própria erudição, começou a avaliar a de Sri Ramakrishna. Sendo um brahmin ortodoxo, desaprovava completamente as ações não ortodoxas de seu primo, mas não deixava de ficar impressionado pela pureza de vida, amor extático e ânsia de realização de Sri Ramakrishna.

Um dia Haladhari aborreceu Sri Ramakrishna com a afirmação de que Deus é incompreensível para a mente humana. Sri Ramakrishna descreveu o grande momento de dúvida, quando cogitou se suas visões o haviam de fato iludido: "Soluçando orei à Mãe, 'Tens Tu coragem de me enganar dessa maneira porque sou um idiota?' Lágrimas escorriam de meus olhos. Pouco depois vi uma quantidade de neblina saindo do chão e enchendo o espaço diante de mim. No meio apareceu um rosto com barba, calmo, altamente expressivo e louro. Fixando o olhar em mim, disse solenemente, 'Permaneça em bhavamukha, no limiar da consciência relativa'. Repetiu três vezes e então, gentilmente desapareceu na neblina, que se dissolveu. Essa visão tranqüilizou-me."

Um relatório deturpado sobre a doença debilitante de Sri Ramakrishna, indiferença com a vida mundana e vários atos anormais chegaram até Kamarpukur e encheram de angústia o coração de sua pobre mãe. Depois de repetidos pedidos dela, voltou para sua vila a fim de mudar de ares. Seus amigos de infância, contudo, não o interessavam mais. Uma febre divina o consumia. Passava uma grande parte do dia e da noite num dos campos de cremação, em meditação. O lugar lembrava-lhe a transitoriedade do corpo humano, das esperanças humanas e suas realizações. Isso também lhe lembrava Kali, a Deusa da destruição.

CASAMENTO E O QUE SE SEGUIU

Em alguns meses, porém, sua saúde apresentou melhora e ele recuperou até um certo ponto, o humor e a alegria. Sua feliz mãe ficou encorajada, pensando que seria uma boa época para arranjar-lhe um casamento. O rapaz tinha então, vinte e três anos. Uma esposa o traria de volta à terra. Ficou maravilhada quando seu filho recebeu bem sua sugestão. Talvez ele visse aí o dedo de Deus.

Saradamani, uma menininha de cinco anos, morava no vilarejo vizinho de Jayrambati. Mesmo com essa idade orava a Deus, para que Ele tornasse seu caráter imaculado como uma flor branca. Olhando para a lua cheia, dizia: 'Ó Deus, há lugares sombrios mesmo na lua, mas faça com que meu caráter seja sem mancha.' Foi ela a escolhida para ser a noiva de Sri Ramakrishna.

A cerimônia de casamento foi devidamente realizada. Tal casamento precoce na Índia, tem a natureza de um contrato, sendo consumado somente quando a menina atinge a puberdade. Nesse caso, porém, o casamento manteve-se sempre sem ser consumado. Sri Ramakrishna ficou em Kamarpukur mais ou menos um ano e meio e então, retornou a Dakshineswar.

Mal havia atravessado a soleira do templo de Kali quando encontrou-se de novo no mesmo redemoinho. A loucura reapareceu dez vezes mais intensa. A mesma meditação e oração, os mesmos estados extáticos, a mesma sensação de queimadura, o mesmo choro, a mesma falta de sono, a mesma indiferença com o corpo e o mundo exterior, o mesmo delírio divino. Submeteu-se a novas disciplinas para erradicar a ganância e a luxúria, os dois grandes impedimentos para o progresso espiritual. Com uma rupia em uma das mãos e um torrão de terra na mão, refletiu sobre o valor comparativo dessas duas para a realização de Deus e achando que ambas eram igualmente sem valor, jogou-as com igual diferença no Ganges. Olhava as mulheres como manifestações da Mãe Divina. Jamais nem mesmo em sonhos sentiu o impulso do sexo. Para erradicar da mente a idéia da superioridade de casta, limpou a

casa de um pária com o cabelo longo e desalinhado. Ao sentar-se para meditar, os pássaros pousavam em sua cabeça e bicavam o cabelo à procura de grãos de comida. Cobras rastejavam em seu corpo e nenhum dos dois tomava conhecimento um do outro. O sono também o deixou. Dia e noite visões passavam na sua frente. Viu o sannyasin que matara anteriormente, o "pecado", saindo de novo do seu corpo, ameaçando-o com o tridente e ordenando-lhe que se concentrasse em Deus. Ou o mesmo sannyasin visitava lugares distantes, seguindo um caminho luminoso e trazendo-lhe notícias sobre o que estava acontecendo lá. Sri Ramakrishna costumava dizer, mais tarde, que no caso de um aspirante adiantado, a própria mente torna-se o guru, vivendo e movendo-se como um ser encarnado.

Rani Rasmani, a fundadora do templo, morreu em 1861. Depois de sua morte, seu genro Mathur tornou-se o único administrador da propriedade. Ele colocou-se e os seus recursos à disposição de Sri Ramakrishna e começou a cuidar de seu conforto físico. Sri Ramakrishna mais tarde referiu-se a ele como um dos seus cinco "provedores de necessidades", escolhidos pela Mãe Divina. Sempre que um desejo aparecia em sua mente, Mathur o satisfazia sem hesitação.

A BRAHMANI

Por essa época chegou a Dakshineswar, uma brahmin ortodoxa que veio a desempenhar um importante papel no desabrochar espiritual de Sri Ramakrishna. Nascida em Bengala Oriental, era adepta dos métodos tântrico e vaishnava de adoração. Passava um pouco dos cinqüenta anos, era bela e estava vestida com a roupa ocre de uma monja. Seus únicos bens eram alguns livros e duas peças de roupa.

Sri Ramakrishna recebeu a visitante com grande respeito, descreveu-lhe suas experiências e visões e contou-lhe que as pessoas as consideravam sintomas de loucura. Ela ouviu-o com muita atenção e disse-lhe: "Meu filho, todas as pessoas neste mundo são loucas. Algumas são loucas por dinheiro, outras pelo conforto, algumas por nome e fama; e você, por Deus". Ela assegurou-lhe que ele estava passando pela experiência espiritual quase desconhecida, descrita nas escrituras como mahabhava, o êxtase mais exaltado do amor divino. Contou-lhe que esta exaltação extrema foi descrita como se manifestando por dezenove sintomas físicos, incluindo lágrimas, tremor no corpo, arrepio, perspiração e uma sensação de queimadura. As escrituras bhakti, declarou ela, haviam relatado somente dois exemplos dessa experiência, a de Sri Radha e a de Sri Chaitanya.

Logo um relacionamento terno estabeleceu-se entre Sri Ramakrishna e a Brahmani, ela olhando-o como o Menino Krishna, e ele, como sua mãe. Dia após dia ela observava seus êxtases durante o kirtan e a meditação, seu samadhi, sua ânsia louca e reconheceu nele o poder de transmitir espiritualidade para os outros. Chegou à conclusão de que tais coisas não eram possíveis para um devoto comum, nem mesmo para uma alma altamente desenvolvida. Somente uma Encarnação de Deus seria capaz de tais manifestações espirituais. Proclamou abertamente que Sri Ramakrishna, como Sri Chaitanya, era uma Encarnação Divina..

Quando Sri Ramakrishna contou a Mathur o que a Brahmani dissera a seu respeito, Mathur balançou a cabeça em dúvida, pois relutava aceitá-lo como uma Encarnação de Deus, um Avatar comparável a Rama, Krishna, Buda e Chaitanya, embora admitisse a extraordinária espiritualidade de Sri Ramakrishna. Por isso a Brahmani pediu a Mathur para marcar uma conferência de eruditos que discutiriam o assunto com ela. Ele concordou e o encontro foi marcado. Teria lugar no natmandir, defronte ao templo de Kali.

Dois famosos pundits da época foram convidados: Vaishnanavcharan, o chefe da sociedade vaishnava e Gauri. O primeiro a chegar foi Vaishnavcharan, com um grupo de eruditos e devotos. A Brahmani, como uma mãe orgulhosa, expôs seu ponto de vista diante dele e defendeu-o fazendo citações das escrituras. Enquanto os pundits discutiam a profunda questão teológica, Sri Ramakrishna, perfeitamente indiferente a tudo o que se passava a seu redor, sentou-se no meio deles como uma criança, absorto em seus próprios pensamentos, às vezes sorrindo, às vezes mastigando um pouco de especiarias de um saquinho, ou então, dizendo a Vaishnavcharan, tocando-o de leve: "Veja, às vezes me sinto assim, também". Por fim, Vaishnavcharan levantou-se e declarou-se completamente de acordo com o ponto de vista da Brahmani. Declarou que Sri Ramakrishna havia indubitavelmente experimentado mahabhava e que isso era um sinal certo de uma manifestação rara de Deus no homem. As pessoas que haviam se aglomerado ali, sobretudo os funcionários do templo, estavam abismados. Sri Ramakrishna disse a Mathur como um menino, "Imagine, ele também diz isso. Fico contente em saber que afinal, não se trata de uma doença".

Quando dias mais tarde chegou o pundit Gauri, foi feita uma nova reunião e ele concordou com o ponto de vista da Brahmani e Vaishnavcharan. Ao comentário de Sri Ramakrishna que Vaishnavcharan o tinha declarado um Avatar, Gauri respondeu: "Foi tudo o que ele disse a seu respeito? Então disse pouco. Estou totalmente convencido de que você é aquela Mina de Poder Espiritual, da qual somente uma pequena fração desce à terra de tempos em tempos, na forma de uma Encarnação."

"Ah!', disse Sri Ramakrishna com um sorriso, "o senhor foi além de Vaishnavcharan nesse assunto. O que o senhor encontrou em mim que o faz pensar assim?"

Gauri respondeu: "Sinto em meu coração e tenho as escrituras do meu lado. Estou pronto a provar isso a qualquer um que me desafiar."

"Bem", disse Sri Ramakrishna, "é o senhor quem me diz isso, mas acredite-me, não sei nada a esse respeito."

Assim o sacerdote insano foi, pelo veredicto de grandes eruditos da época, declarado uma Encarnação Divina. Suas visões não eram o resultado do desarranjo de seu cérebro; possuíam precedentes na história espiritual. E como o conhecimento desse fato afetou o próprio Sri Ramakrishna? Permaneceu como a simples criança da Mãe que havia sido desde o primeiro dia de vida. Anos mais tarde, quando dois dos seus discípulos chefes de família abertamente referiram-se a ele como uma Encarnação de Deus e isso lhe foi contado, disse com um toque de sarcasmo: "Pensam que eles vão acrescentar alguma coisa à minha glória por causa disso? Um eles é ator no palco e o outro, médico. O que conhecem a respeito de Encarnações? Ora, há anos, pundits como Gauri e Vaishnavcharan declararam-me um Avatar, mas isto não ocasionou qualquer mudança em minha mente."

Sri Ramakrishna foi um estudante a vida toda. Muitas vezes costumava citar um provérbio a seus discípulos: "Amigos, quanto mais vivo, mais aprendo." Quando a agitação criada pela declaração da Brahmani terminou, ele se propôs a praticar as disciplinas espirituais de acordo com os métodos tradicionais postulados pelas escrituras Tantras e Vaishnava. Até aquele momento havia seguido seu ideal espiritual, segundo as inclinações de sua própria mente e coração. Agora aceitava a Brahmani como guru e pôs os pés nas estradas tradicionais.

TANTRA

De acordo com o tantrismo, a Realidade Suprema é Chit ou Consciência, que é idêntica a Sat ou Ser, e Ananda ou Bem-aventurança. Essa Realidade Suprema, Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos é idêntica à Realidade pregada nos Vedas e o homem é idêntico a essa Realidade, mas sob influência de maya ou ilusão, esqueceu-se da verdadeira natureza. Toma como real um mundo meramente aparente de sujeito e objeto e esse erro é causa de escravidão e sofrimentos. A meta da disciplina espiritual é redescobrir sua identidade com a Realidade divina.

Para se alcançar essa meta, a Vedanta prescreve um método negativo austero de discriminação e renúncia, que pode ser seguido somente por alguns indivíduos dotados de aguda inteligência e força de vontade inabalável, mas os Tantras levam em consideração a fraqueza natural dos seres humanos, seus apetites inferiores e seu amor pelo concreto. Combina filosofia com rituais, meditação com cerimônias, renúncia com prazer. O propósito subjacente é treinar gradualmente o aspirante a meditar em sua identidade com a Realidade Suprema.

A média dos homens deseja desfrutar os objetos materiais. Os Tantras permitem que eles os desfrutem, mas ao mesmo tempo, descubra neles a presença de Deus. Ritos místicos são prescritos pelos quais, lentamente, os objetos dos sentidos são espiritualizados e a atração dos sentidos transforma-se em amor a Deus. Assim os "grilhões" de um homem transformam-se em "libertadores". O próprio veneno que mata, transforma-se em elixir da vida. A renúncia exterior não é necessária. Assim o objetivo dos Tantras é sublimar bhoga ou gozo em yoga, ou união com a Consciência, porque, de acordo com essa filosofia, o mundo com todas as suas manifestações, nada mais é do que o jogo de Shiva e Shakti, o Absoluto e Seu Poder inescrutável.

As disciplinas dos Tantras são graduadas a fim de atender a aspirantes de todos os níveis. São prescritos exercícios para as pessoas com características "animal", "heróica" e "divina". Alguns dos ritos requerem a presença de membros do sexo oposto. Aqui o aspirante aprende a considerar a mulher como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe do universo. A verdadeira base dos Tantras é a Maternidade de Deus e a glorificação da mulher. Cada parte do corpo da mulher deve ser olhada como a Divindade Encarnada. A ajuda de um guru qualificado é absolutamente necessária. Um devoto desprevenido pode perder o pé no chão e cair num buraco de depravação.

Segundo os Tantras, Shakti é a força criativa do universo. Shiva, o Absoluto, é mais ou menos o princípio passivo. Além disso, Shakti é tão inseparável de Shiva como o poder de queimar o é do próprio fogo. Shakti, o Poder Criativo, contém em Seu ventre o universo e por conseguinte, é a Mãe Divina. Todas as mulheres são Seus símbolos. Kali é uma de Suas diversas formas. A meditação em Kali, o Poder criativo, é a disciplina central dos Tantras. Enquanto medita, o aspirante em primeiro lugar olha-se uno com o Absoluto e então, pensa que dessa Consciência Impessoal emergem duas entidades, a saber, seu próprio eu e a forma viva da Deusa. Então projeta a Deusa na imagem tangível defronte dele e adora-a como a Mãe Divina.

Sri Ramakrishna propôs-se praticar as disciplinas dos Tantras e sob o comando da Própria Mãe Divina, aceitou a Brahmani como guru. Executou cerimônias profundas e delicadas no Panchavati e sob a árvore bel, na extremidade norte do conjunto e templos. Praticou todas as disciplinas dos sessenta e quatro livros principais dos Tantras e não levou mais do que três dias para alcançar o resultado prometido em qualquer um deles. Depois de fazer alguns ritos preliminares era tomado por um estranho fervor divino e entrava em samadhi onde a mente permanecia em estado de exaltação. O mal deixou de existir para ele. A palavra "carnal" perdeu seu significado. O mundo inteiro e tudo nele contido, parecia-lhe a lila, o esporte de Shiva e Shakti. Via em todos os lugares manifestar-se o poder e a beleza da Mãe; o mundo todo, animado e inanimado, parecia-lhe permeado de Chit, Consciência e por Ananda, felicidade.

Numa visão a Causa Suprema do universo apareceu-lhe como um triângulo luminoso amplo, dando nascimento a cada momento, a um número infinito de mundos. Ouviu o Anahata Sabda, o grande som Om, do qual os inúmeros sons do universo são somente ecos. Obteve os oito poderes sobrenaturais da yoga que torna o homem quase onipotente, mas rejeitou-os como sem qualquer valor para o Espírito. Teve a visão da divina Maya, o inescrutável Poder de Deus, pelo qual o universo é criado e sustentado e no qual é finalmente, absorvido. Nessa visão viu uma mulher de extraordinária beleza, a ponto de ser mãe, saindo do Ganges e aproximando-se lentamente do Panchavati. Em seguida deu à luz a uma criança e começou a amamentá-la com ternura. Um instante depois assumiu um aspecto terrível, pegando a criança com suas presas horríveis e esmagando-a. Engolindo-a, entrou novamente nas águas do Ganges.

A experiência mais notável neste período foi, porém, o despertar da Shakti Kundalini, o "Poder da Serpente". Na verdade ele viu o Poder, primeiramente adormecido no final de sua coluna espinal, despertando e subindo pelo canal místico do Sushumna, através de seus seis centros ou lótus até o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, no topo da cabeça. Além disso viu que, à medida que a Kundalini subia, os diferentes lótus floresciam. Esse fenômeno foi acompanhado de visões e transes. Mais tarde descreveu a seus discípulos e devotos, os vários movimentos da Kundalini: de peixe, de pássaro, de macaco etc. O despertar da Kundalini é o começo da consciência espiritual e sua união com Shiva no Sahasrara, terminando em samadhi, é a consumação das disciplinas tântricas.

Por esta época foi-lhe revelado que, breve, muitos devotos procurariam sua orientação.

DISCIPLINAS VAISHNAVAS

Depois de terminar a sadhana tântrica, Sri Ramakrishna seguiu a Brahmani nas disciplinas dos Vaishnavismo. Os vaishnavas são adoradores de Vishnu, "O que tudo permeia", o Deus Supremo, que é também conhecido como Hari e Narayana. Das diversas Encarnações de Vishnu, as duas que têm um número maior de seguidores são Rama e Krishna.

Vaishnavismo é exclusivamente a religião de bhakti. Bhakti é o intenso amor a Deus, apego exclusivo a Ele: possui a natureza de bem-aventurança e concede a seu amante, imortalidade e liberação. Deus, segundo o Vaishnavismo, não pode ser realizado pela lógica e pela razão e sem bhakti, todas as penas, austeridades e ritos são fúteis. O homem não pode realizar Deus somente pelo esforço próprio. Para a visão de Deus, Sua graça é absolutamente necessária e essa graça é sentida somente pelo coração puro. A mente deve ser purificada pela bhakti. A mente pura então, permanece para sempre imersa no êxtase da visão de Deus. É o cultivo desse amor divino a principal preocupação da religião vaishnava.

Há três espécies de devoção formal: tamásica, rajásica e sattvica. Se uma pessoa, enquanto estiver mostrando devoção a Deus, é atuada por malevolência, arrogância, ciúme ou raiva, sua devoção é tamásica, uma vez que está sob influência de tamas, qualidade da inércia. Se adorar Deus por desejo de fama ou riqueza, ou por qualquer outra ambição mundana, sua devoção é rajásica, visto que é in-

fluenciada por rajas, a qualidade da atividade. Se uma pessoa, porém, ama a Deus sem qualquer pensamento de ganho material, se cumpre as obrigações só para agradar a Deus e mantém para com todas as criaturas a atitude de amizade então, sua devoção é chamada sattvica, porque está sob a influência de sattva, a qualidade da harmonia. A devoção mais elevada, contudo, transcende os três gunas ou qualidades, sendo uma espontânea, ininterrupta inclinação da mente em direção a Deus, a Alma Interior de todos os seres e aflora, no coração do verdadeiro devoto, logo que ele ouve o nome de Deus ou menção de Seus atributos. Um devoto que possui esse amor não aceitaria a felicidade do céu mesmo se ela lhe fosse oferecida. Seu único desejo é amar Deus sob todas as condições – no prazer e na dor, na vida e na morte, na honra e na desonra, na prosperidade e na adversidade.

Há dois estágios de bhakti. O primeiro é conhecido como vaidhi-bhakti ou amor de Deus qualificado pelas prescrições das escrituras. Para os devotos desse estágio, são prescritos cultos regulares e metódicos, hinos, orações, repetições de nome de Deus e canto de Suas glórias. A bhakti inferior ao longo do tempo amadurece em para-bhakti ou devoção suprema, conhecida, também, como prema, a mais intensa forma de amor divino. O Amor Divino é um fim em si mesmo. Existe potencialmente em todos os corações, mas no caso de pessoas apegadas, é mal dirigido para os objetos do mundo.

A fim de desenvolver o amor do devoto por Deus, o Vaishnavismo humaniza Deus. Deus deve ser olhado como Pai do devoto, seu Mestre, Amigo, Filho, Marido ou Amante, cada um desses relacionamentos, que se sucedem, representam uma intensificação do amor. Essas bhavas ou atitudes em relação a Deus são conhecidas como santa, dasya, sakhya, vatsalya e madhur. Os rishis dos Vedas, Hanuman, os pastores de Vrindavan, a mãe de Rama, Kausalya e Radhika, a bem-amada de Krishna, foram respectivamente os exemplos mais perfeitos dessas formas. Na escala ascendente, as glórias de Deus são gradualmente esquecidas e o devoto realiza cada vez mais a intimidade da comunhão divina. Finalmente olha-se como a amante do seu Bem-Amado e nenhuma barreira artificial permanece para separá-lo do seu Ideal. Nenhuma obrigação social ou moral pode ligar à terra seu espírito elevado. Experimenta união perfeita com Deus. Ao contrário do vedantista, que luta para transcender todas as variedades do relacionamento sujeito-objeto, um devoto do caminho vaishnava quer reter tanto sua própria individualidade como a personalidade de Deus. Para ele, Deus não é um Intangível Absoluto, mas o Purushottama, a Pessoa Suprema.

Ao praticar a disciplina da madhur bhava, o devoto masculino muitas vezes olha-se como uma mulher, a fim de desenvolver a mais intensa forma de amor por Sri Krishna, o único Purusha ou homem do universo. Assumir a atitude do sexo oposto tem um significado psicológico profundo. Sabe-se por experiência comum, que uma idéia pode ser cultivada a um grau tão intenso, que qualquer idéia que lhe é estranha será expulsa da mente. Essa peculiaridade da mente pode ser utilizada para a subjugação dos desejos inferiores e desenvolvimento da natureza espiritual. Agora, a idéia de que é a base de todos os desejos e paixões num homem é a convicção de sua associação indissolúvel com um corpo masculino. Se puder convencer-se completamente de que é mulher, poderá livrar-se dos desejos peculiares ao corpo masculino. Assim também, a idéia de que é mulher pode por sua vez, fazê-lo virar-se para uma outra também forte, a saber, que não é nem homem nem mulher mas o Espírito Impessoal. Só o Espírito Impessoal pode desfrutar da comunhão com Deus. Daí a mais alta realização do vaishnava leva próximo à experiência transcendental do vedantista.

Uma bela expressão do culto vaishnava de Deus através do amor pode ser encontrada no episódio de Vrindavan do *Bhagavata*. As gopis, ou pastoras de Vrindavan, olhavam Krishna de seis anos como seu Bem-Amado. Não procuravam qualquer ganho pessoal ou felicidade desse amor. Entregaram a Krishna seus corpos, mentes e almas. De todas as Gopis, Radhika ou Radha, devido ao seu intenso amor por Ele, foi a mais próxima de Krishna. Ela manifestou mahabhava e uniu-se ao seu Bem-Amado. Essa união representa, numa linguagem sensual, uma experiência além dos sentidos.

Sri Chaitanya, também conhecido como Gauranga, Gora ou Nimai, nasceu em Bengala em 1485 e foi considerado uma Encarnação de Deus. É um grande profeta da religião vaishnava. Chaitanya declarou que cantar o nome de Deus é a disciplina espiritual mais eficaz para o Kaliyuga.

Sri Ramakrishna, como o macaco Hanuman, já havia adorado Deus como seu Senhor. Devido à sua devoção a Kali, cultivou Deus como Mãe. Agora ia praticar os outros relacionamentos prescritos pelas escrituras vaishnavas.

RAMLALA

Mais ou menos no ano de 1864, chegou a Dakshineswar, um monge errante vaishnava, Jatadhari, cujo Ideal Divino era Rama. Sempre levava consigo uma pequena imagem de metal da Divindade que ele chamava pelo nome carinhoso de Ramlala, o Menino Rama. A essa pequena imagem dedicava uma afeição terna semelhante àquela que Kausalya tinha pelo seu divino Filho, Rama. Como resultado de prática espiritual de toda uma vida, ele realmente havia encontrado na imagem de metal a presença de seu Ideal. Ramlala já não era para ele uma imagem de metal, mas o Deus vivo. Dedicava-se a acariciar Rama, alimentar Rama, brincar com Rama, levar Rama para passear e dar banho em Rama. Julgava que a imagem respondia a seu amor.

Sri Ramakrishna, muito impressionado com sua devoção, pediu a Jatadhari para passar alguns dias em Dakshineswar. Logo Ramlala também tornou-se o companheiro favorito de Sri Ramakrishna. Mais tarde descreveu para seus devotos, como a pequena imagem dançava graciosamente diante dele, pulava nas suas costas, insistia para que ele o tomasse em seus braços, corria pelos campos no sol, apanhava flores nos arbustos e pregava peças como um menino travesso. Um relacionamento muito terno despontou entre ele e Ramlala, por quem sentia um amor de mãe.

Um dia Jatadhari pediu que Sri Ramakrishna ficasse com a imagem e disse-lhe adeus com os olhos cheios de lágrimas. Declarou que Ramlala havia atendido à sua prece mais íntima e que agora, não necessitava mais de culto formal. Uns dias mais tarde, Sri Ramakrishna foi abençoado, através de Ramlala, com a visão de Ramachandra, quando realizou que o Rama do *Ramayana*, o filho de Dasaratha, permeia todo o universo, como Espírito e Consciência; que Ele é seu Criador, Preservador e Destruidor; que, sob um outro aspecto, Ele é o Brahman transcendental sem forma, atributo ou nome.

Enquanto adorava Ramlala como o Menino Divino, o coração de Sri Ramakrishna tornou-se cheio de ternura maternal e começou a se olhar como uma mulher. A fala e gestos mudaram. Começou a se mover livremente com as mulheres da família de Mathur, que agora, olhavam-no como uma pessoa de seu sexo. Nessa época, adorou a Mãe Divina como Sua companheira e serva.

EM COMUNHÃO COM O DIVINO BEM - AMADO

Sri Ramakrishna agora dedicou-se a escalar as mais inacessíveis e vertiginosas alturas do culto dualístico, isto é, a completa união com Sri Krishna como Bem-Amado. Considerava-se uma gopi de Vrindavan, louca de amor por seu divino Amado. A seu pedido, Mathur providenciou roupa de mulher e jóias. Nessa busca de amor, esquecia-se de comer e beber. Dia e noite chorava amargamente. A ânsia transformou-se num louco arrebatamento, porque o divino Krishna começou a fazer com ele os velhos truques com os quais brincava com as gopis. Amolava e caçoava, de vez em quando revelando-Se, mas sempre mantendo-Se à distância. A angústia de Sri Ramakrishna trouxe de volta os antigos sintomas físicos: a sensação de queimadura, sangue saindo dos poros, afrouxamento das juntas e parada das funções fisiológicas.

As escrituras vaishnavas aconselham uma pessoa a propiciar Radha para obter a graça de realizar Krishna. Assim a torturada alma agora dirigiu sua oração para ela. Em pouco tempo desfrutou a abençoada visão. Viu e sentiu a figura de Radha desaparecendo dentro do próprio corpo.

Mais tarde, disse: "É impossível descrever a beleza celestial e suavidade de Radha. Sua própria aparência mostrou que ela tinha se esquecido completamente no seu apego apaixonado por Krishna. Sua pele era amarelo claro."

Agora uno com Radha, manifestou seu grande amor extático, o mahabhava, que encontra nela a mais plena expressão. Mais tarde Sri Ramakrishna disse: "A manifestação numa pessoa dos dezenove tipos diferentes de emoção por Deus é chamado, nos livros bhakti, mahabhava. Uma pessoa comum leva uma vida inteira para expressar somente um único deles, mas nesse corpo (referindo-se ao seu) houve uma completa manifestação de todos os dezenove."

O amor de Radha é precursor da visão resplandecente de Sri Krishna e Sri Ramakrishna logo experimentou aquela visão. A forma encantadora de Krishna apareceu-lhe e fundiu-se em sua pessoa. Tornou-se Krishna: esqueceu-se totalmente de sua própria individualidade e do mundo; via Krishna em si mesmo e no universo. Assim atingiu a realização total da adoração do Deus Pessoal. Bebeu da Fonte da Bem-aventurança Imortal. A agonia de seu coração desapareceu para sempre. Realizou Amrita, Imortalidade, além da sombra da morte.

Um dia, ouvindo recitar o *Bhagavata* na varanda do templo de Radhakanta, sentiu-se em estado divino e viu a forma encantadora de Krishna. Viu os luminosos raios saindo dos Pés de Lótus de Krishna sob a forma de uma corda grossa que primeiro tocou o *Bhagavata* e em seguida, seu peito, unin-

do todos os três – Deus, a escritura e o devoto. "Depois dessa visão", costumava dizer, "Cheguei a compreender que Bhagavan, Bhakta e *Bhagavata* – Deus, Devoto e Escritura – são na realidade um e o mesmo."

VEDANTA

A Brahmani era a instrutora entusiasta e observadora atônita de Sri Ramakrishna, em seu progresso espiritual. Tornara-se orgulhosa das realizações do seu discípulo sem par. O próprio aluno não tinha permissão de descansar; seu destino o empurrava para frente. Sua Mãe Divina não lhe permitiu descanso até que ele tivesse deixado para trás o campo da dualidade com suas visões, experiências e sonhos extáticos. Mas para a nova subida, os antigos guias não eram suficientes. A Brahmani, de quem havia dependido durante três anos, viu seu filho escapar-lhe, para seguir o comando de um mestre de força masculina, de aparência rígida, físico curtido e de voz viril. O novo guru era um monge errante, o robusto Totapuri, a quem Sri Ramakrishna aprendeu a se dirigir afetuosamente como Nangta, o "Desnudo", devido à sua total renúncia de todos os objetos da terra e apegos, incluindo mesmo uma peça de roupa.

Tota Puri era adepto de uma filosofia nova para Sri Ramakrishna, a filosofia Vedanta não-dualista, cujas conclusões Totapuri experimentara em sua própria vida. Esse antigo sistema hindu designa a Realidade Suprema de Brahman, também descrita como Satchidananda, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Brahman é a única Existência Real. N'Ela não há tempo, nem espaço, nem causalidade, nem multiplicidade, mas devido à maya, Seu poder inescrutável, tempo, espaço e causalidade são criados e o Uno parece dividir-se em muitos. O Eterno Espírito aparece como uma multiplicidade de indivíduos com forma e sujeito às condições de tempo. O Imortal torna-se vítima de nascimento e morte. O Imutável sofre mudança. A Pura Alma sem pecado, hipnotizada por Sua própria maya, experimenta as alegrias do céu e dores do inferno, mas essas experiências, baseadas na dualidade da relação sujeito-objeto, são irreais. Mesmo a visão de um Deus Pessoal é, em termos finais, uma experiência tão ilusória, quanto a de qualquer outro objeto. O homem atinge sua liberação, por conseguinte, rasgando o véu de maya e redescobrindo sua total identidade com Brahman. Conhecendo-se como uno com o Espírito Universal, realiza a Paz inefável. Só então vai além da ficção do nascimento e morte; aí, então, torna-se imortal. Essa é a meta suprema de todas as religiões – despertar a alma, hipnotizada por sua própria ignorância.

O caminho da disciplina vedantista é o caminho da negação, "neti" no qual, por estrênua determinação, tudo o que é irreal é ao mesmo tempo, negado e renunciado. É o caminho da Jnana, o método direto de realizar o Absoluto. Depois de negar tudo o que é relativo, incluindo a discriminação do próprio ego, o aspirante funde-se com o Uno sem Segundo, na Bem-aventurança do nirvikalpa samadhi, onde o sujeito e o objeto são igualmente dissolvidos. A alma vai além do domínio do pensamento. O domínio da dualidade é transcendido. Maya é deixada para trás com todas as suas mudanças e modificações. O Homem Real coloca-se acima das ilusões de criação, preservação e destruição. Uma avalanche de Bem-aventurança indescritível varre todas as idéias relativas de dor e prazer, bem e mal. Brilha então no coração, a glória do Brahman Eterno. Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. Conhecedor, conhecimento e conhecido dissolvem-se no Oceano de uma Consciência eterna; amor, amante e bem-amado fundem-se no ilimitado Mar de Felicidade suprema; nascimento, crescimento e morte desaparecem na Existência infinita. Todas as dúvidas e receios são dominados; as oscilações da mente param; a força das ações passadas exaurem-se. Quebrando a viga mestra do tabernáculo onde a alma construiu sua morada durante incontáveis anos, acalmando o corpo, silenciando a mente, destruindo o ego, a doce alegria de Brahman emerge nesse estado além dos sentidos. O espaço desaparece no nada, o tempo é tragado na eternidade e causação torna-se um sonho do passado. Ah! Quem pode descrever o que a alma sente em comunhão com o Ser?

Mesmo quando um homem desce dessa altura vertiginosa, está desprovido das idéias de "eu" e "meu"; olha para o corpo como mera sombra, um envoltório exterior que abriga a alma. Não habita no passado, não pensa no futuro e olha com indiferença o presente. Observa tudo no mundo com olhos de igualdade; já não mais é tocado pela variedade infinita de fenômenos; não mais reage ao prazer e à dor. Permanece inalterado se seu corpo é adorado pelos bons ou atormentado pelos maus, porque compreende que é somente Brahman o único que Se manifesta através de tudo. O impacto de tal experiência devasta o corpo e a mente. A Consciência torna-se ofuscada, por assim dizer, pelo excesso de Luz. Nos livros de Vedanta está escrito que, depois da experiência do Nirvikalpa samadhi o corpo cai como

uma folha seca. Somente aqueles que nasceram com uma missão especial para o mundo, podem voltar dessa altura para os vales da vida normal. Vivem e movem-se no mundo para o bem da humanidade. Estão investidos por um poder espiritual supremo. Uma glória divina brilha através deles.

TOTAPURI

Totapuri chegou ao templo de Dakshineswar no final de 1864. Nascido talvez no Punjab, dirigia um mosteiro naquela província da Índia e dizia-se líder de setecentos sannyasins. Treinado desde a juventude nas disciplinas da Vedanta Advaita, considerava o mundo uma ilusão. Os deuses e deusas do culto dualista eram para ele meras fantasias de mentes iludidas. Orações, cerimônias, ritos e rituais nada tinham a ver com a verdadeira religião e a isso ele era totalmente indiferente. Com grande esforço e inquebrantável força de vontade, havia se liberado do apego aos objetos dos sentidos do mundo relativo. Durante quarenta anos havia praticado austeras disciplinas às margens do Narmada sagrado e finalmente, realizou sua identidade com o Absoluto. Daí em diante vagou pelo mundo como uma alma sem grilhões, um leão livre da jaula. Vestido com uma tanga, passava os dias ao relento, quer sob tempestade ou sol, alimentando o corpo com magra porção de esmolas. Estivera visitando o estuário do Ganges. Em sua viagem de volta pelo rio sagrado, guiado pela Inescrutável Vontade Divina, parou em Dakshineswar.

Totapuri, vendo de relance que Sri Ramakrishna estava preparado para ser um estudante de Vedanta, convidou-o para ser iniciado nos seus mistérios. Com a autorização da Mãe Divina, Sri Ramakrishna concordou com o pedido, mas Totapuri explicou que somente um sannyasin poderia receber os ensinamentos da Vedanta. Sri Ramakrishna concordou em renunciar ao mundo, mas com a condição de que a cerimônia de sua iniciação na ordem monástica fosse realizada em segredo, para não melindrar os sentimentos de sua velha mãe, que vivia com ele em Dakshineswar.

No dia marcado, bem cedo pela manhã, uma fogueira foi acesa no Panchavati. Totapuri e Sri Ramakrishna sentaram-se diante dela. A chama iluminava seus rostos. "Ramakrishna era um pequeno homem moreno com uma barba curta e lindos olhos, profundos olhos negros, cheios de luz, obliquamente colocados e levemente velados, jamais totalmente abertos, mas que viam semicerrados à distância, tanto externa como internamente. A boca estava aberta com os dentes brancos com um sorriso encantador, ao mesmo tempo carinhoso e brincalhão. De estatura mediana, franzino ao ponto de ser emaciado e extremamente delicado. Seu temperamento era muito sensível, uma vez que era suscetível a todos os ventos de alegria e tristeza, tantos morais quanto físicos. Era realmente o reflexo vivo de tudo o que acontecia diante do espelho de seus olhos, um espelho de duas faces, virado tanto para dentro como para fora[4]. Diante dele, o outro erguia-se como uma rocha. Era muito alto e robusto, um forte e resistente carvalho. Sua constituição e mente eram de ferro. Era o forte líder dos homens.

Na chama flamejante em sua frente, Sri Ramakrishna executou os rituais para destruir o apego aos parentes, amigos, corpo, mente, órgãos dos sentidos, ego e o mundo. A chama crepitante absorvia tudo, tornando o iniciado livre e puro. O cordão sagrado e o tufo de cabelo foram atirados ao fogo, completando sua separação de casta, sexo e sociedade. Por último queimou naquele fogo, com tudo o que é sagrado, como testemunha, o desejo de gozo neste e no outro mundo, Pronunciou os mantras sagrados confirmando segurança e intrepidez a todos os seres, que eram, apenas manifestações do seu próprio Ser. Uma vez terminados os ritos, o discípulo recebeu do guru a tanga e a roupa ocre, emblemas de sua nova vida.

O mestre e o discípulo retiraram-se para o aposento de meditação, próximo dali. Totapuri começou a transmitir a Sri Ramakrishna, as grandes verdades da Vedanta. "Brahman", disse, "é a única Realidade, sempre puro, sempre iluminado, sempre livre, além dos limites de tempo, espaço e causação. Embora aparentemente separado por nomes e formas, pelo poder inescrutável de maya, a feiticeira que torna o impossível, possível, Brahman é realmente Uno e indivisível. Quando um aspirante se funde na beatitude do samadhi, não percebe tempo e espaço, ou nome e forma, os filhos de maya. Tudo o que estiver dentro do domínio de maya é irreal. Renuncie a eles. Destrua a prisão de nome e forma e saia fora dela com a força de um leão. Mergulhe fundo à procura do Ser e realiza-O pelo samadhi. Verá o mundo de nome e forma esvanecer-se no vazio e o insignificante ego dissolver-se na Consciência de Brahman. Realizará sua identidade com Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos." Citando os Upanishads, Totapuri disse: "É vazio o conhecimento pelo qual uma pessoa vê, ouve ou conhece uma outra pessoa. O que é superficial é sem valor, jamais pode trazer

[4] Romain Rolland, "*Profetas da Nova Índia*" pp. 38/39.

felicidade verdadeira, mas o Conhecimento pelo qual uma pessoa não vê a outra, não ouve a outra ou não conhece a outra, que está além da dualidade, é grande e por meio desse Conhecimento, uma pessoa atinge Bem-aventurança Infinita. Como pode a mente e os sentidos apreender Aquele que brilha no coração de todos como o Sujeito Eterno?"

Totapuri pediu ao discípulo para retirar a mente de todos os objetos do mundo relativo, incluindo deuses e deusas e concentrar-se no Absoluto. A tarefa, contudo, não era fácil, mesmo para Sri Ramakrishna. Achou impossível levar a mente além de Kali, a Mãe Divina do Universo. "Depois da iniciação", Sri Ramakrishna disse certa vez, descrevendo o acontecimento: "Nangta começou a me ensinar as diversas conclusões da Vedanta Advaita e pediu-me para retirar completamente a mente de todos os objetos e mergulhar no Atman. Apesar de todos os esforços, não pude de jeito algum cruzar o campo de nome e forma e trazer a mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade de retirar a mente de todos os objetos do mundo, mas a radiante e bastante familiar figura da Mãe Bem-aventurada, a Encarnação da essência da Pura Consciência, aparecia diante de mim como uma realidade viva. Seu sorriso sedutor impedia-me de atravessar o Grande Além. Repetidas vezes tentei, mas Ela interpunha-se em meu caminho toda vez. Desesperado, disse a Nangta: 'Não há esperança. Não posso elevar minha mente ao estado incondicional e ficar frente a frente com o Atman.' Ele ficou exaltado e asperamente disse: 'O que? Você não pode fazer isso? Mas tem que fazê-lo.' Olhou em volta. Encontrando um pedaço de vidro, pegou-o e espetou-o entre minhas sobrancelhas. 'Concentre a mente neste ponto!' trovejou. Com uma determinação férrea, sentei de novo para meditar. Assim que a forma graciosa da Mãe Divina apareceu diante de mim, usei a discriminação com uma espada e com ela, A parti em dois. A última barreira caiu. Meu espírito imediatamente elevou-se além do plano relativo e perdi-me em samadhi."

Sri Ramakrishna permaneceu completamente absorvido em samadhi durante três dias. "Será verdade?" Totapuri gritou atônito. "Será possível que ele tenha conseguido num único dia o que levei quarenta anos de prática estrênua para alcançar? Grande Deus! Foi simplesmente um milagre!" Com a ajuda de Totapuri, a mente de Sri Ramakrishna finalmente desceu ao plano relativo.

Totapuri, um monge do tipo mais ortodoxo, jamais ficava num lugar por mais de três dias. Permaneceu, porém, onze meses em Dakshineswar. Também ele tinha algo a aprender.

Totapuri não fazia idéia das lutas do homem comum nas malhas da paixão e do desejo. Tendo mantido durante toda sua vida a pureza de uma criança, ria com a idéia de um homem ser derrotado pelos sentidos. Estava convencido de que o mundo era maya e que bastava somente tomar conhecimento disso, para que ele desaparecesse para sempre. Nascido não dualista, não acreditava no Deus Pessoal. Não tinha fé no aspecto terrível de Kali, muito menos no Seu aspecto benigno. Música e o cantar do santo nome de Deus eram, para ele, apenas um amontoado de tolices. Ridicularizava o gasto de emoção durante o culto do Deus Pessoal.

KALI E MAYA

Sri Ramakrishna, por outro lado, embora completamente consciente, como o seu guru, que o mundo é uma aparência ilusória, em vez de menosprezar maya, como um monista ortodoxo, reconhecia sua força na vida relativa. Era todo amor e reverência por maya, percebendo nela uma expressão majestosa e misteriosa da Divindade. Para ele maya em si mesma era Deus, uma vez que tudo era Deus. Era uma das faces de Brahman. O que havia realizado nas alturas do plano transcendental, também encontrou aqui embaixo, em todos os lugares em sua volta, sob a misteriosa roupagem de nomes e formas. Essa roupagem era um envoltório perfeitamente transparente, através do qual reconhecia a glória da Imanência Divina. Maya, o poderoso tecelão dessa vestimenta, não é outro senão Kali, a Mãe Divina. Ela é a Energia Divina Primordial, Shakti e não pode ser separada do Supremo Brahman, como o poder de queimar não pode ser separado do fogo. Ela projeta o mundo e ao mesmo tempo o retira. Ela o tece como a aranha tece a teia. Ela é a Mãe do Universo, idêntica a Brahman da Vedanta e do Atman da Yoga. Como um eterno Legislador, Ela faz e desfaz as leis; é devido à Sua vontade imperiosa que o Karma produz seu fruto. Enreda os homens com ilusão e novamente os alivia da escravidão com um olhar de Seus olhos benignos. Ela é a suprema Senhora do espetáculo cósmico e todos os objetos, animados e inanimados dançam à Sua vontade. Mesmo aqueles que realizam o Absoluto no Nirvikalpa samadhi estão sob a Sua jurisdição, enquanto ainda viverem no plano relativo.

Assim, depois do Nirvikalpa samadhi, Sri Ramakrishna realizou maya num aspecto totalmente novo. O aspecto escravizador de Kali desapareceu de sua visão. Ela não mais obscureceu seu entendi-

mento. O mundo tornou-se a gloriosa Manifestação da Mãe Divina. Maya tornou-se Brahman. O Próprio Transcendental surgiu do Imanente. Sri Ramakrishna descobriu que maya opera no mundo relativo de duas maneiras, que ele denominou "avidyamaya" e "vidyamaya". Avidyamaya representa as forças negras da criação: desejos sensuais, paixões más, ganância, luxúria, crueldade etc. Sustenta o mundo nos planos inferiores. É responsável pela roda de nascimento e morte do homem. Deve ser combatida e conquistada, mas vidyamaya é a força mais elevada da criação: as virtudes espirituais, as qualidades de iluminação, bondade, pureza, amor, devoção. Vidyamaya eleva o homem aos planos mais elevados de consciência. Com a ajuda de vidyamaya o devoto se livra de avidyamaya: torna-se então, mayatita, livre de maya. Os dois aspectos de maya são as duas forças da criação, os dois poderes de Kali; Ela está além de ambos. Ela é como o sol, trazendo a existência e brilhando através e atrás das nuvens de formas e cores diferentes, conjurando formas maravilhosas no céu azul do outono.

A Mãe Divina pediu a Sri Ramakrishna para não se perder no Absoluto sem forma, mas para permanecer em bhavamukha, o limiar da consciência relativa, a linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Ele tinha que ficar no "sexto centro" do Tantra de onde podia ver não só a glória do sétimo mas também, as divinas manifestações da Kundalini nos centros inferiores. Gentilmente oscilava para frente e para trás, atravessando a linha divisória. Devoção extática à Mãe Divina alternava-se com a serena absorção no Oceano de Unidade Absoluta. Assim encurtou a distância entre os aspectos Pessoal e Impessoal, o imanente e o transcendente da Realidade. Essa é uma experiência única em toda a história espiritual já relatada no mundo.

A LIÇÃO DE TOTAPURI

Com Sri Ramakrishna, Totapuri aprendeu o significado de Kali, o Grande Fato do mundo relativo e de maya, Seu indescritível Poder.

Um dia, quando guru e discípulo estavam ocupados numa animada discussão sobre vedanta, um empregado do templo chegou e apanhou um pedaço de carvão do fogo sagrado que tinha sido aceso pelo grande asceta. Queria acender o seu fumo. Totapuri ficou furioso a ponto de quase bater no homem. Sri Ramakrishna caiu na gargalhada. "Que vergonha!", gritou. "Você está explicando a realidade de Brahman e o caráter ilusório do mundo e, contudo, esqueceu-se de si mesmo e quase bateu num homem, num acesso de raiva. O poder de maya é realmente inescrutável!" Totapuri ficou embaraçado.

Por esta época Totapuri repentinamente sofreu um severo ataque de disenteria. Devido a essa doença, viu-se impossibilitado de meditar. Uma noite a dor tornou-se insuportável. Não mais podia concentrar-se em Brahman. O corpo interpunha-se no caminho. Sentiu-se frustrado por esse estado de dependência. Alma livre, não se preocupava de forma alguma com o corpo. Então decidiu afogar-se no Ganges. Por conseguinte, dirigiu-se para o rio. Mas, ah! Ele caminha até a outra margem.[5] Não há água suficiente no Ganges? Em pé, estupefato, na outra margem, olhou para trás. As árvores, os templos, as casas mostravam-se como silhuetas contra o céu. Subitamente, num instante deslumbrante, vê em todos os lados, a presença da Mãe Divina. Ela está em tudo. Ela é tudo. Ela está na água; Ela está na terra, Ela é o corpo; Ela é a mente; Ela é a dor; Ela é o conforto; Ela é o Conhecimento; Ela é a ignorância; Ela é a vida; Ela é a morte; Ela é tudo o que uma pessoa vê, ouve ou imagina. Ela muda "sim" em "não", e "não" em "sim". Sem Sua graça nenhum ser encarnado pode ir além do Seu domínio. O homem não tem livre arbítrio. Não é nem livre para morrer, entretanto, além do corpo e da mente Ela reside no seu aspecto Transcendental Absoluto. Ela é o Brahman que Totapuri vinha adorando durante toda a vida.

Totapuri voltou para Dakshineswar e gastou as últimas horas da madrugada meditando na Mãe Divina. De manhã foi ao templo de Kali com Sri Ramakrishna e prosternou-se ante a imagem da Mãe. Compreendeu agora porque havia passado onze meses em Dakshineswar. Despedindo-se do discípulo, seguiu seu caminho, iluminado.

Mais tarde Sri Ramakrishna descreveu a importância das lições de Totapuri. "Quando penso no Ser Supremo como inativo – nem criando, nem preservando, nem destruindo – chamou-O Brahman ou Purusha, o Deus Impessoal. Quando penso n'Ele como ativo – criando, preservando e destruindo – chamou-O Shakti ou Maya ou Prakriti, o Deus Pessoal. A distinção entre eles, contudo, não significa diferença. O pessoal e o Impessoal são a mesma coisa, como o leite e sua brancura, o diamante e seu

[5] Essa versão do incidente foi tirada da biografia de Sri Ramakrishna, por Swami Saradananda, um dos discípulos diretos do Mestre.

brilho, a cobra e seu movimento sinuoso. É impossível conceber um sem o outro. A Mãe Divina e Brahman são um."

Depois da partida de Totapuri, Sri Ramakrishna permaneceu durante seis meses num estado de identidade absoluta com Brahman. "Durante seis meses seguidos", disse ele, "permaneci naquele estado do qual homens comuns não podem jamais voltar; geralmente o corpo cai, depois de três semanas como uma folha seca. Não era consciente do dia e da noite. As moscas entravam em minha boca e narinas, como ocorre com um cadáver, mas eu não as sentia. Meu cabelo ficou emaranhado com a poeira."

Seu corpo não teria sobrevivido se não fosse a atenção dedicada de um monge que estava em Dakshineswar naquela época e que por qualquer motivo compreendeu que para o bem da humanidade, o corpo de Sri Ramakrishna deveria ser preservado. Tentou por diversas maneiras, mesmo usando a violência física, trazer de volta a alma fugitiva para a prisão do corpo e nos fugazes momentos de lucidez, punha um pouco de comida na boca de Sri Ramakrishna. Por fim Sri Ramakrishna recebeu ordem da Mãe Divina para permanecer no limite da consciência relativa. Em seguida foi acometido por um sério ataque de disenteria. Dia e noite a dor torturou-o e a mente gradualmente desceu ao plano físico.

COMPANHIA DOS SANTOS E DEVOTOS

Daquele momento em diante Sri Ramakrishna começou a procurar a companhia dos devotos e homens santos. Havia atravessado a tormenta e exaustão das disciplinas e visões. Agora realizara calma interna dando a impressão aos outros de que era um homem normal, mas ele não podia suportar a companhia de pessoas do mundo ou escutar suas conversas. Felizmente a atmosfera santificada de Dakshineswar e a generosidade de Mathur atraíam monges e santos de todas as partes do país. Sadhus de todas as denominações - monistas e dualistas – vaishnavas, vedantistas, shaktas e adoradores de Rama – acorriam para lá em número crescente. Ascetas e visionários vinham pedir conselho a Sri Ramakrishna. Os vaishnavas haviam vindo durante sua sadhana vaishnava e os tântricos enquanto praticava as disciplinas dos Tantras. Os vedantistas começaram a chegar depois da partida de Totapuri. No quarto de Sri Ramakrishna, que estava então de cama com disenteria, os vedantistas empenhavam-se em discussões sobre as escrituras e esquecendo o próprio sofrimento físico, resolvia suas dúvidas, referindo-se diretamente às suas próprias experiências. Muitos de seus visitantes eram pessoas espiritualizadas autênticas, pilares invisíveis do hinduísmo e suas vidas espirituais foram aceleradas numa grande medida pelo sábio de Dakshineswar. Sri Ramakrishna, por sua vez, aprendeu com eles as histórias concernentes às maneiras e conduta dos homens santos, que ele posteriormente contava a seus devotos e discípulos. A seu pedido Mathur dava-lhe grandes quantidades de alimentos, roupas etc., que eram assim, distribuídos entre os monges errantes.

Sri Ramakrishna não havia lido, contudo, era dotado de um conhecimento enciclopédico a respeito das religiões e filosofias. Havia adquirido tal conhecimento com inúmeros homens santos e eruditos, com quem estivera em contato. Possuía um poder único de assimilação; através da meditação havia feito desse conhecimento uma parte do seu ser. Uma vez sendo interpelado por um discípulo sobre a origem de seu aparente e inesgotável conhecimento, respondeu: "Eu não li, mas ouvi os eruditos. Fiz uma grinalda de seus conhecimentos e colocando-a em torno do meu pescoço ofereci-a aos pés da Mãe."

Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando a flor desabrocha as abelhas vêm apanhar o mel por sua própria iniciativa. Agora muitas almas começaram a vir a Dakshineswar para satisfazerem sua fome espiritual. Ele, o devoto e aspirante, tornara-se o Mestre. Gauri, o grande erudito que tinha sido um dos primeiros a proclamar Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, visitou o Mestre em 1870 e com as bênçãos do Mestre, renunciou ao mundo. Narayan Shastri, um outro grande pundit, que havia dominado os seis sistemas da filosofia hindu e a quem foi oferecido um posto lucrativo pelo Maharaja de Jaipur, ao ver o Mestre, reconheceu-o como aquele que havia realizado em vida os ideais que ele mesmo só havia encontrado em livros. Sri Ramakrishna iniciou Narayan Shastri, a seu pedido sincero, na vida de sannyas. Pundit Padmalochan, o pundit da corte do Maharaja de Burdwan, muito conhecido por sua erudição tanto na Vedanta como no sistema Nyaya de filosofia, aceitou o Mestre como uma Encarnação de Deus. Krishnakishore, um erudito vedantista, tornou-se devoto do Mestre. Chegou então, Viswanath Upadhyaya, que seria seu devoto favorito. Sri Ramakrishna sempre se dirigiu a ele como "Capitão". Era um alto funcionário do rei do Nepal e havia recebido o título de Coronel em re-

conhecimento ao seu mérito. Um estudioso do *Gita*, do *Bhagavata* e da filosofia Vedanta, diariamente fazia o culto de sua Divindade Escolhida com muita devoção. "Li os Vedas e as outras escrituras", disse ele. "Também tive a oportunidade de conhecer muitos monges bons e devotos em diferentes lugares, mas é na presença de Sri Ramakrishna que meus anseios espirituais concretizam-se. Para mim ele parece ser a personificação das verdades das escrituras."

O Conhecimento de Brahman no nirvikalpa samadhi havia convencido Sri Ramakrishna de que os deuses das diferentes religiões são apenas muitas das interpretações do Absoluto e que a Realidade Suprema jamais pode ser expressa pela língua humana. Compreendeu que todas as religiões conduzem os devotos por diferentes caminhos para uma e mesma meta. Agora tornou-se ansioso para conhecer algumas religiões estrangeiras, porque para ele, entendimento significava uma experiência verdadeira.

ISLAMISMO

No fim de 1866 começou a praticar as disciplinas do islamismo. Sob a direção do seu guru muçulmano, dedicou-se à sua nova sadhana. Vestiu-se como um muçulmano e repetia o nome de Alá. Suas orações correspondiam às devoções islâmicas, esqueceu-se dos deuses e deusas hindus – mesmo de Kali – e desistiu de visitar os templos. Passou a morar nos arredores do templo. Depois de três dias viu uma figura radiante, talvez Maomé, que se aproximou gentilmente dele e finalmente perdeu-se em Sri Ramakrishna. Assim realizou o Deus muçulmano. Em seguida, entrou em comunhão com Brahman. O poderoso rio do islamismo também levou-o de volta para o Oceano do Absoluto.

CRISTIANISMO

Oito anos depois, num domingo de 1874, Sri Ramakrishna foi tomado por um irresistível desejo de aprender a verdade da religião cristã. Começou a ouvir os ensinamentos da Bíblia por Sambhu Charan Mallick, um senhor de Calcutá e devoto do Mestre. Sri Ramakrishna ficou fascinado com a vida e ensinamentos de Jesus. Um dia estava sentado na sala de visitas da chácara[6] de Jadu Mallick em Dakshineswar, quando seus olhos bateram numa pintura da Madonna e o Menino. Olhando fixamente para ela, gradualmente foi sendo tomado por uma emoção divina. As pessoas da pintura ganharam vida e os raios de luz que saíam delas entraram em sua alma. O efeito dessa experiência foi mais forte do que a visão de Maomé. Com angústia, gritou: 'Ó Mãe! O que Tu estás fazendo comigo?" E, atravessando as barreiras de credo e religião, entrou num novo campo de êxtase. Cristo possuiu sua alma. Durante três dias não pôs os pés no templo de Kali. No quarto dia à tarde, enquanto andava no Panchavati viu caminhando em sua direção, uma pessoa com lindos olhos grandes, rosto sereno e pele clara. Quando os dois se olharam, uma voz saiu do fundo da alma de Sri Ramakrishna: "Contempla o Cristo que derramou o sangue do Seu coração para a redenção do homem, que suportou um mar de angústia por amor aos homens. É Ele, o Yogi Mestre, que está em eterna união com Deus. É Jesus, o Encarnado Amor." O Filho do Homem abraçou o Filho da Divina Mãe e fundiu-se nele. Sri Ramakrishna realizou sua identidade com Cristo, como já tinha realizado sua identidade com Kali, Rama, Hanuman, Radha, Krishna, Brahman e Maomé. O Mestre entrou em samadhi e comungou com Brahman com atributos. Assim experimentou a verdade de que o Cristianismo, também, é um caminho que conduz à Consciência de Deus. Até o último momento de sua vida, acreditou que Cristo era uma Encarnação de Deus. Cristo para ele não era, contudo, a única Encarnação; houve outras – Buda, por exemplo, e Krishna.

ATITUDES EM RELAÇÃO A DIFERENTES RELIGIÕES

Sri Ramakrishna aceitava a divindade de Buda e costumava assinalar a semelhança dos seus ensinamentos com aqueles dos Upanishads. Mostrava, também, grande respeito pelos Tirthankaras, que fundaram o Jainismo e pelos dez Gurus do Sikhismo, mas não se referia a eles como Encarnações divinas. Ouviu-se que ele teria dito que os Gurus do Sikhismo haviam sido encarnações do rei Janaka da Índia antiga. Tinha em seu quarto em Dakshineswar, uma pequena estátua do Tirthankara Mahavira e um quadro de Cristo, diante dos quais queimava incenso de manhã e à noite.

Sem ser formalmente iniciado em suas doutrinas, Sri Ramakrishna realizou assim, os ideais de outras religiões, além do hinduísmo. Ele não necessitava seguir qualquer doutrina. Todas as barreiras

[6] Essa expressão é amplamente usada para traduzir a palavra bengali que denota a casa de campo de um homem rico, construída no centro de um jardim.

eram removidas pelo seu amor arrebatador a Deus. Tornou-se, então, um Mestre das várias religiões do mundo, "Pratiquei", disse ele, "Todas as religiões – hinduísmo, islamismo, cristianismo – e segui, também, os caminhos das diferentes seitas hindus. Constatei que se trata do mesmo Deus para quem todos dirigem seus passos, embora seguindo caminhos diferentes. Devem tentar todos os credos e trilhar todos os diferentes caminhos uma vez. Para qualquer lugar que olho vejo homens brigando em nome da religião – hindus, maometanos, brahmos, vaishnavas e assim por diante. Mas eles jamais pensam que Aquele que é chamado Krishna é, também, chamado Shiva e leva o nome de Energia Primordial, Jesus, Alá também – o mesmo Rama com mil nomes. Um lago tem mil ghats. Num os hindus apanham água em seus potes e chamam-na "jal"; num outro, os muçulmanos apanham água em bolsas de couro e chamam-na "pani"; num terceiro os cristãos chamam-na "water". Podemos imaginar que não se trata de "jal", mas apenas "pani" ou "water"? Que ridículo! A substância é Una sob diferentes nomes e todos procuram a mesma substância; apenas clima, temperamento e nome criam diferenças. Deixe cada um seguir seu próprio caminho. Se ele sincera e ardentemente deseja conhecer Deus, paz para ele! Certamente O realizará."

Em 1867 Sri Ramakrishna voltou para Kamarpukur para se recuperar das conseqüências das austeridades. A paz do campo, os amigos simples e ingênuos de sua meninice e o ar puro fizeram-lhe muito bem. Os aldeões ficaram felizes em terem de volta seu brincalhão, franco, esperto, bondoso e veraz Gadadhar, embora não lhes tivesse escapado a grande mudança que lhe ocorrera nesses anos em Calcutá. Sua esposa, Sarada Devi, agora com quatorze anos, logo chegou a Kamarpukur. Seu desenvolvimento espiritual era muito além de sua idade e ela foi capaz de compreender de imediato, o estado de espírito do seu marido. Ficou ansiosa para aprender com ele a respeito de Deus e morar com ele como sua ajudante. O Mestre recebeu-a com alegria tanto como sua discípula, como sua companheira espiritual. referindo-se às suas experiências nesses poucos dias, ela uma vez disse: "Costumava sentir sempre como se um pote cheio de felicidade tivesse sido colocado no meu coração. A alegria foi indescritível."

PEREGRINAÇÃO

No dia 27 de janeiro de 1868, Mathur Babu com uma comitiva de cento e vinte e cinco pessoas saiu em peregrinação até os sagrados lugares do norte da Índia. Em Vadyanath no Behar, quando o Mestre viu os habitantes de um vilarejo reduzidos pela pobreza e inanição, a meros esqueletos, pediu a seu rico protetor para alimentá-los e dar-lhes uma peça de roupa, Mathur objetou a fazer tal gasto extra. O Mestre declarou amargamente que não iria a Benares, mas que viveria entre os pobres e dividiria com eles suas misérias. Chegou a deixar Mathur e sentou-se com os aldeões. Então Mathur teve que ceder. Em outra ocasião, dois anos depois, Sri Ramakrishna mostrou um sentimento semelhante pelos pobres e necessitados. Acompanhou Mathur numa visita a uma das propriedades deste último, por ocasião da coleta de impostos. Durante dois anos as colheitas haviam sido ruins e os arrendatários estavam num estado de extrema pobreza. O Mestre desejava que Mathur perdoasse os impostos, ajudasse-os e ainda desse ao povo faminto, uma festa suntuosa. Quando Mathur reclamou, o Mestre disse: "Você é apenas o administrador da Mãe Divina. Eles são arrendatários da Mãe. Você deve gastar o dinheiro da Mãe. Estão sofrendo, como pode se recusar a ajudá-los? Você deve ajudá-los." Novamente Mathur teve de ceder. A simpatia de Sri Ramakrishna pelos pobres nascia do fato dele ver Deus em todas as criaturas. Seu sentimento não era igual ao do humanista ou filantropo. Para ele o serviço do homem era o mesmo que adoração a Deus.

A comitiva chegou a Benares de barco, pelo Ganges. Quando os olhos de Sri Ramakrishna caíram nessa cidade de Shiva, onde estão acumulados há séculos, a devoção e piedade de adoradores sem conta, viu que ela era feita de ouro, como as escrituras declaram. Ficou visivelmente emocionado. Durante sua estada na cidade, tratava qualquer grão de terra com o maior respeito. No ghat de Manikarnika, o grande crematório da cidade, realmente viu Shiva com o corpo coberto de cinzas, o cabelo dourado emaranhado, aproximando-se serenamente de cada pira funerária e soprando nos ouvidos dos cadáveres o mantra de liberação; depois a Mãe Divina removendo dos mortos seus grilhões. Assim compreendeu o significado da assertiva espiritual de que qualquer um que morra em Benares, salva-se pela graça de Shiva. Visitou Trailanga Swami, o célebre monge, quem ele mais tarde declarou ser um autêntico paramahamsa, verdadeira imagem de Shiva.

Sri Ramakrishna visitou Allahabad, na confluência do Ganges e Jamuna e em seguida, Vrindavan e Mathura, cidade enfeitiçada pelas lendas, canções e dramas a respeito de Krishna e das gopis.

Ali teve numerosas visões e o coração transbordou de emoção divina. Chamou e disse: "Ó Krishna! Tudo aqui está como nos velhos tempos. Só Tu estás ausente." Visitou a grande santa, Gangamayi, considerada pelos devotos vaishnavas, a encarnação de uma companheira íntima de Radha. Tinha sessenta anos e freqüentemente entrava em transe. Referia-se a Sri Ramakrishna como uma encarnação de Radha. Com muita dificuldade conseguiu-se persuadi-lo a deixá-la.

Na viagem de volta, Mathur queria visitar Gaya, mas Sri Ramakrishna recusou-se ir. Lembrou-se da visão de seu pai antes do seu nascimento e sentiu que no templo de Vishnu ficaria para sempre absorvido em Deus. Mathur, satisfazendo o desejo do Mestre, voltou com a comitiva para Calcutá.

O Mestre trouxe de Vrindavan um punhado de terra. Parte dela espalhou no Panchavati; o resto enterrou numa pequena cabana onde praticava meditação. "Agora este lugar", disse, "é tão sagrado quanto Vrindavan."

Em 1870 o Mestre foi em peregrinação a Nadia, cidade natal de Sri Chaitanya. Assim que o barco aproximou-se da margem de areia perto de Nadia, Sri Ramakrishna teve a visão dos "dois irmãos", Sri Chaitanya e seu companheiro, Nityanananda, "brilhantes como ouro derretido", e com auréolas, correndo para saudá-lo com as mãos levantadas. "Aí vêm eles! Aí vêm eles!" gritou. Entrando em seu corpo, caiu em transe profundo.

RELACIONAMENTO COM SUA ESPOSA

Em 1872 Sarada Devi fez sua primeira visita ao marido em Dakshineswar. Quatro anos antes ela o tinha visto em Kamarpukur e provado o gosto da felicidade de sua companhia divina. Desde então tornou-se ainda mais gentil, terna, introspectiva, séria e altruísta. Havia ouvido muitos boatos sobre a insanidade de seu marido. As pessoas apiedavam-se dela nessa infelicidade. Quanto mais pensava, mais sentia que seu dever era estar com ele, dando-lhe na medida do possível, seu serviço de esposa dedicada. Estava agora com dezoito anos. Acompanhada do pai, chegou a Dakshineswar, depois de percorrer a pé uma distância de oitenta milhas. Havia tido um ataque de febre durante o caminho. Quando chegou ao templo, o Mestre disse tristemente: "Ah! Você chegou tarde demais. Meu Mathur já não está aqui para cuidar de você." Mathur havia morrido no ano anterior.

O Mestre incumbiu-se da tarefa de instruir sua jovem esposa e isso incluía tudo, desde os serviços de casa até o Conhecimento de Brahman. Ensinou-a a enfeitar um lampião, como se comportar diante das pessoas de acordo com seus diferentes temperamentos e como se conduzir diante dos visitantes. Instruiu-a nos mistérios da vida espiritual – oração, meditação, japa, contemplação profunda e samadhi. A primeira lição que Sarada Devi recebeu foi: "Deus é o Bem-Amado de todos, assim como a lua é a cara a qualquer criança. Todas as pessoas têm o mesmo direito de orar a Ele. Por Sua graça Ele Se revela a todos que O chamam. Você também O verá se apenas orar por Ele."

Totapuri sabendo do seu casamento, comentou uma vez: "O que importa? Somente aquele que está firmemente estabelecido no Conhecimento de Brahman pode manter seu espírito de discriminação e renúncia, mesmo vivendo com sua esposa. Só atingiu a iluminação suprema aquele que pode olhar um homem ou uma mulher como iguais a Brahman. Um homem com a idéia de sexo na cabeça pode ser um bom aspirante, mas ainda está longe da meta." Sri Ramakrishna e sua esposa viviam juntos em Dakshineswar, mas suas mentes pairavam sempre acima do plano do mundo. Alguns meses depois da chegada de Sarada Devi, Sri Ramakrishna arranjou num dia auspicioso, um culto especial para Kali, a Mãe Divina. Em vez da imagem da Divindade, colocou em seu lugar, uma imagem viva, a própria Sarada Devi. O adorador e a adorada entraram em samadhi profundo e no plano transcendental, suas almas uniram-se. Depois de várias horas, Sri Ramakrishna desceu ao plano relativo, cantou um hino à Grande Deusa e entregou aos pés da própria imagem viva, ele próprio, seu rosário e o fruto da sadhana de toda a vida. Tal cerimônia é conhecida nos Tantras como Shorashi Puja, a "Adoração da Mulher". Sri Ramakrishna compreendeu o significado da grande declaração dos Upanishads: "Ó Senhor, Tu és a mulher, Tu és o homem; Tu és o menino, Tu és a menina; Tu és o velho, trôpego em suas muletas. Tu permeias o universo nas suas múltiplas formas."

Ao casar-se, Sri Ramakrishna mostrou o grande valor do casamento na evolução espiritual do homem e ao tomar votos monásticos, demonstrou a necessidade imperativa do autocontrole, pureza e continência, na realização de Deus. Com seu relacionamento único com a esposa, provou que marido e mulher podem viver juntos como companheiros espirituais. Assim, sua vida é a sínteses das duas maneiras de vida: como chefe de família e como monge.

O "EGO" DO MESTRE

No Nirvikalpa samadhi Sri Ramakrishna havia realizado que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Ao manter a mente durante seis meses no plano de Brahman não-dual, havia atingido o estado de vijnani, o conhecedor da Verdade, num sentido muito especial e rico, aquele que vê Brahman não apenas em si e no Absoluto transcendental, mas em tudo no mundo. Nesse estado de vijnani, às vezes alheio à consciência do corpo, ele se olhava como uno com Brahman; às vezes, consciente do mundo dual, olhava-se como um devoto de Deus, servo ou filho. A fim de tornar o Mestre capaz de trabalhar para o bem-estar da humanidade, a Mãe Divina manteve nele um traço de ego, que descreveu - segundo seu estado – como o "ego do conhecimento"' o "ego da devoção", o "ego de um filho", ou o "ego de um servo". Em qualquer um desses casos, esse ego do Mestre, consumido pelo fogo do Conhecimento de Brahman, era apenas aparente, como uma corda queimada. Muitas vezes referia-se a esse ego como o "ego maduro" em contraste com o ego de uma alma apegada, que descrevia como ego "não maduro" ou "verde". O ego de uma alma apegada identifica-se com o corpo, parentes, posses e o mundo, mas o "ego maduro", iluminado pelo Conhecimento Divino, reconhece que o corpo, parentes, posses e o mundo são irreais e estabelece uma relação de amor somente com Deus. Através do seu "ego maduro", Sri Ramakrishna lidava com o mundo e com a esposa. Um dia, enquanto massageava seus pés, Sarada Devi perguntou ao Mestre: "O que você pensa de mim?" Logo veio a resposta: "A Mãe que é adorada no templo é a que deu nascimento ao meu corpo e que está agora morando no nahabat e é Ela que também está massageando meus pés nesse momento. Na verdade, sempre considerei você a personificação da Bem-aventurada Mãe Kali."

Sarada Devi na companhia do marido, teve raras experiências espirituais. Dizia: "Não tenho palavras para descrever minha maravilhosa exaltação de espírito quando o observava nos seus diferentes estados. Sob divina emoção, ele às vezes falava de assuntos incompreensíveis, às vezes ria, às vezes chorava e às vezes tornava-se imóvel em samadhi. Isso continuava pela noite adentro. Havia uma tal extraordinária presença divina nele que, de vez em quando tremia de medo e admiração, pensando como a noite passaria. Meses passaram-se assim. Um dia descobriu que eu tinha que ficar acordada a noite inteira porque, durante meu sono, ele talvez entrasse em samadhi – isso poderia acontecer a qualquer momento e assim, pediu-me para dormir no nahabat."

RESUMO DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS DO MESTRE

Chegava agora o fim da sadhana de Sri Ramakrishna, o período de sua disciplina espiritual. Como conseqüência de suas experiências além dos sentidos, chegou a certas conclusões concernentes a si mesmo e à espiritualidade em geral. Suas conclusões sobre si mesmo podem ser resumidas assim:

Primeiro, era uma Encarnação de Deus, uma pessoa especialmente comissionada, cujas experiências espirituais eram para o bem da humanidade. Enquanto uma pessoa comum leva uma vida inteira para realizar um ou dois aspectos de Deus, ele em poucos anos, realizou-O em todos Seus aspectos.

Segundo, sempre soube que tinha sido uma alma livre, que as diversas disciplinas pelas quais havia passado, realmente não eram necessárias para sua própria liberação, mas somente para o benefício dos outros. As palavras liberação e escravidão não eram aplicáveis a ele. Enquanto houver seres que se considerem apegados, Deus tem que vir à terra como uma Encarnação, para libertá-los dessa escravidão, como um magistrado tem que visitar um lugar de seu distrito em que haja problemas.

Terceiro, suas previsões sobre a época de sua morte concretizaram-se completamente.

Sobre espiritualidade em geral, foram as seguintes suas conclusões:

Primeiro, estava firmemente convencido de que todas as religiões são verdadeiras, de que todo sistema de doutrina representa um caminho para Deus. Seguira todos os principais caminhos e todos levaram-no ao mesmo objetivo. Foi o primeiro profeta religioso registrado pela história, a pregar a harmonia das religiões.

Segundo, percebeu que os três grandes sistemas de pensamento conhecidos como Dualismo, Não-dualismo Qualificado e Absoluto Não-dualismo – Dvaita, Vishishtadvaita e Advaita – representam os três estágios do progresso do homem em direção à Realidade Suprema. Não se contradiziam, mas se complementavam e ajustavam-se aos diferentes temperamentos. Para o homem comum, com grande apego aos sentidos, a forma dualista de religião, prescrevendo uma certa quantidade de apoio material, como música e outros símbolos, é útil. Um homem que já realizou Deus transcende a idéia

dos deveres mundanos, mas o mortal comum executa seus deveres, lutando para ser desapegado e entregar os resultados a Deus. A mente pode compreender e descrever a o pensamento e a experiência até o Vishishtadvaita, mas não além. A Advaita, a última palavra em experiência espiritual, é qualquer coisa a ser sentida em samadhi, porque transcende a mente e a fala. Do ponto de vista mais elevado, o Absoluto e Sua manifestação são igualmente reais - o Nome do Senhor, Sua Morada e o Próprio Deus são da mesma Essência espiritual. Tudo é Espírito, a diferença está somente na forma.

Terceiro, Sri Ramakrishna realizou o desejo da Mãe Divina de que através dele, Ela fundaria uma nova Ordem, formada por aqueles que manteriam de pé as doutrinas ilustradas em sua vida.

Quarto, sua vida espiritual dizia-lhe que aqueles estavam em sua última encarnação nesse plano mortal de existência e aqueles que haviam chamado sinceramente pelo Senhor uma vez apenas durante sus vidas, deveriam vir a ele.

Nessa época Sri Ramakrishna sofreu várias perdas de pessoas que lhe eram caras. A primeira foi a morte de um sobrinho, chamado Akshay. Depois da morte do jovem, Sri Ramakrishna disse: "Akshay morreu diante de meus olhos, mas isso não me afetou em nada. Fiquei assistindo e observei como um homem morre. Era como uma espada sendo tirada da bainha. Diverti-me com a cena, ria, cantava e dançava. Retiraram o corpo e cremaram-no. No dia seguinte fui ali (*apontando para a varanda sudeste de seu quarto*), senti uma dor aguda pela perda de Akshay, como se alguém estivesse torcendo meu coração como uma toalha úmida. Fiquei admirado com isso e pensei que a Mãe estivesse me dando uma lição. Eu não estava preocupado nem mesmo com o próprio corpo – muito menos com a do meu parente, mas se tal era a minha dor com a perda de um sobrinho, como não seria a dos chefes de família com a perda de seus próximos e queridos entes!" Em 1871 Mathur morreu e cinco anos mais tarde, Sambhu Mallick – que depois da morte de Mathur havia assumido as despesas do Mestre. Em 1873 morreu seu irmão mais velho, Rameswar e em 1876, sua amada mãe. Essas perdas tiveram um impacto no terno coração humano de Sri Ramakrishna, embora tivesse realizado a imortalidade da alma e a ilusão do nascimento e morte.

Em março de 1875, mais ou menos um ano antes da morte da mãe, o Mestre conheceu Keshab Chandra Sen. O encontro foi um acontecimento importante tanto para Sri Ramakrishna como para Keshab. Naquele momento, pela primeira vez, o Mestre entrou em contato com um digno representante da Índia moderna.

BRAHMO SAMAJ

Keshab foi o líder do Brahmo Samaj, um dos dois grandes movimentos que, na última metade do século XIX, desempenhou um importante papel no renascimento da Índia. O fundador do movimento Brahmo foi o grande Raja Rammohan Roy (1774-1833). Embora tenha nascido numa família brahmin ortodoxa, Rammohan Roy demonstrava uma grande simpatia pelo islamismo e pelo cristianismo. Foi ao Tibé à procura dos mistérios budistas. Extraiu do cristianismo o sistema ético, mas rejeitou a divindade de Cristo, da mesma maneira que havia negado as Encarnações Hindus. O islamismo influenciou-o bastante na formulação de suas doutrinas monoteístas, mas ele sempre voltava para os Vedas a fim de obter inspiração espiritual. O Brahmo Samaj, que havia fundado em 1828, era dedicado ao "culto e adoração do Eterno, Insondável, Ser Imutável, que é o Autor e Preservador do Universo." Era aberto a todos sem distinção de cor, casta, nação ou religião.

O verdadeiro organizador do Samaj foi Devendranath Tagore (1817-1905), pai do poeta Rabindranath. Sua beleza física e espiritual, seu porte aristocrático, agudo intelecto e sensibilidade poética tornaram-no o líder mais notável dos intelectuais bengalis. Esses dirigiam-se a ele com o epíteto respeitoso de Maharshi, o "Grande Vidente". O Maharshi era um grande erudito sânscrito e, ao contrário de Raja Rammohan Roy, tirava inspiração inteiramente dos Upanishads. Foi um inimigo implacável do culto à imagem e também, lutou para deter a infiltração das idéias cristãs no Samaj. Deu ao movimento sua fé e ritual. Sob sua influência, o Brahmo Samaj professou Um Ser Supremo Auto-existente, que havia criado o universo do nada, o Deus da Verdade, Sabedoria Infinita, Bondade e Poder, o Eterno e Onipotente, o Uno sem Segundo. Os homens devem amá-Lo e fazer Sua vontade, acreditar n'Ele e adorá-Lo e assim, merecer a salvação no mundo vindouro.

Sem dúvida alguma, o líder mais capaz do movimento Brahmo foi Keshab Chandra Sen (1838-1884). Ao contrário de Raja Rammohan Roy e Devendranath Tagore, Keshab nasceu numa família bengali de classe média e tinha sido educado numa escola inglesa. Não conhecia sânscrito e logo afastou-se da religião hindu popular. Já em tenra idade havia ficado fascinado por Cristo e afirmava ter ex-

perimentado a graça especial de João Batista, Cristo e São Paulo. Quando lutou para introduzir Cristo no Brahmo Samaj, a ruptura tornou-se inevitável com Devendranath. Em 1868 Keshab rompeu com o chefe mais antigo e fundou o Brahmo Samaj da Índia, sendo que Devendranath manteve-se à frente da organização inicial, agora chamada Adi Samaj.

Keshab possuía uma natureza complexa. Quando passava por uma grande crise moral, ficava a maior parte do tempo na solidão e sentia ouvir a voz de Deus. Quando um novo culto devocional era introduzido no Brahmo Samaj, passava horas cantando o kirtan com seus membros. Visitou a Inglaterra em 1870 e impressionou o povo inglês com sua voz musical, seu inglês simples e seu fervor espiritual. Foi recebido pela rainha Victoria. Voltando à Índia, fundou centros do Brahmo Samaj em várias partes do país. Como professor de religiões comparativas de uma universidade européia, começou a descobrir, por ocasião de seu primeiro contato com Sri Ramakrishna, a harmonia das religiões. Começou a olhar com simpatia os deuses e deusas hindus, explicando-os de uma maneira liberal. Além disso acreditava que havia sido chamado por Deus para dar ao mundo uma lei recentemente revelada por Ele, a Nova Revelação, o Navavidhan.

Em 1878 houve uma cisão no Samaj de Keshab. Alguns membros influentes acusaram-no de infringir os princípios do Brahmo Samaj, ao casar sua filha com um homem rico, antes dela atingir a idade própria para tal, aprovada pelo Samaj. Esse grupo desligou-se e estabeleceu o Sadharan Brahmo Samaj, ficando Keshab como chefe remanescente do Navavidhan. Keshab agora começou a ser atraído cada vez mais para o ideal de Cristo, apesar de, sob a influência de Sri Ramakrishna, sua devoção à Mãe Divina tivesse se aprofundado. Sua oscilação mental entre Cristo e a Mãe Divina do hinduísmo não encontrava uma posição de equilíbrio. Em Bengala e outros lugares da Índia, o movimento Brahmo assumiu a forma de cristianismo unitarista, escarnecendo dos rituais hindus e pregando a cruzada contra o culto das imagens. Sob a influência da cultura ocidental, declarava a supremacia da razão, advogava os ideais da Revolução Francesa, abolia o sistema de castas entre seus membros, lutava pela emancipação das mulheres, agitada pela abolição do casamento precoce, permitia o casamento das viúvas e encorajava os vários movimentos educacionais e de reforma social. O efeito imediato do movimento Brahmo em Bengala foi o confronto com as atividades proselitistas dos missionários cristãos. Também levantou a cultura indiana aos olhos dos seus senhores ingleses, mas tratava-se de um fermento religioso intelectual e eclético, nascido da necessidade do momento. Ao contrário do hinduísmo, não havia surgido das profundas experiências interiores de sábios e profetas. Sua influência estava confiada a praticamente poucos homens e mulheres intelectuais do país e a vasta massa dos indianos ficou de fora. Monotonamente tocava apenas uma nota só da rica escala musical da Religião Eterna dos indianos.

ARYA SAMAJ

Um outro movimento que teve importante papel na renovação religiosa da Índia, foi o Arya Samaj. O Brahmo Samaj, movimento essencialmente de compromisso com a cultura européia, admitiu tacitamente a superioridade do ocidente, mas o fundador era um combativo sannyasin hindu que havia aceitado o desafio do islamismo e cristianismo e havia decidido combater todas as influências estrangeiras na Índia. Swami Dayananda (1824-1883) lançou esse movimento em Bombaim em 1875 e logo sua influência fez-se sentir em toda a Índia ocidental. O Swami foi um grande erudito dos Vedas, que ele explicava, eram monoteístas. Era contra o culto das imagens e restabeleceu os ritos sacrificais védicos antigos. De acordo com ele, os Vedas eram a última autoridade em matéria de religião e ele aceitava cada palavra como sendo literalmente verdadeira. O Arya Samaj tornou-se um baluarte contra a usurpação do islamismo e cristianismo e seu sabor ortodoxo tocou muitas mentes indianas. Liderou também muitos movimentos de reforma social. O sistema de castas tornou-se um alvo de seu ataque. As mulheres foram liberadas de muitas de suas limitações sociais. A educação recebeu um grande impulso. Iniciou uma campanha contra o casamento entre crianças, defendendo um novo matrimônio para as viúvas. Sua maior influência foi no Punjab, campo de batalha das culturas hindu e islâmica. Uma nova atitude combativa foi introduzida na adormecida sociedade indiana. Ao contrário do Brahmo Samaj, a influência do Arya Samaj não se limitou aos intelectuais. Era uma força que se disseminava entre as massas. Era um movimento dogmático, intolerante com aqueles que discordassem de seus pontos de vista e dava ênfase apenas a um caminho, o caminho do Arya Samaj, para a realização da Verdade. Sri Ramakrishna encontrou Swami Dayananda quando este último visitou Bengala.

KESHAB CHANDRA SEN

Keshab Chandra Sen e Sri Ramakrishna encontraram-se pela primeira vez na chácara de Jayagopal em Belgharia, umas poucas milhas de Dakshineswar, onde o grande líder Brahmo estava hospedado com alguns discípulos. Em muitos pontos ambos eram pólos opostos, embora uma atração irresistível interna os havia feito amigos íntimos. O Mestre havia realizado Deus como Espírito Puro e Consciência, mas também acreditava nas diversas formas de Deus. Keshab, por sua vez, considerava o culto à imagem, idolatria e dava explicações alegóricas das divindades hindus. Keshab era um orador e escritor de livros e artigos de revistas; Sri Ramakrishna tinha aversão a conferências e com dificuldade sabia escrever o nome. A fama de Keshab havia se espalhado por toda a parte, chegando mesmo às distantes praias da Inglaterra; o Mestre ainda levava uma vida reclusa no vilarejo de Dakshineswar. Keshab dava ênfase às reformas sociais para que fosse conseguida a regeneração da Índia; para Sri Ramakrishna a realização de Deus era a única meta da vida. Keshab considerava-se um discípulo de Cristo, mas aceitava com reservas, os sacramentos cristãos e a Trindade; Sri Ramakrishna era um simples filho de Kali, a Mãe Divina, embora ele também, de uma forma diferente, aceitasse a divindade de Cristo. Keshab era um chefe de família e interessava-se pelo bem-estar de seus filhos, enquanto que Sri Ramakrishna era um Paramahamsa, completamente indiferente à vida do mundo. Contudo, uma vez que o relacionamento havia amadurecido em amizade, Sri Ramakrishna e Keshab nutriam um pelo outro um sentimento cordial e de respeito. Anos mais tarde, com a notícia da morte de Keshab, o Mestre sentiu como se o corpo estivesse paralisado. Os conceitos de Keshab sobre a harmonia das religiões e o caráter maternal de Deus aprofundaram-se e enriqueceram-se com seu contato com Sri Ramakrishna.

Sri Ramakrishna, vestido com um 'dhoti' de franja vermelha, com cada ponta atirada displicentemente por cima do ombro esquerdo, chegou à chácara de Jayagopal acompanhado de Hriday. Ninguém notou a presença do modesto visitante. Por fim, o Mestre disse a Keshab: "Disseram-me que o senhor viu Deus; por isso vim ouvi-lo falar sobre Ele." Seguiu-se um diálogo maravilhoso. O Mestre entoou uma emocionante canção sobre Kali e por fim, entrou em samadhi. Quando Hriday murmurou o sagrado "Om" em seu ouvido, gradualmente voltou à consciência do mundo, o rosto ainda irradiando um brilho divino. Keshab e seus seguidores estavam extasiados. O contraste entre Sri Ramakrishna e os devotos Brahmos era muito interessante. Ali sentou-se aquele homem pequeno, magro e extremamente delicado. Os olhos possuíam luz interior. Um bom humor brilhava em seus olhos e um sorriso permanecia no canto da boca. Falava bengali popular com uma leve e deliciosa gagueira e suas palavras faziam as pessoas ficarem maravilhadas pela riqueza da experiência espiritual, seu conteúdo inesgotável de comparações e metáforas, seu poder de observação, seu humor brilhante e sutil, sua universalidade maravilhosa, seu fluxo incessante de sabedoria. À sua volta estavam os homens sofisticados de Bengala, os melhores produtos da educação ocidental, com Keshab, o ídolo da jovem Bengala, como seu chefe.

A sinceridade de Keshab foi suficiente para Sri Ramakrishna. Daí por diante os dois passaram a se ver freqüentemente, tanto em Daksineswar como no templo Brahmo Samaj. Sempre que o Mestre encontrava-se no templo por ocasião do serviço divino, Keshab chamava-o para falar à congregação. Keshab, por sua vez, visitava o santo, oferecendo-lhe flores e frutas.

OUTROS CHEFES BRAHMOS

Gradualmente os outros dirigentes Brahmos começaram a sentir a influência de Sri Ramakrishna. Eram, porém, admiradores críticos do Mestre. Desaprovavam particularmente sua renúncia ascética e a condenação de "mulher e ouro" [7]. Julgavam-no de acordo com seus próprios ideais de vida como chefes de família. Alguns não compreendiam seu samadhi e descreviam-no como uma doença nervosa. Contudo não podiam resistir à sua personalidade magnética.

Entre os chefes Brahmos que conheciam intimamente o Mestre, estavam Pratap Chandra Mazumdar, Vijaykrishna Goswami, Trailokyanath Sannyal e Shivanath Shastri.

Um dia Shivanath ficou bastante impressionado com a absoluta simplicidade do Mestre e sua aversão ao elogio. Estava sentado com Sri Ramakrishna no quarto desse último, quando chegaram vários homens ricos de Calcutá. O Mestre deixou o aposento por alguns minutos. Nesse ínterim Hriday, seu sobrinho, começou a descrever seu samadhi aos visitantes. As últimas palavras foram ouvidas pelo

[7] Ver nota n° 2 do Capítulo 1.

Mestre ao entrar no quarto. Disse a Hriday: "Que pessoas de espírito mesquinho você deve ser, para me enaltecer dessa maneira, perante esses homens ricos! Você deve ter visto seu vestuário caro e suas correntes e relógios de ouro e o objetivo deles é tirar quanto dinheiro puder. O que me importa o que eles pensam a meu respeito? (*Virando para os senhores*). Não, meus amigos, o que ele lhe disse a meu respeito não é verdade. Não foi o amor de Deus que me fez ficar absorvido n'Ele e indiferente ao mundo exterior. Positivamente fiquei louco durante um certo tempo. Os sadhus que freqüentavam esse templo haviam-me mandado praticar muitas coisas. Tentei segui-los e a conseqüência foi que minhas austeridades levaram-me à insanidade." Essa é uma citação de um dos livros de Shivanath. Ele levou as palavras do Mestre ao pé da letra, sem atinar sua importância verdadeira.

Shivanath criticava veementemente o Mestre pela sua atitude fora do comum em relação à esposa. Escreveu: "Ramakrishna estava praticamente separado da esposa que morava em seu vilarejo natal. Um dia em que eu estava comentando com alguns amigos a respeito da virtual viuvez de sua esposa, ele me chamou para um canto e murmurou no meu ouvido: 'Por que você se queixa? Não é mais possível; está tudo morto e desaparecido.' Outro dia como eu estivesse investindo contra essa parte do seu ensinamento e também, dizendo que nosso programa de trabalho no Brahmo Samaj inclui mulheres, que a nossa é uma religião social e doméstica e que desejamos dar educação e liberdade social para as mulheres, o santo ficou muito exaltado, como era seu jeito quando qualquer coisa contra sua convicção estabelecida era discutida – um traço que gostamos muito nele – exclamou: 'Vá, seu tolo, e enterre-se no buraco que suas mulheres cavarão para você.' Então olhou para mim e disse: 'O que um jardineiro faz com um brotinho? Não põe uma cerca para protegê-lo das cabras e do gado? E quando a plantinha tiver crescido e se transformado numa árvore e não mais puder ser pisoteada pelo gado, não retira a cerca e deixa-a crescer livremente?' Respondi: 'Sim, esse é o costume dos jardineiros.' Então observou: 'Faça o mesmo com sua vida espiritual: torne-se forte, completamente adulto e então poderá procurá-las.' A que respondi: 'Não concordo com o senhor, dizendo que o trabalho das mulheres é como o do gado, destrutivo; são nossas associadas e ajudantes nas lutas espirituais e progresso social' – um ponto de vista com o qual ele não podia concordar e demonstrou sua reprovação, sacudindo a cabeça. Referindo-se à hora avançada, jocosamente comentou: 'É hora do senhor ir embora; tome cuidado, não se atrase, caso contrário, '*sua mulher não permitirá sua entrada no quarto*.' Isso provocou uma risada calorosa."

Pratap Chandra Mazumdar, braço direito de Keshab e pregador perfeito do Brahmo na Europa e América, criticava amargamente Sri Ramakrishna pelo uso de uma linguagem inculta e também, pela atitude em relação à esposa. Não podia, porém, escapar da magia da personalidade do Mestre. Num artigo a respeito de Sri Ramakrishna, Pratap escreveu no *Theistic Quarterly Review*: "O que há de comum entre nós? Eu, um homem à maneira européia, civilizado, autocentrado, um tanto céptico, um pretenso racionalizador educado, um discriminador, e ele, um devoto hindu, pobre, iletrado, impolido, meio idólatra, sem amigos? Por que haveria eu de me sentar longas horas para ouvi-lo, eu que ouvi Disraeli e Fawcett, Stanley e Max Müller e todo um vasto conjunto de eruditos e divinos? ... Não sou eu somente, mas dúzias de pessoas como eu, que fazem a mesma coisa. ... Ele adora Shiva, adora Kali, adora Rama, adora Krishna e é um confirmado defensor das doutrinas vedantistas. ... É um idólatra, contudo, um fiel e maior meditante nas perfeição do Uno Sem Forma, Absoluto, Divindade Infinita.... Sua religião é o êxtase, seu culto significa visão interior transcendental, sua natureza inteira queima dia e noite com um fogo permanente e febre de uma estranha fé e sentimento... Enquanto ele estiver conosco com alegria, sentaremos aos seus pés a fim de aprender os preceitos sublimes de pureza, não mundanismo, espiritualidade e inebriação no amor de Deus... Ele, pela bhakti infantil, pelas suas fortes concepções da Maternidade, ajudou-nos a descobrir isto (Deus como nossa Mãe), de forma fascinante... Ao nos associarmos com ele, aprendemos a compreender melhor os atributos divinos disseminados entre trezentos e trinta milhões de divindades da Índia mitológica, os deuses dos Puranas."

Os dirigentes Brahmos receberam muita inspiração pelo seu contato com Sri Ramakrishna. Isto alargou seus pontos de vista religiosos e inflamou nos seus corações o anelo pela realização de Deus; fê-los compreender e apreciar os rituais e os símbolos da religião hindu, convencendo-os da manifestação de Deus em diversas formas e aprofundou seus pensamentos sobre a harmonia das religiões. O Mestre, também, estava impressionado com a sinceridade de muitos devotos Brahmos. Falou-lhes sobre suas próprias realizações e explicou-lhes a essência de seus ensinamentos, tais como a necessidade de renúncia, sinceridade em seguir seu próprio curso de disciplina, fé em Deus, execução dos deveres pessoais sem pensar nos resultados e discriminação entre o Real e o irreal.

O contato com bengalis educados e progressistas abriram os olhos de Sri Ramakrishna para um novo campo de pensamento. Nascido e criado num simples vilarejo, sem educação formal e recebendo ensinamentos de santos ortodoxos da Índia, sobre a vida religiosa, não tinha tido oportunidade de estudar a influência do modernismo no pensamento e na vida dos hindus. Não havia podido estimar com precisão o impacto da educação ocidental na cultura indiana. Era o Hindu dos hindus, sendo a renúncia para ele, o único meio para a realização de Deus na vida. Dos Brahmos aprendeu que a nova geração da Índia havia firmado um compromisso entre Deus e o mundo. Os jovens educados sentiam mais a influência dos filósofos ocidentais do que seus próprios profetas. Sri Ramakrishna, porém, não desanimou, porque via nisso, também, a mão de Deus. Embora tivesse exposto aos Brahmos todas suas idéias a respeito de Deus e das disciplinas religiosas austeras, contudo, fazia-os aceitar de seus ensinamentos, apenas o que convinha aos seus gostos e temperamentos.

O ANELO DO MESTRE PARA TER SEUS PRÓPRIOS DEVOTOS

O contato com os Brahmos aumentou o desejo de Sri Ramakrishna de encontrar aspirantes capazes de seguir seus ensinamentos na forma mais pura. "Não havia limite", declarou ele certa vez, "para o anelo que eu sentia naquela época. Durante o dia, de uma certa maneira, conseguia controlá-lo. A conversa das pessoas de mentalidade mundana me irritava e esperava com ansiedade, o dia em que meus próprios amados companheiros chegariam. Esperava encontrar consolo, conversando com eles e contando-lhes minhas próprias realizações. Qualquer pequeno incidente fazia-me lembrar deles e pensamentos sobre eles tomavam-me totalmente. Já estava mesmo planejado o que diria a um ou daria a outro etc. Ao terminar o dia, não podia mais controlar meus sentimentos. O pensamento de que mais um dia havia se passado e eles não haviam chegado, oprimia-me. Quando, durante o serviço da tarde, os templos soavam com o tocar dos sinos e conchas, eu subia ao terraço do kuthi no jardim, contorcendo-me de angústia no coração e gritava com o máximo e minha voz: 'Venham, meus filhos! Ó, onde estão vocês? Não suporto viver sem vocês.' Jamais uma mãe ansiou tão intensamente para ver o filho, nem um amigo pelos seus companheiros, nem um amante por sua amada, como eu por eles. Ó, foi indescritível! Um pouco depois desse período de ânsia, os devotos [8] começaram a chegar.

Em 1879 alguns artigos esporádicos sobre Sri Ramakrishna escritos pelos Brahmos, em revista Brahmo, começaram a atrair os futuros discípulos entre os intelectuais bengalis da classe média e continuaram a chegar até 1884. Outros, entretanto, vieram, sentindo o poder sutil de sua atração. Era uma multidão sempre mutável de pessoas de todas as classes e credos: Hindus e Brahmos, vaishnavas e shaktas, letrados com diploma universitário e os incultos, velhos e jovens, maharajas e mendigos, jornalistas e artistas, pundits e devotos, filósofos e pessoas de mentalidade mundana, jnanis e yogis, homens de ação e homens de fé, mulheres virtuosas e prostitutas, empregados em escritório e desocupados, filantropos e buscadores, dramaturgos e bêbados, construtores e demolidores. Deu-lhes tudo, sem distinção, tirando do seu ilimitado estoque de realização. Ninguém saía de mãos vazias. Ensinava-lhes a sabedoria elevada da Vedanta e o amor abrasador dos Puranas. Das vinte e quatro horas, falava sem descanso ou pausa, vinte. Dava a todos sua simpatia e iluminação e tocava-os com aquele estranho poder da alma que não podia senão derreter até os mais empedernidos. E as pessoas o compreendiam de acordo com seu poder de entendimento.

MÉTODO DE ENSINO DO MESTRE

Ele, contudo, permaneceu como sempre, um instrumento dedicado nas mãos de Deus, o filho da Divina Mãe, totalmente intocado pela idéia de ser um mestre. Costumava dizer que três idéias – a de que era um guru, um pai e um mestre – espetavam sua pele como se fosse espinhos. Foi um instrutor extraordinário. Atingia os corações de seus discípulos mais por sua influência sutil do que por ações ou palavras. Jamais proclamou-se o fundador de uma religião ou organizador de uma seita. Foi, porém, um dínamo religioso. Foi o contestador de todas as religiões e credos. Era um jardineiro experiente, que prepara o solo e remove as ervas daninhas, sabendo que as plantas vão crescer devido ao poder inerente das sementes, dando a cada uma, flores e frutos apropriados. Jamais impôs suas idéias a

[8] O termo é usado de maneira geral no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é dedicado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra "discípulo", quando usada em conexão com Sri Ramakrishna é aquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que o considera seu guru.

ninguém. Compreendia as limitações das pessoas e trabalhava em cima do princípio segundo o qual, o que é bom para um pode ser mau para o outro. Possuía o poder incomum de conhecer as mentes dos devotos, mesmo suas almas mais recônditas à primeira vista. Aceitava os discípulos tendo pleno conhecimento de suas tendências passadas e possibilidades futuras. A vida de uma pessoa maldosa não o assustava, nem os melindres religiosos faziam com que alguém subisse em sua estima. Via em tudo o dedo infalível da Mãe Divina. Até a luz que desvia, era para ele a luz que vinha de Deus.

Para aqueles que se tornaram seus discípulos íntimos, o Mestre era um amigo, companheiro e parceiro de folguedos. Até mesmo as durezas das disciplinas religiosas ficavam leves ante sua presença. Os devotos ficavam tão inebriados de pura alegria na sua companhia, que não tinham tempo para perguntar se ele era uma Encarnação, uma alma perfeita ou um yogi. Sua simples presença era um ensinamento; as palavras eram supérfluas. Nos últimos anos os discípulos perceberam que enquanto estavam com ele, olhavam-no como um camarada, mas em seguida tremiam em pensar em suas frivolidades na presença de uma pessoa tão grande. Tinham a prova convincente de que o Mestre podia, por um simples desejo, acender em seus corações, o amor de Deus e conceder-lhe Sua visão.

Através de suas brincadeiras e pilhérias, sua alegria e frivolidade, sempre mantinha diante deles o ideal luminoso da consciência de Deus e do caminho da renúncia. Prescrevia subidas íngremes ou suaves de acordo com a capacidade do escalador. Não permitia qualquer concessão aos princípios básicos da pureza. Um aspirante tinha que conservar o corpo, mente, sentidos e alma sem mácula; tinha que ter um amor sincero por Deus e um sempre crescente espírito de anelo por Deus. Todo restante seria feito pela Mãe.

Havia dois tipos de discípulos: os chefes de família e os jovens, sendo que alguns deles vieram a ser mais tarde, monges. Havia também, um grupo pequeno de devotas.

DEVOTOS CHEFES DE FAMÍLIA

Para os chefes de família, Sri Ramakrishna não prescrevia o árduo caminho da renúncia total. Queria que cumprissem suas obrigações para com suas famílias. Sua renúncia tinha que ser mental. A vida espiritual não podia ser obtida fugindo-se das responsabilidades. Um casal deveria viver como irmãos depois do nascimento de um ou dois filhos, dedicando todo o seu tempo a conversas espirituais e contemplação. Encorajava os chefes de família, dizendo-lhes que suas vidas eram de uma certa maneira mais fácil do que a de um monge, pois, era vantajoso combater o inimigo de dentro de uma fortaleza do que em campo aberto. Insistia, entretanto, em sua retirada para a solidão de vez em quando, para fortalecer a devoção e fé em Deus, através da prece, japa e meditação. Prescrevia-lhe a companhia de sadhus. Pedia-lhes para fazerem seus deveres mundanos utilizando uma das mãos, enquanto segurava Deus com a outra e orassem a Deus, de tal forma que ao final, pudessem segurá-Lo com ambas as mãos. Desencorajava tanto nos chefes de família como nos jovens solteiros, qualquer tibieza em suas lutas espirituais. Não lhes pedia que seguissem indiscriminadamente o ideal de não-resistência, o que em termos finais, transforma um incauto num covarde.

FUTUROS MONGES

Para os jovens destinados a serem monges, contudo, sugeria que trilhassem o áspero caminho da renúncia tanto externa como interna. Deviam fazer voto de continência absoluta e abster-se todo pensamento de ganância e luxúria. Pela prática da continência, os aspirantes desenvolvem um nervo sutil através do qual compreendem os mistérios mais profundos de Deus. Para eles autocontrole é final, imperativo e absoluto. Os sannyasins são instrutores de homens e suas vidas deviam estar completamente livres de mácula. Não devem nem mesmo olhar para uma figura que possa despertar suas paixões ocultas. O Mestre selecionou seus futuros monges entre jovens não tocados por "mulher e ouro" e moldáveis a ponto de se adaptarem ao modelo espiritual. Quando os ensinava o caminho da renúncia e discriminação não permitia que os chefes de família ficassem por perto.

RAM E MANOMOHAN

Os dois primeiros chefes de família que chegaram a Dakshineswar foram Ramchandra Dutta e Manomohan Mitra. Praticante de medicina e química, Ram era céptico a respeito de Deus e religião e jamais havia experimentado paz de espírito. Desejava uma prova tangível da existência de Deus. O

Mestre disse-lhe: "Deus realmente existe. Você não vê as estrelas durante o dia, mas isso não significa que elas não existam. Há manteiga no leite, mas pode alguém vê-la simplesmente olhando para o leite? A fim de obtê-la, uma pessoa deve bater o leite num lugar quieto e frio. Você não pode realizar Deus por um simples desejo; deve passar por algumas disciplinas mentais." Gradualmente o Mestre despertou a espiritualidade de Ram e este tornou-se um dos seus principais discípulos leigos. Foi Ram quem apresentou Narendranath a Sri Ramakrishna. Narendra era parente de Ram.

Manomohan no início teve de enfrentar uma considerável oposição de sua esposa e outros parentes, que se ressentiam de suas visitas a Dakshineswar, mas por fim o amor desinteressado do Mestre triunfou sobre a afeição mundana. Foi Manomohan quem trouxe Rakhal para o Mestre.

SURENDRA

Suresh Mitra, um amado discípulo a quem o Mestre dirigia-se como Surendra, recebeu uma educação inglesa e exercia um importante cargo numa firma inglesa. Como muitos outros jovens educados do seu tempo, orgulhava-se de seu ateísmo e levava a vida de um boêmio. Era chegado à bebida. Tinha uma idéia exagerada sobre o livre arbítrio do homem. Vítima de uma depressão nervosa foi levado a Sri Ramakrishna por Ramchandra Dutta. Ao ouvir o Mestre pedindo a um discípulo que praticasse a virtude de entregar-se a Deus, ficou impressionado. Embora tivesse tentado dali para frente agir dessa manaira, foi incapaz de largar suas antigas associações e bebida. Um dia o Mestre disse em sua presença: "Bem, quando uma pessoa vai a um lugar indesejável, por que ela não leva a Mãe Divina consigo?" E para o próprio Surendra, Sri Ramakrishna disse: "Por que você não bebe vinho como vinho consagrado? Ofereça-o à Kali e depois, tome-o como prasad, como vinho consagrado, mas veja que não fique embriagado; não deve cambalear, nem os pensamentos devem vagar. No princípio sentirá uma agitação comum, mas logo experimentará exaltação espiritual." Gradualmente sua vida inteira modificou-se. O Mestre designou-o como um daqueles comissionados pela Mãe Divina, para bancar a maior parte de suas despesas. A bolsa de Surendra estava sempre aberta para o conforto do Mestre.

KEDAR

Kedarnath Chatterji era dotado de temperamento espiritual e havia tentado vários caminhos religiosos, alguns não muito recomendáveis. Ao encontrar o Mestre em Dakshineswar, compreendeu o verdadeiro significado da religião. Dizia-se que o Mestre, cansado de dar instrução aos devotos que vinham a ele em grande número para orientação, havia uma vez orado à Deusa Kali: "Mãe, estou cansado de falar às pessoas. Por favor, dê poder a Kedar, Girish, Ram, Vijay e Mahendra para que eles dêem a elas a instrução preliminar, de forma que um pouco de ensinamento meu seja suficiente." Ele estava, contudo, atento ao apego que Kedar há muito tempo sentia pelas coisas do mundo e muitas vezes o havia prevenido contra isso.

HARISH

Harish, um jovem rico, renunciou à sua família e refugiou-se no Mestre, que o amava por sua sinceridade, vontade firme e natureza calma. Passava o tempo em oração e meditação, fazendo-se surdo aos rogos e ameaças de seus parentes. Referindo-se à sua paz de espírito imperturbável, o Mestre dizia: "Homens verdadeiros estão mortos para o mundo, embora vivos. Olhe para Harish. Ele é um exemplo." Quando o Mestre lhe pediu para que fosse um pouco mais delicado com sua esposa, Harish disse-lhe: "O senhor deve me desculpar nesse ponto. Esse não é o lugar para mostrar gentileza. Se eu for simpático com ela, há a possibilidade de me esquecer do ideal e ser enredado pelo mundo."

BHAVANATH

Bhavanath Chatterji visitou o Mestre quando ainda era adolescente. Seus pais e parentes consideravam Sri Ramakrishna insano e fizeram o possível para impedir que ele se tornasse íntimo do Mestre. O rapaz, porém, era muito obstinado e muitas vezes passou as noites em Dakshineswar. Era fortemente ligado a Narendra e o Mestre incentivava essa amizade. A sua simples visão muitas vezes ocasionava emoção espiritual em Sri Ramakrishna.

BALARAM BOSE

Balaram Bose vinha de uma rica família vaishnava. Desde a juventude mostrou um temperamento religioso profundo e dedicava o tempo à meditação, oração e estudo das escrituras. Tinha ficado muito impressionado com o Mestre desde o seu primeiro encontro. Perguntou a Sri Ramakrishna se Deus realmente existia e se o homem poderia realizá-Lo. O Mestre disse: "Deus revela-Se ao devoto que O considera como o seu mais íntimo e querido. Pelo fato de que você não tenha recebido resposta à sua oração uma vez, não deve concluir que Ele não existe. Ore a Deus, pense n'Ele como sendo mais importante do que seu próprio eu. Ele é muito apegado a Seus devotos, aproxima-Se de uma pessoa antes mesmo que ela O procure. Não há ninguém mais íntimo e querido do que Deus." Balaram jamais havia ouvido falar de Deus com palavras tão cheias de força; cada uma delas parecia-lhe verdadeira. Sob a influência do Mestre, passou por cima das convenções do ritual vaishnava e tornou-se um dos mais queridos discípulos O Mestre dormia em sua casa, sempre que passava a noite em Calcutá.

MAHENDRA OU M.

Mahendranath Gupta, mais conhecido como "M.", chegou a Dakshineswar, em março de 1882. Pertencia ao Brahmo Samaj e era diretor do High School de Vidyasagarr em Syambazar, em Calcutá. À primeira vista o Mestre reconheceu nele um dos seus discípulos "marcados". Mahendra relatou em seu diário, as conversas de Sri Ramakrishna com os devotos. Essas são as primeiras palavras diretamente registradas, na história espiritual do mundo, de um homem reconhecido como pertencente à classe de um Buda e Cristo. O presente volume é uma tradução desse diário. Mahendra foi um instrumento, através de seus contatos pessoais, na disseminação da mensagem do Mestre entre muitas almas jovens e aspirantes.

NAG MAHASHAY

Durgacharan Nag, também conhecido como Nag Mahashay, foi o chefe de família ideal entre os discípulos leigos de Sri Ramakrishna. Foi a personificação do ideal de vida do Mestre, não tocado pelo mundanismo. Apesar de ter intenso desejo de se tornar um sannyasin, Sri Ramakrishna pediu-lhe para viver no mundo com espírito de monge e o discípulo de fato levou em frente tal prescrição. Nasceu de uma família pobre e mesmo em sua meninice muitas vezes sacrificou tudo para diminuir os sofrimentos dos necessitados. Casou-se com tenra idade e, depois da morte da esposa, casou-se pela segunda vez, obedecendo ordem de seu pai. Mas um dia disse a ela: "O amor a nível físico não dura. É realmente abençoado aquele que pode dar seu amor a Deus com todo seu coração. Mesmo um pequeno apego ao corpo dura muitos nascimentos. Por conseguinte, não fique apegado a essa gaiola de ossos e carne. Refugie-se aos pés da Mãe e só pense n'Ela. Assim sua vida aqui e depois, será enobrecida." O Mestre referia-se a ele como uma "luz ardente". Acatava cada palavra de Sri Ramakrishna como uma verdade incontestável. Um dia ouviu o Mestre dizer que era difícil para médicos, advogados e corretores fazerem muito progresso na espiritualidade. Dos médicos dizia, "Se a mente agarra-se às pequenas gotas de remédios, como pode conceber o Infinito?" Isso foi o fim da carreira médica de Durgacharan que jogou sua caixa de remédios no Ganges. Sri Ramakrishna assegurou-lhe que não lhe faltaria comida simples e roupas. Ordenou-lhe que servisse os santos. Quando ele lhe perguntou onde encontraria santos de verdade, o Mestre respondeu-lhe que os próprios sadhus procurariam sua companhia. Nenhum sannyasin poderia ter vivido uma vida tão austera como Durgacharan.

GIRISH GHOSH

Girish Chandra Ghosh nasceu um rebelde contra Deus, um céptico, um boêmio, um bêbado. Foi o maior ator dramático bengali de seu tempo, o pai do moderno teatro bengali. Como outros jovens, absorveu todos os vícios do Ocidente. Havia entrado numa vida de dissipação e estava convencido de que a religião era apenas uma fraude. Justificava a filosofia materialista como aquela que permitia a uma pessoa pelo menos, gozar um pouco a vida. Uma série de reveses abalaram-no e ele ficou ansioso para solucionar o enigma da vida. Havia ouvido falar que na vida espiritual, a ajuda de um guru era imperativa e que o guru deveria ser olhado como o Próprio Deus. Girish, contudo, estava bastante impregnado da natureza humana para ver perfeição num homem. Seu primeiro encontro com Sri Ra-

makrishna não o impressionou. Voltou para casa com tivesse visto uma aberração num circo porque o Mestre, em estado semiconsciente, havia perguntado se era noite, apesar de todos os lampiões estarem acesos no quarto. Seus caminhos, porém, cruzaram-se muitas vezes e Girish não pôde evitar encontros posteriores. O Mestre assistiu a uma apresentação de Girish no Star Theatre. Dessa vez, também, Girish não achou nada de extraordinário nele. Um dia, porém, por acaso Girish viu o Mestre dançando e cantando com os devotos. Sentiu o contágio e quis juntar-se a eles, mas controlou-se com medo do ridículo. Outro dia Sri Ramakrishna já estava prestes a dar-lhe instrução espiritual, quando Girish disse: "Não quero ouvir instruções. Eu mesmo escrevi minhas instruções. De nada servem. Por favor, ajude-me de uma maneira mais palpável, se puder." Isso agradou ao Mestre que pediu a Girish para cultivar a fé.

À medida que o tempo passava, Girish começou a aprender que o guru é aquele que silenciosamente faz desabrochar a vida interior do discípulo. Tornou-se um devoto firme do Mestre. Muitas vezes enchia o Mestre de insultos, bebia em sua presença e tomava liberdades que chocavam os outros devotos, mas o Mestre sabia que no fundo do coração, Girish era terno, fiel e sincero. Não permitiu que Girish abandonasse o teatro e quando um devoto pediu-lhe para lhe falar para deixar de beber, severamente respondeu-lhe: "Isso não é da sua conta. Aquele que assumiu a responsabilidade dele, olhará por ele. Girish é um devoto do tipo heróico. Digo-lhe, a bebida não o afetará. O Mestre sabia que simples palavras não levam um homem a largar hábitos profundamente enraizados, mas que a influência silenciosa do amor operava milagres. Por conseguinte, jamais pediu-lhe para largar o álcool, o que teve como resultado, o fato de Girish por fim, abandonar esse hábito. Sri Ramakrishna fortalecera a resolução de Girish ao permitir que ele sentisse que era absolutamente livre.

Um dia Girish sentiu-se deprimido pelo fato de não se sentir capaz de se submeter a qualquer rotina de disciplina espiritual. Em estado exaltado, o Mestre disse-lhe: "Está bem, dê-me sua procuração. Daqui para frente assumo suas responsabilidades. Você não tem que fazer nada." Girish deu um suspiro de alívio. Sentia-se feliz em pensar que Sri Ramakrishna havia assumido suas responsabilidades espirituais. O pobre Girish, porém, não havia compreendido que ele também, de sua parte, tinha que desistir de sua liberdade e tornar-se uma marionete nas mãos de Sri Ramakrishna. O Mestre começou a discipliná-lo de acordo com sua nova atitude. Um dia Girish disse a respeito de um assunto banal, "Sim, farei isso", "Não, não", o Mestre corrigiu-o. "Você não deve falar dessa maneira egoísta. Deve dizer, "Se Deus quiser, farei isso". Girish compreendeu. Daí por diante esforçou-se para abandonar toda idéia de responsabilidade pessoal e entregar-se à Vontade Divina. Sua mente começou a morar constantemente em Sri Ramakrishna. Essa meditação inconsciente ao longo do tempo, purificou seu espírito turbulento.

Os devotos chefes de família geralmente visitavam Sri Ramakrishna nos domingos à tarde e nos feriados. Assim uma camaradagem fraternal gradualmente formou-se e o Mestre encorajava esse sentimento fraternal. De vez em quando aceitava um convite para ir à casa de um devoto, para o que outros devotos eram também convidados. Organizavam um kirtan e passavam horas dançando e entoando músicas devocionais. O Mestre entrava em transe ou abria o coração em narrações religiosas e contava suas próprias experiências espirituais. Muitas pessoas que não podiam ir a Dakshineswar participavam desses encontros e sentiam-se abençoados. Tal evento finalizava com uma festa suntuosa.

Era, contudo, na companhia de jovens devotos, almas puras ainda não maculadas pelo mundanismo, que Sri Ramakrishna experimentava a maior alegria. Entre os jovens que mais tarde abraçaram a vida familiar, encontravam-se Narayan. Paltu, o jovem Naren, Tejchandra e Purna. Visitavam, às vezes, o Mestre com forte oposição de suas famílias.

PURNA

Purna era um rapazinho de treze anos que Sri Ramakrishna descrevia como um Isvarakoti, uma alma nascida com qualidades espirituais especiais. O Mestre dizia que Purna era o último do grupo de brilhantes devotos que uma vez vira em transe e que viriam a ele para receber iluminação espiritual. Purna disse a Sri Ramakrishna, em seu segundo encontro, "O senhor é o Próprio Deus encarnado em carne e sangue." Tais palavras vindas de um simples jovem, mostravam de que estofo ele era constituído.

MAHIMACHARAN E PRATAP HAZRA

Mahimacharan e Pratap eram dois devotos que se sobressaíam por suas pretensões e manias. O Mestre, entretanto, mostrou-lhes seu amor infatigável e doçura., embora ele estivesse ciente de suas limitações. Mahimacharan Chakvararty havia encontrado o Mestre muito antes da chegada dos outros discípulos. Ele havia tido a intenção de levar uma vida espiritual, mas um forte desejo de conquistar nome e fama constituía sua fraqueza. Afirmava ter sido iniciado por Tota Puri e costumava dizer que seguia o caminho do conhecimento segundo as instruções de seu guru. Possuía uma grande biblioteca de livros em inglês e sânscrito. Embora fingisse ter lido todos, a maior parte das páginas não haviam sido cortadas. O Mestre conhecia todas as suas limitações, embora apreciasse ouvi-lo citar os Vedas e outras escrituras. Sempre mandou que Mahima meditasse no significado dos textos das escrituras e praticasse disciplina espiritual.

Pratap Hazra, um senhor de meia idade, era natural de um vilarejo perto de Kamarpukur. Não era completamente indiferente aos sentimentos religiosos. Num impulso de momento havia abandonado sua casa, mãe idosa, esposa e filhos para se refugiar no templo de Dakshineswar, aonde tinha a intenção de levar uma vida espiritual. Adorava discutir e o Mestre muitas vezes citava-o como um exemplo de argumentação estéril. Era extremamente crítico em relação aos outros e vangloriava-se de seu próprio adiantamento espiritual. Era malicioso e muitas vezes procurou perturbar as mentes dos jovens discípulos do Mestre, criticando-os por sua vida feliz e alegre e mandando que eles dedicassem seu tempo à meditação. O Mestre de modo provocante, comparava Hazra a Jatila e Kutila, as duas mulheres que sempre criavam aborrecimentos a Krishna em seu relacionamento com as gopis e dizia que Hazra vivia em Dakshineswar para "engrossar o caldo", acrescentando complicações.

ALGUNS HOMENS IMPORTANTES

Sri Ramakrishna também relacionou-se com muitas pessoas dotadas de erudição e riqueza que as faziam ser respeitadas em todos os lugares. Poucos anos antes, havia encontrado Devendranath Tagore, famoso em toda Bengala, por sua riqueza, erudição, caráter santo e posição social. O Mestre, contudo, achou-o decepcionante, porque embora Sri Ramakrishna estivesse esperando encontrar um santo com renúncia completa do mundo, Devendrananth combinava sua santidade com uma vida de prazer. Sri Ramakrishna conheceu o grande poeta Michael Madhusudan, que havia aderido ao cristianismo "por bem do seu estômago". A ele o Mestre não pôde dar instrução porque a Mãe Divina "prendeu sua língua". Além deles, conheceu Maharaja Jatindra Mohan Tagore, um aristocrata de Bengala; Kristodas Pal, editor, reformador social e patriota; Iswar Vidyasagar, notável filantropo e educador; Pundit Shashadhar, grande expoente da ortodoxia hindu; Aswini Kumar Dutta, mestre, moralista e líder do nacionalismo indiano e Bankim Chatterji, magistrado, novelista, ensaísta e um dos criadores da prosa bengali moderna. Sri Ramakrishna não era homem de se deslumbrar pela aparência externa, glória ou eloqüência. Um pundit sem discriminação era olhado por ele como uma simples palha. Buscava nos corações das pessoas, a luz de Deus e faltando isso, nada tinha a ver com eles.

KRISTODAS PAL

O europeizado Kristodas Pal não apreciava a ênfase dada por Sri Ramakrishna à renúncia e dizia: "Senhor, essa tendência à renúncia quase arruinou o país. É por esta razão que a Índia é hoje em dia uma nação subjugada. Fazer o bem às pessoas, trazer educação à porta do ignorante e sobretudo, melhorar as condições materiais do país – esse é o nosso dever agora. O grito de religião e renúncia iriam, ao contrário, enfraquecer-nos. O senhor deveria aconselhar os jovens de Bengala a lançarem-se somente em atos que elevem o espírito o país." Sri Ramakrishna lançou um olhar perscrutador e não encontrou luz divina dentro dele. "O senhor, homem de pouco entendimento!" disse Sri Ramakrishna asperamente. "Ousa desprezar com esses termos, renúncia e piedade, que nossas escrituras descrevem como as maiores de todas as virtudes. Depois de ter lido duas páginas em inglês, pensa que chegou a conhecer o mundo! Parece pensar que é onisciente. Bem, já viu esses pequenos caranguejos que nascem no Ganges assim que as chuvas começam? Nesse imenso universo você é ainda mais insignificante do que uma dessas pequenas criaturas. Como ousa falar de *ajudar* o mundo? O Senhor olhará por isso. Você não possui poder para fazer isso." Depois de uma pausa, o Mestre continuou: "Pode explicar-me como pode trabalhar pelos outros? Sei o que quer dizer por ajudá-los. Alimentar um certo número de pessoas, tratá-las quando estiverem doentes, construir estradas ou cavar um poço – não é tudo isso? Esses são atos bons, sem dúvida, mas como são insignificantes em comparação com a vastidão

do universo! Qual a distância que um homem pode avançar nessa linha? Quantas pessoas você pode salvar da fome? A malária destruiu uma vila inteira; o que você pode fazer para cessar o seu assalto? Só Deus cuida do mundo. Que o homem primeiro O realize. Que o homem primeiro consiga a autoridade de Deus e seja dotado de Sua força somente então, pode ele pensar em fazer bem aos outros. Um homem deve primeiro ser destituído de todo egoísmo. Só assim a Bem-aventurada Mãe lhe pedirá para trabalhar pelo mundo." Sri Ramakrishna desacreditava na filantropia que pretendia ser considerada caridade. Prevenia às pessoas contra ela. Via na maioria dos atos filantrópicos apenas o egoísmo, vaidade, desejo de glória, um estéril passatempo para matar o tédio da vida ou uma tentativa de aliviar uma consciência culpada. Caridade verdadeira, ensinava, é o resultado do amor a Deus – serviço à humanidade, com espírito de adoração.

DISCÍPULOS MONÁSTICOS

Os discípulos que o Mestre treinou para a vida monástica foram os seguintes:

Narendranath Dutta (Swami Vivekananda)
Rakhal Chandra Ghosh (Swami Brahmananda)
Gopal Sur (Swami Advaitananda)
Baburam Ghosh (Swami Premananda)
Taraknath Ghoshal (Swami Shivananda)
Jogindranath Choudhury (Swami Jogananda)
Sashibhushan Chakravarty (Swami Ramakrishnananda)
Saratchandra Chakravarty (Swami Saradananda)
Latu (Swami Adbhutananda)
Nitya Niranjan Sen (Swami Niranjanananda)
Kaliprasad Chandra (Swami Abhedananda)
Harinath Chattopadhyaya (Swami Turiyananda)
Sarada Prasanna (Swami Trigunatitananda)
Gangadhar Ghatak (Swami Akhandananda)
Subodh Ghosh (Swami Subodhananda)
Hariprasanna Chatterji (Swami Vijnanananda)

LATU

O primeiro desses jovens que chegou para o Mestre foi Latu. Nascido de pais desconhecidos em Belur, veio a Calcutá à procura de trabalho e foi empregado por Ramchandra Dutta como ajudante dos serviços domésticos. Tomando conhecimento da santidade de Sri Ramakrishna, visitou o Mestre em Dakshineswar e ficou profundamente tocado por sua cordialidade. Quando estava de saída, o Mestre pediu-lhe que aceitasse algum dinheiro para voltar para casa de barco ou de carruagem, mas Latu declarou que tinha uns trocados que fez tilintar em seu bolso. Sri Ramakrishna mais tarde pediu a Ram para permitir a Latu ficar com ele permanentemente. Sob a orientação de Sri Ramakrishna, Latu fez grande progresso na meditação e foi abençoado com êxtases, mas todos os esforços do Mestre para lhe dar uma educação rudimentar foram em vão. Latu era um amante do kirtan e outras canções devocionais, mas permaneceu iletrado toda sua vida.

RAKHAL

Mesmo antes da chegada de Rakhal a Dakshineswar, o Mestre havia tido visões dele como seu filho espiritual e como companheiro de Krishna em Vrindavan. Rakhal nasceu numa família rica. Na infância apresentou maravilhosos traços espirituais e costumava brincar de adorar deuses e deusas. Na adolescência casou-se com uma irmã de Manomohan Mitra, de quem ouviu falar do Mestre, pela primeira vez. Seu pai fez objeção à sua associação com Sri Ramakrishna, mas depois ficou mais tranqüilo ao saber que muitas pessoas importantes visitavam Dakshineswar. O relacionamento entre o Mestre e seu amado discípulo era o de mãe e filho. Sri Ramakrishna permitia a Rakhal muitas liberdades negadas aos outros, mas não hesitava em castigar seu menino por suas ações erradas. Uma vez Rakhal sentiu um ciúme infantil porque achava que outros rapazes estavam recebendo afeição do Mestre, mas

logo superou esse sentimento e compreendeu que seu guru era o Guru de todo o universo. O Mestre preocupou-se quando soube de seu casamento, mas ficou aliviado ao saber que a esposa era uma alma espiritualizada e que não seria entrave ao seu progresso.

GOPAL MAIS VELHO

Gopal Sur de Sinthi veio para Dakshineswar já numa idade avançada e por isso foi chamado Gopal Mais Velho. Havia perdido a esposa e o Mestre consolou-o na sua tristeza. Logo renunciou ao mundo e dedicou-se integralmente à meditação e à oração. Alguns anos mais tarde Gopal doou ao Mestre as roupas ocres com as quais esse último iniciou muitos dos seus discípulos na vida monástica.

NARENDRA

A fim de espalhar sua mensagem pelos quatro cantos da terra, Sri Ramakrishna necessitava de um forte instrumento. Com o corpo delicado e pernas frágeis, não tinha condição de fazer viagens a grandes distâncias. Esse instrumento foi encontrado em Narendranath Dutta, seu querido Naren, mais tarde conhecido mundialmente como Swami Vivekananda. Mesmo antes de encontrá-lo, o Mestre o havia visto numa visão como um sábio, absorvido na meditação do Absoluto e que havia concordado, a pedido de Sri Ramakrishna em tomar um corpo humano para ajudá-lo em seu trabalho.

Narendranath nasceu em Calcutá no dia 12 de janeiro de 1863, de uma família aristocrática kayastha. Sua mãe vivia mergulhada nos épicos hindus e seu pai, um grande promotor da Alta Corte de Calcutá, era agnóstico a respeito de religião, um amigo dos pobres, um zombador das convenções sociais. Mesmo em sua meninice e juventude, Narendra possuía grande coragem física e presença de espírito, imaginação viva, profundo poder de pensamento, inteligência aguda, memória extraordinária, amor pela verdade, paixão pela pureza, espírito de independência e coração terno. Músico exímio, também possuía bons conhecimentos em física, astronomia, matemática, filosofia, história e literatura. Ao crescer tornou-se um rapaz muito bonito. Mesmo quando criança praticava meditação e apresentava um grande poder de concentração. Embora livre e apaixonado em palavra e ação, tomou o voto de austera castidade religiosa e jamais permitiu que o fogo da pureza fosse extinto pela mais tênue mácula do corpo ou da alma.

Como havia lido na universidade os filósofos ocidentais racionalistas do século XX, sua fé infantil em Deus e na religião ficou abalada. Não acreditava na religião por mera fé; desejava demonstração sobre a existência de Deus, mas logo sua natureza apaixonada, insatisfeita com uma mera abstração, necessitava de um apoio concreto para suas horas de tentação. Desejava um poder externo, um guru que, encarnando a perfeição, acalmaria a agitação de sua alma. Atraído pela personalidade magnética de Keshab, juntou-se ao Brahmo Samaj e tornou-se cantor no coro, mas no Samaj não encontrou o guru que podia dizer que havia visto Deus.

Em estado de conflito mental e tortura d'alma, Narendra veio para Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Tinha então dezoito anos de idade e estava no secundário há dois anos. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna acompanhado de alguns amigos inconseqüentes. A pedido de Sri Ramakrishna cantou algumas canções, despejando nelas toda sua alma e o Mestre entrou em samadhi. Alguns minutos mais tarde, Sri Ramakrishna subitamente levantou-se, pegou Narendra pela mão e levou-o até a varanda com telas, de seu quarto, ao norte. Estavam sós. Dirigindo-se a Narendra de forma terna, como se fossem amigos há muito tempo, o Mestre disse-lhe: "Ah! Você chegou muito tarde. Por que foi tão indelicado comigo a fim de me fazer esperar todos esses dias? Meus ouvidos estão cansados de ouvir palavras fúteis dos homens do mundo. Ó, como venho ansiando despejar todo meu espírito no coração de alguém capaz de receber minha mensagem!" Assim falava, soluçando o tempo todo. Então, de pé defronte de Narendra, com as mãos postas, dirigiu-se ao jovem como Narayana, nascido na terra a fim de remover a miséria da humanidade. Segurando a mão de Narendra, pediu-lhe para voltar sozinho e brevemente. Narendra estava estarrecido, "O que é isso que vim ver?" disse para si mesmo. "Ele deve estar completamente louco. Qual a razão disso, eu que sou filho de Viswanath Dutta. Como ousa falar comigo dessa maneira?"

Quando voltaram para o aposento e Narendra ouviu o Mestre falando com os outros, ficou surpreendido em encontrar em suas palavras, uma lógica interior, uma sinceridade admirável e uma prova convincente de sua espiritualidade. Em resposta à pergunta de Narendra, "Senhor, já viu Deus?" O Mestre disse: "Sim, Vi-O e de forma mais tangível do que vejo você. Falei-Lhe de forma mais íntima

do que aquela que estou falando com você." Continuando o Mestre disse: "Mas, meu filho, quem quer ver Deus? As pessoas choram jarros de lágrimas por dinheiro, esposa e filhos, mas se chorassem por Deus, somente por um dia, certamente O veria." Narendra estava extasiado. Não poderia duvidar dessas palavras. Era a primeira vez que ouvia um homem dizer que havia visto Deus. Mas ele não podia conciliar essas palavras do Mestre, com a cena que ocorrera na varanda apenas alguns minutos atrás. Concluiu que Sri Ramakrishna era um monomaníaco e voltou para casa ainda mais confuso.

Durante sua segunda visita, que ocorreu um mês mais tarde, subitamente, a um toque do Mestre, Narendra sentiu-se tomado e viu as paredes do quarto e tudo em volta rodando e desaparecendo. "O que o senhor está fazendo comigo?" gritou aterrorizado. "Tenho pai e mãe em casa." Vi seu próprio ego e todo o mundo quase que tragado pelo vazio sem nome. Com uma risada, o Mestre facilmente o fez voltar ao seu estado normal. Narendra pensou que estivesse sido hipnotizado, mas não pôde compreender como um monomaníaco poderia ter lançado encantamento na mente de uma pessoa forte como ele. Voltou para casa ainda mais confuso do que nunca e resolveu que dali para frente, ficaria em guarda contra aquele estranho homem.

Em sua terceira visita Narendra não se saiu melhor. Dessa vez, ao toque do Mestre, perdeu completamente a consciência. Enquanto ainda estava naquele estado, Sri Ramakrishna perguntou-lhe a respeito de seus antecedentes espirituais e origem, sua missão neste mundo e a duração de sua vida mortal. As respostas confirmaram o que o Mestre sabia e havia deduzido. Entre outras coisas veio a saber que Narendra era um sábio que havia atingido a perfeição e que, no dia em que conhecesse sua verdadeira natureza, abandonaria o corpo através da yoga, por um ato de vontade.

Uns poucos encontros a mais removeram completamente da mente de Narendra os últimos traços de que Sri Ramakrishna pudesse ser um monomaníaco ou um hipnotizador hábil. Sua integridade, pureza, renúncia e ausência de egoísmo eram inquestionáveis, mas Narendra não podia aceitar um homem, um mortal imperfeito, como seu guru. Como membro do Brahmo Samaj, não podia aceitar que um intermediário humano fosse necessário entre o homem e Deus. Além do mais, abertamente ria das visões de Sri Ramakrishna, considerando-as alucinações. No fundo do coração, porém, nutria um grande amor pelo Mestre.

Sri Ramakrishna estava grato à Mãe Divina por lhe ter enviado alguém que duvidava de suas realizações. Muitas vezes pedia a Narendra para testá-lo como os cambistas testam suas moedas. Ele ria da crítica mordaz de Narendra sobre suas experiências espirituais e samadhi. Quando as palavras sarcásticas de Narendra magoavam-no, a Própria Mãe Divina consolava-o, dizendo: "Por que você dá ouvidos a ele? Em poucos dias ele vai acreditar em cada uma das suas palavras." Mal podia agüentar as ausências de Narendra. Muitas vezes chorou amargamente para vê-lo. Às vezes Narendra achava que o amor do Mestre era constrangedor e um dia repreendeu-o asperamente, advertindo-o de que tal amor o levaria ao nível de seu objeto. O Mestre ficou amargurado e orou à Mãe Divina. Disse a Narendra: "Seu patife, não vou ouvi-lo nunca mais. A Mãe diz que o amo porque vejo Deus em você e que no dia em que eu não vir Deus em você, não poderei suportar sua presença."

O Mestre queria transmitir para Narendra os ensinamentos da filosofia da Vedanta não-dualista. Narendra, porém, devido à sua educação Brahmo, achava uma blasfêmia considerar um homem uno com seu Criador. Um dia no templo, rindo, disse a um amigo: "Que bobagem! Esse suco é Deus! Essa xícara é Deus! Tudo o que vejo é Deus! E nós, também, somos Deus! Nada pode ser mais absurdo." Sri Ramakrishna saiu do aposento e gentilmente tocou-o. Fascinado, imediatamente percebeu que tudo no mundo era realmente Deus. Um novo universo abriu-se em sua volta. Voltando para casa num estado de torpor, aí também viu que a comida, o prato, o que comia, as pessoas em sua volta, era tudo Deus. Quando andava pela rua, viu que as carruagens, os cavalos, as pessoas, os edifícios eram todos Brahman. Mal pôde executar suas obrigações do dia. Seus pais, preocupados com ele, julgaram-no doente. Quando a intensidade da experiência diminuiu um pouco, viu o mundo como um sonho. Andando na praça pública, batia com a cabeça contra as grades de ferro a fim de constatar se eram reais. Levou vários dias até que recobrasse seu eu normal. Havia tido o vislumbre das grandes experiências ainda por ocorrerem e compreendeu que as palavras da Vedanta eram verdadeiras.

No começo de 1884 o pai de Narendra morreu subitamente de um ataque de coração, deixando a família na mais extrema miséria. Havia seis ou sete bocas para comer em casa. Credores batiam à porta. Parentes que antes aceitavam a bondade ilimitada de seu pai, agora tornaram-se inimigos, alguns deles mesmo entraram na justiça para tirar de Narendra a casa ancestral. Agora faminto e descalço, Narendra procurou um emprego, mas sem sucesso. Começou a duvidar se em algum lugar desse mun-

do havia uma tal coisa como simpatia desinteressada. Duas mulheres ricas fizeram-lhe propostas indecorosas, prometendo-lhe livrá-lo de sua desgraça, mas ele as rejeitou com desprezo.

Narendra começou a falar de sua dúvida sobre a verdadeira existência de Deus. Seus amigos pensaram que ele havia se tornado ateu e impiedosamente fizeram comentários aduzindo motivos escusos para sua descrença. Mesmo alguns discípulos do Mestre acreditaram em parte e Narendra disse-lhes diretamente que, somente um covarde acreditaria em Deus por medo do sofrimento ou do inferno. Ficou, porém, amargurado ao pensar que Sri Ramakrishna também pudesse acreditar em tais rumores falsos. Seu orgulho revoltou-se. Disse para si mesmo: "O que importa? Se o bom nome de um homem repousa em fundamentos tão fracos, não me importo." Mais tarde, porém, veio a saber com admiração, que o Mestre jamais perdera a fé nele. A um discípulo que se queixou da degradação de Narendra, Sri Ramakrishna respondeu: "Cale-se, seu tolo! A Mãe disse-me que jamais poderá ser assim. Não vou mais olhar para você, se continuar a falar dessa maneira."

Chegou a hora em que o infortúnio de Narendra atingiu seu clímax. Tinha passado o dia todo sem comida. Como estava voltando para casa ao anoitecer, mal podia levantar as pernas cansadas. Sentou-se defronte a uma casa, exausto, tão fraco que nem podia pensar. A mente começou a divagar. Subitamente o poder divino levantou o véu que envolvia sua alma. Havia encontrado a solução para o problema da coexistência da justiça divina e miséria, a presença do sofrimento da criação de uma Providência Bem-aventurada. Sentiu o corpo reanimado, a alma banhada em paz e dormiu serenamente.

Narendra então compreendeu que tinha uma missão espiritual a cumprir. Resolveu renunciar ao mundo, como seu avô havia feito e foi ter com Sri Ramakrishna para receber sua bênção. Mas mesmo antes de falar, o Mestre já sabia o que ele tinha em mente e chorou amargamente ao pensamento de separação. "Sei que você não pode levar uma vida mundana", disse ele, "mas por minha causa, viva no mundo enquanto eu viver."

Um dia, pouco tempo depois, Narendra pediu a Sri Ramakrishna que orasse à Mãe Divina para remover sua pobreza. Sri Ramakrishna mandou que ele pedisse pessoalmente à Ela, uma vez que Ela certamente o atenderia. Narendra entrou no santuário de Kali. Assim que ficou de pé diante da imagem, viu-A como uma Deusa viva, pronta para lhe conceder sabedoria e liberação. Incapaz de lhe pedir pequenas coisas mundanas, apenas orou por conhecimento e renúncia, amor e liberação. O Mestre censurou-o por ter deixado de pedir à Mãe Divina que removesse sua pobreza e enviou-o de volta ao templo, mas Narendra novamente na presença da Mãe esqueceu-se do motivo de sua ida. Pela terceira vez foi ao templo, a pedido do Mestre e por três vezes regressou, tendo esquecido na presença da Mãe, porque havia ido. Estava conjeturando a respeito, quando subitamente brilhou em sua mente que tudo era obra de Sri Ramakrishna; agora pediu ao próprio Mestre para remover sua pobreza e foi-lhe prometido que sua família não mais teria falta de comida e roupa simples.

Essa foi uma experiência rica e marcante para Narendra, que lhe ensinou que Shakti, o Poder Divino, não pode ser ignorado no mundo e que no plano relativo a necessidade de se adorar um Deus Pessoal é imperativa. Sri Ramakrishna não se continha de alegria por essa conversão. No dia seguinte, quase se sentando no colo de Narendra, disse a um devoto, apontando primeiro para si mesmo e em seguida, para Narendra: "Vejo que sou este e também esse. De fato não sinto qualquer diferença. Uma vara flutuando no Ganges parece dividir a água, mas na realidade, a água é uma. Compreende? Bem, tudo é a Mãe, não é?" Anos mais tarde, Narendra diria: "Sri Ramakrishna foi a única pessoa que conheci que acreditou em mim integralmente, o tempo todo. Até minha mãe e meus irmãos não agiram assim. Foi sua crença inabalável e seu amor por mim que me fizeram ficar ligado a ele para sempre. Só ele sabia amar. As pessoas do mundo somente dão um espetáculo de amor com intuitos egoístas."

TARAK

Outros que estavam destinados a se tornarem discípulos monásticos, vieram para Dakshineswar. Taraknath Ghoshal havia sentido desde a meninice, o nobre desejo de realizar Deus. Keshab e o Brahmo Samaj atraíram-no, mas não satisfizeram seus anseios. Em 1882 encontrou pela primeira vez o Mestre na casa de Ramchandra e ficou impressionado ao ouvi-lo falar de samadhi, um assunto que sempre havia fascinado sua mente. Naquela tarde realmente viu uma manifestação do estado de consciência além dos sentidos do Mestre. Tarak tornou-se um visitante assíduo de Dakshineswar e recebeu a graça do Mestre com abundância. O jovem rapaz muitas vezes sentiu fervor extático durante a meditação. Também chorava profundamente enquanto meditava em Deus. Sri Ramakrishna disse-lhe:

"Deus dá Sua graça àqueles que podem chorar por Ele. Lágrimas derramadas por Deus apagam os pecados das encarnações anteriores."

BABURAM

Baburam Ghosh veio para Dakshineswar acompanhado por Rakhal, seu colega de colégio. O Mestre, como acontecia muitas vezes, examinou a fisionomia do rapaz e ficou satisfeito com sua espiritualidade latente. Com a idade de oito anos, Baburam pensou em levar uma vida de renúncia, na companhia de um monge, numa cabana isolada da curiosidade pública por um espesso muro de árvores. A simples visão do Panchavati despertou em seu coração aquele sonho de menino. Baburam era terno de corpo e alma. O Mestre costumava dizer que ele era puro até o fundo de seus ossos. Um dia Hazra, com seu costumeiro jeito maldoso, aconselhou Baburam e alguns outros jovens, a pedir a Sri Ramakrishna alguns poderes espirituais e não desperdiçar suas vidas em simples brincadeiras. O Mestre pressentindo a malícia, chamou Baburam à parte e disse-lhe: "O que você pode me pedir? Tudo o que possuo já não é seu? Sim, tudo o que adquiri em forma de realização é para o bem de todos vocês. Deixe de lado, portanto, a idéia de pedir, que afasta criando distância. Ao contrário, realize sua afinidade comigo e ganhe a chave de todos os tesouros."

NIRANJAN

Nitya Niranjan Ghosh foi um discípulo do tipo heróico. Chegou ao Mestre quando tinha dezoito anos. Era um médium de um grupo de espíritas. Durante sua primeira visita o Mestre disse-lhe: "Meu filho, se você pensar o tempo todo em fantasmass, você se tornará um fantasma e se você pensar em Deus, se tornará Deus. Agora, das duas atitudes, qual a que você prefere?" Niranjan cortou todas as suas relações com os espíritas. Durante sua segunda visita o Mestre abraçou-o e disse afetuosamente: "Niranjan, meu rapaz, os dias estão se esvaindo. Quando você vai realizar Deus? Sua vida terá sido em vão, se você não O realizar. Quando vai devotar a mente totalmente a Deus?" Niranjan estava surpreso com a grande ansiedade do Mestre pelo seu bem-estar espiritual. Era um jovem dotado de qualidades espirituais fora do comum. Sentia desdém pelos prazeres do mundo e era completamente puro como uma criança. Tinha, porém, um temperamento violento. Um dia quando ia a Dakshineswar de barco, alguns passageiros começaram a falar mal do Mestre. Como não ligassem para seu protesto, Niranjan começou a balançar o bote, ameaçando afundá-lo na correnteza. Isso fez calar os ofensores. Ao contar ao Mestre o incidente, este recriminou sua inabilidade em controlar a raiva.

JOGINDRA

Jogindranath, ao contrário, era gentil ao extremo. Um dia, sob circunstâncias semelhantes àquelas que provocaram a ira de Niranjan, controlou a raiva e ficou em paz, ao invés de ameaçar os ofensores de Sri Ramakrishna. O Mestre, tomando conhecimento de sua conduta, recriminou-o profundamente. Assim a falta de um foi considerada virtude para o outro. O guru estava tentando desenvolver no primeiro, tranqüilidade e no segundo, ânimo. O objetivo desse treino era construir através de um reconhecimento tático das necessidades de cada caso, o caráter do devoto.

Jogindranath vinha de uma família brahmin aristocrática de Dakshineswar. Seu pai e parentes compartilhavam da crença popular sobre a santidade de Sri Ramakrishna. Desde a mais tenra idade, o rapaz desenvolveu tendências religiosas, gastando duas ou três horas em meditação e seu encontro com Sri Ramakrishna aprofundou seu desejo de realizar Deus. Tinha um verdadeiro horror ao casamento, mas a pedido insistente da mãe, teve de ceder e então, pensou que seu futuro espiritual havia ficado comprometido. Por conseguinte, manteve-se afastado do Mestre.

Sri Ramakrishna utilizou um estratagema para trazer Jogindra de volta para ele. Assim que o discípulo entrou no quarto, o Mestre precipitou-se ao encontro do jovem. Segurando a mão do discípulo, disse: "O que tem que você se casou? Não sou eu também, casado? De que ter medo?" Mostrando seu peito: "Se esse (referindo-se a si próprio) está de acordo, então mesmo cem mil casamentos não podem lhe fazer mal. Se desejar levar uma vida de chefe de família, traga sua esposa um dia aqui e farei com que ela se torne uma verdadeira companheira no seu progresso espiritual. Mas se quiser levar uma vida monástica, então tirarei seu apego ao mundo." Jogin ficou emudecido com essas palavras. Recebeu nova força e seu espírito de renúncia foi restabelecido.

SASHI E SARAT

Sashi e Sarat eram dois primos que vinham de uma piedosa família de Calcutá. Desde tenra idade haviam se juntado ao Brahmo Samaj e tinham estado sob a influência de Keshab Sen. O Mestre lhes havia dito no primeiro encontro: "Se os tijolos e azulejos forem queimados depois que a marca de fábrica tiver sido estampada, a marca ficará ali para sempre. De maneira semelhante o homem deve estar marcado por Deus antes de entrar no mundo. Então ele não se apegará ao mundanismo." Como estivesse completamente consciente do curso de suas vidas, pediu-lhes para não se casarem. O Mestre perguntou a Sashi se ele acreditava em Deus com forma ou em Deus sem forma. Sashi respondeu que nem mesmo tinha certeza da existência de Deus; assim não poderia falar nem de uma coisa nem de outra. Essa resposta franca agradou muito ao Mestre.

A alma de Sarat ansiava pela realização completa de Deus. Quando o Mestre lhe perguntou se havia uma forma particular de Deus que ele desejasse ver, o rapaz disse que gostaria de ver Deus em todos os seres vivos do mundo, "Mas", o Mestre objetou, "essa é a última palavra em realização. Não pode tê-la logo no começo." Sarat ponderou calmamente, "Não ficarei satisfeito com nada inferior a este estado. Caminharei ao longo de todo o caminho até que atinja esse estado abençoado." Sri Ramakrishna ficou muito satisfeito.

HARINATH

Harinath tinha levado a vida austera de um brahmachari desde a tenra juventude – banhando-se no Ganges todos os dias, cozinhando a própria comida, andando antes do sol nascer e recitando o *Gita* de cor antes de se levantar. Encontrou no Mestre a encarnação das verdades da Vedanta. Aspirando ser um seguidor do asceta Shankara, alimentava um grande ódio pelas mulheres. Um dia disse ao Mestre que não permitia que nem mesmo meninas pequenas se aproximassem dele. O Mestre o repreendeu e disse: "Você está falando como um tolo. Por que odeia as mulheres? Elas são as manifestações da Mãe Divina. Olhe-as como sua própria mãe e assim, jamais sentirá sua influência má. Quanto mais você as odiar, mais cairá nas suas armadilhas." Hari mais tarde disse que essas palavras mudaram radicalmente sua atitude em relação às mulheres.

O Mestre conhecia a paixão de Hari pela Vedanta, mas não queria que nenhum de seus discípulos se tornasse um asceta seco ou um mero traça de livro. Pediu a Hari para praticar a Vedanta na vida diária, renunciando ao irreal e seguindo o Real. "Mas não é fácil", disse Sri Ramakrishna, "realizar o caráter ilusório do mundo. Apenas o estudo não adianta muito. É necessária a graça de Deus. Mero esforço pessoal é fútil. Afinal de contas, o homem é uma pequena criatura, de poderes muito limitados, mas ele pode atingir o impossível se orar a Deus pedindo Sua graça. O Mestre então entoou uma canção em louvor à graça. Hari ficou muito comovido, com lágrimas nos olhos. Mais tarde Hari conseguiu atingir uma síntese maravilhosa dos ideais do Deus Pessoal e da Verdade Impessoal.

GANGADHAR

Gangadhar, amigo de Harinath, também levou uma vida estrita de brahmacharya, alimentando-se de comida vegetariana, feita por suas próprias mãos e dedicando-se ao estudo das escrituras. Encontrou o Mestre em 1884 e logo tornou-se membro de seu círculo íntimo. O Mestre elogiava seus hábitos ascetas e atribuía-os a disciplinas espirituais em vidas passadas. Gangadhar tornou-se um companheiro íntimo de Narendra.

HARIPRASANNA

Hariprasanna, um estudante secundário, visitou o Mestre na companhia de seus amigos Sashi e Sarat. Sri Ramakrishna concedeu-lhe grande privilégio, iniciando-o na vida espiritual. Enquanto viveu, Hariprasanna lembrou-se e conservou o conselho drástico do Mestre: "Mesmo se uma mulher for pura como ouro e rolar no chão por amor a Deus, é sempre perigoso para um monge, olhar para ela."

KALI

Kaliprasad visitou o Mestre no final de 1883 dado à prática da meditação e do estudo das escrituras. Kali era particularmente interessado em yoga. Sentindo a necessidade de um guru na vida espiritual, veio ao Mestre e foi aceito como discípulo. O jovem possuía uma mentalidade racional e muitas vezes sentia-se céptico a respeito do Deus Pessoal. O Mestre lhe disse: "Suas dúvidas logo desaparecerão. Outros também passaram por esse estado mental. Olhe para Naren. Agora chora ao ouvir o nome de Radha e Krishna." Kali começou a ter visões de deuses e deusas. Logo elas desapareceram e, em meditação, começou a experimentar a vastidão infinita e outros atributos do Brahman Impessoal.

SUBODH

Subodh visitou o Mestre em 1885. Já no primeiro encontro, Sri Ramakrishna disse-lhe: "Você será bem sucedido. A Mãe diz isso. Aqueles que Elas nos envia, certamente alcançarão a espiritualidade." No segundo encontro o Mestre escreveu algo na língua de Subodh, tocou seu corpo desde o umbigo até a garganta e disse: "Desperta, Mãe! Desperta!" Pediu ao rapaz para meditar. Imediatamente a espiritualidade latente de Subodh foi despertada. Sentiu uma corrente percorrendo a coluna espinal até o cérebro. A alegria encheu sua alma.

SARADA

Mais um jovem rapaz, de nome Sarada Prasanna, completa o pequeno grupo de discípulos do Mestre que mais tarde abraçaram a vida de monge errante. A exceção do velho Gopal, todos eram adolescentes ou um pouco mais. Vinham de famílias bengalis de classe média e a maioria era estudante da escola primária e secundária. Seus pais e familiares haviam planejado para eles carreiras brilhantes no mundo. Vieram a Sri Ramakrishna com os corpos puros, mentes vigorosas e almas não contaminadas. Todos haviam nascido com atributos espirituais fora do comum. Sri Ramakrishna aceitou-os à primeira vista, como seus filhos, parentes, amigos e companheiros. Seu toque mágico fê-los desabrochar e mais tarde cada um, conforme sua possibilidade, refletiu a vida do Mestre, tornando-os portadores de sua mensagem, por terra e mar.

DEVOTAS

Com as devotas, Sri Ramakrishna estabeleceu um relacionamento muito terno. Ele próprio personificava os traços suaves de uma mulher; estava estabelecido no mais elevado plano da Verdade, onde não há o menor traço de sexo e sua pureza inata despertava apenas a emoção mais nobre, igualmente nos homens e nas mulheres. Suas devotas muitas vezes disseram: "Raramente olhávamos Sri Ramakrishna como pertencente ao sexo masculino. Nós o considerávamos como uma de nós. Jamais nos sentíamos constrangidas em sua presença. Era o nosso melhor confidente." Elas amavam-no como seu filho, seu amigo e seu mestre. Na disciplina espiritual aconselhava-as a renunciar à luxúria e à ganância e especialmente prevenia-as contra as artimanhas dos homens.

GOPAL MA

Nenhuma devota do Mestre igualou-se em riqueza de devoção e experiências espirituais à Aghoremani Devi, uma brahmin ortodoxa. Tendo ficado viúva em tenra idade, dedicou-se totalmente às atividades espirituais. Gopala, o Menino Krishna, era seu Ideal Escolhido, a quem adorava segundo a atitude vatsalya da religião vaishnava, olhando-O como seu próprio filho. Através d'Ele realizou o amor maternal, cozinhando para Ele, alimentando-O, banhando-O e colocando-O para dormir. Essa doce intimidade valeu-lhe o apelido de Gopala Ma ou Mãe de Gopala. Durante quarenta anos viveu às margens do Ganges, num cômodo pequeno e desnudo, tendo como companheiros somente uma velha cópia do *Ramayana* e um saquinho contendo seu rosário. Com a idade de sessenta anos, em 1884, visitou Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Na segunda visita, assim que o Mestre a viu, disse: "Ó você veio! Dê-me alguma coisa para comer." Hesitando, deu-lhe alguns doces que havia comprado para ele no caminho. O Mestre comeu-os com satisfação e pediu-lhe que trouxesse "curries" simples ou doces preparados por ela mesma. Gopal Ma achou-o um monge estranho porque, ao invés de lhe falar de Deus, sempre lhe pedia comida. Não queria visitá-lo de novo, mas uma força irresistível trouxe-a ao templo. Trouxe alguns "curries" que ela mesmo havia cozinhado.

Um ano mais tarde, bem cedo, às três horas, Gopal Ma estava prestes a terminar suas devoções diárias, quando viu, estarrecida, Sri Ramakrishna, sentado à sua esquerda, com a mão direita fechada, como a imagem de Gopala. Ficou maravilhada e segurou a mão, quando então a imagem desapareceu e em seu lugar, chegou o verdadeiro Gopala, seu Ideal Escolhido. Gritou de alegria. Gopala pediu-lhe manteiga. Ela desculpou-se por sua pobreza e deu-Lhe alguns doces secos de coco. Gopala sentou-se em seu colo, tirou seu rosário, pulou em seus ombros e andou por todo o quarto. Ao raiar o dia, apressou-se a ir a Dakshineswar, como uma louca. Naturalmente Gopala foi com ela, descansando Sua cabeça em seu ombro. Ela via claramente Seus rosados pés dependurados em seu peito. Entrou no aposento de Sri Ramakrishna. O Mestre havia entrado em samadhi. Como uma criança, sentou-se em seu colo e começou a alimentá-lo com manteiga, creme e outras guloseimas. Depois de um certo tempo, ele recobrou a consciência e voltou para a cama. A mente da Mãe de Gopala, contudo, ainda estava vagando em outro plano. Estava imersa em felicidade. Via Gopala entrando incessantemente no corpo do Mestre e novamente saindo dele. Ao voltar para sua cabana, ainda em estado de deslumbramento, Gopala acompanhou-a.

Ela passou dois meses em comunhão ininterrupta com Deus e o Menino Gopala jamais a abandonou nem por um momento. Então a intensidade de sua visão foi diminuindo; se assim não tivesse ocorrido, seu corpo não teria resistido. O Mestre falou de forma muito elevada a respeito de sua condição exaltada e disse que tal visão de Deus era uma coisa rara para mortais comuns. O Mestre, que era brincalhão, confrontou o crítico Narendranath com aquela mulher de mentalidade simples. Duas pessoas não poderiam apresentar um contraste tão grande. O Mestre conhecia o desprezo arrogante de Narendra por todas as visões e pediu à velha senhora para contar a Narendra, suas experiências. Hesitante, contou-lhe sua história. De vez em quando interrompia sua conversa maternal para perguntar a Narendra: "Meu filho sou uma pobre mulher ignorante. Nada sei. Você é tão instruído. Agora, diga-me se essas visões de Gopala são verdadeiras." À medida que Narendra ouvia a história, ficava profundamente comovido. Disse: "Sim, Mãe, são verdadeiras." Por trás de seu cinismo, Narendra também possuía um coração cheio de ternura e amor.

A MARCHA DOS ACONTECIMENTOS

Em 1881 Hriday foi despedido do serviço do templo de Kali, devido a uma indiscrição e foi proibido de voltar ao templo. De uma certa maneira a mão da Mãe Divina foi vista mesmo nesse acontecimento. Tendo tomado conta de Sri Ramakrishna, durante seus tormentosos dias de disciplina espiritual, Hriday naturalmente passou a se considerar o único guardião de seu tio. Ninguém podia aproximar-se do Mestre, sem seu conhecimento. Ficava muito ciumento se Sri Ramakrishna prestasse atenção a qualquer outra pessoa. O afastamento de Hriday tornou possível aos verdadeiros devotos do Mestre, aproximarem-se livremente e viverem com ele no templo.

Nos fins de semana, os chefes de família aliviados de suas obrigações de trabalho, visitavam o Mestre. Os encontros nas tardes de domingo tinham o sabor de pequenos festivais. Eram freqüentemente oferecidos lanches. De vez em quando músicos profissionais entoavam cânticos devocionais. O Mestre e os devotos cantavam e dançavam. Sri Ramakrishna muitas vezes entrava em estado extático. A feliz lembrança desses domingos permanecia por longo tempo na memória dos devotos. Aqueles a quem o Mestre desejava dar instrução especial, mandava que o procurassem nas terças-feiras e sábados. Esses dias eram particularmente auspiciosos para o culto de Kali.

Os jovens discípulos destinados a serem monges eram convidados por Sri Ramakrishna nos fins de semana, quando então, os chefes de família não estavam presentes. O treinamento de chefes de família e dos futuros monges tinha que seguir linhas completamente diferentes. Uma vez que M. geralmente visitava o Mestre nos fins de semana, o *Evangelho de Sri Ramakrishna* não faz muita menção aos futuros discípulos monásticos.

Finalmente houve um grupo de discípulos afortunados, chefes de família, assim como jovens, que tiveram o privilégio de passar as noites com o Mestre. Viam-no acordar cedo e andar de um lado para o outro no quarto, cantando com voz doce e conversando afetuosamente com a Mãe.

O ACIDENTE COM O BRAÇO DO MESTRE

Um dia, em janeiro de 1884, o Mestre dirigia-se ao bosque de pinheiros, quando entrou em transe. Estava sozinho. Não havia ninguém para segurá-lo nem guiar seus passos. Caiu e deslocou um dos

ossos de seu braço. Esse acidente teve uma influência importante em sua mente, cuja inclinação natural era pairar acima da consciência do corpo. A dor aguda do braço forçou sua mente a permanecer na consciência do corpo e do mundo exterior, mas mesmo nisso viu um propósito divino porque, com a mente obrigada a ficar no plano físico, compreendeu mais do que nunca que era um instrumento nas mãos da Mãe Divina, que tinha uma missão a cumprir através do corpo e da mente. Descobriu também, que no mundo fenomenal, Deus manifesta-Se de uma maneira inescrutável por meio de diversos seres humanos, tanto bons como maus. Assim referia-se a Deus sob o disfarce de mau, Deus sob o disfarce de piedoso, Deus sob o disfarce de hipócrita, Deus sob o disfarce de licencioso. Começou a sentir uma alegria especial observando o jogo divino no mundo relativo. Às vezes o relacionamento humano com Deus parecia-lhe mais atraente do que o Conhecimento de Brahman que tudo apaga. Muitas vezes orava: "Mãe, não me tornes inconsciente através do Conhecimento de Brahman. Não me dês Brahmajnana, Mãe. Não sou Teu filho e naturalmente, tímido? Necessito de minha Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman. Dá esse Conhecimento àqueles que o desejem." Orava também: "Ó Mãe, deixa-me ficar em contato com os homens! Não me tornes um asceta seco. Desejo gozar Teu jogo no mundo." Ele era capaz de apreciar essa experiência divina muito rica e gozar o amor de Deus em companhia de Seus devotos porque sua mente, em conseqüência do acidente com o braço, foi obrigada a descer à consciência do corpo. Assim também zombava das pessoas que o proclamavam uma Encarnação Divina, apontando para o braço quebrado e dizendo: "Você já ouviu falar que Deus tivesse quebrado o braço?" A cura do braço levou mais ou menos cinco meses.

COMEÇO DA DOENÇA

Em abril de 1885 a garganta do Mestre ficou inflamada. Conversas prolongadas ou absorção em samadhi, fazendo o sangue fluir para a garganta, agravava a dor. Contudo quando o festival anual vaishnava foi celebrado em Panihati, Sri Ramakrishna compareceu, apesar do conselho médico. Com um grupo de discípulos, desgastou-se na música, dança e êxtase. A doença piorou e foi diagnosticada como "dor de garganta do pregador". O paciente foi advertido contra conversa e êxtases. Embora seguisse as recomendações médicas, no que dizia respeito a remédios e dieta, não podia controlar os transes, nem se afastar dos que procuravam o consolo de seus conselhos. Às vezes, como uma criança zangada, queixava-se à Mãe sobre a multidão de pessoas que não lhe davam descanso dia e noite. Ouviam-no dizer a Ela: "Por que trazes aqui tanta gente sem valor, que é como leite diluído em cinco vezes a mesma medida de água? Meus olhos estão quase destruídos, tentando soprar o fogo para secar a água. Minha saúde acabou. Está além de minhas forças. Fazes Tu mesma se quiseres que isso seja feito. Este (*apontando para seu próprio corpo*) é somente um tambor furado e se Tu continuares a bater nele dia e noite, quanto tempo durará?"

Seu grande coração jamais mandou alguém embora. Dizia: "Que eu seja condenado a nascer muitas vezes, mesmo sob a forma de um cachorro se servir de ajuda a uma simples alma." Agüentava a dor, cantando alegremente. "Que o corpo se preocupe com a doença, mas Tu, Ó mente, mora para sempre na Felicidade de Deus!"

Uma noite teve uma hemorragia na garganta. O médico diagnosticou a doença, como câncer. Narendra foi o primeiro a levar aos discípulos essa notícia arrasadora. Em três dias o Mestre foi removido para Calcutá a fim de ter melhor atendimento. Ficou na casa de Balaram uma semana até que foi encontrado um lugar mais adequado em Syampukur, na parte norte de Calcutá. Durante essa semana dedicou-se praticamente sem descanso, à instrução daqueles discípulos queridos que não podiam visitá-lo com mais freqüência em Dakshineswar. Palestras fluíam de sua boca e muitas vezes entrava em samadhi. Dr. Mahendra Sarkar, o famoso médico homeopata de Calcutá, foi convidado a assumir o tratamento.

SYAMPUKUR

No começo de 1885, Sri Ramakrishna foi removido para Syampukur. Ali Narendra organizou os jovens discípulos para que o Mestre fosse atendido dia e noite. No início esconderam a doença do Mestre e de suas famílas, mas quando ela se agravou, permaneceram com ele, praticamente o tempo todo, pondo de lado as objeções de seus parentes e dedicando-se de todo o coração, a tratar de seu querido guru. Esses jovens, sob os olhares atentos do Mestre e sob a direção de Narendra, tornaram-se antaranga bhaktas, devotos do círculo íntimo de Sri Ramakrishna. Tiveram o privilégio de testemunhar

muitas manifestações dos poderes divinos do Mestre. Narendra recebeu instruções concernentes à propagação de sua mensagem após sua morte.

A Santa Mãe - assim ficou Sarada Devi afetuosamente conhecida pelos devotos de Sri Ramakrishna – foi trazida de Dakshineswar, a fim de cuidar da cozinha e preparar a dieta especial do paciente. Sendo o lugar de dimensões extremamente limitadas, teve de se adaptar ao exíguo espaço disponível. Às três horas da manhã terminava o banho no Ganges e ia para um lugar pequeno, coberto, no terraço, onde passava o dia inteiro, cozinhando e orando. Depois das onze da noite, quando os visitantes iam embora, descia para um pequeno quarto no primeiro andar, a fim de desfrutar algumas poucas horas de sono. Assim ela passou três meses, trabalhando duro, dormindo pouco e orando incessantemente pela recuperação do Mestre.

Em Syampukur os devotos levavam uma vida intensa. O atendimento ao Mestre era em si mesmo, uma forma de disciplina espiritual. Sua mente elevava-se constantemente a um plano exaltado de consciência. De vez em quando eles eram contagiados pelo seu fervor espiritual. Procuravam adivinhar o significado dessa doença do Mestre, a quem a maioria deles havia aceito como uma Encarnação Divina. Um grupo, encabeçado por Girish, com seu profundo otimismo e grande poder de imaginação, acreditava que a doença era um mero pretexto para servir a um propósito mais profundo. O Mestre havia desejado a doença a fim de manter os devotos unidos e promover solidariedade entre eles. Logo que esse propósito fosse alcançado, ele se livraria da doença. Um segundo grupo pensava que a Mãe Divina em cujas mãos o Mestre era um instrumento, havia ocasionado essa doença para servir Seus misteriosos propósitos. Os jovens racionalistas, liderados por Narendra, porém, recusavam-se a atribuir uma causa sobrenatural a um fenômeno natural. Acreditavam que o corpo do Mestre, uma coisa material, estava sujeito, como todas as outras coisas materiais, às leis físicas. Crescimento, desenvolvimento, decadência e morte eram leis da natureza às quais o corpo do Mestre só poderia estar sujeito. Embora possuindo pontos de vista diferentes, todos acreditavam que somente a ele deveriam recorrer para atingir a meta espiritual.

Apesar dos esforços do médico e das orações e cuidados dos devotos, a doença rapidamente progrediu. A dor às vezes parecia insuportável. O Mestre vivia apenas de alimentação líquida e seu frágil corpo estava se tornando um simples esqueleto. O rosto, contudo, estava sempre irradiando alegria e continuava dando as boas vindas aos visitantes que acudiam em multidão, para receberem suas bênçãos. Quando alguns devotos zelosos quiseram manter os visitantes afastados, foram advertidos por Girish: "Vocês não podem conseguir isso; ele nasceu com essa finalidade – sacrificar-se para a redenção dos outros."

Quanto mais o corpo era consumido pela doença, mais ele se tornava a morada do Espírito Divino. Através de sua transparência os deuses e deusas começaram a brilhar com uma luminosidade crescente. No dia do Kali Puja, os devotos viram claramente nele, a manifestação da Mãe Divina.

Por esta época, notou-se que alguns devotos faziam uma descontrolada exibição de suas emoções. Um certo número deles, particularmente entre os chefes de família, começaram a cultivar, embora a princípio inconscientemente a arte de derramar lágrimas, sacudir o corpo, contorcer o rosto, entrar em transe, tentando dessa maneira, imitar o Mestre. Abertamente começaram a declarar Sri Ramakrishna, uma Encarnação Divina e a se olharem como seus escolhidos, que poderiam negligenciar suas disciplinas espirituais impunemente. Os olhos penetrantes de Narendra compreenderam a situação. Descobriu que algumas dessas manifestações exteriores haviam sido cuidadosamente ensaiadas em casa, enquanto que outras, eram expressões de má nutrição, fraqueza mental ou debilidade nervosa. Desmascarou duramente os devotos que fingiam ter visões e pediu a todos para desenvolver um espírito religioso saudável. Narendra entoava canções inspiradoras para os devotos jovens, lia com eles a *Imitação de Cristo* e o *Gita* e colocou à sua frente, os ideais positivos de espiritualidade.

ÚLTIMOS DIAS EM COSSIPORE

Quando a doença de Sri Ramakrishna mostrou sinais de agravamento, os devotos, seguindo o conselho do Dr. Sarkar, alugaram uma espaçosa chácara em Cossipore, subúrbio ao norte de Calcutá. O Mestre foi removido para esse lugar, no dia 11 de dezembro de 1885.

Foi em Cossipore que a cortina caiu nas variadas atividades da vida do Mestre no plano físico. Sua alma ainda ia demorar oito meses no corpo. Foi o período de uma grande Paixão, uma crucificação constante do corpo e a revelação triunfante da Alma. Aqui se pode ver o lado humano e divino do Mestre, passando e tornando a passar pela fina linha divisória. Cada minuto desses oito meses foram

tomados por uma suavidade do coração e uma maravilhosa elevação do espírito. Cada palavra que pronunciava estava cheia de simpatia e sublimidade.

O grupo levou apenas alguns dias para se ajustar ao novo ambiente. A Santa Mãe, ajudada pela sobrinha de Sri Ramakrishna, Lakshmi Devi e algumas devotas, encarregaram-se da comida do Mestre e de seus atendentes. Espontaneamente, Surendra cobria a maior parte das despesas e os outros chefes de família contribuíam de acordo com seus meios. Doze discípulos eram atendentes constantes do Mestre: Narendra, Rakhal, Baburam, Niranjan, Jogin, Latu, Tarak, Gopal mais velho, Kali, Sashi, Sarat e o jovem Gopal, Sarada, Harish, Hari, Gangadhar e Tulasi visitavam o Mestre de vez em quando e praticavam sadhana em suas casas. Narendra, preparando-se para os exames de Direito, trouxe seus livros para a chácara a fim de continuar a estudar nos poucos momentos livres. Encorajou seus discípulos irmãos a intensificar a meditação, estudo das escrituras e outras disciplinas espirituais. Todos esqueceram-se de seus parentes e obrigações mundanas.

Entre os atendentes, Sashi era a personificação do serviço. Não praticava meditação, japa ou qualquer outra disciplina seguida pelos seus devotos irmãos. Estava convencido de que o serviço ao guru era sua única religião. Esquecia-se de comer, descansar e estava sempre à cabeceira do Mestre.

O pundit Shashadhar um dia sugeriu ao Mestre que deveria curar sua doença, concentrando a mente na garganta, uma vez que as escrituras declaravam que os yogis tinham o poder de se curarem dessa maneira. O Mestre repreendeu o pundit: "Como um erudito como você, faz uma tal proposta!" disse, "Como posso retirar minha mente dos Pés de Lótus de Deus e colocá-la nessa gaiola sem valor de carne e sangue?" "Pelo menos pelo nosso bem", imploraram Narendra e outros discípulos. "Mas", respondeu Sri Ramakrishna. "Pensam vocês que estou gostando desse sofrimento? Desejo recuperar-me, mas isso depende da Mãe."

Narendra: "Então por favor, ore a Ela. Ela deverá escutá-lo."

Mestre: "Mas não posso rezar pelo corpo."

Narendra: "Mas o senhor tem que fazer isso, pelo menos para nós."

Mestre: "Muito bem, vou tentar."

Algumas horas mais tarde, o Mestre disse a Narendra: "Falei com Ela: 'Mãe, não posso engolir por causa da dor. Faz com que eu coma um pouco.' Ela apontou para todos vocês e disse:: 'O que? Tu estás comendo suficiente através de todas essas bocas. Não é assim?' Fiquei envergonhado e não pude pronunciar uma palavra." Isso pôs por terra todas as esperanças dos devotos da recuperação do Mestre.

"Tornarei tudo público antes de ir embora", o Mestre dissera algum tempo antes. No dia 1° de janeiro de 1886 sentiu-se melhor e desceu ao jardim para um pequeno passeio. Eram aproximadamente três horas da tarde. Uns trinta discípulos leigos estavam no hall ou sentados sob as árvores. Sri Ramakrishna disse a Girish: "Bem, Girish o que você vê em mim, que o faz proclamar-me diante de todo o mundo uma Encarnação de Deus?" Girish não era homem para ser tomado de surpresa. Ajoelhou-se ante o Mestre e disse de mãos postas: "O que pode uma pessoa insignificante como eu falar a respeito do Uno cujas glórias sábios como Vyasa e Valmiki não puderam medir?" O Mestre ficou profundamente comovido. Disse: "O que mais posso dizer? Abençôo a todos vocês. Sejam iluminados!" Entrou em estado espiritual. Ouvindo essas palavras, os devotos, um a um, foram tomados pela emoção. Precipitaram-se para ele e caíram a seus pés. Ele os tocou, cada um recebeu a bênção que necessitava. Ao toque do Mestre, cada um, experimentou uma felicidade inefável. Alguns riam, outros choravam, outros sentavam-se para meditar, outros oravam. Uns viram luz, alguns tiveram a visão de seus Ideais Escolhidos e alguns sentiram dentro de seus corpos, a precipitação da força espiritual.

Narendra, consumido por uma febre terrível de realização, queixou-se ao Mestre que todos os outros haviam conseguido paz e que somente ele, não havia ficado satisfeito. O Mestre perguntou-lhe o que queria. Narendra pediu-lhe samadhi, para que pudesse esquecer o mundo por três ou quatro dias. "Você é um tolo", o Mestre retrucou. "Há um estado ainda mais alto do que esse. Não é você quem canta, 'Tudo o que existe és Tu?' Primeiramente acerte o seu relógio familiar e depois, venha para mim. Você experimentará um estado ainda mais elevado do que o samadhi."

O Mestre não escondia o fato de que desejava fazer de Narendra o seu herdeiro espiritual. Narendra deveria continuar a obra depois da morte de Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna disse-lhe: "Deixo esses jovens a seu cargo. Veja que desenvolvam a espiritualidade e não voltem para casa." Um dia pediu aos rapazes, que estavam se preparando para a vida monástica, para mendigar comida de porta em porta, sem pensamento de casta. Obedeceram à ordem do Mestre e saíram com as tigelas de pedinte. Poucos dias mais tarde deu a roupa ocre de sannyasin a cada um deles, incluindo Girish, que se tor-

nara incomparável em seu espírito de renúncia. Assim o próprio Mestre lançou as fundações da Ordem Ramakrishna de Monges.

Sri Ramakrishna piorava dia a dia. Sua dieta foi reduzida ao mínimo e achava quase impossível engolir. Murmurou para M.: "Estou agüentando tudo isso com alegria, porque do contrário, vocês todos estariam chorando. Se vocês todos dizem que é melhor que o corpo se vá a sofrer essa tortura, estou pronto." Na manhã seguinte disse a seus discípulos deprimidos, sentados ao lado da cama. "Vocês sabem o que vejo? Vejo que só Deus tornou-Se tudo. Os homens e animais são somente estruturas cobertas de pele e é Ele quem está movendo-se através de suas cabeças e membros. Vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou o cadafalso, o carrasco e a vítima para o sacrifício." Desmaiou de emoção. Retornando à consciência parcial disse: "Agora não tenho dor. Estou muito bem." Olhando para Latu disse: "Aí está Latu descansando a cabeça na palma de sua mão. Para mim é o Senhor quem está sentado nessa postura."

As palavras foram doces e tocantes. Como se fosse uma mãe, gentilmente acariciava Narendra e Rakhal. Disse num sussurro a M.: "Tivesse esse corpo tido permissão para durar um pouco mais, muitas almas teriam sido iluminadas. Parou por um momento e então, disse: "Mas a Mãe ordenou outra coisa. Ela vai me levar senão, achando-me ingênuo e tolo, as pessoas tirariam vantagem de mim e me persuadiriam a lhes doar os raros dons da espiritualidade." Poucos minutos depois, tocando o peito disse: "Aqui há dois seres. Um deles é Ela e o outro, Seu devoto. Foi esse último que quebrou o braço e é ele quem, de novo, está agora doente. Vocês me compreendem?" Depois de uma pausa, acrescentou: "Ó! A quem vou contar tudo isso? Quem vai me compreender?" "A dor", consolou-os de novo, "é inevitável enquanto houver corpo. O Senhor toma um corpo, para o bem de Seus devotos."

Não se sabe, contudo, se a alma do Mestre realmente estava torturada por essa doença cruciante. Pelo menos nos seus momentos de exaltação espiritual – que tornaram quase constantes nos últimos dias de sua vida na terra – perdeu completamente a consciência do corpo, da doença e do sofrimento. Um dos seus atendentes [9] disse mais tarde: "Enquanto Sri Ramakrishna esteve doente, nunca realmente sofreu dor. Muitas vezes disse: "Ó mente! Esqueça o corpo, esqueça a doença e permaneça mergulhada em Bem-aventurança.' Não, ele na verdade não sofreu realmente. Houve momentos em que esteve num estado em que o enlevo da alegria se manifestava claramente em seu corpo. Mesmo quando não podia falar, de qualquer maneira fazia-nos saber que não havia sofrimento e este fato era claramente evidente para todos nós que o observávamos. As pessoas que não o compreendiam pensavam que seu sofrimento era muito grande. Que alegria espiritual nos transmitiu naquela época! Poderia tal coisa ser possível se ele estivesse sofrendo fisicamente? Foi nesse período que nos ensinou novamente estas verdades: 'Brahman está sempre desapegado. Os três gunas estão n'Ele, mas Ele não é afetado por eles, assim como o vento carrega o cheiro, mas permanece sem cheiro.' Brahman é o Ser Infinito, Sabedoria Infinita, Bem-aventurança Infinita. N'Ele não existe desilusão, miséria, doença, nem morte, nem crescimento, nem decadência.' 'O Ser Transcendental e o ser inferior são um e o mesmo. Há uma Existência Absoluta.'"

A Santa Mãe secretamente foi ao templo de Shiva do outro lado do Ganges, para interceder ante a Divindade, pela recuperação do Mestre. Numa revelação foi-lhe dito que se preparasse para o final inevitável.

Um dia, quando Narendra estava no andar térreo, meditando, o Mestre estava deitado, acordado, em sua cama, no andar de cima. Nas profundezas de sua meditação, Narendra sentiu como se um lampião estivesse queimando na parte de trás de sua cabeça. Subitamente perdeu a consciência. Era a experiência tão ansiada do Nirvikalpa Samadhi que tudo apaga, quando a alma encarnada realiza sua unidade com o Absoluto. Depois de muito tempo recobrou a consciência parcial, mas ficou incapaz de encontrar o corpo, só podia ver a cabeça. "Onde está meu corpo?" gritou. Gopal mais velho entrou no quarto e disse, "Ora, está aqui, Naren!" Mas Narendra não podia encontrá-la. Gopal, assustado, correu para cima, até o Mestre. Sri Ramakrishna apenas disse: "Deixe-o ficar desse jeito durante um certo tempo. Ele já me importunou bastante."

Depois de outro longo período, Narendra recobrou totalmente a consciência. Banhado em paz, foi ao Mestre que disse: "Agora a Mãe mostrou-lhe tudo, mas esta revelação ficará trancada e guardarei a chave comigo. Quando você tiver feito o trabalho da Mãe, encontrará o tesouro novamente."

Alguns dias mais tarde, estando Narendra sozinho com o Mestre, Sri Ramakrishna olhou para ele e entrou em samadhi. Narendra sentiu a penetração de uma força sutil e perdeu a consciência exterior. Retomando ao seu estado normal, encontrou o Mestre chorando.

---

[9] Latu, mais tarde conhecido como Swami Adbhutananda.

Sri Ramakrishna disse-lhe: “Hoje dei-lhe tudo de mim e agora, sou apenas um pobre faquir, não possuindo nada mais. Com esse poder, você fará um bem imenso ao mundo e somente quando ele estiver pronto, você voltará.” Dali em diante o Mestre viveu no discípulo.

A dúvida, contudo, custa a morrer. Depois de um ou dois dias, Narendra disse para si mesmo: “Se em meio de uma terrível dor física, ele declarar sua Divindade, só então, o aceitarei como uma Encarnação Divina.” Estava sozinho ao lado da cama do Mestre. Foi um pensamento passageiro, mas o Mestre sorriu. Juntando a força que lhe sobrava, disse-lhe claramente: “Aquele que foi Rama e Krishna é agora, nesse corpo, Ramakrishna – mas não no seu sentido vedantista.” Narendra foi tomado de vergonha.

MAHASAMADHI

Domingo, 15 de agosto de 1886. O pulso do Mestre tornou-se irregular. Os devotos estavam de pé, junto à cama. Ao entardecer, Sri Ramakrishna teve dificuldade de respirar. Pouco tempo depois queixou-se de fome. Um pouco de comida líquida foi colocada em sua boca: uma parte foi engolida e o restante escorreu pelo queixo. Dois atendentes começaram a abaná-lo. Imediatamente entrou em samadhi de um tipo incomum. O corpo tornou-se rígido. Sashi começou a chorar, mas depois da meia-noite, o Mestre reviveu. Estava agora com muita fome e serviu-se de uma tigela de mingau. Disse que estava suficientemente forte de novo. Sentou-se em cima de cinco ou seis travesseiros, escorados pelo corpo de Sashi que o abanava. Narendra colocou os pés no seu colo e começou a massageá-los. Repetidamente, o Mestre disse-lhe, “Tome conta desses rapazes.” Então pediu para se deitar. Por três vezes, num tom ritmado, chamou pelo nome de Kali, a Bem-amada de sua vida e voltou-se a se deitar. Dois minutos depois de uma hora, ouviu-se um som baixo, vindo da garganta e ele tombou para um lado. Um arrepio cobriu seu corpo. O cabelo ficou em pé, os olhos fixaram-se na ponta do nariz. O rosto iluminou-se com um sorriso. O êxtase final começou. Era o mahasamadhi, total absorção, do qual a mente jamais volta. Narendra, incapaz de suportar, desceu as escadas correndo.

Dr. Sarkar chegou ao meio-dia seguinte e declarou que a vida havia ido embora há mais de meia hora. Às cinco horas o corpo do Mestre foi trazido para baixo, colocado numa padiola, vestido com roupa ocre e enfeitado com pasta de sândalo e flores. Formou-se uma procissão. Os transeuntes choravam enquanto o corpo era levado para o crematório, no Ghat de Baranagore, no Ganges. Quando os devotos estavam voltando para a chácara, carregando a urna com as cinzas sagradas, uma resignação calma desceu sobre suas almas e eles gritaram: “Salve o Guru!”

A Santa Mãe estava chorando no quarto, não pelo marido, mas porque sentia que a Mãe Kali a havia abandonado. Quando estava a ponto de colocar os símbolos de um viúva indiana, num momento de revelação, ouviu as palavras de fé, “Apenas passei de um cômodo para o outro.”

Mantra para ser lido antes da leitura do Evangelho de Sri Ramakrishna:

TAVA KATHAMRITAM TAPTAJIVANAM
KAVIBHIRĪRITAM KALMAṢAPAHAM
ŚRAVAṆAMANGALAM ŚRIMADATATAM
BHUVI GRIṆANTI TE BHŪRIDA JANAH

Tradução:
São verdadeiramente grandes benfeitores, ou doadores de vida a muitos, aquelas pessoas que elaboradamente falam ou propagam o néctar de Tuas palavras – as palavras do Senhor – as quais são vivificantes para o ardente espírito do homem, são louvadas pelos sábios, são destruidoras do pecado, são auspiciosas de ouvir e doadoras de intensa paz.

(Srimad Bhagavatam 10.31.9)

CAPÍTULO 1

MESTRE E DISCÍPULO

Março, 1882

FOI NUM DOMINGO de primavera, alguns dias depois do aniversário de Sri Ramakrishna, que M. encontrou-o pela primeira vez. Sri Ramakrishna morava no Kalibari, templo de Mãe Kali, às margens do Ganges, em Dakshineswar.

M., estando de folga nos domingos, fora visitar com seu amigo Sidhu, diversos jardins em Baranagore. Quando estavam passeando no de Prasanna Bannerji, Sidhu disse-lhe: "Há um lugar encantador às margens do Ganges, onde vive um Paramahamsa. Você quer ir lá?" M. concordou e dirigiram-se imediatamente para o templo de Dakshineswar. Chegaram ao portão principal ao entardecer, foram diretamente para os aposentos de Sri Ramakrishna, onde o encontraram sentado num divã de madeira, olhando para o leste. Sorrindo, falava de Deus. O quarto estava cheio, todos sentados no chão, bebendo suas palavras, em silêncio profundo.

M. de pé, ficou mudo, observando. Era como ele estivesse no ponto de encontro de todos os lugares santos e como se o próprio Shukadeva estivesse falando de Deus, ou como se Sri Chaitanya estivesse cantando o nome e as glórias do Senhor em Puri, com Ramananda, Swarup e outros devotos.

Sri Ramakrishna disse: "Se ao ouvirem o nome de Hari ou Rama, seus olhos se encherem de lágrimas ou seu cabelo ficar de pé, podem estar certo de que não precisam mais praticar exercícios devocionais tais como o sandhya. Somente então podem renunciar aos rituais, ou melhor, os rituais cairão por si mesmos. Só será necessário repetir o nome de Rama ou Hari, ou simplesmente, Om. Continuando disse: "O sandhya funde-se no Gayatri e o Gayatri no Om."

M. olhou para os lados e maravilhado, disse para si mesmo: "Que lindo lugar! Que homem encantador! Como são lindas as suas palavras! Não pretendo sair daqui." Após alguns minutos pensou: "Deixe-me conhecer o lugar primeiro; depois volto e me sento."

Quando deixou o quarto com Sidhu, ouviu a suave música do gongo, do tambor e dos pratos que vinha do culto da tarde no templo. Ouviu também, a música que vinha do nahabat no fundo do jardim. Os sons cruzavam o Ganges, flutuando e perdendo-se à distância. Um vento suave de verão soprava, carregado com o perfume das flores; a lua acabava de aparecer. Era como se a natureza, juntamente com o homem estivessem se preparando para o culto da tarde. M. e Sidhu visitaram os doze templos de Shiva, o de Radhakanta e o de Bhavatarini. E à medida que M. assistia ao serviço diante das imagens, seu coração enchia-se de alegria.

Quando voltaram ao quarto de Sri Ramakrishna, os dois amigos conversaram. Sidhu explicou que o templo tinha sido construído por Rani Rasmani, que Deus era adorado ali, diariamente, na forma de Kali, Krishna e Shiva, e que no interior, era oferecida comida aos sadhus e mendigos. Quando chegaram de novo na porta do quarto de Sri Ramakrishna encontraram-na fechada e Brinde, a empregada, estava no lado de fora. M. que possuía boas maneiras inglesas, jamais entraria num quarto sem permissão, perguntou: "Está aí o santo?" Brinde respondeu: "Sim, ele está."

M.: "Há quanto tempo ele vive aqui?"

Brinde: "Ó! Ele vive aqui há muito tempo."

M.: "Ele lê muitos livros?"

Brinde: "Livros? Ó não! Estão todos na ponta de sua língua."

M. havia terminado seus estudos na universidade. Admirou-se muito em saber que Sri Ramakrishna não lia livros.

M.: "Talvez seja a hora de sua adoração da tarde. Podemos entrar? Pode-lhe dizer que estamos ansiosos para vê-lo?"

Brinde: "Entrem, rapazes. Entrem e sentem-se!"

Entrando no aposento, encontraram Sri Ramakrishna sentado, sozinho, no divã de madeira. O incenso tinha acabado de queimar e todas as portas estavam fechadas. Ao entrar, M. de mãos postas, saudou o Mestre. Então a seu aceno, sentaram-se no chão. Sri Ramakrishna perguntou-lhes: "Onde vo-

cês moram? Qual a sua profissão? Por que vieram a Baranagore?" M. respondeu às perguntas, mas reparou que de vez em quando, o Mestre parecia ausente. Mais tarde soube que aquele estado chamava-se bhava, êxtase. É como o pescador, sentado com seu caniço; o peixe vem e morde a isca; e a bóia começa a balançar; o pescador fica alerta e segura a vara e observa a bóia firme e atentamente; não fala com ninguém. Tal era o estado mental de Sri Ramakrishna. Mais tarde M. ouviu e ele mesmo observou, que Sri Ramakrishna ficava muitas vezes neste estado depois do entardecer, às vezes tornava-se totalmente inconsciente do mundo exterior.

M.: "Talvez o senhor deseje fazer sua adoração da tarde. Neste caso, podemos ir embora?"

Sri Ramakrishna (*ainda em êxtase*): "Não – Adoração da tarde? Não é exatamente isso."

Depois de algum tempo, M. saudou o Mestre e saiu: 'Volte'- disse Sri Ramakrishna.

Durante o trajeto de volta para casa, M. começou a conjeturar: "Quem é esse homem de olhar sereno, que me está atraindo para ele? É possível que um homem seja grande, sem ser erudito? Como isso é maravilhoso! Gostaria de tornar a vê-lo. Ele mesmo me disse: 'Volte!' Irei amanhã ou depois."

A segunda visita de M. a Sri Ramakrishna deu-se na varanda sudeste, às oito horas da manhã. O Mestre estava prestes a fazer a barba e o barbeiro acabara de chegar. Como a estação fria ainda permanecia, tinha posto um xale de lã com franja vermelha. Vendo M., o Mestre falou: "Então você veio. É bom. Sente-se aqui!" Sorria e gaguejava um pouco enquanto falava.

Sri Ramakrishna (*a M.*): "Onde você mora?

"M.: "Em Calcutá, senhor."

Sri Ramakrishna: "Onde você está hospedado aqui?

M.: "Estou em Baranagore, na casa de minha irmã mais velha, casa de Ishan Kaviraj."

Sri Ramakrishna: "Ó na casa de Ishan? Bem, como vai Keshab? Ele estava muito doente."

M.: "É verdade, também ouvi dizer isso, mas agora, acredito que esteja bem."

Sri Ramakrishna: "Fiz uma promessa de oferecer a Mãe coco verde com açúcar se ele ficasse curado. Às vezes, de madrugada, eu acordava e chorava diante d'Ela: 'Mãe, por favor, devolva a saúde a Keshab. Se ele morrer, com quem vou conversar, quando for a Calcutá?' E foi então que resolvi oferecer-Lhe coco verde com açúcar.

"Diga-me, você conhece um certo Sr. Cook, que chegou a Calcutá? É verdade que está dando conferências? Certa vez Keshab levou-me num passeio de barco e este Sr. Cook também estava lá."

M.: "Sim, ouvi algo sobre isso, mas nunca fui às suas palestras. Não sei muito a seu respeito."

Sri Ramakrishna: "O irmão de Pratap veio aqui. Ficou alguns dias, estava desempregado e queria morar aqui. Soube que havia deixado a esposa e os filhos com o sogro. Ele tem uma grande prole. Então o repreendi. Imagine! É pai de tantas crianças! Será que os vizinhos vão educá-las e dar-lhes de comer? Nem tem vergonha de deixar que outros os sustentem e também, de tê-los largado na casa do sogro. Repreendi-o duramente e mandei que procurasse um trabalho. Por isso está querendo ir embora.

"Você é casado?"

M.: "Sim, senhor, sou."

Sri Ramakrishna (*estremecendo*): "Ó Ramlal![1] Ele é casado!"

Como se fosse culpado de uma grande falta, M. ficou imóvel, olhando para o chão. Pensou, "Será uma coisa má ser casado?"

O Mestre continuou: "Você tem filhos?"

Desta vez M. pôde escutar as batidas do seu coração. Sussurrou com a voz trêmula: "Sim, senhor, tenho filhos."

Tristemente, Sri Ramakrishna disse: "Ai meu Deus! Ele tem até filhos!"

Com tal censura, M. ficou sem fala. Seu orgulho havia recebido um golpe. Depois de alguns minutos, Sri Ramakrishna olhou-o com bondade e disse afetuosamente, "Você tem bons sinais. Conheço-os, olhando a testa, os olhos etc. de uma pessoa. Diga-me, que tipo de pessoa é sua esposa? É espiritualizada ou está sob o poder de avidya?"

M.: "Ela é boa, mas creio que é ignorante."

Mestre (*com visível desagrado*): "E você é um homem de conhecimento!"

M. tinha ainda que aprender a diferença entre conhecimento e ignorância. Até aquele dia, seu conceito era que só se adquiria conhecimentos através dos livros e nos colégios. Mais tarde veio abandonar essa falsa concepção. Aprendeu que conhecer Deus é conhecimento e não O conhecer é igno-

[1] Sobrinho de Sri Ramakrishna e sacerdote do templo de Kali.

rância. Quando Sri Ramakrishna exclamou: "E você é um homem de conhecimento!" o ego de M. ficou novamente terrivelmente chocado.

Mestre: "Bem, você acredita em Deus com forma ou sem forma?"

M. bastante surpreso, disse a si mesmo: "Como pode alguém acreditar em Deus sem forma quando acredita em Deus com forma? E se alguém acredita em Deus sem forma, pode acreditar que Deus tenha forma? Podem essas duas idéias contraditórias serem verdadeiras ao mesmo tempo? Pode um líquido branco como o leite, ser preto?"

M.: "Senhor, gosto de pensar em Deus sem forma".

Mestre: "Muito bem. É suficiente ter fé em qualquer um desses aspectos. Você acredita em Deus sem forma, está muito bem, mas jamais pense que só isso seja verdadeiro e tudo o mais falso. Lembre-se de que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma, mas fique firme em sua convicção".

A afirmação de que ambos são verdadeiros surpreendeu M. Jamais havia aprendido esse conceito nos livros. Assim seu ego recebeu um terceiro golpe, mas desde que ele não havia sido esmagado, tornou a fazer novas perguntas ao Mestre.

M.: "Senhor, suponha que alguém acredite em Deus com forma. Certamente Ele não é uma imagem de barro."

Mestre (*interrompendo*): "Mas por que de barro? É uma imagem do Espírito."

M. mal podia compreender o significado da expressão "imagem do Espírito." "Mas senhor", disse ao Mestre, "deve-se explicar àqueles que adoram a imagem de barro, que ela *não* é Deus e que, adorando-a, devem ter Deus em mente e não, a imagem de argila. Não se deve adorar a argila."

Mestre (*bruscamente*): "Trata-se de uma mania de vocês, pessoas de Calcutá, dar palestras para trazer luz aos outros – Ninguém jamais pensa como conseguir luz para si mesmo. Quem são vocês para ensinar os outros?

"Aquele que é o Senhor do universo ensinará cada um. Somente Ele que criou esse universo nos ensina: Aquele que fez o sol e a lua, homens, animais e todos os outros seres; Aquele que provê meios para seu sustento: que deu pais aos filhos e dotou-os de amor para poder educá-los. O Senhor fez tantas coisas – Ele não mostrará às pessoas a maneira de adorá-Lo? Se precisarem de ensinamentos, Ele será o Mestre. Ele é o nosso Guia Interno.

"Suponhamos que haja um erro na maneira de adorar a imagem de barro. Por acaso não sabe Deus que é através dessa imagem somente que Ele está sendo invocado? Ele aceitará tal adoração. Por que ter dor de cabeça por causa desse fato? É melhor você procurar adquirir conhecimento e devoção."

A essa altura dos acontecimentos, M. sentiu que seu ego estava completamente esmagado. Disse para si mesmo: "Sim, ele falou a verdade. Que necessidade tenho de ensinar os outros? Já conheço Deus? Será que realmente O amo? 'A minha cama é estreita para mim e estou convidando um amigo para compartilhá-la comigo!' Não sei nada a respeito de Deus e estou tentando ensinar os outros. Que vergonha! Que tolo sou! Isto não é matemática ou história ou literatura, que alguém possa ensinar aos outros. Não, isto é o profundo mistério de Deus. O que ele me diz, toca-me."

Esta foi a primeira argumentação com o Mestre e felizmente, a última.

Mestre: "Você estava falando de adorar a imagem de barro. Mesmo que ela seja de barro, há necessidade de adoração. O Próprio Deus estabeleceu diversos tipos de adoração. Aquele que é o Senhor do universo, planejou todas essas formas para atender às pessoas nos diversos estágios de desenvolvimento.

"A mãe faz diferentes pratos a fim de atender ao estômago de seus diferentes filhos. Suponhamos que ela tenha cinco filhos. Se há peixe, prepara vários cardápios como pilau, escabeche, peixe frito e assim por diante, para satisfazer aos diferentes gostos de seus filhos e condições de digestão.

"Você me compreende?"

M.(*humildemente*): "Sim, senhor. Como podemos fixar nossas mentes em Deus?"

Mestre: "Repita o nome de Deus e cante Suas glórias e mantenha a companhia dos santos; de vez em quando, visite os devotos de Deus e homens santos. A mente não pode ficar estabelecida em Deus se estiver mergulhada dia e noite no mundanismo, nos deveres e responsabilidades do mundo; é necessário ficar de vez em quando em solidão e pensar em Deus. Fixar a mente em Deus é muito difícil no começo, a menos que se pratique a meditação em solidão. Quando uma árvore ainda é pequena, é necessário protegê-la com uma cerca. Caso contrário, pode ser destruída pelo gado.

"Para meditar, deve-se interiorizar a mente ou retirar-se para um lugar isolado ou uma floresta. Deve sempre discriminar entre o Real e o irreal. Só Deus é Real, a Substância Eterna, tudo o mais, irreal, quer dizer, transitório. Assim discriminando, a pessoa tira os objetos transitórios da mente."

M. (*humildemente*): "Como devemos viver no mundo?"

Mestre: "Cumpra seus deveres mas mantenha a mente em Deus. Viva com todos – esposa, filhos, pai e mãe - e sirva-os. Trate-os como se fossem muito queridos, mas saiba no fundo do seu coração, que eles não lhe pertencem.

"Uma empregada da casa de um homem rico faz todos os serviços da casa, mas seus pensamentos estão voltados para sua casa na terra natal. Cria os filhos do patrão como se fossem os seus próprios. Chega mesmo a referir-se a eles como 'meu Rama' ou 'meu Hari', mas em sua mente sabe que eles não lhe pertencem.

"A tartaruga movimenta-se na água, mas onde estão seus pensamentos? Nas margens, onde estão enterrados os seus ovos. Faça seus deveres do mundo, mas mantenha o pensamento em Deus.

"Se você entrar no mundo, sem antes ter cultivado o amor de Deus, se enredará cada vez mais. Será subjugado pelos perigos, tristezas e tribulações. Quanto mais pensar nas coisas do mundo, mais se apegará a elas.

"Primeiro esfregue as mãos com óleo e em seguida, quebre a jaca para abri-la, do contrário, ficarão sujas com o leite pegajoso. Primeiro obtenha o óleo do amor divino e depois, mãos à obra com os deveres do mudo.

"Mas uma pessoa deve se retirar para a solidão a fim de conseguir esse amor divino. Para se fazer manteiga do leite, é necessário que ele seja guardado em separado para que forme o coalho. Caso contrário o leite não se transformará em coalho. Depois deve deixar todas as outras obrigações, sentar-se num lugar sossegado e bater a manteiga. Só assim terá a manteiga.

"Além do mais, meditando em Deus na solidão, a mente adquire conhecimento, desapego e devoção. Mas a mesma mente desce se ficar presa às coisas do mundo. No mundo só há um pensamento: 'mulher e ouro".[2]

"O mundo é a água e a mente, o leite. Se derramar leite na água, eles se transformam num só; não poderá encontrar o leite nunca mais. Mas transforme esse leite em coalho e o bata até virar manteiga. Então quando a manteiga é colocada na água, flutua. Pratique disciplina espiritual na solidão e obtenha a manteiga do conhecimento e amor. Mesmo que ponha a manteiga na água do mundo, as duas não se misturarão. A manteiga flutuará.

"A par disso, praticar discriminação sobre 'mulher e ouro', considerando-se que são transitórios, Deus é a única Substância Eterna. O que o homem obtém com dinheiro? Comida, roupa e casa – nada mais. Você não pode realizar Deus com sua ajuda. Por conseguinte, o dinheiro jamais poderá ser a meta da vida. Esse é o processo da discriminação. Compreende?"

M.: "Sim, senhor. Recentemente li uma peça em sânscrito chamada *Prabodha Chandrodaya*, que trata da discriminação."

Mestre.: "Sim, da discriminação a respeito dos objetos. Pense – o que há no dinheiro ou num corpo bonito? Discrimine e verá que o mesmo corpo de uma linda mulher é formada de ossos, carne, gordura e outras coisas desagradáveis. Por que um homem deveria abandonar Deus e dirigir a atenção para essas coisas? Por que um homem deveria esquecer Deus por causa delas?"

M.: "É possível *ver* Deus?"

Mestre: "Sim, certamente. Ficando em solidão de vez em quando, repetindo seu nome, cantando Suas glórias e discriminando entre o Real e o irreal – esses são os meios para vê-Lo."

M.: "Sob que condições uma pessoa vê Deus?

---

[2] A expressão "Mulher e Ouro" que vem sendo usada amplamente num sentido coletivo, aparece com freqüência nos ensinamentos de Sri Ramakrishna para designar os principais entraves ao progresso espiritual. Essa expressão preferida do Mestre, "kaminikanchan", tem sido muitas vezes mal interpretada. Por ela, ele queria dizer "luxúria e ganância", a influência nociva que retarda o desenvolvimento espiritual do aspirante. Ele empregava a palavra "kumini" ou "mulher", como um termo concreto para o instinto sexual, quando se dirigia aos devotos masculinos. Aconselhava às mulheres por outro lado, a evitar "homem", "Kanchan" ou "ouro", simboliza a avidez, que é um outro obstáculo à vida espiritual.

Sri Ramakrishna jamais ensinou a seus discípulos a odiarem uma mulher, ou as mulheres em geral. Isso pode ser visto claramente penetrando-se em todos os seus ensinamentos sob esse tema. O Mestre considerava todas as mulheres imagens da Mãe Divina do universo. Prestou a mais alta homenagem às mulheres, quando aceitou uma mulher como guia espiritual, enquanto praticava as profundas disciplinas espirituais do Tantrismo. Sua esposa, conhecida e reverenciada como Santa Mãe, foi sua companheira constante e a primeira discípula. No final de sua prática espiritual adorou-a como a Encarnação da Deusa Kali, a Mãe Divina. Com sua morte, a Santa Mãe tornou-se guia espiritual, não somente de um grande número de chefes de família mas também, de muitos membros monásticos da Ordem de Ramakrishna.

Mestre: "Chore por Deus com o coração cheio de intensa ânsia e certamente irá vê-Lo. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por esposa e filhos. Nadam em lágrimas por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Chore por Ele do fundo do seu coração."

O Mestre cantou:

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!
Como pode Ela manter-Se afastada de você?
Como pode Shyama ficar afastada?
Como pode sua mãe Kali ficar longe?

Ó mente, se você for sincera, traga-Lhe uma oferenda
De folhas de bel e flores de hibisco
Coloque a Seus pés sua oferenda
E misture nela a pasta perfumada de sândalo do Amor.

Continuando disse: 'A ânsia é a aurora rosada. Depois dela, nasce o sol. O intenso anelo é seguido pela visão de Deus.

"Deus revela-Se ao devoto que se sente chamado para Ele pela força combinada de três atrações: a atração pelos bens materiais que o homem possui do mundo, a que uma criança sente por sua mãe e a que um marido sente por sua esposa. Se alguém se sentir atraído para Deus pela força combinada dessas três atrações então, através dela, pode alcançá-Lo.

"A questão é amar a Deus da mesma maneira que a mãe ama seu filho, a esposa, seu marido e o homem do mundo, o dinheiro. Junte essas três forças de amor, esses três poderes de atração e os dê a Deus. Então certamente O verá.

"É necessário orar a Ele com o coração ansioso. O gatinho só sabe chamar a mãe chorando: "Miau, miau!" Fica feliz onde ela o coloca. E a gata o põe, ora na cozinha, ora no chão e às vezes, na cama. Quando o filhote sente um desconforto, apenas chora "Miau, miau!". É tudo o que sabe dizer, mas ao ouvir seu choro, a mãe onde quer que esteja, vem correndo em sua direção."

Foi num domingo à tarde que M. fez a terceira visita ao Mestre. Estava tremendamente impressionado com as duas primeiras visitas que fizera àquele homem maravilhoso. Vivia pensando constantemente no Mestre e na maneira simples de exprimir as verdades profundas da vida espiritual. Jamais havia encontrado antes alguém parecido.

Sri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O aposento estava cheio de devotos[3] que haviam se aproveitado do fato de ser feriado para ir vê-lo. M. ainda não estava familiarizado com os demais devotos, de modo que se sentou no canto. O Mestre sorria enquanto falava com eles.

Dirigia-se de forma especial para um jovem de dezenove anos chamado Narendranath[4] que ainda era estudante e freqüentava o Sadharan Brahmo Samaj. Seus olhos eram brilhantes, suas palavras cheias de força e tinha o olhar de um amante de Deus.

M. percebeu que a conversa era sobre os homens do mundo que desprezavam aqueles que aspiram às coisas espirituais. O Mestre falava sobre o grande número de pessoas desse tipo que há no mundo e da maneira como lidar com elas.

Mestre (*a Narendra*): "Como você se sente a esse respeito? As pessoas do mundo dizem tudo a respeito das pessoas espiritualizadas. Mas olhe aqui! Quando um elefante anda na rua, muitos cachorros e outros animais pequenos podem latir e gritar para ele, mas o elefante nem olha para trás para vê-los. Se alguém fala mal de você, o que pensa dela?"

Narendra : "Penso que são cachorros latindo para mim."

Mestre (*sorrindo*): "Ó não! Não deve ir tão longe, meu filho! (*Risada geral*). Deus mora em todos, mas você só deve se tornar íntimo das pessoas boas; deve manter-se afastado daquelas de mente perversa. Deus está até mesmo num tigre, mas ninguém vai abraçar o tigre por causa disso. (*Risada*). Pode-se contestar: 'Por que fugir do tigre, que é também, uma manifestação de Deus?' A resposta é o seguinte: 'Aqueles que mandam fugir são, também, manifestações de Deus – por que não dar ouvidos a eles?'

[3] O termo é usado de maneira gral no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é devotado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra "discípulo", quando usada em conexão com Sri Ramakrishna, refere-se àquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que o considera seu guru.

[4] Posteriormente conhecido mundialmente como Swami Vivekananda.

"Deixe-me contar uma história. Numa floresta vivia um homem santo que tinha muitos discípulos. Um dia ensinou-lhes a ver Deus em todas as criaturas e, sabendo disso, curvarem-se diante de todas elas. Um discípulo foi à floresta pegar lenha para o fogo do sacrifício. De repente ouviu um grito: 'Saiam do caminho! Um elefante louco está se aproximando!' Todos, menos o discípulo, correram. Ele imaginou que o elefante era também Deus, mas sob outra forma. Por que haveria de fugir dele? Ficou quieto, curvou-se ante o animal e começou a cantar em seu louvor. O mahut do elefante gritava: 'Fuja! Fuja!', mas o discípulo não se mexia. O animal pegou-o com sua tromba, jogou-o para um lado e seguiu seu caminho. Ferido e contundido, ficou inconsciente no chão. Sabendo o ocorrido, o Mestre e seus discípulos vieram e levaram-no para a cabana. Com a ajuda de alguns medicamentos, logo recuperou a consciência. Alguém perguntou-lhe: 'Você sabia que o elefante estava vindo. Por que não saiu do lugar?' 'Mas', disse ele, 'o nosso Mestre disse-nos que o Próprio Deus toma todas essas formas, tanto de animais como de homens. Por isso, pensando que se tratava apenas do Deus elefante que estava vindo, não corri.' A isso retrucou o Mestre: 'Sim, meu filho, é verdade que era Deus que estava chegando; mas o Deus mahut proibiu você de ficar ali. Já que todos são manifestações de Deus, por que não acreditou nas palavras do mahut? Você deveria ter atendido às palavras do Deus mahut.' (*Risada geral*).

"Está escrito nas escrituras que a água é uma forma de Deus, porém há água própria para o culto, para lavar o rosto e outra para lavar pratos ou roupa suja. Este último tipo não pode ser empregado para beber ou com propósito religioso. Assim também Deus inegavelmente mora no coração de todos – santos ou pecadores, corretos ou ímpios, mas o homem não deve se relacionar com os pecadores, maus e impuros. Não deve ter intimidade com eles. Com algumas pessoas, pode trocar algumas palavras, mas com outras, não deve nem fazer isso. Deve-se manter afastado delas".

Um devoto: "Senhor, se um homem estiver a ponto de fazer mal a alguém ou realmente o faz, devemos ficar quietos?"

Mestre: "Uma pessoa que vive em sociedade deveria criar a impressão de muita força, a fim de se proteger contra aqueles de mente perversa, mas não deve ferir ninguém antecipando um mal que eles poderiam lhe fazer.

"Ouçam uma história. Alguns jovens pastores tinham o hábito de levar suas vacas para um campo onde vivia uma serpente terrivelmente venenosa. Todas as pessoas viviam alertas com medo dela. Um dia, um brahmachari estava passando pelo campo. Os rapazes correram para ele e disseram-lhe: 'Santo homem, por favor não vá por esse caminho. Uma cobra venenosa vive ali.' 'O que tem isso demais, meus filhos?' disse o brahmachari. 'Não tenho medo de cobra. Conheço alguns mantras.' Assim falando, continuou seu caminho em direção ao campo, mas os pastores com medo, não o acompanharam. Nesse ínterim a serpente dirigiu-se para ele rapidamente, com o capuz erguido. Assim que ela chegou, recitou um mantra e a cobra deitou-se a seus pés como se fosse uma minhoca. O brahmachari disse: 'Olhe aqui. Por que você vive fazendo mal aos outros? Venha, vou lhe dar uma palavra sagrada. Repetindo-a aprenderá a amar a Deus. Por fim O realizará e dessa maneira se libertará de sua natureza violenta.' Assim falando, ensinou-lhe uma palavra sagrada e iniciou-a na vida espiritual. A serpente curvou-se ante seu mestre e disse: 'Reverenciado senhor, como vou fazer a prática espiritual?' 'Repita a palavra sagrada', disse o mestre, 'e não faça mal a ninguém'. Como já estava de saída, o brahmachari disse: 'Eu a verei de novo.'

"Passaram-se alguns dias e os pastores notaram que a serpente não mordia mais. Jogaram muitas pedras nela, mas mesmo assim ela não demonstrou raiva; comportava-se como se fosse uma minhoca. Um dia um dos rapazes aproximou-se, segurou-a pela cauda, rodopiou-a no ar, lançou-a contra o chão várias vezes e jogou-a longe. A serpente vomitou sangue e ficou inconsciente. Estava zonza. Não podia se mover. Então julgando-a morta, os rapazes foram embora.

"Tarde da noite a serpente recobrou os sentidos. Lentamente e com muita dificuldade, conseguiu arrastar-se até a sua toca; seus ossos estavam quebrados e mal podia se mexer. Passaram-se muitos dias. A serpente transformou-se num esqueleto coberto de pele. De vez em quando, à noite, saía para procurar alimento. Com medo dos rapazes não saía do buraco durante o dia. Desde que recebera a palavra sagrada do mestre tinha deixado de fazer mal aos outros. Mantinha-se viva graças a detritos, folhas e frutos que caíam das árvores.

"Mais ou menos um ano depois, o brahmachari voltou e perguntou pela cobra. Os pastores disseram que estava morta. Não pôde acreditar neles. Sabia que ela não morreria antes de ter colhido o fruto da palavra sagrada com a qual havia sido iniciada. Saiu procurando-a aqui e acolá, chamando-a pelo nome que lhe havia dado. Ouvindo a voz do mestre, a serpente saiu da toca e curvou-se com mui-

ta reverência diante dele. 'Como vai você?' perguntou-lhe o brahmachari. 'Estou bem, senhor' respondeu a serpente. 'Mas', perguntou o mestre, 'por que você está tão magra?' A cobra respondeu: 'Reverenciado mestre, o senhor mandou que eu não fizesse mal a ninguém. Por isso tenho vivido somente de folhas e frutos. Talvez seja por esta razão que eu tenha ficado mais magra.'

"A cobra havia desenvolvido a qualidade de sattva; não podia ficar com raiva de ninguém. Esquecera-se completamente de que os pastores quase a haviam matado.

"O brahmachari disse: 'Não pode ter sido uma simples falta de comida que a reduziu a este estado. Deve haver uma outra razão. Pense um pouco.' Então a serpente lembrou-se de que os rapazes a haviam atirado ao chão. Disse: 'Sim, reverenciado mestre, agora me lembro. Os rapazes um dia me jogaram violentamente contra o chão. Afinal de contas, são ignorantes. Não compreenderam a grande mudança que se operou em minha mente. Como poderiam saber que eu não ia mais morder nem fazer mal a ninguém?' O brahmachari exclamou: 'Que vergonha! Você é uma boba! Não sabe proteger-se. Eu lhe mandei que não mordesse, mas não, que silvasse. Por que não os atemorizou com seu silvo?'

"Você deve, portanto, silvar para as pessoas más. Deve assustá-las, senão elas lhe farão mal. Jamais injete veneno nelas. Ninguém deve fazer mal aos outros.'

"Na criação de Deus há uma variedade de coisas: homens, animais, árvores, plantas. Entre os animais, há alguns bons, outros maus. Há animais ferozes como o tigre. Algumas árvores dão frutos doces como o néctar, outros dão frutos venenosos. Da mesma maneira, entre os seres humanos, há bons e maus, santos e pecadores. Há alguns que são devotados a Deus e outros apegados ao mundo.

"Os homens podem ser divididos em quatro categorias; aqueles presos pelos grilhões do mundo, os que buscam a liberação, os liberados e os sempre livres.

"Entre os sempre livres encontramos sábios como Narada. Vivem no mundo para o bem dos outros, a fim de ensinar a verdade espiritual.

"Aqueles que estão apegados estão mergulhados no mundanismo e esquecem-se de Deus. Nem por engano pensam nele.

"Os que buscam a liberação querem livrar-se do apego ao mundo. Alguns conseguem, outros não.

"As almas liberadas como sadhus e mahatmas, não são tragadas pelo mundo, por 'mulher e ouro'. Suas mentes estão livres de mundanismo. Além disso vivem em constante meditação aos Pés de Lótus do Senhor.

"Suponhamos que uma rede seja lançada ao lago para apanhar peixes. Alguns são tão espertos que jamais são apanhados. São como os sempre livres, mas a maioria é apanhada. Alguns tentam sair e neste caso, são como os que buscam a liberação. Mas nem todos os peixes que lutam, conseguem. Poucos pulam fora da rede. e fazem um grande barulho quando caem na água. Então o pescador grita: 'Olhe! Lá vai um grande!' Mas a maioria dos que caem na rede não pode escapar, nem faz qualquer esforço para tal. Ao contrário, escondem-se na lama, com a malha da rede em suas bocas e ali ficam quietos, pensando: 'Não temos nada a temer agora, estamos seguros aqui'. Os pobres peixes não sabem que o pescador os vai tirar da rede. São como os homens ligados ao mundo.

"As almas apegadas estão presas pelos grilhões de 'mulher e ouro'. Estão com os pés e as mãos atadas. Pensando que 'mulher e ouro' os tornarão felizes e lhes proporcionarão segurança, não compreendem que isso os levará à ruína. Quando um homem assim apegado ao mundo está para morrer, sua esposa lhe pergunta: 'Você se vai. O que você fez por mim?' Assim também, seu apego às coisas do mundo é tal que, quando vê a lamparina queimando fortemente, diz: 'Diminua a luz. Está gastando muito óleo.' E ele está em seu leito de morte!

"As almas apegadas jamais pensam em Deus. Quando têm um tempo livre, gastam-no com tagarelices e conversas tolas, ou então, em algum trabalho sem proveito. Se perguntarmos a uma delas a razão, responde: 'Ó não posso ficar parado, estou fazendo uma cerca.' Quando não têm nada para fazer, talvez comecem a jogar cartas".

Havia um profundo silêncio no aposento.

Um devoto: "Senhor, não há salvação para essa pessoa do mundo?"

Mestre: "Certamente que há. De tempos em tempos, deve viver na companhia dos homens santos e retirar-se para a solidão, a fim de meditar em Deus. Além do mais, deve praticar discriminação e orar: 'Dá-me fé e devoção.' Quando conseguiu ter fé, já alcançou tudo. Não há nada maior do que a fé.

(*A Kedar*): "Você já deve ter ouvido falar a respeito do poder tremendo da fé. Está escrito nos Puranas que Rama, que era o Próprio Deus – a Encarnação do Brahman Absoluto – teve que construir

uma ponte para atravessar o mar até o Ceilão. Mas Hanuman, tendo fé no nome de Rama, abriu o mar e atravessou-o num pulo e alcançou o outro lado. Não teve necessidade de ponte. (*Todos riem*).

"Uma vez um homem estava prestes a atravessar o mar. Bibhishana escreveu o nome de Rama numa folha, amarrou-a na ponta da roupa do homem e disse-lhe: 'Não tenha medo. Tenha fé e ande sobre a água. Mas olhe aqui – no momento em que perder a fé, se afogará'. O homem começou a andar com facilidade sobre a superfície da água. De repente teve um imenso desejo de ver o que estava amarrado em sua roupa. Abriu o papel e apenas viu uma folha com o nome de Rama escrito. 'O que é isto?' pensou – 'Apenas o nome de Rama!' Assim que a dúvida entrou em sua mente, afundou.

"Se um homem tem fé em Deus, mesmo que tenha cometido o mais hediondo crime – tal como matar uma vaca, um brahmin ou uma mulher – certamente se salvará pela força de sua fé. Basta apenas que diga a Deus: 'Ó Senhor! Não cometerei mais essa ação', e não necessitará ter medo."

Quando acabou de dizer isso, o Mestre começou a cantar:

Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha liberação.
Por mais pecador que eu tenha sido?
Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer.
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.
Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;
Pois pelo poder de Teu doce nome
Minha alma pecadora ainda pode aspirar
Possuir até o estado de Brahman.

Apontando para Narendra, o Mestre disse: "Vocês todos estão vendo esse rapaz. Aqui ele se comporta dessa maneira. Um menino travesso parece muito educado quando se encontra na presença do pai, mas torna-se outra pessoa quando brinca no chandni. Narendra e pessoas de seu tipo pertencem à classe dos sempre livres. Jamais se deixam enredar pelo mundo. Quando crescem um pouco sentem o despertar da consciência interior e dirigem-se diretamente para Deus. Vêm ao mundo somente para ensinar os outros. Jamais se importam com coisa alguma do mundo. Nunca ficam apegados a 'mulher e ouro'.

"Os Vedas falam do homa. Essa ave mora bem alto, no céu e lá coloca os ovos. Logo que o ovo é posto, começa a cair, mas como está muito alto, o ovo continua sua queda por vários dias. À medida que cai, o ovo é chocado até que o filhote nasce. Quando a avezinha sai da casca, os olhos se abrem e as asas crescem. Compreende então, que está caindo e que ficará reduzida a pedaços se tocar o solo. Dá um arranque para cima em direção à sua mãe no céu."

Nesse ponto da conversa, Narendra saiu do quarto. Kedar, Prankrishna, M. e outros permaneceram.

Mestre: "Veja, Narendra é superior a todos quando canta, toca instrumentos, estuda e tudo o mais. Outro dia teve uma discussão com Kedar e arrasou seus argumentos." (*Risada geral*).

(*A M.*): "Há algum livro sobre a razão, em inglês?"

M.: "Sim. Chama-se Lógica."

Mestre: "Diga-me do que se trata."

M. estava um pouco envergonhado. Disse: "Uma parte do livro trata de dedução, partindo-se do geral para o particular. Exemplo: Todos os homens são mortais. Os intelectuais são homens. Logo todo intelectual é mortal. Uma outra trata com o método de raciocinar, partindo-se do particular para o geral. Exemplo: Esse corvo é preto. Aquele corvo é preto. Os corvos que vemos em todos os lugares são pretos. Logo, todos os corvos são pretos. Mas pode ocorrer um erro na conclusão feita dessa maneira, porque poderá existir um corvo branco em alguma parte do mundo. Uma outra ilustração: Se há chuva, há ou já houve nuvens. Em conseqüência, a chuva vem das nuvens. Ainda um outro exemplo: Esse homem tem trinta e dois dentes. Aquele homem tem trinta e dois dentes. Todos os homens que vemos têm trinta e dois dentes. Portanto, todos os homens têm trinta e dois dentes. A lógica inglesa trabalha com tais deduções e induções."

Sri Ramakrishna mal ouvia essas palavras. Enquanto escutava, sua mente tornou-se ausente. Por conseguinte, a conversa não foi além.

Quando a reunião acabou, os devotos foram passear no jardim do templo. M. dirigiu-se ao Panchavati. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Depois de algum tempo voltou para o aposento do Mestre. Ali, na pequena varanda norte, presenciou uma cena maravilhosa.

Sri Ramakrishna estava em pé cercado por alguns devotos e Narendra cantava. M. jamais vira uma pessoa cantar de forma tão suave, a não ser o Mestre. Quando olhou para Sri Ramakrishna, ficou deslumbrado, porque o Mestre estava imóvel, com os olhos fixos. Parecia que nem respirava. Um devoto disse a M. que o Mestre estava em samadhi. M. jamais vira nem ouvira falar de tal coisa. Tomado de encantamento pensava: "Será possível para um homem estar tão alheio ao mundo exterior e com a consciência em Deus? Quão profunda deve ser sua fé e sua devoção para fazê-lo atingir esse estado!"

Narendra cantava:

Medite, Ó mente, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito, por todos os tempo
Como é inigualável a Luz que brilha n'Ele!
Como enfeitiça a alma a Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos!

Cada vez mais maravilhado no seu amor recém-florido,
Que envergonha o esplendor de milhões de luas.
Como relâmpago brilha a glória de Sua forma.
Eriçando os cabelos de pura alegria.

O Mestre estremeceu quando esse último verso foi cantado. O cabelo ficou de pé e lágrimas de felicidade escorriam de suas faces. De vez em quando os lábios entreabriam um sorriso. Estaria vendo a inigualável beleza de Deus "que envergonha o esplendor de milhões de luas?" Seria isso a visão de Deus, a Essência do Espírito? Quantas austeridades e disciplinas, quanta fé e devoção são necessárias para se ter essa visão!

A canção continuou:

Adore Seus pés no lótus de seu coração:
Com a mente serena e os olhos radiantes,
Com amor celestial, contemple essa visão incomparável.

De novo aquele sorriso encantador. O corpo imóvel como antes, os olhos semicerrados, como que contemplando uma estranha visão interior.

A canção terminou. Narendra cantou as últimas linhas:

Apanhada na magia do êxtase do Seu amor.
Mergulhe para sempre, Ó mente,
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O samadhi e a divina bem-aventurança que havia presenciado deixaram uma impressão indelével na mente de M. Voltou para casa profundamente tocado. De vez em quando podia ouvir dentro de si, o eco daqueles versos que inebriavam a alma.

Mergulhe para sempre, Ó mente
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

O dia seguinte foi de novo, dia de folga para M. Chegou a Dakshineswar às três horas da tarde. Sri Ramakrishna estava em seu quarto: Narendra, Bhavamath e alguns devotos estavam sentados numa esteira. Eram todos jovens de dezenove e vinte anos. Sentado no divã pequeno, Sri Ramakrishna conversava com eles, sorrindo.

Assim que entrou no aposento, o Mestre riu e disse para os rapazes: "Aí está! Ele veio de novo." Todos riram. M. inclinou-se profundamente e sentou-se. Antes saudava o Mestre com as mãos postas, como uma pessoa de educação inglesa, mas naquele dia, aprendeu a se prosternar a seus pés à moda hindu ortodoxa.

Logo em seguida o Mestre explicou a causa daquela risada para os devotos. Disse: "Certa vez um homem deu ao pavão uma pílula de ópio às quatro horas da tarde. No dia seguinte, exatamente na mesma hora, o pavão voltou. Sentira a intoxicação da droga e voltava na hora certa para tomar uma outra dose." (*Todos riem*).

M. achou essa ilustração muito adequada. Mesmo em casa não podia tirar Sri Ramakrishna de seu pensamento, nem por um momento. Sua mente estava permanentemente em Dakshineswar e contava os minutos para lá voltar.

Nesse meio tempo, o Mestre divertia-se com os rapazes, tratando-os como se fossem seus amigos íntimos. Risadas hilariantes enchiam o quarto como se fosse um mercado de felicidade. Essa cena foi uma revelação para M. Pensou: "Ontem não o vi inebriado por Deus? Não estava ele nadando no Oceano de Amor Divino? – uma cena que nunca vi antes? E hoje, essa mesma pessoa comporta-se como se fosse um homem comum! Não foi ele quem me censurou no primeiro dia de minha chegada aqui? Não foi ele quem me advertiu, 'Não é você um homem de conhecimento?' Não foi ele quem me disse que Deus com forma é tão verdadeiro como Deus sem forma? Não foi ele quem me disse que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório? Não foi ele quem me aconselhou a viver no mundo de forma desapegada, como uma empregada na casa de um homem rico?"

Sri Ramakrishna estava se divertindo muito com os jovens devotos: de vez em quando olhava de relance para M. Havia reparado que M. permanecia em silêncio. O Mestre disse a Ramlal: "Veja, ele já é um pouco avançado em idade e por conseguinte, um tanto sério. Senta-se quieto enquanto os demais jovens ficam alegres." M. estava com aproximadamente vinte e oito anos de idade.

O assunto desviou-se para Hanuman, cuja fotografia encontrava-se na parede do quarto do Mestre.

Sri Ramakrishna disse: "Imaginem só o estado mental de Hanuman. Não se importava com dinheiro, honra, comodidades ou qualquer outra coisa. Ansiava somente por Deus. Enquanto corria com a arma celestial que tinha sido escondida no pilar de cristal, Mandodari começou a tentá-lo com várias frutas para que ele descesse e deixasse cair a arma[5] Mas ele não podia ser enganado assim tão facilmente. Em resposta às persuasões de Mandodari, entoou a seguinte canção:

Tenho necessidade de fruta?
Já tenho a Fruta que torna esta vida
Realmente proveitosa. Dentro do meu coração
A Árvore de Rama cresce.
Dando a salvação como fruto.

Debaixo da Árvore que satisfaz todos os Desejos,
De Rama, sento-me à vontade
Colhendo qualquer fruto que deseje,
Mas se você falar de fruta –
Pedinte não sou de frutas comuns.
Veja, vou
Deixar uma fruta amarga para você."

Enquanto cantava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. De novo os olhos semicerrados e o corpo imóvel, tal qual vemos em sua fotografia. Apenas há um minuto atrás, os devotos alegravam-se em sua companhia. Agora, todos os olhares voltavam-se para ele. Assim, pela segunda vez, M. via o Mestre em samadhi.

Depois de muito tempo, o Mestre voltou à consciência normal. O rosto brilhava com um sorriso e o corpo estava relaxado; os sentidos começaram a funcionar normalmente. Derramava lágrimas de felicidade enquanto repetia o santo nome de Rama. M. duvidava se esse verdadeiro santo era a mesma pessoa que há minutos antes, havia se comportado como um menino de circo.

O Mestre disse a Narendra e a M.: "Gostaria de ouvir vocês perguntarem e responderem em inglês." Ambos riram mas continuaram a falar em sua língua mãe. Era impossível para M. falar mais alguma coisa diante do Mestre. Embora Sri Ramakrishna insistisse, não falaram inglês.

Às cinco horas da tarde todos os devotos, exceto Narendra e M., despediram-se do Mestre. M. passeava no jardim do templo. Inesperadamente encontrou o Mestre conversando com Narendra na borda do lago de gansos. Sri Ramakrishna dizia a Narendra: "Olhe. Venha aqui mais vezes. Você é um recém-chegado. No início as pessoas se visitam mais vezes como no caso de um homem enamorado e sua amada (*Narendra e M. riram*). Venha por favor, sim?"

[5] A história referida aqui está no *Ramayana*. Ravana recebeu uma graça pela qual só poderia ser morto por uma determinada arma celestial especial. Essa arma estava escondida no pilar de cristal de seu palácio. Um dia Hanuman, disfarçado de macaco comum, veio ao palácio e quebrou o pilar. Enquanto fugia com a arma, foi tentado com uma fruta por Mandodari, esposa de Ravana, a fim de que lhe devolvesse a arma. Logo assumiu sua forma e entoou a canção encontrada no texto.

Narendra, membro do Brahmo Samaj, era muito cioso do cumprimento de suas promessas. Disse, com um sorriso: "Sim, senhor, vou fazer o possível."

Quando regressavam para o quarto, disse Sri Ramakrishna a M.: "Quando os camponeses vão ao mercado a fim de comprar gado para seus arados, sabem distinguir os bons dos maus pelo simples toque em suas caudas. Quando são tocados, uns simplesmente deitam-se humildemente no chão. Os camponeses consideram-nos sem força e os rejeitam. Escolhem somente os que dão um salto e reagem quando suas caudas são tocadas. Narendra é um boi desse último tipo. Está cheio de força interior."

O Mestre sorria enquanto dizia essas palavras e continuou: "Há algumas pessoas que não têm determinação de espécie alguma. São como arroz tostado mergulhado no leite – mole e empapado, sem qualquer força interior!"

Era o entardecer. O Mestre meditava em Deus. Disse a M.: "Vá falar com Narendra. Depois diga-me o que você pensa dele."

O culto vespertino havia terminado nos templos. M. encontrou Narendra nas margens do Ganges e começaram a conversar. Narendra falou a respeito de seus estudos na universidade, do fato de ser membro do Brahmo Samaj etc.

Já era tarde e hora de M. voltar para casa, mas como não estava com vontade, foi procurar Sri Ramakrishna. Estava fascinado pelo canto do Mestre e desejava ouvir mais uma vez. Por fim encontrou o Mestre andando de um lado para o outro no natmandir, defronte ao templo de Kali. Uma lamparina queimava em ambos os lados da imagem da Mãe Divina. Essa única lamparina, no natmandir tão grande, misturava a luz e a escuridão numa espécie de crepúsculo místico, no qual a figura do Mestre podia ser vista de uma forma velada.

M. havia ficado encantado com a música suave do Mestre. Com voz hesitante, perguntou-lhe se ainda cantaria naquela noite. "Não, essa noite não", disse Sri Ramakrishna, depois de pensar um pouco. Então como se lembrando de alguma coisa, acrescentou: "Logo irei à casa de Balaram Bose em Calcutá. Vá lá e você me ouvirá cantar." M. concordou em ir.

Mestre: "Você conhece Balaram Bose?"

M.: "Não, senhor."

Mestre: "Ele mora em Bosepara."

M.: "Sim, senhor, vou encontrá-lo."

Sri Ramakrishna andava de um lado para o outro com M. no vestíbulo e disse-lhe: "Deixe-me perguntar-lhe: o que você pensa de min?"

M. permaneceu em silêncio. Novamente Sri Ramakrishna perguntou: "O que você pensa de mim? Quantas annas de conhecimento de Deus eu tenho?"

M.: "Não compreendo o que quer dizer com 'annas', mas de uma coisa estou certo: jamais vi tanto conhecimento, amor extático, fé em Deus, renúncia e universalidade em qualquer outro lugar."

O Mestre riu.

M. curvou-se profundamente ante ele e despediu-se. Já estava no portão principal do templo, quando subitamente, lembrou-se de algo e voltou para falar com Sri Ramakrishna, que ainda se encontrava no natmandir. Sob a luz fraca o Mestre, sozinho, andava de um lado para outro, regozijando-se no Ser - como o leão que vive e perambula sozinho pela floresta.

Num encantamento silencioso, M. examinava atentamente aquela grande alma.

Mestre (*a M.*): "O que o fez voltar?"

M.: "Talvez a casa que o senhor me pediu para ir, pertença a um importante homem rico. Pode ser que não me deixem entrar. Penso que é melhor não ir. Prefiro encontrá-lo aqui."

Mestre: "Ó não! Por que você pensaria assim? Apenas mencione o meu nome. Diga que você quer me ver e alguém o conduzirá a mim."

M. acenou com a cabeça e depois de saudar o Mestre, foi embora.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 2

NA COMPANHIA DOS DEVOTOS

11 de março de 1882

MAIS OU MENOS ÀS OITO HORAS da manhã, Sri Ramakrishna, como havia sido planejado, foi para a casa de Balaram Bose em Calcutá. Era o dia da Dolayatra. Ram, Manomohan, Rakhal[1], Nityagopal e outros foram com ele. M., convidado pelo Mestre, também foi.

Os devotos e o Mestre cantaram e dançaram em estado de fervor divino. Vários deles entraram em êxtase. O peito de Nityagopal encheu-se de emoção e Rakhal caiu no chão em êxtase, completamente inconsciente do mundo. O Mestre pôs a mão no peito de Rakhal e disse: "Paz. Fique tranqüilo." Essa foi a primeira experiência de êxtase de Rakhal. Vivia com o pai em Calcutá e de vez em quando visitava o Mestre em Dakshineswar. Por esta época havia estudado durante certo tempo na escola de Vidyasagar, em Syampukur.

Quando a música terminou, os devotos sentaram-se para comer. Balaram ficou de pé humildemente como se fosse um empregado. Ninguém o tomaria como o dono da casa. M. ainda era um estranho para os devotos, tendo conhecido somente Narendra em Dakshineswar.

Alguns dias depois M. visitou o Mestre em Dakshineswar. Eram entre quatro e cinco horas da tarde. O Mestre e ele estavam sentados nos degraus que levavam aos templos de Shiva. Olhando para o templo de Radhakanta do outro lado do pátio, o Mestre entrou em êxtase.

Desde a demissão de seu sobrinho Hriday do templo, Sri Ramakrishna estava sem atendente. Devido aos seus constantes estados espirituais, mal podia tomar conta de si. A falta de uma pessoa para ajudá-lo, causava-lhe grande inconveniência.

Sri Ramakrishna conversava com Kali, a Mãe Divina do universo. Disse: "Mãe, todo mundo diz: 'Só meu relógio está certo'. Os cristãos, os brahmins, os hinduístas, os maometantos, todos dizem: 'Só a minha religião é a verdadeira'. Mas Mãe, o fato é que o relógio de ninguém está certo. Quem pode realmente entender-Te? Mas se um homem ora a Ti com o coração ansioso, pode alcançar-Te, por Tua graça, por qualquer caminho. Mãe, um dia mostra-me como os cristãos oram a Ti em suas igrejas. Mas Mãe, o que dirão as pessoas se eu entrar em suas igrejas? Tu achas que criarão caso? Ou que não me permitirão mais entrar no templo de Kali? Mostra-me, então, como é o culto dos católicos, visto da porta da igreja."

Outro dia, o Mestre estava sentado no divã pequeno, no seu quarto, com o costumeiro semblante radiante. M. chegou com seu amigo Kalikrishna, que não sabia para onde o seu amigo o estava conduzindo. M. dissera-lhe: "Se você quer ver um local onde se vendem bebidas alcoólicas, venha comigo. Lá verá um grande jarro com vinho". M. contou isso para Sri Ramakrishna que riu muito. O Mestre disse: "A felicidade do culto e a comunhão com Deus é o verdadeiro vinho, o vinho do amor extasiante. A meta da vida humana é amar Deus. Bhakti é a única coisa essencial. Conhecer Deus através da jnana e raciocínio é extremamente difícil".

O Mestre cantou:

> Quem existe que pode compreender o que a Mãe Kali é?
> Mesmo os seis darsanas não têm poder para revelá-La. ...

O Mestre disse de novo: "A única meta da vida é cultivar o amor a Deus, o mesmo amor que as ordenhadoras, as leiteiras e os pastores de Vrindavan sentiam por Krishna. Quando Krishna foi embora para Mathura, os pastores perambulavam chorando amargamente sua separação d'Ele.

Dizendo isso, o Mestre cantou com os olhos voltados para cima:

---

[1] Um discípulo amado de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Brahmananda.

Há pouco vi um jovem pastor
Com um bezerrinho nos braços.
Ali ficou de pé, segurando em uma das mãos
O galho de uma árvore nova.
"Onde estás Tu, Irmão Kanai?" gritou:
Mas mal podia pronunciar "Kanai":
"Ka" era o máximo que podia dizer.
Lamentou: "Onde estás Tu, Irmão?"
E os olhos encheram-se de lágrimas.

Ao ouvir esta canção do Mestre, cheia de amor, os olhos de M. encheram-se de lágrimas.

2 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de estar da casa de Keshab Chandra Sen em Calcutá; eram cinco horas da tarde. Quando Keshab foi informado da chegada do Mestre, veio para a sala de visitas, pronto para sair, pois ia visitar um amigo doente. Agora havia cancelado seus planos. O Mestre disse-lhe: "Você tem tantas coisas para atender. Além disso ainda tem que editar um jornal. Não tem tempo para vir a Dakshineswar, por isso, vim vê-lo. Ao saber de sua doença, prometi coco verde e açúcar à Mãe Divina para seu restabelecimento. Disse-Lhe: 'Mãe, se alguma coisa acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá?' "

Sri Ramakrishna falou com Pratap e outros devotos Brahmos. M. sentou-se perto deles. Apontando para ele, o Mestre disse a Keshab: "Pergunte-lhe, por favor, porque não veio mais a Dakshineswar. Várias vezes me tem dito que não é apegado à esposa e aos filhos." M. havia visitado o Mestre durante um mês e sua ausência durante um certo tempo havia induzido a essa observação. Sri Ramakrishna havia pedido para lhe escrever, caso demorasse a visitá-lo.

O Pundit Samadhyayi estava presente. Os devotos Brahmos apresentaram-no a Sri Ramakrishna, como sendo um erudito bem versado nos Vedas e outras escrituras. O Mestre disse: "Sim, posso ver o seu interior através dos seus olhos, da mesma maneira como uma pessoa pode ver os objetos dentro de um aposento, através da porta de vidro."

Trailokya cantou. Subitamente o Mestre pôs-se de pé e entrou em samadhi, repetindo o nome da Mãe. Descendo um pouco até o plano da consciência dos sentidos, dançou e cantou:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-aventurança Eterna.
Quando digo o nome de minha Mãe Kali:
Ele intoxica de tal modo a minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!
Primeiro meu Guru me dá melado para fazer o Vinho;
Meu anseio é o fermento para transformá-lo.
O Conhecimento, que faz o Vinho, prepara-o para mim, então:
E quando está pronto, minha mente absorve-o da garrafa do mantra.
Tomando o nome da Mãe para torná-lo puro.
Beba este Vinho, diz Ramprasad[2], e os quatro frutos[3] da vida serão seus.

O Mestre olhou para Keshab com doçura, como se Keshab lhe fosse muito íntimo. Temia que Keshab pudesse vir a ser de outrem, quer dizer, se tornasse um homem do mundo. Olhando-o o Mestre continuou a cantar:

Temos medo de falar, no entanto, tememos ficar quietos;
Nossas mentes, Ó Radha, mal acreditam que estamos a ponto de te perder.
Vamos contar-te o segredo que conhecemos
O segredo pelo qual nós e os outros, com nossa ajuda.
Passamos por muitos momentos de perigo.
Agora tudo depende de ti.

Citando a última parte da canção, disse a Keshab: "Isto é, renuncie a tudo e invoque Deus. SóEle é Real, tudo o mais ilusório. Sem a realização de Deus, tudo é fútil. Este é o grande segredo."

[2] O autor da canção. É costume dos compositores de canções devocionais na Índia, mencionar seus nomes no final das canções.
[3] Dharma, artha, kama e moksha.

O Mestre sentou-se novamente e começou a conversar com os devotos. Por um certo tempo, escutou um recital de piano, apreciando-o como se fosse uma criança. Foi, então, para os aposentos internos, onde lhe serviram refrescos e as senhoras o saudaram.

No momento em que o Mestre deixou a casa de Keshab, os devotos Brahmos acompanharam-no respeitosamente até a carruagem.

Domingo, 9 de abril de 1882

Sri Ramakrishna estava sentado com os devotos na sala de visitas de Prankrishna Mukherji em Calcutá; era entre uma e duas horas da tarde. Como o Coronel Viswanath[4] morava nas proximidades, o Mestre pretendia visitá-lo antes de ir ver Keshab no Lily Cottage. Vários vizinhos e outros amigos de Prankrishna tinham sido convidados para conhecer Sri Ramakrishna. Estavam todos ansiosos para ouvir suas palavras.

Mestre: "Deus e Sua glória. Este universo é Sua glória. As pessoas vêem Sua glória e esquecem-se de tudo. Não procuram Deus, cuja glória é este mundo. Todos procuram desfrutar de 'mulher e ouro'. Mas há muita miséria e dor nisso. Este mundo é como o redemoinho de Visalakshi[5]. Uma vez que um bote caia ali, não há mais esperança de ser resgatado. Assim também o mundo é como um arbusto espinhoso; mal você se liberta de um espinho e já se vê às voltas com um outro. Uma vez que se entre num labirinto, é muito difícil sair. Vivendo no mundo, fica-se, por assim dizer, machucado."

Um devoto: "Então qual é o caminho, senhor?"

Mestre: "Oração e a companhia dos homens santos. Não se pode ficar bom de uma doença sem a ajuda de um médico. Não é suficiente ficar na companhia de pessoas religiosas somente por um dia. Deve-se procurá-las constantemente, porque a doença tornou-se crônica. Também não se pode interpretar o pulso corretamente se não viver com um médico. Estando com ele constantemente, uma pessoa aprende a diferenciar a pulsação da fleuma, da pulsação da bile."

Devoto: "Qual a vantagem da companhia santa?"

Mestre: "Ela leva à ânsia de Deus, ao amor de Deus. Nada se consegue na vida espiritual sem ânsia. Vivendo-se constantemente na companhia de homens santos, a alma torna-se inquieta por Deus. Essa ânsia é como aquela sensação experimentada pela mente de um homem que tem um doente na família. Sua mente está em desassossego constante, pensando como a pessoa vai ser curada. Ou então, uma pessoa deveria sentir uma ânsia por Deus, como aquela do homem que perdeu seu emprego e peregrina de escritório em escritório à procura de trabalho. Se é recusado num lugar por falta de vaga, volta de novo, no dia seguinte e pergunta: 'Há vaga hoje?'

"Há uma outra maneira: orar sinceramente a Deus. Deus é nosso muito íntimo. Deveríamos dizer a Ele: 'Ó Deus, qual é a Tua natureza? Revela-Te a mim. Tu deves revelar-Te a mim; para que outra coisa me criaste?' Alguns devotos sikhs, uma vez me disseram: 'Deus é pleno de misericórdia.' Disse-lhes: 'Mas por que chamá-Lo de misericordioso? Ele é o nosso Criador. Por que devemos ficar maravilhados se Ele é bondoso? Os pais criam os filhos. Chamamos a isso um ato de bondade? Eles têm obrigação de agirem assim.' Por conseguinte, temos que forçar nossos pedidos a Deus. Ele é o nosso Pai e Mãe, não é? Se um filho pede sua parte na herança e deixa de comer e beber a fim de reforçar seu pedido, os pais entregam-lhe sua parte três anos antes do tempo legal. Ou então, quando uma criança pede uns trocados à sua mãe e diz repetidamente: 'Mãe, dê-me um dinheiro. Peço-lhe de joelho!'- a mãe, sentindo a sinceridade e incapaz de resistir por mais tempo, dá-lhe o dinheiro que ela está lhe pedindo.

"Há uma outra vantagem que advém da companhia dos santos. Ajuda a cultivar a discriminação entre o Real e o irreal. Só Deus é o Real, quer dizer, a Substância Eterna, e o mundo é irreal, isto é, transitório. Assim que uma pessoa sentir que a mente está se dirigindo para o irreal, deverá aplicar a discriminação. Tão logo o elefante estica a trompa para pegar um galho de tanchagem do jardim do vizinho, recebe um golpe de chuço de ferro do condutor."

Um vizinho: "Por que uma pessoa possui tendências para o pecado?"

Mestre: "Na criação de Deus há todo o tipo de coisas. Ele criou homens bons e maus. É Ele quem nos dá boas e más tendências."

Vizinho: "Neste caso, não somos responsáveis pelas nossas ações pecaminosas, somos?"

---

[4] O Residente do Governo do Nepal em Calcutá e devoto do Mestre.

[5] Um rio perto da cidade natal de Sri Ramakrishna.

Mestre: "Todo pecado tem seu próprio resultado. É a lei de Deus. Você queimará a língua se mastigar pimenta, não é? Na juventude Mathur[6] levou uma vida de dissipação: Daí sofrer tantas doenças antes de morrer.

"Pode-se não compreender isso na juventude. Examinei a fornalha da cozinha do templo de Kali quando a lenha estava queimando. No começo a madeira molhada queima bem. Não parece conter tanta umidade, mas quando está suficientemente queimada, toda umidade corre para um lugar só. Finalmente a água sai do combustível e apaga o fogo.

"Deve-se, portanto, tomar cuidado com a raiva, paixão e ganância. Lembre-se, por exemplo, do caso de Hanuman. Num acesso de raiva pôs fogo em todo Ceilão. Depois lembrou-se de que Sita estava morando numa floresta de asokas. Começou então, a tremer com medo que o fogo a atingisse."

Vizinho: "Por que Deus criou pessoas más?"

Mestre: "É a Sua vontade, Seu jogo. Em sua maya há avidya, bem como vidya. A escuridão é necessária. Ela também exalta a glória da luz. Não há dúvida que a raiva, luxúria e ganância são más. Por que então Deus as criou? A fim de criar santos. Um homem torna-se santo ao dominar seus sentidos. Há alguma coisa impossível para um homem que dominou as paixões? Pode até realizar Deus, por Sua graça. Além disso veja como todo Seu jogo de criação perpetua-se através da luxúria.

"Pessoas más também são necessárias. Uma vez os arrendatários de uma propriedade tornaram-se insubordinados. O dono teve de enviar Golak Choudhury, um bandido. Foi um administrador tão duro que os arrendatários tremiam à simples menção do nome.

"Há necessidade de tudo. Um dia Sita disse para seu marido: 'Rama, seria grandioso se todas as casas de Ayodhya fossem uma mansão! Encontro tantas casas velhas e dilapidadas'. 'Mas, minha querida', disse Rama, 'se todas as casas fossem bonitas, o que fariam os pedreiros?' (*Risada*). Deus criou todos os tipos de coisas. Criou árvores boas, plantas venenosas, bem como ervas daninhas. Entre os animais há bons, maus, de todos os tipos – tigres, leões, cobras e assim por diante."

Vizinho: "Senhor, é possível se realizar Deus quando se leva a vida de um chefe de família?"

Mestre: "Certamente, mas como acabei de falar, deve-se viver na companhia santa e orar incessantemente. Deve-se chorar por Deus. Quando as impurezas da mente são lavadas assim, Deus é realizado. A mente é como uma agulha coberta de lama e Deus é como um ímã. A agulha não pode ficar presa no magneto, a não ser que esteja limpa da lama. As lágrimas lavam a lama, que nada mais é do que a luxúria, raiva, ganância e outras tendências más, bem como a inclinação para os prazeres do mundo. Logo que a lama for lavada, o ímã atrai a agulha, quer dizer, a pessoa realiza Deus. Somente os puros de coração vêem Deus. Um paciente com febre tem excesso de líquido em seu organismo. A não ser que seja removido, o que o quinino pode fazer por ele?

"Por que uma pessoa não pode realizar Deus enquanto viver no mundo? Mas, como já disse, deve-se viver em companhia santa, orar a Deus, chorar por Sua graça e de vez em quando, ficar só. A não ser que as plantas sejam no início protegidas com uma cerca , serão destruídas pelo gado."

Vizinho: "Então os chefes de família, também, terão a visão de Deus, não é?"

Mestre: "Certamente todas as pessoas serão liberadas, mas a pessoa deverá seguir as instruções do guru: se desviar-se do caminho, sofrerá por voltar a andar nas passadas já dadas. Leva muito tempo para se conseguir a liberação. Um homem pode não conseguir numa vida, talvez tenha que realizar depois de muitos nascimentos. Sábios como Janaka cumpriram as obrigações do mundo. Executava--as, tendo Deus na mente, como as dançarinas que equilibram jarros ou bandejas nas cabeças, enquanto dançam. Já viram como as mulheres do noroeste da Índia andam, conversam e riem enquanto carregam os jarros de água na cabeça?"

Vizinho: "O senhor acabou de referir-se às instruções do guru. Como o encontrarei?"

Mestre: "Nem todos podem ter um guru. Uma tora larga de madeira flutua na água e pode carregar animais, mas um pedaço de pau afunda, se uma pessoa senta-se nele e então, afoga-se. Por isso e Deus sempre Se encarna como o Guru para ensinar a humanidade. Só Satchidananda é o Guru.

"O que é o Conhecimento? E qual é a natureza do ego? 'Só Deus é Aquele que faz e ninguém mais' – isso é conhecimento. Não sou eu quem faz: sou um simples instrumento em Suas mãos. Por conseguinte, digo: 'Ó Mãe, Tu és o Condutor, eu sou a carruagem. Eu me movo da maneira como Tu me fazes mover. Faço o que me mandas fazer. Falo aquilo que me fazes falar. Não eu, não eu, mas Tu, mas Tu'."

Da casa de Prankrishna, o Mestre foi para a do Coronel Viswanath e dali, para o Lily Cottage.

---

[6] Genro da Rani Rasmani e um grande devoto de Sri Ramakrishna que lhe proveu todo o necessário durante o período em que viveu no templo.

CAPÍTULO 3

VISITA A VIDYASAGAR

5 de agosto de 1882

O PUNDIT ISWAR CHANDRA VIDYASAGAR nasceu no vilarejo de Beersingh, não longe de Kamarpukur, cidade natal de Sri Ramakrishna. Era conhecido por ser um grande erudito, educador, escritor e filantropo. Um dos criadores do bengali moderno, era também, bem versado na gramática e poesia sânscritas. Sua generosidade fez com que seu nome se tornasse familiar entre seus compatriotas, sendo a maior parte de sua renda distribuída entre viúvas, órfãos, estudantes pobres e outras pessoas necessitadas. Sua compaixão não se limitava apenas aos seres humanos: deixou de beber leite durante anos para que os bezerrinhos não ficassem sem ele e também, não guiava carruagem com medo de machucar os cavalos. Era homem de espírito indomável, o que foi comprovado quando abandonou a posição lucrativa de reitor da Faculdade de Sânscrito de Calcutá, por causa de desavenças com as autoridades. Seu afeto pela mãe era especialmente profundo. Um dia, na falta de barco, atravessou um rio impetuoso – com risco da própria vida, para atender ao desejo de sua mãe, dele estar presente no casamento do irmão. Toda sua vida foi de uma grande simplicidade. O título Vidyasagar, que significava "Oceano de Cultura" foi-lhe dado em reconhecimento à sua vasta erudição.

Sri Ramakrishna há muito tempo, desejava visitar Iswar Chandra Vidyasagar. Sabendo que M. era professor na escola de Vidyasagar, o Mestre perguntou-lhe, "Você pode levar-me até Vidyasagar? Gostaria muito de conhecê-lo." M. falou com Ishar Chandra a respeito do desejo de Sri Ramakrishna e o pundit concordou que M. levasse o Mestre num sábado, às quatro horas da tarde. Apenas perguntou a M. que tipo de paramahamsa o Mestre era: "Ele usa roupa ocre?" M. responde: "Não, senhor. É uma pessoa fora do comum. Usa roupa com franja vermelha e chinelos polidos. Mora num quarto no templo da Rani Rasmani. Em seu quarto há um divã com colchão e mosquiteiro. Não apresenta qualquer sinal exterior de santidade, mas a única coisa que conhece é Deus. Pensa n'Ele dia e noite."

Na tarde de 5 de agosto, o Mestre deixou Dakshineswar numa carruagem de aluguel, acompanhado de Bhavanath, M. e Hazra. Vidyasagar vivia em Badurbagan, no centro de Calcutá, mais ou menos a seis kilômetros de Dakshineswar. Durante a viagem conversou com seus companheiros, mas quando a carruagem aproximou-se da casa de Vidyasagar, seu estado subitamente mudou e foi tomado pelo êxtase divino. Não tendo percebido isso, M. mostrou a chácara onde Raja Rammohan Roy vivera. O Mestre mostrou-se aborrecido e disse: "Não estou preocupado com essas coisas agora." Estava entrando em êxtase.

A carruagem parou defronte da casa de Vidyasagar. O Mestre desceu, sustentado por M. e entraram. No pátio havia muitas plantas com flores. Ao entrar o Mestre disse a M., como uma criança, mostrando o botão da camisa: "Minha camisa está desabotoada. Será que isso vai ofender Vidyasagar?" "Ó não!" disse M. "Não se preocupe com isso. Nada que venha do senhor será ofensivo. O senhor não tem que abotoar a camisa". Aceitou o que M. lhe disse, como se fosse uma criança.

Vidyasagar tinha mais ou menos sessenta e dois anos, dezesseis ou dezessete a mais do que o Mestre. Vivia numa casa de dois andares, em estilo inglês, com um lindo gramado e cercado de um muro alto. Depois de subir as escadas para o segundo andar, Sri Ramakrishna e os devotos entraram numa sala onde Vidyasagar estava sentado num canto ao fundo, em frente de uma mesa, olhando para eles. No lado direito da mesa havia um banco. Alguns amigos ocupavam cadeiras nos outros dois lados.

Vidyasagar levantou-se para receber o Mestre. Sri Ramakrishna ficou em pé diante do banco, com uma das mãos na mesa. Fitava Vidyasagar como se já se conhecessem anteriormente e sorria em estado extático. Assim permaneceu de pé por alguns minutos. De vez em quando, a fim de trazer a mente ao estado de consciência normal, dizia: "Vou beber um pouco de água."

Nesse meio tempo, os jovens da família e alguns amigos e parentes de Vidyasagar haviam se reunido em volta deles. Sri Ramakrishna, ainda em êxtase, sentou-se no banco. Um jovem de dezessete ou dezoito anos, que tinha ido pedir a Vidyasagar ajuda financeira para sua educação, estava sen-

tado aí. O Mestre sentou-se à pouca distância do rapaz, dizendo em estado abstrato: "Mãe, esse jovem está muito apegado ao mundo. Pertence ao Teu campo de ignorância."

Vidyasagar pediu a alguém para trazer água e perguntou a M. se o Mestre também não desejava comer alguns doces. Uma vez que M. não havia se oposto, o próprio Vidyasagar foi para o interior da casa e trouxe os doces, que foram colocados em frente do Mestre. Bhavanath e Hazra também se serviram. Quando foram oferecidos a M., Vidyasagar disse: "Ó! Ele é como um membro da família. Não temos que nos preocupar com ele." Com referência a um jovem devoto, o Mestre disse a Vidyasagar: "É um jovem muito bom e muito firme internamente. É como o rio Phalgu. A superfície está coberta de areia, mas se cavar, encontrará água embaixo."

Depois de comer alguns doces, o Mestre com um sorriso, começou a conversar com Vidyasagar. Nesse ínterim, o aposento ficou cheio de gente, alguns de pé, outros sentados.

Mestre: "Ah! Hoje, afinal, vim ao oceano. Até agora havia visto canais, pântanos ou no máximo, um rio. Mas hoje, estou face a face com o sagar, o oceano." (*Todos riem*).

Vidyasagar: (*sorrindo*): "Então leve um pouco de água salgada." (*Risada*).

Mestre: "Ó não! Por que água salgada? O senhor não é um oceano de ignorância, mas vidya, conhecimento. O senhor é um oceano de leite condensado."(*Todos riem*).

Vidyasagar: "Bem, o senhor pode colocar isso dessa maneira."

O pundit ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse: "Suas ações são inspiradas por sattva. Embora rajásicas, sofrem influência de sattva. A compaixão nasce de sattva. Apesar do trabalho para o bem dos outros pertença a rajas, contudo, tal rajas tem como base, sattva e não é prejudicial. Shuka e outros sábios cultivaram a compaixão a fim de dar instrução religiosa às pessoas e ensiná-las a respeito de Deus. O senhor distribui comida e conhecimento. Isto é muito bom. Se tais atividades são feitas desinteressadamente, levam a Deus, mas a maior parte dos homens trabalham por prestígio ou mérito. Suas atividades são egoístas. Além disso, o senhor já é um siddha."[1]

Vidyasagar: "Como é isso, senhor?"

Mestre (*rindo*): "Quando as batatas e outros vegetais estão bem cozidos, ficam mais macios e tenros. O senhor tem uma natureza tão tenra! É tão misericordioso!" (*Risada*).

Vidyasagar (*rindo*): "Mas quando a pasta de sementes de kala ferve torna-se bem dura."

Mestre: "Mas o senhor não pertence a essa classe. Meros pundits são como uma fruta doente que se torna dura e não amadurece. Tal fruta não possui o frescor de uma verde, nem o sabor de uma madura. Os urubus voam muito alto no céu, mas os olhos estão na carniça aqui embaixo. Os intelectuais são considerados sábios, mas encontram-se apegados a 'mulher e ouro'. Como os urubus, estão à procura de carniça. São apegados ao mundo da ignorância. Compaixão, amor a Deus e renúncia são as glórias do verdadeiro conhecimento."

Vidyasagar ouviu essas palavras em silêncio. Os outros também olhavam para o Mestre, atentos a cada palavra que ele pronunciava.

Vidyasagar era muito reticente em dar instrução religiosa aos outros. Havia estudado filosofia hindu. Certa vez quando M. lhe perguntou sua opinião a respeito, disse: "Creio que os filósofos esqueceram-se de explicar o que ia em suas mentes." Mas no seu quotidiano fazia todos os rituais da religião hindu e usava o sagrado cordão de brahmin. Sobre Deus uma vez declarou: "É realmente impossível conhecê-Lo. Qual deve ser então, o nosso dever? Parece-me que devemos viver de tal maneira que, se os outros seguirem o nosso exemplo, essa terra seria um paraíso. Todo o mundo deveria esforçar-se para fazer bem ao mundo."

A conversa de Sri Ramakrishna versou sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: "Brahman está além de vidya e avidya, conhecimento e ignorância. Está além de maya, a ilusão da dualidade.

"O mundo consiste da dualidade de conhecimento e ignorância. Contém conhecimento e devoção, mas também, apego a 'mulher e ouro'; honradez e iniqüidade; bem e mal porém, Brahman não está apegado a nada. O bem e o mal afetam somente o Jiva, a alma individual, assim como ocorre com a retidão e a iniqüidade, mas Brahman não é afetado por elas.

"Um homem pode ler o *Bhagavata* à luz de um lampião e outro pode cometer uma falsificação sob essa mesma luz, mas o lampião não é afetado. O sol derrama sua luz para os bons e para os maus.

"Vocês podem perguntar, 'Como então, se explica a miséria, o pecado e a infelicidade?' A resposta é que esses aplicam-se apenas ao Jiva. Brahman mantém-se intocado por eles. Há veneno na co-

[1] Literalmente, "perfeito" ou "fervido"; a palavra é aplicada tanto para a alma perfeita como para coisas fervidas.

bra; emboras as pessoas possam morrer ao serem mordidas por ela, ela mesma não é afetada pelo veneno.

"O que Brahman é, não pode ser descrito. Todas as coisas do mundo – os Vedas, os Puranas, os Tantras, os seis sistemas filosóficos – foram todos maculados, como a comida que foi tocada pela língua, porque foram lidos e pronunciados pela língua. Somente uma coisa não foi maculada dessa maneira e esta é Brahman. Nunca ninguém foi capaz de dizer o que Brahman é."

Vidyasagar (*aos amigos*): "Ó! Trata-se de uma afirmação importante. Hoje aprendi algo novo."

Mestre: "Um homem tinha dois filhos. O pai mandou-os para um preceptor a fim de aprenderem o Conhecimento de Brahman. Depois de alguns anos voltaram da casa do preceptor e curvaram-se ante o pai. Querendo medir a profundidade do conhecimento deles a respeito de Brahman, perguntou em primeiro lugar, ao mais velho, 'Meu filho', disse, 'Você estudou todas as escrituras. Diga-me agora, qual é a natureza de Brahman?" O rapaz começou a explicar Brahman, recitando diversos versos dos Vedas. O pai não disse nada. Então fez ao menor, a mesma pergunta, mas o rapaz ficou em silêncio e manteve os olhos baixos. Nenhuma palavra saiu de seus lábios. O pai ficou satisfeito e disse-lhe: "Meu filho, você entendeu um pouco de Brahman. O que Ele é não pode ser expresso por palavras."

"Os homens freqüentemente pensam que entenderam Brahman em toda a plenitude. Uma vez, uma formiga foi até um monte de açúcar. Um grão foi o suficiente para encher seu estômago. Pegando mais um grão com a boca, foi para casa. A caminho pensou: 'Na próxima vez trarei o monte todo.' É desse modo que as mentes pouco profundas pensam. Desconhecem que Brahman está além das palavras e pensamentos. Por maior que um homem seja, quanto poderá conhecer de Brahman? Shukadeva e outros sábios como ele, podem ter sido grandes formigas, mas mesmo eles não poderiam ter carregado mais do que oito ou dez grãos de açúcar!

"Pelo que foi dito nos Vedas e Puranas, sabe como isso é? Suponhamos que um homem tenha visto o oceano e alguém lhe pergunte: 'Bem, como é o oceano?' O primeiro homem abre a boca o mais que pode e responde: 'Que vista! Que tremendas ondas e barulho!' A descrição de Brahman nos livros sagrados é assim. Está descrito nos Vedas que Brahman é da natureza de Bem-aventurança – Ele é Satchidananda.

"Shuka e outros sábios chegaram até a praia do Oceano de Brahman, viram e tocaram a água. Mas segundo uma escola de pensamento, jamais mergulharam. Aqueles que o fazem não retornam ao mundo.

"Em samadhi uma pessoa atinge o Conhecimento de Brahman - realiza-O. Nesse estado o raciocínio pára completamente e a pessoa torna-se muda. Não tem o poder de descrever a natureza de Brahman.

"Uma vez uma boneca de sal quis conhecer a profundidade do oceano. (*Todos riem*). Queria contar para os outros quão profunda era a água, mas tal jamais pôde ser feito pois, assim que entrou n'água, derreteu-se. Agora, quem estava lá para dizer qual a profundidade do oceano?"

Um devoto: "Suponhamos que uma pessoa alcance o Conhecimento de Brahman em samadhi. Ele não vai falar mais?"

Mestre: "Shankaracharya[2] reteve o 'ego do conhecimento' para ensinar os outros. Depois da visão de Brahman, a pessoa torna-se silenciosa. Raciocina sobre Ele, somente enquanto não O realiza. Se você aquecer manteiga na frigideira no fogão, ela faz um chiado enquanto a água que contém não se evaporar. Quando não houver mais qualquer água a manteiga clarificada pára de chiar. Se puser esta mesma manteiga num bolo cru, chiará novamente, mas assim que o bolo ficar cozido, todos os sons desaparecem. Assim também, um homem estabelecido em samadhi desce ao plano relativo de consciência a fim de ensinar e então, fala de Deus.

"Uma abelha zumbe enquanto não estiver pousada numa flor. Torna-se silenciosa no momento que começa a sugar o mel, mas, às vezes, intoxicada pelo mel, zumbe de novo.

"Um jarro vazio faz um barulho borbulhante quando é mergulhado na água. Ao se encher torna-se silencioso. (*Todos riem*), mas se a água for despejada num outro jarro, pode-se ouvir o barulho de novo. (*Risada*).

Os rishis da antigüidade atingiram o Conhecimento de Brahman. Ninguém pode alcançar esse estado enquanto houver o menor traço de mundanismo. Como os rishis trabalharam duro! Bem cedo saíam e passavam o dia inteiro sozinhos, meditando em Brahman. À noite voltavam e alimentavam-se de um pouco de frutas e raízes. Mantinham as mentes longe dos objetos da vista, audição e tato e das

[2] Um dos maiores filósofos da Índia.

outras coisas do mundo material. Assim conseguiram realizar Brahman como sua própria consciência interna.

"Mas no Kaliyuga, o homem sendo totalmente dependente do alimento para viver, não pode afastar totalmente a idéia de que é corpo. Nesse estado mental, não é próprio que diga 'Eu sou Ele'. Quando uma pessoa faz todo o tipo de trabalho mundano, não deve dizer 'Eu sou Brahman'. Os que não podem desapegar-se das coisas do mundo, que não podem tirar a idéia do 'eu', deveriam dizer: "Sou o servo de Deus; sou Seu devoto'. Pode-se, também, realizar Deus pelo caminho da devoção.

"O jnani abandona a identificação com as coisas do mundo, discriminando 'Isto não, isto não'. Só então, pode realizar Brahman. É como subir até o terraço de uma casa, deixando atrás de si os degraus, um após o outro, mas o vijnani, que está mais próximo de Brahman, realiza algo mais. Realiza que os degraus são do mesmo material que o terraço: tijolos, cal, pó de tijolo. Que o que é realizado intuitivamente como Brahman, pelo processo de eliminação "Isto não, isto não", parece, ter-se tornado o universo com todos os seres vivos. O vijnani vê que a Realidade que é nirguna, sem atributos, é também, saguna com atributos.

"Um homem não pode viver muito tempo no terraço. Desce de novo. Aqueles que realizam Brahman em samadhi também descem e percebem que é Brahman que havia se tornado o universo e os seres vivos. Na escala musical há as notas as, re, ga, ma, pa, dha e ni , mas ninguém pode manter a voz no ni por muito tempo. O ego não desaparece completamente. O homem descendo do samadhi percebe que é Brahman que Se tornou o ego, o universo e todos os seres vivos. Isto é vijnana.

"O caminho do Conhecimento conduz à Verdade, como o caminho que combina conhecimento e amor. O caminho do amor também conduz a essa meta. O caminho do amor é tão verdadeiro quanto o do conhecimento. Todos os caminhos no final, conduzem à mesma Verdade, mas enquanto Deus mantiver o sentimento de ego em nós, é mais fácil seguir o caminho do amor.

"O vijnani vê que Brahman é imutável e sem ação, como o Monte Sumeru. Esse universo é formado dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Estão em Brahman, mas Brahman é desapegado.

"O vijnani posteriormente vê que o que é Brahman é o Bhagavan, o Deus Pessoal. Quem está além dos três gunas é o Bhagavan, com Seus seis poderes sobrenaturais. Os seres vivos, o universo, a mente, inteligência, amor, renúncia, conhecimento – todos são manifestações do Seu poder. (*Com uma risada*). Se um aristocrata não tem casa nem propriedade, ou se for forçado a vendê-las, as pessoas não o chamam mais de aristocrata. (*Todos riem*). Deus possui os seis poderes sobrenaturais. Se Ele não fosse, quem Lhe obedeceria? (*Todos riem*).

"Veja como é pitoresco esse mundo! Quantas coisas há! O sol, a lua e as estrelas, e que variedade de seres vivos! – grandes e pequenos, bons e maus, fortes e fracos – alguns dotados de muito poder, outros de menos."

Vidyasagar: "Ele dotou uns de mais poder do que outros?"

Mestre: "Como Espírito que Tudo penetra, Ele existe em todos os seres, mesmo numa formiga, mas as manifestações de Seu Poder são diferentes em diferentes seres, do contrário, como poderia uma só pessoa pôr para correr dez, enquanto que uma outra não pode enfrentar nem mesmo uma? Por que todas as pessoas respeitam o senhor? Por acaso o senhor desenvolveu um par de chifres? (*Risada*). O senhor tem mais compaixão e cultura. Por conseguinte, as pessoas vêm lhe prestar respeito e honra. Não concorda comigo?"

Vidyasagar sorriu.

O Mestre continuou: "Não há nada na mera erudição. O objetivo do estudo é encontrar meios de conhecer Deus e realizá-Lo. Um santo possuía um livro. Ao lhe perguntarem o que continha, abriu-o e mostrou que em todas as páginas estavam escritas somente as palavras 'Om Rama' e nada mais.

"Qual o significado do *Gita*? É o que você encontra repetindo a palavra dez vezes. Torna-se '*tagi*,' o que significa uma pessoa que renunciou tudo por Deus. E a lição que o *Gita* nos dá é a seguinte: 'Ó homem, renuncie a tudo e procure somente Deus.' Quer uma pessoa seja um monge ou um chefe de família, deve tirar todo apego de sua mente.

"Chaitanyadeva foi em peregrinação pelo sul da Índia. Um dia viu um homem lendo o *Gita*. Um outro sentado, a pouca distância, ouvia e chorava. Os olhos estavam cheios d'água. Chaitanyadeva perguntou-lhe: 'Você compreende tudo isso?' O homem disse: 'Não, santo homem. Não compreendo uma só palavra do texto.' 'Então, por que está chorando?' perguntou-lhe Chaitanya. O devoto disse: 'Vejo o carro de Arjuna diante de mim. Vejo Krishna e Arjuna sentados diante dele, conversando. Vejo e choro!'

"Por que um vijnani tem atitude de amor em relação a Deus? A resposta é que a 'consciência do eu' permanece. Desaparece sem dúvida, em estado de samadhi, mas volta. No caso de pessoas comuns, o 'eu' jamais desaparece. Pode-se cortar a árvore 'aswattha', mas no dia seguinte, ela brota novamente. (Todos riem).

"Mesmo depois de se ter atingido o Conhecimento, essa 'consciência do eu' volta, não se sabe de onde. Você sonha com um tigre. Então, acorda, mas o coração continua palpitando forte! Todo sofrimento é devido ao 'eu'. A vaca grita 'Hamba!' que significa 'eu'. É por isso que ela sofre tanto. Está presa ao arado e é obrigada a trabalhar sob sol e chuva. Então pode ser morta pelo açougueiro. Do couro são feitos sapatos e também, tambores, que são batidos sem piedade. (*Risada*). Mesmo assim continua não escapando do sofrimento. Finalmente são feitas cordas de suas vísceras para os arcos usados na cardagem do algodão. Já não mais diz 'Hamba! Hamba!', 'eu! eu!' mas 'Tuhu! Tuhu!' 'Tu! Tu'. Então os sofrimentos terminam. 'Senhor, sou Teu servo. Tu és o Amo; sou o filho. Tu és a Mãe'.

"Certa vez Rama perguntou a Hanuman: 'Como é que você me vê?' Hanuman responde: 'Rama, enquanto tenho o sentimento de "eu", vejo que Tu és o todo e eu, a parte; Tu és o Amo e eu, o servo, mas quando, Ó Rama, tenho o conhecimento da Verdade, realizo que Tu és eu e eu, sou Tu'.

"O relacionamento entre amo e servo é o correto. Já que esse 'eu' deve permanecer, deixe que o patife seja o servo do Senhor.

" 'Eu' e 'meu'- esses constituem ignorância. 'Minha casa', 'minha riqueza', 'minha cultura', 'minhas posses'- a atitude que faz uma pessoa dizer tais coisas vem da ignorância. Ao contrário, a atitude que nasce do Conhecimento é: 'Ó Deus, Tu és o Amo e todas essas coisas Te pertencem: casa, família, filhos, empregados, amigos, são Teus.'

"Deve-se constantemente lembrar-se da morte. Nada sobreviverá à morte. Nascemos para cumprir certas obrigações, como as pessoas que vêm a Calcutá a negócios. Se um visitante vai ao jardim de um homem rico, o administrador diz-lhe, 'Esse é o nosso jardim. Esse é o nosso lago etc.' Se o mesmo, porém, for demitido por alguma falta, não leva consigo nem um cesto feito de madeira de mangueira. Ele o apanha secretamente com o porteiro. (*Risada*).

"Deus ri em duas ocasiões. Primeiro quando um médico diz à mãe de um paciente, 'Não fique preocupada, mãe: certamente vou curar seu filho.' Deus ri, dizendo para Si mesmo, 'Vou tirar-lhe a vida e este homem diz que o salvará!' O médico pensa que é o mestre, esquecendo-se que Deus é o Mestre. Deus ri de novo, quando dois irmãos dividem a propriedade com uma corda, um dizendo para o outro, 'Esse lado é meu e aquele é seu.' Ri e diz para Si mesmo: "O universo todo me pertence, mas eles dizem que o possuem este ou aquele pedaço.'

"Pode alguém conhecer Deus pelo raciocínio? Seja Seu servo, entregue-se a Ele e ore."

(*A Vidyasagar com um sorriso*): "Bem, qual é a sua atitude?"

Vidyasagar (*sorrindo*): "Algum dia lhe confidenciarei". (*Todos riem*).

Mestre (*rindo*): "Deus não pode ser realizado pelo mero raciocínio intelectual."

Intoxicado pelo amor divino, o Mestre cantou:

> Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
> Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-La.
> É Ela, dizem as escrituras, que é o Ser Interno
> Do Yogi, que descobre no Ser toda sua alegria;
> Ela que, por Sua própria doce vontade, habita em cada ser vivo.
>
> O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe;
> Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é? No Muladhara
> O yogi medita n'Ela e no Sahasrara;
> Quem a não ser Shiva mostra como Ela é realmente?
> No agreste do lótus Ela, brinca com Seu Par, o Cisne.[3]
>
> Quando alguém aspira entendê-La, Ramprasad deve sorrir:
> Pretender conhecê-La, diz ele, é bem risível.
> Como imaginar que alguém possa atravessar a nado o oceano infinito.
> Enquanto minha mente compreendia, Ó, meu coração não:
> Embora sendo um anão, ela todavia, esforça-se para se tornar um cativo da lua.

Continuando o Mestre disse: "Vocês repararam?"

[3] Siva, o Absoluto.

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe:
Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é?

De novo o poeta diz:

Até mesmo os seis darsanas são incapazes de revelá-Las.

Ela não pode ser realizada pela simples erudição.

"Deve-se ter fé e amor. Deixe-me dizer como a fé é poderosa. Um homem ia atravessar o mar do Ceilão à Índia. Bibhishana disse-lhe: 'Pregue isso na dobra da roupa e atravessará o mar com segurança. Você será capaz de andar sobre as águas, mas não o examine, senão afundará.' O homem estava andando facilmente sobre a água – tal a força de sua fé – quando, no meio do caminho, pensou: 'Que coisa maravilhosa foi essa que Bibhishana me deu, que posso andar mesmo sobre as águas?' Desamarrou o embrulho e viu somente, uma folha de papel com o nome de Rama escrito. 'Ó! Apenas isso!' pensou e imediatamente afundou.

"Uma lenda diz que Hanuman atravessou o mar num pulo, pela força de sua fé no nome de Rama, mas o Próprio Rama teve que construir uma ponte.

"Se um homem tem fé em Deus, não precisa ter medo, mesmo que tenha cometido pecado – sim, o mais hediondo pecado."

Então Sri Ramakrishna cantou, glorificando o poder da fé:

Se eu apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha Liberação
Por mais pecador que eu tenha sido?

O Mestre continuou: "Fé e devoção. Pode-se realizar Deus com facilidade, através da devoção. Ele é realizado através do êxtase do amor."

Com essas palavras, o Mestre cantou de novo:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?
Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.
Ele é realizado através do amor extasiante, como pode você pensar n'Ele sem isso?
Somente pela afirmação, jamais pela negação, você pode conhecê-Lo.
Nem através dos Vedas, nem dos Tantras, nem dos seis darsanas.

É somente no elixir do amor que Ele Se delicia, Ó mente!:
Mora nas profundezas do corpo, na Alegria Duradoura.
E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis praticam yoga através dos tempos;
Quando o amor acorda, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Si.

É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo, aqui no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, advinha o que é esse Ser!.

Enquanto cantava, o Mestre entrou em samadhi. Estava sentado no banco, olhando para o oeste, as palmas das mãos juntas, o corpo ereto e imóvel. Todos olhavam para ele com muita expectativa. Vidyasagar, também, estava sem fala e não podia tirar os olhos do Mestre.

Depois de transcorrido algum tempo, Sri Ramakrishna começou a mostrar sinais de retornar ao seu estado normal. Respirou profundamente e disse com um sorriso: "Os meios de realizar Deus são o êxtase do amor e da devoção – quer dizer, devemos amar Deus, Aquele que é Brahman é, também, a Mãe.

É d'Ele, diz Ramprasad, que me aproximo como Mãe:
Mas devo revelar o segredo aqui, no mercado?
Do que eu disse, Ó mente, adivinhe o que é esse Ser!

"Ramprasad pede à mente somente que descubra qual a natureza de Deus. Deseja que seja entendido que é o que é chamado Brahman nos Vedas, é chamado por ele, Mãe. Aquele que não tem atributos, também os tem Aquele Brahman é também, Shakti. Quando é considerado Inativo Ele é chama-

do Brahman e quando é considerado como Criador, Preservador e Destruidor, Ele é chamado de Energia Primordial ou Kali.

"Brahman e Shakti são idênticos como o fogo e seu poder de queimar. Quando falamos de fogo, automaticamente significamos também, seu poder de queimar e por sua vez, o poder do fogo de queimar implica no próprio fogo. Se aceitamos um, temos que aceitar o outro.

"Somente Brahman é chamado Mãe. Isto porque a mãe é objeto de grande amor. Uma pessoa pode realizar Deus, apenas pelo amor. O êxtase de sentimento, a devoção, o amor e fé – são os meios. Ouçam essa canção:

> Como é a meditação de um homem, assim é seu sentimento de amor;
> Como é o sentimento de amor, assim é o que ele ganha
> Se no Lago de Néctar dos pés da Mãe Kali
> Minha mente fica imersa.
> De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"O que é necessário é a absorção em Deus – amando-O intensamente. O 'Lago de Néctar' é o Lago da Imortalidade. Um homem submergindo nele, não morre mas torna-se imortal. Algumas pessoas acham que se alguém pensar muito em Deus, a mente se desequilibra, mas isso não é verdade. Deus é o Lago de Néctar, o Oceano da Imortalidade. É chamado de 'Imortal' nos Vedas. Mergulhando n'Ele, uma pessoa não morre, mas na verdade, transcende a morte.

> De pouca valia são o culto, as oblações ou o sacrifício.

"Se uma pessoa chega a amar a Deus, não tem que se preocupar muito com essas coisas. Necessita-se de um leque apenas enquanto não houver brisa. Esse leque pode ser deixado de lado, assim que a brisa do sul soprar. Portanto, qual a necessidade de um leque?

(*A Vidyasagar*): "As atividades em que o senhor está empenhado, são muito boas. É muito bom que o senhor possa fazê-las de forma desinteressada, renunciando ao egoísmo, deixando de lado a idéia de que é aquele que faz. Através dessa ação, uma pessoa desenvolve amor e devoção a Deus e por fim, O realiza.

"Quanto mais você amar a Deus, menos estará inclinado à ação. Quando a nora está esperando um bebê, sua sogra lhe dá menos trabalho. À medida que o tempo passa, ela lhe dá cada vez menos trabalho. Quando está próxima a época do parto, não lhe é permitido fazer nada, porque tal coisa poderia causar algum mal à criança ou dificuldades na hora do nascimento.

"Através dessas atividades filantrópicas o senhor, na realidade, está fazendo bem a si próprio. Se puder fazer de forma desinteressada, sua mente se tornará pura e desenvolverá amor por Deus. Assim que tiver esse amor, O realizará.

"O homem na verdade não pode ajudar o mundo. Só Deus pode fazê-lo – Aquele que criou o sol e a lua, que pôs amor no coração de seus pais, dotou as almas nobres de compaixão e os santos e devotos com amor divino. O homem que fizer algum trabalho para os outros sem interesse pessoal, estará realmente fazendo bem a si mesmo.

"Há ouro enterrado em seu coração, mas o senhor não está consciente desse fato. Está coberto por uma fina camada de argila. Assim que estiver consciente desse fato, todas as outras atividades diminuirão. Depois do nascimento da criança, a nora só se ocupa dela. Tudo o que ela faz, é apenas para a criança. Sua sogra não lhe deixa fazer qualquer serviço doméstico.

"Vá em frente. Um lenhador entrou numa floresta para cortar lenha. Um brahmachari disse-lhe: 'Vá em frente'. Obedeceu à prescrição e descobriu algumas árvores de sândalo. Depois de alguns dias refletiu: 'O santo mandou-me ir em frente. Não me disse para parar aqui.' Então continuou seu caminho e descobriu uma mina de prata, mais longe ainda e descobriu uma mina de ouro e em seguida, minas de diamantes e de pedras preciosas. Com isso tornou-se um homem imensamente rico

"Pelo serviço desinteressado o amor de Deus cresce no coração. Então por Sua graça, uma pessoa realiza-O ao longo do tempo. Deus pode ser visto. Podemos conversar com Ele da mesma maneira que estou conversando com vocês."

Numa admiração silenciosa todos ouviam as palavras do Mestre. Parecia-lhes que a Própria Deusa da Sabedoria, sentada na língua de Sri Ramakrishna, pronunciava essas palavras não somente para Vidyasagar, mas para toda a humanidade, para seu próprio bem.

Eram nove horas da noite. O Mestre estava de saída.

Mestre (*a Vidyasagar com um sorriso*): "As palavras que disse são realmente supérfluas. O senhor sabe de tudo isso, simplesmente não está consciente. Há inúmeras pedras no cofre de Varuna, mas ele mesmo não está consciente disso."

Vidyasagar (*com um sorriso*): "O senhor pode dizer o que quiser."

Mestre (*sorrindo*): "Ó sim. Há muitas pessoas ricas que não conhecem o nome de todos os seus servos, nem conhecem todas as coisas preciosas que estão em suas próprias casas."(*Todos riem*).

Todos estavam maravilhados com a conversa do Mestre. De novo dirigindo-se a Vidyasagar, disse sorrindo: "Por favor vá ao templo - quero dizer, ao jardim da Rasmani. É um lugar encantador."

Vidyasagar: "Ó sim, certamente que irei. O senhor foi tão gentil em vir me visitar, por que não retribuirei essa visita?"

Mestre: "Visitar-me? Jamais pense em tal coisa!"

Vidyasagar: "Por que, senhor? Por que diz isso? Posso pedir-lhe que me explique?"

Mestre (*sorrindo*): "O senhor vê, somos como pequenos barcos de pesca. (*Todos sorriram*). Podemos navegar em pequenos canais e águas rasas e também, em grandes rios, mas o senhor é um navio. Poderá encalhar no caminho!"(*Todos riem*).

Vidyasagar ficou em silêncio. Sri Ramakrishna disse com uma risada: "Mas mesmo um navio pode ir lá nesta estação."

Vidyasagar (*sorrindo*): "Sim, é a estação das monções." (*Todos riem*).

M. disse para si mesmo: "É realmente a estação das monções do despertar do amor. Em tais ocasiões não se liga para prestígio e formalidades."

Sri Ramakrishna despediu-se de Vidyasagar que, juntamente com seus amigos, acompanharam-no até o portão principal, iluminando o caminho com uma vela acesa na mão. Antes de sair do aposento, o Mestre orou pelo bem-estar da família, entrando em êxtase à medida que orava.

Assim o Mestre e seus devotos chegaram ao portão e viram algo inesperado que os deixou imóveis. Um senhor barbudo de pele clara, aparentando mais ou menos trinta e seis anos, estava defronte deles. Usava roupas à moda bengali, mas tinha um turbante branco dos Sikhs. Logo que viu o Mestre, prosternou-se a seus pés com turbante e tudo.

Quando se levantou, o Mestre disse: "Quem é? Balaram? Por que chegou tão tarde?"

Balaram: "Estou esperando aqui há muito tempo, senhor."

Mestre: "Por que o senhor não entrou?"

Balaram: "Todos estavam atentos. Não quis perturbar."

O Mestre entrou na carruagem com seus companheiros.

Vidyasagar (*a M. baixinho*): "Devo pagar a carruagem?"

M.: "Ó não, não se preocupe. Já está tudo pago."

Vidyasagar e seus amigos curvaram-se ante Sri Ramakrishna e a carruagem partiu para Dakshineswar, mas o pequeno grupo com o venerável Vidyasagar à frente, segurando a vela, permaneceu no portão, olhando para o Mestre até que a carruagem perdeu-se de vista.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 4

CONSELHO AOS CHEFES DE FAMÍLIA

13 de agosto de 1882

O MESTRE ESTAVA CONVERSANDO com Kedar e outros devotos em seu aposento. Kedar era um funcionário do Governo e havia passado muitos anos em Dacca, Bengala oriental, onde tornou-se amigo de Vijay Goswami. Os dois passavam grande parte do tempo juntos, falando sobre Sri Ramakrishna e suas experiências espirituais. Kedar já fora membro do Brahmo Samaj. Seguia o caminho de Bhakti. Conversar sobre assuntos espirituais sempre lhe trazia lágrimas aos olhos.

Eram cinco horas da tarde, Kedar estava muito feliz naquele dia, tendo organizado um festival religioso para Sri Ramakrishna. Um cantor foi contratado por Ram e o dia inteiro foi passado com muita alegria.

O Mestre explicou aos devotos o segredo da comunhão com Deus.

Mestre: "Com a realização de Satchidananda entra-se em samadhi. Então os deveres caem. Suponhamos que eu esteja falando sobre o ostad e ele apareça. Qual a necessidade de se continuar a falar dele? Por quanto tempo a abelha zumbe? Até que pose numa flor. Não é para um sadhaka, renunciar aos deveres. Deve cumprir seus deveres tais como adoração, japa, meditação, oração e peregrinação.

"Quando virem uma pessoa ainda empenhada em raciocinar, mesmo depois de realizar Deus, podem compará-la a uma abelha que zumbe um pouco, após ter sugado o mel de uma flor."

O Mestre estava gostando muito da música do ostad. Disse-lhe: "Há uma manifestação especial do poder de Deus, num homem que possui certos dotes especiais, como habilidade em música."

Músico: "Qual o caminho para se realizar Deus?"

Mestre: "Bhakti é essencial. Certamente Deus existe em todas as criaturas. Quem então é um devoto? Aquele cuja mente mora em Deus. Isso, entretanto, não é possível enquanto houver egoísmo e vaidade. A água da graça de Deus não pode permanecer no alto do morro do egoísmo. Sou uma simples máquina.

(*A Kedar e outros devotos*): "Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Todas as religiões são verdadeiras. A coisa mais importante é atingir o terraço. Pode-se chegar lá por degraus de pedra ou de madeira, de bambu ou mesmo, por uma corda. Pode-se, também, subir por uma vara de bambu.

"Pode-se dizer que há muitos erros e superstições em outras religiões. Eu responderia: Suponhamos que haja. Todas as religiões têm seus erros. Cada um pensa que só o seu relógio dá a hora certa. É suficiente ter anseio por Deus. Basta amá-Lo e sentir-se atraído por Ele. Não sabem que Deus é o Guia Interno? Ele vê o anelo de nosso coração e a ânsia de nossa alma. Suponhamos que um homem tenha vários filhos. Os mais velhos podem chamá-lo "Baba" ou "Papa", mas os muito pequenos podem, no máximo, chamá-lo 'Ba' ou 'Pa'. Agora, o pai vai ficar zangado com aqueles que não podem chamá-lo de forma correta? O pai sabe que eles também o estão chamando, somente não têm a capacidade de pronunciar seu nome direito. Todos os filhos são iguais para o pai. Assim também, os devotos chamam somente Deus, embora por diferentes nomes. Chamam somente uma Pessoa. Deus é Uno, mas Seus nomes são vários."

Quinta-feira, 24 de agosto de 1882

Sri Ramakrishna conversava com Hazra na longa varanda noroeste de seu quarto, quando M. chegou e saudou-o com reverência.

Mestre: "Gostaria de visitar Iswar Chandra Vidyasagar mais algumas vezes. O pintor primeiro desenha os contornos e somente depois, coloca os detalhes e cores à sua vontade. O escultor primeiro faz a imagem de barro, em seguida o molde, dá uma mão de cal e por fim, uma pintura com pincel. Todos esses passos têm que ser dados sucessivamente. Vidyasagar está completamente pronto, mas seu interior está coberto por uma fina camada. Agora ocupa-se em fazer boas ações, mas ignora o que tem em seu interior. O ouro está escondido dentro dele. Deus mora dentro de nós. Se alguém sabe disso, sente o desejo de abandonar todas as atividades e apenas orar a Deus com alma anelante."

O Mestre falava com M., ora em pé, ora passeando de um lado para o outro, na grande varanda.

Mestre: "Necessitamos de um pouco de disciplina espiritual para conhecermos o que há dentro de nós."

M.: "É necessário praticar-se disciplinas a vida inteira?"

Mestre: "Não, mas é imprescindível fazê-lo no começo. Depois disso não é mais necessário trabalhar-se muito. O timoneiro de pé segura o leme com firmeza, quando o barco passa através de grandes ondas, tempestades, ventos fortes ou pelas curvas de um rio. Quando um barco passa pelas curvas e o timoneiro sente um vento favorável, senta-se confortavelmente e apenas toca no timão. Em seguida abre as velas e prepara-se para fumar. Assim também, o aspirante goza de paz e calma depois de ter passado pelas ondas e tempestades de 'mulher e ouro'.

"Alguns nascem com as características de um yogi, mas eles também têm que ter cuidado. É somente 'mulher e ouro' o grande obstáculo; fazem-nos desviar do caminho da yoga e joga-nos no mundanismo. Talvez tenham algum desejo de prazer. Depois de satisfazerem seu desejo, direcionam novamente suas mentes para Deus e assim, recuperam seu estado mental anterior, pronto para a prática da yoga.

"Já viu uma armadilha para peixe chamada 'satka-kal'?"

M.: "Não senhor, nunca vi."

Mestre: "É usada em nossa parte do país. Uma das extremidades da vara de bambu é presa no chão e a outra é curvada, onde se coloca um gancho. Deste final de vara, uma linha com um anzol fica dependurada sobre a água, a isca presa no anzol. Quando o peixe abocanha a isca, subitamente o bambu dá um salto e retoma sua posição ereta.

"Assim também, tome por exemplo os pratos de uma balança. Se um peso é colocado num dos lados, a agulha mais baixa se desloca da mais alta. A agulha mais baixa é a mente e a mais alta, Deus. O encontro das duas é Yoga.

"A não ser que a mente se torne estável, não pode haver yoga. É o vento do mundanismo que sempre perturba a mente, semelhante à chama de uma vela. Quando a chama está imóvel, diz-se que uma pessoa atingiu yoga,

"Somente 'mulher e ouro' são obstáculos à yoga. Analise sempre o que você vê. O que há no corpo de uma mulher? Apenas sangue, carne, entranhas e coisas semelhantes. Por que deveria uma pessoa de amar tal corpo?

"Às vezes eu tinha o hábito de assumir um estado rajásico a fim de praticar renúncia. Um dia tive o desejo de vestir uma roupa bordada em ouro, um anel no dedo e fumar um longo cachimbo. Mathur Babu providenciou todas essas coisas para mim. Usei a roupa bordada em ouro e disse para mim mesmo, depois de um certo tempo. 'Mente! É isso que é chamada uma roupa bordada em ouro'. Então me desfiz dela. Não podia suportá-la mais. Novamente disse a mim mesmo: 'Mente! Isto chama-se xale, isto é anel e isto, fumar um longo cachimbo.' Desfiz-me dessas coisas de uma vez por todas e nunca mais o desejo de desfrutá-las surgiu em minha mente."

Era o entardecer. O Mestre e M. permaneceram de pé, conversando sozinhos perto da porta, na varanda sudeste.

Mestre (*a M.*): "A mente do yogi está sempre absorta no Ser. Pode-se reconhecer tal homem, simplesmente olhando para ele. Seus olhos estão muito abertos, sem alvo certo, tal qual o olhar de uma mãe passarinho chocando os ovos. A mente inteira está dirigida para os ovos e há um olhar vago nos olhos. Pode mostrar-me um quadro como esse?"

M.: "Vou tentar obter."

Como a noite estava chegando, os templos foram iluminados. Sri Ramakrishna estava sentado em seu divã pequeno, meditando na Mãe Divina. Passou a cantar os nomes de Deus. Queimou-se incenso no aposento onde um lampião a óleo fora aceso. Os sons das conchas e gongos flutuavam no ar, quando o culto começou no templo de Kali. O luar inundava. O Mestre novamente dirigiu-se a M.

Mestre: "Cumpra todas as suas obrigações de forma desinteressada. O trabalho que Vidyasagar realiza é muito bom. Procure sempre cumprir seus deveres, sem desejar qualquer resultado."

M.: "Sim, senhor. Posso saber se uma pessoa pode realizar Deus enquanto leva a cabo seus deveres? Podem 'Rama' e 'desejo' coexistirem? Outro dia li num verso hindi: 'Onde está Rama, não pode haver qualquer desejo; onde está o desejo, Rama não pode estar'."

Mestre: "Todos, sem exceção, fazem um trabalho. Mesmo cantar o nome e as glórias do Senhor é trabalho; também, é a meditação não-dualista 'Eu sou Ele'. Respirar é uma atividade. Não há como renunciar completamente à ação e portanto, faça seu trabalho, mas entregue os frutos a Deus."

M.: "Senhor, posso me esforçar para ganhar mais dinheiro?"

Mestre: "É permitida tal coisa a fim de manter uma família religiosa. Pode-se aumentar a renda familiar, mas de forma honesta. A meta da vida não é ganhar dinheiro, mas servir a Deus. O dinheiro não é prejudicial se for dedicado ao serviço de Deus."

M.: "Por quanto tempo um homem tem obrigações com esposa e filhos?"

Mestre: "Enquanto tiverem necessidade de comida e roupa, mas uma pessoa não tem responsabilidade em relação a um filho, quando este estiver em condições de se manter. Quando a avezinha já tiver condições de encontrar seu próprio alimento, a mãe a bica se ela lhe pedir comida."

M.: "Por quanto tempo deve uma pessoa cumprir seus deveres?"

Mestre: "As flores caem quando a fruta aparece. Não se tem que cumprir qualquer dever, depois de ter alcançado Deus, nem sentir-se inclinado a fazê-lo.

"Se um bêbado bebe muito, não pode controlar sua consciência. Se tomar apenas dois ou três copos, pode continuar seu trabalho. À medida que se aproxima cada vez mais de Deus, Ele irá reduzindo pouco a pouco suas atividades. Não tenha medo.

"Termine os poucos deveres que tem em mãos e terá paz. Quando a dona de casa vai tomar banho, depois de ter acabado de cozinhar e fazer os outros serviços domésticos, por mais que alguém grite por ela, não voltará ao trabalho."

M.: "Senhor, o que significa realizar Deus? O que quer dizer visão de Deus? Como alcançá-la?"

Mestre: "De acordo com os vaishnavas, os aspirantes e os videntes de Deus estão divididos em diferentes grupos. Esses são o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas pôs o pé no caminho é chamado pravartaka. É chamado de sadhaka quando já há algum tempo vem praticando disciplinas espirituais como adoração, japa e meditação e cantando o nome e as glórias de Deus. Chama-se siddha aquele que sabe, por experiência interna, que Deus existe. A Vedanta faz uma analogia para explicar tal fato. O dono de uma casa está dormindo num quarto escuro e uma pessoa tateia para encontrá-lo. Toca no divã e diz: 'Não, não é ele'. Toca na janela e diz, 'Não, não é ele'. Toca na porta e diz, 'Não, não é ele'. Tal processo é chamado na Vedanta 'Neti, neti', 'Isto não, isto não'. Por fim toca o corpo do dono da casa e exclama, 'Aqui está!'. Em outras palavras, está consciente da 'existência' do senhor. Encontrou-o, mas ainda não o conhece intimamente.

"Há um outro tipo, conhecido como siddha do siddha, o 'supremamente perfeito'. É bem diferente quando uma pessoa fala ao dono da casa intimamente, quando conhece Deus com muita intimidade através do amor e da devoção. Um siddha atingiu Deus sem qualquer dúvida, mas o 'supremamente perfeito' conhece Deus intimamente.

"Para se realizar Deus, deve-se adotar uma dessas atitudes: santa, dasya, sakhya, vatsalya ou madhur.

"Santa é a atitude serena. Os rishis de outrora tiveram essa atitude em relação a Deus. Não almejavam qualquer gozo material. É como a devoção exclusiva da esposa para seu marido. Ela sabe que seu marido é a personificação do amor e beleza, um verdadeiro Madan.

"Dasya é a atitude do servo para com seu senhor. Hanuman tinha essa atitude com relação a Rama. Sentia a força de um leão quando trabalhava para Rama. Uma esposa também tem essa atitude. Serve seu marido com todo o coração e alma. Uma mãe também tem um pouco dessa atitude, como Yashoda teve com Krishna.

"Sakhya, atitude de amizade. Os amigos dizem uns para os outros: 'Venham aqui e sentem-se perto de mim', Sridama e outros amigos às vezes alimentavam Krishna com fruta que já haviam provado e às vezes, pulavam em Seus ombros.

"Vatsalya, a atitude de uma mãe em relação a seu filho. Tal era a atitude de Yasoda para com Krishna. A esposa, também, tem um pouco desse sentimento. Alimenta seu marido com seu próprio sangue de vida, por assim dizer; a mãe só fica satisfeita quando a criança comeu a quantidade que seu coração pede. Yashoda perambulava com manteiga na mão, para alimentar Krishna.

"Madhur, a atitude da mulher para seu amante. Radha tinha essa atitude em relação a Krishna. A esposa sente-se assim, por seu marido. Essa atitude inclui todas as outras quatro."

M.: "Quando uma pessoa vê Deus, ela O vê com esses olhos?"

Mestre: "Deus não pode ser visto com esses olhos físicos. Ao longo da disciplina espiritual adquire-se o 'corpo do amor', dotado de 'olhos do amor', 'ouvidos do amor', etc. Vê-se Deus com esses 'olhos do amor'. Ouve Deus com 'ouvidos do amor'. Tem-se mesmo um órgão sexual feito do amor."

Ao ouvir essas palavras, M. caiu na gargalhada. O Mestre, porém, sem se aborrecer continuou: "Com esse 'corpo do amor' a alma comunga com Deus."

M. tornou-se novamente sério.

Mestre: "Mas isso só é possível com um amor intenso por Deus. Uma pessoa vê somente Deus em todos os lugares, quando O ama intensamente. É o mesmo que uma pessoa com icterícia, que vê tudo amarelo. Sente então; "Sou realmente Ele."

"Um bêbado, profundamente embriagado, diz, 'Sou realmente Kali!' As gopis intoxicadas de amor, exclamam, 'Realmente sou Krishna!'

"Quem pensa em Deus dia e noite, O vê em todos os lugares, é como um homem que fica vendo chamas em todos os lados, depois de ter olhado fixamente para uma, durante algum tempo."

"Mas aquela não é uma chama real, um pensamento passou rápido pela mente de M.

Sri Ramakrishna, que podia ler os pensamentos mais recônditos de uma pessoa, disse: "Não se perde a consciência se pensar n'Ele que é todo Espírito, toda Consciência. Shivanath certa vez comentou que pensar muito em Deus perturba o cérebro. Eu, porém, disse-lhe: 'Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente quando pensa na Consciência?' "

M.: "Sim, senhor, compreendo. Não é como pensar num objeto irreal. Como pode um homem perder sua inteligência se fixa sempre a mente n'Ele cuja natureza verdadeira é inteligência eterna?"

Mestre (*com alegria*): "É pela graça de Deus que se compreende isso. As dúvidas da mente não desaparecerão sem Sua graça. As dúvidas não desaparecem sem a Auto-realização.

"Mas uma pessoa nada tem a temer, se recebeu a graça de Deus. É fácil uma criança tropeçar quando segura a mão de seu pai, mas não há esse perigo se é o pai quem segura sua mão. Um homem nada mais tem a sofrer, se Deus remove todas as dúvidas, por Sua graça e revela-Se a ele. Tal graça, porém, só desce sobre ele depois de ter orado com intenso anseio do coração e praticado disciplinas espirituais. A mãe sente pena de seu filho quando o vê correndo de um lado para o outro, já sem fôlego. Ela vinha se escondendo, mas agora, aparece diante da criança."

"Mas por que Deus nos faz correr de um lado para o outro?" pensou M.

Imediatamente Sri Ramakrishna disse: "É Sua vontade que corramos um pouco. É um grande divertimento. Deus criou o mundo como se fosse um grande espetáculo. Isto é chamado Mahamaya, a Grande Ilusão. Por conseguinte, devemos refugiar-nos na Mãe Divina, o Próprio Poder Cósmico. É Ela quem nos prendeu nos grilhões da ilusão. A realização de Deus só é possível depois que essas cadeias forem cortadas."

O Mestre continuou: "Uma pessoa deve propiciar a Mãe Divina, a Energia Primordial, para obter a graça de Deus. O Próprio Deus é Mahamaya que engana o mundo com Sua ilusão e confere a magia da criação, preservação e destruição. Ela estendeu esse véu de ignorância diante de nossos olhos. Só podemos penetrar na câmara interior, se Ela nos deixar passar pela porta. Vivendo no exterior, apenas vemos os objetos exteriores e não, o Ser Eterno, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. É por isso que se diz nos Puranas, que as divindades como Brahman pediam à Mahamaya, a destruição dos demônios como Madhu e Kaitabha.

"Somente Shakti é a raiz do universo. Essa Energia primordial tem dois aspectos: vidya e avidya. Avidya ilude. Avidya proclama 'mulher e ouro' que encanta a todos. Vidya promove devoção, gentileza, sabedoria e amor que levam a Deus. Essa Avidya deve ser propiciada e esse é o propósito dos ritos do culto de Shakti[1].

"O devoto toma diversas atitudes perante Shakti, a fim de propiciá-La; a atitude de uma empregada, de 'herói' ou de filho. A atitude de 'herói' é para agradá-La do mesmo modo que um homem agrada a mulher durante o ato sexual.

"A adoração à Shakti é extremamente difícil. Não é brincadeira. Passei dois anos como serva e companheira da Mãe Divina, mas a minha atitude foi sempre a de um menino em relação à sua mãe. Olho os seios de qualquer mulher como os de minha própria mãe.

"Todas as mulheres são a verdadeira imagem de Shakti. No noroeste da Índia, a noiva segura uma faca por ocasião da cerimônia de casamento: em Bengala, um quebra-nozes. O significado disso é que, o noivo com a ajuda da noiva, que é a personificação do Poder Divino, cortará os laços da ilusão. Essa é a atitude de 'herói'. Jamais adorei a Mãe Divina dessa maneira. Minha atitude foi sempre a de um filho para com sua Mãe.

"A noiva é realmente a própria personificação de Shakti. Você já notou que durante a cerimônia de casamento, o noivo senta-se atrás como um idiota? Mas a noiva – ela fica em tanta evidência!

"Depois de alcançar Deus, esquece-se de Seu esplendor externo, as glórias de Sua criação. Não se pensa mais nas glórias de Deus, depois de tê-Lo visto. Um devoto depois de submerso na Bem-

[1] Nesse culto a mulher é olhada como a representação da Mãe Divina.

aventurança Divina, não mais cogita das coisas externas. Quando vejo Narendra não preciso perguntar-lhe: "Qual é o seu nome? Onde você mora?' Há razão para tais perguntas? Um homem, uma vez, perguntou a Hanuman em que dia da quinzena estavam. 'Irmão', disse Hanuman, 'Não sei nada a respeito dos dias da semana, ou da quinzena ou da posição das estrelas. Só penso em Rama!"

16 de outubro de 1882

Era uma segunda-feira, poucos dias antes do Durga Puja, festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna estava muito feliz, porque Narendra estava com ele. Narendra havia trazido ao templo, dois ou três jovens membros do Brahmo Samaj. Além deles, Rakhal, Hazra e M. estavam com o Mestre.

Narendra tomou sua refeição do meio-dia com Sri Ramakrishna. Em seguida, uma cama improvisada foi arrumada no chão do quarto do Mestre, para os discípulos descansarem um pouco. Uma esteira foi estendida, sobre a qual colocaram um acolchoado coberto por um lençol branco. Algumas almofadas e travesseiros completavam essa cama simples. Como uma criança, o Mestre sentou-se perto de Narendranath na cama. Conversava com os devotos com muita alegria. Um sorriso radiante iluminava seu rosto e com os olhos fixos em Narendra, dava-lhes vários ensinamentos espirituais, entremeando-os com incidentes de sua própria vida.

Mestre: "Depois de ter experimentado samadhi, minha mente ansiou intensamente para ouvir falar somente de Deus. Eu sempre procurava lugares onde estavam lendo ou explicando os livros sagrados, tais como o *Bhagavata*, o *Mahabharata* e o *Adhyatma Ramayana*.

"Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Uma vez, enquanto estava em Vrindavan, sentiu sede e foi até um poço. Perto, viu um homem. Ao lhe pedir que pegasse um pouco de água, o homem disse-lhe: 'Pertenço a uma casta inferior. O senhor é um brahmin. Como posso apanhar água para o senhor?' Krishnakishore respondeu-lhe: 'Toma o nome de Shiva, repetindo o Seu santo nome, você se tornará puro'. O homem de casta inferior fez o que ele lhe mandara e Krishnakishore, um brahmin ortodoxo, bebeu a água. Que tremenda fé!

"Um dia um santo chegou às margens do Ganges e passou a viver perto do ghat de banho de Ariadaha, não longe de Dakshineswar. Pensamos fazer-lhe uma visita. Disse a Haladhari: 'Krishnakishore e eu vamos ver um santo. Você quer vir conosco?' Haladhari respondeu: 'Qual a vantagem de se ver um simples corpo humano, que não é superior a uma 'jaula de argila'? Haladhari era um estudante do *Gita* e da filosofia Vedanta e por conseguinte, considerava o santo como uma simples 'jaula de argila'. Repeti o comentário a Krishnakishore que, com muita raiva, disse: 'Como Haladhari foi imprudente em fazer tal comentário! Como pode ele ridicularizar como uma 'jaula de argila' o corpo de um homem que pensa constantemente em Deus, que medita em Rama e que a tudo renunciou por amor ao Senhor? Ele não sabe que um homem assim é a personificação do Espírito? Ficou tão chocado com o comentário de Haladhari que passou a lhe virar o rosto sempre que o encontrava no templo e deixou de lhe dirigir a palavra.

"Uma vez Krishnakishore perguntou-me: 'Por que o senhor deixou de lado o cordão sagrado?' Naqueles dias da visão de Deus, sentia-me como se estivesse no meio da grande tempestade de Ashwin[2] e que tudo havia desaparecido de mim. Não sobrou qualquer traço de minha antiga personalidade. Perdi toda consciência do mundo, mal podia ficar vestido, para não falar do cordão sagrado! Disse a Krishnakishore: 'Ah! Você me compreenderá se um dia ficar intoxicado por Deus, como eu estava'.

"E de fato isto chegou a acontecer. Ele também passou por um estado de intoxicação de Deus, quando apenas repetia a palavra Om e trancava-se em seu quarto. Seus parentes pensaram que estivesse ficando realmente louco e chamaram um médico. Ram Kaviraj de Natagore veio vê-lo. Krishnakishore disse-lhe: 'Cure minha doença se isso lhe agrada, mas não o meu Om.' (*Todos riem*).

"Um dia fui visitá-lo e encontrei-o muito pensativo. Quando lhe perguntei o motivo, respondeu: 'O coletor de impostos esteve aqui. Ameaçou-me carregar meus copos, jarras e outros utensílios de latão, se eu não pagar o imposto. Por isso estou muito preocupado'. Disse-lhe: 'Mas por que haveria você de se preocupar? Deixe-o levar os potes e as panelas, deixe-o mesmo prender seu corpo. O que isso lhe poderá afetar? Sua natureza é a de Kha!' (*Narendra e os outros riem*). Costumava dizer-me que era o Espírito que Tudo penetra, como o céu. Tinha tirado essa idéia do *Adhyatma Ramayana*. Eu costumava implicar com ele, de vez em quando, chamando-o de 'Kha'. Portanto, disse-lhe aquele dia, com um sorriso: 'Você é Kha. Os impostos não podem afetá-lo!'

[2] O Mestre referia-se ao grande ciclone de 1864.

"Naquele estado de intoxicação divina, eu costumava dizer a todos, o que pensava. Não respeitava ninguém. Mesmo a homens de posição social importante, não tinha medo de falar a verdade.

"Um dia Jatindra[3] foi à chácara de Jadu Mallick. Eu também estava lá e perguntei-lhe: 'Qual é o dever de um homem? Não é nosso dever pensar em Deus?' Jatindra respondeu: 'Somos homens do mundo. Como nos é possível atingir a liberação? Mesmo o rei Yudhisthira teve que passar pela experiência da visão do inferno.' Isto me deixou muito zangado. Disse-lhe: 'Que tipo de homem é o senhor? De todos os acidentes da vida de Yudhisthira, o senhor só se recorda do incidente do inferno. Não se lembra de sua veracidade, sua tolerância, sua paciência, sua discriminação, seu desapego e sua devoção a Deus'. Já estava a ponto de dizer muitas coisas quando Hriday fez-me calar. Logo em seguida Jatindra saiu, alegando que tinha um outro compromisso para atender.

"Muitos dias depois fui com o Capitão ver Raja[4] Sourindra Tagore. Assim que o vi, disse-lhe: 'Não posso dirigir-me ao senhor como "Raja" ou qualquer outro título, porque estaria mentindo.' Conversamos alguns minutos, mas nossa conversa foi constantemente interrompida pelas visitas de europeus e outros. Homem de temperamento rajásico, Sourindra ocupava-se naturalmente com muitas coisas. Jatindra, seu irmão mais velho, foi informado de minha chegada, mas ele mandou dizer que estava com dor de garganta e não poderia ver-me.

"Um dia, naquele estado de intoxicação divina, fui ao ghat de banho no Ganges, em Baranagore. Lá vi Jaya Mukherji repetindo o nome de Deus, mas sua mente estava distante. Subi e dei-lhe duas bofetadas nas faces.

"Outra vez Rani Rasmani estava passando uns tempos no templo. Veio até o altar da Mãe Divina, como fazia freqüentemente, enquanto eu celebrava o culto de Kali e pediu-me para entoar uma ou duas canções. Enquanto cantava, percebi que ela estava arrumando as flores para o culto com a mente distraída. Imediatamente esbofeteei-a. Ela ficou bastante embaraçada e sentou-se com as mãos postas.

"Alarmado com meu estado mental, disse a meu primo Haladhari. 'Veja minha natureza! Como posso livrar-me dela?' Após orar, com fervor, à Mãe Divina, consegui acabar com esse hábito.

"Quando alguém se encontra em tal estado mental só sente prazer em conversas a respeito de Deus. Costumava chorar quando ouvia as pessoas falarem de coisas mundanas. Quando acompanhei Mathur Babu numa peregrinação, passamos alguns dias em Benares, na casa de Raja Babu. Um dia eu estava sentado na sala com Mathur Babu, Raja Babu e outros. Ouvindo-os falar sobre diversos assuntos mundanos, tais como perdas financeiras etc., chorei amargamente e disse à Mãe Divina: 'Mãe, onde Tu me trouxeste? Estava muito melhor no templo de Dakshineswar. Aqui estou num lugar em que tenho ouvir a respeito de "mulher e ouro", mas em Dakshineswar poderia evitar isso'."

O Mestre pediu aos devotos, sobretudo a Narendra, Latu[5], M., Hazra e Priya, amigo Brahmo de Narendra, estavam presentes. O canto foi acompanhado pelo tambor.

Medite, Ó mente minha, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito por todos os tempos.
Como é inigualável a Luz que brilha n'Ele
Como enfeitiça a alma, Sua forma maravilhosa!
Como Ele é amado por todos os seus devotos! ...

Depois dessa canção, Narendra cantou:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais interior do meu coração?
Quando mergulharei, afinal, sempre contemplando-O?
No Oceano de Alegria?
Senhor, como Sabedoria Infinita, Tu entrarás em minha alma
E minha mente inquieta, tornada sem fala por Tua visão.
Encontrará um refugio em Teus pés.
No firmamento do meu coração, Tu surgirás
Como Imortalidade Bem-aventurada.
E como, quando o chakora contempla a lua que surge.
Brinca de um lado para o outro, por simples alegria.

[3] Um aristocrata de Calcutá.
[4] Um título dado a Sourindra pelo Governo da Índia. A palavra "raja" , na realidade significa, "aquele que governa um reino".
[5] Um jovem discípulo do Mestre, que mais tarde se tornou um monge com o nome de Swami Adbhutananda.

Assim, também, ficarei cheio de felicidade celestial
Quando Tu apareceres para mim.

Tu, Uno sem segundo, todo Paz, Rei dos Reis!
Em Teus amados pés renunciarei minha vida
E assim finalmente, atingirei a meta da vida:
Gozarei a felicidade do céu ainda aqui na terra!
Onde mais é concedido um favor tão raro?
Então verei Tua glória, pura e imaculada
Como a escuridão foge da luz, assim, meus piores pecados
Abandonam-me com a aproximação de Tua aurora
Acende em mim, Ó Senhor, o fogo ardente da fé
A fim de ser a minha estrela guia
Ó Socorro dos fracos, concede meu único desejo!
Então banharei tanto o dia como a noite
Na felicidade ilimitada do Teu amor, me esquecerei totalmente
Ó Senhor, ao alcançar-Te.

Narendra cantou novamente:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus
Até que no Teu coração o néctar transborda
Bebe-o incessantemente e divida-o com todos!
Se algum dia Teu coração secar queimado pelas chamas
Do desejo humano, canta o doce nome de Deus.
E o amor celestial umidecerá tua alma árida.

Fique certa, Ó mente, de que jamais te esquecerás de cantar
O Teu santo nome quando olhar o teu rosto,
Chama-O, teu Pai Misericordioso:
Com o trovão de Seu nome, quebra as cadeias do pecado!
Venha, vamos satisfazer os desejos de nossos corações
Bebendo inteiramente da Alegria Duradoura,
Tornada una com Ele no puro êxtase do amor.

Agora Narendra e os devotos começaram a cantar o kirtan acompanhados pelo tambor e pelos pratos. Andavam em volta do Mestre cantando:

Mergulhe para sempre, Ó mente
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Bem-aventurança.

Em seguida cantaram:

Ó quando despertará para mim aquele dia de bênção
Quando Ele que é todo o Bem, toda a Beleza e toda a Verdade
Iluminará o altar mais íntimo do meu coração? ...

Por fim o próprio Narendra estava tocando os tambores e cantou com o Mestre, cheio de alegria:

Com a face brilhante canta o doce nome de Deus...

Quando a música acabou, Sri Ramakrishna abraçou Narendra por um longo tempo e disse: "Você nos fez muito felizes hoje." A comporta do coração do Mestre estava tão aberta aquela noite, que mal podia se conter de alegria. Eram oito horas da noite. Intoxicado pelo amor divino, caminhava de um lado para o outro, ao longo da varanda norte de seu aposento. De vez em quando podia-se ouvi-lo, conversando com a Mãe Divina. Subitamente disse com a voz exaltada: "O que Tu podes me fazer?" Estava ele dando a entender que maya não tinha poder sobre ele, uma vez que possuía a Mãe Divina como seu suporte?

Narendra, M. e Priya iam passar a noite no templo. Isto alegrou muito o Mestre, sobretudo porque Narendra cantaria com ele. A Santa Mãe[6] , que estava morando no nahabat, havia preparado a

[6] Por esse nome a esposa de Sri Ramakrishna era conhecida entre os devotos.

ceia. Surendra[7] pagava a maior parte das despesas do Mestre. A refeição estava pronta e os pratos tinham sido colocados na varanda sudeste do aposento do Mestre.

Perto da porta leste de seu quarto, Narendra e outros devotos conversavam.

Narendra: "O que você pensa dos jovens de hoje?"

M.: "Não são ruins mas não recebem qualquer instrução religiosa."

Narendra: "Mas segundo minha experiência, creio que vão por um mal caminho. Fumam, mantém conversas frívolas, são afetados, preguiçosos e outras coisas parecidas. São até vistos freqüentando lugares questionáveis."

M.: "Não notei essas coisas nos nossos dias de estudante."

Narendra: "Talvez você não tenha se misturado com os estudantes intimamente. Vi-os conversando com pessoas de caráter imoral. Talvez sejam íntimos deles."

M.: "É muito estranho."

Narendra: "Soube, também, que muitos adquirem maus hábitos. Gostaria que os responsáveis e as autoridades ficassem atentas a essas coisas."

"Estavam assim conversando, quando Sri Ramakrishna, aproximando-se, perguntou-lhes com um sorriso: "Bem, de que estão falando?"

Narendra: "Estava perguntando a M. a respeito dos jovens nas escolas. A conduta deles hoje em dia não é o que deveria ser."

O Mestre fez uma expressão grave e disse a M. um tanto seriamente: "Esse tipo de conversa não é boa. Não é bom que se fale de outra coisa que não seja Deus. Você é o mais velho e inteligente. Não deveria tê-los encorajado a falar desses assuntos."

Narendra tinha mais ou menos dezenove anos e M., vinte e oito. Assim repreendido, M. sentiu-se constrangido e os outros permaneceram em silêncio.

Enquanto os devotos comiam, Sri Ramakrishna em pé, observava-os com grande alegria. Naquela noite a felicidade do Mestre era muito grande.

Depois de comerem, os devotos foram descansar na esteira estendida no chão do quarto do Mestre. Começaram a conversar com ele. Parecia mesmo um mercado de felicidade. O Mestre pediu a Narendra para cantar a canção que começasse com o verso: "No firmamento da Sabedoria, a lua do Amor está surgindo cheia."

Narendra cantou e os outros devotos tocaram tambores e pratos:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!

De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua;
Seu Amigo, o Senhor misericordioso, alegremente brinca com eles.
Olhem! As portas do paraíso estão de par em par abertas.

O suave vento da primavera do Novo Dia levanta ondas refrescantes de alegria.
Gentilmente carrega para a terra a fragrância do Amor de Deus.
Até que todos os yogis embriagados de felicidade, estejam mergulhados em êxtase.

No mar do mundo desabrocha o lótus do Novo Dia
E aí a Mãe sentia-se entronada em majestade venturosa.
Vejam como as abelhas estão loucas de alegria, sorvendo pouco a pouco o néctar ali!

Contemplem a face radiante da Mãe, que tanto encanta o coração
E cativa o universo! Em Seus Pés de Lótus
Bandos de homens santos extasiados dançam alegremente.

Que encanto incomparável é o d'Ela! Que felicidade infinita!
Invade o coração quando Ela aparece! Ó irmãos, diz Premdas:
Humildemente lhes imploro a cada um, cantem a canção da Mãe!

Sri Ramakrishna cantou e dançou com os devotos que dançaram à sua volta.

Quando a canção acabou o Mestre começou a andar de lá para cá, na varanda nordeste onde Hazra estava sentado com M. O Mestre sentou-se e perguntou a um devoto: "Você sonha sempre?"

[7] Nome pelo qual Sri Ramakrishna dirigia-se a Suresh Mitra, um amado discípulo chefe de família.

Devoto: "Sim, senhor. Outro dia tive um sonho estranho. Vi o mundo inteiro envolvido em água. Havia água por todos os lados. Somente alguns barcos podiam ser vistos, mas de repente, imensas ondas apareceram e afundaram-nos. Estava a ponto de embarcar com algumas pessoas, quando vi um brahmin andando sobre as águas. Perguntei-lhe: 'Como pode o senhor caminhar sobre as águas?' O brahmin respondeu-me com um sorriso: 'Ó, não há qualquer dificuldade. Há uma ponte debaixo d'água.' Disse-lhe: 'Onde o senhor vai?' 'A Bhawanipur, a cidade da Mãe Divina', respondeu. 'Espere um pouco', gritei, 'Vou lhe acompanhar.' "

Mestre: "Ó, estou muito impressionado, ouvindo essa história."

Devoto: "O brahmin disse: 'Estou com pressa. Você ainda terá um certo tempo para sair do barco. Adeus. Lembre-se desse caminho e siga-me num outro barco.' "

Mestre: "Ó! Meu cabelo está de pé! Por favor seja iniciado por um guru o mais breve possível."

Um pouco depois da meia-noite, Narendra e outros devotos foram se deitar no quarto do Mestre.

Ao amanhecer alguns devotos levantaram-se e viram o Mestre nu como uma criança, andando de um lado para o outro no quarto, repetindo os nomes de vários deuses e deusas. Sua voz era doce como néctar. Ora olhava para o Ganges, ora parava em frente dos quadros e curvava-se diante deles, cantando o tempo todo, os seus santos nomes, com voz suave. Cantou: "Veda, Puranas, Tantras, Gita, Gayatri, Bhagavata, Bhakta, Bhagavan." Referindo-se ao *Gita*, repetiu inúmeras vezes: "Tagi, tagi, tagi[8] " e de vez em quando dizia: "Ó Mãe, Tu és realmente Brahman e Tu és realmente Shakti. Tu és Purusha e Tu és Prakriti. Tu és Virat. Tu és o Absoluto e Tu Te manifestas como o Relativo. Tu és realmente os vinte e quatro princípios cósmicos."

Nesse meio tempo, o serviço já tinha começado nos templos de Kali e Radhakanta. Sons das conchas acústicas e pratos pairavam no ar. Os devotos saíram do quarto e viram os sacerdotes e empregados apanhando flores no jardim para o culto nos templos. Do nahabat flutuava a suave melodia dos instrumentos musicais, apropriados para aquela hora da manhã.

Narendra e outros devotos terminaram suas obrigações da manhã e vieram até o Mestre. Com um doce sorriso nos lábios, Sri Ramakrishna estava de pé na varanda nordeste, perto de seu quarto.

Narendra: "Vimos vários sannyasis pertencentes à seita de Nanak no Panchavati."

Mestre: "Sim, chegaram ontem. (*A Narendra*): Gostaria que todos se sentassem, na esteira."

Quando assim o fizeram, o Mestre olhou-os com alegria. Começou, então, a conversar. Narendra perguntou a respeito de disciplina espiritual..

Mestre: "Bhakti, o amor de Deus, é a essência de toda a disciplina. Pelo amor, uma pessoa adquire renúncia e discriminação de forma natural."

Narendra: "Não é verdade que os Tantras prescrevem disciplina espiritual na companhia de mulher?"

Mestre: "Isso não é desejável. É um caminho muito difícil e muitas vezes ocasiona a queda do aspirante. Há três tipos de disciplinas. Podemos considerar a mulher [9] como sua amante. Ou considerar-se sua serva ou seu filho. Olho a mulher como minha mãe. Ver-se como serva é bom também; mas é extremamente difícil praticar disciplina espiritual olhando a mulher como amante. Considerar-se seu filho é uma atitude muito pura."

Os sannyasis pertencentes à seita de Nanak entraram no aposento e saudaram o Mestre, dizendo: "Namo Narayanaya[10]". Sri Ramakrishna pediu que se sentassem.

Mestre: "Nada é impossível para Deus. Ninguém pode descrever Sua natureza por meio de palavras. Tudo é possível para Ele. Num certo lugar viviam dois yogis que praticavam disciplinas espirituais. Um dia o sábio Narada passou por ali. Percebendo quem ele era, um dos yogis disse-lhe: 'O senhor acabou de estar com o Próprio Deus. O que Ele está fazendo agora?' Narada responde: 'Ora, eu O vi passar e tornar a passar camelos e elefantes pelo buraco de uma agulha.' A isso o yogi disse: 'O que há de extraordinário nisso? Tudo é possível para Deus.' Mas o outro yogi disse: 'O que? Fazer elefantes passar pelo buraco de uma agulha? Será isso possível acontecer alguma vez? O senhor jamais esteve na casa de Deus.' "

Às nove horas da manhã, quando o Mestre ainda estava em seu quarto, Manomohan chegou de Konnagar com alguns membros de sua família. Às perguntas gentis de Sri Ramakrishna, Manomohan explicou que os estava levando para Calcutá. O Mestre disse: "Hoje é o primeiro dia do mês bengali,

[8] Essa palavra é formada, mudando-se as letras do *Gita*. "Tagi" significa "aquele que renunciou". A renúncia é o tema principal desse livro sagrado.

[9] A mulher é o símbolo da Mãe Divina.

[10] "Saudações a Deus". Essa é a maneira pela qual os sadhus se cumprimentam.

auspicioso para se fazer uma viagem. Espero que tudo venha a correr bem com vocês." Com um sorriso, começou a falar de outros assuntos.

Quando Narendra e seus amigos voltaram do seu banho no Ganges, o Mestre falou-lhes francamente: "Vão meditar no Panchavati, debaixo do baniano. Querem algo para se sentarem?"

Mais ou menos às dez e meia Narendra e seus amigos Brahmos estavam meditando no Panchavati. Depois de algum tempo, Sri Ramakrishna chegou, M. também estava presente.

O Mestre disse aos devotos Brahmos: "Na meditação a pessoa deve permanecer absorvida em Deus. Se ficar flutuando na superfície da água, pode alguém alcançar as pedras preciosas que jazem no fundo do mar?"

Em seguida cantou:

Tomando o nome de Kali, mergulhe profundamente, Ó mente,
Nas profundezas insondáveis do coração,
Onde muitas pedras preciosas jazem escondidas.
Mas jamais acreditem que o fundo do oceano está sem pedras
Se nas primeiras vezes que mergulharem, fracassarem
Com firme resolução e autocontrole
Mergulhe fundo e abre teu caminho em direção ao reino da Mãe Kali.

Nas profundezas do oceano da Sabedoria celestial estão
As maravilhosas pérolas da Paz, Ó mente;
E você mesma pode juntá-las.
Se apenas tiver amor puro e seguir as prescrições das escrituras.
Dentro dessas profundezas do oceano também
Seis crocodilos[11] espreitam – luxúria, raiva e os outros –
Nadando de um lado para o outro em busca de presa.
Envolva-os com o açafrão da discriminação.
Seu cheiro a protegerá de suas armadilhas
No oceano jazem
Inúmeras pérolas e pedras preciosas;
Mergulhe, diz Ramprasad, e apanhe montões delas ali!

Narendra e seus amigos desceram da plataforma elevada do Panchavati e ficaram em pé junto do Mestre, que voltou para seu quarto com eles. O Mestre continuou: "Quando vocês mergulham no oceano, podem ser atacados pelos crocodilos. Não os tocarão se estiverem com o corpo untado com açafrão. Sem dúvida há seis jacarés – luxúria, raiva, avareza etc. – dentro de vocês, nas 'profundezas insondáveis do coração', mas protejam-se com o açafrão da discriminação e renúncia e eles não o tocarão.

"O que vocês podem alcançar com simples conferências e erudição, sem discriminação e desapego? Só Deus é real e tudo o mais irreal. Só Deus é substância e tudo o mais é não-entidade. Isto é discriminação.

"Em primeiro lugar entronize Deus no santuário de seu coração e em seguida, façam conferências, se assim o desejarem. Como a simples repetição de 'Brahma' lhes trará proveito se não forem dotados de discriminação e desapego? É o mesmo que o som vazio de uma concha.

"Vivia numa vila, um jovem chamado Padmalochan. Era chamado de 'Podo', para abreviar. Neste vilarejo havia um templo bastante dilapidado. Não tinha em seu interior qualquer imagem de Deus; ashwattha e outras plantas cresciam pelas ruínas das paredes. Morcegos viviam em seu interior e o chão estava coberto de poeira e fezes. Os aldeões haviam deixado de visitar o templo. Um dia, depois do entardecer, ouviram o som de uma concha, vindo daquela direção. Pensaram que provavelmente alguém houvesse instalado uma imagem no altar e estivesse fazendo o culto vespertino. Uma das pessoas abriu devagarinho a porta e viu Padmalochan em pé, num dos cantos, soprando a concha. Não havia qualquer imagem no altar; o templo não tinha sido varrido nem lavado. Havia lixo e sujeira por todos os lados. Gritou, então, para Podo:

Você não instalou qualquer imagem aqui.
No santuário, Ó tolo!
Soprando a concha, você simplesmente provoca
Confusão ainda maior.
Dia e noite onze morcegos
Gritam ali incessantemente. ...

[11] As seis paixões: luxúria, raiva, avareza, ilusão, orgulho e inveja.

"Não adianta simplesmente fazer barulho, se desejar entronizar a Divindade no altar do coração, se desejar realizar Deus. Em primeiro lugar purifique a mente. Deus toma assento no coração puro. Ninguém pode colocar uma imagem sagrada num templo onde há sujeira de morcegos por toda a parte. Os onze morcegos são nossos onze órgãos: cinco da ação, cinco da percepção e a mente.

"Em primeiro lugar invoque a Divindade, em seguida faça conferências se o seu coração assim o pedir. Antes de tudo mergulhe fundo. Mergulhe até o fundo e apanhe as pedras preciosas. Poderá, então, fazer outras coisas. Ninguém, porém, deseja mergulhar. As pessoas são sem disciplina espiritual e oração, sem renúncia e desapego. Aprendem algumas palavras e já querem dar conferências. É difícil ensinar os outros. Só quem tem autorização de Deus, depois de realizá-Lo, está habilitada a fazê-lo."

Assim conversando, o Mestre chegou até o canto da varanda. M. estava de pé, junto dele. Sri Ramakrishna havia repetido várias vezes que Deus não pode ser realizado sem discriminação e renúncia. Isso fez M. ficar extremamente preocupado. Era um jovem de vinte e oito anos, casado, educado numa universidade à moda ocidental. Tendo senso de dever, perguntou a si mesmo: "Discriminação e desapego significam abandonar 'mulher e ouro'?" Estava mesmo desorientado, sem saber o que fazer.

M. (*ao Mestre*): "O que deve uma pessoa fazer se a esposa um dia lhe diz: 'Você está me negligenciando. Vou me matar?' "

Mestre (*em tom sério*): "Abandone essa esposa se ela constituir obstáculo à sua evolução espiritual. Deixe-a cometer suicídio ou qualquer outra coisa que queira. A esposa é um entrave na vida espiritual do marido, se não for espiritualizada."

Mergulhando em profunda reflexão, M. permaneceu encostado contra a parede. Narendra e outros devotos ficaram em silêncio por alguns minutos. O Mestre trocou muitas palavras com eles e subitamente, chegando perto de M., sussurrou-lhe no ouvido: "Mas se o homem tem amor sincero por Deus, então, tudo ficará sob seu controle – o rei, as pessoas más e a esposa. O amor sincero por Deus da parte do marido por fim, levará a esposa à vida espiritual. Se o marido é bom, então, pela graça de Deus, a esposa também, poderá seguir seu exemplo."

Isto teve efeito tranqüilizante na mente perturbada de M. Todo o tempo havia pensado: "Que ela se suicide. O que posso fazer?"

M. (*ao Mestre*): "Esse mundo é certamente um lugar terrível."

Mestre (*aos devotos*): "É por isso que Chaitanya disse a seu companheiro Nityananda: 'Ouça, irmão, não há esperança de salvação para os que têm mente mundana.' "

Numa outra ocasião o Mestre havia dito a M. particularmente: "Sim, não há esperança para um homem do mundo se ele não é sinceramente devotado a Deus, mas não tem nada a temer se ficar no mundo depois de realizar Deus. Também não há necessidade de temer o que quer que seja do mundo, se alcançar devoção sincera praticando disciplina espiritual de vez em quando na solidão. Chaitanya teve diversos devotos chefes de família, porém, o eram apenas no nome, uma vez que viviam desapegados do mundo."

Era meio-dia. O culto havia terminado e a oferenda de comida já havia sido preparada no templo. As portas do templo foram fechadas. Sri Ramakrishna sentou-se para almoçar e Narendra e outros devotos compartilharam das oferendas no templo.

Domingo, 22 de outubro de 1882

Era o dia de Vijaya, o último dia da celebração da adoração de Durga, quando a imagem de argila é imersa nas águas de um lago ou rio.

Mais ou menos às nove horas da manhã, M. estava sentado no chão do quarto do Mestre em Dakshineswar, perto de Sri Ramakrishna, que estava reclinado no divã pequeno. Rakhal estava, morando com o Mestre e Narendra e Bhavanath visitavam-no freqüentemente. Baburam o havia visto apenas uma ou duas vezes.

Mestre: "Você teve dia de folga durante o Durga Puja?"

M.: "Sim, senhor. Fui à casa de Keshab diariamente durante os primeiros três dias de adoração."

Mestre: "Foi mesmo?"

M.: "Lá ouvi uma interpretação muito interessante do Durga Puja."

Mestre: "Conte-me tudo a esse respeito, por favor."

M.: "Keshab Sen fazia orações diárias de manhã em sua casa, que terminavam às dez ou onze horas. Durante essas orações, explicava o significado intrínseco do Durga Puja. Disse que se alguém

pudesse realizar a Mãe Divina, isto é, pudesse instalar a Mãe Durga no santuário de seu coração, então, Lakshmi, Saraswati, Kartika e Ganesha[12] chegariam por si mesmos. Lakshmi significa riqueza, Saraswati, conhecimento, Kartika, força e Ganesha, sucesso. Realizando a Mãe Divina no coração, obtém-se tudo isso sem esforço algum."

Sri Ramakrishna ouviu a descrição, perguntando a M. de vez em quando, a respeito das orações dirigidas por Keshab. Por fim disse-lhe: "Não vá lá e aqui. Venha somente aqui. Aqueles que pertencem ao círculo íntimo de meus devotos vêm somente aqui. Rapazes como Narendra, Bhavanath e Rakhal são meus discípulos muito íntimos. Não devem ser considerados com pouco caso. Alimente-os[13] um dia desses. O que pensa de Narendra?"

M.: "Tenho-o em grande consideração, senhor."

Mestre: "Você já observou suas muitas virtudes? Não é apenas bem versado em música, canto e instrumento, mas também, muito letrado. Além disso, controlou suas paixões e diz que vai levar vida de celibato. É devotado a Deus desde tenra idade.

"Como está você com sua meditação no momento? Qual o aspeto de Deus que atrai sua mente – com forma ou sem forma?"

M.: "Senhor, agora não posso fixar minha mente em Deus com forma. Por outro lado, não posso me concentrar firmemente em Deus sem forma."

Mestre: "Agora você vê que a mente não pode se fixar, de súbito, no aspecto sem forma de Deus. É mais conveniente pensar em Deus com forma nos primeiros estágios."

M.: "O senhor quer dizer que se deve meditar sobre as imagens de argila?"

Mestre: "Por que de argila? Essas imagens são a personificação da Consciência."

M.: "Mesmo assim há de se pensar nas mãos, pés e outras partes do corpo. Também compreendo que a mente só pode estar concentrada se meditar, no começo, em Deus com forma. O senhor mesmo me disse isso. Deus pode facilmente assumir formas diferentes. Pode-se meditar na forma de sua própria mãe?"

Mestre: "Sim, a mãe deveria ser adorada. Ela é realmente, a personificação de Brahman."

M. sentou-se em silêncio. Depois de alguns minutos, perguntou ao Mestre: "O que uma pessoa sente quando pensa em Deus sem forma? Não é possível descrever isso?" Depois de pensar por algum tempo, o Mestre disse: "Você quer saber como é?" Ficou em silêncio por um momento e disse algumas palavras a M. a respeito de suas experiências por ocasião de sua visão de Deus com e sem forma.

Mestre: "Veja, deve-se praticar disciplinas espirituais para compreender isso corretamente. Suponhamos que haja tesouros num aposento. Se desejar vê-los e apanhá-los, deve se dar ao trabalho de buscar a chave e abrir a porta. Em seguida, apanhar o tesouro, mas suponhamos que o aposento esteja fechado e, do lado de fora, você diga a si mesmo: 'Abri a porta. Quebrei a fechadura. Agora peguei o tesouro.' Pensando dessa maneira em frente à porta, não conseguirá nada."

"Você tem que praticar disciplina.

"Os jnanis pensam em Deus sem forma. Não aceitam a Encarnação Divina. Em louvor a Sri Krishna, Arjuna disse: 'Tu és Brahman Absoluto.' Sri Krishna respondeu, 'Siga-me e verá se Eu sou ou não, Brahman Absoluto.' Assim falando, Sri Krishna levou Arjuna a um lugar e perguntou o que ele estava vendo. 'Vejo uma grande árvore,' disse Arjuna, 'e nela vejo frutos pendurados como cachos de amoras.' Então Krishna disse a Arjuna: 'Chegue mais perto e verá que não são cachos de amoras, mas cachos de inúmeros Krishnas como Eu, pendendo da árvore.' Em outras palavras, um sem número de Encarnações Divinas aparecem e desaparecem na árvore do Brahman Absoluto.

"Karvidas tinha uma forte inclinação para Deus sem forma. À simples menção do nome de Krishna, dizia: 'Por que devo adorá-Lo? As gopis batiam palmas enquanto Ele dançava como um macaco. (*Com um sorriso*). Mas aceito Deus com forma quando estou na companhia de pessoas que acreditam nesse ideal e também, concordo com aqueles que crêem em Deus sem forma.'

M. (*sorrindo*): "O senhor é tão infinito quanto Aquele de quem estamos falando. Na verdade ninguém pode sondar sua profundidade."

Mestre (*sorrindo*): "Ah! Vejo que você descobriu isto. Vou dizer-lhe uma coisa. Deve-se seguir diversos caminhos. Deve-se praticar cada credo durante um certo tempo. No jogo de sattrancha uma peça não pode atingir o quadrado do centro enquanto não tiver completado o círculo, mas uma vez no quadrado, não pode ser tomada por qualquer outra peça."

---

[12] Segundo a mitologia hindu, Lakshmi e Saraswati são as filhas, e Kartika e Ganesha, os filhos de Durga. Associados com a imagem de Durga, ocupam posições em ambos os lados da Mãe Divina.

[13] Alimentar um santo é considerado um ato meritório.

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Há duas classes de yogis: os vahudakas e kutichakas. Os vahudakas peregrinam visitando diversos lugares santificados e ainda não encontraram paz de espírito. Os kutichakas, porém, tendo já visitado todos os lugares sagrados, acalmaram suas mentes. Sentindo-se serenos e em paz, instalam-se num lugar e não mais se mudam dali. Nesse lugar são felizes: não sentem necessidade de ir a qualquer outro lugar, são felizes. Se um deles alguma vez visitar um lugar de peregrinação, será somente com o propósito de obter nova inspiração.

"Tive de praticar cada religião, durante certo tempo: hinduísmo, islamismo, cristianismo. Além disso segui o caminho dos shaktas, vaishnavas e vedantistas. Realizei que há apenas um Deus, em direção ao qual todos estão se dirigindo: mas os caminhos são diferentes.

"Ao visitar os lugares santificados, às vezes eu sofria muita agonia. Uma vez fui com Mathur à casa de Raja Babu em Benares. Lá só se falava de assuntos mundanos – dinheiro, propriedade e coisas assim. Comecei a chorar, dizendo à Mãe Divina: 'Mãe! Aonde Tu me trouxeste? Eu estava muito melhor em Dakshineswar.' Em Allahabad vi as mesmas coisas que já tinha visto em outros lugares os mesmos lagos, a mesma grama, as mesmas árvores, as mesmas folhas de tamarindo.

"Mas sem dúvida nenhuma, uma pessoa encontra inspiração em lugares sagrados. Acompanhei Mathur Babu em Vrindavan. Hriday e as senhoras da família de Mathur faziam parte de nosso grupo. Mal vi o Ghat de Kaliyadaman, fui tomado por uma emoção divina. Fiquei completamente deslumbrado. Hriday costumava me banhar ali, como se eu fosse uma criancinha.

"Ao entardecer eu caminhava às margens do Jamuna, quando o rebanho de vacas voltava do pasto ao longo das margens arenosas. À simples visão daquelas vacas, o pensamento de Krishna passou de relance pela minha mente. Corria, gritando como um louco: "Ó, onde está Krishna? Onde está o meu Krishna?"

"Fui para Syamakunda e Radhakunda[14] num palanquim e saí para visitar o sagrado Monte Govardhan. À vista dele, fui tomado por uma emoção divina e corri até o cume. Perdi completamente a consciência do mundo em minha volta. Os habitantes do lugar ajudaram-me a descer. A caminho dos lagos sagrados de Syamakunda e Radhakunda, vi os campos, as árvores, os arbustos, os pássaros e os veados, e então, entrei em êxtase, com as roupas molhadas pelas lágrimas. Disse: 'Ó Krishna! Tudo aqui está como era nos tempos antigos. Só Tu estás ausente.' Sentado no interior do palanquim, perdi a fala. Hriday seguia o palanquim. Havia pedido aos condutores que tivessem cuidado comigo.

"Gangamayi tornou-se muito amiga minha em Vrindavan. Era uma velha senhora que vivia sozinha numa cabana perto de Nidhuvan. Referindo-se à minha condição espiritual e êxtase, disse: 'Ele é realmente, a Encarnação de Radha.' Chamava-me 'Dulali'. Quando estava com ela, costumava esquecer-se de comer, beber, tomar banho e nem tinha qualquer pensamento de voltar para casa. Alguns dias Hriday costumava-me trazer comida de casa e alimentar-me. Gangamayi também me servia comida feita por suas próprias mãos.

"Gangamayi costumava ter transes. Nessas ocasiões uma grande multidão costumava vir vê-la. Um dia, em êxtase, pulou nos ombros de Hriday.

"Eu não queria deixá-la e voltar para Calcutá. Tudo foi arranjado para que eu ficasse. Eu comeria arroz cozido duas vezes e nossas camas ficariam em cada canto da cabana. Quando tudo já estava pronto, Hriday disse: 'O senhor tem um estômago muito fraco. Quem cuidará do senhor?' 'Ora', disse Gangamayi. 'Eu cuidarei dele. Serei sua atendente.' Como Hriday me puxasse de um lado e ela do outro, lembrei-me de minha mãe que estava vivendo sozinha no nahabat do templo. Achei que era impossível para mim, ficar longe dela e disse para Gangamayi: 'Não, tenho que ir. Gostei muito da atmosfera de Vrindavan.'

Mais ou menos às onze horas da manhã, o Mestre tomou sua refeição do que havia sido oferecido no templo de Kali. Depois da sesta, continuou a conversar com os devotos. De vez em quando repetia a palavra sagrada "Om" ou os sagrados nomes das divindades.

Depois do pôr do sol foi feito o culto da tarde, nos templos. Uma vez que se tratava do dia de Vijaya, os devotos saudaram primeiro a Mãe Divina e depois, tomaram a poeira[15] dos pés do Mestre.

Terça-feira, 24 de outubro de 1882

[14] Lugares perto de Mathura relacionados com o episódio de Krishna e Radha.

[15] Uma forma de saudação reverente em que uma pessoa toca os pés de um superior com a testa.

Eram três ou quatro horas da tarde. O Mestre estava de pé perto da estante onde guardava a comida, quando Balaram e M. chegaram de Calcutá e saudaram-no. Sri Ramakrishna disse-lhes, com um sorriso: "Ia pegar uns doces da prateleira, mas assim que pus minha mão neles, uma lagartixa[16] caiu em cima de mim. Imediatamente tirei a mão.(*Todos riem*).

"Ó sim! Devemos prestar atenção a todas essas coisas. Vejam, Rakhal está doente, meus membros doem também. Sabem qual é a causa? Hoje de manhã quando me levantei da cama, vi[17] uma pessoa por quem tomei por Rakhal. (*Todos riem*). Ó sim! A aparência física deve ser analisada. Outro dia Narendra trouxe um dos seus amigos, um homem com apenas um olho sadio, embora o outro não estivesse totalmente cego. Disse a mi mesmo: 'O que é esse problema que Narendra trouxe com ele?'

"Uma pessoa vem aqui, mas não posso comer o que ela traz. Trabalha num escritório, ganhando um salário de vinte rupias e outras vinte, fazendo falsificações. Não posso pronunciar uma só palavra em sua presença, porque diz mentiras. Às vezes fica aqui durante dois ou três dias sem ir trabalhar. Sabe qual é a razão? É para que eu o recomende a alguém para que consiga emprego em algum lugar.

"Balaram é de uma família de devotos vaishnavas. Seu pai, agora já velho, é um devoto piedoso. Tem um tufo de cabelos na cabeça, um rosário de contas de tulsi no pescoço e uma corrente de contas na mão. Passa o tempo repetindo o nome de Deus. Tem propriedades em Orissa e construiu templos para Radha-Krishna em Kothar, Vrindavan e outros lugares, e também, casas de hóspedes.

(*A Balaram*): "Outro dia veio aqui um homem que, entendi, é escravo daquela megera que é sua esposa. Por que uma pessoa não vê Deus? Por causa da barreira de 'mulher e ouro'. Como foi leviano ao dizer, no outro dia: 'Um paramahamsa veio ver meu pai que lhe deu galinha ao curry[18] para comer!'

"No meu atual estado mental, só posso tomar um pouco de sopa de peixe se tiver sido previamente oferecida à Mãe Divina. Não posso comer carne de espécie alguma, mesmo que tenha sido oferecida à Mãe Divina, mas a provo com a ponta do meu dedo, com medo d'Ela ficar zangada. (*Risada*).

"Bem, podem explicar esse meu estado mental? Certa vez eu estava ido de Burdwan para Kamarpukur, num carro de boi, quando desabou uma violenta tempestade. Algumas pessoas juntaram-se perto do carro. Meus companheiros disseram que se tratava de assaltantes. Comecei a repetir os nomes de Deus, às vezes o de Kali, outras, o de Rama ou Hanuman. O que acha disso?"

Estava o Mestre querendo dizer que Deus é um só, mas é chamado de maneira diferente pelas diversas seitas?

Mestre (*a Balaram*): "Maya é apenas 'mulher e ouro'. Um homem que vive nesse meio, aos poucos perde a consciência espiritual. Pensa que tudo está bem com ele. Um catador de lixo leva uma vasilha na cabeça e ao longo do tempo, perde a repulsa. Uma pessoa gradualmente adquire amor a Deus pela prática de cantar Seu santo nome e Suas glórias. (*A M.*): Não se deve ter vergonha de cantar o santo nome de Deus. Como diz o ditado: 'Uma pessoa não será bem sucedida enquanto tiver uma dessas três coisas: vergonha, ódio e medo.'

"Em Kamarpukur cantam o kirtan muito bem, com acompanhamento de tambores.

(*A Balaram*). "Já instalaram alguma imagem em Vrindavan?"

Balaram: "Sim, senhor. Temos um bosque onde Krishna é adorado."

Mestre: "Estive em Vrindavan. O bosque de Nidhu é realmente muito lindo."

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

[16] A queda de uma lagartixa no corpo é considerada um mau presságio.

[17] Os hindus ortodoxos em Bengala acreditam que o primeiro rosto que se vê de manhã, indica se o dia trará boa sorte ou não.

[18] Os hindus ortodoxos estão proibidos de comer galinha.

CAPÍTULO 5

O MESTRE E KESHAB

27 de outubro de 1882

ERA UMA SEXTA-FEIRA, dia do Lashmi Puja. Keshab Chandra Sen havia organizado uma viagem de barco pelo Ganges, para Sri Ramakrishna.

Mais ou menos às quatro horas da tarde, o barco com Keshab e seus seguidores Brahmos, ancorou junto à margem do templo de Kali em Dakshineswar. Os passageiros viram à sua frente, o ghat de banho e o chandni. À sua esquerda, no conjunto de templos, erguiam-se seis templos de Shiva e à sua direita, outros seis templos de Shiva. A torre branca do templo de Kali, o topo das árvores do Panchavati e a silhueta dos pinheiros sobressaíam contra o céu azul de outono. Os jardins entre os dois nahabats estavam cheios de flores perfumadas e ao longo das margens do Ganges, havia fileiras de plantas floridas. O céu azul refletia-se nas águas marrons do Ganges sagrado, associado com as mais antigas tradições da civilização ariana. O mundo exterior parecia suave e sereno e os corações dos devotos Brahmos estavam cheios de paz.

Sri Ramakrishna, em seu quarto, conversava com Vijay e Haralal. Entraram alguns discípulos de Keshab. Inclinando-se diante do Mestre, disseram-lhe: "Senhor, o barco chegou. Keshab Babu pediu-nos para que o levássemos até lá." Um pequeno bote já estava pronto para conduzi-lo até o barco. Mal entrou na embarcação, perdeu a consciência exterior em samadhi. Vijay estava com ele.

Entre os passageiros estava M. Assim que o bote aproximou-se, todos correram para a grade de ferro a fim de ver Sri Ramakrishna. Keshab estava ansioso para levá-lo a bordo em segurança. Com muita dificuldade o Mestre voltou à consciência do mundo e foi levado para uma cabine. Ainda em estado abstrato, andou mecanicamente, apoiado num devoto. Keshab e outros inclinaram-se, mas ele não estava consciente da presença deles. Dentro da cabine havia algumas cadeiras e uma mesa. Fizeram-no sentar numa delas e Keshab e Vijay em outras duas. Alguns devotos estavam sentados, a maioria no chão, enquanto os outros permaneciam em pé, do lado de fora, olhando pelas janelas e portas. Sri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo, completamente inconsciente do mundo exterior.

Como a cabine estivesse muito abafada, devido à presença de muita gente, Keshab abriu as janelas. Estava constrangido com a presença de Vijay, uma vez que havia discordado sobre certos princípios do Brahmo Samaj e Vijay havia se separado da organização de Keshab, juntando-se a uma outra sociedade.

Os devotos Brahmos olhavam atentamente para o Mestre. Gradualmente voltou à consciência dos sentidos, mas a intoxicação divina ainda persistia. Dizia a si mesmo, num sussurro: "Mãe, por que Tu me trouxeste aqui? Eles estão cercados e presos. Posso libertá-los?" Será que o Mestre achava que as pessoas ali reunidas estavam fechadas dentro das paredes da prisão do mundo? Será que sua desesperança fez o Mestre dizer essas palavras à Mãe Divina?"

Sri Ramakrishna foi gradualmente voltando à consciência do mundo exterior. Nilmadhav de Ghazipur e um devoto Brahmo conversavam sobre Pavhari Baba. Outro devoto Brahmo disse ao Mestre: "Senhor, esses senhores visitaram Pavhari Baba que vive em Ghazipur. É um santo como o senhor." O Mestre mal podia falar, apenas sorria. O devoto continuou: "Senhor, Pavhari Baba mantém uma fotografia do senhor no quarto dele." Apontando para o corpo, o Mestre disse com um sorriso: "Apenas uma fronha."

O Mestre continuou: "Mas não se deve esquecer que o coração do devoto é a morada de Deus. Ele habita, sem dúvida, em todos os seres, mas Se manifesta de forma especial no coração do devoto. Um senhor de grandes terras pode, de vez em quando, visitar todos os lugares de sua imensa propriedade, mas dizem que geralmente só é encontrado numa determinada sala de sua casa. O coração do devoto é a sala de Deus.

"Aquele que é chamado de Braman pelos jnanis, é conhecido como Atman pelos yogis e Bhagavan pelos bhaktas. O mesmo Brahmin é chamado de sacerdote quando faz o culto no templo e de cozinheiro, quando prepara suas refeições. O jnani, trilhando o caminho do Conhecimento, sempre discrimina sobre a Realidade, dizendo: 'Isto não, isto não.' Brahman não é nem 'isso' , nem 'aquilo'.

Ele não é nem o universo, nem os seres humanos. Discriminando dessa maneira a mente torna-se estável. Logo ela desaparece e o aspirante entra em samadhi. Esse é o Conhecimento de Brahman. É a certeza firme do jnani de que, somente Brahman é real e o mundo ilusório. Todos esses nomes e formas são ilusórios como um sonho. O que Brahman é, não pode ser descrito. Não se pode nem mesmo dizer que Brahman é uma Pessoa. É essa a opinião dos jnanis, seguidores da filosofia Vedanta.

"Mas os bhaktas aceitam todos os estados de consciência. Consideram o estado de vigília como real, também. Não consideram o mundo ilusório, como um sonho. Dizem que o mundo é uma manifestação do poder e da glória de Deus. Deus criou tudo – céu, estrelas, lua, sol, montanhas, oceanos, homens e animais. Tudo isso constitui Sua glória. Está dentro de nós, em nossos corações. Também, Ele está no exterior. Os devotos mais adiantados dizem que Ele Próprio tornou-se tudo isso – os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. O devoto de Deus quer comer açúcar e não, tornar-se açúcar. (*Todos riem*).

"Sabem como o amante de Deus se sente? Sua atitude é: 'Ó Deus, Tu és o Amo, eu sou Teu servo. Tu és as Mãe, eu sou Teu filho.' Ou então: 'Tu és Pai e Mãe. Tu és o Todo, eu sou a parte.' Ele não gosta de dizer: 'Eu sou Brahman.'

"O yogi quer realizar o Paramatman, a Alma Suprema. Seu ideal é a união da alma individual com a Alma Suprema. Retira a mente dos objetos dos sentidos e procura concentrar-se no Paramatman. Por conseguinte, no primeiro estágio de sua disciplina espiritual, retira-se para um lugar isolado com atenção concentrada, pratica meditação numa postura estável.

"Mas a Realidade é una e a mesma. A diferença está apenas no nome. Aquele que é Brahman é, na verdade, Atman, e também, Bhagavan. É Brahman para os seguidores do caminho do Conhecimento, Paramatman para os yogis e Bhagavan, para os amantes de Deus."

O barco navegava para Calcutá, mas os passageiros com os olhos fixos no Mestre e com os ouvidos nas suas palavras impregnadas de néctar divino, estavam inconscientes de todo movimento. Dakshineswar com seus templos e jardins, havia ficado para trás. Os remos batiam nas águas do Ganges, criando um som murmurante, mas os devotos estavam indiferentes a tudo isso. Encantados, olhavam para o grande yogi, a face iluminada por um sorriso divino, o semblante irradiando amor, os olhos brilhando de alegria – um homem que a tudo renunciara por Deus e que não conhecia nada a não ser Deus. Incessantes palavras de sabedoria fluíam de seus lábios.

Mestre: "Os jnanis, que seguem a filosofia não-dualista da Vedanta, dizem que os atos de criação, preservação e destruição, o próprio universo e todos os seres vivos, são manifestações de Shakti, o Poder Divino.[1] Se discriminarmos, veremos que tudo isso é ilusório como um sonho. Só Brahman é a Realidade, tudo o mais é irreal. Mesmo a Própria Shakti não tem substância, como um sonho.

"Mas embora vocês discriminem toda a vida, a não ser que estejam estabelecidos em samadhi, não poderão ir além da jurisdição de Shakti, mesmo que digam: 'Estou meditando' ou 'Estou contemplando', ainda assim, estariam no domínio de Shakti, dentro de Seu Poder.

"Assim Brahman e Shakti são idênticos. Se aceitarem um, têm que aceitar o outro. É como o fogo e seu poder de queimar. Se virem o fogo, têm que reconhecer também, seu poder de queimar. Não podem pensar em fogo, sem seu poder de queimar, nem podem pensar no poder de queimar, sem o fogo. Não se pode conceber os raios de sol sem o sol, nem se pode conceber o sol sem os raios.

"Como é o leite? Ó, vocês dizem que é algo branco. Não podem pensar em leite sem sua brancura e também, pensar na brancura sem pensar no leite.

"Assim, não se pode pensar em Brahman sem Shakti, ou em Shakti sem Brahman. Não se pode pensar no Absoluto sem o Relativo, ou no Relativo sem o Absoluto.

"O Poder Primordial está sempre em ação[2]. Está sempre criando, preservando e destruindo, como um jogo. Este Poder é chamado Kali. Kali é na verdade, Brahman e Brahman é de fato, Kali. É uma e mesma Realidade. Quando pensamos n'Ela como inativa, quer dizer, não engajada na criação, preservação e destruição, A chamamos Brahman, mas quando Ela está ocupada nessas atividades, A chamamos Kali ou Shakti. A Realidade é uma e a mesma: a diferença está em nome e forma.

"É como a água, chamada em diferentes línguas por nomes diferentes, como 'jali', 'pani' e assim por diante. Há três ou quatro ghats no lago. Os hindus bebem água num lugar, chamam-na 'jal'. Os muçulmanos num outro lugar, chamam-na 'pani'. E os ingleses num terceiro lugar, 'water'. Os três nomes denotam uma e mesma coisa, a diferença está somente no nome. De algum modo, alguns diri-

[1] Conhecida como maya na filosofia Vedanta.

[2] A idéia introduz os elementos de espontaneidade e liberdade na criação.

gem-se à Realidade como 'Alá', alguns como 'Deus', alguns como 'Brahman' ou 'Kali', e outros por nomes como 'Rama', 'Jesus', 'Durga', 'Hari'.

Keshab (*sorrindo*): "Descreve-nos, senhor, de quantas maneiras Kali, a Mãe Divina, brinca neste mundo."

Mestre (*com um sorriso*): "Ó, Ela brinca de diferentes modos. É somente Ela que é conhecida como Maha-Kali, Nitya-Kali, Shmasana-Kali, Raksha Kali e Shyama-Kali. Maha-Kali e Nitya-Kali estão mencionadas na filosofia tântrica. Quando não existia nem criação, nem o sol, a lua, os planetas e a terra e quando a escuridão estava envolta na escuridão, então a Mãe, a Sem Forma, Maha-Kali, o Grande Poder, era una com Maha-Kali, a Absoluta.

"Shyama-Kali tem um aspecto um tanto terno e é adorada pelos chefes de família hindus. É doadora de Graças e Dissipadora do medo. O povo adora Raksha-Kali, a Protetora, quando ocorrem epidemias, fome, terremotos, seca e enchente. Shmasana-Kali é a Encarnação do poder de destruição. Habita nos crematórios, cercada de cadáveres, chacais e terríveis espíritos femininos. Da boca sai um fluxo de sangue, em Seu pescoço está dependurado um colar de cabeças humanas e em Sua cintura, um cinto feito de mãos humanas.

"Depois da destruição do universo, no final de um grande ciclo, a Mãe Divina armazena as sementes para a próxima criação. Ela é como a senhora mais velha de uma casa, que tem um pote onde guarda os diferentes utensílios para o uso doméstico. (*Todos riem.*)

"Ó sim! As donas de casa têm jarros como esses, onde guardam 'espuma do mar'[3], pílulas azuis, sementes de pepino, de moranga e de cabaça etc. Elas as tiram quando têm necessidade. Assim também, depois da destruição do universo, minha Mãe Divina, a Encarnação de Brahman, guarda as sementes para a próxima criação. Depois da criação, o Poder Primordial mora no próprio universo. Traz à existência esse mundo fenomenal e o penetra. Nos Vedas a criação está ligada à aranha e sua teia. A aranha produz a teia de si mesma e permanece nela. Deus é quem contém o universo e ao mesmo tempo, O que está contido nele.

"É Kali, minha Mãe Divina, negra? Ela parece negra porque está sendo vista à distância, mas quando intimamente conhecida, Ela não o é mais. O céu parece ser azul ao longe, mas se for visto de perto, vemos que não tem cor. A água do oceano é azul à distância, mas quando chegamos perto e a pegamos, vemos que é incolor."

O Mestre, intoxicado pelo amor divino, cantou:

> É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
> Desnuda da cor mais negra,
> Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre continuou: "Escravidão e Liberação são ambas de Sua construção. Por Sua maya, as pessoas mundanas ficam enredadas em 'mulher e ouro', mas por Sua graça atingem a liberação. Ela é chamada a Salvadora, Aquela que remove a escravidão que prende uma pessoa ao mundo."

Em seguida, o Mestre cantou a seguinte canção[4], com sua voz melodiosa.

> No movimentado mercado do mundo, Ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes.
> Alto, voam ao sabor do vento da esperança, presas pela linha de Maya.
> Suas estruturas são esqueletos humanos, sus velas são feitas dos três gunas.
> Mas todo seu trabalho curioso é meramente para ornamento.
> Mas no barbante das pipas. Tu passaste pasta de manja[5] do mundanismo.
> A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.
> Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres;
> E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!
> Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente
> Levados para o infinito, atravessando o mar do mundo.

O Mestre disse: "A Mãe Divina é sempre brincalhona e esportiva. Este universo é o Seu jogo. Tem vontade própria e deve ter sempre Sua própria diretriz. Está plena de felicidade. Dá liberação a um em cem mil."

---

[3] O Mestre talvez, referiu-se ao osso do peixe "choco", encontrado na praia. A crença popular é que se trata da espuma do mar endurecida.

[4] A alusão nessa canção é para as conhecidas competições de pipas na Índia, quando muitas pessoas empinam seus papagaios e tentam cortar a linha dos outros. Quem tiver sua linha cortada, perde a pipa e deixa o jogo.

[5] Cola feita de cevada e vidro em pó.

Um devoto Brahmo: "Mas senhor, se Ela quisesse, poderia dar liberação a todos. Por que então, Ela nos mantém ligados ao mundo?"

Mestre: "É Sua vontade. Quer continuar brincando com os seres criados. No jogo de esconde-esconde[6] aquele que está correndo pára, quando os jogadores tocam a 'vovó'. Se todos a tocarem como poderá o jogo continuar? Isso a desagrada. Seu prazer é o de continuar o jogo. Daí o poeta dizer:

> Entre cem mil papagaios, somente um ou dois no máximo, ficam livres;
> Então Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

"É como se a Mãe Divina dissesse à mente humana, confidencialmente, com um piscar de olhos: 'Vá e goze o mundo.' Como pode alguém censurar a mente? A mente só pode se desapegar do mundanismo se, por Sua Graça, Ela a faz voltar para Si mesmo. Só então, ela se torna um devoto aos pés de Lótus da Mãe Divina.' "

Então Sri Ramakrishna, tomando sobre si, por assim dizer, as agonias de todos os chefes de família, cantou queixando-se à Mãe Divina.

> Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige o meu coração:
> Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,
> Haja assalto em minha casa.
> Muitas e muitas vezes prometo chamar-Te.
> Mas quando a hora da oração chega, eu me esqueço;
> Agora vejo que tudo é Tua mágica.
>
> Como Tu nada deste, assim Tu recebeste, nada.
> Devo eu ser censurado por isso, Ó Mãe? Se Tu tivesses dado
> Com certeza Tu terias recebido
> Das Tuas próprias dádivas, eu teria dado a Ti.
> Glória e vergonha, amargura e doçura são apenas Tuas:
> Esse mundo nada mais é do que Teu jogo.
> Por que então, Ó Abençoada, Tu provocas tanta comoção nele?
>
> Ramprasad diz: Tu me deste essa mente.
> E com olhar sabedor,
> Tu mandas, ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.
> E assim vagueio abandonado por Tua criação,
> Afugentado pelo olhar mau de alguém
> Tomando o amargo pelo doce.
> O irreal pelo Real.

O Mestre continuou: "Os homens estão iludidos por Sua maya e apegaram-se ao mundo."

> Diz Ramprasad: "Tu me deste essa mente.
> E com um olhar sabedor.
> Tu mandas ao mesmo tempo, ir gozar o mundo.

Devoto Brahmo: "Senhor, não podemos realizar Deus sem renúncia completa?"

Mestre (*com uma risada*): "Claro que podem! Por que deveriam renunciar a tudo? Estão bem como estão, seguindo o caminho do meio – como o melado, parte sólido, parte líquido. Conhecem o jogo de cartas 'nax'[7] ? Tendo obtido o número máximo, fico fora do jogo. Não posso mais me divertir. Vocês, contudo, são muito espertos. Alguns conseguiram dez pontos, outros seis e uns, cinco. Vocês conseguiram o número correto: portanto, não estão fora como eu. O jogo continua. Ora, essa é boa! (*Todos riem*).

"Conto-lhes a verdade: não há nada de errado com vocês, pelo fato de estarem no mundo, mas devem dirigir a mente para Deus, senão, não serão bem sucedidos. Façam seu dever com uma mão e com a outra, segurem Deus. Quando o trabalho estiver terminado, segurem Deus com ambas as mãos.

---

[6] A alusão é ao jogo indiano de esconde-esconde, no qual aquele que dirige, conhecido como "vovó", cobre com um pano os olhos dos jogadores e esconde-se. Os jogadores devem encontrá-la. Se qualquer jogador a tocar, a venda é retirada dos olhos e ele retira-se do jogo.

[7] No jogo indiano de cartas "nax", o objetivo é ficar nele até atingir dezessete pontos. Quem alcançar esse limite ou mais, tem que se retirar.

"Tudo é questão de mente. Escravidão e liberação estão somente na mente. A mente tomará a cor com a qual a tingirem. É como as roupas brancas que acabaram de chegar da lavanderia. Se as mergulharem em tintura vermelha, ficarão vermelhas. Se mergulharem em tinta azul ou verde, ficarão azuis ou verdes. Tomarão somente a cor da tintura na qual as mergulharem, qualquer que seja. Já repararam que se lerem um pouco em inglês, logo começarão a dizer palavras inglesas: '*Foot fut it mit*?'[8] Então calçam botas e assobiam uma melodia e assim por diante. Tudo vai junto ou, se um erudito estuda sânscrito, imediatamente vai começar a recitar versos sânscritos. Se se relacionarem com más companhias, começarão a falar e pensar como seus amigos. Por outro lado, quando estiverem em companhia dos devotos, apenas falarão e pensarão em Deus.

"A mente é tudo. O homem de um lado, tem a esposa e de outro, a filha. Mostra afeição por ambas, de modo diferente, mas a mente é uma e a mesma.

"Escravidão está na mente e liberação, também. Um homem é livre, se pensar livremente: 'Sou uma alma livre. Como posso ficar ligado, quer more na floresta ou no mundo? Sou filho de Deus, Rei dos Reis. Quem pode me prender?' Se for mordido por uma cobra um homem pode libertar-se do seu veneno dizendo enfaticamente: 'Não há veneno em mim'. Do mesmo modo, repetindo com resolução e determinação, 'Não sou ligado, sou livre', uma pessoa torna-se realmente livre.

"Uma vez uma pessoa deu-me um livro dos cristãos e pedi-lhe que o lesse para mim. Só falava de pecado. (*A Keshab*). Pecado é também a única coisa que se ouve falar no seu Brahmo Samaj. O pecador que diz constantemente, 'Estou ligado, estou ligado', só consegue mesmo é estar ligado. Aquele que diz, dia e noite, 'Sou um pecador, sou um pecador', realmente torna-se um pecador.

"Uma pessoa deve ter uma fé tão ardente em Deus, que possa dizer: 'O que? Tenho repetido o nome de Deus e o pecado ainda pode permanecer em mim? Como posso ser ainda um pecador? Como posso estar apegado?'

"Se um homem repete o nome de Deus, seu corpo, mente e tudo o mais tornam-se puros. Por que razão uma pessoa deveria falar só de pecado e de inferno e de coisas assim? Diga pelo menos uma vez: 'Ó Senhor, sem dúvida fiz coisas erradas, mas não as repetirei'. Tenha fé em Seu nome.

"Sri Ramakrishna tornou-se intoxicado pelo amor divino e cantou:

> Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga.
> Como podes Tu, Ó Abençoado,
> Impedir minha liberação,
> Por mais pecador que eu tenha sido...

Então disse: "À minha Mãe Divina orava apenas por puro amor. Ofereci flores aos Seus Pés de Lótus e orei a Ela: 'Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu Conhecimento, aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti. Aqui está Teu dharma, aqui está Teu adharma. Toma-os ambos, Mãe, e concede-me somente puro amor por Ti.'

(*Aos devotos Brahmos*): "Ouçam agora uma canção de Ramprasad:

> "Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.
> E ali embaixo Ela colhe os quatros frutos da vida.
> De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.
> Traz apenas o Desapego no seu caminho para a Árvore,
> E pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade.
>
> Quando você vai aprender a permanecer, Ó mente na morada da Bem-aventurança
> Com Pureza e Corrupção de cada lado?
> Só quando você tiver encontrado a maneira de
> Manter essas esposas em harmonia sob o mesmo teto,
> Você verá a incomparável forma da Mãe Shyama.
>
> Afugente instantaneamente de sua vida, seus pais, o Ego e a Ignorância.
> Se a ilusão puxá-lo para sua toca.
> Corajosamente agarre-se à pilastra da Paciência.
> Amarre ao poste da Despreocupação, as cabras do vício e virtude,
> Matando-as com a espada do Conhecimento, se elas se rebelarem.
> Mantenha à distância os filhos da Mundanismo, sua primeira esposa.

[8] O Mestre estava apenas imitando o som da língua inglesa..

E, se não atenderem, afogue-os no mar da Sabedoria.
Diz Ramprasad: Se você fizer o que digo
Pode apresentar com bom resultado, Ó mente, ao Rei da Morte.
Ficarei bem satisfeito com você e a chamarei de minha querida.

"Por que não se é capaz de realizar Deus nesse mundo? O Rei Janaka teve tal realização. Ramprasad descreveu o mundo como uma simples 'estrutura de ilusão', mas amando os pés sagrados de Deus, então –

Este mundo é mesmo uma mansão de alegria.
Aqui posso comer, beber e ficar feliz.
O poder de Janaka era incomparável
O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?
Gozando tanto um, quanto o outro.
Que bebeu leite de uma xícara cheia até a borda!

(*Todos riem*)

"Mas não se pode ser um Rei Janaka de uma hora para outra. Janaka, no início, praticou na solidão muitas austeridades.

"Mesmo que se viva no mudo, deve-se ficar na solidão de vez em quando. Será de grande ajuda a um homem, afastar-se da família, morar sozinho e chorar por Deus, mesmo por três dias. Se pensar em Deus um dia somente, em solidão, quando tiver tempo livre, isso também lhe fará bem. As pessoas derramam um jarro de lágrimas por sua esposa e filhos. Mas quem chora por Deus? De vez em quando deve-se retirar para a solidão e praticar disciplina espiritual a fim de realizar Deus. Vivendo no mundo e sufocado pelos seus inúmeros deveres, o aspirante, no primeiro estágio de sua vida espiritual, encontra muitos obstáculos no caminho da concentração. Quando as árvores da calçada são ainda novas, têm que ser cercadas, do contrário, serão destruídas pelo gado. A cerca é necessária enquanto a árvore for pequena, mas pode ser retirada, quando o tronco estiver grosso e forte. Então a árvore não será danificada, mesmo que um elefante seja amarrado a ela.

A doença do mundanismo é semelhante à febre tifóide. No quarto desse tipo de paciente, há um grande jarro d'água e outro, de gostosos pickles. Se desejar curá-lo deve removê-lo desse aposento. O homem do mundo é como esse paciente de febre tifóide. Os diversos objetos de prazer são o grande jarro d'água e o desejo de gozá-los é a sua sede. O simples pensamento dos pickles dá água na boca; você não tem que trazê-los para perto. Ele já está cercado por eles. A companhia de mulher é o pickles. Daí ser necessário o tratamento na solidão.

"Pode-se voltar ao mundo depois de se ter atingido discriminação e desapego. No oceano do mundo há seis crocodilos: luxúria, raiva etc. Não há nada a temer se passar açafrão no corpo antes de entrar na água. Discriminação e desapego são o açafrão. Discriminação é o conhecimento do que é real e o que é irreal. É a realização de que só Deus é a real e eterna Substância e que tudo o mais é irreal, transitório, impermanente. Deve-se cultivar intenso fervor por Deus. Deve-se sentir amor por Ele e ser atraído para Ele. As gopis de Vrindavan sentiram a atração de Krishna. Deixe-me cantar uma canção para vocês:

Escuta! A flauta ressoou lá no bosque.
Devo voar para lá porque Krishna espera na estrada.
Digam amigas, vocês vêm ou não?
Para vocês, o meu Krishna é somente um nome vazio
Para mim. Ele é a angústia do meu coração.
Vocês ouvem as notas de Sua flauta, somente com seus ouvidos,
Mas Ó, eu as ouço no fundo de minha alma.
Escuto Sua flauta chamando: 'Radha, venha!
Sem você o bosque está despojado de encanto."

O Mestre cantou com lágrimas nos olhos e disse a Keshab e outros devotos Brahmos: "Não importa se aceitem ou não, Radha e Krishna, mas por favor, aceitem a atração que um sentia pelo outro. Tentem criar em seu coração o mesmo desejo ardente por Deus. Anelo é tudo o que vocês necessitam para realizá-Lo."

Gradualmente a maré baixa começou. O barco aumentou a velocidade até Calcutá. Passaram sob a Ponte Howrath e avistaram o Jardim Botânico. Pediram ao capitão para ir um pouco mais rio

abaixo. Os passageiros estavam encantados com as palavras do Mestre e a maioria tinha perdido a noção do tempo e de quanto haviam navegado.

Keshab começou a servir arroz empapado e coco raspado. Os convidados puseram a comida nas dobras da roupa e logo começaram a comer. Todos estavam muito felizes. O Mestre observou, entretanto, que Keshab e Vijay estavam constrangidos e ficou ansioso para reconciliá-los.

Mestre (*a Keshab*): "Olhe. Ali está Vijay. Sua briga parece-se com a de Shiva e Rama. Shiva foi o guru de Rama. Apesar de brigarem, logo fizeram as pazes, mas as caretas dos fantasmas, seguidores de Shiva e os sons incompreensíveis dos macacos, seguidores de Rama, não terminaram (*Gargalhada*). Essas brigas têm lugar, mesmo entre os próprios parentes e amigos íntimos. Rama não lutou contra seus próprios filhos, Lava e Kusa? Assim também, vocês devem ter notado como a mãe e sua filha, morando juntas e tendo o mesmo objetivo espiritual, observam jejum em separado nas terças-feiras, cada uma com sua própria crença, como se o bem-estar de uma, nada tivesse a ver com o da outra. Mas o que beneficia uma, beneficia a outra. Assim também, vocês têm uma sociedade religiosa e Vijay pensa que deve ter a sua, também. (*Risada*). Penso que tudo isso é necessário. Enquanto Sri Krishna, Ele mesmo um Deus Encarnado, brincava com as gopis em Vrindavan, pessoas criadoras de problemas como Jatila e Kutila apareciam em cena. Podem perguntar o porquê disso. A resposta é que um jogo não pode se desenvolver sem pessoas criadoras de problemas. (*Todos riem*). Não há graça sem Jatila e Kutila. (*Gargalhada*).

"Ramanuja postulou a doutrina do Não-dualismo Qualificado. Mas seu Guru era um puro não-dualista. Estavam em desacordo um com o outro e refutavam mutuamente seus argumentos. É o que sempre acontece. Para o mestre, porém, o discípulo é muito íntimo."

Todos desfrutavam a companhia e as palavras do Mestre.

Mestre (*a Keshab*): "Você não estuda a natureza das pessoas antes de torná-las seus discípulos e por isso, elas se afastam de você.

"Todas as pessoas são semelhantes, mas suas naturezas são diferentes. Algumas têm sattva em excesso, outras muito rajas e ainda outras, um excesso de tamas. Já reparou que os bolos conhecidos como puli têm a mesma aparência, mas são feitos de ingredientes muito diferentes. Uns têm leite condensado, outros coco e outros, somente sementes de kalai fervidas. (*Todos riem*).

"Sabem qual é a minha atitude? Da minha parte como, bebo e vivo feliz. O resto a Mãe Divina conhece. Na verdade há três palavras que me incomodam: 'guru', 'mestre' e 'pai'.

"Há somente um Guru, que é Satchidananda. Só ele é o Instrutor. Minha atitude em relação a Deus é a de um filho para com a mãe. Podemos conseguir milhões de gurus humanos. Todos querem ser instrutores, mas quem quer ser discípulo?

"È extremamente difícil ensinar os outros. Um homem só pode ensinar se Deus Se revela a Ele e lhe dá a ordem. Narada, Shukadeva e sábios como eles receberam tal autorização de Deus e Shankara também a teve. A não ser que Deus ordene, quem ouvirá suas palavras?

"Sabe como as pessoas de Calcutá ficam agitadas com tanta facilidade? O leite sobe e ferve enquanto existir fogo debaixo dele. Apague o fogo e tudo ficará parado. As pessoas de Calcutá gostam de sensações. Podemos vê-las cavando um poço num certo lugar. Dizem que querem água, mas se encontram uma pedra desistem; recomeçam a cavar em outro lugar. Aí talvez encontrem areia; desistem de novo. Recomeçam então, num terceiro lugar e assim vai. Isso, porém, não aconteceria se um homem apenas imaginar que tem o mandato de Deus.

"Deus revela-Se a uma pessoa e fala. Só então ela pode receber Seu comando. Quão poderosas são as palavras de tal mestre! Podem remover montanhas. Mas, simples conferências? O povo as ouvirá por alguns dias e as esquecerá logo. Nunca agirá somente por simples palavras.

"Em Kamarpukur há um pequeno lago chamado Haldarpukur. Certas pessoas costumavam sujar as margens todos os dias. Outras iam de manhã para se banharem, xingavam essas pessoas em voz alta, e na manhã seguinte, encontravam a mesma situação. O aborrecimento não tinha fim. (*Todos riem*). Os aldeões do local, por fim, informaram as autoridades. Um policial foi avisado e colocou um aviso, na margem, dizendo: 'Proibido causar aborrecimentos'. Isto bastou para que os transgressores parassem imediatamente. (*Todos riem*).

"Para ensinar alguém, deve-se ter autorização, senão, ensinar torna-se um engodo. Um homem que, por sua vez, é um ignorante, começa a ensinar os outros – como um cego guiando um outro cego! Em vez de fazer o bem, esse ensinamento é prejudicial. Depois da realização de Deus, obtém-se a visão interior. Só então, poderá diagnosticar uma doença espiritual e dar instrução.

"Sem a delegação de Deus, um homem torna-se iludido. Diz para si mesmo: 'Estou ensinando às pessoas.' Essa vaidade advém da ignorância, pois somente uma pessoa ignorante pensa que é ela quem faz. Um homem realmente libera-se em vida, se sentir: 'Deus é O que faz. Só Ele está fazendo tudo. Eu não faço nada.' Os sofrimentos e preocupações do homem surgem unicamente do pensamento persistente de que é ele quem faz.

"Vocês falam de fazer bem para o mundo. É o mundo uma coisa pequena? E, quem são vocês, digam-me, para fazerem bem ao mundo? Primeiro realizem Deus, vejam-n'O por meio de disciplina espiritual. Se Ele lhes conferir poder, então podem fazer bem aos outros, do contrário, não."

Um devoto Brahmo: "Devemos, senhor, abandonar nossas atividades até que realizemos Deus?"

Mestre: "Não. Por que deveriam? Devem-se empenhar em tais atividades como contemplação, cantar Suas glórias e outras devoções diárias."

Brahmo: "E nossos deveres mundanos – deveres ligados a ganhar dinheiro e assim por diante?

Mestre: "Sim, pode fazê-las, também, desde que necessitem delas para viver. Ao mesmo tempo devem orar a Deus na solidão, com lágrimas nos olhos a fim de que possam executar aquelas obrigações de uma forma desinteressada. Devem dizer-Lhe: 'Ó Deus, diminui minhas obrigações do mundo cada vez mais, senão, Ó Senhor, acho que Te esquecerei, envolvido em tantas atividades. Posso pensar que estou fazendo um trabalho desinteressado, mas no final, acaba sendo egoísta.' Pessoas que dão muitas esmolas ou distribuem comida para os pobres, caem vítimas do desejo de nome e fama.

"Sambhu Mallick uma vez falou em construir hospitais, dispensários e escolas, estradas, reservatórios públicos etc. Eu lhe disse: 'Não se desvie de seu caminho para cuidar desses trabalhos. Execute apenas aqueles que se apresentam e que são de muita necessidade – execute-os com desapego.' Não é bom ficar envolvido em muitas atividades. Isso pode fazer com que se esqueça de Deus. Vindo ao templo de Kalighat alguns talvez gastem todo o seu tempo dando esmolas aos pobres. Não têm tempo para ver a Mãe no santuário interior. (*Risada*). Em primeiro lugar, faça tudo para conseguir ver a Mãe Divina, mesmo que tenha que abrir caminho entre a multidão. Então, pode ou não dar esmolas, como quiser. Você pode dar aos pobres o quanto satisfaça o seu coração, se assim sentir vontade. O trabalho é somente um meio de realização de Deus. Por conseguinte, disse a Sambhu: 'Suponha que Deus apareça diante de você; então Lhe pediria para construir hospitais e ambulatórios para você?' (*Risada*). Um amante de Deus jamais diz isso, mas sim: 'Ó Senhor, dá-me um lugar nos Teus Pés de Lótus. Mantenha-me sempre em Tua companhia. Dá-me sincero e puro amor por Ti.'

"Karmayoga é na verdade, muito dura. No Kaliyuga é extremamente difícil fazer os rituais prescritos nas escrituras. A vida de um homem está hoje em dia, centrada somente na comida. Ele não pode executar muitos ritos, conforme as escrituras. Suponhamos que uma pessoa esteja com febre. Se for tentada uma cura demorada, com remédios antiquados, demorará muito e sua vida pode acabar-se. Não agüenta a espera. Hoje em dia a mistura drástica 'D.Gupta'[9] é a indicada. No Kaliyuga o melhor remédio é a Bhakti Yoga, o caminho da devoção – cantar as glórias do Senhor e a oração. Só o caminho da devoção é a religião para esta época."(*Aos devotos Brahmos*). "O seu, também, é o caminho da devoção. São realmente abençoados porque cantam o nome de Hari e as glórias da Mãe Divina. Gostei de sua atitude. Não dizem que o mundo é um sonho como os não-dualistas. Vocês não são Brahmajnanis como eles: são bhaktas, amantes de Deus. Que vocês O considerem uma Pessoa, também é bom. Vocês são devotos. Certamente O realizarão se O chamarem com sinceridade e dedicação."

O barco ancorou em Kayalaghat e os passageiros prepararam-se para desembarcar. Quando saíram, viram que a lua cheia já havia surgido. As árvores, os edifícios e os barcos do Ganges estavam banhados pelo suave luar. Chamaram uma carruagem para o Mestre e M. e alguns devotos entraram. O Mestre perguntou por Keshab que chegou perguntando sobre as medidas tomadas para o regresso do Mestre a Dakshineswar. Em seguida inclinou-se profundamente e despediu-se de Sri Ramakrishna.

A carruagem atravessou o bairro europeu da cidade. O Mestre apreciou as belas mansões em ambos os lados da rua, muito bem iluminadas. Subitamente disse: "Estou com sede. O que se pode fazer?" Nandalal, sobrinho de Keshab, parou a carruagem defronte ao India Club e subiu para pedir água. Conseguiu e o Mestre perguntou se o copo havia sido bem lavado. Assegurando-se que isso havia sido feito, bebeu a água.

Enquanto a carruagem andava, o Mestre pôs a cabeça para fora, olhando com uma alegria infantil, as pessoas, os veículos, os cavalos e as ruas, tudo inundado pelo luar. De vez em quando ouvia as senhoras européias cantando ao piano. O Mestre estava muito feliz.

[9] Remédio patenteado contra a febre, que contém uma forte dose de quinino.

A carruagem chegou à casa de Surendra Mitra, um grande devoto do Mestre, a quem ele afetuosamente, chamava Surendra. Não estava em casa.

As pessoas da casa abriram uma das salas no andar térreo para o Mestre e sua comitiva. A carruagem tinha que ser paga. Se Surendra estivesse lá, certamente o faria. O Mestre disse a um dos devotos: "Por que não pede às senhoras da casa para pagar? Elas certamente sabem que Surendra nos visita em Dakshineswar. Não sou um estranho para elas." (*Todos riem*).

Foram buscar Narendra que vivia nessa parte da cidade. Nesse meio tempo Sri Ramakrishna e os devotos foram convidados para ir à sala de visitas no andar de cima. O chão estava coberto por um tapete e um lençol branco. Algumas almofadas estavam espalhadas. Na parede havia um quadro a óleo especialmente pintado para Surendra, em que Sri Ramakrishna mostrava a Keshab a harmonia entre o cristianismo, islamismo, budismo, hinduísmo e outras religiões. Vendo o quadro Keshab havia dito, certa ocasião: "Abençoado seja a pessoa que teve a idéia de pintá-lo."

Sri Ramakrishna conversava alegremente com os devotos, quando Narendra chegou. Isto fez o Mestre ficar duplamente feliz. Disse ao jovem discípulo: "Hoje fizemos uma viagem de barco com Keshab. Vijay e outros devotos Brahmos estavam presentes. (*Mostrando M.*). Pergunte a ele o que eu disse a Keshab e Vijay sobre a mãe e a filha fazendo jejum na terça-feira, cada uma por sua conta, embora o bem-estar de uma fosse o bem-estar de outra. Disse, também, a Keshab que, encrenqueiros como Jatila e Kutila eram necessários para dar sabor ao jogo. (*A M.*). Não é verdade?"

"M.: "Sim, senhor, foi assim."

Era tarde. Surendra ainda não havia retornado. O Mestre tinha que voltar ao templo e chegou uma carruagem para levá-lo. M. e Narendra saudaram-no e despediram-se. A carruagem de Sri Ramakrishna partiu para Dakshineswar, percorrendo as ruas iluminadas pelo luar.

oooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 6

O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (I)

28 de outubro de 1882

ERA SÁBADO. O festival semestral Brahmo, celebrado todo outono e primavera, estava se realizando na linda chácara de Benimadhav Pal, em Sinthi, mais ou menos a três milhas ao norte de Calcutá. A casa fora construída num lugar retirado, adequado à meditação. As árvores carregadas de flores, lagos artificiais com beiradas gramadas e verdes pérgulas aumentavam a beleza do lugar. Quando as nuvens começaram a ficar douradas à luz do sol que se punha, o Mestre chegou.

Muitos devotos haviam feito suas práticas de manhã e à tarde e pessoas vindas de Calcutá e vilarejos vizinhos, juntaram-se a eles. Shivanath, o grande devoto Brahmo, de quem o Mestre gostava muito, era um dos membros do Brahmo Samaj, que ansiosamente estavam esperando pela chegada de Sri Ramakrishna.

Quando a carruagem trazendo o Mestre e alguns devotos chegaram à chácara, todos se levantaram respeitosamente para recebê-lo. Fez-se um súbito silêncio, semelhante àquele que ocorre quando se abre a cortina de um palco. As pessoas que estavam conversando, agora fixaram a atenção no rosto sereno do Mestre, para não perderem uma só palavra de seus lábios.

Ao ver Shivanath, o Mestre gritou alegremente: "Ah! Aqui está Shivanath! Veja, você é um devoto de Deus. À sua simples visão, meu coração se alegra. Um fumante de cânhamo fica muito feliz ao encontrar um outro. Freqüentemente abraçam-se com muita alegria."

Os devotos caíram na risada.

Mestre: "Muitas pessoas visitam o templo de Dakshineswar. Se noto que alguns devotos são indiferentes a Deus, digo-lhes: 'É melhor sentarem-se lá.' Ou, às vezes, digo: 'Saiam e vão ver as lindas construções lá fora.' (*Risada*).

"Às vezes vejo que alguns devotos vêm acompanhados de pessoas sem valor moral. Seus companheiros estão mergulhados em total mundanismo e não gostam de jeito algum de falar de assuntos espirituais. Enquanto os devotos ficam por longo tempo, falando comigo sobre Deus, os outros tornam-se inquietos. Como não conseguem ficar sentados por muito tempo, sussurram aos seus amigos devotos: 'Quando vamos embora? Por quanto tempo vão ficar aqui?' Os devotos dizem: 'Esperem um pouco. Iremos embora daqui a pouco.' Então as pessoas mundanas dizem, com um tom aborrecido: 'Bem, podem falar. Esperamos por você no barco.' (*Todos riem*).

"Pessoas do mundo nunca os ouvirão se lhes pedirem para renunciar a tudo a fim de se dedicarem de todo o coração a Deus. Por esta razão Chaitanya e Nitai depois de pensarem muito, arrumaram um jeito de conquistar as pessoas mundanas. Disseram-lhe: 'Venham, repitam o nome de Hari e terão uma deliciosa sopa de peixe magur e o abraço de uma jovem.' Muitas pessoas atraídas pelo peixe e pela mulher, começaram a cantar o nome de Deus. Depois de provarem um pouco do néctar do nome sagrado de Deus, compreenderam que a 'sopa de peixe' era na realidade, as lágrimas derramadas pelo amor de Deus, enquanto que a 'jovem', significava a terra. O abraço da mulher significava rolar na terra em arrebatamento do amor divino.

"Nitai utilizava qualquer meio para fazer as pessoas repetirem o nome de Hari. Chaitanya dizia: 'O nome de Deus possui uma grande santidade. Pode não dar resultado imediato, mas um dia dará frutos. É como uma semente deixada na cornija de um edifício. Algum dia a casa cai, a semente cai no chão, germina e por fim, dá frutos.'

"Assim como as pessoas são dotadas de sattva, rajas e tamas, assim também, bhakti caracteriza-se pelos três gunas.

"Você sabe como é um homem do mundo dotado de sattva? Talvez sua casa esteja mal conservada aqui e ali. Ele não se preocupa em consertá-la. O santuário talvez esteja cheio de sujeira dos pombos e o pátio coberto de mato, mas não liga para essas coisas. A mobília da casa possivelmente está velha, mas não pensa em dar-lhe polimento, nem envernizá-la e nem fazê-la parecer limpa. Não

liga para roupa, qualquer coisa está boa para ele, mas o homem mesmo é muito gentil, bondoso e humilde, não faz mal a ninguém.

"Entre as pessoas do mundo, há as que têm traços de rajas. Tal homem tem um relógio com uma corrente e dois ou três anéis nos dedos. A mobília de sua casa é nova em folha. Nas paredes estão pendurados os retratos da Rainha, do Príncipe de Gales e de outras pessoas importantes; a casa está impecavelmente limpa. Seu armário está cheio de uma grande variedade de roupas; até os lacaios usam libré e assim por diante.

"Os traços de um homem do mundo dotado de tamas são sono, luxúria, raiva, egoísmo e similares.

"Assim também, bhakti, devoção, tem sattva. Um devoto que a possui, medita em Deus em segredo absoluto, talvez dentro do seu mosquiteiro. As pessoas pensam que está dormindo. Uma vez que demora a se levantar, pensam que talvez não tenha dormido bem à noite. Seu amor pelo corpo não vai além da necessidade de satisfazer a fome e isso mesmo apenas com arroz e simples verduras. Não há qualquer cuidado com suas refeições, nenhum luxo nas roupas e nenhuma ostentação com a mobília. Além disso, esse devoto jamais bajula ninguém por dinheiro.

"Um aspirante que possui bhakti rajásica põe um tilak[1] na testa e um rosário de contas de rudraksha, entremeadas com algumas de ouro, em seu pescoço. (*Todos riem*). Para o culto, usa uma roupa de seda.

"Um homem dotado de bhakti tamásica tem uma fé ardente. Esse devoto literalmente exige graças de Deus, assim como um assaltante cai em cima de uma pessoa para roubar seu dinheiro. 'Prenda! Bata! Mate!'- esse é a maneira dos saqueadores."

Ao dizer isso, o Mestre começou a cantar com uma voz doce e amor extasiante, com os olhos voltados para cima:

> Por que eu deveria ir para o Ganga ou Gaya, para Kasi, Kanchi ou Prabhas[2]
> Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?
> Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoções
> Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas[3]
> Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais.
> Caridade, votos, doações de oferendas não mais atraem a mente de Madan[4] ;
> Os Pés de Lótus da Abençoada Mãe são sua única oração e sacrifício.
> Quem poderia ter jamais concebido o poder que Seu nome possui?
> O Próprio Shiva, Deus dos Deuses, canta loas a Ela, com Suas cinco bocas!

O Mestre estava fora de si com o amor pela Mãe Divina. Cantava com entusiasmo ardente:

> Se apenas pudesse morrer repetindo o nome de Durga,
> Como podes Tu, Ó Abençoado,
> Impedir minha Liberação.
> Por pior que eu seja?

Então disse: "Deve-se tomar uma atitude firme: 'O que? Cantei o nome da Mãe. Como posso continuar sendo um pecador? Sou Seu filho, herdeiro de Seus Poderes e Glórias.'

"Se você puder tornar espirituais Seus tamas, poderá realizar Deus com Sua ajuda. Force Deus a atender seus pedidos. Ele não é um estranho para você. Na verdade, é muito íntimo.

"A qualidade de tamas pode ser usada para o bem-estar de todos. Há três classes de médicos: superior, medíocre e inferior. O médico que sente o pulso do paciente e apenas lhe diz: 'Tome o remédio regularmente', faz parte do tipo inferior. Não se importa em saber se o paciente realmente tomou o remédio. O medíocre é aquele que por diversos recursos, convence o paciente a tomar o remédio e diz-lhe suavemente: 'Meu bom homem, como espera curar-se se não tomar o remédio? Tome-o. Eu mesmo o preparei para você.' Mas aquele que vendo o paciente teimosamente recusar-se a tomar o remédio, colocando-o garganta abaixo, a ponto de pôr o joelho no peito do paciente, é o melhor médico. Essa é uma manifestação de tamas do médico, mas tal atitude não prejudica o doente, ao contrário, faz-lhe bem.

---

[1] Uma marca de pasta de sândalo ou outro material, para denotar a afiliação religiosa.

[2] Cinco lugares de peregrinação.

[3] Aurora, meio-dia e entardecer.

[4] O autor do cântico.

"Como os médicos, há três tipos de instrutores religiosos. O inferior que apenas dá instrução aos discípulos, mas não lhe faz perguntas sobre seus progressos. O mestre medíocre que, para o bem do aspirante, faz repetidos esforços para lhe trazer conhecimentos, pede-lhe que os estude e demonstra-lhes amor de várias maneiras. Há, porém, o mestre que vai ao extremo de usar a força, caso o estudante persista em não estudar; considero-o o melhor."

Um devoto Brahmo: "Senhor, Deus tem forma ou não?"

Mestre: "Em termos finais ninguém pode dizer que Deus é apenas 'isso' e nada mais. Ele é sem forma, mas também, tem formas. Para o bhakta Ele assume formas, mas é sem forma para o jnani, isto é, para aquele que considera o mundo um simples sonho. O bhakta sente que é uma entidade e o mundo, uma outra. Por conseguinte, Deus revela-Se a ele como uma Pessoa, mas o jnani – o vedantista por exemplo, discrimina sempre, utilizando o processo de 'Isto não, isto não'. Através de sua discriminação realiza, por sua percepção interior, que o ego e o universo são ambos ilusórios, como um sonho. Então o jnani realiza Brahman em sua própria consciência. Ele não pode descrever o que Brahman é.

"Sabem o que quero dizer? Pensem em Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos como um oceano sem praia. Pela influência refrescante por assim dizer, do amor do bhakta, a água se congela em determinados lugares em forma de blocos de gelo. Em outras palavras, Deus de vez em quando assume formas diversas para Seus amantes e revela-Se como uma Pessoa. Com o aparecimento do sol do Conhecimento, porém, os blocos de gelo derretem-se. Não mais se sente que Deus é uma Pessoa, nem se vê as formas de Deus. O que Ele é não tem descrição. Quem pode descrevê-Lo? Aquele que pode fazê-lo, desaparece. Não pode encontrar seu 'eu' nunca mais.

Se alguém se analisar, não encontra nada que se assemelhe ao 'Eu'. Por exemplo, peguem uma cebola. Em primeiro lugar, tirem a camada externa vermelha; então, encontrarão outras camadas brancas, mais profundas. Tirem uma a uma cada camada e não encontrarão nada dentro.

"Neste estado, um homem não encontra mais o seu ego. E quem ficou para procurá-lo? Quem pode descrever como ele se sente nesse estado – em sua própria Consciência Pura – a respeito da natureza real de Brahman? Uma vez uma boneca de sal foi medir a profundidade do mar. Mas logo que mergulhou na água, dissolveu-se. Quem havia para dizer qual a profundidade?

"Há um sinal do Conhecimento Perfeito. O homem torna-se silencioso ao atingi-Lo. Neste caso o 'eu' pode ser comparado à boneca de sal; dissolve-se no Oceano de Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos e torna-se uno com Ele. Nem o mais leve traço de diferença permanece.

"Enquanto sua análise sobre si mesmo não estiver completa, o homem argumenta com muito afã, mas torna-se silencioso quando a termina. Quando o jarro vazio ficar cheio d'água, quando a água do interior do jarro tornar-se una com a do lago que está do lado de fora, não se ouve mais qualquer som. O barulho vem do jarro, enquanto este ainda não estiver cheio d'água.

"Outrora costumava-se dizer que nenhum barco volta depois de ter entrado nas 'águas negras' do oceano.

"Todas as tribulações e aborrecimentos acabam quando o 'eu' morre. Vocês podem se empenhar em milhares de raciocínios, mas o 'eu' não desaparece. Para pessoas como vocês e eu, é melhor ter o sentimento: 'Sou um amante de Deus.'

"O Saguna Brahman é para os bhaktas. Em outras palavras, o bhakta crê que Deus tem atributos e revela-Se aos homens como uma Pessoa, assumindo formas. É Ele quem ouve suas orações. Elas são dirigidas somente para Ele. Vocês são bhaktas, não jnanis ou vedantistas. Não importa se aceitam Deus com forma ou não. É suficiente que afirmem que Deus é uma Pessoa que ouve nossas preces, cria, conserva e destrói o universo e é dotado de poder infinito.

"É mais fácil alcançar-se Deus seguindo o caminho da devoção."

Devoto Brahmo: "Senhor, é possível ver-se Deus? Em caso positivo, por que não podemos vê-Lo?"

Mestre: "Sim, certamente. Ele pode ser visto. Pode-se ver Suas formas e Seu aspecto sem forma, também. Como posso explicar isso para vocês?"

Devoto Brahmo: "Quais os meios que podemos utilizar para ver Deus?"

Mestre: "Pode chorar por Ele com intensa ânsia em seu coração? Os homens choram um jarro de lágrimas por seus filhos, por suas esposas ou por dinheiro. Mas quem chora por Deus? Enquanto uma criança estiver distraída com os brinquedos a mãe cuida somente de cozinhar e outros serviços de casa. Quando uma criança, porém, perde interesse pelos brinquedos, deixa-os de lado e chama pela mãe. Então a mãe tira a panela de arroz do fogo e apressa-se em tomar a criança no colo.

Devoto Brahmo: "Senhor, por que há tantas opiniões diferentes sobre a natureza de Deus? Alguns dizem que Ele tem forma, enquanto que outros dizem que Ele é sem forma. Aqueles que falam de Deus com forma, nos falam de Seus diferentes aspectos. Por que todas essas controvérsias?"

Mestre: "O devoto pensa em Deus como O vê. Na realidade não há confusão a respeito de Deus. Deus explica tudo ao devoto se este realizar de uma maneira ou de outra. Você ainda não deu o primeiro passo nessa direção. Como pretende conhecer tudo a respeito de Deus?

"Ouça uma história. Um dia um homem entrou num bosque e viu um animalzinho numa árvore. Quando voltou contou que havia visto uma criatura de uma linda cor vermelha, numa certa árvore. O segundo homem respondeu: "Quando fui ao bosque, também vi esse bicho. Mas por que você diz que é vermelho? Ele é verde." Um homem que estava presente, contradisse a ambos e insistiu que era amarelo. Por fim, outros chegaram, mas disseram que era cinza, violeta, azul etc. Acabaram por brigar entre si. Para resolver a disputa foram todos para a árvore, onde viram um homem sentado debaixo dela. Ao ser indagado, respondeu: "Sim, vivo debaixo dessa árvore e conheço esse tipo de bicho muito bem. Todas as descrições de vocês estão corretas. Às vezes aparece como sendo vermelho, às vezes amarelo, azul, violeta, cinza etc. É um camaleão e chega a nem ter cor. Às vezes tem, às vezes não."

"Do mesmo modo, aquele que sempre pensa em Deus, pode conhecer Sua natureza real; só Ele sabe que Deus revela-Se aos que O buscam em várias formas e aspectos. Deus tem atributos e também, não os tem. Somente o homem que mora debaixo da árvore sabe que o camaleão pode aparecer sob várias cores e também, sabe que o animal pode às vezes, não ter qualquer cor. São os outros que sofrem a agonia de uma discussão fútil.

"Kabir costumava dizer: 'O Absoluto sem forma é meu Pai e o Deus com forma, é minha Mãe.'

"Deus revela-Se na forma em que o devoto O ama mais. Seu amor pelo devoto não tem limites. Está escrito nos Puranas que Deus tomou a forma de Rama para Seu grande devoto heróico, Hanuman."

"As formas e aspectos de Deus desaparecem quando se discrimina segundo a filosofia Vedanta. A conclusão final de tal discriminação é que só Brahman é real e esse mundo de nomes e formas, ilusório. É possível para um homem, ver as formas de Deus, ou pensar n'Ele como Pessoa, apenas enquanto estiver consciente que é um devoto. Do ponto de vista de discriminação este 'ego do devoto' o mantém a pouca distância de Deus.

"Sabem porque as imagens de Krishna ou Kali têm três e meio cúbitos de altura? Por causa da distância. Por causa do afastamento o sol parece pequeno. Se você se aproximar o achará tão grande que não poderá compreendê-lo. Por que as imagens de Krishna e Kali apresentam uma coloração azul-escuro? Isso também é devido à distância como as águas do lago que parecem ser verdes, azuis ou pretas, de acordo com a distância. Chegue perto, pegue a água com a palma das mãos e não verá cor alguma. O céu também parece ser azul à distância. Chegue perto e verá que não tem cor alguma.

"Por isso digo que à luz do raciocínio vedantista, Brahman não tem atributos. A natureza real de Brahman não pode ser descrita, mas enquanto sua individualidade for real, o mundo também o é e igualmente são reais as diferentes formas de Deus e o sentimento de que Deus é uma Pessoa.

"O seu caminho é o de bhakti. Isso é muito bom; é um caminho fácil. Quem pode compreender totalmente o Deus infinito? E qual a necessidade de se compreender o Infinito? Tendo conseguido esse raro nascimento humano, minha necessidade suprema é desenvolver amor aos Pés de Lótus de Deus.

"Se um copo d'água é necessário para matar a sede, por que eu deveria medir a quantidade de água num lago? Eu me embriago mesmo com meia garrafa de vinho, qual a necessidade que tenho de saber a quantidade de bebida alcoólica que há numa taverna? Qual a necessidade de se conhecer o Infinito?

"Os diversos estados mentais de um Brahmajnani estão descritos nos Vedas. O caminho do Conhecimento é extremamente difícil. Não se pode obter jnana se a pessoa ainda possuir o menor traço de mundanismo. Ou o menor apego a 'mulher e ouro'. Não é o caminho para o Kaliyuga.

"Os Vedas falam de sete planos onde a mente mora. Quando está imersa no mundanismo, fica nos três planos inferiores – no umbigo, no órgão genital e no de excreção. Nesse estado a mente perde todas as visões mais elevadas – concentra-se só em 'mulher e ouro'. O quarto plano é o do coração. Quando a mente está nesse plano, tem o primeiro vislumbre da consciência espiritual. A pessoa vê-se toda cercada de luz. Percebendo a luz divina fica muda e maravilhada e diz: "Ah! O que é isto?" A mente não desce para os objetos do mundo.

"O quinto plano é o da garganta. Quando a mente o atinge, o aspirante liberta-se de toda ignorância e ilusão. Não gosta de falar ou ouvir outra coisa a não ser de Deus. Se as pessoas falam a respeito de coisas mundanas, retira-se imediatamente.

"O sexto plano é o da região entre as sobrancelhas. Quando a mente atinge esse ponto, o aspirante vê a forma de Deus dia e noite, mas mesmo assim, um pequeno traço do ego permanece. A vista da incomparável beleza da forma de Deus o torna inebriado e precipita-se para tocá-Lo e abraçá-Lo. Mas não o consegue. É como a luz dentro da lanterna. Pensa-se que se pode tocar a luz, mas não se pode, por causa do vidro.

"No alto da cabeça localiza-se o sétimo plano. Quando a mente o atinge, uma pessoa entra em samadhi. Então o Brahmajnani percebe Brahman diretamente. O corpo, porém, não fica nesse estado por muitos dias. Fica inconsciente do mundo exterior. Se o leite é despejado na boca, escorre. Estabelecido nesse plano de consciência, deixa o corpo em vinte e um dias. Essa é a condição de Brahmajnani. O seu, porém, é o caminho da devoção. É um caminho muito bom e fácil.

"Uma vez um homem me disse: "Senhor, pode me ensinar rapidamente o que o senhor chama samadhi?"(*Todos riem*).

"Depois que um homem atinge samadhi todas suas ações caem. Todas as atividades devocionais como culto, japa e outras similares, bem como as obrigações mundanas deixam de existir para uma pessoa assim. No começo há muita preocupação com o trabalho. À medida que progride em direção a Deus, a aparência exterior de trabalho torna-se cada vez menor, tanto que chega ao ponto de não poder nem mesmo cantar o nome e as glórias de Deus. (*A Shivanath*): Enquanto você não havia chegado, as pessoas falavam muito a seu respeito e discutiam suas virtudes. Mal chegou, silenciaram. A sua simples presença torna-os felizes. As pessoas simplesmente dizem: 'Ah! Aqui está Shivanath Babu.' Toda conversa a seu respeito cessou.

"Depois de ter atingido samadhi, fui uma vez ao Ganges fazer tarpan. Mas ao apanhar água com a palma da mão, ela escorreu entre os dedos. Chorando, disse a Haladhari: 'Primo, o que é isso?' Haladhari respondeu: 'É chamado galitahasta[5] nos livros sagrados.' Depois da visão de Deus, tais atos como a execução do tarpan caem por si só.

"No kirtan o devoto primeiro canta 'Nitai amar mata hati'.[6] Assim que seu estado devocional se aprofunda, simplesmente canta: 'Hati! Hati!' Depois de tudo o que consegue cantar é 'Hati'. E por fim, canta simplesmente 'Há!' e entra em samadhi. O homem que tenha cantado o tempo todo então, emudece.

"Numa festa oferecida aos brahmins, primeiro ouve-se muito falatório. Quando os convidados se sentam no chão, com os pratos de folha defronte deles, uma parte do barulho cessa. Apenas ouve-se gritar: 'Tragam luchi!' Enquanto comem luchi e outras iguarias, três quartos do barulho persistem. Quando a última comida, a coalhada, é servida, ouve-se somente o som 'soop', 'soop', enquanto os convidados comem-na com a mão. Não há, então, praticamente qualquer barulho. Depois, todos se retiram para dormir e passa a reinar um silêncio absoluto.

"Portanto, digo, no começo da vida religiosa, um homem se preocupa muito com seu trabalho, mas à medida que se aprofunda em Deus, suas atividades diminuem. Por fim, vem a renúncia do trabalho, seguida de samadhi.

"Em geral o corpo não permanece vivo depois de se alcançar o samadhi. As únicas exceções são sábios como Narada, que conservaram os corpos a fim de trazer luz espiritual às pessoas. Também ocorre com as Encarnações Divinas, como Chaitanya. Depois que o poço é cavado, geralmente joga-se fora a enxada e o balde, mas alguns os guardam para ajudar seus vizinhos. As grandes almas, que retém seus corpos depois do samadhi, sentem compaixão pelo sofrimento dos outros. Não são tão egoístas a ponto de se sentirem satisfeitos com sua própria iluminação. Vocês conhecem muito bem a natureza das pessoas egoístas. Se pedirem a elas para cuspirem num determinado lugar, não o farão, a não ser que isso lhes traga benefício. Se lhes pedirem para trazer um doce barato, é possível que dêem uma lambida durante o caminho. (*Todos riem*).

"Mas as manifestações são variadas em diferentes pessoas. As almas comuns têm medo de ensinar aos outros. Um pedaço de madeira ordinária pode flutuar na água, mas afunda mesmo com o peso de um passarinho. Sábios como Narada, são como uma tora pesada que, não apenas flutua na água, mas também carrega homens, vacas e até mesmo, elefantes.

---

[5] Literalmente, "mão inerte e entorpecida".

[6] "Meu Nitai dança como um elefante louco".

(*A Shivanath e outros devotos Brahmos*): "Por que vocês insistem tanto nos poderes e glórias de Deus? Perguntei a mesma coisa a Keshab Sen. Um dia Keshab e sua comitiva vieram ao templo de Dakshineswar. Eu lhes disse que gostaria de ouvir como davam as palestras. Organizaram uma reunião no pátio situado acima do ghat de banho no Ganga, onde Keshab deu uma palestra. Falou bem.. Entrei em transe. Depois da conferência eu disse a Keshab: 'Por que diz várias vezes coisas como "Ó Deus, que lindas flores Tu fizeste! Ó Deus, Tu criaste o céu, as estrelas e o oceano!" etc.!' Aqueles que amam o esplendor gostam de morar no esplendor de Deus.

"Uma vez um ladrão roubou as jóias das imagens do templo de Radhakanta. Mathur Babu entrou no templo e disse à Divindade: 'Que vergonha, Ó Deus! Não pudeste salvar nem Tuas próprias jóias.' 'Que idéia!' eu disse a Mathur, 'Aquele que tem Lakshmi por serva e atendente, alguma vez perdeu Seu esplendor? Essas jóias podem ser preciosas para você, mas para Deus, não valem mais do que torrões de barro. Que vergonha! Não deveria ter falado de uma forma tão mesquinha. Que riqueza você pode dar a Deus para aumentar Sua glória?'

"Por conseguinte, digo que um homem procura a pessoa em quem encontra alegria. Qual a necessidade de perguntar onde ela mora, o número de suas propriedades, jardins, parentes e empregados, ou o montante de sua riqueza? Esqueço-me de tudo, ao ver Narendra. Jamais, nem mesmo inconscientemente, perguntei-lhe onde morava, qual a profissão do pai e o número de irmãos.

"Mergulhe fundo na suavidade da Bem-aventurança de Deus. Que necessidade temos de Sua infinita criação e de Sua glória ilimitada?

"O Mestre cantou:

> Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus
> Se descer até as profundezas,
> Aí encontrará a gema do Amor.
>
> Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração
> Onde com Seus devotos amorosos
> Sri Krishna brinca eternamente.
>
> Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria
> E o deixe queimar com uma chama firme
> Incessantemente, dentro do seu coração.
>
> Quem conduz seu barco através da sólida terra?
> É seu guru, diz Kubir.
> Medite nos seus pés sagrados.

Sri Ramakrishna continuou: "É verdade, também, que depois da visão de Deus, o devoto deseja presenciar Sua lila. Depois da destruição de Ravana, pelas mãos de Rama, Nikasha, mãe de Ravana, começou a fugir, temendo por sua vida. Lakshmana disse a Rama: 'Querido irmão, explique-me essa coisa estranha. Essa Nikasha é uma senhora idosa que já sofreu muito com a perda de seus diversos filhos e no entanto, está tão temerosa de perder a própria vida, que está fugindo!' Rama mandou-a aproximar-se, deu-lhe segurança de vida perguntou-lhe porque estava fugindo. Nikasha respondeu: "'Ó Rama sou capaz de ver toda Tua lila porque ainda estou viva. Quero viver por mais tempo para ver as outras coisas que Tu ainda farás nesta terra!" (*Todos riem*).

(*A Shivanath*): "Gosto de ver você. Como poderia viver se não visse devotos de alma pura? Sinto como se eles tivessem sido meus amigos numa encarnação anterior."

Devoto Brahmo: "Senhor, acredita na reencarnação da alma?"

Mestre: "Sim, dizem que há algo assim. Como poderemos compreender os caminhos de Deus, por meio de nossos pequenos intelectos? Muitas pessoas falaram a respeito de reencarnação; por conseguinte, não posso deixar de acreditar nela. Quando Bhishma jazia moribundo em seu leito de flechas, os irmãos Pandava e Krishna estavam de pé a seu lado. Viram lágrimas rolando dos olhos do grande herói. Arjuna disse a Krishna: 'Amigo, como isso é surpreendente! Mesmo um homem como o nosso Bhishma – veraz, com absoluto autocontrole, profundamente sábio e um dos oito Vasus – chora, por causa de maya, na hora da morte.' Sri Krishna perguntou a Bhishma sobre isso. Este respondeu: 'Ó Krishna, Tu sabes muito bem que essa não é a causa da minha tristeza. Estou pensando que não há fim para o sofrimento dos Pandavas, mesmo que o Próprio Deus seja seu condutor.[7] Um pensamento

[7] Krishna, Encarnação de Deus, era condutor do carro de Arjuna.

como esse faz-me sentir que não compreendi nada sobre os meios utilizados por Deus e por isso, choro."

Eram mais ou menos oito e meia quando começou o culto da tarde no salão. Logo a lua apareceu no céu de outono, iluminando as árvores e trepadeiras do jardim com sua luz. Depois da oração, os devotos começaram a cantar. Sri Ramakrishna dançava, intoxicado pelo amor de Deus. Os devotos Brahmos dançavam a seu redor, acompanhados pelos tambores e pratos. Todos pareciam estar muito alegres. O lugar ecoava e tornava a ecoar o santo nome de Deus.

Quando a música parou, Sri Ramakrishna prosternou-se no chão e saudando a Mãe Divina várias vezes, disse: "Bhagavata – Bhakta – Bhagavan! Minhas saudações aos pés dos jnanis! Minhas saudações aos pés dos bhaktas! Saúdo os bhaktas que crêem em Deus com forma e os bhaktas que crêem em Deus sem forma. Saúdo os conhecedores de Brahman de outrora e minhas saudações aos pés dos modernos conhecedores de Brahman do Brahmo Samaj!"

O Mestre e os devotos comeram as deliciosas iguarias que Benimadhav, o anfitrião, havia providenciado.

Quinta-feira, 15 de novembro de 1882

Sri Ramakrishna, acompanhado de Rakhal e outros devotos, vieram a Calcutá de carruagem e foram buscar M. na escola onde ensinava. Logo dirigiram-se para o Maidan. Sri Ramakrishna queria conhecer o Circo Wilson. Enquanto a carruagem corria pela estrada Chitpore, apinhada de pessoas, sua alegria era enorme. Como uma criancinha, pôs a cabeça para fora, primeiro de um lado da carruagem e em seguida, do outro, falando sozinho como se estivesse dirigindo-se aos transeuntes. Disse a M.: "Acho que a atenção das pessoas está fixada nas coisas terrenas. Estão sempre correndo para o bem do estômago. Ninguém está pensando em Deus."

Chegaram ao circo. Compraram ingressos para os lugares mais baratos. Os devotos levaram o Mestre para a galeria alta e sentaram-se num banco. Dizia alegremente: "Há! É um lugar bom. Posso ver o espetáculo muito bem daqui." Havia diversos quadros. Um cavalo corria em torno de uma pista circular onde foram colocados anéis de ferro, separados por intervalos. A amazona, uma inglesa, ficava em pé no lombo do cavalo e assim que este passava por baixo do anel, saltava através dele, sempre apoiando-se num pé só em cima do cavalo. O cavalo percorreu o círculo inteiro e a moça nunca perdeu o cavalo, nem o equilíbrio.

Quando o espetáculo terminou, o Mestre e os devotos foram para fora, perto da carruagem. Como fazia uma noite fria, cobriu-se com o xale verde.

Sri Ramakrishna disse a M.: "Você viu como a inglesa conseguiu ficar num pé só, enquanto o cavalo corria como um raio? Como essa proeza deve ser difícil de ser realizada! Deve ter praticado por muito tempo. Ao menor descuido, ela teria quebrado os braços ou as pernas e poderia até ter morrido. Uma pessoa enfrenta a mesma dificuldade levando a vida de um chefe de família. Poucos têm sucesso e isto é devido à graça de Deus e à prática espiritual. A maioria, contudo, fracassa. Entrando no mundo, tornam-se cada vez mais envolvidos nele; afundam-se no mundanismo e sofrem as agonias da morte. Somente poucos, como Janaka, tiveram sucesso pelo poder de suas austeridades, na vida espiritual como chefes de família. Por conseguinte, a prática espiritual é extremamente necessária, pois do contrário, não se pode viver de forma correta no mundo."

O Mestre entrou na carruagem com os devotos e foram para a casa de Balaram Bose. Foi levado com seus acompanhantes até o segundo andar. Era noite e os lampiões estavam acesos. O Mestre descreveu o que havia visto no circo. Gradualmente foram chegando outros devotos e logo ele começou a falar de assuntos espirituais.

A conversa girou em torno do sistema de castas. Sri Ramakrishna disse: "O sistema de castas só pode ser removido por um meio e este é o amor de Deus. Os amantes de Deus não pertencem a qualquer casta. A mente, o corpo e a alma de um homem tornam-se purificados pelo amor divino. Chaitanya e Nityananda disseminaram o nome de Hari para todos, inclusive párias e abraçaram-nos todos. Um brahmin sem esse amor não é mais um brahmin. Um pária com amor de Deus já não é mais um pária. Pela bhakti um intocável torna-se puro e elevado.

Referindo-se aos chefes de família mergulhados no mundanismo, o Mestre disse: "São como o bicho-da-seda. Podem sair do casulo de sua vida mundana, se quiserem, mas não suportam fazê-lo porque eles mesmos construíram um tal casulo com muito amor e cuidado. Então morrem aí. Ou são como peixes numa armadilha. Podem sair pelo mesmo lugar em que entraram, mas preferem divertir-

se uns com os outros e ouvir o suave murmúrio das águas e esquecem-se de tudo o mais. Não fazem qualquer esforço para se libertarem da armadilha. As vozes das crianças são o murmúrio das águas e os outros peixes são os parentes e amigos. Apenas um ou dois conseguem fugir. São as almas liberadas.

O Mestre então, cantou:

Quando esta ilusão envolve o mundo, através da magia de Mahamaya,
Que Brahman está despojado de sentido.
E Vishnu perde consciência,
Qual a esperança que resta para os homens?

Primeiro é construído um pequeno canal e ali é colocada a armadilha:
Mas a passagem permanece aberta:
O peixe, uma vez tendo atravessado a salvo pela porta
Não sai outra vez.

O bicho-da-seda prepara pacientemente o casulo de fios tão juntos;
Mesmo que haja uma abertura para sair,
Preso dentro do seu casulo,
O bicho-da-seda fica para morrer.

O Mestre continuou: "O homem pode ser comparado a um grão que caiu entre as pedras de um moinho e está a ponto de ser triturado. Somente os poucos grãos que permanecem próximos à cavilha, escapam. Portanto, os homens devem refugiar-se na cavilha, quer dizer, em Deus. Chamá-Lo, cantar Seu nome. Então estarão livres senão, serão esmagados pelo Rei da Morte."

O Mestre cantou de novo:

Mãe! Mãe! Meu barco está afundando, aqui no oceano deste mundo:
Ferozmente o furacão da ilusão devasta todos os lados!
Desajeitado é meu timoneiro, a mente, teimosos, meus seis remadores, as peixões.
Num vento sem piedade,
Fiz zarpar meu barco que agora, está afundando!

Partido está o leme da devoção; andrajosa, a vela da fé:
No meu barco as águas estão entrando. O que tenho que fazer?
Porque com meus olhos fracos, Ó! Nada a não ser escuridão, vejo
Aqui nas ondas nadarei
Ó Mãe! E me agarrarei à jangada do Teu nome!

O Sr. Viswas esteve sentado no quarto, durante muito tempo, mas agora saíra. Já tivera muito dinheiro, mas havia gasto tudo, levando uma vida imoral. Por fim tornara-se indiferente à esposa e filhos. Referindo-se ao Sr. Viswas, Sri Ramakrishna disse: 'É um pobre coitado. Um chefe de família tem suas obrigações, dívidas a pagar: dívidas com os deuses, com os ancestrais, com os rishis e com a esposa e filhos. Se uma esposa é casta então, o marido tem que sustentá-la; tem também que educar os filhos até que cresçam. Só um monge não pode guardar; as aves e os monges não armazenam para o futuro, mas a ave, se tiver filhotes, cuida de seu sustento. Traz comida no bico para eles.

Balaram: "Sr. Viswas agora quer cultivar a companhia de pessoas santas."

Mestre (*com um sorriso*): "O kamandalu de um monge vai com ele para os quatro principais lugares santos [8] de peregrinação, mas permanece com gosto amargo. Assim também diz-se que a brisa da Malaia transforma todas as árvores em sândalo, mas há algumas exceções, como o algodoeiro, a ashwattha e a ameixeira de porco.

"Alguns freqüentam a companhia dos santos para fumar cânhamo. Muitos monges fumam e alguns chefes de família permanecem com eles, preparam o cânhamo e compartilham o prasad.

Quinta-feira, 16 de novembro de 1882

O Mestre havia vindo para Calcut;a. À noite foi para a casa de Rajmohan, membro do Brahmo Samaj, onde Narendra e alguns jovens amigos costumavam se reunir e fazer adoração, de acordo com

[8] Os quatro pontos cardinais as Índia, isto é, Kedarnath no Himalaia, Dwaraka no oeste, Rameswar no sul e Puri no leste.

as cerimônias Brahmo. Sri Ramakrishna queria ver seu culto. Estava acompanhado de M. e alguns devotos.

O Mestre ficou muito feliz ao ver Narendra e expressou desejo de observar os jovens na adoração. Narendra cantou e logo começou o culto. Um dos jovens o conduziu. Orou: "Ó Senhor, que possamos abandonar tudo e sermos absorvidos em Ti!" Possivelmente o jovem havia ficado inspirado pela presença do Mestre e por isso, havia falado de renúncia total. Sri Ramakrishna observou com um sussurro: "Há muita probabilidade que isso aconteça!"

Rajmohan serviu o Mestre com uma refeição ligeira.

Domingo, 19 de novembro de 1882

Era a época auspiciosa do Jagaddhatri Puja, o festival da Mãe Divina. Sri Ramakrishna foi convidado para a casa de Surendra em Calcutá, mas antes, foi à casa de Manomohan na vizinhança.

O Mestre estava sentado na sala de visitas de Manomohan. Disse: "Deus aprecia muito a bhakti dos pobres e dos humildes, assim como a vaca gosta de forragem misturada com bolo de óleo de linhaça. O rei Duryodhana mostrou a Krishna o esplendor de sua opulência e riquezas, mas Ele só aceitou a hospitalidade do pobre Vidura. Deus é amante de Seus devotos. Corre atrás do devoto, como a vaca atrás do bezerro."

O Mestre cantou:

> E, por causa daquele amor, os poderosos yogis praticam
> Yoga de uma época para outra;
> Quando o amor desperta, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Ele.

Disse: "Chaitanya costumava derramar lágrimas de alegria à simples menção do nome de Krishna. Só Deus é Substância real; tudo o mais é ilusório. O homem pode realizar Deus, se quiser, mas deseja buscar loucamente o prazer de 'mulher e ouro'. Uma cobra tem uma pedra preciosa[9] na cabeça, mas se contenta em comer uma simples rã.

"Bhakti é a única coisa essencial. Quem pode alguma vez conhecê-Lo pelo raciocínio? Quero amor de Deus. Que me importa conhecer Suas glórias infinitas? Uma garrafa de vinho me embriaga. Que me importa saber quantos galões há na taverna? Um jarro de água é suficiente para matar a sede. Não preciso conhecer a quantidade d'água que há na terra.

Sri Ramakrishna chegou à casa de Surendra. Muitos devotos estavam já reunidos ali, inclusive o irmão mais velho de Surendra, que era juiz.

Mestre (*ao irmão de Surendra*): "O senhor é um juiz. Isto é muito bom, mas lembre-se: tudo o que acontece é pelo poder de Deus. É Ele quem lhe deu sua posição elevada. Por isso o senhor tornou-se um juiz. As pessoas pensam que são grandes. A água desce do telhado através de uma calha, cuja extremidade tem a forma de uma cabeça de leão. É como se o leão trouxesse a água pela boca. Mas olhe a fonte d'água! Uma nuvem junta-se no céu e a chuva cai sobre o telhado; então a água vem através do cano e por fim, sai pela gárgula."

Irmão de Surendra: "O Brahmo Samaj prega a liberdade das mulheres e a abolição do sistema de castas. O que o senhor pensa a respeito desses assuntos?"

Mestre: "Os homens sentem-se assim quando estão começando a desenvolver anseio espiritual. Uma tempestade levanta nuvens de pó e não se pode distinguir as diferentes árvores - mangueira, ameixeira de porco e tamarindeiro. Mas depois que a tormenta cessa, pode-se ver claramente. Logo se compreende que somente Deus é o Maior Bem, a Substância Eterna e que tudo o mais é transitório. Não se pode compreender isso sem tapasya e companhia dos santos. Qual é a vantagem de simplesmente recitar as partes teóricas para tocar um tambor? É muito difícil colocá-las em prática nesse instrumento. O que se pode conseguir por mero discurso? É necessário fazer-se austeridade. Somente com ela pode-se compreender.

"O senhor perguntou sobre a diferença de castas. Só há uma maneira de removê-las e é através do amor a Deus. Os amantes de Deus não têm casta. Por meio desse amor divino, o intocável se torna puro, o pária deixa de ser pária. Chaitanya abraçava todos, inclusive os párias.

[9] Crença popular em Bengala.

"Os membros do Brahmo Samaj cantam o nome de Hari. Isto é muito bom. Pela oração sincera, recebe-se a graça de Deus e realiza-O. Deus pode ser realizado por todos os caminhos. O mesmo Deus é invocado por diferentes nomes."

O irmão de Surendra: "Senhor, o que pensa da Teosofia?"

Mestre: "Ouvi dizer que se pode adquirir poderes sobrenaturais através dela e realizar milagres. Vi um homem que mantinha um espírito sob controle. O espírito costumava trazer várias coisas para seu senhor. O que farei com poderes sobrenaturais? Pode alguém realizar Deus por meio deles? Se Deus não é realizado, então, tudo é inútil."

Novembro de 1882

Eram mais ou menos quatro horas da tarde, quando Sri Ramakrishna chegou a Calcutá, para o festival anual do Brahmo Samaj, que deveria ser celebrado na casa de Manilal Mallick. Além de M. e outros devotos do Mestre, Vijay Goswami e muitos Brahmos estavam presentes. Tomaram medidas para tornar o evento um sucesso. Vijay ia dirigir o culto.

O kathak recitou a vida de Prahlada dos Puranas: Hiranyakashipu, pai de Prahlada era rei dos demônios. Alimentava muita maldade contra Deus e infringiu a seu único filho, torturas sem fim porque levava uma vida religiosa. Aflito por causa de seu pai, Prahlada orou a Deus: "Ó Deus, dê a meu pai, inclinações santas."

A essas palavras, o Mestre chorou. Entrou em estado extático. Em seguida, começou a conversar com os devotos.

Mestre: "Bhakti é a única coisa essencial. Obtém-se o amor de Deus, cantando constantemente Seu nome e Suas glórias. Ah! Que devoto Shivanath é! Está embebido no amor de Deus, como um bolo de queijo na calda.

"Não se deve pensar, 'Só minha religião é o caminho certo e as outras, falsas.' Deus pode ser realizado por todos os caminhos. Só é necessário ter-se uma ânsia sincera por Ele. Os caminhos são infinitos e infinitas são as opiniões.

"Deixe-me dizer uma coisa. Deus pode ser visto. Os Vedas dizem que Deus está além da mente e da fala. Isto significa que Deus é desconhecido para a mente apegada aos objetos do mundo. Vaishnavcharan[10] costumava dizer: 'Deus é conhecido pela mente e intelectos puros'. Por conseguinte é necessário buscar-se a companhia de homens santos, orar e escutar as instruções do guru. Essas práticas purificam a mente. Vê-se então, Deus. A sujeira pode ser removida por um agente purificador. Vê-se então seu reflexo nela. Não se pode ver um rosto num espelho coberto de sujeira.

"Depois da purificação do coração, obtém-se amor divino. Logo vê-se Deus por Sua graça. Uma pessoa pode ensinar outras, se receber mandato de Deus, depois de tê-Lo visto. Ante disso não se deve 'dar conferências'. Há uma canção que diz:

> Você não instalou qualquer imagem aqui.
> Dentro do santuário, Ó tolo!
> Soprando a concha, simplesmente provoca
> Confusão ainda maior.

"Devem primeiro limpar o santuário do coração. Depois deverão instalar a Divindade e preparar a adoração. Contudo nada foi feito. O que vocês alcançam em simplesmente soprar a concha[11] e fazer grande barulho?"

Vijay sentou-se num banco colocado num plano elevado e dirigiu o culto de acordo com as regras do Brahmo Samaj. Depois sentou-se ao lado do Mestre.

Mestre (*a Vijay*): "Pode dizer-me uma coisa? Por que você falou tanto sobre pecado? De repetir tantas vezes 'Eu sou pecador', torna-se, de fato, pecador. Deve-se ter tanta fé que se possa dizer: 'O que? Tomei o nome de Deus, como posso ser pecador?' Deus é nosso Pai e Mãe. Diga-Lhe: 'Ó Senhor, cometi pecados, mas não os repetirei.' Cante Seu nome e purifique o corpo e mente. Purifique a língua cantando o santo nome de Deus."

Dezembro de 1882

[10] Um notável devoto da seita vaishnava e admirador de Sri Ramakrishna.

[11] A concha é soprada durante o serviço do templo.

À tarde Sri Ramakrishna sentou-se no pórtico oeste de se quarto no templo de Dakshineswar. Entre outros estavam presentes Baburam, Ramdayal e M. Esses três iam passar a noite com o Mestre. M. tinha intenção de ficar e também, no dia seguinte porque era o feriado de Natal. Naburam havia começado a visitar o Mestre recentemente.

Mestre (*aos devotos*): "Um homem torna-se liberado mesmo nessa vida, quando sabe que Deus é O que faz tudo. Uma vez Keshab veio aqui, com Sambhu Mallick. Disse-lhe: 'Nem uma folha se move que não seja pela vontade de Deus'. Onde está o livre arbítrio de um homem? Todos estão sob a vontade de Deus. Nangta era um homem de grande conhecimento, mas até ele esteve a ponto de querer matar-se, afogando-se no Ganges. Ficou aqui onze meses. Uma vez teve problemas de estômago. A dor cruciante o fez perder o controle de si mesmo e quis afogar-se no Ganges. Havia um baixio longo, próximo ao ghat de banho. Por mais longe que entrasse no rio, não podia encontrar água acima de seus joelhos. Então compreendeu tudo[12] e voltou. Certa vez eu estava muito doente, a ponto de querer cortar a garganta com a faca. Portanto disse: "Ó Mãe, sou a máquina e Tu és o Operador; sou o carro, Tu és o Condutor. Eu me movo como Tu me moves; faço o que Tu me fazes fazer."

Os devotos cantaram o kirtan no aposento do Mestre:

Mora, Ó Senhor, Ó Amante de bhakti,
Em Vrindavan do meu coração.
E minha devoção por Ti
Será Tua muito amada Radha,
Meu corpo será a casa de Nanda.
Minha ternura será Yashoda.
Minha ânsia de libertação.
Será Tuas gentis donzelas.

Levanta o Govardhan de meu pecado
E mata minhas seis paixões desenfreadas.
Ferozes como os demônios enviados por Kamsa!
Docemente toca a flauta[13] de Tua graça.
Encantando a vaca leiteira de minha mente;
Mora nas pastagens de minha alma.

Habita próximo a Jamuna de meu anelo,
Sob o baniano de minha esperança,
Para sempre graciosa com Teu servo,
E, se nada a não ser o amor dos pastores
Puder manter-Te no vale de Vrindavan.
Então, Senhor, deixa Dasharathi, também.
Tornar Teu pastor e Teu escravo.

De novo cantaram:

Canta, Ó pássaro que se aninha profundamente dentro do meu coração!
Canta, Ó pássaro que pousa na árvore Kalpa de Brahman.
Canta a duradoura oração a Deus.
Prova, Ó pássaro dos quatro frutos da Árvore Kalpa,
Dharma, artha, kama, moksha
Canta, Ó pássaro, "Só Ele é o Consolo de minha alma!"
Canta, Ó pássaro, "Só Ele é a Alegria constante de minha vida!"
Ó Tu, maravilhoso pássaro de minha vida,
Canta, em voz bem alta no meu coração! Canta incessantemente, Ó pássaro!
Canta, eternamente, como o chatak sedento
Canta para a gota de chuva da nuvem.

Um devoto de Nandanbagan entrou no quarto com os amigos. O Mestre olhou para ele e disse: "Tudo dentro dele pode ser visto através de seus olhos, da mesma maneira que uma pessoa vê os objetos de um aposento, através da porta de vidro. "Esse devoto e seus irmãos sempre celebraram o aniversário do Brahmo Samaj em sua casa, em Nandangaban. Sri Ramakrishna havia tomado parte nesses festivais.

[12] Compreendeu que um homem não é livre nem para se matar, tudo depende da vontade da Mãe Divina. Ver introdução.
[13] Uma referência à vida de pastor de Sri Krishna.

O culto da tarde começou nos templos. O Mestre estava sentado no divã pequeno no seu aposento, absorvido em meditação. Entrou em estado extático e logo depois disse: "Mãe, por favor, traga-o para Ti. É tão modesto e humilde! Tem estado visitando-Te." Estava o Mestre referindo-se a Baburam, que mais tarde veio a se tornar um de seus discípulos principais?

O Mestre explicou os diferentes tipos de samadhi aos devotos. A conversa desviou-se para a alegria e sofrimento da vida. Por que Deus criou tanto sofrimento?

M.: "Uma vez Vidyasagar disse com um tom de ressentimento: 'Qual a vantagem de se chamar por Deus? Pense somente nesse incidente. "Uma vez Chenghiz Khan invadiu um país e aprisionou muitas pessoas. O número de prisioneiros chegou a cem mil. O comandante do exército disse-lhe: 'Majestade, quem os vai alimentar? É um risco mantê-los conosco. É igualmente perigoso soltá-los. O que farei?' Chenghiz Khan disse: "É verdade. O que se pode fazer? Bem, mate-os." A ordem foi dada para que eles fossem cortados em pedaços. Bem, Deus viu essa carnificina, não foi? Ele não a deteve de maneira alguma, portanto, não necessito de Deus, quer Ele exista ou não. Não recebo qualquer benefício d'Ele."

Mestre: "É possível entender a ação de Deus e Suas razões? Ele cria, Ele preserva e Ele destrói. Pode-se alguma vez compreender porque Ele destrói? Digo à Mãe Divina: 'Ó Mãe, não preciso compreender Deus. Por favor, dá-me amor por Teus Pés de Lótus.' A meta da vida humana é atingir bhakti. Quanto às outras coisas, a Mãe é quem sabe o que é melhor. Vim ao pomar comer mangas. Que necessidade tenho de contar o número de árvores, galhos e folhas? Como somente as mangas, não necessito conhecer o número de árvores e folhas."

Baburam, M. e Ramadayal dormiram naquela noite no chão do quarto do Mestre.

Era muito cedo, mais ou menos duas ou três horas da manhã. O aposento estava escuro. Sri Ramakrishna, sentado na cama, de vez em quando conversava com os devotos.

Mestre: "Lembre-se que daya, compaixão e maya, apego são duas coisas diferentes. Apego significa o sentimento de 'meu' em relação aos familiares. É o amor que se sente pelos pais, irmãos, irmãs, esposa e filhos. Compaixão é o amor que se sente por todos os seres do mundo. É uma atitude de igualdade. Se vocês virem em algum lugar um exemplo de compaixão, como em Vidyasagar, creiam que é devido à graça de Deus. Através da compaixão uma pessoa serve todos os seres. Maya também vem de Deus. Por meio de maya, Deus faz uma pessoa servir os parentes. Uma coisa, contudo, deve ser lembrada: maya nos mantém e enreda-nos no mundo, enquanto que daya torna nossos corações puros e gradualmente rompe nossas cadeias.

"Deus não pode ser realizado sem pureza de coração. Uma pessoa recebe a graça de Deus subjugando as paixões – luxúria, raiva e ganância. Tem-se então, a visão de Deus. Tentei muitas coisas para vencer a luxúria.

"Quando tinha dez ou doze anos e morava em Kamarpukur, experimentei pela primeira vez, o Ssmadhi. Estava passando por um arrozal, quando vi algo e fiquei deslumbrado. Há certas características da visão de Deus. Vê-se luz, sente-se alegria e experimenta-se o surgimento de uma corrente no peito, como a subida de um foguete."

No dia seguinte Baburam e Ramadayal voltaram para Calcutá, mas M. passou o dia e a noite com o Mestre.

Dezembro de 1882

Era o entardecer. O Mestre estava sentado no quarto em Dakshineswar com M. e um ou dois devotos. Vários devotos Marwaris chegaram e saudaram o Mestre. Pediram a Sri Ramakrishna para lhes dar instrução espiritual. Ele sorriu.

Mestre (*aos devotos Marwaris*): "Vejam, o sentimento de 'eu' e 'meu' é o resultado de ignorância, mas dizer: 'Ó Deus, Tu és Aquele que faz; tudo isso Te pertence é sinal de Conhecimento. Como podem chamar uma coisa 'minha'? O administrador de uma chácara diz, 'Este é meu jardim', mas se for demitido por causa de uma falta qualquer, não tem coragem nem de levar algo sem valor como uma cesta feita de madeira de mangueira. Raiva e luxúria não podem ser destruídas. Dirija-as para Deus. Se sentem desejo e tentação, que desejem então, realizar Deus. Sintam-se tentados por Ele. Discriminem e retirem as paixões dos objetos mundanos. Quando o elefante está prestes a devorar uma árvore do quintal do vizinho, o mahut o golpeia com o chuço com ponta de ferro."

"Vocês são negociantes. Sabem como melhorar seu negócio aos poucos. Alguns começam com uma fábrica de óleo de ricino. Depois de ganharem algum dinheiro, abrem uma loja de roupas. Assim,

dessa mesma maneira, uma pessoa faz progresso em direção a Deus. Pode ser que possam se retirar para a solidão de vez em quando e dedicar mais tempo à oração.

"É necessário, contudo, lembrar-se de que nada pode ser conseguido antes do tempo certo. Algumas pessoas têm que passar por diversas experiências e executar muitas obrigações no mundo antes de terem sua atenção voltada para Deus; têm assim, que esperar um longo tempo. Se um abcesso é lancetado antes do amadurecimento, o resultado não é bom. O cirurgião faz uma abertura quando estiver maduro e então, surge o carnegão. Uma vez uma criança disse à mãe: 'Mamãe, vou dormir agora. Por favor, acorde-me quando eu sentir o chamado da natureza.' 'Meu filho', disse-lhe a mãe, 'quando chegar a hora, você acordará por si mesmo. Não terei de despertá-lo'."

Os devotos Marwaris geralmente levavam oferendas de frutas, caramelos e outros doces para o Mestre, mas Sri Ramakrishna não podia comê-los. Disse: "Eles ganham dinheiro de forma desonesta. Não posso comer suas oferendas." Disse aos Marwaris: "Vejam, nem sempre uma pessoa é honesta nos negócios. Há altos e baixos. Nanak uma vez disse: 'Estava a ponto de comer alimento de pessoas 'não santas', quando descobri que ele estava manchado de sangue.' Só se deveria oferecer coisas puras aos homens santos, não deveria dar-lhes comida adquirida por meios desonestos. Deus é realizado pelo caminho da verdade. Deve-se sempre cantar Seu nome, mesmo quando estiver fazendo os deveres, a mente deve estar ligada a Deus. Suponhamos que eu tenha um furúnculo nas costas. Faço minhas obrigações, mas o pensamento está na ferida. É bom repetir o nome de Rama.' O mesmo Rama que foi filho do rei Dasharatha criou este mundo. Assim, como Espírito, Ele penetra em todos os seres. Está muito perto de nós. Está tanto no interior como no exterior'."

oooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 7

O MESTRE E VIJAY GOSWAMI

Quinta-feita, 14 de dezembro de 1882

ERA DEPOIS DO MEIO DIA, Sri Ramakrishna sentou-se na cama após um curto descanso do meio-dia. Vijay, Balaram, M., e alguns devotos estavam sentados no chão com os rostos voltados para o Mestre. Através da porta podiam ver o sagrado rio Ganges. Como era inverno, todos estavam bem agasalhados. Vijay estava com cólica e havia trazido alguns remédios.

Vijay era um sacerdote pago do Sadharan Brahmo Samaj, mas havia muitas coisas sobre as quais não podia concordar com as autoridades do Samaj. Vinha de uma família muito nobre de Bengala, notória pela piedade e outras qualidades espirituais. Advaita Goswami, um de seus remotos ancestrais, havia sido companheiro de Sri Chaitanya. Assim o sangue de um grande amante de Deus corria em suas veias. Como participante do Brahmo Samaj, Vijay sem dúvida, meditava em Brahman sem forma; mas o amor inato a Deus, herdado de seus ilustres ancestrais, estava simplesmente esperando o momento adequado para se manifestar em toda sua doçura. Daí Vijay ter sido irresistivelmente atraído pelo estado de intoxicação divina de Sri Ramakrishna e freqüentemente buscava sua companhia. Ouvia com muito respeito, as palavras do Mestre e, juntos, dançavam em êxtase do amor divino.

Era dia de semana. Geralmente os devotos vinham em grande número visitar o Mestre, aos domingos; por isso, aqueles que queriam conversar intimamente com ele, visitavam-no durante a semana A conversa girou em torno de um jovem chamado Vishnu, que vivia em Ariadaha, que recentemente suicidara-se, cortando a garganta com uma navalha.

Mestre: "Sinto-me mal ao ouvir falar da morte de um jovem. Era estudante e costumava vir aqui. Disse-me inúmeras vezes que não podia desfrutar a vida do mundo. Havia vivido com alguns parentes nas províncias ocidentais e naquela época tinha o hábito de meditar em solidão, nos campos, colinas e florestas. Contou-nos que tinha visões de muitas formas divinas.

"Talvez esta tenha sido sua última encarnação. Deve ter cumprido quase todos seus deveres no nascimento anterior. O pouco que lhe faltara, talvez tivesse terminado nessa.

"Deve-se admitir que há tendências herdadas de encarnações anteriores. Há a história de um homem que estava praticando a Shava sadhana[1]. Adorava a Mãe Divina numa floresta densa. Primeiro teve muitas visões terríveis. Finalmente um tigre atacou e matou-o. Outro homem que passava no local, sentindo a aproximação de um tigre, havia subido numa árvore. Depois desceu e encontrou prontos os preparativos para a adoração. Fez alguns ritos purificadores e sentou-se em cima do cadáver. Mal havia começado o japa, quando a Mãe Divina apareceu e disse-lhe: 'Meu filho, estou muito contente com você. Aceite uma graça Minha.' Ele curvou-se ante os Pés de Lótus da Deusa e disse: 'Posso fazer-Te uma pergunta, Mãe? Estou perplexo com Tua ação. O outro homem teve tanto trabalho para arranjar todas as coisas para Teu culto e há tanto tempo vem tentando propiciar-Te, mas Tu não lhe concedeste Tua graça. E eu, que não entendo nada de culto, que não fiz nada, que não tenho devoção, nem conhecimento, nem amor, que não pratiquei quaisquer austeridades, estou recebendo Tua graça.' A Mãe Divina disse-lhe rindo: 'Meu filho, você não se lembra de suas encarnações anteriores. Durante muitas encarnações você tentou propiciar-Me por meio de austeridades. Como resultado dessas austeridades, todas essas coisas vieram-lhe à mão e você foi abençoado com Minha visão. Agora, peça-Me uma graça.'"

Um devoto: "Fico assustado só em ouvir falar em suicídio."

Mestre: "O suicídio é sem dúvida, um pecado hediondo. Um homem que se mata, tem que voltar várias e várias vezes a esse mundo, para sofrer.

"Mas não considero suicídio o fato de uma pessoa deixar o corpo depois de ter tido a visão de Deus. Não há nenhum mal em deixar o corpo dessa maneira. Depois de atingir Conhecimento, certas pessoas abandonam o corpo. Depois que a imagem de ouro for moldada na argila, pode-se guardar ou quebrá-la.

---

[1] Prática religiosa, descrita nos Tantras, em que o aspirante utiliza um shava ou cadáver, como assento para meditar.

"Há muitos anos, um jovem de mais ou menos vinte anos, costumava vir ao templo, procedente de Baranagore. Seu nome era Gopal Sen. Em minha presença experimentava um êxtase tão intenso, que Hriday tinha que segurá-lo por medo de que ele caísse e quebrasse as pernas. Um dia esse jovem tocou meus pés e disse: 'Senhor, não poderei vê-lo nunca mais. Quero despedir-me do senhor." Alguns dias depois, soube que havia deixado o corpo.

"Diz-se que há quatro tipos de pessoas: os ligados, os que aspiram à liberação, os liberados e os sempre perfeitos.

"Esse mundo é como uma rede de pescar. Os homens são os peixes e Deus, cuja maya criou esse mundo, é o pescador. Quando os peixes são apanhados pela rede, alguns tentam arrebentar as malhas para sair. São como os homens que lutam pela sua liberação, mas não conseguem de jeito algum, escapar. Apenas uns poucos conseguem pular da rede, fazendo um grande barulho e então, as pessoas dizem: 'Ah! Lá vai um grande!' Desta maneira, três ou quatro atingem a liberação. Alguns peixes são tão cuidadosos por natureza que jamais são apanhados pela rede: alguns seres pertencentes à classe dos sempre perfeitos, como Narada; jamais são apanhados pelas malhas do mundanismo. A maioria dos peixes é fisgada, mas não são conscientes da rede e de sua morte iminente. Ao serem apanhados, começam a correr por toda a rede, tentando esconder-se na lama. Não fazem o menor esforço para se libertar, ao contrário, afundam-se cada vez mais na lama. Esses peixes são como homens apegados. Ficam tranqüilos, dentro da rede porque pensam que estão seguros aí. Uma pessoa ligada está imersa no mundanismo, em 'mulher e ouro', tendo mergulhado fundo no lodo da degradação, mas mesmo assim, acredita que está muito feliz e segura. Os liberados e os que buscam a liberação, consideram o mundo um poço fundo. Não gozam os prazeres dele, portanto, depois de alcançarem o Conhecimento, a realização de Deus, alguns deixam o corpo, mas certamente isso é raro.

"As pessoas ligadas, enredadas pelo mundanismo, não se apercebem de sua situação. Sofrem tanta miséria e agonia, enfrentam tantos perigos, mas não acordam.

"O camelo gosta de comer arbustos com espinhos. Quanto mais comem espinhos, mais sangue sai de sua boca. Sem dúvida ele tem que comer plantas com espinhos e jamais desistem delas. O homem do mundo sofre tanta tribulação e aflição, mas esquece de tudo em poucos dias e recomeça sua antiga vida. Suponhamos um homem que perdeu a esposa ou que ela lhe foi infiel. Ah! Ele casa-se de novo.

"Ou então, veja o exemplo de uma mãe: o filho morre e ela sofre uma dor amarga, mas passados alguns dias, esquece-se de tudo. A mãe tão abalada pelo sofrimento há dias atrás, agora cuida da aparência e coloca jóias. Um pai tem um grande baque financeiro com o casamento das filhas, mas, contudo, continua tendo filhos ano após ano. Algumas pessoas arruinam-se com questões judiciais, mas continuam voltando aos tribunais da mesma maneira. Há homens que não podem alimentar os filhos que têm, vesti-los, nem dar-lhes uma casa decente para morar, no entanto, continuam pondo mais filhos anualmente, no mundo.

"Também, as pessoas mundanas são como uma cobra tentando engolir uma toupeira. Ela não pode engoli-la, nem soltá-la. Uma alma ligada pode até ter realizado que o mundo carece de substância – que o mundo é como uma ameixa-de-porco, apenas caroço e casca. – no entanto, não pode abandoná-lo e dirigir a mente para Deus.

"Uma vez encontrei um parente de Keshab Sen, de cinqüenta anos de idade. Estava jogando baralho. Como se ainda não tivesse chegado o tempo dele começar a pensar em Deus!

"Há uma outra característica da alma ligada: se a tirar de seu ambiente mundano para um espiritual. Não agüenta. O verme que vive na sujeira sente-se muito feliz aí e desenvolve-se muito bem. Morreria se fosse colocado numa vasilha de arroz."

Todos permaneceram em silêncio.

Vijay: "Como deve ser o estado mental de uma alma ligada para conseguir liberação?"

Mestre: "Ele pode se desapegar de 'mulher e ouro' se, pela graça de Deus, cultivar um espírito de forte renúncia. O que é forte renúncia? Quem tem apenas um espírito moderado de renúncia diz: 'Bem, tudo acontecerá no devido tempo, deixe-me agora simplesmente repetir o nome de Deus', mas um homem com forte espírito de renúncia sente-se ansioso por Deus, como uma mãe pelo filho. Um homem com forte renúncia só procura Deus. Olha o mundo com um poço profundo e sente-se como se estivesse a ponto de afundar nele. Olha os parentes como se fossem cobras venenosas e quer fugir deles. Foge. Jamais pensa: 'Deixe-me primeiro fazer algo por minha família e depois pensarei em Deus.' Possui grande determinação interna.

"Vou contar uma história sobre forte renúncia. Uma vez houve uma seca, em certa parte do país. Os fazendeiros começaram a construir grandes canais para trazer água a seus campos. Um fazendeiro ficou fortemente determinado. Jurou que só pararia de cavar quando o canal estivesse ligando seu campo ao rio. Começou a trabalhar. Chegou a hora do banho e a esposa enviou-lhe a filha até ele, trazendo-lhe óleo. 'Pai', disse-lhe a moça, 'já está tarde. Esfregue o corpo com óleo e tome banho.' 'Vá embora!', trovejou o fazendeiro. 'Tenho muito o que fazer agora.' Já havia passado do meio-dia e o fazendeiro continuava a trabalhar no campo. Nem mesmo pensava no banho. Desta vez veio a esposa que disse-lhe: 'Por que você não tomou banho? A comida está esfriando. Você exagera em tudo. Poderá terminar o resto amanhã ou mesmo hoje, depois do jantar.' O fazendeiro repreendeu-a com veemência. Correu em sua direção com uma enxada na mão, gritando, "O que? Você perdeu o juízo? Não está chovendo. As plantações estão morrendo. O que as crianças vão comer? Vamos todos morrer de fome. Jurei não tomar banho nem comer hoje, enquanto não tiver levado água para meu campo.' A esposa percebeu seu estado de espírito e saiu correndo, assustada. Depois de um dia de intenso trabalho, com as costas doloridas, o fazendeiro conseguiu ligar seu campo ao rio. Então sentou-se, vendo a água correndo para o campo, fazendo um som murmurante. A mente estava cheia de paz e alegria. Foi para casa, chamou a esposa e disse-lhe: "Agora dê-me o óleo e prepare o fumo.' Com a mente serena, tomou banho, comeu e foi dormir com o coração feliz. A sua determinação foi um exemplo de forte renúncia.

"Havia um outro fazendeiro que estava também construindo um canal para levar água até seu campo. Também a esposa foi até onde ele estava e disse-lhe: 'É muito tarde. Venha para casa. Não é necessário sobrecarregar-se de tanto trabalho.' O fazendeiro quase não protestou, pôs a enxada de lado e disse a ela: "Sim, vamos para casa, já que você me pede.' (*Todos riem*). Aquele homem jamais conseguiu irrigar seu campo. É um exemplo de renúncia moderada.

"Assim como sem uma forte determinação o fazendeiro não pôde trazer água para seu campo, sem uma ânsia intensa um homem não pode realizar Deus.(*A Vijay*): 'Por que você não está vindo aqui com tanta freqüência como antes?'

Vijay: "Senhor, gostaria, mas não estou livre. Aceitei trabalhar no Brahmo Samaj."

Mestre: "É 'mulher e ouro' que aprisionam o homem e lhe tiram a liberdade. É a mulher que cria a necessidade de ouro. Por causa dela o homem torna-se escravo de outro e perde a liberdade. Então não mais pode agir como quer.

"Os sacerdotes do templo de Govindaji, em Jaipur, eram no início, celibatários e nessa época, tinha uma natureza poderosa. Uma vez o rei de Jaipur mandou chamá-los, mas eles não atenderam e disseram ao mensageiro: 'Diga ao rei para vir nos ver.' Depois de muita consulta, o rei e os ministros resolveram casá-los. Desde então o rei nunca mais teve que pedir que eles viessem. Espontaneamente vinham e diziam: 'Sua Majestade, viemos com nossas bênçãos. Aqui estão flores sagradas do templo. Dignai-vos Vossa Majestade, aceitá-las.' Vinham ao palácio porque agora estavam sempre querendo dinheiro para uma coisa ou outra: construção de uma casa, cerimônia do arroz para seus nenens ou para rituais ligados à educação do filhos.

"Há a história dos mil e trezentos nedas[2] e mil e duzentas nedis[3]. Virabhadra, filho de Nityananda Goswami, tinha mil e trezentos discípulos 'cabeças raspadas'. Haviam alcançado grandes poderes espirituais. Aquilo alarmou seu mestre. 'Meus discípulos alcançaram grandes poderes espirituais', pensou Virabhadra. 'O que dizem para uma pessoa, acontece. Onde quer que vão, criam situações conflitantes, porque as pessoas que os ofendem sem querer, irão lamentar-se.' Assim pensando, Virabhadra, um dia, chamou–os e disse-lhes: 'Venham me ver depois de fazerem suas práticas diárias às margens do Ganges.' Os discípulos tinham uma natureza espiritual tão elevada que, enquanto meditavam, podiam entrar em samadhi e ficar sem perceber a água do rio em cima de suas cabeças na maré alta. Quando a maré baixa vinha ainda estavam absorvidos em meditação.

"No entanto, cem desses discípulos anteciparam o que seu instrutor ia lhes pedir. Para não terem que desobedecer suas ordens, rapidamente desapareceram antes de serem chamados. Por conseguinte não foram ver Virabhadra com os outros. Os restantes mil e duzentos foram ter com seu instrutor depois da meditação. Virabhadra disse-lhes: 'Essas mil e duzentas monjas lhes servirão. Peço que se casem com elas. 'Como vos agradar, reverendo senhor', disseram, 'mas cem de nós foram embora.' Daí por diante cada um dos mil e duzentos discípulos teve uma esposa. Conseqüentemente perderam

[2] Literalmente "cabeças-raspadas". Entre os devotos vaishnavas, aqueles que renunciam ao mundo e raspam a cabeça.

[3] Monjas vaishnavas.

todos os poderes espirituais. Suas austeridades não mais tiveram o ardor inicial. A companhia de mulher roubou-lhes sua espiritualidade, porque destruiu-lhes a liberdade.

(*a Vijay*): "Você mesmo percebeu o quanto caiu por ser dominado pelos outros. Vemos pessoas com muitos cursos universitários, letrados com vasta educação inglesa que aceitam trabalhar para os senhores ingleses e são diariamente, pisoteados por suas botas. A única razão é mulher. Casaram-se e fizeram uma feira de alegria com suas esposas e filhos. Agora não podem voltar atrás por mais que queiram. Daí todos esses insultos e humilhações, todo esse sofrimento proveniente da escravidão.

"Quando um homem realiza Deus, devido a um intenso desapego, não mais fica ligado à mulher. Mesmo que tenha de levar a vida de chefe de família, está livre de medo e de apego à mulher. Suponhamos que haja dois ímãs, um pequeno e um grande. Qual deles irá atrair o ferro? O maior, é claro. Deus é o ímã maior. Comparado com Ele, a mulher é o menor. O que pode 'mulher' fazer?"

Um devoto: "Senhor, então devemos odiar as mulheres?"

Mestre: "Aquele que realizou Deus não pode mais olhar uma mulher com os olhos de desejo; então, não tem mais medo dela. Percebe claramente que as mulheres são apenas muitos aspectos da Mãe Divina. Ele as adora como a Própria Mãe."

(*a Vijay*): "Venha aqui de vez em quando. Gosto muito de vê-lo."

Vijay: "Tenho muito trabalho no Brahmo Samaj; é por isso que não posso vir aqui sempre., mas eu o visitarei sempre que for possível."

Mestre (*a Vijay*): "O dever de um instrutor religioso é certamente difícil. Não se pode ensinar alguém sem o mandato direto de Deus. As pessoas não lhe ouvirão se você ensinar sem essa autoridade. Esse ensinamento não tem a força atrás de si. Deve-se primeiro realizar Deus através da disciplina espiritual ou outros meios. Assim escudado com a autoridade vinda de Deus, pode uma pessoa dar palestras.

"Depois de receber mandato de Deus pode-se tornar instrutor, fazer conferências em qualquer lugar. Quem recebe autoridade de Deus, também recebe poder d'Ele. Só então poderá desempenhar a difícil tarefa de instrutor.

"Um arrendatário sem importância, resolveu mover uma ação contra um grande proprietário. As pessoas pensaram que havia alguém poderoso atrás dele. Talvez um outro grande proprietário estivesse por trás desse caso. O homem é uma criatura insignificante. Não pode exercer a difícil tarefa de instrutor sem receber o poder diretamente de Deus."

Vijay: "Os ensinamentos do Brahmo Samaj não trazem salvação aos homens?"

Mestre: "Como é possível para um homem libertar um outro da escravidão do mundo? Só Deus, o Criador dessa maya enfeitiçadora pode salvar os homens da maya. Não há outro refúgio, além do grande Mestre, Satchidananda. Como será possível para os homens que não realizaram Deus ou receberam Sua ordem, que ainda não estão fortificados pelo poder divino, salvar outros da prisão do mundo?

"Um dia, enquanto passava pelo Panchavati, a caminho do bosque de pinheiros, ouvi uma grande rã coaxando. Pensei que ela havia sido agarrada por uma cobra. Quando voltei, ainda ouvi seu terrível coaxo. Olhei e vi que ela havia sido apanhada por uma cobra d'água, que não podia engoli-la nem soltá-la. Por isso não tinha fim o sofrimento daquela pobre rã. Pensei que ela havia sido apanhada por uma grande serpente e nesse caso, teria sido silenciada depois de no máximo três coaxos. Tratava-se, porém de uma simples cobra d'água; ambas tinham que passar por toda aquela agonia. O ego de um homem fica destruído depois de três coaxos, por assim dizer, se cair nas mãos de um mestre verdadeiro, mas se o instrutor ainda não estiver 'maduro', então ambos, discípulo e mestre, têm que suportar sofrimentos sem fim. O discípulo não pode se livrar nem do ego nem dos grilhões do mundo. Se um discípulo cai nas garras de um mestre incompetente, não alcança a liberação."

Vijay: "Senhor, por que estamos tão ligados assim? Por que não vemos Deus?"

Mestre: "Maya nada mais é do que o egoísmo de uma alma encarnada. Este egoísmo cobriu tudo como um véu. 'Todas as tribulações terminam quando o ego morre.' Se, pela graça de Deus, o homem somente uma vez realizar que não é quem faz, então, imediatamente, torna-se um jivanmukta. Embora viva no corpo, está liberado. Não tem mais nada a temer.

"Esta maya, quer dizer, o ego, é como uma nuvem. O sol não pode ser visto por causa dessa nuvem fina, quando ela desaparece, pode-se vê-lo. Se, pela graça do guru, o ego desaparece, então, vê-se Deus.

"Rama, que era o Próprio Deus, estava apenas a dois ou três cúbitos na frente de Lakshmana, mas Lakshmana não podia vê-Lo porque Sita se interpunha entre eles. Laskhmana pode ser comparado

ao jiva e Sita a maya. Não se pode ver Deus por causa da barreira na minha frente com esta toalha. Você não pode ver-me agora, embora eu esteja bem próximo. Assim também, Deus é o mais próximo de todos, mas não O podemos ver por causa de maya que encobre tudo.

"O jiva é apenas a Encarnação de Satchidananda, mas desde que maya ou ego, criou vários upadhis, ele esqueceu seu Eu real.

"Cada upadhi modifica a natureza do homem. Se ele usa um elegante roupa preta bordada, logo o verá cantarolando uma das canções de amor de Nidhu Babu. Em seguida vai começar a jogar cartas e andar com uma bengala. Mesmo uma pessoa doente quando calça suas botas, começa a assobiar e sobe a escada como um inglês, pulando um degrau atrás do outro. Se está com uma caneta na mão, começa a rabiscar em qualquer papel que consegue – tal o poder da caneta!

"Dinheiro também é um grande upadhi. Sua posse modifica uma pessoa. Ela não é mais a mesma. Um brahmin costumava freqüentar o templo. Aparentemente era muito modesto. Um dia fui a Konnagar com Hriday. Ao descermos do barco, vimos o brahmin sentado à beira do Ganges. Pensávamos que estivesse tomando ar fresco. Ao nos ver disse: 'Olá, sacerdote! Como vai?' Reparei no tom de sua voz e disse a Hriday: 'Esse homem deve ter ganho dinheiro. Por isso está falando assim.' Hriday riu.

"Uma rã possuía uma rupia, que guardava num buraco. Um dia um elefante estava passando por cima do buraco quando a rã furiosa, saiu e levantou a pata como que para dar um pontapé no elefante dizendo. 'Como ousa caminhar sobre minha cabeça?' Tal é o orgulho ocasionado pelo dinheiro!

"Uma pessoa destrói o ego depois de atingir o Conhecimento. Ao alcançar o Conhecimento, ela entra em samadhi e o ego desaparece. É muito difícil, porém, obter tal Conhecimento.

"Dizem os Vedas que um homem entra em samadhi quando a mente atinge o sétimo plano. O ego só pode desaparecer quando uma pessoa entra em samadhi. Onde normalmente mora a mente de um homem? Nos três primeiros planos. São os órgãos de excreção e reprodução e o umbigo. Neste plano a mente está apenas mergulhada no mundanismo, apegada a 'mulher e ouro'. Um homem vê a luz de Deus quando a mente mora no plano do coração. Vê a luz e exclama: 'Ah! O que é isto? O que é isto?' O plano seguinte está na garganta. Quando a mente mora ali, a pessoa gosta somente de ouvir e de falar de Deus. Quando a mente sobe para o plano seguinte, na testa, entre as sobrancelhas, vê somente a forma de Satchidananda e deseja tocar e abraçá-La. Mas não pode fazê-lo. É como a luz da lanterna que se pode ver mas não, tocar. Sente-se como estivesse tocando a luz, mas na realidade, não está. Ao atingir o sétimo plano, o ego desaparece completamente e o homem entra em samadhi."

Vijay: "O que se vê ao se atingir o Conhecimento de Brahman, após alcançar o sétimo plano?"

Mestre: "O que acontece quando a mente atinge o sétimo plano não pode ser descrito.

"Uma vez que um navio entre nas 'águas escuras' do oceano, não mais retornará. Ninguém sabe o que acontece com ele depois disso. Portanto, o navio não pode nos dar qualquer informação sobre o oceano.

"Uma vez uma boneca de sal resolveu medir a profundidade do oceano. Mal havia entrado na água, derreteu-se. Agora quem nos poderá dizer qual a profundidade do oceano? Quem poderia nos ter dado essa informação já se dissolveu na água. Atingindo o sétimo plano a mente fica aniquilada: o homem entra em samadhi. O que ele sente, não pode ser descrito por meio de palavras.

"O 'eu' que torna alguém uma pessoa do mundo e apegada a 'mulher e ouro' é o 'eu perverso'. A interferência desse ego cria a diferença entre o jiva e o Atman. A água parece estar dividida em duas partes se alguém colocar de uma vara no meio. Mas na verdade, há somente uma água. Parecem duas por causa da vara. Este 'eu' é a vara. Remova-a e a água fica como antes.

"Agora, o que é este 'eu perverso'? É o ego que diz: 'O que? Vocês não me conhecem? Tenho tanto dinheiro! Quem é mais rico do que eu?' Se um ladrão rouba dez rupias de um homem, primeiro tira o dinheiro do ladrão e depois dá-lhe uma boa surra. Mas o caso não fica por aí: o ladrão é levado para a polícia e por fim, para a cadeia. O 'eu mau' diz: 'O que? O ladrão não sabia de quem ele estava roubando? Roubar minhas dez rupias! Como ele ousa?"

Vijay: "Sem destruir o 'eu' um homem não pode se livrar do apego ao mundo e conseqüentemente, não pode experimentar samadhi, então, seria mais prudente para ele seguir o caminho da Brahmajnana a fim de atingir samadhi. Se o 'eu' persistir no caminho da devoção, deve-se então, escolher o caminho do conhecimento."

Mestre: "É verdade, um ou dois podem livrar-se do 'eu' pelo samadhi, mas esses casos são muito raros. Você pode mergulhar em milhares de raciocínios, mas o 'eu' ainda volta. Hoje corta-se a árvore peepal pela raiz, mas amanhã notamos um broto apontando. Portanto, se o 'eu' tem que ficar, dei-

xe que permaneça como o 'eu servo'. Enquanto viver deve-se dizer: "Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo. O 'eu' que sente, 'eu sou o servo de Deus, Seu devoto' não faz qualquer mal a alguém. Doces causam acidez no estômago, sem dúvida, mas o açúcar cande é uma exceção.

"O caminho do Conhecimento é muito difícil. Uma pessoa não pode obter Conhecimento a não ser que se liberte do sentimento de que se é corpo. No Kaliyuga a vida está centralizada na comida. Não se pode descartar o sentimento de que é corpo e ego. Portanto, o caminho da devoção é prescrito para este ciclo. É um caminho fácil. Você atingirá Deus se cantar Seu nome e glórias e orar a Ele com o coração anelante. Não há a menor dúvida a esse respeito.

"Suponhamos que uma pessoa desenhe uma linha na superfície da água com uma vara de bambu. Ela parece que está dividida em duas partes, mas a linha não permanece por muito tempo. O servo 'eu'ou o devoto 'eu' ou o 'filho eu' são apenas uma linha desenhada com o ego e não é real."

Vijay (*ao Mestre*): "O senhor nos pede que renuncie ao 'eu perverso'. Há algum mal no 'eu servo'?"

Mestre: "O 'eu servo'- isto é, o sentimento de que 'eu sou o servo de Deus, sou devoto de Deus'- não causa mal a ninguém, muito pelo contrário, ajuda a realizar Deus."

Vijay: "Bem, senhor, o que acontece com a luxúria, raiva e outras paixões se alguém mantiver o 'servo eu'?"

Mestre: "Se um homem realmente sente assim, então ele tem apenas a aparência da luxúria, raiva e semelhantes. Se, depois dele atingir Deus considera-se como servo ou devoto de Deus, não pode ferir ninguém. Ao tocar a pedra filosofal a espada transforma-se em ouro. Conserva a aparência de espada, mas não pode mais ferir.

"Quando o galho seco de um coqueiro cai, deixa apenas uma marca no tronco indicando que já houve um galho naquele lugar. Assim também, a pessoa que atingiu Deus mantém somente a aparência do ego; permanece nele somente a semelhança de raiva e luxúria. Torna-se como uma criança que não tem apego aos três gunas; sattva, rajas e tamas. Torna-se desapegada de uma coisa tão rapidamente quanto se apega. Você pode tirar dela uma roupa que vale cinco rupias ou uma boneca de uma anna, embora à primeira vista ela diga com grande determinação: 'Não, não vou lhe dar. Meu pai a comprou para mim'. Assim também, para uma criança, todas as pessoas são iguais. Não têm noção de alto ou baixo com relação às pessoas. Não faz distinção de casta. Se a mãe lhe diz que um determinado homem deve ser considerado seu irmão mais velho, a criança comerá do mesmo prato que ele, embora ele possa pertencer a uma casta inferior como a dos ferreiros. A criança não conhece o ódio, nem sabe distinguir o que é santo ou não.

"Mesmo depois de ter alcançado o samadhi, alguns retém o 'ego servo' ou o 'ego devoto'. O bhakta mantém esta 'consciência do eu' e diz: "Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo; Tu és o Senhor e eu, Teu devoto'. Sente-se dessa maneira, que mesmo depois da realização de Deus, este 'eu' não fica completamente apagado. Novamente, pela prática constante desse tipo de 'consciência do eu', atinge-se por fim, Deus. A isto chama-se Bhakti Yoga.

"Pode-se atingir o Conhecimento de Brahman, também, seguindo o caminho da bhakti. Deus é Todo Poderoso, Ele pode dar a Seu devoto, Brahmajnana, se assim o desejar, mas em geral o devoto não procura o Conhecimento do Absoluto. Ao contrário, está consciente que Deus é o Senhor e ele, o servo e que Deus é a Mãe Divina e ele, Seu filho."

Vijay: "Mas aqueles que discriminam segundo a filosofia Vedanta também O realizam no final, não é?"

Mestre: "Sim, pode-se alcançá-Lo seguindo o caminho da discriminação; isto se chama jnanayoga. Trata-se, contudo, de um caminho muito difícil, já lhes falei dos sete planos de consciência. Ao atingir o último plano, a mente entra em samadhi. Se um homem adquirir o firme conhecimento de que só Brahman é real e o mundo ilusório, então sua mente funde-se em samadhi, mas no Kaliyuga a vida de um homem depende inteiramente da comida. Como pode ter consciência que apenas Brahman é real e o mundo ilusório? No Kaliyuga é difícil ter o sentimento de que 'eu não sou o corpo, não sou a mente, não sou os vinte e quatro princípios cósmicos; estou além do prazer e da dor; estou acima da doença e sofrimento, velhice e morte.' Por mais que se raciocine e argumente, o sentimento de que o corpo é idêntico com a alma, de uma certa forma, surgirá de um lugar inesperado. Pode-se cortar a árvore peepal até o chão e pensar que ela morreu, mas na manhã seguinte um novo broto surgirá do pedaço morto. Não se pode livrar-se dessa identificação com o corpo; portanto, o caminho da bhakti é o mais adequado para as pessoas do Kaliyuga. É um caminho fácil.

"E, 'não quero me tornar açúcar, quero saboreá-lo'. Jamais me sinto dizendo, 'Sou Brahman'. Digo: 'Tu és meu Senhor, sou Teu servo. É melhor fazer a mente subir e descer entre o quinto e o sexto planos, como um barco correndo entre dois pontos. Não quero ir além do sexto plano e manter a mente por muito tempo no sétimo. Meu desejo é cantar o nome as glórias de Deus. É muito bom olhar Deus como o Senhor e a si próprio como Seu servo. Além do mais, veja, as pessoas falam que as ondas pertencem ao Ganges; mas ninguém diz que o Ganges pertence às ondas. O sentimento de 'eu sou Ele' não é total. O homem que alimenta essa idéia, considerando o corpo como o Ser, causa a si próprio muito dano. Não pode ir em frente na vida espiritual, ele mesmo se arrasta para baixo. Engana a si mesmo, bem como aos outros. Não pode entender seu próprio estado mental.

"Mas não é qualquer tipo de bhakti que habilita um homem a realizar Deus. Não se pode realizar Deus sem prema-bhakti. Outro nome para prema-bhakti é raga-bhakti[4]. Deus não pode ser realizado sem amor e anelo. A não ser que uma pessoa tenha aprendido a amar a Deus, não pode realizá-Lo.

"Há uma outra espécie de bhakti, conhecida como vaidhi-bhakti, de acordo com a qual deve-se repetir o nome de Deus um número determinado de vezes, jejuar, fazer peregrinações, adorar a Deus com oferendas prescritas, fazer sacrifícios etc. Continuando com tais práticas por um longo período, gradualmente obtém-se raga-bhakti. Deus não pode ser realizado até que se obtenha raga-bhakti. Deve-se amar a Deus. Para se realizar Deus deve-se ficar completamente livre de mundanismo e direcionar a mente integralmente para Ele.

"Mas alguns adquirem raga-bhakti diretamente. É inata neles. Eles a possuem desde a infância, desde a mais tenra idade choram por Deus. Um exemplo de tal bhakti é encontrada em Prahlada. Vaidhi-bhakti é como abanar-se com um leque, fazendo vento. Uma pessoa tem necessidade de tal leque para produzir vento. Pratica japa, austeridades e jejum para obter o amor de Deus. Entretanto abandona o leque assim que a brisa do sul sopra. Atividades como japa e austeridades caem espontaneamente se a pessoa sente amor e apego a Deus. Quem continuará a fazer as cerimônias prescritas nas escrituras, quando ficar louco de amor por Deus?

"Devoção a Deus é considerada 'verde' enquanto não se transforma em amor a Deus, mas torna-se 'madura' quando se transforma nesse tipo de amor.

"Um homem com bhakti 'verde' não pode assimilar conversas espirituais e instrução, mas quem tem bhakti 'madura', sim. A imagem que cai numa chapa fotográfica coberta por uma película preta[5] é fixada. Por outro lado, milhares de imagens podem se refletir num vidro puro, mas nenhuma delas será fixada. Mesmo que o objeto se desloque, o vidro permanece como antes. Não se pode assimilar instrução espiritual a não ser que já tenha desenvolvido amor a Deus."

Vijay: "É bhakti suficiente para se atingir Deus, para se ter Sua visão?"

Mestre: "Sim, pode-se ver Deus só pela bhakti, mas tem que ser bhakti 'madura', prema-bhakti e raga-bhakti. Quando se tem essa bhakti, ama-se a Deus como uma mãe ama o filho, o filho a mãe, ou a esposa, o marido.

"Quando se tem esse amor e apego a Deus, não se sente atraído pela maya de esposa, filhos, parentes e amigos. Mantém-se apenas compaixão por eles. Para uma tal pessoa, o mundo parece uma terra estranha, um lugar onde ela somente tem obrigações a cumprir. É como um homem que reside no interior, mas vem a Calcutá a negócios, tem que alugar uma casa por causa das suas obrigações. Quando alguém desenvolve amor a Deus, desapega-se do mundo e da sabedoria mundana.

"Não se pode ver Deus se houver o menor traço de mundanismo. Os fósforos, quando úmidos, não emitem fogo, mesmo que se risque mil deles contra a caixa. Você somente desperdiça uma pilha deles. Uma pessoa mergulhada no mundanismo é como um desses fósforos úmidos. Uma vez Sri Radha disse às suas amigas, que via Krishna em todos os lugares tanto no interior como no exterior. Elas responderam-lhe: 'Como, nós não O vemos de forma alguma. Você está delirando?' Radha disse: 'Amigas, ponham em seus olhos o colírio do amor divino e vocês O verão.'

(*A Vijay*): "Uma canção de seu Brahmo Samaj diz:

> Ó Senhor, por acaso, é possível conhecer-Te sem amor,
> Por mais que se faça adoração e sacrifício?

[4] Amor supremo que torna uma pessoa apegada a Deus,

[5] Nitrato de prata.

"Se um devoto uma vez sentir apego e amor extasiante por Deus, essa devoção madura e anelo, verá Deus em ambos os aspectos, com e sem forma."

Vijay: "Como podemos ver Deus?"

Mestre: "Não se pode ver Deus sem pureza de coração. Devido ao apego a 'mulher e ouro', a mente torna-se turva, como se estivesse coberta de sujeira. Um ímã não pode atrair a agulha se ela estiver coberta de lama. Lave a lama e o ímã a atrairá. Assim também, a sujeira da mente pode ser lavada com as lágrimas de nossos olhos. Esta mancha pode ser removida se uma pessoa chorar lágrimas de arrependimento e disser: 'Ó Deus, jamais farei novamente tal coisa'. Portanto, Deus é semelhante ao ímã. Atrai para Si a mente, que é como uma agulha. Um devoto então, entra em Samadhi e obtém a visão de Deus.

"Pode-se tentar milhares de vezes, mas nada pode ser obtido sem a graça divina. Não se pode ver Deus sem Sua graça. É fácil se conseguir a graça de Deus? Deve-se renunciar completamente ao egoísmo, mas não se pode ver Deus enquanto se sente que 'sou eu o que faz'. Suponhamos que, numa família, uma pessoa seja encarregada da dispensa e alguém pergunta ao dono, 'Senhor, pode-me dar algo da dispensa?' Ele responde-lhe: "Já há alguém encarregado. O que posso fazer lá?'

"Deus não Se revela facilmente no coração daquele que se considera seu próprio senhor, mas Ele pode ser visto no momento em que Sua graça desce. Ele é o Sol do Conhecimento. Um simples raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento.. É assim que nos tornamos capazes de nos ver mutuamente e adquirir um conhecimento variado. Só se pode ver Deus se Ele virar Sua luz contra Sua própria face.

"Um policial faz a ronda noturna com uma lanterna [6] na mão. Ninguém vê seu rosto, mas com a ajuda daquela luz o policial vê todo o mundo e as pessoas também, podem ver-se entre si. Se alguém quer vê-lo, tem que lhe pedir: 'Senhor, por favor, vire a luz contra seu rosto. Deixe-me vê-lo.' Assim também, deve-se orar a Deus: 'Ó Senhor, sê misericordioso e vira a luz do Conhecimento para Ti', para que eu possa ver Teu rosto.'

"Uma casa sem luz indica pobreza. Devemos acender a luz do Conhecimento no nosso coração. Como está dito numa canção:

> "Acendendo a luz do Conhecimento na câmara do teu coração.
> Contempla o rosto da Mãe, Personificação de Brahman."

Como Vijay havia trazido seu remédio com ele, o Mestre pediu a um devoto para lhe dar um pouco d'água. Ele era, na verdade, uma fonte de compaixão infinita. Havia conseguido uma passagem para Vijay, no barco, uma vez que ele era muito pobre para pagá-la. Vijay, Balaram, M. e outros devotos dirigiram-se de barco para Calcutá.

Segunda-feira, 1° de janeiro de 1883

Às oito horas da manhã, Sri Ramakrishna estava sentado numa esteira no chão do seu quarto em Dakshineswar. Como estava um dia frio, cobriu-se com um xale de "moleskin". Prankrishna e M. estavam sentados defronte dele. Rakhal também estava presente. Pranskrishna era um alto funcionário do governo e vivia em Calcutá. Uma vez que não tivera filhos no primeiro casamento, com a permissão da esposa, casara-se pela segunda vez. Com a segunda esposa teve um filho. Como era corpulento, o Mestre, às vezes, chamava-o de "o brahmin gordo". Possuía grande respeito por Sri Ramakrishna. Embora fosse um chefe de família, Prankrishna estudou Vedanta e dizia: "Só Brahman é real e o mundo ilusório. Sou Ele." O Mestre costumava dizer-lhe: "No Kaliyuga a vida de um homem depende da comida. O caminho da devoção prescrito por Narada é o melhor para esta época."

Um devoto trouxe uma cesta de jilipi para o Mestre, que a conservou junto de si. Comendo um pouco dos doces, disse a Prankrishna com um sorriso: "Olhe, canto o nome da Mãe Divina, por isso consigo todas essas coisas boas para comer. (*Risada*). Mas Ela não dá cabaça ou moranga. Concede o fruto de Amrita, Imortalidade – conhecimento, amor, discriminação, renúncia etc."

Um menino de seis ou sete anos entrou no aposento. O próprio Mestre transformou-se numa criança. Tapou a cesta com a mão, como faz um menino para esconder os doces do outro com medo que ele os tire. Em seguida, pôs a cesta de lado.

---

[6] Referência à lanterna do policial que faz a ronda noturna, que tem vidros escuros nas três faces.

Subitamente o Mestre entrou em samadhi e ficou sentado assim por muito tempo. Seu corpo estava transfigurado, os olhos bem abertos e sem piscar, a respiração apenas perceptível. Depois de um certo tempo, deu um longo suspiro, mostrando seu retorno ao mundo dos sentidos.

Mestre (*a Prankrishna*): "Minha Mãe Divina não é apenas sem forma. Possui formas também. Pode-se ver Suas formas. Pode-se admirar Sua incomparável beleza por meio do sentimento e amor. A Mãe revela-Se aos Seus devotos em diferentes formas.

"Eu A vi ontem. Vestia uma roupa ocre sem costura e conversou comigo.

"Outro dia Ela me apareceu como uma menina muçulmana de seis ou sete anos. Tinha um tilak na testa e estava nua. Andava a meu lado, gracejando e pulando.

"Na casa de Hriday tive a visão de Gauranga. Usava uma roupa bordada de preto.

"Haladhari costuma dizer que Deus está além de Ser e Não-Ser. Falei com a Mãe sobre isto e perguntei-Lhe: 'Então a forma divina é uma ilusão?' A Mãe Divina apareceu-me sob a forma da mãe de Rati e disse-me: 'Permaneça em bhava.[7]'. Repeti isto a Haladhari. De vez em quando esqueço-me de Sua ordem e sofro. Uma vez quebrei os dentes porque não permaneci em bhava. Assim ficarei em bhava, a não ser que receba uma revelação do céu ou tenha uma experiência direta que me indique o contrário. Seguirei o caminho do amor. O que você me diz?"

Prankrishna: "Sim, senhor."

Mestre: "Mas por que lhe pergunto a respeito disto? Há alguém dentro de mim que faz todas essas coisas por meu intermédio. Às vezes costumava ficar em estado divino e não experimentava paz de espírito a não ser que estivesse sendo adorado.

"Sou a máquina e Deus, o Operador. Ajo como Ele me faz agir, Falo como Ele me faz falar.

> Mantenha sua jangada, diz Ramprasad, flutuando no mar da vida.
> Sendo levada para cima na maré alta, descendo com a baixa.

"É como uma folha caída ao sabor de uma ventania; às vezes é jogada num lugar bom; às vezes num esgoto, de acordo com a direção do vento.

"Como disse o tecelão da história: 'O roubo foi cometido pela vontade de Rama, fui preso pela vontade de Rama e também, pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.'

"Uma vez Hanuman disse a Rama: 'Ó Rama, refugiei-me em Ti. Abençoa-me para que eu tenha pura devoção por Teus Pés de Lótus e para que eu não possa ser apanhado na magia de Tua maya que enfeitiça o mundo.'

"Uma vez uma rã moribunda disse a Rama: 'Ó Rama, quando engolida por uma cobra, grito por Tua proteção, mas agora, estou próxima da morte, ferida por Tua flecha. Por esta razão, estou calada.'

"Costumava ver Deus diretamente com esses olhos, tal como estou vendo vocês. Agora tenho visões divinas em transe.

"Depois de realizar Deus, um homem torna-se como criança. Uma pessoa adquire a natureza do objeto sobre o qual medita. A natureza de Deus é como a de uma criança. Assim como ela constrói uma casa de brinquedo e logo em seguida a derruba, Deus age enquanto cria, preserva e destrói o universo. Além disso, assim como uma criança não está sob controle de nenhuma guna, Deus está além dos três gunas – sattva, rajas e tamas. É por isso que os paramahamsas têm a seu lado, cinco a dez crianças para que possam assumir sua natureza."

Sentado no chão do quarto, estava um jovem de Agarpara, de mais ou menos vinte e dois anos. Sempre que ia ao templo, puxava o Mestre para um canto com um sinal e falava sussurrando, seus pensamentos. Era um recém-chegado. Naquele dia estava sentado no chão, perto do Mestre.

Mestre (*ao jovem*): "Um homem pode mudar sua natureza, imitando o caráter de outro. Pode se livrar de uma paixão, como a luxúria, assumindo o estado feminino. Gradualmente vai agindo exatamente como uma mulher. Reparei que, os homens que fazem papéis femininos no teatro, falam como mulheres e escovam os dentes como elas, enquanto tomam banho. Volte novamente na terça-feira ou sábado."

(*A Prankrishna*): "Brahman e Shakti são inseparáveis. A não ser que aceite Shakti, você achará que todo o universo é irreal – 'eu', 'você', a casa, os edifícios e a família. O mundo mantém-se sóli-

[7] Um estado de exaltação rara, quando o devoto, depois de realizar o Absoluto, permanece na fronteira entre o Absoluto e o Relativo; neste estado ele vê que tanto o Absoluto como o Relativo, como dois aspectos da Divindade, são reais.

do porque a Energia Primordial está por trás dele. Se não houver um ponto de sustentação, nenhuma armação poderá ser feita e sem armação, não poderá fazer uma imagem bela de Durga.

"Sem abandonar o mundanismo, o homem não pode despertar a consciência espiritual, nem realizar Deus. Será apenas um hipócrita, enquanto tiver o menor desejo mundano. Deus não pode ser realizado sem pureza.

> Acalente amor dentro do coração, abandone a astúcia e a fraude;
> Por meio do serviço, adoração, ausência de egoísmo, alcança a visão abençoada de Rama.

"Mesmo aqueles que estão empenhados em atividades mundanas, como trabalho num escritório ou negócios, devem agarrar-se à verdade. Só a veracidade é a disciplina espiritual no Kaliyuga."

Prankrishna: "Sim, senhor. Está escrito no *Mahanirvana Tantra*: "Ó deusa, esta religião ordena uma pessoa a ser veraz, autocontrolada, devotada ao bem-estar dos outros, calma e misericordiosa."

Sri Ramakrishna estava sentado no sofá pequeno em êxtase, olhando para Rakhal. Subitamente foi tomado por um terno sentimento de amor em relação ao jovem discípulo e filho espiritual. Logo entrou em samadhi. Os devotos ficaram mudos, olhando para o Mestre maravilhados.

Retomando à consciência parcial, o Mestre disse: "Por que meu sentimento espiritual inflama-se à vista de Rakhal? Quanto mais vocês avançam em direção a Deus, menos vocês vêem Suas glórias e grandezas. O aspirante primeiro tem a visão da Deusa com dez braços [8]; há uma grande exibição de poder naquela imagem. A visão seguinte é a da Divindade com dois braços; já não há mais dez braços segurando diversas armas. Depois o aspirante tem a visão de Gopala no qual não há qualquer sinal de poder. É a forma de uma suave criança. Além dessas há também, outras visões. O aspirante, então, vê somente Luz.

"Raciocínio e discriminação desaparecem depois de atingir Deus e estar em comunhão com Ele em samadhi. Por quanto tempo um homem raciocina e discrimina? Enquanto estiver consciente da multiplicidade, dos seres encarnados, do 'eu' e 'você'. Torna-se silencioso quando está plenamente consciente da Unidade. Este foi o caso com Trailanga Swami [9].

"Já observou uma festa dada pelos brahmins? No início há um grande burburinho, mas o barulho diminui à medida que o estômago das pessoas se tornam cada vez mais cheio. Quando a última rodada de coalhada e doces é servida, ouve-se somente o som "sup, sup", enquanto juntam a coalhada na mão. Não se ouve mais nada. Em seguida é o estágio do sono – samadhi. Não mais barulho alto. (*A M. e Prankrishna*): "Muitas pessoas falam de Brahmajnana, mas suas mentes estão sempre preocupadas com coisas inferiores: casas, construções, dinheiro, nome e prazeres dos sentidos. Enquanto se fica ao pé do Monumento[10], vocês vêem cavalos, carruagens, ingleses e inglesas, mas quando subir no topo, verão o céu e o oceano estendendo-se até o infinito. Aí não se vê as construções, carruagens, cavalos ou homens. Parecem formigas.

"Todas as coisas como apego ao mundo e entusiasmo por 'mulher e ouro' desaparecem ao se alcançar o Conhecimento de Brahman. Segue-se o cessar de todas as paixões. Ao se queimar uma tora grande de madeira, há um barulho crepitante e vê-se a chama, mas quando acaba de queimar, restam somente cinzas, não se ouve mais nada. A sede desaparece com a destruição do apego. Finalmente vem a paz.

"Quanto mais perto se aproximarem de Deus, mais sentirão paz. Paz, paz, paz – suprema paz! Quanto mais próximos estiverem do Ganges, mais sentirão o seu frescor. Vocês se sentirão completamente confortados ao mergulharem no rio.

"Mas o universo com seus seres criados e os vinte e quatro princípios cósmicos existem porque Deus existe. Nada restará se Deus for eliminado. O número aumenta se você acrescentar muitos zeros depois do um, mas esses zeros não têm valor se não houver o número um.

O Mestre continuou: "Há alguns que descem, por assim dizer, depois de terem atingido o Conhecimento de Brahman – depois do samadhi – e retém o 'ego do Conhecimento' ou o 'ego da Devoção', como há pessoas que, por sua espontânea vontade permanecem no mercado depois que fechou. Esse foi o caso de sábios como Narada. Conservaram o 'ego da Devoção' com o intuito de ensinar os homens. Shankaracharya conservou o 'ego do Conhecimento' com esse mesmo propósito.

---

[8] Alusão à Durga.

[9] Um notável monge de Benares que o Mestre encontrou uma vez. O Swami observava voto de silêncio.

[10] Uma referência ao Ochterloney Monument.

"Deus não pode ser realizado enquanto houver o mais leve apego às coisas do mundo. Uma linha não pode passar pelo buraco da agulha, se houver o menor fiapo se levantar.

"A raiva e a luxúria do homem que realizou Deus são apenas aparentes. É como um cordão queimado. Parece um cordão, mas a um simples sopro, desaparece.

"Deus é realizado logo que a mente se torna livre de apego. O que quer que surja na Mente Pura, é a voz de Deus. O que é a Mente Pura é também, Buddhi Puro e também, Atman Puro, porque não há nada puro a não ser Deus, mas para se realizar Deus, tem-se que ir além de dharma e adharma."

O Mestre cantou com a voz melodiosa:

> Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a árvore que realiza todos os desejos.
> E n'Ela colha os quatro frutos da vida. ...

Sri Ramakrishna foi para a varanda sudeste de seu quarto onde se sentou. Prankrishna e outros devotos acompanharam-no. Hazra, também estava sentado. O Mestre disse a Prankrishna com um sorriso: "Hazra não é um homem para ser enganado. Se alguém encontra o grande 'dargah' aqui[11], então Hazra é o 'dargah' menor. A essas palavras do Mestre todos riram. Um certo senhor, chamado Navakumer, veio até a porta onde permaneceu de pé. À vista dos devotos retirou-se imediatamente. "Ó! Egoísmo encarnado!" observou Sri Ramakrishna.

Mais ou menos às nove e meia da manhã, Prankrishna despediu-se do Mestre. Logo depois, um cantor entoou algumas canções devocionais com acompanhamento de um instrumento de corda. O Mestre estava ouvindo às canções quando Kedar Chatterji, um devoto chefe de família, entrou no aposento, trajando o uniforme. Era um homem de temperamento devocional que possuía a atitude das Gopis de Vrindavan. Palavras sobre Deus o faziam chorar.

A visão de Kedar despertou na mente do Mestre, o episódio de Vrindavan na vida de Sri Krishna. Intoxicado pelo amor divino, o Mestre ficou em pé e cantou, dirigindo-se a Kedar:

> Diga-me, amiga, onde está o bosque.
> Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?
> Se perfume me alcança mesmo
> Mas estou cansado e não posso andar mais. ...

Sri Ramakrishna adotou a atitude de Sri Radha para com Krishna – e entrou em samadhi profundo, enquanto cantava. Permaneceu em pé, imóvel como a figura num quadro, com lágrimas de alegria, rolando pelas faces.

Kedar ajoelhou-se diante do Mestre. Tocando seus pés, cantou um hino:

> Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração,
> O Indiferenciado, que é adorado por Hari, Hara e Brahma;
> Que é atingido pelos yogis nas profundezas de sua meditação:
> O Destruidor do medo de nascimento e morte,
> A Essência do Conhecimento e Verdade, a Semente Primordial do mundo.

Depois de um certo tempo, o Mestre recobrou a consciência do mundo relativo. Logo depois Kedar despediu-se e voltou para o escritório em Calcutá.

Ao meio-dia Ramlal trouxe para o Mestre uma bandeja de comida que havia sido oferecida no templo de Kali. Como uma criança, comeu um pouquinho de tudo.

Mais tarde, ao entardecer, muitos devotos Marwaris entraram no quarto do Mestre, onde Rakhal e M. também estavam sentados.

Um devoto Marwari: "Senhor, qual é o caminho?"

Mestre: "Há dois caminhos: um é o da discriminação, o outro, do amor. A discriminação significa conhecer a diferença entre o Real e o irreal. Somente Deus é a substância real e permanente; tudo o mais é ilusório e transitório. Só o mágico é real; sua magia é ilusória. Isto é discriminação.

"Discriminação e renúncia. Discriminação significa conhecer a diferença entre o Real e o irreal. Renúncia é o desapego pelas coisas do mundo. Não se pode conquistá-las de uma hora para outra. Devemos praticá-las diariamente. Deve-se renunciar a 'mulher e ouro' mentalmente, no começo. Depois, pela vontade de Deus, pode-se renunciar a ambas, mental e externamente. É impossível pedir às

[11] Referindo-se a si mesmo.

pessoas de Calcutá para renunciar a tudo por amor de Deus. Devemos dizer-lhes para renunciar mentalmente.

Pela disciplina da prática constante, chega-se ao desapego de 'mulher e ouro'. É o que o *Gita* diz. Pela prática adquire-se um poder mental incomum. Então uma pessoa não acha difícil subjugar os órgãos dos sentidos e trazer a raiva, luxúria e similares sob controle. Esta pessoa comporta-se como uma tartaruga que, uma vez tenha recolhido as patas, não mais as coloca para fora. Não se consegue que elas ponham suas patas para fora de novo, ainda que seja cortada em pedaços com um machado."

Devoto Marwari: "Reverenciado senhor, o senhor mencionou dois caminhos. Qual e o outro?"

Mestre: "O caminho da bhakti ou do amor fervoroso por Deus. Chore por Deus na solidão, com a alma desassossegada e peça-Lhe que Ele Se revele a você."

Implore à sua Mãe Shyama, com súplica verdadeira, Ó mente!
Como pode Ela afastar-Se de você?

Devoto Marwari: "Senhor, qual o significado do culto do Deus Pessoal? E a do Deus sem forma ou atributos?"

Mestre: "Assim como você se recorda do seu pai através de sua fotografia, da mesma maneira o culto da imagem revela, num lampejo, a natureza da Realidade.

"Você sabe o que é Deus sem forma? Como borbulhas emergindo numa expansão d'água, as diversas formas divinas são vistas elevando-se do Grande Akasha de Consciência. A Encarnação de Deus é um dessas formas. A Energia Primordial brinca por assim dizer, através das atividades de uma Encarnação Divina.

"O que há em simples erudição? Deus pode ser realizado, chamando-O com o coração ansioso. Não há necessidade de se conhecer muitas coisas.

"Aquele que é um acharya tem que saber diversas coisas. Necessita-se de uma espada e de um escudo para matar os outros, mas para se matar, uma agulha ou um cortador de unhas são suficientes.

"Uma pessoa por fim descobre Deus, tentando conhecer quem este 'eu' é. É este 'eu' a carne, os ossos, o sangue ou a medula? É a mente ou o buddhi? Assim analisando, você compreende, afinal, que não é nenhuma dessas coisas. Esse processo é chamado 'Neti, Neti', 'Isto não, Isto não.' Ninguém pode nem compreender nem tocar o Atman. É sem qualidades ou atributos.

"Mas de acordo com o caminho da devoção, Deus tem atributos. Para um devoto, Krishna é Espírito, Sua morada é Espírito e tudo a seu respeito é Espírito."

Os devotos Marwari saudaram o Mestre e despediram-se.

Com o anoitecer, Sri Ramakrishna saiu para ver o rio sagrado. Um lampião foi aceso em seu quarto. O Mestre cantou o sagrado nome da Mãe Divina e meditou n'Ela. O culto da tarde começou em diversos templos. O som dos gongos, flutuando no ar, misturava-se com a voz murmurante do rio. Paz e bênção reinavam em todos os lugares.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 8

COMEMORAÇÃO DO ANIVERSÁRIO DO MESTRE EM DAKSHINESWAR

Domingo, 18 de fevereiro de 1883

SRI RAMAKRISHNA chegou à casa de Govinda Mukherji em Belgharia, perto de Calcutá. Além de Narendra, Ram e outros devotos, estavam presentes alguns vizinhos de Govinda. Primeiro o Mestre cantou e dançou com os devotos. Depois do kirtan, sentaram-se. Muitos saudaram o Mestre. De vez em quando dizia: "Inclinem-se diante de Deus."

"É somente Deus", disse ele, "que Se tornou tudo, mas em alguns casos, como por exemplo, no santo – há uma manifestação maior do que nos outros. Podem dizer que há, também, homens maus. Sim, isto é verdade, como há tigres, leões, mas não se precisa abraçar o 'Deus-tigre'. Devemos nos manter afastados dele e saudá-lo à distância. Tome, por exemplo, a água. Alguma pode ser bebida, outra usada para o culto, banho, ou apenas, para lavar pratos."

Um vizinho: "Reverenciado senhor, quais são as doutrinas da Vedanta?"

Mestre: "O vedantista diz: 'Eu sou Ele'. Brahman é real e o mundo ilusório. Até o 'eu' é ilusório. Somente o Supremo Brahman existe.

"Mas não se pode livrar-se do 'eu', por conseguinte, é bom que se tenha o sentimento 'eu sou o servo de Deus, Seu filho, Seu devoto.'

"Para o Kaliyuga o caminho da bhakti é especialmente bom. Pode-se realizar Deus através da bhakti. Enquanto uma pessoa for consciente do corpo, é consciente também dos objetos. Forma, gosto, olfato, som e tato – são objetos. É extremamente difícil libertar-se da consciência dos objetos e não se pode realizar 'Eu sou Ele' enquanto se estiver consciente dos objetos.

"O sannyasi pensa pouco nos objetos do mundo, mas o chefe de família está sempre preocupado com eles. Portanto, é bom para ele sentir 'eu sou o servo do Senhor'."

Vizinho: "Sim, somos pecadores. O que nos vai acontecer?"

Mestre: "Todos os pecados do corpo desaparecem se uma pessoa cantar o nome de Deus e Suas glórias. Os pássaros do pecado moram na árvore do corpo. Cantar o nome de Deus é como bater palmas. Assim como ao bater palmas os pássaros voam do galho da árvore, os nossos pecados desaparecem quando se canta o nome e as glórias de Deus.

"A água de um reservatório construído num campo, evapora-se com o calor do sol. Da mesma maneira a água do reservatório de pecado seca quando são cantados o nome e as glórias de Deus.

"Deve-se praticar isso diariamente. Outro dia vi no circo, um cavalo correndo a toda velocidade, com uma inglesa com um pé só no lombo. Como ela deve ter praticado para adquirir essa habilidade!

"Chore pelo menos uma vez, para ver Deus.

"São estes os dois meios: prática e apego apaixonado a Deus, quer dizer, desassossego da alma para vê-Lo."

Sri Ramakrishna começou a almoçar, com os devotos. Era mais ou menos uma hora. Um devoto cantou:

Desperta, Mãe! Desperta! Por quanto tempo tens dormido
No lótus do Muladhara!
Cumpre Tua função secreta, Mãe;
Levanta-Te até o lótus de mil pétalas dentro da cabeça
Onde o poderoso Shiva tem Sua morada:
Rapidamente transponha os seis lótus
E retira minha tristeza, Ó Essência de Consciência!

Ouvindo a canção, Sri Ramakrishna entrou em samadhi; todo o corpo permaneceu imóvel e a mão ficou tocando o prato de comida. Não podia comer mais. Depois de um certo tempo, a mente des-

ceu parcialmente para o plano do mundo dos sentidos e disse: "Quero ir lá embaixo." Com muito cuidado, um devoto desceu-o. Sentou-se ainda em êxtase, perto do cantor. A canção havia terminado. O Mestre disse-lhe humildemente: "Senhor, quero ouvir novamente cantar o nome da Mãe."

O músico cantou:

> Desperta, Mãe! Desperta! Por quanto tempo
> No lótus do Muladhara! ...

De novo o Mestre entrou em êxtase.

25 de fevereiro de 1883

Depois do almoço o Mestre conversou com os devotos. Ram, Kedar, Nityagopal, M. e outros haviam chegado de Calcutá. Harish, Latu e Hazra estavam morando com o Mestre. O sr. Choudhury, que possuía três ou quatro diplomas universitários e era funcionário do governo, também estava presente. Recentemente havia perdido a esposa e havia visitado o Mestre várias vezes, em busca de paz de espírito.

Mestre (*a Ram e outros devotos*): "Devotos como Rakhal, Narendra e Bhavanath podem ser chamados nityasiddhas. Desde o nascimento sua consciência espiritual está despertada. Tomam corpos humanos somente para transmitir iluminação espiritual aos outros.

"Há outra classe de devotos, os kripasiddhas, isto é, aqueles para quem a graça de Deus desce subita e imediatamente. Atingem Sua visão e Conhecimento. Essas pessoas podem ser comparadas a um quarto que ficou às escuras durante mil anos e que, ao trazerem um lampião, torna-se claro imediatamente e não, pouco a pouco.

"Aqueles que levam a vida de chefe de família devem praticar disciplina espiritual e orar ansiosamente para Deus, em solidão. (*Ao sr. Choudhury*): Deus não pode ser realizado por meio de erudição. Quem pode na verdade, compreender as coisas do Espírito pela razão? Não, todos devem lutar por devoção aos pés de Lótus de Deus.

"Infinitas são as glórias de Deus! Quão pouco podemos sondá-las! Será que alguma vez poderemos descobrir o significado das maneiras de Deus?

"Bhishma não era outro senão um dos oito Vasus, mas até ele chorou em sua cama de flechas. Disse: 'Que coisa espantosa! O Próprio Deus é o companheiro dos irmãos Pandavas, mesmo assim não há fim para suas tristezas e problemas!' Quem poderá jamais compreender os caminhos de Deus?

"Um homem pensa: 'Pratiquei um pouco de oração e austeridades, assim consegui vitórias sobre os outros', mas a vitória ou derrota dependem de Deus. Vi uma prostituta morrer no Ganges e conservar a consciência[1] até o fim."

Sr. Choudhury: "Como se pode ver Deus?"

Mestre: "Não com estes olhos. Deus dá a uma pessoa olhos divinos e só então, pode vê-Lo. Deus deu a Arjuna olhos divinos a fim de que ele pudesse ver a Sua Forma Universal.[2]

"Sua filosofia é mera especulação. Só racionaliza. Deus não pode ser realizado assim.

"Deus não pode ficar insensível se alguém tiver raga-bhakti, isto é, amor a Deus, com apego apaixonado a Ele. Sabe como Deus aprecia o amor de seus devotos? É como a afeição da vaca por forragem com torta de linhaça. A vaca come-a vorazmente.

"Raga-bhakti é puro amor por Deus, um amor que procura somente Deus, sem qualquer interesse mundano. Prahlada tinha-o. Suponhamos que diariamente você vá visitar um homem rico, mas sem lhe pedir nenhum favor; simplesmente gosta de vê-lo. Se ele quiser lhe prestar um favor, responde-lhe: 'Não senhor. Não preciso de nada. Vim somente vê-lo.' Tal é o amor de Deus por Ele mesmo. Simplesmente O ama sem querer nada d'Ele em troca."

Assim falando o Mestre cantou:

> Apesar de Eu[3] jamais relutar em dar salvação,
> Na verdade hesito em conceder puro amor.
> Quem quer que consiga puro amor, supera tudo

[1] Morrer no Ganges, com plena lucidez, é considerado, pelos hindus, um ato de grande mérito espiritual e resultado de uma vida piedosa.

[2] Uma alusão ao capítulo XI do Bhagavad Gita.

[3] A canção representa as palavras de Sri Krishna.

É adorado pelos mundos. ...
Triunfa sobre os três mundos. ...

Continuou: "O ponto mais importante de tudo é que se deve desenvolver uma ânsia apaixonada por Deus e praticar discriminação e renúncia."

Sr. Choudhury: "Senhor, não é possível ter a visão de Deus sem a ajuda de um guru?"

Mestre: "O Próprio Satchidananda é o Guru. No fim da shavasadhana, quando a visão do Ishta está para ocorrer, o guru aparece diante do aspirante e diz-lhe: 'Aqui está seu Ishta.' Dizendo isso, o guru funde-se no Ishta. Aquele que é guru é também, o Ishta. O guru é o fio que leva a Deus. As mulheres fazem um culto ritualista conhecido como 'Ananta-vrata', sendo o Infinito o objeto do culto, mas na realidade, a Divindade cultuada é Vishnu. N'Ele estão as infinitas 'formas' de Deus.

(*A Ram e outros devotos*): "Se me perguntarem qual a forma de Deus na qual devem meditar, eu lhes diria: Fixem sua atenção na forma que mais lhes atrai, mas tenham como certo que todas as formas são apenas formas de um mesmo Deus.

"Jamais desejem mal a alguém. Shiva, Kali e Hari são formas diferentes do Uno. É verdadeiramente abençoado aquele que conhece todos como uno.

Exteriormente ele parece como devoto de Shiva,
Mas no coração ele adora Kali, a Mãe Bem-aventurada,
E canta bem alto o nome do Senhor Hari.

"O corpo não pode durar sem um traço de luxúria, raiva e similares. Temos que reduzi-las a um mínimo."

Olhando para Kedar, o Mestre disse: "Ele é muito bom. Aceita tanto o Absoluto quanto o Relativo. Crê em Brahman, mas também aceita os deuses e as Encarnações Divinas na forma humana."

Na opinião de Kedar, Sri Ramakrishna era um Encarnação.

Olhando para Nityagopal, o Mestre disse a seus devotos, "Ele está num estado elevado."

(*A Nityagopal):* "Não vá lá com muita freqüência. Pode ir de vez em quando. Ela pode ser uma devota, mas é também, uma mulher. Por isso estou lhe prevenindo.

"O sannyasi deve observar uma disciplina estrita. Não deve nem olhar para o retrato de uma mulher, mas este preceito não se aplica aos chefes de família. Um aspirante não deve se associar com uma mulher, mesmo que seja muito devota a Deus. Um sannyasi, mesmo que já tenha dominado as paixões, deve seguir esta disciplina, a fim de servir de exemplo aos chefes de família.

"As pessoas do mundo aprendem renunciar ao ver a renúncia completa de um monge, do contrário, afundam cada vez mais. Um sannyasi é um instrutor do mundo."

Sexta-feira, 9 de março de 1883

Mais ou menos às nove horas da manhã, o Mestre estava sentado em seu quarto com Rakhal, M. e alguns devotos. Era lua nova. Como era comum nesses dias, Sri Ramakrishna entrava repetidamente em comunhão com a Mãe Divina. Disse aos devotos: "Só Deus existe, tudo o mais é irreal. A Mãe Divina mantém todos iludidos por Sua maya. Olhe para os homens. A maioria deles está mergulhada no mundanismo. Sofrem muito, mas continuam com seu apego a 'mulher e ouro'. O camelo come arbustos com espinhos e o sangue escorre de sua boca, no entanto, continua comendo espinhos. Enquanto está com muitas dores do parto, uma mulher diz: 'Ah! Nunca mais irei com meu marido de novo.' Mas logo ela se esquece.

"A verdade é que ninguém procura Deus. Há pessoas que comem folhas espinhosas do abacaxi e não, a fruta."

Devoto: "Senhor, por que Deus nos pôs no mundo?"

Mestre: "O mundo é o campo de ação. Pela ação obtém-se conhecimento. O guru instrui o discípulo a fazer certos trabalhos e a rejeitar outros. Aconselha a executar a ação sem esperar o resultado. A impureza da mente é destruída com o cumprimento do dever. É como ficar livre de uma doença devido a um remédio, sob a instrução de um médico competente.

"Por que Deus não nos liberta do mundo? Ele nos libertará quando a doença estiver curada. Ele nos libertará do mundo quando formos além do desfrutar de 'mulher e ouro'. Quando um homem se registra no hospital, não mais pode sair. O médico não o deixará ir embora, a não ser que esteja completamente curado."

Nestes dias o coração de Sri Ramakrishna transbordava de amor maternal como aquele que Yashoda sentia por Krishna. Por isso conservou Rakhal com ele. Rakhal sentia pelo Mestre o mesmo que uma criança sente por sua mãe. Deitava-se no colo do Mestre como uma criança no colo de sua mãe enquanto mama.

Rakhal estava assim sentado ao lado Mestre, quando um homem entrou no aposento e disse que a maré alta havia chegado ao Ganges. O Mestre e os devotos correram para o Panchavati para vê-la. À vista de um barco sendo arrastado, Sri Ramakrishna exclamou: "Olhem! Olhem! Espero que nada aconteça com ele."

"Todos sentaram-se no Panchavati. O Mestre pediu a M. para lhe explicar o mecanismo da maré. M. desenhou no chão o sol a, lua e a terra e tentou explicar a lei da gravitação, maré baixa, maré alta, lua nova, lua cheia, eclipse etc.

Mestre (*a M.*): "Chega! Não consigo acompanhá-lo. Estou ficando tonto. Minha cabeça está doendo. Bem, como podem saber tantas coisas abstratas?

"Vejam, na minha infância eu pintava bem, mas a aritmética fazia minha cabeça ficar tonta. Não conseguia aprender a mais simples conta."

Sri Ramakrishna voltou para o seu quarto com os devotos. Olhando para o retrato de Yashoda na parede, disse: "Não está bem feito. Parece uma vendedora de grinaldas."

O Mestre tirou uma soneca depois do almoço e os outros devotos gradualmente aproximaram-se. Era a primeira visita de Adhar, um magistrado de mais ou menos trinta anos.

Adhar (*ao Mestre*): "Senhor, tenho uma pergunta a lhe fazer. É bom sacrificar animais para a Divindade? Isto certamente implica em matar."

Mestre: "O shastra prescreve sacrifício em ocasiões especiais. Esse sacrifício não é nocivo. Tome, por exemplo, o sacrifício de uma cabra no oitavo dia da lua cheia ou nova.

"Agora estou em tal estado mental que não posso ver um sacrifício. Também não posso comer carne oferecida à Mãe Divina. Por conseguinte, primeiro a toco com o dedo, em seguida com a cabeça, senão Ela poderia ficar zangada comigo.

"Também dependendo do meu estado mental, vejo Deus em todos os seres, inclusive numa formiga. Se vejo um ser vivo morrer, meu consolo é pensar de que se trata apenas da morte do corpo, estando a alma além da vida e da morte.

"Não se deve raciocinar muito. Basta apenas que se ame os Pés de Lótus da Mãe. Muito raciocínio leva confusão à mente. Você obtém água pura se beber da superfície de um tanque, mas se puser a mão mais profundamente e mexer na água, ela vem com lama, portanto, ore a Deus por devoção.

"Atrás da devoção de Dhruva havia desejo. Ele praticou austeridades para conseguir o reino de seu pai, mas o amor de Prahlada por Deus era desinteressado – um amor que não procurava retribuição."

Um devoto: "Como se pode realizar Deus?"

Mestre: "Através desse tipo de amor, mas deve-se reforçar o pedido a Deus. Deve-se dizer: 'Ó Deus, por que Tu não Te revelas a mim? Vou cortar minha garganta com uma faca.' 'Esse é o tamas da bhakti."

Devoto: "Pode-se ver Deus?"

Mestre: "Sim, *certamente*. Pode-se ver ambos aspectos de Deus – Deus com forma e sem forma. Pode-se ver Deus com forma, a Encarnação do Espírito. Também, Deus pode ser diretamente percebido num homem como uma forma tangível. Vendo uma Encarnação de Deus é o mesmo que ver o Próprio Deus. Deus vem ao mundo como homem em cada época."

11 de março de 1883

Era o aniversário de Sri Ramakrishna. Muitos de seus discípulos e devotos queriam celebrar este feliz evento em Dakshineswar.

Desde cedo os devotos começaram a chegar, sozinhos ou em grupos. Depois do culto da manhã nos templos, foi tocada uma música suave no nahabat. Era primavera. As árvores, as trepadeiras e as plantas estavam cobertas de folhas novas e botões de flores. O próprio ar parecia impregnado de alegria e o coração dos devotos estavam felizes, nesse dia auspicioso.

M. chegou cedo de manhã e encontrou o Mestre conversando, sorridente, com Bhavanath. Rakhal e Kalikrishna. M. prosternou-se ante ele.

Mestre (*a M.*): "Estou feliz que tenha vindo."

(*Aos devotos*): "Ninguém pode ser espiritualizado enquanto tiver vergonha, ódio ou medo. Grande será a alegria hoje, mas aqueles tolos que nem cantam, nem dançam enlouquecidos pelo nome de Deus, jamais alcançarão Deus. Como pode alguém sentir vergonha ou medo, quando os nomes de Deus são cantados? Agora cantem, todos vocês."

Bhavanath e seu amigo Kalikrishna cantaram:

Três vezes abençoado seja este dia de alegria!
Possamos todos nos unir, Ó Senhor
Para pregar Tua religião verdadeira aqui
Na terra santa da Índia!
Tu moras em cada coração humano;
Teu nome, ressoando em todos os lugares
Preenche os quatro canto do céu.
Hoje Teus devotos proclamam
Tua ilimitada majestade.

Não procuramos riqueza ou amigos ou fama,
Ó Senhor! Nenhuma outra esperança é nossa.
Para Ti apenas Teus devotos
Anseiam com amor sem bandeiras
Seguros em Teus pés, que medo temos
Da morte ou perigo? Encontramos
A Fonte da Imortalidade.
A Ti salve, Ó Senhor!
A Ti salve!

À medida que Sri Ramakrishna escutava a canção de mãos postas, sua mente fugia para um plano longínquo. Permaneceu absorvido em meditação por um longo período. Depois de um certo tempo Kalikrishna sussurrou qualquer coisa para Bhavanath. Curvou-se ante o Mestre e levantou-se. Sri Ramakrishna ficou surpreso. Perguntou: "Onde você vai?"

Bhavanath: "Ele vai resolver um pequeno assunto."

Mestre: "Sobre o que?"

Bhavanath: "Vai ao Instituto de Trabalhadores de Baranagore."

Mestre: "Ele está sem sorte. Uma corrente de bem-aventurança vai fluir hoje aqui. Ele poderia desfrutá-la, mas como é desafortunado!"

Sri Ramakrishna não estava se sentindo bem: por isso decidiu não se banhar no Ganges. Por volta das nove horas trouxeram alguns jarros de água do rio e com a ajuda dos devotos, terminou seu banho na varanda leste do seu quarto.

Depois do banho colocou uma roupa nova, cantando todo o tempo o nome de Deus. Acompanhado por um ou dois discípulos, atravessou o pátio até o templo de Kali, ainda cantando Seu nome sagrado. Os olhos tinham um ar interior, como o de um passarinho chocando os ovos.

Ao entrar no templo prosternou-se diante da imagem e adorou a Mãe Divina, contudo, não observou qualquer ritual formal. Ora oferecia flores e pasta de sândalo aos pés da imagem, ora também as colocava em sua cabeça. Depois de terminado seu culto a seu modo, pediu a Bhavanath para levar o coco verde que havia sido oferecido à Mãe. Visitou também, as imagens de Radha e Krishna no templo de Vishnu.

Quando o Mestre voltou para seu aposento, viu que outros devotos haviam chegado, entre os quais Ram, Nityagopal e Kedar. Todos saudaram o Mestre, que lhes retribuiu cordialmente.

Perguntou a Nityagopal, "Você vai comer alguma coisa agora?" "Sim", respondeu Nityagopal que tinha vinte e três ou vinte e quatro anos. Era solteiro e parecia um menino. Sua mente vivia mergulhada no plano espiritual. Visitava o Mestre, às vezes sozinho, às vezes na companhia de Ram. O Mestre havia observado o estado espiritual de sua mente e afeiçoou-se muito a ele. Notava que de vez em quando Nityagopal ficava em estado de paramahamsa.

Depois que Nityagopal acabou de comer, o Mestre levou-o para um canto e deu-lhe várias instruções.

Uma certa senhora de mais ou menos trinta e um anos e grande devota, visitava Sri Ramakrishna amiúde e o tinha com muito respeito. Estava muito impressionada com o estado espiritual de Nityagopal, considerando-o como se fosse seu próprio filho e com muita freqüência, convidava-o para ir à sua casa.

Mestre (*a Nityagopal*): "Você vai lá?"

Nityagopal (*Como uma criança*): "Sim. Ela me leva."

Mestre: "Cuidado, santo homem! Vá lá com grande intervalo de tempo e não, freqüentemente, senão você se afastará de seu ideal. Maya nada mais é do que 'mulher e ouro'. Um homem santo deve afastar-se de mulher. Todos afundam-se aí. 'Mesmo Brahman e Vishnu lutaram toda a vida nesse redemoinho.' "

Nityagopal escutava suas palavras atentamente.

M.(*a si mesmo*): "Que estranho! Este jovem desenvolveu o estado de paramahamsa. É o que o Mestre diz de vez em quando. É possível que ele caia apesar de seu alto estado espiritual? Que lei austera é estabelecida para um sadhu! Pode afastar-se de seu ideal associando-se intimamente às mulheres. Como pode um homem comum alcançar liberação, a não ser que tal ideal elevado seja estabelecido por homens santos? A mulher em questão é muito devota, mas mesmo assim, há perigo. Agora compreendo porque Chaitanya castigou seu jovem discípulo Haridas, tão severamente. Apesar da proibição de seu instrutor, Haridas conversou com uma devota viúva. Mas ele era um sannyasi. Por conseguinte, Chaitanya o baniu. Que punição severa! Como é dura a lei para aquele que segue o caminho da renúncia! Que amor o Mestre tem por este devoto! Ele o está prevenindo agora, para que não caia em perigo no futuro."

"Cuidado, santo homem!" Estas palavras do Mestre ecoaram nos corações dos devotos, como o retumbar distante de um trovão.

O Mestre foi com os devotos para a varanda nordeste do seu aposento. Entre eles estava um chefe de família de uma vila de Dakshineswar que estudava filosofia Vedanta em casa. Estivera discutindo Om com Kedar, diante do Mestre. Disse: "Esta Palavra Eterna, o Anahata Sabda está sempre presente no interior e no exterior."

Mestre: "Mas a Palavra não é suficiente. Deve haver algo indicado pela Palavra. Pode apenas o seu nome fazer-me feliz? Completa felicidade não é possível para mim a menos que o veja."

Devoto: "Aquela Palavra Eterna em si mesma é Brahman."

Mestre (*a Kedar*): "Ó, você não compreende? Ele sustenta a doutrina dos rishis dos tempos antigos. Uma vez disseram a Rama: 'Ó Rama, o conhecemos apenas como o filho de Dasharatha. Que sábios como Bharadvaja Te adorem como Deus Encarnado. Queremos realizar Brahman, o Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos.' A essas palavras Rama sorriu e saiu."

Kedar: "Aqueles rishis não souberam reconhecer Rama como uma Encarnação de Deus. Deveriam ser tolos."

Mestre (*seriamente*): "Por favor não diga uma coisa dessas. As pessoas adoram Deus segundo seus gostos e temperamentos. A mãe cozinha o mesmo peixe de modo diferente para seus filhos, de maneira que cada um possa comer o que faz bem ao seu estômago. Para alguns cozinha o rico prato pilau, mas nem todos podem digeri-lo. Para as que têm estômago sensível, prepara sopa. Outras gostam de peixe frito ou escabeche. Depende do gosto de cada um.

"Os rishis seguiram o caminho da jnana. Por conseguinte, procuraram realizar Brahman, Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos, mas aqueles que seguem o caminho da devoção, procuram uma Encarnação de Deus para desfrutarem a doçura da bhakti. A escuridão da mente desaparece quando Deus é realizado. Dizem nos Puranas que era como se cem sóis estivessem brilhando, quando Rama entrava na corte. Por que então, os cortesãos não se queimavam? Porque o brilho de Rama não era igual a de um objeto material. Como o lótus desabrocha quando o sol surge, assim o lótus do coração das pessoas na corte florescia."

Ao dizer estas palavras, o Mestre, de pé, diante dos devotos, entrou em êxtase. Sua mente retirou-se dos objetos externos. Mal acabou de dizer "o lótus do coração florescia" , entrou em samadhi profundo. Permaneceu imóvel, o rosto brilhando e os lábios entreabertos num sorriso

Depois muito tempo voltou à consciência normal do mundo. Suspirou profundamente e começou repetidamente a cantar o nome de Rama, cada palavra derramando néctar nos corações dos devotos. O Mestre sentou-se e as outras pessoas também, em sua volta

Mestre (*aos devotos*): "As pessoas comuns não reconhecem a vinda de uma Encarnação de Deus. Ela vem secretamente. Somente alguns de Seus discípulos íntimos A reconhecem. Só os doze rishis souberam que Rama era tanto Brahman Absoluto como uma perfeita Encarnação de Deus em forma humana. Os outros sábios disseram-Lhe: 'Rama, nós Te conhecemos apenas como o filho de Dasharatha.'

"Pode alguém compreender Brahman, Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança? Só alcançou o amor perfeito de Deus aquele que tendo alcançado o Absoluto, mantém-se no plano Re-

lativo para desfrutar a divina lila. O homem pode descrever os hábitos e as atividades da Rainha[4], se já a tiver visitado na Inglaterra. Só então a descrição da Rainha pode ser considerada correta. Sábios como Bharadvaja adoraram Rama e disseram: 'Ó Rama, Tu não és outro senão o Indivisível Satchidananda. Tu apareceste diante de nós como seu humano, mas Tu pareces um homem pois Tu Te ocultaste na Tua própria maya.' Esses rishis foram grandes devotos de Rama e tiveram amor supremo por Deus."

Naquele momento chegaram alguns devotos procedentes de Konnagar, cantando o kirtan com acompanhamento de tambores e pratos. Quando chegaram à varanda nordeste do quarto de Sri Ramakrishna, o Mestre juntou-se a eles na música, dançando e intoxicado pela alegria divina. De vez em quando entrava em samadhi, em pé, imóvel como uma estátua. Enquanto estava num desses estados de inconsciência divina, os devotos puseram grinaldas de jasmim em seu pescoço. O aspecto encantador do Mestre fez os devotos recordarem Chaitanya, outra Encarnação de Deus. O Mestre passou sucessivamente por três estados de consciência divina: o mais interior, quando perdeu completamente todo o conhecimento do mundo exterior; o semiconsciente, quando dançou com os devotos em êxtase de amor e consciente, quando se juntou a eles cantando em voz alta. Era realmente um espetáculo para os deuses, ver o Mestre de pé, imóvel em samadhi, com grinaldas de flores perfumadas dependuradas no seu pescoço, o rosto brilhando de amor e os devotos cantando e dançando a seu redor.

Quando estava na hora do almoço, Sri Ramakrishna vestiu uma roupa amarela nova e sentou-se no sofá pequeno. Sua pele dourada confundindo-se com a roupa amarela, encantava os devotos.

Depois do almoço, Sri Ramakrishna descansou um pouco no sofá pequeno. Dentro e fora do aposento amontoavam-se os devotos entre eles Kedar, Suresh, Ram Manomohan, Girish, Rakhal, Bhavanath e M. O pai de Rakhal também estava presente.

Um goswami vaishnava estava sentado no aposento. O Mestre disse-lhe: "Bem, o que o senhor diz? Qual é o caminho?"

Goswami: "Senhor, cantar o nome de Deus é suficiente. As escrituras dão ênfase à santidade do nome de Deus para o Kaliyuga."

Mestre: "Sim, não há dúvida a respeito da santidade do nome de Deus, mas pode um simples nome alcançar alguma coisa, sem o amor ardente do devoto, por trás dele? Deve-se sentir uma grande inquietude d'alma para se ter a visão de Deus. Suponhamos que um homem repita o nome de Deus mecanicamente, enquanto a mente está absorvida em 'mulher e ouro'. Pode alcançar alguma coisa? Mero murmúrio de palavras encantadas não curam a dor da mordida de uma aranha ou escorpião. Deve-se usar, também cinzas de esterco de vaca [5]."

Goswami: "Mas o que me diz de Ajamila? Foi um grande pecador: não havia pecado que não tivesse cometido, mas cantou o nome de Narayana em seu leito de morte, chamando o filho que também tinha aquele nome. Assim foi liberado."

Mestre: "Talvez Ajamila tivesse feito muitas práticas espirituais em encarnações passadas. Diz-se que ele uma vez praticou austeridades, além do mais, aqueles eram os últimos momentos de sua vida. Para que serve dar um banho num elefante? Ele se cobrirá de sujeira e poeira outra vez e voltará a ser o que era antes, mas se alguém lhe retira a poeira do corpo e lhe dá um banho antes de entrar no estábulo, então o elefante permanecera limpo.

"Suponhamos que um homem se purifique cantando o nome de Deus, mas logo em seguida, cometa muitos pecados. Não tem força mental. Não se propõe a não repetir seus pecados. Um banho no Ganges indubitavelmente apaga todos os pecados, mas para que serve? Dizem que os pecados ficam nos galhos das árvores às margens do Ganges. Logo que um homem sai das sagradas águas, os velhos pecados pulam sobre seus ombros, vindo das árvores. (*Todos riem*). Os mesmos velhos pecados apossam-se dele novamente. Mal saiu da água e os pecados caem em cima dele.

"Por conseguinte digo, cante o nome de Deus e com isso, ore a Ele para que possa ter Seu amor. Peça a Deus para que seu apego às coisas transitórias como riqueza, nome e confortos diminua diariamente cada vez mais.

(Ao goswami): "Com sinceridade e anelo pode-se realizar Deus por meio de todas as religiões. Os vaishnavas realizarão Deus, o mesmo com os shaktas, vedantistas e brahmos. Os muçulmanos e cristãos, também O realizarão. Certamente todos O realizarão se forem sinceros e fervorosos.

"Algumas pessoas entregam-se a discussões, dizendo: 'Não se realiza nada a não ser que se adore Krishna', ou 'Ninguém pode se salvar sem aceitar a religião cristã'. Isto é dogmatismo puro. O dog-

[4] Rainha Victoria.

[5] Um remédio primitivo usado pelos aldeãos para mordidas de escorpião.

mático diz, 'Só minha religião é a verdadeira, as religiões dos outros são falsas.' É uma atitude incorreta. Deus pode ser alcançado por diferentes caminhos.

"Além disso alguns dizem que Deus tem forma e é sem forma. Assim começam a brigar. Um vaishnava briga com um vedantista.

"Só se pode falar com autoridade sobre Deus, depois de tê-Lo visto. Aquele que viu Deus sabe dizer realmente e com certeza, que Deus tem forma e que Ele é sem forma, também. Ele possui muitos outros aspectos que não podem ser descritos.

"Certa vez uns cegos aproximaram-se de um animal que alguém lhes havia dito ser um elefante. Perguntaram-lhe como ele era. Os cegos começaram a tocar seu corpo. Um deles disse que ele era como um pilar; havia tocado em sua pata. Outro disse que se parecia com um leque; havia tocado a orelha. Dessa maneira, os outros tendo apalpado a barriga ou a cauda, deram versões diferentes do elefante. Assim o homem que viu apenas um aspecto de Deus, limita-O apenas a este. Está convencido de que Deus não pode ser outra coisa diferente.

(*Ao goswami*): "Como pode você dizer que a única verdade a respeito de Deus é que Ele tem forma? Sem dúvida alguma Deus vem à terra sob a forma humana, como no caso de Krishna. É verdade que Deus revela-Se aos Seus devotos, sob diferentes formas, mas é também verdade que Deus é sem forma: Ele é o Indivisível Existência-Conhecimento-Bem-aventurança. Ele foi descrito nos Vedas tanto com forma como sem forma. E aí também está descrito com ou sem atributos.

"Você sabe o que quero dizer? Satchidananda é como um oceano infinito. O frio intenso transforma a água em gelo, que flutua em blocos sob diversas formas. Da mesma maneira, pela influência refrescante de bhakti, uma pessoa vê as formas de Deus no Oceano do Absoluto. Essas formas são para os bhaktas, os amante de Deus. Mas quando o Sol do Conhecimento chega, o gelo derrete-se; torna-se a mesma água de antes. Água em cima e embaixo, em todos os lugares, apenas água. Por conseguinte há uma oração no *Bhagavata* que diz: 'Ó Senhor, Tu tens forma e Tu és também sem forma. Tu andas diante de nós, Ó Senhor, sob a forma de um homem. Tu também foste descrito nos Vedas como além das palavras e pensamentos.'

"Mas pode-se dizer que para certos devotos, Deus assume formas eternas. Há lugares no oceano em que o gelo não se derrete totalmente. Toma a forma de um quartzo."

Kedar: "Está escrito no *Bhagavata* que Vyasa pediu perdão a Deus por suas três transgressões. Disse: 'Ó Senhor, Tu és sem forma, mas tenho pensado em Ti com forma em minha meditação; Tu estás além da fala, mas cantei hinos a Ti. Tu és o Espírito que a Tudo permeia, mas fiz peregrinações a lugares sagrados. Sê benigno, Ó Senhor e perdoa estas minhas três transgressões.'

Mestre: "Sim, Deus tem forma e também, é sem forma, mas Ele está além da forma e do sem forma. Ninguém pode limitá-Lo."

O pai de Rakhal estava no aposento. Naquela época Rakhal morava com o Mestre. Depois da morte da mãe, seu pai havia se casado pela segunda vez. De vez em quando vinha a Dakshineswar porque Rakhal estava lá. Não fazia objeção ao fato de seu filho morar com o Mestre. Sendo um homem rico estava sempre empenhado com ações judiciais. Havia muitos advogados e magistrados entre os visitantes de Sri Ramakrishna. O pai de Rakhal achava proveitoso cultivar tais relações, uma vez que esperava beneficiar-se com seus conselhos em assuntos mundanos.

De vez em quando o Mestre lançava um olhar para o pai de Rakhal. Era seu desejo que o jovem morasse permanentemente em Dakshineswar.

Mestre (*ao pai de Rakhal e devotos*): "Ah! Que bom caráter tem Rakhal! Olhe para seu rosto e, de vez em quando notará que seus lábios movem-se. Internamente repete o nome de Deus e por isso, seus lábios movem-se.

"Rapazes como ele pertencem à classe dos sempre perfeitos. Nasceram com a Consciência de Deus. Assim que crescem um pouco, sentem o perigo de entrar em contato com o mundo. Há a parábola da ave homa nos Vedas. Vive bem alto, no céu e jamais desce à terra. Põe o ovo no céu e este começa a cair. Mas o pássaro vive numa região tão alta, que o ovo é chocado enquanto cai. O filhote nasce e continua caindo, mas ainda está em tal altura que, enquanto cai, suas asas crescem e seus olhos abrem-se. Então a avezinha percebe que vai se arrebentar se cair no chão e que morrerá instantaneamente. No momento que vê o solo, dá uma volta e arremessa-se para cima em direção à sua mãe no céu. Desde então sua meta é a de alcançar sua mãe.

"Jovens como Rakhal são como esse pássaro. Desde sua infância têm medo do mundo e seu único pensamento é alcançar a Mãe, realizar Deus.

"Podem perguntar: 'Como é possível para esses rapazes, nascidos de pais mundanos e vivendo no meio de pessoas de mentalidade mundana, desenvolverem semelhante conhecimento e devoção?' Isto se explica. Se uma ervilha cai no esterco, germina e cresce como um pé de ervilha. As ervilhas possuem fins úteis. Por que foi semeada num esterco deveria produzir um outro tipo de planta?

"Ah, que natureza doce Rakhal tem hoje em dia! E por que não deveria ser assim? Se o inhame é bom, seus brotos também o são.(*Todos riem*). Tal pai, tal filho."

M. (*à parte a Girindra*): "Como ele explicou bem este assunto de Deus com forma e sem forma! Os vaishnavas só acreditam em Deus com forma?"

Girindra: "Talvez sim. Têm uma visão unilateral."

M.: "Você entendeu o que ele quis dizer com 'forma eterna' de Deus? Aquele 'quartzo'? Não pude captar bem o seu significado.

"Mestre (*a M.*): "Bem, de que estão falando?"

M. e Girindra sorriram e ficaram em silêncio.

Mais tarde, depois do almoço, os devotos estavam cantando no Panchavati, onde o Mestre juntou-se a ele. Cantaram em louvor à Mãe Divina:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa.
Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra.
Maya perturbou o seu vôo calmo, puxando um lado para baixo.
E eu não pude levantá-la mais.
Enredado na retorcida corda do amor por filhos e esposa:
Ó! Meu papagaio rasgou-se em dois.

Perdeu sua crista de sabedoria precipitando-se para baixo e eu o deixei ir
Como poderia esperar voar de novo, quando toda crista estava rasgada?
Embora amarrada pela corda da devoção, sofreu por brincar aqui.
Os seis oponentes[6] agravaram tudo.
Agora Nareschandra lamenta este jogo de sorrisos e lágrimas pensa que teria sido melhor
Jamais ter alguma vez brincado.

O canto continuou. Sri Ramakrishna dançou com os devotos. Cantaram:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria
Para a flor azul de lótus dos pés da Mãe Shyama,
A flor azul dos pés de Kali, a Consorte de Shiva:
Sem gosto para a abelha, são os brotos do desejo.
Os pés de minha Mãe são negros e negra também é a abelha:
Negro se torna um com negro. E este muito de mistério
Meus olhos mortais vêem, então rapidamente se retraem.
Mas as esperanças de Kamalakanta por fim são atendidas
Ele nada no Mar de Bem-aventurança, impassível ante a felicidade ou a dor.

O kirtan continuou:

Ó Mãe! Que máquina[7] é esta que Tu fizeste!
Que peças Tu pregas com este brinquedo
De três e meio cúbitos de altura!
Escondendo-Te Tu mesma nele, Tu seguras a corda;
Mas a máquina não o sabendo.
Ainda crê que se move por si mesmo.
Quem encontra a Mãe não será máquina outra vez.
Mas algumas máquinas prenderam
A Própria Mãe com a corda do amor.

Foi um dia muito feliz para todos.

O Mestre, acompanhado de M. estava voltando para o quarto, quando encontrou no caminho, Trailokya, um devoto Brahmo. Trailokya inclinou-se ante o Mestre.

Mestre: "Estão cantando no Panchavati. Por que você não vai lá?"

Trailokya: "O que vou fazer lá?"

Mestre: "Bem, vai apreciar a música."

[6] As seis paixões.

[7] Corpo humano.

Trailokya: :Já estive lá."

Mestre: "Bem, bem! É bom!"

Eram mais ou menos seis horas da tarde. O Mestre estava sentado com os devotos na varanda sudeste de seu aposento.

Mestre: "Um santo que renunciou ao mundo, cantará certamente o nome de Deus. Isto é natural. Não tem outros deveres para cumprir. Se medita em Deus, isto não surpreenderá ninguém. Por outro lado se ele deixa de pensar em Deus, em cantar Seu Santo nome, as pessoas pensam mal dele.

"Se um chefe de família, entretanto, cantar o nome de Deus, é muito louvável. Veja o rei Janaka. Na verdade que coragem ele teve! Esgrimiu com duas espadas, uma do Conhecimento e a outra, do trabalho. Possuía o perfeito Conhecimento de Brahman e ao mesmo tempo, dedicava-se aos deveres do mundo. Uma mulher não casta atende aos menores deveres do mundo, mas sua mente mora sempre no seu amante.

"A companhia constante de pessoas santas é necessária. Os santos conduzem-nos a Deus."

Kedar: "Sim, senhor. Uma grande alma nasce para redimir a humanidade. Conduz outros para Deus, assim como uma locomotiva arrasta consigo um trem de vagões. Ou então, como um rio ou lago que matam a sede de muitas pessoas."

Os devotos aprontaram-se para regressar. Um a um despediram-se do Mestre. Ao ver Bhavanath, Sri Ramakrishna disse: "Não vá embora hoje. A sua simples visão me inspira." Bhavanath ainda não tinha entrado no mundo. Jovem de vinte anos, tinha pele clara e traços finos. Ao ouvir o nome de Deus, derramava lágrimas de alegria. O Mestre olhava-o como a personificação de Narayana.

Quinta-feira, 29 de março de 1883

O Mestre já havia descansando um pouco depois do almoço, quando chegaram alguns devotos de Calcutá, entre eles Amrita e o conhecido cantor do Brahmo Samaj, Trailokya.

Rakhal não se sentia bem. O Mestre, preocupado com ele, disse aos devotos: "Rakhal não está bem. Será que soda lhe fará bem? Rakhal, por favor, coma prasad do templo de Jagannath."

Enquanto pronunciava estas palavras, o Mestre experimentou uma estranha transformação. Olhava para Rakhal com a ternura infinita de uma mãe, enquanto afetuosamente pronunciava o nome de Govinda[8]. Será que via em Rakhal a manifestação do Próprio Deus? O discípulo era um jovem de coração puro que havia renunciado a toda atração de luxúria e cobiça. Sri Ramakrishna permanecia embriagado, dia e noite, com o amor de Deus. Quando via Rakhal os olhos exprimiam os ternos sentimentos de mãe, o mesmo amor que enchia o coração de Yashoda quando avistava o Menino Krishna. Os devotos, maravilhados, olhavam para o Mestre enquanto ele entrava em samadhi profundo. Como sua alma elevou-se até o plano da Consciência Divina, o corpo tornou-se imóvel, os olhos fixos na ponta do nariz e a respiração quase parada.

Um bengali desconhecido, vestindo roupa ocre de monge, entrou no aposento e sentou-se no chão. A mente do Mestre estava descendo até o plano normal de consciência. Em seguida começou a falar, embora o encantamento do samadhi ainda persistisse.

Mestre (*vendo a roupa ocre*): "Por que esta gerrua? Deve uma pessoa vesti-la por acaso? Uma vez um homem disse: 'No início troquei o *Chandi* pelo tambor.' Antes ele cantava os hinos sagrados do *Chandi*, agora toca tambor. (*Todos riem*).

"Há três ou quatro tipos de renúncia. Angustiado com os problemas de sua casa, uma pessoa pode vestir a roupa ocre dos monges; mas esta renúncia não dura. Um homem desempregado veste roupa ocre e vai para Benares. Depois de três meses escreve para casa: 'Arrumei um emprego aqui. Voltarei dentro de alguns dias. Não se preocupem comigo.' Assim também um homem pode ter tudo o que quer. Não lhe falta nada, mas não desfruta o que tem. Só chora por Deus. Esta é a renúncia verdadeira.

"Nenhuma mentira é boa. Uma roupa falsa, mesmo que seja a de um monge, não é boa. Se a roupa exterior não corresponde a um pensamento interior, gradualmente traz dano. Pronunciando mentiras ou cometendo ações falsas, gradualmente alguém perde todo o medo. Muito melhor é a roupa branca de um chefe de família. Apego ao mundanismo, esquecimento ocasional do ideal e exibição exterior de gerrua é horrível – que horror!

[8] Nome de Krishna. Segundo o Mestre, Rakhal, em uma de suas encarnações anteriores, foi pastor de Vrindavan e companheiro íntimo de Sri Krishna.

"Não é bom para um homem íntegro, mentir ou cometer uma falsidade, mesmo numa representação dramática. Uma vez fui à casa de Keshab assistir a uma peça chamada *Nava-Vrindavan*. Trouxeram para o palco uma coisa que chamaram 'Cruz'. Um outro ator espargia água que dizia ser 'Água da Paz'. Vi um terceiro ator cambaleando e fazendo ziguezague no papel de bêbado."

Um devoto Brahmo: "Era K - ."

Mestre: "Não é bom para um devoto, representar tais papéis. É ruim para a mente concentrar-se em tais temas durante muito tempo. A mente é como uma roupa branca de linho que veio da lavanderia: toma a cor que você vai tingir. Se ficar associada por muito tempo com mentira, ficará manchada pela mentira.

"Outro dia fui à casa de Keshab ver a peça *Nimai-sannyas*[9]. Alguns amigos aduladores de Keshab puseram a perder toda a representação. Um deles disse a Keshab: 'O senhor é o Chaitanya do Kaliyuga.' Keshab apontou para mim e perguntou com um sorriso: 'Então, quem é ele?' Respondi, 'Bem, sou o servo do seu servo. Sou a partícula da poeira dos seus pés.' Keshab tinha desejo de nome e fama.

(*A Amrita e Trailokya*): "Jovens como Narendra e Rakhal são sempre perfeitos. Sempre que renascem são devotados a Deus. Um homem comum consegue uma pequena devoção depois de austeridades e luta dura, mas esses rapazes têm amor a Deus desde que nasceram. São como uma imagem natural de Shiva que brota da terra e não é feita por mãos humanas.

"Os sempre perfeitos constituem uma classe à parte. Nem todos os pássaros têm bico encurvado. Os sempre perfeitos jamais apegam-se ao mundo. Veja o exemplo de Prahlada.

"As pessoas comuns praticam disciplina espiritual e cultivam devoção a Deus, mas também se tornam apegados ao mundo e são apanhados pelo fascínio de 'mulher e ouro'. São como moscas que pousam numa flor ou num doce, mas também, na sujeira.

"Mas os sempre perfeitos são como abelhas que pousam apenas nas flores e sorvem o mel. Os sempre perfeitos bebem somente o Néctar da Bem-aventurança Divina. Jamais inclinam-se para os prazeres do mundo.

"A devoção dos sempre perfeitos não é como a devoção comum, resultado de uma disciplina espiritual rígida. A devoção ritualista consiste em repetir o nome de Deus e fazer o culto de modo prescrito. É como atravessar um arrozal, por uma via indireta, seguindo um desvio. É como chegar a um vilarejo vizinho de barco, por um caminho circundando um rio sinuoso.

"Uma pessoa não segue as prescrições do culto formal quando desenvolve raga-bhakti, quando ama Deus como alguém muito íntima. Então é como atravessar um campo de arroz depois da colheita. Não há necessidade de seguir a marcação. Pode atravessar o campo em qualquer direção.

"Quando o campo está inundado, não há necessidade de seguir os meandros do rio. O campo está bem abaixo da água. Pode dirigir o barco diretamente até a vila.

"Sim, este intenso apego, este amor apaixonado, não se pode realizar Deus."

Amrita: "Senhor, como se sente em samadhi?"

Mestre: "Você já ouviu dizer que uma barata devido à intensa meditação numa brahmara transforma-se numa brahmara. Sabe como me sinto? Sinto-me como um peixe libertado de um pote e jogado no Ganges."

Amrita: "O senhor não possui neste momento, nenhum traço do ego?"

Mestre: "Sim, geralmente um pouco sempre permanece. Por mais força com que se esfregue uma pepita de ouro, para raspá-la contra uma pedra de moagem, um pouquinho de ouro sempre permanece. Ou então, tome o caso de um grande incêndio; o ego é como uma das fagulhas. Em samadhi perco completamente a consciência exterior, mas Deus geralmente mantém um pequeno traço do ego em mim para que eu possa desfrutar a comunhão divina. O gozo é possível apenas, enquanto o 'eu' o 'tu' permanecerem.

"Às vezes Deus apaga até mesmo esse traço do 'eu'. Experimenta-se então jada samadhi ou nirvikalpa samadhi. Esta experiência não pode ser descrita. Uma boneca de sal foi medir a profundidade do oceano, mas antes de mergulhar na água, dissolveu-se. Tornou-se una com a água do oceano. Quem podia voltar para medir a profundidade do oceano?"

oooooooooooooooooooooooooooooooooo

[9] Peça que descreve o ingresso de Sri Chaitanya na vida monástica.

CAPÍTULO 9

CONSELHO AOS BRAHMOS

Sábado, 7 de abril de 1883

SRI RAMAKRISHNA fora visitar Balaram em Calcutá com Narendra, Bhavanath, Rakhal, M. e outros. Balaram, por indicação do Mestre, convidara alguns jovens devotos para almoçar. Sri Ramakrishna muitas vezes dissera-lhe: "Alimente-os de vez em quando; isto lhe dará mérito de ter dado comida aos homens santos." O Mestre considerava seus jovens discípulos, ainda não tocados por "mulher e ouro", verdadeiras personificações de Deus.

Alguns dias antes, Sri Ramakrishna estivera na casa de Keshab com Narendra e Rakhal, para assistir à apresentação da peça *Nava-Vrindavan*. Narendra havia tomado parte na peça em que Keshav fez o papel de Pavhari Baba.

Mestre: "Keshav veio ao palco interpretando o papel de um santo e espargiu a 'Água da Paz'. Eu, porém, não gostei. Que idéia foi essa de espargir água num palco depois de uma representação!

"Outra pessoa fez o papel de Pecado. Também não é bom. Não se deve cometer pecados, nem mesmo fingir."

O Mestre queria ouvir Narendra cantar. O jovem discípulo não se sentia bem, mas a pedido sincero do Mestre, cantou com acompanhamento do tanpura:

Canta, Ó pássaro que se aninha profundamente dentro do meu coração!
Canta, Ó pássaro que pousa na Árvore Kalpa de Brahman.
Canta, a duradoura oração a Deus. ...

Em seguida cantou:

Brahman, Alegria de todo o universo, Brilho Supremo
Deus sem princípio, Senhor do mundo, verdadeira Vida da vida!...

E também:

Ó Rei dos Reis! Revela-Te a mim!
Anseio por Tua misericórdia. Lança-me Teu olhar!
A Teus queridos pés dedico minha vida.
Queimada no forno ardente deste mundo.

Meu coração, Ó, está profundamente manchado pelo pecado
Enganado pela maya, estou totalmente morto.
Senhor misericordioso! Revive minha alma que desfalece,
Com o néctar vivificante de Tua graça.

Narendra continuou

"Na amplidão do céu resplandecem brilhantes
Os lampiões do sol e da lua.
Como diamantes brilham as estrelas cintilantes
Para enfeitar Tua forma maravilhosa.
A doce brisa malaia sopra levemente.
Para a fumaça de incenso perfumado
O ar em movimento balança para frente e para trás.
O leque ante Tua face santa:
Como brilhantes luzes votivas.
Aparecem os frescos e floridos bosques.

Quão maravilhoso é Teu culto.
Ó matador do nascimento e morte!
O Om sagrado que surge do espaço

É o tambor que ressoa.
Minha mente anseia pelo néctar dia e noite
Aos Pés de Lótus de Hari:
Ó, derrama as águas de Tua graça
Sobre o sedento Nanak, abençoado Senhor:
E possa Teu nome encantado
Tornar-se seu lar para sempre!

E cantou de novo:

No firmamento da Sabedoria a lua de Amor está surgindo cheia,
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.
Ó Senhor, quão cheio de Bem-aventurança, Tu és! Salve!...

Então, a pedido do Mestre, Bhavanath cantou:

Onde está um amigo como Tu, Ó Essência da Misericórdia?
Onde está meu outro amigo como Tu
Para ficar a meu lado na dor e no prazer?
Quem, entre meus amigos, perdoa meus sentimentos.
Trazendo conforto para meu pesar.
Acalmando meu espírito no seu terror?

Tu és o timoneiro que dirige o barco da vida
Através deste mar perigoso do mundo:
Somente Tua graça única, Ó Senhor.
Que silencia a tempestade de minhas paixões enfurecidas
Tu derramas as águas da paz
Em minha ardente alma penitente.
E Teu é o peito que me abrigará
Quando cada amigo que eu tenha
Abandonar-me na hora da minha morte.

Referindo-se a Bhavanath, Narendra disse ao Mestre com um sorriso, "Ele desistiu do peixe e das folhas de betel [1]."

Mestre: "Por que? O que há com peixe e folhas de betel? Não são nocivas. A renúncia a 'mulher e ouro' é a verdadeira renúncia.

"Onde está Rakhal?"

Um devoto: "Está dormindo, senhor."

Mestre (*com um sorriso*): "Uma vez um homem foi assistir a uma peça teatral, levando uma esteira debaixo do braço. Ouvindo dizer que ainda levaria tempo até que a peça começasse, estendeu a esteira no chão e pegou no sono. Quando acordou, o espetáculo já havia terminado. (*Todos riem*). Então voltou para casa com a esteira debaixo do braço."

Ramdayal, muito doente, encontrava-se em outro quarto. O Mestre foi até lá para ver como ele estava passando.

Mais ou menos às quatro horas da tarde chegaram alguns membros do Brahmo Samaj. O Mestre começou a conversar com eles.

Um Brahmo: "Senhor, leu o *Panchadasi*?"

Mestre: "No início deve-se ler livros deste gênero e entregar-se à discriminação. Mais tarde -

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama
Ternamente dentro de ti, Ó mente.
Possamos somente tu e eu contemplá-La.
Não permitindo que ninguém mais se intrometa.

"Nos primeiros estágios da disciplina espiritual deve-se ouvir as escrituras. Depois da realização de Deus não haverá mais falta de conhecimento. A Mãe Divina o suprirá sem faltar.

"Uma criança soletra cada palavra que escreve, porém, mais tarde, escreverá fluentemente.

[1] Os aspirantes religiosos hindus muitas vezes renunciam a essas coisas, uma vez que são consideradas luxo e prejudiciais ao progresso espiritual.

"O ourives permanece ocupado enquanto o ouro derrete. Enquanto ouro não se derrete ele puxa o fole com uma das mãos, movimenta o abanador com a outra e sopra através de um tubo com a boca. Assim que o ouro derrete, é derramado num molde e o ourives fica descansado.

"Simples leitura das escrituras não basta. Não se pode compreender o seu verdadeiro significado enquanto se estiver apegado ao mundo.

> Embora com intensa alegria eu tenha aprendido muitos poemas e dramas.
> Esqueci-os todos, na armadilha do amor de Krishna.

"Keshab desfruta do mundo, mas também pratica yoga. Embora viva no mundo, sua mente está direcionada para Deus."

Um devoto descreveu a Convocação da Universidade de Calcutá, dizendo que a reunião parecia uma floresta de cabeças humanas.

Mestre: "O sentimento do Divino desperta-se em mim quando vejo uma grande multidão. Se eu tivesse ido àquele encontro, teria ficado tomado de fervor espiritual."

Domingo, 8 de abril de 1883

Era domingo de manhã. O Mestre, parecendo um menino, estava sentado em seu aposento e perto dele, um outro rapaz, seu querido discípulo Rakhal. M. entrou e saudou o Mestre. Ramlal também estava presente e aos poucos, vieram juntar-se a eles, Kishori, Manilal Mallick e outros devotos.

Manilal Mallick, um homem de negócios, estivera recentemente em Benares, onde tinha um "bangalow".

Mestre: "Então o senhor esteve em Benares. Viu homens santos?"

Manilal: "Sim, senhor. Apresentei reverência a Trailanga Swami, Bhaskarananda e outros."

Mestre: "Fale-nos alguma coisa sobre eles."

Manilal: "Trailanga Swami está morando no mesmo templo em que viveu anteriormente – no Manikarnika Ghat, perto do Minarete de Benimadhav. Dizem que no passado possuíra um estado espiritual mais exaltado. Podia até fazer milagres. Agora já perdeu muitos dos seus poderes."

Mestre: "Esta é a crítica das pessoas mundanas."

Manilal: "Trailanga Swami mantém um voto estrito de silêncio. Ao contrário dele, Bhaskarananda é amigo de todos."

Mestre: "Você conversou com Bhaskarananda?"

Manilal: "Sim, senhor. Tivemos uma longa conversa. Entre outras coisas, discutimos o problema do bem e do mal. Disse-me: 'Não siga o caminho do mal. Abandone pensamentos pecaminosos. Assim é que Deus quer que ajamos. Pratique somente ações virtuosas'."

Mestre: "Sim, trata-se de um caminho destinado, também, a pessoas de mentalidade mundana, mas aqueles que tiveram sua consciência espiritual despertada, que realizaram que só Deus é real e que tudo o mais é ilusório, compartilham de um ideal diferente. Sabem que somente Deus é o Único que faz e que os outros são Seus instrumentos.

"Aqueles cuja consciência espiritual foi despertada, jamais dão um passo em falso. Não necessitam discriminar para evitar o mal. Estão saturados pelo amor de Deus, que qualquer ação que pratiquem, é uma boa ação. Estão plenamente conscientes de que não são os autores de suas ações, mas meros servos de Deus. Sentem sempre, 'Sou a máquina e Ele é o Operador. Faço o que Ele faz por meu intermédio. Falo o que Ele fala através de mim, movo como Ele me move.'

"As almas completamente despertas estão além da virtude e do vício. Compreendem que só Deus é quem faz tudo.

"Numa cidade havia um mosteiro. Os monges que ali viviam, saíam diariamente para esmolar o alimento. Um dia, um monge, enquanto mendigava, viu um grande proprietário de terras espancando sem piedade, um homem. O monge piedosamente pediu ao senhor para parar, mas ele, furioso, investiu contra o inocente monge, chicoteando-o até que ele caiu inconsciente no chão. Uma pessoa foi ao mosteiro e relatou o incidente. Os demais monges acorreram ao local e lá encontraram seu irmão estirado no chão. Quatro ou cinco deles levaram-no de volta e deitaram-no na cama. Continuava inconsciente. Os outros monges, tristes, sentaram-se ao redor de sua cama; alguns o abanavam. Por fim, alguém sugeriu que lhe fosse dado um pouco de leite. Quando o despejaram em sua boca, recobrou a consciência. Abriu os olhos e olhou em volta. Um dos monges disse: 'Vamos ver se ele está totalmente consciente e pode reconhecer-nos.' Falando em seu ouvido, disse: 'Reverenciado senhor, quem lhe

está dando leite?' 'Irmão', respondeu o santo em voz baixa, 'aquele que me bateu, é o mesmo que está me dando leite.'

"Mas não se atinge este estado mental sem a realização de Deus."

Manilal: "Senhor, o que acabou de dizer aplica-se a um homem em estado espiritual muito elevado. Conversei sobre estes assuntos de uma maneira geral com Bhaskarananda."

Mestre: "Ele mora numa casa?"

Manilal: "Sim, senhor. Mora com um devoto."

Mestre: "Que idade tem agora?"

Manilal: "Mais ou menos cinqüenta e cinco anos."

Mestre: "Vocês conversaram sobre algo mais?"

Manilal: "Perguntei-lhe como cultivar bhakti. Disse, 'Cante o nome de Deus. Repita o nome de Rama'."

Mestre: "Está muito bem."

O culto havia terminado nos templos e os sinos tocavam, chamando para a comida oferecida nos diversos altares. Como era meio-dia, no verão, o sol estava muito quente. A maré alta começou no Ganges e uma suave brisa vinha do sul. Sri Ramakrishna descansava no quarto, após o almoço.

As pessoas de Basirhat, terra natal de Rakhal, estavam sofrendo com uma forte seca, durante os meses de verão.

Mestre (*a Manilal*): "Rakhal diz que as pessoas de seu vilarejo sofreram seriamente com a escassez de água. Por que você não constrói um reservatório ali? Isto seria bom para o povo. (*Sorrindo*). Você tem tanto dinheiro; o que pretende fazer com toda sua fortuna? Mas dizem que os telis[2] são muito calculistas." (*Todos riem*).

Manilal era de fato, um homem calculista, embora não lhe faltasse dinheiro. Nos seus últimos anos de vida fez uma doação de vinte e cinco mil rupias em favor de estudantes pobres.

Manilal não respondeu ao Mestre sobre seus comentários a respeito de sua casta. Mais tarde, no decorrer da conversa, comentou casualmente: "O senhor referiu-se a um reservatório. Poderia ter-se limitado a essa sugestão. Por que aludiu à 'casta de oleiros' e tudo o mais?"

Alguns devotos entreolharam-se sorrindo. O Mestre riu.

Chegaram alguns membros mais antigos do Brahmo Samaj. O aposento estava lotado de devotos. Sri Ramakrishna, sentado na cama, olhava para o norte. Conservando o sorriso, falava com os devotos brahmos de um modo muito alegre.

Mestre: "Você fala com muita facilidade de prema, mas isto é coisa fácil de se encontrar? Há duas características em prema. A primeira faz a pessoa esquecer-se do mundo. Tão intenso é seu amor a Deus, que ela se esquece das coisas exteriores. Chaitanya teve este amor: 'tomou um pedaço de madeira como sendo o bosque de Vrindavan e o oceano, pelas águas escuras do Jamuna'. Na segunda, a pessoa não tem mais o sentimento de 'meu' em relação ao corpo, que é tão caro ao homem. Perde-se completamente o sentimento de que o corpo é a alma.

"Há certos sinais da realização de Deus. O homem em que a ânsia por Deus manifesta Suas glórias, não está longe de alcançá-Lo. Quais as glórias deste apelo? São: discriminação, desapego, compaixão pelos seres vivos, serviço dos santos, amor por sua companhia, cantar o nome e as glórias de Deus, falar a verdade etc. Quando virem estes sinais de desejo intenso num aspirante, podem estar certos que a visão de Deus para ele, não está longe.

"O estado da casa de um empregado indicará de maneira irrefutável, se seu patrão decidiu visitá-lo. Em primeiro lugar, o lixo e o mato em volta são retirados. Segundo, a fuligem e a poeira são removidas dos quartos. Terceiro: o pátio, o chão e outros lugares são varridos. Finalmente, o próprio senhor envia vários objetos como tapete, material para fumar etc. Ao vir estas coisas chegarem, pode concluir que o senhor não vai tardar."

Um devoto: "Devemos primeiro praticar discriminação para obter autocontrole?"

Mestre: "Esse também é um caminho. É o caminho da vichara, discriminação, mas os órgãos internos[3] são controlados naturalmente também, pelo caminho da devoção. É mais facilmente consegui-

[2] A casta dos oleiros a que Manilal pertencia. É uma casta comparativamente inferior na sociedade hindu de Bengala.

[3] Mente (manas), inteligência (buddhi), substância mental (chitta) e ego (ahamkara).

da deste modo. Os prazeres dos sentidos vão se tornando cada vez mais sem gosto, à medida que o amor de Deus cresce. Pode o prazer carnal atrair um homem e uma mulher atormentados pela dor da morte de seu filho?"

Devoto: "Como posso desenvolver amor por Deus?"

Mestre: "Repita Seu nome e os pecados desaparecem. Assim destruirá a luxúria, raiva, desejo de comodidades materiais etc."

Devoto: "Como posso adquirir gosto pelo nome de Deus?"

Mestre: "Ore a Deus com coração ansioso a fim de sentir prazer com a repetição do Seu nome. Ele sem dúvida, atenderá ao desejo do seu coração."

Assim falando, o Mestre entoou uma canção com voz doce, suplicando à Mãe Divina, que concedesse Sua graça aos sofredores:

.

Ó Mãe! Não tenho ninguém para culpar
Ó! Afundo-me no poço que estas próprias mãos cavaram.
Com as seis paixões como enxada.
Fiz um buraco na terra sagrada do mundo.
E agora a água negra da morte jorra fortemente!
Como posso salvar-me, Ó Redentora minha!

Certamente fui meu próprio inimigo;
Como posso agora desviar esta água negra da morte?
Olha, as águas já cobrem meu peito!
Como posso me salvar? Ó Mãe, salva-me!
Tu és meu único Refúgio, como Teu olhar protetor
Leva-me até a outra praia do mundo.

O Mestre cantou novamente:

Que febre delirante é esta que estou sofrendo
Ó Mãe, Tua graça é minha única cura.
O falso orgulho é a febre que tortura minha forma arruinada:
"Eu" e "meu" são o meu grito. Ó, que ilusão terrível!
Minha sede insaciável por riqueza e amigos não acaba nunca;
Como, então, vou sustentar minha vida?
Falar sobre coisas irreais, este é meu lastimável delírio,
E eu me delicio nele sempre, Ó Doador de toda boa sorte!

Meus olhos que parecem adormecidos, estão fechados, meu estômago está cheio
Com os ínfimos vermes da crueldade
Ó! Vagueio por aí absorto em façanhas sem significado
Até por Teu santo nome não tenho gosto. Ó Mãe!
Duvido que jamais fique curado.

O Mestre disse: " 'Até por Teu santo nome não tenho gosto.' Um doente com tifo tem pouca chance de se recuperar se não comer, mas sua vida tem esperança se comer pelo menos um pouco. É por isso que se deve cultivar o gosto pelo nome de Deus. Qualquer nome é bom - Durga, Krishna ou Shiva. Se pelo cantar seu nome, o apego de Deus cresce a cada dia e a alegria enche a alma, uma pessoa nada tem a temer. O delírio certamente desaparecerá e a graça de Deus certamente descerá.

" 'Assim como é o sentimento de amor de um jovem, assim é o seu ganho'. Uma vez dois amigos estavam andando numa rua, quando viram algumas pessoas ouvindo a leitura do *Bhagavata*. 'Venha amigo', disse um para o outro, 'Vamos ouvir o livro sagrado'. Assim falando entraram e sentaram-se. O segundo homem olhou mas saiu. Entrou numa casa de má fama, mas logo saiu, desgostoso com o lugar. 'Que vergonha para mim!', disse para si mesmo. 'Meu amigo está ouvindo o sagrado nome de Hari e veja onde estou!' Mas o amigo que estava ouvindo o *Bhagavata* também ficou aborrecido: 'Que tolo que sou!' disse: 'Estou ouvindo esse blá, blá, blá e meu amigo está se divertindo.' Ao longo do tempo ambos morreram. O mensageiro da Morte veio e levou a alma daquele que tinha ouvido o *Bhagavata* para o inferno. O mensageiro de Deus veio e carregou a alma daquele que tinha estado num bordel, para o céu."

"Na verdade Deus olha o coração do homem e não o julga pelo que faz ou onde vive. 'Krishna aceita o sentimento interior de amor do devoto.'

"Na seita Kartabhaja o instrutor quando está dando a iniciação, diz ao discípulo, 'Agora tudo depende de sua mente'. Segundo esta seita, 'Aquele que tem uma mente correta encontra o caminho adequado e também, alcança o fim almejado.' Foi pelo seu poder mental que Hanuman pulou o oceano. 'Sou o servo de Rama; repeti o nome sagrado de Rama. Há algo impossível para mim?' Tal era a fé de Hanuman.

"A ignorância dura enquanto se tem ego. Não pode haver liberação enquanto o ego existir. 'Ó Deus, Tu és aquele que faz e não eu' - Isto é conhecimento.

"Sendo humilde pode-se alcançar as alturas. A ave chatak faz o ninho no chão, mas voa bem alto, no céu. A agricultura não é possível em terras altas; nas terras baixas, a água acumula-se e torna o cultivo possível.

"Deve-se procurar a companhia dos santos. Em casa as pessoas só ouvem conversas mundanas; a doença do mundanismo tornou-se crônica com elas. Um papagaio engaiolado em pé no seu poleiro, repete 'Rama, Rama!' mas deixe-o voar pela floresta e voltará a palrar de acordo com sua natureza.

"A simples posse de dinheiro não torna um homem um aristocrata. Um sinal de que uma casa pertence a um nobre, é que todos os quartos estão bem iluminados. Os pobres não podem permitir-se o uso de tanto óleo e por isso, não podem acender tantas luzes. O santuário do corpo não deve permanecer no escuro; temos que iluminá-lo com o lampião da Sabedoria.

Acendendo o lampião do Conhecimento na câmara do seu coração,
Contemple o rosto da Mãe, Personificação de Brahman.

"Todos podem atingir o Conhecimento. Há duas entidades: jivatma, a alma individual e o Paramatma, a Alma Suprema. Pela oração todas as almas individuais são capazes de se unir à Alma Suprema. Toda casa possui uma conexão para o gás, que provém do tanque da Cia. de Gás. Peça à Companhia e ela providenciará o fornecimento de gás. Sua casa então, ficará iluminada.

"Em algumas pessoas a consciência espiritual já foi despertada e elas mostram sinais especiais. Só gostam de ouvir e falar de Deus. São como o chatak que reza pedindo água da chuva, embora os sete oceanos, o Ganges, o Jamuna e os rios próximos estejam cheios de água. Só bebe água da chuva, mesmo que sua garganta esteja queimando de sede."

Como o Mestre queria ouvir algumas canções, Ramlal e o brahmin oficial do templo cantaram.

Mora, Ó Senhor, Ó Amante de Bhakti,
Em Vrindavan do meu coração
E minha devoção por Ti
Será Tua muito amada Radha. ...

De novo:

A nuvem escura da tempestade de verão se desfaz no nada.
Quando, flauta na mão e sorriso em Seus lábios,
Iluminando o mundo com Seu amor.
Krishna, o Escuro, aparece.

Sua brilhante roupa amarela resplandece mais do que o brilho dos raios;
Uma grinalda de flores silvestres entrelaçadas
Balança gentilmente do Seu peito jovem
E suavemente beija Seus pés.

Veja, ali Ele Se levanta, o Senhor da vida, a Lua da linha de Nanda.
Ofuscando todas as luas no céu
E com o esplendor de Seus raios
Inundando a margem do Jamuna!

Ele fica ali roubando os corações das jovens; ele as atrai de seus fogões e de sua casa.
Krishna entra no santuário do meu próprio coração
E com o som de Sua flauta rouba
Minha sabedoria, vida e alma.

Para quem Ganga Narayana vai despejar este canto de tristeza?
Ó, amigo, você pode ter entendido
Se tivesse apenas ido às margens do Jamuna
Para encher seu jarro de água!

Novamente cantaram:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente estava voando como uma pipa,
Quando veio uma rajada de vento do pecado que o levou rapidamente para a terra.

Mestre (*aos devotos*): "Assim como o tigre devora os outros animais, o 'tigre do fervor de Deus' come a luxúria, raiva e outras paixões. Quando este fervor brota no coração, desaparecem a luxúria e outras paixões. As gopis de Vrindavan possuíam este estado mental devido ao seu amor por Krishna.

"Este zelo por Deus é comparado a um colírio, Radha disse às amigas: 'Vejo Krishna em todos os lugares.' Responderam: 'Amiga, você pingou o colírio do amor em seus olhos; por isso vê Krishna em todos os lugares.'

"Dizem que quando uma pessoa usa colírio feito das cinzas da cabeça de uma rã, vê cobras em todos os lugares.

"São apegadas, as almas que moram na maior parte do tempo em 'mulher e ouro' e não pensam em Deus. Como podemos esperar delas, atos nobres? São como mangas bicadas por um corvo que não podem ser oferecidas à Divindade no templo e até as pessoas hesitariam em comer.

"Almas ligadas, pessoas mundanas são como o bicho-da-seda. As lagartas podem sair cortando o casulo, se assim o desejar, mas tendo tecido o casulo, estão muito apegadas a ele para deixá-lo. Então morrem ali.

"As almas livres não estão sob o domínio de 'mulher e ouro'. Há alguns bichos-da-seda que rompem o casulo feito com muito cuidado. São poucos e raros.

"É maya que ilude. Apenas alguns tornam-se espiritualmente despertos e não ficam iludidos pela magia de maya. Não caem sob o controle de 'mulher e ouro'.

"Há dois tipos de almas perfeitas: aquelas que alcançam a perfeição pela prática espiritual e aqueles que a atingem pela graça de Deus. Alguns fazendeiros têm muito trabalho para irrigar seus campos. Só desta maneira conseguem uma boa colheita. Outros, ao contrário, não necessitam irrigar nada; seus campos ficam inundados pela chuva. Não têm o trabalho de trazer água. Deve-se praticar disciplinas espirituais com muito afã, a fim de evitar as garras de maya. Aqueles que atingem a liberação pela graça de Deus não necessitam lutar. Mas realmente são poucos.

"Há, também, a classe dos sempre perfeitos. Nascem em cada vida com uma consciência espiritual já despertada. Imaginem uma fonte cuja saída esteja obstruída. Quando estiver cuidando de diversos outros trabalhos no jardim, o bombeiro acidentalmente desentope e a água começa a jorrar novamente. Entretanto muitas pessoas admiram-se com as primeiras demonstrações de fervor por Deus de uma alma sempre perfeita. Perguntam: 'Onde estava toda esta devoção, renúncia e amor?' "

A conversa voltou-se para o zelo espiritual dos devotos, ilustrado pelo anelo sincero das gopis de Vrindavan. Ramlal cantou:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor! – a Vida de minha vida, a Essência da essência.
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar como meu.
Tu és minha paz, minha alegria, minha segurança. Tu és meu apoio, minha riqueza, minhaglória;
Tu és minha sabedoria e minha força.
Tu és meu lar; meu lugar de descanso; meu mais querido amigo, meu parente mais próxmo.
Meu presente e meu futuro. Tu és meu céu e minha salvação.
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu és meu sempre benevolente Guru:
Tu és a Fonte de minha infindável bem-aventurança,
Tu és o Caminho e a Meta; Tu, o Uno adorável, Ó Senhor!
Tu és a Mãe de coração terno: o pai que castiga;
Tu o Criador e Protetor; Tu és o Timoneiro que segura o leme.
Do barco que atravessa o mar da vida.

Mestre (*aos devotos*): "Ah! Que linda canção! - 'Tu és meu Tudo em Tudo!' "

Novamente Ramlal cantou, desta vez descrevendo a angústia das gopis, pela separação de seu bem amado Krishna:[4]

Não segure, não segure as rodas do carro!
São, por acaso, as rodas que o fazem andar?
Aquele que Faz Andar as rodas é Krishna.

[4] Quando Krishna subiu em seu carro para ir a Mathura, as gopis agarraram-se às rodas, para que o carro não se movesse.

Pela vontade de quem os mundos se movem. ...

O Mestre mergulhou em samadhi profundo com o corpo imóvel; sentou-se com as mãos postas, como em sua fotografia. Lágrimas de alegria escorriam dos cantos de seus olhos. Depois de algum tempo, a mente desceu ao plano normal de consciência. Murmurou qualquer coisa e apenas uma palavra podia ser ouvida aqui e acolá, pelos devotos no aposento. Dizia: "Tu és Eu e eu sou Tu – Tu comes – Tu – Eu como!... Que confusão é esta que Tu criaste?

Continuando o Mestre falou: "Vejo tudo como um homem que sofre de icterícia! Vejo somente a Ti em todas as partes. Ó Krishna, Amigo dos humildes! Ó Eterno Consorte de minha alma! Ó Govinda!"

Ao pronunciar as palavras "Eterno Consorte de minha alma" e "Govinda", novamente o Mestre entrou em samadhi. Reinava um completo silêncio no aposento. Os olhos ansiosos e insaciáveis dos devotos estavam fixos no Mestre, o Deus-homem de Infinitos estados de alma.

Adhar Sen chegou, acompanhado de vários amigos. Era um magistrado substituto de mais ou menos trinta anos. Tratava-se de sua segunda visita ao Mestre. Estava acompanhado de seu amigo Saradacharan, que se encontrava extremamente abalado com a morte de seu filho mais velho. Sendo um inspetor de escolas aposentado, Saradacharan dedicava-se à meditação e à oração. Adhar havia trazido seu amigo até o Mestre a fim de que este ele conforto à sua alma aflita.

Descendo do samadhi, o Mestre viu que os olhos dos devotos estavam fixos nele. Ainda em estado abstrato, murmurava algo para si mesmo.

Dirigindo-se aos devotos, Sri Ramakrishna falou: "A sabedoria espiritual das pessoas mundanas só é encontrada em raras ocasiões. É como a chama de uma vela. Não, melhor, é como um único raio de sol passando pela fresta de um muro. As pessoas mundanas cantam o nome de Deus, mas não há fervor por trás. São como crianças jurando em nome de Deus, depois que aprenderam esta palavra durante as discussões entre suas tias.

"As pessoas do mundo não possuem perseverança. Se conseguem levar a cabo um empreendimento, está muito bem, mas caso contrário, não ficam aborrecidos com isto. Quando necessitam de água, começam a cavar um poço, mas se encontram uma pedra, param de cavar e recomeçam num outro lugar. Talvez cheguem a um banco de areia. Como só encontram areia, também desistem deste lugar. De que outro modo podem conseguir água a não ser continuando a cavar persistentemente, por onde começaram?

"O homem colhe o que plantou em vidas passadas. Daí a canção:

Ó Mãe, não tenho ninguém para culpar
Ó! Afundo no poço que com estas próprias mãos cavei.

" 'Eu' e 'meu', isto é ignorância. Discriminando realizarão que o que chamam 'eu' na verdade nada mais é do que o Atman. Raciocinem. São o corpo ou a carne ou algo mais? No final, saberão que não são nada disso. Estão livres de atributos, realizarão que jamais foram os que fizeram qualquer coisa, que estiveram livres de virtudes e faltas, além da retidão ou falta de retidão.

"Devido à ignorância um homem diz: 'Isto é ouro e isto é latão', mas um homem de Conhecimento diz: 'É tudo ouro!'

"Raciocinar termina quando se tem a visão de Deus, mas há exemplos de pessoas que realizaram Deus e que continuam ainda a discriminar. Há aqueles que, mesmo tendo visto Deus, cantam com devoção Seu nome e Suas glórias.

"Por quanto tempo uma criança chora? Enquanto não mamar no seio de sua mãe. Logo que é alimentada pára de chorar. Bebe feliz o leite do seio de sua mãe, mas é verdade que, ao beber, às vezes brinca e ri.

"É somente Deus que Se tornou tudo, mas é no homem que Ele Se manifesta com mais intensidade. Deus está diretamente presente no homem que possui o coração puro de uma criança que ri e chora, dança e canta, em êxtase divino."

A partir daquele momento Sri Ramakrishna já se tornara familiarizado com Adhar, que lhe contou a causa do sofrimento de seu amigo. O Mestre cantou, como se fosse para si mesmo:

Às armas! Às armas! Ó homem! A Morte toma de assalto sua casa, em formação de batalha.
Segurando a aljava do conhecimento, sobe no carro da devoção
Curva o arco de tua língua com a corda do amor.
E aponta para ela a flecha do santo nome de Mãe Kali.

Aqui está um ardil para a disputa; tu não precisas nem de carro nem de condutor;
Desde as margens do Ganges luta contra seu inimigo e ele facilmente será morto.

Em seguida disse: "O que vocês podem fazer? Estejam preparados para a Morte. A Morte entrou em sua casa. Devem lutar contra ela com a arma do santo nome de Deus. Somente Deus é Aquele que faz. Digo: 'Ó Senhor, faz o que Tu queres através de mim. Falo como Tu me fazes falar. Sou a máquina e Tu és o Operador. Sou a casa e Tu és o Morador. Sou o motor e Tu és o Mecânico. Dá tua procuração a Deus. Não se chega a sofrimento por deixar um homem bom assumir suas responsabilidades. Deixem que seja feita a Sua vontade.

"Mas não é seu sofrimento por seu filho uma coisa natural? O filho é seu próprio eu renascido. Lakshmana correu para Ravana quando este caiu morto no campo de batalha. Olhando para o corpo de Ravana, viu que cada um dos seus ossos estavam cheios de buracos. Falou: 'Ó Rama, salve Tuas flechas! Não há lugar no corpo de Ravana que não tenha sido perfurado.' 'Irmão', respondeu Rama, 'os buracos que você está vendo nos seus ossos não foram feitos pelas Minhas flechas. A tristeza que sentia por seus filhos o perfurou todo. Estes buracos são a marca do seu sofrimento. Penetrou até mesmo nos seus ossos.'

"Mas casa, esposa e filhos são transitórios, possuem somente uma existência momentânea. Só a palmeira é real. Um ou dois frutos caíram no chão. Por que lamentar?

"Deus está empenhado em três tipos de atividades: criação, preservação e destruição. A morte é inevitável. Tudo será destruído por ocasião da dissolução. Nada restará. Neste momento, a Mãe Divina juntará as sementes para a próxima criação, como a governanta de uma casa que guarda em seu pote, saquinhos com sementes de pepino, 'espuma-do-mar', pílulas azuis e muitas outras coisas diferentes. A Mãe Divina apanhará Suas sementes, novamente, por ocasião de uma nova criação."

Sri Ramakrishna começou a conversar com Adhar na varanda norte de seu aposento.

Mestre (*a Adhar*): "Você é um magistrado. Não se esqueça que conseguiu esta posição pela graça de Deus. Não O esqueça, mas lembre-se que todos os homens deverão um dia trilhar o mesmo caminho[5]. Permanecemos no mundo somente alguns dias.

"Este mundo é nosso campo de atividades. Nascemos para executar algumas tarefas. As pessoas moram no interior mas vêm a Calcutá para trabalhar.

"É necessário um pouco de trabalho. Isto constitui uma espécie de disciplina, mas temos que terminá-lo rapidamente. Enquanto o ouro derrete, o ourives se utiliza de muitos utensílios - fole, abanador e tubo – a fim de manter o fogo quente que necessita para derreter o metal. Depois que a fundição termina, descansa e pede ao atendente para lhe preparar o fumo. Durante o tempo todo o seu rosto ficou quente e ele transpirava, mas agora, pode fumar.

"Deve-se possuir uma determinação firme: só então a prática espiritual é possível. Deve-se tomar uma firme resolução.

"Há muito poder na semente do nome de Deus. Destrói a ignorância. A semente é tenra e o broto suave, entretanto, consegue perfurar o chão duro. O chão cede e dá caminho ao broto.

"A mente torna-se muito distraída se alguém viver muito tempo no meio de 'mulher e ouro'. Portanto, temos que ser cautelosos, mas os monges não têm muito a temer. O verdadeiro sannyasi vive longe de 'mulher e ouro'. Por conseguinte, pela prática de disciplina espiritual pode manter a mente sempre fixa em Deus.

"Os verdadeiros sannyasis, aqueles que conseguem devotar a mente constantemente para Deus, são como abelhas que pousam apenas nas flores e sugam o mel. Os que vivem no mundo, entre 'mulher e ouro', talvez pensem em Deus, mas às vezes suas mentes moram, também, em 'mulher e ouro'. São como moscas comuns que tanto pousam no doce como numa ferida ou no lixo.

"Mantenha sempre a mente fixa em Deus. No começo tem que lutar um pouco, mas depois, gozará seu fruto."

Domingo, 15 de abril de 1883

Surendra um amado discípulo leigo do Mestre, convidou-o a ir à sua casa, na auspiciosa época do Annapurna Puja. Eram mais ou menos seis horas quando Sri Ramakrishna chegou com alguns devotos. A imagem da Mãe havia sido instalada no salão. A Seus pés foram colocadas grinaldas de flores

[5] Adhar Sen morreu dezoito meses depois desta conversa. Ao tomar conhecimento de sua morte, o Mestre chorou diante da Mãe durante muito tempo. Adhar era um grande devoto de Sri Ramakrishna. Referia-se a ele como um parente seu.

de hibisco e folhas de vilwa, e do Seu pescoço pendia uma grinalda de flores. Sri Ramakrishna entrou na sala, inclinando-se profundamente ante a imagem. Em seguida dirigiu-se para o pátio ao ar livre onde sentou-se num tapete, cercado pelos discípulos e devotos. No tapete havia uns almofadões cobertos por um lençol de linho branco. Pediram-lhe que se encostasse num deles, mas ele o empurrou para o lado.

Mestre (*aos devotos*): "Encostar-se num almofadão![6]. vejam, é muito difícil abandonar a vaidade. Pode-se discriminar, dizendo que, afinal das contas, o ego não é nada, mas apesar disso, ele volta não se sabe de onde. As pernas de uma cabra mexem-se por alguns momentos, mesmo depois que sua cabeça tenha sido cortada. Ou talvez vocês fiquem amedrontados durante um sonho, mexam-se, durmam e acordam; ainda assim, sentem seu coração palpitar. Egoísmo é exatamente desta maneira. A pessoa propõe-se afastá-lo, mas apesar de tudo, ele aparece de algum lugar. Fica aborrecida e diz: 'O que! Não me deram o devido respeito!' "

Kedar: " 'Uma pessoa deve ser menor do que uma palha e paciente como uma árvore'."

Mestre: "Quanto a mim, considero-me uma partícula de pó dos pés do devoto."

Vaidyanath chegou. Era um homem bem educado, advogado da Alta Corte de Calcutá. Com as mãos postas, saudou o Mestre e sentou-se num canto.

Surendra (*ao Mestre*): "Ele é um dos meus parentes."

Mestre: "Sim, vejo que tem uma boa índole."

Surendra: "Veio aqui porque quer lhe fazer uma ou duas perguntas."

Mestre (*a Vaidyanath*): "Tudo o que você vê é manifestação do Poder de Deus. Ninguém pode fazer nada sem seu Poder, mas você deve lembrar-se de que o Poder de Deus não se manifesta igualmente em todas as coisas. Vidyasagar uma vez me perguntou se Deus outorgava mais poder a uns do que a outros. Disse-lhe: 'Se não houvesse uma maior ou menor manifestação de Seu Poder, por que tivemos trabalho de vir visitá-lo? O senhor tem dois chifres?' Aí está a razão pela qual Deus existe em todos os seres como Poder Todo Penetrante; mas as manifestações de Seu poder são diferentes nos diferentes seres."

Vaidyanath: "Senhor, tenho uma dúvida. As pessoas falam de livre arbítrio. Dizem que de acordo com sua vontade podem fazer tanto o bem quanto o mal. Isso é verdade? Somos realmente livres para fazer tudo o que quisermos?"

Mestre: "Tudo depende da vontade de Deus. O mundo é Seu jogo. Ele criou todas as diferentes coisas – grandes e pequenas, fortes e fracas, boas e más, virtuosas ou não. Tudo é Sua maya. Seu esporte. Já devem ter reparado que nem todas as árvores do jardim são da mesma espécie.

"Enquanto o homem não tiver realizado Deus, pensa que é livre. É o Próprio Deus que sustenta este equívoco, senão o pecado teria se multiplicado. O homem não teria tido medo do pecado e não haveria castigo para ele.

"Mas sabe qual é a atitude daquele que realizou Deus? Ele sente: 'Eu sou a máquina e Tu, Ó Senhor, és o Operador, Sou a casa e Tu és o Morador, Sou o Carro e Tu és o Condutor. Eu me movo como Tu me fazes mover, falo como Tu me fazes falar."

(*A Vaidyanath*): "Não é bom discutir, não é?"

Vaidyanath: "Sim, senhor. O desejo de argumentar desaparece quando um homem alcança a sabedoria."

O Mestre tirando do seu estoque de doze palavras inglesas, disse: "Thank you" de uma forma encantadora e todos riram.

Mestre: (*a Vaidyanath*): "Você fará progresso espiritual. Uma pessoa não acredita numa outra quando ela fala sobre Deus. Mesmo se uma grande alma afirme que viu Deus, ainda assim, a maioria das pessoas não aceitará suas palavras. Dizem: 'Se este homem realmente viu Deus, então que ele O mostre para nós.' Mas pode alguém aprender a tomar o pulso de outra em apenas um dia? Tem que ficar com um médico durante muitos dias; só assim poderá distinguir os diversos pulsos. Tem que ficar na companhia daqueles que o exame de pulso tornou-se uma profissão regular.

"Pode alguém escolher um fio de linha de número certo? Só estando nesse negócio poderá distinguir imediatamente o fio quarenta do quarenta e um."

O kirtan já estava para começar. Alguns vaishnavas estavam sentados em um canto com suas mridangas e pratos. Preparando-se para cantar, um tocador de tambor começou a tocar seu instrumento. O suave e doce som do mridanga encheu o pátio, fazendo recordar o kirtan de Sri Gauranga.O

[6] As pessoas ricas e aristocráticas que gostam de conforto, recostam-se em almofadões.

Mestre entrou em profundo estado espiritual. De vez em quando olhava para o tocador e dizia: "Ah! Ah! Estou todo arrepiado!"

Os cantores queriam saber o que iriam cantar. O Mestre respondeu-lhes humildemente: "Por favor qualquer coisa a respeito de Gauranga."

O kirtan iniciou-se. Cantaram a respeito da beleza celestial de Sri Gauranga:

A beleza do rosto de Gauranga
Brilha mais forte do que o ouro luzente
Seu sorriso ilumina o mundo inteiro.
Quem se importa com um milhão de luas
Brilhando no céu de outono?

Enquanto cantava o músico principal acrescentou de improviso, alguns versos: "Ó amigo, seu rosto brilha como uma lua cheia!" "Mas não desvanece nem tem qualquer mácula". "Ilumina o coração do devoto." Novamente improvisou: "Seu rosto está banhado pela essência de um milhão de luas."

Ao ouvir estas palavras o Mestre mergulhou em samadhi profundo. Depois de um certo tempo, retornou à consciência do mundo dos sentidos. Subitamente pôs-se de pé, tomado de estado espiritual e cantou alguns versos improvisados com os músicos, considerando-se uma das pastoras de Vrindavan, enlouquecida pela beleza de Sri Krishna, "De quem é a culpa?"- da minha mente ou de Sua beleza?" Nos três mundos só vejo o meu bem amado Krishna."

O Mestre dançou e cantou. Todos pareciam enfeitiçados. O músico principal cantou as palavras de uma gopi: "Ó flauta, pare, por favor. Você não vai dormir?" Um dos músicos acrescentou um novo verso: "Como pode ela dormir? Repousa nos lábios de Krishna."

O Mestre sentou-se. A música continuou. Cantavam, assumindo o estado de espírito de Radha: "Meus olhos estão cegos. Meus ouvidos surdos. Perdi o olfato. Todos os meus sentidos estão paralisados, mas meu Deus, por que fiquei sozinha?"

Finalmente os músicos cantaram a união de Radha e Krishna:

Radha e Krishna estão finalmente juntos, no bosque de Nidhu de Vrindavan
Incomparável é a sua beleza e sem limite o Seu amor!
Uma metade brilha como o ouro amarelo e a outra como a mais azul das safiras.
Em volta do pescoço, de um lado pende uma grinalda de flores silvestres
E, de outro, balança um colar de pedras preciosas.
Um brinco de ouro adorna uma orelha, um de concha a outra,
Metade da testa brilha como o ardente sol do meio dia.
E a outra reluz suavemente com o brilho da lua que surge.
Uma graciosa pena de pavão está presa em metade da cabeça
E da outra metade, pende uma trança.

Assim que a música terminou, o Mestre disse: "Bhagavata – Bhakta – Bhagavan" e inclinou-se profundamente ante os devotos sentados por todas as partes. Tocou o chão com testa que se tornara santificado com o canto da música sagrada.

Eram aproximadamente mais de nove e meia da noite. Surendra ofereceu ao Mestre e aos devotos uma suntuosa festa. Na hora da saída, quando chegou o momento de se despedir de seu anfitrião, o Mestre, os devotos e Surendra foram ao oratório onde ficaram de pé ante a imagem.

Surendra (*ao Mestre*): "Ninguém cantou qualquer coisa sobre a Mãe Divina hoje,"

Mestre (*apontando para a imagem*): "Ah! Olhe a beleza do oratório. A luz da Mãe Divina parece ter iluminado todo o lugar. Esta visão enche o coração de alegria. A tristeza e o desejo de prazer desaparecem.

"Pode alguém ver Deus em sua realidade sem forma? Claro que sim, desde que não tenha o menor traço de mundanismo. Os rishis dos tempos antigos renunciaram a tudo e então, contemplaram Satchidananda, o Brahman Indivisível.

"Os Brahmajnanis dos templos modernos [7] cantam Deus como 'imutável', 'homogêneo'. Isto me soa muito seco. Parece como se os próprios cantores não desfrutassem a doçura da Felicidade Divina. Não se deseja uma bebida refrescante feita de açúcar cande, quando se está satisfeito com um simples melado.

"Vejam, como vocês estão felizes olhando esta imagem da Divindade, mas aqueles que sempre choram pela Realidade sem forma, nada obtém. Nada realizam no interior ou no exterior."

[7] Uma referência aos membros do Brahmo Samaj.

O Mestre cantou à Mãe Divina:

Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és.
Não prives Teu filho indigno da Bem-aventurança!
Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus.
O Rei da Morte me repreende com uma expressão terrível
Diz-me, Ó Mãe, o que devo lhe dizer?

Era desejo do meu coração dirigir meu barco
Através do oceano desta vida imortal.
Ó Durga, como Teu nome em meus lábios.
Jamais teria sonhado que Tu me afogarias aqui
Nas águas escuras deste mar sem praia.

Dia e noite nado por entre as ondas,
Cantando o Teu nome Salvador; mesmo assim
Ó Mãe, não tem fim meu sofrimento.
Se me afogar agora, nesta luta
Ninguém mais cantará Teu nome.

Novamente cantou:

Repita, Ó mente, o nome sagrado da minha Mãe Durga!
Aquele que caminha repetindo "Durga! Durga!"
A ele o próprio Shiva protege com Seu poderoso tridente,
Tu és a vida, Ó Mãe! Tu és o crepúsculo e a noite.
Às vezes Tu és homem e, às vezes, Tu és mulher,
Tu podes até dizer-me: "Fique de lado, vá embora!"
Contudo me apegarei a Ti, Ó Durga! A Teus pés
Eu estarei preso em Teus tornozelos que tilintam.
Mãe, quando sob a forma de um milhano[8] Tu pairaste nos céus.
Lá embaixo nas águas, como um peixe vairão estarei nadando:
Tu cairás sobre mim e me atravessarás com Tuas garras
Assim quando o sopro da vida me abandonar em Teu abraço
Não me negues o refúgio de Teus Pés de Lótus!

O Mestre saudou a imagem. Enquanto descia os degraus, perguntou baixinho a Rakhal: "Onde estão meus sapatos? Perderam-se?"

Logo que o Mestre entrou na carruagem, Surendra e os outros devotos inclinaram-se ante ele. Em seguida a carruagem seguiu para Dakshineswar. O luar ainda iluminava as ruas.

oooooooooooooooooooooooooooooooooo

[8] Segundo a Mitologia hindu, a Mãe Divina uma vez, assumiu a forma de um pássaro semelhante a uma pipa.

CAPÍTULO 10

O MESTRE COM OS DEVOTOS BRAHMOS (II)

22 de abril de 1883

POR OCASIÃO do festival de meio do ano do Brahmo Samaj, Sri Ramakrishna visitou a chácara de Benimadhav Pal em Sinthi, perto de Calcutá. Estavam presentes muitos devotos do Brahmo Samaj, que se sentaram em volta do Mestre. De vez em quando alguns faziam-lhe perguntas.

Um devoto Brahmo: "Senhor, qual é o caminho?"

Mestre: "Apego a Deus ou melhor, amor por Ele. Em segundo lugar vem a oração."

Devoto Brahmo: "Qual é o caminho – amor ou oração?"

Mestre: "Primeiro amor, depois a oração."

O Mestre cantou:

> Implore à sua Mãe Shyama com súplica verdadeira, Ó mente!
> Como Ela pode Se manter afastada de você?
> Como pode Shyama ficar afastada? ...

Continuando com a explicação, o Mestre disse: "Deve-se sempre cantar o nome e as glórias de Deus e orar a Ele. Um velho jarro de metal tem que ser areado diariamente. Qual a vantagem de limpá-lo apenas uma vez? Além disso, deve-se praticar discriminação e renúncia e estar consciente da irrealidade do mundo."

Brahmo: "É bom renunciar ao mundo?"

Mestre: "Não é bom para todos. Aqueles que ainda não chegaram ao fim de seus prazeres, não deveriam renunciar ao mundo. Pode alguém ficar embriagado com duas annas de vinho?"

Brahmo: "Então devem levar uma vida mundana?"

Mestre: "Sim, deveriam cumprir suas obrigações de maneira desapegada. Antes de abrir uma jaca, tem-se que passar óleo nas mãos, a fim de que o leite pegajoso não fique grudado. A empregada da casa de um homem rico cumpre todos os seus deveres, mas seu pensamento está em sua casa no interior. Isto é um exemplo de como cumprir o dever de forma desapegada. Deve-se renunciar ao mundo só mentalmente, mas o sannyasi deve renunciar ao mundo tanto interna quanto externamente."

Brahmo: "O que quer dizer 'fim dos prazeres'? "

Mestre: "Quero dizer desfrutar de 'mulher e ouro'. É muito arriscado colocar um doente com febre tifóide num quarto onde estão jarros de água e suco de tamarindo. A maioria das pessoas não sentem nenhum anelo por Deus a não ser que já tenham tido experiências anteriores com fortuna, nome, fama, confortos e assim por diante, quer dizer, já tenham desfrutado tais prazeres."

Brahmo: "Quem é realmente mau, o homem ou a mulher?"

Mestre: "Como há mulheres dotadas de vidyashakti, também há mulheres com avidyashakti. Uma mulher dotada de qualidades espirituais conduz um homem a Deus, mas aquela que é a personificação da ilusão, faz com que ele se esqueça de Deus e mergulhe no oceano do mundanismo.

"Este universo é criado pela Mahamaya [1] de Deus. Mahamaya contém tanto vidyamaya, a ilusão do conhecimento, quanto avidyamaya, a ilusão da ignorância. Com a ajuda de vidyamaya pode-se cultivar virtudes como gosto pela companhia santa, conhecimento, devoção, amor e renúncia. Avidyamaya é formada dos cinco elementos e dos objetos dos cinco sentidos – forma, sabor, olfato, tato e som. Fazem uma pessoa esquecer-se de Deus."

Brahmo: "Se o poder de avidya é a causa de ignorância, então por que Deus o criou?"

Mestre: "É Seu jogo. A glória da luz não pode ser apreciada sem a escuridão. Felicidade não pode ser compreendida sem infelicidade. O Conhecimento do bem é possível graças ao conhecimento do mal."

"Além do mais a manga cresce e amadurece por causa da casca que a envolve. Joga-se fora a casca quando a manga estiver completamente madura, a ponto de ser comida. É possível um homem

[1] O inescrutável Poder de Ilusão.

alcançar gradualmente o Conhecimento de Brahman devido à casca envolvente de maya. Maya em seus aspectos de vidya e avidya pode ser comparada à casca da manga. Ambas são necessárias."

Brahmo: "Senhor, é bom adorar Deus com forma, uma imagem da Divindade feita de argila?"

Mestre: "Vocês não aceitam Deus com forma. Está bem. A imagem não lhes diz nada. É melhor aprofundarem o sentimento em direção ao seu próprio Ideal. Dos adoradores do Deus Pessoal, devem aprender seu anelo – por exemplo, a atração de Krishna por Radha. Devem aprender dos adoradores do Deus Pessoal seu amor pelo Ideal Escolhido. Quando os que crêem no Deus Pessoal adoram as imagens de Kali e Durga, com que sentimento suplicam no fundo de suas almas. 'Mãe! Ó Mãe!' Como amam a Divindade! Vocês deveriam aceitar este sentimento. Não necessitam aceitar imagem."

Brahmo: "Como se cultiva o desapego? Por que nem todos o alcançam?"

Mestre: "O desapego não é possível a não ser que se tenha obtido completa saciedade dos prazeres. Pode-se facilmente conquistar uma criança com doces ou brinquedos, mas depois que acabou de comer e brincar, diz, 'Quero minha mãe.' A não ser que a leve até sua mãe, ela jogará fora seu brinquedo e gritará com toda força."

Os membros do Brahmo Samaj opõem-se ao tradicional sistema de guru do hinduísmo ortodoxo. Daí o devoto Brahmo perguntar ao Mestre:

Brahmo: "É o conhecimento espiritual impossível sem um guru?"

Mestre: "Somente Satchidananda é o Guru. Se um homem sob a forma de um guru despertar sua consciência espiritual, então pode ter certeza que foi o Deus Absoluto que assumiu aquela forma humana para seu bem. O guru é como um companheiro que o leva pela mão. Depois da realização de Deus, desfaz-se a diferença entre guru e discípulo. 'Isto cria uma situação muito difícil; aí o guru e o discípulo não mais se vêem separado um do outro.'[2] Foi por esta razão que Janaka disse para Shukadeva. 'Dê-me primeiro os meus honorários de mestre, se deseja que o inicie no Conhecimento de Brahman.' Porque a diferença entre o mestre e o discípulo deixa de existir, depois que o discípulo atinge Brahman. O relacionamento entre eles permanece enquanto o discípulo não vê Deus."

Era o entardecer. Alguns devotos Brahmos disseram ao Mestre: "Talvez seja a hora de suas práticas da tarde."

Mestre: "Não, não é exatamente isso. Uma pessoa tem que passar por estas disciplinas no começo. Mais tarde não terá mais necessidade dos rituais do culto formal ou seguir as instruções."

Depois do entardecer o pregador do Brahmo Samaj conduziu o serviço do púlpito. O serviço foi entremeado com recitações dos Upanishads e canto das canções Brahmos.

Depois do serviço o Mestre e o pregador conversaram.

Mestre: "Bem, parece-me que ambos os aspectos de Deus, com ou sem forma, são reais. O que o senhor acha?"

Pregador: "Senhor, comparo o Deus sem forma à corrente elétrica que não pode ser vista, mas pode ser sentida."

Mestre: "Sim, ambos são verdadeiros. Deus com forma é tão real quanto Deus sem forma. O senhor sabe como é descrever Deus sendo somente sem forma? É como tocar numa nota só, na flauta, embora ela possua sete buracos. Mas neste mesmo instrumento um outro toca melodias diferentes. Assim, de quantas maneiras os que crêem num Deus Pessoal O apreciam! Eles O desfrutam através de muitas atitudes diferentes: atitude serena, a de um servo, a de um amigo, a de uma mãe ou a de um amante ou marido.

"Vejam, tudo é como mergulhar no Lago de Néctar da Imortalidade, de uma maneira ou de outra. Suponhamos que uma pessoa mergulhe n'Ele propiciando a Divindade com hinos e adoração e o senhor é empurrado para Ele. O resultado será o mesmo. Ambos certamente se tornarão imortais.

"Dou aos Brahmos a ilustração da água e do gelo. Satchidananda é como uma extensão infinita de água. A água do grande oceano nas regiões frias congela-se em blocos de gelo. De forma semelhante, pela influência refrescante do amor divino, Satchidananda assume formas para o bem dos bhaktas. Os rishis tiveram a visão da forma do Espírito além dos sentidos e falaram com Ele, mas os devotos adquirem um 'corpo do amor' e com sua ajuda, vêem a forma do Espírito Absoluto.

"Também está escrito nos Vedas que Brahman está além da mente e das palavras. O calor do sol do Conhecimento derrete a forma de gelo do Deus Pessoal. Ao alcançar o Conhecimento de Brahman e comungar com Ele em nirvikalpa samadhi, realiza-se Brahman, o Infinito, sem forma e além da mente e das palavras.

---

[2] Porque o aspirante realiza a unidade da existência e, portanto, não percebe a existência separada do mestre.

"A natureza de Brahman não pode ser descrita. Sobre ela a pessoa permanece silenciosa. Quem pode explicar o Infinito com palavras? Por mais alto que o pássaro voe, há regiões ainda mais altas. O que o senhor diz?"

Pregador: "Sim, senhor, assim afirma a filosofia Vedanta."

Mestre: "Uma vez uma boneca de sal entrou no oceano, a fim de medir sua profundidade, mas não conseguiu voltar para contar. Segundo uma escola de pensamento, sábios como Shukadeva viram e tocaram o oceano de Brahman, mas não mergulharam n'Ele.

"Uma vez eu disse a Vidyasagar: 'Tudo menos Brahman está poluído, por assim dizer, como uma comida tocada pela língua.' Em outras palavras, ninguém até agora foi capaz de descrever o que Brahman é. Uma palavra pronunciada pela língua, torna-se poluída. Vidyasagar, embora fosse um grande pundit, ficou muito satisfeito com minhas observações.

"Dizem que há lugares perto de Kedar [3], cobertos de neve eternas; quem chega tão alto não pode regressar. Aqueles que procuraram descobrir o que há nas regiões mais elevadas e o que se sente aí, não voltaram para nos contar a respeito.

"Depois de ter tido a visão de Deus, um homem fica totalmente tomado de felicidade. Torna-se silencioso. Quem falará? Quem explicará?

"Um rei mora além dos sete portões. Em cada portão senta-se um homem dotado de grande poder e glória. Em cada portão o visitante pergunta: 'É esse o rei?' O porteiro responde: 'Não, não é este, não é este.' O visitante passa pelo sétimo portão e torna-se inebriado de alegria. Fica sem fala. Desta vez não tem que perguntar: 'É este o rei?' À simples visão dele remove todas as dúvidas."

Pregador: "Sim, senhor, assim está escrito na Vedanta."

Mestre: "Quando se pensa em Deus criando, preservando e destruindo, é conhecido como Deus Pessoal. Saguna Brahman ou Energia Primordial, Adyashakti. Quando Ele é considerado como estando além dos três gunas, então é chamado de Realidade Sem Atributos, Nirguna Brahman, além da fala e do pensamento; é o Brahman Supremo, Parabrahman.

Sob a magia da maya de Deus, o homem esquece sua verdadeira natureza. Esquece que é herdeiro das infinitas glórias de seu Pai. Esta divina maya é formada dos três gunas. Todos os três são ladrões, porque roubam do homem todos os seus tesouros e fazem-no esquecer sua verdadeira natureza. Os gunas são sattva, rajas e tamas. Destes, só sattva mostra o caminho para Deus, mas mesmo sattva não pode conduzir o homem a Ele.

"Deixe-me contar uma história. Uma vez um homem rico estava atravessando uma floresta, quando três assaltantes aproximaram-se e roubaram-lhe tudo. Depois de despojá-lo de todas as coisas, um dos assaltantes disse-lhe: 'Para que manter este homem vivo? Mate-o.' Dizendo isto, já estava a ponto de atingir sua vítima com a espada, quando o segundo assaltante, interrompeu e disse: "Não se ganha nada, matando-o. Vamos amarrá-lo e deixá-lo aqui. Não poderá contar nada à polícia.' Assim combinado, os assaltantes amarraram-no com uma corda e foram embora.

"Depois de algum tempo, o terceiro ladrão voltou e disse, 'Ah! O senhor está muito ferido, não é? Venha, vou soltá-lo!' O terceiro homem libertou-se e levou-o para fora da floresta. Quando estavam chegando perto da estrada, disse-lhe: 'Siga esta estrada e chegará facilmente em casa.' 'Mas tem que vir comigo, também', disse o homem. 'Você ajudou-me tanto, que ficarei feliz se for à minha casa'. 'Não', disse o ladrão, 'não me é possível ir. A polícia iria me prender!' Assim falando, deixou o homem rico depois de lhe ter mostrado o caminho.

"O primeiro assaltante que disse: 'Para que manter este homem vivo? Mate-o', é tamas. Ele destrói. O segundo assaltante é rajas que prende o homem no mundo e enreda-o com uma variedade de atividades. Rajas o faz esquecer-se de Deus. Só sattva mostra o caminho para Deus. Produz virtudes como compaixão, retidão e devoção. Também sattva é como o último degrau da escada. Em seguida, está o terraço. O Brahman Supremo é a verdadeira morada do homem. Não se pode atingir o Conhecimento de Brahman a não ser que se transcenda os três gunas."

Pregador: "O senhor nos fez uma linda exposição."

Mestre (*com um sorriso*): "Você não conhece a natureza dos devotos? Quando um devoto encontra um outro, diz: 'Eu falo e você me escuta e quando você falar, eu o ouvirei.' O senhor é um pregador e ensina a muita gente! O senhor é um navio e eu, um simples barco de pesca'." (*Todos riem*).

Quarta-feira, 2 de maio de 1883

[3] Um pico alto do Himalaia, lugar de peregrinação dos hindus.

Mais ou menos às cinco horas da tarde, Sri Ramakrishna, acompanhado de M., Rakhal e alguns devotos chegaram ao templo do Brahmo Samaj em Nadanbagan. Primeiro o Mestre sentou-se na sala de visitas do andar térreo, onde os devotos Brahmos começaram gradualmente a chegar. Rabindranath Tagore e alguns membros de sua família estavam presentes.

Pediram a Sri Ramakrishna para se dirigir ao oratório no segundo andar. Havia sido construído um altar no canto leste do aposento. Havia ali algumas cadeiras e um piano. O culto Brahmo deveria ser feito ao entardecer.

Entrando no oratório, o Mestre inclinou-se profundamente ante o altar. Sentou-se e disse a M. e aos devotos: "Narendra certa vez me perguntou: 'Por que se inclinar ante um templo Brahmo Samaj?' A visão de um templo faz-me lembrar somente Deus; então a consciência de Deus acende-se em minha mente. Deus está presente onde as pessoas falam d'Ele. Sente-se aí a presença de todos os lugares sagrados. Os lugares de adoração só trazem Deus à minha mente.

"Uma vez um devoto, ao ver uma árvore babla entrou em êxtase. Pensou que o cabo do machado, usado no jardim do templo de Radhakanta, era de madeira daquela árvore. Um outro devoto era dotado de tal devoção ao seu guru, que à vista dos seus vizinhos, era tomado de um sentimento divino. A consciência de Krishna resplandecia na mente de Radha ao ver uma nuvem, uma roupa azul[4] ou uma pintura de Krishna. Ficava inquieta, chorando como louca. 'Krishna, onde estás?' "

Ghosal: "Mas a loucura não é desejável."

Mestre: "O que você quer dizer? Por acaso a loucura de Radha era motivada pelo apego excessivo aos objetos do mundo que torna uma pessoa inconsciente? Uma pessoa obtém aquela loucura meditando em Deus. Já ouviu falar de loucura de amor e loucura de Conhecimento?"

Um devoto Brahmo: "Como se pode realizar Deus?"

Mestre: "Dirigindo seu amor para Ele e sempre discriminando que só Deus é real e o mundo ilusório. Só a árvore de ashwattha é permanente, seu fruto é transitório."

Brahmo: "Temos paixões como raiva e luxúria. O que faremos com elas?"

Mestre: "Dirija as seis paixões para Deus. O impulso da *luxúria* deve ser direcionada para o desejo de se relacionar com o Atman. Sinta *raiva* para com aqueles que o atrapalham em seu caminho em direção a Deus. Sinta *avidez* por Ele. Se tiver o sentimento de 'eu' e 'meu' então, associe-o com Deus. Diga, por exemplo, 'Meu Rama, meu Krishna' Se tiver *orgulho*, então sinta-se como Bibhishana que disse: 'Toquei os pés de Rama com minha cabeça, jamais me inclinarei novamente a mais ninguém.' "

Brahmo: "Se é Deus quem me faz tudo, então, não sou responsável pelos meus pecados."

Mestre (*com um sorriso*): 'Sim, Duryodhana também disse isto, 'Ó Krishna, faço o que Tu, sentado em meu coração, me mandas fazer.' Se um homem tem a firme convicção que só Deus é Aquele que faz e ele é Seu instrumento, então, não pode fazer nada de pecaminoso. Aquele que aprendeu a dançar de forma correta, jamais dá um passo em falso. Não se pode nem mesmo acreditar na existência de Deus enquanto o coração não se tornar puro."

Olhando para os devotos reunidos no oratório, Sri Ramakrishna disse: "É muito bom que se reunam de vez em quando, para pensar em Deus e cantar Seu nome e Suas glórias, mas o anelo do homem mundano por Deus, é momentâneo. Dura tanto tempo quanto uma gota d'água num frigideira muito aquecida."

O culto estava prestes a começar. O salão estava lotado de devotos Brahmos. Algumas senhoras Brahmos estavam sentadas com os livros dos cânticos. As canções do Brahmo Samaj foram entoadas com acompanhamento de harmônio e piano. A alegria de Sri Ramakrishna era ilimitada. A invocação foi seguida por uma oração e logo começou o culto. Os acharyas, sentados na plataforma, recitaram trechos dos Vedas:

> OM. Tu és nosso Pai. Dá-nos conhecimento correto, não nos destruas! A Ti nos inclinamos.

Os devotos Brahmos cantaram em coro com os acharyas:

> OM. Brahman é a Verdade. Conhecimento Infinito. Brilha como Bem-aventurança e Imortalidade. Brahman é Paz. Bem-aventurança e Uno sem Segundo. É puro e não maculado pelo pecado.

Os acharyas cantaram em louvor a Deus:

[4] Krishna tinha a pele azul.

> OM. Ó Realidade. Causa do Universo. A Ti nos inclinamos!

Os acharyas cantaram em coro, a oração:

> Do irreal conduz-nos ao Real; da escuridão conduz-nos à luz; da morte conduz-nos à Imortalidade. Penetra-nos completamente, Ó Rudra e projeta-nos para sempre com Tua Face Misericordiosa.

Ao ouvir estes hinos, Sri Ramakrishna entrou em êxtase. Em seguida, um acharya leu um texto.

O culto terminou. A maioria dos devotos desceu ou foi para o pátio tomar ar, onde se serviu uma refeição ligeira. Eram quase nove horas da noite. Os anfitriões estavam tão ocupados em atender a outros convidados, que se esqueceram de dar atenção a Sri Ramakrishna.

Mestre (*a Rakhal e outros devotos*): "O que há? Ninguém nos atende."

Rakhal (*muito zangado*): "Senhor, vamos voltar para Dakshineswar."

Mestre (*com um sorriso*): "Fiquem quietos! O aluguel da carruagem custa três rupias e duas annas. Quem vai pagar? Teimosia não leva a nada. Vocês não têm um centavo e ficam fazendo ameaças vãs! Além do mais, como vamos arrumar comida a esta hora da noite?"

Depois de muito tempo anunciou-se o jantar. Os devotos foram convidados a se sentar. O Mestre com Rakhal e outros, seguiram as pessoas até o segundo andar. Não encontraram lugar. Com muita dificuldade, por fim, acharam um canto empoeirado. Uma brahmin serviu curry, mas Sri Ramakrishna não podia comê-lo. Comeu luchi com sal e alguns doces.

Não havia limite para a bondade do Mestre. Os donos da casa eram jovens, como poderia sentir-se descontente com eles, mesmo que não tivessem mostrado o devido respeito? Além do mais seria de mau augúrio para o dono da casa se um santo se retirasse sem comer. Afinal de contas a festa tinha sido preparada em nome de Deus.

Sri Ramakrishna subiu na carruagem; mas quem iria pagá-la? Os donos da casa não foram encontrados. Referindo-se mais tarde ao incidente, o Mestre dizia aos devotos, em tom de brincadeira: "Os rapazes foram falar com os donos da casa sobre o pagamento da carruagem. Primeiro, foram expulsos, mas por fim, conseguiram três rupias. Os anfitriões recusaram-se a pagar as duas annas extras e disseram: 'Não, isto basta.' "

Domingo, 13 de maio de 1883

O Mestre fez uma visita ao Hari-Bhakti-Pradayini Sabha de Kansharipara, em Calcutá, por ocasião do aniversário daquela sociedade religiosa.

Para a ocasião foram organizados o kirtan e outras formas de música devocional. As canções tinham como tema principal o episódio de Vrindavan da vida de Sri Krishna. O tema era o ressentimento de Sri Radha porque Sri Krishna tinha ido visitar Chandravali, outra gopi de Vrindavan. As amigas de Radha procuraram consolá-la, dizendo: "Por que você está ressentida? Parece que não está pensando na felicidade de Krishna, mas somente na sua." Radha disse-lhes: "Não estou zangada porque Ele foi ao bosque de Chandravali, mas por que Ele iria lá? Ela não sabe cuidar d'Ele."

20 de maio de 1883

No domingo seguinte foi organizado um kirtan, na casa de Ram, um dos devotos chefes de família do Mestre. Sri Ramakrishna agraciou a ocasião com sua presença. Os músicos cantaram a angústia de Radha ao se separar de Krishna:

> Radha disse às amigas: "Desejei imensamente ver Krishna desde a minha meninice. Minhas unhas gastaram-se contando os dias que faltavam para vê-Lo. Uma vez deu-me uma grinalda. Olhe, as flores secaram, mas ainda não as joguei fora. Meu Deus! Onde surgiu agora a Lua de Krishna? Teria esta Lua ido embora do meu firmamento com medo do Rahu[5] do meu ressentimento? Meu Deus! Será que tornarei a ver Krishna de novo? Ó meu amado Krishna, jamais pude contemplar-Te, com completa satisfação do meu coração. Tenho somente dois olhos que piscam e obstruem a minha visão. E além do mais, por causa das lágrimas não pude ver direito o meu Bem

[5] Um monstro da mitologia hindu, a quem é atribuída a causa do eclipse, ao devorar o sol e a lua.

> Amado. A pena do pavão no alto de Sua cabeça, brilha como um raio preso. Os pavões, vendo a pele de Krishna como uma nuvem escura, dançaram de alegria, abrindo suas caudas. Ó amigas, não serei capaz de conservar minha respiração. Depois de morta, coloquem meu corpo num dos galhos da escura árvore tamala e escrevam nele o doce nome de Krishna."

O Mestre disse: "Deus e Seu nome são idênticos; por esta razão Radha disse aquilo. Não há diferença entre Rama e Seu santo nome."

27 de maio de 1883

Sri Ramakrishna estava em seu aposento em Dakshineswar, conversando com os devotos. Eram mais ou menos nove horas da manhã.

Mestre (*a M. e outros devotos*): Não é bom cultivar a maldade. Os shaktas, os vaishnavas e os vedantistas brigam entre si. Isto não é sensato. Padmalochan foi um pundit da corte do Maharaja de Birdwan. Um dia durante uma reunião, os pundits começaram a discutir se Shiva era superior a Brahma ou Brahma a Shiva. Padmalochan deu uma resposta apropriada, 'Não sei nada a esse respeito', disse ele, 'Não falei nem com Shiva nem com Brahma.'

"Se uma pessoa sentir um anelo sincero, descobrirá que todos os caminhos levam a Deus, mas deve-se ter nishtha, devoção que domina toda a mente. Isto também é chamada devoção pura e inquebrantável a Deus. É como uma árvore com apenas um tronco ereto. Devoção promíscua assemelha-se a uma árvore com cinco galhos. A devoção exclusiva das gopis para com Krishna era tal, que só se preocupavam em olhar para o Krishna que haviam conhecido em Vrindavan – o Pastor Krishna, enfeitado com uma grinalda de flores silvestres amarelas e usando uma pena de pavão no alto de Sua cabeça. Ao verem Krishna em Mathura com um turbante e vestindo roupas reais, as gopis baixaram seus véus. Não queriam olhar Seu rosto. 'Quem é este homem?' disseram, 'Será que vamos macular nosso amor casto por Krishna, falando com ele?'

"A devoção da esposa para seu marido é também um exemplo de amor exclusivo. Ela dá comida para suas cunhadas, cuida do seu bem-estar, mas mantém um relacionamento muito especial com seu marido. Pode-se também, ter esta devoção exclusiva à sua própria religião, mas não pode por esta razão, odiar as outras. Muito pelo contrário, deve-se ter uma atitude amigável para com elas."

O Mestre banhou-se no Ganges e foi para o templo Kali com M. Sentou-se em frente à imagem e ofereceu flores aos pés da Mãe Divina. De vez em quando colocava flores em sua própria cabeça e meditava.

Depois de muito tempo levantou-se. Estava em êxtase e dançou defronte à imagem, cantando o nome de Kali. De vez em quando dizia: "Ó Mãe! Ó Destruidora do sofrimento! Ó Aquela que retira a tristeza e a agonia!" Estava ele ensinando às pessoas a orar à Mãe do Universo com um coração ansioso a fim de se libertar do sofrimento inevitável da vida física?

Sri Ramakrishna voltou para o seu quarto e sentou-se no pórtico oeste. Rakhal, M., Nakur Vaishnav e outros devotos estavam com ele. Nakur já conhecia o Mestre há mais ou menos vinte e cinco anos. Era devoto de Gauranga e tinha uma pequena loja que Sri Ramakrishna havia muitas vezes visitado, quando veio pela primeira vez a Calcutá, recém-chegado de Kamarpukur.

Ainda totalmente tomado pelo êxtase divino, o Mestre cantou:

> Ó Kali, minha Mãe cheia de Bem-aventurança! Aquela que encanta o Todo Poderoso Shiva!
> Em Tua alegria delirante, Tu danças, batendo palmas!
> Unidade Eterna! Tu, grande Causa Primeira vestida na forma do Vazio!
> Tu usas a lua sobre Tua testa
> Onde Tu achaste Tua grinalda de cabeças antes que o universo tivesse sido criado?
> Tu és Aquela que tudo move e nós somos somente apenas Teus brinquedos desprotegidos;
> Nós nos movemos somente se Tu nos fazes mover e falamos se Tu falas através de nós.
> Mas o indigno Kamalakanta diz, repreendendo-Te docemente:
> Enganadora! Com Tua espada flamejante
> Sem pensar Tu igualmente levaste à morte a minha virtude e meu pecado!

Cantou de novo:

> Mãe, Tu és a nossa única Redentora.
> Tu és Aquela que sustenta os três gunas.

Mais alta do que o mais alto.
Tu és misericordiosa, eu sei.
Que retira nosso pesar amargo.
Sandhya és Tu e Gayatri:
Tu susténs este universo
Mãe, o Refúgio és Tu
Daqueles que não têm nenhuma ajuda a Não ser de Ti,
A Eterna Bem Amada de Shiva!

Tu estás na terra, na água.
Tu estás na origem de tudo.
Em mim e em toda criatura
Tu tens Teu lar; embora vestida com forma.
Contudo Tu és a Realidade sem forma.

O Mestre ainda entoou algumas canções em louvor à Mãe Divina. Disse aos devotos: "Nem sempre convém falar aos chefes de família sobre os pesares da vida. Querem felicidade. Aqueles que vivem na pobreza constante, podem ficar sem comida por um ou dois dias, mas não é conveniente falar sobre as tristezas da vida com aqueles que sofrem com o pequeno atraso de alguns minutos de sua comida. Vaishnavcharan costumava dizer: 'Por que uma pessoa deveria ficar para sempre no pecado? Seja alegre!' "

Enquanto o Mestre descansava do almoço, Manohor Goswami, um cantor de kirtan, chegou. Cantou sobre o amor de Gauranga e o episódio divino de Vrindavan. O Mestre estava em profundo estado espiritual. Tirou a camisa e disse, seguindo o kirtan, numa atitude semelhante a de Radha: "Ó Krishna, meu Bem Amado! Ó amigas, tragam Krishna para mim. Então vocês serão amigas verdadeiras, ou levem-me para Ele e serei, para sempre sua escrava."

O músico sentou-se fascinado com o êxtase de Sri Ramakrishna. Disse com as mãos postas: "O Senhor pode livrar-me de meu mundanismo?"

Mestre: "Você é como um santo que perambula pela cidade depois de ter encontrado hospedagem. É uma pessoa amável, que expressa muitas idéias doces."

Músico: "Senhor, sou como um boi que apenas carrega uma bagagem de açúcar, mas não pode prová-la. Meu Deus, eu próprio não desfruto da felicidade divina."

A música melodiosa continuou e todos estavam plenos de alegria.

Sábado, 2 de junho de 1883

Sri Ramakrishna tinha sido convidado para visitar a casa de seus devotos Balaram, Adhar e Ram em Calcutá. Adhar e Ram providenciaram músicas devocionais. Rakhal, M. e outros acompanharam o Mestre na carruagem.

A caminho Sri Ramakrishna disse aos devotos: "Vejam, o pecado se desvanece quando o amor de Deus cresce no coração, assim como a água de um reservatório cavado num campo, seca com o calor do sol. Mas não se pode amar a Deus, se ainda existe atração pelas coisas do mundo, por 'mulher e ouro'. Simplesmente tomar um voto monástico não ajuda uma pessoa apegada ao mundo. É como engolir a própria saliva depois de tê-la cuspido no chão."

Depois de alguns minutos o Mestre continuou: "Os membros do Brahmo Samaj não aceitam Deus com forma. Narendra diz que Deus com forma é um simples ídolo. Diz ainda mais: 'O que? Ele[6] ainda vai ao templo de Kali!' "

Sri Ramakrishna com seus devotos chegaram à casa de Balaram. Yajnanath de Nandanbagan veio convidar o Mestre para ir à sua casa às quatro horas da tarde. Sri Ramakrishna concordou em ir, caso estivesse se sentindo bem. Depois da saída de Yajnanath, o Mestre entrou em êxtase. Disse à Mãe Divina: "Mãe, o que é tudo isso? Pare! O que são estas coisas que Tu estás me mostrando? O que é isto que Tu me revelas por intermédio de Rakhal e outros? A forma está desaparecendo mas, Mãe, o que as pessoas chamam 'homem', é somente uma fronha, nada mais do que uma fronha. A Consciência é Tua somente.

"Os modernos Brahmajnanis não provaram Tua doce Bem-aventurança. Seus olhos parecem secos, o mesmo ocorre com seu rosto. Não alcançarão nada sem o amor de Deus.

[6] Referindo-se a si próprio.

"Mãe, uma vez eu Te pedi para dar um companheiro exatamente como eu. É por isso que Tu me deste Rakhal?"

O Mestre foi à casa de Adhar, onde tudo havia sido preparado para o kirtan. Muitos devotos e vizinhos aglomeraram-se na sala de visitas de Adhar, ansiosos para ouvirem as palavras do Mestre.

Mestre (*aos devotos*): "Tanto o mundanismo como a liberação dependem da vontade de Deus. É somente Deus quem vem mantendo o homem no mundo em estado de ignorância e o homem será livre quando Deus, por Sua doce vontade, o chamar para Si. É como a mãe chamando o filho para comer quando ele está brincando no quintal. Quando chegar a hora de um homem ser liberado, Deus o faz procurar a companhia de homens santos. Além disso é Deus que o torna inquieto pela vida espiritual."

Um vizinho: "Que tipo de inquietude, senhor?"

Mestre: "Como a de um funcionário que perdeu o emprego. Sai todos os dias do escritório, perguntando se há vaga. Quando esse desassossego chega, o homem anseia por Deus. Uma pessoa sentada confortavelmente de pernas cruzadas, mastigando folha de betel e torcendo seu bigode – um janota despreocupado – não pode atingir Deus."

Vizinho: "Pode alguém atingir este estado freqüentando a companhia de homens santos?"

Mestre: "Sim, é possível, mas não para uma pessoa que não presta. O kamandalu do sannyasi, feito de cabaça amarga, viaja com ele pelos quatro pontos de peregrinação, mas não perde seu sabor amargo."

O kirtan começou. O músico cantou a vida de Sri Krishna em Vrindavan:

> Radha: "Amiga, estou prestes a morrer. Devolva-me o meu Krishna."
>
> Amiga: "Mas Radha, a nuvem de Krishna estava pronta para se transformar em chuva. Foi você quem a afastou com o forte vento de seu ressentimento. Você certamente não se alegra em ver Krishna feliz; ou por você está tão magoada?"
>
> Radha: "Mas este orgulho não era meu. Meu orgulho desapareceu com Ele que me havia feito orgulhosa."

Depois da música Sri Ramakrishna conversou com os devotos.

Mestre: "As gopis adoravam Katyayani a fim de se unirem a Sri Krishna. Todo o mundo está sob a autoridade da Mãe Divina, Mahamaya, a Energia Primordial. Mesmo as Encarnações de Deus aceitam a ajuda de maya para cumprir sua missão na terra. Portanto, adoram a Energia Primordial. Não vê como Rama chorou tão amargamente por Sita? 'Brahman chora envolvido pelas malhas de maya.'

"Vishnu encarnou-Se como uma porca a fim de matar o demônio Hiranyaksha. Depois de matar o demônio, a porca ficou feliz com seus filhotinhos. Esquecendo sua verdadeira natureza, ela os amamentava feliz. Os deuses no céu não conseguiram convencer Vishnu a largar o corpo da porca e voltar para as regiões celestiais. Estava totalmente absorvido na felicidade de Sua forma animal. Depois de consultarem-se entre si, os deuses resolveram enviar Shiva para falar com a porca. Shiva perguntou-lhe: 'Por que você se esqueceu de si mesmo?' Vishnu respondeu através de seu corpo de animal: 'Porque estou muito feliz aqui.' Em seguida Shiva, com um golpe do tridente, destruiu o corpo da porca e Vishnu voltou para o céu."

Da casa de Adhar, Sri Ramakrishna foi para a de Ram. Ramchandra Dutta, um dos principais discípulos chefes de família do Mestre, morava em Calcutá. Foi um dos primeiros a proclamar o Mestre uma Encarnação Divina. O Mestre já havia visitado sua casa muitas vezes e por diversas ocasiões havia falado da devoção e generosidade de seu amado discípulo. Alguns discípulos fizeram da casa de Ram, sua própria morada.

Ram havia organizado um festival para comemorar a visita do Mestre. O pequeno pátio estava lindamente decorado. Um kathak sentado numa plataforma elevada, recitava o *Bhagavata*, quando chegou o Mestre. Ram saudou-o com respeito e sentou-se próximo ao narrador. O discípulo estava extremamente feliz. O kathak narrava a história do rei Harischandra.

> O grande rei Harischandra dos Puranas era a personificação da generosidade. Ninguém que o procurava saía de mãos vazias. O sábio Vishwamitra, querendo testar a extensão da caridade do rei, conseguiu que ele lhe prometesse dar tudo o que lhe pedisse. O sábio pediu-lhe o mundo cercado pelo mar, do qual Harischandra era

rei. Sem a mínima hesitação o rei abriu mão de seus domínios. Então Vishwamitra pediu os honorários complementares que tornam a caridade meritória e válida.

O kathak continuou com narração:

"Vishwamitra disse ao rei: "Ó rei, vós destes o mundo inteiro, que era vosso domínio. Agora, ele me pertence: não podeis reclamar nenhum lugar, mas podeis viver em Benares, que pertence a Shiva. Eu vos levarei até lá com vossa esposa Shaibya e vosso filho Rohitashva. Aí podereis conseguir meios para pagar os honorários complementares que me deveis." A família real, acompanhada pelo sábio chegou a Benares e visitou o templo de Shiva.

À simples menção do nome de Shiva, o Mestre entrou em êxtase, repetindo o sagrado nome várias vezes.

O kathak continuou:

O rei não conseguiu pagar os honorários e foi forçado a vender Shaibya, sua consorte real, a um brahmin. Com ela foi o príncipe Rohitashva, mas mesmo isso não foi o suficiente para saldar a dívida com o sábio e Harischandra vendeu-se a um intocável que cuidava do crematório. Ficou encarregado de supervisionar as cremações.

Um dia, enquanto apanhava flores para seu senhor brahmin, o príncipe Rohitashwa foi mordido por uma cobra venenosa e veio falecer naquela mesma noite. O cruel brahmin não quis sair da cama para ajudar a pobre mãe a queimar o corpo de seu filho. A noite estava muito escura e tormentosa. Raios rompiam as nuvens escuras. Shaibya chegou ao crematório sozinha, carregando o corpo do filho nos braços. Dominada pelo medo e pela dor, a rainha enchia o céu e a terra com seus lamentos. Chegando ao crematório não reconheceu seu marido, que lhe pediu o pagamento usual para a cremação. Shaibya, sem dinheiro, chorava amargamente por seus infortúnios intermináveis. A escuridão impenetrável era somente quebrada pelas terríveis chamas das piras. Em sua cabeça o trovão rugia e diante dela, o encarregado desconhecido do crematório pedia-lhe o pagamento. Aquela que um dia fora a rainha do mundo, sentou-se com seu único filho, morto e frio, em seu colo.

Os devotos debulhavam-se em lágrimas e lamentavam este trágico episódio de uma família real. E o que o Mestre estava fazendo? Ouvia a narração com uma atenção extasiada. Lágrimas apareceram em seus olhos, que ele enxugou.

O kathak continuou:

Quando a rainha lamentando-se amargamente, murmurou o nome de seu marido, Harischandra logo reconheceu a esposa e o filho. Então, juntos, os dois choraram por seu príncipe morto. Apesar de todas essas desgraças, o rei jamais pronunciou uma palavra de lamentação por sua caridade.

Finalmente o sábio Vishwamitra apareceu e disse-lhes que ele apenas havia querido pôr em teste crucial as tendências caritativas do rei. Pelo seu poder espiritual, trouxe o príncipe de novo à vida e devolveu ao rei, o reino perdido.

Sri Ramakrishna pediu ao kathak para contar o episódio de Uddhava, amigo e devoto de Krishna.

A pedido de Krishna, Uddhava havia ido a Vrindavan consolar os pastores e as gopis que estavam de coração na mão por causa da separação de seu amado Krishna.

O kathak disse:

Quando Uddhava chegou a Vrindavan, as gopis e os pastores correram ansiosamente para ele e perguntaram: "Como vai o nosso Krishna? Será que Ele nos esqueceu? Será que Ele ao menos fala de nós?" Assim falando, alguns começaram a chorar. Outros o acompanharam a diversos lugares em Vrindavan ainda cheios de doces recordações de Krishna. Disseram; "Foi aqui que Krishna levantou o Monte Govardhan e aqui Ele matou os demônios enviados pelo malvado Kamsha. Neste campo Ele apascentava Seu gado; aqui, nas margens do Jamuna, brincava com as

gopis." Aqui Ele Se divertia com os pastores e aqui, nestes bosques, encontrava-se secretamente com as gopis.' Uddhava disse-lhes: "Por que vocês estão tão tristes com a ausência de Krishna? Ele reside em todos os seres como seu Espírito. É o Próprio Deus e nada pode existir sem Deus". "Mas", disseram as gopis, "não compreendemos nada disso. Não sabemos ler nem escrever. Conhecemos somente o nosso Krishna de Vrindavan que se divertia conosco, de diversas maneiras aqui." Uddhava disse: "Krishna é o Próprio Deus. Meditando n'Ele, o homem escapa do nascimento e morte no mundo e alcança liberação." As gopis disseram: "Não entendemos grandes palavras como 'liberação'. Desejamos ver o Krishna de nossos corações."

O Mestre ouviu a história do *Bhagavata* com grande atenção e por fim disse: "Sim, as gopis tinham razão."

Então cantou:

Apesar de Eu[7] jamais relutar em dar salvação.
Na verdade hesito em dar puro amor.
Aquele que possui puro amor supera tudo
É adorado pelos homens
E triunfa sobre o três mundos.

Ouça Chandravali![8] Vou-lhe falar sobre o amor.
Mukti um homem pode obter, mas rara é bhakti.
Somente por puro amor Eu me tornei
Porteiro do rei Vali.
Lá embaixo no seu reino do mundo inferior[9].

Somente em Vrindavan pode-se encontrar puro amor
Seu segredo só os gopas e as gopis conhecem.
Só por puro amor moro na casa de Nanda.
Considerando-o Meu pai.
Levei seu fardo em Minha cabeça.

O Mestre disse ao kathak: "As gopis possuíam amor firme e devoção concentrada num único ideal. Conhece o significado da devoção que não é leal a um único ideal? É a devoção misturada com o conhecimento intelectual. Faz uma pessoa sentir: 'Krishna tornou-Se tudo isto. Só Ele é o Supremo Brahman. Ele é Rama, Shiva e Shakti.' Mas esse elemento de conhecimento não está presente no amor extático por Deus. Uma vez Hanuman veio a Dwaraka e desejava ver Sita e Rama. Krishna disse a Rukmini, Sua rainha: 'É melhor assumir a forma de Sita; senão não há como escapar das mão de Hanuman'[10].

"Uma vez os irmãos Pandavas fizeram o sacrifício Rajasuya. Todos os reis colocaram Yudhisthira no trono real e inclinaram-se diante dele, mas Bibhishana, rei do Ceilão disse: 'Só me inclino ante Narayana e ninguém mais.' Em vista dessas palavras, Sri Krishna inclinou-se ante Yudhisthira. Só então Bibhishna prosternou-se com coroa e tudo, ante ele.

"Sabem como é a devoção a um ideal? É como a atitude da nora numa família. Serve a todos – cunhados, sogro, marido etc. – trazendo-lhes água para lavar os pés, apanhando suas toalhas, arrumando seus lugares e outras coisas, mas com seu marido possui um relacionamento especial.

"Há dois elementos no amor extático 'eu' e 'meu'. Yashoda costumava pensar: 'Quem vai cuidar de Gopala se *eu* não o fizer? Ficará doente se *eu* não cuidar dele.' Não considerava Krishna Deus. O outro elemento é o 'meu'. Significa olhar Deus como 'seu'- '*meu* Gopala'. Uddhava disse a Yashoda: 'Mãe, seu Krishna é o Próprio Deus. É o Senhor do Universo e não, um ser humano comum.' 'Ó!', exclamou Yashoda, não estou perguntando sobre o Senhor do Universo. Quero saber como o *meu* Gopala está, não, o Senhor do Universo, mas *meu* Gopala!

"Como as gopis eram fiéis a Krishna! Depois de muitas súplicas ao porteiro, entraram na corte real em Mathura, onde Krishna estava sentado no trono. O porteiro levou-as até Ele, mas ao verem o

[7] A canção representa as palavras de Krishna.
[8] Uma das gopis de Vrindavan.
[9] Alusão à história de Vali, narrada nos Puranas. Foi castigado pelo Senhor por sua caridade excessiva e condenado a governar no reino inferior, mas conseguiu do Senhor, a graça de que Ele seria Seu porteiro.
[10] Porque Rama e Sita eram os Ideais Escolhidos de Hanuman.

rei Krishna usando o turbante real, as gopis inclinaram-se e disseram entre si: 'Quem é este homem com um turbante na cabeça? Será que estamos violando nosso amor casto por Krishna, conversando com ele? Onde está o nosso bem amado Krishna de roupa amarela e encantador topete com pena de pavão?

"Observou o amor fiel das gopis por Krishna? O ideal de Vrindavan é ímpar. Soube que as pessoas de Dwaraka adoram Krishna, o companheiro de Arjuna, mas rejeitam Radha."

Um devoto: "O que é melhor, puro amor ou amor entremeado com conhecimento?:

Mestre: "É impossível desenvolver amor extático a Deus a não ser que você o ame intensamente e O olhe como seu muito íntimo.

"Ouçam uma história. Uma vez três amigos foram por uma floresta, quando um tigre subitamente apareceu diante deles. 'Irmãos', um deles exclamou, 'estamos perdidos!' 'Por que você diz isto?', disse o segundo amigo. 'Por que estamos perdidos? Venham, vamos orar a Deus.' O terceiro amigo disse: 'Não. Por que haveríamos de incomodar Deus? Vamos subir nesta árvore.'

'O amigo que disse, 'Estamos perdidos!' não sabia que há um Deus que é nosso Protetor. O amigo que mandou os outros orarem a Deus era um jnani. Estava consciente de que Deus é o Criador, Preservador e Destruidor do mundo. O terceiro amigo, que não queria incomodar Deus com suas orações e que sugeriu que subissem na árvore, tinha amor a Deus. É característica deste amor, fazer com que uma pessoa se julgue mais forte do que seu Bem Amado. Ele está sempre atento para que seu Bem Amado não sofra. O único desejo de sua vida é fazer com que seu Bem Amado não seja espetado, nem por um espinho no pé.

Ram serviu ao Mestre e a seus devotos, doces deliciosos.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 11

COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR - (I)

Segunda-feira, 4 de junho de 1883

MAIS OU MENOS ÀS NOVE HORAS da manhã, os devotos começaram a chegar ao templo. Sri Ramakrishna estava sentado no pórtico do seu quarto, em frente ao Ganges. M., que havia passado a noite anterior com o Mestre, sentou-se junto dele. Balaram e outros devotos estavam presentes. Rakhal, deitado no chão, descansava a cabeça no colo do Mestre. Nos últimos dias, o Mestre vinha considerando Rakhal o Menino Krishna.

Vendo Trailokya[1] dirigindo-se ao templo de Kali, Sri Ramakrishna pediu a Rakhal para se levantar. Trailokya inclinou-se ante o Mestre.

Mestre (*a Trailokya*): "Não houve ontem à noite a apresentação do yatra? [2] "

Trailokya: "Não senhor. Não pudemos arrumar tudo convenientemente."

Mestre: "O que está feito, está feito, mas por favor, veja que isto não venha ocorrer novamente. As tradições do templo devem ser devidamente observadas."

Trailokya respondeu de forma convincente e seguiu seu caminho. Depois de algum tempo Ram Chatterji, o sacerdote do templo de Vishnu, veio falar com Sri Ramakrishna.

Mestre: "Bem, Ram, falei com Trailokya que a apresentação do yatra não pode deixar de ser feita outra vez. Estava certo em dizer isto?"

Ram: "E daí, senhor? Claro que estava certo. As tradições devem ser mantidas."

O Mestre pediu a Balaram para ficar para o almoço. Antes da refeição, Sri Ramakrishna descreveu os seus dias de intoxicação divina. Rakhal, M. Ramlal e alguns devotos estavam presentes.

Mestre: "De vez em quando Hazra vem me ensinar. Diz-me: 'Por que o senhor se preocupa tanto com os jovens?' Um dia, indo de carruagem à casa de Balaram, senti-me muito perturbado com esse assunto. Disse à Mãe Divina: 'Mãe, Hazra recriminou-me pelo fato de eu me preocupar com Narendra e outros jovens. Perguntou porque me esqueço de Deus e penso nesses jovens.' Mal acabara de ter este pensamento, a Mãe Divina revelou-me que Ela Própria tinha Se tornado homem, mas que Ela Se manifesta com mais intensidade através de uma alma pura. Com esta visão entrei em samadhi. Depois fiquei zangado com Hazra. Disse a mim mesmo: 'Aquele tolo fez-me sentir infeliz.' Pensei: 'Por que haveria eu de recriminar o pobre homem? Como ele poderia saber?'

"Eu sei que estes jovens são o Próprio Narayana. No primeiro encontro que tive com Narendra, achei-o completamente indiferente ao corpo. Ao tocar em seu peito, perdeu a consciência do mundo exterior. Retomando-a, Narendra disse: 'Ó! O que o senhor fez comigo? Tenho pai e mãe em casa!' O mesmo aconteceu na casa de Jadu Mallick. À medida que os dias se passavam ansiava cada vez mais, tornar a vê-lo. Meu coração anelava por ele. Nesta época disse a Bholanath [3]: 'Por que me sinto assim? Há um rapaz chamado Narendra, da casta kayastha. Por que fico tão inquieto por ele?' Bholanath disse: 'O senhor encontrará resposta no Mahabharata. Descendo ao plano da consciência normal, um homem estabelecido em samadhi sente-se muito bem na companhia de pessoas sáttvicas. Sente paz de espírito à vista destas pessoas!' Ao ouvir isto minha mente acalmou-se. De vez em quando sentava-me sozinho e chorava por ver Narendra.

"Ó por que estado mental passei! Ao ter pela primeira vez esta experiência, mal podia perceber as idas e vindas do dia ou noite. Diziam que eu estava louco. O que mais poderiam dizer? Casaram-me. Ainda estava num estado de embriaguez divina. A princípio preocupei-me com minha esposa. Logo compreendi que ela também comeria, beberia e viveria como eu.

"Visitei meu sogro. Organizaram um kirtan. Foi um grande festival religioso, cantando-se muito o nome de Deus. De vez em quando eu cogitava sobre o meu futuro. Dizia à Mãe Divina: 'Mãe, consi-

[1] Filho de Mathur e neto da Rani Rasmani. Havia se tornado o proprietário do templo em 1871.

[2] Culto especial à Mãe Divina que tem lugar naquela noite, no templo de Kali. Em ocasiões semelhantes, nos anos anteriores, os proprietários do templo haviam organizado a apresentação do yatra.

[3] Funcionário do templo de Dakshineswar.

derarei minhas experiências espirituais reais se os proprietários de terra demonstrarem respeito por mim.' Por iniciativa própria eles também vieram e conversaram comigo.

"Ó que estado era aquele! Até a menor sugestão acordava minha consciência espiritual. Adorei o 'Belo' numa mocinha de quatorze anos. Via que ela era a personificação da Mãe Divina. No final da adoração, inclinei-me ante ela e ofereci uma rupia a seus pés. Uma vez presenciei a representação de Ramila. Vi que os atores eram de fato Sita, Rama, Lakshmana, Hanuman e Bibhishana em pessoa. Então adorei os atores e atrizes que representaram esses papéis.

"Nesta época tinha o hábito de convidar moças para virem aqui e prestava-lhes adoração. Considerava-as a personificação da Própria Mãe Divina.

Um dia vi uma mulher de azul em pé, próximo à árvore bakul. Era uma prostituta, mas no mesmo instante, ela acendeu em mim, a visão de Sita. Esqueci a mulher. Via que era a Própria Sita indo ao encontro de Rama, depois de seu resgate por Ravana, no Ceilão. Durante muito tempo fiquei em samadhi, inconsciente do mundo exterior.

"Outro dia fui ao Maidan, em Calcutá, tomar ar fresco. Havia uma grande multidão para ver a subida de um balão. Subitamente vi um menino inglês encostado contra uma árvore. De pé, seu corpo estava inclinado em três posições. A visão de Krishna logo veio à minha mente. Entrei em samadhi.

"Uma vez em Sihore, alimentei os pastores. Pus doces em suas mãos. Vi que estes meninos eram verdadeiramente os pastores de Vrindavan e comi os doces que me deram.

"Naquela época eu ficava quase inconsciente do mundo exterior. Mathur Babu hospedou-se durante alguns dias, em sua mansão de Janbazar. Enquanto estive lá, considerava-me servidor da Mãe Divina. As senhoras da casa não se sentiam constrangidas em minha presença. Ficavam tão à vontade na minha presença como as mulheres sentem-se diante de um menino ou de uma menina. Eu costumava acompanhar a filha de Mathur até o quarto do marido, juntamente com a auxiliar.

"Mesmo agora a mínima coisa desperta em mim a Consciência de Deus. Rakhal tinha o hábito de repetir o nome de Deus à meia voz. Nestes momentos não podia me controlar. Tal acontecimento despertava minha consciência espiritual e sentia-me tomado por ela."

Sri Ramakrishna continuou descrevendo as diferentes experiências que havia tido quando adorava a Mãe Divina como Seu servidor. Dizia, "Uma vez imitei uma cantora profissional para um cantor. Ele disse que minha representação tinha sido bastante correta e perguntou-me onde eu havia aprendido." O Mestre repetiu a mímica para os devotos que caíram na risada.

Depois do almoço o Mestre descansou um pouco. Manilal Mallick, um velho membro do Brahmo Samaj entrou no quarto e sentou-se depois de saudar o Mestre, que ainda estava deitado na cama. Manilal fazia-lhe perguntas de vez em quando e o Mestre ainda meio adormecido, respondia com uma ou duas palavras. Manilal disse que Shivanath admirava o estado espiritual de Nityagopal. O Mestre perguntou com uma voz sonolenta o que pensavam de Hazra.

Logo Sri Ramakrishna sentou-se na cama e falou a Manilal sobre a devoção a Deus de Bhavanath.

Mestre: "Ah! Em que estado exaltado ele se encontra! Mal começa a cantar a respeito de Deus e os olhos enchem-se de lágrimas. A simples visão de Harish entrava em êxtase. Disse que Harish tinha muita sorte. Fez este comentário porque Harish às vezes passava alguns dias aqui, longe de casa."

Sri Ramakrishna perguntou a M.: "Bem, qual a causa da bhakti? Por que desperta o sentimento espiritual de jovens como Bhavanath?" M. permaneceu em silêncio.

Mestre: "Todos os homens parecem semelhantes por fora, mas alguns possuem recheios de 'leite condensado'. Os bolos podem ter recheio de 'leite condensado' ou farinha de grão de bico, mas todos, externamente, parecem iguais. O desejo de conhecer Deus, amor a Ele e outras qualidades espirituais são o 'leite condensado'."

Sri Ramakrishna falou aos devotos de modo tranqüilizador.

Mestre (*a M.*): "Alguns pensam: 'Ó, sou uma alma ligada. Jamais terei conhecimento e devoção', mas se alguém recebe a graça do guru, não tem nada a temer. Uma vez uma tigresa atacou um bando de cabras. Logo que soltou sua presa, deu à luz a um filhote e morreu. Crescendo na companhia das cabras que comiam capim, o tigrezinho seguia seu exemplo. Elas baliam, ele também. Com o tempo, tornou-se um grande tigre. Certa vez outro tigre atacou o mesmo rebanho. Ficou impressionado ao ver o tigre comendo capim. Correu atrás dele, até que por fim, o tigre selvagem o agarrou. Então o tigre que comia capim começou a balir. O tigre selvagem arrastou-o até a água e disse-lhe: 'Olhe sua cara na água. É igual à minha. Aqui tem um pouco de carne. Coma-a.' Dizendo isto, pôs carne em sua boca, mas o tigre que comia capim não podia engoli-la e começou a balir de novo. Gradualmente, po-

rém, começou a sentir o gosto do sangue e acabou por saborear a carne. Então o tigre selvagem disse-lhe: 'Veja, não há diferença entre mim e você. Venha e siga-me até a floresta.'

"Assim não há qualquer medo quando a graça do guru desce sobre alguém. Ele lhe mostrará quem você é e qual a sua natureza real.

"Se o devoto pratica um pouco de disciplina espiritual, o guru lhe explicará tudo. Então o discípulo compreende por si mesmo o que é real e o que é irreal. Só Deus é real e o mundo ilusório.

"Uma noite, um pescador foi a um jardim e jogou sua rede no lago a fim de roubar os peixes. O proprietário ouviu o barulho e cercou-o com seus empregados. Trouxeram tochas e começaram a procurá-lo. Nesse meio tempo o pescador cobriu-se de cinzas, sentou-se debaixo de uma árvore, fingindo ser um santo. O proprietário com seus homens procuraram muito, mas não puderam encontrar o ladrão. Tudo o que viram foi um homem santo coberto de cinzas, meditando debaixo de uma árvore. No dia seguinte, espalhou-se pelas redondezas que um grande sábio estava no jardim. As pessoas juntaram-se e saudaram-no com oferendas de frutas, flores e doces. Muitos também ofereceram moedas de prata e cobre. 'Que estranho!' pensou o pescador. 'Não sou um verdadeiro santo, mas as pessoas mesmo assim, mostram-me grande devoção. Certamente realizarei Deus se me tornar um verdadeiro sadhu. Não há dúvida a esse respeito.'

"Se uma simples simulação da vida religiosa pode ocasionar um tal despertar espiritual, imagine o efeito de uma prática verdadeira! Naquele estado você certamente realizará o que é real e o que é irreal. Só Deus é real e o mundo, ilusório."

Um dos devotos disse a si mesmo: "É o mundo irreal, então? O pescador, para ser exato, renunciou à vida mundana. O que acontecerá com aqueles que vivem no mundo? Devem também renunciar a ele?" Sri Ramakrishna que podia ler o mais escondido dos pensamentos, disse com muita ternura, "Suponhamos que um escriturário seja mandado para a prisão. Sem dúvida levará uma vida de prisioneiro, mas quando for solto, vai dar cambalhotas na rua? Não, certamente que não. Conseguirá um emprego novo e continuará trabalhando como antes. Mesmo depois de ter alcançado o Conhecimento pela graça do guru, pode-se viver muito bem no mundo como jivanmukha." Assim Sri Ramakrishna tranqüilizou aqueles que viviam como chefes de família.

Manilal: "Senhor, onde meditarei em Deus quando fizer minha prática diária?"

Mestre: "Ora! O coração é excelente. Medite em Deus aí!"

Manilal, membro do Brahmo Samaj, acreditava em Deus sem forma. Dirigindo-se a ele, o Mestre disse: "Kabir costumava dizer, 'Deus com forma é minha Mãe, Deus sem forma é meu Pai. A quem devo recriminar? A quem devo adorar? Os dois pratos da balança são iguais.' Durante o dia Haladhari tinha o hábito de meditar em Deus com forma e à noite, em Deus sem forma. Qualquer atitude que adote, certamente realizará Deus, se tiver uma fé firme. Você pode crer em Deus com forma ou em Deus sem forma, mas sua fé deve ser sincera e de todo o coração. Sambhu Mallick tinha o hábito de vir a pé de Baghbazar até sua casa em Dakshineswar. Um dia um amigo lhe disse: 'É muito arriscado andar uma distância tão grande. Por que não vai de carruagem?' A isto o rosto de Samdhu ficou vermelho e exclamou: 'Ponho-me a caminho, repetindo o nome de Deus! Que mal pode me acontecer?' Pela fé obtém-se tudo. Eu costumava dizer: 'Aceitarei tudo isto [4] como verdadeiro se encontrar uma determinada pessoa ou um certo funcionário do templo falar comigo.' O que eu pensava invariavelmente acontecia."

M. havia estudado lógica inglesa. No capítulo sobre sofismas, havia lido que somente pessoas supersticiosas acreditavam na coincidência dos sonhos matutinos com os acontecimentos reais. Por isto perguntou ao Mestre: "Já houve alguma exceção?"

Mestre: "Não, naquela época tudo acontecia assim. Eu repetia o nome de Deus e acreditava que uma coisa iria acontecer e invariavelmente acontecia. (*A Manilal*) Mas você tem que se lembrar de que a não ser que uma pessoa seja pura e de mente aberta, não poderá ter esta fé. Pessoas muito magras, de olhos encovados, vesgo – pessoas com essas características, não podem adquirir fé facilmente. O que uma pessoa pode fazer se há maus presságios por todos os lados?"

Era o entardecer. A auxiliar entrou no quarto e queimou incenso. Manilal e alguns devotos partiram para Calcutá. M. e Rakhal estavam no quarto. O Mestre sentou-se no divã pequeno, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. Reinava um completo silêncio.

Depois de um certo tempo Bhagavati, uma velha empregada do proprietário do templo, entrou no aposento e saudou o Mestre a uma certa distância. Sri Ramakrishna mandou-a sentar-se. Ele conhe-

[4] Suas experiências espirituais.

cia-a há muitos anos. Em sua mocidade havia levado uma vida imoral, mas a compaixão do Mestre era grande. Logo começou a conversar com ela.

Mestre: "Agora você já tem idade. Tem alimentado os vaishnavas e santos, gastando, de uma forma nobre, o seu dinheiro?"

Bhagavati: (*sorrindo*): "Como posso dizer isto?[5] "

Mestre: "Você esteve em Vrindavan, Benares e outros lugares sagrados?"

Bhagavati (*timidamente*): "Como assim? - Mandei construir um lugar de banhos e meu nome está escrito numa placa."

Mestre: "Verdade!"

"Bhagavati: "Sim, senhor. Meu nome, 'Srimati Bhagavati Dasi' está escrito ali."

Mestre (*com um sorriso*): "Ó, que bom!"

Animada pelas palavras do Mestre, Bhagavati aproximou-se e saudou-o, tocando-lhe os pés. Como uma pessoa picada por um escorpião, Sri Ramakrishna ficou de pé e gritou: "Govinda! Govinda!" Um grande jarro de água do Ganges estava no canto do aposento. Correu para lá, ofegante e lavou com a água santa, o lugar que a empregada havia tocado. Os devotos ficaram admirados com este incidente. Bhagavati caiu sentada, como ferida de morte.

Sri Ramakrishna consolou-a e falou-lhe com muita bondade: "Você deve saudar-me de longe." A fim de tirar todo seu constrangimento, o Mestre disse-lhe afetuosamente: "Ouça algumas canções."

Cantou sobre a Mãe Divina:

A abelha negra de minha mente é atraída em pura alegria
Para a flor de lótus azul dos pés de Mãe Shyama ...

Então ele cantou:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente estava voando como uma pipa,
Quando chegou uma rajada de vento forte de pecado que a levou rapidamente para a terra. ...

De novo:

More, Ó mente, dentro de si mesma,
Não entre na casa de ninguém
Se você apenas procura ali, encontrará
Tudo o que está buscando.

Deus, a verdadeira Pedra Filosofal
Que responde a toda pergunta,
Jaz escondida no fundo do seu coração.
A pedra mais rica de todas.

Quantas pérolas e pedras preciosas
Estão espalhadas pela
Sala que precede
A câmara do seu coração!

Terça-feira, 5 de junho de 1883

Rakhal e Hazra havia ficado com o Mestre no templo de Dakshineswar. M., também, estava ali desde o domingo anterior. Como era dia de semana, havia somente alguns devotos no aposento. Em geral as pessoas reuniam-se em grande número, nos domingos e feriados.

Era tarde. Sri Ramakrishna contava aos devotos as suas experiências durante seu estado de embriaguez divina.

Mestre (*a M*): "Ó, por que estado passei! Naquela época não comia aqui. Ia à casa de um brahmin na vila ou em Baranagore ou em Ariadaha. Geralmente passava da hora das refeições. Eu apenas sentava-me lá, sem dizer uma palavra. Se as pessoas da casa me perguntavam porque eu estava aí, simplesmente respondia: 'Quero qualquer coisa para comer.' De vez em quando ia, naturalmente sem ser convidado, à casa de Ram Chatterji em Alambazar ou à dos Choudhurys em Dakshineswar, mas não gostava da comida da casa de Choudhury.

[5] Ela quis dizer "sim". Na Índia é hábito não mencionar os próprios atos meritórios.

"Um dia com insistência, pedi a Mathur para me levar à casa de Devendra Tagore. Disse: 'Devendra canta o nome de Deus. Quero vê-lo. Pode levar-me até lá?' Mathur Babu era um homem muito orgulhoso, portanto, como se podia esperar que fosse à casa de alguém sem ser convidado? A princípio hesitou, mas depois, disse: 'Está bem. Devendra e eu fomos colegas de colégio. Vou levá-lo até sua casa.'

"Outro dia soube de um homem bom chamado Dina Mukherji, que morava em Baghbazar, perto da ponte. Era um devoto. Pedi a Mathur para levar-me lá. Como insistisse, levou-me de carruagem até a casa de Dina. Era um lugar pequeno. A chegada de um homem rico, numa grande carruagem, fez as pessoas do lugar ficarem constrangidas. Nós também ficamos. Naquele dia o filho de Dina havia sido investido com o cordão sagrado. A casa estava lotada de gente e mal havia lugar para que Dina nos recebesse. Íamos entrar num aposento lateral, quando alguém gritou: 'Por favor, não entrem. Há senhoras aí.' Era realmente uma situação embaraçosa. Ao voltar, Mathur Babu disse: 'Pai, nunca mais vou dar-lhe ouvido.' Dei uma risada.

"Ó, por que estado passei! Uma vez Kumar Singh deu uma festa para os sadhus e também, convidou-me. Encontrei aí muitas pessoas. Quando sentei-me para comer, vários sadhus fizeram perguntas sobre minha pessoa. Imediatamente senti vontade de deixá-los e sentar-me sozinho. Imaginava porque eles deveriam preocupar-se com isto. Os sadhus tomaram seus assentos. Comecei a comer antes deles. Ouvi vários dizerem: 'Ó, que tipo de homem é esse?' "

Eram cerca de cinco horas da tarde. Sri Ramakrishna estava sentado no degrau da varanda. Hazra, Rakhal e M. estavam perto dele. Hazra assumira a atitude de um vedantista: "Eu sou Ele."

Mestre (*a Hazra):* "Sim, toda dúvida de uma pessoa termina no momento em que ela compreende que é Deus quem Se manifesta como ateu e crente, bom e mau, real e irreal; é Ele quem está presente no estado de vigília e no sono e é Ele quem está além de tudo.

" Havia um fazendeiro que tinha um filho que havia nascido quando ele já estava em idade avançada. À medida que a criança crescia, seus pais amavam–na cada vez mais. Um dia o fazendeiro saiu para trabalhar em seus campos, quando um vizinho disse-lhe que seu filho estava seriamente doente – realmente prestes a morrer. Ao regressar para casa, encontrou o menino morto. A esposa chorou amargamente, mas os olhos do fazendeiro permaneceram secos. Com muita tristeza ela disse aos vizinhos: 'Seu filho morreu e ele nem derramou uma lágrima!' Depois de muito tempo o fazendeiro disse à esposa: 'Você sabe por que não estou chorando? Na noite passada sonhei que era um rei e pai de sete príncipes. Esses príncipes, além de belos, eram virtuosos. Eram altos e haviam adquirido conhecimento e sabedoria em diversas artes. Subitamente acordei. Agora estou pensando se devo chorar por esses sete príncipes ou por esse menino!' Para os jnanis o estado de vigília não é mais real do que aquele dos sonhos.

"Só Deus é O que faz. Tudo acontece por Sua vontade."

Hazra: "Mas é muito difícil compreender isso. Tome o caso do sadhu de Bhukailas. Como as pessoas o torturaram e por fim, o mataram! Elas o haviam encontrado em samadhi. Primeiro o enterraram, depois o puseram debaixo d'água e por fim, o marcaram com ferro quente. Assim o trouxeram à consciência do mundo, mas finalmente o sadhu morreu em conseqüência dessas torturas. Indubitavelmente ele sofreu nas mãos dos homens, embora como dizem, tenha morrido por vontade de Deus."

Mestre: "O homem tem que colher o fruto do seu karma, mas no que diz respeito à morte daquele homem santo, isto ocorreu pela vontade de Deus. Os kavirajs preparam makadhvaja[6] numa garrafa. A garrafa é coberta com argila e aquecida ao fogo. O ouro no interior da garrafa derrete-se e combina-se com os outros produtos e o remédio está pronto. Os médicos quebram a garrafa com cuidado e retiram o remédio. Quando o remédio estiver pronto, que diferença faz se a garrafa for preservada ou quebrada? Assim, muitos pensam que o santo está morto, mas talvez o seu estado interior já estivesse preparado. Depois da realização de Deus, qual a diferença se um corpo vive ou morre?

"O sadhu de Bhukailas estava em samadhi. Há muitas formas de samadhi. Minhas próprias experiências espirituais estão de acordo com as palavras que ouvi de um sadhu de Hrishikesh. Às vezes sinto a subida da corrente espiritual dentro de mim, como se fosse o andar de uma formiga. Às vezes parece como o movimento de um macaco pulando de galho em galho. Também, às vezes é como se fosse um peixe nadando na água. Somente aquele que tem essa experiência sabe como é. Em samadhi esquece-se o mundo. Quando a mente desce um pouco, digo à Mãe Divina: 'Mãe, cure-me disso. Quero falar com as pessoas.'

[6] Um remédio indiano feito de mercúrio e enxofre e em cuja preparação o ouro funciona como agente catalizador.

"Somente os Isvarakotis podem voltar ao plano da consciência relativa depois do samadhi. Alguns homens comuns alcançam o samadhi através da disciplina espiritual, mas não voltam, porém, quando o Próprio Deus nasce como homem, como Encarnação Divina, tendo a chave da liberação dos outros, para o bem da humanidade, volta do samadhi à consciência do mundo."

"M. (*para si mesmo*): "Por acaso o Mestre tem em suas mãos a chave para a liberação do homem?"

Hazra: "A única coisa necessária é agradar a Deus. Que importa se uma Encarnação de Deus existe ou não?"

Era dia de lua nova. A noite lentamente desceu e uma densa escuridão envolveu as árvores e os templos. Algumas luzes brilhavam aqui e ali no templo. O céu escuro refletia-se nas águas do Ganges.

O Mestre foi para a varanda sul do seu quarto. Um ânimo espiritual era o estado natural de sua mente. A noite escura de lua nova, juntamente com a pele negra de Kali, a Mãe Divina, intensificava sua exaltação espiritual. De vez em quando repetia "Om" e o nome de Kali. Deitou-se numa esteira e sussurrou para M.

Mestre: :Sim, Deus pode ser visto. X – teve a visão de Deus, mas não diga isto a ninguém. Diga-me, de que você gosta mais, Deus com forma ou a Realidade sem forma?"

M.: "Senhor, hoje gosto de pensar em Deus sem forma, mas também começo a compreender que é somente Deus que Se manifesta através de diferentes formas."

Mestre: "Você pode me levar algum dia desses, de carruagem, à casa de Mati Seal em Belgharia? Quando se joga arroz empapado no lago, os peixes vêm à superfície para comê-lo. Ah! Fico tão alegre ao vê-los brincar na água. Isto também fará despertar a sua consciência espiritual. Sentirá como se os peixes da alma humana estivessem brincando no Oceano de Satchidananda. Também entro em êxtase quando me encontro num grande campo. É como sentir-me um peixe livre de um aquário e atirado num lago.

"A disciplina espiritual é necessária para se ver Deus. Tive que passar por uma disciplina muito severa. Quantas austeridades pratiquei sob a árvore bel! Ficava sob ela, chorando para a Mãe Divina: 'Ó Mãe, revela-Te a mim.' As lágrimas caíam profusamente e ensopavam meu corpo."

M. : "O senhor praticou tantas austeridades, mas as pessoas esperam realizar Deus de uma hora para outra! Pode uma pessoa construir um muro simplesmente movendo o dedo em torno da casa?"

Mestre (*com um sorriso*): "Amrita diz que um homem acende uma fogueira e que dez aquecem-se nela. Vou contar-lhe algo mais. É bom ficar no plano de Lila depois de ter atingido Nitya."

M.: "Um dia o senhor disse que uma pessoa desce ao plano da Lila para gozar o jogo divino."

Mestre: "Não, não é bem assim. A Lila também é real.

"Deixe-me dizer algo. Sempre que vocês vierem aqui, tragam qualquer coisa[7] . Talvez eu não deveria dizer isso: pode parecer egoísmo. Eu também disse a Adhar Sen que deveria trazer algo de pouco valor. Pedi a Bhavanath para trazer uma folha de betel. Reparou na devoção de Bhavanath? Narendra e ele parecem homem e mulher. Ele é devotado a Narendra. Traga Narendra aqui com você de carruagem e também, alguns doces. Isso lhe fará bem.

"Conhecimento e amor – ambos são caminhos que levam a Deus. Aqueles que seguem o caminho do amor têm que observar um pouco mais de pureza exterior, mas a transgressão por uma pessoa que segue o caminho do conhecimento não pode fazer mal porque é destruída no fogo do conhecimento. Mesmo uma bananeira é reduzida a cinzas quando atirada numa fogueira ardente.

"Os jnanis seguem o caminho da discriminação. Às vezes ao discriminar entre o Real e o irreal um homem perde a fé na existência de Deus, mas um devoto que anseia sinceramente por Deus, não desiste de sua meditação, mesmo quando tomado por idéias ateístas. Um homem cujo pai e avô foram fazendeiros, continua seu trabalho na plantação, mesmo que perca toda a colheita num ano de seca."

Deitado numa esteira e descansando a cabeça num travesseiro, Sri Ramakrishna continuou. Disse a M.: "Minhas pernas estão doendo. Por favor massageia-as delicadamente." Assim, por sua infinita compaixão, o Mestre permitiu a seu discípulo, prestar-lhe um serviço pessoal.

8 de junho de 1883

Era um dia de verão. O serviço religioso da tarde, no templo de Kali havia terminado. Sri Ramakrishna estava ante a imagem da Mãe Divina e abanou-a durante alguns minutos.

[7] As escrituras hindus mandam que um chefe de família visite um santo com presentes adequados.

Ram, Kedar, Chartterji e Tarak chegaram de Calcutá com flores e doces. Kedar tinha aproximadamente cinqüenta anos. Havia freqüentado o Brahmo Samaj e outras seitas religiosas em sua busca de Deus, mas mais tarde, aceitou o Mestre como seu guia espiritual. Era contador numa repartição do governo e vivia num subúrbio de Calcutá.

Tarak era um jovem de vinte e quatro anos. Sua esposa havia falecido, pouco tempo depois do casamento. Era natural da vila de Barasat, não longe de Calcutá. Seu pai, alma altamente espiritualizada, havia visitado Sri Ramakrishna muitas vezes. Tarak freqüentemente ia para a casa de Ram e tinha o hábito de ir a Dakshineswar na companhia de Ram e Nityagopal. Trabalhava num escritório, mas sua atitude em relação ao mundo era de total indiferença.

Assim que Sri Ramakrishna saiu do templo, viu Ram, Kedar, M., Tarak e outros devotos em pé, do lado de fora. Mostrou sua afeição a Tarak ao tocar-lhe o queixo. Ficara muito feliz ao vê-lo.

Voltando para ao quarto, o Mestre sentou-se no chão em êxtase, com as pernas esticadas. Ram e Kedar enfeitaram seus pés com flores e grinaldas. O Mestre entrou em samadhi.

Kedar acreditava em certas práticas estranhas de uma seita religiosa a qual havia pertencido no passado. Segurou o dedo grande do pé do Mestre, pensando que assim seu poder espiritual lhe seria transmitido. Sri Ramakrishna ao recobrar parte da consciência falou: "Mãe, o que ele pode fazer para mim, segurando meu dedo?" Kedar sentou-se humildemente com as mãos postas. Ainda em êxtase, o Mestre disse-lhe: "Sua mente ainda tem atração por 'mulher e ouro'. O que adianta dizer que não se importa com isso? Vá em frente. Além da floresta de sândalo, há muitas outras coisas: minas de prata, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. Tendo tido o vislumbre de espiritualidade, não creia que tenha atingido tudo." Novamente o Mestre entrou em êxtase, Disse à Mãe Divina: "Mãe, retire-o daqui." A estas palavras a garganta de Kedar ficou seca. Num tom assustado disse a Ram: "O que o Mestre está dizendo?"

À vista de Rakhal, Sri Ramakrishna novamente entrou em êxtase. Disse a seu amado discípulo: "Estou aqui há vários dias. Quando você vai chegar?"

Estava o Mestre insinuando que ele era uma Encarnação de Deus e Rakhal seu companheiro divino, um membro do círculo íntimo de devotos?

Domingo, 10 de junho de 1883

O Mestre estava sentado em seu aposento com Rakhal, M., Latu, Kishore, Ramlal, Hazra e outros devotos. Eram mais ou menos dez horas da manhã.

Descrevendo seu passado, Sri Ramakrishna disse-lhes: "Na minha juventude, tanto os homens quanto as mulheres de Kamarpukur estimavam-me. Gostavam de me ouvir cantar. Podia imitar os gestos e maneiras de falar dos outros e costumava entretê-los assim. As mulheres guardavam comida para mim. Todos confiavam em mim. Todos consideravam-me um membro de sua família.

"Mas eu era como um pombo feliz e costumava ir somente na casa de pessoas felizes. Fugia de lugares onde havia miséria e sofrimento.

"Um ou dois rapazes da vila eram meus amigos muito chegados. Era íntimo de alguns deles, mas agora estão completamente submersos no mundanismo. Poucos entre eles visitam-me e dizem: 'Meu Deus! Ele parece ser ainda o mesmo do tempo de colégio!' Quando era estudante no colégio, a aritmética causava-me confusão na cabeça, mas podia pintar muito bem e modelar pequenas estátuas das divindades.

"Gostava de ir aos lugares onde se dava comida grátis aos santos e pobres e os observava durante horas.

"Gostava de ouvir a leitura dos livros sagrados como *Ramayana* e *Bhagavata*. Se os leitores possuíam alguns trejeitos, poderia imitá-los, divertindo os outros com minha mímica.

"Eu compreendia o comportamento das mulheres muito bem e imitava suas palavras e entonações. Podia facilmente reconhecer as de vida livre. Viúvas sem moral partem o cabelo ao meio e cuidam da aparência com muito zelo. Têm pouca modéstia. É tão diferente a maneira como se sentam! Mas não vamos mais falar de coisas mundanas."

O Mestre pediu a Ramlal para cantar, o que ele fez:

Quem é esta terrível Mulher escura, como o céu à meia-noite?
Quem é esta Mulher dançando no campo de batalha?
Como um lótus azul que flutua no vermelho mar de sangue>
Quem é Ela, vestida apenas do Infinito?

Virando Seus três olhos num frenesi e fúria selvagem?
Sob o peso de Seus passos a própria terra treme!
Shiva, Seu poderoso marido, que brame o terrível tridente
Jaz como um cadáver sob Seus pés conquistadores.

A canção seguinte descreveu a tristeza de Mandodari por ocasião da morte de seu marido, Ravana. Enquanto ouvia, o Mestre derramou lágrimas de pesar, dizendo: "Um dia, quando entrei no bosque de pinheiros, ouvi os barqueiros no Ganges cantando aquela canção e chorei amargamente por um longo tempo. Tiveram que me trazer de volta para o quarto."

Ramlal cantou a respeito do amor das gopis por Sri Krishna. Akrura estava prestes a levar Sri Krishna de carruagem, de Vrindavan até Mathura, As gopis não o deixavam ir. Algumas seguraram as rodas do carro, outras deitaram-se em frente dele. Culpavam Akrura, sem saber que Sri Krishna as estava deixando por Sua livre vontade. Akrura explicou isto às gopis:

Ramlal cantou:

Não segurem, não segurem as rodas da carruagem!
São as rodas que a movem?
Aquele que move as rodas é Krishna
Por cuja vontade os mundos se movem . ...

A respeito das gopis, o Mestre disse: "Que amor profundo, que devoção tinham por Krishna! Radha pintou o retrato de Sri Krishna com suas próprias mãos, mas não pintou as pernas, com medo que Ele fugisse para Mathura! Em minha infância eu tinha o hábito de cantar estas canções, com bastante freqüência. Podia reproduzir o drama inteiro de memória."

Depois da refeição, Sri Ramakrishna sentou-se no divã. Ainda não tinha tido tempo para descansar. Os devotos começaram a se reunir. Uns chegaram de Manirampur, outros de Belgharia. Alguns disseram-lhe: "Perturbamos seu descanso."

Mestre: "Ó não! O que vocês dizem aplica-se somente a um homem rajásico. Sobre ele, as pessoas falam: 'Ah! Agora ele vai desfrutar seu sono.' "

Os devotos de Manirampur perguntaram ao Mestre como se realiza Deus.

Mestre: "Vocês devem praticar um pouco de disciplina espiritual. Não basta dizer que o leite contém manteiga. Tem-se que deixá-lo virar coalho para em seguida, batê-lo. Só então, pode-se fazer manteiga. Os aspirantes espirituais devem retirar-se de vez em quando, para a solidão. Depois de terem alcançado o amor de Deus na solidão, podem viver no mundo. Se uma pessoa usa sapatos, pode facilmente andar sobre espinhos.

"O mais importante é a fé.

Como é a meditação de uma pessoa, assim é o seu sentimento de amor;
Como é o sentimento de amor, assim é o seu ganho;
E a fé é a raiz de tudo.

Se uma pessoa tem fé, nada há a temer."

Um devoto: "Senhor, é necessário ter-se um guru?"

Mestre: "Sim, muitos necessitam de um guru, mas deve-se ter fé nas palavras do guru. Tem êxito na vida espiritual se considerar seu Guru como o Próprio Deus. Por esta razão, os vaishnavas falam de Guru, Krishna e vaishnava [8].

"Uma pessoa necessita freqüentemente do nome de Deus. O nome de Deus é altamente eficaz no Kaliyuga. A prática da yoga não é possível nesta época, porque a vida de um homem depende da comida. Bata palmas ao repetir o nome de Deus e os pássaros de seus pecados voarão.

"Deve-se sempre procurar a companhia dos homens santos. Quanto mais próximo se estiver do Ganges, mais fresca será a brisa. Assim também, quanto mais próximo estiver de um fogo, mais quente ficará o ar.

"Mas não se pode alcançar nada com preguiça e delonga. As pessoas que querem desfrutar do mundo dizem a respeito do progresso espiritual: 'Bem, acontecerá no seu devido tempo. Realizaremos Deus algum dia.'

[8] O Mestre queria dizer que o Guru, Krishna e vaishnava deviam igualmente ser reverenciados. Deve-se honrar o vaishnava porque Deus mora em seu coração.

"Eu disse a Keshab Sen: 'Quando um pai vê que o filho está impaciente por sua herança, dá-lhe sua parte na propriedade, mesmo três anos antes do tempo legal. A mãe cozinha enquanto o bebê fica no berço, chupando o brinquedo, mas quando ele deixa de lado o brinquedo, joga-o ao chão e grita por ela, a mãe deixa a panela de arroz e tomando-o em seus braços, embala-o.' Disse tudo isso a Keshab.

"Está dito que no Kaliyuga, se alguém chorar por Deus um dia e uma noite, certamente O verá.

"Fiquei ressentido com Deus e disse-Lhe: 'O Senhor me criou. Agora tem que Se revelar a mim.' Se você viver no mundo ou em qualquer outro lugar, tenha sempre a mente fixa em Deus. A mente mergulhada no mundanismo pode ser comparada a um fósforo molhado. Não conseguirá acendê-lo por mais que o risque. Ekalavya colocou a imagem de barro de Drona, seu mestre, à sua frente e assim, aprendeu a manejar o arco e a flecha[9].

"Vá em frente. O lenhador, seguindo as instruções de um santo, foi em frente e descobriu na floresta, árvores de sândalo e minas de prata e ouro: indo mais longe, encontrou diamantes e outras pedras preciosas.

"Os ignorantes são como pessoas que vivem numa casa de paredes de tijolos. Há muito pouca luz no interior e não se pode ver absolutamente nada do lado de fora, mas aqueles que entram no mundo, depois de atingir o Conhecimento de Deus, são como pessoas que vivem numa casa feita de vidro. Para eles tanto o exterior, como o interior, são claros. Podem ver as coisas de fora tão bem, como as de dentro.

"Nada existe a não ser o Uno. O Uno é o Brahman Supremo. Enquanto Ele conserva o 'eu'em nós, Ele nos revela que é Ele que, como Energia Primordial, cria, preserva e destrói o universo.

"Aquele que é Brahman é também, a Energia Primordial. Uma vez um rei pediu a um yogi para lhe transmitir Conhecimento com apenas uma palavra. O yogi disse: 'Está bem, o senhor terá o Conhecimento com uma palavra.' Depois de algum tempo, o mágico veio até o rei e mexendo dois de seu dedos, rapidamente exclamou: 'Olhe, Ó rei Olhe!' O rei olhou para ele, muito surpreso, quando após uns poucos minutos, viu o dois dedos tornando-se um. O mágico moveu esse único dedo rapidamente e disse: 'Olhe, Ó rei! Olhe!'. A conclusão da história é que Brahman e a Energia Primordial a princípio parecem ser dois, mas depois de atingir o Conhecimento de Brahman, a pessoa não mais vê dois. Então, não há diferença: é o Uno sem segundo – Advaita-não-dualidade."

O Mestre ficou contente ao ver o músico que havia chegado com o devotos de Belgharia. Algum tempo antes, Sri Ramakrishna havia entrado em êxtase ao ouvir a música devocional. A pedido do Mestre, o músico cantou algumas canções, uma das quais descrevia o despertar da Kundalini e dos seis centros:

> Desperta, Mãe! Desperta! A quanto tempo Tu estás dormindo
> No lótus do Muladhara!
> Cumpre Tua função secreta, Mãe:
> Sobe até o lótus de mil pétalas dentro da cabeça.
> Onde o poderoso Shiva tem Sua morada.
> Rapidamente penetra os seis lótus
> E retira minha tribulação, Ó Essência de Consciência!

Mestre: "A canção fala da passagem da Kundalini através dos seis centros. Deus está tanto dentro como fora. No interior Ele cria os diversos estados mentais. Depois de ter passado pelos seis centros, o jiva vai além do domínio de maya e une-se à Alma Suprema. Esta é a visão de Deus.

"Não se pode ver Deus a não ser que maya saia da porta. Rama, Lakshamana e Sita estavam caminhando juntos. Rama ia na frente, Sita no meio e Lakshmna os seguia, mas Lakshmana não podia ver Rama porque Sita interpunha-se entre eles. Do mesmo modo, uma pessoa não pode ver Deus porque maya está no meio. (*A Mani Mallick*) Mas maya se afasta da porta quando Deus concede Sua graça ao devoto. Quando o visitante fica de pé defronte da porta, o porteiro diz ao patrão: 'Senhor, dê-nos ordem e nós o deixaremos passar.'

"Há duas escolas de pensamento: Vedanta e Puranas. Segundo a Vedanta, o mundo é uma 'estrutura de ilusão', isto é, tudo é ilusório como um sonho, mas segundo os Puranas, livros de devoção, o Próprio Deus tornou-Se os vinte quatro princípios cósmicos. Adore Deus interior e exteriormente.

---

[9] Esta história é narrada no *Mahabharata.* Drona recusou-se a ensinar a arte de manejar o arco e a flecha a Ekalavya, porque este último pertencia a uma casta inferior. Por conseguinte, Ekalavya foi para a floresta e treinou diante da imagem de barro de Drona, a quem considerava seu mestre. Ao longo do tempo, tornou-se um exímio arqueiro. Quando Drona descobriu que ele havia ultrapassado o próprio Arjuna, seu discípulo muito amado, nessa arte, pediu a Ekalavya para lhe dar seu polegar como taxa de instrutor. Ao obedecê-lo, Ekalavya demonstrou seu espírito de sacrifício e também, amor ao mestre.

"Enquanto Deus mantém a consciência do 'eu' em nós, o objetos dos sentidos existem e não podemos falar do mundo como sendo um sonho. Há fogo no fogão, portanto, o arroz, os grãos, as batatas e outros vegetais pulam na panela. Pulam como se dissessem: 'Estamos aqui! Estamos pulando!' Este corpo é a panela. A mente e a inteligência são a água. Os objetos dos sentidos são o arroz, as batatas e outros vegetais. A consciência do 'eu' identificada como os sentidos diz: 'Estou pulando'. Satchidananda é o fogo.

"Em conseqüência as escrituras bhakti descrevem este mundo como uma 'mansão de alegria'. Ramprasad cantou em uma das canções. 'Este mundo é uma estrutura de ilusão.' Um outro devoto deu a resposta: 'Este mundo é uma mansão de alegria.' Como diz o ditado: 'O devoto de Kali, livre enquanto vive, está pleno de Bem-aventurança Eterna.' O bhakta vê que Aquele que é Deus, também tornou-Se maya. Assim também, Ele Próprio tornou-Se o universo e todos os seres vivos. O bhakta vê Deus, maya, o universo e o seres vivos como um. Alguns devotos vêem tudo como Rama; é apenas Rama que Se tornou tudo. Alguns vêem tudo como Radha e Krishna. Para eles é apenas Krishna quem Se tornou os vinte e quatro princípio cósmicos. É como ver tudo verde através de óculos verdes.

"Mas as escrituras bhakti admitem que as manifestações de Poder são diferentes em seres diferentes. É Rama que Se tornou tudo, sem dúvida, mas Ele Se manifesta mais em alguns do que em outros. Há um tipo de manifestação de Rama na Encarnação de Deus, e outro, nos homens. Até as Encarnações estão conscientes do corpo. A Encarnação é devida à maya. Rama chorou por Sita, mas a Encarnação de Deus colocou uma venda nos Seus olhos por Sua própria vontade, como as crianças brincando de 'cabra-cega'. As crianças param de brincar quando a mãe as chama. É muito diferente, contudo, com o homem comum. O pano com que seus olhos são vendados, estão presos nas suas costas com parafusos, por assim dizer. Há oito grilhões: ódio, medo, casta, linhagem, boa conduta, pesar, dissimulação que não podem ser cortados sem a ajuda de um guru."

Um devoto: "Senhor, por favor abençoe-nos."

Mestre: "Deus está em todos os seres, mas você tem que fazer um pedido à Companhia de Gás. Ela ligará o depósito de gás ao cano de sua casa.

"Deve-se orar com sinceridade. Diz-se que uma pessoa pode realizar Deus dirigindo a intensidade combinada de três atrações, a saber, a atração do filho por sua mãe, a atração do marido por sua esposa e a atração pelas posses, do homem do mundo.

"Há certos sinais pelos quais pode-se conhecer um verdadeiro devoto de Deus. Sua mente acalma-se quando ouve as instruções de seu instrutor, da mesma maneira que uma cobra venenosa fica mansa com a música do encantador. Não me refiro à serpente. Há um outro sinal. Um verdadeiro devoto desenvolve o poder de assimilar instrução. Uma imagem não pode ser impressa num vidro limpo, somente num vidro recoberto por uma solução negra, como na fotografia. A solução negra é a devoção a Deus. Há um terceiro sinal de um verdadeiro devoto: o controle dos sentidos. Subjugou a luxúria. As gopis estavam livres de luxúria.

"Você está falando de levar uma vida de chefe de família. Suponhamos que você seja um. Isso ajuda na prática de disciplina espiritual. É como lutar dentro de um forte. Os tântricos às vezes utilizam um cadáver em seus ritos religiosos. De vez em quando o cadáver assusta-os ao abrir a boca. É por esta razão que mantém perto, arroz frito e grãos, e de vez em quando jogam alguns grãos na boca do defunto. Acalmando assim o cadáver, repetem o nome da Divindade, sem qualquer apreensão. Do mesmo modo um chefe de família deve acalmar a esposa e outros membros da família. Deve dar-lhes comida e outras necessidades. Assim remove os obstáculos à sua prática de disciplina espiritual.

"Aqueles que ainda têm poucas experiências do mundo para desfrutar devem levar uma vida familiar e orar a Deus. Por isto Nityananda autorizou o mundano a comer sopa de peixe-gato e o caloroso abraço de uma jovem mulher, enquanto repetia o nome de Deus.

"Mas é muito diferente com autênticos sannyasis. Uma abelha só pousa nas flores e em nada mais. Para o chatak toda água que não seja da chuva, não tem gosto. Só beberá essa água e espera com o bico aberto, pela chuva que cai quando a estrela Svati está no ascendente,. Só bebe essa água. Um verdadeiro sannyasi não desfrutará de outra felicidade a não ser a de Deus. A abelha pousa somente nas flores. O verdadeiro monge é como uma abelha, enquanto que o devoto chefe de família é como uma mosca comum que pousa tanto numa ferida como num doce."

"Vocês tiveram tanto trabalho para virem aqui. Devem estar buscando Deus, mas a maioria das pessoas se satisfaz simplesmente em ver o jardim. Apenas um ou dois procuram pelo dono da casa. As pessoas desfrutam a beleza do mundo e não procuram o Dono.

(*Apontando para o cantor*): "Há poucos minutos ele entoou uma canção descrevendo os seis centros. A yoga trata deles. Há dois tipos de yoga: hathayoga e rajayoga. O hathayogi pratica exercícios físicos. Sua meta é conquistar poderes sobrenaturais: longevidade e os oito poderes psíquicos. Estas são suas metas, mas o objetivo da rajayoga é alcançar devoção, amor de Deus, conhecimento e renúncia. Dessas duas, a rajayoga é a melhor.

"Há muita semelhança entre os sete 'planos' descritos na Vedanta e os seis 'centros' da Yoga. Os três primeiros planos dos Vedas podem ser comparados aos três primeiros centros ióguicos que são o Muladhara, o Svadhisthana e o Manipura. Nas pessoas comuns a mente repousa nesses três planos, os órgãos de evacuação, reprodução e umbigo. Quando a mente sobe para o quarto plano, o centro chamado na yoga de Anahata, vê a alma individual como uma chama. Além disso vê a luz. A isto o aspirante pergunta: 'Ah! O que é isto? Ah! O que é isto?'

"Quando a mente eleva-se ao quinto plano, o aspirante deseja ouvir falar somente de Deus. Este é o centro Vishuddha da yoga. O sexto plano é o centro conhecido pelo yogi como Ajna são um e o mesmo. Quando a mente se eleva até aí, o aspirante vê Deus, mas ainda há uma barreira entre Deus e o devoto. É como a face de vidro da lanterna que impede que se toque a lâmpada. O rei Janaka tinha o hábito de dar ensinamentos sobre Brahmajnana a partir do quinto plano. Às vezes permanecia no quinto plano e às vezes, no sexto.

"Depois de passar pelos seis centros, o aspirante atinge o sétimo. Alcançando-o, a mente funde-se com Brahman. A alma individual e a Alma Suprema tornam-se uma única coisa. O aspirante entra em samadhi. Sua consciência do corpo desaparece. Perde o conhecimento do mundo exterior. Não vê o múltiplo. Sua discriminação chega ao fim.

"Trailanga Swami certa vez disse que, pelo fato de um homem raciocinar, está consciente da multiplicidade e da variedade. Atingindo samadhi, deixa-se o corpo em vinte e um dias. A consciência espiritual não é possível sem o despertar da Kundalini.

"Um homem que realizou Deus apresenta certas características. Torna-se como uma criança ou um louco, ou uma coisa parecida com um duende. Além do mais, está firmemente convencido de que é a máquina e Deus, seu Operador, que só Deus é Aquele que faz e que tudo o mais são Seus instrumentos. Como alguns devotos Shikhs uma vez me disseram, mesmo uma folha só se move pela vontade de Deus. Deve-se estar consciente de que tudo o que acontece é pela vontade de Rama. O tecelão disse: 'O preço do tecido, pela vontade de Rama, é uma rupia e seis annas. Pela vontade de Rama um roubo foi cometido. Pela vontade de Rama os ladrões foram presos. Pela vontade de Rama, eu também fui. Por fim, pela vontade de Rama, fui solto.' "

Era o entardecer. Sri Ramakrishna não havia descansado, desde o almoço. Havia falado sem parar com os devotos sobre Deus. Por fim os visitantes despediram-se e voltaram para casa.

Sexta-feira, 15 de junho de 1883

Era feriado por ser a época do festival religioso hindu de Dasahara. Entre os devotos que visitaram Sri Ramakrishna em Dakshineswar aquele dia, estavam Adhar, M. e o pai de Rakhal. O avô de Rakhal também estava presente. Todos estavam sentados no chão do quarto do Mestre.

O avô de Rakhal era um devoto de Deus. Perguntou ao Mestre: "Senhor, pode alguém realizar Deus enquanto levar a vida de chefe de família?"

Mestre (*com um sorriso*): "Por que não? Viva no mundo como o bagre. Embora viva aí, mantém-se imaculado. Ou viva no mundo como uma mulher livre. Ela atende a seus deveres de casa, mas seu coração está sempre com seu amante. Faça seus deveres do mundo, fixando a mente em Deus. Isto, porém, é extremamente difícil. Eu disse aos membros do Brahmo Samaj: 'Suponhamos que um paciente com tifo esteja num quarto em que há vidros de pickles e moringas de água. Como esperar que o paciente se cure? O simples pensamento do pickles lhe trará água na boca.' Para um homem, a mulher é como pickles. O desejo ardente pelas coisas do mundo, que é crônico no homem, é como o desejo do paciente pela água. Não há fim para esse desejo. O paciente com tifo diz: 'Vou beber todo o jarro de água.' A situação é muito difícil. Há tanta confusão no mundo. Se você segue este caminho, é ameaçado por uma pá, se for por aquele outro, será ameaçado por um cabo de vassoura; mais uma vez, em outra direção, será com um pontapé. Além disso não se pode pensar em Deus, a não ser que se viva na solidão. O ourives derrete o ouro para fazer jóias. Mas como pode fazer seu trabalho se é perturbado a cada minuto? Suponhamos que estejam tirando pedaços de casca do arroz. A cada momento

tem que pegar o arroz com a mão e verificar se está limpo, mas como podem trabalhar direito se são interrompidos a cada instante?"

Um devoto: "Então, qual é o caminho, senhor?"

Mestre: "*Há* um caminho. Uma pessoa obtém um resultado positivo se desenvolver um forte espírito de renúncia. Desista imediatamente com determinação, daquilo que sabe ser irreal. Uma vez, quando estava seriamente doente, fui levado ao médico Gangaprasad Sen. Disse-me ele: 'Vou dar-lhe um remédio, mas você não pode beber água. Pode tomar suco de romã.' Todo o mundo ficava imaginando como eu poderia viver sem água, mas estava determinado a fazê-lo. Disse para mim mesmo: 'Sou um paramahamsa [10] e não, um ganso. Beberei apenas leite.

"Você tem que ficar uns dias na solidão. Se apenas tocar na 'vovó'[11] está salvo. Transforme-se em ouro e viva onde quer que lhe agrade. Depois de realizar Deus e o amor divino na solidão, pode-se viver no mundo, também. (*Para o pai de Rakhal*). É esta a razão pela qual peço aos jovens para ficarem comigo; pois eles desenvolverão o amor de Deus, ficando aqui alguns dias. Depois podem muito bem levar a vida de um chefe de família."

Um devoto: "Se Deus é responsável por tudo, então por que devem as pessoas falar do bem e do mal, virtude ou vício? Comete-se pecado também pela vontade de Deus, não é assim?"

Um outro devoto: "Como podemos compreender a vontade de Deus?"

Mestre: "Não há dúvida de que a virtude e o vício existem no mundo, mas o Próprio Deus não é tocado por eles. Pode haver cheiro bom e mal, mas o ar não é afetado. A verdadeira natureza da criação de Deus é que o bem e o mal, retidão e iniqüidade sempre existirão no mundo. Entre as árvores de um pomar há mangueira e jaqueira, e também, ameixeira de porco. Já reparou que mesmo os homens maus são necessários? Suponhamos que haja arrendatários violentos numa propriedade então, o próprio dono tem que mandar um desordeiro para controlá-los."

Novamente a conversa voltou ao assunto da vida dos chefes de família.

Mestre (*aos devotos*): "Vejam, levando a vida de chefe de família, um homem gasta, sem necessidade, seus poderes mentais. Esta perda pode ser evitada se abraçar a vida monástica. O primeiro nascimento é dádiva do pai; segue-se, então, o segundo quando é investido com o cordão sagrado. Há ainda um terceiro nascimento, por ocasião da iniciação à vida monástica. Os dois obstáculos à vida espiritual são 'mulher e ouro'. Apego à 'mulher' desvia uma pessoa do caminho que conduz a Deus. O homem não sabe o que ocasiona sua queda. Uma vez, quando me dirigia para o Forte[12], não pude ver que estava descendo uma ladeira, mas quando a carruagem entrou no Forte, pude ver o quanto havia descido. Meu Deus! As mulheres mantém os homens iludidos. O Capitão diz: 'Minha esposa é cheia de sabedoria.' Um homem possuído por um espírito, não entende as coisas. Diz: 'Ora, Estou tão bem!'

Os devotos ouviam estas palavras em silêncio profundo.

Mestre: "Não é apenas luxúria que se deve temer na vida mundana. Há também a raiva. Ela surge quando os obstáculos são colocados no caminho do desejo."

M.: "Nas refeições, às vezes, um gato estica a pata para pegar o peixe do meu prato, mas não posso sentir qualquer ressentimento."

Mestre: "Por que? Você pode mesmo bater nele de vez em quando. Qual é o mal? Um homem do mundo deve silvar, mas não, despejar veneno. Na verdade, ele não pode fazer mal aos outros, mas deve dar um espetáculo de raiva, a fim de se proteger dos inimigos. Do contrário, eles o maltratarão, mas o sannyasi não precisa nem silvar."

Um devoto: "Creio que é extremamente difícil para um chefe de família, realizar Deus. Só poucas pessoas podem levar a vida que o senhor recomenda. Até agora não encontrei nenhuma."

Mestre: "Por que tem que ser assim? Ouvi falar de um magistrado chamado Pratap Singh. É um grande homem. Possui muitas virtudes: compaixão e devoção a Deus. Medita em Deus. Certa vez mandou chamar-me. Com certeza há outros como ele.

"A prática da disciplina é absolutamente necessária. Por que uma pessoa não deveria ser bem sucedida, se praticar sadhana? Mas não tem que trabalhar duramente se tem fé real – fé nas palavras do guru. Uma vez Vyasa já estava a ponto de atravessar o Jamuna, quando chegaram as gopis, que desejavam ir à outra margem. Entretanto não havia barco para a travessia. Disseram a Vyasa: 'Reve-

[10] Um paramahamsa pertence à mais elevada ordem de monges; a palavra também significa "cisne". Uma tradição popular da Índia diz que o cisne pode separar o leite da mistura leite e água. Diz-se, também, que uma secreção de ácido faz o leite transformar-se em coalhada, que o cisne come, deixando a água.

[11] Alusão ao jogo de "esconde-esconde" (ver nota n° 6 do Cap. V).

[12] Referência ao forte de Calcutá.

renciado senhor, o que vamos fazer agora?' 'Não se preocupem", disse Vyasa, 'Vou atravessá-las, mas estou com muita fome. Vocês têm alguma coisa para comer?' As gopis tinham muito creme e manteiga. Vyasa comeu tudo. Então as gopis perguntaram, 'Bem, senhor, que tal atravessarmos o rio?' Vyasa ficou de pé na margem do Jamuna e disse: 'Ó Jamuna! Se eu não tiver comido nada hoje, que suas águas se dividam, a fim de que possamos caminhar até a outra margem.' Mal acabou o sábio de pronunciar estas palavras e as águas do Jamuna dividiram-se. As gopis ficaram mudas de espanto: 'Ele acabou de comer muito', disseram entre si, 'e ele diz, "Se eu não tiver comido nada!..." ' Vyasa estava convencido de que não havia sido ele, mas Narayana, que morava em seu coração, que havia comido.'

"Shankaracharya foi um Brahmajnani com toda certeza, mas no começo também possuía o sentimento de diferença. Não acreditava firmemente que tudo no mundo era Brahman. Um dia, quando estava saindo do Ganges, depois do banho, viu um intocável, um açougueiro, carregando uma carga de carne. Inadvertidamente o açougueiro tocou seu corpo. Shankara gritou raivosamente: 'Você! Como ousou tocar-me?' 'Reverenciado senhor' disse o açougueiro, 'Eu não o toquei, nem o senhor me tocou. O Puro Atman não pode ser o corpo, nem os cinco elementos, nem os vinte e quatro princípios cósmicos.' Então Shankara caiu em si. Certa vez Jadabharata estava carregando o rei Rahugana num palanquim e ao mesmo tempo, falava sobre o Conhecimento do Ser. O rei desceu do palanquim e disse a Jadabharata: 'Quem é você, por favor?' Ele respondeu: 'Eu sou *"Isto não, Isto não"* - sou o Ser Puro.' Possuía a fé profunda de que era o Ser Puro.

" 'Eu sou Ele', 'Eu sou o Ser Puro' é a conclusão dos jnanis, mas os bhaktas dizem, 'O universo inteiro é a glória de Deus'. Quem reconheceria um homem rico sem seu poder e suas riquezas? Mas é bem diferente quando o Próprio Deus, satisfeito com a devoção do aspirante diz-lhe: 'Você é o mesmo que Eu próprio. 'Imaginemos um rei sentado em sua corte e seu cozinheiro entra e senta-se no trono, dizendo: 'Ó rei, o senhor e eu somos uma mesma pessoa!' Com certeza o chamarão de louco. Suponhamos, porém, que um dia o rei, satisfeito com o trabalho do cozinheiro, diz-lhe: 'Venha sentar-se a meu lado.' Não há nada de errado com isso. Não há diferença entre mim e você.' Então se o cozinheiro sentar-se no trono com o rei, não há nenhum mal. Não é bom para as pessoas comuns dizerem: 'Eu sou Ele'. As ondas pertencem ao oceano, mas o oceano pertence às ondas?

"A conclusão de tudo isso é que, não importa qual o caminho que se siga; a yoga é impossível a não ser que a mente se torne tranqüila. A mente de um yogi está sob o seu controle e não, ele sob o controle de sua mente. Quando a mente se aquieta o prana pára de funcionar. Então obtém-se kumbhaka. Pode-se ter o mesmo kumbhaka pela bhakti yoga: o prana pára de funcionar pelo amor de Deus, também. No kirtan o músico canta, 'Nitai amar mata hati!'[13]. Repetindo isso, entra em êxtase não pode cantar a frase toda. Simplesmente diz 'Hati! Hati'. Quando o estado se aprofunda, apenas canta: 'Ha! Ha!' Assim seu prana pára pelo êxtase e segue-se kumbhaka.

"Suponhamos que um homem esteja varrendo o pátio e que um outro chegue e lhe diga: 'Alô! Fulano de tal já não existe mais, morreu.' Se a pessoa morta não tiver nenhum relacionamento com o varredor, ele continua seu trabalho, observando casualmente: 'Ah! Que pena! Ele morreu, era uma boa pessoa.' E seu trabalho continua como antes. Mas se o morto é seu parente, a vassoura cai de sua mão. 'Ah!' exclama, e ele também cai no chão. Seu prana pára de funcionar. Não consegue trabalhar nem pensar. Já repararam que, entre as mulheres, se uma delas olha para outra coisa, ou ouve algo com espanto, as outras lhe dizem: 'O que? Você está em êxtase?' Neste exemplo também, o prana havia parado de funcionar e assim, ela fica sem fala, boquiaberta.

"Não basta simplesmente repetir 'Eu sou Ele, eu sou Ele'. Há certos sinais de um jnani. Narendra possui grandes olhos protuberantes. *Apontando para um devoto*: ele também tem bons olhos e testa.

"Nem todos os homens estão no mesmo nível. Diz-se que há quatro tipos de homens: os ligados, os que estão lutando, os liberados e os sempre livres. Também não é um fato de que todos os homens têm que praticar disciplina espiritual. Há os sempre livres e aqueles que alcançam a perfeição através da disciplina espiritual. Alguns realizam Deus, depois de muita austeridade espiritual e alguns são perfeitos desde o seu nascimento. Prahlada é um exemplo dos sempre livres.

"Sábios eternamente perfeitos como Prahlada também praticam meditação e oração, mas realizaram o fruto, a visão de Deus, mesmo antes de sua prática espiritual. São como as abóboras e as morangas que primeiro dão fruto e depois, flores.

[13] Meu Nitai dança como um elefante louco.

(*Olhando para o pai de Rakhal*): "Mesmo que uma alma eternamente perfeita nasça numa família inferior, conserva sua perfeição inata. Não pode fazer outra coisa. Uma ervilha germina no esterco e dá um pé de ervilha.

"Deus deu a alguns maior poder do que a outros. Num homem percebe-se isso como a luz de um lampião, no outro como a luz de uma tocha. Uma palavra de Vidyasagar revelou-me o máximo de inteligência. Ao falar-me das diferentes manifestações do Poder de Deus nos diferentes seres, ele me disse: 'Senhor, então Deus deu um poder maior para uns do que para outros?' Imediatamente respondi, 'Sim, certamente. Se não houver graus diferentes de manifestação de Seu Poder, então por que seu nome é conhecido em todas as partes? Veja, chegamos até o senhor depois de ouvir falar de seu conhecimento e compaixão. O senhor não tem dois chifres, não é verdade?' Apesar de toda sua fama e erudição, Vidyasagar disse uma infantilidade como 'Deus deu maior poder a uns do que a outros.' A verdade é que quando o pescador recolhe a rede, primeiro apanha peixes grandes como truta e carpa; ele remexe o lodo com o pé e pequenos peixes surgem – vairões, bagres etc. Assim também, a não ser que um homem conheça Deus, vairões e outros peixes semelhantes sairão gradualmente dele. O que pode-se obter com simples erudição?"

Domingo, 17 de junho de 1883

Sri Ramakrishna descansava em seu aposento em Dakshineswar. Era de tarde. Adhar e M. chegaram e saudaram o Mestre. Um devoto tântrico também entrou. Rakhal, Hazra e Ramlal estavam morando com Sri Ramakrishna.

Mestre (*aos devotos*): "Por que não se pode atingir a espiritualidade, levando a vida de chefe de família? Mas é extremamente difícil. Sábios como Janaka entraram no mundo depois de alcançarem o Conhecimento. Todavia o mundo é um lugar de terror. Mesmo um chefe de família desapegado deve ser cuidadoso. Certa vez Janaka abaixou a cabeça à vista de uma bhairavi. Evitou ver uma mulher. Ela disse-lhe: 'Janaka, vejo que você ainda não alcançou o Conhecimento. Ainda faz diferença entre homem e mulher.'

"Se você se mover num aposento cheio de fuligem, ficará sujo, mesmo pouco, por mais cuidadoso que seja. Tenho visto devotos chefes de família cheios de emoção espiritual, enquanto faziam suas práticas diárias, usando roupas de seda. Mantém esta atitude mesmo ao tomar sua refeição depois da adoração. Depois voltam a ser as mesmas pessoas de antes. Mostram suas naturezas rajásica e tamásica.

"Sattva leva à bhakti. Até bhakti tem três aspectos: sattva, rajas e tamas. A sattva da bhakti é puro sattva. Ao obtê-la o devoto dirige sua mente só para Deus. Ele dá a seu corpo apenas a atenção absolutamente necessária para sua proteção.

"Mas um paramahamsa está além dos três gunas. Embora existam nele, são praticamente inexistentes. Como uma criança, não está sob o controle de nenhum dos gunas. Esta é a razão pela qual os paramahamsas permitem às criancinhas aproximarem-se deles – a fim de assumirem sua natureza.

"Os paramahamsas não guardam as coisas, mas esta regra não se aplica aos chefes de família. Têm que prover suas famílias."

Devoto tântrico: "Um paramahamsa tem consciência de virtude e vício?"

Mestre: "Keshab Sen também fez esta mesma pergunta. Disse-lhe: 'Se lhe explicar você não poderá mais manter a sua organização.' 'Neste caso, é melhor pararmos por aqui.', disse Keshab.

"Você conhece o significado de virtude e vício? Um paramahamsa vê que é Deus quem nos dá tanto as boas como as más tendências. Já reparou que tanto há frutas boas como amargas? Algumas árvores dão frutas doces, outras, amargas ou ácidas. Deus fez a mangueira que dá fruto doce e também, a ameixeira de porco, que dá uma fruta ácida."

Tântrico: "Sim, senhor. É verdade. No alto da colina podemos ver grandes jardins de rosas, que vão até onde os olhos vêem."

Mestre: "O paramahamsa realiza que tudo isto – bom e mau, virtude e vício, real e irreal – são somente as glórias da maya de Deus, mas estes são pensamentos muito profundos. Ao realizar isso não pode manter uma organização coesa ou algo parecido."

Tântrico: "Mas a lei do karma existe, não é?"

Mestre: "Isto também é verdade. O bem produz o bem e o mal produz o mal. Você não experimenta um gosto picante se comer pimenta? Mas tudo isso é a lila de Deus. Seu jogo."

Tântrico: "Então, qual é o caminho para nós? Não teremos que colher o resultado de nosso karma passado, não é ?"

Mestre: "Pode ser que sim, mas com os devotos de Deus é diferente. Ouçam a canção:

Ó mente, você não sabe como cultivar o seu campo!
Improdutivo está o campo de sua vida.
Se você tivesse trabalhando bem nele,
Que abundante colheita teria obtido!
Cerque-o com o nome de Kali
Se deseja manter sua colheita segura;
Este é a mais forte cerca,
Porque nem a própria Morte pode aproximar-se.

Mais cedo ou mais tarde chegará o dia
Em que você deve perder o seu campo precioso,
Semeie o nome santo.
De Deus que seu guru lhe concedeu,
Com fé regue-o com amor;
Se você achar a tarefa muito árdua,
Chame Ramprasad para ajudar.

Cantou de novo:

Com segurança impedi a passagem pela qual o Rei da Morte virá;
Doravante todas as minhas dúvidas e medos se reduzirão a nada para sempre.
O Próprio Shiva está montando guarda nas nove entradas de minha casa,[14].
Que possui apenas um Pilar[15] de sustentação e três cordas[16] para segurá-la.
O Senhor fez Sua morada na flor de lótus de mil pétalas
Na cabeça e conforta-me com carinho infinito.

O Mestre continuou: "Qualquer um que morra em Benares, seja brahmin ou prostituta, se tornará Shiva. Quando se derrama lágrimas em nome de Hari, Kali ou Rama, não mais há necessidade de sandhya ou qualquer outro ritual. Todas as ações caem por si mesmas. O fruto da ação não mais a afeta. Novamente o Mestre cantou:

Como é a meditação de uma pessoa, assim é seu sentimento de amor.
Como é o sentimento de amor, assim é o seu ganho:
E a fé é a raiz de tudo.
Se no Lago de Néctar dos pés da mãe Kali
Minha mente ficar imersa.
De pouco servem o culto, oblações ou o sacrifício.

Entoou uma outra canção:

Por que haveria de ir para o Ganga ou Gaya, para Kasi, Kanchi ou Prabhas.
Se posso soltar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

Logo ele disse: "Quando um homem funde-se em Deus, já não pode guardar tendências perversas ou pecaminosas."

Tântrico: "O senhor muito corretamente disse que apenas conserva o 'ego do Conhecimento'."

Mestre: "Sim, ele conserva somente o 'ego do Conhecimento', o 'ego do devoto', o 'ego do servo' e o 'ego bom'. Seu 'ego perverso' desaparece."

Tântrico: "Hoje o senhor pôs fim a muitas de nossas dúvidas."

Mestre: "Todas as dúvidas desaparecem ao se realizar o Ser."

"Assuma o aspecto tamásico de bhakti. Diga com vigor: 'O que? Pronunciei os nome de Rama e Kali. Como posso ainda permanecer em escravidão? Como posso ser afetado pela lei do Karma?' "

O Mestre cantou:

[14] O corpo com suas nove aberturas, tais como os olhos, ouvidos, nariz, boca etc.
[15] Brahman.
[16] Os três gunas.

Se eu pudesse morrer repetindo o nome de Durga
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha Liberação,
Por mais pecador que tenha sido?
Posso ter roubado uma taça de vinho ou morto uma criança antes de nascer
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.
Ou mesmo, causado a morte de um brahmin.
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro,
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;
Pois pelo poder de Teu doce nome
Minha alma pecadora ainda pode aspirar
Possuir até o estado de Brahman.

O Mestre continuou: "Fé! Fé! Fé! Uma vez um guru, disse a seu discípulo: 'Só Rama tornou-Se tudo.' Quando um cachorro começou a comer o pão do discípulo, ele lhe disse: 'Ó Rama, espere um pouco, vou pôr manteiga no Seu pão.' Tal era sua fé nas palavras do guru.

"Pessoas indignas não têm fé. Sempre duvidam, mas as dúvidas não desaparecem enquanto não se realizar o Ser.

"No verdadeiro amor a Deus, não há desejo. Somente com esse amor pode-se realizar rapidamente Deus. Querer obter poderes sobrenaturais e coisas similares são desejos. Uma vez Krishna disse a Arjuna: 'Amigo, você não pode realizar Deus mesmo que adquira apenas um dos oito poderes sobrenaturais. Eles somente aumentarão um pouco de seu poder.' "

Tântrico: "Senhor, por que os rituais do Tantra hoje em dia não dão mais frutos?"

Mestre: "Porque as pessoas não podem praticá-los com absoluta correção e devoção."

Concluindo o Mestre disse: "O amor de Deus é a única coisa essencial. Um verdadeiro amante de Deus não tem nada a temer, nem nada com o que se preocupar. Compreende que a Mãe Divina sabe tudo. O gato segura o camundongo de uma maneira, mas de outra bem diferente, os seus próprios filhotes."

oooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 12

O FESTIVAL EM PANIHATI

Segunda-feira, 18 de junho de 1883

SRI RAMAKRISHNA havia sido convidado para o grande festival religioso em Panihati, perto de Calcutá. Este "Festival do Arroz Tostado" havia sido inaugurado por Raghunath Das, discípulo de Sri Chaitanya. Conta-se que Raghunath Das tinha o hábito de fugir de casa, para secretamente, fazer suas práticas devocionais e desfrutar a felicidade do êxtase. Um dia Nityananda disse-lhe: "Ladrão! Você foge de casa e usufrui do amor de Deus, sozinho. Você O esconde de nós. Vou puni-lo hoje. Tem que organizar um festival religioso e presentear os devotos com arroz tostado." Desde então, os vaishnavas celebram anualmente o festival em Panihati. Milhares de seguidores de Sri Chaitanya participam dele. A principal atração é o canto dos nomes e glórias de Deus e a dança dos devotos com grande fervor. O centro da festividade é o templo de Radha-Krishna, construído às margens do Ganges.

O Mestre havia sido convidado para o festival por Mani Sen, que era administrador do templo. Ram, M., Rakhal, Bhavanath e alguns devotos foram de carruagem com o Mestre. No caminho para Panihati, Sri Ramakrishna estava alegre, brincando com os jovens, mas assim que a carruagem chegou ao festival, o Mestre, para grande satisfação dos devotos, misturou-se à multidão. Uniu-se ao kirtan de Navadvip Goswami, guru de Mani Sen, e dançou totalmente esquecido do mundo. De vez em quando ficava imóvel em samadhi, cuidadosamente sustentado por Navadvip Goswami, temeroso que ele caísse no chão. Milhares de devotos haviam se juntado para o festival. Para qualquer lado que se olhasse, via-se uma selva de cabeças humanas. A multidão parecia estar contagiada pelo ardor divino do Mestre e movia-se de um lado para o outro, cantando o nome de Deus e o próprio ar parecia refletir aquele ardor. Tambores, pratos e outros instrumentos produziam sons melodiosos. A atmosfera tornou-se intensa com o fervor espiritual. Os devotos sentiam que o próprio Gauranga havia se manifestado na pessoa de Sri Ramakrishna. De todos os lados eram atiradas flores nos seus pés e cabeça. Mesmo à distância ouvia-se o canto do nome de Hari, como o barulho do oceano.

Sri Ramakrishna experimentou todos os estados de êxtase. Em samadhi profundo permanecia de pé imóvel, o rosto irradiando um brilho divino. Em estado de consciência parcial, dançava às vezes suavemente, às vezes com o vigor de um leão. De novo, recobrando a consciência do mundo cantava, conduzindo ele mesmo o coro:

Olhem, chegaram os dois irmãos[1] que choram quando cantam o nome de Hari.
Os irmãos que dançam em êxtase e fazem o mundo dançar em Seu nome!
Olhem-nos, eles mesmos chorando e fazendo o mundo todo chorar.
Os irmãos que, em troca dos golpes, dão aos pecadores, o amor de Hari.
Olhem, embriagados com o amor de Hari, que torna o mundo embriagado.
Olhem, chegaram os dois irmãos que uma vez foram Kanai e Balai de Braja.
Eles que roubaram a manteiga dos portes das gopis.
Olhem, chegaram os dois que abalaram todas as regras de casta.
Abraçando a todos como irmãos, até o pária evitado pelos homens;
Eles que se perdem no nome de Hari, enlouquecendo o mundo inteiro;
Aqueles que não são outros senão o Próprio Hari e cantam Seu nome sagrado!
Olhem aqueles que salvaram do caminho pecaminoso, os desordeiros Jagai e Madhai[2].
Eles não fazem distinção entre amigo e inimigo!
Olhem os dois irmãos, Gaur e Nitai, que novamente vieram para salvar a humanidade.

Novamente o Mestre cantou:

Veja Nadia tremendo
Sob as ondas de amor de Gauranga! ...

[1] Gauranga e Nityananda..

[2] Uma vez Nityananda foi espancado pelos desordeiros Jagai e Madhai, que mais tarde vieram a se converter à vida espiritual por seu amor.

A multidão encabeçada pelo Mestre, dirigiu-se ao templo de Radha-Krishna, porém, somente um número pequeno pôde entrar. O resto ficou do lado de fora, acotovelando-se para ver Sri Ramakrishna. Em êxtase, começou a dançar no pátio do santuário. De vez em quando seu corpo permanecia em samadhi profundo. Centenas de pessoas em volta dele gritavam o nome de Deus e milhares do lado de fora, acompanhando a corrente, gritavam a toda voz. O eco espalhou-se pelo Ganges sagrado, atingindo os corações das pessoas nos barcos sagrados, que também começaram a cantar o nome de Deus.

Quando o kirtan acabou, Mani Sen levou Sri Ramakrishna e Navadvip Goswami para um aposento onde lhes ofereceu uma refeição ligeira. Em seguida Ram, M. e outros devotos foram também servidos com o prasad.

À tarde o Mestre sentou-se na sala de visitas de Mani Sen com os devotos, tendo Navadvip junto a si. Mani ofereceu o pagamento da carruagem a Sri Ramakrishna. Apontando para Ram e outros, o Mestre disse: "Por que deveriam aceitá-lo de você? Ganham muito dinheiro." Começou a conversar com Navadvip.

Mestre: "Bhakti quando amadurece torna-se bhava. Em seguida, mahabhava, depois prema e por fim, a realização de Deus. Gauranga experimentou os estados de mahabhava e prema. Quando prema desperta, o devoto praticamente esquece o mundo e seu corpo, que é tão caro a um homem. Gauranga experimentou prema. Pulou no oceano pensando que se tratava do Jamuna. O jiva comum não experimenta mahabhava ou prema. Não vai além de bhava, mas Gauranga experimentou esses três estados, não é verdade?"

Navadvip: "Sim, senhor, é verdade. O estado mais interior, o semiconsciente e o consciente."

Mestre: "No estado mais interior permaneceu em samadhi, inconsciente do mundo exterior. No semiconsciente só podia dançar. No estado consciente, cantou o nome de Deus."

Navadvip apresentou seu filho ao Mestre. O jovem estudava as escrituras. Saudou Sri Ramakrishna.

Navadvip: "Ele estuda as escrituras em casa. Antigamente só com muita dificuldade encontrava-se uma cópia dos Vedas neste país. Max Müller traduziu-os, tornando assim possível às pessoas lerem estes livros."

Mestre: "O estudo muito intenso das escrituras traz mais dano do que benefício. O importante é conhecer a essência. Depois disto, qual a necessidade de livros? Deve-se aprender a essência e em seguida, mergulhar profundamente na realização de Deus.

"A Mãe Divina revelou-me a essência da Vedanta: só Brahman é real e o mundo ilusório. A essência do *Gita* é o que se obtém ao repetir esta palavra dez vezes. A palavra fica invertida. É 'tagi', que quer dizer renúncia. O conceito fundamental do *Gita* é: 'Ó homem, renuncie a tudo e pratique disciplina espiritual para realizar Deus."

Navadvip: "Como podemos persuadir a mente a renunciar?"

Mestre: "O senhor é um goswami. É seu dever oficiar no templo como sacerdote. Não pode renunciar ao mundo, do contrário, quem tomaria conta do templo e do seu serviço? O senhor tem que renunciar mentalmente.

"É o Próprio Deus quem o mantém no mundo para servir de exemplo aos homens. Você pode tomar mil vezes a resolução de renunciar ao mundo, mas não será bem sucedido. Deus deu-lhe uma natureza tal que o faz cumprir suas obrigações mundanas.

"Krishna disse a Arjuna: 'O que você quer dizer em não lutar? Pela sua simples vontade, não pode desistir de lutar. Sua própria natureza o levará a lutar.' "

À simples menção de Krishna e Arjuna, o Mestre entrou em samadhi. Num piscar de olhos, o corpo tornou-se imóvel e os olhos parados, enquanto a respiração mal podia ser ouvida. A essa súbita transformação, Navadvip e seu filho e os outros devotos olharam para o Mestre com muda admiração.

Retomando à consciência parcial disse a Navadvip: "Yoga e bhoga. Vocês, goswamis, possuem ambas. Seu dever é chamar por Deus e orar a Ele sinceramente: 'Ó Deus, não quero as glórias de Tua maya sedutora. Só quero a Ti!' Deus mora em todos os seres, sem dúvida. Nesse caso, quem pode ser chamado Seu devoto? Aquele que mora em Deus, que fundiu sua mente, sua vida e o mais íntimo de sua alma em Deus."

O Mestre retornou ao plano dos sentidos. Referindo-se ao seu samadhi, disse a Navadvip: "Alguns dizem que este meu estado é uma doença. Digo-lhes: 'Como pode uma pessoa tornar-se inconsciente, pensando n'Ele cuja Consciência tornou o mundo inteiro consciente?' "

Mani Sen disse adeus aos convidados brahmins e vaishnavas, fazendo doações em dinheiro. Ofereceu cinco rupias a Sri Ramakrishna que disse que não podia aceitar dinheiro. Mani, porém, insistiu. O Mestre pediu-lhe em nome de seu guru para não pressioná-lo. Mani tornou a lhe pedir para aceitar a oferenda. Sri Ramakrishna perguntou a M., num tom aflito, se deveria ficar com o dinheiro. O discípulo protestou veementemente dizendo: "Não, senhor, de jeito algum."

Amigos de Mani Sen deram dinheiro a Rakhal, pedindo-lhe para comprar algumas mangas e doces para o Mestre. Sri Ramakrishna falou a M.: "Eu disse categoricamente a Mani que não aceitaria o dinheiro. Sinto-me livre agora, mas Rakhal aceitou-o. É dele agora a responsabilidade."

Sri Ramakrishna, acompanhado pelos devotos, tomou uma carruagem para voltar a Dakshineswar. Pelo caminho iam passar pela chácara de Mati Seal. Há muito tempo o Mestre pediu a M. para levá-lo ao tanque da chácara, para que ele pudesse ensiná-lo a meditar em Deus sem forma. Havia peixes mansos neste reservatório. Ninguém fazia-lhes mal. Quando os visitantes jogavam arroz empapado e pedacinhos de alimentos na água, muitos peixes grandes vinham comer. Sem medo nadavam e brincavam alegremente.

Chegando perto do tanque, o Mestre disse a M.: "Olhe os peixes. Meditar em Deus sem forma é como nadar sem preocupações como estes peixes no Oceano de Felicidade e Consciência."

Segunda-feira, 25 de junho de 1883

Sri Ramakrishna estava na casa de Balaram Bose em Calcutá. Rakhal e M. sentaram-se junto dele. O Mestre estava em êxtase. Em estado abstrato conversava com os devotos.

Mestre: "Asseguro a vocês que uma pessoa pode realizar seu Ser Interior pela oração sincera, mas na medida em que ele deseje desfrutar os objetos mundanos, sua visão do Ser torna-se obstruída."

M.: "Sim, senhor. O senhor sempre nos pede para mergulharmos em Deus,"

Mestre (*alegremente*): "Sim! É isso, digo-lhe que a realização do Ser é possível para todos, sem exceção."

M.: "É verdade, senhor, mas Deus é Aquele que faz. Trabalha através de diferentes seres de diferentes maneiras, de acordo com a capacidade de manifestarem o Divino. Deus dá a alguns plena consciência espiritual, mas a outros, mantém em ignorância."

Mestre: "Não, não é assim. Deve-se orar a Deus com um coração ansioso. Deus certamente ouvirá a oração se ela for sincera. Não há dúvida sobre isto."

Um devoto: "Sim, senhor. Há esta 'consciência do eu' em nós; portanto, devemos orar."

Mestre (*a M.*): "Um homem pode atingir o Nitya, o Absoluto pelo caminho da Lila, o Relativo. É como chegar ao terraço pela escada. Depois de realizar o Absoluto tem-se que descer ao Relativo e viver neste plano em companhia dos devotos, enchendo a mente com amor a Deus. Esta é a minha opinião final e a mais amadurecida.

"Deus apresenta formas diferentes e diverte-Se de diversas maneiras. Diverte-Se com Ishvara, deva, homem e universo. Em cada época Ele desce à terra sob a forma humana, como uma Encarnação, para ensinar às pessoas, amor e devoção. Há o exemplo de Chaitanya. Só se pode experimentar amor e devoção a Deus, através de Suas Encarnações. Infinitos são os modos do jogo de Deus divertir-Se, mas necessito de amor e devoção. Quero somente leite. O leite vem do úbere da vaca. A Encarnação é o úbere."

Estaria Sri Ramakrishna querendo dizer que era uma Encarnação Divina? Estaria sugerindo que aqueles que o viam estavam vendo Deus? Será que se referia a si mesmo quando falava de Chaitanya?

Era um dia quente de junho de 1883. Sri Ramakrishna estava sentado nos degraus do templo de Shiva. M. chegou com gelo e outras oferendas e sentou-se depois de saudar o Mestre.

Mestre (*a M.*): 'O marido da neta de Mani Mallick esteve aqui. Leu num livro[3] que Deus não poderia ser considerado sábio e onisciente, senão, por que há tanta miséria no mundo? No que se refere à morte, é muito melhor matar um homem logo, do que submetê-lo à tortura lenta. Além disso o autor diz que se ele próprio tivesse sido o Criador teria feito um mundo melhor."

M. ouviu estes comentários com surpresa, mas não fez qualquer comentário.

"Mestre (*a M*): "Pode alguém algum dia compreender os desígnios de Deus? Às vezes penso em Deus como bom, às vezes como mau. Ele mantém-nos iludidos pela Sua grande ilusão. Às vezes Ele desperta-nos e, às vezes, mantém-nos inconscientes. Por um instante a ignorância desaparece, mas

[3] Autobiografia de John Stuart Mill.

logo no momento seguinte, envolve nossa mente. Se você jogar um bastão num tanque coberto de musgo, verá a água por um instante, mas pouco depois o musgo volta e recobre a superfície.

"Enquanto estiver identificado com o corpo, uma pessoa é consciente de prazer e dor, nascimento e morte, doença e tribulação. Tudo isso pertence apenas ao corpo e não, à Alma. Após a morte do corpo, talvez Deus a leve para um lugar melhor. É como nascimento de uma criança depois das dores do parto. Ao alcançar o Conhecimento do Ser, considera-se o prazer e a dor, o nascimento e a morte, como sonhos.

"Como sabemos pouco! Pode um pote pequeno de duas libras conter vinte libras de leite? Se uma boneca de sal mergulhar um dia no oceano para medir sua profundidade, não poderá voltar e darnos esta informação. Ela se fundirá na água e desaparecerá."

Ao entardecer o serviço começou nos diferentes templos. O Mestre estava sentado no divã pequeno no seu quarto, absorvido na contemplação da Mãe Divina. Vários devotos também encontravam-se presentes. M. ia passar a noite com o Mestre.

Um pouco mais tarde Sri Ramakrishna começou a conversar com um devoto na varanda norte de seu quarto. Disse: "É bom meditar nas primeiras horas da manhã e ao nascer do sol, mas deve-se, também, meditar diariamente, depois do crepúsculo." Instruiu o devoto sobre a meditação no Deus Pessoal e na Realidade Impessoal.

Depois de um certo tempo sentou-se no pórtico semicircular a oeste de seu quarto. Eram mais ou menos nove horas.

Mestre: "Aqueles que vêm aqui terão certamente todas as dúvidas dissipadas. O que acha?"

M.: "É verdade, senhor."

Um barco navegava pelo Ganges, longe da margem. O barqueiro começou a cantar. O som de sua voz flutuando sobre o rio, chegou até os ouvidos do Mestre que entrou em estado espiritual. O cabelo de seu corpo ficou de pé. Disse a M.: "Veja o meu corpo." M. ficou profundamente impressionado. Pensou: "Os Upanishads descrevem Brahman como penetrando o universo e o éter. Teria esse Brahman, sob a forma de som, tocado o corpo do Mestre?"

Depois de um certo tempo Sri Ramakrishna voltou a conversar.

Mestre: "Aqueles que vêm aqui devem ter nascido com boas tendências. Não é verdade?"

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Adhar deve possuir boas tendências."

M.: "É certo, também."

Mestre: "Um homem sem maldade realiza Deus facilmente. Há dois caminhos: o caminho da retidão e o da maldade. Deve-se seguir o caminho da retidão."

M.: "É verdade, senhor. Se uma linha possuir um simples fiapo, não poderá passar pelo buraco de uma agulha."

Mestre: "Se um homem encontrar um cabelo na sua comida, cospe tudo o que tem na boca."

M.: "Mas o senhor diz que um homem que realiza Deus não é afetado pela má companhia. As labaredas de fogo queimam até um pé de tanchagem."

Sábado, 14 de julho de 1883

Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar em Calcutá. Rakhal, M. e outros devotos estavam com ele. Adhar conseguiu que Rajnarayan, o famoso cantor e seu grupo, viessem recitar o *Chandi*.

Rajnarayan iniciou o recital no átrio de adoração. Cantou:

Entreguei minha alma aos pés destemidos da Mãe
Será que terei medo da morte? ...

Enquanto ouvia, o Mestre, tomado pelo fervor divino, juntou-se aos músicos. De vez em quando improvisava um verso. Subitamente entrou em samadhi, permanecendo imóvel.

O cantor prosseguiu:

Quem é aquela Mulher que ilumina o campo de batalha?
Seu corpo brilha mais escuro do que a mais escura nuvem de tempestade.
E dos seus dentes faíscam chamas brilhantes de relâmpago.
Seu cabelo desalinhado voa atrás enquanto ela corre a esmo.
Destemida nesta guerra entre os deuses e os demônios.
Dando sua terrível gargalhada, Ela mata os afugentados asuras

E com Seus clarões deslumbrantes mostra o horror da guerra.

Como as gotas parecem lindas sobre Sua sobrancelha.
Em volta de Seu vasto cabelo negro, as abelhas zumbem em bandos;
A lua escondeu sua face, contemplando este Mar de Beleza.
Diga-me, quem pode Ela ser, esta Feiticeira? Maravilha das Maravilhas!
O Próprio Shiva, como um cadáver, permanece vencido a Seus pés.
Kamalakanta adivinhou quem Ela é, com o andar de um elefante
Ela não é outra senão Kali, a Mãe de todos os mundos.

Sri Ramakrishna estava em samadhi profundo.

Sábado, 21 de julho de 1883

Eram aproximadamente quatro horas da tarde quando Sri Ramakrishna, com Ramlal e um ou dois devotos, saíram de Dakshineswar para Calcutá, de carruagem. Quando a carruagem passou pelo portão do templo de Kali, encontraram M. que vinha a pé com quatro mangas na mão. A carruagem parou e M. saudou o Mestre. Sri Ramakrishna ia visitar alguns devotos em Calcutá.

Mestre (*a M., com um sorriso*): "Venha conosco. Vamos à casa de Adhar."

M. entrou muito feliz, na carruagem. Tendo tido uma educação inglesa, não acreditava em tendências herdadas de outras encarnações, mas há poucos dias atrás, teve de admitir que era devido às boas tendências que Adhar herdou de outras encarnações, que demonstrava tanta devoção ao Mestre. Mais tarde pensou neste assunto e constatou que ainda não estava completamente convencido a respeito das tendências herdadas. Tinha ido a Dakshineswar aquele dia para discutir este assunto com Sri Ramakrishna.

Mestre: "Bem, o que você pensa de Adhar?"

M.: "Ele possui uma grande ânsia por Deus."

Mestre: "Adhar também falou muito bem de você."

M. ficou em silêncio por algum tempo e então, começou a falar das tendências passadas.

M.: "Não acredito muito em reencarnação e tendências herdadas. Será que isto prejudica de algum modo a minha devoção a Deus?"

Mestre: "Basta acreditar que tudo é possível na criação de Deus. Jamais permita que cruze em sua mente, o pensamento de que só as suas idéias são verdadeiras e que as dos outros são falsas. Deus explicará tudo.

"O que pode um homem compreender dos atos de Deus? As facetas da criação de Deus são infinitas. Não tento compreender os atos de Deus. Sempre ouvi dizer que tudo é possível na criação divina e trago isto sempre na mente. Não penso no mundo, medito somente em Deus. Uma vez perguntaram a Hanuman: 'Que dia do calendário lunar é?' Hanuman respondeu: 'Eu não sei nada a respeito do dia do mês, da posição da lua e das estrelas, ou qualquer coisa semelhante. Só penso em Rama.'

"Pode alguém alguma vez compreender o trabalho de Deus? Ele está tão perto, entretanto, não é possível conhecê-Lo. Balarama não compreendeu que Krishna era Deus.

M.: "Isto é verdade, senhor."

Mestre: "Deus envolveu tudo com Sua maya. Ele não nos deixa conhecer nada. Maya é 'mulher e ouro'. Aquele que coloca maya de lado, pode ver Deus. Certa vez, quando estava explicando as ações de Deus a alguém, subitamente Deus mostrou-me o lago de Kamarpukur. Vi um homem removendo o lodo verde e bebendo a água. Ela estava clara como cristal. Deus revelou-me que Satchidananda está coberta pelo lodo de maya. Quem afasta o lodo verde pode beber a água.

"Deixe-me contar uma experiência muito secreta: uma vez entrei no bosque perto do pinheiral. Estava sentado ali quando tive a visão de algo semelhante à porta secreta de um aposento. Não podia ver o interior. Tentei fazer um furo com um cortador de unha, mas não consegui. Enquanto furava, a terra descia de novo, enchendo o buraco. Subitamente fiz uma grande abertura."

Pronunciando estas palavras, o Mestre ficou em silêncio. Depois de um certo tempo, falou: "Estas são palavras muito profundas. Senti como se alguém estivesse pressionando minha boca. ... Vi com meus próprios olhos que Deus mora até no órgão sexual. Eu O vi uma vez, num ato sexual entre um cão e uma cadela.

"O universo é consciente devido à Consciência de Deus. Às vezes penso que esta consciência se move em todos os sentidos, por assim dizer, até mesmo num pequeno peixe."

A carruagem chegou até o cruzamento em Shovabazar, em Calcutá. O Mestre continuou falando, "Às vezes penso que o universo está saturado pela Consciência de Deus, assim como a terra fica inundada durante a estação chuvosa.

"Bem, tenho tantas visões, mas jamais fico vaidoso com elas."

M.(*com um sorriso*): "Como se o senhor pudesse falar de vaidade, senhor!"

Mestre: "Dou minha palavra, não sinto a menor vaidade."

M.: "Uma vez viveu na Grécia um homem chamado Sócrates. Uma voz vinda do céu disse que ele era um sábio entre os homens. Sócrates ficou impressionado com esta revelação. Meditou sobre isto durante muito tempo na solidão e então, compreendeu seu significado. Disse a seus amigos: 'Somente eu, entre todas as pessoas, compreendi que nada sei, mas todo homem acredita que é sábio. Na realidade todos são ignorantes."

Mestre: "De vez em quando penso: 'O que é que eu sei que faz com que tantas pessoas me procurem?' Vaishnavcharan foi um grande pundit. Costumava dizer-me: 'Posso encontrar, nas escrituras todas as coisas das quais o senhor fala, mas o senhor sabe por que venho aqui? Venho aqui para ouvi-las de sua boca.' "

M.: "Todas as suas palavras estão registradas nas escrituras. Navadvip Goswami também disse isso outro dia no festival de Panihati. O senhor disse-nos naquele dia que, pela repetição da palavra *Gita* um certo número de vezes, ela fica invertida e torna-se *tagi*, que quer dizer, renúncia. A renúncia é a essência do *Gita*. Navadvip Goswami apoiou sua afirmação do ponto de vista gramatical."

Mestre: "Você já encontrou outra pessoa que se parecesse comigo – um pundit ou santo?"

M.: "Deus criou o senhor com Suas próprias mãos, enquanto que os outros Ele fez à máquina. Todos os outros Ele criou de acordo com a lei."

Mestre (*rindo, a Ramlal e outros devotos*): "Ouçam o que ele está dizendo!"

Sri Ramakrishna riu por algum tempo e por fim, disse: "Realmente, não tenho qualquer orgulho – não, nem o mínimo sequer."

M.: "O Conhecimento nos faz bem, pelo menos para uma coisa: faz-nos sentir que não sabemos nada, que não somos nada."

Mestre: "Você tem razão! Não sou nada. Não sou ninguém.

"Acredita na astronomia inglesa?"

M.: "É possível fazer novas descobertas aplicando-se as leis da astronomia ocidental. Observando o movimento irregular de Urano, os astrônomos olharam através de seu telescópio e descobriram Netuno, brilhando no céu. Podem também, prever eclipses."

Mestre: "Sim, é verdade".

A carruagem continuava seu caminho. Aproximavam-se agora, da casa de Adhar. Sri Ramakrishna disse a M.: "Fique estabelecido na verdade e certamente, realizará Deus."

M.: "O senhor disse outro dia a Navadvip Goswami: 'Ó Deus, eu Te quero. Por favor não me engane com Tua maya sedutora. Quero realizar-Te.' "

Mestre: "Sim, deve-se poder dizer isto do fundo do coração."

Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar e sentou-se na sala de visitas. Ramlal, Adhar, M. e outros devotos sentaram-se juntos. Rakhal estava vivendo na casa de seu pai em Calcutá.

Mestre (*a Adhar*): "Você avisou a Rakhal que eu vinha?"

Adhar: "Sim, senhor. Avisei-o."

Vendo que o Mestre estava ansioso para ver Rakhal, Adhar imediatamente mandou sua carruagem buscá-lo. Naquele dia Adhar havia desejado muito ver o Mestre, mas em hipótese alguma imaginara que Sri Ramakrishna estava indo para lá.

Adhar: "O senhor não vem aqui há muito tempo. Pedi hoje a Deus que viesse. Cheguei mesmo a chorar."

O Mestre ficou muito contente e disse com um sorriso: "É verdade?"

Era o entardecer e os lampiões foram acesos. Sri Ramakrishna saudou a Mãe Divina com as mãos postas e sentou-se quieto, absorvido em meditação. Em seguida começou a cantar os nomes de Deus com sua voz doce: "Govinda! Govinda! Satchidananda! Hari! Hari!" Cada palavra murmurada derramava néctar nos ouvidos dos devotos.

Ramlal cantou em louvor a Kali, a Mãe Divina:

> Ouvi Teu nome., Ó Consorte de Shiva, destruidora de nossos temores.
> Assim, a Ti entrego o meu fardo. Salva-me! Salva-me, Ó Mãe gentil!
> Do Teu ventre o mundo nasceu e Tu és quem o permeia.

És Tu Kali? És Tu Radha? Quem pode alguma vez dizer com certeza?
Mãe, em cada ser vivente, Tu tens Tua morada:
Como Kundalini, Tu moras no lótus do Muladhara.
Acima dele está o Svadhisthana, onde floresce o lótus de quatro pétalas:
Aí também, Tu constróis Tua morada, Ó místico poder da Kundalini.
Nas quatro pétalas dessa flor e nas seis pétalas De Vajrasana.
No umbigo está Manipura, a flor de lótus azul de dez pétalas:
Através do caminho até Sushumna, Tu sobes e entras ali.
Ó Senhora dos lótus, nas flores de lótus Tu moras!

Além deles está o lago de Néctar, na região do coração.
Onde a flor de lótus de doze pétalas encanta os olhos com a chama escarlate.
Quando Tu a abres, Ó Mãe, tocando-a com Teus Pés de Lótus.
A longa época da escuridão do coração imediatamente desaparece de Tua vista.
Acima, na garganta, está a flor de lótus de dezessete pétalas de cor enegrecida.
Dentro das pétalas desta flor permanece escondido um espaço sutil.
Transcendendo-o pode-se ver em toda sua extensão, o universo que se dissolve no Espaço.
Entretanto, ainda mais alto, entre as sobrancelhas, floresce o lótus de pétalas.
Onde a mente do homem fica prisioneira controlando o passado.
Desta flor, a mente deseja observar o jogo esportivo da vida.

Mais alto de todos, dentro da cabeça, está o centro cativante da alma,
Onde brilha o lótus de mil pétalas, a morada de Mahadeva.
Tendo subido ao Seu Trono, Ó esposa de Shiva, senta-Te ao Seu lado!
Tu és o Poder Primordial, Ó Mãe! Aquela cujos sentidos estão controlados.
Os Yogis meditam em Ti como Uma, a grande filha do Himalaia.
Tu és o Poder de Shiva! Condena à morte meus anseios sem fim.
Concede com que jamais caia no oceano deste mundo.
Mãe, Tu és o Poder Primordial. Tu és os cinco princípios cósmicos;
Quem pode esperar alguma vez conhecer-Te, Tu que estás além de todos os princípios?
Apenas para o bem dos Teus bhaktas, Tu assumes Tuas várias formas;
Mas quando os cinco sentidos do Teu devoto fundem-se nos cinco elementos,
Mãe, é a Ti somente que ele contempla como a Verdade sem forma.

Ramlal cantou os versos:

Acima, na garganta, está a flor de lótus de dezesseis pétalas, de cor enegrecida.
Dentro das pétalas desta flor está escondido um espaço sutil.
Transcendendo-o, vê-se em toda sua extensão, o universo que se dissolve no Espaço.

O Mestre disse a M.: "Ouça. Esta é conhecida como a visão de Satchidananda, o Brahman Sem forma. A Kundalini, elevando-se acima do chakra Vishuddha, permite que uma pessoa veja tudo como akasha."

M.: "Sim, senhor!"

Mestre: "Atinge-se o Absoluto indo além do universo e de seus seres criados invocados por maya. Passando além do Nada, entra-se em samadhi. Repetindo Om, vai-se além do Nada e chega-se ao samadhi."

Adhar ofereceu a Sri Ramakrishna frutas e doces. O Mestre foi para a casa de Jadu Mallick.

Sri Ramakrishna entrou no aposento da casa de Jadu onde a Mãe Divina estava sendo adorada. Ficou de pé ante a imagem, que havia sido adornada com flores, grinaldas e pasta de sândalo e que irradiava uma beleza e esplendor celestiais. Lampiões queimavam diante o pedestal. Um sacerdote estava sentado diante da imagem. O Mestre pediu a um dos seus acompanhantes para oferecer uma rupia no altar, segundo o costume hindu.

Com as mãos postas, Sri Ramakrishna permaneceu longo tempo diante da imagem abençoada e os devotos atrás dele. Gradualmente entrou em samadhi, o corpo tornou-se imóvel e os olhos parados.

Com um longo suspiro, voltou ao mundo dos sentidos e disse, ainda embriagado pelo fervor divino, "Mãe, adeus", mas ele não podia deixar o lugar. Ficou de pé. Dirigindo-se a Ramlal, falou: "Por favor, cante aquela canção e eu ficarei bem."

Ramlal cantou:

"Ó Mãe, Consorte de Shiva, Tu iludiste este mundo". ...

O Mestre foi à sala de visitas com os devotos. De vez em quando dizia: "Ó Mãe, por favor mora no meu coração!" Jadu estava sentado na sala de visitas com seus amigos. O Mestre sentou-se ainda em êxtase e cantou:

> Ó Mãe, tão venturosa Tu és.
> Não prives Teu filho indigno da bem-aventurança. ...

Acabando a canção disse a Jadu, ainda em êxtase: "Bem, senhor, o que cantarei? Cantarei 'Mãe, sou Tua criança de oito meses'? "

Cantou:

> Mãe, sou Tua criança de oito meses?[4] Teus olhos vermelhos não podem me assustar!
> Minha riqueza são Teus Pés de Lótus, que Shiva mantém sobre Seu peito,
> Contudo, quando procuro minha herança, encontro desculpas e demoras.
> Um ato de concessão seguro em meu peito, confirmado pelo Teu Consorte Shiva;
> Vou processar-Te se devo e com simples delegação ganharei.
> Se Tu Te opões a mim, Tu saberás que espécie de filho eu sou.
> Esta demanda entre Mãe e filho -
> Que esporte! diz Ramprasad. Não pararei de atormentar-Te
> Até que Tu mesma cedas na luta e me tomes por fim, em Teus braços.

Voltando ao estado normal, o Mestre disse: "Comerei algum prasad da Mãe Divina." Em seguida, comeu um pouquinho.

Jadu Mallick estava sentado junto dele com vários amigos, alguns, bajuladores.

Mestre (*com um sorriso*): "Bem, por que mantém esses interesseiros com você?"

Jadu (*com um sorriso*): "Suponhamos que sejam. O senhor pode redimi-los?"

Mestre (*sorrindo*): "A água do Ganges não pode purificar um jarro de vinho."

Jadu havia prometido ao Mestre que organizaria um festival de *Chandi* em sua casa. Algum tempo havia passado, mas ainda não havia cumprido sua promessa.

Mestre: "Bem, e o recital do *Chandi*?"

Jadu: "Estive muito ocupado com muitas coisas: não tive tempo de organizá-lo."

Mestre: "Como assim? Um homem dá sua palavra e não pode voltar atrás! 'As palavras de um homem são como os colmilhos de um elefante: saem para fora, mas não podem voltar. Um homem deve honrar sua palavra.' O que me diz?"

Jadu: (*com um sorriso*): "O senhor tem razão."

Mestre: "Você é um homem perspicaz, faz tudo calculado. É como um brahmin que escolhe uma vaca que come muito pouco mas dá muito esterco e leite." (*Todos riem*).

Pouco tempo depois disse a Jadu: "Agora compreendo sua natureza. É metade quente e metade fria. É devotado a Deus mas também, ao mundo."

Jadu serviu o Mestre e seus devotos com doces e frutas e então, o grupo foi para a casa de Khelat Ghosh.

A casa de Ghelat Ghosh era uma grande mansão, mas parecia deserta. Assim que o Mestre entrou, ficou em estado extático. M., Ramlal e alguns devotos estavam com ele. Seu anfitrião era o cunhado de Khelat Ghosh, um vaishnava de idade avançada. O corpo estava marcado com o nome de Deus, segundo o costume vaishnava e levava na mão um saquinho com seu rosário. Havia visitado o Mestre algumas vezes, em Dakshineswar, mas a maioria dos vaishnavas possuíam uma visão religiosa estreita, criticando os vedantistas e os seguidores de Shiva. Logo Sri Ramakrishna começou a falar.

Mestre: "Não é bom crer que só a sua religião é boa e que as outras são falsas. Deus é apenas um e não, dois. Pessoas diferentes chamam-n'O por diferentes nomes, alguns Alá, outros Deus e outros, Krishna, Shiva e Brahman. É como a água de um lago. Alguns bebem num lugar e chamam-na 'jal', outros em outro lugar chamam-na 'pani' e ainda, outros, num terceiro lugar, chamando-a 'água'. Os indianos falam 'jal'', os cristãos 'água' e os muçulmanos, 'pani', mas a água é uma e a mesma. As opiniões são somente caminhos. Cada religião é apenas um caminho que conduz a Deus, como os rios que vêm de direções diferentes e por fim, tornam-se unos no único oceano.

"A Verdade estabelecida nos Vedas, nos Puranas e nos Tantras é somente uma: Satchidananda. Nos Vedas Ela é chamada Brahman, nos Puranas A chamam Krishna, Rama etc., e nos Tantras, Shiva. O único Satchidananda é chamado Brahman, Krishna e Shiva."

[4] Um filho prematuro é, geralmente, fraco e medroso.

Os devotos permaneceram em silêncio.

Um devoto vaishnava: "Senhor, por que uma pessoa necessita pensar em Deus"

Mestre: "Se um homem tem esse Conhecimento[5], então, realmente está liberado, mesmo vivendo num corpo.

"Não há dúvida de que nem todos acreditam em Deus, simplesmente falam. As pessoas de mentalidade mundana ouviram falar que Deus existe e que tudo acontece por Sua vontade, mas essa não é a sua crença interior.

"Você sabe que idéia um homem mundano faz de Deus? É como o juramento que as crianças fazem em nome de Deus, quando brigam. Ouviram essa palavra durante a discussão entre suas tias.

"É possível que todos compreendam Deus? Deus criou o bem e o mal, o devoto e o ímpio, o crente e céptico. As maravilhas que vemos, existem em Sua criação. Num lugar há maior manifestação do Seu poder e em outro, menos. A luz do sol é menos refletida pela água do que pela terra e melhor ainda, por um espelho. Também há diferentes níveis entre os devotos de Deus: superior, medíocre e inferior. Tudo isto está descrito no *Gita*."

Vaishnava: "É verdade, senhor."

Mestre: "O devoto inferior diz: 'Deus existe, mas Ele está muito longe, lá no céu.' O devoto medíocre diz: 'Deus existe em todos os seres como vida e consciência.' O devoto superior diz: 'É o Próprio Deus que Se tornou tudo; qualquer outra coisa que vejo é somente uma forma de Deus. Foi somente Ele que Se tornou maya, o universo e todos os seres vivos. Nada existe além de Deus.' "

Vaishnava: "Alguém pode alcançar esse estado mental?"

Mestre: "Uma pessoa não pode atingi-lo a não ser que tenha visto Deus, mas há sinais que mostram que um homem teve a visão de Deus. O homem que viu Deus comporta-se como um louco: ri, chora, dança e canta. Às vezes comporta-se como uma criança de cinco anos – sem astúcia, generoso, sem vaidade, desapegado de tudo, sem estar sob o controle de qualquer um dos gunas, sempre feliz. Às vezes comporta-se como um duende, não sabe diferenciar entre coisas puras e impuras: não vê diferença entre coisas limpas e sujas e às vezes, é como uma coisa inerte, com o olhar perdido não pode fazer qualquer trabalho, não pode lutar por nada."

Estava o Mestre fazendo uma referência velada aos seus próprios estados mentais?

Mestre (*ao devoto vaishnava*): "O sentimento do 'Tu' e 'Teu' é o resultado do Conhecimento: 'eu' e 'meu' vêm da ignorância. O Conhecimento faz-nos sentir: 'Ó Deus , Tu és Aquele que faz e eu sou Teu instrumento. Ó Deus, a Ti pertencem todas as coisas – corpo, mente, casa, família, seres vivos e o universo. Tudo isto é Teu. Nada me pertence.'

"Uma pessoa ignorante diz: 'Ó, Deus está além – muito longe.' O homem de Conhecimento sabe que Deus está aqui, muito perto, no coração, que Ele assumiu todas as formas e mora em todos os corações como o Controlador Interior."

Domingo, 22 de julho de 1883

Aproveitando o feriado, muitos devotos chefes de família visitaram Sri Ramakrishna em seu aposento no templo de Dakshineswar. Os jovens devotos, em sua maioria estudantes, vinham geralmente nos fins de semana. Às vezes o Mestre pedia a seus discípulos íntimos para virem na terça ou no sábado, que ele considerava muito auspiciosos para instrução religiosa especial. Adhar, Rakhal e M. haviam vindo de Calcutá numa carruagem alugada.

Sri Ramakrishna descansou um pouco depois do almoço. O aposento tinha uma atmosfera de pureza e santidade. Nas paredes havia quadros de deuses e deusas entre os quais um de Cristo salvando Pedro de afogamento. Fora do quarto havia plantas carregadas de flores perfumadas e podia-se ver o Ganga correndo em direção ao sul. O Mestre estava sentado no divã pequeno, olhando para o norte – e os devotos sentados em esteiras e tapetes espalhados pelo chão. Todos os olhos estavam fixos nele. Mani Mallick, um velho devoto brahmo, de aproximadamente sessenta e cinco anos, veio apresentar seus respeitos ao Mestre. Havia regressado há poucos meses, de uma peregrinação a Benares e contava suas experiências a Sri Ramakrishna.

Mani Mallick: "Um monge que conheci em Benares disse que nenhuma experiência religiosa é possível sem o controle dos órgãos dos sentidos. Nada pode ser alcançado simplesmente dizendo: 'Deus! Deus!' "

[5] O Conhecimento de que Deus existe no interior e no exterior, em toda parte. Assim, pensar em Deus é supérfluo.

Mestre: "Você compreende o ponto de vista de instrutores como ele? Segundo eles, deve-se primeiro praticar disciplina espiritual como autocontrole, autodisciplina, tolerância e similares. A meta é atingir o Nirvana. São seguidores da Vedanta. Sempre discriminam, dizendo: 'Só Brahman é real e o mundo, ilusório.' Este, porém, é um caminho extremamente difícil. Se o mundo é ilusório então, você também, é ilusório. O mestre que instrui é igualmente ilusório e suas palavras também, são ilusórias, como um sonho.

"Mas esta experiência está além do alcance do homem comum. Sabe como se parece? Se se queimar cânfora, não sobra nada. Quando se queima madeira, pelo menos sobra um pouco de cinzas. Por fim, depois de uma última análise, o devoto entra em samadhi. Então não sabe absolutamente nada a respeito de 'eu', 'você' ou universo.

"Padmalochan era um homem de grande sabedoria. Tinha muito respeito por mim, embora naquela época eu freqüentemente repetisse o nome da Mãe Divina. Era um pundit da corte do Maharaja de Burdwan. Uma vez veio a Calcutá – e foi viver numa casa perto de Kamarhati. Tive o desejo de ir vê-lo e mandei Hriday lá para saber se o pundit apresentava algum sinal de vaidade. Soube que não tinha nenhum. Então fui vê-lo. Embora fosse um homem de grande erudição e conhecimento, começou a chorar, ouvindo-me cantar as canções devocionais de Ramprasad. Conversamos juntos por um longo tempo; nenhuma conversa com outra pessoa deu-me tanta satisfação. Ele me disse: 'Abandone o desejo da companhia dos devotos, do contrário, pessoas de todos os tipos virão até o senhor e o farão desviar-se do seu ideal espiritual.' Uma vez entrou em discussão, por correspondência, com Utshavananda, o guru de Vaishnavcharan. Contou-me um incidente interessante. Uma vez foi convocada uma reunião, para decidir qual das duas divindades, Shiva ou Brahma, era a maior. Incapazes de chegarem a um acordo, os pundits por fim, levaram o assunto a Padmalochan. Com a sua característica sinceridade, disse: 'Como posso saber? Nem eu nem nenhum de meus antepassados, desde a décima quarta geração, viu Shiva ou Brahma.' A respeito da renúncia de 'mulher e ouro', disse-me um dia: 'Por que o senhor abandonou estas coisas? Tais distinções como "Isto é dinheiro, isto é barro" são o resultado da ignorância.' O que eu podia dizer sobre isto? Respondi: 'Não conheço estas coisas, meu caro senhor, mas da minha parte, não posso encontrar prazer em coisas como dinheiro e similares.'

"Havia um pundit extremamente vaidoso. Não acreditava nas formas de Deus. Mas quem pode entender os meios inescrutáveis do Divino? Deus revelou-Se a ele como o Poder Primordial. Esta visão tornou-se inconsciente durante muito tempo. Depois de ter recobrado a consciência parcial, somente pronunciava 'Ka! Ka! Ka!' Não conseguia falar o nome completo de Kali'."

Um devoto: "O senhor conheceu o Pundit Vidyasagar. O que pensa dele?"

"Mestre: "Vidyasagar tem ao mesmo tempo erudição e caridade, mas falta-lhe visão interior. Deus está escondido dentro dele. Se ele tivesse descoberto isso no seu exterior, suas atividades teriam sido reduzidas; finalmente teriam cessado totalmente. Tivesse ele apenas sabido que Deus reside em seu coração, sua mente estaria dirigida a Deus em pensamento e meditação. Algumas pessoas devem fazer trabalho desinteressado por muito tempo, antes que possam praticar desapego e dirigir sua mente ao ideal espiritual e por fim, serem absorvidas em Deus.

"As atividades nas quais Vidyasagar está empenhado são boas. Caridade é muito nobre. Há uma grande diferença entre daya, compaixão, e maya, apego. Daya é bom, mas maya, não. Maya é o amor pelos parentes – esposa, filhos, irmãos, sobrinhos, pai e mãe, mas daya é o mesmo amor por todas as criaturas sem distinção."

M.: "É daya também, escravidão?"

Mestre: "Sim, é, mas esse conceito está muito além do homem comum. Daya nasce de sattva. Sattva preserva, rajas cria e tamas destrói, mas Brahman está além dos três gunas. Está além de Prakriti.

"Nenhum dos três gunas pode alcançar a Verdade: são como ladrões que não podem ir a um lugar público com medo de serem presos. Sattva, rajas e tamas são como ladrões.

"Ouça uma história. Uma vez um homem estava atravessando uma floresta, quando três ladrões caíram em cima dele e roubaram tudo o que possuía. Um dos ladrões disse: 'Por que conservar a vida deste homem?' Assim dizendo, estava a ponto de matá-lo com sua espada, quando o segundo ladrão o interrompeu, dizendo: 'Ó não! Por que matá-lo? Amarrem suas mãos e pés e deixem-no aqui.' Os ladrões assim o fizeram e foram embora. Depois de um certo tempo o terceiro ladrão voltou e disse ao homem: 'Ah! Sinto muito. O senhor está ferido? Vou soltá-lo.' Depois de desamarrá-lo, o ladrão falou: 'Venha comigo. Vou levá-lo até a estrada principal.' Depois de muito tempo chegaram à estrada. Então o ladrão disse-lhe: 'Siga esta estrada. Lá está sua casa.' A isto o homem respondeu: 'O senhor

foi muito bondoso comigo. Venha até minha casa.' 'Ó não!' replicou o ladrão. 'Não posso ir até lá pois a polícia saberia.'

"Este mundo é uma floresta. Os três ladrões aqui à espreita, são sattva, rajas e tamas. São eles que roubam dos homens o Conhecimento da Verdade. Tamas quer destrui-lo. Rajas liga-o ao mundo, mas sattva salva-o de rajas e tamas. Sob a proteção de sattva, o homem livra-se da raiva, paixão e outro maus efeitos de tamas. Depois sattva solta os grilhões do mundo, mas sattva também, é um ladrão. Não pode dar-lhe o Conhecimento final da Verdade, embora lhe mostre o caminho para a Suprema Morada de Deus. Colocando-o no caminho, sattva lhe diz: 'Olhe mais além; ali está seu lar.' Mesmo sattva está muito longe do Conhecimento de Brahman.

"O que Brahman é, não pode ser descrito. Mesmo quem O conhece não pode falar sobre Ele. Há um ditado que diz que quando um barco chega às 'águas negras' do oceano, não pode mais voltar .

"Uma vez quatro amigos, durante um passeio, viram um lugar cercado por um muro muito alto. Todos ficaram curiosos para saber o que havia do outro lado. Um deles subiu até o alto do muro. O que ele viu olhando para dentro, deixou-o sem fala e maravilhado. Apenas gritava: 'Ah! Ah!' e pulou. Não pôde dizer mais nada sobre o que vira. Os outros também subiram no muro e deram o mesmo grito: 'Ah! Ah!' e saltaram. Agora, quem poderia dizer o que havia lá dentro?

"Sábios como Jadabharata e Dattatreya, depois de realizarem Brahman, não o puderam descrever. O 'eu' de um homem desaparece totalmente quando entra em samadhi depois de atingir o Conhecimento de Brahman. É por isso que Ramprasad cantou, dirigindo-se à sua mente:

> Se você achou a tarefa muito difícil,
> Chame Ramprasad para ajudar.

"A mente deve mergulhar completamente no Conhecimento, mas isto não é suficiente. 'Ramprasad' isto é, o princípio do 'eu' deve desaparecer também. Só então obtém-se o Conhecimento de Brahman."

Um devoto: "Senhor, é possível que Shukadeva não tenha tido o Conhecimento Supremo?"

Mestre: "Segundo alguns, Shukadeva somente viu e tocou o Oceano de Brahman: não mergulhou n'Ele. Por isso pôde voltar ao mundo de nome e forma, depois de atingir o Conhecimento de Brahman, com o propósito de ensinar aos outros. Teve que recitar o *Bhagavata* para o rei Parikshit e ensinar às pessoas de diversas maneiras, portanto, Deus não destruiu seu 'eu' completamente. Deus manteve seu 'ego do Conhecimento'."

Devoto: "Pode alguém continuar a dirigir uma organização depois de alcançar o Conhecimento de Brahman?"

Mestre: "Uma vez falei com Keshab Sen a respeito do Conhecimento de Brahman. Pediu-me para lhe explicar melhor. Falei-lhe: 'Se eu me aprofundar, você não será capaz de preservar e continuar sua organização.' 'Então, por favor, pare por aqui!" respondeu Keshab. (*Todos riem*). Eu ainda disse a Keshab: ' "eu" e "meu' indicam ignorância. Sem ignorância não se pode ter o sentimento de que "sou eu quem faz, aqui estão minha esposa, filhos, posses, nome a fama".' A isto Keshab retrucou: 'Senhor, se uma pessoa abandonar o "eu", nada mais permanecerá.' Eu o tranqüilizei: 'Não estou lhe pedindo para abandonar tudo sobre o "eu". Deve deixar somente o "eu imaturo". O "eu imaturo" faz uma pessoa sentir: "Sou eu quem faz. Aqui estão minha esposa e filhos. Sou um instrutor." Renuncie a este "eu imaturo" e mantenha o "eu maduro" que faz com que você sinta que é o servo de Deus, Seu devoto e que Deus é Aquele que faz e você é Seu instrumento.' "

Devoto: "Pode o 'eu maduro' ter uma organização?"

Mestre: "Disse a Keshab Sen que o 'eu' que diz, 'Sou um líder, formei este grupo, estou ensinando às pessoas, é o "eu imaturo". É muito difícil pregar religião. Não é possível fazer isto, sem ter recebido o mandato de Deus. A permissão de Deus é necessária. Shukadeva teve ordem de Deus para recitar o *Bhagavata*. Se, depois de realizar Deus, um homem recebe Sua ordem e se torna um pregador ou mestre, então tal pregação ou ensinamento não fazem qualquer mal. Seu 'eu' não é 'imaturo'; é 'maduro'.

"Pedi a Keshab para abandonar este 'eu – imaturo'. O ego que sente, 'sou o servo de Deus e amante de Deus', não prejudica ninguém. Disse-lhe: 'Você vive falando com freqüência de sua organização e de seus seguidores, mas as pessoas também a abandonam.' Keshab respondeu: 'É verdade, senhor. Depois de permanecerem vários anos, as pessoas buscam outra organização. O que é pior, quando me abandonam, saem me criticando a torto e a direito.' 'Por que você não estuda a natureza delas?' eu disse, 'Há algum bem em tornar qualquer um discípulo?'

"Disse mais a Keshab: 'Você deveria aceitar a Mãe Divina, a Energia Primordial. Brahman não é diferente de Sua Shakti. Aquele que é Brahman é também, Shakti. Enquanto um homem permanecer consciente do corpo, é consciente da dualidade. É só enquanto um homem tenta descrever o que vê, é que encontra a dualidade.' Mais tarde Keshab reconheceu Kali.

"Um dia, quando Keshab estava aqui com seus discípulos, disse-lhe que gostaria de vê-lo pregar. Deu uma palestra no chandni. Depois sentamo-nos ao lado do ghat de banho e tivemos uma longa conversa. Disse-lhe: 'É Bhagavan somente que em uma forma aparece como bhakta e em outra, como *Bhagavata*. Por favor repita – "Bhagavata – Bhakta – Bhagavan". Keshab e seus discípulos repetiram as palavras. Em seguida pedi-lhe para repetir "Guru-Krishna-vaishnava". Então Keshab disse: 'Senhor, não devo ir tão longe agora. As pessoas vão dizer que me tornei um hindu ortodoxo.'

"É muito difícil ir além dos três gunas. Não se pode atingir este estado sem antes haver realizado Deus. O homem mora no reino de maya. Maya não o permite ver Deus. Tornou-o vítima da ignorância.

"Uma vez Hriday trouxe um bezerro para cá. Um dia vi que ele o tinha amarrado com uma corda no jardim, de tal forma que só pudesse pastar ali. Perguntei: 'Hriday, por que você prende o bezerro todos os dias?' 'Tio', respondeu, 'vou mandar este bezerro para nossa vila. Quando se tornar forte, eu o jungirei a um arado.' Assim que ouvi estas palavras, fiquei pasmado, pensando: 'Como é inescrutável o jogo da maya divina! Kamarpukur e Sihore[6] estão tão longe de Calcutá! Este pobre animal tem todo este caminho para percorrer. Vai crescer e por fim, será ligado a um arado. Isto é realmente o mundo! Isto é realmente maya!' Caí inconsciente e só depois de muito tempo, retornei à consciência."

Eram três ou quatro horas da tarde. M. encontrou Sri Ramakrishna sentado no divã em êxtase. Depois de algum tempo ouviu-o conversando com a Mãe Divina. O Mestre dizia: "Ó Mãe, por que Tu lhe deste somente uma partícula?" Ficando em silêncio por alguns minutos, acrescentou: "Compreendo, Mãe. Este pouco lhe será suficiente e servirá a Teu propósito. Este pouquinho o capacitará a ensinar às pessoas."

Será que o Mestre desta maneira transmitia seus poderes espirituais a seus discípulos? Será que assim ele acabava descobrindo que seus discípulos depois dele, iriam sair pelo mundo ensinando?

Rakhal encontrava-se no aposento. Sri Ramakrishna ainda estava em estado de consciência parcial, quando disse a Rakhal: "Você ficou zangado comigo, não ficou? Sabe porque o fiz ficar assim? Houve uma razão. Somente então o remédio faz efeito. O cirurgião primeiro faz o abcesso amadurecer e então coloca a erva para que arrebente e seque."

"Depois de uma pausa, continuou: "Sim, achei que Hazra é como um pedaço de madeira seca. Por que então ele mora aqui? Isto tem um significado também. A peça fica animada com a presença de pessoas criadoras de caso como Jatila e Kutila.

(*A M.*): "Deve-se aceitar as formas de Deus. Conhece o significado da imagem de Jagaddhatri? Ela é Quem sustenta o Universo. Sem Seu suporte e proteção, o universo desabaria e seria destruído. A Mãe Divina, Jagaddhatri, revela-Se no coração daquele que pode controlar sua mente, que pode ser comparado a um elefante."

Rakhal: "A mente é um elefante louco."

Mestre: "Por isso o leão, a montaria da Mãe Divina, mantém a mente sob controle[7]."

Era o entardecer. O culto da tarde havia começado nos templos. Sri Ramakrishna cantava os nomes dos deuses e deusas. Sentado no divã pequeno, com as mãos postas, ficou absorvido na contemplação da Mãe Divina. O mundo lá fora estava inundado pelo luar e os devotos, no quarto do Mestre, permaneciam sentados em silêncio, olhando seu rosto sereno.

Nesse meio tempo, Govinda de Belgharia e alguns de seus amigos entraram no aposento. Sri Ramakrishna continuava em estado semiconsciente. Depois de algum tempo, disse aos devotos: "Contem-nos suas dúvidas. Explicarei tudo."

Govinda e outros devotos permaneceram pensativos.

Govinda: "Reverenciado senhor, por que a Mãe Divina tem a pele escura? [8]."

Mestre: "Você A vê negra porque está muito afastado d'Ela. Aproxime-se e A verá destituída de cor. A água de um lago parece escura à distância. Aproxime-se e apanhe-a com a mão e constatará que não tem cor alguma. Assim também o céu parece azul ao longe, mas olhe o ar em sua volta não tem cor. Quanto mais se aproximar de Deus, mais realizará que Ele não tem nem nome nem forma. Se

[6] Terra natal de Hriday.

[7] Na imagem de Jagaddhatri, o leão, Seu transportador, é visto mantendo um elefante sob controle.

[8] Referência à imagem de Kali.

você se afastar da Mãe Divina A verá azul como a flor da grama. Shyama é homem ou mulher? Um homem uma vez viu a imagem da Mãe Divina usando do cordão sagrado [9]. Disse ao adorador: 'O que? Você colocou o cordão sagrado no pescoço da Mãe!' Respondeu ele: 'Irmão, vejo que você verdadeiramente conheceu a Mãe, mas eu ainda não fui capaz de descobrir se Ela é homem ou mulher; por isso é que pus o cordão sagrado em Sua imagem.

"Aquele que é Shyama é também, Brahman. Aquele que tem forma também é sem forma. Assim também, Aquele que tem atributos também não os tem. Brahman é Shakti. Shakti é Brahman. Não são dois. Esses são os dois aspectos, masculino e feminino, da mesma Realidade, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos."

"Govinda: "O que significa 'yogamaya'?"

Mestre: "Significa a yoga ou união do Purusha[10] e Prakriti[11]. Tudo o que se vê no mundo, é resultado desta união. Tome a imagem de Shiva e Kali. Kali está de pé sob o peito de Shiva; Shiva está sob Seus pés como um cadáver; Kali olha para Shiva. Tudo isto denota a união de Purusha e Prakriti. Purusha é inativo; portanto, Shiva está deitado no chão como um cadáver. Prakriti executa todas as Suas atividades em conjunção com Purusha. Assim, Ela cria, preserva e destrói. Esse é também, o significado das imagens unidas de Radha e Krishna. Devido a essa união, as imagens estão levemente inclinadas uma para a outra.

"Para caracterizar esta união, Sri Krishna usa uma pérola em Seu nariz. Radha uma pedra azul no dela. Radha tem pele clara, brilhante como a pérola. A de Sri Krishna é azul. Por esta razão Radha usa uma pedra azul. Além disso, a roupa de Krishna é amarela e a de Radha, azul.

"Quem é o melhor devoto de Deus? Aquele que vê, depois da realização de Brahman, que somente Deus tornou-Se todos os seres vivos, o universo e os vinte e quatro princípios cósmicos. Em primeiro lugar, deve-se discriminar, dizendo, 'Isto não, isto não' e alcançar ao terraço. Depois disso, realiza que os degraus são feitos do mesmo material que o terraço, isto é, de tijolo, cal e pó de tijolo. O devoto realiza que foi somente Brahman que Se tornou tudo isto – os seres vivos, o universo etc.

"Simples raciocínio seco – cuspo nele! Não tenho uso para ele! (*O Mestre cuspiu no chão).*

"Por que eu me tornaria seco devido ao simples raciocínio? Possa eu ter amor puro pelos Pés de Lótus de Deus, enquanto a consciência do 'eu' e 'você' permanecer comigo!

(*A Govinda*): "Às vezes digo: 'Tu és verdadeiramente eu e eu sou verdadeiramente Tu.' Da mesma maneira sinto: 'Tu és Tu.' Então não encontro qualquer traço do 'eu'. É somente Shakti que Se torna carne como Deus Encarnado. Segundo uma escola de pensamento, Rama e Krishna são somente duas ondas no Oceano de Bem-aventurança e Consciência Absolutos.

"Chaitanya, Consciência, é despertada depois de Advaita-Jnana, o Conhecimento de Brahman não-dual. Percebe-se então, que só Deus existe em todos os seres como Consciência. Depois desta realização vem Ananda, Felicidade, Advaita, Chaitanya e Nityananda[12]."

(*A M.*): "Quero pedir-lhe que não desacredite nas formas de Deus. Tenha fé nelas. Medite naquela forma que mais toca a sua mente.

(*A Govinda*): "O fato é que uma pessoa não sente ânsia para conhecer ou ver Deus enquanto desejar desfrutar os objetos do mundo. A criança esquece-se de tudo quando está com seus brinquedos. Tente tirá-la de sua brincadeira com um doce, mas não conseguirá. Só comerá um pouquinho. Quando não sente mais prazer, nem o doce, nem no seu brinquedo, diz: 'Quero ir com mamãe.' Não mais se importa com o doce. Se um homem que ela não conhece lhe diz: 'Venha, vou levá-la até sua mãe', a criança o segue. Ela vai com qualquer um que a leve até sua mãe.

"A alma fica desassossegada por Deus quando já não mais quer os prazeres mundanos. Então tem somente um pensamento – realizar Deus. Ouve qualquer coisa que se diga a respeito d'Ele."

M. (*a si mesmo*): "Meu Deus! A alma só se torna inquieta por Deus quando a pessoa termina com o desfrutar das coisas mundanas."

18 de agosto de 1883

Sri Ramakrishna estava na casa de Balaram Bose em Calcutá. Explicava o mistério da Encarnação Divina aos devotos.

---

[9] Somente as imagens das divindades masculinas são investidas com o cordão sagrado.

[10] Aspecto masculino da Realidade, a Alma ou Absoluto.

[11] Aspecto feminino da Realidade, a Natureza Primordial ou Poder.

[12] Não-dualidade, Consciência e Eterna Bem-aventurança.

Mestre: "A fim de trazer conhecimento espiritual, a Encarnação Divina vive no mundo na companhia dos devotos, alimentando uma atitude de amor a Deus. É como subir e descer a escada depois de ter alcançado o terraço. Para alcançarem o terraço, outras pessoas devem seguir o caminho da devoção, enquanto não atingirem Conhecimento e tornarem-se livres de desejo. O terraço só pode ser alcançado quando todos os desejos forem liquidados. O dono de uma loja não vai para cama, enquanto não tiver acabado a sua contabilidade. Só vai dormir quando suas contas estiverem terminadas.

(*A M.*): "Um homem certamente terá sucesso se der um salto. Sucesso é certo para tal pessoa.

"Bem, o que você pensa do culto feito por Keshab, Shivanath e outros dirigentes Brahmos?"

M.: "Eles ficam satisfeitos, como o senhor, em descrever o jardim, mas raramente falam em ver o Dono. Descrever o jardim é o começo e o fim da adoração."

Mestre: "Você está certo. Nosso único dever é procurar o Dono do jardim e falar com Ele. O único propósito da vida é realizar Deus."

Sri Ramakrishna foi, então, para a casa de Adhar. Depois do crepúsculo, cantou e dançou na sala de visitas. M., Rakhal e outros devotos estavam presentes. Quando a música terminou, sentou-se imóvel, em êxtase. Disse a Rakhal: "Este fervor religioso[13] não é como a chuva durante a estação chuvosa, que vem e vai em torrentes. É como a imagem de Shiva que não tenha sido feita por mãos humanas, mas que é uma imagem surgida, por assim dizer, das entranhas da terra. Outro dia você saiu de Dakshineswar com raiva. Orei à Mãe Divina para perdoá-lo."

O Mestre estava imóvel, ainda em êxtase e disse a Adhar: "Meu filho, medite na Divindade cujo nome cantou." Com estas palavras tocou a língua de Adhar com o dedo e escreveu qualquer coisa nela. Estaria o Mestre transmitindo espiritualidade a Adhar?

oooooooooooooooooooooooooooooooooooo

[13] Referindo-se a si mesmo.

CAPÍTULO 13

O MESTRE E M.

19 de agosto de 1883

ERA DOMINGO, O primeiro dia depois da lua cheia. Sri Ramakrishna descansava após o almoço. A comida do meio-dia fora oferecida nos templos, cujas portas já se encontravam fechadas.
No começo da tarde, o Mestre sentou-se no divã pequeno em seu aposento. M. prosternou-se diante dele e sentou-se no chão. O Mestre passou a falar a respeito da filosofia Vedanta.

Mestre (*a M.*): "O Autoconhecimento é discutido no *Ashtavakra Samhita*. Os não-dualistas dizem, 'Soham" que significa 'Eu sou o Supremo Ser'. Este é o ponto de vista dos sannyasis da escola vedantista, mas esta não é a atitude apropriada para os chefes de família que pensam que são eles mesmos que fazem tudo. Assim sendo, como podem declarar: 'Eu sou Aquele, o Supremo Ser inativo'? Segundo os não-dualistas, o Ser é desapegado. Bem e mal, virtude e vício e os outros pares de opostos não podem de jeito algum ferir o Ser, embora indubitavelmente afetem àqueles que se identificam com seus corpos. Certamente a fumaça mancha a parede, mas não pode, de forma alguma afetar o akasha, espaço. Seguindo os vedantistas dessa escola, Krishnakishore costumava dizer: 'Sou Kha', significando akasha. Sendo um grande devoto, podia falar assim com alguma justificativa, mas isso não é válido para outros.

"Sentir-se, contudo, uma alma livre, é muito bom. Repetindo sempre, 'Sou livre, sou livre', um homem torna-se com certeza, livre. Por outro lado, ao repetir freqüentemente 'Estou ligado, estou ligado', seguramente torna-se preso ao mundanismo. O tolo que somente diz, 'Sou um pecador, sou um pecador', verdadeiramente afunda-se no mundanismo, mas quem deverá dizer: 'Cantei o nome de Deus. Como posso ser um pecador? Como posso estar ligado?'

(*A M.*): "Veja, hoje estou muito deprimido. Hriday escreveu-me que está muito doente. Por que estou tão abatido? Será que é por causa de maya ou daya?"

M. não pôde encontrar palavras adequadas para responder e permaneceu em silêncio.

Mestre: "Você sabe o que é maya? É o apego aos parentes – pais, irmãos, mulher e filhos, sobrinhos. Daya significa amor por todos os seres. Agora, o que é isto, meus sentimentos por Hriday? É maya ou daya? Mas Hriday fez tanto por mim, serviu-me de todo o coração e cuidou de mim quando eu estava doente. Mais tarde, porém, também aborreceu-me de uma forma tão insuportável, que um dia estive a ponto de cometer suicídio, jogando-me no Ganges do alto da amurada. Ele, porém, fez muito para me servir. Agora, minha mente sossegará se ele conseguir um pouco de dinheiro. Mas a quem vou pedir? Quem gosta de falar a respeito dessas coisas aos nossos visitantes ricos?"

Às duas ou três horas da tarde, Adhar Sen e Balaram chegaram. Depois de saudarem Sri Ramakrishna, sentaram-se no chão e perguntaram se ele estava bem. O Mestre disse: "Sim, estou bem fisicamente, mas um pouco perturbado." Ele não mencionou Hriday e seus problemas.

A conversa girou em torno da Deusa Simhavahini.

Mestre: "Sim, visitei a Deusa. Ela é adorada por um dos ramos da família Mallick de Calcutá. Este ramo da família está agora em situação difícil e a casa onde moram está em péssimo estado. As paredes e o chão estão cobertos de musgo e sujeira de pombo e o cimento e o emboço caindo aos pedaços, mas os outros membros da família Mallick estão bem financeiramente. Este ramo, porém, não apresenta sinais de prosperidade (*a M.*): Bem, o que isto quer dizer?"

M. permaneceu em silêncio.

Mestre: "O certo é que todos devem colher o resultado de seu karma passado. Devemos admitir a influência das tendências herdadas de nascimentos anteriores e o resultado do prarabdha karma. Contudo, nessa casa em ruínas, vi o rosto da Deusa irradiando luz divina. Deve-se acreditar na Presença Divina na imagem.

"Uma vez fui a Vishnupur. O raja desse lugar tinha muitos templos lindos. Num deles há uma imagem da Mãe Divina, chamada Mrinmayi[1]. Há muitos lagos perto do templo, conhecidos como

[1] Para a lenda relacionada com esse templo, ver cap. 42.

Lalbandh, Krishnabandh e assim por diante. Na água de um dos lagos pude sentir o cheiro dos ungüentos que as mulheres usam em seus cabelos. Como explicar isto? Naquela época não sabia que as devotas ofereciam ungüentos à Deusa Mrinmayi, quando visitavam Seu templo. Próximo ao lago, entrei em samadhi, embora ainda não tivesse visto a imagem no templo. Naquele estado, vi a forma divina da cintura para cima, levantando-se das águas."

Nesse meio tempo, outros devotos chegaram. Alguém referiu-se à revolução política e à guerra civil em Kabul. Um devoto disse que Yakub Khan, o Amir do Afeganistão, havia sido deposto. Disse ao Mestre que o Amir era um grande devoto de Deus.

Mestre: "Mas você deve lembrar-se de que prazer e dor são características do estado humano. No *Chandi* de Kavi Kanbam está escrito que Kaluvir foi mandado para a prisão e que uma pesada pedra foi colocada em seu pescoço. Sem dúvida Kalu tinha nascido como resultado de uma graça da Mãe Divina do Universo. Assim, prazer e dor são inevitáveis quando a alma aceita um corpo. Veja o caso de Srimanta que era um grande devoto. Embora sua mãe, Khuliana, tivesse sido uma grande devota da Mãe Divina, não havia fim para seus problemas. Quase foi decapitado. Há, também, o exemplo de um lenhador, que era um grande amante da Mãe Divina. Ela lhe apareceu e demonstrou-lhe muito amor e graça, mas teve que continuar com sua profissão de lenhador e ganhar a vida com este árduo trabalho. Também, enquanto Devaki, a mãe de Krishna, esteve na prisão, teve a visão do Próprio Deus com quatro mãos, segurando o bastão, disco, concha e lótus, mas apesar disso, não pôde sair de lá."

M.: "Por que só falar de sair da prisão. Este corpo é a fonte de todos os problemas. Devaki deveria ter sido libertada do corpo."

Mestre: "A verdade é que se deve colher o resultado do prarabdha karma. O corpo permanece o tempo necessário para esgotar completamente o resultado das ações passadas. Uma vez um cego banhou-se no Ganges e como resultado, foi libertado de seus pecados, mas sua cegueira continuou. (*Todos riem*). Foi por causa de suas más ações em encarnações anteriores, que teve que passar por este sofrimento."

M.: "Sim, senhor. A flecha atirada está fora de nosso controle."

Mestre: "Por mais que um bhakta experimente fisicamente alegria e tristeza, tem sempre o conhecimento e o tesouro do amor divino. Este tesouro jamais o abandona. Veja, por exemplo, os irmãos Pandavas. Embora tivessem sofrido tantas calamidades, não perderam sua Consciência de Deus, nem uma só vez. Onde se pode encontrar homens como eles, dotados de tanto conhecimento e devoção?"

Naquele momento Narendra e o Coronel Viswanath Upadhyaya entraram no aposento. Narendra estava então, com vinte e dois anos e estudava na universidade. Saudaram o Mestre e sentaram-se. O Mestre pediu a Narendra para cantar. O tanpura estava dependurado na parede oeste do aposento. Os devotos olharam fixamente para Narendra logo que começou a afinar os tambores.

Mestre (*a Narendra*): "Os tambores não soam tão bem como antes."

Capitão: "Estão cheios agora, portanto, estão quietos, como uma embarcação cheia de água. Ou são como um santo, que fica silencioso quando seu coração está pleno de Consciência de Deus."

Mestre: "Mas e sábios como Narada?"

Capitão: "Falaram porque estavam tocados pelo sofrimento dos outros."

Mestre: "Você tem razão. Depois de atingirem o samadhi, Narada, Shukadeva e outros desceram alguns degraus, por assim dizer, até o plano normal de consciência e quebraram o silêncio por compaixão pelo sofrimento dos outros, para ajudá-los."

Narendra começou a cantar:

> Ó, quando despertará em mim, aquele dia de bênção
> Quando Aquele que é todo Bem, toda Beleza e toda Verdade
> Iluminará o santuário interior do meu coração?
> Quando mergulharei por fim, no Oceano de Alegria
> Sempre contemplando-O? ...

Logo que o Mestre começou a ouvir as primeiras palavras da canção, entrou em samadhi profundo. Sentou-se com as mãos postas, olhando para o leste. O corpo estava ereto e a mente completamente fora da consciência do mundo, a respiração quase parada. Com os olhos fixos, sentou-se imóvel como uma pintura no quadro. Sua mente havia mergulhado profundamente no Oceano da Beleza de Deus.

Narendra saiu do quarto e foi para a varanda leste, onde Hazra estava sentado num cobertor, com o rosário na mão. Começaram a conversar. Outros devotos chegaram. O Mestre voltou do samadhi e olhou em volta. Não encontrou Narendra. O tanpura estava no chão. Viu que os olhos ansiosos dos devotos se voltaram para ele.

Mestre (*referindo-se a Narendra*): "Ele acendeu o fogo. Agora não importa se fica ou não, no quarto.

(*Ao Capitão e outros devotos*): "Atribuam a vocês mesmos a felicidade da Consciência de Deus; então irão experimentar uma alegria inefável. A felicidade da Consciência de Deus sempre existe em vocês. Apenas está escondida pelos poderes de envolver e de projeção de maya[2]. Quanto menos desapegados estiverem do mundo, mais amarão Deus."

Capitão: "Quanto mais você se dirigir para sua casa em Calcutá, mais longe estará de Benares. Assim também, quanto mais prosseguir em direção a Benares, mais deixará sua casa para trás."

Mestre: "À medida que Radha avançava em direção a Krishna, podia sentir cada vez mais a suave fragrância de Seu corpo. Quanto mais perto se aproximarem de Deus, mais sentirão Seu amor. Quanto mais perto estiver o rio do oceano, mais intensamente sente o fluxo das marés.

"O jnani experimenta a Consciência de Deus dentro de si mesmo; é como o curso superior do Ganges, que corre somente numa direção. Para ele o mundo inteiro é ilusório como um sonho; está sempre estabelecido na Realidade do Ser, mas com o amante de Deus, o caso é diferente. Seu sentimento não flui somente numa direção. Sente tanto a maré alta quanto a baixa da emoção divina. Ri e chora, dança e canta no êxtase divino. O amante de Deus gosta de brincar com Ele. No Oceano da Consciência de Deus, às vezes nada, às vezes mergulha e às vezes sobe à superfície – como pedaços de gelo na água. (*Risada*)..

"O jnani busca realizar Brahman, mas o ideal do bhakta é o Deus Pessoal – um Deus dotado de onipotência e dos seis tesouros. Contudo Brahman e Shakti não são realmente diferentes. Aquele que é a Mãe Bem-aventurada é também, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. São como a pedra preciosa e seu brilho. Quando uma pessoa fala do brilho da pedra, pensa nela; do mesmo modo, se falar da pedra, refere-se ao brilho. Não se pode conceber o brilho da pedra sem pensar nela e nem conceber a gema sem pensar no seu brilho.

"Existência-Conhecimento-Bem-aventurança absolutos são uma e mesma coisa, mas estão associados com diferentes adjuntos limitadores, devido aos diferentes graus de Sua manifestação. Daí uma pessoa encontrar diversas formas de Deus. O devoto canta, 'Ó minha Mãe Divina, Tu és tudo isto!' Sempre que virem ações como criação, preservação e dissolução, há manifestação de Shakti. A água é sempre água, quer seja calma ou cheia de ondas e borbulhas. Só o Absoluto é a Energia Primordial que cria, preserva e destrói. Assim é o mesmo 'Capitão', quer esteja inativo ou faça o culto, ou visite o Governador Geral. Apenas o chamamos por nomes diferentes em ocasiões diversas."

Capitão: "Sim, senhor, é assim."

Mestre: "Eu disse estas palavras a Keshab Sen."

Capitão: "Keshab não é um hindu ortodoxo. Adota modos e costumes de acordo com seus caprichos. É um senhor abastado e não, um santo."

Mestre: (*aos outros devotos*): "O Capitão proíbe-me de ver Keshab."

Capitão: "Mas o senhor faz o que quer. O que posso fazer?"

Mestre (*asperamente*): "Por que eu não haveria de ir ver Keshab? Você fica muito à vontade quando vai à casa do Governador Geral[3] para buscar dinheiro. Keshab pensa em Deus e canta Seu nome. Não é você que está sempre dizendo que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos? Deus não mora também em Keshab?"

Com estas palavras o Mestre deixou o quarto abruptamente, indo para a varanda. O Capitão e outros devotos permaneceram esperando por sua volta. M. acompanhou o Mestre até a varanda, onde Narendra conversava com Hazra. Sri Ramakrishna sabia que Hazra sempre se empenhava em discussões filosóficas áridas. Hazra dizia apenas: "O mundo é irreal como um sonho. Culto, comida oferecida à Divindade etc., são somente alucinações do Mestre. A meta da vida espiritual é meditar no Ser real." Então repetia: "Eu sou Ele", mas apesar disso possuía um lugar acolhedor em seu coração, para dinheiro, coisas materiais e respeito das pessoas.

Sri Ramakrishna sorriu e disse a Hazra e Narendra: "Olá! De que estão falando?"

---

[2] O poder de envolver de maya esconde a Realidade. O poder de projeção cria os nomes e formas do universo múltiplo.

[3] De acordo com o costume hindu ortodoxo, um inglês é um mlechchha, pessoa excluída do seio da sociedade hindu. Tocar num mlechchha polui um hindu.

Narendra (*sorrindo*): "Ó, estamos discutindo muitas coisas grandes. São por demais profundas para os outros."

Mestre (*com um sorriso*): "Mas o Puro Conhecimento e o Puro Amor são a mesma coisa. Ambos conduzem os aspirantes à mesma meta. O caminho do amor é muito mais fácil."

Narendra citou uma canção:

Ó Mãe, enlouqueça-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?

Narendra disse a M. que estava lendo um livro de Hamilton em que ele dizia: "A ignorância culta é o fim da filosofia e princípio da religião."

Mestre (*a M.*): "O que quer dizer?"

Narendra explicou o pensamento em bengali. O Mestre exultou de alegria e disse em inglês: "Thank you, thank you!" Todos riram do modo encantador com que pronunciou essas palavras. Sabiam que seu vocabulário inglês não tinha mais do que meia dúzia de palavras.

Era quase o crepúsculo quando a maioria dos devotos, inclusive Narendra, despediram-se do Mestre. Sri Ramakrishna saiu e olhou o Ganges durante alguns minutos, do pórtico oeste. Dois sacerdotes banhavam-se, preparando-se para o culto da tarde. Rapazes do vilarejo passeavam pelo jardim ou permaneciam de pé na amurada de concreto, contemplando o rio murmurante. Outro talvez mais pensativos, passeavam na solidão do Panchavati.

Escureceu. A empregada acendeu o lampião do quarto de Sri Ramakrishna e queimou incenso. O culto vespertino começou nos doze templos de Shiva e nos santuários de Krishna e Kali.

Como era o primeiro dia após a lua cheia, o luar logo cobriu o topo das árvores e templos e tocando como prata, as inumeráveis ondas do rio sagrado.

O Mestre voltou para seu quarto. Depois de se inclinar ante a Mãe Divina, bateu palmas e cantou os doces nomes de Deus. Havia vários quadros de santos na parede. Entre eles o de Dhruva, Prahlada, Kali, Radha-Krishna e a coroação de Rama. O Mestre inclinou-se profundamente ante as figuras, repetindo os santos nomes. Logo repetiu as palavras santas, "Brahman-Atma-Bhagavan; Bhagavata-Bhakta-Bhagavan; Brahma-Shakti; Shakti-Brahma; Veda, Purana, Tantra, Gita, Gayatri." Logo disse: "Refugiei-me em Teus pés, Ó Mãe Divina; não sou eu, mas Tu. Eu sou a máquina e Tu és a Operadora" e assim por diante.

Enquanto o Mestre meditava desta maneira na Mãe Divina, alguns devotos, vindos do jardim, juntaram-se no aposento. Sri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno. Disse aos devotos: "Narendra, Bhavanath, Rakhal e devotos como eles pertencem ao grupo dos nityasiddhas; são eternamente livres. A prática religiosa para eles é supérflua. Olhem para Narendra. Não se preocupa com ninguém. Um dia foi comigo na carruagem do Capitão. Este quis que ele pegasse um bom lugar, mas Narendra nem olhou para ele. É independente até comigo. Não me conta tudo o que sabe, para que não elogie sua escolaridade na frente dos outros. Está livre de ignorância e ilusão. Não possui qualquer grilhão. É uma grande alma com muito boas qualidades. É um exímio músico, tanto como cantor como instrumentista e também, um versátil erudito. Além disso, mantém suas paixões sob controle e diz que jamais se casará. Há uma amizade íntima entre Narendra e Bhavanath; são como homem e mulher. Narendra não vem aqui com freqüência, o que é bom porque fico dominado pela sua presença.

Segunda-feira, 20 de agosto de 1883

Sri Ramakrishna, sentado em sua cama, dentro do mosquiteiro, meditava. Eram mais ou menos oito horas da noite. M. estava sentado no chão com seu amigo Hari Babu, um jovem de vinte e cinco anos que havia perdido sua esposa há mais ou menos onze anos atrás e não havia se casado pela segunda vez. Era muito dedicado a seus pais, irmãos e irmãs.

Hazra estava morando em Dakshineswar. Rakhal vivia com o Mestre, embora de vez em quando ficava na casa de Adhar. Narendra, Bhavanath, Adhar, M., Ram, Manomohan e outros devotos visitavam o Mestre quase que semanalmente.

Hriday, sobrinho de Sri Ramakrishna, estava doente em sua casa no interior. O Mestre estava preocupado com ele. Um dos devotos havia-lhe enviado um pouco de dinheiro, mas Sri Ramakrishna não soube.

Quando Sri Ramakrishna saiu do mosquiteiro e sentou-se no divã, os devotos saudaram-no.

Mestre (*a M.*): "Estava meditando dentro do mosquiteiro. Ocorreu-me que aquela meditação, afinal de contas, nada mais era do que imaginar uma forma e assim, não a aproveitei. Uma pessoa fica satisfeita se Deus revela-Se a ela de súbito. Também perguntei-me: 'Quem é que medita e sobre quem medita?' "

M.: "Sim, o senhor disse que o Próprio Deus tornou-Se tudo – o universo e os seres vivos. Mesmo aquele que medita é Deus."

Mestre: "E o que é mais, não se pode meditar a não ser que Deus assim o queira. Uma pessoa só pode meditar quando Deus torna isso possível. O que você diz?"

M.: "É verdade, senhor. O senhor sente-se assim, porque não possui o 'eu'. Quando não há ego, uma pessoa sente-se dessa maneira."

Mestre: "Mas é bom ter um vestígio de ego, o que torna possível para um homem sentir que ele é o servo de Deus. Enquanto um homem pensa que é ele quem faz suas obrigações, é muito bom sentir que Deus é o Amo, e ele, o servo de Deus. Quando uma pessoa está consciente de fazer o trabalho, deve estabelecer com Deus a relação de servo e Amo."

M. estava sempre refletindo sobre a natureza do Brahman Supremo.

Mestre (*a M.*): "Como o akasha, Brahman é sem modificações. Tornou-se múltiplo por causa de Shakti também. Brahman é como fogo que por si só não tem cor. O fogo parece branco se alguém jogar uma substância branca nele, vermelho se jogar uma vermelha e preta, se jogar uma preta. Os três gunas, sattva, rajas e tamas – pertencem somente a Shakti. O Próprio Brahman está além dos três gunas. O que Ele é, não pode ser descrito. Está além das palavras. O que permanece depois que tudo é eliminado pelo método vedantista de 'Isto não, isto não', e cuja natureza é Felicidade, é Brahman.

"Suponhamos que o marido de uma jovem tenha ido à casa de seu sogro e esteja sentada na sala de visitas com outras jovens de sua idade. A jovem e suas amigas estão olhando para eles, pela janela. Suas amigas não conhecem seu marido e apontando para um rapaz, perguntam-lhe: 'Aquele é seu marido?', 'Não', reponde ela, sorrindo. Apontam para um outro e perguntam se ele é seu marido. De novo ela responde não. Fazem a mesma pergunta, referindo-se a um terceiro e ela dá a mesma resposta. Por fim, apontam para seu marido e perguntam, 'É aquele?' Ela não diz nem sim nem não, apenas sorri e fica quieta. Suas amigas compreendem que esse é seu marido.

"Uma pessoa torna-se silenciosa ao realizar a verdadeira natureza de Brahman.

(*A M.*) "Bem, por que falo tanto?"

M.: "O senhor fala a fim de despertar a consciência espiritual dos devotos. Uma vez o senhor disse que quando luchi cru é jogado no ghee fervendo, faz um chiado."

O Mestre começou a conversar com M. a respeito de Hazra.

Mestre: "Você conhece a natureza de um homem bom? Jamais perturba ninguém. Não incomoda as pessoas. A natureza de algumas pessoas é de tal ordem que quando vão a uma festa querem um lugar especial. Um homem que tem uma verdadeira devoção a Deus jamais dá um passo em falso, nem ocasiona problemas aos demais.

"Não é bom viver na companhia de pessoas ruins. Um homem deve ficar longe delas e assim, proteger-se. (*a M.*): Não é?"

M.: "Sim, senhor. A mente cai muito na companhia dos perversos, mas é bem diferente com um herói, como o senhor diz."

Mestre: "Como assim?"

M.: "Quando a fogueira está fraca, apaga-o mesmo quando uma pequena vara é jogada nela; mas um fogo forte não é afetado nem mesmo por uma árvore tanchagem. A árvore inteira reduz-se a cinzas."

O Mestre perguntou a M. sobre seu amigo Hari Babu.

M.: "Ele veio aqui apresentar seus respeitos ao senhor. Perdeu a esposa há muito tempo."

Mestre (*a Hari*): "Que tipo de trabalho você faz?"

M.: "Nada de particular, mas em casa ele toma conta muito bem de seus pais, irmãos e irmãs."

Mestre (*com um sorriso*): "Como é isto? Você é como 'Velho, o Cortador de Abóboras'. Você não é nem um homem do mundo nem um devoto de Deus. Isto não é bom. Já deve ter visto a espécie de ancião que mora com a família e está sempre pronto dia e noite para entreter as crianças. Senta-se na sala de estar e fuma o cachimbo de água. Sem ter nada de especial para fazer, leva uma vida ociosa. Repetidamente vai para o quintal e corta uma abóbora, porque, como as mulheres não fazem este trabalho, mandam as crianças pedir ao velho para fazê-lo. Esta é a extensão de sua utilidade – daí, o apelido, 'Velho, o Cortador de Abóboras'.

"Você deve fazer tanto 'isso' como 'aquilo'. Cumpra suas obrigações no mundo e também, fixe sua mente nos Pés de Lótus do Senhor. Leia livros devocionais como *Bhagavata* ou a vida de Chaitanya, quando estiver só e não tenha nada mais a fazer."

Eram aproximadamente dez horas. Sri Ramakrishna terminou de tomar sua sopa leve de cereais e comer um ou dois 'luchis'. Depois de saudá-lo, M. e seu amigo despediram-se.

Sexta-feira, 7 de setembro de 1883

Sri Ramakrishna e M. conversavam no aposento do Mestre, às sete e meia da noite. Ninguém mais estava presente.

Mestre: "Outro dia fui a Calcutá. Enquanto andava de carruagem pelas ruas, observei que todos prestavam atenção apenas às coisas sem valor. Cada um pensava no seu estômago, correndo somente atrás de comida. A mente de cada um estava dirigida para 'mulher e ouro'. Vi que apenas um ou dois cuja atenção estava em coisas mais elevadas, tinham as mentes voltadas para Deus."

M.: "A época atual aumentou a preocupação pelo estômago. Ao procurar imitar os ingleses o povo passou a se interessar por coisas luxuosas, por conseguinte, suas necessidades também aumentaram."

Mestre: "O que os ingleses pensam a respeito de Deus?"

M.: "Acreditam num Deus sem forma."

Mestre: "Esta é também uma de nossas crenças."

Durante um certo tempo o Mestre e o discípulo permaneceram em silêncio. Então, Sri Ramakrishna começou a descrever suas experiências de Brahman.

Mestre: "Um dia tive a visão da Consciência não-dual indivisível. Primeiro foi-me revelado inumeráveis homens, animais e outras criaturas. Entre elas havia os aristocratas, os ingleses, os muçulmanos, eu próprio, varredores, cachorros e também, um muçulmano barbudo com uma bandeja de arroz na mão. Pus alguns grãos na boca de cada um. Também provei um pouco.

"Outro dia vi arroz, verduras e outros alimentos e também, outras imundícies e sujeiras espalhadas pelo chão. Subitamente a alma saiu do meu corpo e como uma chama, tocou em tudo. Era como uma língua grande de fogo que provava tudo, mesmo fezes. Foi-me revelado que tudo aquilo era uma única Substância, a Consciência não-dual e indivisível.

"Outro dia[4] foi-me revelado que eu teria devotos – meus companheiros íntimos, muito meus. Depois acostumei-me a subir no terraço do kuthi, logo que os sinos e as conchas do culto da tarde soavam nos templos e gritava com o coração anelante: 'Ó, onde estão vocês? Venham! Estou morrendo de vontade de vê-los!'

(*A M.*): "Bem, o que pensa dessas visões?"

M.: "Deus brinca através do senhor. Já compreendi que o senhor é o instrumento e Deus, o Mestre. Deus criou outros seres, por assim dizer, à máquina, mas o senhor foi feito por Suas próprias mãos."

Mestre: "Bem, Hazra diz que depois da visão de Deus, adquire-se os seis poderes divinos."

M.: "Aqueles que procuram puro amor não querem poderes."

Mestre: "Talvez Hazra tenha sido pobre em sua vida anterior e, por isto, quer tanto ver a manifestação de poder. Quer saber o que falo com o cozinheiro. Costuma dizer-me: 'O senhor não precisa falar com o cozinheiro. Eu mesmo falarei com o administrador do templo e farei com que tenha tudo quanto deseja. (*M. ri alto.*) Ele me fala desse modo e não digo nada."

M.: "Muitas vezes o senhor disse-me que um devoto que ama Deus, somente por amor, não se interessa em ver os poderes de Deus. Um verdadeiro devoto quer ver Deus como Gopala[5]. No começo Deus torna-se o ímã e o devoto, a agulha, mas no final, o próprio devoto torna-se o ímã e Deus, a agulha, quer dizer, Deus torna-Se pequeno para Seu devoto."

Mestre: "Sim, é como o sol do amanhecer. Pode-se olhar com facilidade para ele. Não ofusca os olhos, ao contrário, agrada-os. Deus torna-Se terno para o bem dos Seus devotos. Aparece para eles, deixando de lado Seus poderes."

Ambos ficaram em silêncio por algum tempo.

[4] Isto ocorreu antes que qualquer um dos discípulos íntimos do Mestre tivesse vindo para ele.

[5] O Menino Krishna despojado de todos os poderes divinos.

M.: "Por que suas visões não seriam reais? Se são irreais, então o mundo é ainda mais irreal, porque só há uma mente que é instrumento de percepção. Sua mente pura vê aquelas visões e nossas mentes comuns vêem os objetos do mundo."

Mestre: "Vejo que compreendeu a idéia de irrealidade. Bem, diga-me o que pensa de Hazra."

M.: "Ó, eu não sei!"(*O Mestre ri*).

Mestre: "Bem, você acha que sou como as outras pessoas?"

M. "Não, senhor".

Mestre: "Como qualquer outro paramahamsa?:"

M.? "Não, senhor. O senhor não pode ser comparado a ninguém mais."

Mestre (*sorrindo*): "Já ouviu falar de uma árvore chamada 'achina'?"[6]

M.: "Não, senhor."

Mestre: "Há uma árvore que tem esse nome, mas ninguém sabe o que ela é."

M.: "Assim também não é possível reconhecer o senhor. Quanto mais uma pessoa o compreende, mais elevada fica."

M. ficou em silêncio. Disse para si mesmo: "O Mestre referiu-se ao 'sol do amanhecer' e à 'árvore irreconhecível pelo homem'. Será que se referia à Encarnação Divina? É este o jogo de Deus por intermédio do homem? Será o próprio Mestre uma Encarnação? Será por esta razão que gritava pelos devotos no terraço do Kuthi: 'Onde estão vocês? Venham para mim'!"

Sri Ramakrishna estava sentado nos degraus da varanda sudeste do templo de Kali. Rakhal, M. e Hazra estavam com ele. Falava alegremente de sua infância.

Ao entardecer voltou para seu aposento e sentou-se no divã pequeno. Logo entrou em samadhi e naquele estado, começou a falar à Mãe Divina. Disse: "Mãe, por que toda essa agitação? Devo ir lá? Irei se Tu me levares." O Mestre tinha que ir à casa de um devoto. Era para isso que ele estava pedindo permissão à Mãe Divina?

Novamente começou a falar com Ela, talvez orando por um discípulo íntimo. "Mãe, torna-o sem mácula. Bem, Mãe, por que lhe deste somente uma partícula?" Ficando em silêncio por um momento, continuou: "Ó, estou vendo. Isso será suficiente para Teu trabalho."

Nesse mesmo estado falou, dirigindo-se aos devotos: "Aquele que é Brahman é verdadeiramente Shakti. Eu também chamo Aquele de Mãe. Chamo-O Brahman quando está inativo e Shakti quando Ele cria, preserva e destrói. É como a água, às vezes tranqüila, às vezes encapelada de ondas. A Encarnação de Deus é uma parte da lila de Shakti. O objetivo da Encarnação Divina é ensinar ao homem, amor a Deus. A Encarnação é como o úbere da vaca, o único lugar de onde se pode tirar leite. Deus encarna-Se como homem. Há grande acúmulo de divindade numa Encarnação, como os peixes numa profunda depressão de um lago."

Alguns devotos pensaram: "Será Sri Ramakrishna uma Encarnação de Deus, como Krishna, Chaitanya e Cristo?"

Domingo, 9 de setembro de 1883

Sri Ramakrishna havia terminado seu almoço e estava sentado no divã pequeno. Rakhal, M., Ratan estavam sentados no chão. Ratan era o mordomo da chácara de Jadu Mallick e devoto do Mestre. De vez em quando Ram Chatterji e Hazra entravam ou saíam do aposento. Eram mais ou menos duas horas.

Ratan contou ao Mestre que já tinha sido organizada a representação de um yatra por Nilkantha, na casa de Jadu Mallick em Calcutá.

Ratan (*ao Mestre*): "O senhor deve ir. A data já foi marcada."

Mestre: "Que bom! Quero ir. Nilkantha canta com grande devoção."

Mestre: "Enquanto canta, lágrimas caem de seus olhos. (*A Ratan*): Estou pensando em passar a noite em Calcutá quando for ver o yatra."

Ratan: "Vai ser bom."

Ram Chatterji e outros devotos perguntaram a Ratan sobre o roubo na casa de Jadu Mallick.

Ratan: "Sim, As sandálias de ouro da Divindade foram roubadas do santuário, na casa de Jadu Babu, Isto gerou um tumulto. Vão tentar prender o ladrão por meio de uma 'chapa encantada'. Todos se sentarão num aposento e a chapa se moverá em direção da pessoa que roubou as sandálias."

[6] Literalmente, "irreconhecível"

Mestre (*com um sorriso*): "Como se move a chapa? Por si mesma?"

Ratan: "Não, um homem pressiona-a contra o chão."

Um devoto: "É uma espécie de truque de prestidigitador. É muito engenhoso."

Mestre: "A verdadeira astúcia é aquela pela qual se realiza Deus. Esse ardil é o melhor de todos."

Ao longo da conversa, diversos senhores bengalis entraram e sentaram-se depois de saudarem o Mestre. Um deles já era conhecido de Sri Ramakrishna. Seguiam os Tantras. O Mestre sabia que um deles entregara-se a atos imorais em nome da religião. Os rituais tântricos, sob certas condições, permitem a mistura de devotos de ambos os sexos, mas Sri Ramakrishna olhava todas as mulheres, até as prostitutas, como manifestações da Mãe Divina. Dirigia-se a todas elas como "Mãe".

Mestre (*com um sorriso*): "Onde está Achalananda? Meu ideal é diferente do dele e de seus discípulos. Quanto a mim, olho todas as mulheres como minha mãe."

Os visitantes ficaram em silêncio.

Mestre: "Toda mulher é mãe para mim. Achalananda costumava ficar aqui de vez em quando. Bebia muito vinho consagrado. Ouvindo falar a respeito da minha atitude em relação às mulheres, teimosamente justificava seus próprios pontos de vista. Insistia várias vezes: 'Por que não reconhecer a atitude de "herói" em relação às mulheres? O senhor não admite as injunções de Shiva? O Próprio Shiva é o autor dos Tantras, que prescrevem várias disciplinas, inclusive a de "herói".' Eu lhe disse: 'Mas meu caro senhor, eu não sei. Não gosto dessas idéias. Para mim, toda mulher é mãe.'

"Achalananda não sustentava os próprios filhos. Disse: 'Deus os proverá.' Eu não disse nada, mas esta era a maneira que sentia: 'Quem sustentará seus filhos? Espero que sua renúncia à esposa e filhos não seja um modo para ganhar dinheiro. As pessoas pensarão que é um santo porque renunciou a tudo: então lhe darão dinheiro. Assim terá muito dinheiro.'

"A prática espiritual com vistas a ganhar uma demanda ou dinheiro ou ajudar os outros a ganhar na justiça e adquirir bens, demonstra uma compreensão mesquinha.

"O dinheiro permite ao homem obter comida e bebida, construir uma casa, adorar a Divindade, servir os devotos e santos e ajudar os pobres quando ocorre encontrá-los. Estes são bons usos do dinheiro. Dinheiro não é para luxo ou confortos ou para conquistar uma posição na sociedade.

"As pessoas praticam várias disciplinas tântricas para conseguir poderes sobrenaturais. Como são mesquinhas essas pessoas! Krishna disse a Arjuna: 'Amigo, a aquisição de um dos oito siddhis acrescentará um pouco ao seu poder, mas não poderá realizar-Me.' Uma pessoa não pode livrar-se da maya enquanto usar seus poderes sobrenaturais. Maya gera egoísmo.

"O corpo e a riqueza são transitórios. Por que aborrecer-se tanto com eles? Pense somente na condição dos hathayogis. Sua atenção está fixa somente em um único ideal – longevidade. Não aspiram à realização de Deus. Praticam exercícios como lavar os intestinos, beber leite através de um tubo ou outros exercícios semelhantes, tendo apenas aquele objetivo em mente.

"Certa vez houve um ferreiro cuja língua subitamente virou-se para cima, presa a seu palato. Parecia em samadhi. Ficou completamente inerte e permaneceu assim por um longo tempo. As pessoas vieram adorá-lo. Depois de muitos anos, a língua subitamente voltou à posição normal e ele ficou consciente do mundo como antes. Voltou ao seu antigo trabalho como ferreiro. (*Todos riem*).

"Estas são coisas físicas e não têm nada a ver com Deus. Havia um homem que conhecia oitenta e duas posturas e falava alto sobre yoga samadhi, mas internamente era atraído por 'mulher e ouro'. Um dia encontrou uma nota de vários milhares de rupias. Não pôde resistir à tentação, engoliu-a, pensando que poderia depois tirá-la de um modo qualquer. A nota saiu inteira, sim, mas ele foi mandado para a cadeia por três anos. Na minha falta de malícia, costumava pensar que aquele homem havia feito um grande progresso espiritual. Realmente dou minha palavra.

"Mahendra Pal de Sinthi uma vez deu a Ramlal cinco rupias. Ramlal contou-me a esse respeito, depois que Mahendra foi embora. Perguntei-lhe para quem havia sido dado o presente e Ramlal disse que era destinado a mim. Pensei que assim poderia saldar minha conta do leite. Aquela noite fui para cama e, acreditem-me, subitamente, acordei com uma dor. Sentia como se um gato me arranhasse dentro do peito. Imediatamente fui falar com Ramlal e perguntei-lhe: 'Para quem Mahendra deu aquele dinheiro? Foi para sua tia?' [7] 'Não', disse Ramlal, 'foi para o senhor.' Disse-lhe: 'Vá e devolva o dinheiro imediatamente, senão, não terei mais paz de espírito.' Ramlal devolveu o dinheiro logo de manhã e senti-me, então, aliviado.

[7] Referindo-se à Santa Mãe, esposa de Sri Ramakrishna.

"Um dia um homem rico veio aqui e disse-me: 'O senhor tem que fazer qualquer coisa para que eu ganhe a minha demanda. Soube da sua reputação e por isto, vim aqui.' 'Meu caro senhor', disse-lhe, 'o senhor enganou-se. Não sou a pessoa que está procurando. Achanalananda é o seu homem.'

"Um verdadeiro devoto não se preocupa com coisas como riqueza ou saúde. Pensa: 'Por que haveria de praticar austeridades espirituais para o conforto das pessoas, dinheiro ou nome e fama? Tudo isso é transitório. Duram somente um dia ou dois."

Os visitantes retiraram-se depois de saudarem o Mestre. Quando partiram, Sri Ramakrishna sorriu e disse a M.: "Você nunca fará com que um ladrão se interesse por religião."(*Todos riram*).

"Bem, o que você pensa de Narendra?"

M.: "É maravilhoso."

Mestre: "Sim. Sua inteligência é tão grande quanto a sua erudição. Além do mais é bem dotado em música, como cantor e como instrumentista. Também possui controle sobre suas paixões e diz que jamais vai se casar."

M.: "Uma vez o senhor disse que aquele que freqüentemente fala de pecados, realmente torna-se um pecador; não pode libertar-se do pecado! Se, entretanto, um homem tem fé inabalável de que é filho de Deus, então, dá passos rápidos na vida espiritual."

Mestre: "Sim, fé. Que tremenda fé tinha Krishnakishore! Costumava dizer: 'Pronunciei uma vez o nome de Deus. É suficiente. Como posso permanecer pecador? Tornei-me puro e sem mácula.' Um dia Haladhari disse: 'Mesmo Ajamila teve que praticar austeridades para agradar a Deus. Pode alguém receber a graça de Deus sem austeridades? O que se ganha dizendo o nome de Narayana somente uma vez?' A essas observações a raiva de Krishnakishore não conheceu limites. Quando veio novamente apanhar flores neste jardim, nem sequer olhou para Haladhari.

"O pai de Haladhari era um grande devoto. Na hora do banho mergulhava na água, até a cintura e meditava em Deus, pronunciando o mantra sagrado; então, lágrimas escorriam de seus olhos.

"Um dia um santo veio banhar-se no Ganges, em Ariadaha. Falávamos em ir vê-lo. Haladhari disse: 'O que vamos ganhar vendo o corpo de um homem, uma mera gaiola formada pelos cinco elementos?' Krishnakishore soube e disse: 'O que? Haladhari perguntou o que vamos ganhar visitando um santo? Pela repetição do nome de Krishna ou Rama, um homem transforma o corpo físico em corpo espiritual. Para esse homem tudo é personificação do Espírito. Para ele, Krishna é a Encarnação do Espírito e Sua sagrada morada é a personificação do Ser.' Disse também: 'Um homem que pronuncia o nome de Krishna ou Rama, mesmo que seja uma vez, colhe o resultado de cem sandhyas.'

"Um dos seus filhos cantou o nome de Rama no seu leito de morte. Krishnakishore disse, 'Ele não tem nada com o que se preocupar; cantou o nome de Rama.' Mas de vez em quando chorava. Afinal, tratava-se da morte de seu próprio filho.

"Nada é conseguido pelo simples ato de adoração, japa e devoções, a não ser que haja fé. Não é assim?"

M,: "Sim, senhor. É verdade."

Mestre: "Vejo as pessoas que vêm ao Ganges para se banhar. Conversam sobre tudo o que é possível. A tia viúva diz: 'Sem mim não podem fazer o Durga Puja. Tenho que cuidar até dos menores detalhes. Além disso tenho que inspecionar tudo, quando há festa de casamento na família, mesmo a cama dos noivos'."

M.: "Por que censurá-las? Com o que passariam o seu tempo?"

Mestre (*com um sorriso*): "Algumas pessoas possuem santuários em suas casas. As mulheres arrumam as oferendas e as flores e fazem pasta de sândalo, mas quando trabalham jamais falam uma palavra a cerca de Deus. A preocupação delas é: 'O que vamos cozinhar hoje? Não pude obter bons legumes no mercado. O curry de ontem estava delicioso. Aquele rapaz é meu primo. Alô! Você ainda tem aquele emprego? Não me pergunte como estou passando. Meu Hari não está mais aqui?' Imagine! Falam semelhantes coisas no santuário, na hora da adoração!"

M.: "Sim, senhor, é assim na maioria dos casos. Como o senhor diz, pode alguém que tem ânsia apaixonada por Deus, continuar com o culto formal e outras devoções, por muito tempo?"

Sri Ramakrishna e M. conversavam sozinhos.

M.: "Senhor, se o Próprio Deus tornou-Se tudo, por que as pessoas apresentam sentimentos diferentes?"

Mestre: "Sem dúvida. Deus existe em todos os seres como o Espírito que a Tudo penetra, mas as manifestações do Seu Poder são diferentes, nos diversos seres. Em alguns lugares há manifestação do poder do Conhecimento, em outros, do poder da ignorância. Em alguns lugares há uma maior

manifestação de poder do que em outros. Não vê que entre os seres há desonestos e jogadores, para não falar dos homens que parecem tigres. Penso neles como 'Deus desonesto', 'Deus-tigre'."

M. (*com um sorriso*): "Devemos saudá-los à distância. Se nos aproximarmos do 'Deus-tigre' e abraçá-lo, ele pode nos devorar."

Mestre: "Ele e Seu Poder, Brahman e Seu Poder – nada existe a não ser isso. Num hino a Rama, Narada disse: 'Ó Rama, Tu és Shiva e Sita é Bhagavati; Tu és Brahma e Sita Brahmani; Tu és Indra e Sita é Indrani; Tu és Narayana e Sita é Lakshmi. Ó Rama, Tu és o símbolo de tudo o que é masculino e Sita de tudo o que é feminino'."

M.: "Senhor, como é a forma-Espírito de Deus?"

Sri Ramakrishna refletiu por um momento e disse suavemente: "Devo dizer-lhe como ela é? É como a água... Compreende-se tudo isto através da disciplina espiritual.

"Creia na forma de Deus. Só depois de ter conseguido Brahmajnana é que uma pessoa vê a não-dualidade, a unidade de Brahman com Sua Shakti. Brahman e Shakti são idênticos, como o fogo e seu poder de queimar. Quando um homem pensa no fogo, tem que pensar também, no seu poder de queimar. Assim também, quando pensar no poder de queimar, deve também, pensar no fogo. Além disso, Brahman e Shakti são como o leite e sua brancura, a água e sua umidade.

"Mas há um estado ainda além de Brahmajnana. Depois de jnana vem vijnana. Quem é consciente do conhecimento também o é da ignorância. O sábio Vashishtha foi tomado pela dor com a morte de seus cem filhos. Perguntado por Lakshmana por que um homem de conhecimento lamentaria este ocorrido, Rama disse: 'Irmão, vá além tanto do conhecimento como de ignorância.' Quem tem conhecimento, também tem ignorância. Se um espinho entra em seu pé, pegue um outro e com sua ajuda, retire o primeiro e em seguida, jogue fora esse espinho, também."

M.: "Devemos abandonar tanto o conhecimento como a ignorância?"

Mestre: "Sim, por isso é que temos que obter vijnana. Veja quem é consciente da luz, é também consciente da escuridão. Quem é consciente da felicidade é, também, consciente do sofrimento. Quem é consciente da virtude, também o é do vício. Quem é consciente do bem, também é do mal. Aquele que é consciente de santidade, o é da profanidade. Quem é consciente do 'eu' é também, de 'você'.

"O que é vijnana? É conhecer Deus de forma especial. A consciência e a convicção de que o fogo existe na madeira é jnana, conhecimento. Mas cozinhar o arroz neste fogo, comê-lo e retirar os elementos nutrientes, é vijnana. Saber por experiência interna pessoal que Deus existe é jnana, mas falar com Ele, usufrui-Lo como Filho, Amigo, Amo, Bem Amado é vijnana. A realização de que só Deus tornou-se o universo e todos os seres, é vijnana.

"De acordo com uma escola de pensamento, Deus não pode ser visto. Quem vê quem? Está Deus fora de você a ponto de poder vê-Lo? Uma pessoa só se vê a si mesmo. Tendo entrado nas 'águas negras' do oceano, o navio não volta e assim, não pode descrever o que experimenta."

M.: "É verdade, senhor. Como o senhor diz, tendo subido ao topo de um monumento, não mais se toma conhecimento do que se passa lá embaixo: cavalos e carruagens, homens e mulheres, casas, lojas e escritórios e assim por diante."

Mestre: "Atualmente não vou ao templo de Kali". Isto é uma ofensa? Uma vez Narendra disse, 'O que? Ele ainda vai ao templo de Kali!' "

M.: "Cada dia o senhor está num estado mental novo. Como pode alguma vez ofender Deus?"

Mestre: "Alguém disse a Sen, sobre Hriday: 'Está muito doente. Por favor, traga-lhe duas roupas e duas camisas. Nós as enviaremos para seu vilarejo.' Sen deu somente duas rupias. Como se explica isto? Tem tanto dinheiro, contudo, é tão miserável! O que você diz disso?"

M.: "Aqueles que procuram Deus, não podem se comportar assim – quero dizer, aqueles cujo objetivo é atingir o Conhecimento."

Mestre: "Só Deus é a Realidade, tudo o mais é irreal."

Sábado, 22 de setembro de 1883

Sri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa de Adhar em Calcutá, com Rakhal. Adhar, M., Ishan e outros devotos. Muitos vizinhos também estavam presentes. Era de tarde.

O Mestre gostava muito de Ishan. Este havia sido superintendente no Escritório de Contabilidade e também, mais tarde, seus filhos vieram a ocupar altas posições no Governo. Um deles foi colega de colégio de Narendra. A bolsa de Ishan encontrava-se sempre aberta para os pobres e

necessitados. Ao se aposentar passou a dedicar seu tempo às práticas espirituais e à caridade. Visitava Sri Ramakrishna com freqüência, em Dakshineswar.

Mestre (*a Ishan*): "Por favor, conte-nos a história do menino que pôs a carta no correio.."

Ishan (*com um sorriso*): "Uma vez um menino ouviu falar que Deus é o nosso Criador. Escreveu-lhe uma carta que continha suas orações e a pôs no correio. O endereço no envelope era 'Céu'."

Mestre (*com um sorriso*): "Vocês ouviram essa história? Tem-se sucesso na vida espiritual quando se desenvolve uma fé como a daquele menino. (*A Ishan*): Fale-nos a respeito da renúncia das atividades."

Ishan: "Depois de atingir Deus, os deveres religiosos como a cerimônia de sandhya, caem por si só. Uma vez estavam algumas pessoas sentadas às margens do Ganges, praticando sandhya. Uma delas, porém, deixou de fazê-la. Quando lhe perguntaram o motivo, respondeu: 'Estou observando "ashoucha". Não posso fazer a cerimônia de sandhya[8] . No meu caso, a suspensão é devida tanto a nascimento quanto à morte. Minha mãe, ignorância, está morta e meu filho, Autoconhecimento, nasceu.' "

Mestre: "Diga-nos, também, como as diferenças de casta caem quando se atinge o Autoconhecimento."

Ishan: "Um dia, quando subia os degraus depois de terminar o banho no Ganges, Shankaracharya viu à sua frente, um intocável com muitos cachorros. 'Você me tocou!', falou Shankaracharya. 'Reverenciado senhor', disse o pária, 'eu não o toquei, nem o senhor me tocou. O Ser é o Governador Interno de todos os seres e não pode ser contaminado. Há alguma diferença entre o reflexo do sol no vinho ou no Ganges?' "

Mestre (*com um sorriso*): "A respeito de harmonia: como se pode realizar Deus por todos os caminhos?"

Ishan (*com um sorriso*): "Tanto Hari como Hazra derivam da mesma raiz[9]. A diferença está apenas no pratyaya[10]. Na realidade Aquele que é Hari é também, Hara. Se uma pessoa tem fé em Deus, não importa a quem adora."

Mestre: "Por favor diga-nos também, porque o coração do sadhu é o maior de todos."

Ishan: "Este mundo é a maior coisa que vemos ao nosso redor. Maior do que a terra, porém, é o oceano e maior do que o oceano, o céu, mas Vishnu, a Divindade, cobriu a terra, o céu e o inferno com um dos Seus pés. E aquele pé de Vishnu está entronizado no santuário do coração do sadhu. Por conseguinte, o coração de um homem santo é o maior de todos."

Os devotos gostaram imensamente das palavras de Ishan.

Ishan pretendia retirar-se para um lugar solitário a fim de praticar uma disciplina especial do Gayatri, através do qual Brahman é invocado. O Mestre afirmou, porém, que o Conhecimento de Brahman não era possível sem a completa destruição do mundanismo. Além disso, disse que era impossível para um homem, retirar totalmente a mente dos objetos dos sentidos no Kaliyuga, quando sua vida depende exclusivamente da comida. Por essa razão desencorajava as pessoas a fazer o culto védico de Brahman e mandava-os adorar Shakti, a Mãe Divina, idêntica a Brahman.

Mestre (*a Ishan*): "Por que você perde seu tempo repetindo apenas 'Neti, Neti'? Nada pode ser dito a respeito de Brahman, exceto que existe.

"Tudo o que vemos ou pensamos é manifestação da glória da Energia Primordial, a Consciência Primária. Criação, preservação e destruição, seres vivos e universo, além da meditação e do meditante, bhakti e prema – tudo isso é manifestação da glória daquele Poder. Mas Brahman é idêntico ao Seu Poder. Ao voltar do Ceilão, Hanuman louvou Rama, dizendo: 'Ó Rama, Tu és o Supremo Brahman e Sita, Tua Shakti. Ambos são idênticos.' Brahman e Shakti são como a cobra e seu movimento sinuoso. Ao pensar na cobra, deve-se pensar em seu movimento sinuoso e ao pensar no movimento sinuoso, deve-se pensar na cobra. Ou melhor, são como o leite e sua brancura. Pensando no leite, tem-se que pensar na sua cor, isto é, na brancura e, pensando na brancura, do leite, tem-se que pensar no próprio leite. Ou são como a água e sua umidade. Pensando na água, tem-se que pensar na sua umidade e pensando na umidade da água, tem-se que pensar na água.

---

[8] Ashoucha é uma suspensão temporária, devido ao nascimento ou morte de um parente consangüíneo. Um homem que observa ashoucha, não pode fazer sandhya ou culto diário.

[9] A raiz "hri", da qual ambas as palavras derivam. Além disso,, Hari e Hazra são as duas manifestações da mesma Divindade. Hari é um dos nomes de Vishnu.

[10] Há um trocadilho com essa palavra, ambas significando "fé" e "reflexão".

"O Poder Primordial, Mahamaya, cobriu Brahman. Assim que esta envoltura for retirada, uma pessoa compreende. 'Sou o que era antes', 'Eu sou Tu', 'Tu és eu'.

"Enquanto esta envoltura permanecer, a fórmula vedantista, 'Eu sou Ele', isto é, o homem é Brahman Supremo, não se aplica bem. A onda é parte da água, mas a água não é parte da onda. Enquanto a envoltura permanecer, deve-se considerar Deus como Mãe. Ao dirigir-se a Deus, o devoto deve dizer: 'Tu és a Mãe e eu sou Teu filho; Tu és o Senhor e eu sou Teu servo.' É bom ter-se a atitude de servo para com seu amo. Desse relacionamento de amo e servo, florescem outras atitudes; a atitude de amor sereno por Deus, a atitude de amigo para com outro amigo etc. Quando o amo gosta de seu servo, pode-se dizer, 'Venha, sente-se ao meu lado, não há diferença entre mim e você', mas se o servo, por sua própria vontade, vier sentar-se ao lado do senhor, este não vai ficar zangado?

"O jogo de Deus na terra, como Encarnação é a manifestação da glória de Chitshakti, o Poder Divino. Aquele que é Brahman é também, Rama, Krishna e Shiva."

Ishan: "Sim, senhor. As palavras Hari e Hara derivam-se da mesma raiz. A diferença reside apenas no pratyaya."

Mestre: "Sim, há apenas o Uno sem segundo. Os Vedas falam d'Ele como 'Om Satchidananda Brahma', os Puranas como 'Om Satchidananda Krishna' e o Tantras como 'Om Satchidananda Shiva.'

"A Chitshakti, como Mahamaya, iludiu a todos com ignorância. Está escrito no *Adhyatma Ramayana* que quando os rishis viram Rama, oraram a Ele, com estas palavras somente: 'Ó Rama, por favor não nos iluda com Tua Maya sedutora do mundo.'

Ishan: "O que é esta maya?"

Mestre: "Tudo o que você vê, pensa ou ouve é maya. Numa palavra, 'mulher e ouro' é a envoltura de maya.

"Não há mal algum em mascar folha de betel, comer peixe, fumar ou untar o corpo com óleo. O que uma pessoa consegue renunciando a essas coisas? A única coisa necessária é a renúncia a 'mulher e ouro'. Esta renúncia é a real e suprema renúncia. Os chefes de família devem retirar-se em solidão de vez em quando, para praticar disciplina espiritual, a fim de cultivar o amor de Deus; devem renunciar mentalmente – mas o sannyasi tem que renunciar tanto mental como fisicamente.

"Uma vez eu disse a Keshab: 'Como pode um paciente com tifo curar-se, se permanecer num quarto com jarro de água e um pote de pickles?' De vez em quando tem-se que viver na solidão."

Um devoto: "Senhor, o que pensa do Navavidhan? Para mim é uma mistura de tudo."

Mestre: "Dizem que se trata de uma coisa moderna. Isto faz-me pensar: 'Então o Deus do Brahmo Samaj é um Deus novo?' Os Brahmos falam de seu culto como o Navavidhan, uma Nova Revelação. Bem, pode ser assim. Quem sabe? Há seis sistemas filosóficos: talvez seja como um deles.

"Mas sabem em que erram aqueles que falam de Deus sem forma? É quando dizem que Deus é somente sem forma e que aqueles que discordam deles estão errados.

"Mas sei que Deus é tanto com forma como sem forma e Ele pode ter muitos aspectos. Para Ele é possível ser tudo.

(*A Ishani):* "A Chitashakti, Mahamaya, tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos. Um dia quando estava meditando, minha mente foi até a casa de Rashke. É um apanhador de lixo. Disse à minha mente: 'Fique aí, sua enganadora!' A Mãe Divina revelou-me que os homens e mulheres daquela casa eram simples máscaras, dentro delas havia o mesmo Poder Divino, a Kundalini, que se eleva através dos seis centros espirituais do corpo.

'É a energia Primordial homem ou mulher? Um vez em Kamarpukur vi o culto de Kali na casa dos Lahas. Puseram o cordão sagrado[11] na imagem da Mãe Divina. Um homem perguntou: 'Por que puseram o cordão sagrado na Mãe?' O dono da casa disse: 'Irmão, vejo que você compreendeu corretamente a Mãe. Só que eu ainda não sei se a Mãe Divina é homem ou mulher.'

"Dizem que Mahamaya engoliu Shiva. Quando os seis centros n'Ela estavam despertados, Shiva saiu de dentro de Sua coxa. Então Shiva criou a filosofia tântrica.

"Refugie-se na Chishakti, a Mahamaya."

Ishan: "Por favor, conceda-me sua graça."

Mestre: "Diga a Deus com o coração puro, 'Ó Deus, revela-Te a mim', e chore. Ore a Deus, afasta a minha mente de "mulher e ouro", e aprofunde-se. Pode uma pessoa apanhar pérolas apenas flutuando ou nadando na superfície? Deve mergulhar fundo.

"Deve-se obter instrução de um guru. Um vez um homem estava procurando uma imagem de pedra de Shiva. Alguém lhe disse: 'Vá até um certo rio. Aí encontrará uma árvore. Perto dela há um

[11] Ver nota n° 9 do Capítulo XII.

redemoinho. Mergulhe neste ponto e encontrará a imagem de Shiva.' Digo que se deve receber instrução de um mestre."

Ishan: "Isto é verdade, senhor."

Mestre: "É Satchidananda que vem até nós sob a forma de guru. Se um homem for iniciado por um guru humano, não alcançará nada se olhar seu guru como um simples homem. O guru deve ser olhado como a manifestação direta de Deus. Só então, pode o discípulo ter fé no mantra dado por ele. Uma vez que tenha fé, alcança tudo. O shudra Ekalavya aprendeu a manejar o arco e flecha na floresta, diante da imagem de barro de Drona. Adorou a imagem como Drona vivo. Isto foi suficiente para torná-lo capaz de dominar esta arte.

"Não se misture intimamente com pundits Brahmins. Sua única preocupação é ganhar dinheiro. Já vi sacerdotes brahmins recitando o *Chandi* enquanto executavam o swatyayana. É difícil dizer se estavam lendo o livro sagrado ou qualquer outra coisa. Viravam metade das páginas sem as ter lido (*Todos riem*).

"Um cortador de unha pode matar a própria pessoa, mas são necessários a espada e o escudo para matar os outros. Este é o objetivo dos shastras.

"Realmente não se precisa estudar as diferentes escrituras. Se não tiver discriminação, não se consegue nada com simples erudição, mesmo que se estude todos os seis sistemas de filosofia. Chame Deus, chorando por Ele secretamente, em solidão. Ele lhe dará tudo de que necessitar."

Sri Ramakrishna havia ouvido que Ishan estava construindo uma casa às margens do Ganges, para a prática de disciplina espiritual. Perguntou a Ishan, com ansiedade: "A casa já foi construída? Vou dizer-lhe que quanto menos as pessoas souberem de sua vida espiritual, melhor será para você. Devotos dotados de sattva meditam num lugar recluso ou numa floresta, ou retiram-se para o seu interior. Às vezes meditam dentro de um mosquiteiro."

De vez em quando Ishan convidava Hazra para ir até sua casa. Hazra tinha obsessão pela pureza externa. Sri Ramakrishna muitas vezes desencorajava-o neste sentido.

Mestre (*a Ishan*): "Digo-lhe outra coisa. Não exagere na pureza exterior. Um dia, um sadhu teve sede. Um carregador de água estava levando água em seu saco de pele e ofereceu-a ao santo. O sadhu perguntou-lhe se a pele estava limpa. O homem respondeu-lhe: 'Reverenciado senhor, meu saco de pele está perfeitamente limpo, mas dentro de sua pele há todo o tipo de coisas sujas. Por isso posso lhe pedir para beber água de minha pele. Não quero lhe fazer mal.' Por 'sua pele' o carregador referia-se ao corpo, barriga etc.

"Tenha fé no nome de Deus. Então não terá necessidade de ir aos lugares santos."

Sri Ramakrishna cantou, intoxicado pelo fervor divino:

> Por que devo ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas,
> Enquanto eu puder exalar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

Ishan ficou em silêncio.

Mestre (*a Ishan*): "Diga-me se você ainda tem dúvidas."

Ishan: "O senhor disse tudo quando falou de fé."

Mestre: "Deus pode ser realizado somente pela fé verdadeira. A realização é acelerada se você acreditar em tudo a respeito de Deus. A vaca que apanha e escolhe sua comida, dá leite apenas em gotas, mas se comer todos os tipos de plantas, então, seu leite flui em torrente.

"Uma vez ouvi um história. Um homem recebeu ordem de Deus para que visse sua Divindade Ideal num carneiro. Imediatamente acreditou. É Deus que existe em todos os seres.

"Um guru disse a seu discípulo: 'É somente Rama que mora em todos os corpos.' O discípulo era um homem de muita fé. Uma vez um cachorro arrebatou-lhe um pedaço de pão e saiu correndo. Foi atrás dele com um pote de manteiga na mão, gritando repetidas vezes: "Ó Rama, fique quieto por um momento. O pão está sem manteiga."

"Que fé tremenda tinha Krishnakishore! Costumava dizer: 'Ao cantar "Om Krishna, Om Rama", obtém-se o resultado de um milhão de sandhyas.' Uma vez disse-me secretamente: 'Não gosto mais do sandhya e outras devoções, mas não diga isto a ninguém.'

"Às vezes também penso dessa maneira. A Mãe revelou-me que é Ela Própria quem Se tornou tudo. Um dia eu estava vindo do bosque de pinheiros para o Panchavati. Um cachorro seguiu-me. Fiquei quieto por um instante perto do Panchavati. Passou pela minha cabeça o pensamento de que a Mãe poderia dizer-me algo através daquele cachorro.

"Você estava absolutamente certo quando disse que só através da fé uma pessoa atinge tudo."

Ishan: “Mas somos chefes de família.”

Mestre: “O que tem isso? Por Sua graça, mesmo o impossível torna-se possível. Ramprasad cantou: ‘Este mundo é uma mera estrutura de ilusão’- Outro autor compôs uma canção como resposta:

Este mundo é uma mansão e alegria;
Aqui posso comer, aqui bebo e fico feliz.
O poder de Janaka não foi ultrapassado;
O que lhe faltou do mundo ou do Espírito?
Segurando tanto um como o outro,
Bebeu seu leite de uma xícara cheia até a borda!

“Deve-se primeiro realizar Deus através das disciplinas espirituais na solidão e depois, viver no mundo. Somente assim pode-se ser um rei Janaka. Do contrário, o que se pode alcançar?

“Além disso, veja o caso de Shiva. Tem tudo - Kartika, Ganesha, Lakshmi e Saraswati. Quieto, às vezes Ele dança em estado de fervor divino, cantando o nome de Rama e às vezes, fica absorto em samadhi.”

oooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 14

INSTRUÇÃO AOS VAISHNAVAS E BRAHMOS

Domingo, 23 de setembro de 1883

SRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar, com Rakhal, M. e outros devotos. Hazra sentou-se no vestíbulo externo. O Mestre conversava com os devotos.

Mestre (*a um devoto*): "Narendra hoje em dia não gosta nem de você."

(*A M.*): "Por que ele não veio me ver na casa de Adhar?

"Como Narendra é versátil! É prendado em canto, em tocar instrumentos e nos estudos. É independente, não se importa com ninguém. No outro dia, vinha de Calcutá na carruagem do Capitão. O Capitão pediu-lhe para se sentar junto dele, mas Narendra sentou-se do lado oposto. Nem mesmo olhou para o Capitão.

"O que pode um homem conseguir através de simples erudição? São necessárias somente oração e disciplina espiritual. Gauri de Indesh foi ambas as coisas, um erudito e um devoto. Foi adorador da Mãe Divina. De vez em quando era tomado de fervor espiritual. Quando cantava um hino à Mãe, os pundits pareciam vermes ao lado dele. Até eu era tomado pelo êxtase.

"No início foi um adorador beato de Shakti. Costumava apanhar folhas de tulsi[1] com dois paus, a fim de não tocá-las com os dedos. (*Todos riem*). Em seguida foi para casa. Quando regressou já se comportava de modo diferente. Deu interpretações notáveis sobre a mitologia hindu. Dizia que as dez cabeças de Ravana representavam os dez órgãos. Kumbhakarna era o símbolo de tamas, Ravana de rajas e Bibhishana de sattva. É por isso que Bisbhishana foi favorecido por Rama."

Quando o Mestre repousava, após o almoço, Ram, Tarak[2] e uns devotos chegaram de Calcutá.

Nityagopal, Tarak e outros estavam morando com Ram, um discípulo do Mestre, chefe de família. Nityagopal cantava sempre em êxtase. A mente de Tarak dirigia-se quase que o tempo todo para o interior e raramente conversava com as outras pessoas. Ram cuidava das necessidades materiais. De vez em quando Rakhal passava uns dias na casa de Adhar.

Ram (*ao Mestre*): "Temos tomado lições de tambor."

Mestre (*a Ram*): "Nityagopal também?"

Ram: "Não, senhor. Ele toca um pouco."

Mestre: "E Tarak?"

Ram: "Conhece bastante."

Mestre: "Então ele não manterá tanto os seus olhos no chão. Se a mente estiver muito direcionada para outra coisa, não se fixa profundamente em Deus."

Ram: "Estou estudando como tocar o tambor apenas para acompanhar o kirtan."

Mestre (*a M.*): "Ouvi dizer que você também está tomando lições de canto. Não é verdade?"

M.: "Não, senhor, apenas abro a boca de vez em quando."

Mestre: "Você já praticou aquela canção, 'Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor?' Se já, por favor, cante-a. Essa canção expressa perfeitamente o meu ideal."

A conversa voltou-se para o ódio que Hazra sentia por certas pessoas, o que Sri Ramakrishna não aprovava.

Mestre (*aos devotos*): "Eu costumava visitar com freqüência uma certa casa em Kamarpukur. Os meninos da família eram da minha idade. Outro dia vieram aqui e ficaram dois ou três dias comigo. Sua mãe, como Hazra, costumava odiar as pessoas. Algo aconteceu com seu pé e a gangrena tomou conta. Devido ao mau cheiro, ninguém podia entrar no quarto. Contei esse incidente a Hazra e pedi-lhe para não mais odiar ninguém."

---

[1] Estas folhas são sagradas para Vishnu. Um devoto fanático de Shakti odeia tudo o que está associado com Vishnu e vice-versa.

[2] Discípulo monástico de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Shivananda.

À tarde, como Sri Ramakrishna estivesse em pé no canto noroeste do pátio, entrou em samadhi. Naqueles dias o Mestre permanecia quase que sempre em êxtase. Perdia a consciência do mundo à menor sugestão de fora. A não ser com alguma conversa com os devotos visitantes, permanecia em estado introspectivo, incapaz de fazer a adoração diária e as devoções.

Voltando ao plano relativo, começou a falar com a Mãe Divina, ainda de pé, no mesmo lugar onde estava, "Ó Mãe", disse, "a adoração deixou-me e o japa também. Por favor, Mãe, vê que eu não me transforme em algo inerte. Permite que minha atitude para com Deus seja a de um servo para com seu amo. Ó Mãe, deixa-me falar sobre Ti e cantar Teu santo nome. Quero cantar as Tuas glórias. Dá-me um pouco de força no corpo, para que eu possa movimentar-me e ir aos lugares onde Teus devotos vivem e cantam Teu nome."

De manhã Sri Ramakrishna havia ido ao templo de Kali oferecer flores aos pés da Mãe.

O Mestre continuou: "Ó Mãe, ofereci flores a Teus pés esta manhã. Pensei: 'É bom. Minha mente está de novo voltando para o culto formal.' Por que então, estou me sentindo assim, agora? Por que Tu estás me transformando numa espécie de coisa inerte?"

A lua ainda não havia aparecido. Era uma noite escura. O Mestre ainda em estado abstrato, sentou-se no divã pequeno do seu quarto e continuou a conversa com a Mãe Divina. Disse: "Por que esta disciplina especial do Gayatri? Por que este pulo desse telhado até aquele?... Quem disse a ele para fazê-lo? Talvez esteja fazendo por conta própria. ... Bem, praticará um pouco aquela disciplina."

No dia anterior Sri Ramakrishna havia desencorajado Ishan de fazer o culto védico, porque não o achava adequado para o Kaliyuga. Pediu a Ishan para adorar Deus sob a forma da Mãe Divina.

O Mestre disse a M.: "São estas fantasias minhas ou são reais?" M. permaneceu em silêncio. Maravilhado com o relacionamento íntimo que o Mestre tinha com a Mãe Divina, pensou que Ela pudesse estar tanto no nosso interior como no exterior. Na verdade, Ela devia estar muito próxima de nós, senão, por que o Mestre falaria com Ela num sussurro?"

Quarta-feira, 26 de setembro de 1883

Havia alguns devotos com o Mestre, porque a maioria vinha aos domingos. Rakhal e Latu estavam vivendo com ele a maior parte do tempo. M. chegou à tarde e encontrou o Mestre sentado no divã pequeno. A conversa girou em torno de Narendra.

Mestre (*a M.*): "Você tem visto Narendra ultimamente? (*Com um sorriso*) Ele disse a meu respeito: 'Ele ainda vai ao templo de Kali, mas não irá quando compreender realmente.' Seus parentes estão muito descontentes, porque vem aqui de vez em quando. Outro dia chegou numa carruagem alugada, paga por Surendra. A tia de Narendra quase brigou com Surendra por causa disso."

O Mestre levantou-se do divã e foi para a varanda onde Hazra, Krishore, Rakhal e alguns devotos estavam sentados.

Mestre (*a M.*): "Que história é essa de você vir hoje aqui? Não há aula?"

M.: "Nossa escola fechou hoje, a uma e meia."

Mestre: "Por que tão cedo?"

M.: "Vidyasagar visitou a escola. Como é o dono, há meio feriado sempre que ele vem."

Mestre: "Por que Vidyasagar não cumpre sua palavra? 'Se uma pessoa estiver ligada à Verdade e olhar uma mulher como sua mãe e não realizar Deus, então Tulsi é um mentiroso.'[3] Se uma pessoa viver na verdade, certamente realizará Deus. Outro dia Vidyasagar disse que viria aqui visitar-me, mas não cumpriu a palavra.

"Há uma grande diferença entre um erudito e um santo. A mente de um simples erudito está fixa em 'mulher e ouro', mas a mente do sadhu está nos Pés de Lótus de Hari. Um erudito diz uma coisa e faz outra, mas é bem diferente com um sadhu. As palavras e atos de um homem que colocou a mente nos Pés de Lotus de Deus são completamente diferentes. Em Benares vi um jovem sannyasi que pertencia à seita de Nanak. Tinha a mesma idade sua. Costumava referir-se a mim como o 'monge amoroso'. Sua seita possuía um mosteiro em Benares. Uma vez fui convidado para ir lá. Descobri que o mohant era como uma dona de casa. Perguntei-lhe: 'Qual é o caminho?' 'Para o Kaliyuga', disse, 'o caminho da devoção prescrito por Narada.' Estava lendo um livro. Quando terminou, recitou: 'Vishnu está na água, Vishnu está na terra, Vishnu está no alto da montanha: o mundo todo é penetrado por Vishnu.' No final disse: 'Paz! Paz! Paz permanente!'

[3] Citação dos ditos de Tulsidas, grande sábio e poeta.

"Um dia ele estava lendo o *Gita*. Era tão estrito em relação às suas regras monásticas, que não lia um livro santo olhando para um homem do mundo. Virou o rosto para mim e deu as costas para Mathur, que também, se encontrava presente. Foi este santo que me falou do caminho da devoção de Narada, como sendo o adequado para as pessoas do Kaliyuga."

M.: "Não são os sadhus desta classe os seguidores da Vedanta?"

Mestre: "Sim, são eles, mas aceitam também, o caminho da devoção. O fato é que no Kaliyuga não se pode seguir totalmente o caminho prescrito nos Vedas. Certa vez um homem disse que iria fazer o purascharana no Gayatri. Eu disse: 'Por que não o faz de acordo com os Tantras?' No Kaliyuga a disciplina dos Tantras é muito eficaz.'

"É extremamente difícil fazer os ritos prescritos nos Vedas. Além disso, atualmente as pessoas levam a vida de escravos[4]. Está escrito que aqueles que servem os outros, durante doze anos ou mais, tornam-se escravos. Adquirem os traços daqueles a quem serviu. Enquanto servem seus senhores, adquirem rajas, tamas, espírito de violência, amor pelo luxo e outros traços de seus senhores. Não só servem, mas também recebem uma pensão depois do período de trabalho ter terminado.

"Uma vez veio aqui um monge vedantista. Tinha o hábito de dançar sempre que via uma nuvem. Chegava ao êxtase de alegria, com a tempestade. Ficava muito zangado se alguém chegasse perto dele, enquanto meditava. Um dia cheguei, aproximei-me enquanto meditava, o que o fez ficar furioso. Discriminava freqüentemente. 'Só Brahman é real e o mundo ilusório.' Visto que a aparência de diversidade é devida à maya, andava com o prisma de um candelabro na mão. Uma pessoa vê cores diferentes através de um prisma; na realidade não existe tal coisa, a cor. Assim também, nada existe na realidade, exceto Brahman, mas há a aparência do múltiplo, por causa de maya, egoísmo. Não olhava um objeto mais de uma vez, para não ser iludido por maya e apego. Discriminava enquanto tomava banho à vista de pássaros voando. Conhecia gramática. Ficou aqui durante três dias. Um dia ouviu o som de uma flauta perto da amurada e disse que se alguém houvesse realizado Brahman, entraria em samadhi ao ouvir tal som."

Enquanto falava do monge, o Mestre mostrou aos devotos as maneiras e movimentos de um paramahamsa: o jeito de uma criança, o rosto radiante e sorridente, os olhos cheios de alegria e o corpo completamente nu. Sentou-se novamente no divã pequeno e derramou suas palavras arrebatadoras.

Mestre (*a M.*): "Aprendi Vedanta com Nangta: 'Só Brahman é real: o mundo é ilusório.' O mágico faz sua mágica. Faz aparecer uma mangueira que é capaz de dar mangas. Tudo isso, porém, é uma prestidigitação. Só o mágico é real."

M.: "Parece que a vida inteira é um longo sonho. Pelo que compreendo, não vemos as coisas de uma forma correta. Percebemos o mundo com a mente que não pode compreender nem mesmo a natureza do céu. Como podem nossas percepções serem corretas?"

Mestre: "Há uma outra maneira de encarar o assunto. Não vemos o céu de forma correta. Parece como se o céu estivesse tocando o chão no horizonte. Como pode um homem ver direito? Sua mente é delirante, como a de um paciente com tifo."

Com a voz doce, o Mestre cantou:

> Que febre delirante é esta da qual estou sofrendo!
> Ó Mãe! Tua graça é a minha única cura ...

Continuando, o Mestre disse: "Trata-se realmente de um estado de delírio. Veja como os homens brigam entre si. Ninguém sabe porque brigam. Ó como brigam! 'Possa tal e tal coisa acontecer com você!' Quantos gritos! Quantos insultos!"

M.: "Eu disse a Kishore: 'A caixa está vazia, não há nada em seu interior, mas dois homens puxaram-na por ambos os lados, pensando que ela contivesse dinheiro.' Bem, apenas o corpo é a causa de todo este engano, não é? Os jnanis vêem isto e dizem entre si: 'Que alívio uma pessoa sente quando esta fronha, que é o corpo, cai!' "

O Mestre e M. dirigiram-se para o templo de Kali.

Mestre: "Por que você diz estas coisas? O mundo pode ser uma 'estrutura de ilusão', mas diz-se também, que é uma 'mansão de alegria'. Deixe o corpo permanecer. Uma pessoa transforma este mundo numa mansão de alegria."

M.: "Mas onde está a felicidade ininterrupta nesse mundo?"

Mestre: "Sim, onde está?"

---

[4] Talvez o Mestre estivesse referindo-se ao governo estrangeiro na Índia.

Sri Ramakrishna ficou de pé em frente do santuário de Kali. E prosternou-se ante a Mãe Divina. M. acompanhou-o. O Mestre sentou-se na parte mais baixa, defronte ao santuário, olhando a imagem cheia de bem-aventurança e encostou-se no pilar do natmandir. Usava um xale de franja vermelha que estava parte em seu ombro e parte, para trás. M. sentou-se ao seu lado.

M.: " Uma vez que não há felicidade ininterrupta neste mundo, por que uma pessoa toma um corpo? Sei que o corpo é feito somente para colher resultados das ações passadas, mas quem sabe que tipo de ação está praticando agora? A parte infeliz é que estamos sendo esmagados."

Mestre: "Se uma ervilha cai no lixo, não obstante cresce como um pé de ervilha."

M.: "Mas ainda há os oito elos."

Mestre: "Não são oito elos, são oito grilhões. Mas, e daí? Estes oito grilhões caem num segundo, pela graça de Deus. Sabe como é? Suponhamos que um aposento fique no escuro por mil anos. Na hora em que a luz é trazida para dentro dele, a escuridão desaparece. Não aos poucos. Já viu o que o mágico faz? Pega uma corda com muitos nós e amarra uma extremidade em alguma coisa, segurando a outra. Sacode então, a corda uma a duas vezes e, imediatamente, todos os nós se desfazem, mas uma outra pessoa não consegue desatar os nós, por mais que tente. Todos os nós da ignorância desfazem-se num piscar de olhos pela graça do guru.

"Bem, pode dizer-me porque Keshab Sen mudou tanto ultimamente? Costumava vir aqui com muita freqüência. Aprendeu como inclinar-se profundamente ante um santo. Um dia disse-me que não se deve saudar um santo da maneira como ele vinha fazendo. Harish diz, com muito acerto: 'Todos os cheques têm que ser aprovados aqui, Só então serão descontados no banco.' " (*Risada*).

M. ficou com a respiração em suspenso ao ouvir estas palavras. Começou a compreender que Satchidananda na forma do guru, passa o "cheque".

Mestre: "Não raciocine. Quem pode conhecer Deus? Ouvi de Nangta uma vez por todas que este universo inteiro é apenas um fragmento de Brahman.

"Hazra é dado a muito cálculo. Diz: 'Tanto Deus tornou-Se o universo e tanto d'Ele é o equilíbrio.' Minha cabeça dói com seus cálculos. Sei que não sei nada. Às vezes penso que Deus é bom e às vezes, que é mau. O que posso saber d'Ele?"

M.: 'É verdade, senhor. Pode alguém alguma vez conhecer Deus? Cada um pensa segundo sua inteligência limitada, que compreendeu tudo a cerca de Deus. Como o senhor diz, uma formiga foi até uma colina de açúcar e vendo que um grão foi suficiente para encher seu estômago, pensou que na próxima vez, levaria a colina inteira para seu formigueiro."

Mestre: "Quem pode alguma vez conhecer Deus? Eu nem tento. Apenas chamo-O de Mãe. Deixe a Mãe fazer o que Ela quiser e eu A conhecerei se for este o Seu desejo, mas ficarei feliz em permanecer ignorante, se Ela assim o quiser. Minha natureza é a do gatinho. Ele apenas chora: 'Miau! Miau!' O resto ele deixa com sua mãe. A mãe gata põe seu filhote às vezes na cozinha e às vezes, na cama do patrão. A criança pequena só quer sua mãe. Não sabe quão rica sua mãe é, nem mesmo quer sabê-lo. Apenas sabe. 'Tenho mãe, por que haveria de me preocupar? Mesmo o filho de uma empregada sabe que tem mãe. Se brigar com o filho do patrão diz, 'Vou contar à minha mãe. Tenho mãe.' Minha atitude, também é a de uma criança."

Subitamente Sri Ramakrishna percebeu a atenção de M. e disse, tocando seu peito, "Bem, deve haver alguma coisa aqui. Não é assim?"

M. olhava maravilhado para o Mestre. Disse para si mesmo: "A Própria Mãe mora no coração do Mestre? Foi a Mãe Divina que assumiu este corpo humano para o bem da humanidade?"

Sri Ramakrishna orava para a Mãe Divina. "Ó Mãe! Ó Encarnação do Om! Mãe, quantas coisas as pessoa dizem a Teu respeito! Mas não compreendo nenhuma delas. Nada sei, Mãe. Tomei refúgio aos Teus pés. Busquei a Tua proteção. Ó Mãe, oro somente para que eu possa ter puro amor por Teus pés de Lótus, amor que não pede retorno, mas não me iludas com Tua maya que enfeitiça o mundo. Procuro Tua proteção, refugiei-me em Ti."

O culto da tarde nos templos havia terminado. Sri Ramakrishna estava outra vez sentado em seu quarto, com M.

M. vinha visitando o Mestre nos últimos dois anos e havia recebido sua graça e bênçãos. Havia aprendido que Deus era tanto com forma como sem forma e que Ele assumiu formas para o bem de Seus devotos. Ao adorador do Deus sem forma, o Mestre disse, "Agarre-se à sua convicção, mas lembre-se de que tudo é possível para Deus. Ele tem forma, mas é, também, sem forma e ainda pode ser muitas coisas mais."

Mestre (*a M.*): "Você aceitou um ideal, aquele de Deus sem forma – não é assim?"

M.: "Sim, senhor, mas também creio no que o senhor diz – que tudo é possível para Deus. É bem possível para Deus ter formas."

Mestre: "Bom. Lembre-se mais, que como Consciência, Ele penetra todo o universo dos vivos e não vivos."

M.: "Penso n'Ele como a consciência dos seres conscientes."

Mestre: "Aferre-se a esse ideal agora. Não há necessidade de forçar nada sem mudar sua atitude. Gradualmente chegará a realizar que a consciência nos seres conscientes é a Consciência de Deus. Só Ele é Consciência.

"Vou perguntar-lhe uma coisa. Sente-se atraído por dinheiro e riqueza?"

M.: "Não, senhor, mas gostaria de ganhar dinheiro a fim de ficar livre de ansiedade e poder pensar em Deus sem preocupações."

Mestre: "Ó, isto é perfeitamente natural."

M.: "Isto é ganância? Não penso que seja."

Mestre: "Você está certo. De outro modo, quem cuidará de seus filhos? O que vai acontecer com eles, se sentir que não é o que faz?"

M.: "Ouvi dizer que uma pessoa não pode alcançar o Conhecimento, enquanto tiver a consciência do dever. O dever é como o sol abrasador."

Mestre: "Conserve a atitude atual. Será diferente quando a consciência do dever cair por si só."

Ficaram em silêncio por alguns minutos.

M.: "Entrar no mundo depois de ter alcançado apenas o conhecimento parcial! Ora! É como morrer com plena lucidez como um doente de cólera!"

Mestre: "Ó Ram! Ram!"

A idéia na mente de M. era que, assim como um paciente de cólera sente uma dor cruciante na hora da morte, porque retém a consciência, o jnani com conhecimento parcial deve sentir-se extremamente miserável levando a vida do mundo, que sabe ser ilusória."

M.: "As pessoas completamente ignorantes são como pacientes de tifo, que permanecem inconscientes na hora da morte e então, não sentem dor."

Mestre: "Diga-me, o que uma pessoa consegue com dinheiro? Jayagopal Sen é um homem muito rico, mas queixa-se que seus filhos não o obedecem."

M.: "É a pobreza a única coisa dolorosa neste mundo? Há as seis paixões, doenças e mágoas."

Mestre: "E também, nome e fama, o desejo de ganhar reconhecimento dos outros. Bem, qual a atitude que você acha que eu tenho?"

M.: "É como aquela de um homem que acabou de despertar. Tem consciência de si mesmo. O senhor está sempre unido a Deus."

Mestre: "Você às vezes sonha comigo?'

M.: "Sim, senhor. Muitas vezes."

Mestre: "Como? Sonhou comigo dando-lhe instrução?"

M. permaneceu em silêncio.

Mestre: "Se alguma vez você me viu instruindo-o, então saiba que o Próprio Satchidananda é quem o está fazendo."

M. relatou a Sri Ramakrishna suas experiências de sonho, que ele escutou com atenção.

Mestre (*a M.*): "É muito bom. Não raciocine mais. Você é um seguidor de Shakti."

Quarta-feira, 10 de outubro de 1883

Adhar havia convidado o Mestre para ir à sua casa por ocasião do festival do Durga Puja. Era o terceiro dia do culto da Mãe Divina. Quando Sri Ramakrishna chegou à casa de Adhar, encontrou Sarada, amigo de Adhar, o pai de Balaram vizinhos e parentes de Adhar já esperando por ele.

O Mestre foi para o átrio de adoração assistir ao culto da tarde. Quando acabou, permaneceu ali num estado abstrato e cantou em louvor à Mãe Divina:

De minha profunda aflição, salva-me, Ó Redentora!
Estou atemorizado com as ameaças do Rei da Morte
Abandonado à minha sorte, morrerei brevemente
Salva-me, Ó, salva-me agora, eu imploro!

Mãe de todos os mundos! Tu, Suporte da humanidade
Tu, Feiticeira de todos, Mãe de tudo o que tem vida!

A encantadora Radha de Vrindavan és Tu,
A mais querida companheira do Amado de Braja.

Bem-aventurada companheira de Krishna, bem nascida da lila de Krishna,
Filha de Himalaia, a principal das gopis, bem amada de Govinda!
Ganga sagrado! Doadora de Liberação!
Shakti! O universo canta Tuas glórias,

Tu és a Esposa de Shiva, a Sempre abençoada, o Todo;
Às vezes Tu tomas forma, às vezes és Absoluta.
Eterna Amada de Mahadeva,
Quem pode compreender Tuas glórias infinitas?

O Mestre foi para a sala de visitas de Adhar, no segundo andar e sentou-se, cercado pelos convidados. Ainda em estado de fervor divino, disse: "Senhores, já comi. Vão, agora, aproveitar a festa." Estava o Mestre sugerindo que a Mãe Divina havia participado da oferenda de Adhar? Será que ele se identificara com a Mãe Divina e por isso, havia dito, "Já comi"?

Então, dirigindo-se à Mãe Divina, continuou: "Devo comer, Ó Mãe? Ou vás Tu comer? Ó Mãe, a verdadeira Encarnação do Vinho da Bem-aventurança Divina!" Estava o Mestre considerando-se uno com a Mãe Divina? Tinha a Mãe Se encarnado como o Filho para instruir a humanidade nos caminhos de Deus? Seria por acaso que o Mestre dissera, "Já comi?"

Naquele êxtase, Sri Ramakrishna viu os seis centros do seu corpo e a Mãe Divina morando neles. Entoou uma canção sobre este fato:

Novamente cantou:

Minha mente está maravilhada,
Ponderando a respeito do mistério da Mãe;
Seu próprio nome remove
O medo de Kala, a própria Morte,
Sob Seus Pés jaz Maha-Kala.

Por que Sua cor é kala, negra?
Muitas são as formas negras, mas Ela
Aparece espantosamente negra;
Quando contemplada no coração.
Ilumina o lótus que ali floresce.

Sua forma é negra e Ela é chamada
Kali, a Negra, mais negra do que o negro
É Ela! Olhando-A,
O homem fica enfeitiçado para todo o sempre;
Nenhuma outra forma pode ele desfrutar.

Maravilhado Ramprasad pergunta:
Onde mora esta Mulher tão fascinante?
Ao seu simples nome, a mente dele
Torna-se imediatamente absorto n'Ela,
Embora ele jamais a tenha visto.

O medo dos devotos desaparece se somente procurarem abrigo aos pés da Mãe Divina. Foi por isso que o Mestre entoou a canção abaixo?

Entreguei minha alma aos pés intrépidos da Mãe:
Vou ainda ter medo da Morte?
No tufo de cabelo da minha cabeça
Está preso o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.
Vendi meu corpo no mercado do mundo.
E com ele comprei o nome de Sri Durga.

No fundo do meu coração plantei o nome de Kali.
A Árvore celestial que satisfaz todos os Desejos:
Quando Yama, o Rei da Morte aparecer.
Abrirei meu coração para ele e lhe mostrarei que ela cresceu ali.

Joguei fora meus seis inimigos flageladores[5],
Pronto estou para navegar no oceano da vida.
Gritando, "Salve Durga!"

Sarada estava desolado com a morte de seu filho. Adhar então, levou-o a Dakshineswar, para visitar o Mestre. Sarada era devoto de Sri Chaitanya. Sri Ramakrishna olhou para ele e ficou inspirado com o ideal de Gauranga.

Cantou: [6]

Por que meu corpo ficou tão dourado? Não é tempo disso ocorrer:
Muitas épocas devem passar, antes que eu apareça como Gauranga.
Agora na era de Dwapara, Meu jogo ainda não terminou:
Quão estranha é esta transformação!
O pavão brilha todo em ouro, e dourado o cuco também reluz!
Tudo em volta de Mim transformou-se em ouro! Nada mais aparece
Tudo é ouro em qualquer lugar que eu olhe.
O que significa este milagre, que tudo o que vejo é ouro?
Ah, agora posso adivinhar Seu significado
Radha veio para Mathura[7] e é por isso que Minha pele é dourada.
Pois ela é brahmara[8] e assim, deu-Me sua cor.
Azul escuro era meu corpo até agora, no entanto, num piscar de olhos
Transformou-se em ouro. Tornei-Me Radha apenas contemplando-a?
Não posso imaginar onde estou – em Mathura ou Navadvip.
Mas pode isso acontecer?
Ainda não tinha Balarama nascido como Nitai, nem Narada
Havia se tornado Shrivas, nem Yashoda como Mãe Sachi retornara.
Por que deveria eu, dentre todos, assumir sozinho a face dourada?
Nem ainda o Pai Nanda nascera como Jagannath;[9] por que
Serei eu assim transformado em ouro?
Talvez porque em Mathura a suave Radha apareceu. Minha pele
Pediu emprestada a matiz dourada de Gauranga.

Sri Ramakrishna cantou novamente, ainda tomado pelo ideal de Gauranga:

Com certeza Gauranga está perdido em êxtase de felicidade:
Em exuberante estado de alegria, ri e chora, dança e canta.
Toma um pedaço de madeira por Vrindavan, o Ganges pelo azul Jamuna:
Em voz alta soluça e chora. Contudo, embora seja todo de ouro por fora,
É negro por dentro – negro como a negrura de Krishna!

O Mestre continuou cantando, assumindo a atitude de uma devota plena de amor por Gauranga:

Por que meus vizinhos fazem tanto escândalo?
Por que jogam difamações em mim.
Simplesmente por causa de Gauranga?
Como podem compreender meus sentimentos?
Como posso alguma vez explicar?
Poderei jamais explicar?
Meu Deus, para quem explicarei isso?
Ah, eles me fazem morrer de vergonha!

Uma vez na casa de Shrivas.
Gora estava cantando o kirtan em voz alta.
Quando no chão do pátio,
Caindo, ele rolou em êxtase.
Eu, que estava em pé perto dele,
Vendo onde ele jazia em transe.
Subitamente perdi todo sentido externo.
Até que a esposa de Shrivas me reviveu.

[5] As seis paixões.

[6] A canção representa as palavras de Gauranga no estado de Krishna. Gauranga, que tinha a pele dourada, é considerado uma Encarnação de Krishna.

[7] Capital do reino de Krishna, onde Ele viveu depois de deixar Vrindavan.

[8] Segundo uma lenda hindu, a barata ao meditar num brahmara, transforma-se nele.

[9] Sachi e Jagannath eram os pais de Gauranga; Yashoda e Nanda eram os pais de Krishna.

Outro dia, na procissão do bhakta,
Gora cantava docemente o kirtan:
Abraçando os párias contra o peito.
Abrandou os corações dos incrédulos.
No mercado de Nadia
Cantou o santo nome do Senhor Hari,
Seguiu a multidão e bem de perto
Conseguiu um lampejo dos Seus pés de ouro.

Certa vez ficou à margem do Ganges
Como corpo brilhante como o sol e a lua,
Encantando a todos com sua beleza.
Eu também vim apanhar um pouco de água,
Ao olhar de um lado.
Minha jarra de água escorregou e caiu.
Minha cunhada, a bisbilhoteira, viu-me
E agora ela espalha a notícia por todos os cantos.

O pai de Balaram era vaishnava; por esta razão cantou o amor divino das gopis por seu amado Krishna:

Não encontrei meu Krishna, Ó amigo! Como triste ficou meu lar sem Ele!
Ah, se Krishna pudesse apenas ser o cabelo de minha cabeça.
Cuidadosamente eu o penteaaria e o enfeitaria como flores de bakul;
Cuidadosamente faria as tranças do meu Krishna
Krishna é negro e negro é meu cabelo; negro será uno com o negro!
Ah, se Krishna pudesse apenas ser a argola que uso no nariz.
Sempre ficaria dependurado e meus lábios poderiam tocá-Lo.
Mas isto jamais acontecerá. Ó! Por que sonharia indolentemente?
Por que Krishna se importaria em ser a argola do meu nariz?
Ah, se Krishna pudesse apenas ser as pulseiras nos meus braços.
Ele sempre estaria preso nos meus pulsos e eu orgulhosamente andaria,
Sacudiria meus braceletes para fazê-los soar, agitando meus braços para mostrá-los;
Pela estrada real andaria usando os braceletes do meu Krishna.

O pai de Balaram era dono de propriedades em diversos lugares de Orissa. Membro ortodoxo da seita vaishnava, havia construído templos e distribuía alimento aos peregrinos e diversos lugares sagrados. Estava passando os últimos dias de sua vida em Vrindavan. Os vaishnavas, em sua maioria, são muito limitados em seus pontos de vista religiosos. Alguns alimentam sentimentos maus em relação aos seguidores dos Tantras e da Vedanta, mas Sri Ramakrishna jamais encorajou tal ponto de vista estreito. Segundo seus ensinamentos, pela sinceridade e anelo, todos os amantes de Deus um dia atingirão a mesma meta. O Mestre deu início à conversa a fim de alargar os pontos de vista religiosos do pai de Balaram.

Mestre (*a M.*): "Uma vez pensei, 'Por que deveria ser unilateral?' Por conseguinte, fui iniciado no vaishnavismo em Vrindavan e tomei a roupa de monge. Passei três dias praticando sua disciplina. Também em Dakshineswar fui iniciado no mistério do culto de Rama. Pintei a testa com uma grande marca e pus um colar com um diamante no meu pescoço, mas depois de alguns dias, desisti de tudo.

"Um certo homem possuía uma tina. As pessoas vinham para tingir suas roupas. A tina continha uma tintura. Qualquer cor que se desejasse, seria obtida, mergulhando o tecido nela. Alguém ficou admirado ao ver e disse ao tintureiro: 'Por favor, dê-me a tintura que o senhor possui em sua tina.' "

Estava o Mestre sugerindo que as pessoas que professassem religiões diferentes viriam a ele e teriam sua consciência despertada, segundo seus próprios ideais?

Mestre (*ao pai de Balaram*): "Não leia mais nada. O senhor pode ler livros sobre devoção, como a vida de Chaitanya.

"O importante é amar a Deus e provar Sua doçura. Ele é a doçura e o devoto é aquele que desfruta dela. Os devotos bebem a doce Felicidade de Deus. Também Deus é o lótus e o devoto, a abelha. O devoto suga o mel do lótus.

"Assim como o devoto não pode viver sem Deus, também Deus não pode viver sem Seu devoto. Então o devoto torna-se a doçura de Deus, Aquele que desfruta dela. O devoto torna-se o lótus e Deus,

a abelha. É a Divindade que Se tornou esses dois a fim de gozar Sua própria Felicidade. Este é o significado do episódio de Radha e Krishna.[10]

"No início de sua prática espiritual o devoto deverá observar ritos como peregrinação, usar rosário em torno do pescoço etc., mas estas observâncias externas gradualmente cairão à medida que atinge a meta, a visão de Deus. Sua única atividade é a repetição do nome de Deus, contemplação e meditação.

"Os pennies equivalentes a dezesseis rupias formam um grande monte, mas dezesseis moedas de prata não parecem uma grande quantidade. A quantidade torna-se menor se trocar as dezessete rupias por um mohur de ouro. Dificilmente nota-se a troca de ouro por um diamante pequeno.

"Os vaishnavas ortodoxos insistem na forma exterior de religião. Criticam qualquer devoto que não apresente esses sinais. Seria por esta razão que o Mestre dizia que, após a visão de Deus, o devoto torna-se indiferente às marcas exteriores, deixando o culto formal, ao alcançarem a meta espiritual?

Mestre (*ao pai do Balaran*): "Os Kartabhajas agrupam os devotos em quatro categorias: o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. O pravartaka, o iniciante, coloca a marca de sua religião na testa, usa um rosário em volta do pescoço e observa outras convenções exteriores. O sadhaka, o devoto que luta muito, não se importa muito por ritos elaborados. Um exemplo deste tipo é o Baul. O siddha, o perfeito, acredita firmemente que Deus existe. O siddha do siddha, o perfeito supremo como Chaitanya, não só realizou Deus, mas também tornou-se íntimo d'Ele e conversou com Ele o tempo todo. Este é o último limite de realização.

"Há muitos tipos de aspirantes espirituais. Os dotados de sattva fazem suas práticas espirituais em segredo. Parecem pessoas comuns, mas meditam dentro do mosquiteiro.

"Aspirantes dotados de rajas, exibem pompa exterior – um rosário ao redor do pescoço, um sinal na testa, um manto ocre, uma roupa de seda, rosário com uma conta de ouro e assim por diante. São como negociantes, mostrando suas mercadorias com cartazes.

"Todas as religiões e caminhos aconselham seus seguidores orar para um e mesmo Deus. Por conseguinte, não se deve desrespeitar qualquer religião ou opinião religiosa. É somente Deus que é chamado de Satchidananda Brahman nos Vedas. Satchidananda Krishna nos Puranas e Satchidananda Shiva nos Tantras. É um e mesmo Satchidananda.

"Há diferentes seitas vaishnavas. Aquele que é chamado Brahman nos Vedas é chamado Alekh – Niranjan por uma seita vaishnava. 'Alekh' significa aquele que não pode ser indicado ou percebido pelos órgãos dos sentidos. Segundo essa seita, Radha e Krishna são apenas duas borbulhas do Alekh.

"Segundo a Vedanta[11] não existe Encarnação de Deus. Os vedantistas dizem que Rama e Krishna são apenas duas ondas no Oceano de Satchidananda.

"Na realidade não há dois. Há somente o Uno. Um homem pode chamar Deus por qualquer nome e se for sincero em suas orações, certamente O alcançará. Terá sucesso se tiver anelo."

Enquanto Sri Ramakrishna falava aquelas palavras aos devotos, foi tomado pelo fervor divino. Descendo à consciência parcial, perguntou ao pai de Balaram: "O senhor é o pai de Balaram?"

Todos estavam sentados em silêncio. O idoso pai de Balaram silenciosamente passava o rosário.

Mestre (*a M. e outros*): "Bem, estas pessoas praticam tanto japa e vão a tantos lugares sagrados, mas por que continuam assim? Por que não fazem progresso? No caso delas parece como se o ano tivesse dezoito meses.

"Uma vez eu disse a Harish: 'Qual a vantagem de ir a Benares se não se sente inquietude por Deus? E, se houver esse anelo então, aqui mesmo é Benares.'

As pessoas fazem tantas peregrinações e repetem tanto o nome de Deus, mas por que não realizam algo? É porque não possuem desejo ardente por Deus. Deus revela-Se ao devoto somente se ele O chamar com o coração anelante.

"No início do yatra, observa-se alvoroço no palco. Neste momento não se vê Krishna. Em seguida o sábio Narada, entra com a flauta e canta com anelo: 'Ó Govinda! Ó Vida minha! Ó Alma minha!' Então Krishna não pode permanecer afastado por mais tempo e aparece com os pastores.

Terça-feira, 16 de outubro de 1883

[10] De acordo com certa escola da religião vaishnava, o próprio Deus Supremo tornou-Se Radha e Krishna, a fim de desfrutar a ventura de Sua comunhão mútua.

[11] Referência à Vedanta Advaita.

Sri Ramakrishna estava em seu quarto com Rakhal, o pai de Balaram, Beni Pal, M., Mani Mallick, Ishan, Kishori e outros devotos.

Mestre: "Os devotos que têm mente aberta, aceitam todas as formas de Deus: Krishna, Kali, Shiva, Rama etc."

Pai de Balaram: "Sim, senhor. É como a mulher que reconhece o marido, não importa a roupa que ele use."

Mestre: "Mas há uma coisa chamada nishtha, devoção com um só objetivo em mente. Quando as gopis foram para Mathura, viram Krishna com um turbante na cabeça. A isto baixaram os véus e disseram: 'Quem é este homem? Onde está nosso Krishna, com pena de pavão na cabeça e roupa amarela?' Hanuman também tinha aquela devoção firme. Veio para Dwaraka, no ciclo de Dwapara. Krishna disse a Rukmini, Sua rainha, 'Hanuman não ficará satisfeito a não ser que veja a forma de Rama'. Por isso, para agradar Hanuman, Krishna assumiu a forma de Rama.

"Mas, meu caro senhor, encontro-me num estado mental estranho. A mente desce com freqüência do Absoluto para o Relativo e novamente, sobe do Relativo para o Absoluto.

"Atingir o Absoluto chama-se Conhecimento de Brahman, mas que é extremamente difícil de ser conseguido. Não se adquire o Conhecimento de Brahman a não ser que se liberte completamente do apego ao mundo. Quando a Mãe Divina nasceu como filha do rei Himalaia, mostrou Suas várias formas ao Seu pai. O rei disse: 'Quero ver Brahman'. Imediatamente a Mãe Divina falou: 'Pai, se este é o seu desejo, então deve procurar a companhia dos santos. Deve ficar na solidão, longe do mundo e de vez em quando, viver em companhia santa.'

"O múltiplo originou-se apenas do Uno, o Relativo, do Absoluto. Há um estado de consciência em que a pluralidade desaparece e o Uno, igualmente; porque o múltiplo existe enquanto o Uno existir. Brahman é incomparável. É impossível explicar Brahman por analogia. É como a luz e a escuridão. Ele é a Luz, mas não a luz que percebemos, não a luz material.

"Quando Deus muda meu estado mental, quando traz minha mente para o plano Relativo, percebo que Ele é quem Se tornou tudo isto – o Criador, maya, os seres vivos e o universo.

"Algumas vezes também, Ele mostra-me que criou o universo e todos os seres vivos. Ele é o Senhor e o universo, Seu jardim.

"Ele é o Senhor e o universo e todos os seres vivos pertencem-Lhe – isto é Conhecimento. 'Sou o que faz', 'sou o guru', 'sou o pai'- é ignorância. 'Esta é minha casa; esta é minha família; esta é minha riqueza; estes são meus parentes'- isto é, também, ignorância."

Pai de Balaram: "É verdade, senhor."

Mestre: "Enquanto não sentir que Deus é o Senhor, tem que voltar ao mundo, tem que nascer repetidas vezes. Não haverá renascimento quando puder verdadeiramente dizer, 'Ó Deus, Tu és o Senhor'. Enquanto não puder dizer, 'Ó Senhor, Tu apenas és Real', não poderá libertar-se da vida do mundo. Esta ida e vinda, este renascimento é inevitável. Não haverá liberação. Além disso, o que se pode conseguir apenas dizendo, 'Isto é meu?' O administrador de uma fazenda pode dizer, 'Esse é o nosso jardim, essas são nossas camas e mobília', mas quando o patrão o despede, não tem direito de levar nem uma caixa de madeira de mangueira, sem valor, que lhe foi dada para seu uso.

"O sentimento 'eu' e 'meu' encobriu a Realidade. Por causa disso não podemos ver a Verdade. Não é possível atingir Chaitanya, a Consciência Divina, sem o conhecimento de Advaita, a Não-dualidade. Depois de realizar Chaitanya, experimenta-se Nityananda, a Eterna Felicidade. Desfruta-se esta Felicidade depois de atingir o estado de paramahamsa.

"A Vedanta não reconhece a Encarnação de Deus. Segundo ela, Chaitanyadeva é somente uma borbulha do Brahman não-dual.

"O senhor sabe como se parece a visão da Consciência Divina? É como a súbita iluminação de um quarto escuro quando um fósforo é aceso.

"A Encarnação de Deus é aceita por aqueles que seguem o caminho da bhakti. Uma mulher pertencente à seita Kartabhaja observou meu estado e comentou: 'O senhor tem realização interior. Não dance nem cante demais. As uvas maduras devem ser preservadas cuidadosamente em algodão. A sogra diminui as atividades da nora quando ela está grávida. Uma característica da realização de Deus é que as atividades de um homem com tal realização caem gradualmente. Dentro desse homem (querendo dizer o próprio Sri Ramakrishna) está a jóia real.'

"Olhando-me comer, ela disse: 'É o senhor mesmo que está comendo ou está alimentando uma outra pessoa?'

"O sentimento do ego encobriu a Verdade. Narendra uma vez disse: 'À medida que o "eu" de um homem retrocede, o "Eu" de Deus aproxima-Se.' Kedar diz: 'Quanto mais argila há no jarro, menos água ele retém.'

"Krishna disse a Arjuna: 'Irmão, você não Me realizará se possuir apenas um dos oito siddhis'. Eles só dão um pouco de poder. Com o poder de curar e coisas semelhantes, pode-se fazer um pouco de bem aos outros, não é verdade?

"Por conseguinte, oro à Mãe Divina apenas por puro amor, um amor que não espera retribuição. Jamais pedi poderes ocultos."

Enquanto assim falava, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. Permaneceu imóvel, completamente esquecido do mundo exterior. Depois, descendo ao mundo dos sentidos, cantou:

Ah, amigo! Não O encontrei ainda, cujo amor me enlouqueceu. ...

A pedido do Mestre, Ramlal entoou uma canção, descrevendo como Chaitanya abraçou a vida monástica:

Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati[12].
Gora em sua graça incomparável
Derramando lágrimas em milhares de torrentes!
Como um elefante louco
Dança em êxtase e canta,
Embriagado por um amor arrebatador.

Rolando pelo chão e nadando em suas lágrimas,
Chora e grita o nome do Senhor Hari.
Cortando os próprios céus com seus gritos
Estrondosos como o rugir de um leão;
Logo muito humildemente implora o amor dos homens,
Para sentir-se o servo de Deus.

Com a cabeça raspada, vestiu a roupa ocre do yogi:
Mesmo o mais duro coração há de se derreter
Ao ver meu amor puro e celestial.
Ferido pela tristeza dos homens.
Ele abandonou tudo
E derrama amor ilimitadamente.
Ó, se pudera Premdas ser seu escravo e passando de porta em porta.
Cantando o louvor sem fim.

O Mestre pediu a Mani Mallick para citar as palavras de Tulsidas em que ele diz que aquele que desenvolveu amor por Deus não pode mais fazer diferença de casta.

Mani: "A garganta do chatak está sedenta. Por todos os lados estão as águas do Ganges, do Jamuna, do Saraju e de inúmeros rios e lagos, mas o pássaro não tocará nenhuma delas. Olha somente para cima, ansioso pela chuva que cai quando a estrela Svati estiver no ascendente.' "

Mani: "Isto significa que só o amor pelos Pés de Lótus de Deus é real e tudo o mais ilusório."

Mani: "Tulsi também disse: 'Ao toque da pedra filosofal, os oito metais tornam-se ouro. Assim também, até o açougueiro e o intocável tornam-se puros com a repetição do nome de Hari. Sem o nome de Hari as pessoas das quatro castas são apenas açougueiros."

Mestre: "O couro do traseiro que as escrituras proíbem tocar, pode ser levado para o templo depois de ter curtido.

"O homem torna-se puro, repetindo o nome de Deus. Por conseguinte, deve-se praticar o canto do nome de Deus. Eu disse à mãe de Jadu Mallick: 'Na hora da morte pensará apenas em coisas mundanas – família, filhos, testamento etc. O pensamento de Deus não lhe virá à mente. O modo de se lembrar de Deus na hora da morte, é praticar, agora, a repetição de Seu nome e o canto de Suas glórias. Se uma pessoa mantiver essa prática então, na hora da morte, repetirá o nome de Deus. Quando o gato pula em cima do pássaro, este apenas pia e não diz: 'Rama, Rama, Hare-Krishna'.

"É bom preparar-se para a morte. Devemos sempre pensar em Deus e cantar Seu nome em solidão nos últimos anos de vida. Se o elefante for colocado no estábulo depois do banho, não ficará outra vez coberto de sujeira e poeira."

[12] Mestre monástico de Sri Chaitanya.

O pai de Balaram, Mani Mallick e Beni Pal eram idosos. Será que o Mestre dera esta recomendação especialmente para benefício deles?

Mestre: "Por que lhes peço para pensar em Deus e cantar Seu nome na solidão? Vivendo no mundo, dia e noite, uma pessoa fica cheia de preocupações. Já observaram o caso do irmão matando irmão por causa de um pedaço de terra? Os Sikhs disseram-me: 'As causas de toda preocupação e confusão são três: terra, mulher e dinheiro.'

"Vocês estão levando a vida de chefe de família. Por que teriam medo do mundo? Quando Rama disse a Dasharatha que iria renunciar ao mundo, isto preocupou muito Seu pai e o rei pediu conselho a Vashishtha. Este disse a Rama: 'Rama, por que Você renunciaria ao mundo? Raciocine comigo. É este mundo exterior a Deus? O que há para renunciar e o que há para aceitar? Nada existe a não ser Deus. É somente Brahman que aparece como Ishvara, maya, seres vivos e o universo."

Pai de Balaram: "É difícil, senhor."

Mestre: "Enquanto o aspirante praticar disciplina espiritual, considera o mundo como uma 'estrutura de ilusão'. Depois de alcançar o Conhecimento, a visão de Deus, este próprio mundo torna-se para ele a 'mansão de alegria'.

"Está escrito nos livros vaishnavas: 'Só se pode alcançar Deus por meio da fé; o raciocínio o empurra para muito longe'. Somente fé!

"Que fé tinha Krishnakishore! Em Vrindavan um pária tirou água de um poço para ele. Krishnakishore disse-lhe: 'Repita o nome de Shiva.' Depois que o homem assim o fez, Krishnakishore sem hesitar bebeu a água. Costumava dizer, 'Se um homem cantar o nome de Deus, ainda precisa gastar dinheiro para expiação de seus pecados? Que bobagem!' Estava admirado ao ver as pessoas adorando Deus com a sagrada folha de tulsi, a fim de curar suas doenças. No ghat de banho aqui, disse-nos: 'Por favor, abençoe-me para que eu possa passar os dias repetindo o nome sagrado de Rama.' Sempre que eu ia à sua casa, dançava com alegria ao me ver. Rama disse a Lakshmana, 'Irmão, sempre que você encontrar uma pessoa cantando e dançando em êxtase de amor divino, tenha por certo que Eu estou ali.' Chaitanya é um exemplo desse tipo de amor. Ria, chorava, dançava e cantava em êxtase divino. Era uma Encarnação. O Próprio Deus encarnou-Se através de Chaitanya."

Sri Ramakrishna entoou uma canção descrevendo o amor divino de Chaitanya. Depois o pai de Balaram, Mani Mallick, Beni Pal e vários outros devotos despediram-se do Mestre.

À tarde chegaram os devotos de Kansaritola, Calcutá. O Mestre dançou e cantou com eles em êxtase. Depois de dançar, entrou em samadhi e disse: "Irei parte do caminho sozinho." Kishore veio massagear seus pés, mas o Mestre não permitiu que ninguém o tocasse.

Ishan chegou. O Mestre estava sentado ainda em estado espiritual. Depois de um certo tempo, começou a conversar com Ishan. Era desejo de Ishan praticar o purashcharana do Gayatri.

Mestre (*a Ishan*): "Siga sua própria instrução. Espero que não haja mais dúvida em sua mente. Ainda há alguma? O caminho dos Vedas não é para o Kaliyuga. O caminho eficaz é dos Tantras."

Ishan: "Quase decidi fazer uma cerimônia de expiação."

Mestre: "Você está querendo dizer que não se pode seguir o caminho dos Tantras? Aquele que é Brahman é também, Shakti, Kali."

> Conhecendo o segredo que Kali é Una com o mais elevado Brahman,
> Descartei uma vez por todas, tanto a retidão como o pecado.

Ishan: "Um hino no *Chandi* diz que somente Brahman é a Energia Primordial. Brahman é idêntico a Shakti."

Mestre: "Não se deve apenas expressar essa idéia com palavras. Só quando as assimilar, tudo estará bem com você."

"Quando o coração se tornar puro pela disciplina espiritual, sente-se, com segurança, que só Deus é Aquele que faz. Ele tornou-Se mente, vida e inteligência. Somos apenas Seus instrumentos.

> Tu és O que segura o elefante na lama.
> Tu és O que ajuda o coxo a escalar a montanha mais íngreme.

"Quando seu coração purificar-se, então realizará que é Deus quem nos faz executar ritos como o purashcharana."

> Tu fazes Teu próprio trabalho, apenas os homens o consideram deles.

"Depois da realização de Deus todas as dúvidas desaparecem. Então o devoto encontra o vento favorável. Torna-se livre de preocupações. É como o barqueiro que quando sopra o vento favorável, solta a vela, segura o timão levemente e aproveita para fumar."

Ishan despediu-se e Sri Ramakrishna conversou com M.. Ninguém mais estava presente. Perguntou a M. o que pensava de Narendra, Rakhal, Adhar e Hazra e se os achava puros. "E", perguntou o Mestre, "o que você pensa de mim?"

M. disse: "O senhor é simples e ao mesmo tempo, profundo. É muito difícil compreendê-lo."

Sri Ramakrishna riu.

26 de novembro de 1883

Era o festival de Sinduriapatti Brahmo Samaj. A cerimônia seria realizada na casa de Manidal Mallick. O átrio de adoração estava lindamente decorado com flores, grinaldas e sempre-vivas e muitos devotos estavam reunidos, esperando ansiosamente pelo culto. Seu entusiasmo tinha sido grandemente aumentado com a notícia de que Sri Ramakrishna agraciaria a ocasião com sua presença. Keshab, Vijay, Shivanath e outros líderes do Brahmo Samaj respeitavam-no muito. Seu estado de intoxicação divina, seu intenso amor pela vida espiritual, sua fé abrasadora, sua comunhão íntima com Deus e seu respeito pelas mulheres, a quem olhava como verdadeiras manifestações da Mãe Divina, juntamente com a pureza imaculada de seu caráter, sua completa renúncia de conversas mundanas, seu amor e respeito por todas as crenças religiosas e sua ansiedade em encontrar devotos de todos os credos, atraíam os membros do Brahmo Samaj para ele. Naquele dia os devotos vieram de lugares distantes para participarem do festival, porque isto lhes daria oportunidade de ver rapidamente o Mestre e ouvir suas palestras inspiradoras.

Sri Ramakrishna chegou antes do culto e ficou conversando com Vijaykrishna Goswami e outros devotos. Os lampiões foram acesos e o serviço estava prestes a começar.

O Mestre perguntou se Shivanath viria para o festival. Um devoto Brahmo disse que ele tinha outras coisas importantes para fazer e que não viria.

Mestre: "Fico muito feliz quando vejo Shivanath. Parece estar sempre absorvido na felicidade de bhakti. Além disso, um homem que é respeitado por tantos, certamente possui algum poder divino. Entretanto, possui um grande defeito: não mantém sua palavra. Uma vez disse-me que viria a Dakshineswar, mas nem apareceu nem deu satisfação. Isto não é bom. Dizem que somente falar a verdade constitui a disciplina espiritual do Kaliyuga. Se um homem se apegar tenazmente à verdade, no final, realizará Deus. Sem esse apego à verdade, gradualmente perde-se tudo. Se, por acaso, eu disser que vou ao bosque de pinheiros, tenho que ir, mesmo que não tenha mais necessidade, senão perco meu amor à veracidade. Depois de minha visão da Mãe Divina, orei a Ela, com uma flor na mão: 'Mãe, aqui está Teu conhecimento e aqui está Tua ignorância. Toma-os ambos e dá-me somente puro amor. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua profanidade. Toma-as ambas, Mãe, e dá-me puro amor. Aqui está Teu bem e aqui está Teu mal. Toma-os ambos, Mãe, e dá-me puro amor. Aqui está Tua retidão e aqui está Tua iniqüidade. Toma-as ambas, Mãe, e dá-me puro amor.' Disse tudo isto, mas não pude dizer, 'Mãe, aqui está Tua verdade e aqui está Tua falsidade. Toma-as ambas.' Abandonei tudo a Seus pés, mas não abandonei a Verdade."

Logo o serviço religioso começou, segundo as regras do Brahmo Samaj. O pregador sentou-se na plataforma. Depois da oração inicial, recitou textos sagrados dos Vedas, acompanhado na invocação do Brahman Supremo por toda a congregação. Cantaram em coro, "Brahman é a Verdade, Conhecimento e Infinito. Ele brilha como Felicidade e Imortalidade. Brahman é Paz, Bênção, Uno sem Segundo. É puro, não tocado pelo pecado." Os devotos acalmaram-se e de olhos fechados, meditaram.

O Mestre entrou em samadhi profundo. Estava ali transfigurado e sem fala. Depois de algum tempo abriu os olhos, olhou em volta e subitamente ficou em pé com as palavras "Brahma! Brahma!" nos lábios. Logo teve início a música devocional, acompanhada pelos tambores e pratos. Em estado de fervor divino o Mestre começou a dançar com os devotos. Vijay e outros Brahmos dançavam em volta dele. Os convidados e os devotos estavam maravilhados. Muitos deles beberam a doce felicidade do nome de Deus e esqueceram-se do mundo. Pelo menos naquele momento, a felicidade do mundo material parecia-lhes amarga.

Depois do kirtan todos sentaram-se em volta do Mestre, ávidos de ouvirem suas palavras.

Mestre: "É difícil levar a vida de um chefe de família com espírito de desapego. Uma vez Pratap[13] disse-me: 'Senhor, seguimos o exemplo do rei Janaka. Levou a vida de chefe de família com desapego. Seguiremos o seu exemplo.' Eu lhe disse: 'Pode uma pessoa ser como o rei Janaka simplesmente desejando? Quantas austeridades praticou a fim de adquirir conhecimento divino! Praticou a mais intensa forma de ascetismo durante muitos anos e só depois, voltou à vida do mundo.'

"Não há então, qualquer esperança para os chefes de família? Certamente que há. Devem praticar disciplina espiritual na solidão durante dias. Adquirirão conhecimento e devoção. Levar a vida mundana não os afetará, mas quando praticarem disciplinas em solidão, afastem-se completamente da família. Não permitam que fiquem perto sua esposa, filhos, pai, mãe, amigos e parentes. Enquanto estiver praticando desta maneira na solidão, devem pensar: 'Não tenho ninguém mais no mundo. Deus é meu tudo.' Devem, também, pedir-Lhe, com lágrimas nos olhos, conhecimento e devoção.

"Se me perguntarem por quanto tempo devem ficar na solidão, longe da família, eu lhes direi que seria bom se pudessem passar pelo menos por um dia dessa maneira. Três dias seriam ainda melhor. Uma pessoa pode viver em solidão durante doze dias, um mês, três meses ou um ano, de acordo com sua conveniência e habilidade. Não há muito a temer se levarem a vida de um chefe de família, depois de terem conhecimento e devoção.

"Se quebrarem a jaca depois de passar óleo nas mãos, então o leite pegajoso não as lambuzará. Quando estiverem brincando de 'esconde-esconde' estarão a salvo se apenas tocar na 'vovó'. Transformem-se em ouro tocando a pedra filosofal. Depois disso podem ficar enterrados por mil anos, quando forem retirados, continuarão sendo ouro.

"A mente é como leite. Se mantiverem a mente no mundo, que é como a água, então o leite e a água se misturarão. É por isso que as pessoas mantém o leite num lugar sossegado e o deixam formar o coalho, para em seguida, baterem a fim de obter manteiga. Assim também, pela disciplina espiritual, praticada na solidão, obtenham a manteiga do conhecimento e devoção, do leite da mente. Então a manteiga pode facilmente ser mantida na água do mundo. Não se misturará com o mundo. A mente flutuará desapegada na água do mundo."

Vijay acabara de chegar de Gaya, onde ficara muito tempo na solidão e em companhia das pessoas santas. Vestia a roupa ocre de monge e estava num estado mental exaltado, sempre interiorizado. Estava sentado diante do Mestre com a cabeça inclinada para baixo como se estivesse absorto em algum pensamento profundo.

Lançando um olhar benigno para Vijay, o Mestre disse: "Vijay, encontrou um lugar para ficar?

"Deixe-me contar uma parábola: uma vez dois santos, durante suas peregrinações, chegaram a uma cidade. Um deles, com os olhos maravilhados e boquiabertos, olhavam o mercado, as barracas e prédios, quando encontrou seu companheiro, que lhe perguntou: 'Você parece encantado com a cidade. Onde está sua bagagem?' Respondeu: 'Em primeiro lugar procurei alojamento. Guardei minhas coisas, tranquei a porta e senti-me aliviado. Agora estou passeando pela cidade, desfrutando de tudo.'

"Por isso estou lhe perguntando, Vijay, se você já encontrou seu lugar. (*A M. e outros*): 'Vejam, a fonte no coração de Vijay esteve fechada todos esses dias. Agora está aberta.

(*A Vijay*): "Bem, Shivanath está sempre com problemas e perturbado. Tem que escrever para revistas e fazer muitas outras coisas. As obrigações do mundo trazem consigo muitas preocupações.

"O *Bhagavata* diz que Avadhuta teve vinte e quatro gurus, um dos quais foi o milhano. Num certo lugar, os pescadores estavam apanhando peixes. Um milhano desceu rapidamente e pegou um peixe. À vista do peixe, aproximadamente mil corvos começaram a perseguir o milhano, fazendo muito barulho. Para qualquer lugar que o pássaro voasse, os corvos o seguiam. Se fosse para o sul, eles também o seguiam até lá. Se fosse para o norte, também os corvos iam atrás dele. Ia para leste e oeste, com o mesmo resultado. Como o milhano começasse a voar de maneira confusa, de repente o peixe caiu de sua boca. Assim aliviado de suas preocupações, o milhano sentou-se no galho de uma árvore e pensou: 'Aquele peixe infeliz estava na raiz de todos os meus problemas. Agora que me livrei dele, estou em paz.'

"O Avadhuta aprendeu do milhano a lição de que enquanto um homem tiver o peixe, isto é, desejos humanos, deve praticar ações e em conseqüência, sofrer preocupações, ansiedade e inquietude. Logo que renunciar a estes desejos, suas atividades desaparecerão e ele desfrutará de paz de espírito.

"Mas o trabalho desinteressado é bom. Não cria qualquer preocupação, mas é muito difícil para uma pessoa ser totalmente sem egoísmo. Podemos pensar que nosso trabalho é desinteressado, mas o egoísmo chega, sem que tomemos conhecimento, não sabemos de onde vem, mas se um homem prati-

[13] Pratap Chandra Mazumdar, um célebre dirigente do Brahmo Samaj.

cou grandes disciplinas espirituais e então, como conseqüência, pode ser capaz de trabalhar sem qualquer motivo egoísta. Depois da visão de Deus um homem pode facilmente fazer um trabalho desinteressado. Na maioria dos casos a ação cai por si mesma depois de se alcançar Deus. Somente alguns, como Narada, trabalham para trazer luz à humanidade.

"O Avadhuta também aceitou uma abelha como mestre. As abelhas acumulam mel durante dias de trabalho árduo, mas não podem aproveitar seu mel porque o homem quebra o favo e o retira. O Avadhuta aprendeu essa lição com as abelhas, que uma pessoa não deve acumular coisas. Os sadhus dependem cem por cento de Deus. Não devem juntar para o futuro, mas isso não se aplica ao chefe de família. Tem que sustentar a família: portanto é necessário para ele, prover. As aves e os monges não guardam. A ave, porém, guarda comida para seus filhotes no ninho: trazem alimento no bico para eles.

"Deixe-me dizer uma coisa, Vijay. Não confie num sadhu que tem uma sacola, bagagem e uma trouxa de roupas com muitos nós. Já vi esse tipo de sadhu sob o baniano do Panchavati. Dois ou três estavam sentados ali. Um estava catando lentilha, alguns costurando suas roupas e todos tagarelando sobre a festa à qual haviam ido, na casa de um homem rico. Diziam: 'Aquele homem rico gastou cem mil rupias na festa e alimentou os sadhus prodigamente com bolos, doces e muitas coisas deliciosas.' "(*Todos riem*).

Vijay: "É verdade, senhor. Vi-os em Gaya. São chamados 'lotawalla sadhus'[14] de Gaya."

Mestre (*a Vijay*): "Quando o amor de Deus é despertado, o trabalho cai por si mesmo. Se Deus faz os homens trabalharem, deixe-os trabalhar. É agora o tempo de você abandonar tudo. Renuncie a tudo e diga: 'Ó mente, possamos você e eu contemplar a Mãe, sem que ninguém se intrometa.'

Assim falando Sri Ramakrishna começou a cantar com sua voz que arrebatava a alma.

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama
Afetuosamente dentro de ti, Ó mente:
Que só tu e eu A contemplemos
Não permitindo a ninguém mais intrometer-se.

Ó mente, em solidão desfrute d'Ela.
Mantendo fora todas as paixões.
Conserva apenas a língua, para que de vez em quando,
Possa gritar, "Ó Mãe! Mãe!"

Não deixe que o sopro dos baixos desejos
Entrem e aproximem-se de nós.
Mas mande o conhecimento verdadeiro ficar em guarda.
Alerto e vigilante para sempre.

O Mestre disse a Vijay: "Entregue-se completamente a Deus e ponha de lado todas as coisas como medo e vergonha. Abandone os sentimentos como, 'O que as pessoas vão pensar de mim se eu dançar no êxtase do santo nome de Deus?' O dito, 'Uma pessoa não pode ter a visão de Deus enquanto tiver três coisas – vergonha, ódio e medo', é verdadeiro. Vergonha, ódio, medo, casta, orgulho, dissimulação e sentimentos semelhantes são grilhões. O homem fica livre ao se libertar de todos eles.

"Preso por grilhões, é jiva e livre, é Shiva. Prema, amor intenso a Deus, é coisa rara.

"Em primeiro lugar uma pessoa adquire bhakti. Bhakti é devoção com a mente exclusivamente dedicada a Deus, como a devoção de uma esposa por seu marido. É muito difícil ter devoção integral a Deus. Por meio dessa devoção a mente de uma pessoa e sua alma fundem-se em Deus.

"Então vem bhava, amor intenso. Através de bhava o homem torna-se sem fala. Suas correntes nervosas acalmam-se e Kumbhaka vem por si só. É como o caso do homem cuja respiração e fala param, quando dispara uma arma.

"Mas prema, amor extático, é extremamente raro. Chaitanya teve esse amor. Quando se tem esse tipo de amor, esquece-se das coisas exteriores. Esquece-se do mundo. Esquece-se até do próprio corpo, que é tão caro a uma pessoa.

O Mestre começou a cantar:

Ó quando raiará o dia abençoado.
Em que lágrimas de alegria cairão dos meus olhos,
Ao repetir o nome do Senhor Hari?
Ó, quando raiará o dia abençoado

[14] Sadhus que carregam potes de água.

Em que todos os desejos ardentes pelo mundo
Desvanecerão imediatamente do meu coração
E com a emoção viva de Seu santo nome
Todo meu cabelo ficará eriçado?
Ó, quando chegará este dia abençoado?

Assim prosseguia a conversa sobre coisas divinas, quando alguns devotos Brahmos entraram no quarto. Entre eles havia alguns pundits e altos funcionários do governo.

Sri Ramakrishna havia dito que bhava acalma as correntes nervosas do devoto. Continuou: "Quando Arjuna estava a ponto de atirar no alvo, o olho de um peixe, seus olhos ficaram fixos no pedaço de peixe e em nada mais. Não reparou em qualquer outra parte do peixe, exceto os olhos. Neste estado, a respiração pára e experimenta-se kumbhaka.

"Uma outra característica da visão de Deus é que a grande corrente espiritual sobe ao longo da espinha e dirige-se para o cérebro. Se o devoto entrar em samadhi, vê Deus."

Olhando para os devotos que haviam acabado de chegar, o Mestre disse: "Meros pundits, sem amor divino, falam incoerentemente. Pundit Samadhyayi uma vez disse durante seu sermão: 'Deus é seco. Adoce-O com seu amor e devoção.' Imagine! Descrever Deus como seco, Ele, a Quem o Vedas consideram a Essência da Felicidade! Faz uma pessoa pensar que o pundit não sabia o que Deus realmente é. Por isto suas palavras eram tão incoerentes.

"Alguém uma vez disse: 'Há muitos cavalos no estábulo de meu tio.' Disso deduziu-se que ele não tinha cavalo algum, porque ninguém guarda cavalo no estábulo.

"Algumas pessoas orgulham-se de suas riquezas e poder – fortuna, honra e posição social, mas tudo isto é transitório. Nada ficará com você após sua morte.

"Há uma canção que diz:

Lembre-se disto, Ó Mente! Ninguém é propriedade sua.
Vão é o seu perambular neste mundo.
Presa na armadilha sutil de maya como você está,
Não esqueça o nome da Mãe.

Apenas um dia ou dois os homens lhe prestarão homenagem na terra
Como senhor e amo. Logo
Aquela forma, agora tão reverenciada, será abandonada,
Quando a Morte, a Senhora, apanhar você.

Mesmo sua amada esposa, por quem enquanto você vive
Aflige-se até quase morrer,
Não irá com você então: ela também lhe dirá adeus.
E se afastará do seu cadáver como se fosse uma coisa ruim.

"Uma pessoa não deve ter orgulho de seu dinheiro. Se você diz ser rico, alguém pode lhe lembrar que há pessoas ainda mais ricas do que você e outras, ainda mais, e assim por diante. À noite os vaga-lumes saem e pensam que iluminam o mundo, mas seu orgulho é esmagado quando as estrelas aparecem no céu. As estrelas pensam que dão luz à terra, mas quando a lua surge, desaparecem envergonhadas. A lua sente que o mundo sorri à sua luz e que ela ilumina a terra. Então o oriente torna-se vermelho e o sol levanta-se. A lua empalidece e depois, não mais é vista.

"Se as pessoas pensassem dessa maneira, abririam mão do orgulho de sua riqueza."

Manilal havia providenciado uma festa suntuosa para comemorar o festival. Entreteve o Mestre e outros convidados com muito amor e deferência. Já era tarde da noite, quando voltaram para casa.

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 15

ÚLTIMA VISITA A KESHAB

Quarta-feira, 28 de novembro de 1883

ERAM DUAS HORAS da tarde, M. estava andando na calçada da Circular Road, defronte do Lily Cottage onde Keshab Chandra Sen vivia. Estava esperando ansiosamente pela chegada de Sri Ramakrishna. A doença havia tomado uma feição grave e existia poucas esperanças de que ele se recuperasse. O Mestre gostava muito de Keshab e vinha de Dakshineswar fazer-lhe uma visita.

No lado leste da Circular Road ficava o Victoria College, onde as senhoras do Brahmo Samaj de Keshab e suas filhas, recebiam educação. Ao norte do colégio havia uma casa espaçosa habitada por uma família inglesa. M. notou que havia tristeza na casa e imaginou o que estava acontecendo. Logo uma carruagem fúnebre chegou, com os cocheiros de preto e os membros da família estavam com um aspecto muito triste. Havia ocorrido uma morte na família.

"Para onde vai a alma, deixando atrás de si este corpo mortal?" Pensando nesta velha pergunta, M. esperava, observando as carruagens que vinham do norte.

Mais ou menos às cinco horas uma carruagem parou defronte ao Lily Cottage e Sri Ramakrishna desceu com Latu e muitos outros devotos, incluindo Rakhal. Foi recebido pelos parentes de Keshab que o conduziram juntamente com os devotos para cima, na varanda sul da sala de estar. O Mestre sentou-se num divã.

Depois de uma longa espera, ficou impaciente para ver Keshab. Os discípulos de Keshab disseram que ele estava descansando e que logo estaria ali. Sri Ramakrishna tornou-se cada vez mais impaciente e disse aos discípulos de Keshab: "Qual a necessidade dele vir até mim? Por que não posso ir lá dentro vê-lo?"

Prasanna (*humildemente*): "Senhor, ele virá dentro de poucos minutos."

Mestre: "Vá embora! É você quem está fazendo toda esta confusão. Deixe-me entrar."

Prasanna começou a falar sobre Keshab a fim de desviar a atenção do Mestre. Disse: "Keshab é agora uma pessoa completamente diferente. Como o senhor, fala com a Mãe Divina. Ouve o que a Mãe diz, ri e chora."

Ao ouvir falar que Keshab falava com a Mãe Divina, riu e chorou, o Mestre entrou em êxtase.

Era inverno e o Mestre usava um casaco de flanela verde com um xale caído sobre ele. Sentava-se em posição ereta com os olhos fixos, em êxtase profundo. Passou um longo tempo deste jeito. Não havia sinal de retorno ao plano normal de consciência.

Gradualmente foi escurecendo. Foram acesos lampiões na sala de estar para onde o Mestre iria agora. Enquanto descia vagarosamente ao plano normal de consciência, foi levado para lá, embora com muita dificuldade. O aposento era bem mobiliado. À vista dos móveis, o Mestre murmurou para si mesmo: "Essas coisas eram necessárias antes, mas agora, para que servem?" Vendo Rakhal disse: "Ó, Você está aqui?" Sentando-se no divã, perdeu novamente a consciência do mundo exterior e, olhando em volta, como se estivesse vendo alguém, disse: "Olá, Mãe! Vejo que Tu também vieste. Como Tu está Te exibindo com Teu sari de Benares! Não me aborreças agora, por favor. Senta-Te e fica quieta!"

O Mestre estava em estado de intensa intoxicação divina. No aposento bem iluminado, os devotos Brahmos sentaram-se em volta do Mestre; Latu, Rakhal e M. ficaram perto dele. Dizia para si mesmo, ainda tomado de fervor divino. "O corpo e a alma! O corpo nasceu e morrerá'. Mas para a alma não há morte. É como a noz de betel. Quando a noz está madura não se prende à casca, mas quando está verde é difícil separá-la do seu envoltório. Depois de realizar Deus, uma pessoa já não se identifica mais com o corpo. Sabe-se, então, que corpo e alma são duas coisas diferentes."

Neste momento Keshab entrou no aposento. Veio pela porta leste. Aqueles que se recordavam do homem que pregava no Town Hall ou no templo do Brahmo Samaj, ficaram chocados ao ver aquele esqueleto coberto de pele. Mal podia ficar de pé. Andava apoiando-se na parede. Com muita dificuldade, sentou-se defronte do divã. Nesse meio tempo, Sri Ramakrishna havia se levantado do divã e sentara-se no chão. Keshab inclinou-se profundamente ante o Mestre e ficou nessa posição por um

longo tempo, tocando os pés do Mestre com a testa. Sentou-se. Sri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Murmurava para si mesmo, falando com a Mãe Divina.

Levantando a voz, Keshab disse: "Estou aqui, senhor, estou aqui." Pegou a mão esquerda de Sri Ramakrishna e acariciou-a gentilmente, mas o Mestre estava em samadhi profundo, completamente intoxicado pelo amor divino. Uma corrente de palavras saíam de seus lábios, enquanto falava para si mesmo e os devotos ouviam-no maravilhados.

Mestre: "Enquanto um homem se identificar com os upadhis, verá a multiplicidade, como Keshab, Prasanna, Amrita etc., mas ao atingir o Conhecimento Perfeito, vê somente uma Consciência em todos os lugares. Assim também o Conhecimento Perfeito o faz compreender que a Consciência Una tornou-se o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos, mas as manifestações do Poder Divino são diferentes em seres diferentes. É Ele, sem dúvida alguma, que Se tornou tudo, mas em alguns casos, há uma maior manifestação em uns do que em outros."

"Vidyasagar me perguntou uma vez: 'Pode ser verdade que Deus tenha dotado uns com maior poder do que a outros?' Respondi: 'Se assim não fosse, como poderia um homem ser mais forte do que cinqüenta? Se não fosse o caso, como se explica que todos nós viemos vê-lo aqui?'

"A alma com a qual Deus brinca está dotada de Seu poder especial. O proprietário de terras pode morar em qualquer lugar de seus domínios, mas é encontrado geralmente numa determinada sala de sua preferência. O devoto é esta sala. Deus gosta de brincar no coração de Seu devoto. É aí que Seu poder especial manifesta-se.

"Quais são as características de tal devoto? Quando virem um homem fazendo grandes coisas, podem estar certos que o poder especial de Deus está se manifestando por seu intermédio.

"O Poder Primordial e o Brahman Supremo são idênticos. Não se pode pensar num sem pensar no outro. São como a pedra preciosa e seu brilho. Não se pode pensar no brilho sem a pedra preciosa, ou na pedra preciosa sem o brilho. Assim também, é como a cobra e seu movimento sinuoso. Não se pode pensar no movimento sinuoso sem a cobra, ou na cobra sem seu movimento sinuoso.

"É o Poder Primordial que Se tornou o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. É como o caso de involução e evolução[1].

"Por que me sinto tão desassossegado em relação a Rakhal, Narendra e outros jovens? Hazra uma vez me perguntou: 'Quando o senhor vai pensar em Deus, se está sempre ansioso por estes rapazes?' (*Keshab e os outros sorriem.*) Isto fez-me ficar muito preocupado. Orei à Mãe Divina, 'Mãe, veja em que apuros eu me encontro! Hazra repreende-me porque me preocupo com estes jovens'. Depois perguntei a Bholanath sobre isto. Disse-me que este estado mental meu está descrito no *Mahabharata*. Em que mais iria um homem estabelecido em samadhi ocupar sua mente, no mundo fenomenal, depois de descer do samadhi? É por isso que ele procura a companhia de devotos dotados de sattva. Dei um suspiro de alívio, quando Bholanath falou-me do *Mahabharata*.

"Hazra não deve ser culpado. Durante o período de luta deve-se seguir o método de discriminação – 'Isto não, Isto não' – e direcionar a mente inteira para Deus. O estado de perfeição, porém, é muito diferente. Depois de alcançar Deus uma pessoa reafirma aquilo que anteriormente negou. Para se fazer manteiga, deve-se separar o soro do leite. Assim descobre-se que a manteiga e o soro estão intimamente correlacionados. Pertencem à mesma substância. A manteiga não é diferente do soro, nem o soro essencialmente diferente da manteiga. Depois de realizar Deus fica-se definitivamente sabendo que é Ele quem Se tornou tudo. Em alguns manifesta-Se mais claramente do que em outros.

"Quando uma inundação vem do oceano, a terra toda fica submersa. Antes da inundação o barco só poderia alcançar o oceano somente seguindo o curso sinuoso do rio, mas depois da enchente, pode-se ir direto para o oceano. Não é necessário tomar um desvio ao longo do campo. Pode-se atravessar o campo em qualquer ponto.

"Depois da realização de Deus, Ele pode ser visto em todos os seres, mas Sua maior manifestação está no homem. Assim também, entre os homens, Deus manifesta-Se mais claramente naqueles devotos sattvicos e naqueles que não possuem qualquer desejo de desfrutar de 'mulher e ouro'. Onde pode o homem que atingiu samadhi repousar a mente, depois de ter descido daquele plano? É por isso que sente necessidade de procurar a companhia de devotos de coração puro, dotados de sattva e livres de apego a 'mulher e ouro'. De que outra maneira poderia ocupar-se no plano relativo de consciência?

"Aquele que é Brahman é o Adyashakti, a Energia Primordial. Quando inativo, é Brahman, Purusha. É chamado Shakti ou Prakriti, quando empenhado na criação, preservação e destruição. Estes

[1] Isto é, antes da criação, o universo e seus seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos permanecem envolvidos no Poder Primordial e depois da criação gradualmente evolvem d'Ele.

são os dois aspectos da Realidade: Purusha e Prakriti. Aquele que é Purusha é também, Prakriti. Ambos são a personificação da Felicidade.

"Se estiverem conscientes do Princípio Masculino, não podem ignorar o Princípio Feminino. Aquele que se lembra do pai, deve pensar, também, na mãe. (*Keshab ri*). Aquele que conhece a escuridão, também conhece a lua. Aquele que conhece a noite também conhece o dia. Aquele que conhece a felicidade, também conhece a infelicidade. Você compreende isto, não é?"

Keshab: "Sim, senhor, compreendo."

Mestre: "Minha Mãe! Quem é minha Mãe? Ah, Ela é a Mãe do Universo. É Ela quem cria e preserva o mundo, que sempre protege Seus filhos e que satisfaz qualquer desejo: dharma, artha, kama e moksha. Um verdadeiro filho não pode viver longe de sua mãe. A mãe sabe de tudo. A criança apenas come, bebe e diverte-se, mas não se importa com as coisas do mundo."

Keshab: "Sim, senhor. É verdade."

Enquanto falava, Sri Ramakrishna recobrou a consciência normal. Com um sorriso iluminando seu rosto, conversou com Keshab. O aposento estava cheio de pessoas que os observavam atentamente, ouvindo suas palavras. Todo o mundo estava espantado em ver que nem Keshab nem o Mestre havia perguntado um ao outro sobre suas respectivas saúde. Falavam apenas de Deus.

Mestre (*a Keshab*): "Por que os membros do Brahmo Samaj preocupam-se com as glórias de Deus? Será que há alguma necessidade de repetir coisas como, 'Ó Deus, Tu criaste a lua, o sol e as estrelas?' A maioria das pessoas admiram somente o jardim. Como apenas algumas preocupam-se em conhecer o dono! Quem é o maior, o jardim ou o dono?

"Depois de alguns tragos na taverna, será que me preocupo em saber quantos galões de vinho estão guardados lá? Uma garrafa é suficiente para mim.

"Ao me encontrar com Narendra, nunca lhe pergunto: 'Quem é seu pai? Quantas casas possui?'

"Devo contar a verdade? O homem ama suas riquezas e pensa que Deus ama as Suas, também. Pensa que Deus ficará contente se exaltarmos Suas riquezas. Uma vez Sambhu disse-me: 'Por favor, abençoe-me para que eu possa morrer deixando meus bens nos Pés de Lótus de Deus.' Respondi-lhe: 'Essas riquezas são para você. Que riquezas pode oferecer a Deus? Para Ele, são mera poeira e palha.'

"Uma vez um ladrão entrou no templo de Vishnu e roubou as jóias da imagem. Mathur Babu e eu fomos ao templo ver o que havia acontecido. Dirigindo-se à imagem, Mathur disse amargamente: 'Que vergonha, Senhor! O Senhor é tão descuidado! O ladrão tirou todos os enfeites do Seu corpo e o Senhor não fez nada!' Em seguida eu disse a Mathur: 'Que vergonha! Como suas palavras são sem propósito! Para Deus, as jóias das quais você fala, são apenas torrões de argila. Lakshmi, a Deusa da Fortuna, é Sua Consorte. Você está querendo dizer que Ele deveria perder noites de sono porque um ladrão lhe tirou umas poucas rupias? Não deve dizer tais coisas.'

"Pode alguém controlar Deus pela riqueza? Ele só pode ser conquistado pelo amor. O que Ele quer? Certamente não é riqueza! Quer dos Seus devotos, amor, devoção, sentimento, discriminação e renúncia.

"Uma pessoa considera Deus de acordo com seus sentimentos íntimos. Tome, por exemplo, um devoto com excesso de tamas. Ele pensa que a Mãe Divina come carne de cabra. Então mata uma para Ela. Assim também, um devoto dotado de rajas cozinha arroz e outros pratos para a Mãe, mas o devoto sattvico não demonstra sua adoração. As pessoas nem sabem que ele está adorando. Se não tiver flores, faz o culto só com água do Ganges e folhas de bel. A comida oferecida à Divindade consiste de arroz empapado açucarado ou alguns caramelos. Às vezes faz um pouco de pudim de arroz para Ela.

"Há, também, um tipo de devotos, que está além dos três gunas. Possuem uma natureza infantil. Seu culto consiste em cantar apenas o nome de Deus – apenas Seu nome.

(*A Keshab, com um sorriso*): "Por que será que você está doente? Há uma razão para isto. Muitos sentimentos espirituais passaram pelo seu corpo: por conseguinte, ele caiu doente. Na hora que surge uma emoção, uma pessoa mal compreende. O golpe que é dado ao corpo é sentido somente depois de muito tempo. Tenho visto grandes barcos a vapor passando no Ganges e nessa hora quase sem serem notados, mas Ó Meu Deus! Que barulho terrível ouvia-se em seguida, quando as ondas arrebentavam-se contra a amurada! Talvez um pedaço da margem se desprendesse e caísse na água

"Um elefante quando entra numa cabana ocasiona grandes estragos e por fim, a derruba. O elefante da emoção divina entra na cabana deste corpo e a despedaça.

"Sabe o que realmente ocorre? Quando uma casa pega fogo, inicialmente só poucas coisas queimam. Surge, então, o grande tumulto! Assim também, o fogo do Conhecimento destrói em primeiro

lugar os inimigos da espiritualidade como a paixão, raiva etc. Em seguida vem o ego. Por fim uma violenta emoção ocorre na estrutura física.

"Pode pensar que tudo vai terminar, mas Deus não o soltará enquanto o menor traço de sua doença não desaparecer. Simplesmente não pode sair do hospital se seu nome estiver registrado lá. Enquanto a doença não estiver perfeitamente curada, o médico não lhe dará alta. Por que, afinal de contas, registrou seu nome no hospital?" (*Todos riem*).

Keshab não parava de rir com a alusão do Mestre ao hospital. Então Sri Ramakrishna falou de sua própria doença. (*A Keshab*): "Hriday costumava dizer-me: 'Jamais vi antes tal êxtase de Deus, nem tanta doença.' Estava então muito doente com uma diarréia persistente. Era como se milhões de formigas roessem meu cérebro, mas apesar disso, a conversa espiritual prosseguia, dia e noite. Dr. Rama de Natagore foi chamado para me ver. Encontrou-me falando sobre as verdades espirituais. 'Que louco!' disse, 'Nada sobrou dele a não ser alguns ossos e ainda raciocina."

Mestre (*a Keshab*): "Tudo depende da vontade de Deus."

> Ó Mãe, tudo é feito segundo Tua doce vontade.
> Tu és na verdade Aquela que tem vontade própria, Redentora da humanidade!
> Tu fazes Teu próprio trabalho, os homens somente o consideram seu.

"Para tirar o máximo de vantagem do orvalho, o jardineiro remove a terra da rosa Basra até a raiz. A planta cresce melhor, devido à umidade. Talvez seja por isto que você também está sendo sacudido até as raízes (*Keshab e o Mestre riem*). Pode ser que vá fazer coisas incríveis quando voltar.

"Sempre que você está doente fico profundamente desassossegado. Depois de ouvir falar de sua última doença, eu chorava à Mãe nas primeiras horas do dia. Orava à Mãe, 'Ó Mãe, se algo acontecer a Keshab, com quem vou conversar em Calcutá? Vindo a Calcutá ofereci frutas e doces à Mãe Divina, orando pelo seu bem-estar."

Os devotos estavam profundamente tocados com o amor de Sri Ramakrishna por Keshab e sua ansiedade pelo líder Brahmo.

Mestre: "Mas desta vez, para falar a verdade, não me senti tão ansioso assim. Somente me preocupei durante dois ou três dias."

A mãe de Keshab, já bastante idosa, veio até a porta do quarto, a mesma pela qual Keshab havia entrado. Umanath disse em voz alta, ao Mestre, "Senhor, aqui está a mãe de Keshab, saudando-o."

Sri Ramakrishna sorriu. Umanath disse novamente: "A mãe pede-lhe que abençoe Keshab pois assim, ele ficará curado."

Mestre (*à mãe de Keshab*): "Por favor ore à Mãe Divina, Doadora de toda felicidade. Ela o aliviará de todos os seus males."

(*A Keshab*): "Não fique por muito tempo nos aposentos internos. Afundará cada vez mais na companhia das mulheres. Você se sentirá melhor se ouvir falar somente de Deus."

O Mestre disse essas palavras com uma voz séria e então, começou a rir como um menino. Disse a Keshab: "Deixe-me ver a sua mão." Pesou-a alegremente como uma criança. Por fim disse: "Não, sua mão está leve. Hipócritas têm mãos pesadas." (*Todos riem*).

Umanath, na porta, novamente disse ao Mestre: "A mãe pede para abençoar Keshab."

Mestre (*gravemente*): "O que posso fazer? Só Deus abençoa a todos. 'Tu fazes Teu próprio trabalho: os homens apenas o consideram seu.'

"Deus ri em duas ocasiões. Ri quando dois irmãos dividem a terra entre si. Colocam uma corda através da propriedade e dizem um para o outro, 'Esse é meu lado e aquele, é o seu.' Deus ri e diz para si mesmo: 'Ora, esse universo inteiro é Meu e eles dizem, a respeito de um pedaço de terra., 'Este lado é meu e aquele, é seu"!'

"Deus também ri quando o médico diz à mãe que chora em desespero, pelo filho doente, 'Não temas, mãe. Curarei teu filho.' O médico não sabe que ninguém pode salvar a criança se Deus desejar que ela morra."(*Todos ficam em silêncio*).

Foi então que Keshab foi tomado por um acesso de tosse, que durou muito tempo. À visão de seu sofrimento contristou a todos. Estava exausto e não agüentava mais ficar ali. Curvou-se ante o Mestre e deixou o aposento, apoiando-se na parede como antes.

Refrescos e doces haviam sido preparados para o Mestre. O filho mais velho de Keshab estava sentado junto dele. Amrita apresentou o rapaz e pediu a Sri Ramakrishna para abençoá-lo. O Mestre disse: "Não me foi concedido abençoar ninguém." Com um sorriso acariciou gentilmente o rapaz.

Amrita (*com um sorriso*): "Está bem, faça o que melhor lhe agradar."

Mestre (*aos devotos*): "Não posso dizer uma coisa como, 'Que você fique curado'. Jamais peço à Mãe Divina para me dar o poder de cura. Somente oro por puro amor."

"É Keshab uma pessoa insignificante? É respeitado por todos, tanto pelos que buscam riqueza, como pelos santos. Uma vez visitei Dayananda, que estava hospedado na chácara. Reparei que estava extremamente ansioso com a chegada de Keshab; ia ao jardim a cada cinco minutos para ver se ele já havia chegado. Soube mais tarde que Keshab havia marcado um encontro com ele, naquele dia. Keshab, eu soube, não acreditava nos sacrifícios e nas divindades mencionadas pelos Vedas. Referindo-se a isso, Dayananda disse: 'Ora, o Senhor criou muitas coisas. Não pode Ele ter feito as divindades, também?' "

Continuando o Mestre disse: "Keshab está livre do orgulho que um instrutor de mente curta tem. A muitas pessoas disse: 'Se tem quaisquer dúvidas, vá lá[2] a fim de que sejam esclarecidas'. É minha maneira, também, dizer: 'O que farei com o respeito das pessoas? Que as virtudes de Keshab aumentem um milhão de vezes'. Keshab é certamente um grande homem, todas as pessoas o respeitam, tanto os que buscam riquezas, como os homens santos." Desta maneira Sri Ramakrishna elogiou Keshab diante dos seus próprios discípulos.

Depois de tomar refrescos, o Mestre preparou-se para sair. Os devotos Brahmos acompanharam-no até a carruagem, que estava esperando. Enquanto descia as escadas, o Mestre reparou que não havia luz no andar térreo. Disse a Amrita e outros discípulos de Keshab, "Esses lugares deveriam ser bem iluminados. Uma casa sem luz fica à mercê da pobreza. Por favor, veja que não ocorra de novo."

Sri Ramakrishna dirigiu-se para Dakshineswar com um ou dois devotos.

No caminho para Dakshineswar, voltando da casa de Keshab, Sri Ramakrishna parou na casa de Jayagopal Sen. Eram aproximadamente sete horas da noite. Na sala de visitas estavam reunidos parentes e vizinhos de Jayagopal. Vaikuntha, irmão de Jayagopal, disse ao Mestre: "Senhor, somos pessoas do mundo. Por favor, dê-nos conselhos."

Mestre: "Faça seu trabalho no mundo depois de ter conhecido Deus. Com uma mão segure os Pés de Lótus do Senhor e com a outra, faça seu trabalho."

Vaikuntha: "É o mundo irreal?"

Mestre: "Sim, é irreal enquanto não se realizou Deus. Pela ignorância, o homem esquece-se de Deus e fala sempre de 'meu' e 'eu'. Afunda-se cada vez mais, enredado em maya, iludido por 'mulher e ouro'. Maya despoja-o do seu conhecimento a tal ponto, que não pode encontrar um meio de fugir, embora exista uma maneira.

"Ouça a canção:

> Quando a ilusão envolve o mundo, pela magia de Mahamaya,
> Aquele Brahman está despojado de sentidos
> E Vishnu perde a consciência
> Que esperança existe para os homens? ...

"Todos sabem, por experiência própria, como o mundo é transitório. Olhem dessa maneira! Quantas pessoas já vieram ao mundo e da mesma maneira, foram embora! As pessoas nascem e morrem. Num dado momento o mundo é, para em seguida, não ser mais. É transitório. Aqueles que pensam ser muito íntimos de vocês, não mais existirão quando fecharem os olhos, por ocasião da morte. Assim também, há pessoas que não têm parentes próximos e a fim de tomarem conta de um neto, não vão a Benares para levar uma vida santa. 'Ó, o que vai acontecer com meu Haru?' perguntam.

> Primeiro constrói-se um canal estreito, onde é colocada a armadilha;
> Mas aberta a passagem fica.
> O peixe, tendo uma vez passado com segurança pela porta,
> Não sai de novo.
>
> Mesmo que haja uma saída,
> Encerrada dentro do seu casulo,
> A lagarta permanece aí para morrer.

O mundo é ilusório e transitório."

[2] Sri Ramakrishna.

Um vizinho: "Por que senhor, deveria uma pessoa segurar Deus com uma das mãos e o mundo com a outra? Por que deveria esticar a mão para segurar o mundo, se é transitório?"

Mestre: "O mundo não é transitório se alguém viver nele depois de ter conhecido Deus. Ouça outra canção:

> Ó mente, você não sabe como cultivar!
> Improdutivo permanece o campo de sua vida.
> Se você o tivesse trabalhado bem,
> Quão fecunda teria sido a colheita!
> Cerque-a em toda a volta com o nome de Kali
> Se quiser manter sua colheita a salvo;
> Esta é a cerca mais forte de todas.
> Porque a própria Morte não pode aproximar-se dela. ...

"Prestou atenção à canção?

> Cerque-a em toda a volta com o nome de Kali
> Se quiser manter sua colheita a salvo.

"Entregue-se a Deus e tudo alcançará.

> Esta é a cerca mais forte de todas,
> Porque a própria Morte não pode se aproximar dela.

"Sim, realmente é uma cerca muito forte. Se realizar Deus, não verá o mundo como sem substância. Aquele que realizou Deus, sabe que o Próprio Deus tornou-Se o mundo e todos os seres vivos. Quando alimentar seu filho, deve sentir que está alimentando Deus. Deve olhar seu pai e sua mãe como verdadeiras manifestações de Deus e da Mãe Divina e servi-los como tal. Se um homem entra no mundo depois de ter realizado Deus, geralmente não mantém relações físicas com a esposa. Ambos são devotos: gostam de falar somente de Deus e passam o tempo todo em conversas espirituais. Servem outros devotos de Deus, porque sabem que somente Ele tornou-Se todos os seres vivos e, sabendo disso, dedicam suas vidas ao serviço dos outros."

Vizinho: "Mas, senhor, tal marido e mulher não são encontrados em lugar algum."

Mestre: "Sim, podem ser encontrados, embora sejam raros. As pessoas mundanas não podem reconhecê-los. A fim de levarem esse tipo de vida, tanto o marido como a esposa devem ser espiritualizados. É possível levar uma vida assim, se ambos tiverem experimentado a Felicidade de Deus. A graça especial de Deus é necessária para criar esse casal: senão haverá sempre desentendimento entre eles. Neste caso um tem que deixar o outro. A vida torna-se insuportável se marido e mulher não se entendem. A esposa dirá a seu marido dia e noite: 'Por que meu pai me casou com uma pessoa assim? Não consigo o suficiente para comer ou alimentar meus filhos. Não tenho bastante roupa para cobrir meu corpo ou dar a meus filhos. Não ganhei nem uma jóia de você. Como me fez infeliz! Ah! Você mantém os olhos fechados e murmura o nome de Deus! Agora desista dessas idéias malucas'."

Devoto: "Certamente há esses obstáculos. Além disso, as crianças podem ser desobedientes. Não há fim para as dificuldades. Agora, senhor, qual é a solução?"

Mestre: "É extremamente difícil praticar disciplina espiritual e ao mesmo tempo, levar uma vida de chefe de família. Há muitas desvantagens: doença, tristeza, pobreza, desentendimento com a esposa e filhos desobedientes, bobos e teimosos. Não preciso dar-lhe uma lista deles.

"Há uma saída. Deve-se orar a Deus, ficar às vezes em solidão e esforçar-se para realizá-Lo."

Vizinho: "Deve-se abandonar o lar, então?"

Mestre: "Não, não totalmente. Sempre que tiver uma hora livre permaneça em solidão por um ou dois dias. Nesse período não entre em contato com o mundo de fora e não mantenha qualquer tipo de conversa sobre coisas do mundo. Deve-se viver ou na solidão ou na companhia dos homens santos."

Vizinho: "Como se pode reconhecer um homem santo?"

Mestre: "Aquele que dedicou o corpo, a mente e seu ser mais íntimo a Deus é, certamente, um santo. Aquele que renunciou a 'mulher e ouro' também o é. É um santo aquele que não olha uma mulher com os olhos do mundo. Jamais se esquece de olhá-la como sua mãe e oferecer-lhe sua adoração, se estiver perto dela. O homem santo pensa freqüentemente em Deus e não se entrega a conversas, ex-

ceto a respeito de coisas espirituais. Além do mais, serve a todos os seres, sabendo que Deus reside no coração de todos. Esses são, em linhas gerais, os sinais de um santo."

Vizinho: "Deve-se viver sempre na solidão?"

Mestre: "Você reparou as árvores da calçada, ao longo da rua? Ficam cercadas quando são muito jovens, pois do contrário, o gado poderia destrui-las, mas não há qualquer necessidade de cercas quando seus troncos ficarem grossos e fortes. Então não se quebrarão mesmo que um elefante seja amarrado nelas. Assim também, não haverá necessidade de se preocupar nem ter medo quando sua mente tornar-se tão forte como um tronco grosso. Em primeiro lugar consiga discriminação. Quebre a jaca somente depois que haver untado as mãos com óleo, pois desta maneira, o líquido pegajoso não as sujará."

Vizinho: "O que é discriminação?"

Mestre: "Discriminação é o raciocínio pelo qual uma pessoa sabe que somente Deus é real e tudo o mais é irreal. Real significa eterno e irreal, transitório. Aquele que tiver discriminação, sabe que Deus é a única Substância e tudo o mais é não existente. Com o despertar deste espírito de discriminação um homem deseja conhecer Deus. Ao contrário, se o homem ama o irreal – como confortos materiais, nome, fama e riqueza – então, não deseja conhecer Deus, Aquele que é a própria natureza da Realidade. Através da discriminação entre o Real e o irreal, uma pessoa procura conhecer Deus.

"Ouça esta canção:

> Venha, vamos dar um passeio, Ó mente, até Kali, a Árvore que realiza todos os Desejos.
> E sob Ela colha os quatro frutos da vida.
> De suas duas esposas, Desapego e Mundanismo.
> Trazem apenas Desapego, em seu caminho para a Árvore.
> E pergunte a seu filho Discriminação sobre a Verdade. ...

"Dirigindo sua mente para o interior, conquista-se discriminação e através da discriminação, pensa-se na Verdade. A mente sente o desejo de 'ir dar um passeio até Kali, a Árvore que realiza Todos os Desejos'. Alcançando aquela Árvore, isto é, chegando perto de Deus, pode-se sem qualquer esforço, colher os quatro frutos, a saber, dharma, artha, kama e moksha. Sim, depois de realizar Deus, obtém-se também, se quiser, dharma, artha e kama, necessários para se levar uma vida mundana."

Vizinho: "Então, por que deve alguém chamar o mundo 'maya'?"

Mestre: "Enquanto, uma pessoa não tiver realizado Deus, não deve renunciar ao mundo, seguindo o processo 'Neti, Neti, mas aquele que atingiu Deus sabe que foi Deus que Se tornou tudo. Então vê que Deus, maya, seres vivos e o universo formam um só todo. Deus inclui o universo e seus seres vivos. Suponhamos que você separou a casca, a polpa e as sementes da fruta bel e alguém lhe pergunte qual o peso da fruta. Vai deixar de lado a casca e as sementes e pesar somente a polpa? Não, absolutamente. Para conhecer o verdadeiro peso da fruta, tem que pesar toda ela – a casca, a polpa e as sementes. Só então, poderá dizer qual é o peso real. A casca pode ser comparada ao universo e as sementes aos seres vivos. Enquanto estiver empenhada em discriminação, uma pessoa diz para si mesma, que o universo e os seres vivos são o não-Eu e sem substância. Nesse momento pensa somente na polpa como substância e a casca e as sementes como sem substância. Depois que a discriminação acabar a pessoa sente que as três partes da fruta formam juntas, uma unidade. Compreende que a matéria que produziu a polpa de fruta também produziu a casca e as sementes. Para conhecer a verdadeira natureza da fruta bel, temos que conhecer todas as três.

"Trata-se do processo de evolução e involução. O mundo depois da dissolução, permanece involvido em Deus e Deus, por ocasião da criação, evolve com o mundo. A manteiga vai com o soro e o soro com a manteiga. Se há uma coisa chamada soro, então existe a manteiga e, se há uma coisa chamada manteiga, então o soro também existe. Se o Ser existe, então, o não-Eu deve também, existir.

"O mundo fenomenal pertence àquela Realidade verdadeira à qual o Absoluto pertence; também, o Absoluto pertence àquela própria Realidade à qual o mundo fenomenal pertence. Aquele que é realizado como Deus, também, tornou-se o universo e seus seres vivos. Aquele que conhece a Verdade que foi Ele somente que Se tornou pai e mãe, filho e vizinho, homem e animal, bem e mal, santo e pecador e assim por diante."

Vizinho: "Neste caso não há virtude nem pecado?"

Mestre; "Ambos existem e não existem. Se Deus mantém o ego no homem, então Ele mantém nele a noção de diferenciação e também, o de virtude e erro, mas de alguns seres raros, Ele apaga completamente o ego e eles vão além da virtude e do erro, bem e mal. Enquanto um homem não realizou

Deus, retém o sentido de diferenciação e o conhecimento de bem e mal. Pode-se dizer, 'Virtude e pecado são a mesma coisa para mim. Estou fazendo apenas como Deus me ordena.' Mas sabe no fundo do coração que são meras palavras. Comete uma ação má e sente uma palpitação no coração. Mesmo depois que Deus tenha sido realizado, Ele mantém na mente do devoto, se Ele assim o desejar, o sentimento do 'ego servo'. Naquele estado o devoto diz, 'Ó Deus, Tu és o Amo e eu sou Teu servo'. Esse devoto só se sente bem com conversas e atos espirituais. Não gosta da companhia de pessoas sem Deus. Não se interessa por qualquer trabalho que não seja de natureza santa. Veja que Deus faz diferença mesmo com esse devoto."

Vizinho: "O senhor nos disse para viver no mundo depois de ter conhecido Deus. Pode Deus ser realmente conhecido?"

Mestre: "Deus não pode ser conhecido pelos órgãos dos sentidos ou pela mente, mas Ele pode ser conhecido pela mente pura, pela mente livre de desejos mundanos."

Vizinho: "Quem pode conhecer Deus?:

Mestre: "Certo. Quem pode realmente conhecê-Lo? Quanto a nós é suficiente conhecer d'Ele tudo de que necessitamos. Qual a necessidade que tenho de um poço inteiro de água? Um jarro é mais do que suficiente para mim. Uma formiga foi até uma montanha de açúcar. Tinha ela necessidade de uma montanha inteira? Um grão ou dois eram mais do que suficientes."

Vizinho: "Senhor, somos como os pacientes com febre tifóide. Como podemos ficar satisfeitos com um simples jarro de água? Queremos conhecer a totalidade de Deus."

Mestre: "É verdade, mas há, também, remédio para o tifo."

Vizinho: "Que remédio, senhor?"

Mestre: "A companhia de homens santos, repetir o nome de Deus e cantar Suas glórias e oração ininterrupta. Orei à Mãe Divina: 'Mãe, não procuro conhecimento. Aqui está, toma Teu conhecimento, toma Tua ignorância. Dá-me apenas amor puro por Teus Pés de Lótus.' Não Lhe pedi mais nada.

"Tal doença, tal remédio. O Senhor diz no *Gita*: 'Ó Arjuna, refugie-se em Mim e o livrarei de todos os pecados.' Tome refúgio em Seus pés. Ele lhe dará reta compreensão. Ele tomará inteira responsabilidade por você e então, ficará livre da febre tifóide. Pode alguém conhecer Deus com uma mente como essa? Pode alguém despejar dois litros de leite num pote de meio litro? Poderemos alguma vez conhecer Deus se Ele não nos deixa conhecê-Lo? Por conseguinte, digo, refugie-se em Deus. Deixe-O fazer aquilo que Ele quer. Ele tem poder próprio. Que poder há num homem?"

oooooooooooooooooooooooooooooooooooooooo

CAPÍTULO 16

COM OS DEVOTOS EM DAKSHINESWAR (II)

Domingo, 9 de dezembro de 1883

SRI RAMAKRISHNA estava sentado no pequeno divã em seu aposento com Adhar, Manomohan, Rakhal, M., Harish e outros devotos. Eram mais ou menos duas horas da tarde. O Mestre descrevia-lhes o estado exaltado de Sri Chaitanya.

Mestre: "Chaitanya experimentou três estados mentais. Primeiro, o estado consciente, quando sua mente morava no denso e sutil. Segundo, o estado semiconsciente, quando sua mente entrava no corpo causal e permanecia absorto na felicidade da intoxicação divina. Terceiro, o estado mais interior, quando sua mente se unia à Grande Causa.

"Isto concorda muito bem com os cinco koshas ou 'envoltórios', descritos na Vedanta. O corpo denso correspondente ao annamayakosha e pranamayakosha; o corpo sutil ao manomayakosha e ao vijnanamayakosha e o corpo causal ao anandamayakosha. A Mahakarana, a Grande Causa, está além destes cinco envoltórios. Quando a mente de Chaitanya fundia-se n'Aquele, ele entrava em samadhi. Chama-se este último estado, Nirvikalpa ou jada samadhi.

"Enquanto consciente do mundo exterior, Chaitanya cantava o nome de Deus; quando em estado de consciência parcial, dançava com os devotos e quando no estado mais interior de consciência, permanecia imerso em samadhi."

M. (*para si mesmo*): "Será que o Mestre está se referindo aos diversos estados de sua própria mente? Há muita semelhança entre Chaitanya e o Mestre."

Mestre: "Chaitanya foi o Amor Divino Encarnado. Desceu à terra para ensinar as pessoas como amarem Deus. Uma pessoa alcança tudo quando ama Deus. Não há necessidade de Hatha Yoga."

Um devoto: "Senhor, o que é a Hatha Yoga?"

Mestre: "Um homem que pratica Hatha Yoga concentra-se muito no corpo. Lava os intestinos com um tubo de bambu, através do ânus. Absorve ghee e leite através do órgão sexual. Aprende a manipular a língua praticando exercícios. Senta-se numa postura determinada e de vez em quando, levita. Tudo isto é devido à ação do prana. Um mágico estava fazendo seu número quando a língua virou e prendeu-se no céu da boca. Imediatamente o corpo ficou imóvel. As pessoas tomaram-no como morto. Foi enterrado, permanecendo na sepultura durante muitos anos. Depois de muito tempo, não se sabe como, a sepultura abriu-se. Subitamente o homem voltou à consciência do mundo e gritou: 'Venha a ilusão! Venha a confusão! [1]' (*Todos riem*): Todas essas são ações do prana.

"Os vedantistas não aceitam a Hatha Yoga. Há, também, a Raja Yoga que tem por objetivo obter a união de Deus através da mente por meio da discriminação e bhakti. Essa yoga é boa. A Hatha Yoga não é boa. A vida do homem no Kaliyuga depende da comida."

Shri Ramakrishna estava na calçada, ao lado do Nahabat. Quando se dirigia para o aposento, vindo do bosque de pinheiros, viu M. através da cerca, sentado na varanda do Nahabat, absorto em meditação.

Mestre: "Olá! Você está aqui? Obterá resultados brevemente. Se praticar um pouco, surgirá alguém para ajudá-lo."

M. olhou para o Mestre espantado, permanecendo sentado no chão.

Mestre: "A época está apropriada para você. A mãe passarinho não quebra a casca do ovo, antes do dia certo. Aquele que lhe indiquei, é de fato o seu Ideal."

Shri Ramakrishna disse novamente a M. qual era o seu Ideal Escolhido.

---

[1] Os mágicos, quando executam suas proezas, gritam deste jeito, para enfeitiçar a platéia.

Mestre: "Não é necessário que todos pratiquem grande austeridade. Eu, porém, passei por muitos sofrimentos. Costumava ficar no chão com a cabeça sobre um monte de terra, como se fosse um travesseiro. Mal notava o passar dos dias. Somente chamava Deus e chorava, 'Ó Mãe! Ó Mãe!' "

Há dois anos M. vinha visitando Shri Ramakrishna. Como tinha sido educado à inglesa, adquirira amor pela filosofia e ciência ocidentais e gostava de assistir às conferências de Keshab e de outros eruditos. Shri Ramakrishna às vezes dirigia-se a ele, como "inglês". Desde que tinha começado a freqüentar Shri Ramakrishna, M. havia perdido todo interesse por conferências e livros escritos por eruditos ingleses. A única coisa que o atraía agora, era ver o Mestre dia e noite e ouvir as palavra que saíam de seus lábios abençoados. M. tinha como certas, as palavras de Shri Ramakrishna. O Mestre havia dito, "Uma pessoa certamente vê Deus pela prática da disciplina espiritual" e também, "A visão de Deus é a única meta da vida humana."

Mestre (*a M.*): "Se você praticar nem que seja um pouco, alguém surgirá para lhe mostrar o caminho certo. Observe ekadashi.

"Você é íntimo meu, meu parente, senão, por que viria aqui com tanta freqüência? Durante o kirtan, tive a visão de Rakhal entre os companheiros de Shri Krishna em Vrindavan. Narendra pertence a uma classe muito elevada. Hirananda [2] também. Como sua natureza é infantil! Que disposição doce! Quero vê-lo também.

"Uma vez vi os companheiros de Chaitanya, não num transe, mas com esses olhos. Antes, estava em tal estado mental exaltado, que podia ver todas essas coisas no estado normal, mas agora as vejo em samadhi. Vi os companheiros de Chaitanya com esses olhos. Creio que lá também vi você e Balaram. Já deve ter notado que ao ver certas pessoas, tenho um sobressalto, dou um pulo. Sabe por que? Um homem sente-se assim quando vê sua própria gente, depois de muito tempo.

"Tinha o hábito de orar à Mãe, chorando: 'Mãe, se eu não encontrar os devotos, certamente morrerei, por favor, traga-os para mim imediatamente.' Naqueles dias, qualquer desejo que surgia em minha mente tornava-se realidade. Plantei um pequeno bosque de tulsi no Panchavati para praticar japa e meditação. Queria muito cercá-lo com varas de bambu. Pouco tempo depois, um amarrado de bambu foi trazido pela maré do Ganges e deixado defronte ao Panchavati. Um funcionário do templo viu e alegre, contou-me.

"Naquele estado de intoxicação divina, eu não podia mais fazer o culto formal. 'Mãe', disse, 'quem tomará conta de mim? Não tenho força para cuidar de mim mesmo. Só quero ouvir falar de Ti. Desejo alimentar Teus devotos. Desejo dar uma pequena ajuda àqueles que por acaso, encontre. Como tudo isto será possível, Mãe? Dê-me um homem rico para ficar a meu lado.' Foi por isso que Mathur Babu fez tanto para me servir.

"Disse mais, 'Com certeza não terei filhos, Mãe, mas gostaria que um rapaz com amor sincero a Deus, ficasse sempre comigo. Dá-me esse rapaz.' Esta é a razão pela qual Rakhal veio aqui. Aqueles que considero meus íntimos são parte e pedaço de mim."

O Mestre foi novamente para o Panchavati, acompanhado de M. Não havia mais ninguém com eles. Shri Ramakrishna com um sorriso, contou-lhe vários incidentes dos passados anos de sua vida.

Mestre: "Veja, um dia vi uma figura estranha envolvendo todo espaço, desde o templo de Kali até o Panchavati. Acredita nisso?"

M. permaneceu em silêncio, maravilhado. Arrancou uma ou duas folhas de um galho no Panchavati e colocou-as em seu bolso.

Mestre: "Veja ali – aquele galho foi quebrado. Tinha o hábito de me sentar debaixo dele."

M.: "Peguei um raminho daquela árvore – tenho-o em casa."

Mestre (*com um sorriso*): "Por que?"

M.: "Fico feliz quando olho para ele. No futuro este lugar será considerado sagrado."

Mestre (*sorrindo*): "Que espécie de lugar sagrado? Como Panihati?"

Quase todos os anos o Mestre assistia ao festival religioso de Panihati.

[2] Devoto do Mestre de Sindh.

Era quase noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. O culto da tarde nos templos começou com a música de gongos e conchas. M. ia passar a noite com o Mestre.

Depois de um certo tempo, Shri Ramakrishna pediu a M. para ler algo do *Bhaktamala*, livro sobre os santos vaishnavas, o que ele fez.

> Havia um rei chamado Jayamal que amava Krishna de todo o coração. Seguia com devoção fiel, todos os ritos e cerimônias relacionados com a adoração de Krishna, a quem adorava sob o nome de Syamalasundara. Totalmente satisfeito com sua Divindade Escolhida, jamais dirigiu sua atenção a qualquer outro deus ou deusa. Uma de suas regras inflexíveis de devoção, era adorar a Divindade diariamente até mais ou menos meio-dia. Nunca se desviaria de sua prática, mesmo sob o risco de perder sua riqueza e seu próprio reino. Sabedor deste segredo, um rei inimigo invadiu seu país de manhã. Os soldados de Jayamal não podiam lutar sem sua ordem; assim, observaram a invasão em silêncio. Lentamente o inimigo cercou os fossos da capital. Jayamal, contudo, não saiu do seu oratório. Sua mãe foi ter com ele e chorou amargamente, tentando persuadir o rei a lutar. Calmamente ele lhe disse: "Por que a senhora está preocupada? Syamalasundara deu-me este reino. O que posso fazer se Ele resolveu tirá-lo de mim? Por outro lado, ninguém será capaz de fazer mal se Ele me proteger. Nossos próprios esforços são vãos!"
>
> Realmente, nesse ínterim, Syamalasundara, a Própria Divindade, pegou o cavalo do rei e, muito bem armado, cavalgou até o campo. Enfrentou o rei hostil e sozinho, destruiu seu exército. Tendo esmagado as forças inimigas, a Divindade voltou ao templo e amarrou o cavalo ali mesmo.
>
> Ao acabar a adoração, Jayamal saiu e viu o cavalo ali, arquejando e coberto de suor. "Quem andou cavalgando no meu cavalo?" perguntou. "Quem o trouxe para o templo?" Os funcionários declararam que nada sabiam. Pensativo, o rei foi até o campo de batalha com seu exército e ali encontrou seus inimigos mortos, à exceção do comandante. Olhava a cena sem compreender, quando o rei inimigo aproximou-se, adorou-o e disse: "Por favor, permita-me dizer-lhe algo. Como podia eu lutar? O senhor tem um guerreiro que poderia conquistar o mundo inteiro. Não quero nem sua riqueza, nem seu reino, na verdade ficaria feliz em dar-lhe o meu próprio, se o senhor me falasse a respeito deste seu amigo, o Guerreiro Azul. Logo que voltei meus olhos em sua direção, lançou-me uma magia sobre meu coração e sobre minha alma."
>
> Jayamal compreendeu que havia sido o próprio Syamalasundara que havia aparecido no campo de batalha. O rei inimigo também compreendeu. Adorou Jayamal e através de sua bênção, recebeu a graça de Krishna.

Mestre: "Você acredita em tudo isto? Acredita que Krishna montou naquele cavalo e matou os inimigos de Jayamal?"

M.: "Creio que Jayamal, devoto de Sri Krishna, orou a Ele com o coração anelante. Mas não sei se o inimigo realmente O viu chegando no campo de batalha num cavalo. Krishna pode ter chegado montado num cavalo, mas não sei se Ele realmente foi visto."

Mestre (*com um sorriso*): "O livro contém lindas histórias sobre os devotos, mas é unilateral. Também condena aqueles que divergem dos seus pontos de vista."

Na manhã seguinte o Mestre e M. estavam conversando no jardim.

M.: "Então ficarei aqui."

Mestre: "Bem, vocês vêm aqui com muita freqüência. O que isto quer dizer? As pessoas visitam um santo, no máximo, uma vez, mas vocês vêm muitas vezes. O que significa isso?"

M. ficou em silêncio. O próprio Mestre deu a resposta.

Mestre: "Vocês viriam aqui se não pertencessem ao meu círculo íntimo? Isto quer dizer que vocês todos são meus parentes, minha gente – como pai e filho, irmão e irmã.

"Eu não lhes digo tudo. Se o fizesse vocês continuariam a vir aqui?

"Uma vez Shukadeva foi a Janaka, para ser instruído no Conhecimento de Brahman. Janaka disse, 'Primeiro pague meus honorários', 'Mas', disse Shukadeva, 'por que os pagaria antes de receber a instrução?' Janaka riu e disse: 'Será que você será consciente de guru e discípulo, depois de atingir Brahmajnana? Foi por isso que lhe pedi o pagamento de meus honorários adiantado."

Já noite, a lua apareceu, envolvendo todos os cantos com sua luz prateada. M. andava sozinho, no jardim do templo. Num dos lados do caminho, estavam o Panchavati, o bosque de bakul, o nahabat e o aposento do Mestre e do outro lado corria o Ganges, refletindo milhões de luas fragmentadas na sua superfície ondulante.

M. disse a si mesmo: "Pode uma pessoa realmente ver Deus? O Mestre diz que é possível. Ele diz que, se uma pessoa fizer um pequeno esforço, aparece alguém para mostrar o caminho. Ora, sou casado. Tenho filhos. Apesar de tudo isso, pode alguém realizar Deus?"

M. refletiu um pouco e continuou seu solilóquio: "Claro que sim. Senão, por que haveria o Mestre de afirmá-lo? Por que não seria isso possível pela graça de Deus?

"Aqui está o mundo ao meu redor – o sol, a lua, as estrelas, os seres vivos e os vinte quatro princípios cósmicos. Como vieram à existência? Quem é seu Criador? O que sou eu para Ele? Na verdade a vida é vã sem este conhecimento.

"Com certeza Shri Ramakrishna é o melhor dos homens. Em toda minha vida, jamais vi outra alma tão grande como a dele. Deve ter visto Deus, senão, como poderia falar com Deus dia e noite, dirigindo-se a Ele com tanta intimidade como 'Mãe'? Se não fosse assim, como poderia amar a Deus tão intimamente? Seu amor por Deus é tanto, que se esquece do mundo exterior. Entra em samadhi e permanece como uma coisa sem vida. Do mesmo modo, no êxtase deste amor, ri e chora, dança e canta."

Sexta-feira, 14 de dezembro de 1883

Às nove horas da manhã Shri Ramakrishna estava na varanda perto da porta de seu quarto, com Ramlal a seu lado, Rakhal e Latu passeavam. M. chegou e prosternou-se diante do Mestre. Shri Ramakrishna disse-lhe carinhosamente: "Você veio. É muito bom. Hoje é um dia auspicioso."

Era o último dia do mês bengali e dia de lua cheia. M. ia passar alguns dias com o Mestre, praticando disciplina espiritual. O Mestre havia lhe dito: "Se um aspirante praticar um pouco de disciplina espiritual, então alguém aparece em seu caminho para ajudá-lo."

O Mestre havia dito a M.: "Você não deve comer todos os dias na casa de hóspedes do templo de Kali. Ela é reservada para dar comida gratuita aos monges e pobres. Traga sua própria comida." M. assim o fez. O Mestre arranjou um lugar para cozinhar e pediu a Ramlal para falar com o leiteiro sobre o fornecimento de leite.

Mais tarde, Ramlal começou a ler o *Adhyatma Ramayana*. O Mestre e M. escutavam.

> Rama casou-se com Sita depois de quebrar o grande arco de Shiva. A caminho de Ayodhya com Sua esposa, Rama foi abordado pelo sábio guerreiro Parashurama, que estava disposto a criar-Lhe problema. Parashurama atirou um arco para Rama e desafiou-o a estendê-lo. Dasharatha, pai de Rama, ficou apreensivo. Sorrindo, Rama apanhou o arco com a mão esquerda e esticou-o. Depois, vibrando a corda, fixou uma flecha e perguntou a Parashurama onde deveria atirar. Isto venceu o orgulho do sábio guerreiro. Prosternando-se diante de Rama, Parashurama adorou-O como o Supremo Brahman.

Enquanto ouvia o hino de Parashurama, Shri Ramakrishna entrou em êxtase e de vez em quando, com a voz melodiosa, cantava o nome de Rama.

Depois o Mestre pediu a Ramlal para ler a respeito de Guhaka, o que ele fez.

> Guhaka, o pária, era o chefe dos intocáveis e amigo íntimo de Rama. Quando Rama, Sita e Lakshmana estavam atravessando a floresta para pagar a promessa de Dasharatha, Guhaka levou-os de barco pelo rio. Rama abraçou Guhaka afetuosamente e disse que ia passar quatorze anos no exílio, vestindo casca de árvore e alimentando-se de ervas, frutas e raízes que cresciam pelos bosques. Prometeu visitar Guhaka novamente, quando voltasse a Ayodhya, depois do desterro. O pária rei esperou pacientemente, mas quando os quatorze anos haviam se passado e Rama ainda não voltara, Guhaka acendeu a pira funerária. Estava a ponto de entrar nela, quando Hanuman chegou, como mensageiro de Rama. Imediatamente Rama e Sita apareceram num carro celestial e a alegria de Guhaka não teve limites.

Depois do almoço, Shri Ramakrishna deitou-se para descansar. M. estava sentado no chão. Logo Dr. Shyama e alguns devotos chegaram. O Mestre sentou-se na cama e começou a conversar com eles.

Mestre: "Não é absolutamente necessário ficar-se o tempo todo ocupado com as obrigações. As ações caem quando se realiza Deus, como a flor cai quando o fruto aparece.

"Aquele que realizou Deus não mais executa deveres religiosos como o sandhya. Nesse caso o sandhya funde-se com o Gayatri. Quando isto acontece é suficiente repetir o mantra Gayatri. Então o Gayatri funde-se no Om. Depois disso, nem mais se recita o Gayatri; é suficiente simplesmente cantar Om. Por quanto tempo tem-se que praticar tais devoções como o sandhya? Enquanto não sentir arrepios no corpo e derramar lágrimas de alegria, ao repetir o nome de Rama ou de Hari. As pessoas adoram Deus para ganhar dinheiro ou uma causa na Justiça. Isto não é bom."

Um devoto: "Vemos que todo o mundo luta por dinheiro. Mesmo Keshab Sen casou a filha com um príncipe."

Mestre: "O caso de Keshab é bem diferente. Deus provê tudo para um devoto autêntico, mesmo que ele não faça muito esforço. O filho de um rei tem uma mesada mensal. Não me refiro aos advogados que usam o sofrimento dos outros para ganhar dinheiro e que se tornam escravos dos outros também, com aquele dinheiro. Estou falando de um príncipe real. Um verdadeiro devoto não tem desejos. Não se importa com dinheiro. O dinheiro vem a ele por si mesmo. O *Gita* descreve um devoto assim, como 'contente com aquilo que lhe vem sem esforço'. 'Um autêntico brahmin, sem qualquer interesse pessoal, pode aceitar comida até mesmo de um intocável. Não o deseja: isto lhe vem por si só.'

Um devoto: "Senhor, como se deve viver no mundo?"

Mestre: "Viva no mundo como os bagres vivem na lama. Desenvolve-se amor por Deus, retirando-se para a solidão de vez em quando e meditando em Deus. Em seguida, pode-se viver no mundo com desapego. O bagre tem que viver na lama, mas seu corpo não fica sujo. Semelhante pessoa pode levar a vida de um chefe de família com desapego."

O Mestre notou que M. escutava suas palavras com muita atenção.

Mestre (*olhando para M.*): "Pode-se realizar Deus ao sentir um intenso desapego pelas coisas mundanas. Um homem que tem esse desapego sente que o mundo é como uma floresta em chamas. Considera a esposa e os filhos como um poço profundo. Se sentir realmente aquele desapego, renuncia ao lar e à família. Não lhe basta viver no mundo com desapego.

"Somente 'mulher e ouro' são maya. Uma vez reconhecida, maya sente-se envergonhada e foge. Um homem vestiu uma pele de tigre para assustar outro, mas este último lhe disse: 'Ah! Eu o reconheci. Você é nosso Hare.' A isso o homem vestido com a pele fugiu, sorrindo, para assustar outra pessoa.

"Todas as mulheres são a personificação de Shakti. É o Poder Primordial que Se tornou mulher e Se nos apresenta sob essa forma. Está escrito no *Adhyatma Ramayana* que Narada e outros louvaram Rama, dizendo: 'Ó Rama, só Tu és tudo o que vemos como masculino e Sita, tudo o que vemos, como feminino. Tu és Indra e Sita, Indrani; Tu és Shiva e Sita, Shivani; Tu és homem e Sita, mulher. O que mais é preciso dizer? Tu somente existes onde existe um ser masculino e Sita onde existe um ser feminino.

(*Aos devotos*): "Não se pode renunciar simplesmente por simples desejo. Há o prarabdha karma – tendências herdadas – e coisas assim. Certa vez um yogi disse a um rei, 'Venha viver na floresta comigo e pensar em Deus.' O rei respondeu: 'Isto não posso fazer muito bem. Poderia viver com você, mas ainda possuo desejo de desfrutar vida. Se for viver na floresta, é possível que eu crie um reino ali. Ainda tenho desejos.'

"Natabar Panja costumava cuidar de suas vacas neste jardim, em sua infância. Possuía muitos desejos. Por esta razão abriu uma fábrica de óleo de rícino e ganhou muito dinheiro. Tem um próspero negócio de óleo de rícino em Alambazar.

"Há uma seita que prescreve disciplina espiritual na companhia de mulheres. Uma vez levaram-me até as mulheres pertencentes à seita Kartabhaja. Todas sentaram-se à minha volta. Dirigi-me a elas como 'mãe'. Com isto cochicharam entre si: 'Ele é ainda um pravartaka. Ainda não conhece o caminho.' Segundo aquela seita, o pravatarka é o iniciante. Em seguida, vem o sadhaka, o aspirante que luta e por fim, o siddha do siddha, o supremamente perfeito. Um mulher aproximou-se de Vaishanavcharan e sentou-se junto a ele. Interrogado sobre isto, respondeu: "Ela sente-se como uma jovem.' Uma pessoa rapidamente afasta-se do caminho religioso se olhar a mulher como esposa, mas olhá-la como mãe é uma atitude pura.:"

Alguns devotos despediram-se do Mestre, dizendo que iam visitar o templo de Kali e os outros.

M. saiu sozinho caminhando pelo Panchavati e outros lugares do templo. Pensava na certeza das palavras do Mestre, de que Deus pode ser facilmente realizado, na sua exortação a se levar uma vida de intensa renúncia e em sua afirmação de que maya, ao ser reconhecida, desaparece.

Às três e meia da tarde, M. novamente entrou no quarto do Mestre e sentou-se no chão. Um instrutor do Instituto Broughton havia chegado com vários estudantes, para visitar Shri Ramakrishna. Conversavam. De vez em quando o instrutor fazia perguntas. A conversa girava em torno da adoração de imagens.

Mestre (*ao instrutor*): "O que há de errado com a adoração de uma imagem? A Vedanta diz que Brahman manifesta-Se onde há 'Existência, Luz e Amor'. Por conseguinte, só Brahman existe.

"Por quanto tempo as meninas brincam com suas bonecas? Até se casarem e viverem com seus maridos. Depois do casamento guardam suas bonecas numa caixa. Qual a necessidade em se adorar a imagem depois da visão de Deus?"

O Mestre olhou de relance para M. e disse: "Atinge-se Deus, quando se anseia por Ele. Uma grande inquietude é necessária. Através dela, a mente inteira vai para Deus.

"Um homem teve uma filha que enviuvou quando era ainda muito jovem. Jamais havia conhecido seu marido. Notou o marido das outras moças e uma vez perguntou a seu pai: 'Onde está meu marido?' O pai respondeu: 'Govinda[3] é seu marido. Ele virá se você O chamar.' A essas palavras a menina foi para seu quarto, fechou a porta e chamou por Govinda, dizendo: 'Ó Govinda, venha até mim! Mostra-Te a mim! Por que Tu não vens?' Deus não pôde resistir ao comovente apelo da menina e apareceu-lhe.

"Deve-se ter uma fé infantil – e o intenso desejo que uma criança sente para ver a mãe. Este grande desejo é semelhante ao céu vermelho no leste, ao nascer do sol. Depois disso, o sol nasce. Imediatamente após este desejo ardente, vê-se Deus.

"Vou contar-lhe a história de um menino chamado Jatila. Costumava ir para a escola pelo bosque e isto dava-lhe muito medo. Um dia falou à sua mãe, sobre seu temor. Ela respondeu-lhe: 'Por que ter medo? Chame Madhusudana [4]' . 'Mãe', disse o menino, 'quem é Madhusudana?' A mãe respondeu-lhe, 'É seu Irmão Mais Velho.' Um dia depois, quando, novamente o menino sentiu medo, ao atravessar o bosque, gritou: 'Ó Irmão Madhusudana!' , mas não obteve resposta. Começou a chorar em voz alta, 'Onde estás, Irmão Madhusudana? Vem, tenho medo.' Então Deus não mais pôde se manter afastado. Apareceu diante do menino, dizendo-lhe: 'Estou aqui. Por que estás tão assustado?' Assim falando levou o menino para fora do bosque, mostrando-lhe o caminho da escola. Ao despedir-se, Deus disse: 'Virei sempre que Me chamar. Não tenha medo.' Deve se ter a fé de uma criança, esse anelo.

[3] Nome de Krishna.
[4] Nome de Krishna.

"Um brahmin costumava oferecer comida à Divindade Familiar diariamente. Um dia teve que viajar a negócios. Quando estava saindo de casa, disse a seu filho pequeno: 'Dê a oferenda à Divindade hoje. Cuida para que Deus seja alimentado.' O menino ofereceu comida no altar; mas a imagem permaneceu em silêncio. Não falava nem comia. O menino esperou muito tempo, mas mesmo assim, a imagem não se movia. Ele, porém, acreditava firmemente que Deus desceria do Seu trono, se sentaria no chão e comeria. Repetidamente orou para a Divindade, dizendo: 'Ó Senhor, desça e venha comer. Já é muito tarde. Não posso ficar aqui por mais tempo.' Mas a imagem não pronunciou uma palavra. O menino em prantos, gritava: 'Ó Senhor, meu pai pediu que Te alimentasse. Por que não desce? Por que não queres comer de minhas mãos?' Chorou por algum tempo, com a alma anelante. Por fim, a Divindade, sorrindo, desceu do altar e sentando-se diante da oferenda, comeu-a. Depois de alimentar a Divindade, o menino saiu do santuário. Seus familiares disseram-lhe: 'A adoração está terminada. Agora, retire a oferenda.' 'Sim', disse o menino. 'terminou a adoração, mas Deus comeu tudo.' 'Como isto é possível?' perguntaram. O menino respondeu, inocentemente: "Ora, Deus comeu-a." Entraram no templo e, mudos de espanto, viram que a Divindade havia comido cada pedacinho."

Ao entardecer, Shri Ramakrishna conversava com M. em pé, no lado sul do nahabat. Como era inverno, o Mestre estava agasalhado com um xale de lã.

Mestre: "Onde você vai dormir? Na cabana do Panchavati?"

M.: "Será que eles me deixam usar o quarto do andar de cima do nahabat?"

M. preferia o nahabat porque possuía um temperamento poético. Dali podia olhar o céu, o Ganges, o luar e as flores do jardim.

Mestre: "Eles deixarão, mas sugeri o Panchavati porque ali foi feita muita contemplação e meditação[5] e o nome de Deus foi cantado muitas vezes."

Era noite. O incenso queimava no quarto do Mestre. Estava sentado no pequeno divã, absorvido em meditação. M. estava sentado no chão com Rakhal, Latu e Ramlal.

O Mestre disse a M.: "O mais importante de tudo é cultivar devoção por Deus e amá-Lo." A pedido de Shri Ramakrishna, Ramlal cantou, com o próprio Mestre entoando o primeiro verso de cada uma.

Ramlal cantou:

Ó que visão que eu tive na cabana de Keshab Bharati!
Gora, em toda sua graça incomparável.
Derramando lágrimas em mil torrentes!
Como um elefante louco,
Ele dança em êxtase e canta
Embriagado com amor arrebatador. ...

Depois cantou:

Embora Eu[6] jamais relute em conceber liberação,
Hesito realmente em dar puro amor.
Aquele que consegue puro amor supera tudo.
É adorado pelos homens;
E triunfa sobre os três mundos. ...

Sri Ramakrishna disse a Ramlal: "Cante aquela que diz 'Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados'. Ramlal começou a canção e o Mestre juntou-se a ele:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!
Ouvi dizer quão bondosos vocês são.
E portanto, vim vê-los.
Quando visitei Benares,

[5] Durante sua sadhana, Shri Ramakrishna praticou disciplina espiritual na cabana do Panchavati.
[6] A canção representa as palavras de Shri Krishna.

Shiva, o Senhor de Kashi, falou-me
Do nascimento do Parabrahman.
Como homem, na casa da Mãe Sachi.
Ó Brahman, a Ti reconheço!
Muitos sadhus já vi,
Mas nenhum tão bom como você.

Uma vez em Braja, vocês nasceram.
Como Kanai e Balai, o irmão d'Ele.
Agora, mais uma vez, em Nadia,
Como Gaur e Nitai vocês aparecem,
Escondendo as formas que naquela época utilizara.
Correndo livremente nos pastos de Braja.
Uma vez vocês me divertiram; agora de brincadeira,
Vocês rolam no chão em Nadia,
Cantando em voz alta, o nome de Hari,
Rindo, gritando, uma vez vocês brincaram
Em Braja com seus amigos pastores
E agora, vocês cantam o nome de Hari.

Ó Gaur, com que habilidade você esconde
A forma azul escura[7] que usou em Braja!
Mas Seus olhos oblíquos o traem.
Pela bênção do Seu nome.
O pecador é liberado e dizem:
E assim, minha alma fica cheia de esperança.
Agora, com o coração ansioso, apresso-me
A Teus pés, Senhor! Eu Te imploro,
Mantém-me a salvo dentro da sombra deles,

Tu redimiste Jagai e Madhai
Embora tivessem sido perversos pecadores;
Peço-te fazer o mesmo por mim.
Ouvi falar que tu abraças
Todos os homens como irmãos, mesmo os párias.
Sussurrando nos ouvidos de todos,
O nome do Senhor Hari, que dá vida nova.

Tarde da noite, M. sentou-se sozinho no nahabat. O céu, o rio, o jardim, as torres do templo, as árvores e o Panchavati estavam inundados pelo luar. Em todos os lugares, reinava um silêncio profundo, quebrado apenas pelo murmúrio melodioso do Ganges. M. meditava em Shri Ramakrishna.

Às três horas da manhã M. levantou-se e dirigiu-se para o Panchavati, como Shri Ramakrishna lhe havia sugerido. Não se interessava mais pelo nahabat e havia resolvido ficar na cabana do Panchavati.

De repente ouviu um som distante, como se uma pessoa se lamentasse, "Ó, onde estás Tu, irmão Madhusudana?" A luz da lua cheia estendia-se sobre a folhagem densa do Panchavati e à medida que caminhava, viu à distância, um dos discípulos do Mestre sentado no bosque, sozinho, chorando, desesperadamente. "Ó, onde estás Tu, Irmão Madhusudana?" M. observou-o silenciosamente.

Sábado, 15 de dezembro de 1883

M. estava vivendo em Dakshineswar com Shri Ramakrishna. O Mestre, sentado em seu aposento, ouvia a vida de Prahlada, que Ramlal lia do *Bhaktamala.* M. estava sentado no chão. Rakhal, Latu e Harish encontravam-se também, no quarto, enquanto que Hazra estava

[7] Alusão ao tom azul escuro da pele de Krishna; a pele de Gauranga é dourada.

na varanda. Ouvindo a história de amor de Prahlada por Deus. Shri Ramakrishna entrou em êxtase.

Hiranyakashipu, rei dos demônios e pai de Prahlada, havia submetido seu filho a torturas sem fim, a fim de desviar a mente do rapaz do amor a Deus, mas pela graça divina, todas as tentativas do rei para matar Prahlada, foram vãs. Por fim, Deus apareceu sob a forma de Nrisimha, o leão-Homem, e matou Hiranyakashipu. Os deuses se apavoraram com a raiva e o rugido do leão-Homem e pensaram que a destruição do mundo era iminente. Enviaram Prahlada para acalmar a Divindade. O rapaz cantou um hino, com palavras de amor e o leão-Homem, tomado de emoção, lambeu o corpo de Prahlada.

Imóvel, em êxtase, o Mestre disse: "Ah! Ah! Que amor pelo devoto!" O Mestre entrou em samadhi profundo. Estava sentado ali, imóvel. Uma lágrima poderia ser vista, em cada canto dos olhos.

O Mestre desceu ao plano do mundo dos sentidos e falou a M., expressando seu desdém por aqueles que, enquanto praticam disciplina espiritual, gozam vida sexual.

Mestre: "Vocês não têm vergonha? Têm filhos, mas ainda mantêm relações sexuais com sua esposa. Não sentem ódio por si mesmos, por levarem uma vida de animal? Não se detestam por namorarem um corpo que contém somente sangue, fleuma, detritos e fezes? Aquele que contempla os Pés de Lótus de Deus olham, mesmo a mulher mais linda, como cinzas do campo de cremação. Imaginem tirar proveito de um corpo que não dura e que é formado de elementos impuros como intestinos, bile, carne e ossos! Não se envergonham?"

M. sentou-se ali, silenciosamente, balançando a cabeça, envergonhado.

Mestre: "Aquele que provou uma simples gota do amor de Deus, olha 'mulher e ouro', como insignificantes. Aquele que bebeu calda de açúcar cande, olha a bebida feita de melado, como inferior. Obtém-se gradualmente, esse amor por Deus, somente orando-Lhe, com o coração ansioso e sempre cantando Seu nome e glórias."

O Mestre estava em êxtase de amor. Começou a andar pelo quarto, cantando:

> Quem está cantando o nome de Hari na margem do sagrado Ganges?
> Foi Nitai quem chegou, aquele que dá amor celestial? ...

Eram dez horas da manhã. Ramlal havia terminado o culto diário no templo de Kali. O Mestre foi para o templo, acompanhado de M. Entrando no santuário, o Mestre sentou-se diante da imagem. Ofereceu uma flor ou duas, aos Pés da Mãe Divina. Em seguida colocou uma flor em sua própria cabeça e começou a meditar. Entoou uma canção para a Mãe Divina:

> Teu nome, ouvi dizer, Ó Consorte de Shiva, é o destruidor de nosso medo.
> E assim em Ti deposito meu fardo. Salva-me! Salva-me! Ó Mãe gentil!...

Shri Ramakrishna voltou do templo de Kali e sentou-se na varanda sudeste de seu quarto. Tomou uma refeição ligeira, oferecida ao templo, da qual os devotos também participaram.

Rakhal sentou-se junto do Mestre e leu a respeito de Lord Erskine do livro *Self-Help* de Smiles.

Mestre (*a M.*): "De que o livro trata?"

M.: "Diz que Lord Erskine cumpria seu dever sem desejar nada para si mesmo. Dever desinteressado."

Mestre: "É muito bom, mas a característica de um homem de Conhecimento Perfeito é que ele não guarda qualquer livro consigo. Guarda todo Conhecimento na ponta de sua língua. É o exemplo de Shukadeva. Os livros, quero dizer, as Escrituras – contêm uma mistura de areia e açúcar. O sadhu apanha o açúcar, deixando de lado, a areia. Pega somente a essência."

Vaishnavcharan, o músico, chegou e cantou alguns cânticos devocionais.

Domingo, 16 de dezembro de 1883

Shri Ramakrishna estava sentado com M., no pórtico semicircular de seu quarto, mais ou menos às dez horas da manhã. O perfume das gardênias, jasmins, espirradeiras, rosas e outras flores enchiam o ar. O Mestre cantava, olhando para M.:

> Tu tens que me salvar a mais doce Mãe! Em Ti venho me refugiar.
> Sem esperança, como um pássaro aprisionado na gaiola.
> Cometi inúmeros erros e perambulo sem objetivo
> Desviado pela magia de maya, despojado da luz da sabedoria,
> Inconsolado como uma vaca, cujo bezerro extraviou-se para muito longe.

Mestre: "Mas, por que? Por que tenho que viver como um 'pássaro aprisionado numa gaiola'? Fora! Que vergonha!"

Ao dizer estas palavras, o Mestre entrou em êxtase. Do corpo permaneceu imóvel e a mente, parou de funcionar; lágrimas escorriam por suas faces. Depois de um certo tempo, disse, "Ó Mãe, torna-me igual a Sita, completamente esquecido de tudo – corpo e membros – totalmente inconsciente das mãos, pés e órgãos dos sentidos - com somente um pensamento em sua mente, 'Onde está Rama?'

Será que o Mestre havia se inspirado no ideal de Sita, para ensinar a M. o desejo ardente que um devoto deve sentir por Deus? A vida de Sita estava centrada em Rama. Completamente absorvida no pensamento de Rama, Sita esqueceu-se até do corpo, que é tão caro a todos.

Às quatro horas da tarde o Sr. Mukherji, parente de Prankrishna, chegou em companhia de um brahmin, bem versado nas Escrituras.

Mukherji: "Estou muito feliz em conhecê-lo, senhor."

Mestre: "Deus mora em todos os seres. É o ouro em tudo. Em alguns lugares está manifestado mais claramente do que em outros. Deus mora nas pessoas de mente mundana, sem dúvida, mas Ele está escondido ali, como o ouro nas profundas camadas de argila."

Mukherji: "Senhor, qual a diferença entre o mundano e o não mundano?"

Mestre: "Enquanto luta pela realização de Deus, o aspirante tem que praticar renúncia, aplicando a lógica do 'Neti, neti'- 'Não é isto, não é isto', mas depois de obter a visão de Deus, realiza que Deus tornou-Se todas as coisas.

"Uma vez Rama estava tomado pelo espírito de renúncia. Dasharatha, preocupado com este fato, foi ter com o sábio Vashishtha e pediu-lhe para persuadir Rama a não abandonar o mundo. O sábio foi até Rama e encontrou-o acabrunhado. O fogo da renúncia intensa estava consumindo a mente do Príncipe. Vashishtha disse: 'Rama, por que Tu deverias renunciar ao mundo? Por acaso é o mundo exterior a Deus? Raciocina comigo.' Rama realizou que o mundo tinha se originado do Brahman Supremo. Assim, não disse nada.

"A coalhada é feita da mesma substância que a manteiga. Aquele que reconhece isto, sabe que a manteiga vai com a coalhada e a coalhada com a manteiga. Depois de separar a manteiga com muito esforço – isto é, depois de atingir Brahmajnana – o senhor realizará que, enquanto a manteiga existir, a coalhada também deve existir. Onde houver manteiga, deve haver coalhada. Enquanto uma pessoa sentir que Brahman existe, ela deve levar em conta também, que o universo, seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos existem também.

"O que Brahman é, não pode ser descrito em palavras. Tudo foi poluído, como o alimento que tocou a língua – isto é, tudo foi descrito em palavras, mas ninguém foi capaz de descrever Brahman. Portanto, não é poluído. Disse isso a Vidyasagar, que ficou maravilhado.

"Mas o Conhecimento de Brahman não pode ser realizado se o aspirante tiver mente mundana, mesmo em pequeno grau. Ele só consegue atingir este Conhecimento, somente quando a mente estiver completamente livre de 'mulher e ouro'. Parvati uma vez disse ao Pai: 'Pai, procure a companhia dos santos, se quiser ter o Conhecimento de Brahman'."

Dirigindo-se para o Sr. Mukherji, Sri Ramakrishna falou: "O senhor é rico e todavia chama por Deus. Em verdade isto é muito bom. Está escrito no *Gita* que aqueles que se desviam do caminho da Yoga nascem em sua próxima encarnação, em famílias ricas."

O Sr. Mukherji citou o verso do *Gita*.

Mestre: "Deus, se quiser, pode também manter um jnani no mundo. O mundo e todos os seres vivos foram criados por Sua vontade. Ele tem vontade própria."

Mukherji (*com um sorriso*): "Como pode Deus ter alguma vontade? Falta-Lhe algo?"

Mestre (*com um sorriso*): "O que há de errado nisso? Água é água, quer esteja parada ou em ondas. A cobra é cobra, quer esteja enroscada, imóvel ou rastejando. Um homem é o mesmo homem, sentado, quieto, ou empenhado em alguma atividade.

"Como se pode eliminar da Realidade, o universo e os seres vivos? Se assim for feito, Ela perderá todo o peso. Não se pode conhecer o peso da fruta bel, se as sementes e casca forem retiradas.

"Brahman é desapegado. Uma pessoa sente cheiro bom e mau no ar, mas o ar em si mesmo não é afetado. Brahman e Shakti são idênticos. Foi o Poder Primordial que Se tornou o mundo e todos os seres vivos."

Mukherji: "Por que alguém se desvia do caminho da yoga?"

Mestre: "Como diz o ditado: 'No ventre de minha mãe, eu me encontrava em estado de yoga; vindo ao mundo comi argila. A parteira cortou um elo, o cordão umbilical, mas como vou cortar o elo de maya?'

"Maya nada mais é do que 'mulher e ouro'. Aquele que libertou a mente desses dois grilhões, atinge yoga. O Eu - o Supremo Ser – é o ímã, o eu individual, a agulha. O eu individual experimenta o estado de yoga, quando é atraído pelo Ser Supremo para Si mesmo, mas o ímã não pode atrair a agulha se ela estiver coberta de argila; só pode atrair a agulha, quando a argila foi removida. A argila de 'mulher e ouro' tem que ser eliminada."

Mukherji: "Como podemos eliminá-la?"

Mestre: "Chore por Deus com o coração anelante. Lágrimas derramadas para Ele lavarão a argila. Quando você tiver se libertado de impureza, será atraído pelo imã. Só então, atingirá yoga."

Mukherji: "Palavras inestimáveis!"

Mestre: "Se um homem for capaz de chorar por Deus, O verá. Entrará em samadhi. A perfeição na yoga é o samadhi. Um homem alcança kumbhaka, sem qualquer exercício de yoga, se somente chorar por Deus. O estado seguinte é o samadhi.

"Há um outro método – a meditação. No Sahasrara o Próprio Shiva manifesta-Se de uma maneira especial. O aspirante tem que meditar n' Ele. O corpo é como uma bandeja e a mente e o buddhi são como a água. O Sol de Satchidananda está refletido nessa água. Meditando no sol refletido, vê-se o Sol Real, pela graça de Deus.

"Mas o homem do mundo deve viver sempre na companhia dos homens santos. Isto é necessário para todos, até para sannyasis, mas é imprescindível para o chefe de família. Sua doença tornou-se crônica, porque ele tem que viver o tempo todo no meio de 'mulher e ouro'."

Mukherji: "Sim, senhor. A doença realmente tornou-se crônica."

Mestre: "Dê a Deus sua procuração. Deixe-O fazer o que quiser. Seja uma gatinho e chore por Ele com o coração anelante. A mãe gata coloca-o onde ela quiser. O gatinho não sabe nada. É deixado às vezes em cima da cama e outras vezes, próximo do fogão."

Mukherji: "É bom ler livros sagrados como o *Gita*."

Mestre: "Mas o que se ganha com simples leitura? Alguns ouviram falar de leite, outros o viram e alguns o beberam. Deus pode realmente ser visto; o que é mais, pode-se falar com Ele.

"O primeiro estágio é o do iniciante. Estuda e ouve. O segundo estágio é o do aspirante que luta. Ora a Deus, medita n'Ele e canta Seu nome e glórias. O terceiro estágio é o da alma perfeita. Viu Deus, realizou-O direta e imediatamente em Sua Consciência interior. Por último, vem o estágio do supremamente perfeito, como Chaitanya. Um devoto assim estabelece uma relação definitiva com Deus, olhando-O como Seu filho ou Bem-amado."

M., Rakhal, Jogin, Latu e outros devotos ficaram fascinados com essas palavras de realização divina.

O Sr. Mukherji e seu amigo despediram-se do Mestre. Depois de saudarem-no, ficaram de pé. O Mestre, por cortesia, também, levantou-se.

Mukherji (*sorrindo*): "O senhor, levantar-se ou sentar-se!"

Mestre (*sorrindo*): "Mas qual é o mal? Água é água, quer esteja parada ou em ondas. Sou como uma folha atirada ao vento. O vento sopra-a para onde quiser. Sou a máquina e Deus, seu Operador."

O Sr. Mukherji e seu amigo retiraram-se. M. pensou: "Segundo a Vedanta, tudo é como um sonho. Todos estes – o ego, o universo e os seres vivos são irreais, então?"

M. havia estudado um pouco de Vedanta. Havia também lido os filósofos alemães como Kant e Hegel, cujos escritos são somente um fraco eco da Vedanta. Mas Shri Ramakrishna não chegara às suas conclusões pelo raciocínio, como os eruditos comuns. Foi a Mãe Divina do Universo quem lhe revelou a Verdade. Estes foram os pensamentos de M.

Um pouco mais tarde, Shri Ramakrishna e M. conversaram no pórtico leste do quarto do Mestre. Não havia mais ninguém. Era uma tarde de fim de inverno, mas o sol ainda não havia desaparecido no horizonte.

M.: "É o mundo irreal?"

Mestre: "Por que haveria de ser irreal? O que você pergunta é assunto para discussão filosófica.

"No começo quando o homem raciocina seguindo o método vedantista de 'Isto não, isto não', realiza que Brahman não é o seres vivos, nem o universo, nem o vinte e quatro princípios cósmicos. Todas essas coisas são como sonhos para ele. Depois vem a afirmação de tudo o que foi negado e ele sente que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos.

"Suponhamos que você esteja subindo ao terraço pelas escadas. Enquanto estiver consciente do telhado, também o está dos degraus. Aquele que percebe o alto, também percebe o baixo, mas ao atingir o terraço, compreende que os degraus são feitos dos mesmos materiais – tijolo, cal e pó de tijolo – como o telhado.

"Além do mais já dei a lustração da fruta bel. Tanto a mutabilidade, quanto a imutabilidade pertencem à única e mesma Realidade.

"O ego não pode ser eliminado. Enquanto a 'consciência do eu' existir, os seres vivos e o universo devem também existir. Depois de realizar Deus, vê-se que foi Ele Próprio que Se tornou o universo e os seres vivos. Mas não se pode realizar isto pelo simples raciocínio.

"Shiva tem dois estados mentais. Primeiro, o estado de samadhi, quando está transfixado na Grande Yoga. Então Ele é Atmarama, satisfeito no Ser. Segundo, o estado em que Ele desce do samadhi e mantém um vestígio de ego. Dança de um lado para o outro, cantando 'Rama! Rama!' "

Estava o Mestre, ao descrever Shiva, aludindo ao seu próprio estado mental?

Era quase meia-noite. Sri Ramakrishna meditava na Mãe Divina, cantando Seu santo nome. Os devotos também haviam ido a lugares solitários para meditar em seus Ideais Escolhidos. A adoração da noite começou no templo, nos santuários de Kali, Radha-Krishna e Shiva.

Era o segundo dia da quinzena escura da lua. Logo a lua apareceu no céu, banhando os templos, as árvores, as flores e a superfície encapelada do Ganges. O Mestre estava sentado no divã e M., no chão. A conversa girou em torno da Vedanta.

Mestre (*a M.*): "Por que o universo deveria ser irreal? Trata-se de uma especulação dos filósofos. Depois de realizar Deus vê-se que é o Próprio Deus quem Se tornou o universo É o Próprio Deus quem Se tornou o universo e todos os seres vivos.

"A Mãe Divina revelou-me no templo de Kali, que foi Ela que havia Se tornado tudo. Mostrou-me que tudo estava cheio de Consciência. A imagem era Consciência, o altar era Consciência, os jarros d'água eram Consciência, a soleira da porta era Consciência, o chão de mármore era a Consciência. Tudo era Consciência.

"Descobri que tudo dentro do quarto estava, por assim dizer, mergulhado em Bem-aventurança – a Bem-aventurança de Satchidananda. Vi um homem mau em frente ao templo de Kali, mas nele também vi o Poder da Mãe Divina vibrando.

"Foi por isso que alimentei um gato com comida que ia ser oferecida à Mãe Divina. Claramente percebi que a Própria Mãe Divina havia Se tornado tudo – até mesmo o gato. O administrador do templo havia escrito a Mathur Babu, dizendo que eu estava alimentando o

gato com a oferenda destinada à Mãe Divina, mas Mathur Babu compreendeu meu estado mental. Escreveu ao administrador: 'Deixe-o fazer o que quiser. Não lhe diga nada.'

"Depois de realizar Deus, vê-se que tudo está certo – que foi Ele que Se tornou o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos, mas o que permanece quando Deus apaga completamente o ego, não pode ser descrito por palavras. Como Ramprasad diz, em uma de suas canções, 'Somente então você saberá se é bom ou se eu sou bom!' Ainda hoje em dia entro neste estado!

"Pelo raciocínio um homem vê uma coisa de um modo e de outro completamente diferente, quando o Próprio Deus revela-Se a ele."

Segunda-feira, 17 de dezembro de 1883

Eram mais ou menos oito horas da manhã. Sri Ramakrishna estava no seu quarto com M., quando Dr. Madhu chegou e sentou-se ao lado do Mestre, no pequeno divã. Era um senhor idoso, muito arguto. Quando o Mestre se sentia indisposto, costumava chamá-lo.

Mestre: "Em resumo, o importante é que uma pessoa deve desenvolver amor por Satchidananda. Que tipo de amor? Como se deve amar Deus? Gauri costumava dizer que devemos nos tornar Sita, para entender Rama; assim como Bhagavati, a Mãe Divina, para compreender Bhagavan, Shiva. Deve-se fazer austeridade, como Bhagavati o fez, a fim de atingir Shiva. Deve-se cultivar a atitude de Prakriti para realizar Purusha - atitude de amigo, ajudante ou mãe.

"Numa visão vi Sita. Descobri que sua mente estava totalmente concentrada em Rama. Estava completamente indiferente a tudo – mãos, pés, roupas, jóias. Parecia que Rama havia preenchido cada pedacinho de sua vida e que ela não poderia viver sem Rama."

M.: "Sim, senhor. Era louca de amor por Rama."

Mestre: "Louca! É essa a palavra. Devemos ficar loucos de amor, a fim de realizar Deus, mas este amor não é possível, se a mente mora em 'mulher e ouro'. Vida sexual com uma mulher! Que felicidade há nisso? A realização de Deus dá dez milhões de vezes mais felicidade. Gauri costumava dizer que, quando um homem atinge o amor de Deus, todos os poros de sua pele, mesmo a raiz de seus cabelos, tornam-se como numerosos órgãos sexuais e em cada poro, o aspirante goza a felicidade da comunhão com o Atman.

"Deve-se chamar Deus com o coração anelante. Deve-se aprender com o guru como Deus pode ser realizado. Somente se o próprio guru atingiu o Conhecimento Perfeito poderá mostrar o caminho.

"Um homem abandona todos os desejos quando tiver o Conhecimento Perfeito. Torna-se como um menino de cinco anos. Sábios como Dattatreya e Jadabharata tinham a natureza de uma criança."

M.: "Ouvimos sobre deles, mas houve outros, de quem ninguém ouviu falar."

Mestre: "Sim, o jnani liberta-se de todos os desejos. Se algum permanece, não o afeta. Ao toque da pedra filosofal, a espada transforma-se em ouro. Então ela não mais pode matar. Assim também o jnani mantém somente uma semelhança de cólera e paixão que são apenas em nome, mas não lhe podem fazer mal."

M.: "Sim, senhor. O jnani vai além dos três gunas como o senhor diz. Não está sob o domínio de qualquer um dos gunas – sattva, rajas ou tamas. Todos os três são como ladrões, por assim dizer."

Mestre: "Sim, deve-se assimilar isso."

M.: "Nesse mundo há talvez não mais do que três ou quatro homens de Conhecimento Perfeito."

Mestre: "Por que você diz isso? Podemos ver muitos santos e sannyasis nos mosteiros do norte da Índia."

M.: "Bem, também posso tornar-me um sannyasi como um deles."

O Mestre fixou os olhos em M. e disse, "Renunciando a tudo?

"M.: "O que um homem pode alcançar, se não se livrar de maya? O que se ganha sendo simplesmente um sannyasi, se não puder subjugar maya."

Ambos ficaram em silêncio por alguns minutos.

M.: "Senhor, qual a natureza do amor divino que transcende os três gunas?"

Mestre: "Atingindo esse amor, o devoto vê tudo pleno de Espírito e Consciência. Para ele 'Krishna é Consciência e Sua Morada Sagrada também é Consciência.' O devoto também é Consciência. Tudo é Consciência. Poucas pessoas conseguem esse amor."

Dr. Madhu: "O amor que transcende os três gunas significa, em outras palavras, que o devoto não está sob o controle de qualquer um dos gunas."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, é isso. Torna-se como uma criança de cinco anos, fora do controle dos gunas."

O Mestre descansava depois do almoço. Mani Mallick chegou e saudou-o. Shri Ramakrishna permaneceu deitado no divã e disse uma palavra ou duas a Mani.

Mani: "Ouvi dizer que o senhor visitou Keshab Sen."

Mestre: "Sim, como ele está agora?"

Mani: "Não melhorou nem um pouco da doença."

Mestre: "Achei-o muito rajásico. Tive que esperar muito tempo antes de poder vê-lo."

O Mestre sentou-se no divã e continuou a conversa com os devotos.

Mestre (*a M.*): "Fiquei louco por Rama. Costumava perambular, levando a imagem de Ramlala [8] que me foi dada por um monge. Eu banhava-O, alimentava-O e punha-O para dormir. Levava-O comigo para onde quer que fosse. Fiquei louco por Ramlala."

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[8] Imagem de latão do Menino Rama.

CAPÍTULO 17

M. EM DAKSHINESWAR (I)

Terça-feira, 18 de dezembro de 1883

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto com os devotos. Elogiava o amor de Devendranath Tagore por Deus e sua renúncia e apontando para Rakhal e outros jovens devotos, disse: "Devendra é um homem bom, mas realmente são abençoados os jovens aspirantes que, como Shukadeva, praticam renúncia desde a tenra infância e pensam em Deus dia e noite, sem se envolverem com a vida mundana.

"O homem mundano tem sempre um desejo ou outro, embora de vez em quando demonstre muita devoção a Deus. Certa vez Mathur Babu, empenhado numa ação judicial, disse-me diante do altar de Kali, 'Senhor, por favor ofereça esta flor à Mãe Divina'. Eu a ofereci sem suspeitar, mas ele acreditava firmemente que conseguiria o desejado se eu oferecesse a flor.

"Que devoção possuía a mãe de Rati! Quantas vezes veio aqui e o quanto me serviu! Era vaishnava. Um dia notou que eu comia alimento oferecido no templo de Kali e isso a fez não vir mais aqui. Sua devoção a Deus era unilateral. Não é possível entender uma pessoa imediatamente."

Era uma manhã de inverno e o Mestre estava sentado perto da porta leste do seu aposento, agasalhado com seu xale de "moskelin". Olhava para o sol, quando subitamente entrou em samadhi. Os olhos pararam de piscar e perdeu a consciência do mundo exterior. Depois de muito tempo desceu ao plano do mundo sensório. Rakhal, Hazra, M. e outros devotos estavam sentados perto dele.

Mestre (*a Hazra*): "O estado de samadhi é certamente inspirado por amor. Uma vez, em Shyambazar, organizaram um kirtan na casa de Natavar Goswami. Ali tive a visão de Krishna e das gopis de Vrindavan. Senti que meu corpo sutil caminhava atrás de Krishna.

"Entrei em samadhi quando cantaram músicas religiosas semelhantes no Hari Sabha, no Jorashanko em Calcutá. Naquele dia temeu-se que eu deixasse o corpo."

Depois que o Mestre terminou o banho, novamente voltou a falar do amor espiritual das gopis. Disse a M. e outros devotos: "Deve-se aceitar o apego abrasador das gopis ao seu Bem-Amado Krishna. Cante assim:

> Diga-me, amiga, onde está o bosque
> Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?
> Seu perfume me alcança mesmo aqui.
> Mas estou cansado e não posso andar mais."

Novamente cantou:

> Não vou para casa, amiga.
> Porque aí é difícil para mim, cantar o nome de meu Krishna. ...

Shri Ramakrishna prometera oferecer coco verde e açúcar a Siddheshvari, Mãe Divina, pelo bem-estar de Rakhal. Perguntou a M. se ele pagaria as oferendas.

Naquela tarde o Mestre, acompanhado de M., Rakhal e alguns devotos, tomou uma carruagem para o templo de Siddheshvari em Calcutá. No caminho compraram as oferendas. Ao chegar ao templo, o Mestre pediu aos devotos que oferecessem fruta e açúcar à Mãe Divina. Viram os sacerdotes e seus amigos jogando cartas no templo. Shri Ramakrishna disse: "Jogar cartas num templo! Aí devemos pensar em Deus."

Do templo, o Mestre foi para a casa de Jadu Mallick. Jadu estava cercado pelos seus admiradores, bajuladores bem vestidos. Saudou o Mestre.

Mestre (*com um sorriso*): "Por que mantém junto de você tantos palhaços e bajuladores?"

Jadu (*sorriso*): "Para que o senhor os libere." (*Risada*).

Mestre: "Os bajuladores pensam que um homem rico abrirá a bolsa para eles, mas é muito difícil tirar alguma coisa dele. Certa vez um chacal viu um touro e não o largou mais. Onde o touro ia, o chacal ia atrás. O chacal pensou: 'Os testículos do touro estão dependurados. Um dia desses vão cair no chão e vou comê-los.' Quando o touro dormia no chão, o chacal também dormia e quando o touro andava de um lado para o outro, o chacal o seguia. Passaram-se muitos dias assim, mas os testículos do touro ainda estavam presos em seu corpo. O chacal foi embora, desapontado. (*Todos riram*). Isso também ocorre com os bajuladores."

Jadu e sua mãe serviram uma refeição ligeira a Sri Ramakrishna e devotos.

Quarta-feira, 19 de dezembro de 1883

Eram nove horas da manhã. Sri Ramakrishna conversava com M. perto da árvore bel em Dakshineswar. Esta árvore, debaixo da qual o Mestre havia praticado a mais austera sadhana, erguia-se no limite norte do templo. Mais ao norte, erguia-se um muro alto e do lado de fora ficava o depósito do governo. A oeste da árvore bel estendia-se uma ala de altos pinheiros que balançavam-se ao vento. Embaixo corria o Ganges e para o sul, podia-se avistar o bosque sagrado do Panchavati. As árvores compactas e arbustos escondiam o templo. Nenhum barulho do mundo chegava até a árvore bel.

Mestre (*a M.*): "Mas não se pode realizar Deus sem renunciar a 'mulher e ouro'."

M.: "Por que? Vashishtha não disse a Rama, 'Ó Rama, podes renunciar ao mundo, como se ele estivesse fora de Deus?' "

Mestre (*sorrindo*): "Falou assim com Rama para que Ele pudesse destruir Ravana. Rama aceitou a vida de chefe de família e casou-se para cumprir sua missão."

M. permaneceu atônito e mudo, como um tronco de árvore.

Voltando para os aposentos, Shri Ramakrishna passou pelo Panchavati. M. acompanhou-o. Eram mais ou menos dez horas.

M.: "Senhor, há alguma disciplina espiritual que conduz à realização do Deus Impessoal?"

Mestre: "Sim, há, mas o caminho é muito difícil. Depois de intensa austeridade, os rishis da antigüidade realizaram Deus como sua consciência mais íntima e experimentaram a verdadeira natureza de Brahman. Mas como tiveram que trabalhar arduamente! Bem de manhã saíam de suas casas e durante o dia todo, praticavam austeridade e meditação. Voltando para casa na caída da tarde, tomavam uma refeição leve de frutas e raízes.

"Mas um aspirante não será bem sucedido neste tipo de disciplina espiritual se a mente estiver voltada pelo mundanismo, mesmo em grau ínfimo. A mente tem que ser totalmente retirada de todos os objetos de forma, paladar, olfato, tato e som. Somente assim torna-se pura. A Mente Pura é o mesmo que Atman Puro, mas ela deve estar totalmente livre de 'mulher e ouro'. Quando ela se torna pura, tem-se outra experiência. Realiza-se: 'Somente Deus é Aquele que faz e eu sou Seu instrumento'. Não se sente absolutamente necessário aos outros, seja em sua infelicidade ou em sua felicidade.

"Certa vez um homem malvado bateu num monge que vivia num mosteiro, levando-o à inconsciência. Ao recobrar os sentidos os amigos perguntaram-lhe: 'Quem lhe está dando leite?' O monge respondeu, 'Aquele que me bateu, está agora me alimentando'."

M.: "Sim, senhor. Conheço essa história."

Mestre: "Não é suficiente conhecê-la. Deve-se assimilar o seu significado. É o pensamento dos objetos mundanos que impede a mente de entrar em samadhi. Quando se está totalmente livre do mundanismo, fica-se estabelecido em samadhi. É-me possível abandonar o corpo em samadhi, mas tenho um pequeno desejo de desfrutar o amor de Deus e a companhia de Seus devotos, portanto, presto pouca atenção a meu corpo.

"Há um outro tipo de samadhi chamado unmana samadhi. Este é obtido ao juntar de repente, a mente dispersa. Compreendeu ou não?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Sim. É a súbita retirada da mente dispersa, para o Ideal, mas esse samadhi não dura muito tempo. Pensamentos mundanos intervêm e o destroem. O yogi cai de sua yoga.

"Em Kamarpukur vi uma mangusta que morava numa toca em cima do muro. Sentia-se bem acomodada ali. Às vezes as pessoas amarravam um tijolo em sua cauda; então o puxão do tijolo fazia-a sair de seu buraco. Todas as vezes que a mangusta tentava acomodar-se em sua toca, era obrigada a sair por causa do puxão do tijolo. Assim é o efeito de se concentrar nos objetos mundanos que tira o yogi do caminho da yoga.

"As pessoas mundanas podem, de vez em quando, experimentar o samadhi. O lótus desabrocha, sem dúvida, quando o sol está no céu, mas suas pétalas fecham-se de novo quando ele for coberto por uma nuvem. O pensamento mundano é a nuvem."

M.: "É possível desenvolver tanto jnana como bhakti, pela prática de disciplina espiritual?"

Mestre: "Através do caminho da bhakti o homem pode alcançar ambas. Se for necessário, Deus dá Conhecimento de Brahman, mas um aspirante altamente qualificado pode desenvolver ambas, jnana e bhakti ao mesmo tempo. Tal é o caso dos Ishvarakotis - por exemplo, Chaitanya - mas com os devotos comuns é diferente.

"Há cinco tipos de luz: a luz de um lampião, a luz dos diversos tipos de fogo, o luar, a luz do sol e por fim, a luz combinada do sol e do luar. Bhakti é o luar e jnana, a luz do sol.

"Às vezes vê-se que mal o sol se põe, a lua aparece no céu. Numa Encarnação de Deus vê-se, ao mesmo tempo, o sol do Conhecimento e a lua do Amor.

"Podem todos, por um simples desejo, desenvolver Conhecimento e Amor ao mesmo tempo? Depende da pessoa. Um bambu é mais oco do que o outro. É possível para todos compreender a natureza de Deus? Pode um pote com a capa idade para uma medida conter cinco medidas de leite?"

M.: "Mas e a graça de Deus? Por Sua graça um camelo pode passar pelo buraco de uma agulha."

Mestre: "Mas é possível obter-se a graça de Deus com facilidade? Um mendigo pode conseguir um centavo, se pedir. Mas suponhamos que ele lhe peça sua passagem de trem. O que me diz disso?"

M. permaneceu em silêncio, o Mestre também. Subitamente disse: "Sim, pela graça de Deus pode-se obter jnana e bhakti."

M. saudou o Mestre e voltou para a árvore bel.

Ao meio-dia, como M. ainda não tivesse voltado, Sri Ramakrishna foi até a árvore bel, mas chegando ao Panchavati, encontrou M. com seu tapete de meditação e jarro d'água. M. saudou-o.

Sri Ramakrishna disse a M.: "Vim buscá-lo. Como estava demorando, imaginei que poderia ter pulado o muro e ido embora. Observei seus olhos hoje de manhã e fiquei com medo que você fosse embora como Narayan Shastri. Disse a mim mesmo: 'Não, ele não vai fugir. Pensa muito antes de fazer qualquer coisa'."

Naquela noite, o Mestre conversou com M., Rakhal, Latu, Harish e outros devotos.

Mestre (*a M.*): "Algumas pessoas dão uma interpretação metafísica ao episódio de Vrindavan da vida de Sri Krishna. O que você diz a respeito?"

M.: "Há várias opiniões, mas o que importa? O senhor contou-nos a história de Bhishmadeva, que chorou em seu leito de flechas, porque não compreendia nada a respeito os meios utilizados por Deus.

"O senhor também falou-nos que Hanuman costumava dizer: 'Não sei nada a respeito dos dias da semana, posição das estrelas e assim por diante. Medito somente em Rama.'

"Além disso falou-nos que em última análise, há somente duas coisas: Brahman e Seu Poder. Disse-nos também que, depois de atingir Brahmajnana, realiza-se que esses dois são Uno, o Uno que não tem dois."

Mestre: "Sim, verdade. Seu ideal é atingir a meta. Pode-se atingi-la ou por uma floresta espinhosa ou por uma estrada boa.

"Certamente há várias opiniões. Nangta costumava dizer que os monges não podem ser homenageados por causa da diversidade dos seus pontos de vista. Uma vez foi organizada uma festa para os sannyasis. Monges pertencentes a muitas seitas foram convidados. Cada um dizia que sua seita deveria ser servida em primeiro lugar, mas acabaram por não chegar a nenhuma conclusão. Por fim todos se retiraram e a comida foi dada às prostitutas."

M.: "Totapuri era sem dúvida uma grande alma."

Mestre: "Mas Hazra diz que era um homem comum. Não adianta discutir estas coisas. Cada um diz que só o seu relógio dá a hora certa.

"Veja, Narayan Shastri desenvolveu uma intensa renúncia. Era um grande erudito. Abandonou a esposa e foi embora. Um homem atinge yoga ao tirar 'mulher e ouro' de sua mente. Em alguns, as características do yogi estão bem marcadas.

"Tenho que lhe falar algo sobre os seis centros. A mente do yogi passa por eles e realiza Deus por Sua graça. Já ouviu falar dos seis centros?"

M.: "São os 'sete planos' da Vedanta."

Mestre: "Da Vedanta não, mas dos Vedas. Você sabe como são os seis centros? São como 'lótus' no corpo sutil. Os yogis os vêem. São como frutos e folhas da árvore de cera."

M.: "Sim, senhor. Os yogis os percebem. Li que existe uma espécie de vidro através do qual os objetos muito pequenos parecem muito grandes. Também pela yoga, podem ser vistos esses lótus sutis."

Seguindo instrução de Shri Ramakrishna, M. passou a noite na cabana do Panchavati. Nas primeiras horas da manhã, cantava sozinho:

> Não consegui o menor benefício de oração e austeridade, Ó Senhor!
> Sou o mais humilde dos humildes: torna-me puro com Teu toque encantado.
> Um a um passo meus dias na esperança de alcançar Teus Pés de Lótus
> Mas, meu Deus, não Te encontrei. ...

Subitamente M. olhou da janela e viu o Mestre ali, de pé. Os olhos de Sri Ramakrishna estavam cheios de lágrimas, enquanto M. cantava o verso:

Sou o mais humilde dos humildes, torna-me puro com Teu toque encantado.

M. cantou outra vez:

> Usarei vestimenta ocre e brincos de concha:
> Assim, na roupa de uma yogini, vagarei de lugar em lugar,
> Até que encontre meu cruel Hari. ...

M. viu que o Mestre estava passeando com Rakhal.

Sexta-feira, 21 de dezembro de 1883

De manhã o Mestre e M. conversavam debaixo da árvore bel. O Mestre contou-lhe muitos segredos da disciplina espiritual, exortando-o a renunciar a "mulher e ouro". Disse-lhe, também, que a mente, às vezes, torna-se o guru.

Depois do almoço o Mestre foi para o Panchavati, usando um lindo manto amarelo. Dois ou três monges vaishnavas estavam ali, vestidos com a roupa de sua seita.

À tarde chegou um monge da seita Nanak. Era um adorador de Deus sem forma. Sri Ramakrishna pediu-lhe para meditar também em Deus com forma. O Mestre disse-lhe: "Mergulhe fundo; não se consegue as pedras preciosas se ficar simplesmente boiando na superfície. Deus é sem forma, sem dúvida, mas Ele também tem forma. Meditando em Deus com forma, rapidamente obtém-se devoção, depois pode-se meditar em Deus sem forma. É como jogar fora uma carta depois de ler o seu conteúdo e em seguida, comer a obedecer às suas instruções.

Sábado, 22 de dezembro de 1883

Rakhal, Harish, M. e Latu estavam vivendo com Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Mais ou menos às nove horas da manhã, o Mestre estava sentado com eles na varanda sudeste de seu quarto, quando chegaram o pai de Balaram e Devendra Ghosh de Shyampukur.

Um devoto: "Senhor, como se obtém amor a Deus?"

Mestre: "Vá em frente. O rei mora além dos sete portões. Só se poderá vê-lo depois atravessar todos os portões.

"Por ocasião da consagração do Annapurna em Chatak, disse a Dwarika Babu: 'Os peixes grandes moram nas águas profundas de um grande lago. Jogue isca condimentada e eles virão atraídos pelo cheiro; de vez em quando farão um barulho na água. Devoção e amor são como isca condimentada.

"Deus brinca no mundo como homem. Encarna-Se como homem – como no caso de Krishna. Rama e Chaitanya. Uma vez eu disse a Keshab: 'A maior manifestação de Deus está no homem. Há pequenos buracos no campo, onde caranguejos e peixes acumulam-se na estação chuvosa. Se quiser encontrá-los deve procurá-los nos aí. Se estiver buscando Deus, deve procurá-Lo nas Encarnações.'

"A Mãe Divina do Universo, manifesta-Se através do ser humano que mede três e meio cúbitos. Há uma canção que diz:

> Ó Mãe, que máquina é esta que Tu fizeste!
> Que travessuras Tu fazes com este brinquedo
> De três e meio cúbitos de altura! ...

"Para conhecer Deus e reconhecer as Encarnações Divinas, necessita-se de prática espiritual. Os peixes grandes moram no lago profundo, mas para vê-los temos que jogar isca condimentada na água. Há manteiga no leite, mas para obtê-la tem-se que bater o leite. Há óleo na semente de mostarda, mas para extrai-lo, temos que pressionar a semente."

Devoto: "Deus tem forma ou Ele é sem forma?"

Mestre: "Espere, espere! Primeiramente tem-se que ir a Calcutá; só então saberá onde estão localizados o Maidan, a Sociedade Asiática e o Banco de Bengala. Se desejarem ir ao bairro brahmin de Khardaha, tem-se que ir em primeiro lugar a Khardaha.

"Por que não deve ser possível praticar a disciplina de Deus sem forma? Mas é muito difícil seguir este caminho. Não se pode segui-lo sem renunciar a 'mulher e ouro'. Deve haver renúncia completa, tanto interna como externamente. Não terão sucesso nesse caminho, enquanto tiverem o menor traço de mundanismo.

"É fácil adorar Deus com forma, mas não é tão fácil como parece.

"Não se deve discutir a disciplina do Deus Impessoal ou o caminho do conhecimento com um bhakta. Talvez com muito esforço ele esteja cultivando um pouco de devoção. Talvez você estrague tudo ao tentar explicar-lhe que tudo não passa de um sonho.

"Kabir era adorador do Deus Impessoal. Não acreditava em Shiva, Kali ou Krishna. Costumava ridicularizá-los e dizer que Kali vivia de oferendas de arroz e banana e que Krishna dançava como um macaco, enquanto as gopis batiam palmas. (*Todos riem*).

"Aquele que adora Deus sem forma, talvez veja primeiramente a divindade com dez braços, em seguida, com quatro e depois, o Menino Krishna com dois braços. Por fim vê a Luz Indivisível e funde-se n'Ela.

"Diz-se que sábios como Dattatreya e Jatabharata não voltaram ao mundo relativo, depois de terem tido a visão de Brahman. Segundo alguns, Shukadeva provou somente uma gota desse Oceano. de Consciência de Brahman. Viu e ouviu o barulho das ondas do Oceano, mas não mergulhou n'Ele.

"Uma vez um brahmachari disse-me: 'Aquele que vai além de Kedar, não pode conservar vivo o corpo.' Da mesma maneira, depois de ter atingido Brahmajnana[1] não se pode preservar o corpo. Ele cai em vinte e um dias.

"Havia um campo muito vasto atrás de um muro alto. Quatro amigos quiseram descobrir o que havia além do muro. Três deles, um após o outro, escalaram o muro, viram o campo, caíram na gargalhada e pularam para o outro lado. Esses três não puderam informar nada a respeito do campo. Somente o quarto voltou e falou-lhes a respeito. Ele é como aqueles que retém o corpo mesmo depois de atingir Brahmajnana, a fim de ensinar os outros. As Encarnações Divinas pertencem a esta classe.

"Parvati era filha do rei Himalaia. Depois de Seu nascimento, revelou ao rei, Suas várias formas divinas. O Pai disse-lhe: 'Bem, Filha, Você mostrou-me todas essas formas. Isto é bom, mas Você possui um outro aspecto, que é Brahman. Por favor, mostre-me esse aspecto'. 'Pai', disse Parvati, 'se o senhor está procurando o Conhecimento de Brahman, então renuncie ao mundo e viva na companhia dos homens santos'. O rei Himalaia, porém, insistiu. Por conseguinte, Parvati revelou Sua forma de Brahman e imediatamente o rei caiu, inconsciente.

"Tudo isso que acabei de dizer pertence ao campo do raciocínio. Só Brahman é real e o mundo ilusório – isto é raciocinar. E tudo, exceto Brahman, é como um sonho, mas este é um caminho extremamente difícil. Para quem o segue, até o jogo divino no mundo, torna-se um sonho e parece irreal; seu 'eu' também desaparece. Os seguidores deste caminho não aceitam a Encarnação Divina. É um caminho muito difícil. Os amantes de Deus não devem ouvir a respeito deste raciocínio.

"É por isso que Deus encarna-Se como ser humano e ensina o caminho da devoção. Exorta as pessoas a cultivarem a entrega de si mesmo a Deus. Seguindo o caminho da devoção, realiza-se tudo por Sua graça – o Conhecimento e a Sabedoria Suprema.

"Deus brinca neste mundo. Está sob o controle de Seu devoto. 'A Própria Shyama, a Mãe Divina, está presa pela corda do amor de Seu devoto.'

"Ás vezes Deus torna-Se o ímã e o devoto a agulha e, às vezes, o devoto torna-se o ímã e Deus, a agulha. O devoto atrai Deus para ele. Deus é o Bem-Amado do Seu devoto e está sob seu comando.

"Segundo uma escola, as gopis de Vrindavan, como Yashoda, nas suas encarnações anteriores, haviam acreditado em Deus sem forma, mas não haviam obtido nenhuma satisfação com esta crença. Foi por isso que, mais tarde, desfrutaram tanta felicidade na companhia de Shri Krishna, no episódio de Vrindavan de Sua vida. Um dia Krishna disse às gopis: 'Venham comigo. Vou mostrar-lhes a Morada do Eterno. Vamos ao Jamuna tomar banho.' Assim que mergulharam nas águas do rio, imediatamente viram Golaka. Em seguida viram a Luz Indivisível. Por isto Yashoda exclamou: 'Ó Krishna, não nos importamos mais com essas coisas. Gostaríamos de ver-Te na Tua forma humana. Quero tomar-Te em meus braços e alimentar-Te.'

"Assim a maior manifestação de Deus é através de Suas Encarnações. O devoto deve adorar e servir uma Encarnação de Deus, enquanto Ela vive num corpo humano. 'Ao cair do noite Ele desaparece na câmara secreta de Sua Morada.'

"Nem todos podem conhecer uma Encarnação de Deus. Tomando corpo humano, a Encarnação cai vítima de doença, tristeza, fome, sede e outras coisas como um mortal comum. Rama chorou por Sita. 'Brahma chora, envolvido pelos grilhões dos cinco elementos.'

"Diz-se nos Puranas que Deus, em Sua Encarnação como uma Porca, viveu muito feliz com Seus filhotes, depois da destruição de Hiranyaksha[2]. Como uma Porca, amamentou-os e esqueceu-Se totalmente de Sua morada no céu. Por fim, Shiva matou a Porca com seu tridente e Deus, rindo às gargalhadas, regressou à Sua verdadeira morada."

À tarde Bhavanath chegou. Rakhal, M., Harish e outros devotos estavam no quarto.

---

[1] No caso de um aspirante comum o corpo cai depois de atingir o Conhecimento de Brahman, mas isso não ocorre com uma Encarnação Divina, porque Ela nasceu com a missão especial de ensinar a humanidade.

[2] Segundo a mitologia hindu, Deus encarnou-Se como uma Porca, a fim de salvar o mundo da iniqüidade do demônio Hiranyaksha.

Mestre (*a Bhavanath*): "Amar uma Encarnação de Deus – é o suficiente. Ah! Que amor as gopis tinham por Krishna!"

Sri Ramakrishna começou a cantar, assumindo a atitude das gopis:

Ó Krishna! Tu és a Alma de minha alma. ...

Depois cantou:

Não estou indo para casa, Ó amiga,
Porque é penoso para mim cantar o nome do meu Krishna. ...

E novamente:

Ó Amiga, naquele dia fiquei em pé na porta enquanto Tu ias para o bosque. ...

Continuando, o Mestre falou: "Quando Krishna subitamente deixou de dançar e brincar com as gopis, elas ficaram fora de si de tristeza. Olhando para uma árvore, disseram: 'Ó árvore, você deve ser uma grande ermitã. Deve visto Krishna, senão, por que ficaria ali imóvel, como absorvida em samadhi?' Olhando para a terra coberta pelo capim verde, disseram: 'Ó terra, você deve ter visto Krishna. Por que seu cabelo está em pé? Deve ter experimentado a emoção do Seu toque.' Olhando para a trepadeira madhavi, disseram: 'Ó madhavi, devolva-nos o nosso Madhava!' As gopis estavam intoxicadas de amor por Krishna. Akrura veio a Vrindavan para levar Krishna e Balarama a Mathura. Ao subirem no carro, as gopis agarraram-se às rodas. Não deixavam o carro andar."

Dizendo isso, Sri Ramakrishna cantou, assumindo a atitude de Akrura:

Não segurem, não segurem as rodas do carro
São por acaso, as rodas que o fazem andar?
Aquele que Faz Andar as rodas é Krishna.
Pela vontade de quem os mundos se movem. ...

Mestre: " 'São as rodas que o fazem mover?' 'Por cuja vontade os mundos são movidos'. 'O condutor move o carro a pedido do Seu Dono'. Sinto-me profundamente comovido com estes versos."

Domingo, 23 de dezembro de 1883

Às nove horas da manhã, Sri Ramakrishna estava sentado no pórtico do seu quarto com Rakhal, Latu, M., Harish e alguns devotos. M. passara nove dias com o Mestre em Dakshineswar. De manhã cedo, Manomohan chegara de Konnagar, em seu caminho para Calcutá. Hazra também estava presente.

Um vaishnava cantava. Referindo-se a uma das canções, Sri Ramakrishna disse: "Não gostei muito dela. As canções dos autores antigos parecem que possuem mais o verdadeiro espírito. Uma vez cantei para Nangta no Panchavati: 'Às armas! Às armas! Ó homem! A morte toma de assalto sua casa em formação de batalha'. Cantei outra: 'Não tenho ninguém mais para culpar. Ó! Afundo-me no poço que estas próprias mãos cavaram.'

"Nangta, o vedantista, era um homem de profundo conhecimento. A canção comoveu-o até as lágrimas, apesar de não entender o significado. Padmalochan também chorou quando cantei as canções de Ramprasad sobre a Mãe Divina. Foi realmente um grande pundit."

Depois do almoço Sri Ramakrishna descansou alguns minutos no seu quarto. M. estava sentado no chão. O Mestre estava encantado de ouvir a música que estava sendo executada no nahabat. Então explicou a M. que somente Brahman havia Se tornado o universo e todos os seres vivos.

Mestre: "Referindo-se a algum lugar, alguém me disse: 'Ninguém canta o nome de Deus ali. Não há atmosfera sagrada.' Mal acabou de falar, percebi que somente Deus era

quem havia Se tornado todos os seres vivos. Apareceram como inúmeras borbulhas ou reflexos no Oceano de Satchidananda.

"Assim também, às vezes penso que os seres vivos são como muitas pílulas feitas da Consciência Indivisível. Uma vez eu estava a caminho de Burdwan, vindo de Kamarpukur, quando a certa altura corri para o campo ver como os seres vivos vivem. Vi as formigas andando. Pareceu-me que, por toda parte, tudo estava tomado pela Consciência."

Hazra entrou no quarto e sentou-se no chão.

Mestre: "Também percebo que os seres vivos são como flores diferentes, com várias camadas de pétalas. São também como borbulhas, algumas grandes, outras pequenas."

Enquanto descrevia dessa maneira a visão das diferentes formas divinas, o Mestre entrou em êxtase e disse, "Vim à existência! Estou aqui!" Pronunciando essas palavras, entrou em samadhi. O corpo estava imóvel. Permaneceu assim durante muito tempo e então, gradualmente, retornou à consciência parcial do mundo. Começou a rir como um menino e a andar de um lado para o outro no quarto. Os olhos irradiavam felicidade como se tivesse tido uma visão maravilhosa. O olhar não estava fixo em nenhum objeto particular e o rosto brilhava de alegria. Ainda andando de um lado para o outro pelo quarto, o Mestre disse: "Vi o paramahamsa que vivia debaixo de um baniano, andando e mostrando este mesmo sorriso. Estou também, naquele estado mental?"

Sentou-se no pequeno divã e começou a conversar com a Mãe Divina.

Mestre: "Não me interesso em saber, Mãe, que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus!

(*a M.*): "Atinge-se este estado logo depois de se libertar de todas as mágoas e desejos..

(*a Mãe Divina*): "Mãe, Tu acabaste com minha adoração. Por favor, Mãe, que eu não abandone todos os desejos. Mãe, o paramahamsa é apenas uma criança. Uma criança não necessita de mãe? Portanto Tu és a Mãe e eu, a criança. Como pode uma criança viver sem a Mãe?"

Sri Ramakrishna falava com a Mãe Divina com uma voz que teria derretido até uma pedra. De novo dirigiu-se a Ela, dizendo: "Mero conhecimento da Advaita! Cuspo nele! Tu existes enquanto Tu manténs o ego em mim. O paramahamsa é somente uma criança. Uma criança não precisa de mãe?"

M. sentou-se ali mudo, olhando a manifestação divina no Mestre. Disse a si mesmo: "O Mestre é um oceano de misericórdia, livre de qualquer interesse egoísta. Está no estado de paramahamsa para poder, como instrutor, despertar minha consciência espiritual e de outras almas sinceras."

M. pensou ainda: "O Mestre diz, 'Advaita-Chaitanya-Nityananda', isto é, que através do conhecimento de Brahman não-dual, pode-se atingir a Consciência e desfrutar a Felicidade Eterna. O Mestre não só atingiu o conhecimento da não-dualidade, mas está em um estado de Bem-aventurança Eterna, sempre inebriado de amor pela Mãe do Universo."

De mãos postas, Hazra olhava para o Mestre e de vez em quando dizia: "Quão abençoado o senhor é! Quão abençoado o senhor é!"

"Mestre (*a Hazra*): "No entanto você tem pouca fé. Vive aqui simplesmente para completar o jogo, como Jatila e Kutila."

À tarde M., sozinho, passeava sozinho pelo jardim do templo. Profundamente absorvido, pensava no Mestre e refletia em suas palavra sobre a maneira de obter o exaltado estado de paramahamsa, depois que a mágoa e o desejo tiverem sido erradicados. M. disse a si mesmo: "Quem é esse Sri Ramakrishna agindo como meu instrutor? Será que Deus encarnou-Se para o nosso bem-estar? O próprio Mestre afirma que ninguém, a não ser uma Encarnação, pode descer do estado de Nirvikalpa Samadhi para o plano fenomenal."

Segunda-feira, 24 de dezembro de 1883

Às oito horas da manhã. Shri Ramakrishna e M. conversavam no bosque de pinheiros. Este era o décimo primeiro dia em que M. passava com o Mestre.

Era inverno. O sol acabara de nascer. O rio corria em direção norte com a maré. Podia-se avistar não longe dali, a árvore bel, sob a qual o Mestre havia praticado grandes práticas es-

pirituais. Olhando para o leste, Sri Ramakrishna falava com seu discípulo sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: "Deus sem forma é real e igualmente real é Deus com forma. Nangta costumava me instruir a respeito da natureza de Brahman Satchidananda. Dizia que Ele é como um oceano infinito – água por todos os lados, direita, esquerda, acima e abaixo. Água em volta de água. É a água da Grande Causa, sem movimento. As ondas surgem quando Ele Se torna ativo. Suas atividades são criação, preservação e destruição.

"Também costumava dizer que Brahman está onde a razão termina. Há o exemplo da cânfora. Nada sobra depois de queimada – nem vestígios de cinzas.

"Brahman está além da mente e da fala. Uma boneca de sal entrou no oceano para medir a profundidade, mas não voltou para dizer quão profundo era o oceano. Fundia-se com o próprio oceano.

"Os rishis uma vez disseram a Rama: 'Ó Rama, sábios como Bharadvaja podem considerar-Te uma Encarnação de Deus, mas nós não podemos. Adoramos o Brahman-Palavra.[3] Não queremos a forma humana de Deus.' Rama sorriu e foi embora, satisfeito com a adoração deles.

Mas Nitya e Lila são dois aspectos da mesma Realidade. Como já disse anteriormente, é como o terraço e os degraus que conduzem a ele. O Absoluto brinca de diferentes modos: como Ishvara, como os diversos deuses, como homem e como universo. A Encarnação é o jogo do Absoluto como homem. Sabe como o Absoluto joga como homens? É como a descida rápida da água de um grande terraço, através de um cano; o poder de Satchidananda – não, o Próprio Satchidananda – desce através do cano com a forma humana, da mesma maneira que a água desce. Apenas doze sábios, Bharadvaja e outros, reconheceram Rama como uma Encarnação de Deus. Não é qualquer um que reconhece a Encarnação.

"Somente Deus encarna-Se como homem a fim de ensinar às pessoas os caminhos do amor e do conhecimento. Bem, o que você pensa a meu respeito?

"Uma vez meu pai foi a Gaya. Ali Raghuvir disse-lhe em sonho, 'Vou nascer como seu filho.' Imediatamente meu pai respondeu-Lhe: 'Ó Senhor, sou um pobre brahmin. Como poderei servir-Te?' 'Não se preocupe com isso', Raghuvir replicou, 'Isso será cuidado.'

"Minha irmã, a mãe de Hriday, costumava adornar meus pés com flores e pasta de sândalo. Um dia coloquei o pé em sua cabeça e disse-lhe: 'Você morrerá em Benares.'

"Certa vez Mathur Babu disse-me: 'Pai, não há nada dentro do senhor, a não ser Deus. Seu corpo é como uma concha vazia. De fora pode parecer uma abóbora, mas em seu interior não há nada – nem polpa, nem semente. Uma vez o vi como alguém movendo-se envolto num véu.'

(*a M.*): "Tudo me é mostrado antes. Uma vez vi Gauranga e seus devotos cantando o kirtan no Panchavati. Vi Balarama e também você.

"Desejei conhecer as experiências de Gauranga e elas me foram mostradas em Shyambazar, nosso distrito natal. Formou-se uma multidão; as pessoas até subiram nas árvores e muros, permanecendo comigo dia e noite. Durante sete dias não tive um momento de privacidade. Portanto, disse à Mãe Divina: 'Mãe, já tive o suficiente.'

"Agora estou em paz. Tenho que nascer uma vez mais. Por isso não transmito todo o conhecimento aos meus companheiros (*Com um sorriso*). Suponhamos que eu lhe dê todo conhecimento, então você voltará para mim novamente, com tanta vontade?

"Eu o reconheci ao ouvi-lo ler o *Chaitanya Bhagavata.*[4] Você é meu amigo íntimo. A mesma substância, como pai e filho. Todos vocês estão vieram aqui outra vez. Ao se puxar uma parte da trepadeira kalmi, vêm todos os galhos. Vocês são todos parentes – como irmãos. Suponhamos que Rakhal, Harish e outros dirijam-se para Puri e você já se encontre lá. Por acaso vão ficar separados?

"Antes de virem para cá, não sabiam quem eram. Agora, sabem que Deus, como Guru, é quem faz uma pessoa saber.

"Nangta contou a história da tigresa e do rebanho de cabras. Certa vez uma tigresa atacou um rebanho de cabras. De longe um caçador viu-a, matando-a. A tigresa estava grávida.

[3] OM, o símbolo de Brahman.

[4] Vida de Chaitanya.

Antes de morrer, deu à luz a um filhote. Este cresceu em companhia das cabras. No começo foi amamentado pelas cabras mas, quando cresceu, começou a comer capim e balir como elas. Ao longo do tempo, o filhote transformou-se num grande tigre, mas continuava a comer capim e balir. Ao serem atacados por outros animais, à sua aproximação, fugia com as outras cabras. Um dia, um tigre de aparência feroz, atacou o rebanho. Ficou admirado de ver um tigre no rebanho, comendo capim e fugindo com as cabras à sua aproximação. Deixou as cabras de lado e passou a perseguir o tigre que comia capim, que começou a balir e tentou fugir, mas o tigre feroz arrastou-o até a água e disse-lhe: 'Olhe sua cara na água. Veja, você tem um focinho redondo como o dos tigres, exatamente igual ao meu.' Em seguida, colocou um pouco de carne em sua boca. No começo o tigre que comia capim recusou-se a ingerir a carne, mas logo que sentiu seu gosto, gostou. Por fim, o tigre feroz disse ao tigre herbívoro: 'Que vergonha! Você vivia com as cabras e comia capim como elas!' O outro sentiu-se realmente envergonhado de si mesmo.

"Comer capim é como desfrutar 'mulher e ouro'. Balir e fugir como cabra é comportar-se como um homem comum. Ir embora com o novo tigre é como refugiar-se no guru que desperta a consciência espiritual e reconhecer somente ele como seu parente. Ver o rosto de forma correta é conhecer o verdadeiro Ser."

Shri Ramakrishna ficou de pé. Havia silêncio em todos os lados, perturbado somente pelo suave roçar dos galhos dos pinheiros e murmúrio do Ganges. O Mestre foi ao Panchavati e em seguida, para o quarto, conversando o tempo todo com M. O discípulo seguia-o, fascinado. No Panchavati Sri Ramakrishna tocou com a testa, o cimentado em volta do baniano. Este tinha sido o lugar de sua intensa prática espiritual, onde chorara amargamente pela visão da Mãe Divina, onde experimentara íntima comunhão com Ela e onde vira muitas formas divinas.

O Mestre e M. passaram pelas árvores bakul e chegaram ao nahabat. Hazra estava ali. O Mestre disse-lhe: "Não coma em demasia e largue esta mania de limpeza exterior. As pessoas com manias não atingem o Conhecimento. Siga as convenções somente enquanto forem necessárias. Não exagere." O Mestre entrou no aposento e sentou-se no divã.

Shri Ramakrishna estava descansando depois do almoço, quando Surendra, Ram e outros devotos chegaram de Calcutá. Era mais ou menos uma hora da tarde. Estava M. andando sozinho pelo bosque de pinheiros, quando Hazra chegou e disse-lhe que o Mestre o queria ver em seu quarto. Alguém iria ler um trecho do *Shiva Samhita*, livro que contém instruções sobre yoga e os seis centros.

M. entrou no quarto e saudou o Mestre. Os devotos sentaram-se no chão, mas ninguém estava lendo. Sri Ramakrishna conversava com os devotos:

Mestre: "As gopis nutriam amor espiritual por Krishna. Há dois elementos neste amor: o 'eu' e o 'meu'. O 'eu' é o sentimento de que Krishna ficará doente se 'eu' não O servir. Nesta atitude o devoto não considera seu Ideal, Deus.

" 'Meu' é sentir que o Bem-Amado é seu. As gopis tinham este sentimento para com Krishna de tal forma, que colocavam seus corpos sutis sob Seus pés, para evitar que Suas solas se machucassem.

"Yashoda observou: : 'Não compreendo seu Chintamani Krishna. Para mim Ele é simplesmente Gopala.' As gopis também disseram: 'Ó, onde está Krishna, nosso Bem-Amado? Onde está Krishna, nosso Amor?' Não tinham consciência de que Ele era Deus.

"É como uma criancinha dizendo 'meu papai'. Se alguém disser à criancinha, 'Não, ele não é seu papai', ela dirá, 'Sim, ele é meu papai.'

"Deus, encarnando-Se como homem, comporta-Se exatamente como um homem. É por isso que é muito difícil reconhecer uma Encarnação. Quando Deus torna-Se homem, é exatamente um homem. Tem a mesma fome, sede, doença, mágoa e às vezes, até medo. Rama foi tomado de tristeza por causa de Sita. Krishna carregou na cabeça os sapatos e o banco de madeira de Seu pai Nanda.

No teatro, quando um ator sobe ao palco no papel de um santo, comporta-se como um santo e não, como o ator que faz o papel de rei. Desempenha seu próprio papel.

"Uma vez um ator vestiu-se como um monge renunciante. Satisfeitos com a perfeição de seu disfarce, algumas pessoas ricas ofereceram-lhe uma rupia. Não aceitou o dinheiro e

saiu sacudindo a cabeça. Em seguida tirou o disfarce e apareceu com sua roupa comum. Disse às pessoas ricas, 'Por favor, dêem-me uma rupia'. Responderam-lhe: 'Ora, você foi embora, recusando nosso presente. Por que o pede agora?' O homem disse: 'Mas eu estava fazendo o papel de um homem santo. Não podia aceitar dinheiro.' Assim quando Deus torna-Se homem, comporta-Se exatamente como um homem.

"Em Vrindavan podemos ver muitos lugares associados à vida de Krishna."

Surendra: "Estivemos lá nos feriados. Os visitantes eram continuamente importunados por causa do dinheiro. Os sacerdotes e outros pediam dinheiro com freqüência. Nós lhes dissemos que íamos a Calcutá no dia seguinte, mas fugimos de Vrindavan naquela mesma noite."

Mestre: "O que é isto? Que vergonha! Vocês disseram que deixariam o lugar no dia seguinte e foram embora naquele mesmo dia. Que vergonha!"

Surendra (*envergonhado*): "Aqui e ali vimos os babajis nos bosques praticando disciplina espiritual em solidão."

Mestre: "Vocês lhes deram alguma coisa?"

Surendra: "Não, senhor."

Mestre: "Isto não foi bom de sua parte. Deve-se dar alguma coisa aos monges e devotos. Aqueles que possuem recursos deveriam ajudar estas pessoas ao encontrá-las.

"Fui a Vrindavan com Mathur Babu. Quando cheguei ao Dhruva Ghat [5] em Mathura, num relance vi Vasudeva atravessando o Jamuna com Krishna no colo..

"Numa noite estava caminhando na praia do rio. Havia pequenas cabanas cobertas de sapé e grandes ameixeiras. Era a hora da 'poeira da vaca'. As vacas estavam voltando do pasto, levantando poeira com os cascos. Vi-as atravessando o rio. Logo chegaram alguns pastores cruzando o rio com suas vacas. Mal acabara de assistir esta cena, comecei a gritar: 'Ó Krishna, onde estás Tu?' e cai inconsciente.

"Quis visitar Shyamakunda e Radhakunda; Mathur; por isso, Babu enviou-me lá num palanquim. Tínhamos um grande caminho a percorrer e por isso, levamos comida. Ao atravessar os campos fui tomado de emoção e chorei: 'Ó Krishna tudo está igual. Só Tu não estás aqui. Esse é o mesmo campo em que Tu cuidavas das vacas.' Hriday seguiu-me a pé. Eu estava banhado em lágrimas; não podia pedir aos condutores para parar o palanquim.

"Em Shyamakunda e Radhakunda vi os homens santos que viviam em pequenas cabanas de barro. De costas para a estrada, para que não pudessem olhar para as pessoas, faziam suas práticas espirituais. Deve-se visitar os 'Doze Bosques'.

"Entrei em samadhi à vista a imagem de Bankuvihari. Nesse estado quis tocá-la. Não quis visitar Govindaji pela segunda vez. Em Mathura sonhei com Krishna como menino pastor. Hriday e Mathur Babu também tiveram o mesmo sonho.

(*A Surendra*): "Você tem ambas – yoga e bhoga. Há diferentes tipos de sábios: o brahmarshi, o devarshi e o rajarshi. Shukadeva é o exemplo de brahmarshi. Não tinha qualquer livro. Um exemplo de devarshi é Narada. Janaka foi um rajarshi dedicado ao trabalho desinteressado.

"O devoto da Mãe Divina atinge dharma e moksha, e também, artha e kama. Um dia tive a visão de você como filho da Divina Mãe. Você tem ambas – yoga e bhoga, senão seu rosto pareceria seco.

"Um homem que renuncia a tudo, parece seco. Uma vez vi um devoto da Mãe Divina no ghat de banho no Ganges. Comia e, ao mesmo tempo, adorava a Mãe. Considerava-se Seu filho.

"Mas não é bom ter muito dinheiro. Acho que Jadu Mallick está mergulhado no mundanismo. É porque possui muito dinheiro. Nabin Niyogi também tem tanto yoga, como bhoga. Eu o vi com o filho abanando o leque diante da Mãe Divina, durante a cerimônia do Durga Puja."

Surendra: "Senhor, por que não posso meditar?"

Mestre: "Você se lembra de Deus e pensa n'Ele, não é?"

Surendra: "Sim, senhor. Pego no sono, repetindo a palavra 'Mãe'."

[5] Lugar de banho no qual, segundo a tradição, Vasudeva , pai de Krishna, numa noite de tempestade, atravessou o rio com o recém-nascido.

Mestre: "Isso é muito bom. É suficiente lembrar-se e pensar n'Ele."

Sri Ramakrishna assumira todas os deveres de Surendra. Por que haveria ele de se preocupar?

Era noite. O Mestre estava sentado no chão de seu quarto com os devotos. Falava-lhes sobre yoga e os seis centros. Esses centros estão descritos no *Shiva Samhita*.

Mestre: "Ida, Pingala e Sushumna são os três nervos principais. Todos os lótuses estão localizados no Sushumna. São formados de Consciência como a árvore feita de cera – galhos, brotos, frutos e assim por diante, tudo de cera. A Kundalini está no lótus do Muladhara. Esse lótus tem quatorze pétalas. A Energia Primordial reside em todos os corpos como Kundalini. Ela é como uma cobra enrolada adormecida, tendo o Muladhara como morada. (*a M.*) "A Kundalini desperta-se rapidamente quando se trilha o caminho de bhakti. Deus não pode ser visto a não ser que Ela seja despertada. Cante sincera e secretamente, em solidão.

> Desperta, Ó Mãe! Ó Kundalini cuja natureza é Bem-Aventurança Eterna!
> Tu és a serpente enrolada, adormecida no lótus do Muladhara.

"Ramprasad atingiu a perfeição, cantando. Tem-se a visão de Deus cantando com desejo ardente."

M.: "A mágoa e angústia desaparecerão se alguém tiver essas experiências, apenas uma vez."

Mestre: "É verdade. A angústia desaparece para sempre. Vou dizer-lhe algo sobre yoga. Veja, a mãe passarinho não quebra casca enquanto o filhote, dentro do ovo, não estiver formado. O ovo é chocado no devido tempo. E necessário praticar-se alguma disciplina espiritual. O guru, sem dúvida, faz tudo para o discípulo, mas no final, faz o discípulo trabalhar um pouco. Ao derrubar uma árvore, um homem corta o tronco quase todo; fica de lado por um instante e a árvore cai com um estrondo.

"Um fazendeiro traz água do rio para seu campo através de um canal. Afasta-se quando falta somente um pouco de terra para ser cavada, para ligar o campo á água. A terra fica encharcada e cai por si mesma e a água do rio entra em torrente, no canal.

"Um homem pode ver Deus ao se libertar do ego, de outras limitações e sentimentos como 'sou um erudito', 'sou filho de tal e tal pessoa', 'sou rico', 'sou respeitável' e assim por diante.

Só Deus é real e tudo o mais irreal, o mundo é ilusório – isso é discriminação. Ninguém pode assimilar instrução espiritual sem discriminação.

"Pela prática de disciplina espiritual, atinge-se a perfeição, pela graça de Deus, mas deve-se trabalhar um pouco. Tem-se a visão de Deus e desfruta-se a felicidade. Se um homem ouve falar que há um pote cheio de ouro enterrado num determinado lugar, corre para lá e começa a cavar. À medida que cava, começa a suar. Depois de muito cavar, sente que a pá bateu em qualquer coisa. Em seguida joga a pá fora e procura o pote. Ao encontrá-lo, dança de alegria. Pega-o e retira as moedas de ouro. Toma-as na mão contando-as, e sente um êxtase de alegria. Visão – toque – desfrutar. Não é assim?"

M.: "Sim senhor."

O Mestre ficou em silêncio por um momento e logo continuou.

Mestre: "Aqueles que são meus amigos íntimos continuarão a vir aqui, mesmo que eu brigue com eles. Veja a natureza de Narendra! No começo costumava caçoar muito de minha Mãe Kali. Um dia disse-lhe asperamente: 'Maroto! Não venha mais aqui.' Deixou o quarto lentamente e preparou o fumo. Aquele que é um amigo muito íntimo, não se zanga, mesmo se for repreendido. O que me diz?"

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Desde o dia do seu nascimento Narendra é perfeito. Seu ideal é o de Deus sem forma."

M. (*sorrindo*): "Sempre que vem aqui traz consigo grande exaltação."

Sri Ramakrishna sorriu e disse: "Sim, exaltação, realmente."

O dia seguinte era terça-feira, dia do ekadashi da quinzena lunar. Eram onze horas da manhã e o Mestre ainda não comera. M., Rakhal e alguns devotos estavam sentados no aposento do Mestre.

Mestre (*a M.*): "Deve-se jejuar no décimo primeiro dia da quinzena lunar. Purifica a mente e ajuda a desenvolver amor a Deus. Não é?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Mas você pode tomar leite com arroz empapado. O que acha?"

η η η η η η η η η

CAPÍTULO 18

M. EM DAKSHINESWAR (II)

26 de novembro de 1883

SHRI RAMAKRISHNA, acompanhado por Manilal Mallick, M., e vários devotos, estava numa carruagem a caminho da chácara nova de Ram, que ele recentemente havia comprado e ficava ao lado da de Surendra. Ram adorava o Mestre como uma Encarnação de Deus. Visitava com freqüência Shri Ramakrishna em Dakshineswar. Manilal Mallick era membro do Brahmo Samaj. Os Brahmos não crêem em Encarnações Divinas.

Mestre (*a Manilal*): "Para se meditar em Deus, deve-se em primeiro lugar pensar n'Ele livre dos upadhis, limitações. Deus está além dos upadhis. Está além da fala e da mente, mas é muito difícil atingir-se perfeição nessa forma de meditação.

"Mas é fácil meditar-se numa Encarnação de Deus nascido como homem. Sim, Deus no homem. O corpo é mero envoltório. É como uma lanterna com a luz queimando em seu interior ou como uma caixa de vidro na qual vemos coisas preciosas."

Chegando à chácara, o Mestre desceu da carruagem e acompanhou Ram e outros devotos ao sagrado bosque de tulsi. Ao aproximar-se disse: "Que lindo! É um lugar encantador! Aqui pode-se facilmente meditar em Deus."

Shri Ramakrishna entrou na casa que ficava na parte sul do lago e sentou-se. Ram ofereceu-lhe um prato de frutas e doces que ele saboreou com os devotos. Decorrido algum tempo saiu para dar uma volta pelo jardim.

Mais tarde Shri Ramakrishna dirigiu-se para o jardim de Surendra,. Caminhou a pé uma pequena distância e viu um sadhu sentado num divã debaixo de uma árvore. Dirigiu-se imediatamente ao santo e começou a conversar com ele.

Mestre: "A que ordem de monges o senhor pertence? Possui algum título – Giri, Puri ou outro qualquer?"

Sadhu: "As pessoas chamam-me paramahamsa."

Mestre: "É bom. 'Sou Shiva'- é um boa atitude, mas devo-lhe dizer algo mais. O processo de criação, preservação e destruição que ocorre dia e noite é devido a Shakti, o Poder de Deus. Esse Poder Primordial e Brahman são um e o mesmo. Shakti não pode existir sem Brahman, assim como as ondas não podem existir sem água. Não pode haver música instrumental sem instrumento.

"Enquanto Deus nos mantém em Seu mundo relativo, sentimos que há dois. Ao aceitar-se a Shakti, aceita-se também Brahman. Ao estar consciente da noite, também se é consciente do dia. Se estamos conscientes de conhecimento, também o somos de ignorância.

"Mas há um outro estado em que Deus revela a Seus devotos, que Brahman está além tanto do conhecimento, quanto da ignorância. Isso não pode ser descrito em palavras. O que existe, existe."

Depois de uma conversa agradável com o sadhu, o Mestre voltou para a carruagem. O santo caminhava a seu lado. Shri Ramakrishna considerava-o um amigo de muito tempo e caminharam juntos de braços dados.

O Mestre chegou à chácara de Surendra. A primeira coisa que falou foi do sadhu.

Mestre: "É um homem muito bom. (*A Ram).* Trague-o a Dakshineswar quando vier. É realmente um homem muito bom. Há uma canção que diz que um homem não pode reconhecer um homem santo, a não ser que ele próprio o seja.

"O sadhu crê em Deus sem forma. Isto é bom. Deus é tanto sem forma, como com forma. É ainda muitas outras coisas. O Absoluto e o Relativo pertencem a uma e mesma Realidade. Aquele que está além da fala e mente, encarna-Se assumindo várias formas e ocupa-Se de várias atividades. Desse único *Om*, surgiram *Om Shiva, Om Kali e Om Krishna*. Suponhamos que o dono de uma casa tenha mandado um menino da família convidar as pessoas para

uma festa. Todos olham o menino com muita afeição, porque ele é filho ou neto de um homem importante."

O Mestre depois de comer uma refeição ligeira na chácara de Surendra, partiu para Dakshineswar com os devotos.

Quinta-feira, 27 de dezembro de 1883

Os templos estavam tomados pela suave música do serviço matutino, que se misturava com a melodia matinal do nahabat. Ao se levantar Shri Ramakrishna cantou os nomes de Deus. Inclinou-se ante as imagens das diferentes divindades, no seu quarto e dirigiu-se ao pórtico oeste para saudar o Ganges.

Alguns devotos que tinham passado a noite no templo vieram ao quarto do Mestre e inclinaram-se ante ele; Rakhal já estava morando com o Mestre e Baburam havia chegado na noite anterior. Há duas semanas M. estavam vivendo ali.

Shri Ramakrishna disse a M.: "Fui convidado para ir à casa de Ishan esta manhã. Baburam me acompanhará e você, também." M. preparou-se para sair com o Mestre.

Às oito horas a carruagem alugada para o Mestre, chegou e ficou esperando defronte ao nahabat. Em todas as partes, plantas e árvores estavam em flor e o rio brilhava com a luz do sol, nesse brilhante dia de inverno. O Mestre inclinou-se uma vez mais diante das imagens, ainda cantando o nome da Mãe Divina, entrou na carruagem com M. e Baburam. Os devotos levavam consigo o xale de lã, o gorro e a pequena bolsa contendo as especiarias de Shri Ramakrishna.

Durante a viagem Shri Ramakrishna estava muito feliz aproveitando-a como uma criança. Eram quase nove horas quando a carruagem parou defronte a porta de Ishan.

Ishan e seus familiares saudaram-no, conduzindo-o até a sala de visitas no primeiro andar. Shrish, filho de Ishan, foi apresentado a Shri Ramakrishna. O jovem exercia advocacia em Alipur. Havia sido um estudante brilhante, tendo alcançado o primeiro lugar em dois vestibulares. Era, porém, muito modesto.

Mestre (*a Shrish*): "Qual é a sua profissão?"

Shrish: "Estou praticando advocacia em Alipur."

Mestre (*a M.*): "Um homem como ele, advogado!"

(*A Shrish*): "Bem, você tem alguma coisa a me dizer? Talvez queira saber como viver de forma desapegada no mundo. Não é isso?"

Shrish: "Sob a pressão da responsabilidade as pessoas fazem muitas coisas incorretas no mundo. Algumas dedicam-se a obras boas e outras, a más. Isto é devido às suas ações em encarnações anteriores? É por isso que agem assim?"

Mestre: "Por quanto tempo um homem tem que cumprir seus deveres? Enquanto não tenha alcançado Deus. Os deveres caem depois da realização de Deus. Então vai-se além do bem e do mal. A flor cai assim que o fruto aparece. A flor tem o propósito de gerar o fruto.

"Por quanto tempo deve um devoto fazer suas devoções diárias como sandhya? Enquanto o cabelo não ficar de pé e os olhos não derramarem lágrimas ao ouvir o nome de Deus. Esses sinais indicam que o devoto realizou Deus. Devido a eles, tomamos conhecimento de que ele conquistou puro amor por Deus. Ao realizar Deus, vai-se além de virtude e vício.

> Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e a liberação.
> Conhecendo o segredo que Kali e una com o mais elevado Brahman.
> Uma vez por todas, descartei igualmente, a retidão e a iniqüidade.

"Quanto mais se avança em direção a Deus, menos deveres mundanos Ele lhe dará."

Shrish: "É extremamente difícil prosseguir em direção a Deus. enquanto se leva a vida de um chefe de família."

Mestre: "Por que assim? O que me diz da yoga da prática? Em Kamarpukur, vi as mulheres de famílias de carpinteiros vendendo arroz tostado. Vou dizer-lhes quão alertas elas ficam enquanto executam o trabalho. O braço da máquina de debulhar arroz cai com freqüência no buraco do pilão. A mulher com uma das mãos remexe no buraco e com a outra, segura o

bebê no colo, enquanto o amamenta. Nesse meio tempo, chegam os fregueses. A máquina continua socando o arroz, enquanto ela faz negócio com os fregueses. Diz-lhe: 'Pague-me os poucos centavos que o senhor me deve, antes de levar alguma coisa.' Veja, ela tem todas essas coisas para fazer ao mesmo – amamentar o bebê, virar o arroz enquanto o pilão soca, tirar o arroz tostado do buraco e atender aos compradores. A isto dá-se o nome de yoga prática. Quinze partes da mente de dezesseis partes estão fixas no braço da máquina de debulhar arroz, senão ela teria a mão esmagada. Com uma parte da mente amamenta o bebê e conversa com os compradores. Assim também, aquele que leva a vida de chefe de família deveria destinar quinze partes da mente a Deus, senão ela terá de enfrentar desgraça e cairá nas garras da morte. Deveria fazer os deveres do mundo somente com uma parte da mente.

"Pode-se levar a vida de chefe de família depois de atingir o Conhecimento, mas primeiro tem que alcançá-Lo. Se o leite da mente for guardado na água do mundo, ambos se misturarão. Por conseguinte deve-se transformar o leite em coalho e extrair a manteiga, batendo-o em solidão. Então ele poderá conservar a manteiga do mundo. Logo verá que a disciplina espiritual é necessária. Quando a árvore ashwattha é apenas um brotinho deve ser cercada, senão o gado a comerá, mas a cerca pode ser retirada quando o tronco ficar grosso e forte. Nem mesmo o elefante amarrado a ela poderá arrancá-la.

"No começo, o aspirante deve ficar de vez em quando só. É necessária disciplina espiritual. Você quer comer arroz: suponhamos que fique sentado num lugar qualquer e diga: 'A madeira contém fogo e o fogo cozinha o arroz.' Pode o simples dizer, cozinhar arroz? Tem-se que pegar dois pedaços de madeira e atritá-los para fazer fogo.

"Ao comer siddhi fica-se intoxicado e sente-se feliz, mas suponhamos que não vai comer siddhi ou nada tenha feito, simplesmente senta-se num lugar qualquer e murmura: 'Siddhi! Siddhi!' Isto o intoxicará e o tornará feliz?

"Pode-se ler muitos livros, mas tudo é inútil se não houver amor por Deus, nem desejo de realizá-Lo. Um simples pundit, sem discriminação e renúncia, tem a atenção dirigida para 'mulher e ouro'. O abutre voa alto, mas os olhos estão voltados para a carniça.

"Só através do Conhecimento, poderemos conhecer Deus. Tudo o mais é fútil. Bem, qual a sua opinião a respeito de Deus?"

Shrish: "Senhor, sinto que existe um Ser Onisciente. Tomamos Conhecimento d'Ele ao contemplar a Sua criação. Permita-me dar-lhe uma ilustração. Deus deu condições para que os peixes e outros animais aquáticos vivessem em regiões frias. À medida que a água se esfria, gradualmente se comprime, mas a coisa mais extraordinária é que, antes de formar gelo, a água fica leve e expande-se. No frio congelaste, os peixes podem facilmente viver na água de um lago: a superfície pode estar congelada, mas a água embaixo dela, está em estado líquido. Se soprar um vento muito forte ele é bloqueado pelo gelo e a água embaixo permanece em quente."

Mestre: "O fato de que Deus existe pode ser constatado ao se contemplar o universo, mas uma coisa é ouvir falar de Deus, outra é ver Deus e uma outra ainda, é falar com Deus. Alguns ouviram falar de leite, alguns o viram e outros o provaram. Fica-se contente ao ver o leite; alimentado e fortalecido ao tomá-lo. Só se alcança paz mental quando se viu Deus. Gozará felicidade e ganhará força somente ao se falar com Ele."

Shrish: "Não temos tempo de orar a Deus."

Mestre (*com um sorriso*): "Isto é verdade. Nada acontece a não ser no seu devido tempo. Indo dormir, uma criança disse à sua mãe: 'Mãe, por favor, acorde-me quando eu sentir a chamada da natureza.' 'Meu filho', disse a mãe, 'essa mesma necessidade o acordará. Não preciso acordá-lo.'

"O que cada um receberá está de antemão, decidido por Deus. A sogra costumava medir o arroz com um prato, para suas noras, mas a quantidade de arroz não era suficiente para elas. Um dia o prato quebrou, o que muito alegrou as moças. A sogra, porém, disse-lhes: 'Meninas, podem gritar e dançar, mas posso medir o arroz com a palma da mão.'

(*A Shrish*): "Entregue tudo aos pés de Deus. O que mais você pode fazer? Dê-Lhe sua procuração. Deixe-O fazer o que Ele julgar melhor. Se tiver confiança num grande homem, ele nunca o prejudicará.

"Sem dúvida é necessário praticar disciplina espiritual, mas há dois tipos de aspirantes. A natureza de um é igual a de um macaco novo, mas a do outro, é a de um gatinho. Com muito esforço o macaquinho agarra-se à sua mãe. Assim também, há alguns aspirantes que pensam que a fim de realizar Deus, tem que repetir o Seu nome um certo número de vezes, meditar n'Ele por um certo período e praticar austeridade. Um aspirante deste tipo empenha-se em segurar Deus, mas o gatinho sozinho não pode agarrar-se à sua mãe. Fica no chão e grita, 'Miau! Miau!' A gata às vezes coloca-o na cama, às vezes no terraço, atrás de um monte de madeira. Carrega-o na boca, para lá e para cá. O gatinho não sabe como agarrar-se à sua mãe. Assim também há alguns aspirantes que não podem praticar disciplina espiritual calculando sobre japa ou período de meditação. Tudo o que fazem é chorar a Deus com os corações anelantes. Deus ouve sua súplica e não pode manter-Se alheio. Revela-Se a eles."

Ao meio-dia o dono da casa quis servir o almoço a Shri Ramakrishna e aos devotos. Sorridente, Shri Ramakrishna andava pelo quarto. De vez em quando trocava algumas palavras com o músico.

Músico: "É somente Deus que é ao mesmo tempo o 'instrumento' e a 'causa'. Duryodhna disse a Krishna: 'Ó Senhor, Tu estás sentado no meu coração. Ajo como Tu me fazes agir'."

Mestre (*com um sorriso*): "Sim, é verdade. Somente Deus é quem age por nosso intermédio. Ele é Aquele que faz, sem dúvida e o homem, Seu instrumento, mas também é verdade, que uma ação não pode deixar de produzir seu resultado. Seu estômago certamente queimará se você comer pimenta. Foi Deus quem fez com que a pimenta queimasse o estômago. Quando se comete um pecado, deve-se colher o fruto, mas quem atingiu a perfeição, realizou Deus, não pode cometer qualquer pecado. Um exímio cantor não pode entoar uma nota falsa. Um homem de voz treinada canta as notas corretamente: sa, re, ga, ma, pa, dha, ni:"

A comida estava pronta. O Mestre e os devotos dirigiram-se ao interior da casa onde lhe foi oferecida uma festa suntuosa.

Aproximadamente às três horas da tarde, o Mestre novamente estava sentado na sala de visitas de Ishan com M. e Shrish. Continuou a conversa com Shrish.

Mestre: "Qual é sua atitude para com Deus? 'Eu sou Ele' ou 'Amo e servo'? Para um chefe de família é muito bom olhar Deus como o Senhor. O chefe de família está consciente de que é ele mesmo quem faz as obrigações. Na vida sob tais condições como ele pode dizer, 'Eu sou Ele?' Para aquele que diz, 'Eu sou Ele' o mundo apresenta-se como um sonho. A mente, o corpo e até o ego são sonhos para ele. Por conseguinte não pode cumprir as obrigações mundanas. Assim é muito bom para um chefe de família considerar-se um servo e Deus, seu Amo.

"Hanuman tinha a atitude de um servo. Dizia a Rama: 'Ó Rama, às vezes medito em Ti, como o todo e eu, como uma parte. Às vezes sinto que Tu és o Amo e eu, o Servo, mas quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que eu sou Tu, e Tu és eu.

"No estado de Conhecimento Perfeito, pode-se sentir: 'Eu sou Ele', mas isto está além da experiência do homem comum."

Shrish: "É verdade, senhor. A atitude de um servo alivia um homem de todas as suas preocupações. O servo depende inteiramente de seu amo. O cachorro é dedicado a seu dono. Depende dele e fica em paz."

Mestre: "Bem, de quem você gosta? – Deus com forma ou a Realidade sem forma? Mas para lhe falar a verdade, Aquele que é sem forma é, também, dotado de formas. Para Seus bhaktas, Ele Se revela com forma. É como um grande oceano, uma extensão infinita de água, sem qualquer praia. Aqui e ali uma parte da água congelou. O frio intenso transformou-a em gelo. Assim, sob a influência fria, por assim dizer, do amor do bhakta, o Infinito parece ter tomado forma. Também o gelo derrete-se quando o sol surge e então, transforma-se em água, como antes. Da mesma forma aquele que segue o caminho do conhecimento – o caminho da discriminação – não vê mais a forma de Deus. Para ele tudo é sem forma. O gelo derrete-se na água, com o surgir do Sol do Conhecimento, mas guarde isso: forma e sem forma pertencem a uma e mesma Realidade."

Ao entardecer o Mestre estava pronto para regressar a Dakshineswar. Parado no pórtico sul da sala de visitas, conversava com Ishan. Alguém havia observado que cantar o nome de

Deus, nem sempre produz resultados. Ishan disse: "Como pode o senhor dizer isto? As sementes de uma árvore ashwattha são, sem dúvida, pequeninas, mas nelas está o embrião de grandes árvores. Pode levar muito tempo até que cresçam."

"Sim, sim", disse o Mestre, "Leva muito tempo para se ver o efeito."

Ao lado da casa de Ishan estava a de seu sogro. Sri Ramakrishna estava na porta dessa casa, pronto para entrar na carruagem. Ishan e seus amigos estavam ali para se despedirem dele. Shri Ramakrishna disse a Ishan: "Você está vivendo no mundo como um bagre vive na lama. Vive aí, mas o corpo não fica sujo.

"Há tanto vidya como avidya no mundo de maya. Quem pode ser chamado paramahamsa? Aquele que, como um cisne, pode tomar leite de uma mistura de leite e água, deixando a água de lado. Aquele que, como uma formiga, pode tirar o açúcar de uma mistura de açúcar e areia, deixando a areia de lado."

Era o entardecer. A caminho para Dakshineswar, o Mestre parou na casa de Ram. Foi conduzido à sala de visitas, onde conversou com Narendra Goswami. Narendra pertencia a uma seita vaishnava e era vizinho de Ram. Shri Ramakrishna gostava muito dele.

Mestre: "Os adoradores de Vishnu e de Shakti atingirão, no final, o mesmo objetivo; os meios podem ser diferentes. Os verdadeiros vaishnavas não criticam os shaktas."

Goswami (*sorrindo*): "Shiva e Parvati são nosso Pai e Mãe."

Shri Ramakrishna tirando do seu vocabulário de doze palavras inglesas, disse docemente: "Thank you!" Logo acrescentou: "Sim, Pai e Mãe!"

Goswami: "Além disso, é um pecado criticar as pessoas, sobretudo os devotos de Deus. Todos os pecados podem ser perdoados, menos o pecado de criticar os devotos."

Mestre: "Mas essa idéia de pecado não afeta a todos, de forma alguma. Os Ishvarakotis, como as Encarnações Divinas, estão acima de pecado. Shri Chaitanya é um exemplo.

"Uma criança pode escorregar e cair numa vala, se andar numa beirada estreita e estiver segurando a mão do pai, mas isso não acontecerá se o pai a segurar pela mão.

"Escute, eu orava à Mãe Divina por puro amor. Dizia-Lhe: 'Aqui está Tua retidão, aqui está Tua falta de retidão. Toma-as e dá-me puro amor por Ti. Aqui está Tua pureza, aqui está Tua impureza. Toma-as ambas e dá-me puro amor por Ti. Ó Mãe, aqui está Tua virtude, aqui está Teu vício. Toma-os ambos e dá-me puro amor por Ti'."

Goswami: Sim, senhor. Está certo."

Mestre: "Você sem dúvida nenhuma, deve inclinar-se ante todos os pontos de vista, mas há uma coisa chamada devoção firme a um ideal. Verdadeiramente deve-se saudar a todos, mas deve-se amar um ideal com toda sua alma. Isto é devoção firme.

"Hanuman não podia encontrar felicidade em nenhuma outra forma que não fosse a de Rama. As gopis tinham tal amor, a mente toda dirigida ao pastor Krishna de Vrindavan, que não se importavam com o Krishna de turbante de Dwaraka.

"Uma esposa pode servir aos irmãos do marido, apanhando água, ou de outras maneiras, mas não pode servi-los da mesma forma como faz com o marido. Com ele mantém um relacionamento especial."

Ram ofereceu doces ao Mestre. Shri Ramakrishna estava pronto para partir para Dakshineswar. Vestiu o xale de lã e o gorro, e entrou na carruagem com M. e outros devotos. Ram e seus amigos saudaram o Mestre.

Sábado, 29 de dezembro de 1883

Era dia de lua nova, auspiciosa para o culto da Mãe Divina. A uma hora da tarde, Shri Ramakrishna foi de carruagem, visitar o templo de Kali, em Kalighat. Tinha intenção de, a caminho, ir à casa de Adhar, visto que Adhar deveria acompanhá-lo até o templo. Enquanto a carruagem esperava perto do pórtico do aposento do Mestre, M. foi ao Mestre e disse, "Senhor, posso ir também?"

Mestre: "Por que?"

M.: "Gostaria de visitar minha casa em Calcutá."

Shri Ramakrishna refletiu um momento e disse, "Você tem que ir para casa? Por que? Está muito bem aqui."

M. queria ver sua família por algumas horas, mas evidentemente o Mestre não aprovou.

Domingo, 30 de dezembro de 1883

Às três horas da tarde, enquanto M. andava de um lado para o outro perto de uma árvore, um devoto chegou e disse-lhe que o Mestre o chamava. M. foi até o aposento de Shri Ramakrishna onde encontrou muitos devotos. Saudou o Mestre.

Ram, Kedar e outros haviam chegado de Calcutá. Ram trouxera consigo o monge vedantista que o Mestre havia visitado perto do seu jardim, alguns dias antes. Naquela ocasião Shri Ramakrishna havia lhe pedido para trazer o sadhu a Dakshineswar.

O monge sentou-se no divã pequeno com o Mestre.

Conversavam animada mente em industani.

Mestre: "O que o senhor pensa de tudo isso?"

Monge: "É como um sonho."

Mestre: "Só Brahman é real e o mundo, ilusório. Bem, senhor, o que é Brahman?"

Monge: "Brahman é o Som. É o Om."

Mestre: "Mas deve haver algo indicado pelo som. Não é assim?"

Monge: "Esse mesmo é a coisa indicada bem como o indicador."

A estas palavras Shri Ramakrishna entrou em samadhi e permaneceu imóvel. O monge e os devotos olhavam-no com admiração. Kedar disse ao monge: 'Olhe para ele, senhor. Isso é samadhi."

O monge já havia lido a respeito de samadhi, mas jamais havia visto antes. Depois de alguns minutos o Mestre começou gradualmente a descer ao plano normal de consciência. Disse à Mãe Divina: "Mãe, quero ser normal. Por favor, não me torne inconsciente. Gostaria de falar com o sadhu sobre Satchidananda. Mãe, quero ficar feliz falando de Satchidananda."

O monge estava fascinado com o estado do Mestre e com suas palavras. Shri Ramakrishna disse-lhe: "Por favor, abandone o seu 'Eu sou Ele'. Conservamos o 'eu' e o 'Tu' para aproveitar a brincadeira."

Um pouco mais tarde o Mestre passeava no Panchavati com Ram, Kedar, M. e outros devotos.

Mestre (*a Kedar, com um sorriso*): "O que você achou do sadhu?"

Kedar: "É tudo conhecimento árido. A panela acabou de ser colocada no fogo, mas ainda não há arroz nela."

Mestre: "Isso pode ser verdade, mas ele renunciou a tudo. Aquele que renunciou ao mundo, já fez grande progresso. O sadhu está no estágio de iniciante. Nada pode ser alcançado sem a realização de Deus. Quando um homem está embriagado com amor de Deus, não encontra felicidade em nada mais. Então -

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama
Afetuosamente dentro de ti, Ó mente;
Que só tu e eu A contemplemos
Não permitindo a ninguém mais intrometer-se."

Kedar repetiu as palavras de uma canção conservando o sentimento do Mestre:

Como abrirei meu coração, Ó amiga?
Estou proibida de falar.
Estou prestes a morrer, por falar de uma alma irmã.
Que compreenda meu infortúnio. ...

Shri Ramakrishna retornou ao seu quarto. Mais ou menos às quatro horas foi aberta a porta do templo de Kali e o Mestre dirigiu-se para lá, com o monge. M. acompanhou-os. Entrando no santuário o Mestre prosternou-se respeitosamente ante a imagem. O monge, de mãos postas, também inclinou a cabeça repetidamente ante Kali.

Mestre: "O que o senhor pensa de Kali?"

Monge: (*com devoção*):"Kali é suprema."

Mestre: "Kali e Brahman são idênticos. Não é verdade?"

Monge: "Enquanto a mente estiver voltada para o mundo exterior, temos que aceitar Kali. Enquanto um homem vir o mundo exterior e discriminar entre o bem e o mal, tem que aceitar o bem e rejeitar o mal. Fique certo que todos os nomes e formas são ilusórias, mas enquanto a mente vir o mundo exterior, o aspirante deve renunciar à mulher. As idéias de bem e mal são aplicadas àquele que é ainda um estudante no caminho, senão, se desviará da trilha da retidão."

Assim conversando, o Mestre e o monge voltaram do templo.

Mestre (*a M.*): "Você reparou que o sadhu inclinou-se ante Kali?"

M.: "Sim, senhor."

Segunda-feira, 31 de dezembro de 1883

Às quatro horas da tarde, o Mestre estava sentado em seu quarto com M., Rakhal, Latu, Harish e outros devotos.

Dirigindo-se a M. e Balaram, o Mestre disse: "Haladhari seguiu o caminho do conhecimento. Dia e noite estudava os Upanishads, o *Adhyatma Ramayana* e outros livros semelhantes sobre Vedanta. Torcia o nariz ao ouvir falar das formas de Deus. Uma vez comi no prato de folha dos mendigo. A isto Haladhari disse-me: 'Como o senhor vai poder casar seus filhos?' Respondi: 'Seu velhaco! Algum dia terei filhos? Que sua boca que repete palavras do *Gita* e da *Vedanta*, seja amaldiçoada!' Imagine! Declarou que o mundo era ilusório e também, meditava no templo de Vishnu com o nariz torcido."

À tardinha Balaram e outros devotos voltaram para Calcutá. O Mestre ficou no quarto, absorvida na contemplação da Mãe Divina. Logo depois ouviu-se a música suave do culto vespertino nos templos.

Um pouco mais tarde o Mestre começou a falar à Mãe com uma voz tão doce que tocou o coração de M., que estava sentado no chão. Depois de repetir "Hari Om! Hari Om! Om!", o Mestre disse, "Mãe, não me tornes inconsciente com o Conhecimento de Brahman. Mãe, não quero Brahmajnana. Quero ser alegre. Quero brincar." Novamente disse: "Mãe, não conheço a Vedanta e Mãe, nem tenho interesse em conhecer. Os Vedas e a Vedanta ficam bem abaixo quando Tu és realizada, Ó Mãe Divina!" Disse então: "Ó Krishna! Eu Te direi, "Come, meu Filho! Toma isto, meu Filho!" Então ele disse: "Ó Krishna, eu Te direi 'Come, meu Filho! Tome isto, meu Filho!' Ó Krishna, eu Te direi: "Meu filho, Tu assumiste este corpo para meu bem'."

Quarta-feira, 2 de janeiro de 1884

Rakhal, Latu, Harish, Ramlal e M. estavam morando com Shri Ramakrishna no templo. Mais ou menos às três horas da tarde, M. encontrou o Mestre no pórtico oeste de seu quarto, conversando com um devoto tântrico. O tântrico usava roupa ocre. Shri Ramakrishna pediu a M. para sentar-se a seu lado. Talvez o Mestre tivesse a intenção de instrui-lo enquanto conversava com o devoto tântrico. Mahima Chakravarty o havia enviado ao Mestre.

Mestre (*ao tântrico*): "Faz parte da disciplina tântrica beber vinho numa caveira humana. Esse vinho chama-se 'karana'. Não é?"

Tântrico: "Sim, senhor."

Mestre: "Mas não posso tocar vinho de forma alguma."

Tântrico: "O senhor tem Felicidade Divina espontânea. Aquele que goza essa Felicidade, nada mais deseja."

Mestre: "Não me importo com japa e austeridade, mas tenho constante lembrança e consciência de Deus.

"Diga-me, quando falam dos seis centros, o que querem dizer?"

Tântrico: "São como diferentes lugares sagrados. Em cada um dos centros moram Shiva e Shakti. Não podemos vê-los com os olhos físicos. Não se pode tirá-los cortando o corpo."

M. escutava silenciosamente a conversa. Olhando para ele, o Mestre perguntou ao devoto tântrico: "Pode um homem alcançar perfeição sem a ajuda de um vija mantra, uma palavra sagrada do guru?"

Tântrico: "Sim, se tiver fé – fé nas palavras do guru."

O Mestre virou-se para M. e disse, chamando sua atenção: "Fé!"

Após a saída do devoto tântrico, Jayagopal Sen, membro do Brahmo Samaj, chegou. O Mestre conversou com ele.

Mestre (*a Jayagopal*): "Não se deve ter má vontade com ninguém. Os que crêem em Deus sem forma e os que adoram Deus com forma estão todos, sem exceção, caminhando em direção a Deus. O jnani, o Yogi, os bhaktas, todos sem exceção, O estão buscando. O seguidor do caminho do Conhecimento chama-O 'Brahman'. O yogi chama-O 'Atman' ou 'Paramatman'. O bhakta chama-O 'Bhagavan'. Além disso, diz-se que há um Senhor Eterno e Seu Eterno Servo."

Jayagopal: "Como podemos saber se todos os caminhos são verdadeiros?"

Mestre: "Podemos atingir Deus se trilharmos um caminho corretamente. Aí então podemos, então, conhecer todos os outros. É como chegar ao terraço de um modo ou de outro. Podemos então, descer pela escada de madeira ou de pedra, com uma vara de bambu ou mesmo, por uma corda.

"Um devoto pode conhecer tudo quando a graça de Deus descer sobre ele. Se O realizar será capaz de conhecer tudo sobre Ele. Tem-se que encontrar, de uma maneira ou outra, o dono da casa e relacionar-se com ele; desta forma ele mesmo lhe dirá quantas casas e títulos públicos possui."

Jayagopal: "Como se recebe a graça de Deus?"

Mestre: "Tem-se que cantar freqüentemente o nome e as glórias de Deus e abandonar os pensamentos mundanos tanto quanto se puder. Com maior esforço pode-se tentar trazer água pura para sua plantação, mas ela não pode esvair-se toda através dos buracos nas beiradas. Então todos seus esforços para trazer água, cavando um canal, serão inúteis.

"Você se sentirá inquieto por Deus quando o coração se tornar puro e a mente livre das coisas do mundo. Só então sua oração chegará a Deus. Um fio do telégrafo não pode levar mensagem se estiver partido num ponto ou com qualquer outro defeito.

"Eu costumava chamar por Deus totalmente sozinho, com o coração anelante. Chorava: 'Ó Deus, onde estás?' Chorando assim, perdia completamente a consciência do mundo. Minha mente submergia no Mahavayu.

"Como se pode alcançar yoga? Renunciando totalmente ao apego das coisas mundanas. A mente tem que estar pura e sem qualquer mácula, como o fio do telégrafo que não tem defeitos.

"Não se deve alimentar desejo algum. A devoção de uma pessoa que tem qualquer desejo é egoísta, mas devoção sem apego é amor pelo amor. Você pode me amar ou não, mas eu o amo; isso é amor pelo amor.

"O que se tem a fazer é amar a Deus. Através de intenso amor obtém-se sua visão. A atração do marido pela esposa, a atração do filho por sua mãe, a atração de um homem mundano para os objetos do mundo – quando se puder reunir essas três numa só, e direcioná-la para Deus, obtém-se a visão de Deus."

Jayagopal era um homem do mundo. Seria por isso que o Mestre estava dando esses conselhos?

Às oito horas daquela noite, o Mestre estava sentado em seu quarto com Rakhal e M. Era o vigésimo primeiro dia da estada de M. com Shri Ramakrishna. O Mestre o havia proibido de se entregar ao raciocínio.

Mestre (*a Rakhal*): "Não é bom raciocinar demais. Primeiro deve vir Deus, depois o mundo. Realize primeiro Deus – logo conhecerá tudo a respeito de Seu mundo. (*A M. e Rakhal*) Se alguém é apresentado a Jadu Mallick, então poderá ficar conhecendo tudo a seu respeito – o número de propriedades, jardins, títulos públicos e assim por diante. Por esta ra-

zão o rishi Narada aconselhou Valmiki[1] a repetir a palavra 'mara'. 'Ma' quer dizer Deus e 'ra', mundo. Primeiro vem Deus e em seguida, o mundo. Krishnakishore dizia que a palavra 'mara' é um mantra sagrado porque foi dado a Valmiki pelo rishi.

"Por conseguinte, como Valmiki, deve-se em primeiro lugar, renunciar a tudo e chorar com o coração anelante por Deus. A primeira coisa necessária é a visão de Deus, em seguida, o raciocínio sobre as escrituras e o mundo.

(*A M.*): É por isso que venho lhe dizendo para não raciocinar mais. Vim do pinhal para lhe dizer isso. Devido ao excessivo raciocínio, sua vida espiritual ficará prejudicada; Por fim, você ficará como Hazra. Eu costumava vagar, à noite, pelas ruas, sozinho, chorando à Mãe Divina. 'Ó Mãe! Destrói com Teu raio meu desejo de raciocinar!' Prometa-me que não vai mais raciocinar".

M.: "Sim, senhor. Não vou mais."

Mestre: "Tudo pode ser conseguido somente com bhakti. Aqueles que desejam o Conhecimento de Brahman certamente O alcançarão seguindo o caminho de bhakti.

"Pode um homem abençoado pela graça de Deus não ter Conhecimento? Em Kamarpukur vi um negociante de grãos pesando arroz. Assim que uma grande quantidade era pesada, outra era empurrada para ser pesada. A Mãe provê os devotos com uma 'pilha' de Conhecimento.

"Depois de ter alcançado Deus, olha-se um pundit como uma simples palha e poeira. Padmalochan disse-me: 'Que mal há se eu o acompanhar a uma reunião na casa de um pescador?[2] Com o senhor posso até comer na casa de um pária.'

"Tudo pode ser realizado simplesmente por amor a Deus. Se uma pessoa é capaz de amar a Deus, nada lhe faltará. Kartika e Ganesha[3] estavam sentados perto de Bhagavati, que usava um colar de pedras preciosas. A Mãe Divina disse-lhes: 'Darei esse colar de presente ao primeiro que fizer a volta ao universo.' Sem perder um só minuto, Kartika saiu montado num pavão. Ganesha, por sua vez, tranqüilamente deu a volta em torno da Mãe Divina e prosternou-se ante Ela. Sabia que Ela continha em Si mesma o universo inteiro. A Mãe Divina ficou feliz com ele e colocou o colar em seu pescoço. Depois de muito tempo Kartika regressou e encontrou o irmão com o colar.

"Chorando, eu costumava orar à Mãe: 'Ó Mãe, revela-me o que está contido nos Vedas e na Vedanta. Revela-me o que há nos Puranas e Tantras.' Um por um Ela me revelou todos.

"Sim, Ela me ensinou tudo. Ó quantas coisas Ela me mostrou! Um dia Ela me mostrou Shiva e Shakti em todos os lugares. Em toda a parte via a comunhão de Shiva e Shakti, existindo em todas as coisas vivas; homens, animais, árvores, plantas. Vi-os na comunhão com todos os elementos masculinos e femininos.

"Outro dia foram mostradas pilhas de cabeças humanas tão altas como uma montanha. Nada mais existia e eu estava sozinho no meio delas.

"Ainda outro dia Ela mostrou-me um oceano. Tomando a forma de uma boneca de sal, fui medir sua profundidade. Enquanto fazia isto, pela graça do guru, transformei-me numa pedra. Vi então, um navio e logo entrei nele." O timoneiro era o guru. Espero que você ore todos os dias a Satchidananda, que é o Guru. Você reza?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Naquele barco o timoneiro era o guru. Vi que 'eu' e 'você ' éramos duas coisas diferentes. Novamente saltei no oceano e fui transformado em peixe. Encontrei-me nadando, muito feliz, no Oceano de Satchidananda.

---

[1] Autor do *Ramayana*: Dizem que este sábio havia sido um salteador. Ao conhecer Narada, ficou ansioso para levar vida espiritual. Narada pediu-lhe para cantar o nome de Rama, como disciplina espiritual, mas devido à tendência pecadora de sua mente, Valmiki não podia repetir a palavra sagrada. Foi, então, aconselhado a repetir a palavra "mara", reverso de "Rama". Devido ao seu desejo ardente e sinceridade, o coração do ladrão ficou purificado e foi-lhe possível repetir o nome de Rama. Como resultado, alcançou a perfeição.

[2] Referência a Mathur Babu, que pertencia à casta de pescador. O brahmin ortodoxo recusa-se a entrar na casa de um pescador, que pertence a uma casta considerada inferior.

[3] Dois filhos de Bhagavati, a Mãe Divina.

"Tudo isto é um mistério profundo. O que você pode compreender pelo raciocínio? Compreenderá tudo quando o Próprio Deus lhe ensinar. Então não lhe faltará qualquer conhecimento."

Sexta-feira, 4 de janeiro de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado em seu quarto. M. ainda estava com o Mestre, dedicando o tempo à prática de disciplina espiritual. Passava grande parte do dia em oração e meditação, sob a árvore bel, onde o Mestre havia praticado grande austeridade e tivera muitas visões maravilhosas de Deus.

Mestre (*a M.*): "Não raciocine mais. No final, raciocinar só prejudica o aspirante. Deve-se tomar uma atitude particular em relação a Deus, enquanto estiver orando a Ele – a atitude de amigo ou servo, ou filhos ou herói.'

"Eu assumo a atitude de um filho. Para mim toda mulher é minha mãe. A divina Maya, vendo essa atitude num aspirante, sai de seu caminho, envergonhada.

"A atitude de 'herói' é extremamente difícil. Os shaktas e os bauls entre os vaishnavas seguem-na, mas é muito difícil manter-se na vida espiritual nessa atitude. Pode-se, também, assumir todas as atitudes em relação a Deus – a atitude na qual o devoto serenamente contempla Deus como Criador, a atitude de serviço para com Ele, a de amizade, a de afeição maternal ou a de amor conjugal. A relação conjugal, a atitude da mulher para com seu marido ou amante, contém em si todas as outras formas – serenidade, amizade e afeição maternal. (*A M.*): Qual delas atrai sua mente?"

M.: "Gosto de todas."

Mestre: "Quando se atinge a perfeição, fica-se contente com todos esses tipos de relacionamento. Nesse estado o devoto não tem o menor traço de luxúria. Os livros sagrados dos vaishnavas falam de Chandidas e a lavadeira. Seu amor era totalmente desprovido de luxúria.

"Naquele estado um devoto olha-se como mulher. Não se olha como homem. Sanatana Goswami recusou-se a ver Mirabai porque era uma mulher. Mira informou-o que, em Vrindavan, o único homem era Krishna e todos os outros, Suas servas. 'Era correto da parte de Sanatana, considerar-se homem?' perguntou Mira. "

Ao entardecer M. estava sentado aos pés do Mestre. Shri Ramakrishna foi informado de que o estado de Keshab havia piorado. Falava sobre Keshab e incidentemente sobre o Brahmo Samaj.

Mestre (a M.*):* "Eles somente dão palestras no Brahmo Samaj? Ou também meditam? Entendo que chamam seu serviço no templo de 'upasana'.

"Uma vez Keshab pensou muito a respeito do cristianismo e dos pontos de vista cristãos. Naquela época e anteriormente, havia pertencido à organização de Devendranath Tagore."

M.: "Se Keshab tivesse vindo aqui desde o início, não teria estado tão preocupado com reforma social. Não teria estado tão ocupado com abolição de sistema de castas, casamento de viúvas, casamento entre castas diferentes, educação das mulheres e outras atividades sociais."

Mestre: "Atualmente Keshab acredita em Kali como Encarnação do Espírito e Consciência, a Energia Primordial. Além disso, repete o sagrado nome da Mãe e canta Suas glórias.

"Você pensa que o Brahmo Samaj se desenvolverá no futuro numa espécie de organização de reforma social?"

M.: "O solo deste país é diferente. Somente o que é puro sobrevive aqui."

Mestre: "Sim, assim é. Somente o Sanatana Dharma, a Religião Eterna, postulada pelos rishis, permanecerá, mas também permanecerão algumas seitas como o Brahmo Samaj. Tudo aparece e desaparece pela vontade de Deus."

No começo da tarde, vários devotos de Calcutá visitaram o Mestre e cantaram muitos hinos. Um deles continha a seguinte idéia: "Ó Mãe, Tu me atraíste com brinquedos vermelhos. Tu certamente correrás para nós, quando os atirarmos fora e gritarmos por Ti até ficarmos roucos."

Mestre (*a M.*): "Como eles cantaram bem a respeito dos brinquedos vermelhos."

M.: Sim, senhor. Uma vez o senhor falou com Keshab sobre os brinquedos vermelhos."

Mestre: "Sim. Falei-lhes também sobre o Chidakasha, a Consciência Interna e sobre muitas outras coisas. Ó como estávamos felizes! Costumávamos cantar e dançar juntos."

Sábado, 5 de janeiro de 1884

Era o vigésimo terceiro dia da estada de M. com Shri Ramakrishna. M. havia acabado sua refeição a uma hora da tarde e descansava no nahabat, quando subitamente ouviu chamar seu nome, três ou quatro vezes. Saindo, viu Sri Ramakrishna chamando-o da varanda norte de seu quarto.

M. saudou o Mestre e conversaram na varanda.

Mestre: "Quero saber como você medita. Quando eu meditava sob a árvore bel, costumava ter várias visões com muita clareza. Uma vez vi na minha frente, dinheiro, um xale, uma bandeja de 'sandesh' e duas mulheres. Perguntei à minha mente: 'Mente, você quer alguma coisas dessas?' Vi que 'sandesh' era simples lixo. Uma das mulheres tinha um grande anel em seu nariz. Podia ver tanto o interior como o exterior delas – entranhas, sujeira, ossos, carne e sangue. A mente não queria nada disso – dinheiro, xale, doces ou mulheres. Permaneceu fixa nos Pés de Lótus de Deus.

"Uma pequena balança tem dois ponteiros: o de cima e o de baixo. A mente é o de baixo. Sempre tive medo que a mente saísse do ponteiro de cima – Deus. Sentado, eu sempre via um homem perto de mim com um tridente na mão. Ele ameaçava me espetar com o tridente se o ponteiro de baixo se afastasse do de cima.

"Mas nenhum progresso espiritual é possível sem a renúncia de 'mulher e ouro'. Renunciei a estes três: terra, esposa e riqueza. Um dia fui ao Registro de Imóveis registrar uma terra, cujo título estava em nome de Raghuvir. O funcionário pediu-me para assinar meu nome, mas não pude sentir que era 'minha' terra. Demonstraram muito respeito por mim, como guru de Keshab Sen. Presentearam-me com mangas, mas eu não levá-las para casa. Um sannyasi não pode acumular coisas.

"Como se pode esperar que alguém alcance Deus sem renúncia? Suponhamos que uma coisa é colocada sobre a outra, como se pode retirar a segunda, sem remover a primeira?

"Deve-se orar a Deus sem qualquer desejo egoísta, mas a adoração egoísta praticada com perseverança, transforma-se gradualmente em desinteressada. Dhruva praticou tapasya para obter seu reino, mas, por fim, realizou Deus. Dizia: 'Por que uma pessoa deve recusar o ouro se ela o obtiver ao procurar contas de vidro?"

"Deus pode ser realizado quando uma pessoa conquistar sattva. Os chefes de família empenham-se em trabalho filantrópico, como caridade, principalmente por interesse. Isso não é bom, mas as ações desinteressadas são boas, porém, é muito difícil abandonar os motivos das ações.

"Quando vir Deus, você vai orar a Ele: 'Ó Deus, concede que eu possa cavar reservatório, construir estradas e fundar hospitais e dispensários?' Depois da realização de Deus todos esses desejos são deixados para trás.

"Então não se deve praticar atos de compaixão como caridade com os pobres? Não proíbo isso. Se um homem tem dinheiro, deve dá-lo para aliviar as tribulações e sofrimentos que chegam ao seu conhecimento. Quando isto acontece, o sábio diz: 'Dê qualquer coisa aos pobres', mas internamente sente: 'O que posso fazer? Só Deus é O que faz. Não sou nada.'

"As grandes almas, profundamente tocadas pelos sofrimentos dos homens, mostram-lhes o caminho para Deus. Sankaracharya manteve o 'ego do Conhecimento' para ensinar a humanidade. A dádiva do conhecimento e da devoção é superior à dádiva do alimento. Assim, Chaitanyadeva, distribui bhakti a todos, inclusive aos párias. Felicidade e sofrimento são características inevitáveis do corpo. Você veio para comer mangas. Satisfaça aquele desejo. A única coisa necessária é jnana e bhakti. Só Deus é Sustância; tudo o mais é ilusório.

"É somente Deus quem faz tudo. Você pode dizer que neste caso o homem pode cometer pecado, mas isso não é verdade. Se um homem estiver convencido de que Deus é O que faz, e que ele mesmo não é nada, então jamais dará um passo em falso.

"Foi Deus somente quem plantou na mente humana aquilo que o 'inglês' [4] chama de livre arbítrio. As pessoas que não realizaram Deus ficariam cada vez mais empenhados em ações pecaminosas, se Deus não tivesse plantado nelas o livre arbítrio. A incidência de pecado teria aumentado se Deus não tivesse feito o pecador sentir que somente ele era responsável pelo seu pecado.

"Aqueles que realizaram Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é meramente aparente. Na realidade o homem é a máquina e Deus Seu operador, o homem é o carro e Deus, o Condutor."

Eram aproximadamente quatro horas. Rakhal e muitos outros devotos estavam assistindo um kirtan conduzido por M. na cabana do Panchavati. Rakhal entrou em estado espiritual enquanto ouvia a canção religiosa. Depois de um certo tempo, o Mestre entrou no Panchavati, acompanhado de Baburam e Harish. Foi seguido por outros devotos.

Rakhal (*referindo-se a M.*): "Que bem ele [referindo-se a M.] cantou o kirtan para nós. Fez-nos muito felizes."

O Mestre cantou em êxtase:

Ó amigas, como é grande o meu alívio
Ouvi-las cantar o nome de Krishna! ...

Disse aos devotos: "Cantem sempre canções religiosas." Continuando disse: "Amar a Deus e viver na companhia dos devotos é tudo. O que mais há?" Disse novamente: "Quando Krishna foi para Mathura, Yashoda foi ter com Radha que estava meditando. Depois, Radha disse a Yashoda: 'Sou a Energia Primordial. Peça-Me uma graça. 'Que oura graça Lhe pediria?' disse Yashoda. 'Apenas me abençoe para que eu possa servir a Deus com meu corpo, mente e língua, para que eu possa contemplar Seus devotos com estes olhos, para que eu possa meditar n'Ele com esta mente e que eu possa cantar Seu nome e glórias com esta língua.'

"Mas aqueles que estão firmemente estabelecidos em Deus, podem passar sem os devotos. Isto é verdadeiro para os que sentem a presença de Deus tanto no interior como no exterior. Às vezes não desfrutam a companhia dos devotos. Você não vai caiar uma parede revestida de madrepérola – a cal não pegará."

Pouco tempo depois o Mestre regressou do Panchavati, conversando com M.

Mestre: "Você tem a voz de mulher. Pode ensinar uma canção como esta? -

"Diga-me, amiga, quão longe está o bosque
Onde mora Krishna, meu Bem-Amado?

(*A M. apontando para Baburam*): "Veja, minha própria gente tornou-se estranha. Ramlal e meus outros parentes parecem forasteiros. Os meus familiares se transformaram em familiares. Já reparou como falo com Baburam para lavar o rosto. Os devotos transformaram-se em parentes.

(*Olhando para o Panchavati*): "Costumava sentar ali. Ao longo do tempo fiquei louco. Aquela fase também passou. Kala, Shiva e Brahman. Aquele que se diverte com Kala é Kali, a Energia Primordial. Kala faz mover até o Imutável."

Dizendo isso, o Mestre cantou:

Minha mente está tomada de admiração,
Pensando no mistério da Mãe.
Só o Seu nome remove
O medo de Kala, a própria Morte;
Sob Seus pés jaz Maha Kala.

Em seguida disse a M.: "Hoje é sábado[5]. Vá ao templo de Kali.

[4] Sri Ramakrishna empregava esta palavra para designar os europeus em geral e também, as pessoas cujos hábitos eram profundamente influenciados pelas idéias dos ocidentais.

[5] Sábado e terça-feira são considerados dias auspiciosos para o culto da Mãe Divina.

Quando o Mestre chegou até a árvore bakul, falou novamente a M.: "Chidatma e Chishakti. O Purusha é o Chidatma e o Prakriti, Chitshakti. Shri Krishna é Chidatma e Sri Radha é o Chitshakti. Os devotos constituem as diversas formas de Chitshakti. Devem se considerar companheiros ou servos de Chishakti, Sri Radha. Este é o ponto."

Depois do entardecer, Shri Ramakrishna foi ao templo de Kali e ficou feliz ao ver M. meditando.

O culto da tarde já havia terminado nos templos. O Mestre sentou-se no divã, absorvido em meditação sobre a Mãe Divina. M. sentou-se no chão. Não havia ninguém mais no aposento.

O Mestre estava em samadhi. Gradualmente começou a voltar ao plano normal. Sua mente estava tomada pela consciência da Mãe Divina. Naquele estado falava com Ela, como uma criança pequena importunando a mãe com vários pedidos. Com uma voz comovente, falou: "Mãe, por que Tu não me revelaste aquela Tua forma, que enfeitiça o mundo? Eu Te supliquei tanto por ela, mas Tu não me escutas. Tu ages como Te agrada."

Aquelas palavras foram pronunciadas com uma voz tocante.

Continuou: "Mãe, uma pessoa necessita de fé. Fora com este raciocínio! Que seja amaldiçoado! Uma pessoa necessita de fé – fé nas palavra do guru, fé infantil. A mãe diz ao filho: 'Um duende está ali' e a criança fica firmemente convencida de que há um duende ali. Também a mãe diz à criança, "Há um bicho papão ali.' e a criança acredita. A mãe também diz, apontando para um homem, 'Ele é seu irmão mais velho', e a criança acredita cento e vinte e cinco por cento que o homem é seu irmão. Uma pessoa necessita de fé. Mas por que haveria eu de censurá-los, Mãe? O que podem eles fazer? É necessário passar pelo raciocínio uma vez. Tu não vês o quanto lhe falei a respeito disso, no outro dia? Mas tudo veio a dar em nada."

O Mestre chorava e orava à Mãe, com voz emocionada. Orou a Ela com os olhos cheios de lágrimas, pelo bem estar dos devotos: "Mãe, possam todos os que vêm a Ti ter todos os desejos satisfeitos! Mas por favor, não os faça desistir de tudo imediatamente, Mãe. Bem, Tu podes fazer o que desejas. Se queres mantê-los no mundo, Mãe, então, por favor, revela-Te a eles de vez em quando. Caso contrário, como viverão? Como podem ficar encorajados, se não te vêem pelo menos de vez em quando? Tu podes, afinal de contas, fazer tudo o que quiseres."

O Mestre ainda estava em êxtase. Subitamente disse a M.: "Olhe, basta de raciocínio. Não mais. Prometa-me que não raciocinará mais."

M. (*com as mãos postas*)*:* "Sim, senhor. Não vou mais raciocinar."

Mestre: "Você já fez o bastante. Quando você veio a mim, pela primeira vez, eu lhe disse qual era o seu Ideal espiritual. Sabia tudo a seu respeito, não foi?"

M.(*com as mãos postas*): "Sim, senhor."

Mestre: "Sim, sei tudo; qual o seu Ideal, quem você é, seu interior e exterior, o que aconteceu em suas vidas passadas e o seu futuro. Não é?"

M. (*com as mãos postas*): "Sim, senhor."

Mestre: "Eu o censurei quando soube que tinha um filho. Agora, vá para casa e fique lá. Faça-os acreditar que você lhes pertence, mas não se esqueça que no fundo do seu coração, você não lhes pertence, nem eles a você."

M. sentou-se em silêncio. O Mestre continuava a instrui-lo.

Mestre: "Agora você aprendeu a voar, mas mantenha um relacionamento amoroso com seu pai. Você não pode prosternar-se ante ele?"

M. (*com as mãos postas*): "Sim, senhor. Posso."

Mestre: "O que mais vou lhe dizer? Você sabe tudo. Compreende, não é?"

M. ficou ali, sem pronunciar uma palavra

Mestre: "Você compreendeu, não é?"

M.: "Sim, senhor, agora compreendo um pouco."

Mestre: "Não, você entende muito. O pai de Rakhal está satisfeito com a sua permanência aqui."

M. continuava de mãos postas.

Mestre: "Sim, o que você está pensando, também passará."

Shri Ramakrishna desceu então, ao estado normal de consciência. Rakhal e Ramlal entraram no quarto. A pedido do Mestre, Ramlal cantou:

> Quem é a mulher lá longe que ilumina o campo de batalha?
> Seu corpo brilha mais escuro do que a nuvem
> Mais escura da tempestade.
> E de Seus dentes faíscam as chamas brilhantes do relâmpago! ...

Cantou novamente:

> Quem é esta terrível Mulher, escura como o céu à meia-noite?
> Quem é esta Mulher que dança sobre o campo de batalha? ...

Mestre: " A Mãe Divina é a mãe terrena. É a Mãe Divina que existe na forma do universo e penetra tudo como Consciência. A mãe terrena dá nascimento a este corpo. Costumava entrar em samadhi ao pronunciar a palavra 'Ma'. Enquanto repetia a palavra, atraía para mim, a Mãe do Universo, por assim dizer, como os pescadores que jogam a rede e depois de um certo tempo, a puxam para si. Ao recolherem a rede, acharam um grande peixe.

"Uma vez Gauri disse que se conquista Conhecimento verdadeiro ao se realizar a identidade de Kali e Gauranga[6] Aquele que é Brahman é, também, Shakti, Kali. É Aquele que, tomando a forma humana, tornou-se Gauranga."

A pedido do Mestre, Ramlal cantou novamente, desta vez sobre Gauranga.

Mestre (*a M.*): "Nitya e Lila são dois aspectos da Realidade. Deus desempenha o papel de homem, no mundo, por amor de Seus devotos. Podem amar Deus somente se eles O vêem sob a forma humana: só assim, podem mostrar seu amor a Ele, como irmão, Pai ou Mãe ou Filho.

"É somente por amor dos devotos, que Deus toma a forma humana e desce à terra para brincar Sua Lila."

[6] Há uma hostilidade tolerada entre os devotos de Kali e de Gauranga.

CAPÍTULO 19

O MESTRE E O BRAÇO QUEBRADO

Sábado, 2 de fevereiro de 1884

ERAM TRÊS HORAS DA TARDE. Shri Ramakrishna conversava com Rakhal, Mahimacharan, Hazra e outros devotos, quando M. entrou no quarto e saudou-o. Trazia consigo tala, gaze e compressas para enfaixar o braço quebrado do Mestre.

Um dia enquanto se dirigia ao bosque de pinheiros, Shri Ramakrishna caiu perto da grade de ferro e deslocou um osso do braço esquerdo. Estava sozinho e em êxtase.

Mestre (*a M.*): "Olá! O que o preocupava? Está bem agora?"

M.: "Sim, senhor, estou bem agora."

Mestre (*a Mahima*): "Bem, se sou a máquina e Deus, o Operador, por que isto me aconteceu"

O Mestre estava sentado no divã, ouvindo a história da peregrinação de Mahimacharan. Fazia doze anos que Mahima havia visitado diversos lugares sagrados.

Mahima: "Encontrei um brahmachari que morava numa chácara em Sicrole, Benares. Dizia que há vinte anos vivia ali, mas não conhecia o proprietário. Perguntou se eu trabalhava num escritório. Diante de minha resposta negativa, disse-me: "Então o senhor é um homem santo errante?" Vi um sadhu na margem do Narmada. Repetia mentalmente, o Gayatri. Isto de tal forma o emocionava que os pelos do corpo se eriçavam. Ao repetir o Gayatri e o Om, em voz alta, as pessoas que estavam próximas, também, ficavam de cabelos eriçados."

O Mestre estava em estado semelhante ao de uma criança. Como estivesse com fome, disse a M.: "O que você me trouxe?" Olhando para Rakhal, entrou em samadhi.

Gradualmente voltava ao plano normal. A fim de trazer a mente à consciência do corpo, disse: "Vou comer jilipi. Quero um pouco d'água."

Chorando como uma criança, disse à Mãe Divina: "Ó Brahmamayi! Ó Mãe! Por que Tu fizeste isto comigo? O braço dói muito. (*Aos devotos*) Será que ficarei bem de novo?" Eles o consolaram como se faz com uma criança, dizendo: "Claro. O senhor ficará bom novamente."

Mestre (*a Rakhal*): "Você não pode ser responsabilizado apesar de estar aqui para cuidar de mim; porque mesmo que estivesse comigo, certamente não poderia ter levantado a grade."

O Mestre novamente entrou em êxtase e disse: "Om! Om! Om!" Mãe, o que é isto que estou falando? Não me torne inconsciente, Mãe, com o Conhecimento de Brahman. Não me dês Brahmajnana. Sou apenas Teu filho. Facilmente fico preocupado e assustado. Necessito de Mãe. Um milhão de saudações ao Conhecimento de Brahman! Dá esse Conhecimento àqueles que o buscam. Ó Anandamayi! Ó Mãe Venturosa!"

Ao pronunciar em voz alta a palavra 'Anandamayi', desatou a chorar e disse:

> Mãe, esse é o pesar que machuca o coração.
> Que mesmo tendo a Ti por Mãe e, embora estivesse bem alerto,
> Houve assalto em minha casa.

Também disse à Mãe Divina: "O que fiz de errado, Mãe? Alguma vez faço alguma coisa? És Tu, Mãe, que fazes tudo; sou a máquina e Tu és a Operadora."

(*A Rakhal, sorrindo*): "Veja que não caia! Não se ofenda, nem se engane a si mesmo."

Novamente dirigindo-se à Mãe, Sri Ramakrishna disse: "Estou chorando porque estou com o braço quebrado? Certamente que não.

> Mãe, esse é o pesar que machuca o coração.

Que mesmo tendo a Ti por Mãe e, embora bem alerto

Houve assalto em minha casa."

Novamente dirigiu-se à Mãe Divina, falando e rindo, como uma criança que, embora doente, esquece-se de seu mal, ri e brinca.

Mestre (*aos devotos*): "Nada lhes adiantará se não realizarem Satchidananda. Não há nada como discriminação e renúncia. A devoção do homem mundano a Deus é momentânea – como uma gota de água numa frigideira quente. Talvez ele olhe para uma flor e exclame: 'Ah, que criação maravilhosa de Deus!'

"Deve-se ter desassossego por Deus. Se um filho reclama de forma persistente, sua parte na propriedade, os pais se consultam e a dão, mesmo que ele seja menor de idade. Deus certamente ouvirá suas preces se sentirem aquela inquietude por Deus. Uma vez que foi Ele quem nos criou, certamente, podemos reclamar d'Ele nossa herança. Ele é nosso Pai, nossa própria Mãe. Podemos exigir d'Ele, 'Revela-Te a mim ou cortarei minha garganta com uma faca'!"

Shri Ramakrishna ensinou aos devotos como chamar a Mãe Divina.

Mestre: "Eu costumava orar a Ela assim: 'Ó Mãe! Ó Bem-Aventurada! Revela-Te a mim, Tu tens que Te revelar!' Também eu Lhe dizia: 'Ó Senhor dos humildes! Ó Senhor do universo! Certamente não estou fora do Teu universo. Estou despojado de conhecimento. Estou sem disciplina. Não tenho devoção. Nada sei. Tu tens que ser misericordiosa e revelar-Te a mim'."

Assim o Mestre ensinava os devotos a orar. Ficaram profundamente tocados. Os olhos de Mahimacharan encheram-se de lágrimas.

Sri Ramakrishna olhou para ele e cantou:

Implore à sua Mãe Shyama com uma súplica verdadeira, Ó mente!
Como Ela pode manter-se afastada de você?
Como pode Shyama ficar afastada? ...

Vários devotos chegaram de Shibpur. Visto que haviam vindo de tão longe, o Mestre não podia desapontá-los. Falou-lhes sobre as coisas essenciais da vida espiritual.

Mestre: "Só Deus é real e tudo o mais, ilusório. O jardim e seu proprietário. Deus e Seu esplendor, mas as pessoas só olham o jardim. Quão poucos procuram o proprietário!"

Um devoto: "Senhor, o que temos que fazer?"

Mestre: "Discriminação entre o Real e o irreal. Deve-se sempre discriminar que somente Deus é Real e o mundo irreal. Deve-se orar com anelo sincero."

Devoto: "Mas senhor, onde há tempo disponível para essas coisas?"

Mestre: "Aqueles que têm tempo, devem meditar e adorar, mas aqueles que não podem fazê-lo, devem inclinar-se de todo o coração, ante Deus, duas vezes por dia. Ele mora nos corações de todos. Ele sabe que as pessoas do mundo têm muitas coisas para fazer. O que mais é possível fazer? Você não tem tempo para orar a Deus; portanto, dê-Lhe sua procuração, mas tudo é vão, a não ser que se atinja Deus e veja-O."

Outro devoto: "Senhor, vê-lo é o mesmo que vermos Deus."

Mestre: "Nunca mais diga isso. As ondas pertencem ao Ganges e não, o Ganges às ondas. Um homem não pode realizar Deus a não ser que se liberte de idéias egoístas como 'Sou fulano de tal', 'Sou isso ou aquilo'. Reduza a pilha de 'eu' até o chão, dissolvendo-a com lágrimas de devoção."

Devoto: "Por que Deus nos pôs no mundo?"

Mestre: "Para perpetuar Sua criação. É Sua vontade, Sua maya. Enganou o homem com 'mulher e ouro'."

Devoto: "Mas por que Ele nos iludiu? Por que Ele assim o desejou?"

Mestre: "Se Ele, apenas uma vez, tivesse dado ao homem o gosto da alegria divina, então o homem não teria levado a vida mundana. A criação chegaria ao fim.

"O negociante de grãos estoca arroz em grandes sacos, em seu armazém. Próximo desses sacos coloca uma bandeja com arroz empapado, para manter os ratos afastados. O arroz

empapado cheira a doce para os ratos e eles o mordiscam a noite toda; não procuram mais o arroz em grão. Mas pense bem! Um medida de arroz em grão vale quatorze medidas de arroz ampapado. Quão infinitamente superior é a alegria de Deus em comparação com o prazer de 'mulher e ouro! Para os que pensam na beleza de Deus, mesmo a beleza de Rambha e Tillottama[1] parece apenas as cinzas da pira funerária."

Devoto: "Por que não sentimos intenso desassossego para realizá-Lo?"

Mestre: "Não se sente desassossego por Deus até que todos os desejos mundanos estejam satisfeitos. Não se lembra da Mãe do Universo, antes que o desfrutar de 'mulher e ouro' seja satisfeito. Uma criança absorvida em seus brinquedos, não procura a mãe, mas quando acaba de brincar diz, 'Mãe! Devo ir com minha mãe!' O filho de Hriday estava brincando com os pombos, chamando-os 'Venham! Ti, ti!" Quando tinha brincado o suficiente, começou a chorar. Um estranho chegou e disse-lhe: 'Venha comigo. Vou levá-lo à sua mãe'. E sem hesitar, pulou nos ombros do homem e foi embora com ele.

"Aqueles que são eternamente livres não têm que levar uma vida do mundo. Seu desejo por divertimento já estava satisfeito desde o seu nascimento."

Às cinco horas da tarde o Dr. Madhusudan chegou. Enquanto preparava a bandagem para o braço do Mestre, Shri Ramakrishna riu como uma criança e disse: "O senhor é Madhusudan [2] tanto neste mundo como no outro."

Dr. Madhusudan (*sorrindo*): ^Trabalho apenas sob o peso de seu nome."

Mestre (*sorrindo*): "Ora, o *nome* é uma coisa banal? Deus não é diferente do seu nome. Styabhama tentou pesar Krishna com ouro e pedras preciosas, mas não conseguiu. Então Rukmini põe uma folha de tulsi com o nome de Krishna, nos pratos. Isto equilibrou os pratos."

O médico estava pronto para enfaixar o braço do Mestre. Colocaram um colchão no chão e o Mestre, rindo, deitou-se nele. Disse: "Ah! Esta é a cena final de Radha, mas Brinde diz, 'Quem sabe o que está ainda para suceder?' "

Os devotos estavam sentados em volta do Mestre que começou a cantar::

As gopis estavam todas reunidas na praia do lago.

Shri Ramakrishna riu e os devotos, também. Depois que o braço foi enfaixado, disse: "Não tenho muita fé em seus médicos de Calcutá. Quando Sambhu estava delirando, Dr. Sarvadhikari disse: "Ó, não é nada. Está somente embriagado devido ao remédio. Pouco depois, Sambhu [3] deu o último suspiro."

Era o entardecer e o culto dos templos já havia terminado. Pouco tempo depois, Adhar chegou de Calcutá, para ver o Mestre. Mahimacharan, Rakhal e M. estavam no aposento.

Adhar: "Como vai o senhor?"

Mestre (*carinhosamente*): "Olha. Como meu braço dói! (*Sorrindo*) Não precisa perguntar como estou!"

Adhar sentou-se no chão, com os devotos. O Mestre disse-lhe: "Massageie aqui suavemente." Adhar sentou-se na ponta do divã e gentilmente massageou os pés de Shri Ramakrishna.

O Mestre conversou com Mahimacharan.

Mestre: "Será muito bom se você puder ter amor desinteressado por Deus. Um homem que sente este amor, diz: 'Ó Senhor, não procuro salvação, fama, riqueza ou cura das doenças. Não procuro nada disse. Apenas Te quero.' São muitas as pessoas que vêm até um homem rico, por diferentes razões, mas se alguém se chega a ele simplesmente por amizade, sem desejar nenhum favor, então o homem rico sente-se atraído para ele. Prahlada teve esse amor desinteressado, esse puro amor por Deus sem interesse material."

Mahimacharan permaneceu em silêncio. O Mestre dirigiu-se a ele.

Mestre: "Agora vou lhe dizer algo que está de acordo com seu estado. Segundo a Vedanta, tem-se que conhecer a natureza real do próprio Eu. Mas tal conhecimento é impossível

[1] Duas dançarinas celestiais de extraordinária beleza.
[2] Também um nome de Krishna.
[3] Sambhu Mallick morreu em 1877.

sem renúncia do ego. O ego é como uma vara que parece dividir a água em duas. Faz você sentir que é uma pessoa e eu, outra. Quando o ego desaparece em samadhi, sabe-se que Brahman é sua própria consciência interior.

"Deve-se renunciar ao 'eu' que nos faz sentir 'sou Mahima Chakravarty' , 'Sou um homem instruído' e assim por diante, mas o 'ego do Conhecimento' não fere ninguém. Sankaracharya reteve o 'ego do Conhecimento' a fim de ensinar a humanidade.

"Não se pode alcançar o Conhecimento de Brahman, a não ser que se seja muito cauteloso sobre mulheres. Por isso é muito difícil para os que estão no mundo, obter esse Conhecimento. Por mais cuidadosa que uma pessoa seja, se sujará se viver num aposento cheio de fuligem. A companhia de uma jovem evoca luxúria até num homem sem luxúria, por mais cuidado que tiver.

"Mas não faz mal para um chefe de família que segue o caminho do conhecimento, desfrutar a felicidade conjugal de vez em quando, com a esposa. Pode satisfazer seu impulso sexual como se fosse um outro impulso natural. Sim, você pode saborear um doce de vez em quando (*Mahimacharan ri*). Não é danoso para um chefe de família.

"Mas torna-se extremamente prejudicial para um sannyasi. Não se deve nem mesmo olhar para o retrato de uma mulher. Um monge que desfruta a companhia de uma mulher é como um homem que voltasse a engolir o que havia cuspido. Um sannyasi não deve sentar-se junto de uma mulher, nem conversar com ela, mesmo que ela seja muito devota. Não, ele não deve falar com uma mulher mesmo quando ele já tenha controlado a luxúria.

"Um sannyasi tem que renunciar a 'mulher e ouro'. Assim como não deve nem mesmo olhar para o retrato de uma mulher, não deve, tocar em ouro, isto é, dinheiro. É até mau que guarde dinheiro consigo, porque traz preocupações, cálculo, cólera e males assim. Parece com o sol: num momento brilha radiante, subitamente uma nuvem aparece e esconde-o.

"Foi por isso que não concordei com o depósito de dinheiro do Marwari para mim, por intermédio de Hriday. Eu disse: 'Não, não autorizo nem isso. Se mantenho dinheiro junto de mim, certamente isso levantará comentários.'

"Por que estas regras tão restritas para sannyasis? É tanto para o bem-estar da humanidade, como para ele mesmo. É tanto para o bem-estar da humanidade, como para ele mesmo. Um sannyasi pode levar uma vida desapegada e pode até ter controlado suas paixões, mas tem que renunciar a 'mulher e ouro', a fim de servir de exemplo ao mundo.

"Um homem terá coragem de praticar renúncia se a vir cem por cento num sannyasi. Só então, tentará renunciar a 'mulher e ouro'. Se um sannyasi não der este exemplo, quem o dará?

"Pode-se levar a vida de um chefe de família, depois de realizar Deus. É como bater manteiga do leite e em seguida, deixar a manteiga na água. Janaka levou a vida de um chefe de família, depois de ter alcançado Brahmajnana.

"Janaka lutava com duas espadas, uma de jnana e outra, do karma. O sannyasi renuncia à ação, portanto, luta com uma espada somente, a do Conhecimento. Um chefe de família, dotado de Conhecimento, como o de Janaka, pode saborear tanto o fruto da árvore, quanto o do chão. Pode servir os santos, entreter os convidados e fazer outras coisas semelhantes. Eu disse à Mãe Divina: "Ó Mãe, não quero ser um sadhu seco.'

"Depois de se atingir Brahmajnana, não se tem mais que discriminar, nem sobre alimento. Os rishis dos tempos antigos, dotados do Conhecimento de Brahman e tendo experimentado felicidade divina, comiam de tudo, até mesmo carne de porco

(*A Mahima*): "De modo geral há duas yogas: karma e manoyoga, isto é, união com Deus pelo trabalho e pela mente.

"Há quatro estágios na vida: brahmacharya, garhasthya, vanaprasthu e sannyas. Nos três primeiros estágios o homem tem que cumprir seus deveres no mundo. O sannyasi carrega somente seu cajado, a caneca de água e e gamela de pedinte. Também tem que fazer um certo nityakarma, mas a mente não está apegada a ele; não está consciente de fazer esse trabalho. Alguns sannyasis fazem nityakarma para servirem de exemplo ao mundo. Se um chefe de família ou um homem que pertence a outro estágio de vida fez ações sem apego, está unido a Deus por esta ação.

"No caso de um paramahamsa, como Shukadeva, todos os karmas – todo puja, japa, tarpan, sandhya e assim por diante, caem. Nesse estado o homem comunga com Deus somente pela mente. Às vezes agrada-lhe fazer obras exteriores para o bem-estar da humanidade, mas a lembrança e a contemplação de Deus permanecem ininterruptas."

Eram aproximadamente oito horas da noite. Sri Ramakrishna pediu a Mahimacharan para recitar uns hinos das escrituras. Mahima leu o primeiro verso de *Uttara Gita*, descrevendo a natureza do Brahman Supremo.

> Ele, Brahman, é Uno, sem partes, sem mácula e além do éter.
> Sem começo ou fim, não cognoscível pela mente ou inteligência.

Finalmente chegou ao sétimo verso do terceiro capítulo, onde se lê:

> Aquele que nasceu duas vezes[4] adora a Divindade com fogo,
> Os munis O contemplam no coração.
> Homens de sabedoria limitada O vêem na imagem,
> E os yogis que obtiveram visão equânime
> Vêem-no em todos os lugares.

Mal o Mestre ouviu as palavras "os yogis que obtiveram visão equânime", ficou de pé e entrou em samadhi, com seu o sustentado pela tala e faixa. Mudos, os devotos olharam para este yogi que havia alcançado aquele estado de visão equânime.

Depois de muito tempo, o Mestre recobrou a consciência do mundo exterior e sentou-se. Pediu a Mahima para recitar versos falando a respeito do amor a Deus. Mahima recitou trechos do *Narada Pancharatra*:

> Qual a necessidade que há de penitência quando Deus é adorado com amor?
> Qual a utilidade da penitência, se Deus não é adorado com amor?
> Qual a necessidade de penitência se Deus é visto dentro e fora?
> Qual a utilidade de penitência se Deus não é visto dentro e fora?
>
> Ó Brahman! Ó meu filho! Cesse de praticar mais penitências.
> Corra para Shankara, Ó Oceano de Sabedoria Celestial;
> Obtém d'Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,
> Que rompe os grilhões que prendem você ao mundo.

Mestre: "Ah! Ah!"

Ao ouvir estes versos, o Mestre quase entrou em êxtase, mas conteve-se com esforço.

Mahima leu do *Yatipanchaka*:

> Eu sou Ela, a Mãe Divina, em quem a ilusão do universo de coisas animadas e inanimadas é vista, como uma mágica e em quem o universo bilha, sendo o jogo de Sua mente. Sou Ela, a Personificação da Consciência, eu é o Ser do Universo, a única existência, Conhecimento e Bem-aventurança.

Ao ouvir o verso "Sou Ela, a Personificação da Consciência", o Mestre disse com um sorriso, "Onde quer que o macrocosmo esteja, o microcosmo também está."

Em seguida, Mahima leu as Seis Estrofes sobre o Nirvana:

> OM. Não sou mente, inteligência, ego ou chitta.
> Nem ouvidos, nem língua, nem os sentidos do olfato e visão,
> Nem sou o éter, terra, água, fogo ou ar.
> Sou Puro Conhecimento e Bem-Aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

[4] Um homem que pertence às castas brahmin, kshatriya ou vaishya, tem um segundo nascimento, por ocasião de sua investidura com o cordão sagrado.

Nem sou prana, nem os cinco elementos vitais,
Nem os sete elementos do corpo, nem as cinco envolturas,
Nem mãos, nem pés, nem língua, nem órgãos de reprodução e excreção:
Sou Puro Conhecimento e Bem-Aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem aversão, nem apego tenho, nem cobiça ou ilusão;
Nem sentido de ego ou orgulho tenho, nem dharma ou moksha;
Nem desejo da mente ou objetos de desejo
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem o que fazer certo nem errado, nem prazer ou dor.
Nem mantra, o lugar sagrado, os Vedas, o sacrifício;
Nem o ato de comer, aquele que come, nem o alimento.
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Morte ou medo não tenho, nem distinção de casta;
Nem pai nem mãe, nem mesmo nascimento tenho.
Nem amigo, nem companheiro, nem discípulo, sem guru\
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Não tenho forma ou imaginação, sou O que tudo penetra;
Em toda parte existe, contudo, estou além dos sentidos,
Nem salvação sou, nem qualquer coisa que possa ser conhecida;
Sou Puro Coinhecimento e Bem-aventurança. Sou Shiva! Sou Shiva!

Cada vez que Mahima repetia, "Sou Shiva! Sou Shiva!", o Mestre acrescentava com um sorriso: "Não eu! Não eu! Tu és o Conhecimento Absoluto."

Mahima leu mais alguns versos e também, a descrição dos seis centros psíquicos do corpo. Disse que em Benares assistiu a morte de um yogi, em estado de yoga.

Mahima: "Há lindos trechos no *Rama Gita*."

Mestre: "Você fala do *Rama Gita*. Deve ser um forte vedantista. Quantos livros deste assunto os sadhus costumavam ler aqui!"

Mahima recitou a descrição do Om:

É como o fluxo contínuo do azeite, como o longo repicar de um sino.

Sobre as características do samadhi leu: "O homem estabelecido em samadhi vê a região superior tomada pelo Atman, a região inferior tomada pelo Atman, a região mediana tomada pelo Atman. Vê tudo cheio de Atman."

Adhar e Mahima saudaram o Mestre e partiram.

Ao meio-dia do dia seguinte, depois do almoço, Sri Ramakrishna estava sentado no divã, quando Ram, Surendra e alguns devotos chegaram de Calcutá. Estavam preocupados com o braço do Mestre que continuava enfaixado. M. estava presente.

Mestre (*aos devotos*): "A Mãe deixou-me em tal estado mental que não posso esconder nada de ninguém. Minha condição é como a de uma criança. Rakhal não compreende isto. Cobre meu braço quebrado, protege meu corpo com uma roupa para que os outros não o vejam e me critiquem. Chamou o Dr. Madhu a um canto e falou-lhe de meu acidente, mas gritei dizendo: 'Ó! Onde está você, Madhusudan? Vem ver. Meu braço está quebrado!"

"Costumava dormir no mesmo quarto que Mathur e sua esposa. Tomavam conta de mim como se eu fosse seu próprio filho. Eu estava passando por um período de loucura divina. Mathur perguntava-me: 'Pai, o senhor ouve a nossa conversa?' 'Sim', eu respondia.

"Certa vez a esposa de Mathur suspeitou dele e disse-lhe: 'Onde quer que você vá, ele [5] deve acompanhá-lo.' Um dia Mathur foi a um certo lugar e pediu-me para esperar ao pé da escada. Voltou meia hora depois e disse-me: 'Vem, pai, vamos agora. A carruagem está esperando.' Quando a esposa de Mathur perguntou-me sobre isso, contei-lhe tudo exatamente

[5] O Mestre.

como havia acontecido. Disse-lhe: 'Fomos a uma certa casa. Disse-me para ficar embaixo e subiu as escadas. Voltou meia hora depois e deixamos o lugar.' Naturalmente ela compreendeu tudo a seu modo.

"Um sócio da propriedade de Mathur costumava levar frutas e legumes do templo. Quando os outros sócios me perguntaram, contei-lhes exatamente a verdade."

Domingo, 24 de fevereiro de 1884

Shri Ramakrishna estava descansando em seu aposento, depois da refeição do meio-dia e Mani Mallick estava sentado no chão ao lado dele, quando M. chegou. M. saudou o Mestre e sentou-se ao lado de Mani. O braço do Mestre estava enfaixado.

Mestre (*a M.*): "Como você veio?"

M.: "Fui até o Alambazar de carruagem e dali, vim andando."

Manilal: "Ó, ele está tão quente!"

Mestre (*com um leve sorriso*): "Isto me faz pensar que tudo não passa de meras fantasias do meu cérebro. Senão, por que esses 'ingleses' teriam tanto trabalho de vir aqui?"

Sri Ramakrishna começou a falar sobre a sua saúde e seu braço.

Mestre: "De vez em quando fico impaciente com o braço e o mostro a esse ou aquele, perguntando quando ficarei bom novamente. Isto faz Rakhal ficar zangado. Ele não compreende meu estado. De vez em quando digo a mim mesmo: 'Deixe-o ir embora.' Também digo à Mãe: Mãe, para onde ele irá? Por que ele se queimaria na frigideira do mundo?"

"Esta minha impaciência infantil não é novidade. Tinha o hábito de pedir a Mathur Babu para tomar meu pulso e dizer se eu estava doente.

"Bem, onde está minha fé em Deus? Certa vez quando me dirigia a Kamarpukur, num carro de boi, várias pessoas subiram no carro, com paus na mão. Pareciam assaltantes. Comecei a cantar os nomes dos deuses. Ora repetia os de Rama e Durga, ora, 'Om Tat Sat', porque se um me falhasse, outro teria força.

(*a M.*): Pode-me dizer por que sou tão impaciente?"

M.: "Sua mente, senhor, está sempre absorvida em samadhi. O senhor guardou uma fração dela em seu corpo para o bem de seus devotos. Por isto o senhor, às vezes, sente-se tão impaciente, pela segurança de seu corpo."

Mestre: "É verdade. Um pouco da mente está ligada ao corpo. Quer desfrutar o amor de Deus e a companhia dos devotos."

Mani Mallick falou ao Mestre a respeito de uma exposição que estava acontecendo em Calcutá. Descreveu uma linda imagem de Yashoda com o Menino Krishna em seu colo. Os olhos de Sri Ramakrishna encheram-se de lágrimas. Ouvindo falar de Yashoda, a personificação do amor maternal, sua consciência espiritual inflamou-se e ele chorou.

Manilal: "Se o senhor estiver bem, poderá visitar a exposição no Maidan."

Mestre (*a M. e outros*): "Não poderei ver nada mesmo se for. Talvez eu veja algo e fique inconsciente. Então não poderei ver o resto. Levaram-me ao Jardim Zoológico. Entrei em samadhi assim que vi o leão, porque a montaria[6] da Mãe veio à minha mente, a consciência da Própria Mãe. Naquele estado, quem poderia ver os outros animais? Tive que regressar para casa depois de ter visto somente o leão. Por esta razão, quando a mãe de Jadu Mallick me sugeriu ir à exposição, eu lhe respondi não."

Mani Mallick, de mais ou menos sessenta anos, tinha sido um membro do Brahmo Samaj durante muitos anos e Shri Ramakrishna deu-lhe instrução de acordo. com seu estado.

Mestre: "O Pundit Jaynarayan era muito generoso. Visitei-o uma vez e gostei de sua atitude, mas seus filhos usavam botas altas. Disse-me que tinha intenção de ir a Benares e ali morar. Levou avante sua intenção e de fato, mais tarde, morou em Benares e ali morreu. Quando se fica velho, deve-se retirar, como Jayanarayan e dedicar-se a Deus. O que vocês dizem?"

Manilal: "É verdade, senhor. Não participo dos problemas e preocupações do mundo."

Mestre: "Gauri costumava adorar a esposa com flores. Todas as mulheres são manifestações da Mãe Divina. (*A Manilal*). Por favor, conte-lhe aquela sua história."

[6] Na mitologia hindu o leão é a montaria de Durga, a Mãe Divina.

Manilal (*sorrindo*): "Certa vez muitos homens estavam atravessando o Ganges num barco. Um deles, um pundit, começou a exibir sua erudição, afirmando que havia estudado muitos livros – os Vedas, a Vedanta e os seis sistemas filosóficos. Perguntou a um dos passageiros: 'O senhor conhece a Vedanta?' 'Não, senhor', 'O Samkhya e Patanjala?' 'Não, senhor' 'Já leu alguma coisa de filosofia?' 'Não, senhor.' O pundit estava falando dessa maneira vã e o passageiro, sentado em silêncio, quando desabou uma tempestade e o barco ficou a ponto de afundar. O passageiro perguntou ao pundit: 'O senhor sabe nadar?' 'Não', respondeu o pundit. O passageiro disse: 'Não conheço o Samkhya ou Patanjala, mas sei nadar.' "

Mestre (*sorrindo*): "O que um homem ganha conhecendo muitas escrituras? A única coisa necessária é saber atravessar o rio do mundo. Só Deus é Real, tudo o mais é ilusório.

"Quando Arjuna estava apontando a seta para o olho do pássaro, Drona perguntou-lhe: 'O que você vê? Vê esses reis?' 'Não, senhor' respondeu Arjuna. 'Você me vê?' 'Não'. 'A árvore?' 'Não'. 'O pássaro na árvore?' 'Não'. 'O que você vê então?' 'Apenas o olho do pássaro.'

"Aquele que só vê o olho do pássaro pode acertar o alvo. Só é inteligente aquele que vê que Deus é Real e tudo o mais, ilusório. De que mais necessito? Certa vez Hanuman comentou: 'Não conheço nada sobre a fase da lua e a posição das estrelas. Apenas contemplo Rama.'

(*A M.*): "Por favor compre alguns lequess para o nosso uso aqui."

(*A Manilal*): "Olhe, faça uma visita a seu pai (pai de M.). A visão de um devoto vai lhe inspirar."

(*A M.*): "Desde que meu braço quebrou, uma profunda mudança operou-se em mim. Agora só me deleito com Naralila, manifestação humana de Deus. Nitya e Lila. Nitya é o Indivisível Satchidananda e Lila, o Jogo que torna diversas formas tais como a Lila como Deus, Lila como as divindades, a Lila como homem e a Lila como universo.

"Vaishnavcharan costumava dizer que uma pessoa atingiu Conhecimento Perfeito, se acredita em Deus jogando como homem. Eu não admitia isto, naquela época, mas agora compreendo que ele estava certo. Vaishnavacharan gostava de quadros que retratavam pessoas expressando ternura e amor.

(*A Manilal*): "É o Próprio Deus quem estava jogando na forma de homem. É Ele Próprio que Se tornou Mani Mallick. Os Sikhs ensinam: 'Tu és Satchidananda.'

"De vez em quando uma pessoa pode captar um vislumbre do Ser Real e fica mudo de espanto. Nesses momentos nada num oceano de felicidade. É como se, de repente, encontrasse um parente querido. (*A M.*) No outro dia, ao chegar de carruagem, senti-me dessa maneira, à vista de Baburam. Quando Shiva realiza seu próprio Ser, dança exclamando de alegria: 'O que eu sou! O que eu sou!'

"A mesma coisa foi descrita no *Adhyatma Ramayana*. Narada, disse: 'Ó Rama, todos os homens são formas Tuas e é Sita quem Se tornou todas as mulheres'. Vendo todos os atores no Ramlila, senti que o Próprio Narayana havia tomado todas estas formas humanas. O verdadeiro e a imitação pareciam ser a mesma coisa.

"Por que as pessoas adoram as virgens? Todas as mulheres são formas da Mãe Divina, mas Sua manifestação é maior em virgens de alma pura.

(*A M.*) "Por que fico tão impaciente quando estou doente? Por que a Mãe colocou-me no estado de criança. A criança confia inteiramente em sua mãe. O filho de uma empregada quando briga com o filho do seu patrão, diz: 'Vou contar tudo à minha mãe!'

"Levaram-me a Radhabazar para ser fotografado. Tinha sido combinado que naquele dia, iria à casa de Rajendra Mitra. Ouvi dizer que Keshab estaria lá. Eu havia planejado dizer-lhe algumas coisas, mas me esqueci de tudo quando cheguei a Radhabazar. Disse: 'Ó Mãe, Tu falarás. O que direi?'

"Não tenho a natureza de um jnani. Ele se considera grande. Diz: 'O que? Como posso estar doente?'

"Certa vez Koar Singh disse-me: 'O senhor ainda se preocupa com o corpo.' Mas é de minha natureza crer que minha Mãe sabe tudo. Era Ela que falava na casa de Rajendra Mitra. Somente d'Ela são as únicas palavras efetivas. Um raio de luz da Deusa da Sabedoria tornam estupefatos mil eruditos.

"A Mãe manteve-me no estado de bhakta, um vijnani. É por esta razão que brinco com Rakhal e os outros. Se estivesse na condição de um jnani, não poderia fazê-lo.

"Neste estado compreendo que é somente a Mãe que Se tornou tudo. Vejo-A em todos os lugares. No templo de Kali descobri que a Própria Mãe havia Se tornado tudo – até os maus, até o irmão do pundit Bhagavat.

"Certa vez eu estava a ponto de brigar com a mãe de Ramlal, mas tive que me conter. Eu a vi como a forma da Mãe Divina. Adoro as virgens porque vejo nelas, a Mãe Divina. Minha esposa massageia meus pés, mas saúdo-a depois.

"Você me saúda, tocando meus pés, mas se Hriday estivesse aqui, quem ousaria tocá-los? Ele não teria permitido isso. Tenho de retribuir suas saudações, porque a Mãe me colocou num estado em que vejo Deus em tudo.

"Olhe, não se pode excluir nem mesmo uma pessoa má. A folha de tulsi seca e pequena, pode ser usada para o culto do templo."

Domingo, 2 de março de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto, ouvindo a música relligiosa executada por Trailokya Sannyal do Brahmo Samaj. Não estava recuperado do seu braço pois este ainda estava apoiado numa tala. Muitos devotos, inclusive Narendra, Surendra e M. estavam sentados no chão.

O pai de Narendra, advogado da Alta Corte de Calcutá, havia morrido subitamente. Como não havia amparado financeiramente a família, esta estava atravessando um período de graves problemas. Às vezes os membros da família não tinham o que comer. Por isso Narendra passava os dias muito preocupado.

Trailokya cantou a respeito da Mãe Divina:

Ó Mãe, escondo-me em Teu adorado peito,
Olho para Teu rosto e grito, "Mãe! Mãe!"
Mergulho no Mar de Bem-aventurança e perco os sentidos
No sono da yoga: fixo-me sem pestanejar, os olhos
Em Tua face, sem poder tirá-los.
Ó Mãe estou atemorizado com este mundo.
Meu espírito treme e chora com medo,
Mantém-me, doce Mãe, em Teu peito adorado;
Cobre-me com as saias esvoaçando do Teu amor.

O Mestre derramou lágrimas de amor e gritou: "Ai de mim! Ai de mim!"

Trailokya cantou de novo:

Ó Senhor! Destruidor de minha vergonha! Quem a não ser Tu, podes salvar
A honra de Teu devoto?
Tu és o Senhor de minha alma, meu verdadeiro Suporte da vida.
E sou Teu escravo para todo o sempre. ...

Continuou:

Procurando refúgio em Teus pés,
Pus para sempre de lado,
O orgulho de casta e raça, Ó Senhor,
E virei minhas costas ao medo e vergonha.
Um peregrino solitário da vida,
Onde irei pedir socorro agora?
Por amor de Ti, Senhor, suporto a censura dos homens.
Eles me cercam com palavras amargas,
E me odeiam pelo amor que tenho a Ti
Tanto os amigos como os estranhos me maltratam.

Tu és o guardião do meu nome
Tu podes salvar-me ou matar-me, Senhor!
Sobre a honra do Teu servo.
Jaz, Ó Senhor, Teu nome também;
Tu és o Senhor de minha alma,
O brilho de amor dentro do meu coração;
Faz comigo o que Te agrada!

Mais uma vez cantou:

Senhor, Tu me tiraste de minha casa e me tornaste cativo do Teu amor,
Abriga-me para sempre a Teus pés, Ó Uno Bem-Amado!
Com o Néctar do Teu Amor, alimenta-me dia e noite,
E salvar Premdas que é Teu escravo.

O Mestre novamente derramou lágrimas de alegria. Cantou alguns versos de uma canção de Ramprasad:

Glória e vergonha, o doce e o amargo, são somente Teus;
Este mundo é somente Teu jogo
Então, por que, Ó Bem-Aventurado, Tu provocas tanta confusão?

Dirigindo-se a Trailokya, o Mestre disse: "Ah! Como são ternas as suas canções! São genuínas. Somente aquele que foi ao oceano, pode trazer água."

Trailokya cantou novamente:

Senhor, Tu és Aquele que dança e que canta a canção;
Tu és Aquele que bate palmas ao som da música;
Mas o homem, que é simplesmente um expectador,
tolamente pensa que é ele que está fazendo tudo.

Embora um fantoche, o homem torna-se Deus ao se mover contigo
'Tu és Aquele que move a máquina, o Condutor do carro;
Mas o homem derrotado com o infortúnio, sonha que é livre.

Tu és a Raiz de tudo. Tu és a Alma de nossas almas;
Tu és o Senhor de nossos corações, por Tua graça sem limites
Tu transformas até o mais vil pecador, no mais poderoso santo.

Quando acabaram de cantar o Mestre começou a conversar com os devotos.

Mestre: "Só Deus é o Mestre e também Ele é o Servo. Essa atitude demonstra Perfeito Conhecimento No início uma pessoa discrimina, 'Isto não, isto não' e sente que só Deus é real e tudo o mais, ilusório. Depois a mesma pessoa acha que só o Próprio Deus é que Se tornou tudo isso – o universo, maya e os seres vivos. Primeiro negação e em seguida, afirmação. Este é o ponto de vista dos Puranas. A fruta vilva, por exemplo, inclui polpa, sementes e casca. Consegue-se a polpa, tirando a casca e as sementes, mas se você quiser conhecer o peso da fruta, não pode encontrá-lo se não retirar a casca e as sementes. Assim também, atinge-se Satchidananda, negando o universo e seus seres vivos, mas depois de se atingir Satchidananda, descobre-se que o Próprio Satchidananda tornou-Se o universo e os seres vivos. É da mesma substância que a polpa e a casca e as sementes são feitas, como acontece com a manteiga e o soro.

"Pode-se perguntar, 'Como Satchidananda tornou-Se tão duro?' Esta terra parece realmente muita dura ao toque. A resposta é que sangue e sêmen são líquidos finos e, contudo, vêm deles uma criatura, tão grande como o homem. Tudo é possível para Deus. Antes de mais nada atinja Satchidananda indivisível e depois, descendo, olhe o universo. Verá que tudo é Sua manifestação. É somente Deus que Se tornou tudo. O mundo não existe fora d'Ele.

"Todos os elementos fundem-se finalmente em akasha. Também por ocasião da criação, akasha evolui em mahat e mahat em ahamkara. Deste modo todo sistema-mundo evolui. Este é o programa de involução e evolução. Um devoto de Deus aceita tudo. Aceita o universo com seus seres criados, bem como o Indivisível Satchidananda.

"Mas o caminho do yogi é diferente. Não retrocede depois de ter alcançado o Paramatman, a Alma Suprema. Torna-se unido a Ele.

"O 'conhecedor parcial' limita Deus a um objeto somente. Pensa que Deus não pode existir em nada mais além disso.

"Há três espécies de devotos. O iniciante que diz 'Deus está lá em cima', quer dizer, aponta para o céu. O devoto medíocre diz que Deus mora no coração como 'Controlador Interno', mas o devoto mais elevado diz: 'Só Deus tornou-Se tudo. Tudo o que percebemos são muitas formas de Deus.' Narendra costumava caçoar de mim e dizia: 'Sim, Deus tornou-Se tudo! Um pote é Deus, uma taça é Deus!'(*Risada*).

"Todas as dúvidas desaparecem quando se vê Deus. É uma coisa ouvir falar de Deus e uma outra bem diferente, vê-Lo. Não se pode ter cem por cento de certeza apenas com o fato de ouvir, mas se Deus for contemplado face a face fica-se completamente convencido.

"A adoração desaparece depois da visão de Deus. Foi assim que minha adoração no templo terminou. Eu tinha o hábito de adorar a Divindade no templo de Kali. Subitamente foi-me revelado que tudo é Puro Espírito. Os objetos de adoração, o altar, o marco da porta – tudo Puro Espírito. Homens, animais e outros seres vivos – todos Puro Espírito. Então como um louco comecei a jogar flores em todas direções. Tudo o que via, adorava.

"Um dia, enquanto adorava Shiva estava no ponto de oferecer-lhe uma folha de betel, na cabeça da imagem, quando me foi revelado que este Virat, este Universo, é o próprio Shiva. Depois deste acontecimento, minha adoração a Shiva, através da imagem, acabou. Outro dia, enquanto apanhava flores, foi-me revelado que as plantas com flores eram buquês."

Trailokya: "Ah! Como é bela a criação de Deus!"

Mestre: "Ó não, não é isto. Foi-me revelado num relance. Não cogitei sobre isto. Foi-me mostrado que cada planta era um buquê que adornava a Forma Universal de Deus. Nunca mais apanhei flores. Desta forma olho para um homem. Ao ver um homem, vejo que é o Próprio Deus que caminha sobre a terra, por assim dizer, balançando-se de um lado para o outro, como uma bóia flutuando sobre as ondas. A bóia move-se com as ondas, sobe e desce.

"O corpo certamente, tem uma existência momentânea. Só Deus é real. Agora o corpo existe e daqui a pouco, não existe. Anos atrás, quando estava sofrendo terrivelmente, de indigestão, Hriday disse-me: 'Peça à Mãe para curá-lo.' Fiquei com vergonha de Lhe falar sobre minha doença. Disse-Lhe: 'Mãe, vi um esqueleto no Museu da Sociedade Asiática. Estava unido com arames, fazendo a forma humana. Ó Mãe, mantém meu corpo unido um pouco como aquele esqueleto, para que eu possa cantar Teu nome e glórias.'

"Por que este desejo de viver? Depois da morte de Ravana, Rama e Lakshmana entraram na capital e viram Nikasha, sua velha mãe, fugindo. Lakshmana surpreendeu-se com isto e disse a Rama: 'Todos os seus filhos estão mortos, mas a vida a atrai tanto!" Rama chamou Nikasha e disse: 'Não tenha medo. Por que você está fugindo?' Ela respondeu: 'Rama, não foi o medo que me fez fugir de Ti. Tive a oportunidade de ver estas coisas maravilhosas de Ti, simplesmente porque estou viva. Verei mais coisas, se continuar viva. Por conseguinte, quero viver.'

"Sem desejos, o corpo não pode viver. (*Sorrindo*). Tive um ou dois desejos. Orei à Mãe, 'Ó Mãe, concede-me a companhia dos que renunciaram a 'mulher e ouro'. Disse mais: 'Gostaria de aproveitar a associação de Teus jnanis e bhaktas, portanto, dá-me um pouco de força para que eu possa andar aqui e visitar estas pessoas.' Mas Ela não me deu forças para andar."

Trailokya (*sorrindo*): "Foram todos os desejos satisfeitos?"

Mestre: (*sorrindo*): "Não, há ainda uns poucos."(*Todos riem*).

"O corpo é realmente transitório. Quando meu braço quebrou, disse à Mãe, 'Mãe, dói-me muito.' Imediatamente Ela me mostrou uma carruagem e seu condutor. Alguns parafusos estavam soltos. Ela movia-se para a direção que o condutor dava. Não tinha nenhum poder próprio.

"Por que tenho tanto cuidado com o corpo? É para desfrutar Deus, cantar Seu nome e glórias e visitar Seus jnanis e bhaktas."

Narendra estava sentado no chão defronte do Mestre.

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): "As alegrias e tristezas do corpo são inevitáveis. Olhem para Narendra. O pai morreu e a família enfrenta grandes sofrimentos. Não encontra saída para seus problemas. Deus coloca uma pessoa às vezes na felicidade, outras, na infelicidade."

Trailokya: "Reverenciado senhor, Deus será misericordioso com Narendra."

Mestre (*com um sorriso*): "Mas quando? É verdade que ninguém morre de fome no templo de Annapurna em Benares, mas alguns têm que esperar pela comida até a noite.

"Um dia Hriday pediu dinheiro a Sambhu Mallick. Sambhu costumava tomar ares dos 'ingleses' para tais assuntos. Disse a Hriday: 'Por que eu haveria de lhe dar dinheiro? Você pode ganhar o seu próprio sustento, trabalhando. Mesmo agora, você pode ganhar alguma coisa. O caso de uma pessoa muito pobre é diferente. O objetivo da caridade é alcançado se uma pessoa dá dinheiro a um cego ou aleijado.' Daí Hriday lhe dizer: 'Senhor, por favor não diga isto. Não preciso de seu dinheiro. Que Deus permita que eu jamais fique cego ou surdo, ou extremamente pobre! Não quero que o senhor dê, não quero receber."

O Mestre falou como se estivesse irritado pelo fato de que Deus ainda não tivesse concedido Sua graça a Narendra. Às vezes lançava um olhar afetuoso a seu amado discípulo.

Narendra: "Agora estou estudando os pontos de vista doa ateus."

Mestre: "Há duas doutrinas: a da existência e da não existência de Deus. Por que não aceita a primeira?"

Surendra: "Deus é justo. Tem que tomar conta de Seus devotos."

Mestre: "Dizem as escrituras que somente os que, em nascimentos anteriores foram muito caridosos, possuem dinheiro nesta vida, mas para lhes falar a verdade, este mundo é a maya de Deus. Há muitas coisas incompreensíveis no campo de maya. Não se pode compreendê-las.

"Os meios utilizados por Deus são, certamente, inescrutáveis. Bhishma jazia numa cama de flechas. Os irmãos Pandavas visitaram-no na companhia de Krishna. Logo Bhishma desatou a chorar. Os Pandavas disseram a Krishna: 'Krishna, como isto é surpreendente! Nosso ancestral Bhishma é um dos oito Vasus. Outro homem tão sábio quanto ele não pode ser encontrado. Entretanto até ele está enredado por maya e chora na hora da morte.' 'Mas', disse Krishna, 'Bhishma não está chorando por esta razão. Pergunte-lhe'. Quando indagado, Bhishma disse: 'Ó Krishna, sou incapaz de compreender qualquer coisa sobre os métodos de Deus. O Próprio Deus é o companheiro constante dos Pandavas, contudo, mesmo eles têm um número sem fim de aborrecimentos. Choro por isso. Refletindo, vejo que não se pode entender os meios de Deus.

"Deus revelou-me que somente o Paramatman, descrito nos Vedas como a Alma Pura, é imutável como o Monte Sumeru, desapegado e além da dor e prazer. Há muita confusão neste mundo de maya. Não se pode dizer que 'isso' vem depois 'daquilo'ou se 'isso' produz 'aquilo'.

Surendra (*sorrindo*): "Se distribuindo dinheiro numa vida anterior, adquire-se fortuna nesta, então, deveríamos todos dar dinheiro agora."

Mestre: "Aqueles que têm dinheiro devem dá-lo aos pobres e necessitados. (*A Trailokya*) Jayagopal Sen é um homem de posses. Deveria ser caridoso. Se não o é, é demérito para ele. Há pessoas que são avarentas embora tenham dinheiro. Não se sabe quem gozará o dinheiro depois.

"Jayagopal veio aqui outro dia. Chegou de carruagem, as lanternas estavam quebradas, o cavalo parecia ter chegado ossário e o cocheiro dava a impressão de ter tido alta do Hospital Médico da Universidade e, deu-me de presente, duas romãs estragadas! (*Todos riram*).

Surendra: "Jayagopal Babu pertence ao Brahmo Samaj. Verifico que agora, não há nenhum homem de valor na organização de Keshab. Vijay Goswami Shivanath e outros membros importantes organizaram o Sadharan Brahmo Samaj."

Mestre (*sorrindo*): "Govinda Adhikari, dizem, não possuía bons atores em seu teatro, senão, reclamariam uma parte do lucro. (*Todos riem*).

"No outro dia vi um discípulo de Keshab. Uma representação teatral estava tendo lugar na casa de Keshab e vi o discípulo dançando no palco com uma criança nos braços. Soube que este homem faz 'palestras'. Seria melhor que fizesse uma para si mesmo." Trailokya cantou:

No Mar de Consciência Bem-aventurada levantam ondas de amor.
Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!
Ó quão maravilhoso! Ondas fascinantes da doçura de Deus, sempre novas e encantadoras.
Levantam-se na superfície, cada vez assumido formas sempre novas.
Então, mais ainda, na Grande Comunhão, todos fundem-se como as muralhas
De tempo e espaço dissolvem-se e desaparecem;
Dance então, Ó mente!
Dance na alegria, com as mãos levantadas, cantando o santo nome do Senhor Hari.

Sri Ramakrishna pediu a Trailokya para entoar a canção que começava, "Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor."

Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?
Embriaga-me com Vinho do Teu amor.
Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,
Afoga-me profundamente no Mar do Teu nome!
Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,
Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.
Jesus, Buda, Moisés, Gauranga.
Todos estão bêbados com o Vinho do Teu amor
Ó Mãe, quando serei abençoado
Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada.

CAPÍTULO 20

REGRAS PARA CHEFES DE FAMÍLIA E MONGES

Domingo, 9 de março de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu aposento em Dakshineswar com muitos devotos. Entre eles estavam Mani Mallick, Mahendra Kaviraj, Balaram, M., Bhavanath, Rakhal, Latu e Harish. O braço do Mestre continuava enfaixado. Apesar de doente permanecia com freqüência, absorvido em samadhi ou instruindo os devotos.

Mani Mallick e Bhavanath falaram da exposição que estava sendo realizada perto do Museu Asiático. Disseram: "Muitos Marajás enviaram artigos preciosos para a exposição – divãs de ouro e coisas semelhantes. Vale a pena visitar."

Mestre (*aos devotos com um sorriso*): "Sim, vocês ganharam muito em ver tais coisas. Compreendem que aqueles artigos de ouro enviados pelos Marajás são coisas insignificantes. Isto será uma grande aquisição para vocês. Quando eu tinha o hábito de ir a Calcutá com Hriday, ele me mostrava o palácio do vice-rei e dizia: 'Olhe, tio! Veja o palácio do vice-rei com grandes colunas.' A Mãe revelou-me que eram meros tijolos assentados um em cima do outro.

"Deus e Seu esplendor. Só Deus é real, o esplendor tem somente dois dias de existência. O mágico e sua mágica. Todos ficam mudos com a maravilha da mágica, mas tudo é irreal. Só o mágico é real. O homem rico e seu jardim. As pessoas só vêem o jardim: deveriam procurar o seu rico proprietário."

Mani Mallick (*ao Mestre*): "Que lâmpada elétrica grande havia na exposição! Isto nos faz pensar como deve ser grande Aquele que fez essa luz elétrica."

Mestre (*a Mani*): "Mas de acordo com um ponto de vista é Ele Próprio quem Se tornou tudo. Mesmo aqueles que dizem que são Ele. É o Próprio Satchidananda que Se tornou tudo – o Criador, maya, o universo e os seres vivos."

A conversa girou em torno do museu.

Mestre (*aos devotos*): "Certa vez visitei o museu. Mostraram-me os fósseis. Um animal inteiro havia virado pedra! Vejam o resultado produzido pela companhia! Assim também, vivendo sempre na companhia de um santo, torna-se verdadeiramente santo."

Mani (*sorrindo*): "Se o senhor visitar a exposição apenas uma vez, poderíamos receber instrução por dez ou quinze anos."

Mestre (*com um sorriso*): "O que é isto? Você quer dizer ilustrações?"

Balaram: "Não, o senhor não deve ir. Poderá prejudicar o seu braço se andar muito."

Mestre: "Gostaria de ter dois quadros. Um de um yogi sentado diante de uma tora de madeira queimando, e outro, de um yogi fumando cânhamo, e o carvão, incandescente enquanto aspira. Esses quadros acendem minha consciência espiritual da mesma maneira que uma fruta de imitação desperta a idéia de uma outra verdadeira.

"O obstáculo à yoga é 'mulher e ouro'. A yoga é possível quando a mente torna-se pura. A sede da mente fica entre as sobrancelhas; mas seu olhar está no umbigo e nos órgãos de reprodução e evacuação, quer dizer, em 'mulher e ouro', mas pela disciplina espiritual, a mesma mente olha para cima.

"Quais as disciplinas espirituais que dão à mente uma direção para cima? Aprende-se tudo isto vivendo sempre em companhia santa. Os rishis dos tempos antigos, viviam tanto em solidão, como na companhia de pessoas santas; por conseguinte, podiam facilmente renunciar à 'mulher e ouro', e fixar suas mentes em Deus. Não tinham medo, nem se preocupavam com a crítica dos outros.

"A fim de poder renunciar, deve-se orar a Deus, pedindo força de vontade para fazê-lo. Deve-se renunciar imediatamente àquilo que se considera irreal. Os rishis tiveram esta força de vontade. Através dela, controlaram os órgãos dos sentidos. Se a tartaruga recolher suas patas, não poderemos fazê-la pôr as patas para fora, mesmo que a cortemos em quatro partes.

"Um homem mundano é um hipócrita. Não pode ser sincero. Declara que ama Deus, mas está atraído pelos objetos do mundo. Não dá a Deus nem uma pequena parte de amor que sente por 'mulher e ouro', mas diz que ama Deus. (*A Mani Mallick*) Abandone a hipocrisia."

Mani: "Para com quem, Deus ou o homem?"

Mestre: "Com tudo – com o homem e com Deus. Não se deve ser hipócrita.

"Quão puro é Bhavanath! Depois do seu casamento veio falar comigo e perguntou-me: 'Por que sinto tanto amor por minha esposa?' Ó, ele é tão puro!

"Não é natural para um homem amar a esposa? Isto é devido à maya que enfeitiça o mundo da Mãe Divina do Universo. Um homem sente em relação à esposa, que não existe para ele, no mundo, ninguém mais próximo e querido, que ela é sua, na vida e na morte, aqui e na vida futura.

"Também, quanto um homem sofre por sua esposa! Mesmo assim, crê que não há outro parente tão próximo. Olhem a triste luta de um marido. Talvez ganhe vinte rupias por mês e seja pai de três crianças. Não possui meios para alimentá-las bem. O telhado de sua casa está com goteiras, mas não tem meios para consertá-lo. Não pode comprar livros novos para seu filho. Não pode investir seu filho com o cordão sagrado. Pede a seus amigos, uns centavos.

"Mas uma esposa dotada de sabedoria espiritual é uma verdadeira companheira em sua vida. Ajuda bastante o marido no caminho religioso. Depois do nascimento de um ou dois filhos, vivem como irmão e irmã. Ambos são devotos de Deus – Seu servo e Sua atendente. Sua família é uma família espiritual. Estão sempre felizes com Deus e Seus devotos. Sabem que somente Deus é muito íntimo deles, para todo o sempre. São como os irmãos Pandavas, não esquecem Deus na felicidade e no infortúnio.

"O anelo das pessoas de mente mundana por Deus é momentâneo, como gota d'água numa frigideira bem quente. A água chia mas seca num instante. A atenção das pessoas de mente mundana está direcionada para o desfrutar dos prazeres mundanos, por isso, não sentem anseio e inquietude por Deus.

"As pessoas podem observar o ekadashi de três maneiras. Primeiro o ekadashi 'sem água'- não é permitido beber nem uma gota de água. Assim também, um mendicante religioso que a tudo renuncia, abandona completamente todas as formas de prazer. Segundo, enquanto observam o ekadashi, bebem leite e sandesh. Assim um devoto chefe de família mantém em sua casa, objetos simples de prazer. Terceiro, enquanto observam ekadashi comem luchi e chakka até se fartarem. Conservam pães embebidos em leite, que comerão mais tarde.[1]

"Um homem pratica disciplina espiritual, mas a mente está em 'mulher e ouro'- está dirigida para o prazer, portanto, neste caso, a disciplina espiritual não dá bom resultado.

"Hazra costumava praticar muito japa e austeridade aqui, mas no interior tinha mulher, filhos e terra. Por isso, a par de sua disciplina espiritual, fazia negócios como corretor. Estas pessoas não podem ser fiéis à sua palavra. Num dado momento dizem que vão deixar de comer peixe, mas pouco tempo depois quebram sua palavra.

"Há alguma coisa que um homem não faça por dinheiro? Chega mesmo a obrigar um brahmin ou um santo a carregar um fardo.

"Os doces que eu guardava no quarto ficavam velhos, mas não podia dá-los a pessoas de mente mundana. Podia aceitar água suja de outros, mas nem mesmo poderia tocar num jarro de uma pessoa mundana.

"Ao ver pessoas ricas, Hazra as chamava e fazia-lhes longos discursos. Dizia: 'Vejam Rakhal e os outros jovens. Não praticam disciplina espiritual. Simplesmente andam por aí se divertindo'.

"Um homem pode viver numa caverna na montanha, cobrir o corpo com cinzas, fazer jejuns e praticar disciplina austera, mas se a mente mora nos objetos mundanos, em 'mulher e ouro', digo 'Que vergonha'! para ele, mas considero verdadeiramente abençoado aquele que come, bebe e passeia, mas conserva a mente livre de 'mulher e ouro'.

(*Apontando para Mani Mallick*) "Não existe um quadro de um santo em sua sala. O sentimento divino é despertado por meio de tais imagens."

---

[1] Esta observância é um ekadashi apenas nominal, uma vez que aquele que está praticando, enche o estômago com alimentos deliciosos. Evitando arroz e alguns alimentos cozidos, mantêm-se estritamente dentro da lei.

Manilal: "Sim, há. Num aposento há um quadro de uma mulher cristã piedosa, orando. Há um outro quadro no qual um homem agarra-se na Montanha da Fé; abaixo está o oceano de profundidade incomensurável. Se deixar de se apoiar na fé, cairá na água sem fundo. Há, ainda um terceiro quadro. Muitas virgens guardam vigília, alimentando seus lampiões com óleo à espera do Noivo. Uma virgem adormecida está a seu lado. Ela não verá o Noivo quando Ele chegar. Deus é descrito aqui, como o Noivo."

"Mestre (*sorrindo*): "É muito bonito."

Manilal: "Possuo outros quadros, também – uma da 'Árvore da Fé' e outro, 'Pecado e Virtude'."

Mestre (*a Bhavanath*): "São bons quadros. Vá vê-los em sua casa."

O Mestre ficou em silêncio por uns minutos.

Mestre: "De vez em quando reflito sobre estas idéias e descubro que não gosto delas. No começo da vida espiritual deve-se pensar em pecado e como libertar-se dele, mas quando, pela graça de Deus, devoção e amor despertam no coração, deve-se esquecer tanto a virtude como o pecado. As escrituras e suas prescrições são deixados para trás. Pensamentos de arrependimento e penitência não devem incomodar mais.

"É como ir ao destino, seguindo o curso de um rio sinuoso. Isto requer grande esforço e muito tempo, mas quando tudo está coberto pelas águas, então pode-se ir direto ao destino em pouco tempo. A terra debaixo d'água está tão profunda quanto uma vara de bambu.

"No começo da prática espiritual segue-se um atalho. Sofre-se muito, mas o caminho torna-se muito fácil quando o amor for despertado no coração. É como atravessar um campo de arroz depois da colheita. Pode-se andar em qualquer direção. Antes da colheita tinha-se que seguir acompanhando a faixa sinuosa, mas agora, pode-se caminhar para qualquer lado. Pode haver restolho no campo, mas não poderá se machucar se andar de sapatos. Assim também, um aspirante não sofre se tiver discriminação, desapego e fé nas palavras do guru."

Manilal (*ao Mestre*): "Bem, em que devemos nos concentrar? Por que devemos nos concentrar?"

Mestre: "O coração é um lugar esplêndido. Pode-se meditar ali ou no Sahasrara. Essas são as regras prescritas pelas escrituras, mas pode-se meditar em qualquer lugar que se deseje. Todo lugar está preenchido com a Consciência de Brahman. Existe algum lugar onde Ela não exista? Narayana, na presença de Vali, cobriu com dois passos, os céus, a terra e os espaços entre eles.[2] Há algum lugar em que Ele não seja coberto por Deus? Um lugar sujo é tão sagrado quanto as margens do Ganges. Diz-se que a criação inteira é Virat, a Forma Universal de Deus.

"Há dois tipos de meditação, uma no Deus sem forma e outra, no Deus com forma. Mas a meditação no Deus sem forma é extremamente difícil. Nessa meditação tem-se que eliminar tudo o que se vê ou ouve. Contempla-se somente a natureza do Ser Interno. Meditando no Ser Interno, Shiva dança de um lado para o outro. Exclama: 'O que Eu sou! O que Eu sou!' Essa é chamada 'Yoga de Shiva'. Enquanto estiver praticando esta forma de meditação, dirige-se o olhar para a testa. É meditação sobre a natureza do Ser Interno, depois de negar o mundo, segundo o método vedantista 'Isto não, isto não'.

"Há uma outra forma de meditação conhecida como 'Yoga de Vishnu'. Os olhos são fixados na ponta do nariz. Meio olhar está dirigido para o interior e meio olhar, para o exterior. É assim como se medita em Deus com forma. Às vezes Shiva medita em Deus com forma e dança. Nesse ponto Ele exclama, 'Rama! Rama!' e dança de um lado para o outro."

Shri Ramakrishna em seguida, explicou a sagrada Palavra OM e o verdadeiro Conhecimento de Brahman e o estado mental depois de se alcançar Brahmajnana.

Mestre: "O som OM é Brahman. Os rishis e sábios praticaram austeridade para realizar este Brahman-Som. Depois de atingir a perfeição ouve-se o som desta Palavra eterna, subindo espontaneamente do umbigo.

---

[2] Referência a uma história do *Bhagavata*. O rei Vali era orgulhoso de sua caridade. Deus apareceu diante dele, na forma de um anão e lhe pediu o espaço que Ele poderia cobrir com três passos. Vali concedeu-lhe sua graça. Com dois passos o Senhor cobriu a terra, os céus e os espaços entre eles. Vali viu-se forçado a colocar a própria cabeça ante o Senhor para o terceiro passo. Isto abateu o seu orgulho.

" 'O que se ganha', perguntam alguns sábios, 'em apenas ouvir este som? Você ouve o barulho do oceano à distância, mas seguindo o barulho, chega-se ao oceano. Enquanto houver este barulho deve haver, também, oceano. Seguindo a pegada do OM, atinge-se Brahman, cujo símbolo é a Palavra. Este Brahman foi descrito nos Vedas, como a meta suprema, mas esta visão não é possível, enquanto se for consciente do ego. Só se realiza Brahman quando não se sentir nem 'eu' nem 'você', nem 'um' nem 'muitos'.

"Pense no sol e em dez jarros cheios de água. O sol está refletindo em cada jarro. Primeiramente vê-se um sol real e dez sóis refletidos. Se forem quebrados nove jarros, ficará o sol real e um refletido. Cada jarro representa um jiva. Seguindo o reflexo pode-se encontrar o sol real.. Através da alma individual pode-se alcançar a Alma Suprema. Pela disciplina espiritual a alma individual pode obter a visão da Alma Suprema. O que permanece depois que o último jarro foi quebrado, não pode ser descrito.

"No início o jiva permanece em estado de ignorância. Não é consciente de Deus, somente da multiplicidade. Vê muitas coisas a seu redor. Ao alcançar o Conhecimento, torna-se consciente de que Deus mora em todos os seres. Suponhamos que um homem tenha um espinho na sola do pé. Toma outro espinho e com ele, retira o primeiro. Em outras palavras, retira o espinho da ajnana, ignorância, por meio do espinho da jnana, conhecimento, mas ao atingir vijnana, desvencilha-se de ambos os espinhos, conhecimento e ignorância. Então conversa com intimidade com Deus dia e noite. Não é uma simples visão de Deus.

"Aquele que apenas ouviu falar do leite é 'ignorante'. Aquele que viu o leite tem 'conhecimento', mas aquele que bebeu o leite e ficou fortalecido por ele, atingiu vijnana."

Desta maneira o Mestre descreveu aos devotos seu próprio estado mental. Era de fato, um vijnani.

Mestre (*aos devotos*): "Há uma diferença entre um sadhu dotado de jnana e um outro dotado de vijnana. Um sadhu jnani senta-se de uma maneira especial. Torce o bigode e pergunta ao visitante: 'Bem, senhor! Tem alguma pergunta a fazer?' Mas um homem que sempre vê Deus e fala com Ele intimamente, possui uma natureza completamente diferente. Às vezes é como uma coisa inerte, às vezes como um fantasma, às vezes como uma criança, ou às vezes como um louco.

"Quando está em samadhi, torna—se inconsciente do mundo exterior e parece inerte. Vê tudo tomado pela Consciência de Brahman; por conseguinte, comporta-se como um fantasma. Não é consciente nem do sagrado, nem do profano. Não observa qualquer pureza formal. Para ele tudo é Brahman. Não está consciente de sujeira como tal. Até o arroz e outras comidas cozidas, depois de alguns dias apodrecem.

"Também é como um louco. As pessoas observam seus modos e ações e consideram-no insano. Ou às vezes é como uma criança – sem grilhões, vergonha, ódio, hesitação ou sentimentos semelhantes.

"Este estado mental é alcançado depois de se ter a visão de Deus. Quando um barco passa junto a uma montanha magnética, seus parafusos e pregos afrouxam-se e caem. Luxúria, raiva e outras paixões não podem existir depois da visão de Deus.

"Não é mais possível ao homem que viu Deus gerar filhos e perpetuar a criação. Quando um grão de arroz é semeado, desenvolve-se numa planta, mas o grão de arroz fervido não germina mais.

"Uma vez um raio caiu no templo de Kali. Reparei que afrouxaram-se as pontas dos parafusos.

"Aquele que viu Deus retém o 'eu' somente em nome. Nenhum mal pode ser feito por esse 'eu'. É uma simples aparência, como a marca que um galho deixa no coqueiro. O galho caiu, somente a marca ficou.

"Eu disse a Keshab Sen: 'Livre-se do ego que o faz sentir, ''Eu sou o que faz; estou ensinando as pessoas." Keshab disse-me: 'Senhor, não poderei conservar a organização.' Então disse-lhe: 'Livre-se do "ego mau".' Não é necessário renunciar ao ego que faz uma pessoa sentir, 'Sou o servo de Deus, sou Seu devoto.' Não se desenvolve o 'ego divino' enquanto se retiver o 'ego mau'. Se alguém toma conta da dispensa, o dono da casa não se sente responsável por ela.

(*Aos devotos*): "Vejam, meu temperamento está mudando por causa do meu braço. Foi-me revelado que há uma maior manifestação de Deus no homem do que nos outros seres criados. Deus me diz, por assim dizer, 'Moro nos homens. Alegre-se com os homens.' Entre os homens, Deus manifesta-Se em maior grau nos devotos de alma pura. É por esta razão que sinto tanto anelo por Narendra e outros jovens.

"Muitas vezes são vistas pequenas depressões na margem de um lago onde se acumulam peixes e caranguejos. Assim também, há mais acúmulo de divindade no homem. Diz-se que o homem é maior do que o salagrama . O homem é o próprio Narayana. Se Deus pode manifestar-Se através de uma imagem, por que não, através do homem?

"Deus nasce como homem a fim de se divertir como homem. Rama, Krishna e Chaitanya são exemplos. Meditando-se numa Encarnação de Deus, medita-se no Próprio Deus."

Chegou Bhagavan Das, um devoto Brahmo.

Mestre (*a Bhagavan Das*): "A Religião Eterna, a religião dos Rishis, existe desde os tempos imemoriais e existirá eternamente. No Sanatana Dharma todas as formas de adoração – adoração de Deus com forma, bem como a adoração da Divindade Impessoal, contém em si todos os caminhos – o do conhecimento, o da devoção e assim por diante. Outras formas de religião, os cultos modernos, permanecerão por poucos dias e logo desaparecerão."

23 de março de 1884

Shri Ramakrishna estava em seu quarto depois do almoço, com Rakhal, Ram e alguns devotos. Não se sentia muito bem. O braço ainda estava enfaixado.

Apesar de sua doença, seu quarto era um verdadeiro mercado de alegria, sendo ele o centro. Diariamente devotos vinham em multidão para vê-lo. Conversas espirituais flutuavam incessantemente no ambiente e o próprio ar vibrava de felicidade. Às vezes o Mestre cantava o nome e as glórias de Deus e, às vezes, entrava em samadhi. Os devotos ficavam impressionados com a facilidade com que o Mestre se libertava da consciência do corpo.

Ram: "Há um comentário sobre a possibilidade de Narendra casar-se com a filha do sr. R. Mitra. Foi oferecido um grande dote a Narendra."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, Narendra poderá assim, tornar-se líder na sociedade ou algo assim. Será proeminente em qualquer carreira que seguir."

O Mestre não encorajou a conversa sobre Narendra.

Mestre (*a Ram*): "Bem, pode-me dizer porque fico tão impaciente quando estou doente? Às vezes pergunto a um, às vezes a outro, como posso me curar. Veja, deve-se crer em todo o mundo ou em ninguém.

"É o Próprio Deus quem Se tornou os médicos, portanto deve-se crer em todos eles, mas não se pode ter fé neles, se forem considerados simples homens.

"Sambhu estava delirando muito. O Dr. Sarvadhikari disse que o delírio era devido a um remédio muito forte. Haladhari pediu ao médico para tomar seu pulso. O médico disse-lhe, 'Deixe-me ver seus olhos. Ó, é um aumento do baço!' Haladhari disse que não tinha nada disso, mas o Dr. Madhu receita bons remédios."

Ram: "O remédio por si mesmo não faz bem, embora ajude muito a natureza."

Mestre: "Se é assim, por que o ópio causa constipação?"

Ram referia-se à morte de Keshab Sen.

Ram: "O senhor estava com razão. Disse que o jardineiro deixa desenterradas as raízes de uma roseira boa, para que possa absorver o orvalho e crescer mais forte e saudável. As palavras de um santo realizaram-se."

Mestre: "Não sei nada a este respeito. Não estava calculando quando falei. É você quem está dizendo isso."

Ram: "Os Brahmos publicaram algo sobre o senhor, em sua revista."

Mestre: "Publicaram sobre mim? Por que deveriam escrever agora? Como, bebo e sou feliz. Não sei nada mais.

"Certa vez perguntei a Keshab: 'Por que você escreveu sobre mim?' Respondeu-me que isto atrairia pessoas aqui, mas não se pode ensinar pelo próprio poder. Não se pode conquistar a ignorância sem o poder de Deus.

"Uma vez dois homens estavam lutando. Um era Hanuman Singh e o outro, um muçulmano do Punjab. O muçulmano era um homem forte e corpulento. Havia comido grande quantidade de manteiga e carne, com avidez, nos quinze dias anteriores à luta e, também, naquele mesmo dia. Todos pensavam que seria o vitorioso. Hanuman Singh, de sua parte, vestido com uma roupa suja, havia comido frugalmente, nos dias que precederam à luta e dedicava o tempo a repetir o santo nome de Mahavir [3]. No dia da luta observou completo jejum. Todos pensavam que certamente seria derrotado, mas foi ele quem venceu, enquanto que o homem que tinha se banqueteado durante os quinze dias, perdeu a luta.

"Qual a necessidade de imprimir e fazer propaganda? Aquele que ensina os homens obtém sua força de Deus. Apenas um homem de renúncia pode ensinar aos outros. Sou o maior de todos os tolos!" (*Todos riem*).

Um devoto: "Como então, os Vedas e a Vedanta e muitos outros ensinamentos saem de sua boca?"

Mestre (*sorrindo*): "Em minha infância eu podia compreender o que os sadhus liam na casa de Lahas em Kamarpukur, embora não entendesse algo aqui e ali. Se um pundit fala comigo em sânscrito, posso acompanhá-lo, mas não sei falar sânscrito.

"A única meta na vida é realizar Deus. Enquanto mirava sua seta no marco, Arjuna disse: 'Vejo somente o olho do pássaro e nada mais – não vejo os reis, nem as árvores, nem mesmo o próprio pássaro.'

"A realização e Deus é suficiente para mim. O que importa se não conheço o sânscrito?"

"A graça de Deus desce da mesma maneira para todos os Seus filhos, eruditos e iletrados, qualquer um que anseie por Ele. O pai tem o mesmo amor por todos os seus filhos. Suponhamos que um pai tenha cinco filhos. Um o chama de 'Baba', outro 'Ba', e alguns 'Pa'. Estes últimos não conseguem pronunciar a palavra inteira. Será que o pai ama aqueles que o chamam 'Baba' mais do que aquele que o chama de 'Pa'? O pai sabe mais que estes últimos são muito pequenos para falar 'Baba' corretamente.

"Desde que quebrei o braço, uma mudança vem se operando em minha mente. Tenho me sentido mais inclinado para o Naralila. É o Próprio Deus que faz o papel de seres humanos. Se Deus pode ser adorado num imagem de argila, então, por que não num homem?

"Certa vez um mercador naufragou. Nadou até a praia do Ceilão, onde Bibhishana era o rei dos monstros. Bibhishana mandou que seus servos lhe trouxessem o mercador. Ao vê-lo Bibhishana foi tomado de alegria e disse: 'Ah! Como ele se parece com o meu Rama! A mesma forma humana!' Cobriu o mercador de roupas e jóias e adorou-o. Ao ouvir esta história pela primeira vez, senti tal alegria que não posso descrever.

"Vaishnavcharan disse-me: 'Se uma pessoa olhar seu Ishta como seu bem-amado, achará muito fácil dirigir a mente a Deus.' Os homens e mulheres de uma determinada seita[4] em Shyambazar, próximo de Kamarpukur, diziam uns para os outros, 'Quem você ama?' 'Amo fulano de tal'. 'Então saiba que ele é seu Deus.' Ao ouvir isto, disse-lhes: 'Este não é meu caminho. Considero todas as mulheres como minha mãe.' Descobri que contavam muita vantagem, mas levavam uma vida imoral. As mulheres perguntaram-me se não teriam salvação. 'Sim', disse, 'se vocês forem absolutamente fiéis a um único homem e o olharem como seu Deus, mas não serão salvas se viverem com cinco homens.' "

Ram: ""Soube que Kedar Babu visitou recentemente os Kartabhajas."

Mestre: "Ele colhe o mel de várias flores. (*A Ram, Nityagopal e outros*) Se um devoto crê cem por cento que seu Ideal Escolhido é Deus, então atinge Deus e O vê.

" As pessoas das gerações passadas tinham uma fé tremenda. Que fé possuía o pai de Haladhari! Certa vez, a caminho da casa de sua filha, viu umas flores muito bonitas e folhas de vilwa. Apanhou-as para o culto da Divindade Familiar e voltou, caminhando cinco ou seis milhas, até sua casa.

---

[3] Mahavir ou Hanuman é a divindade protetora dos lutadores.

[4] Referência a certas seitas menores do vaishnavismo, como o Kartabhaja e a Navarasika, que ensinam que os homens e mulheres devem viver juntos, num relacionamento de amor. Gradualmente devem sublimar seu amor, olhando-se mutuamente como divinos, eventualmente realizando que seu amor físico é, também, o amor de Deus. Isto é muito difícil.

"Uma vez uma companhia teatral do vilarejo estava representando a vida de Rama. Quando Kaikeyi pediu a Rama para se exilar na floresta, o pai de Haladhari, que assistia à representação, pulou em cima da atriz, que fazia o papel de Kalkeyi, gritando: "Sua malvada!" e quase queimou o rosto da atriz com uma tocha. Era um homem muito religioso. Depois de haver terminado suas abluções, permanecia na água e meditava na Divindade, recitando a invocação: 'Medito em Ti de pele vermelha e quatro rostos', enquanto lágrimas escorriam pelo rosto.

"Quando meu pai caminhava pelas ruas do vilarejo, usando sandálias de madeira, os lojistas levantavam-se com respeito e diziam, 'Aí vem ele!' Quando se banhava no Haldapukur, os aldeões não tinham coragem de entrar na água. Antes de se banharem, perguntavam se ele já havia terminado o seu banho.

"Quando meu pai cantava o nome de Raghuvir, seu peito ficava vermelho. Isto também aconteceu comigo. Quando vi as vacas de Vrindavan voltando do pasto, fui transportado a um estado divino e meu corpo ficou vermelho.

"Muito forte era a fé das pessoas naqueles dias. Diziam que Deus costumava dançar, tomando a forma de Kali, enquanto que os devotos batiam palmas, marcando o ritmo."

Um hathayogi estava vivendo numa cabana no Panchavati. Ramprasanna, filho de Krishnakishori de Ariadaha e vários homens haviam se tornado seus devotos. O yogi precisava de vinte e cinco rupias por mês para o leite e ópio. Por isso Ramprasanna havia pedido a Sri Ramakrishna para falar com os devotos sobre o yogi e obter assim, algum dinheiro. O Mestre disse a vários devotos: "Um hathayogi chegou ao Panchavati. Vão visitá-lo. Vejam que tipo de homem que é."

Um jovem de vinte e sete ou vinte e oito anos, conhecido como Thakur Dada, entrou no aposento com alguns amigos e saudou o Mestre. Vivia em Baranagore e era filho de um pundit brahmin. Praticava kathakata [5] a fim de ganhar dinheiro para atender às despesas de sua família. Certa vez foi tomado pelo espírito de renúncia e abandonou a família. Mesmo agora pratica disciplina espiritual em casa.

Mestre: "Veio a pé? Onde mora?"

Dada: "Sim, senhor, vim caminhando desde minha casa. Moro em Baranagar."

Mestre: "Veio aqui por algum motivo particular?"

Dada: "Vim visitá-lo. Oro a Deus, mas por que será que de vez em quando sofro com tantas preocupações? Por alguns dias sinto-me muito feliz. Por que depois fico inquieto?"

Mestre: "Compreendo. As coisas não se ajustaram de forma correta. Uma máquina anda suavemente se o mecânico ajustar corretamente as engrenagens. Em seu caso, há uma obstrução em alguma parte."

Dada: "Sim, senhor. Deve ser assim."

Mestre: "O senhor é iniciado?"

Dada? "Sim, senhor."

Mestre: "Tem fé no mantra?"

Um amigo de Thakur Dada disse que ele sabia cantar bem. O Mestre pediu que cantasse a que ele atendeu.

Vou tornar-me um yogi e morar numa caverna da montanha do Amor
Vou me perder na yoga ao lado da Fonte de Felicidade,
Vou acalmar minha fome de Conhecimento com o fruto da Verdade.
Vou adorar os pés de Deus com a flor do Desapego.

Não vou procurar um poço para saciar a sede abrasadora do meu coração.
Mas vou derramar a água da Paz no jarro de minha alma
Bebendo o glorioso Néctar de Teus abençoados Pés de Lótus.
Vou rir e dançar, chorar e cantar nas alturas da Alegria.

[5] Recital de histórias tiradas de livros religiosos, com música adequada.

Mestre: "Ah! Que canção encantadora! 'Fonte de Felicidade!' ,'Fruto da Verdade'! 'Rir e dançar, chorar e cantar'! Suas canções têm um gosto muito doce para mim. Por que deveria você preocupar-se?

"Prazer e dor são inevitáveis no mundo. Às vezes sofre-se uma pequena preocupação e tribulação. Se alguém mora num aposento cheio de fuligem, não pode evitar sujar-se."

Dada: "Por favor diga-me, o que devo fazer agora."

Mestre: "Cante o nome de Hari de manhã e à noite, batendo palmas. Volte mais vezes quando meu braço melhorar um pouco."

Mahimacharan entrou no aposento e saudou o Mestre. Shri Ramakrishna disse-lhe: "Ah! Ele cantou uma linda canção. Por favor, cante-a de novo." Thakur Dada repetiu a canção.

Mestre (*a Mahima*): "Por favor recite aquele verso, aquele sobre a devoção a Hari."

Mahimacharan recitou, citando do *Narada Pancharatra*.

> Qual a necessidade de penitência, quando Deus é adorado com amor?
> Qual a utilidade de penitência quando Deus não é adorado com amor?
> Qual a necessidade de penitência quando Deus é visto tanto interna quanto externamente?
> Qual a utilidade de penitência quando Deus não é visto tanto interna quanto externamente?

Mestre: "Recite também, aquela parte – 'Obtenha d'Ele o amor de Deus'."

Mahima recitou:

> Ó Brahman! Ó meu filho! Pára de fazer penitência.
> Apressa-Te para Shankara, o Oceano de Sabedoria Celestial;
> Obtém d'Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,
> Que corta em duas, as algemas que Te prendem ao mundo.

Mestre: "Sim, Shankara derramará o amor de Deus."

Mahima: "Aquele que se libertou das ligaduras é o eterno Shiva."

Mestre: "Vergonha, ódio, medo, hesitação – são os grilhões. O que você me diz?"

Mahima: "Sim, senhor. E também, a dissimulação e o desejo de elogio."

Mestre: "Há dois sinais de conhecimento. Primeiro, buddhi imperturbável. Não importa quantos sofrimentos, aflições, perigos e obstáculos que se tenha que enfrentar, a mente mantém-se imperturbável. É como a bigorna do ferreiro que recebe constantes golpes de martelo, mas permanece imutável. Segundo, vontade muito resoluta. Se a luxúria e a cólera assaltarem um homem, deve renunciar a elas, uma vez por todas. Se uma tartaruga encolhe as patas, não as porá de fora novamente, mesmo que você a corte em quatro partes (*A Thakur Dada e outros*). Há dois tipos de renúncia: intensa e tímida. A renúncia tímida é um processo lento: move-se em ritmo vagaroso. A renúncia intensa é como o fio cortante da navalha. Corta a ligadura de maya, com facilidade e de imediato.

"Um fazendeiro trabalha dias inteiros, levando água do lago ao seu campo, mas seus esforços são inúteis, porque não tem determinação. Outro fazendeiro, depois de ter trabalhado durante dois ou três dias, toma uma decisão e diz: 'Hoje levarei água para o meu campo e não voltarei para casa, enquanto não conseguir." Põe de lado qualquer pensamento referente a banho e comida. Trabalha o dia inteiro e fica alegre quando, à noite, vê a água entrando em seu campo, com um som murmurante. Volta para casa e diz à esposa: 'Agora dê-me um pouco de azeite. Vou tomar banho.' Depois do banho e do jantar, vai dormir em paz.

"Uma mulher disse a seu marido: 'Fulano de tal desenvolveu um espírito de forte desapego pelo mundo, mas não vejo isto em você. Ele tem dezesseis esposas e as está abandonando uma a uma.' O marido, com uma toalha nos ombros, ia ao lago tomar banho. Disse-lhe: 'Você está maluca! Ele não pode abandonar o mundo. É possível renunciar aos poucos? Posso renunciar. Veja! Já vou.' Não se deteve nem para acertar seus negócios. Largou a casa como estava, com a toalha nos ombros e foi embora. Aquela foi uma renúncia intensa.

"Há um outro tipo de renúncia, chamada 'markatavairagya', 'renúncia do macaco'. Um homem devido aos problemas em casa, põe roupa ocre e vai para Benares. Durante muitos

dias não manda notícias. Escreve então: 'Não se preocupem comigo. Consegui um trabalho aqui.'

Há sempre problemas na vida familiar. A esposa pode ser desobediente. Talvez o marido ganhe somente vinte rupias por mês. Não tem meios para realizar a cerimônia de 'comer arroz' de seu bebê. Não pode educar o filho. A casa está dilapidada. O telhado tem goteiras e ele não tem dinheiro para consertá-lo.

"Por conseguinte, quando os jovens vêm aqui, pergunto-lhes se eles têm alguém em casa. (*A Mahima*): Por que os chefes de família devem renunciar ao mundo? Quantas tribulações os monges errantes têm que passar! A esposa de certo homem disse-lhe: 'Você quer renunciar ao mundo? Por que? Vai ter que mendigar porções de comida de oito lugares diferentes. Mas aqui, você tem toda comida num só lugar. Não é bom?'

"Os monges errantes, quando procuram um sadavrata [6] podem ter que se desviar seis milhas de seu caminho. Tenho-os visto caminhando pela estrada principal, depois da peregrinação a Puri e fazendo um desvio para encontrar um lugar para comer.

"Você está levando uma vida de chefe de família. Isto é muito bom. É como lutar dentro de um forte. Há muitas desvantagens em lutar em campo aberto. Muitos perigos, também. As balas podem alcançá-lo.

"Mas deve-se passar algum tempo na solidão e alcançar o Conhecimento. Então pode levar a vida de um chefe de família. Janaka viveu no mundo depois de alcançar o Conhecimento. Quando você o obtiver, pode viver em qualquer lugar. Então, nada importa."

Mahima: "Senhor, por que um homem fica desiludido com os objetos do mundo?"

Mestre: "É porque vive no meio deles, sem ter realizado Deus. O homem não mais sucumbe à ilusão depois de ter realizado Deus. A traça não gosta mais da escuridão, depois de ter visto a luz uma vez.

"A fim de realizar Deus, deve-se praticar continência absoluta. Sábios como Shukadeva foram exemplos de urdhareta [7]. Sua castidade foi absolutamente ininterrupta. Há uma outra classe que anteriormente perdeu semen, mas, que mais tarde o controlou. Um homem que controla o fluido seminal por doze anos, desenvolve um poder espiritual. Desenvolve um nervo interno, chamado nervo da memória. Por meio desse nervo, compreende e lembra-se de tudo.

"A perda do sêmen diminui a força, mas não prejudica se a pessoa o perde durante o sono. Obtém-se esse sêmen da comida. O que permanece depois da perda noturna, é suficiente, mas não se deve conhecer mulher.

"O sêmen que resta depois da perda noturna, é muito 'refinado'. Lahas guardava jarros de melado em sua casa. Cada um possuía um buraco. Depois de um ano, os melados haviam se cristalizado como açúcar cande. A parte líquida desnecessária havia saído pelo buraco.

"Um sannyasi deve renunciar totalmente à mulher. Você já está envolvido, mas isto não importa.

"Um sannyasi não deve nem olhar para o retrato de uma mulher, mas isto é muito difícil para um homem comum. Sa, re, ga, ma pa, dha, ni são as sete notas da escala. Não é possível manter-se a voz no 'ni' por muito tempo.

"Perder semen é extremamente prejudicial para um sannyasi, portanto ele deve viver tão cuidadosamente que não tenha que ver a forma de uma mulher. Deve-se manter afastado de uma mulher, mesmo que ela seja uma devota de Deus. É ruim para ele até mesmo olhar para o seu retrato. Perderá sêmen durante o sono, se isto não acontecer em estado de vigília.

"Um sannyasi já pode ter controlado seus sentidos, mas para dar exemplo à humanidade, não deve falar com mulheres. Não deve falar a uma mulher durante muito tempo apesar dela ser uma devota de Deus.

"Viver como sannyasi é como observar ekadashi, sem beber nem mesmo uma gota de água. Há duas outras maneiras de observar o dia. Pode-se comer fruta ou luchi com curry. Com luchi e curry pode-se também, comer fatias de pão embebidas em leite. (*Todos riem*). (*Sorrindo*): Jejum absoluto não é possível para você.

---

[6] Lugar onde se dá comida gratuita aos monges e pedintes.

[7] Homem de continência inquebrantável e completa.

"Certa vez vi Krishnakishori comendo luchi e curry, no dia do ekadashi. Disse a Hriday, 'Hridu, quero observar o ekadashi do Krishnakishori!' (*Todos riem*). E assim fiz, um dia. Comi o quanto podia. No dia seguinte tive de jejuar."(*Risada*).

Os devotos que haviam ido ao Panchavati visitar o hathayogi, regressaram.

Mestre (*dirigindo-se a eles*): "Bem, o que pensam dele? Ouso dizer que vocês o mediram com sua própria medida."

Shri Ramakrishna viu que alguns devotos estavam dispostos a dar dinheiro ao hathayogi.

Mestre: "Vocês não gostam de um sadhu se tiverem de lhe dar dinheiro. Rajendra Mitra recebe um salário de oitocentas rupias por mês. Esteve em Allahabad para ver kumbhamela. Perguntei-lhe: 'Bem, que tipo de sadhus você viu na feira?' Rajandra respondeu: 'Não encontrei nenhum grande sadhu. É bem verdade que reparei num, mas até ele aceitou dinheiro.'

"Digo a mim mesmo: 'Se ninguém der dinheiro a um sadhu , então como ele vai se sustentar?' Aqui não se pede dinheiro, portanto, todos vêm. Digo a mim mesmo: 'Ó! Eles amam o seu dinheiro. Deixe-os com ele'."

O Mestre descansou um pouco. Um devoto sentou-se na extremidade do pequeno divã e massageou suavemente seus pés. O Mestre disse-lhe docemente: 'Aquele que é sem forma, também tem forma. Deve-se, também, crer nas formas de Deus. Meditando em Kali, o aspirante realiza Deus como Kali. Em seguida vê que a forma funde-se no Absoluto Indivisível. Aquele que é Satchidananda Indivisível é verdadeiramente Kali."

Shri Ramakrishna estava sentada no pórtico semicircular perto de seu quarto, conversando com Mahima e outros devotos sobre o hathayogi. A conversa desviou-se para Ramprasanna, filho de Krishnakishori. O Mestre gostava muito do jovem.

Mestre: "Ramprasanna está sem objetivo. Outro dia veio aqui e sentou-se no quarto, mas não disse uma palavra. Pressionava suas narinas, praticando pranayama. Ofereci-lhe algo para comer, mas não aceitou. Noutra ocasião pedi-lhe para sentar-se perto de mim. Sentou-se, cruzando as pernas uma sobre a outra. Foi bem descortês com o Capitão. Choro pelo sofrimento de sua mãe.

(*A Mahima*): "Ramprasanna pediu-me para falar com você sobre o hathayogi. Suas despesas diárias chegam a seis e meia annas, mas ele mesmo não dirá nada a este respeito."

Mahima: "Quem o escutará mesmo se ele falar?"

Mani Sen de Panihati entrou no aposento com vários amigos, um dos quais era médico. Mani perguntou ao Mestre sobre o braço. O médico não aprovou o remédio prescrito por Pratap Mazumdar. O Mestre disse-lhe: "Por que o senhor diz isto? Pratap não é tolo."

Subitamente Latu gritou: "Ó! O vidro de remédio caiu e quebrou."

Ainda não era o crepúsculo. O Mestre, sentado no divã, conversava com M. Mahimacharan estava no pórtico semicircular, empenhado numa calorosa discussão sobre as escrituras, com o médico amigo de Mani Sen. Shri Ramakrishna ouviu e com um sorriso, disse a M.: "Calma! Ele está expondo sua opinião. É característica de rajas. Estimula o desejo de 'fazer conferências' e exibir erudição. Sattva, ao contrário, torna uma pessoa introspectiva. Faz com que esconda suas virtudes, mas tenho que dizer que Mahima é um pessoa muito boa. Sente muito prazer com conversas espirituais."

Adhar entrou no quarto, saudou o Mestre e sentou-se ao lado de M. Havia alguns dias que não vinha.

Mestre: "Olá! Por que não veio todos estes dias?"

Adhar: "Senhor, tenho estado ocupado com muitas coisas. Tive que assistir a uma conferência do comitê da escola e vários outros encontros."

Mestre: "Você perdeu-se em escolas e encontros, esquecendo-se de tudo o mais?"

Adhar: "Tudo o mais estava escondido num canto da mente. Como está o braço?"

Mestre: "Veja, ainda não está curado. Venho tomando remédios receitados por Pratap."

Depois de um certo tempo, o Mestre subitamente disse a Adhar: "Olhe aqui. Tudo isto é irreal: encontros, escolas, escritório e tudo o mais. Só Deus é a substância e o resto, ilusório. Deve-se adorar a Deus com toda a mente."

Adhar sentou-se sem dizer uma palavra.

Mestre: "Tudo o mais é ilusório. Neste momento o corpo existe para daqui a pouco não existir. É necessário apressar-se para adorar Deus.[8]

"Mas você não necessita renunciar a tudo. Viva no mundo da mesma maneira que uma tartaruga. Ela nada na água, mas guarda os ovos na terra. Toda sua mente está nos ovos.

"Que lindo estado mental tem o Capitão! Parece um rishi quando se senta para adorar. Faz o arati com cânfora acesa e recita lindos hinos. Quando se levanta, depois de terminada a adoração, os olhos ficam inchados de emoção, como que mordidos por formigas. Além disso, dedica-se ao estudo de livros sagrados, como o *Gita* e o *Bhagavata*. Certa vez falei uma ou duas palavras em inglês diante dele e isto o fez ficar zangado. Disse: 'As pessoas de educação inglesa são profanas'."

Depois de um certo tempo, Adhar disse humildemente ao Mestre: "Senhor, há muito tempo não vem nos visitar. A sala de visitas possui uma atmosfera mundana e tudo o mais parece estar mergulhado na escuridão."

O Mestre ficou bastante tomado por estas palavras. Subitamente levantou-se e, em êxtase, abençoou M. e Adhar, tocando suas cabeças e corações. Com a voz embargada de amor, disse: "Contemplo-os como o Próprio Narayana. Na verdade são meus amigos muito íntimos."

Mahimacharan entrou no aposento.

Mestre (*a Mahima*): "O que eu disse sobre a continência para os aspirantes é verdadeiro. Sem castidade uma pessoa não pode assimilar esses ensinamentos.

"Certa vez um homem disse a Chaitanya: 'O senhor dá tanta instrução aos devotos. Por que não fazem progresso?' Chaitanya disse: 'Eles gastam sua força na companhia de mulheres. É por isso que não podem assimilar instrução espiritual. Se uma pessoa guarda água num jarro furado, a água escoa pouco a pouco pelo furo'."

Mahima e outros devotos permaneceram em silêncio. Depois de um certo tempo Mahima disse: "Por favor, ore a Deus por nós, para que possamos obter a força necessária."

Mestre: "Fiquem em guarda agora mesmo. É difícil sem dúvida, controlar a torrente na estação chuvosa, muita água se escoa, mas se construir um muro de arrimo agora a água não escapa."

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[8] Poucos meses após esta conversação, Adhar morreu.

CAPÍTULO 21

UM DIA EM DAKSHINESWAR

Sábado, 5 de abril de 1884

ERAM MAIS OU MENOS OITO HORAS DA MANHÃ quando M. chegou ao templo e encontrou Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, em seu quarto. Alguns devotos estavam sentados no chão. O Mestre conversava com eles. Prankrishna Mukherji também estava presente.

Prankrishna pertencia a uma família aristocrática e vivia na parte norte de Calcutá. Ocupava um alto posto numa firma inglesa. Era muito dedicado a Shri Ramakrishna e, apesar de ser chefe de família, sentia grande prazer no estudo da filosofia Vedanta. Era um visitante assíduo do templo. Certa vez convidou o Mestre para ir à sua casa em Calcutá, onde organizou um festival religioso. Todos os dias, bem cedo banhava-se na água santificada do Ganges. Sempre que podia, vinha a Dakshineswar, num barco alugado.

Naquela manhã havia alugado um barco e convidou M. para acompanhá-lo a Dakshineswar. Mal o barco deixou a margem, o rio tornou-se encapelado. M. assustou-se e pediu a Prankrishna para trazê-lo de volta à terra. Apesar de suas palavras tranqüilizadoras, M. continuava dizendo: "Você tem que me levar até a margem. Vou a pé até Dakshineswar." E assim M. veio caminhando e encontrou Shri Ramakrishna conversando com Prankrishna e outros.

Mestre (*a Prankrishna):* "Mas há uma maior manifestação de Deus no homem. Você poderá perguntar, 'Como é possível para Deus encarnar-Se como homem que sofre fome, sede e outras coisas próprias de um ser encarnado e também, doença e tristeza?' A resposta é, 'Mesmo Brahma chora, apanhado na armadilha dos cinco elementos.'

"Sabe o quanto Rama chorou, tomado de dor por Sita. Diz-se também, que o Senhor encarnou-Se como uma porca, a fim de matar o demônio Hiranyaksha, que por fim, foi morto, mas Deus não voltou para Sua morada no céu. Estava satisfeito com Sua vida de porca. Havia dado à luz a vários filhotes e estava feliz. Os deuses disseram entre si: 'O que é isto? O Senhor não se preocupa em voltar para o céu!' Todos foram ver Shiva e expuseram-Lhe o problema. Shiva desceu à terra e pediu ao Senhor que deixasse o corpo de porca e voltasse para o céu, mas a porca só se preocupava em amamentar seus filhotes. (*Risada*). Shiva, destruiu o corpo da porca com o tridente e o senhor saiu, rindo às gargalhadas, voltando para Sua própria Morada."

Prankrishna (*ao Mestre*): "Senhor, o que é o som Anahata?"

Mestre: "É um som espontâneo que continua constantemente por si só. É o som Pranava, Om. Origina-se no Brahman Supremo e é ouvido pelos yogis. As pessoas mergulhadas no mundanismo não o escutam. Só um yogi sabe que este som origina-se tanto do seu umbigo, como do Brahman Supremo que descansa no Oceano de Leite."[1]

Prankrishna: "Senhor, qual a natureza da vida depois da morte?"

Mestre: "Keshab Sen também me fez esta pergunta. Enquanto um homem permanecer em ignorância, isto é, enquanto não tiver realizado Deus, terá de renascer, mas depois de alcançar o Conhecimento, não terá de voltar a esta terra em qualquer outro plano de existência.

"O oleiro coloca os potes no sol para secarem. Já reparou que há entre eles, alguns cozidos e outros não? Se uma vaca andar entre eles, alguns se quebrarão. O oleiro joga fora os cozidos quebrados, uma vez que não têm mais utilidade, mas aqueles não cozidos, embora quebrados, são juntados. Faz uma massa e com ela fabrica novos potes. Assim também, enquanto um homem não tiver realizado Deus, terá que voltar às mãos do Oleiro, quer dizer, terá que nascer várias vezes.

---

[1] Segundo a mitologia hindu, depois da dissolução do universo e antes de uma nova criação, o Senhor Supremo repousa no Oceano da Grande Causa, também conhecido como "Oceano de Leite".

"Qual a utilidade de plantar um grão de arroz já cozido? Jamais brotará. Assim também, se um homem for fervido no fogo do Conhecimento, não será utilizado para uma nova criação. Fica liberado.

"De acordo com os Puranas, bhakta e Bhagavan são duas entidades separadas. 'Eu' sou um e 'você', outro. O corpo é como um prato, por assim dizer, que contém a água da mente, inteligência e ego. Brahman é como o sol. Está refletido na água. Por conseguinte, o devoto vê a forma divina.

"Segundo a Vedanta, só Brahman é real e tudo o mais é maya, sem substância como um sonho. O ego, como uma vara, bóia no Oceano de Satchidananda. (*A M.*). Ouça o que estou dizendo. Quando se retira este ego, apenas permanece o Oceano de Satchidananda, mas enquanto a vara do ego permanecer, há aparência de dois: aqui, uma parte da água e ali, outra parte. Atingindo-se o Conhecimento de Brahman fica-se estabelecido em samadhi. Então o ego desaparece.

"Mas Shankaracharya reteve o 'ego do conhecimento' [2] para ensinar os homens. (*A Prankrishna*): mas há sinais que distinguem um homem de Conhecimento. Algumas pessoas que possuem Conhecimento. Quais as características do Conhecimento? Um jnani não pode ferir ninguém. Torna-se como uma criança. Se a espada de aço toca a pedra filosofal, transforma-se em ouro. O ouro jamais pode cortar. Pode parecer, para quem está fora, que um jnani também tem raiva ou egoísmo, mas na realidade, não possui.

"Ao longe uma corda queimada no chão, pode parecer real, mas se alguém aproximar-se dela e soprá-la, desaparecerá completamente. A raiva e o egoísmo de um jnani são simplesmente aparentes, não são reais.

"A criança não tem apego. Constrói uma casa de brinquedo e se alguém a tocar, dará um pulo e gritará, mas logo em seguida, ela mesma destruirá. Num dado momento pode estar apegada à sua roupa. Diz: 'Papai me deu. Não vou dá-la a você', mas no momento seguinte, você pode desviá-la da roupa, oferecendo um brinquedo. A criança seguirá você, deixando a roupa para trás.

"Estas são as características de um jnani. Talvez possua muitas coisas luxuosas no mundo em sua casa – divã, cadeiras, pinturas e utensílios, mas qualquer dia desses pode largar tudo e ir para Benares.

"Segundo a Vedanta, o estado de vigília é, também, irreal. Certa vez um lenhador estava deitado sonhando, quando alguém o acordou. Muito aborrecido, disse: 'Por que você perturbou o meu sono? Estava sonhando que era um rei e pai de sete filhos. Os príncipes estavam tornando-se muito versados em letras e artes marciais. Eu estava seguro em meu trono, governando meus súditos. Por que demoliu meu mundo de alegria?' 'Mas era somente um sonho', disse o outro homem, 'Por que isso deveria incomodá-lo?' 'Tolo!', disse o lenhador, 'Você não compreende. Tornar-se rei no sonho foi tão real quanto real é ser um lenhador. Se é real um lenhador, então ser um rei no sonho também o é'."

Prankrishna sempre falava de jnana. Foi por isso que o Mestre descreveu o estado de jnani? Logo continuou, descrevendo o estado do vijnani.

Mestre: "Jnana é a realização do Ser através do processo 'Neti, neti', 'Isto não, isto não'. Entra-se em samadhi por este processo de eliminação e realiza-se o Atman.

"Mas vijnana significa o Conhecimento com maior amplidão. Alguns ouviram falar de leite, alguns viram-no e outros beberam leite. Aquele que apenas ouviu falar é 'ignorante'. Aquele que o viu é um jnani, mas aquele que o bebeu é um vijnani, isto é, possui um conhecimento mais completo dele. Depois de haver tido a visão de Deus, fala-se com Ele como se Ele fosse um parente íntimo. Isto é vijnana.

---

[2] O ego iluminado e purificado pelo Conhecimento de Deus. Segundo o método de discriminação, o jnani, em samadhi, funde seu ego em Brahman. Dali para frente pode descer ao plano relativo com aparência de individualidade, mas mesmo assim, está sempre consciente de sua identidade com Brahman. Esse ego aparente é chamado "ego do Conhecimento". Um bhakta, seguindo o caminho do amor, realiza seu relacionamento eterno com Deus. Mantém também uma aparência de individualidade, no plano relativo. Este ego não tem qualquer característica do ego mundano e é chamado "ego da devoção". Os dois egos aqui descritos referem-se ao mesmo estado de realização."

"Em primeiro lugar tem-se que discriminar, seguindo o método de 'Isto não, isto não'. Ele não é os cinco elementos, nem os órgãos dos sentidos, nem a mente, nem a inteligência, nem o ego. Ele está além de todos os princípios cósmicos.' Se alguém quer subir no terraço, deve deixar para trás todos os degraus, um a um. Os degraus de jeito algum são o terraço, mas depois de se chegar ao terraço vê-se que os degraus são feitos do mesmo material – tijolos, cal e pó de tijolo – como o terraço. É o Brahman Supremo que Se tornou o universo e os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. Aquele que é Atman tornou-se os cinco elementos. Pode-se perguntar porque a terra é tão dura, se veio do Atman? Tudo é possível pela vontade de Deus. Não vê que os ossos são feitos de sangue e sêmen? Quão dura a 'espuma do mar' [3] se torna!

"Depois de alcançar vijnana pode-se viver no mundo também. Realiza-se claramente que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos e que Ele não é exterior ao mundo.

(*A Prankrishna*): "O fato é que se deve desenvolver o 'olho espiritual'. Ele se desenvolverá assim que a mente tornar-se pura. Tome, por exemplo, o Kumari Puja. Adorei uma virgem. A moça, com toda a certeza, possuía as imperfeições humanas; mesmo assim, considerei-a a Própria Mãe Divina.

"De um lado está a esposa, de outro, a filha. Ama-se a ambos, mas de forma diferente, portanto, tudo depende da mente. A mente pura adquire uma nova atitude. Por meio desta mente vê-se Deus, neste mundo. Daí a necessidade de disciplina espiritual.

"Sim, a disciplina espiritual é necessária. Você deve saber que um homem apega-se facilmente à mulher. A mulher naturalmente ama um homem e um homem, ama a mulher, portanto, ambos se desviam de seu Ideal espiritual. Contudo, há grande vantagem em se levar a vida de chefe de família. Em caso de necessidade urgente o homem deve viver com a esposa.

(*Sorrindo*): "Bem, M., por que você está sorrindo?"

M. (*para si mesmo*): "O Mestre fala dessa concessão aos chefes de família, uma vez que eles não podem renunciar a tudo. É impossível para um chefe de família a continência completa e absoluta?"

O hathayogi que estava vivendo no Panchavati entrou no quarto. Tinha o hábito de beber leite e tomar ópio. Não comia arroz ou qualquer outro alimento e não tinha dinheiro para comprar o leite e o ópio. O Mestre havia conversado com ele no Panchavati. O hathayogi havia dito a Rakhal para pedir ao Mestre que o provesse em algo e Shri Ramakrishna havia prometido falar sobre isto com os visitantes de Calcutá.

Hathayogi (*ao Mestre*): "O que o senhor disse a Rakhal sobre mim?"

Mestre: "Disse que iria pedir a alguns visitantes ricos para lhe ajudarem. Mas – (*a Prankrishna*) – você talvez não goste desses yogis."

Prankrishna permaneceu em silêncio. O hathayogi retirou-se e a conversa continuou.

Mestre (*a Prankrishna e outros*): "Se um homem levar a vida de um chefe de família, deve ter devoção inquebrantável à verdade. Deus só pode ser realizado através da verdade. Anteriormente eu era muito cioso a respeito de falar a verdade, embora atualmente meu zelo para dizer a verdade tenha diminuído um pouco. Se eu dissesse, 'Vou tomar um banho', entrava no Ganges, recitava o mantra e derramava um pouco de água na cabeça, mas mesmo assim, uma certa dúvida ficava em mim, se meu banho teria sido completo. Certa vez fui à casa de Ram, em Calcutá. Aconteceu que eu dissera, 'Não vou comer luchi'. Quando sentei-me para comer, senti fome, mas como havia dito que não comeria luchi, tive que me contentar com doces. (*Todos riem*).

"Mas meu zelo pela veracidade diminuiu um pouco agora. Certa vez eu disse que iria ao bosque de pinheiros, mas senti que não havia necessidade urgente de ir. O que tinha que ser feito? Perguntei a Ram[4] a este respeito. Ele respondeu que eu não tinha que ir. Então raciocinei comigo mesmo: 'Bem, todo o mundo é Narayana. Então Ram também é. Por que eu não deveria dar ouvidos a ele? O elefante sem dúvida alguma, é Narayana, mas o mahut, também. Desde que o mahut me pediu para não me aproximar do elefante, por que eu iria desobe-

[3] O Mestre talvez se referisse ao osso calcário encontrado na praia. A crença popular é de que se trata de espuma endurecida.

[4] Ram Chatterji, sacerdote do templo de Dakshineswar.

decê-lo?' Raciocinando assim, meu zelo pela veracidade está levemente menos forte do que antes.

"Acho que uma mudança está se operando em mim. Anos atrás Vaishnavcharan disse-me: 'Atinge-se o Conhecimento Perfeito quando se vê Deus, no homem.' Agora vejo que é somente Deus que assume várias formas; como um santo, como um patife, como um vilão. Por isto digo, 'Narayana, sob a aparência de vilão, Narayana sob a aparência de libertino.'

"Agora, o meu problema é saber como alimentar todos vocês. Quero alimentar todos vocês. Por esta razão mantenho um de cada vez comigo e alimento-o."

Prankrishna (*olhando para M. e sorrindo*): "De fato um homem excelente!"

(*Ao Mestre*): Ele não nos deixou ir até que o pusemos em terra."

Mestre (*sorrindo*): "Por que? O que aconteceu?"

Prankrishna: "Ele estava no nosso bote. Vendo que o rio havia ficado levemente encapelado, insistiu em voltar para a terra. (*A M.*) Como chegou?"

M. (*sorrindo*): "A pé."

Shri Ramakrishna riu.

Prankrishna (*ao Mestre*): "Senhor, estou agora pensando em deixar de trabalhar. Aquele que está envolvido em atividades não pode realizar nada. (*Apontando para seu amigo*). Eu o estou treinando para fazer meu trabalho. O trabalho tornou-se intolerável."

Mestre: "Sim, o trabalho atrapalha. Agora seria bom que você meditasse em Deus, por uns dias, em solidão. Sem dúvida você diz que gostaria de largar seu trabalho. O Capitão disse a mesma coisa. As pessoas mundanas falam assim, mas não conseguem levar avante seu intento.

"Há muitos pundits que dizem palavras cheias de sabedoria, mas simplesmente falam; não vivem de acordo com elas. São como abutres, que voam alto, mas conservam os olhos fixos na carniça. O que quero dizer é que estes pundits estão apegados ao mundo, a 'mulher e ouro'. Se ouvir que os pundits estão praticando discriminação e desapego, então, não os temo. Senão os encaro como simples cabras e cachorros."

Prankrishna saudou o Mestre e despediu-se. Perguntou a M., "Vem conosco?"

M.: "Não, senhor! Que me agarrem se eu for com o senhor de novo! Adeus."

Prankrishna riu e disse, "Vejo que você não vem no barco."

M. deu um pequeno passeio perto do Panchavati e banhou-se no rio. Depois foi aos templos de Radhakanta e Kali e prosternou-se diante das imagens. Disse a si mesmo: "Ouvi falar que Deus não tem forma. Por que razão estou me prosternando ante estas imagens? Será porque Shri Ramakrishna acredita em deuses e deusas com forma? Não sei nada a respeito de Deus, nem O compreendo. O Mestre acredita em imagens, por que não deveria aceitá-las eu também, eu que sou uma criatura tão insignificante?"

M. olhou para a imagem de Kali. Viu que a Mãe Divina segura em suas duas mãos esquerdas, a cabeça cortada de um homem e uma espada. Com Suas duas mãos direitas distribui graças e confiança a Seus devotos. Num aspecto Ela é terrível e em outro, Ela é a Mãe sempre afetuosa dos Seus devotos. Os dois ideais harmonizam-se n'Ela. Ela é misteriosa e afetuosa com Seus devotos, para com aqueles que são submissos e desesperançados. Também Ela é terrível, a 'Consorte da Morte'. Só Ela sabe porque assume dois aspectos ao mesmo tempo.

M. lembrou-se desta interpretação de Kali dada pelo Mestre. Disse a si mesmo, "Ouvi falar que Keshab aceitou Kali na presença de Shri Ramakrishna. É esta, como Keshab costumava dizer, a Deusa, todo Espírito e Consciência, manifestando-Se através da imagem de argila?"

M. voltou para o quarto do Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna ofereceu-lhe algumas frutas e doces para comer. Devido a um problema familiar, M. havia recentemente alugado uma casa num outro bairro de Calcutá, perto de sua escola, enquanto o pai e irmãos continuaram morando na casa ancestral. Mas Shri Ramakrishna queria que ele voltasse para seu próprio lar, visto que uma família unida propicia muitas vantagens para aquele que leva uma vida religiosa. Uma ou duas vezes o Mestre havia falado com M. sobre este assunto, mas infelizmente ele não havia voltado para sua família. Shri Ramakrishna tocou no assunto novamente.

Mestre: "Prometa-me que vai voltar para sua casa ancestral."

M.: "Não consigo convencer-me a voltar para aquele lugar."

Mestre: "Por que? Seu pai está reformando a casa toda."

M.: "Sofri muito ali. Não posso de jeito algum ir lá."

Mestre: "De que você tem medo?"

M.: "De todos eles."

Mestre (*com ar sério*): "É como o seu medo de entrar no barco?"

O culto do meio-dia e as oferendas de comida nos templos já haviam terminado. Os sinos, gongos e pratos do Arati haviam sido tocados e o templo estava cheio de paz. Mendigos, sadhus e convidados dirigiram-se à casa de hóspedes para almoçar, levando consigo pratos de folhas ou de metal. M. também serviu-se de um pouco de prasad do templo de Kali.

Shri Ramakrishna havia descansado um pouco depois da refeição, quando chegaram diversos devotos incluindo Ram e Girindra. Saudaram o Mestre e sentaram-se. A conversa girou em torno da igreja da Nova Revelação, de Keshab Chandra Sen.

Ram (*ao Mestre*): "Senhor, não creio que o Navavidhan tenha feito algum bem às pessoas. Se o próprio Keshab Sen fosse um homem genuíno, por que os discípulos estão em tal luta? Creio que não há nada de especial na Nova Revelação. É como agitar cacos de barro num quarto, e depois, fechá-lo. As pessoas podem pensar que se trata do tilintar de moedas, mas no interior, só há cacos. Os que estão de fora não sabem o que há dentro."

Mestre: "Deve haver alguma substância nisso, senão, por que tanta gente respeitaria Keshab? Por que não é Shivanath tão prestigiado quanto Keshab? Isto não pode ocorrer sem a vontade de Deus.

"Mas um homem não pode agir como um acharya, sem renunciar ao mundo. As pessoas não o respeitarão. Dirão: 'Ó, ele é um homem do mundo. Secretamente desfruta de 'mulher e ouro', mas nos diz que somente Deus é real e o mundo sem substância, como um sonho. A não ser que um homem renuncie a tudo, seus ensinamentos não podem ser aceitos por todos. Algumas pessoas mundanas podem segui-lo. Keshab levou a vida de um chefe de família, portanto, sua mente estava, também, dirigida para o mundo. Tinha que resguardar os interesses de sua família. Foi por esta razão que deixou seus negócios em tão boa ordem, apesar de ter dado muitas conferências religiosas. E com que aristocrata casou a filha! Nos apartamentos internos de Keshab, vi muitas camas grandes. Essas coisas vêm naturalmente àqueles que levam uma vida de chefe de família. O mundo é realmente, um lugar de divertimento."

Ram: "Keshab herdou aquelas camas, quando a propriedade da família foi dividida. Ele tomou parte na divisão da propriedade! O que quer que o senhor diga, Vijay Babu falou-me que Keshab lhe havia dito. "Sou uma manifestação parcial de Cristo e de Gauranga. Sugiro que o senhor se declare Advaita[5]. O senhor sabe o que ele disse mais? Disse que o senhor também é um seguidor da Nova Revelação." (*Todos riem*).

Mestre (*rindo*): "Quem sabe? Mas, de minha parte, nem sei o que significa a palavra 'Nova Revelação'."(*Risada).*

Ram: "Seus discípulos dizem que ele foi o primeiro a harmonizar bhakti e jnana."

Mestre (*com surpresa*): "Como assim? E o *Adhyatma Ramayana*? Ali está escrito que, enquanto orava a Rama, Narada dizia: 'Ó Rama, Tu és o Brahman Supremo descrito nos Vedas. Tu vives conosco como homem; Tu apareces como homem. Na realidade Tu não és um homem; Tu és o Brahman Supremo.' Rama disse: 'Narada estou muito satisfeito com você. Aceite uma graça de Mim.' Narada respondeu: 'Que graça Te pedirei? Dá-me puro amor por Teus Pés de Lótus e que eu jamais possa ser iludido por Tua maya sedutora!' O *Adhyatma Ramayana* está cheio dessas afirmações a respeito de jnana e bhakti."

A conversa passou a ser sobre Amrita, um discípulo de Keshab.

Ram: "Amrita Babu parece não estar em boas condições."

Mestre: "Sim, parecia muito doente, quando o vi outro dia."

Ram: "Senhor, deixe-me falar sobre as palestras da Nova Revelação. Enquanto se toca o tambor, os membros gritam: 'Salve Keshab!' O senhor diz que 'dal'[6] cresce num lago de águas paradas. Assim Amrita falou no outro dia, em seu sermão: 'O santo [7] sem dúvida, falou

[5] Íntimo companheiro de Gauranga.

[6] Palavra que tem duplo sentido, "planta" e "seita".

[7] Referindo-se a Sri Ramakrishna.

que 'dal' cresce num lago de águas estagnadas, mas, irmãos, queremos 'dal', queremos uma seita. Real e verdadeiramente, digo-lhes que queremos uma seita'."

Mestre: "Que bobagem! Que vergonha para ele! Que espécie de sermão é esse?"

A conversa desviou-se para o desejo de elogio que têm algumas pessoas.

Mestre: "Levaram-me até a casa de Keshab para ver a apresentação de *Nimai-Sannyas*. Naquele dia ouvi alguém referir-se a Keshab e Pratap como Chaitanya – Nityananda, Prasanna perguntou-me: 'Quem é o senhor na realidade' Keshab olhou para mim, para ver o que eu responderia. Disse-lhe: 'Sou o servo do seu servo, a poeira da poeira de seus pés.' Keshab disse-lhe com um sorriso: 'Você não pode pegá-lo.' "

Ram: "Às vezes Keshab costumava dizer que o senhor era João Batista."

Um devoto: "Mas Keshab também disse que o senhor é o Chaitanya do século *dezenove* (*disse em inglês*)."

Mestre: "O que significa isso?"

Devoto: "Que Chaitanya encarnou-Se novamente no século atual da era cristã e que o senhor é Ele."

Mestre (*com a mente ausente*): "E daí? Pode-me dizer agora, como meu braço vai ficar bom? Este braço está me preocupando muito."

Falaram muito a respeito da música de Trailokya. Trailokya cantava músicas devocionais no Brahmo Samaj de Keshab.

Mestre: "Como são lindas as suas canções!"

Ram: "O senhor pensa que são sinceras?"

Mestre: "Sim, são. Senão, por que eu ficaria atraído por elas?"

Ram: "Ele compôs suas canções tomando emprestado as suas idéias. Ao conduzir a adoração, Keshab Sen descreveu os sentimentos e realizações do senhor e Trailokya Babu compunha suas canções de acordo com eles. Veja esta, por exemplo:

> Há um grande fluir de alegria no mercado do Amor.
> Veja como o Senhor brinca com Seus amigos íntimos, no êxtase de Felicidade!

Ele o via desfrutando a felicidade divina na companhia dos devotos e escreveu canções como essa."

Mestre (*com um sorriso*): "Pare! Não me atormente mais, Por que deveria eu estar envolvido em tudo isso?"(*Todos riem*).

Girindra: "Os Brahmos dizem que o Paramahamsadeva não tem *faculdade de discriminação*."(*disse em inglês*).

Mestre: "O que significa?"

M.: "Que o senhor não sabe dirigir um movimento: que seu intelecto é por demais embotado. Falam coisas assim. (*Todos riem*).

Mestre (*a Ram*): "Agora diga-me porque machuquei o braço. Levante-se e faça uma palestra sobre isto. (*Risada*).

"Os Brahmos insistem que Deus é sem forma. Suponhamos que assim seja. Basta chamá-Lo com o coração sincero. Se o devoto for sincero, então Deus, que é o Guia Interno de todos, certamente revelará ao devoto Sua verdadeira natureza.

"Não é bom dizer que o que pensamos de Deus é a única verdade e que os que os outros pensam, é falso; que, pelo fato de pensarmos em Deus sem forma, Ele deva necessariamente ser sem forma, que porque achamos que Deus tem forma, Ele tem forma e não pode ser sem forma. Pode um homem realmente sondar a natureza de Deus?

"Este tipo de atrito existe entre os vaishnavas e shaktas. Os vaishnavas dizem, 'Meu Kesava é o único Salvador", enquanto que o shakta insiste, 'Meu Bhagavati é o único Salvador.'

"Certa vez levei Vaishnavcharan a Mathur Babu. Vaishnavcharan era um erudito vaishnava e devoto ortodoxo de sua seita. Mathur, pelo contrário, era um devoto da Mãe Divina. Eles estavam empenhados numa discussão amigável, quando subitamente, Vaishnavcharan disse, 'Kesava é o único Salvador.' Mal Mathur escutou isto, seu rosto ficou vermelho de rai-

va e retrucou, 'Cretino!' (*Todos riem*). Era um shakta. Não era natural que dissesse aquilo? Dei uma cotovelada em Vaishnavcharan.

"Vejo pessoas que falam a respeito de religião, brigando constantemente entre si. Hindus, muçulmanos, Brahmos, shaktas, vaishnavas, shaivas, todos brigando. Não têm intelligência para compreender que Aquele que é Krishna é, também, Shiva e Shakti Primordial e que, da mesma maneira, é Ele quem é chamado Jesus e Alá. Há somente um Rama e Ele possui mil nomes.

"A Verdade é una; somente Ela é chamada por nomes diferentes. Todas as pessoas estão à procura da mesma Verdade; a diversidade é devida ao clima, temperamento e nome. Um lago tem muitos ghats. De um ghat os hindus tiram água em jarros e chamam-na 'jal'. De outro ghat os muçulmanos pegam a água com sacolas de couro e chamam-na 'pani'. De um terceiro, os cristãos retiram a mesma coisa e chamam-na 'água'. (*Todos riem*). Suponhamos que alguém diga que ela não é 'jal', mas 'pani', ou que não é 'pani' mas água, ou que não é 'água' mas 'jal'. Isto seria verdadeiramente ridículo. Entretanto esta mesma coisa é a raiz de disputa entre seitas, seus desentendimentos e brigas. É por esta razão que as pessoas se ferem e se matam e derramam sangue, em nome da religião, mas isto não é bom. Todas as pessoas dirigem-se para Deus. Todas elas O realizarão se tiverem sinceridade e anelo no coração.

(*a M.*): "Isto é para você. Todas as escrituras – os Vedas, os Puranas, os Tantras - buscam apenas Ele e a mais ninguém, somente Aquele uno Satchidananda. Ele é chamado Satchidananda Brahman nos Vedas e Satchidananda Shiva nos Tantras. Assim também, somente Ele é chamado Satchidananda Krishna nos Puranas."

Disseram ao Mestre que, de vez em quando, Ram cozinhava sua própria comida.

Mestre (*a M.*): "Você cozinha suas refeições"

M.: "Não, senhor."

Mestre: "Pode tentar fazê-las. Em suas refeições coma um pouco de manteiga clarificada, feita de leite de vaca. Isto purificará seu corpo e mente."

Seguiu-se uma longa conversa sobre assuntos domésticos de Ram. O pai de Ram era um devoto vaishnava que adorava Krishna diariamente. Havia se casado pela segunda vez, quando Ram era ainda um menino. O pai e a madrasta moravam em sua casa, mas Ram jamais fora feliz com sua madrasta, o que às vezes, provocava discussões entre ele e o pai.

Estavam falando sobre este assunto quando Ram disse: "Meu pai foi para o diabo!"

Mestre (*aos devotos*): "Ouviram isto? O pai foi para o diabo, mas o filho está bem!"

Ram: "Não há mais paz quando minha madrasta chega em casa. Há sempre um problema ou outro. Nossa família está a ponto de se esfacelar. Por isto digo, deixe-a na casa de seu pai."

Girindra (*a Ram*): "Por que você também não deixa a esposa na casa de seu pai?" (*Risada*).

Mestre (*sorrindo*): "Por acaso são marido e mulher, como potes ou jarros de barro, que se possa guardar o pote num lugar e a tampa no outro? Shiva num lugar e Shakti no outro?"

Ram.: "Senhor, somos felizes, mas quando ela chega, a união familiar se rompe. Sim, esta é a situação."

Mestre: "Então construa para eles, uma casa separada. Tudo será diferente. Você arcará com as despesas mensais. Como os pais são dignos de adoração! Rakhal perguntou-me se poderia comer a comida que seu pai havia deixado no prato. 'O que quer dizer com isto?' perguntei, 'O que você se tornou que o impede de fazê-lo?' Mas também é verdadeiro que pessoas boas não dão a ninguém, nem mesmo a um cachorro, a comida de seus pratos."

Girindra: "Senhor, suponhamos que os nossos pais sejam culpados de um crime terrível ou de um pecado hediondo?"

Mestre: "E se forem? Não deve abandonar sua mãe, mesmo se ela cometer adultério. Uma mulher guru de uma certa família, se corrompeu. Os membros da família disseram que desejavam que seu filho fosse seu guia espiritual, mas eu disse: 'O que é isto? Vocês vão aceitar o broto e desistir do inhame? Suponhamos que ela seja corrupta; mesmo assim, vocês têm que considerá-la seu Ishta. "Embora meu guru visite uma taverna, para mim é sempre o sagrado Nityananda." '

"São pai e mãe tão insignificantes? Nenhuma prática espiritual dará fruto, a menos que eles sejam agradados. Chaitanya estava embriagado com o amor de Deus. Contudo, antes de abraçar a vida monástica, durante quantos dias tentou persuadir sua mãe, a dar-lhe permissão para se tornar monge! Dizia-lhe: 'Mãe, não se preocupe, eu a visitarei de vez em quando.'

(*A M. com ar de desaprovação*): "E deixe-me dizer isto a você. Seu pai e sua mãe o educaram. Você mesmo é pai de vários filhos. Entretanto saiu de casa de casa com a esposa. Enganou seus pais. Foi embora com sua esposa e filhos e pensa que se tornou um santo. Seu pai não necessita de dinheiro seu; caso contrário, eu lhe diria, 'Que papel vergonhoso!'

Todos no aposento ficaram sérios e em silêncio.

Mestre: "Um homem tem certas dívidas a pagar; dívidas com os deuses e rishis e dívidas com a mãe, pai e esposa. Não pode alcançar nada enquanto não tiver pago seu débito com os pais. Um homem também tem dívida com a esposa. Harish renunciou à sua esposa e está vivendo aqui. Se ele a tivesse deixado desamparada eu o consideraria um canalha abominável.

"Depois de alcançar o Conhecimento, considerará aquela mesma esposa, uma manifestação da Própria Mãe Divina. Está escrito no *Chandi*, 'A Deusa mora em todos os seres como Mãe'. Foi Ela quem Se tornou Sua mãe.

"Todas as mulheres que você vê, são somente Ela, a Mãe Divina. É por isto que não posso censurar nem mesmo Brinde, a empregada. Há pessoas que declamam versos das escrituras e falam alto, mas sua conduta é completamente diferente. Ramprasanna está sempre ocupado trazendo leite e ópio para o hathayogi. Diz que Manu ordena que se sirva um sadhu, mas sua velha mãe não tem o suficiente para comer. Ela caminha até o mercado para comprar sua comida. Isto me aborrece muito.

"Mas tem-se que levar em consideração uma outra coisa. Quando um homem está intoxicado pelo amor de Deus, quem é seu pai ou mãe ou esposa? O amor por Deus é tão intenso que fica enlouquecido por ele, portanto, não tem dever a cumprir. Está livre de todas as dívidas. O que é esta intoxicação divina? Neste estado um homem esquece-se do mundo. Esquece-se também do próprio corpo, que é tão caro a todos. Chaitanya teve esta embriaguez. Mergulhou no oceano, sem saber que se tratava do oceano. Jogava-se repetidamente no chão. Não estava consciente da fome, medo ou sono. Não estava absolutamente consciente desta coisa que se chama corpo."

Imediatamente Shri Ramakrishna exclamou: "Ah, Chaitanya!" e pôs-se de pé.

Mestre (*aos devotos*): "Chaitanya significa 'Consciência Indivisível'. Vaishnavcharan costumava dizer que Gauranga era uma borbulha no Oceano da Consciência Indivisível.

(*A Gopal mais velho* [8]): :Você tem a intenção de fazer uma peregrinação agora?"

Gopal: "Sim, senhor. Gostaria de fazer uma peregrinação agora."

Ram [*a Gopal*]: "Ele (referindo-se ao Mestre) diz que uma pessoa torna-se um kutichaka depois de ser um vahudaka. O sadhu que visita muitos lugares sagrados é chamado vahudaka. Aquele que não tem mais desejo de viajar e que se fixa num lugar, é chamado kutichaka.

"Conta-nos também uma parábola. Certa vez um pássaro pousou no mastro de um navio. Quando o navio passou do delta do Ganges para as 'águas escuras' do oceano, o pássaro não se deu conta do que havia ocorrido. Quando, finalmente, percebeu o oceano, levantou vôo do mastro e voou na direção norte à procura de terra, mas não encontrou limite para as águas e assim, retornou. Depois de descansar um pouco, voou para o sul. Aí também, só viu água. Arquejante, o pássaro voltou para o mastro. Novamente depois de descansar um pouco, voou pra leste e então, para oeste. Como só visse água em qualquer direção que tomasse, por fim pousou definitivamente no mastro do navio.

Mestre (*a Gopal mais Velho* e aos outros devotos*): "*Enquanto um homem sentir que Deus está 'ali', é ignorante, mas alcança o Conhecimento ao sentir que Deus está 'aqui'.

"Um homem desejava fumar. Foi à casa do vizinho para acender seu carvão. Era noite alta e o dono da casa estava dormindo. Depois de bater à porta, alguém desceu para abri-la. À vista do homem, perguntou: 'O que houve?' O homem respondeu: 'Você não adivinha? Sabe o quanto gosto de fumar. Vim aqui para acender o carvão.' O vizinho respondeu: 'Ha! Ha!

[8] Um discípulo monástico do Mestre, conhecido como Swami Advaitananda

Que homem você é! Teve o trabalho de vir aqui e de bater na porta tanto tempo, mas você está com uma lanterna acesa na mão!" (*Todos riem*).

"O que um homem procura está bem perto dele. No entanto vagueia de lugar em lugar."

Ram: "Senhor, agora compreendo porque um guru pede a alguns discípulos para visitarem os quatro principais lugares sagrados do país. Depois de ter viajado tanto, o discípulo descobre que aqui é a mesma coisa que lá, então volta para o guru. Toda essa peregrinação tem como finalidade, apenas criar fé nas palavras do guru."

Depois que a conversa terminou, Shri Ramakrishna exaltou as virtudes de Ram.

Mestre (*aos devotos*): "Quantas qualidades boas Ram possui! A quantos devotos serve e atende! (*A Ram*): "Adhar falou-me que você foi muito gentil com ele."

Adhar, um querido devoto chefe de família, havia organizado recentemente um recital de música religiosa em sua casa. O Mestre e muitos devotos estiveram presentes, mas Adhar havia se esquecido de convidar Ram, que era um homem orgulhoso e havia se queixado sobre o fato aos seus amigos. Por isto Adhar havia ido à casa de Ram para se desculpar por seu erro.

Ram: "Na realidade não foi culpa de Adhar. Soube que Rakhal é quem deve ser responsabilizado. A incumbência era de Rakhal."

Mestre: "Você não deve pôr a culpa em Rakhal. É somente um menino. Mesmo agora poderia sair leite de sua mãe se lhe apertar a garganta."

Ram: "Senhor, por que fala assim? Foi uma grande ocasião!"

Mestre (*interrompendo*): "Adhar simplesmente não se lembrou de convidá-lo. É distraído. No outro dia, foi comigo à casa de Jadu Mallick. Ao nos despedirmos, eu lhe disse: 'Você não ofereceu nada à Divindade no templo.' 'Senhor', disse, 'eu não sabia que deveria fazê-lo.'

(*A Ram*): "Suponhamos que ele não o tenha convidado. Por que tanto alvoroço a respeito de ir a um lugar onde o nome do Senhor estava sendo cantado? Qualquer pessoa pode participar da música religiosa. Não necessita ser convidada."

CAPÍTULO 22

CONSELHO A UM ATOR

Sábado, 24 de maio de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado no divã pequeno de seu quarto. Rakhal, M. e vários devotos estavam presentes. Na noite anterior fora realizado um culto especial a Kali. Em conexão com o culto, fora encenada, no natmandir, a peça teatral do *Vidyasundar*, o Mestre havia assistido uma parte dela naquela manhã. Os atores vieram ao seu aposento saudá-lo. O Mestre, feliz, começou a conversar com um jovem de pele clara, que representou muito bem o papel de Vidya.

Mestre (*ao ator*): "A sua representação foi muito boa. Se uma pessoa se destaca no canto, na música ou em qualquer outra arte, também pode realizar rapidamente Deus, desde que se esforce sinceramente.

"Assim como se tem que praticar muito para cantar, dançar e tocar instrumentos, assim também deve-se praticar a arte de fixar a mente em Deus. Deve-se praticar regularmente disciplinas como adoração, japa e meditação.

"É casado? Tem filhos?"

Ator: "Sim, senhor. Tive uma filha que morreu. Logo depois nasceu uma outra criança."

Mestre: "Ah! Uma morte e um nascimento e tudo tão rapidamente! Você é tão jovem! Há um ditado: 'Meu marido morreu logo após o nosso casamento. Há, para mim, muitas noites para chorar!' Sem dúvida você está compreendendo a natureza da felicidade no mundo. O mundo é como uma ameixa-de-porco. Só tem casca e caroço e depois de comê-la, fica-se com cólica.

"Você é um ator teatral. Isto é muito bom, mas é uma profissão muito dura. Agora é jovem; por isso possui um rosto cheio e redondo. Daqui algum tempo haverá buracos nas faces. Quase todos os atores são assim; têm buracos nas faces e barriga volumosas. (*Risada*).

"Por que fiquei para ver sua apresentação? Achei o ritmo, a música e a melodia, corretos. Então a Mãe Divina mostrou-me que havia sido Deus quem fez, na representação, os papéis dos atores."

Ator: "Qual a diferença entre luxúria e desejo?"

Mestre: "Luxúria é como a raiz da árvore e os desejos, os galhos e brotos.

"Não se pode ficar totalmente livre das seis paixões: luxúria, raiva, ganância e outras. Por conseguinte, deve-se dirigi-las para Deus. Se tiver desejo ou ganância, então deve desejar o amor de Deus e ser ávido de realizá-Lo. Se tiver que ser orgulhoso e egoísta, sinta orgulho e egoísmo, pensando que é o servo de Deus, o filho de Deus.

"Um homem não pode ver Deus a não ser que dedique a mente inteiramente a Ele. A mente se desgasta com 'mulher e ouro'. Tome seu próprio caso. Tem filhos e está ocupado com o teatro. A mente não pode unir-se a Deus por causa destas diferentes atividades.

"Enquanto houver bhoga, sempre haverá yoga. Além do mais bhoga ocasiona sofrimento. Diz-se no *Bhagavata* que o Avadhuta escolheu um milhano como um dos seus vinte e quatro gurus. O milhano segurava um peixe em seu bico, por esta razão, foi cercado por milhares de corvos. Qualquer que fosse o caminho que tomasse com o peixe, os corvos o perseguiam, gritando, 'Cau! Cau!' quando, de repente, o peixe caiu do bico, os corvos voaram atrás do peixe, deixando o milhano.

"O 'peixe' é o objeto de prazer. Os 'corvos' são as preocupações e a ansiedade. Preocupações e ansiedade são inevitáveis com o prazer. Assim que uma pessoa abandona o prazer, encontra a paz.

"O que é mais, o próprio dinheiro torna-se uma fonte de problemas. Irmãos podem viver felizes, mas entram em conflito quando dividem a propriedade. Os cachorros lambem-se uns aos outros, são amigos mas, quando o dono joga comida, começam a brigar.

"Venha aqui de vez em quando. (*Apontando para M. e outros).* Eles vêm aos domingos e outros feriados."

Ator: "Temos férias durante três meses nas estações chuvosas e da colheita. É sorte nossa poder visitá-lo. Durante nossa viagem a Dakshineswar, ouvimos falar de duas pessoas – do senhor e de Jnanarnava."

Mestre: "Tenha um bom relacionamento com seus irmãos. É bom. Já deve ter reparado que numa representação teatral, se os quatros catarem num tom diferente, a peça fica ruim."

Cantor: "Sim, senhor. Muitos pássaros são apanhados numa rede; se todos voarem juntos e arrastarem a rede para uma mesma direção, muitos deles podem se salvar, mas isto não acontecerá se tentarem voar em direções diferentes.

"Vê-se, também, numa apresentação teatral, uma pessoa equilibrando um jarro de água e ao mesmo tempo, dançando.

Mestre: "Viva no mundo mas mantenha o jarro firme sobre sua cabeça, quer dizer, mantenha a mente firme em Deus..

:Certa vez eu disse aos sepoys: 'Cumpram suas obrigações no mundo, mas lembre-se que 'triturador da morte' algum dia vai esmagar sua mão. Estejam abertos."

"Em Kamarpukur vi as mulheres das famílias de carpinteiros fazendo arroz tostado com uma máquina de descascar. Uma mulher empurra com o pé, a ponta da travessa de madeira e a outra, enquanto embala o bebê; põe o arroz em casca no pilão cavado na terra. A segunda mulher fica o tempo todo alerta, senão, o triturador da máquina pode cair de sua mão. Com a outra frita o arroz na frigideira. Além disso, está falando com os fregueses: 'O senhor me deve tanto dinheiro. Por favor, pague-me antes de ir.' Assim também, execute suas diferentes obrigações no mundo, fixando a mente em Deus, mas a prática é necessária e deve-se, também, estar alerta. Somente deste modo pode-se salvaguardar ambos – Deus e o mundo."

Ator: "Senhor, qual é a prova de que a alma está separada do corpo?"

Mestre: "Prova? Deus pode ser visto. Praticando-se disciplina espiritual vê-se Deus, por Sua Graça. Os rishis realizaram diretamente o Ser. Não se pode conhecer a verdade sobre Deus, pela ciência. A ciência só nos dá informações sobre coisas percebidas pelos sentidos, por exemplo, esta substância misturada com aquela outra, dá tal e tal resultado e aquela substância misturada com esta, dá tal e tal resultado.

"Por esta razão o homem não pode compreender as coisas espirituais através da inteligência comum. Para compreendê-las tem que viver na companhia dos santos. Aprende-se a tomar o pulso vivendo com um médico."

Ator: "Sim, senhor. Agora compreendo."

Mestre: "Deve-se praticar tapasya. Só então pode-se alcançar a meta. De nada lhe adiantará, mesmo que aprenda os textos das escrituras de cor. Não se pode ficar intoxicado simplesmente pronunciando a palavra 'siddhi' várias vezes. Tem-se que tragar algum.

"Não se pode explicar a visão de Deus aos outros. Não se pode explicar a felicidade conjugal a uma criança de cinco anos."

Ator: "Como se realiza o Atman?"

Naquele momento Rakhal estava prestes a tomar sua refeição no quarto do Mestre, mas hesitou à vista de tanta gente. Naquela época o Mestre olhava Rakhal como Gopala e a si próprio, como mãe Yashoda.

Mestre (*a Rakhal*): "Por que você não come? Deixe que as pessoas fiquem de lado, se você quiser. (*A um devoto*): Guarde um pouco de gelo para Rakhal. (*A Rakhal*) Você pretende ir a Vanhooghly? Não vá com este sol."

Rakhal sentou-se para comer. Sri Ramakrishna voltou novamente a falar com o ator.

Mestre: "Por que todos vocês não comem o prasad do templo e Kali? ISerá muito bom."

Ator: "Nem todos nós possuímos a mesma opinião sobre comida; por isso nossa comida é cozida separadamente. Nem todos gostam de comer na casa de hóspedes."

Enquanto Rakhal comia, o Mestre e os devotos sentaram-se no pórtico e continuaram a conversa.

Mestre (*ao ator*): "Você perguntou sobre a realização do Ser. O anelo é o meio de realizar o Atman. Um homem deve esforçar-se para atingir Deus com todo seu corpo, com toda sua mente e com toda sua fala. Devido ao excesso de bile, fica-se com icterícia. Vê-se, então, tudo amarelo, não se percebe outra cor; a não ser o amarelo. Entre vocês atores, aqueles que apenas fazem o papel de mulher, adquirem a natureza de mulher; pensando em mulher, seus modos e pensamentos tornam-se femininos. Assim também, pensando dia e noite em Deus, adquire-se a natureza de Deus.

"A mente é como uma roupa de linho branco, recém-chegado da lavanderia. Toma a cor em que é mergulhada."

Ator: "Mas primeiro tem que ser enviada para a lavanderia."

Mestre: "Sim, primeiro purificação da mente. Em seguida, se dirigir a mente para a contemplação de Deus. ficará colorida pela Consciência de Deus. Assim também, se dirigir a mente para as obrigações mundanas, como representar uma peça, ficará colorida pelo mundanismo."

Shri Ramakrishna havia descansado na cama somente alguns minutos, quando Hari[1], Narayan, Narendra Bannerji e outros devotos chegaram de Calcutá e o saudaram. Narendra Bannerji era filho do professor de sânscrito no Presidency College of Calcutta. Devido às desavenças com outros membros da família, havia alugado uma casa separada, onde vivia com a esposa e filhos. Narendra era um homem simples e puro. Praticava disciplina espiritual e, durante a meditação, ouvia vários sons – som de um gongo e assim por diante. Havia viajado por vários lugares da Índia e de vez em quando, visitava o Mestre.

Narayan era um estudante de dezesseis ou dezessete anos. Visitava com freqüência o Mestre, que gostava muito dele.

Hari vivia com os irmãos em sua casa de Baghbazar. Havia estudado para matricular-se no General Assembly Institution. Logo abandonou os estudos e passou a se dedicar à leitura das escrituras e práticas da yoga. Também visitava o Mestre de vez em quando. Shri Ramakrishna muitas vezes mandava buscar Hari, quando ia à casa de Balaram em Baghbazar.

Mestre (*aos devotos*): "Já ouvi muito a respeito de Buda. É uma das dez Encarnações de Deus[2]. Brahman é imóvel, imutável, inativo e da natureza da Consciência. Quando um homem funde o *buddhi*, a inteligência em *Bodha*, Consciência, alcança, o Conhecimento de Brahman tornando-se *buddha*, iluminado.

"Nangta costumava dizer que a mente funde-se no *buddhi* e o *buddhi* e o *buddhi* em *Bodha,* Consciência.

"O aspirante não atinge o Conhecimento de Brahman enquanto permanece consciente do ego. O ego é controlado depois de se obter o Conhecimento de Brahman e de se ver Deus. Não pode ser controlado de outra maneira. É muito difícil pegar nossa própria sombra, mas quando o sol está a pino, a sombra está a alguns centímetros do corpo."

Um devoto: "Como é a visão de Deus?"

Mestre: "Já viu uma representação teatral? As pessoas estão conversando, quando subitamente a cortina levanta-se. A mente do auditório é dirigida para a representação. As pessoas não se interessam mais por outras coisas. Samadhi é entrar dentro de si mesmo. Quando a cortina desce, as pessoas olham novamente em volta. Assim também, quando a cortina de maya cai, a mente externaliza-se.

(*A Narendra Bannerji*): "Você viajou muito. Fale-nos sobre os sadhus."

Narendra contou a história de dois yogis, no Bhutan, que tinham o hábito de beber diariamente uma libra de suco amargo de folhas de neem. Havia também visitado a cabana de um santo às margens do Narmada. Ao ver Babu Bengali vestido com roupas européias, o sadhu havia comentado: "Ele tem uma faca escondida debaixo das roupas, junto da barriga."

Mestre: "Deve-se ter gravuras de santos no quarto. Isto induz rapidamente a idéias divinas."

---

[1] Um discípulo monástico do Mestre, mais tarde conhecido como Swami Turyananda.

[2] A mitologia hindu fala de dez Encarnações de Deus.

Bannerji: "Tenho seu retrato no meu quarto; também o de um sadhu que mora nas montanhas, soprando um pedaço de carvão aceso, numa tigela de cânhamo."[3]

Mestre: "É verdade que o sentimento espiritual de uma pessoa é despertado ao olhar o retrato de um sadhu. É como lembrar-se do creme de maçã, olhando para a imitação, ou como estimular o desejo de prazer, olhando uma jovem mulher. Por isso, digo-lhes que devem viver sempre na companhia de santos.

(*A Bannerji*): "Você conhece muito bem o sofrimento do mundo. Sofre-se cada vez que se cede a um prazer. Enquanto o milhano esteve com o peixe no bico, foi atormentado pelo bando de corvos.

"Encontra-se paz de espírito na companhia dos santos. O jacaré fica debaixo da água, durante muito tempo. De vez em quando sobe à superfície e respira, fazendo um longo e ruidoso barulho. Então suspira aliviado."

Ator: "Reverenciado senhor, o que disse a respeito do prazer está muito certo. Orar a Deus sem seriedade, por brincadeira, leva, por fim, ao desastre. Vários desejos vêm à mente e de forma alguma, são bons. Deus é o Kalpataru, a Árvore que satisfaz todos os Desejos. Obtém-se tudo o que se pede a Deus. Suponhamos que venha à sua mente: 'Deus é Kalpataru. Bem, deixe-me ver se um tigre aparece diante de mim.' Como ele pensa no tigre, este realmente aparece e o devora."

Mestre: "Sim, deve-se lembrar que o tigre vem. O que mais posso lhe dizer? Mantenha sua mente em Deus. Não O esqueça. Deus certamente Se revelará a você, se orar a Ele com sinceridade. Outra coisa: cante o nome de Deus no final de cada representação. Desta maneira os atores e a audiência voltarão para casa com o pensamento de Deus em suas mentes."

Os atores saudaram o Mestre e retiraram-se.

Duas senhoras, devotas de Shri Ramakrishna, entraram e saudaram o Mestre. Haviam jejuado, preparando-se para esta visita. Eram cunhadas, esposas de dois irmãos e tinham vinte e dois e vinte e três anos. Possuíam filhos. Ambas tinham o rosto coberto com um véu.

Mestre (*às senhoras*): "Adorem Shiva. Esta adoração está descrita num livro chamado *Nityakarma*. Aprendam os rituais ali descritos. Para fazerem adoração a Deus, ficarão preocupadas durante muito tempo com estas obrigações religiosas como apanhar flores, fazer pasta de sândalo, polir utensílios do culto e arrumar oferendas. À medida que fizerem esses deveres suas mentes naturalmente se dirigirão a Deus. Vocês se libertarão da mesquinhez, cólera, ciúme e assim por diante. Quando conversarem, falem de assuntos espirituais.

"Deve-se unir a mente a Deus, de qualquer maneira. Não devem esquecê-Lo, nem por uma vez. O pensamento n'Ele deve ser como o fluir do azeite, sem qualquer interrupção. Se adorarem com amor mesmo um tijolo ou uma pedra, como sendo Deus, então, por Sua graça, poderão vê-Lo.

"Lembrem-se do que acabei de lhes dizer. Deve-se fazer esta adoração como Shiva Puja. Quando a mente torna-se madura, não é necessário continuar com o culto formal, por muito tempo. A mente então permanece sempre unida a Deus: meditação e contemplação tornaram-se hábitos constantes da mente."

Cunhada mais velha: "Poderia nos dar alguma instrução?"

Mestre (*afetuosamente*): "Não dou instrução. Se um guru dá iniciação, deve assumir responsabilidade pelos pecados e sofrimento do discípulo. A Mãe Divina me pôs no estado de uma criança. Façam Shiva Puja como lhes disse. Venham aqui de vez em quando. Veremos o que vai acontecer mais tarde, pela vontade de Deus. Pedi-lhes que cantassem o nome de Hari em casa. Estão cantando? "

Cunhada mais velha: "Sim."

Mestre: "Por que vocês jejuam? Devem comer antes de vir para cá. As mulheres são somente formas de minha Mãe Divina. Não posso suportar vê-las sofrer. São todas imagens da Mãe do Universo. Venham aqui depois de terem comido e se sentirem bem."

Dizendo isso, Sri Ramakrishna pediu a Ramlal para dar às senhoras alguma comida. Foram oferecidas frutas, doces, bebidas e outras oferendas do templo.

O Mestre disse: "Vocês comeram alguma coisa. Agora minha mente está em paz. Não suporto ver as mulheres jejuarem."

[3] Muitos monges errantes fumam cânhamo hindu.

Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado nos degraus dos templos de Shiva. Adhar, Dr. Nitai, M. e outros devotos estavam presentes.

Mestre (*aos devotos*): "Quero dizer-lhes algo. Uma mudança está se operando em minha natureza."

O Mestre desceu um degrau e sentou-se junto dos devotos. Parecia que desejava comunicar-lhes algumas de suas experiências mais profundas.

Mestre: "Vocês são devotos. Não hesito em lhes dizer isto. Hoje em dia não vejo a forma Espírito de Deus. Ele revelou-Se a mim sob a forma humana. Faz parte de minha natureza, ver a forma de Deus, tocá-Lo e abraçá-Lo. Deus está me dizendo, 'Você assumiu um corpo; portanto, desfrute de Deus por meio de Suas formas humanas.'

"Deus, sem dúvida, mora em todos, mas Ele manifesta-Se mais internamente através do homem, do que em outros seres. É o homem uma coisa insignificante? Ele pode pensar em Deus, o Infinito, enquanto que os outros seres vivos não podem. Deus existe em outros seres vivos – animais, plantas, sim, em todos os seres – mas Ele Se manifesta mais através do homem do que através desses outros seres. O fogo existe em todos os seres, em todas as coisas, mas sua presença é sentida mais na madeira. Ram disse a Lakshmana, 'Olhe o elefante, irmão. É um animal tão grande, mas não pode pensar em Deus.'

"Mas na Encarnação há uma maior manifestação de Deus do que em outros homens. Rama disse a Lakshmana, 'Irmão, se você vir num homem amor extático por Deus, se ele ri, chora e dança em êxtase divino, então, saiba com certeza que Eu moro n'Ele.' "

O Mestre permaneceu em silêncio. Depois de alguns minutos retornou a conversa.

Mestre: "Keshab Sen costumava vir aqui com freqüência. Como resultado, mudou muito. Ultimamente tornou-se um homem notável. Muitas vezes veio aqui com seu grupo, mas também quis vir sozinho. Nos seus primeiros anos de vida Keshab não teve muita oportunidade de viver na companhia de santos.

"Eu o visitei em sua casa, na rua Colootola. Hriday estava comigo. Foi-me mostrado o aposento onde Keshab trabalhava. Estava escrevendo algo. Depois de muito tempo, pôs a caneta de lado, levantou-se da cadeira e sentou-se no chão conosco, mas não nos cumprimentou nem nos prestou respeito de outro modo.

"Tinha o hábito de vir aqui de vez em quando. Certa vez, em estado espiritual eu lhe disse: 'Não se deve sentar diante de um sadhu com as pernas cruzadas. Isto aumenta rajas.' Assim que ele e seus amigos chegavam, eu os saudava antes que se inclinassem diante de mim. Assim, gradualmente, aprenderam a saudar um santo, tocando o chão com sua testa.

"Disse a Keshab: 'Cante o nome de Hari. No Kaliyuga deve-se cantar o nome e as glórias de Deus'. Depois disto começaram a cantar o nome de Deus com tambores e pratos." [4]

"Sabem como é fé no nome de Hari ficou mais fortalecido? Como sabem, há homens santos que visitam com freqüência o templo. Certa vez chegou um sadhu de Multan. estava esperando um grupo que ia para Gangasagar (*Apontando para M.*). O sadhu tinha a sua idade. Foi ele quem me disse: 'O caminho para a realização de Deus, na Kaliyuga, é o de bhakti, recomendado por Narada.'

"Um dia Keshab veio aqui com seus seguidores. Ficaram até dez horas da noite. Estávamos sentados no Panchavati. Pratap e outros disseram que queriam passar a noite aqui. Keshab disse: 'Não, tenho que ir. Tenho trabalho a fazer.' Ri e disse: 'Você não pode dormir sem o cheiro de sua cesta de peixe? Certa peixeira foi convidada para dormir na casa de um jardineiro que cultivava flores. Chegou lá com o cesto vazio, depois de ter vendido o peixe no mercado e foi-lhe dito para dormir no aposento onde as flores eram guardadas, mas por causa do perfume das flores, não dormiu por muito tempo. A dona da casa viu seu estado e disse: 'Ó! Por que está se mexendo de um lado para o outro sem sossego?' A peixeira respondeu: "Não sei amiga. Talvez o cheiro das flores estejam perturbando o meu sono. Pode dar-me o

[4] Durante muitos anos antes de conhecer o Mestre, Keshab e seus seguidores cantavam o nome de "Brahman", acompanhados de tambores e pratos . Depois de conhecer Sri Ramakrishna em 1875, Keshab mostrou devoção particular ao canto dos nomes de Hari e da Mãe Divina (Nota por M. na edição bengali do *Evangelho de Shri Ramakrishna* vol. V, pág.113).

meu cesto de peixe? Talvez ele me faça dormir.' Trouxeram-lhe o cesto e a peixeira espargiu água nele e colocou-o junto ao nariz. Logo caiu em sono profundo, roncando a noite toda.

"Ao ouvirem esta história os seguidores de Keshab caíram numa ruidosa gargalhada.

"Keshab conduziu a oração naquela noite no ghat de banho do rio. Depois da adoração eu lhe disse: 'É Deus que Se manifesta num aspecto como as escrituras por conseguinte, deve-se adorar os livros sagrados, como os Vedas, Puranas e os Tantras. Em outro aspecto Ele Se tornou o devoto. O coração do devoto é a sala de visitas de Deus. Pode-se facilmente encontrar o dono da casa lá, portanto, ao adorar Seu devoto, uma pessoa adora o Próprio Deus.'

"Keshab e seus seguidores ouviram minhas palavras com grande atenção. Era noite de lua cheia. O céu estava inundado pelo luar. Estávamos sentados no pátio aberto no alto das escadas que conduziam ao rio. Eu disse: 'Agora vamos todos cantar, *"Bhagavata – Bhakta – Bhagavan"*. Todos cantaram em uníssono.' Em seguida, eu lhes disse: 'Escutem, Brahman é na verdade, Shakti. Shakti é na verdade, Brahman'." De novo cantaram em uníssono: 'Aquele a quem você se dirige como Brahman não é outro senão Aquela que eu chamo Mãe. Mãe é um nome muito doce.'

"Eu lhes disse: 'Digam, "Guru Krishna-Vaishnava"[5]. A isto Keshab respondeu: 'Não podemos ir tão longe, senhor. Se assim o fizermos, todos nos tomarão por vaishnavas ortodoxos.'

"De vez em quando eu dizia a Keshab: 'Aquele a quem você se dirige como Brahma, não é outro senão Aquela a quem eu chamo Shakti, a Energia Primordial. É chamada Brahman nos Vedas, quando transcende a fala e o pensamento e é sem atributos e ação. Chamo-A Shakti, Adyashakti, etc quando encontro-A criando, preservando e destruindo o universo.

"Disse a Keshab: 'É extremamente difícil realizar Deus enquanto se leva uma vida mundana. Como pode um doente com tifo ficar curado se permanece num quarto onde se encontram tamarindo, pickles e jarros d'água? Portanto, deve-se ficar na solidão de vez em quando para praticar disciplina espiritual. Quando o tronco de uma árvore torna-se grosso e forte, um elefante pode ser amarrado a ele; mas um pequeno broto é comido pelo gado.' É por esta razão que Keshab dizia: 'Viva no mundo depois de ficar fortalecido na vida espiritual.'

(*Aos devotos*): "Vejam, Keshab era grande erudito. Dava palestras em inglês. Muitas pessoas honravam-no. A própria Rainha Victoria conversou com ele, mas quando Keshab vinha aqui, vestia pouca roupa e trazia frutas, como deve proceder alguém quando se visita um santo. Era totalmente desprovido de egoísmo.

(*A Adhar*): "Você é um erudito e um magistrado, mas apesar de tudo isso, ainda está verde. Vá em frente. Para além da floresta de sândalo há muitas coisas de valor: minas de prata, ouro, diamantes e outras pedras preciosas. O lenhador estava rachando lenha na floresta; o brahmachari disse-lhe: 'Vá em frente'."

Sri Ramakrishna desceu os degraus do templo de Shiva e dirigiu-se para seu aposento, atravessando o pátio. Os devotos foram com ele. Foi quando Ram Chatterji chegou e disse que o atendente da Santa Mãe estava com cólera.

Ram (*ao Mestre*):"Disse isto ao senhor hoje de manhã, às dez horas, mas o senhor não me deu atenção."

Mestre: "O que eu podia fazer?"

Ram: "Sim, o que o senhor podia fazer! Mas havia ali Rakhal, Ramlal e outros. Mesmo eles não fizeram caso."

M.: "Kishori foi a Alambazar buscar remédios."

Mestre: "Sozinho? Onde vai consegui-los?"

M.: "Sim, sozinho. Vai consegui-los em Alambazar."

Mestre (*a M.*): "Diga à enfermeira o que tem que se fazer se a doença tomar um rumo para pior, ou se o paciente sentir-se melhor."

M.: "Sim, senhor."

As senhoras mencionadas anteriormente saudaram o Mestre e já estavam de saída. Shri Ramakrishna novamente disse-lhes: 'Façam o Shiva Puja de acordo com a minha instrução. E comam alguma coisa antes de virem aqui, senão me sentirei infeliz. Venham outro dia."

[5] O Mestre quis dizer que o guru, Krishna e vaishnava deveriam ser igualmente, reverenciados. Deve-se honrar o vaishnava porque Deus mora no seu coração.

Sri Ramakrishna sentou-se no pórtico do seu quarto. Narendra Bannerji, Hari, M. e outros sentaram-se ao seu lado. O Mestre sabia das dificuldades da família de Narendra.

Mestre: "Veja, todo este sofrimento é 'por causa de uma pequena tanga' [6].Um homem tem esposa e filhos, portanto, tem que arranjar um trabalho. O sadhu fica preocupado com a tanga e o chefe de família, com a esposa. Além disso, o chefe de família, por sua vez, pode não ter um bom relacionamento com os parentes; então tem que viver separado com a esposa. (*Com uma risada*). Chaitanya uma vez disse a Nityananda: 'Ouça-me, irmão. Um homem enredado no mundanismo jamais poderá ser livre'."

: M. (*a si mesmo*): "Talvez o Mestre esteja referindo-se ao mundo de avidya. É o mundo de avidya que enreda o chefe de família."

M. estava ainda vivendo numa casa separada com a esposa, devido ao desentendimento com outros membros da família.

Mestre (*a Bannerji apontando* para M.): "Ele também vive em casa separada. Vocês dois vão se dar bem. Certa vez dois homens encontraram-se. Um deles disse ao outro: 'Quem é você?' 'Ó, estou longe de minha terra natal', foi a resposta do outro. O segundo homem perguntou ao primeiro, 'E quem é você, por favor?' 'Ó, estou longe de minha bem amada', foi a resposta. Ambos estavam na mesma condição e portanto, entenderam-se bem."(*Todos riem*).

"Mas, não se deve ter medo quando se toma refúgio em Deus. Deus protege Seu devoto."

Hari: "Bem, por que se leva tanto tempo para realizá-Lo?"

Mestre: "A verdade é que um homem não sente inquietude por Deus, a não ser que já tenha satisfeito seus prazeres e deveres. O médico diz, referindo-se ao paciente: 'Deixe passar uns dias, logo um pouco de remédio lhe fará bem.'

"Narada disse a Rama: 'Rama, Tu estás passando Teu tempo em Ayodhya. Como Ravana será morto? Tu tomaste um corpo humano somente com este propósito'. Rama respondeu: 'Narada, deixe o tempo certo chegar, para que as ações passadas de Ravana comecem a dar fruto. Então tudo ficará pronto para sua morte.' "

Hari: "Por que há tanto sofrimento no mundo?"

Mestre: "Este mundo é a lila de Deus. É como um jogo. Neste jogo há alegria e tristeza, virtude e vício, conhecimento e ignorância, bem e mal. O jogo não pode continuar se o pecado e o sofrimento forem totalmente da criação. No jogo de esconde-esconde deve-se tocar a 'vovó', para se libertar, mas a 'vovó' não gosta de ser tocada logo no começo do jogo. É desejo de Deus que o jogo continue por algum tempo. Então:

> Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres.
> E Tu ris e bates palmas; Ó Mãe, observando-os!

Em outras palavras, depois de uma dura prática de disciplina espiritual, um ou dois têm a visão de Deus, por Sua graça e são liberados. Então a Mãe Divina bate palmas de alegria e exclama: "Bravo! Lá vão eles!"

Hari: "Mas este jogo de Deus é nossa morte."

Mestre (*sorrindo*): "Por favor diga-me quem é você. Somente Deus é que Se tornou tudo isso – maya, universo, seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. 'Como serpente mordo, como encantador, curo.' É o Próprio Deus quem Se tornou tanto vidya como avidya. Ele permanece iludido pela maya de avidya, ignorância. Assim também, com a ajuda do guru, ele fica curado pela maya de vidya, Conhecimento.

---

[6] Referência à seguinte história, que Shri Ramakrishna muitas vezes contou aos seus devotos. Havia um sannyasi que apenas tinha dois pares de tanga. Um dia um camundongo roeu uma delas. O santo teve que arrumar um gato para proteger suas tangas do rato, mas logo teve que conseguir uma vaca para fornecer leite ao gato. Mais tarde teve de contratar um empregado para tomar conta da vaca. Gradualmente aumentou o número de vacas. Adquiriu pastos e uma fazenda. Teve que ter vários servos. Assim, ao longo do tempo, tornou-se um proprietário de terras. E por fim, teve que arrumar uma esposa para tomar conta de sua grande casa. Certa vez aconteceu que um de seus amigos, também monge, foi visitá-lo e ficou surpreso em ver a sua situação modificada. Quando perguntado sobre isso, o santo respondeu: "Tudo isso por causa de uma tanga!"

"Ignorância, Conhecimento e Sabedoria Perfeita. O jnani vê que somente Deus existe e que é Aquele que faz, cria, preserva e destrói. O vijnani vê que é Deus quem Se tornou tudo isto.

"Depois de atingir mahabhava e prema, compreende-se que somente Deus existe. Bhakti empalidece ante bhava. Bhava amadurece em mahabhava e prema.

(*A Bannerji*): "Você ainda ouve aquele som semelhante ao gongo durante a meditação?"

Bannerji: "Sim, senhor, diariamente. Além disso tenho visões da forma de Deus. Estas coisas acabam depois que a mente as tenha experimentado?"

Mestre: "Verdade. Uma vez que o bosque pega fogo, não pode ser apagado. (*Aos devotos*) Ele conhece muitas coisas sobre fé."

Bannerji: "Possuo muita fé."

Mestre: "Traga as senhoras de sua família com as de Balaram."

Bannerji: "Quem é Balaram?"

Mestre: "Você não conhece Balaram? Ele mora em Bosepara."

Sri Ramakrishna gostava de pessoas puras. Narendra Bannerji era absolutamente puro. O Mestre também amava Niranjan[7], porque também era sem mácula.

Mestre (*a M.*): "Por que lhe peço ver Niranjan? É para descobrir se é realmente puro."

Domingo, 25 de maio de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado na plataforma de cimento que circunda o velho baniano no Panchavati. Vijay, Surendra, Bhavanath, Rakhal e outros devotos estavam presentes, uns sentados com Mestre na plataforma, o resto no chão, embaixo. Os devotos haviam pensado em comemorar o aniversário do Mestre, mas isto teve que ser adiado por causa de sua doença. Visto que Shri Ramakrishna agora estava se sentindo melhor, os devotos desejavam fazer a celebração naquele dia. Uma famosa cantora iria entretê-los com canções devocionais.

Era uma hora da tarde. M. estivera procurando Shri Ramakrishna no quarto do Mestre, não o encontrando ali, foi ao Panchavati e ansiosamente perguntou aos devotos: "Onde está ele?" M. estava de pé defronte ao Mestre, mas na sua agitação, não o havia visto. Os devotos riam às gargalhadas. Pouco depois, M. viu Shri Ramakrishna e sentiu-se muito embaraçado. Prosternou-se ante o Mestre, sentado olhando para o sul e sorrindo, feliz. Kedar e Vijay estavam sentados à sua esquerda. Estes dois devotos haviam recentemente tido um desentendimento quando Kedar cortou relações com o Brahmo Samaj.

Mestre (*a M. com um sorriso*): "Viu como os uni?"

O Mestre havia trazido uma trepadeira madhavi de Vrindavan, em 1868 e a havia plantado no Panchavati. A trepadeira cresceu grande e forte. Algumas crianças saltavam e balançavam-se nos seus galhos. O Mestre observou-as e riu. Disse: "São como macaquinhos. Não deixam de se balançar mesmo que, às vezes, caiam no chão. Vendo que Surendra estava de pé diante dele, o Mestre disse-lhe afetuosamente: "Suba e sente-se conosco na plataforma. Assim você poderá balançar seus pés à vontade." Surendra subiu e sentou-se. Bhavanath estava de paletó. Surendra disse-lhe: "Você vai para a Inglaterra?"

Mestre (*sorrindo*): "Deus é a nossa Inglaterra. De vez em quando eu costumava tirar minhas roupas e andar nu. Uma vez Sambhu disse-me: 'É muito cômodo andar nu. É por isso que o senhor faz Certa vez eu mesmo fiz."

Surendra: "Voltando do escritório, enquanto tiro o paletó e as calças, falo à Mãe Divina, 'Ó Mãe, quão apertadamente tu me ataste ao mundo!'

Mestre: "Há oito grilhões com os quais o homem está atado: vergonha, ódio, medo, orgulho de casta, indecisão, dissimulação etc."

Shri Ramakrishna cantou:

> Mãe, este é o pesar que dolorosamente aflige meu coração.
> Que mesmo tendo-Te como Mãe, e embora esteja totalmente desperta,
> Houve roubo em minha casa.

[7] Jovem discípulo do Mestre, mais tarde, monge com o nome de Swami Nirajananda.

Continuou:

> No movimentado mercado, ó Shyama, Tu és as pipas flutuantes,
> Alto, elas voam ao sabor da esperança, presas pela linha maya.
> Suas molduras são esqueletos humanos, suas velas são feitas dos três gunas.
> Mas todo o seu trabalho é simplesmente para enfeite.
> Mas no barbante das pipas, Tu passaste pasta de manja do mundanismo.
> A fim de tornar cada fio mais cortante e forte.
> Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo, ficam livres;
> E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!
> Sob ventos favoráveis, diz Ramprasad, os papagaios afrouxados serão rapidamente
> Levados para o Infinito, atravessando o mar do mundo.

Mestre: " 'A linha de maya' significa mulher e filhos."

> Mas no barbante das pipas, Tu passaste a pasta de manja do mundanismo.

"'Mundanismo' quer dizer 'mulher e ouro'.

"Os três gunas – sattva, rajas e tamas – mantêm os homens sob seu domínio. São como três irmãos. Enquanto sattva existir, ele chamará rajas por ajuda e rajas pode obter ajuda de tamas. Os três gunas são também ladrões: Tamas mata e rajas prende. Sem dúvida, sattva livra o homem de seus grilhões, mas não pode levá-lo a Deus."

Vijay (*sorrindo):* "Porque sattva também é um ladrão."

Mestre (*sorrindo*): "Verdade. Sattva não pode levar o homem a Deus, mas mostra-lhe o caminho."

Bhavanath: "Estas são certamente, palavras maravilhosas."

Mestre: "Sim, é um pensamento elevado."

Ouvindo estas palavras do Mestre, os devotos ficaram felizes.

Mestre: " 'Mulher e ouro' são a causa da escravidão. Somente 'mulher e ouro' constituem samsara, o mundo. É 'mulher e ouro' que impedem uma pessoa de ver Deus. (*Levantando uma toalha defronte do rosto*). Você ainda vê meu rosto? Claro que não. A toalha o esconde. Logo que o véu de 'mulher e ouro' é removida, atinge-se Chidananda, Consciência e Bem-aventurança.

"Vou dizer-lhes dizer uma coisa. Aquele que renunciou ao prazer de uma esposa, realmente renunciou ao prazer do mundo. Deus está muito perto desta pessoa."

Os devotos escutavam estas palavras em silêncio.

Mestre (*a Kedar, Vijay e outros devotos*): "aquele que renunciou ao prazer de uma esposa realmente renunciou ao prazer do mundo. É 'mulher e ouro' que escondem Deus. Vocês, pessoas com bigodes respeitáveis, também estão envolvidos em 'mulher e ouro'. Digam-me se não é verdade. Busquem em seu coração e respondam-me."

Vijay: "Sim, é verdade."

Kedar permaneceu em silêncio.

Mestre: "Vejo que tudo está sob controle da mulher. Um dia fui à casa do Capitão. Dali, para a casa de Ram. Disse ao Capitão, 'Pague-me a carruagem'. Ele consultou a esposa sobre isso. Ela pensou e disse: 'O que há?' Por fim o Capitão disse: 'Ram tomará conta disso'. Veja o *Gita*, o *Bhagavata* e a *Vedanta*, todos curvam-se ante uma mulher." (*Todos riem*).

"Um homem deixa o dinheiro, a propriedade e tudo nas mãos da esposa, mas diz com uma simplicidade afetada, 'Possuo uma natureza tal que não posso guardar comigo nem duas rupias'.

"Um homem foi ao escritório à procura de trabalho. Embora houvesse muitas vagas, o gerente não atendeu ao seu pedido. Um amigo disse-lhe: 'Peça a Golapi e terá o emprego'. Golapi era a amante do gerente.

"Os homens não dão conta o quanto são arrastados para baixo pelas mulheres. Uma vez fui ao Forte numa carruagem, todo o tempo com a sensação de que estava percorrendo um caminho plano. Por fim percebi que havia descido quatro andares. Era uma ladeira.

"Um homem possuído por um espírito, ignora que esteja sob seu controle. Pensa que está perfeitamente normal."

Vijay (*sorrindo*): "Mas ele pode ser curado por um exorcista se encontrar um exorcista."

Em resposta a Vijay, Shri Ramakrishna apenas disse, "Isto depende da vontade de Deus". Continuou a conversa sobre mulheres.

Mestre: "Cada pessoa com quem falo diz, 'Sim, senhor, minha esposa é boa'. Ninguém diz que a esposa é má. (*Todos riem*). Aqueles que constantemente vivem com 'mulher e ouro', são tão infantados disso, que não vêem as coisas de forma correta. Os jogadores de xadrez com freqüência não podem ver o movimento mais correto para suas peças no tabuleiro, mas aqueles que observam o jogo à distância podem entender os movimentos mais acuradamente.

"Mulher é a personificação de maya. Em seu hino a Rama, Narada disse: 'Ó Rama, todos os homens são parte de Ti. Todas as mulheres são parte de Sita, a personificação de Tua maya. Peço dignar-Te conceder-me que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus e que não seja iludido pela Tua maya sedutora. Não desejo outro favor além desse'."

O irmão mais jovem de Surendra e seus sobrinhos estavam presentes. O irmão trabalhava num escritório e um dos sobrinhos estudava direito.

Mestre (*aos parentes de Surendra*): "Meu conselho a vocês é que não se apeguem ao mundo. Veja, Rakhal hoje compreende o que é conhecimento e o que é ignorância. Pode discriminar entre o Real e o irreal. Por isso digo-lhe: 'Vá para casa. Pode vir aqui de vez em quando e passar um ou dois dias comigo'.

"Cultivem um relacionamento amigável entre vocês. Isto será para seu bem e tornará todos felizes. No teatro a apresentação vai bem se os músicos cantarem em uníssono. Isto alegra os corações do auditório.

"Façam os deveres mundanos com uma parte da mente e dirijam a maior parte dela para Deus. Um sadhu deve pensar em Deus com três quartos da mente e com um quarto deve cumprir suas obrigações. Deve estar muito alerta com as coisas espirituais. A serpente possui uma grande sensibilidade na cauda. Todo seu corpo reage quando se fere esta região de seu corpo. De forma semelhante a vida de um sadhu fica afetada quando sua espiritualidade for tocada."

Shri Ramakrishna ia para o bosque de pinheiros e pediu a Gopal de Sinthi para levar o guarda-chuva ao seu quarto. Organizou-se o kirtan no Panchavati. Quando o Mestre voltou, de novo sentou-se entre os devotos e a musicista começou a cantar. De repente uma tempestade caiu. O Mestre voltou ao quarto com os devotos e a musicista acompanhou-os para cantar.

Mestre (*a Gopal*): "Trouxe o guarda-chuva?"

Gopal: "Não, senhor. esqueci-me completamente enquanto ouvia a música."

O guarda-chuva havia ficado no Panchavati. Gopal apressou-se a ir buscá-lo.

Mestre: "Em geral sou descuidado, mas não a tal ponto. Rakhal também, é muito descuidado. Referindo-se à data de um convite, disse 'o décimo primeiro', em vez de 'o décimo terceiro'. E Gopal pertence a um rebanho de vacas." [8]

A musicista entoou uma canção a respeito da vida monástica de Chaitanya. De vez em quando improvisava versos: "Ele não olhará para uma mulher, porque isto é contra o dever de um sannyasi." "Ansioso por retirar o pesar dos homens, não olhará para uma mulher", porque, de outro modo. o nascimento do Senhor como Sri Chaitanya teria sido em vã.

O Mestre levantou-se assim que ouviu o mencionar a renúncia de Chaitanya e entrou em samadhi. Os devotos colocaram grinaldas de flores em volta do pescoço dele. Bhavanath e Rakhal sustentaram seu corpo para que não caísse. Vijay, Kedar, Ram, M., Latu e os outros devotos ficaram à sua volta, em círculo, recordando uma das cenas do kirtan de Chaitanya.

O Mestre, gradualmente, desceu ao plano dos sentidos. Falava com Krishna, de vez em quando, pronunciando a palavra "Krishna". Não podia claramente, devido à intensidade de

[8] Há um trocadilho com a palavra Gopal, que também, significa "rebanho de vacas".

sua emoção espiritual. Disse: "Krishna! Krishna Satchidananda! Atualmente não vejo Tua forma. Agora Te vejo tanto no teu interior, quanto no teu exterior. Vejo que foste Tu quem Te tornaste o universo, todos os seres vivos, os vinte e quatro princípios cósmicos e tudo o mais. Somente Tu Te tornaste o universo, todos os seres vivos, os vinte e quatro princípios cósmicos e tudo o mais. Somente Tu Te tornaste mente, inteligência, tudo. Diz-se no 'Hino de Saudação ao Guru'; 'Inclino-me ante o Guru pela graça de quem realizei Aquele que permeia o indivisível universo de tudo que é animado e inanimado.

"Somente Tu és o Indivisível. Também, Tu penetras o universo de tudo que é animado e inanimado. Tu és verdadeiramente o universo múltiplo; também, somente Tu és sua base. Ó Krishna! Tu és minha vida. Ó Krishna! Tu és minha mente! Ó Krishna! Tu és minha inteligência. Ó Krishna! Tu és minha alma, Ó Govinda! Tu és meu alento. Tu és minha própria vida."

Vijay também estava em êxtase. O Mestre perguntou-lhe: "Meu caro senhor, o senhor também ficou inconsciente?" "Não, senhor", disse Vijay humildemente.

"A música continuava. A musicista entoava sobre o amor que nada vê, a não ser Deus. Improvisou os versos:

> Bem-amado de minha alma! Dentro da câmara do meu coração
> Eu Te guardaria dia e noite!

O Mestre novamente entrou em samadhi. O braço machucado descansava no ombro de Bhavanath.

Shri Ramakrishna voltou parcialmente à consciência exterior. A musicista improvisou:

> Por aquele que por Ti tudo abandonou
> Tem que suportar tanto sofrimento?

O Mestre inclinou-se ante a musicista, sentando-se para ouvir a música. vez em quando ficava fora da consciência normal. Quando a cantora acabou, Shri Ramakrishna começou a conversar com os devotos.

Mestre (*a Vijay e outros*): "O que é prema? Aquele que o sente, esse intenso amor por Deus, não somente esquece o mundo, mas esquece o corpo, que é tão caro a todos. Chaitanya experimentou-o."

O Mestre explicou, com uma canção que descreve o estado extático de prema:

> Ó quando irá raiar o dia abençoado
> Quando lágrimas de alegria cairão dos meus olhos.
> Quando eu repetir o nome do Senhor Hari? ...

O Mestre começou a dançar e os devotos juntaram-se a ele. Pegou M. pelo braço e levou-o até o círculo. Assim dançando, Shri Ramakrishna entrou novamente em samadhi. Em pé, transfigurado, parecia um quadro. Kedar repetia o hino abaixo, objetivando trazer a mente de volta do plano de samadhi.

> Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração.
> O Indiferenciado. Aquele que é adorado por Hari, Hara e Brahma;
> Que é alcançado pelos yogis nas profundezas de sua meditação.
> Aquele que afugenta o medo do nascimento e a morte.
> A essência do Conhecimento e da Verdade, a Semente Primordial do mundo.

Shri Ramakrishna gradualmente, voltou ao plano de consciência normal. Sentou-se e cantou os nomes de Deus, "Om Satchidananda! Govinda! Govinda! Govinda! Yogamaya! Bhagavata-Bhakta-Bhagavata!"

O Mestre tomou a poeira do lugar onde o kirtan fora cantado e tocou o chão com a testa.

Um pouco mais tarde, Shri Ramakrishna estava sentado no pórtico de frente para o Ganges, os devotos sentados a seu lado. De vez em quando o Mestre exclamava, "Ah, Krishnachaitanya!" [9]

Mestre (*a Vijay e outros*): "Tem havido muito canto do nome do Senhor, neste aposento. É por esta razão que a atmosfera tornou-se tão intensa."

Bhavanath: "Palavras de renúncia, também."

O Mestre disse: "Ah, que emocionante!" Cantou a respeito de Gauranga e Nityananda.

Gaur outorga o Néctar de prema;
Jarro atrás de jarro ele o despeja;
E contudo não em fim!
O dulcíssimo Nitai chama a todos;
O Bem-Amado Gora os pede para vir.
Shantipur está quase afogada.
E Nadia[10] está inundada de prema!

Mestre (*a Vijay e outros*): "A cantora disse corretamente: 'Um sannyasi não deve olhar para mulher'. Este é o dharma do sannyasi. Que ideal elevado!"

Vijay: "Sim, certamente, senhor."

Mestre: "Outros aprendem pelo exemplo do sannyasi. É por isso que tais regra estritas são prescritas para ele. Um sannyasi não deve olhar nem mesmo para o retrato de uma mulher. Que regra restrita! Está prescrito para o culto da Mãe Divina, a matança de uma cabra negra se tiver a menor ferida, não pode ser oferecida. Um sannyasi não deve ter relação sexual com uma mulher, nem olhar para ela.

Vijay: "O jovem Haridas conversou com uma devota. Por esta razão, Chaitanya o desterrou de sua presença."

Mestre: "Um sannyasi associado a 'mulher e ouro' é como uma linda donzela com mau cheiro. O mau cheiro torna sua beleza inútil.

"Certa vez um devoto Marwari quis dar-me dinheiro. Mathur quis dar-me terras, mas não pude aceitar nem uma coisa nem outra.

"As regras para a vida de um sannyasi são realmente muito estritas. Se um homem toma a roupa de um sannyasi, deve agir exatamente como tal. Já reparou que no teatro o homem que faz o papel de rei atua como rei e o homem que faz o papel de ministro, atua como ministro?

"Mas ao atingir o estado de paramahamsa, uma pessoa torna-se como uma criança. Uma criança de cinco anos desconhece a diferença entre o homem e uma mulher, mas mesmo um paramahamsa tem que tomar cuidado para não dar um mau exemplo aos outros."

Referindo-se à associação de Keshab com 'mulher e ouro', o que constitui um entrave a seu trabalho como instrutor espiritual, Sri Ramakrishna disse a Vijay: 'Ele – compreende'?"

Vijay: "Sim, senhor."

Mestre: "Não pôde alcançar muito, porque queria atender aos dois – Deus e o mundo."

Vijay: "Chaitanya disse a Nityananda: 'Nitai, não serei capaz de fazer algum bem às pessoas a não ser que renuncie ao mundo. Todos me imitarão e quererão levar uma vida de chefe de família. Ninguém vai tratar de dirigir sua mente inteira para os Pés de Lótus de Deus, renunciando a 'mulher e ouro'."

Mestre: "Sim, Chaitanyadeva renunciou ao mundo a fim de dar exemplo à humanidade."

"O sannyasi deve renunciar a 'mulher e ouro' para seu próprio bem-estar. Mesmoo que for desapegado e em conseqüência, fora de perigo , não deve manter 'mulher e ouro' perto dele, para servir de exemplo aos outros. O sannyasi, homem de renúncia, é um mestre do mundo. É seu exemplo que desperta a consciência espiritual dos homens."

Era quase hora do crepúsculo. Os devotos saudaram o Mestre e despediram-se.

[9] Um dos nomes de Chaitanya.

[10] Shatipur e Nadia são lugares associados com Chaitanya.

CAPÍTULO 23

FESTIVAL NA CASA DE SURENDRA

Domingo, 15 de junho de 1884

SHRI RAMAKRISHNA chegou pela manhã, na chácara de Surendra, um dos seus amados discípulos chefes de família, na vila de Kankurgachi, perto de Calcutá. Surendra o convidara e outros devotos, para um festival religioso.

Ocasiões como esta eram motivo de grande felicidade e regozijo para os devotos do Mestre que entrava no mais elevado estado. Juntava-se aos outros na música sacra e canto dos nomes de Deus, entrando em êxtase com muita freqüência. Derramava toda sua alma em conversas inspiradas, explicando as várias etapas da Consciência de Deus. As impressões destes festivais permaneciam na mente de todos, durante muitos dias.

Os devotos faziam filas no interior do grande vestíbulo da chácara, para ouvirem os cantores profissionais. O chão do quarto estava coberto por um tapete sobre o qual havia sido estendido um lençol branco. Alguns rolos, travesseiros e almofadas estavam espalhados aqui e ali.

Os músicos cantavam episódios da vida de Shri Krishna, sobretudo os associados ao Seu amor divino, pelas gopis de Vrindavan. Era um tema que sempre atraía o Mestre, levando-o ao êxtase.

Krishna, o Deus Encarnado, passou a infância em Vrindavan como pastor. Cuidava das Suas vacas nos verdes campos ao longo das margens do Jamuna, tocando Sua flauta. As pastoras não podiam resistir à força de Sua atração divina. Ao som de Sua flauta, largavam todas as obrigações domésticas e iam para a margem do rio sagrado. Seu amor por Krishna havia destruído sua atração pelas coisas do mudo. Nem as ameaças dos parentes, nem a crítica dos outros podiam fazê-las desistir da companhia de Krishna. No amor das gopis por Krishna não havia o menor traço de mundanismo. Era a atração inata de Deus pelas almas puras, como o ímã pelo ferro. O autor do *Bhagavata* comparou este sentimento ao amor que tudo consome, de uma mulher por seu bem-amado. Ante o eclodir deste amor, todas as barreiras entre o homem e Deus são varridas. O devoto se refugia completamente no Divino Bem-amado e por fim, torna-se uno com Ele.

Radha foi a mais importante das gopis e Krishna seu principal parceiro. Ela sentia um anelo indescritível de se unir a Ele. A separação de Krishna, fosse por um momento subjugava seu coração e alma. Em muitas noites de lua cheia Krishna dançou com Radha e as gopis nos sagrados bosques de Vrindavan e, em tais ocasiões, as gopis experimentavam o mais elevado êxtase espiritual. Com a idade de onze anos Krishna foi chamado para Se tornar rei de Mathura. Deixou as gopis, prometendo-lhes, contudo, Sua visão divina sempre que elas se concentrassem n'Ele em seus corações.

Por séculos e séculos, os amantes de Deus na Índia, vêm adorando o Divino, recriando em si mesmos, outra vez, o anelo das gopis por Krishna. Muitas das canções folclóricas da Índia têm como tema, esse doce episódio da vida de Krishna. Shri Chaitanya reviveu esta fase da vida religiosa hindu por sua prática espiritual e suas visões divinas. Em sua música Chaitanya assumia o papel de Radha e manifestava o anelo de se unir a Krishna, olhando-se como uma das gopis ou como serva de Deus.

Na chácara de Surendra o kirtan começara bem cedo pela manhã. Os músicos cantavam o amor de Krishna e Radha. O Mestre com freqüência entrava em samadhi. O quarto estava cheio de devotos como Bhavanath, Niranjan, Rakhal, Surendra, Ram e M. e membros do Brahmo Samaj.

De acordo com o costume o kirtan começou com uma canção introdutória sobre Gauranga. Gauranga abraçou a vida monástica. Está sendo consumido pelo intenso desejo de ter a visão de Krishna. Deixa Navadvip e sai como monge errante, à procura de seu Bem-amado.

Seus devotos, não agüentando a dor da separação, choram amargamente e imploram a Gauranga para voltar.

O músico cantou:

O Gaur, retorne a Nadia!

Em seguida o músico cantou a angústia de Radha com a separação de Krishna. Enquanto Shri Ramakrishna ouviu a canção, pôs-se subitamente de pé. Assumindo o estado de Radha cantou de improviso, com a voz tomada de pesar. "Ó amiga, traga aqui meu amado Krishna ou leve-me até Ele." Assim cantando, quase se perdeu completamente em Radha e não pôde continuar a canção. Ficou sem fala, o corpo imóvel, os olhos semicerrados, a mente totalmente inconsciente do mundo exterior. Estava em samadhi profundo.

Depois de um longo período, retomou à consciência normal falando com uma voz que partia o coração: "Ó amiga, leve-me para meu amigo Krishna e torne-me Sua eterna escrava. Serei sua serva para sempre. Amiga, foi você quem me ensinou a amar Krishna. Ó Krishna! Ó Bem-amado de minha alma!"

Os músicos profissionais continuaram a canção. Assumiram o papel de Radha, cantando como se ela estivesse conversando com a amiga: "Ó amiga, não voltarei ao Jamuna para pegar água. Uma vez vi meu amado Amigo, sob a árvore kadamba. Sempre que passo por ali, fico tomada de emoção."

De novo o Mestre entrou em êxtase. Com um suspiro disse, "Ai de mim! Ai de mim!"

A canção continuava. Radha diz:

Até o desejo da presença de Krishna
Esfriou e refrescou meu corpo febril.

De vez em quando os músicos improvisavam versos dando continuidade à atitude de Radha. "Ó amigas, esperem. Mostrem-me Krishna, meu Bem-amado." Novamente: "Não se preocupem com minhas jóias. Perdi a Jóia mais preciosa." De novo: "Meu Deus! Estou passando por dias amargos. Meus dias felizes acabaram. Finalmente: "Como dura este tempo infeliz!"

Shri Ramakrishna improvisou um verso: "Passou tanto tempo! Será que dias melhores virão para mim?" Os músicos improvisaram: "Quanto tempo passou! Será que dias melhores virão para mim?"

Os músicos cantaram as palavras de Radha à amiga:

Ó amiga, estou morrendo! Com certeza morrerei.
A angústia de estar separada
De Krishna está além do que posso suportar.
Meu Deus! Para quem deixarei
Meu tesouro[1] inestimável! Quando estiver morta
Suplico, não queime o meu corpo;
Não o atire ao rio.
Veja que não seja dado às chamas.
Não o jogue na água.
Neste corpo diverti-me com Krishna.

Prenda minha forma sem vida, suplico
Aos ramos da negra tamala;
Amarre-a à árvore tamala.
Ao tocar a tamala ela se torna negra.
Krishna é negro e negra é a tamala.
Negro é a cor que amo.
Amei-a desde minha tenra infância.
Ao negro Krishna, pertence meu copo.

[1] Krishna

Não o deixe ficar diferente do negro!

Radha chega à sua maior emoção. Desmaia.

Radha caiu no chão.
Ali está perdida para o exterior.
Repetindo o nome precioso de Krishna,
Imediatamente fecha ambos os olhos.
Ah, será que o drama chegou ao fim?
O que a entristece, Ó alegria de Krishna!
Há somente um momento atrás você falou.

Suas amigas, untando a forma de Radha
Com pasta de sândalo fresca e suave,
Tentam trazê-la de volta à terra.
Algumas choravam com amargo pesar;
Não podem suportar vê-la morrer.
Algumas aspergem água em seu rosto;
Talvez ela reviva novamente!
Mas, Ó, pode a água trazer à vida
A alguém que morre de amor por Krishna?

As amigas de Radha cantam em seu ouvido, o suave nome de Krishna. Isto a traz de volta à consciência parcial. Olha a árvore negra tamala, imaginando que Krishna estivesse de pé, diante dela.

O nome de Krishna restaura sua vida.
Uma vez mais olha em volta,
Mas não pode ver o rosto de Krishna.
Meu Deus, como ela chora amargamente!
"Onde está meu Krishna? Onde está Aquele
Cujo nome vocês cantaram em meus ouvidos?
Tragam-no a mim uma vez mais!"

Ao ver a árvore tamala negra,
Ela olha-a fixamente e grita:
"Ali está Seu penacho! Veja-o bem!
Ali está o penacho do meu querido Krishna!"
Mas somente um pavão ela viu,
Cujas penas brilhantes tomou por engano
Pela linda pena do penacho de Krishna.

Krishna foi para Mathura, a fim de assumir seus deveres reais. Despojou-Se das roupas de pastor, da flauta e colocou Suas vestimentas reais. As amigas de Radha, depois de uma consulta apressada entre si, enviaram uma gopi a Mathura. Encontra-se com uma mulher da cidade, de sua idade, que lhe pergunta de onde ela vem.

A amiga de Radha diz: "Não tenho que chamar Krishna. Ele Próprio virá até mim." Não obstante segue a mulher de Mathura e vai até o palácio de Krishna. Na rua chora, tomada de tristeza e ora a Krishna: " Ó Hari, onde estás? Ó vida das gopis! Encantador de nossos corações! Ó Bem-amado de Radha! Ó Hari, Aquele que remove a vergonha de Seus devotos! Vem uma vez mais! Com grande orgulho disse a todos de Mathura que Tu virias a mim. Por favor, não me humilhes."

Com desdém, diz a mulher de Mathura.
" Ó, você é somente uma simples pastora!
Como pode ir ver nosso Rei,
Nosso Krishna, com seus andrajos de mendiga?

Atrás das sete portas está Sua câmara.
Você não pode entrar. Como pode ir?
Morro de vergonha ao ver sua ousadia.
.
Diga-me, como conseguiu entrar?

Diz a gopi: "Krishna! Bem-amado!
Alma das gopis! Onde estás Tu?
Vem a mim e salva minha vida.
Onde estás Tu, Alma adorável das gopis?
Vem a mim, Senhor de Mathura!
E salva a vida de Tua serva pesarosa.
Ah, onde estás Tu, Bem-amado de Radha?
Senhor de nossos corações e Amigo de nossas almas!
O Hari, Destruidor de nossa vergonha!
O tesouro inestimável das gopis!
Vem para Tua serva e salva sua honra."

Assim a mensageira chora e chama por Krishna.

Quando os músicos cantaram, "Onde estás Tu, adorável Alma das gopis?" o Mestre entrou em samadhi. Quando a música aproximava-se do fim, os músicos cantaram mais alto e Sri Ramakrishna estava de pé, novamente em samadhi profundo. Retomando a consciência parcial, disse com uma voz mal articulada, "Kitna! Kitna!" estava por demais tomada de emoção, para pronunciar o nome de Krishna corretamente.

O kirtan chegara ao fim. Ao reencontro de Radha e Krishna, o Mestre cantou com os músicos, ele mesmo compondo os versos:

Olhe, Radha está ao lado de Krishna;
Em Seu peito reclina
Contemple-a à Sua esquerda.
Como uma trepadeira dourada enlaçando
Uma árvore tamala negra!

À medida que a música chegava ao fim, o Mestre puxava o coro. Todos cantaram juntos, acompanhados por tambores e pratos. Salve Radha e Krishna! Santificados sejam os nomes de Radha e Krishna!" Os devotos sentiram uma onda de emoção divina e dançaram em volta do Mestre que também dançou em êxtase. Os nomes de Deus ecoaram e tornaram a ecoar na casa e no jardim.

Depois da música o Mestre sentou-se com os devotos. Foi então que Niranjan chegou e prosternou-se diante dele. À vista deste amado discípulo, o Mestre levantou-se, olhos brilhando e rosto sorridente e disse: "Você também veio (*A M.*): Veja, este rapaz é absolutamente puro. Não se pode ser puro sem muita disciplina espiritual em nascimentos anteriores. Mente hipócrita e calculista jamais poderá alcançar Deus.

"Não vê que Deus só Se encarna em famílias onde há pureza? Quão puro foi Dasaratha! Assim o era Nanda, pai de Krishna. Há um ditado: 'Que homem puro ele é! É como Nanda!'

(*A Niranjan*): "Sinto como se um véu negro cobrisse meu rosto. É porque você aceitou um trabalho num escritório. Ali fazem-se cálculos. Além do mais, deve-se atender a muitas outras coisas e isto mantém a mente sempre ocupada com preocupações. Você está trabalhando num escritório como qualquer outra pessoa do mundo, mas há uma pequena diferença, já que você ganha dinheiro para sua mãe. Deve-se mostrar o mais alto respeito pela mãe, pois ela é a personificação da Bem-aventurada Mãe do Universo. Se você tivesse aceitado o trabalho para o bem de sua esposa e filhos eu lhe teria dito: 'Que fiasco! Vergonha! Mil vergonhas!'

(*A Mani Mallick, mostrando Niranjan*) "Olhe este rapaz. É absolutamente puro, mas tem um defeito: ultimamente não tem sido muito veraz. No outro dia disse que breve viria me

visitar novamente, mas não veio. (*A Niranjan*): É por isso que Rakhal perguntou-lhe porque você não veio ver-me, enquanto estava em Ariadaha, tão perto de Dakshineswar."

Niranjan: "Fiquei lá somente dois dias."

Mestre (*a Niranjan, apontando para M.*): "Ele é diretor de uma escola. A meu pedido foi ver você. (*A M.*) "Você enviou-me Baburam no outro dia?"

O Mestre foi ao aposento contíguo e ali conversou com alguns devotos.

Mestre (*a M.*): "Ah! Que maravilhoso era o anelo das gopis por Krishna! Eram tocadas pela loucura divina, assim que viam a árvore tamala negra. A separação de Krishna criava um tal fogo de angústia, no coração de Radha, que até secava as lágrimas dos olhos! Suas lágrimas desapareciam em forma de vapor. Havia outras vezes em que ninguém podia notar a profundidade de seu sentimento. As pessoas não notam o mergulho de um elefante num grande lago."

M.: "Sim, senhor, é verdade. Chaitanya, também, experimentou um sentimento semelhante. Confundiu uma floresta com o bosque sagrado de Vrindavan e a água escura do oceano, com o azul Jamuna."

Mestre: "Ah! Se alguém pudesse ter pelo menos uma partícula de tal prema! Que anseio! Que amor! Radha possuía não somente cem por cento de amor divino, mas cento e vinte e cinco por cento. Isto é o que significa estar intoxicado de amor por Deus. A conclusão é que um homem deve amar Deus, sentir angústia por Ele. Não importa se acredita em Deus com forma ou sem forma. Pode ou não, acreditar que Deus encarna-Se como homem, mas O realizará se tiver este anelo. Então Ele Próprio lhe fará conhecer como Ele é. Se tiver que enlouquecer, por que o fará pelas coisas do mundo? Se tiver que enlouquecer fique louco somente por Deus."

Logo Shri Ramakrishna retornou para o vestíbulo principal da casa. Uma almofada foi colocado próximo a ele. Antes de tocá-la disse, Om Tat Sat [2]. Talvez a almofada tenha sido usada por pessoas mundanas e esta tenha sido a maneira que ele utilizou para purificá-la. Bhavanath, M. e outros devotos sentaram-se perto dele. Já era tarde mas não havia indicação de que a refeição is ser servida. O Mestre ficou impaciente, como uma criança e disse: "Não vejo sinal de comida. O que houve? Onde está Narendra?"

Um devoto (*sorrindo*): "Senhor, Ram Babu é o dono da festa. É quem supervisiona tudo."

Mestre (*sorrindo*): "Ah! Ram é o dono. Então sabemos o que nos espera."

Um devoto: "Coisas como esta acontecem quando ele é o supervisor." (*Todos riem*).

Mestre (*aos devotos*): "Onde está Surendra? Que bela disposição ele tem agora. É muito sincero, não tem medo de falar a verdade. É ilimitado em sua generosidade. Ninguém que lhe pede ajuda sai de mãos vazias. (*A M.*). Foi ver Bhagavan Das? [3] Que tipo de homem ele é?"

M: "Está muito velho agora. Vi-o em Kalna. Era noite. Estava deitado lendo o *Bhagavata*, que um homem que viu Deus comporta-se às vezes como uma coisa inerte e, às vezes, como um louco."

Mestre: "O homem que viu Deus torna-se como uma criança. Está além dos três gunas; é desapegado para qualquer um deles. Comporta-se como um fantasma, porque mantém a mesma atitude em relação às coisas santas ou não. Assim também, como um louco, às vezes ri, às vezes, chora. Agora veste-se como uma pessoa sofisticada para, em seguida, sair completamente nu, com a roupa debaixo do braço. Por isso, parece um lunático. Assim também, há vezes em que se senta imóvel, como uma coisa inerte."

Devoto: "O ego desaparece totalmente com a realização de Deus?"

Mestre: "Sim, mas às vezes Deus apaga totalmente o ego de Seu devoto, como no estado de samadhi, mas em muitos casos, Ele mantém vestígios de ego, mas este ego não fere ninguém. É como o ego de uma criança. Uma criança de cinco anos, sem dúvida, diz 'eu', mas esse ego não fere ninguém. Ao toque da pedra filosofal, o aço transforma-se em ouro; a espa-

[2] Fórmula sagrada da religião hindu, que significa: "O Senhor é a única Realidade".

[3] Grande devoto vaishnava.

da de aço transforma-se numa espada de ouro. A espada de ouro tem a forma de uma espada, sem dúvida, mas não pode ferir ninguém. Não se corta nada com uma espada de ouro.

(*A Pratap*): "Você esteve na Inglaterra. Diga-nos o que viu lá."

Pratap: "O povo inglês adora o que o senhor chama 'ouro'. Naturalmente que há pessoas boas na Inglaterra, que levam uma vida desapegada mas, em geral, encontra-se aí uma grande exibição de rajas em tudo. Vi a mesma coisa na América."

Mestre (*a Pratap*): "Não é somente na Inglaterra que se vê apego às coisas do mundo. Isto é visto em todos os lugares. Lembre-se que o trabalho é apenas o primeiro passo na vida espiritual. Deus não pode ser realizado sem sattva – amor, discriminação, bondade e assim por diante. Faz parte da natureza de rajas envolver o homem em muitas atividades mundanas. É por esta razão que rajas se degenera em tamas. Se um homem está envolvido em muitas atividades, certamente esquece-se de Deus. Torna-se cada vez mais apegado a 'mulher e ouro'.

"Mas não é possível para você desistir completamente do trabalho. Sua própria natureza o levará a isto quer goste ou não. Portanto, as escrituras pedem que se trabalhe com desapego, não desejando os resultados do trabalho. Por exemplo, pode-se fazer orações e culto e praticar austeridade, mas seu objetivo não é alcançar o reconhecimento das pessoas ou aumentar seu mérito.

"Trabalhar com desapego é conhecido como karmayoga. Mas isto é muito difícil. Estamos vivendo no Kaliyuga, quando facilmente nos tornamos apegados às nossas ações. Você pode pensar que está trabalhando com desapego, mas o apego se esgueira dentro da mente, de onde ninguém sabe. Você pode adorar no templo ou organizar um grande festival religioso ou alimentar muitos pobres famintos. Você pensa que fez tudo isso sem ansiar pelos resultados. Embora desconhecido para você mesmo o desejo por nome e fama de uma maneira ou outra intromete-se em sua mente. Desapego completo aos resultados das ações só é possível para aquele que viu Deus."

Um devoto: "Então qual é o meio para aquele que não tenha visto Deus? Deve abandonar todas suas obrigações do mundo?"

Mestre: "O melhor caminho para esta época é a bhakti yoga, o caminho de bhakti prescrito por Narada: cantar o nome e as glórias de Deus e orar a Ele com o coração anelante: 'Ó Deus, dá-me devoção e revela-Te a mim!" O caminho de karma é extremamente difícil. Portanto, deve-se orar: 'Ó Deus, diminui cada vez mais minhas obrigações e que eu possa por Tua graça fazer as poucas obrigações que Tu me dás sem qualquer apego a seus resultados! Que eu não possua qualquer desejo de ser envolvido em muitas atividades!'

Um devoto: "Os ingleses sempre nos exortam a nos manter ativos. Não é a ação o objetivo da vida?"

Mestre: "O objetivo da vida é alcançar Deus. Trabalho é apenas um passo preliminar; jamais pode ser o fim. Mesmo o trabalho sem apego é um meio, mas não é um fim.

"Sambhu Mallick uma vez disse-me: 'Por favor, abençoe-me, senhor, para que eu possa gastar todo o meu dinheiro com bons objetivos como construir hospitais e dispensários, estradas e cavar poços.' Disse-lhe: 'Seria bom que você fizesse todas essas coisas com desapego, mas isso é muito difícil. Qualquer coisa que você fizer, deve lembrar-se de que o objetivo da vida é alcançar Deus e não, construir hospitais e dispensários. Suponhamos que Deus lhe aparecesse diante de você e lhe dissesse: "Aceite uma graça Minha", você lhe pediria, 'Ó Deus, constrói para mim hospitais e dispensários?' Ou então, você oraria para Ele: "Ó Deus, que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus! Que eu possa ter Tua visão ininterrupta!" Hospitais, dispensários e todas essas coisas são irreais. Só Deus é real e tudo o mais, irreal. Além do mais, depois de realizar Deus, sente-se que somente Ele é Aquele que faz e nós, Seus instrumentos. Por que devemos esquecê-Lo e nos destruir, ao sermos envolvidos em tantas atividades? Depois de realizá-Lo, a pessoa pode, pela Sua graça, tornar-se Seu instrumento, nas construção de muitos hospitais e dispensários.'

"Portanto, repito que o trabalho é somente o primeiro passo. Nunca pode ser a meta da vida. Dedique-se à prática espiritual e vá em frente. Pela prática você se adianta cada vez mais

no caminho de Deus. Por fim, saberá que Deus é real e tudo o mais ilusório e que o objetivo da vida é alcançar Deus.

"Uma vez um lenhador entrou numa floresta para cortar madeira. Subitamente encontrou um brahmachari. O santo disse-lhe: 'Meu bom homem, vá em frente.' Voltando para casa, o lenhador disse a si mesmo, 'Por que será que o brahmachari disse-me para ir em frente?' Passou-se algum tempo. Certo dia lembrou-se das palavras brahmachari. Disse a si mesmo, 'Hoje entrarei mais profundamente na floresta.' Na floresta descobriu muitas árvores de sândalo. Ficou feliz e voltou carregado de madeira. Vendeu-a no mercado e ganhou muito dinheiro.

"Uns dias depois lembrou-se outra vez das palavras do santo para ir em frente. Entrou mais profundamente na floresta e descobriu uma mina de prata, perto de um rio. Isto estava mesmo além dos seus sonhos. Retirou a prata da mina cavando e vendeu-a no mercado. Obteve tanto dinheiro, que ele mesmo não sabia o quanto possuía.

"Passaram-se mais alguns dias. Um dia pensou: 'O brahmachari não me pediu para parar na mina de prata; disse-me para ir em frente.' Desta vez foi para o outro lado rio e encontrou uma mina de ouro. Aí exclamou: 'Ah veja! Foi por isso que ele me mandou ir em frente.'

"Novamente, depois de alguns dias foi ainda mais fundo na floresta e encontrou pilhas de diamantes e outras pedras preciosas. Apanhou-as e tornou-se tão rico como o próprio Deus da riqueza.

"Por isso digo, qualquer coisa que possa fazer, encontrará coisas cada vez melhores se for em frente. Pode sentir um pouco de êxtase, como resultado de japa, mas não conclua com isto que já atingiu tudo na vida espiritual. O trabalho não é, de maneira nenhuma, o objetivo da vida. Vá em frente e estará em condições de executar trabalho desapegado. Mas novamente digo que é muito difícil fazer um trabalho desapegado. Portanto, com amor e anelo em seu coração, ore a Deus, 'Ó Deus, concede-me devoção por Teus Pés de Lótus e diminui minhas obrigações mundanas. Concede-me por favor, a graça que as poucas obrigações que ainda tenho, sejam feitas com desapego.' Se for além, realizará Deus. Você O verá. Com o tempo conversará com Ele."

Em seguida a conversa girou em torno das brigas entre os membros do Brahmo Samaj. Haviam tido um desentendimento entre si a respeito do direito de pregar no templo, após a morte de Keshab.

Mestre (*a Pratap*): "Ouvi dizer que alguns membros do Samaj brigaram com você a respeito do altar, mas são as pessoas insignificantes – na verdade, ninguém.

(*Aos devotos*):"Pessoas como Pratap e Amrita são como conchas boas que produzem som alto. Quanto ao resto, sobre quem ouve-se falar muito, não produz som algum."(*Todos riem*).

Pratap: "Falando em som, até uma coisa sem valor como o caroço de manga, faz som!" [4]

Mestre (*a Pratap*): "Pode-se muito bem compreender o sentimento interior de um instrutor do seu Brahmo Samaj, ouvindo sua pregação. Certa vez fui ao encontro de um certo Hari Sabha. O pregador do dia era um pundit chamado Samadhyayi. Pode imaginar o que ele disse? No curso do sermão, falou: 'Deus é seco. Temos que torná-Lo doce e fresco com o nosso amor e devoção.' Fiquei estupefato ao ouvir estas palavras. Então lembrei-me de uma história. Certa vez um menino disse: 'Na casa de meu tio há muitos cavalos. Ó sim! Seu curral está cheio deles.' Agora, se se tratasse de curral, não se poderia manter cavalos ali. Provavelmente só havia lá, vacas. O que as pessoas pensam ao ouvir uma afirmação tão incoerente? Pensam que certamente não há tais animais, como um cavalo no curral! (*Risada*)

Um devoto: "É verdade, senhor, não somente não haveria cavalos, como possivelmente não haveria vacas!"(*Risada*).

Mestre: "Imaginem, descrever Deus, que é a própria natureza de Amor e Felicidade, como seco! Isto somente prova que o homem jamais havia experimentado como é Deus!

[4] O caroço partido de uma manga, a ponto de brotar, produz um som quando se sopra através dele.

(*A Pratap*) "Deixe-me dizer-lhe algo. Você é culto e inteligente e uma alma séria. Keshab e você eram como os dois irmãos, Gaur e Nitai. Vocês tiveram conferências, querelas, brigas, discussões e dessensões. Será que tais coisas ainda interessam a você? Agora junte a sua mente inteira e dirija-a para Deus. Mergulhe fundo em Deus."

Pratap: "Sim, o senhor está certo. Certamente esta é a minha única obrigação agora, mas estou fazendo todas essas coisas para perpetuar o nome de Keshab."

Mestre (*com um sorriso*): "Não há dúvida de que você diz que está fazendo isto para manter vivo o nome dele: mas dentro de alguns dias, não sentirá assim. Ouça uma história: um homem construiu uma casa numa colina. Era somente uma cabana de barro, mas havia tido muito trabalho com esta construção. Poucos dias depois houve uma grande tempestade e a cabana começou a desabar. O homem ficou muito ansioso para salvá-la e orou ao deus dos ventos. 'Ó deus dos ventos, não destruas a casa!' Mas o deus dos ventos não deu ouvidos à sua oração. A casa estava a ponto de ser destruída. Veio-lhe à cabeça um artifício. Lembrou-se que Hanuman era filho do deus dos ventos. Imediatamente começou a gritar com muita sinceridade: 'Ó reverenciado senhor, não ponha abaixo a minha casa. Ela pertence a Hanuman. Imploro-Te que a proteja'. Mas a casa continuava a tremer violentamente. Ninguém parecia escutar sua oração. Repetiu muitas vezes: 'Ó! Esta casa pertence a Hanuman!' Mas a fúria do vento não diminuiu. Lembrou-se então que Hanuman era o servo dedicado de Rama, cujo irmão mais novo era Lakshmana. Desesperadamente o homem orou, gritando: 'Ó! Esta casa pertence a Lakshmana!' Mas isto também não ajudou. Como o último recurso: 'Esta é a casa de Rama. Não a quebres, Ó deus dos ventos! Imploro-Te humildemente'. Mas provou-se, também, inútil, e a casa começou a desabar. Por conseguinte, o homem que agora tinha que salvar a própria vida, saiu correndo, com a maldição: 'Deixe-a ir! Esta é a própria cabana do demônio!"

(*A Pratap*): "Você não tem que perpetuar o nome de Keshab. Lembre-se de que ele conseguiu todo o seu sucesso, pela vontade de Deus. Pela vontade divina, seu trabalho foi estabelecido e, pela vontade divina está se desintegrando. O que se pode fazer? Agora é seu dever sagrado entregar a mente inteira a Deus, mergulhar fundo no Oceano de Seu Amor."

Dizendo estas palavras, o Mestre cantou com sua voz doce:

> Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.
> Se descer até as profundezas
> Aí encontrará uma gema de Amor.
>
> Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração
> Onde, com Seus devotos amorosos,
> Sri Krishna brinca eternamente.
>
> Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria
> E o deixe queimar com uma chama firme
> Incessantemente dentro do seu coração.
>
> Quem conduz seu barco através da sólida terra?
> É seu guru, diz Kabir.
> Medite nos seus pés sagrados.

O Mestre continuou, dirigindo-se a Pratap: "Ouviu a canção? Você já teve o bastante em termos de conferências e brigas. Agora mergulhe fundo no Oceano de Deus. Não há perigo de morrer ao mergulhar nesse Oceano, porque Ele é o Oceano da Imortalidade. Não pense que isto o fará perder a cabeça. Jamais, nem por um momento, alimente a idéia de que pensando muito em Deus, uma pessoa fica louca. Certa vez eu disse a Narendra – '

Pratap: "Quem é Narendra, senhor?"

Mestre: "Ó, não importa. Há um rapaz com este nome. Eu disse a Narendra: 'Olhe aqui, meu rapaz. Deus é o Oceano de Felicidade. Não quer mergulhar neste Oceano? Suponhamos que haja um copo com calda e você seja uma mosca. Onde vai se sentar para sugar a calda?'

Narendra disse: 'Sentarei na beirada da xícara e abaixarei a cabeça para beber.' 'Por que?' eu disse. 'Por que você vai sentar-se na beirada?' Respondeu : 'Se eu penetrar muito dentro da calda, me afogarei.' Então eu disse: 'Mas, meu filho, não há este perigo no Oceano de Satchidananda. Ele é o Oceano de Imortalidade. Mergulhando n'Ele um homem não morre; torna-se imortal. O homem não perde a consciência ao tornar-se louco por Deus.

(*Aos devotos*): "O sentimento de 'eu' e 'meu' é ignorância. As pessoas dizem que Rani Rasmani construiu o templo de Kali, mas ninguém diz que isto foi um trabalho de Deus. Dizem que tal e tal pessoa estabeleceu o Brahmo Samaj, mas ninguém diz que ele foi fundado pela vontade de Deus. Este sentimento, 'Eu sou aquele que faz' é ignorância. Ao contrário, a idéia, 'Ó Deus, Tu és Aquele que faz e eu sou somente um instrumento; Tu és o Operador e eu sou a máquina', é Conhecimento. Depois de alcançar o Conhecimento, o homem diz: 'Ó Deus, nada me pertence - nem mesmo esta casa (...) as pessoas de todos os países, amar os membros de todas as religiões é daya. Este amor vem de Deus, de daya.

"Maya envolve o homem afastando-o de Deus, mas através de daya, realiza-se Deus. Sábios com Shukadeva e Narada sempre abrigaram daya em seus corações.

Pratap: "Reverenciado senhor, aqueles que moram com o senhor estão fazendo progresso espiritual?"

Mestre: "Digo às pessoas que não há nada de errado na vida do mundo, mas devem viver como uma empregada na casa de seu patrão. Referindo-se à casa de seu patrão, diz: 'Essa é a nossa casa.' Mas seu verdadeiro lar está, talvez, num vilarejo longínquo. Mostrando a casa de seu patrão para os outros ela diz: 'Esta é a nossa casa', mas no fundo do seu coração sabe muito bem que sua própria casa está num vilarejo longínquo. Cria o filho de seu patrão e diz, 'Meu Hari ficou muito travesso' ou 'Meu Hari não gosta de doces'. Embora fale, 'Meu Hari', com os lábios, sabe no fundo do seu coração que Hari não lhe pertence, que é o filho do patrão.

"Por isso digo àqueles que me visitam: 'Por que vocês não vivem no mundo? Não há mal nisso, mas sempre mantenham a mente em Deus. Tenham como certo que casa, família e propriedade não são seus. São de Deus. Seu verdadeiro lar está em Deus. Peço-lhes, também, para sempre orarem com o coração anelante, pelo amor dos Pés de Lótus de Deus."

Logo a conversa voltou-se para os ingleses. Um devoto disse: "Senhor, entendo que os pundits da Inglaterra não acreditam na existência de Deus."

Pratap: "Embora falem, não acredito que nenhum deles é realmente um verdadeiro ateu. Muitos deles tiveram de admitir que há um grande poder por trás do universo."

Mestre: "Bem, basta. Acreditam em Shakti, não é? Então, por que deveriam ser ateus?"

Pratap: "Também acreditam no governo moral do universo."

Pratap estava a ponto de se despedir do Mestre.

Mestre (*a Pratap*): "O que mais devo lhe dizer? Meu único pedido é que não se envolva em mais brigas e dessensões. Uma outra coisa: é 'mulher e ouro' que mantêm os homens afastados de Deus. Esta é a barreira. Não acha que todo o mundo tem apenas que abençoar sua esposa? (*Todos riem*). Uma esposa pode ser boa ou má, mas se perguntar ao marido a respeito dela, ele sempre dirá: 'Ó, ela é muito boa'."

A essa altura, Pratap despediu-se do Mestre. Não esperou ouvir fim das palavras de Shri Ramakrishna sobre renúncia de "mulher e ouro". Aquelas palavras inflamadas tocaram os corações dos devotos e foram carregadas pelo vento pelo sussurro gentil das folhas no jardim.

Uns minutos mais tarde, Mani Mallick disse a Shri Ramakrishna: "Senhor, é hora de voltar a Dakshineswar. Hoje a mãe de Keshab e outras senhoras de sua família, vão ao templo visitar o senhor. Ficarão magoadas se não estiver lá."

Keshab havia falecido há alguns meses atrás. Sua velha mãe e os outros parentes desejavam visitar o Mestre.

Mestre (*a Mani Mallick*): "Não se apressem, por favor. Não dormi bem. Não posso ir apressadamente. Elas vão a Dakshineswar. O que posso fazer? Vão passear pelo jardim e aproveitar muito."

Depois de descansar um pouco o Mestre estava pronto para regressar a Dakshineswar. Pensava no bem-estar de Surendra. Visitou os vários aposentos, cantando baixinho o santo nome de Deus. Subitamente ficou imóvel e disse: "Não comi nem um luchi durante a refeição. Tragam-me um pouco agora." Comeu apenas um pedacinho e disse: "Há uma forte razão em ter pedido o luchi. Se eu tivesse me lembrado de que não havia comido na casa de Surendra, então gostaria de voltar por causa disso."(*Todos riram*).

Mani Mallick: "Isto teria sido muito bom, teríamos de voltar com o senhor."

Os devotos riram.

Sexta-feira, 20 de junho de 1884

Era o crepúsculo. Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento, absorvido na meditação da Mãe Divina. De vez em quando cantava Seu nome. Rakhal, Adhar, M. e outros devotos estavam com ele.

Depois de algum tempo a adoração da tarde começou nos templos. Adhar deixou o aposento para ver o culto. Sri Ramakrishna e M. conversaram.

Mestre: "Diga-me, Baburam tem a intenção de continuar seus estudos? Eu lhe disse: 'Continue os estudos para servir de exemplo aos outros.' Depois que Sita foi posta em liberdade, Bibhishana recusou-se a se tornar rei do Ceilão. Rama disse-lhe: 'Você tem que se tornar rei para abrir os olhos dos ignorantes, senão eles lhe perguntarão o que você ganhou em Me servir. Ficarão satisfeitos se virem você adquirir o reino.'

"Reparei no outro dia que Baburam, Bhavanath e Harish têm uma natureza feminina. Numa visão, vi Baburam como uma deusa, com um colar no pescoço e cercada de companheiras. Ele recebeu algo num sonho. Seu corpo é puro. Somente um pequeno esforço despertará sua consciência espiritual.

"Veja, estou encontrando alguma dificuldade com minhas necessidades físicas. Seria ótimo se Baburam morasse comigo. A natureza desses meus assistentes está sofrendo uma mudança. Latu está sempre tenso de emoção espiritual. Está prestes a fundir-se em Deus. Rakhal está entrando em tal estado espiritual, que não pode fazer nada, nem mesmo para si próprio. Tenho que apanhar água para ele. Não me ajuda muito.

"Entre os jovens, Baburam e Niranjan são um tanto excepcionais. Se outros rapazes chegarem no futuro, receberão instrução e, depois, partirão.

"Mas não desejo que Baburam se desligue de sua família. Pode ocorrer um problema na família. (*Sorrindo*) Quando lhe pergunto 'Por que não tem vindo?' Ele responde, 'Por que não me fazer vir?' Olha para Rakhal e chora. Diz, 'Rakhal está muito feliz aqui.'

"Rakhal agora vive aqui com uma pessoa da família. Sei que jamais será apegado ao mundo. Diz que os prazeres do mundo tornaram-se insípidos para ele. Sua esposa veio aqui quando ia a Konnagar. Ela tem quatorze anos. Pediram-lhe que fosse a Konnagar, mas ele não foi. Disse: 'Não gosto de divertimento e alegria.'

"O que pensa de Niranjan?"

M.: "É muito simpático."

Mestre: "Não perguntei sobre sua aparência. É puro. Pode-se facilmente realizar Deus, se estiver livre de malícia. Instrução espiritual produz resultados rápidos num coração puro. Esse coração é como uma terra bem cultivada da qual todas as pedras foram removidas. Logo que a semente é plantada, germina. O fruto, também, surge imediatamente.

"Niranjan não vai se casar. É 'mulher e ouro' que causa o envolvimento. Não é assim?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "O que se ganha em renunciar folha de betel e tabaco? A verdadeira renúncia é a renúncia de 'mulher e ouro'.

"Soube, em êxtase, que apesar de Niranjan ter aceitado um trabalho num escritório, não seria afetado por ele. Ganha dinheiro para a mãe. Não há mal nisso.

"O trabalho que você está fazendo não lhe fará mal. O que está fazendo é bom. Suponhamos que um escriturário seja mandado para a prisão: é encerrado, acorrentado e finalmen-

te, posto em liberdade. Será que dará cambalhotas depois que sair de lá? Claro que não. Vai trabalhar de novo, como escriturário. Sua intenção não é acumular dinheiro. Você só deseja sustentar sua família, senão para onde irão?"

M.: "Ficaria feliz se alguém tomasse conta deles."

Mestre: "É verdade, mas agora faça 'isso' e 'aquilo'." [5]

M.: "É muita sorte poder renunciar a tudo."

Mestre: "É verdade, mas as pessoas agem de acordo com suas tendências inerentes. Você tem somente umas poucas obrigações a cumprir. Depois que terminarem, terá paz. Então será liberado. Um homem não pode facilmente, sair do hospital uma vez que seu nome está registrado ali. Recebe alta somente quando estiver totalmente curado.

"Os devotos que vêm aqui podem ser divididos em dois grupos. Um grupo diz, 'Ó Deus, dá-me liberação'. Um outro grupo pertencente ao círculo íntimo, não fala assim. Ficam satisfeitos se puderem saber duas coisas: quem sou eu [6]; segundo, quem são eles e qual a relação deles comigo. Você pertence a esse segundo grupo, do contrário ...

"Bhavanath, Baburam e alguns outros possuem uma natureza feminina. Harish dorme com roupas femininas. Baburam também diz que gosta de atitudes femininas. Estou certo disso. Bhavanath é assim também, mas Narendra, Rakhal e Niranjan possuem uma natureza masculina.

"Por favor, diga-me uma coisa. Qual o significado de eu ter machucado o braço? Certa vez meus dentes quebraram-se enquanto eu estava em êxtase. Desta vez foi o braço."

Vendo M. em silêncio, o próprio Mestre continuou a conversa.

Mestre: "Meu braço quebrou a fim de destruir meu ego em sua própria raiz. Agora não posso encontrar meu ego dentro de mim mesmo. Quando o procuro só vejo Deus. Não se pode jamais alcançar Deus sem se livrar totalmente do ego. Já deve ter notado que o pássaro chatak tem seu ninho no chão, mas voa muito alto no céu.

"O Capitão diz que não possuo poderes ocultos porque como peixe. Tremo de medo só em pensar em possuir esses poderes. Se os tivesse, este lugar já teria se transformado num hospital ou um ambulatório. As pessoas viriam em multidões aqui para pedir a cura de suas doenças. É bom ter poderes ocultos?"

M.: "Não, senhor. O senhor nos disse que um homem não pode realizar Deus se possuir apenas um dos poderes ocultos."

Mestre: "Você está certo. Apenas aqueles que têm mente estreita buscam-nos. Se alguém pedir alguma coisa a um homem rico, não mais receberá qualquer favor dele. O homem rico não permite a essa pessoa sentar-se a seu lado, na carruagem e, se ele o fizer, não permitirá que o homem se sente próximo a ele. Portanto, o amor sem motivo egoísta, é o melhor.

"Deus com forma e Deus sem forma são ambos verdadeiros. O que você diz? Não se pode conservar a mente por muito tempo, em Deus sem forma. Por isso Ele toma uma forma para Seus devotos.

"O Capitão faz um comentário muito bom, a esse respeito. Diz que quando um pássaro se cansa de voar muito alto, pousa numa árvore e descansa. Primeiro é Deus sem forma, depois, Deus com forma.

"Tenho que ir à sua casa uma vez. Tive a visão que as casas de Adhar, Balaram e Surendra eram lugares para nossos encontros, mas não me faz qualquer diferença se eles vêm ou não."

M.: "Está certo. Por que não deverá ser assim? Deve-se sentir infelicidade se houver felicidade, mas o senhor está além de ambos."

Mestre: "Sim. Além disso, pense no mágico e na sua mágica. Só o mágico é real. Sua mágica é ilusória, como um sonho. Realizei isto quando ouvi recitar o *Chandi.* Sumbha e Nisumbha[7] mal haviam nascido, quando soube que ambos estavam mortos.

---

[5] Isto é, dever mundano e prática espiritual.

[6] Referindo-se a si mesmo.

[7] Os dois demônios mencionados no Chandi, mortos pela Mãe Divina.

M.: “Sim, senhor. Certa vez eu estava indo para Kalna com Gangadhar num barco. Um outro barco bateu no nosso e afundou com vinte e cinco passageiros. Todos desapareceram na água, como espuma batida violentamente pelo barco a vapor.

“Posso lhe perguntar uma coisa? Um homem assistindo à mágica realmente sente compaixão quando vê o sofrimento na apresentação? Nesse momento sente qualquer sentimento de responsabilidade? Só se pensa em compaixão quando se sente responsabilidade. Não é?”

Mestre; “O jnani vê tudo de relance - Deus, maya, universo e os seres vivos. Vê que vidyamaya, avidyamaya, o universo e todos os seres vivos existem e ao mesmo tempo, não existem. Enquanto ele for consciente do ‘eu’, é consciente de ‘outros’ também. O que quer que seja não existe depois dele cortar com a espada de jnana. Então, mesmo o seu ‘eu’ torna-se tão irreal como a mágica do mágico.”

M. refletia sobre estas palavras, quando o Mestre disse: “Sabe como é? É como se houvesse uma flor com vinte e cinco camadas de pétalas e você as cortasse com um só golpe.

“A idéia de responsabilidade! Meu Deus! Homens como Shankaracharya e Shukadeva conservaram o ‘ego do Conhecimento’. Não para o homem demonstrar compaixão, mas sim, para Deus. Sente-se compaixão enquanto se tem o ‘ego do Conhecimento’. E é o Próprio Deus quem Se tornou o ‘ego do Conhecimento’.

“Você pode sentir mil vezes que tudo é mágica, mas você ainda está sob o controle da Mãe Divina. Não pode fugir d’Ela. Você não é livre. Deve fazer o que Ela manda. Um homem atinge Brahmajnana somente quando lhe é dado pela Adyashakti, a Mãe Divina. Só então vê tudo como mágica; do contrário, não.”

“Enquanto o menor resquício de ego permanecer, uma pessoa vive dentro da jurisdição de Adyashakti. Está sob Seu domínio. Não pode ir além d’Ela.

“Com a ajuda da Adyashakti, Deus brinca como uma Encarnação. Deus, através de Sua Shakti, encarna-Se como homem. Só então é possível para a Encarnação dar prosseguimento ao Seu trabalho. Tudo é devido à Shakti da Mãe Divina.

“Quando alguém pedia ao administrador anterior do templo, um favor, dizia, ‘Venha aqui daqui a dois ou três dias.’ Ele tinha que pedir permissão ao proprietário.

“Deus vai encarnar-Se como Kalki no final do Kaliyuga. Nascerá como o filho de um brahmin. Súbita e inesperadamente, uma espada e um cavalo virão ao seu encontro. ...”

Adhar voltou ao quarto do Mestre depois de ter observado o culto nos templos.

Mestre (*a Adhar e outros*): “Bhuvan estava aqui e trouxe-me vinte e cinco mangas de Bombaim e alguns doces. Ela disse-me: ‘Quer comer uma manga?’ respondi: ‘Meu estômago está muito cheio hoje.’ Para dizer a verdade, sinto-me mal depois de comer alguns doces.”

Bhuvanmohini era uma enfermeira que costumava visitar Shri Ramakrishna de vez em quando. O Mestre não podia comer oferenda de qualquer um, especialmente de médicos e enfermeiras. Isto porque aceitavam dinheiro de pessoas doentes, apesar do sofrimento delas.

Mestre: A mãe de Keshab Sen, irmãs e outros parentes vieram aqui, por isso tive que dançar um pouco. Tinha que entretê-los. O que mais eu poderia fazer? Estavam tão desolados!”

η η η η η η η η η

CAPÍTULO 24

PUNDIT SHASHADHAR

Quarta-feira, 25 de junho de 1884

ERA O DIA DO RATHAYATRA, Festival do Carro. Convidado por Ishan, Shri Ramakrishna foi à sua casa em Calcutá. Havia certo tempo que o Mestre desejava emcontrar o pundit Shashadhar Tarkachudamani, que estava hospedado na casa de um dos vizinhos de Ishan. Ficou decidido que visitaria o pundit à tarde.

Alguns devotos, incluindo Hazra, acompanharam o Mestre à casa de Ishan. Ishan havia convidado um ou dois eruditos brahmins e um devoto tântrico. Shrish e outros filhos de Ishan também estavam presentes.

O Mestre reparou que o adorador tântrico tinha uma marca vermelha na testa e sorrindo, disse: "Vejo que está marcado."

Depois de um certo tempo, chegaram Narendra e M. que se inclinaram ante Shri Ramakrishna. O Mestre havia previamente informado a M. que estaria na casa de Ishan.

O Mestre brincou com a demora em servirem a refeição. Um dos eruditos citou um verso sânscrito sobre a ansiedade das pessoas, devido à fome. Continuando a explicar o verso, disse: "O estudo da filosofia é, certamente, edificante, mas a poesia é mais fascinante do que a filosofia. As pessoas que ouvem belas poesias pensam sobre o estudo da filosofia - Vedanta, Nyaya, Samkhya e assim por diante, como seco e insípido, porém a música é mais atraente do que a poesia. A música derrete até um coração de pedra, mas uma bela uma bela mulher exerce uma atração ainda maior no coração, do que a música. A mulher assim que passa, desvia a atenção do homem, tanto da poesia como da música. Quando, porém, um homem tem fome, tudo o mais - poesia, música, mulher - parecem sem importância. Assim, a fome é o que mais prende."

O Mestre observou com um sorriso: "O pundit é espirituoso."

Logo Narendra começou a cantar. Algum tempo depois, o Mestre subiu ao andar superior, para um pequeno descanso. M. e Shrish acompanharam-no. M. apresentou Shrish ao Mestre, dizendo, "É um erudito e uma pessoa de natureza pacífica. Fomos colegas de colégio, em nossa meninice. Agora ele é um advogado."

Mestre: "É uma pena que um homem assim tenha que exercer advocacia."

M.: "Sim, foi um erro de sua parte."

Mestre: "Conheço alguns advogados. Um deles demonstra muito respeito a mim. É um homem muito correto.(*A Shrish*). O que pensa sobre a coisa mais essencial da vida?"

Shrish: "Deus existe e é somente Ele quem faz tudo, mas os atributos que Lhe damos não são corretos. Como pode um homem conhecê-Lo? Sua natureza é infinita."

Mestre: "Que necessidade se tem de contar o número de árvores e galhos de um pomar? Você vai a um pomar comer mangas. Faça isso e fique contente. O objetivo do nascimento hu mano é amar a Deus. Realize este amor e fique em paz.

"Suponhamos que você tenha entrado numa taverna. Precisa saber quantos galões de vi nho há? Um copo é suficiente. Que necessidade há de conhecer as qualidades infinitas de Deus? Pode-se discriminar milhões de anos sobre os atributos de Deus e no entanto, não chegar a conhecê-los."

O Mestre permaneceu em silêncio por uns minutos. Um pundit brahmin entrou no aposento.

Mestre (*A. M.*): "Não há substância alguma na vida humana. Os membros da família de Ishan são bons; por isso, ele tem uma certa paz aqui, mas suponhamos que seus filhos fossem lascivos, desobedientes e inclinados a beber e outros vícios. Neste casso seus problemas não teriam fim. Raramente consegue-se encontrar uma família religiosa assim, em que todos os membros são devotados a Deus. Conheci apenas duas ou três. Em geral há brigas, desentendi-

mentos, inveja e desajustes. Além disso há doença, tristeza e pobreza no mundo. Vendo esta situação, orei à Mãe Divina: 'Ó Mãe, retira imediatamente minha mente do mundo, para Deus.'

"Olhe os problemas de Narendra. O pai faleceu e os membros da família estão passando fome. Tem feito de tudo para conseguir um emprego, mas ainda não encontrou. Veja como sua mente está desequilibrada!

(*A M.*): Você costumava ir a Dakshineswar com muita freqüência, mas por que tem vindo tão pouco ultimamente? Talvez esteja muito ocupado com sua esposa. Não é verdade? Por que eu deveria censurá-lo? A influência de 'mulher e ouro' está em todos os lugares. Portanto ora, 'Ó Mãe Divina, não me tornes um homem do mundo, se tiver que nascer de novo num corpo humano'."

Erudito brahmin: "Por que diz isto? As escrituras exaltam a vida de chefe de família."

Mestre: "Sim, é verdade, mas é muito difícil levar uma verdadeira vida de chefe de família. (*A M.*) Que falta a nossa! Eles estão cantando, sobretudo Narendra e saímos do quarto."

Mais ou menos às quatro horas da tarde, o Mestre saiu de carruagem para a casa onde o Pundit Shashadhar estava. Assim que Shri Ramakrishna subiu na carruagem, entrou em samadhi. Seu aspeto físico era muito sensível, como resultado das práticas espirituais que fizera, durante longos anos e sua constante absorção na consciência de Deus. O Mestre sofria com o menor desconforto físico e até, com as vibrações dos pensamentos mundanos, à sua volta. Uma vez Keshab Chandra Sen dissera que Sri Ramakrishna, Cristo e Sri Chaitanya pertenciam a uma delicada espécie da humanidade que deveria ser guardada numa caixa de vidro e protegida do contato vulgar do mundo.

Um chuvisco fino havia transformado a estrada em lama. O céu estava carregado. Os devotos seguiam a carruagem a pé. Assim que ela parou em frente à casa, o anfitrião e seus pa rentes deram as boas vindas ao Mestre e levaram-no até a sala de visitas no andar superior. Ali o Mestre encontrou-se com o pundit.

Pundit Shashadhar, homem de pele clara, já não era jovem. Tinha um colar de rudraksha em volta do pescoço. Era um dos famosos eruditos sânscritos de seu tempo, pilar do hinduísmo ortodoxo, que havia se reafirmado depois que a primeira onda do cristianismo e cultura ocidental havia passado sobre a sociedade hindu. Sua clara exposição das escrituras hindus, sua veemente sinceridade e exaltada eloqüência haviam trazido de volta à religião de seus antepassados, um grande número de jovens hindus de Bengala.

O pundit saudou o Mestre com reverência. Narendra, Rakhal, Ram, Hazra e M. que haviam vindo com o Mestre, sentaram-se o mais próximo possível do Mestre, ansiosos por não perderem uma só de suas palavras.

À vista do pundit, o Mestre novamente entrou em samadhi. Depois de um certo tempo, ainda naquele estado, olhou o pundit e disse com um sorriso: "Muito bem, muito bem." Então, dirigindo-se a ele, o Mestre disse: "Diga-me como o senhor dá conferências."

Pundit: "Senhor, procuro explicar os ensinamentos das escrituras hindus."

Mestre: "Para o Kaliyuga o caminho da devoção prescrito por Narada, é o melhor. Onde as pessoas encontrarão tempo, hoje em dia, para fazer suas obrigações, de acordo com os preceitos das escrituras? Atualmente as cocções de raízes e ervas dos médicos ortodoxos hindus não podem ser dados a um paciente com febre. Quando esse remédio iniciar seu lento processo de cura, o paciente já morreu. Portanto, somente um drástico remédio alopata como a 'mistura para febre' é eficaz agora. Pode-se pedir às pessoas para praticar ritos e rituais das escrituras, mas ao prescrever os rituais, deve-se remover 'cabeça e cauda'[1]. Digo às pessoas para não se preocuparem muito com rituais elaborados do sandhya como ordenados nas escrituras. Digo-lhes que será necessário somente repetir o Gayatri. Se o senhor tiver que dar instrução sobre cerimônias das escrituras, faça-o para poucos, como Ishan.

"O senhor poderá dar milhares de conferências, mas elas não farão qualquer impressão nas pessoas mundanas. Pode alguém colocar prego numa parede de pedra? A ponta do prego quebra-se rapidamente antes de fazer um buraco na pedra. O que o senhor ganhará batendo

[1] As partes não essenciais. A alusão é para a cabeça e cauda do peixe que não são essenciais.

com a espada, o couro duro de um crocodilo? A gamela de água do sadhu, feita de concha ou de cabaça amarga, pode visitar os quatro principais lugares sagrados da Índia com seu dono, mas permanecerá amarga como sempre. Suas palestras não estão ajudando muito as pessoas mundanas: o senhor compreenderá isto pouco a pouco. O bezerro não pode ficar de pé assim que nasce. Ora cai no chão, ora consegue ficar de pé. Então aprende a ficar firmemente sob suas patas e a andar.

"O senhor não pode distinguir um amante de Deus de uma pessoa mundana. Não é sua culpa, naturalmente. Quando uma ventania sacode as árvores, é impossível distinguir uma árvore de outra - uma mangueira de um tamarineiro, por exemplo.

"Sem haver realizado Deus, não se pode abandonar totalmente os rituais. Por quanto tempo tem-se que praticar sandhya e outras formas de culto? Enquanto não derramar lágrimas de alegria com o nome de Deus e sentir um arrepio no corpo. O senhor saberá que sua adoração chegou ao fim, quando seus olhos se encherem de lágrimas ao repetir 'Om Rama'. Então não terá que continuar com o sandhya ou outros rituais.

"Quando o fruto aparece, a flor cai. O Amor de Deus é o fruto e os rituais, a flor. Quando a nora está grávida, não pode trabalhar muito. Sua sogra gradualmente, diminui suas obrigações na casa. Quando o tempo do nascimento chega, praticamente não trabalha mais e depois que a criança nasce, sua única tarefa é brincar com ela. Não faz mais nenhuma obrigação doméstica. O sandhya funde-se no Gayatri, o Gayatri no Om e o Om no samadhi. É como o som de um sino - *t* - *a* - *m*. O yogi, seguindo o caminho do som Om, gradualmente funde-se no Brahman Supremo. Seu sandhya e outros deveres ritualistas desaparecem em samadhi. Assim as obrigações de um jnani chegam ao fim."

Logo que o Mestre começou a falar em samadhi entrou naquele estado. Sua face irradiava uma luz celestial. Ausente da consciência exterior, não podia pronunciar outra palavra. O olhar estava voltado para seu interior, em comunhão com o Ser. Depois de muito tempo o Mestre começou a reconhecer o mundo exterior `sua volta e disse, como uma criança "Vou be ber um pouco de água." Sempre que, depois do samadhi, o Mestre pedia um pouco de água, os devotos sabiam que, gradualmente, estava voltando à consciência do mundo exterior.

Ainda cambaleando em êxtase, disse à Mãe Divina: "Ó Mãe, outro dia Tu me mostraste o Pundit Chandra Vidyasagar. Então Te disse que gostaria de conhecer outro pundit e Tu me trouxeste aqui."

Olhando para o pundit, disse: "Meu filho, acrescente um pouco mais à sua força. Pratique disciplina espiritual ainda por alguns dias. Você mal colocou o pé na árvore e já espera agarrar um grande cacho de fruta. Naturalmente está fazendo tudo isto para o bem-estar dos outros." Com estas palavras inclinou a cabeça ante o pundit.

O Mestre continuou: "Quando pela primeira vez ouvi falar do senhor, perguntei se era um simples erudito, ou se possuía discriminação e renúncia. Um pundit que não sabe discriminar entre o Real e o irreal, não é verdadeiramente um pundit.

"Não há mal nenhum em ensinar os outros se o pregador possui autorização do Senhor. Ninguém pode confundir um pregador que ensina as pessoas, depois de ter recebido a ordem de Deus. Conseguindo um raio de luz da deusa do conhecimento, um homem torna-se tão poderoso, que diante dele, grandes eruditos parecem meros vermes.

"Quando o lampião é aceso, as aleluias chegam aos montes. Não precisam ser convidadas. Da mesma maneira o pregador que tem mandato de Deus, não necessita convidar as pessoas para ouvi-lo. Não tem que anunciar a hora das palestras. Possui uma atração tão irresistível, que as pessoas vêm a ele por sua própria iniciativa. Pessoas de todas as classes, até reis e aristocratas, reúnem-se à sua volta. Dizem-lhe: 'Reverenciado senhor, o que podemos oferecer-lhe? Aqui estão mangas, doces, dinheiro, xales e outras coisas. O que lhe agrada mais?' Neste caso, digo-lhes: 'Vão embora. Não me importo com essas coisas. Não quero nada'.

"Por acaso o ímã diz ao ferro, 'Venha para perto de mim?' Não é necessário. Devido à atração do ímã, o ferro corre para ele.

"Tal pregador pode não ser um erudito, mas não conclua disso que lhe falte sabedoria. Será que o estudo torna alguém sábio? Aquele que possui mandato de Deus, jamais tem falta

de sabedoria. Esta sabedoria vem de Deus: é inesgotável. Em Kamarpukur vi as pessoas pesando os grãos. Há uma pilha. Um homem empurra os grãos da pilha para um outro, que os pesa numa balança. Assim, aquele que pesa nunca fica com falta de grãos. O mesmo acontece com o pregador que recebeu mandato de Deus. À medida que ensina, a Própria Mãe Divina por trás supre com conhecimento fresco. Esse conhecimento jamais termina.

"Pode um pregador ter falta de conhecimento, se pelo menos por uma vez foi favorecido com o olhar benigno da Mãe Divina? Portanto, pergunto-lhe se o senhor recebeu algum mandato de Deus."

Hazra: "Ó sim, ele deve ter. (*Ao pundit*) Não é verdade, senhor?"

Pundit: "Ordem? Não senhor, receio não ter recebido tal coisa."

Anfitrião: "Ele pode não ter recebido a ordem, mas prega por um sentimento de dever."

Mestre: "O que um homem conseguirá com meras palestras, sem a autorização de Deus? Certa vez um pregador Brahmo disse, no decorrer de seu sermão, 'Amigos, como eu bebia!' e assim por diante. Ouvindo isso, as pessoas começaram a cochichar entre si: 'O que este tolo está dizendo? Ele tinha o hábito de beber!' Na verdade aquelas palavras produziram um efeito muito desfavorável. Isto mostra que pregar pode não dar bom resultado, a não ser que venha de um homem qualificado.

"Um alto funcionário do governo de Barisal disse-me uma vez: 'Se o senhor começar a pregar, eu, também, usarei uma tanga.' Contei-lhe a história das pessoas que sujavam as margens de Haldarpukur, e que somente foram detidas, quando um delegado, a mando do governo, colocou um aviso de proibição.

"Portanto, digo, um homem sem importância, pode falar o que quiser, em sua pregação, mas não obterá qualquer efeito. Mas as pessoas o ouvirão se ostentar a insígnia da autoridade de Deus. Não se pode ensinar os outros sem o mandato de Deus. Um instrutor de homens tem que ter grande poder. Há muitos Hanumanpuri [2] em Calcutá. É com eles que o senhor tem que lutar. (*Apontando para as pessoas ali reunidas*). Estes são simples ovelhas!

"Chaitanyadeva foi uma Encarnação de Deus. Quão pouco restou do que fez – para não falar de um conferencista que prega sem autoridade de Deus! Que bem um conferencista fará? Portanto, digo-lhe, mergulhe fundo na Consciência de Deus."

Dizendo isto o Mestre começou a cantar no êxtase de amor por Deus:

> Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus;
> Se descer até as profundezas.
> Aí encontrará a gema de Amor. ...

O Mestre continuou: "Não se morre se afundar neste Oceano. Este é o Oceano da Imortalidade. Certa vez eu disse a Narendra: 'Deus é o Oceano de Felicidade. Diga-me se você quer mergulhar n'Ele. Imagine que há um pouco de calda numa xícara e você se transformou numa mosca. Diga-me onde você vai se sentar para beber a calda.' Narendra respondeu: 'Vou sentar-me na beira da xícara e esticar meu pescoço para beber, pois estou certo de cair e morrer, se entrar muito na xícara.' Então eu lhe disse: 'Mas meu filho, este é o Oceano de Satchidananda. Não há perigo de morrer n'Ele. Este é o Oceano da Imortalidade. Só um ignorante diz que não se deve ter excesso de devoção e amor divino. Que tolice! Pode haver excesso de amor divino?'

(*Ao pundit*): "Portanto, digo-lhe, mergulhe no Oceano de Satchidananda. Nada jamais o aborrecerá, se o senhor realizar Deus. Então terá mandato para ensinar.

"Há inúmeros caminhos que conduzem ao Oceano de Imortalidade. O essencial é atingi-Lo . Não importa qual o caminho que seguir. Imagine que haja um reservatório contendo o Elixir de Imortalidade. O senhor se tornará imortal se engolir algumas gotas do Elixir. Pode entrar no reservatório pulando, ou sendo empurrado, ou descendo os degraus vagarosamente. O efeito é um e o mesmo. O senhor se tornará imortal, provando uma gota daquele Elixir.

---

[2] Famoso lutador da época.

"Inúmeros são os caminhos que conduzem a Deus. Há os caminhos de jnana, karma e bhakti. Se for sincero por fim alcançará Deus qualquer que seja o caminho que seguir. Grosseiramente falando há três tipos de yoga: jnana, karma e bhakti yoga.

"O que é jnana yoga? O jnani procura realizar Brahman. Discrimina dizendo, 'Isto não, isto não'. Discrimina, dizendo, 'Brahman é Real e o universo, ilusório'. Discrimina entre o Real e o irreal. Ao cabo de sua discriminação entra em samadhi, e alcança o Conhecimento de Brahman.

"O que é karma yoga? Seu objetivo é fixar a mente em Deus através do trabalho. É o que o senhor está ensinando. Consiste no controle do alento [3], concentração, meditação e assim por diante, feitos com desapego. Se um chefe de família executa seus deveres no mundo com desapego, entregando os resultados a Deus e com Ele no coração, pode-se também dizer que pratica karma yoga. Se uma pessoa faz adoração, japa e outros atos de devoção, entregando os resultados a Deus, pode-se dizer que pratica karma yoga. Alcançar Deus é o único objetivo da karma yoga.

"O que é bhakti yoga? É manter a mente em Deus, cantando Seu nome e Suas glórias. Para o Kaliyuga, o caminho da devoção é o mais fácil. Este é certamente o caminho para esta época.

"O caminho de karma é muito difícil. Primeiro de tudo, como acabei de dizer, onde se vai encontrar tempo para ele, hoje em dia? Onde há tempo para um homem fazer suas obrigações como ordenadas nas escrituras? A vida do homem é curta, nessa época. Além disso é extremamente difícil fazer as obrigações com desapego, sem se preocupar com o resultado. Não se pode trabalhar com esse espírito, sem antes ter realizado Deus. De uma certa maneira, o apego aos resultados entra na mente, embora não se esteja consciente dele.

"Seguir jnana yoga nesta época é, também, muito difícil. Primeiro, a vida do homem de pende inteiramente do alimento. Segundo, tem tempo curto de vida. Terceiro, por nenhuma razão, pode-se libertar da consciência do corpo; e o Conhecimento de Brahman é impossível sem a destruição da consciência do corpo. O jnani diz: 'Sou Brahman, não sou o corpo. Estou além da fome e sede, doença e tribulação, nascimento e morte, prazer e dor'. Como uma pessoa pode ser um jnani, se estiver consciência da doença, tribulação, dor, prazer e coisas semelhantes? Um espinho entra em sua carne, o sangue sai da ferida e você sofre muito com a dor; entretanto, se for um jnani, deve ser capaz de dizer: 'Ora, não há qualquer espinho em minha carne. Não há nada comigo'.

"A bhakti yoga é, portanto, recomendada para esta época. Ao seguir este caminho, chega-se a Deus mais facilmente do que seguindo os outros. Pode-se sem dúvida chegar a Deus, seguindo os caminhos de jnana e karma, mas são caminhos muito difíceis.

"Bhakti yoga é a religião para esta época, mas isto não significa que o amante de Deus alcançará uma meta e o filósofo e o trabalhador, uma outra. Isto quer dizer que, se uma pessoa procura o Conhecimento de Brahman, pode alcançá-Lo, seguindo o caminho de bhakti, também. Deus, que ama Seu devoto, pode dar-lhe o Conhecimento de Brahman, se Ele assim o desejar.

"O bhakta, contudo, quer realizar o Deus Pessoal, dotado de forma e conversar com Ele. Raramente procura o Conhecimento de Brahman. Mas Deus pode fazer de Seu devoto o herdeiro de Suas glórias infinitas, se isto Lhe agradar. Dá a Seu devoto tanto o Amor de Deus, quanto o Conhecimento de Brahman. Se alguém chegar de Calcutá de uma maneira ou outra, poderá ver o Maidan, o museu e outros lugares. O importante é chegar a Calcutá.

"Ao realizar a Mãe Divina do Universo, o senhor terá o Conhecimento e também, Devo ção. Terá ambos. Em bhava samadhi verá a forma de Deus e no nirvikalpa samadhi, realizará Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos. No nirvikalpa samadhi o ego, nome e forma não existem.

"O amante de Deus ora à Mãe Divina: 'Ó Mãe, tenho muito medo das ações egoístas. Essas ações têm por trás, desejos e se eu as praticar, terei que colher seu fruto. Mas é muito difícil trabalhar com desapego. Certamente Te esquecerei, Ó Mãe, se me envolver em ações

[3] Exercícios respiratórios como prescritos na Raja yoga.

egoístas, portanto, não tenho uso para elas. Que minhas ações, Ó Mãe Divina, sejam cada dia menos numerosas, até eu alcançá-La. Que eu faça, sem apego ao resultado, apenas aquela ação que seja absolutamente necessária. Que eu tenha grande amor por Ti, enquanto estiver fazendo meus poucos deveres. Que eu não me envolva em novas atividades enquanto não te realizar. Mas eu as farei se receber Teu mandato. Do contrário, não."

Pundit: "Quais os lugares sagrados que o senhor visitou?"

Mestre: "Visitei alguns. (*Com um sorriso*): Mas Hazra foi além e também, subiu mais alto. Visitou Hrishikesh, mas eu não fui tão longe e tão alto.

"O senhor deve ter visto milhanos e abutres voando muito alto no céu, mas os olhos estão sempre fixos na carniça. O senhor sabe o que é 'carniça'? É 'mulher e ouro'.

"Qual a vantagem de fazer peregrinações se pode alcançar o amor a Deus, ficando onde está? Estive em Benares e vi as mesmas árvores tanto lá quanto aqui. As mesmas folhas verdes do tamarindo!

"A peregrinação torna-se fútil se não permite que uma pessoa alcance o amor de Deus. O amor de Deus é a única coisa essencial e necessária. Sabe o que quer dizer 'milhanos e abutres'? Há muitas pessoas que falam alto e dizem que fizeram muitas das obrigações prescritas nas escrituras, mas suas mentes estão envolvidas no mundanismo e profundamente preocupadas com dinheiro, riquezas, nome e fama, conforto material e outras coisas.

Pundit: " É verdade, senhor. Fazer peregrinação é como procurar diamantes e pedras preciosas, deixando de lado a pedra preciosa que o Próprio Narayana usa em Seu peito."

Mestre: "Quero que o senhor se lembre disso. Pode dar milhares de instruções às pessoas, mas elas não darão fruto a não ser no devido tempo. Indo para a cama, uma criança disse à sua mãe: 'Mãe, por favor acorde-me quando eu sentir forme.' A mãe disse: 'Não se preocupe com isto, minha criança. A própria fome a acordará.' (*Todos riem*). Sente-se anelo por Deus, no tempo certo.

"Há três tipos de médicos. Os médicos de um tipo sentem o pulso do paciente e vão em bora, simplesmente receitando o remédio. Ao deixarem a sala, pedem ao paciente que tomem o remédio. Pertencem à classe mais rudimentar de médicos. Assim também, há professores que somente dão instrução mas que não se detém em saber se seus ensinamentos produzirão bom ou mau resultado. Não pensam de modo algum no discípulo.

"Há médicos de outro tipo que prescrevem remédio e pedem ao paciente para tomá-lo. Se o paciente não quiser seguir suas instruções, argumentam com ele. São médicos e medíocres. Assim também, há mestres medíocres. Dão instrução ao estudante e tentam persuadi-lo de várias maneiras a seguir a instrução.

"Por fim, há os médicos da classe mais elevada. Se o paciente não responde à sua persuasão gentil, até usam a força se necessário, pressionam seu joelho contra o peito do paciente, e colocam o remédio à força, garganta abaixo. Assim também há mestres da mais elevada classe que até usam a força para dirigir a mente do discípulo de Deus."

Pundit: "Senhor, se há mestres de classe tão elevada como o senhor acabou de descrever, então por que diz que não se obtém Conhecimento de Deus até que chegue o momento certo?"

Mestre: "O senhor tem razão, mas o que o médico vai fazer se o remédio sai da boca do paciente e não chega ao estômago? Nesse caso, nem mesmo o melhor remédio pode fazer alguma coisa.

"O mestre deve testar a aptidão do estudante antes de dar instrução, mas o senhor não discrimina em sua instrução. Quando um jovem vem a mim para instrução, a primeira coisa que pergunto é a respeito de seus parentes em casa. Suponhamos que tenha perdido o pai e que este lhe tenha deixado algumas dívidas. Como pode dirigir sua mente a Deus? O senhor está me ouvindo?"

Pundit: "Sim, senhor. Estou prestando atenção a cada palavra."

Mestre: "Certo dia alguns soldados Sikhs vieram ao templo em Dakshineswar. Encontrei-os em frente ao templo de Kali. Um deles referiu-se a Deus como muito misericordioso. 'Certamente' eu disse, 'Mas será verdade? Como o senhor sabe?' Respondi, 'Porque, senhor,

Deus nos dá comida e toma conta de nós.' Eu disse, 'Por que isso o surpreende? Deus é o Pai de todos nós. Quem olhará pelo filho se o pai não o fizer? Está querendo dizer que as pessoas do vilarejo vizinho deveriam cuidar dele?"

Narendra: "Então devemos chamar Deus de bondoso?"

Mestre: "Eu o proibi de fazê-lo? O que quero dizer é que Deus é muito íntimo nosso. Não é um estranho."

Pundit: "Palavras preciosas!"

Mestre (*a Narendra*): "Ouvi você cantar, mas não gostei. Por isso deixei o aposento. Sua mente está agora fixa na procura de emprego, e por isso, o seu canto pareceu-me pesado."

Narendra ficou envergonhado de si mesmo, e permaneceu em silêncio. Sentiu o sangue subir ao rosto.

O Mestre pediu um pouco de água. Colocaram um copo defronte dele mas ele não pôde tocá-lo. Pediu outro. Mais tarde descobriu-se que um homem de mau caráter havia tocado o primeiro copo.

Pundit (*a Hazra*): "Você vive em sua companhia dia e noite. Deve ser muito feliz."

Mestre (*com um sorriso*): "É realmente um grande acontecimento para mim. Hoje vi a lua do segundo dia da quinzena brilhante. (*Todos riem*). Sabem por que eu me referi à lua do segundo dia? Sita certa vez disse a Ravana: 'Você é a lua cheia e Rama a crescente do segundo dia da quinzena brilhante'. Ravana não entendeu o significado destas palavras. Pensou que Sita o estava agradando e sentiu-se extremamente feliz. Mas o que Sita queria dizer é que Ravana havia alcançado o máximo de seu poder e prosperidade e que, daí por diante, se esvaneceria como a lua cheia. Rama, por outro lado, era como a lua do segundo dia da quinzena brilhante. Iria crescer dia a dia."

O Mestre estava pronto para sair. O pundit e seus amigos inclinaram-se diante dele.

Ainda não havia chegado o crepúsculo quando Shri Ramakrishna voltou à casa de Ishan, com os devotos. O Mestre sentou-se na sala de visitas com Ishan e seus filhos, um pundit e alguns devotos.

Mestre (*sorrindo, a Ishan*): "Disse ao Pundit Shashadhar: 'O senhor mal assentou o pé na árvore e contudo, aspira colher um grande cacho de frutas. Em primeiro lugar pratique um pouco de disciplina espiritual. Então poderá ensinar aos outros.' "

Ishan: "Todo pregador pensa que ilumina os outros. O vaga-lume também pode achar que ilumina o mundo. Pensando ser este o sentimento do vaga-lume, alguém lhe disse: 'Ó vaga-lume, como pode trazer luz ao mundo? Você apenas revela a intensidade da escuridão.' "

Mestre (*com um sorriso*): "Mas Shashadhar não é somente um erudito. Possui um pouco de discriminação e desapego.

Um pundit que estava presente, disse a Shri Ramakrishna: "O senhor na verdade, é uma grande alma."

Mestre: "O senhor pode dizer isto de sábios como Narada, Prahlada ou Shukadeva. Sou como seu filho.

"Naturalmente, de uma certa maneira, suas palavras são verdadeiras. Diz-se que num sentido, o devoto de Deus é maior do que o Próprio Deus, porque leva Deus em seu coração. (*Todos ficam contentes*). Dizem nos livros vaishnavas: 'Um devoto olha-se como um ser elevado e Deus, como o mais baixo'. Yashoda, mãe de Krishna, estava a ponto de acorrentar Krishna, que era Deus Encarnado. Ela acreditava que ninguém a não ser ela mesmo poderia tomar conta d'Ele.

"Ás vezes Deus age como ímã e o devoto como agulha. Deus atrai o devoto para Si. Também, às vezes o devoto age como ímã, e Deus, como agulha. A atração do devoto é tal que Deus vem a ele, incapaz de resistir ao seu amor."

O Mestre estava já estava a ponto de voltar a Dakshineswar. Ishan e os outros devotos acercaram-se dele enquanto ele dava vários conselhos a Ishan.

Mestre: "Um devoto que pode chamar Deus enquanto vive como chefe de família é realmente um herói. Deus pensa: 'Aquele que renunciou ao mundo por Mim, certamente orará

a Mim. Deve servir-Me. Há alguma coisa notável nisso? As pessoas achariam que é uma vergonha, se Ele não conseguisse fazê-lo. Mas é realmente abençoado aquele que ora a Mim, no meio das atividades mundanas. Está procurando encontrar-Me, superando um grande obstáculo – empurrando, por assim dizer, uma enorme pedra de uma tonelada. Esse homem é um verdadeiro herói'."

Pundit: "O senhor está certo. As escrituras dizem a mesma coisa. Há no *Mahabharata*, a história do 'caçador piedoso' e da 'mulher casta'. Certo dia um corvo perturbou a meditação de um eremita. Quando ele lançou um olhar furioso ao pássaro, este foi reduzido a cinzas. O eremita disse a si mesmo: 'Matei um corvo com um simples olhar. Devo ter feito um grande progresso na vida espiritual.' Um dia foi à casa de uma mulher, mendigar o alimento. Ela era muito dedicada ao marido, a quem servia dia e noite; dava-lhe água para lavar os pés e até secava-os com seus cabelos. Quando o eremita bateu à porta, pedindo esmola, ela estava atendendo ao marido e não pôde abrir a porta imediatamente. O eremita, com raiva, começou a amaldiçoá-la. A mulher gritou-lhe, do interior da casa. 'Não sou o corvo. Espere uns minutos, senhor. Quando terminar de servir meu marido, lhe darei atenção'. O eremita ficou muito surpreso com o fato dessa mulher simples saber que ele havia reduzido o corvo a cinzas. Quis que ela lhe desse instrução espiritual. A pedido dela, foi até o 'caçador piedoso', em Benares. Esse caçador vendia carne, mas servia seus pais, dia e noite, como personificações de Deus. O eremita disse a si mesmo, cheio de espanto: 'Ora, ele é um açougueiro e um homem do mundo! Como pode dar-me o Conhecimento de Brahman?' Mas o caçador era um conhecedor de Brahman e havia atingido conhecimento divino, pela execução de seus deveres mundanos. O eremita ficou iluminado com as instruções do 'caçador piedoso'."

O Mestre estava de saída, de pé na porta da casa vizinha, onde o padrasto de Ishan morava. Ishan e os outros devotos estavam junto do Mestre, esperando para dar-lhe adeus. Shri Ramakrishna disse a Ishan: "Viva no mundo como uma formiga. O mundo contém uma mistura de verdade e inverdade, açúcar e areia. Seja uma formiga e apanhe o açúcar.

"Da mesma maneira, o mundo é uma mistura de leite e água, a felicidade da Consciência de Deus e o prazer do gozo dos sentidos. Seja um cisne e beba o leite, deixando a água de lado.

"Viva no mundo como a ave aquática. A água a molha, mas ela a sacode. Viva no mundo como o bagre da lama, mas sua pele está sempre brilhante e lustrosa.

"Certamente o mundo é uma mistura de verdade e 'faz de conta'. Rejeite o 'faz de conta' e agarre a verdade."

Shri Ramakrishna subiu na carruagem e partiu para Dakshineswar.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 25

CONSELHO AO PUNDIT SHASHADHAR

Segunda-feira, 30 de junho de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava em seu aposento, sentado numa esteira estendida no chão. O Pundit Shashadhar e alguns devotos estavam com ele na esteira e outros, sentados no chão. Surendra, Baburam, M., Harish, Latu, Hazra e outros estavam presentes. Eram aproximadamente quatro horas da tarde.

Shri Ramakrishna havia encontrado o Pundit Shashadhar seis dias antes, em Calcutá e agora, o Pundit viera a Dakshineswar visitar o Mestre. Bhudar Chattopadhyaya e o irmão mais velho, anfitriões do Pundit, acompanhavam-no.

O Pundit era seguidor do caminho da jnana. O Mestre explicava-lhe este caminho, dizendo: "Nitya e Lila são dois aspectos de uma mesma Realidade. Aquele que é o Indivisível Satchidananda assumiu formas diferentes para Sua Lila. Ao descrever a natureza da Realidade Última, o Mestre de vez em quando ficava inconsciente, em samadhi. Enquanto falava era tomado de fervor espiritual. Disse ao Pundit: "Meu caro senhor, Brahman é imutável e 'imóvel' como o Monte Sumeru, mas Aquele que é 'imóvel' pode também 'mover-se'."

O Mestre estava em êxtase. Começou a cantar com sua voz melodiosa:

> Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
> Até mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La. ...

Continuou:

> É a Mãe por acaso, uma simples mulher, nascida como as outras?
> Somente em cantar Seu santo nome,
> Pode Shiva sobreviver ao veneno[1] mortal.
>
> É Ela quem cria os mundos, é Ela quem preserva e destrói,
> Com um mero piscar de Seus maravilhosos olhos.
> Ela contém o universo em Seu ventre.
>
> Procurando refúgio a Seus pés, os próprios deuses sentem-se salvos,
> E Mahadeva, o Deus dos Deuses,
> Jaz prosternado sob Seus pés.

Novamente cantou:

> É a Mãe somente a esposa de Shiva? A Ela deve inclinar-se
> O Rei da Morte que tudo destrói
> Desnuda Ela vagueia pelo mundo, matando Seus inimigos demoníacos.
> Ou fica em pé de Shiva,
> Seus pés sobre a forma de Seu marido! Que estranha esposa é Ela!
> O jogo de minha Mãe, diz Prasad, aniquila todas as regras e leis;
> Luta duro pela pureza, Ó mente,
> E tenta entender as maneiras de minha Mãe.

E novamente:

---

[1] Alusão ao veneno que surgiu quando deuses e demônios revolveram o oceano. Shiva, por bondade, bebeu o veneno, mas ele ficou em sua garganta, dando-lhe uma cor azul. Por isso Shiva é conhecido como o "Deus da garganta azul".

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Felicidade Eterna,
Enquanto repito o nome de minha Mãe Kali;
Ele intoxica a minha mente de tal forma, que as pessoas me tomam por bêbado! ...

E de novo:

Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?
Ó, é uma pena que minha mente tola não veja o que é verdadeiro!
Mesmo com todas Suas penitências, raramente o próprio Shiva contempla
A visão sedutora dos pés carmins da Mãe Shyama.

Para aquele que medita n'Ela, as riquezas do céu são, na verdade, pobres.
Se Shyama lançar Seu olhar sobre ele, ele nadará em Felicidade Eterna.
O príncipe dos yogis, o Rei dos Deuses, meditam em vão sobre Seus pés;
Contudo Kamalakanta anseia pelos pés abençoados da Mãe!

O elevado estado espiritual do Mestre gradualmente diminuiu. Parou de cantar e sentou-se em silêncio. Depois de algum tempo, levantou-se e sentou-se no divã.

O Pundit Shashadhar ficou encantado vendo o Mestre cantar. Humildemente perguntou a Shri Ramakrishna: "O senhor não vai cantar mais?"

Um pouco mais tarde, o Mestre cantou novamente:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa,
Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra. ...

Depois cantou:

De uma vez por todas agora compreendi inteiramente;
Do Uno[2] que conhece isso bem, aprendi o segredo de bhava.
Um homem veio a mim de um lugar onde não existe noite.
E agora já não posso mais distinguir o dia da noite.
Rituais e devoções tornaram-se sem proveito para mim.

Meu sono está quebrado, como posso dormitar mais?
Porque agora estou bem desperto na yoga sem sono
Ó Mãe Divina, una com Ti, finalmente, no sono da yoga[3]
Meu sono acalentei para sempre.
Incline a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação.
Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,
Pus de lado, uma vez por todas, tanto a retidão como o pecado.

Shri Ramakrishna continuou:

Entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe,
Será que ainda tenho medo da Morte?
No tufo de cabelo em minha cabeça
Está preso o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.
Vendi meu corpo no mercado do mundo,
E com ele comprei o nome de Shri Durga.

Quando Shri Ramakrishna cantou o verso, "E com ele comprei o nome de Shri Durga", lágrimas começaram a rolar dos olhos do Pundit Shashadhar. O Mestre continuou a canção:

Fundo no meu coração, plantei o nome de Kali.

[2] Deus, a quem o poeta adorava como a Mãe Divina.
[3] Samadhi, que faz uma pessoa parecer adormecida.

A Árvore do Céu que satisfaz Todos os Desejos.
Quando Yama, Rei da Morte, aparece,
Abrirei meu coração para ele, e o mostrarei crescendo ali.
Joguei fora meus seis inimigos persistentes[4]
Pronto estou para navegar no mar da vida.
Gritando, "Salve Durga!"

Outra vez cantou:

More, Ó mente, dentro de você mesma;
Não entre em casa de mais ninguém.
Se procurar somente entrar ali, encontrará
Tudo o que está buscando. ...

E de novo:

Embora Eu[5] jamais relute em conceder liberação,
Na verdade hesito em dar puro amor.
Aquele que possui puro amor supera tudo.
É adorado pelos homens
E triunfa sobre os três mundos.

O pundit havia estudado os Vedas, os Puranas e as outras escrituras. Gostava de discutir filosofia. O Mestre, sentado no divã, lançou um olhar benigno ao pundit e deu-lhe conselhos utilizando parábolas.

Mestre (ao pundit): "Há muitas escrituras como os Vedas, mas não se pode realizar Deus sem austeridade e disciplina espiritual. 'Deus não pode ser encontrado nos sete sistemas, nos Vedas ou nos Tantras.'

"Mas deve-se aprender o conteúdo das escrituras e então, agir segundo suas prescrições. Um homem perdeu uma carta. Não conseguia lembrar-se onde a tinha deixado. Começou a procurá-la com um lampião. Depois de duas ou três pessoas a procurarem, a carta foi finalmente encontrada. A mensagem era, 'Pedimos que nos enviem cinco medidas de sandesh e uma peça de roupa.' O homem leu e, em seguida, jogou-a fora. Não mais necessitava dela; agora, o que tinha de fazer, era comprar o sandesh e uma peça de roupa.

"Melhor do que ler é ouvir, melhor do que ouvir é ver. Compreendem-se as escrituras melhor, ouvindo-as dos lábios do guru ou de um santo. Assim, não se pensa a respeito da parte não essencial. Hanuman disse: 'Irmão, não sei muito sobre as fases da lua ou posição das estrelas. Apenas contemplo Rama.'

"Mas ver é bem melhor do que ouvir. Desta forma todas as dúvidas desaparecem. É verdade que muitas coisas estão relatadas nas escrituras; mas todas elas são inúteis sem realização direta de Deus, sem devoção aos Seus Pés de Lótus, sem pureza de coração. O almanaque prevê a quantidade de chuvas do ano, mas o senhor não obterá uma gota de água, se espremer o almanaque. Não, nem mesmo uma gota.

"Por quanto tempo deve-se raciocinar sobre os textos das escrituras? Enquanto não tiver tido a realização direta de Deus. Por quanto tempo a abelha zumbe? Enquanto não pousar numa flor. Mal pousa numa flor, e começa sugar o mel, fica quieta.

"Mas o senhor deve lembrar-se de uma outra coisa. Pode-se falar mesmo depois da realização de Deus. Mas neste caso fala-se de Deus e da Felicidade Divina. É como um bêbado gritando, 'Salve a Mãe Divina!' Mal pode pronunciar qualquer coisa devido à sua embriaguez. O senhor pode reparar, também, que uma abelha faz um barulho confuso depois de haver sugado o mel de uma flor.

[4] As seis paixões.
[5] A canção representa as palavras de Shri Krishna.

"O jnani raciocina sobre o mundo, através do processo de 'Neti, neti', 'Isto não, isto não.' Raciocinando assim, por fim chega ao estado de Felicidade, que é Brahman. Qual é a natureza de um jnani? Age de acordo com as prescrições das Escrituras.

Uma vez fui levado a Chanak onde vi alguns sadhus. Vários deles estavam costurando. (*Todos riem*). Ao nos ver puseram de lado suas costuras. Sentaram-se retos, cruzando as pernas e conversaram conosco. (*Todos riem*).

"Mas os jnanis não falam de coisas espirituais, sem serem indagados. Perguntarão primeiro sobre coisas tais como a sua saúde e sua família.

"Mas a natureza de um vijnani é outra. É indiferente a tudo. Talvez leve sua roupa solta debaixo do braço, como uma criança, ou a roupa tenha caído do seu corpo.

"O homem que sabe que Deus existe, é chamado um jnani. O jnani é aquele que sabe, fora de dúvidas, que uma tora de madeira contém fogo. Mas um vijnani é aquele que acende o pedaço de madeira, cozinha naquele fogo e alimenta-se da comida. Os oito grilhões caíram do vijnani. Pode somente manter a aparência de luxúria, raiva e outros defeitos.

Pundit: "Os nós do coração são cortados pela raiz; todas as dúvidas são destruídas."

Mestre: "Sim, uma vez um navio navegava, quando subitamente suas juntas de ferro, pregos e parafusos caíram. O navio estava passando por uma colina magnética e assim, todo seu ferro afrouxou-se.

"Eu tinha o hábito de ir à casa de Krishnakishore. Uma vez ele me disse: 'Por que o senhor masca uma folha de betel?' Respondi-lhe: 'É meu prazer. Vou mascar folha de betel, olhar-me no espelho e dançar nu no meio de mil moças'.[6] A esposa de Krishnakishore repreendeu-o, 'O que disse a Ramakrishna? Você não sabe falar com as pessoas'.

Neste estado, as paixões como luxúria e raiva são totalmente queimadas, embora nada aconteça ao corpo físico. Este se parece com qualquer outro corpo, mas dentro, está puro."

Um devoto: "O corpo permanece, mesmo depois da realização de Deus? "

Mestre: "Com alguns. O corpo sobrevive para que possam exaurir seu prarabdha karma ou trabalhar para o bem-estar dos outros. Banhando-se no Ganges, um homem livra-se do pecado e alcança a liberação. Mas, por ser cego, não se livra da cegueira. Claro que escapa de nascimentos futuros que, do contrário, seriam necessários para colher o resultado de seu karma de erros passados. Seu corpo atual permanece vivo até que seu 'momentum'[7] não esteja exaurido, mas futuros nascimentos não serão possíveis. A roda move-se enquanto dura o impulso que a colocou em movimento. Depois pára. No caso de tal pessoa, as paixões como luxúria e a ira são completamente queimadas. O corpo fica vivo apenas para executar algumas ações."

Pundit: "Isso chama-se samskara."

Mestre: "O vijnani sempre vê Deus. É por isso que é tão indiferente ao mundo. Vê Deus mesmo estando de olhos abertos. Às vezes desce de Nitya à Lila, e outras vezes, sobe de Lila para Nitya."

Pundit: "Não compreendo isso."

Mestre: "O jnani raciocina sobre o mundo pelo processo 'Neti, Neti', e por fim, alcança o Eterno e Indivisível Satchidananda. Raciocina desta forma, 'Brahman não é os seres vivos; Ele não é nem o universo, nem os vinte e quatro princípios cósmicos.' Assim realiza que é o Absoluto que Se tornou tudo isto – o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos.

"O leite desenvolve-se em coalhada e a coalhada é batida até tornar-se manteiga. Depois de extrair a manteiga, compreende-se que a manteiga não é essencialmente diferente do soro, nem o soro da manteiga. A casca da árvore vai com a medula e a medula com a casca."

Pundit (*sorrindo para Bhudar*): "Você entende isso? É muito difícil."

Mestre: "Se houver manteiga deve haver soro, também. Se o senhor pensar em manteiga, deve também pensar em soro, pois um não existe sem o outro. Da mesma forma, se o senhor aceitar Nitya, deve aceitar também, Lila. É o processo de negação e afirmação. O senhor realiza Nitya, negando Lila. Em seguida o senhor afirma Lila, vendo nela a manifestação de

[6] Porque o Mestre era um vijnani.

[7] O momento das ações da encarnação anterior, que deu lugar a este corpo atual.

Nitya. Alcança-se este estado, depois de realizar a Realidade nos aspectos: 'Pessoal e Impessoal. O Pessoal é a personificação de Chit, Consciência; o Impessoal é o Indivisível Satchidananda.

"Foi somente Brahman que Se tornou tudo. Portanto para o vijnani, esse mundo é como uma 'mansão de alegria', mas para o jnani é uma 'moldura de ilusão'. Um outro homem disse-lhe, como resposta:

Este mundo é uma mansão de alegria;
Aqui posso comer, beber e divertir-me;
Ó médico[8], como você é um tolo!
Você pode ver somente a superfície das coisas.
O poder de Janaka era único;
O que lhe faltava do mundo ou do Espírito?
Agarrando-se tanto a um quanto a outro,
Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

O vijnani goza a Felicidade de Deus de uma forma mais intensa. Alguns ouviram falar de leite, outros viram-no e alguns beberam-no. O vijnani bebeu leite, gostou e ficou alimentado."

O Mestre permaneceu em silêncio por alguns minutos e então, perguntou ao pundit Shashadhar se não queria fumar. O pundit foi à varanda, fumar. Logo voltou para o quarto e sentou-se no chão com os devotos. Sentado no pequeno divã, o Mestre continuou a conversa.

Mestre (*ao pundit):* "Vou dizer-lhe uma coisa. Há três espécies de felicidade: a felicidade do desfrutar mundano, a felicidade da adoração e a felicidade de Brahman. A felicidade do desfrutar mundano é a felicidade de 'mulher e ouro', que as pessoas experimentam sempre. A felicidade da adoração é a que se desfruta enquanto se canta o nome e as glórias de Deus. E a Felicidade de Brahman é a felicidade da visão de Deus. Depois de experimentarem a felicidade da visão de Deus, os rishis dos tempos antigos ultrapassaram todas as regras e convenções.

"Chaitanyadeva costumava experimentar três estados espirituais: o interior, o semiconsciente e o consciente. No estado interior, via Deus e entrava em samadhi. Estava em estado de jada samadhi. No estado semiconsciente ficava parcialmente consciente do mundo externo. No estado consciente podia cantar o nome e as glórias de Deus."

Hazra (*ao pundit*): "Assim todas as suas dúvidas foram agora esclarecidas."

Mestre (*ao pundit*): "O que é samadhi? É a completa fusão da mente na Consciência de Deus. O jnani experimenta jada samadhi, quando então não resta qualquer rastro do 'eu'. O samadhi que é atingido por meio de bhakti é chamado 'chetana samadhi'. Neste samadhi permanece a consciência do 'eu', da relação servo-Amo, amante-Bem-amado e da relação Alimento e aquele que é nutrido. Deus é o Amor; o devoto é o servo. Deus é o Bem-amado, o devoto o amante. Deus é o Alimento e o devoto é aquele que é nutrido. 'Não quero ser açúcar. Quero comê-lo'."

Pundit: "O que acontece se Deus dissolve todo o seu 'eu', se Ele transforma aquele que desfruta em açúcar?"

Mestre (*sorrindo*): "Ora, ora! Diga-me o que vai em sua mente. As escrituras não mencionam Narada, Sanaka, Sanatana, Sananda e Sanatkumara?"

Pundit: "Sim, senhor, mencionam."

Mestre: "Embora fossem jnanis, todavia conservaram o 'eu' do bhakta. O senhor não leu o *Bhagavata*?"

Pundit: "Li somente uma parte, não todo."

Mestre: "Ore a Deus. Ele está cheio de compaixão. Será que não escutará as palavras de Seu devoto? Ele é Kalpataru. O senhor obterá d'Ele tudo o que desejar."

Pundit: "Não havia pensado profundamente a esse respeito, mas agora compreendo."

[8] Ramprasad pertenceu à classe dos médicos.

Mestre: "Deus conserva um pouco do 'eu' em Seu devoto, mesmo depois de ter-lhe dado o Conhecimento de Brahman. Esse 'eu' é o 'eu' do devoto, o 'eu do jnani'. Através desse 'eu', o devoto desfruta o jogo infinito de Deus.

"O socador [9] estava quase desgastado de tanto ser batido. Havia sobrado apenas um pedaço que se perdeu na vegetação e ocasionou a destruição da raça dos Yadus. O vijnani retém o 'eu do devoto', o 'eu do jnani', a fim de saborear a Felicidade de Deus e ensinar as pessoas.

"Os rishis da antigüidade eram de uma natureza tímida. Assustavam-se facilmente. Sabem como era sua atitude? Diziam: 'Que eu obtenha de qualquer maneira a minha salvação; quem se importa com os outros?' Um pedaço oco de madeira consegue flutuar, mas afunda se apenas um pássaro pousar, mas Narada e sábios do seu tipo são como uma imensa tora que não somente pode atravessar até a outra margem, mas também carrega muitos animais e pessoas. Um barco a vapor atravessa o oceano e também leva pessoas.

"Mestres como Narada pertencem à classe dos vijnanis. Eram muito mais corajosos do que os outros rishis. Eram como um exímio jogador de satrancha. O senhor já deve ter notado como ele grita enquanto joga os dados: 'O que quero? Seis? Não, cinco! Aqui estão cinco!' E cada vez que joga os dados, obtém o número que deseja. É um jogador tão esperto! Enquanto joga até torce o bigode.

"Um simples jnani treme de medo. É como um jogador de satrancha amador. Está ansioso para mover suas peças de algum modo até a zona de segurança, onde elas não serão tomadas por seu opositor. Mas o vijnani não tem medo de nada. Realizou ambos os aspectos de Deus: Pessoal e Impessoal. Falou com Deus. Desfrutou a Felicidade de Deus.

"É uma alegria indescritível fundir a mente no Brahman Indivisível, pela contemplação. É também, uma alegria manter a mente na Lila, o Relativo, sem dissolvê-la no Absoluto.

"Um simples jnani é uma pessoa monótona. Sempre analisa, dizendo, 'Isto não, isto não. O mundo é como um sonho'. Mas eu levantei 'ambas as mãos', portanto, aceito tudo.

"Ouça uma história. Uma vez uma mulher foi visitar uma amiga tecelã. A tecelã, que estivera fiando diferentes tipos de fios de seda, ficou muito contente ao ver a amiga e disse-lhe: 'Amiga, não posso dizer quão feliz estou em vê-la. Deixe-me apanhar um refresco para você.' Saiu do aposento. A mulher olhou para os fios de cores diferentes e ficou tentada. Escondeu um punhado de fio debaixo do braço. A tecelã voltou logo com os refrescos e começou a servir a convidada com grande entusiasmo, mas ao olhar para a linha, compreendeu que a amiga havia apanhado um punhado. Fez um plano para recuperá-lo, dizendo, 'Amiga, há tanto tempo que não a vejo. Este é um dia de grande alegria para mim. Gostaria de convidá-la para dançar.' Quando a tecelã viu que sua amiga dançava sem levantar os braços, disse, 'Amiga, vamos dançar com ambos os braços levantados. Este é um dia de grande alegria.' Mas a convidada pressionou um braço contra o corpo e dançou levantado somente o outro. A tecelã disse: 'O que é isto, amiga? Por que dança com apenas um dos braços levantados? Dance comigo, levantando ambos. Olhe para mim e veja como danço.' Mas a convidada continuava apertando o braço de um lado. Dançou com o outro levantado e disse com um sorriso, 'É assim que sei dançar.'

O Mestre continuou: "Não aperto meu braço de um lado. Ambos estão livres. Não tenho medo de nada. Aceito tanto o Nitya como a Lila, tanto o Absoluto quanto o Relativo.

"Eu disse a Keshab Sen que ele não poderia realizar Deus sem renunciar ao ego.. Ele disse: 'Senhor, neste caso não poderei manter a organização.' Retruquei: 'Estou lhe pedindo para desistir do "ego imaturo", o "ego perverso", mas não há qualquer mal no "ego maduro", o "ego filho", o "ego servo", o "ego do Conhecimento".

"O 'ego do homem mundano', o 'ego ignorante', o 'ego imaturo' é como uma vara grossa. Divide, por assim dizer, a água do Oceano de Satchidananda, mas o 'ego servo' o 'ego filho' o 'ego do Conhecimento' é como uma expansão de água. Vê-se claramente que há somente uma expansão de água. A linha divisória faz parecer que a água possui duas partes, mas vê-se que, na realidade, há somente uma expansão de água.

---

[9] A história é relatada no *Mahabharata*, de como os parentes de Krishna brigaram por causa de um fragmento de um socador e exterminaram-se, matando-se uns aos outros.

"Shankaracharya manteve o 'ego do Conhecimento' para ensinar as pessoas. Deus mantém em muitas delas o 'ego do jnani' ou o 'ego do bhakta', mesmo depois de ter alcançado Brahmajnana. Hanuman, depois de realizar Deus em Seus aspectos Pessoal e Impessoal, manteve para com Deus, a atitude de um servo, um devoto. Disse a Rama: 'Ó Rama, às vezes penso que Tu és o Todo e eu, parte de Ti. Às vezes penso que Tu és o Amo e eu, Teu servo. E às vezes Rama, quando contemplo o Absoluto, vejo que eu sou Tu, e Tu és eu.

"Yashoda ficou muito pesarosa com a separação de Krishna e chamou Radha. Radha viu o sofrimento de Yashoda e revelou-Se a ela como a Shakti Divina, que era a sua verdadeira natureza. Disse a Yashoda: 'Krishna é Chidatma, Consciência Absoluta e eu, Chidshakti, o Poder Primordial. Peça-Me uma graça.' Yashoda disse: 'Não quero Brahmajnana. Por favor conceda-me apenas que eu possa ver a forma de Gopala em minha meditação, ter a companhia dos devotos de Krishna, sempre servir os devotos de Deus e cantar o nome e glórias de Deus."

"Uma vez as gopis sentiram um grande desejo de ver as formas do Senhor. Então Krishna mandou-as mergulhar nas águas do Jamuna. Mal mergulharam, chegaram todas ao Vaikuntha. Ali viram a forma do Senhor dotada dos seis esplendores celestiais. Mas não gostaram. Disseram a Krishna: 'Queremos ver Gopala e servi-Lo. Por favor concede-nos somente essa graça. Não queremos mais nada.'

"Depois de Sua partida para Mathura, Krishna quis dar o Conhecimento de Brahman às gopis. Disse-lhes: 'Moro tanto no interior, como no exterior de todos os seres. Por que devem ver somente uma de Minhas formas?' As gopis gritaram em coro: 'Ó Krishna, Tu queres afastar-Te de nós? É por isso que nos está instruindo em Brahmajnana?'

"O senhor conhece a atitude das gopis? É esta: 'Somos de Radha e Radha é nossa."[10]

Um devoto: "Esse 'eu' do devoto nunca desaparece totalmente?"

Mestre: "Sim, desaparece com o tempo. Obtém-se então, o Conhecimento de Brahman, e entra-se em samadhi. Também o perdi, mas não todo o tempo. Na escala musical há sete notas: as, re, ga, ma, pa, dha e ni. Não se pode manter a voz em ni, durante muito tempo. Deve-se trazê-la de novo, para as notas mais baixas. Oro à Mãe Divina, 'Ó Mãe, não me dês Brahmajnana.' Antigamente aqueles que acreditavam em Deus com forma, costumava visitar-me muito. Então os modernos Brahmajnanis[11] começaram a chegar. Naquela época costumava permanecer inconsciente, em samadhi a maior parte do tempo. Sempre que retornava à consciência do mundo, dizia à Mãe Divina, 'Ó, por favor, Mãe, não me dês Brahmajnana.'

Pundit: "Deus escuta nossas orações?"

Mestre: "Deus é o Kalpataru, a Árvore que Satisfaz Todos os Desejos. Certamente o senhor conseguirá o que quiser d'Ele, mas deve orar perto do Kalpataru. Só então sua prece será atendida. Deve lembrar-se de outra coisa. Deus conhece nosso anseio interior. Um homem obtém a satisfação do desejo que acalenta, ao praticar sadhana. Como se pensa, assim se recebe. Um mágico estava apresentando seus truques, diante de um rei: de vez em quando exclamava: 'Venha a confusão! Venha a ilusão! Ó rei, dê-me dinheiro! Dê-me roupas!' Subitamente sua língua virou para cima e prendeu-se no palato. Experimentou kumbhaka. Não podia pronunciar nem uma palavra, nem um som e ficou imóvel. As pessoas pensavam que ele estivesse morto. Construíram uma armação de tijolos e enterraram-no como estava. Depois de mil anos, alguém cavou a armação. Dentro encontraram um homem sentado em samadhi. Tomaram-no por um santo e o adoraram. Quando o sacudiram sua língua afrouxou-se e ele voltou à posição normal. O mágico tornou-se consciente do mundo exterior e gritou, como há mil anos atrás, 'Venha a confusão! Venha a ilusão! Ó rei, dê-me dinheiro! Dê-me roupas!'

"Eu costumava chorar, orando à Mãe Divina: 'Ó Mãe, destrói com Teu trovão minha tendência ao raciocínio.'

Pundit: "O senhor também teve tendência a raciocinar?"

Mestre: "Sim, uma vez."

---

[10] O ideal das gopis não era fundir-se na Consciência de Deus, mas manter sua individualidade a fim de desfrutar a comunhão de Radha e Krishna. Olhavam-se como companheiras de Radha.

[11] Membros do Brahmo Samaj, que acreditavam em Brahman sem forma.

Pundit: "Então, por favor, diga-nos que nos livraremos dessa inclinação, também. Como o senhor livrou-se da sua?"

Mestre: "Ó, de um jeito ou de outro."

Shri Ramakrishna ficou silencioso por uns instantes. Logo continuou a conversa.

Mestre: "Deus é Kalpataru. Deve-se orar próximo dela. Assim, obter-se-á o que quer que se deseje.

"Quantas coisas Deus criou! Infinito é Seu universo, mas que necessidade tenho de conhecer todos Seus esplendores infinitos! Se eu tiver que conhecê-los, deixe-me primeiro realizá-Lo. Então o próprio Deus me dirá tudo a respeito deles. Que necessidade tenho de conhecer quantas casas e quantas ações do governo Jadu Mallick possui? Tudo de que necessito é conversar com ele. Posso conseguir vê-lo saltando sobre um vale, ou através de uma petição ou depois de ter sido empurrado por seu porteiro. Uma vez que tenha conseguido falar, ele mesmo me dirá tudo a respeito de suas posses, se eu lhe perguntar. Se uma pessoa relacionar-se com o dono, é respeitado também, pelos seus funcionários. (*Todos riem*).

"Há alguns que não se interessam em conhecer os esplendores de Deus. Que me importa quantos galões de vinho há na taverna? Uma garrafa me será suficiente. Por que deveria desejar o conhecimento dos esplendores de Deus? Estou intoxicado com o pouco de vinho que bebi.

"Ambas bhakti e jnana yoga são caminhos pelos quais pode-se realizar Deus. Qualquer caminho que escolher, certamente O realizará. O caminho da bhakti é um caminho fácil. O caminho do Conhecimento e discriminação é muito difícil. Por que se deveria raciocinar tanto para saber o melhor caminho? Falei sobre isto com Vijay por muitos dias. Uma vez falei-lhe sobre um homem que costumava orar, 'Ó Deus, revela-me quem e o que Tu és.'

"O caminho do Conhecimento e da discriminação é, na verdade, difícil. Parvati, a Mãe Divina, revelou Suas várias formas a Seu pai, e disse, 'Pai, se quiseres Brahmajnana, viva, na companhia dos santos.'

Brahman não pode ser descrito em palavras. Diz-se no *Rama Gita* que Brahman foi descrito apenas indiretamente, pelas escrituras. Quando se fala da 'vila pastora no Ganges', está-se dizendo, de uma forma indireta, que a vila está situada *às margens* do Ganges.

"Por que um homem não seria capaz de realizar o Brahman sem forma? Mas é extremamente difícil. Não consegue enquanto tiver o mais leve traço de mundanismo. Pode estar diretamente consciente de Brahman em sua consciência mais íntima, somente quando renunciar a todos os objetos dos sentidos - forma, paladar, olfato, tato e som - e quando sua mente parar completamente de funcionar. Aí então, saberá que somente Brahman existe.."

Citando um *Upanishad*, o pundit disse, "Deve ser experimentado só como Existência."

Mestre: "A fim de realizar Deus, um devoto deve ter uma atitude particular - a atitude de 'herói', de amigo, de atendente ou de filho."

"Mani Mallick: "Só então pode-se sentir atraído para Deus."

Mestre: "Durante muitos dias alimentei o sentimento de que era companheira da Mãe Divina. Costumava dizer: 'Sou uma atendente da Brahmamayi, a Mãe Bem-aventurada. Ó companheiras da Mãe Divina, tornem-se uma atendente da Mãe! Irei orgulhosamente dizendo, 'Sou uma atendente da Brahmamayi!' "

"Algumas almas realizam Deus sem praticar qualquer disciplina espiritual. São chamadas nityasiddha, *eternamente* perfeitas. Aquelas que realizam Deus através de austeridade, japa e outras disciplinas, são chamadas sadhanasidha, perfeitas pela disciplina espiritual. Também há as kripasiddhas, perfeitas pela *graça divina*. Essas últimas podem ser comparadas a um aposento mantido no escuro durante mil anos, que se torna iluminado no momento em que um lampião é aí aceso.

"Há também, uma espécie de devotos, os hathasiddhas, quer dizer, aqueles que subitamente alcançaram a visão de Deus. Sua situação é semelhante a de um pobre rapaz que, subitamente, foi favorecido por um homem rico. Casa a filha com o rapaz, e com isso, dá-lhe terras, casa, carruagem, empregados e tudo o mais.

"Há ainda outros devotos, os svapnasiddhas, que tiveram a visão de Deus num *sonho*."

Surendra (sorrindo): "Vamos então dormir. Despertaremos e nos encontraremos como se fôssemos Babus, aristocratas."

Mestre (*afetuosamente*): "Você é um Babu. Quando se acrescenta a letra 'a' à letra 'k', torna-se 'ka'. É inútil pôr um outro 'a'. Se o fizer, continuará o mesmo 'ka'. (*Todos riem*).

'O nityasiddha é uma classe à parte. É como a madeira arani [12]. Com um simples faísca, pode-se obter fogo sem friccionar. O nityasiddha realiza Deus, praticando pouca disciplina espiritual, e às vezes, mesmo sem nenhuma. Mas ele continua a praticar depois de realizar Deus. É como a cabaça ou a moranga - primeiro o fruto, depois a flor."

O pundit sorriu com esta ilustração.

Mestre: "Veja o exemplo de Prahlada. Era um nityasiddha. Quando escrevia a letra 'k' derramava uma torrente de lágrimas."[13]

O Mestre gostou da humildade do pundit e o elogiou aos devotos.

Mestre: "Ele tem uma linda natureza. Não há dificuldade de se colocar um prego numa parede de barro, mas a ponta quebra ao se tentar pregá-lo numa parede, e assim mesmo, ele não consegue penetrá-la. Há pessoas cuja consciência espiritual não está de todo despertada, embora ouçam mil vezes, falar de Deus. São como crocodilos cujo couro não se pode cortar nem com uma espada.

Pundit: "Mas pode-se ferir um crocodilo jogando-se uma lança em sua barriga."

Mestre (sorrindo): "Qual a vantagem em ler muito as escrituras? Qual o bem no estudo da filosofia? Qual a utilidade de ser grande? Para aprender a arte de manejar arco e flecha, deve-se em primeiro lugar, mirar uma bananeira, em seguida um caniço, depois um pavio e por fim, um pássaro voando. No início devemos nos concentrar em Deus com forma.

"Há devotos que estão além dos três gunas. São eternamente dedicados a Deus, como Narada. Esses devotos contemplam Krishna como Chinmaya, todo Espírito, Sua morada como Chinmaya, Seus devotos como Chinmaya. Para eles Deus é eterno. Sua morada é eterna, Seu devoto é eterno.

"Aqueles que raciocinam e especulam seguindo o processo de 'Neti, Neti', não aceitam a Encarnação de Deus. Hazra diz bem que a Encarnação Divina é somente para o bhakta, e não, para o jnani, pois o jnani está satisfeito com seu ideal, 'Sou Ele'.

Shri Ramakrishna e os devotos fizeram silêncio por algum tempo. O pundit prosseguiu.

Pundit: "Senhor, como podemos livrar-nos da calosidade? (*Risada)* Fez-me lembrar de músculos e nervos. Tristeza faz-me pensar no sistema nervoso."

Mestre (*sorrindo*): "É por isso que Narayan Shastri costumava dizer, 'O efeito prejudicial do estudo das escrituras, é que encoraja o raciocínio e a argumentação."

Pundit: "Então não há nenhum caminho para nós?"

Mestre: "Sim, há o caminho da discriminação. Aparece numa canção, o verso, 'Pergunte a seu filho Discriminação a respeito da Verdade"?

"O caminho está na discriminação, renúncia e anelo apaixonado por Deus. Se um homem não praticar discriminação, não poderá pronunciar as palavras certas. Uma vez, depois de ter exposto a religião de forma ampla, o Pundit Samadhyaya disse, 'Deus é seco". Ele me fez recordar o homem que uma vez dissera, 'O curral de meu tio está cheio de cavalos'. Ora, será que alguém guarda cavalos no curral? (*Com um sorriso*): O senhor tornou-se um chanabara [14] frito na manteiga. Será bom para o senhor e para os outros também, se ficassem mergulhados na calda por uns dias. Somente uns poucos dias."

Pundit (*sorrindo*): "O doce está frito demais. Ficou torrado."

Mestre (*com uma risada*): "Não! Não! Está marrom como uma barata. É exatamente a cor certa."

Hazra: "O doce está bem cozido. Tornou-se esponjoso. Agora absorverá a calda muito bem."

Mestre: "Veja, não há necessidade de ler demais as escrituras. Se o senhor ler muito, se sentirá inclinado a raciocinar e discutir. Nangta ensinava-me assim: 'O que se obtém ao repe-

[12] Pedaço de madeira usado para acender o fogo sagrado por fricção.

[13] A letra 'k' lembrava a Prahlada, sua Divindade Escolhida, Krishna.

[14] Doce bengali feito de queijo, primeiro frito na manteiga, e em seguida, mergulhado na calda.

tir a palavra 'Gita' dez vezes, é a essência do livro. Em outras palavras, se repetir "Gita' dez vezes, a palavra será revertida em 'tagi', que significa renúncia.

"Sim, o meio de realizar Deus é através da discriminação, renúncia e anelo por Ele. Que tipo de anelo? Deve-se ansiar por Deus como a vaca, que ansiosamente corre atrás do bezerro."

Pundit: "O mesmo dizem os Vedas, 'Ó Deus chamamos por Ti, como a vaca que muge pelo bezerro'."

Mestre: "Junte suas lágrimas ao seu anseio. Se o senhor puder renunciar tudo através da discriminação e desapego, será capaz de ver Deus. Esse desejo intenso leva à embriaguez de Deus, quer o senhor siga o caminho do Conhecimento ou da Devoção. Sábio Durvasa estava louco com o Conhecimento de Deus.

"Há uma grande diferença entre o conhecimento de um chefe de família e o de um sannyasi que renunciou a tudo. O conhecimento de um chefe de família é como a luz de um lampião, que ilumina somente o interior de um aposento. Com a ajuda de tal conhecimento, ele não pode ver nada, a não ser seu próprio corpo e sua família próxima. Mas o conhecimento de um monge que a tudo renunciou, é como a luz do sol. Com esta luz ele pode ver tanto o interior como o exterior do aposento. O conhecimento de Chaitanyadeva tinha o brilho do sol - o sol do Conhecimento. Além do mais, irradiava a doce luz da lua da Devoção. Ele era dotado de ambos - Conhecimento de Brahman e amor a Deus.

(*Ao pundit*): "Pode-se alcançar consciência espiritual através de ambas, afirmação e negação. Há o caminho positivo do amor e da devoção, e há o caminho negativo do conhecimento e da discriminação. O senhor prega o caminho do conhecimento, mas isto cria uma situação difícil; aí o guru e o discípulo não se vêem um ao outro. Shukadeva foi ter um com Janaka, para instrução do Conhecimento de Brahman. Janaka disse-lhe: 'Você tem que me pagar os honorários de antemão. Quando alcançar o Conhecimento de Brahman, não me pagará os honorários porque o Conhecedor de Brahman não vê diferença ente o guru e o discípulo.

'"Tanto a negação como a afirmação são meios para realizar o mesmo objetivo. Infinitas são as opiniões e infinitos os meios, mas o senhor deve recordar-se de uma coisa. Prescreve-se que o caminho da devoção descrito por Narada é o mais adequado para o Kaliyuga. Segundo este caminho, primeiro vem bhakti; em seguida bhava, quando bhakti está madura. Mais elevadas que bhava são mahabhava e prema. Um mortal comum não atinge mahabhava e prema. Aquele que alcançou estes estados, realizou o objetivo, isto é, atingiu Deus."

Pundit: "Para expor a religião deve-se usar um grande número de palavras."

Mestre: "Quando pregar, elimine a 'cabeça e a cauda', quer dizer, dê ênfase apenas às coisas essenciais."

O pundit e Mani Mallick começaram a conversar. Mani era membro do Brahmo Samaj. O pundit discutia com veemência sobre os lados bom e mau do Samaj. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, observando-o e sorrindo. Então comentou: "Este é o aspecto tamásico de sattva, a atitude de herói. É necessário. Não se deve segurar a língua ante a injustiça e inverdade. Suponhamos que uma mulher má queira tirá-lo do caminho da retidão. Deve-se assumir a atitude heróica e dizer: 'O que? Sua bruxa! Como ousa prejudicar minha vida espiritual? Vou cortá-la em duas, agora mesmo'."

Com um sorriso Shri Ramakrishna disse ao pundit: "Mani Mallick vem seguindo a orientação do Brahmo Samaj, há muito tempo. O senhor não pode convertê-lo às suas idéias. É fácil destruir velhas tendências? Uma vez houve um hindu muito piedoso, que sempre adorava a Mãe Divina e cantava Seu nome. Quando os muçulmanos conquistaram o país, obrigaram-no a abraçar o islamismo. Disseram-lhe: 'Agora você é um muçulmano. Diga 'Alá'. Daquele dia em diante passou a repetir a palavra 'Alá', mas de vez em quando lhe escapava o nome 'Jagadamba'[15]. Os muçulmanos estavam prestes a bater nele. Por isso ele disse: 'Eu lhes suplico! Por favor, não me matem. Venho fazendo o melhor que posso para repetir nome de Alá, mas nossa Jagadamba dominou minha garganta, Ela empurra para fora o seu Alá'. (*Todos riem*).

[15] "A Mãe do Universo", um dos nomes da Mãe Divina.

(*Ao pundit*): "Por favor, não diga nada a Mani Mallick. O senhor deve saber que há diferentes gostos. Há, também, diferentes capacidades de digestão. Deus fez distintas religiões e credos para diferentes aspirantes. De jeito algum, nem todos estão preparados para o Conhecimento de Brahman, portanto, foi estabelecida a adoração de Deus com forma.

"A mãe compra um peixe para os filhos. Faz peixe ao curry com uma parte, com outra ela frita e com o restante, faz pilau. Nem todos podem digerir pilau. Assim ela faz sopa de peixe para aqueles que têm estômago delicado. Além disso, alguns querem-no em forma de pickle ou frito. Há diferentes temperamentos. Há diferenças na capacidade de compreensão.

Todos estavam em silêncio. Shri Ramakrishna disse ao pundit: "Vá visitar os templos e dar uma volta pelo jardim." Eram aproximadamente cinco e meia da tarde. O pundit deixou o aposento com os amigos e vários devotos.

Depois de um certo tempo, o Mestre com M. foi ao ghat de banho no Ganges. Disse a M.: "Baburam agora diz, 'O que ganho com o estudo?' " Na margem do rio encontrou-se com o pundit e perguntou-lhe: "Não vai ao templo de Kali?" O pundit respondeu: "Sim, senhor. Vamos juntos."

Rosto sorridente, Shri Ramakrishna dirigiu-se ao templo, atravessando o pátio: "Ouça a canção":

> É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
> Desnuda da cor mais negra.
> Ilumina o Lótus do Coração. ...

Enquanto atravessava o pátio, citou para o pundit, um trecho de uma canção:

> Acendendo o lampião do Conhecimento na câmara do seu coração,
> Contemple o rosto da mãe, a Personificação de Brahman.

Chegaram ao templo. Shri Ramakrishna saudou a Mãe Divina, tocando o chão, com a testa.

Flores de hibisco vermelhas e folhas de vilwa adornavam os pés da Mãe. Seus olhos irradiavam amor por Seus devotos. Duas de Suas mãos estavam levantadas, como que para dar-lhes graças e confiança: as outras duas seguravam os símbolos da morte. Vestia um sari de Benares e estava enfeitada de jóias.

Referindo-se à imagem, uma das pessoas do grupo, comentou: "Ouvi falar que foi feita pelo escultor Nabin." O Mestre respondeu: "Sim, eu sei, mas para mim, Ela é a Personificação do Espírito."

Quando Shri Ramakrishna voltava para o aposento com os devotos, disse a Baburam: "Venha conosco." M. também juntou-se a eles.

Era o entardecer. O Mestre estava sentado no pórtico semicircular oeste do quarto. Baburam e M. sentaram-se junto dele. Estava em êxtase parcial.

Rakhal não estava morando com Shri Ramakrishna, e por isso, o Mestre tinha dificuldade com seu serviço pessoal. Diversos devotos viviam com ele, mas ele não podia suportar o contato com qualquer um, durante seus estados espirituais. Sugeriu a Baburam: "Fique comigo. Vai ser muito agradável. Nesse estado não posso permitir que outros me toquem."

O pundit entrou no quarto do Mestre, depois de visitar os templos. O Mestre disse-lhe do pórtico, "Tome alguma coisa." O pundit disse que ainda não havia feito sua prática da tarde. Imediatamente Shri Ramakrishna ficou de pé e cantou, em êxtase:

> Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kashi, Kanchi ou Prabhas,
> Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?
> Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais práticas espirituais,
> Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas? ...

Embriagado com o amor extático, o Mestre disse: "Por quanto tempo deve-se fazer práticas espirituais? Enquanto a mente não se fundir em Deus ao repetir Om."

Pundit: 'Vou comer algo. Farei a prática mais tarde."

Mestre: "Não, não desejo obstruir a corrente de sua vida. Não é bom renunciar alguma coisa, antes da hora. Quando o fruto amadurece, a flor cai por si mesma. Não se deve arrancar com força o galho verde do coqueiro. Danifica a árvore."

Surendra estava pronto para ir embora. Convidou seus amigos para irem na sua carruagem. O Mestre, ainda em êxtase, disse, "Não leve mais pessoas do que seu cavalo pode puxar." Surendra despediu-se de Shri Ramakrishna. O pundit saiu do quarto para fazer sua prática espiritual. M. e Baburam saudaram o Mestre. Já era hora de irem para Calcutá. Shri Ramakrishna continuava em êxtase.

Mestre (*a M.*): "Não posso pronunciar uma palavra agora. Fique mais alguns minutos."

M. sentou-se de novo e esperou a ordem do Mestre. Shri Ramakrishna fez sinal a Baburam para se sentar, e pediu-lhe para abaná-lo um pouco. M. também participou deste serviço pessoal ao Mestre.

Mestre (*a M. com ternura*): "Por que agora você não vem aqui com tanta freqüência?"

M.: "Por nenhuma razão especial. Tenho estado muito ocupado em casa."

Mestre: "Ontem conheci a natureza interna de Baburam. É por isso que tenho tentado persuadi-lo a que venha viver comigo. A mãe passarinho choca o ovo na época certa. Rapazes como Baburam são puros de coração. Ainda não caíram nas garras de 'mulher e ouro'. Não é?"

M.: "É verdade, senhor. São ainda sem mácula."

Mestre: "São como um pote novo. O leite que é colocado ali, não fica azedo."

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Preciso de Baburam aqui. Passo por certos estados espirituais quando então necessito de alguém como ele. Diz que não deve agora viver permanentemente comigo, pois isto lhe trará dificuldades. Seus parentes criarão problemas. Estou pedindo que venha aqui aos sábados e domingos."

O pundit entrou no quarto com os amigos. Havia terminado de fazer suas orações e ia comer alguma coisa. Um dos seus companheiros perguntou ao Mestre: "Vamos ser bem sucedido na vida espiritual? Por favor diga-nos qual o nosso caminho."

Mestre: "Todos vocês têm anelo de liberação. Se um aspirante tem desejo ardente, isso é suficiente para que realize Deus. Não coma nada da 'cerimônia do sraddha' [16]. Viva no mundo como uma mulher livre. Ela faz todas as tarefas domésticas com muita atenção, mas a mente mora dia e noite no amante. Cumpra suas obrigações no mundo, mas mantenha a mente sempre fixa em Deus."

O pundit acabou de comer.

Mestre (*ao pundit*): "O senhor sem dúvida, leu o *Gita*. Está dito ali que há um poder especial de Deus no homem que é honrado e respeitado por todos."

O pundit citou o verso do *Gita*.

Mestre: "O senhor certamente possui poder divino."

Pundit: "Tenho que trabalhar com perseverança até terminar a tarefa que aceitei?"

Shri Ramakrishna parece que ia que dizer 'sim', mas logo mudou de assunto.

Mestre: "Tem-se que admitir a manifestação de poder. Vidyasagar uma vez me perguntou: 'Deus deu mais poder a uns dos que a outros?' Disse-lhe: 'Certamente. Do contrário, como pode um homem matar cem pessoas? Se não há manifestação especial de poder, então por que a Rainha Vitória é tão honrada e respeitada? O senhor não admite isto?' Ele concordou comigo."

O pundit e seus amigos saudaram o Mestre e já estavam de saída, quando Shri Ramakrishna disse ao pundit: 'Volte outra vez. Um fumante de cânhamo gosta da companhia de outro fumante de cânhamo. Chegam até se abraçar, mas escondem-se dos outros que não sejam como eles. A vaca lambe o corpo do bezerro, mas ameaçam uma vaca estranha, com seus chifres.' (*Todos riem*).

O pundit deixou o aposento. Com um sorriso, o Mestre falou: "Ele se 'derreteu' num só dia. Reparou como é modesto? Aceitou tudo o que eu disse."

---

[16] Oferenda de comida e bebida a parentes falecidos, especialmente, os ancestrais.

O luar inundava o pórtico. Shri Ramakrishna continuava sentado. M. estava de saída.

Mestre (*afetuosamente*): "Você tem que ir agora?"

M.: "Sim, senhor. Vou dizer-lhe adeus."

Mestre: "Tenho pensado em visitar a casa dos devotos. Também quero ir na sua. O que me diz?"

M.: "Isso será muito bom."

Quinta-feira, 3 de julho de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado na casa de Balaram Bose, em Calcutá. Era o dia do "Festival da Volta do Carro". O Senhor do Universo era adorado na casa de Balaram em Jagannath. Havia um pequeno carro na casa, para uso durante o Festival do Carro.

O pai de Balaram era um piedoso vaishnava, que dedicava a maior parte do tempo à oração e à meditação, em sua chácara em Vrindavan. Também estudava livros religiosos e apreciava a companhia dos devotos. Balaram trouxera o pai a Calcutá para conhecer o Mestre.

Shri Ramakrishna estava muito feliz. Sentado perto dele estavam Ram, Balaram, o pai de Balaram, M., Manomohan e vários devotos jovens.

Mestre (*ao pai de Balaram e outros*): *"Bhaktamala* é um dos livros vaishnavas. É um livro excelente. Descreve a vida de diversos devotos vaishnavas, mas é unilateral . Num trecho o autor encontrou paz de espírito somente depois de obrigar Bhagavati, a Mãe Divina, a dar Sua iniciação de acordo com a disciplina vaishnava.

"Uma vez enalteci Vaishnavcharan a Mathur e o persuadi a convidá-lo a ir à sua casa. Mathur recebeu-o com muita cortesia. Serviu-lhe em travessas de prata. Sabe o que aconteceu? Vaishnavcharan disse na frente de Mathur: 'O senhor não alcançará nada na vida espiritual a não ser que aceite Krishna como seu Ideal'. Mathur era seguidor do culto shakta e adorador da Mãe Divina. Na mesma hora seu rosto ficou vermelho. Cutuquei Vaishnavcharan.

"Compreendo que o *Bhagavata* também contém algumas afirmações como essa. Soube que lá está escrito que tentar cruzar o oceano do mundo sem aceitar Krishna como Divindade Ideal, é como tentar atravessar um grande mar, segurando-se na cauda de um cachorro. Cada seita aumenta seu ponto de vista.

"Os shaktas, também, tentam diminuir os vaishnavas. Os vaishnavas dizem que só Krishna é o Timoneiro que leva uma pessoa através do oceano do mundo. Os shaktas retrucam: "Ó sim! Concordamos com isto. Nossa Mãe Divina é a Imperatriz do Universo. Por que Ela deveria aborrecer-se a respeito de um barco? Por isso Ela contratou aquele sujeito Krishna para esse propósito'. (*Todos riem*).

"Além disso, como as pessoas são vãs a respeito de suas próprias seitas! Há tecelões nos vilarejos perto de Kamarpukur. Muitos são vaishnavas e gostam de falar alto. Dizem: 'Que Vishnu ele adora? O Preservador? Ó, nós não o tocaríamos!' Ou: 'De que Shiva você está falando? Aceitamos o Atmarama Shiva'. Ou então, 'Por favor explique qual Hari você adora'. Enquanto tecem, alimentam tais conversas.

"A mãe de Rati, confidente favorita de Rani Katyayani é uma seguidora de Vaishnavcharan. É uma vaishnava beata. Costumava visitar-me com muita freqüência e ninguém podia ultrapassá-la em sua devoção. Um dia notou que eu comia prasad do templo de Kali. Desde então nem sua sombra eu vi mais.

"É realmente um verdadeiro homem aquele que harmonizou tudo. A maioria das pessoas são unilaterais, mas acho que todas as opiniões apontam para o Uno. Todos os pontos de vista – shakta, vaishnava, Vedanta – possuem esse Uno como centro. Aquele que é sem forma é, também, dotado de forma. É Ele que aparece em diferentes formas, 'O Brahman sem atributos é meu Pai. Deus com atributos é minha Mãe. A quem se deve culpar? A quem devo louvar? Os dois pratos da balança são igualmente pesados.'

"Aquele que está descrito nos Vedas, está também descrito nos Tantras e Puranas. Todos falam de um único Satchidananda. Nitya e Lila são os dois aspectos de uma mesma Realidade. Ela está descrita nos Vedas como 'Om Satchidananda Brahman', nos Tantras como 'Om Satchidananda Shiva', o sempre puro Shiva e nos Puranas, como 'Om Satchidananda

Krishna'. Todas as escrituras, os Vedas, os Puranas e os Tantras só falam de um único Satchidananda. Está dito nas escrituras vaishnavas que foi o Próprio Krishna que Se tornou Kali."

Shri Ramakrishna foi ao pórtico por alguns minutos e então, voltou. Quando estava saindo, a filha de Vishvamvhar, de seis ou sete anos, saudou-o. Regressando ao quarto, o Mestre começou a conversar com a menina e suas amigas, todas da mesma idade.

A criança (*ao Mestre*): "Eu o saudei e o senhor nem reparou."

Mestre (*sorrindo*): "Ah é? Realmente não reparei."

A criança: "Então espere. Quero saudá-lo de novo – o outro pé também."

Shri Ramakrishna riu e sentou-se. Retribuiu a saudação e inclinou-se ante a criança, tocando o chão com a testa. Ele pediu-lhe que cantasse. A criança disse, "Juro que não canto". Quando o Mestre a pressionou de novo, disse, "Deveria o senhor me pressionar tanto, quando eu disse 'juro'?" O Mestre estava muito contente com as crianças e entoou canções leves e frívolas para entretê-las.

Cantou:

> Venha, deixe-me ajeitar seu cabelo,
> Senão seu marido a repreenderá
> Quando olhar para você!

As crianças e os devotos riram.

Mestre (*aos devotos):* "O paramahamsa é como uma criança de cinco anos. Vê tudo preenchido com Consciência. Uma vez estava em Kamarpukur, quando Shivaram[17], que estava com quatro ou cinco anos, tentava apanhar gafanhotos no lago. As folhas moviam-se ao vento,. A fim de parar seu movimento, ele lhe disse: 'Psiu! Psiu! Quero pegar um gafanhoto.' Outro dia desabou uma tempestade. Chovia forte. Shivaram estava comigo, dentro de casa. Havia relâmpagos, por todos os lados. Ele quis abrir a porta para sair. Repreendi-o e não deixei que o fizesse, mas ainda assim, olhava para fora, de vez em quando. Ao ver o relâmpago, exclamou: 'Olha, tio! Estão riscando fósforos outra vez!'

"O paramahamsa é como uma criança. Não distingue entre um estranho e um parente. Não se fixa muito nos relacionamentos mundanos. Um dia Shivaram disse-me: 'Tio, o senhor é irmão do meu pai ou seu cunhado?'

O paramahamsa é como uma criança. Vê tudo como Brahman. É indiferente aos seus próprios movimentos. Shivaram foi à casa de Hriday, para assistir ao Durga Puja. Saiu de casa e foi andar pela rua. Um passante viu a criança, de apenas quatro anos de idade, 'De onde você vem?' Ele não sabia falar muitas coisas, pronunciava somente "cabana". Referia-se à grande cabana, na qual a imagem da Mãe Divina era adorada. O estranho ainda lhe perguntou, 'Com quem você vive?' Disse apenas a palavra 'irmão'.

"Às vezes um paramahamsa comporta-se como um louco. Quando experimentava loucura divina, eu tinha o hábito de adorar meu próprio órgão sexual, como se fosse o falo de Shiva. Mas não posso fazer isto mais. Alguns dias depois da consagração do templo de Dakshineswar, chegou um louco que, na verdade, era um sábio dotado de Conhecimento de Brahman. Tinha uma forquilha de bambu em uma das mãos, e uma muda de mangueira num vaso, na outra. Usava sapatos rotos. Não seguia qualquer convenção social. Depois de se banhar no Ganges, não fazia nenhum rito religioso. Comia qualquer coisa que carregava na dobra da roupa. Entrou no templo de Kali e cantou hinos à Deusa, O templo tremia, Haladhari estava no santuário. Proibiram ao louco comer na casa de convidados, mas ele não prestou atenção a este detalhe. Procurou comida no lixo, onde os cachorros comiam, as sobras dos pratos e folha. De vez em quando empurrava os cachorros, para apanhar as sobras. Os cachorros também não se importavam. Haladhari seguiu-o e perguntou: 'Quem é você? Um purnajnani?'[18]. O louco sussurrou: 'Psiu! Sim, sou um purnajnani.' Meu coração começou a palpitar quando Haladhari me contou o fato. Abracei-me a Hriday e disse à Mãe Divina, 'Mãe, será que tenho também que passar por tal estado?' Fomos todos ver o homem. Falou palavras de

[17] Sobrinho do Mestre.

[18] Perfeito conhecedor de Brahman.

grande sabedoria, mas comportava-se como um louco diante dos outros. Haladhari seguiu-o a uma longa distância, quando ele deixou o jardim. Depois de ter passado pelo portão, disse a Haladhari: 'O que mais vou lhe dizer? Quando você não mais fizer distinções entre a água deste lago e a água do Ganges, então saberá que já tem Conhecimento Perfeito.' Dizendo isso partiu apressadamente."

Shri Ramakrishna começou a conversar com M. Estavam presentes outros devotos.

Mestre (*a M.*): "O que você sente a respeito de Shashadhar?"

M.: "É muito bom."

Mestre: "É muito inteligente, não é?"

M.: "Sim, senhor. É verdadeiramente um erudito."

Mestre: "De acordo com o *Gita* há um poder de Deus naquele que é respeitado e honrado por muitos. Mas Shashadhar ainda tem algumas coisas a fazer. O que ele fará com uma simples erudição? Tem que praticar alguma austeridade e disciplina espiritual.

"O Pundit Gauri praticou austeridade. Quando cantava hinos à Mãe Divina, os outros pundits pareciam meros vermes.

"Narayan Shastri não era um simples erudito. Também praticou disciplina espiritual. Estudou vinte e cinco anos ininterruptos. O sistema Nyaya ocupou-lhe sete anos. Não obstante entrava em êxtase ao repetir o nome de Shiva. O rei de Jaipur quis nomeá-lo pundit de sua corte, mas Narayan recusou. Costumava passar muito tempo aqui. Desejava muito ir ao Vasishtha Ashrama para praticar tapasya. Muitas vezes falou-me sobre isto, mas o proibi. A isto ele disse: 'Quem sabe quando vou morrer? Quando praticarei sadhana? Qualquer dia posso desaparecer.' Depois de muita insistência de sua parte, deixei-o ir. Alguns dizem que está morto, que morreu praticando austeridade. Outros dizem que ainda está vivo e que o viram num trem.

"Antes de encontrar Keshab, pedi a Narayan Shastri para visitá-lo e dizer-me o que pensava dele. Narayan disse-me que Keshab era adepto de japa. Conhecia astrologia e salientou que havia nascido sob o signo de uma boa estrela. Fui, então, visitar Keshab, na chácara de Belgharia. Hriday acompanhou-me. No momento em que vi Keshab. Disse: 'Entre todas as pessoas que vejo aqui, ele é o único que deixou cair a cauda. Agora pode viver tanto na terra, como na água, como uma rã.'

"Keshab mandou três membros do Brahmo Samaj ao templo de Dakshineswar para me testar. Prasanna era um deles. Estavam encarregados de me vigiar dia e noite e relatar a Keshab. Estavam no meu quarto e tinham intenção de passar a noite ali. Contentemente murmuravam a palavra 'Dayamaya'[19], e diziam-me: 'Siga Keshab Babu. Isto lhe fará bem.' Disse-lhes: 'Creio em Deus com forma.' Mesmo assim continuavam com suas exclamações de 'Dayamaya!' Então fui tomado por um estranho estado. Disse-lhes: 'Saiam daqui!' Não permiti que passassem a noite em meu quarto. Por isso dormiram na varanda. O Capitão também passou a noite no templo, quando veio me visitar pela primeira vez.

"Michael [20] visitou o templo quando Narayan Shastri estava morando comigo. Dwarika Babu, filho mais velho de Mathur, trouxe-o aqui. Os proprietários do templo queriam dar entrada numa ação legal contra os proprietários do depósito de pólvora vizinho; por isso desejavam o conselho de Michael. Encontrei-o na grande sala contígua ao escritório do administrador. Narayan Shastri estava comigo. Pedi a Narayan para falar com ele. Michael não sabia falar muito bem em sânscrito. Cometia erros. Conversaram no dialeto popular. Narayan Shastri perguntou-lhe porque havia abandonado a religião hindu. Apontando para o estômago, Michael disse, 'Foi por isso." Narayan disse, 'O que vou dizer a um homem que desiste de sua religião por causa do estômago?' Então Michael pediu-me para dizer alguma coisa. Eu disse: 'Não sei porque, mas não tenho de dizer nada. Parece que estão segurando minha língua."

Manomohan: "O Sr. Choudhury não virá. Ele disse: 'Aquele sujeito Shashadhar de Faridpur estará lá. Não irei'."

---

[19] "O Compassivo"- Os Brahmos gosta, de usar este nome de Deus que. Segundo sua crença, é sem forma, mas pessoal e dotado de atributos.

[20] Michael Madhusuan Dutta, advogado e um dos maiores poetas bengalis. Convertera-se ao cristianismo.

O Sr.Choudhury tinha grau de Mestrado pela Universidade de Calcutá. Ganhava trezentas a quatrocentas rupias. Depois da morte da primeira esposa sentira um intenso desapego pelo mundo, mas depois de algum tempo, casou-se de novo. Visitava com freqüência o Mestre.

Mestre: "Como é mesquinho de sua parte! É vaidoso de sua erudição. Além disso casou-se pela segunda vez. Considera o mundo uma confusão.

(*Aos devotos*): "Este apego a 'mulher e ouro' torna a mente do homem tacanha. Haramohan tinha bons traços, quando o conheci. Sentia sua falta. Estava com dezessete ou dezoito anos. De vez em quando eu o chamava, mas não vinha. Agora está vivendo com a esposa, longe da família. Antes vivia com o tio. Isto era muito bom. Não tinha problemas mundanos. Agora tem uma casa separada e faz o mercado de sua esposa diariamente. Outro dia veio a Dakshineswar. Eu lhe disse: 'Vá embora. Deixe este lugar. Não sinto vontade nem de tocá-lo."

Shri Ramakrishna foi para os aposentos interiores, ver a Divindade a quem ofereceu flores. As senhoras da família de Balaram estavam contentes em vê-lo.

O Mestre voltou para a sala de visitas e disse: "As pessoas de mente mundana, praticam esporadicamente devoções, japa e austeridade, mas as que só conhecem Deus repetem seu nome a cada alento. Alguns repetem mentalmente, 'Om Rama'. Até os seguidores do caminho do conhecimento repetem, 'Soham', 'Eu sou Ele'. Há os que permanentemente repetem o nome de Deus. Deve-se lembrar e pensar em Deus com freqüência."

Pundit Shashadhar entrou no quarto com um ou dois amigos e saudou o Mestre.

Mestre (*sorrindo*): "Somos como noivas junto da cama, esperando o noivo."

O pundit riu. O quarto estava cheio de devotos, entre os quais o Dr. Pratap e o pai de Balaram. O Mestre continuou a conversa.

Mestre (*a Shashadhar*): "O primeiro sinal de conhecimento é uma natureza pacífica, e o segundo, é a ausência de egoísmo. O senhor tem ambos.' Há outras indicações de um jnani. Demonstra intenso desapego na presença de um sadhu, é um leão no trabalho, por exemplo, quando dá palestras, e tem muito espírito diante da esposa (*Todos riem*).

Mas a natureza de um vijnani é bem diferente, como no caso de Chaitanyadeva. Age como um louco ou uma coisa inerte, ou como um fantasma. Quando em estado de uma criança, às vezes demonstra inocência infantil, às vezes frivolidade de um adolescente, e algumas vezes, ao instruir outras pessoas, a força de um rapaz."

Pundit: "Com que tipo de bhakti realiza-se Deus?"

Mestre: "Há três tipos de bhakti conforme a natureza do homem: sattvica, rajásica e tamásica.

"Bhakti sattvica é dirigida somente para Deus. Não ostenta qualquer exibição exterior. O homem que tem essa devoção ama a privacidade. Talvez medite dentro do mosquiteiro, onde ninguém possa vê-lo. Quando este tipo de devoção é despertada, não se tem que esperar muito pela visão de Deus. O aparecimento da aurora no leste mostra que o sol não tardará a nascer.

"Um homem com bhakti rajásica gosta de mostrar sua devoção aos outros. Adora a Divindade com 'dezesseis ingredientes'[21], entra no templo usando uma roupa de seda, e usa ao redor do pescoço um colar de contas de rudraksha entremeadas aqui e ali com contas de rubi.

"O homem com bhakti tamásica mostra a coragem e a euforia de um assaltante de estradas. O assaltante age abertamente, gritando: 'Matar! Saquear!' Não tem medo nem de oito inspetores de polícia. O devoto com bhakti tamásica grita como um louco: 'Hara! Hara! Vyom! Vyom![22] Salve Kali!" Tem grande força mental e fé abrasadora.

"Um shakta tem uma fé assim: 'O que? Pronunciei o nome de Kali e Durga uma vez! Disse somente uma vez o nome de Rama! Como pode haver qualquer pecado para mim?'

Os vaishnavas têm uma atitude humilde e servil. (*Olhando para o pai de Balaram*). Passam o rosário e oram: 'Ó Krishna, seja misericordioso! Somos infelizes! Somos pecadores!"

---

[21] Como prescrito nos livros de ritual hindu.

[22] Com tais exclamações em voz alta, o devoto de Shiva invoca sua Divindade Ideal.

"Deve-se ter fé firme para dizer: 'Pronunciei o nome de Deus. Como posso ser pecador? Imagine um homem repetindo o nome de Hari dia e noite e dizendo que é pecador!'

Assim falando, Shri Ramakrishna foi tomado de êxtase divino e cantou:-

Se apenas eu pudesse morrer repetindo o nome de Durga,
Como podes Tu, Ó Abençoado,
Impedir minha Liberação,
Por mais pecador que eu tenha sido?
Posso ter roubado uma taça de vinho, ou morto uma criança antes de nascer,
Ou ter matado uma mulher ou uma vaca.
Ou mesmo, causado a morte de brahmin.
Mas apesar de tudo isso ser verdadeiro.
Nada disso pode me fazer sentir a menor preocupação;
Pois pelo poder de Teu doce nome
Minha alma pecadora ainda pode aspirar
Até o estado de Brahman.

Cantou de novo:

Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!
Embriagada com um trago de vinho celestial. Ela cambaleia, contudo não cai.
Ereta, Ela fica de pé no peito de Shiva, e a terra treme ante Sua passada.
Ela e Seu Senhor estão loucos com frenesi, ponto de lado todo medo e vergonha!

Pundit Shashadhar chorava. Vaishnavcharan, o músico, cantou:

Ó língua, repete sempre o nome da Mãe Durga!
Quem a não ser a tua Mãe Durga te salvará na infelicidade?
Tu és os céus e a terra, e Tu o mundo inferior;
De Ti emergiram os doze Gopalas e Hari e Shiva
As dez Encarnações da Shakti Divina são Tu.
E Tu os dez Avatares; desta vez, Tu tens que me salvar?
O que move e o que não se move, o denso e o sutil, és Tu;
Criação e preservação és Tu, e a última dissolução.
Tu és a raiz Primordial desse universo múltiplo;
A Mãe dos três mundos, sua única Salvadora, és Tu;
Tu és a Shakti de todos, e Tu a Tua própria Shakti, também.

Ao ouvir os últimos versos, o Mestre entrou em êxtase e cantou[23]:

Ó Mãe, para Yashoda Tu deverias dançar, quando ela Te chamou sua 'Preciosa Jóia Azul"[24]
Onde Tu escondeste aquela forma encantadora, ó terrível Shyama?
Dança assim uma vez para mim, Ó Mãe! Joga fora Tua espada e toma a flauta;
Despe-Te de Tua grinalda de cabeças e usa Tua grinalda de flores silvestres;
Se sem Shiva Tu não podes dançar, então que Balarama seja Teu Shiva
Dança Ó Shyama, como Tu dançaste quando eras Krishna!
Mãe, toca novamente Tua flauta, outrora tão cheia de alegria para as gopis;
Toca novamente Tua flauta mágica, chamando o gado das pastagens.
Fazendo cessar o fluxo murmurante do Jamuna, e dirigindo-o de volta.
Quente o sol queimava no céu, quando Yashoda, inquieta por seu Krishna,
Amorosamente chamava: "Olha, meu Gopala! Creme e manteiga – come-os, meu Querido!"
E ela penteava seu longo cabelo negro, e com cuidado, o trançava.
Inclinando Teu corpo flexível, Mãe, tanto no pescoço, cintura e joelho;
Tu dançaste com Teu amigo Shridama, enquanto Teus dois tornozelos tocavam a música;
Ta-thaia! Ta-thaia! Ta-ta! Thaia-thaia!
Ouvindo este som cativante, as gopis correram para lá.

[23] Essa canção significa a unidade de Krishna e Kali.
[24] "Nome carinhoso do Menino Krishna.

Novamente o Pundit Shashadhar derramou lágrimas de amor.

Shri Ramakrishna desceu à consciência do mundo. Apontando para Shashadhar, disse a M., "Por que não o faz calar-se?" Desejava que M. ou qualquer outro fizesse uma pergunta a Shashadhar.

Ramdayal (*a Shashadhar*): "As escrituras falam da forma de Brahman como uma projeção da mente. Quem projeta?"

Shashadhar: "É o Próprio Brahman que assim faz. Não é uma projeção mental do homem."

Pratap: "Por que Brahman projeta a forma?"

"Mestre: "Você pergunta por que? Brahman não age como as outras pessoas. Brahman tem vontade própria. Por que nós temos de saber porque Brahman age desta ou daquela maneira. Você veio ao pomar comer mangas. Coma as mangas. Para que serve calcular quantas árvores há no pomar, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas? Não se pode realizar a Verdade com meras discussões e raciocínio!".

Pratap: "Então não devemos raciocinar mais?"

Mestre: "Peço-lhe que não se entregue a uma racionalização fútil. Mas discrimine, por favor, entre o Real e o irreal, entre o que é permanente e o que é transitório. Deve discriminar quando não estiver tomado pela luxúria, cólera ou sofrimento."

Shashadhar: "Assim é diferente. Chama-se raciocínio baseado na discriminação."

Mestre: "Sim, discriminação entre o Real e o irreal."

Todos permaneceram em silêncio. O Mestre falou, outra vez, dirigindo-se ao pundit.

Mestre: "Antigamente muitos homens importantes costumavam vir aqui."

Shashadhar: "O senhor quer dizer homens ricos?"

Mestre: "Não. Grandes eruditos."

Nesse ínterim o pequeno carro de Jagannath havia sido trazido à varanda. Dentro do carro havia imagens de Krishna, Balarama e Subhadra. Estavam adornadas de flores, grinaldas, jóias e roupas amarelas. Balarama era um adorador sattvico, não havia qualquer exibição de grandeza em seu culto. Pessoas de fora nem sabiam desse Festival do Carro, em sua casa. O Mestre com os devotos foi para a varanda e puxou o carro pela corda. Começou a cantar.

> Veja como toda Nadia está tremendo.
> Sob as ondas do amor de Gauranga. ...

Cantou de novo:

> Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari,
> Os irmãos[25] que, em troca dos golpes, dão aos pecadores, o amor de Hari.

Shri Ramakrishna dançou com os devotos. O músico e seu conjunto juntaram-se ao Mestre, na música e na dança. Logo toda a varanda encheu-se de gente. De um aposento contíguo, as senhoras presenciavam esta cena de alegria. Parecia como que o próprio Chaitanya estivesse dançando com os devotos, intoxicado de amor divino.

Ainda não era o entardecer. Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas com os devotos.

Mestre (*a Shashadhar*): "Isto se chama bhajanananda, a felicidade dos devotos na adoração de Deus. As pessoas mundanas dedicam-se ao gozo dos sentidos, de 'mulher e ouro'. Pela adoração, os devotos recebem a graça de Deus e, em seguida, Sua visão. Desfrutam então, Brahmananda, a Felicidade de Brahman."

Shashadhar e os devotos ouviam essas palavras com profunda atenção.

Shashadhar (*humildemente*): "Senhor, por favor diga-nos que espécie de anelo leva uma pessoa a este estado mental, cheio de felicidade."

"Mestre: "Sente-se inquietude por Deus, quando a alma tem profundo desejo por Sua visão. O guru disse ao discípulo: 'Venha comigo. Vou lhe mostrar que espécie de anelo lhe

[25] Gauranga e Nityananda.

permitirá ver Deus'. Ao dizer isto, levou o discípulo a um lago, pressionando sua cabeça debaixo d'água. Depois de alguns instantes aliviou o discípulo e perguntou, 'Como se sentiu?' O discípulo respondeu: "Ó, senti como se estivesse morrendo! Ansiava por ar'."

Shashadhar: "Sim! Sim! É isto. Compreendo agora."

Mestre: 'Amar a Deus é o essencial. Somente bhakti é a essência. Narada disse a Rama, 'Que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus; que eu jamais seja iludido por Tua maya que seduz o mundo!' Rama disse-lhe: 'Peça-me uma outra graça.' 'Não', disse Narada. 'nada mais quero. Que eu tenha amor por Teus Pés de Lótus. É a minha única oração'."

Pundit Shashadhar estava de saída. Shri Ramakrishna pediu a um devoto que trouxesse uma carruagem para o pundit.

Shashadhar: "Não se preocupe. Vou andar."

Mestre (*Sorrindo*): "Como pode? O senhor está além do alcance da meditação de Brahma."

Shashadhar: "Não há nenhuma necessidade especial que eu vá agora mesmo. A única coisa que tenho que fazer é o sandhya."

Mestre: "A Mãe Divina retirou o sandhya e outras devoções. O propósito do sandhya é purificar o corpo e a mente. Não estou mais nesse estado."

O Mestre cantou os seguintes versos de uma canção:

> Quando você aprenderá, Ó mente, a ficar na morada da Bem-aventurança,
> Com Pureza e Corrupção de cada lado?
> Somente quando você tiver encontrado a maneira de
> Manter estas esposas contentes sob o mesmo teto.
> Você verá a forma sem mácula da Mãe Shyama.

Pundit Shashadhar saudou o Mestre e retirou-se.

Ram: "Visitei Shashadhar ontem. O senhor me pediu."

Mestre: "Pedi? Não me lembro, mas foi muito bom que você tivesse isso."

Ram: "O editor de um jornal[26] estava insultando o senhor."

Mestre: "Suponhamos que ele estivesse. Que importa?"

Ram: "Por favor, ouça. Logo que comecei a conversar com o editor sobre o senhor, ele quis ouvir mais e não queria me deixar ir."

Já escurecera. Shri Ramakrishna começou a cantar os nomes da Mãe Divina, Krishna, Rama e Hari. Os devotos estavam em silêncio. O Mestre cantava os nomes com tal doçura, que todos ficaram profundamente emocionados. Naquele dia a casa de Balarama parecia Navadvip na época em que Chaitanya vivia. A varanda era como Navadvip e a sala como Vrindavan.

Naquela mesma noite Shri Ramakrishna devia ir a Dakshineswar. Balaram levou-o para os apartamentos internos e serviu-o. As senhoras da família saudaram o Mestre.

Enquanto esperavam a chegada do Mestre, os devotos cantaram o kirtan na sala de visitas. Logo Shri Ramakrishna chegou e juntou-se aos cantores.

O kirtan continuou:

> Contemple, meu Gora está dançando ! Com os devotos
> Dança no pátio de Shrivas, cantando o kirtan.
> Gora diz a todos, "Repitam o nome de Hari!"
> Olha para Gadadhar e de seus olhos vermelhos
> Correm lágrimas de amor em seu corpo dourado.

O Mestre improvisou os versos:

> Gora está dançando no kirtan;
> Ali ele dança, o querido de Sachi!
> Ali ele dança, meu Gauranga!

[26] "The Indian Empire".

Ali ele dança, o bem-amado de minh’alma!

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 26

FESTIVAL NA CASA DE ADHAR

Domingo, 3 de agosto de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto, no templo em Dakshineswar, depois do almoço. Um grupo de Bauls de Shibpur, muitos devotos de Bhawanipur, Balaram e M. estavam no aposento. Rakhal, Latu e Harish que estavam morando com o Mestre, também, estavam presentes.

O Mestre começou a conversar, dirigindo-se aos músicos Bauls de Shibpur.

Mestre: "Yoga não é possível para a mente que mora em 'mulher e ouro'. A mente de um homem mundano geralmente move-se entre os três centros inferiores: o do umbigo, o do órgão sexual e o do órgão de excreção. Depois de grande esforço e prática espiritual, a Kunda lini desperta. Segundo os yogis há três nervos na coluna dorsal: Ida, Pingala e Sushumna. Ao longo do Sushumna há seis lótus ou centros, sendo o inferior conhecido como Muladhara. Logo vem, sucessivamente, Svadhisthana, Manipura, Anahata, Vishuddha e Ajna. Esses são os seis centros. A Kundalini, quando desperta, passa através dos centros inferiores e chega ao Anahata, que está no coração. Ali permanece. Nesse momento a mente do aspirante retira-se dos três centros inferiores. Sente o despertar da Consciência Divina e vê Luz. Em muda admiração, vê aquele brilho intenso e exclama: 'O que é isto? O que é isto?'

"Depois de passar pelos seis centros, a Kundalini alcança o lótus de mil pétalas conhe cido como Sahasrara, e o aspirante entra em samadhi.

"Segundo os Vedas esses centros são chamados 'bhumi', 'planos'. Há sete planos. O centro no coração corresponde ao quarto plano dos Vedas. Segundo os Tantras há neste centro um lótus chamado Anahata, com doze pétalas.

"O centro conhecido como Vishuddha é o quinto plano. Este centro está na garganta e tem um lótus de dezesseis pétalas. Quando a Kundalini alcança este plano, o devoto anseia somente falar e ouvir a respeito de Deus. A conversa sobre assuntos mundanos, sobre 'mulher e ouro', o aborrece muito. Retira-se quando as pessoas começam a falar desses assuntos.

"Vem então o sexto plano correspondente ao centro conhecido como Ajna. Esse centro está localizado entre as sobrancelhas e tem um lótus de duas pétalas. Quando a Kundalini o alcança, o aspirante vê a forma de Deus, mas aí ainda permanece uma pequena barreira entre o devoto e Deus. É como a luz no interior de uma lanterna. Pensa-se que se tocou a luz, mas na realidade, não se pode fazê-lo por causa do vidro.

"E por último vem o sétimo plano que, segundo os Tantras, é o centro do lótus de mil pétalas. Quando a Kundalini chega neste ponto, o aspirante entra em samadhi. Nesse lótus mora Shiva Satchidananda, o Absoluto. Ali a Kundalini, o poder despertado, une-se a Shiva. Isto é conhecido como a união de Shiva e Shakti.

"Quando a Kundalini eleva-se até o Sahasrara e a mente entra em samadhi, o aspirante perde totalmente a consciência do mundo exterior. Não mais pode conservar o corpo físico. Se o leite é despejado em sua boca, escorre. Nesse estado o alento vital permanece somente vinte e um dias e então, morre. Entrando nas águas escuras do oceano, o navio jamais volta, mas os Ishvarakotis, tais como as Encarnações Divinas podem descer desse estado de samadhi. Podem descer desse exaltado estado porque gostam de viver na companhia dos devotos e de desfrutar o amor de Deus. Deus retém neles o 'ego de Conhecimento' ou o 'ego de Devoção' para que possa ensinar os homens. Suas mentes movem-se entre o sexto e o sétimo planos. Correm como numa regata, por assim dizer, para frente e para trás, entre esses dois planos.

"Ao alcançar o samadhi, algumas almas, por sua própria vontade, mantém o 'ego de Conhecimento', mas este ego não cria apego algum. É como uma linha desenhada na água.

"Hanuman conservou o 'ego de servo' depois de ter realizado ambos os aspectos, o Pessoal e o Impessoal. Considerava-se o servo de Deus. Grandes sábios como Narada, Sanaka, Sananda, Sanatana e Sanatkumara, depois de realizarem o Conhecimento de Brahman, conservaram o 'ego de servo', e o 'ego de devoção'. São como grandes navios que não somente atravessam o oceano, mas também, levam passageiros para a outra margem.

"Há duas classes de paramahamsas, uma afirmando a Realidade sem forma e a outra, Deus com forma. Trailanga Swami acreditava na Realidade sem forma. Paramahamsas como ele preocupam-se somente com seu próprio bem; ficam satisfeitos quando atingem a meta.

"Mas os paramahamsas que acreditam em Deus com forma conservam o amor de Deus, mesmo depois de alcançar o Conhecimento de Brahman, de maneira que possam dar instrução espiritual a outros. São como um cântaro de água cheio até a borda. Parte da água pode ser despejada em outro cântaro. Estas almas perfeitas descrevem aos outros as diversas disciplinas espirituais pelas quais realizaram Deus. Agem assim apenas para ensinar os outros e ajudá-los na vida espiritual. Com muito esforço, os homens cavam um poço para água potável, utilizando pás e baldes. Depois de terminarem a escavação, alguns jogam as pás e outros implementos dentro do poço, porque não necessitam mais deles. Mas alguns os deixam junto do poço, para que outros os utilizem.

"Algumas pessoas comem mangas secretamente, removendo todos os vestígios, limpando a boca, com uma toalha, mas outros dividem a fruta com outras. Há sábios que, depois de atingirem o Conhecimento, trabalham para ajudar os outros e também, para desfrutar a Felicidade na companhia de Deus e de devotos. 'Quero comer açúcar, não quero ser açúcar.'

"As gopis de Vrindavan, também, alcançaram o Conhecimento de Brahman, mas elas não O estavam procurando. Queriam desfrutar Deus, considerando-se como Sua mãe, Sua amiga, Sua atendente ou Sua amante.

"Os Bauls de Shibpur começaram a cantar, acompanhados de um instrumento de corda. Um verso na primeira canção dizia:

Somos pecadores; redime-nos, Ó Senhor misericordioso!

Mestre (*aos devotos*)*:* " É a atitude de um iniciante adorar a Deus por temor. Por favor cantem sobre a realização de Deus - canções que expressam a alegria divina.

(*a Rakhal*): "Como cantaram bem aquela canção, outro dia na casa de Nabin Niyogi: 'Fique embriagada Ó mente, fique embriagada com o Vinho da Felicidade Celestial!' Enquanto se entoam canções religiosas não se deve referir-se às próprias preocupações. Ao contrário, devemos nos sentir alegres e cheios de fervor, enquanto cantamos o nome de Deus."

Um devoto: "Senhor, não vai cantar?"

Mestre: "O que vou cantar? Bem, posso fazê-lo só quando o espírito me impulsiona."

Depois de algum tempo o Mestre começou a cantar. Os olhos se voltaram para cima. Cantou:

Contemple as ondas do amor de Gora;
Sob as quais todo o universo está submerso!
E em seu amor eu, também, anseio em me afogar.
Ó amigo, o amor de Gauranga absorveu-me;
Quem mais além de Gauranga sente por nossa infelicidade,
Tirando-nos do mundanismo?

Cantou novamente:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus;
Se descer até as profundezas.
Aí encontrará uma gema de Amor ...

Depois cantou sobre a Mãe Divina:

Podem todos ter a visão de Shyama? É para todos o tesouro de Kali?
Ó, é uma pena que minha mente tola não possa ver o que é verdadeiro...

Continuou:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria,
Para a flor de lótus azul dos pés da Mãe Shyama.

Novamente:

Ó Mãe, que máquina[1] é esta que Tu fizeste!
Que peças Tu pregas com este brinquedo
De três e meio cúbicos de altura! ...

Ao cantar a última canção Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Os devotos estavam sentados mudos, olhando fixamente sua figura radiante. Depois de algum tempo voltou à consciência parcial do mundo e começou a falar com a Mãe Divina.

O Mestre disse, "Mãe, por favor desce daí de cima." Teria ele sentido que a mente ainda pairava no sétimo plano de consciência, o lótus de mil pétalas do Sahasrara?

"Por favor, desça", disse, "Não me atormentes assim. Fica quieta, Mãe, e senta.

"Ó Mãe, o futuro de todos está determinado pelas tendências dos seus nascimentos anteriores. O que vou dizer às pessoas? Nada pode ser alcançado sem discriminação e renúncia."

Shri Ramakrishna havia retomado à consciência plena do mundo, e continuou: "Há muitos tipos de renúncia. Uma delas é chamada 'markatavairagya', 'renúncia do macaco'. É uma falsa renúncia devido às aflições do mundo. Essa renúncia não dura muito. Há a renúncia verdadeira. Um homem possui tudo no mundo, não lhe falta nada, mas sente que tudo é irreal.

"Não é possível obter-se renúncia de um momento para o outro. O fator tempo deve ser levado em consideração. Não é também verdadeiro que um homem deve ouvir a respeito dela. Quando o momento certo chegar, ela dirá a si mesma, 'Ó sim, ouvi falar.'

"Também deve-se lembrar de outra coisa. Ouvindo falar com freqüência de renúncia, o desejo de objetos mundanos gradualmente desaparece. Deve-se tomar pequenas doses de água de arroz, para se livrar da intoxicação de bebida alcoólica e aos poucos, volta-se ao normal.

"Um aspirante capacitado para o Conhecimento de Deus é muito raro. Está dito no *Gita* que um dentre mil deseja conhecer Deus, e também que, dentre esses mil, apenas um está capacitado para conhecê-Lo."

Um devoto citou o texto do *Gita*.

Mestre: "À medida que o apego ao mundo diminui, aumenta o conhecimento espiritual. Apego ao mundo significa apego a 'mulher e ouro'.

"Não é dado a todos sentirem prema, amor intenso a Deus. Chaitanya sentiu-o. Um homem comum pode no máximo, sentir bhava. Somente os Ishvarakotis, como as Encarnações Divinas, sentem prema. Quando prema é despertada, o devoto não somente sente que o mundo é irreal, mas esquece até o corpo, que todos amam tão intensamente.

"Num livro persa está escrito que dentro da pele está a carne, dentro da carne, o osso, dentro do osso, o tutano, e assim por diante, mas que prema é o mais interior de todos. Uma pessoa torna-se afetuosa através de prema. Devido a ela, Krishna tornou-se tribhanga.[2]

"Prema é a corda com a qual se pode amarrar Deus, por assim dizer. Sempre que desejar vê-Lo, basta puxar a corda. Sempre que O chamar, Ele aparecerá diante de você.

---

[1] O corpo humano.

[2] Literalmente "inclinado em três lugares". A figura comum de Krishna em pé está inclinada em três lugares, isto é, o pescoço, a cintura e os joelhos.

"O estágio maduro de bhakti é bhava. Quando alguém o alcança, torna-se sem fala, pensando em Satchidananda. O sentimento de um homem comum só pode ir até aí. Quando bhava amadurece torna-se mahabhava. Prema é a última. Você conhece a diferença entre uma manga verde e uma madura. Puro amor de Deus é o essencial. Tudo o mais é irreal.

"Uma vez Rama ficou satisfeito com a oração de Narada e disse-lhe que pedisse uma graça. Narada pediu puro amor e disse ainda mais, 'Ó Rama, por favor concede-me que eu não seja iludido por Tua maya sedutora.' Rama disse, 'Está bem, mas peça-me algo mais.' Narada respondeu: 'Não quero mais nada. Oro somente por puro amor.'

"Como pode um devoto obter esse amor? Primeiro, a companhia dos santos. Isso desperta shraddha, fé em Deus. Depois vem nishtha, devoção integral da mente ao Ideal. Neste estágio o devoto não gosta de ouvir qualquer coisa que não seja a respeito de Deus. Faz somente o que agrada a Deus. Depois de nishtha, vem bhakti, devoção a Deus; depois bhava. A seguir mahabhava, depois prema e por fim, o Próprio Deus. Somente os Ishvarakotis, como as Encarnações, podem sentir mahabhava ou prema.

"O conhecimento de uma pessoa mundana, o conhecimento de um devoto e o Conhecimento de uma Encarnação não são de forma alguma, a mesma coisa. O conhecimento de uma pessoa mundana é como a luz de um lampião, que mostra apenas o interior de um aposento. Por esse conhecimento ele come e bebe, atende às obrigações domésticas, protege o corpo, educa os filhos e assim por diante.

"O conhecimento de um devoto é como a luz da lua que ilumina os objetos tanto do interior, como do exterior de um quarto. Mas tal luz não permite ver um objeto distante ou muito pequeno.

"O Conhecimento de uma Encarnação de Deus é como a luz do sol. Devido a esta luz, a Encarnação vê tudo, dentro e fora, grande e pequeno.

"A mente mundana é, sem dúvida, como a água barrenta; mas pode se tornar clara por um agente purificador. Discriminação e renúncia são os agentes purificadores."

O Mestre falou aos devotos de Shibpur.

Mestre: "Querem fazer alguma pergunta?"

Um devoto: "Acabamos de escutar as suas palavras."

Mestre: "Sim, é bom ouvir estas coisas, mas nada acontecerá se não for no seu devido tempo. O que o quinino pode fazer por uma pessoa com febre, enquanto tiver temperatura elevada? Somente quando a temperatura descer com o uso de 'mistura para febre' ou um purgante, pode o quinino ser prescrito. Há pacientes que se livram da febre mesmo se quiser. Uma criança disse à mãe, 'Mãe, por favor, chama-me quando eu sentir fome.' A mãe disse: 'Minha criança, não terei que chamá-la. A necessidade acordará você.'

Diferentes tipos de pessoas vêm aqui. Algumas vêm de barco com os devotos, mas não querem escutar conversa espiritual. Ficam acotovelando seus amigos e murmuram, 'Quando vamos deixar esse lugar? Quando vamos embora?' Se os amigos não mostram sinais de se levantar, dizem, 'Vou esperar você no barco.'

"Aqueles que têm um corpo humano pela primeira vez, necessitam da experiência dos prazeres dos sentidos. A consciência espiritual não é despertada, a não ser que certas obrigações tenham sido cumpridas."

O Mestre dirigia-se para o bosque de pinheiros. Com um sorriso, disse a M. no pórtico semicircular. "Bem, o que você pensa de meu estado mental?"

M. (*sorrindo*): "Na superfície o senhor é muito simples, mas internamente, muito profundo. É extremamente difícil compreendê-lo."

Mestre (*sorrindo*): "É como o chão de cimento de uma casa. As pessoas só vêem a superfície externa, mas não conhecem os materiais que estão debaixo."

Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Balaram e outros devotos entraram no barco, de volta a Calcutá. Era a maré baixa do Ganges. Uma suave brisa soprava do sul, cobrindo o rio sagrado de ondas. M. olhou para a cena durante muito tempo. Assim que o barco desapareceu em direção a Calcutá, voltou para o Mestre.

Shri Ramakrishna dirigia-se para o bosque de pinheiro. Uma linda nuvem cinzenta de chuva poderia ser vista a noroeste. O Mestre perguntou a M.: "Pensa que vai chover? Por favor traga-me o guarda-chuva." Chegando ao Panchavati, o Mestre perguntou a Latu, que também o acompanhava, "Por que está com uma aparência doentia?"

Latu: "Mal posso comer."

Mestre: "É esta a única razão? Estamos também, numa má estação do ano. Tem meditado demais? (*A M.*) Tenho um pedido a lhe fazer. Por favor diga a Baburam para ficar comigo um ou dois dias, na ausência de Rakhal, senão me sentirei muito infeliz."

M.: "Sim, senhor. Vou dizer-lhe."

Shri Ramakrishna perguntou a M. se ele achava Baburam puro. Depois de alguns minutos, M. e Latu, no Panchavati, viram o Mestre vindo em sua direção. Atrás dele o céu estava negro como uma nuvem de chuva. Seu reflexo no Ganges tornava a água ainda mais escura. Os discípulos sentiram que o Mestre era Deus Encarnado, a Criança Divina de cinco anos, radiante com o sorriso de inocência e pureza. À sua volta estavam as sagradas árvores do Panchavati, sob as quais ele havia praticado disciplina espiritual, e havia tido visões de Deus. Aos seus pés fluía o Ganges sagrado destruidor dos pecados do homem. A presença deste homem-Deus carregava as árvores, arbustos, flores, plantas e templos com fervor espiritual e alegria divina.

Shri Ramakrishna voltou a seu quarto e sentou-se no pequeno divã. Começou a elogiar um remédio que um certo brahmachari lhe havia preparado. Referindo-se a esse homem, Hazra disse: "Ele agora está absorvido por muitas preocupações mundanas. Que pena! Olhe para Nabai Chaitanya de Konnagar. Embora chefe de família, vestiu roupa vermelha."

Mestre: "O que vou dizer? Vejo claramente que foi o próprio Deus que assumiu todas as formas humanas. Portanto não posso julgar ninguém."

Hazra: "Narendra está de novo envolvido numa causa judicial."

Mestre: "Ele não acredita em Shakti, a Mãe Divina. Se uma pessoa assume um corpo humano, deve reconhecê-La."

Hazra: "Narendra diz, 'Se eu tivesse acreditado em Shakti, todos teriam me seguido. Portanto, não posso'."

Mestre: "Mas não é bom para ele ir ao extremo de negar a Mãe Divina. Agora está sob a jurisdição de Shakti. Até um juiz, ao dar evidência num caso, desce e fica como testemu nha.

(*A M.*): "Tem visto Narendra ultimamente?"

M.: "Não, nos últimos dias."

Mestre: "Vá vê-lo e traga-o aqui de carruagem."

(*A Hazra*): "Bem, qual é a sua relação com esse [referindo-se a si mesmo]?"

Hazra: "Ele espera ajudar o senhor."

Mestre: "E a respeito de Bhavanath? Será que ele viria aqui com tanta freqüência, se não tivesse boas tendências? E Harish e Latu? Meditam sempre. Por que?"

Hazra: "Está bem. Por que eles dedicariam todo seu tempo à meditação? É uma coisa completamente diferente para eles ficarem aqui e atenderem às suas necessidades pessoais."

Mestre: "Possivelmente você tem razão. Talvez outros fiquem em seu lugar agora."

Hazra saiu do aposento deixando o Mestre com M.

Mestre: "O que digo em êxtase agrada às pessoas?"

M.: "Ó sim, muito."

Mestre: "O que as pessoas pensam a meu respeito? Pensam algo em particular sobre mim, quando me vêem naquela situação?"

M.: "Sentimos no senhor uma maravilhosa síntese de conhecimento, amor e renúncia, e na superfície, uma espontaneidade natural. Muitas experiências divinas passaram, como grandes navios no interior de sua consciência espiritual; porém, o senhor mantém externamente esta simplicidade. Muitos não podem compreendê-lo, mas alguns são atraídos só por este estado."

Mestre: “Há uma seita vaishnava conhecida como Goshpara que descreve Deus como ‘Sahaja’, o ‘Simples’. Dizem mais, que não se pode reconhecer esse ‘Simples’, a não ser que se seja simples também. (*A M.*) Tenho algum ego?”

M.: “Sim, senhor, um pouco. O senhor o conservou para preservar o corpo, desfrutar o amor divino em companhia dos devotos, e passar para eles, conhecimento espiritual. Além disso o senhor conservou esse vestígio do ego, porque o pediu à Mãe Divina.”

Mestre: “Não, não o mantive. Foi o Próprio Deus que o deixou para mim. Pode dizer-me como pareço no estado de samadhi?”

M.: “Como o senhor disse há pouco tempo, o senhor vê a forma de Deus quando a mente eleva-se no ‘sexto plano’. Ao falar depois disso, sua mente desce ao ‘quinto plano’.”

Mestre.: “É Deus quem faz essas coisas. Nada sei.”

M.: “É por esta razão que o senhor atrai tantas pessoas. Senhor, tenho uma pergunta. Há duas opiniões nas escrituras. Segundo um dos Puranas, Krishna é Chidatma, o Absoluto, e Radha, é Chitshakti, Seu poder Divino; mas segundo um outro Purana, o Próprio Krishna é Kali, a Energia Primordial.

Mestre: “Este segundo ponto de vista é defendido no Devi Purana. Segundo ele, a Pró pria Kali tornou-Se Krishna. Mas que diferença isto faz? Deus é infinito e infinitos são os caminhos para se chegar a Ele.”

M. sem falar nada, tomado de admiração por alguns momentos, disse em seguida: “Ó, agora compreendo. Como o senhor diz, a coisa importante é subir ao terraço. Alcançaremos o nosso objetivo se pudermos utilizar quaisquer dos meios – uma corda ou uma estaca.”

Mestre: “Foi pela graça de Deus que você compreendeu isso. Sem Sua graça, a dúvida jamais é esclarecida.”

“A coisa mais importante é cultivar devoção a Deus e amor por Ele e seguir qualquer um dos caminhos. Que necessidade há em se saber muitas coisas? Basta cultivar o amor a Deus. Quando tiver este amor, certamente alcançará Deus. Mais tarde, se necessário, Deus lhe explicará tudo e lhe falará também a respeito dos outros caminhos. É suficiente que desenvolva amor por Deus. Não há necessidade de muitas discussões e argumentações. Veio ao pomar para comer mangas. Aproveite. Não há necessidade de contar os galhos e as folhas. É sábio seguir a atitude de Hanuman: “Não sei o dia da semana, a fase da lua ou a posição das estrelas: apenas contemplo Rama’.”

M`: “Agora desejo que minhas atividades sejam muito reduzidas e que eu possa dedicar-me muito a Deus.”

Mestre: “Ah! Certamente seu desejo será realizado, mas um jnani pode viver desapegado no mundo.”

M.: “É verdade, senhor, mas necessita-se de força especial para levar uma vida desape gada.”

Mestre: “Isto também é verdade, mas talvez você quisesse levar a vida do mundo. Krishna havia sido entronado no coração de Radha; mas Radha queria jogar com Ele, sob a forma humana. Daí os episódios de Vrindavan. Agora você quer orar a Deus, para que suas obrigações mundanas possam ser reduzidas. Alcançará seu objetivo se renunciar mentalmente.”

M.: “Mas renúncia mental é recomendada para aqueles que não podem abandonar o mundo externamente. Para devotos superiores, prescreve-se renúncia total – externa e interna.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio por alguns minutos, e então, retornou à conversa.

Mestre: “Agradou-lhe o que lhe disse sobre a renúncia absoluta, há um momento atrás?”

M.: “Muito, senhor.”

Mestre: “Diga-me, qual é o significado de renúncia?”

M.: “Renúncia não significa somente desapego do mundo. Significa desapego do mundo e também, desejo ardente por Deus.”

Mestre: "Você está certo. Sem dúvida necessita-se de dinheiro para a vida no mundo, mas não se preocupe muito a esse respeito. O caminho prudente é aceitar o que vem por si mesmo. Não se preocupe muito em economizar dinheiro. Aqueles que entregam o coração e a alma a Deus, aqueles que se dedicam a Ele, e tomam refúgio n'Ele, não devem preocupar-se muito com dinheiro. O que ganham, gastam. O dinheiro chega de um modo e sai de outro. Isto é o que o *Gita* chama 'aceitar o que vem por si mesmo'."

O Mestre referiu-se a Haripada e disse: "Ele esteve aqui no outro dia."

M.: "Ele sabe cantar as histórias dos Puranas. Canta melodiosamente a vida de Prahlada e o nascimento de Shri Krishna.

Mestre: "É mesmo? Naquele dia olhei dentro de seus olhos. Tinha um olhar interior. Perguntei-lhe se meditava muito, mas ficou olhando para o chão e não respondeu. Disse-lhe então: 'Olhe, não se esforce em demasia'."

Era o entardecer. Shri Ramakrishna, como era de seu costume, nesta hora do dia, cantou os nomes de Deus e entrou em meditação. Logo a lua apareceu no céu. Os templos, pátios e árvores estavam banhados de luz prateada e milhões de luas quebradas brincavam na ondulante superfície do Ganges. Rakhal e M. estavam com o Mestre no aposento.

Mestre (*A M.*.): "Baburam diz, 'Ó, a vida mundana! Deus me livre!' "

M.: "Sua opinião está baseada no que ouviu dizer. O que conhece ele do mundo? É somente uma criança."

Mestre: "Sim, é verdade. Já reparou em Niranjan? É totalmente sem artimanhas."

M.: "Sim, senhor. Sua aparência já atrai as pessoas. Como seus olhos são expressivos!"

Mestre: "Não apenas os olhos, mas toda sua pessoa. Seus parentes propuseram-lhe casamento. A isso disse: 'Por que querem me afogar?' (*Com um sorriso*) Diga-me. Dizem que um homem encontra grande prazer na companhia da esposa, depois de árduo dia de trabalho."

M.: "Isso sem dúvida é verdade para aqueles que pensam assim. (*A Rakhal*, *com um sorriso*) Estamos sendo examinados. Esta é uma pergunta-chave."

Rakhal e M. eram casados.

Mestre (*com um sorriso*): "A mãe diz, 'Suspirarei de alívio se puder conseguir uma "árvore de sombra" [3], para meu filho. Ele descansará nesta sombra quando estiver abrasado pelo calor do mundo'."

M.: "É verdade, senhor, mas há pais e pais. Um pai que é espiritualmente desenvolvido não dá seus filhos em casamento. Fazendo isso sua espiritualidade é bem fina!"

Adhar Sen chegou de Calcutá e saudou o Mestre. Depois de alguns minutos, foi ao templo de Kali e M. seguiu-o.

Um pouco mais tarde, M. estava sentado no ghat de banho no Ganges. A maré começava a subir. Enquanto ouvia as águas se jogando contra a margem, muitas imagens da vida divina de Shri Ramakrishna desfilaram em sua mente: o samadhi profundo do Mestre, o êxtase constante, a alegria no amor de Deus, as palavras incansáveis sobre a vida espiritual, o amor sincero aos devotos e acima de tudo, a simplicidade infantil. Quem era esse homem? Era ele Deus que havia Se encarnado na terra para o bem de Seus devotos?

Adhar e M. voltaram para o aposento do Mestre. Adhar estivera em Chitagong, Bengala Oriental, em missão oficial. Contava ao Mestre a respeito de sua visita a Chandranath Hills e Sitakunda, lugares sagrados de Chitagong.

Adhar: "Perto de Sitakunda visitei um poço onde vi fogo na água. Queimava sempre sobre as águas com línguas de fogo."

Mestre: "Como é possível?"

Adhar: "A água continha fósforo."

Nesse momento Ram Chatterji entrou no aposento. O Mestre disse a Adhar, algumas palavras gentis sobre ele."

---

[3] A palavra significa "esposa".

Mestre: "A presença de Ram no templo aliviou-nos de muitas preocupações. Ele chama Harish, Latu e outros para comer. Na maioria das vezes estão absorvidos em meditação, em algum canto da propriedade. É Ram que controla se comem na hora certa."

Sábado, 6 de setembro de 1884

Mais ou menos às três horas da tarde, Shri Ramakrishna estava sentado na sala de estar de Adhar, no segundo andar. Narendra, os irmãos Mukherji, Bhavanath, M., Hazra e outros devotos estavam com o Mestre.

Estavam sendo feitos preparativos para que Narendra cantasse. Enquanto afinava o tanpura, uma das cordas soltou-se e o Mestre exclamou: "Ó! O que você fez?" Narendra então começou a afinar os tambores. O Mestre disse-lhe: "Você está batendo nesse também, e sinto como se alguém estivesse batendo no seu rosto."

Referindo-se ao kirtan, Narendra disse: "Não há muito ritmo no kirtan. É por isso que é tão popular e as pessoas gostam tanto."

Mestre: "Que bobagem! Elas gostam dele porque é tão doce e cheio de sentimento."

Narendra cantou:

> Doce é teu nome, Ó Refúgio dos humildes!
> Cai como o mais doce néctar em nossos ouvidos
> E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas!...

Cantou novamente:

> Ó Senhor, devem seus dias passar tão completamente em vão?
> Descendo o caminho da esperança, olho sem ver, dia e noite.
> Tu és o Senhor de todos os mundos, e eu sou somente um mendigo aqui;
> Como posso pedir-Te para vir morar dentro do meu coração?
> A porta da humilde cabana, do meu pobre coração está completamente aberta;
> Sê misericordioso, Senhor, e entra ali só uma vez e extingue sua sede!

Mestre (*a Hazra*, *sorrindo*): "Esta foi a primeira canção que ele cantou para mim."

Narendra cantou mais uma ou duas canções. Depois Vaishnavcharan cantou, descrevendo o pesar das gopis ao verem Krishna como rei de Mathura:

> Ó Hari, como podemos conhecer-Te agora?
> No esplendor real de Mathura, Tu nos esqueceste. ...

Mestre: "Por que não canta aquela – 'Ó vina, cante o nome do Senhor Hari'? "

Vaishanavcharan cantou:

> 'O vina, cante o nome do Senhor Hari!
> Sem a bênção dos Seus pés.
> Você não poderá conhecer a Verdade final.
> O nome de Hari mata todo pesar.
> Cante o nome de Hari! Cante o nome de Krishna!
> Se apenas Hari mostrar Sua graça.
> Então, jamais ficarei triste.
> Ó vina! Cante Seu nome somente uma vez;
> Nem tem a metade da raridade de uma pedra preciosa.
> Govinda diz: Em vão meus dias
> Passaram. Não posso mais flutuar
> Aqui na imensidão sem rastro do oceano da vida!

Enquanto ouvia a canção, o Mestre ficou absorvido nela. Dizendo, "Ó, meu Deus! Ó meu Deus!" entrou em samadhi. Os devotos à sua volta, mantinham os olhos presos dele. O aposento estava cheio de gente.

O músico cantou de novo. Enquanto improvisava novos versos, descrevendo o amor de Deus, o Mestre levantou-se e dançou. Improvisou versos e cantou com os braços estendidos. Logo entrou em samadhi e sentou-se com a cabeça repousando num almofadão à sua frente. O músico, também tomado de emoção, cantou novas canções. Novamente Shri Ramakrishna levantou-se começou a dançar. Os devotos não podiam controlar-se e também, dançaram com o Mestre. Enquanto dançavam, Shri Ramakrishna de vez em quando entrava em samadhi profundo. Neste estado não conseguia pronunciar uma palavra e o corpo permanecia inerte. Dançavam à sua volta. Depois de um certo tempo, voltando à consciência parcial, dançou com a força de um leão, intoxicado de amor, mas mesmo assim, não podia pronunciar uma palavra. Por fim, retomando à consciência do mundo, cantou de novo, improvisando os versos. Uma intensa atmosfera espiritual foi criada na sala de Adhar. Ao som de uma música forte juntou-se uma grande multidão na rua.

Shri Ramakrishna dançou muito tempo na companhia dos devotos. Ao voltar para seu lugar, ainda tomado de fervor, pediu a Narendra para cantar, "Ó Mãe, torna-me louco com Teu amor."

Narendra cantou:

> Ó Mãe, torna-me louco com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento e razão? ...

Mestre: "E aquela – No Mar de Consciência Venturosa."

Narendra cantou:

> No Mar de Consciência Venturosa levantam-se ondas de amor.
> Divino encantamento! Jogo da Felicidade de Deus!
> Ó, que emocionante! ...

Mestre: "E aquela – 'Na Sabedoria do firmamento'. Talvez seja muito comprida, você não acha? Está bem, cante-a devagar."

Narendra cantou:

> No firmamento da Sabedoria a lua do amor está surgindo cheia,
> E a maré do Amor, em ondas agitadas, flui em todos os lugares.
> Ó Senhor, quão cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve! ...

Mestre: "E você não quer cantar aquela – o 'Vinho da Felicidade Celestial'?"

Narendra cantou:

> Fique embriagada, Ó mente com o Vinho da Felicidade Celestial!
> Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari!
> Encha a abóboda do céu com seu profundo rugido de leão,
> Cantando o doce nome de Hari! Com ambos os braços levantados,
> Dance em nome de Hari e dê seu nome a todos.
> Nade dia e noite na felicidade do amor de Hari;
> Mate o desejo com Seu nome, e abençoado seja sua vida!

O Mestre improvisou, "Embriague-se com prema e chore, cantando o doce nome de Hari. E, "Embriague-se com o fervor divino e chore, cantando Seu nome."

Shri Ramakrishna e os devotos descansaram um pouco. Narendra disse ao Mestre em voz baixa, "Por favor, pode cantar aquela outra?"

Mestre: "Minha voz tornou-se um pouco rouca."

Depois de alguns minutos, perguntou a Narendra, "Qual?"

Narendra: “Gaur, cuja beleza deleita o mundo.”

Shri Ramakrishna cantou descrevendo a beleza de Sri Chaitanya:

> Quem trouxe Gaur para Nadia -
> Gaur cuja beleza alegra o mundo?
> Seu rosto, coberto com mechas de cabelo.
> Brilha com um relâmpago contra uma nuvem escura. ...

Novamente cantou, desta vez a respeito do pesar de uma gopi pela separação de Shri Krishna.

> Não encontrei meu Krishna, Ó amiga! Como triste ficou meu lar sem Ele!
> Ah, se Krishna apenas pudesse somente ser o cabelo de minha cabeça,
> Cuidadosamente eu o pentearia e o enfeitaria com flores de bakul;
> Cuidadosamente modelaria as tranças do meu Krishna.
> Krishna é negro e negro é meu cabelo; negro será uno com o negro!
>
> Ah, se Krishna pudesse somente ser a argola que uso no meu nariz,
> Sempre ficaria pendurada e meus lábios poderiam tocá-Lo.
> Mas se isto jamais acontecer, Ó! Por que devo sonhar indolentemente?
> Por que Krishna se importaria em ser uma argola no meu nariz?
>
> Ah, se Krishna pudesse ser as pulseiras nos meus braços,
> Ele sempre estaria preso nos meus pulsos e eu orgulhosamente
> Sacudindo meus braceletes para fazê-los soar, agitando os braços para mostrá-los;
> Pela estrada real andarei usando os braceletes do meu Krishna.

A música terminou. O Mestre começou a conversar com os devotos.

Mestre (sorrindo): “Hazra dançou.”

Narendra: “Sim, um pouco.”

Mestre: “Um pouco?”

Narendra: “Sim, sua barriga dançou também.” (*Todos riem*).

O anfitrião do Pundit Shashadhar estava pensando em convidar o Mestre para jantar.

Mestre: “Ouvi dizer que seu anfitrião não é um homem honesto, é sem moral.”

Narendra: “É por isso que o senhor não tomou a água que ele tocou. Aconteceu no pri meiro dia em que se encontrou com Shashadhar na casa dele. Como descobriu que era imoral?”

Mestre (*sorrindo*): “Hazra conhece outro exemplo. Aconteceu em Sihore na casa de Hriday.”

Hazra: “O homem era um vaishnava. Veio comigo para ver o senhor [querendo dizer Shri Ramakrishna]. Assim que se sentou à sua frente, o senhor virou-lhe as costas.”

Mestre: “Mais tarde soubemos que levava uma vida imoral. (*A Narendra*) Você costu mava dizer, no começo, que tudo isso eram alucinações.”

Narendra: “Como eu podia saber? Agora vejo que o senhor tem razão.”

Adhar havia preparado uma festa para o Mestre e devotos, e agora convidou-os para comer. O Mestre disse aos irmãos Mukherjis, “O que? Não vão comer?” Responderam humil-demente: “Por favor, desculpe-nos.”

Mestre: “Mas por que? Vocês estão fazendo tudo o mais. Por que esta dúvida somente a respeito da refeição?”

Adhar era um hindu de casta inferior. Por esta razão muitos devotos brahmins do mês tre, hesitavam em comer em sua casa. Por fim caíram em si, ao verem o próprio Shri Ra-makrishna comendo.

Eram por volta de nove horas. O Mestre estava descansando na sala de visitas com os devotos. Logo voltaria para Dakshineswar.

Os irmãos Mukherjis haviam contratado um cantor de kirtan para entreter o Mestre no dia seguinte. Ram estava tomando lições de canto com aquele músico. Shri Ramakrishna pediu a Narendra para ir a Dakshineswar para o kirtan.

Mestre (*a Narendra*): "Virá amanhã, não?"

Narendra: "Vou fazer o possível."

Mestre: "Você pode tomar banho lá e também, comer. (*Apontando para M.*)*:* Ele também poderá jantar. (*a M.*) Você está bem agora? Espero que não esteja de dieta."

M.: "Não, senhor. Irei amanhã."

Nityagopal estava morando em Vrindavan. Chunilal havia voltado de Vrindavan há apenas alguns dias, e o Mestre perguntou-lhe sobre Nityagopal.

Como Shri Ramakrishna já se preparava para ir embora, M. saudou-o, tocando seus pés com a testa. O Mestre disse-lhe com carinho: "Então o verei amanhã. Narendra! Bhavanath! Por favor venham amanhã." Acompanhado de diversos devotos partiu para Dakshineswar.

Os outros devotos voltaram para casa naquela noite enluarada, levando em seus corações, a música e a dança do Mestre.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 27

EM DAKSHINESWAR

Sábado, 7 de setembro de 1884

ERAM MAIS OU MENOS ONZE HORAS. O Mestre estava sentado em seu aposento em Dakshineswar. Ainda não havia almoçado..

Foi combinado com o músico Shyamdas, um kirtan para entreter o Mestre e os devotos. Baburam, M.., Manomohan, Bhavanath, Kishori, Chunilal, Haripara, os irmãos Mukherjis, Ram, Surendra, Tarak, Niranjan e outros chegaram ao templo. Latu, Harish e Hazra estavam morando com o Mestre.

Quando M. saudou Shri Ramakrishna, o Mestre perguntou: "Onde está Narendra? Não virá?" M. respondeu que ele não poderia vir.

Um devoto brahmin lia para o Mestre, as canções religiosas de Ramprasad. Shri Ramakrishna pediu-lhe para continuar. O brahmin leu uma canção cujo primeiro verso era: "Ó Mãe, veste Tuas roupas".

Mestre: "Pare, por favor! Estas idéias são estranhas e bizarras. Leia qualquer coisa que possa despertar bhakti."

O brahmin leu:

> Quem existe que pode entender o que seja Mãe Kali?
> Mesmo os sete darshanas são incapazes de revelá-La ...

Mestre (*A. M.*):"Estou com dor porque em samadhi ontem, na casa de Adhar, fiquei muito tempo deitado do mesmo lado; portanto, levarei Baburam comigo quando for à casa dos devotos. É uma alma solidária.

Com estas palavras o Mestre cantou:

> Como abrirei o coração, Ó amiga?
> Proibiram-me de falar.
> Estou prestes a morrer, por falta de uma alma amiga
> Que entenda minha infelicidade.
>
> Apenas olhando em seus olhos,
> Encontro o bem-amado de meu coração;
> Mas rara é a alma, que nada em extática felicidade,
> Na maré alta do amor celestial.

Mestre: "Os Bauls entoam canções como esta. Cantam também, uma de outro tipo:

> Pare, Ó monge errante!
> Fique aí com sua tigela de pedinte na mão,
> E deixe-me olhar sua face radiante.

"No culto shakti, o siddha é chamado koul, e segundo a Vedanta, paramahamsa. Os Bauls chamam-no sai. Dizem: 'Ninguém é mais perfeito do que um sai.' Sai é um homem de perfeição suprema. Não vê qualquer diferença no mundo. Usa um colar, metade feito de osso de vaca, e a outra, da sagrada planta tulsi. Chama a Realidade Última 'Alekh', o 'Uno Incompreensível'. Os Vedas O chamam 'Brahman'. Sobre os jivas, os Bauls dizem, 'Vieram de Alekh e vão para Alekh.' Isto é, a alma individual vem do Imanifesto e volta para o Imanifesto. Os Bauls lhe perguntarão, 'Você conhece o vento?' 'Vento' é a grande corrente que se

sente nos nervos sutis, Ida, Pingala e Sushumna, quando a Kundalini é despertada. Eles lhe perguntarão ainda mais, 'Em que estação você mora?' Segundo eles há seis estações, que correspondem aos seis centros psíquicos da Yoga. Se disserem que um homem mora na 'quinta estação', significa que sua mente subiu para o quinto centro, conhecido como chakra Vishuddha. (a *M.*) Nesse momento ele vê o Sem forma."

Dizendo isto o Mestre cantou:

> No interior das pétalas desta flor, está escondido um espaço sutil
> Transcendendo-o, vê-se na totalidade, o universo dissolver-se no Espaço.

"Certa vez um Baul veio aqui. Perguntei-lhe: 'O senhor já terminou o trabalho de "refinar a calda? Já tirou a panela do fogão?' Quanto mais se ferve o suco da cana, mais ele fica refinado. No começo da fervura, é somente suco de cana de açúcar. Em seguida, o melado, depois o açúcar cande e assim por diante. Quanto mais se ferve mais refinadas serão as substâncias que obtemos.

"Quando um homem tira a panela do fogão? Quer dizer, quando um homem chega ao fim de sua sadhana? Chega ao fim quando conseguiu completo domínio dos órgãos dos sentidos. Os órgãos dos sentidos tornam-se enfraquecidos e sem poder, como o sanguessuga que se solta do corpo quando se coloca cal em sua boca. Neste estado um homem pode viver com uma mulher e não sentir nenhum desejo por ela.

"Muitos Bauls seguem um método 'sujo' de disciplina espiritual. É como entrar numa casa pela porta dos fundos, por onde os lixeiros entram.

"Um dia eu estava comendo, quando chegou um devoto Baul. Perguntou-me: 'É o senhor mesmo quem está comendo, ou está alimentando outra pessoa?' Com isto quis dizer que o siddha vê Deus morando dentro de cada um. Os siddhas, dentre os Bauls, não falam com pessoas de outra seita; chamam-nas 'estranhas'.

"Os Bauls designam o estado de perfeição como 'sahaja', o estado 'natural'. Há dois sinais desse estado. Primeiro, o homem perfeito não 'cheira a Krishna'. Segundo, é como a abelha que pousa no lótus, mas não suga o mel. O primeiro quer dizer que ele guarda todos os sentimentos para si mesmo. Não apresenta nenhum sinal externo de espiritualidade. Nem mesmo pronuncia o nome de Hari. O segundo quer dizer que não é apegado à mulher. Dominou totalmente os sentidos.

"Os Bauls não gostam do culto de imagem. Querem um ser vivo. Daí, uma de suas seitas ser chamada Kartabhaja. Adoram o karta, quer dizer, o guru, como Deus.

"Veja quantas opiniões diferentes há sobre Deus. Cada opinião é um caminho. Há inúmeras opiniões e inúmeros caminhos que conduzem a Deus."

Bhavanath: "O que devemos fazer então?"

Mestre: "Deve agarrar-se a um só caminho, com toda a força. Um homem pode subir ao terraço de uma casa por degraus de pedra, ou por uma escada de corda, ou por uma corda, ou até por uma vara de bambu, mas não pode chegar ao terraço se puser os pés, ora num, ora noutro. Deve seguir firmemente um caminho. Assim também, a fim de realizar Deus, deve-se seguir um caminho com toda força e firmeza.

"Mas deve-se olhar os outros pontos de vista, como diversos caminhos que conduzem a Deus. Não deve achar que seu caminho é o único certo, e que os outros, são errados. Não deve ser mau com as pessoas.

"Bem, a que caminho pertenço? Keshab Sen costumava dizer-me: 'O senhor pertence ao nosso caminho. Está pouco a pouco aceitando o ideal do Deus sem forma'. Shashadhar diz que pertenço ao caminho dele. Vijay também diz que pertenço ao dele – caminho de Vijay."

Shri Ramakrishna caminhou até o Panchavati com M. e alguns devotos. Era meio dia, hora da maré alta no Ganges. Ficaram para ver a subida da maré.

Mestre (*aos devotos*): "A maré baixa e a maré alta são realmente maravilhosas. Mas reparem uma coisa, Perto do mar, podemos ver a maré alta e a maré baixa, mas longe do mar, o rio corre apenas numa direção. O que significa isto? Procure aplicar seu significado à sua

vida espiritual. Aqueles que vivem perto de Deus, sentem dentro de si, as correntes de bhakti, bhava e similares. No caso de alguns – os Ishvarakotis, por exemplo – há mahabhava e prema.

(*A M.*): "Qual a explicação de maré baixa e maré alta?"

M.: "Segundo a astronomia ocidental, são devidas à atração do sol e da lua."

A fim de explicar este fenômeno, M. desenhou figuras na terra e começou a mostrar ao Mestre, o movimento da terra, do sol e da lua. O Mestre olhou as figuras por um instante e disse: "Pare, por favor! Isto está me dando dor de cabeça."

Logo a maré chegou ao rio, Ouviram o barulho da água que se precipitava. A maré quebrava-se contra a margem do rio e fluía em direção norte. Shri Ramakrishna olhou para ele com atenção e exclamou como uma criança: "Olhem aquele barco! Fico imaginando o que vai acontecer com ele."

O Mestre e M. sentaram-se por uns momentos no Panchavati. Shri Ramakrishna colocou o guarda-chuva na plataforma de cimento e falou sobre Narayan. O rapaz era estudante. Shri Ramakrishna, que gostava muito dele, olhava-o como Narayana, o Próprio Deus.

Mestre: "Reparou a natureza de Naran [1]? Pode misturar-se com todos, velhos e jovens. Não se pode fazer isso sem um poder especial. Além do mais, todos o amam. É ele realmente sem dissimulação e artifícios?"

M.: "Penso que sim."

Mestre: "Estou sabendo que ele vai á sua casa. Não vai?"

M.: "Sim, senhor. Visitou-me uma ou duas vezes."

Mestre: "Vai dar-lhe uma rupia? Ou devo pedir a Kali? [2] "

M.: "Muito bem, senhor. Vou dar-lhe o dinheiro."

Mestre: "É bom. É bom ajudar àqueles que anseiam por Deus. Assim faz-se um bom uso do dinheiro. O que se ganha gastando tudo com a família?"

Kishori tinha diversos filhos. Seu salário era insuficiente para sustentar a família. Shri Ramakrishna disse a M.: "Naran disse que ia conseguir um emprego para Kishori. Por favor, lembre-o disso."

O Mestre caminhou em direção ao bosque de pinheiros. Voltando ao Panchavati, disse a M.: "Por favor, peça a alguém para estender uma esteira fora do aposento. Vou deitar-me um pouco. Voltarei logo."

Quando o Mestre voltou para o quarto não encontrou o guarda-chuva e exclamou: "Todos se esqueceram do guarda-chuva! Uma pessoa ocupada não vê uma coisa, mesmo que ela esteja bem perto dele. Um homem foi à casa de um amigo, acender o carvão de seu fumo, embora tivesse todo o tempo, com um lampião aceso em sua mão. Outro procurava em todos os lugares, uma toalha. Finalmente descobriu que ela estivera em seus ombros o tempo todo."

Era mais ou menos uma hora da tarde. O Mestre comeu prasad do templo de Kali. Quis descansar um pouco, mas os devotos ainda estavam sentados no aposento. Pediu-se-lhes que se retirassem e então, o Mestre deitou-se. Disse a Baburam: "Venha aqui, sente-se junto de mim". Baburam respondeu, "Estou preparando uma folha de betel." O Mestre disse, "Ponha sua folha de betel de lado."

Os devotos sentaram-se debaixo da árvore bakul no Panchavati. Tarak acabara de chegar de Vrindavan e contou-lhes histórias de sua viagem.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna estava novamente em seu pequeno divã, com os devotos sentados no chão. Shyamdas cantava com seu grupo. Cantou o pesar das gopis com a separação de Shri Krishna.

> Seco como um deserto, lhes parecia, o lago feliz;
> O chatak morria de sede, esgazeando as nuvens.

O Mestre ficou meio abstrato, mas o músico não pôde criar uma atmosfera espiritual. Shri Ramakrishna pediu a Nabai de Konnagar, para cantar. Nabai era tio de Manomohan. Vi-

[1] Abreviação de Narayan, jovem discípulo do Mestre.

[2] Um devoto do Mestre.

via às margens do Ganges, dedicando seu tempo à oração e à meditação, sendo um assíduo visitante de Shri Ramakrishna, em Dakshineswar.

Nabai começou o kirtan em tom alto. O Mestre deixou o divã e começou a dançar. Imediatamente Nabai e os outros devotos começaram a dançar à sua volta. A atmosfera ficou carregada de fervor espiritual.

Depois do kirtan, Shri Ramakrishna retomou seu assento e com muito sentimento, começou a cantar sobre a Mãe Divina, os olhos voltados para cima:

> Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és,
> Não prives Teu filho indigno de Bem-aventurança!
> Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus,
> O Rei da Morte repreende-me com uma expressão terrível
> Diz-me, Ó Mãe, o que devo dizer-lhe? ...

Cantou novamente:

> Como é a meditação de uma pessoa, assim é seu sentimento de amor
> Como é o sentimento de amor, assim é seu ganho;
> E a fé é a raiz de tudo.

Continuou:

> Este mundo, Ó Mãe, é Teu hospício! O que posso dizer de todas as Tuas virtudes?
> Pondo de lado Teu elefante, Tu vagueias a pé.
> Tirando Tuas pedras preciosas e pérolas, Ó Mãe de vontade própria.
> Tu adornas Teu lindo pescoço com uma grinalda de cabeças humanas.
> Agora Tu tens de salvar Ramprasad da floresta deste mundo.

Cantou de novo:

> Por que eu deveria ir para o Ganga ou Gaya, para Kashi ou Prabhas
> Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios? ...

E novamente:

> More, Ó mente, dentro de você mesma;
> Não entre em outra casa.
> Se você somente procurar ali, encontrará
> Tudo o que está procurando. ...

Depois:

> A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria
> Para a flor do lótus azul dos pés da Mãe Shyama ...

E depois:

> Acaricie minha preciosa Mãe Shyama,
> Afetuosamente dentro de você, Ó mente!
> Que somente você e eu A contemplemos.
> Não permitindo a ninguém mais intrometer-se. ...

O Mestre ficou de pé enquanto cantava esta última canção. Estava intoxicado de amor divino. Repetidamente dizia aos devotos, “Afetuosamente minha preciosa Mãe Shyama, ternamente dentro de Ti.” Em seguida dançou e cantou:

É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
Desnuda da cor mais negra.
Ilumina o Lótus do Coração. ...

O Mestre cambaleava enquanto cantava. Niranjan veio em sua direção para segurá-lo. O Mestre disse-lhe suavemente: "Não me toque, seu maroto!" Vendo o Mestre dançar, os devotos levantaram-se. O Mestre pegou a mão de M., dizendo, "Não seja tolo! Dance!"

Shri Ramakrishna voltou a seu lugar, ainda tomado de êxtase divino. Descendo um pouco ao seu estado normal, disse, "Om! Om! Om! Om! Om! Om Kali!" Novamente falou: "Quero fumar". Muitos devotos ficaram à sua volta. Mahimacharan abanava-o. O Mestre pediu-lhe que se sentasse e recitasse algo das escrituras. Recitou do *Mahanirvana Tantra*:

OM. Inclino-me a Ti, Duradoura Causa do Mundo.
Inclino-me a Ti, Consciência Pura, Alma que sustém o universo inteiro.
Inclino-me a Ti, que és Uno sem dualidade, que concedes liberação.
Inclino-me a Ti, Brahman, Realidade sem atributo que a Tudo permeia.

Tu somente és o Refúgio, único Objeto de adoração;
Tu és a única Causa do Universo, a Alma que tudo é;
Tu somente és o Criador do Mundo, Tu és seu Preservador e Destruidor;
Tu és o imutável Senhor Supremo, o Absoluto; Tu és a Consciência imutável.

Horror do horrível ! Terror do terrível!
Refúgio de todos os seres! Pureza dos purificadores!
Somente Tu reinas sobre aqueles nos lugares elevados.
Supremo sobre o supremo, o Protetor dos protetores.

Poderoso Senhor, que Te fizeste manifesto como a Forma de todos,
Contudo Tu Mesmo és imanifesto e indestrutível.
Tu és imperceptível aos sentidos, todavia és a própria Verdade;
Incompreensível, imortal, que a tudo penetras, oculto e sem forma;
Ó Senhor! Ó Luz do Universo! Protege-nos do mal.

Somente naquele Uno meditamos, aquele Uno é o único objeto de nossa adoração;
Somente Aquele, a Testemunha não dual do Universo, inclinamo-nos.
Naquele Uno que sozinho existe e que é nosso único Amparo Eterno, buscamos refúgio.
O Senhor dependente de Si mesmo, o Navio de Segurança no oceano de existência.

Shri Ramakrishna ouviu o hino, com as mãos postas. Depois do canto, saudou Brahman. Os devotos fizeram o mesmo.

Adhar chegou de Calcutá e inclinou-se diante do Mestre.

Mestre (*a M.*): "Que grande alegria tivemos hoje! Quanta alegria o nome de Hari cria! Não é assim?"

M.: "Sim, senhor."

Mahima era estudante de filosofia. Naquele dia também havia cantado o nome de Hari e dançado durante o kirtan. Isto fez o Mestre muito feliz.

Era quase o entardecer. Muitos devotos foram embora. Um lampião foi aceso no quarto de Shri Ramakrishna e queimou-se incenso. Depois de um certo tempo, a lua apareceu, inundando o céu com sua luz.

Shri Ramakrishna estava sentado no divã. Estava em êxtase, absorvido na contemplação da Mãe Divina. Às vezes cantava Seu abençoado nome. Adhar estava sentado no chão. M. e Niranjan também estavam presentes. Shri Ramakrishna começou a conversar com Adhar.

Mestre: "O que! Só agora chegou! Tivemos muito kirtan e dança. Shyamdas começou o kirtan. É professor de música de Ram, mas não gostei da maneira dele cantar; não senti von-

tade de dançar. Mais tarde ouvi a respeito do seu caráter. Disseram-me que tinha tantas amantes quantos fios de cabelo há na cabeça de um homem.

"Conseguiu um emprego?"

Adhar era magistrado nomeado, posto do governo que trazia consigo grande prestígio. Ganhava trezentas rupias por mês. Havia se candidatado ao lugar de vice-presidente da Municipalidade de Calcutá. O salário desse posto era de mil rupias. A fim de consegui-lo, Adhar havia se entrevistado com muitas pessoas importantes em Calcutá.

Mestre (*a M. e Niranjan*): "Hazra disse-me, 'Por favor ore à Mãe Divina por Adhar, para que consiga o emprego.' Adhar fez-me o mesmo pedido. Eu disse à Mãe: 'Ó Mãe, Adhar tem estado me visitando. Que ele possa conseguir o emprego se isso Te agradar', mas ao mesmo tempo eu Lhe disse: 'Que mente pequena ele tem! Ora a Ti por coisas assim e não, por Conhecimento e Devoção.'

(*A Adhar*): "Por que andou de um lado para o outro, fazendo sala a todas essas pessoas de mente tacanha? Você já viu tanto! Você já ouviu tanto! É como uma pessoa que tivesse lido o *Ramayana* inteiro e depois, perguntasse de quem Sita é esposa!

Adhar: "Um homem tem que fazer estas coisas se quiser levar a vida de um chefe de família. O senhor não nos proibiu, não é?"

Mestre: "Somente nivritti é bom e não, pravritti [3]. Uma vez, quando eu estava intoxicado por Deus, pediram-me para ir ao administrador do templo de Kali, a fim de assinar o recibo do meu salário [4]. Todos agem assim aqui, mas eu disse ao administrador, 'Não posso fazer isso. Não estou pedindo qualquer salário. O senhor pode dá-lo a outra pessoa, se assim o desejar'. Sou somente um servo de Deus. A quem mais vou servir? Mallick reparou a hora avançada de minhas refeições e arranjou-me um cozinheiro. Deu-me uma rupia para as despesas do mês. Isso me embaraçou. Tinha que ir correndo a ele sempre que me chamasse. Seria bem diferente se eu mesmo fosse até ele, porque queria.

"Levando uma vida mundana, tem-se que aturar pessoas de mente mesquinha e fazer dessas coisas. Depois de atingir o meu exaltado estado, vi como as coisas eram à minha volta. Disse à Mãe Divina: "Ó Mãe, muda o rumo da minha mente para que eu não tenha que bajular as pessoas ricas."

(*A Adhar*): "Fique satisfeito com o emprego que tem. As pessoas correm atrás de um lugar que paga cinqüenta a cem rupias, e você ganha trezentas! É um magistrado. Vi um magistrado em Kamarpukur. Seu nome era Ishwar Ghoshal. Usava um turbante. Os ossos das pessoas tremiam diante dele. Lembro-me de tê-lo visto em minha infância. É um magistrado uma pessoa que deva ser menosprezada?

"Sirva aquele a quem já está servindo. A mente torna-se maculada com o serviço a um senhor. Imagine, servindo a cinco senhores!

"Uma vez uma mulher apegou-se a um muçulmano e convidou-o para ir a seu quarto. Mas ele era um homem correto; disse que desejava usar o vaso sanitário e deveria ir à sua casa apanhar o jarro de água para se lavar. A mulher ofereceu seu jarro, mas ele disse: 'Não, o seu não serve. Devo usar aquele que uso sempre. Não posso usar um novo.' Com estas palavras foi embora. Isto trouxe a mulher à razão. Compreendeu que um jarro novo, neste caso, queria dizer uma amante."

Com a morte de seu pai, Narendra ficou numa situação difícil. Estava procurando um emprego para manter a mãe, irmãs e irmãos. Havia trabalhado alguns dias como diretor da Escola Vidyasagar em Bowbazar.

Adhar: "Narendra aceitaria um emprego?"

Mestre: "Sim, aceitará. Ele tem mãe, irmãos e irmãs para sustentar."

Adhar: "Bem, Narendra pode sustentar sua família com cinqüenta ou cem rupias. Vai tentar cem?"

---

[3] Nivritti e pravritti significam, respectivamente, interiorização da mente e sua inclinação para o prazer exterior.

[4] Shri Ramakrishna era, então, um sacerdote assalariado do templo de Kali..

Mestre: "As pessoas mundanas pensam muito a respeito de sua riqueza. Sentem que não há nada mais importante do que ela. Sambhu disse: 'É minha vontade deixar todas as minhas propriedades aos Pés de Lótus de Deus.' Mas Deus importa-se com dinheiro? Deseja de Seus devotos conhecimento, devoção, discriminação e renúncia.

"Depois do roubo das jóias do templo de Radhakanta, Mathur Babu disse: 'Ó Deus, Tu não pudeste proteger Tuas próprias jóias! Que vergonha!' Uma vez ele quis dar-me uma propriedade e consultou Hriday. Soube por acaso de sua intenção no templo de Kali e disse-lhe: 'Por favor não pense em tal coisa. Isto me ferirá muito.'

Adhar: "Senhor, digo-lhe que não mais de seis ou sete pessoas como o senhor, nasceram desde a criação do mundo."

Mestre: "Como? Há certamente muitas pessoas que abandonaram tudo por Deus. Logo que se desiste de sua fortuna, as pessoas tomam conhecimento dele. É verdade também, que há pessoas que não chegam a ser conhecidas, mas não há homens santos no norte da Índia?"

Adhar: "Conheço pelo menos um assim, em Calcutá. É Devendranath Tagore."

Mestre: "O que disse? Quem já gozou o mundo mais do que ele? Uma vez visitei-o, com Mathur Babu. Vi que tinha muitos filhos pequenos. O médico da família estava lá, receitando. Se, depois de ter tido oito filhos, um homem não pensa em Deus, então, quando o fará? Se, depois de desfrutar de tanta riqueza, Devendranath não tivesse pensado em Deus, seria uma vergonha."

Niranjan: "Mas ele pagou todas as dívidas de seu pai."

Mestre: "Fique quieto! Não me aborreça mais. Você chama homem alguém que não pague as dívidas de seu pai, podendo fazê-lo? Mas admito que Devendranath é infinitamente maior do que os outros homens, imersos no mundanismo. Eles podem aprender muito com ele.

"Há um oceano de diferença entre um verdadeiro devoto de Deus que a tudo renuncia, e um devoto chefe de família. Um verdadeiro sannyasi, um devoto real que renunciou ao mundo, é como uma abelha. A abelha não pousará em outra coisa que não seja numa flor. Não beberá outra coisa que não seja mel, mas o devoto que leva a vida mundana, é como a mosca, que pousa tanto numa ferida supurada, quanto um doce. Num momento desfruta um estado espiritual, para em seguida, estar com desejo de prazer de 'mulher e ouro'.

"Um devoto que real e verdadeiramente renunciou tudo por Deus, é como o pássaro chatak. Beberá somente a água da chuva, que cai quando a estrela Svati está no ascendente. Prefere morrer de sede, a tocar qualquer outra água, embora à sua volta possa haver sete oceanos e rios. Um devoto que a tudo renunciou, não tocará 'mulher e ouro'. Não manterá 'mulher e ouro' perto dele, senão se sentirá apegado."

Adhar: "Mas Chaitanya também desfrutou o mundo?"

Mestre (*com espanto*): "O que? Como ele desfrutou o mundo?"

Adhar: "Erudição! Honra!"

Mestre: "Foi uma honra aos olhos dos outros, mas para ele, nada. Se você – um magistrado – ou este, Niranjan, mais jovem, me prestam homenagem, são iguais aos meus olhos. Digo isto com sinceridade: a idéia de controlar um homem rico jamais entra em minha mente. Surendra uma vez disse-me, de maneira um tanto condescendente, que o pai de Rakhal poderia me processar por deixar Rakhal [5] ficar comigo. Ao ouvir isso, disse: 'Quem é este Surendra? Como ousa fazer um comentário como este? Ele guarda um tapete e um travesseiro aqui, e me dá algum dinheiro. Será essa sua desculpa, para um comentário tão imprudente?"

Adhar: "Sei que ele dá dez rupias por mês. Não é assim?"

Mestre: "Que cobrem dois meses de despesas. Os devotos ficam aqui e ele dá dinheiro para seu serviço. É ele quem recebe o mérito. Que significa isso para mim? Será um bem pessoal, que amo Narendra, Rakhal e os outros?"

M.: "Seu amor por eles é como o amor de uma mãe pelos seus filhos."

---

[5] Rakhal era então, menor de idade.

Mestre: "Mas mesmo atrás do amor de uma mãe, há esperança de que mais tarde, os filhos a sustentarão. Mas amo esses jovens porque vejo neles o Próprio Narayana. Estas não são simples palavras.

(*A Adhar*): "Ouça. Não há falta de aleluia quando o lampião está aceso. Quando Deus é realizado, Ele Próprio provê tudo para Seus devotos. Ele provê que não lhes falte nada. Quando Deus é entronado no coração, muitas pessoas vêm oferecer seus serviços.

"Uma vez um sannyasi foi até um chefe de família, mendigar seu alimento. Havia vivido como monge desde o seu nascimento: não sabia nada de assuntos mundanos. Uma jovem filha do dono da casa saiu para dar esmola ao monge. Ele virou-se para a mãe e disse: 'Mãe, essa moça está com abcessos em seu peito?' A mãe respondeu: 'Não, meu filho. Deus deu seios para que ela alimente os filhos, quando se tornar mãe.' A isto o sannyasi disse: 'Então por que deveria me preocupar comigo mesmo? Por que vou mendigar o alimento? Aquele que me criou, certamente me alimentará.'

"Ouça. Se uma mulher renuncia a tudo por seu amante, pode dizer-lhe, se for necessário, 'Seu patife! Vou sentar-me em seu peito e devorá-lo'.

"Nangta contou-me a respeito de um certo rei que deu uma festa para os sadhus, usando pratos e cálices de ouro. Reparei nos mosteiros de Benares com que respeito os abades eram tratados. Pessoas ricas do norte ficavam ante eles, de mãos postas, prontas para lhes obedecer, mas o verdadeiro sadhu, que a tudo renunciou, não procura nem prato de ouro, nem honra. Deus vê que não lhe falte nada. Deus dá ao devoto tudo de que necessita para realizá-Lo.

(*A Adhar*): "Você é um funcionário executivo. O que vou lhe dizer? Faça o que achar melhor. Sou um iletrado."

Adhar (*sorrindo, aos devotos*): "Agora ele está me examinando."

Mestre (*sorrindo*): "Só o desapego é bom. Não vê que não assinei o recibo de meu salário? Só Deus é real e tudo o mais ilusório."

Hazra entrou no quarto e sentou-se entre os devotos, no chão. Às vezes Hazra repetia, "Soham! Soham!" ,"Eu sou Ele! Eu sou Ele!" A Latu e outros devotos, costumava dizer: "O que se ganha adorando Deus com oferendas? É como simplesmente dar a Ele coisas que já possui." Certa vez disse isto a Narendra.

O Mestre falou com Hazra.

Mestre: "Expliquei a Latu quem é objeto de adoração."

Hazra: "O devoto realmente ora para seu próprio Ser."

Mestre: "O que você está falando é um pensamento muito inconseqüente. O objetivo da disciplina espiritual, de cantar o nome e glórias de Deus, é justamente realizar isto. Um homem alcança tudo quando descobre seu verdadeiro Ser nele. O objeto da sadhana é realizar este fato. É este também, o objetivo de se tomar um corpo humano. Necessita-se do molde de argila, enquanto a imagem ainda não foi fundida; mas quando a imagem está feita, joga-se o molde fora. O corpo pode ser abandonado, depois da realização de Deus.

"Deus não está somente dentro de nós. Está tanto dentro, quanto fora. A Mãe Divina mostrou-me no templo de Kali, que tudo é Chinmaya, a Encarnação do espírito; que é Ela quem Se tornou tudo – a imagem, eu, os utensílios do culto, a soleira da porta, o chão de mármore. Tudo é verdadeiramente Chinmaya.

"O propósito da oração, da disciplina espiritual, de cantar o nome e das glórias de Deus, é realizar somente isto. Somente para isto o devoto ama Deus. Esses jovens [6] estão num nível mais baixo; ainda não alcançaram um elevado estado espiritual. Seguem o caminho de bhakti. Por favor não lhes fale de coisas como 'Eu Sou Ele'."

Como a mãe passarinho vigiando os filhotes, Shri Ramakrishna estava alerta protegendo seus devotos.

Adhar e Niranjan saíram pelo pórtico para uma refeição ligeira. Logo voltaram.

Adhar (*sorrindo*): "Falamos sobre tantas coisas. (*Apontando para M.*) "Mas ele não pronunciou uma só palavra."

---

[6] Referindo-se a Latu e aos outros.

Mestre: "Na organização de Keshab havia um jovem que tinha quatro diplomas universitários. Ria quando via as pessoas argumentando comigo. Dizia: 'Argumentar com ele! Que bobagem!' Eu o vi novamente mais tarde, numa das reuniões de Keshab, mas, não tinha mais aquele orgulho."

Shri Ramakrishna sentou-se no chão para a ceia. Era uma refeição leve, consistindo de pudim e um ou dois luchis que haviam sido oferecidos no templo de Kali. M. e Latu estavam no quarto. Os devotos trouxeram diversos doces para o Mestre. Tocou num sandesh e perguntou a Latu, "Quem me trouxe isto?" Tirou o sandesh da taça e deixou-o no chão. Disse a Latu e M.: "Sei tudo a respeito dele. É imoral."

Latu: "Vou dar-lhe este doce?"

Mestre: "Kishori trouxe-o."

Latu "Está bem para o senhor?"

Mestre (*sorrindo*): "Sim."

M. havia recebido uma educação inglesa. Shri Ramakrishna disse-lhe: "Não me é possível comer coisas oferecidas por qualquer um. Acredita nisso?"

M.: "Gradualmente estou acreditando nessas coisas."

Mestre: "Sim, é assim."

Depois de comer Shri Ramakrishna lavou a boca. Disse a M.: "Então você vai dar a rupia a Naran?" "Sim", disse M., "darei com certeza."

A lua apareceu no céu claro de outono e refletiu-se no rio. Era a maré baixa no Ganges e o rio fluía em direção sul para o mar.

Domingo, 14 de setembro de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento com Narendra, Bhavanath, os irmãos Mukherjis e outros devotos. Rakhal estava morando com Balaram em Vrindavan, e teve que ficar acamado, com febre. Narendra estava se preparando para as provas do vestibular da Faculdade de Direito.

Mais ou menos às onze horas. Jnan Babu chegou. Era funcionário do governo e possuía quatro diplomas universitários.

Mestre (*ao ver Jnan Babu*): "Bem! Bem! Que súbito despertar de 'conhecimento[7]' "

Jnan (*sorrindo*): "Você é Jnan, então por que haveria de ter ajnan, ignorância? Ó, compreendo. Onde há conhecimento há, também, ignorância. O sábio Vashishtha era dotado de grande conhecimento e mesmo assim, chorou a morte de seus filhos. Portanto, peço-lhe para ir além de ambos, conhecimento e ignorância. O espinho da ignorância espetou o pé de um homem. Necessita do espinho do conhecimento para retirá-lo. Por fim, livra-se de ambos. O jnani diz, 'Este mundo é uma moldura de ilusão'. Mas quem está além do conhecimento e ignorância o descreve como uma 'mansão de alegria'. Vê que foi o próprio Deus quem Se tornou o universo, todos os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos.

"Pode-se viver no mundo depois de se ter alcançado Deus. Pode então levar uma vida de desapego. No interior vi as mulheres das famílias de carpinteiros, fazendo arroz tostado com a máquina de descascar. Com uma das mãos revolvia o arroz no buraco, e com a outra, ninava o bebê. Ao mesmo tempo conversava com o cliente. 'Dizia-lhe: "O senhor me deve dois annas. Pague antes de ir-se". Mas setenta e cinco por cento de sua mente está na sua mão, caso contrário, seria esmagada pelo pilão da máquina de descascar.

"Um homem deveria fazer os seus deveres mundanos, com somente vinte e cinco por cento da mente, dedicando o restante, a Deus."

Referindo-se ao Pundit Shashadhar, o Mestre disse aos devotos, "Achei-o monótono – empenhado em seca discussão filosófica.

"Só aquele que, depois de alcançar Nitya, o Absoluto, pode morar em Lila, o Relativo, e daí, subir de Lila a Nitya, tem conhecimento e devoção maduros. Sábios como Narada

[7] Jnan significa Conhecimento.

mantiveram amor de Deus depois de alcançar o Conhecimento de Brahman. Isto é chamado vijnana.

"Simples conhecimento seco é como um foguete comum; queima-se em poucas faíscas e em seguida, extingue-se. Mas o Conhecimento de sábios como Narada e Shukadeva é como foguete de boa qualidade; por uns momentos atira bolas de cores diferentes e em seguida, pára; novamente atira outras bolas e então, pára; e assim sucessivamente. Aqueles sábios tinham prema por Deus. Prema é a corda pela qual se alcança Satchidananda."

O Mestre terminou o almoço e descansou um pouco. Bhavanath, M., os irmãos Mukherjis, Hazra e diversos devotos sentaram-se debaixo da árvore bakul e começaram a conversar. O Mestre parou aí em seu caminho para o bosque de pinheiros.

Hazra (*para Gopal mais jovem)*: "Por favor prepare o fumo para ele [referindo-se ao Mestre]."

Mestre (*sorrindo*): "Por que você não diz o que quer?"(*Todos riem*).

Mukherji (*a Hazra*): Você deve ter recebido muita sabedoria dele [referindo-se ao Mestre].

Mestre (*sorrindo*): "Não, ele é sábio desde a infância." (*Todos riem*).

Logo Shri Ramakrishna voltou para o bosque de pinheiros. Os devotos repararam que estava em êxtase e cambaleando, como um bêbado. Depois de chegar ao quarto, retornou ao estado normal.

Muitos devotos juntaram-se no aposento. Entre eles havia um recém-chegado, um sadhaka de Konnagar, que parecia ter mais de cinqüenta anos e ser muito vaidoso de sua erudição. O Mestre ficou no meio do quarto e subitamente disse a M.: "Ele veio – Naran."

Narendra estava na varanda, discutindo com Hazra e alguns devotos, Podiam ser ouvidos do quarto.

Mestre (*referindo-se a Narendra*): "Que tagarela! Mas agora está muito preocupado com sua família."

M.: "Sim, é verdade."

Mestre: "Uma vez ele disse que olharia a adversidade como sua boa sorte. Não foi?"

M.: "Ele possui uma força mental muito grande."

Um devoto: "Falta-lhe força em qualquer coisa?"

Apontando para o sadhaka de Konnagar, um devoto disse ao Mestre: "Senhor, ele veio visitá-lo. Tem algumas perguntas a fazer." O sadhaka estava sentado ereto, com queixo para cima.

Sadhaka: "Senhor, qual é o caminho?"

Mestre: "Fé nas palavras do guru. Alcança-se Deus, seguindo as instruções do Guru, passo a passo. É como chegar a um objeto, seguindo a trilha de um rio."

Sadhaka: "É possível se ver Deus?"

Mestre: "Ele não pode ser conhecido pela mente mergulhada no mundanismo. Não se pode alcançar Deus, se tiver o menor vestígio de apego a 'mulher e ouro'. Mas é cognoscível pela mente pura e pela inteligência pura – mente e inteligência que não tiverem o menor sinal de apego. Mente Pura, Inteligência Pura, Atman Puro são uma e mesma coisa."

Sadhaka: "Mas as escrituras dizem, 'D'Ele palavras e mente voltam frustradas. Ele não pode ser conhecido pela mente e palavras.'

Mestre: "Ó, pare! Não se pode entender o significado das escrituras sem praticar disciplina espiritual. O que o senhor ganha somente pronunciando a palavra 'siddhi'? [8] Os pundits citam com muita loquacidade as escrituras; mas qual é o resultado? Não se fica intoxicado, esfregando siddhi em seu corpo; tem-se que engoli-lo. Para que serve repetir, 'Há manteiga no leite?' Transforma o leite em coalho e bata-o. Só então se obterá manteiga.

Sadhaka: "O senhor fala de bater manteiga, mas também está citando as escrituras."

Mestre: "O que se ganha simplesmente citando ou ouvindo as escrituras? Devemos assimilá-las. O almanaque prevê as chuvas para o ano inteiro, mas não se obterá uma só gota, espremendo as páginas."

---

[8] Cânhamo indiano.

Sadhaka: “O senhor fala sobre bater a manteiga. O senhor mesmo fez isso?

“Mestre: “Não tem que se preocupar sobre o que fiz ou não. Além disso, é muito difícil explicar estas coisas aos outros. Suponhamos que alguém lhe pergunte, ‘Qual é o gosto de ghee?’ Sua resposta será, ‘Ghee tem gosto de ghee’.

“Para entender estas coisas, deve-se viver com os santos, da mesma maneira que, para conhecer o pulso da bile [9], da fleuma e assim por diante, tem-se que viver com um médico.”

Sadhaka: “Há algumas pessoas que ficam irritadas na companhia de outras.”

Mestre: “Isto ocorre somente depois de se alcançar o Conhecimento, depois da realização de Deus. Não deve um principiante viver na companhia de santos?”

O sadhaka ficou em silêncio por uns instantes. Então disse com uma certa irritação: “Por favor, diga-me se o senhor realizou Deus direta ou intuitivamente. O senhor pode responder ou ficar em silêncio se quiser.” O Mestre disse com um sorriso: “O que vou dizer? Somente se pode dar uma pequena idéia’.”

Sadhaka: “Diga-nos o quanto é esse tanto.”

Narendra ia cantar. Disse: “Ninguém trouxe pakhoaj.”

Gopal mais jovem: “Mahimacharan tem um.”

Mestre (*interrompendo*):”Não, não desejamos nada dele aqui.”

Um devoto de Konnagar entoou uma canção. De vez em quando Shri Ramakrishna lançava um olhar para o sadhaka. O cantor e Narendra empenharam-se numa discussão acirrada, sobre técnica musical. O sadhaka disse ao cantor, “Para que servem essas discussões?” Referindo-se a um outro homem, que havia se juntado à discussão, Shri Ramakrishna disse ao sadhaka, “Por que o senhor não o repreende também?” Podia-se notar que o sadhaka não mantinha termos amigáveis, com seus companheiros de Konnagar.

Narendra cantou:

> Ó senhor, devem todos os meus dias passarem-se tão totalmente em vão?
> Embaixo do caminho da esperança, gazeio com anelo, dia e noite. ...

O sadhaka fechou os olhos em meditação, enquanto ouvia a canção. Eram quatro horas da tarde. Os raios do sol que se punha, caíam em seu corpo. Shri Ramakrishna rapidamente abriu um guarda-chuva e colocou-o perto da porta, de forma que o sol não pudesse perturbar o sadhaka.

Narendra cantou novamente:

Como posso contemplar-Te, Ó Senhor, com essa mente tão maculada e mundana?
Pode a palha permanecer intacta num buraco contendo carvão ardente?
Tu, todo bondade, és o fogo e eu, todo pecado, sou somente a palha;
Como jamais poderei adorar-Te?

A glória de Teu nome, dizem, redime aqueles que já não podem ser redimidos;
Contudo, quando canto Teu nome sagrado, meu Deus, meu pobre coração treme de medo
Gasto minha vida como escravo do pecado, como posso encontrar refúgio,
Ó Senhor, dentro do Teu santo caminho?

Por Tua abundante bondade, salvas Tu este malvado pecador;
Arrasta-me pelos cabelos e dá-me abrigo em Teus pés.

Novamente cantou:

> Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!
> Ele cai como o mais doce néctar, em nossos ouvidos
> E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas!
> O tesouro sem preço de Teu nome somente

[9] Segundo a medicina ortodoxa hindu, fleuma, bile e ar são os três elementos que controlam a saúde física. O médico pode determinar sua condição sentindo o pulso do paciente.

É a morada da Imortalidade;
E aquele que canta Teu nome, torna-se imortal.
Caindo nos nossos ouvidos, Teu santo nome
Imediatamente fez desaparecer a angústia de nossos corações.
Tua Alma de nossas almas e enche nossos corações com felicidade!

Enquanto Narendra cantava o verso, "E aquele que canta Teu nome torna-se imortal", o Mestre entrou em samadhi. Logo seus dedos, especialmente os polegares, começaram a tremer. Os devotos de Konnagar jamais haviam visto o Mestre em samadhi. Ao vê-lo silencioso, estavam a ponto de deixarem o aposento. Bhavanath perguntou-lhes: "Por que desejam sair? Isto é o seu samadhi." Os devotos voltaram a seus lugares.

Narendra cantou:

Trabalhei dia e noite
Para construir Teu assento em meu coração.
Não desejas ser tão bondoso para mim.
Ó Senhor do mundo, entrando ali?

Shri Ramakrishna, ainda em êxtase, desceu do divã para o chão e sentou-se perto de Narendra. O bem-amado discípulo cantou novamente:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia.
É a maré do Amor, em ondas agitadas, que flui em todos os lugares.
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve! ...

Enquanto Narendra cantava o último verso, Shri Ramakrishna levantou-se em samadhi.

Depois de muito tempo, o Mestre retomou a consciência parcial do mundo, e sentou-se na esteira. Narendra acabou de cantar e o tanpura foi guardado no lugar. O Mestre ainda estava em êxtase e disse: "Mãe, diz-me o que é isto. Querem que alguém extraia a manteiga para eles e a coloque em suas bocas. Não vão jogar a isca condimentada no lago. Nem mesmo vão segurar o caniço. Alguém tem que apanhar o peixe e colocá-lo em suas mãos! Que trabalho! Ó Mãe, não ouvirei qualquer discussão mais. Os patifes querem forçá-lo sobre mim. Que aborrecimento! Vou afastá-lo com força. Deus está além dos Vedas e suas regras. Pode alguém realizá-Lo apenas pelo estudo das escrituras, Vedas e Vedanta? (*A Narendra*) Compreende isso? Os Vedas dão apenas uma idéia."

Narendra quis o tanpura outra vez. O Mestre disse, "Quero cantar." Ainda estava em êxtase e cantou:

Mãe, essa é a tristeza que amargamente aflige meu coração.
Que embora Tu sejas a Mãe e eu esteja alerta,
Haja assalto em minha casa. ...

O Mestre disse, "Mãe, por que me fazes discutir?" Cantou mais uma vez:

De uma vez por todas, agora compreendo inteiramente;
Do Uno que conhece isso bem, aprendi o segredo de bhava.

O Mestre disse, "Estou totalmente consciente"' mas ainda estava embriagado de fervor divino. Cantou mais uma vez:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-Aventurança Eterna,
Quando digo o nome de minha Mãe Kali;
Ele intoxica de tal modo minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!

Shri Ramakrishna disse, "Mãe, não ouvirei mais argumentações". Narendra cantou:

> Ó Mãe, enlouqueça-me com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio? ...

Shri Ramakrishna disse com um sorriso, "Ó Mãe, enlouquece-me! Deus não pode ser realizado pelo conhecimento e raciocínio, através das discussões sobre as escrituras." Tinha ficado satisfeito com o músico de Konnagar e disse-lhe humildemente: "Por favor, cante sobre a Mãe Divina. Por favor – uma canção."

Músico: "Tem que me desculpar, senhor."

Mestre (*inclinando-se com as mãos postas*): "Não, senhor. Insisto neste pedido."

Dizendo isto, Shri Ramakrishna cantou alguns versos de um kirtan, assumindo a atitude de uma gopi:

> Radha tem todo direito de dizer isto;
> Manteve-se desperta para Krishna.
> Ficou acordada noite inteira.
> E tem todo o direito de ficar zangada.

Então disse ao músico: "Meu caro senhor, o senhor é o filho da Divina Mãe. Ela mora em todos os seres. Portanto, tenho todo o direito de reforçar o meu pedido. Um fazendeiro disse ao guru: "Vou obter do senhor meu mantra, nem que tenha de lhe bater."

Músico (*sorrindo*): "Com uma chinelada?"

Mestre (*sorrindo*): "Não vou tão longe."

Novamente em êxtase, Shri Ramakrishna disse: "O iniciante, o que luta, o perfeito, o supremamente perfeito. Qual deles o senhor é – perfeito ou supremamente perfeito? Vamos! Cante para nós."

O músico concordou. Cantou somente uma melodia.

Mestre: "Meu caro senhor, isto também me faz feliz."

O músico então, entoou uma canção. Quando a música terminou, os devotos de Konnagar saudaram o Mestre e se retiraram. O sadhaka inclinou-se ante ele com as mãos postas e disse: "Homem santo, vou me despedir do senhor."

Shri Ramakrishna ainda em êxtase, conversava com a Mãe Divina.

Mestre: "Mãe, és Tu ou eu? Faço alguma coisa? Não, não! És Tu. Foste Tu quem ouviu os argumentos todo o tempo, ou fui eu? Não, não eu. Foste Tu."

Shri Ramakrishna voltou à consciência do mundo exterior e começou a conversar com Narendra, Bhavanath e os outros devotos. Estavam falando sobre o sadhaka.

Bhavanath (*sorrindo*): "Que tipo de homem ele é?"

Mestre: "É um devoto tamásico."

Bhavanath: "Certamente pode recitar versos em sânscrito."

Mestre: "Uma vez falei com um homem a respeito de um sadhu. 'Ele é um sadhu rajásico. Por que se deve dar a ele comida e outros presentes?' A isto um outro sadhu ensinou-me uma lição dizendo: 'Não fale assim. Há três tipos de homens santos! Sattvicos, rajásicos e tamásicos.' Desde aquele dia passei a respeitar homens santos de toda espécie."

Narendra (*sorrindo*): "O que? É como o 'Deus-elefante?' Todos, certamente, são Deus."

Mestre (*sorrindo*): 'É o Próprio Deus que brinca no mundo tanto como vidya quanto avidya. Portanto saúdo ambos. Está escrito no *Chandi*: 'A Mãe Divina é a boa sorte dos abençoados e a má sorte dos infelizes.'(*A Bhavanath*) Isto está escrito no *Vishnu Purana*?"

Bhavanath (*sorrindo*): "Não sei, senhor. Os devotos de Konnagar não entenderam o seu samadhi e já queriam ir embora."

Mestre: "Quem pediu-lhes para ficar?"

Bhavanath (*sorrindo*): "Fui eu."

Mestre: "Meu filho, você age certo ao trazer gente aqui e ao levá-la embora."

A conversa mudou para a discussão que Narendra tivera com o músico de Konnagar.

Mukherji: "Narendra não o poupou."

Mestre: "Está bem. Uma energia assim é necessária. Isto chama-se influência de tamas sobre sattva. Um homem tem que ouvir tudo o que um outro diz? Deve-se dizer a uma prostituta, 'Está bem, pode fazer o que quiser'? Deve-se ouvi-la? Certa vez Radha ficou zangada. Uma amiga disse-lhe: 'O ego dela cresceu'. Brinde, outra amiga, disse: 'De quem é esse ego? Seu ego pertence somente a Krishna. Tem orgulho no orgulho de Krishna'."

A conversa mudou para a glória do nome de Deus.

Bhavanath: "Fico muito aliviado quando canto o nome de Hari."

Mestre: "Quem me alivia do pecado é Hari. Ele nos alivia das três aflições do mundo. Chaitanya pregava a glória do nome de Hari; então essa prática deve ser boa. Veja, ele foi um grande erudito e também, uma Encarnação. Visto que *ele* pregava aquele nome, isso deve ser bom. (*Sorrindo*) Uma vez alguns camponeses foram convidados para uma festa. Perguntaram-lhe se comeriam um prato de ameixa-de-porco. Responderam: 'Podem nos dar, se as pessoas importantes a comerem também. Se *elas* a apreciarem, então deve ser bom.'

(*Aos irmãos Mukherjis*) "Gostaria de visitar Shivanath. Não tenho de alugar uma carruagem, se os senhores me levarem na sua."

Mukherji: "Está bem, senhor. Vamos marcar um dia."

Mestre (*aos devotos*): "Acham que os Brahmos vão gostar de mim! Criticam aqueles que acreditam em Deus com forma."

Mahendra Mukherji queria fazer uma peregrinação. Falou sobre isto com Shri Ramakrishna.

Mestre (*sorrindo*): "Como? Quer ir quando o broto do amor divino mal despontou? Primeiro vem o broto, depois a árvore e então, o fruto. Gostamos de tê-lo aqui para conversar."

Mahendra: "Sinto-me um pouco como se estivesse visitando os lugares sagrados. Voltarei breve."

Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Shri Ramakrishna deixou o aposento. Os devotos passeavam no jardim. Muitos já estavam de saída.

O Mestre conversava com Hazra na varanda norte. Falava das freqüentes visitas de Narendra a Annada, filho mais velho dos Guhas.

Hazra: "Ouvi dizer que Annada está agora praticando austeridade. Vive com muito pouca comida e come arroz somente a cada quatro dias."

Mestre: "É assim? 'Quem sabe? Pode-se realizar Deus mesmo por meio de uma roupa religiosa'."

Hazra: "Narendra cantou o agamini[10]."

Mestre (*ansiosamente*): "Como ele o cantou?"

Kishori estava bem perto. O Mestre disse-lhe: "Você está bem?"

Mais tarde o Mestre estava no pórtico oeste. Como era outono, vestira uma camisa de flanela, tingida de ocre. Perguntou a Narendra, "É verdade que você [11] cantou o agamani?"

Acompanhado de Narendra e M., Shri Ramakrishna foi até a amurada do Ganges.

Narendra cantou o agamani:

Diga-me, minha Uma, como você passou sozinha na casa do Estranho[12].

---

[10] Uma série de canções invocando Durga, a Mãe Divina. Segundo a mitologia hindu, Durga ou Uma, é filha do rei Himalaia. Casou-se contra a vontade de Seus pais com Shiva, que vagueia nos campos de cremação, na companhia de fantasmas, esfregando cinzas no corpo e vivendo de esmolas. Segundo as condições do casamento, Durga tinha permissão de ficar com os pais, três dias no ano. As mulheres hindus de Bengala olham Durga como sua própria filha. No primeiro dia do Durga Puja cantam o agamani, dando boas vindas à Mãe Divina. A canção é cheia de ternura e afeição de uma mãe por sua filha que está retornando ao lar, vindo da casa do marido, depois de muito tempo.

[11] Como membro do Brahmo Samaj, Narendra por esta época, não acreditava nos deuses e deusas da religião hindu.

[12] Shiva, marido de Uma.

As pessoas falam muito mal de nós! Meu Deus, morro de vergonha!
Meu Genro passa em Seu corpo, cinzas da pira funerária,
E vagueia com grande alegria.
Tu, junto com Ele, também cobres com cinza Tua pele dourada.
Ele mendiga a comida que come! Como posso suportar isso, sendo sua mãe?
Desta vez, quando Ele voltar para buscar-Te, eu Lhe direi,
"Minha filha Uma não está em casa."

Shri Ramakrishna estava de pé ouvindo a canção, quando entrou em samadhi. O sol ainda estava acima do horizonte, enquanto o Mestre permanecia na amurada em êxtase. De um lado estava o Ganges, correndo para o norte com a maré. Atrás dele estava o jardim de flores. À sua direita podiam ser vistos o nahabat e o Panchavati. Narendra estava a seu lado, cantando. Gradualmente a escuridão da noite caiu sobre a terra.

Depois Narendra e diversos devotos saudaram o Mestre e partiram para Calcutá. Shri Ramakrishna voltou para o quarto. Estava em meditação profunda na Mãe Divina e cantava o Seu santo nome.

Jadu Mallick havia chegado à sua chácara, próxima do templo de Kali. Mandou chamar o Mestre. Adhar também chegara de Calcutá e saudou Shri Ramakrishna. O Mestre pediu a Latu para acender o lampião e acompanhá-lo até a chácara de Jadu.

Mestre (*a M.*): "Por que você não trouxe Naran com você?"

M.: "Vou com o senhor?"

Mestre: "Quer vir? Adhar e outros estão aqui. Tudo bem, pode vir. Os Mukherjis vêm com a gente? (*Aos Mukherjis*): Venham logo, poderemos deixar Jadu Mallick rapidamente."

O Mestre foi para a sala de visitas de Jadu. Era um aposento muito bem mobiliado, com tudo novo em folha. Os lampiões estavam bem iluminados. Jadu estava sentado com seus amigos, brincando com as crianças. Os empregados estavam a postos. Sorrindo, Jadu dava boas vindas a Shri Ramakrishna, mas não se levantou. Tratava o Mestre como um velho amigo.

Jadu era devoto de Gauranga. Assistira a uma representação da vida de Gauranga no Star Theatre e falou ao Mestre sobre ela. O Mestre ouviu a narração e brincou com as crianças. M. e os irmãos Mukherjis sentaram-se junto dele. No decurso da conversa Shri Ramakrishna contou a Jadu que Adhar não conseguira o posto na Municipalidade de Calcutá. Jadu disse que Adhar era ainda jovem e poderia tentar de novo. A seu pedido o Mestre cantou sobre Gauranga.

Depois que a música acabou, os Mukherjis preparavam-se para sair. O Mestre, também, estava pronto para ir embora, mas continuava em êxtase. Chegando ao pórtico entrou em samadhi. O porteiro da chácara era um homem religioso. De vez em quando convidava o Mestre para ir à sua casa e dava-lhe de comer. Shri Ramakrishna entrou em êxtase e o porteiro abanou-o com um leque. Ratan, administrador da chácara, saudou o Mestre e Shri Ramakrishna retomando à consciência do mundo exterior, saudou o administrador e o porteiro, dizendo, "Narayana". Acompanhado pelos devotos, voltou ao templo pelo portão principal.

Mestre (*aos Mukherjis*, *apontando para M.*): "Por favor, visitem-no com freqüência."

Mukherji (*sorrindo*): "Sim, daqui por diante, ele será nosso professor."

Mestre: "É próprio da natureza do fumante de cânhamo alegrar-se na companhia de outro. Não falará mesmo a um emir, mas abraçará um fumante de cânhamo velhaco se, por acaso, encontrar um."(*Todos riem*).

Eram mais ou menos nove horas. Os irmãos Mukherjis saudaram o Mestre e saíram. Adhar e M. sentaram-se no chão enquanto o Mestre conversava com Adhar sobre Rakhal.

Rakhal estava em Vrindavan com Balaram. O Mestre soube por uma carta, da doença de Rakhal. Estava tão preocupado que, há dois ou três dias atrás chorara na frente de Hazra, como uma criança. Adhar mandou uma carta registrada a Rakhal, mas não recebera resposta.

Mestre (*a Adhar*): "Naran recebeu uma carta. Por que não recebeu resposta da sua?"

Adhar: "Ainda não recebi notícias de Vrindavan."

Mestre: "M. também recebeu uma carta de Vrindavan."

Começaram a falar sobre a ida de Shri Ramakrishna ver a peça, no Star Theatre, sobre a vida de Gauranga.

Mestre (*sorrindo*): "Jadu disse-me que se pode ver a peça muito bem de um lugar que custa uma rupia.[13] Muito barato. Uma vez falamos de ir ao Panihati. Jadu quis que eu fosse de barco com muitos passageiros. (*Todos riem*).

"Antes gostava um pouco de ouvir a respeito de Deus, mas hoje em dia não vejo muito Jadu. Está sempre cercado de bajuladores, que o estragam. É homem de natureza calculista. Mal eu pus o pé em sua casa, perguntou, "Quanto custa a carruagem?" [14] Respondi: 'Não se preocupe com isto. Pode pagar duas rupias e meia.' Isto o sossegou." (*Todos riem*).

Era tarde. Adhar estava de partida. O Mestre pediu a M. para trazer Naran com ele.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[13] Apesar de sua grande fortuna, Jadu Mallick era muito avarento.

[14] É costume, na Índia, que um chefe de família pague a carruagem para um santo, quando este visita sua casa.

CAPÍTULO 28

NO STAR THEATRE (I)

Sexta-feira, 19 de setembro de 1884

ERA O MAHALAYA, dia sagrado dos hindus e de lua nova. Às duas horas da tarde, Shri Ramakrishna estava em seu quarto com Mahendra Mukherji, Priya Mukherji, M., Baburam, Harish, Kishori e Latu. Alguns estavam sentados no chão, outros em pé ou andando de um lado para o outro. Hazra estava sentado no pórtico. Rakhal ainda estava em Vrindavan com Balaram.

Mestre (*aos devotos*): "Eu estava na casa do Capitão em Calcutá. Era muito tarde quando regressei. Que natureza boa tem o Capitão! Que devoção! Faz o arati diante da imagem. Primeiro movimenta um lampião com três luzes, depois um de uma luz e finalmente, um com cânfora queimando. Enquanto faz o culto fica em silêncio. Uma vez fez sinal para que eu me sentasse. Os olhos ficam inchados de emoção espiritual e parecem que haviam sido picados por vespas. Não pode cantar, mas sabe fazê-lo lindamente. Na presença da mãe senta-se num nível mais baixo, e ela, num banco alto.

"Seu pai foi um havildar do exército inglês. Segurava uma arma com uma das mãos e com a outra, adorava Shiva. Seu empregado fez-lhe uma imagem de argila de Shiva. Antes de fazer o culto, não tocava nem em água. Ganhava seis mil rupias por ano. De vez em quando o Capitão manda a mãe a Benares. Doze ou treze empregados a atendem o que custa muito caro. O Capitão conhece a Vedanta, o *Gita* e o *Bhagavata* de cor. Diz que os senhores educados de Calcutá seguem o caminho dos mlechchhas.

"Nos primeiros anos praticou hatha yoga. É por isso que acaricia minha cabeça gentilmente quando estou em samadhi. A esposa adora a Divindade com outra forma – a de Gopala. Não a achei tão avarenta. Conhece o *Gita* e outras escrituras. Que devoção o casal têm!

"Fizeram cabra ao curry. O Capitão disse que poderiam comê-la durante quinze dias, mas a esposa disse, 'Não, não! Só sete dias'. Mas gostei. Servem um pouquinho de cada prato, mas hoje em dia dão-me boas porções porque como mais do que eles. Depois da refeição, ou o Capitão ou a esposa me abana.

"São pessoas muito piedosas e mostram grande respeito aos homens santos. As pessoas do norte da Índia são muito dedicadas aos sadhus. Os filhos e sobrinhos de Jung Bahadur do Nepal uma vez vieram visitar o templo e mostraram grande respeito e humildade comigo. Uma vez uma jovem do Nepal veio ver-me com o Capitão. Era grande devota e solteira; conhecia de cor o *Gitagovinda*. Dwarika Babu[1] e outros queriam ouvi-la tocar. Quando cantou o *Gitagovinda*, Dwarika Babu ficou profundamente emocionado e limpou as lágrimas com um lenço. Perguntaram-lhe porque não havia se casado. Ela respondeu: 'Sou ajudante de Deus. A quem mais vou servir?' As pessoas respeitam-na como uma deusa, como recomendam as escrituras.

(*A Mahendra Mukherji e outros*): "Vou ficar muito feliz em saber que estão sendo beneficiados com suas visitas aqui. (*A M.*) Por que as pessoas vêm aqui? Não sou muito letrado."

M.: "A força de Deus está no senhor. É por isso que há esse poder de atração. É o Espírito Divino que atrai."

Mestre: "Sim, esta é a atração de Yogamaya, a Shakti Divina. Ela joga o feitiço. Deus executa Sua Lila com a ajuda de Yogamaya.

"O amor das gopis era como o apego de uma mulher ao amante. Estavam intoxicados de amor por Shri Krishna. Uma mulher que abriga amor ilícito não se dedica ao marido. Se

[1] Filho de Mathur Babu.

lhe disserem que ele chegou, dirá: 'O que há que ele tenha vindo? Há comida na cozinha. Pode servir-se.' Mas se lhe falarem da chegada de um estranho jovial, bonito e inteligente, correrá para vê-lo e o espreitará atrás de um biombo.

"Vocês podem não concordar, dizendo: 'Não vimos Deus. Como podemos sentir-nos atraídos para Ele, como as gopis se sentiram atraídas para Krishna?' Mas isto é possível, 'Não O conheço, apenas ouvi Seu nome e fixei minha mente n'Ele'."

Um devoto: "Senhor, qual o significado do roubo das roupas das gopis por Shri Krishna?"

Mestre: "Há oito grilhões que prendem uma pessoa ao mundo. As gopis estavam livres de todos, menos de um: vergonha. Portanto Krishna libertou-as desse também, levando suas roupas. Ao alcançar Deus, fica-se livre de todos os grilhões.(*A Mahendra Mukherji e outros*): "De modo algum as pessoas sentem-se atraídas para Deus. Somente as almas especiais sentem-se assim. Para amar Deus deve-se nascer com boas tendências. Senão, por que somente você, entre todas as pessoas de Baghbazar vem aqui? Não se pode encontrar nada de bom num monte de esterco. Sem dúvida, o toque da brisa malaia transforma todas as árvores em sândalo. Mas há algumas exceções – o baniano, o algodoeiro e a ashwattha, por exemplo.

(*Aos irmãos Mukherjis*) "Vocês têm posse. Se um homem sai do caminho da yoga, renasce numa família próspera e recomeça sua prática espiritual para a realização de Deus."

Mahendra: "Por que sai do caminho da yoga?"

Mestre: "Enquanto pensa em Deus, o aspirante pode sentir uma grande vontade de gozo material. É este desejo ardente que o faz sair do caminho. Na próxima vida nascerá com tendências espirituais que não conseguiu pôr em ação em sua vida atual."

Mahendra: "Então, qual é o caminho?"

Mestra: "Nenhuma salvação é possível para um homem enquanto tiver desejo, enquanto ansiar por coisas mundanas. Portanto, realize todos os seus desejos referentes à comida, roupas e sexo. (*Sorrindo*) O que vocês dizem a respeito deste último? Legítimo ou ilegítimo? (*M. e Mahendra riem*).

"Não é bom alimentar desejos e anseios. Por esta razão eu costumava realizar todos os desejos que vinham à mente. Um vez vi alguns doces coloridos em Burrabazar e quis comê-los. Trouxeram-me os doces e comi muitos. O resultado é que fiquei doente.

"Na minha infância, enquanto tomava banho no Ganges, vi um menino com uma jóia de ouro em volta da cintura. Durante meu estado de intoxicação divina, senti desejo de ter uma jóia semelhante. Deram-me uma, mas não consegui ficar com ela por muito tempo. Quando a pus, senti dentro de meu corpo a dolorosa subida de uma corrente de ar. É porque o ouro havia tocado minha pele. Usei a jóia por alguns instantes e então, tive de pô-la de lado, caso contrário, teria de arrancá-la.

"Uma vez senti desejo de comer os doces famosos de diferentes cidades. (*Todos riem*). Tive vontade de ouvir o recital musical do *Chandi* por Sambhu. Depois de satisfazer aquele desejo, quis ouvir a mesma coisa por Rajnarayan. Este desejo também foi satisfeito.

"Naquela época muitos homens costumavam visitar o templo. Veio à mente o desejo de que deveria haver um depósito separado para supri-los com suas provisões. Mathur Babu construiu um. Foram dados aos sadhus comida, combustível e outras necessidades.

"Uma vez quis vestir roupas caras, bordadas de ouro e fumar um cachimbo de prata. Mathur Babu mandou-me a roupa nova e o cachimbo de água para fumar. Vesti-a e também fumei. Às vezes fumava reclinado, às vezes de outra maneira, às vezes com a cabeça para cima, e às vezes com a cabeça para baixo. Disse a mim mesmo: 'Ó mente, isto é o que chamam fumar um cachimbo de prata.' Imediatamente renunciei a ele. Fiquei vestido por mais alguns minutos e então, me despi. Comecei a pisar e a cuspir na roupa, dizendo: 'É isto a roupa cara! Somente aumenta o rajas de um homem'."

Rakhal estava morando em Vrindavan com Balaram. No começo escrevera cartas inflamadas, elogiando o lugar sagrado. Escrevera a M.: "É melhor de todos os lugres. Por favor venha até aqui. Os pavões andam de um lado para outro e o tempo todo ouvem-se músicas religiosas e dança. Há um fluir interminável de felicidade divina." Mas então Rakhal ficou

doente com muita febre. Shri Ramakrishna, preocupado com ele, prometeu adorar a Mãe Divina para a sua recuperação. Começou a falar de Rakhal.

Mestre: "Rakhal teve seu primeiro êxtase religioso sentado, massageando meus pés. Um erudito do *Bhagavata* explicava o livro, no quarto. Enquanto Rakhal ouvia suas palavras, estremecia de vez em quando para, em seguida, ficar totalmente imóvel.

"Seu segundo êxtase foi na casa de Balaram Bose. Naquele estado não podia sentar-se ereto, ficava deitado no chão. Rakhal pertence ao campo do Deus pessoal. Retira-se se alguém fala a respeito do Deus Impessoal.

"Jurei adorar a Mãe Divina quando ele se recuperar. Veja, renunciou a seu lar e parentes, e entrega-se integralmente a mim. Fui eu quem o enviou à sua esposa de vez em quando. Tem ainda um pequeno desejo de se divertir.

(*Apontando para M.*) "Rakhal escreveu a ele em Vrindavan, dizendo que é um lugar maravilhoso – os pavões andam de um lado para o outro. Agora deixe que os pavões tomem conta dele. Ele realmente colocou-me num aperto.

"Rakhal tem estado com Balaram em Vrindavan. Ah, que natureza linda Balaram tem! É apenas por minha causa que não vai para Orissa, onde sua família possui uma propriedade. O irmão suspendeu sua mesada mensal e escreveu-lhe: 'Fique conosco aqui. Por que tem que gastar tanto dinheiro em Calcutá?' Mas ele não ouviu. Estava vivendo em Calcutá porque quer me ver. Que devoção a Deus! Ocupa-se dia e noite com adoração. Seu jardineiro sempre faz grinaldas de flores para a Divindade. Resolveu passar quatro meses por ano em Vrindavan a fim de reduzir as despesas. Possui uma pensão mensal de duzentas rupias.

"Por que gosto tanto desses rapazes? Ainda estão intocados por 'mulher e ouro'. Sei que pertencem à classe dos nityasiddhas, os sempre perfeitos.

"Quando Narendra chegou aqui pela primeira vez, estava vestido com roupas sujas, mas os olhos e o rosto indicavam algo interior. Naquela época não conhecia muitas canções, apenas uma ou duas: 'Vamos voltar uma vez mais, Ó mente, para nossa própria morada!' e "Ó senhor, devem meus dias passar tão totalmente em vão?'

"Sempre que vinha aqui, eu conversava somente com ele, embora o quarto estivesse cheio de gente. Dizia-me: 'Por favor fale com eles', e então eu falava com os outros.

"Fiquei enlouquecido à vista dele e chorei por ele na chácara de Jadu Mallick. Chorei aqui também, segurando a mão de Bholanath que me disse: 'Senhor, não deve comportar-se desta maneira por um simples rapaz kayastha'. Um dia o 'brahmin gordo'[2] disse-me a respeito de Narendra, com as mãos postas. 'Senhor, ele tem pouca educação; por que o senhor deveria ficar tão inquieto por ele?'

"Bhavanath e Narendra são um par. São como homem e mulher. Pedi a Bhavanath para alugar uma casa perto de Narendra. Ambos pertencem ao campo da Realidade sem forma.

"Proíbo os jovens de passarem muito tempo com mulheres ou visitá-las com muita freqüência. Haripada caiu nas garras de uma mulher da seita Ghoshpara. Ela demonstra amor maternal por ele, mas Haripada é uma criança e não entende o real significado. As mulheres daquela seita agem desta maneira, quando vêem rapazes. Entendo que Haripada deita em seu colo e ela lhe dá comida na boca. Vou lhe dizer que isto não é bom. Este sentimento maternal leva a uma queda. As mulheres desta seita praticam disciplina espiritual na companhia de homens; olham os homens como Krishna. Um mestre desta seita pergunta a uma devota: 'Você já encontrou o seu Krishna?' e ele responde, 'Sim, já encontrei o meu Krishna.'

"Outro dia aquela mulher veio aqui. Observei a maneira como olhava em volta e não aprovei. Disse-lhe: 'Você pode tratar Haripada como quiser, mas não alimente nenhum sentimento errado por ele.'

"Os rapazes estão agora, no estágio de sadhana. São aspirantes. Para eles, a única coisa é a renúncia. Um sannyasi não deve olhar nem mesmo para o retrato de uma mulher. Digo-lhes: 'Não se sente do lado de uma mulher, nem fale com ela, mesmo que ela seja uma devota. Vocês poderão dizer uma ou duas palavras a elas em pé.' Mesmo uma alma perfeita deve

[2] Apelido de Prankrishna, devoto do Mestre

seguir este preceito para sua proteção, e também, para servir de exemplo aos outros. Quando as mulheres vêm a mim, também lhes digo depois de algum tempo, 'Vão visitar os templos'. Se não se levantam, deixo o aposento. Outros aprenderão com meu exemplo.

"Podem me dizer porque todos esses jovens e vocês me visitam? Deve haver qualquer coisa em mim; ou por que todos deveriam sentir tanta força, tanta atração?

"Um vez visitei a casa de Hriday em Sihore. Dali fui a Shyambazar. Tive a visão de Gauranga antes de entrar na vila e compreendi que ali iria encontrar os devotos de Gauranga. Durante sete dias e sete noites fui cercado por uma grande multidão. Que atração! Nada a não ser kirtan e dança, dia e noite. As pessoas ficavam em filas sobre os muros e até nas árvores.

"Fiquei na casa de Natavar Goswami. Estava lotada de gente dia e noite. De manhã eu fugia para a casa de um tecelão, para um pequeno descanso. Ali também vi que depois de algum tempo, as pessoas juntavam-se, levavam tambores e pratos e tocavam o tambor constantemente: 'Takuti! Takuti'! Só podíamos almoçar às três da tarde.

Em todos os lugares espalhou-se a notícia de que havia chegado um homem que morrera [3] sete vezes e voltara à vida novamente. Hriday arrastava-me para longe da multidão, para um campo de arroz, com medo que eu tivesse um ataque de apoplexia, devido ao calor. A multidão nos seguia, como uma fileira de formigas. Novamente os pratos e o interminável 'Takuti! Takuti'! dos tambores. Hriday repreendia-os, dizendo: 'Por que nos incomodam dessa maneira? Por que nunca conseguimos ouvir o kirtan?'

"Os sacerdotes vaishnavas da vila chegaram e quase brigaram. Pensaram que eu ia tirar-lhes parte das doações dos devotos, mas logo descobriram que eu não tocava numa peça de roupa ou mesmo, num fio. Alguém comentou que eu era um Brahmajnani. Então os pundits vaishnavas quiseram me testar. Um disse: 'Por que ele não tem um rosário e uma marca na testa?' Outro respondia: "Caíram como um galho seco de um coqueiro.' Foi lá que aprendi esta ilustração do galho seco de um coqueiro. Os upadhis, limitações, caem quando se alcança o Conhecimento.

"As pessoas vinham em multidões, até de vilarejos distantes. Passavam a noite lá. Em Shyambazar aprendi o significado da atração divina. Quando Deus encarna-Se na terra, atrai pessoas com a ajuda de Yogamaya, Seu Poder Divino. As pessoas ficam enfeitiçadas."

Eram mais ou menos três horas da tarde. O Mestre estava conversando com os irmãos Mukherjis e outros devotos, quando Radhika Goswami, um erudito vaishnava, chegou e inclinou-se ante ele. Esta era sua primeira visita ao Mestre. Radhika Goswami sentou-se.

Mestre: "O senhor é um descendente de Advaita? [4] "

Goswami: "Sim, senhor."

A isso o Mestre saudou-o com as mãos postas.

Mestre: "O senhor é um descendente do Advaita Goswami. Deve ter herdado alguns de seus traços. Uma mangueira que dá mangas doces produz somente mangas doces e não, amargas. Naturalmente acontece que algumas árvores produzem mangas grandes e outras, pequenas; depende do solo. Não é verdade?"

Goswami (*humildemente*): "Senhor, o que eu sei?"

Mestre: "O que quer que você diga, outros não o deixarão tão facilmente. Os brahmins, por mais imperfeitos que sejam, são reverenciados por todos por terem nascido nas linhas de grandes sábios. (*A M.*) Conte-nos a história de shakhachila[5]."

M. ficou em silêncio.

Mestre: "Se um dos seus ancestrais tiver sido uma grande alma, certamente o puxará para cima, por mais sem valor que o senhor seja. Quando o rei Duryodhana e seus irmãos foram capturados pelos gandharvas, Yudhisthira libertou-os apesar do rei Duryodhana ser seu inimigo e o ter banido para a floresta.

---

[3] Referência ao samadhi do Mestre.

[4] Íntimo companheiro de Shri Chaitanya.

[5] Pássaro semelhante ao milhano.

"Além disso, deve-se mostrar respeito pela roupa religiosa. Mesmo uma simples roupa lembra à mente o objeto real. Chaitanya uma vez vestiu um asno com roupa religiosa e prosternou-se ante ele.

"Por que as pessoas inclinam-se diante de um shamkhachila? Quando Kamsha estava a ponto de matar a Mãe Divina, Ela fugiu tomando a forma de um shamkhachila [6]. Mesmo hoje em dia as pessoas veneram este pássaro.

"Um inglês havia chegado do cantão de Chanak. Os sepoys saudaram-no. Koar Singh explicou-me: 'A Índia está sob o domínio inglês, portanto, deve-se estudar o inglês.'

"Os shaktas seguem os Tantras e os vaishnavas, os Puranas. Não há qualquer mal para os vaishnavas falarem publicamente sobre suas práticas espirituais, mas os shaktas mantêm segredo a respeito das suas. Por esta razão é muito difícil compreender um shakta.

(*A Goswami*): Todos os senhores são boas pessoas. Quanto japa praticam! Como cantam o nome de Hari!"

Goswami (*humildemente*): "Ó não! Fazemos muito pouco. Sou um grande pecador."

Mestre (*sorrindo*): "O senhor é muito humilde. É bom, mas há também, um outro caminho! 'Canto o nome de Hari. Como posso ser um pecador?' Aquele que com freqüência repete: 'Sou pecador! Sou mau!' realmente torna-se um pecador. Que falta de fé! Um homem canta tanto o nome de Deus e ainda fala de pecado!"

Radhika Goswami ouvia essas palavras com admiração.

Mestre: "Em Vrindavan vesti a roupa de vaishnava durante quinze dias. (*Aos devotos*) Pratiquei as disciplinas de todos os caminhos, cada uma por alguns dias, senão não teria encontrado paz de espírito. (*Sorrindo*) Pratiquei todas as disciplinas; aceito todos os credos. Respeito os shaktas, os vaishnavas e também, os vedantistas. É por isso que pessoas de todas as seitas vêm aqui, e cada uma pensa que pertenço à sua escola. Respeito, também, os modernos Brahmajnanis [7].

"Um homem possuía uma tina cheia de uma tintura especial. Era dotada de uma propriedade tão maravilhosa, que as pessoas poderiam tingir suas roupas da cor que desejassem, simplesmente mergulhando-as nela. Um homem esperto disse ao dono da tina: 'Tinja minha roupa com a cor de sua tintura'. (*Todos riem*).

"Por que eu haveria de ser unilateral? A idéia de que as pessoas de uma determinada seita não virão a mim, não me assusta. Não me importo nem um pouco, se as pessoas vêm a mim ou não. O pensamento de manter uma pessoa sob meu controle jamais passa pela minha cabeça. Adhar Sen pediu-me para interceder junto à Mãe Divina, por uma boa posição para ele, mas não a obteve. Se isso mudou seu pensamento a meu respeito, que me importa?

"Uma vez na casa de Keshab, encontrei-me num estado de espírito diferente. Os Brahmos sempre falam do Impessoal, portanto, disse à Mãe Divina, em êxtase: 'Mãe, por favor, não venhas aqui, Eles não acreditam em Tuas formas'."

Radhika Goswami ouviu estas palavras do Mestre, contra o sectarismo e permaneceu em silêncio.

---

[6] A história seguinte está ligada ao nascimento de Shri Krishna: Kamsha, rei de Mathura, era a verdadeira personificação do mal. Sua irmã, Devaki, estava casada com Vashudeva. Quando Kamsha soube que um filho de Devaki o mataria, e que sua irmã já estava esperando um filho, quase a matou, mas poupou sua vida com a promessa de lhe entregar a criança, assim que ela nascesse. Tanto Vashudeva como Devaki foram mantidos na prisão, sob forte guarda. Na prisão nasceram os sete filhos de Devaki, e um atrás do outro e todos foram mortos pelo malvado Kamsha. A oitava criança foi Shri Krishna. Imediatamente após Seu nascimento, Vashudeva, com ajuda divina, atravessou o rio Jamuna e levou-O até a vila de Gokula, onde Nanda e sua esposa Yashoda viviam. Acabara de nascer-lhes uma filha, que era a Encarnação do Poder Divino. Shri Krishna foi trocado pela menina, que foi enviada a Kamsha como sendo a criança recém-nascida de Devaki. Kamsha ia matá-la mas ela voou para o céu na forma de um pássaro, o shamkhachila, dizendo que o matador de Kamsha estava a salvo em Gokula. É por esta razão que o shamkhachila é muito respeitado. No final, Shri Krishna matou Kamsha.

[7] Membros do Brahmo Samaj.

Mestre (*sorrindo*): "Vijay [8] está atualmente num maravilhoso estado mental. Cai ao chão enquanto canta o nome de Hari, dedica-se ao kirtan, meditação e outras práticas espirituais diante das imagens pela manhã e agora, veste roupa ocre e prosterna-se diante das imagens de Deus. Uma vez acompanhou-me até a escola de Gadadhar [9]. Mostrei-lhe o lugar onde Gadadhar costumava meditar. Imediatamente Vijay prosternou-se. Novamente prosternou-se diante do quadro de Chaitanyadeva."

Goswami: "E a imagem Radha-Krishna?"

Mestre: "Prosternou-se também. Vijay segue todas as convenções da vida religiosa."

Goswami: "Ele agora pode ser aceito na sociedade vaishnava."

Mestre: "As opiniões das pessoas não contam muito para ele."

Goswami: "Não quero dizer isto. Ao aceitá-lo a sociedade vaishnava ficará honrada."

Mestre: "Ele me respeita muito, mas é difícil se chegar até ele. Um dia é chamado a Dacca, no dia seguinte a um outro lugar. Está o tempo todo ocupado. Sua presença criou um problema no Sadharan Brahmo Samaj[10]'.

Goswami: "Por que, senhor?"

Mestre: "Os Brahmos disseram-lhe: 'Você se mistura com pessoas que adoram o Deus com forma. É um idólatra.' Vijay é liberal e correto. Sem pureza, não se tem a graça de Deus."

Shri Ramakrishna conversava com os irmãos Mukherjis. Mahendra, o mais velho, tinha seu próprio negócio. Priyanath, o mais jovem, era engenheiro. Depois de economizar alguma coisa, abandonara o emprego. Mahendra tinha trinta e cinco ou trinta e seis anos. Os irmãos tinham casas, tanto no interior, como em Calcutá.

Mestre (*sorrindo*): "Não fique simplesmente sem fazer nada, porque sua consciência espiritual tenha despertado um pouco. Vá em frente: Além da floresta de sândalo, há outras coisas mais valiosas – minas de prata, minas de ouro e assim por diante."

Priya (*sorrindo*): "Senhor, nossas pernas estão presas. Não podemos ir em frente."

Mestre: "Que importa se as pernas estão presas? O importante é a mente. Escravidão e liberdade estão na mente.

"Ouça uma história. Havia dois amigos. Um foi a uma casa de prostituição e o outro, a um recital do *Bhagavata*. 'Que vergonha!' pensou o primeiro. 'Meu amigo está assistindo a uma palestra espiritual, mas veja onde eu caí!' O segundo amigo disse a si mesmo: 'Que vergonha para mim! Meu amigo está se divertindo, mas quão estúpido sou!" Depois da morte, a alma do primeiro foi levada a Vaikuntha pelo mensageiro de Vishnu, enquanto que a do segundo foi levada para o mundo inferior de Yama."

Priya: "Mas a mente não está sob meu controle."

Mestre: "Como é isto? Há abhyasayoga, yoga pela prática. Continue com a prática e descobrirá que a mente seguirá qualquer direção que lhe der. A mente é como uma roupa branca recém-chegada da lavanderia. Ficará vermelha se a mergulhar numa tintura vermelha, ou azul se a mergulhar numa azul. Terá a cor de qualquer tintura em que se mergulhar.

(*A Goswami*): O senhor quer perguntar-me alguma coisa?"

Goswami: "Não, senhor. Estou satisfeito de tê-lo visto e ouvido suas palavras."

Mestre: "Vá visitar os templos."

Goswami (*muito humildemente*): "O senhor pode cantar algo sobre Shri Chaitanya?"

O Mestre concordou e cantou:

> Por que meu corpo ficou tão dourado? Não é tempo disto ocorrer
> Muitas épocas devem passar, antes que eu apareça como Gauranga! ...

---

[8] Vijay Krishna Goswami. Ainda que nascido de uma família vaishnava, tornou-se membro do Brahmo Samaj. Mais tarde voltou à adoração do Deus pessoal.

[9] Célebre santo vaishnava.

[10] Vijay e vários amigos seus, devido à desavença com Keshab, desligou-se da organização de Keshab e fundou a Sadharan Brahmo Samaj.

Novamente:

> Gora olha para Vrindavan e correm lágrimas de seus olhos;
> Numa exuberante alegria, ri e chora, dança e canta
> 'Toma um pedaço de madeira por Vrindavan, o oceano pelo Jamuna azul.
> Rola no chão por amor de Hari.

Depois de cantar, o Mestre continuou a conversar.

Mestre (*a Goswami*): "Cantei canções adequadas a seu temperamento vaishnava, mas tenho que cantar de maneira diferente quando os shaktas ou outros vêm aqui."

"Aqui[11], vêm pessoas de todas as seitas – vaishnavas, shaktas, kartabhajas, vedantistas e também, membros do moderno Brahmo Samaj. Portanto, encontram-se aqui todos os ideais e atitudes. É pela vontade de Deus que diferentes religiões e opiniões existem. Deus dá a diferentes pessoas o que elas podem digerir. A mãe não dá pilau de peixe a todos os seus filhos. Nem todos podem digerir. Assim prepara simples sopa de peixe para alguns. Cada um aprecia seu ideal especial e segue uma própria natureza.

"Para o Baroari [12], provêm-se várias imagens porque as pessoas de seitas diferentes vão participar dele. Ali são vistas imagens de Radha-Krishna, Shiva-Durga e Sita-Rama diferentes imagens em diversos lugares. Uma multidão junta-se ante cada imagem. Os vaishnavas passam a maior parte do tempo diante da imagem de Radha-Krishna, os shaktas diante de Shiva-Durga, e os devotos de Rama, diante de Sita-Rama.

"Mas é bem diferente com aqueles que não têm a mente espiritualizada. No Baroari vê-se também, uma outra imagem -- uma prostituta batendo em seu amante com um cabo de vassoura. As pessoas ficam boquiabertas e gritam para os amigos: 'O que estão olhando aí? Venham! Olhem isto!'(*Todos riem*).

Radhika Goswami saudou o Mestre e despediu-se.

Eram mais ou menos cinco horas. O Mestre estava no pórtico semicircular oeste com Baburam, Latu, os irmãos Mukherjis, M. e outros devotos.

Mestre (*a M. e outros*): "Por que eu seria unilateral? Os goswamis pertencem à escola vaishnava e são muito beatos. Pensam que somente sua opinião é a correta e todas as outras, erradas. Minhas palavras o golpearam duramente. (*Sorrindo*) Deve-se bater no elefante na cabeça com o chuço porque é o lugar mais sensível deste animal."

Shri Ramakrishna começou a contar aos jovens, umas anedotas engraçadas.

Mestre (*os devotos*): "Não dou aos jovens dieta puramente vegetariana. De vez em quando dou-lhes um pouco de água cheirando a peixe. Caso contrário, por que viriam?"
Os irmãos Mukherjis deixaram o pórtico e foram dar uma volta no jardim.

Mestre (*a M.*): "Será que os Mukherjis ofenderam-se com meus gracejos?"

M.: "Por que? O Capitão diz que o senhor é como uma criança. Depois de realizar Deus, o homem torna-se como uma criança."

Mestre: "Sim, às vezes ele se comporta como um menino, outras como um rapaz. Como menino é muito despreocupado e pode usar uma linguagem frívola. Como rapaz, quando ensina os outros, é como um leão rugindo. Seria bom que você explicasse meu estado mental aos Mukherjis."

M.: "Não preciso fazer isto. Será que não tiveram o bom senso de perceber?"

Novamente o Mestre alegrou-se com os rapazes. Depois disse a um dos devotos: "Hoje é lua nova. Vá ao templo de Kali.[13] "

Era o entardecer. Ouviu-se o som do gongo, pratos e outros instrumentos usados no serviço vespertino dos templos. O Mestre disse a Baburam: "Venha comigo ao templo de Kali." Ambos foram ao templo, acompanhados de M. Ao ver Harish sentado no pórtico, o Mestre disse: "O que é isto? Ele está em transe?"

---

[11] Referindo-se a si mesmo.

[12] Festival religioso cujos custos são arcados por toda a comunidade.

[13] Noite de lua nova é especialmente auspiciosa para o culto da Mãe Divina.

Ao atravessar o pátio, o Mestre e os devotos pararam por um minuto, defronte ao templo de Radhakanta para observar o culto. Continuaram em direção ao santuário de Kali. De mãos postas, o Mestre orou à Mãe Divina: "Ó Mãe! Ó Mãe Divina Ó Brahmamayi!"

Chegando à plataforma elevada defronte do santuário, inclinou-se profundamente ante a imagem. O arati prosseguia, Entrou no santuário e abanou a imagem.

O culto da tarde terminou. Os devotos inclinaram-se ante a Divindade. Era noite de lua nova. O Mestre estava em êxtase. Gradualmente seu estado aprofundou-se em êxtase intenso. Voltou a seu quarto, cambaleando como um bêbado, segurando a mão de Baburam.

Um lampião foi aceso no pórtico. O Mestre sentou-se ali por alguns minutos, cantando, "Hari Om! Hari Om! Hari Om!" e outras sílabas místicas dos Tantras. Logo voltou a seu quarto, sentando-se no pequeno divã, olhando para o leste. Ainda estava totalmente absorvido em fervor divino. Disse à Mãe Divina: 'Mãe, que eu fale primeiro e depois, Tu – ajas, que insensatez! O que significa falar! Não é nada, somente um sinal. Um homem diz, 'Vou comer.' Um outro também diz, 'Não! Não ouvirei a respeito disso.' Bem, Mãe, suponhamos que eu tivesse dito que não comeria, mesmo assim não continuaria sentindo fome? É possível que Tu só ouças quando alguém ora em voz alta e não, quando tem anelo interior? Tu és o que és. Então, por que falo? Por que oro? Faço o que me mandas fazer. Ó, que confusão! Por que Tu me fazes discutir?"

Enquanto Shri Ramakrishna falava desta maneira com Deus, os devotos ouviram suas palavras maravilhosas. Os olhos do Mestre caíram sobre eles.

Mestre (*aos devotos*): "Deve-se herdar boas tendências para se realizar Deus. Deve-se ter feito algo, alguma forma de tapasya ou nesta, ou em outra vida.

"Quando tiraram as roupas de Draupadi [14] ela, chorando sinceramente, orava a Deus. Deus revelou-Se a ela e disse-lhe: 'Procure lembrar-se se alguma vez presenteou alguém com uma roupa. Então sua modéstia será preservada." Draupadi respondeu: 'Sim, agora me lembro. Uma vez um rishi estava tomando banho, quando sua tanga foi levada pela correnteza. Rasguei metade de minha roupa e dei-lhe.' Portanto o Senhor disse: 'Então não tem nada a temer'.

M. estava cantando no pequeno capacho.

Mestre (*a M.*): "Você entendeu o que eu disse."

M.: "Sim, senhor. O senhor falou de tendências herdadas."

Mestre: "Repita o que eu disse."

M. repetiu a história de Draupadi.

Hazra entrou no quarto. Nos últimos dois anos estava morando com Shri Ramakrishna no templo. Havia encontrado o Mestre pela primeira vez em 1880 em Sihore, na casa de Hriday, sobrinho do Mestre. A cidade natal de Hazra ficava perto de Sihore, onde possuía uma propriedade. Já na juventude sentira vontade de renúncia e procurava a companhia dos santos e devotos. O Mestre lhe havia pedido para viver com ele em Dakshineswar e cuidasse de suas necessidades. A mente de Hazra era uma mistura de estados religiosos não bem assimilados. Professava o caminho do Conhecimento, desaprovando a atitude de bhakti de Shri Ramakrishna e seu amor pelos jovens devotos. Às vezes considerava o Mestre uma grande alma, mas também fazia pouco dele, como se fosse um ser humano comum. Permanecia a maior parte do tempo passando o rosário e criticava Rakhal e os outros jovens por sua indiferença à prática. Era um forte defensor das convenções religiosas e regras de conduta, fazendo disso um capricho. Estava com mais ou menos trinta e oito anos.

Quando Hazra entrou, o Mestre ficou distraído e nesse estado, começou a conversar.

Mestre: (*a Hazra*): "Em princípio o que você faz está certo, mas a aplicação não é inteiramente correta. Não busque erro em ninguém. nem mesmo num inseto. Assim como você ora a Deus por devoção, reze também para que não possa encontrar defeitos em ninguém."

Hazra: "Deus ouve nossa prece por bhakti?"

---

[14] Esposa de um dos irmãos Pandavas. A fim de humilhá-la diante da corte, Duryodhana ordenou que lhe tirassem as roupas.

Mestre: "Com certeza. Posso assegurar-lhe isso cem vezes, mas a oração deve ser autêntica e sincera. As pessoas sinceras choram por Deus como fazem por sua esposa e filhos? Em Kamarpukur a esposa de um certo homem adoeceu. O homem pensando que ela não ia se recuperar, começou a tremer e estava prestes a desmaiar. Quem se sente assim por Deus?"

Hazra ia tomar a poeira dos pés do Mestre.

Mestre (*encolhendo-se*): "O que é isto?"

Hazra: "Por que eu não tomaria a poeira dos pés de quem tão bondosamente me manteve com ele?"

Mestre: "Satisfaça Deus e todos ficarão satisfeitos. 'Se Ele ficar contente, o mundo inteiro ficará contente'. Uma vez o Senhor comeu um pouco de verdura da panela de Draupadi e disse, 'Ah, estou satisfeito'. Imediatamente o mundo inteiro e todos os seres vivos ficaram satisfeitos; sentiram como se tivessem comido até a saciedade. Estava o mundo satisfeito ou sentiu-se assim quando o rishis comiam?

(*a Hazra*) "Uma alma perfeita, mesmo depois de alcançar o Conhecimento, pratica devoções ou observa cerimônias religiosas para dar exemplo aos outros. Vou ao templo de Kali e inclino-me ante as figuras sagradas do meu quarto; portanto, outros fazem o mesmo. Além do mais, se um homem se habitua a tais cerimônias, sente-se inquieto se não as observar.

"Um dia vi um sannyasi sob um baniano. Havia posto o salagrama no mesmo tapete em que estavam as sandálias do seu guru e começou a adorá-las. Eu lhe disse: 'Se você alcançou Conhecimento a esse ponto[15], então, por que toda essa adoração formal?' Ele respondeu: 'Que diferença faz? Um vez que faço tudo o mais, por que não fazer isso também? Às vezes ofereço flores aos pés do guru, às vezes a Deus.'

"Não se pode renunciar ao trabalho, enquanto se tem um corpo. As borbulhas se produzem, enquanto houver lama no fundo do lago.

(*A Hazra*) "Se existe conhecimento de um, também existe conhecimento de muitos. O que se consegue com o simples estudo das escrituras? As escrituras contém uma mistura de areia e açúcar, por assim dizer. É muito difícil separar o açúcar da areia. Deve-se aprender a essência das escrituras de um mestre ou de um sadhu. Depois, quem se importa com livros?

(*Aos devotos*): "Juntem todas as informações e mergulhem. Suponhamos que um cântaro tenha caído num certo lugar de um lago. Localizem o lugar e mergulhem ali.

"Deve-se aprender a essência das escrituras dadas pelo guru, e praticar sadhana. Se uma pessoa seguir corretamente a disciplina espiritual, vê Deus diretamente. Diz-se que a disciplina está corretamente seguida, somente quando se mergulha nela. O que um homem ganha simplesmente raciocinando sobre as palavras das escrituras? Ah, que tolos! Discriminam até a morte sobre uma informação a respeito do caminho. Jamais mergulham. Que pena!

"Podem dizer que ainda que mergulhem profundamente, correm o perigo de tubarões e crocodilos, de luxúria e raiva. Mas mergulhem depois de terem esfregado no corpo, pasta de açafrão; e tubarões e crocodilos não se aproximarão. O açafrão é a discriminação e a renúncia.

(*Aos devotos*): "Deus fez-me passar pelas disciplinas de vários caminhos. Primeiramente segundo os Puranas, em seguida segundo os Tantras e também, segui as disciplinas dos Vedas. Em primeiro lugar pratiquei sadhana no Panchavati. Fiz um bosque de plantas tulsi onde costumava sentar-me e meditar. Às vezes chorava com o coração anelante, 'Mãe! Mãe!' ou então, 'Rama! Rama!'.

"Ao repetir o nome de Rama, às vezes assumia a atitude de Hanuman e prendia uma cauda no final do osso da coluna dorsal. Estava intoxicado de Deus. Naquela época costumava colocar uma roupa de seda e adorar a Divindade. Que alegria experimentava naquela adoração!

"Pratiquei a disciplina dos Tantras sob a árvore bel. Naquela época não via a diferença entre o tulsi sagrado e qualquer outra planta. Naquele estado às vezes comia os restos da

[15] Isto é, realização da identidade do guru e Deus.

comida de um chacal [16], comida que ficava exposta a noite inteira, parte da qual poderia ter sido comida pelas cobras ou outros animais. Sim, comi aqueles restos.

"Ás vezes, montado num cachorro, alimentava-o com luchis, eu mesmo comia um pedaço de pão. Compreendi que o mundo inteiro estava pleno de Deus. Não se pode ter realização espiritual, sem destruir a ignorância; por isso assumia a atitude de um tigre devorando a ignorância.

"Ao praticar as disciplinas dos Vedas, tornei-me um sannyasi. Costumava deitar-me no chandni e dizer a Hriday: 'Sou um sannyasi. Vou tomar minhas refeições aqui.[17]

"Fiz um voto à Mãe Divina que me mataria se não visse Deus. Disse-lhe: 'Ó Mãe, sou um tolo. Por favor, ensina-me o que contêm os Vedas, Puranas, Tantras e outras escrituras.'. A Mãe disse-me: 'A essência da Vedanta é que somente Brahman é real e o mundo ilusório.' O Brahman Satchidananda, descrito nos Vedas, é Shiva Satchidananda dos Tantras e Krishna Satchidananda dos Puranas. A essência do *Gita* é o que se obtém repetindo-se a palavra dez vezes. Torna-se 'tagi' que significa renúncia.

"Depois da realização de Deus, quão abaixo estão os Vedas, a Vedanta, os Puranas, os Tantras. (*A Hazra*): Não posso pronunciar a palavra 'Om' em samadhi. Por que isso? Não posso dizer 'Om' a não ser que desça muito abaixo do estado de samadhi.

"Tive todas as experiências que se deve ter segundo as escrituras, depois da percepção direta de Deus. Comportava-me como uma criança, como um louco, como um fantasma ou como uma coisa inerte.

"Tive as visões descritas nas escrituras. Às vezes via o universo cheio de faíscas de fogo. Outras vezes via todos os quadrantes brilhando com luz, como se o mundo fosse um lago de mercúrio. De novo, vi todos os quadrantes iluminados como que por velas romanas. Assim podem ver que minhas experiências correspondem àquelas descritas nas escrituras.

"Depois me foi revelado que o Próprio Deus tornou-Se o universo e todos os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. É como o processo de evolução e involução [18].

"Ó, em que estado Deus me mantinha naquela época! Mal terminava uma experiência, logo sobrevinha uma outra. Era como o movimento da máquina de descascar; assim que um lado desce, o outro sobe.

"Via Deus quando estava em meditação, em samadhi, e via o mesmo Deus quando minha mente voltava ao mundo exterior. Quando olhava para este lado do espelho, via somente Deus, e ao olhar para o lado contrário, via o mesmo Deus.

Os devotos ouviam extasiados suas palavras:

(*Aos irmãos Mukherjis*): "O Capitão realmente é agora, um sadhaka. Não é absolutamente verdadeiro que a simples posse de riqueza crie apego. Sambhu Mallick costumava dizer e Hriday, 'Hridu, já juntei minhas coisas e estou pronto para a viagem.' Disse-lhe: 'Deus me livre. Por que diz palavras tão nefastas?', 'Não', respondeu Sambhu. 'Por favor abençoe-me para que eu possa pôr de lado todas essas possessões e ir para Deus.'

"Os devotos de Deus nada têm a temer. São Seus íntimos. Ele sempre os protege. Certa vez Duryodhana e seus irmãos foram aprisionados pelos gandharvas. Yudhisthira os libertou e disse: 'Se nossos parentes estão em luta, essa é a nossa desgraça'."

Eram mais ou menos nove horas da noite. Os irmão Mukherjis já estavam prontos para regressar a Calcutá. Podia ouvir o kirtan, cantado no templo de Vishnu. Um devoto disse que Harish e Latu estavam lá, cantando.

Shri Ramakrishna e os devotos foram ao templo de Vishnu e saudaram a Divindade Os brahmins pertencentes ao corpo de funcionários do templo, e também, os sacerdotes, cozinheiros e servos cantavam o kirtan. Permaneceu de pé por alguns minutos e animou os canto-

---

[16] Em certa forma do culto tântrico, a comida é oferecida aos chacais, companheiros da Deusa Kali.

[17] O chandni é um pórtico aberto no templo, com degraus descendo até o Ganges. Segundo a tradição ortodoxa hindu, é proibido a um monge, viver numa casa.

[18] Isto é, o Próprio Deus envolve como universo, por ocasião da criação, e nomes e formas são involvidos novamente em Deus, por ocasião da dissolução.

res. No caminho de volta para o quarto, comentou com os devotos. "Vejam, alguns dão polimento aos metais, e outros, vão às casas de prostituição."

O Mestre voltou a seu quarto e sentou-se. Logo os cantores chegaram e inclinaram-se profundamente ante ele. O Mestre disse-lhes: "Deve-se lutar muito, dançando e cantando o nome de Deus, como as pessoas fazem, para ganhar dinheiro. Pensei em me unir a vocês na dança, mas vi que fizeram tudo bem. Temperam curry com todos os condimentos. O que podia acrescentar? Seria bom se, de vez em quando, cantassem hinos religiosos assim."

Os irmãos Mukherjis saudaram o Mestre. Sua carruagem estava pronta, perto da varanda norte do quarto. O Mestre de pé, olhava na direção norte. À sua esquerda estava o Ganges, à sua frente, o nahabat, o jardim e o kuthi; à direita a estrada levando ao portão. A noite estava escura e um devoto trouxera uma lanterna para iluminar o caminho para os visitantes. Um a um os devotos inclinaram-se e tomaram a poeira dos pés do Mestre. A carruagem parecia sobrecarregada para os cavalos. O Mestre disse, "Não há gente demais na carruagem?"

Shri Ramakrishna permaneceu de pé. Enquanto a carruagem se distanciava, os devotos olharam para trás, para ver o rosto do Mestre brilhando de compaixão e amor.

Domingo, 21 de setembro de 1884

Um grande número de devotos estava no quarto de Shri Ramakrishna, entre eles Ram, Mahendra Mukherji, M. e Chunilal. Este último acabara de chegar de Vrindavan, para onde fora com Rakhal e Balaram, mas estes últimos ainda permaneciam lá. Nityagopal também estava lá. O Mestre começou a conversar com Chunilal sobre Vrindavan.

Mestre: "Como vai Rakhal?"

Chuni: "Está muito bem agora, senhor."

Mestre: "Nityagopal não está voltando?"

Chuni: "Ele ainda estava lá quando saí."

Mestre: "Quem vai trazer sua família de volta?"

Chuni: "Balaram Babu disse-nos que arrumaria alguém de confiança. Não mencionou ninguém."

Shri Ramakrishna falou com Mahendra Mukherji sobre Narayan, um rapaz de dezesseis ou dezessete anos, que visitava o Mestre com freqüência e era muito querido."

Mestre: "Ele não tem maldade, não é?"

A simples pronúncia da palavra "não tem maldade" encheu o Mestre de grande alegria.

Mahendra: "Sim, senhor."

Mestre: "Sua mãe veio aqui outro dia. Fiquei um pouco assustado ao ver que era uma mulher orgulhosa. Naquele dia viu que o Capitão, você e muitos outros também me visitam. Deve ter compreendido que ela e o filho não são as únicas pessoas a virem aqui. (*Todos riem*). Havia um pouco de açúcar cande no quarto e ela comentou que era de boa qualidade. Isto lhe mostrou que não havia falta de comida aqui. Diante dela, disse a Baburam para guardar alguns doces para ele e Naran. A mãe de Ganu disse que Naran sempre aborrecia sua mãe, com o pagamento do barco, para vir aqui. Sua mãe me disse: 'Por favor peça a Naran para concordar em se casar.' Respondi: 'Tudo depende do destino de cada um'. Por que deveria interferir? (*Todos riem*). Naran está indiferente os estudos.' Sua mãe disse, 'Peça-lhe para prestar um pouco mais de atenção.' Então eu disse a Naran: 'Dedique-se a seus estudos.' Sua mãe disse, 'Por favor fale seriamente com ele.'(*Todos riem*).

(*A Chunilal*): "Por que Gopal não vem aqui?"

Chunilal: "Está com disenteria."

Mestre: "Está tomando algum remédio?"

Shri Ramakrishna planejava ir à apresentação do *Chaitanyalila* no Star Theatre. Mahendra Mukherji devia levá-lo a Calcutá em sua carruagem. Estava falando sobre a escolha de bons lugares. Alguns sugeriram que poderiam ver bem a peça da galeria, ao preço de uma ru-

pia. Ram disse: 'Ó não! Vou providenciar um camarote para ele.' O Mestre riu. Uns devotos disseram que prostitutas tomavam parte na peça. fazendo papel de Nimai, Nitai e outros.

Mestre (*aos devotos*): "Vou olhá-las como a Própria Mãe Bem-aventurada. O que acontece se uma delas faz o papel de Chaitanya? Um pudim de maçã de imitação faz lembrar o pudim com a fruta verdadeira. Uma vez, enquanto caminhava por uma estrada, um devoto de Krishna viu algumas árvores babla. Imediatamente entrou em êxtase. Lembrou-se que a madeira das árvores babla foi usada nos cabos das pás com as quais o jardineiro do templo de Shyamasundar[19] cavava. As árvores imediatamente lembraram-lhe Krishna. Certa vez levaram-me ao Maidan, em Calcutá, para ver a subida de um balão. Ali vi um menino inglês apoiado numa árvore, com o corpo dobrado em três lugares. Esta cena trouxe-me imediatamente a visão de Krishna [20] e entrei em samadhi.

"Uma vez Chaitanyadeva atravessava um vilarejo. Alguém disse-lhe que o corpo do tambor, usado no kirtan, era feito da terra daquela vila e imediatamente, entrou em êxtase.

"Radha não conseguia controlar-se à vista de uma nuvem, ou da garganta azul de um pavão. Isso despertava em sua mente, o pensamento de Krishna e entrava em êxtase."

O Mestre ficou em silêncio por pouco tempo e logo retomou a conversa.

Mestre: "Radha havia alcançado mahabhava. Não havia desejo detrás do amor das gopis. Um verdadeiro amante não deseja nada de Deus. Ora somente por puro amor. Não deseja nem poderes nem milagres.

"Possuir poderes ocultos ocasiona muitos problemas. Nangta ensinou-me isto com uma história. Um homem que adquiriu poderes ocultos, estava sentado na praia, quando caiu uma tempestade. Isto aborreceu-o. Disse então: 'Que cesse a tormenta', Suas palavras tinham que se cumprir. Nesse momento um navio navegava à plena vela. Quando a tempestade parou abruptamente, o navio afundou. Os passageiros morreram e o pecado causado pelas mortes caiu sobre o homem. Por causa desse pecado, perdeu os poderes ocultos e foi para inferno.

"Um vez um sadhu adquiriu muitos poderes ocultos dos quais se envaidecia, mas como era um homem bom, tinha a seu favor, alguns méritos decorrentes de austeridade anterior. Um dia o Senhor, disfarçado de homem santo, aproximou-se e disse-lhe: 'Reverenciado senhor, ouvi falar que o senhor possui poderes ocultos.' O sadhu recebeu o Senhor cordialmente e pediu-lhe para Se sentar. Justamente nesse momento passava um elefante. O Senhor disfarçado de homem santo, disse ao sadhu: 'Reverenciado senhor, pode matar esse elefante, se quiser?' O sadhu respondeu: 'Sim, é possível.' Assim dizendo, pegou um pouco de terra, murmurou alguns mantras e atirou-a no elefante. O animal debateu-se por algum tempo e caiu morto. O Senhor disse: 'Que poder o senhor tem! Matou o elefante!' O sadhu riu. De novo o Senhor falou: 'Agora, pode fazer o animal reviver?' 'Isto também é possível', respondeu o sadhu. Jogou outro punhado de terra encantada em cima do animal. O elefante debateu-se um pouco e voltou à vida. O Senhor então, disse: 'Maravilhoso é seu poder, mas posso lhe fazer uma pergunta? O senhor matou o elefante e o ressuscitou. Para que isto lhe serviu? Sente-se mais elevado? Isto o faz capaz de realizar Deus?' Assim falando, o Senhor desapareceu.

"Sutis são os caminhos do dharma. Não se pode realizar Deus se houver o menor vestígio de desejo. Um fio não pode passar pelo buraco de uma agulha, se houver o menor fiapo.

"Krishna disse a Arjuna, 'Amigo, se quiser realizar-Me, não poderá consegui-lo, se tiver ao menos um dos oito poderes ocultos.' É a verdade. Poder oculto certamente ocasiona orgulho e o orgulho faz uma pessoa esquecer-se de Deus.

"Uma vez veio aqui um homem rico e vesgo. Disse-me: 'O senhor é um paramahamsa. É bom. O senhor deve fazer a cerimônia do swastyayana para mim.' Que mente estreita ele tinha! Chamou-me de paramahamsa, mas quis que eu fizesse aquela cerimônia. Adquirir bem-estar por meio do swastyayana é exercer poder oculto.

"Uma pessoa egoísta não pode realizar Deus. Sabe como se parece o egoísmo? É como um monte alto onde a água da chuva não pode juntar-se, a água escoa. Junta-se em terreno baixo. Ali as sementes brotam e transformam-se em árvores. Logo as árvores dão frutos.

---

[19] Um nome de Krishna.

[20] Algumas imagens de Krishna são dobradas em três partes do corpo: pescoço, cintura e joelhos.

"Digo a Hazra: 'Jamais pense que somente você tem o verdadeiro conhecimento e que os outros são tolos.' Deve-se amar a todos. Ninguém é um estranho. É Hari que mora em todos os seres. Nada existe sem Ele.

"O Senhor disse a Prahlada: 'Peça-me uma graça'. 'Eu Te vi', respondeu Prahlada. 'É suficiente. Não necessito mais nada.' Mas o Senhor insistiu e Prahlada disse, 'Se Tu tens que me conceder uma graça, faz com que aqueles que me torturaram não sofram punição.' O significado dessas palavras é que havia sido Deus quem, na forma de seus perseguidores, torturara Prahlada e se fossem castigados, seria na verdade, Deus quem seria castigado.

"Radha estava louca de prema, amor por Deus. Há também a loucura de bhakti que Hanuman teve. Ao ver Sita entrando no fogo, ficou a ponto de matar Rama. Há, também, a loucura do Conhecimento. Uma vez vi um jnani comportando-se como um louco. Veio aqui pouco depois que o templo havia sido consagrado. As pessoas diziam que ele pertencia ao Brahmo Sabha de Rammohan Roy. Usava um sapato roto num dos pés, um cajado numa das mãos e na outra, um vaso com uma muda de mangueira. Depois de mergulhar no Ganges, foi ao templo de Kali, onde Haladhari estava sentado. Com grande fervor começou a cantar um hino à Mãe Divina. Depois, aproximou-se de um cachorro, segurou-o pela orelha e comeu um pouco de sua comida. O cachorro não se importou. Justamente naquela ocasião, eu também estava quase experimentando um estado de loucura divina. Passando o braço em torno do pescoço de Hriday, eu disse: 'Ó Hride! Será que vou ter que passar pela mesma situação?'

"Fiquei louco. Narayan Shastri veio aqui e viu-me perambulando com uma vara de bambu no ombro. Disse às pessoas: "Ah, ele está louco!" Naquele estado eu não podia observar quaisquer restrições de casta. A esposa de um homem de casta inferior, costumava enviar-me verduras cozidas para eu comer.

"Eu tocava minha cabeça e lábios com os pratos de folha nos quais os mendigos comiam a refeição na casa de hóspedes do templo de Kali. Por isso Haladhari disse-me: 'O que o senhor fez? Comeu a comida deixada pelos mendigos. Como vai casar seus filhos? [21]" Aquelas palavras deram-me raiva. Haladhari era meu primo, mais velho do que eu. Mas poderia isso me deter? Disse-lhe: "Seu patife! Não foi você quem se orgulhou do estudo do *Gita* e da Vedanta? Não foi você quem ensinou às pessoas que somente Brahman é real e o mundo ilusório? Contudo imagina que terei filhos! Que sua língua que recita o *Gita*, seque!'

(*A M.*): "Simples estudo de livros não leva a lugar algum. Pode-se recitar fluentemente de cor, a parte escrita de como se toca o tambor, mas tocar o tambor é extremamente difícil."

O Mestre continuou com a descrição de sua loucura divina.

"Uma vez saí numa excursão por alguns dias, com Mathur Babu, em seu barco. Fizemos a viagem para uma mudança de ar. Durante a viagem visitamos Navadvip. Um dia vi os barqueiros cozinhando sua refeição e fiquei observando-os. Mathur disse-me: 'O que o senhor está fazendo aí?' Respondi-lhe com um sorriso, 'Os barqueiros estão cozinhando e sua comida parece muito boa.' Mathur pressentiu que eu seria capaz de pedir aos barqueiros um pouco de sua comida e então, disse: 'Vamos embora! Vamos embora!'

"Agora não posso fazer mais essas coisas. Não tenho mais aquele estado mental. Minha comida tem que ser preparada por um brahmin que observa pureza cerimonial e que foi oferecida à Divindade; só assim posso comê-la.

"Ó, por que estados de espírito passei! Em Kamarpukur disse a Chine Sankhari e outros amigos de infância. "Ó, caio a seus pés e imploro-lhes que pronunciem o nome de Hari." Estava a ponto de me prosternar diante dele todos. Por isso Chine disse: "Este é o primeiro arroubo de seu amor divino; não faz distinção entre um homem e outro.' Quando a tempestade desaba e levanta poeira, as mangueiras e tamarindeiros parecem iguais. Não se pode distinguir um dos outros."

Um devoto: "Como pode um chefe de família continuar com seus deveres mundanos se está tomado por esta loucura-bhakti ou loucura-Amor ou loucura-Conhecimento?"

---

[21] Segundo as regras da sociedade hindu, os brahmins perdem a casta, se comerem alimento deixado ou tocado por pessoas de casta inferior.

Mestre (*olhando para ele*): "Há dois tipos de yogis, o 'revelado' e o 'escondido'. Um chefe de família pode ser um yogi 'escondido'. Ninguém o reconhece. O chefe de família tem que renunciar mentalmente, não externamente."

Ram: "O senhor fala como se estivesse consolando crianças. Um chefe de família pode ser um jnani, mas jamais, um vijnani."

Mestre: "Pode-se vir a ser no final, um vijnani, mas não é bom forçar a ter renúncia."

Ram: "Keshab Sen costumava dizer: 'Por que as pessoas vão tanto a ele? Um dia ele as vai ferir e elas o deixarão'."

Mestre: "Por que eu deveria ferir as pessoas? Digo-lhes: 'Façam *isso* tão bem quanto *aquilo*. Cumpram suas obrigações mundanas e também, chamem por Deus.' Não lhes peço para renunciar nada. (*Com um sorriso*) Um dia Keshab estava fazendo uma conferência. Dizia: "Ó Senhor, permita que possamos mergulhar no rio de amor divino e irmos direto ao Oceano de Satchidananda.' As senhoras estavam sentadas atrás do biombo. Disse a Keshab: 'Como podem vocês todos mergulhar para sempre?' Apontando para as senhoras, disse: 'O que aconteceria com elas? De vez em quando têm que voltar à terra seca. Devem mergulhar e reaparecer de forma alternada.' Keshab e os outros riram."

"Hazra diz-me: "O senhor ama mais aqueles dotados de rajas, que possuem grande riqueza, nome e fama.' Se assim fosse, por que amo pessoas como Harish e Noto [22]? Por que amo Narendra? Ele não pode comprar nem mesmo sal para suas bananas tostadas!"

Shri Ramakrishna deixou o aposento e foi para o bosque de pinheiros, conversando com M. Um devoto seguiu-os, levando água e toalha. O Mestre falava sobre sua intenção de ir ao Star Theatre. Disse a M.: "O que Ram disse aplica-se a pessoas rajásicas. Para que serve reservar um lugar caro?"

Mais ou menos às cinco horas daquela tarde, Shri Ramakrishna dirigiu-se a Calcutá. M., Mahendra Mukherji e alguns devotos acompanharam-no na carruagem de Mahendra. Pensando em Deus, o Mestre entrou em êxtase. Depois de muito tempo retomou a consciência do mundo. Disse: "Aquele sujeito Hazra ousa me ensinar! O patife!" Depois de uma breve pausa. Disse: "Beberei um pouco de água." A miúdo fazia esses comentários a fim de trazer a mente o plano dos sentidos.

Mahendra (*a M.*): "Posso trazer alguma coisa para ele comer?"

M.: "Não, ele não comerá nada agora."

Mestre (*ainda em êxtase*): "Quero comer."

Mahendra levou o Mestre ao seu moinho de trigo de Hathibagan. Depois de um pequeno descanso, Shri Ramakrishna estava pronto para ir ao teatro. Mahendra não se importava de levá-lo à sua casa, porque o Mestre não tinha sido ainda apresentado a seu pai. Priyanath, segundo irmão de Mahendra, também era devoto do Mestre.

Shri Ramakrishna estava sentado num estrado sobre o qual havia sido estendido um tapete, conversando sobre assuntos espirituais.

Mestre (*a M. e aos outros*): "Certa vez enquanto ouvia os diversos incidentes da vida de Chaitanya, Hazra disse que todos eram manifestações de Shakti e que Brahman, o Espírito que tudo permeia, nada tinha a ver ela. Mas pode haver Shakti sem Brahman? Hazra quer acabar com os ensinamentos deste lugar [23].

"Realizei que Brahman e Shakti são idênticos como água e sua umidade, como fogo e seu poder de queimar. Brahman mora em todos os seres como Bibhu, a Consciência que Tudo permeia, embora Sua manifestação seja maior em alguns lugares do que em outros. Além disso Hazra diz que qualquer um que realize Deus tem que adquirir os poderes sobrenaturais de Deus; que ele possui esses poderes, embora possa ou não usá-los."

M.: "Sim, deve-se ter controle sobre esses poderes sobrenaturais!" (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Sim, deve-se tê-los! Que mesquinho! Quem jamais desfrutou o poder, nem a riqueza, anseia por eles mas um verdadeiro devoto jamais ora a Deus por eles."

---

[22] Referindo-se a Latu.

[23] Referindo-se a si mesmo

Shri Ramakrishna lavou o rosto. Prepararam-lhe. Disse a M.: "Já é o crepúsculo? Se for, não vou fumar. No crepúsculo deve-se abandonar todas as atividades e lembrar-se de Deus."

Assim falando olhou para os cabelos do braço. Queria ver se poderia contá-los. Se não pudesse, era sinal do crepúsculo.

Mais ou menos às oito e meia da noite, a carruagem de Shri Ramakrishna e devotos chegou ao Star Theatre na rua Beaton. Estava acompanhado de M., Baburam, Mahendra e mais dois ou três. Falavam dos lugares a serem reservados, quando Girish Chandra Ghosh, diretor do teatro, acompanhado de vários funcionários, aproximou-se da carruagem, saudou o Mestre e levou-o com sua comitiva para cima. Girish havia ouvido falar do Mestre e estava muito feliz de vê-lo no teatro. O Mestre foi conduzido a um dos camarotes. M. sentou-se ao lado dele; Baburam e um ou dois devotos sentaram-se atrás.

O vestíbulo estava feericamente iluminado. O Mestre olhou para baixo, na platéia e viu que estava repleta. Os camarotes também estavam cheios. Em cada camarote havia um homem abanando os presentes. Shri Ramakrishna estava muito contente e disse a M., com seu sorriso infantil: 'Ah, é bom estar aqui! Estou feliz em ter vindo. Sinto-me inspirado quando vejo muita gente reunida. Percebo claramente que o Próprio Deus tornou-Se tudo."

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Quanto vão nos cobrar aqui?"

M.: "Não vão nos cobrar nada. Estão contentes porque o senhor veio ao teatro."

Mestre: "É tudo devido à graça da Mãe Divina."

O *Chaitanyalila* ia começar. Era uma peça sobre os primeiros anos de Shri Chaitanya, conhecido também como Nimai, Gaur, Gora e Gauranga. A cortina subiu; a atenção da platéia voltou-se para o palco.

> A primeira cena descreve o conselho do Pecado e das Sete Paixões. Numa trilha da floresta caminham Viveka, Vairagya e Bhakti, conversando.
>
> Bhakti diz às suas companheiras: "Gauranga nasceu em Nadia, portanto, as vidyadharis[24], munis e rishis desceram à terra disfarçados, para prestar-lhe homenagem.
>
> Ela canta:
>
> Bendita na verdade, é a terra! Gora nasceu em Nadia!
> Contemple as vidyadharis chegando em carros para adorá-los;
> Contemple os munis e rishis, que vêm atraídos pela magia do Amor.
>
> As vidyadharis, os munis e os rishis cantam um hino a Gauranga e o adoram como uma Encarnação de Deus.

Shri Ramakrishna assistia à cena e tomado de êxtase, Disse a M.: "Olha! Ah! Ah!'

Sábios: Ó Keshava, concede Tua graça
A Teus infortunados servos!
Ó Keshava, que aprecias
Vagar pelos matos e bosques de Vrindavan!

Deusas: Ó Madhava, Feiticeiro de nossas mentes!
Doce Uno, que ousas roubar nossos corações.
Tocando suavemente Tua flauta!

Coro: Entoa, Ó mente, o nome de Hari,
Cante em alta voz o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!

[24] Semideusas.

Sábios: Ó Tu, Eterna Juventude de Braja,
Domador da feroz Kaliya,
Destruidor do medo dos aflitos!

Deusas: Bem-amado de olhos curvados
E diadema de arqueadas penas de pavão,
Enfeitiçador do coração de Shri Radha!

Sábios: Tu, Poderoso que levantaste o Govardhan,
Todo enfeitado de flores silvestres,
Ó Damodara, Flagelo de Kamsha!

Deusas: Ó Tu Escuro, que brincas alegremente
Com as doces pastoras gopis de Vrindavan.

Coro: Entoe, Ó mente, o nome de Hari
Cante em alta voz o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!

Quando as vidyadharis cantaram os versos,

Bem-amado de olhos arqueados
E diadema de arqueadas penas do pavão!

O Mestre entrou em samadhi profundo. A orquestra continuou tocando, mas ele não tinha consciência do mundo exterior.

Uma outra cena. Um convidado chegou à casa de Jagannath Misra, pai de Nimai. O menino Nimai brincava ,cantando muito feliz, com seus amigos [25].

Digam-me, onde está minha Vrindavan abençoada?
Onde está Mãe Yashoda?
Onde está o Pai Nanda e o irmão Balai?
Onde estão Minhas vacas gêmeas, a preta e a branca?
Digam-me, onde está Minha flauta mágica?
Meus amigos Sudama e Sridama?
Onde está a margem do Meu Jamuna. Meu baniano?
Onde estão Minhas amadas gopis?
Onde está Radha, rainha do Meu coração?

O convidado fechou os olhos enquanto ofereci comida ao Senhor. Nimai corre para ele e come a comida do prato. O convidado reconhece Nimai como uma Encarnação de Deus e procura agradá-lo com o Hino das Dez Encarnações. Antes de se despedir dos pais de Gauranga, canta:

Glória a Gora, a Fonte de Felicidade?
Salve Gauranga, Redentor da terra!
Ajuda dos desamparados, Vida dos vivos.
Que exterminas o medo nos corações dos medrosos!
Tempo após tempo vemos Teu jogo --
Revelando novos jogos, ânimos sempre novos;
Novas ondas rolando, novas histórias para contar.

Tu que suportas o fardo do mundo inteiro,

[25] Nesta canção Gauranga identifica-se com Krishna.

Derrama sobre nós o néctar do amor.
Retira nossa dor e aflição:
Tu que moras na caverna do prazer do amor.
Esperança dos sofredores! Que castigas o pecado!
Açoito dos maus. Salve!

Ouvindo o hino, o Mestre vibrou em êxtase.

A próxima cena passa-se em Navadvip às margens do Ganges. Depois de banhar-se na água sagrada, os homens e mulheres brahmins empenham-se na adoração, à margem do rio. Quando fecham os olhos, Nimai rouba suas oferendas de alimento e começa a comê-las. Um brahmin perde o controle e diz: "Seu patife! Velhaco! Você está carregando minha oferenda a Vishnu. Desgraça cairá sobre Ti!" Nimai agarra-se à oferenda e está a ponto de fugir. Muitas mulheres amam-no afetuosamente e não podem suportar que ele vá embora. Gritam para ele: "Volta, Ó Nimai! Volta, Ó Nimai!" Nimai fica surdo a seus apelos.

Uma das mulheres, contudo, conhece o encanto irresistível que o trará de volta. Entoa, em alta voz, o nome de Hari. Imediatamente Nimai repete o nome de Hari e volta.

M. estava sentado ao lado do Mestre. Shri Ramakrishna não podia controlar-se. Gritou, "Ah!" e derramava lágrimas de amor. Disse a Baburam e a M.: "Não façam alvoroço se eu entrar em êxtase, ou em samadhi. Senão as pessoas do mundo me tomarão por um impostor."

Outra cena: Nimai está investido com o cordão dos brahmins. Veste a roupa ocre tradicional do sannyasi. Mãe Sachi e as mulheres da vizinhança passeiam, enquanto ele pede esmola, cantando:

Ponha um pouco de comida, em minha tigela, por favor.
Sozinho vagueio, recém-feito yogi, pelas estradas do mundo.
Povo de Braja, amo vocês, e assim, de tempos em tempos,
Chego a vocês, ao chamado da fome imploro meu alimento de porta em porta
O sol está baixo e devo procurar meu lar nas margens do Jamuna;
Minhas lágrimas caem em suas águas, enquanto murmurantes fluem.

Os espectadores deixaram o palco. Nimai permanece só. Os deuses, disfarçados em homens e mulheres brahmins cantam seus louvores.

Homens: Teu corpo brilha como a luz líquida do luar.
Usaste a roupa sob a forma diminuta do homem.
Senhor, nós Te saudamos!

Mulheres: Feiticeiro do coração das gopis,
Tu vagueias nos bosques de sombra,
Em volta do vale de Vrindavan.

Nimai: Salve Shri Krishna! Glória a Radha!

Homens: Os jovens de Braja são Teus amigos;
Tu conténs o orgulho da arrogância Madan[26].

Mulheres: Teu amor enlouqueceu as gopis.
Em êxtase, o Jamuna estremece.

[26] Deus do amor, na mitologia hindu.

Homens: Narayana, Enganador dos demônios!
Refúgio dos deuses atemorizados!

Mulheres: Ó Amante de Braja, Tu mendigas
O amor das graciosas donzelas de Braja?

Nimai: Salve Radha! Salve Radha!

Ouvindo a música, o Mestre entrou em samadhi A cortina caiu e a orquestra continuou a tocar.

Nova cena. Shrivas e outros devotos conversam defronte da casa de Advaita. Mukunda canta:

Não dorme mais! Por quanto tempo ficará
Encerrada no sono de maya, Ó mente?
Quem é você? Por que nasceu?
Seu verdadeiro Ser está esquecido.
Mente, por fim abre seus olhos
E desperta dos sonhos maus;
Você é uma tola ao se ligar
Assim, ao espetáculo passageiro da vida,
Quando em você vive a Felicidade Eterna.
Saia das trevas, mente tola!
Saia e saúde o Sol nascente!

Shri Ramakrishna elogiou a voz do cantor.

Outra cena: Nimai está em casa. Shrivas vem visitá-lo. Primeiro encontra Sachi. A mãe chora e diz: "Meu filho não atende às suas obrigações domésticas. Meu filho mais velho, Viswarupa, renunciou ao mundo e meu coração dói desde então. Agora, temo que Nimai siga seus passos. "

Nimai chega Sachi diz a Shrivas: "Olhe para ele. As lágrimas escorrem pelas suas faces e peito. Diga, diga-me como posso me libertar dessas idéias."

Ao ver Shrivas, Nimai agarra-se a seus pés e diz, com os olhos cheios de lágrimas: "Ai de mim! Reverenciado senhor, ainda não consegui devoção a Krishna. Fútil é esta vida miserável? Diga-me senhor, onde está Krishna? Onde encontrarei Krishna? Dê-me a poeira de seus pés com sua bênção, para que eu possa realizar o Uno Azul com a grinalda de flores silvestres pendentes de Seu pescoço."

Shri Ramakrishna olhou para M. Estava ansioso para dizer algo, mas não pôde. Sua voz estava embargada de emoção; lágrimas escorriam de suas faces; com os olhos fixos observava Nimai, agarrando-se aos pés de Shrivas, dizendo: "Senhor, ainda não alcancei devoção a Krishna."

Nimai havia aberto uma escola, mas não podia mais ensinar aos estudantes. Gangadas, seu antigo mestre, vem persuadi-lo a dar atenção aos deveres mundanos. Diz a Shrivas: "Ouça, Shrivas! Também somos brahmins e dedicados à adoração de Vishnu, mas vocês estão arruinando os planos mundanos de Nimai."

Mestre (*a M,*): "Esse é o conselho dos sábios mundanos. Faça 'isso' e também, 'aquilo'. Quando o homem mundano ensina espiritualidade, sempre aconselha um compromisso entre o mundo e Deus."

M.: “Sim, senhor. É verdade.”

> Gangadas continua argumentando com Nimai. Diz: “Nimai, sem dúvida você é versado nas escrituras. Raciocine comigo. Explique-me se há qualquer outro dever superior aos deveres mundanos. Você é um chefe de família. Por que descuidar dos deveres de um chefe de família e seguir os deveres dos outros?”

Mestre (*a M.):* “Viu? Está tentando persuadir Nimai a assumir um compromisso.
M.: “Sim, senhor.”

> Nimai diz a Gangadas: “Não sou indiferente aos deveres de um chefe de família. Ao contrário, é meu desejo situar-me nos dois lados. Mas, reverenciado senhor, não sei o que é que me faz continuar. Não sei o que fazer. Quero permanecer na praia, mas não posso. Minha alma vai se afastando. Estou desamparado. Minha alma busca constantemente mergulhar de vez no Oceano infinito.”

Mestre: “Ai de mim!”

> A cena muda: Nityananda chegou em Navadvip. Encontra Nimai a quem havia buscado. Este por sua vez, também o estava procurando. Quando se encontraram, Nimai disse-lhe: “Abençoada ‘minha vida! Realizado está meu sonho! Você me visitou em sonho depois desapareceu.”

O Mestre falou com a voz trêmula de emoção: “Nimai disse que o vira em sonho.”

> Nimai estava em êxtase e conversa com Advaita. Shrivas, Haridas e outros devotos. Nitai canta segundo o estado espiritual de Nimai:
>
> Onde está Krishna? Onde está meu Krishna?
> Não está no bosque, minhas amigas.
> Dêem-me Krishna! Tragam-me meu Krishna!
> O coração de Radha só o conhece.

Ao ouvir esta canção, Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Permaneceu neste estado durante muito tempo. A orquestra continuava tocando. Gradualmente a mente voltou ao plano relativo. Nesse meio tempo, um jovem de Khardaha, nascido na santa família de Nityananda, entrara no camarote. Ficou de pé atrás da cadeira do Mestre. Ao vê-lo, Shri Ramakrishna encheu-se de alegria. Segurou sua mão e falou-lhe afetuosamente. De vez em quando dizia: “Por favor, sente-se aqui. Sua simples presença desperta meus sentimentos espirituais.” Brincava afetuosamente com as mãos do jovem e, com afeto, tocou seu rosto.

Depois que ele se retirou, Shri Ramakrishna disse a M.: “Ele é um grande erudito. Seu pai é um grande devoto de Deus. Quando vou a Khardaha visitar Shyamasundar, o pai me presenteia com oferendas sagradas, que não se pode comprar por cem rupias. Esse jovem tem bons traços. Uma pequena sacudida, despertará seu espírito inteiro. Ao vê-lo meu estado espiritual é despertado. Teria entrado em êxtase se ele tivesse ficado mais tempo.”

> Sobe a cortina: Nityananda caminha numa procissão com seus companheiros, cantando o nome de Hari. Encontra-se com dois patifes, Jagai e Madhai, inimigos jurados de todas as pessoas religiosas. Madhai atinge Nitai com um pedaço de jarro partido. Nitai, ferido, sangra profundamente, mas não dá importância, tão inebriado está com o amor de Deus.

Shri Ramakrishna estava em êxtase.

Nitai abraça ambos, Jagai e Madhai e entoa uma canção para os dois.

Jagai! Madhai! Ó venham e dancem,
Cantando com fervor, o nome de Hari!
Que importa que vocês me tenham batido?
Dancem, queridos amigos, em nome de Hari!
Cantem o nome de nosso Bem-amado:
Ele os abraçará no deslumbramento do amor!
Deixem que os céus ressoem com Seu nome!
Vocês não experimentaram emoção verdadeira;
Chorem ao cantarem o nome de Hari,
E verão a Lua de sua alma.
Eu amorosamente lhes daria o nome de Hari:
Nitai lhes chama para compartilhar Seu amor.

Nimai fala com Sachi sobre seu desejo de ingressar na vida monástica.
Sua mãe desmaia e cai no chão.

Nessa altura muitos espectadores começaram a chorar. Shri Ramakrishna permaneceu imóvel, olhando fixamente para o palco. Uma única lágrima apareceu no canto dos olhos. A representação acabou.

Shri Ramakrishna estava prestes a subir na carruagem. Um devoto perguntou-lhe se ele gostara da peça. O Mestre disse com um sorriso: "Achei a representação igual à realidade."

A carruagem seguiu para o moinho de Mahendra. Subitamente Shri Ramakrishna entrou em êxtase e murmurou para si, com uma voz doce: "Ó Krishna! Ó Krishna! Krishna é conhecimento! Krishna é alma! Krishna é mente! Krishna é vida! Krishna é corpo!" Continuou: "Ó Govinda, Tu és minha vida! Tu és minha alma!"

A carruagem chegou ao moinho. Mahendra com ternura, serviu vários pratos ao Mestre. M. sentou-se a seu lado. Afetuosamente disse a M.: "Tome aqui, coma um pouco." Colocou alguns doces em suas mãos.

Com Mahendra e alguns devotos, Shri Ramakrishna saiu de carruagem para o templo de Dakshineswar. O Mestre estava feliz. Cantou sobre Gauranga e Nitai. M. acompanhou-o:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!
Ouvi dizer quão bondosos vocês são.
E portanto, vim vê-los.

O Mestre e Mahendra falaram sobre a intenção deste último fazer uma peregrinação.

Mestre (*sorrindo*): "O amor divino em você está despontando. Por que o deixaria desvanecer? Volte logo. Muitas vezes pensei em visitar esse lugar. Por fim, o fiz. Estou tão feliz."

Mahendra: "Minha vida é certamente abençoada, senhor."

Mestre: "Você já era abençoado. Seu pai é também um bom homem. Conheci-o outro dia. Tem fé no *Adhyatma Ramayana*."

Mahendra: "Por favor, abençoe-me para que eu possa ter amor a Deus."

Mestre: "Você é generoso e simples. Não se pode realizar Deus sem sinceridade e simplicidade. Deus está longe, bem longe do coração dos falsos."

Perto de Shyambazar, Mahendra despediu-se do Mestre e a carruagem continuou.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 29

FESTIVAL DE DURGA PUJA

Sexta-feira, 26 de setembro de 1884

SHRI RAMAKRISHNA fora a Calcutá. Era o primeiro dia do Durga Puja, o grande festival religioso que os hindus da metrópole estavam celebrando. O Mestre tinha intenção de visitar a imagem da Mãe Divina na casa de Adhar. Queria também, ver Shivanath, o devoto Brahmo.

Era quase meio-dia. De guarda-chuva na mão, M. andava de um lado para o outro, em frente à entrada do templo do Brahmo Samaj. Passaram-se duas horas e o Mestre ainda não chegara. De vez em quando M. sentava-se nos degraus do ambulatório do Dr. Mahalnavish e observava a alegria e euforia das pessoas, jovens e velhas, que celebravam o Puja.

Pouco depois das três horas a carruagem do Mestre chegou. Assim que Shri Ramakrishna desceu, saudou de mãos postas, o templo do Brahmo Samaj. Hazra e alguns devotos estavam com ele. M. inclinou-se diante do Mestre e tomou a poeira de seus pés. O Mestre contou-lhe que ia à casa de Shivanath. Alguns minutos mais tarde diversos membros do Brahmo Samaj chegaram e o levaram à casa de Shivanath que, contudo, não estava em casa. Logo depois Vijay Goswami, Mahalnavish e muitos outros chefes Brahmos saudaram o Mestre e o levaram para o interior do templo.

Shri Ramakrishna estava feliz. Deram-lhe um lugar perto do altar. Lá os devotos cantaram. Vijay e os devotos Brahmos sentaram-se em frente ao Mestre.

Mestre (*a Vijay, com um sorriso*): "Disseram-me que você colocou um 'aviso' aqui, para que as pessoas pertencentes a outras religiões, não possam entrar. Narendra, também, me disse: 'O senhor não deve ir ao Brahmo Samaj. É melhor visitar a casa de Shivanath.'

"Mas digo que estamos todos chamando o mesmo Deus. Ciúme e maldade não devem existir. Alguns dizem que Deus é sem forma, outros que tem forma. Digo, deixe que um homem medite em Deus com forma, se ele acredita em forma, e deixe que outro medite em Deus sem forma, se não acredita em forma. O que quero dizer é que dogmatismo não é bom. Não é bom sentir que somente a minha religião é a verdadeira e que as outras são falsas. A atitude correta é esta: minha religião está certa, mas não sei se as outras religiões estão certas ou erradas, verdadeiras ou falsas. Digo isto porque não se pode conhecer a verdadeira natureza de Deus enquanto não O tiver realizado. Kabir costumava dizer: 'Deus com forma é minha Mãe, o Sem forma é meu Pai. A quem devo culpar? A quem devo louvar? Os dois pratos de uma balança são igualmente pesados.

"Hindus, muçulmanos, cristãos, shaktas, shaivas, vaishnavas, os brahmajnanis do tempo dos rishis e vocês, brahmajnanis dos tempos modernos, todos têm o mesmo objetivo. A mãe prepara pratos de acordo com o estômago de seus filhos. Suponhamos que uma mãe tenha cinco filhos e compre um peixe para a família. Não cozinha pilau ou kalia para todos eles. Nem todos têm o mesmo poder de digestão, então prepara um simples guisado para alguns. Mas ama todos os filhos igualmente.

"Sabem qual é a minha atitude? Gosto de todas as preparações de peixe. Tenho uma natureza feminina (*Todos riem*). Sinto-me em casa com qualquer prato – peixe frito, peixe cozido com açafrão em pó, peixe condimentado etc. Além disso aprecio pratos ricos como cabeça de peixe, kalia e pilau. (*Todos riem*).

"Sabem qual é a verdade? Deus fez diferentes religiões para atender a diferentes aspirantes, épocas e países. Todas as doutrinas são apenas tantos caminhos, mas cada caminho não é de forma alguma, o Próprio Deus. Certamente podemos alcançar Deus segundo quaisquer um dos caminhos, se tivermos devoção do fundo do coração. Suponhamos que haja erros na religião que se aceitou, mas se a pessoa for sincera e determinada, então o Próprio Deus corrigirá esses erros. Suponhamos que um homem saia com o desejo sincero de visitar Jagan-

nath em Puri, e por engano, tenha ido para o norte, em vez de ir para o sul. Certamente encontrará alguém no caminho que lhe dirá: 'Meu bom amigo, não vá por esse caminho. Vá para o sul.' E o homem chegará a Jagannath mais cedo ou mais tarde.

"Se há erros nas outras religiões, não é de nossa conta. Deus, a quem o mundo pertence, toma conta disso. Nosso dever é de alguma maneira, visitar Jagannath. (*Aos Brahmos*). O ponto de vista que vocês mantêm é, na verdade, bom. Descrevem Deus como sem forma. Isto é ótimo. Pode-se comer bolo gelado, tanto em cima, como dos lados. Ficará gostoso de qualquer jeito.

"Mas dogmatismo não serve. Sem dúvida já ouviu a história do camaleão. Um homem entrou no bosque e viu um camaleão numa árvore. Relatou aos amigos: 'Vi um lagarto vermelho.' Estava firmemente convencido de que era vermelho. Uma outra pessoa, depois de visitar a árvore disse, 'Vi um lagarto verde'. Estava firmemente convencido de que era verde, mas o homem que vivia debaixo da árvore disse: 'Ambos disseram é verdade, mas o fato é que a criatura é, às vezes vermelha, às vezes verde, às vezes amarela e às vezes, não tem cor alguma.'

Deus tem sido descrito nos Vedas tanto com atributos, como sem. Vocês O descrevem somente como sem forma. Isto é unilateral. Mas não importa. Se conhecerem um de seus aspectos, será capaz de conhecer os outros aspectos também. O Próprio Deus lhes falará tudo a respeito deles. (*Apontando para dois ou três devotos Brahmos*). Aqueles que vêm ao seu Samaj conhecem tanto este senhor como aquele."

Vijay ainda pertencia ao Sadharan Brahmo Samaj. Era um sacerdote assalariado dessa organização, mas não podia obedecer a todas as regras e regulamentos. Misturava-se com pessoas que acreditavam em Deus com forma. Isso estava criando um desentendimento entre ele e as autoridades Brahmos. Muitos Brahmos desaprovavam sua conduta. Subitamente o Mestre olhou para Vijay e começou a conversar com ele.

Mestre (*a Vijay, sorrindo*):"Compreendo que eles vêm encontrando defeito em você por se misturar com aqueles que acreditam em Deus com forma. Não é verdade? Aquele que é devoto de Deus não deve ser abalado sob quaisquer condições. Deve ser como a bigorna da casa do ferreiro. Está freqüentemente batida pelo martelo, mas é inabalável. As pessoas podem prejudicar-lhe muito e falar mal de você, mas deve suportá-las, se estiver procurando sinceramente Deus. Não é possível pensar em Deus no meio dos maus? Pense no rishis dos tempos antigos. Costumavam meditar em Deus na floresta, cercados por todos os lados por tigres, ursos e outros animais ferozes. Homens maus têm a natureza de tigres e ursos. Eles o perseguirão para lhe fazer mal.

"Deve-se ter cuidado com essas coisas. Primeiro, um homem influente que tem muito dinheiro e muitos homens sob seu controle. Se quiser pode prejudicá-lo; por isso deve tomar cuidado quando falar com ele; talvez tenha que aprovar o que ele disser. Segundo, um cachorro. Quando persegue ou late para você, deve ficar quieto, falar-lhe gentilmente e acalmá-lo. Terceiro, um touro. Se correr atrás de você, com os chifres abaixados, deve acalmá-lo com uma voz gentil. Quarto, um bêbado. Se atiçar sua raiva, ele o maltratará, invocando até a décima quarta geração de sua família. Deve dizer-lhe: 'Olá tio! Como o senhor está?' Então ele ficará satisfeito e sentará junto de você para fumar.

"Na presença de uma pessoa má, fico alerto. Se ela me pergunta se tenho cachimbo para fumar, digo, 'Sim, tenho'. Algumas pessoas possuem a natureza de uma cobra: mordem sem avisar. Tem-se que discriminar muito para evitar ser mordido, caso contrário, sua paixão será exaltada a tal ponto, que se sentirá com vontade de fazer o mal em troca. Às vezes é importante a companhia de um homem santo. Ela lhe permitirá discriminar entre o real e o irreal."

Vijay: "Não tenho tempo, senhor. Estou enredado em meus deveres aqui."

Mestre: "Você é um instrutor religioso. Outros têm férias, mas um instrutor religioso, não. Quando o administrador de uma propriedade traz uma ordem para uma determinada parte da propriedade, o proprietário pode enviá-lo para outro lugar. Assim, você não tem descanso." (*Todos riem*).

Vijay (*de mãos postas*): "Senhor, por favor, abençoa-me."

Mestre: "Agora está falando como uma pessoa ignorante. Só Deus é quem abençoa."

Vijay: "Reverenciado senhor, por favor dê-nos alguma instrução."

O Mestre olhou em volta, o templo Brahmo e disse com um sorriso: "Isto é bonito também – uma mistura de cristais e calda[1]. Há cristais e também, a calda.

"Fiz também muitos pontos e portanto, estou fora do jogo. (*Todos riem*): Conhece o jogo chamado 'nax'? É um jogo de cartas e quem atingir acima de dezessete pontos está de fora do jogo. Aqueles que obtêm menos pontos – digamos cinco, sete ou dez – são mais espertos. Atingi muitos e estou fora do jogo.

"Uma vez Keshab Sen deu uma conferência em sua casa, a qual eu estava presente. As senhoras estavam sentadas atrás do biombo. Keshab, no curso da palestra disse: 'Ó Deus, por favor abençoe-nos para que possamos mergulhar e desaparecer completamente no rio de bhaktti.' Disse-lhe, com um sorriso, 'Se você desaparecer no rio de bhakti, qual será o destino daquelas atrás do biombo? Por todos os meios mergulhe no rio, mas será melhor voltar para a terra firme de vez em quando. Não desapareça no rio, totalmente.' A estas palavras Keshab e os outros caíram na risada.

"Não importa. Uma pessoa pode também realizar Deus no mundo, se somente for sincera; 'Eu' e 'meu'— é ignorância. Mas, 'Ó Deus! 'Tu' e 'Teu – é conhecimento.

"Viva no mundo como a empregada da casa de um homem rico. Executa todas as obrigações domésticas, educa o filho de seu patrão, refere-se a ele como 'meu Hari', mas no fundo do coração, sabe muito bem que nem a casa, nem a criança lhe pertencem. Cumpre todos os deveres, mas mesmo assim, a mente mora em sua terra natal. Do mesmo modo, faça os deveres mundanos, mas fixe a mente em Deus e saiba que casa, família e filho não lhe pertencem: são de Deus. Você é apenas Seu servo.

"Peço às pessoas para renunciarem mentalmente. Não lhes peço para abandonar o mundo. Se uma pessoa vive no mundo sem apego e procura Deus com sinceridade, está capacitada a alcançá-Lo.

(*A Vijay*): "Houve uma época em que eu também meditava em Deus com os olhos fechados [2]. Então disse a mim mesmo: 'Deus existe somente quando penso n'Ele de olho fechados? Não existe quando olho em volta com olhos abertos?' Agora, quando olho em volta com olhos abertos, vejo que Deus mora em todos os seres. Ele é o Espírito que habita em todos – homens, animais e outros seres vivos, árvores e plantas, sol e lua, terra e água.

"Por que procuro Shivanath? Aquele que medita em Deus durante muitos dias tem substância em si, tem poder divino. Além disso, aquele que canta e toca bem um instrumento musical, ou que tenha dominado qualquer arte, tem em si substância real e o poder de Deus. Esta é a visão do *Gita*. Está escrito no *Chandi* que aquele que é dotado de beleza física, tem em si substância e o poder de Deus. (*A Vijay*) 'Ah, que linda natureza Kedar tem! Logo que se aproxima de mim, começa a chorar. Os olhos estão sempre vermelhos e nadam em lágrimas, como uma chanabara na calda."

Vijay: "Em Dacca fala com freqüência do senhor. Está sempre ansioso para vê-lo."

Shri Ramakrishna já estava de partida. Os devotos Brahmos inclinaram-se profundamente ante ele, e ele retribuiu a sua saudação. Então, entrando na carruagem, dirigiu-se à casa de Adhar para ver a imagem da Mãe Divina.

Domingo, 28 de setembro de 1884

Era dia do Mahashtami, o dia mais auspicioso do culto de Durga, a Mãe Divina. A convite de Adhar, Shri Ramakrishna viera a Calcutá ver a sagrada imagem na casa dele. Antes, tinha ido à casa de Ram. Muitos devotos, inclusive Narendra, Baburam, M., Niranjan, Vi-

[1] Isto é, uma mistura de ideais mundanos e espirituais. A alusão é para a prática de manter o melado num pote de barro, com um pequeno furo no fundo; a parte líquida escoa lentamente e os cristais formam-se no interior.

[2] Alusão à maneira Brahmo de meditar em Deus.

jay, Kedar, Ram e Surendra estavam presentes. Balaram e Rakhal ainda estavam em Vrindavan.

Mestre (*olhando para Vijay e Kedar, com um sorriso*): "É uma linda reunião hoje. Vocês têm o mesmo estado espiritual. (*A Vijay*) Bem, e Shivanath? Você – ?"

Vijay: "Sim, senhor, ele soube que o senhor esteve em sua casa. Não o vi mas mandei-lhe um recado. Ele sabe a respeito."

Mestre (*a Vijay e outros*): "Quatro desejos vieram à minha mente. Vou comer peixe cozido ao curry com beringela. Visitarei Shivanath. Os devotos repetirão o nome de Hari passando o rosário e os observarei. E os devotos tântricos beberão, no dia *ashtami*[3], vinho consagrado, no valor de oito annas. Vou observá-los e saudar.

Narendra estava sentado em frente do Mestre. Tinha mais ou menos vinte e dois anos. Enquanto Shri Ramakrishna falava, os olhos caíram em seu amado discípulo. Imediatamente levantou-se e entrou em samadhi. Colocou um dos pés no joelho de Narendra. Estava em êxtase profundo, os olhos sem piscar, a mente totalmente inconsciente do mundo exterior. Depois de muito tempo, desceu ao plano relativo de consciência, mas parecia estar entorpecido, pois a intoxicação de felicidade divina ainda não o havia abandonado de todo. Falando para si mesmo, em êxtase, repetiu o nome de Deus. Dizia: "Satchidananda! Satchidananda! Satchidananda! Vou repetir isso? Não, é o dia da Mãe Divina, a Doadora de inebriação divina. Ó Mãe, plena de felicidade da inebriação divina! Sa, re, ga, ma, pa, dha, ni. Não é bom manter a voz no 'ni'. Não é possível mantê-la aí por muito tempo. Vou mantê-la na nota próxima mais baixa.

"Há diferentes planos de consciência: o denso, o sutil, o causal e a Grande Causa. Entretanto no Mahakarana, a Grande Causa, uma pessoa torna-se silenciosa; não pode pronunciar uma só palavra.

"Mas um Ishvarakoti, depois de atingir a Grande Causa, pode descer novamente para os planos mais baixos. As Encarnações de Deus e outros como Elas, pertencem à classe dos Ishvarakotis. Sobem e podem também descer. Sobem ao terraço e podem descer novamente, pelos degraus e mover-se no andar mais baixo. É um caso de negação e afirmação [4]. Há, por exemplo, o palácio de sete andares de um rei. Os estranhos têm acesso somente aos apartamentos inferiores, mas o príncipe, que sabe que o palácio é seu, pode movimentar-se para cima e para baixo, de um andar para o outro. Há um tipo de foguete que atira faíscas de um tipo, que sobem. Depois de algum tempo, outro tipo, e depois, mais outro. Não há fim para os modelos que pode apresentar, mas há uma espécie de foguete que, quando aceso, somente faz um som surdo, atira poucas faíscas e também, sobe. Como esta espécie de foguete, um jiva comum depois de muito esforço, pode atingir um plano superior, mas não pode descer para contar aos outros suas experiências. Depois de muito esforço, pode entrar em samadhi, mas não pode descer deste estado ou contar aos outros, o que viu lá.

"Há um tipo de devotos, os nityasiddhas, os sempre-perfeitos. Desde o nascimento, buscam Deus. Não desfrutam nada do mundo. Os Vedas falam do pássaro homa. Vive muito alto no céu. Lá sua mãe põe o ovo. Ela vive tão alto, que o ovo cai levando muitos dias. Em sua queda é chocado. O filhote continua a cair. Isto continua durante muitos dias. No meio tempo o filhote abre os olhos. Chegando próximo à terra, fica consciente do mundo. Compreende que encontrará a morte certa se tocar o chão. Dá, então, um grito agudo e arranca-se em direção à mãe. A terra significa a morte, que assusta o filhote que então busca a mãe. Ela mora no céu e o filhote dirige-se direto para cima, naquela direção. Não olha para qualquer outro lugar.

"Aqueles que nascem como companheiros de uma Encarnação Divina são eternamente perfeitos. Para alguns este nascimento é o último.

(*A Vijay*) "Você tem ambas – yoga e bhoga. O rei Janaka também teve yoga e bhoga. Por isso é chamado rajarshi, tanto rei quanto vidente. Narada foi um devarshi e Shukadeva um

---

[3] O oitavo dia de cada metade do mês lunar, dia auspicioso para os seguidores do Tantrismo.

[4] Isto é, o aspirante em primeiro lugar, nega o mundo pelo fato dele não ser Deus; mas depois da realização divina, aceita o mesmo mundo como uma manifestação do Próprio Deus.

brahmarshi. Sim, Shukadeva foi um brahmarshi. Não foi um simples jnani; foi a personificação de Jnana., Conhecimento Divino. A quem chamo um jnani? Àquele que alcançou o Conhecimento depois de muito esforço. Shukadeva foi a própria imagem do Conhecimento. Alcançou-O espontaneamente, sem qualquer esforço."

Dizendo isto, Shri Ramakrishna desceu ao plano normal de consciência e começou a conversar livremente com os devotos. O Mestre pediu a Kedar para cantar, com o que ele concordou.

> Como abrirei o coração, amiga?
> Proibiram-me de falar.
> Estou pronta para morrer, por falta de uma alma amiga.
> Que entenda minha infelicidade. ...

Kedar cantou muito. Depois da música, o Mestre novamente falou aos devotos. Nandahal, sobrinho de Keshab, também estava presente, com alguns amigos Brahmos. Sentaram-se perto do Mestre.

Mestre (*a Vijay e outros devotos*): "Um homem trouxe-me uma garrafa de vinho consagrado, mas nem mesmo pude tocá-la."

Vijay: "Ah!"

Mestre: "Fico intoxicado com o simples pensamento em Deus. Não tenho que tomar qualquer vinho. Sinto-me embriagado simplesmente ao ver o charanamrita[5]. Sinto como se tivesse bebido cinco garrafas de bebida alcoólica. Quando uma pessoa atinge esse estado, não pode deixar de discriminar sobre alimento."

Narendra: "No que diz respeito à comida, deve-se aceitar o que quer que venha."

Mestre: "O que você diz, aplica-se somente a um estado mental particular do aspirante. Nenhum alimento pode prejudicar um jnani. Segundo o *Gita*, o próprio jnani não come; seu ato de comer é uma oferenda à Kundalini. Mas isto não se aplica ao bhakta. Meu estado mental atual é tal que não posso comer qualquer coisa que não tenha sido previamente oferecida a Deus, por um sacerdote brahmin. Anteriormente meu estado mental era de tal ordem, que apreciava sentir o cheiro de cadáveres queimando, trazido pelo vento, do outro lado do Ganges. Para mim era muito agradável, mas hoje em dia não posso comer alimento tocado por qualquer um. Não, não posso, mas às vezes, o faço. Um dia fui levado para ver a representação de uma peça, na casa de Keshab. Deram-me luchi e curries para comer. Não sabia se a comida me estava sendo entregue por um lavadeiro ou por um barbeiro, mas comi um pouco. (*Todos riem*). Rakhal havia pedido para comer.

(*A Narendra*) "Com você está tudo bem. Você está tanto 'nisso' como 'naquilo'[6]. Pode comer de tudo agora. (*Aos devotos*) Abençoado é o homem que sente anseio por Deus, apesar de comer carne de porco, mas é uma vergonha para aqueles que comem alimento puro – vegetais, cozidos, arroz e ghee, mas têm a mente em 'mulher e ouro'.

"Uma vez quis comer dal na casa de um ferreiro. Desde a infância ouvira que os ferreiros dizem, 'Os brahmins sabem cozinhar?' Comi o dal, mas cheirava a ferreiro. (*Todos riem*).

"Recebi o mantra de Alá [7] de Govinda Rai. O arroz foi cozido para mim com cebolas [8] no kuthi. Comi um pouco. Comi curry na chácara de Mani Mallick, mas senti repulsa.

"Quando fui a Kamarpukur, o pai de Ramlal ficou assustado. Pensou que eu comeria qualquer coisa em qualquer casa. Ficou com medo que pudesse ser expulso da casta. Por isso não pude ficar muito tempo. Vim embora.

"Tanto os Vedas como os Puranas descrevem comida e conduta puras, mas o que os Vedas e os Puranas pedem desprezar como impuro, é considerado bom pelos Tantras.

---

[5] A água na qual a imagem da Divindade é banhada, é considerada muito sagrada.

[6] Isto é, Narendra estava atento tanto ao mundo como à vida espiritual.

[7] O Mestre referia-se à sua iniciação ao islamismo.

[8] Os muçulmanos geralmente comem cebolas, o que é proibido aos brahmins ortodoxos.

"Ó, por que estado mental passei! Abria a boca, tocando, por assim dizer, o céu e o mundo inferior com minhas mandíbulas, e pronunciava a palavra 'Ma'. Sentia que havia agarrado a Mãe, como um pescador pegando o peixe em sua rede. Vou recitar uma canção:

Desta vez vou devorar-Te inteiramente, Mãe Kali!
Porque nasci sob uma má estrela.
E dizem que aquele que assim nasce, torna-se o devorador de sua mãe.
Tu tens que me devorar primeiro, ou eu mesmo Te comerei.
Uma ou outra coisa tem que acontecer.

Vou esfregar minhas mãos de preto[9], e meu rosto de preto;
Com preto esfregarei todo o meu corpo.
E quando a morte me apanhar, de preto vou ungir sua face.
Ó Mãe, vou comer-Te, mas não vou digerir-Te.
Vou instalar-Te em meu coração.
E fazer-Te oferendas com minha mente.

Pode-se dizer que ao comer Kali, vou enredar-me
Com Kala[10], Seu marido, mas não tenho medo.
Desafiando Sua ira, cantarei o nome da minha Mãe.
Para mostrar ao mundo que Ramprasad é filho de Kali.
Aconteça o que acontecer, eu Te comerei inteiramente -- Tu e Teu marido
Ou perderei, na tentativa, minha vida.

"Quase enlouqueci – tal era meu anelo por Deus."

Narendra começou a cantar:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio?

Ouvindo a canção, o Mestre entrou novamente em samadhi. Descendo o plano normal, assumiu a atitude de Girirani[11], e cantou o agamani. Cantou, embriagado de amor divino:

Diz-me, minha Uma, como se houve sozinha na casa do Estranho? ...

Disse aos devotos: "Hoje é o Mahashtami. A Mãe chegou; é por esta razão que estou sentindo o despertar da emoção espiritual."

Kedar: "O senhor está aqui. É diferente da Mãe Divina?"

Shri Ramakrishna olhou para outra direção e cantou, num estado mental ausente do mundo exterior:

Ah, amiga! Não O encontrei ainda, entretanto, esse amor me deixou louco. ...

Novamente entrou em êxtase e cantou sobre a Mãe Divina. Enquanto cantava, Vijay subitamente levantou-se, gritando o nome de Hari. Shri Ramakrishna, cheio de amor divino, começou a dançar com Vijay e outros devotos.

A música terminou. O Mestre, Vijay, Narendra e outros devotos sentaram-se. Todos os olhos estavam fixos em Shri Ramakrishna, que começou a conversar com os devotos. Perguntou sobre a saúde deles. Kedar falou-lhe humildemente num tom suave e doce. Narendra, Chunilal, Ram, M. e Harish estavam sentados ao lado do Mestre.

Kedar (*humildemente*): "Como posso livrar-me da minha tontura?"

---

[9] Preto é a cor da pele de Kali.
[10] Shiva, o Absoluto.
[11] Consorte do rei Himalaia e mãe de Uma.

Mestre (*afetuosamente*): "Consegue-se. Eu mesmo a tive. Use um pouco de óleo de amêndoas. Ouvi dizer que cura tonturas."

Kedar: "Vou fazer isso, senhor."

Mestre (*a Chunilal*): "Alô! Como está tudo?"

Chunilal: "Está tudo bem agora. Balaram Babu e Rakhal estão bem em Vrindavan."

Mestre: "Por que você mandou tantos doces? (*A Harish*) Espere um dia ou dois antes de ir embora de Dakshineswar. Ainda não está bem, pode ter uma recaída. (*A Narayan com ternura*): "Sente-se aqui, ao meu lado. Venha a Dakshineswar amanhã e fique para almoçar. (*Apontando para M.*) Venha com ele. (*A M.*) O que me diz?"

M. queria acompanhar Shri Ramakrishna a Dakshineswar nesse dia. Ficou pensativo.

Surendra ficou de pé, perto de Shri Ramakrishna. Tinha o hábito de beber e muitas vezes, de forma excessiva. Isto preocupava muito o Mestre, mas não pediu a Surendra para deixar de beber completamente. Havia-lhe dito: 'Olhe aqui, Surendra! Sempre que beber vinho, ofereça antes à Mãe Divina. Veja que seu cérebro não fique embotado e que não cambaleie. Quanto mais pensar na Mãe Divina, menos lhe agradará beber. A Mãe é a Doadora da felicidade da embriaguez divina. Realizando-A, sente-se uma felicidade natural."

O Mestre olhou para Surendra, dizendo,. "Você bebeu". Com estas palavras entrou em samadhi.

Era o entardecer. Retornando à consciência parcial, o Mestre cantou:

> Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!
> Embriagado com um trago de vinho celestial, Ela cambaleia, contudo não cai. ...

Logo cantou o nome de Hari, batendo palmas de vez em quando. Com uma voz doce, dizia, "Hari! Hari! Ó mente, entoe o nome de Hari! Cante o nome de Hari!" Então cantou: "Rama! Rama! Rama! Rama!"

O Mestre começou a orar: "Ó Rama! Ó Rama! Estou sem devoção e austeridade, sem conhecimento e amor; não fiz nenhum rito religioso. Ó Rama, tomei refúgio em Ti; busquei proteção a Teus pés. Não desejo confortos materiais, não procuro nome nem fama. Ó Rama, não anseio pelos oito poderes ocultos; não me importo com uma centena de poderes ocultos! Sou teu servo. Tomei refúgio em Ti! Concede, Ó Rama, que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus; que não seja iludido por Tua maya sedutora! Ó Rama, tomei refúgio em Ti."

Enquanto o Mestre orava, todos os olhares se voltaram para ele. Ouvindo sua voz comovente, poucos puderam conter as lágrimas.

Ramachandra Dutta chegou e permaneceu perto dele.

Mestre: "Onde esteve, Ram?"

Ram: "Lá em cima, senhor."

Ram estivera preparando a comida para os devotos no terraço..

Mestre (*a Ram*, *com um sorriso*): "Não é melhor ficar aqui em baixo, ao invés de lá em cima? A água acumula-se na terra baixa, mas numa elevação de terra, flui para baixo."

Ram (*com um sorriso*): "É verdade, senhor."

O jantar estava pronto, no terraço. Shri Ramakrishna e os devotos comeram lautamente. Mais tarde o Mestre foi para a casa de Adhar com M., Niranjan e outros. Ali a Mãe Divina estava sendo adorada. Foi pela prece sincera de Adhar que neste dia sagrado, Shri Ramakrishna pôde abençoar sua casa com sua presença.

Segunda-feira, 29 de setembro de 1884

Era o terceiro dia do Durga Puja. O Mestre estava acordado desde cedo, em seu quarto em Dakshineswar. O culto da manhã no templo de Kali já terminara e a orquestra havia tocado os hinos matutinos no nahabat. Brahmins e jardineiros, com cestas na mão, apanhavam flores para o culto da Mãe Divina. Bhavanath, Baburam, Niranjan e M. haviam passado a noite em Dakshineswar, dormindo no pórtico do aposento do Mestre. Logo que acordaram viram Shri Ramakrishna dançando em êxtase. Cantava: "Salve Mãe Durga! Santificado seja o nome

de Durga!" Estava nu e parecia um menino enquanto cantava o nome da Mãe Bem-aventurada. Depois de algum tempo, disse: "Ó felicidade do êxtase divino! Ó, a felicidade da embriaguez divina!" Em seguida começou a cantar repetidamente o nome de Govinda: "Govinda! Minha vida! Minha alma!"

Os devotos sentaram-se nas camas e sem pestanejar, observavam o estado espiritual de Shri Ramakrishna. Hazra estava morando no templo. Latu também vivia aí, atendendo ao serviço pessoal do Mestre. Rakhal continuava em Vrindavan. Narendra visitava Shri Ramakrishna de vez em quando. Era esperado naquele dia.

Os devotos lavaram o rosto. O Mestre sentou-se numa esteira, na varanda norte. Bhavanath e M. sentaram-se a seu lado. Outros devotos entravam e saíam do quarto.

Mestre (*a Bhavanath*): "A verdade é que as pessoas comuns não podem ter fé facilmente, mas a fé do Ishvarakoti é espontânea. Prahlada começava a chorar quando escrevia a letra 'ka'[12]. Isto lhe recordava Krishna. É da natureza do jiva, duvidar. Dizem sim, mas –

"Jamais se poderá persuadir Hazra a crer que Brahman é Shakti, que Shakti e o Ser dotado de Shakti, são uma e mesma coisa. Quando a Realidade aparece como Criador, Preservador e Destruidor, nós A chamamos Shakti; quando Ela é inativa, A chamamos Brahman. Mas na realidade é uma e a mesma coisa – indivisível. O fogo naturalmente nos faz pensar em seu poder de queimar e a idéia de queimar naturalmente traz à mente a idéia de fogo. É impossível pensar num sem pensar no outro.

"Então orei à Mãe Divina: 'Ó Mãe! Hazra está tentando perturbar as normas deste lugar[13]. Ou dá-lhe entendimento correto ou retire-o daqui.' No dia seguinte ele veio a mim e disse: 'Sim, concordo com o senhor. Disse que Deus existe em todos os lugares como Consciência que em Tudo penetra.'

Bhavanath (*sorrindo*)::"O que Hazra disse realmente o fez sofrer muito?"

Mestre: "Veja, agora estou num estado diferente. Não posso gritar nem manter discussões calorosas com as pessoas. Não tenho ânimo para discutir e brigar com Hazra. Hriday disse-me na chácara de Jadu Mallick, 'Tio, não quer que eu fique com o senhor? [14]' 'Não', eu disse. 'Não tenho mais, disposição para manter discussões calorosas com você.'

"O que é conhecimento e o que é ignorância? Um homem é ignorante enquanto sentir que Deus está longe. Tem conhecimento quando sabe que Ele está aqui e em todos os lugares.

"Quando uma pessoa tem conhecimento verdadeiro sente que tudo está pleno de consciência.. Em Kamarpukur costumava conversar com Shibu[15] que era, então, um menino de quatro ou cinco anos. Quando as nuvens se juntavam e os relâmpagos faiscavam, Shibu dizia-me: 'Ali, tio! Estão acendendo fósforos de novo!'(*Todos riem*). Um dia notei que estava caçando grilos, sozinho. As folhas sussurravam nas árvores próximas. 'Psiu! Psiu!' dizia para as folhas. 'Quero pegar grilos.' Era criança e via tudo pulsando com consciência. Não se pode realizar Deus sem a fé que não conhece artimanhas, a fé simples de uma criança.

"Ah! Por que estado mental passei! Um dia algo me mordeu, enquanto estava sentado na grama. Tive medo de que se tratasse de uma cobra e não sabia o que fazer. Havia ouvido dizer que se uma cobra volta a morder uma pessoa imediatamente após a sua primeira picada, toma de volta o seu veneno. Imediatamente saí para procurar o buraco, para que a cobra me mordesse novamente. Enquanto procurava, um homem me perguntou: 'O que está fazendo?' Depois de escutar a história, disse: 'A cobra deve morder no mesmo lugar em que picou a primeira vez.' Então fui embora. Talvez tivesse sido mordido por um escorpião ou algum inseto.

"Ouvi de Ramlal que o ar frio do outono era bom para a saúde. Ramlal citou um verso para apoiar sua teoria. Um dia estava voltando de carruagem, de Calcutá, pus a cabeça para fora da janela, para sentir o ar frio. Fiquei doente."(*Todos riem*).

---

[12] Primeira consoante do alfabeto sânscrito.

[13] "Este lugar", refere-se ao próprio Mestre.

[14] Hriday, sobrinho do Mestre, havia tomado conta dele, durante muitos anos. No período final de sua estada em Dakshineswar, havia tratado Mestre asperamente e, por diversas vezes, dirigia-se a ele com rudeza. Por fim incorreu no desagrado das autoridades do templo.

[15] Shivaram, um sobrinho do Mestre.

Shri Ramakrishna entrou no quarto e sentou-se. As pernas estavam um pouco inchadas. Pedia aos devotos para sentir suas pernas e ver se a pressão de seus dedos fazia sucos. Apareceram sucos com a pressão, mas os devotos disseram que não era nada.

Mestre (*a Bhavanath*): "Por favor peça a Mahendra de Sinthi para vir me ver. Vou sentir-me melhor se ele me tranqüilizar."

Bhavanath (*com um sorriso*): "O senhor tem muita fé em remédio, mas nós não."

Mestre: "É Deus que, na pessoa do médico, prescreve o remédio. É Ele quem, sob uma forma, tornou-se o médico. Dr. Gangaprasad pediu-me para não beber água à noite. Considerei esta recomendação como palavras dos Vedas. Considero-o médico do céu."

Hazra entrou no aposento e sentou-se. O Mestre falou por algum tempo sobre assuntos diferentes e logo disse a Hazra: "Veja, muitas pessoas estavam na casa de Ram, ontem, entre as quais Vijay e Kedar. Mas por que sinto-me profundamente tocado ao ver Narendra? Achei que Kedar pertencia ao domínio da Inebriação Divina."

Logo Narendra chegou e Shri Ramakrishna ficou muito feliz. Narendra saudou o Mestre e começou a conversar com Bhavanath e outros. M. estava sentado perto. Uma grande esteira foi estendida no chão. Enquanto conversava, Narendra deitou-se sob seu estômago. O Mestre olhou para ele e, subitamente, entrou em samadhi. Sentou-se nas costas de Narendra em êxtase..

Bhavanath cantou:

> Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és.
> Não prives Teu filho da Bem-aventurança! ...

Shri Ramakrishna desceu do plano de samadhi. Cantou:

> Repita, Ó mente, o nome santificado da minha Mãe Durga!
> Ó Gauri! Ó Narayana! Inclino-me ante Ti.
> Tu és o dia, Ó Mãe! Tu és o crepúsculo e a noite.
> Como Rama, Tu estiras o arco, como Krishna Tu tocas a flauta.
> Como a terrível Kali, Tu silenciaste Shiva, Teu senhor.
> As dez Encarnações[16] da Shakti Divina és Tu,
> E Tu, os dez Avatares; desta vez Tu tens que me salvar!
> Com flores e folhas de vilwa Yashoda Te adorou,
> E Tu a abençoaste, colocando Krishna, a Criança, em Teus braços.
> Onde quer que eu viva, Ó Mãe, na floresta ou no bosque,
> Possa minha mente, dia e noite, morar em Teus Pés de Lótus;
> Se por fim eu morrer de morte natural ou súbita
> Possa minha língua por fim, repetir o nome de Durga!
> Tu podes me mandar embora, Ó Mãe, mas para onde irei?
> Diz-me, Mãe, em que outro lugar ouvirei um nome tão doce?
> Tu podes até dizer-me, "Fique de lado! Vá embora!
> Contudo me agarrarei a Ti, Ó Durga! A Teus pés
> Como Tuas pulseiras de tornozelo me agarrarei, fazendo seu som tintilante.
> Quando, Ó Mãe, Tu Te sentas ao lado do poderoso Shiva,
> Então chorarei a Teus pés, "Salve Shiva!"
> Mãe, quando como o Milhano[17]. Tu voaste alto no céu,
> Ali, debaixo d'água, como um peixe nadarei;
> Em mim Tu Te lançarás e me atravessarás com Tuas garras.
> Assim, quando o alento da vida me abandonar sob Teu aperto,
> Não me negues o abrigo dos Teus Pés de Lótus!
> Liberta-me da escravidão do mundo, Ó Esposa do Absoluto!
> Teus dois pés são meu bote para cruzar o mar escuro deste mundo.
> Tu és o céu e a terra, e Tu és o mundo inferior;

[16] Os Mahavidyas ou Poderes da Mãe Divina.

[17] Segundo a mitologia hindu, a Mãe Divina, certa vez tomou a forma de um pássaro semelhante a uma pipa.

De Ti saíram os doze Gopalas e Hari, e Brahman
Todo aquele que trilhar o caminho, repetindo, "Durga! Durga!
O Próprio Shiva protege com Seu poderoso tridente.

Hazra estava sentado na varanda passando as contas do rosário. O Mestre sentou-se em frente dele, pegando o rosário

Mestre (*a Hazra*): "Veja, não posso usar o rosário. Não, talvez possa. Sim posso, com minha mão esquerda, mas não posso repetir o nome de Deus com ele."

Com estas palavras Shri Ramakrishna tentou fazer um pouco de japa, mas mal começou, entrou em samadhi. Ficou nesse estado por muito tempo, segurando o rosário. Os devotos olharam para ele com admiração. Hazra também observava o Mestre, sem pronunciar uma palavra. Depois de muito tempo, Shri Ramakrishna retomou à consciência do mundo exterior e disse que sentia fome. Com freqüência dizia essas coisas para trazer a mente de volta ao plano normal de consciência. M. queria trazer algo para ele comer. O Mestre disse, "Não, primeiro irei ao templo de Kali."

Atravessou o pátio cimentado, em direção ao templo de Kali. Durante o trajeto, inclinou-se com as mãos postas, ante os doze templos de Shiva. À esquerda estava o templo de Radhakanta. Em primeiro lugar foi lá, entrou e inclinou-se ante a imagem. Em seguida entrou no templo de Kali e saudou a Mãe. Sentando-se num tapete, ofereceu flores aos sagrados pés da Mãe. Colocou também, uma flor na cabeça. Quando voltou ao templo, pediu a Bhavanath para levar coco verde oferecido no templo e a charanamrita. Ao voltar para o quarto, acompanhado de M. e de Bhavanath, saudou Hazra, que gritou com espanto: "O que está fazendo, senhor? O que é isto?" O Mestre respondeu: "Por que diz que está errado?" Hazra com freqüência discutia com o Mestre, declarando que Deus mora em todos os seres e que todos poderiam atingir Brahmajnana por meio de sadhana. Exagerava seu próprio progresso espiritual.

Era quase meio-dia. O gongo e os sinos anunciaram o culto e as oferendas nos vários templos. Os brahmins, vaishnavas e mendigos foram à casa de hóspedes almoçar. Os devotos do Mestre iam também, partilhar das oferendas sagradas. Pediu-lhes para que fossem à casa de hóspedes. Disse a Narendra: "Não quer comer em meu quarto? Está bem. Narendra e eu comeremos aqui." Bhavanath, Baburam, M., e outros devotos foram para a casa de hóspedes.

Depois da refeição, Shri Ramakrishna descansou um pouco. Os devotos distraiam-se com conversas amenas. Logo o Mestre juntou-se a eles, feliz em sua companhia. Eram mais ou menos duas horas. Todos ainda estavam na varanda, quando subitamente, Bhavanath apareceu vestido com roupa de brahmachari, kamandalu na mão, o rosto brilhando com um sorriso.

Mestre (*com um sorriso*): "Este é seu sentimento interior. Daí vestir-se como um brahmachari."

Narendra: "Se ele vestiu a roupa de um brahmachari; vou vestir a de um tântrico."

Hazra: "Então terá que seguir os rituais tântricos, com mulheres, vinho etc."

Shri Ramakrishna não incentivou a conversa. Na verdade até caçoou dela.

Subitamente o Mestre começou a dançar em êxtase. Cantou:

Mãe, Tu não podes me enganar mais,
Porque vi Teus Pés de Lótus carmins. ...

O Mestre disse: "Ah, como Rajnarayan canta maravilhosamente sobre a Mãe Divina! Canta e dança deste jeito. A música de Nakur Acharya em Kamarpukur é também, maravilhosa. Ah, como são bonitos seus cantos e danças!"

Um sadhu estava morando no Panchavati, mas era um homem de temperamento esquentado que repreendia e amaldiçoava a todos. Veio ao quarto do Mestre usando sandálias de madeira e perguntou ao Mestre, "Posso conseguir fogo aqui?" Shri Ramakrishna saudou-o e ficou de mãos postas, enquanto ele permaneceu no quarto.

Quando saiu, Bhavanath disse ao Mestre, rindo: "Que grande respeito o senhor mostrou ao sadhu!"

Mester (*sorrindo*): "Veja, ele também é Narayan, embora cheio de tamas. Esta é a maneira como se agrada as pessoas que têm excesso de tamas. Além disso, trata-se de um sadhu."

Os devotos jogavam golakdham[18]. Hazra juntou-se a eles. O Mestre de pé, observava-os jogar. M. e Kishori alcançaram o "céu". Shri Ramakrishna inclinou-se diante deles e disse: "Abençoados são vocês dois irmãos". Disse a M., à parte, "Não jogue mais". Hazra caiu no "inferno". O Mestre disse: "O que há com Hazra? De novo!" Mal Hazra saiu do "inferno", caiu outra vez. Todos riram. Latu, no primeiro atirar de dados, foi da "terra" para o "céu". Começou a saltar de alegria. "Vejam a alegria de Latu!", disse o Mestre, "Teria ficado extremamente triste se não tivesse alcançado este resultado. (*À parte para os devotos*). Isto também tem um significado. Hazra é tão vaidoso que pensa que vai triunfar sobre todos, até nesse jogo. Esta é a lei de Deus, mas Ele jamais humilha uma pessoa virtuosa. Tal homem é sempre vitorioso em todos os lugares."

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, em seu quarto. Narendra, Baburam, Bhavanath e M. estavam sentados no chão. Narendra referiu-se às diversas seitas religiosas - o Ghoshpara, Panchanami e outros. Shri Ramakrishna descreveu seus pontos de vistas e condenou suas práticas imorais. Disse que não podiam seguir o curso correto de disciplina espiritual, mas gostavam de prazeres sensuais em nome da religião.

Mestre (*a Narendra*): "Você não necessita ouvir estas coisas. Os bhairavas e bhairavis da seita tântrica, também seguem esse tipo de disciplina. Quando eu estava em Benares fui levado a um desses círculos místicos. Cada bhairava tinha uma bhairavi com ele. Pediram-me para beber vinho consagrado, mas eu disse que não podia tocar em vinho. Beberam-no. Pensei que talvez, iriam praticar meditação e japa. Mas nada disso, começaram a dançar. Fiquei com medo que caíssem no Ganges: haviam feito o círculo na margem. É muito honroso para um marido e uma mulher assumirem, o papel de bhairava e bhairavi.

A Narendra e outros): "Quero dizer-lhes isto. Considero a mulher como minha mãe; e eu me olho como seu filho. Esta é uma atitude muito pura. Não há perigo nela. Olhar uma mulher como irmã também é bom, mas assumir a atitude de 'herói', olhar a mulher como sua amante, é a disciplina mais difícil. O pai de Tarak seguiu esta disciplina. É muito difícil. Nesta forma de sadhana, nem sempre pode-se manter uma atitude correta.

"Há vários caminhos para se alcançar Deus. Cada ponto de vista é um caminho. É como chegar ao templo de Kali por diversos caminhos, mas deve-se dizer que alguns são limpos e outros sujos. É bom andar por um caminho limpo.

"Muitos pontos de vista, muitos caminhos - eu vi todos, mas não encontro mais prazer neles, todos brigam.

"Ninguém mais está aqui e vocês são meus amigos íntimos. Vou lhes dizer algo. Cheguei à conclusão definitiva que Deus é o Todo e eu, uma parte d'Ele, que Deus é o Amo e eu, Seu servo. Além disso, penso de vez em quando que Ele é eu, e eu sou Ele."

Os devotos ouviram estas palavras em silêncio profundo.

Bhavanath (*humildemente*): "Fico perturbado se tenho um mal entendido com alguém. Sinto que neste caso, não sou capaz de amar a todos."

Mestre: "Procure no começo conversar com a pessoa, manter um relacionamento amigável. Se não conseguir apesar dos esforços, não pense mais nisso. Refugie-se em Deus. Medite n'Ele. Não se ganha nada, abandonando Deus e sentindo-se deprimido por pensar nos outros."

Bhavanath: "Grandes almas como Jesus e Chaitanya, nos exortaram a amar todos os seres."

Mestre: "Você deve amar, porque Deus mora em todos os seres, mas saúde as pessoas más à distância. Você fala de Chaitanya? Ele, também, costumava esconder seu sentimento espiritual, na presença de pessoas indesejáveis. Na casa de Shrivas, pôs a madrasta dele para fora do aposento, arrastando-a pelos cabelos."

---

[18] Jogo em que o jogador tenta alcançar o "céu", passando por diferentes "planos", mas a cada passo em falso, cai num "inferno" determinado.

Bhavanath: "Não foi ele, mas os outros que o fizeram."

Mestre: "Poderiam os outros tê-lo feito sem sua aprovação? O que pode ser feito? Suponhamos que um homem não possa fazer que outro o ame; será que ele deve preocupar-se com isto dia e noite? Devo desperdiçar minha mente, que deve ser dada a Deus, em coisas inúteis? Digo: 'Ó Mãe, não quero Narendra, Bhavanath, Rakhal ou qualquer outra pessoa. Procuro somente a Ti. O que farei como um ser humano?'

> "Quando a Bem-aventurada Mãe vem à minha casa, quanto do *Chandi* ouvirei!
> Quantos monges virão aqui, e quantos yogis de cabelos emaranhados!

"Quando alcançar Deus, terei alcançado tudo. Renunciei a ouro e prata, dizendo 'Rupia é argila, e argila é rupia; ouro é argila e argila é ouro.' Com estas palavras joguei ouro, prata e argila no Ganges. Então fiquei com medo que Mãe Lakshmi pudesse ficar zangada comigo porque tratei sua riqueza com desprezo; que Ela poderia até suspender minhas refeições. Orei, então, à Mãe Divina, 'Ó Mãe, quero somente a Ti e nada mais.' Sabia que realizando-A, eu obteria tudo."

Bhavanath (*sorrindo*):"Este é o cálculo sagaz de um homem de negócios."

Mestre (sorrindo): "Sim, é isso. Uma vez o Senhor ficou satisfeito com um certo devoto. Apareceu diante dele e disse: 'Sua austeridade agradou-me muito. Peça-Me uma graça.' O devoto disse: 'Ó Senhor, se Tu estais tão misericordioso para me dar uma graça concede-me então, que eu possa comer em pratos de ouro com meus netos.' Uma graça cobriu muitas coisas – riqueza, filhos e netos. (*Todos riem*)."

Hazra estava sentado na varanda.

Mestre: "Sabem o que Hazra deseja? Quer dinheiro. Sua família está em dificuldade, tem dívidas. Pensa que Deus lhe dará dinheiro porque se dedica ao japa e à meditação."

Um devoto: "Deus não pode satisfazer o desejo de um devoto?"

Mestre: "Se isto for Sua vontade, mas Deus não assume inteira responsabilidade por um devoto, a não ser que ele esteja totalmente intoxicado de amor por Ele. Numa festa é somente uma criança a quem se toma pela mão e faz sentar em seu lugar. Quem faz isto com pessoas mais velhas? Até que um homem pense tanto em Deus, que não possa ocupar-se de si, que Ele o toma sob seus cuidados. Hazra não pergunta sobre sua família. Seu filho disse a Ramlal: 'Por favor, peça a papai para voltar para casa. Não lhe pediremos nada.' Estas palavras quase me trouxeram lágrimas aos olhos. A mãe de Hazra disse a Ramlal: 'Por favor peça a Pratap[19], para vir em casa nem que seja uma vez. Peça também a seu tio [20], para pedir-lhe para voltar.' Falei-lhe sobre isto, mas ele não me ouviu.

"Deve uma mãe ser menosprezada? Antes de se tornar um sannyasi Chaitanyadeva esforçou-se muito para convencer sua mãe a deixá-lo renunciar ao lar. Mãe Sachi disse que iria matar Keshab Bharati [21]. Chaitanyadeva fez o máximo para convencê-la. Disse: 'Mãe, não renunciarei ao lar, se a senhora não der sua permissão, mas se a senhora me obrigar a levar a vida de chefe de família, morrerei. Além disso, mãe, mesmo que eu vá embora como sannyasi, a senhora poderá ver-me sempre que o desejar. Ficarei perto da senhora. Eu a verei de vez em quando.' Somente quando Chaitanya lhe deu estas explicações, é que ela lhe deu permissão. Narada não pôde ir para a floresta praticar austeridade, enquanto a mãe estava viva. Tinha que cuidar dela. Depois de sua morte, partiu para realizar Deus.

"Quando fui a Vrindavan, não senti desejo de voltar a Calcutá. Tinha sido combinado que moraria com Gangama [22]. Tudo estava arranjado. Minha cama ficaria de um lado e a dela do outro. Resolvi não voltar a Calcutá. Disse a mim mesmo: 'Até quando devo comer comida de um kaivarta? [23]' 'Não', disse-me Hriday, 'Vamos para Calcutá.' Puxou-me pela mão e

[19] Hazra.
[20] O Mestre.
[21] Guru que iniciou Chaitanya na vida monástica.
[22] Grande santa de Vrindavan.
[23] Referência aos proprietários do templo de Dakshineswar, que pertenciam à casta de pescadores, considerada inferior na sociedade hindu.

Gangama puxou-me pela outra. Senti um intenso desejo de morar em Vrindavan. Lembrei-me então, de minha mãe. Isto mudou tudo. Ela estava velha. Disse a mim mesmo: 'Minha devoção a Deus desaparecerá se tiver que me preocupar com minha mãe. Prefiro viver com ela. Terei então, paz de espírito e poderei meditar em Deus.'

(*A Narendra*). "Por que você não diz algumas palavras a Hazra para que ele volte para casa?" No outro dia ele me disse, "Sim, irei para casa, onde ficarei três dias.' Mas já se esqueceu de tudo.

(*Aos devotos*) Falamos de coisas sujas - Ghoshpara e similares. Govinda! Govinda! Govinda! Agora cantem o nome de Hari Que haja um prato de pudim de arroz e doces depois das lentilhas comuns."

Narendra começou a cantar:

Amarre sua mente, Ó homem, no Purusha Primordial.
Que é a Causa de todas as causas.
Ó Uno Imaculado, a Verdade Sem Começo,
Como Prana, Ele permeia o universo infinito;
O homem de fé comtempla-O.
Vivendo, brilhante, a Raiz de tudo.
Além dos sentidos, eterno, Essência da Consciência,
Brilha na fruta do coração.
Adornado de Santidade, Sabedoria e Amor:
Meditando n'Ele, o homem libertado do pesar.

De rosto sempre sereno,
Um inesgotável Oceano de Virtude.
Ninguém pode sondar Sua profundidade; contudo livremente, por Sua própria graça.
Ele Se revela.
Aos que chegam a Seus Pés buscando abrigo,
Misericordioso uma vez que eles estão desesperançados e Ele está sempre perdoando,
Doador de felicidade,
Auxílio imediato no mar de nossa desgraça.

Sem se desviar, concedendo os frutos de nossos atos, bons e maus.
Todavia é a Fonte de Compaixão.
Oceano de Misericórdia, cheio de Amor até a borda;
Até para ouvir de Sua glória, os olhos enchem-se de lágrimas.
Fita Seu rosto e seja abençoado.
Seu coração está faminto por Ele, Ó homem!
Brilhante de uma beleza indescritível, sem par e sem mácula,
Nenhuma palavra pode jamais descrevê-Lo;
Seja como um mendigo diante de Seu portão
E adore-O dia e noite, suplicando-Lhe Sua graça.

Cantou novamente:

No firmamento da Sabedoria a lua do Amor está surgindo cheia,
E a maré do Amor, em ondas agitadas, está fluindo em todos os lugares.
Ó Senhor, como cheio de Bem-aventurança Tu és! Salve!

De todos os lados brilham os devotos, como estrelas em volta da lua:
Seu Amigo, o Senhor misericordioso alegremente brinca com eles.
Olhe! Os portões do paraíso estão hoje escancaradas. ...

Shri Ramakrishna estava dançando em círculo e os devotos se juntaram a ele. Cantaram e dançaram. A felicidade de todos era indescritível. O Mestre cantou a respeito da Mãe Divina:

Olhe minha Mãe jogando com Shiva, perdida no êxtase de alegria! ...

Shri Ramakrishna estava extremamente satisfeito porque M. havia se juntado à música. Disse a M., com um sorriso, "A atmosfera de fervor divino teria sido mais intenso, se a música tivesse sido acompanhada de um tambor: 'Tak tak taa dhina. Dak dak da dhina!' "

Era o crepúsculo quando o kirtan terminou.

Quarta-feira, 1 de outubro de 1884

Shri Ramakrishna havia partido de Dakshineswar para a casa de Adhar em Calcutá. Narayan e Gangadhar iam com ele. Na carruagem, em êxtase, disse: "Devo passar o rosário? Que vergonhoso seria! Este emblema de Shiva brotou das entranhas da terra; foi criado por si mesmo e não, por mãos humanas."

Chegaram à casa de Adhar onde muitos devotos, incluindo Kedar, Baburam e Vijay, estavam reunidos. Vaishnavcharan, o músico, estava presente. A pedido do Mestre, Adhar ouvia diariamente a música de Vaishnavcharan depois de voltar do trabalho.

Quando o Mestre entrou na sala de visitas de Adhar os devotos levantaram-se para recebê-lo. Kedar e Vijay saudaram-no e o Mestre pediu a Narayan e Baburam para saudar Kedar e Vijay. Pediu a Kedar e Vijay para abençoarem Narayan e Baburam para que eles pudessem ter devoção a Deus. Apontando para Narayan, disse: "Ë completamente puro". Os olhos dos devotos estavam fixos nos dois rapazes.

Mestre (*a Kedar e outros devotos*): "É bom que eu tenha encontrado todos aqui, senão, talvez tivessem ido ao templo de Kali ver-me. Pela vontade Deus, nos encontramos aqui."

Kedar (*de mãos postas*): "A vontade de Deus! É tudo vontade do senhor!"

Shri Ramakrishna sorriu. Vaishnavcharan começou o kirtan sobre Radha e Krishna. Quando a música estava chegando ao fim, com a união de Radha e Krishna, o Mestre começou a dançar com fervor. Os devotos dançaram e cantaram em torno dele. Depois da música todos se sentaram. O Mestre disse a Vijay, referindo-se a Vaishnavcharan. "Ele canta muito bem". Pediu ao músico para cantar uma canção sobre Shri Chaitanya, que começa com o verso, "Ó belo Gauranga, jovem dançarino, dourado como ouro derretido."

Quando a canção terminou, o Mestre perguntou a Vijay, "Gostou?"

Vijay:: "Maravilhosa."

Shri Ramakrishna também cantou a respeito de Shri Chaitanya. M. juntou-se a ele. Vaishnavcharan entoou uma outra canção:

Ó minha flauta, cante o nome de Hari!
Você não pode conhecer a mais elevada verdade
Sem a graça de Hari.
Seu nome remove nosso amargo pesar;
Repita o nome de Hari, então,
Repita o santo nome de Shri Krishna!

Se ele conceder-me Sua graça.
Não mais temerei
Esse mundo hostil;
Cante, então, o nome de Hari, minha flauta!
Nosso único tesouro é Seu nome.

Govinda diz: Olhem, meus dias
Estão passando em vão;
No mar profundo e sem praia do mundo,
Ó, não me deixem afogar!"

Vaishnavcharan cantou novamente, desta vez sobre a Mãe Durga:

Ó língua, repete sempre o nome de Mãe Durga!
Quem a não ser a tua Mãe Durga te salvará na infelicidade? ...

O Mestre e o músico cantaram várias vezes os seguintes versos de uma canção:

O móvel e o imóvel, o denso e o sutil, Tu és.
Criação e preservação és Tu, e a última dissolução.
Tu és a Raiz Primordial deste universo múltiplo;
A Mãe dos três mundos, seu único Salvador, Tu és:
Tu és a Shakti de todos, e Tu, também, Tua própria Shakti.

Kedar e diversos devotos puseram-se de pé. Estavam prontos para regressar. Kedar saudou o Mestre e deu-lhe adeus.

Mestre: "Vai embora sem se despedir de Adhar? Não será isto uma descortesia?"

Kedar: " 'Quando Deus está satisfeito, o mundo também está.' O senhor fica e, num certo sentido, todos nós ficamos. Não estou me sentindo bem. Além disso, estou um pouco inquieto sobre minhas convenções sociais [24]. Uma vez tive problemas com nossa comunidade."

Vijay (*apontando para o Mestre*): "Devemos ir embora e deixá-lo aqui?"

Nesse momento Adhar veio para levar o Mestre à sala de jantar, porque a comida estava pronta. Shri Ramakrishna levantou-se e, dirigindo-se a Kedar e Vijay: "Venham, venham comigo." Eles seguiram-no e participaram do jantar com os outros devotos.

Depois do jantar todos voltaram para a sala de visitas, onde os devotos sentaram-se em volta do Mestre. Kedar disse-lhe, com as mãos postas: "Por favor perdoe-me por hesitar comer aqui." Talvez tivesse vindo à sua mente o pensamento de que não deveria ter hesitado, visto que o próprio Mestre não tinha escrúpulos de comer na casa de Adhar.

Kedar trabalhava em Dacca. Muitos devotos lhe haviam trazido oferendas de doces e outras comidas. Referindo-se a isto, Kedar disse ao Mestre: "As pessoas querem me dar comida. O que devo fazer? Senhor, qual sua ordem a esse respeito?"

Mestre: "Pode-se comer comida até de um intocável se ele for devoto de Deus. Depois de passar sete anos em estado de intoxicação divina, em Dakshineswar, visitei Kamarpukur. Ó, em que estado mental eu estava naquela época! Até uma prostituta alimentou-me com suas mãos, mas agora não posso mais permitir isso."

Kedar estava de saída.

Kedar (*em voz baixa*): "Senhor, por favor transmita-me poder. Muitas pessoas vêm a mim. O que sei?"

Mestre: "Tudo ficará bem. Uma pessoa vai bem se for sinceramente devotada a Deus."

Yogendra, editor de um jornal bengali, o *Bangavasi*, entrou no quarto. A conversa voltou-se para o Deus Pessoal e Deus sem forma.

Mestre: "Deus tem forma e, também, Ele é sem forma. Quantos aspectos Ele tem! Não podemos compreendê-Lo. Por que vamos dizer que Deus é somente sem forma?"

Yogendra: "Esta é a única coisa notável do Brahmo Samaj. Lá, até um menino de doze anos vê Deus sem forma. Os membros do Adi Samaj [25], não se opõem contra o Deus com forma. Estão autorizados a assistir ao ritual, se este for feito em casa de pessoas idôneas."

Mestre (*sorrindo*):"Que bela maneira de dizê-lo! Até um menino vê Deus sem forma!"

Adhar: "Shivanath Babu não acredita nas formas de Deus."

---

[24] Adhar pertencia a uma casta inferior. Kedar, um brahmin, não podia jantar com ele, ou comer em sua casa.

[25] Um ramo do Brahmo Samaj.

Vijay: "Esse é seu erro. (*Apontando para o Mestre*): Como ele diz, o camaleão assume cores diferentes – ora esta cor, ora aquela. Somente o homem que vive debaixo da árvore, conhece a cor verdadeira.

"Enquanto meditava, via imagens de deuses pintadas numa tela. Quantos deuses! Quantas coisas diferentes diziam! Disse a mim mesmo: 'Vou até o Mestre. Ele me explicará tudo.'

Mestre: "Você viu corretamente."

Kedar: "Deus assume formas para o bem de Seus devotos. Devido ao amor, um devoto vê Deus com forma. Dhruva teve a visão do Senhor. Disse: 'Por que Seus brincos não se movem?' O Senhor respondeu, 'Eles se moverão se você os mover.' "

Mestre: "Deve-se acreditar em tudo: Deus com forma e Deus sem forma. Enquanto meditava no templo de Kali, reparei em Ramani, uma prostituta. Eu disse: 'Mãe, vejo que Tu estás nesta forma, também.' Portanto digo, deve-se aceitar tudo. Não se sabe quando ou como, Deus Se revelará.'

O Mestre cantou:

Um mendicante veio até nós, sempre absorvido em estados divinos.

Vijay: "Deus tem poder infinito. Não pode Ele Se revelar em qualquer forma que escolher? O homem é uma partícula de poeira, e ousa chegar a uma conclusão a respeito de Deus. Que estranho!"

Mestre: "Um homem lê um pouco do *Gita*, *Bhagavata* ou Vedanta e pensa que já compreendeu tudo. Uma vez uma formiga foi a uma colina de açúcar. Um grão de açúcar encheu seu estômago e ela voltou para casa com um outro grão na boca. Durante o trajeto pensou: 'Na próxima vez trarei para casa a colina inteira.' (*Todos riem*).

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 30

O MESTRE EM VÁRIOS ESTADOS

Quinta-feira, 2 de outubro de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar. Latu, Ramlal, Harish e Hazra moravam com ele. De vez em quando Baburam passava um dia ou dois em sua companhia. Manilal Mallick, Priya Mukherji e seu parente Hari, um barbudo devoto Brahmo, de Shibpur e vários devotos Marwaris de Calcutá estavam no aposento do Mestre. Manilal era um membro antigo do Brahmo Samaj.

Mestre (*a Manilal e outros*): "É sábio saudar uma pessoa mentalmente. Qual a necessidade de lhes tocar os pés? Saudação mental não constrange ninguém.

"A atitude de que somente minha religião está certa e que todas as outras são falsas, não é boa. Vejo que o próprio Deus tornou-Se tudo: homem, imagens e salagramas. Vejo apenas um em todos esses, não vejo dois. Vejo apenas um.

"Muitas pessoas pensam que somente sua opinião está certa, e que as opiniões dos outros estão erradas: que unicamente eles venceram e que os outros perderam, mas uma pessoa que foi em frente pode ser detida por um pequeno obstáculo, e alguém que ficou para trás pode superá-la. No jogo de golakdham pode-se avançar muito, mas mesmo assim a sua peça pode não atingir a meta.

"Triunfo ou fracasso está nas mãos de Deus. Não podemos entender seus meios. Já devem ter reparado que o coco verde fica no alto da árvore exposto ao sol, mas mesmo assim, seu leite é frio. Por outro lado a paniphal[1] está sempre na água, mas quando é comida dá calor ao corpo.

"Olhe para o corpo humano. A cabeça é a raiz, mas está no alto."

Manilal: "Qual é o nosso dever?"

Mestre: "Ficar de algum modo unido a Deus. Há dois caminhos karma yoga e mano yoga. Os chefes de família praticam yoga através do karma, cumprimento do dever. Há quatro estágios de vida: brahmacharya, garhasthya, vanaprastha e sannyas. Os sannyasis devem renunciar àqueles karmas que são executados tendo em vista objetivos especiais: mas devem executar os karmas diários obrigatórios, abandonando todo desejo pelos resultados. Os sannyasis estão unidos a Deus por karmas tais como a aceitação do cajado, recebimento de esmolas, peregrinações e prática do culto e japa.

"Não importa em que classe de ação estejam empenhados. Podem estar unidos a Deus por meio de qualquer atividade, desde que ao realizá-la, abandone todo desejo de resultado.

"Há outro caminho: manoyoga. Um yogi que pratica esta disciplina não mostra nenhum sinal exterior. Está internamente unido a Deus. Tomem, por exemplo, Jadabharata e Shukadeva. Há muitos yogis desta classe, mas esses dois são bem conhecidos. Não cortavam nem cabelo nem barba.

"Todas as atividades caem quando um homem atinge o estado de paramahamsa. Lembre-se constantemente do seu Ideal e medita n'Ele. Esteja sempre unido a Deus mentalmente. Se alguma vez pratica uma ação, é para ensinar os homens.

"Um homem pode estar unido a Deus ou por meio da ação, ou por meio do pensamento, mas pode saber tudo através da bhakti. Pela bhakti experimenta-se espontaneamente kumbhaka. As correntes nervosas e a respiração acalmam-se quando a mente estiver concentrada. A mente concentra-se também, quando as correntes nervosas e a respiração acalmam-se Então buddhi, o poder discriminativo, torna-se firme. O homem que atinge este estado não tem consciência dele.

---

[1] Tipo de fruta aquática.

"Pode-se alcançar tudo através da bhakti yoga. Chorava diante da Mãe e orava: 'Ö Mãe, por favor diz-me, revela-me o que os yogis realizaram por meio da yoga e os jnanis por meio da discriminação.' E a Mãe me revelou tudo. Ela revela tudo se o devoto chora ante Ela com o coração anelante. Mostrou-me tudo o que está Vedas, na Vedanta, nos Puranas e nos Tantras."

Manilal: "E o que me diz da hatha yoga?"

Mestre: "Os hatha yogis identificam-se com o corpo. Praticam limpeza interna e disciplinas similares, e dedicam-se somente ao cuidado do corpo. Seu ideal é aumentar a longevidade. Servem o corpo dia e noite. Não é bom.

"Qual é o dever de vocês? Devem renunciar mentalmente a 'mulher e ouro'. Não podem considerar o mundo como sujeiras de corvo.

"Os goswamis são chefes de família. Portanto digo-lhes: 'Vocês têm feito seus deveres no templo, como podem renunciar ao mundo? Não podem explicar o mundo como maya.'

"Chaitanyadeva disse que os deveres dos chefes de família eram bondade com os seres vivos, servir os vaishnavas e cantar o santo nome de Deus.

"Keshab Sen certa vez disse a meu respeito: 'Agora ele nos pede para agarrar ambos - Deus e o mundo. Mas um dia eles nos picará.' Não, isto não é verdade. Por que eu iria picar?"

Mani Mallick: "Mas, senhor, o senhor faz isso."

Mestre (*sorrindo*): "Como assim? Você é um chefe de família. Por que renunciaria?

"Mas a renúncia ao mundo é necessária para aqueles que Deus quer sejam instrutores da humanidade. Aquele que é um acharya deve abandonar 'mulher e ouro'; senão as pessoas não aceitarão seu conselho. Não basta que renuncie mentalmente; deve, também, renunciar exteriormente. Só então seu ensinamento produzirá fruto. Caso contrário as pessoas pensarão, 'Embora nos mande abandonar "mulher e ouro", ele próprio os desfruta em segredo."

"Um médico receitou um remédio para um paciente e disse-lhe, 'Venha outro dia e lhe darei instruções sobre a dieta.' O médico nesse dia tinha vários potes de melado em sua sala. O paciente morava longe. Visitou mais tarde o médico que lhe disse, 'Tome cuidado com sua alimentação. Não é bom que coma melado.' Quando o paciente saiu, uma outra pessoa que ali estava, perguntou ao médico, 'Por que o senhor deu-lhe todo o incômodo de vir aqui outra vez? Poderia muito bem ter-lhe dado essas instruções logo no primeiro dia.' Com um sorriso, o médico respondeu: "Há uma razão. Naquele dia tinha muitos potes de melado na sala. Se eu lhe tivesse pedido para não comer melado, não teria acreditado em minhas palavras. Pensaria, "Ele tem tantos potes de melado em sua sala, deve comer alguns. Então melado não deve fazer tanto mal assim." Hoje escondi os potes. Agora acreditará em minhas palavras.'

"Conheci o acharya do Adi Brahmo Samaj. Soube que ele se casou pela segunda ou terceira vez. Tem filhos crescidos. E esses homens são instrutores! Se disserem, 'Deus é real e tudo o mais ilusório, quem irá acreditar neles? Podem compreender muito bem quem será seus discípulos.

Tal instrutor, tal discípulo. Mesmo que um sannyasi renuncie mentalmente a 'mulher e ouro', mas externamente viva com eles, não pode ser um instrutor de homens. Dirão que ele desfruta 'melado' secretamente.

"Uma vez Mahendra Kaviraj de Sinthi deu cinco rupias a Ramlal. Eu não sabia nada a esse respeito. Quando Ramlal me falou, perguntei-lhe: 'Para quem foi dado o dinheiro?' Respondeu-me que foi para mim. Primeiro pensei que deveria usá-lo para pagar o que devia pelo leite. Mas vocês acreditarão em mim? Havia dormido um pouco quando subitamente, acordei contorcendo-me de dor, como se um gato tivesse arranhado meu peito. Fui até Ramlal e perguntei-lhe novamente, 'O dinheiro foi dado para sua tia?'[2] 'Não', respondeu Ramlal. A isto, disse-lhe, 'Vá e devolva imediatamente o dinheiro.' No dia seguinte, Ramlal devolveu-o."

"Vocês sabem a que se parece um sannyasi que aceita dinheiro ou que está apegado a uma tentação? É como uma viúva brahmin que tivesse praticado continência e vivido de sim-

[2] A Santa Mãe, sua esposa.

ples arroz fervido, legumes e leite durante anos, subitamente aceitasse um intocável como amante. (*Todos parecem atônitos*).

"Havia uma mulher de casta inferior chamada Bhagi Teli nesta região. Tinha muitos discípulos e devotos. Vendo que ela, uma shudra, era venerada pelas pessoas, o proprietário da terra ficou com inveja e contratou um homem para seduzi-la, o que ele conseguiu. Com isto sua prática espiritual reduziu-se a nada. Um sannyasi decaído é assim.

"Vocês levam a vida de chefe de família. É necessário que vivam na companhia de homens santos. Primeiro, companhia dos santos, depois, shraddha, fé em Deus.

"Como podem as pessoas reverenciar e ter fé em Deus se os homens santos não cantam Seu nome e glórias? Respeita-se um homem se em sua família houve ministros reais por três gerações.

(*A M.*) "Mesmo se alguém tenha alcançado Conhecimento, ainda assim deve praticar com freqüência a Consciência de Deus. Nangta costumava dizer, 'Para que serve polir o lado externo de uma jarra de metal somente um dia? Se não o polir regularmente, ficará manchado outra vez.' Tenho que ir à sua casa algum dia. Se conhecer sua casa, posso encontrar muitos devotos lá. Por favor vá ver Ishan qualquer dia desses.

(*A Manilal*) "A mãe de Keshab Sen veio aqui outro dia. Os meninos de sua família cantavam o nome de Hari. Ela andava em volta deles, batendo palmas. Reparei que ela não estava muito pesarosa com a morte de Keshab. Aqui observou o jejum de ekadashi e passou as contas do rosário. Fiquei satisfeito em ver sua devoção a Deus."

Manilal: "Ramkamal Sen, avô de Keshab Sen, foi um devoto de Deus. Costumava sentar-se num bosque de tulsi e repetir o santo nome de Deus. Pyarimohan, pai de Keshab, também era um devoto vaishnava."

Mestre: "O filho não seria tão devotado a Deus, se o pai não tivesse sido assim. Olhe Vijay. Seu pai ficava inconsciente do mundo em êxtase, quando lia o *Bhagavata*. Vijay mal pode controlar sua emoção enquanto pronuncia o nome de Hari, às vezes, fica de pé. As formas de Deus que Vijay vê hoje em dia, são todas reais. Falando a respeito dos diferentes aspectos de Deus, com e sem forma, Vijay disse que Deus às vezes aparece com atributos e às vezes, sem atributos. Deu o exemplo do camaleão que às vezes fica vermelho, às vezes azul, às vezes verde e às vezes incolor.

"Vijay é realmente puro. Não se pode realizar Deus sem pureza e altruísmo. Ontem Vijay estava na casa de Adhar Sen. Comportou-se como se estivesse em sua própria casa e que aqueles que estavam lá, fossem sua própria gente. Não se pode ser puro e generoso se não estiver livre do mundanismo."

Então o Mestre cantou:

> Você alcançará aquele Tesouro sem preço quando sua mente estiver livre de impurezas. ...

Continuou: "Não se pode fazer um pote sem antes preparar cuidadosamente a argila. O pote quebrará se contiver partículas de areia ou pedra. É por isso que o oleiro prepara a argila, retirando a areia e as pedras.

"Se um espelho estiver coberto de sujeira, não refletirá o rosto de uma pessoa. Um homem não pode realizar seu verdadeiro Ser a não ser que o coração seja puro. Encontra-se pureza sempre que Deus Se encarna como homem. Nandaghosh, Dasharatha, Vasudeva - todos eram puros.

"A Vedanta diz que um homem nem sequer sente desejo de conhecer Deus, se não tiver a mente pura. Não se pode ser puro e dotado de generosidade sem muita tapasya, a menos que esteja em seu último nascimento."

Shri Ramakrishna estava preocupado com um menino, por que pensava que suas pernas estivessem um pouco inchadas. Mahendra Kaviraj de Sinthi entrou no quarto e saudou o Mestre.

Mestre (*aos devotos*): "Ontem disse a Naran, 'Pressione sua perna e veja se há algum sulco.' Ele pressionou e havia um. Dei então, um suspiro de alívio. (*A Mukherji*) Quer, por favor, pressionar a perna? Há algum sulco?"

Mukherji: "Sim, senhor'"

Mestre: "Que alívio!"

Mani Mallick: "Por que se preocupa com isso, senhor? Por favor banhe-se no rio. Por que o senhor deve tomar remédio?"

Mestre: "Não, o senhor tem sangue forte. Seu caso é diferente. A Mãe Divina colocou-me num estado infantil. Outro dia fui mordido por algum bicho, no mato. Ouvi dizer que em caso de mordida de cobra, o veneno sairia, se a cobra mordesse novamente. Pus a mão no buraco e esperei. Um homem que passava, disse-me: 'O que o senhor está fazendo? O senhor se livrará do veneno somente se a cobra lhe morder novamente no mesmo lugar. Não ficará curado se a cobra morder em outra parte do corpo.'

"Disseram-me que o orvalho do outono era bom. Um dia, vindo de Calcutá, pus a cabeça para fora da carruagem e a expus ao ar úmido. (*Todos riem*).

(*A Mahendra de Sinthi*): "Aquele pundit de Sinthi é muito bom. Possui um título por sua escolaridade. Ele me respeita. Disse-lhe: 'O senhor leu muito, mas abandone a vaidade de que é um erudito.' Isto o fez muito feliz. Discuti Vedanta com ele."

(*A M.*) "Aquele que é Puro Atman é desapegado. Maya ou avidya está n'Ele. Em maya há três gunas: sattva, rajas e tamas. Esses três gunas também existem no Puro Atman, mas o Próprio Atman é desapegado. Se você jogar uma pílula azul no fogo, verá uma chama azul. Se jogar uma pílula vermelha, verá uma chama vermelha, mas o fogo em si mesmo não tem cor própria.

"Se colocar uma pílula azul na água ela se tornará azul. Se colocar alume nessa mesma água, voltará à sua cor natural.

"Um açougueiro levava uma carga de carne, quando esbarrou em Shankara. Shankara exclamou: 'O que! Você me tocou!' O açougueiro respondeu: 'Venerável senhor, nem o senhor me tocou nem eu o toquei. O senhor é Atman Puro, intocável.' Jadabharata disse a mesma coisa ao rei Rahugana.

"O Atman Puro é intocável e não se pode vê-Lo. Se misturarmos sal com água, não podemos ver o sal.

"Aquele que é Atman Puro é a Grande Causa, a Causa das causas. O denso, o sutil, o causal e a Grande causa. Os cinco elementos são densos. A mente, buddhi e o ego são sutis. Prakriti, a Energia Primordial, é a causa deles. Brahman, Atman Puro, é a Causa da causa.

"Somente este Atman Puro é a nossa natureza real. O que é jnana? É conhecer seu próprio Ser e manter a mente n'Ele. É conhecer o Atman Puro.

"Por quanto tempo deve um homem cumprir seus deveres? Enquanto se identificar com o corpo, em outras palavras, enquanto pensar que é o corpo. Isto é o que o *Gita* diz. Pensar no corpo como o Atman é ajnana, ignorância.

(*Ao devoto Brahmo de barba, de Shibpur*): "O senhor é um Brahmo?"

Devoto: "Sim, senhor."

Mestre (*sorrindo*): "Posso reconhecer um adorador do Sem Forma só olhando seu rosto e olhos. Por favor mergulhe um pouco mais fundo. Não se obtém a gema flutuando-se na superfície. Eu, de minha parte, aceito todos – o Deus sem forma e o Deus com forma."

Os devotos Marwaris de Burrabazar entraram no aposento e saudaram o Mestre que começou a elogiá-los.

Mestre (*aos devotosi*): "Ah! São verdadeiros devotos de Deus. Visitam templos, cantam hinos a Deus e comem prasad. E o senhor que foi nomeado sacerdote este ano, é versado no *Bhagavata*."

Devoto Marwari: "Quem é este 'eu' que diz, 'Ó Senhor, eu sou Teu servo?' "

Mestre: "Este é o lingasharira ou a alma encarnada. Consiste de manas, buddhi, chitta e ahamkara."

Devoto: "Quem é a alma encarnada?"

Mestre: "É o Atman ligado pelos oito grilhões. E o que é chitta? É a 'Consciência do eu' que diz, 'Aha!' "

Devoto: "Reverenciado senhor, o que acontece depois da morte?"

Mestre: "Segundo o *Gita*, uma pessoa torna-se aquilo em que pensa na hora da morte. O rei Bharata pensou em seu veadinho e nasceu como este animal, na vida seguinte. Portanto, deve-se praticar sadhana para se realizar Deus. Se um homem pensa em Deus dia e noite, terá o mesmo pensamento na hora da morte."

Devoto: "Por que não sentimos desapego pelos objetos mundanos?"

Mestre: "Por causa de maya. Devido à maya sente-se o Real como sendo o irreal e o irreal como sendo o Real. O Real significa Aquilo que é eterno, o Brahman Supremo e o irreal aquilo que não é eterno, isto é, o mundo."

Devoto: "Lemos as escrituras. Por que não podemos assimilá-las?"

Mestre: "O que se ganha com mera leitura? Necessita-se de prática espiritual – austeridade. Chame por Deus. Para que serve repetir simplesmente a palavra 'siddhi'? Deve-se comer um pouco.

"A mão sangra quando se toca uma planta com espinhos. Suponhamos que se traga essa planta e repita, perto dela: 'Olhe! A planta está pegando fogo.' Será que a planta vai se incendiar? Este mundo é como uma planta com espinhos. Acenda o fogo do Conhecimento e com ele ponha fogo na planta. Só então ela queimará.

"No estágio de sadhana deve-se trabalhar um pouco. Depois o caminho torna-se fácil. Conduza o barco em volta das curvas do rio e deixe-o ir com o vento favorável.

"Enquanto se viver dentro da casa de maya, enquanto existir a nuvem de maya, não se verá o Sol do Conhecimento. Saia da casa de maya, abandone 'mulher e ouro', e então, o Sol do Conhecimento destruirá a ignorância. Uma lente não pode queimar um papel dentro de casa. Se ficar do lado de fora, os raios do sol caem sobre ela e queimam o papel. Da mesma maneira, a lente não pode queimar o papel se houver uma nuvem. O papel queima quando a nuvem desaparece.

"A escuridão da mente fica destruída somente quando um homem se afasta um pouco de 'mulher e ouro', e assim afastado, pratica alguma austeridade e disciplina espiritual. Só então a nuvem do seu ego e ignorância desaparece. Só então atinge o Conhecimento de Deus. 'Mulher e ouro' é a única nuvem que esconde o Sol do Conhecimento.

(*Ao devoto Marwari*) "As regras para um sannyasi são extremamente duras. Ele não pode ter o menor contato com 'mulher e ouro'. Não pode possuir dinheiro, nem mesmo tê-lo por perto.

"Lakshinarayan Marwari, um vedantista, costumava vir aqui com muita freqüência. Um dia viu um lençol sujo em minha cama e disse: 'Investirei dez mil rupias em seu nome. Os juros lhe permitirão pagar suas despesas.' No momento em que pronunciou estas palavras, fiquei inconsciente, como se tivesse sido espancado por uma vara. Retomando a consciência, eu lhe disse: 'Se repetir estas palavras novamente, melhor não mais vir aqui. É impossível para mim tocar em dinheiro e mesmo, tê-lo por perto.' Era um homem sagaz. Disse: 'Então o senhor também tem idéia de aceitação e rejeição. Neste caso o senhor ainda não alcançou o Conhecimento Perfeito.' 'Meu caro senhor', eu disse, 'Ainda não avancei tanto'. (*Todos riem*). Lakshiminarayan quis deixar o dinheiro com Hriday. Eu lhe disse: 'Não faça isso. Se o senhor deixar o dinheiro com Hriday, vou instrui-lo a gastar como eu quiser. Se ele não concordar, ficarei zangado. O simples contato com dinheiro é mau. Não, não pode deixá-lo com Hriday.' Um objeto deixado perto de um espelho, não vai ser refletido nele?"

Devoto: "Senhor, uma pessoa só se libera se morrer nas margens do Ganges?"

Mestre: "Só o Conhecimento de Deus dá liberação. O jnani certamente atingirá a liberação onde quer que morra, seja num lugar de carniça, ou à margem do Ganges. Mas as margens do Ganges são prescritas para a alma ligada.

Devoto: "Reverenciado senhor, por que um homem que morre em Benares se libera?"

Mestre: "Quem morre em Benares tem a visão de Shiva. Shiva lhe diz: 'Este é meu aspecto com forma,. Minha personificação em maya. Tomo esta forma para o bem dos devo-

tos. Mas olhe, estou me fundindo no indivisível Satchidananda!' Pronunciando estas palavras, Shiva retira Sua forma e permite ao moribundo ver Brahman.

"Os Puranas dizem que mesmo um chandala dotado de amor por Deus, alcança liberação. De acordo com esta escola, o nome de Deus é suficiente para liberar uma alma. Não há necessidade de coisas tais como o culto, sacrifício, disciplina dos Tantras e Mantras.

"Mas os ensinamentos dos Vedas são diferentes. Segundo os Vedas ninguém, a não ser um brahmin, pode ser liberado. Além disso, o culto não é aceito pelos deuses a não ser que os mantras sejam recitados corretamente. Deve-se fazer sacrifício, culto e assim por diante, segundo as prescrições das escrituras. Mas onde há tempo no Kaliyuga para cumprir os rituais védicos? Portanto, no Kaliyuga, caminho da devoção prescrito por Narada, é o melhor. O caminho de karma é muito difícil. Karma torna-se uma causa de ligadura, a não ser que seja feito com desapego. Além disso, a vida do homem hoje em dia depende do alimento. Não tem tempo para observar rituais determinados pelas escrituras. O paciente morre se tentar curar sua febre tomando uma mistura de ervas prescrita pelos médicos nativos ortodoxos. Portanto, deve tomar a moderna 'mistura para febre'.

"Segundo Narada, o devoto deve cantar o nome e glórias de Deus. O caminho de karma não é adequado para o Kaliyuga. Bhakti yoga é o caminho certo. Faça seus deveres no mundo enquanto tiver necessidade deles para colher os frutos das ações de suas vidas passadas. Mas deve desenvolver amor por Deus e ficar apaixonadamente apegado a Ele. Cantar o nome e glórias de Deus destrói o efeito da ação passada.

"Não se tem que executar obrigações a vida inteira. À medida que se desenvolve amor e anelo por Deus, os deveres reduzem-se cada vez mais. Depois da realização de Deus, caem completamente. Quando a jovem está grávida, a sogra diminui suas obrigações. Depois do nascimento da criança, não tem que fazer qualquer trabalho doméstico."

Vários jovens da vila de Dakshineswar entraram no aposento e saudaram Shri Ramakrishna. Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Sentaram-se e começaram a conversar com o Mestre.

Jovem: "Senhor, o que é o Conhecimento?"

Mestre: "É saber que Deus é a única Realidade e que tudo o mais é irreal. Aquele que é Real é também chamado Brahman. Tem outro nome: Kala, Tempo. Há um dito: 'Ó irmão, quantas coisas nascem e desaparecem no Tempo!'

"Quem brinca com Kala é chamada Kali. É a energia Primordial. Kala e Kali. Brahman e Shakti, são indivisíveis.

"Este Brahman, da natureza da realidade, é eterno. Existe no passado, presente e futuro. É sem começo e sem fim. Não pode ser descrito em palavras. O máximo que podemos dizer de Brahman é que Ele é da mesma natureza que Inteligência e Felicidade.

"O mundo é ilusório, só Brahman é real. O mundo é da natureza de mágica. O mágico é real, mas sua mágica é irreal.."

Jovem: "Se o mundo é da natureza da ilusão – mágica – então, por que não nos libertamos dela?"

Mestre: "É devido aos samskaras, tendências inatas. Os repetidos nascimentos neste mundo de maya fazem uma pessoa acreditar que maya é real.

"Vou dizer-lhes quão poderosas são as tendências inatas. Um príncipe tinha sido, numa vida anterior, filho de um lavadeiro. Enquanto brincava com seus companheiros, nesta encarnação como príncipe, disse-lhes: 'Parem com os jogos. Vou ensinar-lhes um novo. Deitarei de bruços e vocês baterão as roupas em minhas costas como os lavadeiros fazem, com um som sibilante.'

"Muitos jovens vêm aqui, porém, somente alguns anseiam por Deus. Esses poucos nasceram com uma tendência espiritual. Tremem ao ouvir falar em casamento.

"Há mais de vinte anos, dois jovens de Baranagore costumavam vir aqui. Um chamava-se Govinda Pal e o outro, Gopal Sen. Desde sua infância eram dedicados a Deus. À simples menção de casamento os atemorizava. Gopal costumava ter bhava samadhi. Fugia de

pessoas mundanas, como um camundongo de um gato. Um dia viu os meninos da família Tagore passeando no jardim. Fechou-se no kuthi para não ter que conversar com eles.

"Gopal entrou em samadhi no Panchavati. Naquele estado disse-me, tocando meus pés: 'Deixe-me ir. Não posso viver mais neste mundo. O senhor tem muito tempo para esperar. Deixe-me ir.' Em êxtase eu lhe disse: 'Você tem que voltar.' 'Muito bem, voltarei', respondeu. Alguns dias mais tarde Govinda veio a mim. 'Onde está Gopal?' perguntei-lhe. 'Morreu.'

Ë o que estão procurando os outros jovens? Dinheiro, casa, carruagem, roupas e por fim, casamento. Essas são as coisas que os mantêm ocupados. Se querem casar-se, desde o começo, fazem perguntas sobre a moça. Querem constatar por si mesmos se ela é bonita.

"Há uma pessoa que fala muito mal de mim. Está sempre me criticando porque amo os jovens. Amo somente aqueles que nasceram com boas tendências, almas puras que anseiam por Deus, que não estão interessados em dinheiro, confortos materiais e coisas semelhantes.

"Se as pessoas casadas desenvolvem amor a Deus, não ficarão apegadas ao mundo. Hirananda é casado. O que importa se ele é? Ele não será muito apegado ao mundo."

Hirananda, membro do Brahmo Samaj, era natural de Sindh. Havia conhecido o Mestre em Calcutá e tornara-se seu devoto.

Manilal, os devotos Marwaris, Brahmos de Shibpur e os jovens de Dakshineswar saudaram Shri Ramakrishna e despediram-se.

Era noitinha. Foram acesos os lampiões nas varandas sul e oeste e também, no quarto do Mestre, onde um incenso queimava. Ele repetia o nome da Mãe Divina, absorvido em Sua contemplação. Depois de algum tempo, novamente, conversou com os devotos. Havia ainda algum tempo antes do culto vespertino nos templos.

Mestre (*a M.*): "Que necessidade do sandhya tem um homem que pensa em Deus dia e noite?

> Que necessidade de rituais tem o homem, que necessidade de devoção ainda tem,
> Se repetir o nome da Mãe nas três horas santa?
> Rituais podem persegui-lo de perto, mas jamais tomá-lo.
> Caridade, votos e doações não atraem o coração de Madan;
> Os Pés de Lótus da Bem-aventurada Mãe são sua única prece e sacrifício.

"O sandhya funde-se no Gayatri, o Gayatri no Om. Um homem está firmemente estabelecido na vida espiritual quando entra em samadhi ao pronunciar Om apenas uma vez.

"Há um sadhu em Hrishikesh que se levanta cedo e fica próximo de uma grande cachoeira. Passa os dias todo olhando para ela, enquanto diz a Deus: 'Ah, o Senhor trabalhou bem! Bem feito! Que lindo!' Não pratica qualquer outra forma de japa ou austeridade. À noite volta para sua cabana.

"Que necessidade há até de se preocupar se Deus tem forma ou não? É suficiente orar a Ele, chorando em solidão. 'Ó Deus, revela-Te a mim como Tu és.'

"Deus está tanto dentro como fora. É Ele quem habita no nosso interior. Portanto, os Vedas dizem, *Tattvamasi* – Tu és Aquele.' Deus é também, exterior a nós. Aparece múltiplo devido à maya, mas na realidade, apenas Ele existe Portanto antes de descrever os vários nomes e forma de Deus, deve-se dizer, '*Om Tat Sat*.' [3]

"Aprender a cerca de Deus através das escrituras é uma coisa, e outra totalmente diferente, é vê-Lo. A escrituras somente dão indicações, portanto, não é necessário ler muito as escrituras. É melhor orar a Deus na solidão.

"Não é necessário ler todo o *Gita*. Pode-se obter a essência do *Gita*, repetindo a palavra dez vezes. Torna-se o oposto e então, fica *'tagi*'. A essência do livro é: 'Ó homem renuncie a tudo e adore Deus'."

---

[3]" Om – Esta é a única Realidade."

O Mestre entrou em êxtase enquanto observava o culto vespertino de Kali, na companhia dos devotos. Não estava em condições nem mesmo de saudar a imagem. Com cuidado voltou para o quarto com os devotos e sentou-se; ainda estava em êxtase. Conversou com eles, ainda naquele estado.

Estava no aposento, Hari, um jovem de mais ou menos vinte anos, parente dos Mukherjis e muito dedicado ao Mestre. Era casado e estava morando com os Mukherjis. Procurava trabalho.

Mestre (*a Hari, em êxtase*): "Tome iniciação depois de obter a permissão de sua mãe. (*A Priya, referindo-se a Hari*) Não pude dar-lhe o mantra embora lhe tenha dito que o iniciaria. Não inicio as pessoas. Continue com meditação e japa, como vem fazendo."

Priya: "Sim, senhor."

Mestre: "Estou dizendo isto para você neste estado mental. Acredite em minhas palavras. Veja, não há exibicionismo ou engodo aqui. Eu apenas disse à Mãe Divina, em êxtase, 'Ó Mãe, que aqueles que vêm aqui [referindo-se a si próprio] por uma atração sincera, atinjam a perfeição!' "

Mahendra Kaviraj de Sinthi estava na varanda, conversando com Ramlal, Hazra e outros. O Mestre chamou-o de seu quarto. M. saiu rapidamente e trouxe Mahendra para o Mestre.

Mestre (*a Mahendra*): "Sente-se e escute minhas palavras."

Mahendra ficou um pouco embaraçado. Sentou-se.

Mestre (*aos devotos*): "Pode-se servir a Deus de diferentes maneiras. Um amante de Deus desfruta-O de diferentes modos. Às vezes diz, 'Ó Deus, Tu és o Lótus e eu sou a abelha' e às vezes, 'Tu és o Oceano de Satchidananda e eu sou o peixe.' Às vezes, também, o amante de Deus diz, "Sou Tua dançarina'. Dança e canta para Ele. Às vezes considera-se amigo de Deus e às vezes Sua donzela. às vezes considera Deus uma criança, como fez Yashoda, e às vezes como marido ou amante como fizeram as gopis.

"Às vezes Balarama considerava Krishna um amigo e às vezes pensava que era o guarda-chuva ou o tapete de Krishna. Servia Krishna de todas as maneiras possíveis."

Estava Shri Ramakrishna referindo-se à sua própria mente ao descrever assim, as diferentes atitudes de um amante de Deus?

Em seguida descreveu os três estados espirituais de Chaitanya.

Mestre "Chaitanyadeva costumava experimentar três estados. No estado mais interior ficava absorvido em samadhi, inconsciente do mundo exterior. No estado semiconsciente dançava em êxtase, mas não podia falar. No estado consciente cantava em êxtase, mas não podia falar. No estado consciente cantava as glórias de Deus.

(*Aos devotos*): "Vocês estão ouvindo minhas palavras. Procurem assimilá-las. Quando as pessoas mundanas sentam-se em frente de um sadhu, escondem totalmente seus pensamento e idéias mundanas. Mas uma vez longe do santo, dão curso livre a eles. Já viram um pombo comendo ervilhas. Pensa que ele as digeriu, mas as conserva no papo. Podem senti-las, apalpando o papo..

"No crepúsculo ponham de lado todos os deveres e orem a Deus. A escuridão faz-nos recordá-Lo. Quando a escuridão chega pensa-se: 'Há um minuto atrás eu podia ver tudo. Quem ocasionou esta mudança?' O muçulmanos abandonam todas as atividades e oram em horas determinadas."

Mukherji: "Reverenciado senhor, é bom praticar japa?"

Mestre: "Sim. Atinge-se Deus por meio de japa. Repetindo o nome de Deus secretamente, e em solidão, recebe-se a graça divina. Segue-se, então, Sua visão. Suponhamos que haja uma larga tora de madeira flutuando sobre a água e amarrada à terra por uma corrente; seguindo elo por elo, finalmente chega-se à madeira.

"Mais elevado do que adoração, é japa; mas elevada do que japa é meditação, mas elevada do que meditação é bhava e mais elevados do que bhava são mahabhava e prema. Chaitanya teve prema. Quando se atinge prema tem-se a corda para prender Deus."

Hazra entrou no quarto.

Mestre (*a Hazra*): "Amor a Deus, quando é intenso e espontâneo, é chamado raga bhakti. Vaidhi-bhakti, devoção formal, depende das prescrições das escrituras. Vem e vai, mas raga bhakti é como um emblema de pedra de Shiva que brotou das entranhas da terra. Não se pode encontrar sua raiz; dizem que a raiz vai até Benares. Somente uma Encarnação Divina e Seus companheiros atingem raga-bhakti."

Hazra: "Ai de mim!"

Mestre: "Um dia quando voltava do bosque de pinheiros, vi você passando as contas do rosário. Disse à Mãe Divina: 'Mãe, que mente pequena ele tem! Vive aqui e ainda pratica japa com um rosário! Quem vem aqui [referindo-se a si próprio] terá sua consciência espiritual despertada imediatamente; não terá que se preocupar muito a respeito de japa. Vá a Calcutá e encontrará milhares passando o rosário—até prostitutas."

(*A M.*): "Por favor traga Naran aqui de carruagem. Estou fazendo o mesmo pedido a Mukherji. Darei alguma coisa a Naran para comer quando vier. Há um grande significado em alimentar jovens como ele."

Sábado, 4 de outubro de 1884

Era o dia da primeira lua cheia após o Durga Puja. Shri Ramakrishna chegou à casa de Nabin Sen, irmão mais velho de Keshab Sen, em Calcutá. Na terça-feira anterior a mãe de Keshab pedira ao Mestre para visitá-la em Calcutá.

O Mestre sentou-se num quarto no andar superior da casa. Com ele estavam Baburam, Kishori e outros devotos. Nandalal e outros sobrinhos de Keshab, a mãe de Keshab e outros parentes esperavam o Mestre. Havia sido acertado que haveria música religiosa. M. estava sentado num aposento em baixo, ouvindo o kirtan.

Shri Ramakrishna disse aos devotos Brahmos. "O mundo é transitório. Deve-se recordar a morte com freqüência." Começou então, a cantar:

Lembre-se disso, Ó mente! Ninguém é seu;
Vão é o seu vagar por este mundo.
Preso na garra sutil de maya como você está.
Não se esqueça do nome da Mãe. ...

O Mestre disse aos devotos: "Mergulhem fundo. O que ganharão apenas flutuando na superfície? Renunciem a tudo por uns dias, retirem-se para a solidão e chamem Deus com toda sua alma."

O Mestre cantou:

Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da beleza de Deus;
Se descer até as profundezas,
Aí encontrarás a gema do amor. ....

A pedido de Shri Ramakrishna os devotos Brahmos cantaram:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor – a Vida de minha vida, a Essência da essência
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar meu
Tu és minha paz, minha alegria, minha segurança. Tu és meu apoio, minha riqueza, minha glória;
Tu és minha sabedoria e minha força.

O Mestre cantou novamente:

Ó Mãe, para Yashoda, Tu deverias dançar, quando ela Te chamou sua "Preciosa Jóia Azul"!
Onde Tu escondeste aquela forma encantadora, Ó Terível Shyama? ...

Os devotos Brahmos também cantaram com acompanhamento de pratos e tambores:

Ó Mãe, quão profundo 'Teu amor pelos homens!
Consciente, choro de alegria.
Quase desde o dia do meu nascimento,
Transgredi cada uma de Tuas leis
Todavia cuidas de mim com amor,
Confortando-me com as mais doces palavras.
Consciente choro de alegria.
Ó Mãe, é excessivamente pesado para mim
Suportar o fardo do Teu amor.
Minha alma lança um grito que transpassa o coração.
Ao toque do Teu amor. A Ti venho
Buscando refúgio a Teus Pés.

Cantaram novamente a respeito da Mãe Divina:

Ó Mãe, Tu meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração!
Dia e noite Tu me pões em Teu colo.
Por que mostrar ternura a este filho indigno?
Ah! Parece que Tu estás louca de amor, ora acariciando, ora apertando forte
Segurando-me firme. Tu me dás de beber
Teu néctar, despejando em meus ouvidos Tuas palavras de amorosa ternura.

Incessantemente é Teu amor por mim, amor que não vê defeitos,
Sempre que estou em perigo, Tu me salvas.
Salvadora dos pecadores! Conheço a verdade; sou de minha Mãe, e Ela é minha.
Agora ouvirei somente a Ela e seguirei o caminho da retidão;
Bebendo o leite que jorra dos seios da minha Mãe,
Serei forte e cantarei com alegria: "Salve, Ó Mãe! Terno Brahman!

O Mestre e os devotos Brahmos cantaram hinos sobre Hari e Gauranga.

Domingo, 5 de outubro de 1884

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento, depois da refeição do meio-dia, com M., Hazra, Kali mais Velho, Baburam, Ramlal, Hari e outros. Alguns sentaram-se no chão e outros ficaram de pé. No dia anterior o Mestre visitara a mãe de Keshab em Calcutá, fazendo-a feliz com canções religiosas.

Há muito tempo que Hazra vivia com o Mestre em Dakshineswar. Estava um pouco vaidoso de seu conhecimento e até criticava de vez em quando o Mestre, diante dos outros. Também sentava-se na varanda do quarto do Mestre e passava o rosário com uma concentração aparente. Referia-se com pouco caso de Chaitanya, como uma "Encarnação moderna". Dizia: "Deus não dá somente devoção mas também, riqueza. Ela não Lhe falta. Atingindo-se Deus, obtém-se também os oito poderes ocultos." Hazra tinha uma pequena dívida a saldar, de cerca de mil rupias. Havia feito esta dívida para a construção de sua casa e, preocupava-se como pagá-la.

Kali mais Velho trabalhava num escritório onde recebia um pequeno salário. Tinha que sustentar uma família numerosa. Era dedicado ao Mestre e visitava-o de vez em quando, até faltando ao trabalho.

Kali (*a Hazra*): "Você sai por aí criticando as pessoas; você é como uma pedra de toque, testando o que é ouro puro e o que é impuro. Por que fala tão mal dos outros?"

Hazra: "Tudo o que falo, digo somente a ele [querendo dizer Shri Ramakrishna]."

Mestre: "É verdade."

Hazra começou a explicar Tattvajnana.

Hazra: "Tattvajnana é o conhecimento da existência dos vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos."

Ele estava errado a respeito do significado da palavra.

Um devoto: "Quais são?"

Hazra: "Os cinco elementos, as seis paixões, os cinco órgãos de percepção, os cinco órgãos de ação etc."

M. (*ao Mestre, sorrindo*): "Ele diz que as seis paixões estão incluídas nos vinte e quatro princípios cósmicos."

Mestre: "Ouçam-no! Reparem, como ele explica Tattvajnana! A palavra realmente significa 'Conhecímento do Ser'. A palavra 'Tat' significa o Ser Supremo, e a palavra 'tvam', a alma encarnada. Atinge-se o Conhecimento Supremo, Tattvajnana, quando se realiza a identidade da alma encarnada com o Ser Supremo."

Depois de alguns minutos Hazra deixou o aposento e sentou-se no pórtico.

Mestre (*a M. e outros*): "Ele [querendo dizer Hazra] apenas discute. Agora talvez entenda, mas daqui a pouco será o mesmo de antes.

"Quando o pescador fisga um peixe grande que puxa com muita força, solta linha, senão ela romperia e o próprio pescador seria jogado na água. Por este motivo não falo muito com ele.

(*A M.*): "Hazra disse que um homem não poderia ser liberado a não ser que nascesse num corpo de brahmin. 'Como é isso?' eu perguntei. 'Atinge-se liberação, somente por meio da bhakti. Savari era filha de um caçador. Ela, Ruhidas e outros pertenciam à casta shudra. Foram liberados somente pelo caminho de bhakti.' 'Mais ainda –'insistiu Hazra.

"Ele reconhecia a grandeza espiritual de Dhruva, mas não tanto como reconhecia a de Prahlada. Quando Latu disse, 'Dhruva teve grande anseio por Deus desde a infância', ficou calado.

"Digo que não há nada maior do que bhakti que não tem qualquer objetivo e motivo egoísta. Hazra me contradisse. Eu lhe disse: "Um homem rico aborrece-se quando um pedinte vem a ele. "Aí vem ele", diz zangado. "Sente-se", diz com uma voz indiferente, mostrando que está muito aborrecido. Não permite que este mendigo viaje com ele, na carruagem.'

"Mas Hazra disse que Deus não era como essas pessoas ricas do mundo. Por acaso a Ele falta riqueza, que Ele Se sinta pressionado a desperdiçá-la? Hazra disse mais: 'Quando a chuva cai do céu, o Ganges e todos os grandes rios e lagos transbordam. Pequenos lagos, também fica, cheios. Da mesma maneira, Deus por Sua graça, concede bem-estar e riquezas, bem como conhecimento e devoção."

(*Aos devotos*) "Mas chamo a isto, devoção impura a Deus. Devoção pura não tem desejo algum por trás. Vocês não querem nada de mim, mas gostam de me ver e ouvir minhas palavras. Minha mente também está em vocês. Imagino como vocês são e porque vieram.

"Não querem nada de Deus, mas O amam. Essa é bhakti pura, amor a Deus sem interesse por trás. Prahlada o tinha, não procurava nem reino, nem riquezas: procurava somente Hari."

M.: "Hazra é um tagarela. Não conseguirá nada, enquanto não se mantiver calado."

Mestre: "De vez em quando ele vem a mim e torna-se meloso, mas é recalcitrante, novamente discute. É muito difícil livrar-se do egoísmo. Podem cortar uma árvore ashwattha, mas no dia seguinte, aparece um broto. Enquanto as raízes permanecerem, a árvore crescerá novamente.

"Disse a Hazra, 'Não fale mal de ninguém'. Foi o próprio Narayana que assumiu todas estas formas. Pode-se adorar até mesmo uma pessoa má. Não observaram o Kumari Puja? Por que adorariam uma menina que tem todas as limitações físicas de um ser humano? Porque ela é uma forma da Mãe Divina, mas Deus habita de maneira especial em Seu devoto. O devoto é Sua sala de visitas. Se a cabaça é muito grande, então permite fazer um bom tanpura que dá um som agradável."

De manhã dois monges chegaram ao templo. Dedicavam-se ao estudo do *Bhagavad Gita*, Vedanta e outras escrituras. Entraram no quarto do Mestre, saudaram-no e sentaram-se na esteira no chão. Shri Ramakrishna estava sentado no divã pequeno. O Mestre falou aos sadhus em Hindusthani.

Mestre “Os senhores já comeram?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Comeram o que?”

Sadhu: “Dal e pão. O senhor quer um pouco?”

Mestre: “Não, como somente um pouco de arroz. Bem, seu japa e meditação devem ser sem qualquer desejo pelos resultados. Não é assim?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Isto é bom. Deve-se entregar o resultado a Deus. O que me dizem? Este é o ponto de vista do *Gita.*”

Um sadhu disse ao outro, citando o *Gita*: “Ó Arjuna, qualquer ação que faça, qualquer coisa que coma, qualquer coisa que ofereça em sacrifício, o que der em caridade e qualquer que seja a austeridade que pratique, ofereça tudo a Mim.”

Mestre: “Se der a Deus alguma coisa, receberá de volta mil vezes mais. É por isso que ao fazer atos meritórios oferece-se a mão cheia de água a Deus. Ela é o símbolo da oferenda do fruto a Deus. Quando Yudhisthira estava prestes a oferecer todos seus pecados a Krishna, Bhima preveniu-o: ‘Jamais faça isso. Tudo o que oferecer a Krishna receberá de volta mil vezes.’

(*A um dos sadhus*): “Bem, senhor, não se deve ter desejos, deve-se renunciar a todos os desejos. Não é?”

Sadhu: “Sim, senhor.

Mestre: “Mas tenho o desejo de ter bhakti. Isto não é mau, pelo contrário, é bom. Doces são maus porque produzem acidez, mas açúcar cande é uma exceção. Não é assim?”

Sadhu: “Sim, senhor.”

Mestre: “Bem senhor, o que pensa da Vedanta?”

Sadhu: “Inclui todos os seis sistemas filosóficos”.

Mestre: “mas a essência da Vedanta é: ‘Somente Brahman é real e o mundo ilusório. Não possuo uma existência separada, sou somente aquele Brahman.’ Não é assim?”

Sadhu: “É verdade, senhor.”

Mestre: “Mas para aqueles que levam a vida de chefe de família e aqueles que se identificam com o corpo, essa atitude de ‘Eu sou Ele’, não é boa. Não é bom para os chefes de família ler Vedanta ou a *Yogavashishtha*, é prejudicial que leiam esses livros. Os chefes de família devem considerar Deus como seu Amo e a si mesmo como Seus servos. Devem pensar ‘Ó Deus, Tu és o Amo e Senhor, e eu sou Teu servo.’ As pessoas que se identificam com o corpo não devem ter a atitude de ‘Eu sou Ele’.”

Os devotos no quarto permaneceram em silêncio. Shri Ramakrishna sorria, um quadro de contentamento. Parecia feliz, concentrado em seu próprio Ser.

Um dos sadhus sussurrou para o outro: “Veja! Esse é o estado de paramahamsa.”

Mestre (*a M.*): “Sinto vontade de rir.”

Shri Ramakrishna sorria como uma criança. Os monges deixaram o aposento. Os devotos andavam de um lado para o outro no quarto e no pórtico.

Mestre (*a M.*): “Você foi à casa de Nabin Sen?”

M.: “Sim, senhor. Ouvi as canções do andar de baixo.”

Mestre: “Fez muito bem. Sua esposa estava lá. Ela é prima de Keshab Sen, não é?”

M.: “Prima distante.”

Shri Ramakrishna caminhava de um lado para o outro com M. Ninguém mais estava com eles.

Mestre: “Um homem visita a casa de seu sogro. Eu também, com freqüência, pensava que deveria casar-me, ir morar na casa de meu sogro e divertir-me. Mas veja o que aconteceu!”

M.: “O senhor diz que se um menino segura a mão do pai, pode escorregar, mas ele não escorrega se o pai segura sua mão. Esta é exatamente a sua situação. A Mãe segurou sua mão.”

Mestre: "Encontrei Bamandas na casa de Viswases. Disse-lhe, 'Vim aqui para vê-lo.' Já estava de saída, quando ele me disse: 'Meu Deus! A Mãe Divina agarrou-o, como um tigre agarra um homem.' Naquela época eu era jovem, muito forte e permanecia o tempo todo em êxtase.

"Tenho muito medo das mulheres. Quando olho para uma, sinto como se uma tigresa estivesse vindo devorar-me. Além disso, acho que seu corpo, membros e mesmo os poros, são muito grandes. Isto faz com que eu as olhe como monstros. Já tive muito mais medo de uma mulher do que tenho agora. Não permitia a nenhuma aproximar-se de mim. Agora procuro convencer minha mente, de diversas maneiras, a considerar as mulheres como formas da Mãe Bem-aventurada.

"A mulher, sem dúvida, é parte da Mãe Divina, mas quando se trata de um homem, especialmente um sannyasi ou um devoto de Deus, ela deve ser evitada. Não permito que uma mulher se sente perto de mim, por muito tempo, não importa quão grande seja sua devoção. Depois de um certo tempo digo-lhe, 'Vá visitar os templos'. Se isso não fizer que ela se retire, eu mesmo deixo o aposento sob pretexto de fumar.

"Acho que há homens que não estão de jeito algum interessados em mulheres. Niranjan diz, 'Uma mulher jamais entra em meu pensamento.' Perguntei a Hari [4] sobre isso. Ele também diz que não pensa em mulher.

"A mulher monopoliza três quartos da mente, que devem ser dedicadas a Deus. E após o nascimento de um filho, quase toda a mente está consumida pela família. O que sobra para Deus?

"Assim também, há alguns homens que derramam a última gota de sangue, por assim dizer, para manter suas esposas sem preocupações. Há um porteiro, um velho, cuja esposa tem apenas quatorze anos. Ela tinha que viver com ele. Viviam numa cabana de palha com paredes feitas de folhas secas. As pessoas faziam buracos na parede para espiar. Agora ela abandonou-o e foi embora.

"Conheço outro homem. Não sabe onde acomodar sua esposa, houve um problema em casa e agora, ele está muito preocupado. Mas não vamos mais falar dessas coisas.

"Se um homem vive com uma mulher, não pode escapar de seu controle. Os homens mundanos levantam-se e sentam-se ao aceno das mulheres. Todos exaltam as esposas.

"Uma vez quis ir a um certo lugar. Perguntei à tia de Ramlal [5] a este respeito. Ela proibiu-me de ir; então eu não fui. Mais tarde disse a mim mesmo: 'Não sou chefe de família. Renunciei a 'mulher e ouro'. Se a despeito disso, esta é a minha condição, pode-se imaginar o quanto os homens mundanos são controlados por suas esposas."

M.: "Aquele que vive no meio de 'mulher e ouro' não pode deixar de ficar tocado por isto, mesmo que seja levemente. O senhor nos falou de Jaynarayan. Foi um erudito. Quando o senhor o visitou era um velho. Encontrou-o secando os travesseiros e colchões ao sol."

Mestre: "Mas ele não tinha vaidade de as erudição.. Além disso, o que ele falou sobre os últimos dias de sua vida, veio a acontecer. Passou-os em Benares, seguindo as prescrições das escrituras. Vi seus filhos. Usavam botas de cano e haviam sido educados em escolas inglesas."

Por meio de perguntas e respostas Shri Ramakrishna passou a explicar a M. seu próprio estado exaltado.

Mestre: "Primeiro fiquei totalmente louco. Por que estou menos louco agora? Entretanto às vezes volto a este estado."

M.: "O senhor não tem apenas um estado. Como o senhor mesmo disse, experimentava vários estados. Às vezes é como uma criança, às vezes com um louco, às vezes como uma coisa inerte, às vezes como um duende. E de vez em quando é uma pessoa normal."

Mestre.: "Sim, como uma criança, mas também experimento os estados de um menino e de um rapaz. Quando dou instrução sinto-me um rapaz. Então vem a infância: como um

[4] Mais tarde Swami Turyananda.
[5] Sua própria esposa.

menino de doze ou treze anos quero ser frívolo. É por isso que brinco e me alegro com os jovens.

"O que você pensa de Naran?"

M.: "Possui bons traços, senhor."

Mestre: "Sim, a casca da cabaça é boa. O tanpura feito dela dará um som agradável. Ele diz de mim: 'O Senhor é tudo.' Cada um fala de mim segundo seu entendimento. Alguns dizem que sou um simples sadhu, um devoto de Deus.

"Se eu proibir Naran de fazer qualquer coisa, ele compreenderá muito bem. Outro dia pedi-lhe para levantar a cortina, mas ele não o fez. Havia lhe proibido de dar um nó, coser suas roupas, fechar uma caixa, levantar a cortina e coisas assim. Ele entendeu tudo. Aquele que renunciar ao mundo, deve praticar todas essas disciplinas. São feitas para sannyasis.

"Ao praticar sadhana o homem deve olhar a mulher como um incêndio devastador numa floresta, ou uma cobra negra, mas no estado de perfeição, depois da realização de Deus, ela aparece como a Bem-aventurada Mãe. Você a considerará uma forma da Mãe Divina."

Alguns dias antes Shri Ramakrishna dissera muitas palavras de advertência a Narayan sobre as mulheres. Dissera: "Não se deixe tocar o ar perto do corpo de uma mulher. Cubra-se com um lençol grosso, senão o ar tocará seu corpo. Mantenha-se oito cúbitos, dois cúbitos ou mesmo um cúbito longe de todas as mulheres, exceto sua mãe."

Mestre (*a M.*): "A mãe de Naran disse-lhe a meu respeito, 'Até nós ficamos encantados ao vê-lo, não falando de você, uma simples criança.' Ninguém, a não ser o puro pode realizar Deus. Como Niranjan é puro!"

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "Você não observou naquele dia na carruagem, quando fomos a Calcutá? Ele é sempre o mesmo - sem malícia. Um homem mostra uma faceta de sua natureza dentro de casa, e outra, fora. Desde a morte do pai, Narendra preocupa-se com assuntos mundanos. É um pouco calculista. Como gostaria que outros jovens fossem como Niranjan e Narendra!

"Hoje fui à vila ver a representação teatral de Nilkantha. Foi realizada na casa de Nabin Niyogi. Ali as crianças são muito más: não fazem outra coisa a não ser criticar. Num lugar assim, uma pessoa de sentimento espiritual fica inibida. Durante uma representação, no outro dia, vi. Dr. Madhu derramando lágrimas. Olhei somente para ele.

(*A M.*): "O senhor pode me dizer por que as pessoas sentem-se tão atraídas por este lugar [referindo-se a si mesmo]? O que isto quer dizer?"

M.: "Isto me faz lembrar o episódio da vida de Krishna em Vrindavan. Krishna transformou-Se nos pastores e bezerros, por conseguinte, as vacas começaram a sentir-se mais fortemente atraídas para os pastores, gopis e bezerros."

Mestre.: "É a atração de Deus. A verdade é que a Mãe Divina cria o encantamento e é ela quem atrai as pessoas.

"Bem, não tantas pessoas vêm aqui como costumavam ir a Keshab Sen. E quantas pessoas respeitam e honram Keshab! É conhecido até na Inglaterra. A rainha Victoria conversou com ele. Está dito no *Gita* que o poder de Deus está manifestado naquele que é honrado e respeitado por muitos. Mas aqui não vem tanta gente."

M.: "Eram os chefes de família que iam a Keshab Sen."

Mestre: "Sim, é verdade. Pessoas de mentalidade mundana."

M.: Será que o que Keshab fundou perdurará por muito tempo?"

Mestre: "Ora, ele escreveu um samhita, um livro de regras para os membros do seu Brahmo Samaj."

M.: Mas é bem diferente de um trabalho feito pela Própria Encarnação Divina – o trabalho de Chaitanya, por exemplo."

Mestre: "Sim, sim. É verdade."

M.: "O senhor mesmo falou-nos que Chaitanya disse, 'As sementes que plantei, certamente darão frutos um dia ou outro.' Um homem deixou algumas sementes na cornija de uma casa. Mais tarde a casa ruiu e dessas sementes, cresceram árvores."

Mestre: "Muitas pessoas vão ao Brahmo Samaj fundado por Shivanath e seus amigos. Não é assim?"

M.: Sim, senhor. Pessoas assim."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, senhor. Pessoas de mentalidade mundana vão lá, mas muitas delas não anseiam por Deus e nem estão tentando renunciar a 'mulher e ouro'."

M.: "Será muito bom se uma corrente fluir deste lugar. Tudo será levado por esta força. Nada que sai deste lugar será monótono."

Mestre (*sorrindo*): "Mantenho intactos os ideais dos homens. Peço a um vaishnava que mantenha sua atitude vaishnava e a um shakta, a sua. Mas também digo a eles: 'Jamais pensem que só seu caminho é o certo e que o caminho dos outros é mau e cheio de erros.' Hindus, muçulmanos e cristãos vão em direção ao mesmo destino por diferentes caminhos. Pode-se realizar Deus seguindo seu próprio caminho, se sua prece for sincera.

"A sogra de Vijay disse-me: 'Por que o senhor não diz a Baburam que não é necessário adorar Deus com forma; que é suficiente orar ao Satchidananda sem forma?' Respondi-lhe: 'Por que eu deveria dizer-lhe isto, e por que ele me ouviria se eu lhe dissesse'?'

M.: É verdade, senhor. Há diferentes caminhos de acordo com o tempo, lugar e grau de amadurecimento do aspirante. Qualquer caminho que se siga, finalmente, alcançará Deus se ele for puro de coração e tiver anelo sincero. É o que o senhor diz."

Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento. Hari, parente dos Mukherjis, M., e outros devotos estavam no chão. Um desconhecido saudou o Mestre e sentou-se. O Mestre comentou mais tarde que seus olhos não eram bons. Eram amarelos, como os de um gato.

Hari preparou fumo para Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Hari*): "Deixe-me ver a palma de sua mão. Esta marca é um bom sinal. Relaxe a mão."

Pegou a mão de Hari como que para sentir o seu peso.

Mestre: "Ele ainda se parece com uma criança, contudo, não há qualquer defeito nele. Pela mão posso ver se uma pessoa é dissimulada ou pura. (*A Hari*) Ora, você deve ir à casa de seus sogro. Deve conversar com a esposa e divertir-se com ela, se quiser. (*A M.*) O que você me diz?"(*M. e todos riem*).

M.: "Se um jarro novo for danificado, não se pode mais guardar leite."

Mestre (*sorrindo*): "Como sabe que ele já não está danificado?"

Os dois Mukherjis, Mahendra e Priyanath eram irmãos. Não trabalhavam num escritório, mas tinham seu próprio moinho. Priyanath fora um engenheiro. Shri Ramakrishna falou com Hari a respeito dos irmãos Mukherjis.

Mestre: "O irmão mais velho é simpático, não é? É sem artimanhas."

Hari: "Sim, senhor."

Mestre: "O irmão mais novo não é muito avarento? Acho que desde que freqüenta aqui, melhorou muito. Uma vez disse-me: 'Antes não sabia nada.'(*A Hari*) Eles praticam caridade?"

Hari: "Não muito, do que pude observar. O irmão mais velho, agora morto, foi um homem muito bom. Era muito caridoso."

Mestre (*a M. e outros*): "Pode-se saber, por seus sinais físicos, em que grau uma pessoa fará ou não progresso espiritual. A mão de uma pessoa falsa é pesada. Nariz chato não é bom sinal. Sambhu tinha esse tipo de nariz; daí ele não ser muito sincero, apesar de toda sua sabedoria. Peito de pombo, também, não é bom sinal. Ossos duros e juntas dos cotovelos pesados são maus sinais, também, e os olhos amarelos como os de um gato.

"Um homem torna-se muito mesquinho se tiver lábios grossos, como um dome [6]. Durante alguns meses esteve aqui um brahmin, que trabalhou como sacerdote do templo de Vishnu. Eu não podia comer a comida que ele tocava. Um dia subitamente exclamei: 'Ele é dome!' Mais tarde ele me confessou: 'Sim, senhor. Vivemos em bairros domes. Sei fazer cestas de vime e outros artigos, como um dome.'

[6] Uma das castas mais baixas dos hindus.

"Há outros sinais físicos maus: caolhos e olhos vesgos. É melhor ter somente um olho do que olhos vesgos. Pessoas de olhos vesgos são dissimuladas e más.

"Um estudante de Mahesh Nyayaratna veio aqui. Considerava-se ateu. Disse a Hriday: 'Sou ateu. Você pode assumir a posição de um crente em Deus e discutir comigo.' Por isso observei-o de perto e reparei que os olhos eram amarelos como os de um gato.

"Pode-se também saber se uma pessoa é boa ou má pela sua maneira de caminhar."

Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, na varanda. M. e Baburam acompanharam-no.

Mestre (*a Hazra*): "Um homem veio aqui. Vi que seus olhos eram como os de um gato. Perguntou-me: 'O senhor conhece astrologia? Encontro-me em dificuldades.' Disse-lhe: 'Não, não conheço. Vá a Baranagore. Lá encontrará bons astrólogos'."

Baburam e M. falaram sobre a representação teatral de Nilkantha. Baburam havia passado a noite anterior no templo, depois de regressar da casa de Nabin Sen. De manhã havia assistido a representação de Nilkantha com o Mestre.

Mestre (*a M. e Baburam*): "De que estão falando?"

M. e Baburam: "Sobre a representação de Nilkantha."

Enquanto caminhava pela varanda, Shri Ramakrishna subitamente puxou M. a um canto e disse: 'Quanto menos uma pessoa souber dos seus pensamentos a cerca de Deus, melhor para você.' Dizendo estas palavras, o Mestre subitamente deixou-o. Algum tempo depois começou a conversar com Hazra.

Hazra: "Nilkantha disse que faria uma visita ao senhor. Seria melhor chamá-lo."

Mestre: "Não, ele não dormiu bem a noite passada. Será diferente se ele vier aqui pela vontade de Deus

Shri Ramakrishna pediu a Baburam para visitar Narayan em sua casa. Considerava narayan como o Próprio Deus, e assim ansiava vê-lo. O Mestre disse a Baburam: 'Você pode ir vê-lo com um dos seus manuais de inglês.'

Mais ou menos às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava sentado em seu aposento. Nilkantha chegou com cinco ou seis companheiros. O Mestre foi em direção à parte leste dar-lhe boas vindas. Os músicos inclinaram-se ante o Mestre, tocando o chão com a testa.

Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Baburam ficou atrás dele. M., Nilkantha e os músicos estavam diante dele, observando-os com grande admiração. Dinanath, um funcionário do templo, olhava do lado norte da cama. Logo o aposento encheu-se de funcionários do templo. O êxtase de Shri Ramakrishna diminuiu um pouco. Sentou-se numa esteira no chão, cercado por Nilkantha e outros devotos.

Mestre (*ainda em êxtase*): "Estou bem."

Nilkantha (*de mãos postas*): "Faça com que eu fique, também."

Mestre (*sorrindo*): "Ora, você está bem. Acrescentando a letra 'a' a 'ka', obtém-se 'ka'. Acrescentando-se um outro 'a' a 'ka'., ainda assim se obtém o mesmo 'ka''."(*Todos riem*).

Nilkantha: "Reverenciado senhor, estou enredado na mundanismo."

Mestre (*sorrindo*): "Deus mantém você no mundo para o bem dos outros. Há oito grilhões. Não se pode livrar-se deles todos. Deus conserva um ou dois para que ele possa viver no mundo e ensinar os outros. Você organizou esta companhia teatral. Quantas pessoas beneficiam-se ao ver sua bhakti! Se você abandonar tudo, então para onde estes músicos irão?

"Deus está agora fazendo todas essas obras por seu intermédio. Quando estiverem prontas, você não voltará a elas. A dona de casa termina seus afazeres domésticos, alimenta todos, incluindo os empregados e empregadas e, então, vai tomar seu banho. Não voltará nem mesmo se gritarem por ela."

Nilkantha: "Por favor, abençoe-me."

Mestre: "Yashoda ficou louca de pesar com a separação de Krishna. Foi ter com Radhika, que meditava. Radhika disse-lhe, em êxtase: 'Sou Prakriti Última, o Poder Primordial.

Peça-me uma graça.' Yashoda disse-lhe: 'O que vou lhe pedir? Por favor abençoe-me para que todo meu corpo, mente e fala possam pensar em Deus e servi-Lo; que. Com meus ouvidos, possa ouvir e cantar o nome e glórias de Deus; que, com minhas mãos, possa servir Hari e seus devotos; que com meus olhos, possa contemplar Sua forma e seus devotos.'

"Seus olhos encheram-se de lágrimas quando pronunciou o nome de Deus. Por que então, preocupar-se por alguma coisa? O Amor Divino cresceu em você.

"Saber muitas coisas é ajnana, ignorância. Saber somente uma coisa é jnana, conhecimento – a realização de que somente Deus é real e que mora em todos. Falar com Ele é vijnana, um Conhecimento mais pleno. Amar a Deus de diferentes modos, depois de realizá-Lo, é vijnana.

"Também está dito que Deus está além de um e dois. Está além da fala e mente. Subir de Lila para Nitya e descer novamente de Nitya a Lila, é bhakti madura.

"Gosto de sua canção sobre a aspiração de atingir os pës de Lótus da Mãe Divina. Basta saber que tudo depende da graça de Deus, mas deve-se orar a Deus; não basta permanecer inativo. O advogado apresenta todos os argumentos e acaba sua petição, dizendo ao juiz, 'Disse tudo que tinha a dizer. Agora a decisão fica com o Meritíssimo Juiz'."

Depois de alguns minutos, Shri Ramakrishna disse a Nilkantha: "Você cantou tanto de manhã, e agora teve o incômodo de vir aqui, mas aqui tudo é honorífico."

Nilkantha: "Por que isso?"

Metre (*sorrindo*): "Sei o que você vai dizer."

Nilkantha: "Vou obter uma pedra preciosa aqui."

Mestre: "Você já tem essa pedra preciosa. O que vai ganhar acrescentando novamente 'a' a 'ka'? Se você não tivesse a pedra, eu gostaria tanto de suas canções? Ramprasad atingiu a realização divina: é por isso que suas canções atraem tanto.

"Já havia planejado escutar sua música. Mais tarde Niyogi também veio convidar-me."

O Mestre estava sentado no divã pequeno. Falou a Nilkantha que gostaria de ouvir uma ou duas canções sobre a Mãe Divina.

Nilkantha cantou duas canções com seus companheiros. Quando o Mestre ouviu a segunda canção, levantou-se e entrou em samadhi. Logo começou a dançar em êxtase de amor divino, Nilkantha e os devotos cantaram e dançaram à sua volta. Logo Nilkantha entoou uma canção sobre Shiva, e o Mestre dançou com os devotos.

Quando terminaram, Sri Ramakrishna disse a Nilkantha, "Gostaria de ouvir aquela canção sua que ouvi em Calcutá."

M.: "Sobre Shri Gauranga?"

Mestre: "Sim, sim!"

Nilkantha cantou:"O belo Gauranga, o jovem dançarino dourado como ouro derretido."

Shri Ramakrishna cantava repetidamente o verso, "Tudo é varrido pelo ímpeto do amor" e dançou com Nilkantha e os outros devotos. Aqueles que viam aquela dança indescritível jamais poderiam esquecê-la. O quarto estava cheio de pessoas, todas intoxicadas de alegria divina. Parecia como se o próprio Chaitanya estivesse dançando com seus companheiros.

Manomohan estava em êxtase. Era um devoto de Shri Ramakrishna e cunhado de Rakhal. Muitas senhoras de sua família haviam vindo com ele. Da varanda norte observavam esta música e dança divinas.

Shri Ramakrishna cantou novamente, desta vez a respeito de Gauranga e Nityananda:

> Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Dançou com Nilkantha e outros devotos, improvisando o verso:

> Olhem, chegaram os dois irmãos que estão loucos com o amor de Radha.

Ouvindo a música alta, muitas pessoas juntaram-se em volta do quarto. As varandas norte e sul e o pórtico semicircular a oeste do aposento, estavam apinhados de gente. Mesmo os passageiros dos barcos ao longo do Ganges eram atraídos pelo kirtan.

A música terminou.. Shri Ramakrishna inclinou-se ante a Mãe Divina e disse, "*Bhagavata –Bhakta – Bhagavan.* Minhas saudações aos bhaktas."

O Mestre estava sentado no pórtico semicircular com Nilkantha e outros devotos. A lua do outono inundava todos os cantos com sua luz. Shri Ramakrishna e Nilkantha conversavam.

Nilkantha: "O senhor não é outro senão Gauranga."

Mestre: "Por que você diz isso? Sou o servo de todos. As ondas pertencem ao Ganges, mas será que o Ganges pertence às ondas?"

Nilkantha: "O senhor pode dizer o que quiser, mas o considero o próprio Gauranga."

Mestre (*afetuosamente, em êxtase*): "Meu caro senhor, tento buscar meu 'eu', mas não encontro. Hanuman disse: 'Ó Rama, às vezes penso que Tu és o Todo, e eu, uma parte, e às vezes que Tu és o Amo e eu, Teu servo, mas quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que Tu és eu, e eu sou Tu."

Nilkantha: "O que vou lhe dizer, senhor? Por favor seja misericordioso conosco."

Mestre (*sorrindo*): "Você está transportando muitas pessoas através do oceano do mundo. Quantos corações ficam iluminados ao ouvirem sua música!"

Nilkantha: "O senhor está falando de transportar, mas abençoe-me para que eu mesmo não afunde no oceano."

Mestre (*sorrindo*): "Se você tiver que afundar, vai ser no Mar da Imortalidade."

Shri Ramakrishna estava encantado com a companhia de Nilkantha.

Disse ao músico: "Vejam só, você veio aqui! Você a quem as pessoas vêem como resultado de muita austeridade e orações! Ouça uma canção." O Mestre cantou um hino do qual dois versos diziam:

> Quanto a Venturosa Mãe vem à minha casa, quanto Chandi escutarei!
> Quantos monges virão aqui, e quantos yogis de cabelo emaranhado!

Disse, continuando: "Já que a Mãe Divina veio aqui, muitos yogis de cabelos emaranhados virão aqui."

Shri Ramakrishna riu. Disse a M., Baburam e outros devotos: "Sinto muita vontade de rir. Imaginem, eu cantando para estes músicos!"

Nilkantha: "Vivemos por aí cantando, mas hoje tivemos nossa verdadeira recompensa."

Mestre (*sorrindo*): "Quando o dono de uma loja vende um artigo, às vezes dá algum brinde ao comprador. Você cantou na casa de Nabin e deu um brinde aqui." (*Todos riram*).

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 31

CONSELHO A ISHAN

Sábado, 11 de outubro de 1884

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado no pequeno divã, em seu aposento no templo de Dakshineswar. Eram mais ou menos duas horas da tarde. M. e Priya Mukherji estavam sentados no chão. M. havia deixado a escola a uma hora e trinta e acabara de chegar a Dakshineswar. O Mestre contava histórias a respeito da natureza calculista do abastado Jadu Mallick.

Mestre: "Uma vez fui à casa de Jadu Mallick e logo ele perguntou, 'Quanto custa o aluguel da carruagem?' Alguém lhe disse que eram três rupias e duas annas. Então ele também me perguntou a esse respeito. Em seguida, um dos seus empregados perguntou discretamente ao cocheiro, que lhe respondeu que eram três rupias e duas annas. (*Todos riem*). A isto ele correu para nós e disse: 'Quanto que o senhor disse que a corrida da carruagem era?'

Um corretor estava presente. Disse a Jadu: 'Há um pedaço de terra à venda em Burrabazar. Quer comprá-lo?' Jadu perguntou o preço e o corretor disse-lhe qual era. Jadu perguntou: 'O proprietário não venderá por menos?' Eu disse a Jadu: 'Ora, ora. Você não vai comprar a terra. Está apenas barganhando, não é?' Virou-se para mim e riu.

"Esta é a natureza do homem mundano. Quer que as pessoas venham a ele. Isto torna seu nome conhecido na praça.

"Jadu foi à casa de Adhar. Eu lhe disse que isto fizera Adhar muito feliz. Ele falou: 'O que? O que? Ficou realmente feliz?' Um certo Mallick veio à casa de Jadu. Era muito esperto e falso. Vi isto em seus olhos. Olhei para ele e disse: 'Não é bom ser esperto. O corvo é muito esperto, mas come as sujeiras dos outros.' Disse-lhe que ele estava completamente sem dinheiro. A mãe de Jadu ficou admirada e disse-me: 'Como o senhor sabia que ele não tinha um centavo?' Vi por sua aparência."

Narayan entrou no quarto e sentou-se no chão.

Mestre (*a Priyanath*): "Bem, seu Hari é um jovem maravilhoso."

Priyanath: "O que há de maravilhoso nele? Claro, tem uma natureza infantil."

Narayan: "Dirige-se à esposa como mãe."

Mestre: "O que! Nem eu posso fazer isto. Ele a chama de mãe! (*A Priyanath*) Veja, o rapaz é muito tranqüilo. Sua mente está dirigida a Deus."

Shri Ramakrishna mudou de assunto.

Mestre: "Sabem o que Hem disse? Falou a Baburam, 'Só Deus é real e tudo o mais ilusório.' (*Todos riem*) Ó, não! Ele disse isso sinceramente. Também me disse que me levaria à sua casa para cantar o kirtan, mas não o fez. Soube que mais tarde ele falou, 'O que as pessoas dirão se eu cantar com tambores e pratos?' Temia que pensassem que estava maluco.

"Haripada caiu nas garras de uma mulher da seita Ghoshpara. Não pode se livrar dela. Diz que ela o põe no colo e lhe dá comida na boca. Considera-o o Menino Krishna. Eu o preveni muitas vezes. Ela diz que o considera como seu filho, mas esta afeição maternal logo pode se degenerar em algo perigoso.

"Vejam, devem manter-se afastados de mulher pois, assim talvez possam realizar Deus. É extremamente prejudicial ter muita coisa a fazer com mulheres mal intencionadas, ou comer de suas mãos. Elas roubam a espiritualidade de um homem. Somente sendo extremamente cuidadoso com mulher, pode-se preservar o amor de Deus. Um dia Bhavanath, Rakhal e alguns jovens haviam cozido sua própria comida no templo. Estavam sentados comendo quando um Baul chegou, sentou-se junto deles e disse que queria comer. Eu disse que não havia comido o suficiente; se sobrasse alguma coisa, seria guardado para ele. Ficou zangado e foi embora. No dia de Vijay um homem permite que qualquer um lhe dê de comer com suas próprias mãos. Não é bom, mas pode-se comer da mão de um devoto puro de coração.

"Devem ser extremamente cuidadosos com mulheres. Mulheres falam da atitude de Gopala! Não prestem atenção a tais coisas. O provérbio diz, 'Uma mulher devora os três mundos.' Muitas mulheres, quando vêem jovens belos e saudáveis, preparam armadilhas para eles. Isto é o que elas chamam 'atitude de Gopala'.

"Aqueles que tem desapego desde a tenra juventude, aqueles que vagueiam anelando por Deus desde a infância, os que rejeitam toda vida mundana, pertencem a uma classe diferente. Pertencem a uma aristocracia sem mácula. Se desenvolvem renúncia verdadeira, mantêm-se pelo menos cinqüenta cúbitos longe de mulheres, senão seu estado espiritual seria destruído. Uma vez caindo nos laços de mulheres, não mais permanecem no nível dessa aristocracia sem mácula. Afastam-se dela e caem a um nível inferior. Os que praticam renúncia desde a tenra juventude pertencem a um nível muito alto. Seu ideal é muito puro. São imaculados.

"Como pode um homem conquistar a paixão? Deve assumir a atitude de uma mulher. Passei muitos dias como atendente de Deus. Vesti-me com roupas de mulher, pus jóias e cobri a parte superior de meu corpo com um lenço, exatamente como uma mulher. Colocando um lenço, fazia o culto vespertino ante a imagem. Como poderia ter mantido minha esposa comigo durante oito meses? Nós nos comportávamos como se fossemos donzelas da Mãe Divina. Não posso falar de mim como homem. Um dia estava em êxtase, quando minha esposa me perguntou, 'Como você me considera?' 'Como a Bem-aventurada Mãe', disse.

"Conhecem o verdadeiro significado do emblema de Shiva? É a adoração dos símbolos de paternidade e maternidade. O devoto adorando a imagem, ora, 'Ó Senhor, por favor faz que eu não nasça novamente neste mundo; que eu não tenha que passar pelo ventre de uma mãe.' "

Um tutor dos Tagores entrou no aposento com alguns meninos da família. Shri Ramakrishna continuou conversando.

Mestre (*aos devotos*): "Shri Krishna tem uma pena de pavão na cabeça. A pena leva o signo feminino cujo significado é que Krishna carrega Prakriti, o princípio feminino em Sua cabeça. Quando Krishna juntava-se ao círculo das gopis para dançar com elas, aparecia como mulher. É por isso que O vêem usando roupas de mulher na companhia das gopis. Somente quando um homem assumir a natureza de uma mulher estará habilitado a desfrutar de sua companhia. Assumindo a atitude de uma mulher pode jogar com ela e desfrutar de sua companhia, mas um homem deve ser extremamente cuidadoso nos primeiros estágios de sua disciplina espiritual. Deve viver longe de qualquer mulher. Não deve ficar muito próximo de uma, mesmo se ela for uma grande devota de Deus. Vejam, um homem não deve balançar o corpo enquanto estiver subindo no telhado; pode cair. Pessoas fracas têm que se segurar num corrimão, quando sobem os degraus.

"Mas é bem diferente quando se atinge a perfeição. Depois da realização de Deus, não há muito para um homem temer; tornou-se muito seguro. É importante para um homem, conseguir de algum modo, subir ao terraço. Depois disso, pode até dançar lá, mas não pode dançar nos degraus. Também, depois de chegar ao terraço, não necessita mais colocar de lado o que já haviam descartado antes. Verão que os degraus são feitos dos mesmos materiais – tijolos, cal e pó de tijolo – como o terraço. A mulher com a qual tiveram que ser tão cuidadosos no começo, lhes parecerá, depois da realização de Deus, a Própria Mãe Divina. Então vocês a adorarão como a Mãe Divina. Não a temerão tanto.

"O importante é tocar a 'vovó', como as crianças fazem no jogo de esconde-esconde. Depois poderão fazer o que quiserem.

"O homem, olhando para o exterior, vê o denso, nesse momento sua mente mora no annamayakosha, corpo denso. Em seguida vem o corpo sutil. Funcionando através do corpo sutil, a mente mora no manomayakosha e no vjnanamayakosha. Depois vem o corpo causal. Através do corpo causal a mente desfruta felicidade, mora no anandamayakosha. Este corresponde ao estado semiconsciente experimentado por Chaitanya. Por último a mente perde-se na Grande Causa. Desaparece e funde-se na Grande Causa. O que se experimenta depois disso não pode ser descrito em palavras. No seu estado mais interior de consciência, Chaitanya ex-

perimentou esta experiência. Sabem como é este estado? Dayananda descreveu-o dizendo, 'Venha aos apartamentos internos e feche a porta'. Nem todos podem entrar nessa parte da casa.

"Eu costumava meditar numa chama. Considerava a parte vermelha como a densa, a parte branca dentro da vermelha como sutil e a parte preta semelhante a um bastão, a mais interna de todas, como a causal.

"Por certos sinais pode-se dizer quando uma meditação está sendo corretamente praticada. Um deles é que um pássaro pode se sentar em sua cabeça, pensando que se trata de uma coisa inerte.

"Encontrei Keshab pela primeira vez numa reunião do Adi Samaj. Vários membros do Samaj estavam sentados na plataforma. Keshab estava no meio. Eu o vi imóvel como um pedaço de madeira. Apontando para Keshab, disse a Mathur Babu: 'Olhe! Aquela isca foi engolida por um peixe'. Por meio desse poder de meditação, ele alcançou o que desejava – nome, fama e assim por diante – pela graça de Deus.

"Pode-se meditar até mesmo de olhos abertos. Pode-se meditar até quando se está conversando. Tome o exemplo de um homem com dor de dente - "

Tutor dos Tagores: "Sim, senhor. Sei disso muito bem." (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Sim, mesmo quando o dente dói, ele cumpre todos os deveres, mas a mente está na dor. Assim também, pode-se meditar de olhos abertos, e também, enquanto conversa com os outros."

Tutor: "Um dos epítetos de Deus é 'Redentor dos Pecadores'. Essa é a nossa esperança. Deus é misericordioso."

Mestre: "Os Shikhs também diziam que Deus era misericordioso. Perguntei, 'Como Ele é misericordioso?' 'Bem', responderam. 'Ele nos gerou. Criou tantas coisas para nós, educou-nos para sermos homens e, a cada passo, nos protege do perigo.' A isto eu disse: 'Depois de nos gerar Deus cuida de nós e nos alimenta. Há mérito nisso? Suponhamos que tenham um filho. Esperam que outra pessoa. do outro lado da cidade, venha educá-lo?' "

Tutor: "Reverenciado senhor, um homem tem rapidamente sucesso na vida espiritual e outro, absolutamente nenhum. Como explica isto?"

Mestre: "A verdade é que um homem tem muito sucesso, devido às tendências herdadas de seus nascimentos anteriores. As pessoas pensam que ele alcançou a meta subitamente. Um homem bebeu um copo de vinho de manhã, que o tornou completamente bêbado. Começou a se comportar de forma inadequada. As pessoas ficaram espantadas de ver como ficou tão embriagado com apenas um copo. Mas uma outra disse: 'Ora, ele bebeu a noite inteira.'

"Hanuman queimou totalmente a cidade dourada de Lanka. Todos ficaram admirados como um simples macaco podia queimar uma cidade inteira, mas depois disseram, 'A verdade é que a cidade foi queimada pelos suspiros de Sita e pela ira de Rama.'

"Vejam Lala Babu[1].Tinha tanta riqueza. Poderia ter renunciado a ela assim, tão subitamente, sem as boas tendências dos seus nascimentos anteriores? E Rani Bhavani. Tanto conhecimento e devoção numa mulher!

"Em seu último nascimento, o homem é dotado de sattva. A mente é dirigida a Deus. Anseia por Deus. Retira a mente das coisas do mundo.

"Krishnadas Pal veio aqui. Achei-o cheio de rajas, mas deve-se dizer que ele observava os costumes hindus. Deixava os sapatos do lado de fora, antes de entrar num aposento. Depois de uma conversa, descobri que não tinha substância interior. Perguntei-lhe a respeito dos deveres do homem. Respondeu: 'Fazer bem ao mundo.' Eu disse, 'Quem é o senhor? Que bem fará ao mundo? Será o mundo algo pequeno, que o senhor pensa poder ajudar?' "

Narayan chegou e Shri Ramakrishna ficou feliz ao vê-lo. Fez Narayan sentar-se a seu lado no pequeno divã. Mostrou-lhe seu amor acariciando seu corpo e dando-lhe guloseimas. Perguntou afetuosamente a ele: "Quer um pouco de água?" Narayan estudava na escola de M. Em casa as pessoas batiam nele porque visitava Shri Ramakrishna. O Mestre disse-lhe, com

[1] Um famoso proprietário de terras de Bengala, que renunciou ao mundo em tenra idade e viveu em Mathura, como monge vaishnava.

um sorriso afetuoso. "É melhor usar um casaco de couro, para que as pancadas não lhe machuquem". Virando-se para Harish, o Mestre disse que gostaria de fumar.

Novamente dirigindo-se a Narayan, Shri Ramakrishna disse: "Aquela mulher que manteve um relacionamento artificial de mãe e filho com Haripada, esteve aqui no outro dia. Preveni Haripada muitas vezes. Ela pertence à seita de Ghoshpara. Perguntei-lhe se havia encontrado seu 'homem'. Disse que sim e mencionou o nome de um homem."

(*A M.*): "Ah! Nilkantha veio aqui outro dia. Que fervor espiritual tem! Disse que viria outro dia e cantaria para nós. Estão dançando por aí. Por que não vai ver? (*A Ramlal*) Não há óleo no aposento. (*Olhando para o jarro de óleo*) O empregado não o encheu."

Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, ora no aposento, ora na varanda sul. Parando no pórtico semicircular a oeste do seu quarto, olhava o Ganges.

Depois de um certo tempo, voltou para o quarto e sentou-se no pequeno divã. Já passava das três horas da tarde. Os devotos sentaram-se no chão. O Mestre em silêncio, de vez em quando, olhava para as paredes, onde estavam pendurados muitos quadros. À esquerda de Shri Ramakrishna estava o de Saraswati e mais além, um de Gaur e Nitai, cantando o kirtan com os devotos. Defronte do Mestre estavam quadros de Dhruva, Prahlada e Mãe Kali. Na parede à sua direita, havia outro quadro da Mãe Divina, Rajarajeshvari. Atrás dele, um quadro de Jesus Cristo levantando Pedro que se afogava. Subitamente Shri Ramakrishna virou-se para M. e disse: "Veja, é bom ter quadros de sannyasis e santos no quarto. Quando se levantar pela manhã, deve-se ver rostos de santos, em vez de rostos de outros homens. Pessoas com qualidades rajásicas têm quadros 'ingleses' em suas paredes - quadros de homens ricos, do rei, da rainha, do Príncipe de Gales e de homens e mulheres brancos, caminhando juntos. Isto mostra o temperamento rajásico delas.

"Adquire-se a natureza das pessoas em cuja companhia anda, portanto, até os quadros podem ser perniciosos. Assim também, um homem procura a companhia que deseja de acordo com sua natureza. Os paramahamsas mantêm junto a si, crianças de cinco a seis anos. Alcançando o estado de paramahamsa, um homem gosta da companhia de crianças. Como os paramahamsas, elas não estão sob o controle dos gunas - sattva, rajas e tamas.

"Olhando para as árvores, um homem desperta em seu coração a imagem de uma cabana onde um rishi pratica austeridade."

Um brahmin de Sinthi entrou no quarto e saudou Shri Ramakrishna. Havia estudado Vedanta em Benares. Era corpulento e sorridente.

Mestre: "Olá! Como vai você? Há muito tempo que não vem aqui."

Pundit (*sorrindo*): "Deveres mundanos, senhor. Como sabe, tenho pouco tempo livre."

O pundit sentou-se e o Mestre começou a conversar com ele.

Mestre: "Você passou muito tempo em Benares. Conte-nos o que viu lá. Fale-nos de alguma coisa a respeito de Dayananda."

Pundit: "Sim, eu o encontrei. O senhor também não foi?"

Mestre: "Sim, eu o visitei. Estava vivendo numa chácara na outra margem do Ganges. Naquele dia Keshab era esperado. Ele ansiava por Keshab como o pássaro chatak anseia pela chuva. Era um grande erudito e caçoava da língua bengali. Admitia a existência das Divindades, mas Keshab não. Dayananda costumava dizer: 'Deus criou tantas coisas. Não poderia Ele ter criado as Divindades?' Dayananda acreditava que a Realidade Última era sem forma. O Capitão estava repetindo o nome de Rama. Dayananda disse-lhe sarcasticamente, 'É melhor repetir "sandesh"!' "

Pundit: "Em Benares os pundits não mantinham grandes debates com Dayananda. Finalmente ficou sozinho com todos contra ele. Criaram-lhe uma situação tão difícil, que ele pensou que o único caminho de se salvar era ir embora. Todos os pundits gritaram a uma só voz, 'Tudo o que Dayananda disse deve ser desprezado!'

"Vi também o Coronel Olcott. Os teosofistas crêem na existência de mahatmas e falam de planos 'lunar, 'solar', estelar' e outros. Um teosofista vai no seu corpo astral' a todos esses planos. Ó, Olcott disse muitas dessas coisas. Bem, senhor, o que pensa da Teosofia?"

Mestre: "A única coisa essencial é bhakti, devoção amorosa a Deus. Os teosofistas procuram bhakti? Se assim o fazem são bons. Se a Teosofia leva à realização de Deus, a meta da vida, é boa. Uma pessoa não pode procurar Deus se estiver ocupado o tempo todo com mahatmas, planos lunar, solar e estelar. Deve-se praticar sadhana e orar a Deus com o coração anelante, pelo amor de Seus Pés de Lótus. Deve-se dirigir a mente somente a Deus; retirando-a dos vários objetos do mundo."

O Mestre cantou:

> Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?
> Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro.
> Ele é realizado através do amor: como pode pensar n'Ele sem isso? ...
> E, para alcançar esse amor, os poderosos yogis vêm praticando yoga através dos tempos;
> Quando o amor desperta, o Senhor, como um ímã, atrai a alma para Ele.

Continuando, o Mestre disse: "Pode-se falar das escrituras, de filosofia, de Vedanta, mas não encontrará Deus em nenhum. Não será bem sucedido na realização de Deus, a não se que se torne ansioso por Ele.

> Somente por meio da afirmação, jamais da negação, pode-se conhecê-Lo.
> Nem por meio dos Vedas, nem pelos Tantras, nem pelas seis darshanas.
> É somente no elixir do amor que Ele Se deleita, Ó mente;
> Ele mora nas profundezas mais interiores do corpo, em Felicidade Perene.

"Deve-se ser muito sincero com Deus. Ouça outra canção:

> Podem todos ter a visão de Radha? Podem todos provar seu amor?
> Este, o maior tesouro de todos, nenhuma riqueza terrena pode comprar;
> Sem devoções e sadhana ninguém pode jamais obtê-lo.
>
> A gota de chuva caindo nas profundezas, quando Svati brilha no céu,
> É transformada dentro da concha da ostra numa pérola inestimável.
> Pode essa pérola formar-se da chuva que cai em outras ocasiões?
>
> Mães com suas crianças nos braços, podem acenar para a lua
> Para que ela deixe o céu e venha para elas; mas apenas as crianças são enganadas.
> Pode a lua alguma vez sair do céu e vir morar na terra?

"Deve-se praticar intensa disciplina espiritual. Pode alguém obter visão de Deus, de repente, sem qualquer preparação?"

"Um homem perguntou-me: 'Por que não vejo Deus?' Disse-lhe: 'Você quer pegar um peixe grande. Primeiro faça os preparativos. Jogue a isca condimentada na água. Consiga uma linha e uma vara. Com o cheiro da isca, o peixe virá do fundo da água. Pelo movimento da água, saberá se veio um peixe grande.

"Você quer comer manteiga, mas o que alcançará se apenas repetir que há manteiga no leite? Deve trabalhar bastante. Somente então poderá separar a manteiga do leite. Pode-se ver Deus apenas repetindo 'Deus existe?' É necessária a sadhana.

"A Própria Mãe Divina praticou austera sadhana para servir de exemplo à humanidade. Shri Krishna não é outro senão Brahman Último e também, praticou sadhana, para servir de exemplo aos homens.

"Shri Krishna é Purusha e Radha, Prakriti, a Chitshakti, a Adyashakti. Radha é Prakriti, a personificação dos três gunas, sattva, rajas e tamas. À medida que se remove as camadas da cebola, veremos vestígios tanto de negro como de vermelho, depois somente vermelho e no final, apenas o branco. As escrituras vaishnavas falam de 'Kam-Radha', 'Prem-Ra-

dha' e 'Nitya-Radha'. Chandravali é Kam-Radha, e Srimati é Prem-Radha. Nanda viu Nitya-Radha ao segurar Gopala em seus braços [2].

"O Brahman da Vedanta e a Chitshakti são idênticos, como água e sua umidade. Ao pensar em água, deve-se pensar também, na umidade. Ou é como a cobra e seu movimento sinuoso. No momento em que se pensar na cobra, deve-se também, pensar no seu movimento sinuoso, e no momento que pensar no movimento sinuoso deve-se pensar também na cobra. Quando chamo a realidade Última de Brahman? Quando Ela está sem ação ou desapegada da ação. Quando um homem veste uma roupa, continua o mesmo homem que era quando estava nu. Estava nu, agora está vestido e pode ficar nu novamente. Há veneno na cobra, mas ele não lhe faz mal. É veneno para quem é mordido pela cobra. O Próprio Brahman não está ligado.

"Nomes e formas são apenas manifestações do poder de Prakriti. Sita disse a Hanuman: 'Meu filho, numa forma sou Sita, noutra sou Rama. Numa forma sou Indra, noutra Indrani. Numa forma sou Brahma, noutra Brahmani. Numa forma sou Rudra, noutra Rudrani[3]. Quaisquer que sejam os nomes e formas que se vê, elas são somente manifestações do poder de Chitshakti. Tudo é poder de Chitshakti – até a meditação e aquele que medita. Enquanto sentir que estou meditando, estou dentro da jurisdição de Prakriti. (*A M.*) Procure assimilar o que eu disse. Deve-se ouvir o que os Vedas e os Puranas dizem, para aplicar na vida diária.

(*Ao pundit*): "Às vezes é bom viver na companhia dos santos. A doença do mundanismo tornou-se crônica no homem. Fica mitigada a um ponto bem intenso, na companhia santa.

" 'Eu' e 'meu'—significam ignorância. O verdadeiro conhecimento faz uma pessoa sentir: 'Ó Deus, Tu somente fazes tudo. Tu somente és meu. A Ti somente pertencem casas, edifícios, família, parentes, amigos, o mundo inteiro. Tudo é Teu, mas a ignorância faz uma pessoa sentir: 'Estou fazendo tudo; sou aquele que faz. Casa, edifícios, família, filhos, amigos e propriedade são todos meus.'

"Um dia um instrutor estava explicando tudo isto a um discípulo. Disse, 'Somente Deus, ninguém mais, é seu.' O discípulo disse: 'Mas reverenciado senhor, minha mãe, minha esposa e meus outros parentes cuidam muito bem de mim. Só vêem escuridão quando não estou presente. Como me amam!.' O instrutor disse: 'Você está enganado. Eu lhe mostrarei logo que ninguém é seu. Leve alguma dessas pílulas com você. Quando chegar em casa, engula-as e deite-se. As pessoas pensarão que morreu, mas você permanecerá consciente do mundo exterior, ouvirá e verá tudo. Depois irei à sua casa.

"O discípulo seguiu as instruções. Tomou as pílulas e deitou-se como se estivesse inconsciente. A mãe, esposa e outros parentes começaram a chorar. Logo o instrutor chegou, disfarçado de médico, e perguntou a causa do pesar. Quando contaram tudo, disse-lhes: 'Aqui está um remédio que o trará de volta à vida, mas devo dizer-lhes uma coisa. Este remédio deve ser em primeiro lugar, tomado por um dos seus parentes e depois, ser dado a ele, mas o parente que o tomar pela primeira vez, morrerá. Vejo aqui sua mãe, esposa e outros. Certamente um de vocês será voluntário para tomar o remédio, e então o jovem voltará à vida.'

"O discípulo ouviu tudo. Primeiro o médico chamou sua mãe, que chorava e rolava no chão de tristeza. Disse-lhe: 'Mãe, a senhora não precisa chorar mais. Tome o remédio e seu filho voltará à vida, mas a senhora morrerá.' A mãe pegou o remédio e começou a pensar. Depois de muita reflexão, disse ao médico, com lágrimas nos olhos, 'Meu filho, tenho outros filhos. Devo pensar neles também. Fico imaginando o que acontecerá a eles se eu morrer. Quem os alimentará e tomará conta deles?' O médico em seguida, chamou a esposa e pôs o remédio em sua mão. Ela também havia chorado amargamente. Com o remédio na mão, também começou a refletir. Havia ouvido que deveria morrer pelo efeito do remédio. Finalmente, com lágrimas nos olhos, disse: 'Ele encontrou o seu destino. Se eu morrer, o que acontecerá com meus filhinhos? Quem os manterá vivos? Como posso tomar o remédio?' Neste ínterim,

---

[2] Kam-Radha, cheia de poder de sedução, é o primeiro aspecto de Radha; Prem-Radhaa, cheia de amor divino, é seu segundo aspecto; Nitya-Radha é seu terceiro aspecto, como o Poder Primordial Eterno. Chandravali, uma das gopis, tinha uma atitude licenciosa em relação a Shri Krishna. Srimati é outro nome de Radhika, a mais importante das gopis. Nanda foi o pai adotivo de Shri Krishna.

[3] Indrani, Brahmani e Rudrani são as Consortes ou Poderes de Indra, Brahma e Rudra.

terminou o efeito do remédio. Convencera-se de que ninguém era realmente seu. Pulou da cama, e deixou o lugar com seu instrutor. O guru disse-lhe: 'Só há um que pode chamar de seu, e este é Deus.'

"Portanto, deve-se agir de tal maneira que se tenha bhakti pelos Pés de Lótus de Deus e amá-Lo como seu muito íntimo. Veja este mundo à sua volta. Existe para você somente por alguns dias. Não significa nada."

Pundit (*sorrindo*): "Reverenciado senhor, sinto uma total renúncia quando estou aqui. Sinto como que indo embora, abandonando o mundo."

Mestre: "Não, não! Por que abandoná-lo? Abandone-o mentalmente. Viva no mundo com desapego.

"Surendra queria passar a noite aqui ocasionalmente. Trouxe a cama e chegou a passar um ou dois dias aqui, mas a esposa disse-lhe: 'Você pode ir em qualquer lugar que quiser durante o dia, mas a noite não deve sair de casa.' O que o pobre Surendra podia fazer? Agora não tem jeito de passar a noite fora de casa.

"O que se alcançará com simples raciocínio? Fique inquieto por Deus e aprenda a amá-Lo. Raciocínio, simples conhecimento intelectual, é como um homem que pode ir somente até o pátio externo da casa, mas bhakti é como a mulher que pode entrar no pátio interno.

"Deve-se tomar uma atitude definida em relação a Deus. Somente então poderá realizá-Lo. Rishis como Sanaka, preferiram a atitude de santa; Hanuman a de um servo; os pastores de Vrindavan, como Sridama e Sudama, a atitude de um amigo; Yashoda a atitude de mãe; e Radha, a atitude de uma mulher apaixonada.

"'Ó Deus, Tu és o Amo e eu, Teu servo' é a atitude de servo, boa para os aspirantes."

Pundit: "Sim, senhor."

O pundit de Sinthi saiu. Já estava escuro. O crepúsculo espalhava-se pelo Panchavati, pelos templos e pelo rio. O culto vespertino começou nos diversos templos, acompanhado pelo som de sinos, gongos e conchas. Em seu quarto, Shri Ramakrishna inclinou-se ante as imagens das divindades. Estava sentado no pequeno divã, em êxtase. Alguns devotos estavam sentados no chão. Havia silêncio em todo ambiente.

Passou uma hora. Ishan e Kishori entraram e sentaram-se no chão, depois de saudarem Shri Ramakrishna. Ishan gostava muito de rituais. Dedicava-se ao cumprimento de vários ritos e cerimônias prescritas pelas escrituras. O Mestre começou a conversar:

Mestre: "Pode alguém alcançar o conhecimento de Deus simplesmente repetindo a palavra 'Deus'? Há dois indícios desse conhecimento. Primeiro, anelo, isto é, amor a Deus. Podem permitir-se ao raciocínio ou discussão, mas se não sentir anelo ou amor, tudo é inútil. Segundo, o despertar da Kundalini. Enquanto a Kundalini estiver adormecida, não se atingirá o conhecimento de Deus. Pode-se passar horas estudando livros ou discutindo filosofia, mas se não houver inquietude interior por Deus, não se terá conhecimento d'Ele.

"Quando a Kundalini desperta, alcança-se bhava, bhakti, prema e assim por diante. É o caminho da devoção.

"O caminho de karma [4] é muito difícil. Por meio dele obtém-se alguns poderes – quero dizer, poderes ocultos."

Ishan: "Deixe-me ir ver Hazra.

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio. Depois de um certo tempo Ishan voltou ao quarto, acompanhado de Hazra. O Mestre ainda estava em silêncio. Algum tempo mais tarde, Hazra murmurou para Ishan: "Vamos deixá-lo sozinho. Talvez vá meditar agora." Ambos deixaram o aposento.

Shri Ramakrishna permanecia em silêncio. Depois de algum tempo os devotos observaram que realmente ele estava meditando. Logo fez japa. Colocou a mão direita na cabeça, em seguida na testa, depois no coração, e por fim, no umbigo. Estaria meditando na Energia Primordial, nos seis centros do corpo?

---

[4] Aqui significando ritos e rituais religiosos.

Ishan e Hazra foram ao templo de Kali. Shri Ramakrishna estava absorvido na meditação. Neste ínterim, chegou Adhar. Eram mais ou menos sete e meia.

Um pouco mais tarde o Mestre foi ao templo de Kali. Olhou para a imagem, tirou algumas flores dos pés da Mãe e colocou-as na cabeça. Prosternou-se ante a Mãe e andou em volta da imagem. Agitou o chamara. Parecia tomado de fervor divino. Saindo, encontrou Ishan fazendo o sandhya com o koshakushi.

Mestre (*a Ishan*):"Como? Ainda está aqui? Continua fazendo o sandhya? Ouça:

> Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas,
> Enquanto puder dar meu último suspiro com o nome de Kali nos lábios?
> Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoções
> Se ele repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas?
> Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais.
> Caridade, voto, oferendas não mais atraem a mente de Madan;
> Os Pés de Lótus da Abençoada Mãe são sua única oração e sacrifício. ...

"Por quanto tempo deve um homem continuar com o sandhya? Enquanto não desenvolver amor pelos Pés de Lótus de Deus, enquanto não derramar lágrimas e os cabelos não se eriçarem, ao repetir o nome de Deus:

> Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação;
> Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,
> Descartei, uma vez por todas, tanto dharma como adharma.

"Quando o fruto cresce, a flor cai. Quando uma pessoa tiver desenvolvido amor por Deus e contemplado-O, abandona o sandhya e outros ritos. Quando a jovem nora está grávida, a sogra reduz suas atividades. Quando está de nove meses, não lhe permitem fazer trabalho doméstico. Depois do nascimento do bebê, somente o carrega nos braços e o amamenta. Não tem qualquer outro dever. Depois de alcançar Deus, o sandhya e outros ritos são abandonados.

"Não se pode alcançar nada num passo lento. Necessita de forte renúncia. Pode alcançar alguma coisa considerando quinze meses como um ano? Você parece não ter força e nenhuma energia. É tão mole quanto arroz mergulhado no leite. Levante-se e aja! Prepare-se!

"Não gosto desta canção:

> Irmão, alegremente agarre-se a Deus;
> Assim lutando, poderá algum dia alcançá-Lo.

"Não dou importância ao verso, 'Assim lutando, poderá algum dia alcançá-Lo'. Você necessita de forte renúncia. Digo a mesma coisa a Hazra.

"Você me pergunta porque não sente forte renúncia. É porque tem desejos e tendências dentro de si. O mesmo aplica-se a Hazra. Em nossa terra natal, vi camponeses levando água para os campos de arroz. Os campos têm sulcos baixos em todos os lados para impedir que a água se escoe, mas eles são feitos de barro e muitas vezes há buracos aqui e ali. Os camponeses matam-se de trabalhar para trazer a água que se escoa pelos buracos. Desejos são buracos. Você pratica japa e austeridade, não há dúvida, mas escoam-se pelos buracos dos desejos.

"Pega-se peixe com uma armadilha de bambu. O bambu é naturalmente reto. Mas por que está curvado na armadilha? Para apanhar o peixe. Desejos são como o peixe, portanto, a mente curva-se ante o mundo. Se não houver desejos, ela olha para cima, para Deus.

"Sabe como é? É como as agulhas de uma balança. Devido ao peso de 'mulher e ouro', as duas agulhas não se alinham. É 'mulher e ouro' que afasta o homem do caminho da yoga. Já observou a chama de uma vela? O menor vento a faz oscilar. O estado de yoga é como a chama de uma vela, num lugar sem vento.

"A mente está dispersa. Parte dela foi a Dacca, parte para Delhi e uma outra para Coochbehar. Tem que ser recolhida, deve ser concentrada num único objeto. Se você quiser um tecido no valor de dezesseis annas, então tem que pagar as dezesseis annas ao comerciante. A yoga não é possível se houver o menor obstáculo. Se houver a menor ruptura no cabo telegráfico, as notícias não podem ser transmitidas.

"Você está no mundo, e daí? Tem que entregar o fruto de sua ação a Deus. Não deve procurar qualquer resultado para si mesmo, mas anote uma coisa. Desejo por bhakti não pode ser chamado desejo. Pode-se desejar bhakti e orar por ela. Pratique tamas da bhakti e force seu pedido à Mãe Divina.

> Esta ação judicial amargamente contestada entre a Mãe e Seu filho –
> Que jogo é! Diz Ramprasad. Não cessarei de Te atormentar
> Até que Tu mesma deixes a luta e por fim, me tomes em Teus braços.

"Trailokya uma vez comentou: 'Como nasci na família, tenho direito à parte da propriedade.'

"Deus é Tua mãe. É Ela madrasta? É um relacionamento artificial? Se você não puder impor seu pedido a Ela, a quem irá impor? Diga-Lhe:

> Mãe, sou Tua criança de oito meses? [5] Teus olhos vermelhos não podem me assustar!
> Um ato de concessão seguro em meu peito, confirmado pelo Teu marido Shiva;
> Vou processar-Te, se devo, e com uma simples delegação, ganharei.

"Deus é sua própria Mãe. Imponha seu pedido. Se você for parte de uma coisa, sentirá sua atração. Devido à presença da Mãe Divina em mim, sinto-me atraído para Ela. Um verdadeiro shaiva tem algumas características de Shiva; tem em si alguns dos elementos de Shiva. Aquele que é um verdadeiro vaishnava está dotado de alguma semelhança com Narayana.

"Atualmente você não tem que atender a deveres mundanos. Passe alguns dias pensando em Deus. Já viu que não há nada no mundo."

O Mestre cantou:

> Lembre-se disso, Ó mente! Ninguém é seu:
> Vão é seu perambular neste mundo.
> Presa na armadilha sutil de maya como você está,
> Não se esqueça do nome da Mãe.
>
> Apenas um dia ou dois, os homens lhe prestarão homenagem na terra
> Como senhor e amo. Logo, também
> Aquela forma tão venerada agora, deve ser abandonada,
> Quando a Morte, a Senhora, apanhar você.
>
> Mesmo sua amada esposa, para quem você vive,
> E se aflige até quase morrer.
> Não irá com você; ela também lhe dirá adeus,
> E se afastará de seu cadáver, com se fosse uma coisa ruim.

Continuando o Mestre disse: "O que são estas coisas com as quais você se ocupa – esta arbitragem e liderança? Ouvi dizer que resolve as brigas entre as pessoas e que elas o nomeiam árbitro. Há muito tempo você vem fazendo este tipo de trabalho. Deixe que as pessoas que se importam com estas coisas, as façam. Agora dedique a mente cada vez mais aos Pés de Lótus de Deus. De acordo com o dito: 'Ravana morreu em Lanka e Behula chorou amargamente por ele [6] !'

---

[5] Uma criança prematura é geralmente, fraca e medrosa.

[6] Ravana e Behula eram duas pessoas que não se conheciam, tendo vivido separadas no tempo e espaço.

"Sambhu também dizia: 'Vou construir hospitais e dispensários.' Era um devoto de Deus. Eu lhe disse: 'Quando vir Deus você lhe pedirá hospitais e dispensários?'

"Keshab Sen perguntou-me: 'Por que não vejo Deus?' disse-lhe, 'Você não vê Deus porque se ocupa com coisas como nome e fama e erudição.' A mãe não vem a seu filho, enquanto ele se ocupa com o brinquedo – um brinquedo vermelho, mas quando depois de alguns minutos, o joga fora e chora, a mãe tira a panela de arroz do fogão e vem correndo até ele.

"Você está ocupado em arbitragem. A Mãe Divina diz para Si mesma: 'Meu filho está ocupado agora com arbitragem e está muito feliz. Deixe-o ficar.'

Nesse meio tempo, Ishan estivera segurando os pés de Shri Ramakrishna. Disse humildemente: "Não é por minha vontade que faço essas coisas."

:Mestre: "Eu sei. É o jogo da Mãe Divina.—Sua Lila. É a vontade da Grande Encantadora que muitos fiquem enredados no mundo. Sabe como é?

Quantos são os barcos, Ó mente,
Que flutuam no oceano deste mundo!
Quantos são os que afundam!

Novamente:

Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo, ficam livres;
E Tu ris e bates palmas, Ó Mãe, observando-os!

Somente um ou dois em cem mil obtêm liberação. O resto fica enredado pela vontade da Mãe Divina.

"Já viu o jogo de esconde-esconde? É a vontade da 'vovó' que o jogo continue. Se todos a tocarem e ficarem livres, o jogo acaba. Portanto, não é Sua vontade que todos a toquem.

"Veja, nos grandes armazéns de grãos, os comerciantes guardam o arroz em grandes pilhas que tocam o teto. Além disso, há pilhas de lentilhas. A fim de proteger os grãos dos camundongos, os comerciantes mantêm bandeja com arroz tostado e açucarado. Os camundongos gostam do cheiro e do gosto doce, e ficam junto das bandejas. Não comem as grandes pilhas de grãos. De maneira semelhante, os homens são iludidos por 'mulher e ouro', não sabem onde Deus está.

"Rama disse a Narada, 'Peça-Me uma graça.' Narada disse, 'Ó Rama será que preciso de alguma coisa? O que vou pedir-Te? Mas se Tu tens que me conceder uma graça, concede-me que eu tenha amor desinteressado por Teus Pés de Lótus, e que eu não possa ser iludido por Tua maya sedutora.' Rama disse, 'Narada, peça-me outra coisa.' Narada novamente respondeu: 'Ó Rama, nada mais desejo. Sê misericordioso comigo, e vê que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus'

"Eu orava à Mãe Divina: 'Ó mãe, não quero nome nem fama, nem os oito poderes ocultos. Não quero uma centena de poderes ocultos. Ó Mãe, não tenho desejo pelos confortos materiais. Por favor, Mãe, concede-me a graça de que eu tenha puro amor por Teus Pés de Lótus.'

"Está dito no *Adhyatma Ramayana* que Lakshmana perguntou a Rama: 'Rama, em quantas formas e estados Tu existes? Como poderei reconhecer-Te?' Rama respondeu: 'Irmãos, lembre-se disso. Pode estar certo de que estou onde você encontra manifestação de amor espiritual.' Esse amor faz uma pessoa rir e chorar, dançar e cantar. Se alguém desenvolveu este amor, pode-se ter como certo que o Próprio Deus está manifestando-Se ali. Chaitanyadeva alcançou este estado."

Os devotos enfeitiçados, escutavam Shri Ramakrishna. Suas palavras inflamadas entravam em suas almas, empurrando-os ao longo do caminho de renúncia.

Agora falou a Ishan, com uma voz séria.

Mestre: "Não se esqueça de si mesmo ao ouvir seus aduladores. Aduladores juntam-se em volta de um homem. Abutres juntam-se em volta da carniça de uma vaca.

"As pessoas mundanas não possuem substância em si mesmas. São como uma pilha de esterco. Os bajuladores chegam e dizem: 'Vocês são tão caridosas e sábias! São tão piedosas! Estas não são simples palavras, mas bambus pontiagudos dirigidos a elas. Que tolice! Estar cercado dia e noite por um bando de pundits brahmins mundanos e ouvir sua bajulação!

"Os homens mundanos são escravos de três coisas: das esposas, do dinheiro e dos patrões. Podem ter substância interior? Há uma certa pessoa de quem não direi o nome que ganha oitocentos rupias por mês, mas é escravo da esposa. Levanta-se ou senta-se a seu aceno.

"Arbitragem e liderança? Que insignificantes são! Caridade e fazer bem aos outros? Você já teve o suficiente. Aqueles que têm que se dedicar a essas coisas, pertencem a uma classe diferente. Agora o momento está propício para que você dedique a mente aos Pés de Lótus de Deus e realize Deus, então, terá tudo o mais. Primeiro Deus, depois caridade, fazer bem aos outros, fazer bem ao mundo e redimir pessoas. Por que tem que se preocupar com essas coisas. 'Ravana morreu em Lanka e Behula chorou por ele amargamente!'

"Este é o seu problema. Seria muito bom que um sannyasi, que renunciou ao mundo, lhe desse alguma instrução espiritual. Conselho de uma pessoa mundana não será bom, seja ela um pundit brahmin, ou qualquer outra pessoa.

"Enlouqueça! Enlouqueça com o amor de Deus! Deixe que todos saibam que Ishan está louco e que não pode mais cumprir os deveres mundanos. Então as pessoas não mais virão a você por liderança e arbitragem. Ponha de lado o koshakushi e justifique seu nome Ishan[7]."

Ishan citou:

> 'Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento ou raciocínio?

Mestre: "Louco! É essa a coisa! Shivanath certa vez disse que uma pessoa 'perde a cabeça' se pensar em Deus. 'Como?' eu disse, 'Pode Alguma vez alguém ficar inconsciente pensando na Consciência? Deus é da natureza de Eternidade, Pureza e Consciência. Por meio de Sua Consciência, uma pessoa torna-se consciente de tudo; por meio de Sua inteligência, o mundo inteiro parece inteligente.' Shivanath disse que alguns europeus haviam ficado loucos, que haviam 'perdido a cabeça' ao pensar muito em Deus. No caso deles pode ser verdade, pois pensam em coisas mundanas. Há um verso numa canção, 'Fervor divino enche meu corpo e rouba minha consciência.' A consciência aqui referida, é a consciência do mundo exterior."

Ishan estava sentado, tocando os pés de Shri Ramakrishna e ouvindo suas palavras. De vez em quando lançava um olhar na imagem de basalto de Kali. À luz do lampião, Ela parecia estar sorrindo. Era como se a Divindade viva, manifestando-Se através da imagem, estivesse encantada com as palavras do Mestre, santas como as palavras dos Vedas.

Ishan (*apontando para a imagem*): "Essas palavras saídas de seus lábios sagrados, realmente saíram de lá."

Mestre: "Sou a máquina e Ela, o operador. Sou a casa, e Ela, o morador. Sou o carro, e Ela, o Condutor. Movo-me como Ela me faz mover; falo como Ela fala através de mim. No Kaliyuga não se ouve a voz de Deus, dizem, exceto pela boca de uma criança ou de um louco.

"Um homem não pode ser guru. Tudo acontece pela vontade de Deus. Pecados hediondos – pecados de muitos nascimentos - e ignorância acumulada, todos desaparecem num piscar de olhos, pela graça de Deus. Quando a luz entra num aposento que foi mantido na escuridão por mil anos, remove a escuridão de mil anos pouco a pouco, ou imediatamente? Naturalmente ao simples aparecimento da luz, toda escuridão desaparece.

"O que um homem pode fazer? Pode falar muitas palavras, mas depois que tudo for dito e feito, tudo fica com Deus. O advogado diz, 'Eu disse tudo que poderia ter dito. Agora, o veredicto fica com o juiz."

---

[7] Um epíteto de Shiva renunciante.

"Brahman é sem ação. Quando Ele está empenhado na criação, preservação e dissolução, é chamado Poder Primordial., Adyashakti. Este Poder deve ser propiciado. Não sabe que isto está escrito no *Chandi*? Os deuses primeiro cantaram um hino à Adyashakti, a fim de propiciá-La. Só então Hari despertou-Se do sono da yoga."

Ishan: "Sim, senhor, Brahman e outros deuses cantaram este hino por ocasião da morte dos demônios Mashu e Kaitabha:

> Svaha, Vashat e Svadha são Tu [8]; Tu e Eu interior do mantra;
> Tu o Néctar de Imortalidade, Ó Uno Duradouro.
> Eterno cujo nome não pode ser pronunciado és Tu e, contudo, Tu estás manifesto.
> Nos três matras[9] e meio matra[10]
>
> Ó Deusa, Tu és Savitri[11]; Tu és a Mãe Última;
> Todas as coisas têm apoio em Ti, por quem este universo foi feito.
> Ó Deusa, Tu sustentas tudo, e tudo por Ti é devorado.
>
> Tu és Aquilo que chamamos o Criador, quando Tu criaste o mundo.
> Ó Personificação da criação!
> Tu és O que chamamos Preservador, quando Tu o conservas;
> Tu és O que chamamos Destruidor, quando Tu o destróis.

Mestre: "Mas você deve assimilar isto."

O Mestre levantou-se e subiu a plataforma defronte ao santuário e saudou a Mãe, tocando o chão com a testa. Os devotos rapidamente juntaram-se à sua volta e caíram a seus pés. Todos imploraram sua graça. Ele desceu da plataforma e dirigiu-se para o quarto, conversando com M. Primeiro, cantou:

> Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e liberação;
> Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman.
> Descartei, uma vez por todas, tanto o Dharma como o Adharma.

O Mestre continuou: "Você conhece o significado de dharma e adharma? Neste caso dharma significa atos religiosos prescritos pelas escrituras, tais como caridade, shraddha, alimentar os pobres e assim por diante.

"A execução deste dharma é chamada caminho de karma. É um caminho difícil pois é muito difícil agir sem interesse pessoal. Por esta razão aconselha-se uma pessoa, a seguir o caminho da devoção.

"Um homem estava fazendo, em sua casa, a cerimônia do shraddha, alimentando muitas pessoas. De repente passou um açougueiro levando uma vaca para o matadouro. Não conseguia controlar o animal e ficou exausto. Disse a si mesmo: 'Vou entrar naquela casa, desfrutar a festa do shraddha e recuperar minhas forças. Aí então serei capaz de levar a vaca.' Levou a cabo sua intenção, mas quando matou a vaca, o pecado do executante também caiu no executante do shradha. É por isso que digo que o caminho da devoção é o melhor do que o caminho da ação."

O Mestre entrou em seu quarto, acompanhado de M. Murmurava uma canção. As poderosas palavras de renúncia que acabara de falar a Ishan, encontraram expressão através de uma canção. Cantou os versos:

> Mãe, tira tudo o mais de mim.

---

[8] Svaha, Vashai e Svadha são sílabas místicas. As duas primeiras são pronunciadas quando oblações são oferecidas aos deuses, e a terceira quando estão sendo oferecidas aos ancestrais.

[9] A duração do tempo para pronunciar um som de vogal. Os três matras denotam as três durações – curta, longa ou prolongada – requeridas para pronunciar vogais.

[10] Som de consoante

[11] A divindade que preside o OM, a essência dos Vedas.

Mas deixa meu colar de ossos e meu pote de cânhamo![12]

Shri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno e Adhar, Kishori e os outros devotos sentaram-se no chão.

Mestre (*aos devotos*): "Estava observando Ishan. Ora, ele não alcançou nada! Qual será a razão? Praticou durante cinco meses o purashcharana. Isto teria ocasionado uma revolução em qualquer outra pessoa."

Adhar: "Não é prudente da parte do senhor falar essas coisas a ele, diante de nós."

Mestre: "Como é isto? Ele gosta tanto de japa! Como podem as palavras afetá-lo?"

Passado um momento, Shri Ramakrishna disse a Adhar: 'Ishan é muito caridoso e pratica muito japa e austeridade.' O Mestre permaneceu quieto por alguns instantes. Os olhos dos devotos estavam fixos nele. Subitamente disse a Adhar: "Você tem ambas – yoga e bhoga."

Sábado, 18 de outubro de 1884

Era dia do culto de Kali, a Mãe Divina. O culto deveria começar às onze horas da noite. À tardinha vários devotos chegaram ao templo. Queriam visitar Shri Ramakrishna durante as horas sagradas da noite de lua nova.

Cerca de oito horas da noite, M. chegou. O grande festival religioso já havia começado. Lampiões foram acesos aqui e ali no jardim e os templos estavam fortemente iluminados. Podia-se ouvir a música no nahabat. Os funcionários do templo movimentavam-se apressadamente, de um lado para o outro. Nas primeiras horas da manhã, deveria realizar-se uma apresentação teatral. Os aldeões ouviram falar da ocasião festiva e uma multidão de homens, mulheres, jovens e idosos estava chegando.

À tarde houve um recital musical do *Chandi*, por Rajnarayan. Shri Ramakrishna estivera presente com os devotos e gostara imensamente do recital. Como se aproximava a hora do culto, entrou em êxtase.

M. achou Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, no quarto. Baburam, o jovem Gopal, Haripada, Kishori, um parente de Niranjan, um rapaz de Ariadaha e outros devotos estavam sentados no chão, olhando para ele. Ramlal e Hazra ficaram no quarto o tempo todo. O jovem parente de Niranjan meditava diante de Shri Ramakrishna, como o Mestre permitira.

M. saudou o Mestre e sentou-se. Pouco tempo depois, o parente de Niranjan inclinou-se profundamente diante de Shri Ramakrishna e já estava de partida. O rapaz de Ariadaha também desejava ir embora. O Mestre disse ao parente de Niranjan, "Quando vai voltar?"

Devoto: "Talvez na próxima segunda-feira."

Mestre (*ansiosamente*): "Quer levar uma lanterna?"

Devoto: "Não, senhor. Moro perto daqui. Não preciso."

Mestre (*ao rapaz de Ariadaha*): "Você também vai?"

Rapaz: "Sim, senhor. Estou com um pequeno resfriado."

Mestre: "Está bem. Cubra a cabeça."

Novamente saudaram o Mestre e despediram-se.

Era noite de lua nova, inspiradora de medo. O culto da Mãe Divina aumentava o aspecto solene a noite. Shri Ramakrishna estava sentado no divã, encostado num travesseiro. Sua mente estava voltada para dentro de si mesmo. De vez em quando trocava uma ou duas palavras com os devotos. Subitamente olhou para M. e outros devotos e disse: "Ah, quão profunda foi a meditação do rapaz! (*A Haripada*) Não foi profunda?"

Haripada: "Sim, senhor, ele ficou imóvel como um pedaço de madeira."

Mestre (*a Kishori*): "Você conhece esse rapaz. É primo de Niranjan."

Novamente fez-se silêncio no quarto. Haripada gentilmente massageava os pés do Mestre. O Mestre entoava, de boca fechada, algumas das canções que ouvira naquela tarde, durante o recital do *Chandi*. Cantou suavemente:

[12] Siddhi ou cânhamo e o colar de ossos estão associados a Shiva, o modelo de renúncia.

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
Mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La. ...

Shri Ramakrishna levantou-se. Com fervor intenso, cantou sobre a Mãe Divina:

Toda criação é o jogo de minha louca Mãe Kali:
Por Sua maya,os três mundos ficam enfeitiçados.
Louca é Ela e louco é o Seu marido; loucos são Seus dos discípulos!
Ninguém pode descrever Seu encanto, Suas glórias, gestos, estados.
Shiva, com agonia do veneno em Sua garganta,
Canta Seu nome repetidamente.

O Pessoal, Ela opõe ao impessoal,
Quebrando uma pedra com outra.
Ainda que para todos, Ela seja agradável,
Onde os deveres são considerados, Ela não cederá.
Mantenha sua embarcação, diz Ramprasad, flutuando no mar da vida,
Sendo levada para cima com a maré alta, e para baixo com a maré baixa.

O Mestre estava bastante tomado pela canção. Disse que canções como estas denotavam um estado de inebriação divina. Cantou uma atrás da outra:

Desta vez vou devorar-Te inteira, Mãe Kali!
Porque nasci sob uma má estrela,
E dizem que aquele que assim nasce, torna-se o devorador de sua mãe. ...

Em seguida:

Ó Kali, minha Mãe cheia de Bem-aventurança! A que encanta o Todo Poderoso Shiva.
Em Tua alegria delirante Tu danças, batendo palmas! ...

E logo:

Se no final meu alento abandonar-me enquanto repito o nome de Kali,
Atingirei o domínio de Shiva. O que Benares significa para mim?
Infinitas são as glórias de minha Mãe; quem pode encontrar o fim de Suas virtudes?
Shiva, contemplando-as, jaz prostrado a Seus Pés de Lótus.

O canto terminara. Dois filhos de Rajnarayan entraram no quarto e inclinaram-se ante o Mestre. À tarde haviam cantado com o pai as glórias da Mãe divina. O Mestre cantou com eles.

Toda criação é o jogo da minha louca Mãe Kali ...

O irmão mais novo pediu a Shri Ramakrishna para cantar certa canção sobre Shri Gauranga, o que ele fez:

Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!
Ouvi dizer quão bondosos são.
E, portanto, vim vê-los. ...

Ramlal entrou no quarto. O Mestre disse-lhe: “Por favor, cante alguma coisa sobre a Mãe Divina. É dia do Seu culto.” Ramlal cantou:

Quem é aquela Mulher que ilumina o campo de batalha?

Seu corpo brilha mais escuro do que a mais escura nuvem de tempestade.
E dos seus dentes faíscam chamas brilhantes do relâmpago!
Seu cabelo desalinhado voa atrás, enquanto ela corre a esmo.
Destemida na guerra entre os deuses e os demônios.
Dando Sua terrível gargalhada, Ela mata os afugentados asuras
E com Seus clarões deslumbrados, mostra o horror da guerra. ...

Novamente Ramlal cantou:

Quem é esta terrível Mulher escura como o céu à meia noite?
Quem é esta Mulher dançando no campo de batalha? ...

Shri Ramakrishna começou a dançar com a canção. Em seguida cantou:

A abelha negra da minha mente é atraída com pura alegria
Para a flor azul de Lótus dos Pés da Mãe Shyama,
E a flor azul dos Pés de Kali, a Consorte de Shiva.
Sem gosto para abelha, são os brotos do desejo.
Os Pés de minha Mãe são negros e negra, também, a abelha.
Negro se torna um com negro! E este muito de mistério
Meus olhos mortais vêem, então rapidamente se retraem.
Mas as esperanças de Kamalakanta por fim são atendidas;
Ele nada no Mar de Bem-aventurança, impassível ante a felicidade ou a dor.

Depois da música e da dança, Shri Ramakrishna sentou-se no divã e os devotos no chão. Disse a M.: "Foi uma pena que não estivesse aqui à tarde. O recital de música do *Chandi* foi muito bonito."

Alguns devotos foram ao templo, saudar a imagem da Mãe Divina. Silenciosamente os outros faziam japa, nos degraus que conduziam ao Ganges. Eram mais ou menos onze horas, a hora mais auspiciosa para a contemplação da Mãe Divina. A maré alta começava no Ganges e as luzes nas margens refletiam aqui e ali, nas águas escuras.

Do lado de fora do santuário, M. olhava pensativamente para a imagem. Ramlal veio ao templo com um livro na mão contendo as regras do culto. Perguntou a M. se ele não queria entrar. M. sentiu-se altamente favorecido e entrou no santuário. Viu que a Mãe Divina estava muito enfeitada. O lugar era brilhantemente iluminado por um grande candelabro que pendia do teto. Duas velas queimavam defronte à imagem. No chão havia bandejas cheias de oferendas. Flores vermelhas de hibisco e folhas bel adornavam Seus pés. Usava grinaldas em torno do pescoço. Os olhos de M. caíram sobre o chamara. Subitamente lembrou-se que Shri Ramakrishna muitas vezes abanara a Mãe Divina com ele. Hesitando, perguntou a Ramlal se podia abanar a imagem. O sacerdote deu-lhe permissão, o que ele fez, muito feliz. O culto regular ainda não havia começado.

Os devotos novamente entraram no quarto do Mestre. Beni Pal havia convidado Shri Ramakrishna para visitar o Sinthi Brahmo Samaj no dia seguinte, mas havia cometido um engano, em sua carta, sobre a data.

Mestre (*a M.*): "Beni Pal enviou-me um convite, mas por que será que escreveu a data errada?"

M.: "A data não foi escrita corretamente porque ele fez de forma descuidada."

Enquanto falava, Shri Ramakrishna ficou de pé no meio do quarto, com Baburam a seu lado. Inclinou-se para o discípulo, tocando seu corpo. Subitamente entrou em samadhi. Os devotos ficaram à sua volta, com os olhos fixos nele. O pé esquerdo do Mestre estava um pouco para frente, o ombro levemente inclinado para um lado, o braço descansava no pescoço de Baburam perto da orelha. Depois de algum tempo voltou do êxtase. Enquanto ficava ali pôs uma das mãos no queixo, parecendo estar refletindo sobre algo. Sorrindo, falou aos devotos.

Mestre: "Vi tudo – o quanto os devotos adiantaram-se. Vi Ramlal, ele (*apontando para M.*) Surendra, Baburam e muitos outros."

Hazra: "Eu?"

Mestre: "Sim."

Hazra: "Ainda muitos obstáculos?"

Mestre: "Não."

Hazra: "E Narendra?"

Mestre: "Não o vi, mas posso falar sobre ele. Está um pouco enredado, mas vi que todos serão bem sucedidos. (*A M.*) Vi todos como estivessem escondidos."

Os devotos ouviam estas palavras com grande admiração. Parecia-lhes que estavam escutando um oráculo.

Mestre: "Mas entrei naquele estado ao tocar Baburam."

Hazra: "Quem é o primeiro?"

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo. Depois disse, "Gostaria de ter alguns como Nityagopal." Novamente parecia estar pensativo. Permanecendo em pé, disse: "Gostaria que os deveres de Adhar Sem diminuíssem, mas creio que o funcionário inglês o repreenda. Ele poderá dizer, 'O que é toda esta tolice?' " (*Todos sorriem*).

Shri Ramakrishna sentou-se no divã pequeno e os devotos, no chão. Baburam e Kishori aproximaram-se rapidamente do Mestre e começaram a massagear seus pés.

Mestre (*a Kishori*): "O que houve? Por que tanto serviço hoje?"

Ramlal entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna, tocando o chão com a testa. Então, com grande respeito, tocou os pés do Mestre. Ia adorar a Mãe Divina no templo.

Ramlal: "Por favor permita-me ir ao santuário."

O Mestre por duas vezes, pronunciou as palavra "Om Kali" e disse: "Faça a adoração com cuidado. Há, também, uma ovelha a ser sacrificada."

Era meia-noite. O culto começou no templo de Kali. O Mestre foi observar a cerimônia e durante o culto, ficou perto da imagem. Era o momento da ovelha ser sacrificada. O animal foi consagrado diante da Divindade. As pessoas permaneciam em filas, observando a cerimônia. Enquanto a ovelha era levada ao bloco de madeira, Shri Ramakrishna voltou a seu quarto pois não podia suportar a cena.

Vários devotos permaneceram no templo até as duas horas da manhã. Haripada chegou e pediu-lhes para levar o prasad para o quarto do Mestre. Depois de terminarem a refeição, deitaram-se onde encontravam lugar, até o final da noite.

Já era manhã. O serviço da madrugada nos templos havia terminado e a representação teatral estava acontecendo no vestíbulo, defronte ao santuário. M. atravessava o pátio com Shri Ramakrishna. Queria despedir-se do Mestre.

Mestre: "Por que tem que ir agora?"

M.: "O senhor vai a Sinthi à tarde. Eu também pretendo estar lá. Gostaria de ir para casa, por algumas horas."

Chegaram ao templo de Kali. Ao pé dos degraus, M. saudou o Mestre.

Mestre: "Você já vai? Está bem. Por favor, traga-me duas peças de roupa barata para mim. Vou usá-las enquanto tomo banho."

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 32

VISITA AO SINTHI BRAHMO SAMAJ

19 de outubro de 1884

NESTE DIA SHRI RAMAKRISHNA novamente visitou o Sinthi Brahmo Samaj. Era época do festival de outono do Samaj, que estava sendo celebrado na chácara de Benimadhav Pal. O vestíbulo fora decorado com flores e folhagens, bandeiras e festões de várias cores. Do lado de fora o céu azul de outono com suas nuvens lanosas, refletia-se na água do lago.

Shri Ramakrishna chegou às quatro e meia da tarde. Entrando no salão, inclinou-se diante do altar. Os devotos Brahmos, entre os quais viam-se Vijay e Trailokya, sentaram-se à sua volta. Um juiz substituto, membro do Brahmo Samaj, estava com eles.

Trailokya entretinha os devotos com uma música melodiosa.

Mestre (*a Trailokya*): "Gosto muito daquela canção, ' Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor'. Vai cantá-la?"

Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?
Embriaga-me com o Vinho do Teu amor;
Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,
Afoga-me profundamente no Mar de Teu amor!
Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,
Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.
Jesus, Buda, Moisés, Gauranga,
Todos estão bêbados com o Vinho do Teu amor.
Ó Mãe, quando serei abençoado
Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada?

Enquanto ouvia a canção, a mente do Mestre sofreu uma transformação e logo entrou em samadhi profundo. Descendo um pouco para o plano do mundo dos sentidos, deu instrução aos devotos. A mente ainda estava tomada pela experiência divina. Pronunciava as palavras como se estivesse intoxicado. Gradualmente tornou-se consciente do mundo.

Mestre: 'Ó Mãe! Não quero a felicidade da inebriação divina. Vou comer siddhi."

(*Aos devotos*): Por 'siddhi' quero dizer, alcançar a meta espiritual e não, os oitos poderes ocultos. A respeito dos poderes ocultos, Shri Krishna disse a Arjuna, 'Amigo, se encontrar alguém que tenha adquirido apenas um dos oito poderes, tenha como certo que ele não Me realizará.' Os poderes certamente dão orgulho e Deus não pode ser realizado se houver o menor vestígio de orgulho.

"De acordo com uma certa escola de pensamento, há quatro tipos de devotos: o pravartaka, o sadhaka, o siddha e o siddha do siddha. Aquele que apenas começou a vida religiosa é um pravartaka. Esse homem coloca suas marcas de nome no corpo e testa, usa um rosário em volta do pescoço e escrupulosamente segue outras convenções externas. O sadhaka avançou mais. O desejo de exibição exterior diminui. Anela pela realização de Deus e ora a Ele sinceramente. Repete o nome de Deus e chama-O de coração puro. Agora, a quem devemos chamar siddha? Aquele que tem absoluta convicção de que Deus existe e é o único que faz as coisas; àquele que viu

Deus. E quem é o siddha do siddha? Aquele que não somente viu Deus, mas que conversou intimamente com Ele como Pai, Filho ou Bem-amado.

"É uma coisa acreditar sem sombra de dúvida que existe fogo na madeira, mas é outra completamente diferente, obter fogo de madeira, cozinhar arroz com sua ajuda, acalmar a fome e ficar satisfeito. Essas são duas coisas totalmente diferentes.

"Ninguém pode pôr limite à experiência espiritual. No que diz respeito a uma experiência, há outra além dessa, e ainda uma outra e assim por diante.

(*Em êxtase, referindo-se aos Brahmos*) São Brahmajnanis; acreditam na Divindade sem forma. É bom.

(*Aos devotos Brahmos*) "Sejam firmes num único ideal – seja ele Deus com forma, seja ele Deus sem forma. Somente então, realizarão Deus; caso contrário, não. Com fé firme e inabalável, os seguidores de Deus com forma O realizarão, bem como aqueles que falam d'Ele como sem forma. Podem comer bolo com gelo dentro, ou do lado, mas ele terá o mesmo gosto de qualquer maneira. (*Todos riem*).

"Mas devem ter firmeza, orar a Ele de todo o coração. Sabem como é o Deus das pessoas mundanas? É como as crianças dizendo umas às outras, brincando, 'Juro por Deus'. Aprenderam as palavras durante as brigas entre suas tias ou avós. Ou é como Deus para um janota. O janota muito bem vestido, lábios vermelhos de tanto mascar folhas de betel, caminha no jardim, bengala na mão e apanhando uma flor, exclama para o amigo, 'Ah! Como Deus fez esta linda flor!' Este sentimento porém, é momentâneo. Dura tanto quanto uma gota d'água numa frigideira muito quente.

"Devem ser firmes a um ideal. Mergulhem profundamente, senão não poderão apanhar as pedras preciosas do fundo do oceano. Não poderão pegar pedras se somente ficarem na superfície."

Com estas palavras o Mestre cantou com voz suave, que encantou os corações dos devotos como Keshab:

> Mergulhem fundo, mergulhem fundo no Oceano da Beleza de Deus.
> Se descer até as profundezas
> Aí encontrará uma gema de Amor. ...

Os devotos sentiram-se como se estivessem no paraíso.

Mestre (*aos Brahmos*): "Mergulhem fundo. Aprendam a amar Deus. Mergulhem no amor divino. Soube como oram. Por que vocês Brahmos ocupam-se tanto das glórias de Deus? Há necessidade de repetirem constantemente, 'Ó Deus, Vós criastes o céu, os grandes oceanos, o mundo lunar, o mundo solar e o mundo estelar'?

"Todo o mundo fica maravilhado à simples visão da chácara de um homem rico. Ficam mudas ao verem as árvores, flores, lagos, salas de visitas e quadros. Mas meu Deus, quão poucos buscam o dono de tudo isso! Somente um ou dois perguntam por ele. Aquele que busca Deus com o coração anelante, pode vê-Lo, falar-Lhe como estou falando com vocês. Creiam em minhas palavras quando digo que Deus pode ser visto. Mas Ó Deus! Para quem estou dizendo estas palavras? Quem acreditará em mim?

"Pode-se encontrar Deus nos livros sagrados? Lendo as escrituras pode-se, no máximo, sentir que Deus existe, mas Deus não Se revela a um homem a não ser que ele mergulhe fundo. Somente depois desse mergulho, depois da revelação de Deus por Sua graça, a dúvida de uma pessoa é destruída. Pode-se ler mil escrituras e recitar mil textos, mas a não ser que se mergulhe em Deus com anelo no coração, se poderá compreendê-Lo. Com erudição pode-se enganar um homem, mas não, Deus.

"Escrituras e livros – o que se pode alcançar com eles? Nada pode ser realizado sem Sua graça. Lutem com um coração ansioso por Ela. Por Sua graça O verão e Ele falará com vocês."

Juiz substituto: "Senhor, Deus concede mais graça a uns do que a outros? Se assim for, Ele pode ser acusado de parcialidade."

Mestre: "O que está dizendo? Quer insinuar que a lua e um vaga-lume são a mesma coisa, apesar de ambos darem luz? Iswar Vidyasagar fez-me a mesma pergunta. Perguntou-me, 'É um fato, senhor, que Deus dá mais poder a um e menos a outro?' 'Deus', eu disse, 'existe em cada ser como Espírito que a Tudo permeia. Tanto está numa formiga como em mim, mas há diferentes manifestações de Seu Poder em diferentes seres vivos. Se todos são iguais, por que viemos aqui para vê-lo, atraídos por seu renome? Cresceram-lhe um par de cornos? Ó, não! Não é isso. O senhor tem compaixão; tem erudição; há um grau maior dessas virtudes no senhor do que nos outros homens. Há razão para que o senhor seja tão conhecido.' Não vê que há homens que somente com as mãos, podem derrotar uma centena de pessoas? Também, um homem pode sair correndo com medo; o senhor também pode ver pessoas assim. Se não houvesse manifestações diferentes de poder, em seres distintos, por que as pessoas respeitam tanto Keshab Sen?

"Está dito no *Gita* que se um homem for respeitado e honrado por muitos, seja pela erudição, música, oratória ou qualquer outra arte ou ciência, pode-se estar certo de que é dotado de um poder divino todo especial.

Um Brahmo (*ao juiz substituto*): "Por que o senhor não aceita o que ele diz?"

Mestre (*asperamente ao Brahmo*): "Que tipo de homem você é? Aceitar palavras sem convicção? Ora, isso é hipocrisia! Vejo que é apenas um dissimulado."

O Brahmo ficou embaraçado.

Juiz substituo: "Senhor, devemos renunciar ao mundo?"

"Mestre: "Não. Por que deveria? Um homem pode realizar Deus mesmo que esteja no mundo. Mas no começo, deve passar alguns dias em solidão. Deve praticar disciplina espiritual num lugar solitário, alugar um quarto perto de sua casa para que possa vir em casa somente para as refeições. Keshab, Pratap e outros disseram-me: 'Senhor, seguimos o ideal do rei Janaka.' 'Simples palavras não fazem um rei Janaka.', respondi. 'Quanta austeridade em solidão ele primeiro teve de fazer e, solidão – ficar de cabeça para baixo[1] e assim por diante! Façam alguma coisa em primeiro lugar e depois, podem se tornar um rei Janaka.'

"Vocês vêem um homem escrever inglês fluentemente. Poderia tê-lo feito assim, desde o começo? Talvez fosse filho de pais pobres: fosse cozinheiro numa família e ganhasse comida pelo serviço. Talvez tenha lutado muito para continuar os estudos. Só depois de todo esse esforço, é que agora pode escrever em inglês de forma fluente.

"Além disso', eu disse a Keshab, como pode o homem mundano ser curado de uma doença séria, a menos que vá para a solidão?' O homem mundano está sofrendo, por assim dizer, de febre delirante. Suponhamos que haja pickles de tamarindo e jarros de água, no quarto de um paciente. Bem, como se pode esperar que se cure da enfermidade? Veja, a simples menção de pickles dá água em minha boca! (*Todos riem*) Podem bem imaginar o que acontecerá se o tamarindo realmente for colocado em minha frente. Para um homem, uma mulher é o pickles de tamarindo e seu desejo de prazer, os jarros de água. Não há limite para este desejo de gozo mundano. E as coisas estão no próprio aposento do paciente. Pode-se esperar que o paciente se livre assim, da febre delirante? Ele deve ser removido por alguns dias para um outro lugar, onde já não há nem pickles de tamarindo, nem jarros de água e, então ficará curado. Depois, se voltar para o seu velho quarto, nada terá a temer. 'Mulher e ouro' não podem fazer qualquer dano àquele que vive no mundo, depois de alcançar Deus. Só então ele poderá levar uma vida desapegada no mundo, como fez o rei Janaka. Porém, no começo, tem que ser cauteloso. Deve praticar disciplina espiritual em estrita solidão. A árvore peepal, quando nova, é cercada para ser protegida do gado, mas não há necessidade de cerca quando o tronco cresce grosso e forte. Então nenhum mal poderá ser

[1] Um dos exercícios praticado às vezes por um hatha yogi; também, uma expressão para descrever a austeridade da Yoga em geral.

feito à árvore, mesmo se um elefante for amarrado a ela. 'Mulher e ouro" não serão capazes de lhe fazer o menor mal, se você for para casa e levar a vida de um chefe de família, depois de aumentar sua força espiritual e desenvolver amor pelos Pés de Lótus de Deus, através da prática espiritual na solidão.

"Um homem coloca leite num lugar tranqüilo e depois, extrai a manteiga do coalho. Depois de ter extraído a manteiga de Devoção e Conhecimento do leite da mente, se mantiver essa mente transformada na água do mundo, flutuará no mundo, desapegado, mas se a mente em seu estado 'verde – isto é, quando é somente leite – for mantida na água do mundo, então o leite e a água se misturarão. Nesse caso será impossível para a mente, flutuar no mundo de forma desapegada.

"Viva no mundo e a fim de realizar Deus, agarre-se firme aos Seus Pés de Lótus com uma das mãos e com a outra, faça seus deveres. Quando tiver folga das obrigações, agarre-se aos Pés de Lótus de Deus com ambas as mãos – viva na solidão, medite n'Ele e sirva-O incessantemente."

Juiz substituto (*alegremente*): "Senhor, estas são certamente palavras muito lindas. Claro que devemos praticar disciplina espiritual na solidão, mas nos esquecemos de tudo. Pensamos que podemos nos transformar em rei Janaka imediatamente. (*O Mestre e os devotos riem*). Sinto-me feliz, com paz, ao ouvir que não há necessidade de desistir do mundo e que Deus pode ser realizado, também, em nossos lares."

Mestre: "Por que o senhor haveria de abandonar o mundo? Uma vez que deve lutar, é sábio lutar dentro de um forte. Deve lutar contra os órgãos dos sentidos, contra fome e sede. Portanto, será sábio enfrentar a batalha no mundo. Além disso, no Kaliyuga, a vida de um homem depende do alimento. Se um dia não tiver nada para comer, esquecerá de tudo sobre Deus. Certa vez um homem disse à esposa: 'Vou abandonar o mundo.' Era uma mulher sensata. Disse: 'Por que deve vaguear por aí? Se não tiver que bater em dez portas para comer, vá, mas se este for o caso, é melhor viver aqui mesmo.'

"Novamente digo, por que o senhor deve abandonar o mundo? Achará mais conveniente ficar em casa. Não se preocupará com o alimento. Pode até viver com a esposa. Não se prejudicará e encontrará à mão tudo o que o corpo necessita, em momentos diferentes. Quando ficar doente, terá alguém para cuidar do senhor.

"Sábios como Janaka, Vyasa e Vashishtha viveram no mundo depois de alcançar o Conhecimento. Lutaram com duas espadas, uma do Conhecimento e outra, da ação."

Juiz substituto:: "Como podemos saber se temos Conhecimento?"

Mestre: "Quando se tem Conhecimento não se vê mais Deus à distância. Não se pensa mais n'Ele como 'Ele'. Ele se torna 'Esse', e então Ele é visto no coração. Deus existe em todos. Quem O busca, realiza-O."

Juiz substituto: "Senhor, sou pecador. Como posso dizer que Deus mora em mim?"

Mestre: "Este é o único problema com vocês, Brahmos. É sempre pecado e mais pecado! Este é o ponto de vista cristão, não é? Uma vez alguém me deu uma Bíblia. Leram para mim uma parte que estava cheia somente de uma coisa – pecado e mais pecado! Deve-se ter uma tal fé que se possa dizer: 'Pronunciei o nome de Deus; repeti o nome de Ram ou Hari. Como posso ser pecador?' Deve-se ter fé na glória do nome de Deus."

Juiz substituto: "Senhor, como se pode ter essa fé?

Mestre: "Tenha amor apaixonado por Deus. Uma de suas canções Brahmo diz:

> Ó Senhor, é alguma vez possível conhecer-Te sem amor,
> Por mais que se tenha praticado adoração e sacrifício?

"Ore em segredo a Deus com anelo, para que tenha desapego e devoção apaixonada por Ele. Derrame lágrimas. Um homem derrama um jarro de lágrimas pela esposa doente, porque está perdendo dinheiro ou preocupado com emprego. Mas diga-me, quem chora por Deus?"

Trailokya: "Senhor, onde está o tempo livre das pessoas? Devem servir seus senhores ingleses."

Mestre: "Ora, então dê procuração a Deus. Se um homem confia seus negócios a uma pessoa íntegra, ela lhe fará algum mal? Com toda sinceridade de seu coração, entregue-se a Deus e retire todas as preocupações da mente. Faça quaisquer obrigações que Ele lhe confiou. Um gatinho não é calculista, apenas chora. 'Miau, miau!' Deita na cozinha satisfeito se a mãe o deixa lá e somente chama a mãe chorando., 'Miau, miau!' Tem o mesmo contentamento quando a gata o coloca na cama do dono da casa. Somente chora por sua mãe."

Juiz substituto: "Senhor, somos chefes de família. Por quanto tempo temos que fazer nossos deveres mundanos?"

Mestre: "Certamente que o senhor tem dever a cumprir. Deve educar os filhos, sustentar a esposa e ampará-la no caso de sua morte. Se não o fizer eu o considerarei uma pessoa insensível. Sábios como Shukadeva, tiveram compaixão. Aquele que não possui compaixão não é um homem.

"Juiz substituto: "Por quanto tempo uma pessoa tem que sustentar os filhos?

"Mestre: "Enquanto não tenham atingido a maioridade. Quando o filhote se torna pássaro adulto e pode cuidar de si mesmo, a mãe pássaro o bica e não lhe permite aproximar-se dela."(*Todos riem*).

Juiz substituto: "Qual é o dever de um chefe de família para com a esposa?

"Mestre: "Deve dar-lhe conselho espiritual e amparo enquanto viver e prover seu sustento depois de sua corte, se for uma pessoa fiel.

"Mas se o senhor estiver intoxicado com o Conhecimento de Deus, então, não tem mais dever a fazer. O Próprio Deus – pensará sobre o seu amanhã se não puder fazê-lo. O Próprio Deus pensará a respeito de sua família se estiver intoxicado por Ele. Se um proprietário morre deixando um filho menor, o tutor nomeado pela corte, tomará conta dele. Estes são todos assuntos da lei: o senhor os conhece."

Juiz substituto: "Sim, senhor!"

Vijay: "Ah! Que palavras preciosas! O Próprio Deus carrega em Seus ombros toda a responsabilidade de uma pessoa que pensa n'Ele com devoção pura e está louca de amor divino. Um menor obtém seu guardião sem buscá-lo. Ó quando terei este estado mental? Quão felizes são os que se sentem assim!"

Trailokya: "É possível alguma vez, senhor, ter verdadeiro conhecimento de Deus, enquanto se vive no mundo? Pode-se realizar Deus aqui?"

Mestre (*com um sorriso*): "Por que se preocupa? Está saboreando tanto o melado como o açúcar refinado.(*Todos riem*). Está vivendo no mundo com a mente em Deus. Não é verdade? Por que não deveria alguém realizar Deus no mundo? Certamente que pode."

Trailokya: "Quais são os sinais de um chefe de família que atingiu Conhecimento?"

Mestre: "Lágrimas fluirão e o pelo de seu corpo se eriçará. Assim que ouvir o doce nome de Deus os pelos de seu corpo se eriçam, numa alegria feliz e lágrimas rolarão pelas suas faces.

"Um homem não pode livrar-se da consciência do corpo enquanto estiver apegado às coisas do mundo e amar 'mulher e ouro'. À medida que se torna desapegado das coisas mundanas, aproxima-se cada vez mas do Conhecimento do Ser. Torna-se também, menos consciente do corpo. Atinge Conhecimento do Ser, quando os apegos mundanos desaparecerem totalmente. Então realiza que o corpo e a alma são duas coisas separadas. É muito difícil separar com uma faca, a polpa da casca de um coco, antes que a água do seu interior tenha secado. Quando a água seca, a polpa chacoalha dentro da casca e ela se desprende da casca. Assim a fruta é chamada coco seco.

"O sinal de um homem que realizou Deus é que ele se torna como um coco seco. Torna-se completamente livre da consciência de que é o corpo. Não se sente feliz ou infeliz com a felicidade ou infelicidade do corpo. Não procura os confortos materiais. O devoto de Kali é um jivanmukta, pleno de Felicidade Eterna.

"Quando vir que a simples menção do nome de Deus traz lágrimas aos seus olhos, e faz seu cabelo eriçar, saiba que se libertou do apego a 'mulher e ouro' e alcançou Deus. Se os fósforos estão secos, obtém-se uma faísca riscando somente um deles, mas se estão úmidos, não se obtém uma faísca mesmo que se risquem cinqüenta, somente os fósforos são desperdiçados. De maneira semelhante, se a mente estiver mergulhada no prazer das coisas do mundo, em 'mulher e ouro', e a Consciência de Deus não será acesa em você. Pode tentar mil vezes, mas todos seus esforços serão inúteis, mas logo que o apego aos prazeres seque, a fagulha de Deus flameja."

Trailokya: "Qual a maneira de secar o anseio pelo prazer do mundo?"

Mestre: "Orar à Mãe Divina com um coração anelante. Sua visão seca todo anseio pelo mundo e destrói completamente todo apego à 'mulher e ouro'. Isso ocorre se pensar n'Ela como sua própria mãe. De jeito algum ela é sua madrinha, é sua própria mãe. Com o coração ansioso persiste nos seus pedidos a Ela. A criança agarra-se na saia da mãe e pede dinheiro para comprar uma pipa. Talvez a mãe esteja conversando com as amigas. No início recusa-se a dar dinheiro e diz à criança: "Não, não pode tê-lo. Seu pai pediu-me para não lhe dar dinheiro. Quando ele voltar para casa, vou perguntar-lhe sobre isto. Terá problemas se brincar com uma pipa agora.' A criança começa a chorar e não desiste do pedido. A mãe diz às amigas: 'Desculpem-me por um momento. Deixe-me acalmá-la.' Imediatamente abre a caixa de dinheiro com um clique e dá o dinheiro à criança.

"Deve também, fazer seu pedido à Mãe Divina que virá a você sem falta. Uma vez eu disse a mesma coisa a alguns Sikhs, quando visitaram o templo da Dakshineswar. Estávamos conversando defronte ao templo de Kali. Disseram, 'Deus é misericordioso.' 'Por que misericordioso?' perguntei. Disseram, 'Ora, reverenciado senhor, Ele constantemente toma conta de nós, dá-nos retidão e riqueza e nos provê com alimento.' 'Suponhamos' eu disse, 'que um homem tenha filhos. Quem cuidará deles e lhes proverá comida – seu próprio pai, ou um homem de outro vilarejo?' "

Juiz substituto: "Então, senhor, Deus não é misericordioso?"

Mestre: "Por que o senhor pensa assim? Fiz somente um comentário. O que quero dizer é que Deus é nosso amigo muito íntimo. Podemos forçá-Lo. Com pessoas muito íntimas podemos mesmo ir tão longe e dizer: 'Seu miserável! Não vai me dar?"

(*Ao Juiz substituto*): "Vou perguntar-lhe uma coisa. Vaidade e egoísmo são resultado de conhecimento ou de ignorância? Egoísmo é da natureza de tamas: é gerado pela ignorância. Devido à barreira do ego, uma pessoa não vê Deus. 'Todas as tribulações terminam quando o ego morre.' É inútil ser egoísta. Nem o corpo, nem a riqueza perduram. Uma vez um bêbado estava olhando para a imagem de Durga. À vista de Suas jóias, disse: 'Bem, Mãe! Mesmo que possas Te arrumar, daqui a dois ou três dias, eles Te arrastarão para fora e Te jogarão no Ganges.[2] " (*Todos riem*).

"Digo a vocês, sejam juiz ou qualquer um, que tudo dura dois dias somente, portanto, devem abandonar a vaidade e o orgulho.

"As características de sattva, rajas e tamas são bem diferentes. Egoísmo, sono, luxúria, raiva e outros defeitos, são traços de pessoas tamásicas. Homens com rajas enredam-se em muitas atividades. Homens assim têm roupas novinhas em folha. A casa é impecavelmente limpa. Um retrato da Rainha [3] está dependurado na parede de sua sala de vistas. Ao adorar Deus, usa roupa de seda, usa um rosário de rudraksha em volta do pescoço e entre as contas, há algumas de ouro.

[2] Alusão à imersão da imagem depois do culto.

[3] Rainha Victoria.

Quando alguém vai ao templo de sua casa, ele mesmo age como guia. Depois de mostrá-lo, diz ao visitante: 'Por favor, venha por aqui. Há outras coisas, também – o chão de mármore branco e o natmandir com seus sete lindos entalhes.' Faz ostentação de seus atos de caridade, mas um homem dotado de sattva é calmo e cheio de paz. No que diz respeito à roupa, qualquer uma serve. Ganha somente o dinheiro suficiente para dar ao estômago a comida mais simples; jamais lisonjeia as pessoas para conseguir dinheiro. A casa necessita de conserto. Jamais se preocupa com a roupa das crianças. Não anda atrás de nome e fama. Sua adoração, caridade e meditação são feitas em segredo: ninguém sabe de nada a respeito. Medita dentro do mosquiteiro. As pessoas pensam que não dormiu bem à noite e por isso, dorme até tarde. Sattva é o último degrau da escada; em seguida, vem o terraço. Assim que sattva é alcançado, não demora para se atingir Deus. Um passo adiante e Deus é realizado. (*Ao juiz substituto*) O senhor não disse que todos os homens são iguais? Agora pode ver que há muitas variedades da natureza humana.

"Há ainda outras classes e espécies de pessoas. Por exemplo, há os que são eternamente livres, aqueles que atingiram a liberação, aqueles que lutam pela liberação e aqueles enredados no mundo. Tantas variedades de homens! Sábios como Narada e Shukadeva são eternamente livres. Há aqueles que, como um vapor, não somente cruzam o oceano, mas também, carregam grandes animais, até um elefante. Além disso a alma que é eternamente livre é como o superintendente de uma propriedade. Depois de conseguir manter sob controle parte da propriedade, vai para outra. Aqueles que lutam por liberação dedicam-se de coração e alma para se libertarem da rede do mundo. Um ou dois podem sair dela. São chamados liberados. As alma que são eternamente livres, são como peixes espertos que não são apanhados na rede.

"Mas almas que estão enredadas, envolvidas no mundanismo, jamais tomam consciência. Permanecem na rede, mas nem mesmo têm consciência que estão presas. Se alguém falar de Deus diante delas, imediatamente deixam o recinto. Pensam: 'Por que Deus agora? Pensaremos n'Ele na hora da morte.' Mas quando estão em seu leito de morte, dizem às esposas ou filhos: 'Por que puseram tanto pavio no lampião? Usem somente um, senão o óleo demais se queimará.' Quando estão morrendo, pensam na esposa e filhos e choram: 'Meu Deus! O que acontecerá com eles depois de minha morte?'

"As almas enredadas repetem as mesmas ações que as fizeram sofrer tanto. São como o camelo que comem arbustos espinhosos até que o sangue escorra de sua boca, mas ainda assim, não desistem deles. Um homem assim, pode ter perdido o filho e estar tomado pela dor, mas ainda terá filhos, ano após ano. Pode arruinar-se com o casamento da filha, mas continua tendo filhos todos os anos. Diz: 'O que posso fazer? É a minha sina!' Quando vai a um lugar sagrado não tem tempo para pensar em Deus. Quase se mata, carregando fardos para a esposa. Ao entrar no templo fica ansioso para dar ao filho água benta para beber ou o faz rolar, mas não tem tempo para suas práticas. Essas pessoas estão ligadas como escravos a seu amo, a fim de ganharem comida para si mesmos e suas famílias. Gastam dinheiro mentindo, enganando ou adulando. Riem daqueles que pensam em Deus e meditam n'Ele, chamando-os de lunáticos.

"Assim o senhor vê quantas espécies diferentes de homens existem. O senhor disse que todos os homens são iguais, mas quantas variedades há! Alguns têm mais poder, outros, menos.

"As pessoas enredadas, apegadas ao mundanismo, falam somente de coisas do mundo, na hora da morte. De que serve a esses homens repetir o nome de Deus para o exterior, tomar banho no Ganges ou visitar lugares sagrados? Se cultivam dentro de si mesmos apego ao mundo, esse apego surgirá na hora da morte. Deliram e falam coisas incoerentes. Talvez gritem em delírio: 'Pó de açafrão! Tempero! Folha de louro!' O papagaio que canta, quando livre, repete os santos nomes de Radha e Krishna, mas quando é apanhado por um gato, emite seu próprio som natural e grita, 'Kaa! Kaa!' Diz-se no *Gita* que o que uma pessoa pensa na hora da morte, torna-se verdadeiro na próxima vida. O rei Bharata deixou o corpo exclamando, 'Veado! Veado!' e nasceu

como aquele animal na encarnação seguinte, mas se um homem morre pensando em Deus, atinge Deus e não tem que voltar à vida deste mundo."

Um devoto Brahmo: "Senhor, suponhamos que um homem tenha pensado em Deus muitas vezes durante a vida, mas na hora da morte, esquece-se d'Ele. Será que por isso tenha que voltar a este mundo de tristeza e sofrimento? Por que tem que ser assim? Certamente pensou em Deus alguma vez durante a vida."

Mestre: "Um homem pensa em Deus, sem dúvida, mas não tem fé n'Ele. Repetidas vezes esquece-se d'Ele e fica apegado ao mundo. É como dar banho num elefante; logo em seguida ele cobre novamente o corpo de lama e sujeira. 'A mente é um elefante louco.' Mas se você fizer o elefante entrar no estábulo imediatamente após o banho, ele permanece limpo. Da mesma maneira, se um homem pensa em Deus na hora da morte, a mente torna-se pura e não tem mais oportunidade de apegar-se a 'mulher e ouro'.

"O homem não tem fé em Deus. É por esta razão que sofre tanto. Dizem que quando se mergulha nas águas sagradas do Ganges, os pecados ficam empoleirados numa árvore da margem. Logo que se sai da água após o banho, os pecados pulam novamente nos seus ombros. (*Todos riem*). Um homem deve preparar o caminho com antecedência, de forma que possa pensar em Deus na hora da morte. O caminho é delineado através da prática constante. Se um homem praticar meditação em Deus, lembrar-se-á de Deus mesmo no último dia de sua vida."

Devoto Brahmo: "O senhor falou lindamente. Realmente lindas palavras."

Mestre: "Ó, esta é somente uma conversa simples, mas sabe qual é o meu sentimento interior? Sou a máquina e Deus, o Operador. Sou a casa e Ele é o Morador. Sou o motor e Ele, o Mecânico. Sou a carruagem e Ele, o Condutor. Movo-me como Ele me faz mover; faço o que Ele me faz fazer."

Logo Trailokya começou a cantar com acompanhamento de tambores e pratos. Shri Ramakrishna dançou, intoxicado pelo amor divino. Muitas vezes entrou em samadhi. Permaneceu imóvel, olhos fixos, rosto radiante com uma das mãos no ombro de um discípulo bem-amado. Descendo um pouco do êxtase, dançou novamente como um elefante louco. Retomando à consciência do mundo exterior, improvisou versos para a música:

Ó Mãe, dança em volta de Teus devotos!
Dança Tu mesma e faz todos dançarem também.
Ó Mãe, dança no lótus do meu coração.
Dança, Ó Tu o sempre abençoado Brahman!
Dança em toda Tua beleza que seduz o mundo.

Uma cena indescritível. A dança delicada e celestial de uma criança completamente tomada de amor divino e identificada de coração e alma com a Mãe Divina. Os devotos Brahmos dançaram em volta do Mestre repetidamente, atraídos como ferro pelo ímã. Com vozes tomadas pela emoção divina cantavam o nome de Brahman. Novamente cantaram o nome da Mãe Divina. Muitos deles choravam como crianças, gritando, "Mãe! Mãe!"

Quando a música acabou, os devotos e o Mestre sentaram-se. Embora já fossem mais ou menos oito horas da noite, o culto da tarde do Brahmo Samaj ainda não havia começado. Na alegria dessa música divina havia esquecido tudo a respeito do culto formal. Vijay, que deveria conduzir o serviço da tarde, permanecia olhando para o Mestre. Sua sogra e outras senhoras Brahmos queriam ver Shri Ramakrishna. Ele as recebeu em outro aposento.

Depois de um certo tempo o Mestre voltou e disse a Vijay: "Que devoção a Deus sua sogra tem! A respeito da vida mundana, ela disse: 'Ó, o senhor não necessita falar-me sobre o mundo. Logo que uma onda desaparece, outra se levanta.' 'Mas', eu disse, 'o que significa isso para a senhora? A senhora tem conhecimento.' Ela respondeu: 'Onde está meu conhecimento? Ainda não fui capaz de ir além de vidyamaya e avidyamaya. Não me ajudará muito ir além apenas da

ilusão da ignorância. Tenho que transcender a ilusão do conhecimento, também. Somente então, terei o verdadeiro conhecimento de Deus. Estou citando suas próprias palavras."

Enquanto conversavam, Beni Pal, o anfitrião, entrou no aposento.

Beni (*a Vijay*): "Senhor, por favor levante-se .Já está tarde. Dê início ao culto.."

Mestre (*com um sorriso*): "Os devotos buscam oferendas de acordo com seus temperamentos. O devoto sattvico oferece à Divindade simples pudim de arroz e o devoto rajásico, cinqüenta diferentes. O tamásico mata cabras e outros animais.

"Vijay hesitava em ir para a plataforma para fazer o culto. Disse ao Mestre, "Farei o culto da plataforma somente se o senhor me der sua bênção."

Mestre: "Estará bem, se não tiver qualquer egoísmo, qualquer sentimento de vaidade: 'Estou fazendo uma conferência. Ouçam-me'. O que o egoísmo gera? Conhecimento ou ignorância? Somente o humilde alcança o Conhecimento. É num lugar baixo que a água da chuva fica represada, ela desce de um ponto alto.

"Um homem não alcança Conhecimento nem liberação, enquanto tiver egoísmo. Volta repetidamente a este mundo. O bezerro berra 'Hamba! Hamba!', isto é, 'eu! Eu!'. É por esta razão que sofre tal agonia. O açougueiro mata-o e o sapateiro faz sapatos de seu traseiro. Além disso, o traseiro é usado para fazer tambores, que é batido sem piedade. Todavia não terminou sua infelicidade! Finalmente uma cardadeira é feita de suas tripas. Enquanto cardando o algodão, a máquina faz o barulho de 'Tuhu! Tuhu!', isto é, 'Tu, Tu!'. Então o pobre bezerro fica aliviado do sofrimento. Não mais diz: 'Hamba! Hamba!' mas repete 'Tuhu! Tuhu!' O bezerro, por assim dizer, diz: 'Ó Deus, Tu és O que faz e eu, não sou nada. Tu és o Operador e eu sou a máquina. Tu és tudo.'

"Três palavras – 'mestre', 'instrutor' e 'pai' – espetam-me como espinhos. Sou filho de Deus, Sua eterna criança. Como posso ser um 'pai'? Somente Deus é o Amo, sou Seu instrumento. Ele é o operador, sou a máquina.

"Se alguém dirige-se a mim como guru, digo-lhe: 'Vá embora, tolo! Como posso ser um instrutor?' Não há instrutor a não ser Satchidananda. Não há refúgio, exceto n'Ele. Somente Ele é o barqueiro que leva uma pessoa através do oceano do mundo. (*A Vijay*) É muito difícil agir como acharya. Fere o próprio acharya. Ao encontrar um número de pessoas prestando-lhe reverência, ele se senta ereto, cruzando as pernas e diz orgulhosamente: 'Estou pregando. Ouçam todos vocês!" Esta é uma atitude muito ruim. Ganha-se um pouco de prestígio e acaba por aí. No máximo as pessoas dizem: 'Ah! Vijay Babu falou muito bem. Ele sabe muito?' Jamais cultivo a atitude, 'Estou pregando". Sempre digo à Mãe Divina, 'Ó Mãe! Tu és a Operadora, eu sou a máquina. Faço o que Tu me fazes fazer, falo o que Tu me fazes falar.' "

Vijay (*humildemente*): "Por favor, dê-me sua permissão. Só então irei para a plataforma."

Mestre (*com um sorriso*): "O que direi? Ore você mesmo a Deus. Ele pertence a todos, assim como a 'Tia Lua' [4] que é a tia de todas as crianças. Não terá nada a temer se for sincero."

Sendo mais tarde requisitado por Vijay, o Mestre disse: "Sim, vá. Siga as regras. Tudo está bem se uma pessoa tiver amor sincero por Deus."

Vijay sentou-se na plataforma e conduziu o culto de acordo com as regras do Brahmo Samaj. No momento da oração chamava pela Mãe repetidamente, tocando os corações de todos. Depois do culto o anfitrião ofereceu ao Mestre e aos devotos uma festa suntuosa.

Logo estavam prontos para voltar para casa. Shri Ramakrishna começou a conversar com Vijay. Não havia ninguém presente, exceto M.

Mestre: "Você orou a Deus, dirigindo-se a Ele como Mãe. Isto é muito bom. As pessoas dizem que o apego da mãe à criança e mais forte do que o do pai. Um filho pode forçar seu pedido à mãe mas não, a seu pai. Uma vez carros carregados com dinheiro vinham da propriedade da mãe de Trailokya. Estavam guardados por homens fortes de turbante vermelho, armados com

[4] No folklore de Bengala, diz-se às crianças que a lua é sua tia materna.

grandes varas. Trailokya, que esperava na estrada com seus homens, lançou-se sobre o dinheiro e o tomou à força. Um filho tem direito forte sobre a riqueza de sua mãe. As pessoas dizem que a mãe não pode processar um filho na corte de justiça."

Vijay: "Se Brahman é nossa Mãe, então Ele é com forma ou sem forma?

Mestre: "Aquele que é Brahman é também, Kali, a Mãe, a Energia Primordial. Quando inativa é chamada Brahman. Assim também, quando criando, preservando e destruindo, é chamada Shakti. A água parada é uma ilustração de Brahman. A mesma água, movendo-se em ondas, pode ser comparada à Shakti, Kali. Qual é o significado de Kali? Aquela que comunga com Maha-Kala, a Absoluta, é Kali. É sem forma e também, tem forma. Se você acreditar no aspecto sem forma, então medite nele. Se meditar em qualquer aspecto d'Ela, com convicção firme, Ela lhe fará conhecer Sua verdadeira natureza. Aí compreenderá que não somente Deus existe, mas que Ele se aproximará e conversará com você como estou falando agora. Tenha fé e alcançará tudo. Lembre-se disso também. Se acreditar que Deus é sem forma, agarre-se a essa crença com firme convicção. Mas não seja dogmático, jamais diga enfaticamente sobre Deus que Ele pode ser somente isto e não, aquilo. Pode dizer, 'Acredito que Deus é sem forma, mais Ele pode ser muitas coisas mais. Somente Ele sabe o que mais pode ser. Não sei, não compreendo'. Como pode um homem com um pouco de inteligência, conhecer a natureza real de Deus? e Deus, por Sua graça, alguma vez, revelar-Se ao Seu devoto e o fizer compreender, então, ele saberá, mas não, de outra modo.

"Aquele que é Brahman é Shakti, e Aquele, também, é a Mãe.

> É Ele, diz Ramprasad, de quem me aproximo como Mãe!
> Mas devo desistir do segredo, aqui no mercado?
> Das sugestões que dei, Ó mente, adivinho quem é esse Ser!

Ramprasad quer dizer que conheceu a verdade de Brahman. Dirige-se a Ele como Mãe.

"Em outra canção, Ramprasad era essa a mesma idéia assim:

> Conhecendo o segredo que Kali é una com o mais elevado Brahman,
> Descartei uma vez por todas, tanto dharma como adharma.

Adharma significa ações más, proibidas pela religião. Dharma significa ações piedosas prescritas pela religião como por exemplo, caridade com os pobres, alimentar os brahmins etc.

Vijay: "O que resta se uma pessoa renuncia tanto ao dharma como ao adharma?"

Mestre: "Puro amor de Deus. Orei à Mãe Divina: 'Ó Mãe, olha, toma Teu dharma; olha, toma Teu adharma e dá-me puro amor por Ti. Olha, toma Teu Conhecimento, olha, toma Tua ignorância e dá-me puro amor por Ti'. Nem mesmo pedi conhecimento e reconhecimento público. Quando se renuncia tanto ao dharma como ao adharma, permanece apenas puro amor por Deus – amor sem mácula, sem desejo egoísta e que se sente somente por amor ao amor."

Devoto Brahmo: "É Deus diferente de Sua Shakti?"

Mestre: "Depois de alcançar Conhecimento Perfeito, realiza-se que não são diferentes. São o mesmo, como a pedra preciosa e seu brilho. Pensando na pedra preciosa, só se pode pensar em seu brilho. Assim também são o leite e sua brancura. Pensando num, deve-se pensar também, no outro, mas você não pode realizar esta não-dualidade antes de atingir o Conhecimento Perfeito. Alcançando Conhecimento Perfeito, entra-se em samadhi, além dos vinte e quatro princípios cósmicos. Portanto, o princípio do 'eu' não existe nesse estágio. Um homem não pode descrever em palavras, o que sente em samadhi. Descendo, pode apenas dar uma idéia a esse respeito. Desço cem cúbitos, por assim dizer, ao dizer: 'Om' depois do samadhi. Brahman está além das prescrições dos Vedas e não pode ser descrito. Aí não há nem 'eu' nem 'você'.

"Enquanto um homem for consciente do 'eu' e ''você', enquanto sentir que é ele quem ora ou medita, sentirá que Deus está ouvindo sua prece e que Deus é uma Pessoa. Deve dizer, 'Ó Deus, Tu és o Amo e eu Teu servo, Tu és o Todo e eu sou uma parte de Ti. Tu és a Mãe e eu sou Teu filho'. Nesse momento existe um sentimento de diferença: 'Sou um e Tu és outro.' É o Próprio Deus que nos faz sentir esta diferença e, devido a esta diferença, uma pessoa vê homem e mulher, luz e escuridão e assim por diante. Enquanto se estiver consciente dessa diferença deve-se aceitar Shakti, o Deus Pessoal. É Deus quem pôs a 'consciência do eu' em nós. Pode-se raciocinar mil vezes, mesmo assim, este 'eu' não desaparece. Enquanto a 'consciência do eu' existir, Deus revela-Se a nós como Pessoa."

"Por conseguinte, enquanto um homem estiver consciente do 'eu' e da diferença, não pode falar do Brahman sem atributos e deve aceitar Brahman com atributos. Este Brahman com atributos foi considerado nos Vedas, Puranas e Tantras, como sendo Kali, a Energia Primordial."

Vijay: "Como, senhor, como se pode ter a visão da Energia Primordial e atingir Brahmajnana, o Conhecimento do Brahman sem atributos?"

Mestre: "Ore a Ele com um coração anelante e chore. Isto purificará seu coração. Veja a reflexão do sol na água límpida. No espelho de sua 'consciência do eu', o devoto vê a forma da Energia Primordial, Brahman com atributos, mas o espelho deve estar muito bem limpo. Não se pode ver a reflexão correta, se houver a menor sujeira no espelho.

"Enquanto um homem tiver que ver o Sol na água de sua 'consciência do eu' e não tiver outros meios de vê-Lo, enquanto não tiver meio algum de ver o Sol real, exceto por Seu reflexo, o sol refletido será cem por centro real para ele. Enquanto o 'eu' é real, será o sol refletido real – cem por cento real. Esse sol refletido nada mais do que a Energia Primordial.

"Mas se você busca Brahmajnana, o Conhecimento do Brahman sem atributos, então, prossiga em direção ao Sol real através de Seu reflexo. Ore a Brahman com atributos que ouve suas preces e Ele próprio lhe dará completo Conhecimento de Brahman sem atributos, porque Aquele que é Brahman com atributos é verdadeiramente Brahman sem atributos, e o que é Brahman, é na verdade Shakti. Realiza-se esta não-dualidade depois de se alcançar Conhecimento Perfeito.

"A Mãe Divina também dá a Seu devoto Brahmajnana, mas um verdadeiro amante de Deus geralmente não procura o Conhecimento de Brahman.

"Há outro caminho, o caminho do Conhecimento, que é muito difícil. Vocês, membros do Brahmo Samaj, não são jnanis. São bhaktas. O jnani crê que somente Brahman é real e o mundo ilusório, como um sonho. Para ele, 'eu' e 'você' somos ilusórios como um sonho.

"Deus é o nosso Controlador Interior. Ore a Ele com um coração puro e sem malícia. Ele lhe explicará tudo. Abandone o egoísmo e tome refúgio n'Ele e então realizará tudo."

O Mestre cantou:

More, Ó mente, dentro de si mesma.
E não, na casa de ninguém.
Se você apenas procurar ali, encontrará
Tudo o que está buscando.

Deus, a verdadeira Pedra Filosofal
Que responde a todas as perguntas,
Jaz escondido no fundo de seu coração.
A pedra mais rica de todas.

Quantas pérolas e pedras preciosas
Estão espalhadas pela sala que precede
A câmara do seu coração!

Continuou: "Quando se misturar com pessoas que não pertencem ao seu Brahmo Samaj, ame a todos. Quando estiver na companhia de todas elas, seja um deles. Jamais sejam maus. Não torçam o nariz, dizendo: 'Ó este homem acredita em Deus com forma e não, no Deus sem forma. Aquele homem acredita em Deus sem forma e não, em Deus com forma. Este homem é um cristão, este outro é um hindu e aquele, um muçulmano.' É somente Deus que nos faz ver as coisas de maneiras diferentes. Saiba que as pessoas têm natureza diferente. Compreenda isso e junte-se a elas tanto quanto possível, mas entre em sua câmara interior para desfrutar paz e felicidade.

> Acendendo o lampião do Conhecimento, na câmara de seu coração,
> Contemple o rosto da Mãe, Personificação de Brahman.

Só poderá ver seu verdadeiro Eu, dentro de sua própria câmara. Os pastores levam as vacas para pastar onde todas se misturam, formam um só rebanho, mas ao voltar para o curral à tarde, o gado é separado. Cada vaca fica em sua bala, portanto, more sozinho em sua câmara.

"Eram dez horas da noite. O Mestre entrou na carruagem para voltar a Dakshineswar. Um ou dois devotos que o atendiam, subiram com ele. A carruagem parou debaixo de uma árvore, em plena escuridão. Beni Pal queria enviar, por Shri Ramakrishna, alguns doces e outras comidas para Ramlal sobrinho do Mestre.

Beni Pal: "Senhor, Ramlal não esteve aqui esta noite. Com sua permissão, gostaria de mandar alguns doces para ele, por meio de seus ajudantes."

Mestre (*com grande ansiedade*): "Ó Beni Pal! Ó senhor! Por favor não mande estas coisas comigo. Isto me fará mal. Nunca me é possível guardar algo. Espero que o senhor não se importe."

Beni Pal: "Como queira, senhor, por favor dê-me sua bênção."

Mestre: "Ó, fomos tão felizes hoje! Veja, somente é um verdadeiro homem aquele que fez do dinheiro seu servo, mas aqueles que não conhecem o uso do dinheiro, não são homens, mesmo que tenham a forma humana. Podem ter corpos humanos mas comportam-se como animais. O senhor é realmente abençoado. Hoje fez muitos devotos felizes."

Segunda-feira, 20 de outubro de 1884

Dois dias depois do culto de Kali, os Marwaris da seção de Burrabazar de Calcutá, celebravam o festival Annakuta [5]. Shri Ramakrishna fora convidado pelos devotos Marwaris para a cerimônia na rua Mallick 12. Era o segundo dia da quinzena da lua crescente. O festival ligado ao culto de Kali, conhecido como "Festival de Luz", estava ainda se realizando em Burrabazar.

Mais ou menos às três horas da tarde, M. e o jovem Gopal vieram a Burrabazar. M. segurava um embrulho de roupas que havia comprado para Shri Ramakrishna. A rua Mallick estava apinhada de gente, carros de boi e carruagens. Quando M. e Gopal aproximaram-se da rua Mallick 12, viram Shri Ramakrishna numa carruagem, que mal podia se movimentar devido ao aperto. Baburam e Ram Chakravarty estavam com o Mestre. Sorriu para M. e Gopal.

Shri Ramakrishna desceu da carruagem. Com Baburam, continuou a pé até a casa de seu anfitrião, com M. à frente. Viram o pátio da casa cheio de fardos de roupas que estavam sendo carregados nos carros de boi, para embarque. O anfitrião Marwari saudou o Mestre e conduziu-o ao terceiro andar. Havia uma pintura de Kali dependurada na parede. Shri Ramakrishna inclinou-se diante dela. Sentou-se e logo começou a conversar com os devotos. Um dos Marwaris começou a massagear seus pés. O Mestre pediu-lhe para parar. Depois de pensar um minuto disse, "Está bem, pode massagear um pouco." Suas palavras estavam cheias de compaixão.

---

[5] Literalmente, "montanha de comida". Durante este festival, uma grande quantidade de comida cozida é oferecida à Divindade, e mais tarde, distribuída entre devotos e pobres.

Mestre (*a M.*): "E a escola?"

M.: "Hoje é feriado, senhor."

Mestre (*sorrindo*): "Amanhã haverá um recital musical do *Chandi*, na casa de Adhar."

O dono da casa mandou um pundit falar com Shri Ramakrishna que saudou o Mestre e sentou-se. Logo começaram a conversar sobre assuntos espirituais.

Mestre: "Deus encarna-Se para o bhakta e não, para o jnani."

Pundit: " 'Encarno-Me em cada época, para a proteção dos bons, para a destruição dos maus e para restabelecimento do dharma.' [6] Deus torna-se primeiro homem, para alegria dos bhaktas, e em segundo lugar, para a destruição dos maus. Os jnanis não têm desejos."

Mestre (*sorrindo*): "Ainda não me libertei de todos os desejos. 'Desejo o amor de Deus'."

O filho do pundit entrou no quarto, saudou o Mestre e sentou-se.

Mestre (*ao pundit*): "Bem, o que é bhava e o que é bhakti?"

Pundit: "A meditação em Deus amadurece a mente. Essa maturação é chamada bhava. Ë como o derretimento do gelo quando o sol levanta."

Mestre: (*sorrindo*): "Bem, o que é prema?"

O pundit e Shri Ramakrishna conversavam em hindusthani. O último deu uma espécie de explicação para prema.

Mestre (*ao pundit*): "Não! Não! Este não é isso. Prema significa um tal amor a Deus que o homem se esquece do mundo e até do corpo, que lhe é tão caro. Chaitanyadeva tinha prema."

Pundit: "Sim, senhor. Uma pessoa comporta-se como um bêbado."

Mestre: "Algumas pessoas desenvolvem bhakti, outras não. Como explica isso, senhor?"

Pundit: "Não há parcialidade em Deus. Ele é a Árvore que satisfaz Todos os Desejos. O que quer que um homem peça a Deus, obtém mas tem que ir perto da Árvore para pedir."

O pundit disse tudo isso em hindusthani. O Mestre explicou-o a M, em bengali.

Mestre: "Senhor, por favor descreva-nos o samadhi."

Pundit: "Há dois tipos de samadhi: savikalpa e nirvikalpa. No nirvikalpa samadhi, o funcionamento da mente pára completamente."

Mestre: " 'Sim. 'A mente toma completamente a forma da Realidade'. A distinção entre o meditante e o objeto de meditação não existe. Há dois outros tipos de samadhi: chetana e jada. Narada e Shukadeva alcançaram chetana samadhi. Não é verdade, senhor?"

Pundit: "Sim, senhor. É isso."

Mestre: "Além disso há o unmana samadhi e o sthita samadhi. Não é verdade, senhor?"

O pundit permaneceu em silêncio. Não arriscou dar uma opinião.

Mestre: "Bem, senhor, pela prática de japa e austeridade pode-se obter poderes ocultos, como andar sobre as águas do Ganges. Não é verdade?"

Pundit: "Sim, pode-se, mas um devoto não os quer."

A conversa continuou por algum tempo. O pundit disse que iria visitar o Mestre, em Dakshineswar, no próximo dia do ekadashi.

Mestre: "Ah! Seu filho é muito gentil!"

Pundit: "Bem, reverenciado senhor, tudo é transitório. É como as ondas num rio – umas descem, outras sobem."

Mestre: "O senhor tem substância."

Depois de uns minutos, o pundit saudou Shri Ramakrishna. Disse: "Devo fazer minhas práticas espirituais diárias. Por favor, deixe-me ir."

Mestre: "Ó sente-se! Sente-se!"

O pundit sentou-se novamente. A conversa voltou-se para a hatha yoga. O pundit discutiu o assunto com o Mestre, em hindusthani. Shri Ramakrishna disse: "Sim, essa também é uma for-

---

[6] *Bhagavad Gita*, IV. 8.

ma de austeridade, mas o hathayogi identifica-se com o corpo. A mente mora somente em seu corpo." O pundit despediu-se do Mestre. Shri Ramakrishna conversou com o filho do pundit.

Mestre: "Pode-se compreender bem o *Bhagavata* se já estudou o Nyaya, a Vedanta e outros sistemas filosóficos. Não é assim?"

Filho do pundit: "Sim, senhor. É muito importante estudar a filosofia Samkhya."

A conversa continuou. Shri Ramakrishna estava recostado num almofadão e os devotos sentados no chão. Naquela posição o Mestre continuou a cantar:

Irmão, alegremente agarre-se a Deus.
Assim lutando, algum dia você pode alcançá-Lo.

O dono da casa entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna. Era um homem piedoso e dedicado ao Mestre. O filho do pundit ainda estava presente. O Mestre perguntou se *Panini*, a gramática sânscrita, era ensinada nas escolas. Perguntou também a respeito das filosofias Nyaya e Vedanta. O dono da casa não mostrou muito interesse na discussão e mudou de assunto.

Anfitrião: "Reverenciado senhor, qual é o caminho para nós?"

Mestre: "Cantar o nome e as glórias de Deus, viver na companhia dos santos e sinceramente orar a Deus,"

Anfitrião: "Por favor abençoe-me, senhor, para que eu possa cada vez menos dar atenção às coisas do mundo."

Mestre (*sorrindo*): "O quanto o senhor dá de atenção ao mundo? Cinqüenta por cento?" (*Risada*).

Anfitrião. "O senhor sabe disso. Não podemos alcançar coisa alguma sem a graça de um santo como o senhor."

Mestre: "Se o senhor agradar a Deus, todos ficarão satisfeitos. É somente Deus que existe no coração do santo."

Anfitrião: "Nada, naturalmente, deixa de ser realizado quando uma pessoa alcança Deus. Se um homem atinge Deus, pode abandonar tudo o mais. Quando um homem ganha uma rupia, abandona a alegria de um centavo."

Mestre: "Um pouco de disciplina espiritual é necessária. Pela prática de disciplina, gradualmente, obtém-se alegria divina. Suponhamos que um jarro contendo dinheiro, seja escondido bem no fundo da terra e alguém deseja possui-lo. Nesse caso tem o trabalho de cavar. Enquanto cava, sua muito. Depois de muito cavar, a pá bate no jarro de metal. Sente um arrepio com o som. Quanto mais barulho a pá faz, batendo contra o jarro, mais alegria sente.

"Ore a Rama e medite n'Ele. Certamente ele lhe proverá com tudo de que necessita."

Anfitrião: "Reverenciado senhor, o senhor é o Próprio Rama."

Mestre: "O que é isto? As ondas pertencem ao rio. Será que o rio pertence às ondas?"

Anfitrião: "Rama mora no coração dos santos. Não pode ser visto de outra maneira. Atualmente não há nenhuma Encarnação de Deus."

Mestre (*sorrindo*): "Como o senhor sabe que não há Encarnação Divina?"

O dono da casa ficou em silêncio.

Mestre: "Nem todos podem reconhecer uma Encarnação. Quando Narada visitou Rama, Rama prosternou-Se ante Narada e disse: 'Somos pessoas do mundo. Como podemos nos santificar a não ser que santos como o senhor nos visitem?" Além disso, Rama foi para o exílio na floresta, para cumprir as promessas do pai. Notou que ao saberem de Seu exílio, os rishis da floresta começaram a jejuar, mas muitos deles não sabiam que Rama era o Próprio Supremo Brahman."

Anfitrião: "O senhor é também, o mesmo Rama."

Mestre: "Por Deus! Jamais diga isto."

Enquanto Shri Ramakrishna falava aquelas palavras, inclinou-se profundamente ante o anfitrião e disse, com as mãos postas: "Este Rama mora em todos os seres, existe em todos os lu-

gares do 'universo'. Sou Seu servo. Foi o Próprio Rama que Se tornou todos os homens, animais e outros seres vivos."

Anfitrião: "Mas senhor, não sabemos disso."

Mestre: "Que o senhor saiba ou não, o senhor é Rama."

Anfitrião: "O senhor está livre de amor e ódio."

Mestre: "Como? Tratei uma carruagem para trazer-me a Calcutá e dei a mais três annas ao cocheiro. Ele, contudo, não me deu o troco e então, fiquei zangado com ele. É um homem muito mau. Fez-me sofrer muito."

Shri Ramakrishna descansava. Os devotos Marwaris haviam cantado bhajans, no terraço. Celebravam o festival de Krishna. A pedido do anfitrião, o Mestre foi ver a imagem, inclinando-se ante a Divindade.

Shri Ramakrishna ficou profundamente emocionado, logo que se viu ante a imagem. De mãos postas, disse: "Ó Govinda! Tu és minha alma! Tu és minha vida! Salve Govinda! Abençoado seja o nome de Govinda! Tu és a Personificação de Satchidananda! Ó, Krishna! Ah, Krishna! Krishna é conhecimento. Krishna é mente. Krishna é vida. Krishna é alma. Krishna é o corpo. Krishna é a casta. Krishna é família. Ó Govinda, minha vida e alma!" Pronunciando estas palavras. Shri Ramakrishna entrou em samadhi, permaneceu de pé. Ram Chatterji amparava-o.

Depois de muito tempo, o Mestre retomou à consciência do mundo. Os devotos Marwaris estavam prontos para levar a imagem. A oferenda de comida deveria ser feita fora do quarto. O Mestre juntou-se à procissão dos devotos. A comida foi oferecida, com arati e música. Shri Ramakrishna abanava a imagem.

Começou a cerimônia da comida dos brahmins, sentados no terraço. O Mestre e os devotos, também, compartilharam o prasad.

Shri Ramakrishna despediu-se do anfitrião. Era noite e a rua estava apinhada como antes, de gente e veículos. Disse: "Vamos sair da carruagem. Ela pode ir por uma rua lateral." Prosseguindo a pé, descobriu que um vendedor de folhas de betel havia aberto uma barraca defronte a um pequeno aposento que parecia um buraco. Possivelmente não se podia entrar sem abaixar a cabeça. O Mestre disse: "Que doloroso é estar trancado num espaço tão pequeno! Esta é a maneira das pessoas do mundo. Ficam satisfeitas com uma vida assim."

A carruagem apareceu, depois de fazer um desvio. O Mestre entrou com Baburam, M. e Chatterji. Gopal mais jovem sentou-se na boléia da carruagem.

Uma mendiga com um bebê no colo parou defronte à carruagem, esperando esmola. O Mestre disse a M.: "Você tem dinheiro?" Gopal deu-lhe algo.

A carruagem seguiu ao longo de Burrabazar. Em todos os lugares havia sinais de grande festividade. A noite estava escura mas iluminada com miriades de luzes. A carruagem chegou à estrada Chitpur que estava, também, brilhantemente iluminada. As pessoas moviam-se em filas, como formigas. A multidão olhava para as lojas, alegremente decoradas, e para as barracas em ambos os lados da estrada. Havia lojas de doces e barracas de perfume. Quadros, lindos e vistosos, estavam pendurados nas paredes. A carruagem parou defronte a uma barraca de perfume. O Mestre olhou para os quadros e luzes e sentiu-se feliz como uma criança. As pessoas conversavam em voz alta. Gritou: "Vão em frente! Movam-se!" Ele riu e disse para Baburam em voz alta: "Movam-se! O que estão fazendo?" Os devotos riram, também. Compreenderam que o Mestre queria que eles se movessem em direção a Deus, e não ficassem satisfeitos com seu estado atual.

A carruagem continuou a andar. O Mestre reparou que M. havia trazido algumas roupas para ele. M. tinha duas peças não alvejadas, e duas peças de roupa lavadas, mas o Mestre lhe havia pedido somente as não alvejadas. Disse a M. "Dê-me as não alvejadas, pode guardar as outras. Está bem. Pode dar-me uma delas."

M.: "Então devo levar uma peça de volta?"

Mestre: “Então leve as duas.”

M.: “Como lhe agradar, senhor.”

Mestre: “Pode dar-me aquelas quando eu precisar. Ontem Beni Pal quis que eu levasse alguma comida para Ramlal. Disse-lhe que não podia. É impossível para mim, guardar para o futuro.”

M,: “Está bem, senhor. Levarei de volta as duas peças de roupa lavadas.”

Mestre (*afetuosamente*): “Não percebe que qualquer desejo que tenho, é para o bem de todos vocês? Vocês são meus amigos íntimos. Eu lhe direi se precisar de alguma coisa.”

M. (*humildemente*): “Sim, senhor.”

Referindo-se a um devoto, Shri Ramakrishna disse, “Disse-lhe ontem, ‘Amanhã irei a Burrabazar, por favor, encontre-me lá. ’Sabe o que me disse? Disse: ‘A passagem de bonde custa uma anna. Onde vou consegui-la?’ estivera na casa de Beni Pal ontem e oficiou como sacerdote. Ninguém lhe pedira para fazê-lo. Deu o espetáculo por si mesmo. Queria que soubessem que era membro do Brahmo Samaj. (*A M.*) O que quis dizer ao falar que a passagem lhe custaria uma anna?”

A conversa voltou-se para o festival Annakuta dos Marwaris.

Mestre (*aos devotos*): “O que viram aqui, vê-se em Vrindavan e é o que Rakhal viu lá, mas o monte de comida aí, é maior e há mais pessoas. Lá vê-se o Monte Govardhan. Esta é a diferença.

“Notaram a devoção dos Marwaris? É o ideal hindu, o Sanatana Dharma. Viram quando levaram a imagem em procissão? Felizes, pensavam que suportavam o trono de Deus nos ombros.

“Somente a religião hindu é o Sanatana Dharma. Os vários credos que há hoje em dia, existem pela vontade de Deus e desaparecerão por Sua vontade. Não durarão para sempre, então digo, ‘Inclino-me aos pés dos devotos modernos.’ A religião hindu existiu e sempre existirá.”

M. ia para casa. Saudou o Mestre e desceu da carruagem perto de Sobhabazar. Shri Ramakrishna continuou feliz.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 33

COM VÁRIOS DEVOTOS

Domingo, 26 de outubro de 1884

ERA DE TARDE e muitos devotos estavam no quarto do Mestre. Entre eles estavam Manomohan, Mahimacharan e M.. Mais tarde Ishan e Hazra juntaram-se a eles. Balaram e Rakhal ainda estavam em Vrindavan. Os jovens nesta época começaram a procurar a companhia do Mestre e mais tarde, tornaram-se seus discípulos íntimos. Latu morava com o Mestre e Jogin[1], que vivia no vilarejo, era visitante freqüente.

Shri Ramakrishna, feliz filho da Divina Mãe que era, irradiava alegria e paz que refletiam nos corações dos devotos e encontravam expressão em seus rostos felizes. Estavam sentados no chão e tinham os olhos fixos no Mestre, que estava em pé pensativo, como um menino.

Mestre (*a Manomohan*): "Vejo Rama em todas as coisas. Estão todos sentados aqui mas vejo apenas Rama em cada um."

Manomohan: "Sim, senhor. É Rama que Se tornou tudo, mas como o senhor diz, embora toda a água seja Narayana, todavia, alguma é própria para beber, outra para lavar as mãos e o rosto, e outra para lavar panelas e frigideiras.

"Mestre: "É verdade, mas vejo que foi o Próprio Deus quem Se tornou tudo – universo e os seres vivos."

Logo o Mestre sentou-se no pequeno divã, próximo de sua cama.

Mestre (*a Mahimacharan*): "Não há dúvida sobre a minha veracidade, mas devo ser escravo dela? Se uma vez disser que não vou comer, então me é impossível comer, mesmo se estiver com fome. Também, se pedir a um determinado homem para levar meu jarro de água ao bosque de pinheiros, somente ele deve levá-lo. Se outro o levar, terá que trazê-lo de volta. Em que apuros estou metido! Não existe saída para isso?

"Além disso, não posso levar nada comigo, nem comida, nem folha de betel porque isso significa armazenar para o futuro. Não posso levar nem um pouco de argila em minhas mãos."

Naquele momento entrou um homem, que disse ao Mestre que Hriday estava esperando para vê-lo no jardim de Jadu Mallick, junto ao portão.

O Mestre disse aos devotos: "Tenho que ver Hriday. Por favor não saiam do quarto." Calçou os chinelos e foi em direção ao portão leste do templo, com M.. A estrada do jardim estava coberta de poeira vermelha de tijolo. O gerente do templo, na estrada, saudou Shri Ramakrishna. O Mestre passou pelo conjunto de templos onde estavam sentinelas de barba. À esquerda passou pelo kuthi, edificação usada pelos proprietários do templo. Caminhou descendo a estrada margeada em ambos os lados por árvores floridas, passando pelo reservatório à direita e saiu fora dos limites do templo. Encontrou Hriday esperando por ele, próximo ao portão do jardim de Jadu Mallick.

À vista do Mestre, Hriday que o esperava de mãos postas, prosternou-se ante ele. Quando o Mestre lhe disse para se levantar, ficou de pé, chorando como uma criança. Que estranho! Lágrimas também apareceram nos olhos do Mestre que ele limpou com as mãos. Hriday o fizera sofrer agonias sem fim, contudo o Mestre chorava por ele.

Mestre: "Por que você está aqui agora?

Hriday (*chorando*): "Vim para vê-lo. Para quem mais contarei minhas tristezas?"

---

[1] Discípulo monástico de Shri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Yogananda.

Shri Ramakrishna sorriu e disse-lhe, consolando-o: "Não se pode evitar tristezas no mundo. Prazer e dor são inevitáveis na vida mundana. (*Apontando para M.*) É por isso que vem aqui de vez em quando. Obtém paz de espírito, ouvindo falar de Deus. O que houve?"

Hriday (*chorando*): "Estou privado de sua companhia e por isso, sofro,"

Mestre: "Ora, não foi você quem me disse, 'O senhor segue o seu ideal e eu o meu?' "

Hriday: "Sim, eu disse, mas o que eu sabia?"

Mestre: "Tenho de dizer-lhe adeus, agora. Venha outro dia e conversaremos. Hoje é domingo e muitas pessoas vêm me ver. Estão me esperando no quarto. Tiveram uma boa colheita no campo?"

Hriday: "Não foi má."

Mestre: "Adeus. Volte outro dia."

Hriday de novo prosternou-se aos pés do Mestre que regressou a seu aposento com M.

Mestre (*a M.*): "Ele atormentou-me tanto quanto me serviu. Quando o problema do estômago reduziu-me a ossos, e não podia comer nada, ele disse-me um dia: 'Olhe-me – quão bem eu como! O senhor imaginou novamente que não pode comer.' Outra vez disse-me: 'O senhor é um tolo! Se eu não tivesse morando com o senhor, onde estaria sua profissão de santo?' Um dia atormentou-me tanto, que fiquei de pé na amurada, pronto para deixar o corpo, jogando-me no Ganges, onde estava ocorrendo a maré alta."

M. ficou mudo a estas palavras do Mestre. Por aquele homem ele havia derramado lágrimas há alguns minutos atrás!

Mestre (*a M.*): "Bem, ele serviu-me muito, então por que caiu em dias maus? Tomou conta de mim como um pai educando o filho. Eu ficava dia e noite inconsciente do mundo. Caí doente durante muito tempo, completamente à sua mercê."

M. não sabia o que responder a Shri Ramakrishna, então permaneceu em silêncio.

Shri Ramakrishna voltou ao quarto e sentou-se no pequeno divã. Os devotos esperavam por ele, ansiosamente. Chegaram diversas devotos de Konnagar. Um deles adiantou-se para fazer perguntas ao Mestre.

Devoto: "Senhor, ouvimos dizer que o senhor entra em samadhi e experimenta êxtase. Por favor explique porque e como o senhor entra nesse estado."

Mestre: "Shri Radha costumava experimentar mahabhava. Se alguma de suas companheiras queria tocá-la, enquanto estava naquele estado, a outra dizia-lhe: 'Por favor, não toque naquele corpo, o lugar da Lila de Shri Krishna. Krishna está agora, brincando no seu corpo.' Não é possível experimentar-se bhava ou mahabhava sem a realização de Deus. Quando um peixe vem de uma grande profundidade, vê-se, na superfície da água, certo movimento, e se for um grande peixe, há muito mais espadanar. Por isso é que um devoto 'ri e chora, e dança e canta no êxtase de Deus.'

"Não se pode ficar muito tempo em bhava. As pessoas tomam um homem por louco, se ele tentar sentar-se defronte a um espelho e ficar olhando o rosto o tempo todo."

Devoto: "Senhor, soubemos que vê Deus. Se assim é, mostre-O a nós, por favor."

Mestre: "Tudo depende da vontade de Deus. O que pode um homem fazer? Enquanto canto o nome de Deus, às vezes lágrimas fluem e outras vezes, os olhos ficam secos. Ao meditar em Deus, às vezes sinto um grande despertar interior e em certos dias, não sinto nada.

"Um homem deve trabalhar. Somente assim pode ver Deus. Um dia, em estado exaltado, tive uma visão do Haldarpukur. Vi um aldeão de casta inferior apanhando água depois de empurrar, para o lado, o limo verde. De vez em quando tirava a água com a palma da mão e a examinava. Nessa visão me foi revelado que a água não pode ser vista, sem pôr de lado o limo verde que a cobre, quer dizer, não se pode desenvolver amor a Deus ou obter Sua visão, sem trabalho. Trabalho significa meditação, japa e coisas assim. Cantar o nome e glória de Deus é também, trabalho. Pode incluir também, caridade, sacrifício e assim por diante.

"Se você quiser manteiga tem que deixar o leite se transformar em coalhada. Deve ser deixado num lugar quieto. Quando o leite tornar-se coalhada, deve se esforçar para batê-lo. Somente então, poderá obter manteiga do leite."

Mahimacharan: "É verdade, senhor. O trabalho é necessário. Deve-se trabalhar muito. Somente então, a pessoa obtém êxito. Há tanto que ler! As escrituras não têm fim!"

Mestre (*a Mahimacharan*): "Quanto das escrituras você pode ler? O que ganhará com simples raciocínio? Procure realizar Deus antes de qualquer outra coisa. Tenha fé nas palavras do guru e trabalhe. Se não tiver um guru, então ore a Deus, com o coração anelante. Ele lhe fará conhecer como é.

"O que aprenderá sobre Deus nos livros? Enquanto estiver longe do mercado, ouvirá somente um barulho indistinto, mas é completamente diferente quando estiver realmente lá. Então ouvirá e verá tudo distintamente. Ouve as pessoas dizendo, 'Aqui estão suas batatas. Tome-as e dê-me o dinheiro.'

"À distância ouve-se somente o som do oceano. Aproxime-se dele e verá muitos barcos navegando, pássaros voando e ondas rolando.

"Não se pode ter verdadeiro sentimento sobre Deus com o estudo de livros. Este sentimento é algo bem diferente do aprendizado de livros. Livros, escrituras e ciência parecem simples lixo e palha, após a realização de Deus.

"A única coisa necessária é ser apresentado ao dono da casa. Por que está tão ansioso para saber de antemão, quantas casas, chácaras e seguros o proprietário tem? Os empregados da casa não lhe permitiriam aproximar-se dele e certamente não lhe falariam dos investimentos do patrão. Por conseguinte, de uma maneira ou de outra, relacione-se com o proprietário, mesmo que tenha que pular a cerca ou levar uns empurrões dos empregados. Então o próprio proprietário lhe falará de suas casas, chácaras e seguros. E o que é mais, os empregados e porteiro o saudarão quando for um conhecido do proprietário". (*Todos riem*).

Devoto: "A questão agora é como tornar-se conhecido do proprietário." (*Risada*).

Mestre: "É por isso que digo que o trabalho é necessário. Não basta dizer que Deus existe e ficar inativo. Deve-se chegar a Deus de uma maneira ou de outra. Chame-O na solidão e ore a Ele, 'Ó Senhor! Revela-Te a mim!' Chore por Ele com um coração anelante. Você procura como um louco, 'mulher e ouro', agora, fique um pouco louco por Deus. Deixe que as pessoas digam, 'Este homem perdeu a cabeça por Deus'. Por que renunciar a tudo por uns dias e chamar Deus em solidão?

"O que conseguirão, simplesmente dizendo que Deus existe e nada fazendo a respeito? Há grandes peixes no lago de Haldarpukur, mas podem pegá-los simplesmente sentando-se indolentemente na margem? Preparem a isca e joguem dentro do lago e aí os peixes virão do fundo do lago e verão a água formar ondas. Isso os fará felizes. Talvez um peixe dê um salto fazendo um espadanar e terão um vislumbre dele. Ficarão tão felizes!

"O leite deve ser transformado em coalho e este batido. Somente então obterão manteiga. (*A Mahima*). Que transtorno! Alguém deve mostrar Deus a um homem, enquanto senta-se indolentemente o tempo todo! Alguém deve extrair a manteiga e segurá-la em frente dele. (*Todos riem*). É um grande incômodo! Alguém tem que apanhar o peixe e dar-lhe!

"Um homem desejava ver o rei que vivia no interior do palácio, depois de sete portões. Mal atravessou o primeiro portão e exclamou, 'Ó, onde está o rei?' Mas havia mais seis portões que ele devia atravessar um após o outro, antes que pudesse ver o rei."

Mahimacharan: "Como se pode realizar Deus?"

Mestre: "Não se trata que Deus possa ser realizado por este trabalho e não, por outro. A visão de Deus depende de Sua graça. Todavia deve-se trabalhar um pouco com anelo, pôr Deus no coração. Se houver anelo, receber-se-á a graça de Deus.

"Para alcançar Deus, deve-se ter certas condições favoráveis; companhia de homens santos e as bênçãos de um instrutor verdadeiro. Talvez o irmão mais velho assuma a responsabilidade da família; talvez não seja casado ou enredado na vida do mundo. Uma pessoa é bem sucedida quando houver condições iguais a essa.

"Numa certa família um homem ficou seriamente doente à beira da morte. Alguém disse: "Aqui está o remédio; primeiro é necessário que chova quando a estrela Svati estiver no ascendente; então um pouco de água dessa chuva deve ser coletada num crânio humano; depois, uma rã irá lá e será caçada por uma serpente que deve saltar e o veneno cai no crânio.

Necessita-se preparar um remédio deste veneno e dá-lo ao paciente. Então ele viverá.' O chefe da família consultou o almanaque sobre a estrela para ver o momento certo. Com ansiedade começou a buscar os diversos ingredientes. Orava a Deus, 'O Senhor, serei bem sucedido somente se Tu me trouxeres todos os ingredientes.' Enquanto procurava, viu um crânio deixado no chão. Logo desabou um aguaceiro e o homem exclamou, 'Ó Senhor misericordioso, consegui a água da chuva sob Svati e também, o crânio. Ainda mais, um pouco da chuva caiu no crânio. Agora sê bondoso comigo e traz-me os outros ingredientes.' Assim refletia com ansiedade quando viu uma cobra venenosa aproximar-se. Sua alegria não teve limites. Ficou tão agitado que podia sentir o bater do coração. 'Ó Deus", orou, 'agora a cobra também veio. Achei a maioria dos ingredientes, por favor sê misericordioso e dá-me os que faltam.' Mal havia orado desta maneira, a rã saltou. A serpente perseguiu-a. Ao se aproximar do crânio e a serpente estava a ponto de morder a rã, esta pulou por cima do crânio e o veneno da serpente caiu nele. O homem começou a dançar, batendo palmas de alegria. Digo que tudo se consegue com anelo a Deus.

"Um homem não pode realizar Deus a não ser que renuncie mentalmente a tudo. Um sadhu não pode guardar coisas. 'Pássaros e monges errantes não podem fazer provisões para o dia de amanhã'. Tal é o estado de minha mente que não posso levar nem argila comigo. Uma vez, quando Hriday me atormentava, pensei em deixar este lugar e ir para Benares. Pensei em levar algumas roupas comigo, mas como poderia levar dinheiro? Então não pude ir para Benares. (*Todos riem*).

(*A Mahima*) "Você é um chefe de família. Deve, portanto, agarrar-se tanto a 'isso' como a 'àquilo' – tanto ao mundo como a Deus."

Mahima: "Senhor, pode alguém se agarrar 'àquilo', e também a 'isso'?"

Mestre: "Uma vez, sentado na margem do Ganges, perto do Panchavati, segurando uma rupia com uma das mãos e argila na outra, discriminei, 'A rupia é a argila – a argila é verdadeiramente a rupia, e a rupia é verdadeiramente a argila e então, joguei a rupia no rio, mas eu estava um pouco assustado. 'Que tolice a minha, ofender a Deusa da riqueza!' Pensei, 'O que farei se Ela não me prover mais com alimento?' Então, como Hazra, utilizei um artifício. Disse à Deusa, 'Mãe, que Tu possas morar em meu coração'. Uma vez a Mãe Divina ficou satisfeita com a austeridade de um homem e disse-lhe, 'Podes pedir-Me um favor'. 'Ó Mãe', disse, 'se Tu estás satisfeita comigo, concede-me que eu possa comer num prato de ouro com os netos'. Ora, numa única graça, o homem obteve tudo: netos, riqueza e pratos de ouro. (*Todos riem*).

"Quando a mente está liberta de 'mulher e ouro', pode ser dirigida a Deus e ficar absorvida n'Ele. Somente aquele que está preso pode ser liberado. No momento em que a mente se afasta de Deus fica presa. Quando a agulha mais baixa de um par de pratos move-se da mais alta? Quando um prato é pressionado por um peso. 'Mulher e ouro' é o peso.

"Por que uma criança chora quando sai do ventre da mãe? Com seu grito quer dizer, 'Vejam onde estou agora! Na barriga da minha mãe eu estava meditando nos pés de Lótus de Deus, mas vejam onde estou agora.'

(*A Mahima*) Deve renunciar mentalmente. Seja um chefe de família desapegado."

Mahima: "Pode alguém viver no mundo com a mente dirigida a Deus?

"Mestre: "Por que não? Para onde iria fora do mundo? Compreendo que onde quer que eu viva, estou sempre no Ayodhya de Rama. Este mundo inteiro é Ayodhya de Rama. Depois de receber instrução de Seu mestre, Rama disse que renunciaria ao mundo. Dasaratha enviou o sábio Vashishtha a Rama, para dissuadi-lo. Vashishtha encontrou-O com intensa renúncia interior. Disse a Rama: 'Em primeiro lugar, raciocine comigo, Rama, em seguida Tu podes abandonar o mundo. Posso perguntar-Te se este mundo é exterior a Deus? Se assim for, então Tu podes abandoná-lo.' Rama compreendeu que foi somente Deus quem Se tornou o universo e todos os seres vivos. Tudo no mundo parece real devido à realidade de Deus por trás. Assim Rama ficou em silêncio.

"No mundo um homem deve lutar contra as paixões como luxúria e raiva, contra os desejos e contra o apego. É conveniente lutar dentro de um forte – de seu próprio lar. Em casa

tem comida e ajuda da esposa. No Kaliyuga a vida depende inteiramente da comida. É melhor obter comida de um lugar, a bater em sete portas para mendigar.[2] Viver em casa é como enfrentar a batalha dentro de um forte.

"Viva no mundo como uma folha ao sabor de uma ventania. Essa folha será às vezes jogada dentro de uma casa, às vezes num monte de lixo. A folha vai para onde o vento sopra – às vezes para um lugar bom, às vezes para um mau. Agora Deus colocou você no mundo. Isso é bom, fique aqui. Da mesma maneira, quando ele o tirar daqui e o puser num lugar melhor, haverá então tempo suficiente para pensar no que fará.

"Deus o pôs no mundo. O que você pode fazer a esse respeito?. Entregue tudo a Ele. Abandone-se a Seus pés. Não haverá mais inquietude e compreenderá que Deus é quem faz tudo. Tudo depende da 'vontade de Rama'."

Um devoto: "O que é esta história da 'vontade de Rama'?

"Mestre: Num vilarejo vivia um tecelão muito piedoso. Todos confiavam nele e o amavam. Costumava vender seus produtos no mercado. Quando alguém perguntava o preço de uma peça de roupa, o tecelão respondia, 'Pela vontade de Rama, o preço do tecido é de uma rupia e seis annas.' A confiança no tecelão era tal, que o cliente pagava imediatamente e levava a roupa. Era um autêntico devoto de Deus. Depois da ceia à noite, passava longas horas na sala de adoração, meditando em Deus e cantando Seu nome e glórias. Certa noite, o tecelão não conseguia dormir. Estava sentado na sala de adoração, fumando de vez em quando, quando passou um bando de ladrões. Desejavam um homem para carregar as mercadorias roubadas e disseram-lhe: 'Venha conosco.' Assim falando, levaram-no pela mão. Depois de cometerem um assalto a uma casa, puseram um carregamento de coisas na cabeça do tecelão, ordenando-lhe que o levasse. De repente a polícia chegou, e os assaltantes fugiram, mas o tecelão, com a carga, foi preso. Ficou na cadeia durante a noite. No dia seguinte, foi levado ante o juiz, para julgamento. Os aldeões souberam e vieram ao tribunal. Disseram ao juiz: 'Meretíssimo juiz, esse homem jamais poderia ter cometido o assalto.' O juiz pediu ao tecelão para fazer sua defesa.

"O tecelão disse: 'Meretíssimo, pela vontade de Rama acabei de comer na noite passada. Pela vontade de Rama, estava sentado na sala de adoração. Já era bem tarde, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama eu estava pensando em Deus e cantando Seu nome e glórias, quando, pela vontade de Rama, um bando de assaltantes passou por ali. Pela vontade de Rama arrastaram-me com eles; pela vontade de Rama cometeram um roubo numa casa e, pela vontade de Rama, puseram um fardo em minha cabeça. Só, então, pela vontade de Rama, a polícia manteve-me preso toda a noite e, nesta manhã, pela vontade de Rama fui levado à presença de Vossa Meretíssima.' O juiz compreendeu que o tecelão era um homem religioso e ordenou sua soltura. Voltando para casa, o tecelão disse aos amigos: 'Pela vontade Rama fui libertado'."

"Se um homem deve ser chefe de família ou monge, depende da vontade de Rama. Entregue tudo a Deus e faça seus deveres no mundo. O que mais se pode fazer? Um funcionário foi certa vez, mandado para a prisão. Depois que o tempo da prisão esgotou-se, foi solto. O que você acha que ele fez? Deu cambalhotas ou voltou a fazer seu antigo trabalho burocrático?

"Se um chefe de família tornar-se jivanmukta, pode facilmente viver no mundo, se quiser. Um homem que atingiu Conhecimento não faz diferença entre 'este lugar' e 'aquele'. Todos os lugares são iguais para ele. Quem pensa 'naquele lugar', pensa também, 'neste lugar'.

Quando pela primeira vez encontrei Keshab na chácara de Jayagopal, comentei, 'Ele é o único cuja cauda caiu'. A isso as pessoas riram. Keshab disse-lhes: 'Não riam. Deve haver algum significado em suas palavras. Vamos perguntar-lhe'. Portanto eu disse a Keshab: 'O girino, enquanto a cauda não tiver caído, vive somente na água. Não pode mover-se em terra, mas assim que a cauda cai, salta para a margem e pode, viver tanto na terra, como na água. Da mesma maneira, enquanto não tiver caído a cauda da ignorância do homem, ele só pode

[2] É costume dos monges da Índia, pedirem sua comida aos chefes de família.

viver na água do mundo, mas quando perder a cauda, quer dizer, quando atingir o Conhecimento de Deus, pode andar como uma alma livre, ou viver como chefe de família.

"Mahimacharan e os outros ficaram maravilhados, escutando as palavras do Mestre.

Mestre: 'Uma vez visitei Devendranath Tagore [3] com Mathur Babu. Disse a Mathur: 'Ouvi falar que Devendra Tagore pensa em Deus. Gostaria de conhecê-lo.' 'Está bem', disse Mathur, 'Vou levá-lo a ele. Fomos colegas no Hindu College e sou muito amigo dele.' Fomos à casa de Devendra. Mathur e Devendra não se viam há muito tempo. Devendra disse a Mathur, 'Você mudou um pouco. Engordou em torno do estômago.' Mathur disse, referindo-se a mim, 'Ele veio conhecê-lo. Está o tempo todo louco por Deus.' Quis ver os sinais físicos de Devendra e disse-lhe, 'Quero ver seu corpo.' Levantou a camisa e vi que possuía uma pele muito clara, manchada de vermelho. Os cabelos ainda não haviam se tornado grisalhos.

No início notei um pouco de vaidade em Devendra, mas isto não é natural? Tinha tanta riqueza, tanta erudição, tanto nome e fama! Reparando aquela pequena vaidade perguntei a Mathur: 'A vaidade é resultado de conhecimento ou de ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimento de 'Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?'

"Enquanto conversava com Devendra, subitamente entrei naquele estado mental em que posso ver um homem realmente como é. Dei uma risada interior. Naquele estado olhava os eruditos e os que aprendem através de livros, como simples palha. Se vejo que um erudito não tem discriminação e renúncia, olho-o como uma palha sem valor. Vejo-o como um abutre, que voa alto, mas o olhar está na carniça, aqui embaixo.

"Achei que Devendra havia combinado em sua vida, tanto yoga como bhoga. Tinha muitos filhos jovens. O médico da família estava presente. Assim, embora fosse um jnani, estava preocupado com a vida no mundo. Disse-lhe: 'O senhor é o rei Janaka dessa Kaliyuga.

> Segurando tanto um como outro
> Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

Soube que o senhor vive no mundo e pensa em Deus, por isso, vim vê-lo. Por favor, fale-me de Deus.'

"Recitou alguns textos dos Vedas. Disse: 'Este universo é como um candelabro e cada ser vivo, uma luz dele.' Uma vez meditando no Panchavati, também tive uma visão como essa. Achei que suas palavras estavam de acordo com minha visão e pensei que ele devia ser um grande homem. Pedi-lhe que explicasse suas palavras. Ele disse: 'Deus criou os homens para manifestarem Sua própria glória, do contrário, quem poderia conhecer este universo? Tudo se torna escuro sem as luzes do candelabro, nem se pode ver o próprio candelabro.'

"Conversamos muito tempo. Devendra ficou muito satisfeito e disse-me, 'O senhor deve ir ao nosso festival do Brahmo Samaj'. 'Isto', eu disse, 'depende da vontade de Deus. O senhor pode ver meu estado mental. Não se sabe quando Deus vai colocar-me num estado especial.' Devendra insistiu, 'Não, o senhor deve ir, mas vista a roupa e sobre ela, um xale. Alguém pode fazer-lhe uma indelicadeza sobre sua apresentação e isto me deixaria triste.' 'Não', respondi, 'Não posso prometer isso. Não posso ser um Babu.' Devendra e Mathur riram.

"Logo no dia seguinte, Mathur recebeu uma carta de Devendra proibindo-me de ir ao festival. Escreveu que seria falta de cavalheirismo de minha parte, se eu não cobrisse o corpo com um xale. (*Todos riem*).

"Há um outro grande homem: o Capitão que, embora homem do mundo, é um amante de Deus. (*A Mahima*) Fale com ele qualquer dia desses. Conhece de cor os Vedas, a Vedanta, o *Bhagavata*, o *Gita*, o *Adhyatma Ramayana* e outras escrituras. Verá quando conversar com ele.

"Ele tem grande piedade. Uma vez eu estava caminhando por uma rua de Baranagore e ele segurava um guarda-chuva sobre minha cabeça. Convida-me para ir à sua casa, demonstra-me grande atenção. Abana-me, massageia meus pés e alimenta-me com vários pratos.

[3] Pai de Rabindranath Tagore.

Uma vez em sua casa, entrei em samadhi no banheiro; tomou conta de mim, embora seja tão meticuloso a respeito de seus hábitos ortodoxos. Não demonstrou qualquer desgosto pelo lugar.

"Tem muitas despesas, sustenta os irmãos que vivem em Benares,. No início a esposa era muito avarenta. Agora está tão sobrecarregada com as despesas da família, que não pode gastar todo o dinheiro que gostaria.

"A esposa do Capitão disse-me: "Ele não gosta da vida mundana, por isso, uma vez disse que renunciara ao mundo.' Na verdade, de vez em quando, manifestava aquele desejo.

"O Capitão nasceu numa família de devotos. O pai era soldado. Ouvi dizer que no campo de batalha, adorava Shiva com uma das mãos e segurava na outra, uma espada.

"O Capitão é um grande seguidor das convenções ortodoxas. Devido às minhas visitas a Keshab Sen, deixou de vir aqui por um mês. Disse-me que Keshab havia violado as convenções sociais, jantava com os ingleses, havia casado a filha com um homem de outra casta e que perdera sua própria casta. Eu disse ao Capitão: 'O que importam essas coisas? Keshab canta o nome de Deus, então vou até ele, ouvir falar de Deus. Só como ameixas, que me importam os espinhos?' Mas o capitão manteve-se inflexível. Disse-me 'Por que o senhor vê Keshab?' Respondi de forma áspera: 'Mas não vou a ele por dinheiro, vou para ouvir o nome de Deus. E o que me diz do fato do senhor visitar a casa do vice-rei? Ele é um mlechehha. Como pode estar em sua companhia?' isto fez com que ele se calasse.

"Mas é um grande devoto. Ao fazer a adoração, faz o arati com cânfora. Ao recitar hinos, torna-se uma pessoa totalmente diferente. Fica absorto.

(*A Mahimacharan*): "À luz do raciocínio vedantista, o mundo é ilusório, irreal como um sonho. A Alma Suprema é a Testemunha – testemunha dos três estados de vigília, sonho e sono profundo. Essas coisas estão em sua linha de pensamento. O estado de vigília é tão real como o sonho. Vou lhe contar uma história que está de acordo com sua atitude.

"Havia um fazendeiro que vivia no campo. Era um verdadeiro jnani. Ganhava a vida plantando. Era casado e depois de muitos anos, nasceu-lhe um filho, a quem chamou Haru. Os pais amavam afetuosamente o menino. Isto era natural, visto que ele era a única jóia da família. Devido a seu espírito religioso, o fazendeiro era amado pelos aldeões. Um dia estava trabalhando no campo, quando um vizinho chegou e disse-lhe que Haru havia tido um ataque de cólera. O fazendeiro imediatamente voltou para casa e providenciou tratamento para o menino, mas Haru morreu. Os outros membros da família ficaram tomados de dor, mas o fazendeiro agiu como se nada tivesse acontecido. Consolou a família e disse-lhe que o pesar era inútil. Então voltou para o campo. Ao regressar para casa encontrou sua esposa chorando ainda mais amargamente. Ela lhe disse: 'Você é um insensível! Não derramou uma única lágrima pela criança.' Calmamente o fazendeiro respondeu: 'Devo contar-lhe porque não chorei? Tive um sonho na noite passada. Sonhei que havia me tornado rei; pai de oito filhos e era muito feliz com eles. Então acordei. Agora estou muito perplexo. Devo chorar por aqueles oito filhos ou por Haru?'

"O fazendeiro era um jnani e havia realizado que o estado de vigília era tão irreal como o estado de sonho. Há somente uma Substância eterna e esta é Atman.

"Eu, de minha parte, aceito tudo. Turiya e também, os três estados de vigília, sonho e sono profundo. Aceito todos os três estados e tudo o mais – Brahman e também, maya, o universo e os seres vivos. Se eu aceitasse menos, não poderia ter todo o peso."

Um devoto: "O peso todo? Como é?" (*Todos riem*).

Mestre: "Brahman é qualificado pelo universo e seus seres vivos. No começo, segundo o método 'Isto não, isto não.', tem-se que eliminar o universo e os seres vivos, mas enquanto a 'consciência do eu' permanecer, não se pode senão sentir que o Próprio Deus é que Se tornou tudo. Só Ele tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos.

"Quando um homem fala da parte essencial da fruta bel, quer dizer somente a polpa e não, as sementes e casca. Mas se ele quiser falar do peso total da fruta, não pode pesar somente a polpa. Tem que aceitar tudo: sementes, casca e polpa. As sementes, a casca e a polpa pertencem a uma e mesma fruta.

"Nitya e Lila pertencem à mesma Realidade, portanto, aceito tudo, o Relativo bem como o Absoluto. Não quero dizer simplesmente que o mundo seja maya. Se assim fosse eu não teria o peso pequeno."

Mahimacharan: "É uma boa síntese; do Absoluto até o Relativo, e do Relativo até o Absoluto."

Mestre: "Os jnanis consideram tudo ilusório, como um sonho, mas os bhaktas aceitam todos os estados. O leite flui do jnani, em gotículas. (*Todos riem*). Há algumas vacas que escolhem sua forragem; daí seu leite sai em gotículas, mas as vacas que não escolhem tanto e comem qualquer coisa, dão leite em quantidade. Um devoto superior de Deus aceita tanto o Absoluto quanto o Relativo; portanto, pode desfrutar o Divino, mesmo quando a mente desce do Absoluto. Esse devoto é como as vacas que dão leite em torrentes. (*Todos riem*).

Mahima: "O leite da vaca que come sem discriminação cheira pouco."(*Todos riem*).

Mestre (*com um sorriso*): "É verdade, sem dúvida. Por isso aquele leite deve ser fervido. Deve-se ferver esse leite um pouco. Não haverá qualquer cheiro se ferver o leite no fogo do Conhecimento. (*Todos riem*).

(*A Mahima*): "Você explica 'AUM' referindo-se somente a 'A', 'U' e 'M'."

Mahima: 'A', 'U', 'M' significam criação, preservação e destruição."

Mestre: "Dou a ilustração do som do gongo: 'tom' [4], t-o-m. É a fusão do Lila no Nitya: o denso, o sutil e o causal fundem-se na Grande Causa; em Turiya fundem-se os estados de vigília, sonho e sono profundo. O toque do gongo é como a queda de um grande peso num oceano. Ondas começam a se levantar: o Relativo levanta-se do Absoluto; os corpos causal, sutil e denso emergem da Grande Causa, do Turiya emergem os estados de sono profundo, sonho e vigília. Suas ondas levantando-se do Grande Oceano fundem-se novamente no Grande Oceano. Do Absoluto ao Relativo e do Relativo ao Absoluto. Portanto dou a ilustração do som do gongo, 'tom'. Percebi claramente todas essas coisas. Foi-me revelado que existe um Oceano de Consciência sem limite; d'Ele procedem todas as coisas do plano relativo, e n'Ele elas fundem-se novamente. Milhões de Brahmanas levantam-se naquele Chidakasha e fundem-se n'Ele de novo. Tudo isto foi-me revelado; não sei muito do que os livros falam."

Mahima: "Àqueles a quem foram reveladas essas coisas não escreveram as escrituras. Ficaram extasiados com suas experiências; por isso, quando escreveriam? Necessita-se de uma mente um tanto calculista para escrever. Outros aprenderam dos videntes e escreveram livros."

Mestre: "As pessoas mundanas perguntam porque não se libertam do apego a 'mulher e ouro'. Esse apego desaparece depois da realização de Deus. Se um homem prova a Felicidade de Brahman, sua mente não corre mais atrás dos prazeres sensórios, riqueza, nome e fama. Se a traça vir a luz uma só vez, não mais vai para a escuridão.

"Alguns amigos disseram a Ravana: 'Você tem assumido diferentes formas [5] por Sita. Por que não vai a ela na forma de Rama?' Ravana explicou: 'Quando contemplo Rama, mesmo a posição de Brahma me parece insignificante, para não falar da companhia da esposa de outro homem! Como poderia tomar a forma de Rama com essa intenção?'

"Toda adoração e disciplina espiritual devem ser dirigidas somente para um fim, isto é, libertar-se do apego mundano. Quanto mais se medita em Deus, menos se fica apegado às coisas triviais do mundo. Quanto mais se amar os Pés de Lótus de Deus, menos se desejará as coisas do mundo, menos dar-se-á importância aos confortos materiais. Olhará para a esposa de outro homem como sua mãe, e a própria esposa como sua companheira na vida espiritual. Abandonará os desejos animais e conseguirá qualidades divinas. Ficará totalmente desapegado do mundo. Embora tenha que viver no mundo, viverá como jivanmukta. Os discípulos de Shri Chaitanya viveram como chefes de família, com desapego.

---

[4] O 'o' deve ser pronunciado com 'ó' de memória.

[5] No período em que Sita foi mantida na prisão em sua capital, Ravana costumava visitá-la sob diferentes formas, a fim de conquistar seus favores.

"Você pode citar centenas de argumentos da filosofia Vedanta para um verdadeiro amante de Deus e tentar explicar que o mundo é como um sonho, mas não poderá abalar sua devoção a Deus [6]. Apesar de todos seus esforços, ele voltará à devoção.

"Um homem que nasce com um elemento de Shiva torna-se um jnani; a mente inclina-se sempre para o sentimento que o mundo é irreal e somente Brahman é real, mas quando um homem nasce com um elemento de Vishnu, desenvolve amor a Deus. Esse amor jamais pode ser destruído. Pode desvanecer um pouco de vez em quando, ao se permitir ao raciocínio filosófico, mas por fim, volta para ele, aumentado mil vezes."

Depois que os devotos deixaram o Mestre, Mahimacharan trouxe Hazra para o aposento. M. estava presente. Mahima disse a Shri Ramakrishna: "Tenho uma queixa contra o senhor. Por que pediu a Hazra que fosse para casa? Ele não deseja voltar para a família."

Mestre: "Sua mãe disse a Ramlal o quanto está sofrendo por ele estar longe; assim pedi a Hazra para ir vê-la, pelo menos por três dias. Pode alguém ser bem sucedido na disciplina espiritual se causa sofrimento à sua mãe? Ao visitar Vrindavan estava quase decidido a morar lá, quando me lembrei de minha mãe. Disse a mim mesmo: 'Minha mãe chorará se eu ficar afastada dela.' Então voltei para aqui com Mathur Babu. Além disso, por que um jnani como Hazra teria medo de voltar para o mundo?"

Mahima (*com um sorriso*):"Senhor, esta seria uma boa pergunta, se Hazra fosse um jnani."

Mestre (*sorrindo*): "Ó, Hazra alcançou tudo. Tem somente um pequeno apego ao mundo por causa dos filhos e uma pequena dívida. Como o povo diz, minha tia está agora em perfeita saúde, só um pouco doente!"

Mahima: "Onde está, senhor, o conhecimento de Hazra?"

Mestre (*sorrindo*): "Ó, você não sabe! Todos dizem que Hazra é um grande homem. Sabem que mora no templo de Dakshineswar. Só falam de Hazra. Quem se preocupa em mencionar o meu nome?" (*Todos riem*).

Hazra: "O senhor é incomparável. Não há outro igual no mundo, por isso, ninguém o compreende."

Mestre: "É isso! Com certeza ninguém pode compreender o incomparável. Por isso as pessoas deveriam mencionar-me?"

Mahima: "O que ele sabe, senhor? Fará tudo a seu aceno.

"Mestre: "Não é assim. É melhor perguntar-lhe a este respeito. Ele me disse, 'O senhor e eu estamos em condições iguais."

Mahima: "Ele discute muito."

Mestre: "Às vezes dá-me uma lição. (*Todos riem*). Às vezes o repreendo, quando discute demais. Mais tarde, quando estou deitado dentro do mosquiteiro, sinto-me infeliz com a idéia de tê-lo ofendido. Levanto-me, procuro-o e saúdo-o; desta maneira fico tranqüilo.

(*A Hazra*): "Por que você se refere ao Puro Atman como 'Ishvara'? O Puro Atman é inativo e testemunha dos três estados. Quando penso nos atos de criação, preservação e destruição, chamo o Puro Atman de Ishvara'. Como é o Puro Atman? É como o ímã, que está muito distante de uma agulha. A agulha move-se, mas o ímã permanece imóvel, inativo."

Ao cair da tarde, Shri Ramakrishna estava andando de um lado para o outro no quarto. M. estava sentado, pensativo. Subitamente o Mestre disse-lhe afetuosamente: "Por favor, dê-me duas camisa de linho. Como você sabe, não posso usar coisas de qualquer pessoa. Pensei pedir as camisas ao Capitão, mas prefiro que seja você" M. sentiu-se muito gratificado e disse, "Como posso agradá-lo, senhor?"

Ao anoitecer queimou-se incenso no quarto de Shri Ramakrishna e como sempre, ele inclinou-se diante das imagens de deuses e deusas nas paredes, cantando seus nomes suavemente. De fora podia-se ouvir o murmúrio do Ganges e a música do culto da tarde nos tem-

[6] De acordo com a Vedanta não-dualista, o Deus Pessoal é tão ilusório quanto o universo relativo, mas para o bhakta, um devoto, Ele é real.

plos de Kali, Vishnu e Shiva. Pela porta podia-se ver o sacerdote à distância, indo de um templo para o outro, com um sino na mão esquerda e luz na direita, enquanto um atendente levava o gongo. A melodia da tarde estava em harmonia com o espírito da hora e do lugar, e com os mais íntimos pensamentos dos adoradores. Por um instante, o egoísmo da vida diária foi esquecido.

Mais tarde Shri Ramakrishna estava sentado no quarto, em seu habitual estado de felicidade. Ishan chegara de Calcutá. Tinha fé ardente e costumava dizer, "Se alguém sai de casa com o santo nome de Durga nos lábios, o Próprio Shiva o protege com Suas armas celestiais."

Mestre (*a Ishan*): "Você tem muita fé, mas eu não tenho tanta. (*Todos riem*) Deus só pode ser realizado por meio da fé."

Ishan: "Sim, senhor."

Mestre: "Você pratica ritos religiosos – japa, jejum e assim por diante. É muito bom. Se alguém se sentir sinceramente atraído para Deus, Ele o faz praticar todas essas disciplinas. O devoto realizará Deus se praticá-las sem pensar no resultado. Um devoto observa muitos ritos por causa das prescrições das escrituras. Essa devoção é chamada vaidhi bhakti, mas há uma forma mais elevada, chamada raga-bhakti, que brota do anelo e amor a Deus. Prahlada teve essa devoção. Quando o devoto desenvolve esse amor, não mais necessita fazer ritos prescritos.

9 de novembro de 1884

Shri Ramakrishna estava em seu quarto, sentado no pequeno divã, olhando em direção leste. Os devotos estavam sentados no chão. Era mais ou menos meio-dia quando M. chegou e sentou-se depois de saudar o Mestre. Aos poucos outros devotos começaram a se juntar. Vijaykrishna Goswami chegou com muitos devotos Brahmos. O sacerdote Ram Chakravarty também estava presente. Pouco depois chegaram Mahimacharan, Narayan e Kishori.

Era o começo do inverno. Shri Ramakrishna sentiu necessidade de algumas camisas e havia pedido a M. para trazê-las. Além de duas camisas leves, M. havia trazido uma outra de um tecido mais grosso, que Shri Ramakrishna não havia pedido.

Mestre (*a M.*): "É melhor que você leve esta de volta. Pode usá-la. Não há nada de errado nisso. Diga-me, que tipo de camisa pedi?"

M.: "O senhor pediu-me para trazer-lhe camisas leves. Não me pediu para comprar a mais grossa."

Mestre: "Então leve-a de volta. (*A Vijay e outros*) Vejam, Dwarika Babu deu-me um xale. Os devotos Marwaris, também, trouxeram-me um. Não pude aceitar – ".

Vijay interrompeu o Mestre, "Está certo, senhor. Se alguém necessita de uma coisa, deve aceitá-la e deve haver um outro para dá-la. Quem, a não ser uma pessoa pode dar?"

Mestre: "Quem dá é o Próprio Deus. A sogra diz a uma nora: 'Minha filha, vejo que todos têm alguém para lhe prestar um pequeno serviço. Seria ótimo se você pudesse encontrar quem lhe massageasse os pés." A nora disse, "Mãe, o Próprio Deus massageará meus pés. Não preciso de ninguém mais." Ela falava assim porque era uma amante sincera de Deus.

"Uma vez um faquir foi até o imperador Akbar pedir dinheiro. O imperador estava orando, 'Ó Senhor, dá-me riqueza.' O faquir ia embora, mas o imperador fez sinal para que esperasse. Depois de terminar as orações, Akbar aproximou-se do santo e disse-lhe: 'Por que o senhor vai embora?' O faquir respondeu: 'O senhor mesmo estava pedindo dinheiro e riqueza; então pensei que se eu tenho que pedir, pedirei a Deus e não, a um mendigo."

Vijay: "Vi um sadhu em Gaya. Não tomava iniciativa de nada. Um dia quis alimentar alguns devotos. Subitamente descobrimos que manteiga, farinha, frutas e outros alimentos haviam chegado não se sabe de onde."

Mestre (*a Vijay e outros*): "Há três tipos de sadhus: bons, medíocres e maus. O sadhu bom não faz esforço para conseguir alimento. Os dandis, entre outros, pertencem às classes

medíocres e má. Para conseguir alimento, o sadhu medíocre baterá na porta de uma casa e dirá, 'Namo Narayana'.[7] O mau sadhu começa a brigar se não consegue ganhar esmolas.

"O sadhu bom comporta-se como uma grande serpente. Senta-se num lugar e o alimento vem a ele. Uma serpente não se move de onde está. Um jovem sadhu, brahmachari desde a infância, saiu para esmolar. Uma jovem deu-lhe esmola. O sadhu viu seus seios e pensou que ela estivesse com abcessos. Perguntou sobre eles. A senhora mais velha da família explicou-lhe que ela, um dia, seria mãe e que Deus lhe havia provido tudo, com antecedência. A estas palavras o sadhu ficou maravilhado. Disse: 'Não preciso mendigar. Deus me proverá também."

Alguns devotos pensaram que neste caso, também, não deveriam trabalhar.".

Mestre: "Mas aqueles que pensam que é necessário um esforço, deve fazê-lo."

Vijay: "Há uma linda história a respeito disso, no *Bhaktamala*".

Mestre: "Conte-nos."

Vijay: "Por favor, conte-nos o senhor mesmo."

Mestre: "Não, você conta. Não me lembro dela muito bem.

"Deve-se ouvir essas coisas no começo. Foi por isso que eu as escutei há anos atrás, mas agora, não estou mais naquele estado. Hanuman disse: 'Não conheço a posição das estrelas, ou a fase da lua. Penso somente em Rama.'

"O pássaro chatak anseia somente pela água da chuva. Mesmo que esteja morrendo de sede dirige o bico para cima, e quer somente água de céu. O Ganges, o Jamuna e os sete oceanos estão cheios até a borda, mas ele não tocará a água da terra.

"Rama e Lakshmana visitaram o lago Pampa. Lakshmana viu um corvo ansioso por água. Repetidamente chegava até a borda, mas não bebia. Lakshmana perguntou a Rama sobre isto e ele disse: " Irmão, este corvo é um grande devoto de Deus. Dia e noite repete o nome de Rama. A garganta está seca, mas não quer beber para não parar de repetir o nome de Rama.'

"Na noite de lua cheia eu disse a Haladhari, 'Irmão, é noite de lua nova?'(*Todos riem*).

(*Sorrindo*): "Sim, é verdade. Uma vez me disseram que a característica de um homem de Conhecimento Perfeito é que ele não pode distinguir entre a lua cheia e a nova, mas como se pode convencer Haladhari disso? Ele respondeu: 'Isto certamente é o Kaliyuga negro. Ele não pode distinguir entre a lua cheia e a nova! E as pessoas respeitam-no!' "

Mahimacharan entrou no aposento.

Mestre (*respeitosamente*): "Entre, entre senhor. Por favor, sente-se.

(*A Vijay e outros devotos*): "Em êxtase não me lembro de data. Outro dia houve um festival religioso na chácara de Beni Pal. Esqueci-me da data. Não posso mais me lembrar do último dia do mês, quando é muito auspicioso repetir o nome de Deus."

Shri Ramakrishna permaneceu pensativo por uns minutos.

Mestre: "Mas recordo-me se um homem assume o compromisso de visitar-me.

"Um homem alcança este estado quando a mente está cem por cento absorta em Deus. Quando Hanuman voltou do Ceilão, Rama disse-lhe: 'Você viu Sita. Diga-me, como ela está?' Hanuman respondeu: 'Ó Rama, vi que somente o corpo de Sita está lá; não continha nem sua mente, nem sua alma. Na verdade ela havia consagrado o corpo, a mente e a alma aos Teus Pés de Lótus, portanto, vi somente seu corpo no Ceilão. Além disso vi que o rei da Morte rondava por lá, mas o que ele poderia fazer? Era somente um corpo, não tinha nem mente nem alma.'

"Se meditarem num ideal, obterão sua natureza. Se pensarem em Deus, obterão a natureza de Deus. Uma boneca de sal foi até o oceano, para medir sua profundidade. Tornou-se una com o oceano. Qual a meta de livros ou escrituras? Alcançar Deus. Um homem abriu um livro pertencente a um sadhu. Viu a palavra ´Rama´ escrita em cada página. Nada mais."

"Se um homem ama Deus, a menor coisa acende nele o sentimento espiritual.. Então repetindo o nome de Rama somente uma vez, obtém o fruto de dez milhões de sandhyas. À

[7] "Saudações a Deus". Com estas palavras, um sadhu saúda outra pessoa.

vista de uma nuvem, a emoção de um pavão é despertada: dança abrindo a cauda. Radha teve a mesma experiência. A visão de uma nuvem trazia-lhe à mente, a lembrança de Krishna.

Chaitanya passava por um vilarejo. Ouviu que os tambores eram feitos da terra daquele lugar. Imediatamente foi tomado pelo êxtase porque os tambores eram usados no kirtan.

"Mas quem pode ter este despertar espiritual? Somente aquele que renunciou ao apego às coisas do mundo. Se a seiva do apego secou completamente num homem, a menor sugestão acende a emoção espiritual. Embora risquem um fósforo úmido mil vezes, ele não produzirá faísca, mas se estiver seco, a menor fricção o acenderá.

"Dor e prazer são inevitáveis no corpo. Aquele que realizou Deus dedica a mente e a vida, o corpo e a alma, a Deus. Quando Rama e Lakshmana foram tomar banho no Lago Pampa, atiraram os arcos no chão. Saindo da água, Lakshmana apanhou o arco e viu a ponta manchada de sangue. Rama disse-lhe, 'Olhe, irmão! Olhe. Talvez tenhamos ferido alguém.' Lakshmana cavou a terra e encontrou uma grande rã. Estava morrendo. Rama disse à rã. 'Por que você não coaxou? Teríamos tentado salvá-la. Você grita alto, quando está nas garras de uma cobra.' A rã disse, 'Ó Senhor, quando sou atacada por uma cobra, coaxo, dizendo: "Ó Rama, salva-me!" Desta vez vi que era Rama que estava me matando, por isso, fiquei quieta.' "

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo, observando os devotos. Ouvira dizer que Mahimacharan não acreditava na orientação de um guru. Retomou à conversa.

Mestre: "Um homem deve ter fé nas palavras do guru. Não deve olhar para o caráter dele. 'Embora meu guru visite a taberna, ainda assim, é a personificação da Felicidade Eterna.'

"Um homem que costumava dar recitais do *Chandi* e *Bhagavata* disse, 'Uma vassoura é por si mesma suja, mas limpa os lugares sujos.' "

"Mahimacharan estudava Vedanta. Seu objetivo era atingir Brahmajnana. Seguia o caminho do conhecimento e estava sempre raciocinando."

Mestre (*a Mahima*): "A meta do jnani é conhecer a natureza de seu próprio Ser. Isto é Conhecimento; isto é liberação. A verdadeira natureza do Ser é que Ele é o Brahman Supremo; eu e o Brahman Supremo somos um, mas este Conhecimento está oculto devido à maya.

"Disse a Harish: 'Isto é tudo: o ouro está escondido debaixo da terra. Deve-se remover a terra.'

"Os bhaktas retêm a 'consciência do eu'; os jnanis, não. Nangta costumava ensinar como estabelecer-se no verdadeiro Ser, dizendo, 'Funde a mente no buddhi e o buddhi no Atman, então ficará estabelecido em seu verdadeiro Ser.'

"Mas o 'eu' persiste. Não se pode ficar livre dele. Imagine uma extensão de água sem limite; acima e abaixo, na frente e atrás, direito e esquerda, em todos os lugares há água. Nela coloca-se uma jarra cheia de água. Há água dentro da jarra e fora, mas a jarra ainda está lá. O 'eu' é a jarra.

"Mesmo depois de atingir o Conhecimento, o jnani mantém o corpo como antes, mas o fogo do Conhecimento queima sua luxúria e outras paixões. Há dias atrás, durante uma tempestade, um raio atingiu o templo de Kali. Vimos que as portas não haviam sofrido qualquer dano; somente as cabeças dos parafusos haviam quebrado. As portas são o corpo, e as paixões – luxúria etc. – são os parafusos.

"Um jnani gosta de falar somente de Deus. Sente-se pesaroso se alguém fala de assuntos mundanos, mas um homem mundano pertence a uma classe diferente. Usa sempre o turbante da ignorância, em sua cabeça. Sempre se volta para assuntos mundanos.

"Os Vedas falam dos 'sete planos' da mente. Quando a mente do jnani sobe ao quinto plano, ele não pode ouvir nem falar de outra coisa que não seja Deus. Neste estágio somente palavras de sabedoria brotam de seus lábios.

"Os Vedas falam de Satchidananda Brahman. Brahman não é nem um nem dois. Está entre um e dois. Não pode ser entre existência e não-existência.

"Quando o devoto desenvolve raga bhakti, amor arrebatador por Deus, realiza-O, mas perde-se vaidhi bhakti, devoção formal, tão facilmente como foi obtida. A devoção formal é tanto de japa, tanto de meditação, tanto de sacrifício e homa, tantos artigos para o culto e a recitação de muitos mantras à Divindade. Este tipo de devoção vem num minuto e vai-se no outro. Muitas pessoas dizem: 'Bem, amigo, vivemos de havishya durante tantos dias! Quantas vezes adoramos a Divindade em nossa casa! E o que conseguimos?' Mas não há como sair de raga bhakti. Quem obtém este amor apaixonado por Deus? Aqueles que praticaram muitos atos meritórios em nascimentos passados ou aqueles que são eternamente perfeitos. Pense numa coisa dilapidada por exemplo, enquanto estão sendo retirados o capim e o lixo, subitamente descobre-se uma fonte com um cano que foram encobertos pela terra e tijolos, mas logo que são removidos, a água jorra.

"Aqueles que têm amor apaixonado por Deus não dizem coisas assim: 'Ó irmão! Quão estrito tenho sido a respeito da alimentação! Mas o que consegui?" Novos agricultores abandonam o cultivo de seus campos que não propiciam colheitas, mas os agricultores hereditários continuarão a cultivar os campos, haja colheita boa ou não. Seus pais e avós eram agricultores; sabem que devem, também, cultivar a terra como meio de vida.

"Somente aqueles que desenvolvem raga bhakti por Deus podem ser chamados devotos sinceros. Deus torna-Se responsável por eles. Se você registrar seu nome num hospital, o médico não lhe dará alta, a não ser que esteja curado. Aqueles que são conduzidos por Deus não têm nada a temer. O filho que se segura ao pai, enquanto caminha numa beirada estreita de um arrozal, pode escorregar se ele, por falta de atenção, deixar de segurar a mão do pai, mas se o pai segurar-lhe a mão, não há esse perigo.

"Há alguma coisa impossível para a fé? E um verdadeiro devoto tem fé em tudo; na Realidade sem forma, Deus com forma, Rama, Krishna e a Mãe Divina.

"Uma vez quando ia a Kamarpukur, fui surpreendido por uma tormenta. Estava no meio de um grande campo. O lugar era freqüentado por ladrões. Comecei a repetir os nomes de todas as Divindades: Rama, Krishna e Bhagavati. Repeti também, o nome de Hanuman. Cantei o nome de todos eles. O que isto significa? Deixe-me dizer-lhe. Quando o empregado conta o dinheiro para as compras de comida diz, 'Esses centavos são para as batatas, estes para as beringelas, este para o peixe.' Conta o dinheiro, separadamente, mas depois quando está completa, guarda as moedas juntas.

"Quando se desenvolve amor por Deus, gosta-se de falar somente de Deus. Se você ama uma pessoa, gosta de falar e ouvir a seu respeito. A boca de uma pessoa mundana enche-se de água ao falar de seu filho. Se alguém elogia o filho, imediatamente diz ao rapaz, 'Vá apanhar um pouco de água para que seu tio possa lavar os pés.'

"Os que gostam de pombos ficam muito felizes se alguém elogiar pombos diante dele, mas se falar, logo dirão, 'Alguém de sua família, durante quatorze gerações já criou pombos' "

Logo Shri Ramakrishna dirigiu-se a Mahimacharan que era chefe de família.

Mestre: "Que necessidade há de renunciar ao mundo por completo? Basta que você abandone o apego, mas tem que fazer sadhana, tem que lutar contra os órgãos dos sentidos.

"É muito vantajoso lutar de dentro de um forte. Ali tem-se muita ajuda. O mundo é uma praça de prazeres. Depois de ter desfrutado diferentes coisas, deve-se abandoná-las, uma a uma. Uma vez tive o desejo de usar uma corrente de ouro na cintura. Por fim consegui uma e a coloquei, mas tive que tirá-la imediatamente.

"Uma vez comi um pouco de cebola [8]. Enquanto comia, discriminava, 'Ó mente, isto é uma cebola'. Então movimentei-a em diferentes lugares na boca e por fim, a cuspi."

Esperava-se um músico. Devia cantar com seu conjunto. Shri Ramakrishna perguntava de vez em quando aos devotos, 'Onde está o músico?"

Mahima: "Estamos muito bem assim como estamos."

Mestre: Não, senhor. Vocês têm tudo isso no decorrer do ano."

Um devoto fora do quarto disse: "O músico chegou."

---

[8] A cebola é considerada alimento rajásico e que não leva à vida espiritual.

Shri Ramakrishna, cheio de alegria, disse, "Ah! Chegou?"

Esteiras foram estendidas no chão da longa varanda e a noroeste do aposento do Mestre. Shri Ramakrishna disse, "Joguem um pouco de água do Ganges nas esteiras. Muitas pessoas mundanas estiveram sentadas nelas."

Muitas senhoras da família Priya Babu, de Bali, haviam chegado para visitar os templos. Queriam assistir ao kirtan. Um devoto disse a Shri Ramakrishna: "Estas senhoras perguntaram se haveria lugar para elas no quarto. Podem sentar-se?" O kirtan já havia começado. O Mestre disse: "Não, não! Onde há lugar aqui?"

Narayan chegou e saudou Shri Ramakrishna que disse-lhe afetuosamente: "Por que você veio? Seus familiares lhe têm tratado tão mal!" Fez sinal a Baburam para dar de comer a Narayan. Narayan entrou no quarto do Mestre. Shri Ramakrishna seguiu-o porque desejava dar-lhe de comer com suas próprias mãos. Em seguida, voltou para a varanda.

Muitos devotos estavam presentes, incluindo Vijay. Mahimacharan, Narayan, M. e Gopal mais jovem. Logo Narayan voltou da varanda e sentou-se ao lado do Mestre.

Mais ou menos às três horas, Adhar chegou. Ao vê-lo, Shri Ramakrishna parecia agitado. O devoto saudou o Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna fez-lhe sinal para que se aproximasse.

Quando a música acabou, os devotos dispersaram-se. Alguns foram passear no jardim e outros foram para os templos assistir ao culto da tarde.

Ao anoitecer organizou-se um kirtan no quarto do Mestre. Shri Ramakrishna pediu a um devoto que trouxesse outro lampião. Os dois lampiões iluminaram intensamente o aposento.

Shri Ramakrishna perguntou a Vijay: "Por que você se senta aí? Chegue para mais perto de mim." Nesse instante o kirtan criou uma atmosfera santa. O Mestre dançou em êxtase. Os devotos dançaram à sua volta. Enquanto Vijay dançava, suas roupas caíram. Estava inconsciente.

Quando a música terminou, Vijay começou a procurar sua chave, que havia caído em algum lugar. O Mestre disse-lhe, rindo: "Por que preocupar-se com isto?" Queria dizer que Vijay não tinha mais a fazer com caixas e chaves.

Kishori saudou Shri Ramakrishna e já estava na hora de despedir-se. O Mestre abençoou-o, tocando seu peito ternamente e disse-lhe adeus. Suas palavras estavam impregnadas de amor. M. e Gopal saudaram o Mestre. Eles também já estavam de saída. Com muito afeto, o Mestre disse-lhe: "Não podem ir amanhã de manhã? Podem resfriar-se à noite."

M. e Gopal decidiram passar a noite com Shri Ramakrishna. Sentaram-se no chão com alguns devotos.

Shri Ramakrishna não havia descansado durante o dia; os devotos estiveram com ele o tempo todo. Saiu por alguns minutos. Retornando ao quarto viu M. escrevendo uma canção de Ramlal.

Mestre: "O que você está fazendo?"

M. disse que estava escrevendo uma canção. Ao lhe mostrar o Mestre comentou que era um pouco longa. M. escreveu um verso ou dois e logo parou.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna comeu pudim e um ou dois luchis. A seu lado estava aceso um lampião. M. sentou-se perto dele. O Mestre perguntou se havia doces. M. havia trazido sandesh que guardara na prateleira. Shri Ramakrishna pediu a M. para trazer-lhe um. M. procurou os doces mas não os encontrou. Ficou embaraçado, havia dado aos devotos.

Depois de terminar a ceia, Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã e M. no tapete. O Mestre, falando a respeito de Narayan, ficou tomado de emoção.

Mestre: "Vi Naran hoje."

M.: "Sim, senhor. Seus olhos estavam úmidos. Quando olhei para seu rosto tive vontade de chorar."

Mestre: "Ao vê-lo, desperta em mim, por assim dizer, amor maternal. Seus parentes o maltratam, em casa, porque vem aqui. Não há quem o defenda."

M.: "No outro dia ele deixou seus livros na casa de Haripada e correu para o senhor."

Mestre: "Não foi sensato para ele, fazer aquilo."

Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Depois de alguns minutos continuou.

Mestre: "Veja, ele tem muita substância em si, senão, como eu poderia ser atraído para ele embora estivesse ouvindo o kirtan naquele momento? Tive que deixar a música e ir para o quarto. Isto jamais aconteceu antes."

Novamente Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Pouco tempo depois, começou a falar.

Mestre: "Em êxtase perguntei-lhe como estava se sentindo. Apenas disse que estava feliz. (*A M.*) Dê-lhe de comer de vez em quando – assim como os pais fazem com o filho."

Shri Ramakrishna começou a falar a respeito de Tejchandra.

Mestre (*a M.*): "Por favor, pergunte-lhe o que pensa de mim. Será que ele me considera um jnani? Ou, o que diz a meu respeito? Vi que é muito reticente. (*A Gopal*) Peça a Tejchandra para vir aqui aos sábados e terças. (*A.M.*) Vamos dizer que eu vá à sua escola e procure – "

M. pensou que Shri Ramakrishna desejava ir à sua escola ver Narayan. Disse ao Mestre: "O senhor pode ficar esperando em nossa casa."

Mestre: "Não, tenho outra coisa em mente. Quero ver se há, na escola, outros rapazes de valor."

M.: "Claro que pode ir. Outros visitantes vêm à escola. O senhor pode ir também."

Shri Ramakrishna fumava. M. e Gopal terminaram a ceia. Decidiram dormir no nahabat. M. sentou-se novamente no chão, junto de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a M.*): "Há muitas panelas e frigideiras no nahabat. Por que não dormem aqui?"

M.: "Está bem, senhor."

Eram dez ou onze horas da noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, recostado num travesseiro. M. sentou-se no chão. O Mestre conversava com ele. Um lampião queimava numa prateleira junto à parede.

O Mestre sentia uma grande compaixão por seus devotos. Quis abençoar M., aceitando seu serviço pessoal.

Mestre: "Meus pés doem, por favor, massagei-os, com suavidade."

M. sentou-se no divã pequeno e pôs os pés do Mestre em seu colo, massageando-os. De vez em quando Shri Ramakrishna fazia uma pergunta a seu discípulo.

Mestre (*sorrindo*): "Você gostou da conversa de hoje?"

M.: "Muitíssimo."

Mestre (*sorrindo*): "Como falei sobre o Imperador Akbar!"

M.: "Esteve muito bem."

Mestre: "Repita para mim."

M.: "Um faquir foi visitar Akbar. O Imperador estava rezando. Em suas orações pedia a Deus que lhe desse opulência e riqueza. A isto o faquir estava disposto a abandonar o aposento, em silêncio. Mais tarde, quando o imperador perguntou o motivo, o faquir disse, 'Se tenho que mendigar, por que tenho que fazê-lo a um pedinte?"

Mestre: "De que mais falamos?"

M.: "O senhor nos falou muito a respeito de guardar para o futuro."

Mestre (*sorrindo*): "O que eu disse?"

M.: "Deus toma sobre Si Mesmo, total responsabilidade por aquele que confia totalmente n'Ele. É como um tutor que toma conta de um menor. O senhor também nos disse que, numa festa, uma criança não pode sozinha, encontrar um lugar para comer; alguém deve encontrar um lugar para ela."

Mestre: "Não, não é bem assim. Disse que a criança não cai se o pai segurar sua mão."

M.: "O senhor também descreveu os três tipos de sadhus. O melhor sadhu não sai para conseguir o alimento, vive num lugar e ali consegue o alimento. O senhor nos falou sobre aquele jovem sadhu que, ao ver os seios de uma jovem, disse, 'Por que ela tem esses abcessos?' O senhor nos falou de muitas outras coisas."

Mestre (*sorrindo*): "O que mais?"

M.: "A respeito do corvo do Lago Pampa que repetia o nome de Rama dia e noite. Foi por isso que não pôde beber água, embora estivesse à sua beirada. E a respeito do santo em cujo livro estava escrito somente 'Om Rama'. E o que Hanuman disse a Rama."

Mestre: "O que ele disse?"

M. "Hanuman disse a Rama: 'Vi Sita no Ceilão, mas era somente seu corpo. A mente e a alma estavam a Teus pés.'

"E sobre o pássaro chatak. Não beberá nada a não ser água da chuva. E também, sobre jnana e bhakti yoga."

Mestre: "O que eu disse a respeito delas?"

M.: "Enquanto se está consciente do 'jarro', o ego certamente permanecerá. Enquanto se é consciente do 'eu', não se pode livrar-se da idéia 'sou o devoto e Tu és Deus.' "

Mestre: "Não, não é isso: o 'jarro' não desaparece se uma pessoa estiver consciente dele ou não. Não se pode livrar-se do 'eu'. Pode-se pensar muito, mas ele não desaparecerá."

M. permaneceu em silêncio por algum tempo.

M.: "O senhor conversou com Ishan Mukherji no templo de Kali. Ficamos muito felizes em estar lá."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, sim. Diga-me, o que eu disse?"

M.: "O senhor disse que o trabalho é somente o primeiro passo. Disse-nos que falou a Sambhu Mallick. 'Se Deus aparecer diante de você, você Lhe pedirá hospitais e dispensários?'

"O senhor disse uma outra coisa: Deus não Se revela a uma pessoa, enquanto ela for apegada ao trabalho. O senhor disse isso a Keshab Sen."

Mestre: "O que eu disse?"

M.: "Enquanto o nenem brinca com o brinquedo, esquece-se de tudo o mais, a mãe cuida da cozinha e de outros afazeres da casa, mas quando a criança larga os brinquedos e chora, a mãe deixa a panela de arroz e corre para a criança."

"Naquele dia o senhor disse mais: Lakshmana perguntou a Rama onde se poderia encontrar Deus; depois de muita explicação, Rama disse-lhe, 'Irmão, moro no homem que tem amor divino – um amor que faz rir e chorar, e dançar e cantar'."

Mestre: "Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!"

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por algum tempo.

M.: "Naquele dia o senhor falou somente palavras de renúncia a Ishan. Desde então, muitos de nós voltamos aos nossos sentidos. Agora estamos ansiosos para reduzir os deveres. Naquele dia o senhor disse, 'Ravana morreu no Ceilão, e Behula chorou amargamente por ele.'

Shri Ramakrishna riu alto.

M. (*humildemente*): "Senhor, não é bom diminuir os deveres e envolvimentos?"

Mestre: "Sim, mas é uma coisa diferente, se cruzar com um sadhu ou um pobre. Deve servi-los."

M.: "Naquele dia o senhor falou muito bem a Ishan, a respeito dos aduladores. São como abutres sobre uma carcaça. O senhor uma vez disse a mesma coisa a Padmalochan."

Mestre: "Não, a Vamandas de Ulo."

Depois M. sentou-se no chão, perto do divã pequeno. Shri Ramakrishna estava com sono. Disse a M.: "Vá dormir. Onde está Gopal? Por favor, feche a porta."

Na manhã seguinte, Shri Ramakrishna saiu da cama muito cedo. Como de costume, cantou os nomes sagrados dos diferentes deuses e deusas. De vez em quando olhava para o rio sagrado. O culto da manhã começou nos templos de Radhakanta e Mãe Kali. M. havia passa-

do a noite no chão do quarto do Mestre. Saiu da cama e observou o culto nos diferentes templos.

Shri Ramakrishna terminou o banho e com M., foi ao templo de Kali. Pediu ao discípulo para fechar a porta de seu quarto.

No templo, sentou-se defronte à imagem de Kali e ofereceu flores, às vezes a Seus pés, às vezes sobre sua própria cabeça. Abanou a Divindade. Depois voltou ao quarto e pediu a M. para abrir a porta. Entrando no aposento, sentou-se no divã pequeno.. Estava completamente tomado por fervor divino e começou a cantar o nome de Deus. M. sentou-se sozinho no chão. Shri Ramakrishna começou a cantar a respeito da Mãe Divina.

> Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?
> Até mesmo os seis darshanas são incapazes de revelá-La.
> É Ela, dizem as escrituras, que é o Eu interno
> Do Yogi, que descobre no Eu toda sua alegria.
> Ela que, por Sua doce vontade, habita em cada ser vivo.

Depois cantou:

> Toda criação é o jogo da minha louca Mãe Kali;
> Por Sua maya os três mundos ficam enfeitiçados.

Continuou:

> Ó Kali, quem pode conhecer-Te? Inúmeras são Tuas formas. ...

Novamente cantou:

> Ó Mãe, redime-se rapidamente!
> Do terror do rei da Morte, estou a ponto de morrer. ...

M. disse a si mesmo, "Gostaria de que ele cantasse:

> Mãe, Tu não podes enganar-me mais,
> Pois vi os seus carmins Pés de Lótus."

Muito estranho, mal tinha o pensamento passado pela mente de M., e Shri Ramakrishna cantou-a. Poucos minutos mais tarde disse a M., "O que você de meu estado mental?

"M. (*sorrindo*): "É seu estado simples e natural."

Shri Ramakrishna cantou para si mesmo, o seguinte refrão de uma canção:

> A não ser que um homem seja simples, não pode reconhecer Deus, o Uno Simples.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 34

BANKIM CHANDRA

Sábado, 6 de dezembro de 1884

ADHAR, UM GRANDE DEVOTO DE SHRI RAMAKRISHNA, vivia em Sobhabazar, seção nordeste de Calcutá. Quase todos os dias, depois de sair do trabalho no escritório e voltar para casa ao cair da tarde, fazia uma visita a Shri Ramakrishna, De sua casa, em Calcutá, ia a Dakshineswar numa carruagem alugada. Sua única alegria era visitar o Mestre, mas ele ouvia muito pouco do que Shri Ramakrishna dizia porque, depois de saudar o Mestre e visitar os templos, a pedido do Mestre, deitava numa esteira no chão e caía no sono. Às nove ou dez horas era acordado para voltar para casa. Contudo, considerava-se abençoado por poder visitar o homem-Deus de Dakshineswar. A pedido de Adhar, Shri Ramakrishna a miúdo visitava sua casa. Essas visitas eram ocasiões para festivais religiosos. Reuniam-se devotos em grande número e Adhar os alimentava fartamente. Um dia, enquanto Shri Ramakrishna visitava-o, Adhar disse-lhe: 'Há muito tempo que o senhor não vem à nossa casa. Os aposentos parecem sombrios; cheiram a mofo, mas hoje, a casa está alegre; a doçura de sua presença enche a atmosfera. Hoje chamei Deus sinceramente. Ao orar até derramei lágrimas. "Verdade?", disse o Mestre com ternura, lançando um olhar carinhoso para o discípulo.

Shri Ramakrishna chegou à casa de Adhar com os devotos. Todos estavam alegres. Adhar organizara uma festa suntuosa. Muitos novatos haviam vindo. A convite de Adhar, diversos magistrados vieram; queriam observar Shri Ramakrishna e julgar sua santidade. Entre eles estavam Bankim Chandra Chatterji, talvez a maior figura literária de Bengala dos fins do século XIX. Era um dos criadores da moderna literatura bengali e escrevia sobre assuntos sociais e religiosos. Bankim era o resultado do contato da Índia com a Inglaterra. Dera uma interpretação moderna às escrituras hindus e preconizava reformas sociais drásticas.

Shri Ramakrishna conversava muito feliz com os devotos, quando Adhar apresentou-lhe diversos amigos.

Adhar (*apresentando Bankim*): "Senhor, ele é um grande erudito e escreveu muitos livros. Veio para conhecê-lo. Seu nome é Bankim Babu."

Mestre (*sorrindo*):"Bankim! [1] Bem, o que o fez curvar-se?"

Bankim (*sorrindo*): "Bem, senhor, as botas são as responsáveis. Os pontapés de nossos senhores ingleses curvaram meu corpo."

Mestre: "Não, meu caro senhor! Shri Krishna estava curvado por causa de Seu amor divino. O corpo estava partido em três lugares, devido a seu amor por Radha. É assim como algumas pessoas explicam a forma de Shri Krishna. O senhor sabe por que Ele tem uma pele azul escura? E por que é de estatura tão pequena – somente três e meio cúbitos medidos por Suas próprias mãos? Deus parece assim enquanto for visto à distância. Assim a água do oceano parece azul de longe, mas se o senhor aproximar-se e puser água nas mãos, não mais verá azul; será muito clara, transparente. Assim, o sol também parece pequeno porque está muito distante; se o senhor aproximar-se dele, não mais o achará pequeno ... Quando se conhece a verdadeira natureza de Deus, Ele não parece nem azul nem pequeno. Mas isto está além de nossa visão, só é visto em samadhi. Enquanto existir o 'eu' e o 'você', também existirá nome e forma. Tudo é a lila de Deus, Seu prazer esportivo. Enquanto um homem for consciente de 'eu' e 'você", experimentará as manifestações de Deus através de diversas formas.

Shri Krishna é o Purusha, Srimati[2] é Sua Shakti, o Poder Primordial. Os dois são respectivamente, Purusha e Prakriti. Qual é o significado de Yugala Murti, as imagens conjugadas de Radha e Krishna? É que Purusha e Prakriti não são diferentes; não há qualquer diferença entre eles. Purusha não pode existir sem Prakriti, e Prakriti não pode existir sem Purusha. Se o senhor mencionar um, o outro está subentendido. É como o fogo e seu poder de

[1] Literalmente a palavra significa "inclinado" ou "encurvado".
[2] Radhika, a Divina Companheira de Krishna.

queimar; não se pode pensar no poder de queimar do fogo, sem o fogo, portanto, nas imagens conjugadas de Radha e Krishna, os olhos de Krishna estão fixos em Radha e os de Radha em Krishna. A pele de Radha é dourada, como o relâmpago, e por isso, Krishna usa roupa amarela. A pele de Krishna é azul, como uma nuvem escura e daí Radha usar um vestido azul; e adornar-se com safiras azuis. Radha tem pulseiras de tornozelos tilitantes; Krishna, também, as tem. Em outras palavras, há uma harmonia interna e externa entre Purusha e Prakriti."

Quando Shri Ramakrishna acabou de falar, Bankim e os amigos começaram a sussurrar em inglês.

Mestre (*sorridente, dirigindo-se a Bankim e outros*): "Bem, senhores! O que estão dizendo em inglês?"

Adhar: "Discutíamos o que o senhor acabou de falar: explicação sobre a forma de Krishna."

Mestre (*sorrindo*): "Isto me recorda uma história engraçada. Dá-me vontade de rir. Uma vez um barbeiro estava fazendo a barba de um senhor. Este foi levemente ferido pela navalha. Imediatamente gritou, 'Damn!' mas o barbeiro não conhecia o significado da palavra. Colocou a navalha e outros utensílios de barbear de lado, arregaçou as mangas da camisa – era inverno – e disse, 'O senhor disse "damn" para mim. Agora tem que me dizer o que significa.' O cavalheiro disse, 'Não seja tolo, mas faça a barba com mais cuidado.' Mas o barbeiro não desistiu tão facilmente. Disse, 'Se "damn" quer dizer alguma cosa boa, então sou um "damn", meu pai é um "damn" e todos os meus ancestrais são "damns". (*Todos riem*). Mas se o significado for algo mau, o senhor é um "damn", seu pai é um "damn" e todos os seus ancestrais são "damns", (*Todos riem*). Eles não são somente "damns", mas damn – damn – damn – damn – da-damn – damn'.' " (*Gargalhada*).

Logo que a risada acabou, Bankim retomou a conversa.

Bankim: "Senhor, por que não prega?"

Mestre (*sorrindo*): "Pregar? É somente a vaidade do homem que o faz pensar em pregar. O homem é uma criatura insignificante. Só Deus é que prega – Deus que criou o sol e a lua, iluminando o universo. Será pregar algo banal? O senhor não pode pregar enquanto Deus não Se revelar ao senhor e lhe der o mandato. Claro que ninguém pode impedi-lo de pregar. O senhor não recebeu mandato, mas mesmo assim, fala alto até ficar rouco. As pessoas o ouvirão uns dias, e depois, se esquecerão de tudo. É como qualquer outra sensação, enquanto o senhor fala, as pessoas dizem, 'Ah! Como fala bem'; e no momento que acabar, tudo desaparecerá.

"O leite na panela chia e sobe, enquanto houver fogo debaixo dela, Retire o fogo e o leite descerá.

"Deve-se aumentar a força pela sadhana; caso contrário, não se pode pregar. Como diz um provérbio: 'Você não tem quarto para dormir e está convidando um amigo para dormir com você.' Não há lugar para você deitar, entretanto diz, 'Venha, amigo! Venha e deite-se comigo.' (*Risada*).

"Algumas pessoas costumavam todas as manhãs, sujar as margens de Haldarpukur, em Kamarpukur. Os aldeões insultavam os que faziam aquilo, mas continuavam a sujar. Finalmente os aldeões enviaram uma queixa ao governo. Um funcionário visitou o lugar e pôs um aviso, 'É Proibido Incomodar. Os infratores serão punidos.' Isto pôs fim a tudo. Depois não houve mais problemas. Era uma ordem do governo e todos tinham que obedecê-la.

"Assim também, se Deus revela-Se ao senhor e lhe dá mandato então, pode pregar e ensinar. Caso contrário, quem escutará?"

Os visitantes ouviam atentamente.

Mestre (*a Bankim*): "Sei que o senhor é um grande pundit e escreveu muitos livros. Por favor, diga-me o que pensa dos deveres do homem? O que o acompanhará após a morte? O senhor crê existe algo depois, não?"

Bankim: "O que existe depois? O que é isto?"

Mestre: "Verdade. Quando um homem morre depois de alcançar o Conhecimento, não tem que ir a outro plano de existência; não renasce, mas enquanto não tiver alcançado o Conhecimento, enquanto não realizou Deus, deve voltar à vida na terra; não pode escapar disso. Para essa pessoa há o que vem depois. Um homem é liberado depois de alcançar o Conhe-

cimento, depois de realizar Deus. Para ele não há mais volta à terra. Se um grão de arroz cozido for semeado, não germinará. Do mesmo modo, se um homem for fervido pelo fogo do Conhecimento, já não pode tomar parte no jogo da criação; não pode levar uma vida mundana porque não tem mais apego a 'mulher e ouro'. O que se ganha semeando arroz cozido?"

Bankim (*sorrind*o): "Senhor, também uma erva daninha não preenche a função de uma árvore."

Mestre: "Mas o senhor não pode chamar um jnani de erva inútil. Aquele que realizou Deus alcançou o fruto da Imortalidade – não um fruto comum como a cabaça e a abóbora. Está livre de renascimento. Não nasce mais em qualquer outro lugar – seja na terra, no mundo solar ou lunar.

"A analogia é unilateral. O senhor é um pundit. Não estudou lógica? Suponhamos que o senhor diga que um homem é tão terrível quanto um tigre. Isto não significa que ele tenha uma cauda ou focinho de um tigre! (*Todos riem*).

"Disse a mesma coisa a Keshab. Perguntou-me, 'Senhor, há vida após a morte? Comprometi-me de uma maneira ou de outra. Disse que os oleiros colocam os jarros ao sol para cozer. Entre eles há tantos jarros cozidos, quanto não cozidos. Às vezes, o gado os pisoteia, mas quando os não cozidos são quebrados, os oleiros guardam-nos. Misturam-nos com água e colocam argila na roda e fazem novos potes. Não jogam fora os não cozidos. Assim, eu disse a Keshab: 'O Oleiro não o deixará ir-se enquanto você não estiver cozido. Ele o colocará na roda do mundo até que tenha alcançado o Conhecimento, enquanto não O tiver realizado Ele não o deixará ir-se. Terá que voltar à terra repetidas vezes, não há fuga. Você será liberado somente quando realizar Deus. Somente então, o Oleiro o deixará ir-se. Isto é porque então, você não servirá a nenhum propósito neste mundo de maya.' O jnani foi além de maya. O que ele fará nesse mundo de maya?

"Mas Deus conserva alguns jnanis no mundo de maya para serem instrutores. Para ensinar os outros, o jnani vive no mundo com ajuda de vidyamaya. É o Próprio Deus quem conserva o jnani no mundo, para Seu trabalho. Este foi o caso de Shukadeva e Shankaracharya.

(*A Bankim, sorrindo*):"Bem, o que me diz sobre os deveres de um homem?"

Bankim (*sorrindo*): "Se o senhor me pergunta a esse respeito, devo dizer-lhe que são comer, dormir e ter vida sexual."

Mestre (*asperamente*): "O que? O senhor é muito atrevido! O que o senhor faz dia e noite, sai por sua boca. Um homem arrota o que come. Se comer rabanete, arrota rabanete; se comer coco verde, arrota coco verde. Dia e noite o senhor vive no meio de 'mulher e ouro'; sua boca pronuncia somente palavras sobre este assunto. Pensando constantemente em coisas mundanas, o homem torna-se calculista e dissimulado. Por outro lado, torna-se puro se pensar em Deus. Um homem que viu Deus jamais dirá o que o senhor acabou de dizer. O que a erudição de um pundit o beneficia, se ele não pensar em Deus e não tiver discriminação e renúncia? Para que serve erudição se a mente mora em 'mulher e ouro'?

"Realmente milhanos e abutres voam muito alto, mas seu olhar está fixo somente na carniça. O pundit, sem dúvida, estudou muitos livros e escrituras; pode repetir seus textos ou pode haver escrito livros. Mas se ele estiver apegado a mulheres, se ele pensar em dinheiro e honra como coisas essenciais, o senhor o chamaria de pundit? Como pode um homem ser um pundit se a mente não mora em Deus?

"Alguns podem dizer sobre os devotos: 'Dia e noite estas pessoas falam de Deus. Estão loucas, perderam o juízo, mas nós somos espertos! Como desfrutamos os prazeres – dinheiro, honra e sentidos!' O corvo também pensa que é um pássaro esperto, mas a primeira coisa que faz quando se levanta cedo, é encher o estômago com a sujeira dos outros. Já reparou como ele anda empertigado? De fato, muito esperto!"

Havia um profundo silêncio.

Shri Ramakrishna continuou: "Mas são como o cisne, são aqueles que pensam em Deus, que oram dia e noite para se livrarem do seu apego às coisas do mundo e seu amor a 'mulher e ouro', que não gozam outra coisa a não ser o néctar dos Pés de Lótus do Senhor, e para quem os prazeres mundanos têm sabor amargo. Se o senhor puser uma mistura de leite e água diante do cisne, ele deixará a água e beberá somente o leite. Já reparou a postura de um

cisne? Vai em frente numa direção. Assim são os devotos autênticos: vão somente em direção a Deus Nada mais buscam, Nada mais desfrutam.

(*Afetuosamente a Bankim*) Por favor não se ofenda com minhas palavras."

Bankim: "Senhor, não vim aqui para ouvir palavras doces."

Mestre (*a Bankim*): "Somente 'mulher e ouro' constituem o mundo: isto é maya. Por isso não se pode ver ou pensar em Deus. Depois do nascimento de um ou dois filhos, marido e mulher deveriam viver como irmãos e falar somente de Deus. A mente de ambos serão atraídos para Deus e a esposa será uma ajuda para o marido, em seu caminho da espiritualidade. Ninguém pode provar a felicidade divina sem abandonar seus sentimentos animais. Um devoto deve orar a Deus para ajudá-los a abandonar este sentimento. Deve ser uma oração sincera. Deus é o nosso Controlador Interno, certamente ouvirá nossa prece se ela for sincera.

"E 'ouro'. Sentando nas margens do Ganges abaixo do Panchavati, eu costumava dizer, 'Rupia é argila e argila é rupia'. Então joguei ambas no Ganges."

Bankim: "Verdade! Dinheiro é argila! Senhor, se tiver alguns trocados poderá ajudar os pobres. Se dinheiro é argila, então o homem não pode fazer caridade ou fazer bem aos outros."

Mestre (*a Bankim*): "Caridade! Fazer o bem! Como se atreve a dizer que pode fazer o bem a outros? Um homem anda muito empertigado de um lado para o outro, mas se alguém derrama água suja em sua boca, enquanto estive dormindo, nem ele tomará conhecimento; a água escorre de sua boca. Onde está sua basófia, vaidade, orgulho?

"Um sannyasi deve abandonar 'mulher e ouro', não pode aceitar mais isso. Não se deve engolir o próprio cuspe. Quando um sannyasi dá alguma coisa a um outro, sabe que não é ele quem está dando. A bondade pertence somente a Deus. Como pode alguém apossar-se dela? A caridade depende da vontade de Rama. Um verdadeiro sannyasi renuncia a 'mulher e ouro' mental e externamente. Aquele que não pode comer melado, não deve ter melado por perto. Se assim o fizer e disser aos outros para não comerem, as pessoas não lhe darão crédito.

"Um chefe de família, naturalmente, necessita de dinheiro, porque tem esposa e filhos. Deve economizar para sustentá-los. Dizem que o pássaro e o sannyasi não devem guardar para o futuro, mas a mãe pássaro traz alimento no bico, para seus filhotes; assim, ela também guarda. Um chefe de família necessita de dinheiro. Tem que sustentar a família.

"Se um chefe de família for um verdadeiro devoto, cumpre suas obrigações com desapego; abandona o fruto de seu trabalho a Deus – lucro ou perda, prazer ou dor – e dia e noite ora por devoção e por nada mais. A isso chama-se trabalho desinteressado, cumprimento do dever sem apego. Um sannyasi, também, deve trabalhar com desapego, mas ele não tem deveres mundanos, como o chefe de família.

"Se um chefe de família faz caridade sem apego, está fazendo bem a si mesmo. É somente a Deus que ele serve – Deus que mora em todos os seres, e quando ele serve a Deus, na realidade está fazendo bem a si mesmo, e não, aos outros. Se um homem serve Deus desta forma, através de todos os seres, não somente através dos homens, mas também de animais e outros seres vivos; se ele não busca nome e fama, ou o céu após a morte; se ele não busca qualquer retribuição daqueles a quem serve; se executa seu trabalho com essa atitude – então, na verdade faz um verdadeiro trabalho sem egoísmo, sem apego. Por meio desse trabalho desinteressado, faz bem a si mesmo. Isto chama-se karma yoga. Esse é também, um caminho para realizar Deus, mas é muito difícil e não adequado ao Kaliyuga.

"Por isso digo, aquele que trabalha com esse espírito de desapego – que é bondoso e caridoso – beneficia a si próprio. Ajudar os outros, fazer bem aos outros – esse é unicamente trabalho de Deus, que criou o homem, o sol e a lua, pai e mãe, frutas, flores e milho. O amor que o senhor vê nos pais é o amor de Deus. Ele o deu para preservar Sua criação! A compaixão que o senhor vê num coração bondoso é a compaixão de Deus. Ele a deu para proteger os desamparados. Quer o senhor seja caridoso ou não, Ele terá Seu trabalho executado de uma maneira ou de outra. Nada pode deter Seu trabalho.

"Qual é o dever do homem? O que mais pode ser? Somente tomar refúgio em Deus e orar a Ele com o coração anelante para obter Sua visão.

"Sambhu disse-me: 'Quero construir muitos hospitais e dispensários. Assim posso fazer muito bem aos pobres.' Eu lhe disse, 'Sim, isto não é ruim se puder fazê-lo com desape-

go., mas ser desapegado é muito difícil, a não ser que ame sinceramente Deus. E além disso, se você envolver-se em muitas atividades, ficará apegado a elas, de uma maneira desconhecida para você mesmo. Pode pensar que não tem motivo algum por trás de seu trabalho, mas talvez haja crescido um desejo de fama e publicidade sobre seu altruísmo. E também, se estiver ocupado em numerosas atividades, a pressão talvez o faça esquecer-se de Deus.' Também lhe disse, 'Sambhu, quero perguntar-lhe uma coisa. Se Deus aparecer você O desejará ou desejará muitos hospitais e dispensários?' Se alguém realiza Deus, não aprecia nada mais. Aquele que provou calda de açúcar cande não pode apreciar uma bebida feita de melado comum.

"Os que constroem hospitais e dispensários e encontram satisfação nisso, são, sem dúvida, pessoas boas, mas são de um tipo diferente. Aquele que é um verdadeiro devoto de Deus, só procura Deus. Se encontrar-se envolvido em muitos trabalhos, sinceramente ora, 'Senhor, seja misericordioso e reduz meu trabalho, minha mente que deveria pensar em Ti dia e noite, vem perdendo seu poder, pensa somente em coisas mundanas.' Devotos de alma pura formam uma classe em si mesmos. Não se pode ter amor verdadeiro por Deus a menos que se saiba que somente Deus é real e o resto, ilusório. O senhor não pode sentir amor verdadeiro por Deus, enquanto não souber que o mundo é transitório, com um ou dois dias de existência, enquanto que somente seu Criador é real e eterno.

"Janaka e sábios como ele trabalharam no mundo com ordem de Deus.

(*A Bankim*): "Algumas pessoas pensam que Deus não pode ser realizado sem o estudo de livros e escrituras. Pensam antes de tudo, que devem conhecer o mundo e suas criaturas; que em primeiro lugar devem estudar 'ciência'. (*Todos riem*). Pensam que não se pode realizar Deus sem antes compreender Sua criação. O que vem primeiro, 'ciência' ou Deus? O que o senhor acha?"

Bankim: "Creio que deveríamos antes de mais nada, conhecer as diferentes coisas do mundo. Como podemos conhecer Deus, sem saber nada do mundo? Primeiro devemos aprender dos livros."

Mestre: "Este é a idéia geral de todos vocês, mas Deus vem em primeiro lugar, e em seguida, a criação. Depois de alcançar Deus, o senhor pode conhecer tudo o mais, se for necessário.

"Se de alguma maneira, o senhor for apresentado a Jadu Mallick, então, poderá conhecer, se quiser, o número de chácaras que tem e a soma de dinheiro investido nos títulos do governo. O próprio Jadu Mallick lhe falará a respeito, mas se o senhor não o conhecer e, quando entrar em sua casa, for detido por seus porteiros, então, como poderá conseguir informação correta sobre suas casas, chácaras e títulos do governo? Quando conhecer Deus conhecerá tudo o mais, mas então, o senhor não se importa em saber de coisas sem importância. O mesmo está dito nos Vedas. O senhor fala das qualidades de uma pessoa enquanto não o vir, mas logo que ela aparece à sua frente, todas essas conversas acabam. Fica feliz, simplesmente por estar em sua presença. Fica encantado só em conversar com ela. Não fala mais sobre suas virtudes.

"Primeiro realize Deus, depois pense na criação e outras coisas. Deram a Valmiki, para repetir como mantra, o nome de Rama, mas lhe foi dito que inicialmente repetisse 'mara'. 'Ma' quer dizer Deus, e 'ra' o mundo. Primeiro Deus e depois, o mundo. Se conhecer um, conhecerá todos! Se puser cinqüenta zeros depois de um, terá uma quantia grande, mas apague o um e nada restará, é o um que faz os muitos. Primeiro um, depois muitos. Primeiro Deus, depois Suas criaturas e o mundo.

"A única coisa necessária é realizar Deus. Por que o senhor se preocupa tanto com o mundo, a criação, 'ciência', e tudo isso? Seu negócio é comer mangas. Que necessidade tem de conhecer quantas centenas de árvores que há no pomar, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas? O senhor foi ao pomar para comer mangas. Vá comê-las. O homem nasceu neste mundo para realizar Deus; não é bom esquecer-se disso e dirigir a mente para outras coisas. O senhor veio para comer mangas. Coma-as e seja feliz."

Bankim: "Onde poderemos conseguir mangas?"

Mestre: "Ore a Deus com o coração anelante. Certamente Ele ouvirá sua prece, se for sincera. Talvez Ele o leve a homens santos cuja companhia pode desfrutar e isto o ajudará no seu caminho espiritual. Talvez alguém lhe diga, 'Faça isto e alcançará Deus'."

Bankim: "Quem? O guru? Ele guarda para si as melhores mangas e só me dá as ruins!"(*Risada*).

Mestre: "Por que deveria ser assim? A mãe sabe qual o alimento adequado para os estômagos de seus diferentes filhos. Podem todos eles digerir pilau e kalia? Suponhamos que se tenha conseguido um peixe. A mãe não dá pilau e kalia a todos os filhos. Para o filho de estômago delicado, prepara uma simples sopa. Mas isto quer dizer que ela o ama menos?

"Deve-se ter fé nas palavras do guru. O guru não é outro senão Satchidananda. O Próprio Deus é o Guru. Se acreditar em suas palavras como uma criança, realizará Deus. Que fé tem uma criança! Quando a mãe lhe fala a respeito de um certo homem, 'Ele é seu irmão'. A criança acredita que realmente ele é seu irmão. A criança acredita nisso cento e vinte e cinco por cento, embora ele possa ser filho de um brahmin, e o homem, filho de um ferreiro. A mãe diz à criança, "há um bicho papão naquele quarto, e a criança realmente acredita que aja ali um bicho papão. Essa é a fé de uma criança! Devemos ter esta fé infantil nas palavras do guru. Deus não pode ser realizado pela mente hipócrita, calculista e argumentadora. Deve-se ter fé e sinceridade. Hipocrisia não serve. Para o sincero, Deus está muito próximo, mas Ele está longe, muito longe de um hipócrita.

"Deve-se ter por Deus o anelo de uma criança. A criança somente vê confusão quando mãe está longe. O senhor pode tentar bajulá-la colocando um doce em sua mão, mas nada a enganará. Somente diz, "Não, quero ir com minha mãe'. Deve-se sentir esta ansiedade por Deus. Ah, que anelo! Quão inquieta uma criança fica por sua mãe! Nada pode fazê-la esquecer-se de sua mãe. Aquele a quem o desfrutar dos prazeres do mundo não tem sabor, aquele que não aprecia mais nada do mundo – dinheiro, nome, conforto material, prazer dos sentidos – torna-se sinceramente ansioso pela visão da Mãe. É para ele somente que a Mãe vem correndo, deixando todas as Suas outras obrigações.

"Ah, esta inquietude é tudo. Qualquer caminho que seguir – seja o senhor um hindu, um muçulmano, um cristão, um shakta, um vaishnava ou um Brahmo – o ponto vital é a ansiedade. Deus é o nosso Guia Interno. Não importa se o senhor toma um caminho errado – somente deve estar inquieto por Ele. Ele Próprio o colocará no caminho certo.

"Além disso, há erros em todos os caminhos. Todo o mundo pensa que seu relógio é o certo, mas na verdade, nenhum relógio está absolutamente certo. Mas isto não impede seu trabalho. Se um homem estiver ansioso por Deus, conseguirá a companhia de sadhus e tanto quanto for possível corrigirá seu próprio relógio com a ajuda dos sadhus."

Trailokya do Brahmo Samaj começou a cantar. Logo Shri Ramakrishna levantou-se e perdeu a consciência do mundo exterior, imerso em si mesmo, absorto em samadhi. Os devotos ficaram em sua volta. Empurrando as pessoas, Bankim aproximou-se do Mestre e começou a observá-lo atentamente. Jamais havia visto alguém em samadhi.

Depois de alguns minutos Shri Ramakrishna retornou à consciência parcial e começou a dançar em êxtase. Era uma cena inesquecível. Bankim e seus amigos imbuídos de influência inglesa, olhavam para ele com admiração. Era este o estado de intoxicação de Deus? Os devotos também, olhavam-no com olhos maravilhados.

Quando o canto e a dança terminaram, o Mestre tocou o solo com a testa, dizendo, "*Bhagavata -- Bhakta – Bhagavan!* Saudações a todos!" Sentou-se e todos ficaram à sua volta.

Bankim (*ao Mestre*): "Senhor, como se pode obter amor divino?"

Mestre: "Por meio de inquietude – a inquietude que uma criança sente por sua mãe. A criança sente-se desamparada quando fica longe de sua mãe e chora ansiosamente por ela. Se alguém puder chorar assim por Deus, poderá vê-Lo.

"Com a aproximação da aurora, o horizonte oriental torna-se vermelho. Sabe-se então, que logo será o nascer do sol. Assim também, se o senhor vir alguém inquieto por Deus, esteja certo de que ela não tem muito o que esperar pela visão d'Ele.

"Um discípulo perguntou ao instrutor, 'Senhor, por favor diga-me como posso ver Deus.' 'Vem comigo", disse o guru, 'eu te mostrarei.' Levou o discípulo a um lago e ambos

entraram na água. Subitamente o instrutor pressionou a cabeça do discípulo para baixo d'água. Depois de alguns momentos soltou-o e o discípulo levantou a cabeça e ficou de pé. O guru perguntou-lhe, 'Como te sentiste?' O discípulo espondeu, 'Ó! Pensei que ia morrer; estava arfando para respirar.' O instrutor disse, 'Quando te sentires assim por Deus, então saberás que não tens que esperar muito pela Sua visão.'

(*A Bankim*): "Vou dizer-lhe algo. O que o senhor ganhará flutuando na superfície? Mergulhe um pouco, as pedras preciosas estão muito abaixo da água; assim por que mexer os braços e pernas na superfície? Uma verdadeira pedra preciosa é pesada. Não flutua, afunda! Para conseguir uma verdadeira pedra preciosa o senhor deve mergulhar fundo."

Bankim: "O que podemos fazer, senhor? Estamos atados a uma cortiça. Isto nos impede de mergulhar."(*Todos riem*).

Mestre: "Todos os pecados desaparecem se uma pessoa apenas lembrar-se de Deus. Seu nome quebra as correntes da morte. O senhor tem que mergulhar, senão não conseguirá a pedra preciosa. Escute a canção."

O Mestre cantou com uma voz suave:

> Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.
> Se descer até as profundezas,
> Aí encontrará uma gema de Amor.
>
> Procure, Ó mente, procure Vrindavan em seu coração.
> Onde com Seus devotos amorosos,
> Sri Krishna brinca eternamente.
>
> Acenda, Ó mente, o lampião da verdadeira sabedoria,
> E o deixe queimar com uma chama firme
> Incessantemente, dentro do seu coração.
>
> Quem conduz seu barco através da sólida terra.
> É seu guru, diz Kubir.
> Medite nos seus pés sagrados.

Todos ouviram encantados. Novamente Sri Ramakrishna começou a falar.

Mestre (*a Bankim*): "Há alguns que não querem mergulhar. Dizem, 'Não vamos ficar perturbados se pensarmos demais em Deus?" Referindo-se àqueles que estão intoxicados com amor divino, dizem, 'Estas pessoas perderam a cabeça'. Mas não percebem uma simples coisa: Deus é o Oceano de Amrita, Imortalidade. Uma vez eu disse a Narendra: 'Suponhamos que haja uma xícara com calda e você fosse uma mosca. Onde se sentaria para beber a calda?' Narendra respondeu, 'Eu me sentaria na beirada da xícara e esticaria o pescoço para beber.' 'Por que?' perguntei. 'Que mal há em mergulhar no meio da xícara e beber calda?' Narendra respondeu, 'Eu ficaria preso na calda e morreria.' 'Meu filho', disse-lhe, 'esta não é a natureza do Néctar de Satchidananda. Ele é o Néctar da Imortalidade. Não se morre por mergulhar n'Ele. Ao contrário, torna-se imortal.'

"Portanto digo, mergulhe fundo. Não tenha medo. Ao mergulhar fundo em Deus, uma pessoa se torna imortal."

Bankim inclinou-se profundamente ante o Mestre. Já estava de saída.

Bankim: "Senhor, não sou tão tolo como o senhor pode pensar. Tenho um pedido a fazer. Por favor, conceda a graça de abençoar minha casa com a poeira de seus santos pés."

Mestre: "Isto me agrada. Irei se Deus quiser."

Bankim: "Ali também o senhor verá devotos de Deus."

Mestre (*sorrindo*): "Como? Que tipos de devotos são? São como aqueles que dizem 'Gopal! Gopal! Keshava! Keshava?' " (*Todos riem*).

Um devoto: "Como é a história de 'Gopal!', senhor?"

Mestre (*sorrindo*): "Vou lhes contar. Num certo lugar havia uma metalúrgica. Os operários eram conhecidos como vaishnavas piedosos; usavam colares de contas no pescoço, marcas religiosas na testa e uma bolsinha com rosário. Repetiam o nome de Deus em voz alta.

Podiam ser chamados sadhus; mas tinham que trabalhar muito como ferreiros para ganhar o pão e sustentar suas esposas e filhos. Muitos fregueses, sabendo de sua piedade, vinham à loja porque acreditavam que lá, não havia esperteza com seu ouro e prata. Quando os fregueses entravam, viam os operários trabalhando e repetindo o nome de Hari. Mal os fregueses sentavam-se, e um dos operários gritava, 'Keshava! Keshava! Keshava!' Poucos minutos mais tarde, um outro dizia, 'Gopal! Gopal! Gopal!'. Depois de conversarem um pouco, o terceiro homem gritava, 'Hari! Hari! Hari!' No meio tempo os fregueses quase haviam terminado suas transações. Então o quarto exclamava, 'Hara! Hara! Hara!' Os fregueses ficavam muito impressionados com a devoção e fervor dos operários e sentiam-se bastante seguros em entregar-lhes o dinheiro. Estão certos de que não serão enganados.

"Mas sabem o que havia atrás de tudo isso? O homem que dizia, 'Keshava! Keshava! Keshava!' [3] depois da chegada dos fregueses, queria dizer, *'Quem são eles?'* Em outras palavras, queria saber o quão inteligentes eram. O homem que dizia, 'Gopal! Gopal!' queria dizer que ele não os achava melhor do que uma "*manada de vacas*". O homem que dizia, 'Hari! Hari!, *'Posso roubá-los?'* dava a entender que, já que eram como uma manada de vacas poderiam ser roubados. O último homem que dizia, 'Hara! Hara!' queria dizer, *'Sim, roube-os".* Com isto ele dizia que já que os fregueses eram como uma manada de vacas, por certo que poderiam ser roubados. Aqui, também, vocês vêem um grupo de homens piedosos, grandes devotos de Deus!"(*Todos riem*).

Bankim despediu-se, mas estava distraído. Quando chegou à porta, verificou que seu xale havia caído no quarto e estava em mangas de camisa. Um senhor entregou-lhe o xale.

Dos devotos que estavam na casa de Adhar, Sarat [4] e Sannyal eram brahmins, mas Adhar pertencia à casta inferior dos ferreiros, e por isso, os dois brahmins retiraram-se rapidamente para não se sentirem pressionados por seu anfitrião, a comer ali. Sarat e Sannyal há pouco tempo, visitavam o Mestre e não sabiam que os devotos formavam uma casta separada entre eles. Não havia distinção de casta.

Adhar ofereceu uma festa ao Mestre e aos devotos. Já era bem tarde, quando os devotos voltaram para suas casas, guardando em seus corações, a imagem do Mestre em êxtase, e recordando de suas palavras de grande sabedoria.

Já que Bankim havia convidado Sri Ramakrishna para visitar sua casa, alguns dias mais tarde, o Mestre enviou Girish e M. à sua residência de Calcutá. Nessa oportunidade Bankim manteve uma longa discussão com esses dois devotos sobre o Mestre. Disse que queria visitar Sri Ramakrishna novamente, mas seu desejo jamais foi satisfeito.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[3] Esses quatro nomes de Deus têm duplo sentido, em bengali. O segundo significado de cada palavra é dado em itálico.

[4] Sarat tornou-se um discípulo monástico de Sri Ramakrishna, com nome de Swami Saradananda.

CAPÍTULO 35

NO STAR THEATRE (II)

Domingo, 14 de dezembro de 1884

SHRI RAMAKRISHNA chegou ao Star Theatre, na rua Beaton, em Calcutá, para assistir a uma peça sobre a vida de Prahlada. M., Baburam, Narayan e outros devotos o acompanhavam. O vestíbulo estava fortemente iluminado. A peça ainda não havia começado. O Mestre ficou num camarote, conversando com Girish.

Mestre (*sorrindo*): "Ah! Você escreveu lindas peças."

Girish (*sorrindo*): "Bem, senhor, quão pouco sei! Apenas escrevo."

Mestre: "Não, você assimila bastante os ensinamentos. Outro dia disse-lhe que ninguém poderia esboçar um caráter divino, a não ser que tivesse em seu coração, amor a Deus.

"Sim, deve-se assimilar idéias espirituais. Fui à casa de Keshab ver a peça *Nava-Vrindavan*. Conheci um magistrado que ganhava oitocentas rupias por mês. Todo o mundo dizia que era um homem muito letrado, mas encontrei-o inquieto por causa de um menino, seu filho. Estava muito preocupado em arranjar um lugar para ele; não prestava atenção à conversa espiritual dos atores. O menino aborrecia-o com perguntas: 'Pai! Que é isto? O que é aquilo?' Estava extremamente ocupado com a criança. Vejam, ele apenas lê livros, mas não assimila o conteúdo."

Girish: "Muitas vezes perguntei a mim mesmo: 'Por que preocupar-me com o teatro?'"

Mestre: "Não, não! Deixe as coisas como estão. As pessoas aprenderão muito com suas peças."

A representação começou. Prahlada foi visto entrando na escola como estudante. Ao vê-lo Shri Ramakrishna disse uma ou duas vezes a palavra 'Prahlada' e entrou em samadhi.

Em outra cena Shri Ramakrishna chorou ao ver Prahlada debaixo da pata de um elefante. Chorou quando o rapaz foi atirado ao fogo.

Mudos com a cena, Lakshmi e Narayana estavam sentados em Goloka. Narayana estava preocupado com Prahlada. Também esta cena levou Shri Ramakrishna ao êxtase.

Depois da representação, Girish levou Shri Ramakrishna ao seu camarim. Disse ao Mestre: "O senhor gostaria de ver a peça. *Vivaha Vibhrata*! ['A Confusão do Casamento']?"

Mestre: "Ó não! Por que um coisa assim depois da vida de Prahlada? Uma vez disse ao diretor de uma companhia teatral, 'Finalize sua representação com algo religioso'. Ouvimos uma conversa espiritual maravilhosa, e agora ver 'A Confusão do Casamento"! Um tema mundano! Devemos tornar a ser nosso 'eu' novamente. Temos que voltar ao nosso velho estado."

Girish: "O senhor gostou da representação?

Mestre: "Senti que foi o Próprio Deus quem fez os diversos papéis. Aqueles que representavam os papéis femininos, pareceram ser a personificação direta da Mãe Bem-aventurada, e os pastores de Goloka, a personificação do Próprio Narayana. Foi somente Deus quem Se tornou todos eles.

"Há sinais pelos quais pode-se saber se um homem realmente viu Deus. Um deles é a alegria, não há qualquer dúvida nele. É como o oceano: as ondas e sons estão na superfície, abaixo estão as grandes profundidades. O homem que viu Deus comporta-se, às vezes como um louco, às vezes como uma coisa inerte, sem fala porque vê Deus dentro e fora; às vezes, como uma criança, sem o menor apego, andando com a roupa debaixo do braço. Também em estado de criança, age de muitas maneiras, às vezes como um menino, entregue à frivolidades, às vezes como um rapaz, trabalhando e ensinando com a força de um leão.

"O homem não pode ver Deus por causa de seu ego. Não se pode ver o sol enquanto houver uma nuvem no céu, mas isto não quer dizer que não haja sol; ele está ali.

"Mas não há mal algum no 'ego de uma criança'. Ao contrário esse ego é benéfico. Verduras fazem mal ao estômago, mas hinche é bom. Então hinche não pode ser chamado de verdura. Também açúcar cande não pode ser classificado como doce. Os doces fazem mal à saúde, mas o açúcar cande, não.

"Por isso disse a Keshab: 'Se eu lhe disser mais do que já disse, você não poderá manter sua organização coesa'. Isto o assustou. Logo acrescentei: 'Não há mal no "ego de uma criança" ou no "ego de um servo".

"Aquele que viu Deus descobre que somente Deus tornou-Se o mundo e todos os seres vivos; foi Ele quem Se tornou tudo. Uma pessoa assim é considerada um devoto superior."

Girish (*sorrindo*): "Sim, Deus é tudo, mas o devoto mantém um traço do ego que não é prejudicial."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, não há mal nisso. Este vestígio de ego é conservado para se desfrutar Deus. Você pode gozar a felicidade divina somente quando fizer a distinção entre você mesmo e Deus – distinção entre o servo e o Amo.

"Há, também, o devoto do tipo medíocre; vê que Deus mora em todos os seres como o Guia Interno, mas o devoto de tipo inferior diz, 'Deus existe. Está lá em cima.', quer dizer, além do céu. (*Todos riem*).

"Quando vi os pastores de Goloka em sua representação, senti que Deus havia Se tornado tudo. Aquele que viu Deus sabe que somente Ele é Aquele que faz, O que faz tudo."

Girish: "Senhor, sei com certeza que é Deus quem faz tudo."

Mestre: "Digo, 'Ó Mãe, sou a máquina e Tu és o Operador, sou algo inanimado e Tu me fazes consciente; faço como Tu me mandas fazer; falo como Tu me mandas falar.' Mas o ignorante diz, 'Sou em parte responsável e em parte, Deus é o responsável'."

Girish: "Senhor, em verdade nada faço. Por que preocupar-me com o trabalho?"

Mestre: "Não, o trabalho é bom. Quando o terreno está bem limpo, sem pedras e seixos, qualquer coisa que plante, crescerá, mas deve-se trabalhar sem qualquer motivo pessoal.

"Há dois tipos de paramahamsas: o jnani e o premi[1]. O jnani está centralizado em si mesmo; sente que para ele, basta ter Conhecimento. O premi, como Shukadeva, depois de alcançar sua própria realização, ensina os homens. Alguns comem manga e limpam os vestígios em suas bocas, mas outros, dividem suas mangas com os demais. Pás e cestas são necessárias para cavar um poço. Ao terminar de cavar, alguns atiram as pás e cestas dentro do poço, mas outros, guardam-nas para que o vizinho possa utilizá-las. Shukadeva e alguns outros guardaram as pás e cestas para benefício dos outros. (*A Girish*) Você deve fazer o mesmo."

Girish: "Por favor, abençoe-me, senhor."

Mestre: "Tenha fé na Mãe Divina e conseguirá tudo."

Girish: "Mas sou um pecador."

Mestre: "O infeliz que constantemente pensa que está em pecado, torna-se pecador."

Girish: "Senhor, até o chão em que eu costumava sentar-me, tornava-se impuro."

Mestre: "Como pode dizer isso? Suponhamos que uma luz seja levada para um local que ficou no escuro por milhares de anos; ela vai iluminar pouco a pouco, ou de uma só vez?"

Girish: "Então o senhor me abençoou."

Mestre: "Se você sinceramente assim o crê, o que mais vou dizer? Como, bebo e canto o nome de Deus."

Girish: "Não tenho sinceridade. Por favor, dê-me."

Mestre: "Eu? Sábios como Narada e Shukadeva podiam fazer isto."

Girish: "Não vejo Narada nem Shukadeva, mas o senhor está aqui diante de mim."

Mestre (*sorrindo*): "Está bem. Você tem fé."

Todos ficaram em silêncio. A conversa recomeçou.

Girish: "Tenho um desejo: amar a Deus por Ele mesmo."

---

[1] Amante de Deus.

Mestre: "Somente os Ishvarakotis têm esse amor. Não é para homens comuns."

Todos ficaram em silêncio. O Mestre começou a cantar,abstrato, com os olhos virados para cima:

> Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?
> Ó, que pena minha mente tola não veja o que é verdadeiro!
> Mesmo com toda Sua austeridade, raramente o Próprio Shiva contempla
> A visão sedutora dos pés carmins da Mãe Shyama.
>
> Para aquele que medita n'Ela, as riquezas do céu são na verdade, muito pobres.
> Se Shyama lança o olhar nele, ele nada na Felicidade Eterna.
> O Príncipe dos yogis, o Rei dos Deuses, meditam em vão em Seus Pés.
> Contudo o indigno Kamalakanta anela pelos pés abençoados da Mãe!

Girish repetiu:

> Contudo o indigno Kamalakanta anela pelos pés abençoados da Mãe!

Mestre (*a Girish*): "Pode-se realizar Deus por meio de uma intensa renúncia, mas a alma deve estar inquieta por Ele, tão anelante como uma pessoa que anseia por um pouco de ar, quando a cabeça está pressionada debaixo d'água.

"Um homem pode ver Deus se reunir em si, a força dessas três atrações: a atração do homem mundano por suas posses, a atração do marido por sua esposa e a atração da criança por sua mãe. Se puder reunir estas três formas de amor e entregá-las a Deus, então, poderá vê-Lo em seguida.

> Chore à sua Mãe Shyama com um choro verdadeiro, Ó mente!
> Como pode Ela manter-se afastada de você?

"Se um devoto ora a Deus com um verdadeiro anelo, Deus não pode deixar de Se revelar a ele.

"No outro dia falei-lhe sobre o significado de bhakti. É adorar Deus com corpo, mente e palavras. 'Com corpo' significa servir e adorar Deus com as mãos, ir aos lugares sagrados, ouvir cantar o nome e as glória de Deus com os ouvidos e contemplar a imagem divina com os olhos. 'Com mente', significa meditar em Deus constantemente e recordar-se e pensar em Sua lila. 'Com palavras' significa cantar-Lhe hinos, Seu nome e glórias.

"A devoção, conforme descrita por Narada está adaptada ao Kaliyuga, quer dizer, cantar sempre o nome e glórias de Deus. Aqueles que não têm tempo vago, adorem a Deus no mínimo de manhã e à noite, cantando com todo o coração, Seu nome e batendo palmas.

"O 'ego do devoto' não gera orgulho; não cria ignorância. Ao contrário, ajuda a realizar Deus. Este ego não é mais como o ego comum, assim como hinche é como verdura comum. Geralmente fica-se indisposto quando se come verduras, mas hinche remove bile em excesso. É bom. Açúcar cande não é como doces comuns. Doces em geral são prejudiciais, mas açúcar cande remove a acidez.

"Nishtha conduz à bhakti e ela, quando madura, torna-se bhava; bhava, quando concentrada, torna-se mahabhava; e finalmente, prema. Prema é como um cordão. Deus está ligado ao devoto através de prema, não fugirá mais. Um homem comum pode, no máximo, alcançar bhava. Ninguém, a não ser um Ishvarakoti, atinge mahabhava e prema. Chaitanyadeva alcançou-o.

"Qual o significado de jnana yoga? É o caminho pelo qual um homem pode realizar a verdadeira natureza do seu próprio Ser; é a consciência de que somente Brahman é sua verdadeira natureza. Prahlada, às vezes, estava consciente de sua identidade com Brahman. E às vezes, ele via que Deus era um, e ele, outro; em tais momentos, permanecia em estado de bhakti.

"Hanuman disse, 'Ó Rama, às vezes penso que Tu és o todo e eu, uma parte; às vezes Tu és o Amo e eu, Teu servo, mas, Ó Rama, quando tenho o Conhecimento da Realidade, vejo que Tu és eu, e eu sou Tu."

Girish: "Ah!"

Mestre: "Por que um homem não seria capaz de realizar Deus no mundo? Mas ele deve ter discriminação e desapego; deve ter a consciência inabalável que somente Deus é real e tudo o mais irreal, que sua existência dura somente dois dias. Não adianta ficar na superfície, tem que mergulhar profundamente."

Com estas palavras, o Mestre cantou:

> Mergulhe fundo, Ó mente, mergulhe fundo no Oceano da Beleza de Deus.
> Se descer até as profundezas,
> Aí encontrará uma gema de Amor. ...

Mestre: "Você deve lembrar-se de algo mais; no oceano há o perigo de crocodilos, quer dizer, luxúria e tudo o mais."

Girish: "Não tenho medo do Rei da Morte."

Mestre: "Mas estou falando do perigo dos crocodilos de luxúria e semelhantes. Por causa deles deve-se esfregar o corpo com açafrão antes de mergulhar – o açafrão da discriminação e desapego.

"Alguns alcançam conhecimento de Deus no mundo. Fala-se de duas espécies de yogis; os ocultos e os conhecidos. Aqueles que renunciaram ao mundo são yogis 'conhecidos'; todos os reconhecem, mas os yogis 'ocultos' vivem no mundo, não são conhecidos. São como uma empregada que faz suas obrigações na casa, mas a mente está voltada para os filhos, no campo. Eles são, como já falei, iguais a uma mulher livre que faz suas obrigações domésticas com zelo, mas cuja mente está sempre no amante. É muito difícil cultivar discriminação e desapego. Não é fácil livrar-se da idéia 'sou o amo e todos esses são meus'. Vi um magistrado, que ganha um salário de oitocentas rupias, que não prestava atenção a uma palestra religiosa. Havia trazido um dos seus filhos com ele, e estava preocupado em encontrar um bom lugar. Conheço outro homem cujo nome não vou dizer, que costumava dedicar uma boa parte de seu tempo à japa, mas deu falso testemunho por causa de dez mil rupias. Portanto, um homem também pode realizar Deus no mundo, mas somente se tiver discriminação e desapego."

Girish: "O que acontecerá a este pecador?"

Shri Ramakrishna cantou com voz terna, virando os olhos para cima:

> Medite no Senhor. Aquele que mata os terríveis inimigos do inferno.
> E que acaba com o medo da morte;
> Pensando n'Ele a alma liberta-se do pesar mundano
> E navega no oceano da vida, num piscar de olhos.
>
> Considere, Ó mente porque você veio à terra:
> Que ganho existe em pensamentos e atos maus?
> Seu caminho não é por aí: faça aqui sua penitência
> Meditando por muito tempo e profundamente, no Senhor eterno.

Mestre:: " 'Navega no oceano da vida num piscar de olhos'. Obtém-se a visão de Deus, se Mahamaya ficar do lado de fora da porta. A graça de Mahamaya é necessária; por isso é necessário, também, a adoração de Shakti. Veja, Deus está perto de nós, mas não é possível conhecê-Lo porque Mahamaya fica no meio. Rama, Lakshmana e Sita estava caminhando. Rama vinha na frente, Sita no meio e Lakshmana atrás. Lakshmana estava somente a dois e meio cúbitos de Rama, mas não podia ver Rama por causa de Sita – Mahamaya atrapalhava.

"Quando adorar Deus, deve-se assumir uma atitude definitiva. Tive três atitudes: a atitude de uma criança, a de uma atendente e a de um amigo. Durante muito tempo eu me via

como atendente e companheira de Deus; nessa época costumava usar saia e jóias como uma mulher. A atitude de criança é muito boa.

"A atitude de 'herói' não é boa. Algumas pessoas cultivam-na. Olham-se como Purusha e a mulher como Prakriti; querem agradar a mulher por meio de relações sexuais com ela. Mas este método muitas vezes leva à ruína."

Girish: "Uma vez também tive esta idéia."

Sri Ramakrishna olhou pensativamente para Girish.

Girish: "Ainda tenho isso na minha mente. Diga-me o que fazer."

Shri Ramakrishna refletiu um minuto e disse: "Dê a Deus sua procuração. Deixe-O fazer o que Ele quiser."

A conversa voltou-se para ao jovens devotos de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Girish e outros*): "Em meditação, vejo os traços internos desses jovens. Não pensam em adquirir casa e propriedade. Não desejam os prazeres do sexo. Dentre esses jovens, os que são casados não dormem com as esposas. A verdade é que, a não ser que se abandone rajas e adquira sattva, não se pode viver em Deus, não pode amar a Deus e realizá-Lo."

Girish: "O senhor abençoou-me."

Mestre: "Como é isso? Eu lhe disse que você teria sucesso se fosse sincero."

Dizendo isso o Mestre exclamou: 'Anandamayi' e entrou em samadhi. Permaneceu naquele estado durante muito tempo. Retomando à consciência parcial, disse, 'Onde estão aqueles malandros?' M. trouxe-lhe Baburam. Shri Ramakrishna olhou para Baburam e os outros devotos e disse, ainda em êxtase, "A felicidade de Satchidananda é realmente, boa, mas o que dizer da felicidade da embriaguez divina?"

Começou a cantar:

> Uma vez por todas, desta vez, compreendi finalmente:
> Do Uno que conhece tudo, aprendi o segredo de bhava. ...

Novamente cantou:

> Por que eu deveria ir a Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas?
> Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali nos lábios?

O Mestre continuou, dizendo, "Enquanto orava à Mãe Divina, disse, 'Ó Mãe, não procuro nada mais; dá-me somente puro amor por Ti.' "

Shri Ramakrishna sentia-se satisfeito com o estado sereno de Girish. Disse-lhe: "Este seu estado é bom; o ânimo calmo é o melhor."

O Mestre estava sentado no escritório do gerente. Um homem entrou e disse, "O senhor vai assistir à comédia. 'A Confusão do Casamento?' Está sendo apresentada agora.

Shri Ramakrishna disse a Girish, 'O que você fez? Esta comédia depois da vida de Prahlada! Primeiro doces e pudim de arroz, e depois, um prato de ervas amargas!"

Depois do teatro, as atrizes, seguindo instruções de Girish, vieram ao camarim, saudar Shri Ramakrishna. Inclinaram-se ante ele, tocando o chão com suas cabeças. Os devotos notaram que algumas delas, ao saudarem Sri Ramakrishna, tocaram seus pés. Ele, com muita ternura, disse-lhes: "Por favor, não faça isso, Mãe!"

Depois que as atrizes deixaram o local, Shri Ramakrishna disse aos devotos, "Todos são Ele, somente sob formas diferentes."

A carruagem estava à porta. Girish e os outros vieram se despedir do Mestre. Assim que Shri Ramakrishna subiu na carruagem, entrou em samadhi profundo. Narayan e vários outros devotos estavam com ele. A carruagem partiu para Dakshineswar.

Sábado, 27 de dezembro de 1884

Era época de Natal. Aproveitando-se do feriado, muitos devotos vieram ao templo para visitar o Mestre, sendo que alguns chegaram de manhã. Entre eles estavam Kedar, Ram, Nityagopal, Tarak, Surendra. M., Sarada Prasanna e um grupo de jovens devotos. Era a primeira visita de Sarada Prasanna.

Mestre (*a M.*): "Onde está Bankim? Você o trouxe?"

Bankim era um estudante que Shri Ramakrishna havia conhecido em Baghbazar. Vendo-o de longe, o Mestre dissera que se tratava de um ótimo rapaz.

Depois de um certo tempo, Shri Ramakrishna foi ao Panchavati com os devotos. Eles ficaram à sua volta, alguns sentados, outros de pé. Sentou-se na plataforma de cimento em torno da árvore, olhando para o sudoeste. Perguntou a M., com um sorriso, "Trouxe o livro?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Leia um pouco para mim."

Os devotos estavam ansiosos para conhecerem o nome do livro. Tratava-se do *Devi Choudhurani*. O Mestre ouvira que o livro tratava da ação desinteressada. Ouvira, também, da grande fama de seu autor, Bankim Chandra Chatterji, que conhecera alguns dias antes, e desejava avaliar a mente do autor, através do livro.

M. disse: "Uma jovem – a heroína – caiu nas mãos de um assaltante, Bhavani Pathak. Seu nome havia sido Prafulla, mas o ladrão mudou para 'Devi Choudhurani'. No fundo de seu coração, Bhavani era um bom homem. Fez Prafulla passar por muitas disciplinas espirituais, ensinou-lhe, também, como praticar ações desinteressadas. Roubava das pessoas más, e com o dinheiro, alimentava os pobres e desamparados. Dizia a Prafulla, 'Castigo os maus e protejo os virtuosos.' "

Mestre: "Mas este é um dever de um rei."

M.: "Num trecho o autor fala sobre bhakti. Bhavani Patahak enviou uma moça chamada Nishi para fazer companhia a Prafulla. Nishi era cheia de compaixão e considerava Krishna seu marido. Prafulla já era casada; havia perdido o pai e vivia com a mãe. Os vizinhos falavam mal dela devido a seu caráter e evitavam-na, e assim, seu sogro não lhe permitia viver com o marido. Mais tarde o marido casou-se de novo, mas Prafulla era extremamente dedicada a ele.

(*A Shri Ramakrishna*) "Agora, o senhor pode prosseguir com a história."

M. leu: :

Nishi: "Sou uma filha de Bhavani Pathak. Ele também, de uma certa maneira, deu-me em casamento."

Prafulla: "O que você está querendo dizer?"

Nishi: "Entreguei –me toda a Krishna."

Prafulla: "Como assim?"

Nishi: "Minha beleza, juventude e alma."

Prafulla: "Então Ele é seu marido."

Nishi: "Sim, porque Ele somente é meu marido, que me possui completamente."

Prafulla (*suspirando*): "Não sei. Você fala assim porque não sabe como é um marido. Se você tivesse um marido de verdade, jamais poderia ter gostado de Shri Krishna.

O tolo Brajeswar – marido de Profulla – ignorava que sua esposa o amava tanto.

Nishi: "Todos podem amar Shri Krishna porque Ele possui beleza infinita, juventude infinita e esplendor infinito."

Esta jovem era discípula de Bhavani e bem versada em lógica. Mas Prafulla era iletrada, não podia contestar os argumentos de Nishi. Mas os legisladores das leis sociais conheciam a resposta. Deus é infinito, sem dúvida, mas não se pode guardar o infinito na pequena jaula do coração. Pode-se fazer isto somente com o finito. Portanto o Criador infinito do universo é adorado pelos hindus na jaula de seu coração como Shri Krishna, o Deus Pessoal finito. O marido de uma mulher tem uma forma ainda mais definida, portanto, se a esposa abriga puro amor conjugal, o marido converte-se no primeiro passo em di-

reção a Deus. Por isso o marido é a única Divindade para a mulher hindu. Neste aspecto, outras sociedades são inferiores à sociedade hindu.

Prafulla era uma jovem ignorante, não podia compreender os argumentos de Nishi. Disse: "Amiga, não compreendo todos esses argumentos, mas você ainda não me disse o seu nome."

Nishi: "Bhavani Pathak deu-me o nome de Nishi, Noite. Sou irmã de Diva, Dia. Um dia vou apresentar-lhe minha irmã. Deixe-me continuar com o que estava dizendo. Somente Deus é o Marido real, e para uma mulher, o marido é seu único Deus. Shri Krishna é o Deus de todos. Por que haveríamos de adorar duas , dois Deuses? Se você dividir pequena bhakti desse diminuto coração, quão pouco ficará!"

Prafulla: "Não seja tola. Há algum limite para a bhakti de uma mulher?"

Nishi: "Não há fim para o amor de uma mulher, mas bhakti é uma coisa e amor, outra."

Resumindo parte do livro, M. disse que Bhavani iniciou Prafulla na vida espiritual. Continuou lendo:

Durante o primeiro ano Bhavani não permitiu que nenhum homem entrasse na casa de Prafulla, nem permitiu-lhe que falasse a qualquer homem fora de casa. Durante o segundo ano, a ordem sobre falar foi suspensa, mas não foi permitida a entrada de nenhum homem no interior da casa. No terceiro ano, Prafulla raspou a cabeça. Então Bhavani permitiu que seus discípulos seletos a visse. A discípula de cabeça raspada poderia conversar com eles sobre assuntos das escrituras, mantendo os olhos no chão.

M. então leu que Prafulla começou o estudo das escrituras, terminou a gramática, leu o *Raghuvamsa*, *Kumara Sambhava*, *Shakuntala* e *Nashadha* e estudou um pouco das filosofias Samkhya, Vedanta e Nyaya.

Mestre: "Vocês sabem o que significa? Pessoas como o autor deste livro crêem que o conhecimento é impossível sem o estudo de livros. Pensam que o primeiro vem o conhecimento de livros e depois, o conhecimento de Deus. A fim de conhecer Deus, deve-se ler livros! Mas se eu desejar conhecer Jadu Mallick, devo em primeiro lugar, saber o número de suas casas e quanto dinheiro tem em títulos do governo? Preciso realmente de todas essas informações? Melhor seria que de uma maneira ou outra, eu entrasse em sua casa, seja convencendo os porteiros, seja ignorando o tratamento grosseiro ou tratasse com o próprio Jadu Mallick. Depois, se eu quisesse saber de sua riqueza ou posses, terei somente de perguntar-lhe. Isso seria muito simples. Primeiro vem Rama, em seguida, Suas riquezas, isto é, o universo. É por isso que Valmiki repetiu o mantra, 'mara'. 'Ma' significa Deus e 'ra', o mundo, isto é, Suas riquezas."

Os devotos ouviam as palavras do Mestre, extasiados.

M. continuou a história de Prafulla.

Prafulla acabou seus estudos e então, praticou austeridade, durante muitos dias. Um dia Bhavani visitou-a; queria instrui-la a respeito dos trabalho desinteressado. Citou-lhe o *Gita*: "Sempre executarás ações obrigatórias sem apego, executando ação desinteressada, atingirás o mais elevado."

Disse-lhe quais as três características da ação desinteressada; primeiro, controle dos órgãos dos sentidos; segunda, ausência do egoísmo e terceira, entrega do fruto da ação a Shri Krishna. Disse-lhe, também, que nenhum dharma é possível para a pessoa egoísta. Citando o *Gita* falou: "Os gunas de Prakriti fazem toda a ação. Com o entendimento iludido pelo egoísmo, o homem pensa, 'Sou eu quem faz."

Em seguida Bhavani falou-lhe sobre a entrega e fruto da ação a Shri Krishna. Novamente citou o *Gita*: "O que tu fizeres, o que comeres, o que dispensares, qualquer austeridade que praticares, Ó filho de Kunti, faz tudo como uma oferenda a Mim."

Mestre: "Isto é muito bom. Estas são palavras do *Gita*; não se pode refutá-las, mas algo mais deve ser salientado. O autor fala da entrega dos frutos da ação a Shri Krishna, mas não em cultivar bhakti por Ele."

M.: "Não, isto não está especialmente mencionado aqui."

"Em seguida Prafulla e Bhavani conversaram a respeito do uso do dinheiro. Prafulla disse que havia oferecido toda sua riqueza a Krishna."

M. leu o livro novamente:

> Prafulla: "Com minhas ações, ofereço toda minha riqueza a Shri Krishna.
> Bhavani: "Toda?"
> Prafulla: "Sim, toda."
> Bhavani: "Neste caso você tem que trabalhar para ganhar a comida, ficará apegada ao trabalho. Por conseguinte, há duas alternativas diante de você: ou conseguirá a comida por meio de esmolas, ou terá de viver de seu dinheiro. Mesmo um mendigo torna-se apegado às esmolas, portanto, você deve usar seu dinheiro para manter o corpo."

M. (*ao Mestre, sorrindo*): "Esta é a natureza da mente calculista."

Mestre: "Sim, esta é a natureza da mente calculista; esta é como o homem mundano pensa, mas aquele que busca Deus, mergulha de cabeça, não calcula a respeito de quanto e de quão pouco necessita para a manutenção de seu corpo."

M.: "Em seguida Bhavani perguntou a Prafulla: 'Como você oferecerá todo seu dinheiro a Shri Krishna?' Prafulla disse: 'Bem, Shri Krishna mora em todos os seres. Vou distribuir dinheiro entre eles.' Bhavani respondeu: 'Muito bom!' Muito bom!'

"Citando o *Gita*, Bhavani disse: 'Aquele que Me vê em todas as coisas e todas as coisas em Mim, jamais se separa de Mim, nem Eu Me separo dele. Um tal yogi, estabelecido em unidade, adora-Me como morando em todos os seres, mora em Mim, qualquer que seja seu modo de viver. Ó Arjuna, esse yogi é considerado o mais alto e pode julgar o prazer e a dor de todos os seres pelo mesmo padrão que aplica a si mesmo.'

Mestre: "Estas são as características do bhakta mais elevado."

M. leu novamente o livro:

> Deve-se trabalhar muito se desejar ajudar a todos os seres com caridade. Portanto, é-lhe necessário, fazer uma pequena exibição de roupas, de pompa e de luxo. Por isso Bhavani disse: 'Um pouco de barganha é necessário.'

Mestre (*asperamente*): " 'Um pouco de barganha é necessário!' Fala-se como se pensa. Se pensar em coisas mundanas dia e noite, e lidar com as pessoas com hipocrisia, então as palavras tomam a cor dos pensamentos. Quando comer rabanete, arrota-se rabanete. Em vez de falar sobre barganha, melhor teria dito, 'Um homem deve agir como se fosse aquele que faz, sabendo muito bem na verdade que não é ele quem faz.' Outro dia um homem estava cantando aqui. A canção continha palavras como 'lucro' e 'perda'. Eu o fiz calar-se. Se uma pessoa pensar num determinado assunto dia e noite, não pode falar de outra coisa."

A leitura continuou. O autor descrevia a realização de Deus. Prafulla havia se tornado Devi Choudhurani. Era o mês de Vaishakh. Devi estava sentada no terraço de seu barco, conversando com Diva e outra amiga. A lua estava em cima. O barco estava ancorado no Ganges. A conversa girou em torno da questão se podia-se ver Deus. Devi disse, "Assim como o perfume da flor é diretamente percebido pelo nariz, assim Deus é percebido diretamente pela mente."

A esta altura o Mestre interrompeu e disse: "Sim, Deus é diretamente percebido pela mente, mas não, pela mente comum. É a mente pura que percebe Deus, e nesse momento, a mente comum não funciona. A mente que tem o menor vestígio de apego ao mundo não pode ser chamada pura. Quando todas as impurezas da mente forem removidas, pode-se chamá-la Mente Pura ou Atman Puro."

M.: "O autor diz um pouco mais adiante, que Deus não pode ser facilmente percebido pela mente. Diz que se necessita de um telescópio para a visão direta. A Yoga é o telescópio. A Yoga, como descrita no *Gita*, é de três tipos: jnana, bhakti e karma. Pode-se ver Deus por meio desse telescópio de yoga."

Mestre: "Isto é muito bom. Essas são as palavras do *Gita*."

M.: "Por fim Devi Choudhurani encontrou o marido. Mostrou-lhe grande devoção e disse-lhe: 'Você é meu Deus. Quis aprender a adoração de um outro Deus, mas fracassei.Você tomou o lugar de todos os deuses.' "

Mestre (*sorrindo*): " 'Fracassei'. Este é o dharma de uma mulher totalmente dedicada ao marido. Este também, é um caminho."

A leitura havia terminado. O Mestre sorria. Os devotos olhavam para ele, ansiosamente esperando ouvir o que ele iria dizer.

Mestre (*aos devotos, sorrindo*): "Isto não é tão mal; chama-se dharma de castidade, devoção de uma esposa a seu marido. Se Deus pode ser adorado através de uma imagem, por que não adorá-Lo através de uma pessoa viva? Foi o Próprio Deus quem brincou no mundo na forma de homem.

"Ó, por que estado passei! Passei alguns dias absorvido em Shiva e Durga, alguns dias em Radha e Krishna, e outros absorvidos em Sita e Rama. Quando assumia a atitude de Radha, chorava por Krishna, e assumindo a atitude de Sita, chorava por Rama.

"Mas Lila não é de jeito algum, a última palavra. Passando por todos esses estados, eu disse à Mãe Divina: 'Mãe, nesses estados há separação. Dá-me um estado em que não haja separação.' Então permaneci por algum tempo absorvido em Satchidananda Indivisível, retirei os quadros dos deuses e deusas do seu quarto. Comecei a ver Deus em todos os seres. A adoração formal caiu. Veja aquela árvore bel. Costumava ir lá para apanhar as folhas. Um dia, quando tirava um pedaço da casca caiu e vi que a árvore estava cheia de Consciência. Fiquei pesaroso por haver ferido a árvore. Um dia tentei pegar um pouco de grama durva, mas percebi que não podia fazer isto. Tive que forçar para arrancá-la.

"Não posso cortar um limão. Outro dia tentei cortar um grande, com dificuldade cantei o nome de Kali e cortei a fruta da mesma maneira como as pessoas sacrificam um animal diante da Deusa. Um dia queria apanhar algumas flores. As árvores estavam carregadas. Estavam em todos os lugares. Imediatamente tive a visão de Virat; parecia que Seu culto terminara há pouco. As flores pareciam ramalhetes colocados a cabeça da Divindade. Não pude pegá-las.

"Deus brinca, também, através do homem. Vejo que o homem é a personificação de Narayana. Assim como se acende o fogo friccionando dois pedaços de madeira, assim Deus pode ser visto no homem se houver intensa devoção. Se houver isca adequada, então virão grandes peixes como carpa para abocanhá-la imediatamente. Quando se está intoxicado de prema, vê-se Deus em todos o seres. As gopis viam Krishna em tudo; para elas o mundo inteiro estava cheio de Krishna. Diziam que elas mesmas eram Krishna. Estavam num estado de intoxicação de Deus. Olhando para as árvores, diziam, 'São eremitas absortos em meditação sobre Krishna.' Olhando para a grama diziam, 'O cabelo da terra eriça-se ao toque de Krishna.'

"Devoção ao marido também é dharma. O esposo é Deus. Por que não deveria ser? Se Deus pode ser adorado través de uma imagem, por que não por meio de um ser vivo? Mas para sentir-se a presença de Deus são necessárias três coisas: primeiro a devoção do sacerdote, segundo uma imagem e terceiro, a devoção do chefe de família. Vaishnavcharan disse uma vez que no final, a mente do devoto é absorvida na manifestação humana de Deus.

"Mas deve-se lembrar de uma coisa. Não se pode ver Deus brincando como homem, a não ser que se tenha tido a visão d'Ele. Sabe qual é o sinal daquele que teve a visão de Deus? Um homem assim, adquire a natureza de uma criança. Por que de uma criança? Porque Deus é como uma criança, portanto, aquele que vê Deus, torna-se como uma criança.

"A visão de Deus é necessária. Agora, a pergunta é, como obtê-la? O meio é a renúncia total. Um homem deve ter um anseio tão intenso por Deus que possa dizer, 'Ó Pai do universo, estou fora do Teu universo? Será que não vai ser bondoso comigo, Seu malvado?'

"Adquire-se a natureza daquele em que se medita. Adorando Shiva, adquire-se a natureza de Shiva. Um devoto de Rama meditava em Hanuman, dia e noite. Costumava pensar que havia se tornado Hanuman. No final estava firmemente convencido de que até lhe havia crescido uma pequena cauda. Jnana é a característica de Shiva e bhakti, de Vishnu. Aquele que participa da natureza de Shiva, torna-se um jnani, e aquele que participa da natureza de Vishnu, torna-se um bhakta."

M.: "Mas e Chatanyadeva? O senhor disse que ele tinha ambos, conhecimento e devoção."

Mestre (*cortando*): "Seu caso foi diferente. Era uma Encarnação de Deus. Há uma grande diferença entre ele e um homem comum. O fogo da renúncia de Chaitanyadeva era tão grande, que Sarvabhauma despejou açúcar em sua língua e, em vez de derreter-se, evaporou-se. Estava absorvido em samadhi. Que imensa foi sua conquista da luxúria! Compará-lo a um homem! Um leão come carne e contudo, acasala-se somente de doze em doze anos, mas a andorinha come grão e tem vida sexual dia e noite. Esta é a diferença entre uma Encarnação Divina e um ser humano comum. Um homem comum renuncia à luxúria, mas de vez em quando esquece-se do seu voto. Não pode controlar-se.

(*A M.*): "Aquele que realizou Deus considera o homem um simples verme. Não se pode ter êxito na vida religiosa aquele que tiver vergonha, ódio ou medo. Estes são grilhões. Já ouviu falar dos oito grilhões?

"Como pode aquele que é eternamente perfeito ter medo do mundo? Sabe jogar. Uma alma eternamente perfeita pode até levar uma vida mundana, se assim o desejar. Há pessoas que podem esgrimar com duas espadas ao mesmo tempo; são esgrimadores tão hábeis que, se pedras forem atiradas contra eles, batem na espada e voltam."

Um devoto: "Senhor, como podemos ver Deus?"

Mestre: "Poderá alguém ver Deus, se não dirigir toda a mente a Ele? O *Bhagavata* fala de Shukadeva. Quando caminhava parecia um soldado com a baioneta parada. Seu olhar não vagueava; tinha uma só meta, e esta, era Deus. Este é o significado de yoga.

"O pássaro chatak bebe somente água da chuva. Embora o Ganges, o Jamuna, o Godavari e todos os outros estejam cheios de água, e embora os sete oceanos estejam, cheios até a borda, ainda assim o chatak não os tocará. Beberá somente a água que cai faz nuvens.

"Aquele que desenvolve uma yoga assim, pode ver Deus. No teatro o auditório empenha-se em todo o tipo de conversa, sobre casa, trabalho e escola, até a hora da cortina subir; mal ela sobe e toda conversa pára e a platéia vê a peça com atenção fixa. Se depois de um longo tempo alguém pronuncia uma palavra ou duas, é sobre a peça.

"Depois que um alcoólatra bebeu, fala somente de felicidade, de alegria."

Nityagopal estava sentado defronte de Shri Ramakrishna, em silêncio.

Mestre (*a Nityagopal, sorrindo*): "Gopal! Por que você está sempre em silêncio?"

Nityagopal responde como uma criança, "Eu – não – sei."

Mestre: "Compreendo porque você não diz alguma coisa; talvez tenha medo de cometer um erro. Tem razão. Você está certo. Jaya e Vijaya eram porteiros de Narayana. Recusaram a entrada de Sanaka, Sanatana e outros rishis no Seu palácio. Por esta transgressão tiveram que nascer três vezes na terra.

"Também há o exemplo de Sridama; era porteiro de Viraja[2].no Goloka. Shri Krishna estava na casa de Viraja. Radhika foi lá para surpreender Krishna e quis entrar. Sridama não permitiu e por isso, Radhika amaldiçoou-o para que nascesse como um demônio, na terra. Mas Sridama também, amaldiçoou-a.

"Mas há uma coisa que você deve lembrar-se. Quando um menino caminha segurando a mão do pai, pode cair no esgoto, mas o que ele tem a temer, se o pai lhe segura a mão?"

A história de Sridama está narrada no Brahmavaivarta Purana.

[2] Companheira de Krishna

Kedar, que era funcionário do governo, estava vivendo em Dacca, por algum tempo. Havia sido transferido de Calcutá. Era devoto de Shri Ramakrishna e havia reunido em Dacca, muitos devotos, que vinham a ele regularmente para instrução espiritual. Como não se deve visitar um religioso de mãos vazias, os devotos traziam doces e outras oferendas.

Kedar (*ao Mestre, humildemente*): "Devo comer estas oferendas?"

Mestre: "Não lhe farão mal, se forem dada por amor a Deus, mas lhe farão se forem dadas por motivo egoísta."

Kedar: "Expliquei tudo aos devotos, e agora, sinto-me aliviado. Disse-lhe que aquele[3] que me deu sua bênção conhece tudo."

Mestre (*sorrindo*): "É verdade. Vê, aqui vem gente de toda espécie. Assim, encontram coisas diferentes."

Kedar: "Não necessito conhecer coisas diferentes."

Mestre (*sorrindo*): "Por que não? Deve-se conhecer um pouco de tudo. Se um homem abre um armazém, provê todos os tipos de artigos, incluindo um pouco de lentilha e tamarindo. Um homem hábil sabe tocar um pouco de todos os instrumentos."

Shri Ramakrishna deixou o quarto e foi para o bosque de pinheiros. Os devotos passeavam pelo jardim. Vários foram para o Panchavati. Shri Ramakrishna encontrou-os ali e disse: "Estou com indigestão. Comi na casa de Mallick. São pessoas de mentalidade mundana."

Algumas coisas pessoais do Mestre estavam espalhadas na plataforma cimentada do Panchavati e ele pediu a M. para trazê-las. Seguiu para o quarto com os devotos.

À tarde o Mestre descansou um pouco. Em seguida vieram alguns devotos. O Mestre sentou-se no pequeno divã, reclinando-se numa almofada.

Um devoto: "Senhor, pode-se conhecer os atributos de Deus por meio do intelecto?"

Mestre: "Certamente que não, se for o intelecto comum. Pode-se conhecer Deus assim, tão facilmente? Deve-se praticar sadhana. Deve-se, também, adotar uma atitude particular em relação a Deus, por exemplo, a atitude de um servo para com seu amo. Os rishis de outrora adotaram a atitude de shanta. Conhece a atitude dos jnanis? É meditar no seu próprio Ser. (*A um devoto, com um sorriso*). Qual é a sua atitude?"

O devoto não respondeu.

Mestre (*sorrindo*): "Você tem duas atitudes: medita em seu próprio Ser e também, mantém a atitude de um servo para com Deus. Não estou certo?"

Devoto (*hesitando e sorrindo*): "Sim, senhor."

Mestre (*sorrindo*): "Veja como Hazra diz, posso ler os pensamentos das pessoas. Uma pessoa pode manter essas duas atitudes somente num estágio muito adiantado. Prahlada as mantinha. Deve-se trabalhar arduamente, a fim de praticar este ideal.

"Vou dar um exemplo. Suponhamos que um homem esteja segurando um ramo espinhoso de uma ameixeira-de-porco. Sua mão sangra profusamente, mas ele diz, 'Não há nada comigo, não estou ferido.' Se você lhe perguntar sobre sua ferida, ele dirá, 'Está tudo bem, estou muito bem.' Agora existe qualquer significado em simplesmente pronunciar estas palavras? Deve-se praticar disciplina para manter este ideal."

Os devotos prestavam total atenção ao que o Mestre dizia.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[3] Shri Ramakrishna.

CAPÍTULO 36

O ANIVERSÁRIO DO MESTRE

Domingo, 22 de fevereiro de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado na varanda nordeste de seu quarto em Dakshineswar. Eram mais ou menos oito horas da manhã. Muitos devotos, entre eles Narendra, Rakhal, Girish, Baburam e Surendra estavam presentes. Celebravam o aniversário do Mestre, que havia ocorrido na segunda-feira anterior. M. chegou saudando-o. O Mestre fez-lhe um sinal para que se sentasse próximo a ele.

Narottam cantava o kirtan. Shri Ramakrishna estava em êxtase parcial. O tema era o encontro de Krishna no campo com Seus amigos pastores. Krishna ainda não havia chegado e os pastores estavam ansiosos por Ele. Um deles disse que Mãe Yashoda havia impedido Krishna de vir. Com voz decidida, Balai disse que traria Krishna com o som de seu chifre. O amor de Balai por Krishna não conhecia limites. A música prosseguia. Os pastores e pastoras ouviam a flauta de Krishna e foram tomados de emoção espiritual.

Subitamente os olhos de Shri Ramakrishna caíram em Narendra, que estava sentado muito perto dele. Pôs-se de pé e entrou em samadhi; permaneceu ali tocando o joelho de Narendra com o pé. Retomando a consciência, sentou-se novamente. Narendra saiu do quarto. A música continuava.

Shri Ramakrishna murmurou a Baburam: "Há kshir no quarto. Dê um pouco a Narendra."

Será que o Mestre via Narendra como a personificação de Deus?

Depois do kirtan, Shri Ramakrishna voltou para o quarto. Afetuosamente começou a dar doces a Narendra.

Girish acreditava que o Próprio Deus havia nascido na pessoa de Shri Ramakrishna.

Girish (*ao Mestre*): "Suas atitudes são as mesmas de Krishna. Ele também ocultava muitas coisas de Sua mãe Yashoda."

Mestre: "Verdade. Isto porque Krishna era uma Encarnação de Deus. Quando Deus nasce como homem, age assim. Veja, Krishna levantou com facilidade o monte Govardhan com a mão, mas fez Nanda acreditar que Ele achasse pesado carregar um banquinho."

Girish: "Sim, senhor; agora entendo."

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Eram mais ou menos onze horas. Ram e outros devotos queriam vesti-lo com roupa nova. O Mestre disse, "Não, não". Apontando para um homem educado à inglesa, disse, "O que ele vai dizer?" Ao pedido sincero dos devotos disse, "Bem, já que insistem, terei de concordar."

Os devotos preparavam a comida do Mestre no quarto. Pediu a Narendra que cantasse, o que ele fez.

> Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
> Por isso os yogis meditam numa escura caverna de montanha.
> No colo do escuro infinito, nas grandes ondas de Mahanirvana.
> A paz flui serena e inesgotável.
> Tomando a forma do vazio, agasalhada no manto da escuridão.
> Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?
> Do Lótus de Teus Pés que afugentam o medo, brilham Teus raios de amor;
> O Rosto de Teu Espírito resplandece com uma gargalhada terrível e estrondosa!

Quando Narendra cantou o verso, "Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?" Shri Ramakrishna entrou em samadhi profundo e perdeu toda a consciência exterior. Depois de muito tempo, quando estava retomando consciência parcial, os devotos sen-

taram-se no tapete e colocaram um prato de comida defronte dele. Ainda tomado de emoção divina começou a comer arroz com a mão. Disse a Bhavanath. "Dê-me comida". Devido a seu êxtase, Não podia usar a mão direita. Bhavanath começou a alimentá-lo. Shri Ramakrishna não podia comer muito. Ram disse-lhe: "Nityagopal comerá de seu prato".

Mestre: "Por que de meu prato? Por que?"

Ram: "Por que não?"

Nityagopal também estava em êxtase. O Mestre colocou um pouco de comida em sua boca.

Alguns devotos de Konnagar chegaram de barco. Entraram no quarto de Shri Ramakrishna, cantando o kirtan; em seguida saíram para fazer uma refeição ligeira. Narottam estava no quarto. O Mestre disse-lhe e aos outros devotos: "A música dos devotos de Konnagar estava insípida. A música deve ser tão viva que faça todos dançar. Deve-se cantar assim:

> Veja Nadia tremendo
> Sob as ondas do amor de Gauranga!

E com ela, estes versos:

> Olhem que chegaram os dois irmãos[1] que choram ao cantar o nome de Hari.
> Os irmãos que, em troca das agressões que recebem, dão aos pecadores o amor de Hari. ...

E esses também:

> Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados!
> Ouvi falar de quão bondosos vocês são,
> E portanto, vim vê-los. ..."

Os devotos comiam prasad. Era uma festa suntuosa. Shri Ramakrishna perguntou a M.: "Você não convidou os Mukherjis? Peça a Surendra para dar de comer aos músicos."

Bepin Sarkar chegou. Os devotos apresentaram-no ao Mestre. Shri Ramakrishna sentou-se e disse aos devotos. "Façam-no sentar e dêem-lhe folhas de betel." Disse humildemente a Bepin: "Sinto muito não poder conversar com o senhor. Há muita gente hoje."

Apontando para Girindra, Shri Ramakrishna disse a Baburam: "Dê-lhe um tapete." Nityagopal estada sentado no chão. O Mestre pediu a um devoto para lhe dar um também.

O médico Nahendra de Sinthi chegou. O Mestre sorrindo, pediu a Rakhal com um sinal, para que o médico tomasse seu pulso.

Virando-se para Ramlal, o Mestre disse, "Seja amável com Girish Ghosh e conseguirá entrada grátis para o teatro."

Narendra estivera conversando por muito tempo com Hazra, no pórtico. Desde a morte de seu pai, Narendra vinha enfrentando problemas financeiros. Entrou no quarto e sentou-se.

Mestre (*a Narendra*): "Você estava com Hazra? Vocês dois estão no mesmo barco. Você conhece o ditado sobre dois amigos: 'Você está longe de seu país e ele está longe de sua amada.' Hazra, também, precisa de mil e quinhentas rupias.' (*Risada*).

"Hazra disse: 'Narendra conseguiu cem por cento de sattva embora haja nele um brilho cor de rosa de rajas. Mas eu tenho cento e vinte e cinco por cento de sattva pura.'(*Todos riem*).

"Digo a Hazra, 'Você se compraz somente em raciocinar, por isso é tão seco.' Ele retruca, 'Não sou seco porque bebo o néctar do sol.'

"Falando de bhakti pura, digo a Hazra, 'Um verdadeiro devoto não ora a Deus por dinheiro ou opulência.' Hazra responde: 'Quando a maré da graça divina desce, os rios trans-

[1] Gauranga e Nityananda.

bordam e mais, lagoas e canais enchem-se. Pela graça de Deus obtém-se não somente devoção pura, mas também, os seis poderes sobrenaturais e dinheiro.' "

Narendra e muitos devotos estavam sentados no chão. Girish entrou no aposento e juntou-se a eles.

Mestre (*a Girish*): "Considero Narendra como Atman. Obedeço-lhe."

Girish: "Há alguém a quem o senhor não obedeça?"

Mestre (*sorrindo*): " Ele tem uma natureza masculina e eu, a de uma mulher. É uma alma nobre e pertence ao domínio de Brahman Indivisível."

Girish saiu para fumar.

Narendra (*ao Mestre*): "Conversei com Girish Ghosh. É certamente um grande homem. Estivemos falando a seu respeito."

Mestre: "O que vocês disseram de mim?"

Narendra: "Que o senhor é iletrado e nós, eruditos. Ah, falamos sobre coisas assim!" (*Risada*).

Mani Mallick (*ao Mestre*): "O senhor tornou-se um pundit sem ter lido um livro."

Mestre (*a Narendra e outros*): "Deixe-me dizer-lhes isto: real e verdadeiramente não lamento não haver lido a Vedanta e outras escrituras. Sei que a essência da Vedanta é que somente Brahman é real e o mundo ilusório. E qual é a essência do *Gita*? É o que você obtém repetindo a palavra dez vezes. Então é revertida em 'tagi', que se refere à renúncia. O estudante deve ouvir de seu guru, a essência das escrituras e, em seguida, praticar austeridade e devoção. Um homem necessita da carta que recebeu de casa enquanto não conhecer seu conteúdo. Depois de ler, entretanto, sai para obter as coisas pedidas. Assim também, que necessidade há de escrituras se vocês conhecem sua essência? O passo seguinte é a prática da disciplina espiritual."

Girish entrou no quarto.

Mestre (*a Girish*): "O que estavam falando de mim? Como, bebo e me alegro."

Girish: "O que deveríamos estar falando a seu respeito? O senhor é um santo?"

Mestre: "Não, nada disso. Na verdade, não sinto que sou santo."

Girish: "Não sou igual ao senhor, nem de brincadeira."

Mestre: "Uma vez fui à chácara de Jayagopal Sen com uma roupa franjada de vermelho. Keshab estava lá. Olhando para as franjas vermelhas, Keshab disse: 'O que é isto? Um tipo de cor hoje! Essa exibição de franjas vermelhas!' Eu disse: 'Tenho que jogar um encanto em Keshab; daí esta ostentação.' "

Narendra ia cantar novamente. Shri Ramakrishna pediu a M. para tirar o tanpura da parede. Narendra levou muito tempo afinando-o. O Mestre e os devotos ficaram impacientes. Binode disse: "Ele vai afiná-lo hoje e cantar outro dia." (*Risada*).

Shri Ramakrishna riu. Disse: "Sinto como que quebrando o tanpura em pedaços! O que é isto? Só 'Tong – Tong!' Então ele vai praticar: 'Tana-nana-nere-num'!"[2]

Bhavanath: "Todo o mundo sente-se aborrecido assim antes de começar uma apresentação musical."

Narendra (*ainda afinando*): "Se você não o compreende."

Mestre (*sorrindo*): "Aí está! Ele acaba com nossas queixas!"

Narendra começou a cantar. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Nityagopal e os outros devotos estavam no chão.

Narendra cantou:

> Ó Mãe, Tu, meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração!
> Dia e noite Tu me pões em Teu colo.
> Por que mostras ternura a este filho indigno? ...

Depois cantou:

[2] Som de um instrumento de corda.

Ó alaúde meu de uma simples corda!
Cante o nome abençoado da Mãe.
Porque Ela é o alívio de minha alma. ...

E novamente:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa escura caverna da montanha. ...

Em êxtase, Shri Ramakrishna desceu e sentou-se perto de Narendra. Começou a conversar, ainda em êxtase

Mestre: "Devo cantar? Que vergonha! (*A Nityagopal*) O que você diz? Deve-se ouvir cantar para despertar o espírito interior. Depois, nada mais importa.

"Ele acendeu o fogo. Isto é bom. Agora, tudo é silêncio. É bom também. Estou em silêncio: vocês fiquem também em silêncio. A coisa é mergulhar no Elixir da Felicidade.

"Devo cantar? Bem, posso. Água é água, parada ou formando ondas."

Narendra estava sentado perto do Mestre. Vivia constantemente preocupado com as dificuldades financeiras em casa. Tinha agora vinte e três anos. Shri Ramakrishna olhava para ele atentamente.

Mestre (*a Narendra, sorrindo*): "Sem dúvida alguma você é 'Kha'. Mas tem que se preocupar com 'contas'; esse é o problema."

Por "contas", o Mestre quis mencionar as dificuldades financeiras de Narendra, em sua casa.

Mestre: "Krishnakishore costumava dizer que era 'Kha'. Um dia visitei-o em sua casa e encontrei-o muito preocupado. Perguntei-lhe: 'O que houve? Por que está preocupado?' Krishnakishore respondeu: 'O coletor de impostos esteve aqui. Disse-me que minhas panelas e frigideiras seriam vendidas em leilão judicial, se eu não pagasse meus impostos. É por isso que estou preocupado.' Dei uma risada, dizendo: Como é isso? Certamente você é "Kha", o akasha. Deixe que os malvados levem suas panelas e frigideiras. O que isto é para você?

(*A Narendra*): "Assim digo que você é 'Kha'. Por que está tão preocupado? Não sabe o que Shri Krishna disse a Arjuna, 'Se você tiver um dos oito siddhis, poderá ter um pequeno poder, mas não Me realizará. Com os siddhis poderá obter força, dinheiro e similares, mas não, Deus.

"Vou dizer-lhe algo mais. Vá além de conhecimento e ignorância. As pessoas dizem que fulano de tal é um jnani, mas na realidade não é assim. Vashishtha foi um grande jnani, mas mesmo assim foi tomado de dor pela morte dos filhos. A isto Lakshmana disse a Rama: 'É surpreendente, Rama. Até Vashishtha está tão pesaroso!' Rama disse: 'Irmão, aquele que tem conhecimento, também tem ignorância. Aquele que é consciente da luz é, também, consciente da escuridão. Aquele que conhece o bem, conhece também o mal. Aquele que conhece a felicidade conhece também a infelicidade. Irmão, vá além da dualidade, além do prazer e da dor, além do conhecimento e da ignorância.' (*A Narendra*) Portanto, estou lhe pedindo para ir além de conhecimento e ignorância."

Shri Ramakrishna voltou para seu pequeno divã. Os devotos estavam sentados no chão. Surendra sentou-se próximo dele. O Mestre lançou-lhe um olhar carinhoso e começou a dar-lhe conselhos.

Mestre (*a Surendra*): "Venha aqui de vez em quando. Nangta costumava dizer que um jarro de latão deve ser polido diariamente senão fica manchado. Deve-se viver constantemente na companhia de santos.

"A renúncia a 'mulher e ouro' é para sannyasins. Não é para vocês. De vez em quando deve ficar em solidão e chamar por Deus com o coração anelante. Sua renúncia deve ser mental.

"A não ser que um devoto seja do tipo heróico, não pode dar atenção a ambos, Deus e o mundo. O rei Janaka levou uma vida de chefe de família somente depois de ter atingido perfeição através de austeridade e oração. Lutou com duas espadas, uma do Conhecimento outra, da ação."

O Mestre cantou:

Este mundo é uma mansão de alegria.
Aqui posso comer, aqui posso beber e divertir-me.
O poder de Janaka era único.
O que lhe faltava do mundo ou do Espírito?
Agarrando-se tanto a um quanto a outro.
Bebeu o leite de uma xícara cheia até a borda!

Mestre: "Para você, como Chaitanya disse, as disciplinas a serem praticadas são, bondade para com todos os seres vivos, serviço aos devotos e o cantar o nome de Deus.

(*A Surendra*) "Por que lhe digo tudo isso? Você trabalha no escritório de um comerciante. Digo-lhe isto porque tem muitos deveres a cumprir.

"Você mente no escritório. Então por que como a comida que me oferece? Porque faz caridade com seu dinheiro; dá mais do que recebe. 'A semente do melão é maior do que a fruta', diz o provérbio.

"Não posso comer nada oferecido por pessoas avarentas. Sua riqueza é dilapidada assim: primeiro com litígios; segundo com ladrões e assaltantes; terceiro com médicos; quarto com extravagância dos maus filhos.

"Que você dê dinheiro para caridade é muito bom. Aqueles que têm dinheiro devem fazer caridade. A riqueza do avarento esfumaça-se, mas o dinheiro de uma pessoa caridosa é economizado. Ela o gasta com propósito honesto. Em Kamarpukur vi os fazendeiros abrindo canais para irrigar os campos. Às vezes a água precipita-se com tal força, que as valas por todo o campo são inundadas e as colheitas destruídas. Assim os agricultores fazem buracos aqui e ali, nas valas. Uma vez que a água sai através dos buracos, as valas não são destruídas pela força da água. Além disso, a água que escoa deposita argila nos campos, aumentando a fertilidade e proporcionando colheita mais abundante. Aquele que dá em caridade alcança grandes resultados. Alcança os quatro frutos: dharma, artha, kama e moksha."

Os devotos ouviam com grande atenção as palavras de Shri Ramakrishna.

Surendra: "Não posso meditar bem. Repito o nome da Mãe Divina de vez em quando. Deitado na cama, repito Seu nome e adormeço."

Mestre: "Isso basta. Lembra-se d'Ela, não?

"Há dois tipos de yoga: mano yoga e karma yoga. De acordo com as instruções do guru, fazer atos piedosos como adoração, peregrinação e serviço aos seres vivos, chama-se karma yoga. Os deveres que Janaka cumpriu são também chamados karma yoga. Chama-se mano yoga, a meditação e a contemplação dos yogis.

"Às vezes digo a mim mesmo no templo de Kali, ''Mãe, a mente não é nada mais do que Tu.' Portanto Mente Pura, Buddhi Puro e Atman Puro são uma e só coisa."

Era o entardecer. Muitos devotos saudaram Shri Ramakrishna e foram para casa. O Mestre foi para o pórtico oeste. Bhavanath e M. estavam com ele.

Mestre (*a Bhavanath*): "Por que vem aqui tão raramente?"

Bhavanath (*sorrindo*): "Eu o visito cada quinze dias. Outro dia vi o senhor na rua, por isto não vim aqui."

Mestre: "O que quer dizer? Por que só ver? Tocar e falar são também necessários."

O culto da tarde havia começado nos templos. Era o oitavo dia da quinzena brilhante da lua; as cúpulas do templo, o pátio, os jardins e as árvores brilhavam à luz da lua. O Ganges fluía para o norte, com um som murmurante. Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã, absorvido na contemplação da Mãe Divina.

O culto da tarde terminou. Um ou dois devotos ainda estavam no templo. Narendra já havia ido embora. Shri Ramakrishna andava de um lado para o outro, na varanda nordeste de seu quarto. M. estava ali olhando-o. Subitamente ele disse a M.: "Ah, como é doce a música de Narendra!"

"M.: "Sim, senhor. Aquela canção que começa com 'Na densa escuridão é particularmente bela."

Mestre: "É verdade. Aquela canção tem um significado profundo. Parte de minha mente ainda está atraída para ela."

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "A meditação no escuro está prescrita nos Tantras."

Girish Ghosh chegou e ficou perto de Shri Ramakrishna.

> É Kali, minha Mãe Divina, realmente negra?
> Desnuda da cor mais negra
> Ilumina o Lótus do Coração ...

Shri Ramakrishna estava tomado de fervor divino. De pé, com um braço descansando em Girish, cantou:

> Por que eu deveria ir ao Ganga ou Gaya, a Kasi, Kanchi ou Prabhas?
> Enquanto eu puder dar meu último suspiro com o nome de Kali em meus lábios?
> Qual a necessidade de rituais tem um homem, por que mais devoção,
> Se repetir o nome da Mãe nas três horas sagradas?
> Os rituais podem continuar, mas não o seduzem mais. ...

Então cantou:

> De uma vez por todas, agora compreendi;
> Do Uno[3] que conhece isto bem, aprendi o segredo de bhava.
> Um homem veio a mim de um lugar onde não existe noite;
> E agora não posso mais distinguir entre dia e noite.
> Rituais e devoção tornaram-se sem proveito para mim.
>
> Meu sono está perturbado, como posso dormitar?
> Porque agora estou bem desperto na yoga sem sono.
> Ó Mãe Divina, torne-me por fim uno contigo no sono da yoga[4].
> Embalei adormecido meu sono para sempre.
>
> Inclino a cabeça, diz Prasad, ante o desejo e a liberação;
> Conhecendo o segredo de que Kali é una com o mais elevado Brahman.
> Pus de lado, de uma vez por todas, tanto a retidão quanto o erro.

Como Shri Ramakrishna olhou para Girish e seu fervor divino tornou-se mais intenso.

Cantou:

> Entreguei minha alma aos destemidos pés da Mãe.
> Será que ainda tenho medo da Morte?
> No tufo de cabelo em minha cabeça,
> Prendi o poderoso mantra, o nome da Mãe Kali.
> Vendi meu corpo no mercado do mundo.
> E com ele comprei o nome de Shri Durga. ...

---

[3] Deus, a quem o poeta adorava como Mãe Divina.

[4] Samadhi, que faz uma pessoa parecer adormecida.

Intoxicado de Deus, Shri Ramakrishna repetiu os versos:

Vendi meu corpo no mercado do mundo.
E com ele comprei o nome de Shri Durga.

Olhando para Girish e M., disse: 'O fervor divino enche meu corpo e rouba-me a consciência."

"Aqui 'consciência' significa consciência do mundo exterior. Necessita-se do Conhecimento da Realidade e de Brahman.

"Bhakti, amor a Deus, é a única coisa importante. Um tipo de bhakti tem motivo atrás de si. Há, também, um amor sem interesse, devoção pura, um amor a Deus que não procura retorno. Keshab Sen e os membros do Brahmo Samaj não conheciam o amor desinteressado. Nesse amor não há desejo; nada mais é do que puro amor aos Pés de Lótus de Deus.

"Há outro tipo de amor, conhecido como urjhita bhakti, amor a Deus que, por assim dizer, transborda. Quando desperto, o devoto 'ri e chora, dança e canta.' Chaitanyadeva é o exemplo desse amor. Rama disse a Lakshmana, 'Irmão, se você vir em qualquer lugar manifestação de urjhita bhakta, pode estar certo de que estou lá."

Girish: "Tudo é possível por Sua graça. O que eu era antes? Veja o que sou agora."

Mestre: "Você tem tendências latentes que estão se manifestando agora. Nada acontece a não ser em seu tempo próprio. Tome o caso de um paciente. Estava quase bom, sem tomar remédios, quando o médico receitou uma erva e pediu para que ele bebesse o suco. Depois de tomar o remédio, ficou totalmente curado. Agora, ficou curado com o remédio, ou por si mesmo? Quem pode dizer?

"Lakshmana disse a Lava e Kusha [5]: 'Vocês são apenas crianças, não conhecem o poder de Rama. Ao toque de Seus pés, Ahalya [6] que havia sido transformada em pedra, retomou sua forma humana'. Lava e Kusha disseram: 'Reverenciado senhor, sabemos disso. Ouvimos a história. A pedra tornou-se Ahalya pelo poder das palavras do santo.' O sábio Gautama disse-lhe: 'No Tetrayuga, Rama passará por esta cabana. Você se tornará novamente um ser humano ao toque de Seus pés." Agora, quem pode dizer se o milagre aconteceu para que se cumprissem as palavras do sábio ou por causa da santidade de Rama?

"Tudo acontece pela vontade de Deus. Se sua consciência espiritual foi despertada neste lugar, saiba que sou somente um instrumento. 'A tia Lua é tia de todo o mundo.' Tudo acontece pela vontade de Deus."

Girish (*sorrindo*): "O senhor disse 'pela vontade de Deus?' O que estou dizendo é a mesma coisa."(*Todos riem*).

Mestre (*a Girish*): "Sendo puro, pode-se rapidamente realizar Deus. Há diversas pessoas que não alcançam o conhecimento divino. Primeiro, um homem perverso, segundo, quem está muito preocupado com a pureza exterior e terceiro, quem duvida."

Shri Ramakrishna enalteceu o êxtase de Nityagopal.

Três ou quatro devotos permaneceram próximos de Shri Ramakrishna na varanda e ouviram suas palavras sobre o exaltado estado do paramahamsa. O Mestre disse: "Um paramahamsa está sempre consciente de que somente Deus é Real e tudo o mais ilusório. Somente o cisne tem o poder de separar o leite da mistura de leite e água. A língua do cisne segrega um ácido que separa o leite da mistura. O paramahamsa também possui esse suco que é seu amor por Deus. Isso separa o Real da mistura do Real e irreal. Através dele o paramahamsa torna-se consciente de Deus e O vê."

---

[5] Os dois filhos de Rama.

[6] Bela e dedicada esposa de um grande sábio chamado Gautama. Indra, rei dos céus, impressionado pela beleza dela, seduziu-a fazendo-se passar por seu marido. O marido, sabedor desse acontecimento, amaldiçoou-a e transformou-a em pedra, mas disse que o toque dos pés de Rama a faria voltar à sua forma humana. Indra, também, recebeu sua parte na maldição, tendo como resultado, mil erupções em seu corpo. Daí, ser conhecido como o "deus de mil olhos".

Quarta-feira, 25 de fevereiro de 1885

Shri Ramakrishna estava na casa de Girish Ghosh em Bosepara Lane, Calcutá. Eram mais ou menos três horas quando M. chegou e prosternou-se ante ele. O Mestre ia ver uma peça no Star Theatre. Conversava com os devotos sobre o Conhecimento de Brahman.

Mestre: "O homem experimenta três estados de consciência: vigília, sono e sono profundo. Aqueles que seguem o caminho do conhecimento explicam os três estados. Segundo eles, Brahman, está além dos três estados. Está também além dos corpos denso, sutil, causal e além dos três gunas – sattva, rajas e tamas. Todos esses são maya, como o reflexo num espelho. A reflexão não é de jeito algum a substância real, somente Brahman é a Substância e tudo o mais ilusório.

"Os conhecedores de Brahman dizem mais, que é a identificação da alma com o corpo que cria a noção de dualidade. Naquele estado de identificação, o reflexo parece real. Quando esta identificação desaparece, um homem realiza, 'Eu sou Ele; eu sou Brahman.'

Um devoto: "Então devemos todos seguir o caminho da discriminação?"

Mestre: "Raciocinar é um dos caminhos; é o caminho dos vedantistas. Mas há um outro caminho, o caminho de bhakti. Se um bhakta chorar ansiosamente pelo Conhecimento de Brahman, ele também o obterá.[7] Estes são os dois caminhos: jnana e bhakti.

"Pode-se alcançar o Conhecimento de Brahman por qualquer um dos dois. Alguns retém bhakti mesmo depois de realizar Brahman, a fim de ensinar a humanidade. A Encarnação de Deus é um deles.

"Um homem não pode facilmente livrar-se do ego e da consciência de que o corpo é a alma. Isto torna-se possível somente quando, pela graça de Deus, alcança samadhi – nirvikalpa samadhi, jada samadhi.

"O ego das Encarnações volta para elas quando desce do plano de samadhi; mas é o 'ego de Conhecimento' ou o 'ego de Devoção". Por meio do 'ego do Conhecimento' ensinam os homens. Shankaracharya manteve o 'ego do Conhecimento'.

"Por meio do 'ego de Devoção' Chaitanyadeva provou o amor divino e desfrutou a companhia dos devotos. Falava sobre Deus e cantava Seu nome.

"Já que não se pode facilmente livrar-se do ego, o bhakta não explica os estados de vigília, sonho ou sono profundo. Aceita todos os estados. Além disso, aceita os três gunas -- sattva, rajas e tamas. O bhakta vê que somente Deus tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos, o universo e todos os seres vivos. Vê também, que Deus Se revela aos Seus devotos numa forma tangível, que é a personificação do Espírito.

"O bhakta toma refúgio em vidyamaya. Procura companhia santa, sai em peregrinação e pratica discriminação, devoção e renúncia. Diz que, já que um homem não pode facilmente livrar-se de seu ego, deveria deixá-lo; que fique como servo de Deus, devoto de Deus.

"O bhakta também atinge o Conhecimento da Unidade; vê que nada existe a não ser Deus. Não olha o mundo como um sonho, mas diz que foi o Próprio Deus quem Se tornou tudo. Num jardim de cera, pode-se ver diversos objetos, mas tudo é feito de cera.

"Um homem realiza isto somente quando sua devoção a Deus amadurece. Tem-se icterícia quando muita bile se acumula. Neste caso vê-se tudo amarelo. Por ter meditado constantemente em Krishna, Radhika viu tudo como Krishna; além disso até sentiu que ela própria havia se tornado Krishna. Se um pedaço de chumbo for mantido muito tempo num lago de mercúrio transforma-se em mercúrio. A barata torna-se imóvel se meditar constantemente no verme kumira; perde seu poder de locomover-se. Por fim transforma-se num verme kumira. Da mesma maneira, meditando constantemente em Deus, o bhakta perde seu ego, realiza que Deus é ele, e que ele é Deus. Quando a barata transforma-se em kumira tudo é alcançado. Instantaneamente obtém-se a liberação.

"Enquanto Deus retiver o ego de um homem, este deve estabelecer uma relação definitiva com Deus, considerando-O Mestre, Mãe, Amigo ou atitudes assim. Passei um ano

[7] Usualmente o ideal de um bhakta é a visão do Deus Pessoal.

como uma donzela – a donzela da Mãe Divina, a Personificação de Brahman. Costumava vestir-me como mulher e usava uma argola no nariz. Pode-se conquistar a luxúria se assumir a atitude de uma mulher.

"Deve-se adorar a Adyashakti, que deve ser propiciada. Somente Ela assumiu todas a formas femininas. Por isso considero todas as mulheres minha mãe. A atitude de considerar a mulher como mãe é muito pura. Os Tantras mencionam, também, o método vamachara [8]. Mas este método não é bom; pode ocasionar uma queda do aspirante. O devoto mantendo um objeto de prazer perto dele, tem razão de ficar temeroso.

"Considerar a mulher sua mãe é como jejuar no dia do ekadashi, sem tocar sequer numa gota de água; nessa atitude não há qualquer prazer sensual. Pode-se também, observar o ekadashi que permite que se coma fruta. Pode-se também, comer luchi e curries! Mas minha atitude é não tocar sequer numa gota de água, enquanto mantenho o jejum. Adorei Shodashi[9] como minha mãe; considerei todas as partes de seu corpo, como as de minha mãe. Esta atitude de olhar Deus como Mãe, é a última palavra em sadhana. 'Ó Deus, Tu és minha Mãe e eu, sou Teu filho' – esta é a última palavra em espiritualidade.

"A maneira de viver do sannyasi é como observar o jejum ekadashi sem sequer tomar uma gota de água. Se ele se apega no prazer, então terá motivo para ter medo. 'Mulher e ouro' é o prazer. Se um monge sente prazer nisso, estará engolindo seu próprio cuspe. Há diferentes tipos de prazer: dinheiro, riqueza, nome e fama e prazeres dos sentidos. Não é bom para um sannyasi, sentar-se na companhia de uma devota, ou mesmo, falar com ela. Isso o prejudica e também, os outros não poderão aprender com ele; não pode dar exemplo para a humanidade. Um sannyasi conserva o corpo para ensinar a humanidade.

"Sentar-se perto de uma mulher ou falar com ela durante muito tempo, também foi descrito como uma espécie de relacionamento sexual. Há oito tipos: ouvir uma mulher e gostar de sua conversa, falar de uma mulher, falar baixo com ela, guardar alguma coisa pertencente a ela e tocá-la. Portanto um sannyasi não deve saudar a esposa jovem de seu guru, tocando seus pés. Estas são regras para um sannyasi.

"Mas é bem diferente com os chefes de família. Depois do nascimento de um ou dois filhos, marido e mulher devem viver como irmãos. Os outros sete tipos de relacionamento sexual não os atingem muito.

"Um chefe de família tem várias dívidas: dívidas com os deuses, com os pais e com os rishis. Tem dívida também, com a esposa. Deve torná-la mãe de um ou dois filhos, e sustentá-la se for uma esposa casta.

"Chefes de família não sabem quem é uma boa ou má esposa, quem é vidyashakti ou avidyashakti. Uma vidyashakti, uma boa esposa tem pouca luxúria e cólera; dorme pouco. Empurra a cabeça do marido para o lado. Está cheia de afeto, bondade, modéstia e outras qualidades nobres. Essa esposa serve a todos, considerando todos os homens, seus filhos. Além do mais, ajuda a aumentar o amor do marido por Deus. Não gasta muito dinheiro senão seu marido terá que trabalhar muito e assim, não terá tempo para pensar em Deus.

"Mulheres masculinizadas têm traços diferentes. São traços maus; olhos de soslaio e vazios, olhos de gato, mandíbulas saltadas como os de um bezerro e peito de pombo."

Girish: "Qual o caminho para pessoas como nós?"

Mestre: "Bhakti é a única coisa que importa. Bhakti tem aspectos diferentes, sáttvico, rajásico e tamásico. Aquele que tem bhakti sátivica é muito modesto e humilde, mas o homem com bhakti tamásica parece-se como um assaltante e sua atitude para com Deus é, 'Ó Deus, estou cantando o Teu nome, como posso ser pecador? Ó Deus, Tu és minha própria Mãe, deves revelar-Te a mim'."

Girish (*sorrindo*): "É o senhor que nos ensina bhakti tamásica."

---

[8] Literalmente, "caminho da mão esquerda". Segundo essa atitude, o aspirante esforça-se para conquistar a luxúria, satisfazendo-a.

[9] Literalmente, "virgem de dezesseis anos". A adoração a uma virgem é uma disciplina prescrita nos Tantras.

Mestre (*sorrindo*): "Há certos sinais da visão de Deus. Quando um homem vê Deus, entra em samadhi. Há cinco espécies de samadhi. Primeiro sente-se o Mahavayu [10], como uma formiga subindo. Segundo, sente-se que Ele é como um peixe nadando na água. Terceiro, como uma serpente sinuosa arrastando-se. Quarto, sente-se que Ele sobe como um pássaro voando – voando de um galho para outro. Quinto, como um macaco dando um grande salto. O Mahavayu chega à cabeça de um só salto e então, ocorre o samadhi.

"Há duas outras espécies de samadhi. Primeiro o sthita samadhi, quando o aspirante perde totalmente a consciência do exterior; permanece nesse estado durante muito tempo, talvez muitos dias. Segundo, o unmana samadhi que consiste em retirar a mente subitamente de todos os objetos dos sentidos e uni-la a Deus.

(*A M.*) "Compreendeu?"

M.: "Sim, senhor."

Girish: "Pode-se realizar Deus por meio da sadhana?"

Mestre: "As pessoas têm realizado Deus por diversas maneiras. Algumas por muita austeridade, adoração e devoção; alcançaram a perfeição por seus próprios esforços. Algumas nasceram perfeitas, como, por exemplo, Narada e Shukadeva. São chamados nityasiddhas, eternamente perfeitas. Há, também, os que alcançaram a perfeição subitamente: é como um homem que inesperadamente entra na posse de uma grande fortuna. Também há exemplos de pessoas que realizaram Deus em sonho, ou pela graça divina."

Dizendo isso, Shri Ramakrishna cantou, intoxicado pelo fervor divino:

> Podem todos ter a visão de Shyama? O tesouro de Kali é para todos?
> Ó, é uma pena que minha mente tola não veja o que é verdadeiro!...

Shri Ramakrishna permaneceu em êxtase por alguns momentos. Girish e os outros devotos estavam sentados diante dele. Poucos dias antes Girish havia sido muito rude com o Mestre no Star Theatre, mas agora estava calmo.

Mestre (*a Girish*): "Seu estado é muito bom; é de paz. Orei por você à Mãe Divina. 'Ó Mãe, faz com que ele se torne pacífico para que não me maltrate.' "

Girish (*a M.*): "Sinto como se alguém estivesse apertando minha língua. Não posso falar."

Shri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Esquecia-se dos homens e dos objetos em sua volta. Esforçava-se para trazer a mente para o mundo relativo. Olhava para os devotos.

Olhando para M., disse: "Todos vêm a Dakshineswar. Que venham. A Mãe tudo sabe." A um rapaz da vizinhança perguntou: "O que você pensa? Qual é o dever do homem?" Todos permaneceram em silêncio. Disse a Narayan: "Não quer ser aprovado nos exames? Mas, meu filho, um homem livre de grilhões é Shiva; enredado nos grilhões é jiva."

Shri Ramakrishna ainda estava intoxicado por Deus. Havia um copo d'água perto dele. Bebeu a água. Disse a si mesmo, "Bem, beber água neste estado!"

Ainda não era o entardecer. Shri Ramakrishna conversava com Atul, sentado à sua frente. Atul era irmão de Girish e advogado na Corte Suprema de Calcutá. Perto dele estava sentado um vizinho brahmin.

Mestre (*a Atul*): "Tudo o que quero lhe dizer é o seguinte. Siga ambos; cumpra seus deveres no mundo e cultive o amor a Deus."

Brahmin: "Somente um brahmin pode alcançar a perfeição?"

Mestre: "Por que você pergunta isso? Está dito que na Kaliyuga os shudras alcançam o amor a Deus. Há exemplos de Shavari, Ruhidas, o intocável Guhaka e outros."

Narayan (*sorrindo*): "Brahmins e shudras – todos são um."

Brahmin: "Pode um homem realizar Deus em uma vida?"

Mestre: "Há alguma coisa impossível para a graça de Deus? Suponhamos que se traga luz para um quarto que esteve no escuro durante mil anos; será que ela vai tirar a escuridão pouco a pouco? O aposento ilumina-se imediatamente. (*a Atul*) Do que se necessita é uma in-

[10] Grande corrente nervosa que, subindo, é sentida na coluna espinal.

tensa renúncia. Deve-se ter uma espada desembainhada. Quando um homem tem essa renúncia, considera seus parentes cobras venenosas, e seu lar, um poço profundo.

"Deve-se orar a Deus com intenso anelo. Deus só escuta a prece se ela for sincera."

Todos permaneceram em silêncio, refletindo sobre as palavras de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Atul*): "O que o está preocupando? É porque não tem aquela firmeza, aquele intenso desassossego por Deus?"

Atul: "Como podemos manter nossas mentes fixas em Deus?"

Mestre: "Abhyasayoga, yoga da prática. Deve-se praticar todos os dias, chamando por Deus. Não é possível ser bem sucedido em apenas um dia, mas por meio da prece diária, consegue-se sentir aquele anelo por Deus.

"Como uma pessoa pode sentir essa inquietude se estiver imerso no mundanismo dia e noite? Outrora Jadu Mallick gostava de conversa espiritual mas agora não mostra tanto interesse. Cerca-se de aduladores dia e noite e deixa-se levar por assuntos mundanos."

Anoiteceu. Um lampião foi aceso no aposento. Shri Ramakrishna cantou os nomes divinos. Cantava e orava. Dizia, "Cantem o nome de Hari, repitam o nome de Hari, cantem o nome de Hari." Novamente disse, "Rama! Rama! Rama!" Em seguida, "Ó Mãe! Tu sempre desfrutas Teus jogos eternos. Diz-nos, Ó Mãe, qual é o caminho? Tomamos refúgio em Ti, tomamos abrigo a Teus Pés."

Notando Girish inquieto, Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por um momento. Pediu a Tejchandra para se sentar perto dele, o que ele fez. O rapaz sussurrou a M. que teria que ir embora logo.

Mestre (*a M.*): "O que ele disse?"

M.: "Disse que tinha que ir para casa."

Mestre: "Por que atraio tanto esses rapazes? São como recipientes puros intocados pelo mundanismo. Não se pode assimilar instrução se a mente estiver voltada para o mundanismo. O leite pode ser guardado com segurança, num jarro novo, mas azeda, se for mantido num pote onde foi feita a coalhada. Pode-se lavar mil vezes uma xícara na qual se tenha colocado uma mistura de alho, mas não se pode retirar o cheiro."

Shri Ramakrishna chegou ao Star Theatre, na rua Beadon, para ver a representação de *Vrishaketu* [11]. Sentou-se num camarote, olhando para o sul. M. e outros devotos estavam perto dele.

Mestre (*a M.*).: "Narendra veio?"

M.: "Sim senhor."

A apresentação começou. Karna e a esposa Padmavati sacrificaram o filho para agradar a Deus, que havia se aproximado deles sob o disfarce de um brahmin, para testar sua caridade. Nesta cena um dos devotos deu um reprimido suspiro. Shri Ramakrishna também expressou pesar.

Depois da peça Shri Ramakrishna foi para o "lobby" do teatro onde Girish e Narendra já se encontravam lá. O Mestre ficou perto de Narendra e disse, "Cheguei".

Shri Ramakrishna sentou-se. A orquestra tocava.

Mestre (*aos devotos*): "Sinto-me feliz ouvindo o concerto. Os músicos costumavam tocar no sanai em Dakshineswar, e eu entrava em êxtase. Notando isto, um certo sadhu disse, "Este é um sinal do Conhecimento de Brahman.' "

A orquestra parou de tocar e Shri Ramakrishna começou a conversar.

Mestre (*a Girish*): "O teatro lhe pertence?"

Girish: "É *nosso*, senhor."

Mestre: " 'Nosso' é bom, mas não é bom dizer 'meu'. As pessoas que dizem 'eu' e 'meu', são egoístas, de mentalidade estreita."

Narendra: "O mundo inteiro é um teatro."

---

[11] Vrishaketu era filho de Karna, herói do *Mahabharata*, igualmente famoso por sua caridade e heroísmo. Karna sacrificou o filho para cumprir uma promessa.

Mestre: “Sim, sim, é verdade. Em alguns lugares vê-se o jogo de vidya e em outros, o de avidya.”

Narendra: “Tudo é jogo de vidya.”

Mestre: “Certo, certo, mas um homem compreende isto quando tem o Conhecimento de Brahman, mas para um bhakta, aquele que segue o caminho do amor divino, ambas existem – vidyamaya e avidyamaya.

“Por favor cante um pouco.”

Narendra cantou:

> No Mar de Consciência Bem-aventurada, levantam ondas de amor divino.
> Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!
> Ó como é maravilhoso!
>
> Ondas fascinantes da doçura de Deus, sempre novas e sempre encantadoras.
> Levantam-se na superfície cada vez assumindo formas sempre novas.
> Então uma vez mais na Grande Comunhão todos se fundem, como as muralhas.
> De tempo e espaço dissolvem-se e desaparecem.
> Dance então, Ó mente!
> Dance na alegria com os braços levantadas, cantando o santo nome de Hari.

Quando Narendra cantou as palavras, “Então uma vez mais na Grande Comunhão fundem-se”, Shri Ramakrishna disse-lhe, “Isto é realizado depois de se alcançar o Conhecimento de Brahman, então tudo é vidya, Brahman como você diz.”

Quando Narendra cantou o verso, “Dance na alegria com os braços levantadas, cantando o santo nome do Hari”, o Mestre disse-lhe, “Cante este verso duas vezes.”

Depois da canção Shri Ramakrishna retomou a conversa.

Girish: “Devendra Babu não veio. Ele diz com o orgulho ferido, ‘Não temos qualquer substância dentro de nós, nenhum enchimento de leite condensado. Estamos cheios somente de pasta de lentilhas. Por que deveríamos ir lá?”

Mestre (*surpreso*): “Ele diz isto? Nunca ninguém falou assim antes.”

Shri Ramakrishna tomou uma refeição ligeira e serviu um pouco para Narendra.

Jatin Deva (*ao Mestre*): “O senhor sempre diz, ‘Narendra, coma isto! Coma aquilo!’ Será que nós somos tolos? Somos como uma palha, deixados na praia pela maré alta?”

Shri Ramakrishna amava Jatin afetuosamente. Jatin visitava o Mestre de vez em quando, em Dakshineswar onde ocasionalmente, passava a noite. Pertencia a uma família aristocrática de Sobhabazar. O Mestre disse, rindo, a Narendra, “Ele está falando de você.”

Shri Ramakrishna riu e mostrou sua afeição a Jatin, tocando seu queixo. Disse a Jatin, “Venha a Dakshineswar. Vou dar-lhe de comer.”

O Mestre foi ver a peça. Sentou-se num camarote. Riu da conversa da ajudante. Depois de um certo tempo, ficou abstraído e murmurou algumas palavras a M.

Mestre (*a M.*): “Bem, o que Girish diz é verdade?”

Girish vinha se referindo a Shri Ramakrishna como uma Encarnação Divina.

M.: “Sim, senhor, deve ser verdade, senão por que atrairia nossas mentes?”

Mestre: “Veja, uma mudança está se operando em mim. O velho estado mudou. Não posso tocar qualquer metal agora.”

M. ouviu estas palavras maravilhado.

Mestre: “Há um significado muito profundo nesse novo estado.”

Estaria o Mestre insinuando que o Deus-homem não pode suportar qualquer associação com riqueza?

Mestre (*a M.)*: “Bem, notou alguma mudança em mim?”

M. “Em que aspecto, senhor?”

Mestre: “Nas minhas atividades.”

M.: “Suas atividades aumentam à medida que as pessoas o conhecem.”

Mestre: “Vê? O que eu disse anteriormente está se tornando verdade.”

Depois de algum tempo disse: “Pode me dizer porque Paltu não pode meditar bem?”

Shri Ramakrishna estava pronto para voltar a Dakshineswar. Havia comentado com um devoto, a respeito de Girish. “Você pode lavar mil vezes uma xícara que tenha contido uma solução de alho, mas será possível tirar totalmente o cheiro?” Girish ficou ofendido com este comentário e quando o Mestre estava de saída, Girish perguntou-lhe:

Girish: “Será que este cheiro de alho desaparecerá?”

Mestre: “Sim.”

Girish: “Assim o senhor diz.”

Mestre: “Todo cheiro vai embora quando o fogo for aceso. Se esquentar uma xícara cheirando a alho, livrar-se-á do cheiro, ela se torna como nova.

“O homem que diz que jamais terá êxito, nunca o terá. Aquele que se sente liberado está liberado, está realmente liberado; aquele que pensa que está atado, realmente permanece atado. Aquele que, com força diz, ‘Estou livre”, certamente o está, e aquele que diz dia e noite, ‘Estou atado’, certamente está .

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 37

MESTRE E NARENDRA

Domingo, 1º de março de 1885

SHRI RAMAKRISHNA, em samadhi profundo, estava sentado no pequeno divã. Mahimacharan, Ram, Manomohan, Nabai Chaitanya, M. e outros devotos estavam sentados numa esteira estendida no chão. Observavam o Mestre atentamente.

Era o dia do Dolayatra, festival religioso hindu. Shri Krishna e Radha são as figuras centrais desta celebração; suas imagens são colocadas num balanço e movimentadas de vez em quando. Um pó vermelho cai nas imagens. Mais tarde amigos e parentes jogam o pó uns nos outros. Este festival é celebrado quando começa a primavera, num dia de lua cheia, dia duplamente sagrado, por sua associação com o nascimento de Shri Chaitanya.

Os devotos viram que o Mestre retornava 'à consciência do mundo, embora a mente ainda pairasse no campo da visão de Deus. O Mestre disse a Mahimacharan, "Meu caro senhor, por favor, fale-nos alguma coisa sobre o amor de Deus."

Mahima cantou os versos do *Narada Pancharatra*:

> Que necessidade há de penitência, quando Deus é adorado com amor?
> Qual a utilidade da penitência, se Deus não é adorado com amor?
> Qual a necessidade de penitência se Deus é visão dentro e fora?
> Qual a utilidade de penitência se Deus é visto dentro e fora?
>
> Ó Brahmana! Ó meu filho. Cesse de fazer penitências.
> Corra para Shankar, o Oceano de Sabedoria Celestial.
> Obtém d´Ele o amor de Deus, o puro amor exaltado pelos devotos,
> Que rompe os grilhões que prendem você ao mundo.

Mahima disse: "Enquanto o grande sábio Narada praticava austeridade, subitamente ouviu uma voz vinda do céu, repetindo aqueles versos."

Mestre: "Há dois tipos de devotos: jivakotis ou homens comuns, e Ishvarakotis ou Mensageiros Divinos. A devoção do jivakoti é chamada vaidhi, formal, isto é, conforme as escrituras. Adora Deus com certos artigos, repete o nome de Deus um determinado número de vezes e assim por diante. Este tipo de devoção, como o caminho do Conhecimento, leva à jnana yoga de Deus e ao samadhi. Os jivakotis não voltam do samadhi ao plano relativo.

"Mas o caso do Ishvarakoti é diferente. Segue o processo de 'negação' e 'afirmação'. Primeiro nega o mundo, realizando que ele não é Brahman, depois, afirma o mesmo mundo, vendo-o como uma manifestação de Brahman. Para uma ilustração, um homem querendo subir ao terraço, primeiro nega que os degraus sejam feitos do mesmo material que o terraço, mas ao atingir o terraço, vê que eles são feitos dos mesmos materiais: tijolo, cal e pó de tijolo. Então pode ou subir ou descer os degraus ou ficar no terraço, como lhe aprouver.

"Shukadeva estava absorvido em samadhi – em *nirvikalpa samadhi*. Já que Shuka deveria recitar o *Bhagavata* para o rei Parikshit, o Senhor enviou-lhe o sábio Narada. Narada viu-o sentado como uma coisa inerte, absolutamente inconsciente do mundo à sua volta. Narada cantou quatro vezes sobre a beleza de Hari, com acompanhamento de vina. Quando cantou o primeiro verso, o cabelo do corpo de Shuka ficou eriçado. Em seguida, derramou lágrimas porque viu a forma de Deus, a Personificação do Espírito, dentro no coração. Assim, Shukadeva viu a forma de Deus, mesmo depois do jada samadhi. Era um Ishvarakoti.

"Hanuman, depois de ter a visão de Deus com e sem forma, permaneceu firmemente devotado à forma de Rama, a Encarnação da Consciência e Felicidade.

"Prahlada às vezes realizava 'eu sou Ele', outras que era o servo de Deus. Como pode uma pessoa viver sem o amor de Deus? É por isso que ela deve aceitar o relacionamento amo

e servo, sentindo que Deus é o Amo, e ela própria o servo. Isso a habilita a desfrutar a Felicidade de Hari. Nessa atitude sente que Deus é a Felicidade e ela, aquele que desfruta.

"O 'ego de Devoção', o 'ego de Conhecimento' e o 'ego de uma criança' não prejudicam o devoto. Shankaracharya manteve o 'ego de Conhecimento' O 'ego de uma criança' não está apegado a nada. A criança está além dos três gunas, não está sob o controle de nenhum deles. Num dado instante é vista zangada; no momento seguinte, tudo passou. Às vezes faz uma casa de brinquedo e no logo, esquece-se de tudo. Gosta dos companheiros, mas se ficar longe alguns dias, esquece-se deles. Não está sob o controle de quaisquer um dos gunas – sattva, rajas e tamas.

"O bhakta sente, 'Ó Deus, Tu és o Senhor e eu, Teu devoto'. Este 'eu' é o 'ego de bhakti'. Por que esse amante de Deus retém o 'ego de Devoção'? Já que não pode livrar-se do ego, então que ele permaneça como o servo de Deus, o devoto de Deus.

"O senhor pode raciocinar mil vezes, mas não pode livrar-se do ego. O ego é como um jarro e Brahman é como o oceano – uma expansão infinita de água por todos os lados. O jarro está colocado dentro desse oceano. A água está tanto dentro como fora; a água está em todos os lugares; o jarro, contudo, permanece. Este jarro é o ego do devoto'. Enquanto o ego permanecer, 'tu' e 'eu' permanecemos, e aí também, permanece o sentimento. 'Ó Deus, Tu és o Senhor e eu, Teu devoto; Tu és o amo e eu, Teu servo'. Pode-se raciocinar um milhão de vezes, mas não se pode livrar-se dele. Mas é diferente se não houver jarro."

Narendra entrou no quarto e saudou o Mestre. Começaram a conversar. Logo o Mestre levantou-se do divã e sentou-se no chão, onde uma esteira havia sido estendida. Nesse ínterim, o quarto ficara cheio de gente, tanto devotos como visitantes.

Mestre (*a Narendra*): " Como está? Soube que visita Girish com assiduidade. É verdade?"

Narendra: "Sim, senhor, vou lá de vez em quando."

Havia alguns meses que Girish vinha visitando Shri Ramakrishna. O Mestre disse que ninguém podia sondar a profundidade da fé de Girish. E seu anelo por Deus era tão intenso quanto sua fé era profunda. Em casa estava sempre absorvido no pensamento de Shri Ramakrishna. Muitos devotos do Mestre o visitavam; falavam somente em Shri Ramakrishna. Mas Girish era um chefe de família que havia tido muitas experiências mundanas, e o Mestre sabia que Narendra iria renunciar ao mundo, que iria deixar de lado 'mulher e ouro', tanto mental quanto externamente.

Mestre: "Você visita Girish freqüentemente? Não importa o quanto se lave uma xícara que tenha contido uma mistura de alho, um pouco do cheiro certamente permanecerá. Os jovens que vêm aqui são almas puras – intocadas por 'mulher e ouro'. Homens que se associaram durante muito tempo com 'mulher e ouro', cheiram a alho. São como mangas picadas por corvos. Essas frutas não podem ser oferecidas à Divindade no templo e mesmo uma pessoa hesita em comê-las. Tome o exemplo de um jarro novo e outro no qual tenha sido feita coalhada. Tem-se receio de manter o leite no segundo jarro porque muitas vezes azeda.

"Devotos chefes de família como Girish, formam uma classe por si mesma. Querem yoga e também, bhoga. Sua atitude é como a de Ravana que queria desfrutar das donzelas do céu e, ao mesmo tempo, realizar Rama. São como os asuras, demônios, que desfrutam de muitos prazeres e também, realizaram Narayana."

Narendra: "Mas Girish abandonou suas antigas amizades."

Mestre: "Sim, sim. Ele é como um boi castrado na velhice. Vi certa vez em Burdwan, um boi movendo-se em volta das vacas. Perguntei ao condutor do carro de bois, 'O que é isto? Um boi? Que estranho!' Respondeu-me, 'Verdade, senhor, mas foi castrado na velhice e assim, não abandona suas antigas tendências.'

"Num certo lugar estavam sentados alguns sannyasins. Aconteceu passar por ali uma jovem. Todos continuaram meditando em Deus como antes, exceto um que lançou olhares para ela. Antes de se tornar monge havia sido pai de três filhos.

"Se for feita uma mistura de alho numa xícara, não será difícil retirar o cheiro dela? Pode uma árvore sem valor como o babui, dar mangas? Claro que isso pode vir a ser possível através dos poderes ocultos de um yogi, mas pode qualquer um adquirir esses poderes?

"Quando as pessoas mundanas têm tempo para pensar em Deus? Um homem queria contratar um pundit que pudesse explicar-lhe o *Bhagavata*. Seu amigo disse: 'Conheço um pundit excelente, mas há uma dificuldade: está muito ocupado com o cultivo da terra. Possui quatro arados e oito carros de boi e está sempre ocupado com eles, não tem tempo livre.' A isso o homem disse: 'Não me interessa com um pundit que não tem tempo livre. Não estou buscando um erudito do *Bhagavata* ocupado com arados e bois. Quero um que possa realmente explicar-me o livro sagrado.'

"Havia um rei que costumava ouvir todos os dias, de um pundit, a explicação do *Bhagavata*. Diariamente, ao final do estudo, o pundit perguntava ao rei: 'Ó rei, compreendeu o que li?' A esta pergunta o rei dava sempre a mesma resposta, 'Senhor é melhor que o senhor primeiro compreenda.' Todos os dias, quando o pundit regressava para casa, pensava a respeito do significado das palavras do rei. Era um homem piedoso devotado à oração e à meditação. Gradualmente caiu em si, e compreendeu que a única coisa real no mundo são os Pés de Lótus de Deus, e que tudo o mais é ilusório. Sentiu desapego pelo mundo, e passou a viver como monge. Quando estava deixando a vida do mundo, enviou-me um homem ao rei, com a mensagem, 'Sim, Ó rei! Agora compreendi.'

"Mas será que desprezo as pessoas mundanas? Claro que não. Quando as vejo, aplico o Conhecimento de Brahman, a unidade de Existência. O Próprio Brahman tornou-Se tudo; todos são o Próprio Narayana. Olhando todas as mulheres como as muitas formas da Mãe Divina, não vejo diferença entre uma mulher casta e uma mulher da rua.

"Ó! Não encontro fregueses que desejem coisas melhor do que kalai. Ninguém quer abandonar 'mulher e ouro'. O homem, iludido pela beleza da mulher e poder do dinheiro, esquece-se de Deus, mas aquele que viu a beleza de Deus, mesmo a posição de Brahma, o Criador, parece insignificante.

"Um homem disse a Ravana, 'Você tem ido a Sita, sob diversos disfarces, por que não vai a ela sob a forma de Rama?' 'Mas', respondeu Ravana, 'quando medito em Rama no meu coração, as mais lindas mulheres – donzelas celestiais como Rambha e Tilottama – não me parecem melhores do que as cinzas da pira funerária. Até mesmo ter o 'status' de Brahma parece-me insignificante, isso para não falar da beleza da mulher de outro homem.'

"Ó! Acho que todos os clientes aqui procuram o simples kalai. A não ser que a alma seja pura, não pode ter amor verdadeiro por Deus e devoção exclusivamente voltada para o ideal. A mente corre para os diversos objetos.

(A *Manomohan*[1]) "Você pode se ofender com as minhas palavras, mas disse a Rakhal, 'Prefiro ouvir que você se afogou no Ganges, a saber que aceitou o emprego de uma pessoa e tornou-se seu servo.'

"Um dia uma moça do Nepal veio aqui. Cantou canções religiosas com acompanhamento de esraj. Quando alguém perguntou-lhe se era casada, respondeu asperamente, 'O que? Sou a donzela de Deus! A quem mais vou servir?'

"Como pode um homem vivendo no meio de 'mulher e ouro' realizar Deus? É muito difícil para ele levar uma vida desapegada. Primeiro é escravo de sua esposa, segundo, do dinheiro e terceiro, do patrão a quem serve.

"Quando Akbar era imperador de Delhi, vivia um ermitão numa cabana na floresta. Muitas pessoas visitavam o santo. Sentiu um grande desejo de receber bem seus visitantes, mas como poderia fazê-lo, sem dinheiro? Decidiu, então, ir ao imperador pedir ajuda, uma vez que o portão do palácio de Akbar estava sempre aberto aos homens santos. O ermitão chegou no palácio na hora em que o imperador fazia sua prática espiritual diária. E sentou-se no canto do aposento. Ouviu o imperador concluir sua adoração com a prece, 'Ó Deus, dá-me dinheiro, dá-me riquezas' e assim por diante. Quando o ermitão ouviu isto, quis retirar-se mas o imperador fez-lhe um sinal para que o esperasse. Quando a prática terminou, Akbar disse-lhe, 'Você veio para me ver. O que é isto, ir-se embora sem me dizer nada?' 'Sua Majestade não parecia preocupar-se com isso', respondeu o ermitão. 'Tenho que ir agora.' Em vista da insistência do imperador, o ermitão disse, 'Muitas pessoas visitam minha cabana e por isso, vim aqui pedir-lhe algum dinheiro.' 'Então', disse Akbar, 'por que ia embora sem falar comi-

[1] Um discípulo chefe de família, cuja irmã era casada com Rakhal.

go?' O ermitão respondeu, 'Achei que o senhor, também, era um mendigo. Orava a Deus por dinheiro e opulência, portanto disse a mim mesmo, 'Por que devo mendigar de um mendigo? Se tenho que pedir, peço a Deus.' "

Narendra: "Hoje em dia Girish Ghosh pensa somente em assuntos espirituais."

Mestre: "Isto é muito bom, mas por que é tão insolente? Por que usa uma linguagem tão vulgar comigo? No meu atual estado mental não posso suportar essa grosseria. Quando um raio cai próximo a uma casa, os objetos pesados no seu interior não são muito afetados, mas as vidraças tremem. Atualmente não posso suportar tanta rudeza. Um homem que vive no plano de sattva não pode suportar barulho e tumulto. Por isso Hriday foi despedido. Foi a Mãe Divina que o mandou embora. No final de sua estada aqui chegou a extremos; tornou-se insolente e grosseiro. (*A Narendra*) Você concorda com Girish sobre mim?"

Narendra: "Ele disse que acreditava que o senhor fosse uma Encarnação de Deus. Nada falei em resposta a seus comentários."

Mestre: "Mas como é grande a sua lei! Não acha?"

Os devotos ouviam atentamente as palavras do Mestre que continuava sentado na esteira com M. a seu lado, e Narendra à sua frente. Os devotos estavam à sua volta.

Depois de alguns minutos de silêncio, disse a Narendra afetuosamente, "meu filho, você não alcançará Deus sem renunciar a 'mulher e ouro'." Ao dizer isso uma grande emoção surgiu em seu coração. Fixando em Narendra um sincero e afetuoso olhar, cantou[2]:

> Temos medo de falar, contudo, tememos ficar calados.
> Nossas mentes, Ó Radha, quase crêem que estamos a ponto de perdê-lo!
> Contamo-lhe o segredo que sabemos –
> O segredo pelo qual nós mesmos e outros com nossa ajuda
> Passamos por muitos períodos de perigos,
> Agora tudo depende de você.

Shri Ramakrishna parecia temeroso de que Narendra o deixasse. Narendra olhou para o Mestre, com lágrimas nos olhos.

Um visitante que estava ali pela primeira vez, ouviu e viu tudo. Disse ao Mestre, "Senhor, se uma pessoa deve renunciar a 'mulher e ouro', o que o chefe de família deve fazer?"

Mestre: "Você pode desfrutar de 'mulher e ouro'. O que se passou entre nós não lhe diz respeito."

Mahimacharan, um devoto chefe de família, ouviu tudo e ficou em silêncio.

Mestre (*a Mahima*): "Vá em frente. Continue. Descobrirá uma floresta de sândalo. Vá mais longe e encontrará uma mina de prata. Vá ainda mais longe e verá a mina de ouro. Não pare aí. Vá em frente e alcançará as minas de rubis e diamantes, portanto digo, vá em frente."

Mahima: "Mas, senhor, algo nos puxa para trás. Não podemos nos mover."

Mestre (*com um sorriso*): "Por que? Corte as rédeas. Corte-as com a espada do nome de Deus. 'Os grilhões de Kala, Tempo, são cortados pelo nome de Kali.' "

De vez em quando o Mestre lançava a Narendra um olhar benevolente. Disse. "Agora você se tornou um médico experiente?" Citando um verso sânscrito disse, "Aquele que matou somente cem pacientes é um noviço na medicina, mas torna-se um especialista depois de matar mil!"

Estava o Mestre sugerindo que Narendra, embora ainda jovem, tinha tido muitas experiências dolorosas na vida?

---

[2] Era um período muito crítico para Narendra. Desde a morte do pai, vinha sofrendo extrema pobreza. Amigos e parentes eram indiferentes ou traiçoeiros. Sua mente racional não podia conciliar a existência da miséria humana, com a misericórdia de Deus. Poucos dias antes deste encontro com o Mestre, a caminho de casa, quase exausto depois de uma procura inútil de emprego, sentou-se na soleira de uma casa, esperando que uma pancada de chuva passasse. Recebeu então uma revelação na qual encontrou a solução de todos os seus conflitantes problemas. Sentiu-se renovado, realizando a irrealidade do mundo e decidiu imediatamente tornar-se monge. Viera ao Mestre para se despedir dele, mas não lhe falara de sua intenção, contudo, nada podia ser escondido de Shri Ramakrishna, daí a canção abaixo:

Narendra sorriu e manteve-se em silêncio.

Era de tarde. Os devotos, sentados em volta do Mestre, ouviam Nabai Chaitanya cantando. Subitamente o Mestre deixou o aposento, mas a música continuou. M. acompanhou o Mestre.

Shri Ramakrishna atravessou o pátio e entrou no templo de Radhakanta. Inclinou-se ante as imagens. M. seguiu-o. Havia um pouco de pó vermelho numa bandeja. O Mestre ofereceu um pouco de pó às imagens e inclinou-se novamente.

Em seguida prosseguiu em direção ao templo de Kali. Subindo os sete degraus, parou no pórtico aberto, e olhou para a imagem. Em seguida entrou no santuário, ofereceu pó vermelho à Mãe Divina e saudou-a. Quando deixava o templo, perguntou a M., "Por que você não trouxe Baburam com você?"

Shri Ramakrishna voltou a seu quarto, acompanhado de M. e outro devoto que carregava a bandeja com o pó vermelho. Ofereceu um pouco a todas as imagens de deuses e deusas no quarto, mas não as de Jesus Cristo e a si mesmo. Então jogou pó em Narendra e outros devotos. Todos tomaram a poeira de seus pés.

Na sombra fria da tarde que se aprofundava, os devotos andavam de um lado para outro no jardim do templo, deixando o Mestre e M. no aposento. O Mestre sussurrou a M., "Todos dizem que meditam bem. Por que é diferente com Paltu? O que você pensa de Narendra? É totalmente puro. Agora mesmo está enfrentando muitos problemas familiares difíceis e por isso, seu progresso espiritual está um pouco prejudicado; mas não será assim por muito tempo."

Narendra discutia com um vedantista na varanda. De vez em quando o Mestre saía para vê-lo. À medida que os devotos reuniam-se no aposento, pediu a Mahima para recitar um hino. Mahima cantou um verso do *Mahanirvana Tantra*:

> Adoramos a Consciência de Brahman no Lótus do Coração.
> O Indiferenciado, que é adorado por Hari, Hara e Brahma....

Mahima cantou outros hinos mais e por fim, um de Shiva, de Shankaracharya, que comparava o mundo a um poço profundo e agreste. Mahima era chefe de família.

O hino dizia:

> Ó Grande Deus! Ó Tu Uno Auspicioso, com a lua brilhando em Teu diadema!
> Matador de Madana[3] Portador do tridente! Uno imóvel! Senhor do Himalaia!
> Ó Consorte de Durga, Senhor de todas as criaturas! Tu que afastas o peso daqueles que tremem!
> Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.
>
> Ó Bem-Amado do coração de Parvati! Ó Tu, Divindade com diadema em forma de lua!
> Ó Vamadeva, Uno que existe por Si próprio! Ó Rudra, Portador do arco!
> Senhor de todos o seres! Senhor de todos os exércitos. Ó Tu, Senhor de Parvati!
> Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.
> Ó Deus de garganta azul! Shiva, cujo emblema é o touro! Ó Uno de cinco faces!
> Senhor dos mundos, que usas serpentes em volta dos pulsos. Tu Auspicioso Uno!
> Ó Shiva, Ó Pasupati [4], Ó Tu, Senhor de Parvati!
> Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.
>
> Ó Senhor do Universo! Ó Shiva Shankara! Ó Deus dos Deuses!
> Tu que susténs o rio Ganges em Teus cabelos emaranhados.
> Tu, o Mestre de Pramatha e Nandika.[5] Ó Hara, Senhor do mundo!
> Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

[3] Deus do amor.
[4] Senhor dos seres.
[5] Ajudantes de Rama.

Ó Rei de Kasi, Senhor do campo de cremação de Manikarnika!
Ó poderoso Herói, Tu destruidor do sacrifício de Daksha [6]! Ó Uno que penetra tudo!
Ó Senhor dos hospedeiros! Ser Onisciente! Que é o único Morador de cada coração! Ó Senhor!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Grande Deus! Uno Compassivo! Ó Divindade Benigna!
Ó Byomakesa![7] Uno de garganta azul! Ó Senhor dos hospedeiros!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Ó Tu que moras no Monte Kailasha! Tu, cuja montaria é um touro!
Ó Conquistador da morte! Ó Uno de Três Olhos! Senhor dos três mundos!
Bem-Amado de Narayana! Conquistador da luxúria! Tu, Senhor de Shakti!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Senhor do Universo! Refúgio do mundo inteiro! Ó Tu de infinitas formas!
Alma do universo! Ó Tu em que repousam as virtudes infinitas do mundo!
Ó Tu, adorado por todos! Uno misericordioso! Ó Amigo do pobre!
Socorre-me, desamparado que sou, da floresta intocada deste mundo infeliz.

Mestre (*a Mahima*): "Por que você chama o mundo de um poço profundo ou uma floresta impenetrável? Um aspirante pode pensar assim no começo, mas como pode ter medo de agarrar-se firmemente em Deus? Então ele acha que –

Este Mesmo mundo é a mansão de alegria;
Aqui posso comer, aqui posso beber e divertir-me. ...

"Por que você ficaria com medo? Agarre-se firmemente a Deus. Que importa que o mundo seja uma floresta de espinhos? Calce sapatos e ande sobre eles. A quem temer? Você não terá que fazer novamente o papel de 'ladrão' no jogo de 'esconde-esconde', uma vez que tocou a 'vovó'.[8]

"O rei Janaka costumava esgrimar com duas espadas – uma do Conhecimento e outra, da ação. Nada pode assustar um exímio jogador.

(*A M.*): "Minha mente ainda está atraída ao que ele acabou de cantar."

Shri Ramakrishna referia-se aos hinos cantados por Mahima.

Nabal Chaitanya e os outros devotos começaram a cantar. O Mestre juntou-se a eles, dançando, embriagado com o amor divino. Depois disse: "Esta é a coisa necessária, cantar o nome de Deus. Tudo o mais é irreal. Só o amor e a devoção são reais e as outras coisas não têm qualquer conseqüência."

Mais tarde Shri Ramakrishna dirigiu-se ao Panchavati. Perguntou a M. sobre Binode, um estudante da escola de M., que de vez em quando experimentava êxtase ao pensar em Deus. O Mestre amava-o muito.

Enquanto voltava para o quarto com M. perguntou: "Bem, alguns falam de mim como uma Encarnação Divina. O que pensa a respeito?" O Mestre voltou para o quarto e sentou-se no pequeno divã. Repetiu a pergunta a M. Os outros devotos estavam sentados à distância e não podiam acompanhar a conversa.

Mestre: "O que você está dizendo?"

M.: "Penso assim também. O senhor é como Chaitanya."

Mestre: "É uma manifestação completa de Deus, ou parte? Diga-me quanto."

M.: "Não sei, senhor, mas a verdade é que há no senhor uma Encarnação do Poder Divino. Não há dúvida que somente Deus mora no senhor."

---

[6] Sogro de Shiva.

[7] Um dos nomes de Shiva.

[8] A alusão é ao jogo indiano de "esconde-esconde", no qual aquele que dirige, conhecido como "vovó", cobre com um pano os olhos dos jogadores e esconde-se. Os jogadores devem encontrá-la. Se qualquer jogador a tocar, a venda é retirada dos seus olhos e ela se retira do jogo.

Mestre: "É verdade. Chaitanya também desejava realizar Shakti, o Poder Divino."

Narendra estava empenhado numa discussão calorosa. Ram que havia recentemente se recuperado de uma doença, juntou-se a ele.

Mestre (*a M.*): "Não gosto dessas discussões. (*A Ram*) Quer parar com isso? Você não tem passado bem. Tudo bem, devagar, devagar; não fique tão exaltado. (*A M.*). Não gosto dessas discussões. Costumava chorar e orar à Mãe Divina, dizendo: 'Ó Mãe, um homem diz que é isso, enquanto que outro diz que é aquilo. Diz-me, 'Ó Mãe, qual a verdade? "

Sábado, 7 de março de 1885

Às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava em seu quarto em Dakshineswar, conversando com os devotos. Baburam, Naren mais jovem, Paltu, Haripada, Mohinimohan, um jovem brahmin que passara uns dias com o Mestre e outros evotos estavam presentes.

A Santa Mãe, esposa de Shri Ramakrishna vivia no nahabat. Às vezes vinha ao quarto do Mestre para atender suas necessidades. Mohinimohan trouxera de Calcutá, a esposa e a mãe de Nabin para irem ao templo. As senhoras estavam com a Santa Mãe; esperando uma oportunidade para visitar o Mestre quando os devotos deixassem o quarto.

Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã, olhava os jovens. Sua face brilhava de alegria.

Nesta ocasião Rakhal não estava vivendo em Dakshineswar com o Mestre. Desde que voltou de Vrindavan estava morando em sua casa.

Mestre (*sorrindo*): "Rakhal agora está desfrutando de sua 'pensão'. Desde que voltou de Vrindavan tem estado em casa. A esposa está lá, mas ele me disse que não aceitaria nenhum trabalho, mesmo que lhe fosse oferecido um salário de mil rupias.

"Rakhal deitava-se aqui e dizia que não se importava nem com a minha companhia. Estava passando por um estado espiritual exaltado.

"Bhavanath é casado mas passa a noite em conversa espiritual com a esposa. O casal passa a maior parte do tempo falando somente de Deus. Disse-lhe: 'Divirta-se com sua esposa de vez em quando.' 'O que?', disse zangado. 'Devemos nós também, ceder à frivolidade?"

Shri Ramakrishna começou a falar de Narendra.

Mestre (*aos devotos*): "Não sinto pelo jovem Naren, o mesmo anelo que senti por Narendra.

(*A Haripada*): "Vai à casa de Girish Ghosh?"

Haripada: "Sim, vou lá com muita freqüência. É nosso vizinho."

Mestre: "Narendra também vai?"

Haripada: "Sim, vejo-o lá às vezes."

Mestre: "O que ele está respondendo a Girish?" [Girish Ghosh referia-se a Shri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus.]

Haripada: "Narendra foi derrotado em sua argumentação."

Mestre: "Não, Narendra diz, 'Girish Ghosh tem uma fé forte, por que eu deveria contradizê-lo?' "

O irmão do enteado do juiz Anukal Mukhopadhyaya estava no quarto. O Mestre perguntou-lhe, "Conhece Narendra?"

Irmão: "Sim, senhor. É um jovem muito inteligente."

Mestre (*aos devotos*): "Deve ser um homem bom porque gosta de Narendra. Narendra esteve aqui outro dia, e cantou com Traikolya Sannyal, mas naquele dia seu canto pareceu-me enfadonho."

Baburam era estudante no curso vestibular na escola onde M. ensinava.

Mestre (*a Baburam*): "Onde estão seus livros? Não está cuidando dos estudos?" (*A. M.*) "Ele quer segurar ambos.[9]"

"Isto é muito difícil. O que se ganha conhecendo Deus parcialmente? Vashishthadeva, embora um grande sábio, ficou arrasado com a morte dos filhos. Isto causou estranheza a Lakshmana que perguntou a Rama, a razão. Rama disse, 'Irmão, o que há estranho nisso?

[9] Deus e o mundo.

Quem tem Conhecimento, tem também, ignorância. Irmão, vá além de conhecimento e ignorância.' Se um espinho entra na sola do pé, você apanha outro espinho para retirar o primeiro. Em seguida, joga ambos fora. Assim também, utiliza-se o espinho do conhecimento para remover o espinho da ignorância; vai-se além de Conhecimento e ignorância."

Baburam (*sorrindo*): "É o que desejo."

Mestre (*sorrindo*): "Mas, meu filho, pode você obtê-lo aferrando-se a ambos? Se quiser isto então saia."

Baburam (*sorrindo*): "Tire-me do mundo."

Mestre (*a M.*): "Rakhal viveu comigo, mas foi diferente, o pai deu o consentimento. Se esses rapazes ficarem aqui haverá problemas.

Mestre (*a Baburam*): "Você não tem força mental; não tem muita coragem. Veja como o jovem Naren fala, 'Vou embora para sempre'."

Shri Ramakrishna levantou-se do pequeno divã e sentou-se no meio dos jovens no chão. M. sentou-se a seu lado.

Mestre (*a M.*): "Procuro quem tenha renunciado totalmente a 'mulher e ouro'. Ao encontrar um jovem, penso que talvez venha a morar comigo, mas todos põem empecilhos.

"Um fantasma procurava um companheiro. Diz-se que um homem que morre no sábado ou na terça-feira, torna-se um fantasma. Por isso toda vez que o fantasma via alguém cair do telhado ou tropeçar e desmaiar na estrada, num desses dias, corria para ele, na esperança de que, por morte acidental, ele viesse a se tornar um fantasma e ser seu amigo. Mas sua má sorte era tal, que todos reviviam. O coitado não conseguiu ter um companheiro.

"Veja, Rakhal, sempre dá a esposa como desculpa. Diz, 'O que vai ser dela?' Quando toquei o peito de Narendra, ele ficou inconsciente e depois gritou, 'Ó, o que fez comigo? Não sabe que tenho pai e mãe?'

"Por que Deus me fez levar esse tipo de vida?[10] Chaitanyadeva tornou-se um sannyasi para que todos pudessem saudá-lo. Quem saudar uma Encarnação Divina pelo menos uma vez na vida, obtém liberação."

Mohinimohan havia trazido uma cesta de doces para Shri Ramakrishna.

Mestre: "Quem trouxe esses doces?"

Baburam apontou para Mohinimohan.

Shri Ramakrishna tocou os doces, pronunciando a palavra "OM", e comeu um pouco. Depois distribuiu-os entre os devotos. Para surpresa de todos, deu de comer ao jovem Naren e outros rapazes, com as próprias mãos.

Mestre (*a M.)*: "Isto tem um significado. Há maior manifestação de Deus nos homens de coração puro. Outrora quando costumava ir a Kamarpukur, dava de comer a alguns jovens com minhas próprias mãos. Chine Sankhari dizia, "Por que ele não nos dá de comer assim?' Mas como é que eu podia? Levaram uma vida imoral. Quem iria alimentá-los?"

Shri Ramakrishna estava muito feliz com seus devotos de alma pura; Estava sentado no pequeno divã, imitando, com muita raça, uma kirtani. Os devotos riam muito. A kirtani está vestida luxuosamente, coberta de jóias. Canta de pé, com um lenço colorido na mão. De vez em quando tosse para chamar atenção das pessoas e assoa o nariz, levantando a argola. Quando um senhor respeitável entra no aposento, ela o saúda com palavras, continuando a canção. De vez em quando puxa o sari de seus braços para mostrar as jóias.

Os devotos torciam-se de rir com as imitações de Shri Ramakrishna. Paltu rolava no chão. Apontando para ele, o Mestre disse a M., "Olhe aquele menino! Está morrendo de rir." Disse a Paltu com um sorriso, "Não conte isso a seu pai, senão ele perderá o pouco de respeito que tem por mim. Veja, ele é um 'inglês'."

Mestre (*aos devotos*): "Há pessoas que se entregam a todo tipo de mexericos durante suas práticas diárias. Como sabem, não é permitido conversar nesta hora e então fazem todos os tipos de sinais, conservando os lábios fechados. Em vez de dizerem, 'Traga isto', 'Traga aquilo', fazem sons como 'Huh', 'Uhuh'. Todas essas coisas elas fazem. (*Risada*).

[10] Evidentemente Shri Ramakrishna referia-se à sua vida monástica.

"Há, também, outras que pechincham o preço do peixe, enquanto passam as contas. Com um dedo apontam o peixe, indicando, 'aquele, por favor'. Destinam esta hora para seus negócios! (*Risada*)

"Há mulheres que vêm ao Ganges para tomar banho e, em vez de pensar em Deus, tagarelam sobre um sem número de coisas, 'Que jóias você ofereceu por ocasião do casamento do seu filho?' – 'Fulano de tal voltou da casa de seu padrasto?' – 'Sicrano está muito doente' – 'Fulano foi ver a noiva. Esperamos que oferecem um grande dote e que haverá uma grande festa'. Harish não pode ficar nem mesmo uma hora sem mim' – 'Minha filha, não pude vê-la todos esses dias, pois estive tão ocupada com o noivado da filha de Fulana'.

"Vejam, vieram banhar-se no rio sagrado e contudo, deixam-se levar por todos os tipos de conversas mundanas."

O Mestre começou a olhar intensamente para Naren mais jovem e entrou em samadhi. Será que via o Próprio Deus no devoto de alma pura?

Os devotos, em silêncio, observavam a figura de Shri Ramakrishna, imóvel em samadhi. Minutos antes houve muita risada no quarto, mas agora, havia um silêncio profundo, como se não houvesse ninguém. O Mestre sentou-se de mãos postas como na fotografia.

Depois de algum tempo sua mente começou a descer ao plano relativo. Soltou um longo suspiro e tornou-se inconsciente do mundo exterior. Olhou para os devotos e começou a conversar com eles sobre seu progresso espiritual.

Mestre (*a Naren mais jovem*): "Tenho estado ansioso para vê-lo. Será bem sucedido. Venha aqui de vez em quando. Bem, o que prefere – jnana ou bhakti?"

Naren mais jovem: "Bhakti pura."

Mestre: "Mas como pode você *amar* alguém que não conhece? (*Com um sorriso, apontando para M*.) Como pode amá-Lo se não o conhece? (*A M*.) Quando alguém de alma pura anseia por bhakti pura, deve haver algum significado.

"Não se procura bhakti sem razão, sem tendências inatas. Esta é a característica de prema bhakti. Há uma outra espécie de bhakti, chamada jnana-bhakti, amor a Deus baseado no raciocínio.

(*Ao Naren mais jovem*): "Deixe-me olhar para seu corpo; tire a camisa. Peito razoavelmente largo, será bem-sucedido. Venha aqui de vez em quando."

Shri Ramakrishna ainda estava em êxtase. Falou afetuosamente aos outros devotos, sobre o futuro deles.

Mestre (*a Paltu*): "Você também será bem-sucedido, mas isto tomará um pouco de tempo.

(*A Baburam*): "Por que o atraio para mim? É somente para evitar problemas.

(*A Mohinimohan*): "Quanto a você, está muito bem. Há, contudo, um pouco a ser feito. Quando isto acontecer, nada permanecerá – nem dever, nem trabalho, nem o próprio mundo. É bom livrar-se de tudo?"

Enquanto Shri Ramakrishna falava, olhava para Mohini com carinho, como que esquadrinhando seus sentimentos mais íntimos. Estaria Mohini realmente imaginando se não seria bom renunciar tudo por Deus? Depois de algum tempo Shri Ramakrishna disse, "Deus prende o pundit do *Bhagavata* ao mundo com um único elo; caso contrário, quem ficaria para explicar o livro sagrado? Ele mantém o pundit preso para o bem dos homens. Foi por isso que a Mãe Divina o manteve no mundo."

Agora Shri Ramakrishna falou ao jovem brahmin.

Mestre: "Desista de conhecimento e raciocínio; aceite bhakti. Somente bhakti importa. É o terceiro dia de sua estada aqui?"

Brahmin (*com as mãos postas*): "Sim, senhor."

Mestre: "Tenha fé, confie em Deus e não terá que fazer nada. Mãe Kali fará tudo.

"A jnana penetra até o pátio exterior, mas bhakti pode entrar no pátio interno. O Ser Puro é intocável. Tanto vidya quanto avidya estão n´Ele, mas Ele é intocado. Às vezes há no ar um cheiro bom, às vezes mau, mas o ar em si mesmo permanece inalterado.

"Uma vez Vyasadeva queria atravessar o Jamuna. As gopis também estavam presentes. Desejavam ir para a outra margem do rio para vender coalhada, leite e creme, mas naque-

le momento não havia barco. Todas estavam preocupadas como atravessar o rio, quando Vyasa lhes disse, 'Estou com fome'. As pastoras o alimentaram com leite e creme. Ele quase acabou com a comida. Então Vyasa disse ao rio, 'Ó Jamuna, se não comi nada, que suas águas se separem e possamos atravessar'. Assim aconteceu. O rio dividiu-se em dois e um caminho surgiu entre as águas. Seguindo aquele caminho, as gopis e Vyasa cruzaram o rio. Vyasa havia dito, 'Se eu não comi nada'. Isto significa que o homem verdadeiro é o Atman Puro. O Atman é intocado e está além da Prakriti. Não tem fome nem sede; não conhece nascimento ou morte, não envelhece nem morre. É imutável como o Monte Sumeru.

"Aquele que atingiu este Conhecimento de Brahman é um jivanmukta, liberado enquanto ainda vive. Compreende corretamente que o Atman e o corpo são duas coisas separadas. Depois de realizar Deus uma pessoa não identifica o Atman com o corpo. Estão separados, como a polpa e a casca do coco, quando o leite seca. O Atman move-se, por assim dizer, dentro do corpo. Quando o 'leite' da mentalidade mundana tiver secado, obtém-se o Autoconhecimento. Sente-se, então, que o Atman e o corpo são duas coisas separadas. A polpa de uma amêndoa verde ou de uma noz de betel não pode ser separada da casca, mas quando estão maduras, o suco seca e a polpa separa-se da casca. Depois de alcançar o Conhecimento de Brahman, o 'leite' da mentalidade mundana seca.

"É extremamente difícil alcançar o Conhecimento de Brahman. Não é obtido simplesmente falando-se d´Ele. Alguns fingem tê-lo. (*Sorrindo*). Houve um homem que era um mentiroso mas costumava dizer que tinha o Conhecimento de Brahman. Quando alguém quis provar que estava mentindo, disse, 'Ora! Esse mundo é realmente um sonho. Se tudo é irreal, pode a própria verdade ser real? A verdade é tão irreal como a falsidade.' " (*Todos riem*).

Shri Ramakrishna sentou-se com os devotos na esteira. Sorria. Disse aos devotos, "Por favor, façam massagem em meus pés de forma suave". Atenderam a seu pedido. Disse a M.: "Há um grande significado nisso".[11] Pondo a mão no coração, o Mestre disse, "Se há algo aqui, por meio deste serviço a ignorância e a ilusão dos devotos serão totalmente destruídas."

De repente Shri Ramakrishna ficou sério, como se fosse revelar um segredo.

Mestre (*a M.*): "Não há ninguém estranho aqui. No outro dia, quando Harish estava comigo, vi Satchidananda sair desse envoltório[12]. Disse, 'Encarno-Me em cada época'. Pensei que eu mesmo estava dizendo estas palavras devido à imaginação. Permaneci quieto e observei. Novamente o próprio Satchidananda falou, 'Chaitanya também adorava a Shakti.' "

Os devotos ouviam essas palavras com admiração. Alguns imaginaram que o Próprio Deus estava sentado diante deles, na forma de Shri Ramakrishna. O Mestre parou por um momento e depois disse, dirigindo-se a M.: "Vi que é a manifestação mais completa de Satchidananda, mas desta vez o Poder Divino estava manifestado através da glória de sattva".

Os devotos estavam maravilhados.

Mestre (*a M.*): "Agora mesmo estava dizendo à Mãe, 'Não posso falar muito'. Também lhe disse, 'Que a consciência interior das pessoas seja despertada com um só toque!' Vejam, tal é o poder de Yogamaya que Ela pode lançar um encanto. Assim Ela fez em Vrindavan. Foi por isso que Subol[13] foi capaz de unir Shri Krishna e Radhika. Yogamaya, o Poder Primordial que tem o poder de atração. Apliquei em mim aquele poder.

(*A M.*) "Bem, pensa que aqueles que vêm aqui estão realizando algo?"

M.: "Sim."

Mestre: "Como sabe?"

M. (*sorrindo*): "Todos dizem, 'Aquele que vai a ele não volta para o mundo.' "

Mestre (*sorrindo*): "Uma rã foi apanhada por uma cobra d´água. A cobra não podia nem engolir a rã, nem soltá-la. Como resultado, a rã sofria muito. Coaxava continuamente e a cobra também sofria, mas se a rã tivesse sido apanhada por uma serpente, teria ficado quieta depois de coaxar uma ou duas vezes." (*Todos riem*).

(*Aos jovens devotos*) "Leiam a *Bhaktichaitanyachandrika* de Trailokya. Peçam-lhe um exemplar. Ele escreveu muito bem sobre Chaitanyadeva."

---

[11] Fazer massagem em seus pés.

[12] Corpo de Shri Ramakrishna.

[13] Um dos companheiros de Shri Krishna.

Um devoto: "Será que ele vai nos dar?"

Mestre (*sorrindo*): "Por que não? Se um fazendeiro tiver uma boa colheita de melões, pode facilmente dar dois ou três.(*Todos riem*). Será que Trailokya vai lhe dar o livro de graça?

(*A Paltu*) "Venha aqui de vez em quando."

Paltu: "Sim, virei sempre que puder."

Mestre: "Virá me ver em Calcutá, sempre que eu for lá?"

Paltu: "Sim, vou tentar."

Mestre: "É a resposta de uma mente calculista."

Paltu: "Se não disser, 'Vou tentar', posso ser um mentiroso."

Mestre (*a M.*): "Não me importo com as mentiras desses rapazes. Não são livres.

(*A Haripada*) "Por que Narendra Mukherji não tem vindo aqui ultimamente?"

Haripada: "Não sei."

M. (*sorrindo*): "Ele está praticando jnana yoga!"

Mestre: "Não, não é isso. No outro dia prometeu-me enviar sua carruagem para me levar ao teatro a fim de assistir a peça sobre Prahlada, mas não a mandou. Por isso não veio."

M.: "Um dia encontrei Mahima Chakravarty e conversei com ele. Parece que Mahendra o visita."

Mestre: "Mas Mahima fala também sobre bhakti. Adora recitar o hino! 'Qual a necessidade de penitência se Deus é adorado com amor?"

M. (*sorrindo*): "Ele diz isso porque o senhor o faz dizer."

Girish Chandra Ghosh sempre falava aos devotos sobre o Mestre.

Haripada: "Hoje em dia Girish Ghosh tem muitas visões. Antes de ir para casa, permanece absorvido em estados espirituais e tem muitas visões."

Mestre: "Pode ser verdade. Chegando ao Ganges vemos barcos, navios etc."

Haripada: "Girish Ghosh diz, 'De agora em diante vou ocupar-me unicamente com o meu trabalho. De manhã, bem cedo, quando o despertador tocar, vou me sentar com a caneta e o tinteiro, e escrever o dia todo.' Toma uma resolução, sem dúvida, mas não pode levá-la avante. Logo que o visitamos começa a falar do senhor. O senhor pediu-lhe para mandar Narendra aqui de carruagem. Disse. 'Alugarei uma carruagem para Narendra'."

Às cinco horas o Naren mais jovem se preparava para voltar para casa. Shri Ramakrishna ficou a seu lado na varanda e transmitiu-lhe diversas instruções. Em seguida o rapaz saudou o Mestre e partiu. Muitos devotos também se despediram.

Shri Ramakrishna, sentado no pequeno divã, conversava com Mohini. A esposa de Mohini quase havia enlouquecido de pesar com a morte do filho. Às vezes ria, às vezes chorava, mas na presença de Shri Ramakrishna sentia-se em paz.

Mestre: "Como está sua esposa agora?"

Mohini: "Fica sossegada sempre que vem aqui, mas às vezes em casa, fica violenta. No outro dia quase ia se matando."

Ao ouvir isto, Shri Ramakrishna pareceu muito preocupado. Mohini disse-lhe humildemente, "Por favor dê-lhe alguns conselhos."

Mestre: "Não lhe permita cozinhar, isto aquecerá o cérebro cada vez mais. Mantenha-a na companhia de outras pessoas, de forma que possam vigiá-la."

Era o entardecer. Nos templos continuavam os preparativos para o culto vespertino. Foi aceso um lampião no quarto do Mestre e queimou-se incenso. Sentado no pequeno divã Shri Ramakrishna saudou a Mãe Divina cantando Seu nome com uma voz doce. Não havia ninguém no quarto, a não ser M., sentado no chão.

Shri Ramakrishna e M. levantaram-se. O Mestre pediu-lhe para fechar as portas o que ele fez e ficou no pórtico, ao lado de Shri Ramakrishna. O Mestre disse que queria ir ao templo de Kali. Apoiando-se no braço de M., desceu até o terraço do templo. Pediu a M. para chamar Baburam e sentou-se.

Depois de visitar a Mãe Divina, o Mestre voltou para o quarto, pelo pátio, cantando, "Ó Mãe! Rajaraheshvari!"

Shri Ramakrishna entrou em seu aposento e sentou-se no pequeno divã. Estivera passando por um estado mental extraordinário, não podia tocar qualquer metal. Havia dito alguns dias antes, "Parece que a Mãe Divina está removendo de minha mente todas as idéias de posse." Vinha comendo folhas de plantano e bebendo água num copo de cerâmica. Não podia tocar um jarro de metal, por isso pedira aos devotos alguns jarros de cerâmica. Se tocasse em pratos ou jarros de metal, a mão doía como se estivesse sido picada por um peixe pontiagudo.

Prasanna trouxera alguns potes de cerâmica, mas eram muito pequenos. O Mestre disse com um sorriso, "Esses potes são muito pequenos, mas ele é um bom rapaz. Uma vez pedi-lhe que tirasse as roupas e ele ficou nu em minha frente. Que menino ele é!"

Tarak de Belgharia chegou com um amigo e inclinou-se profundamente ante Shri Ramakrishna sentado no pequeno divã. O quarto estava iluminado por um lampião a óleo. Alguns devotos estavam sentados no chão.

Tarak tinha mais ou menos vinte anos e era casado. Os pais não lhe permitiam visitar Shri Ramakrishna. Vivia a maior parte do tempo em sua casa perto de Bowbazar. O Mestre gostava muito dele. Seu amigo tinha uma natureza tamásica; parecia caçoar do Mestre e das idéias religiosas.

Mestre (*ao amigo de Tarak*): "Por que não vai visitar os templos?"

Amigo: "Ó, já os vi anteriormente."

Mestre: "Há algum mal que Tarak venha aqui?"

Amigo: "O senhor sabe melhor."

Mestre (*apontando para M.*): "Ele é diretor de um colégio."

Amigo: "Ó!"

Shri Ramakrishna perguntou sobre a saúde de Tarak e conversou muito tempo com ele. Tarak estava de saída. Shri Ramakrishna pediu-lhe para tomar cuidado com muitas coisas.

Mestre: "Meu bom homem, tome cuidado. Tome muito cuidado com 'mulher e ouro'. Uma vez que mergulhar na maya de 'mulher', não será capaz de se levantar. É o rodamoinho de Vishalakshi[14]. Quem cair nele não mais pode sair. Venha aqui de vez em quando."

Tarak: "As pessoas em minha casa não me deixam."

Um devoto: "Suponhamos que a mãe de alguém lhe diga, 'Não vá a Dakshineswar'. Suponhamos que o amaldiçoe dizendo, 'Se for, estará bebendo meu sangue'!"

Mestre: "Uma mãe que diz isto, não é uma mãe; é a encarnação de avidya. Não há pecado em desobedecê-la. Ela obstrui o caminho do filho em direção a Deus. Não há qualquer mal em desobedecer os mais velhos para o bem de Deus. Para o bem de Rama, Bharat não obedeceu à sua mãe Kaikeyi[15]. As gopis não obedeceram aos maridos, quando foram proibidas de visitar Krishna. Prahlada desobedeceu o pai por Deus. Vali não levou em consideração as palavras de Shukracharya, seu instrutor, a fim de agradar Deus. Bibhishana foi contra os desejos de Ravana, seu irmão mais velho, para agradar Rama, mas você deve obedecer a seus familiares em todas as outros assuntos. Deixe-me ver sua mão."

Shri Ramakrishna segurou a mão de Tarak e pareceu sentir seu peso. Pouco tempo depois, disse, "Há um pequeno desvio em sua mente que passará. Ore um pouco a Deus, e venha aqui de vez em quando. Sim, passará. Foi você quem alugou a casa de Bowbazar?"

Tarak: "Não senhor, meus pais."

Mestre (*sorrindo*): "Eles ou você? É por temer o 'tigre'?"

Tarak tinha uma esposa. Queria o Mestre dizer que mulher é um tigre para o homem?

Tarak saudou Shri Ramakrishna e despediu-se. O Mestre deitou-se no pequeno divã. Parecia preocupado com Tarak. Subitamente disse a M.: "Por que me preocupo tanto com esses rapazes?" M. ficou em silêncio, pensando. O Mestre perguntou-lhe, "Por que não fala?"

A esposa de Mohini entrou no quarto e sentou-se num canto. Shri Ramakrishna falou com M. a respeito do amigo de Tarak.

Mestre: "Por que Tarak trouxe aquele rapaz com ele?"

---

[14] Um riacho perto de Kamarpukur.

[15] Devido às maquinações de Kaikeyi, seu enteado, Rama, foi exilado para a floresta, para que Bharat se tornasse rei, mas Bharat recusou-se a subir ao trono.

M.: “Talvez quisesse um companheiro de viagem. É longe de Calcutá e por isso trouxe um amigo.”

O Mestre subitamente dirigiu-se à esposa de Mohini e disse: “Devido à morte não natural, uma pessoa torna-se um espírito mau. Cuidado. Deixe isso bem claro em sua mente. É isto a que você chegou depois de ouvir e ver tanto?”

Mohini estava de saída. Saudou Shri Ramakrishna. Sua esposa, também, saudou o Mestre, que ficou de pé perto da porta. A esposa de Mohini falou-lhe, baixinho:

Mestre: “Não quer ficar aqui?”

Esposa de Mohini: “Sim, quero ficar uns dias com a Santa Mãe, no nahabat. Posso?”

Mestre: “Pode, mas você fala em morrer. Isto me assusta, o Ganges está tão perto!”

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 38

COM OS DEVOTOS EM CALCUTÁ

11 de março de 1885

NA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA, 11 de março, Shri Ramakrishna e alguns discípulos foram a casa de Balaram Bose. Balaram era realmente bendito entre os discípulos chefes de família do Mestre. Shri Ramakrishna muitas vezes descrevia-o como um rasaddar, ou provedor de suas necessidades, designado pela Mãe Divina, para cuidar dele. Sua casa, em Calcutá, fora muitas vezes santificada com a presença do Mestre. Ali freqüentemente ele mergulhava em samadhi, dançando, cantando ou falando sobre Deus. Os discípulos e devotos do Mestre que não podiam ir a Dakshineswar, iam visitá-lo lá para receber instruções espirituais. Muitas vezes pediu a Balaram para convidar jovens discípulos como Rakhal, Bhavanath e Narendra, dizendo, "Essas almas puras são as verdadeiras manifestações de Deus. Alimentá-las é alimentar o Próprio Deus. Nasceram com atributos divinos especiais. Servindo-os estará servindo o próprio Deus." Sempre que o Mestre estava na casa de Balaram, os devotos reuniam-se lá. Era o principal vinhedo do Mestre em Calcutá, onde os devotos tinham oportunidade de se conhecerem.

M. ensinava numa escola da vizinhança. Muitas vezes trazia os jovens estudantes para visitar o Mestre na casa de Balaram. Naquele dia, tendo sabido da chegada de Shri Ramakrishna, M. foi lá ao meio-dia, na hora de recesso na escola. Encontrou o Mestre repousando na sala de visitas depois do almoço. Diversos jovens estavam no quarto. M. prosternou-se diante do Mestre e sentou-se a seu lado.

Mestre (*afetuosamente*): "Como pode vir agora? Não tem trabalho na escola?"

M.: "Vim diretamente da escola. Agora não tenho nada importante para fazer."

Um devoto: "Não, senhor; ele está gazeteando." (*Todos riem*)

M. disse a si mesmo: "Ó! Na verdade foi como se uma força invisível tivesse me arrastado até aqui."

O Mestre, parecendo um tanto pensativo, pediu a M. para aproximar-se. Disse, "Por favor, torça minha toalha e ponha meu casaco ao sol". Então continuou: "Minhas pernas e pés doem. Por favor faça massagem neles, suavemente."

M. sentiu-se muito feliz com o privilégio de poder prestar estes serviços ao Mestre.

Shri Ramakrishna disse a M.: "Pode dizer-me porque tenho me sentindo assim nos últimos dias? É-me impossível tocar qualquer metal. Quando toquei a taça de metal senti como se estivesse sido ferrado por um peixe pontiagudo. Senti uma dor atroz por todo o braço, e quando tive de usar um jarro de água de latão, tentei levá-lo coberto com a toalha, mas no momento que o toquei, senti a mesma coisa no braço. Era uma dor insuportável! Por fim orei à mãe Divina, 'Ó Mãe, nunca mais farei isto. Por favor perdoa-me desta vez.'

"Naren mais jovem visita-me com freqüência. Você acha que as pessoas em sua casa são contra? Ele é muito puro e não sabe o que é prazer carnal."

M.: "É um 'grande receptáculo'."

Mestre: "É verdade. Além disso, diz que se lembra das coisas espirituais depois de ouvi-las somente uma vez. Disse-me, 'Em minha infância costumava chorar porque não podia ver Deus.' "

O Mestre e M. estavam assim conversando sobre o jovem devoto, quando alguém lembrou M. da escola.

Mestre: "Que horas são?"

Um devoto: "Dez para uma."

Mestre (*a M.*): "É melhor ir agora, está ficando tarde. Você deixou suas obrigações. (*A Latu*) "Onde está Rakhal?"

Latu: "Voltou para casa."

Mestre: "O quê? Foi embora sem me ver?"

Depois das aulas, M. voltou para a casa de Balaram e encontrou o Mestre sentado na sala de visitas, cercado pelos devotos e discípulos. Entre eles estavam Girish, Suresh, Balaram, Latu e Chunilal. O rosto do Mestre brilhava com um sorriso que se refletia nas faces alegres dos que estavam no quarto. Pediram a M. para que se sentasse ao lado do Mestre.

Mestre (*a Girish*): "É melhor você perguntar isso a Narendra e ver o que ele diz."

Girish: "Narendra diz que Deus é infinito; não podemos nem mesmo dizer que as coisas e as pessoas que vemos são partes de Deus. Como pode o Infinito ter partes? Não pode."

Mestre: "Por maior e infinito que Deus seja, Sua Essência pode manifestar-Se através do homem por Seu simples desejo. A Encarnação de Deus como homem não pode ser explicada por analogia. Deve-se sentir isso por si mesmo e realizá-Lo pela percepção direta. A analogia pode dar-nos somente um pequeno vislumbre. Ao tocar os chifres, patas ou cauda de uma vaca, de fato tocamos na própria vaca, mas para nós o mais importante a respeito de uma vaca é o leite, que vem pelo úbere. A Encarnação Divina é como o úbere. Deus encarna-Se como homem, de tempos em tempos, para ensinar devoção e amor divino às pessoas."

Girish: "Narendra diz, 'É possível conhecer tudo de Deus? Ele é infinito'."

Mestre (*a Girish*): "Quem pode compreender tudo sobre Deus? Não é dado ao homem conhecer qualquer aspecto de Deus, grande ou pequeno. Qual a necessidade de conhecer tudo a respeito de Deus? Basta somente realizá-Lo. Vemos o Próprio Deus se virmos Sua Encarnação. Suponhamos que uma pessoa vá ao Ganges e toque suas águas. Ela dirá: ´Sim, vi e toquei o Ganges´. Para dizer isso não lhe é necessário tocar a extensão total do rio, de Hardwar a Gangasagar. (*Risada*).

"Se eu tocar seus pés, certamente que é o mesmo que tocar em você. (*Risada*). Se uma pessoa vai ao oceano e tocar somente um pouco da água, certamente tocou o próprio oceano. O Fogo, como elemento, existe em todas as coisas, mas está presente na madeira em maior grau."

Girish (*sorrindo*): "Se procuro fogo, é claro que vou a um lugar onde posso obtê-lo."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, fogo como elemento, está presente na madeira, mais do que em qualquer outro objeto. Se alguém procura Deus, procure-O no homem; Ele manifesta-Se mais no homem do que em qualquer outra coisa. Se vir alguém dotado de amor divino, transbordando de prema, louco por Deus, intoxicado com Seu amor, saiba com certeza que Deus encarnou-Se através dele.

(*A M.*) "Não há dúvida de que Deus existe em todas as coisas; mas as manifestações de Seu poder são diferentes em seres diferentes. A maior manifestação de Seu poder é através de uma Encarnação. Também em algumas Encarnações existe completa manifestação do Poder de Deus. É a Shakti, o Poder de Deus que nasceu como Encarnação."

Girish: "Narendra diz que Deus está além de nossas palavras e pensamentos."

Mestre: "Isto não é totalmente certo. Ele é, sem dúvida, incognoscível pela mente comum, mas pode certamente, ser conhecido pela mente pura. A mente e o intelecto tornam-se puros no momento em que se liberam do apego a 'mulher e ouro'. Mente pura e intelecto puro são a mesma coisa. Deus é conhecido pela mente pura. Os sábios e profetas dos tempos antigos não viram Deus? Realizaram por meio de sua consciência interior a Consciência que Tudo penetra."

Girish (*com um sorriso*): "Derrotei Narendra na discussão."

Mestre: "Ó não! Ele me disse, 'Se Girish Ghosh tem tanta fé na Encarnação de Deus como homem, o que posso lhe dizer? Não é conveniente intrometer-me nessa fé.' "

Girish (*com um sorriso*): "Senhor, estamos muito livres e à vontade conversando, mas M. está sentado ali de boca fechada. O que se passa em sua cabeça? O que diz disto?"

Mestre (*com uma risada*): "Há um adágio popular que aconselha as pessoas a tomarem cuidado com o seguinte: um homem de língua solta, um homem cuja mente não pode ser sondada nem mesmo pelo mergulhador mais experiente, um homem que coloca as folhas sagradas de tulsi nas orelhas como sinal de santidade, uma mulher que usa um longo véu para proclamar sua castidade e com a água fria de um reservatório coberto de limo verde, que causa febre tifóide em quem nela se banha. São coisas perigosas, mas é diferente com M. É um homem sério." (*Todos riem*).

Chunilal: "As pessoas começaram a murmurar sobre a conduta de M. O Naren mais jovem e Baburam, Naran, Paltu, Purna e Tejchandra também são seus alunos. Diz-se que ele

traz esses rapazes para o senhor e por isso, negligenciam os estudos. Os responsáveis por esses jovens culpam M."

Mestre: "Mas quem acredita em suas palavras?"

Estavam assim conversando quando Naren entrou no quarto e inclinou-se profundamente diante do Mestre. Era um estudante de dezessete ou dezoito anos, de pele clara. O Mestre amava-o muito e estava ansioso por vê-lo e dar-lhe de comer. Por diversas vezes no templo de Dakshineswar o Mestre chorara silenciosamente por Naran. Considerava-o a manifestação do Próprio Narayana.

Girish (*à vista de Naran*): "Eis aí! Quem lhe disse isto? Agora compreendemos que M. está na raiz de todo mal-entendido." (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Parem! Segure a língua. Já há um mau comentário sobre ele."

Em seguida a conversa voltou-se para Narendra.

Um devoto: "Por que ele agora não vem com tanta freqüência?"

Mestre (*citando um provérbio*): "As preocupações do homem com pão e manteiga são simplesmente assombrosas; fazem até Kalidasa perder o juízo."

Balaram: "Narendra visita com freqüência o amigo Annada Guha da família de Shiva Guha."

Mestre: "Sim, ouvi dizer. Narendra e seus amigos encontram-se na casa do funcionário do governo e dirigem os encontros do Brahmo Samaj lá."

Um devoto: "O nome do funcionário é Tarapada."

Balaram (*sorrindo*): "Os brahmins dizem que Annada Guha é muito egoísta."

Mestre: "Jamais ouçam o que os brahmins dizem. Vocês conhecem sua natureza muito bem. Se um homem não lhes dá dinheiro, eles o chamam de mau mas por outro lado, se um é generoso, o chamam de bom. (*Todos riem*). Conheço Annada. É um bom homem."

A sala de visitas estava cheia de devotos. O Mestre queria ouvir algumas canções. A pedido de Tarapada cantou a respeito de Krishna:

Ó Kesava, concede Tua graça
A Teus infortunados servos aqui!
Ó Kesava que aprecias
Caminhar pelos matos e bosques de Vrindavan!

Ó Madhava, Feiticeiro de nossa mente!
Doce Uno, que ousas roubar nossos corações,
Tocando suavemente Tua flauta!

(Entoa, Ó mente, o nome de Hari,
Cante em voz alta o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!)

Ó Tu, Eterna Juventude de Braja,
Domador da feroz Kaliya.
Destruidor do medo dos aflitos!

Bem-Amado de olhos curvados
E diadema de arqueadas pernas de pavão.
Que enfeitiças o coração de Shri Radha!

Tu, Poderoso que levantaste o Govardhan.
Todos enfeitado de flores silvestres,
Ó Damodara, Flagelo de Kamsha!

Ó Tu Escuro, que brincas alegremente
Com as doces donzelas de Vrindavan.
(Entoe, Ó Mente, o nome de Hari

Cante em voz alta o nome de Hari!)
Louve o nome do Senhor Hari!)

Mestre (*a Girish*) "Ah! É uma linda canção. Foi você quem a escreveu?"

Um devoto: "Sim, ele escreveu todas as canções para sua peça *Chaitanyalila*."

Mestre: "Esta realmente alcançou seu objetivo."

A pedido de Shri Ramakrishna, Tarapada cantou mais duas canções. Na primeira Nitai exorta as pessoas a dividir o amor de Radha por Shri Krishna:

Venham todos! Tomem o amor de Radha!
A maré alta de seu amor flui;
Não durará por muito tempo.
Ó, venham então! Venham todos!
Em torrentes incontáveis flui dela;
É sua na medida que vocês a desejam.

Toda feita de amor, ela despeja amor
Indistintamente para cada um;
Seu amor embriaga o coração
Com felicidade celestial e emociona a alma.
Ó venham e cantem o nome do Senhor Hari,
Atraídos por seu amor, Ó, venham todos!

Em seguida cantou sobre Gauranga:

Quem és Tu, Gaur de matiz dourada?
Que sacias a sede da minha alma?
Tu levantas a tormenta do mar do Amor.
E dificilmente posso estabilizar o meu barco.

Uma vez como pastor de Vrindavan
Tu cuidaste das vacas;
Em Tuas mãos seguravam a flauta
Que tanto seduzia as gopis.

Levantando o Monte Govardhan em Teus braços
Tu protegeste Vrindavan de todo o mal;
E nos pés feridos das gopis.
Tu Te humilhaste em amor arrependido.

Os devotos insistiram para que M. cantasse, mas M. era tímido e, em voz baixa, pediu-lhes que o desculpassem.

Girish(*ao Mestre*): "Senhor, não conseguimos encontrar uma maneira de persuadir M. a cantar."

Mestre (*aborrecido*): "Sim, pode abrir a boca na escola, mas é tomado de vergonha quando alguém lhe pede para cantar!"

M. sentindo-se muito deprimido, ficou em silêncio.

Suresh Mitra, um amado discípulo chefe de família do Mestre, estava sentado mais afastado. O Mestre lançou um olhar carinhoso para ele e disse-lhe, apontando para Girish, "Você diz ter levado uma vida atribulada, mas aqui está um que ganha de você."

Suresh (*com um sorriso*): "Sim, senhor, nesse assunto ele é meu irmão mais velho." (*Todos riem*).

Girish (*ao Mestre*): "Bem, senhor, não tive nenhuma educação durante minha infância, mas ainda assim, dizem que sou uma pessoa instruída."

Mestre: "Mahimacharan estudou muito as escrituras. Um grande homem. (*A M.*) "Não é verdade?"

M.: "Sim, senhor."

Girish: "O quê? Sabedoria de livros? Já vi o suficiente. Não posso me enganar mais."

Mestre (*com um sorriso*): "Conhecem minha atitude? Livros, escrituras etc. somente mostram o caminho para alcançar Deus. Depois de encontrar o caminho, que necessidade há de livros e escrituras? Chega a hora de agir.

"Um homem recebeu uma carta de casa informando-o de que alguns presentes deveriam ser enviados a seus parentes. Foi detalhada a lista de artigos. Ao comprá-los verificou que havia perdido a carta. Começou a procurá-la ansiosamente, no que foi ajudado por outras pessoas. Durante muito tempo continuaram procurando. Quando, por fim, a carta foi encontrada, a alegria do homem não teve limites. Com grande ansiedade abriu-a e leu-a. Dizia que ele deveria comprar dez libras de doces, uma peça de roupa e outras coisas. Como não precisava mais da carta, porque ela já havia servido a seu propósito, jogou-a fora e saiu para comprar as coisas. Por quanto tempo essa carta foi necessária? Enquanto o conteúdo não foi conhecido. Quando foi conhecido, começou a realizar o objetivo.

"Nas escrituras encontra-se o caminho para a realização de Deus. Depois de se obter toda informação a respeito do caminho, deve-se começar a trabalhar. Só, então, pode-se alcançar o objetivo.

"O que servirá a um homem ter erudição? Um pundit pode ter estudado muitas escrituras, pode recitar muitos textos sagrados, mas se ainda estiver apegado ao mundo, se interiormente ama 'mulher e ouro', neste não assimilou o conteúdo das escrituras. Para ele o estudo das escrituras é inútil.

"O almanaque prevê a quantidade de chuva durante o ano. Pode-se espremer o livro, mas não se obterá sequer uma gota d'água – nem mesmo uma simples gota." (*Risada*).

Girish (*sorrindo*): "O que o senhor disse sobre espremer o almanaque? Será que uma simples gota vai sair dele?" (*Todos sorriem*).

Mestre (*som um sorriso*):"Os pundits falam alto, mas onde sua mente está fixa? Em 'mulher e ouro', no conforto material e no dinheiro. O abutre voa alto no céu, mas os olhos estão fixos na carniça, Está sempre procurando por carniças, carcaças e corpos mortos.

(*A Girish*) Narendra é um rapaz de classe superior. É o melhor em tudo: em música vocal e instrumental e nos estudos. Também tem controle sobre os órgãos dos sentidos. É veraz e tem discriminação e desapego. Tantas virtudes numa só pessoa! (*A M.*) "O que me diz? Não é ele bom de uma forma fora do comum?"

M.: "Sim, senhor, ele é,"

Mestre: (*à parte à M.*): " Girish tem grande sinceridade e fé."

M. olhou para Girish e ficou maravilhado com sua tremenda fé. Girish vinha visitando Shri Ramakrishna há pouco tempo, e já reconhecera seu poder espiritual. Para M., ele parecia um amigo familiar e um parente, unido a pelo forte laço de espiritualidade. Girish era uma das pedras preciosas do colar de devotos do Mestre.

Narayan perguntou ao Mestre se ele cantaria. Shri Ramakrishna cantou à Mãe Divina:

Acaricie minha preciosa Mãe Shyama
Ternamente dentro de ti, Ó mente;
Que só tu e eu A contemplemos,
Não permitindo a ninguém mais intrometer-se.

Ó mente, em solidão desfrute d'Ela,
Mantendo fora todas as paixões.
Conserva apenas a língua, para que de vez em quando,
Possa gritar, "Ó Mãe! Mãe!"

Não deixe que o sopro dos baixos desejos
Entre e se aproximem de nós,
Mas mande o conhecimento verdadeiro ficar em guarda.
Alerto e vigilante para sempre.

Novamente cantou, como se fosse uma das almas aflitas do mundo:

Ó Mãe, sempre Bem-Aventurada Tu és,
Não prives Teu filho indigno da Bem-Aventurança!
Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus.
O Rei da Morte me repreende com uma forma terrível
Diz-me, Ó Mãe, o que devo lhe dizer? ...

Depois cantou sobre a felicidade da Mãe Divina:

> Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!
> Embriagada com um trago de vinho celestial, Ela cambaleia, contudo não cai. ...

Os devotos ouviam as canções em silêncio profundo. Depois de algum tempo Shri Ramakrishna disse, "Estou com um pequeno resfriado. Por isso não cantei bem."

Gradualmente foi escurecendo. A sombra da noite caiu sobre Calcutá. Por um momento o barulho da intensa metrópole foi silenciado. Gongos e conchas anunciavam o culto da tarde em muitos lares hindus. Os devotos de Deus puseram de lado os deveres mundanos e dirigiram as mentes para oração e meditação. Essa junção de dia e noite, esse crepúsculo místico, sempre levava o Mestre ao êxtase.

Os devotos sentados no quarto olharam para Shri Ramakrishna, quando começou a cantar o doce nome da Mãe Divina. Em seguida começou a orar. Qual a necessidade de oração para uma alma em constante comunhão com Deus? Não preferia ensinar os mortais errantes como orar? Dirigindo-se à Mãe Divina, disse, 'Ó Mãe, entrego-me à Tua misericórdia; tomo refúgio em Teus Sagrados Pés. Não quero conforto; não anseio por nome e fama; não procuro os oito poderes ocultos. Sê graciosa e conceda-me amor puro por Ti, um amor não influenciado pelo desejo, não maculado por motivos egoístas – um amor ansiado pelo devoto só pelo próprio amor. Concede-me o favor, Ó Mãe, de que eu não possa ser iludido por Tua maya que enfeitiça o mundo, que eu jamais fique apegado ao mundo, a 'mulher e ouro', convocados por Tua inescrutável maya! Ó Mãe não há ninguém, a não ser Tu a quem eu possa considerar meu. Mãe, não sei adorar; sou sem austeridade, não tenho nem devoção nem conhecimento. Sê graciosa Mãe, e por Tua infinita misericórdia, concede-me amor por Teus Pés de Lótus."

Cada palavra desta oração, pronunciada do fundo de sua alma, levantou as mentes dos devotos. A melodia de sua voz e simplicidade infantil de seu rosto tocaram profundamente seus corações.

Girish convidou o Mestre para ir à sua casa, dizendo que ele deveria ir naquela mesma noite.

Mestre: "Não acha que será tarde?"

Girish: "Não, senhor. O senhor pode voltar a hora que quiser. Terei de ir ao teatro esta noite para resolver um problema lá."

Eram nove horas da noite quando o Mestre ficou pronto para ir à casa de Girish. Uma vez que Balaram havia preparado uma ceia para ele, Shri Ramakrishna disse a Balaram, "Por favor mande-me a comida que preparou para mim, para a casa de Girish. Quero comê-la lá." Não queria ferir os sentimentos de Balaram.

Enquanto o Mestre descia do segundo andar da casa de Balaram, entrou em êxtase. Parecia embriagado. Narayan e M. estavam a seu lado; um pouco atrás vinham Ram, Chuni e outros devotos. Mal chegou ao andar térreo, ficou totalmente tomado. Narayan adiantou-se para segurá-lo pela mão, com medo de que ele perdesse o equilíbrio e caísse. O Mestre expressou aborrecimento com este gesto. Minutos mais tarde disse a Narayan afetuosamente: "Se me segurar pela mão as pessoas pensarão que estou bêbado. Vou andar sozinho."

A casa de Girish não ficava longe. O Mestre passou o cruzamento da Alameda Bose-para. Subitamente começou a andar mais rapidamente. Os devotos ficaram para trás. Agira Narendra vinha a uma certa distância. Em outros tempos a alegria do Mestre teria sido sem limites simplesmente em pensar em Narendra ou à simples menção do seu nome, mas agora nem mesmo uma palavra trocou com o querido discípulo.

Quando o Mestre acompanhado dos devotos, entrou na alameda onde Girish morava, foi capaz de pronunciar alguma coisa. Disse a Narendra, "Você está bem, meu filho? Não pude falar com você." Cada palavra que o Mestre pronunciava estava cheio de infinita ternura. Ainda não havia chegado à porta da casa de Girish, quando subitamente parou e disse, olhando para Narendra, "Quero lhe dizer uma coisa. 'Isso´ é um e 'aquilo' é outro." Quem poderia saber o que estava passando naquele momento no íntimo de sua alma?

Girish estava de pé à porta para dar as boas vindas ao Mestre. Assim que Shri Ramakrishna entrou na casa, Girish caiu a seus pés e permaneceu ali no chão como um pedaço de madeira. Ao aceno do Mestre, levantou-se e tocou os pés do Mestre com a testa. Shri Ramakrishna foi levado à sala de visitas no segundo andar. Os devotos seguiram-no e sentaram-se, ansiosos por ter uma visão do Mestre e ouvir cada palavra que saía de seus lábios.

Quando Shri Ramakrishna estava a ponto de sentar-se no lugar reservado para ele, viu que havia um jornal em cima dele. Fez um sinal para alguém pegá-lo. Como um jornal tem assuntos mundanos – assuntos banais e escândalos – ele o considerava impuro. Depois que tiraram o jornal, sentou-se. Nityagopal aproximou-se e inclinou-se ante o Mestre.

Mestre: "Ora, você não tem vindo a Dakshineswar há muito tempo."

Nityagopal: "Verdade, senhor. Não tenho podido ir lá. Não tenho passado bem. Tenho tido dores em todo o corpo."

Mestre: "Como está agora?"

Nityagopal: "Não muito bem, senhor."

Mestre: "Traga a mente para baixo uma ou duas notas."

Nityagopal: "Não gosto da companhia das pessoas. Dizem de tudo a meu respeito. Isto às vezes me assusta, mas logo sinto grande força interna."

Mestre: "Isto é natural. Quem mora com você?"

Nityagopal: "Tarak[1], está sempre comigo mas, às vezes, me irrita."

Mestre: "Nangta contou-me que vivia em seu mosteiro, um asceta que adquirira poderes ocultos. Costumava andar com os olhos fixos no céu, mas quando um de seus companheiros o deixou, ficou desolado."

Novamente o Mestre entrou em êxtase. Pensamentos estranhos pareciam influenciar sua mente e ele ficou sem falar. Depois de um certo tempo, disse, "Tu vieste? Também estou aqui." Quem poderia compreender estas palavras?

Muitos de seus devotos estavam no quarto: Narendra, Girish, Ram, Haripada, Chuni, Balaram e M. Narendra não acreditava que Deus pudesse encarnar-Se num corpo humano, mas Girish discordava dele. Tinha a fé abrasadora de que, de tempos em tempos, o Senhor todo Poderoso, por Seu Inescrutável Poder, assume um corpo humano e desce à terra para servir a um propósito divino.

O Mestre disse a Girish: "Gostaria de ouvir você e Narendra debaterem em inglês."

A discussão começou em bengali. Narendra disse: "Deus é infinito. Como nos é possível compreendê-Lo? Mora em cada ser humano. Não se trata de caso d'Ele manifestar-Se somente através de uma pessoa."

Shri Ramakrishna (*afetuosamente*): "Concordo inteiramente com Narendra. Deus está em todos os lugares, mas deve-se lembrar-se de que há diferentes manifestações de Seu Poder, em seres diferentes. Em alguns lugares há manifestação de sua avidyashakti, e em outros, de Sua vidyashakti. Através de diferentes instrumentos o Poder de Deus manifesta-Se em graus diferentes, maiores ou menores. Por isso, todos os homens não são iguais."

Ram: "Qual a utilidade desses argumentos fúteis?"

Mestre: (*asperamente*): "Não! Não! Há um significado em tudo isso."

Girish (*a Narendra*): "Como sabe que Deus toma um corpo humano?"

Narendra: "Deus está 'além de palavras ou pensamentos'."

Mestre: "Não, isto não é verdade. Ele pode ser conhecido pelo buddhi puro, que é o mesmo que o Eu Puro. Os profetas de outrora perceberam diretamente o Eu Puro por meio de seu buddhi puro."

Girish (*a Narendra*): "A não ser que o Próprio Deus ensine os homens por meio de Sua Encarnação humana, quem mais ensinará os mistérios espirituais? Deus toma um corpo humano para ensinar os homens o conhecimento e o amor divinos. Senão, quem o fará?"

Narendra: "Ora, Deus mora em nosso coração; e nos ensinará de dentro dele."

Mestre (*ternamente*): "Sim, sim. Ele nos ensinará como nosso Guia interno."

Gradualmente Narendra e Girish ficaram envolvidos numa calorosa discussão. Se Deus é Infinito, como pode ter partes? O que Hamilton disse? Quais os pontos de vista de Herbert Spencer, de Tyndall, de Huxley? E assim por diante.

---

[1] Discípulo de Shri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Shivananda.

Mestre (*a M.*): "Não gosto destas discussões. Por que eu haveria de discutir? Vejo com clareza que Deus é tudo. Ele Próprio tornou-Se tudo. Vejo que tudo que é, é Deus. Ele é tudo; da mesma maneira, Ele está em tudo. Cheguei a um estado em que minha mente e intelecto fundem-se no Indivisível. Ao ver Narendra, minha mente se perde na consciência do absoluto. (*A Girish*) O que você diz?"

Girish (*com um sorriso*): Por que me pergunta? Como se eu tivesse compreendido tudo exceto aquele ponto!" (*Todos riem*).

Mestre: "Assim também não posso pronunciar uma palavra a não ser que desça ao menos dois degraus do plano de samadhi. A explicação não-dualista da Vedanta de Shankara é verdadeira, e assim é a interpretação não dualista qualificada de Ramanuja."

Narendra: "O que é não-dualismo qualificado?"

"Mestre: "É a teoria de Ramanuja. De acordo com ela, Brahman, ou o Absoluto, é qualificado pelo universo e seus seres vivos. Esses três – Brahman, o mundo e os seres vivos – juntos, formam o Uno. Tome o exemplo da fruta bel. Um homem queria conhecer o peso da fruta. Separou a casca, a polpa e as sementes. Mas pode um homem conhecer o peso somente pesando a polpa? Tem que pesar juntas a polpa, a casca e as sementes. À primeira vista parece que a coisa real na fruta é a polpa e não, as sementes ou a casca. Analisando descobre-se que a casca, as sementes pertencem à mesma coisa a que a polpa pertence. Da mesma maneira, na discriminação espiritual deve-se em primeiro lugar seguir o método 'Isto não, isto não': Deus não é o universo, Deus não é os seres vivos; somente Brahman é real e tudo o mais irreal. Então realiza-se, como na fruta bel, que a Realidade da qual tiramos a noção de Brahman, é a verdadeira Realidade que desenvolve a idéia dos seres vivos e do universo. Nitya e Lila são os dois aspectos de uma e mesma Realidade; logo, segundo Ramanuja, Brahman é qualificado pelo universo e seres vivos. É a teoria do Não-dualismo Qualificado.

(*A M.*) "Vejo Deus diretamente. Por que vou raciocinar? Eu, de minha parte, vejo claramente que Ele Próprio tornou-Se tudo; que Ele Próprio tornou-Se o universo e todos os seres vivos.

"Mas sem o despertar de nossa consciência interna, não podemos alcançar a Consciência que Tudo Penetra. Por quanto tempo o homem raciocina? Enquanto não tiver realizado Deus, simples palavras de nada servem. Quanto a mim, vejo claramente que Ele mesmo tornou-Se tudo. A consciência interna deve ser despertada pela graça de Deus, e por meio deste despertar, o homem entra em samadhi. Muitas vezes esquece-se de que tem um corpo. Livra-se do apego a 'mulher e ouro', e não desfruta de qualquer conversa que não seja a respeito de Deus. As conversas mundanas lhe causam dor. Por meio do despertar da consciência interior, realiza-se a Consciência que Tudo penetra."

A discussão terminou. Shri Ramakrishna disse a M.: "Tenho observado que um homem adquire o conhecimento de Deus através do raciocínio e da meditação; mas sempre adquire Conhecimento sobre Deus quando Deus Se revela a ele, Seu devoto. Se o Próprio Deus revela a natureza da Encarnação Divina – como Ele Se diverte sob a forma humana – então o devoto não tem que raciocinar ou receber qualquer explicação. Sabe como é? Suponhamos que um homem esteja num quarto escuro. Risca um fósforo contra a caixa, e de súbito, a luz aparece. Assim também, se Deus nos der um vislumbre da luz divina, todas as nossas dúvidas serão destruídas. Pode-se reconhecer Deus pelo simples raciocínio?"

"Shri Ramakrishna pediu a Narendra que se sentasse a seu lado. Afetuosamente perguntou-lhe sobre sua saúde, demonstrando-lhe grande afeição.

Narendra (*ao Mestre*): "Meditei em Kali durante três ou quatro dias, mas nada aconteceu."

"Mestre: "Tudo a seu tempo, meu filho. Kali não é outra, senão Brahman. Aquele que é chamado Brahman é, na verdade, Kali. Ela é a Energia Primordial, e quando Ela cria, preserva ou destrói, chamo-A Shakti ou Kali. O que você chama Brahman, chamo Kali.

"Brahman e Kali não são diferentes. São como o fogo e seu poder de queimar; se uma pessoa pensa em fogo, deve pensar em seu poder de queimar. Se uma pessoa reconhece Kali, deve, também, reconhecer Brahman, da mesma maneira que se uma pessoa reconhece Brahman deve reconhecer Kali. Brahman e Seu Poder são idênticos. É Brahman a quem me dirijo como Shakti ou Kali."

Era noite avançada. Girish pediu a Haripada para chamar uma carruagem, pois tinha que ir ao teatro. Como Haripada já estava de saída, o Mestre disse-lhe com um sorriso: "Preste atenção, não se esqueça de trazer uma carruagem."(*Todos riem*).

Haripada (*sorrindo*): "Sim, senhor. Estou saindo só para isso. Como posso esquecê-lo?"

Girish: "Tenho que ir ao teatro e deixar o senhor aqui!"

Mestre: "Não, não. Deve segurar ambos. O rei Janaka cumpriu ambos: os deveres: religiosos e mundanos e 'bebeu o leite de uma xícara transbordante'."(*Todos riem*)

Girish: "Tenho pensado em deixar o teatro para os jovens."

Mestre: "Não, não. Está tudo bem. Está fazendo bem a muitos."

Narendra murmurou: "Há pouco tempo Girish chamava Shri Ramakrishna, Deus, uma Encarnação, e agora, sente-se atraído pelo teatro!"

Narendra estava sentado ao lado do Mestre, que olhava para ele intensamente. De repente aproximou-se mais do seu bem-amado discípulo. Narendra não acreditava em Deus sob a forma humana; mas o que isto importava? O coração de Shri Ramakrishna inundava-se cada vez mais de amor por seu discípulo. Tocou o corpo de Narendra e disse, citando uma canção:

Você[2] sente que seu orgulho está ferido?
Que assim seja, nós também, temos nosso orgulho.

Em seguida o Mestre disse a Narendra, "Enquanto um homem discutir sobre Deus, ainda não O realizou. Vocês dois estão discutindo, não gostei.

"Por quanto tempo se ouve barulho e alvoroço numa casa onde se está dando uma grande festa? Enquanto os convidados não estiverem comendo. Assim que a comida é servida e as pessoas começam a comer, três quartos do barulho desaparecem. (*Todos riem*). Quando a sobremesa é servida há ainda menos barulho, mas quando os convidados comem a coalhada, não se ouve nada mais, a não ser 'sup, sup'. Quando a refeição acaba, os convidados retiram-se para dormir e tudo fica quieto.

"Quanto mais se aproxima de Deus, menos se raciocina e discute. Quando O alcança, todos os sons, todo raciocínio e todas as discussões chegam ao fim. Entra-se em samadhi – sono em comunhão com Deus no silêncio."

O Mestre acariciava suavemente o corpo de Narendra e com afeição tocou seu queixo, pronunciando com doçura, as palavras sagradas, 'Hari Om! Hari Om! Hari Om!" Estava rapidamente perdendo a consciência do mundo exterior. Sua mão estava no pé de Narendra. Ainda naquele estado, gentilmente acariciou o corpo de Narendra. Vagarosamente uma mudança ocorreu em sua mente. De mãos postas disse a Narendra, "Cante uma canção, por favor, para que eu me sinta bem, senão, como poderei sustentar-me sob as pernas?" Novamente ficou mudo, imóvel como uma estátua. Em seguida sentindo-se intoxicado de amor divino, disse, "Ó Radha, olhe onde anda! Caso contrário, cairá no Jamuna. Ah! Quão louco está com o amor de Krishna!"

O Mestre estava em estado de arrebatamento. Citando uma canção disse:

Diga-me, amiga, onde está o bosque
Onde Krishna, meu Bem-Amado, mora?
Seu perfume me alcança mesmo aqui,
Mas estou cansado e não posso andar mais.

Então o Mestre esqueceu-se totalmente do mundo exterior. Não notava ninguém no aposento, nem mesmo seu bem-amado Narendra, sentado a seu lado. Nem sabia onde ele mesmo estava sentado. Estava totalmente imerso em Deus. Subitamente pôs-se de pé, exclamando, "Embriague-me com o Vinho do Amor Divino!" Ao sentar-se outra vez, murmurou, "Vejo uma luz chegando, mas não sei de onde vem."

Narendra cantou:

Senhor, Tu tiraste todo meu pesar com a visão do Teu rosto,

[2] Estas palavras são dirigidas a Radha, a Bem-Amada de Krishna, por suas companheiras, as gopis.

E a magia de Tua beleza enfeitiçou minha mente;
Contemplando-Te, os sete mundos esquecem a tristeza interminável,
O que direi, então de mim, alma infeliz e humilde? ...

Ao ouvir a canção, Shri Ramakrishna novamente entrou em samadhi profundo. Os olhos estavam fechados e o corpo paralisado.

Descendo desse êxtase, olhou em volta e disse, "Quem me levará ao templo?" Parecia um menino confuso com a ausência do companheiro.

Já era tarde e a noite estava escura. Os devotos aproximaram-se da carruagem que chegara para levar o Mestre a Dakshineswar. Com muito cuidado ajudaram-no a entrar, pois ainda estava em êxtase profundo. A carruagem partiu e os devotos ficaram olhando-o com os olhos cheios de carinho.

Logo os devotos voltaram para casa, enquanto um vento suave do sul acariciava seus rostos. Alguns cantavam baixinho os versos da canção:

Senhor, Tu tiraste meu pesar com a visão de Teu rosto,
E a magia de Tua beleza enfeitiçou minha mente.

6 de abril de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa de Balaram, conversando com M. Era um dia muito quente e há muito passava das três horas. Viera a Calcutá para visitar Devendra alguns discípulos jovens.

Mestre (*a M.*): "Dei minha palavra que estaria aqui às três horas. Daí eu vim, mas está fazendo muito calor."

M.: "Sim, senhor, o senhor deve ter sofrido muito."

Os devotos abanavam Shri Ramakrishna.

Mestre: "Vim por Baburam e Naren mais jovem. Por que não trouxe Purna?"

M.: "Ele não gosta de reuniões. Tem medo que o senhor o elogie diante dos outros, e seus parentes fiquem sabendo."

Mestre: "Sim, é verdade. Não vou mais fazer isto no futuro. Bem, entendi que você esteja dando instrução religiosa a Purna. É bom."

M.: "Na verdade a mesma coisa está escrita num dos livros da escola. Diz:

Com toda tua alma ama Deus que está lá em cima;
E como a ti mesmo, ama teu vizinho.

Se os responsáveis não estão satisfeitos com tais ensinamentos, não podemos fazer nada."

Mestre: "Não há dúvida de que muitas coisas como esta estão escritas nos livros, mas os próprios autores não assimilam o que escrevem. Este poder de assimilação, obtém-se associando-se com pessoas santas. As pessoas só escutam a instrução quando é dada por um sadhu que realmente renunciou ao mundo. Não ficam muito impressionadas pelos escritos ou palavras de um simples erudito. Suponhamos que um médico tenha a seu lado um jarro grande de melado e peça a seus pacientes que não comam melado; os pacientes não darão muita atenção a seu conselho.

"Bem, como acha que Purna está? Entra em êxtase?"

M.: "Não, não notei nele qualquer sinal exterior dessa emoção. Um dia falei-lhe aquelas palavras do senhor."

Mestre: "Que palavras?"

M.: "O senhor nos disse que se um homem é um 'pequeno receptáculo' não pode controlar sua emoção espiritual, mas se é um 'grande receptáculo' experimenta uma emoção intensa sem demonstrar externamente. O senhor disse que um grande lago não é perturbado quando um elefante entra; mas se um elefante entra num pequeno lago, a água se esparrama pelas margens."

Mestre: "Purna não mostrará sua emoção externamente; não tem esse tipo de temperamento. Os outros sinais dele são bons. O que acha?"

M.: "Os olhos são muito grandes e proeminentes."

Mestre: "Simples olhos brilhantes não bastam. Os olhos de uma pessoa dedicada a Deus são diferentes. Perguntou-lhe o que ele sentiu depois de me encontrar?"

M.: "Sim, senhor, falamos sobre isso. Disse-me que nos últimos quatro ou cinco dias, sempre que pensa em Deus, ou repete Seu nome, lágrimas fluem dos olhos e os pelos do corpo eriçam-se – tal é a sua felicidade."

Mestre: "Verdade! É tudo o que ele precisa."

O Mestre e M. ficaram em silêncio por alguns minutos. Logo M. disse: "Ele está esperando – ."

Mestre: "Quem?"

M.: "Purna. Talvez esteja parado à porta de sua casa. Quando qualquer um de nós passar por lá, vem correndo e nos saúda."

Mestre: "Ah! Ah!"

Shri Ramakrishna estava descansando, reclinado contra um almofadão. M. havia trazido um menino de doze anos, estudante de sua escola. Seu nome era Kshirode.

M.: "É um bom menino. Gosta muito de conversas espirituais."

Mestre (*sorrindo*): "Seus olhos se parecem com os de um cervo."

O rapaz saudou Shri Ramakrishna, tocando-lhe os pés e os acariciou suavemente.

Mestre (*a M.*): "Rakhal está em casa agora; tem um abcesso e não está bem. Estou sabendo que a esposa espera um filho."

Paltu e Binode estavam sentados em frente de Shri Ramakrishna.

Mestre (*a Paltu, sorrindo*): "O que você disse a seu pai? (*A M.*) Ele contestou o pai quando este lhe proibiu de vir aqui. (*A Paltu*) O que disse?"

Paltu: "Disse-lhe, 'Sim, vou vê-lo. Há algum mal nisso?' (*O Mestre e M. riem*) 'Vou lhe dizer mais, se for necessário.' "

Mestre (*a M., sorrindo*):" Não, não! Será que ele deve ir tão longe?"

M.: "Não, senhor, não deve ir tão longe." (*Shri Ramakrishna ri*).

Mestre (*A Binode*): "Como está? Por que não tem vindo a Dakshineswar?"

Binode: "Quase vim, mas fiquei com medo de adoecer outra vez já que não me sinto bem."

Mestre: "Venha comigo a Dakshineswar. O ar é muito bom, recuperará a saúde."

Naren mais jovem entrou no quarto. Shri Ramakrishna estava saindo para lavar as mãos e o rosto. Naren mais jovem seguiu-o com a toalha; queria despejar a água para o Mestre. M. estava com eles.

Mestre: "Hoje está muito quente."

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Como pode viver num quarto tão pequeno? Não fica muito quente no andar de cima?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre "Além disso, sua esposa está nervosa. Deve mantê-la num quarto fresco."

M.: "Sim, senhor. Pedi-lhe para dormir no andar de baixo."

Shri Ramakrishna voltou para a sala de visitas e sentou-se.

Mestre: (*a M.*): "Por que não foi a Dakshineswar no último domingo?"

M.: "Senhor, não havia ninguém mais em casa. Minha esposa não se sentia bem, e não havia ninguém para cuidar dela."

Shri Ramakrishna estava na carruagem, a caminho da casa de Devendra, na Alameda Goswami. Naren mais jovem, M., e um ou dois devotos estavam com ele. O Mestre sentia muita falta de Purna e começou a falar do jovem discípulo.

Mestre (*a M.*): "Uma grande alma! Se não o fosse, como pode ele me induzir a fazer japa para seu bem-estar? Mas Purna não sabe nada disso."

M. e outros devotos estavam maravilhados com estas palavras.

Mestre: "Teria sido ótimo se o tivesse trazido aqui, hoje. Por que não o trouxe?"

Vendo Naren mais jovem rir, o Mestre e os outros devotos também riram. O Mestre disse a M., rindo e apontando para Naren, "Olhe para ele! Olhe! Quão ingênuo parece quando

ri, como se não soubesse de nada. Jamais pensa em três coisas: terra, esposa e dinheiro. Deus não pode ser realizado a não ser que a mente esteja totalmente livre de 'mulher e ouro'."

A carruagem dirigia-se para a casa de Devendra. Certa vez Shri Ramakrishna havia dito a Devendra em Dakshineswar: "Tenho pensado em visitar sua casa um dia". Devendra havia respondido, "A mesma idéia me passou pela cabeça hoje, e vim aqui para lhe pedir esse favor. O senhor deve agraciar minha casa neste domingo.", "Mas", o Mestre disse, "você tem um salário pequeno. Não convide muitas pessoas. O aluguel da carruagem também custará muito." Devendra, rindo, respondera, "O que importa se meu salário é pequeno? Podemos endividar-nos para ter manteiga!" A essas palavras Shri Ramakrishna riu por muito tempo.

Logo a carruagem chegou à casa de Devendra. Shri Ramakrishna disse-lhe: "Devendra, não faça arranjos complicados para minha comida. Qualquer coisa simples está boa. Hoje não estou me sentindo muito bem."

Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas no andar térreo da casa de Devendra. Os devotos sentaram-se à sua volta. Anoitecia. O aposento estava iluminado. Naren mais jovem, Ram, M., Girish, Devendra, Akshay, Upendra e outros devotos estavam presentes. Sempre que o Mestre olhava o jovem devoto, o rosto brilhava de alegria. Apontando para o devoto, Shri Ramakrishna disse aos demais: "Ele está totalmente livre de apego 'a terra, esposa e dinheiro, as três coisas que enredam um homem ao mundo. A mente que mora nessa três coisas, não pode ficar fixa em Deus. Também teve uma visão (*Ao devoto*) Diga-nos, o que viu?"

Devoto (*rindo*): "Vi um monte de esterco. Alguns estavam sentados nele e outras, mais afastados."

Mestre: "Foi a visão da condição infeliz das pessoas mundanas que se esqueceram de Deus. Ela mostrou que todos esses desejos estão desaparecendo de sua mente. Precisa alguém preocupar-se com alguma coisa, se a mente estiver desapegada de 'mulher e ouro'? Que estranho! Somente depois de muita meditação e japa, pode ficar livre desses desejos, e quão rapidamente ele nos pode tirar de sua mente! É uma coisa fácil livrar-se da luxúria? Eu mesmo senti uma sensação estranha no meu coração, seis meses depois de ter começado minha prática espiritual. Joguei-me ao chão debaixo de uma árvore e chorei amargamente. Disse à Mãe Divina, 'Mãe, se chegar a isso, certamente cortarei minha garganta com um facão!´

(*Aos devotos*) "Se a mente estiver livre de ´mulher e ouro´, o que pode deter um homem? Desfruta somente da Felicidade de Brahman."

Sashi [3] vinha visitando Shri Ramakrishna há pouco tempo. Estudava no Vidyasagar School para se formar em bacharel. O Mestre começou a conversar sobre ele.

Mestre (*aos devotos*): "Aquele rapaz pensará em dinheiro por algum tempo, mas há alguns que jamais o farão. Alguns não se casarão."

Os devotos em silêncio ouviam o Mestre.

Mestre: "É difícil reconhecer uma Encarnação Divina, enquanto a mente não estiver totalmente livre de ´mulher e ouro´. Um homem pediu a um vendedor de beringelas para avaliar um diamante. Disse, 'Posso dar-lhe nove quilos de beringelas, nada mais.' " [4]

Ao ouvir estas palavras todos os devotos riram. Naren mais jovem riu alto. Shri Ramakrishna notou que ele havia rapidamente compreendido o sentido das palavras.

Mestre: "Que mente sutil ele tem! Nangta também podia compreender as coisas assim – num estalo – o significado do *Gita*, do *Bhagavata* e de outras escrituras.

"Renunciar a 'mulher e ouro' desde a infância! Assombroso! É a sorte de alguns. Uma pessoa sem essa renúncia é como uma manga atingida pelo granizo. Essa fruta não pode ser oferecida à Divindade e até mesmo um homem vacilaria comê-la.

"Há pessoas que em sua juventude, cometeram muitos pecados, mas na velhice cantam o nome de Deus. Bem, é melhor do que nada.

"A mãe de um certo Mallick, que pertencia a uma família muito nobre, perguntou-me se as prostitutas seriam um dia, salvas. Ela mesmo levara este tipo de vida e por isso estava perguntando. Eu respondi. 'Sim, elas também serão salvas, desde que chamem Deus com o coração anelante e prometam não repetir seus pecados.' O que se pode conseguir com o simples cantar do nome de Hari? Deve-se chorar sinceramente."

---

[3] Sashi mais tarde tornou-se discípulo monástico do Mestre, com o nome de Swami Ramakrishnananda.

[4] Essa história está relatada no capítulo XXXIX.

O kirtan começou com acompanhamento de tambores e pratos. O cantor era profissional. Cantou sobre a iniciação de Shri Gauranga como monge, por Keshab Bharati:

> Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati!
> Gora em sua graça incomparável,
> Derramando lágrimas em milhares de torrentes! ...

Shri Ramakrishna entrou em êxtase ao ouvir a canção. O músico cantou novamente, descrevendo o sofrimento da pastora em Vrindavan, por sua separação com Shri Krishna. Procurava seu Krishna no carramanchão de madhavi [5].

Ó madhavi, dê-me de volta meu Doce Uno!
Dê-me, dê-me de volta meu Doce Uno!
Devolva-O porque Ele é meu,
E faça-me seu escravo para sempre.
Ele é a minha vida, como a água é para o peixe;
Ó madhavi, você O esconde em seu peito!
Sou uma menina simples e ingênua,
E você roubou meu Bem-Amado.
Ó madhavi, morro pelo meu Doce Uno;
Não suporto viver sem Ele.
Sem meu Madhava[6] morrerei;
Ó, devolva-O, devolva-O para mim!

De vez em quando Shri Ramakrishna cantava com os músicos, improvisando versos:

Quão longe daqui está Mathura,
Onde mora o Bem-Amado de minha alma?

Shri Ramakrishna entrou em samadhi, o corpo imóvel. Ficou assim por longo tempo.

Gradualmente voltou à consciência do mundo exterior. Ainda em estado espiritual, começou a falar, às vezes dirigindo-se aos devotos, às vezes à Mãe Divina.

Mestre: "Mãe, peço-Te, atraia-o para Ti. Não posso mais preocupar-me com ele. (*A M.*) Minha mente está um pouco inclinada para seu cunhado.

(*A Girish*) "Você diz muitas palavras ofensivas e vulgares, mas isso não importa. É melhor que essas coisas saiam. Há algumas pessoas que ficam doentes por causa do envenenamento do sangue e quanto mais o sangue envenenado saia, é melhor para elas. Quando o upadhi de um homem está sendo destruído faz, por assim dizer, um grande barulho. A madeira crepita quando queima; mas não há mais barulho quando termina a queima.

"Você ficará cada dia mais puro. Melhorará a cada dia. As pessoas ficarão maravilhadas. Pode ser que eu não venha mais; mas isso não importa. Terá êxito por si mesmo."

O estado espiritual do Mestre intensificou-se. De novo conversou com a Mãe Divina.

Mestre: "Mãe, que mérito há em tornar bom um homem que já é bom? Ó Mãe, o que Tu vás ganhar matando quem já está morto? Só se Tu puderes matar alguém que ainda está de pé a Tua frente e que mostrarás Tua glória."

Shri Ramakrishna ficou em silêncio uns minutos. Subitamente disse com a voz levemente alteada, "Vim de Dakshineswar. Estou indo, Mãe!" Era como se uma criança tivesse ouvido o chamado de sua mãe à distância e respondera. Novamente ficou imóvel, absorvido em samadhi. Os devotos olharam para ele sem pestanejar. Ainda em êxtase disse, "Não comerei mais luchi". Nesse momento alguns sacerdotes vaishnavas da vizinhança saíram.

Shri Ramakrishna, muito alegre, começou a conversar com os devotos. Era abril e o dia estava muito abafado. Devendra fez sorvete e ofereceu ao Mestre e aos devotos. M. disse baixo, "Bis! Bis!" Todos riram. Vendo o sorvete, Shri Ramakrishna parecia uma criança.

---

[5] Trepadeira da primavera com flores muito perfumadas.
[6] Um nome de Krishna.

Mestre: "O kirtan foi muito bom. A canção descreveu lindamente o estado de espírito das gopis. 'Ó madhavi, devolva-me meu Doce Uno.' As pastoras de Vrindavan estavam embriagadas com o amor por Krishna. Que maravilha! Loucas por Krishna!"

Um devoto, apontando para o outro, disse, "Ele tem a atitude das gopis."

Ram: "Não, tem ambas – a atitude de amor terno e a de conhecimento austero."

Mestre: "Do que estão falando?"

Shri Ramakrishna perguntou por Surendra.

Ram: "Mandei-lhe um recado, mas não veio."

Mestre: "Ele fica muito cansado com o trabalho árduo do escritório."

Um devoto: " Ram Babu vem escrevendo sobre o senhor."

Mestre (*sorrindo*): "O que está escrevendo?"

Devoto: "Um artigo sobre 'A Bhakti do Paramahamsa'."

Mestre: "Bom! Isto tornará Ram famoso."

Girish (*sorrindo*): "Diz que é seu discípulo."

Mestre: "Não tenho discípulo. Sou o servo do servo de Rama."

Algumas pessoas da vizinhança haviam chegado, mas não agradaram o Mestre. Disse, "Que espécie de lugar é este? Não encontro uma única alma piedosa aqui."

Devendra levou Shri Ramakrishna para os aposentos internos e ofereceu-lhe uma refeição ligeira. Em seguida o Mestre voltou para a sala de visitas com uma expressão feliz e sentou-se. Os devotos sentaram-se à sua volta. Upendra [7] e Akshay [8] sentaram-se ao seu lado e fizeram massagem nos seus pés. O Mestre elogiou as mulheres da família de Devendra, dizendo, "São muito boas. Vieram do interior, portanto, são muito piedosas."

O Mestre estava absorvido em grande alegria. Cantou:

A não ser que um homem seja simples, não pode reconhecer Deus, o Uno Simples ...

Novamente cantou:

Pare, Ó monge errante!
Fique aí com sua tigela de pedinte na mão.
E deixe-me olhar sua face radiante. ...

Uma vez mais:

Um pedinte veio até nós, sempre absorvido em estados divinos;
Santo para os hindus e para os muçulmanos. ...

Girish saudou o Mestre e despediu-se. Devendra e outros devotos levaram o Mestre até a carruagem. Vendo que um dos vizinhos adormecera no banco do pátio, Devendra acordou-o e ele, esfregando os olhos, disse, "O Paramahamsa veio?" Todos riram. Chegara antes de Shri Ramakrishna e, com o calor intenso, pusera uma esteira no banco; deitara e dormira.

A carruagem de Shri Ramakrishna prosseguiu em direção a Dakshineswar. Disse a M., "Tomei muitos sorvetes, traga-me quatro ou cinco bolas quando vier a Dakshineswar. Agora minha mente está atraída para esses rapazes: Naren mais jovem, Purna e seu cunhado."

M.: "Refere-se a Dwija?"

Mestre: "Não, ele está bem; quero dizer o irmão mais velho."

A carruagem seguiu para o templo de Kali em Dakshineswar.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[7] Mais tarde um editor famoso em Calcutá.

[8] Autor da vida de Shri Ramakrishna, em versos, em bengali.

CAPÍTULO 39

REMINISCÊNCIAS DO MESTRE

12 de abril de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado com os devotos na sala de visitas de Balaram, em Calcutá. M. chegou às três horas. Girish, Balaram, Naren mais jovem, Paltu, Purna Mahendra Mukherji e outros devotos estavam presentes. Pouco tempo depois Trailokya Sannyal, Jayagopal Sen e outros membros do Brahmo Samaj chegaram. Havia muitas devotas sentadas atrás de um biombo, entre as quais a esposa de Mohini que quase enlouquecera com a morte do filho. Outras almas angustiadas como ela, costumavam visitar o Mestre em busca de paz de espírito.

Shri Ramakrishna descrevia aos devotos, os vários incidentes de sua sadhana e as fases de sua realização espiritual.

Mestre: "Durante a sadhana, ao meditar, de fato eu via uma pessoa sentada perto de mim com um tridente na mão. Ameaçava ferir-me com a arma se eu não fixasse a mente nos Pés de Lótus de Deus, avisando que atravessaria meu peito se minha mente se desviasse de Deus.

"A Mãe Divina punha-me em tal estado que, às vezes minha mente descia de Nitya para Lila e às vezes, subia de Lila para Nitya.

"Às vezes quando a mente descia à Lila, meditava dia e noite em Sita e Rama. Naquela época contemplava com muita freqüência, as formas de Sita e Rama. Ramlala[1] era meu companheiro habitual. Às vezes eu O banhava e, outras, O alimentava.

"Costumava também ficar absorvido no ideal de Radha e Krishna e via Suas formas. Ou também, ficava absorvido em Gauranga, a harmonização de dois ideais: Purusha e Prakriti. Em tais momentos via sempre a forma de Gauranga.

"Logo uma mudança operou-se em mim. A mente deixou o plano de Lila e ascendeu a Nitya. Não distinguia entre o tulsi sagrado e a planta comum, sajina. Não mais desfrutei das formas de Deus. Disse a mim mesmo: 'Elas vêm e vão.' Elevei a mente acima delas. Retirei todos os quadros de deuses e deusas do quarto e comecei a meditar no Purusha Primordial, o Satchidananda Indivisível, considerando-me Seu ajudante.

"Pratiquei todos os tipos de sadhana. Há três tipos de sadhana: sáttvica, rajásica e tamásica. Na sadhana sátivica o devoto chama Deus com grande anseio ou simplesmente repete Seu nome, não quer nada em retribuição. A sadhana rajásica prescreve muitos rituais: purashcharana, peregrinações, panchatapa, adoração com dezesseis artigos e outros. A sadhana tamásica é a adoração a Deus com a ajuda de tamas. A atitude do devoto tamásico é assim: 'Salve, Kali! O que? Tu não Te revelas a mim? Se não o fizeres, cortarei a garganta com a faca!" Nesta disciplina não se observa pureza convencional; é como algumas disciplinas prescritas pelos Tantras.

"Durante o período da sadhana tive inúmeras visões maravilhosas. Distintamente percebi a comunhão do Atman. Uma pessoa parecida comigo, entrou no meu corpo e começou a comungar com cada um dos seis lótus[2]. As pétalas desses lótus estavam fechadas, mas quando cada uma delas experimentava a comunhão, a flor murcha florescia e levantava-se. Assim floresceram os lótus nos centros de Muladhara, Svadhisthana, Anahata, Vishuddha, Ajna e Sahasrara. As flores murchas levantavam-se. Via todas essas coisas diretamente.

"Ao meditar, costumava pensar na chama que não se movia de um lampião, colocado num lugar sem vento.

---

[1] Imagem de metal do Menino Rama, dada a Shri Ramakrishna, durante o período de sua sadhana, por um santo vaishnava.

[2] Referência aos lótus de seis centros, através dos quais a Kundalini sobe.

"Em meditação profunda o homem não está totalmente consciente do mundo exterior. Um caçador apontava para um pássaro. Um cortejo de casamento passou perto dele, com os parentes do noivo e amigos, música, carruagens e cavalos. Levou muito tempo para que o cortejo passasse pelo caçador, mas ele estava inconsciente deste acontecimento. Não sabia que o noivo já passara por ele.

"Um homem pescou sozinho num lago. Depois de algum tempo, a bóia começou a mover-se. De vez em quando a ponta tocava a água. O pescador segurava a vara firmemente, pronto para puxá-la, quando uma pessoa que passava pelo local disse, 'Senhor, pode me dizer onde mora o sr. Bannerji?' Não recebeu qualquer resposta do pescador, que justamente naquele momento acabava de puxar a vara. Repetidamente o estranho disse-lhe em volta, 'Senhor pode me dizer onde mora o sr. Bannerji?' Mas o pescador estava ausente de tudo que se passava à sua volta, as mãos tremiam, os olhos fixos na bóia. O estranho, aborrecido, foi embora. Quando já havia se afastado, a bóia do pescador afundou e com um puxão na vara, trouxe o peixe. Enxugou o suor do rosto com a toalha e gritou para o estranho, 'Hei!' disse ele, 'Venha aqui! Ouça!' Mas o homem não virou o rosto. Depois de muito chamá-lo, contudo, voltou e disse ao pescador, 'Por que está gritando por mim?' 'O que me perguntou?' disse o pescador. O estranho disse, 'Repeti a pergunta tantas vezes e agora, está me pedindo para repeti-la uma vez mais!' O pescador respondeu, 'Naquele momento minha bóia estava a ponto de afundar, por isso, não ouvi uma palavra do que me disse.'

"Uma pessoa pode alcançar essa concentração durante a meditação de maneira que não veja nada, não ouça nada. Não será consciente nem mesmo se lhe tocarem. Uma cobra pode rastejar em seu corpo, mas não perceberá. Um não será consciente do outro.

"Em meditação profunda os órgãos dos sentidos param de funcionar e a mente não tem consciência do exterior. É como fechar a porta do pátio externo de uma casa. Há cinco objetos dos sentidos: forma, gosto, cheiro, toque e som. São todos deixados fora.

"No começo da meditação os objetos dos sentidos aparecem diante do aspirante, mas quando a meditação se aprofunda, não mais o perturbam. São deixados fora. Quantas coisas vi durante a meditação! Vi claramente diante de mim, uma pilha de rupias, um xale, uma travessa de doces e duas mulheres com argolas no nariz. 'O que você quer? Perguntei à minha mente. 'Quer desfrutar de alguma dessas coisas' 'Não', respondeu a mente, 'Não quero nenhuma delas. Quero somente os Pés de lótus de Deus.' Vi o interior e o exterior das mulheres, como se vê os objetos através de um aposento cercado de vidro. Vi como é dentro: entranhas, sangue, sujeira, vermes, fleuma e coisas assim."

Girish Chandra Ghosh costumava dizer de vez em quando, que podia curar doenças pela força do nome de Mestre.

Mestre (*a Girish e outros devotos*): "Pessoas de mente estreita procuram poderes ocultos – poderes de cura, ganhar uma causa na justiça, andar sobre a água e coisas assim, mas um devoto verdadeiro não quer nada a não ser Seus Pés de Lótus. Um dia Hriday disse-me, 'Tio, por favor peça à Mãe alguns poderes, alguns poderes ocultos.' Tenho a natureza de uma criança. Enquanto praticava japa no templo de Kali, disse a Ela, "Mãe, Hriday pediu-me para orar a Ti por alguns poderes ocultos.' A Mãe Divina imediatamente mostrou-me, numa visão, uma prostituta de aproximadamente quarenta anos, que apareceu e ficou de costas para mim. Tinha as cadeiras grandes e usava um sari bordado de negro. Logo ficou coberta de sujeira. A Mãe mostrou-me que poderes ocultos são tão abomináveis como a sujeira daquela prostituta. Por isso fui ter com Hriday e o repreendi, dizendo, 'Por que você me ensinou essa oração? Foi por sua causa que tive essa experiência.'

"Pessoas com um pouco de poder oculto adquirem coisas como nome e fama. Muitas delas querem seguir a profissão de guru, ganhar o reconhecimento das pessoas e fazer discípulos e devotos. Os homens dizem desse guru, 'Ah! Ele está se divertindo muito. Quantas pessoas o visitam! Tem muitos discípulos e seguidores. Sua casa está cheia de móveis e outras coisas. As pessoas dão-lhe presentes. Tem tanto poder que pode alimentar muitas pessoas, se quiser.'

"A profissão de instrutor é como a de uma meretriz. É a venda de si próprio por uma ninharia de dinheiro, honra e conforto material. Por coisas tão insignificantes não é bom pros-

tituir o corpo, mente e alma, meios pelos quais pode-se atingir Deus. Uma vez um homem disse a respeito de uma certa mulher, 'Ah! Está tendo grandes momentos agora. Está tão bem! Alugou um quarto e guarneceu-o com um divã, colchão, travesseiro e muitas outras coisas! E quantas pessoas ela controla! Eles a estão sempre visitando.' Em outras palavras, a mulher agora tornara-se uma prostituta, portanto, sua felicidade agora é grande. Antes era uma empregada na casa de um senhor, agora, é uma prostituta. Arruinou-se por uma ninharia.

"Quantas outras coisas vi durante a meditação! Uma vez estava meditando debaixo da árvore bel, quando 'Pecado' apareceu diante de mim e tentou-me por diversas maneiras. Veio sob a forma de um soldado inglês. Queria dar-me riqueza, honra, prazeres do sexo, poderes ocultos etc. Comecei a orar à Mãe Divina. Estou lhe contando algo muito secreto. A Mãe apareceu. Disse-lhe: 'Mata-o, Mãe!' Lembro-me ainda daquela forma da Mãe, Sua beleza que enfeitiça o mundo. Veio sob a forma de Krishnamayi[3], mas era como seu olhar movesse o mundo."

Shri Ramakrishna ficou em silêncio. Continuando com as recordações, disse, "Quantas visões tive! Mas não tenho permissão para contá-las. Alguém fechou minha boca. Costumava não fazer distinção entre o tulsi sagrado e a insignificante folha sajita. O sentimento de diferença foi totalmente destruído. Uma vez estava meditando sob o baniano, quando me mostraram um muçulmano[4] com uma longa barba. Veio a mim com arroz num prato de barro. Deu de comer aos outros muçulmanos e para mim deu alguns grãos. A Mãe mostrou-me que há somente Um e não, dois. Ele tornou-se o mundo e os seres vivos. Da mesma maneira foi Ele quem Se tornou a comida.

(*A Girish, M. e outros*) "Tenho a natureza de uma criança. Hriday disse-me, 'Tio, peça à Mãe alguns poderes ocultos'. Imediatamente fui ao templo pedi-los. Naquela época Deus colocou-me em tal estado que tinha que ouvir aqueles que viviam comigo. Sentia-me como uma criança que vê a escuridão em toda sua volta, a não ser que haja alguém com ela. Sentia como se fosse morrer se Hriday não estivesse perto. Mesmo agora sinto-me naquele estado mental. Enquanto falo com vocês meu espírito interior está despertando."

Ao pronunciar estas palavras Shri Ramakrishna quase entrou em samadhi, perdendo a consciência de tempo e espaço, mas com muita dificuldade conseguiu se controlar. Disse aos devotos, "Ainda os vejo, mas sinto como se tivessem estado aqui o tempo todo. Não me lembro quando vieram ou onde estão."

Shri Ramakrishna permaneceu em silêncio por alguns momentos. Logo retomando parcialmente a consciência disse, "Tomarei um pouco d'água." Muitas vezes depois do samadhi dizia coisas assim, para trazer a mente ao plano normal de consciência. Girish era um recém-chegado e não sabia desse fato, por isso, ofereceu-se para trazer a água. Shri Ramakrishna pediu-lhe que não o fizesse, dizendo, "Não, meu caro senhor, não posso beber agora."

O Mestre e os devotos ficaram em silêncio por algum tempo. Shri Ramakrishna retomou a conversa.

Mestre (*a M.*): "Bem, será que fiz mal em contar essas experiências secretas?"

M. não soube o que dizer e ficou quieto.

Mestre: "Por que haveria algum mal nisso? Disse todas essas coisas para incentivar a fé em todos vocês."

Depois de algum tempo disse a M., muito humildemente, "Podemos trazê-lo aqui?" Referia-se a Purna.

M. (*hesitando*): "Sim, senhor. Vou buscá-lo agora mesmo."

Mestre (*ansiosamente*): "Com Purna alcancei o 'último lugar'."

Estaria Shri Ramakrishna querendo dizer que Purna era talvez, o último devoto de seu círculo íntimo?

Em seguida Shri Ramakrishna descreveu a Girish, M. e outros devotos sua própria experiência espiritual de mahabhava.

Mestre (*aos devotos*): "Minha alegria depois dessa experiência foi igual à dor que sofri antes dela. Mahabhava é um êxtase divino; estremece o corpo e a mente até suas próprias

[3] A jovem filha de Balaram Bose.

[4] Talvez a visão de Maomé, fundador do islamismo.

bases. É como um grande elefante entrando numa pequena cabana. A casa estremece em suas fundações. Talvez caia em pedaços.

"A dor abrasadora que se sente quando se está separado de Deus não é um sentimento comum. Diz-se que o fogo desta angústia em Rupa e Sanatana [5] queimou as folhas da árvore debaixo da qual estavam sentados. Fiquei inconsciente três dias, naquele estado. Não podia mover-me, permanecia deitado. Ao recuperar à consciência, a Brahmani [6] levou-me para tomar banho, mas minha pele não podia suportar o toque de sua mão, e por isso meu corpo teve que ser coberto por um lençol. Só então ela pôde segurar-me pela mão e levar-me ao banho. A terra que havia grudado em meu corpo, enquanto estava no chão, ficou cozida.

"Naquele estado senti como se um arado estivesse passando por minha espinha. Gritei: 'Ó, estou morrendo! Estou morrendo!' Mas em seguida fui tomado de grande alegria."

Com a respiração parada os devotos escutavam essas experiências do Mestre.

Mestre (*a Girish*): "Mas não é necessário que você vá tão longe. Minhas experiências são para os outros seguirem. Você se cansa com cinco coisas diferentes, mas eu tenho somente um ideal. Não desfruto de outras coisas que não seja Deus. É o que Deus ordenou para mim. (*Sorrindo*). Há diferentes espécies de árvores na floresta; algumas crescem com somente um tronco e outras, ramificam-se em cinco galhos grandes. (*Todos riem*).

"Sim, minhas experiências são para os outros se guiarem, mas você deve viver no mundo com desapego. Sem dúvida há sujeira em seu corpo, mas pode sacudi-la como o bagre faz com a lama. Pode nadar no negro oceano do mundo, mas o corpo não deve ficar manchado."

Girish (*sorrindo*): "Mas o senhor também teve que se casar." (*Risada*).

Mestre (*sorrindo*): "Casamento é necessário por causa do samskara [7]. Mas como eu podia levar uma vida mundana? Era tão impossível controlar o meu fervor divino que, cada vez que o cordão sagrado era colocado ao redor do pescoço, caía. Alguns acreditam que Shukadeva também teve de se casar por causa do samskara. Dizem que até teve uma filha. (*Todos riem*).

"Somente 'mulher e ouro' constituem o mundo. Fazem uma pessoa esquecer Deus."

Girish: "Mas como podemos nos livrar de 'mulher e ouro'?"

Mestre: "Orem a Deus com o coração anelante. Orem a Deus por discriminação, 'Somente Deus é real e tudo o mais ilusório' – isso é discriminação. Passamos água através de uma peneira fina para separar a sujeira. A água clara passa através da peneira, deixando a sujeira para trás. Apliquem a peneira da discriminação ao mundo. Vivam no mundo depois de conhecer Deus, mas então será o mundo de vidya.

"Veja o poder sedutor das mulheres! Quero com isso referir-me às mulheres que são a personificação de avidya, o poder de ilusão. Enganam os homens e por assim dizer, retiram sua substância interior. Quando vejo um homem e uma mulher sentados juntos, digo a mim mesmo, 'Ó estão perdidos!' (*Olhando para M.*) "Haru, um rapaz tão bom, está possuído por uma feiticeira. As pessoas perguntam, 'Onde está Haru? Onde está ele?' Mas onde você espera que ele esteja? Todos vão ao baniano e encontram-no sentado quieto, debaixo dele. Já não tem mais aquela força e alegria. Ah! Está possuído pela feiticeira que mora no baniano.

"Se uma mulher diz ao marido, 'Vá lá', ele imediatamente levanta-se, pronto para ir. Se ela diz, 'Sente-se aqui', imediatamente ele se senta.

"Um homem que procurava emprego, estava cansado de ir ao gerente de um escritório. Não conseguia vaga. O gerente disse-lhe, 'Não há vaga agora, mas venha ver-me de vez em quando'. Esta situação durou por muito tempo e o candidato perdeu toda esperança. Uma vez contou seu infortúnio a um amigo, que lhe disse, 'Que tolo você é! Por que gastará a sola dos pés indo a ele? É melhor ir a Golap e conseguirá o emprego amanhã mesmo'. 'É assim?' disse o candidato. 'Vou já.' Golap era a amante do gerente. O candidato a procurou e disse, 'Mãe, estou em grande dificuldade. A senhora tem que me ajudar. Sou filho de um pobre bra-

[5] Dois grandes discípulos de Shri Chaitanya;

[6] Mulher brahmin, um dos instrutores de Shri Ramakrishna.

[7] Segundo a lei religiosa hindu, o casamento é um dos doze samskaras ou ritos de purificação, prescritos para as três classes altas, a saber, os brahmins, os kshatriyas e os vaishyas.

hmin. Para quem mais eu poderia apelar? Mãe, estou desempregado há muito tempo. Meus filhos estão com fome. Eu poderia conseguir um trabalho somente com uma palavra sua.' Golap disse-lhe, 'Meu filho, com quem estou falando?'disse a si mesma, 'Ah, o pobre brahmin! Tem sofrido tanto."O candidato disse-lhe, 'Estou certo de conseguir o emprego se a senhora disser somente uma palavra ao gerente!' Golap disse:, 'Vou falar-lhe hoje e acertar o assunto.'Na manhã seguinte um homem chamou o candidato e disse, 'Você vai trabalhar na sala do gerente, começando hoje.' O gerente disse a seu chefe inglês, 'Esse homem é muito competente. Eu o escolhi. Será de muita valia para a firma.

"Todos são iludidos por 'mulher e ouro', mas não me preocupo com isto e juro-lhes que não conheço nada a não ser Deus".

Um devoto: "Senhor, uma nova seita, chamada 'Nava Hullol' apareceu. Lalit Chatterji é um dos membros."

Mestre: "Há diferentes pontos de vista. Todos esses pontos de vista são somente muitos caminhos para se levar ao mesmo objetivo. Mas cada qual crê que somente seu ponto de vista é o correto e que só seu relógio marca a hora certa."

Girish (*a M.*): "Você se lembra do que o sr. Pope diz sobre isso?

> "É como nossos juízos e nossos relógios.
> Nenhum se assemelha ao outro, entretanto, cada um confia no seu.'

Mestre (*a M.*): "O que isto quer dizer?"

M.: "Cada um pensa que só seu relógio deu a hora certa e que os outros relógios não dão a mesma hora."

Mestre: "Por mais errado que seu relógio possa estar, o sol jamais erra. Deve-se acertar o relógio com o sol."

Um devoto: "O sr. X – mente."

Mestre: "A veracidade no falar é a tapasya do Kaliyuga. É difícil praticar outra austeridade neste ciclo. Agarrando-se à verdade, alcança-se Deus. Tulsidas disse, 'Veracidade, obediência a Deus e considerar as outras esposas como mãe, são as maiores virtudes. Se não se realiza Deus praticando-as, então Tulsidas é um mentiroso.'

"Keshab Sen assumiu as dívidas do pai. Outros a teriam rejeitado. Visitei o Samaj de Devendra em Jorashanko e encontrei Keshab meditando no altar. Era então jovem. Disse a Mathur Babu. 'De todos os que estão meditando aqui, somente a "bóia" desse jovem afundou. O "peixe"está mordendo o anzol.'

"Havia um homem – cujo nome não vou dizer – que por dez mil rupias mentiu no tribunal. Para ganhar a causa fez-me dar uma oferenda à Mãe Divina. Disse-me, 'Pai, por favor dê essa oferenda à Mãe.' Confiando nele como uma criança, fiz a oferenda."

Devoto: "Um bom homem, sem dúvida!"

Mestre: "Mas ele tinha tanta fé em mim que acreditava que bastava que eu fizesse uma oferenda, para que a Mãe atendesse à sua oração."

Referindo-se a Lalit Babu, Shri Ramakrishna disse: "Será uma coisa fácil libertar-se do orgulho? Há muito poucos que estão livres do orgulho. Balaram é um deles. (*Apontando para um devoto*) E aqui está outro. Outras pessoas em sua posição teriam inchado de orgulho. Teriam partido o cabelo e mostrado outros sinais de tamas. Seriam orgulhosos de sua erudição. O brahmin gordo'[referindo-se a Prankrishna] ainda tem um pouco de orgulho. (*A M.*) Mahima Chakravarty já leu muitos livros, não é?

'M.: "Sim, senhor, leu muitos."

Mestre (*sorrindo*): "Gostaria que ele e Girish se conhecessem. Poderíamos, então, desfrutar de um pequeno debate."

Girish (*sorrindo*): "Ele não diz que, por meio de sadhana, todas as pessoas podem ser como Shri Krishna?"

Mestre: "Não é exatamente assim, mas algo parecido."

Devoto: "Senhor, podem todos ser como Shri Krishna?"

Mestre: "Uma Encarnação de Deus ou alguém nascido com algumas características de uma Encarnação é chamado Ishvarakoti. Um homem comum é chamado jiva ou jivakoti. Pelo efeito da sadhana um jivakoti pode realizar Deus, mas depois do samadhi não volta ao plano de consciência relativa.

"O Ishvarakoti é como o filho do rei. Tem a chave de todos os aposentos do palácio de sete andares; pode subir a todos esses sete andares à vontade. Um jivakoti é como um funcionário menos graduado. Só pode entrar em alguns dos aposentos do palácio; este é seu limite.

"Janaka era um jnani. Alcançou o Conhecimento por meio da sadhana, mas Shukadeva era o próprio Conhecimento."

Girish: "Ah!"

Mestre: "Shukadeva não alcançou o Conhecimento através da sadhana. Como Shukadeva, também Narada teve o Conhecimento de Brahman, mas reteve bhakti para ensinar as pessoas. Prahlada às vezes assumia a atitude de 'Eu sou Ele', às vezes a de um servo de Deus, e outros a atitude de 'Eu sou Ele', às vezes a de um servo de Deus e outras, a de Seu filho. Hanuman também era assim.

"Todos podem desejar esse estado superior, mas nem todos podem alcançá-lo. Alguns bambus são mais ocos do que outros; alguns são internamente mais sólidos.

Um devoto: "O senhor diz que suas experiências são para orientar os outros. Diga-nos o que devemos fazer."

Mestre: "Se quiser realizar Deus, deve cultivar intenso desapego. Deve renunciar imediatamente ao que se encontra em seu caminho. Não deve adiar para o futuro. 'Mulher e ouro' é o obstáculo. A mente deve ser retirada deles.

"Não se deve ser lento e preguiçoso. Um homem ia tomar banho, levando a toalha nos ombros. A esposa disse-lhe: 'Você é um inútil. Está ficando velho e ainda não abandonou alguns de seus hábitos. Não pode viver um só dia sem mim. Mas olhe aquele homem! Que homem de renúncia ele é!'

"Marido: 'Por que? O que ele fez?'

"Esposa: 'Tem dezesseis esposas e está renunciando a elas, uma a uma. Você jamais será capaz de renunciar.'

"Marido: 'Renunciando as esposas uma a uma! Você está louca! Ele não será capaz de renunciar. Se um homem deseja realmente renunciar, será que ele o fará pouco a pouco?'

"Esposa (*sorrindo*): 'Mesmo assim, é melhor do que você.'

"Marido: 'Você é uma tola, não compreende. Ele não pode renunciar, mas eu posso. Olhe! Lá vou eu!' "

O Mestre continuou: "Aquela se chama renúncia intensa. Logo que discriminou o homem renunciou. Foi embora com a toalha nos ombros. Não se virou nem para liquidar seus negócios do mundo. Nem mesmo olhou para sua casa.

"Aquele que quer renunciar necessita de uma grande força mental. Deve ter a tenacidade dos assaltantes. Antes do assalto gritam. 'Matar! Assassinar! Pilhar!'

"Cultive devoção e amor a Deus, e assim passe os dias. O que mais pode fazer? Quando Krishna foi embora, Yashoda ficou louca de pesar e visitou Radha. Radha ficou comovida com sua tristeza e apareceu diante dela como Adyashakti. Disse: 'Minha filha, peça-Me uma graça.' Yashoda respondeu: 'Mãe, o que mais posso pedir-Lhe? Abençoe-me para que eu possa servir Krishna com o corpo, mente e fala; que eu possa olhar Seus devotos com estes olhos; que eu possa ir com estes pés ao lugar em que Seu jogo divino está se manifestando; que eu O possa servir e a Seus devotos com estas mãos e que eu possa dedicar todos os meus órgãos dos sentidos somente a Seu serviço.

"Enquanto Shri Ramakrishna pronunciava estas palavras, quase entrou em êxtase. Subitamente exclamou: "Kali, a Personificação da Destruição! Não, Nitya-Kali, minha eterna Mãe Divina!" Com grande dificuldade controlou-se. Ia dizer mais sobre Yashoda, quando Mahendra Mukherji chegou. Mahendra e o irmão mais novo, Priya vinham visitando o Mestre há algum tempo. Mahendra possuía um moinho de farinha e outros negócios. O irmão era engenheiro. Ambos haviam contratado outras pessoas para tomar conta de seus negócios e as-

sim, tinham mais tempo disponível. Mahendra tinha trinta e seis ou trinta e sete anos e seu irmão era dois anos mais novo. Além de sua casa no interior de Kedeti, possuíam uma outra em Baghbazar, em Calcutá. Um jovem devoto, chamado Hari, acompanhava-os em suas visitas a Shri Ramakrishna. Hari era casado, mas extremamente dedicado ao Mestre. Há muito tempo Mahendra e Hari não visitavam Dakshineswar. Saudaram Shri Ramakrishna.

Mestre: "Como vão? Por que não vêm a Dakshineswar há tanto tempo?"

Mahendra: "Senhor, eu não estava em Calcutá.. Tenho estado em Kedeti."

Mestre: "Você não tem filhos, nem serve a ninguém, Mesmo assim, não tem tempo livre! Meu Deus!"

Os devotos ficaram em silêncio. Mahendra estava um pouco embaraçado.

Mestre (*a Mahendra*): "Por que estou dizendo tudo isto? Você é sincero e generoso. Tem amor a Deus."

Mahendra: "O senhor está dizendo estas palavras para o meu bem."

Mestre (*sorrindo*): "Veja, não cobramos nada pelo que fazemos aqui. A mãe de Jadu me diz, 'Outros sadhus sempre pedem dinheiro, mas o senhor, não.' Pessoas mundanas sentem-se aborrecidas se tiverem que dar dinheiro.

"Uma apresentação teatral estava se realizando num determinado lugar. Um homem sentiu grande desejo de vê-la. Olhou para dentro e viu que estavam fazendo uma coleta de dinheiro. Silenciosamente foi embora. Uma outra apresentação realizava-se em outro lugar. Foi para lá e perguntando, soube que não tinha que pagar. Havia muita gente. Acotovelando-se por entre a multidão, chegou ao centro da sala. Sentou-se um lugar muito bom, torceu os bigodes e viu a peça. (*Todos riem*).

"Você não tem filhos para desviar a mente. Conheço um magistrado que ganha um salário de oitocentas rupias mensais. Foi à casa de Keshab assistir uma peça. Eu também estava lá. Rakhal e outros devotos estavam comigo e sentaram-se a meu lado. Depois de algum tempo Rakhal saiu por alguns minutos. O magistrado aproximou-se e fez o filho sentar-se no lugar de Rakhal. Eu disse, 'Ele não pode sentar-se aí.' Naquela época eu estava em tal estado mental, que tinha que fazer o que uma pessoa que estivesse perto de mim me pedisse, por isso havia sentado Rakhal a meu lado. Durante a apresentação, o magistrado não fez outra coisa a não ser elogiar o filho, nem mesmo assistiu à peça. Soube também, que ele é escravo de sua esposa; levanta-se e senta-se quando ela lhe manda. Nem viu a peça por causa daquele macaco de nariz arrebitado que era o filho. ...

(*A Mahendra*): "Você pratica meditação?"

Mahendra: "Sim, senhor, um pouco."

Mestre: "Venha a Dakshineswar de vez em quando."

Mahendra (*sorrindo*): "Sim, senhor, irei. O senhor conhece os meus defeitos. Vai endireitá-los?"

Mestre (*sorrindo*): "Primeiro venha a Dakshineswar; então apertarei seus membros para ver onde os defeitos estão. Por que não vem?"

Mahendra: (sorrindo): "Devido à pressão dos meus deveres. Além disso, tenho que ir de vez em quando, à minha casa no interior."

Mestre (*a Mahendra, apontando para os devotos*): "Eles não têm casa? Não têm responsabilidade? Como conseguem vir?

(*A Hari*) "Por que não tem vindo a Dakshineswar? Sua esposa está morando com você?"

Hari: "Não, senhor."

Mestre: " Então por que se esqueceu de mim?"

Hari: "Não tenho estado bem, senhor."

Mestre (*aos devotos*): "Ele parece magro. Tem muita bhakti. Está transbordando dela, mas tem uma natureza com problemas." (*Risada*).

Shri Ramakrishna costumava dirigir-se à esposa de um certo devoto pelo nome de 'mãe de Habi'. O irmão dela, um estudante universitário de mais ou menos vinte anos, estava presente. Levantou-se, pronto para ir embora, para ir jogar cricket. O irmão mais novo, chamado Dwija, era também um devoto do Mestre. Os dois irmãos deixaram o aposento. Poucos

minutos depois, Dwija voltou. O Mestre disse. "Por que não foi?" Um devoto respondeu, "Ele quer ouvir música. Talvez seja por isso que tenha voltado."

Trailokya, o devoto Brahmo, deveria cantar para o Mestre. Paltu chegou. O Mestre disse: "Quem é? Ah! É Paltu."

Purna, outro jovem devoto, também chegou. Foi com muita dificuldade que Shri Ramakrishna conseguira que ele viesse. Seus parentes faziam grande objeção a que ele visitasse o Mestre. Purna era um estudante do quinto grau na escola em que M. ensinava. O rapaz prosternou-se diante de Shri Ramakrishna. O Mestre sentou-se a seu lado, e conversou com ele em voz baixa. Somente M. estava sentado perto deles. Os outros devotos conversavam sobre várias coisas. Girish, sentado do outro lado do aposento, lia a vida de Keshab.

Mestre (*a Purna*): "Venha mais perto."

Girish (*a M.*): "Quem é esse rapaz?"

M. estava com medo que os outros notassem a presença do rapaz. Isto lhe traria problemas em sua casa e M. seria o responsável.

M. (*asperamente*): "Não vê que é um menino?"

Girish *(sorrindo*): "Não necessito de nenhum espírito para me dizer isso."

O Mestre e o rapaz conversavam em voz baixa.

Mestre: "Está praticando o que lhe ensinei?"

Purna: "Sim, senhor."

Mestre: "Você sonha? Com uma chama? Uma tocha acesa? Uma mulher casada? Um campo de cremação? É bom sonhar com estas coisas."

Purna: "Sonho com o senhor. O senhor estava sentado e me falava algo."

Mestre: "O que? Algumas instruções? Fale-me sobre algumas."

Purna: "Não me recordo agora."

Mestre: "Não importa, mas é muito bom. Você fará progresso. Sente-se atraído para mim, não?"

Minutos mais tarde. Shri Ramakrishna disse ao rapaz: "Não vai lá?" Referia-se a Dakshineswar. "Não posso prometer", respondeu.

Mestre: "Por que? Um de seus parentes não mora lá?"

Purna: "Sim, senhor, mas não seria conveniente que eu fosse."

Girish estava lendo a vida de Keshab escrita por Trailokya do Brahmo Samaj. Nela Trailokya dizia que, primeiramente, Shri Ramakrishna havia se oposto ao mundo, mas que depois de conhecer Keshab, mudara de idéia e chegara a crer que uma pessoa também pode levar vida espiritual no mundo. Vários devotos haviam falado ao Mestre sobre isto. Queriam discuti-lo com Trailokya. Haviam lido aquelas passagens do livro para o Mestre.

Vendo o livro na mão de Girish, Shri Ramakrishna disse-lhe e a M., Ram e outros devotos, "As pessoas estão ocupadas com o mundo. Por isso dão tanto valor à vida mundana. Estão mergulhadas em 'mulher e ouro'. Não se fala dessa maneira depois de se realizar Deus. Depois de desfrutar a felicidade divina, considera-se o mundo sujeira de corvo. Desde o início renunciei a tudo. Não só renunciei à companhia das pessoas mundanas, mas de vez em quando, também à companhia dos devotos. Vi que os devotos caíam mortos um a um, o que fez meu coração se despedaçar, mas agora conservo um ou dois comigo."

Girish foi embora dizendo que retornaria.

Trailokya chegou com Jayagopal Sen. Inclinaram-se ante o Mestre e sentaram-se, Ele perguntou sobre sua saúde. Naren mais jovem entrou no aposento e saudou Shri Ramakrishna. O Mestre disse-lhe, "Por que não veio ver-me no sábado passado?"

Trailokya preparou-se para cantar.

Mestre: " Ah! No outro dia você cantou a respeito da Mãe Venturosa. Quão docemente cantou! As canções dos outros parecem-se insípidas. Naquele dia não apreciei nem mesmo o canto de Narendra. Por que não canta aquelas mesmas canções outra vez?"

Trailokya cantou:

Vitória a Gora, filho de Sachi!
Salve, Morada de toda virtude,

Pedra de toque do Amor, Oceano de Felicidade.
Sedutor do homem de aparência bela,
Encantando os olhos como ouro brilhante.
Seus ternos brancos que alcançam o joelho,
Graciosos e longos como os caules de lótus,
Estão amorosamente esticados para toda a humanidade;
Seu rosto de lótus de beleza incomparável
Transborda com o néctar do Amor;
Suas faces estão cobertas pelo cabelo encaracolado!

Iluminado pelo amor celestial, sua beleza
Encanta os olhos! Brilhando com o fervor,
Radiante de Felicidade, o corpo tremendo
Com a alegria de Hari, Gauranga, o dourado
Dança como um elefante louco, sacudindo
Os membros com a exaltação do amor!
Gauranga, cantor das glórias de Hari,
Prêmio do coração de cada sadhu.
O mais raro dos homens, o Oceano de Amor.
Abraça o pária, chama-o de irmão,
Toma-o em seus braços com amor fervorosos!

Ele dança com os braços levantados.
E canta o nome de Hari, as lágrimas escorrem
Pela face; chora, grita.
Treme, ruge e se enraivece, dizendo.
"Onde está Hari, a Jóia de meu coração?"
O cabelo em suas pernas ficam eriçados;
Como a flor de kadamba e seu corpo;
Coberto de poeira rola no chão.
Ó Tu, a Morada da lila de Hari.
Fonte do elixir de Amor.
Amigo dos desesperançados, Glória de Banga.
Salve Chaitanya, Tu que brilhas
Como a lua, no coração do bhakta!

Shri Ramakrishna deixou o aposento por um minuto. As devotas, sentadas perto do biombo estavam ansiosas para ver Shri Ramakrishna. Trailokya continuou com a música.

Novamente Shri Ramakrishna entrou no aposento e disse a Trailokya, "Por favor, cante sobre a Mãe Venturosa."

Trailokya cantou:

Ó Mãe, quão profundo é Teu amor pelos homens!
Consciente, choro de alegria. ...

Ouvindo a canção, Naren mais jovem entrou em meditação profunda. Permaneceu imóvel como uma tora de madeira. Shri Ramakrishna disse a M.: "Olhe para ele. Está completamente inconsciente do mundo exterior."

A canção acabou. A pedido de Shri Ramakrishna, Trailokya cantou:

Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
Que necessidade tenho de conhecimento ou razão? ...

Ram pediu para cantar sobre Hari.

Trailokya cantou:

Cante, Ó mente, o nome de Hari
Cante em voz alta o nome de Hari,

Louve o nome do Senhor Hari!
E louvando o nome de Hari, Ó mente,
Atravesse o oceano deste mundo,

Hari mora na terra, na água,
Hari mora no fogo e no ar.
No sol e na lua Ele mora.
A presença sempre viva de Hari
Enche o universo sem fim.

M. disse em voz baixa a Trailokya, "Cante por favor – ´Gaur e Nitai, Ó irmãos abençoados'." Shri Ramakrishna também pediu-lhe para cantar aquela canção. Trailokya e os devotos cantaram em coro, o Mestre juntando-se a eles. Quando acabou, o Mestre cantou:

Olhem chegaram os dois irmãos[8], que choram quando cantam o nome de Hari.
Os irmãos que, em troca das pancadas recebidas, dão aos pecadores, o nome de Hari.
Abraçando a todos como irmãos, até o pária evitado pelo homem.
Olhem, chegaram os dois irmãos que uma vez foram Kanai e Balai de Braja. ...

Shri Ramakrishna cantou novamente:

Veja Nadia tremendo
Sob as ondas do amor de Gauranga! ...

E então:

Quem são eles que caminham, cantando o nome de Hari?
Ó Madhai, saia e veja!
Parecem ser Gaur e Nitai,
Com pulseiras de ouro em seus adoráveis tornozelos;
Cabeça raspada e vestidos em andrajos
Cambaleiam como loucos enquanto caminham. ...

Naren mais jovem já estava de saída.

Mestre: "Demonstre grande devoção a seus pais, mas não os obedeça se interpuserem em seu caminho para Deus. Deve circundar sua cintura com uma tanga e, com grande determinação, dizer, 'Este pai malvado!' "

Naren: "Na verdade não tenho medo."

Girish chegou. Shri Ramakrishna apresentou-o a Trailokya. Pediu-lhes que conversassem. Poucos minutos mais tarde, o Mestre disse, "Aquela canção, por favor."

Trailokya cantou:

Vitória a Gora, filho de Sachi!
Salve, Morada de toda virtude,
Pedra de toque de Amor, Oceano de Felicidade,
Sedutor do homem, com bela aparência,
Que encanta o olho como ouro brilhante! ...

Shri Ramakrishna entrou em samadhi. Levantou-se, totalmente inconsciente do mundo exterior.

Retomando consciência parcial, pediu a Trailokya para cantar, "Ó, que visão eu tive."

Ó, que visão eu tive na cabana de Keshab Bharati [9]
Gora em sua graça incomparável.

[8] Gauranga e Nityananda
[9] Instrutor de Shri Chaitanya.

Derramando lágrimas em milhares de torrentes!
Como um elefante louco
Dança e, em êxtase, canta.
Embriagado de amor arrebatador.

Rolando pelo chão e nadando em suas lágrimas,
Chora e grita o nome do Senhor Hari.
Cortando os próprios céus com seus gritos
Estrondosos como o rugir de um leão:
Logo, muito humildemente implora o amor dos homens.
Para sentir-se o servo de Deus.

Com a cabeça raspada, vestiu a roupa ocre de yogi;
Mesmo o mais duro coração há de se derreter
Ao ver seu amor puro e celestial.
Ferido pela profunda tristeza dos homens.
Ele abandonou tudo
E derrama amor ilimitadamente.

Ó, se pudera Prendas ser seu escravo e passando de porta em porta.
Cantando louvor sem fim de Gauranga.

A música terminou. Era o crepúsculo. Shri Ramakrishna estava cercado de devotos.

Mestre (*a Ram*): "Não havia instrumentos para acompanhar as canções. O canto cria uma atmosfera quando há acompanhamento adequado. (*Sorrindo*) Sabe como Balaram organiza um festival? É como um brahmin avarento que cria uma vaca. A vaca tem que comer pouco, mas dar muito leite. (*Todos riem*). Cante susa próprias canções e toque seu próprio tambor; esta é a idéia de Balaram.!" (*Todos riem*).

Assim que a noite chegou, foram acesos lampiões na sala de visitas e na varanda. Shri Ramakrishna inclinou-se ante a Mãe Divina e começou a cantar o nome de Deus. Os devotos sentaram-se em volta e escutaram a doce música. Queriam discutir com Trailokya seus comentários sobre a mudança de opinião do Mestre a respeito da vida humana. Girish começou a discussão.

Girish (*a Trailokya*): "Você escreveu que, depois conhecer Keshab, Shri Ramakrishna mudou seus pontos de vista sobre a vida mundana, mas isto não é verdade."

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): "Se um homem desfrutar a Felicidade de Deus, não desfruta o mundo. Tendo provado a felicidade divina, acha o mundo insípido. Se um homem ganha um xale, não se interessará por um tecido de textura fina."

Trailokya: "Eu me referia àqueles que levam uma vida mundana e não, aos que renunciam."

Mestre: "Sobre o que estava falando? As pessoas falam de levar uma vida religiosa no mundo, mas se eles apenas uma vez provarem a felicidade de Deus, não desejarão desfrutar mais nada. Seu apego aos deveres do mundo declina. À medida que sua alegria espiritual se aprofunda, simplesmente não podem cumprir os deveres mundanos. Cada vez mais procuram aquela alegria. Podem os prazeres do mundo e do sexo ser comparados com a felicidade de Deus? Se um homem experimenta uma vez aquela felicidade, corre atrás dela para sempre. Pouco lhe importa se o mundo permanece ou desaparece.

" Embora o pássaro chatak esteja a ponto de morrer com a garganta ressecada e rodeado pelos sete oceanos, rios e lagos cheios de água, mesmo assim não beberá essas águas. Olha para cima com o bico aberto esperando que a chuva caia quando a estrela Svati esteja no ascendente. Para o pássaro chatak todas as águas são áridas, exceto a água de Svati.'

"As pessoas dizem que agarrarão ambos, Deus e o mundo. Depois de beber um pouco de vinho, um homem pode ficar alegremente embriagado e também, consciente do mundo, mas pode sentir ambos depois de beber uma quantidade maior?

"Depois da felicidade de Deus nada mais tem gosto agradável. Então falar de 'mulher e ouro' apunhala o coração. (*Cantando*) 'Não posso desfrutar a conversa das pessoas munda-

nas.' Quando um homem enlouquece por Deus, não desfruta do dinheiro ou outras coisas assim."

Trailokya: "Mas, senhor, se um homem tem que permanecer no mundo, necessita de dinheiro e também, deve economizar. Tem que dar dinheiro em caridade e – "

Mestre: "O que? Está querendo dizer que se deve primeiro economizar e depois, procurar Deus? E você fala de caridade e bondade! Um homem do mundo gasta milhares de rupias no casamento de sua filha, contudo, o tempo todo, seus vizinhos estão morrendo de fome e ele acha que é difícil dar-lhes duas porções de arroz. Calcula mil vezes antes de dar. As pessoas à sua volta não têm o que comer, mas o que lhe importa isso? Diz a si mesmo. 'O que posso fazer? Que esses miseráveis vivam ou morram. Tudo o que me interessa é que os membros de minha família vivam bem'. E falam de caridade!"

Trailokya: "Mas, senhor, há também pessoas boas no mundo. Tome o caso de Pundarika Vidyanidhi, devoto de Chaitanya. Vivia no mundo."

Mestre: "Ele bebeu até o gargalo. Se tivesse bebido um pouco mais, não poderia ter levado uma vida mundana."

Trailokya permaneceu calado. À parte M. disse a Girish, "Então o que ele escreveu não é verdadeiro."

Girish (*a Trailokya*): "Então o que você escreveu não é verdadeiro."

Trailokya: "Por que não? Será que Shri Ramakrishna não admite que um homem possa levar uma vida espiritual no mundo?"

Mestre: "Sim, pode, mas esse homem deve em primeiro lugar alcançar o Conhecimento para então, viver no mundo. Primeiro deve realizar Deus. Depois 'ele pode nadar num mar de calúnias e não ficar contaminado'. Depois de realizar Deus, um homem pode viver no mundo como um bagre. O mundo em que ele vive depois de alcançar Deus é o mundo de vidya. Nele não vê nem mulher nem ouro. Só encontra ali devoção, devoto e Deus. Veja, também tenho uma esposa e algumas panelas e frigideiras em meu aposento; também alimento alguns desempregados, preocupo-me com os devotos – a mãe de Habi, por exemplo – quando vem aqui."

Um devoto (*a Trailokya*): "Li em seu livro que o senhor não acredita em Encarnação de Deus. O senhor disse isso com respeito a Chaitanya."

Trailokya: "Ora, o próprio Chaitanya protestava contra a idéia de Encarnação Divina. Uma vez, em Puri, Advaita e os outros devotos entoaram uma canção em que Chaitanya aparecia como Deus. A isso Chaitanya fechou a porta do quarto. Infinitas são as glórias de Deus. Como Shri Ramakrishna diz, o devoto é a sala de visita de Deus. Suponhamos que uma sala de visitas esteja muito bem mobiliada; será que isto quer dizer que o dono da casa gastou toda sua riqueza somente nessa sala?"

Girish: "Shri Ramakrishna diz que somente prema é a essência de Deus; necessitamos do homem através do qual este amor extático flui. Ele diz que o leite da vaca flui do úbere; necessitamos do úbere, não nos preocupamos com as outras partes da vaca – patas, cauda e chifres.

Trailokya: "O leite do prema de Deus flui através de infinitos canais. Deus tem infinitos poderes."

Girish: "Mas que outro poder pode ficar na frente de prema?"

Trailokya: "É possível se Aquele que tem o poder assim o desejar. Tudo está no poder de Deus."

Girish: "Sim, admito isso, mas há também uma coisa chamada o poder de avidya."

Trailokya: "É avidya uma coisa? Existe uma substância chamada avidya? Ela é somente uma negação, como a escuridão é a negação da luz. Não há dúvida que damos mais valor a prema, o que é uma gota para Deus, é um oceano para nós, mas se você disser que prema é a última palavra a respeito de Deus, então estará limitando o próprio Deus."

Mestre (*a Trailokya e outros devotos*): "Sim, sim, é verdade, mas uma onça de vinho me embriaga. Que necessidade temos de contar os galões de vinho que há na taverna? Que necessidade temos de conhecer os poderes infinitos de Deus?"

Girish (*a Trailokya*): "Acredita em Encarnação de Deus?"

Trailokya: "Deus encarna-Se somente através de Seus devotos. Não pode haver uma manifestação de poderes infinitos. Simplesmente não é possível. É impossível para qualquer homem manifestar poderes infinitos."

Girish: "Você pode servir seus filhos como Brahman Gopala[10]. Por que não é possível adorar uma grande alma como Deus?"

Mestre (*a Trailokya*): "Por que essa preocupação a respeito do infinito? Se eu quiser tocar em você tenho que tocar todo o seu corpo? Se você quiser banhar-se no Ganges, tem que tocar o rio inteiro de Hardwar até o oceano?

" 'Todos os problemas terminam quando o ego morre'. Enquanto permanecer um vestígio de 'consciência do eu', uma pessoa está consciente da diferença. Ninguém sabe o que permanece depois que o 'eu' desaparece. Não se pode expressá-lo em palavras. Só o que *é* permanece. Depois que o 'eu' desaparece, não se pode dizer que uma parte manifesta-se através desse homem, e o resto através do outro. Satchidananda é o oceano. O jarro do 'eu' está imerso nele. Enquanto o jarro existir, a água parece estar dividida em duas partes, uma dentro do jarro, e a outra, fora, mas quando o jarro é quebrado há somente uma extensão de água. Não se pode dizer nem isso. Quem poderia isso?"

Depois da discussão Shri Ramakrishna conversou com Trailokya.

Mestre: "Você está feliz. Não é assim?"

Trailokya: "Mas voltarei a ser meu antigo 'eu' assim que deixar este lugar. Aqui sinto vivamente o despertar da consciência espiritual."

Mestre: "Não tem o que temer se estiver usando sapatos ao andar sobre espinhos. Não precisa ter medo de 'mulher e ouro' se souber que somente Deus é real e tudo o mais ilusório."

Eram mais ou menos nove horas da noite. Balaram levou Trailokya para um outro aposento, onde lhe serviu uma refeição ligeira. Shri Ramakrishna começou a falar com os devotos sobre Trailokya e pessoas que pensavam como ele.

Mestre (*a Girish*, *M. e outros devotos*): "Sabe como essas pessoas são? São como uma rã que mora num poço e que nunca saiu para conhecer o mundo. Só conhece o poço e, por isso, não acredita que exista o mundo. Assim também, as pessoas se apegam tanto ao mundo porque não conheceram a alegria de Deus.

(*A Girish*) Por que discute tanto com ele? Estão ocupados com ambos – o mundo e Deus. Uma pessoa não pode compreender a felicidade de Deus, a não ser que a tenha provado. Pode alguém explicar o prazer do sexo a um menino de cinco anos? As pessoas do mundo falam sobre Deus somente por ouvir dizer. As crianças, ouvindo suas tias mais velhas brigando, aprendem a usar expressões como, 'Ali está meu Deus', 'Juro por Deus'.

"Mas isso não importa. Não censuro estas pessoas. Podem todos compreender o Indivisível Satchidananda? Somente doze rishis reconheceram Ramachandra. Todos não podem reconhecer uma Encarnação de Deus. Alguns o tomam por um homem comum, outros por um santo e somente alguns poucos o reconhecem como uma Encarnação.

"Uma pessoa oferece um preço por uma coisa, de acordo com sua disponibilidade. Um homem rico disse a seu empregado: "Leve este diamante ao mercado e diga-me por quanto diferentes pessoas o apreçam. Leve-o em primeiro lugar, para um vendedor de beringelas'. O empregado levou o diamante ao vendedor de beringelas. Este o examinou, girando-o na palma da mão, e disse: 'Irmão posso dar nove quilos de beringelas por ele.' 'Amigo', disse o empregado, um pouco mais, digamos, dez quilos.' O vendedor de beringelas respondeu, 'Não, já dei o preço acima do preço de mercado. Pode dar-me, se este preço lhe convier.' O empregado riu. Voltou para casa e disse a seu patrão, 'Senhor, ele só quer dar nove quilos de beringelas e nada mais. Disse que ofereceu acima do preço de mercado.' O dono sorriu e disse, 'Agora leve-o ao negociante de roupas. O homem negocia somente com beringelas. O que sabe de diamantes? O negociante de roupas tem um pouco mais de capital. Vamos ver quanto ele oferece por ele.' O empregado foi ver o negociante de roupas e disse, 'O senhor quer comprar? Quanto pagaria por ele?' O negociante disse, 'Sim, é muito bom. Posso fazer uma linda jóia. Vou dar-lhe novecentas rupias.' 'Irmão, disse o empregado, 'ofereça um pou-

[10] Krishna criança.

co mais e o venderei para você, dê-me pelo menos por mil rupias.' O negociante de roupas disse, 'Amigo, não exija mais. Ofereci mais do que o preço de mercado. Não posso dar nem mais uma rupia. Faça como quiser.' Rindo, o empregado voltou para o patrão e disse-lhe, 'Ele não dará nem mais uma rupia além dos novecentos. Ele, também, disse que sua cotação estava acima do preço de mercado.' O patrão disse, dando uma gargalhada, 'Agora leve-o a um joalheiro. Vamos ver o que ele vai dizer.' O empregado foi a um joalheiro que deu uma olhada no diamante e imediatamente disse, 'Vou dar-lhe cem mil rupias por ele.'

"Fala-se de praticar religião no mundo. Suponhamos que um homem esteja dentro de um aposento. Todas as portas e janelas estão fechadas. Somente uma pequena luz passa por um buraco no teto. Pode ele ver o sol com aquele teto sobre sua cabeça? E o que fará com somente um raio de luz? 'Mulher e ouro' é o teto. Pode ele ver o sol, a não ser que remova o teto. As pessoas mundanas estão encerradas num aposento.

"As Encarnações de Deus pertencem à classe dos Ishvarakotis. Vagueiam em espaços abertos. Jamais são aprisionados pelo mundo, jamais enredados por ele. Seu ego não é o 'ego denso' das pessoas mundanas. O ego, a 'consciência do eu' das pessoas do mundo é como as quatro paredes e o teto; um homem que está dentro não pode ver nada do exterior. O ego das Encarnações e de outros Ishvarakotis é o 'ego fino'; através dele podem ter um visão ininterrupta de Deus. Tome o caso de um homem que está junto a uma parede, em cujos lados há campos que se estendem até o infinito. Se houver um buraco na parede, através dele, ele pode ver tudo do outro lado. Se o buraco é grande, pode até passar por ele. O ego das Encarnações e dos Ishvarakotis é como a parede com um buraco. Embora estejam do lado da parede, mesmo assim podem ver o campo sem fim, do outro lado. Isto é, embora tenham um corpo humano, estão sempre unidos a Deus. Assim também, se quiserem, podem atravessar o buraco grande para o outro lado, e permanecer em samadhi. E se o buraco é suficientemente grande, podem atravessá-lo para ir para o outro lado, e voltar de novo, isto é, embora estabelecidos em samadhi, podem novamente descer para o plano do mundo."

Os devotos ouviam estupefatos, essas palavras sobre o mistério das Encarnações Divinas.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 40

O MESTRE NAS CASAS DE BALARAM E GIRISH

Sexta-feira, 24 de abril de 1885

MAIS OU MENOS A UMA HORA DA TARDE, M. chegou à casa de Balaram em Calcutá e encontrou o Mestre com um ou dois devotos descansando na sala de visitas. M. começou a abanar o Mestre. Alguns minutos mais tarde Shri Ramakrishna despertou e sentou-se na cama com a roupa um tanto desalinhada. M. saudou-o, tomando a poeira de seus pés.

Mestre (*afetuosamente a M.*): "Você está bem? Estou me sentindo um pouco indisposto. Tenho uma ferida [1] na garganta. Sofro muito nas primeiras horas da manhã. Pode dizer-me como ficarei curado? (*Num tom preocupado*). Serviram-me pickles de manga que comi um pouco.

"Como está sua esposa? Notei no outro dia que parecia um pouco adoentada. Dê-lhe bebidas calmantes para manter os nervos tranqüilos."

M.: "Água de coco verde, senhor?"

Mestre: "Sim. Uma bebida feita de açúcar cande também é boa."

M.: "Desde o último domingo estou morando em nossa casa com meus pais."

Mestre: "Fez bem. Será conveniente viver em casa. Como seus pais moram ali, não terá que se preocupar muito com a família."

Enquanto falava, a boca ficou seca. Disse a M., como uma criança: "Sinto uma secura na minha boca. Você sente o mesmo?"

M. (*a Jogin*): "Sua boca também está ficando seca?"

Jogin: "Não. Talvez seja devido ao calor."

Jogindra de Ariadaha era um discípulo íntimo de Shri Ramakrishna e mais tarde, após a morte do Mestre, renunciou ao mundo.

As roupas de Shri Ramakrishna ainda estavam desalinhadas. Alguns devotos sorriram.

Mestre: "Pareço uma mãe amamentando seu bebê. (*Todos riem*). Ora, sinto minha língua seca. Vou comer uma pera ou um jamrul?[2]"

Baburam: "Deixe-me buscar um jamrul para o senhor."

Mestre: "Você não deve sair com este sol."

M. continuava abanando o Mestre.

Mestre: "Pode parar agora. Há muito tempo que está me abanando."

M.: "Não estou cansado, senhor."

Mestre (*afetuosamente*): "Não?"

M. ensinava numa escola nas vizinhanças. Tinha um pequeno descanso a uma hora, quando então, visitava Shri Ramakrishna. Já era hora de voltar. Saudou o Mestre.

Mestre: (*a M.*): "Tem que ir agora?"

Um devoto: "As aulas não terminaram. Ele vem aqui durante o descanso."

Mestre (*sorrindo*): "Ele é como uma mãe que tem sete ou oito filhos. Dia e noite está ocupada com suas obrigações, mas de vez em quando arranja tempo para servir o marido."

A escola de M. fechava às quatro horas. Voltou à casa de Balaram e encontrou o Mestre sentado na sala de visitas. Os devotos chegaram um a um, entre os quais Naren mais jovem, Narendra e também, M. que saudou o Mestre e sentou-se. As senhoras mandaram um prato de halua para Shri Ramakrishna. Devido à ferida na garganta, não podia comer qualquer alimento sólido.

---

[1] Começo do câncer da garganta.

[2] Tipo de fruta com muito suco.

Mestre (*Narendra):* "Ah! Isto é uma coisa boa! Coma! Está bom! Coma um pouco!" (*Todos riem*).

A tarde caía. Shri Ramakrishna estava pronto para ir à casa de Girish, que havia organizado um festival a fim de comemorar a visita do Mestre. O Mestre desceu do andar de cima da casa de Balaram com M. e alguns devotos. Perto do portão viu um mendigo cantando o nome de Rama e parou. Entrou em meditação e assim permaneceu durante alguns instantes. Disse a M., "Ele canta bem." Um devoto deu ao mendigo quatro moedas.

Shri Ramakrishna entrou na Alameda Bosepara. Rindo, disse a M.: "O que estas pessoas estão dizendo? 'Aí vem o batalhão do Paramahamsa!' O que dizem esses tolos!" (*Todos riem*).

Shri Ramakrishna entrou na casa de Girish que havia convidado muitos devotos para o festival. Muitos deles já haviam chegado. Todos se puseram de pé para receber o Mestre que se sentou, sorridente. Os devotos sentaram-se à sua volta. Entre eles estavam Girish, Mahimacharan, Ram, Bhavanath, Baburam, Narendra, Jogin, Naren mais jovem, Chuni, Balaram, M. e outros devotos que haviam acompanhado o Mestre desde a casa de Balaram

Mestre (*a Mahimacharan*): "Falei com Girish a seu respeito, 'Há um – muito profundo, mas você está mergulhado somente até o joelho.' Agora você deve me ajudar a comprovar o que eu disse. Quero ver vocês dois fazendo um debate, mas não tomem partido." (*Todos riram*).

Girish e Mahimacharan começaram a discussão. Logo Ram disse, "Vamos detê-los e ter um kirtan."

Mestre (*a Ram*): "Não, não! Isto tem um grande significado. São 'ingleses'. Quero ouvir o que dizem."

Mahimacharan contestou que todos poderiam converter-se em Krishna, através da sadhana. Girish disse que Shri Krishna era uma Encarnação de Deus. Por mais sadhana que um homem pratique, jamais pode se tornar uma Encarnação.

Mahima: "Vocês sabem o que quero dizer? Deixe-me dar-lhes um exemplo. A árvore bel pode se tornar uma mangueira se todos os obstáculos forem removidos. Isto pode ser feito pela prática da yoga."

Girish: "Você pode dizer o que quiser, mas isto não pode ser feito nem pela yoga, nem por qualquer outra coisa. Somente um Krishna pode tornar-se Krishna. Se alguém tem todos os atributos de uma outra pessoa, por exemplo, de Radha, então ele não é outro senão aquela pessoa – a própria Radha. Se vir numa pessoa todos os atributos de Krishna, concluirei que estou vendo o próprio Krishna."

Mahimacharan não podia argumentar bem. Por fim teve que aceitar o ponto de vista de Girish.

Mahima (*a Girish*): "Sim, senhor, ambas as opiniões estão corretas. Deus desejou o caminho do conhecimento e também o de bhakti. (*Apontando para Shri Ramakrishna*) Como ele diz, por caminhos diferentes, as pessoas por fim atingem o mesmo objetivo."

Mestre (*à parte para Mahima*): "Veja, o que eu disse estava certo, não estava?"

Mahima: "Sim, senhor. Como o senhor diz, ambos os caminhos estão corretos."

Mestre (*apontando para Girish*): "Não notou quão profunda é sua fé? Ele esqueceu-se até de comer. Como um cão, teria dilacerado sua garganta, se você não tivesse aceitado sua opinião, mas gostamos da discussão. Vocês se conheceram e eu mesmo aprendi muitas coisas."

O músico chegou com seu conjunto e sentou-se no centro do aposento. Esperava um sinal de Shri Ramakrishna para começar o kirtan. O Mestre deu permissão.

Ram (*ao Mestre*): "Por favor, diga-lhes o que devem cantar."

Mestre: "O que vou sugerir? (*Depois de pensar um pouco*) Bem, cantem o prelúdio da união de Radha e Krishna."

O músico cantou:

Meu Gora, meu tesouro, jóia entre os homens
Chora enquanto canta o nome de Shri Radha

E rola no chão, com amor ardente
Canta seu nome repetidamente.
As lágrimas caem de seus olhos cheios de amor.
Uma vez mais rola no chão.
Enquanto canta o nome dela, desmaia.
O cabelo de seu corpo eriça-se;
Sua língua não pode pronunciar a não ser uma única palavra.
Diz Basu [3], 'Por que Gora está tão inquieto?

O kirtan continuava.

Radha havia encontrado Krishna nas margens do Jamuna sob a árvore kadamba. Suas companheiras descrevem sua condição física e mental:

Cem vezes a cada hora, ela entra e sai do quarto;
Inquieta, respirando com dificuldade, olha para o bosque de kadamba.
Será que está com medo dos mais velhos? Estaria tomada por um espírito?
Cheia de inquietude, não pode manter a roupa arrumada;
Suas jóias caíram; treme de vez em quando.
Ó, ela é tão jovem, nascida princesa e além disso esposa!
O que deseja ardentemente? Não compreendemos sua mente;
Mas imaginamos que sua mão está estendida para pegar a lua.
Humildemente diz Chandidas: [4] 'Radha caiu na armadilha de Krishna.'

O kirtan continuava.

As amigas de Radha dizem-lhe:

Diz-me, Ó Radha, de belo rosto! Conta-nos o que te aflige.
Por que tua mente divagou? Por que tu te esfregas na terra em frenesi?
Diz-nos porque tua pele dourada tomou a matiz das cinzas.
De teu corpo a roupa escarlate caiu no chão, descuidada:
Ah! Teus olhos estão vermelhos de lágrimas; teu adorável rosto de lótus deixou de brilhar.
Conte-nos o que te aflige, caso contrário, nossos corações se partirão de dor.

Radha diz às suas amigas:

Anseio pela visão do rosto de Krishna.

O músico cantou de novo.

Ouvindo a flauta de Krishna, Radha enlouquece. Diz às suas amigas:

Quem é o Feiticeiro que mora no bosque de kadamba?
As notas de Sua flauta subitamente entram em meus ouvidos e despertam um acorde em meu coração;
Penetrando até minha alma, matam meu dharma e enlouquecem-me.
Com a mente inquieta e olhos lacrimejantes, Ó, mal posso respirar.
Como toca Sua flauta mágica, cuja música estremece minha alma!
Porque Ele está longe de minhas visitas, meu coração expira, não posso permanecer em casa.
Minha alma anela por Ele atormentada de dor, deseja ardentemente vê-Lo uma vez mais.
Diz Uddhava Das, mas tu vás morrer, Ó Radha, quando o contemplares!

A música continuou.

O coração de Radha anela pela visão de Krishna. Diz às amigas:

[3] Autor da canção.
[4] Autor da canção.

Primeiro ouvi Sua flauta mágica que vinha do bosque de kadamba,
E, no dia seguinte, o menestrel falou-me d'Ele e estremeceu minha alma;
No outro dia, Ó amiga do meu coração, Tu cantaste Seu nome abençoado.
(Ah, o abençoado nome de Krishna, cheio da doçura de mel!)
Os sábios, também, descrevem-me Suas inumeráveis virtudes,
Sou uma moça simples e débil, e severos são meus parentes mais velhos.
Cresce meu amor por meu Bem-Amado; como posso viver mais tempo?
Depois de pensar muito, vi que por fim, devo morrer:
Você não pode dizer-me, Ó amiga, de que maneira posso encontrar meu Krishna?

Ao ouvir o verso, "Ah, o abençoado nome de Krishna, cheio da doçura de mel!" Shri Ramakrishna não pode mais continuar sentado. Pôs-se de pé, inconsciente, e entrou em samadhi profundo. Naren mais jovem ficou à direita. Retomando parcialmente à consciência, o Mestre repetiu o nome de Krishna com sua voz melodiosa. As lágrimas escorriam de suas faces. Sentou-se de novo. O músico continuou.

Vishakha, uma amiga de Radha, sai correndo e traz um retrato de Krishna. Coloca-o diante de Radha. Radha diz, "Vejo a imagem d'Aquele a quem contemplei nas margens do Jamuna. Desde então tenho estado nesta situação.

Vejo a imagem d'Aquele que contemplei às margens do Jamuna.
O nome que Vishakha pronunciou é o nome d'Aquele que está pintado aqui.
Aquele que tocou a flauta é o Bem-Amado de minha alma!
Suas virtudes o trovador cantou para mim. Ele enfeitiçou meu coração.
Não é outro senão Ele!" Assim dizendo, Radha desmaiou.
Reanimada por suas amigas, imediatamente lhes diz:
"Mostrem a mim, Ó amigas, Aquele que vi refletido em minha alma."
E elas prometem-lhe que assim o farão.

Agora Shri Ramakrishna com Narendra e outros devotos começaram a cantar o kirtan em voz alta. Cantaram:

Olhem, chegaram os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Continuaram:

Veja como toda Nadia treme
Sob as ondas do amor de Gauranga. ...

Shri Ramakrishna uma vez mais entrou em samadhi. Depois de recobrar a consciência do mundo exterior, voltou a seu lugar. Dirigindo-se a M., disse-lhe, "Não me lembro para que lado eu estava olhando." Logo começou a conversar com os devotos.

Narendra (*ao Mestre*): "Hazra agora tornou-se um homem bom."

Mestre: "Você sabe. Há pessoas que repetem o nome Rama com a língua, mas escondem pedras debaixo dos braços para jogar nos outros."

Narendra: "Não concordo com o senhor. Perguntei-lhe sobre as queixas que as pessoas têm conta ele. Negou-as."

Mestre: "É constante em sua devoção. Pratica um pouco de japa, mas também, comporta-se de maneira estranha. Não paga ao cocheiro."

Narendra: "Não é verdade, senhor. Ele disse que já havia pago."

Mestre: "Onde obteve o dinheiro?"

Narendra: "De Ramlal ou de qualquer outro."

Mestre: "Você perguntou-lhe todas essas coisas? Uma vez orei à Mãe Divina, ´'O Mãe, se Hazra é um hipócrita, por favor, tire-o daqui'. Mais tarde falei-lhe de minha oração. Depois de alguns dias veio a mim e disse, 'Veja, ainda estou aqui'. (*O Mestre e os devotos riram*). Mas pouco tempo depois foi embora.

"A mãe de Hazra pediu-me, através de Ramlal, para falar a Hazra para voltar para casa. Estava quase cega de tanto chorar. Tentei por diversas maneiras, persuadi-lo a visitá-la. Eu disse, 'Sua mãe está velha, visite-a uma vez.' Não consegui que ele fosse. Pouco tempo depois a pobre mãe morreu, chorando por ele."

Narendra: "Desta vez ele voltará para casa."

Mestre: "Sim, sim! Ele irá para casa! É um mau caráter, um canalha. Você não o compreende. Você é um tolo. Gopal disse que Hazra passou uns dias em Sinthi. As pessoas costumavam dar-lhe manteiga, arroz e outros alimentos. Teve a imprudência de dizer-lhes que não podia comer um arroz tão ruim e manteiga de qualidade inferior. Ishan de Bhatpara acompanhou-o até lá. Mandou Ishan carregar água para ele. Isto fez com que os outros brahmins ficassem zangados."

Narendra: "Perguntei-lhe a este respeito, também. Disse que o próprio Ishan Babu havia trazido a água. Além disso, muitos brahmins de Bhatpara trataram-no com respeito."

Mestre (*sorrindo*): "Isto foi resultado de seu japa e austeridade. Os traços físicos influenciam muito o caráter. Estatura baixa e corpo com depressões aqui e ali não são bons sinais. Com esses traços leva-se muito tempo para adquirir conhecimento espiritual."

Bhavanath: "Vamos parar de falar dessas coisas."

Mestre: "Não me interprete mal. (*A Narendra*) Você diz que compreende as pessoas. É por isso que estou lhe dizendo tudo isso. Sabe como considero pessoas como Hazra? Sei que assim como Deus toma a forma de santos, assim também Ele toma a forma de trapaceiros e canalhas. (*A Mahimacharan*) O que me diz? São todos Deus."

Mahima: "Sim, senhor. Todos são Deus."

Girish (*ao Mestre*): "Senhor, o que é ekangi prema?"

Mestre: "É amor unilateral. Por exemplo, a água não procura o pato, mas o pato adora a água. Há outros tipos de amor: sadharani, samanjasa e samartha. No primeiro, o comum, o amante procura somente sua felicidade, não se preocupa se a outra pessoa é feliz ou não. Esta era a atitude de Chandravali em relação a Krishna. No segundo, que é um tipo de amor mais nobre, um procura a felicidade do outro. Mas o terceiro é o mais elevado de todos. Esse amante diz a seu bem-amado, 'Seja feliz, não importa o que possa acontecer comigo'. Radha tinha esse amor mais elevado. Ficava feliz com a felicidade de Krishna. As gopis, também, haviam atingido este estado sublime.

"Sabe quem eram as gopis? Ramachandra caminhava pela floresta onde moravam sessenta mil rishis, ansiosos para vê-Lo. Ele lançou-lhes um olhar doce. Segundo um dos Puranas nasceram como as gopis de Vrindavan.

Um devoto: "Senhor, quem pode ser chamado um antaranga?"

Mestre: "Vou dar-lhe um exemplo. Um natmandir tem colunas internas e externas. Um antaranga é como as colunas internas. Aqueles que vivem sempre perto do guru são os antarangas.

(*A Mahimacharan*): "O jnani não deseja nem a forma de Deus nem Sua Encarnação. Enquanto andava pela floresta, Ramachandra viu muitos rishis. Eles O convidaram para seu ashrama, e com muito amor disseram-Lhe: 'Ó Rama, hoje nossa vida está abençoada porque Te vimos, mas Te conhecemos como filho de Dasharatha. Bharadvaja e outros sábios O consideram uma Encarnação Divina, mas esta não é nossa opinião. Meditamos no Indivisível Satchidananda'. Rama ficou satisfeito com eles e sorriu.

"Ah, por que estado mental passei! Minha mente perdia-se no Absoluto Indivisível. Quantos dias passei assim! Renunciei a bhakti e bhakta, devoção e devoto. Tornei-me inerte. Não podia sentir a forma de minha própria cabeça. Estava quase morrendo. Pensei em ter a tia de Ramlal [5] junto a mim.

"Mandei retirar todos os quadros e retratos do meu aposento. Quando retomei à consciência exterior, quando a mente desceu ao nível normal, senti como se estivesse sendo sufocado, como uma pessoa que está se afogando. Por fim, disse a mim mesmo, 'Se não posso suportar as pessoas, como vou viver?' Logo a mente foi direcionada novamente a bhakti e bhak-

[5] Referindo-se à própria esposa.

ta.'O que me aconteceu?' Continuei perguntando às pessoas. Bholanath [6] disse-me, 'Este estado mental foi descrito no *Mahabharata*'. Como pode um homem viver, descendo do plano de samadhi? Certamente que tem necessidade de devoção a Deus e da companhia dos devotos. Caso contrário, como manterá a mente ocupada?"

Mahimacharan (*ao Mestre*): "Senhor, pode um homem voltar do plano de samadhi ao plano do mundo normal?"

Mestre (*em voz baixa, a Mahima*): "Vou lhe falar particularmente. Você é o único apto a ouvi-lo."

"Koar Sungh também me fez esta pergunta. Veja, há uma grande diferença entre jiva e Ishvara. Por meio da adoração e austeridade, um jiva pode no máximo, alcançar o samadhi, mas não pode descer do samadhi. Por outro lado uma Encarnação Divina pode descer do samadhi. Um jiva é como um funcionário do rei, pode ir até o pátio exterior do palácio de sete andares, mas o filho do rei tem acesso a todos os sete andares, pode também sair. Todos dizem que ninguém pode voltar do samadhi. Neste caso, o que dizer de sábios como Shankara e Ramanuja? Retiveram o 'ego do Conhecimento'."

Mahima: "Certamente é verdade. Caso contrário, como poderiam escrever livros?"

Mestre: "Também há exemplos de sábios como Prahlada, Narada e Hanuman. Eles, também, retiveram bhakti depois de alcançar o samadhi."

Mahima: "É verdade, senhor."

Mestre: "Algumas pessoas dedicam-se à especulação filosófica e pensam muito em si mesmo. Talvez tenham estudado um pouco de Vedanta, mas um homem não pode ser egoísta se tiver conhecimento verdadeiro. Em outras palavras, em samadhi uma pessoa torna-se una com Deus e livra-se do egoísmo. É impossível o verdadeiro conhecimento sem samadhi. O homem em samadhi torna-se una com Deus, portanto não pode ter qualquer egoísmo.

"Sabe como é? Ao meio-dia o sol está diretamente no alto da cabeça. Se alguém olhar em volta não verá sua sombra. Da mesma maneira não encontrará a 'sombra' do ego depois de alcançar o Conhecimento, samadhi.

"Mas se vir em alguém um vestígio da 'consciência do eu', depois de alcançar o verdadeiro Conhecimento, saiba que se trata do 'ego do Conhecimento' ou o 'ego de Devoção', ou o 'ego' de servo'. Não é mais o 'ego de ignorância'.

"Jnana e bhakti são caminhos gêmeos. Qualquer um deles que for seguido, no final é a Deus que se encontra. O jnani considera Deus de uma maneira, e o bhakta de outra. O Deus do jnani está cheio de brilho, e o Deus do bhakta, cheio de doçura."

Bhavanath estava sentado próximo do Mestre, escutando suas palavras.

Bhavanath (*ao Mestre*): "Senhor, tenho uma pergunta. Não compreendo muito bem o *Chandi*. Ali está escrito que a Mãe Divina mata todos os seres. O que significa?"

Mestre: "Isto tudo é Sua lila, Seu prazer de jogar. Esta pergunta costumava preocupar-me. Mais tarde dei-me conta de que tudo é maya. Tanto a criação como a destruição são a maya de Deus."

Girish conduziu Shri Ramakrishna e os devotos ao terraço, onde foi servida uma pequena refeição. A lua brilhava no céu. Os devotos sentaram-se. O Mestre ocupou um lugar na frente deles. Todos estavam alegres.

Shri Ramakrishna ficou fora de si de alegria ao ver Narendra. O amado discípulo sentou-se na fila da frente. De vez em quando o Mestre perguntava como ele estava se sentindo. Mal havia acabado de comer metade de sua refeição, quando foi até Narendra com um pedaço de melancia e coalhada de seu próprio prato. Afetuosamente disse ao discípulo, "Por favor, coma isto". Em seguida voltou para seu lugar.

Sábado, 9 de maio de 1885

Eram cerca de três horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado muito feliz na sala de visitas de Balaram. Muitos devotos estavam presentes. Narendra, M., Bhavanath, Purna, Paltu, Naren mais jovem, Girish, Ram, Binode, Dwija e outros sentaram-se à sua volta.

[6] Um funcionário do templo.

Balaram não estava presente, fora a Monghyr para uma mudança de ar. Sua filha mais velha convidara Shri Ramakrishna e os devotos, comemorando a ocasião com uma festa. O Mestre foi repousar depois da refeição.

Repetidamente o Mestre perguntava a M. "Sou uma pessoa de mentalidade generosa? Diga-me"

Bhavanath (*sorrindo*): "Por que o senhor lhe pergunta? Ele ficará calado."

Um mendigo entrou no aposento. Queria cantar. Os devotos escutaram uma ou duas canções. Narendra gostou de sua maneira dele cantar e pediu-lhe que continuasse.

Mestre: "Pare! Pare! Não queremos mais canções. Onde está o dinheiro? (*A Narendra*) Você pede para cantar, mas quem vai pagar?"

Um devoto (*sorrindo*): "Senhor, o mendigo pode pensar que o senhor é um amir, um aristocrata rico, pela maneira como o senhor está recostado contra o almofadão." (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Também pode pensar que estou doente."

A conversa voltou-se para Hazra e seu egoísmo. Por alguma razão ele teve de ir embora de Dakshineswar.

Narendra: "Hazra agora admite que era egoísta."

Mestre: "Não acredite nele. Fala assim para poder voltar a Dakshineswar. (*Aos devotos*) Narendra sempre insiste que Hazra é uma grande pessoa."

Narendra: "Mesmo agora digo isto."

Mestre: "Por que? Você ouviu tanto a seu respeito, e ainda pensa assim."

Narendra: "Ele tem pequenos defeitos mas tem grandes qualidades."

Mestre: "Admito que ele tenha devoção ao seu Ideal. Disse-me, 'O senhor não se importa comigo agora, mas mais tarde vai procurar a minha companhia.' Um goswami veio de Srerampore. Era um descendente de Advaita Goswami. Tinha intenção de passar uma noite ou duas no templo. Pedi-lhe cordialmente que ficasse. Sabe o que Hazra me disse? Disse, 'Mande-o para o funcionário do templo.' O que ele pensava era que o goswami poderia pedir leite e comida, e que ele teria de lhe dar algo de sua porção. Eu disse a Hazra, 'Agora, seu patife! Até eu me prosterno ante ele porque é um goswami e você, depois de levar uma vida mundana e ceder bastante à "mulher e ouro", tem tanto orgulho só por causa de um pouco de japa! Não tem vergonha?'

"Realiza-se Deus por meio de sattva. Rajas e tamas afastam uma pessoa d'Ele. As escrituras descrevem sattva como branca, rajas como vermelha e tamas como preta. Uma vez perguntei a Hazra, 'Diga-me o que pensa das pessoas que vêm aqui. Quanto de sattva cada uma tem?' Ele disse: 'Narendra tem cem por cento e eu, cento e dez por cento.' 'E eu?' perguntei. Ele respondeu, 'O senhor ainda tem vestígios cor de rosa. Devo dizer que o senhor tem setenta e cinco por cento.' (*Todos riem*).

"Hazra costumava praticar japa em Dakshineswar. Enquanto passava o rosário, tentava fazer alguns negócios de corretagem. Tem uma dívida de umas mil rupias que deve ser paga. Sobre os cozinheiros brahmins do templo, observou, 'O senhor pensa que falo com pessoas dessa classe?'

"A verdade é que não se pode alcançar Deus enquanto existir o menor vestígio de desejo. Sutil é o caminho de dharma. Se alguém estiver tentando enfiar a linha numa agulha, não conseguirá fazê-lo se o fio tiver o menor fiapo.

"Há pessoas que fazem japa durante trinta anos e não alcançam qualquer resultado. Por que? Gangrena requer tratamento drástico. Remédio comum não a cura..

"Não importa o quanto de sadhana se pratique, não atingirá a meta enquanto tiver desejos, mas também é verdade, que se pode atingir a meta de uma hora para outra, pela graça de Deus, por Sua bondade. Tome o exemplo de um aposento que tenha estado no escuro durante mil anos. Se alguém trouxer luz, o aposento fica iluminado num instante.

"Suponhamos que o filho de um homem pobre tenha caído nas boas graças de uma pessoa rica e casa-se com sua filha. Imediatamente ganha carruagem, roupas, móveis, uma casa etc."

Um devoto: "Senhor, como se recebe a graça de Deus?"

Mestre: "Deus tem a natureza de uma criança. Suponhamos que uma criança esteja sentada com pedras preciosas em seu colo. Muitas pessoas passam por ela e pedem-lhe as pedras, mas ela as esconde com a mão e diz, virando o rosto. 'Não, não vou me desfazer de nenhuma.' Mas um homem chega, não pede nada e a criança corre para ele e lhe oferece as pedras, pedindo-lhe para aceitá-las.

"Não se pode realizar Deus sem renúncia. Quem aceitará minhas palavras? Quero um companheiro, uma alma irmã que compreenda meus sentimentos. Ao ver um grande devoto digo a mim mesmo, 'Talvez vá aceitar o meu Ideal'. Porém, mais tarde, descubro que ele se comporta de outra maneira.

"Um fantasma procurava um companheiro. Acredita-se que uma pessoa torna-se fantasma se morrer de acidente num sábado ou numa terça-feira. Por isso toda vez que o fantasma encontrava alguém que aparentemente teria morrido de acidente num desses dias, corria para ele. Dizia para si mesmo que, enfim, havia encontrado um companheiro, mas mal chegava junto do homem, via que estava se recuperando. O homem talvez tivesse caído de um telhado, e depois de algum tempo recuperado a consciência.

"Certa vez Mathur Babu estava em êxtase. Comportava-se como um bêbado e não podia cuidar dos negócios. A isto todos disseram, 'Quem tomará conta de sua fortuna, se ele se comporta assim? Certamente o jovem sacerdote [7] enfeitiçou-o'

"Numa das primeiras visitas de Narendra, toquei seu peito e ele ficou inconsciente. Retomando a consciência, chorou e disse, 'Ó, por que o senhor fez isso comigo? Tenho pai! Tenho mãe!' Esse 'eu' e 'meu' brotam da ignorância.

"Um guru disse a seu discípulo. 'O mundo é ilusório. Venha comigo.', 'Mas reverenciado senhor', disse o discípulo, 'as pessoas em casa – meu pai, minha mãe, minha esposa – amam-me muito. Como posso abandoná-los?' O guru respondeu, 'Sem dúvida você agora tem este sentimento de 'eu' e 'meu' e diz que eles o amam, mas é tudo ilusão de sua mente. Vou ensinar-lhe um artifício e você saberá se eles o amam de verdade ou não.' Dizendo isso, o instrutor deu ao discípulo uma pílula e disse-lhe, 'Engula-a isso em casa. Parecerá um cadáver, mas não perderá a consciência, verá e ouvirá tudo. Então irei à sua casa, e gradualmente você voltará ao seu estado normal.'

"O discípulo seguiu as instruções do mestre e deitou-se na cama como um morto. A casa estava cheia de fortes lamentos. A mãe, a esposa e os outros choravam amargamente. Então um brahmin entrou e disse-lhe, 'O que está acontecendo?' 'Este rapaz está morto', responderam. O brahmin sentiu seu pulso e disse, 'Como? Ele não está morto. Tenho um remédio que o curará.' A alegria dos parentes não teve limites, parecia que o céu havia descido sobre a casa. 'Mas', disse o brahmin, 'devo dizer-lhe algo mais. Outra pessoa deve tomar um pouco desse remédio primeiro e em seguida, o rapaz tomará o restante. Mas a outra pessoa morrerá. Vejo que ele tem muitos parentes queridos aqui, certamente um deles concordará em tomar o remédio. Vejo que a esposa e a mãe estão chorando amargamente. Certamente não hesitarão em tomá-lo.'

"Imediatamente todos pararam de chorar e ficaram em silêncio. A mãe disse, 'Bem, está é uma família numerosa. Suponhamos que eu morra, quem tomará conta dela família?' Começou a refletir. A esposa que estivera chorando há um minuto atrás e lamentando-se de sua má sorte, disse, 'Bem, ele foi embora do mundo dos vivos. Tenho duas ou três crianças pequenas. Quem cuidará delas se eu vier a falecer?'

'O discípulo viu e ouviu tudo. Levantou-se imediatamente e disse ao instrutor, 'Vamos, reverenciado senhor. Eu o seguirei'. (*Todos riram*).

"Um outro discípulo disse a seu instrutor, 'Reverenciado senhor, minha esposa cuida bem de mim. É por ela que não posso abandonar o mundo.' O discípulo praticava hatha yoga. O instrutor ensinou-lhe também, um artifício para testar o amor da esposa. Um dia ouviram-se grandes lamentos em sua casa. Os vizinhos vieram correndo e viram o hatha yogi sentado numa postura, os membros paralisados. Pensaram que estivesse morto. Sua esposa caiu ao solo, chorando amargamente. 'Ó, o que me aconteceu? O que você fez para nosso futuro? Ó, amigos, jamais sonhei em ter um tal destino!"

[7] Shri Ramakrishna que, nesta época, era sacerdote do templo de Kali.

"Nesse meio tempo os parentes e amigos trouxeram uma padiola para levar o cadáver, mas subitamente surgiu uma dificuldade, logo que começaram a carregar. Como o corpo estivesse torcido e rígido não pôde ser retirado pela porta. Um vizinho rapidamente trouxe um machado e começou a cortar o marco da porta. A esposa chorava amargamente quando ouviu o barulho do machado. Correu para a porta. 'O que estão fazem, amigos?' perguntou, chorando. O vizinho disse, 'Não podemos tirar o corpo, por isso estamos cortando o marco da porta.'

" 'Por favor, disse a esposa, 'não façam tal coisa. Agora estou viúva, não tenho ninguém para tomar conta de mim. Tenho que educar essas crianças. Se vocês destruírem essa porta, não poderei comprar outra. Amigos, a morte é inevitável para todos e meu marido não pode voltar à vida. É melhor que cortem seus membros.' O hatha yogi levantou-se imediatamente porque o efeito do remédio havia terminado. Disse à esposa, 'Sua malvada! Quer cortar minhas mãos e pés, não é?' Assim falando, renunciou ao lar e seguiu o instrutor. (*Todos riem*).

"Muitas mulheres dão um espetáculo de pesar. Sabendo que terão de chorar, primeiro tiram as argolas do nariz e outros enfeites, guarda-os em segurança, numa caixa e fecham à chave. Em seguida jogam-se ao solo e choram. 'Ó amigos, o que nos aconteceu?' "

Narendra: "Como posso crer, sem provas que Deus encarna-Se, como um homem?"

Girish: "Somente a fé é suficiente. Qual a prova de que estes objetos são exteriores a nós? Somente a fé é a prova."

Um devoto: "Os filósofos foram capazes de provar que o mundo exterior existe fora de nós? Mas dizem que temos de ter uma crença irresistível nesse fato."

Girish (*a Narendra*): "Você não acreditaria mesmo se Deus aparecesse diante de você. O próprio Deus poderia dizer que era Deus nascido homem, mas talvez você lhe dissesse que Ele era mentiroso e trapaceiro."

A conversa voltou-se para a imortalidade dos deuses.

Narendra: "Qual é a prova de sua imortalidade?"

Girish: "Você não acreditaria mesmo se os deuses aparecessem diante de você."

Narendra: "Que os imortais tenham existido no passado, requer provas."

M. sussurrou algo a Paltu.

Paltu (*sorrindo*, *a Narendra):* "Que necessidade têm os imortais de serem sem princípio? Para ser imortal é necessário ser sem fim."

Mestre (*sorrindo*): "Narendra é o filho de um advogado, mas Paltu de um magistrado." (*Todos riem*).

Todos ficaram calados por algum tempo.

Jogin (*sorrindo*): "Ele [referindo-se ao Mestre] não aceita mais as palavras de Narendra."

Mestre (*sorrindo*): "Um dia mencionei que o pássaro chatak não bebe qualquer água, exceto a que cai do céu. Narendra, 'O pássaro chatak também bebe água comum.' Então eu disse à Mãe Divina, 'Mãe, minhas palavras são falsas?' Sentia-me muito preocupado com isto. Dias depois, Narendra estava aqui. Muitos pássaros voaram para dentro do quarto. Ele exclamou, 'Olhe! Olhe!'. 'O que há?' perguntei. Ele disse, 'Ali está o seu chatak!' Vi que eram somente morcegos. Desde aquele dia não aceito o que ele diz (*Todos riem*).

"Na chácara de Jadu Mallick Narendra disse-me: 'As formas de Deus que o senhor vê, são invenção de sua mente.' Fiquei admirado e disse-lhe, 'Mas elas também falam!' Narendra respondeu, 'Sim, pode-se pensar assim.' Fui ao templo e chorei diante da Mãe, 'Ó Mãe, eu disse, 'O que é isto? É tudo falso? Como pode Narendra dizer isto? No mesmo momento tive uma revelação. Vi a Consciência – a Consciência Indivisível – e um Ser divino formado daquela Consciência. A forma divina disse-me, "Se suas palavras são falsas, como é que elas concordam com os fatos?" Por isso disse a Narendra, 'Seu canalha! Você criou incredulidade em minha mente. Não venha mais aqui'."

A discussão continuou. Narendra com pouco mais de vinte e dois anos, argumentava.

Narendra (*a Girish, M. e outros*):"Como posso acreditar nas palavras das escrituras? O *Mahanirvana Tantra* diz, num trecho, que a não ser que o homem alcance Conhecimento de Brahman, vai para o inferno e o mesmo livro diz, em outro trecho que não há salvação sem

adoração a Parvati, a Mãe Divina. Manu escreve a seu respeito no *Manusamhita*; Moisés descreve sua própria morte no Pentateuco.

"A filosofia Samkhya diz que Deus não existe porque não há prova de sua existência. Também essa filosofia diz que devemos aceitar os Vedas e que eles são eternos.

"Mas não digo que não são verdadeiros. Simplesmente não os compreendo. Por favor explique-os a mim. As pessoas explicaram as escrituras segundo sua imaginação. Que explicação vamos aceitar? A luz branca transmitida por um meio vermelho parece vermelha, por um meio verde, verde."

Um devoto: "O *Gita* contém as palavras de Deus."

Mestre: "Sim, o *Gita* é a essência de todas as escrituras. Um sannyasi pode ou não, guardar consigo um outro livro, mas sempre traz um *Gita* no bolso."

Um devoto: "O *Gita* contém as palavras de Krishna."

Narendra: "Sim, Krishna ou qualquer outro."

Shri Ramakrishna ficou admirado com essas palavras de Narendra.

Mestre: "É uma boa discussão. Há duas interpretações das escrituras: a literal e a real. Deve-se aceitar somente o significado real – o que concorda com as palavras de Deus. Há uma grande diferença entre as palavras escritas numa carta e as faladas por quem as escreve. As escrituras são como as palavras da carta, já as palavras de Deus são as faladas por Ele. Não aceito nada a não ser que esteja de acordo com as palavras ditas diretamente pela Mãe Divina."

A conversa voltou-se novamente para a Encarnação Divina.

Narendra: "É suficiente ter-se fé em Deus. Não me importo sobre o que Ele está fazendo ou de onde vem. O universo é infinito e infinitas são as Encarnações."

Quando Shri Ramakrishna ouviu as palavras 'Infinito é o universo e infinitas sãos as Encarnações', disse de mãos postas, "Ah!"

M. sussurrou alguma coisa a Bhavanath.

Bhavanath: "M. diz, 'Enquanto eu não tiver visto o elefante, como posso saber se ele pode passar através do buraco de uma agulha? Não conheço Deus, como posso entender pela razão, se Ele pode ou não encarnar-Se como homem?' "

Mestre: "Tudo é possível para Deus. É Ele o mágico. O mágico engole a faca e de novo pega outra novamente; engole pedras e tijolos."

Um devoto: "Os Brahmos dizem que um homem deve executar suas obrigações mundanas. Não deve renunciar a elas."

Girish: "Sim, li qualquer coisa assim em seu jornal, o *Sulabha Samachar*, mas um homem não pode nem sequer terminar todos os trabalhos necessários para conhecer Deus, e contudo fala de obrigações mundanas."

Shri Ramakrishna sorriu um pouco, olhou para M. e fez um sinal com os olhos, como querendo dizer, "O que ele diz está certo."

M. entendeu que esta questão de cumprir deveres era extremamente difícil.

Purna chegou.

Mestre: "Quem lhe disse que estávamos aqui?"

Purna: "Sarada."

Mestre (*aos devotos*): "Sirvam-me algo para comer."

Narendra preparava-se para cantar. O Mestre e os devotos estavam ansiosos para ouvir a música. Narendra cantou:

> Shiva, Teu trovão reina sobre os campos, montanhas e céu!
> Ó Deus dos Deuses! Ó! Matador do Tempo, Tu, o Grande Vazio, o Rei do Dharma!
> Shiva, Tu o Abençoado Uno, tens que me redimir, retira meu pesado pecado.

A seguir cantou:

> Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!
> Ele cai como o mais doce néctar, em nossos ouvidos
> E nos conforta, Bem-Amado de nossas almas! ...

Novamente:

Por que, Ó mente, jamais O chamas
Aquele que retira todo temor do perigo?
Enganada pela ilusão, tu te esqueces,
Enamorada da agressividade do mundo.
Ó, que riso há aqui!

Companheiros e riquezas tu não podes conservar para sempre;
Toma cuidado e não O esqueças
Abandona o falso, Ó mente minha! Adora o Real
E toda a tristeza desaparecerá de tua vida.
Guarda meu bom conselho em teu coração.

Com voz sonora proclama o nome do Senhor Hari
E descarta teus falsos desejos,
Se quiseres cruzar o oceano desta vida,
Entrega-Te a Ele, corpo, mente e alma.
E adora-O com amor confiante.

Paltu: "Não quer cantar esta?"
Narendra: "Qual?"
Paltu: "Quando contemplo Teu rosto sem par."
Narendra cantou:

Quando contemplo Teu rosto sem par, radiante de amor, Ó Senhor.
Que medo tenho do pesar terreno ou do amargar da tristeza?
Assim como o primeiro raio de sol nascente desvanece a escuridão,
Assim também, Senhor quando Tua luz abençoada queima dentro do coração.
Faz desaparecer todo nosso pesar e dor com o mais suave dos bálsamos.
Quando reflito em Teu amor e graça, no mais profundo do meu coração,
Lágrimas de alegria, impossíveis de serem contidas, escorrem de minha face
Salve, Senhor Misericordioso! Salve, Uno Gracioso! Vou proclamar Teu amor.
Que meu alento vital se aparte de mim enquanto executo Teus trabalhos!

A pedido de M., Narendra cantou uma vez mais, M. e a maioria dos devotos, de mãos postas, escutavam:

Embriaga-te, Ó mente, com o Vinho da Felicidade Celestial!
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari! ...

Narendra cantou novamente:

Medita, Ó mente minha, no Senhor Hari.
O Imaculado, Espírito puro de todos os tempos.
Sem paz, é a luz que brilha n'Ele!
Quão sedutora é Sua forma maravilhosa!
Quão querido é Ele a todos Seus devotos! ...

Cantou outra canção:

Este universo maravilhoso e infinito
Ó Senhor, é Tua arte:
E o mundo inteiro é o tesouro
De Tua beleza e graça;
As estrelas brilham infinitamente.
Como pedras preciosas num colar de ouro;

Como podem miriades de sóis e luas.
Ser contadas lá no alto?
A terra resplandece com grão e ouro
De Teu depósito infindável:
Estrelas sem conta, Ó Deus, cantam!
Abençoado, abençoado és Tu!

Depois ele cantou:

Na amplidão do céu resplandecem brilhantes
Os lampiões do sol e da lua.
Como diamantes brilham as estrelas cintilantes
Para enfeitar Tua forma maravilhosa. ...

Continuou:

Amarre sua mente, Ó homem, no Purusha Primordial.
Que é a Causa de todas as causas.
O Uno Imaculado, a Verdade Sem começo.
Como Prana, Ele permeia o infinito universo.
O homem de fé contempla-O
Vivendo, resplandescente, a Raiz de tudo. ...

A pedido de Narayan, Narendra cantou:

Vem! Vem, Mãe! Boneca de minha alma! Deleite de meu coração!
No lótus do meu coração vem e fica, para que eu possa ver Teu rosto.
Ó! Doce Mãe, mesmo desde o berço tenho sofrido muito;
Mas suportei tudo, Tu sabes, contemplando-Te.
Abre o lótus do meu coração, Mãe querida! Revela-Te ali.

Depois Narendra cantou uma canção de sua escolha:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa caverna escura da montanha. ...

Quando Shri Ramakrishna ouviu esta canção arrebatadora, entrou em samadhi. Narendra cantou de novo:

Fique embriagada, Ó mente, com o Vinho da Felicidade Celestial! ...

O Mestre estava em samadhi, sentado numa almofada, balançando as pernas, olhando para o norte e encostado contra a parede. Os devotos encontravam-se sentados à sua volta.

Em êxtase Shri Ramakrishna conversava com a Mãe Divina. Dizia, "Vou comer agora, Tu vens? Encontraste Teu alojamento e deixaste Tua bagagem ali e saíste?" Continuou: "Agora não desfruto da companhia de qualquer um. Por que deveria escutar a música, Mãe? Isto desvia parte de minha mente, para o mundo exterior."

Gradualmente o Mestre foi retomando a consciência do mundo exterior. Olhando para os devotos disse. "Anos atrás costumava ficar admirado ao ver as pessoas guardar vivos, num aquário, os peixe kai. Dizia, 'Que gente má! No final vão matá-los', mas depois, com uma mudança em minha mente, compreendi que os corpos são como fronhas. Não importa se permanecem ou caem."

Bhavanath: "Então pode uma pessoa ferir outra, sem incorrer em pecado? Matá-la?"

Mestre: "Sim, é permitido se uma pessoa atingiu aquele estado mental, mas nem todos o atingem. É o estado de Brahmajnana.

"Descendo um ou dois degraus do samadhi, desfruto de bhakti e bhakta.

"Em Deus há tanto vidya como avidya. Vidyamaya conduz uma pessoa a Deus e Avidyamaya afasta-a d'Ele. Conhecimento, devoção, compaixão e renúncia pertencem ao campo de vidya que ajuda os homens a se aproximarem de Deus. Um degrau acima, alcança Deus, o Conhecimento de Brahman. Nesse estado sente e vê claramente que foi Deus quem Se tornou tudo. Não tem nada a abandonar, nada a aceitar. É impossível para ele ficar zangado com alguém.

"Um dia eu estava numa carruagem, quando vi duas prostitutas numa varanda. Deram-me a impressão de serem a personificação da Própria Mãe Divina. Saudei-as.

"Na primeira vez que alcancei este estado exaltado, não pude adorar a Mãe Kali, nem oferecer-lhe comida. Haladhari e Hriday disseram-me que por causa disso o funcionário do templo me havia caluniado, mas eu simplesmente achei graça. Não fiquei nem um pouco zangado. Atinja primeiro Brahmajnana e em seguida, ande por onde quiser, desfrutando a lila de Deus. Um santo foi a uma cidade e saiu para visitar os pontos interessantes, quando encontrou-se com outro sadhu, seu conhecido. Este último disse-lhe: 'Vejo que você está passeando. Onde está sua bagagem? Espero que não tenha sido roubada.' O primeiro sadhu disse: 'Absolutamente. Primeiro procurei um alojamento, guardei minhas coisas no quarto e fechei a porta. Agora estou desfrutando as belezas da cidade'." (*Todos riem*).

Bhavanath: "Estas são palavras muito elevadas."

M. (*a si mesmo*): "Provar a lila de Deus depois de Brahmajnana! Descer ao plano de consciência comum depois de atingir samadhi!"

Mestre (*a M. e a outros*): "É fácil obter o Conhecimento de Brahman? Só é possível se a mente for aniquilada. O guru disse ao discípulo, 'Dê-me sua mente e lhe darei o Conhecimento'. Nesse estado a pessoa só gosta de conversa espiritual e da companhia dos devotos.

(*A Ram)* "Você é médico, sabe que o remédio só tem efeito quando se mistura com o sangue do paciente e torna-se uno com ele. Assim também, no estado de Brahmajnana, vê-se Deus tanto interna como externamente. Vê-se que foi o Próprio Deus que Se tornou o corpo, mente, vida e alma."

M. (*para si mesmo*): "Assimilação!"

Mestre: "Um homem atinge Brahmajnana assim que a mente for aniquilada. Com a aniquilação da mente morre o ego que diz 'eu', 'eu'. Alcança-se o Conhecimento de Brahman seguindo o caminho da devoção. Ele também é atingido pelo caminho do Conhecimento, isto é, da discriminação. Os jnanis discriminam dizendo, 'neti, neti', quer dizer, 'Tudo é ilusório, como um sonho'. Analisam o mundo através do processo de 'isto não, isto não'; é maya. Quando o mundo se desvanece, permanecem somente os jivas quer dizer, todos esses egos.

"Cada ego pode ser comparado a um jarro. Suponhamos que haja dez jarros cheios de água e que o sol se reflita neles. Quantos sóis vemos?"

Um devoto: "Dez refletidos. Além disso há o sol verdadeiro."

Mestre: "Suponhamos que um jarro se quebre. Quantos sóis são vistos agora?"

Devoto: "Nove sóis refletidos, mas certamente existe o sol verdadeiro."

Mestre: "Muito bem. Suponhamos que se quebraram nove jarros. Quantos sóis há?"

Devoto: "Um sol refletido, mas existe o sol verdadeiro."

Mestre (*a Girish*): "O que fica depois que o último jarro é quebrado?"

Girish: "O sol verdadeiro, senhor."

Mestre: "Não. O que permanece não pode ser descrito. O que *é* permanece. Como vocês podem saber que há um sol verdadeiro a não ser que haja um sol refletido? A 'consciência do eu' é destruída em samadhi. Um homem que desce do samadhi a um plano inferior não pode descrever o que viu."

Era tarde da noite. Os lampiões estavam acesos na sala de visitas. Shri Ramakrishna estava em êxtase. Os devotos o rodeavam.

Mestre (*em êxtase*): "Não há mais ninguém aqui, portanto, digo-lhes. Aquele que do fundo de sua alma busca conhecer Deus, certamente O realizará. Tem que alcançá-Lo. Só quem estiver inquieto por Deus e nada mais busca, O realizará.

"Aqueles que pertencem a este lugar [8] já chegaram. Aqueles que virão de agora em diante, são estranhos. Essas pessoas virão de vez em quando. A Mãe Divina lhes dirá, 'Façam isto, chamem Deus desta maneira.'

"Por que a mente de um homem não mora em Deus? Vejam, mais poderosa do que Deus é Sua Mahamaya, Seu Poder de Ilusão. Mais poderoso do que o juiz é seu ajudante. (*Todos riem*).

"Rama disse a Narada, 'Estou muito satisfeito com suas orações. Peça-Me uma graça'. Narada respondeu, 'Ó Rama, possa eu ter pura devoção por Teus Pés de Lótus, e que não seja iludido pela Tua maya que enfeitiça!' Rama disse, 'Que assim seja mas peça-Me algo mais.' Narada respondeu, 'Não, Rama, não quero qualquer outra graça.'

"Todos estão sob o encanto dessa maya que seduz. Ao assumir um corpo, Deus também fica sob o controle desta magia. Rama caminhava, chorando por Sita. 'Brahman chora enredado na armadilha dos cinco elementos', mas vocês devem lembrar-se de que, 'Deus, por Seu simples desejo, pode libertar-Se dessa armadilha."

Bhavanath: "O guarda de uma estação ferroviária tranca-se porque quer num vagão, mas pode sair de lá quando aprouver."

Mestre: "Os Ishvarakotis – Encarnações Divinas, por exemplo – podem liberar-se sempre que quiserem, mas os jivakotis, não. Os jivas estão aprisionados em 'mulher e ouro'. Quando as portas e janelas de um aposento estão fechadas com parafusos, como se pode sair?"

Bhavanath (*sorrindo*): "As pessoas comuns são como os passageiros de terceira classe de um trem. Quando as portas dos seus compartimentos são fechadas, não têm meios de sair."

Girish: "Se um homem estiver fortemente atado pelos pés e pelas mãos, o que poderá fazer?"

Mestre: "Ele não tem nada a temer se o Próprio Deus, como guru, cortar a corrente de maya."

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[8] Círculo íntimo dos devotos do Mestre.

CAPÍTULO 41

NA CASA DE RAM

Sábado, 23 de maio de 1885

SHRI RAMAKRISHNA ESTAVA SENTADO na sala de visitas, no andar térreo da casa de Ram. Estava rodeado pelos devotos, conversando com eles. Mahima sentou-se defronte dele, M. à sua esquerda, Paltu, Bhavanath, Nityagopal, Haramohan e outros sentaram-se à sua volta. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. O Mestre perguntou sobre vários devotos.

Mestre (*a M.*): "Naren mais jovem ainda não chegou?"

Pouco depois Naren mais jovem entrou no aposento.

Mestre: "É ele?"

M.: "Quem, senhor?"

Mestre: "Kishore. Girish Ghosh não vem? E Narendra?"

Uns minutos mais tarde Narendra chegou e saudou Shri Ramakrishna.

Mestre (*aos devotos*): "Seria ótimo se Kedar estivesse aqui. Ele concorda com Girish. (*A Mahima, sorrindo*) Diz a mesma coisa." [1]

Ram organizara o kirtan. De mãos postas, o músico disse a Shri Ramakrishna, "Senhor, posso começar se o senhor mandar."

O Mestre bebeu um pouco d'água e mastigou especiarias que guardava numa pequena bolsa. Pediu a M. para fechá-la.

O músico começou o kirtan. Ao ouvir o som do tambor, Shri Ramakrishna entrou em êxtase. Enquanto ouvia o prelúdio mergulhou em samadhi profundo. Colocou as pernas no colo de Nityagopal, sentado próximo dele. O devoto, também em êxtase, chorava. Os outros devotos estavam intensamente compenetrados.

Recobrando a consciência parcial, Shri Ramakrishna disse, "De Nitya para Lila, e de Lila para Nitya. (*A Nityagopal*) Qual é o seu ideal?"

Nityagopal: "Ambos são bons."

Shri Ramakrishna fechou os olhos e disse, "É somente isto? Deus só existe quando os olhos estão fechados e deixa de existir quando eles estão abertos? Lila é d'Aquele a quem pertence Nitya e Nitya é d'Aquele a quem pertence Lila. (*A Mahima*) Meu caro senhor, permita-me dizer-lhe – "

Mahima: "Reverenciado senhor, ambos estão de acordo com a vontade de Deus."

Mestre: "Alguns sobem os sete andares de um edifício e não podem descer, mas outros sobem e se quiserem, descem até os andares mais baixos.

"Uddhava disse às gopis: Aquele a quem se dirigem como Krishna, mora em todos os seres. Somente Ele tornou-se o universo e seus seres vivos.

"Por isso pergunto, um homem unicamente medita em Deus quando fecha os olhos? Não vê nada de Deus quando os olhos estão abertos?"

Mahima: "Tenho uma pergunta a fazer, senhor. Um amante de Deus necessita de Nirvana[2] uma vez ou outra, não é?"

Mestre: "Não se pode dizer que os bhaktas necessitam de Nirvana. Segundo algumas escolas, há um eterno Krishna e há, também, Seus eternos devotos. Krishna é o Espírito personificado e Sua Morada é, também, o Espírito personificado. Krishna é eterno e os devotos também são eternos. Krishna e os devotos são como a lua e as estrelas – sempre próximos uns dos outros. Você mesmo repete, 'Que necessidade há de penitência se Deus é visto dentro e fora?' Além disso já lhes disse que o devoto que nasce com um elemento de Vishnu não pode libertar-se inteiramente de bhakti. Uma vez caí nas mãos de um jnani [3] que me fez ouvir a

---

[1] Kedar referia-se a Shri Ramakrishna como uma Encarnação de Deus.

[2] Nirvana ou aniquilação do ego, é o ideal dos jnanis, os não-dualistas.

[3] O Mestre referia-se a Tota Puri, a quem chamava "Nangta", o "Desnudo".

respeito da Vedanta, durante onze meses, mas não pôde aniquilar totalmente em mim a semente de bhakti. Não importa para onde minha mente vagava, voltava sempre para a Mãe Divina. Sempre que eu cantava a Ela, Nangta chorava e dizia, 'Ah! O que é isto? Vejam, era um jnani tão grande e todavia chora.' (*Ao Naren mais jovem e outros*) Lembrem-se do dito popular que diz que se um homem que bebe suco da trepadeira alekh, um pé dessa planta cresce em seu estômago. Uma vez que a semente de bhakti é semeada, o efeito é inevitável, gradualmente crescerá até converter-se numa árvore com flores e frutos.

"Podem raciocinar e discutir mil vezes, mas se tiverem a semente de bhakti dentro de si, certamente voltarão a Hari."

Os devotos ouviam o Mestre silenciosamente. Shri Ramakrishna perguntou, rindo, a Mahima, "Qual é a coisa de que mais gosta?"

Mahima (*sorrindo*): "Gosto de mangas."

Mestre (*sorrindo*): "Todas só para você? Ou gosta de compartilhá-las com os outros?"

Mahima (*sorrindo*): "Não quero compartilhá-las com os outros. Prefiro comê-las sozinho."

Mestre: "Mas sabe qual é a minha atitude? Aceito ambas, Nitya e Lila. Será que Deus não existe se alguém olhar de olhos abertos? Depois de realizá-Lo, sabe-se que Ele é tanto o Absoluto como o universo. Ele também é o Indivisível Satchidananda. Foi Ele quem Se tornou o universo e os seres vivos.

"Sadhana é necessária. Somente o estudo das escrituras não basta. Observei que embora Vidyasagar tenha, sem dúvida, lido muito, não realizou o que estava dentro de si: ficou satisfeito em ajudar a educação dos rapazes, mas não saboreou a Felicidade de Deus. O que se consegue com o simples estudo? Quão pouco uma pessoa assimila! O almanaque pode prever chuva, mas não se pode obter uma gota sequer espremendo suas páginas."

Mahima: "Temos tantas obrigações no mundo. Onde está o tempo para sadhana?"

Mestre: "Por que diz isto? É você quem descreve o mundo como ilusório, como um sonho.

"Rama e Lakshmana queriam ir ao Ceilão, mas o oceano estava diante deles. Lakshmana enfureceu-se. Tomando o arco e a flecha disse, Vou matar Varuna. Este oceano nos impede de ir ao Ceilão.' Rama explicou-lhe o assunto, dizendo, 'Lakshmana, tudo o que você vê é irreal, como um sonho. O oceano é irreal. Sua ira, também é irreal. É igualmente irreal pensar em destruir algo irreal por meio de outra irreal.' "

Mahimacharan ficou em silêncio. Tinha muitas obrigações a cumprir. Há pouco tempo havia aberto uma escola para ajudar os necessitados.

Mestre (*a Mahima*): "Sambhu uma vez me disse, 'Tenho algum dinheiro. É meu desejo empregá-lo em boas obras – em escolas e dispensários, estradas e assim por diante.' Eu lhe disse, 'Será bom que você possa fazer estas obras com desapego. O desejo pelos frutos aparece e ninguém sabe de onde. Vou perguntar-lhe uma coisa. Suponhamos que Deus apareça diante de você, vai pedir-Lhe escolas, dispensários e hospitais?' "

Um devoto: "Senhor, qual é o caminho para as pessoas mundanas?"

Mestre: "A companhia dos homens santos. As pessoas mundanas deveriam ouvir conversa espiritual. Estão como loucos, intoxicados por 'mulher e ouro'. Deve-se dar água de arroz a um bêbado, como antídoto. Bebendo-a lentamente, gradualmente recobra a consciência normal.

"Uma pessoa mundana deveria também, receber instruções de um sadguru, um verdadeiro instrutor. Esse Mestre apresenta certos sinais. Deve-se ouvir a respeito de Benares somente de alguém que tenha visitado Benares. Simples leitura não é suficiente. Não se deve receber instruções de um pundit que não tenha realizado que o mundo é irreal. Somente se um pundit tiver discriminação e renúncia está autorizado a ensinar.

"Samadhyayi comentou que Deus era seco. Imagine falar desta maneira d'Aquele que é a personificação da doçura! Parece com o comentário, 'O estábulo de meu tio está cheio de cavalos.' (*Todos riem*).

"Sim, o mundano parece estar embriagado. Sempre diz a si mesmo, 'Sou eu quem faz tudo. Tudo isso – a casa e a família – é meu.' Falando alto diz, 'O que acontecerá à minha esposa e aos meus filhos sem mim? Como vão continuar a viver? Quem cuidará deles?' Uma vez Rakhal disse, 'O que acontecerá à minha esposa?' "

Haramohan: "Rakhal disse isso?"

Mestre: "O que mais poderia dizer? Quem tem conhecimento tem ignorância, também. 'Que interessante!' Lakshmana disse a Rama, 'Até um sábio como Vashishtha foi tomado de pesar com a morte dos filhos!' 'Irmão', respondeu Rama, 'aquele que tem conhecimento tem ignorância, também. Por isso vá além tanto do conhecimento como da ignorância.'

"Suponhamos que um espinho tenha entrado no pé de alguém que apanha outro espinho para tirar o primeiro. Depois de extrair o primeiro espinho, com a ajuda do segundo, joga ambos fora. Deve-se usar o espinho do conhecimento para tirar o espinho da ignorância. Depois, joga-se ambos fora, conhecimento e ignorância, e alcança-se vijnana. O que é vijnana? É conhecer Deus claramente, realizando Sua existência por meio da experiência intuitiva e conversar com Ele intimamente. Foi por isso que Shri Krishna disse a Arjuna, 'Vá além dos três gunas.'

"Para se alcançar vijnana deve-se aceitar a ajuda de vidyamaya. Vidyamaya inclui discriminação – isto é, Deus é real e o mundo ilusório – e desapego, e também, cantar o nome e glórias de Deus, meditação, companhia de pessoas santas, oração e assim por diante. Vidyamaya pode ser comparada aos últimos degraus antes de se chegar ao terraço. Em seguida o terraço, a realização de Deus.

"As pessoas mundanas estão em estado de intoxicação crônica – loucas com 'mulher e ouro'; são insensíveis às idéias espirituais. É por isso que amo os jovens ainda não tocados por 'mulher e ouro'. São 'bons receptáculos' e podem ser úteis no trabalho de Deus, mas quanto às pessoas mundanas, perde-se quase tudo tentando acabar com a substância inútil delas. São como peixes espinhosos – quase só espinhos e muito pouca carne.

"Pessoas mundanas são como mangas machucadas pelo granizo. Se quiserem oferecê-las a Deus, têm que purificá-las, borrifando água do Ganges, mas mesmo assim são pouco usadas no culto do templo. Se tiverem de usá-las, têm que aplicar Brahmajnana, isto é, persuadir-se de que somente Deus tornou-Se tudo."

Um teosofista chegou com Aswini Kumar Dutta e o filho de Beharti Bhaduri. Os irmãos Mukherjis entraram no aposento e saudaram Shri Ramakrishna. Haviam sido feitos preparativos para a música religiosa no pátio. À primeira batida do tambor, o Mestre deixou o quarto e foi para lá. Os devotos seguiram-no.

Bhavanath apresentou Aswini ao Mestre. O Mestre por sua vez, apresentou-o a M. Aswini e M. conversavam quando Narendra chegou. Shri Ramakrishna disse a Aswini, "Este é Narendra."

Sábado, 13 de junho de 1885

Mais ou menos às três horas da tarde Shri Ramakrishna estava descansando no quarto. Um pundit estava sentado na esteira no chão. Perto da porta norte do aposento estava uma senhora brahmin tomada de pesar porque recentemente perdera a única filha. Kishori também estava presente. M. chegou e saudou o Mestre. Estava acompanhado de Dwija e outros devotos.

Shri Ramakrishna não se sentia bem. Estava com a garganta inflamada. Eram dias quentes de verão. M. tampouco se sentia bem e ultimamente não havia podido visitar Shri Ramakrishna com freqüência.

Mestre (*a M.*): "Como vai? É bom vê-lo. A fruta bel que você me mandou, estava ótima."

M. "Estou um pouco melhor agora, senhor."

Mestre: "Está muito quente. Tome um pouco de gelo de vez em quando. Tenho sofrido muito com o calor e por isso tomei uma grande quantidade de sorvete. Daí a ferida na garganta. A saliva cheira muito mal.

"Disse à Mãe Divina: 'Mãe, faz com que eu fique bom. Não tomarei mais sorvete.' Em seguida disse-Lhe que tampouco tomaria mais gelo. Já que dei minha palavra à Mãe, certamente não voltarei a comer estas coisas, mas às vezes me esqueço. Uma vez disse que não comeria peixe nos domingos, mas um domingo esqueci-me e comi. Não posso faltar de propósito à minha palavra. Outro dia pedi a um devoto para levar minha jarra de água até o pinheiral. Como ele estivesse que ir a um outro lugar, uma outra pessoa trouxe a jarra. Não pude usar aquela água. Senti-me desolado. Esperei que o primeiro trouxesse a água para mim.

"Quando renunciei a tudo como uma oferenda de flores aos Pés de Lótus da Mãe, eu disse, 'Olha, Mãe, toma Tua santidade, toma Tua impiedade. Olha, Mãe, toma Teu dharma, toma Teu adharma. Olha, Mãe, toma Teu pecado, toma Tua virtude. Olha, Mãe, toma Teu bem, toma Teu mal, e dá-me somente bhakti pura.' Mas não pude dizer, 'Olha Mãe, toma Tua verdade, toma Tua falsidade.' "

Um devoto trouxera um pouco de gelo. Repetidamente o Mestre perguntava a M., "Posso tomá-lo?"

M. disse humildemente, "Por favor não tome sem consultar a Mãe." Shri Ramakrishna não pôde tomar o gelo.

Mestre: "È o bhakta e não o jnani, que discrimina entre santidade e impiedade. A sogra de Vijay disse-me, 'Quão pouco atingi de meu ideal espiritual! Não posso aceitar comida de qualquer um.' Disse-lhe, 'Comer o alimento preparado por qualquer pessoa é sinal de jnana? O cachorro come de tudo. Isto o torna um jnani?'

(*A M.*) "Por que como uma variedade de pratos? Para que as coisas não se tornem monótonas, caso contrário, teria que renunciar aos devotos.

"Disse a Keshab: 'Se eu o instruir de um ponto de vista ainda mais elevado, não será capaz de conservar sua organização. No estado de jnana, organização e coisas assim tornam-se irreais, como um sonho.'

"Uma vez deixei de comer peixe. No início sofri muito, mas depois não mais me aborreci com isso. Se alguém põe fogo num ninho de passarinho, ele foge e toma refúgio no céu. Se um homem verdadeiramente realiza que o corpo e o mundo são irreais, alcança samadhi.

"Anteriormente eu tinha o estado mental de um jnani. Não conseguia desfrutar a companhia dos homens. Se soubesse que um jnani ou um bhakta morava num lugar, poucos dias depois vinha saber que ele havia morrido. Tudo me parecia transitório. Por esta razão não podia desfrutar da companhia das pessoas. Mais tarde a Mãe trouxe-me para um plano mais baixo. Ela mudou minha mente para que eu pudesse usufruir o amor de Deus e de Seus devotos.

Em seguida, o Mestre começou a falar sobre Encarnação Divina.

Mestre (*a M.*): "Você sabe porquê Deus Se encarna como homem? É porque por meio de um corpo humano pode-se ouvir Suas palavras. Ele brinca através desse corpo. Saboreia a felicidade divina por meio de um corpo humano, mas através de Seus devotos, Deus manifesta somente uma parte de Si mesmo. Um devoto é como algo do qual se obtém um pouco de suco, depois de muito espremer – como uma flor da qual se obtém uma gota de mel depois de muito chupar. (*A M.*) Compreende?"

M.: "Sim senhor, compreendo muito bem."

Shri Ramakrishna começou a conversar com Dwija que tinha uns dezesseis anos de idade. O pai havia se casado pela segunda vez. Dwija por diversas vezes acompanhara M. a Dakshineswar e Shri Ramakrishna o amava muito. O rapaz disse que o pai se opunha à sua ida a Dakshineswar.

Mestre: "E seus irmãos também? Falam de mim com desprezo?"

Dwija não respondeu.

M. (*ao Mestre*): "Aqueles que diminuem o senhor, deixarão de fazê-lo, depois de receberem uns golpes a mais do mundo."

Mestre (*referindo-se aos irmãos de Dwija*): "Moram com a madrasta. Já estão recebendo seus golpes."

Todos ficaram em silêncio por um momento.

Mestre (*a M.*): "Apresente Dwija a Purna um dia desses."

M.: "Sim, vou apresentar. (*A Dwija*) Vá a Panihati."

Mestre: "Estou pedindo a todos para irem a Panihati. (*A M.*) Você não vai?"

Shri Ramakrishna pretendia ir ao festival religioso de Panihati; por isso estava pedindo aos devotos para irem também.

M.: "Sim, senhor, quero."

Mestre: "Vamos alugar um barco grande para que não jogue muito. Será que Girish Ghosh estará lá?"

Shri Ramakrishna olhava firmemente para Dwija.

Mestre: "Bem, há tantos jovens na cidade. Por que este rapaz vem aqui? (*A M.*) Diga-me o que você pensa. Certamente herdou algumas tendências boas do nascimento anterior."

M.: "Sem dúvida, senhor."

Mestre: "Há as tendências inatas. Quando um homem executa muitas ações boas em nascimentos anteriores, na última encarnação torna-se puro. No nascimento final ele age como um doidivanas.

"Para lhe falar a verdade, tudo acontece pela vontade de Deus. Quando Ele diz, 'Sim', tudo acontece, e quando diz 'Não', tudo pára.

"Por que um homem não pode abençoar um outro? Por que nada acontece pela vontade do homem, as coisas acontecem ou desaparecem pela vontade de Deus.

"No outro dia fui à casa do Capitão. Vi alguns rapazes ao longo da estrada. Pertencem a uma classe diferente. Vi um deles de mais ou menos dezenove ou vinte anos, com o cabelo partido do lado. Assobiava enquanto andava.

"Vejo alguns imersos no mais denso tamas. Sentem-se orgulhosos porque tocam flauta.

(*A Dwija*) "Por que um homem de Conhecimento haveria de temer crítica? Seu entendimento é tão inalterável como a bigorna de um ferreiro. Golpes de martelo batem continuamente na bigorna, mas não a podem afetar de jeito algum.

"Vi o pai de 'X' na rua."

M.: "É um homem muito simples."

Mestre: "Mas tem olhos vermelhos."

Shri Ramakrishna falou aos devotos sobre sua visita à casa do Capitão. O Capitão criticara os jovens que visitavam o Mestre. Talvez Hazra houvesse envenenado sua mente.

Mestre: "Estava conversando com o Capitão. Disse-lhe, 'Nada existe exceto Purusha e Prakriti. Narada disse a Rama, 'Ó Rama, todos os homens que Tu vês são partes de Ti mesmo, e todas as mulheres são partes de Sita.' "

"O Capitão ficou muito satisfeito. Disse, 'Somente o senhor tem a percepção correta. Todos os homens são realmente Rama, partes de Rama; todas as mulheres são Sita, partes de Sita.' "

Imediatamente depois de dizer isto começou a criticar os jovens devotos. Disse, 'Estudam livros ingleses e não sabem discernir sobre comida. Não é bom que eles o visitem freqüentemente. Pode fazer-lhe mal. Hazra é um verdadeiro homem, um grande companheiro. Não permita que esses rapazes o visitem tanto.' Primeiro eu disse, 'O que posso fazer se eles vêm?' Então dei-lhe alguns golpes mortais. Sua filha riu muito. Disse-lhe, 'Deus está longe, muito longe das pessoas de mentalidade mundana, mas Deus está muito perto do homem – uma distância de três cúbicos – cuja mente está livre de mundanismo.' Falando de Rakhal o Capitão disse, 'Ele come com qualquer espécie de gente'. Talvez tenha ouvido isto de Hazra. Por isso eu lhe disse, 'Um homem pode praticar intensa austeridade e japa, mas não alcançará nada se sua mente morar no mundo, mas abençoado é aquele que mantém a mente em Deus, mesmo que coma carne de porco. Certamente realizará Deus no devido tempo, Hazra, apesar de toda austeridade e japa não perde oportunidade de ganhar dinheiro em corretagem.'

" 'Sim, sim!' disse o Capitão. 'O senhor tem razão'. Disse-lhe ainda, 'Há minutos atrás o senhor disse que todos os homens eram partes de Rama e todas as mulheres, partes de Sita e agora, fala dessa maneira!'

"O Capitão disse, 'Sim, é verdade, mas o senhor não ama todo mundo.'

"Eu disse, 'Segundo as escrituras a água é Deus. Vemos água em todos os lugares, mas alguma é para beber, outra para nos banharmos ou para lavar coisas sujas. Aqui estão sua esposa e sua filha. Vejo-as como personificações da Mãe Bem-Aventurada.'

"Logo o Capitão disse, 'Sim, sim! É verdade.' Quis desculpar-se tocando meus pés."

Shri Ramakrishna riu e em seguida começou a falar das muitas virtudes do Capitão.

Mestre: "O Capitão tem muitas virtudes. É ele quem faz a adoração da Divindade Familiar. Quanto mantras recita enquanto banha a imagem! Gosta muito de rituais. Faz a prática diária, como adoração, japa, arati, estudo das escrituras e canto dos hinos.

"Repreendi o Capitão e disse-lhe, 'Muita leitura estragou-o. Não leia mais.'

"A respeito de meu estado espiritual o Capitão disse, 'Sua alma, como um pássaro, está pronta para voar.' Há duas entidades: jivatma, a alma encarnada e Paramatma, a Alma Suprema. A alma encarnada é o pássaro. A Alma Suprema é o akasha; é o Chidakasha, o akasha de Consciência. O Capitão disse: 'Sua alma encarnada voou no akasha de Consciência. Assim o senhor entra em samadhi.'

(*Sorrindo*) "Criticou os bengalis. Disse: 'Os bengalis são tolos. Possuem uma gema preciosa[4] perto deles, mas são incapazes de reconhecê-la.'

"O pai do Capitão foi um grande devoto. Foi um subadar no exército inglês. Mesmo no campo de batalha fazia sua prática diária na hora certa. Com uma das mãos adorava Shiva e com a outra, segurava o revólver e a espada.

(*A M.*): "Mas o Capitão está ocupado dia e noite com as obrigações mundanas. Sempre que vou à sua casa vejo-o cercado pela esposa e filhos. Além disso seus funcionários, de vez em quando levam-lhe os livros de contabilidade, mas às vezes, sua mente também se concentra em Deus. É como o caso de um paciente de tifo delirando. De vez em quando tem um vislumbre de consciência e grita, 'Quero um copo d'água! Quero um copo d'água!', mas enquanto lhe dão água, torna-se inconsciente novamente e não se dá conta de mais nada. Disse ao Capitão. 'Você gosta muito de rituais'. Ele respondeu, 'Sim, sinto-me feliz quando faço o culto e outros ritos. As pessoas mundanas não têm outro caminho.'

"Retruquei-lhe. "Mas deve alguém fazer o culto formal para sempre? Por quanto tempo uma abelha zumbe? Enquanto não pousar numa flor. Ao extrair mel, deixa de zumbir'. 'Mas', ele disse, 'podemos nós, como o senhor, abandonar o culto e outros rituais?' Contudo nem sempre diz a mesma coisa. Ás vezes diz que tudo isto é inerte, às vezes que tudo é consciente. Digo-lhe, 'Ó que quer dizer com inerte? Tudo é Chaitanya, Consciência'."

Shri Ramakrishna perguntou a M. sobre Purna.

Mestre: "Se eu puder ver Purna mais uma vez minha saudade por ele diminuirá. Como é inteligente! Sua mente sente-se atraída para mim. Diz, 'Também sinto uma estranha sensação em meu coração, pelo senhor.' (*A M.*) Tiraram-no do seu colégio. Isto vai lhe prejudicar?"

M.: "Se Vidyasagar [5] me diz que os pais de Purna tiraram-no do colégio por minha causa, tenho uma explicação para dar-lhes."

Mestre: "O que vai dizer?"

M.: "Direi que em companhia santa uma pessoa pensa em Deus e que isso não é mau. Ainda mais, vou falar-lhes que os textos recomendados pelas autoridades da escola dizem que se deve amar a Deus com toda sua alma." (*O Mestre ri.*).

Mestre: "Na casa do Capitão mandei chamar Naren mais jovem. Disse-lhe: 'Onde fica sua casa? Quero vê-la'. 'Por favor, venha', disse ele. Mas ficou nervoso ao saber que íamos lá, com medo que o pai pudesse vir a saber. (*Todos riem*).

(*A um visitante*) "Você não vem aqui há muito tempo – mais ou menos sete ou oito meses."

Visitante: "Cerca de um ano, senhor."

Mestre: "Um outro senhor costumava vir com você."

Visitante: "Sim, senhor. Nilmani Babu."

---

[4] Shri Ramakrishna.

[5] Fundador do colégio.

Mestre: "Por que não vem mais? Peça-lhe para vir algum dia. Quero vê-lo. Quem é esse jovem que está com você?"

Visitante: "Veio de Assam."

Mestre: "Onde é Assam? Em que direção?"

Dwija falou ao Mestre sobre Ashu. O pai de Ashu estava preparando seu casamento, mas o rapaz não queria se casar.

Mestre: "Veja, ele não quer se casar. Estão forçando-o."

Shri Ramakrishna disse a um devoto que ele deveria mostrar respeito a seu irmão mais velho. Disse: "O irmão mais velho é como o pai. Deve ser respeitado."

O pundit estava sentado com os devotos. Havia chegado do norte da Índia.

Mestre (*sorrindo para M.*): "O pundit é um grande estudioso do *Bhagavata.*"

M. e os devotos olharam para o pundit.

Mestre (*ao pundit*): "Bem, senhor, o que é Yogamaya?"

O pundit deu uma explicação.

Mestre: "Por que Radhika não é chamada Yogamaya?"

O pundit também respondeu a esta pergunta de acordo com a explicação tradicional.

Mestre: "Radhika está plena de sattva sem mistura, a personificação de prema. Yogamaya contém todos os três gunas – sattva, rajas e tamas, mas Radhika tem somente sattva puro.

(*A M.*) "Narendra agora respeita muito Radhika. Diz que se alguém quiser saber como amar Satchidananda, pode aprender com ela.

"Satchidananda desejava Ele mesmo provar a felicidade divina. Por isso criou Radhika. Ela foi criada da pessoa de Satchidananda Krishna. Satchidananda é 'aquele que contém', e Ele próprio na forma de Radhika, é o 'conteúdo'. Manifestou-Se dessa maneira para provar Sua própria felicidade, isto é, para experimentar a felicidade divina, amando Satchidananda.

"Por isso nos livros vaishnavas está escrito que depois de seu nascimento, Radhika não abriu os olhos. A idéia é que ela não desejava ver qualquer ser humano. Somente quando Yashoda foi ver Radhika, com Krishna nos braços, é que ela abriu os olhos para contemplá-Lo. Brincando, Krishna tocou seus olhos. (*Para o jovem de Assam*) Viu isso? As crianças pequenas tocam os olhos das pessoas."

O pundit se preparava para se despedir de Shri Ramakrishna.

Pundit: "Tenho que ir para casa."

Mestre (*carinhosamente*): "O senhor ganhou algo?"

Pundit: "O mercado está muito fraco. Não consegui ganhar nada."

Alguns minutos depois saudou o Mestre e partiu.

Mestre (*a M.*): "Viu a grande diferença que existe entre pessoas mundanas e estes jovens? Esse pundit preocupa-se com dinheiro dia e noite. Veio a Calcutá para ganhar dinheiro, senão as pessoas de sua casa não teriam nada para comer. Por isso tem que bater em diversas portas. Quando irá concentrar a mente em Deus? Mas os rapazes estão intocados por 'mulher e ouro'. Por isso podem elevar a mente a Deus sempre que o desejarem.

"Os rapazes não desfrutam da companhia de pessoas mundanas. Rakhal costumava dizer, 'Fico nervoso só em ver pessoas de mentalidade mundana.' Quando comecei a ter experiências espirituais, costumava fechar as portas do meu quarto, quando via pessoas mundanas chegando.

"Quando ainda menino, em Kamarpukur, amava ternamente Ram Mallick, mas mais tarde, quando veio aqui, não pude nem tocá-lo. Ram Mallick e eu éramos grandes amigos em nossa infância. Estávamos juntos dia e noite e dormíamos juntos. Naquela época eu tinha dezesseis ou dezessete anos. As pessoas costumavam a dizer, 'Se um deles fosse mulher, eles se casariam.' Costumávamos passar o tempo todo na casa dele. Lembro-me muito bem daqueles dias. Seus parentes costumavam a vir em palanquins. Agora ele tem uma loja em Chanak. Mandei chamá-lo muitas vezes; passou dois dias aqui. Ram disse que não tinha filhos, criou o sobrinho, mas o menino morreu. Contou-me com um suspiro, os olhos cheios de lágrimas. Estava tomado pela dor. Disse que, como que não tiveram filhos, todo amor de sua esposa

fora para o sobrinho. Estava totalmente tomada pela dor. Ram disse-lhe. 'Você está louca. O que ganha ficar se lamentando? Quer ir a Benares?' Veja, chamou a esposa de louca. O pesar pela morte do rapaz 'diluiu-o' completamente. Achei que não tinha substância. Não pude tocá-lo."

"A brahmin ainda estava de pé, perto da porta norte. Era viúva. Sua única filha havia se casado com um aristocrata que tinha o título de Raja e era proprietário em Calcutá. Sempre que a filha a visitava, era escoltada por lacaios de libré. O coração da mãe enchia-se de orgulho. Alguns dias atrás a filha morrera e agora, a mãe estava fora de si de pesar.

A brahmin ouviu o relato da tristeza de Ram Mallick, por seu sobrinho. Nos últimos dias vinha correndo como uma louca de sua casa em Baghbazar, para o Mestre. Estava ansiosa por saber se Shri Ramakrishna poderia lhe dar algum consolo, para sua dor interminável. Shri Ramakrishna retomou a conversa.

Mestre: "No outro dia um homem veio aqui. Sentou-se por alguns minutos e depois, disse, 'Quero ver "a cara de lua cheia" de meu filho.' Não pude me controlar e disse, 'Então você prefere a "cara de lua cheia" de seu filho ao rosto de Deus! Vá embora, seu tolo!'

(*A M.*) "A verdade é que somente Deus é real e tudo o mais irreal. Homem, universo, casa, filhos – todos são como a mágica do mágico. O mágico agita a varinha e diz, 'Venha a ilusão! Venha a confusão!' Então diz à platéia, 'Levantem a tampa do jarro; vejam os pássaros voando no céu.' Mas somente o mágico é real e sua mágica irreal. O irreal existe por um segundo e então, desaparece.

"Shiva estava sentado em Kaliasha, com seu companheiro Nandi. Subitamente um barulho terrível foi ouvido. 'Reverenciado Senhor', perguntou Nandi, 'o que é isto?' Shiva respondeu, 'Ravana nasceu.' 'É este o significado.' Pouco depois um outro barulho foi ouvido. 'Agora, que barulho é este?' Nandi perguntou e Shiva respondeu com um sorriso, 'Agora Ravana está morto'. Nascimento e morte são como mágicas, vê-se a mágica durante um segundo e então ela desaparece. Somente Deus é real e tudo o mais irreal. Somente a água é real, as borbulhas aparecem e desaparecem. Desaparecem no fundo da água de onde surgiram.

"Deus é como um oceano e os seres vivos como as borbulhas. Nascem ali e ali morrem. Crianças são como as pequenas borbulhas em torno de uma grande.

"Só Deus é real. Faça o esforço para cultivar o amor a Ele, e encontre os meios para realizá-Lo. O que ganha lamentando-se?"

Todos permaneceram em silêncio. A brahmin disse, "Posso ir para casa agora?" O Mestre disse-lhe carinhosamente, "Quer ir agora? Faz muito calor. Por que agora? Pode ir mais tarde numa carruagem com os devotos."

Como o dia estava quente, um devoto deu ao Mestre um leque novo de sândalo. Ele ficou satisfeito e disse, "Bom! Bom! Om Tat Sat! Kali!" Primeiro abanou as figuras dos deuses e deusas e depois, abanou-se. Disse a M.: "Veja, sinta a brisa!" M. ficou muito contente.

O Capitão chegou com os filhos.

Shri Ramakrishna disse a Kishori, "Por favor mostre os templos às crianças." Começou a conversar com o Capitão. M., Dwija e outros devotos estavam sentados no chão. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã, olhando para o norte. Pediu ao Capitão para se sentar diante dele no mesmo divã.

Mestre: "Estava falando com os devotos a respeito do senhor – sua devoção, adoração e arati."

Capitão (*timidamente*): "O que sei de adoração e arati? Como sou insignificante!"

Mestre: "Unicamente o ego apegado a 'mulher e ouro' é prejudicial, mas o ego que sente que é o servo de Deus, não faz mal a ninguém. Nem o ego das crianças que não está sob o controle de qualquer guna. Num momento elas brigam, para em seguida, ficarem amigas de novo. Num momento constroem suas casas de brinquedo com muito cuidado, e imediatamente depois as destroem. Não há mal na 'consciência do eu' que faz uma pessoa sentir-se filho de Deus ou Seu servo. Este ego na realidade não é um ego. É como açúcar cande, que não é como os outros doces. Os outros doces fazem mal, mas o açúcar cande tira a acidez. Ou tome o exemplo do Om. Não é como os outros sons.

"Com este tipo de ego uma pessoa torna-se capaz de amar Satchidananda. É impossível livrar-se do ego. Por isso deve-se fazê-lo sentir que é o devoto de Deus, Seu servo. Caso contrário, como se pode viver? Quão intenso era o amor das gopis por Shri Krishna! (*Ao Capitão*) Por favor, diga-me alguma coisa sobre as gopis. O senhor já leu muito o *Bhagavata*."

Capitão: "Quando Shri Krishna vivia em Vrindavan, sem qualquer esplendor real, mesmo assim, as gopis O amavam mais do que a suas próprias almas. Por isso Krishna disse, 'Como poderei pagar meu débito às gopis que Me entregaram tudo – seus corpos, mentes e almas?"

As palavras do Capitão despertaram um amor intenso por Krishna na mente do Mestre. Ele exclamou, "Govinda! Govinda! Govinda!" e quase entrou em êxtase. O Capitão, maravilhado, disse, "Quão abençoado ele é! Quão abençoado ele é!"

O Capitão e os devotos observaram o êxtase de Shri Ramakrishna. Permaneceram quietos com os olhos fixos nele, esperando sua volta à consciência do mundo.

Mestre: "Fale-nos mais."

Capitão: "Shri Krishna não é alcançado pelos yogis, yogis como o senhor; mas Ele pode ser alcançado por amantes como as gopis. Quantos anos os yogis praticaram yoga para obter Sua visão! Contudo não foram bem-sucedidas, mas as gopis O realizaram com tanta facilidade!"

Mestre (*sorrindo*): "Sim, Ele comia das mãos das gopis, chorava por elas, jogava com elas e lhes pedia muitas coisas."

Um devoto: "Bankim escreveu a vida de Krishna."

Mestre: "Ele aceita Krishna, mas não, Radhika."

Capitão: "Vejo que ele não aceita a lila de Krishna com as gopis."

Mestre: "Também ouvi dizer que Bankim afirma que uma pessoa necessita das paixões como a luxúria."

Um devoto: "Ele escreveu em sua revista que a meta da religião é dar expressão às nossas diversas faculdades: física, mental e espiritual."

Capitão: "Entendo. Ele acredita que a luxúria e outras paixões são necessárias, mas não acredita que Shri Krishna pudesse desfrutar Seu prazer esportivo no mundo, que Deus pudesse encarnar-Se numa forma humana e brincar em Vrindavan com Radha e as gopis."

Mestre (*sorrindo*): "Mas estas coisas não estão escritas no jornal. Como ele poderia acreditar nelas?

"Um homem disse a seu amigo, 'Ontem, quando estava passando por uma certa parte da cidade, vi uma casa cair com grande estrondo.' 'Espere', disse o amigo, 'Deixe-me ver a notícia no jornal.' Mas este incidente não estava no jornal. Por isso o homem disse, 'Mas o jornal não menciona esta notícia.' O amigo replicou, 'Vi com meus próprios olhos.' 'Seja como for', disse o amigo, 'não posso acreditar enquanto não ler no jornal.'

"Como pode Bankim acreditar que Deus brinca como homem? Isto não faz parte de sua educação inglesa. É muito difícil explicar como Deus encarna-Se como homem. Não é assim? A manifestação do Infinito neste corpo humano de somente três e meio cúbicos de altura!"

Capitão: "Krishna é o próprio Deus. Para descrevê-Lo temos que empregar termos como 'todo' e 'parte'."

Mestre: " 'Todo' e 'parte' são como fogo e suas faíscas. Uma Encarnação de Deus é para os bhaktas e não, para os jnanis. Está dito no *Adhyatma Ramayana* que somente Rama é tanto o Espírito que penetra tudo, como tudo o que é permeado. 'Tu és o Senhor Supremo designado como vachaka, o 'símbolo significativo', e os vachya, o objeto significado'."

Capitão: "O 'símbolo significativo' quer dizer aquele que penetra, e o 'objeto significado' quer dizer a coisa penetrada."

Mestre "Aquele que penetra neste caso, é uma forma finita. É Deus encarnando-Se como ser humano."

Shri Ramakrishna estava conversando com o Capitão e os devotos, quando Jayagopal Sen e Trailokya do Brahmo Samaj chegaram. Saudaram o Mestre e sentaram-se. Shri Ramakrishna olhou para Trailokya com um sorriso e continuou a conversa.

Mestre: "É devido ao ego que não se pode ver Deus. Diante da porta da mansão de Deus, há uma tora de ego. Não se pode entrar na mansão sem pular a tora.

"Havia um homem que tinha o poder de acalmar os fantasmas. Um dia, a seu chamado, apareceu um fantasma que lhe disse, 'Diga-me agora o que quer que eu faça. Na hora em que não puder mais me dar qualquer trabalho para fazer, vou quebrar seu pescoço. O homem tinha muitas coisas para executar e tinha o fantasma para fazê-las, uma a uma. Por fim não teve mais nada para o fantasma fazer. 'Agora', disse o fantasma, 'vou quebrar o seu pescoço.' 'Espere um minuto', disse o homem, 'Volto logo'. Correu para seu instrutor e disse, 'Reverenciado senhor, estou em grande perigo. Este é o meu problema.' Contou ao instrutor o problema e perguntou, 'O que devo fazer agora?' O instrutor disse, 'Peça ao fantasma para alisar este cabelo encaracolado.' O fantasma dedicou-se dia e noite a alisar o cabelo, mas como ele poderia alisar um cabelo encaracolado? Continuou encaracolado.

"Da mesma maneira, o ego parece desaparecer agora, mas reaparece em seguida. A não ser que se renuncie ao ego, não se recebe a graça de Deus.

"Suponhamos que haja uma festa numa casa e que o dono encarregue uma pessoa para tomar conta da dispensa. Enquanto o homem ficar na dispensa, o dono da casa não vai lá, mas quando ele for embora o dono fecha-a e ele mesmo passa a tomar conta.

"Somente para um menor de idade é designado um tutor. A criança não pode tomar conta de sua propriedade, por conseguinte, o rei assume a responsabilidade por ele. Deus não toma conta de nossas responsabilidades a não ser que renunciemos ao nosso ego.

"Uma vez Lakshmi e Narayana estavam em Vaikuntha, quando Narayana subitamente ficou de pé. Lakshmi estava fazendo uma massagem em Seus pés. Ela disse, 'Senhor, onde vai?' Narayan respondeu, 'Um de Meus devotos está em grande perigo. Tenho que salvá-lo.' Com estas palavras saiu, mas voltou logo em seguida. Lakshmi disse, 'Senhor, por que voltou tão cedo?' Narayan sorriu e disse, 'O devoto caminhava pela estrada tomado de amor por Mim. Alguns homens que haviam lavado roupa, as haviam estendido na grama e o devoto, distraído, pisou nelas. A isso os homens o perseguiram para bater nele com suas varas. Corri para protegê-lo.' 'Mas por que o Senhor voltou?' perguntou Lakshmi. Narayana riu e disse, 'Vi o devoto pegando um pedaço de tijolo para jogar neles" (*Todos riem*). Por isso voltei.'

"Eu disse a Keshab: 'Você tem que renunciar a seu ego'. Keshab respondeu, 'Se eu fizer isso, como poderei manter minha organização?'

"Respondi, 'Como é lento para compreender! Não estou lhe pedindo para renunciar ao "ego maduro", o ego que faz um homem sentir que é o servo de Deus ou Seu devoto. Desista do "ego imaturo", o ego que cria apego a "mulher e ouro". O ego que faz um homem sentir que é o servo de Deus, Seu filho, é o "ego maduro". Não prejudica as pessoas'."

Trailokya: "É muito difícil livrar-se do ego, contudo as pessoas pensam que estão livres dele."

Mestre: "Gauri não se referia a si mesmo como 'eu' para não se sentir egoísta. Ao invés disso, dizia 'este'. Segui seu exemplo e passei a referir-me a mim mesmo como 'este' ao invés de 'eu'. Em lugar de dizer 'eu comi', eu dizia, 'este comeu'. Mathur reparou e disse certa vez, 'O que é isso, pai? Por que o senhor fala assim? Que os outros falem dessa forma, não importa porque são egoístas, mas o senhor que está livre de egoísmo, não tem que se expressar como eles.'

'Eu disse a Keshab, 'Uma vez que o ego não pode ser abandonado, que permaneça como servo, o servo de Deus.' Prahlada tinha dois estados. Às vezes sentia-se que era Deus, e nesse estado, dizia 'Tu és verdadeiramente eu, e eu sou verdadeiramente Tu.' Mas quando estava consciente do ego, sentia que Deus era seu Amo e que ele era Seu servo. Depois que um homem estiver firmemente estabelecido no ideal de 'eu sou Ele', pode viver como servo de Deus. Pode, então, considerar-se servo de Deus.

(*Ao Capitão*): "Quando um homem alcança o Conhecimento de Brahman apresenta certas características, O *Bhagavata* descreve quatro delas: o estado de uma criança, de uma coisa inanimada, de um louco e de um fantasma. Às vezes o conhecedor de Brahman age como uma criança de cinco anos. Às vezes age como um louco, às vezes permanece como uma coisa inanimada. Nesse estado não pode trabalhar, renuncia a toda ação. Pode-se argu-

mentar que jnanis como Janaka, foram ativos. A verdade é que as pessoas dos tempos antigos delegavam responsabilidades a seus subordinados, ficando assim, livres de qualquer preocupação. Além disso, os homens daquela época tinham muita fé."

Shri Ramakrishna começou a falar sobre renúncia da ação, mas também disse que aqueles que sentiam-se obrigados a cumprir seus deveres, deveriam fazê-los com desapego.

Mestre: "Depois de alcançar o Conhecimento não se pode fazer muito trabalho."

Trailokya: "Por que, senhor? Pavhari Baba foi um grande yogi e contudo, conciliou os inimigos e até mesmo, casos judiciais."

Mestre: "Sim, sim, é verdade. O Dr. Durgacharan foi um grande bêbado. Costumava beber vinte e quatro horas por dia, mas era um bom profissional, não cometia um erro no tratamento dos pacientes. Não há mal em trabalhar depois de alcançar bhakti, mas é muito difícil. Necessita-se de grande tapasya.

"É Deus quem faz tudo. Somos Seus instrumentos. Em frente no templo de Kali alguns Sikhs disseram-me, 'Deus é misericordioso.' Respondi-lhes, 'Com quem é misericordioso?' 'Ora, reverenciado senhor, com todos nós', disseram. Contestei, 'Somos Seus filhos. Será que compaixão com seus próprios filhos é uma grande coisa? Um pai deve cuidar dos filhos, ou espera-se que as pessoas da vizinhança os criem?' Bem, será que as pessoas que dizem que Deus é misericordioso não compreendem que somos todos filhos de Deus e de ninguém mais?"

Capitão: "O senhor está com a razão. Eles não consideram Deus como seu."

Mestre: "Então não deveríamos olhar Deus como misericordioso? Claro que devemos, enquanto praticamos sadhana. Depois de realizar Deus, sente-se diretamente que Deus é Pai ou Mãe. Enquanto não tivermos realizado Deus, sentimos que estamos longe d'Ele, como filhos de outra pessoa.'

"No período de sadhana deve-se descrever Deus por meio de todos os Seus atributos. Um dia Hazra disse a Narendra, 'Deus é o Infinito. Infinito é Seu esplendor. Pensa que Ele aceitará suas oferendas de doces e bananas ou ouvirá sua música? Você está com uma idéia errada.' Então eu disse a Hazra, 'Seu tolo! O que acontecerá a esses jovens se lhes fala dessa maneira?' Como pode um homem viver se abandona sua devoção? Sem dúvida Deus tem esplendor infinito, contudo está sob o controle de Seus devotos. O porteiro de um homem rico vem à sala de visitas onde o patrão está conversando com os amigos. Fica de pé num dos cantos do aposento. Na mão leva algo coberto por um pano. Está vacilante. O patrão pergunta-lhe, 'Bem, porteiro, o que tem na mão?' Com muita timidez o empregado tira uma fruta-de-conde, coloca-a defronte do patrão e diz, 'Senhor, gostaria que o senhor a comesse.' O patrão fica impressionado com a gentileza do empregado. Com grande carinho pega a fruta e diz, 'Ah! É uma bela fruta-de-conde. Onde a apanhou? Deve ter tido muito trabalho para pegá-la.'

"Deus está sob o controle dos devotos. O rei Duryodhana era muito atencioso com Krishna e disse-Lhe, 'Por favor coma aqui', mas o Senhor foi à cabana de Vidura. Ele ama muito Seus devotos. Comeu o arroz simples e as verduras de Vidura como se fossem comida celestial.

"Às vezes um jnani perfeito comporta-se como um fantasma. Não discrimina entre comida e bebida, santidade ou impiedade. Um conhecedor perfeito de Deus e um perfeito idiota possuem os mesmos sinais externos. Um jnani perfeito talvez não pronuncie mantras enquanto se banha no Ganges. Enquanto adora Deus talvez ofereça todas as flores ao mesmo tempo, a Seus pés. Não repete mantras nem observa rituais.

"Um homem não pode renunciar à ação enquanto tiver desejos de prazeres mundanos. Enquanto houver desejo de prazer, deve-se executar ação.

"Um pássaro, distraído, empoleirou-se no mastro de um navio ancorado no Ganges. Vagarosamente o navio começou a mover-se para o oceano. Ao se dar conta, o pássaro viu que não havia terra em nenhuma direção. Voou para o norte esperando alcançar a terra, voou muito longe até ficar muito cansado, mas não encontrava terra. O que podia fazer? Voltou ao navio e pousou no mastro. Depois de algum tempo voou de novo, desta vez em direção leste. Não encontrou terra naquela direção, também; em todas as direções não via nada a não ser o oceano sem limite. Muito cansado, novamente voltou ao navio e pousou no mastro. Depois

de descansar muito tempo, foi para o sul e depois, para oeste. Como não encontrasse terra, voltou e pousou no mastro. Não deixou o mastro novamente, mas ficou pousado ali sem fazer mais esforço. Não mais sentiu-se desassossegado ou preocupado e por isso não fez mais esforço."

Capitão: "Ah, que ilustração!"

Mestre: "As pessoas do mundo andam pelos quatro quadrantes da terra em busca de felicidade, mas não a encontram em lugar algum; somente ficam cansados e enfadados. Quando, por causa do apego a 'mulher e ouro' sofrem, sentem um apelo ao desapego e à renúncia. Muitas pessoas não podem renunciar a 'mulher e ouro' sem antes os terem desfrutado. Há duas classes de pessoas, aqueles que permanecem num lugar e as que vão de um lugar a outro. Alguns sadhakas visitam muitos lugares sagrados. Não podem se estabelecer num único ponto, devem beber água de muitos lugares sagrados. Assim andando, satisfazem seus desejos não realizados. Por fim, constroem uma cabana e aí se instalam. Livres de preocupações e esforço, meditam em Deus.

"Mas o que há para se desfrutar no mundo? 'Mulher e ouro'? Esse é somente um prazer momentâneo. Num momento existe para no seguinte, desaparecer.

"O mundo é como um céu nublado que despeja sem cessar, chuva abundante e onde o rosto do sol é raramente visto. A maior parte do mundo é constituída de sofrimento. Devido à nuvem de 'mulher e ouro' não se pode ver o sol. Algumas pessoas perguntam-me, 'Senhor, por que Deus criou esse mundo? Não há saída para nós?' Digo-lhes, 'Por que não haveria saída? Refugiem-se em Deus e orem a Ele com o coração anelante por um vento favorável, para que tenham as coisas a seu favor. Se O chamarem com anelo, com certeza Ele os ouvirá.'

"Um homem tinha um filho que estava à morte. Em seu desespero pediu remédios a todo o mundo. Alguém lhe disse, 'Aqui está um remédio que deve ser preparado da seguinte maneira: primeiro deve chover quando a estrela Svati estiver no ascendente; um pouco dessa chuva deve cair num crânio; em seguida uma rã deve se aproximar para beber esta água e uma serpente deve caçá-la e, quando a serpente estiver prestes a morder a rã, ela deve dar um salto e o veneno cair no crânio. Em seguida você deve dar ao doente um pouco de veneno e da água da chuva que estão no crânio.' O pai saiu correndo para encontrar o remédio quando a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente disse a Deus, 'Ó Senhor, eu Te peço, arranje-me um crânio'. Procurando aqui e ali, por fim, encontrou um crânio com água da chuva dentro. Novamente orou a Deus, dizendo, 'Ó Senhor, suplico-Te, por favor ajude-me a encontrar a rã e a serpente.' Como tinha um grande anelo, conseguiu também a rã e a cobra. Num piscar de olhos viu a cobra caçando a rã, e quando ela estava a ponto de morder a rã, o veneno caiu no crânio.

"Se uma pessoa se refugia em Deus e ora a Ele com grande anelo, Deus certamente o ouvirá; certamente Ele tornará tudo favorável."

Capitão: "Que ilustração inteligente!"

Mestre: "Sim, Deus torna tudo favorável. Talvez o aspirante não se case e assim, pode dar toda atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos possam prover o sustento da família. Ou talvez um filho assuma as responsabilidades da família. O aspirante, portanto, não terá de se importar a respeito do mundo, poderá dar cem por cento da mente a Deus.

"Mas não se pode ter êxito a menos que se renuncie a 'mulher e ouro'. Somente por meio da renúncia, a ignorância é destruída. Os raios de sol, caindo numa lente, queima muitos objetos, mas se um aposento estiver no escuro, não se obterá aquele resultado. Tem-se que sair do aposento e usar a lente.

"Algumas pessoas vivem no mundo mesmo depois de atingir jnana. Vêem tanto o que está dentro quanto o que está fora do aposento. A luz de Deus ilumina o mundo. Por esta razão podem discriminar entre o bom e o mau, o permanente e o transitório. Os ignorantes que levam vida mundana sem conhecer Deus, são como pessoas que vivem numa casa de paredes de barro. Com a ajuda de pouca luz podem ver o interior da casa e nada mais, mas aqueles que vivem no mundo depois de haver alcançado o Conhecimento e realizado Deus, são como pessoas que moram numa casa de vidro. Vêem o interior do aposento e também, o que está no exterior. A luz do sol do Conhecimento entra com muita força no aposento. Per-

cebem tudo com muita clareza. Sabem o que é bom e o que é mau, o permanente e o transitório.

"Somente Deus é Aquele que faz e somos todos Seus instrumentos. Por isso é impossível, mesmo para um jnani, ser egoísta. Um autor de um hino a Shiva sentiu-se orgulhoso de sua obra, mas seu orgulho fez-se em pedaços quando o touro de Shiva mostrou os dentes. Viu que cada dente era uma palavra do hino. Compreende o significado disso? Essas palavras já existiam desde o tempo sem começo. O autor somente as descobrira.

"Não é bom ser guru como profissão. Não se pode ser um instrutor sem autorização de Deus. Aquele que diz que é um guru [6] é um homem de inteligência curta. Já viu uma balança? O prato mais leve vai para o alto. Aquele que é espiritualmente mais elevado do que os outros não se considera guru [7]. Todo mundo quer ser instrutor, mas é difícil se encontrar um discípulo."

Trailokya estava sentado no chão, ao norte do pequeno divã. Ia cantar. Shri Ramakrishna disse-lhe, "Ah, como você canta com doçura!"

Trailokya cantou com acompanhamento de tanpura:

Juntei meu coração a Ti; tudo que existe és Tu;
Somente a Ti encontrei, porque Tu és tudo o que existe;
Ó Senhor, Bem-Amado do meu coração! Tu és o Lar de todos;
Onde está realmente o coração no qual Tu não moras?
Tu entraste em cada coração, tudo o que existe és Tu.
Quer seja sábio ou tolo, hindu ou muçulmano,
Tu os fazes como queres; tudo o que existe és Tu.

Tua presença está em todos os lugares, no céu ou na Kaaba;
Diante de Ti todos devem inclinar-se, porque Tu és tudo o que existe.
Da terra embaixo, ao mais elevado céu, do céu à terra mais profunda.
Eu Te vejo em todos os lugares que olho, tudo o que existe és Tu.
Ponderando, compreendi; vi além de uma dúvida;
Não vejo uma única coisa que possa ser comparada a Ti.
A Jafar [8] foi revelado que Tu és tudo o que existe.

Cantou novamente:

Tu és Tudo em Tudo, Ó Senhor! – a Vida de minha vida, a Essência da essência.
Nos três mundos só tenho a Ti que posso considerar meu.
Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança. Tu és meu apoio, minha riqueza, minha glória;
Tu és minha sabedoria e minha força.
Tu és meu lar, meu lugar de descanso, meu melhor amigo, meu parente mais próximo.
Meu presente e meu futuro; Tu és, meu céu e minha salvação.
Tu és minhas escrituras, meus mandamentos. Tu és meu sempre misericordioso Guru;
Tu és a Fonte de minha infindável felicidade.
Tu és o Caminho e a Meta, Tu és o Uno adorável, o Senhor!
Tu és a Mãe de coração terno, o pai que castiga;
Tu o Criador e Protetor; Tu, Timoneiro que segura o leme
Da minha embarcação que atravessa o mar da vida.

Enquanto Shri Ramakrishna ouvia as canções, foi tomado de emoção. Várias vezes disse. "Ah! Tu és tudo!! Ai de mim! Ai de mim!"

A música terminou. Eram seis horas da tarde. Shri Ramakrishna foi para o bosque de pinheiros, com M., Acompanhando-o, Shri Ramakrishna ria e conversava. Subitamente disse

[6] A palavra significa tanto "instrutor espiritual" como "peso".
[7] O significado disso é quando um homem se considera "guru" é "pesado" e vai para baixo, como o prato mais pesado da balança.
[8] Autor da canção.

a M.: "Por que não tomou uma refeição leve? Por que os outros também não comeram?" Estava ansioso para que os devotos comessem.

À tardinha Shri Ramakrishna tinha que ir a Calcutá. Quando voltou do bosque de pinheiros, disse a M., "Não sei quem vai me levar a Calcutá de carruagem."

Era o crepúsculo. Foi aceso um lampião no quarto de Shri Ramakrishna, onde queimava um incenso. Foram acesos lampiões nos diferentes templos e edifícios. A orquestra tocava no nahabat. Logo iria começar o serviço vespertino nos templos.

Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã. Depois de cantar os nomes das diferentes divindades, meditou na Mãe Divina. O serviço noturno terminara. Shri Ramakrishna começou a andar de um lado para o outro, pelo aposento, conversando de vez em quando com os devotos. Também pediu conselho a M. sobre sua ida a Calcutá.

Logo Narendra chegou. Estava acompanhado de Sarat e de um ou dois jovens devotos. Todos saudaram o Mestre.

À vista de Narendra o amor de Shri Ramakrishna transbordou. Afetuosamente tocou o queixo de Narendra como se toca o de um bebê. Disse com uma voz amorosa, "Ah, você veio!"

O Mestre estava de pé no quarto, olhando o Ganges. Narendra e seus jovens amigos conversavam com ele. O Mestre virou-se para M. e disse, "Narendra veio. Como posso ir a Calcutá agora? Mandei chamar Narendra. Como posso ir agora? O que você acha?"

M.: "Como quiser, senhor. Vamos cancelar por hoje."

Mestre: "Está bem. Vamos amanhã, de barco ou de carruagem. (*Aos outros devotos*) Está tarde. Agora vão para suas casas."

Um por um os devotos saudaram-no e retiraram-se.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 42

FESTIVAL DO CARRO NA CASA DE BALARAM

Segunda-feira, 13 de julho de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado com os devotos na sala de visitas da casa de Balaram. Eram nove horas da manhã. No dia seguinte Balaram ia celebrar o Festival do Carro. A Divindade Jagannath[1] era adorada, diariamente em sua casa. Possuía um pequeno carro que deveria ser puxado ao longo da varanda para festejar o evento. O Mestre fora especialmente convidado para a ocasião.

Shri Ramakrishna e M. conversavam. Narayan, Tejchandra, Balaram e outros devotos estavam na sala. O Mestre falava de Purna, um rapaz de quinze anos. Estava muito ansioso para vê-lo.

Mestre (*a M.*): "Bem, por qual caminho ele virá ver-me? Por favor faça com que Purna e Dwija se conheçam.

"Quando duas pessoas são da mesma idade e têm a mesma natureza interior, eu os aproximo. Isto tem um significado. Desta maneira ambos fazem progresso. Reparou o anelo de Purna por Deus?"

M.: "Sim, senhor. Um dia eu estava no bonde. Viu-me do terraço de sua casa, desceu correndo para a rua e com grande fervor, saudou-me."

Mestre: (*com lágrimas nos olhos*): "Ah! Ah!" Foi porque você o ajudou a fazer o contato através do qual ele descobriu o ideal supremo de sua vida. Não se age assim, a não ser que se anseie por Deus.

"Narendra, Naren mais jovem e Purna – esses três possuem uma natureza masculina. Não é assim com Bhavanath, tem uma natureza feminina.

"Purna está em tal estado de exaltação que, ou brevemente abandonará o corpo – o corpo torna-se inútil depois da realização de Deus – ou sua natureza interior vai aflorar dentro de alguns dias.

"Possui uma natureza divina – traços de um deus. Isto faz com que uma pessoa seja mais destemida. Se puser uma grinalda de flores em volta de seu pescoço ou untar com pasta de sândalo seu corpo, ou queimar incenso diante dele, entrará em samadhi, porque saberá, sem nenhuma dúvida, que o próprio Narayana mora em seu corpo, que foi Narayana quem assumiu o corpo. Cheguei a saber a esse respeito.

"Poucos dias depois de minha primeira experiência do estado de embriaguez de Deus, em Dakshineswar, chegou uma senhora brahmin. Tinha muitos traços bons. Logo que foi colocada uma grinalda em torno de seu pescoço e queimado incenso, entrou em samadhi. Pouco tempo depois foi tomada de grande felicidade, lágrimas escorriam dos olhos. Saudei-a dizendo, 'Mãe, serei bem sucedido?' 'Sim', respondeu.

"Quero ver Purna mais uma vez. Mas como será possível? Parece que ele é uma parte[2]. Que impressionante! Não uma simples partícula, mas uma parte. Muito inteligente, também. Estou sabendo que é muito aplicado nos estudos. Por isso acertei.

"Por força de austeridade, um homem pode atingir Deus, como seu filho. Ao lado da estrada para Kamarpukur há o lago de Ranjit Raya. Bhagavati, a Mãe Divina, nasceu como sua filha. Até hoje as pessoas fazem um festival anual no mês de Chaitra, em honra desta filha divina. Sinto-me muito bem indo lá.

Ranjit Raya era o proprietário desta região. Pelo poder de sua tapasya obteve a Mãe Divina como sua filha. Ele a amava muito e ela, também, era muito apegada a ele, dificilmente afastava-se dele. Um dia Ranjit Raya estava ocupado com o trabalho em sua propriedade. Estava muito ocupado. A menina, com sua natureza infantil, freqüentemente o interrompia,

[1] Nome de Krishna com o qual Ele é adorado em Puri; literalmente "Senhor do Universo".
[2] Uma parte da Encarnação Divina.

dizendo, 'Pai, o que é isto? O que é aquilo?' Ranjit Raya tentava por palavras doces, persuadi-la a não perturbá-lo, e disse, 'Minha filha, por favor, deixe-me sozinho. Tenho muito trabalho a fazer.' Mas a menina não ia embora. Distraído o pai disse, 'Vá embora daqui!' Com este pretexto ela abandonou o lar. Um vendedor ambulante de artigos de concha caminhava pela estrada. Ela apanhou um par de braceletes. Quando ele lhe pediu para pagar ela lhe disse que ele poderia conseguir dinheiro numa certa caixa que havia em sua casa. Em seguida desapareceu. Ninguém mais a viu. Nesse meio tempo o vendedor chegou à casa e cobrou os braceletes. Como ela não estava em casa, os parentes começaram a procurá-la. Em sua busca Ranjit Raya mandou pessoas em todas as direções. O dinheiro devido ao ambulante foi encontrado na caixa, como ela indicara – Ranjit Raya chorava amargamente, quando as pessoas chegaram e disseram que haviam visto algo no lago. Todos correram para lá e viram um braço com os braceletes de concha, acenando acima da água. Um momento depois, desapareceu. Até hoje as pessoas adoram-na como a Mãe Divina, por ocasião do festival anual. (*A M.*) Tudo isso é verdade."

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Narendra agora acredita nessas coisas.

"Purna nasceu com um elemento de Vishnu. Eu o adorei mentalmente com folhas de bel, mas a oferenda não foi aceita. Então o adorei com folhas de tulsi e pasta de sândalo [3]. Isto comprovou estar certo. Deus revela-Se de diversas maneiras, às vezes como homem, às vezes em outras formas divinas feitas de Espírito. Deve-se crer nas formas divinas. O que me diz?"

M.: "É verdade, senhor."

Mestre: "A brahmin de Kamarhati [4] tem muitas visões. Mora sozinha numa cabana de um cômodo, num jardim às margens do Ganges. Passa o tempo em japa. Gopala [5] dorme com ela. (*O Mestre estremece*). Não é imaginação, é um fato. Ela viu que as palmas de Gopala eram vermelhas. Passeia com ela. Ela o amamenta, conversam um com outro. Quando Narendra ouviu a história, chorou. Antes eu também costumava ter muitas visões, mas agora, no meu atual estado espiritual, não vejo tantas. Gradualmente vou superando minha natureza feminina. Agora sinto-me agora mais como um homem. Por isso, controlo minha emoção, não a exteriorizo tanto.

"Naren mais jovem tem a natureza masculina, e por isso em meditação, sua mente submerge-se totalmente no Ideal. Não demonstra emoção. Nityagopal tem uma natureza feminina. Por esta razão quando está em estado espiritual o corpo fica contorcido, se dobra e torna-se vermelho.

(*A M.*) "Bem, as pessoas renunciam pouco a pouco, mas em que estado esses jovens estão!"

"Binode disse, 'Tenho que dormir com minha esposa. Isto me faz sentir mal.' Não é bom para um aspirante dormir com a esposa, tenha ou não relacionamento sexual. Há fricção no corpo e também, calor físico.

"Por que estado Dwija está passando! Em minha presença move o corpo e fixa o olhar em mim. É isto uma coisa insignificante? Se um homem reunir toda sua mente e fixá-la em mim, certamente alcançará tudo.

"Mas o que sou? Ele é Tudo. Sou a máquina e Ele, seu Operador. É somente Deus que existe neste [referindo-se ao corpo]. É por isso que cada vez mais tantas pessoas sentem-se atraídas para ele. Um simples toque é suficiente para despertar sua espiritualidade. Esta atração, este empurrão, é a atração de Deus e de ninguém mais.

"Tarak de Belgharia dirigia-se para casa, vindo de Dakshineswar. Claramente notei que algo, como uma chama saía deste [referindo-se a seu corpo] e o seguia. Alguns dias mais tarde Tarak voltou a Dakshineswar. Em samadhi, Aquele que mora neste corpo colocou Seu pé no peito de Tarak.

"Bem, há mais jovens como estes?"

---

[3] As folhas da árvore bel são oferecidas a Shiva, enquanto que as folhas de tulsi e pasta de sândalo são oferecidas a Vishnu.

[4] Referindo-se a uma das devotas do Mestre, conhecida como Gopal Ma.

[5] Menino Krishna.

M.: "Mohit é bom. Veio ver o senhor uma ou duas vezes. Está estudando para prestar dois exames na universidade. Tem grande anseio por Deus."

Mestre: "Pode ser, mas Ele não pertence a um plano elevado. Seus traços físicos não são bons, tem um rosto chato, mas esses outros jovens pertencem a um plano elevado.

"Muitos problemas e preocupações seguem-se após o nascimento num corpo físico. Além disso, se uma pessoa for amaldiçoada, poderá ter que nascer sete vezes. Deve-se ter muito cuidado. Tem-se que assumir um corpo humano se acalentar o mais leve desejo."

Um devoto: "Quais são os desejos das Encarnações de Deus?"

Mestre (*sorrindo*): "Sei que não me livrei de todos os desejos. Uma vez vi um santo com um xale, e também, desejei usar um como aquele. Mesmo agora tenho aquele desejo. Não sei se terei que nascer de novo por causa dele."

Balaram (*sorrindo*): "Então o senhor terá que nascer de novo só por causa de um xale?" (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Deve-se conservar um bom desejo para que se possa abandonar o corpo meditando nele. Há quatro lugares sagrados para os sadhus visitarem. Visitam três e abandonam um. Muitos deles deixam Puri, o lugar de Jagannath, para que possam deixar seus corpos meditando em Jagannath."

Um homem vestido de roupa ocre, entrou no aposento e saudou o Mestre. Particularmente tinha o hábito de criticar Shri Ramakrishna. Por esta razão Balaram riu. Como Shri Ramakrishna podia ler a mente de uma pessoa, disse a Balaram, 'Não importa, deixe-o dizer que sou um impostor."

Shri Ramakrishna conversava com Tejchandra.

Mestre: "Mandei chamá-lo muitas vezes. Por que não veio? Se praticar oração e meditação, isto me faria feliz. Considero-o um dos meus. È por isso que mando chamá-lo."

Tejchandra: "Senhor, tenho que ir ao escritório. Estou muito ocupado com meus deveres."

M. (*sorrindo*): "Houve um casamento em sua casa e teve uma licença de dez dias."

Mestre: "Ora, ora! Diz que não tem tempo livre, mas acabou de me dizer que ia renunciar ao mundo."

Narayan: "M. nos disse um dia, que este mundo é uma selva."

Mestre (*a M.*): "Conte-lhes aquela história do discípulo que ficou inconsciente depois de tomar o remédio. Seu instrutor chegou e disse que ele voltaria à vida se alguém tomasse a pílula, que ele lhe prescrevera. O discípulo voltaria à vida, mas aquele que tomasse a pílula morreria.

"Por favor conte, também, aquela do hatha yogi que pensou que sua esposa e filhos lhe pertenciam e fingiu estar morto com as pernas esticadas. Ouvir estas histórias lhe fará bém."

Era meio-dia. Shri Ramakrishna participou da comida oferecida à Divindade Familiar, Jagannath. O Mestre costumava dizer que a comida na casa de Balaram era muito pura. Em seguida, descansou um pouco.

Mais tarde Shri Ramakrishna sentou-se com os devotos na sala de visitas da casa de Balaram. Chandra Babu, da seita Kartabhaja, e um brahmin espirituoso estavam presentes. O brahmin tinha algo de cômico, suas palavras faziam todo o mundo rir.

Mais ou menos às seis horas, o irmão de Girish. Atul e o irmão de Tejchandra chegaram. Shri Ramakrishna estava de samadhi. Minutos mais tarde disse, ainda em êxtase, "Pode alguém tornar-se inconsciente, meditando na consciência? Pode alguém perder a mente pensando em Deus? Deus é da verdadeira natureza do Conhecimento, da Eternidade, Pureza e Consciência."

Shri Ramakrishna disse ao brahmin espirituoso, "Por que desperdiça o tempo com esses gracejos frívolos sobre coisas insignificantes? Direcione a mente para Deus. Se um homem pode calcular sobre o sal, pode também fazê-lo a respeito de açúcar cande."

Brahmin (*sorrindo*): "Por favor, atraia-me."

Mestre: "O que posso fazer? Tudo depende do seu esforço. Sua mente lhe pertence. Abanbone esta insignificante comicidade e avance em direção a Deus. Você pode ir cada vez

mais longe nesse caminho. O Brahmachari pediu ao lenhador para ir em frente. Em primeiro lugar o lenhador encontrou uma floresta de sândalo, em seguida uma mina de prata e logo depois, uma mina de ouro e depois, pedras preciosas e diamantes.

Brahmin: "Não há fim para este caminho."

Mestre: "Onde se encontra a paz, aí está o fim."

A respeito de um novo visitante, Shri Ramakrishna disse, 'Não encontrei substância nele. Parece não ter muito valor.'

Era o crepúsculo. Foram acesos lampiões no aposento. Shri Ramakrishna meditava na Mãe Divina, cantando Seu nome com a voz melodiosa. Os devotos estavam sentados à sua volta. Como Balaram ia celebrar a Festival do Carro em sua casa no dia seguinte. Shri Ramakrishna tinha intenção de passar a noite lá.

Depois de tomar uma refeição ligeira, Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas. Eram mais ou menos dez horas. O Mestre disse a M., "Por favor, traga a minha toalha que está no outro aposento."

Arrumaram uma cama para Shri Ramakrishna no pequeno quarto contíguo. Mais ou menos às dez e meia deitou-se para dormir. Era verão. Disse a M., É melhor trazer um leque." Pediu ao discípulo para abaná-lo. À meia-noite Shri Ramakrishna levantou-se. Disse a M., "Não me abane mais, sinto frio."

Terça-feira, 14 de julho de 1885

Era o dia do Festival do Carro. Shri Ramakrishna levantou-se muito cedo. Estava sozinho no quarto, dançando e cantando o nome de Deus. M. entrou e saudou o Mestre. Outros devotos chegaram, um a um. Saudaram o Mestre e sentaram-se perto dele. Shri Ramakrishna estava com muitas saudades de Purna. Conversava com M. a respeito dele.

Mestre: "Você deu alguma instrução a Purna?"

M.: "Disse-lhe para ler a vida de Chaitanya. Ele conhece a história de sua vida. Disse-lhe, também, que o senhor pede às pessoas para se agarrarem à verdade."

Mestre: "Como ele aceitou quando você disse a meu respeito, 'Ele é uma Encarnação de Deus?' "

M.: "Eu lhe disse, 'Venha comigo se quiser ver uma pessoa como Chaitanya.' "

Mestre: "Nada mais?"

M.: "Também aquele seu comentário de que quando um elefante entra num lago pequeno, há um grande espadanar de água. Assim também, tratando-se de um 'pequeno receptáculo', a emoção transborda.

"A respeito do fato de ter deixado de comer peixe, disse-lhe, 'Por que fez isto? Sua família criará uma grande caso'."

Mestre: "Está bem. Deve-se guardar os sentimentos e emoções para si mesmo."

Eram mais ou menos seis e meia da manhã; M. ia banhar-se no Ganges quando foram sentidos tremores de terra. Imediatamente voltou ao aposento de Shri Ramakrishna. O Mestre estava de pé na sala de visitas. Os devotos, à sua volta, falavam do terremoto, que fora violento e muitos deles estavam assustados.

M.: "Vocês todos deveriam ter descido.."

Mestre: "Este é o destino da casa onde se vive e mesmo assim, as pessoas são tão egoístas. (*A M.*) Você se recorda da grande tormenta do mês de Aswin?"

M.: "Sim, senhor. Eu era pequeno naquela época – nove ou dez anos de idade. Estava sozinho no quarto enquanto a tempestade desabava, e então, orei a Deus."

M. estava surpreso e pensou: "Por que o Mestre subitamente me perguntou a respeito da grande tormenta de Aswin? Será que ele sabe que eu estava sozinho naquela época, orando ansiosamente a Deus com lágrimas nos olhos? Será que ele sabe de tudo isso? Será que ele me protegia como guru desde o meu nascimento?"

Mestre: "Era bastante tarde naquele dia em Dakshineswar quando a tempestade começou, mas de um jeito ou de outro, conseguiram cozinhar. As árvores caíram e ficaram com as raízes para fora. Veja, este é o destino da casa onde se mora.

"Mas quando se alcança o Conhecimento Perfeito, descobre-se que morrer ou matar é a mesma coisa, isto é, ambos são irreais. Quando se morre, na realidade não se morreu, e quando uma pessoa mata a outra, o homem não está verdadeiramente morto. Tanto Lila quanto Nitya pertencem à mesma Realidade. Numa forma é o Absoluto, e em outra, Lila. Embora Lila seja destruída, Nitya sempre existe. Água é água, quer parada ou em ondas. É a mesma água quando as ondas se acalmam."

Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas com os devotos. Narendra Mukherji, Hari, Naren mais jovem e outros devotos estavam presentes. Hari morava sozinho e estudava Vedanta. Tinha aproximadamente vinte e três anos e era solteiro. Shri Ramakrishna gostava muito dele. Queria que Hari o visitasse com freqüência, mas Hari gostava da solidão e nem sempre ia a Dakshineswar.

Mestre (*a Hari*): "Bem, não vejo você há muito tempo.

"Veja, numa forma Ele é Absoluto e numa outra, é Relativo. O que a Vedanta ensina? Somente Brahman é real e o mundo ilusório. Não é assim? Mas enquanto Deus mantém o 'ego de um devoto', num homem, o Relativo também é real. Quando Ele apaga completamente o ego, o que *é* permanece. Isto não pode ser descrito pela fala, mas enquanto Deus mantiver o ego, deve-se aceitar tudo. Removendo-se os envoltórios externos da árvore plantano, atinge-se a seiva. Enquanto a árvore tiver os envoltórios, também tem a seiva. Assim também, enquanto tiver seiva terá envoltórios. A seiva vai com os envoltórios e os envoltórios com a seiva. Da mesma maneira, quando se fala de Nitya, entende-se que Lila também existe, e quando se fala de Lila, entende-se que Nitya também existe.

"É somente Ele quem Se tornou o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos. Quando Ele está inativo eu O chamo Brahman, quando Ele cria, preserva e destrói, eu O chamo Shakti. Brahman e Shakti não são diferentes um do outro. Água é água, quer parada ou em movimento.

"É impossível livrar-se da 'consciência do eu'. Enquanto se é consciente desta 'consciência do eu', não se pode falar do universo e seus seres vivos como irreais. Não se pode ter o peso exato da fruta bel se deixar de lado a casca e a polpa.

"O tijolo, cal e o pó de tijolo dos quais os degraus são feitos, são os mesmos tijolos, cal e pó de tijolo com os quais se faz o terraço. O universo e os seres vivos existem por causa da Realidade d'Ele (Brahman).

"O devotos – quero dizer os vijnanis – aceitam tanto Deus com forma como sem forma, tanto o Deus Pessoal como o Deus Impessoal. Num oceano sem praia – uma expansão infinita de água – blocos de gelo formam-se aqui e ali, devido ao frio intenso. De maneira similar, sob a influência do profundo amor de Seu adorador, o Infinito reduz-Se ao finito e aparece diante do adorador como Deus com forma. Da mesma maneira que ao nascer do sol o gelo se derrete, assim também, com o despertar do Conhecimento, Deus com forma derrete-se no mesmo Infinito e sem forma.

"Enquanto o homem analisar com a mente, não pode alcançar o Absoluto. Enquanto raciocinar com a mente, não terá meio de libertar-se do universo e dos objetos dos sentidos – forma, gosto, cheiro, tato e som. Quando o raciocínio pára, alcança-se o Conhecimento de Brahman. O Atman não pode ser realizado por meio da mente; Ele é realizado somente por meio do Atman. Mente Pura, Buddhi Puro. Atman Puro – todos são um e o mesmo.

"Apenas imagine quantas coisas são necessárias para que se perceba um objeto. Necessita-se dos olhos, da luz, da mente. Não se pode perceber o objeto se deixar de lado um desses três. Enquanto a mente funcionar, como se pode dizer que o universo e o 'eu' não existem?

"Quando a mente for aniquilada, quando ela parar de deliberar a favor ou contra, então entra-se em samadhi, atinge-se o Conhecimento de Brahman. Você conhece as sete notas da escala, sa, re, ga, ma, pa, dha, ni. Não se pode manter a voz no 'ni' por muito tempo."

Olhando para Naren mais jovem, Shri Ramakrishna disse, "O que se ganha em ser intuitivo na consciência da existência de Deus? Uma simples visão de Deus não é tudo de maneira alguma. Tem-se que trazê-Lo para sua casa, conversar com Ele.

"Alguns ouviram falar de leite, outros viram o leite e alguns o beberam. Alguns viram o rei mas somente um ou dois podem levar o rei para sua casa e entretê-lo."

M. foi ao Ganges tomar banho. Eram dez horas. Shri Ramakrishna estava ainda conversando com os devotos. Depois do banho M. voltou para a casa de Balaram. Saudou o Mestre e sentou-se próximo dele.

Shri Ramakrishna estava cheio de intenso fervor espiritual. Palavras de Sabedoria fluíam de sua boca. De vez em quando narrava suas profundas experiências místicas.

Mestre: "Fui a Benares com Mathur Babu. Nosso barco estava passando o Ghat de Manikarnika
no Ganges, quando subitamente tive a visão de Shiva. Fiquei na beirada do barco e entrei em samadhi. O barqueiro com medo que eu caísse na água, gritou para Hriday, 'Segure-o! Segure-o!' Vi Shiva em pé no Ghat, encarnando em Si toda a seriedade do mundo. Primeiro eu O vi à distância, depois aproximou-Se de mim, e por fim, fundiu-Se em mim.

"Em outra ocasião, em êxtase, vi que um sannyasi me conduzia pela mão. Entramos num templo e tive a visão de Annapurna toda em ouro.

"Somente Deus tornou-Se tudo isso, contudo, Se manifesta mais em algumas coisas do que em outras.

(*A M.*) "Talvez você não acredite no salagram. Os 'ingleses' não crêem nele. Não importa se você acredita ou não. Um salagram deve conter a marca de um disco e outros signos; somente então pode ser adorado como um emblema de Deus."

M.: "Sim, senhor. É como a maior manifestação de Deus num homem com bons traços físicos."

Mestre: "No princípio Narendra dizia que eram fantasias da minha imaginação, mas agora aceita tudo."

Shri Ramakrishna estava descrevendo a visão de Deus, quando entrou em samadhi. Os devotos olhavam para ele com o olhar fixo. Depois de um longo tempo retomou a consciência do mundo, e conversou com os devotos.

Mestre (*a M.*): "O que você pensa que vi? Vi o mundo inteiro como um salagram e nele vi dois olhos."

Numa silenciosa admiração M. e os devotos ouviam estas palavras sobre sua experiência interior. Nesse momento Sarada, um outro discípulo do Mestre, entrou no aposento e saudou-o

Mestre (*a Sarada*): "Por que não vem a Dakshineswar? Por que não vai ver-me quando vou a Calcutá?"

Sarada: "Ninguém me fala a respeito."

Mestre: "Na próxima vez eu o informarei. (*A M. sorrindo*) Faça uma lista destes jovens." (*M. e os devotos riem*).

Sarada: "Meus familiares querem que eu me case. (*Apontando para M.*) Quantas vezes me repreendeu por causa do casamento!"

Mestre: "Por que você iria se casar justamente agora? (*A M.*) Sarada está agora num estado mental muito bom. Antes estava hesitante, agora seu rosto brilha de felicidade."

Shri Ramakrishna disse a um devoto: "Será que você pode ir buscar Purna?"

Narendra chegou. Shri Ramakrishna pediu a um devoto para lhe dar qualquer coisa para comer. Sentia-se muito contente em ver Narendra; Quando deu de comer a Narendra, sentiu que estava alimentando o próprio Narayana. Acariciou o corpo de Narendra muito carinhosamente.

Gopal Ma entrou no quarto. Era uma grande devota de Gopala e tinha sido abençoada com muitas visões espirituais elevadas. Shri Ramakrishna pedira a Balaram para mandar um homem buscá-la em Kamarhati. Logo que entrou no quarto disse, 'Estou chorando de alegria.' Com estas palavras inclinou-se ante o Mestre tocando o chão com a testa.

Mestre: "O que é isto? Você me chama de 'Gopala' e ainda assim, me saúda! Agora vá lá dentro e me prepare um curry. Tempere-o com algumas especiarias de maneira que eu sinta o cheiro daqui."

Gopal Ma: "O que eles [referindo-se aos donos da casa] vão pensar de mim?"

Antes de deixar o quarto disse a Narendra, com uma voz fervorosa, "Meu filho, alcancei a meta ou tenho que caminhar ainda mais?"

Era o dia do Festival do Carro e por esta razão a adoração da Divindade Familiar estava atrasada. Quando o culto acabou, pediram a Shri Ramakrishna para comer. Dirigiu-se aos aposentos internos. As devotas estavam ansiosas para vê-lo.

Shri Ramakrishna tinha muitas devotas, mas não falava a respeito delas com seus devotos masculinos. Alertava os homens contra a visita das devotas. Dizia, "Não exagerem, senão escorregarão." A alguns devotos dizia, "Não se aproximem de uma mulher, mesmo que ela role no chão com devoção." O Mestre queria que os homens vivessem afastados das devotas; só assim, os dois grupos progrediriam. Não gostava que elas olhassem os homens como "Gopala", porque esta afeição maternal não era boa; decaía com o tempo num relacionamento prejudicial.

Depois do almoço Shri Ramakrishna sentou-se na sala de visitas com os devotos. Era uma hora da tarde. Um devoto trouxe Purna. Com grande alegria o Mestre disse a M., "Aqui está ele! Purna chegou." Narendra, Naren mais jovem, Narayan, Haripada e outros devotos conversavam com o Mestre.

Naren mais jovem: "Senhor, temos livre arbítrio?"

Mestre: "Apenas tente descobrir o que é esse 'eu'. Enquanto você procura o 'eu', 'Ele' sai. 'Sou a máquina e Ele, o Operador.' Você já ouviu falar de um brinquedo mecânico que entra numa loja com uma carta na mão. Você é como aquele brinquedo. Somente Deus é quem faz. Faça seus deveres no mundo, como se fosse aquele que faz, mas sabendo o tempo todo que somente Deus é O que faz e você é um instrumento.

"Enquanto houver upadhi há ignorância. 'Sou um erudito', 'Sou um jnani', 'Sou abastado', 'Sou prestigiado', 'Sou mestre, pai e instrutor' – todas essas idéias são produtos de ignorância. 'Sou a máquina e Tu és o Operador – isto é Conhecimento. Em estado de Conhecimento todos os upadhis são destruídos. Quando a tora de madeira ficar toda queimada, não há mais ruído nem calor; tudo se esfria. Paz! Paz! Paz! (*A Narendra*) Cante um pouco."

Narendra: "Tenho que ir para casa. Tenho muito o que fazer."

Mestre: "Sim, sim, meu filho! Por que você deveria nos ouvir? 'As palavras daqueles que têm ouro em seus ouvidos, são valiosas; ninguém ouve aquele que não tem nem mesmo um farrapo em torno de sua cintura.' (*Todos riem*) Você freqüenta a chácara de Guhas. Sempre ouço falar nisso. Sempre que pergunto, 'Onde está Narendra hoje?' dizem-me, 'Ó, ele foi à casa dos Guhas'. Eu não deveria ter dito todas essas coisas, mas você fez com que elas saíssem de dentro e mim."

Narendra ficou em silêncio por uns momentos. Em seguida disse, "Não há instrumentos para me acompanhar. Devo somente cantar?"

Mestre: "Meu filho, é tudo que temos. Por favor cante, se isto lhe convém. Você tem que saber como Balaram arranja as coisas.

"Balaram diz-me, 'Por favor venha a Calcutá de barco; tome uma carruagem somente se for necessário.' (*Todos riem*) Veja, ele nos ofereceu uma festa hoje, por isso esta tarde nos fará dançar! (*Todos riem*) Um dia alugou uma carruagem para eu ir daqui a Dakshineswar. Disse que o aluguel da carruagem era de doze annas. Eu lhe disse, 'O cocheiro vai levar-me até Dakshineswar por doze annas?' 'Ó, isto é bastante', respondeu. Um lado da carruagem quebrou antes de chegarmos a Dakshineswar. (*Todos riem*). Além disso, o cavalo parava de vez em quando, simplesmente não andava. De vez em quando o cocheiro chicoteava o cavalo e ele andava uma distância pequena. (*Todos riem*). O programa para esta tarde é que Ram vai tocar tambor e nós vamos dançar. Ram não tem sentimento de ritmo. (*Todos riem*). De qualquer maneira esta é a atitude de Balaram – cantem, dancem e sejam felizes!" (*Todos riem*).

Outros devotos estavam chegando. Mahendra Mukherji saudou o Mestre de uma certa distância. O Mestre retribuiu a saudação, mas logo saudou Mahendra como um muçulmano. O Mestre disse a um jovem devoto sentado próximo dele. 'Por que você não lhe diz que eu o saudei como um muçulmano? Ele vai gostar.' (*Todos riem*).

Muitos chefes de família estavam acompanhados das esposas e outras senhoras da família. Queriam saudar o Mestre e vê-lo dançar em frente do carro. Ram, Girish e outros devotos gradualmente foram se reunindo. Muito devotos jovens estavam presentes.

Narendra cantou:

Ó, quando brilhará o dia abençoado
Quando o Amor despertará no meu coração?
Quando minhas lágrimas cairão sem controle,
Enquanto repito o nome do Senhor Hari,
E todo meu anseio será preenchido?
Quando serão puras minha mente e alma?
Ó, quando por fim me refugiarei
Nos sagrados bosques de Vrindavan?
Quando meus grilhões mundanos cairão?
E minha vista imperfeita ficará curada
Com o colírio refrescante da Sabedoria?
Quando aprenderei a verdadeira alquimia
E, tocando a Pedra Filosofal
Transformarei o ferro inútil do meu corpo
No mais puro ouro do Espírito?
Quando verei este mesmo mundo
Como Deus e rodarei na estrada do Amor?
Quando desistirei da piedade
Do dever e do pensamento de casta?
Quando deixarei para trás todo o medo,
Toda vergonha, convenção, preocupações, orgulho?

Ó, vou untar meu corpo então,
Com a poeira dos pés dos devotos,
Sobre meus ombros jogarei
O fardo da renúncia e beberei
E minhas mãos um gole refrescante
Da corrente renovadora de vida do Jamuna.
Ó, ficarei louca de amor
E tanto rirei quando chorarei de alegria!
Então nadarei no Mar
Do Abençoado Satchidananda;
Embriagado com Seu amor, tornarei todos
Tão embriagados quanto eu! Ó, brincarei
Aos pés de Hari para sempre!

Cantou novamente:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa caverna escura da montanha. ...

Balaram havia contratado para o kirtan, Vaishnavcharan, o músico, que cantou:

Ó língua, repete sempre o nome da Mãe Durga!
Quem a não ser Sua Mãe Durga o salvará na infelicidade? ...

Quando Shri Ramakrishna ouviu um verso ou dois da canção, entrou em samadhi. Em êxtase, pôs-se de pé. Naren mais jovem amparava-o Um sorriso iluminava o rosto do Mestre. Gradualmente o corpo ficou imóvel, a mente parecia ter ido para uma outra dimensão. Todos os devotos no aposento olhavam para ele com assombro. As devotas olhavam a cena por trás de biombo. Depois de um longo tempo, desceu do samadhi, cantando o santo nome de Deus.

Assim que o Mestre sentou-se, Vaishnavcharan cantou novamente:

Ó vina, cante o nome do Senhor Hari!
Sem a bênção de Seus pés
Você não poderá conhecer a Verdade final.
O nome de Hari mata todo pesar;
Cante o nome Hari! Cante o nome de Krishna! ...

Então cantou:

Ó vina, esquecendo de adorar Hari,
Passo os dias em vão. ...

Era o entardecer. Nesse meio tempo o pequeno carro de Jagannath, enfeitado com flores, bandeiras e tiras, havia sido trazido para a varanda interior. As imagens de Jagannath, Subhadra e Balarama estavam enfeitadas com grinaldas de flores, pasta de sândalo, mantos e jóias. Shri Ramakrishna saiu da sala onde os músicos profissionais cantavam, e veio até a varanda, acompanhado dos devotos. Parou defronte ao carro, e puxou-o pela corda. Começou a cantar e dançar com os devotos diante do carro.

O Mestre cantou:

Olhem, chegaram os dois irmãos[6] que choram quando cantam o nome de Hari. ...

Cantou novamente:

Veja como toda Nadia está tremendo
Sob as ondas de amor de Gauranga! ...

A música e a dança continuaram na varanda enquanto o carro era puxado para lá e para cá. Uma grande multidão entrou na casa, quando ouviu a música alta e batida dos tambores. Shri Ramakrishna estava totalmente intoxicado de amor divino. Os devotos contagiaram-se e dançaram com o Mestre em êxtase de amor.

Em seguida Shri Ramakrishna voltou à sala de visitas, M. e outros devotos faziam massagem em seus pés.

Tomado de fervor divino, Narendra cantou com acompanhamento do tanpura:

Vem! Vem! Mãe! Boneca de minha alma! Deleite de meu coração!
No lótus do meu coração, vem e fica, para que eu possa ver Teu rosto ...

Depois cantou:

Mãe, Tu és a nossa única Redentora,
Tu és Aquela que sustenta os três gunas.
Mais alta do que o mais alto,
Tu és misericordiosa, eu sei.
Que retiras nosso pesar amargo.

Sandhya és Tu, e Gayatri:
Tu susténs este universo.
Mãe, o Refúgio és Tu
Daquele que não tem nenhuma ajuda a não ser a Ti,
Ó Eterna Bem-Amada de Shiva!

Tu estás na terra, na água;
Tu estás na origem de tudo.
Em mim, toda criatura, Tu tens Teu lar embora com forma,
Tu és a Realidade sem forma.

[6] Gauranga e Nityananda.

Cantou uma outra canção:

Eu Te fiz, Ó Senhor, a Estrela-Guia de minha vida;
Nunca mais perderei meu caminho, neste mar sem fim do mundo.
Por onde quer que eu vagueie, Teu brilho resplandece não ofuscando;
Com Tua luz serena e graciosa
Tu retiras todas as lágrimas de minha alma atormentada.

No mais íntimo santuário do meu coração Teu rosto brilha para sempre;
Se, por um momento só, eu não puder encontrá-lo.
Minha alma será tomada de aflição;
E quando minha mente inútil perder-se de Ti.
A visão de Teu rosto me ferirá com a mais profunda vergonha.

Um devoto disse a Narendra: "Pode cantar aquela – 'Ó Mãe, Tu és meu Guia Interior, sempre desperta dentro do meu coração?"

Mestre: "Ó, não! Por que esta canção? O apropriado neste momento é cantar a felicidade divina – uma canção como 'Ó Mãe Shyama, plena das ondas de embriaguez divina'."

Narendra cantou:

Ó Mãe Shyama, plena das ondas de embriaguez divina!
Quem sabe como Tu brincas no mundo?
Teus jogos e travessuras e Teus olhares envergonham o deus do amor!
Aquele que embainha a espada! Ó Tu de rosto terrível!
A própria terra é sacudida sob Teus saltos e passadas!

Ó Tu, Morada dos três gunas! Ó Redentora! Terrível!
Tu, que és a Consorte de Shiva!
Muitas formas assumes, atendendo as orações de Teus bhaktas.
Tu danças no Lótus do Coração.
Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!

Tomado de êxtase, Narendra cantou repetidamente os versos.

Tu danças no Lótus do Coração,
Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!

Shri Ramakrishna dançava, embriagado de amor divino, e repetidamente cantava, "Ó Mãe, Consorte Eterna de Brahman!"

Depois de dançar durante muito tempo, Shri Ramakrishna voltou a seu lugar. Estava muito satisfeito em ver Narendra em estado espiritual, cantando com lágrimas nos olhos.

Eram mais ou menos nove horas da noite. Os devotos continuavam sentados em torno do Mestre. Vaishnavcharan cantou sobre Gauranga:

O belo Gauranga, o dançarino, louro como ouro derretido ...

Em seguida cantou sobre Shri Krishna. Krishna deixara Sua vida pessoal em Vrindavan e tornara-se rei de Mathura. Uma gopi O encontrou e disse:

Ó Hari, como vamos conhecê-Lo agora?
No esplendor real de Mathura Tu nos esqueceste.
Agora, em Tuas roupagens reais, Tu cavalgas num elefante.
Será que Tu Te esqueceste totalmente que, em Vrindavan, Tu tratavas das vacas?
Ó Hari, Tu Te esqueceste como roubavas manteiga?
Das inocentes gopis de Braja?

Aproximadamente às onze horas os devotos saudaram o Mestre e retiraram-se.

Mestre: "Vocês todos podem ir. (*Apontando para Narendra e Naren mais jovem*). Será suficiente se esses dois ficarem. (*A Girish*) Vai tomar a ceia em casa? Pode ficar um pouco mais, se quiser. Você quer fumar! Mas o empregado de Balaram é igual a seu patrão. Peça-lhe fumo, ele não o dará! (*Todos riem*). Mas não vá embora sem ter fumado."

Girish trouxera um amigo que usava óculos. Este último observou todas essas coisas e logo foi embora. Shri Ramakrishna disse a Girish: "Digo a todos vocês, por favor não forcem ninguém a vir aqui. Nada acontece a não ser no seu devido tempo."

Antes de se retirar, um devoto saudou o Mestre. Tinha um menino com ele. Shri Ramakrishna disse-lhe carinhosamente, "Está ficando tarde e você está com esse menino." Narendra, Naren mais jovem e outros devotos ficaram por algum tempo, e depois, despediram-se.

Quarta-feira, 15 de julho de 1885

Eram quatro horas da manhã. Shri Ramakrishna estava na cama no pequeno quarto contíguo à sala de visitas. M. estava sentado no banco na varanda ao sul do seu aposento. Uns minutos depois Shri Ramakrishna veio para a varanda. M. saudou-o

Mestre: "Já estava acordado. Bem, iremos a Dakshineswar esta manhã?"

M.: "O Ganges está menos encapelado esta manhã."

Amanhecia gradualmente. Os devotos ainda não haviam chegado. Shri Ramakrishna lavara a boca e cantava os nomes de Deus. Estava de pé perto da porta norte do aposento. M. estava a seu lado. Poucos minutos mais tarde chegou Gopal Ma que ficou a seu lado. Uma ou duas devotas olhavam o Mestre atrás das portas dos aposentos internos. Eram como as gopis de Vrindavan olhando para Shri Krishna, ou devotos de Nadia olhando para Gauranga, por trás do biombo.

Depois de cantar o nome de Rama, Shri Ramakrishna cantou o nome de Krishna, "Krishna! Krishna! Krishna das gopis! Gopi! Gopi! Krishna, a Vida dos pastores de Vrindavan! Krishna, filho de Nanda! Govinda! Govinda!"

Em seguida cantou o nome de Gauranga. Depois repetiu, "Alekh Niranjana", que é um nome de Deus. Ao falar, "Niranjana", chorou. Os devotos também choravam. Com lágrimas nos olhos e Mestre disse, "O Niranjan! Minha criança! Vem! Coma isso! Toma isso! Quando minha vida será abençoada por dar-Te alimento? Tu Tomaste esta forma humana para meu bem."

Emocionado, orava a Jagannath, "Ó Jagannath, Senhor do Universo! Ó Amigo do mundo! Ó amigo dos pobres! Eu não estou, Ó Senhor, fora do Teu universo. Sê misericordioso comigo!"

Ao cantar em louvor a Jagannath, ficou fora de si, pleno de amor divino.

Cantou o nome de Narayana e dançou, "Ó Narayana! Ó Narayana! Narayana! Narayana!"

Dançou e cantou novamente:

Ah, amiga! Ainda não encontrei, Aquele cujo amor me enlouqueceu. ...

Em seguida o Mestre foi para o pequeno quarto com os devotos. Estava totalmente nu como um menino de cinco anos. M., Balaram e outros devotos estavam no quarto.

Mestre: "Pode-se ver a forma de Deus. Pode-se ver Deus quando todos os upadhis desaparecerem e cessar o raciocínio. Então o homem fica mudo e entra em samadhi. Chegando ao teatro, as pessoas entregam-se a todo tipo de conversa, mas no momento em que a cortina sobe, toda conversa pára e os espectadores ficam totalmente absorvidos no que estão vendo no palco.

"Quero dizer-lhes algo muito secreto. Por que amo tanto os rapazes como Purna e Narendra? Uma vez, em êxtase, senti grande amor por Jagannath, um amor da mesma intensidade que uma mulher sente por seu amado. Nesse estado eu estava a ponto de abraçá-Lo, quan-

do quebrei o braço. Foi-me então revelado, 'Tu assumiste este corpo humano. Por esta razão estabeleça com os seres humanos o relacionamento de amigo, pai, mãe ou filho.'

"Agora sinto por Purna e outros rapazes o que certa vez senti por Ramlala [7]. Costumava dar banho em Ramlala, alimentá-Lo, pô-Lo na cama e levá-Lo onde ia. Costumava chorar por Ramlala. Agora tenho o mesmo sentimento por estes jovens. Olhem para Niranjan. Não está apegado a coisa alguma. Gasta seu dinheiro levando doentes pobres ao hospital. Com respeito à proposta de casamento diz, 'Meu Deus! É o rodamoinho de Vishalakshi![8] Vejo-o sentado sobre uma luz.

"Purna pertence ao domínio de Deus Pessoal. Nasceu com um elemento de Vishnu. Ah, que anseio por Deus ele tem!

(*A M.*) "Você viu como ele olha para você, como se você fosse seu irmão espiritual, muito íntimo seu? Disse que me visitaria novamente, na casa do Capitão.

"Narendra pertence a um plano muito elevado – ao campo do Absoluto. Tem uma natureza masculina. Muitos devotos vêm aqui, mas nenhum é como ele.

"De vez em quando faço um balanço dos devotos. Vejo que alguns são como lótus de dez pétalas, outros como um lótus de dezesseis pétalas, alguns como um lótus de cem pétalas, porém, entre esses, Narendra é um de mil pétalas.

"Outros devotos podem ser pequenos potes ou jarros, mas Narendra é um imenso barril de água.

"Entre os peixes, Narendra é uma enorme carpa de olhos vermelhos, outros são como vairões ou pequenos salmões ou sardinhas. Tarak de Belgharia pode ser considerado um perca.

"Narendra é um 'grande receptáculo' que pode conter muitas coisas. É como um bambu com um grande espaço oco.

"Narendra não está sob o controle de nada, nem de apego, nem dos prazeres dos sentidos. É como um pombo. Se você segurar um pombo pelo bico, ele escapa, mas a pomba fica quieta. Narendra tem a natureza masculina, por isso na carruagem, senta-se no lado direito. Bhavanath tem a natureza feminina, faço-o, então, sentar-se do outro lado. Sinto grande força quando Narendra está comigo numa reunião."

Cerca das oito horas da manhã Mahendra Mukherji chegou e saudou o Mestre. Haripada, Turlsiram e outros devotos foram chegando e, um a um, saudaram-no. Baburam, acamado com febre, não podia vir.

Mestre (*a M. e outros*): "Naren mais jovem não veio? Talvez tenha pensado que eu saí. (*A Mukherji*) Que surpreendente! Mesmo em sua infância, voltando da escola, chorava por Deus. Será pouca coisa chorar por Deus? Também é muito inteligente. É como um bambu com um grande espaço oco. Sua mente está fixa em mim. Girish Ghosh disse-me, 'Naren mais jovem foi à casa de Navagopal quando se realizava um kirtan. Ao entrar na casa perguntou pelo senhor e exclamou, 'Onde está ele?' Estava totalmente inconsciente do que o cercava e praticamente atropelava as pessoas.' Não teme as ameaças dos parentes. Ás vezes passa três noites seguidas em Dakshineswar."

Mukherji: "Hari [9]simplesmente ficou sem fala quando ouviu o que o senhor falou ontem. Disse-me. 'Sabedoria assim só pode ser encontrada nos sistemas filosóficos Samkhya, Yoga e Vedanta. Ele não é uma pessoa comum.' "

Mestre: "Mas eu mesmo estudei Samkhya ou Vedanta.

"Jnana perfeita e bhakti perfeita são a mesma coisa. Um homem raciocina dizendo, 'Isto não, isto não', rejeitando o irreal. Quando o raciocínio termina, alcança o Conhecimento de Brahman. Então aceita o que antes rejeitou. Um homem sobe ao terraço com todo o cuidado, deixando para trás os degraus. Ao alcançar o terraço, compreende que os degraus são feitos dos mesmos materiais que o terraço, quer dizer, tijolos, cal e pó de tijolo.

"Aquele que é consciente do alto, é também, consciente do baixo. Depois de alcançar o Conhecimento considera igual o alto e o baixo.

---

[7] Nome do Menino Rama.

[8] Riacho perto de Kamarpukur.

[9] Mais tarde Hari abraçou a vida monástica, vindo a ser conhecido como Swami Turiyananda.

"Quando Prahlada morava no plano da Realidade Suprema, mantinha a atitude de 'eu sou Ele', mas quando descia ao plano físico, considerava-se servo de Deus.

"Hanuman também, às vezes dizia, 'eu sou Ele', às vezes, 'sou o servo de Deus', e às vezes, 'sou uma parte de Deus.'

"Por que um homem deve cultivar amor a Deus, em seu coração? Para que outra coisa irá viver? Como passará seus dias?

"Fiquem certos, o ego não desaparece totalmente. Enquanto o pote do 'eu'[10] persistir, não se pode realizar 'eu sou Ele'. Em samadhi o ego desaparece por completo, então, o que *é* permanece. Ramprasad diz, 'Ó Mãe, quando alcançar Conhecimento somente Tu saberás se eu sou bom e se Tu és boa.'

"Enquanto existir a 'consciência do eu', deve-se ter a atitude de um bhakta, não se deve dizer, 'Sou Deus'. Um homem consciente de seu corpo deve sentir que ele não é o próprio Krishna, mas Seu devoto, mas se Deus atrair o devoto para Si, é diferente. É como o amo falando ao seu amado servo, 'Venha, sente-se a meu lado. Você é o mesmo que eu'.

"As ondas são parte do Ganges, mas o Ganges não é parte das ondas.

"Shiva experimenta dois estados mentais. Quando está totalmente absorvido em Seu Próprio Ser, sente, 'Eu sou Ele'. Nesta união nem o corpo nem a mente funcionam. Quando Ele está consciente de Seu ego separado, dança, exclamando, 'Rama! Rama!'

"O que é imóvel também se move. Agora mesmo você está quieto mas alguns momentos mais tarde, estará ocupado em alguma atividade.

"Jnana e bhakti são a mesma coisa. A diferença é como um homem que diz 'água', e outro, 'um bloco de gelo'.

"Falando de um modo geral, há dois tipos de samadhi. Primeiro o sthira ou jada samadhi alcançado quando se segue o caminho do conhecimento, como resultado da destruição do ego através da discriminação. Segundo, bhava samadhi, atingido ao se seguir o caminho de bhakti. Neste segundo samadhi permanece um vestígio do ego, como uma linha, para permitir ao devoto desfrutar Deus, Sua lila, mas não se pode compreender tudo isto se houver apego a 'mulher e ouro'.

"Eu disse a Kedar, 'Jamais será bem sucedido se sua mente morar em 'mulher e ouro'. Quis passar minha mão em seu peito, mas não pude. Ele tinha nós e dobras dentro. Era como um aposento cheirando a sujeira no qual eu não podia entrar. Seu apego ao mundo é profundo; é como um emblema natural de Shiva, cuja raiz se estende até Benares. Jamais será bem sucedido se tiver apego ao mundo – a ´mulher e ouro'.

"Os mais jovens não estão ainda intoxicados por 'mulher e ouro'. Por isso amo-os tanto. Hazra diz-me, 'O senhor ama um rapaz somente se ele pertencer a uma família rica, ou tiver uma boa aparência.' Se isto é verdade, por que amo tanto Harish, Latu e Narendra? Narendra não tem um centavo para temperar o arroz.

"As mentes dos jovens ainda não estão coloridas pelo mundo. É por isso que eles são tão puros de coração. Além do mais, muitos deles são eternamente perfeitos; foram atraídos para Deus desde o nascimento. É como um jardim em que ao ser limpo, repentinamente descobre-se um cano para água. A água esguicha-se sem qualquer esforço de sua parte."

Balaram: "Senhor, como foi possível a Purna saber subitamente que o mundo é ilusório?"

Mestre: "Ele herdou esse conhecimento de suas vidas passadas quando praticou muitas disciplinas. É somente o corpo que é grande ou pequeno e não, o Atman.

"Sabem com quem esses rapazes se parecem? São como certas plantas que primeiro dão fruto e em seguida, flores. Esses devotos primeiro têm a visão de Deus, em seguida ouvem a respeito de Suas glórias e atributos, e finalmente, unem-se a Ele. Olhe o Niranjan. Sempre mantém tudo às claras. É capaz de ir para onde é chamado, mas não se deve esquecer de sua mãe. Deve-se cuidar da mãe, enquanto ela viver. Eu costumava adorar minha mãe com flores e pasta de sândalo. É a Mãe do Universo que Se encarna como nossa mãe terrestre.

[10] Consciência do corpo.

"Ao cuidar do corpo, deve-se cuidar de sua mãe, também. Por isso disse a Hazra, 'Quando tiver um resfriado deve procurar pimenta preta, açúcar cande e sal. Enquanto sentir que deve cuidar do corpo, deve cuidar de sua mãe, também.'

"Mas é bem diferente quando uma pessoa se esquece totalmente do corpo. O próprio Deus assume suas responsabilidades. Um menor não pode cuidar de si mesmo, por isso um tutor lhe é destinado. Chaitanyadeva, como um menor, não podia tomar conta de si mesmo."

M. foi banhar-se no Ganges.

Shri Ramakrishna conversava com os devotos no pequeno quarto da casa de Balaram. Mahendra, Balaram, Tulasi, Haripada, Girish e outros devotos estavam sentados no chão. M. voltou do Ganges. Depois de saudar o Mestre, sentou-se perto dele. Shri Ramakrishna estava contando aos devotos algumas de suas experiências espirituais.

Mestre: "Um dia no templo de Kali, Haladhari e Nangta estavam lendo o *Adhyatma Ramayana*. Subitamente tive a visão de um rio com bosques em ambas as margens. As árvores e plantas eram verdes. Rama e Lakshmana caminhavam, usando calções. Um dia, defronte ao kuthi, vi o carro de Arjuna. Shri Krishna era o condutor. Ainda me recordo desta visão. Outro dia, enquanto ouvia o kirtan em Kamarpukur, vi Gauranga na minha frente.

"Naquela época uma pessoa nua, saindo do meu corpo, tinha o hábito de me acompanhar para onde eu fosse. Eu costumava me divertir com ele. Parecia um menino e era um Paramahamsa. Não posso descrever-lhe todas as formas divinas que vi naquela época. Como sofria de indigestão, ela piorava quando tinha visões. Por esta razão tratava de fugir dessas formas divinas e cuspia no chão quando as via. Elas, entretanto, me seguiam como fantasmas. Estava sempre em êxtase e não tinha noção do passar dos dias e das noites. No dia seguinte da tal visão tive um severo ataque de diarréia, e todos esses êxtases passavam através de minhas entranhas."

Girish (*sorrindo*): "Estou examinando seu horóscopo."

Mestre (*sorrindo*): "Nasci no segundo dia da quinzena brilhante da lua. Meu horóscopo mostra a posição do sol, lua e mercúrio por ocasião do meu nascimento. Não há mais detalhes."

Girish: "O senhor nasceu sob Kumbha. Rama e Krishna nasceram sob Karkat e Brisha e Chaitanya sob Simha[11]."

Mestre: "Eu tinha dois desejos, o primeiro ser o rei dos devotos e o segundo, não ser um sadhu seco."

Girish (*sorrindo*): "Por que o senhor teve que praticar disciplina espiritual?"

Mestre (*sorrindo*): "Até a Mãe Divina teve que praticar sadhana severa para conseguir Shiva, como Seu esposo. Praticou o panchatapa. Também mergulhou o corpo na água, no inverno, e olhou fixamente para o sol. O próprio Krishna teve que fazer muitas práticas. Tive muitas experiências místicas, mas não posso revelar seu conteúdo. Sob a árvore bel tive muitas visões abrasadoras. Ali pratiquei várias sadhanas prescritas pelos Tantras. Tive necessidade de muitos artigos– crânios humanos e várias outras coisas. A Brahmani conseguia essas coisas para mim. Pratiquei um grande número de posturas místicas.

"Tive uma outra experiência estranha: se me sentisse egoísta num determinado dia, ficava doente no dia seguinte.

M. estava imóvel como numa tela ao ouvir a respeito dessas visões do Mestre. Os outros devotos também estavam fascinados. Havia um silêncio profundo no quarto.

Tulasi (*apontando para M.*): "Ele nunca ri."

Mestre: "Mas ri interiormente. A superfície do rio Phalgu está coberta de areia, se cavar na areia, a água jorra.

(*A M.*) "Você não raspa a língua? Raspe-a todos os dias."

Balaram: "Purna ouviu muito M. falar do senhor."

Mestre: "Talvez o relato de minhas primeiras experiências espirituais."

Balaram: "Se Purna é perfeito por natureza, então qual é a função de M;?"

Mestre: "Um simples instrumento."

---

[11] Kumbha, Karka, Brisha e Simha são sinais do zodíaco correspondentes a Aquário, Escorpião, Touro e Leão.

Eram nove horas. Shri Ramakrishna dispunha-se a partir para Dakshineswar. Preparou-se sua saída, tendo sido alugado um barco em Baghbazar. Os devotos saudaram o Mestre.

Shri Ramakrishna foi para o barco com um ou dois devotos. Gopal Ma acompanhava-os. Ela tinha intenção de passar a manhã em Dakshineswar e à tarde, ir para Kamarhati. Uma cama usada geralmente por Rakhal em Dakshineswar, fora enviada a Calcutá para conserto. Foi colocada no barco que se dirigiu para Dakshineswar,.

De acordo com o almanaque o dia não era auspicioso. Por isso Shri Ramakrishna decidiu voltar à casa de Balaram, no sábado seguinte, e regressar a Dakshineswar num dia mais auspicioso.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 43

VISITA À CASA DE NANDA BOSE

Terça-feira, 28 de julho de 1885

Eram mais ou menos três horas da tarde. Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas de Balaram com os devotos. Entre outros estavam presentes Binode, Rakhal, Naren mais jovem e M. O Mestre chegara à casa de Balaram pelo manhã onde almoçara. Na casa de Balaram a Divindade era adorada como Jagannath, e os membros da família partilharam da comida oferecida a Ela. Shri Ramakrishna costumava dizer que a cozinha na casa de Balaram era muito pura.

Narayan e outros devotos haviam comentado com o Mestre que Nanda Bose, um aristocrata de Baghbazar tinha muitos quadros de deuses e deusas, em sua casa. Por isso Shri Ramakrishna pretendia à tarde fazer uma visita à casa de Nanda. Uma senhora brahmin, devota do Mestre, vivia perto e amiúde ia vê-lo em Dakshineswar. Estava extremamente pesarosa com a morte de sua única filha, e o Mestre concordara em ir à sua casa. Ela o havia convidado com grande fervor. Dali, o Mestre iria à casa da mãe de Gauri, outra devota.

Naren mais jovem dissera a Shri Ramakrishna que ele não poderia visitá-lo com freqüência, porque tinha que se preparar para os exames.

Mestre (*ao Naren mais jovem*): "Não mandei buscá-lo hoje."

Naren mais jovem (*sorrindo*): " O que faremos agora?"

Mestre: "Bem, meu filho, não quero interferir em seus estudos. Pode me visitar quando dispuser de tempo livre."

O Mestre disse essas palavras como se estivesse ressentido.

Estava pronto para ir à casa de Nanda Bose. Foi-lhe trazido um palanquim, onde subiu repetindo o nome de Deus. Havia posto um par de chinelos de verniz preto e uma roupa bordada de vermelho. Quando Shri Ramakrishna sentou-se no palanquim. M. colocou os chinelos ao seu lado. Acompanhou o palanquim a pé. Paresh juntou-se a eles.

Entraram pelo portão da casa de Nanda, atravessaram o pátio espaçoso e pararam defronte do edifício. Os membros da família saudaram o Mestre. Ele pediu a M. para lhe entregar os chinelos e então, saiu do palanquim e entrou no largo vestíbulo. Era um aposento muito espaçoso. Quadros de deuses e deusas estavam dependurados por todos os lados.

Nanda Bose e seu irmão Pasupati saudaram Shri Ramakrishna. Chegaram também os devotos do Mestre, bem como o irmão de Girish, Atul, o pai de Prasanna que era um assíduo visitante da casa de Nanda Bose. Prasanna era devoto do Mestre.

O Mestre olhou os quadros. M. e outros devotos rodeavam-no. Pasupati começou a explicar os quadros.

A primeira imagem era de Vishnu com quatro braços. Ao vê-la Shri Ramakrishna entrou em êxtase. Sentou-se no chão e permaneceu nesse estado espiritual por alguns minutos.

No segundo quadro Rama abençoava Hanuman, com Sua mão na cabeça do devoto. O olhar de Hanuman estava fixo nos Pés de Lótus de Rama. O Mestre contemplou o quadro durante muito tempo e exclamou com grande fervor, "Ai de mim! Ai de mim!"

O terceiro quadro era de Krishna em pé, sob a árvore kadamba, tocando flauta.

O quarto era de Vamana, o Anão, uma Encarnação de Vishnu. O Mestre olhou profundamente para este quadro.

Em seguida o Mestre olhou para o retrato de Nrisimha [1] e em seguida, para outro de Krishna com a manada de vacas. Krishna estava cuidando das vacas com Seus amigos pastores na margem do Jamuna, em Vrindavan. M. disse, "Que lindo quadro!"

---

[1] Deus Encarnado como metade leão e metade homem para proteger Prahlada e destruir o demônio Hiranyakashipu, seu pai.

Shri Ramakrishna em seguida viu os quadros de Dhumavati, Shorashi, Bhuvaneshvari, Tara e Kali. Disse, "Todos esses quadros representam os aspectos terríveis da Mãe Divina. Se uma pessoa possui esses quadros deve adorá-los, mas o senhor deve ser um homem afortunado para poder pendurar todos assim na parede."

À vista do retrato de Annapurna, Shri Ramakrishna exclamou com grande fervor, "Grandioso! Grandioso!"

O retrato seguinte era o de Radhika como rainha. Estava sentada num trono no bosque de nikunja, cercada pelas amigas. Shri Krishna tomava conta da entrada do bosque como guarda.

Em seguida um quadro de Shri Krishna. Depois um de Saraswati a deusa do conhecimento e da música. Estava numa vitrine. A deusa estava em êxtase, tocando a vina.

Depois de contemplar os quadros, Shri Ramakrishna foi até o dono da casa e disse, "Sinto-me feliz hoje. Foi tudo muito lindo! O senhor é um verdadeiro hindu. Possui esses quadros em vez daqueles ingleses. Estou surpreso!"

Nanda Bose estava sentado. Disse ao Mestre, "Por favor, sente-se. Por que está de pé?"

Shri Ramakrishna sentou-se e disse, "São quadros grandes. O senhor é um verdadeiro hindu."

Nanda: "Tenho também quadros europeus."

Mestre (*sorrindo*): "Não são como estes. Estou certo de que o senhor não lhes dá muita atenção."

Um quadro de Navavidhan de Keshab estava na parede. Suresh Mitra, um discípulo chefe de família muito querido do Mestre, havia mandado pintá-lo. Nesse quadro Shri Ramakrishna mostrava a Keshab, que as pessoas de religiões diferentes dirigem-se à mesma meta, por caminhos distintos."

Mestre: "Foi pintado por Surendra."

Pai de Prasanna (*sorrindo*): "O senhor também está neste quadro."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, ele contém tudo. Este é o ideal dos tempos modernos."

Enquanto falava Shri Ramakrishna manifestava grande fervor espiritual. Estava em êxtase conversando com a Mãe Divina. Poucos minutos mais tarde disse, como um ébrio, "Não estou inconsciente." Olhando para a casa, disse, "É uma grande mansão, mas de que consiste? Tijolos, madeira e argila."

Um pouco mais tarde disse, "Fiquei muito feliz ao ver estes quadros de deuses e deusas". Acrescentou, "Não é bom ter quadros dos aspectos terríveis da Mãe Divina. Se houver devem ser adorados."

Pasupati (*sorrindo*): "Bem, as coisas caminharão enquanto Ela quiser que caminhem."

Mestre: "É verdade, mas deve-se pensar em Deus. Não é bom esquecê-Lo."

Nanda: "Mas quão pouco pensamos em Deus!"

Mestre: "Pensa-se em Deus por Sua graça."

Nanda: "Mas como podemos conseguir a graça de Deus? Ele tem realmente poder de conceder graça?"

Mestre (*sorrindo*): "Está bem. O senhor pensa como os intelectuais: colhemos os resultados de nossas próprias ações. Abandone estas idéias. O efeito do karma termina se uma pessoa se refugia em Deus. Eu orava à Mãe Divina, com flores na mão. 'Olha, Mãe, toma Teu pecado; toma Tua virtude. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu bem, toma Teu mal. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu dharma, toma Teu adharma. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Teu Conhecimento, toma Tua ignorância. Não os quero, dá-me somente bhakti verdadeira. Mãe, toma Tua pureza, toma Tua impureza. Dá-me somente bhakti verdadeira."

Nanda: "Pode Deus violar a lei?"

Mestre: "O que o senhor quer dizer? Ele é o Senhor de tudo. Pode fazer qualquer coisa. Aquele que fez a lei pode, também, mudá-la.

"Mas o senhor pode muito bem falar assim. Talvez deseje desfrutar o mundo, e é por esta razão que fala assim. Sustenta um ponto de vista segundo o qual o espírito do homem não

é despertado a não ser através do prazer. Mas o que há para desfrutar? Prazer de ´mulher e ouro'? Nesse momento eles existem para desaparecer no momento seguinte. Tudo é momentâneo. O que há em 'mulher e ouro'? É como ameixa-de-porco, só caroço e casca. Se alguém comê-la, fica com cólicas, ou como um doce, uma vez engolido, desaparece."

Nanda ficou em silêncio durante alguns minutos. Depois disse, "Sim, as pessoas sem dúvida, falam dessa maneira, mas será Deus parcial? Se as coisas acontecem através de Deus, então, devo dizer que Deus é parcial."

Mestre: "Mas o próprio Deus tornou-Se tudo – o universo e os seres vivos. O senhor compreenderá isto quando tiver Conhecimento Perfeito. O próprio Deus tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos,: mente, intelecto, corpo e assim por diante. Há alguém exceto Ele próprio a quem Ele pode mostrar parcialidade?"

Nanda: "Por que Deus assumiu todas essas formas diferentes? Por que alguns são sábios e outros ignorantes?"

Mestre: "É Seu desejo."

Atul: "Kedar Babu coloca isto de uma forma interessante. Certa vez um homem perguntou-lhe, 'Por que Deus criou o mundo?' Respondeu, 'Eu não estava presente à conferência quando Deus fez os planos de Sua criação.'

Mestre: "Ó! É de Seu desejo."

Assim falando, o Mestre cantou:

> Ó Mãe, tudo é feito segundo Seu desejo.
> Tu és na verdade, Aquele que sabe o que quer, Redentora da Humanidade!
> Tu fazes Teu trabalho, a quem os homens chamam seu
> Tu és Aquele que segura o elefante na lama.
> Tu, que ajudas o manco a subir a montanha alta.
> A alguns Tu concedes a felicidade do estado de Brahman;
> Contudo, Tu Te misturas com o mundo que está embaixo.
> Tu és a Força Motriz, e eu, uma simples máquina.
> A casa sou eu e Tu, o Espírito que nela habita.
> Sou o carro e Tu, o condutor.
> Eu me movo somente como Tu, Ó Mãe, me fazes mover.

Continuou: "A Mãe Divina está plena de felicidade. Criação, preservação e destruição são as ondas de Seu prazer de brincar. Inumeráveis são os seres vivos, mas somente um ou dois entre eles obtém liberação. Isto A torna feliz.

> Em cem mil papagaios, um ou dois no máximo ficam livres.
> E observando-os, Tu ris e bates palmas, Ó Mãe!
>
> Alguns estão enredados no mundo e outros, são livres.

Nanda: "Pode ser de Seu desejo, mas para nós é a morte."

Mestre: "Mas quem é o senhor? É a Mãe Divina que Se tornou tudo isto! É, portanto, enquanto o senhor não A conhece que diz 'eu', 'eu'.

"Todos certamente realizarão Deus. Todos serão liberados. Pode ser que alguns comam de manhã, outros ao meio-dia e alguns, à noite, mas ninguém sairá sem comida. Todos, sem exceção, certamente conhecerão seu verdadeiro Ser."

Pasupati: "Verdade, senhor. Parece que foi somente Deus quem Se tornou tudo."

Mestre: "Procure descobrir o que é esse 'eu'. Esse 'eu' são os ossos, a carne, o sangue ou os intestinos? Buscando o 'eu' o senhor descobre o 'Tu'. Em outras palavras, em seu interior nada existe, a não ser o poder de Deus. Não há o 'eu', somente 'Ele'.(*A Pasupati*) O senhor tem tanta riqueza, mas não tem egoísmo. Não é possível livrar-se totalmente do ego, por isso, enquanto ele existir, deixe que permaneça como servo de Deus. (*Todos riem*). O ego que faz um homem sentir-se devoto de Deus ou um filho de Deus ou um servo de Deus é bom.

Mas o ego que torna um homem apegado a 'mulher e ouro' é o 'ego imaturo'. Este ego tem que ser renunciado."

O dono da casa e os outros estavam muito contentes com essa interpretação do ego.

Mestre (*a Pasupati*): "Há dois sinais de conhecimento: primeiro, ausência de orgulho, e segundo, uma natureza pacífica. O senhor tem ambos, portanto deve ter recebido a graça de Deus.

"Muita riqueza faz uma pessoa esquecer-se de Deus. Esta é a verdadeira natureza da riqueza. Jadu Mallick ficou muito rico. Hoje não fala mais de Deus. Antigamente costumava apreciar muito conversas espirituais.

" 'Mulher e ouro' é uma espécie de vinho. Se um homem bebe vinho em demasia, não mostra ao pai, ao tio o respeito que lhes é devido. Freqüentemente os insulta. Um bêbado não sabe distinguir entre um superior e um inferior."

Nanda: "É verdade, senhor."

Pasupati: "Senhor, o que pensa da Teosofia e do Espiritismo? São verdadeiros? O que pensa dos planos solar, lunar e estelar?"

Mestre: "Meu caro senhor, nada sei dessas coisas. Por que preocupar-me tanto? O senhor foi ao pomar para chupar mangas. Aproveite. Qual a utilidade de calcular quantas mangueira há, quantos milhões de galhos, quantos bilhões de folhas? Vim a um pomar para chupar mangas. Deixe-me aproveitá-las.

"Uma vez que o espírito interior do homem é despertado, uma vez que ele é bem sucedido em conhecer Deus, não sente desejo nem de conhecer a respeito de toda essa baboseira. Quão incoerentemente fala um paciente, 'Vou comer uma grande quantidade de arroz! Vou beber um tanque cheio de água!' 'Você vai?' pergunta o médico. 'Está bem! Você os terá.' Falando assim o médico continua fumando, mas presta atenção ao que o paciente diz quando não está delirando."

Pasupati: "O nosso delírio durará para sempre?"

Mestre: "Por que o senhor pensa assim? Fixe a mente em Deus e a consciência espiritual se despertará no senhor."

Pasupati (*sorrindo*): "Nossa união com Deus é somente momentânea. Não dura mais do que uma tragada de fumo." (*Todos riem*).

Mestre: "E o que há se assim for? A união com Deus mesmo por um momento certamente dá liberação.

"Ahalya disse a Rama: 'Ó Rama, não importa se eu nascer como porco ou qualquer outro ser; abençoa-me para que minha mente possa morar em Teus Pés de Lótus e ficar tomada pela verdadeira devoção a Ti."

"Narada disse a Rama, 'Ó Rama, não desejo outro favor de Ti. Dá-me amor verdadeiro por Ti, abençoa-me para que eu não caia na magia de Tua maya sedutora.'

"Quando um homem sinceramente ora a Deus, é capaz de fixar a mente em Deus e desenvolver amor verdadeiro por Seus Pés de Lótus.

"Abandone todos os pensamentos como, "Ficaremos curados de nosso delírio? O que acontecerá?' 'Somos pecadores!' (*A Nanda*) Deve-se ter esse tipo de fé, 'O que? Uma vez pronunciei o nome de Rama, como ainda posso ser um pecador?' "

Nanda: "Há vida depois da morte? E sobre o castigo de nossos pecados?"

Mestre: "Por que não saboreiam as mangas? Por que pensar se há vida depois da morte, e o que acontece então, e coisas assim? Chupem as mangas. Vocês precisam de mangas. Necessitam de devoção a Deus."

Nanda: "Mas onde está a mangueira? Onde vou conseguir mangas?"

Mestre: "Árvore? Deus é o eterno e infinito Brahman. Ele *existe*. Não há dúvida disso. É eterno, mas lembre-se disso, Ele é Kalpataru.

> Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os desejos.
> E ali embaixo d'Ela, colher os quatro frutos da vida.

"O senhor deve ir até Kalpataru e orar. Só então conseguirá os frutos que cairão da árvore, então, o senhor poderá colhê-los. Há quatro frutos: dharma, artha, kama e moksha. Os jnanis procuram o fruto da liberação e os bhaktas, amor de Deus, amor sem qualquer interesse. Não procuram nem dharma, nem artha, nem kama.

"O senhor pergunta sobre a vida após a morte. Segundo o *Gita* uma pessoa torna-se na próxima vida, o que pensou na hora da morte. O rei Bharata estava muito pesaroso com seu veadinho de estimação e morreu repetindo a palavra 'veadinho'. Por esta razão nasceu como este animal. Portanto, dia e noite deve-se praticar culto, japa, meditação e outros exercícios espirituais. Só então, pela virtude da prática, se poderá pensar em Deus na hora da morte. Ao morrer, pensando em Deus, se obterá a natureza de Deus.

"Keshab Sen, também, perguntou-me sobre a vida depois da morte. Eu disse, 'Que necessidade tem você de todos esses cálculos?' Depois falei, 'Enquanto um homem não realizar Deus, voltará ao mundo. O oleiro coloca os jarros de argila e tampas ao sol para cozinhar. Se o gado os pisoteia, o oleiro joga fora os cozidos, mas junta os moles, mistura-os com mais argila, coloca-os na roda e faz novas vasilhas.' "

O dono da casa não havia ainda mostrado qualquer sinal de servir alguma comida a Shri Ramakrishna. O próprio Shri Ramakrishna disse a Nanda: "Veja, o senhor deveria oferecer-me algo para comer. Foi por isso que no outro dia disse à mãe de Jadu: 'Olhe, dê-me algo para comer', senão isto acarretaria algo de ruim para o dono da casa."

Nanda Bose pediu que trouxessem doces. Shri Ramakrishna começou a comê-los. Nanda e outros observavam o Mestre. Depois de comer os doces, Shri Ramakrishna quis lavar as mãos. O prato em que os doces foram servidos, havia sido colocado no lençol que cobria o tapete; assim, o Mestre não pôde lavar as mãos. Um empregado trouxe-lhe uma tigela de latão, mas Shri Ramakrishna não a usou porque somente pessoas rajásicas utilizam essas coisas. Pediu ao empregado para levá-la. O dono da casa disse-lhe, "Por favor, lave as mãos." Distraído Shri Ramakrishna falou: "O que? Devo lavar minhas mãos?"

O Mestre caminhou até a varanda. Pediu a M. para despejar água do jarro em suas mãos, o que ele fez. O Mestre enxugou suas mãos na roupa e voltou para o quarto. Ofereceram-lhe então, a folha de betel numa bandeja, mas os outros convidados já haviam tirado algumas folhas da bandeja, o Mestre não aceitou.

Nanda (*ao Mestre*): "Posso dizer algo?"

Mestre (*sorrindo*): "O que?"

Nanda: "Por que o senhor não mastigou folha de betel? Tudo o mais que o senhor fez estava correto, somente isto parece o contrário."

Mestre: "Antes de comer algo eu ofereço a Deus [2]. É hábito meu."

Nanda: "Mas a folha de betel teria ido para Deus mesmo assim."

Mestre: "Há o caminho de jnana e também, o caminho de bhakti. Segundo um jnani tudo pode ser comido aplicando-se o Conhecimento de Brahman [3], mas o seguidor de bhakti mantém uma pequena diferença [4]."

Nanda: "Mas ainda insisto que o senhor não agiu corretamente."

Mestre (*sorrindo*): "É somente um conceito meu. O que o senhor diz também está correto, também está nas escrituras."

Shri Ramakrishna preveniu Nanda contra os bajuladores.

Mestre: "Tome cuidado com os bajuladores. Estão atrás somente de seus objetivos egoístas. (*Ao pai de Prasanna*) O senhor vive nesta casa?"

Pai de Prasanna: "Não, senhor, sou um vizinho. Gostaria de fumar?"

Mestre (*muito humildemente*)*:* "Não, por favor, sirva-se. Não quero fumar agora.."

A casa de Nanda parecia um palácio. Shri Ramakrishna disse-lhe: "Jadu não tem uma casa tão grande. Disse-lhe isto no outro dia."

Nanda: "Ele construiu uma casa nova em Jorashanko."

---

[2] De acordo com o costume religioso hindu uma coisa pode ser oferecida a Deus somente se nenhuma parte dela tiver sido provada por qualquer pessoa anteriormente.

[3] O jnani vê tudo como Brahman, por isso não distingue uma coisa santa de outra profana.

[4] Entre santo e profano.

Shri Ramakrishna encorajava Nanda.

Mestre (*a Nanda*): "Apesar do senhor ser um chefe de família, ainda tem a mente fixa em Deus. Será isso uma coisa pequena? O homem que renunciou ao mundo O adorará como uma coisa natural. Há algum valor nisso? Mas aquele que, levando uma vida de chefe de família, ora a Deus, certamente é abençoado. É como aquele que encontra um objeto depois de remover uma pedra muito pesada.

"Deve-se adorar a Deus estabelecendo com Ele um relacionamento. O amor de Hanuman por Deus estava misturado com conhecimento, mas o de Narada era puro e sem mistura.

"Rama perguntou a Hanuman, 'Hanuman, qual a atitude que você tem para comigo, quando me adora?' Hanuman respondeu, 'Às vezes vejo que Tu és o Todo e eu sou uma parte, às vezes vejo que Tu és o Amo e eu sou o servo, mas Rama, quando tenho o Conhecimento da Realidade, sinto que Tu és eu, e eu sou Tu.'

"Rama disse a Narada. 'Peça-Me um favor.' Narada disse, 'Ó Rama, concede-me a graça que eu possa ter amor verdadeiro por Teus pés de Lótus e que eu não fique sob a magia de Tua maya sedutora!'

Shri Ramakrishna dispunha-se a se despedir.

Mestre (*a Nanda*): "Segundo o *Gita* um homem que é honrado e respeitado por muitas pessoas, possui um poder especial de Deus. O senhor tem poder divino."

Nanda: "Todos os homens têm o mesmo poder."

Mestre (*respeitosamente*): "Todos vocês dizem a mesma coisa. Podem todos os homens alguma vez ter poder num mesmo grau? Deus sem dúvida mora em todos os seres como Espírito que tudo penetra, mas as manifestações de Seu poder são diferentes, em seres diferentes.

"Vidyasagar, também, disse a mesma coisa. Dizia, 'Deus deu a uns mais poder e a outros menos? Por isso eu lhe disse, 'Se não houver diferentes manifestações de Seu poder, então, por que nós viríamos vê-lo? Será que lhe cresceram dois chifres em sua cabeça?' "

Shri Ramakrishna levantou-se e os devotos seguiram-no. Pasupati acompanhou-os até a porta.

O Mestre chegou à casa da senhora brahmin, desolada com a morte da filha. Era uma velha casa de tijolos, o Mestre passou pelo estábulo à esquerda. Ele e os devotos subiram até o terraço onde se sentaram. Havia pessoas de pé, formando filas, e outras sentadas. Todos estavam ansiosos para ver Shri Ramakrishna.

A senhora brahmin tinha uma irmã e ambas eram viúvas. Seus irmãos também viviam na casa, com suas famílias. A brahmin havia estado ocupada o dia inteiro, preparando-se para receber Shri Ramakrishna. Enquanto Shri Ramakrishna estava na casa de Nanda Bose, ela estivera muito ansiosa, saindo a cada minuto para ver se ele estava chegando. O Mestre lhe havia prometido ir à sua casa depois de sair da de Nanda. Devido ao atraso, ela imaginara que não viesse mais.

Shri Ramakrishna estava sentado num tapete. M., Narayan, Jogin, Devendra e outros estavam sentados numa esteira. Minutos mais tarde Naren mais jovem e alguns devotos chegaram. A irmã da brahmani aproximou-se do Mestre e saudou-o Disse, "Minha irmã acaba de ir à casa de Nanda Bose para saber a razão da sua demora. Ela voltará logo."

Ouviu-se um barulho no andar de baixo e ela exclamou, "Aí vem ela!" Desceu, mas não era a brahmani.

Shri Ramakrishna permaneceu ali, sorridente, cercado pelos devotos.

M. (*a Devendra*): "Que espetáculo lindo! Todas essas pessoas – jovens e velhos, homens e mulheres – em filas, ansiosas para vê-lo e ouvir suas palavras."

Devendra (*ao Mestre*): "M. diz que este lugar é melhor do que a casa de Nanda. A devoção dessas pessoas é surpreendente."

Shri Ramakrishna riu.

A irmã da brahmani exclamou: "Aí vem minha irmã!"

A brahmani chegou e saudou o Mestre Estava fora de si de alegria. Não sabia o que dizer. Falou com voz embargada, "Esta alegria é demasiado para mim. Talvez venha a morrer

por causa dela. Digam-me, amigos, como poderei viver? Não senti uma emoção tão forte, nem mesmo quando Chandi, minha filha, vinha me visitar acompanhada de lacaios de libré e com guardas armados, enfileirados em ambos os lados da rua. ´Ó! Agora não tenho vestígios de pesar por sua morte. Temia que ele [5] não viesse. Então pensei que se isso acontecesse, teria que jogar no Ganges todas as coisas que havia organizado para sua recepção e hospedagem. Não iria mais falar com ele. Se ele visitasse um lugar, iria lá, o veria de longe e logo iria embora.

"Vou dizer a todo mundo o quanto estou feliz. Vou contar a Yogin a minha sorte."

Ainda emocionada de alegria, disse: "Um agricultor ganhou cem mil rupias na loteria. Quando soube, morreu de alegria. Sim, ele real e verdadeiramente morreu. Tenho medo de que a mesma coisa vá acontecer comigo. Por favor, amigos, abençoem-me pois do contrário, certamente morrerei."

M. estava encantado em ver a alegria sincera da brahmani e seu estado espiritual. Estava a ponto de tomar a poeira de seus pés. "O que está fazendo?" ela exclamou, e saudou M.

À vista dos devotos a brahmani ficou extremamente feliz e disse, "Estou tão feliz em ver todos vocês aqui. Eu trouxe Naren mais jovem porque, sem ele, quem estaria aqui para nos fazer rir?"

Ela falava assim, quando sua irmã subiu e lhe disse, "Desça irmã! Como posso arrumar as coisas se você fica aí? Como posso fazer tudo sozinha?" Mas a brahmani estava tomada de alegria. Não podia tirar os olhos do Mestre e devotos.

Depois de algum tempo ela respeitosamente levou Shri Ramakrishna para um outro aposento, e ofereceu-lhe doces e outras coisas para comer. Os devotos foram servidos no terraço.

Eram mais ou menos oito horas da noite. Shri Ramakrishna estava de saída. Quando chegou à porta a brahmani pediu à sua cunhada que saudasse o Mestre. Em seguida um dos seus irmãos tomou a poeira dos pés do Mestre. Referindo-se a ele, ela disse, "Ele é um dos meus irmãos. É um tolo." "Não, não", disse o Mestre, "São todos bons."

Um homem mostrou o caminho com um lampião. Em alguns lugares estava escuro. Shri Ramakrishna ficou defronte ao estábulo. Os devotos reuniram-se à sua volta. M. saudou o Mestre que estava pronto para ir à casa da mãe de Ganu.

Shri Ramakrishna estava sentado na sala de visitas da casa da mãe de Ganu. Era na mesma rua. O aposento estava sendo usado para um concerto. De vez em quando alguns jovens tocavam seus instrumentos, para entreter o Mestre.

Eram oito e meia da noite. O luar inundava as ruas, casas e céu. Era o primeiro dia depois da lua cheia.

A brahmani, que também havia chegado, ia da sala de visitas para os aposentos internos, alternadamente. A cada minuto chegava à porta da sala de visitas e olhava para o Mestre. Alguns jovens da vizinhança também olhavam para ele através das janelas. As pessoas da localidade, jovens e velhos amontoavam-se para ver o santo.

Naren mais jovem viu os meninos na rua subindo nas janelas. Disse-lhes, "Por que estão aqui? Vão embora! Vão para casa!" O Mestre disse carinhosamente, "Deixe-os ficar." De vez em quando cantava, "Hari Om! Hari Om!"

O chão da sala de visitas estava coberto por um tapete. Os jovens músicos sentaram-se e cantaram:

Ó Keshava, concede Tua graça
A Teus infortunados servos!
Ó Keshava, que aprecias
Vagar pelos matos e bosques de Vrindavan! ...

Mestre: "Ah, como é doce a música! Quão melodioso é o violino! Como são bons os acompanhamentos! (*Apontando para um rapaz*) Ele e o flautista formam um bonito par."

[5] Shri Ramakrishna.

A orquestra continuava tocando. Depois que acabou, Shri Ramakrishna, muito alegre, disse, "É realmente muito boa." Apontando para um jovem rapaz disse, "Ele parece saber tocar qualquer instrumento." Disse a M., "Todos são muito bons."

Depois do concerto o jovem músico disse aos devotos, "Gostaríamos de ouvir alguns de vocês cantarem." A brahmani permaneceu perto da porta. Ela disse, "Nenhum deles sabe cantar. Talvez Mohin Babu possa, mas não o fará diante do Mestre."

Um jovem: "Por que? Posso cantar até diante de meu pai."

Naren mais jovem (*rindo*): "Mas ele ainda não foi tão longe."

Todos riem. Pouco tempo depois a brahmani disse ao Mestre, "Por favor, entre."

Mestre: "Por que?"

Brahmani: "Está sendo servida uma refeição lá dentro. Por favor, venha."

Mestre: "Por que não trazer tudo aqui?"

Brahmani: "A mãe de Ganu pede para que o senhor abençoe o aposento com a poeira de seus pés. Então ele se transformará em Benares e quem morrer ali, será salvo."

Shri Ramakrishna entrou acompanhado pela brahmani e rapazes da família. Os devotos passeavam pelo jardim à luz do luar. M. e Binode andavam de um lado para o outro na rua ao sul da casa, recordando os vários acontecimentos da vida de seu bem-amado Mestre.

Shri Ramakrishna havia voltado para a casa de Balaram. Descansava no pequeno aposento contíguo à sala de visitas. Era muito tarde, quase um quarto para as onze.

Shri Ramakrishna disse a Jogin, "Por favor faça uma massagem suave nos meus pés." M. estava sentado próximo dele. Enquanto Jogin fazia a massagem, o Mestre subitamente disse, "Estou com fome. Vou comer um pouco de o pudim."

A brahmani acompanhara o Mestre e os devotos até a casa de Balaram. O irmão sabia tocar tambor. Shri Ramakrishna disse, "É nossa intenção mandar chamar seu irmão quando Narendra ou qualquer outro devoto quiser cantar."

Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim. Jogin e outros devotos saíram do aposento. M. fazia massagem nos pés do Mestre. Conversavam.

Mestre (*referindo-se à brahmani e seus familiares*): "Ah! Como ficaram contentes!"

M.: "Que surpreendente! Uma coisa semelhante aconteceu com duas mulheres na época de Jesus. Elas, também, eram irmãs e devotas de Cristo: Marta e Maria."

Mestre (*ansiosamente*): "Conte-nos a história."

M.: "Jesus Cristo, como o senhor, ia à sua casa com os devotos. Ao vê-lo uma das irmãs foi tomada de felicidade. Isto me faz lembrar uma canção sobre Gauranga:

> Meus dois olhos afundam no mar da beleza celestial de Gora
> E não voltaram novamente para mim.
> Minha mente desceu, também, esquecendo-se como nadar.

"A outra irmã, sozinha, fazia comida para Jesus. Queixou-se ao Mestre, 'Senhor, por favor, julgue por Si mesmo minha irmã. Está em Seu quarto e eu estou fazendo tudo sozinha.' Jesus disse, "Sua irmã é abençoada, pois desenvolveu a única coisa necessária na vida: amor a Deus.' "

Mestre: "Bem, depois de ver tudo isso, como se sente?"

M.: "Sinto que Cristo, Chaitanyadeva e o senhor – todos os três são o mesmo. Foi a mesma Pessoa que Se tornou as três."

.Mestre: "Sim, sim! Um! Um! É na verdade um . Não vê que é somente Ele que mora aqui desta maneira?"

Quando disse isso, Shri Ramakrishna apontou para o próprio corpo.

M.: "O senhor explicou com clareza, no outro dia, como Deus Se encarna na terra."

Mestre: "Diga-me o que falei."

M.: "O senhor nos disse para imaginar um campo estendendo-se além do horizonte, sem obstrução, mas que não vemos por causa de um muro à nossa frente. Nesse muro há um buraco redondo, através dele vemos uma parte do campo infinito."

Mestre: “Diga-me o que o buraco é.”

M.: “O senhor é aquele buraco. Através do senhor tudo pode ser visto – este infinito Campo sem Fim.”

Shri Ramakrishna estava muito satisfeito. Batendo nas costas de M. disse, “Vejo que compreendeu. É muito bom!”

M.: “É realmente difícil compreender. Não se pode compreender como Deus, o Brahman Perfeito, possa morar num corpo tão pequeno.”

O Mestre citou de uma canção:

> Ó, ninguém absolutamente descobriu quem Ele é;
> Como um louco, de porta em porta, Ele vagueia.
> Como um pobre mendigo, perambula de porta em porta.

M.: “O senhor também nos falou de Jesus.”

Mestre: “O que eu disse?”

M.: “O senhor entrou em samadhi à vista do quadro de Jesus Cristo na casa de Jadu Mallick. O senhor viu Jesus sair do quadro e fundir-se em seu corpo.”

Shri Ramakrishna ficou em silêncio por alguns instantes. Depois disse a M.: “Talvez haja um significado na ferida em minha garganta. Tudo aconteceu para que eu não ficasse acessível a todos, para não ir a todos os lugares cantar e dançar.”

Shri Ramakrishna começou a falar sobre Dwija.”

Mestre: “Ele não veio hoje. Por que?”

M.: “Pedi-lhe para vir e ele disse que viria. Não sei porque não o fez.”

Mestre: “Ele tem grande anelo. Bem, deve ser alguém pertencente a este [6]. Não é?”

M.: “Sim, senhor, deve ser assim. Caso contrário, como poderia ter esse anelo?”

Shri Ramakrishna estava dentro do mosquiteiro. M. o abanava. O Mestre virou-se para seu lado e explicou-lhe como Deus Se encarna num corpo humano e também qual era o ideal espiritual de M.”

Mestre: “No começo também passei por estados em que não via formas divinas. Mesmo agora, não as vejo com freqüência.”

M.: “De todas as formas que Deus escolhe brincar, prefiro o jogo como ser humano.”

Mestre: “Isto é suficiente, e você está me vendo.”

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

[6] Querendo dizer o círculo dos devotos do Mestre.

CAPÍTULO 44

O MESTRE FALA DE SI MESMO E DE SUAS EXPERIÊNCIAS

9 de agosto de 1885

SHRI RAMAKRISHNA estava sentado em seu quarto em Dakshineswar. Rakhal, M., Dwija e seu pai e outros devotos estavam presentes. Eram mais ou menos quatro horas da tarde. Depois de regressar de Vrindavan, Rakhal passara alguns dias em casa. Agora estava com o Mestre, Latu, Harish e Ramlal também viviam no templo.

Shri Ramakrishna não se sentia bem. Era o começo de sua doença, posteriormente diagnosticada como câncer. Isto, contudo, não perturbava a serenidade. Dia e noite tinha somente um pensamento, o bem estar espiritual dos discípulos. Guiava-os para Deus. Encorajava-os constantemente a cultivar o conhecimento e a devoção, prevenindo-os contra os envolvimentos de 'mulher e ouro'. Estava totalmente indiferente à doença e dedicava-se de todo o coração ao cumprimento de sua missão terrena.

Dwija tinha mais ou menos dezesseis anos. Depois da morte da mãe, o pai se casara pela segunda vez. Dwija por diversas vezes acompanhara M. a Dakshineswar, o que seu pai não aprovava.

Há muito tempo o pai de Dwija vinha falando em visitar Shri Ramakrishna. Hoje veio a Dakshineswar. Era gerente de uma firma comercial em Calcutá e obtivera diploma de Direito.

Mestre (*ao pai de Dwija*): "Por favor, não se preocupe se seus filhos vêm aqui.

"Peço às pessoas para viverem no mundo depois do despertar de sua consciência espiritual. Ao extrair ouro depois de um trabalho árduo, o homem pode guardá-lo na terra, numa caixa ou dentro d'água.

"Peço às pessoas para viverem no mundo com desapego. Se alguém quiser quebrar a jaca depois de passar óleo nas mãos, o leite pegajoso não grudará nela.

"Se a mente 'não madura' mora no mundo, se contamina. Deve-se primeiro alcançar conhecimento e depois, viver no mundo.

"Se alguém colocar leite na água, ele se estragará, mas isto não acontecerá se a manteiga, batida no leite, for posta na água."

Pai de Dwija: "É verdade, senhor."

Mestre (*sorrindo*): "Sei porque o senhor repreende os filhos. O senhor apenas os ameaça. O brahmachari disse para a serpente, 'Você é realmente uma tola! Eu lhe proibi de morder, mas não, de silvar. Seus inimigos não teriam lhe batido, se você somente os tivesse ameaçado.' Repreender os filhos é silvar. (*O pai de Dwija sorri*). Um bom filho indica que o pai tem uma natureza espiritual. Se surge uma água boa depois de se cavar um reservatório, isto indica o bom caráter do proprietário.

"Um filho é chamado Atmaja, 'o eu renascido'. Não diferença entre o senhor e seu filho. De uma certa maneira o senhor mesmo renasceu como seu filho. Num sentido o senhor é um homem do mundo, trabalhando num escritório e desfruta os prazeres do mundo; noutro sentido é um devoto de Deus, na forma de seu filho. Soube que é muito mundano, mas agora, vejo que não é assim, (*Sorrindo*) O senhor sabe de tudo isso. Compreendo que seja muito circunspecto. Talvez seja por isso que esteja nodding you assent para o que estou falando. (*O pai de Dwija sorri.*)

"Se seus filhos visitam este lugar poderão saber o que o senhor é na realidade. Como um pai é precioso! Se uma pessoa engana o pai e a mãe a fim de buscar religião, nada obtém.

"Um homem nasce com muitas dívidas. Dívidas com o pai, devas e rishis. Além disso tem dívida com a mãe. Tem também um débito com a esposa. Ela tem que ser sustentada, se for fiel. O marido deve prover seu sustento depois de sua morte.

"Não pude morar em Vrindavan por causa de minha mãe. Quando me lembrei que ela vivia no templo aqui em Dakshineswar, não pude ter paz em Vrindavan.

"Peço às pessoas para viverem no mundo e ao mesmo tempo, fixarem a mente em Deus. Não lhes peço para abandonar o mundo. Digo, 'Façam seus deveres mundanos e pensem, também, em Deus.'

Pai de Dwija: "Digo a meus filhos que devem se dedicar ao estudo. Não os proíbo de virem ao senhor, mas não quero que percam tempo com frivolidades com os jovens rapazes."

Mestre (*referindo-se a Dwija*): "Este rapaz deve ter nascido com boas tendências. Por que os outros dois irmãos são diferentes dele? Por que somente ele tem mentalidade espiritual? O senhor pode impedir que visite este lugar? Mais cedo ou mais tarde cada um desabrocha suas tendências inatas."

Pai de Dwija: "Sim, é verdade."

Shri Ramakrishna levantou-se do divã e sentou-se no chão, ao lado do pai de Dwija. Enquanto conversava tocava-o de vez em quando.

Anoitecia. Shri Ramakrishna pediu a M. e aos outros devotos para mostrarem os templos ao pai de Dwija. Disse-lhes: "Eu os acompanharia se estivesse me sentindo bem." Pediu a alguém para servir doces aos jovens e disse ao pai de Dwija, "Deixe que os rapazes comam um pouco. É o costume." O pai de Dwija visitou os templos e as imagens e deu um passeio pelo jardim.

Shri Ramakrishna muito feliz, conversava com Bhupen, Dwija, M. e outros no pórtico de seu aposento. De brincadeira batia nas costas de Bhupen e M. Disse a Dwija com uma risada, "Como conversei com seu pai!"

O pai de Dwija voltou para o quarto de Shri Ramakrishna depois do crepúsculo. Tinha intenção de ir-se logo. Sentia calor. O próprio Shri Ramakrishna o abanava. Depois de alguns instantes o pai despediu-se do Mestre. Shri Ramakrishna levantou-se para dar-lhe adeus.

Eram oito horas. Shri Ramakrishna conversava com Mahimacharan. Rakhal, M. e um ou dois companheiros de Mahimacharan que estavam no quarto. Mahimacharan ia passar a noite no templo.

Mestre (*a Mahima*): "Bem, o que acha de Kedar? Acha que ele apenas viu o leite ou também o bebeu?"

Mahima: "Sim, está desfrutando de felicidade."

Mestre: "Nityagopal?"

Mahima: "Muito bom. Está num exaltado estado mental."

Mestre: "Sim. Bem, e Girish Ghosh?"

Mahima: "Também está progredindo bem, mas pertence a uma outra classe."

Mestre: "E Narendra?"

Mahima: "Está agora no mesmo estado no qual estive há quinze anos atrás."

Mestre: "Naren mais jovem? Como é puro!"

Mahima: "Sim, muito puro."

Mestre: "Você está certo. (*Refletindo um pouco*) Deixe-me ver quem mais. Será suficiente para os jovens que vêm aqui, conhecerem somente duas coisas. Se as conhecerem, não terão que praticar muita disciplina e austeridade. Primeiro, quem sou eu e em segundo lugar, quem são eles. Muitos dos jovens pertencem ao círculo íntimo.

"Aqueles que não pertencem ao círculo íntimo não atingirão liberação. Terei que tomar novamente um corpo humano, na direção noroeste.

"Sinto paz de espírito quando vejo os jovens. Como posso sentir alegria, vendo aqueles que geraram filhos e estão empenhados em causas judiciais e envolvidos com 'mulher e ouro'? Como poderia viver sem ver pessoas de almas puras?"

Mahimacharan recitou alguns textos das escrituras. Descreveu também vários ritos místicos dos Tantras.

Mestre: "Bem, alguns dizem que minha alma, entrando em samadhi, voa como um pássaro no Mahakasha, o Espaço Infinito.

"Uma vez um sadhu de Hrishikesh veio aqui. Disse-me, 'Há cinco espécies de samadhi. Vejo que o senhor experimentou todas. Nesses samadhis tem-se a sensação que a Corrente Espiritual é como o movimento de uma formiga, um peixe, um macaco, um pássaro ou uma serpente.'

"Ás vezes a Corrente Espiritual sobe através da espinha, andando como uma formiga.

"Às vezes, em samadhi, a alma nada, feliz, no oceano do êxtase divino, como um peixe.

"Às vezes quando deito de um lado, sinto a Corrente Espiritual empurrando-me como um macaco e brincando comigo alegremente. Fico quieto. Aquela Corrente, como um macaco, subitamente alcança com um salto, o Sahasrara. É por isso que vocês me vêem dar um salto.

"Às vezes, também, a Corrente Espiritual sobe como um pássaro saltando de galho em galho. No lugar onde ela pára, sente-se queimar como fogo. Pode saltar do Muladhara para o Svadhisthana, do Svadhisthana para o coração e assim gradualmente até a cabeça.

"Às vezes a Corrente Espiritual move-se para cima como uma cobra,. Indo em ziguezague, alcança por fim, a cabeça e entra em samadhi.

"A consciência espiritual de um homem não é despertada enquanto sua Kundalini não for despertada.

"A Kundalini mora no Muladhara. Quando é despertada, passa ao longo do nervo Sushumna, atravessa os centros do Svadhisthana, Manipura e assim por diante e, por fim, chega à cabeça. Isto é chamado movimento de Mahavayu, a corrente Espiritual. Culmina em samadhi.

"A consciência espiritual de uma pessoa não se desperta pela simples leitura de livros. Deve-se também orar a Deus. A Kundalini é despertada se o aspirante sente desassossego por Deus. Falar do Conhecimento devido a mero estudo, é ouvir dizer! O que se conseguirá com isto?

"Antes de atingir este estado mental, foi-me revelado como a Kundalini é despertada, como desabrocham os lótus dos diferentes centros, e como tudo isso culmina em samadhi. Essa é uma experiência muito secreta. Vi um rapaz de vinte e dois ou vinte e três anos, parecendo-se exatamente comigo, entrar no nervo Sushumna e comunicar-se com os lótus, tocando-os com sua língua. Começou com o centro do ânus e passou através dos centros no órgão sexual, umbigo e assim sucessivamente. Os diferentes lótus desses centros – de quatro, seis, dez pétalas e assim por diante – estavam com as pétalas murchas. A seu toque, ficaram em pé.

"Quando chegou ao coração – lembro-me claramente – e uniu-se ao lótus existente lá, tocando-o com a língua, o lótus de doze pétalas que estava caído, ficou ereto e abriu as pétalas. Depois foi para o lótus de dezesseis pétalas na garganta e para o lótus de duas pétalas na testa. Por fim floresceu o lótus de mil pétalas na cabeça. Desde então estou neste estado."

Shri Ramakrishna levantou-se e sentou-se próximo de Mahimacharan. M. e os outros poucos devotos estavam perto dele. Rakhal estava também, no aposento.

Mestre (*a Mahima*): "Há muito tempo que queria contar-lhe minhas experiências espirituais, mas não podia fazê-lo. Sinto o desejo de contá-las hoje.

"Você diz que por meio de uma simples sadhana pode-se alcançar um estado mental igual ao meu, mas não é assim. Há algo especial aqui [referindo-se a si mesmo].

Rakhal, M. e os outros ficaram ansiosos para ouvir o que o Mestre ia dizer.

Mestre: "Deus falou comigo. Não foi simplesmente Sua visão. Sim, ele falou comigo. Debaixo do baniano eu O vi vindo do Ganges. Ríamos muito! Brincava comigo, estalava meus dedos. Depois Ele falou, sim, Ele falou comigo.

"Durante três dias chorei continuamente. Revelou-me o que há nos Vedas, Puranas, Tantras e outras escrituras.

"Um dia Ele mostrou-me a maya de Mahamaya. Uma pequena luz dentro do meu quarto começou a crescer e por fim envolveu o universo todo.

"Além disso, Ele me revelou um amplo reservatório de água coberta por um limo verde. O vento empurrou um pouco do limo e imediatamente, a água tornou-se visível; mas

num piscar de olhos, o limo verde veio de todos os lados como que dançando e novamente cobriu a água. Ele me revelou que a água era como Satchidananda, e o limo como maya. Devido à maya, Satchidananda não é vista. Embora de vez em quando se possa obter um vislumbre d'Ele, novamente maya O cobre.

"Deus revela-me a natureza dos devotos antes que cheguem. Vi um grupo de Chaitanya cantando e dançando perto do Panchavati, entre o baniano e o bakul. Reparei que Balaram estava lá. Se não fosse ele, quem, me proveria de açúcar cande e outras coisas semelhantes? (*Apontando para M.*) Eu o vi, também.

Eu havia visto Keshab antes de tê-lo realmente conhecido – eu o vi e a seu grupo, todos em samadhi. Diante de mim havia um quarto cheio de homens. Keshab parecia um pavão sentado com a cauda aberta. A cauda significava seus seguidores. Vi uma pedra vermelha em sua cabeça. Isto indicava seu rajas. Dizia a seus discípulos, 'Por favor ouçam o que ele [referindo-se ao Mestre] está dizendo.' Eu disse à Mãe Divina, 'Mãe, essas pessoas têm pontos de vista iguais aos dos "ingleses". Por que eu deveria conversar com elas? Então a Mãe explicou-me que no Kaliyuga seria assim.

"Keshab e seus seguidores obtiveram daqui [referindo-se a si mesmo] os nomes de Hari e da Mãe Divina. Foi por isso que a Mãe Divina tirou Vijay do grupo de Keshab, mas ele não se uniu ao Adi Samaj [1].

(*Apontando para si mesmo*): "Deve haver algo especial aqui. Há muito tempo um jovem chamado Gopal Sen costumava visitar-me. Aquele que mora em mim colocou Seu pé no peito de Gopal. Gopal falou em êxtase, 'O senhor terá que esperar aqui por um longo tempo. Não posso viver mais com pessoas mundanas.' Despediu-se de mim. Tempos depois soube que havia morrido, talvez tenha nascido como Nityagopal.

"Tive muitas visões espantosas. Tive a visão de Satchidananda Indivisível. Dentro d'Ele vi dois grupos separados por uma cerca. De um lado estava Kedar, Chuni e outros devotos que crêem num Deus Pessoal. Do outro lado havia um espaço luminoso como um monte de pó de tijolo vermelho. Dentro dele estava Narendra imerso em samadhi. Vendo-o absorvido em meditação, gritei, 'Ó Narendra! Abriu um pouco os olhos. Soube que havia nascido numa outra forma, em Simla [2] numa família kayastha. Imediatamente disse à Mãe Divina, 'Mãe, enreda-o na "maya", do contrário, ele deixará o corpo em samadhi.' Kedar, crente no Deus Pessoal, olhou para dentro e fugiu com um estremecimento.

"Por isso sinto que é a própria Mãe Divina que mora neste corpo e brinca com os devotos. Quando pela primeira vez tive um estado mental exaltado, todo meu corpo irradiava luz. Meu corpo estava avermelhado. Disse à Mãe Divina, 'Mãe, não Te reveles exteriormente. Por favor, vá para dentro.' É por isso que minha pele está tão opaca. Se meu corpo ainda estivesse luminoso, as pessoas teriam me atormentado; uma multidão estaria sempre aglomerada aqui. Agora, não há manifestação exterior. Isto mantém as ervas daninhas afastadas. Somente os verdadeiros devotos permanecerão comigo agora. Sabem porque tenho esta doença? Tem o mesmo significado. Aquele cuja devoção esconde um motivo egoísta, fugirão à vista de minha enfermidade.

"Eu abrigava um desejo. Disse à Mãe, 'Ó Mãe, serei o rei dos devotos.'

"Outra vez surgiu este pensamento em minha mente. 'Aquele que sinceramente ora a Deus certamente virá aqui, deve vir.' Veja, é isso que está sucedendo agora. Só vem pessoas dessa categoria.

"Meus pais sabiam quem mora dentro deste corpo. Meu pai teve um sonho em Gaya. Nesse sonho Raghuvir disse-lhe, 'Nascerei como seu filho.'

"Somente Deus mora dentro deste corpo. Semelhante renúncia a 'mulher e ouro'! Será que eu mesmo a consegui? Jamais desfrutei de uma mulher, nem mesmo em sonhos.

"Nangta instruiu-me na Vedanta. Em três dias alcancei samadhi. Ao ver meu samadhi debaixo de uma trepadeira madhavi, ficou desconcertado e exclamou, 'Ah! O que é isto?' Logo veio a saber quem reside neste corpo. Disse-me, 'Por favor deixe-me ir.' A essas

[1] Uma seita do Brahmo Samaj
[2] Bairro de Calcutá onde Narendra nasceu.

palavras de Totapuri, entrei em êxtase e disse, 'Você não pode ir até que eu realize a Verdade da Vedanta.'

"Vivi com ele dia e noite. Conversávamos somente sobre Vedanta. A Brahmani costumava dizer-me, 'Não ouça a Vedanta. Fará mal à sua devoção a Deus.'

"Eu disse à mãe Divina: 'Mãe, por favor dá-me um homem rico. Se não fizeres, quem poderá proteger este corpo? Como poderei manter os sadhus e devotos perto de mim? 'Foi por isso que Mathur Babu proveu todas as minhas necessidades durante quatorze anos.

"Aquele que mora em mim diz-me de antemão, que tipo de devotos me chegarão. Quando tenho a visão de Gauranga, sei que virão devotos de Gauranga. Quando tenho a visão de Kali, os shaktas chegam.

"Na hora do serviço vespertino, costumava gritar do terraço do kuthi, chorando, 'Ó, onde estão vocês? Venham a mim!' Vejam, estão todos se reunindo aqui, um a um.

"O próprio Deus mora neste corpo. É Ele quem está trabalhando com estes devotos.

"Que estado mental maravilhoso alguns devotos têm! Naren mais jovem entra em kumbhaka, sem qualquer esforço, e em samadhi. Às vezes fica em êxtase duas horas e meia, às vezes mais. Que maravilha!

"Pratiquei todos os tipos de sadhana: jnana yoga, karma yoga e bhakti yoga. Até pratiquei exercícios de hatha yoga para aumentar a longevidade. Há uma outra Pessoa morando neste corpo, senão, depois de alcançar samadhi, como eu poderia viver com os devotos e desfrutar o amor de Deus? Koar Singh costumava dizer-me: 'Jamais vi antes, uma pessoa que tivesse regressado do plano de samadhi. O senhor não é outro, senão Nanak.

"Vivo no meio de pessoas mundanas; por todos os lados vejo 'mulher e ouro'. Contudo este é meu estado mental; samadhi incessante e bhava. Foi por esta razão que Pratap[3] ao ver meu êxtase disse, 'Meu Deus! É como se ele estivesse possuído por um espírito!' "

Rakhal, M. e os outros ficaram mudos enquanto ouviam este relato das experiências ímpares de Shri Ramakrishna.

Mas será que Mahimacharan compreendeu o alcance dessas palavras? Mesmo depois de ouvi-las, disse ao Mestre, "Estas coisas lhe aconteceram motivadas por ações meritórias em suas vidas passadas." Mahima ainda pensava que Shri Ramakrishna era um sadhu ou um devoto de Deus. O Mestre concordou com a cabeça, para as palavras de Mahima e disse, "Sim, o resultado de ações passadas. Deus é como um aristocrata que tem muitas mansões. Aqui [referindo-se a si mesmo] está uma de Suas salas de visitas. O bhakta é a sala de visitas de Deus."

Eram nove horas da noite. Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Era desejo de Mahimacharan formar um brahmachakra [4] na presença do Mestre. Mahima formou um círculo no chão, com Rakhal, M., Kishori e um ou dois outros devotos. Pediu que meditassem e Rakhal entrou em êxtase. O Mestre levantou-se do divã e colocou a mão no peito de Rakhal, repetindo o nome da Mãe Divina. Rakhal retomou a consciência do mundo exterior.

Era uma hora da manhã, décimo dia da quinzena escura da lua. Em todos os lugares havia uma intensa escuridão em todos os lugares. Um ou dois devotos andavam de um lado para o outro pelo cimentado, às margens do Ganges. Shri Ramakrishna estava de pé. Saiu e disse aos devotos, "Nangta disse-me que a esta hora, em torno da meia-noite, ouve-se o som Anahata."

Nas primeiras horas da manhã Mahimacharan e M. estavam deitados no chão do quarto do Mestre. Rakhal dormia na cama de campanha. De vez em quando Shri Ramakrishna como um menino de cinco anos, caminhava de um lado para o outro pelo quarto.

Segunda-feira, 10 de agosto

[3] Pratap Chandra Mazumdar, membro importante do Brahmo Samaj.
[4] Círculo místico prescrito nos Tantras.

Amanhecia. O Mestre cantava o nome da Mãe Divina. Foi ao pórtico oeste de seu quarto e olhou para o Ganges, depois parou diante dos quadros dos diferentes deuses e deusas e inclinou-se ante eles. Os devotos levantaram-se, saudaram Shri Ramakrishna e saíram.

O Mestre conversava com um devoto no Panchavati. Este devoto tivera um sonho com Chaitanyadeva.

Mestre (*em êxtase*): "Ai de mim! Ai de mim!"

Devoto: "Mas, senhor, foi somente um sonho."

Mestre: "Será um sonho uma coisa pequena?"

A voz do Mestre estava embargada, os olhos cheios de lágrimas.

Contaram a Shri Ramakrishna a respeito de um devoto que tinha visões divinas mesmo acordado. O Mestre disse, "Não estou surpreso. Narendra atualmente também vê formas de Deus."

Mahimacharan foi a um dos templos de Shiva a oeste do pátio e cantou hinos dos Vedas. Estava só.

Eram oito horas da manhã. M. banhou-se no Ganges e logo foi até Shri Ramakrishna. Nesse momento entrou no quarto a brahmani que estava muito pesarosa com a morte da filha.

O Mestre pediu a brahmani para dar a M. um pouco de prasad.

Brahmani: "Por favor coma o senhor alguma coisa primeiro e depois, ele comerá."

Mestre (*a M.*): "Tome primeiro algum prasad de Jagannath e depois, coma.."

Depois de comer prasad, M. foi aos templos de Shiva e saudou a Divindade. Logo voltou ao quarto do Mestre e o saudou. Estava pronto para ir a Calcutá.

Mestre (*carinhosamente*): "Vá para casa em segurança. Você tem que atender a seus deveres."

Terça-feira, 11 de agosto

Shri Ramakrishna estava em seu quarto no templo. Estivera observando silêncio desde às horas da manhã. Será que ele conhecia a natureza fatal de sua enfermidade? Ante seu silêncio, a Santa Mãe chorou. Rakhal e Latu também choravam. A viúva brahmani de Baghbazar chegou. Ela, também, chorou ao ver o estranho estado do Mestre. De vez em quando os devotos perguntavam-lhe se ele ficaria em silêncio para sempre. O Mestre respondeu negativamente com gestos.

Às três horas da tarde Narayan chegou Shri Ramakrishna disse-lhe, "A Mãe Divina o abençoará." Narayan contou aos outros devotos que o Mestre falara com ele. Um grande peso foi tirado de seus corações. Todos vieram ao quarto do Mestre e sentaram-se no chão.

Mestre (*aos devotos*): "A Mãe mostrou-me que tudo isso é, na verdade, maya. Somente Ela é real, e tudo o mais, esplendor de sua maya.

"Outra coisa me foi revelada. Descobri o quanto os diversos devotos haviam progredido."

Devoto: "Por favor, fale a esse respeito."

Mestre: "Soube tudo a respeito destes devotos. Nityagopal, Rakhal, Narayan, Purna, Mahima, Chakravarty e os outros."

Domingo, 16 de agosto de 1885

As notícias sobre a doença de Shri Ramakrishna chegara aos devotos de Calcutá. Pensaram que se tratasse somente de uma ferida na garganta. Muitos devotos chegaram a Dakshineswar para visitá-lo. Entre eles estavam Girish, Ram, Nityagopal, Mahima, Kishori e o Pundit Shashadhar.

Shri Ramakrishna estava no seu habitual estado de felicidade. Conversava com os devotos.

Mestre: "Não posso falar com a Mãe sobre minha doença. Tenho vergonha de falar sobre isto."

Girish: "Deus o curará."

Ram: "Sim, o senhor ficará bem."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, dê-me sua bênção." (*Todos riem*).

Girish era um visitante novo em Dakshineswar. O Mestre disse-lhe, "Você tem tantos afazeres, tantos problemas, venha aqui somente mais três vezes."

(*A Shashadhar*) "Por favor diga-nos algo a respeito de Adyashakti."

Shashadhar: "O que sei, senhor?"

Mestre (*sorrindo*): "Um certo homem tinha grande respeito por um outro. O segundo homem pediu-lhe para lhe trazer fogo para seu fumo. Ele respondeu humildemente, 'Senhor, será que sou digno de lhe trazer fogo?' Ele não lhe trouxe fogo." (*Todos riem*).

Shashadhar: "O Poder Primordial é tanto a causa instrumental quanto material do universo. Foi Ele quem criou o universo e os seres vivos, além disso Ele próprio tornou-Se tudo. Para dar um exemplo: a aranha como causa instrumental fabrica a teia, e como causa material, tira a teia do próprio corpo."

Mestre: "Também diz-se que Aquele que é Purusha é, também, Prakriti, Aquele que é Brahman é, também, Shakti. É chamado Purusha ou Brahman quando está inativo, isto é, quando cessa de criar, preservar ou destruir, e é chamado Shakti ou Prakriti quando Se empenha nessas atividades, mas Aquele que é Brahman não é outro senão Shakti; Aquele que é Purusha tornou-Se verdadeiramente Prakriti. Água é água quer esteja em movimento ou parada. Uma serpente é uma serpente quer esteja se movimentando sinuosamente ou esteja parada e enrolada.

"O que Brahman é, não pode ser descrito. A fala pára. No kirtan primeiro os cantores cantam, 'Meu Nitai dança como um mata-hati.[5]' À medida que se tornam cada vez mais elevados espiritualmente, mal podem pronunciar a frase completa. Somente cantam, 'Hati! Hati!' Com o aprofundamento de seu estado, só cantam. 'Ha! Ha!' Por fim nem isso podem cantar, tornam-se completamente inconscientes."

Enquanto falava, entrou em samadhi profundo, Estava de pé.

Recobrando a consciência do mundo, disse, 'O que está além tanto de kshara e akshara não pode ser descrito."

Os devotos ficaram em silêncio.

Mestre: "Vocês não podem entrar em samadhi enquanto suas experiências mundanas não tiverem terminado, ou enquanto tiverem deveres a cumprir.

!*A Shashadhar*) "Deus está agora fazendo com que o senhor execute tais deveres como dar conferências. Deve fazer essas coisas agora. Terá paz quando seus deveres acabarem. Depois de completar os trabalhos domésticos a dona de casa vai tomar banho. Não voltará mesmo se gritarem por ela."

Quinta-feira, 27 de agosto de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado no quarto em Dakshineswar. Eram cinco horas da tarde. Havia dois ou três devotos com ele. Na companhia dos devotos nunca pensava na sua enfermidade, passando o dia inteiro com eles, cantando e conversando.

Dr. Madhu era o médico de Shri Ramakrishna. Freqüentemente visitava o Mestre em Dakshineswar, vindo de barco de Calcutá. Os devotos estavam muito preocupados com o Mestre. Queriam que o médico o visitasse diariamente. M. disse ao Mestre, 'O Dr. Madhu tem grande experiência. Seria bom que ele o visitasse diariamente."

Chegou o Pundit Shyamapada de Antpur. Era o crepúsculo. O pundit foi até a margem do Ganges fazer sua adoração vespertina. Durante o culto tivera algumas visões extraordinárias. Voltou ao quarto do Mestre e sentou-se no chão. Shri Ramakrishna terminara a meditação e o canto dos nomes santos. Estava sentado no pequeno divã e M., no capacho. Rakhal, Latu e os outros entravam e saíam do quarto.

Mestre (*a M., apontando para o pundit*): "Ele é muito bom.(*Ao pundit*) Onde a mente alcança paz pela prática da disciplina do 'Neti, neti', está Brahman.

"O rei mora no aposento mais interno do palácio, que tem sete portões. O visitante chega ao primeiro portão. Ali vê uma pessoa de aparência senhorial com um grande séquito,

[5] Elefante louco.

rodeado por todos os lados de pompa e grandeza. O visitante pergunta ao companheiro, 'É o rei?' 'Não', diz seu amigo com um sorriso.

"No segundo e nos outros portões ele repete a mesma pergunta ao amigo. Verifica que à medida que se aproxima da parte mais interna do palácio maior é a glória, pompa e grandeza. Quando atravessa o sétimo portão não pergunta a seu companheiro se é o rei; fica sem fala ante a glória incomensurável do rei. Compreende que está face a face com elei. Não tem a menor dúvida a respeito."

Pundit: "Deus é visto além do domínio de maya."

Mestre: "Mas depois de realizar Deus descobre-se que somente Ele é que Se tornou maya, o universo e todos os seres vivos. Este mundo é sem dúvida, uma 'moldura de ilusão, irreal como um sonho. Sente-se desta maneira quando se discrimina segundo o método 'Isto não, isto não', mas depois da visão de Deus este mundo torna-se uma 'mansão de alegria'.

"O que se obtém pelo simples estudo das escrituras? Os pundits entregam-se somente ao raciocínio."

Pundit: "Desgosta-me a idéia de ser chamado 'pundit'."

Mestre: "Isto é devido á graça de Deus. Os pundits apenas se dedicam ao raciocínio. Alguns ouviram falar de leite e outros beberam leite. Depois que o senhor tiver a visão de Deus, descobrirá que tudo é Narayana. Foi o próprio Narayana quem se tornou tudo."

O pundit recitou um hino a Narayana. Shri Ramakrishna foi tomado de alegria.

Pundit (*citando o Gita*): "Com o coração concentrado pela Yoga, com os olhos equânimes para todas as coisas, ele contempla o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser."

Mestre: "O senhor já leu o *Adhyatma Ramayana*?"

Pundit: "Sim, senhor, um pouco."

Mestre: "O livro está cheio de idéias de conhecimento e devoção. A vida de Shavari e o hino de Ahalya estão cheios de bhakti.

"O senhor deve lembrar-se de que Deus está muito longe da mente coberta pelo mundanismo."

Pundit: "Sim, senhor. Deus está longe, muito longe do mundanismo e Deus está muito próximo de onde aquele não existe. Visitei um certo zemindar, sr. Mukherji de Uttarpara. Agora é um homem de idade, mas só ouve histórias e romances."

Mestre: "Está também escrito no *Adhyatma Ramayana* que somente Deus tornou-Se o universo e seus seres vivos."

O pundit estava maravilhado. Recitou um hino a respeito, tirado do X Capítulo do *Bhagavata*.

> Ó Krishna! Krishna! Poderoso Yogi! Tu és o Supremo Purusha Primordial.
> Este universo, manifestado e não manifestado, é Tua forma, como os sábios declaram.
> Só Tu és a alma, os órgãos dos sentidos, o senhor que habita nos corpos de todos.
> Tu és a sutil Prakriti, feita de sattva, rajas e tamas.
> Somente Tu és o Purusha, o Senhor que habita nos corpos de todos.

Enquanto Shri Ramakrishna ouvia o hino, entrou em samadhi. Permaneceu em pé. O pundit estava sentado. O Mestre colocou o pé no colo e no peito do pundit e sorriu.

O pundit segurou os pés de Shri Ramakrishna e disse, "Ó Guru! Por favor dá-me a Consciência de Deus."

Depois que o pundit deixou o quarto, Shri Ramakrishna disse a M., "Você não vê que aquilo que eu disse vai acontecer? Aqueles que praticaram meditação e japa com sinceridade, têm que vir aqui."

Eram dez horas. Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim e deitou-se. Pediu a M. para fazer massagem em seus pés. Alguns minutos mais tarde pediu ao discípulo para fazer uma massagem suave em seu corpo e peito. Desfrutou de uma pequena soneca. Depois disse a M., "Agora vá dormir. Deixe-me ver se consigo dormir melhor quando estiver sozinho." Disse a Ramlal, "Ele [referindo-se a M.] e Rakhal podem dormir no quarto."

Sexta-feira, 28 de agosto

Era de madrugada. Shri Ramakrishna estava acordado e meditava na Mãe Divina. Devido à enfermidade os devotos se viam privados do canto do nome da Mãe Divina.

Shri Ramakrishna estava sentado no pequeno divã. Perguntou a M., "Bem, por que tenho esta doença?"

M.: "As pessoas não se atreverão a se aproximar do senhor a não ser que se assemelhe a elas em todos os aspectos, mas ficam deslumbradas em descobrir que, apesar de sua doença, o senhor só pensa em Deus."

Mestre (*sorrindo*): "Balaram também disse, 'Se até o senhor pode ficar doente, por que temos de nos surpreender com nossas enfermidades?' Lakshmana ficou admirado ao ver que Rama não podia levantar o arco por causa de Seu pesar por Sita. 'Até Brahma chora, apanhado na armadilha dos cinco elementos.' "

M.: "Jesus cristo também chorou como um homem comum, com o sofrimento de seus devotos."

Mestre: "Como foi isso?"

M.: "Havia duas irmãs, Maria e Marta que tinham um irmão, Lázaro. Os três eram devotos de Jesus. Lázaro morreu. Jesus estava a caminho de sua casa, quando uma das irmãs, Maria, correu para recebê-lo. Caiu a seus pés e disse chorando, 'Senhor, se estivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido!' Jesus chorou ao vê-la chorar.

"Jesus foi à sepultura de Lázaro e o chamou pelo nome. Imediatamente Lázaro voltou à vida e saiu andando da tumba.

Mestre: "Mas não posso fazer estas coisas."

M.: "É porque o senhor não quer. Esses são milagres, por isso, o senhor não está interessado neles. Essas coisas atraem a atenção das pessoas para seus corpos. Elas então, não pensam em devoção verdadeira. É por isso que o senhor não faz milagres, mas há muitas semelhanças entre o senhor e Jesus Cristo."

Mestre (*sorrindo*): "O que mais?"

M.: "O senhor não pede a seus devotos que jejuem ou façam outras práticas. Não prescreve regras duras e estritas a cerca de alimento. Os discípulos de Cristo não observaram o sabbath e por esta razão, os fariseus os censurava. Por conseguinte Jesus disse, 'Fizeram bem em comer. Enquanto estiverem com o noivo, devem divertir-se.' "

Mestre: "O que isto quer dizer?"

M.: "Cristo quis dizer que enquanto os discípulos vivessem com a Encarnação de Deus, deviam celebrar. Por que estarem tristes? Mas quando Ele retornar à sua própria morada no céu, então dias viriam de tristezas e sofrimentos."

Mestre (*sorrindo*): "Você encontra em mim algo que seja semelhante a Cristo?"

M.: "Sim, senhor. O senhor diz, 'Os jovens ainda não foram contaminados por "mulher e ouro" e por isso; serão capazes de receber instrução. É como guardar leite num pote novo; o leite pode azedar se for guardado num pote onde tenha sido feita a coalhada.' Cristo também falou assim."

Mestre: "O que ele disse?"

M.: " 'Se o vinho novo for mantido numa garrafa velha, ela pode rachar. Se um tecido velho for remendado a um novo, o velho se rasgará.'

"Além disso diz que o senhor e a Mãe são Uno. A mesma coisa disse Cristo, 'Eu e Meu pai somos um'."

Mestre (*sorrindo*): "Há mais?"

M.: "O senhor nos diz, 'Deus certamente escutará se alguém O chamar com sinceridade. Assim, também, Cristo disse, 'Bata na porta e ela lhe será aberta.' "

Mestre: "Bem, se Deus encarnou-Se de novo, será esta uma manifestação fracionária, parcial ou completa? Alguns dizem que se trata de uma manifestação completa."

M.: "Senhor, não compreendo muito bem o significado completo ou parcial de uma Encarnação mas entendi como o senhor explicou, a idéia de um buraco redondo no muro."

Mestre: "Fale-nos sobre isto."

M,: “Há um buraco redondo no muro. Através dele pode-se ver parte do campo que se estende do outro lado. Assim também, através do senhor pode-se ver parte do Deus Infinito.”

Mestre: “É verdade. Pode-se ver cinco ou seis milhas do campo de uma só vez.”M. terminou o banho no Ganges e foi para o quarto do Mestre. Eram oito horas da manhã. Pediu a Latu que desse ao Mestre o prasad de arroz de Jagannath. O Mestre ficou perto dele e disse, “Tome este prasad regularmente. Aqueles que são devotos de Deus não comem nada antes de comer o prasad.”

M.: “Ontem tomei um pouco de prasad de Jagannath na casa de Balaram Babu. Como um ou dois grãos diariamente.”

M. saudou o Mestre e despediu-se. Shri Ramakrishna disse-lhe afetuosamente, “Venha amanhã bem cedo. O sol quente da estação chuvosa faz mal à saúde.”

Segunda-feira, 31 de agosto de 1885

Shri Ramakrishna descansava em seu quarto. Eram mais ou menos oito horas da noite. Embora doente e sofrendo, dedicava-se constantemente ao bem-estar dos devotos. Às vezes sentia-se inquieto como uma criança, mas logo esquecia-se do seu mal e enchia-se de amor a Deus. Seu amor pelos devotos era como o de uma mãe pelos filhos.

Dois dias antes, numa noite de sábado, recebera uma carta de Purna dizendo, “Estou extremamente feliz. De vez em quando não consigo dormir de tanta alegria.” Depois de ouvir a leitura da carta o Mestre comentou: “Fiquei emocionado ao lê-la. Mesmo mais tarde ele ainda será capaz de manter essa felicidade. Mostre-me a carta.” Apertou a carta na palma de sua mão e disse, “Em geral não posso tocar em cartas, mas esta é uma carta boa.” Nessa mesma noite, enquanto o Mestre estava na cama, subitamente ficou coberto de suor. Sentou-se e disse, “Parece-me que não vou mais me recuperar desta doença.” Ao ouvir isto os devotos ficaram muito preocupados. A Santa Mãe viera para o templo para atender Shri Ramakrishna e passou a viver no quarto no nahabat. Os devotos, à exceção de um ou dois, não sabiam de sua presença. Uma devota que vivia coma Santa Mãe começou a fazer visitas freqüentes a Shri Ramakrishna em seu quarto. Depois de alguns dias Shri Ramakrishna disse-lhe, “Você tem estado aqui há algum tempo. O que as pessoas pensarão? Seria melhor voltar para casa por uma semana ou duas mais.”

Shri Ramakrishna estava deitado de um lado, com as costas para a parede. Ao anoitecer Gangadhar e M. chegaram de Calcutá. Gangadhar sentou-se aos pés do Mestre, que conversava com M.

Mestre: No outro dia vieram aqui dois rapazes. Um deles era Subodh, bisneto de Sankar Ghosh. O outro, Kishirode com o vizinho. São bons rapazes. Contei-lhes que estava enfermo e pedi-lhes para que fosse a você para receber instrução. Por favor, cuide um pouco deles.”

M.: “Sim, senhor. São nossos vizinhos.”

Mestre: “No outro dia, também, acordei coberto de suor. Não compreendo esta doença.”

M.: “Decidimos pedir a Bhagavan Rudra para vê-lo mais uma vez. É um M. D [6]. e um médico experimentado.”

Mestre: “Quanto ele vai cobrar?”

M.: “Seus honorários regulares são entre vinte e vinte e cinco rupias.”

Mestre: “Não se preocupe com isso.”

M.: “Mas nós lhe pagaremos quatro ou cinco rupias no máximo.”

Mestre: “Ouça. Suponhamos que você lhe diga, ‘Senhor, por favor, tenha a bondade de ir vê-lo.’ Ele sabe alguma coisa deste lugar? [7]”

M.: “Talvez sim. Quase concordou em não cobrar nada, mas nós vamos lhe pagar um pouco. Se assim o fizermos, ele voltará novamente.”

---

[6] Nota da trad. :Medicinae Doctor (Médico)

[7] Referindo-se a si mesmo.

Mestre: "Peça ao Dr. Nitai que venha. É um bom médico, mas me pergunto, o que os médicos podem fazer? Pressionam minha garganta e pioram a doença."

Eram nove horas da noite. Shri Ramakrishna comeu um pouco de pudim e não teve dificuldade para engolir. Disse a M. alegremente, "Pude comer um pouco. Sinto-me feliz."

Terça-feira, 1° de setembro de 1885

Shri Ramakrishna foi tomar banho. Um devoto esfregava seu corpo com óleo na varanda sul do seu quarto. Depois de tomar banho no Ganges, M. foi para lá e saudou o Mestre.

Depois de tomar banho, Shri Ramakrishna enrolou-se numa toalha e, de mãos postas, saudou as divindades nos templos de longe. Por causa da doença não podia ir ao templo.

Era o sagrado dia Janmasthami, aniversário de Krishna. Ram e outros devotos haviam trazido roupas novas para Shri Ramakrishna. Ele as vestiu e ficou com uma boa aparência. Novamente saudou as divindades.

Gopal Ma trouxe para seu Gopala [8] um pouco de comida que havia preparado em sua casa, em Kamarhati. Com tristeza disse ao Mestre, "Mas o senhor não comerá nada disso."

Mestre: "Veja, estou doente."

Gopal Ma.: "Esta é minha má sorte. Por favor pegue um pouco"

Mestre: "Por favor, dê-me sua bênção."

Um devoto trouxe um pouco de açúcar cande . Gopal Ma disse, "Deixe-me levar para a Santa Mãe no nahabat." O Mestre disse, "Não, deixe-o aqui. Vou dar doces aos devotos. Quem quer mandar um mensageiro cem vezes ao nahabat por causa de açúcar cande? Que seja guardado aqui."

Eram onze horas da manhã. Aos poucos os devotos foram chegando de Calcutá. Balaram, Narendra, Naren mais jovem, Navagopal e um vaishnava de Katoa estavam entre eles. Rakhal e Latu estavam morando com Shri Ramakrishna. Um sadhu do Punjabi estava passando uns dias no Panchavati.

Naren mais jovem tinha um tumor na testa. Shri Ramakrishna caminhava no Panchavati com os devotos. Disse ao Naren mais jovem, "Por que você não opera o tumor? Não é na *garganta*, mas na testa. É uma coisa simples. As pessoas operam sua orchitis."

O sadhu do Punjabi caminhava pelo passeio do jardim. O Mestre disse, "Eu não o atraio. Ele tem a atitude de um jnani. Acho-o tão seco como um pedaço de madeira."

Shri Ramakrishna e os devotos voltaram para o quarto do Mestre. A conversa voltou-se para Shyamapada Bhattacharya."

Balaram: "Shyamapada disse, 'Quando o Mestre colocou o pé no peito de Narendra, Narendra entrou em bhava, mas eu não tive esta experiência.' "

Mestre: "Quer que lhes diga a verdade sobre isto? É muito difícil juntar a mente dispersa quando está apegada a 'mulher e ouro'. O pundit disse-me que ele foi chamado para atuar como árbitro em diversos litígios. Além disso tem que se preocupar com os filhos, mas as mentes de Narendra e dos outros jovens não estão dispersas e ainda não foram tocadas por 'mulher e ouro'.

"Mas Shyamapada é uma grande pessoa."

O vaishnava de Katoa começou a fazer perguntas a Shri Ramakrishna. Era vesgo.

Vaishnava: "Senhor, um homem volta a nascer?"

Mestre: "Está dito no *Gita* que um homem volta a nascer com as tendências que estão em sua mente na hora da morte. O rei Bharata pensou em seu veadinho na hora da morte e nasceu como aquele animal."

Vaishnava: "Poderia acreditar em reencarnação se uma testemunha ocular me falasse a respeito."

Mestre: "Nada sei, meu caro senhor. Não consigo ficar bom e o senhor me pergunta o que acontece depois da morte!

[8] Menino Krishna. Gopal Ma considerava Shri Ramakrishna como Gopala e dirigia-se a ele com este nome.

"O que o senhor está dizendo somente demonstra sua pequenez mental. Trate de cultivar o amor a Deus. O senhor nasceu como ser humano somente para alcançar amor divino. O senhor foi ao pomar para comer mangas, qual a necessidade de saber quantos milhares de galhos e milhões de folhas há no pomar? Preocupar-se com o que sucede depois da morte! Que tolice!"

Girish Ghosh chegou de carruagem com um ou dois amigos. Estava embriagado. Chorava quando entrou no quarto. Chorou ao pôr a cabeça nos pés de Shri Ramakrishna.

Shri Ramakrishna afetuosamente acariciou-o nas costas e disse a um devoto, "Prepare um fumo para ele."

Girish levantou a cabeça e disse com as mãos postas, "Somente o senhor é o Brahman Perfeito! Se não é assim, então, tudo é falso.

"É uma pena que eu não possa servi-lo." Pronunciou estas palavras com tanta ternura que fez vários devotos chorarem.

Girish continuou, "Ó Senhor! Por favor, conceda-me a graça de que eu possa servi-lo durante um ano. Quem se preocupa com a salvação? Uma pessoa a encontra em qualquer lugar. Cuspo nela. Por favor diga-me que aceitará meus serviços durante um ano."

Mestre: "As pessoas daqui não são boas. Algumas podem criticá-lo."

Girish: "Não me importo."

Mestre: "Está bem. Você pode me servir quando eu for à sua casa."

Girish: "Não é isso. Quero servi-lo aqui."

Girish era insistente. O Mestre disse, "Bem, isso depende da vontade de Deus."

Referindo-se ao problema da garganta do Mestre, Girish disse, "Por favor diga, 'Que ela seja curada!' Está bem, vou extirpá-la. Kali! Kali!"

Mestre: "Você vai me ferir."

Girish: "Ó garganta, fique curada (*Bateu na garganta como um exorcismo*). O senhor sente-se bem, agora? Se não ficar curado agora, certamente estará, se eu tiver qualquer devoção aos seus pés. Diga que está curado.' "

Mestre (*asperamente*): "Deixe-me em paz. Não posso dizer essas coisas. Não posso pedir à Mãe Divina para me curar. Está bem, ficarei curado se esta for a vontade de Deus."

Girish: "O senhor está tentando enganar-me. Tudo depende de sua vontade."

Mestre: "Que vergonha! Jamais diga isso novamente. Considero-me um devoto de Krishna, não o próprio Krishna. Você pode pensar o que quiser, pode considerar seu guru, Deus. Contudo, é errado falar deste jeito. Não deve voltar a falar assim outra vez."

Girish: "Por favor, diga que ficará curado."

Mestre: "Muito bem, se isto lhe agrada."

Girish ainda estava sob a influência da bebida. De vez em quando dizia ao Mestre, "Bem, senhor, como é isto que o senhor não nasceu desta vez com sua beleza celestial?"

Poucos minutos mais tarde, disse, "Vejo que desta vez será a salvação de Bengala."

Um devoto disse a si mesmo: "Por que só Bengala? Será a salvação do mundo inteiro."

Dirigindo-se aos devotos, Girish disse, "Será que alguém entende porque ele está aqui? É para a liberação dos homens. O sofrimento deles comoveu-o tanto a ponto de assumir um corpo humano."

O cocheiro estava chamando Girish, que foi até ele. O Mestre disse a M.: "Olhe para onde ele vai. Espero que não bata no cocheiro!" M. acompanhou Girish.

Logo Girish voltou. Rogou a Shri Ramakrishna dizendo, "Ó Deus, dá-me pureza para que eu não tenha nem menor vestígio de pensamento pecaminoso."

Mestre: "Você já é puro. Tem tanta fé e devoção! Está feliz, não está?"

Girish: "Não, senhor. Tenho preocupações, por isso que tenho bebido muito."

Poucos minutos depois, Girish disse, "Senhor, estou admirado de ver que, a mim foi dado o privilégio de servir o Brahman Perfeito. Que austeridade pratiquei para merecê-lo?"

Shri Ramakrishna almoçou. Devido à doença, comeu muito pouco.

A tendência mental do Mestre era pairar no plano da Consciência de Deus. Forçava a mente a ficar consciente do corpo, mas, como uma criança, era incapaz de cuidar do corpo.

Disse aos devotos: "Comi pouco. Vou descansar agora. Podem sair por algum tempo." Shri Ramakrishna descansou alguns minutos. Os devotos voltaram ao quarto.

Girish: "O guru e o Ishta. Gosto muito da forma do guru. Não tenho medo dele. Por que assim seria? Tenho medo do êxtase. À vista do êxtase, fujo."

Mestre: "Aquele que é o Ishta aparece na forma do guru. O aspirante pratica meditação num cadáver [9]. Quando alcança a visão do Ideal Escolhido é na realidade o guru que aparece diante dele e diz, 'Isto é aquilo', quer dizer, ele mostra ao discípulo seu Ishta. O discípulo não mais vê o guru. No estado de perfeita jnana, quem é o guru e quem é o shishya? 'Isto cria uma situação difícil: o instrutor e o discípulo não mais se vêem como separados.' "

Um devoto: "A cabeça do Guru e os pés do discípulo."

Girish (*muito alegre*): "Sim! Sim! É verdade.' "

Navagopal: "Mas ouça seu significado. A cabeça do discípulo pertence ao guru e os pés do guru pertencem ao discípulo. Compreende?"

Girish: "Não, este não é o significado. Não viu a criança sentada na cabeça do pai? É por isso que os pés do discípulo são mencionados."

Navagopal: "Então o discípulo deve sentir-se como um bebê."

Mestre: "Há duas espécies de devotos. Um tem a natureza do gatinho. O gatinho depende totalmente da mãe. Aceita tudo que ela lhe dá. Apenas grita, 'Miau! Miau!' Não sabe o que fazer ou para onde ir. Às vezes a mãe o põe perto do forno, às vezes na cama. Devotos dessa espécie dão a Deus sua procuração, e assim ficam livres de qualquer preocupação. Os Sikhs disseram-me que Deus era bom. Eu lhes disse, 'Como é isto? Ele é nosso Pai e nossa Mãe. Não devem os pais educar os filhos depois de tê-los posto no mundo? Acham que os vizinhos devem tomar conta deles?' Os devotos dessa espécie têm uma convicção inabalável que Deus é nossa Mãe e nosso Pai.

"Há uma outra espécie de devotos. Têm a natureza de um macaquinho. O macaquinho agarra-se à mãe com toda força. Os devotos que se comportam como um macaquinho, têm somente uma leve idéia de serem aqueles que fazem. Sentem, 'Devemos ir a lugares sagrados, praticar japa e austeridade, fazer o culto com dezesseis artigos como prescrito pelos shastras. Só então poderemos realizar Deus.' Tal é a sua atitude.

"Os aspirantes de ambas as espécies são devotos de Deus. Quanto mais mata mais avança, mais se compreende que somente Deus tornou-Se tudo. Somente Ele faz tudo. Somente Ele é o Guru e somente Ele é o Ishta. Somente Ele nos dá conhecimento e devoção.

"Quanto mais se avança, mais se verá que há outras coisas além da floresta de sândalo – minas de prata, de ouro e de pedras preciosas. Portanto, deve-se ir para frente.

"Mas como posso pedir às pessoas para ir em frente? Se as pessoas mundanas forem longe, seu mundo desabaria. Um dia Keshab estava conduzindo um serviço religioso. Disse, 'Ó Deus, possamos todos afundar e desaparecer no rio de bhakti!' Quando o culto terminou eu lhe disse, 'Veja, como pode você desaparecer totalmente no rio de bhakti? Se o fizer, o que acontecerá com aquelas que estão sentadas atrás do biombo? [10] Mas faça uma coisa: mergulhe de vez em quando e volte novamente para a terra firme.' " (*Todos riem*).

O vaishnava de Katoa discutia.

Mestre (*ao vaishnava*): "Pare com esse chiado! Quando a manteiga contendo água é aquecida no fogo, faz esse barulho.

"Se um homem somente uma vez provar a felicidade de Deus, seu desejo de discutir desaparece. A abelha, vendo a alegria de sugar mel, não zumbe mais. O que o senhor alcança citando o conteúdo dos livros? Os pundits recitam versos e não fazem coisa alguma.

"O que o senhor ganha simplesmente repetindo a palavra 'siddhi'? Não se intoxicará mesmo se gargarejar com uma solução de siddhi. Ele deve chegar a seu estômago, porque antes disso não ficará intoxicado. Não se pode compreender o que estou dizendo, a não ser que se ore a Deus em solidão, sozinho. Com um coração anelante."

O Dr. Rakhal chegou para examinar Shri Ramakrishna. O Mestre falou-lhe ansiosamente, "Entre e sente-se."

---

[9] Uma das formas de meditação prescrita nos Tantras.

[10] O Mestre referia-se às mulheres.

A conversa com o vaishnava continuou.

Mestre: "O homem deve ter dignidade e estar alerto. Somente aquele cuja consciência espiritual está despertada possui esta dignidade e certeza, e pode ser chamado homem. Vão é o nascimento humano sem o despertar da consciência espiritual.

Há muitos homens em Kamarpukur com grandes barrigas e bigodes imponentes. Os aldeões, porém, vão com palanquins para trazer pessoas honestas e verazes, há vinte milhas de distância para que atuem como árbitros em suas brigas. Não trazem simples pundits.

"Veracidade é a tapasya da Kaliyuga. "Veracidade, submissão a Deus e considerar as esposas dos outros homens como sua mãe – esses são os meios para se alcançar Deus."

Como uma criança, disse ao médico, "Senhor, por favor cure minha garganta."

Doutor: "O senhor está me pedindo para curá-lo?"

Mestre: "O médico é o próprio Narayana. Respeito todos. O senhor pode dizer que se considero todos como Narayana, então deveria ficar tranqüilo, mas também aceito as palavras do 'mahut Narayana'.

"Por que eu não daria ouvidos a Deus? Somente Ele é o Mestre. Enquanto Ele mantiver a 'consciência do eu' em mim, obedecerei às suas ordens."

O médico ia examinar a garganta Do Mestre que disse, "O Dr. Mahendra Sarkar pressionou minha língua da mesma maneira que ele pressiona a de uma vaca.

Como uma criança, Shri Ramakrishna disse ao médico, enrolando as mangas da camisa repetidamente, "Senhor! Meu caro senhor! Por favor cure minha garganta." Olhando para o laringoscópio, disse com um sorriso, "Conheço-o O senhor verá o reflexo nele."

Narendra cantou, mas devido à doença do Mestre, foi por pouco tempo.

Quarta-feira, 2 de setembro de 1885

Depois de acabar sua refeição do meio-dia, Shri Ramakrishna sentou-se no pequeno divã e conversou com o Dr. Bhagavan Rudra. M. Rakhal, Latu e outros devotos estavam no quarto. O médico ouviu tudo sobre a doença do Mestre. Shri Ramakrishna foi para o chão e sentou-se perto do doutor.

Mestre: "A medicina não está de acordo comigo. Meu sistema é diferente.

"Bem, o que pensa disso? Quando toco numa moeda minha mão fica torcida, minha respiração pára. Também se der um nó [11] no canto de minha roupa não posso respirar. Minha respiração pára até que o nó seja desatado."

O Mestre pediu a um devoto para trazer uma rupia. Quando Shri Ramakrishna segurou-a sua mão começou a movimentar-se com dor. A respiração do Mestre também parou. Depois que a moeda foi retirada, respirou profundamente três vezes e sua mão relaxou. O doutor ficou mudo de admiração ao ver este estranho fenômeno.

O médico disse a M., "Ação nos nervos."

Mestre (*ao médico*): "Entro em outro estado mental. É-me impossível segurar qualquer coisa. Um dia fui à chácara de Sambhu Mallick. Naquela época sofria horrivelmente uma dor no estômago. Sambhu disse-me, 'Tome uma pílula de ópio de vez em quando. Isso o ajudará.' Prendeu uma pílula no canto de minha roupa. Ao voltar do templo de Kali comecei a andar perto do portão como se fosse incapaz de encontrar o caminho. Joguei o ópio fora e imediatamente retomei o meu estado normal. Voltei ao templo.

"Um dia em Kamarpukur apanhei algumas mangas. Levava-as para casa, mas não podia andar. Tinha que ficar num lugar. Deixei-as num buraco. Só então pude voltar para casa. Bem, como o senhor explica isso?

Doutor: "Há uma força por trás. Força de vontade."

M.: "O Mestre diz que é a força de Deus. O senhor diz que é a força de vontade."

Mestre (*ao médico*): "Assim também, entro em tal estado mental que se alguém disser que estou melhor, imediatamente sinto-me melhor. No outro dia a brahmani me disse, 'O senhor está cinqüenta por cento melhor.' Imediatamente comecei a dançar."

[11] Na Índia amarra-se o dinheiro e outros objetos no canto da roupa.

Shri Ramakrishna estava satisfeito com o médico. Disse-lhe, "O senhor tem uma natureza muito boa. Há dois sinais do conhecimento: natureza pacífica e falta de orgulho."

M.: "O médico perdeu a esposa."

Mestre (*ao médico*): "Digo que Deus pode ser o realizado se uma pessoa sentir-se atraída para Ele pela intensidade dessas três atrações: a atração de uma criança por sua mãe, a atração do marido pela esposa fiel e a atração por posses de um homem mundano

"Por favor cure-me."

O médico ia examinar a garganta do Mestre que estava sentado numa cadeira no pórtico. Referindo-se ao Dr. Sarkar o Mestre disse: "É um vilão. Pressionou minha língua como se eu fosse uma vaca."

Médico: "Ele não machucou de propósito."

Mestre: "Não, pressionou a língua para fazer um exame completo."

Domingo, 20 de setembro de 1885

Shri Ramakrishna, no quarto, estava cercado por Navagopal, Haralal, Rakhal, Latu e outros. Um goswami, músico também estava presente.

M. chegou com o Sr. Rakhal de Bowbazar. O médico começou a examinar o Mestre. Era uma pessoa forte com dedos grossos.

Mestre (*sorrindo, dirigindo-se ao médico*): "Seus dedos são como os de um lutador. Mahendra Sarkar também me examinou. Pressionou minha língua de forma tão forte como se faz com a de uma vaca, que me machucou."

Médico: "Não vou machucá-lo, senhor.".

O médico escreveu a receita. Shri Ramakrishna conversava.

Mestre (*aos devotos*): "Bem, perguntam-me porque sendo um santo, fico doente."

Tarak: "Bhagavan Das Babaji também ficou doente por muito tempo."

Mestre: "Vejam o Dr. Madhu. Com sessenta anos leva comida para a amante, e não tem qualquer doença."

Goswami: "Sua enfermidade é para o bem de todos, porque toma para si os pecados dos que vêm aqui vê-lo. O senhor fica doente porque aceita seus pecados."

Um devoto: "Logo ficará curado se disser à Mãe, 'Mãe, por favor faz-me ficar bem'."

Mestre: "Não posso pedir a Deus isso. A atitude amo-servo está agora mais fraca. Às vezes digo, 'Ó Mãe, por favor conserta um pouco a bainha[12] da espada, mas estas orações são cada vez menos freqüentes. Hoje não vejo meu 'eu'; mas que é Deus que reside nesta bainha."

O goswami fora convidado para cantar. Um devoto perguntou, "Haverá kirtan?" Como o Mestre estava doente temiam que o kirtan o levasse ao êxtase, agravando seu estado.

Shri Ramakrishna disse, "Deixe que haja kirtan. Temem que eu entre em êxtase e a emoção espiritual irrite a garganta."

O goswami começou o kirtan. Shri Ramakrishna não pôde se controlar. De pé dançou com os devotos. O médico observava a cena.

Uma carruagem alugada esperava Dr. Rakhal. Ele e M. estavam de saída para Calcutá. Saudaram o Mestre que perguntou a M., com carinho, "Comeu?"

Quinta-feira, 24 de setembro de 1885

Era noite de lua cheia. O Mestre sentado no divã, estava muito mal. M. e alguns devotos sentaram-se no chão.

Mestre (*a M.*): "De vez em quando penso que o corpo é uma simples fronha e a única substância verdadeira é Satchidananda Indivisível.

Quando entro em êxtase, a doença sai. Agora estou assim e sinto-me feliz."

Chegaram umas senhoras da família de Dwija. Saudaram o Mestre e sentaram-se. Apontando para uma, o Mestre perguntou, "Quem é? A que educou Dwija? Por que ele comprou um ektara?"

[12] O Mestre referia-se a seu corpo.

M.: “Ele tem duas cordas.”

Mestre: “O pai de Dwija é contra os pontos de vista de seu filho. As pessoas não vão criticá-lo? É mais prudente que ele ore a Deus secretamente.”

Na parede do quarto do Mestre havia um quadro de Gauranga e outro de Nitai. Representava os dois irmãos cantando hinos religiosos com os companheiros de Navadvip.”

Ramlal (*ao Mestre*): “Então dou o quadro a M.?”

Mestre: “Sim.”

Shri Ramakrishna se tratava com o Dr. Pratap. Acordou à meia-noite sentindo-se extremamente desassossegado. Harish que o atendia, e Rakhal estavam presentes. Ramlal dormia na varanda. Mais tarde o Mestre comentou, “Sentia-me extremamente inquieto, como se estivesse abraçando Harish. Puseram um óleo medicinal na minha cabeça. Então comecei a dançar.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 45

SHRI RAMAKRISHNA EM SHYAMPUKUR

18 de outubro de 1885

Os médicos diagnosticaram a doença de Shri Ramakrishna como câncer. Em Dakshineswar não era possível ter tratamento e alimentação adequados. Ele necessitava da atenção constante de um médico, o que não podia ser dado no templo. Além disso os devotos que viviam em Calcutá tinham muita dificuldade em servi-lo diariamente em Dakshineswar. Por isso os devotos mais velhos alugaram uma pequena casa de dois andares em Baghbazar, Calcutá, e levaram o Mestre para lá. Shri Ramakrishna não gostou do lugar e foi para a casa de Balaram. Poucos dias depois foi alugada uma casa em Shyampukur, na parte norte de Calcutá, para onde o Mestre foi levado. Ficou sob os cuidados do Dr. Mahendra Lal Sarkar. A moradia constava de dois aposentos grandes e dois menores, no segundo andar. Um dos aposentos maiores era usado como sala de visitas, e o outro, foi destinado ao Mestre. Dos aposentos menores, um passou a ser utilizado para os devotos dormir, e o outro, para a Santa Mãe. Perto da saída para o terraço havia um pequeno espaço quadrado coberto onde a Santa Mãe ficava e durante o dia preparava a comida do Mestre.

Era o dia de Vijaya, o quarto dia da adoração de Durga, quando a imagem é imersa na água. Nesse dia a Mãe Divina volta para Sua morada celestial no Monte Kailasha, deixando saudade no coração dos devotos.

Eram oito horas da manhã. O ar estava frio. Embora doente, Shri Ramakrishna estava sentado na cama. Parecia um menino de cinco anos que não conhecia nada além de sua mãe. Navagopal, M. e poucos devotos estavam presentes. Surendra chegou e sentou-se. A Mãe Divina fora adorada em sua casa nos últimos três dias. Shri Ramakrishna não pudera ir lá por causa da doença, mas enviara alguns discípulos em seu lugar. Surendra estava muito triste, porque nesse dia a imagem da Mãe deveria ser imersa na água.

Surendra: "Tive que fugir de casa."

Mestre (*a M.*): "E daí, que a imagem seja jogada na água? Que a Mãe possa morar no coração!"

Surendra estava desolado. Chorava e conversava com a Mãe Divina. A esse desassossego de seu amado discípulo, Shri Ramakrishna não pôde conter as lágrimas. Olhou para M. e disse com a voz embargada. "Que bhakti! Ah, que amor ele sente por Deus!"

Mestre (*a Surendra*): "Ontem à noite entre sete e sete e meia, vi seu oratório numa visão. Vi a divina imagem plena de brilho. Este lugar e seu oratório estavam ligados por uma corrente de luz que fluía entre eles."

Surendra: "Naquele momento eu chorava para a Mãe no oratório. Meus irmãos mais velhos subiram. Pensei que a Mãe dissera, 'Voltarei de novo.' "

Eram mais ou menos onze horas da manhã. Shri Ramakrishna terminara a refeição. M. despejou água em sua mão para que lavasse a boca.

Mestre (*a M.*): "Rakhal está com indigestão. O melhor é somente alimento sáttvico. Não leu sobre isto no *Gita*? Não lê o *Gita*?"

M.: "Sim, sim. O *Gita* fala de moderação no comer. Comida sáttvica, comida rajásica, bondade sáttvica, ego sáttvico etc. – todos esses assuntos estão descritos no *Gita*."

Mestre: "Tem um exemplar desse livro?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Esta obra contém a essência de todas as escrituras."

M.: "O *Gita* descreve os diversos caminhos para se realizar Deus. O senhor também diz que Deus pode ser alcançado por vários caminhos: conhecimento, devoção, trabalho e meditação."

Mestre: "Conhece o significado de karma yoga? É a entrega a Deus do fruto de todas as ações."

M.: "Sim, senhor, li no *Gita*. Diz também que há três maneiras de praticar uma ação."

Mestre: "Quais?"

M.: "Primeiro pode-se praticar karma para alcançar jnana; segundo para ensinar os outros e terceiro sob o impulso de sua natureza."

Depois de enxugar a boca o Mestre mastigou a folha de betel.

Shri Ramakrishna conversava com M. sobre o Dr. Sarkar. M. estivera na casa do médico no dia anterior, para informar sobre o estado do Mestre.

Mestre: "Sobre o que conversaram?"

M.: "Há muitos livros na casa do médico. Escolhi um e, de vez em quando, lia uma passagem, em voz alta para o Dr. Sarkar. Era um livro sobre a necessidade da Encarnação Divina de Sir Humphry Davy."

Mestre: "O que você disse ao médico?"

M.: "Havia uma passagem que afirmava que a Verdade Divina deve ser tornada uma verdade humana para ser apreciada por nós; por isso a Encarnação Divina é necessária."

Mestre: "Esplêndido! Isto é muito bom."

M.: "O autor deu o exemplo do sol. Não se pode olhar diretamente para ele, mas pode-se olhar para seus raios refletidos."

Mestre: "Muito bem. O que mais?"

M.: "Uma outra passagem afirma que o conhecimento real é a fé."

Mestre: "Isto também é muito bom. Se uma pessoa tem fé, tem tudo."

M.: "O autor sonhava com os deuses e as deusas romanos."

Mestre: "Será que existe um livro assim? Certamente o autor foi inspirado por Deus. Conversou sobre algo mais?"

M.: "Pessoas como o Dr. Sarkar falam de fazer o bem no mundo. Por isso falei-lhe sobre o que o senhor diz a esse respeito."

Mestre (*sorrindo*): "O que digo?"

M.: "Sobre Sambhu Mallick. Ele disse ao senhor: 'É meu desejo dar meu dinheiro para a construção de escolas, hospitais, dispensários e outras obras. Isto fará bem a muitos.' A isso o senhor contestou, 'Suponhamos que Deus apareça diante de você. Vai pedir-lhe para construir hospitais, escolas e dispensários?' Falei também de outra coisa ao médico."

Mestre: "Aqueles que nascem para trabalhar pertencem a uma classe diferente. O que mais você lhe disse?"

M.: "Disse ao médico, 'Se seu propósito é visitar a imagem da Mãe Kali, que ganhará gastando seu tempo todo dando esmolas aos pobres pelo caminho? Primeiro é melhor visitar a imagem. Depois poderá dar esmolas se assim o desejar.' "

Mestre: "Falou sobre algo mais?"

M.: "Sim. Disse-lhe que muitos que vêm ao senhor já conquistaram a luxúria. A isso, o médico replicou, 'Eu também já conquistei a luxúria.' Eu disse, 'O senhor é um grande homem. Não é de se admirar que tenha conquistado a luxúria, mas o que surpreende é que sob influência dele, mesmo criaturas insignificantes a tenham conquistado.' Depois falei-lhe sobre o que o senhor dissera a Girish."

Mestre (*sorrindo*): "O que eu disse?"

M.: "O senhor disse a Girish, 'O médico não foi capaz de superar o senhor.' O senhor disse isso referindo-se ao fato de que ele o considera uma Encarnação Divina."

Mestre: "Discuta a doutrina da Encarnação Divina com o Dr. Sarkar. Aquele que libera os outros é uma Encarnação de Deus. As escrituras falam de dez, de vinte e quatro e também, de inúmeras Encarnações."

M.: "O Dr. Sarkar está profundamente interessado em Girish Ghosh. Sempre me pergunta se Girish deixou de beber. Está de olho nele."

Mestre: "Já falou com Girish a respeito?"

M.: "Sim, senhor, e também, falei-lhe sobre deixar de beber."

Mestre: "O que ele disse?"

M.: "Disse, 'Uma vez que todos vocês dizem isso, tomo suas palavras como se fosse as do próprio Mestre, mas não quero prometer nada.' "

Mestre (*muito contente*): "Kalipada disse-me que ele largou a bebida por completo."

Era de tarde. O Dr. Sarkar chegou acompanhado do filho Amrita. Hem, Narendra e outros estavam presentes.

À parte Shri Ramakrishna conversava com Amrita. Perguntou-lhe, "Você medita?" Falou mais, "Sabe o que uma pessoa sente durante a meditação? A mente torna-se como o fluir contínuo de azeite – pensa somente num tema, e esse é Deus. Não pensa em nada mais."

Shri Ramakrishna conversava com os devotos.

Mestre (*ao médico*): "Seu filho não crê em Encarnação de Deus. Está muito bem. Não importa se ele acredita ou não.

"Seu filho é um bom rapaz. Por que não haveria de ser? Uma mangueira da espécie boa ,'Bombaim', pode dar mangas ácidas? Como é firme sua fé em Deus! É um verdadeiro homem aquele cuja mente mora em Deus, aquele cuja consciência espiritual foi despertada e está firmemente convencido que somente Deus é real e tudo o mais ilusório. Não acredita em Encarnação Divina, mas o que isto importa? É suficiente que ele creia que Deus existe e que esse universo inteiro e seus seres vivos são manifestação de Seu Poder – como um homem rico e seu jardim.

"Alguns dizem que há dez Encarnações Divinas; outros, que há vinte e quatro, enquanto que outros dizem que há inúmeras Encarnações. Se você vir em qualquer lugar uma manifestação especial do Poder de Deus, pode estar certo que Deus encarnou-Se aí. Essa é a minha opinião.

"Há um outro ponto de vista, segundo o qual Deus tornou-Se tudo o que se vê. É como a fruta bel formada de três partes: sementes, casca e polpa. Aquele que é o Absoluto tem, também, o aspecto relativo, e aquele que é o Relativo também tem seu aspecto absoluto. Não se pode colocar de lado o Absoluto e compreender somente o Relativo. É somente porque existe o Relativo que se pode transcendê-lo passo a passo e alcançar o Absoluto.

"Enquanto existir a 'consciência do eu', um homem não pode ir além do Relativo. Por meio da meditação pode negar os fenômenos, seguindo o processo 'Neti, neti', e alcançar o Absoluto, mas nada pode ser realmente negado, como o exemplo da fruta bel."

Médico: "É verdade."

Mestre: "Kacha havia se submergido em nirvikalpa samadhi. Quando a mente retomou ao plano relativo, alguém perguntou-lhe. 'O que você vê agora?' Kacha respondeu, 'Vejo que o universo está embebido em Deus. Tudo está preenchido por Deus.. É somente Deus que Se converteu em tudo o que vejo. Não sei o que aceitar ou rejeitar.'

"Na minha opinião deve-se realizar tanto Nitya como Lila e então, viver no mundo como o servo de Deus. Hanuman viu o Deus Pessoal e a Realidade sem forma. Viveu como um devoto de Deus, como Seu servo."

M (*para si mesmo*): "Por isso devemos aceitar ambos – o Absoluto e o Relativo. Desde que a filosofia Vedanta foi introduzida na Alemanha, alguns filósofos europeus também, vêm pensando dessa maneira, mas o Mestre diz que não se pode alcançar Nitya e Lila sem renúncia completa, quer dizer, sem abandonar completamente 'mulher e ouro'. Essa pessoa deve ser um verdadeiro homem de renúncia, estar totalmente desapegado do mundo. Aqui reside a verdadeira diferença entre ele e tais filósofos europeus como Hegel."

Na opinião do Dr. Sarkar, Deus criou os homens e ordenou que cada alma fizesse um progresso infinito. Não acreditava que um homem fosse maior do que o outro. Por isso não acreditava na doutrina da Encarnação Divina.

Médico: "Acredito no progresso infinito. Se assim não for, que sentido tem uma existência de cinco ou seis anos no mundo? Preferiria enforcar-me.

"Encarnação! O que é isto? Abaixar-se diante de um homem que põe para fora a sujeira! É absurdo! Mas se falar de um homem como o reflexo da Luz de Deus – sim, isso admito."

Girish (*sorrindo*): "Mas o senhor não viu a Luz de Deus."

Dr. Sarkar hesitava antes de dar uma resposta. Um amigo sentado perto dele, sussurrou algo em seu ouvido.

Médico (*a Girish*): "Você também só viu o reflexo."

Girish: "Eu A vejo! Vejo a Luz! Provarei que Shri Krishna é uma verdadeira Encarnação de Deus ou cortarei minha língua!"

Mestre: "Tudo isso é uma conversa inútil. É como o desvario de um doente que delira. Esse paciente diz, 'Beberei um tanque cheio de água, comerei a travessa inteira de arroz.' O médico diz, "Sim, sim. Você terá tudo isso. Nós lhe daremos tudo o que quiser quando estiver convalescente.'

"Quando a manteiga está quente, chia e crepita, mas todo barulho cessa quando estiver totalmente fervida. Como a mente de um homem é, assim é sua concepção de Deus. Tenho visto nas casas de homens ricos, retratos da Rainha [1] e de outros aristocratas, mas os devotos guardam em suas casas quadros de deuses e deusas.

"Lakshmana disse, 'Ó Rama, até um sábio como Vashishthadeva foi tomado de dor ante a morte de seus filhos!' 'Irmão", respondeu Rama, 'aquele que tem conhecimento também tem ignorância. Aquele que é consciente da luz, o é também da escuridão, portanto, vá além de conhecimento e ignorância. Alcança-se aquele estado por meio de um conhecimento íntimo com Deus. Esse conhecimento é chamado vijnana.

"Quando um espinho espeta a sola de seu pé, você tem que conseguir outro espinho. Retira o primeiro, com ajuda do segundo. Em seguida joga ambos fora. Assim também, depois de remover o espinho da ignorância com ajuda do espinho do conhecimento, deve jogar fora ambos os espinhos.

"Há sinais do Conhecimento Perfeito. Um é que termina todo raciocínio. Como acabei de dizer, a manteiga chia e crepita enquanto não estiver totalmente fervida."

Médico: "Mas pode alguém reter o Conhecimento Perfeito permanentemente? O senhor diz que tudo é Deus. Então por que mantém a profissão de paramahamsa? E por que todas essas pessoas o servem? Por que não fica calado?"

Mestre (*sorrindo*): "Água é água, parada, em movimento ou quebrando-se em ondas.

"Devo dizer-lhe algo mais. Por que eu não deveria ouvir o 'mahut Narayana'? O guru falou ao discípulo que tudo era Narayana. Um elefante louco estava vindo em direção ao discípulo, mas ele não se moveu porque acreditava nas palavras do guru. Pensou que o elefante era Narayana. O mahut gritou-lhe: 'Afaste-se! Afaste-se!' Mas o discípulo não saiu do lugar. O elefante levantou-o e jogou-o ao solo. O discípulo não morreu. Quando espargiram água em seu rosto, voltou à consciência. Sendo perguntado porque não havia se afastado, disse, 'Por que deveria? O guru disse, "Tudo é Narayana", 'Mas, meu filho', disse o guru 'por que não deu ouvidos às palavras do mahut Narayana?'

"É Deus que mora no interior, como Mente Pura e Inteligência Pura. Sou a máquina e Ele é o Operador. Sou a casa e Ele o Morador. É Deus que é o mahut Narayana."

Médico: "Permita-me perguntar, por que o senhor me pede para curar sua doença?"

Mestre: "Falo assim enquanto estou consciente do 'jarro' do 'ego'. Pense num vasto oceano cheio de água por todos os lados. Um jarro é imerso nele. Há água tanto dentro quanto fora do jarro, mas a água não se torna uma só a não ser que o jarro se quebre. É Deus que mantém esse 'jarro' do 'ego' em mim."

Médico: "O que significa o 'ego' e tudo o que o senhor está dizendo? Deve me explicar isto. Está querendo nos dizer que Deus está nos pregando peças?"

Girish: "Senhor, como sabe que Ele não está nos pregando peças?"

Mestre (*sorrindo*): "É Deus quem mantém esse 'ego' em nós. Tudo isso é Seu jogo, Sua lila. Um rei tem quatro filhos. Todos são príncipes, mas quando brincam, um se faz de ministro, outro de policial e assim por diante. Embora príncipe, brinca como policial.

(*Ao médico*) "Escute. Se o senhor realizar o Atman verá a verdade de tudo que falei. Todas as dúvidas desaparecem depois da visão de Deus."

Médico: "Mas será possível que nos livremos de todas as dúvidas?"

---

[1] Rainha Victoria

Mestre: "Aprenda comigo o máximo daquilo que falei, mas se desejar aprender mais, deve orar a Deus em solidão. Pergunte-lhe porque Ele ordenou assim.

"Um menino da casa pode dar a um mendigo somente uma pequena porção de arroz, mas se o mendigo pedir a passagem do trem, o dono da casa deve autorizar."

O médico ficou em silêncio.

Mestre: "Bem, o senhor gosta de raciocinar. Está bem. Vamos raciocinar um pouco. Ouça. Segundo um jnani não há Encarnação de Deus. Krishna disse a Arjuna, 'Você refere-se a mim como uma Encarnação de Deus. Vou mostrar-lhe algo. Venha comigo.' Arjuna seguira Shri Krishna a uma curta distância, quando Ele lhe perguntou, 'O que você vê ali?' Arjuna respondeu, 'Uma árvore grande com amoras pretas dependuradas nos galhos.' Krishna disse, 'Não são amoras pretas. Aproxime-se e examine-as.' Arjuna chegou mais perto e viu que eram Krishnas dependurados em cachos. 'Veja agora', disse Krishna, 'quantos Krishnas como Eu cresceram ali?'

"Karvidas dizia de Krishna, 'Ele dançava como um macaco, enquanto as gopis batiam palmas!'

"À medida que o senhor se aproxima de Deus, vê cada vez menos Seus upadhis, Seus atributos. Um devoto no começo pode ver a Divindade como a Mãe Divina com dez braços. Aproximando-se mais vê que Ela possui seis braços. Ainda mais perto vê como Gopala de dois braços. Quando mais se aproxima da Divindade, menos atributos vê. Por fim, quando chega à presença da Divindade, vê somente a Luz sem qualquer atributos.

"Ouça um pouco de raciocínio vedântico. Um mágico foi ao rei para apresentar sua mágica. Quando o mágico se afastou um pouco, o rei viu um homem num cavalo, aproximando-se. Estava brilhantemente arreado e levava diversas armas com as mãos. O rei e o auditório começaram a cogitar o que era real no fenômeno, que se apresentava diante deles. Evidentemente o cavalo não era real, nem as roupas, nem a armadura. Por fim descobriram, sem qualquer sombra de dúvida, que somente o cavaleiro estava ali. O significado disso é que somente Brahman é real e o mundo irreal. Nada mais permanece se for analisado."

Médico: "Não faço qualquer objeção a isso."

Mestre: "Mas não é fácil libertar-se da ilusão. Prolonga-se mesmo depois de termos alcançado o Conhecimento Um homem sonhou com um tigre. Despertou e seu sonho desvaneceu, mas o coração continuou a bater fortemente.

"Alguns ladrões foram a um campo. Uma figura de palha semelhante a um homem, tinha sido colocado ali para atemorizar os intrusos. Os ladrões assustaram-se ao ver a figura, e não conseguiram entrar no campo. Um deles, porém, aproximou-se e viu que havia somente uma figura de palha. Voltou para onde estavam seus companheiros e disse, 'Nada há a temer.' Mesmo assim recusaram-se a entrar. Diziam que o coração batia rápido. O ladrão ousado jogou a figura no chão e disse, 'Não é nada, não é nada!' Este é o processo de 'Neti, neti'."

Médico: "Estas são belas palavras."

Mestre (*sorrindo*): "Que tipos de palavras?"

Médico: "Belas."

Mestre: "Então diga-me *Thank you*." [O Mestre disse essas palavras em inglês].

Médico: "Sabe o que estão pensando? Tenho tanto trabalho para vir aqui."

Mestre (*sorrindo*): "Não, não é isso. Diga alguma coisa para o bem dos ignorantes. Depois da morte de Ravana, seu irmão Bibhishana recusou ser rei do Ceilão. Disse, "Ó Rama, eu Te consegui. O que farei com um reino?' Rama respondeu, 'Bibbishana, seja rei para o bem dos ignorantes, para aqueles que possam perguntar quais as riquezas que obteve servindo-Me tanto. Seja rei para dar-lhes uma lição.' "

Médico: "Há aqui essas pessoas ignorantes?"

Mestre (*sorrindo*): "Ó, sim! Aqui o senhor encomenda ostras, caracóis e também, conchas." (*Todos riem*).

O Dr. Sarkar que era homeopata, deu dois glóbulos de remédio para Shri Ramakrishna tomar. Disse, "Estou dando-lhe esses glóbulos, um é Purusha e outro, Prakriti." (*Todos riem*).

Mestre (*sorrindo*): "Ó sim, Purusha e Prakriti estão sempre juntos. Já observou os pombos? O macho e a fêmea não podem viver separadamente. Onde estiver Purusha, ali está Prakriti, e onde estiver Prakriti, está Purusha.."

Era o dia de Vijaya. Shri Ramakrishna pediu ao Dr. Sarkar para comer algo. Os devotos serviram-lhe doces.

Médico (*enquanto comia*): "Agora digo *Thank you* pelos doces; mas não, pelos ensinamentos. Por que eu daria esse *Thank you* (*Apontando para Naren mais jovem*) Olhe para ele. Tem a mente totalmente mergulhada em Deus. Essas coisas que eu estava lhe dizendo – "

Médico: "Diga para os outros também."

Mestre: "Não, deve-se dar a um homem alimento compatível com seu poder de digestão. Podem todos compreender o que eu disse? Não posso falar com todos como falei com o senhor. Suponhamos que a mãe tenha comprado peixe para a família. Nem todos os filhos têm o mesmo poder de digestão. Para alguns ela prepara pilau, para outros, guisado. Esses últimos têm estômago delicado." (*Todos riem*).

O Dr. Sarkar se despediu. Era o dia de Vijaya, quando as pessoas demonstram amor e respeito a seus amigos e aos mais velhos, com saudações apropriadas. Todos os devotos prosternaram-se diante de Shri Ramakrishna e tomaram a poeira de seus pés. Em seguida, abraçaram-se. Sua alegria não conhecia limites. O Mestre estava seriamente doente, mas fazia que todos esquecessem sua enfermidade. Os abraços e trocas de cumprimentos continuaram durante muito tempo. Os devotos também tomaram uma refeição ligeira. Naren mais jovem, M. e alguns devotos sentaram-se perto de Shri Ramakrishna que começou a falar do Dr. Sarkar.

Mestre: "Não terei muito o que dizer. Quando o tronco de uma árvore está cortado quase de lado a lado, o lenhador mantém-se afastado. Pouco tempo depois a árvore cai por si mesma."

Naren mais jovem (*sorrindo*): "Aqui todo está normal!"

Mestre (*a M.*): "O médico já mudou muito, não é?"

M.: "Sim, senhor. Quando vem aqui fica perdido. Jamais fala de remédios. Quando o faço lembrar-se, diz, 'Ah, sim, sim! Tenho que receitar o remédio."

Alguns devotos cantavam na sala de visitas. Voltaram ao quarto do Mestre. Shri Ramakrishna disse, "Ouvi a música, mas por que erraram tanto no ritmo? Uma vez ouvi falar de um homem que era adepto de dissonância. Vocês cantaram como ele." (*Todos riem*).

Um jovem parente de Naren mais jovem chegou. Usava óculos e vestia-se com afetação. Shri Ramakrishna falou com Naren mais jovem.

Mestre: "Veja, um jovem caminhava ao longo da estrada. Vestia uma camisa plissada e como ele se pavoneava! De vez em quando mostrava a camisa tirando a cachecol e olhava em volta para ver se alguém o estava admirando, mas quando andava podia-se ver que tinha os joelhos deformados. (*Todos riem*). O pavão exibe suas penas, mas os pés são muito sujos. (*Todos riem*). O camelo é muito feio, tudo nele é muito feio."

Jovem: "Mas trabalha bem."

Mestre: "Sim, mas come plantas. Continua a comer espinhos, embora a boca sangre. As pessoas mundanas perdem os filhos, mas mesmo assim, desejam mais."

22 de outubro de 1885

Era quinta-feira à tarde, poucos dias depois do Durga Puja. Shri Ramakrishna sentou-se na cama, em seu quarto no segundo andar com o Dr. Sarkar, Ishan e outros devotos. Embora o Dr. Sarkar fosse um médico muito ocupado, passava muito tempo – às vezes seis ou sete horas – na companhia de Shri Ramakrishna. Sentia um grande amor pelo Mestre, e considerava os devotos seus próprios amigos e parentes. Um lampião ardia no quarto. Lá fora o luar brilhava.

Dirigindo-se a Ishan, um devoto chefe de família, o Mestre disse, "Abençoado é, na verdade, o chefe de família que cumpre seus deveres no mundo e, ao mesmo tempo, dedica todo amor aos Pés de Lótus de Deus. Na verdade é um herói, como aquele que carrega uma pesada carga na cabeça e ao mesmo tempo, observa um cortejo nupcial. Não se pode levar

essa vida sem um grande poder espiritual. Um homem assim é como um bagre que vive na lama mas não é tocado por ela. Além disso, esse chefe de família pode ser comparado a uma ave aquática que mergulha com freqüência na água, mas ao sacudir as asas, somente uma vez, tira todo vestígio de umidade.

"Mas um homem deve praticar alguma disciplina espiritual para poder levar uma vida desapegada no mundo. É-lhe necessário passar algum tempo na solidão – quer seja um ano, seis meses, três meses ou mesmo, um mês. Na solidão deve fixar a mente em Deus e orar com o coração anelante pelo amor de Deus. Deveria, também, dizer a si mesmo, 'Não há ninguém no mundo que seja meu. Aqueles que considero meus, estão aqui somente por dois ou três dias. Somente Deus é meu, somente Ele é meu todo sempre. Ah, como posso realizá-Lo?

"Pode-se viver no mundo depois de se obter amor de Deus. É como se quebrar a jaca depois de esfregar as mãos com óleo, o suco pegajoso da fruta não gruda mais. O mundo é como a água e a mente como o leite. Se puser leite na água, ele se misturará com ela. Primeiro mantenha o leite parado num lugar e depois, transforme-o em coalhada. Da coalhada extrai-se a manteiga que pode ser mantida na água e não se misturará mais. Somente flutuará.

"Alguns membros do Brahmo Samaj disseram-me, 'Senhor, nossa atitude em relação ao mundo é como a do rei Janaka. Como ele, queremos desfrutar o mundo com desapego.' Disse-lhes, 'Viver no mundo com desapego é muito difícil. Somente falando não podem ser um rei Janaka. Quanta austeridade ele praticou! Durante quanto tempo permaneceu numa mesma postura, de cabeça para baixo e pés para cima! Vocês não têm que praticar essas disciplinas tão radicais, mas necessitam de sadhana. Devem viver na solidão. Podem levar uma vida de chefe de família depois de ter alcançado, na solidão, conhecimento divino e amor. O leite transforma-se em coalhada quando não for mexido. A coalhada não se forma se o leite for levado de um lugar para o outro, ou muito mexido.

"Devido ao seu desapego ao mundo, Janaka foi, também, considerado um 'Videha', isto é, uma pessoa livre da consciência do corpo. Embora vivendo no mundo, comportava-se como um jivanmukta, alma livre vivendo num corpo. Mas para a maioria libertar-se da consciência do corpo é algo que está muito distante. É necessária uma intensa disciplina espiritual.

"Janaka foi um grande herói. Esgrimava com duas espadas, uma do conhecimento e outras, da ação.

"Podem me perguntar, 'Há alguma diferença entre a realização de dois jnanis, sendo um chefe de família e o outro, um monge?' A resposta é que os dois pertencem a uma só classe, ambos são jnanis, têm a mesma experiência. Mas o jnani chefe de família tem razão de temer. Não pode livrar-se totalmente de seu temor enquanto viver no meio de 'mulher e ouro'. Se tiverem constantemente num aposento cheio de fuligem, com certeza vão sujar o corpo, por pouco que seja, não importa quão espertos possam ser.

"Depois de extrair a manteiga, se a mantiverem num pote novo, não há perigo de estragar-se, mas se a conservarem num pote em que a coalhada foi guardada, bem, é duvidoso que ela conserve o sabor. (*Risada*).

"Quando se tosta arroz, alguns grãos saltam da frigideira para o chão. São brancos como flores de mallika, sem qualquer mancha, mas os grãos que ficam na frigideira são bons, ainda que não sejam tão imaculados como uma flor de mallika fresca, estão um pouco manchados. Assim também, um monge que renunciou ao mundo alcança sabedoria divina, parece imaculado como a flor branca, mas aquele que permanece na frigideira do mundo, depois de alcançar Conhecimento, pode sair um pouco chamuscado. (*Todos riem*).

"Um dia uma bhairavi chegou à corte do rei Janaka. À vista da mulher, o rei abaixou a cabeça e fixou o olhar no chão. A isto a bhairavi disse, 'Ó Janaka, ainda hoje tem medo de uma mulher!' Por meio do Conhecimento Perfeito um homem torna-se como um menino de cinco anos, não conhece a diferença entre homem e mulher.

"Embora um jnani que viva no mundo tenha alguma mancha pequena, esta, porém, não o prejudica. A lua, sem dúvida, tem manchas escuras, mas elas não obstruem sua luz.

"Depois de realizar Deus, algumas almas trabalham para ensinar as pessoas. Janaka, Narada e outros como eles, pertencem a este grupo, mas deve-se ter mandato para ensinar os outros. Os sábios da antigüidade estavam ocupados em alcançar o conhecimento para si pró-

prios, mas instrutores como Narada iam de um lado para outro fazendo o bem. Eram verdadeiros heróis.

"Uma vara qualquer flutuando na água afunda com o peso de um pássaro, mas uma tora pesada e grande flutuando na água agüenta o peso de uma vaca, de um homem ou mesmo de um elefante. Um barco não somente cruza a água, mas carrega muitas pessoas. Instrutores como Narada podem ser comparados à pesada tora ou ao barco.

"Um homem depois de comer algo saboroso, retira qualquer vestígio, limpando o rosto com uma toalha, para que ninguém possa perceber. (*Todos riem*). Outro, também tendo obtido uma manga, não somente a saboreia, mas também a divide com os outros.

"Mesmo depois de terem alcançado o Conhecimento Perfeito, instrutores como Narada, retiveram o amor a Deus em sua mente, para o bem-estar de outros."

Médico: "Jnana torna um homem sem fala. Fecha os olhos e derrama lágrimas. Necessita, então, de bhakti."

Mestre: "Bhakti pode ser comparada a uma mulher que tem acesso ao pátio interno da casa. Jnana pode ir somente até os aposentos externos."

Médico: "Nem todas as mulheres podem entrar nos aposentos internos, como por exemplo, as prostitutas. Daí a necessidade de jnana."

Mestre: "Um homem pode não conhecer o caminho correto, mas se tem bhakti e desejo de conhecer Deus, pode alcançá-Lo pela força de bhakti pura. Uma vez um devoto sincero saiu em peregrinação para o templo de Jagannath em Puri. Não conhecia o caminho; dirigiu-se para o oeste em lugar de ir para o sul. Sem dúvida desviou-se do caminho certo, mas sempre perguntava ansiosamente às pessoas qual era o caminho e elas davam-lhe a direção certa, dizendo, 'Este não é o caminho, siga por aquele outro.' Por fim o devoto chegou a Puri e adorou a Divindade. Assim o senhor pode ver que, mesmo sendo-se ignorante, alguém lhe mostrará o caminho, se for sincero."

Médico: "Mas o devoto em sua ignorância havia perdido o caminho."

Mestre: "Sim, isso acontece, sem dúvida, mas no final, o homem alcança a meta."

Um devoto: "Deus tem forma ou é sem forma?"

Mestre: "Deus tem forma e, também, é sem forma. Era uma vez um sannyasi que entrou no tempo de Jagannath. Enquanto olhava a imagem sagrada, perguntou a si mesmo se Deus tinha forma ou era sem forma. Passou seu cajado da esquerda para direita, para sentir se havia tocado a imagem. O cajado não tocou em nada. Compreendeu que não havia nenhuma imagem diante dele, chegando à conclusão que Deus era sem forma. Em seguida passou o cajado da direita para a esquerda e tocou a imagem. O sannyasi compreendeu que Deus tinha forma. Assim realizou que Deus tem forma e também, é sem forma.

"Mas é muito difícil compreender isto. Naturalmente a dúvida surge na mente, se Deus é sem forma, como então Ele pode ter forma? Além do mais, se Ele tem uma forma, por que tem tantas?"

Médico: "Deus criou todas as formas no mundo, por conseguinte, tem uma. Também criou a mente e por esta razão é sem forma. É possível para Deus ser todas as coisas."

Mestre: "Essas coisas não se tornam claras até que uma pessoa tenha realizado Deus. Ele assume diferentes formas e revela-Se de diferentes maneiras para o bem de seus devotos. Um homem guardou uma solução de tintura numa tina. Muitas pessoas vinham pedir-lhe para que lhe tingisse as roupas. Ele perguntava a um freguês. 'Qual é a cor que o senhor deseja que tenha sua roupa?' Se quisesse a roupa tingida de vermelho, o homem a mergulhava na tina e dizia, 'Aqui está sua roupa tingida de vermelho.' Se outro cliente quisesse a roupa tingida de amarelo, o homem mergulhava-a na mesma tina e dizia, 'Aqui está sua roupa tingida de amarelo.' Se um outro quisesse a roupa tingida de azul, o homem mergulhava na mesma tina e dizia, 'Aqui está sua roupa tingida de azul.' Assim tingia as roupas com cores diferentes, mergulhando-as na mesma solução. Admirado, um dos fregueses observou tudo. O homem perguntou-lhe, 'Bem, que cor o senhor quer para sua roupa?' Respondeu, 'Irmão, tinja minha roupa na cor da tintura de sua tina.' (*Risada*).

"Uma vez um homem foi a um bosque e viu uma bela criatura numa árvore. Mais tarde falou a um amigo a esse respeito, e disse, 'Irmão, numa árvore do bosque vi uma criatura

vermelha.' O amigo respondeu, 'Também a vi. Por que diz que é vermelha? É verde.' Um terceiro homem disse, 'Ó não, não! Por que diz que é verde? É amarela.' Logo outras pessoas começaram a descrever o animal de diferentes cores como violeta, azul ou preto. Logo começaram a brigar a respeito da cor. Finalmente foram até a árvore e encontraram um homem sentado debaixo dela. Em resposta às suas perguntas, disse, 'Vivo debaixo dessa árvore e conheço a criatura muito bem. O que cada um de vocês disse está certo. Às vezes é vermelha, às vezes é verde, às vezes é amarela, às vezes azul e outras cores. Além disso, às vezes vejo que não há cor alguma.'

"Somente aquele que freqüentemente pensa em Deus pode conhecer Sua verdadeira natureza. Somente ele sabe que Deus Se revela sob diferentes formas e maneiras, que Ele tem atributos e também, não tem nenhum. Somente o homem que vive debaixo da árvore sabe que o camaleão toma diversas cores e que, às vezes permanece incolor. Outros, ignorando a verdade inteira discutem entre si e sofrem.

"Sim, Deus tem e não tem forma. Sabe como é? Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absolutos, é como um oceano sem praia. No oceano, visíveis blocos de gelo formam-se aqui e ali, devido ao frio intenso. Da mesma maneira, sob a influência refrescante da bhakti de Seus adoradores, o Infinito transforma-Se no finito e aparece diante do adorador como Deus com forma. Quer dizer, Deus revela-Se a Seus bhaktas como uma Pessoa encarnada. Assim também, com o nascer do sol o gelo no oceano se derrete, com o despertar de jnana, o Deus encarnado volta a diluir-Se no Brahman infinito e sem forma."

Médico: "Sim, quando o sol aparece o gelo derrete-se e, o que é mais, o calor do sol transforma a água em vapor invisível."

Mestre: "Sim, é verdade. Como resultado da discriminação de que somente Brahman é real e o mundo ilusório, o aspirante entra em samadhi. Então, para ele, as formas ou atributos de Deus desaparecem por completo. Ele não mais sente que Deus é uma Pessoa. Não pode descrever em palavras o que Deus é. E quem o poderia? Aquele que deve descrevê-Lo não mais existe; não mais encontra seu 'eu'. Para uma tal pessoa, Brahman é sem atributos. Nesse estado Deus é experimentado somente como Consciência pela consciência mais interior do homem. Deus não pode ser compreendido pela mente e pela inteligência.

"Por isso as pessoas comparam bhakti, amor a Deus, com a luz fria da lua, e jnana, conhecimento, com os raios abrasadores do sol. Ouvi falar que há oceanos nos extremos norte e sul, onde o ar é tão frio, que congela a água formando aqui e ali, blocos de gelo. Os navios não podem navegar ali, são detidos pelo gelo."

Médico: "Então o caminho de bhakti o aspirante encontra muitos obstáculos."

Mestre: "Sim, é verdade, mas isto não causa nenhum mal ao devoto. Afinal de contas, é a água do Oceano de Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança, que está transformada em gelo. Não faz mal se a pessoa continua a raciocinar, dizendo, por exemplo, que somente Brahman é real e o mundo ilusório. Este raciocínio despertará jnana que, como o sol, irá derreter o gelo das formas divinas, no infinito Oceano de Brahman, Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absolutos.

"No samadhi, que chega ao final do raciocínio e discriminação, não existe o 'eu'. É, contudo, extremamente difícil alcançá-lo porque a consciência do 'eu' prolonga-se de forma persistente. É por isso que um homem nasce repetidamente neste mundo.

"A vaca sofre tanto porque diz 'Hamba! Hamba!', quer dizer, 'Eu! Eu!' Está presa ao arado o dia inteiro, com chuva ou sol, ou é sacrificada pelo açougueiro, mas isto não põe fim ao seu pesar. O sapateiro curte seu couro para fazer sapatos. Finalmente o cardador, dos intestinos, faz corda para seu arco e a usa para cardar. A vaca então diz, 'Tuhu! Tuhu!' isto é, 'Tu! Tu!' Só assim seu sofrimento chega ao fim.

"Assim também, somente quando o homem diz, 'Não eu! Não eu! Não sou ninguém, Ó senhor, Tu és Aquele que faz e eu. Seu servo. Tu és o Amo.' Fica livre de todo sofrimento, somente então, é liberado."

Médico: "Mas deve-se cair nas mãos do cardador." (*Todos riem*).

Mestre: "Já que este ego não pode ser extinto, que permaneça como servo de Deus (*Todos riem*).

"Um homem pode conservar o ego até mesmo depois de atingir samadhi. Sente que é tanto um servo de Deus quanto seu amante. Shankaracharya reteve o 'ego do Conhecimento'[2] para ensinar a vida espiritual. O 'ego servo', o 'ego do Conhecimento' ou o 'ego do devoto' podem ser chamados de 'ego maduro'. É distinto do ego 'imaturo' que faz uma pessoa sentir, 'Sou aquele que faz. Sou o filho de um homem rico. Sou erudito. Sou rico. Como alguém ousa desprezar-me?' 'Um homem com 'ego imaturo' alimenta essas idéias. Suponhamos que um ladrão tenha entrado na casa desses homens e roubado alguns de seus pertences. Se o ladrão for apanhado, todos os artigos lhe serão tomados e ele será espancado. Por fim será entregue à polícia. O dono dos objetos roubados dirá, 'Ora! Este ladrão não sabe na casa de quem entrou!'

"Depois de realizar Deus, um homem torna-se como uma criança de cinco anos. Seu ego pode ser chamado de 'ego de uma criança', 'ego maduro'. A criança não está sob controle de qualquer um dos gunas – sattva, rajas e tamas. Está além dos três gunas. Observe uma criança e verá que não está sob influência de tamas. Num dado momento briga com seu amigo íntimo, ou mesmo luta com ele, para no momento seguinte, abraçá-lo, mostrar-lhe muita afeição e voltar brincar com ele. Não está sequer sob controle de rajas. Agora constrói uma casa de brinquedos e faz planos para torná-la bonita, para no momento seguinte, abandonar tudo e correr para sua mãe. Assim também é vista usando uma linda roupa de cinco rupias. Depois de algum tempo a roupa é jogada no chão, esquece-se dela. Ou então, pode levá-la debaixo do braço. Se disser à criança, 'É uma linda roupa. De quem é?', responde, 'Ora, é minha. Meu papai me deu.' Se alguém disser, 'Meu querido, quer dá-la para mim?', responderá, 'Ó não, é minha, meu papai me deu. Não vou dá-la a você.' Alguns minutos mais tarde pode-se convencê-la com um brinquedo ou com uma caixinha de música no valor de um centavo, e ela lhe dará a roupa. Além disso um menino de cinco anos não está apegado nem mesmo a sattva. Pode encontrá-lo hoje gostando muito de seus companheiros da vizinhança. Não fica feliz por um momento, sem eles, mas amanhã, quando for com os pais a outro lugar, encontrará novos companheiros. Todo seu afeto está agora dirigido para seus novos amigos e quase se esquece dos velhos companheiros. Além disso uma criança não tem orgulho de casta ou família. Se a mãe lhe disser com respeito a certa pessoa, 'Este homem é seu irmão mais velho', ela crê que isto é cem por cento verdade. Um dos dois pode ter nascido numa família brahmin, e o outro pertencer a uma casta mais baixa, por exemplo, a dos ferreiros, mas os dois comerão no mesmo prato. Uma criança está além de quaisquer idéias de pureza ou impureza, não está ligada às convenções sociais, não hesita em ficar nua diante dos outros.

"Então há o 'ego da velhice' (*Dr. Sarkar ri*). Um idoso tem muitos grilhões: casta, orgulho, vergonha, ódio e medo. Além disso está ligado pelas idéias de esperteza, inteligência calculista e dissimulação. Se está zangado, não pode esquecer a mágoa facilmente. Talvez conserve estes sentimentos enquanto viver. Da mesma maneira há o 'ego da erudição' e o 'ego da riqueza'. O 'ego da velhice' é um 'ego imaturo'.

(*Ao médico*) "Há homens que não podem alcançar Deus, homens orgulhosos de sua erudição, de sua educação ou de sua riqueza. Se alguém falar para tais pessoas a respeito de um santo e pedir-lhe para ir visitá-lo, dará todas as desculpas e não irão, mas no fundo de seu coração pensarão, 'Ora, nós mesmos somos pessoas importantes. Devemos visitar mais alguém?'

"Uma das características de tamas é o orgulho. Orgulho e ilusão provêm de tamas.

"Esta dito nos Puranas que Ravana tinha excesso de rajas. Kumbhakarma de tamas e Bibhishana de sattva. Foi por isso que Bibhishana pôde receber a graça de Rama. Outra característica de tamas é a cólera. Devido à cólera uma pessoa perde a cabeça e não pode distinguir entre o certo e o errado. Num acesso de raiva Hanuman ateou fogo em Lanka, sem pensar um minuto sequer que o fogo poderia também queimar a cabana onde Sita vivia.

"Uma outra feição de tamas é a luxúria. Girindra Ghosh de Pathuriaghata uma vez observou, 'Já que você não pode livrar-se das paixões – luxúria, raiva e outras – dê a elas uma nova direção. Em vez de desejar os prazeres do mundo, deseje Deus. Mantenha um relacionamento amoroso com Brahman. Se não puder livrar-se da ira, mude sua direção. Assuma a ati-

[2] O ego iluminado purificado pelo Conhecimento de Deus.

tude tamásica de bhakti, e diga, 'O que? Repeti o sagrado nome de Durga, e não vou ser liberado? Como posso continuar sendo um pecador? Como posso continuar ligado por mais tempo? Se não puder se libertar da tentação, dirija-a para Deus. Fique apaixonado pela beleza de Deus. Se não puder se libertar do orgulho, então orgulhe-se em dizer que é o servo, o filho de Deus. Dirija, assim, as seis paixões para Deus."

Médico: "É muito difícil controlar os sentidos. São como cavalos indóceis, cujos olhos têm que ser tapados com antolhos. No caso de alguns cavalos é necessário impedi-los de ver tudo."

Mestre: "Um homem não precisa temer nada se pelo menos uma vez receber a graça de Deus, se somente uma vez obtiver a visão de Deus e alcançar o autoconhecimento. As seis paixões não mais podem lhe fazer mal."

"Almas eternamente perfeitas como Narada e Prahlada não tiveram trabalho de colocar antolhos. Uma criança que segura a mão do pai, enquanto anda por um estreito caminho no arrozal, pode descuidar-se e largar a mão do pai, ou escorregar numa vala. Mas é muito diferente se o pai segurar a mão da criança. A criança jamais caiará na vala."

Médico: "Mas não é próprio de um pai segurar o filho pela mão."

Mestre: "Não é bem assim. Os grandes sábios têm a natureza de criança. Ante Deus são sempre como crianças. Não têm orgulho. Sua força é a força de Deus, a força de seu Pai. Não tem nada que podem chamar seu. Estão firmemente convencidos disso."

Médico: "É possível fazer um cavalo andar para frente sem antes cobrir os olhos com antolhos? Pode-se realizar Deus sem antes ter dominado as paixões?"

Mestre: "O que o senhor diz está de acordo com o caminho do discernimento. É conhecido como jnana yoga. Por este caminho, também atinge-se Deus. Os jnanis dizem que um aspirante primeiro deve purificar o coração com exercícios espirituais para depois, alcançar o Conhecimento.

"Mas Deus também pode ser realizado pelo caminho da devoção. Uma vez que o devoto desenvolva amor pelos Pés de Lótus de Deus, e cante Seu nome e atributos, não tem que fazer esforço especial para dominar os sentidos. Para esse devoto os órgãos dos sentidos ficam sob controle por si mesmo.

"Suponhamos que um homem acabou de perder o filho e chora sua morte. Será que naquele dia está com disposição de brigar, ou divertir-se numa festa na casa de um amigo? Pode mostrar seu orgulho diante dos outros ou desfrutar os prazeres dos sentidos?

"Se uma mariposa descobre a luz poderá permanecer no escuro por mais tempo?"

Médico (*com um sorriso):* "Claro que não. Preferiria voar para a chama e morrer."

Mestre: "Ó não, não é assim. Um amante de Deus não se queixa até a morte como uma mariposa. A luz para a qual ela se lança é como a luz de uma pedra preciosa. Esta luz é brilhante, sem dúvida, mas ao mesmo tempo refrescante e acariciadora. Não queima o corpo, dá-lhe felicidade e paz.

"Pode-se alcançar Deus seguindo o caminho do discernimento e do conhecimento, mas este é um caminho muito difícil. É muito fácil dizer coisas como, 'Não sou corpo, nem mente ou intelecto; estou além da doença e dor; sou a personificação, da Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos; estou além da dor e do prazer; não estou sob o controle dos sentidos, mas é muito difícil assimilar essas idéias e praticá-las. Suponhamos que minha mão seja picada por um espinho e esteja sangrando. Nesse caso não é correto dizer, 'Ora, minha mão está picada por um espinho! Está tudo bem.' Para poder dizer isto devo em primeiro lugar queimar o mesmo espinho no fogo do Conhecimento.

"Muitas pessoas pensam que não podem ter conhecimento de Deus sem ler livros, mas ouvir é melhor do que ler e ver é melhor do que ouvir. Ouvir falar de Benares é diferente de ler a respeito dela; mas ver Benares é diferente de ambos, de ouvir e ler.

"Aqueles que estão realmente absortos no jogo de xadrez, nem sempre percebem corretamente os movimentos no tabuleiro. Os espectadores muitas vezes julgam melhor os movimentos do que os jogadores. As pessoas do mundo muitas vezes consideram-se muito inteligentes, mas estão apegadas às coisas do mundo. São os verdadeiros jogadores e não podem compreender corretamente seus próprios movimentos, mas os santos que a tudo renunciaram,

estão desapegados do mundo; são, na verdade, mais inteligentes do que as pessoas mundanas. Já que não tomam parte na vida mundana, sua posição é dos espectadores, e assim vêem as coisas com mais clareza."

Médico (*aos devotos*): "Se ele [referindo-se a Shri Ramakrishna] tivesse estudado em livros não poderia ter adquirido tanto conhecimento. Faraday teve contato com a natureza, por isso pôde descobrir muitas verdades científicas. Não poderia ter sabido tanto através de um mero estudo de livros. Fórmulas matemáticas somente criam confusão no cérebro e põem barreiras no caminho da investigação natural."

Mestre: "Houve um tempo em que eu deitava no chão no Panchavati e orava à Mãe Divina. 'Ó Mãe, revela-me o que os karmis[3] realizaram através de sua adoração, o que os yogis realizaram através da yoga e o que os jnanis através do discernimento.' Quantas vezes conversei com a Mãe Divina! Como posso descrevê-lo?

"Ah! Por que estado passei! O sono abandonou-me por completo."

O Mestre cantou:

> Meu sono está interrompido, como posso dormir mais
> Porque agora estou completamente desperto na ausência de sono da yoga.
> Ó Mãe Divina, tornado uno comigo no sono da yoga [4] por fim.
> Meu sono mantive acalmado para sempre..
> Um homem chegou até mim de uma terra onde não há noite;
> Rituais e devoção já não me servem para nada.

Continuou: 'Não li livros, mas as pessoas me respeitam porque canto o nome da Mãe Divina. Sambhu Mallick dizia a meu respeito, 'Eis aqui um grande herói sem espada nem escudo!' (*Risada*).

A conversa girou em torno da representação de um drama de Girish Ghosh, chamado *A Vida de Buda*. O médico viu a peça e gostou muito dela

Médico (*a Girish*): "O senhor é um homem mau. Devo ir ao teatro todos os dias?"

Mestre (*a M.*): "O que ele disse? Não compreendo bem."

M. "O médico gostou muito da peça."

Mestre (*a Ishan*): "Por que não diz algo? (*Apontando para o médico*) Ele não acredita que Deus possa Se encarnar numa forma humana."

Ishan: "O que vou dizer, senhor? Não me agrada discutir mais."

Mestre (*asperamente*): "Por que? Não vai falar o que é certo?"

Ishan (*ao médico*): "Nossa fé é pouco profunda por causa de nosso orgulho. Esta dito no *Ramayana* que um corvo chamado Bhushandi à primeira vista, não aceitou Rama como Encarnação de Deus. Uma vez incorreu no desagrado de Rama. Para escapar de Sua ira, viajou através dos diferentes mundos – o lunar, o solar e assim por diante – e pelo Monte Kailasha, mas viu que não podia escapar. Então resolveu entregar-se a Ele, refugiando-se a Seus pés. Rama pegou o corvo na mão e engoliu-o Logo o corvo viu que estava em seu ninho, na árvore. Depois que seu orgulho foi assim esmagado, o pássaro compreendeu que embora Rama se parecesse com qualquer outro homem, continha em Seu estômago o universo inteiro – céu, lua, estrelas, oceanos, rios, homens, animais e árvores.' "

Mestre (*ao médico*): "É muito difícil compreender que Deus pode ser ao mesmo tempo um ser humano finito e a Alma do universo que tudo penetra. O Absoluto e o Relativo são Seus dois aspectos. Como podemos dizer com nossa inteligência limitada que Deus não pode assumir uma forma humana? Podemos alguma vez compreender todas essas idéias com nosso pequeno intelecto? Pode um pote de uma medida conter quatro medidas de leite?

"Por isso deve-se crer nas palavras dos santos e grandes almas, aquelas que realizaram Deus. Pensam constantemente em Deus, como um advogado em suas causas. Acredita na história do corvo Bhushandi?"

---

[3] Os ritualistas.

[4] Samadhi, que faz uma pessoa aparecer adormecida.

Médico: "Aceito o que quiser aceitar. Todas as dificuldades chegam ao fim se somente Deus revelar Sua natureza verdadeira ao devoto que O procura. Como posso aceitar Rama como uma Encarnação de Deus? Tome o exemplo da maneira como matou Vali, o chefe dos macacos. Escondeu-Se atrás de uma árvore como um ladrão, e matou Vali. É assim como um homem age, não Deus."

Girish: "Mas, senhor, uma ação assim só é possível a Deus."

Médico: "Então tome o exemplo de quando Ele enviou Sita ao exílio."

Girish: "Isto também, senhor, é possível somente para Deus, não para os homens."

Ishan (*ao médico*): "Por que o senhor não acredita na Encarnação de Deus? Acaba de dizer que Deus tem forma, pois Ele criou todas essas formas e que Deus é sem forma, uma vez que criou a mente, que é sem forma. Há pouco tempo atrás o senhor disse que tudo isso é possível para Deus."

Mestre (*rindo*): "Já que não é mencionado na sua 'ciência' que Deus pode tomar forma humana, como pode ele acreditar nisso? (*Todos riem*).

"Ouça uma história. Um homem disse a seu amigo, 'Acabei de ver uma casa desabar com um terrível estrondo.' Ora, o amigo a quem ele contou recebera uma educação inglesa. Disse, 'Espere um minuto. Deixe-me ver no jornal.' Leu o jornal, mas não encontrou notícias sobre uma casa que havia desabado com estrondo. Por isso disse ao amigo, 'Bem, não acredito em você. Não está no jornal, deve ser falso.' " (*Todos riem).*

Girish (*ao médico*): "O senhor tem que admitir que Krishna é Deus. Não posso permitir que O considere um simples homem. Tem que admitir que Ele é ou Deus ou demônio."

Mestre: "A não ser que um homem seja puro, não pode facilmente ter fé em Deus. Deus está longe, muito longe da mente mergulhada no mundanismo. A inteligência mundana cria muitas dúvidas e muitas formas de orgulho – orgulho do saber, da riqueza e outros. (*Apontando para o médico*). Mas ele é puro.

"Como Keshab Sen era puro! Um dia visitou o templo de Kali em Dakshineswar. Eram mais ou menos quatro horas da tarde quando foi até a casa de hóspedes, onde os pobres eram servidos e perguntou quando os mendigos seriam alimentados. Não sabia que era muito tarde para a distribuição de comida aos pobres. À medida que a fé de um homem aumenta, aumenta seu conhecimento a respeito de Deus. A vaca que escolhe muito a comida, dá leite aos pouquinhos, mas a vaca que come tudo – ervas, folhas, grama, cascas, palha – dá leite aos borbotões. (*Todos riem*).

"Deus não pode ser realizado sem uma fé infantil. A mãe diz ao filho, apontando o rapaz, 'Aquele é seu irmão mais velho', e a criança imediatamente acredita que o rapaz é cem por cento seu irmão. Assim também, uma mãe diz que um espírito vive num aposento e a criança acredita cem por cento que o espírito vive no quarto. Deus concede Sua graça ao devoto que tem a fé de uma criança. Ele não pode ser visto pela mente mergulhada no mundo."

Médico (*aos devotos*): "Contudo não está certo fazer a vaca dar leite, alimentando-a com todos os tipos de comida. Uma de minhas vacas foi alimentada dessa maneira. Bebi seu leite e o resultado foi que fiquei seriamente doente; No começo não conseguia descobrir a causa, mas depois de muito pesquisar, descobri que havia dado à vaca muitas coisas impróprias para comer. Fiquei em apuros, Tive de ir a Lucknow para uma mudança e curar-me da doença. Gastei mil e duzentas rupias. (*Gargalhada*).

"É sempre difícil descobrir a relação exata entre a causa e efeito. Uma criança de sete meses, de uma família rica, teve um ataque de tosse convulsiva. Fui chamado para consultá-la, mas mesmo com grande esforço não pude descobrir a causa da doença. Finalmente soube que havia sido dado à criança leite de asno que ficara na chuva." (*Todos riem*).

Mestre (*aos devotos*): "Que estranho! É como dizer que um homem está com acidez no estômago porque seu coche passou debaixo de um tamarindeiro. (*Todos riem*).

Médico (*com um sorriso*): "Deixe-me contar outro caso. O capitão de um navio estava com uma dor de cabeça terrível. Depois da consulta, os médicos a bordo aplicaram um emplasto no lado do barco." (*Todos riem*).

Mestre (*ao médico*): "Para os que buscam Deus é necessária a companhia constante de santos. A doença das pessoas mundanas tornou-se crônica. Devem seguir as instruções dos

santos. O que ganharão ouvindo apenas seus conselhos? Devem não somente tomar o remédio prescrito, como também, seguir uma dieta rígida. A dieta é importante."

Médico: "Sim, é a dieta, mais do que qualquer outra coisa, que determina a cura."

Mestre: "Há três espécies de médicos: superior, medíocre e inferior. O médico inferior toma o pulso do paciente, simplesmente pede-lhe para tomar remédios e logo vai embora. Não se preocupa em averiguar se o paciente seguiu suas instruções. O médico medíocre procura suavemente persuadir o paciente a tomar o remédio. Diz, 'Preste atenção, como pode melhorar sem remédio? Tome o remédio, meu querido. Eu mesmo o preparei para você.' Mas o médico superior segue um método diferente. Se vê que o paciente recusa teimosamente a engolir o remédio, pressiona o peito com seu joelho e empurra o remédio pela garganta."

Médico: "Há uma forma de tratamento que não necessita que o médico pressione o peito do paciente com o joelho: a homeopatia."

Mestre: "Não há mal que um bom médico pressione o peito do paciente com o joelho.

"Como os médicos, há três classes de instrutores religiosos. O instrutor inferior contenta-se em dar simplesmente instrução espiritual; depois disso não se preocupa com o discípulo. O instrutor medíocre explica os ensinamentos repetidamente para o bem do estudante, para que ele as possa assimilar; ele o persuade com amor e bondade para que siga as instruções, mas o instrutor superior, se necessário, usa força com o estudante teimoso."

(*Ao médico*): "Renúncia a 'mulher e ouro' é para sannyasis. Não deve sequer olhar para o retrato de uma mulher. O senhor sabe o que uma mulher é para o homem? É como um pickle. O simples pensamento do pickle dá água na boca, não é necessário pôr na língua.

"Mas esta renúncia não é para chefes de família, como o senhor. É somente para sannyasis. O senhor pode viver entre as mulheres com desapego na medida do possível. De vez em quando deve se retirar para a solidão e pensar em Deus. Mulheres não devem ser admitidas lá. O senhor pode levar uma vida desapegada se tiver fé e amor por Ele. Depois do nascimento de um ou dois filhos, o casal deve viver como irmãos. Devem sempre orar a Deus para que suas mentes não corram para os prazeres dos sentidos e tenham mais filhos."

Girish (*ao médico com um sorriso*): "O senhor já passou três ou quatro horas aqui. E seus pacientes?"

Médico: "Bem, meu consultório e meus pacientes! Vou perder tudo por causa de seu paramahamsa!" (*Todos riem*).

Mestre: "Há um rio chamado Karmanasa [5]. É muito perigoso mergulhar nele. Se alguém o fizer não pode executar qualquer outro movimento. Põe fim às suas obrigações." (*Todos riem*).

Médico (*a Girish, M. e outros devotos*): "Meus amigos, considerem-me como um de vocês. Não falo assim como médico, mas se me vêem como íntimo, então sou um de vocês."

Mestre (*ao médico*): "Há essa coisa como amor pelo amor somente. É muito bom se uma pessoa puder desenvolver esse amor. Prahlada amou Deus por simples amor. Um devoto como Prahlada diz, 'Ó Deus, não quero riqueza, fama, conforto material ou qualquer outra coisa. Concede-me a graça que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus."

Médico: "O senhor tem razão. Tenho visto pessoas inclinando-se ante a imagem de Kali. Pedem coisas do mundo a Deusa como emprego, cura etc.

(*Ao Mestre*) "O mal do qual o senhor sofre não permite ao paciente conversar, mas sou uma exceção. Pode conversar comigo enquanto eu estiver aqui." (*Todos riem*).

Mestre: "Por favor, cure-me. Não posso cantar o nome e as glórias de Deus."

Médico: "A meditação é suficiente."

Mestre: "O que o senhor quer dizer? Por que devo levar uma vida monótona? Desfruto do meu peixe numa variedade de pratos: peixe ao curry, peixe frito, peixe com pickles e assim por diante! Às vezes adoro Deus com rituais, outras repito Seu nome, outras medito e algumas vezes canto Seu nome e glórias, e às vezes, danço em Seu nome."

Médico: "Nem eu sou monótono."

Mestre: "Seu filho Amrita não crê na Encarnação de Deus. Que o mal há? Realiza-se Deus mesmo se acreditar que é sem forma e também realiza-se Deus se acreditar que Deus

[5] Literalmente, "destruidor de deveres".

tem forma. Duas coisas são necessárias para se ver Deus: fé e auto-entrega. O homem é ignorante por natureza. Erros são naturais nele. Pode um jarro com capacidade para uma medida, conter quatro medidas de leite? Qualquer que seja o caminho que o senhor siga, deve orar a Deus com coração anelante. Ele é Aquele que regula a alma interior. Seguramente escutará sua prece se for sincera. Quer siga o ideal do Deus Pessoal ou da Verdade Impessoal, alcançará somente Deus, desde que tenha anseio por Ele. Um bolo é gostoso quer se coma um pedaço da frente ou do lado.

"Seu filho Amrita é um ótimo rapaz."

Médico: "É seu discípulo."

Mestre (*com um sorriso*): "Não há ninguém sob o sol que seja meu discípulo. Pelo contrário, sou discípulo de todos. Todos são filhos de Deus. Todos são Seus servos. Também sou uma criança de Deus. Também sou Seu servo. 'Tia Lua' é a tia de todas as crianças!"

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 46

O MESTRE E O DR. SARKAR

Sexta-feira, 23 de outubro de 1885

ERA DIA DE LUA CHEIA que se seguia ao Durga Puja, adoração à Mãe Divina. Às dez horas da manhã Shri Ramakrishna conversava com M., que o ajudara a vestir as meias.

Mestre (*sorrindo):* "Por que não posso cortar meu cachecol de lã em duas tiras e envolvê-las em torno das pernas como se fossem meias? Pareceriam bonitas e quentes."

M. sorriu. Na noite anterior Shri Ramakrishna tivera uma longa conversa com o Dr. Sarkar. Referindo-se a ela, o Mestre disse rindo, "Contei-lhe a história do bezerro e falei-lhe que o egoísmo é a causa de todo sofrimento."

Naren mais jovem lembrou a Shri Ramakrishna que ele falara ao médico a respeito do sofrimento oriundo da tripla miséria do mundo, vangloriando-se de seu bem-estar. O discípulo disse, "Foi muito bonito o que o senhor falou ontem sobre o espinho e também, a respeito dele no fogo do Conhecimento.

"Mestre: "Tive visões diretas destas coisas. Um dia voltava do kuthi quando todo o meu corpo ficou todo ardendo em chamas, como o fogo no homa. Padmalochan uma vez disse-me, 'Convocarei uma assembléia de pundits e proclamarei suas experiências espirituais diante de todos, mas pouco tempo depois, morreu."

Às onze horas M. foi à casa do Dr. Sarkar para informá-lo sobre o estado de Shri Ramakrishna. O médico mostrou grande ansiedade por ter notícias a seu respeito.

Médico (*rindo*): "Como lhe falei ontem, quando lhe disse que, para poder dizer 'Tuhu! Tuhu!', 'Tu! Tu! deve-se cair nas mãos de um cardador experiente!".

M.: "É verdade, senhor. Não se pode livrar-se do egoísmo sem a ajuda de um instrutor capacitado. Como ontem o senhor falou bem a respeito de bhakti! Bhakti, como uma mulher, pode penetrar no pátio interno."

Médico: "Sim, tudo bonito, contudo, não se pode desistir de jnana."

"M. "Mas ele não diz isto. Aceita ambos, conhecimento e amor, a Verdade Impessoal e o Deus Pessoal. Diz que por meio da influência refrescante de bhakti, uma parte da Realidade toma a forma sólida do Deus Pessoal, e com o nascer do sol de jnana, o gelo da forma derrete-se novamente na água sem forma do Absoluto. Em outras palavras, realiza-se Deus com forma através de bhakti yoga e o Absoluto, sem forma através do jnana yoga.

"O senhor deve ter notado que ele vê Deus tão perto que sempre conversa com Ele. Quando tem muita dor diz a Deus, como uma criancinha, 'Ó Mãe, isso me machuca!'

"Como é maravilhoso o seu poder de observação! Viu um fóssil no museu. Imediatamente tomou este fato como um exemplo do efeito da companhia das pessoas santas. Assim como um objeto se petrifica por permanecer perto da pedra, assim um homem torna-se santo vivendo com um santo.

"Médico: "Ontem Ishan Babu falou da Encarnação de Deus. O que é isto? Chamar um homem de Deus!"

M.: "Cada um tem sua própria fé. De que serve interferir com ela?"

Médico: "Sim, para quê?"

M.: "Como o Mestre nos fez rir quando nos contou a respeito de um certo homem que se recusava a acreditar que uma casa havia desabado só porque o acontecimento não fora publicado no jornal!"

"O Dr. Sarkar permaneceu em silêncio. Shri Ramakrishna dissera-lhe, "Sua ciência' não fala de Encarnação de Deus, por isso o senhor diz que Deus não pode encarnar-Se como homem."

Era meio-dia. M. foi com Dr. Sarkar na carruagem. O médico ia visitar Shri Ramakrishna depois de ver outros pacientes.

Poucos dias antes, a convite de Girish, o Dr. Sarkar assistira sua peça sobre a vida de Buda. Disse a M., "Teria sido melhor falar de Buda como a Encarnação da Compaixão. Por que referiu-se a ele como uma Encarnação de Vishnu?"

Ö médico deixou M. na esquina da Praça Cornwalls.

Eram três horas da tarde. Um ou dois devotos estavam sentados perto de Shri Ramakrishna, que se sentia impaciente como um menino. Repetidamente perguntava aos devotos, "Quando o médico vai chegar? Que horas são?" O Dr. Sarkar era esperado ao anoitecer.

Subitamente Shri Ramakrishna foi tomado por um estado estranho. Pôs o travesseiro debaixo no colo. Impregnado de amor maternal, começou a acariciá-lo e apertou-o contra o peito como se fosse seu filho. Estava em êxtase, o rosto estava iluminado por um sorriso infantil. Vestiu a roupa de uma maneira estranha. Admirados, os devotos olhavam para ele.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna voltou a seu estado normal. Era hora de sua refeição. Comeu um pouco de sêmola fervida.

Começou a relatar a M. suas experiências místicas.

Mestre (*a M., à parte*): "Sabe, o que vi há pouco em meu êxtase? Um campo com uma área de sete a oito milhas, através do qual passava a estrada de Sihore. Eu estava sozinho. Vi um paramahamsa de dezesseis anos exatamente igual àquele que vira no Panchavati.

"Uma névoa de felicidade rodeava tudo. Dela saiu um rapaz de treze ou quatorze anos, que parecia Purna. Nós dois estávamos nus. Começamos a correr alegremente pelo campo. Purna teve sede. Bebeu água de um copo e ofereceu-me o que sobrou. Eu lhe disse, 'Irmão, não posso beber suas sobras.' A isso riu, lavou o copo e trouxe-me água fresca."

Shri Ramakrishna entrou novamente em samadhi. Retomando a consciência, começou a conversar com M.

Mestre: "Minha mente está sofrendo uma mudança. Não posso mais comer prasad. O Real e o Aparente estão se tornando unos para mim. Sabe o que acabei de ver agora? Uma forma divina – a visão da Mãe Divina. Tinha uma criança em Seu ventre. Deu à luz e logo em seguida começou a engoli-la e tudo o que entrava em Sua boca tornava-se vazio. Foi-me revelado que tudo é vazio. A Mãe Divina disse-me, 'Venha a confusão! Venha a ilusão! Venham!' "

Isso fez M. lembrar-se de Shri Ramakrishna dizer que somente o mágico é real e tudo o mais irreal.

Mestre: "Bem, como foi que uma vez tentei atrair Purna e não consegui? Isto enfraquece um pouco minha fé."

M.: "Mas atrair uma pessoa é magia."

Mestre: "Sim, uma magia sem dúvida."

M,: "O senhor se lembra que uma vez estávamos voltando a Dakshineswar de carruagem, da casa de Adhar, quando uma garrafa quebrou-se. Um de nós lhe disse, 'Isto quer dizer que algum mal poderá cair sobre nós? O que pensa?' O senhor respondeu, 'O que me importa? Por que vou me preocupar com isto? Será uma magia em ação.' "

Mestre: "Sim, as pessoas colocam as crianças doentes no chão enquanto os homens cantam o nome de Deus, para que fiquem curadas. As pessoas também curam por meio de poderes ocultos. Tudo isto é magia. Somente pessoas de experiência espiritual muito superficial chamam Deus para curar suas doenças."

Era o entardecer. Shri Ramakrishna, sentado na cama, pensava na Mãe Divina e repetia Seu santo nome. Os devotos, em silêncio, permaneciam próximos dele. Latu, Sashi, Sarat, Naren mais jovem, Paltu, Bhupati, Girish e outros estavam presentes. Ramtaram do Star Theatre chegara com Girish, para entreter Shri Ramakrishna com canções. Pouco tempo depois chegou Dr. Sarkar.

Médico (*ao Mestre*): "Fiquei muito preocupado com o senhor na noite passada às três horas. Chovia. Disse a mim mesmo, 'Estarão as portas e janelas de seu quarto fechadas?' "

"Verdade?" disse Shri Ramakrishna. Estava muito satisfeito com o amor e a preocupação do médico por ele.

Mestre: "Enquanto houver corpo, deve-se cuidar dele, mas acho que o corpo está completamente separado do Ser. Quando um homem se liberta por completo de seu amor por 'mulher e ouro', percebe claramente que o corpo é uma coisa e o Ser, outra. Quando o leite dentro do coco estiver completamente seco, a polpa se separa da casca e ao sacudir o coco sente-se o ruído que faz a polpa em seu interior. Também, é como uma espada e sua bainha. A espada é uma coisa e a bainha, outra.

"Por isso não posso falar muito com a Mãe Divina sobre minha doença."

Girish (*aos devotos*): "O Pundit Shashadhar disse-lhe ao Mestre, 'Por favor faça com que sua mente atue sobre o corpo durante o samadhi. Isto curará seu mal'. O Mestre teve então, uma visão de que o corpo era somente uma massa sem consistência, de carne e osso."

Mestre: "Uma vez, há muito tempo atrás, eu me encontrava muito doente. Estava sentado no templo de Kali. Sentia-me como que orando à Mãe Divina para curar minha doença, mas não pude fazê-lo diretamente em meu nome. Disse-lhe, 'Mãe, Hriday pede-me para Lhe falar a respeito de minha doença.' Não pude continuar. Em seguida apareceu em minha mente, o Museu da Sociedade Asiática e um esqueleto humano mantido unido por arame. Eu lhe disse, 'Por favor, aperte o arame de meu corpo dessa maneira, para que eu possa continuar cantando Teu nome e Tuas glórias.' É impossível para mim pedir poderes ocultos.

"No começo Hriday pedia-me – eu estava então sob seu controle – para orar à Mãe por poderes. Fui ao templo. Numa visão vi uma viúva de trinta e ou trinta e cinco anos coberta de sujeira. Foi-me revelado que poderes ocultos são como essa sujeira. Fiquei muito zangado com Hriday porque me pedira que orasse por poderes."

Ramtaram começou a cantar:

> Contempla minha vina, meu querido bem-amado.
> Meu alaúde do mais doce tom,
> Se com ternura tocas nela.
> As cordas despertarão, a teu toque.
> As mais raras melodias.
> Não a afines nem alto nem baixo.
> E dela, em cem torrentes
> Os mais doces sons fluirão;
> Mas se estão muito frouxas, as cordas emudecem,
> E muito tensas, rompem-se em duas.

Médico: (*a Girish*): "É uma canção original?"
Girish: "Não, é uma adaptação de Edwin Arnold."
Ramtaram cantou da peça, *A Vida de Buda*:

> Ansiamos por descanso, ai! Mas jamais poderemos encontrá-lo;
> Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos.
> Uma ou outra vez caminhamos nesta roda de sorrisos e lágrimas;
> Em vão nos esforçamos para saber aonde nosso caminho nos conduz.
> E porque representamos este papel vazio.
>
> Dormimos, embora despertos, como que enfeitiçados;
> Será que a escuridão jamais se transforma na luz da aurora?
> Inquieta como o vento, a vida move-se sem cessar;
> Não sabemos quem somos, nem de onde viemos;
> Não sabemos porque viemos, nem para onde nos leva a corrente;
> Aspectos inimigos surgem de todos os lados.
>
> Quantos flutuam, ora alegres, ora mergulhados em pranto!
> Num momento existem para em seguida, não mais existirem.
> Não sabemos porque viemos, nem quais foram nossos atos.
> Nem em nossas vidas passadas, como representamos bem nossos papéis;
> Como água numa correnteza, não podemos ficar parados;
> Em frente fluímos para sempre.
>
> Ó Tu que estás desperto! Que quebras as barras de nosso sono.

Por quanto tempo temos que ficar imersos em sonhos estéreis?
Estás realmente desperto? Então não durmas mais!
Pesada é para Ti a tristeza da disputa com um milhão de inimigos.
Levanta, sonhador do seu sonho e não durmas novamente!
Resplandece, Ó Brilhante, e com Teus dardos de luz
Mata a obscuridade que cega! Tu, nosso único Salvador
A Teus pés buscamos liberação.

Ao ouvir a canção, Shri Ramakrishna entrou em samadhi.
Ramtaram cantou novamente:

Sopra, tempestade! Brame e ruge! ...

Quando a canção terminou, Shri Ramakrishna disse ao cantor: "O que é isto? Por que esta cocção de folhas amargas de neem, depois do arroz doce? Quando você cantou:

Resplandece, Ó Brilhante, e com Teus dardos de luz
Mais a obscuridade que cega.

Tive uma visão do Sol. À medida que Ele se levantava, a escuridão desvanecia-se e todos os homens refugiavam-se a Seus pés."
Ramtaram cantou outra vez:

Ó Mãe Salvadora dos desesperançados, Tu, a Destruidora do pecado!
Em Ti moram os três gunas – sattva, rajas e tamas.
Tu crias o mundo, Tu o susténs e destróis.
Ligando-Te com atributos, contudo, Tu os transcendes;
Porque Tu, Ó Mãe, és o Todo.
Kali Tu és, e Tara, a Prakriti Última.
Tu és Peixe, a Tartaruga, o Javali e todos os outros Avatares:
Terra, água, ar e fogo são Tu, Tu és o céu,
Ó Mãe do Absoluto!

Samkhya, Patanjala, Mimamsaka e Nyaya
Para sempre procuram sondar-Te e conhecer Tua natureza mais interior.
Vedanta e Vaisheshika estão buscando-Te
Mas nenhuma delas Te encontrou.
Embora livre de limitações, sem princípio e sem fim,
Pelo bem de Teus amados bhaktas, Tu apareces sob diversas formas.
Os terrores deste mundo Tu removes, e Tu habitas
Da mesma forma no presente, passado e futuro.

Tu apareces com forma, diante daquele que Te ama como uma Pessoa.
Tu és o Absoluto, para aquele que adora a Verdade sem forma.
Há alguns que falam somente de Brahman brilhante;
Mesmo isto, Ó Mãe abençoada, nada mais é do que Tu!
Cada homem, segundo sua medida, cria sua imagem da verdade.
Chamando-a o mais Elevado Brahman.
Para além brilha Turya, o Indescritível;
Ó Mãe de todas as coisas, que penetras o universo.
Cada uma delas és Tu!

Logo cantou:

Caro amigo, minha religião e piedade chegaram ao fim:
Não mais posso adorar a Mãe Shyama, minha mente resiste a todo controle.
Ó, que vergonha para mim! Amarga vergonha!
Procuro meditar na Mãe com a espada na mão.
Usando Sua grinalda de cabeças humanas;

Mas é sempre o Escuro[1], usando Sua grinalda de flores silvestres
E com a flauta em Seus lábios tentadores,
Que brilha diante de meus olhos.

Penso na Mãe com Seus três olhos, mas meu Deus" Vejo-O
Sozinho com os olhos arqueados e esqueço tudo o mais!
Ó que vergonha para mim! Amarga vergonha!
Tento oferecer flores perfumadas aos pés da Mãe.
Mas o pensamento arrebatador de Sua forma graciosa perturba minha mente inquieta.
Em todas as meditações na Desnuda [2] são afastadas
Ao ver Teu cachecol amarelo.

Enquanto ouvia a canção Shri Ramakrishna entrou em êxtase.
O músico voltou a cantar:

Ó Mãe, quem ofereceu estes hibiscos vermelhos a Teus pés?
Eu Te peço, Ó Mãe, que coloques um ou dois sobre minha cabeça.
Então gritarei para Ti, em voz bem alta, "Ó Mãe! Mãe!"
E dançarei ao redor de Ti e baterei palmas de alegria,
E Tu olharás para mim e rirás, e prenderás flores em meu cabelo.

As canções terminaram. Muitos devotos estavam em êxtase. Reinava um profundo silêncio no aposento. Naren mais jovem estava absorvido em meditação, imóvel. Mostrando-o ao médico, Shri Ramakrishna disse, "Uma alma muito pura, não maculada pelo mais leve toque de mundanismo."

Manomohan (*ao médico): "*Ele (*apontando para o Mestre*) diz de seu filho, 'Não me importo com o pai, se tenho o filho.' "

Médico: "Ah, vejam! É por isso que digo que esquecemos todo o resto quando temos o 'Filho'."[3]

Mestre (*sorrindo*): "Não estou dizendo que não quero o Pai."

Médico: "Sim, compreendo o senhor. Como pode salvar seu prestígio se não disser algumas coisas como esta?"

Mestre: "Seu filho é muito puro. Um dia o rosto de Sambhu ficou vermelho quando disse, 'Deus certamente ouvirá a oração de um homem, se orar com sinceridade.'

"Por que gosto tanto dos rapazes? São como leite não adulterado, uma pequena fervura é suficiente. Além disso pode ser oferecido à Divindade, mas o leite adulterado com água necessita de muita fervura. Consome grande quantidade de combustível.

"Os rapazes são como potes de barro, potes de boa qualidade onde se pode guardar leite sem qualquer receio. A instrução espiritual desperta em pouco tempo a sua consciência interior, mas isso não ocorre com as pessoas de mentalidade mundana. Fica-se temeroso de guardar leite num pote que foi usado para a coalhada. O leite pode azedar.

"Seu filho, contudo, está livre do mundanismo, não tocado por 'mulher e ouro'."

Médico: "É porque vive às expensas do pai. Gostaria de ver até que ponto ficaria livre do mundanismo se tivesse que ganhar a vida."

Mestre: "Sim, sim, é verdade, mas Deus está longe, muito longe das pessoas de mentalidade mundana. Para aqueles que renunciaram o mundo, Ele está na palma da mão.

(*Ao Dr. Sarkar e Dr. Dukari*): "Mas a renúncia a 'mulher e ouro' não é para os senhores. Podem renunciar a isto mentalmente. Foi por esta razão que disse aos goswamis, 'Por que falam de renúncia? Não é para os senhores. Tem que atender à adoração diária a Shyamasundar.'

"Renúncia total é para os sannyasis. Não devem olhar sequer para o retrato de uma mulher. Para eles a mulher é um veneno. Devem manter pelo menos dez cúbitos distantes dela; se isso não for possível, pelo menos um cúbito. E não devem conversar muito com uma

[1] Krishna
[2] Shyama.
[3] Uma pessoa esquece-se de Deus, o Pai, envolvendo-se com o Filho, o Avatar ou Encarnação.

mulher, por mais devota que ela seja. Além disso, devem escolher sua moradia num lugar onde nunca, ou muito raramente, possam ver o rosto de uma mulher.

"O dinheiro, também, é um veneno para o sannyasi. Se guarda o dinheiro sobrevem preocupações, orgulho, ira e desejo de comodidades materiais. O dinheiro inflama seu rajas, que por sua vez, engendra tamas. Por isso um sannyasi não deve tocar em 'ouro'. 'Mulher e ouro' fazem-no esquecer-se de Deus.

"Para os chefes de família, dinheiro é um meio de conseguir alimento, roupas e moradia, adorar a Divindade e servir os santos e devotos.

É inútil tentar acumular dinheiro. Com grande trabalho as abelhas constróem a colméia, mas o homem a destrói e retira o mel."

Médico: "Para quem vamos acumular? – Talvez para um filho mau."

Mestre: "Não é somente para um filho mau. Talvez a esposa seja infiel, pode ter um amante secreto. Talvez lhe dê seu relógio com a corrente!

"Não devem renunciar completamente à mulher. Não é prejudicial para um chefe de família viver com a esposa, mas depois do nascimento de um ou dois filhos, devem viver como irmão e irmã.

"É o apego a 'mulher e ouro' que ocasiona o orgulho da erudição, do dinheiro e orgulho da posição social.

"Não se pode alcançar conhecimento divino enquanto não se livrar do orgulho. A água permanece no alto de uma colina, mas flui em torrentes para todos os lados nas terras baixas."

Médico: "Mas a água que corre para as terras baixas de todos os lados, contém água boa e água ruim, água barrenta e a das valas. Também há depressões nos cumes das montanhas, como em Nainital e Manosoravar. Elas contêm somente água pura do céu."

Mestre: "Somente água pura do céu – que bom!"

Médico: "Além disso, de uma elevação, a água pode distribuir-se para todos os lados."

Mestre (*sorrindo*): "Certo homem conseguiu um siddha mantra [4]. Dirigia-se ao topo de uma colina e gritava, 'Repitam este mantra e realizarão Deus.' "

Médico: "Sim."

Mestre: "Mas devem lembrar-se de uma coisa. Quando a alma sentir-se desassossegada por Deus, o homem esquece a diferença entre água boa e água da vala. Para conhecer Deus, às vezes ele recorre a homens bons, às vezes a homens imperfeitos. A água suja não pode fazer mal a um aspirante, se a graça de Deus desce sobre ele. Quando Deus concede Conhecimento, revela ao aspirante o que é bom e o que é mau.

"Pode haver buracos no cume de uma colina, mas não pode existir na colina de um 'ego mau'. A água pura do céu pode juntar-se no topo da colina somente se for um 'ego do Conhecimento' ou um 'ego de bhakti'.

"É verdade que a água do topo da montanha pode correr em todas as direções, mas isto é unicamente possível da colina do 'ego do Conhecimento'.

"Não se pode ensinar os homens sem mandato de Deus. Depois de alcançar Conhecimento, Shankaracharya reteve o 'ego do Conhecimento' a fim de ensinar a humanidade, mas dar palestras sem haver realizado Deus! Que bem isto fará?

"Fui ao Nandanbagan Brahmo Samaj. Depois do culto o pregador fez do púlpito, uma palestra que ele escrevera em casa. Enquanto lia o manuscrito, olhava a seu redor. Enquanto meditava abria os olhos de vez em quando para olhar as pessoas.

"A instrução de um homem que não viu Deus não produz o efeito desejado. Pode dizer uma coisa corretamente, mas ficará confuso em seguida.

Samadhyayi deu uma conferência e disse, 'Deus está além das palavras e da mente. Ele é seco, adore-O por meio da felicidade de seu amor e devoção.' Veja, assim ele descreveu Deus, cuja natureza verdadeira é Alegria e Felicidade! O que esta conferência fará? Pode ensinar alguma coisa às pessoas? Esse conferencista parece-se com aquele homem que dizia, 'O curral de meu tio está cheio de cavalos.' Cavalos num lugar destinado a vacas! (*Todos riem*) Disso pode-se deduzir que não havia cavalo algum."

Médico (*sorrindo*): "Nem vacas!" (*Todos riem*).

[4] Palavra sagrada com a repetição da qual se alcança a perfeição.

Nesse ínterim os devotos que estiveram em êxtase, retomaram ao seu estado normal. O médico interessou-se muito por eles e fez a M. perguntas a seu respeito. M. apresentou-lhe Paltu, Naren mais jovem, Bhupati, Sarat, Sashi e outros rapazes. Sobre Sashi, M. disse, "Ele vai apresentar-se para o vestibular de Bacharel em Artes."

O médico estava um pouco distraído.

Mestre (*ao médico*): "Escute o que ele está dizendo."

O médico ouviu o que M. lhe dizia a respeito de Sashi.

Mestre (*ao médico, apontando para M.*): "É professor."

Médico: "Já ouvi falar."

Mestre: "Sou um iletrado, mas mesmo assim pessoas instruídas vêm aqui. Que impressionante! O senhor tem que admitir que se trata do jogo de Deus."

Eram nove horas da noite. O médico desde seis horas observava tudo.

Girish (*ao médico*): "Bem, senhor, já aconteceu alguma vez que, apesar de não ter intenção de vir aqui, sentia-se como que arrastado por uma força sutil? Sinto-me desta maneira e é por esta razão que estou lhe perguntando isso."

Médico: "Não sei se sinto isso. Somente o coração conhece os chamados do coração. (*A Shri Ramakrishna*) Além do mais não há muita utilidade em falar a este respeito."

24 de outubro de 1885

Era aproximadamente uma hora da tarde, Shri Ramakrishna estava sentado no segundo andar da casa em Shyampukur. O Dr. Sarkar, Narendra, Mahimacharan, M. e outros devotos encontravam-se no quarto. Referindo-se à homeopatia, o Mestre disse ao Dr. Sarkar, "Seu tratamento é muito bom."

Médico: "De acordo com a homeopatia, o médico tem que comparar os sintomas da doença com o livro de medicina. É como música ocidental. O cantor segue a partitura.

"Onde está Girish Ghosh? Não importa. Não o incomode porque a noite passada ele não dormiu."

Mestre: "Bem, quando entrou em samadhi sinto-me embriagado como se estivesse bebido siddhi. O que tem a dizer a esse respeito?"

Médico (*a M.*): "Nesse estado os nervos centrais cessam de funcionar. Por isso os membros ficam dormentes. Assim também as pernas cambaleiam porque toda a energia corre para o cérebro. A vida é constituída pelo sistema nervoso. Há um nervo central na base do pescoço chamada medula oblongata. Se for danificada, a pessoa pode morrer."

Mahima Chakavarty começou a descrever a Kundalini. Disse, 'O nervo Sushumna corre através da espinha dorsal numa forma sutil. Ninguém pode vê-lo. É o que Shiva diz."

Médico: "Shiva examinou o homem somente em sua maturidade, mas os europeus examinaram o homem em todas as etapas de sua vida, desde a fase embrionária até a maturidade. É bom conhecer a história comparativa. Da história dos Sonthals conhece-se que Kali foi uma Sonthal, uma valente guerreira. (*Todos riem*).

"Não riam, por favor. Permita-me contar-lhes como o estudo de uma anatomia comparada tem beneficiado os homens. A diferença entre as ações do suco pancreático e o da bile era inicialmente desconhecida. Mais tarde Claude Bernard examinou o estômago, fígado e outras partes do coelho e demonstrou que a ação da bile é diferente da ação do suco pancreático. Por isso é racional que devamos observar os animais inferiores. Não basta estudar somente o homem.

"Assim também, o estudo da religião comparativa é altamente benéfico.

"Por que as palavras do Mestre chegam diretamente aos nossos corações? Ele experimentou as verdades das diferentes religiões. Praticou as disciplinas das religiões hindu, cristã, muçulmana, shakta e vaishnava. As abelhas podem produzir bom mel somente se colherem néctar de flores diferentes.

M. (*ao Dr. Sarkar*): " Ele (*apontando para Mahimacharan*) estudou muito a ciência."

Médico (*sorrindo*): "Que ciência? Refere-se à *Ciência da Religião* de Max Müller?"

Mahima (*ao Mestre*): "O senhor está doente, mas o que o médico pode fazer? Quando soube de sua enfermidade, pensei que o senhor iria bajular o orgulho do médico."

Mestre (*apontando para o Dr. Sarkar*): "Mas ele é um médico muito bom, e também, muito instruído."

Mahima: "Sim, senhor. Ele é um navio e nós somos apenas pequenos botes."

O Dr. Sarkar juntou as mãos em sinal de humildade.

Mahima: "Mas aqui na presença do Mestre somos todos iguais."

Shri Ramakrishna pediu a Narendra para cantar. Narendra cantou:

Eu Te fiz, Ó Senhor, a Estrela guia de minha vida:
Nunca mais perderei meu caminho neste mar sem fim do mundo. ...

Logo cantou:

Sempre louco de orgulho estou e muitos são os anseios do meu coração! ...

Também cantou:

Este universo, maravilhoso e infinito,
Ó Senhor, é Teu artesanato;
E o mundo inteiro é o tesouro
Da Tua beleza e graça. ...

Narendra prosseguiu:

Ó Pai do Universo, sobre Teu excelso trono,
Tu desfrutas a música dos mundos.
Como as loas de Tua criação suavemente cantam.
Repare que eu também, embora nascido da terra, cheguei com a voz fraca
Diante do portal de Tua casa.

Busco sozinho Tua visão, Senhor! Não anseio por outra graça.
Aqui cheguei para cantar minha canção para Ti:
De um longínquo canto da imensa multidão
Onde o sol e a lua cantam hinos a Ti, eu também cantarei Tuas loas.
Esta é a prece de teu humilde servo.

Logo cantou uma outra canção:

Ó Rei dos Reis, revela-Te a mim!
Anseio por Tua misericórdia. Lança-me Teu olhar!
Aos Teus queridos pés dedico minha vida.
Queimada no forno ardente deste mundo.

Meu coração Ó, está profundamente manchado pelo pecado;
Envolvido por maya, estou totalmente morto.
Senhor misericordioso! Revive minha alma que desfalece.
Com o néctar vivificante de Tua graça.

Novamente:

Fique embriagada, Ó mente com o Vinho da Felicidade Celestial!
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari! ...

Mestre: "Cante aquela – 'Tudo o que existe és Tu'."

Médico: "Ah!"

Narendra cantou:

Uni meu coração a Ti; tudo o que existe és Tu;
Somente a Ti encontrei, porque Tu és tudo o que existe. ...

A canção terminou. Dr. Sarkar sentou-se, deslumbrado. Depois de algum tempo, de mãos postas, disse a Shri Ramakrishna, com humildade, "Permita-me despedir-me do senhor agora. Voltarei amanhã."

Mestre: "Fique mais um pouco. Girish Ghosh foi chamado. (*Mostrando Mahima*) É um erudito, contudo, dança em nome de Hari. Não tem orgulho. Foi a Konnagar somente porque estávamos lá. É rico, livre, não serve a ninguém. (*Referindo-se a Narendra*) O que o senhor pensa dele?"

Médico: "Maravilhoso!"

Mestre (*apontando para um devoto*): "E ele?"

Médico: "Formidável!"

Mahima: "Não se pode dizer de modo algum que alguém conhece filosofia a não ser que tenha lido filosofia hindu. Os filósofos europeus desconhecem os vinte e quatro princípios cósmicos da filosofia Samkhya, nem podem entendê-los."

Mestre (*sorrindo*): "Quais são os três caminhos dos quais está falando?"

Mahima: "O caminho de Sat, que é o caminho do Conhecimento. Em seguida, o caminho de Chit, da yoga, da karma yoga que inclui os deveres e as funções dos quatro estágios da vida. Finalmente o caminho de Ananda, o caminho da devoção e do amor espiritual. O senhor é um adepto nos três caminhos, pode falar deles com autoridade.

Shri Ramakrishna riu.

Dr. Sarkar despediu-se. Era noite, a primeira da lua cheia. Shri Ramakrishna pôs-se de pé, perdido em samadhi. Nityagopal permaneceu a seu lado, em atitude reverente.

Shri Ramakrishna sentou-se. Nityagopal fazia massagem em seus pés. Devendra, Kalipada e muitos devotos estavam sentados a seu lado.

Mestre (*aos devotos*): "Minha mente diz-me que o atual estado mental de Nityagopal sofrerá uma mudança. Sua mente inteira se concentrará em mim – n'Aquele que habita em mim. Não estão vendo como a mente de Narendra sente-se atraída para mim?"

Muitos devotos começaram a se despedir. Shri Ramakrishna levantou-se. Referindo-se à japa, disse a um devoto, "Japa significa repetir silenciosamente o nome de Deus em solidão. Quando alguém canta Seu nome com pura devoção, pode ver a forma de Deus e realizá-Lo. Suponhamos que haja um pedaço de madeira na água do Ganges preso à margem com uma corrente. Uma pessoa começa a seguir elo por elo, segurando a corrente, e mergulha na água seguindo a corrente. Finalmente pode chegar até a madeira. Da mesma maneira, repetindo o nome de Deus fica-se absorvido n'Ele, por fim realizando-O

Kalipada (*sorrindo, aos devotos*): "O nosso é um grande instrutor! Não nos pede que pratiquemos meditação, austeridade e outras disciplinas."

Subitamente Shri Ramakrishna disse, "Isto está me perturbando." Sua garganta doía muito. Devendra disse, "Suas palavras não podem nos enganar mais." Pensava que o Mestre fingia estar doente para enganar os devotos.

A maioria dos devotos partiu. Ficou combinado que uns rapazes ficariam para tomar conta do Mestre, em turnos. M. ia também passar a noite lá.

Domingo, 25 de outubro de 1885

Eram mais ou menos sete e meia da manhã quando M. chegou em Shyampukur e perguntou a Shri Ramakrishna sobre sua saúde. Ia à casa do Dr. Sarkar para informá-lo sobre o estado do Mestre. O Mestre disse a M., "Diga ao médico que de madrugada minha boca fica cheia d'água e tenho tosse. Pergunte-lhe, também, se posso tomar banho."

Depois das sete horas M. chegou à casa do Dr. Sarkar e informou-o sobre o estado do Mestre. O antigo professor do médico e um ou dois amigos estavam no quarto. Dr. Sarkar disse a seu professor, "Senhor, tenho pensado no Paramahamsa [5] desde as três horas da manha. Não pude dormir, mesmo agora ele não sai da minha cabeça."

Um dos amigos do médico disse, "Senhor, ouvi dizer que alguns referem-se ao Paramahamsa como uma Encarnação de Deus. O senhor o vê todos os dias. O que acha?"

Médico: "Tenho a maior consideração por ele, como homem."

M. (*ao amigo do médico*): "É muita bondade do Dr. Sarkar tratar dele."

[5] Referindo-se a Shri Ramakrishna.

Médico: "Bondade? O que quer dizer?"

M.: "Não em relação a ele, mas em relação a nós."

Médico: "Veja, não sabem o que estou perdendo por causa do Paramahamsa. Todos os dias deixo de visitar dois ou três pacientes. Quando no dia seguinte os visito, por minha conta, não posso aceitar os honorários porque fui vê-los sem ter sido chamado. Como posso cobrar-lhes a visita?"

A conversa voltou-se para Mahima Chakravarty que estivera presente no sábado anterior, quando o Dr. Sarkar visitou o Mestre. Referindo-se ao médico, Mahima dissera a Shri Ramakrishna, "O senhor mesmo criou esta enfermidade a fim de satisfazer o orgulho do médico."

M. (*ao médico*): "Mahima Chakravarty tinha o hábito de ir às suas conferências sobre medicina."

Médico: "É mesmo? Como está cheio de tamas! Não reparou que o saudei como o 'Terceiro abaixo de Deus'. Em Deus há sattva, rajas e tamas. Tamas é a terceira qualidade e inferior. Não ouviu ele dizendo do Paramahamsa, 'O senhor criou esta doença para satisfazer o orgulho do médico?' "

M.: "Mahima Chakravarty acha que o Paramahamsa pode curar-se se quiser,"

Médico: "O quê? Ele mesmo curar sua doença? Será isso possível? Somos médicos e sabemos o que é o câncer. Não podemos curá-lo, e ele curar-se! Ora, ele não conhece nada a respeito de câncer (*A seus amigos*) A doença é sem dúvida incurável, mas estes senhores o estão servindo com muita devoção."

M. pediu ao médico que visitasse Shri Ramakrishna e voltou para casa.

À tarde mais ou menos às três horas, M. visitou o Mestre e contou-lhe a conversa que tivera com o Dr. Sarkar. Disse, "Hoje o médico me fez sentir envergonhado."

Mestre: "O que houve?"

M.: "Ontem ele ouviu dizer aqui, que o senhor mesmo inventou esta doença a fim de satisfazer o orgulho do médico."

Mestre: "Quem fez este comentário?"

M.: "Mahima Chakravarty."

Mestre: "O que o médico disse?"

M.: "Descreveu Mahima Chakravarty como o 'Terceiro Abaixo de Deus'. Agora ele admite que todas as qualidades – sattva, rajas e tamas – existem em Deus. (*O Mestre riu*). Disse-me que havia acordado às três horas da manhã e que desde então, vinha pensando no senhor. Quando o vi eram oito horas. Disse-me, 'Mesmo agora o Paramahamsa está em minha mente.' "

Mestre (*rindo*): "Veja, ele estudou inglês. Não posso pedir-lhe para meditar em mim, já vem fazendo isto todo o tempo, por sua espontânea vontade."

M.: "Ele também disse a respeito do senhor, 'Tenho por ele, como homem, a maior consideração.' "

Mestre: "Falaram de algo mais?"

M.: "Perguntei-lhe, 'Qual a sugestão hoje, a respeito do paciente?' Respondeu, 'Sugestão? Pare! Tenho que ir vê-lo. O que outra coisa vou sugerir?' (*Shri Ramakrishna ri*). Depois disse, 'Não sabem quanto dinheiro estou perdendo diariamente; deixo de atender a duas ou três chamadas.' "

Havia muitos devotos no quarto, inclusive Narendranath, Vijaykrishna Goswami chegou e respeitosamente tomou a poeira dos pés do Mestre. Diversos devotos Brahmos vieram com ele. Vijay se desligara do Brahmo Samaj e estava praticando disciplina espiritual sozinho. Shri Ramakrishna gostava muito dele devido à sua piedade e devoção. Apesar de não ser um discípulo do Mestre. Vijay o tinha na mais alta consideração. Havia vivido durante muito tempo em Dacca. Recentemente visitara muitos lugares sagrados no norte da Índia.

Mahima Chakravarty (*a Vijay*): "O senhor visitou muitos lugares sagrados e novas regiões. Conte-nos suas experiências, por favor."

Vijay: "O que direi? Compreendo que tudo está aqui, onde estamos sentados agora. Essa peregrinação é inútil. Em outros lugares vi, no máximo dois, cinco, dez ou vinte e cinco

por cento dele [referindo-se ao Mestre]. Somente aqui encontro plenamente, os cem por cento da manifestação de Deus."

Mahima: "Tem razão, senhor. Também é o Mestre que nos faz peregrinar ou permanecer num mesmo lugar."

Mestre (*a Narendra*): "Veja que mudança ocorreu na mente de Vijay. É uma pessoa totalmente diferente. É como leite espesso que perdeu a água ao ser fervido. Veja, posso reconhecer um paramahamsa pelo pescoço e testa. Sim, posso reconhecer um paramahamsa."

Mahima (*a Vijay*): "Senhor, parece que está comendo menos agora. Não é verdade?"

Vijay: "Talvez esteja certo. (*Ao Mestre*) Ouvi falar de sua doença, e por isso vim vê-lo, como em Dacca – "

Mestre: "O que houve em Dacca?"

Vijay não respondeu e ficou em silêncio por um momento.

Vijay: "É difícil compreender o Mestre a não ser que revele. Somente aqui encontramos cem por cento de manifestação de Deus."

Mestre: "Kedar disse no outro dia, 'Em outros lugares não conseguimos nada para comer, mas aqui enchemos o estômago!' "

Mahima: "Por que encher o estômago? Vai ficar empanturrado."

Vijay (*ao Mestre, de mãos postas*): "Agora compreendi quem o senhor é. Não precisa me dizer."

Mestre (*em êxtase*): "Se assim é, então que o seja!"

Ao dizer, "Sim, compreendi", Vijay prosternou-se diante do Mestre. Levou os pés do Mestre até o peito e agarrou-se a eles. O Mestre estava em samadhi profundo, imóvel como um quadro. Os devotos sentiam-se tomados por esta visão Alguns choravam e outros cantavam hinos sagrados. Todos os olhos estavam fixos em Shri Ramakrishna. Viam-no de diferentes modos, segundo seu desenvolvimento espiritual: uns como um grande devoto, uns como um santo, uns como Deus Encarnado.

Mahimacharan cantou, com lágrimas nos olhos, "Contemplem, contemplem a personificação do Amor Divino!"

De vez em quando cantava como se desfrutasse de um vislumbre de Brahman:

> O Transcendental, além do Uno e do múltiplo, Existência-Conhecimento;Bem-aventurança Absolutos.

Navagopal chorava. Bhupati cantou:

> Santificado seja Brahman, o Absoluto, o Infinito, o Insondável!
> Mais elevado do que o mais elevado, mais profundo do que as maiores profundidades!
> Tu és a Luz da Verdade, a Fonte do Amor, a Morada da Felicidade!
> Esse universo com todos os seus modos múltiplos e abençoados,
> É somente o poema encantador de Teu pensamento inesgotável;
> Sua beleza transborda para todos os lados.
>
> Ó Tu Poeta, grande e primordial, no ritmo de Teu pensamento
> O sol e a lua despertam e movem-se para seu poente.
> As estrelas, brilhando como pequenitas pedras preciosas, são os signos maravilhosos.
> Nas quais Tua canção é escrita através da expansão azul do céu.
> O ano, com suas seis estações, em harmonia com a terra feliz.
> Proclama Tua glória até o fim dos tempos.
>
> As cores das flores revelam Tua beleza soberana,
> As águas em sua quietude, Tua profunda Serenidade,
> O trovão revela para nós o terror de Tua lei.
> Profunda é Tua essência, em verdade; como pode uma mente tola percebê-la?
>
> Maravilhada ela medita em Tua forma do começo ao fim de cada yuga;
> Milhões e milhões de sóis, luas e estrelas
> Inclinam-se diante de Ti, Ó Senhor, em temor arrebatador!

Contemplando Tua criação, homens e mulheres e milhares choram de alegria;
Os deuses e anjos Te adoram, Ó Presença que em Tudo penetra!
Ó Tu, Fonte de Bondade,
Concede-nos Teu Conhecimento devoção, puro amor e paz perfeita;
E dá-nos refúgio a Teus Pés sagrados!

Bhupati cantou novamente:

No Mar de Consciência Bem aventurada levantam-se ondas de amor divino;
Arrebatamento divino! Jogo da Bem-aventurança de Deus!
Ó, quão maravilhoso! ...

Cantou uma terceira canção:

Aqui desvanecem meu temor e minha ilusão, minha piedade, os rituais e as boas obras;
Aqui desvanece-se meu orgulho de raça e casta! Onde estou? Onde estás Tu, Ó Hari?
Roubaste minha vida e minha alma, e agora, Ó Amigo, me abandonas;
Ah, que tolo fui em vir aqui à praia deste Mar de Amor!
Cheia até a borda está de felicidade celestial, esta minha pequena alma.
Prendas diz: Escutem todos! Este na verdade é o caminho de Deus!

Depois de muito tempo Shri Ramakrishna retomou a consciência do mundo.

Mestre (*a M.*): "Algo me sucede nesse estado de intoxicação. Agora sinto-me envergonhado até de mim mesmo. Naquele estado sinto-me como que possuído por um espírito. Deixo de ser eu mesmo. Quando volto daquele estado não posso contar corretamente. Tentando fazê-lo digo, 'Um, sete, oito', ou qualquer coisa assim."

Narendra: "É porque tudo é um."

Mestre: "Não, está além de um e dois."

Mahima: "O senhor está certo. 'Não é nem um nem dois.' "

Mestre: "Aí a razão desaparece. Deus não pode ser realizado pela erudição. Está além das escrituras – dos Vedas, Puranas e Tantras. Se vejo um homem com apenas um livro nas mãos, chamo-o rajarshi[6] embora ele seja um jnani, mas um brahmarshi[7] não tem qualquer sinal exterior.

"Sabe qual a utilidade das escrituras? Uma vez alguém escreveu a um parente pedindo-lhe cinco medidas de doces e uma roupa. O parente recebeu a carta, leu-a e anotou os pedidos. Em seguida, jogou a carta fora. Que utilidade ela ainda tinha?"

Vijay: "Vejo que os doces foram enviados."

Mestre: "Deus encarna-Se na terra com um corpo humano. Sem dúvida Ele está presente em todas as partes e em todos os seres, mas o anseio do homem não fica satisfeito a não ser que veja Deus numa forma humana. A necessidade do homem não fica satisfeita sem a Encarnação Divina. Sabe como é? Tocando em qualquer parte da vaca, sem dúvida toca-se na própria vaca. Mesmo tocando os chifres, toca-se na vaca, mas o leite flui pelo úbere da vaca."

Mahima: "Se um homem quiser leite deve colocar sua boca no úbere. O que conseguirá se chupar os chifres?" (*Todos riem*).

Vijay: "Mas um bezerro no início lambe as outras partes da vaca."

Mestre (*sorrindo*):"É verdade, mas ao ver o bezerro fazer isso alguém talvez coloque sua boca no úbere." (*Todos riem*).

A conversa desenrolava desta maneira quando o Dr. Sarkar entrou e sentou-se, dizendo ao Mestre, "Acordei às três horas da manhã muito preocupado pensando que o senhor pudesse ter-se resfriado. Ó pensei muitas coisas a seu respeito."

Mestre: "Tenho tossido e minha garganta está inflamada. Nas primeiras horas da manhã e minha boca encheu-se de água. Todo o corpo dói."

Médico: "Sim, informaram-me de tudo esta manhã."

Mahimacharan falou de sua viagem a diversas partes do país e disse que no Ceilão ninguém ri. Dr. Sarkar disse, 'Pode ser, mas tenho que averiguar." (*Todos riem*).

[6] Um rishi ou vidente, que aparece com esplendor exterior como um rei.
[7] Um vidente que mora constantemente na Consciência de Brahman.

A conversa voltou-se para os deveres da vida.

Mestre (*ao médico*): "Muitos pensam que o dever de um médico é nobre. O médico é sem dúvida um homem nobre se tratar gratuitamente por compaixão e tocado pelo sofrimento. Então seu trabalho pode ser considerado muito edificante, mas um médico torna-se cruel e duro se exerce sua profissão por dinheiro. É muito mesquinho fazer coisas como exame de urina e fezes para ganhar dinheiro, como um homem de negócios, exercendo seu comércio."

Médico: "O senhor tem razão. Sem dúvida é errado um médico cumprir seus deveres com esse espírito, mas não gosto de me gabar diante do senhor."

Mestre: "Mas a profissão de médico é certamente muito nobre se dedicar-se ao bem-estar dos outros com desapego.

"Qualquer que seja a profissão de um chefe de família, é necessário que ele viva de vez em quando na companhia dos sábios. Se um homem ama Deus, ele mesmo buscará a companhia de pessoas santas. Dou o exemplo do fumante de cânhamo que adora a companhia de outro fumante. Quando vê uma pessoa que não fuma, afasta-se cabisbaixo e desvia o olhar ou esconde-se num canto, mas sua alegria não tem limites se encontra um adicto de cânhamo. Talvez se abracem. (*Todos riem*). Da mesma maneira, um abutre ama a companhia de outro abutre."

Médico: "Mas também já foi notado que um abutre foge de medo de um corvo. Na minha opinião deve-se servir a todos os seres, não somente aos homens. Muitas vezes alimento os pardais com farinha. Jogo-lhes pequenas bolinhas de pão e eles chegam aos bandos. Adoram comê-las."

Mestre: "Bravo! É muito bom. Os santos devem alimentar outras criaturas. Alimentam formigas com açúcar."

Médico: "Não haverá canto hoje?"

Mestre (*a Narendra*): "Por que não canta algo?"

Narendra cantou com acompanhamento de tanpura e outros instrumentos:

> Doce é Teu nome, Ó refúgio dos humildes!
> Cai como o mais doce néctar em nossos ouvidos
> E nos conforta, Bem-amado de nossas almas!
> Somente o inapreciável tesouro de Teu nome
> É a morada da Imortalidade.
> E aquele que canta Teu nome torna-se imortal.
> Caindo em nossos ouvidos, Teu nome sagrado
> Imediatamente mata a angústia de nosso coração.
> Tu, Alma de nossas almas, e enche nossos corações de felicidade!

Narendra cantou novamente:

> Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento ou razão!
> Embriaga-me com o Vinho do Teu Amor;
> Ó Tu, que roubas os corações dos Teus bhaktas,
> Afoga-me profundamente no Mar de Teu amor!
> Aqui neste mundo, nesta Tua casa de loucos,
> Alguns riem, alguns choram, alguns dançam de alegria.
> Jesus, Buda, Moisés, Gauranga.
> Todos bêbados com o Vinho do Teu amor,
> Ó Mãe, quando serei abençoado
> Ao juntar-me à Tua companhia bem-aventurada?

Uma estranha transformação operou-se nos devotos. Todos ficaram loucos com o êxtase. O pundit levantou-se, esquecendo-se do orgulho de sua erudição, gritou:

> Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento ou razão?

Vijay foi o primeiro a cair a seus pés, tomado de divina embriaguez. Logo Shri Ramakrishna levantou-se, esquecendo toda sua doença dolorosa e fatal. O médico que estivera sentado defronte dele, também levantou-se. Tanto o paciente como o médico esqueceram-se de si mesmo ante a magia criada pela música de Narendra. Naren mais jovem e Latu entraram em samadhi profundo. A atmosfera do aposento tornou-se eletrizante. Todos sentiam a presença de Deus. Dr. Sarkar, eminente cientista como era, ficou sem respiração, observando a estranha cena. Viu que os devotos que entraram em samadhi, estavam totalmente inconscientes do mundo exterior. Todos estavam imóveis e transfigurados. Depois de algum tempo ao descer um pouco do plano ao plano relativo, alguns riam e outros choravam. Um estranho se entrasse no quarto pensaria que um grupo de bêbados estavam reunidos ali.

Um pouco mais tarde Shri Ramakrishna retornou sua conversa: os devotos tomaram seu lugar. Eram mais ou menos oito horas da noite.

Mestre: "O senhor acabou de ver o efeito do êxtase divino. O que sua 'ciência' diz a esse respeito? Pensa que se trata de uma simples simulação?"

Médico (*ao médico*): "Devo dizer que é tudo natural, uma vez que muitas pessoas experimentaram-no. Não pode ser uma simulação (*A Narendra*) Quando você cantou os versos:

> Ó Mãe, enlouquece-me com Teu amor!
> Que necessidade tenho de conhecimento e razão?

Mal pude controlar-me. Estava a ponto de dar um salto. Com muita dificuldade controlei minha emoção. Disse a mim mesmo, 'Não, não devo demonstrar meus sentimentos.' "

Mestre (*com um sorriso, ao médico*): "O senhor é imperturbável e imóvel como o Monte Sumeru. É uma alma profunda. Ninguém podia perceber a emoção profunda de Rupa e Sanatana. Se um elefante entra num pequeno lago, há espadanar de água em todos os lados, mas isto não ocorre quando entra num grande lago, dificilmente alguém percebe. Uma vez Radha disse à sua companheira, 'Amiga, você chora muito com nossa separação com Krishna, mas olhe para mim. Como meu coração está petrificado! Não há uma só lágrima em meus olhos.' Brinde, sua amiga, respondeu, 'Sim, Seus olhos estão secos, mas há um profundo significado nisso. Um fogo de dor está bramindo em seu coração por causa da separação de Krishna. Mal as lágrimas surgem nos olhos, secam-se com o calor daquele fogo.' "

Médico: "Ninguém pode derrotá-lo no debate!" (*Risada*).

A conversa voltou-se para outras coisas. Shri Ramakrishna descreveu para o médico seus êxtases em Dakshineswar. Disse-lhe como controlar a raiva, luxúria e outras paixões.

Médico: "Soube que o senhor estava deitado no chão inconsciente em samadhi, quando um homem deu-lhe pontapés."

Mestre: "O senhor ouviu isto de M. O homem era Chandra Haldar, um sacerdote do templo de Kali em Kalighat, que ia com freqüência à casa de Mathur Babu. Um dia eu estava deitado no chão em êxtase. O quarto estava escuro. Chandra Haldar pensou que eu estava fingindo aquele estado para obter favores de Mathur. Entrou e deu-me vários pontapés que deixaram marcas escuras . Todos queriam contar a Mathur Babu mas os proibi."

Médico: "Também é a vontade de Deus. Assim o senhor ensinou as pessoas a controlar a raiva e perdoar."

Nesse meio tempo Vijay começou a conversar com os outros devotos.

Vijay: "Sinto como se alguém estivesse sempre andando ao meu lado. Mostra-me o que está acontecendo mesmo à longa distância."

Narendra: "Como um anjo da guarda."

Vijay: "Vi o Mestre em Dacca. Até toquei em seu corpo."

Mestre (*com um sorriso*): "Deve ter sido outra pessoa."

Narendra: "Eu também o vi diversas vezes, (*A Vijay*) Como vou dizer que não acredito em suas palavras?"

η η η η η η η η η

CAPÍTULO 47

O MESTRE TREINANDO SEUS DISCÍPULOS

Segunda-feira, 26 de outubro de 1885

ERAM MAIS OU MENOS dez horas da manhã quando M. chegou à casa de Shyampukur a caminho do consultório do Dr. Sarkar, para informá-lo sobre o estado do Mestre.
Dr. Sarkar havia declarado a doença incurável. Suas palavras jogaram tristeza na mente dos devotos e dos discípulos do Mestre. Com devoção infatigável e zelo cuidavam do paciente – seu instrutor, guia, filósofo e amigo. Um grupo de jovens discípulos, liderados por Narendra, estava se preparando para renunciar ao mundo e dedicar suas vidas à realização de Deus e servir à humanidade. As pessoas acudiam o Mestre dia e noite. Apesar da dor cruciante da garganta, ele os acolhia com um sorriso bondoso. Parecia não haver limite à sua solicitude com o seu bem-estar. O rosto brilhava quando lhes falava de Deus.Dr. Sarkar, observando que conversar agravava a doença, proibiu-o de falar com as pessoas. "Não deve falar com as pessoas", dissera ao Mestre, "mas pode fazer uma exceção no meu caso." O médico tinha o hábito de passar seis a sete horas na companhia de Shri Ramakrishna, bebendo cada palavra que saía de seus lábios.

Mestre: "Estou me sentindo muito aliviado. Estou muito bem hoje. É por causa do remédio? Por que não continuamos com ele?"

M.: "Irei ver o médico e contar-lhe tudo. Ele dirá o que é melhor."

Mestre: "Há dois ou três dias que não vejo Purna. Estou preocupado com ele."

M. (*a Kali*): "Por que não procura Purna e lhe pede para vir?"

Kali: "Irei imediatamente."

Mestre (*a M.*): "O filho do médico é um ótimo rapaz. Por favor peça-lhe para vir."

M. chegou à casa do Dr. Sarkar que estava com dois ou três amigos.

Médico (*a M.*): "Estava falando de você há apenas um minuto atrás. Disse que viria às dez horas. Há uma hora e meia estou esperando. Sua demora fez-me ficar preocupado com o Mestre.

(*A um amigo*): "Por favor cante.

O amigo começou:

> Proclama a glória do nome de Deus enquanto houver vida em ti;
> O esplendor deslumbrante de Seu brilho inunda o universo!
> Seu amor ilimitado flui como o néctar, enchendo de alegria o coração dos homens.
> O simples pensamento de Sua compaixão estremece cada membro!
> Como se pode descrevê-lo de maneira correta? Por Sua graça abundante,
> Os amargos pesares desta vida são todos esquecidos por um instante.
>
> Em cada lado – na terra abaixo, acima no céu, sob os mares:
> Em cada região desta terra – os homens O procuram incansáveis.
> Enquanto O procuram sempre perguntam: Onde está Seu limite, onde está Seu fim?
> A verdadeira Morada da Sabedoria é Ele, o Elixir da Vida Eterna,
> Ele é Aquele sem sono, o Olho sempre desperto, o Uno Puro e Imaculado.
> A visão de Seu rosto retira todo vestígio de pesar de nossos corações.

Médico (*a M.*): "Não é uma bela canção? Gostou deste verso? 'Onde está Seu limite, onde está Seu fim?' "

M.: "Sim, é muito lindo. Enche a mente com a idéia de Infinito."

Médico (*com carinho a M.*): "Já é tarde. Já almoçou? Termino o meu almoço antes das dez e logo inicio minhas consultas, caso contrário não me sinto bem. Escute-me, tenho pensado um dia desses, em dar uma festa para todos vocês [referindo-se aos devotos de Shri Ramakrishna].

M.: "Seria muito bom, senhor."

Médico.: "Onde poderia ser? Aqui ou em Shyampukur? Como acharem melhor."

M.: "Não importa onde quer que seja, será um prazer jantar com o senhor."

A conversa voltou para Kali, a Mãe Divina.

Médico: "Kali é uma bruxa dos Sonthals."

M. caiu na gargalhada e perguntou, "De onde o senhor tirou isto?"

Médico: "Ó, ouvi qualquer coisa nesse sentido."(*M. ri*).

Começaram a falar sobre o êxtase que Vijay e outros haviam experimentado no dia anterior, no quarto do Mestre. Naquele dia o médico também estava presente.

Médico: "Sim, presenciei esse êxtase, mas será que muito êxtase é bom para uma pessoa?"

M.: "O Mestre diz que o excesso de êxtase não prejudica ninguém, se o resultado é a contemplação de Deus. Diz ainda que o brilho de uma pedra preciosa dá luz e tranqüilidade ao corpo, mas não queima."

Médico: "O brilho de uma pedra preciosa? É somente uma luz refletida."

M.: "Diz também que um homem não morre se mergulhar no Lago da Imortalidade. Deus é esse lago. Um mergulho naquele Lago não fere ninguém, ao contrário, torna-o imortal. Claro, se tornará imortal somente se tiver fé em Deus."

Médico: "Sim, é verdade."

O médico levou M. em sua carruagem. Tinha que visitar alguns pacientes a caminho de Shyampukur. Continuaram a conversar na carruagem. Dr. Sarkar referiu-se ao orgulho de Mahima Chakravarty.

M.: "Ele visita o Mestre, mas mesmo que seja orgulhoso será por pouco tempo. Se alguém sentar-se na presença do Mestre, mesmo que seja por pouco tempo, o orgulho fica em pedaços. Isto é porque o próprio Mestre está completamente livre de egoísmo. O orgulho não pode existir na presença da humildade. Um homem importante como o Pundit Iswar Vidyasagar mostrou muita modéstia e humildade na presença do Mestre. O Paramahamsa visitou-o em sua casa. Às nove horas da noite o Mestre despediu-se. Vidyasagar acompanhou-o desde sua biblioteca até o portão, para se despedir dele. Ele mesmo segurou a tocha para iluminar o caminho. Vidyasagar permaneceu ali, de mãos postas, até que a carruagem desapareceu na estrada."

Médico: "Bem, o que Vidyasagar pensa dele?"

M.: "Nesse dia mostrou grande respeito pelo Mestre, mas quando mais tarde conversei com ele, descobri que não dava grande importância àquilo que os vaishnavas chamam de emoção ou êxtase. Nesses assuntos tem os mesmos os pontos de vista do senhor."

Médico: "Não me importo muito com qualquer demonstração de emoção como mãos postas ou tocar os pés dos outros com a cabeça. Para mim a cabeça é o mesmo que os pés, mas se um homem pensa de forma diferente dos pés, que ele faça o que quiser."

M.: "Sabemos que não gosta da demonstração de sentimentos. Talvez se recorde que o Mestre de vez em quando refere-se ao senhor como uma 'alma profunda'. Ontem ele lhe disse que quando um elefante mergulha num pequeno lago, há um grande espadanar, mas quando entra num grande lago dificilmente vê-se uma marola. O elefante da emoção não pode produzir efeito algum numa alma profunda. O Mestre diz que o senhor é uma 'alma profunda'."

Médico.: "Não mereço o cumprimento. Afinal de contas, o que é bhava? É apenas um sentimento. Há outros aspectos no sentimento com o por exemplo, bhakti. Quando chega ao excesso, alguns podem dominá-lo, outros não."

M.: "O êxtase divino pode ou não ser explicável mas não se pode negar que o êxtase ou amor de Deus é algo peculiar. Vi em sua biblioteca o livro de Stebbing sobre o Darwinismo. Segundo Stebbing a mente humana é maravilhosa, quer seja resultado de evolução ou de criação especial. Dá uma ilustração linda, partindo da teoria da luz. 'A luz é maravilhosa, conheçamos ou não sua teoria ondulatória.' "

Médico: "Sim, reparou também que Stebbing aceita tanto Darwin como Deus?"

A conversa voltou-se para Shri Ramakrishna.

Médico: "Acho que é um adorador da Deusa Kali."

M.: "Mas para ele, o significado de Kali é diferente. O que os Vedas chamam Brahman Supremo, ele chama Kali. O que os muçulmanos chamam Alá e os cristãos chamam Deus, ele chama Kali. Não vê muitos deuses, vê somente um Deus. O que os Brahmajnanis chamam Brahman, o que os yogis chamam Atman e os bhaktis Bhagavan, ele chama Kali.

"Em Shri Ramakrishna encontramos todas as atitudes e ideais religiosos. É por isso que pessoas de todas as seitas e credos desfrutam de paz e felicidade em sua presença. Quem pode penetrar em seus sentimentos e nos contar a profundidade de sua experiência interior?"

Médico: " 'Todas as coisas para todos os homens.' Não aprovo isto apesar de São Paulo dizê-lo."

M.: "Quem pode compreender o estado de sua mente? Ouvimo-lo dizer que a não ser que se esteja no ramo de linhas, não se pode distinguir a diferença entre a de nº 40 e 41. Somente um pintor pode apreciar outro pintor. A mente de um santo é muito profunda. Não se pode compreender todos os aspectos de Cristo a menos que se seja semelhante a Ele. Talvez a profunda realização do Mestre seja o que Cristo tenha querido dizer, quando falou: 'Sejam perfeitos como seu Pai nos Céus é perfeito.' "

Médico: "Que medidas tomaram para cuidar dele?"

M.: "No momento está designado diariamente um de seus devotos mais antigos para cuidar dele. Pode ser Girish Babu ou Ram Babu ou Balaram ou Suresh Babu ou Navagopal ou Kali Babu."

Era mais ou menos uma hora da tarde quando o médico e M. entraram no quarto do Mestre, no segundo andar. Shri Ramakrishna estava, como sempre, sorrindo, totalmente alheio à doença fatal que lhe consumia a vida. Entre os muitos devotos presentes no quarto estavam Girish, Naren mais jovem e Sarat. Às vezes permaneciam imóveis como a serpente diante do encantador, e às vezes mostravam grande alegria, como os amigos com o noivo. O médico e M. inclinaram-se profundamente ante o Mestre e sentaram-se no chão. À vista do médico, o Mestre disse, sorrindo, "Hoje estou me sentindo muito bem." Deu prosseguimento à conversa.

Mestre: "O que a simples erudição conseguirá sem discriminação e renúncia? Entro num estado estranho quando penso nos Pés de Lótus de Deus. Minha roupa cai no chão e sinto algo subindo dos pés à cabeça. Nesse estado vejo todos como simples palha. Se vejo um pundit sem discriminação e sem amor e devoção a Deus, considero-o simplesmente um pedacinho de palha.

"Um dia o Dr. Ramnarayan esteve discutindo comigo, quando subitamente entrei nesse estado. Disse-lhe, 'O que o senhor está dizendo? O que pode o senhor entender de Deus pelo raciocínio? Quão pouco o senhor pode compreender de Sua criação! Que pena! O senhor tem a mente pequenina de um tecelão!' Vendo meu estado mental começou a chorar e gentilmente acariciou meus pés."

Médico: "Ramnarayan agiu assim porque é um hindu. Além disso gosta de flores e pasta de sândalo. É um hindu ortodoxo."

M. (*a si mesmo*): "O Dr. Sarkar diz que ele não tem nada a ver com gongo e conchas!" [1].

Mestre: "Bankim[2] é um de seus pundits. Certa vez estive com ele. Perguntei-lhe, 'Qual é o dever de um homem?' Teve a petulância de responder, 'Comer, dormir e prazer sexual.' Essas palavras produziram em mim um sentimento de forte aversão. Eu disse, 'O que o senhor está dizendo? É muito mesquinho de sua parte. Aquilo em que se pensa dia e noite, e o que se faz todo o tempo, sai pelos seus lábios. Se um homem come rabanete, arrota rabanete.' Em seguida falamos muito sobre Deus. Havia, também, muita música religiosa no quarto e começamos a dançar. Bankim disse-me, 'Senhor, por favor venha à nossa casa um dia.' 'Isto depende da vontade de Deus', respondi. 'Ali também', disse, 'o senhor encontrará devotos de Deus.' Ri e disse, 'Que espécie de devotos são? São como aqueles que dizem 'Gopal! Gopal?' "

[1] Estes são usados pelos hindus no templo, para adoração da Divindade.

[2] Bankim Chandra Chatterji, o conhecido escritor de Bengala.

Médico: "Que história é esta de 'Gopal! Gopal!' "

Mestre (*com um sorriso*): "Havia um ourives que tinha uma joalheria. Parecia ser um grande devoto, um verdadeiro vaishnava, com contas ao redor do pescoço, rosário na mão e marcas na testa. Naturalmente as pessoas confiavam nele e vinham à sua loja a negócios. Pensavam que sendo um homem tão piedoso, nunca os enganaria. Cada vez que um grupo de fregueses entrava na loja, ouvia um dos artesãos dizer, 'Keshava! Keshava!' Pouco tempo depois, um outro dizia, 'Gopal! Gopal!' Logo um terceiro homem murmurava 'Hari! Hari!' Por fim alguém dizia, 'Hara! Hara!' Ora, como o senhor sabe, estes são nomes diferentes de Deus. Ouvindo cantar assim os nomes de Deus, os fregueses naturalmente pensavam que esse ourives deveria ser uma pessoa muito elevada. Mas o senhor pode imaginar a verdadeira intenção do ourives? O homem que dizia 'Keshava! Keshava! [3] perguntava '*Quem são eles?' – '*Quem são estes fregueses?' O homem que dizia 'Gopal! Gopal!' transmitia a idéia de que os fregueses eram simplesmente uma *manada de vacas*. Essa era a opinião que ele fazia deles, depois da troca de poucas palavras. O homem que dizia 'Hari! Hari!' perguntava, 'Uma vez que não são melhores que uma manada de vacas, então, *podemos roubá-los*? Aquele que dizia 'Hara! Hara!' dava seu consentimento, significando estas palavras, *'Roube-os* de qualquer jeito, já que são simples vacas!'(*Todos riem*).

"Uma vez fui a um certo lugar com Mathur Babu. Muitos pundits vieram discutir comigo. Vocês sabem que sou um tolo. (*Todos riem*). Os pundits notaram este meu modo estranho. Quando a conversa terminou, disseram-me, 'Senhor, depois de ouvir suas palavras, tudo o que estudamos anteriormente, nosso conhecimento e erudição provaram ser simplesmente nada. Agora compreendemos que não falta sabedoria a um homem se tiver a graça de Deus. O tolo torna-se sábio e o mundo eloqüente!' Por isso digo que um homem não se torna erudito pelo mero estudo de livros.

"Sim, certo! Como pode um homem que tem a graça de Deus ter falta de conhecimento? Olhem para mim. Sou um tolo, não sei nada. Quem é, então, aquele que pronuncia estas palavras? O reservatório do Conhecimento de Deus é inesgotável. Em Kamarpukur há negociantes de grãos. Quando vendem o arroz, um homem pesa-os na balança e um outro empurra os grãos para ele e o supre com nova pilha. A tarefa do segundo é a de manter um suprimento constante de grãos na balança, empurrando-os de uma grande pilha. Ocorre o mesmo com minhas palavras. Quando estão a ponto de esgotarem a Mãe Divina envia novo suprimento do Seu estoque inesgotável de Conhecimento.

"Na minha infância Deus manifestou-Se em mim. Tinha então onze anos. Um dia enquanto caminhava por um arrozal, vi algo. Mais tarde soube que havia estado inconsciente e meu corpo completamente imóvel. Desde esse dia tornei-me uma pessoa completamente diferente. Comecei a ver uma outra pessoa dentro de mim. Quando fazia o culto no templo, minha mão, em vez de ir em direção à Divindade, muitas vezes vinha em direção à minha cabeça, colocando flores sobre ela. Um rapaz que vivia comigo, não se atrevia a aproximar-se de mim. Dizia, 'Vejo uma luz em seu rosto. Tenho medo de chegar muito perto.'

"O senhor sabe que sou um tolo. Nada sei. Quem é que diz todas essas coisas? Digo à Mãe Divina, 'Ó Mãe, sou a máquina e Tu és a Operadora. Sou a casa e Tu és a Moradora. Sou a carruagem e Tu és a Condutora. Faço o que me fazes fazer; falo como Tu me fazes falar; movo-me como Tu me fazes mover. Não sou eu! Não sou eu! Tudo és Tu!' Dela é a glória, somos somente Seus instrumentos. Uma vez Radha, para provar sua castidade, carregou na cabeça um jarro cheio de água. O jarro continha cem buracos, mas nenhuma gota de água saía. As pessoas começaram a louvá-la, dizendo, 'O mundo jamais verá uma mulher tão casta!' Então Radha disse-lhes, 'Por que me louvam? Digam, "Glória a Krishna! Salve Krishna! Sou somente Sua ajudante".'

"Uma vez neste estado estranho coloquei meu pé no peito de Vijay. O senhor sabe o quanto o respeito – e coloquei o pé em seu corpo! O que me diz disso?"

Médico: "Mas agora o senhor deve tomar cuidado."

Mestre (*de mãos postas*): "O que posso fazer? Fico completamente inconsciente naquele estado. Não sei, então, o que estou fazendo."

---

[3] Esses nomes de Deus em bengali têm duplo sentido. O segundo significado de cada palavra está dado em letras itálicas.

Médico: "O senhor deve ter cuidado. Não adianta agora ficar de mãos postas e mostrar arrependimento!"

Mestre: "Posso fazer alguma coisa nesse estado? O que o senhor pensa deste estado? Se pensa que é simulação, então direi que seu estudo da 'ciência' e tudo isso não vale nada."

Médico: "Escute, senhor! Será que eu viria vê-lo com tanta freqüência se pensasse que era simulação? O senhor sabe que deixo de lado meus compromissos para vir aqui. Não posso visitar muitos pacientes, porque passo seis ou sete horas seguidas aqui."

Mestre: "Uma vez disse a Mathur Babu, 'Não pense que alcancei meu objetivo porque você, um homem rico, me respeita. Importa-me muito pouco se você obedece ou não.' Naturalmente o senhor deve recordar-se que um simples homem não pode fazer nada. É somente Deus quem faz uma pessoa obedecer a outra. O homem é palha e poeira diante de Deus."

Médico: "O senhor pensa que o obedeço porque um certo pescador [4] o obedece? ... Sem dúvida o respeito; respeito-o como homem."

Mestre: "Eu lhe peço para me respeitar?"

Girish: "Ele pede para respeitá-lo?"

Médico (*ao Mestre*): "O que o senhor está dizendo? Diz que isto é a vontade de Deus?"

Mestre: "O que mais pode ser? O que um homem pode fazer diante da vontade de Deus? Arjuna disse a Shri Krishna no campo de batalha de Kurukshetra, 'Não lutarei. É impossível para mim matar meus próprios parentes.' Shri Krishna respondeu, 'Arjuna, você terá que lutar. Sua própria natureza o fará lutar.' Então Shri Krishna revelou a Arjuna que todos os homens no campo de batalha já estavam mortos [5].

"Uma vez alguns Shikhs foram ao templo de Kali em Dakshineswar. Disseram, 'Veja, as folhas da árvore ashattha estão balançando.

Isto também é devido à vontade de Deus.' Sem Sua vontade nem mesmo uma folha pode mover-se."

Médico: "Se tudo é feito pela vontade de Deus, então por que o senhor conversa? Por que o senhor fala tanto de levar conhecimento aos outros?"

Mestre: "Ele me faz falar, por isso falo, 'Sou a máquina e Ele o Operador'."

Médico: "O senhor diz que é a máquina. Está muito bem, ou então fique quieto, sabendo que tudo é Deus."

Girish (*ao doutor*): "O que quer que o senhor pense, a verdade é que agimos porque Ele nos faz agir. Pode alguém dar um simples passo contra a vontade do Todo Poderoso?"

Médico: "Mas Deus também nos deu livre arbítrio. Posso ou não pensar em Deus como eu preferir."

Girish: "O senhor pensa em Deus ou faz alguma coisa boa porque gosta. Na realidade não é o senhor que faz essas coisas, mas o seu gosto de fazê-las o leva a fazê-las."

Médico: "Por que deve ser assim? Faço essas coisas como dever."

Girish: "Mesmo assim é porque o senhor gosta de cumprir com seu dever."

Médico: "Suponhamos que uma criança está se queimando. Devido ao sentido de dever corro para salvá-la."

Girish: "O senhor sente-se feito salvando a criança; por isso corre para o fogo. É sua felicidade que o leva à ação. Um homem toma ópio sendo tentado por tais gostos como arroz empapado ou batatas fritas." (*Risada*).

Mestre: "Um homem deve ter alguma espécie de fé antes de empreender um trabalho. Além disso sente-se feliz quando pensa nele. Somente então está pronto para executar o trabalho. Suponhamos que um jarro deve ter fé que o jarro com moedas de ouro está ali. Sente alegria somente ao pensar no jarro. Então começa a cavar. Enquanto retira a terra ouve o som metálico. Isto aumenta sua alegria. Logo vê a beirada do jarro. Isso lhe dá mais alegria. Assim sua alegria está sempre crescendo. No pórtico do templo de Kali, observei os ascetas acendendo o cânhamo para fumar. Vi suas faces brilhando com a antecipação de fumar."

---

[4] Alusão a Mathur Babu que pertencia à casta inferior dos pescadores.

[5] Referindo-se ao décimo capítulo do *Gita*.

Médico: "Tome o caso do fogo. Tanto dá calor quanto luz. A luz sem dúvida ilumina os objetos mas o calor queima o corpo. Da mesma maneira, não é somente pura satisfação que se colhe do cumprimento do dever. O dever tem seu lado doloroso, também."

M. (*Girish*): "Como diz o provérbio, 'Se o estômago enche, então as costas podem suportar uns poucos golpes do anfitrião,' Há, também, alegria na tristeza."

Girish (*ao médico*): "O dever é árido".

Médico: "Por que?"

Girish: "Então é agradável." (*Todos riem*).

M.: "Assim chegamos ao ponto de que se gosta do ópio pelo gosto das delícias que são servidas com ele."

Girish (*ao médico*): "O trabalho deve ser agradável, senão por que o faz?"

Médico: "A mente é dirigida nesse sentido."

M. (*a Girish*): "Esta má inclinação puxa a mente. Se não fala de um poder que impulsiona esta inclinação, então, onde está o livre arbítrio?"

Médico: "Não digo que a vontade seja completamente livre. Suponhamos que uma vaca esteja presa com uma corda. É livre dentro da extensão da corda, mas quando sente o puxão da corda."

Mestre: "Jadu Mallick também deu esta ilustração. (*Ao Naren mais jovem*) Está mencionado em algum livro inglês?

(*Ao médico*) "Escute. Se um homem verdadeiramente crê que somente Deus faz tudo, que Ele é o Operador e o homem a máquina, é certamente liberado em vida. 'Tu fazes Teu trabalho, os homens o consideram seu.' Sabe como é? A filosofia Vedanta dá um exemplo. Suponhamos que o senhor esteja cozinhando arroz numa panela, com batatas, beringela e outros legumes. Depois de algum tempo as batatas, beringelas, arroz e o restante, começam a pular dentro da panela. Parecem dizer com orgulho, 'Estamos pulando! Estamos pulando!' As crianças vêem e pensam que as batatas, beringelas e o arroz estão vivos e por isso, pulam, mas os mais velhos, que sabem, explicam a elas, que os legumes e o arroz não estão vivos; não pulam por si mesmos, mas por causa do fogo que está debaixo da panela, e que se o senhor retirar a madeira que está queimando do forno, não mais se moverão. Assim também o orgulho do homem de que ele é aquele que faz, surge da ignorância. Os homens são poderosos por causa do poder de Deus. Tudo fica quieto quando aquela madeira que está queimando, seja retirada. As marionetes dançam bem no palco quando manejadas por um arame, mas não podem mover-se quando o arame escapa.

"Um homem abrigará a ilusão de que é aquele que faz, até que não tenha tido a visão de Deus, até que não tenha sido tocado pela Pedra Filosofal. Enquanto isso fará distinção entre suas ações boas e más. Esta consciência da distinção é devida à maya de Deus e é necessária para o propósito de dirigir Seu mundo ilusório, mas um homem pode atingir Deus se tomar refúgio em Sua vidyamaya e seguir o caminho da retidão. Aquele que realmente conhece Deus e O vê, é capaz de ir além de maya. Aquele que crê firmemente que somente Deus é o que faz e que ele é um simples instrumento, é um jivanmukta, uma alma livre, embora viva num corpo. Falei disso com Keshab Chandra Sen."

Girish (*ao médico*): "Como o senhor sabe que existe o livre arbítrio?"

Médico: "Não sei, mas pelo raciocínio, eu o sinto."

Girish: "Neste caso posso dizer que eu e os outros sentem o contrário. Sentimos que somos controlados por outra pessoa"." (*Todos riem*).

Médico: "Há dois elementos no dever: primeiro, a sensação de obrigação de um dever, a felicidade que vem como efeito posterior, mas no estágio inicial esta felicidade não é motivo, imperioso. Na infância eu observava a grande preocupação do sacerdote ao ver as formigas nos doces oferecidos à Divindade. No primeiro instante ele não sentia em pensar nos doces. Ficava preocupado com eles."

M. (*a si mesmo*): "É difícil dizer se uma pessoa sente-se feliz enquanto cumpre o dever ou depois. Onde está o livre arbítrio de um homem se ele executa uma ação, impelido por um sentimento de felicidade?"

Mestre: "O que o senhor falou é chamado amor sem qualquer motivo egoísta. Não quero nada do Dr. Mahendra Sarkar; não necessito nada dele, mas mesmo assim gosto de vê-

lo. Isto é amor pelo próprio amor, mas suponhamos que eu consiga um pouco de alegria com isto, o que posso fazer?"

"Ahalya uma vez disse a Rama, 'Ó Rama, não faço objeção de nascer até como porco, mas por favor concede-me a graça que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus. Nada mais desejo."

"Narada foi a Ayodhya para lembrar a Rama que Ele devia matar Ravana. Ao ver Rama e Sita começou a cantar Suas glórias. Satisfeito com a devoção de Narada, Rama disse, 'Narada, estou satisfeito com sua oração. Peça-me uma graça.' Narada respondeu, 'Ó Rama, se Tu tens que me conceder uma graça, conceda-me que eu possa ter puro amor por Teus Pés de Lótus, e que não possa ser iludido por Tua maya sedutora.' Rama disse, 'Peça-me algo mais.' 'Não, Rama', respondeu Narada. 'Nada mais quero, somente puro amor por Teus Pés de Lótus, um amor que não pede retorno.'

"Esta é a atitude do Dr. Sarkar. É como buscar somente Deus, não Lhe pedindo riqueza, fama, comodidades ou qualquer outra coisa. Isso se chama puro amor.

"Há, sem dúvida, um elemento de felicidade nisso, mas não se trata de felicidade mundana; é a alegria de bhakti e prema, devoção a Deus, amor a Ele. Eu costumava ir à casa de Sambhu Mallick. Uma vez ele me disse, 'O senhor vem aqui com freqüência. Sim, o senhor vem porque sente-se feliz conversando comigo.' Sim, há esse tipo de felicidade.

"Mas há um estado mais elevado do que este. Quando um homem o alcança, anda sem rumo como uma criança. Enquanto a criança caminha, talvez encontre um grilo e o apanhe. O homem nesse estado exaltado também não tem um objetivo definido.

(*Aos devotos*): "Não compreendem o sentimento interior do médico? É a oração de um devoto a Deus, visando um bom propósito, a fim de não ter alguma inclinação para coisas más.

"Eu também passei por esse estado. É chamado dasya, a atitude de um servo para com seu amo. Costumava chorar tão amargamente com o nome da Mãe Divina nos lábios, que as pessoas juntavam-se à minha volta. Quando me encontrava naquele estado, alguém para me testar e para me curar daquele loucura, trouxe uma prostituta ao meu quarto. Era linda, com olhos maravilhosos. Chorei, 'Ó Mãe! Ó Mãe!' e precipitei-me para fora do quarto. Corri para Haladhar e disse, 'Irmão, veja quem entrou em meu quarto!'. Falei a Haladhari e a todos sobre aquela mulher. Enquanto me encontrava naquele estado costumava chorar com o nome da Mãe em meus lábios. Chorando, dizia-Lhe, 'Ó Mãe, protege-me! Por favor torna-me puro. Por favor cuide que minha mente não se desvie do Real para o irreal'. (*Ao médico*) Esta sua atitude é também muito boa. É a atitude de um devoto que olha Deus como seu Mestre.

"Quando um homem desenvolve puro sattva, pensa somente em Deus. Não gosta de mais nada. Alguns nascem com puro sattva como resultado de seu prarabdha karma. Por meio do trabalho desapegado uma pessoa, por fim adquire puro sattva. Sattva misturado com rajas desvia a mente para diversos objetos. Disso nasce o conceito de fazer o bem ao mundo. Fazer bem ao mundo é extremamente difícil para um ser tão insignificante como o homem, mas não há mal em fazer bem aos outros com desapego. Isto é chamado ação desinteressada. É altamente benéfico para uma pessoa tentar praticar uma tal ação, mas em hipótese alguma todos são bem-sucedidos, porque é muito difícil. Todos devem trabalhar, mas somente um ou dois podem renunciar à ação. Raramente o senhor encontra alguém que tenha desenvolvido puro sattva. Por meio da ação desinteressada, sattva misturada com rajas gradualmente se converte em puro sattva.

"Logo que um homem desenvolve puro sattva realiza Deus, por Sua graça.

"Pessoas comuns não podem compreender puro sattva. Hem uma vez disse-me, "Bem, sacerdote! A meta da vida humana é conquistar nome e fama. Não é?"

Terça-feira, 27 de outubro de 1885

Shri Ramakrishna estava sentado em seu quarto. Narendra e outros devotos estavam presentes. O Mestre conversava com eles. Eram mais ou menos dez horas da manhã.

Narendra: "Como o médico se portou de maneira estranha ontem!"

Um devoto: "Sim, o peixe engoliu o anzol mas a linha partiu-se."

Mestre (*sorrindo*): "Mas o anzol está na boca do peixe. Este morrerá e flutuará."

Narendra saiu por um momento. Shri Ramakrishna conversava com M. sobre Purna.

Mestre: "O devoto que se considera Prakriti gosta de abraçar e beijar Deus, a quem considera Purusha. Estou dizendo isto somente a você. Pessoas comuns não devem ouvir estas coisas."

M. "Deus diverte-se de diversas maneiras. Mesmo esta sua enfermidade é um de Seus jogos. Por causa da doença, novos devotos estão chegando."

Mestre (*sorrindo*): "Bhupati diz, 'O que teriam as pessoas pensado do senhor se tivesse alugado uma casa sem estar doente?' Bem, o que aconteceu ao médico?"

M. "No que diz respeito a Deus, ele aceita para si a atitude de um servo. Diz, 'Tu és o Mestre e eu sou Teu servo', mas logo me pergunta. Por que você aplica a idéia de Deus a um homem?' "

Mestre "Ora! Você irá vê-lo hoje?"

M.: Vou vê-lo se for necessário informá-lo sobre seu estado."

Mestre: "O que acha desse rapaz Bankim? Se ele não puder vir aqui, você pode dar-lhe instrução. Isto despertará sua consciência espiritual."

Narendra entrou no quarto e sentou-se próximo de Shri Ramakrishna. Desde a morte de seu pai estivera muito preocupado com a situação financeira da família. Agora tinha que sustentar a mãe e os irmãos. Além disso, estava preparando-se para o vestibular de Direito. Recentemente trabalhara como professor na Vidyasagar School em Bowbazar. Queria resolver os problemas da família e livrar-se assim de todas as preocupações. Shri Ramakrishna sabia de tudo. Olhava com carinho para Narendra.

Mestre (*a M.*): " 'Eu disse a Keshab, 'Deve-se ficar satisfeito com o que vem sem ser esperado.' O filho de um aristocrata não se preocupa com o que comer, e com o que beber. Tem sua mesada mensal. Narendra também pertence a um plano superior. Por que então, encontra-se nesta situação tão premente? Deus certamente provê todo homem que se entrega por completo a Ele."

M.: "Narendra também será provido. Não é tarde demais para ele."

Mestre: "Mas um homem que sente internamente uma intensa renúncia, não pensa assim. Não diz para si, 'Primeiro farei alguma coisa para minha família e depois, praticarei sadhana.' Não, não sente assim, se desenvolveu intenso desapego. Um goswami, no curso de sua pregação, disse, 'Se um homem tem dez mil rupias pode viver de renda e assim, livre de preocupações, pode orar a Deus.'

"Keshab Sen também disse algo parecido. Disse-me, 'Senhor, suponhamos que um homem queira, em primeiro lugar, organizar de forma conveniente suas propriedades, para em seguida, pensar em Deus, será bom proceder assim? Há algum mal nisso?' Disse-lhe, 'Quando um homem sente intenso desapego, considera o mundo um poço profundo e seus parentes, cobras venenosas. Ele não pode pensar em economizar dinheiro e acertar suas propriedades.' Somente Deus é real e tudo o mais ilusório. Pensar no mundo em vez de pensar em Deus!

"Uma mulher foi tomada de intenso pesar. Primeiro prendeu a argola no nariz num canto da roupa e em seguida, atirou-se ao chão, dizendo, 'Ó amigos, que desgraça caiu sobre mim!' mas teve muito cuidado para não partir a argola do nariz."

Todos riram. A essas palavras Narendra sentiu-se como que atingido por uma flecha e deitou-se no chão. M. compreendeu o que estava se passando na mente de Narendra e disse com um sorriso: "O que há? Por que está no chão?"

O Mestre disse a M., sorrindo, "Você me faz lembrar uma mulher que sentiu-se envergonhada por ter dormido com o cunhado, e que não podia compreender a conduta daquelas mulheres que viviam como amantes de estranhos. Assim, para se desculpar disse, 'Afinal, cunhado é da família. Mas mesmo isso me mata de vergonha. Como essas mulheres se atrevem a viver com estranhos?' "

O próprio M. levara uma vida mundana. Em vez de ficar envergonhado com sua conduta, sorriu para Narendra. Por isso Shri Ramakrishna referiu-se ao comportamento da mulher que criticava a conduta de mulheres imorais, embora ela mesma mantivesse um amor ilícito com seu cunhado.

Um menestrel vaishnava cantava no andar térreo. Shri Ramakrishna apreciara seu canto e pediu que alguém lhe desse algum dinheiro. Um devoto desceu. O Mestre perguntou-lhe: "Quanto deu para o cantor?" Quando soube que dera somente dois pice, disse, "Só isto? Este dinheiro é fruto de seu servilismo. Como teve que adular seu patrão e sofrer para ganhá-lo! Pensei que lhe tivesse dado pelo menos quatro annas."

Naren mais jovem mostrou a Shri Ramakrishna, como prometera, a natureza da eletricidade com um instrumento.

Eram mais ou menos duas horas. Shri Ramakrishna e os devotos estavam sentados no quarto. Atul trouxera um amigo oficial de justiça. Bagchi, famoso pintor de Shikdarpara chegou. Mostrou a Shri Ramakrishna diversas pinturas, que ele examinou atentamente, com grande alegria.

Bagchi tinha cabelos compridos como os de uma mulher. Shri Ramakrishna disse, "Há muitos dias atrás, um sannyasi, com um cabelo de nove cúbitos de comprimento, chegou a Dakshineswar. Com muita sinceridade cantava o nome de Radha. Era um grande devoto."

Pouco tempo depois Narendra começou a cantar. A idéia de renúncia dominava todas suas canções. Cantou:

> Ó Senhor, devem meus dias passar tão completamente em vão?
> Descendo o caminho da esperança, olho lamentando, dia e noite. ...

Em seguida cantou:

> Ó Mãe, Tu és meu Guia interior, sempre desperta dentro do meu coração;
> Dia e noite Tu me carregas em Teu colo.

Então cantou:

> Ó Senhor misericordioso, se como uma abelha
> Minha alma não puder pousar
> Profundamente no Lótus de Teus Pés,
> Que alegria posso encontrar na vida?
> O que posso ganhar com riqueza incontável,
> Se descuido de Ti, a Riqueza suprema?
>
> Não tenho qualquer prazer na visão
> Do rosto infantil mais adorável
> Se todo esse amor não revela
> Qualquer traço de Tua fisionomia tão querida.
> O luar não tem significado para mim.
> Como a mais escura noite, se a lua de Teu amor
> Não se levanta no firmamento de minha alma.
> O mais puro amor imaculado da esposa
> É maculado se nele não for colocada
> A pedra preciosa inestimável do amor divino.
>
> Ó Senhor, sempre que dúvidas sobre Ti,
> Nascida do erro crasso e da negligência
> Assaltaram minha mente, eu me contorço de dor
> Como picado pelos comilhos de uma serpente venenosa
> O que mais, Ó Mestre direi?
> Tu és a mais preciosa Jóia do meu coração,
> A Morada da Alegria Duradoura.

Eram cinco e meia da tarde quando o Dr. Sarkar chegou ao quarto do Mestre em Shyampukur, tomou seu pulso e receitou o remédio adequado. Muitos devotos estavam presentes incluindo Narendra, Girish, Dr. Dukati, Naren mais jovem, Rakhal, M., Sarat e Shyam Basu.

O Dr. Sarkar falou um pouco sobre a doença do Mestre e observou-o enquanto tomava a primeira dose do remédio. Shri Ramakrishna começou a conversar com Shyam Basu. Dr. Sarkar levantou-se para ir embora, dizendo, "Agora que o senhor está conversando com Shyan Basu, vou dizer-lhe adeus."

O Mestre e um devoto perguntaram ao médico se queria ouvir algumas canções.

Dr. Sarkar (*ao Mestre*): "Gostaria muito, mas a música o torna travesso como uma criança, fazendo todos os tipos de cabriolas. O senhor tem que reprimir sua emoção."

Dr. Sarkar voltou a se sentar e Narendra começou a cantar com voz doce, acompanhado do tanpura e mridanga.

Este universo, maravilhoso e infinito.
Ó Senhor é Tua arte;
O mundo inteiro é o tesouro
Pleno de Tua beleza e graça...

Novamente cantou:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece.
Por isso os yogis meditam numa escura caverna da montanha.
No colo do escuro infinito, nas grandes ondas de Mahanirvana,
A paz flui serena e inesgotável.
Tomando a forma do Vazio, agasalhada no manto da escuridão.
Quem és Tu, Mãe, sentada sozinha no santuário de samadhi?
Do Lótus de Teus Pés que afugentam o medo, brilham os relâmpagos de Teu amor.
O Rosto de Teu Espírito resplandece com uma gargalhada terrível e estrondosa!

Dr. Sarkar disse a M., "Esta canção é perigosa para ele", Shri Ramakrishna perguntou a M. o que o médico dissera. M. respondeu, "O doutor receia que esta canção possa levar sua mente ao samadhi."

Nesse meio tempo o Mestre perdera parcialmente a consciência do mundo exterior. Olhando para o médico, disse de mãos postas, "Não, não. Por que vou entrar em samadhi?" Mal havia pronunciado estas palavras entrou em êxtase profundo. O corpo ficou imóvel, os olhos fixos, a língua muda. Permaneceu como uma estátua, talhada em pedra, completamente inconsciente do mundo exterior. A mente, ego e todos os órgãos de percepção haviam se interiorizados. Parecia outra pessoa completamente diferente.

Narendra continuou suas canções, despejando nelas todo seu coração e alma.

Que beleza sem par! Que rosto sedutor contemplo!
O Soberano de minha alma entrou em minha humilde cabana.
As fontes de meu amor estão surgindo por toda a parte.
Diz-me então, meu Bem-Amado! Tu, Senhor de meu coração!
Que tesouro depositarei diante de Teus Pés de Lótus?
Toda minha vida, minha alma, o que mais posso oferecer?
Toma tudo o que é meu. Digna-Te aceitar tudo o que é meu.

Narendra continuou:

Ó Senhor misericordioso, se como uma abelha
Minha alma não pode pousar
Profundamente no Lótus de Teus Pés,
Que alegria posso encontrar na vida? ...

Assim que o médico ouviu as palavras, "O amor imaculado da esposa mais pura", os olhos encheram-se de lágrimas. "Ai de mim. Ai de mim!"

Narendra cantou novamente:

Ó quando raiará para mim aquele dia abençoado
Em que o Amor despertará em meu coração.

Quando minhas lágrimas cairão sem controle.
Enquanto repito o nome do Senhor Hari,
E todo meu anelo for atendido? ...

No meio do kirtan Shri Ramakrishna recobrou a consciência do mundo exterior. Quando Narendra terminou a canção, o Mestre continuou conversando, deixando todos fascinados. Os devotos, maravilhados, olhavam para seu rosto. Não apresentava o mais leve vestígio do intenso sofrimento ocasionado pela enfermidade. O rosto tinha o brilho da felicidade celestial.

Dirigindo-se ao médico, o Mestre disse, "Abandone sua falsa modéstia. Por que o senhor se envergonharia de cantar o nome de Deus? O provérbio diz muito bem, 'Não se pode realizar Deus enquanto tiver vergonha, ódio ou medo.' Abandone os conceitos tolos como, 'Sou um grande homem. Devo dançar chorando o nome de Deus? O que pensarão de mim outros grandes homens ao saberem disso? Poderão dizer que o médico, pobre homem, dançou pronunciando o nome de Hari, e assim, terem pena de mim.' Abandone todos esses conceitos tolos."

Médico: "Jamais me preocupo com o que as pessoas dizem. Não me importo absolutamente com suas opiniões."

Mestre: "Sim, conheço sua idéia firme a esse respeito." (*Todos riem*).

"Vá além de conhecimento e ignorância, somente então poderá realizar Deus. Saber muitas coisas é ignorância. O orgulho da erudição é, também, ignorância. A convicção inabalável de que somente Deus mora em todos os seres é jnana, conhecimento. Conhecê-Lo intimamente é vijnana, um Conhecimento mais profundo. Se um espinho entrar em seu pé, necessitará de um segundo espinho para retirar o primeiro. Quando ele for retirado, jogará fora ambos. O senhor tem que conseguir o espinho do conhecimento para remover o espinho da ignorância. Em seguida terá que abandonar ambos: conhecimento e ignorância. Deus está além do conhecimento e da ignorância.

Uma vez Lakshmana disse a Rama, 'Irmão é impressionante que um sábio como Vashishtha chore profundamente pela morte de seus filhos!' Rama disse, 'Irmão, aquele que tem conhecimento deve ter ignorância.. Aquele que tem conhecimento de uma coisa, deve também ter conhecimento de muitas coisas. Aquele que está consciente da luz é consciente da escuridão. Brahman está além do conhecimento e ignorância, virtude e vício, mérito e demérito, limpeza e sujeira."

Shri Ramakrishna recitou a seguinte canção de Ramprasad:

Venha, vamos dar um passeio, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede todos os Desejos.
E ali, embaixo d'Ela, colher os quatro frutos da vida ...
Quando vai aprender a permanecer, Ó mente, na morada da Bem-aventurança?
Com Pureza e Corrupção de cada lado?
Somente quando tiver encontrado o caminho
Para manter essas duas esposas harmoniosamente sob o mesmo teto,
Verá a incomparável forma da Mãe Shyama. ...

Shyam Babu: "Senhor, o que fica depois que se joga fora ambos os espinhos?"

Mestre: "*Nityashuddhabodharupan* – a Consciência Eterna é Sempre Pura, como posso lhe explicar? Suponhamos que um homem que nunca tenha provado ghee lhe pergunte, 'Qual o gosto de ghee?' Ora, como pode lhe explicar isto? No máximo pode dizer, 'Como é ghee? É ghee!' Uma jovem perguntou à amiga, 'Querida, seu marido está aqui. Que tipo de prazer experimenta com ele?' A amiga respondeu, 'Minha querida, você saberá quando tiver um marido. Como posso lhe explicar?'

"Está dito nos Puranas que Bhagavati, a Mãe Divina, uma vez nasceu como filha do rei Himalaya. Após seu nascimento, mostrou ao pai Suas muitas formas. O Senhor das montanhas, depois de desfrutar todas essas visões, disse à Mãe Divina, 'Gostaria de poder ter a visão de Brahman como está descrito nos Vedas!' Então a Mãe Divina respondeu, 'Pai, se o senhor quiser ter a visão de Brahman, deve viver na companhia dos homens santos.'

"O que Brahman é, não pode ser descrito em palavras. Alguém uma vez disse que tudo no mundo tornou-se impuro, como acontece com o alimento tocado pela língua, mas que

somente Brahman permanece sem mácula. O significado é que todas as escrituras e livros sagrados – os Vedas, os Puranas, os Tantras e outros – podem ser considerados contaminados porque seus conteúdos foram pronunciados pela língua, mas o que Brahman é, nenhuma língua até hoje foi capaz de descrever. Por isso Brahman ainda não foi contaminado. Não se pode descrever com palavras a felicidade do jogo e comunhão com Satchidananda. Somente a conhece, aquele que a realizou."

Dirigindo-se ao Dr. Sarkar, Shri Ramakrishna continuou, "Escute-me. Não se pode alcançar Conhecimento, a não ser que se esteja livre de egoísmo. Há um dito:

Quando serei livre?
Quando o 'eu' cessar de ser.

'eu' e 'meu' – isto é ignorância. 'Tu' e 'Teu' – isto é Conhecimento. Um verdadeiro devoto diz, 'Ó Deus, Tu és Aquele que faz; Tu somente fazes tudo. Tudo o que há no mundo – riqueza, possessões, enfim, o próprio universo – pertence a Ti. Esta casa e estes parentes são somente Teus, não meus. Sou Teu servo, somente tenho o direito de servir-Te de acordo com Teu comando.'

"Aqueles que leram poucos livros, não podem livrar-se de orgulho. Uma vez tive uma conversa com Kalikrishna Tagore a respeito de Deus. Imediatamente ele disse, 'Conheço tudo sobre isso', disse. Respondi, 'Pode um homem que visitou Delhi gabar-se disso? Um cavalheiro sai dizendo a todos que é um cavalheiro?' "

Shyam: "Mas Kalikrishna Tagore tem um grande respeito pelo senhor."

Mestre: "Ó, como a vaidade transtorna a cabeça de uma pessoa! Havia uma mulher que recolhia o lixo do templo de Dakshineswar. Ah, o orgulho dela! Tudo por causa de umas poucas jóias que possuía. Um dia alguns homens passaram perto ela, e ela gritou-lhes, 'Ei, vocês! saiam do caminho! Se uma pessoa tão humilde podia falar daquela maneira, o que se pode dizer da vaidade dos outros?"

Shyam: "Senhor, se Deus é o único que faz tudo, como é que um homem é castigado por seus pecados?"

Mestre: "Você fala como um ferreiro!"

Narendra: "Em outras palavras, Shyam Babu tem uma mente calculista, como o de um ferreiro que pesa as coisas em sua balança de precisão."

Mestre: "Digo, meu tolo rapaz, coma as mangas e seja feliz. Qual a utilidade que há em se calcular quantas centenas de árvores, quantos milhares de galhos e quantos milhões de folhas há no pomar? Veio ao pomar para comer mangas. Coma-as e fique satisfeito.

(*A Shyam*): "Você nasceu como ser humano para adorar a Deus, por isso trate de adquirir amor por Seus Pés de Lótus. Por que se preocupa em conhecer uma centena de outras coisas? O que ganhará em discutir 'filosofia'? Veja, um pouco de bebida alcoólica é suficiente para intoxicá-lo. De que serve saber quantos galões de bebidas alcoólicas há na taverna?"

Médico: "Exatamente, e o que é mais, o Vinho da Taverna de Deus está além de toda medida. Não há limite para Ele."

Mestre (*a Shyam*): "Por que não dá procuração a Deus? Coloque todas as suas responsabilidades sobre Ele. Se depositar todas as responsabilidades num homem honesto, ele fará mau uso do poder que tem sobre você? Somente Deus sabe se Ele castigará você ou não, por seus pecados."

Médico: "Somente Deus sabe o que há em Sua mente. Como pode um homem saber disso? Deus está além de todos os nossos cálculos."

Mestre (*a Shyam*): "Isto é o que vocês, habitantes de Calcutá, pensam. Todos dizem, 'Deus está manchado pelo mal da desigualdade', porque Ele fez algumas pessoas felizes e outras, desgraçadas. Aquilo que esses miseráveis vêem em si mesmos, vêem também em Deus.

"Hem tinha o hábito de vir ao templo de Dakshineswar. Sempre que me encontrava, dizia, 'Bem, sacerdote, há somente uma coisa que vale a pena neste mundo, que é a honra. Não é assim?' Poucos consideram que o propósito da vida humana é o amor e a realização de Deus."

Shyam: "Ouvimos falar muito a respeito do corpo sutil. Pode alguém mostrá-lo a nós? Pode alguém demonstrar que o corpo sutil, quando morre, deixa o corpo denso e vai embora?"

Mestre: "Os verdadeiros devotos não se importam em demonstrar estas coisas. O que a eles importa se algum tolo importante os respeite ou não? O desejo de ter um homem importante sob seu controle jamais passa por sua mente."

Shyam: "Qual a diferença entre o corpo denso e o sutil?"

Mestre: "O corpo formado dos cinco elementos densos é chamado corpo denso. O corpo sutil é formado da mente, ego, faculdade discriminativa e do estofo mental. Há, também, o corpo causal, por meio do qual uma pessoa desfruta a Felicidade de Deus e comunga com Ele. Os Tantras chamam-no Bhagavati Tanu, o Corpo Divino. Além desses está o Mahakarana, a Grande Causa. Esse plano também não pode ser expresso em palavras.

"Qual a utilidade de simplesmente ouvir? Faça alguma coisa! O que se ganhará repetindo a palavra 'siddhi'? Irá isto intoxicá-lo? Não se ficará intoxicado mesmo se fizer uma pasta de siddhi e esfregá-la em todo o corpo. Tem-se que comer um pouco. Como pode um homem reconhecer os fios de números diferentes, tais como os números quarenta e quarenta e um, a não ser que trabalhe neste negócio? Aqueles que negociam com linhas, não têm nenhuma dificuldade em distinguir uma de outra. Por isso digo, pratique um pouco de disciplina espiritual e conhecerá tudo – o denso, o sutil, o causal e a Grande Causa. Quando orar a Deus, peça somente puro amor por Seus Pés de Lótus.

"Quando Rama redimiu Ahalya[6] da maldição, disse-lhe, 'Peça-Me uma graça.' Ahalya respondeu, 'Rama, se Tu Te dignas conceder-me uma graça, então satisfaz meu desejo de que eu possa sempre meditar nos Teus Pés de Lótus, mesmo que nasça no corpo de um porco.'

"Eu orava à Mãe Divina somente por amor. Oferecia flores a Seus Pés de Lótus e dizia de mãos postas, 'Ó Mãe, aqui está Tua ignorância e aqui está Teu Conhecimento; toma ambos e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está Tua santidade e aqui está Tua impiedade, toma-as e dá-me puro amor por Ti. Aqui está Tua virtude e aqui está Teu erro; aqui está Teu bem e aqui está Teu mal; toma-os e dá-me somente puro amor por Ti. Aqui está meu dharma e aqui está Teu adharma; toma-os e dá-me somente puro amor por Ti.'

"Dharma significa boas ações, como dar em caridade. Se alguém aceita dharma, tem que aceitar adharma também. Se aceita a virtude, deve aceitar o pecado. Se aceita o conhecimento, deve aceitar a ignorância. Se aceita a santidade, deve aceitar a impiedade. É como um homem que é consciente da luz, é também consciente da escuridão. Se um homem for consciente de um, é também consciente de muitos. Se estiver consciente do bem, também estará consciente do mal.

"Abençoado é o homem que mantém seu amor aos Pés de Lótus de Deus, mesmo que coma carne de porco, mas se uma pessoa estiver apegada ao mundo, mesmo que viva de verduras cozidas e cereais, então –"

Médico: "É um fracasso, mas permita-me interrompê-lo aqui e dizer algo. Buda uma vez comeu carne de porco e como resultado, teve cólicas. Para curar-se da dor teve que tomar ópio e por isso ficou inconsciente. O senhor conhece o significado de Nirvana? Buda ficou entorpecido depois de tomar ópio. Perdeu a consciente do mundo exterior. Isto é o que eles chamam Nirvana!"

Todos riram ao ouvir esta nova interpretação de Nirvana. A conversa prosseguiu.

Mestre (*a Shyam*): 'Não há mal em levar a vida de um chefe de família. Faça suas obrigações com desapego, mas mantenha a mente fixa nos Pés de Lótus de Deus. Já deve ter notado que um homem com um furúnculo nas costas conversa com as pessoas normalmente e, talvez mesmo atenda às suas obrigações diárias, mas sua mente está o tempo todo na dor do furúnculo.

"Viva no mundo como uma mulher de vida livre. Embora faça suas obrigações domésticas, a mente está fixa no amante. (*Ao médico*) Compreendeu?"

Médico: "Como posso compreender se jamais tive esta experiência?"

Shyam: "Ó, sim! O senhor compreende um pouco. (*Todos riem*).

---

[6] Ver nota 6 ao pé da pág. 36 , Capítulo XXXVI

Mestre: "Além disso ele teve uma larga experiência neste ramo. Não é assim?(*Todos riem*).

Shyam: "Senhor, o que pensa da Teosofia?"

Mestre: "Em resumo, todos aqueles que andam por aí fazendo discípulos, pertencem a um nível muito baixo. O mesmo acorre com aqueles que buscam poderes ocultos para caminhar sobre o Ganges, relatar o que uma pessoa diz num país distante e assim por diante. É muito difícil para elas ter puro amor por Deus."

Shyam: "Mas os teosofistas vêm tentando restabelecer a religião hindu."

Mestre: "Não conheço muito sobre eles.

Shyam: "Mas pode-se saber da Teosofia, onde a alma vai depois da morte – se para a esfera lunar, estelar ou qualquer outra região."

Mestre: "Isto é verdade, mas vou lhes dizer qual é a minha atitude. Uma vez um homem perguntou a Hanuman, 'Que dia da quinzena lunar é?' Hanuman respondeu, 'Não conheço nada a respeito dos dias da semana, dos dias da quinzena lunar, da posição das estrelas no céu ou coisas semelhantes. Quero somente meditar em Rama.' Esta é também a minha atitude."

Shyam: "Os teosofistas acreditam na existência de mahatmas. O senhor crê neles?"

Mestre: "Se acredita em minhas palavras, digo que sim, mas por favor deixe esses assuntos para lá. Volte aqui novamente, quando eu melhorar. Será encontrada uma maneira pela qual você consiga paz de espírito, se tiver fé em mim. Já deve ter notado que não aceito qualquer doação em dinheiro ou roupa. Não fazemos coletas aqui. Por isso muitas pessoas vêm aqui. (*Risada*).

(*Ao médico*) "Se o senhor não se ofender, vou dizer algo mais. É isso; o senhor já teve muitas coisas como dinheiro, honras, conferências etc. Agora por uns dias direcione sua mente para Deus e venha de vez em quando. Seu sentimento espiritual se acenderá, escutando palavras sobre Deus."

Depois de algum tempo, como o médico se levantara para se despedir, Girish, Chandra Ghosh entrou no quarto e inclinou-se profundamente diante do Mestre. O Dr. Sarkar ficou contente em vê-lo e sentou-se novamente.

Médico (*apontando para Girish*): "Naturalmente ele não viria enquanto eu estivesse aqui, portanto decidi sair, e ele entrou no quarto."

Girish e Dr. Sarkar começaram a conversar sobre a Science Association, fundada pelo último.

Mestre: "Pode levar-me lá uns dias destes?"

Médico: "Se o senhor for, perderá toda consciência ao ver os trabalhos maravilhosos de Deus."

Mestre: "Ó, certamente!"

Médico (*a Girish*): "Por favor não o adore como Deus, está virando a cabeça deste bom homem."

Girish: "Que outra coisa posso fazer? Ó, de que outro modo olharei uma pessoa que me levou através deste oceano do mundo, e o que é mais, do oceano da dúvida? Não há nada nele que eu não considere sagrado. Posso alguma vez considerar, mesmo que sejam suas fezes, como sujas?"

Médico: "Esta questão de fezes não me perturba, não tenho repugnância. Uma vez o filho de um dono de um armazém foi ao meu consultório para exame. Seus intestinos funcionaram. Todos cobriram o nariz com um pano, mas eu sentei-me a seu lado durante meia hora sem colocar o lenço no nariz. Não posso tapar o nariz quando o lixeiro passa por mim com a tina na cabeça. Não, não posso fazer isto. Sei muito bem que não há diferença entre o lixeiro e mim. Por que haveria de menosprezá-lo? Não posso tomar a poeira de seus pés? [referindo-se a Shri Ramakrishna]? Olhe!"

O médico saudou Shri Ramakrishna e tocou os pés do Mestre com a testa.

Girish: "Ó, os anjos estão dizendo, 'Abençoado seja este momento auspicioso!' "

Médico: "O que há de extraordinário em tomar a poeira dos pés de um homem? Posso tomar a poeira dos pés de qualquer um. Dêem-me, todos vocês, a poeira de seus pés."

O médico tocou os pés de todos os devotos.

Narendra (*ao médico*): "Consideramos o Mestre um Deus. Sabe, senhor, como é? Há um ponto entre a criação vegetal e a criação animal, onde é muito difícil determinar se uma determinada coisa é um vegetal ou um animal. Também há um estágio entre o mundo do humano e o mundo de Deus, onde é extremamente difícil dizer se uma pessoa é homem ou Deus."

Médico: "Bem, meu caro amigo, não se pode aplicar analogias às coisas divinas."

Narendra: "Não digo que ele é Deus. Digo que é como um homem com atributos divinos."

Médico: "Deve-se reprimir seus sentimentos neste assunto. É mal dar livre curso a eles. Ninguém compreende meus sentimentos. Até meu melhor amigo pensa de mim como duro e cruel. Até pessoas como o senhor talvez um dia me jogarão na rua depois de me bater com seus sapatos."

Mestre: "Não diga uma coisa dessas! As pessoas o amam tanto! Ficam esperando o senhor chegar, como as noivas esperam a chegada do noivo, na câmara nupcial."

Girish: "Todos têm o maior respeito pelo senhor."

Médico: "Meu filho e mesmo minha esposa consideram-me uma pessoa de coração duro, mas meu único crime é que não consigo demonstrar meus sentimentos."

Girish: "Neste caso seria mais prudente para o senhor, abrir a porta de seu coração, pelo menos por compaixão a seus amigos, já que acha que de outra maneira eles não podem compreendê-lo."

Médico: "O senhor acredita em mim quando digo que meus sentimentos trabalham mais do que os seus? (*A Narendra*) Derramo lágrimas em solidão.

(*A Shri Ramakrishna*) Posso dizer algo? Quando está em êxtase, põe o pé no corpo dos outros. Não é bom."

Mestre: "O senhor pensa que naquele momento, sei que estou tocando uma outra pessoa com o pé?"

Médico: "O senhor sente que não é correto fazê-lo, não é?"

Mestre: "Como posso lhe explicar o que sinto em samadhi? Depois de descer daquele estado, às vezes, penso que minha doença é devida ao samadhi. O que ocorre é que o pensamento de Deus me enlouquece. Tudo resulta de minha loucura divina. Como vou resolver este problema?"

Médico: "Agora ele aceita meu ponto de vista. Expressa pesar pelo que faz. Está consciente de que o ato é incorreto."

Mestre (*a Narendra*): "Você é muito inteligente. Por que não responde? Explique tudo isso ao médico."

Girish (*ao médico*): "O senhor está equivocado. Ele não está expressando pesar por tocar os corpos de seus devotos, durante o samadhi. Seu próprio corpo é puro, imaculado. Se toca os outros desta maneira é somente para o próprio bem deles. Às vezes imagina que pode ter contraído esta enfermidade pelo fato de ter tomado os erros dos outros sobre seus ombros."

"Pense em seu próprio caso. Uma vez o senhor estava com cólica. Não lamentou naquele momento ter sentado e ficado lendo até altas horas da noite? Será que isto prova que ler até altas horas da noite é, em si mesmo, uma coisa má? Shri Ramakrishna pode lamentar estar doente, mas isto não o faz sentir que seja errado de sua parte, tocar os outros para o bem deles."

Dr. Sarkar sentiu-se um tanto embaraçado e disse a Girish: "Confesso minha derrota. Dê-me a poeira de seus pés." Saudou Girish.

Médico (*a Narendra*): "Qualquer coisa a mais que se possa dizer a respeito de Girish, tem-se que admitir seus poderes intelectuais."

Narendra (*ao médico*): "O senhor tem que olhar o problema de outro ponto de vista. Pode dedicar sua vida à pesquisa científica, sem pensar em si e em confortos materiais, mas a ciência de Deus é a maior de todas. Não é natural que se ponha a saúde a risco para realizá-Lo?"

Médico: "Todos os reformadores religiosos, incluindo Jesus, Chaitanya, Buda, Maomé etc., na verdade foram egoístas. Todos disseram, 'Somente tudo o que digo é verdadeiro.' Que atitude chocante!"

Girish (*ao médico*): "Agora o senhor está cometendo o mesmo erro. Acusa todos de serem egoístas, encontrando defeitos neles. Por esta razão pode, também, ser acusado de egoísmo."

Dr. Sarkar permaneceu em silêncio.

Narendra (*ao médico*): "Nós lhe oferecemos adoração como é a um ser divino."

A estas palavras o Mestre riu como uma criança.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 48

NA COMPANHIA DE DEVOTOS EM SHYAMPUKUR

Sexta-feira, 29 de outubro de 1885

ERAM MAIS OU MENOS dez horas da manhã quando M. chegou na casa do Dr. Sarkar em Sankharitola, Calcutá, para informá-lo sobre o estado de Sri Ramakrishna. M. e o Dr. Sarkar começaram a conversar.

Doutor: "Veja, o Dr. Behari Bhaduri sempre toca na mesma coisa. Diz que o espírito de Goethe saiu do corpo e que o próprio Goethe o viu. Deve ter sido muito interessante."

M.: "Como Sri Ramakrishna diz, o que ganharemos com estas discussões? Viemos a este mundo para cultivar devoção aos Pés de Lótus de Deus. Ele nos conta a história de um homem que entrou num pomar para comer mangas. Mas em vez de comer a fruta, pegou um papel e lápis e começou a anotar o número de árvores, galhos e folhas do pomar. Um empregado viu-o e perguntou: 'O que está fazendo? Por que veio aqui?' O homem respondeu: 'Vim aqui comer mangas, mas agora estou contando as árvores, os galhos e as folhas do pomar.' A isto o empregado disse: 'Se o senhor veio aqui comer mangas, então aproveite. O que vai ganhar contando as árvores, galhos e folhas?'"

Doutor: "Vejo que o Paramahamsa sabe extrair a essência."

Logo o Dr. Sarkar contou a M. histórias a respeito de seu hospital de homeopatia. Mostrou a M. a lista dos pacientes que visitam o hospital diariamente. Acrescentou que no começo muitos médicos o haviam desencorajado a respeito da homeopatia, e que haviam até escrito contra ele, em revistas.

M. e o Dr. Sarkar entraram na carruagem do médico. O doutor visitou muitos pacientes. Entrou na casa da família Tagore em Pathuriaghata e foi detido ali pelo chefe de família. Voltando para a carruagem começou a conversar com M.

Doutor: "Eu estava falando com aquele cavalheiro a respeito do Paramahamsa. Também falamos sobre a teosofia e o coronel Olcott. O Paramahamsa está zangado com o cavalheiro. Sabe por que? Porque ele diz que sabe tudo."

M.: "Não, por que o Mestre estaria zangado? Ouvi dizer que uma vez os dois se encontraram-se. O Paramahamsadeva estava falando de Deus. O senhor disse, 'Ó, sim! Conheço tudo!'"

Doutor: "Ele doou trinta e duas mil e quinhentas rupias à Science Association."

Continuaram a viagem, conversando sobre a doença de Sri Ramakrishna e os cuidados que deveriam ser tomados.

Doutor: "Vocês pretendem levá-lo de volta a Dakshineswar?

M.: "Não, senhor. Isto traria grandes transtornos aos devotos. Podem visitá-lo sempre, se ele estiver em Calcutá."

Doutor: "Mas é muito caro aqui."

M.: "Os devotos não se importam com isto. Tudo o que eles querem é servi-lo. Quanto à despesa, ela tem que ser atendida quer ele more em Calcutá ou em Dakshineswar. Mas se ele voltar para Dakshineswar, os devotos nem sempre poderão visitá-lo, e isto os preocupa muito."

O Dr. Sarkar e M. chegaram em Shyampukur e encontraram o Mestre sentado com os devotos em seu quarto. O Dr. Bhaduri também estava lá.

O Dr. Sarkar tomou o pulso do Mestre, e perguntou sobre seu estado. A conversa voltou para Deus.

Dr. Bhaduri: "Posso falar-lhe a verdade? Tudo isto é irreal, como um sonho."

Dr. Sarkar: "Será tudo ilusão? Então, de quem é esta ilusão? E por que esta ilusão? Se todos sabem que é ilusão, então por que falam? Não posso acreditar que Deus seja Real e sua criação, irreal."

Mestre: "É uma boa atitude. É bom considerar Deus o Amo e a si mesmo, Seu servo. Enquanto um homem sentir que seu corpo é real, enquanto for consciente do 'eu' e 'tu', é bom conservar o relacionamento amo e servo; não é bom alimentar a ideia 'eu sou Ele'.

"Deixe-me dizer algo mais. Vemos o mesmo quarto quer nós o olhemos de um lado ou do centro do quarto."

Dr. Bhaduri (*a Dr. Sarkar*): "O que acabo de dizer, você encontrará na Vedanta. O senhor deve

estudar as escrituras. Então compreenderá."

Dr. Sarkar: "Por que? Ele [referindo-se ao Mestre] conseguiu todo o seu conhecimento estudando as escrituras? Ele também apoia meu ponto de vista. Pode alguém tornar-se sábio sem ler as escrituras?"

Mestre: "Mas quantas escrituras ouvi!"

Dr Sarkar: "Um homem pode confundir o significado somente ouvindo. Em seu caso não se trata simplesmente de escutar."

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Entendo que o senhor referiu-se a mim como insano. É por isso que eles (*mostrando M. e os outros*) não querem ir vê-lo."

Dr. Sarkar (*olhando para M.*): "Por que deveria chamá-lo [referindo-se ao Mestre] de insano? Mas mencionei seu egoísmo. Por que permite que as pessoas tomem a poeira de seus pés?"

M.: "Caso contrário elas chorariam."

Dr. Sarkar: "Este é o erro deles. Deveriam ser informados sobre isto."

M.: "Por que o senhor se opõe a que eles tomem a poeira de seus pés? Deus não mora em todos os seres?"

Dr. Sarkar: "Não me oponho a isto. Neste caso deve-se tomar a poeira dos pés de todos."

M.: "Mas há uma maior manifestação de Deus em alguns homens do que em outros. Há água em todos os lugares; mas vê-se mais dela num lago, rio ou oceano. O senhor mostrará mais respeito a um bacharel recém-formado em Ciência do que a Faraday?"

Dr. Sarkar: "Concordo com isto. Mas por que o chamam de Deus?"

M.: "Por que nos saudamos mutuamente? É porque Deus mora no coração de todos. O senhor não tem pensado muito sobre o assunto."

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Já lhe disse que algumas pessoas revelam mais de Deus do que outras. A terra reflete os raios de sol de uma maneira, uma árvore de outra, e o espelho de outra. Vê-se melhor um reflexo num espelho do que em outros objetos. Não vê que estes devotos aqui não estão no mesmo nível que Prahlada e outros de sua classe? Prahlada dedicava-se a Deus de coração e alma."

O Dr. Sarkar não respondeu. Todos permaneciam em silêncio.

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Veja, o senhor tem amor por este [referindo-se a si mesmo]. O senhor disse que me amava."

Dr. Sarkar: "O senhor é um filho da natureza. Por esta razão digo-lhe tudo isto. Dói-me ver as pessoas saudarem-no tocando os seus pés. Digo a mim mesmo: 'Estão estragando um homem tão bom'. Keshab sem, também, foi estragado desta maneira por seus devotos. Ouça-me"

Mestre: "Ouvi-lo? O senhor é ambicioso, luxurioso e egoísta."

Dr. Bhaduri (*ao Dr. Sarkar*): "Isto quer dizer que o senhor tem os traços de um jiva, um ser encarnado. O jiva tem os seguintes traços: luxúria, egoísmo, avidez por riqueza, e um forte desejo por nome e fama. Todos os seres encarnados tem estes traços."

Dr. Sarkar (*ao Mestre*): "Se o senhor continuar a falar desta maneira, somente examinarei sua garganta e irei embora. Talvez seja isto que o senhor deseje. Neste caso não falaremos de mais nada. Mas se o senhor deseja discutir, então direi o que acho correto."

Todos ficaram em silêncio.

Depois de um certo tempo o Mestre começou a conversar com o Dr. Bhaduri.

Mestre: "Deixe-me dizer a verdade. Ele [referindo-se ao Dr. Sarkar] está atualmente seguindo o caminho da negação. Por isso discrimina, seguindo o processo do 'Neti, neti', e raciocina desta maneira: Deus não é os seres vivos; Ele não é o universo; Ele é exterior à criação. Mas mais tarde ele seguirá o caminho da afirmação e aceitará tudo como manifestação de Deus.

Retirando-se uma a uma, as camadas da bananeira, obtém-se o miolo. As camadas são uma coisa, o miolo outra. As camadas não são o miolo, e o miolo não é as camadas. Mas no final dá-se conta que o miolo não pode existir separado das camadas, e as camadas não podem existir à parte do miolo; elas são parte e partícula de uma mesma bananeira. Da mesma maneira, é Deus quem Se tornou os vinte quatro princípios; é Ele quem Se tornou o homem."

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Há três espécies de devotos: superior, medíocre e inferior. O devoto inferior diz: 'Deus está além'. Segundo ele, Deus é diferente de sua criação. O medíocre diz: 'Deus é Antaryami, o Guia Interior. Deus mora no coração de cada um'. O devoto medíocre vê Deus no coração. Mas o devoto superior vê que somente Deus tornou-Se tudo, somente Ele tornou-Se os vinte e quatro princípios cósmicos. Acha que tudo, em cima e embaixo, está preenchido por Deus.

Leiam o Gita, o Bhagavata e a Vedanta e compreenderá tudo isso. Não está Deus em Sua criação?"

Dr. Sarkar: "Não num determinado objeto. Ele está em todos os lugares. E porque Ele está em todos os lugares, não pode ser buscado."

A conversa voltou-se para outras coisas. Sri Ramakrishna estava sempre experimentando estados extáticos, que o médico dizia que poderiam agravar sua enfermidade. O Dr. Sarkar disse-lhe: "O senhor tem que conter sua emoção. Meus sentimentos, também, estão grandemente estimulados. Posso dançar mais do que o senhor."

O Naren mais jovem (*sorrindo*): "O que o senhor faria se sua emoção aumentasse um pouco mais?"

Dr. Sarkar: "Meu poder de controle também aumentaria."

Mestre e M.: "Isso o senhor pode dizer agora!"

M.: "Pode nos dizer o que o senhor faria se entrasse em êxtase?"

A conversa mudou para dinheiro.

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Não penso em absoluto sobre este assunto. O senhor sabe muito bem disso, não é? Isto não é uma pretensão."

Dr. Sarkar: "Nem sequer tenho desejo de dinheiro – para não falar do senhor! Meu cofre está aberto."

Mestre: "Jadu Mallick também é distraído. Às vezes quando come, fica tão ausente que não sabe se a comida é boa ou má. Quando alguém lhe diz, 'Não coma isto; isto não tem bom gosto', Jadu diz, 'Eh, este alimento é assim tão ruim? Ora na verdade é!'"

Estaria o Mestre insinuando que havia um oceano de diferença entre a distração devida à contemplação de Deus, e a distração devida às preocupações de natureza mundana?

Mostrando o Dr. Sarkar, Sri Ramakrishna disse aos devotos, sorrindo: "Quando uma coisa é cozida, torna-se macia. No início era muito duro. Agora ele está amolecendo por dentro."

Dr. Sarkar: "Quando uma coisa é cozida, começa amolecer de fora. Temo que isso não sucederá comigo nesta vida." (*Todos riem*)

O Dr. Sarkar estava a ponto de se despedir. Conversava com Sri Ramakrishna.

Dr. Sarkar: "O senhor pode proibir as pessoas de o saudarem, tocando seus pés?"

Mestre: "Podem todos entender o Indivisível Satchidananda?"

Dr. Sarkar: "Mas não deveria o senhor dizer às pessoas o que é certo?"

Mestre: "As pessoas têm gostos diferentes. Além disso, nem todos apresentam o mesmo grau de aptidão para a vida espiritual."

Dr. Sarkar: "Como assim?"

Mestre: "Você não sabe qual a diferença de paladar? Uns gostam de curry de peixe; alguns, peixe frito; outros, peixe em conserva; e alguns, o rico prato pilau. Então da mesma maneira, há diferença de aptidão. Peço às pessoas que aprendam a atirar em primeiro lugar, numa bananeira, depois num lampião, e em seguida, num pássaro voando."

Era o crepúsculo. Sri Ramakrishna estava absorvido na contemplação de Deus. Nesses momentos esquecia-se completamente de tudo relacionado com sua dolorosa enfermidade. Vários discípulos íntimos estavam sentados próximos dele e vigiavam-no atentamente. Depois de muito tempo ficou consciente do mundo exterior e, disse a M. Num sussurro: "Veja, minha mente estava completamente absorvida no Brahman Indivisível. Depois disso vi muitas coisas. Creio que o doutor terá um despertar espiritual. Mas isto vai levar algum tempo. Não tenho que lhe dizer muito. Nesse estado vi uma outra pessoa. Minha mente disse-me, 'Atraia-o também'. Vou falar-lhe a este respeito mais tarde."

Shyam Babu, o Dr. Dukari e alguns devotos chegaram. Sri Ramakrishna conversou com eles.

Shyam: "Ah, que coisa boa o senhor nos disse outro dia!"

Mestre (*sorrindo*): "O que foi?"

Shyam: "O que fica depois que um homem vai além de jnana e ajnana, conhecimento e ignorância!"

Mestre (*sorrindo*): "É vijnana, o Conhecimento especial de Deus. Conhecer muitas coisas é ignorância. Saber que Deus mora em todos os seres é conhecimento. E o que é vijnana? É conhecer Deus de uma forma especial, conversar com Ele e senti-Lo como se fosse nosso parente.

Saber que há fogo na madeira é conhecimento. Mas fazer fogo com essa madeira, cozinhar com esse fogo, e tornar-se saudável e forte com essa comida é vijnana."

Shyam (*sorrindo*): "E a respeito do espinho?"

Mestre (*sorrindo*): "Sim. Quando um espinho penetra na sola de seu pé, você procura encontrar um segundo espinho. Depois de tirar o primeiro com a ajuda do segundo, você joga fora ambos. Da mesma maneira, você deve buscar o espinho de conhecimento para remover o espinho de ignorância. Depois de destruir a ignorância, deve se desfazer de ambos, conhecimentos e ignorância. Então atingirá vijnana."

Sri Ramakrishna estava satisfeito com Shyam Basu. Era uma pessoa bem velha, desejando devotar o tempo à contemplação. Era sua segunda visita ao Mestre.

Mestre (*a Shyam Basu*): "Abandone completamente as conversas mundanas. Não fale de outra coisa que não seja de Deus. Se vir uma pessoa mundana aproximando-se de você, vá embora antes que ela chegue.

Você passou a vida inteira no mundo. Viu que tudo é vazio. Não é assim? Somente Deus é Substância, e tudo o mais ilusório. Somente Deus é real, e tudo o mais tem dois dias de existência. O que há no mundo? O mundo é como uma ameixa-de-porco em conserva; anseia-se por ela. Mas o que há numa ameixa-de-porco? Somente casca e caroço. E se a comer, terá cólica."

Shyam: "Sim, senhor. Tudo o que disse é verdadeiro."

Mestre: "Durante muitos anos você se dedicou a várias coisas mundanas. Não poderá pensar em Deus e meditar n'Ele no meio desta confusão do mundo. Um pouco de solidão lhe é necessária; senão sua mente não ficará estável. Por isso deve determinar um lugar para meditação, pelo menos meia milha de sua casa."

Shyam Basu permaneceu em silêncio por um momento. Parecia absorvido em seus pensamentos.

Mestre (*sorrindo*): "Além disso todos os seus dentes caíram, Por que importar-se tanto com o Durga Puja? (*Todos riem*) Um homem costumava celebrar a adoração de Durga com sacrifício cabras e com outras cerimônias. Continuou fazendo o culto durante muitos anos e então, deixou de fazê-lo. Um amigo perguntou-lhe, 'Por que não faz mais o Durga Puja?' 'Irmão', respondeu-lhe 'perdi todos os meus dentes. Perdi o poder de mastigar carne de cabra'."

Shyam: "Ah! Como são doces estas palavras!"

Mestre (*sorrindo*): "Este mundo é uma mistura de areia e açúcar. Como a formiga deve-se rejeitar a areia e comer o açúcar. Aquele que come o açúcar é realmente inteligente. Construa um lugar sossegado para pensar em Deus – um lugar para sua meditação. Tenha-o pronto. Eu o visitarei."

Shyam: "Senhor, há reencarnação? Nasceremos de novo?"

Mestre: "Pergunte a Deus sobre isto. Ore a Ele sinceramente. Ele lhe dirá tudo. Converse com Jadu Mallick, e ele próprio lhe dirá quantas casas possui, e quantos papéis do governo. Primeiro realize Deus; então Ele próprio lhe fará saber o você deseja."

Shyam: "Senhor, quanto mal, quantas coisas malévolas o homem faz neste mundo! Poderá algum dia realizar Deus?"

Mestre: "Se um homem praticar disciplina espiritual antes de morrer e se ele deixar o corpo orando a Deus e meditando n'Ele, quando o pecado o tocará? Não há dúvida que a natureza do elefante é cobrir seu corpo com pedra e lama, mesmo depois do banho. Mas ele não pode agir assim se o mahut o levar para o estábulo imediatamente após o banho."

Apesar de sua séria enfermidade, o Mestre sentia profundamente o sofrimento dos homens. Dia e noite pensava em seu bem-estar. Os devotos ficavam maravilhado com sua compaixão. A afirmação de Sri Ramakrishna que o pecado não pode tocar um homem se ao deixar o corpo, orar a Deus, ficou profundamente gravada em suas mentes.

Sexta-feira, 30 de outubro de 1885

Eram nove horas da manhã. Sri Ramakrishna conversava com M. em seu quarto. Ninguém mais estava presente. M. ia até o Dr. Sarkar para informá-lo sobre o estado do Mestre, e trazê-lo para exame.

Mestre (*a M., sorrindo*): "Purna veio esta manhã. Tem uma natureza tão encantadora! Manindra tem um elemento de Prakriti, de feminilidade. Leu a vida de Chaitanya e compreendeu a atitude das gopis. Também realizou que Deus é Purusha, e o homem, Prakriti, e que o homem deve adorar Deus como Sua atendente. Que extraordinário!"

M.: "É verdade, senhor."

Purna tinha então, quinze ou dezesseis anos. Sri Ramakrishna sempre ansiava por vê-lo. Mas seus parentes não lhe permitiam visitar o Mestre. Uma noite, antes de sua doença, Sri Ramakrishna havia estado tão ansioso para ver Purna, que repentinamente, deixou Dakshineswar e foi à casa de M. em Calcutá. M. havia trazido Purna de sua casa, para ver Sri Ramakrishna. O Mestre havia dado ao rapaz muitas instruções sobre oração e, em seguida, voltara a Dakshineswar. Manindra tinha mais ou menos a mesma idade de Purna. Os devotos chamavam-no "khoka"[1]. Tinha o hábito de cantar em êxtase quando ouvia o nome de Deus.

Cerca das dez e meia da manhã, M. chegou à casa do Dr. Sarkar. Subiu para o segundo andar e sentou-se na cadeira no vestíbulo adjacente à sala de visitas. Em frente do Dr. Sarkar havia um aquário com peixes dourados. De vez em quando o Dr. Sarkar jogava algumas cascas de cardamono. Jogava, também, migalhas de pão aos pardais. M. o observava.

Dr. Sarkar (*sorrindo para M.*): "Veja, esses peixes dourados estão me olhando como os devotos

1 Bebê.

miram Deus. Não viram a comida que joguei na água. Por isso digo, o que você ganha com simples bhakti? Você necessita de conhecimento, também. (*M. Sorrindo*) Olhe ali os pardais! Fogem quando jogo migalhas de pão. Estão assustados. Não têm bhakti por que são sem conhecimento. Não sabem que pão é seu alimento."

O Dr. Sarkar e M. entraram na sala de visitas. Havia prateleiras por todos os lados, cheias de livros. O médico descansou um pouco. M. olhava os livros. Pegou a "*Vida de Jesus*" de Canon Farrar e leu algumas páginas. O Dr. Sarkar contou a M. como o primeiro hospital de homeopatia havia começado, apesar de grande oposição. Pediu a M. para ler as cartas relacionadas dom isto, e que haviam sido publicadas no "*Calcutta Journal of Medicine*" em 1876. O Dr. Sarkar era partidário da homeopatia.

M. apanhou um outro livro, "*New Theology*" de Munger. O Dr. Sarkar notou.

Dr. Sarkar: "Munger baseou suas conclusões num bom argumento e raciocínio. Não é como sua crença numa coisa simplesmente porque um Chaitanya, um Buda ou um Jesus Cristo assim o disseram."

M. (*sorrindo*): "Devemos citar como nossa autoridade; e esse é Munger". (*o médico sorriu*).

O Dr. Sarkar subiu na carruagem acompanhado de M.. A carruagem prosseguiu em direção a Shyampukur. Era meio-dia. Conversavam. O tema passou a ser sobre o Dr. Bhaduri, que de vez em quando também visitava o Mestre.

M. (*sorrindo*): "Bhaduri disse a seu respeito que o senhor deve começar tudo outra vez, desde pedra e a mistura do tijolo."

Dr. Sarkar: "Como?"

M.: "Porque o senhor não acredita em mahatmas, corpo astral, e assim por diante. Talvez Bhaduri seja um teosofista. Além disso, o senhor não acredita em Encarnação Divina. Foi por isso que ele implicou, dizendo que quando o senhor morrer, com toda certeza não voltará a nascer como um ser humano. Isto está muito longe. O senhor não nasceria nem sequer como animal ou pássaro, ou mesmo como uma árvore ou planta. O senhor terá que recomeçar tudo novamente, desde a pedra e mistura de tijolos. Então, depois de muitos, muitos nascimentos, o senhor poderá tomar um corpo humano."

Dr. Sarkar: "Meus Deus!"

M.: "Bhaduri acrescentou que o conhecimento de sua ciência física é um falso conhecimento. Esse conhecimento é momentâneo. A esse respeito fez uma analogia. Suponhamos que haja dois poços. Um deles retira sua água de uma fonte subterrânea. O outro não tem essa fonte e enche-se com água da chuva. A água do segundo poço não dura muito. O conhecimento de sua ciência é como a água da chuva. Seca logo."

Dr. Sarkar (*com um sorriso*): "Estou percebendo!"

A carruagem chegou na Rua Cornwallis. Dr. Sarkar apanhou do Dr. Pratap Mazumdar. Pratap havia visitado Sri Ramakrishna na véspera. Logo chegaram a Shyampukur.

Sri Ramakrishna estava sentado em seu quarto, no segundo andar, com vários devotos.

Dr. Sarkar (*ao Mestre*): "Vejo que o senhor está *tossindo*[2]. Mas é bom ir a Kashi." (*Todos riem*)

Mestre (*sorrindo*): "Mas isto me dará liberação. Não quero liberação; quero o amor a Deus!" (*Todos riem*)

Pratap era genro do Dr. Bhaduri. Sri Ramakrishna falava a Pratap elogiando seu sogro.

Mestre (*a Pratap*): "Ah, que grande homem ele se tornou! Contempla Deus e conserva pureza de conduta. Além disso, aceita ambos os aspectos de Deus – pessoal e impessoal."

M. estava muito ansioso para mencionar os comentários do Dr. Bhaduri sobre o fato do Dr. Sarkar renascer como pedra ou mistura de tijolos. Perguntou ao Naren mais jovem, bem baixinho se ele se recordava desses comentários do Dr. Bhaduri. Sri Ramakrishna ouviu tudo isso.

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "O senhor sabe o que o Dr. Bhaduri disse do senhor? Disse que, como o senhor não acredita nessas coisas, no próximo ciclo, o senhor terá que recomeçar sua vida terrestre desde uma pedra ou pó de tijolos." (*Todos riem*)

Dr. Sarkar (*sorrindo*): "Vamos supor que eu comece de uma pedra ou pó de tijolo, e depois de muitos nascimentos obtenha um corpo humano; mas logo que voltar a este lugar terei que recomeçar desde uma pedra ou pó de tijolo." (*O médico e os outros riem*)

A conversa voltou-se para o êxtase do Mestre apesar de sua doença.

Pratap: "Ontem eu o vi em estado extático."

Mestre: "Isto acontece por si mesmo; mas não foi intenso."

Dr. Sarkar: "O êxtase e conversar não são bons para o senhor agora."

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "Ontem eu o vi em meu samadhi. Descobri que o senhor é uma mina de conhecimento; mas é um conhecimento seco. O senhor não experimentou a felicidade divina. (*A Pratap referindo-se ao Dr. Sarkar*) se alguma vez ele experimentar a felicidade divina, verá tudo em cima e em

2 A palavra bengali para "tossindo" é "kashi". Kashi é, também, um nome de Benares.

baixo tomado dessa felicidade. Então ele não dirá que tudo o que ele disser é certo, e que tudo que os outros disserem é errado. Não pronunciará palavras ásperas, duras e ferinas."

Os devotos permaneceram em silêncio.

Subitamente Sri Ramakrishna entrou em estado espiritual e disse ao Dr. Sarkar: "Mahindra Babu, o que é esta sua loucura por dinheiro? Por que seu apego à esposa? Por que este desejo ardente por nome ou fama? Abandone todas essas coisas agora, e direcione sua mente a Deus com toda devoção de sua alma. Desfrute da felicidade de Deus."

O Dr. Sarkar permaneceu sem pronunciar qualquer palavra. Os devotos também, mantiveram-se em silêncio.

Mestre: "Nangta costumava dizer-me como um jnani medita. Há água em toda parte; todos os lugares acima e abaixo estão cheios de água; o homem, como peixe, está nadando alegremente naquela água. Numa meditação autêntica, o senhor verá realmente tudo isso.

Tome o caso do oceano infinito. Não há limite para suas águas. Suponhamos que haja um pote nele; há água dentro e fora do pote. O jnani vê que dentro e fora só há Paramatman. Então o que é este pote? É a 'consciência do eu'. Devido ao pote, a água parece estar dividida em duas partes; devido ao pote, parece que se percebe um interior e um exterior. Sente-se desta maneira enquanto existir este pote do 'eu'. Quando o 'eu' desaparece, o que *é*, permanece. Isto não pode ser descrito em palavras.

O senhor conhece de que outra maneira um jnani medita? Pense no akasha infinito e um pássaro voando nele, batendo suas asas alegremente. Ali está o Chidakasha e o Atman é o pássaro. O pássaro não está prisioneiro na gaiola; voa no Chidakasha. Sua alegria é ilimitada."

Os devotos ouviam com grande atenção essas palavras sobre a meditação. Depois de algum tempo Pratap continuou a conversa.

Pratap (*ao Dr. Sarkar*): "Quando se pensa seriamente, sem dúvida vê-se tudo como uma simples sombra."

Dr. Sarkar: "Se você fala de uma sombra, então necessita de três coisas: sol, objeto e sombra. Como pode haver qualquer sombra sem um objeto? E se você diz que Deus é real, e a criação irreal, digo que a criação, também, é real."

Pratap: "Muito bem. Da mesma maneira como o senhor vê reflexo no espelho, assim também o senhor vê este universo no espelho de sua mente."

Dr. Sarkar: "Mas como pode haver um reflexo sem um objeto?"

Narendra: "Ora, Deus é o objeto."

O Dr. Sarkar permaneceu em silêncio.

Mestre (*ao Dr. Sarkar*): "O senhor disse algo muito interessante. Até agora ninguém havia dito que samadhi é o resultado da união da mente com Deus. Somente o senhor disse isso.

Shivanath disse que uma pessoa perde a cabeça quando pensa demasiado em Deus. Em outras palavras, torna-se incosciente meditando-se na Consciência Universal. Pense nisso! Tornar-se inconsciente por contemplar Aquele que é da própria natureza da Consciência, e cuja Consciência dota o mundo de consciência!

E o que diz sua 'ciência'? Isto combinado com isto produz aquilo: aquilo combinado com aquilo produz isto. Uma pessoa é mais suscetível de perder consciência contemplando essas coisas – por manusear muito as coisas materiais."

Dr. Sarkar: "Pode-se ver Deus naquelas coisas."

M.: "Se é assim, pode-se ver Deus mais claramente no homem, e melhor ainda numa grande alma. Numa grande alma há uma manifestação maior de Deus."

Dr. Sarkar: "Sim, no homem, sem dúvida."

Mestre: "Perder a consciência por contemplar Deus – através de cuja Consciência, até a matéria inerte parece consciente, e movem-se mãos, pés e corpo! As pessoas dizem que o corpo move-se por si mesmo; mas elas não sabem que é Deus quem o move. Dizem que a água queima a mão. Mas a água não pode de jeito algum, queimar a mão; é o calor na água, o fogo na água, o que queima.

O arroz está fervendo numa panela. As batatas e a berinjela também estão saltando dentro dela. As crianças dizem que as batatas e a berinjela estão saltando por si mesmas: ignoram que haja fogo por baixo. O homem diz que os órgãos dos sentidos fazem seu trabalho sozinhos; mas ignoram que no interior habita Aquele cuja verdadeira natureza é Consciência."

O Dr. Sarkar pôs-se de pé. Estava pronto para se despedir. Sri Ramakrishna levantou-se também.

Dr. Sarkar: "As pessoas chamam por Deus quando enfrentam uma crise. É por diversão que dizem, 'Ó Senhor! Tu, Tu?' O senhor fala de Deus devido à sua enfermidade na garganta. O senhor agora caiu nas garras do cardador. Seria melhor falar com ele. Estou somente citando suas próprias palavras."

Mestre: “Não há nada para dizer.”

Dr. Sarkar: “Por que não? Estamos no colo de Deus. Com Ele sentimo-nos livres. A quem devemos falar de nossa doença se não for a Ele?”

Mestre: “Tem razão. De vez em quando tento falar com Ele a esse respeito, mas não consigo.”

Dr. Sarkar: “Por que deveria o senhor Lhe falar? Ele não sabe?”

Mestre (*sorrindo*): “Um muçulmano, em suas orações, gritava: 'Ó Allah! Ó Allah!' Uma pessoa lhe disse: 'Você está chamando Allah. Está bem. Mas por que você está gritando dessa maneira? Não sabe que Ele ouve o barulho das pulseiras nas patas de uma formiga?

Quando a mente está unida com Deus, uma pessoa O vê muito próximo, no próprio coração. Mas deve-se recordar uma coisa. Quanto mais se sente esta união, mais afastada fica sua mente das coisas do mundo. Veja a história de Vilwamangal no *Bhaktamala*. Ele costumava visitar uma prostituta. Uma noite demorou muito a ir à casa dela. Tinha sido detido em casa pela cerimônia do shradha de seus pais. Levava comida oferecida na cerimônia, para sua amante. Toda sua alma estava tão concentrada na mulher, que não estava totalmente consciente de seus movimentos. Nem sabia que estava andando. Havia um yogi sentado no caminho, meditando em Deus de olhos fechados. Vilwamangal tropeçou nele. O yogi ficou furioso e gritou: 'O que é isso? Está cego? Estava pensando em Deus, e você tropeçou em mim!' 'Peço desculpas', disse Vilwamangal, 'mas posso lhe perguntar algo? Eu estava inconsciente, pensando numa prostituta, e o senhor está consciente do mundo exterior, apesar de estar pensando em Deus. Que tipo de meditação é essa?' Por fim Vilwamangal renunciou ao mundo e retirou-se para adorar Deus. Disse à prostituta: 'Você é meu guru. Ensinou-me a ansiar por Deus.' Dirigiu-se à prostituta como sua mãe e deixou-a.”

Dr. Sarkar: “Dirigir-se a uma mulher como mãe é a forma tântrica de adoração.”

Mestre: “Ouça uma história. Havia um rei que diariamente costumava ouvir o *Bhagavata*, recitado por um pundit. Todos os dias, depois de explicar o livro sagrado, o pundit dizia ao rei, 'Ó Rei, compreendeu o que eu disse?' E diariamente o rei respondia: 'Seria melhor que primeiro o senhor mesmo o compreendesse.' O pundit voltava para casa e pensava: 'Por que será que o rei fala comigo dessa maneira todos os dias? Explico a ele os textos com tanta clareza, e ele me diz, “seria melhor que primeiro o senhor mesmo o compreendesse”. O que ele quer dizer com isso?' O pundit costumava praticar disciplina espiritual. Poucos dias mais tarde ele chegou a realizar que Deus é real e tudo o mais – casa, família, riqueza, amigos, nome e fama – é ilusório. Convencido da irrealidade do mundo, renunciou a ele. Ao deixar sua casa pediu a um homem que levasse esta mensagem ao rei: 'Ó Rei, agora compreendo.'

Eis outra história. Um homem necessitava de um erudito no *Bhagavata* para lhe explicar, diariamente, o texto sagrado. Mas era muito difícil encontrar um tal erudito. Depois de ter procurado bastante, um outro homem apresentou-se a ele, dizendo: 'Senhor, encontrei um excelente erudito do *Bhagavata*'. 'Muito bem', disse o homem, 'traga-o aqui'. O outro respondeu: 'Mas há uma pequena dificuldade. O erudito tem alguns arados e bois; está ocupado com eles o dia inteiro. Deve tomar conta da sua plantação. Não tem um momente de lazer'. Então o homem que buscava o erudito, disse: 'Não quero um erudito no *Bhagavata* que esteja sobrecarregado com arados e bois. Quero um homem que tenha tempo livre e me possa falar de Deus'. (*Ao Dr. Sarkar*) Compreende?”

O Dr. Sarkar permaneceu em silêncio.

Mestre: “Posso lhe dizer a verdade? O que o senhor ganhará com simples erudição? Os pundits ouvem e sabem muitas coisas – os Vedas, os Puranas, os Tantras. Mas para que serve a simples erudição? São necessárias a discriminação e a renúncia. Se um homem tem discriminação e renúncia, então pode escutá-lo. Mas para que servem as palavras de um homem que considera o mundo como a coisa essencial?

Qual é a lição do *Gita*? É o que se obtém repetindo a palavra dez vezes. A medida que se repete 'Gita', 'Gita', a palavra fica invertida em 'tagi', 'tagi' - que significa renúncia. Somente aquele que compreendeu o segredo do *Gita*, aquele que renunciou seu apego a 'mulher e ouro', e dirigiu todo seu amor a Deus. Não é necessário ler todo o *Gita*. O objetivo de ler o livro só serve se uma pessoa pratica renúncia.”

Dr. Sarkar: “Uma vez um homem explicou-me o significado de Radha. Disse-me: 'Sabe o que significa Radha? Inverta a palavra e ela se torna “dhara”[3]. Esteé o significado. (*Todos riem*). Bem, vamos parar aqui, por hoje.”

O Dr. Sarkar retirou-se. M. sentou-se perto de Sri Ramakrishna e repetiu a conversar mantida na casa do Dr. Sarkar.

M.: “O Dr. Sarkar estava alimentando os peixes dourados com cascas de cardamono, e os pardais com migalhinhas de pão. Disse-me: 'Você viu? Os peixes não viram as cascas de cardamono e por isso, foram embora. Em primeiro lugar necessitamos de conhecimento e em seguida, bhakti. Notou aqueles pardais? Eles também voaram quando joguei migalhinhas de pão. Não tem jnana; por isso, não tem bhakti.'”

3 A palavra “dhara” não significa nada em particular. O doutor fez uma observação para mudar de asssunto.

Mestre (*sorrindo*): “Esse conhecimento significa o conhecimento do mundo físico, o conhecimento da 'ciência'.”

M.: “Depois disse: 'Devo acreditar em algo simplesmente porque o disse um Chaitanya ou um Buda ou um Cristo? Não seria correto'. Nasceu-lhe um neto. Elogiou muito sua nora, dizendo: 'Nem reparo nela na casa, é tão quieta e tímida'.”

Mestre: “Ele vem pensando neste lugar (referindo-se a si próprio). Sua fé está aumentando. É possível livrar-se do egoísmo completamente? Essa erudição! Essa fama! Tem tanto dinheiro! Mas ele não mostra desrespeito pelo que digo.”

Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Os devotos estavam sentados tranquilamente no quarto. Muitos estranhos também estavam presentes. Todos estavam em silêncio.

M. estava próximo a Sri Ramakrishna. De vez em quando trocavam uma ou duas palavras em voz baixa. O Mestre quis vestir o casaco. M. ajudou-o.

Mestre (*a M.*): “Veja, hoje em dia não necessito meditar muito. Imediatamente tomo consciência do Brahman Indivisível. Atualmente a visão do Absoluto é contínua.”

M. não respondeu. O quarto estava cheio de homens, todos em silêncio.

Logo Sri Ramakrishna falou.

Mestre: “Bem, todas essas pessoas estão sentadas aqui sem pronunciar uma palavra. Seus olhos estão fixos em mim. Não falam nem cantam. O que vêem em mim?”

M. disse ao Mestre: “Senhor, eles já ouviram muitas coisas que o senhor lhes disse. Agora estão vendo aquilo que não podem ver em outro lugar – um homem sempre feliz, de natureza infantil, livre de egoísmo e intoxicado de amor divino. No outro dia o senhor estava caminhando de um lado para outro num quarto externo de Ishan. Nós também estávamos com o senhor. Um homem aproximou-se e disse-me que nunca havia visto uma pessoa tão feliz quanto o senhor.”

M. ficou em silêncio. O aposento estava tranquilo. Poucos minutos mais tarde, Sri Ramakrishna falou a M. baixinho.

Mestre: “Bem, como vai o doutor? Será que ele agora recebe bem as ideias deste lugar?”

M.: “Como pode uma boa semente deixar de germinar? De uma maneira ou outra deve germinar. Sinto vontade de rir quando me lembro do que o senhor nos disse no outro dia.”

Mestre: “O que eu disse?”

M.: “O senhor disse que Jadu Mallick era tão distraído que quando comia, não sabia se um determinado prato era salgado ou não. Se alguém lhe mostrasse que um determinado prato não era salgado, ele dizia surpreso: 'Sim? Sim? Vejo que não tem sal'. O senhor falou sobre isso ao médico porque ele lhe havia dito que estava sempre abstraído. O senhor quis dizer que ele era abstraído por pensar em coisas do mundo, e não por causa da contemplação de Deus.”

Mestre: “Ele não presta atenção ao que digo?”

M.: “Claro que presta. Mas se esquece de muitas de suas instruções por causa de seus inúmeros deveres. Hoje, também, fez um bom comentário quando disse, 'Considerar uma mulher como mãe, é uma disciplina espiritual do Tantra'.”

Mestre: “O que eu disse a este respeito?”

M.: “O senhor falou sobre aquele erudito do *Bhagavata* que tinha bois e arados. (*O Mestre sorri*). Além disso, falou-lhe sobre o rei que dizia ao pundit do *Bhagavata*, 'É melhor que primeiro o senhor mesmo o compreenda'. (*O Mestre sorri*).

Logo o senhor falou-lhe a respeito do *Gita*, cuja essência é a renúncia de mulher e ouro; renúncia ao apego à 'mulher e ouro'. O senhor lhe disse, 'Como pode um homem mundano que não renunciou a 'mulher e ouro' ensinar aos outros?' Talvez ele não tenha compreendido o sentido de suas palavras. Ele mudou de assunto.”

Sri Ramakrishna estava pensando no bem-estar de seus devotos. Purna e Manindra eram dois de seus jovens devotos. Pediu a Manindra para conversar com Purna.

Era noite. Um lampião ardia no quarto de Sri Ramakrishna. Os devotos e visitantes estavam sentados a uma certa distância. O Mestre permanecia instrospectivo. Todos os que estavam no quarto estavam pensando em Deus, e permaneciam em silêncio.

Poucos minutos depois Narendra entrou no quarto com um amigo, que apresentou ao Mestre como um escritor. Sri Ramakrishna conversou com ele sobre o significado metafísico de Radha e Krishna. O escritor disse que Radha e Krishna eram o Brahman Supremo. Vishnu, Shiva, Durga e outras divindades haviam surgido deles.

Mestre: “Isto é bom. Há aspectos diferentes de Radha. Em Seu aspecto sedutor, Ela era Chandravali.

Em Seu aspecto de amor, Ela participou da lila de Sri Krishna em Vrindavan. Nandaghosh, pai adotivo de Krishna, teve a visão da Eterna Radha.

Primeiro está Radha sedutora, depois a Radha do amor. Se o senhor for além, verá a Eterna Radha. É como retirar as camadas de uma cebola, uma a uma. Primeiro as camadas vermelhas, em seguida as rosadas, depois as brancas. Por fim não encontrará mais camadas. Esta é a natureza da Eterna Radha, a Absoluta. Então a discriminação seguindo o processo 'Isto não, isto não' chega ao fim. Há dois aspectos de Radha-Krishna: o Absoluto e o Relativo. São como o sol e seus raios. O Absoluto pode ser comparado ao sol, e o Relativo aos raios. Um verdadeiro bhakta mora às vezes no Absoluto e, em outras vezes, no Relativo. Tanto o Absoluto quanto o Relativo pertencem a uma mesma Realidade. É tudo uno – nem dois nem muitos."

Escritor: "Senhor, por que falam de 'Krishna de Vrindavan' e 'Krishna de Mathura?'"[4]

Mestre: "É o ponto de vista dos goswamis. Mas os eruditos da Índia do Norte pensam de maneira diferentes. Segundo esses eruditos há somente Krishna, e não, Radha. O Krishna de Dwaraka não está associado com Radha."

Escritor: "Senhor, Radha e Krishna são o Brahman Supremo."

Mestre: "É bom. Mas o senhor deve recordar-se que tudo é possível para Deus. Ele é sem forma, mas assume formas. É o indivíduo e o universo. É Brahman e Sua Shakti. Não há fim nem limite para Ele. Nada Lhe é impossível. Por mais alto que as pipas e os abutres voem, não pode bater no teto do céu. Se o senhor me perguntar como é Brahman, tudo o que posso dizer é que Ele não pode ser descrito em palavras. Mesmo quando se realizou Brahman, não se pode descrevê-Lo. Se alguém lhe perguntar como ghee é, sua resposta será 'Ghee é como ghee'. A única analogia para Brahman é Brahman. Nada existe além d'Ele."

Sábado, 31 de outubro de 1885

Hariballav Bose, um primo de Balaram, veio ver Sri Ramakrishna. Saudou o Mestre respeitosamente.

Hariballav era advogado do governo de Cuttack. Não aprovava as visitas de Balaram ao Mestre, especialmente com as senhoras da família. Balaram havia dito a seu primo, 'É melhor que o conheça primeiro. Então poderá dizer o que quiser'."

Logo o Mestre e Hariballav começaram a conversar.

Mestre: "Pode dizer-me como posso ficar melhor? Pensa que se trata de uma doença séria?"

Hariballav: "Senhor, os médicos podem lhe dar uma opinião melhor do que a minha a esse respeito."

Mestre: "Quando as mulheres tomam a poeira de meus pés, digo a mim mesmo que estão saudando Deus que habita em mim. Olho isso desta maneira."

Hariballav: "O senhor é um santo. Todos deveriam tomar a poeira de seus pés. Que mal há nisso?"

Mestre: "O senhor pode desta maneira a respeito de sábios como Dhruva, Prahlada, Narada ou Kapila; mas quem sou eu? Por favor volte novamente."

Hariballav: "Certamente voltarei porque o senhor me atrai. Não tem que me pedir."

Hariballav estava de saída. Saudou a Sri Ramakrishna e ia tomar a poeira dos pés do Mestre, quando Sri Ramakrishna retirou os pés. Mas Hariballav insistiu e tomou a poeira dos pés de Sri Ramakrishna contra a vontade deste.

Quando ele se levantou, o Mestre também se pôs de pé para lhe mostrar cortesia. O Mestre disse-lhe: "Balaram está triste, porque não vou à sua casa. Pensei em visitar vocês todos lá, mas então fiquei com medo que o senhor pudesse dizer a Balaram, 'Quem o convidou para vir aqui?'"

Hariballav: "Quem esteve lhe dizendo essas coisas? Por favor não deixe que tal pensamento entre em sua mente."

Hariballav partiu.

Mestre (*a M.*): "Ele é um devoto de Deus; por que outra razão ele tomaria a poeira de meus pés com esta insistência? Eu lhe disse que no outro dia em samadhi que havia visto o Dr. Sarkar e uma outra pessoa. Ele é a outra pessoa. Então ele veio."

M.: "Sim, senhor. Sem dúvida ele é um bhakta."

Mestre: "Como ele é puro!"

M. foi à casa do Dr. Sarkar informar o estado de Sri Ramakrishna. O médico conversou com M. sobre Sri Ramakrishna, Mahimacharan e outros devotos.

Doutor: "Mahimacharan não trouxe o livro que prometeu me mostrar. Ele disse que havia esquecido tudo a esse respeito. É bem possível. Eu também estou muito esquecido."

4 O Krishna de Vrindavan, onde Ele foi pastor, está sempre associado com Radha e as gopis; mas o Krishna de Mathura e Dwaraka, onde Ele foi rei, não está associado com elas.

M.: “Ele leu muito.”

Doutor: “Então por que ele está em tal situação?”

Referindo-se ao Mestre, o médico disse: “O que um homem realizará com simples bhakti? Também necessita de jnana.”

M.: “Ora, o Mestre diz que bhakti vem depois de jnana. Mas o conceito de jnana e bhakti dele é bem diferente do seu. Quando diz que uma pessoa obtém bhakti depois de jnana, quer dizer que primeiro vem o Conhecimento da Realidade e em seguida, bhakti; primeiro o Conhecimento de Brahman e logo, bhakti; primeiro o Conhecimento de Deus e em seguida, o amor por Ele. Quando o senhor fala de jnana, o senhor refere-se ao conhecimento obtido por meio dos sentidos. A jnana da qual Sri Ramakrishna fala não pode ser verificada pelos nossos padrões. O Conhecimento da Realidade não pode ser testado pelo conhecimento obtido através dos sentidos. Mas sua jnana, o conhecimento por meio dos sentidos, pode ser verificada.”

O doutor permaneceu em silêncio. Em seguida referiu-se ao tema da Encarnação Divina.

Doutor: “Qual é o seu conceito de Encarnação Divina? O que é tomar poeira dos pés de um homem?”

M.: “Ora, o senhor diz que durante suas experiências no laboratório, entra em êxtase quando pensa na criação de Deus. Além disso, o senhor sente a mesma emoção quando pensa no homem. Se é assim, por que não devemos curvar nossas cabeças ante Deus? Deus habita no coração do homem. Segundo o hinduísmo Deus habita em todos os seres. O senhor não estudou muito este assunto. Uma vez que Deus habita em todos os seres, o que há de mau em saudar um homem?

Sri Ramakrishna diz que há maior manifestação de Deus em certas coisas do que em outros objetos, como o sol se reflete melhor na água e no espelho do que em outros objetos. A água existe em toda parte, mas é mais visível num rio ou num lago. Inclinamo-nos a Deus e não ao homem. Deus é Deus – não, o homem é Deus.

Deus não pode ser conhecido por meio do raciocínio. Tudo depende da fé. Claro, estou repetindo o que diz Sri Ramakrishna.”

O Dr. Sarkar presenteou M. com um de seus livros. *“A Base Fisiológica na Psicologia”*. Escreveu na primeira página, “Com sinal de carinho fraternal.”

Eram maios ou menos onze horas da manhã. Sri Ramakrishna estava sentado em seu quarto com os devotos. Conversava com um devoto cristão chamado Misra. Misra havia nascido numa família cristã no noroeste da Índia e pertencia à seita Quaker. Tinha trinta e cinco anos. Embora vestido com roupas européias, usava a roupa ocre de um sannyasi debaixo de sua roupa estrangeira. Dois de seus irmãos haviam morrido no dia do casamento de um deles, e naquele dia Misra havia renunciado ao mundo.

Misra: “É somente Rama que mora em todos os seres.”

Sri Ramakrishna disse ao Naren mais jovem para que Misra o ouvisse: “Rama é um, mas tem mil nomes. Aquele que é chamado 'Deus' pelos cristãos, os hindus se dirigem como Rama, Krishna, Ishvara e outros nomes. Um lago tem muitos ghats. Os hindus bebem água de um dos ghats e a chamam 'jal'; os cristãos noutro, e a chamam 'água'; os muçulmanos num terceiro e a chamam 'pani'. Assim também Aquele que é Deus para os cristãos, é Allah para os muçulmanos.”

Misra: “Jesus não é o filho de Maria. É o próprio Deus (*aos devotos*) Agora ele (*mostrando Sri Ramakrishna*) é como os senhores o vêem – também ele é o próprio Deus. Os senhores não são capazes de reconhecê-Lo. Eu o havia visto antes, em visões, se bem que agora vejo-o diretamente com meus olhos. Vi um jardim onde ele estava num assento elevado. Uma outra pessoa estava sentada no chão, mas não era tão adiantada.

Há quatro porteiros de Deus neste país: Tukaram em Bombaim, Robert Michael em Kashmir, ele mesmo [referindo-se a Sri Ramakrishna] nesta parte do país, e uma outra pessoa em Bengala oriental.”

Mestre: “O senhor tem visões?”

Misra: “Sim, mesmo quando morava em casa costumava ver luz. Tive então uma visão de Jesus. Como posso descrever essa beleza? Quão insignificante é a beleza de uma mulher comparada com esta!”

Depois de um certo tempo, Misra tirou as calças e mostrou aos devotos a tanga que usava em volta da cintura.

Logo Sri Ramakrishna saiu para o pórtico. Voltando ao seu quarto, disse aos devotos, 'Eu o vi [referindo-se a Misra] em posição heróica'. Ao pronunciar estas palavras entrou em samadhi. Permaneceu de pé olhando para o oeste. Retomando parcialmente a consciência, fixou seu olhar em Misra e começou a rir. Ainda em estado extático, apertou as mãos dele e novamente riu. Tomando-o pelas mãos, disse, “Você conseguirá o que busca”.

Misra (*de mãos postas*): “Desde aquele dia entreguei ao senhor, minha mente, minha alma e meu

corpo.”

Sri Ramakrishna ria, ainda em êxtase.

O Mestre voltou ao seu lugar. Misra descrevia sua vida mundana aos devotos. Contou-lhes como seus dois irmãos haviam morrido, quando o palanquim caiu no momento do casamento. Sri Ramakrishna pediu aos devotos que tomasssem conta de Misra.

O Dr. Sarkar chegou. À sua vista, Sri Ramakrishna entrou em samadhi. Quando seu êxtase diminuiu um pouco, disse, “Primeiro a felicidade da embriaguez divina, em seguida, a Felicidade de Satchidananda, a Causa da causa.”

Doutor: “Sim.”

Mestre: “Não estou inconsciente.”

O doutor compreendeu que o Mestre estava embriagado de felicidade divina. Por isso disse, “Não, não! O senhor está totalmente consciente.”

Sri Ramakrishna sorriu e disse:

Não bebo vinho comum, mas o Vinho da Bem-aventurança Eterna.
Quando digo o nome de minha Mãe Kali:
Ele intoxica de tal modo a minha mente, que as pessoas me tomam por bêbado!
Primeiro meu guru me dá melado para fazer o Vinho:
Meu anseio é o fermento para transformá-lo.
O Conhecimento, o que faz o Vinho, prepara-o para mim, então:
E quando este está pronto, minha mente o absorve da garrafa do mantra.
Tomando o nome da Mãe para torná-lo puro.
Beba este Vinho, diz Ramprasad, e os quatro frutos da vida serão seus.

Ao ouvir as palavras, o médico quase que entrou em êxtase. Sri Ramakrishna entrou novamente em profundo estado espiritual e colocou seu pé no colo do médico. Minutos mais tarde tornou-se consciente do mundo exterior, e tirou o pé. Disse ao médico: “Ah, que coisa esplêndida o senhor falou no outro dia! 'Repousamos no colo Deus. A quem falaremos de nossas doenças, a não ser a Ele?' Se devo pedir, certamente pedirei a Ele”. Enquanto Sri Ramakrishna dizia estas palavras, seus olhos encheram-se de lágrimas. Novamente entrou em êxtase e disse ao médico, “O senhor é muito puro; caso contrário não teria posto meu pé em seu colo”. Continuando disse: “Somente tem paz aquele que provou a Felicidade de Rama. O que é este mundo? O que há nele? O que há no dinheiro, riqueza, honra e comodidades? Ó mente, conhece Rama! Quem senão Ele deveria conhecer?”

Os devotos estavam preocupados em ver os repetidos êxtases do Mestre no estado de saúde debilitada. Ele disse, “Ficarei tranquilo se alguém cantar aquela canção – 'O Vinho da Felicidade Celestial'.”

Narendra foi chamado de um outro quarto. Cantou com sua doce voz:

Fique embriagada, Ó mente, com o Vinho da Felicidade Celestial
Role no chão e chore, cantando o doce nome de Hari!
Encha a abóboda do céu com seu profundo rugido de leão,
Cantando o doce nome de Hari! Com ambos braços levantados,
Dance em nome de Hari e dê seu nome a todos.
Nade dia e noite na felicidade do amor de Hari;
Mate o desejo com Seu nome, e abençoado seja sua vida!

Mestre: “E aquela – No Mar de Consciência Bem-aventurada'.”

No mar de Consciência Bem-aventurada levantam-se ondas de amor extático:
Arrebatamento divino! Jogo da bem-aventurança de Deus!
Ó quão maravilhoso!...

Novamente Narendra cantou:

Medita, Ó mente, no Senhor Hari,
O Imaculado, Puro Espírito infindável.
Como é sem par a luz que n'Ele brilha!
Como é enfeitiçadora Sua forma maravilhosa!

Cada vez mais bela no amor recém-florido

Que envergonha o esplendor de um milhão de luas,
Como relâmpago brilha a glória de Sua forma,
Eriçando o cabelo por cada alegria.

Adore Seus pés no lótus do coração;
Com a mente serena e os olhos radiantes
Com amor celestial, contemple essa visão imaculada.
Aprisionada na magia de Seu êxtase de amor,
Mergulhe para sempre, Ó mente,
N'Ele que é Puro Conhecimento e Pura Felicidade.

O Dr. Sarkar ouvia atentamente. Quando a canção terminou disse, "Esta é muito bonita – 'No Mar de Consciência Bem-aventurada'."

Ao ver a alegria do médico, Sri Ramakrishna comentou: "O filho disse ao pai, 'Pai, prova um pouco de vinho, e em seguida, se me pedir para abandonar a bebida, eu assim o farei'. Depois de beber o vinho, o pai falou: 'Filho, você pode largá-lo. Não tenho objeção. Mas eu com certeza não vou abandoná-la!' (*o doutor e os outros riram*).

No outro dia a Mãe Divina, numa visão, mostrou-me dois homens. Ele [referindo-se ao médico] é um deles. Também me revelou que ele terá muito conhecimento; mas é conhecimento seco. (*Sorrindo, para o doutor*) Mas o senhor amolecerá."

Sexta-feira, 6 de novembro de 1885

Era o dia do Kali Puja, culto a Mãe Divina, o Ideal Escolhido de Sri Ramakrishna. Mais ou menos às nove horas da manhã, o Mestre, vestido com roupa nova, estava de pé no aposento sul do segundo andar de sua residência temporária em Shyampukur. Havia pedidoa M. que fizesse adoração a Siddheshvari em Thanthania, na parte central de Calcutá, com flores, coco verde, açúcar e outros doces. Depois de se banhar no Ganges, M. havia feito adoração e voltado descalço a Shyampukur. Trazia consigo o prasad. Sri Ramakrishna tirou os seus sapatos e com grande reverência comeu um pouco do prasad e colocou um pouco sobre sua cabeça.

A pedido do Mestre havia comprado dois livros de canções de Ramprasad e de Kamalakanta, para o Dr. Sarkar.

M.: "Aqui estão os livros de canções de Ramprasad e Kamalakanta."

Mestre: "Force canções como estas no médico."

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?"...

Quem existe que pode entender o que seja a Mãe Kali?"...

Ó mente! Você não sabe como cultivar o seu campo!
Improdutivo está o campo de sua vida...

Venha, vamos dar um passeio, Ó mente, até Kali, a Árvore que concede
Todos os desejos...

M.: "Sim, senhor."

Sri Ramakrishna andava de um lado para o outro no quarto com M.. Havia calçado os chinelos. Apesar de sua dolorosa doença, seu rosto brilhava de alegria.

Mestre: "E esta canção é também muito boa. 'Este mundo é uma moldura de ilusão.'"

M.: "Sim, senhor."

Subitamente Sri Ramakrishna deu um salto. Tirou os chinelos e permaneceu parado. Estava em samadhi profundo. Era o dia do culto da Mãe Divina. Era por isso que ele frequentemente entrava em samadhi? Depois de algum tempo suspirou e controlou sua emoção como se tivesse grande dificuldade.

Era mais ou menos dez horas. Sri Ramakrishna estava sentado na cama, recostado numa almofada. Os devotos sentaram-se à sua volta. Ram, Rakhal, Niranjan, Kalipada, M., e muitos outros devotos estavam presentes. Sri Ramakrishna referia-se a seu sobrinho Hriday.

Mestre: "Hriday até agora reclama a terra. Um dia, quando morava comigo em Dakshineswar, disse-me: 'Dê-me um xale, ou eu o processarei.' A Mãe Divina tirou-o de Dakshineswar. Ele amolava os visitantes por

dinheiro. Se ele tivesse permanecido comigo todas essas pessoas não poderiam ter vindo. Por isso a Mãe removeu-o. R. também começou a agir dessa maneira. Tornou-se briguento. Quando lhe pediam para me acompanhar na carruagem voltava atrás. Ficava aborrecido se outros rapazes vinham ver-me. Se eu fosse a Calcutá para vê-los, dizia: 'Por que se preocupa com eles? Será que eles vão renunciar ao mundo? Se eu quisesse servir alguma comida para os jovens, ficava com medo de R. e lhe diziz, 'Coma você um pouco e depois, sirva-os.' Vim a saber que ele não ficaria comigo. Então disse à Mãe Divina 'Mãe, não o removas completamente, como ocorreu com Hriday.' Soube, então, que ele ia para Vrindavan. Se R. tivesse ficado comigo naquela época, todos esses jovens não teriam se asssociado a mim. Partiu para Vrindavan e todos esses rapazes começaram a visitar-me com frequência."

R. (*humildemente*): "Senhor, essa não era minha intenção."

Ram (*a R.*): "Você pensa que compreende sua mente tão bem como ele?"

R. ficou em silêncio.

Mestre (*a R.*): "Por que você se sente assim? Eu o amo mais do que um pai ama seu filho...agora, por favor, fique quieto... você não tem mais esta atitude."

Depois de algum tempo os devotos foram para um outro lugar. Sri Ramakrishna mandou chamar R. e disse-lhe: "Você importunou-se com que eu disse?"

R.: "Não, senhor."

Sri Ramakrishna disse a M.: "É dia do Kali Puja. É bom que se façam alguns preparativos para o culto. Por favor fale com os devotos a esse respeito."

M. foi à sala de visitas e falou com os devotos sobre o que o Mestre havia dito. Kalipada e outros ocuparam-se com os preparativos.

Mais ou menos às duas horas da tarde o D. Sarkar chegou, acompanhado do Professor Nilmani. O doutor ouviu o relatório sobre a doença e receitou o remédio. Sri Ramakrishna disse-lhe, "Estes dois livros foram comprados para o senhor." M. entregou-lhe os livros.

O médico queria ouvir algumas canções. Ao sinal do Mestre, M. e um outro devoto cantaram:

Como está você tentando, Ó mente minha, conhecer a natureza de Deus?
Você está tateando como um louco, preso num quarto escuro. …

Então cantaram:

Quem existe que pode entender o que seja Mãe Kali?
Até mesmo os seus darshanas são incapazes de revelá-La.
É Ela, dizem as escrituras, que é o Eu Interno
Do Yogi, que descobre no Eu toda sua alegria;
Ela que, por Sua própria doce vontade, habita em cada ser vivo.

O macrocosmo e o microcosmo descansam no ventre da Mãe;
Agora vocês vêem quão vasto tudo isso é? No Mulladhara
O Yogi medita n'Ela, e no Sahasrara:
Quem a não ser Shiva mostra como Ela é realmente?
No agreste do lótus Ela brinca com Seu par, o Cisne.

Quando alguém aspira entendê-La, Ramprasad deve sorrir:
Pretender conhecê-La, diz ele, é risível.
Como imaginar que alguém possa atravessar a nado o oceano infinito.
Enquanto minha mente compreendeu, Ó, meu coração não;
Embora sendo um anão, ela todavia esforça-se para se tornar um cativo da lua

Novamente cantaram:

Ó mente, você não sabe como cultivar seu campo!
Improdutivo está o campo de sua vida.
Se você tivesse trabalhado bem nele.
Que abundante colheita teria obtido!...

Em seguida:

Venha, vamos dar uma volta, Ó mente, até Kali, a Árvore que conhece todos os desejos.
E ali, embaixo d'Ela, colher os quatro frutos da vida. …

O Dr. Sarkar disse a Girish, "Esta sua canção é muito bonita – aquela sobre a vina, na "*Vida de Buda*".
A uma sugestão do Mestre, Girish e Kalipada cantaram juntos:

> Contempla, minha vina, Ó meu querido bem-amado.
> Meu alaúde do mais doce tom;
> Se ternamente tocas nela,
> As cordas despertarão, a teu toque,
> As mais raras melodias...

Continuaram:

> Ansiamos por descanso, ai! Mas jamais poderemos encontrá-lo:
> Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos.
> Uma ou outra vez caminhamos nesta roda de sorrisos e lágrimas;
> Em vão nos esforçamos para aonde nosso caminho nos conduz,
> E porque representamos este papel vazio. …

Cantaram novamente:

> Segure-se firme, Ó Nitai! Sinto-me como se estivesse morrendo!
> Outorgando o nome de Hari aos homens,
> Levantei grandes ondas no rio de meu amor.
> E agora, na sua tormentosa corrente sou arrastado indefeso.
> Com pesar meu coração é levado;
> Meu Deus! Nitai, a quem falarei?
> Olhe, sou rapidamente levado pela corrente do profundo pesar dos homens.

Então cantaram:

> Jagai! Madhai! Ó, venham e dancem,
> Cantando o nome de Hari com fervor!...

E por fim:

> Venham todos! Tomem o amor de Radha!
> A maré alta de seu amor flui;
> Não durará por muito tempo,
> Ó, venham então! Venham todos!...

Ao ouvir estas canções, dois ou três devotos – entre eles Manindra e Latu – entraram em estado espiritual. Latu estava sentado ao lado de Niranjan. Quando a canção acabou, o Mestre falou com o médico. No dia anterior, o Dr. Pratap Mazumdar havia prescrito *nux vomica* para o Mestre. O Dr. Sarkar ficou aborrecido ao saber disso.

Doutor: "Dar a ele *nux vomica*! Ora, não estou morto ainda!"

Mestre (*sorrindo*): "Por que o senhor deveria morrer? Que Deus não permita! Que morra a sua *avidya*!"

Doutor: "Nunca tenho qualquer *avidya*."

O Dr. Sarkar tomou *avidya* como significando "amante".

Mestre (*sorrindo*): "Ó não! Não é isso que quero dizer! No caso de um sannyasi, sua mãe, *Avidya*, Ignorância, morre ao dar à luz a uma criança, *Viveka*, Discriminação."

Hariballav chegou. Sri Ramakrishna disse, "Sinto-me muito feliz quando o vejo". Hariballav era uma homem de natureza muito humilde; sentou-se no chão e não, na esteira. Começou a abanar o Mestre. Era advogado público em Cuttack. O Prof. Nilmani sentou-se perto dele. Sri Ramakrishna não queria ofendê-lo; lançando seu olhar ao professor, disse, "Ó, que grande dia é este para mim!" Poucos minutos mais tarde, o Dr. Sarkar e o Prof. Nilmani despediram-se. Hariballav também partiu, dizendo que voltaria.

Era noite escura da lua nova. Às sete horas os devotos fizeram os preparativos para o culto de Kali no quarto de Sri Ramakrishna. Foram colocados diante do Mestre, flores, pasta de sândalo, folhas de *vilwa*, hibiscos vermelhos, pudim de arroz e diversos doces e outros artigos de culto. Os devotos estavam sentados à sua volta. Estavam presentes, entre outros, Sarat, Sashi, Ram, Girish, Chunilal, M., Rakhal, Niranjan e o Naren mais jovem.

Sri Ramakrishna pede a um devoto para lhe trazer o incenso. Pouco minutos mais tarde oferece os artigos

à Mãe Divina. M. está sentado perto dele. Olhando para M., diz aos devotos, "Meditem um pouco". Os devotos fecham os olhos.

Logo Girish oferece uma grinalda de flores aos pés de Sri Ramakrishna. M. oferece flores e pasta de sândalo. Rakhal, Ram e outros devotos seguem-no.

Niranjan oferece uma flor aos pés de Sri Ramakrishna, gritando "Brahmamayi, Brahmamayi!", e prosternou-se diante dele, tocando os pés do Mestre com sua cabeça. Os devotos gritam, "Jai Maa!" "Glória à Mãe!"

Num abrir e fechar de olhos, Sri Ramakrishna entrou em samadhi profundo. Uma transformação surpreendente opera-se no Mestre diante dos olhos dos devotos. Seu rosto brilha com luz celestial. Suas duas mãos estão levantadas na atitude de conceder graças e confiança aos devotos; é o gesto que se vê nas imagens da Mãe Divina. Seu corpo ficou imóvel, não tinha consciência do mundo exterior. Estava sentado, olhando para o norte. Estária a Mãe Divina do Universo manifestando-Se através de sua pessoa? Mudos de espanto, os devotos olham intensamente para Sri Ramakrishna, que lhes parece a personificação da própria Mãe Divina.

Os devotos começaram a cantar hinos, conduzidos por um deles e seguidos em coro pelos outros.

Girish canta:

Quem é esta Mulher com espessos cabelos negros,
Brilhando no meio dos deuses?
Quem é Ela, cujos pés são como lótus carmim
Sobre o peito de Shiva?
Quem é Ela, cujas as unhas do pé brilham como a lua cheia,
Cujas as pernas queimam com o brilho do sol?
Quem é Ela, que ora fala suavemente e no sorri,
E ora enche todos os quadrantes do céu
Com gargalhadas terríveis?

Novamente:

Ó Mãe, salvadora dos desesperançados, Tu, a Destruidora do pecado!
Em Ti moram os três gunas – sattva, rajas e tamas.
Tu crias o mundo; Tu o susténs e o destróis;
Ligando-Te com atributos, contudo, Tu os transcendes;
Porque Tu, Ó Mãe, Tu és o Todo...

Behari canta:

Ó Shyama, Tu que sentas sobre um cadáver!
Eu Te imploro, ouve a mais ardente prece do meu coração.
Quando meu último alento abandonar esta carne mortal,
Revela-Te dentro do meu coração!
Então, em minha mente, da floresta e do bosque
Colherei Teus hibiscos vermelhos,
E perfumado com a pasta de sândalo do Amor,
Eu as oferecerei aos Teus Pés de Lótus.

M. canta com os outros devotos:

Ó Mãe, tudo é feito segundo Teu próprio doce desejo.
Tu és na verdade, Aquela que sabe o que quer, Redentora da humanidade!
Tu fazes Teu trabalho a que os homens chamam seu...

Cantam outra vez:

Todas as coisas são possíveis, Ó Mãe, por Tua graça;
Obstáculos da altura de uma montanha Tu fazes derreter.
Tu, Morada da Felicidade! A todos Tu dás paz e alegria;
Por que então, devo ser condenado a sofrer em vão,
Concentrando-se no sucesso ou fracasso de meus atos?

Novamente:

Ó Mãe, sempre Bem-aventurada Tu és.

Não prives Teu filho indigno da bem-aventurança!
Minha mente só conhece Teus Pés de Lótus.
O Rei da Morte me repreende com uma expressão terrível;
Diz-me, Ó Mãe, o que devo lhe dizer? …

Terminam:

Na profunda escuridão, Ó Mãe, Tua beleza sem forma resplandece;
Por isso os yogis meditam numa escura caverna da montanha. …

Gradualmente Sri Ramakrishna voltou à consciência do mundo exterior. Pediu aos devotos para cantarem, "Ó Mãe Shyama, cheia de ondas da embriaguez divina cantaram:"

Ó Mãe Shyama, cheia de ondas de embriaguez
Quem sabe como Tu brincas no mundo?
Teus jogos e travessuras e Teus olhares envergonham o deus do amor!...

Quando esta canção terminou, Sri Ramakrishna pediu aos devotos para cantarem, "Contemple minha Mãe entretendo-se com Shiva". Os devotos cantaram:

Contemple minha Mãe jogando com Shiva, perdida num êxtase de alegria!
Embriagada com um trago de vinho celestial. Ela cambaleia, contudo não cai. …

Sri Ramakrishna provou um pouco de pudim para agradar aos devotos, mas logo em seguida entrou em êxtase profundo.

Poucos minutos mais tarde os devotos prosternaram-se diante do Mestre e foram para a sala de visitas. Desfrutaram o prasad.

Eram nove horas da noite. Sri Ramakrishna pediu aos devotos para irem à casa de Surendra participar do culto à Kali.

Ao chegar à casa de Surendra na rua Simla, foram recebidos muito cordialmente. Surendra conduziu-os à sala de visitas no segundo andar. A casa estava impregnada de uma atmosfera festiva e um verdadeiro mercado de alegria havia sido criado com as canções e músicas dos devotos. Era noite avançada quando voltaram às suas casas depois de desfrutar de uma festa suntuosa oferecida por Surendra, o discípulo bem-amado do Mestre.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 49

O MESTRE EM COSSIPORE

Quarta-feira, 23 de dezembro de 1885

NA SEXTA-FEIRA, 11 de dezembro, Sri Ramakrishna foi removido para uma bela casa em Cossipore, subúrbio de Calcutá. A casa estava situada no meio de um jardim que cobria cerca de cinco acres de terra, e coberto de árvores frutíferas e flores. Aqui a cortina final desceu na vida do Mestre.

Em Cossipore empenhou-se com redobrada energia a concluir sua obra de condução espiritual, que havia iniciado há muito tempo em Dakshineswar. Compreendendo que o fim de sua vida física estava se aproximando, distribuiu seus tesouros espirituais, sem hesitação, para todos. Era como estes vendedores de frutas que levam seus produtos ao mercado, barganhando no começo os preços, mas que no fim do dia, quando o mercado já está para fechar, vendem sua mercadoria por qualquer preço. Aqui seus discípulos viram a maior manifestação de seus poderes espirituais. Aqui viram a realização de suas profecias sobre seu próprio fim: "Tornarei tudo público, antes de ir-me". "Quando as pessoas em grande número vierem conhecer e murmurar sobre a grandeza deste corpo, então, a Mãe o tomará de volta". "Os devotos serão divididos no final num círculo interno e outro externo", e assim por diante. Aqui ele predisse que um grupo de jovens discípulos, com Narendranath como líder, iriam no devido tempo renunciar ao mundo e se dedicariam á realização de Deus e ao serviço da humanidade.

O prédio principal de Cossipore tinha dois andares, com três quartos em baixo e dois em cima. O Mestre ocupava a parte central do andar superior; um pequeno aposento à esquerda era usado à noite por seus atendentes. À direita do vestíbulo havia uma varanda aberta onde Sri Ramakrishna às vezes sentava-se ou caminhava. No andar térreo, um vestíbulo logo abaixo do quarto do Mestre, e um pequeno aposento à direita era usado pelos devotos, e um pequeno cômodo no extremo esquerdo era ocupado pela Santa Mãe. No conjunto do jardim havia dois prédios, dois reservatórios e agradáveis caminhos. Sri Ramakrishna respirava melhor, ao ar livre, neste novo lugar.

Nesta época, quase todos os devotos se reuniram. Começaram a chegar em 1881. No final de 1884, Sarat e Sashi foram apresentados ao Mestre, e depois de seus exames na universidade, no meio de 1885, visitavam-no quase diariamente. Girish Ghosh havia conhecido o Mestre pela primeira vez em setembro de 1884 no Star Theatre, e desde o começo do dezembro seguinte, havia se tornado um visitante constante. Foi na última quinzena de dezembro de 1884 que Sarada Prasanna visitou pela primeira vez o Mestre no templo de Dakshineswar. Subodh e Kshirode fizeram sua primeira visita ao Mestre em agosto de 1885.

Os jovens devotos hospedaram-se na casa-jardim para cuidar de Sri Ramakrishna, embora muitos deles visitassem suas próprias famílias de vez em quando. Os chefes de família visitavam o Mestre quase todos os dias, sendo que ocasionalmente, alguns deles passavam a noite ali.

Na manhã de 23 de dezembro Sri Ramakrishna expressou de maneira irrestrita o seu amor aos devotos. Disse a Niranjan, "Você é meu: sentarei em seu colo." Tocando o peito de Kalipada, disse: "Que seu espírito interior seja despertado!" Acariciou afetuosamente o queixo de Kalipada e disse, "Aquele que chamou Deus com sinceridade, e praticou suas devoções diárias certamente virá aqui." De manhã duas senhoras receberam sua benção especial. Em samadhi tocou-lhes os corações com seus pés. Derramaram lágrimas de alegria. Uma delas disse-lhe, chorando, "O senhor é tão bom!" Seu amor naquele dia ultrapassou todos os limites. Queria abençoar Gopal de Sinthi e disse a um devoto, "Traga Gopal aqui."

Era o cair da tarde. Sri Ramakrishna estava absorvido na contemplação da Mãe do Universo. Depois de algum tempo começou a conversar docemente com alguns devotos. Kali, Chunilal, M., Navagopal, Sashi, Niranjan e outros poucos estavam presentes.

Mestre (*a M.*): "Compre um banquinho para mim. Quanto custará?"

M.: "Entre duas e três rupias."

Mestre: "Se um pequeno assento de madeira custa somente doze annas, por que você tem que pagar tanto por um banco?"

M.: "Talvez não custe tanto."

Mestre: "Amanhã é quinta-feira. O final da tarde não é auspicioso. Você pode vir antes das três?"

M.: "Sim, senhor. Virei."

Mestre: "Bem, pode me dizer quanto tempo vou levar para me recuperar dessa doença?"

M.: “Ela agravou-se um pouco, e levará alguns dias.”

Mestre: “Quanto?”

M.: “Talvez cinco a seis meses.”

Ouvindo isto, Sri Ramakrishna ficou impaciente como uma criança, e disse: “Tanto tempo? O que você quer dizer?”

M.: “Quero dizer, senhor, para uma completa recuperação.”

Mestre: “Ó, é isso! Estou aliviado. Pode explicar-me uma coisa? Como é isto que, apesar de todas estas visões, todo este êxtase e samadhi, estou tão doente?

M.: “Seu sofrimento é, sem dúvida, muito grande; mas tem um profundo significado.”

Mestre: “Qual?”

M.: “Uma mudança está se operando em sua mente. Está sendo direcionada para o aspecto de Deus sem forma. Mesmo o seu 'ego de Conhecimento' está desaparecendo.”

Mestre: “É verdade. Meu ensino aos outros está chegando ao fim. Não posso mais dar instrução. Vejo que tudo é o próprio Rama. E às vezes digo a mim mesmo, 'A quem vou ensinar?' Veja, porque estou vivendo numa casa alugada, diferentes espécies de devotos estão chegando aqui. Espero que não tenha que colocar um 'cartaz', como Shashadhar ou Krishnaprasanna Sen[1], anunciando minhas palestras.” (*O Mestre e M. Riem*).

M.: “Há também um outro propósito para essa enfermidade. É a escolha final dos discípulos. Os devotos alcançaram nesses poucos dias o que não poderiam realizar em cinco anos de tapasya. Seu amor e devoção estão crescendo a passos largos.”

Mestre: “Isto pode ser verdade; mas Niranjan voltou para casa. (*A Niranjan*) Por favor diga-me como você se sente.”

Niranjan: “Sem dúvida, antes eu o amava, mas agora, me é impossível viver sem o senhor.”

M.: “Um dia descobri quão grande esses jovens são.”

Mestre: “Onde?”

M.: “Senhor, um dia eu estava num canto da casa de Shyampukur, quando observei os devotos. Vi claramente que cada um deles havia aberto seu caminho aqui através de obstáculos insuperáveis e que haviam se entregado ao seu serviço.”

Enquanto ouvia essas palavras, Sri Ramakrishna tornou-se abstraído. Permaneceu em silêncio por alguns momentos. Subitamente entrou em samadhi.

Retornando à consciência do mundo exterior, disse a M.: “Vi que tudo passava da forma para o sem forma. Quero lhe transmitir todas as coisas que vi, mas não posso. Bem, esta minha tendência para o sem forma é somente sinal de minha próxima dissolução. Não é assim?”

M. (*assustado*): “Pode ser.”

Mestre: “Mesmo agora estou vendo o Satchidananda Indivisível Sem Forma – assim... Mas reprimi meus sentimentos com grande dificuldade.

O que você falou sobre a escolha dos discípulos está certo; esta doença está mostrando quem pertence ao círculo íntimo e quem é do externo. Aqueles que estão vivendo aqui, renunciando ao mundo, pertencem ao círculo íntimo; e aqueles que fazem visitas ocasionais e perguntam, 'Como o senhor está?' pertencem ao círculo externo.

Você já reparou em Bhavanath? No outro dia foi a Shyampukur vestido como um noivo e perguntou-me, 'Como o senhor está?' Não o vi desde então. Eu demonsto a ele afeto por causa de Narendra, mas ele agora não está mais em meus pensamentos.

(*A M.*) Quando Deus toma um corpo humano para o bem de Seus devotos, muitos dos Seus devotos O acompanham à terra. Alguns pertencem ao círculo interno, outros ao círculo externo, e outros tornam-se provedores de Suas necessidades físicas.

Experimentei um de meus primeiros êxtases quando tinha somente dez ou doze anos, quando atravessava um campo a caminho do santuário de Vishalakti. Que visão! Fiquei completamente inconsciente do mundo exterior.

Tinha vinte e dois ou vinte e três anos quando um dia a Mãe Divina perguntou-me, no templo de Kali, 'Quer ser *Akshara*? Desconhecia o significado da palavra. Perguntei a Haladhari. Ele disse '*Kshara*' significa *jiva*, ser vivo, *Akshara* significa *Paramatman*, a Alma Suprema.

Na hora da adoração vespertina no templo de Kali, costumava subir no terraço do kuthi e gritar: 'Ó devotos, onde vocês estão? Venham a mim logo! Morrerei na companhia de pessoas mundanas!' Falei sobre tudo isso aos 'ingleses'. Disseram-me que tudo era ilusão da minha mente. 'Talvez seja', disse a mim mesmo,

1 Shashadhar e Krishnaprasanna Sen eram dois conferencistas hindus muito conhecidos, contenporâneos de Sri Ramakrishna.

e fiquei calmo. Mas agora tudo está se tornando realidade; os devotos estão chegando.

A Mãe Divina numa visão, também me mostrou os cinco provedores de minhas necessidades físicas: primeiro Mathur Babu e em segundo lugar Sambhu Mallick que até então eu ainda não havia conhecido.Tive a visão de um homem de pele clara com um chapéu. Muitos dias depois, quando conheci Sambhu pela primeira vez, lembrei-me daquela visão, compreendi que era ele que eu havia visto naquele estado extático. Ainda não encontrei meus três outros provedores. Mas todos eram de pele clara. Surendra parece-se com um deles.

Quando atingi este estado de Consciência de Deus, uma pessoa exatamente igual a mim sacudiu completamente os meus nervos Ida, Pingala e Sushumna. Lambeu cada um dos lótus dos seis centros e os lótus caídos imediatament levantaram-se. E por fim, o Sahasrara abriu-se completamente.

A Mãe Divina costumava revelar-me a natureza dos devotos antes deles chegarem. Vi com esses dois olhos – não em transe – a festa do kirtan de Chaitanya indo do baniano até o bakul, no Panchavati. Vi Balaram na procissão e também, creio, você mesmo [*referindo-se a M.*]. A consciência espiritual de Chuni e a sua também, haviam sido despertadas pelas constantes visitas a minha pessoa. Numa visão vi que Sashi e Sarat haviam estado entre os seguidores de Cristo.

Sob o baniano no Panchavati tive a visão de um menino. Hriday disse-me: 'Brevemente lhe nascerá um filho'. Eu lhe disse: 'Mas considero todas as mulheres como mãe. Como posso ter um filho?' Esse menino é Rakhal.

Eu disse à Mãe Divina: 'Ó Mãe, já que Tu me colocaste neste estado, dá-me um homem rico'. É por isso que Mathur me serviu por quatorze anos[2]. E de maneiras diferentes! A meu pedido arranjou uma dispensa para os sadhus. Proveu-me com uma carruagem e palanquim. E tudo que lhe pedia para dar a alguém, ele dava. A Brahmani[3] identificava-o com Prataprudra[4].

Vijay teve a visão desta forma [referindo-se a si mesmo]. Como você explica isso? Vijay disse-me, 'Eu a toquei exatamente como o estou tocando agora'.

Latu contou trinta e um devotos no total. Não são muitos. Mas alguns mais estão se tornando devotos por meio de Vijay e Kedar. Foi-me revelado numa visão que nos meus últimos dias, teria de viver de pudim. Na enfermidade atual minha esposa um dia deu-me pudim. Derramei lágrimas e disse dolorosamente, 'É este meu viver de pudim a proximidade do fim, e tão doloroso?'"

Segunda-feira, 4 de janeiro de 1886

Era o décimo quarto dia da quinzena escura da lua. Às quatro horas da tarde Sri Ramakrishna estava sentado em seu quarto. Disse a M. que Ram Chatterji havia vindo do templo de Kali em Dakshineswar para saber de sua saúde. Perguntou a M. se naquela hora estava muito frio no jardim-templo.

Narendra chegou. De vez em quando o Mestre olhava para ele e sorria. M. achou que naquele dia o amor do Mestre por seu amado discípulo não tinha limites. Com um sinal fez M. saber que Narendra havia chorado. Depois ficou quieto. Novamente ele mostrou que Narendra havia chorado durante o trajeto de sua casa.

Ninguém falava. Narendra quebrou o silêncio.

Narendra: "Estive pensando em ir lá hoje."

Mestre: "Aonde?"

Narendra: "Em Dakshineswar. Quero acender uma fogueira debaixo da árvore bel e meditar."

Mestre: "Não, as autoridades da fábrica de pólvora não permitirão. O Panchavati é um lindo lugar. Muitos sadhus vêm praticando japa e meditação. Mas lá é muito frio e o lugar é também muito escuro."

Novamente por alguns momentos todos ficaram em silêncio.

Mestre (*a Narendra, sorrindo*): "Não vai continuar os seus estudos?"

Narendra (*olhando para o Mestre e M.*): "Sentirei um grande alívio se encontrar um remédio que me faça esquecer tudo o que estudei."

O Gopal mais velho, que também estava no aposento, disse, "Acompanharei Narendra."

Kalipada Ghosh havia trazido uma caixa de uvas para Sri Ramakrishna, colocando-a próxima do Mestre. O Mestre deu algumas a Narendra e despejou o resto no chão, para que os devotos as pegassem.

Anoitecia. Narendra estava sentado num quarto embaixo. Fumava e descrevia para M. o anseio de sua alma. Ninguém mais estava com eles.

2 De 1858 a 1871.

3 A mulher brahmin que foi um dos instrutores do Mestre.

4 Um rei de Orissa e seguidor devoto de Chaitanya, que o serviu com o mais intenso amor e fidelidade.

Narendra: “Eu estava meditando aqui no último sábado, quando subitamente senti uma sensação estranha em meu coração.”

M.: “Foi o despertar da Kundalini.”

Narendra: “Provavelmente o foi. Percebi claramente Ida e Pingala. Pedia a Hazra para sentir meu coração. Ontem eu o vi [referindo-se ao Mestre] lá em cima e falei-lhe sobre isto. Disse-lhe: “Todos os outros tiveram sua realização; por favor, dê-me algo. Todos tiveram sucesso; somente eu não terei alguma satisfação?”

M.: “O que lhe respondeu?”

Narendra: “Ele disse: 'Por que você não resolve primeiro seus assuntos familiares para depois vir a mim? Você terá tudo. O que você quer?' Respondi, 'Desejo ficar absorvido em samadhi contínuo por três ou quatro dias, voltando ao plano sensório de vez em quando para comer algo'. A isso ele me disse: 'Você é uma pessoa de mentalidade estreita. Há um estado mais elevado do que este. “Tudo o que existe és Tu” - você mesmo é quem canta esta canção.'”

M.: “Sim, ele sempre diz que depois de voltar do samadhi, vê-se que foi o próprio Deus quem tornou-Se o universo, os seres vivos e tudo o que existe. Somente os Ishvarakotis podem alcançar esse estado. Um homem comum pode, no máximo, alcançar samadhi; mas não pode voltar desse estado.”

Narendra: “Ele [o Mestre] disse: 'Resolva seus assuntos familiares, para depois vir a mim. Alcançará um estado mais elevado do que o samadhi. Esta manhã fui para casa. Meus familiares recriminaram-me, dizendo: 'Por que você anda por aí como um vagabundo? Seu exame de Direito está próximo, e você não está prestando atenção aos seus estudos. Vagueia sem rumo'.”

M.: “Sua mãe disse alguma coisa?”

Narendra: “Não. Estava muito aflita para me alimentar. Deu-me carne de veado. Comi um pouco, embora não me sentisse com vontade de comer carne.”

M.: “E depois?”

Narendra: “Fui estudar na casa de minha avó. Enquanto tentava ler algo, fui tomado por um grande temor, como se estudar fosse uma coisa terrível. Meu coração lutava dentro de mim. Caí em prantos. Em minha vida jamais chorei tão amargamente. Larguei meus livros e fugi. Corri pelas ruas. Os sapatos caíram dos pés – não sei onde. Passei por um monte de feno e o feno ficou sobre mim. Continuei correndo pela estrada que levava a Cossipore.”

Narendra permaneceu em silêncio por alguns minutos e depois continuou.

Narendra: “Desde que li o *Vivekachudamani*, tenho me sentido muito deprimido. Nele Shankaracharya diz que somente por meio de muita tapasya e boa sorte, uma pessoa consegue estas três coisas: nascimento humano, desejo de liberação e refúgio numa grande alma. Disse a mim mesmo: 'Com toda certeza obtive estas três coisas. Coomo resultado de grande tapasya nasci como um ser humano; através de grande tapasya também tenho desejo de liberação; e devido à grande tapasya, consegui a companhia de tão grande alma.”

M.: “Ah!”

Narendra: “Não tenho mais gosto pelo mundo. Não me agrada a companhia daqueles que vivem no mundo – naturalmente à exceção de um ou dois devotos.”

De novo Narendra ficou em silêncio. O fogo de uma intensa renúncia ardia dentro dele. Sua alma estava inquieta pela visão de Deus. Continuou a conversa.

Narendra (*a M.*): “Você encontrou paz, mas minha alma está desassossegada. Você realmente, é abençoado.”

M. não respondeu, mas permaneceu em silêncio. Disse a si mesmo: “Sri Ramakrishna disse que se deve arquejar e suar por Deus; somente então pode-se ter a visão d'Ele.”

Logo após o cair da tarde, M. subiu. Encontrou Sri Ramakrishna dormindo.

Eram cerca de nove horas da noite. Niranjan e Sashi estavam sentados próximos do Mestre que estava acordado. De vez em quando falava de Narendra.

Mestre: “Como é maravilhoso o estado mental de Narendra! Vejam, esse mesmo Narendra não acreditava nas formas de Deus, e agora vejam como sua alma está ansiando por Deus! Você conhece aquela história do homem que perguntou ao seu guru como Deus podia ser realizado. O guru disse-lhe: 'Venha comigo. Vou lhe mostrar como se pode realizar Deus'. Dizendo isto levou o discípulo até um lago e manteve sua cabeça debaixo d'água. Depois de pouco tempo soltou o discípulo e perguntou-lhe, 'Como você se sentiu?' 'Estava morrendo por um pouco de ar!', disse o discípulo.

Quando a alma sentir falta de Deus e ansiar por Ele desta maneira, então saberá que não tem que esperar por muito tempo por Sua visão. A coloração rósea do horizonte oriental indica que o sol brevemente nascerá.”

Neste dia a doença de Sri Ramakrishna havia piorado. Apesar de muito sofrimento, disse muitas coisas sobre Narendra – se bem que a maioria delas por sinais.

À noite Narendra partiu para Dakshineswar. Estava muito escuro. Era noite de lua nova. Foi acompanhado por um ou dois devotos. M. passou a noite em Cossipore. Sonhou que estava sentado numa reunião de sannyasis.

Terça-feira, 5 de janeiro de 1886

Sri Ramakrishna estava sentado em sua cama, conversando com M.. Ninguém mais estava presente. Eram mais ou menos quatro horas da tarde.

Mestre: "Se Kshirode for em peregrinação a Gangasagar, por favor, compre um cobertor para ele."

M.: "Sim, senhor."

Sri Ramakrishna ficou calado por alguns minutos. Logo continuou.

Mestre: "Bem, pode dizer-se o que está sucedendo com esses rapazes? Alguns estão indo para Puri e outros, para Gangasagar. Todos renunciaram aos seus lares. Olhe Narendra! Quando um homem é tomado por espírito de intensa renúncia, considera o mundo um poço profundo e seus parentes, como cobras venenosas."

M.: "Sim, senhor. A vida no mundo está cheia de sofrimento."

Mestre: "Sim, é o sofrimento do inferno – e isto desde a hora do nascimento! Não vê que o problema são esposa e filhos?"

M.: "Sim, senhor. O senhor mesmo disse: 'Esses rapazes[5] não têm qualquer relação com o mundo. Não lhe devem nada, nem nada esperam dele. É o sentido de obrigação que prende um homem ao mundo."

Mestre: "Não vê como Niranjan é? Sua atitude para com o mundo é esta: 'Olhe, tome o que é teu, mas dá-me o que é meu'. É tudo. Não tem outra relação com o mundo. Não há nada que o faça recuar. Somente 'mulher e ouro' é o mundo. Não vê que se você tiver dinheiro, você quer guardá-lo?"

M. caiu na gargalhada. Sri Ramakrishna também riu.

M.: "Uma pessoa pensa muito antes de gastar dinheiro. (*Ambos riem*). Mas uma vez o senhor disse em Dakshineswar, que é bem diferente se uma pessoa é capaz de viver no mundo livre dos três gunas."

Mestre: "Sim, como uma criança!"

M.: "Sim, senhor. Mas isto é extremamente difícil; requer tremenda força."

Sri Ramakrishna permaneceu em silêncio.

M.: "Ontem eles foram a Dakshineswar meditar. Tive um sonho."

Mestre: "O que você sonhou?"

M.: "Sonhei que Narendra e alguns outros haviam se tornado sannyasis. Estavam sentados ao redor do fogo. Eu, também, estava lá. Fumavam tabaco e soltavam baforadas. Eu lhes disse que poderiam cheirar cânhamo."[6]

Mestre: "Uma coisa essencial é a renúncia mental. Isso, também, torna uma pessoa sannyasi."

Sri Ramakrishna permaneceu em silêncio por alguns minutos e então, continuou.

Mestre: "Mas devemos pôr fogo em nossos desejos. Somente então, seremos bem sucedidos."

M.: "O senhor disse ao pundit dos Marwaris de Burrabazar que tinha o desejo de bhakti. O desejo de bhakti não pode ser considerado também um desejo?"

Mestre: "Não, assim como as folhas de hinche não podem ser consideradas verduras. Hinche suspende a secreção de bile."

Bem, toda minha alegria, todo meu êxtase – onde está tudo agora?"

M.: "Talvez o senhor esteja agora num estado mental que o *Gita* descreve como além dos três gunas. Sattva, rajas e tamas estão executando suas próprias funções, e o senhor mesmo é desapegado – desapegado até mesmo de sattva."

Mestre: "Sim, a Mãe Divina colocou-me no estado de uma criança. Diga-me, o corpo sobreviverá a esta enfermidade?"

O Mestre e M. ficaram em silêncio. Narendra entrou no quarto. Ia voltar para casa a fim de tratar dos negócios da família.

Desde a morte de seu pai, Narendra estava muito preocupado com sua mãe e irmãos. De vez em quando eram ameaçados de passar fome. Narendra era a única esperança da família; esperavam que ele ganhasse dinheiro e os mantivesse. Mas Narendra não podia apresentar-se ao seu exame de Direito: estava passando

5 O Mestre referia-se aos jovens discípulos.

6 Muitos sannyasis errantes fumam cânhamo indiano.

por um estado de intensa renúncia. Ia a Calcutá aquele dia para conseguir alguns mantimentos para a família. Um amigo havia concordado em emprestar-lhe cem rúpias. Essa importância atenderia à família durante três meses.

Narendra: "Vou para casa. (*a M.*). A caminho vou visitar Mahimacharan. Vem comigo?"

M. não queria ir. Olhando para M., Sri Ramakrishna perguntou a Narendra, "Por que?"

Narendra: "Vou por esse caminho; vou passar pela casa de Mahimacharan e conversarei um pouco com ele."

Sri Ramakrishna olhou intensamente para Narendra.

Narendra: "Um amigo que vem aqui, disse-me que me emprestaria cem rúpias. Isto atenderá a família por três meses. Vou para casa tratar desse assunto."

Sri Ramakrishna ficou em silêncio e olhou para M..

M. (*a Narendra*): "Não, vai na frente. Irei mais tarde."

Quinta-feira, 11 de março de 1886

Eram oito horas da noite. Sri Ramakrishna estava no grande vestíbulo do segundo andar. Narendra, Sashi, M., Sarat e o Gopal mais velho estavam no quarto. Sri Ramakrishna estava deitado. Sarat estava ao lado da cama, abanando-o. O Mestre falava sobre sua enfermidade.

Mestre: "Se algum de vocês for a Dakshineswar e vir Bholanath, ele lhe dará um óleo medicinal e também dirá como usá-lo."

O Gopal mais velho: "Então amanhã irei buscar o óleo."

M.: "Se alguém for esta noite, pode trazer o óleo."

Sashi: "Eu posso ir."

Mestre (*mostrando Sarat*): "Ele pode ir."

Depois de algum tempo Sarat foi para Dakshineswar para trazer o óleo de Bholanath.

Os devotos, sentados em volta da cama de Sri Ramakrishna, mantinham silêncio. Subitamente o Mestre pôs-se de pé. Falou a Narendranath.

Mestre: "Brahman é sem mácula. Os três gunas estão em Brahman, mas Ele mesmo não é tocado por eles. Você pode encontrar no ar tanto cheiros bons quanto maus, mas o ar em si não é afetado. Shankaracharya caminhava por uma rua em Benares. Um pária carregando um fardo de carne, subitamente tocou-o. 'O que!' Disse Shankara. 'Você me tocou!' 'Reverenciado senhor', disse o pária, 'não o toquei nem o senhor me tocou. O Atman está além de qualquer contaminação, e o senhor é Puro Atman.' Entre Brahman e maya, o jnani rejeita maya.

Maya é como um véu. Veja, coloco esta toalha entre você e o lampião. Você não pode mais ver a luz do lampião."

Sri Ramakrishna colocou uma toalha entre si mesmo e os devotos.

Mestre: "Agora vocês não podem mais ver o meu rosto. Como Ramprasad disse, 'Levante a cortina e veja!' O bhakta, contudo, não ignora maya. Adora Mahamaya. Tomando refúgio n'Ela, diz: 'Ó Mãe, por favor coloca-Te fora de meu caminho. Somente se Tu Te colocares fora de meu caminho poderei ter o Conhecimento de Brahman'. Os jnanis explicam todos esses estados – vigília, sonho e sono profundo. Mas os bhaktas aceitam todos eles. Enquanto houver ego, tudo o mais existe. Enquanto o 'eu' existir, o bhakta vê que é Deus que Se tornou maya, o universo, os seres vivos e os vinte e quatro princípios cósmicos."

Narendra e os outros ouviam em silêncio.

Mestre: "Mas a teoria de maya é seca. (*A Narendra*) Repita o que eu disse."

Narendra: "Maya é seca."

Sri Ramakrishna afetuosamente acariciou o rosto e as mãos de Narendra, e disse: "Seu rosto e mãos dizem que você é um bhakta. Mas o jnani tem traços diferentes; são secos. Mesmo de pois de alcançar jnana, o jnani pode viver no mundo, retendo vidyamaya, quer dizer, bhakti, compaixão, renúncia e virtudes como essas. Isto lhe serve para dois propósitos: primeira, ensinar os homens, e a segunda, desfrutar a felicidade divina. Se um jnani permanece silencioso, submergido em samadhi, então os corações dos homens não serão iluminados. Por isso Shankaracharya reteve o 'ego de Conhecimento'. Além disso, um jnani vive como um devoto, na companhia dos bhaktas, para desfrutar e beber profundamente a Felicidade de Deus.

O 'ego de Conhecimento' e o 'ego de Devoção' não podem lhe fazer mal; é o 'eu perverso' que é prejudicial. Depois de realizar Deus um torna-se como um criança. Não há mal algum no 'ego de criança'. É como a reflexão de um rosto no espelho: a reflexão não pode insultar. Ou é como uma corda queimada, que parece ser uma corda mas desaparece ao menor sopro. O ego que foi queimado no fogo do Conhecimento

não pode fazer mal a ninguém. É um ego somente em nome. Ao voltar ao plano relativo depois de alcançar o Absoluto, é como voltar à praia de um rio depois de ter ido para o lado oposto. Esse regresso para o plano relativo é para ensinar os homens, e para se divertir – participar do esporte divino no mundo."

Sri Ramakrishna falava com uma voz muito baixa. Dirigindo-se aos devotos disse: "O corpo está tão doente, mas a mente está livre de avidyamaya. Deixe-me dizer-lhe: não há pensamentos e minha mente de Ramlal, ou de casa ou de esposa, mas tenho me preocupado com Purna, esse rapaz kayastha. Não tenho a menor ansiedade pelos outros. É Deus somente que manteve esta avidyamaya em mim, para o bem dos homens, para o bem estar dos devotos. Mas se uma pessoa retém vidyamaya volta a este mundo. Os Avatars mantém esta vidyamaya. Enquanto um homem tiver o menor desejo, deve nascer repetidamente. Quando livrar-se de todos os desejos, então se libera. Mas os bhaktas não buscam liberação. Se uma pessoa morre em Benares, alcança liberação; não volta a renascer. A liberação é a meta dos jnanis."

Narendra: "No outro dia fomos visitar Mahimacharan."

Mestre (*sorrindo*): "E daí?"

Narendra: "Nunca havia visto um jnani tão seco."

Mestre (*sorrindo*): "O que houve?"

Narendra: "Pediu-nos para cantar. Gangadhar cantou:

Radha voltou à vida ao ouvir o nome de Krishna.
Ela olha em volta; em sua frente vê uma árvore tamala.

Ao ouvir esta canção, Mahimacharan disse: 'Por que estas canções aqui? Não me importo com o amor e todas essas tolices. Além disso, vivo aqui com minha esposa e filhos. Por que todas essas canções aqui?"

Mestre (*a M.*): "Viu como ele tem medo?"

Domingo, 14 de março de 1886

Sri Ramakrishna sentou-se olhando para o norte, no largo aposento de cima. Era noite. Estava muito doente. Narendra e Rakhal massageavam gentilmente seus pés. M. estava sentado ao lado. O Mestre, com um sinal, pediu-lhe também que lhe fizesse massagem em seus pés. M. obedeceu.

No domingo anterior os devotos festejaram o aniversário de Sri Ramakrishna com adoração e oração. Seu aniversário no ano anterior havia sido festejado em Dakshineswar com grande pompa; mas, agora, por causa da sua enfermidade, os devotos estavam muito tristes e não houve festa.

A Santa Mãe ocupava-se dia e noite com o serviço do Mestre. Entre os jovens discípulos, Narendra, Rakhal, Niranjan, Sarat, Sashi, Baburam, Jogin, Latu e Kali viviam com ele na casa-jardim. Os devotos antigos visitavam-no diariamente, e alguns, ocasionalmente, passavam a noite ali.

Naquele dia Sri Ramakrishna sentia-se muito mal. À meia-noite o luar inundava o jardim, mas não pôde despertar nenhuma resposta nos corações dos devotos. Haviam afundado num mar de tristeza. Sentiam que estavam vivendo numa linda cidade situada por um exército hostil. Um profundo silêncio reinava em todos os lugares. A natureza estava tranquila, exceto o doce farfalhar das folhas, ao toque do vento do sul. Sri Ramakrishna permanecia desperto. Um ou dois devotos sentavam-se próximos dele, em silêncio. Às vezes ele parecia cochilar.

M. estava sentado ao seu lado. Sri Ramakrishna pediu-lhe por sinais para se aproximar. A visão de seu sofrimento era insuportável. Com uma voz muito doce e com grande dificuldade, disse a M.: "Tenho estado sofrendo tanto com medo de fazer todos chorar. Mas se vocês todos disserem: 'Ó, há tanto sofrimento! Deixe o corpo morrer', então posso deixar o corpo."

Estas palavras cortaram os corações dos devotos. E aquele que era seu pai, mãe e protetor as havia pronunciado! O que podiam dizer? Ficaram em silêncio. Alguns pensaram, 'É esta uma outra crucificação – o sacrifício do corpo para o bem dos devotos?"

Já era noite densa. A doença de Sri Ramakrishna tomava um rumo definitivo. Os devotos imaginavam o que deveria ser feito. Um deles partiu para Calcutá. Naquela mesma noite Girish chegou com dois médicos, Upendra e Navagopal.

Os devotos sentaram-se perto do Mestre. Ele sentiu-se um pouco melhor e disse-lhes: "A doença é do corpo. É como deve ser; vejo que o corpo é formado de cinco elementos."

Virando-se para Girish, disse: "Estou vendo muitas formas de Deus. Entre elas acho que esta também

[referindo-se à sua própria forma].”

Segunda-feira, 15 de março de 1886

Um pouco antes das sete horas da manhã, Sri Ramakrishna sentiu-se um pouco melhor. Falou aos devotos, às vezes num sussurro, às vezes por sinais. Narendra, Rakhal, Latu, M., Gopal de Sinthi e outros estavam no quarto. Permaneciam silenciosos, com ar grave, pensando no sofrimento do Mestre na noite anterior.

Mestre (*aos devotos*): “Sabe o que estou vendo? Vejo que é o próprio Deus que Se tornou tudo isso. Parece-me que os homens e outros seres vivos são de couro, e que o próprio Deus, habitando dentro dessas caixas de couro movimenta as mãos, os pés e as cabeças. Tive uma visão semelhante numa outra ocasião, em que vi casas, jardins, estradas, homens, gado – tudo estava feito de uma única Substância: era como se tudo fosse feito de cera. Vejo que é o próprio Deus que Se tornou o patíbulo, o carrasco e a vítima para o sacrifício.”

À medida que Sri Ramakrishna descrevia esta estarrecedora experiência, na qual realizou por completo a identidade de tudo com o Ser Uno, ficou embargado de emoção e exclamou, “Ah! Que visão!”

Imediatamente Sri Ramakrishna entrou em samadhi. Esqueceu-se totalmente do corpo e do mundo exterior. Os devotos ficaram embevecidos. Não sabendo o que fazer, permaneceram quietos.

Logo o Mestre retomou parcialmente a consciência do mundo e disse: “Agora não tenho dor alguma. Sou novamente meu antigo ser.” Os devotos ficaram assombrados ao ver este estado do Mestre, além do prazer e da dor, alegria e tristeza.

Sri Ramakrishna lançou um olhar sobre Latu e disse: “Ali está Loto. Abaixa sua cabeça, fazendo-a descansar na palma de sua mão. Vejo que é o próprio Deus quem descansa Sua cabeça em Sua mão.” O Mestre olhou para os devotos e seu amor por eles brotou em mil torrentes. Como a mãe que demonstra ternura a seus filhos, tocou os rostos e queixos de Rakhal e Narendra.

Poucos minutos mais tarde disse a M., “Se o corpo tiver de ser preservado poucos dias mais, muitas pessoas terão sua espiritualidade despertada.” Mas isto não vai acontecer. Desta vez o corpo não será preservado.”

Os devotos ansiosamente esperavam as próximas palavras do Mestre: “Essa não é a vontade Deus. Desta vez o corpo não será preservado, porque vendo-me puro e tolo, as pessoas se aproveitariam de mim, pois eu, puro e tolo como sou, daria tudo a todo mundo. Nesse Kaliyuga, vocês sabem, as pessoas são adversas à meditação e japa.”

Rakhal (*carinhosamente*): “Por favor fale com Deus para que Ele preserve seu corpo por mais tempo.”

Mestre: “Isso depende da vontade de Deus.”

Narendra: “Sua vontade e a vontade de Deus tornaram-se uma.”

Sri Ramakrishna permaneceu em silêncio. Parecia estar pensando em algo.

Mestre (*a Narendra, Rakhal e outros*): “E nada acontecerá se eu falar com Deus. Agora vejo que eu e a Mãe tornamo-nos um. Com medo de sua cunhada, Radha disse a Krishna, 'Por favor, habite em meu coração'. Mas quando mais tarde, ela tornou-se tão ansiosa pela visão de Krishna – tão ansiosa que seu coração doía e ansiava por seu bem-Amado – Ele não apareceu.”

Rakhal (*em voz baixa, aos devotos*): “Ele está se referindo à Encarnação de Deus como Gauranga.”[7]

Os devotos permaneceram em silêncio no quarto. Sri Ramakrishna olhava-os carinhosamente. Então ele coloca a mão no coração. Está prestes a falar.

Mestre (*a Narendra e outros*): “Há duas pessoas nisso. Uma, a Mãe Divina...”

Fez uma pausa. Os devotos olham-no ansiosamente para ouvir o que ele vai dizer em seguida.

Mestre: “Sim, uma é Ela, e a outra é Seu devoto. É seu devoto que quebrou o braço, e é o devoto que agora está doente. Compreendem?”

Os devotos não pronunciaram uma palavra.

Mestre: “Ai meu Deus! A quem direi tudo isso? Quem me compreenderá?”

Fazendo uma pausa por alguns minutos, o Mestre disse: “Deus torna-Se homem, um Avatar, e vem a terra com Seus devotos. E os devotos deixam o mundo com Ele.”

---

7 Segundo a escola bengali de vaishnavismo, Sri Krishna queria saborear e desfrutar Sua própria doçura como Radha. Mas isso não podia ser feito na sua mais ampla extensão, a não ser que Krishna estivesse enamorado d'Ele próprio, como Radha havia estado. Por isso Ele assumiu uma forma em que todos os aspectos de Krishna de Vrindavan, e os de Radha coexistissem; e neste aspecto Krishna desfrutava Seu próprio encanto e doçura. Esta forma é conhecida como Sri Gauranga que era uma mistura de Radha e Krishna.

Rakhal: “Por isso oramos para que o senhor não vá embora e nos deixe para trás.”

Sri Ramakrishna sorriu e disse: “Um grupo de menestréis aparece de repente, dança e canta, e logo desaparece. Vão e voltam, mas ninguém os reconhece.”

O Mestre e os devotos sorriem.

Depois de alguns minutos ele disse: “O sofrimento é inevitável quando se assume um corpo humano. De vez em quando digo a mim mesmo, 'Que eu não tenha que voltar á terra novamente!' Mas há algo mais. Depois de desfrutar festas suntuosas fora de casa não mais se aprecia comida caseira barata. Além disso, assumir um corpo humano é para o bem dos devotos.”

Carinhosamente Sri Ramakrishna olhou para Narendra.

Mestre (*a Narendra*): “Um pária carregava um fardo de carne. Shankaracharya passava por ali, depois de banhar-se no Ganges. Subitamente o pária tocou-o. Shankara disse asperamente: 'O que! Você me tocou!' 'Reverenciado senhor', disse o pária, 'Não o toquei nem o senhor me tocou. Raciocine comigo: o senhor é o corpo, a mente ou o buddhi? Analise o que o senhor é. O senhor é Atman Puro, desapegado e livre, não afetado pelos três gunas – sattva, rajas e tamas.'

Você sabe como é Brahman? É como o ar. Cheiros bons e maus são levados pelo ar, mas o ar em si mesmo não é afetado.”

Naredra: “Sim, senhor.”

Mestre: “Ele está além dos gunas e de maya – além de ambos, 'maya de conhecimento' e 'maya de ignorância'. 'Mulher e ouro', é a 'maya de ignorância'. Conhecimento, renúncia, devoção e outras qualidades espirituais são os esplendores da 'maya de conhecimento'. Shankaracharya conservou esta 'maya de conhecimento'; e o que você e esses outros sentem a meu respeito, é também devido a esta 'maya de conhecimento'. Seguindo a 'maya de conhecimento' passo a passo, alcança-se o Conhecimento de Brahman. Esta 'maya de conhecimento' pode ser comparada aos últimos degraus da escada. Em seguida vem o terraço. Alguns, depois de alcançarem o terraço, sobem e descem as escadas: quer dizer, alguns, mesmo depois de realizar Deus retém o 'ego de Conhecimento'. Eles o retém para ensinar aos outros, desfrutar a felicidade divina e divertir-se com os devotos de Deus.”

Narendra: “Algumas pessoas ficam zangadas comigo quando falo de renúncia.”

Mestre (*baixinho*): “A renúncia é necessária. (*Mostrando seus diferentes membros*): Se uma coisa é colocada em cima da outra, deve-se tirar uma para obter a outra. Podese conseguir a segunda coisa sem remover a primeira?”

Narendra: “É verdade, senhor.”

Mestre (*baixinho, a Narendra*): “Quando se vê tudo preenchido por Deus somente, pode-se ver algo mais?”

Narendra: “Deve-se renunciar ao mundo?”

Mestre: “Acabei de dizer: 'Quando se vê tudo preenchido por Deus somente, pode-se ver algo mais?' Pode-se então ver coisa igual ao mundo? Quero dizer renúncia mental. Nenhum dos que vierem aqui é pessoa do mundo. Alguns deles tiveram um pequeno desejo – por exemplo, uma fantasia por mulher. (*Rakhal e M. Sorriem*) E este desejo foi satisfeito.”

O Mestre olhou e encheu-se de amor por Narendra. Olhando para os devotos, disse: “Magnífico!” Com um sorriso Narendra perguntou ao Mestre: “O que é magnífico?”

Mestre (*sorrindo*): “Vejo que estão sendo feitos grandes preparativos para uma grande renúncia.”

Narendra e os devotos olharam silenciosamente para o Mestre. Rakhal retomou a conversa.

Rakhal (*sorrindo para o Mestre*): “Narendra está agora começando a compreender muito mais o senhor.”

Sri Ramakrishna riu e disse: “Sim, é assim. Vejo que muitos outros, também, estão começando a compreender. (*A M.*) Não é assim?”

M.: “Sim, senhor.”

Sri Ramakrishna dirige os olhos para Narendra e M. e, a um aceno seu, chama atenção dos devotos para eles. Primeiro aponta para Narendra e em seguida, para M.. Rakhal compreende a insinuação do Mestre e lhe diz com um sorriso: “O senhor quer dizer que Narendra tem a atitude de um herói, e ele [referindo-se a M.] a de uma atendente de Deus?”

Sri Ramakrishna riu.

Narendra (*sorrindo para Rakhal*): “Ele [referindo-se a M.] não fala muito e é tímido. É por isso que o senhor diz que ele é uma atendente de Deus?”

Mestre (*sorrindo para Narendra*): “Bem, o que você pensa de mim?”

Narendra: “O senhor é um herói, uma atendente de Deus e tudo o mais.”

Estas palavras encheram Sri Ramakrishna de emoção divina. Pôs a mão no coração e ficou a ponto de

dizer algo.

Disse a Narendra e aos outros devotos:

"Vejo que todas as coisas – tudo o que existe – veio deste."

Perguntou a Narendra com um sinal, "O que você compreendeu?"

Narendra: "Todos os objetos criados vieram do senhor."

O rosto do Mestre brilhou de alegria. Disse a Rakhal, "Você ouviu o que ele disse?"

Sri Ramakrishna pediu a Narendra para cantar. Narendra entoou um hino. Sua mente estava cheia de renúncia. Cantou:

Instável é a água na pétala do lótus;
Como é instável a vida do homem.
Um momento com um sadhu é o barco
Que leva uma pessoa através do oceano deste mundo. …

Mal Narendra havia cantado um ou dois versos, e Sri Ramakrishna disse-lhe com um sinal: "O que você está cantando? Esta é uma atitude insignificante, um grande lugar comum."

Agora Narendra cantou sobre o amor de Krishna, assumindo o papel de uma de suas donzelas:

Que estranha, Ó amiga, são as regras da vida e da morte!
O Jovem de Braja fugiu.
E esta pobre jovem de Braja breve morrerá.
Madhava está apaixonado por outras moças
Mais formosas do que eu.
Ai! Ele se esqueceu da filha ingênua do leiteiro.

Quem teria imaginado, querida amiga, que Ele,
Um Amante tão terno, tão divino,
Pudesse ser mendigo simplesmente para encanto externo?
Fui uma tola em não ter visto isto antes;
Mas levada por Sua beleza.
Eu ansiava somente apertar Seus dois pés contra meu peito.

Agora vou me afogar no Jamuna,
Ou tomar uma dose de veneno, amiga!
Ou colocar uma trepadeira em torno de meu pescoço,
Ou me enforcar numa árvore tamala nova;
Ou tendo fracassado em todas estas tentativas
Destruir meu perverso eu, cantando o nome de Krishna.

Sri Ramakrishna e os devotos sentiram-se enormemente tocados pela canção. O Mestre e Rakhal derramam lágrimas de amor. Narendra, intoxicado pelo amor das gopis de Braja pelo seu Bem-Amado, Sri Krishna, cantou:

Ó Krishna! Meu Bem-Amado! Tu és meu.
O que Te direi, Ó Senhor?
O que poderia eu dizer-Te?
Sou somente uma mulher,
E não, a favorita da sorte;
Não sei o que dizer.

Tu és o espelho para a mão,
E Tu és a flor para o cabelo.
Ó Amigo, farei de Ti uma flor
E Te usarei no meu cabelo;
Sob minhas tranças eu Te esconderei, Amigo!
Ninguém Te verá ali.

Tu és para os lábios, a folha de betel;
O doce colírio para os olhos;
Ó Amigo, contigo pintarei meus olhos.

Tu és a pasta de sândalo para o corpo;
Tu és o colar para o pescoço.
Eu me ungirei contigo,
Minha pasta de Sândalo perfurmada
E esfregarei meu corpo e minha alma.
Vou Te usar, meu adorável Colar,
Aqui em torno de meu pescoço.
E Tu descansarás sobre meu peito,
Junto do meu coração palpitante.

Tu és o Tesouro em meu corpo;
Tu és o Morador na minha casa.
Tu és para mim, ó Senhor,
O que as asas são para o pássaro que voa,
O que a água é para o peixe.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

CAPÍTULO 50

O MESTRE E BUDA

Sexta-feira, 09 de abril de 1886

ERAM CINCO HORAS DA TARDE. Narendra, Kali, Niranjan e M. conversavam no andar térreo da casa-jardim de Cossipore.

Niranjan (*a M.*): "É verdade que Vidyasagar vai abrir uma nova escola? Por que você não se empenha para conseguir ali um emprego para Naren?"

Narendra: "Tive o suficiente sob as ordens de Vidyasagar."

Narendra acabara de regressar de uma visita a Bodh-Gaya, onde havia ido com Kali e Tarak. Naquele lugar sagrado havia ficado absorvido em meditação profunda ante a imagem de Buda. Havia apresentado seus respeitos à árvore Bodhi, que é uma muda da árvore original, sob a qual Buda atingiu o Nirvana.

Kali disse, "Um dia em Gaya, na casa de Umesh Babu, Narendra cantou muitas canções clássicas, acompanhado do mridanga."

Sri Ramakrishna sentou-se em sua cama no grande salão do andar superior. Era noite. M. estava sozinho no quarto, abanando o Mestre. Um pouco mais tarde Latu chegou.

Mestre (*a M.*): "Por favor traga-me um chaddar e um par de chinelos."

M.: "Sim, senhor."

Mestre (*a Latu*): "O chaddar custará dez annas, e os chinelos – quanto custará tudo?"

Latu: "Uma rupia e dez annas."

Sri Ramakrishna, por meio de sinais, pediu a M. para anotar o preço.

Narendra entrou no quarto e sentou-se. Sashi, Rakhal e um ou dois devotos entraram. O Mestre pediu a Narendra para massagear seus pés. Perguntou-lhe, também se havia comido.

Mestre (*sorrindo para M.*): "Ele foi lá [referindo-se a Bodh-Gaya]."

M. (*a Narendra*): "Qual é a doutrina de Buda?"

Narendra: "Ele não pôde expressar em palavras o que havia realizado por sua tapasya. Por isso as pessoas dizem que ele era um ateu."

Mestre (*por sinais*): "Por que ateu? Ele não foi ateu. Simplesmente não soube expressar suas experiências interiores em palavras. Sabem o que significa 'Buda'? É tornar-se um Bodha, Inteligência Pura através da meditação n'Aquele que é da natureza da Inteligência Pura; é tornar-se a própria Inteligência Pura."

Narendra: "Há três classes de Budas: Buda, Arhat e Bodhisattva."

Mestre: "Este é também o jogo do próprio Deus, uma nova lila de Deus. Por que Buda deveria ser chamado de ateu? Quando se realiza Svarupa, a verdadeira natureza do próprio Ser, alcança-se um estado que é algo entre asti, *é*, e nasti, *não-é*."

Narendra (*a M.*): "É um estado no qual as contradições se encontram. Uma combinação de hidrogênio e oxigênio produz água fria; e o mesmo hidrogênio e o oxigênio são utilizados na solda de oxi-hidrogênio. Neste estado, a atividade e a inatividade são ambas possíveis; quer dizer que, então, executa-se ação inegoísta. Pessoas mundanas, absorvidas nos objetos dos sentidos, dizem que tudo existe – *asti*. Mas os mayavadis, ilusionistas, dizem que nada existe – *nasti*. A experiência de Buda está além de 'existência' e 'não-existência'."

Mestre: "Estas 'existência' e 'não-existência' são atributos de Prakriti. A Realidade está além de ambas."

Os devotos permaneceram em silêncio por alguns momentos.

Mestre (*a Narendra*): "O que Buda pregou?"

Narendra: "Ele não discutiu a existência ou não-existência de Deus. Durane toda sua vida mostrou compaixão pelos outros. Um gavião caiu em cima de um pássaro e estava prestes a devorá-lo. Para salvar o pássaro, Buda deu sua própria carne."

Sri Ramakrishna permaneceu em silêncio. Narendra ficou cada vez mais entusiasmado a respeito de Buda.

Narendra: "Como foi grande sua renúncia! Nascido príncipe, renunciou a tudo! Se um homem não tem nada, nenhuma riqueza, o que sua renúncia representa? Depois de atingir o estado de Buda e experimentar o

Nirvana, Buda certa vez visitou sua casa e exortou sua esposa, seu filho e muitos outros membros da família real a abraçar a vida de renúncia. Como sua renúncia era intensa! Mas repare a conduta de Vyasa! Proibiu seu filho Shukadeva de abandonar o mundo, dizendo: 'Meu filho, pratique a religião como chefe de família'."

Sri Ramakrishna estava em silêncio. Até então não havia dito nada.

Narendra: "Buda não se preocupou com Shakti ou coisas assim. Buscava somente o Nirvana. Ah, que intenso era seu desapego! Quando sentou-se sob a árvore Bodhi para meditar, fez o voto: 'Que meu corpo desvaneça aqui se eu não alcançar o Nirvana'. Que resolução firme! Este corpo, na realidade, é um grande inimigo. Pode algo ser alcançado sem castigá-lo?"

Sashi: "Mas é você quem diz que se pode desenvolver sattva comendo carne. Você insiste que se deve comer carne."

Narendra: "Sem dúvida, como carne, mas também posso viver de arroz, simples arroz e mesmo sem sal."

Depois de alguns minutos Sri Ramakrishna rompeu o silêncio. Perguntou a Narendra, com um sinal, se ele havia visto um tufo de cabelo na cabeça de Buda.

Narendra: "Não, senhor. Ele dá a impressão de ter uma espécie de coroa, sua cabeça parece estar coberta de contas de rudraksha colocadas uma sobre as outras."

Mestre: "E seus olhos?"

Narendra: "Mostram que ele está em samadhi."

Sri Ramakrishna novamente ficou em silêncio. Narendra e outros devotos olharam-no intensamente. De repente um sorriso iluminou seu rosto e ele começou a conversar com Narendra. M. o abanava.

Mestre (*a Narendra*): "Bem, aqui você encontra tudo – mesmo lentilhas vermelhas e tamarindo. Não é assim?"

Narendra: "Depois de experimentar todos esses estados, o senhor agora está morando num plano inferior."

M. (*a si mesmo*): "Sim, depois de haver realizado todos esses ideais, ele agora está vivendo como um bhakta, um devoto de Deus."

Mestre: "Alguém parece estar me puxando para um plano mais baixo."

Dizendo isso, Sri Ramakrishna tirou o leque da mão de M. e disse, "Da mesma maneira como vejo este leque, *diretamente* diante de mim, exatamente da mesma maneira vi Deus. E vi..."

Com estas palavras colocou sua mão no coração e perguntou a Narendra por sinais, "Pode dizer-me o que eu disse?"

Narendra: "Compreendi."

Mestre: "Diga-me."

Narendra: "Não ouvi o senhor muito bem."

Sri Ramakrishna disse novamente por sinais, "Vi que Ele e aquele que mora em meu coração são uma e mesma Pessoa."

Narendra: "Sim, sim! *Soham* – Sou Ele."

Mestre: "Mas somente uma linha divide as duas – que eu possa desfrutar a felicidade divina."

Narendra (*a M.*): "As grandes almas, mesmo depois de sua liberação, retém o ego e experimentam o prazer e a dor do corpo para poder ajudar os outros a alcançar a liberação. É como o trabalho do operário. Fazemos o trabalho operário por obrigação, mas as grandes almas o fazem por seu próprio prazer."

Novamente todos ficaram em silêncio. Depois de um certo tempo Sri Ramakrishna retomou a conversa.

Mestre (*a Narendra e outros*): "O telhado está claramente visível; mas é extremamente difícil alcançá-lo."

Narendra: "Sim, senhor."

Mestre: "Mas se uma pessoa que já tiver subido, jogar uma corda, pode fazer subir uma outra. Uma vez um sadhu em Hrishikesh veio a Dakshineswar. Disseram-me: 'Que impressionante! Vejo cinco espécies de samadhi manifestadas no senhor'.

Assim como um macaco sobe numa árvore, pulando de um galho a outro, assim também, Mahavayu, a Grande Energia, sobe no corpo, saltando de um centro para outro, e uma pessoa entra em samadhi. Sente-se a subida da Grande Energia, como se ela fosse o movimento de um macaco. Assim como um peixe se arremessa na água e vagueia em grande felicidade, assim o Mahavayu sobe no corpo, e a pessoa entra em samadhi. Sente a subida da Grande Energia, como se fosse o movimento do peixe. Como um pássaro salta de um galho para outro, O Mahavayu sobe na árvore do corpo, ora neste galho, ora naquele. Sente-se a subida da Grande Energia, como se fosse o movimento de um pássaro. Como o lento caminhar de uma formiga, o Mahavayu sobe de centro a centro. Quando alcança o Sahasrara, a pessoa entra em samadhi. Sente-se a subida da Grande Energia, como se fosse o movimento de uma formiga. Como o gingar de uma serpente, o Mahavayu eleva-se ziguezagueando ao longo da coluna espinhal até atingir o Sahasrara, e entra em samadhi.

Sente-se a subida da Grande Energia, como se fosse o movimento de uma serpente."

Rakhal (*aos outros devotos*): "Vamos parar por aqui. Ele já falou muito, e isto agravará sua doença."

Segunda-feira, 12 de abril de 1886

Mais ou menos às cinco horas da tarde, Sri Ramakrishna estava sentado na cama, em seu quarto na casa-jardim de Cossipore. Sashi e M. estavam com ele. Pediu a M., por sinais, que o abanasse. Nas vizinhanças havia uma feira para celebrar o último dia do ano bengali. Um devoto, que Sri Ramakrishna havia mandado à feira para comprar alguns artigos, voltou.

"O que você comprou?" perguntou-lhe o Mestre.

Devoto: "Açúcar cande por cinco pice, uma colher por duas e uma faca para legumes por duas."

Mestre: "E o canivete?"

Devoto: "Não pude conseguir nenhum por duas pice."

Mestre (*com ansiedade*): "Vá depressa e traga-me um."

M. passeava pelo jardim. Narendra e Tarak regressaram de Calcutá. Haviam ido a casa de Girish Ghosh e outros lugares.

Tarak: "Comemos muita carne e outros pratos pesados hoje."

Narendra: "Sim, nossas mentes desceram muito. Vamos praticar tapasya. (*a M.*) Que escravidão ao corpo e a mente! Somos como operários – como se este corpo e esta mente não fossem nossos, mas pertencessem a qualquer outro."

À noite foram acesos lampiões na casa. Sri Ramakrishna sentou-se na cama, olhando para o norte. Estava absorvido em contemplação da Mãe do Universo. Poucos minutos mais tarde, Fakir, que pertencia à família sacerdotal de Balaram, recitou o Hino do Perdão, dedicado a Mãe Divina. Sashi, M., e dois ou três devotos estavam no quarto. Depois do recital Sri Ramakrishna de mãos postas, com muito respeito, inclinou-se profundamente ante a Divindade.

M. abanava Sri Ramakrishna. O Mestre disse-lhe, por sinais, "Consiga-me uma xícara de pedra, aquela que guarda um quarto de litro de leite – pedra branca." Mostrou a forma da xícara com o dedo.

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Quando bebo em outras xícaras, sinto cheiro de peixe."

Terça-feira, 13 de abril de 1886

Eram oito horas da manhã. M. havia passado a noite na casa-jardim. Depois de tomar banho no Ganges, prosternou-se diante de Sri Ramakrishna. Ram acabara de chegar. Saudou o Mestre e sentou-se. Havia trazido uma guirlanda de flores, que ofereceu ao Mestre. A maioria dos devotos estava no andar térreo, somente um ou dois estavam no quarto do Mestre.

Sri Ramakrishna estava conversando com Ram.

Mestre: "O que você está achando de mim?"

Ram: "No senhor encontramos de tudo. Agora vai haver um debate sobre sua doença."

O Mestre sorriu e perguntou a Ram com um sinal, "Haverá realmente um debate a respeito de minha doença?"

Os chinelos de Sri Ramakrishna não estava confortáveis. O Dr. Rajendra Dutta tencionava comprar um par novo[1] e havia pedido a medida dos seus pés. A medida foi tirada.

Sri Ramakrishna perguntou a M., com um sinal, sobre a xícara de pedra. M. imediatamente levantou-se. Queria ir a Calcutá buscar a xícara.

Mestre: "Não se preocupe com isto agora."

M.: "Senhor, estes devotos vão a Calcutá. Irei com eles."

M. comprou a xícara em Calcutá e voltou para Cossipore ao meio dia. Saudou o Mestre e colocou a xícara perto dele. Sri Ramakrishna pegou a xícara e olhou-a. Dr. Rajendra Dutta, o Dr. Sreenath, Rakhal Haldar, e vários outros chegaram no quarto. Rakhal, Sashi, e o Naren mais jovem estavam no quarto. Os médicos ouviram o relatório sobre a enfermidade do Mestre. O Dr. Sreenath com uma cópia do *Gita* na mão.

Dr. Sreenath (*aos seus amigos*): "Tudo está sob o controle de Prakriti. Ninguém pode escapar do fruto

1 Estes chinelos dados pelo Dr. Rajendra são agora adorados em Belur Math, sede do Ramakrishna Math and Mission.

das ações passadas. Isto é prarabdha."

Mestre: "Ora, se uma pessoa canta o nome de Deus, medita n'Ele e toma refúgio n'Ele..."

Dr. Sreenath: "Mas, senhor, como pode uma pessoa escapar do prarabdha, o efeito da ação executada em nascimentos anteriores?"

Mestre: "Sem dúvida, um homem experimenta um pouco dos efeitos, mas muito pode pelo poder do nome de Deus. Um homem nasceu cego de uma vista. Este foi o seu castigo por alguma ação má cometida em nascimento anterior, e o castigo foi ficar assim por mais seis nascimentos. Ele, contudo, tomou banho no Ganges, que dá liberação. Este ato meritório não pôde curar sua cegueira, mas livrou-o de seus futuros nascimentos."

Dr. Sreenath: "Mas, senhor, as escrituras dizem que ninguém pode escapar do fruto do karma."

O Dr. Sreenath estava disposto a discutir com o Mestre.

Mestre (*a M.*): "Por que você não lhe diz que há uma diferença entre o Ishvarakoti e um homem comum? Um Ishvarakoti não pode cometer pecado. Por que não lhe diz isto?"

M. permaneceu em silêncio, e em seguida disse a Rakhal: "Diga-lhe você."

Depois de alguns minutos os médicos deixaram o quarto. Sri Ramakrishna estava conversando com Rakhal Haldar.

Haldar: "O Dr. Sreenath estuda Vedanta. É um estudioso da *Yogavasishtha*."

Mestre: "Um chefe de família não deveria sustentar o ponto de vista de que tudo é ilusório como um sonho."

Referindo-se a um homem chamado Kalidas, um devoto disse, "Ele também discute Vedanta, mas perdeu todo seu dinheiro em ações judiciárias."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, uma pessoa declara que tudo é maya, e no entanto vai à corte! (*a Rakhal*) Mukherji de Janai, também, falava alto. Mas por fim, voltou a razão. Se eu estivesse bem teria conversado um pouco mais com o Dr. Sreenath. Pode uma pessoa obter jnana somente falando dela?"

Haldar: "O senhor tem razão. Já ouvi o suficiente de jnana. Agora tudo de que necessito para viver no mundo é um pouco de bhakti. No outro dia fui ao senhor com um problema, e o senhor o resolveu."

Mestre (*ansiosamente*): "O que foi?"

Haldar: "Senhor, quando aquele rapaz (*mostrando o Naren mais jovem*) entrou, o senhor disse que ele havia controlado suas paixões."

Mestre: "Sim, é verdade. Está completamente intocado pela mundanidade. Diz que não sabe o que é luxúria. (*a M.*) Veja meu corpo. Meu cabelo está eriçado."

O cabelo do Mestre ficou realmente eriçado só em pensar numa alma totalmente desprovida de luxúria. Ele sempre disse que Deus Se manifesta onde não há luxúria.

Rakhal Haldar despediu-se.

Sri Ramakrishna estava sentado com os devotos. Uma mulher louca havia importunado a todos para poder ver o Mestre. Havia assumido por ele, a atitude de uma amante e por diversas vezes entrara na casa-jardim e se precipitara no quarto do Mestre. Havia mesmo sido maltratada pelos devotos, mas isto não a havia detido.

Sashi: "Se ela voltar novamente, vou pô-la para correr!"

Mestre (*carinhosamente*): "Não, não! Deixe que ela venha e se vá!"

Rakhal: "No começo eu também costumava ter ciúmes daqueles que visitavam o Mestre. Mas ele, por sua graça, revelou-me que o meu guru é também, o Guru do Universo. Será que ele tomou esse corpo somente para alguns de nós?"

Sashi: "Não quero dizer isto. Mas por que ela o molestaria quando o senhor está doente? E ela é um aborrecimento."

Rakhal: "Nós todos lhe damos trabalho. Viemos todos a ele depois de atingir a perfeição? Não lhe causamos sofrimento? Como Narendra e os outros se comportaram no começo! Como discutiam com ele!"

Sashi: "Tudo o que Narendra expressou em palavras, ele pôs em prática com suas ações."

Rakhal: "Como o Dr. Sarkar tem sido rude com ele! Ninguém está isento de culpa, se é esse o caso."

Mestre (*a Rakhal carinhosamente*): "Você quer comer algo?"

Rakhal: "Não agora. Mais tarde."

Sri Ramakrishna perguntou a M., com um sinal, se ele iria comer ali.

Rakhal (*a M.*): "Por favor coma aqui. Ele lhe está pedindo."

Sri Ramakrishna estava sentado completamente nu. Parecia um menino de cinco anos. Neste momento a mulher maluca subiu a escada e parou diante da porta.

M. (*em voz baixa, a Sashi*): "Peça-lhe para saudá-lo e ir embora. Não arme confusão."

Sashi levou-a para baixo.

Era o primeiro dia do ano bengali. Muitas devotas chegaram. Saudaram Sri Ramakrishna e a Santa Mãe. Entre elas estavam as esposas de Balaram e Manomohan, e a brahmani de Baghbazar. Muitas delas trouxeram seus filhos.

Algumas mulheres ofereceram flores aos pés do Mestre. Duas meninas, de nove e dez anos, cantaram algumas canções. Primeiro cantaram:

Ansiamos por sossego, ai! Mas jamais poderemos encontrá-lo;
Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos.
Uma ou outra vez caminhamos nesta roda de sorrisos e lágrimas;
Em vão nos esforçamos para saber aonde nosso caminho nos conduz,
E porque representamos este papel vazio. …

Depois:

Eis Radha, e ali veja seu Krishna,
Com olhos arqueados e a flauta em Seus lábios. …

E finalmente:

Ó língua, repete sempre o nome da Mãe Durga!
Quem a não ser a Tua Mãe Durga te salvará na infelicidade? …

Por meio de sinais, Sri Ramakrishna disse, "Muito bem! Estão cantando sobre a Mãe Divina."

A brahmani de Baghbazar tinha a natureza de uma criança. Sri Ramakrishna, por sinais, pediu a Rakhal para que ela cantasse. Os devotos sorriram quando a brahmani cantou:

Ó Hari, vou me entreter contigo hoje;
Porque encontrei somente a Ti no bosque Nidhu...

As devotas desceram.

Era de tarde. M. e alguns devotos estavam sentados perto do Mestre. Narendra chegou. Parecia, como o Mestre costumava dizer, uma espada desembainhada.

Narendra sentou-se perto do Mestre e, baixinho expressou seu total desgosto para com as mulheres. Disse aos devotos que as mulheres eram um obstáculo no caminho da realização de Deus.

Sri Ramakrishna não deu resposta. Ouvia Narendra.

Narendra disse novamente: "Quero paz. Não me importo nem mesmo com Deus."

Sri Ramakrishna olhava para ele atentamente, sem dizer nada. De vez em quando Narendra cantava, "Brahman é Verdade, Conhecimento, o Infinito."

Era oito horas da noite. Sri Ramakrishna sentou-se na cama. Alguns devotos ficaram sentados no chão em frente dele. Surendra chegou do escritório. Trazia quatro laranjas e duas guirlandas de flores. Ora olhava para o Mestre, ora para os devotos. Logo entregou seu coração a Sri Ramakrishna.

Surendra (*olhando para M. e os outros*): "Cheguei depois de terminar meu trabalho no escritório. Pensei, 'Qual a vantagem de ficar em dois botes ao mesmo tempo?' Por isso terminei primeiro minhas obrigações e então, vim aqui. Hoje é o primeiro dia do ano; é também terça-feira, dia auspicioso para a adoração da Mãe Divina. Mas não fui a Kalighat. Disse a mim mesmo, 'Será suficiente se eu o vir, ele que é a própria Kali, e que verdadeiramente compreendeu Kali.'"

Sri Ramakrishna sorriu.

Surendra: "Dizem que um homem deve levar frutas e flores quando visita seu guru ou um santo. Por isso, trouxe estas... (*ao Mestre*) Estou gastando todo esse dinheiro com o senhor. Somente Deus conhece meu coração. Algumas pessoas lamentam gastar um centavo; e há pessoas que gastam mil rupias sem qualquer

hesitação. Deus vê o amor interno de um devoto e aceita sua oferenda."

Sri Ramakrishna com a cabeça concordou com Surendra.

Surendra: "Não pude vir aqui ontem. Era o último dia do ano. Mas enfeitei seu retrato com flores."

Sri Ramakrishna por sinais disse a M., "Ah, que devoção!"

Surendra: "A caminho daqui comprei estas duas guirlandas por quatro annas."

Quase todos os devotos despediram-se. O Mestre pediu a M. para que massageasse seus pés e o abanasse.

Sexta-feira, 16 de abril de 1886

A lua brilhava, inundando os caminhos do jardim, as árvores e a água do lago com seus raios brancos. Girish, M., Latu e alguns outros devotos estavam sentados nos degraus que conduziam ao lago. A casa elevava-se a oeste do lago. Um lampião queimava no quarto do Mestre no andar de cima. Sri Ramakrishna estava sentado na cama. Havia vários devotos no quarto.

Momentos mais tarde Girish e M. Ppasseavam pelo caminho do jardim ladeado por flores e árvores frutíferas.

M.: "Que lindo é esse luar! Talvez a natureza tenha tido as mesmas leis desde os tempos imemoriais."

Girish: "Como você sabe disso?"

M.: "Não há mudança na uniformidade da natureza. Os cientistas europeus descobriram novas estrelas por meio do telescópio. Há montanhas na lua; eles as viram."

Girish: "É difícil ter certeza disso. Não posso acreditar."

M.: "Por que? As montanhas têm sido observadas através do telescópio."

Girish: "Como você pode estar certo de que foram corretamente observados? Suponhamos que haja outras coisas entre a lua e a terra. A luz passando através delas pode ocasionar essas visões."

Narendra, Rakhal, Niranjan, Sarat, Sashi, Baburam, Kali, Jogin, Latu e alguns devotos jovens estavam morando em Cossipore para cuidar de Sri Ramakrishna. Naquela noite Narendra, Kali e Tarak haviam ido a Dakshineswar. Iam passar a noite no Panchavati, meditando em Deus.

Girish, Latu e M. foram até o quarto de Sri Ramakrishna e o encontraram sentado na cama. Sashi e um ou dois devotos haviam estado atendendo o Mestre. Baburam, Niranjan e Rakhal também entraram no quarto. Era um aposento amplo. Junto da cama tinham sido colocados alguns remédios e outros acessórios. Entrava-se no quarto pela porta do extremo norte.

Uma vez que Sri Ramakrishna deveria ser atendido a noite inteira, os devotos permaneciam acordados por turnos. O devoto que o atendia armava o mosquiteiro e em seguida, ou deitava-se numa esteira no chão, ou passava a noite velando. Como Sri Ramakrishna dormia pouco por causa de sua doença, seu atendente também dormia pouco.

Naquela noite Sri Ramakrishna estava um pouco melhor. Os devotos saudaram o Mestre e sentaram-se no chão. O Mestre pediu a M. para trazer o lampião para junto dele. Cumprimentou Girish cordialmente.

Mestre (*a Girish*): "Você está bem? (*a Latu*) Prepare fumo para ele e dê-lhe uma folha de betel."

Poucos minutos mais tarde pediu a Latu para servir a Girish algo para comer. Latu disse que havia mandado buscar a comida.

Sri Ramakrishna estava sentado. Um devoto ofereceu-lhe algumas guirlandas de flores que ele colocou, uma a uma, em volta do pescoço. Estava ele adorando o Deus que mora em seu coração? Os devotos olhavam para ele maravilhados. Tirou duas guirlandas de seu pescoço e deu-as para Girish.

De vez em quando Sri Ramakrishna perguntava se já haviam trazido comida.

M. abanava o Mestre. Em cima da cama havia um leque de sândalo, presente de um devoto. O Mestre entregou-o a M., que continuou a abaná-lo. Deu-lhe também duas guirlandas.

M. havia perdido um filho de sete anos ou oito anos há um ano e meio atrás. O menino havia visitado o Mestre muitas vezes. Latu falava com Sri Ramakrishna sobre M..

Latu: "M. Chorou ontem amargamente ao ver alguns livros que havia pertencido a seu filho morto. Sua esposa está quase louca de dor. Às vezes ela trata os outros filhos de maneira violenta. Faz uma cena em casa porque ele passa a noite aqui, de vez em quando."

Sri Ramakrishna parecia preocupado ao ouvir isto.

Girish: "Não é nada para se espantar. Mesmo depois de ter recebido instrução do *Bhagavad Gita*, Arjuna desmaiou de dor com a morte de seu filho Abhimanyu."

Girish recebeu a comida numa bandeja. Sri Ramakrishna pegou um pouco, e Girish aceitou o resto como prasad. Sentou-se defronte ao Mestre e começou a comer. Necessitava beber um pouco de água. Havia um

jarro de cerâmica no extremo sudeste do quarto. Era abril e o dia estava muito quente. Sri Ramakrishna disse, "Aqui há água fresca."

O Mestre estava tão doente que não tinha forças suficientes nem para se levantar. E o que os discípulos viram com grande espanto? Viram-no levantar-se da cama, completamente nu, e ir em direção ao jarro! Ele próprio ia colocar água num copo. Os devotos ficaram gelados de medo. O Mestre despejou água no copo. Pôs uma ou duas gotas na mão para ver se estava fresca. Viu que não estava muito fresca; mas desde que não havia nada melhor, com certa relutância, deu-a a Girish.

Girish comia doces. Os devotos estavam sentados aqui e ali, e M. abanava Sri Ramakrishna.

Girish (*ao Mestre*): "Deben Babu decidiu renunciar ao mundo."

Devido à sua doença, Sri Ramakrishna mal podia falar. Tocando seus lábios com o dedo, perguntou a Girish, por meio de sinais, "Quem vai sustentar sua esposa e filhos?"

Girish: "Não sei."

Os outros devotos permaneceram em silêncio. Girish começou a falar novamente enquanto comia.

Girish: "Senhor, o que é mais sábio – renunciar ao mundo lamentando-se, ou chamar por Deus, levando uma vida de chefe de família?"

Mestre (*a M.*): "Você leu o *Gita*? Uma pessoa realmente realiza Deus se cumpre seus deveres mundanos com espírito de desapego, se uma pessoa vive no mundo compreendendo que tudo é ilusório. Aqueles que renunciam ao mundo com pesar, pertencem a uma classe inferior.

Você sabe como um chefe de família jnani é? É como uma pessoa que vive numa casa de vidro. Pode ver tanto o interior como o exterior."

Novamente fez-se silêncio no quarto.

Mestre (*a M.*): "A comida está quente e boa."

M. (*a Girish*): "Sim, veio da loja de Fagu. O lugar é muito famoso."

Mestre (*sorrindo*): "Sim, famoso."

Girish: "É realmente gostosa. (*Ao Mestre*) Senhor, minha mente está agora num estado muito elevado. Por que desce outra vez?"

Mestre: "Isto sempre se sucede quando se leva uma vida mundana. Às vezes a mente do chefe de família eleva-se, às vezes baixa. Às vezes sente grande devoção; às vezes menos. Isto ocorre porque vive no meio de 'mulher e ouro'. Às vezes um chefe de família contempla Deus e canta Seu nome, e às vezes, dirige sua mente para 'mulher e ouro'. É como uma mosca comum que ora pousa num doce, e ora na sujeira ou feridas supuradas. Mas é muito diferente com os sannyasis. São capazes de fixar sua mente somente em Deus, retirando-a completamente de 'mulher e ouro'. Podem desfrutar somente a Felicidade de Deus. Um homem de renúncia verdadeira não pode gozar nada exceto Deus. Retira-se de qualquer lugar onde as pessoas falam de coisas mundanas; ouve somente conversas espirituais. Um homem de renúncia verdadeira nunca fala de outra coisa que não seja Deus. As abelhas pousam somente em flores para sugar o mel; não desfrutam de nada mais."

Girish foi para o pequeno vestíbulo para lavar as mãos.

Mestre (*a M.*): "Um homem necessita da graça de Deus para fixar sua mente n'Ele. Bem, Girish comeu muitos doces. Diga-lhe para não comer mais nada esta noite."

Girish voltou para o quarto e sentou-se em frente ao Mestre. Mascava uma folha de betel.

Mestre (*a Girish*): "Rakhal compreendeu o que é bom e o que é mau, o que é real e o que é irreal. Mora com a família, sem dúvida, mas sabe o que isto significa. Tem esposa e nasceu-lhe um menino. Mas ele realizou que tudo é ilusório e impermanente. Rakhal nunca se sentirá apegado ao mundo. Ele é como o bagre, que vive na lama, mas não tem o menor vestígio de lama em seu corpo."

Girish: "Senhor, não compreendo tudo isto. O senhor pode tornar qualquer pessoa pura e desapegada se quiser. O senhor pode fazer qualquer pessoa boa, quer ela seja um homem do mundo, ou um sannyasi. A brisa da Malásia, creio, pode transformar todas as árvores em sândalo."

Mestre: "Não, a não ser que haja substância nelas. Há algumas poucas árvores como o algodoeiro, por exemplo, que não se transforma em sândalo."

Girish: "Não me interessa."

Mestre: "Mas esta é a lei."

Girish: "Mas tudo com o senhor não obedece às leis."

Os devotos ouviam esta conversa com muito espanto. De vez em quando o leque na mão de M. parava de se mover.

Mestre: "Sim, isto pode ser verdade. Quando o rio de bhakti transborda, toda a terra em volta é inundada até a altura de uma estaca. Quando uma homem sem embriaga com amor divino, não se guia mais pelas prescrições dos Vedas. Apanha grama durva para adorar a Divindade, mas não a limpa. Apanha qualquer

coisa que lhe vem à mão. Ao apanhar folhas de tulsi até quebra os galhos. Ah! Por qual estado mental passei! (*A M.*) Quando se desenvolve amor por Deus, não se necessita mais nada."

M.: "Sim, senhor."

Mestre: "Mas um devoto deve assumir por Deus uma atitude particular. Deus em Sua Encarnação como Rama demonstrou shanta, dasya, vatsalya e sakhya. Mas Krishna, além de todas essas, demonstrou madhur. Radha gostava mais da atitude madhua em relação a Krishna. Seu amor era romântico. Mas no caso de Sita tratava-se de amor puro de uma esposa dedicada a seu marido. Não havia romance em seu amor. Mas tudo é a lila de Deus. Ele demonstra ideais diferentes para atender a épocas diferentes."

Uma mulher louca costumava acompanhar Vijay Goswami ao templo de Kali em Dakshineswar e cantar para Sri Ramakrishna. Suas canções era sobre Kali. Costumava, também, entoar canções do Brahmo Samaj. Os devotos chamavam-na de "Pagli"[2] e procuravam mantê-la afastada do Mestre.

Mestre (*a Girish e outros*): "Pagli assumiu a atitude de madhura para comigo. Um dia veio a Dakshineswar. De repente começou a chorar. 'Por que você está chorando?' perguntei-lhe. E ela respondeu: 'Ó, minha cabeça está doendo!' (*Todos riem*). Outro dia eu estava comendo quando ela veio a Dakshineswar. Subitamente ela disse, 'Por que o senhor não é gentil comigo?' Eu não tinha a menor ideia do que estava passando por sua cabeça, e continuei a comer. Então ela disse 'Por que o senhor me rechaça mentalmente?' "Ah!" perguntei-lhe, "Qual a sua atitude?" Ela disse: 'Madhur'. 'Ah!' Eu disse, 'Mas considero todas as mulheres como manifestação da Mãe Divina. Todas as mulheres são mães para mim'. Então ela disse 'Não sei nada disso'. Então chamei Ramlal e lhe disse: 'Ramlal, ouça-a! Sobre o que ela está falando – esse "rechaçar mentalmente" 'Mesmo agora ela mantém esta atitude."

Girish: "Abençoada na verdade seja Pagli! Talvez ela seja louca. Talvez ela seja espancada pelos devotos, mas ela medita no senhor vinte e quatro horas no dia. Qualquer que seja a maneira como ela medita no senhor, nenhum mal pode advir para ela. Senhor, como posso expressar meus próprios sentimentos sobre este assunto? Pense no que eu era antes, e o que eu sou agora por ter meditado no senhor! Antes eu era indolente; agora essa indolência converteu-se em entrega a Deus. Antes eu era um pecador; agora sou humilde. O que mais posso dizer?"

Os devotos permaneceram em silêncio. Rakhal expressou sua simpatia por Pagli. Disse "Todos nós sentimos muito por ela. Ela causa muito aborrecimento, e por isso ela também sofre."

Niranjan (*a Rakhal*): "Você pensa assim por ela porque tem uma esposa em casa. Mas nós podemos matá-la."

Rakhal (*asperamente*): "Que fanfarrão! Como você ousa pronunciar tais palavras diante dele [referindo-se a Sri Ramakrishna]?"

Mestre (*a Girish*): " 'Mulher e ouro' somente é o mundo. Muitas pessoas encaram o dinheiro como seu próprio sangue. Mas embora você possa demonstrar amor pelo dinheiro, um dia talvez, um pouquinho dele escorrerá de suas mãos. Em nossa parte do país os fazendeiros fazem valas estreitas em volta de seus arrozais. Vocâ as conhece. Alguns fazendeiros fazem valas com muito cuidado em volta de seus campos. Essas valas são destruídas pela força das águas da chuva. Mas alguns fazendeiros deixam uma parte dessas valas aberta e cobrem com capim. A água corre através desse capim, deixando o campo coberto com sedimento depois da chuva. Fazem uma excelente colheita. Somente fazem bom uso de seu dinheiro aqueles que o gastam na adoração de Deus ou no serviço dos santos e devotos. Seu dinheiro frutifica.

Não posso comer nada oferecido pelos médicos. Quero dizer, aqueles que comercializam o sofrimento humano. Seu dinheiro é sangue e pus."

Sri Ramakrishna mencionou dois médicos ligados com essa atividade.

Girish: "O Dr. Rajendra Dutta é generoso. Não aceita um centavo de ninguém. Dá dinheiro em caridade."

Sábado, 17 de abril de 1886

Era noite de lua cheia. Durante algum tempo Narendra havia ido diariamente a Dakshineswar. Passava uma grande parte do tempo no Panchavati em meditação e contemplação. Neste dia voltou de Dakshineswar à noite. Tarak e Kali estavam com ele.

Eram oito horas da noite. O luar e a brisa do sul juntavam-se ao encanto da casa-jardim. Muitos devotos meditavam no aposento de baixo. Referindo-se a eles, Narendra disse a M., "Estão se desprendendo dos seus upadhis um a um."

Poucos minutos mais tarde M, ffoi ao quarto de Sri Ramakrishna e sentou-se no chão. O Mestre pediu-lhe para lavar sua toalha e escarradeira. M. lavou-as no banheiro.

2 Palavra bengali significando "mulher louca".

Na manhã seguinte Sri Ramakrishna mandou chamar M.. Depois de tomar banho no Ganges e saudar o Mestre, ele havia ido ao terraço. Sri Ramakrishna pediu a M. para trazer sua esposa a casa-jardim onde ela poderia almoçar.

O Mestre disse a M. com um sinal: "Peça-lhe para vir. Deixe-a ficar aqui uns dias. Pode trazer o nenem com ela."

M.: "Sim, senhor. Seria ótimo se ela pudesse desenvolver um amor intenso por Deus."

Sri Ramakrishna de novo respondeu por sinais: "Ó, sofrimento empurra a devoção. E ele já era um menino grande! Krishnakishore tinha dois filhos. Eram da mesma idade de Bhavanath, e cada um tinha dois diplomas universitários. Ambos morreram. Krishnakishore, embora sendo um jnani, não pôde a princípio controlar-se. Como sou feliz em não ter nenhum! Arjuna era um grande jnani; e Krishna foi seu companheiro constante. Contudo foi totalmente tomado de dor com a morte de seu filho Abhimanyu."

Mestre: "Por que Kishore não vem?"

Um devoto: "Ele vai ao Ganges todos os dias tomar banho."

Mestre: "Mas por que ele não vem aqui?"

Devoto: "Vou lhe pedir que venha, senhor."

Mestre: "Por que Harish não vem?"

Duas meninas de nove e dez, pertencentes à família de M., cantaram para o Mestre, diversas canções sobre a Mãe Divina. Elas haviam cantado para ele quando de sua visita à casa de M. em Shyampukur. O Mestre ficou muito satisfeito com seus cantos. Quando finalizaram, os devotos chamaram-nas para que cantassem no andar térreo.

Mestre (*a M.*): "Não ensine mais canções às meninas. É diferente se elas cantam espontaneamente. Mas elas perderão sua modéstia se cantarem para o mundo. É muito importante as mulheres serem modestas."

Numa cesta foram colocadas, diante do Mestre, flores e pasta de sândalo. Ele sentou-se na cama e prestou adoração a si mesmo com estas oferendas. Às vezes colocava flores e pasta de sândalo na cabeça, às vezes na garganta, às vezes no coração e às vezes, no umbigo.

Manomohan de Konnagar entrou e sentou-se depois de saudar o Mestre. Sri Ramakrishna ainda estava ocupado com a adoração ao seu Ser Interno. Colocou uma guirlanda de flores em volta de seu perscoço. Depois de algum tempo parecia estar satisfeito com Manomohan e deu-lhe algumas flores. M., também, recebeu uma flor.

Eram aproximadamente nove horas da manhã. O Mestre e M. conversavam. Sashi também estava presente.

Mestre (*a M.*): "De que Narendra e Sashi estavam falando? O que discutiam?"

M. (*a Sashi*): "De que falavam?"

Sashi: "Foi Niranjan que lhe falou sobre isto?"

Mestre: "O que discutiam? Ouvi 'Deus', 'Ser', 'Não-Ser' e assim por diante."

Sashi (*sorrindo*): "Devo chamar Narendra?"

Mestre: "Sim."

Narendra entrou e sentou-se.

Mestre (*a M.*): "Pergunte-lhe algo. (*a Narendra*) Conte-nos sobre o que conversavam."

Narendra: "Estou com indigestão. O que há sobre isto para lhe falar?"

Mestre: "Você se curará de sua indigestão."

M. (*sorrindo*): "Conte-nos sobre a experiência de Buda."

Narendra: "Será que me tornei um Buda, para que você queira que eu fale sobre ele?"

M.: "O que Buda diz sobre a existência de Deus?"

Narendra: "Como se pode dizer que Deus existe? Foi você quem criou este universo. Não sabe o que Berkeley diz a respeito?"

M.: "Sim, sei. Segundo ele, esse é *percipi*[3]. O mundo existe enquanto os sentidos o perceberem."

Mestre: "Nangta costumava dizer, 'O mundo existe só na mente e só desaparece na mente'. Mas enquanto a 'consciência do eu' existir, deve-se assumir com Deus a atitude de servo-amo."

Narendra (*a M.*): "Como você pode provar pelo raciocínio que Deus existe? Mas se você depende da fé, então deve aceitar o relacionamento de servo e amo. E se você aceita isso – e não pode evitá-lo – então deve também dizer que Deus é bom. Você pensa somente no sofrimento do mundo – por que se esquece que Deus também lhe deu muita felicidade? Como Ele é bondoso conosco! Ele concedeu-nos três coisas: nascimento humano, anseio por Deus e a companhia de uma grande alma."

Todos permaneceram em silêncio.

---

3 A existência dos objetos externos depende da sua percepção.

Mestre (*a Narendra*): "Sinto claramente que dentro de mim há Alguém."

O Dr. Rajendralal chegou e sentou-se. Vinha tratando do Mestre com homeopatia. Quando acabaram de falar dos remédios, Sri Ramakrishna mostrou Manomohan ao médico.

Rajendra: "Ele é um parente distante meu."

Narendra desceu, cantando para si mesmo:

Senhor, Tu tiraste todo meu pesar com a visão de Teu rosto,
E a magia de Tua beleza enfeitiçou minha mente,
Contemplando-Te, os sete mundo esquecem a tristeza interminável;
O que direi, então de mim, alma infeliz e humilde? …

Narendra sofria de uma pequena indigestão. Disse a M.: "Se uma pessoa seguir o caminho de bhakti, então a mente desce um pouco até o corpo. Caso contrário, quem sou eu? Nem Deus nem um homem. Não tenho prazer nem dor."

Eram cerca de nove horas da noite. Surendra e poucos outros devotos entraram no quarto de Sri Ramakrishna e lhe ofereceram guirlandas de flores. Baburam, Latu e M. estavam também presentes.

Sri Ramakrishna colocou a guirlanda de Surendra em seu próprio pescoço. Todos permaneciam em silêncio. Subitamente o Mestre fez um sinal a Surendra para que se aproximasse. Quando o discípulo se aproximou da cama, Sri Ramakrishna tirou a guirlanda de seu pescoço e colocou-a no pescoço de Surendra. Surendra saudou o Mestre. Sri Ramakrishna pediu-lhe com um sinal, para massagear seus pés. Surendra fez-lhe uma suave massagem.

Vários devotos estavam sentados na beirada do lago no jardim, cantando com acompanhamento de tambor e címbalos. Sri Ramakrishna mandou-lhes um recado, através de Latu, para que cantassem o nome de Hari.

M., Baburam e vários outros permaneciam no quarto do Mestre. Ouviram os devotos cantando:

Ali dança meu Gora, cantando o nome de Hari! …

Quando o Mestre ouviu a canção, fez um sinal a Baburam e M. para se juntarem a eles. Pediu-lhes também para dançar.

Alguns minutos mais tarde Sri Ramakrishna mandou um outro devoto pedir aos cantores para entoarem os seguintes versos improvisados: "Ah, meu Gora sabe até dançar!" "Como posso descrever os estados de meu Gora?" "Meu Gora dança com ambos os braços levantados."

A música terminou. Surendra estava quase em êxtase. Cantou:

Louco é meu Pai[4], louca é minha Mãe,
E eu, seu filho, sou louco também!
Shyama é o nome de minha Mãe.
Meu Pai bate em Sua própria face produzindo um soco oco.
Ba-ba-bom! *Ba-ba-bom*!
E a minha Mãe, embriagada e cambaleante
Cai sobre o corpo de meu Pai!
As onduladas tranças de Shyama pendem despenteadas.
Um sem número de abelhas voam
Em voltas de Seus carmesins Pés de Lótus.
Ouça, como Suas pulseiras de tornozelos tilintam, quando Ela dança!

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

4 - Shiva.

CAPÍTULO 51

O AMOR DO MESTRE POR SEUS DEVOTOS

Quarta-feira, 21 de abril de 1886

M. E NARENDRA PASSEAVAM pelo jardim da casa de Cossipore. Narendra estava muito preocupado porque ainda não tinha podido solucionar as dificuldades financeiras de sua família.

Narendra: "Não me interesso pelo trabalho na Escola de Vidyasagar. Estive pensando em ir a Gaya. Disseram-me que lá há um zemindar que necessita de um administrador para sua propriedade. Não há uma tal coisa chamada Deus."

M. (*sorrindo*): "Você pode dizer isto agora, mas mais tarde falará de maneira diferente. O ceticismo é um estágio no caminho da realização de Deus. Deve-se passar por estágios como este e ir muito além; só então pode-se realizar Deus. É isto que o Mestre diz."

Narendra: "Alguém já viu Deus como vejo esta árvore?"

M.: "Sim, nosso Mestre viu Deus desta maneira."

Narendra: "Pode ser alucinação dele."

M.: "Qualquer coisa que uma pessoa experimenta num estado particular é real para ele nesse estado. Suponhamos que você esteja sonhando que foi a um jardim. Enquanto o sonho durar, o jardim é real para você. Mas você pensa que é irreal quando sua mente sofre uma mudança, como, por exemplo, quando acorda. Quando sua mente atingir o estado em que se vê Deus, você saberá que Deus é real."

Narendra: "Quero a verdade. No outro dia tive uma discussão com o próprio Sri Ramakrishna."

M. (*sorrindo*): "O que aconteceu?"

Narendra: "Ele me disse, 'Algumas pessoas chamam-me Deus'. Respondi, 'Deixe que mil pessoas o chamem Deus, mas certamente eu não o chamarei de Deus enquanto não tiver a certeza disso'. Ele disse, 'O que muitas pessoas dizem é sem dúvida, verdade; isto é dharma'. Por isso respondi, 'Deixe que outros o proclamem uma coisa como verdade, mas certamente eu não darei ouvidos a elas, a não ser que eu mesmo comprove que é verdade'."

M. *(sorrindo*): "Sua atitude é como a dos sábios ocidentais – Copérnico e Berkeley, por exemplo. O mundo inteiro dizia que era o sol que se movia, mas Copérnico não escutava. Todo o mundo dizia que o mundo exterior era real, mas Berkeley não fazia caso. Por isso Lewis diz, 'Por que Berkeley não era um Copérnico filosófico?' "

Narendra: "Você pode me dar uma História da Filosofia?"

M.: "Por quem? Lewis?"

Narendra: "Não, Überweg. Tenho que ler um autor alemão."

M.: "Você acabou de dizer, 'Alguém já viu Deus como vejo esta árvore?' Suponhamos que Deus venha a você como um homem e diga, 'Sou Deus'. Você irá acreditar? Certamente você se recorda da história de Lázaro. Depois de sua morte, Lázaro disse a Abraão, 'Deixe-me voltar à terra e contar a meus amigos e parentes que o inferno e a vida após a morte existem'. Abraão respondeu: 'Você crê que eles irão acreditar em você? Dirão que é um charlatão que está lhes contando essas coisas'. O Mestre diz que Deus não pode ser conhecido por raciocínio. Somente por meio da fé alcança-se tudo – conhecimento e super-conhecimento. Somente por meio da fé uma pessoa vê Deus e se torna íntima d'Ele."

Eram cerca de três horas da tarde. Sri Ramakrishna estava de cama. Ramlal, que havia chegado de Dakshineswar, massageava seus pés. Gopal de Sinthi e M. Estavam no quarto. Sri Ramakrishna pediu a M. para fechar as janelas e massagear seus pés. A pedido do Mestre, Purna havia vindo a Cossipore de carruagem alugada, que deveria ser paga por M.. Sri Ramakrishna fez um sinal para Gopal, perguntando se ele havia pedido o dinheiro a M.. Gopal respondeu afirmativamente.

Às nove horas da noite Surendra, Ram e os outros já estavam prontos para voltar a Calcutá. Era o abafado mês de abril e o quarto de Sri Ramakrishna ficava muito quente durante o dia; então Surendra havia trazido algumas cortinas de palha para manter o quarto fresco.

Surendra: "Bem, ninguém pendurou estas cortinas de palha. Ninguém aqui presta atenção a nada."

Um devoto (*sorrindo*): "Os devotos aqui estão em estado de Brahmajnana. Sentem, 'Eu sou Ele'. O mundo é irreal para eles. Quando voltarem para um plano inferior, e olharem Deus como Amo, e a si próprio como servos, então prestarão atenção ao serviço de Sri Ramakrishna." (*Todos riem*)

Quinta-feira, 22 de abril de 1886

Ao anoitecer Rakhal, Sashi e M. passeavam pelo jardim de Cossipore.

M.: "O Mestre é como uma criança – além dos três gunas."

Sashi e Rakhal: "Ele próprio disse isto."

Rakhal: "Ele sente-se numa torre, por assim dizer, da qual obtém toda informação e vê tudo, mas os outros não podem ir ali e alcançá-Lo."

M.: "Ele disse, 'Em tal estado mental pode-se ver Deus constantemente'. Nele não há o mais leve vestígio de mundanidade. Sua mente é como um combustível seco, que queima rapidamente."

Sashi: "Ele descreveu os diferentes tipos de inteligência a Charu. A verdadeira inteligência é aquela através da qual pode-se alcançar Deus; mas a inteligência que permite um homem tornar-se um magistrado ou um advogado, ou adquirir uma casa, é uma inteligência inferior. É como a coalhada rala e aguada que simplesmente molha o arroz empapado, mas não lhe adiciona qualquer sabor. Não é como a coalhada espessa e de boa qualidade. Mas a inteligência por meio da qual alcança-se Deus é como coalhada espessa."

M.: "Ah, que palavras maravilhosas!"

Sashi: "Kali[1] disse ao Mestre: "Para que serve ter alegria? Os Bhils estão alegres. Os selvagens estão sempre cantando e dançando num frenesi de alegria."

Rakhal: "Ele [referindo-se ao Mestre] respondeu a Kali: 'O que você quer dizer? Pode a Felicidade de Brahman ser a mesma que a que provém do prazer mundano? Homens comuns ficam satisfeitos com prazeres mundanos. Não se pode desfrutar a Felicidade de Brahman a não ser que se abandone completamente o apego as coisas mundanas. Há a felicidade do dinheiro e da experiência dos sentidos, e há a Felicidade da Realização de Deus. Podem as duas serem iguais? Os rishis desfrutam da Felicidade de Brahman'."

M.: "Veja, Kali agora medita em Buda; é por isso que ele fala de um estado além da Felicidade."

Rakhal: "Sim, Kali falou ao Mestre sobre Buda. Sri Ramakrishna lhe disse: 'Buda é uma Encarnação de Deus. Como você pode compará-lo a uma pessoa qualquer? Assim como ele é grande, assim também são seus ensinamentos'. Kali disse: 'Tudo, certamente, é a manifestação do Poder de Deus. Tanto o prazer mundano quanto a Felicidade de Deus são a manifestação daquele Poder'."

M.: "O que o Mestre disse a isso?"

Rakhal: "Ele disse: 'Como pode ser? É o poder de procriar o mesmo que o poder pelo qual se realiza Deus?'"

Sri Ramakrishna estava sentado no quarto no segundo andar. Narendra, Rakhal, Sashi, Surendra, Bhavanath e outros devotos estavam presentes. Também estavam os doutores Mahendra Sarkar e Rajendra Dutta que haviam vindo para examiná-lo. Seu estado estava piorando.

O aluguel da casa estava entre cinquenta e sessenta rupias. Surendra assumia a maior parte das despesas e havia alugado a casa em seu nome. Os outros devotos chefes de família davam ajuda financeira segundo suas possibilidades. Um cozinheiro e uma empregada atendiam as pessoas que viviam na casa.

Mestre (*ao Dr. Sarkar e outros*): "As despesas estão aumentando."

Dr. Sarkar (*apontando para os devotos*): "Mas eles estão dispostos a arcar com elas. Eles não hesitam em dar dinheiro. (*A Sri Ramakrishna*) Agora, o senhor vê que o ouro é necessário."

Mestre (*a Narendra*): "Por que você não responde?"

Narendra permaneceu em silêncio. O Dr. Sarkar continuou a conversa.

Dr. Sarkar: "Ouro é necessário, e também a mulher."

Rajendra: "Sim, sua esposa [referindo-se a Sri Ramakrishna] está cozinhando sua comida."

Mestre (*sorrindo*): "Sim – mas dá muito transtorno."

Dr. Sarkar: "Se não houvesse problemas, então todos se tornariam paramahamsas."

Mestre: "Se uma mulher me toca fico doente. Aquela parte do corpo dói como se tivesse sido picada por um peixe pontiagudo."

Dr. Sarkar: "Acredito. Mas como o senhor pode se ajeitar sem mulher?"

Mestre: "Minha mão se retorce se eu tocar em dinheiro; minha respiração pára. Mas não há mal em gastar dinheiro para levar uma vida espiritual no mundo – se uma pessoa o gastar, por exemplo, no culto a Deus e serviço dos santos e devotos. Um homem esquece Deus se ficar enredado no mundo de maya por causa de uma mulher. É a Mãe do Universo que assumiu a forma de maya, a forma de mulher. Aquele que conhece isto bem não se sente inclinado a levar uma vida de maya no mundo. Mas aquele que realmente

1 Um dos discípulos do Mestre, mais tarde conhecido como Swami Abhedananda.

compreendeu que todas as mulheres são manifestações da Mãe Divina pode levar uma vida espiritual no mundo. Antes de realizar Deus não se pode saber realmente o que é uma mulher."

Sri Ramakrishna havia tido uma pequena melhora como resultado do tratamento com homeopatia.

Rajendra (*ao Mestre*): "Depois de se curar dessa doença o senhor deve começar a praticar medicina homeopática. Caso contrário, para que serve esta vida mundana?" (*Todos riem*).

Narendra: "Não há nada como o couro!"[2]

Minutos mais tarde os médicos despediram-se. Sri Ramakrishna e M. empenharam-se num diálogo. O Mestre explicava a M. como se sentia a respeito de mulher.

Mestre (*a M.*): "Dizem que não posso me arranjar sem 'mulher e ouro'. Não compreendem meu estado mental. Se eu tocar numa mulher, minha mão fica dormente e dói. Se num espírito amigável eu me aproximar de uma mulher, e começar a conversar com ela, sinto como se uma barreira tivesse sido colocada entre nós. É me impossível cruzar esta barreira. Se uma mulher entrar no meu quarto quando eu estiver sozinho, imediatamente fico como uma criança e a olho como mãe."

Enquanto M. Eescutava estas palavras, emudeceu de espanto com o exaltado estado mental de Sri Ramakrishna. Bhavanath e Narendra estavam sentados a uma certa distância, conversando. Bhavanath havia se casado e estava procurando um emprego; por isso não podia visitar Sri Ramakrishna em Cossipore com frequência. Ele havia dito a M.: "Soube que Vidyasagar quer abrir uma nova escola. Tenho que ganhar meu sustento. Será possível que eu consiga uma emprego nessa escola?" O Mestre estava muito preocupado que Bhavanath ficasse enredado na vida mundana. Bhavanath tinha vinte e três a vinte quatro anos de idade.

Mestre (*a Narendra*): "Dê-lhe muita coragem."

Narendra e Bhavanath sorriram. Sri Ramakrishna disse, por sinais: "Seja um grande herói. Não se deixe iludir quando você a vir chorando atrás do véu. Ó, as mulheres choram tanto – mesmo quando quebram seu nariz! (*Narendra, Bhavanath e M. riem*). Mantenham suas mentes firmes em Deus. Aquele que é um herói vive com uma mulher, mas não se entrega a prazeres físicos. Conversa com sua esposa somente sobre Deus."

Poucos minutos mais tarde Sri Ramakrishna disse a Bhavanath, com um sinal: "Coma aqui hoje."

Bhavanath: "Sim, senhor. Estou muito bem. Não se preocupe comigo."

Surendra entrou e sentou-se. Os devotos ofereciam guirlandas de flores ao Mestre, todas as noites. Sri Ramakrishna colocou essas guirlandas em volta de seu pescoço. Surendra sentou-se em silêncio no quarto. Sri Ramakrishna estava muito feliz e deu-lhe duas guirlandas. Surendra saudou o Mestre e as colocou em seu pescoço. Todos permaneceram em silêncio e olhavam para Sri Ramakrishna. Surendra saudou o Mestre novamente e levantou-se. Estava de saída. Pediu a Bhavanath para pendurar as cortinas de palha nas janelas.

Hirananda entrou com dois amigos. Era natural de Sindh, localidade mais ou menos a duzentas e vinte milhas de Calcutá. Depois de terminar seu curso universitário em Calcutá, em 1883, havia regressado a Sindh, e encarregara-se de editar dois jornais, o *Sindh Times* e o *Sindh Sudhar*. Enquanto estudava em Calcutá, várias vezes visitou Keshab Chandra sem, chegando a conhecê-lo intimamente. Havia conhecido Sri Ramakrishna no templo de Kali em Dakshineswar, e passou uma noite com o Mestre. Ouvindo falar da doença de Sri Ramakrishna, havia vindo de Sindh a Calcutá para vê-lo. O próprio Mestre havia se mostrado muito ansioso para ver Hirananda.

Sri Ramakrishna apontou para Hirananda e disse a M., com sinais: "Um rapaz muito bom. Você o conhece?"

M.: "Sim, senhor."

Mestre (*a Hirananda e M.*): "Por favor converse um pouco. Quero ouvir vocês dois."

Enquanto M. permanecia em silêncio, Sri Ramakrishna perguntou-lhe: "Narendra está aqui? Chame-o."

Narendra entrou no quarto e sentou-se próximo do Mestre.

Mestre (*a Narendra e Hirananda*): "Quero ouvir vocês dois conversarem."

Hirananda ficou em silêncio por uns momentos e depois de muita hesitação, começou a conversar.

Hirananda (*a Narendra*): "Por que um devoto de Deus sofre?"

Suas palavras eram doces como néctar. Todas as pessoas no quarto podiam sentir que seu coração estava cheio de amor.

Narendra: "O plano do universo é diabólico. Eu poderia ter criado um mundo melhor."

Hirananda: "Poderia uma pessoa sentir felicidade se não houvesse miséria?"

Narendra: "Não estou fazendo um plano para um universo, mas simplesmente dando minha opinião sobre o plano atual. Mas todos esses problemas se solucionam se tivermos fé apenas em uma coisa, e isso é o panteísmo. Todas as dúvidas desaparecem se uma pessoa acreditar que tudo é Deus. Somente Deus é responsável por tudo o que acontece."

Hirananda: "É muito fácil de dizer isto."

---

2 Para um sapateiro nada no mundo é mais importante do que o couro.

Narendra cantou as Seis Estrofes sobre o Nirvana de Shankara:

OM. Não sou mente, inteligência, ego ou chitta.
Nem ouvidos, nem língua, nem os sentidos do olfato e visão;
Nem sou o éter, terra, água, fogo ou ar;
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Não sou nem prana, nem os cinco elementos vitais.
Nem os sete elementos do corpo, nem as cinco envolturas,
Nem mãos, nem pés, nem língua, nem órgãos de reprodução e excreção:
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem aversão, nem apego tenho, nem cobiça ou ilusão;
Nem sentido de ego ou orgulho tenho, nem dharma ou moksha;
Nem desejo da mente ou objetos de desejo
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Nem o que faz o certo nem o errado, nem prazer ou dor,
Nem o mantra, o lugar sagrado, os Vedas, o sacrifício;
Nem o ato de comer, aquele que come, nem o alimento:
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Morte ou medo não tenho, nem distinção de casta;
Nem pai nem mãe, nem mesmo nascimento tenho;
Nem amigo, nem companheiro, nem discípulo, nem guru;
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Não tenho forma ou imaginação; sou o que Tudo permeia;
Em toda parte existo, contudo estou além dos sentidos,
Nem salvação sou, nem qualquer coisa que possa ser conhecida;
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Hirananda: "Muito bem!"

Sri Ramakrishna (*a Hirananda com um sinal*): "Dê-lhe uma resposta."

Hirananda: "É tudo a mesma coisa, quer você olhe de um canto, ou do meio. É a mesma Consciência de Deus que se sente, quer se diga, 'Ó Deus, sou Teu servo', ou 'Eu sou Ele'. Pode-se entrar num aposento por diversas portas."

Todos permaneceram em silêncio. Hirananda disse a Narendra, "Por favor, cante um pouco mais". Narendra cantou as cinco estrofes sobre o Kaupin:[3]

Sempre vagando no bosque da Vedanta,
Sempre satisfeito com seu bocado de mendicante,
Sempre andando com o coração livre de tristeza,
Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin.

Sentado ao pé de uma árvore como refúgio,
Usando as palmas das mãos para comer,
Envolto numa roupa bonita ou feia,
Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin.

Todo satisfeito com a Felicidade interior,
Acalmado totalmente os anseios dos sentidos,
Contemplando dia e noite o Brahman Absoluto,
Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin.

Quando Sri Ramakrishna ouviu o verso, "Contemplando dia e noite o Brahman Absoluto", disse em voz baixa, "Ah!" Então, com um sinal aos devotos, "Esta é a característica do yogi."

Narendra terminou o kirtan:

Testemunhando as mudanças da mente e do corpo,
Contemplando somente o Ser interior,
Não pensando no exterior, no interior, ou no centro

3 A tanga do sannyasi; é um emblema de renúncia.

Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin.

Cantando “Brahman”, a palavra de redenção.
Meditando somente em “Eu sou Brahman”,
Vivendo de esmolas e vagando livremente,
Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin.

Novamente Narendra cantou:

Medita n'Ele, o Perfeito, a Personificação da Felicidade;
Medita n'Ele, o Sem-forma, a Raiz do Universo.
Aquele que ouve por trás do ouvido, Aquele que pensa por trás da mente,
Aquele que fala por trás da língua, Ele mesmo além de todas as palavras;
Ele é a Vida da Vida, o Último, o Adorável!

Mestre (*a Narendra*): “E aquela – 'Tudo o que existe és Tu'.”
Narendra cantou:

Uni meu coração a Ti; tudo o que existe és Tu;
Somente a Ti encontro, porque Tu és tudo o que existe.
Senhor, Bem-Amado do meu coração! Tu és a Morada de Todos;
Onde realmente está o coração no qual Tu não moras?
Tu entraste em cada coração; tudo que existe és Tu.
Seja sábio ou néscio, hindu ou muçulmano,
Tu os tornas como desejas; tudo o que existe és Tu.

Tua presença está em todos os lugares, no céu ou na Kaaba;
Diante de Ti todos devem inclinar-se, porque Tu és tudo o que existe.
Da terra embaixo ao mais elevado céu, do céu para a terra mais profunda.
Vejo-Te em qualquer lugar; tudo o que existe és Tu.
Ponderando, compreendi; tenho visto além da dúvida;
Não encontro uma única coisa que possa ser comparada a Ti.
A Jafar foi revelado que Tu és tudo o que existe.

Quando o Mestre ouviu o verso, “Tu entraste em cada coração”, disse por um sinal: “Deus mora no coração de cada um. Ele é o Guia Interior.”

Quando Narendra cantou o verso, “Vejo-Te em qualquer lugar para onde olho; tudo o que existe és Tu”, Hirananda disse-lhe: “Sim, 'Tudo o que existe és Tu'. Agora você diz: 'Tu! Tu! Não eu, mas Tu'!”

Narendra: “Dê-me um e eu te darei um milhão. Tu és eu; eu sou Tu. Nada existe a não ser eu.”

Narendra recitou uns poucos versos do *Ashtavakra Samhita*. O aposento novamente tornou-se silencioso.

Mestre (*a Hirananda, mostrando Narendra*): “Ele parece estar andando com uma espada desembainhada na mão. (*A M. mostrando Hirananda*) Que tranquilo! Como a serpente parada diante do encantador, com seu capuz aberto.”

Sri Ramakrishna mergulhou em seu interior. Hirananda e M. estavam sentados perto dele. Reinava completo silêncio no quarto. O corpo do Mestre estava tomado de dor indescritível. Os devotos não podiam suportar a visão desta enfermidade; mas de uma maneira qualquer o Mestre os fazia esquecer seu sofrimento. Permanecia ali, seu rosto brilhando como se não houvesse o menor vestígio em sua garganta.

Os devotos haviam colocado flores e guirlandas diante dele, como oferendas de amor. Ele apanhou uma flor e tocou com ela primeiro sua cabeça, em seguida sua garganta, seu coração e seu umbigo. Para os devotos dava a impressão de uma criança brincando com flores.

Sri Ramakrishna costumava dizer aos devotos que suas visões e estados divinos eram acompanhados pela subida da corrente espiritual em seu corpo.

Agora falou com M..

Mestre: “Não me recordo quando a corrente subiu. Agora me sinto como se fosse uma criança. É por isso que estou brincando desta maneira com as flores. Sabem o que estou vendo agora? Vejo o meu corpo como uma estrutura feita de varetas de bambu e coberta de pano. A estrutura move-se, e move-se porque alguém mora dentro dela. Assim também vejo o corpo como sendo uma abóbora sem sementes. Dentro do corpo não há vestígio de paixão ou apego mundano. Está tudo muito limpo no seu interior, e...”

Tornou-se muito doloroso para Sri Ramakrishna continuar falando. Sentia-se muito fraco. M. rapidamente adivinhou o que o Mestre desejava falar aos devotos, e disse, “E vocês todos estão vendo Deus dentro de si mesmos.”

Mestre: “Tanto dentro quanto fora. O Satchidananda Indivisível – vejo-O tanto no interior quanto no exterior. Simplesmente assumiu esta envoltura [querendo dizer seu corpo] como apoio, e existe tanto dentro como fora. Claramente percebo isto.”

M. e Hirananda ouviam atentamente estas palavras sobre seu exaltado estado de Consciência de Deus. Pouco tempo depois Sri Ramakrishna olhou para eles e continuou a conversa.

Mestre: “Vocês todos dão-me a impressão de serem meus parentes. Não considero nenhum de vocês como estranho. Vejo-os como muitas envolturas[4] e as cabeças estão se movendo. Notei que quando minha mente está unida a Deus o sofrimento deste corpo é deixado de lado. Agora percebo somente isto: o Satchidananda Indivisível está coberto de pele, e esta ferida na garganta está num dos lados.”

O Mestre novamente ficou em silêncio. Minutos mais tarde disse: “Os atributos de matéria estão superpostos ao Espírito, e os atributos do Espírito estão superpostos na matéria. Por isso quando o corpo está doente o homem diz, 'Estou doente'.”

Hirananda queria entender o que o Mestre acabara de dizer; por isso M. lhe disse, “Quando a água quente queima a mão, as pessoas dizem que a água queima; mas a verdade é que o calor que queima.”

Hirananda (*ao Mestre*): “Por favor diga-nos porque um devoto de Deus sofre.”

Mestre: “É o corpo que sofre.”

Sri Ramakrishna parecia querer dizer algo. Hirananda e M. esperavam ansiosamente por suas palavras.

Sri Ramakrishna disse, “Compreendem?”

M. disse a Hirananda, num sussurro: “O corpo sofre com o propósito de ensinar os homens. Sua vida é como um livro de referência. Apesar de tanto sofrimento físico, sua mente está cem por cento unida a Deus.”

Hirananda: “Sim, é como a crucificação de Cristo. Mas mesmo assim o mistério permanece – porque ele, dentre todas as pessoas, deveria sofrer desta maneira?”

M.: “O Mestre diz que é a Vontade da Mãe Divina. Esta é a maneira como Ela brinca através de seu corpo.”

Os dois devotos conversavam baixinho. Sri Ramakrishna perguntou a Hirananda, por meio de um sinal, sobre o que M. Conversava. Uma vez que Hirananda não conseguia entender o sinal, Sri Ramakrishna repetiu-o.

Hirananda: “Ele diz que sua doença é para ensinar os homens.”

Mestre: “Mas isto é somente o que ele supõe. (*A M. e Hirananda*) Meu pensamento está mudando. Creio que não deveria dizer a todo o mundo, 'Que sua consciência espiritual seja despertada!' As pessoas são muito pecadoras no Kaliyuga; se eu despertar sua consciência espiritual terei que arcar com o fardo de seus pecados.”

M. (*a Hirananda*): “Ele não despertará a consciência espiritual das pessoas a não ser no momento certo. Quando uma pessoa estiver preparada, ele despertará sua consciência espiritual.”

Sexta-feira, 23 de abril de 1886

Era Sexta-feira Santa. Hirananda havia almoçado na casa-jardim de Cossipore. Cerca de uma hora da tarde ele estava massageando os pés de Sri Ramakrishna. M. sentou-se a seu lado. Latu e ou dois devotos entravam e saíam do quarto. Era o desejo mais ardente que Hirananda permanecesse por algum tempo na casa-jardim de Cossipore.

Enquanto massageava os pés do Mestre, Hirananda conversava com ele. Falava com uma voz doce, como se estivesse acalmando uma criança.

Hirananda: “Por que o senhor se preocupa tanto? O senhor poderá ter paz de espírito se tiver fé no médico. O senhor é uma criança.”

Mestre (*a M.*): “Como posso ter fé no doutor? O Dr. Sarkar disse que nunca vou me recuperar.”

Hirananda: “Mas por que o senhor se preocupa tanto com isto? O que tiver que acontecer, acontecerá.”

M. (*a Hirananda, à parte*): “Ele não está preocupado consigo mesmo. A preservação de seu corpo, é para o bem dos devotos.”

Era um dia abafado e, ao meio-dia, o quarto ficou muito quente. As cortinas de palha foram arriadas. Hirananda endireitou-as. O Mestre olhava para ele.

Mestre (*a Hirananda*): “Por favor não se esqueça de mandar os pijamas.”

Hirananda havia dito a Sri Ramakrishna que ele sentiria mais confortável se vestisse os pijamas usados em Sindh. Sri Ramakrishna recordou deles.

Hirananda não havia comido bem. O arroz não estava bem cozido. O Mestre lamentou o fato e

4 Referindo-se a seus corpos.

perguntou-lhe repetidamente se ele não queria uma comida ligeira. Devido a doença, mal podia falar; mas mesmo assim repetiu a pergunta. Disse a Latu, "Você também comeu aquele arroz?"

Sri Ramakrishna mal podia conservar a roupa no corpo. Estava quase nu como um menino. Hirananda havia trazido um ou dois de seus amigos Brahmos. Por isso o Mestre de vez em quando puxava a roupa até a cintura.

Mestre (*a Hirananda*): "Você vai me tomar como uma pessoa incivilizada se não cobrir meu corpo com a roupa?"

Hirananda: "Que diferença isso faz? O senhor não é mais do que um menino."

Mestre (*mostrando um devoto Brahmo*): "Mas ele pensa assim."

Hirananda já estava pronto para ir embora. Dentro de poucos dias partiria para Sindh.

Mestre (*a Hirananda*): "Suponhamos que você não vá para Sindh."

Hirananda (*sorrindo*): "Mas não há ninguém lá que possa fazer meu trabalho. Tenho obrigações."

Mestre: "Quanto você ganha?"

Hirananda (*sorrindo*): "Meu trabalho não me dá um salário elevado."

Mestre: "Mesmo assim, quanto?"

Hirananda riu.

Mestre: "Por que você não mora aqui?"

Hirananda não respondeu.

Mestre: "Suponhamos que você deixe o emprego."

Hirananda não disse nada. Estava pronto para se despedir.

Mestre: "Quando você vai me ver novamente?"

Hirananda: "Vou partir para Sindh na segunda-feira, depois de amanhã. Vou vê-lo esta manhã."

Hirananda retirou-se.

M. estava sentado ao lado do Mestre.

Mestre (*a M.*): "É um ótimo rapaz, não é?"

M.: "Sim, senhor. Tem uma natureza muito doce."

Mestre: "Ele disse que Sindh está a vinte e duas milhas de Calcutá, e ele andou tudo isso para me ver."

M.: "Verdade, senhor. Isto seria impossível sem amor verdadeiro."

Mestre: "Ele quer muito levar-me para Sindh."

M.: "A viagem é muito cansativa. Leva quatro ou cinco dias de trem."

Mestre: "Ele tem três diplomas universitários."

M.: "Sim, senhor."

Sri Ramakrishna estava cansado, e queria descansar um pouco. Pediu a M. que abrisse as venezianas da janela e colocasse uma esteira de palha sobre a cama. M. o abanava. Sri Ramakrishna ficou sonolento.

Depois de um cochilo, Sri Ramakrishna perguntou a M., "Dormi?"

M.: "Um pouco."

Narendra, Sarat e M. Eestavam conversando no andar de baixo.

Narendra: "Que interessante! Apesar de se ler durante muitos anos, com muita dificuldade aprende-se alguma coisa. Então como pode um homem realizar Deus praticando sadhana por dois ou três dias? É tão fácil assim realizar Deus? (*A Sarat*) Você também conseguiu paz. M. também, mas eu não a tenho."

Era de tarde. Muitos devotos estavam sentados no quarto do Mestre. Narendra, Sarat, Sashi, Latu, Nityagopal, Girish, Ram, M. e Suresh estavam presentes.

Kedar entrou. Esta foi sua primeira visita ao Mestre durante algum tempo. Quando estava em Dacca, em missão oficial, soube da doença de Sri Ramakrishna. Ao entrar no quarto de Sri Ramakrishna, tomou a poeira dos pés do Mestre em sua cabeça e depois, alegremente, ofereceu-a aos outros. Os devotos aceitaram, com as cabeças inclinadas. Quando ofereceu a Sarat, ele mesmo tomou a poeira dos pés de Sri Ramakrishna. M. Sorriu. O Mestre também sorriu, olhando para M.. Os devotos permaneciam sem proferir uma palavra. Sri Ramakrishna parecia que ia entrar em êxtase. De vez em quando respirava pesadamente como se estivesse tentando conter a emoção. Disse a Kedar, com um sinal, "Debata com Girish."

Girish disse a Kedar: "Senhor, peço-lhe perdão. No começo eu não sabia quem o senhor era. Por isso discutia com o senhor. Mas agora é completamente diferente."

Sri Ramakrishna sorriu.

O Mestre chamou a atenção de Kedar para Narendra e disse: "Ele renunciou a tudo. (*Aos devotos*) Kedar uma vez disse a Narendra, 'Você pode raciocinar e discutir agora, mas no final vai rolar no chão, cantando o nome de Hari'. (*A Narendra*) Tome poeira dos pés de Kedar."

Kedar (*a Narendra*): "Tome a poeira de seus pés [referindo-se a Sri Ramakrishna]. Isso basta."

Surendra estava sentado atrás dos outros devotos. O Mestre olhou para ele com um sorriso, e disse a

Kedar, "Ah, como é doce a sua natureza!" Kedar compreendeu a sugestão do Mestre e foi em direção a Surendra.

Surendra era muito sensível. Alguns devotos vinham coletando fundos dos devotos chefes de família para fazer face às despesas da casa de Cossipore. Surendra sentiu-se ofendido. Ele próprio estava arcando com grande parte das despesas.

Surendra (*a Kedar*): "Será que o nosso gurudeva[5] não conhece nossos sentimentos internos? Ele não se importa com dinheiro. É nossa atitude interior que o agrada."

Sri Ramakrishna com um aceno de cabeça, aprovou as palavras de Surendra.

Os devotos haviam trazidos várias oferendas de comida para o Mestre, e as colocaram diante dele. Sri Ramakrishna colocou um pedacinho em sua boca e deu o prato a Surendra. Pediu a Narendra para distribuir prasad aos devotos. Surendra desceu com as oferendas.

Mestre (*a Kedar*): "É melhor você descer e explicar tudo a Surendra. Veja que eles não discutam muito."

M. estava abanando Sri Ramakrishna. O Mestre lhe disse, "Você não come nada? Mandou M. para o andar térreo.

Era quase o crepúsculo. Girish e M. caminhavam próximos do pequeno reservatório do jardim.

Girish: "Soube que você está escrevendo algo sobre o Mestre[6]. É verdade?"

M.: "Quem lhe disse isso?"

Girish: "Ouvi falar. Você pode me dar?"

M.: "Não, não vou partilhar dele com ninguém, a não ser que sinta a hora de fazê-lo. Estou escrevendo para mim, e não para os outros."

Girish: "O que quer dizer?"

M.: "Você terá quando eu morrer."

Era noite. Um lampião foi aceso no quarto do Mestre. Amrita Basu, um devoto Brahmo, entrou. Sri Ramakrishna havia expressado sua ansiedade em vê-lo. M. e alguns outros devotos também estavam ali. Uma grinalda de jasmins estava defronte do Mestre sobre uma folha de plantano. Reinava absoluto silêncio no aposento. Um grande yogi parecia comungar silenciosamente com Deus. De vez em quando o Mestre levantava um pouco a grinalda como se quisesse colocá-la em volta do pescoço.

Amrita (*afetuosamente*): "Quer que eu a coloque em volta do seu pescoço?"

Sri Ramakrishna aceitou a grinalda. Teve uma longa conversa com Amrita. Quando este último se despedia, o Mestre disse, "Volte".

Amrita: "Sim, senhor. Gosto muito de vir. Mas moro longe, e por isso nem sempre posso."

Mestre: "Venha e tome a carruagem alugada daqui."

Os devotos estavam maravilhados com o terno amor do Mestre por Amrita.

No dia seguinte, M. foi à casa-jardim com sua esposa e filho. O menino tinha sete anos. Foi a pedido do Mestre que trouxera sua esposa, que quase havia enlouquecido de dor com a morte de um de seus filhos.

Naquele dia o Mestre várias vezes concedeu a esposa de M. o privilégio de atendê-lo. O bem estar dela parecia ocupar muito sua atenção. À noite a Santa Mãe foi ao quarto do Mestre dar-lhe comida. A esposa de M. acompanhou-a com um lampião. O Mestre carinhosamente fez-lhe muitas perguntas sobre seus trabalhos domésticos. Pediu-lhe para voltar novamente à casa-jardim, e passar uns dias com a Santa Mãe, não esquecendo de pedir que trouxesse consigo sua filhinha. Quando o Mestre acabou de comer, a esposa de M. retirou os pratos. Ele conversou com ela por alguns minutos.

Cerca de nove horas da noite, Sri Ramakrishna estava sentado em seu quarto com os devotos. Tinha uma grinalda de flores em seu pescoço. Disse que havia pedido à esposa de M. para passar alguns dias na casa-jardim com a Santa Mãe. Sua bondade tocou o coração de M..

M. abanava-o. O Mestre tirou a grinalda de seu pescoço e disse qualquer coisa a si mesmo. Então, num estado muito carinhoso, deu a grinalda a M.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

5 Referindo-se a Sri Ramakrishna.

6 Depois da morte de Sri Ramakrishna, M. publicou suas notas das conversas com o Mestre, em cinco volumes. *The Gospel of Sri Ramakrishna* é uma tradução para o inglês desses livros do original bengali.

CAPÍTULO 52

DEPOIS DO PASSAMENTO

SRI RAMAKRISHNA morreu no domingo, 15 de agosto de 1886, mergulhando seus devotos e discípulos num mar de dor. Eram como náufragos. Mas um forte elo de amor os mantinha unidos, e encontravam segurança e coragem na companhia mútua. Não podiam desfrutar da amizade de pessoas mundanas e falavam somente de seu Mestre. "Não o veremos de novo?" - esse era o único assuntos de seu pensamento e único sonho. Sozinhos, choravam por ele; caminhando pelas ruas de Calcutá, estavam mergulhados em seu pensamento. O Mestre uma vez dissera a M., "Fica difícil para mim abandonar o corpo, quando me lembro que depois de minha morte, vocês vão andar por aí, chorando por mim." Alguns deles pensaram: "Ele não está mais no mundo. Como é surpreendente que ainda desfrutamos da vida! Poderíamos abandonar o corpo se quiséssemos, mas mesmo assim, não o fazemos." Muitas vezes Sri Ramakrishna lhes falara que Deus Se revela a Seus devotos se eles ansiarem por Ele e O chamarem com total devoção de sua alma. Ele lhes havia assegurado que Deus ouve a oração de um coração sincero.

Os jovens discípulos solteiros do Mestre, que pertenciam ao seu círculo interno, haviam cuidado dele dia e noite, na casa-jardim de Cossipore. Depois de sua morte a maioria deles, contra sua vontade, regressou as suas famílias. Não haviam ainda renunciado formalmente ao mundo. Por um certo tempo ainda mantiveram seus nomes de família, mas Sri Ramakrishna os havia feito renunciar mentalmente ao mundo. Ele próprio havia iniciado muitos deles na vida monástica, dando-lhes a roupa ocre dos sannyasis.

Dois ou três atendentes do Mestre não tinham para onde ir. A eles o coração aberto de Surendra havia dito: "Irmãos, para onde vocês vão? Vamos alugar uma casa. Vocês viverão ali e a tornarão o santuário de nosso Mestre, e nós, chefes de família iremos ali, buscando consolo. Como podemos passar todos nossos dias e noites com nossas esposas e filhos no mundo? Eu costumava gastar uma certa soma de dinheiro com o Mestre em Cossipore. Agora, com muito gosto esta importância será destinada a seus gastos." De acordo com essa resolução, alugou uma casa em Baranagore, subúrbio de Calcutá, e este lugar gradualmente transformou-se num *math* ou mosteiro.

Nos primeiros meses Surendra contribuiu com trinta rupias por mês. Como outros membros foram chegando ao mosteiro, um a um, ele dobrou a contribuição, até que finalmente, aumentou para cem rupias. O aluguel da casa era de onze rupias. O cozinheiro recebia seis rupias e o restante era gasto com alimentação.

O Gopal mais jovem trouxe a cama do Mestre e outros artigos de uso diário da casa-jardim de Cossipore. O brahmin, que havia cozinhado em Cossipore, foi contratado para o novo mosteiro. O primeiro membro permanente foi Gopal mais velho. Sarat passava as noites ali. No começo Sarat, Sashi, Baburam, Niranjan e Kali costumavam visitar o mosteiro de vez em quando, segundo suas possibilidades. Tarak, que havia ido a Vrindavan após a morte do Mestre, voltou a Calcutá depois de alguns meses, e logo tornou-se membro permanente do mosteiro. Rakhal, Jogin, Latu e Kali estavam vivendo em Vrindavan com a Santa Mãe, quando o mosteiro começou a funcionar. Kali voltou a Calcutá dentro de um mês, Rakhal depois de uns poucos meses, e Jogin e Latu depois de um ano. Os devotos chefes de família frequentemente visitavam seus irmãos monásticos e passavam horas com eles em meditação e estudo.

Depois de um certo tempo Narendra, Rakhal, Niranjan, Sarat, Sashi, Baburam, Jogin, Tarak, Kali e Latu renunciaram ao mundo para sempre. Sarada Prasanna e Subodh uniram-se a eles mais tarde. Gangadhar, que era muito apegado a Narendra, visitava o mosteiro regularmente. Foi ele quem ensinou a seus irmãos o hino cantado no serviço vespertino no templo de Shiva em Benares. Havia ido ao Tibet praticar austeridade; agora de volta, vivia no mosteiro. Hari, que no início era somente um visitante do mosteiro, logo abraçou a vida monástica e assim, ficou completa a lista dos discípulos sannyasis do Mestre[1].

---

1 Os nomes monásticos dos discípulos íntimos do Mestre que renunciaram ao mundo logo após a sua morte foram, como se segue:

Narendra – Swami Vivekananda
Rakhal – Swami Brahmananda
Jogin – Swami Yogananda
Niranjan – Swami Niranjanananda
Latu – Swami Adbhutananda
Baburam – Swami Premananda
Tarak – Swami Shivananda
Hari – Swami Turiyananda
Sashi – Swami Ramakrishnananda
Kali – Swami Abhedananda
Gangadhar – Swami Akhandananda
Gopal (mais velho) – Swami Advaitananda
Prasanna – Swami Trigunatitananda
Subodh – Swami Subodhananda

Surendra era certamente uma alma abençoada. Foi ele quem lançou os fundamentos da grande ordem, mais tarde associada com o nome de Sri Ramakrishna. Sua devoção e sacrifício tornaram possível para aquelas almas anelantes, renunciarem ao mundo para realizar Deus. Por seu intermédio Sri Ramakrishna tornou possível para eles viverem no mundo como personificações de seus ensinamentos, de renúncia a 'mulher e ouro' e de realização de Deus.

Os irmãos viviam no mosteiro como órfãos. As vezes não tinham dinheiro para pagar o aluguel; as vezes não tinham comida. Surendra vinha e acertava as coisas. Era o grande irmão mais velho dos monges. Mais tarde, ao se lembrarem de seu amor sincero, os membros deste primeiro mosteiro derramavam lágrimas de gratidão.

O novo mosteiro ficou conhecido entre os devotos do Mestre como Baranagore Math. Narendra, Rakhal e outros jovens discípulos sentiam-se tomados de intensa renúncia. Um dia o pai de Rakhal foi ao mosteiro e pediu-lhe que voltasse para casa. "Por que o senhor tem o trabalho de vir até aqui?" Rakhal disse-lhe, "Sou muito feliz aqui. Por favor peça a Deus que o senhor possa me esquecer e que eu também possa esquecê-lo." Os jovens discípulos disseram uns para os outros: "Nunca mais voltaremos para a vida do mundo. O Mestre enfatizou-nos a renunciar a 'mulher e ouro'. Como podemos voltar para nossas famílias?"

Sashi tomou o encargo do culto diário no math. As relíquias do Mestre haviam sido trazidas da casa de Balaram, e Sri Ramakrishna era adorado diariamente no hall. Narendra supervisionava a manutenção da casa e era o líder do mosteiro. Muitas vezes dizia a seus irmãos discípulos, "As ações inegoístas prescritas no *Gita* são adoração, japa, meditação e assim por diante, e não, os deveres mundanos." Os irmãos no mosteiro dependiam dele para sua inspiração espiritual. Ele lhes dizia, "Devemos praticar sadhana; caso contrário, não poderemos realizar Deus."

Ele e seus irmãos discípulos, embuídos de espírito ascético, dedicavam-se dia e noite à prática de disciplina espiritual. Sua única meta na vida era a realização de Deus. Seguiam com todo seu coração os mandamentos prescritos nos Vedas, Puranas e Tantras para uma vida ascética. Passavam seu tempo em japa e meditação, e estudo das escrituras. Sempre que não conseguiam experimentar a Presença Divina, sofriam muito. Praticavam austeridades, às vezes sozinhos debaixo de árvores, ou nos campos de cremação ás margens do Ganges. Também passavam o dia inteiro na sala de meditação do mosteiro em japa e meditação; as vezes reuniam-se para cantar e dançar num arrebatamento de felicidade. Todos eles, de modo particular Narendra, se consumiam no desejo de ver Deus. De vez em quando diziam um para o outro, "Vamos nos consumir até a morte para ver Deus?"

Segunda-feira, 21 de fevereiro de 1887

Narendra, Rakhal, Niranjan, Sarat, Sashi, Kali, Baburam, Tarak e Sarada Prasanna estavam vivendo no mosteiro. Durante todo o dia os membros haviam jejuado em observância ao Shivaratri[2]. Sarat, Kali, Niranjan e Sarada planejaram ir a Puri, no sábado seguinte, em peregrinação ao sagrado Jagannath. Jogin e Latu estavam em Vrindavan e ainda não haviam conhecido o novo lugar.

Nessa manhã Narendra havia ido a Calcutá para cuidar da ação judicial na qual sua família estava envolvida desde a morte de seu pai. Às nove horas M. chegou ao math. Tarak viu-o e começou a cantar em louvor a Shiva, Rakhal unindo-se a ele:

> Ali Shiva dança, golpeando Suas faces, e elas ressoam, *Ba-ba-bom!*
> *Dimi-dimi-dimi*! Soa Seu tambor; uma grinalda de crânios pende de Seu pescoço!
> Em Sua cabeleira emaranhada o Ganges silva, o fogo é lançado de Seu poderoso tridente!
> Em torno de Sua cintura uma serpente brilha, e na Sua sobrancelha brilha a lua!

Rakhal e Tarak dançavam enquanto cantavam. Narendra tinha composto a canção recentemente.

Sashi terminou o culto matutino no santuário. Sarat então cantou sobre Shiva, acompanhado do tanpura.

Narendra acabara de chegar de Calcutá. Não havia ainda tomado seu banho. Kali perguntou-lhe, "Como vai a ação judicial? Por que você tem que se preocupar com ela?" Narendra deu uma resposta seca.

Narendra fumava e conversava com M. e com os outros. Disse: "Nada pode ser alcançado na vida espiritual sem renúncia a 'mulher e ouro'. 'Mulher' é a porta de entrada para o inferno. Todos estão sob o controle das mulheres. Os casos de Shiva e Krishna são bem diferentes. Shiva transformou Sua consorte em

Sarat – Swami Saradananda

2 A noite de Shiva. Nesse dia os devotos observam jejum e passam o dia inteiro em meditação, oração e outros exercícios espirituais.

Sua serva. Sri Krishna, sem dúvida, levou a vida de chefe de família, mas como Ele era desapegado! Com que rapidez renunciou a Vrindavan e as gopis!"

Rakhal: "E como Ele renunciou a Dwaraka também, onde Ele era rei!"

Narendra tomou banho no Ganges e voltou para o mosteiro. Levava a roupa molhada e a toalha na mão. Sarada prosternou-se ante Narendra. Ele também vinha jejuando por causa do Shivaratri. Estava indo banhar-se no Ganges. Narendra entrou no santuário e prosternou-se ante a imagem de Sri Ramakrishna, que era adorado ali diariamente, como Divindade. Por alguns minutos ficou absorvido em meditação.

Os devotos reuniram-se num quarto e começaram a conversar. A conversa voltou-se para Bhavanath. Narendra disse, "Pessoas como ele vivem como vermes no mundo."

Era de tarde. Estava sendo organizada a adoração de Shiva à tarde. Foram apanhadas folhas de bel. A madeira bel foi cortada para o homa.

À tarde Sashi, encarregado do culto no mosteiro, queimou incenso diante das imagens de vários deuses e deusas.

O culto a Shiva deveria realizar-se debaixo da árvore bel no terreno do mosteiro. A Divindade seria adorada quatro vezes, durante as quatro vigílias noturnas. Os irmãos reuniram-se debaixo da árvore bel. Bhupati e M. também estavam presentes. Um dos membros jovens do mosteiro estava encarregado do culto. Kali lia o *Gita*, e de vez em quando discutia com Narendra.

Kali: "Eu sozinho sou tudo. Crio, preservo e destruo."

Narendra: "Como me é possível criar? Um outro poder cria através de mim. Outras ações nossas – até nossos pensamentos – são causados por esta força."

M. (*a si mesmo*): "O Mestre costumava dizer: 'Enquanto um homem sentir que é ele quem medita, está sob a jurisdição de Adyashakti. Deve reconhecer Shakti."

Kali refletiu em silêncio por uns poucos momentos e então, disse: "As ações das quais você fala são ilusórias. Não há mesmo uma tal coisa como o pensamento. A simples ideia dessas coisas faz-me rir."

Narendra: "O 'eu' que está na afirmação 'eu sou Ele' não é este ego. É o que permanece depois que se elimina a mente, o corpo e assim por diante."

Depois de terminar o recital do *Gita*, Kali cantou: "Shantih! Shantih! Shantih!"

Narendra e os outros devotos puseram-se de pé, e dançaram e cantavam ao redor da árvore. De vez em quando cantavam em coro: "Shiva Guru! Shiva Guru!"

Era meia-noite, o décimo quarto dia da quinzena escura da lua. Havia um breu enchendo todos os bairros. Homens, pássaros e animais foram todos impelidos ao silêncio. Os jovens sannyasis vestiam a gerrua. As palavras "Shiva Guru", cantadas a plena voz, elevaram-se no céu infinito como o vagar de nuvens de chuva e desapareceram no Satchidananda Indivisível.

O culto terminou. O sol, perto de nascer, pintava o horizonte oriental de carmesim. Nesta sagrada meia luz, na conjunção do dia e da noite, o sagrado Brahmamuhurta, os jovens adoradores terminaram seu banho no Ganges.

Era de manhã. Os devotos foram para o santuário, prosternaram-se ante a Divindade, e pouco a pouco reuniram-se no vestíbulo. Narendra vestia uma roupa ocre nova. A cor laranja brilhante de sua vestimenta misturava-se com o esplendor celestial de seu rosto e de seu corpo, cada um dos seus poros irradiava uma luz divina. Seu rosto estava pleno de um brilho faiscante, contudo tocado pela ternura do amor. A todos dava a impressão de ser uma borbulha que havia se levantado no Oceano da Existência e Felicidade Absolutas e que assumiu um corpo humano para ajudar na propagação da mensagem do Mestre. Todos os olhos estavam fixos nele. Narendra tinha, então, vinte e quatro anos de idade, a mesma idade com a qual Chaitanya havia renunciado ao mundo.

Balaram havia enviado frutas e doces ao mosteiro para o café da manhã dos devotos. Rakhal, Narendra e alguns outros participaram da refeição. Depois de comer um ou dois pedaços, alguns deles exclamaram, "Abençoado sem dúvida é Balaram!" Todos riram.

Narendra começou a agir como uma criança. Imitava a Sri Ramakrishna. Pôs um doce em sua boca e ficou quieto, como se estivesse em samadhi. Seus olhos permaneceram vigilantes. Um devoto adiantou-se e fingiu segurá-lo com a mão, para evitar que ele caísse no chão. Narendra fechou os olhos. Alguns minutos mais tarde, com o doce ainda na boca, abriu os olhos e arrastando as palavras disse, "Eu – estou – bem". Todos riram alto.

Foi servida a refeição a todos. M. considerava tudo um mercado de felicidade. Os devotos exclamavam alegres, "Jai Gurumaharaj"[3].

3 Vitória ao Guru!

Segunda-feira, 25 de março de 1887

M. chegou ao Baranagore Math para visitar seus irmãos discípulos. Devendra o acompanhava. Com muita frequência M. estava vindo ao mosteiro, e de vez em quando passava um dia ou dois. Na semana anterior havia permanecido ali três dias. Estava muito ansioso para observar o espírito de intensa renúncia daqueles jovens.

Anoitecia. M. tinha a intenção de passar a noite no mosteiro. Sashi acendeu o lampião no santuário e cantou o nome de Deus. Logo depois queimou incenso diante de todos os quadros de deuses e deusas nos diversos aposentos. Começou o serviço vespertino. Sashi conduzia o culto. Os membros do mosteiro, com M. e Devendra, estavam de mãos postas, e cantavam o hino do arati. Quando a adoração terminou, Narendra e M. começaram a conversar. Narendra recordava seus vários encontros com Sri Ramakrishna.

Narendra: "Um dia, durante uma das minhas primeiras visitas, o Mestre em êxtase disse-me, 'Você veio! Que bom!' Eu disse a mim mesmo, 'É como se ele me conhecesse há muito tempo'. Então ele me disse, 'Você sempre vê luzes?' Respondi: 'Sim, senhor. Antes de pegar no sono vejo sempre algo como uma luz que gira perto de minha testa.' "

M.: "Você ainda a vê?"

Narendra: "Costumava vê-la com frequência. Um dia na casa-jardim de Jadu Mallick, o Mestre tocou-me e murmurou algo. Fiquei inconsciente. O efeito do toque permaneceu em mim por um mês, como uma embriaguez. Quando ele soube que estava sendo planejado meu casamento, chorou, segurando os pés da imagem de Kali. Com lágrimas nos olhos, orava à Mãe Divina: 'Ó Mãe, por favor atrapalhe tudo! Não permita que Narendra se afogue.' Depois da morte de meu pai, minha mãe e irmãos passaram fome. Quando o Mestre um dia encontrou Annada Guha disse-lhe: 'O pai de Narendra morreu. Sua família passa por grandes privações. Seria bom se agora seus amigos o ajudassem com dinheiro'. Quando Annada foi embora, eu o repreendi: 'Por que você diz tudo isso? Assim repreendido ele chorou, disse 'Meu Deus, por sua causa eu mendigaria de porta em porta'. Ele nos conquistou com seu amor. Não acha?"

M.: "Não há menor dúvida sobre isto. Seu amor era totalmente inegoísta."

Narendra: "Um dia quando estava sozinho com ele, disse-me algo. Ninguém mais estava presente. Por favor não repita isto a ninguém daqui."

M.: "Não, não o farei. O que ele disse?"

Narendra: "Ele disse: 'Não me é possível exercer poderes ocultos, mas farei isto por seu intermédio. O que você acha?' 'Não', respondi, 'o senhor não pode fazer isto'. Eu costumava rir de suas palavras. Você já deve saber dessas coisas por ele. Dizia-lhe que suas visões de Deus eram todas alucinações de sua mente. Ele me disse: 'Eu costumava subir no terraço do kuthi e gritar: "Ó devotos, onde vocês estão? Venham a mim, ó devotos! Estou a ponto de morrer. Certamente vou morrer se não os vir." E a Mãe Divina disse-me, "Os devotos virão." Veja, tudo está se tornando verdade'.

O que mais posso dizer? Fiquei em silêncio. Um dia ele fechou a porta de seu quarto e disse a Devendra Babu e Girish Babu, referindo-se a mim, 'Ele não conservará o corpo, se eu lhe disser quem ele é.' "

M.: "Sim, ouvimos a respeito disso. Por diversas vezes, também nos repetiu a mesma coisa. Uma vez você veio a saber sobre seu verdadeiro ser em nirvikalpa samadhi em Cossipore. Não é verdade?"

Narendra: "Sim. Nessa experiência senti que não tinha corpo. Somente podia ver meu rosto. O Mestre estava no andar de cima. Eu havia tido a experiência no andar térreo. Eu chorava e dizia, 'O que me aconteceu?' Gopal mais velho foi ao quarto do Mestre e disse, 'Narendra está chorando'. Quando vi o Mestre ele me disse: 'Agora você já sabe, mas vou guardar a chave comigo'. Eu lhe perguntei, 'O que aconteceu comigo?' Virando-se para os devotos, ele disse: 'Ele não conseguirá manter o corpo se souber quem é. Mas coloquei um véu sobre seus olhos'.

Um dia ele me disse, 'Você pode ver Krishna em seu coração se quiser'. Respondi, 'Não acredito em Krishna ou em qualquer tolice semelhante!' (*Ambos, M. e Narendra riram*).

Notei algo estranho. Algumas pessoas, objetos ou lugares fazem-me sentir como se já os tivesse visto, em nascimentos anteriores. Pareciam-me familiar. Um dia fui à casa de Sarat em Calcutá, na rua Amherst. Imediatamente disse a Sarat: 'Esta casa me parece familiar. Parece-me que conheço os quartos, corredores e o resto da casa há muito, muito tempo.' Eu costumava seguir meus próprios caprichos em tudo o que fazia. O Mestre jamais interferiu. Você sabe que me tornei membro do Sadharan Brahmo Samaj."

M.: "Sim, sei disso."

Narendra: "O Mestre sabia que as mulheres frequentavam as reuniões do Brahmo Samaj. Um homem não pode meditar se há mulheres sentadas diante dele; por isso criticava a meditação do Brahmo Samaj. Mas não fazia objeção a que eu fosse. Mas um dia ele me disse, 'Não fale a Rakhal que você é um membro do Brahmo Samaj, porque ele também poderia desejar ser'."

M.: “Você tem uma força mental maior. Por isso o Mestre não o proibiu de ir ao Samaj.”

Narendra: “Alcancei meu atual estado mental como resultado de muito sofrimento e dor. Você não passou por nenhum sofrimento assim. Agora compreendo que sem provas e tribulações não se pode entregar-se a Deus, nem depender d'Ele integralmente. Bem, X – é tão modesto e humilde! É totalmente apagado. Pode dizer-me como posso desenvolver humildade?”

M.: “Falando do seu ego, o Mestre dizia, 'De quem é o ego?'”

Narendra: “O que ele quer dizer?”

M.: “Uma amiga um dia disse a Radhika: 'Você é egoísta, por isso insultou Krishna'. Logo outra amiga disse à primeira: 'Sim, Radhika é egoísta, sem dúvida. Mas dem quem é o ego? O que ela quis dizer é que Radha era egoísta porque considerava Krishna como seu Senhor. Foi o próprio Krishna quem conservou o ego em Radha. O que o Mestre quis dizer é que Deus mantém esse ego em você somente para que Ele possa realizar muitas coisas através de você.”

Narendra: “Mas meu ego proclama em alta voz, a todos, que não tenho sofrimento.”

M. (*sorrrindo*): “Você pode proclamar em alta voz, se esse é seu desejo.”

A conversa voltou-se para outros devotos.

Narendra: “O Mestre disse a respeito de Vijay Goswami, 'Ele está batendo a porta.'”

M.: “Isso quer dizer que ele ainda não entrou no aposento. Em Shyampukur, Vijay disse ao Mestre, 'Vi você em Dacca de forma tangível, neste mesmo corpo'. Você também estava lá.”

Narendra: “Devendra Babu e Ram Babu querem renunciar ao mundo. Estão se esforçando. Ram Babu disse-me em caráter particular, que irá abandonar o mundo dentro de dois anos.”

M.: “Dentro de dois anos? Depois de prover para o futuro de seus filhos?”

Narendra: “Além disso, vai alugar sua casa atual e comprar uma menor. Os outros parentes tomarão conta do casamento de sua filha.”

M.: “Gopal[4] está num exaltado estado mental, não está?”

Narendra: “O que você quer dizer?”

M.: “Tanta emoção, tanto pranto e tanta exaltação pelo nome de Deus!”

Narendra: “Será que simples emoção faz um homem espiritualmente grande? Jovens como Kali, Sarat, Sashi e Sarada são mais espiritualizados do que Gopal. Como é grande sua renúncia! Gopal não aceita o Mestre, não é?”

M.: “É verdade. O Mestre asseverou que Gopal não pertencia ao círculo de seus devotos. Mas eu o vi demonstrar grande reverência a Sri Ramakrishna.”

Narendra: “O que você viu?”

M.: “Naquela época eu acabara de conhecer Sri Ramakrishna. Um dia, depois que a reunião dos devotos em seu quarto havia terminado, saí e vi Gopal no passeio, ajoelhado de mãos postas, diante do Mestre. A lua brilhava esplendorosamente. Era o caminho vermelho coberto de tijolo, logo depois da saída da varanda norte do quarto do Mestre. Ninguém mais estava lá. Tive a impressão que Gopal havia tomado refúgio aos pés de Sri Ramakrishna, e que o Mestre o encorajava.”

Narendra: “Não vi isso.”

M.: “Além do mais, o Mestre costumava dizer, 'Gopal está num estado de paramahamsa'. Mas também lembro-me muito bem dele proibir Gopal de ser íntimo das devotas. Muitas vezes preveniu-o a esse respeito.”

Narendra: “Falando-me de Gopal, o Mestre perguntou porque, se Gopal era um verdadeiro paramahamsa, corria atrás do dinheiro. 'Ele não pertence a este lugar', disse o Mestre, 'Aqueles que são meus íntimos sempre virão aqui '. Costumava ficar zangado com T – porque era companheiro constante de Gopal, e não visitava o Mestre mais vezes. 'Gopal sem dúvida tem experiências espirituais', disse-me o Mestre, 'mas ele as alcançou de repente, sem a preparação devida. Ele não é um dos meus. Se é, por que não choro por ele?' Alguns estão considerando Gopal uma reencarnação de Nityananda. Mas inúmeras vezes o Mestre disse-me: 'Somente em mim estão encarnados Advaita, Chaitanya e Nityananda[5]. Sou os três.'

Sexta-feira, 8 de abril de 1887

Mais ou menos oito horas da manhã dois devotos, um deles chefe de família e o outro, um monge, estavam conversando numa sala do mosteiro de Baranagore, quando M. entrou. Os devotos eram da mesma idade – vinte e quatro ou vinte e cinco anos. M. tinha a intenção de passar três dias nos mosteiro. Foi ao

4 Referindo-se a Nityagopal.

5 Advaita e Nityananda eram companheiros íntimos de Chaitanya.

santuário e saudou a Divindade. Depois de visitar Narendra, Rakhal e outros irmãos, por fim chegou à sala onde os dois devotos conversavam. O devoto chefe de família queria renunciar ao mundo. O monge tentava persuadi-lo a não fazer.

Monge: "Por que você não termina os poucos deveres que tem no mundo? Logo serão deixados para trás. Disseram a um homem que ele iria para o inferno. Perguntou a um amigo, 'Como é o inferno?' A isto o amigo começou a desenhar o inferno no chão com um pedaço de giz. Mal o desenho terminou e o homem rolou sobre ele e disse, 'Agora entrei no inferno!'"

Chefe de família: "Não aprecio a vida mundana. Ah, como você é feliz aqui!

Monge: "Por que você não renuncia ao mundo, se deseja tanto? Por que fala tanto nisso? Mas repito, por que não desfruta da alegria de uma vez por todas?"

Sashi terminou o culto. Cerca de onze irmãos do mosteiro voltaram do Ganges depois de tomar seu banho. Vestiram roupas limpas, foram ao santuário, prosternaram-se diante da Divindade, e ali meditaram um pouco.

Depois que a comida foi oferecida à Divindade, tomaram sua refeição. M. comeu com eles.

Era o anoitecer. Foram queimados incensos diante dos quadros de deuses e deusas e o serviço vespertino foi feito. Rakhal, Sashi, o Gopal mais velho e Harish sentaram-se no grande vestíbulo. M. também estava lá. Rakhal preveniu um dos irmãos para tomar cuidado com a comida a ser oferecida ao Mestre no santuário.

Rakhal (*a Sashi e outros*): "Um dia comi uma parte de sua comida [referindo-se a do Mestre] antes dele tomá-la. A isso ele disse, 'Não posso olhar para você. Como pode fazer isso? Começou a chorar.'"

O Gopal mais velho: "Um dia em Cossipore respirei fortemente em sua comida. A isso ele disse, 'Jogue esta comida fora.'"

M. e Narendra passeavam pela varanda recordando-se dos velhos tempos.

Narendra: "Eu não acreditava em nada."

M.: "Você quer dizer nas formas de Deus?"

Narendra: "No início não aceitei a maior parte das coisas que o Mestre dizia. Um dia ele me perguntou, 'Então por que você vem aqui?' Respondi, 'Venho para vê-lo, não para ouvi-lo'."

M.: "O que ele disse a isso?"

Narendra: "Ele ficou muito satisfeito."

Sábado, 9 de abril de 1887

Os membros do math descansaram um pouco depois do almoço. Narendra e M. sentaram-se debaixo de uma árvore na parte oeste do jardim do mosteiro. Era um lugar solitário e ninguém mais estava presente. Narendra tornava a contar a M. suas várias experiências com Sri Ramakrishna. Narendra tinha uns vinte e quatro anos, e M. trinta e dois anos.

M.: "Você deve lembrar-se de forma bem viva, da sua primeira visita a ele."

Narendra: "Sim. Foi no templo-jardim de Dakshineswar, em seu quarto. Naquele dia cantei duas canções."

Narendra cantou-as para M.:

Regressemos uma vez mais, Ó mente à nossa própria morada!
Aqui nesta parte estranha da terra,
Por que vagamos sem rumo disfarçados de estrangeiros?
Esses seres vivos que te rodeiam, e os cinco elementos,
São todos estranhos, nenhum é teu.
Por que tu esqueces de ti mesma
Em amor pelos estranhos, Ó mente minha?

Sobe pelo caminho da Verdade, Ó mente! Sobe sem esmorecer,
Com o Amor como lampião para iluminar Teu caminho.
Como provisão para a viagem, traz contigo
Cuidadosamente ocultas, as virtudes; porque, como dois assaltantes,
Ganância e desilusão, esperam para roubar tua riqueza.
E sempre conserves a teu lado,
Como guardas para protegê-la do mal,
A tranquilidade da mente e o auto-controle.

A companhia dos santos será para ti

Uma pousada bem-vinda no caminho.
Ali descansas um pouco, tuas pernas cansadas, enquanto indagas teu caminho.
Daquele que tudo observa se, por acaso, tiveres dúvida,
Se algo na estrada te atemorizar,
Então, grita com força o nome do Senhor;
Por que Ele é o Senhor desse caminho,
E até a Morte deve inclinar-se ante Ele.

Ó Senhor, devem todos os meus dias transcorrerem totalmente em vão?
Pelo caminho da esperança olho com saudade, dia e noite,
Tu és o Senhor de todos os mundos, e eu aqui somente um mendigo.
Como posso perdir-Te que venhas e mores dentro do meu coração?
A porta da humilde cabana de meu pobre coração está aberta;
Sê misericordioso, Senhor, e entre ali, nem que seja uma vez, e mata sua sede!

M.: "O que ele disse depois de ouvir suas canções?"

Narendra: "Entrou em samadhi. Disse a Ram Babu: 'Quem é este rapaz? Como ele canta bem!' Pediu-me que voltasse novamente."

M.: "Quando você o viu novamente?"

Narendra: "Na casa de Rajamohan. A terceira visita foi outra vez em Dakshineswar. Durante aquela visita entrou em samadhi e começou a elogiar-me como se eu fosse um deus. Disse-me: 'Ó Narayana, tu assumiste este corpo para meu bem'. Mas por favor, não conte isto a ninguém mais."

M.: "O que mais lhe disse?"

Narendra: "Ele disse: 'Você tomou este corpo por minha causa. Perguntei à Mãe Divina, "Mãe, a não ser que eu desfrute a companhia de alguns devotos autênticos, completamente livres de 'mulher e ouro', como poderei viver na terra?" ' Então ele me disse, 'Você veio a mim à noite, acordou-me, e disse, "Aqui estou!" 'Mas eu não sabia disso. Dormia profundamente em nossa casa em Calcutá."

M.: "Em outras palavras, você pode estar ao mesmo tempo presente e ausente. É como Deus, que é tanto sem forma como dotado de forma."

Narendra: "Mas você não deve dizer isto a ninguém mais. Em Cossipore ele me transmitiu este poder."

M.: "Isto não aconteceu quando você meditava diante de uma fogueira acesa debaixo de uma árvore na casa-jardim de Cossipore?"

Narendra: "Sim. Um dia, enquanto meditava, pedi a Kali para segurar minha mão. Kali disse-me, 'Quando toquei seu corpo senti algo como um choque elétrico penetrando-me.' Mas você não deve dizer isto a ninguém aqui. Prometa-me."

M.: "Há um propósito especial na transmissão de poder a você. Ele realizará muitas coisas por seu intermédio. Um dia o Mestre escreveu numa folha de papel, 'Naren ensinará as pessoas.'"

Narendra: "Mas eu lhe disse, 'Não farei tal coisa'. Em seguida ele disse, 'Seus próprios ossos o farão'. Deu-me o encargo de cuidar de Sarat. Sarat agora sente um grande anelo por Deus; sua Kundalini foi despertada."

M.: "Ele deve tomar cuidado para que as folhas mortas não se acumulem ali. Talvez você se recorde daquilo que o Mestre costumava dizer: 'Num lago os peixes fazem buracos para que possam ali descansar. Mas se folhas secas se acumularem nos buracos, os peixes não irão lá.'"

Narendra: "O Mestre costumava chamar-me Narayana."

M.: "Sim, sei que ele chamava."

Narendra: "Quando ele estava doente não me permitia jogar água em suas mãos. Em Cossipore disse, 'Agora a chave está na minha mão. Ele abandonará o corpo quando souber quem é'."

M.: "Ele disse isso quando você estava em nirvikalpa samadhi?"

Narendra: "Sim. Naquele momento pareceu-me que eu não tinha corpo. Eu sentia somente o rosto. Estava estudando para os exames de Direito. Subitamente disse a mim mesmo, 'O que estou fazendo?'"

M.: "Isto não aconteceu quando o Mestre estava em Cossipore?"

Narendra: "Sim. Como um louco, saí correndo de nossa casa. Ele perguntou-me: 'O que você quer?' Respondi: 'Quero permanecer imerso em samadhi'. Ele disse: 'Que mente tão mesquinha você tem! Vá além de samadhi! Samadhi é uma coisa insignificante.'"

M.: "Sim, costumava dizer que vijnana é um estágio além de jnana. É como subir e descer as escadas depois de alcançar o terraço."

Narendra: "Kali tem anseio de conhecimento. Eu o repreendi por isso. Será o conhecimento algo tão fácil de se obter? Deixe primeiro que bhakti amadureça. O Mestre disse a Tarak em Dakshineswar que emoção e bhakti não são de nenhum modo a última palavra."

M.: “O que mais ele disse a respeito?”

Narendra: “Uma vez eu lhe disse, 'As formas de Deus e coisas semelhantes que o senhor vê em suas visões são todas produtos de sua imaginação'. Ele tinha tanta fé em minhas palavras que dirigiu-se até a Mãe Divina no templo, e Lhe contou o que eu havia dito. Perguntou-Lhe, 'Então são todas alucinações?' Em seguida disse-me, 'A Mãe disse-me que são todas reais'. Talvez você se recorde do que ele disse, 'Quando você canta, Aquele que mora aqui [tocando seu coração] silva como uma serpente, por assim dizer, e então abrindo Seu capuz, fecha-se em si mesmo, ouvindo sua música.' Sem dúvida ele disse muitas coisas sobre mim; mas o que realizei?”

M.: “Agora você vestiu a roupa de Shiva; não pode tocar em dinheiro. Você se recorda da história do Mestre?”

Narendra: “Por favor, conte-me.”

M.: “Um vahurupi[6] disfarçou-se de Shiva e visitou uma casa. O dono da casa quis dar-lhe uma rupia, mas ele não aceitou. Logo o mendigo foi para casa, tirou o disfarce, voltou para o cavalheiro, e pediu-lhe a rupia. 'Por que você não aceitou antes?' Perguntou. Ele respondeu: 'Eu estava representando Shiva, um sannyasi. Naquele momento não podia tocar em dinheiro.'”

Quando Narendra ouviu a história riu bastante.

M.: “Agora você vestiu a roupa de médico, por assim dizer. Tornou-se guardião destes jovens. Toda responsabilidade é sua. Você tem que educar os irmãos do mosteiro.

Narendra: “Qualquer disciplina espiritual que pratiquemos aqui obedece à ordem do Mestre. Mas é estranho que Ram Babu nos critique por nossas práticas espirituais. Ele diz: 'Nós o vimos[7]. Que necessidade temos de qualquer outra prática?'”

M.: “Deixe que as pessoas ajam segundo a sua fé.”

Narendra: “Mas o Mestre pediu-nos que praticássemos sadhana.”

Narendra novamente estava falando a M. a respeito do amor do Mestre por ele.

Narendra: “Quantas vezes orou à Mãe Divina por mim! Depois da morte de meu pai, quando nada havia para comer em casa, e minha mãe, irmãos e irmãs passavam fome também, o Mestre pedia à Mãe Divina para me dar dinheiro.”

M.: “Sim, sei disto. Uma vez você me disse.”

Narendra: “Mas não consegui dinheiro. O Mestre disse-me o que a Mãe Divina lhe havia dito: 'Ele terá comida e roupa simples. Comerá arroz e dal'. Como ele me amava! Mas sempre que uma ideia impura passava pela minha cabeça, ele imediatamente sabia. Saindo com Annada, às vezes me encontrava em má companhia. Naquelas ocasiões o Mestre não podia comer nada de minhas mãos. Somente podia levantar a mão um pouco, e não conseguia levá-la a sua boca. Numa dessas ocasiões, quando ele estava doente, levou a mão para bem perto da sua boca, mas não pôs nada dentro. Disse-me, 'Você ainda não está pronto'. De vez em quando sinto grande ceticismo. Na casa de Baburam parecia-me que nada existia – como se não houvesse tal coisa como Deus.”

M.: “O Mestre costumava dizer que ele também havia passado por esse estado.”

Ambos, M. e Narendra, permaneceram em silêncio. Então M. disse: “Vocês todos são na verdade, abençoados! Pensam no Mestre dia e noite.”

Narendra: “Mas como é pouco! Ainda não nos sentimos abandonando o corpo porque não realizamos Deus.”

Era noite. Niranjan havia chegado de Puri. Os membros do math e M. receberam-no com grande alegria. Niranjan contou-lhes suas experiências. Tinha então vinte e cinco anos.

O culto vespertino terminou. Alguns irmãos meditavam. Mas muitos estavam reunidos no amplo vestíbulo em volta de Niranjan. Conversavam. Às nove horas Sashi ofereceu comida à Divindade. Os membros do math acabaram a ceia, que consistia de pão caseiro, algumas verduras e rapadura.

Sábado, 7 de maio de 1887

Era dia de lua cheia do mês de Vaishakh. Narendra e M. estavam sentados num divã no escritório de M. em Calcutá. Conversavam. Pouco antes da chegada de Narendra, M. estava lendo *O Mercador de Veneza, Camus* e *Auto Cultura* de Blackie, que ele ensinava na escola.

Narendra e os demais irmãos do mosteiro estavam tomados de intenso anelo pela realização de Deus. Um

6 Um ator profissional.

7 Sri Ramakrishna.

fogo grande renúncia ardia em seus corações.

Narendra: "Não me interessa nada. Vejam, agora estou conversando com vocês, mas sinto-me com vontade de me levantar neste mesmo momento e fugir."

Narendra permaneceu em silêncio por alguns minutos e disse, "Jejuarei até a morte, pela realização de Deus."

M.: "É muito bom. Pode-se fazer qualquer coisa por Deus."

Narendra: "Mas suponhamos que eu não possa controlar minha fome."

M.: "Então coma algo e comece tudo outra vez."

Narendra permaneceu em silêncio por alguns minutos.

Narendra: "Parece que não há Deus. Oro tanto, mas não há resposta nenhuma. Quantas visões tive! Quantos mantras brilhando com letras de ouro! Quantas visões da Deusa Kali! Quantas outras formas divinas! Contudo não tenho paz. Pode dar-me seis moedas?"

Narendra pediu dinheiro para pagar a carruagem até o Baranagore Math. Nesse momento chegava Satkari. Da mesma idade de Narendra, ele amava os membros do mosteiro. Vivia perto do math e trabalhava em Calcutá. A carruagem era sua. Narendra devolveu o dinheiro a M. dizendo que iria com Satkari na carruagem. Pediu a M. que lhe desse alguma coisa para comer.

M. aacompanhou os dois amigos até o mosteiro de Baranagore. Queria ver como os irmãos passavam seu tempo e como praticavam sadhana. Queria ver como Sri Ramakrishna, o Mestre, se refletia no coração de seus discípulos. Niranjan não estava no math. Havia ido para casa visitar a mãe, única parente que tinha no mundo. Baburam, Sarat e Kali foram a Puri com a intenção de passar alguns dias ali.

Narendra era o encarregado dos membros do mosteiro. Prasanna[8] vinhs praticando uma austera sadhana, nos últimos dias. Uma vez Narendra lhe havia falado de seu desejo de jejuar até morrer para realizar Deus. Durante a ausência de Narendra em Calcutá, Prasanna havia deixado o mosteiro, com destino desconhecido. Quando Narendra tomou conhecimento disso, disse aos irmãos, "Por que Raja[9] permitiu que ele fosse?" Mas Rakhal não estava no mosteiro na ocasião, havia ido ao templo de Dakshineswar para um passeio.

Narendra: "Deixa Raja chegar ao mosteiro! Vou repreendê-lo. Por que permitiu que Prasanna fosse embora? (*A Harish*) Estou certo de que você esteve lhe ensinando com os pés separados. Você não pôde impedir sua saída?"

Harish respondeu com uma voz muito baixa, "O irmão Tarak pediu a ele que não fosse, mas mesmo assim, ele foi."

Narendra (*a M.*): "Veja em que aperto eu estou! Aqui também estou, envolvido no mundo de maya. Quem sabe para onde esse rapaz foi?"

Rakhal regressou de Dakshineswar. Bhavanath o havia acompanhado.

Narendra contou a Rakhal sobre a saída de Prasanna do mosteiro. Prasanna havia deixado uma carta a Narendra. Este era o conteúdo da carta: "Vou a Vrindavan a pé. É muito arriscado para mim viver aqui. Aqui minha mente está sofrendo uma mudança. Antes costumava sonhar com meus pais e outros parentes. Então sonhei com mulher, a personificação de maya. Sofri duas vezes: tive que voltar para meus parentes, em casa. Por isso vou para longe deles. O Mestre uma vez disse-me: 'Seus familiares são capazes de fazer qualquer coisa; nunca confie neles!'"

Rakhal disse: "Estas são as razões porque ele foi embora. Uma vez ele comentou: 'Narendra vai frequentemente à sua casa, para cuidar de sua mãe, irmãos e irmãs, e da ação judicial de sua família. Temo que eu também possa sentir desejo de ir para casa, seguindo seu exemplo."

Narendra permaneceu em silêncio.

Rakhal estava conversando com ele sobre fazer peregrinações, e disse: "Não alcançamos nada ficando aqui. O Mestre sempre nos exortou a realizar Deus. Conseguimos?"

Rakhal recostou-se. Os outros devotos permaneciam recostados ou sentados.

Rakhal: "Vamos a Narmada."

Narendra: "O que vocês vão alcançar vagueando de um lado para outro? Pode-se alcançar jnana, da qual vocês falam tanto?"

Um devoto: "Então por que você renunciou ao mundo?"

Narendra: "Devemos viver com Shyam por que não vimos Ram? Devemos continuar procriando só por que não realizamos Deus? De que vocês estão falando?"

Narendra saiu, voltando depois de alguns minutos. Rakhal continuava recostado.

---

8 Sarada Prasanna, um dos discípulos jovens do Mestre, era chamado de Prasanna por Sri Ramakrishna e seus discípulos.

9 Rakhal era chamado de "Raja" por todos os irmãos. "Rakhal-Ray", o "Rei dos pastores", é um dos nomes de Sri Krishna, e Sri Ramakrishna por diversas vezes referiu-se a Rakhal como um dos companheiros íntimos de Krishna.

Um membro do mosteiro que também estava recostado, disse com implicância, fingindo grande sofrimento por sua separação de Deus, "Ah! Por favor, dê-me uma faca! Não tenho mais utilidade para esta vida. Não posso suportar por mais tempo esta dor!"

Narendra (*fingindo seriedade*): "Está ali, estenda a sua mão e pegue-a."

Todo mundo riu.

A conversa novamente girou em torno de Prasanna.

Narendra: "Mesmo aqui estamos envolvidos em maya. Por que nos tornamos sannyasis, eu imagino?"

Rakhal: "Li num livro que os sannyasis não devem viver juntos. O autor descreve uma cidade sannyasis."

Sashi: "Não me importo com sannyasa ou coisas assim. Não há lugar onde eu não possa viver."

Estavam falando de Bhavanath, cuja esposa havia estado seriamente doente. Narendra disse a Rakhal: 'Entendo que sua esposa tenha sido retirada das garras da morte. É por isso que ele foi a Dakshineswar desfrutar de ar fresco?"

Ram Babu tinha intenção de construir um templo no jardim de Kankurgachi, onde algumas cinzas de Sri Ramakrishna estavam enterradas.

Narendra (*a Rakhal*): "Ram Babu nomeou M. um dos guardiões no jardim."

M. (*a Rakhal*): "Mas não sei nada a esse respeito."

Anoitecia. Sashi queimou incenso diante do retrato de Sri Ramakrishna na sala de adoração, e em seguida, diante dos quadros de deuses e deusas, nos outros aposentos.

O culto vespertino começou. Os membros do math e outros devotos ficaram de mãos postas perto da porta do santuário e assistiram o arati. Logo cantaram o seguinte hino a Shiva, com acompanhamento de sino e gongo:

Jaya Shiva Omkara, Bhaja Shiva Omkara,
Brahma Vishnu Sadashiva,
Hara Hara Hara Mahadeva!

Narendra havia introduzido esta canção no culto vespertino. É cantado no templo de Shiva em Benares.

Eram onze horas da noite quando a ceia terminou. Os irmãos prepararam uma cama para M., e todos foram dormir.

Era meia-noite. M. estava bem desperto. Dizia a si mesmo: "Tudo está como antes. A mesma Ayodhya – somente Rama não está lá." M. silenciosamente deixou a cama. Era a noite de lua cheia de Vaishakh, o dia triplamente abençoado dos budistas, associado ao nascimento, realização e morte de Buda. M. caminhava sozinho na margem do Ganges, pensando no Mestre.

Era domingo. M. havia chegado no dia anterior e estava planejando ficar até quarta-feira. Os devotos chefes de família geralmente visitavam o mosteiro aos domingos.

Estudavam e explicavam a *Yogavasishtha*. M. havia ouvido de Sri Ramakrishna um pouco a respeito dos ensinamentos deste livro. Ensina a absoluta identida de Brahman e da alma, e a irrealidade do mundo. O Mestre o havia proibido e aos outros devotos chefes de família de praticarem disciplina espiritual seguindo o método da Vedanta Advaita, visto que a atitude de unidade da alma e Deus é prejudicial para aquele que ainda está identificado com o corpo. Para esse tipo de devoto, o Mestre costumava dizer que era melhor considerar Deus seu Senhor, e a si mesmo como Seu servo.

A conversa voltou para o *Yogavasishtha*.

M.: "Bem, como se descreve a Brahmajnana no *Yogavasishtha*?"

Rakhal: "Fome, sede, dor, prazer e assim por diante, todos são maya. A aniquilação da mente é o único meio para realizar Brahman."

M.: "O que fica depois da aniquilação da mente é Brahman. Não é verdade?"

Rakhal: "Sim."

M.: "Sri Ramakrishna costumava dizer que Nangta o havia ensinado daquela maneira. Você encontrou no livro que Vasishtha pediu a Rama que levasse uma vida de chefe de família?"

Rakhal: "Ainda não achei nada disso no livro. Rama nem mesmo é aceito pelo autor como uma Encarnação de Deus."

Nesse momento Narendra, Tarak, e um outro devoto regressaram do Ganges. Tinham a intenção de ir a Konnagar, na outra margem do rio, mas não haviam conseguido um barco. Sentaram-se. Continuou a conversa sobre o *Yogavasishtha*.

Narendra (*a M.*): “Há histórias muito bonitas neste livro. Conhece o incidente de Lila?”

M.: “Sim, li aqui e ali trechos do livro. Lila havia alcançado Brahmajnana.”

Narendra: “Você se lembra da história de Indra e Ahalya, e da história de como o rei Viduratha tornou-se um chandala?”

M.: “Sim, lembro-me.”

Narendra: “Que descrição maravilhosa da floresta!”

Narendra e os outros devotos foram ao Ganges tomar banho e M. os acompanhou. O sol estava muito quente, e por isso M. levou uma sombrinha. Sarat e um devoto de Baranagore ia com eles tomar banho. Visitava o mosteiro com frequência.

M. (*a Sarat*): “Faz muito calor.”

Narendra: “É esta sua desculpa para levar uma sombrinha?”

M. riu.

Os membros do mosteiro estavam vestidos com a gerrua.

M. (*a Narendra*): “Está realmente muito quente. Pode-se ter uma insolação.”

Narendra: “Vejo que seu corpo é o obstáculo no seu caminho de renúncia. Não é assim? Refiro-me a você, Devendra Babu...”

M. riu e disse a si mesmo, “É somente o corpo?”

Depois do banho, os devotos regressaram ao mosteiro. Levaram seus pés e entraram no santuário. Saudando a Divindade, ofereceram flores.

Narendra chegou atrasado no santuário. Viu que não havia flores na bandeja, somente algumas folhas de bel. Regou com pasta de sândalo as folhas e ofereceu-as a Sri Ramakrishna. Tocou o sino, saudou a Divindade novamente, e reuniu-se aos outros irmãos no grande vestíbulo, que era conhecido como quarto dos “danas”.

Os membros do math chamavam a si mesmos de “danas” e “daityas”, que significa “fantasmas” e “demônios”, companheiros de Shiva. Haviam tomado esses nomes devido à sua profunda indiferença aos prazeres e relacionamentos mundanos.

O quarto mais a sudeste do segundo andar era utilizado para meditação, contemplação e estudo, e era conhecido como quarto de Kali Tapasvi, porque Kali costumava fechar-se nele a maior parte do dia. Ao norte desse quarto estava o templo, e ao norte deste, estava o aposento onde as oferendas para o culto eram preparadas. Deste aposento os devotos costumavam assistir o culto vespertino. Ao norte do “quarto de oferenda” estava o aposento dos “danas”, um hall muito comprido onde os membros do math costumavam se reunir. Aqui eram recebidos os devotos chefes de família e visitantes. Ao norte deste aposento estava uma pequena sala onde os devotos comiam. A leste do santuário e do quarto de Kali Tapasvi havia uma longa galeria, e na extremidade sudoeste estava a biblioteca da sociedade de Baranagore. Entre o aposento de Kali Tapasvi e a biblioteca havia uma escada; e ao norte da sala de jantar havia uma outra escada que conduzia ao terraço.

Narendra e os outros membros do math muitas vezes passavam suas noites neste terraço. Ali dedicavam grande parte do seu tempo discutindo os ensinamentos de Sri Ramakrishna, Shankaracharya, Ramanuja e Jesus Cristo, e filosofia hindu e européia, Vedas, os Puranas e os Tantras.

Narendra, que tinha uma voz maravilhosa, costumava cantar no aposento dos “danas” e ensinar música a Sarat e outros. Kali costumava tomar lições para tocar vários instrumentos. Muitas, muitas horas eles passaram juntos nesta sala, dançando e cantando.

Narendra estava sentado com os devotos no aposento dos “danas”. A conversa girou em torno da pregação religiosa.

M. (*a Narendra*): “Vidyasagar diz que não fala a respeito de Deus a ninguém com medo de ser chicoteado.”

Narendra: “Com medo de ser chicoteado? O que quer dizer com isso?”

M.: “Isso é o que Vidyasagar diz: 'Suponhamos que depois da morte, nós todos vamos a Deus. Os emissários da Morte também enviaram Keshab para lá. Keshab Sen, sem dúvida, cometeu pecados enquanto vivia na terra. Quando isto ficar provado, talvez Deus diga, “Dê-lhe vinte e cinco chicotadas.” Então suponhamos que eu seja levado a Deus. Eu costumava ir ao Brahmo Samaj de Keshab Sen, durante minha vida terrena. Eu também cometi muitos pecados; então fui condenado a ser chicoteado também. Ora, suponhamos que eu diga a Deus que agi dessa forma pecaminosa porque escutava as pregações de Keshab. Logo, Deus pedirá a seus emissários que tragam Keshab de volta. Quando ele for trazido, o Senhor Todo-Poderoso lhe dirá: 'Você realmente pregou assim? Você mesmo não sabia nada a respeito de assuntos espirituais e contudo, teve a ousadia de ensinar a respeito de Deus! Emissários! Dêem-lhe mais vinte e cinco

chicotadas."

Todos riram.

M.: "Por isso Vidyasagar diz: 'Não posso tomar conta de mim mesmo; serei tão tolo a ponto de levar chicotadas adicionais por conduzir mal os outros? Eu mesmo não compreendo Deus. Como poderei dar palestras aos outros sobre Ele?'"

Narendra: "Como ele – que não pode compreeender Deus – entendeu tantas outras coisas?"

M.: "Que outras coisas?"

Narendra: "Ele diz que não compreendeu Deus. Como, então, pode entender caridade e fazer o bem? Como pode saber a respeito de escolas? Como pode educar rapazes, construindo escolas? Como pode compreender que é correto entrar no mundo, casar e ter filhos? Aquele que compreende corretamente uma coisa, compreende tudo o mais."

M. (*a si mesmo*): "Sim, Sri Ramakrishna também dizia que aquele que conhece Deus, conhece tudo o mais. Além disso, disse a Vidyasagar que levar uma vida mundana, fundar escolas e coisas assim são o resultado de rajas. O Mestre também dizia que a filantropia de Vidyasagar era devida à influência de sattva sobre rajas. Esse rajas não é prejudicial."

Depois da refeição os irmãos do mosteiro descansaram. M. e Chunilal conversavam. Chunilal falou a M. a respeito de sua primeira visita a Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Também lhe disse como uma vez, sentindo-se desgostoso com o mundo, havia renunciado a ele, e feito peregrinação a lugares sagrados. Minutos mais tarde Narendra chegou, e sentou-se perto deles. Pediu a Gopal mais jovem que lhe preparasse fumo. O Gopal mais jovem estivera meditando. Narendra disse-lhe, "Vamos! Prepare o fumo. O que você quer dizer com esta meditação? Primeiro prepare-se para a vida espiritual, servindo a Deus e aos santos; então estará em condições de meditar. Em primeiro lugar karma, em seguida, meditação." Todos riram.

Havia uma grande extensão de terra plantada a oeste do conjunto do mosteiro. M. estava sentado sozinho sob uma árvore, quando subitamente Prasanna chegou. Eram mais ou menos três horas da tarde.

M.: "Onde você esteve todos esses dias? Todo o mundo ficou preocupado com você. Viu os irmãos? Quando chegou?"

Prasanna: "Agora mesmo. Sim, eu os vi."

M.: "Você deixou um bilhete dizendo que ia para Vrindavan. Ficamos terrivelmente preocupados. Até onde foi?"

Prasanna: "Somente até Konnagar."[10]

Ambos riram.

M.: "Sente-se. Conte-me a respeito. Onde parou em primeiro lugar?"

Prasanna: "No jardim-templo de Dakshineswar. Passei uma noite ali."

M. (*sorrindo*): "Qual o atual estado de espírito de Hazra?"

Prasanna: "Hazra perguntou-me: 'O que você pensa de mim?'"

Ambos riram.

M. (*sorrindo*): "O que você disse?"

Prasanna: "Nada."

M.: "Então?"

Prasanna: "Então ele perguntou-me se lhe havia trazido tabaco."

Ambos riram.

Prasanna: "Ele queria que eu servisse por ele." (*risada*)

M.: "Para onde você foi em seguida?"

Prasanna: "Devagar cheguei em Konnagar. Passei a noite ao ar livre. Tinha intenção de ir adiante e perguntei a uns senhores se poderia conseguir dinheiro suficiente para uma passagem de trem até o norte."

M.: "O que eles disseram?"

Prasanna: "Disseram, 'Você pode conseguir uma rupia ou duas, mas quem lhe dará a passagem inteira?"

Ambos riram.

M.: "O que você levou?"

Prasanna: "Ó, uma ou duas peças de roupa e um retrato do Mestre. Não mostrei o retrato a ninguém."

O pai de Sashi veio ao mosteiro. Tinha a intenção de levar seu filho para casa. Durante a enfermidade de Sri Ramakrishna, Sashi havia cuidado do Mestre durante nove meses com zelo total. Havia conseguido uma bolsa no exame de ingresso para a universidade, e chegara a estudar até o B.A., mas não havia se apresentado ao exame. Seu pai, um pobre brahmin, era um devoto hindu que passava grande parte de seu tempo em prática espiritual. Sashi era o filho mais velho. Seus pais tinham a esperança de que, depois de completar sua

10 Cidadezinha a algumas milhas de Baranagore, do outro lado do Ganges.

educação, ganharia muito dinheiro, e resolveria as dificuldades financeiras da família. Mas Sashi havia renunciado ao mundo para realizar Deus. Sempre que pensava em seu pai e mãe, sentia grande angústia em seu coração. Muitas vezes havia dito a seus amigos, com lágrimas nos olhos, "Estou desorientado quanto ao meu dever. Ai, não pude servir meus pais. Não pude ser de utilidade para eles! Quanta esperança tinham em mim! Por causa da pobreza, minha mãe não teve uma jóia. Alimentei o desejo de comprar algumas, mas agora todas minhas esperanças se frustraram, e me é impossível voltar para casa. Meu Mestre pediu-me renúncia a 'mulher e ouro'. Simplesmente não posso voltar para casa."

Depois da morte de Sri Ramakrishna, o pai de Sashi havia tido a esperança de que seu filho regressasse ao seio da sua família. O rapaz havia passado alguns dias em casa, mas imediatamente depois do estabelecimento do novo mosteiro, começara a frequentá-lo, e depois de alguns dias, decidiu permanecer nele como um dos seus membros. De vez em quando seu pai ia ao mosteiro para persuadi-lo a voltar para casa, mas não obtinha sucesso.

O pai de Sashi conhecia M.. Juntos passeavam na varanda superior, conversando.

Pai de Sashi: "Quem é o encarregado deste lugar? Somente Narendra é o culpado desse infortúnio. Por um tempo todos esses jovens voltaram para casa e dedicaram-se a seus estudos."

M.: "Não há chefe aqui. São todos iguais. O que pode Narendra fazer? Pode alguém renunciar ao mundo contra sua vontade? Podemos nós, chefes de família, por exemplo, renunciar aos nossos lares por completo?"

Pai de Sashi: "Você faz o que é correto, serve a ambos. Deus e o mundo. Não pode uma pessoa praticar religião segundo esse seu método? É exatamente o que queremos que Sashi faça. Que viva em casa e que também, venha aqui. Você não imagina o quanto sua mãe chora por ele."

M. ficou triste e não disse nada.

Pai de Sashi: "E se você fala em encontrar santos, conheço um lugar onde achar um muito bom. Que Sashi vá até ele."

Rakhal e M. caminhavam na varanda a leste do quarto de Kali Tapasvi.

Rakhal (*com franqueza*): "M., vamos praticar sadhana! Renunciamos ao lar para sempre. Quando alguém diz, 'Renunciando ao lar você não realizou Deus; então por que toda essa confusão?' Narendra dá uma boa resposta. Diz 'Porque nós não pudemos alcançar Ram, devemos viver com Shyam e ter filhos?' Ah! De vez em quando Narendra diz coisas maravilhosas. É melhor perguntar a ele."

M.: "O que você diz é verdade. Vejo que você também se sente desassossegado por Deus."

Rakhal: "M., como posso descrever meu estado espiritual? Hoje ao meio-dia senti grande anelo por Narmada. M., por favor pratique sadhana; caso contrário, não terá êxito. Até Shukadeva temia este mundo. É por isso que logo após ao seu nascimento, fugiu do mundo. Seu pai pediu-lhe que esperasse, mas ele desapareceu."

M.: "Sim, o *Yogopanishad* descreve como Shukadeva fugiu deste mundo de maya. Descreve também a conversa de Vyasa com Shuka. Vyasa pediu a seu filho que praticasse religião no mundo, mas Shuka disse que a única coisa essencial são os Pés de Lótus de Deus. Expressou também seu desgosto com os homens mundanos por se casarem e viverem com mulheres."

Rakhal: "Muitas pessoas pensam que é suficiente não olhar para o rosto de uma mulher. Mas o que você ganha simplesmente em voltar seu olhos para o chão à vista de uma mulher? Narendra colocou isto muito bem na noite passada, quando disse: 'A mulher existe para o homem enquanto ele tiver luxúria. Livre de luxúria, não mais vê diferença entre homem e mulher'."

M.: "Como isto é verdade! As crianças não veem diferença entre homem e mulher."

Rakhal: "Por isso digo que devemos praticar disciplina espiritual. Como pode alguém alcançar o Conhecimento sem ir além de maya? Vamos para o salão. Alguns senhores vieram de Baranagore. Narendra está conversando com eles. Vamos ouvi-los."

M. não entrou na sala. Como tinha ficado andando do lado de fora ouviu parte da conversa.

Narendra: "Não há tempo nem lugar marcado para o sandhya e outras devoções."

Senhor: "Senhor, pode alguém realizar Deus somente por meio de prática espiritual?"

Narendra: "A realização depende da graça de Deus. Sri Krishna diz no *Gita*:

> O Senhor, ó Arjuna mora no coração de todos os seres, fazendo-os por Sua maya, girar como montados numa máquina. Tome refúgio n'Ele com todo seu coração, ó Bharata. Por Sua graça alcançarás Paz Suprema e Morada Eterna.

"Sem a graça de Deus simples culto a Deus e oração não adiantam. Por isso devemos tomar refúgio

n'Ele."

Senhor: "Posso vir de vez em quando perturbá-lo?"

Narendra: "Por favor, venha quando quiser. Tomamos banho no Ganges em seu ghat."

Senhor: "Eu não me importo com isso, mas por favor, veja que outros não o usem."

Narendra: "Não usaremos seu ghat, se é isto que o senhor quer dar a entender."

Senhor: "Não, não é exatamente isso que quero dizer, mas se vir outras pessoas usando-o, é melhor não irem."

Anoitecia. O culto vespertino havia terminado. Os devotos, como de costume, cantavam em coro, "Jaya Shiva Omkara". Em seguida, reuniram-se no quarto dos "danas". M. também estava lá. Prasanna lia o *Guru Gita*.

Narendra cantou:

> Saúdo o Eterno Instrutor, Personificação da Felicidade de Brahman,
> A Essência do conhecimento e liberação, o Doador da Alegria Suprema;
> Aquele que penetra tudo, como o akasha, e é a meta dos ensinamentos da Vedanta;
> Aquele que é o Uno, eterno, imaculado, puro e é a constante Testemunha de todas as coisas;
> Que mora além de todos os estados, transcendendo os três gunas.

Narendra cantou novamente:

> Não há ninguém mais elevado do que o Guru; ninguém melhor do que o Guru;
> É o que Shiva declarou.
> Cantarei o abençoado Guru, o Supremo Brahman;
> Adorarei o abençoado Guru, o Supremo Brahman;
> Meditarei no abençoado Guru, o Supremo Brahman;
> Eu me inclinarei ante o abençoado Guru, o Supremo Brahman.

Enquanto Narendra cantava estes versos do *Guru Gita*, com sua voz melodiosa, as mentes dos devotos tornaram-se estáveis, como a chama de uma vel num lugar sem vento.

Rakhal estava sentado no quarto de Kali Tapasvi. Prasanna sentou-se próximo a ele, e M. também estava presente.

Rakhal havia renunciado ao mundo, deixando para trás sua esposa e filho. Um fogo de intensa renúncia queimava dia e noite em seu coração. Pensava seriamente em ir sozinho para a margem do Narmada ou qualquer outro lugar sagrado. Todavia tentava persuadir Prasanna a não abandonar o mosteiro.

Rakhal (*a Prasanna*): "Para onde você quer ir, saindo daqui? Aqui você está na companhia de santos. Não seria tolice fugir disso? Onde você encontraria outro Narendra?"

Prasanna: "Meus pais moram em Calcutá. Tenho medo de ser absorvido por seu amor. Por isso quero fugir para um lugar distante."

Rakhal: "Podem nossos pais nos amar tão intensamente quanto Gurumaharaj [querendo dizer Sri Ramakrishna] nos amou? O que fizemos por ele para que mereçamos tanto amor? Por que ele era tão ansioso pelo bem-estar de nosso corpo e alma? O que fizemos a ele para merecer tudo isto?

M. (*a si mesmo*): "Ah! Rakhal tem razão. Por isso uma pessoa como Sri Ramakrishna é descrito como um 'Oceano de Misericórdia sem qualquer motivo'."

Prasanna (*a Rakhal*): "Você mesmo não sente com vontade de fugir daqui?"

Rakhal: "Sim, de vez em quando imagino passar alguns dias nas margens do Narmada. Digo a mim mesmo, 'Deixe-me ir a um lugar como este e praticar sadhana num jardim'. Também sinto um forte desejo de praticar panchatapa por três dias. Mas hesito em viver num jardim que pertença a pessoas mundanas."

Tarak e Prasanna conversavam num quarto dos "danas". Tarak havia perdido sua mãe. Seu pai, como o pai de Rakhal, havia se casado pela segunda vez. O próprio Tarak havia se casado, mas perdera sua esposa. Agora o mosteiro era seu lar, e ele também tentava persuadir Prasanna a viver ali.

Prasanna: "Não tenho nem jnana nem prema. O que tenho no mundo como apoio?"

Tarak: "Sem dúvida é difícil alcançar jnana; mas como você pode dizer que não tem prema?"

Prasanna: "Ainda não chorei por Deus. Como posso dizer que tenho prema? O que realizei em todos esses dias?"

Tarak: "Mas você viu o Mestre. E por que diz que não tem jnana?"

Prasanna: “De que tipo de jnana você está falando? Jnana significa Conhecimento. Conhecimento de quê? Certamente o de Deus, mas não tenho certeza nem sequer da existência de Deus.”

Tarak: “Sim, é verdade. Segundo um jnani, não há Deus.”

M. (*a si mesmo*): “Ah! O Mestre costumava dizer que aqueles que procuram Deus passam por um estado semelhante a esse que Prasanna está experimentando. Nesse estado, às vezes, duvida-se da existência de Deus. Compreendo que Tarak agora está lendo filosofia budista. E é por isso que ele diz que, de acordo com o jnani, Deus não existe. Mas Sri Ramakrishna costumava dizer que o jnani e o bhakta, no final, chegarão ao mesmo destino.”

Narendra e Prasanna conversavam na sala de meditação. Rakhal, Harish e Gopal mais jovem estavam sentados em outro lugar do aposento. Depois de um certo tempo o Gopal mais velho entrou.

Narendra lia o *Gita*, e explicava os versos a Prasanna:

> O Senhor, ó Arjuna mora nos corações de todos os seres, fazendo-os,
> por Sua própria, mover-se como que montados numa máquina. Toma
> refúgio n'Ele com todo seu coração, ó Bharata. Por Sua graça alcançarás
> a Paz Suprema e a Morada Eterna. Renunciando a todos os charmas,
> toma refúgio somente em Mim. Eu o libertarei de todos os pecados. Não lamentes.

Narendra: “Reparou no que Krishna disse? 'Montados numa máquina'. O Senhor, por Sua maya, faz todos os seres moverem-se como que montados numa máquina. Procurar conhecer Deus? Você é somente um verme entre os vermes – e você pode conhecer Deus? Reflita somente por um momento: o que é um homem? Diz-se que cada uma das miríades de estrelas que brilham sobre a cabeça representa um sistema solar. Esta nossa terra é uma parte somente de um sistema solar, e mesmo isto, é muito grande para nós. Como um inseto, o homem vagueia nesta terra, que comparada com o sol, é somente uma pequenina bola.”

Narendra cantou:

> Nascemos, Ó Senhor, na poeira da terra,
> E nossos olhos estão cegos pela poeira;
> Com poeira nós brincamos como crianças;
> Ó, dá-nos segurança, Tu, Ajuda dos fracos!
>
> Tu nos jogarás para fora de Teu colo, Ó Senhor
> Por um simples erro? Tu nos deixará de lado
> E abandonando-os à nossa infelicidade?
> Ó, então nunca seremos capazes de levantar,
> Mas ficaremos para sempre deslumbrados e sem ter tido o fazer.
>
> Simples criancinhas somos, Pai, com mentalidade de nenem;
> A cada passo tropeçamos e caímos.
> Por que então, Tu deves nos mostrar Tua face terrível?
> Por que então, Senhor, temos sempre que contemplar
> Tua fronte cerrada?
>
> Pequenos nós somos – Ó, não fiques zangado conosco,
> Mas ternamente fala-nos quando estivermos errados;
> Porque embora Tu não nos eleve uma centena de vezes,
> Uma centena de vezes cairemos novamente!
> O que mais pode-se fazer com uma mente sem ajuda?

Então disse a Prasanna: “Entregue-se aos Seus pés. Entregue-se por completo à Sua vontade.”

Narendra cantou novamente em êxtase:

> Ó Senhor, sou Teu servo, sou Teu servo! Teu servo eu sou!
> Ó Senhor, Tu és meu Senhor, Tu és meu Senhor! Meu Senhor és Tu!
> De Ti recebi dois pedaços de pão e um kaupin[11];
> Quando canto Teu nome, a devoção sobre até meu coração e me protege do mal.
> Tu és o Senhor, o Todo-misericordioso; isto repito, Ó Senhor!
> Teu servo Kabir tomou refúgio a Teus pés.

11 Tanga de um monge.

Narendra disse a Prasanna: “Você não se recorda das palavras de Sri Ramakrishna? Deus é a colina de açúcar e você uma formiga. Um grão é suficiente para encher seu estômago, e você pensa levar para casa a colina! Você não se recorda do que o Mestre falou a respeito de Shukadeva? Mesmo Shukadeva foi no máximo uma grande formiga. Foi por esta razão que briguei com Kali, dizendo: 'Seu tolo! Você quer medir Deus com a fita métrica?' Deus é o Oceano de Misericórdia. Seja Seu escravo e tome refúgio n'Ele. Ele lhe mostrará compaixão. Ore a Ele: 'Protege-me sempre com Tua face compassiva. Conduza-me do irreal ao Real, da escuridão para a Luz, da morte para a Imortalidade. Revela-Te a mim e protege-me sempre com Tua face misericordiosa'.”

Prasanna: “Que tipo de disciplina espiritual devemos praticar?”

Narendra: “Repita Seu nome. É suficiente. Não se recorda da canção de Sri Ramakrishna?”

Narendra cantou:

Ó Shyama, minha única esperança é Teu sagrado nome!
Que necessidade tenho de kosha e kushi?[12] Que necessidade de sorrisos e convenções?
Teu nome dissolve os elos da morte, como Shiva proclamou,
E eu mesmo sou o servo de Shiva, a quem mais devo obedecer?
Ó Mãe, aconteça o que acontecer, repetirei teu nome;
Por que ficar me martirizando tanto? Agarro-me às palavras de Shiva.

Cantou novamente:

Simples criancinhas, Pai, com mentalidade de neném;
A cada passo tropeçamos e caímos.
Por que, então, Tu deves nos mostrar Tua face terrível?
Por que, então, Senhor, temos sempre que contemplar tua fronte cerrada?

Prasanna: “Agora você está dizendo que há Deus. Também é você quem diz que segundo Charvaka e muitos outros pensadores, o mundo foi criado por si mesmo.”

Narendra: “Você estudou química? Quem combina os diferentes elementos? É a mão humana que combina hidrogênio, oxigênio e eletricidade para preparar água. Todos admitem a existência de uma Força Inteligente – uma Força que é a essência de Conhecimento e que guia todos esses fenômenos.”

Prasanna: “O que somos nós para saber se Deus é bom?”

Narendra: “Os Vedas dizem, 'Aquela que é Tua face misericordiosa!' John Stuart Mill disse a mesma coisa. Disse, 'Quanta bondade Ele deve ter, aquele que colocou bondade nos corações dos homens'. O Mestre costumava dizer: 'A fé é a única coisa essencial. Deus existe. Está muito próximo de nós. Somente por meio da fé pode-se vê-Lo.”

Narendra cantou:

Onde você procura, Meu servo? Estou bem perto de você.
Longe você ainda procura, embora Eu esteja tão perto.
Não estou na pele e no cabelo, não estou nos ossos e na carne,
Nem na mesquita ou num templo, nem em Kashi ou Kailash.
Nunca você virá a Mim em Ayodhya ou Dwaraka;
Mas você estará certo de Me encontrar, se buscar onde a fé mora.
Não em tarefas agradáveis ou yoga, não em vairagya ou sannyasa.
Contudo virei sem demora, se somente você Me buscar.

Prasanna: “As vezes você diz que Deus não existe, e agora está dizendo todas essas coisas! Você não tem consistência. Fica mudando de opinião.”

Todos riram.

Narendra: “Está bem. Nunca mais vou mudar o que acabei de falar. Enquanto uma pessoa tiver desejos e anseios, duvida da existência de Deus. Um homem alimenta um desejo ou outro. Talvez queira estudar ou passar nos exames, ou tornar-se um erudito, e assim por diante.”

Narendra cantou novamente, com uma voz tomada pela emoção:

12 Artigos de metal usados no culto no templo.

Saudações a Ti, nosso Deus e Senhor! Salve, Doador de toda benção!
Salve, Tu, Doador de Deus!
Ó Redentor do medo, do perigo e do sofrimento!
Sustentador do mundo!
Salve, Senhor! Vitória a Ti!

Insondável e infinito, incomensurável, além da comparação,
Ó Deus, ninguém é igual a Ti!
Senhor do Universo! Ó Verdade que tudo penetra!
Tu, Ó Atman Supremo!
Salve, Senhor! Vitória a Ti!

Ó Tu, o Uno Todo-misericordioso, adorado pelo universo inteiro,
Inclino-me a Teus pés!
Tu és o único refúgio na vida e na morte, Ó Senhor;
A Teus pés inclino-me!
Salve, Senhor! Vitória a Ti!

Esta é a nossa única prece, Ó Senhor! Que outra graça podemos nós implorar?
Assim oramos a Ti;
Concede-nos verdadeira sabedoria aqui, e na vida após a morte.
Revela-Te a nós.
Salve, Senhor! Vitória a Ti!

Novamente Narendra cantou, descrevendo o quão próximo Deus está de nós – tão próximo como o almíscar está do almiscareiro – e exortando seus irmãos discípulos a beber fundo da taça da Felicidade Divina:

Bebendo a Felicidade de Hari da taça de prema,
Sadhu, embriaga-te!
A infância tu passaste chorando, e a juventude sob o controle das mulheres;
Agora, na velhice, cheio de fleuma e vento,
Espera a padiola do funeral que o levará ao campo de cremação.

Na barriga do almiscareiro o perfume do almíscar é encontrado.
Mas como pode fazê-lo compreeender?
Sem o instrutor adequado para guiá-lo em seu caminho,
O homem, também, cegamente vagueia pelo mundo.
Iludido como o tolo almiscareiro que fica vagueando pelos bosques.

M. ouvia tudo isto da varanda.

Narendra levantou-se. Ao deixar o quarto, comentou, “Meu cérebro está aquecido por conversar com estes jovens.”

Encontrou M. na varanda e disse, “Olhe, vamos tomar água.”

Um dos membros do math disse a Narendra, “Por que, então, você diz que Deus não existe?”

Narendra riu.

Segunda-feira, 9 de maio de 1887

Na manhã seguinte M. estava sentado sozinho debaixo de uma árvore no jardim. Dizia a si mesmo: “Sri Ramakrishna mandou que os irmãos do mosteiro renunciassem a 'mulher e ouro'. Ah, como estavam ansiosos para realizar Deus! Este lugar tornou-se um verdadeiro Vaikuntha, e os irmãos que vivem aqui são personificações de Narayana. Não faz muitos dias que o Mestre morreu; é por isso que todas as ideias e ideais que ele estabeleceu aqui estão quase intactos. 'A mesma Ayodhya – somente Rama não está lá'. O Mestre fez esses irmãos renunciarem a seus lares. Por que manteve alguns no mundo? Não há um meio deles se liberarem?”

De um aposento do andar superior Narendra viu M. sentado embaixo de uma árvore. Desceu e disse com um sorriso, “Alô, M.! O que está fazendo?”

Depois de conversarem um pouco, M. disse-lhe: “Ah, você tem uma voz tão doce. Por favor cante um hino.”

Narendra cantou o hino abaixo, a Shiva, onde o devoto pede perdão por seus pecados:

Mesmo antes que eu tenha visto a luz deste mundo, meus pecados de vidas passadas,
Através das quais passei pelo desejo dos frutos de minhas ações,
Puniram-me enquanto estava no ventre de minha mãe.
Ali fui fervido no meio de imundícies:
Quem pode descrever a dor que aflige à criança dentro do ventre de sua mãe?
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Na infância meu sofrimento nunca terminou;
Meu corpo estava coberto de sujeira, e eu ansiava pelos seios de minha mãe.
Não tinha controle sobre meu corpo e membros;
Eu era perseguido por moscas e mosquitos inoportunos;
Dia e noite gritva de dor por causa de muitos sofrimentos esquecendo-me de Ti, Ó Shankara!
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Na juventude as serpentes peçonhentas de som, visão, paladar, tato e olfato,
Morderam meus órgãos vitais e mataram minha discriminação;
Eu estava absorvido pelos prazeres de riqueza, de filhos e de uma esposa jovem.
Meu Deus! Meu coração impossibilitado de pensar em Shiva,
Encheu-se de arrogância e orgulho.
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Agora, na velhice, meus sentidos perderam o poder de julgar e agir com justeza;
Meu corpo, embora ainda não totalmente destituído de vida,
Está fraco e senil de muitas aflições, pecados, enfermidades e desgraças,
Mas mesmo agora, minha mente, em vez de meditar em Shiva,
Corre atrás de vãos desejos e ilusões vazias.
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Os deveres expostos nos smriti – perigosos e abstrusos – estão agora além de mim;
Como posso falar de prescrições védicas para brahmins, como meio de alcançar Brahman?
Até então não consegui apreender corretamente pela discriminação,
O significado de ouvir do guru, as escrituras, e raciocinar sobre seus ensinamentos;
Como então posso falar de meditar sobre a Verdade ininterruptamente?
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Uma vez sequer terminei meu banho antes do nascer do sol e trouxe do Ganges
Água para banhar Tua sagrada imagem;
Nunca dos bosques profundos, trouxe as sagradas folha de vilwa para Teu culto;
Não juntei os lótus floridos dos lagos,
Nem mesmo arranjei as luzes e o incenso para Tua adoração,
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Não banhei Tua imagem com leite e mel, com manteiga e outras oblações;
Nem enfeita-a com pasta de sândalo perfumada;
Não Te adorei com flores douradas, incenso, chama de cânfora e oferendas deliciosas,
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Não dei ricos presentes aos brahmins, abrigando em meu coração,
Ó Mahadeva, Tua forma sagrada;
Não fiz ao fogo sagrado as milhões de oblações de manteiga,
Repetindo o mantra sagrado dado pelo meu guru;
Nunca fiz penitência nas margens do Ganges com japa e estudo dos Vedas.
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Não me sentei na postura de lótus, nem jamais controlei
O prana ao longo do sushumna, repetindo a sílaba OM;
Nunca detive as turbulentas ondas de minha mente, nem mergulhei no OM de auto-efulgência.
Na sempre brilhante Consciência-Testemunha, cuja natureza é a do mais elevado Brahman;
Nem, em samadhi, meditei em Shankara, que mora em cada forma como o Guia Interno.
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Jamais, Ó Shiva, eu Te vi, o Puro, o Desapegado, o Nu.
Além dos três gunas, livre de ilusão e escuridão, absorvido em meditação.
E sempre consciente da verdadeira natureza do mundo;
Nem, com um coração anelante, meditei em Tua forma auspiciosa e destruidora do pecado.
Portanto, Ó Shiva! Ó Mahadeva! Ó Shambhu! Perdoa-me, imploro, por minhas transgressões.

Ó mente, para alcançar liberação, concentra-te por completo em Shiva,
A única Realidade que sustenta os mundos, o Doador do bem;

Cuja cabeça é iluminada pela lua crescente e em cujos cabelos, o Ganges se esconde.
Cujos olhos lançadores de fogo, consumiram o deus do amor terreno,
Cuja garganta e ouvidos estão enfeitados de serpentes;
Cuja roupa é uma graciosa pele de elefante.
E de que valem todos os outros rituais?

Ó mente, para que valem riquezas ou cavalos, elefantes ou um reinado?
Para que vale o corpo ou uma casa?
Sabe que tudo isto é momentâneo e rapidamente afasta-te deles.
Adore Shiva, como teu guru te instrui, para alcançar o Auto-Conhecimento.

Dia após dia o homem aproxima-se da morte;
Sua juventude se desgasta; o dia que passou nunca mais volta.
O Poderoso Tempo devora tudo.
Fugaz como o relâmpago é a deusa da fortuna.
Ó Shiva! Ó Doador de abrigo àqueles que vem a Ti em busca de refúgio!
Protege-me, pois tomei refúgio aos Teus pés.

Saúdo o sempre auspicioso Shiva, a Morada da Paz,
Que senta em postura de lótus; que tem cinco bocas e três olhos;
Que segura em ambas as mãos, armas, gongo e tambor;
Que está adornado com muitos enfeites;
Cuja pele é clara como cristal; que é o Senhor de Parvati.

Saúdo o auto-efulgene Guru dos deuses, o Senhor de Uma;
Saúdo a Causa do Universo;
Saúdo o Senhor das feras, enfeitado com serpentes;
Saúdo Shiva, cujos três olhos brilham como o sol, a lua e o fogo;
Saúdo o Bem-Amado de Krishna; saúdo Shankara, que concede graças
a Seus devotos e lhes dá abrigo;
Saúdo o auspicioso Shiva.

Ó Shiva, branco é Teu corpo, coberto de cinzas;
Teus dentes brancos brilham quando Tu sorris!
Branco é o crânio que Tu seguras em Tua mão, branca é Tua clava que ameaça os perversos!
Branco é o touro que Tu montas; brancos são os brincos que pendem de Tuas orelhas!
Tuas mechas brancas aparecem desalinhadas, cobertas pela espuma do Ganges:
A lua branca brilha em Tua testa!
Possa Aquele que é todo branco, todo puro, conceder-me
o tesouro do perdão por minhas transgressões!

Ó Shiva, perdoa todos os pecados que cometi
Com as mãos ou os pés, com palavras ou corpo, com ouvidos ou olhos, com mente ou coração;
Perdoa meus pecados, os do passado e aqueles que ainda virão!
Vitória a Shiva, o Oceano de Compaixão, o Grande Deus, a Morada da Benção!

Depois do hino, Narendra e M. retomaram a conversa.

Narendra: "Você pode falar de levar uma vida desapegada no mundo, e tudo o mais, mas não alcançará nada a não ser que renuncie a 'mulher e ouro'. Não sente aversão com o corpo de sua mulher?"

Os tolos desfrutam o contato do corpo, cheio de sujeira, povoado de vermes,
de cheiro acre por natureza, feito de carne, sangue, ossos e tutano; mas os sábios o rejeitam.

"Vã é a vida de uma pessoa que não se alegra com os ensinamentos da Vedanta e não bebe o Néctar da Felicidade Divina. Ouça a canção."

Narendra cantou:

Ó homem, abandona tua ilusão! Rejeita teus conselhos perversos!
Conheça o Senhor e livra-te do sofrimento terreno!
Pelo prazer de somente poucos dias, tu totalmente O esqueceste.
Aquele que é o Companheiro de tua alma. Meu Deus, que zombaria!

"Nenhuma liberação para o homem é possível, se não vestir a tanga do sannyasi. O mundo deve ser

renunciado.”

Narendra cantou das Cinco Estrofes sobre a glória da tanga do monge:

Vagando sempre no bosque da Vedanta,
Sempre satisfeito com seu bocado de mendicante,
Sempre andando com o coração livre de tristeza,
Bendito, na verdade, é aquele que usa o kaupin...

Continuando, Narendra disse: “Por que um homem deveria estar na mundanidade? Por que deveria estar enredado em maya? Qual a verdadeira natureza do homem? Ele é o abençoado Shiva, a Personificação da Felicidade e Espírito.”

Cantou das Seis Estrofes sobre o Nirvana de Shankaracharya:

OM. Não sou nem a mente, inteligência, ego ou chitta.
Nem ouvidos, nem língua, nem os sentidos do olfato e visão;
Nem sou o éter, terra, fogo, água ou ar;
Sou Puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!...

Narendra recitou um outro hino, as Oito Estrofes sobre a glória de Krishna:

Estou consumido por falsos desejos e agasalhado no sono de luxúria;
Salva-me, Ó Madhusudana!
Tu és meu refúgio, Senhor! Não tenho outra salvação.
Estou enredado no lodo do pecado;
Ó Madhusudana, redime-me!

Estou preso na rede de amor por filhos, esposa e lar:
Salva-me, Ó Madhusudana!
Sou sem devoção, desamparado, ferido por desejos errados,
Afligido por dor e miséria;
Ó Madhusudana, redime-me!

Senhor, nem tenho mestre ou lugar que possa chamar meu:
Salva-me, Ó Madhusudana!
Profundamente desgastado, estou com todo este ir e vir.
Ao longo da infindável estrada da vida;
Ó Madhusudana, redime-me!

Desta viagem difícil e sem finalidade através da vida e da morte,
Salva-me, Ó Madhusudana!
Muitos nascimentos vi em muitas formas de corpo,
E doloroso é no ventre da mãe;
Ó Madhusudana, redime-me!

A Ti venho para salvação no ciclo de existência:
Salva-me, Ó Madhusudana!
Porque estou aterrorizado com a velhice e com a morte;
Venho a Ti para refúgio, Senhor!
Ó Madhusudana, redime-me!

Nunca cometi um ato bom, mas muitos têm sido meus pecados
Salva-me, Ó Madhusudana!
De cabeça mergulhei no lodaçal da mundanidade;
Inumeráveis nascimentos suportei:
Ó Madhusudana, redime-me!

Governei sobre homens, mas a felicidade não está ali;
Salva-me, Ó Madhusudana!
O que minhas palavras prometeram, minhas ações nunca levaram avante;
Senhor, estou cheio de maldade:
Ó Madhusudana, redime-me!

Se como homem ou mulher devo nascer várias vezes -
Salva-me, Ó Madhusudana!
Possa minha devoção ser irrestrita a Teus pés, Ó Senhor!

Da ilusão deste mundo,
Ó Madhusudana, redime-me!

M. ficou maravilhado enquanto ouvia estes hinos cantados por Narendra. Disse a si mesmo: "Como o desapego de Narendra é intenso! É assim que ele infundiu o espírito de desapego nos corações dos outros irmãos do mosteiro. O simples contato com eles desperta nos corações dos devotos chefes de família do Mestre, o desejo de renúncia a 'mulher e ouro'. Ah, como são abençoados esses irmãos que a tudo renunciaram! Por que o Mestre nos manteve, poucos, no mundo? Irá nos mostrar um caminho! Ele nos dará o espírito de renúncia, ou nos iludirá com mundanidade?"

Depois da refeição, todos repousaram. O Gopal mais velho copiava algumas canções. Niranjan havia ido visitar sua mãe. Sarat, Baburam e Kali estavam em Puri.

Narendra, com um ou dois irmãos, foi para Calcutá. Tinha que ver sua ação judicial. Ia voltar à tardinha; os irmãos não suportavam sua ausência.

A tarde Rabindra chegou, parecendo um louco. Estava descalço e com somente metade da roupa em volta da cintura. As pupilas moviam-se como as de um louco. Todos perguntaram-lhe com ansiedade, o que estava acontecendo.

"Deixe-me recuperar o fôlego!" disse. "Depois vou lhes contar tudo. Certamente não voltarei para casa. Vou ficar neste lugar com vocês todos. Certamente ela é uma traidora. Agora vou lhes contar algo. Por causa dela abandonei o hábito de beber, ao qual me havia entregado há cinco anos. Não tomei uma gota nos últimos oito meses. E ela é uma traidora!"

Os irmãos do math disseram: "Fique calmo, por favor! Como você veio?"

Rabindra: "Vim descalço desde Calcutá."

Os irmãos perguntaram-lhe onde havia perdido metade da roupa.

Rabindra: "Quando a deixei ela começou a puxar minha roupa. Foi assim que metade dela rasgou-se."

Os irmãos disseram-lhe para se banhar no Ganges e se refrescar; depois ouviriam sua história.

Rabindra pertencia a uma respeitável família kayastha de Calcutá. Tinha vinte ou vinte e dois anos de idade. Encontrou-se com Sri Ramakrishna pela primeira vez em Dakshineswar, onde recebeu sua benção especial. Numa ocasião havia passado três noites com o Mestre. Seu jeito era muito doce e terno, e o Mestre o amara profundamente. Uma vez havia dito a Rabindra: "Você terá que esperar algum tempo; tem que passar por algumas experiências. Nada pode ser feito agora. Veja, a polícia não pode fazer muito quando os assaltantes invadem a casa. Quando o roubo está quase terminado, a polícia efetua as prisões."

Rabindra tinha muitas virtudes. Era devotado a Deus e ao serviço aos pobres. Tinha muitas qualidades espirituais, mas havia caído nas garras de uma prostituta. Agora, subitamente, havia descoberto que a mulher lhe havia sido infiel. Por isso havia vindo ao math desalinhado, decidido a não voltar ao mundo.

Um devoto acompanhou Rabindra ao Ganges. Era seu desejo mais íntimo que a consciência espiritual de Rabindra fosse despertada na companhia desses rapazes santos. Quando Rabindra acabou seu banho, o devoto levou-o ao campo de cremação próximo, mostrou-lhe os cadáveres, e disse, "Os irmãos do math vem aqui de vez em quando para meditar em Deus. É um lugar muito bom para meditação. Aqui vê-se claramente que o mundo é impermanente."

Rabindra sentou-se no campo de cremação para meditar, mas não pôde fazê-lo por muito tempo; sua mente estava inquieta. Rabindra e os devotos voltaram para o math. Foram ao santuário para saudar a Divindade. O devoto disse-lhe: "Os irmãos do math meditam aqui."

Rabindra sentou-se para meditar, mas lá também não conseguiu.

Devoto: "Como você se sente? Sua mente está inquieta? É por isso que você saiu do lugar? Talvez não possa se concentrar bem."

Rabindra: "Estou certo de que não voltarei para o mundo. Mas a mente está muito inquieta."

M. e Rabindra conversavam. Ninguém mais estava presente. M. contava-lhe histórias da vida de Buda. Naquele tempo os membros do math liam regularmente a vida de Buda e Chaitanya. M. Ddisse a Rabindra que a consciência espiritual de Buda foi despertada pela primeira vez ao ouvir uma canção de algumas donzelas celestiais.

M. cantou:

Ansiamos por descanso, ai! Mas jamais poderemos encontrá-lo;
Não sabemos porque viemos, nem para onde nos leva a corrente;
Uma ou outra vez caminhamos nesta roda de sorrisos e lágrimas;
Em vão nos esforçamos para saber aonde nosso caminho nos conduz,

E porque representamos este papel vazio. …

Naquela noite Narendra, Tarak e Harish voltaram de Calcutá. Disseram "Ó, como comemos bem!" Foram recebidos por um devoto em Calcutá.

Os membros do mosteiro reuniram-se no aposento dos "danas". Narendra ouviu a história de Rabindra. Com a intenção de dar-lhe instrução, cantou para ele:

Ó homem, abandona tua ilusão! Põe de lado teus conselheiros perversos!
Conheça o Senhor e liberta-te do sofrimento mundano!
Pelo prazer de somente alguns dias, tu O esqueceste
Aquele que é o Companheiro de tua alma. Meu Deus! Que zombaria!

Narendra cantou novamente:

Bebendo a Felicidade de Hari da xícara de prema,
Sadhu, embriaga-te!

Poucos minutos mais tarde os irmãos foram para o quarto de Kali Tapasvi. Girish Ghosh acabara de enviar para o mosteiro dois de seus novos livros: a *Vida de Buda* e a *Vida de Chaitanya*.

Desde a fundação do novo math, Sashi havia se dedicado de coração e alma à adoração e serviço do Mestre. Todos estavam encantados com sua devoção. Assim como ele havia tratado do corpo físico de Sri Ramakrishna durante sua doença, agora também com o mesmo zelo incansável, adorava o Mestre no santuário.

Um membro do mosteiro lia em voz alta, as vidas de Buda e Chaitanya. Era um pouco sarcástico enquanto lia a vida de Chaitanya. Narendra arrancou o livro de sua mão e disse, "É assim que vocês estragam uma coisa boa!"

Narendra leu o capítulo descrevendo como Chaitanya distribuía seu amor a todos, desde o brahmin até o pária.

Um irmão: "Acho que uma pessoa não pode dar amor a uma outra."

Narendra: "Mas o Mestre deu-o a mim."

Irmão: "Bem, você está seguro que o tem?"

Narendra: "O que você entende de amor? Você pertence a classe dos servos. Todos vocês devem me servir e massagear meus pés. Não se envaideçam pensando que compreenderam tudo. Agora vão preparar-me um fumo."

Todos riram.

O irmão: "Certamente o farei."

M. (*a si mesmo*): "Sri Ramakrishna transmitiu entusiasmo a todos os irmãos do math. Não é monopólio de Narendra. É possível renunciar a 'mulher e ouro' sem este fogo interior?"

10 de maio de 1887

Era terça-feira, um dia muito auspicioso para o culto da Mãe Divina. Estavam sendo feitos preparativos para Sua adoração no mosteiro.

M. ia ao Ganges para tomar banho. Rabindra caminhava sozinho no terraço. Ouviu Narendra cantando as Seis Estrofes sobre o Nirvana:

Morte ou medo não tenho, nem distinção de casta;
Nem pai nem mãe, nem mesmo nascimento tenho;
Nem amigos, nem companheiro, nem discípulo, nem guru;
Sou puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Não tenho forma ou imaginação; sou o que tudo permeia;
Em toda parte existo, contudo estou além dos sentidos,
Nem salvação sou, nem qualquer coisa que possa ser conhecida;
Sou puro Conhecimento e Bem-aventurança: Sou Shiva! Sou Shiva!

Rabindra foi ao Ganges tomar banho. Logo voltou para o mosteiro com a roupa molhada.

Narendra disse a M. num sussurro: “Ele acabou de tomar banho no Ganges. Seria bom iniciá-lo agora em sannyasa.”

Ambos Narendra e M. sorriram.

Prasanna pediu a Rabindra para tirar sua roupa molhada e deu-lhe uma gerrua seca. Narendra disse a M., “Agora vai vestir a roupa de renúncia.”

M. (*com um sorriso*): “Que tipo de renúncia?”

Narendra: “Ora, a renúncia a 'mulher e ouro'.”

Rabindra vestiu a roupa ocre e entreou no aposento de Kali Tapasvi para meditar.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

APÊNDICE A

COM KESHAB EM DAKSHINESWAR

Sábado, 1º de janeiro de 1881

Keshab Chandra Sen, líder do Brahmo Samaj, estava sendo esperado para visitar Sri Ramakrishna no jardim-templo em Dakshineswar. Com o Mestre estavam muitas celebridades Brahmos – Pratap, Trailokya, Jaygopal e outros. Estavam a poucos dias do festival anual do Brahmo Samaj, e os Brahmos esperavam ansiosamente pela chegada de seu líder, que deveria vir de barco. Inquietos, conversavam um pouco alto. Ram, Manomohan e muitos outros devotos do Mestre também estavam lá.

Finalmente Keshab entrou no quarto do Mestre com duas frutas e um buquê de flores na mão. Tocando os pés de Sri Ramakrishna, colocou a oferenda ao lado dele. Logo saudou Sri Ramakrishna com grande reverência, inclinando-se profundamente. Sri Ramakrishna retribuiu do mesmo modo a saudação de seu visitante ilustre. Em seguida, rindo, começou a conversar.

Mestre: "Você, Keshab, me quer; mas seus discípulos, não. Eu lhes dizia: 'Vamos ficar desassossegados. Então Govinda virá'. (*Aos discípulos de Keshab*) Vejam, eis aqui seu Govinda! Temos mostrado sinais de inquietude durante todo o tempo ao montar o palco para sua chegada. Não é fácil ter-se a visão de Govinda. Vocês devem ter notado no Krishnayatra[1] que Narada entra em Vrindavan e ora com grande anelo: 'Ó Govinda! Ó alma minha! Vida de minha vida!'. E então Krishna entra no palco com os pastores, seguido pelas gopis. Ninguém pode ver Deus sem esse anelo. Bem Keshab, diga algo! Eles estão ansiosos para ouvir suas palavras."

Keshab (*humildemente com um sorriso*): "Abrir meus lábios aqui seria como tentar vender agulhas a um ferreiro."

Mestre (*sorrindo*): "Mas você não sabe que a natureza dos devotos é como a de fumantes de cânhamo? Um fumante diz a outro, 'Por favor tome uma baforada e dê-me uma'." (*Todos riem*)

Eram cerca de quatro horas da tarde. Ouviram a música que vinha do nahabat, no jardim-templo.

Mestre (*a Keshab e outros*): "Estão ouvindo quão melodiosa é esta música? Um dos executantes está produzindo somente um monotom em sua flauta, enquanto que um outro está criando ondas de melodias nos diferentes ragas e raginis[2]. Esta é a minha atitude. Por que eu deveria produzir somente um monotom quando tenho um instrumento com sete buracos? Por que eu deveria dizer somente, 'Eu sou Ele, eu sou Ele?' Quero tocar várias melodias no meu instrumento de sete buracos. Por que eu deveria dizer somente 'Brahma! Brahma!'? Quero chamar Deus por meio de todos os estados – por meio shanta, dasya, sakhya, vatsalya e madhur. Quero alegrar-me com Deus. Quero brincar com Deus."

Keshab, maravilhado, ouvia estas palavras e dizia aos devotos Brahmos, "Eu nunca ouvi antes uma interpretação tão maravilhosa e linda de jnana e bhakti."

Keshab (*ao Mestre*): "Por quanto o senhor se esconderá desta maneira? Ouso dizer que as pessoas virão aqui cada vez mais em grandes multidões."

Mestre: "De que você está falando? Eu somente como e bebo, e canto o nome de Deus. Não sei nada a respeito de reunir multidões. Hanuman uma vez declarou: 'Não sei nada a respeito do dia da semana ou posição da lua e estrelas no céu. Simplesmente medito em Rama'."

Keshab: "Está bem senhor, vou reunir a multidão, mas todos devem vir aqui."

Mestre: "Sou a poeira dos pés de todos. Se alguém tiver a amabilidade de vir aqui, será bem-vindo."

Keshab: "O que quer o senhor diga, sua vinda não pode ser em vão."

No meio tempo os devotos organizaram um kirtan. Muitos deles reuniram-se. A festa havia começado no Panchavati e foi para o quarto do Mestre. Hriday tocava a corneta, Gopidas o tambor, e dois devotos os címbalos.

Sri Ramakrishna cantou:

> Ó homem, se você viver na felicidade, repita o nome do Senhor Hari;
> Então viverá a vida de alegria e irá para o Paraíso,

1 Peça teatral retratando a vida de Krishna.

2 Tons da música indiana.

E se alimentará do fruto de moksha para sempre.
Tal é a glória de Seu nome!
Dou-lhe o nome de Hari, que Shiva, Deus dos deuses,
Repete em voz alta com Suas cinco bocas.

O Mestre dançou com a força de um leão, e entrou em samadhi. Retomando a consciência do mundo externo, sentou-se no quarto e começou a conversar com Keshab e outros devotos.

Mestre: "Deus pode ser realizado por todos os caminhos. É como virem a Dakshineswar de carruagem, de barco, de vapor ou a pé. Vocês escolheram o caminho de acordo com sua conveniência e gosto; mas o lugar de chegada é o mesmo. Alguns de vocês chegaram mais cedo do que outros; mas todos chegaram. Quanto mais se libertarem dos upadhis, mais próximos se sentirão da presença de Deus. A água da chuva jamais se junta num lugar alto; junta-se somente em terra baixa. De maneira similar, a água da graça de Deus não pode permanecer na colina alta do egoísmo. Diante de Deus deve-se sentir pequeno e pobre.

"Deve-se ser extremamente atento. Mesmo roupas criam vaidade. Repare que mesmo um homem sofrendo de baço dilatado, canta as canções leves de Nidhu Babu quando veste uma roupa bordada de preto. Há homens que jogam para fora o inglês sempre que colocam botas de cano alto. E quando uma pessoa não preparada coloca uma roupa ocre, torna-se inútil; o menor sinal de indiferença para com ele levanta sua ira e capricho. Deus não pode ser visto sem ânsia no coração, e esta ânsia é impossível a não ser que se tenha terminado com as experiências da vida. Aqueles que vivem cercados de 'mulher e ouro', e que ainda não terminaram suas experiências, não anseiam por Deus.

"Quando eu vivia em Kamarpukur, o filho de Hriday, um menino de quatro ou cinco anos, costumava passar o dia inteiro comigo. Brincava com seus brinquedos e quase se esquecia de tudo o mais. Mas mal a noite chegava, dizia, 'Quero ir com minha mãe'. Eu tentava distraí-lo de várias maneiras e dizia, 'Olhe, vou lhe dar um pombo', mas ele não se consolava com estas coisas; chorava e gritava, 'Quero ir com minha mãe'. Não queria brincar mais. Eu mesmo chorava ao vê-lo naquele estado. Deve-se chorar por Deus desta maneira, como uma criança. É isto que quer dizer estar desassossegado por Deus. Não deve apreciar brinquedo ou comida. Depois que as experiências do mundo terminaram, sente-se esta inquietude e chora-se por Deus."

Os devotos permaneciam em silêncio, ouvindo as palavras do Mestre. Quando a noite caiu, um lampião foi aceso no aposento. Foram feitos preparativos para servir Keshab e os devotos.

Keshab (*com um sorriso*): "O que? Arroz empapado de novo hoje?"

Mestre (*sorrindo*): "Hriday sabe."

Os devotos foram servidos em primeiro lugar com arroz empapado, e em seguida, com luchi e curries nos pratos de folha. Todos apreciaram muito a comida. Eram cerca de dez horas quando a ceia terminou.

O Mestre foi ao Panchavati com Keshab e os devotos.

Mestre (*a Keshab e outros*): "Pode-se muito bem viver no mundo depois de realizar Deus. Por que você primeiro não toca a 'vovó', e em seguida, brinca de esconde-esconde? Depois de alcançar Deus, um devoto fica desapegado do mundo. Vive como um bagre, que mantém seu corpo limpo embora viva na lama."

Mais ou menos às onze horas os Brahmos ficaram ansiosos para voltarem. Pratap disse, "Seria bom se pudéssemos passar a noite aqui."

Mestre (*a Keshab*): "Por que você não fica aqui esta noite?"

Keshab (*sorrindo*): "Não, tenho negócios para atender. Devo ir."

Mestre: Por que deve, meu caro senhor? Não pode dormir sem a cesta de peixe? Um dia uma peixeira era hóspede de um jardineiro. Pediram-lhe para dormir num quarto cheio de flores. Mas ela não pode pegar no sono (*todos riem*). Ela estava desassossegada e começou a andar de um lado para outro. O jardineiro chamou-a; 'Olhe, por que você não dorme?' 'Ó, não sei', respondeu a peixeira. 'Há flores aqui. O cheiro me deixa acordada. Não pode trazer a minha cesta de peixes?' Ela aspergiu um pouco de água na cesta, e quando sentiu o cheiro do peixe, pegou no sono'. (*Todos riram gostosamente*).

Keshab pegou umas flores que havia oferecido aos pés de Sri Ramakrishna na chegada. Ele e os devotos Brahmos gritavam à medida que saudavam o Mestre, "Salve! Navavidhan!" Assim despediram-se dele.

Um dia durante a estação chuvosa de 1881, Sri Ramakrishna e alguns devotos visitaram a casa de Surendra. Era o entardecer.

O Mestre entrou na sala de visitas no segundo andar, onde estavam reunidos vários vizinhos de Surendra. Keshab também havia sido convidado, mas não tinha podido ir. Trailokya e alguns devotos Brahmos estavam presentes. Uma esteira coberta por um lençol branco tinha sido estendido no chão e nele havia sido colocado um lindo tapete; mas Sri Ramakrishna não o ouviu e sentou-se na esteira perto de Mahendra Goswami, um

dos vizinhos de Surendra.

Mahendra (*aos devotos*): "Durante meses gastei parte do meu tempo com ele [referindo-se a Sri Ramakrishna]. Jamais havia visto um homem tão grande. Seus estados espirituais não são do tipo comum."

Mestre (*a Mahendra*): "Como você ousa dizer isto? Sou o mais insignificante dos insignificantes, o menor dos menores. Sou o servo dos servos de Deus. Somente Krishna é grande. Krishna nada mais é do que Satchidananda, o Brahman Indivisível. A água do oceano parece azul à distância. Aproxime-se dela e a verá incolor. Aquele que é dotado de atributos é também sem atributos. O Absoluto e o Relativo pertencem à mesma Realidade. Por que Krishna tribhanga está dobrado em três luagares? Por causa do seu amor por Radha. Aquele que é Brahman é também Kali, a Adyashakti, que cria, preserva e destrói o universo. Aquele que é Krishna é a mesma Kali. A raiz é a mesma – todos esses são Seu esporte e jogo. Deus pode ser visto. Ele pode ser visto pela mente pura e pela inteligência pura. Pelo apego a 'mulher e ouro' a mente torna-se impura. A mente é tudo. É como a roupa branca que acabou de chegar da lavanderia. Tomará qualquer cor que você tingi-la. Conhecimento é da mente, e ignorância é também da mente. Quando você diz que uma certa pessoa tornou-se impura, está com isso dizendo que a impureza coloriu sua mente."

Surendra aproximou-se do Mestre com uma guirlanda e queria colocá-la em seu pescoço. Mas o Mestre tirou-a de sua mão e a pôs de lado. O orgulho de Surendra ficou ferido e seus olhos cheios de lágrimas. Foi para o pórtico oeste e sentou-se com Ram, Manomohan e os outros. Com uma voz embargada de tristeza disse: "Estou realmente zangado. Como pode um pobre brahmin conhecer o valor de uma coisa assim? Gastei muito dinheiro com esta guirlanda, e ele recusou-se a aceitá-la. Não pude conter minha raiva e disse que as outras guirlandas eram para serem dadas aos devotos. Agora compreendo que tudo foi culpa minha. Deus não pode ser comprado com dinheiro; não pode ser possuído por uma pessoa vã. Realmente tenho sido vão. Por que ele deveria aceitar minha adoração? Não me sinto vivendo mais." Lágrimas escorriam de suas faces e cobriram seu peito.

Nesse ínterim Trailokya cantava no quarto. O Mestre começou a dançar em êxtase de felicidade. Pôs em seu pescoço a guirlanda que havia jogado fora; segurando-a com uma das mãos, ele passou de uma mão para outra enquanto dançava e cantava. A alegria de Surendra agora não tinha limites. O Mestre havia aceitado sua oferenda. Surendra disse a si mesmo, "Deus esmaga o orgulho de uma pessoa, sem dúvida, mas Ele é o tesouro mais precioso do humilde e pequeno."

O Mestre cantou:

> Olhem, os dois irmãos que choram quando cantam o nome de Hari, chegaram.
> Os irmãos que, em troca de golpes, dão aos pecadores, o amor de Hari.
> Olhem-nos, embriagados com o amor de Hari, que torna o mundo
> Olhem, os dois irmãos que uma vez foram Kanai e Balai de Braja, chegaram. …

Muitos devotos dançavam enquanto Sri Ramakrishna cantava esta canção.

Quando o kirtan terminou, cada um sentou-se em volta do Mestre e empenharam-se numa conversa agradável. Sri Ramakrishna disse a Surendra, "Não vai me dar nada para comer?" Em seguida foi para os cômodos internos onde as o saudaram. Depois da refeição Sri Ramakrishna partiu para Dakshineswar.

Sábado, 3 de dezembro de 1881

À tarde Sri Ramakrishna fez uma visita ao seu discípulo chefe de família Manomohan, na rua Simla 23, Calcutá. Era uma pequena casa de dois andares com um pátio. O Mestre estava sentado na sala de visitas no primeiro andar. Ishan de Bhawanipur, perguntou-lhe: "Senhor, por que o senhor renunciou ao mundo? As escrituras exortam a vida de chefe de família como sendo a melhor."

Mestre: "Não sei bem o que é bom e o que é mau. Faço o que Deus me faz fazer e falo o que Ele me faz falar."

Ishan: "Se todos renunciassem ao mundo, estariam agindo contra a vontade de Deus."

Mestre: "Por que todos deveriam renunciar? Por outro lado, pode ser a vontade de Deus que todos sonhem com 'mulher e ouro' como cachorros e chacais? Não tem Ele outro desejo? Você conhece o que está de acordo com Sua vontade e o que é contra? Você diz que Deus quer que todos levem uma vida mundana. Mas por que não vê que é a vontade de Deus quando sua esposa e filhos morrem? Por que não vê Sua vontade na pobreza, quando você não tem nem um pouco para comer?

"Maya não nos permite conhecer a vontade de Deus. Devido a maya de Deus o irreal nos parece real, e o real, irreal. O mundo é irreal. Neste momento existe para no momento seguinte, desaparecer. Mas devido a

Sua maya, parece ser real. É somente por meio de Sua maya que o ego parece ser aquele que faz. Além disso, devido a Sua maya um homem olha sua esposa e filhos, seu irmão e irmã, seu pai e mãe, sua casa e propriedades como seus. Há dois aspectos de maya: vidya e avidya. Avidya ilude uma pessoa com mundanidade, e vidya – que é sabedoria, devoção e companhia dos santos – conduz-nos a Deus. Aquele que foi além de maya, pela graça de Deus, vê da mesma maneira tanto vidya como avidya. A vida mundana é uma vida de prazer. Afinal de contas, o que há para desfrutar em 'mulher e ouro'? No momento em que um doce desce pela garganta, uma pessoa não se lembra mais se ele tinha sabor doce ou amargo.

"Mas por que todos deveriam renunciar? A renúncia é possível somente quando seu tempo estiver maduro? O tempo da renúncia chega quando se atinge o limite do desfrutar. Pode alguém forçar-se a renunciar? Há um tipo de renúncia chamada 'renúncia do macaco'. Somente pessoas com mente tacanha a cultivam. Tome o caso de um rapaz sem pai. Sua pobre mãe viúva ganha a vida tecendo. O rapaz perde seu emprego insignificante e subitamente é tomado por um desejo ardente de renúncia. Veste a roupa ocre de monge e vai para Benares. Poucos dias depois escreve para casa, 'Consegui um trabalho por dez rupias ao mês'. No meio tempo tenta comprar um anel de ouro e bonitas roupas. Como pode ele dominar seu desejo de prazer?"

Keshab chegou com alguns devotos Brahmos e respeitosamente saudou o Mestre. Sentou-se à esquerda de Sri Ramakrishna, com Ram à sua direita. Por algum tempo uma pessoa leu o *Bhagavata* e explicou o texto.

Mestre (*aos devotos*): "É muito difícil cumprir seu dever no mundo. Se você gira muito depressa, sentirá tontura e desmaiará; mas esse medo não existe se você segurar-se num poste. Faça o que tem de fazer, mas não se esqueça de Deus. Você pode perguntar, 'Se a vida mundana é tão difícil, então qual é o caminho? O caminho é a prática constante. Em Kamarpukur vi as mulheres das famílias de carpinteiros achatando arroz numa máquina de debulhar. Tem sempre medo que o batedor esmague seus dedos; ao mesmo tempo continuam amamentando seus filhos e regateando com os clientes. Dizem a eles, 'Paguem-nos o que nos devem antes de partirem'. Uma mulher sem moral continua fazendo suas obrigações domésticas, mas todo o tempo sua mente mora em seu amante. Mas necessita-se de disciplina espiritual para adquirir esse estado mental; deve-se orar a Deus na solidão de vez em quando. É possível executar as obrigações mundanas depois de alcançar o amor de Deus. Se você tentar quebrar a jaca, suas mãos ficarão grudadas com o leite pegajoso. Isso entretanto não acontecerá se você antes passar óleo nas mãos."

O kirtan começou. Trailokya cantava. O Mestre dançou, Keshab e os outros devotos dançaram com ele. Embora fosse inverno, o Mestre estava com calor e transpirando. Depois da música quis comer. Um prato de doces veio dos cômodos interiores. Keshab colocou o prato diante de Sri Ramakrishna, que comeu. Quando acabou, Keshab derramou água em suas mãos, e então secou as mãos do Mestre e o rosto com uma toalha. Em seguida começou a abanar o Mestre.

Mestre (*a Keshab e outros devotos*): "São realmente heróis aqueles que podem orar a Deus no meio das atividades mundanas. São como homens que lutam pela realização de Deus enquanto carregam pesados fardos em suas cabeças. Esses homens são verdadeiros heróis. Pode-se dizer que isto é extremamente difícil. Mas será que há alguma coisa, por mais difícil que seja que não possa ser alcançada pela graça de Deus? Sua graça torna mesmo o impossível em possível. Se um lampião é levado para um aposento que esteve no escuro por mil anos, ele o ilumina aos poucos? O aposento é iluminado imediatamente."

Estas palavras de segurança alegraram os corações de Keshab e dos outros chefes de família.

Keshab (*a Rajendra Mitra, tio de Ram e Manomohan*): "Não seria ótimo se o senhor pudesse organizar um festival como este em sua casa, um dia?"

Rajendra: "Muito bem, eu farei. Bem Ram, você terá que tomar conta de tudo."

Convidaram Sri Ramakrishna para ir aos cômodos interiores, onde a mãe de Manomohan havia-lhe preparado a comida. Um copo de água gelada, que o Mestre gostava muito, foi colocado junto de seu prato.

Keshab e os outros devotos sentaram-se no pátio onde lhe foi oferecida uma festa suntuosa. O Mestre reuniu-se a eles, e observou-os comendo. Dançou e cantou para entreter os convidados. Quando era hora de Sri Ramakrishna partir para Dakshineswar, Keshab e outros devotos tomaram poeira de seus pés e viram-no partir numa carruagem alugada.

Sábado, 10 de dezembro de 1881

A pedido de Keshab, Rajendra Mitra organizou um festival religioso em sua casa de Calcutá, e convidou Sri Ramakrishna e os devotos, incluindo os membros do Brahmo Samaj.

Dois dias antes, Aghorenath, um importante membro do Brahmo Samaj, havia subitamente falecido em

Lucknow. Keshab e os outros devotos Brahmos estavam de luto, e Rajendra pensou que eles possivelmente não poderiam reunir-se no festival em sua casa. Isto preocupou-o. Mas Ram, o devoto do Mestre, disse-lhe: "Por que você está tão triste? Se Keshab não pode vir, deixe-o fora. Nosso Mestre estará aqui. Ele está sempre em comunhão com Deus. Ele torna possível a uma pessoa ver Deus, e sua presença fará do festival um sucesso."

Rajendra, acompanhado de Ram e alguns devotos, fez uma visita a Keshab para exprimir suas condolências pela morte de Aghorenath. Keshab disse a Rajendra: "Ora, eu não disse que não iria ao festival em sua casa. Sri Ramakrishna estará lá; então como posso ficar fora? Estou de luto, é verdade, mas comparecerei."

Na parede do quarto de Keshab pendia um quadro de Sri Ramakrishna em samadhi.

Rajendra (*a Keshab*): "Muitas pessoas dizem que ele [apontando para o quadro] é uma encarnação de Chaitanya."

Keshab (*olhando para o quadro*): "Não se vê esse samadhi. Somente homens como Cristo, Mohammed e Chaitanya tiveram essa experiência."

Cerca de três horas da tarde Sri Ramakrishna chegou à casa de Manomohan. Descansou por algum tempo e tomou uma refeição ligeira. Surendra levou o Mestre numa carruagem no estúdio do fotógrafo de Bengala. Foi-lhe explicada a arte da fotografia e lhe mostrado como o vidro recoberto de nitrato de prata absorve a imagem. Enquanto Sri Ramakrishna era fotografado, entrou em samadhi.

Um pouco mais tarde Sri Ramakrishna chegou à casa de Rajendra Mitra. Keshab ainda não havia chegado, e Mahendra Goswami lia o *Bhagavata*. O Mestre conversou com os devotos.

Mestre: "Por que uma pessoa não poderia levar uma vida espiritual no mundo? Mas é extremamente difícil. A caminho daqui passei pela ponte de Baghbazar. Em quantos elos ela está amarrada! Nada vai acontecer se um elo se romper, pois há tantos para mantê-la no lugar. Assim também há muitos elos prendendo o homem mundano. Não há meio para ele se livrar deles, exceto pela graça de Deus. Não é necessário se ter medo do mundo depois da visão de Deus. Tanto vidya como avidya existem em Sua maya; mas elas se tornam indiferentes àquele que realizou Deus. Compreende-se isto bem depois de alcançar o estado de paramahamsa. Somente um cisne põe a água de lado e bebe o leite da mistura de leite e água. Um tordo não pode fazer isto."

Um devoto: "Então qual é o caminho do chefe de família?"

Mestre: "Fé nas palavras do guru. Vocês devem confiar em sua instrução. Façam seus deveres no mundo, agarrando-se às suas palavras, como uma pessoa que gira segurando-se firme numa coluna. Não se deve considerar o guru como um simples ser humano; é o próprio Satchidananda que aparece como guru. Quando o discípulo tem a visão do Ishta, pela graça do guru, encontra o guru unindo-se a Ele. O que não se pode conseguir pela simples fé! Uma vez houve uma cerimônia de annaprasana[3] na casa de um guru. Seus discípulos ofereceram-se, segundo as possibilidades de cada um, a doar as diferentes comidas. Ele tinha uma discípula, uma viúva muito pobre, que possuía uma vaca. Ela tirou o leite e trouxe um jarro para o guru. Ele pensou que ela tomaria conta de tudo e bateria a coalhada para o festival. Zangado com sua pobre oferenda, jogou o leite fora e disse-lhe, 'Vá e se afogue'. A viúva aceitou isto como uma ordem, e foi ao rio para se afogar. Mas Deus estava satisfeito com sua pureza, e aparecendo diante dela disse: 'Tome esse pote de coalhada. Você nunca poderá esvaziá-lo. Quanto mais coalhada você despejar, mais coalhada aparecerá no pote. Isto fará seus instrutor satisfeito'. O guru ficou mudo de espanto quando o pote lhe foi dado. Depois de ouvir da viúva a história do pote, foi ao rio dizendo a ela: 'Vou me afogar se você não me mostrar Deus'. Deus então apareceu, mas o guru não podia vê-lo. Dirigindo-se a Deus, a viúva disse, 'Se meu instrutor deixa o corpo, porque Tu não Te revelas a ele, então morrerei também'. Então Deus apareceu ao guru – mas somente uma vez.

"Agora vocês vêm, devido a fé em seu guru, a própria discípula teve a visão de Deus, e também mostrou-O a seu instrutor. Por isso digo, 'Mesmo que meu guru frequente uma taverna, mesmo assim, ele é para mim a personificação da Felicidade Eterna'. Todos desejam ser guru, mas muitos poucos na verdade desejam ser discípulos. Vocês sabem que a água da chuva não é retida numa colina; é coletada em terra baixa, num buraco. Deve-se ter fé no santo nome dado pelo guru, e com ele praticar disciplina espiritual. Diz-se que a ostra da pérola se faz pronta para a chuva que cai quando a estrela Svati está no ascendente. Apanhando uma gota daquela chuva, ela mergulha nas profundezas insondáveis do oceano e ali permanece até que a pérola seja formada."

À vista de muitos devotos Brahmos reunidos ali, o Mestre disse: "É a reunião dos Brahmos uma reunião devocional verdadeira ou um simples espetáculo? É muito bom que o Brahmo Samaj mantenha devoções regulares. Mas deve-se mergulhar profundamente; simples adoração cerimonial ou palestras não tem

3 Cerimônia religiosa hindu ligada à primeira oferenda de arroz cozido a um bebê.

utilidade. Deve-se orar a Deus para que o apego ao prazer mundano possa desaparecer; que se tenha puro amor por Seus Pés de Lótus. O elefante tem colmilhos externos e mastigadores internos também. Os colmilhos são meros ornamentos; mas o elefante mastiga seu alimento com os mastigadores. O prazer interior de 'mulher e ouro' prejudica o crescimento da devoção. O que você alcança por meio de simples palestras públicas? O urubu sem dúvida voa alto, mas seus olhos estão fixos na carniça. O foguete sem dúvida sobe alto, mas no momento seguinte cai no solo.

"Aquele que renunciar a seu apego aos prazeres mundanos não se recordará de mais nada a não ser de Deus, na hora da mortte. Caso contrário ele pensará somente em coisas mundanas: mulher, filhos, fortuna, nome e fama. Por meio de prática um pássaro pode ser treinado a repetir 'Radha-Krishna'; mas quando um gato o pega, ele somente palra. Por isso deve-se constantemente praticar o canto do nome de Deus e de Suas glórias, e também meditação e contemplação. E além disso deve-se sempre orar para que seu apego ao mundo possa desaparecer e cresça seu amor pelos Pés de Lótus de Deus. Os chefes de família dedicados a Deus vivem no mundo como uma atendente que cumpre seus deveres, mas sempre mantém sua mente em sua terra natal; quer dizer, cumprem seus deveres no mundo mantendo suas mentes em Deus. Qualquer um que leve uma vida mundana, com certeza entra em contato com sua sujeira; mas um chefe de família, que é verdadeiro devoto de Deus, vive como um bagre, que embora permanecendo na lama, não é maculado por ela. Brahman e Shakti são idênticos. Adquire-se amor e devoção rapidamente, considerando Deus como Mãe."

Dizendo isso, o Mestre cantou:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa.
Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra.
Maya perturbou o seu vôo calmo, puxando um lado para baixo.
E eu não pude levantá-la mais.
Enredado na retorcida corda de amor por filho e esposa:
Ó! Meu papagaio rasgou-se em dois.

Perdeu sua crista de sabedoria precipitando-se para baixo e eu o deixei ir;
Como poderia esperar voar de novo, quando toda crista estava rasgada?
Embora amarrado pela corda da devoção, sofreu por brincar aqui.
Os seis oponentes[4] agravaram tudo.
Agora Nareschandra lamenta este jogo de sorrisos e lágrimas, e pensa que teria sido melhor
Jamais ter uma vez brincado.

Cantou novamente:

Ó Mãe, para Yashoda Tu deverias dançar, quando ela Te chamou sua preciosa "Jóia Azul"[5];
Onde Tu escondeste aquela forma encantadora, Ó terrível Shyama?
Dança assim uma vez para mim, Ó Mãe! Joga fora Tua espada e toma a flauta;
Despe-Te de Tua grinalda de cabeças, e usa Tua grinalda de flores silvestres. …

Enquanto cantava, Sri Ramakrishna levantou-se e começou a dançar. Os devotos também levantaram-se. De vez em quando o Mestre entrava em samadhi e os devotos o observavam atentamente. O Dr. Dukari tocou as pupilas do Mestre para testar a autenticidade de seu samadhi. Isto não agradou aos devotos.

Quando a música e a dança terminaram, os devotos sentaram-se. Nesse instante, Keshab chegou com alguns discípulos Brahmos. Rajendra falou-lhe sobre sua grande alegria no kirtan do Mestre e pediu a Trailokya para cantar novamente. Keshab respondeu, "Já que Sri Ramakrishna se sentou, o kirtan parecerá maçante."

Trailokya e os devotos Brahmos cantaram:

Cante, Ó mente, o nome de Hari,
Cante em voz alta o nome de Hari,
Louve o nome do Senhor Hari!
E louvando o nome de Hari, Ó mente.
Atravesse o oceano deste mundo.

Hari mora na terra, na água,

4 As seis paixões.
5 Apelido do Menino Krishna.

Hari mora no fogo e no ar;
No sol e na lua Ele mora.
A presença sempre viva de Hari!
Enche o universo sem fim.

Enquanto eram feitos preparativos para dar de comer aos convidados, Sri Ramakrishna conversava com Keshab.

Mestre (*com um sorriso*): "Hoje apreciei muito a máquina que tira o retrato de um homem. Uma coisa que notei, foi que a impressão não fica na chapa limpa de vidro, mas permanece quando o vidro está coberto por uma solução negra. Assim também, simplesmente ouvir conversa espiritual não deixa impressão. As pessoas esquecem-se logo depois. Mas retém instrução espiritual se forem cobertas internamente de sinceridade e devoção."

O Mestre foi conduzido ao segundo andar da casa, e lhe foi pedido para sentar-se num lindo tapete. As senhoras atendiam-no enquanto comia. Keshab e os outros devotos foram também lautamente servidos.

Domingo, 1º de janeiro de 1882

Sri Ramakrishna chegou com seus devotos à casa de Jnan Choudhury em Calcutá para se reunir ao festival anual do Simla Brahmo Samaj. Keshab, Ram, Manomohan, Balaram, Kedar, Narendra, Rakhal e outros devotos estavam presentes. Narendra havia se encontrado com o Mestre alguns dias atrás no jardim-templo de Dakshineswar. Costumava participar de vez em quando do culto do Simla Brahmo Samaj, e cantar para a congregação.

O culto foi organizado segundo o costume usual do Samaj. Primeiro foram lidas as escrituras; em seguida, Narendra cantou. Era o crepúsculo. Os devotos estavam alegres. O Mestre olhou para os devotos chefes de família sentados à sua volta, e disse com um sorriso: "Por que não seria possível para um chefe de família dedicar sua mente a Deus? Mas a verdade é que ele não mais tem sua mente com ele. Se ele a tivesse, então certamente poderia oferecê-la a Deus. Mas, meu Deus, a mente dele foi empenhada – empenhada em 'mulher e ouro'. Então lhe é necessário viver constantemente em companhia de pessoas santas. Quando recuperar sua mente, então pode dedicar-se à prática espiritual; mas primeiro é necessário viver permanentemente com o guru, servi-lo e desfrutar a companhia de pessoas espiritualizadas. Ou ele deve pensar em Deus na solidão dia e noite, ou deve viver com os santos. A mente entregue a si mesma, seca. Tome por exemplo, um jarro de água. Se o jarro é colocado de lado, a água evapora pouco a pouco. Mas isto não ocorrerá se o jarro for mantido imerso no Ganges.

"O ferro torna-se vermelho na fornalha de um ferreiro. Retire-o de lá e ele se torna preto como antes. Por isso o ferro deve ser aquecido na fornalha de vez em quando. Vocês sabem o que ignorância significa? É o sentimento: 'Esta é minha casa; estes são meus parentes; sou o que faz; e os negócios domésticos continuam indo bem porque os administro'. Mas sentir 'eu sou o servo de Deus, Seu devoto, Seu filho' – é uma boa atitude. Mas o 'eu' que Deus retém no Seu devoto depois de tê-Lo visto, é chamado o 'eu maduro'. É como a espada que se transformou em ouro depois de tocar a Pedra Filosofal; vocês não podem ferir ninguém com ela."

Assim o Mestre falava, sentado no vestíbulo de adoração, e Keshab e os outros devotos ouviam com atenção emocionada. Eram cerca de oito horas da noite. O sino tocou três vezes para a adoração.

Mestre (*a Keshab e outros*): "O que é isto? Vejo que não começamos ainda sua adoração regular."

Keshab: "Que outra adoração necessitamos? Já a estamos tendo."

Mestre: "Ó não, meu caro senhor! Deixe que o culto seja feito segundo seu costume."

Keshab: "Por que? Estamos indo muito bem."

Ao pedido repetido do Mestre, Keshab começou a adoração. No meio dela Sri Ramakrishna subitamente levantou-se e entrou em samadhi. Os devotos Brahmos cantaram:

Cante, Ó mente, o nome de Hari,
Cante em voz alta o nome de Hari,
Louve o nome de Hari, Ó mente,
Atravesse o oceano deste mundo. …

O Mestre continuou de pé, absorvido em êxtase. Keshab conduziu-o cuidadosamente do templo até o

pátio. A música continuou. O Mestre dançava com a música, com os devotos dançando à sua volta. Depois da refeição ligeira, Sri Ramakrishna novamente conversou com Keshab. Logo começou a cantar. Keshab cantou com o Mestre:

A abelha negra da minha mente é atraída em pura alegria
Para a flor azul de lótus dos pés da Mãe Shyama.
A flor azul dos pés de Kali, a consorte de Shiva;
Sem gosto para a abelha, são os brotos do desejo.
Os pés de minha Mãe são negros e negra também é a abelha;
Negro se torna um com negro. É este muito do mistério
Meus olhos mortais vêem, então rapidamente se retraem.
Mas as esperanças de Kamalakanta por fim são atendidas
Ele nada no Mar de Bem-aventurança, impassível ante a felicidade ou a dor.

Novamente cantaram:

Alto no céu dos pés da Mãe, minha mente voava como uma pipa.
Quando veio uma rajada de vento de pecados que a levou rapidamente para a terra. …

Tanto Keshab como o Mestre estavam num estado de fervor divino. Os outros devotos reuniram-se a eles, cantando e dançando até a meia-noite.

O Mestre descansou uns poucos minutos e então disse a Keshab: “Por que você me enviou presentes quando seu filho se casou? O que vou fazer com eles? Leve-os de volta.”

Keshab sorriu um pouco, e o Mestre continuou: “Por que você escreve sobre mim em seu jornal? Você não pode fazer um grande homem somente escrevendo sobre ele em livros e revistas. Se Deus faz um homem grande, todas as pessoas tomarão conhecimento deles, mesmo que ele viva numa floresta. Quando as flores desabrocham nos bosques densos, as abelhas encontram-nas, mas não as moscas. O que um homem pode fazer? Não olhe para ele por cima. O homem é somente um verme. A língua que hoje o elogia pode lhe ferir amanhã. Não quero nome nem fama. Que eu possa sempre permanecer como o mais humilde dos humildes e o menor dos menores!”

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

APÊNDICE B

CARTA[1]

Meu muito amado irmão M.,

Há três dias atrás recebi a quarta parte do SRI RAMAKRISHNA KATHAMRITA[2], enviada por você, e hoje, acabei de lê-la. Realmente você é abençoado. Que néctar celestial você aspergiu por todo o país!... Há muito tempo atrás você quis que eu registrasse minhas conversas com o Mestre. Agora vou tentar escrevê-las para você. Mas não nasci sob a estrela de um M. Ppara poder anotar os dias, as datas e as horas de minhas visitas com o Mestre, e escrever corretamente todas as palavras pronunciadas pelos seus lábios sagrados. Nessa carta estou lhe transmitindo tantas de minhas experiências quanto me recordo. Muito provavelmente vou confundir os acontecimentos de um dia com os outro – e esqueci muitas coisas.

Foi provavelmente durante as férias do outono de 1881 que encontrei Sri Ramakrishna pela primeira vez. Cheguei a Dakshineswar num barco, e subindo a escadaria do ghat, perguntei a alguém onde estava o Paramahamsa.

"Ali está o Paramahamsa", foi a resposta. Um homem apontou para a varanda norte, defronte do jardim. Ele estava encostado contra um almofadão. Usava uma roupa bordada de preto. À vista do almofadão e da roupa bordada de preto, disse a mim mesmo, "Que espécie de paramahamsa é este?"[3]

Aproximando-me encontrei-o meio recostado contra o almofadão com as mãoz cruzadas em torno dos joelhos. Então pensei: "Evidentemente ele não está acostumado com os almofadões como os cavalheiros estão. Assim talvez seja o Paramahamsa". À sua direita, muito próximo do almofadão estava um cavalheiro cujo nome, vim a saber, era Rajendra Lal Mitra, mais tarde Secretário Assistente do Governo de Bengala. Um pouco mais afastados estavam sentados outros.

Depois de alguns momentos, o Mestre disse a Rajendra Babu, "Veja se Keshab está vindo." Evidentemente Keshab Sen era esperado naquele dia.

Alguém deu alguns passos e, voltando-se, disse, "Não, ele não está."

Depois de um breve intervalo, ouvindo um barulho de fora, ele disse, "Por favor, olhe mais uma vez."

Novamente alguém saiu e veio com a mesma resposta.

Então Sri Ramakrishna riu e disse, citando um dito popular, "As folhas farfalham lá fora, e Radha diz, 'Ó, aí vem meu Bem-Amado!'" Continuando ele disse, "Veja, Keshab sempre me mantém em suspenso. É seu jeito."

Ao entardecer Keshab chegou com seu grupo. Keshab inclinou-se ante o Mestre, tocando o chão com sua testa. O Mestre retribuiu sua saudação da mesma maneira.

Pouco tempo depois Sri Ramakrishna disse num estado de consciência parcial: "Vejam! Ele trouxe toda a multidão de Calcutá. Supõe-se que eu vá fazer um palestra. Não farei tal coisa. Faça você mesmo se quiser. Fazer palestras não é meu assunto."

Ainda em estado extático, disse com um sorriso divino: "Comerei, beberei e ficarei feliz. Jogarei e dormirei, mas não posso fazer palestras."

Enquanto Keshab Babu o observava, ficou tomado de emoção divina. De vez em quando dizia, "Ó, meu Deus! Ó, meu Deus!"

Também observei o Mestre e disse a mim mesmo, "Pode isto ser fingimento? Jamais eu havia visto uma coisa assim, e você sabe como minha fé é profunda.

Voltando do samadhi, o Mestre disse a Keshab: "Keshab, uma ve fui ao seu templo. No decorrer de sua pregação, ouvi você dizer, 'Mergulharemos no rio de devoção e iremos direto para o Oceano de Satchidananda'. Imediatamente olhei para cima [na galeria onde a esposa de Keshab e as outras senhoras estavam] e pensei, 'Então o que será dessas senhoras?' Veja Keshab, você é um chefe de família. Como pode alcançar o Oceano de Satchidananda de imediato? Você é como um mangusto com um tijolo atado em sua cauda. Quando é ameaçado por alguma coisa, ele sobe no muro e senta-se num lugar. Mas como pode ele permanecer ali por muito tempo? O tijolo o puxa para baixo, e ele cai no chão com um ruído seco. Você pode

1 Escrita a M. por Aswini Kumar Dutta, um dos patriotas de Bengala.

2 As conversas de Sri Ramakrishna em bengali, relatadas por M..

3 Uma roupa com debrum preto, almofadas, etc., considerados artigos de luxo, são usados pelos chefes de família. Um paramahamsa, por outro lado, é um monge que a tudo renuncia.

praticar um pouco de meditação, mas o peso de mulher e filhos o puxarão para baixo. Você pode mergulhar no rio de devoção, mas virá à tona outra vez. Alternadamente mergulhará e subirá. Como pode mergulhar e desaparecer de uma vez?"

Keshab Babu disse: "Pode alguma vez um chefe de família ter sucesso? E Maharshi Devendranath Tagore?"

Por duas ou três vezes o Mestre repetiu suavamente, "Devendranath Tagore – Devendra – Devendra" e inclinou-se ante ele diversas vezes.

Então ele disse: "Deixe-me contar-lhe uma história. Um homem costumava celebrar o Durga Puja em sua casa com muita pompa. Eram sacrificadas cabras desde o nascer até o pôr do sol. Mas depois de alguns casos o sacrifício não foi tão importante. Então alguém lhe disse, 'Como é isto senhor, que o sacrifício em sua casa tenha se tornado uma coisa tão insignificante?' 'Não vê?' disse ele, 'Meus dentes foram-se'. Devendra agora dedica-se à meditação e contemplação. É natural que assim o seja, em sua avançada idade, mas sem dúvida ele é um grande homem.

"Veja, enquanto um homem estiver sob a magia de maya, é como um côco verde. Quando você retira a polpa tenra do côco verde, você não pode ao mesmo tempo raspar a casca. Mas no caso de um côco maduro e seco, a casca e a polpa separam-se uma da outra. Quando você sacode a fruta pode sentir a polpa pulando dentro. O homem que está livre de maya é como um côco maduro e seco. Sente a alma separada do corpo. Não mais estão conectadas uma com a outra. É o 'eu' que cria toda perturbação. Será que este ego miserável jamais abandonará uma pessoa? Vocês vêem uma árvore peepal crescendo no lixo de uma casa abandonada. Vocês a cortam hoje, mas amanhã vêem um novo broto crescendo. O mesmo ocorre com o ego. Podem lavar sete vezes uma xícara na qual foram guardadas cebolas, mas o mau cheiro nunca sai."

No decorrer da conversa ele disse a Keshab: "Bem Keshab, entendi que seus babus de Calcutá dizem que Deus não existe. Não é verdade? Um babu de Calcutá quer subir numa escada. Sobe um degrau, mas antes de subir o outro, grita: 'Ai, me dói aqui! Ai, me dói aqui!' e cai inconsciente. Seus parentes fazem um alarido, gritam e mandam buscar um médico; mas antes do médico chegar, o homem está como morto realmente, e as pessoas gritam tanto e dizem, 'Não há Deus!'"

Depois de uma hora aproximadamente, o kirtan começou. O que vi jamais esquecerei, nem nesta vida nem nas próximas. Todas as pessoas dançavam; Keshab também. O Mestre estava no centro. Todos dançavam em sua volta em círculo. Durante a dança Sri Ramakrishna subitamente ficou imóvel, transfigurado em samadhi. Passou um longo tempo assim. Depois de ouvir suas palavras e assistir a tudo isso, disse a mim mesmo, "Sim, certamente é um Paramahamsa!"

Um outro diz, provavelmente em 1883, visitei o Mestre com alguns jovens de Srerampore. Olhando para eles, perguntou, "Por que vieram aqui?"

Eu mesmo: "Para verem o senhor."

Mestre: "O que há para ver em mim? Por que não contemplam os edifícios e os templos?"

Eu mesmo: "Senhor, eles não vieram para ver essas coisas. Vieram para ver o senhor."

Mestre: "Ah! Então eles devem ser firmes. Há ardor neles. Você pode manter uma pederneira debaixo d'água por cem anos, mas no momento que esfregá-la, saem centelhas. Eles devem ser desse tipo, mas será inútil tentar tirar fogo de mim!"

A esse comentário, todos nós rimos. Não me recordo agora as outras coisas que ele nos disse. Mas parece-me que nos falou da renúncia a 'mulher e ouro' e da impossibilidade de se livrar do ego.

Visitei-o outro dia. Quando inclinei-me ante ele e sentei-me, disse, "Pode trazer-me um pouco daquele material – um pouco amargo, um pouco doce – que começa borbulhar quando você tira a rolha?"

Eu mesmo: "Limonada?"

Mestre: "Por que não traz uma garrafa para mim?"

Acho que lhe trouxe uma garrafa. O quanto me lembro, eu estava sozinho com ele naquele dia. Fiz-lhe algumas perguntas.

Eu mesmo: "O senhor observa castas?"

Mestre: "Como posso dizer sim? Comi curry na casa de Keshab sem. Vou lhe contar o que aconteceu. Um homem com uma longa barba[4] trouxe gelo, mas não senti vontade. Um pouco mais tarde alguém me trouxe um pedaço de gelo do mesmo homem, e comi com grande deleite. Veja, as restrições de casta caem por si mesmas. À medida que o coqueiro e a palmeira crescem, os galhos caem por si mesmos. As convenções de casta caem assim, mas não as jogue fora como aqueles tolos fazem [referindo-se aos Brahmos]."

Eu mesmo: "O que o senhor pensa de Keshab Babu?"

4 Talvez o Mestre se referisse a Maomé.

Mestre: “Ó, é um homem santo.”

Eu mesmo: “E Trailokya Babu?”

Mestre: “Um bom homem. Canta muito bem.”

Eu mesmo: “Shivanath Babu?”

Mestre: “... um homem muito bom. Mas discute.”

Eu mesmo: “Qual a diferença entre um hindu e um Brahmo?”

Mestre: “Não há muita diferença. Na serenata que temos aqui, um flautista toca uma nota só, enquanto que um outro toca várias melodias. Os Brahmos tocam uma nota, por assim dizer; apegam-se ao aspecto sem forma de Deus. Mas os hindus trazem melodias diferentes; quer dizer, desfrutam Deus em Seus vários aspectos. A Divindade sem forma e Deus com forma podem ser comparadaos à água e ao gelo. A água congela-se. O gelo derrete-se em água com o calor de jnana. A água toma a forma de gelo com a influência resfrescante de bhakti. A Realidade é uma. As pessoas dão a Ela vários nomes. Tome o caso de um lago com quatro ghats em suas quatro margens. As pessoas que apanham água de um ghat chamam-na 'jal', e aqueles que a apanham do segundo ghat chamam-na 'pani'. No terceiro ghat chamam-na 'água', e no quarto 'aqua'. Mas é uma e mesma coisa: água.”

Falei com o Mestre que havia encontrado o Achalananda Tirthavadhuta de Barisal.

Mestre: “Não é Ramkumar de Kotrang?”

Eu mesmo: “Sim, senhor.”

Mestre: “O quanto você gostava dele?”

Eu mesmo: “Muito.”

Mestre: “Bem, de quem você gosta mais – dele ou de mim?”

Eu mesmo: “Ó, pode haver qualquer comparação entre os dois? Ele é um intelectual, um erudito; mas o senhor é um?”

Sri Ramakrishna ficou um pouco intrigado com minha resposta e permaneceu em silêncio. Um pouco mais tarde eu disse: “Ele pode ser um erudito, mas o senhor é cheio de alegria! Há muita alegria em sua companhia.”

A isto o Mestre riu e disse: “Bem falado! Bem falado! Você está certo!”

Ele me perguntou, “Você viu meu Panchavati?”

Eu mesmo: “Sim, senhor.”

Falou um pouco do que ele havia praticado ali – suas várias austeridades religiosas. Falou-me também de Nangta.

Então eu lhe perguntei, “Como posso realizar Deus?”

Mestre: “Veja, Ele constantemente nos está atraindo, como um imã atrai o ferro. Mas o ferro não pode ir para o imã se estiver coberto de sujeira. Quando a sujeira é lavada, o ferro é imediatamente atraído para o imã. Chore por Deus e as lágrimas lavarão a sujeira de sua mente.”

Enquanto eu escrevia estas palavras, ele comentou: “Olhe, somente repetir a palavra 'siddhi' não produzirá intoxicação. Você deve realmente conseguir cânhamo, esfregá-lo na água, e então beber a solução. ...”

Mais tarde ele disse: “Já que você vai levar uma vida de chefe de família, crie uma intoxicação feliz em sua mente, com o pensamento de Deus. Você estará cumprindo seus deveres, mais deixe esta agradável intoxicação permanecer em você. Você não pode naturalmente, como Shukadeva, ficar tão inebriado com o pensamento de Deus que fique nu e inconsciente. Enquanto tiver que viver no mundo, dê a Deus sua procuração. Entregue a Ele todas as responsabilidades; deixe-O fazer o que Ele quiser. Viva no mundo como uma empregada na casa de um homem rico. Ela dá banho nos filhos do patrão, lava-os, alimenta-os, e cuida carinhosamente deles de muitas maneiras, como se elas fossem seus próprios filhos; mas no seu coração ela sabe muito bem que eles não pertencem a ela. Mal ela é despedida, tudo acaba; não mais tem relacionamento com as crianças. Antes de quebrar, para abrir a jaca, você deve esfregar suas mãos com óleo para protegê-las do leite pegajoso. Da mesma maneira, proteja-se com o óleo da devoção; então, o mundo não se agarrará a você, e você não ficará afetado por ele.”

Durante todo o tempo Sri Ramakrishna permaneceu sentado no chão. Então levantou-se e estirou-se no divã.

Disse-me, “Abane-me um pouco.”

Comecei a abaná-lo e ele ficou em silêncio.

Depois de algum tempo ele disse: “Ó, está tão quente! Por que não mergulha o leque na água?”

“Ah!” Eu disse, “O senhor também tem suas manias!”

O Mestre sorriu e murmurou, “E – por que – não?”

“Muito bem!” Eu disse, “Tenha o quanto queira.”

Não posso exprimir em palavras quão imensamente desfrutei de sua companhia naquele dia.

A última vez que o visitei – você o mencionou na terceira parte de seu livro[5] - eu estava com o diretor de nossa escola, que acabara de se graduar. Você o encontrou no outro dia. Logo que Sri Ramakrishna o viu, ele me perguntou: "Onde você o achou? É um ótimo rapaz!"

Então continuou: "Você é um advogado. É muito inteligente. Pode dar-se um pouco de sua inteligência? No outro dia seu pai veio aqui e ficou três dias."

Eu mesmo: "O que achou dele?"

Mestre: "Um homem simpático, mas de vez em quando diz tolices."

Eu mesmo: "Por favor, ao vê-lo na próxima vez, ajude-o a superar isso."

A isso Sri Ramakrishna sorriu um pouco.

Eu mesmo: "Por favor, dê-nos algumas instruções."

Mestre: "Você conhece Hriday?"

Eu mesmo: "Seu sobrinho? Conheço-o só de nome."

Mestre: "Hriday costumava dizer-me: 'Tio, por favor não solte todo o seu estoque de instruções de uma vez. Por que deve repetir as mesmas coisas continuamente?' Respondi: 'Seu tolo, o que isto lhe importa? Estas são minhas palavras e se eu gostar as repetirei mil vezes. Fique quieto!'"

Eu mesmo (*sorrindo*): "Exatamente assim!"

Um pouco mais tarde sentou-se na cama. Repetiu o "OM" diversas vezes, e começou a cantar uma canção cujo primeiro verso é:

> Mergulhe fundo, ó mente, mergulhe no Oceano da Beleza de Deus.

Mal havia cantado um ou dois versos, e ele próprio mergulhou fundo, perdendo-se em samadhi.

Quando o samadhi terminou, começou a andar nui de um lado para outro pelo quarto, e com ambas as mãos, puxou a roupa que usava, até a cintura. Uma das extremidades arrastava-se, e a outra ficou dependurada.

Tocando meu companheiro com o cotovelo, murmurei, "Veja quão lindamente ele usa sua roupa!"

Um momento mais tarde atirou para fora a roupa com as palavras: "Ugh! Qu aborrecimento! Fora com isto!"

Começou a andar nu de um lado para o outro pelo quarto. Da extremidade norte do quarto, trouxe um guarda-chuva e uma bengala, e perguntou-nos, "São de vocês?"

Mal eu havia respondido não, quando ele disse, "Eu sabia, Posso julgar um homem por sua bengala e guarda-chuva. Devem pertencer àquele homem que esteve aqui há algum tempo, e absorveu muitas palavras minhas sem compreendê-las."

Alguns minutos mais tarde ele se sentou, ainda nu, na extremidade nordeste de seu divã, olhando para o oeste, e perguntou-me, 'Bem, você acha que não tenho os modos de um cavalheiro?"

Eu mesmo: "Claro que não. O senhor é um perfeito cavalheiro. Mas por que me pergunta isso?"

Mestre: "Veja, Shivanath e outros não me julgam um cavalheiro. Quando chegam tenho que me enrolar numa roupa ou em qualquer coisa. Conhece Girish Ghosh?"

Eu mesmo: "Que Girish Ghosh? Aquele do teatro?"

Mestre: "Sim."

Eu mesmo: "Nunca o vi, mas o conheço de nome."

Mestre: "Um bom homem."

Eu mesmo: "Dizem que bebe."

Mestre: "Deixe-o! Deixe-o! Por quanto tempo ele continuará assim? Conhece Narendra?

Eu mesmo: "Não senhor."

Mestre: "Desejo muito que você o conheça. Acabou de graduar-se em bacharel e é solteiro."

Eu mesmo: "Muito bem senhor. Vou conhecê-lo."

Mestre: "Hoje vai haver um kirtan na casa de Ram Dutta. Pode conhecê-lo lá. Por favor vá esta noite."

Eu mesmo: "Está bem."

Mestre: "Sim,vá. Não se esqueça."

Eu mesmo: "É sua ordem. Não vou obedecê-la? Certamente que irei."

Ele mostrou-nos os quadros do seu quarto e perguntou-me se poderia ter um de Buda.

Eu mesmo: "Muito provavelmente."

---

5 Antes de 23 de maio de 1885.

Mestre: “Por favor, consiga-me um.”

Eu mesmo: “Muito bem, vou lhe trazer um quando voltar novamente.”

Mas meu Deus, nunca mais voltei a Dakshineswar.

Naquela noite fui à casa de Ram Babu e conheci Narendra. Em um dos aposentos, o Mestre estava reclinado numa almofada. Narendra sentou-se à sua direita, e eu em frente.

Pediu a Narendra para conversar comigo. Mas Narendra disse: “Tenho uma terrível dor de cabeça hoje. Não sinto com vontade de conversar.”

Respondi: “Então vamos adiá-lo para um outro dia.”

E isto ocorreu em maio ou junho de 1887, em Almora. A vontade do Mestre tinha que ser satisfeita, e o foi doze anos depois. Ah, com que felicidade passei aqueles poucos dias com Swami Vivekananda em Almora! As vezes em sua casa, as vezes na minha, e um dia no alto de uma colina sem ninguém nos acompanhando. Nunca mais o encontrei depois disso. Foi como se para satisfazer a vontade do Mestre nós nos víssemos em Almora.

Não vi o Mestre mais do que quatro ou cinco vezes; mas nesse curto espaço de tempo tornamo-nos tão íntimos que senti como se tivéssemos sido colegas de colégio. Quanta liberdade eu tomava enquanto conversava com ele! Mas mal deixava sua presença, ocorria-me: “Meu Deus! Pensar onde estive!” O que vi e recebi naqueles poucos dias adoçaram minha vida inteira. Aquele seu sorriso elisiano, carregado de néctar, tranquei no armário secreto de minha memória. Este é o tesouro infindável de uma pessoa infeliz como eu. Uma emoção de alegria passa pelo meu coração quando penso como um grão de felicidade derramada daquela risada vem adoçando as vidas de milhões, mesmo na América distante. Se esse for o caso, você pode muito bem entender que homem feliz você é.

❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋ ❋

GLOSSÁRIO

Abhyasayoga - Yoga ou união com Deus, através da prática.

Acharya - Instrutor religioso.

Adharma - Iniqüidade; oposto de dharma.

Adhyatma Ramayana - Livro que trata da vida de Rama e harmoniza os ideais de jnana e bhakti.

Advaita - Não-dualidade; uma escola da filosofia Vedanta, que declara a unidade de Deus, alma e universo.

Advaita Goswami - Um companheiro íntimo de Sri Chaitanya.

Adyashakti - Energia Primordial; epíteto da Mãe Divina.

Agamani - Um tipo de cânticos invocando Durga, a Mãe Divina.

Ahalya - Esposa do sábio Gautama. Devido à sua má conduta, foi transformada em pedra pela maldição de seu marido. O sábio, contudo, disse que o toque dos pés de Rama lhe restituiria a forma humana.

Ahamkara - Ego ou "consciência do eu". *Ver* quatro órgãos internos.

Ajna - Sexto centro do Sushumna. *Ver* Kundalini.

Ajnana - Ignorância, individual ou cósmica, responsável pela não percepção da Realidade.

Akasha - Éter ou espaço; primeiro dos cinco elementos emanados de Brahman. É a forma mais sutil de matéria, à qual todos os elementos são por fim, reduzidos.

Akbar - Grande imperador mongol da Índia (1542-1605).

Akshra - Imutável; também um nome de Brahman.

Alekh - (*Lit*. O Uno Incompreensível). Um nome de Deus.

Amrita - Imortalidade.

Anahata - O quarto centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.

Anahata Shabda - Uma outra palavra para Om.

Ananda - Bem-aventurança.

Anandamayakosha - Envoltório de Felicidade. *Ver* Kosha.

Anandamayi - (*Lit*., Cheio de Felicidade) Um epíteto da Mãe Divina.

Anna - pequena moeda indiana, um dezesseis avos da rupia.

Annamayakosha - O envoltório físico denso. *Ver* kosha.

Annapurna - Um nome da Mãe Divina como Doadora de Alimento.

Antaranga - Pertencente ao círculo íntimo; geralmente usado com referência a um discípulo íntimo.

Arati - Adoração à Divindade, acompanhada de movimentos de luzes.

Arjuna - Herói do *Mahabharata* e amigo de Krishna. *Ver* Pandavas.

Artha - Riqueza, um dos quatro objetivos do homem. *Ver* quatro frutos.

Árvore que Satisfaz os Desejos - *Ver* Kalpataru.

Asana - Assento.

Asat - Irreal.

Ashrama Mosteiro; também, um dos quatro estágios da vida: estágio do estudante solteiro; estágio do chefe de família; estágio de retiro e contemplação e estágio de mendicância religiosa.

Ashtami - Oitavo dia da quinzena lunar.

Ashwattha - A árvore peepal.

Ashwin - O sexto mês no calendário hindu, caindo no outono.

Astvakra Samhita - Livro modelo da Vedanta Advaita.

Assam - Província no nordeste da Índia.

Asti - É ou sendo.

Asura - Demônio.

Atma - Ser Supremo, o mesmo que Atman.

Atman - O Ser Supremo ou Alma Suprema; denota também a Alma Suprema que, segundo a Vedanta Advaita, é una com a alma individual.

Atmarama - Satisfeito no Ser Supremo.

Aum - Mesmo que Om.

Avadhuta - Um santo dotado de grande renúncia, mencionado no *Bhagavata*.

Avatar - Encarnação de Deus.

Avidya - Ignorância, cósmica ou individual, responsável pela não percepção da Realidade.

Avidyamaya - Maya ou ilusão, ocasionando dualidade, tem dois aspectos, a saber, avidyamaya ou vidyamaya. Avidyamaya ou a "maya da ignorância", consistindo de raiva, paixão etc., enreda a pessoa no mundanismo. Vidyamaya ou a "maya do conhecimento", consistindo de bondade, pureza, ausência de egoísmo e assim por diante, conduz uma pessoa à liberação. Ambas pertencem ao mundo relativo. *Ver* maya.

Avidyashakti - O poder da ignorância.

Ayodhya - Capital do reino de Rama, no norte da Índia, moderna Oudh.

Baba - Palavra bengali para pai.

Babaji - Nome dos santos da seita vaishnava.

Babla - Acácia indiana.

Babu - Cavalheiro; equivalente a Sr.

Balai - Apelido de Balarama, irmão de Sri Krishna.

Balarama - Irmão mais velho de Sri Krishna.

Banga - Bengala.

Bankuvihari - Um nome de Sri Krishna.

Baul - (*Lit*., devoto inebriado por Deus). Pedinte da seita vaishnava.

Bel - Árvore cujas folhas são sagradas para Shiva; também a fruta dessa árvore.

Bhagavad Gita - Uma conhecida escritura hindu.

GLOSSÁRIO

Bhagavan - *(Lit.,* Aquele dotado dos seis atributos, a saber, tesouros infinitos, força, glória, esplendor, conhecimento e renúncia). Um epíteto da Divindade; também, o Deus Pessoal do devoto.

Bhagavata - Um livro sagrado dos hindus, especialmente dos Vaishnavas, que trata da vida de Sri Krishna.

Bhagavati - A Mãe Divina.

Bhairava - Um aspirante da seita tântrica; denota; também, o Deus Shiva, especialmente uma de Suas oito formas aterradoras.

Bhairavi - Uma monja da seita tântrica.

Bhajan - Música religiosa.

Bhajanananda - A felicidade que provém da adoração a Deus.

Bhakta - Um seguidor do caminho de bhakti, amor divino; um adorador do Deus Pessoal.

Bhakti - Amor a Deus; devoção integral ao Ideal Escolhido.

Bhaktiyoga - O caminho da devoção, seguido pelos adoradores dualistas.

Bharadvaja - Um sábio mencionado nos Puranas.

Bharata - Um nome de Arjuna; também um nome da Índia.

Bhaskarananda - Um santo contemporâneo de Sri Ramakrishna.

Bhava - Existência; sentimento; emoção; êxtase; samadhi; também denota qualquer uma das cinco atitudes que o adorador dualista assume por Deus. A primeira dessas atitudes é de paz; assumindo as outras quatro, o devoto olha Deus como Amo, Filho, Amigo ou Amante.

Bhavamukha - Um exaltado estado da experiência espiritual, no qual o aspirante mantém a mente na linha divisória entre o Absoluto e o Relativo. Desta posição pode contemplar o inefável e sem atributos Brahman e também, participar das atividades do mundo relativo, vendo nele somente a manifestação de Deus.

Bhava samadhi - Êxtase no qual o devoto retém o ego e desfruta comunhão com o Deus Pessoal.

Bhavatarini - (*Lit*., o Salvador do Universo). Um nome da Mãe Divina.

Bheda - Diferença.

Bhil - Uma tribo da Índia.

Bhishma - Um dos grandes heróis da batalha de Krukshetra, descrita no *Mahabharata*.

Bhoga - Prazer.

Bibhishana - Irmão de Ravana, o rei-monstro do Ceilão, a quem ele sucedeu, mas ao contrário de Ravana, era um fiel devoto de Rama.

Bodha - Consciência; Conhecimento Absoluto.

Bodh-Gaya - Lugar perto de Gaya, onde Buda alcançou Iluminação.

Bosque Nidhu - Um bosque sagrado em Vrindavan onde Sri Krishna, na infância, brincou com as gopis.

Brahma - Nome pelo qual os Brahmos invocam Deus.

Brahma - O Deus Criador; a Primeira Pessoa da Trindade Hindu, sendo as outras duas, Vishnu e Shiva.

Brahmachari - Um estudante religioso devotado à prática da disciplina espiritual; um celibatário pertencente ao primeiro estágio da vida. *Ver* quatro estágios da vida.

Brahmacharya - O primeiro dos quatros estágios da vida; vida de um estudante solteiro. *Ver* quatro estágios da vida.

Brahmajnana - O Conhecimento de Brahman.

Brahmajnani - Um conhecedor de Brahman. Sri Ramakrishna usava a expressão "Brahmajnanis modernos" para denotar os membros do Brahmo Samaj.

Brahmamayi - (*Lit*., Personificação de Brahman) Um nome da Mãe Divina.

Brahman - O Absoluto; a Realidade Suprema da filosofia Vedanta.

Brahmananda - A felicidade da comunhão com Brahman.

Brahmanda - (*Lit*., o ovo de Brahma) O universo.

Brahmani - O Consorte de Brahma.

Brahmani - (*Lit*., mulher brahmin) A mulher brahmin que ensinou Sri Ramakrishna as disciplinas vaishnava e tântrica, também conhecida como Bhairavi Brahmani.

Brahmara - Abelha negra.

Brahmarshi - Um rishi ou homem santo dotado do Conhecimento de Brahman.

Brahmin - A mais elevada casta da sociedade hindu.

Brahmo - Membro do Brahmo Samaj.

Brahmo Sabha - A reunião dos Brahmos.

Brahmo Samaj - Uma organização teísta da Índia, fundada por Raja Rammohan Roy.

Braja - O mesmo que Vrindavan.

Brinde - Uma das gopis; também o nome da uma empregada **do** templo de Dakshineswar.

Brisa malaia - A brisa perfumada que sopra das Montanhas Malaias (Ghat oeste).

Buda - (*Lit*., uma pessoa iluminada) O fundador do budismo.

Buddha-Gaya - O mesmo que Bodh-Gaya.

Buddhi - A inteligência ou faculdade discriminativa. *Ver* quatro órgãos internos.

Capitão - Coronel Viswanath Upadhyaya do Nepal, Residente do Governo do Nepal em Calcutá e devoto de Sri Ramakrishna. O Mestre dirigia-se a ele como "Capitão".

Chaddar - Uma roupa de cima.

GLOSSÁRIO

Chaitanya - Consciência Espiritual; também, o nome de um profeta nascido no ano de 1485, que viveu em Navadvip, Bengala e deu muita ênfase ao caminho do amor divino para a realização de Deus e também, é conhecido como Gauranga, Gaur, Gora ou Nimai.

Chaitanyalila - Uma peça de Girish Chandra Ghosh, retratando a vida de Sri Chaitanya.

Chaitra - O último mês do calendário hindu, caindo na primavera.

Chakka - Curry vegetal.

Chakora - Uma espécie de pássaro.

Chakra - Qualquer um dos seis centros, ou lótus, no Sushumna, através do qual a Kundalini sobe. *Ver* Kundalini.

Chamara - Uma espécie de leque feito da cauda do iaque, usado no serviço do templo.

Chanabara - Um doce bengali feito de queijo, primeiramente frito na manteiga e depois, colocado numa calda.

Chandala - Um intocável.

Chandi - Um livro sagrado dos hindus, no qual a Mãe Divina é descrita como a Realidade Suprema.

Chandidas - Nome de um santo vaishnava.

Chandni - Pórtico aberto; a palavra é usada no texto para denotar o pórtico aberto no templo de Dakshineswar, com os degraus conduzindo ao Ganges.

Chandravali - Uma das gopis de Vrindavan.

Charanamrita - A água na qual a imagem da Divindade é banhada; é considerada muito sagrada.

Chatak - Uma espécie de pássaro.

Chetana samadhi - Comunhão com Deus na qual o devoto retém a "consciência do eu" e está consciente de seu relacionamento com Deus.

Chidakasha - O Akasha ou Espaço de Chit, Consciência Absoluta, o Espírito que Tudo penetra.

Chidananda - A felicidade da Consciência de Deus.

Chidatma - A alma como personificação da Inteligência e Consciência.

Chinmaya - A personificação do Espírito.

Chintamani - Uma pedra mística que tem o poder de conceder a seu possuidor o que ele desejar; também, um nome de Deus.

Chit - Consciência.

Chitshakti - O Espírito Supremo como Poder.

Chitta - Estofo mental. *Ver* quatro órgãos internos.

Cinco forças vitais ou pranas - A saber, prana, apana, samana, vyana e udana. Esses cinco nomes denotam as cinco funções da força vital tais como respiração, digestão, evacuação etc.

Cinco princípios cósmicos - A saber, éter (akasha), ar (vayu), fogo (agni), água (ap) e terra (kshiti).

Corpo causal - Um dos três corpos ou sedes da alma, sendo os outros dois, o corpo denso e o sutil. É idêntico com o sono profundo.

Corpo sutil - Um dos três corpos ou sedes da alma. Na morte o corpo sutil acompanha a alma na sua transmigração; no sonho a alma identifica-se com o corpo sutil. Ver corpo causal.

Daitya - Demônio.

Dal - Lentilhas; também uma sopa feita de lentilhas.

Damodara - Um nome de Krishna.

Dana - Fantasma.

Dandi - Uma seita de sannyasis que sempre carregam um bastão.

Dargah - Sepultura de um santo muçulmano, considerada sagrada.

Darshanas, seis - Os seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa, a saber, o Samkhya de Kapila, a Yoga de Patanjali, o Vaisheshika de Kanada, o Nyaya de Gautama, o Purva Mimamsa de Jaiini e Vedanta ou Uttara Mimamsa de Vyasa.

Dasahara - Um festival hindu.

Dasharatha - Pai de Rama.

Dasya - Uma das cinco atitudes assumida pelo adorador dualista para com seu Ideal Escolhido; a atitude de um servo para com seu amo.

Dattatreya - Nome de um grande santo hindu.

Daya - Compaixão.

Dayamaya - O Misericordioso.

Dayananda - Fundador do Arya Samaj (1824-1883).

Deva - (*Lit*., aquele que brilha). Um deus.

Devaki - A mãe de Sri Krishna.

Devarshi - Uma pessoa divina dotada do Conhecimento Supremo; um epíteto geralmente aplicado a Narada.

Devata - Divindade ou deus.

Devendra(nath) Tagore - Um líder religioso da época de Sri Ramakrishna; pai de Rabindranath Tagore.

Devoto - A palavra geralmente é usado no texto para denotar uma pessoa devotada a Deus, um adorador do Deus Pessoal, ou um seguidor do caminho do amor. Um devoto de Sri Ramakrishna é aquele que é devotado a Sri Ramakrishna e segue seus ensinamentos. A palavra "discípulo", quando usada em relação ao Mestre, refere-se àquele que foi iniciado na vida espiritual por Sri Ramakrishna e que considera Sri Ramakrishna seu guru.

Dharma - Retidão, um dos quatro objetivos da busca humana; geralmente traduzida como "religião", refere-se de preferência ao princípio interior da religião. *Ver* quatro frutos. A palavra é, também, amplamente usada para significar "dever".

Dhoti - Um tipo de roupa masculina.

Dhruva - Um santo da mitologia hindu.

GLOSSÁRIO

Dhruva Ghat - Lugar de banho às margens do rio Jamuna em Vrindavan.

Dolayatra - Festival hindu de primavera relacionado a Sri Krishna.

Dome - Uma das castas inferiores dos hindus.

Draupadi - A esposa dos cinco irmãos Pandavas.

Drona - Um dos maiores instrutores militares no *Mahabharata.*

Dulali - Um dos nomes carinhosos de Radha.

Durga - Um nome da Mãe Divina.

Durga Puja - Adoração à Durga.

Durvasa - Um sábio de natureza muito agressiva, descrito nos Puranas.

Duryodhana - Um dos heróis do *Mahabharata*, principal rival dos irmãos Pandavas.

Dvaita - Filosofia do dualismo.

Dwapara - O terceiro dos quatro yugas ou ciclos do mundo. *Ver* yuga.

Dwaraka - Capital do reino de Krishna, situada na Índia ocidental; um dos quatro principais lugares santos da Índia, sendo os outros três, Kedarnath, Puri e Rameswar.

Ego do Conhecimento (da Devoção) - O ego purificado ou iluminado pelo Conhecimento (ou Amor) de Deus. Algumas almas, depois de realizar sua unidade com Brahman em samadhi, descem ao plano da consciência relativa. Neste estado retém um sentimento bem fraco de ego a fim de que possam ensinar o conhecimento espiritual aos outros. Este ego, chamado por Sri Ramakrishna "ego do Conhecimento", não apaga totalmente seu conhecimento da unidade com Brahman mesmo no estado relativo de consciência. O bhakta, amante e Deus, descendo ao plano relativo, depois de ter atingido samadhi, retém a "consciência do eu", pelo qual considera-se amante, filho ou servo de Deus. Sri Ramakrishna chamou-o "ego devoto", "ego filho" ou "ego servo".

Ekadashi - O décimo primeiro dia depois da lua cheia ou nova, em que o devoto passa em jejum completo ou parcial, oração e adoração.

Ektara - Instrumento musical com uma corda.

esconde-esconde na versão indiana desse jogo, a figura principal, conhecida como "vovó", venda os olhos dos jogadores e se esconde. Os jogadores têm que encontrar a "vovó". Se algum jogador a tocar, a venda é retirada de seus olhos e ele tem que se retirar do jogo.

Esraj - Instrumento musical de corda.

Éter - Akasha ou espaço que tudo penetra.

Faquir - Mendigo; muitas vezes um monge mendicante.

Gandharva - Uma classe de semideuses formada pelos músicos no céu.

Ganesha - O deus com cabeça de elefante; o deus do sucesso, filho de Shiva.

Ganga - Ganges.

Gangasagar - Embocadura do Ganges na baía de Bengala, considerado um lugar sagrado pelos hindus.

Ganja - Cânhamo indiano.

Garhasthya - O segundo dos quatro estágios da vida; vida de um chefe de família. *Ver* quatro estágios da vida.

Gaur - Abreviação de Gauranga.

Gauranga - Um nome de Sri Chaitanya.

Gauri - (*Lit*., de pele clara).Um nome da Mãe Divina; também, o nome de um pandit devotado a Sri Ramakrishna.

Gaya - Um lugar sagrado no norte de Índia.

Gayatri - Um verso sagrado dos Vedas recitado diariamente pelos hindus das classes mais elevadas, depois de terem sido investidos com o cordão sagrado; também a divindade que preside o Gayatri.

Gerrua - (*Lit*., ocre) Roupa ocre de um monge.

Ghat - Lugar de banho num lago ou rio.

Ghee - Manteiga clarificada por meio da fervura.

Ghoshpara - Uma seita vaishnava, cujos membros geralmente dedicam-se a práticas religiosas questionáveis.

Giri - Uma das dez denominações dos monges que pertencem à escola de Shankara.

Girirani - (*Lit*., a Rainha da Montanha) Consorte do Rei Himalaia e mãe de Uma.

Gita - O mesmo que *Bhagavad Gita.*

Golakdham - Um jogo no qual o jogador tenta atingir o "céu", passando através dos diversos planos; a cada passo em falso, cai numa espécie de "inferno".

Goloka - A Morada Celestial de Vishnu.

Gopala - Menino Krishna.

Gopas - Os pastores de Vrindavan, companheiros de Sri Krishna.

Gopis - As pastoras de Vrindavan, companheiras e devotas de Sri Krishna.

Gora - Um nome de Gauranga.

Goswami - Sacerdote vaishnava.

Govardhan - Uma colina perto de Vrindavan, que Sri Krishna levantou com Seu dedo, a fim de proteger os aldeões do dilúvio.

Govinda(ji) - Um nome de Sri Krishna.

Gram - Um tipo de feijão.

Grama durva - Grama comum usada no culto.

Grande Causa - A Realidade Suprema.

Guhaka - Um intocável, amigo de Ram.

Guna - De acordo com a filosofia Samkhya, Prakriti (natureza), em contraste com Purusha (alma), é formada dos três gunas (qualidades ou atributos)

GLOSSÁRIO

conhecidos como sattva, rajas e tamas. Tamas significa inércia ou embotamento, rajas atividade ou desassossego e sattva, equilíbrio ou sabedoria.

Guru(deva) - Instrutor espiritual.

Gurumaharaj - Forma respeitosa de se referir ao guru.

Haladhari - Um sacerdote do templo de Dakshineswar e primo de Sri Ramakrishna.

Haldarpukur - Um pequeno lago em Kamarpukur.

Halua - Um tipo de pudim.

Hanuman - O grande macaco, mencionado no *Ramayana.*

Hara - Um nome de Shiva.

Hardwar - Um lugar sagrado às margens do Ganges, aos pés do Himalaia.

Hari - Deus, um nome de Vishnu, a Divindade Ideal dos Vaishnavas.

Haridas - Um discípulo de Sri Chaitanya.

Hari Om - Palavras sagradas pelas quais Deus é muitas vezes invocado.

Hathayoga - Uma escola de yoga que tem como objetivo principal a saúde física e o bem-estar.

Hathayogi - Estudante de hathayoga.

Havishya - Comida feita de arroz cozido, manteiga e leite, e considerada muito sagrada.

Hazra - Devoto que viveu no templo de Dakshineswar, templo e possuidor de mau caráter. O mesmo que Pratap Hazra.

"Herói" - Um aspirante religioso da seita tântrica, a quem é permitido relações sexuais sob certas condições.

Hinche - Um tipo de planta aquática comida como vegetal.

Hiranyakashipu - Um rei demônio da mitologia hindu, pai de Prahlada.

Hiranyaksha - Um demônio da mitologia hindu.

Homa - Um sacrifício védico no qual as oblações são oferecidas ao fogo.

Hriday - Sobrinho de Sri Ramakrishna, que o serviu durante sua sadhana espiritual. Também chamado Hridu ou Hride. Foi expulso do templo de Dakshineswar devido a certos atos que desagradaram as autoridades do templo.

Hrishikesh - Um vilarejo às margens do Ganges, ao pé do Himalaia, onde sadhus praticam austeridades.

Ida - Um nervo na coluna espinal. *Ver* Sushumna.

Ideal Escolhido - *Ver* Ishta.

Indra - Rei dos deuses.

Indrani - Consorte de Indra.

"**Inglês**" - Um termo muitas vezes usado por Sri Ramakrishna referindo-se aos homens educados na Inglaterra ou que sofreram influência das idéias européias.

Ishan - Um nome de Shiva; também, o nome de um devoto de Sri Ramakrishna.

Ishta(deva) - O Ideal Escolhido, Ideal Espiritual ou Divindade Ideal do devoto.

Ishvara - Deus Pessoal.

Ishvarakoti - Uma alma perfeita nascida com uma mensagem especial espiritual para a humanidade. "Uma Encarnação de Deus ou uma pessoa nascida com algumas características de uma Encarnação é chamada um Ishvarakoti." (Sri Ramakrishna)

Jadabharata - Grande santo da mitologia hindu.

Jada samadhi - Comunhão com Deus na qual o aspirante parece estar sem vida, como um objeto inerte.

Jagadamba - (*Lit*., a Mãe do Universo) Um nome da Mãe Divina.

Jagai - Jagai e Madhai foram dois desordeiros regenerados por Gauranga.

Jagannath - O Senhor do Universo; o nome de Vishnu.

Jagaddhatri - (*Lit*., Aquele que sustenta o Universo) Um nome da Mãe Divina. Nessa forma Ela está representada montada num leão, dominando um elefante.

Jal - Palavra bengali para água.

Jamuna - O rio sagrado Jumna, tributário do Ganges.

Janaka, **Rei** - Um dos reis ideais na mitologia hindu e pai de Sita. Sri Ramakrishna muitas vezes o descreveu como o chefe de família ideal, que combinava yoga e o prazer do mundo.

Japa - Repetição do nome de Deus.

Jatila e **Kutila** - Dois criadores de caso descritos no *Bhagavata*, no episódio de Sri Krishna e das gopis de Vrindavan.

Jilipi - Um tipo de doce.

Jiva - A alma encarnada; um ser vivo; uma pessoa comum.

Jivakoti - Uma pessoa comum.

Jivanmukta - Uma pessoa liberada de maya enquanto ainda vivendo no corpo.

Jivatma - A alma encarnada.

Jnana - Conhecimento de Deus alcançado através da razão e da discriminação; também denota o processo de raciocinar através do qual a Verdade Suprema é alcançada. A palavra é geralmente usada para denotar o conhecimento pelo qual uma pessoa torna-se consciente de sua identidade com Brahman.

Jnanayoga - O caminho do conhecimento, consistindo de discriminação, renúncia e outras disciplinas.

Jnani - Aquele que segue o caminho do conhecimento e discriminação para realizar Deus; geralmente usada para denotar um não-dualista.

Jung Bahadur - Um alto oficial do Marajá do Nepal.

"**Ka**" - Primeira consoante do alfabeto sânscrito.

GLOSSÁRIO

Kabir - Um reformador religioso medieval místico e autor de canções. Viveu na última parte do século quinze e início do dezesseis. Nascido na casta inferior dos tecelões, tornou-se fundador de uma seita religiosa. Devido à amplidão e universalidade de seus ensinamentos, é venerado tanto por maometanos como por hindus.

Kadamba - Uma árvore favorita de Sri Krishna.

Kaikeyi - Uma das esposas do rei Dasharatha e mãe de Bharata; devido às suas maquinações más, o rei baniu Rama para a floresta.

Kailash - Um pico do Himalaia, considerado a sagrada Morada de Shiva.

Kaivarta - A casta dos pescadores.

Kala - Um nome de Shiva; negro; morte; tempo.

Kali - Um nome da Mãe Divina; Divindade que preside o templo de Dakshineswar. Várias vezes Sri Ramakrishna referiu-se e dirigiu-se a Ela como Adyashakti, a Energia Suprema.

Kalia - Uma preparação elaborada de peixe ou carne.

Kalidasa - O grande poeta sânscrito e autor de *Shakuntala*.

Kalighat - Parte norte de Calcutá onde está situado o famoso templo de Kali.

Kaliya - O nome de uma serpente venenosa dominada por Sri Krishna.

Kaliyadaman Ghat - Um lugar de banho no Jamuna em Vrindavan, onde Sri Krishna venceu a serpente Kaliya.

Kaliyuga - Uma dos quatro yugas ou ciclos. *Ver* yuga.

Kalki - Nome da próxima e última Encarnação, segundo os Puranas.

Kalmi - Uma trepadeira aquática com inúmeras ramificações.

Kalpataru - A Árvore que satisfaz os Desejos; refere-se a Deus.

Kama - Realização dos desejos, um dos quatro objetivos da vida. *Ver* quatro frutos.

Kamalakanta - Um poeta místico de Bengala.

Kamandalu - A tigela de água de um monge.

Kamarpukur - Terra natal de Sri Ramakrishna.

Kaminikanchan - (*Lit*., "mulher e ouro") Um termo empregado por Sri Ramakrishna para se referir à luxúria e ganância.

Kamsha - Tio de Sri Krishna, a personificação do mal, quem por fim, Sri Krishna, matou.

Kanai - Um nome carinhoso do jovem Sri Krishna.

Kanchi - Um lugar sagrado ao sul da Índia.

Kapila - Um grande sábio da mitologia hindu, conhecido autor da filosofia Samkhya.

Karana - Causa; também vinho consagrado.

Karma - Ação em geral; dever; adoração ritualista.

Karmayoga - (*Lit*., união com Deus através da ação). O caminho através do qual o aspirante procura realizar Deus através do trabalho sem apego; também a adoração ritualista prescrita nas escrituras para a realização de Deus.

Karna - Um herói do *Mahabharata*.

Karta - Aquele que faz; amo.

Kartabhaja - Uma seita vaishnava que ensina que os homens e as mulheres devem viver juntos num relacionamento de amor e gradualmente sublimar seu amor, considerando-se divinos.

Kartika - Um filho de Shiva, comandante geral do exército do céu.

Kashi - Benares.

Kathak - Um contador profissional de histórias, dos Puranas.

Katyayani - Um nome da Mãe Divina.

Kausalya - A mãe de Rama.

Kaviraj - Médico que pratica a medicina primitiva da Índia.

Kayastha - Uma das castas subsidiárias de Bengala.

Kedar(nath) - Um pico elevado do Himalaia, um dos quatro principais lugares sagrados da Índia, sendo os outros três, Dwaraka, Puri e Rameshwar.

Keshava - Um nome de Sri Krishna.

Keshab Bharati - Instrutor monástico de Sri Chaitanya.

Keshab (Chandra Sen) - Célebre chefe Brahmo (1838-1884).

Kha - (*Lit*., akasha) Um símbolo da Consciência que Tudo penetra.

Khoka - Bebë.

Kirtan - Música devocional, muitas vezes acompanhada de dança.

Kirtani - Cantora profissional.

Koshakuti - Artigos de metal usados na adoração.

Kosha - (*Lit*., envoltório ou cobertura). São as seguintes as cinco koshas descritas na filosofia Vedanta: (1) a annamayakosha ou envoltório físico denso, feito e sustentado pela comida; (2) pranamayakosha ou envoltório vital, formado das cinco forças vitais; (3) manomayakosha ou envoltório mental; (4) vijnanamayakosha ou envoltório da inteligência e (5) anandamayakosha ou envoltório da felicidade. Esses cinco envoltórios, arrumados um dentro do outro, cobrem a Alma, que é o mais interior de todos e intocado pelas características dos envoltórios.

Koul - Um adorador de Kali que segue os rituais tântricos da "mão-esquerda".

Kripasiddha - Aquele que atinge a perfeição pela *graça* de Deus e aparentemente sem qualquer esforço.

Krishna - Uma das Divindades Ideais dos Vaishnavas.

Krishnachaitanya - Um nome de Sri Chaitanya.

Krishnayatra - Uma peça teatral sobre a vida de Sri Krishna.

Kshara - Mutável.

GLOSSÁRIO

Kshatriya - A segunda ou a casta guerreira da sociedade hindu.

Kshir - Leite engrossado pela fervura.

Kubir - Um poeta místico bengali.

Kumara Sambhava - Um famoso livro por Kalidasa.

Kumari Puja - (Lit., culto a uma virgem) Uma adoração ritualista prescrita pelos Tantras, na qual uma virgem é adorada como manifestação da Mãe Divina do Universo.

Kumbhaka - Retenção do alento; um processo de pranayama ou controle da respiração, descrito na rajayoga e hathayoga.

Kumbhakarna - Um irmão de Ravana mencionado no *Ramayana,* que dormiu seis meses seguidos.

Kumbhamela - Uma reunião de monges que tem lugar a cada três anos em um dos diversos lugares sagrados na Índia.

Kundalini - (*Lit.,* o Poder da Serpente). É a energia mais importante, que permanece adormecida em todos os indivíduos. Segundo os Tantras há seis centros no corpo, chamados Muladhara, Svadhisthana, Manipura, Anahata , Vishuddha e Ajna. São os centros dinâmicos onde a energia espiritual torna-se vitalizada e encontra expressão especial, com percepção espiritual apropriada e visão mística. Esses centros, localizados no Sushumna, constituem os degraus de subida pelos quais a Kundalini ou energia espiritual passa da base da espinha para o cérebro. Quando se forma um caminho livre ao longo do Sushumna através desses centros e a Kundalini não encontra qualquer resistência em seus movimentos para cima e para baixo, então há o Shatchakrabheda, que significa literalmente, a penetração dos seis chakras ou centros místicos. O chakra Muladhara, situado entre a base do órgão sexual e o ânus, é considerado a sede da Kundalini. Os centros são metaforicamente descritos como lótus. O Muladhara é um lótus de quatro pétalas. O chakra Svadhisthana, situado na base do órgão sexual, é um lótus de seis pétalas. O Manipura, situado na região do umbigo, contém dez pétalas. O Anahata, localizado na região do coração, tem doze pétalas. O Vishuddha, na parte inferior da garganta, tem dezesseis pétalas. O Ajna, situado no espaço entre as sobrancelhas, é um lótus de duas pétalas. No cérebro está o Sahasrara, o lótus de mil pétalas, a morada de Shiva, que é branco como a lua prateada, brilhante como o raio e suave e sereno como o luar. Este é o objetivo supremo e aqui a energia espiritual despertada manifesta-se em toda sua glória e esplendor.

Kuthi - O "bungallow" no templo de Dakshineswar, onde os proprietários e seus hóspedes ficavam quando visitavam Dakshineswar.

Lakshmana - O terceiro irmão de Rama.

Lakshmi - A consorte de Vishnu e Deusa da Fortuna.

Lila - O jogo divino; o Relativo. A criação é muitas vezes explicada pelos vaishnavas como a lila de Deus, um conceito que introduz elementos de espontaneidade e liberdade no universo. Como termo filosófico, Lila (o Relativo) é o correlativo de Nitya (o Absoluto).

Lótus -Cada um dos seis centros ao longo do Sushumna é chamado um lótus, uma vez que têm a forma de uma flor de lótus. *Ver* Kundalini.

Luchi - Pão fino feito de farinha e frito na manteiga.

M. - Mahendranath Gupta, um dos mais importantes discípulos chefes de família de Sri Ramakrishna e autor do *Evangelho de Sri Ramakrishna*.

Madan(a) - O deus do amor na mitologia hindu; também, um místico bengali e autor de canções.

Madhai - *Ver* Jagai.

Madhava - Um nome de Sri Krishna.

Madhavi - Uma trepadeira.

Madhu e **Kaitabha** - Dois demônios mortos pela Mãe Divina; a história está narrada no *Chandi.*

Madhur - Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador vaishnava para com sua Divindade Ideal, Krishna; a atitude de uma esposa para com seu marido ou a de uma mulher para seu amante.

Madhusudan(a) - (*Lit*., Matador do demônio Madhu). Um nome de Sri Krishna.

Mahabharata - Um famoso épico hindu.

Mahabhava - O mais intenso amor por Deus.

Mahadeva - (*Lit.,* o Grande Deus). Um nome de Shiva.

Maha-Kala - Shiva; o Absoluto.

Maha-Kali - Um nome da Mãe Divina.

Mahakarana - (*Lit.,* a Grande Causa) A Realidade Transcendental.

Mahakasha - O espaço Infinito.

Mahamaya - O Grande Ilusionista; um nome de Kali, a Mãe Divina.

Mahanirvana - O grande Nirvana ou samadhi.

Mahanirvana Tantra - Um livro modelo da filosofia tântrica.

Maharshi - (Lit., um grande rishi ou vidente da verdade) Um epíteto muitas vezes dado a Devendranath Tagore, pai do poeta Rabindranath.

Mahashtami - O segundo dia da adoração de Durga, a Mãe Divina.

Mahat - A mente cósmica; um termo empregado na filosofia Samkhya, denotando a segunda categoria na evolução do universo.

Mahatma - Pessoa de alma muito elevada.

Mahavayu - Consciência Cósmica ou Força da Vida. A palavra é também usada para denotar uma corrente sentida na coluna espinal quando a Kundalini é despertada.

GLOSSÁRIO

Mahavir - (*Lit.,* grande herói) Um nome de Hanuman, o devoto macaco de Rama.
Mahut - Condutor de elefantes.
Maidan - Um grande parque em Calcutá.
Manas - Mente. *Ver* quatro órgãos internos.
Manasoravar - Um lago sagrado do Tibé.
Mandodari - Esposa de Ravana.
Manikarnika Ghat - Famoso crematório em Benares.
Manipura - O terceiro centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
Manja - Uma cola de cevada e vidro em pó que torna as linhas das pipas cortantes.
Manomayakosha - Envoltório mental. *Ver* kosha.
Mantra - Texto sânscrito sagrado; também, a fórmula sagrada usada em japa.
Manu - Um grande legislador hindu.
Manusamhita - Livro sobre Legislação hindu por Manu.
Marhatra - Povo que habitava a província de Bombaim.
Marwari - Habitante de Marwar, no Rajputana, Índia Central.
Math - mosteiro.
Mathur - Genro da Rasni Rasmani e grande devoto de Sri Ramakrishna, que o proveu de todas as necessidades no templo.
Maya - Ignorância que obscurece a visão de Deus; a Ilusão Cósmica devida a qual o Uno aparece como o múltiplo, o Absoluto como o Relativo; é, também, usada para denotar apego.
"**Maya de ignorância"** - *Ver* avidyamaya.
"**Maya de conhecimento"** - *Ver* avidyamaya.
Mayavadi - Seguidor da teoria de Maya da filosofia Vedanta, segundo a qual o mundo de nomes e formas é ilusório, como um sonho.
Mimamsaka - Um seguidor do Purva Mimamsa, um dos seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa.
Mirabai - Uma grande santa medieval da seita vaishnava.
Mlechchha - Um não hindu, um bárbaro. É uma palavra de vergonha dada pelos hindus ortodoxos, aos estrangeiros, que não estão de acordo com os costumes da religião e da sociedade hindu. A palavra corresponde ao "pagão" dos cristãos e "Kafir" dos muçulmanos.
Mohant - Abade de um mosteiro.
Moksha - Liberação ou emancipação final, um dos quatro objetivos da vida humana. *Ver* quatro frutos.
Mridanga - Um tambor de couro usada para música devocional.
Mukti - Liberação da prisão do mundo, que é o objetivo da prática espiritual.
Muladhara - O primeiro e mais baixo centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.
Muçulmano - Um seguidor de Maomé.
Muni - Um homem santo dado à solidão e contemplação.
Munsiff - Funcionário da Justiça.

Nada - A palavra Brahman, Om.
Nahabat - Torre de música.
Naishadha - Um famoso tratado de sânscrito por Sriharsha.
Nanak - Fundador da religião Sikh e o primeiro dos dez Gurus dos Sikhs. Nasceu no Punjab em 1469 e morreu em 1538.
Nanda(ghosh) - Pai adotivo de Sri Krishna.
Nandi - Um seguidor de Shiva.
Nangta - (*Lit.,* o Desnudo) Por este nome Sri Ramakrishna referia-se a Totapuri, o sannyasi que o iniciou na vida monástica e que andava nu.
Não-dualismo qualificado - Uma escola de Vedanta fundada por Ramanuja, segundo a qual a alma e a natureza são aspectos de Brahman e a alma individual é uma parte de Brahman.
Narada - Um grande sábio e amante de Deus na mitologia hindu.
Narada Pancharatra - Uma escritura do culto bhakti.
Naralila - Deus manifestando-Se como homem.
Narayana - Um nome de Vishnu.
Narayani - Consorte de Narayana; um nome da Mãe Divina.
Narendra(nath) - Um discípulo de Sri Ramakrishna, mais tarde conhecido como Swami Vivekananda.
Nareschandra - Um poeta místico de Bengala.
Narmada - Um rio na Índia central, desembocando no Mar Arábico.
Nascido duas vezes - Um homem pertencente às castas brahmin, kshatriya (guerreiros) ou vaishya (negociantes) que têm seu segundo ou espiritual nascimento por ocasião de sua investidura com o cordão sagrado.
Natmandir - Um espaçoso vestíbulo sustentado por pilares defronte a um templo, destinado à música devocional, reuniões religiosas e similares.
Navadvip - Uma cidade em Bengala, terra natal de Sri Chaitanya.
Navavidhan - (*Lit..,* Nova Revelação) Nome do Brahmo Samaj organizado por Keshab Chandra Sen depois do desentendimento com os membros do Brahmo Samaj.
Nax - Um jogo de cartas.
Neem - Uma árvore de folhas amargas.
"Neti, neti" - (*Lit.,*"Isto não, isto não") O processo negativo de discriminação, postulado pelos seguidores da Vedanta não-dualista.
Ni - A sétima nota na escala musical indiana.
Nidhu Babu - Um compositor de melodias ligeiras.
Nidhuvan - O mesmo que bosque Nidhu.

GLOSSÁRIO

Nikasha - Mãe de Ravana.
Nikunja - Pérgula.
Nimai - Um nome de Sri Chaitanya.
Nimai-sannyas - "Renúncia de Chaitanya", uma peça descrevendo o ingresso de Sri Chaitanya na vida monástica.
Niranjan(a) - (*Lit.,* o Imaculado) Um nome de Deus, também um dos discípulos íntimos de Sri Ramakrishna.
Nirguna - Sem atributos.
Nirguna Brahma - (*Lit.,* Brahman sem atributos) Palavra usada para descrever o Absoluto.
Nirvana - Absorção final em Brahman ou Realidade que Tudo penetra, pela aniquilação do ego individual.
Nirvikalpa samadhi - O mais elevado estado de samadhi, no qual o aspirante realiza sua total unidade com Brahman.
Nishtha - Devoção integral ou amor.
Nitai - Apelido carinhoso de Nityananda.
Nitya - O Absoluto.
Nitya-Kali - Um nome da Mãe Divina.
Nityakarma - Cerimônias religiosas que o chefe de família deve fazer diariamente, mas que não são obrigatórias para o sannyasi.
Nityananda - (*Lit.,* Eterna Felicidade) O nome de um discípulo bem-amado e companheiro de Sri Chaitanya.
Nityasiddha - (*Lit.,* eternamente perfeito) Uma palavra usada por Sri Ramakrishna para descrever alguns de seus jovens discípulos dotados de grande poder espiritual.
Nova Revelação - *Ver* Navavidhan.
Nrisimha - (*Lit.,* Leão-homem). Uma Encarnação Divina mencionada nos Puranas.
Nyaya - Lógica indiana, um dos seis sistemas ortodoxos da filosofia hindu, fundado por Gautama.

Oito grilhões - A saber, ódio, vergonha, linhagem, orgulho de boa conduta, medo, dissimulação, casta e mágoa.
Oito siddhis ou poderes ocultos - A saber, a capacidade de uma pessoa tornar-se pequena como um átomo, leve como o ar etc.
Olcott, Cel - Um dos importantes líderes da Sociedade Teosófica.
Om - A palavra mais sagrada dos Vedas; escreve-se, também, Aum. É um símbolo de Deus e de Brahman.
Ostad - Instrutor de música.

Padmalochan - Um grande pundit de Bengala, que reconheceu o verdadeiro significado das experiências espirituais de Sri Ramakrishna.
Pagli Mulher maluca.
Pakhoaj - Um tipo de tambor duplo.
Pana - Plantas aquáticas como algas e jacintos aquáticos, que muitas vezes cobrem a superfície dos lagos nos países tropicais.
Panchadashi - Nome de um livro sobre filosofia Vedanta.
Panchatapa - (*Lit.,* a austeridade dos cinco fogos) Ao praticar esta disciplina, o aspirante senta-se sob um sol abrasador de verão, com quatro fogueiras queimando a seu redor. Sentado no meio desses cinco fogos, pratica japa e meditação.
Panchavati - Um bosque com cinco árvores sagradas plantadas por Sri Ramakrishna no templo de Dakshineswar, para prática de disciplina espiritual.
Pandava(s) - Os cinco filhos de Pandu: rei Yudhisthira, Arjuna, Bhima, Nakula e Sahadeva. São alguns dos principais heróis do *Mahabharata*.
Pani - Água.
Panini - Uma gramática sânscrita famosa composta por Panini.
Parabrahman - O Brahman Supremo.
Paramahamsa - Aquele que pertence a mais elevada ordem de sannyasis.
Paramahamsa(deva) - Um nome de Sri Ramakrishna.
Paramatman - A Alma Suprema.
Parashurama - Um guerreiro sábio na mitologia hindu, considerado uma Encarnação Divina.
Parikshit - Um rei da raça lunar e neto de Arjuna, mencionado no *Mahabharata*.
Parvati - Filha do Rei Himalaia; consorte de Shiva. É considerada uma Personificação da Mãe Divina; um de seus nomes é Uma.
Patanjala - Um dos seis sistemas da filosofia ortodoxa, também conhecida como filosofia Yoga.
Pavhari Baba - Um asceta e yogi de grande distinção, contemporâneo de Sri Ramakrishna.
Phalgu - Um rio na parte norte da Índia que corre sobre uma superfície de areia.
Pice - Uma moeda indiana, valendo um quatorze avos de uma anna.
Pingala - Um nervo na coluna espinal. *Ver* Sushumna.
Prabhas - Um lugar sagrado em Kathiawar, a oeste da Índia, onde Sri Krishna deixou o corpo.
Prahlada - Um grande devoto de Vishnu, cuja vida está descrita nos Puranas. Quando menino foi torturado por seu pai, o demônio rei Hiranyakashipu. O Senhor, em Sua Encarnação como Leão-homem, matou seu pai.
Prakriti - Natureza Primordial que, associado com Purusha, cria o universo. É uma das categorias da filosofia Samkhya.
Prana - O alento vital que sustenta a vida no corpo físico. *Ver* cinco forças vitais.

GLOSSÁRIO

Pranamayakosha - O envoltório vital, consistindo dos cinco pranas. *Ver* kosha.

Pranava - Om.

Pranayama - Controle do alento; uma das disciplinas da yoga.

Prarabdha karma - O karma ou ação, feita por um homem é geralmente dividido em três grupos: sanchita, agami e prarabdha. O karma sanchita é o grande armazenamento das ações passadas, os frutos dos quais ainda não foram colhidos. O agami é a ação que será feita pela pessoa no futuro. O karma prarabdha é a ação que começou a frutificar e está sendo colhido nesta vida. É uma parte do karma sanchita, porquanto este é também a ação feita no passado. A diferença entre os dois é que enquanto o karma sanchita ainda não está em operação, o prarabdha já começou a operar. Segundo os hindus o fruto de todos os karmas têm que ser colhidos por aqueles que os praticam e o caráter e as circunstâncias da vida do indivíduo são determinados por seus karmas anteriores. O prarabdha é o mais efetivo de todos os karmas, porque suas conseqüências não podem ser evitadas de nenhum modo. A realização de Deus permite a uma pessoa abster-se da ação futura (karma agami) e evitar as conseqüências de todas as ações acumuladas (karma sanchita) que ainda não começaram a frutificar, mas o prarabdha, que já começou, tem que ser colhido.

Prasad - Comida ou bebida que foi oferecida à Divindade; também os restos da comida de um superior. A palavra Prasad é uma abreviação de Ramprasad, o poeta místico de Bengala.

Pravartaka - Um iniciante na religião.

Prema - Amor extático, amor divino da forma mais intensa.

Prema-bhakti - Amor extático de Deus.

Premdas - Um autor de canções devocionais.

Puja - Adoração ritualista.

Puli - Um tipo de bolo.

Purana(s) - Livros da mitologia hindu.

Purashcharana - A repetição do nome de uma divindade, juntamente com oferendas queimadas, oblações e outros ritos prescritos nos Vedas.

Puri - Situado em Orissa, é um dos quatro principais lugares sagrados da Índia, sendo os outros três Dwaraka, Kedarnath e Rameshwar; também uma das dez denominações dos monges pertencentes à escola de Shankara.

Purnajnani - Perfeito conhecedor de Brahman.

Purusha - (*Lit.* um homem) Um termo da filosofia Samkhya, denotando o Princípio Consciente eterno; o universo evolve da união de Prakriti e Purusha. A palavra também denota a alma e o Absoluto.

Quatro estágios da vida - A saber, brahmacharya (vida de celibatário), garhasthya (vida de casado), vanaprastha (vida reclusa de chefe de família) e sannyas (vida de monge).

Quatro frutos - Os quatro objetivos da vida humana, a saber, dharma (retidão), artha (riqueza), kama (satisfação dos desejos) e moksha (liberação).

Quatro órgãos internos - Os quatro órgãos internos de percepção, a saber, manas (mente), buddhi (faculdade discriminativa), chitta (estofo mental) e ahamkara ("consciência do eu").

Radha - Companheira mais íntima de Sri Krishna entre as gopis de Vrindavan.

Radhakanta - (*Lit.,* o Consorte de Radha) Um nome de Sri Krishna.

Radhakunda - Um lugar perto de Mathura associado com Krishna e Radha.

Radhika - O mesmo que Radhika.

Raga-bhakti - Amor supremo, tornando uma pessoa apegada somente a Deus.

Ragas e **raginis** - Modulações principal e subordinada na música indiana.

Raghuvamsa - Nome de um tratado em sânscrito por Kalidasa.

Raghuvir - Nome de Rama; Divindade Familiar de Sri Ramakrishna.

Rahu - Um demônio na mitologia hindu, considerado o causador de eclipse ao devorar o sol e a lua.

Rajarajeshvari - (*Lit.,* a Imperatriz dos reis) Um nome da Mãe Divina.

Rajarshi - Um rei que leva uma vida santa; um epíteto de Janaka.

Rajas - O princípio de atividade ou desassossego. *Ver* guna.

Rajásico - Pertencente ou possuidor de rajas.

Rajasuya - O sacrifício real feito somente pelo governante supremo.

Rajayoga - O famoso tratado sobre yoga, descrito por Patanjali; também a yoga descrita neste tratado.

Rama(chandra) - O herói do *Ramayana*, considerado pelos hindus uma Encarnação Divina.

Ramananda - Um devoto de Sri Chaitanya.

Ramanuja - Um famoso santo e filósofo do sul da Índia, fundador da escola do Não-dualismo Qualificado (1017-1137).

Ramayana - Um famoso épico hindu.

Rambha - O nome de uma donzela celestial.

Rameshwar - Situado na extremidade sul da Índia e considerado um dos quatro lugares sagrados principais, sendo os outros três Dwaraka, Kedarnath e Puri.

Ramlal - Um sobrinho de Sri Ramakrishna e sacerdote no templo de Kali em Dakshineswar.

GLOSSÁRIO

Ramlala - O Menino Rama; também a imagem de metal de Rama adorada por Sri Ramakrishna.

Ramlila - Um festival religioso hindu descrevendo a vida de Rama, realizado anualmente pelos hindus do norte da Índia.

Ramprasad - Um místico bengali e autor de canções sobre a Mãe Divina.

Rani - (*Lit.,* rainha) Um título de honra conferido a uma mulher.

Rasaddar - Provedor de provisões.

Rasmani, Rani - Uma mulher abastada casta shudra, fundadora do templo de Kali em Dakshineswar.

Rathayatra - Festival do Carro Hindu.

Ravana - O rei-monstro do Ceilão que raptou Sita, esposa de Rama.

Rishi - Um vidente da Verdade; o nome é também dado às almas puras a quem foram reveladas as palavras dos Vedas.

Rudra - Uma manifestação de Shiva.

Rudraksha - Contas feitas das sementes de rudraksha, usadas para fazer rosários.

Rukmini - Uma das esposas de Sri Krishna.

Rupa e **Sanatana** - Dois discípulos de Sri Chaitanya.

Sa, re, ga, ma, pa, dha, ni - As notas da escala musical indiana, correspondendo a dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

Sabha - Reunião.

Sachi - A mãe de Sri Chaitanya; também consorte de Indra.

Sadguru - Instrutor verdadeiro.

Sadhaka - Um aspirante dedicado à prática de disciplina espiritual.

Sadhana - Disciplina espiritual.

Sadharan Brahmo Samaj - Um ramo do Brahmo Samaj.

Sadhu - Homem santo; uma palavra geralmente usada com referência a um monge.

Sagar - Oceano.

Saguna - Dotado de atributos.

Saguna Brahman - Brahman com atributos; o Absoluto concebido como o Criador, Preservador e Destruidor do universo; também o Deus Pessoal segundo a Vedanta.

Sahaja - (*Lit.,* simples) A palavra pela qual uma certa seita religiosa refere-se a Deus, também o estado natural.

Sahasrara - O lótus de cem pétalas no cérebro. *Ver* Kundalini.

Sakhya - Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador dualista para com seu Ideal Escolhido; a atitude de um amigo para com um outro.

Sakuntala - Uma conhecida peça escrita por Kalidasa.

Samadhi - Êxtase, transe, comunhão com Deus.

Sambhu - Um nome de Shiva.

Samkhya -Um dos seis sistemas da filosofia hindu ortodoxa, fundado por Kapila.

Samsara - O mundo.

Samskara - As tendências herdadas de nascimentos anteriores.

Sanai - Um instrumento de sopro semelhante ao oboé.

Sanaka, Sanatana, Sananda e **Santkumara** - Os primeiros quatro filhos de Brahma, o Criador, gerados de sua mente; são consideradas pessoas altamente espiritualizadas.

Sanatama Dharma - (*Lit.,* a Eterna Religião) Refere-se ao hinduísmo, postulado pelos rishis dos Vedas.

Sanatana Goswami - Um discípulo de Sri Chaitanya e grande santo da religião vaishnava.

Sandesh - Um doce bengali feito de queijo e açúcar.

Sandhya - Devoções ou adoração ritualista feita pelos hindus de casta, diariamente em horário determinado.

Sannyas - Vida monástica, o último dos quatro estágios da vida. *Ver* quatro estágios da vida.

Sannyasi - Um monge hindu.

Santa Mãe - Nome pelo qual a esposa de Sri Ramakrishna era conhecida pelos devotos.

Sarada Devi - O nome da esposa de Sri Ramakrishna, também conhecida como Santa Mãe.

Sarasvati - A deusa do conhecimento e música.

Sari - Roupa feminina.

Sarvabhauma - Um grande erudito e contemporâneo de Sri Chaitanya.

Sat - Realidade, Ser.

Satchidananda - (*Lit.,* Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absolutos) Um nome de Brahman, a Realidade Suprema.

Satrancha - Um jogo indiano semelhante ao gamão ou parchesi.

Sattva - O princípio do equilíbrio ou sabedoria. *Ver* guna.

Sattvico - Pertencente ou possuidor de sattva.

Satyabhama - Uma esposa de Sri Krishna.

Savikalpa samadhi - Comunhão com Deus no qual a distinção entre sujeito e objeto é mantida.

Seer - Medida de peso equivalente a aproximadamente um quilo.

Seis paixões - A saber, luxúria, raiva, avareza, ilusão, orgulho e inveja.

Seis sistemas - *Ver* darshanas.

Seis tesouros - A saber, riqueza, glória, força, esplendor, conhecimento e renúncia; em conjunto são os tesouros da Divindade.

Shaiva - Um adorador de Shiva.

Shakta - Um adorador de Shiva, a Mãe Divina, segundo a filosofia Tantra.

Shakti - Poder, geralmente o Poder Criativo de Brahman; um nome da Mãe Divina.

GLOSSÁRIO

Shalagram - Um emblema de pedra de Deus, adorado pelos hindus.

Shankara - Um nome de Shiva; também, nome abreviado de Shankaracharya, o grande filósofo vedantista.

Shankaracharya - Um dos grandes filósofos da Índia, um expoente da Vedanta advaita (788-820).

Shanta - Uma das cinco atitudes adotadas pelos adoradores dualistas para o Ideal Escolhido. É a atitude de paz e serenidade, em contraste com as outras atitudes de amor, que criam descontentamento e desassossego na mente dos devotos. Muitos vaishnavas não reconhecem a atitude shanta, uma vez que não é caracterizada pelo intenso amor a Deus.

Shantih - Paz.

Shastra - Escritura; livro sagrado; código de leis.

Shavari - A filha de um caçador e grande devota de Rama.

Shava-sadhana - Um ritual tântrico no qual o cadáver (shava) é usado pelo adorador como assento.

Shikhs - Uma seita religiosa e marcial do Punjab.

Shishya - Discípulo.

Shiva - O Deus Destruidor; a Terceira Pessoa da Trindade Hindu, sendo as outras duas Brahma e Vishnu.

Shraddha - Fé.

Shraddha - Uma cerimônia religiosa na qual a comida e a bebida são oferecidas aos parentes já falecidos.

Shridama - Um devoto e companheiro de Sri Krishna.

Shrimati - Um nome de Radhika; também usado como pronome de tratamento para uma mulher, correspondente a Sra. ou Sta.

Shrivas - Um companheiro de Sri Chaitanya.

Shruti - Os Vedas.

Shudra - A quarta casta na sociedade hindu.

Shuka(deva) - O narrador do *Bhagavata* e filho de Vyasa, considerado como um dos monges ideais da Índia.

Shumbha ou Nishumbha - Dois demônios mortos pela Mãe Divina. A história está descrita no *Chandi*.

Shyama - (*Lit.,* O Escuro) Um nome de Kali, a Mãe Divina.

Shyamakunda - Um lugar perto de Mathura, associado a Sri Krishna.

Shyamalasundara - Um nome de Sri Krishna.

Shyamasundar - Um nome de Sri Krishna.

Siddha - (*Lit.,* perfeito ou fervido) Usado tanto para uma alma perfeita como para coisas fervidas.

Siddheshvari - Um nome da Mãe Divina.

Siddhi - Os oito poderes ocultos que o yogi adquire através da prática da yoga; perfeição na vida espiritual; cânhamo indiano que intoxica.

Simhavahini - (*Lit.,* Aquele cuja montaria é o leão) Um nome da Mãe Divina.

Sita - Esposa de Rama.

Smriti - Os livros de leis, subsidiários aos Vedas, que guiam a vida diária e conduta dos hindus.

"**Soham**" - (*lit.,* "Eu sou Ele") Uma das fórmulas sagradas do vedantista não-dualista.

Sonthals - Uma tribo selvagem da Índia central.

Sri - Usado como pronome de tratamento masculino, correspondente a Sr.

Sthita samadhi - Samadhi ou comunhão com Deus, no qual o aspirante está firmemente estabelecido na Consciência de Deus.

Subadar - Oficial do exército indiano.

Subhadra - A irmã de Sri Krishna.

Sudama - Um devoto e companheiro de Sri Krishna.

Sukracharya - Um homem santo descrito nos Puranas e preceptor espiritual dos asuras e demônios.

Sumeru - O sagrado Monte Meru da mitologia hindu, ao redor do qual, dizem todos os planetas giram.

Sushumna - Sushumna, Ida e Pingala são os três principais nadis ou nervos entre os inúmeros nervos do sistema nervoso. Desses o Sushumna é o mais importante, sendo o ponto de harmonia dos dois e está situado, de fato, entre eles. O Ida está do lado esquerdo e o Pingala, no direito. O Sushumna, através do qual a energia espiritual despertada eleva-se, é considerado o Brahmavartman ou Caminho para Brahman. O Ida e Pingala estão do lado de fora da espinha; o Sushumna está situado dentro da coluna espinal e vai da base da espinha até o cérebro. *Ver* Kundalini.

Svadhisthana - O segundo centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.

Swami - (*Lit.,* senhor) Um título dos monges da escola Vedanta.

Swarup - Um discípulo de Chaitanya.

Swastyayana - Um rito religioso destinado a assegurar bem-estar ou prevenir calamidades.

Tagore - Uma família brahmin aristocrática de Bengala.

Tamala - Uma árvore de folhas azul-marinho; uma árvore favorita de Sri Krishna.

Tamas - O princípio da inércia ou entorpecimento. *Ver* gunas.

Tamásico - Pertencente a ou possuidor de tamas.

Tanpura - Um instrumento musical de cordas.

Tantra - Um sistema de filosofia religiosa no qual a Mãe Divina ou Poder, é a Realidade Suprema; também as escrituras que tratam dessa filosofia.

Tântrico - Um seguidor do Tantra; também, pertencente ao Tantra.

Tapasya - Austeridade religiosa.

Tara - (*Lit.,* Redentora) Um nome da Mãe Divina.

Tarpan - Uma cerimônia na qual a libação de água é feita para os parentes mortos.

GLOSSÁRIO

Tattvajnana - O Conhecimento da Realidade.
Teli - Um membro da casta dos oleiros.
Templo de Jagannath - Conhecido templo em Puri.
Tetrayuga - O segundo dos quatro yugas ou ciclos. *Ver* yuga.
Tilak - Uma marca de pasta de sândalo ou outro material, na testa para denotar a afiliação religiosa.
Tillotama - Uma donzela celestial.
Totapuri - Sannyasi que iniciou Sri Ramakrishna na vida monástica.
Trailanga Swami - Um homem santo que viveu em Benares, contemporâneo de Sri Ramakrishna.
Tribhanga - (*Lit.,* encurvado em três lugares) Um epíteto de Sri Krishna.
Tukaram - Nome de um santo de Bombaim.
Tulsi - Uma planta consagrada a Vishnu.
Tulsi(das) - Um grande devoto de Rama e escritor de uma biografia de Rama.
Turiya - (*Lit.,* o quarto) Nome do Brahman Transcendental, que transcende e penetra os estados de vigília, sonho e sono profundo.

Uddhava - Nome de um seguidor de Sri Krishna.
Uma - A filha do rei Himalaia e Consorte de Shiva; é a Encarnação da Mãe Divina.
Unmana samadhi - Samadhi em que o funcionamento da mente não pára completamente.
Upadhi - Um termo da filosofia Vedanta denotando as limitações impostas no Ser através da ignorância, pelo qual uma pessoa fica presa à vida do mundo.
Upanishad(s) - Bem conhecidas escrituras dos hindus.
Upasana - Adoração.

Vaidhi-bhakti - Devoção a Deus associada a ritos e cerimônias prescritas nas escrituras.
Vaidyanath - Um lugar sagrado em Behar.
Vaikuntha - O céu dos vaishnavas.
Vairagya - Renúncia.
Vaishakh - O primeiro mês do calendário hindu, caindo no verão.
Vaisheshika - Um dos seis sistemas da filosofia ortodoxa, fundado por Kanada.
Vaishnava - (*Lit.,* seguidor de Vishnu) Um membro da bem conhecida seita dualista desse nome, geralmente os seguidores de Sri Chaitanya em Bengala e de Ramanuja e Madhva no sul da Índia.
Vaishya - A terceira casta da Índia, formada pelos comerciantes.
Vajrasana - Um centro no Sushumna.
Vali - Um rei punido por Deus em Sua Encarna;ção como Vamana ou Anão, por sua excessiva caridade e condenou-o a reinar no mundo inferior.
Vali - Um chefe guerreiro macaco, mencionado no *Ramayana* e morto por Rama.
Valmiki - O autor do *Ramayana*.
Vanaprastha - O terceiro dos quatro estágios da vida; vida de isolamento, quando marido e mulher praticam contemplação e outras disciplinas espirituais. *Ver* quatro estágios da vida.
Varuna - A divindade que preside o oceano na mitologia hindu.
Vashishtha - O nome de um sábio mencionado nos Puranas.
Vasudeva - Pai de Sri Krishna.
Vasus - Uma classe de seres celestiais.
Vatsalya - Uma das cinco atitudes adotadas pelo adorador dualista em relação a seu Ideal Escolhido; a atitude de uma mãe para com seu filho.
Vedanta - Um dos seis sistemas da filosofia hindu, postulada por Vyasa.
Vedantista - Um seguidor da Vedanta.
Veda(s) - As mais sagradas escrituras dos hindus.
Vichara - Raciocinar.
Videha - (*Lit.,* desapegado do corpo) Um epíteto dado ao rei Janaka devido a seu espírito de desapego pelo mundo.
Vidura - O nome de um grande devoto de Sri Krishna mencionado no *Mahabharata*.
Vidya - Conhecimento conduzindo à liberação, isto é, à Realidade Suprema.
Vidyadhari - Semideuses.
Vidyamaya - A "magia do Conhecimento". *Ver* avidyamaya.
Vidyasagar, Iswar Chandra - Um grande educador e filantropo de Bengala.
Vidyashakti - Poder espiritual.
Vija mantra - A sagrada palavra com a qual um guru inicia seu discípulo.
Vijaya dia - O último dia da adoração de Durga, quando a imagem é imersa na água.
Vijnana - Conhecimento especial do Absoluto, pelo **qual** uma pessoa constata o universo e o vê como manifestação de Brahman.
Vijnanamayakosha - O envoltório da inteligência. *Ver* kosha.
Vijnani - Uma pessoa dotada de vijnana.
Vilwa - O mesmo que bel.
Vina - Um instrumento musical de cordas.
Vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos - Segundo a filosofia Samkhya os vinte e quatro tattvas ou princípios cósmicos são: os cinco grandes elementos em suas formas sutis (éter, ar, fogo, água, terra); ego ou "consciência do eu"; buddhi ou inteligência; Avykta ou o Imanifestado (no qual sattva, rajas e tamas permanecem em estado indiferenciado); os cinco órgãos de ação (mãos, pés, órgão da fala, órgãos de reprodução, órgão de excreção); os cinco órgãos do conhecimento (olhos, ouvidos, nariz, língua, pele); manas ou mente; e os cinco objetos dos sentidos (som, tato,

forma, paladar, olfato). Todos pertencem a Prakriti ou Natureza, e são diferentes de Purusha ou Consciência.

Virat - A primeira criação de Brahman na cosmologia hindu; o Espírito na forma do universo; o Espírito que Tudo penetra.

Vishalakshi - (*Lit..,* o Uno de visão ampla) Um nome da Mãe Divina; também o nome de um rio perto de Kamarpukur.

Vishishtadvaita - A filosofia do Não-dualismo Qualificado.

Vishnu - O Deus Preservador; a Segunda Pessoa da Trindade Hindu, sendo os outros dois Brahma e Shiva; o Deus Pessoal dos Vaishnavas.

Vishuddha - O quinto centro no Sushumna. *Ver* Kundalini.

Vishwamitra - O nome de um sábio mencionado no *Ramayana*. Foi companheiro e conselheiro de Rama. Embora nascido um kshatriya, por mérito de suas austeridades foi elevado ao status de brahmin.

Viswanath - *Ver* Capitão.

Viveka - Discriminação.

Vivekachudamani - Um tratado sobre Vedanta por Shankara.

Vrindavan - Uma cidade às margens do rio Jamuna associado com a meninice de Sri Krishna.

Vyasa - O compilador dos Vedas e pai de Shukadeva.

Yama - O Rei da Morte.

Yashoda - Mãe adotiva de Sri Krishna.

Yatra - Apresentação teatral popular.

Yoga - União da alma individual com a Alma Universal; também, o método pelo qual se realiza esta união.

Yogamaya - A união de Purusha, o princípio masculino e Prakriti, o princípio feminino, da Realidade: também Shakti ou Poder Divino.

yogasamadhi - O samadhi que resulta quando o devoto está unido com Deus.

Yogavashishtha - O nome de um conhecido livro sobre Vedanta.

Yogi - Aquele que pratica yoga.

Yogini - Mulher yogi.

Yogopanishad - O nome de um Upanishad.

Yudhisthira, **Rei** - Um dos principais heróis do *Mahabharata*, conhecido por sua veracidade, retidão e piedade.

Yuga - Um ciclo ou período do mundo. Segundo a mitologia hindu a duração do mundo está dividida em quatro yugas, a saber, Satya, Treta, Dwapara e Kali. No primeiro, também, conhecido como Idade Dourada, há uma predominância da virtude entre os homens, mas no curso dos sucessivos yugas, a virtude diminui e o vício aumenta. No Kaliyuga há um mínimo de virtude e um excesso de vício. Diz-se que o mundo está atualmente no Kaliyuga.

Yugala Murti - As figuras de um mesmo par; geralmente esta palavra é usada para as figuras de Radha e Krishna.

Zemindar - Grande proprietário de terras.